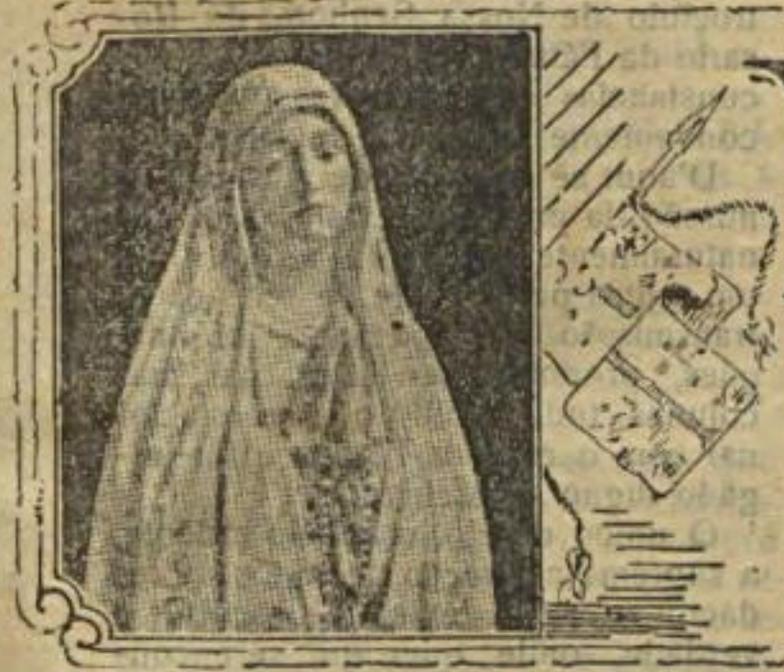
Ano I LEIRIA, 13 de Outubro de 1922 N.º 1



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

A que vimos

SOLLICITADO desde a primeira hora a prestar á *Voz da Fátima*, na mais larga medida possivel, o concurso da minha aliás humilde e despretenciosa collaboração, não posso deixar de acceder a tão honroso convite, já pela gentileza e captivante insistencia com que me é feito, já porque assim m'o impõe a indole particular desta revista que sem duvida vem preencher uma verdadeira lacuna e que tão querida deve ser de todos os portuguezes que amam entranhadamente a Egreja e a Patria.

Ninguem ignora hoje no nosso paiz que, ha precisamente 5 annos, uma série de acontecimentos de todo o ponto extraordinarios e por emquanto inexplicaveis se desenrolou em plena serra d'Ayre, a pouco mais de dois kilometros da aldeia da Fátima, num local conhecido pela designação popular de «Cova da Iria» e situado á beira da estrada, que liga Villa Nova d'Ourem á historica villa da Batalha e á pittoresca e graciosa cidade do Liz.

No dia treze de Maio de 1917, tres creanças, Lucia de Jesus, Francisco Marto e Jacinta Marto, respectivamente de dez, nove e sete anos de edade, andavam apascentando um rebanho de ovelhas, quando, á hora do meio-dia solar, depois de rezarem em commum o terço do Rosario, como costumavam fazer, lhes appareceu de repente sobre uma pequena azinheira um vulto de donzella de celestial beleza. «A Apparição, diz o auctor deste artigo no seu livro *Os episodios maravilhosos de Fátima*, parecia não têr mais de dezoito annos de edade. O vestido era de uma alvura purissima de neve, assim como o manto, orlado de ouro, que lhe cobria a cabeça e a maior parte do corpo. O rosto, de uma nobreza de linhas irreprehensivel e que tinha um não sei quê de sobrenatural e divino, apresentava-se sereno e grave e como que toldado de uma leve sombra de tristeza. Das mãos, juntas á altura do peito, pendia-lhe, rematado por uma cruz de ouro, um lindo rosario, cujas contas, brancas de arminho, pareciam perolas. De todo o seu vulto, circundado de um esplendor mais brilhante que o do sol, irradiavam feixes de luz, especialmente do rosto, de uma formosura impossivel de descrever e superior a qualquer beleza humana».

A Apparição pediu ás creanças que voltassem áquelle sitio, á mesma hora, no dia treze dos mêses seguintes, até Outubro. Nesses seis mêses a concorrencia de devotos e curiosos ao local das apparições foi augmentando consideravelmente de mês para mês. Segundo os calculos mais exactos, estiveram presentes trinta mil pessoas em treze de Setembro e cerca de setenta mil em treze de Outubro. Durante as apparições estabelecia-se entre a Visão e a Lucia um dialogo, em que aquella fazia á inocente pastorinha diversos pedidos e promessas. Disse entre outras cousas, que recomendasse a todos a recitação do terço e o arrependimento dos pecados para applacar a justiça divina e suspender castigos imminentes, communicou um segredo e pediu que se erigisse uma capella em sua honra.

Signaes extraordinarios no ceu e phenomenos meteorologicos de origem desconhecida attrahiam as attenções da multidão emquanto durava o colloquio mysterioso, merecendo especial referencia uma densa e formosa nuvem branca que envolvia a azinheira e as creanças e que só a certa distancia se tornava visivel.

Entre as promessas ou prophecias ha uma a que se não pode negar um valor excepcional, porque da parte da Visão tinha evidentemente por objectivo demonstrar a realidade das apparições e o seu caracter sobrenatural.

A Visão, logo nas primeiras apparições, annunciou que no dia treze de Outubro havia de operar um milagre para que toda a gente acreditasse que era realmente a Senhora do Rosario, como ella se intitulou nesse mesmo dia, que se dignava apparecer mais uma vez em terras de Portugal afim de prodigalisar graças e bençãos a todos os que a ella recorressem.

E de facto nesse dia entre todos assaz memoravel, á hora do meio-dia astronomico, depois do colloquio habitual, em presença de uma multidão innumeravel composta de pessoas de todas as classes e condições sociaes e procedentes de todos os pontos do paiz, cujos sentimentos traduziam, constituindo por isso mesmo a mais authentica e legitima re-

Beato Nuno de Santa Maria
(D. Nuno Alvares Pereira)

Estando o local da Cova da Iria no antigo Condado de Ourem, de D. Nuno Alvares Pereira, e precisamente naquele logar onde elle, segundo a tradição, esteve a orar nas vesperas da batalha de Aljubarrota, dando-se os principaes fenomenos na occasião em que Roma tratava de elevar o Santo Condestavel ás honras dos altares e sendo elle a figura mais grandiosa da nossa historia, julgamos nosso dever pagar-lhe este pequenino tributo, implorando bençãos para a nossa Patria, que tambem é a sua, e para a nossa revista.

presentação nacional, um phenomeno estranho, um successo inaudito, um prodigio tão estupendo que jámais se apagará da memoria dos que a elle tiveram a dita de assistir, se realisou no logar onde, segundo tradições respeitaveis, o Santo Condestavel, que a Egreja nesse anno elevava ás honras dos altares, esteve orando na vespera da batalha de Aljubarrota. — «O sol, como disse um grande diario, tremeu, o sol teve nunca vistos movimentos bruscos fóra de todas as leis cosmicas», o sol girou vertiginosamente sobre o seu eixo como a mais bella roda de fogo de artificio que se possa imaginar, revestindo successivamente todas as côres do arco-iris e projectando em todos os sentidos feixes de luz de um effeito surprehendente. E este phenomeno, astronomico ou meteorologico, que os apparelhos dos observatorios não registaram, repetiu-se por tres vezes distinctas, durando no seu conjuncto cêrca de dez minutos.

A nova de acontimentos tão maravilhosos foi logo transmitttida pela imprensa de grande circulação a todos os angulos do paiz e pelo telegrapho até aos confins do mundo.

Desde então a torrente caudalosa das multidões tem-se despenhado ininterruptamente sobre aquella estancia privilegiada. A fama de curas assombrosas de victimas de toda a sorte de enfermidades, de conversões admiraveis de impios e descrentes de todas as classes sociaes, da morte tragica de creaturas desvairadas pelo sectarismo anti-religioso que a pretexto das apparições ousaram blasphemar da Virgem bemdita, concorreu poderosamente para engrossar cada vez mais essa torrente, provocando manifestações de fé e piedade em nada inferiores ás dos mais celebres sanctuarios consagrados á augusta Mãe de Deus e dos homens.

D'ora ávante nada será capaz de deter a marcha victoriosa da formidavel vaga humana que, num vae-vem continuo, se precipita em catadupas gigantescas sobre os cumes aridos e escalvados da serra d'Ayre.

As potencias infernaes, utilisando como instrumentos cegos e inconscientes alguns raros individuos de uma inferioridade mental incompativel com o progresso e a civilisação moderna, teem envidado os maiores esforços e lançado mão de todos os meios, ainda os mais ignobeis, para obstar á repetição dessas scenas sublimes e commoventes que attestam irrecusavelmente a pujante vitalidade religiosa de um povo inteiro.

Em Fevereiro do corrente anno um grupo de... infelizes, que Nossa Senhora ainda ha de converter, destruiu com bombas de dinamite a capellinha erigida pela piedade popular em commemoração das aparições. Por vezes a auctoridade civil, ludibriada por essas pessoas tem prestado, embora sempre de má vontade em virtude do ridiculo a que se expõe esgrimindo contra moinhos de vento, um concurso valioso mas contraproducente á effectivação dos seus planos machiavelicos, que pretendem em vão cohonestar com o pretexto de que as manifestações da Fatima revelam ou pelo menos significam o que quer que seja de hostil ás instituições vigentes. Nada mais absurdo nem mais pueril do que tão ridiculo pretexto. Toda a gente sabe que essas manifestações são de indole puramente religiosa, não tendo havido jámais a minima perturbação da ordem publica, a mais ligeira nota discordante, um acto menos correcto ou menos deferente, seja para quem fôr.

A auctoridade ecclesiastica durante quatro annos manteve-se inquebrantavelmente numa attitude de benevola expectativa, resistindo a instantes sollicitações de toda a ordem que, aliás com o maior respeito e na melhor das intenções, lhe eram feitas pelo elemento popular e por entidades categorisadas, das opiniões politicas mais divergentes, para intervir num pleito de tanta importancia, já em si mesmo, já pelas suas consequencias, e decidi-lo com o dictame seguro e incontrastavel do seu sagrado e venerando magisterio. Ha mêses, porém, julgou chegado o momento opportuno de quebrar o seu silencio e fê-lo com uma prudencia e sabedoria admiravel de que só a Egreja conhece o segredo, auctorisando o culto publico de Nossa Senhora na Cova da Iria, mas reservando-se o juizo definitivo sobre o caracter das apparições e a origem e natureza dos phenomenos astronomicos e meteorologicos alli succedidos desde treze de Maio até treze de Outubro de 1917, assim como das curas extraordinarias atribuidas á intercessão de Nossa Senhora do Rosario da Fatima. Ao mesmo tempo nomeava uma commissão incumbida de proceder a um longo e rigoroso inquerito e de elaborar um relatorio fundamentado depois de ouvir o depoimento de testemunhas fidedignas e a opinião de peritos idoneos e notaveis pelo seu criterio, intelligencia e saber.

•

Tal é, em traços largos, a historia dos acontecimentos maravilhosos da Fátima.

Faz hoje precisamente cinco annos que se deu a sexta e ultima apparição. Durante esse largo periodo de tempo verificaram-se factos, episodios e incidentes dignos da attenção e do exame inteligente de todo o homem culto e estudioso. De varios pontos do continente português e até do extrangeiro, da Hespanha, da França, da Inglaterra e do Brazil, afluem centenas de cartas pedindo informações e esclarecimentos relativos ás apparições e ás curas consideradas miraculosas. Nota-se uma anciedade geral em todo o paiz pelo conhecimento exacto e completo de tudo o que se passa na Lourdes portuguêsa e de tudo o que a ella diz respeito. Por outro lado falla-se vagamente de um sem numero de curas extraordinarias atribuidas ao patrocinio de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, mas ignoram-se circunstancias e pormenores que seria conveniente recolher e registar.

D'aqui se deprehende qual seja a missão da presente revista. Ella está naturalmente destinada a constituir um centro permanente de recepção e transmissão de noticias e informações, propondo-se inserir nas suas colunas tudo aquillo que se relacionar com o caso da Fátima e fôr julgado digno de archivar-se.

O unico desejo, o anhelo ardente, a suprema aspiração de todos os redactores desta revista é descobrir a verdade, onde quer que se encontre e seja ella qual fôr.

Esta publicação é, pois, um campo aberto a todas as pessoas sinceras e bem intencionadas, quaesquer que sejam as suas crenças religiosas e as suas opiniões politicas, que queiram contribuir com o seu esforço para o estudo do magno problema de Fátima e para o apuramento definitivo da verdade.

Acceita por isso e agradece a sua collaboração, se com ella se dignarem honrá-la.

E creio interpretar cabalmente o sentir daquelles que, numa epocha eriçada de tantas e tão graves difficuldades para a imprensa periodica, se abalançaram á empreza arrojada e quasi heroica de trazer a publico esta revista perfilhando, ao concluir o meu primeiro artigo, as palavras que passo a transcrever, de um grande pensador francês da actualidade, Gaëtan Bernoville. «Dirigimo-nos, escreve o illustre director da magnifica revista litteraria catholica *Les Lettres*, não sómente aos catholicos, mas a todos os espiritos reflectidos e a todos os corações generosos, aos verdadeiros patriotas, aos verdadeiros trabalhadores, que sabem com que duro labor é feita em todos os dominios a investigação da verdade, a todos os homens intelligentes, a todos quantos ousam pensar. Só recusamos collaborar com os imbecis, com os sectarios, com os arrivistas, com aquelles que prejudicam uma causa por estupidez ou fanatismo e com aquelles que della se servem em vez de a servirem. A vida é muito curta para que nos resignemos a perder tempo em conversações inuteis ou em negociações estereis, mas sempre que encontramos uma personalidade de valor, um pensamento forte e probo, uma vontade recta, uma alma que quer dar-se a alguma cousa de prestavel, detemo-nos para discutir, para aprender ou para amar.»

VISCONDE DE MONTELLO

NOTA. — Cumpre-me advertir os meus benevolos e prezados leitores, e faço-o hoje de uma vez por todas, de que submetto inteiramente ao juizo da Santa Egreja, como é indeclinavel dever de um catholico, todos os artigos que publicar nesta revista, e de um modo especial tudo quanto se referir ás apparições e curas da Fátima, cujo caracter sobrenatural, se por ventura o teem, só ao magisterio ecclesiastico assiste auctoridade e competencia para apreciar e reconhecer.

V. de M.

PROVISÃO

JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA, POR GRAÇA DE DEUS E DA SANTA SÉ, BISPO DA DIOCESE DE LEIRIA:

AOS QUE ESTA NOSSA PROVISÃO VIREM: SAUDE, PAZ E BENÇÃO EM JESUS CHRISTO, NOSSO SENHOR E SALVADOR:

Entre todas as provas com que Nosso Senhor Jesus Christo demonstrou a divindade da sua missão sobre a terra estão em primeiro logar os milagres. Imperou aos ventos e ás tempestades (1); dominou as ondas do mar (2); resuscitou mortos (3); curou leprósos (4); deu vista a cegos (5); ouvido aos surdos (6); fala aos mudos (7); andar aos paraliticos (8); apelando frequentemente para esses prodigios, a fim de justificar a sua doutrina (9).

A Santa Igreja tem sido tambem favorecida com milagres. A sua rapida expansão apesar de tantos obstaculos, a sua estabilidade quando tudo muda no meio do mundo, a sua resistencia ás perseguições em que ha todos os requintes da ferocidade, os effeitos admiraveis produzidos pela sua acção social, a constancia dos martyres através dos mais atrozes supplicios—além dos milagres e apparições extraordinarias pelos seus apostolos e pelos seus santos — são outras tantas provas da sua origem e assistencia divinas.

O milagre, de si raro, é um signal sensivel excedendo, absoluta e relativamente, as forças da natureza visivel ou invisivel — não podendo, por consequencia, ser atribuido senão a Deus.

Por exemplo: a constancia dos martyres em todos os seculos e edades é superior ás leis moraes; a ressurreição d'um morto deroga as leis da ordem phisica, assim como as prophecias sobre os futuros livres e contingentes não se explicam pelas leis intelectuaes.

Para que um facto da ordem phisica, moral ou intelectual seja miraculoso—não basta ter a Deus por auctor. Não são milagres, no sentido rigoroso da palavra, a creação do mundo, a creação das almas ou ainda os efeitos sobrenaturaes dos Sacramentos, porque todos estes factos—embora produzidos directamente por Deus —são phenomenos naturaes, não excedendo a ordem natural.

N'uma palavra, o milagre ha de distinguir-se de tal maneira das forças da natureza creada que ao presenciá-lo, possamos dizer como os Egypcios á vista dos milagres de Moysés—*está aqui o dedo de Deus!* (10).

* * *

E poderá Deus ir contra as leis infinitamente sabias que impoz aos seres?

Ha leis, fundadas sobre a propria essencia das cousas — e, como taes, imutaveis, absolutas, as quaes o proprio Deus não pode abrogar. São desta especie as leis mathematicas e geometricas: repugna um circulo quadrado, como repugna que a intelligencia fique indiferente perante a evidencia percebida.

Mas ao lado d'essas leis necessarias e essenciaes ha a considerar as leis phisicas cujo caracter é contingente, isto é, não repugna supôr a sua não existencia, mudança ou modificação por imposição d'ordem superior.

Todas as maravilhas da industria humana consistem precisamente em modificar as leis da natureza, dominá-las ou dirigir o seu curso.

Pode o homem desviar as aguas d'um rio, utilisá-las para a produção d'energia electrica que nos dá luz, calor, movimento... Sendo assim, porque não admitir que a intervenção d'uma vontade infinitamente superior qual é a de Deus, possa tambem produzir efeitos muito superiores?

Por outro lado, o milagre, que é uma manifestação do poder de Deus, concorre para o esplendor da sua gloria e bondade, vindo testemunhar alguma verdade ou preceito que o Senhor quer fazer acreditar ou praticar pela creatura.

E' certo que o Senhor desdobra continuamente diante de nós as maravilhas da sua Omnipotencia e Sabedoria. — Vemos a Deus na luz dos astros que rolam sobre nossas cabeças, na terra que se revolve debaixo dos nossos pés, nas ondas que se agitam no abysmo dos mares, no raio que fende os espaços, no sol que nos alumia, na arvore gigantesca da floresta e na humilde flor dos valles... Os *Ceus e a terra cantam a gloria de Deus*, diz David (11).

Mas essas maravilhas do mundo, por serem communs, não nos comovem como os factos extraordinarios chamados milagres.

E não se diga que o milagre transtorna a ordem da natureza e da sciencia — uma tal objecção não pode oppor-se, porquanto d'um lado o milagre é muito raro, d'outro lado acresce que as modificações, introduzidas no mundo material, não lhe alteraram a face nem impossibilitaram as investigações scientificas — Não só os homens mas tambem os elementos da natureza, d'outro lado, têm introduzido no mundo material muito mais mudanças do que todos os milagres do christianismo — e comtudo não destruiram as leis naturaes.

* * *

Se é certo que o campo dos conhecimentos humanos é muito restricto, se é certo que estamos muito longe de conhecer todas as leis que a Sabedoria infinita impoz ás creaturas —tambem não é menos verdade que conhecemos as forças geraes da natureza relativamente a certos efeitos mecanicos, chimicos, organicos, vitaes, sensitivos, intellectuaes... Se ha factos extraordinarios cujo caracter sobrenatural pode ser de tal maneira obscuro que é dificil demonstrá-lo — ha outros cuja sobrenaturalidade é tão manifesta que rasoavelmente não pódem deixar de admittir-se como verdadeiros milagres taes como: as curas rapidas de lesões organicas, ou a resurreição de um morto, etc...

* * *

A Santa Igreja tem sido sempre d'uma grande exigencia na verificação dos milagres.—O sabio Pontifice Bento XIV escreveu um livro cheio de regras admiraveis introduzidas no novo Direito Canonico—para guiar o theologo na discussão do caracter sobrenatural dos factos apontados como miraculosos.

E' conhecida a historia d'um senhor inglês, protestante, que, de passagem em Roma, foi apresentado ao illustre Cardeal Lambertini, mais tarde Papa. O protestante apresentava duvidas sobre os milagres. O Cardeal mostra-lhe um processo de canonisação. O senhor inglês leu e estudou attentamente este processo, e voltando a restitui-lo, declarou: — «se todos os milagres fossem verificados como estes, nada se poderia objectar.» «Pois bem, respondeu o Cardeal, a Santa Igreja não julga essas provas sufficientes»...

(Continúa)

(1) Marc. IV, 39.—(2) Mat. VIII, 23-27.—(3) Mat. IX, 18-26.—(4) Luc. XVII, 17-19.—(5) Joan. IX; Marc. VII, 32-47. — (6) Mat. XI, 5. — (7) Mar. VII, 32-47. — (8) Mat. IX, 1-7.—(9) Joan, X, 37.—(10) Ex. VIII, 19.

(11) Ps. XVII, 2.

Em Lourdes

Desde 1890 a 1914 estiveram em Lourdes no *bureau* das verificações 6.983 medicos, tendo-se verificado nesse tempo 4.445 milagres.

A estes e aos realisados antes e depois daquelas datas temos a acrescentar os deste anno, alguns dos quaes foram presenceados por peregrinos portuguezes.

Entre outras curas foram verificadas oficialmente a de Magdalena Rouxel, de vinte e sete annos, atacada de tuberculose pulmonar de que ficou completamente curada, a de Margarida Mortel, de Saint Raphael (Varo), que sofria de peritonite tuberculosa e que se sentiu curada durante a procissão de 22 de agosto e depois de ter recebido os ultimos sacramentos em virtude da gravidade do seu estado.

Registou-se tambem a cura de Santina Gati, de Bergamo (Italia) que ha dez annos sofria de peritonite tuberculosa. Após o banho sentiu-se subitamente curada.

Foi muito comentada a abjuração e baptismo dum instruido judeu que foi a Lourdes procurar motivos de zombaria contra a religião e acabou por se converter.

E... assim vae Nossa Senhora continuando a espalhar as suas graças e misericordias!

Pedido

O Ex.mo proprietario dos terrenos da Cova da Iria, desejando mandar arborisar os mesmos terrenos e julgando que as arvores melhores e mais uteis para ali serão as oliveiras, aceita reconhecidamente qualquer oferta d'aquelas arvores para plantação.

O Rosario

O mês d'outubro foi consagrado por S. S. Leão XIII á devoção do Santo Rosario a cuja recitação incitou o povo christão em cêrca de uma duzia de enciclicas. Elle mesmo, apesar da multiplicidade das suas occupações, o recitava todos os dias.

Hoje não ha catolico algum digno de tal nome que se julgue dispensado de trazer sempre comsigo e de recitar o seu terço.

E para avaliarmos quanto esta devoção agrada á Santissima Virgem e é eficaz para obtermos a sua proteção basta considerar que aparecendo em Lourdes, escolheu, como na Fátima, uma creança que trazia e rezava o terço.

Lá, como cá, Nossa Senhora trazia o Rosario pendente do braço, não se retirando nas dezoito aparições de Lourdes, senão depois de Bernardete ter terminado a recitação do terço.

Cá, ha ainda a particularidade de o ultimo dia dos factos extraordinarios ser em outubro — mês do Rosario e numa freguezia e numa Diocese, onde a maioria das familias reza o terço em commum.

O Rosario é, na verdade, uma devoção encantadora.

Do primeiro ao ultimo misterio lançamos uma vista d'olhos sobre toda a vida do Salvador e da Santissima Virgem de quem aprendemos a necessidade e valor da expiação e sofrimento, da humildade, da castidade, e de todas as outras virtudes.

Cada *Avé Maria* é um hynno, sempre repetido e sempre novo, de Saudação, Amor e Agradecimento ás ternuras d'aquela Mãe Santissima.

Que o não esqueçamos nós, que o não esqueça este nosso Portugal, a terra de Santa Maria, que Ela ha de mais uma vez salvar.

ATENÇÃO

A comissão canonica encarregada de estudar os acontecimentos da Fátima pede encarecidamente a todas as pessôas que a informem de tudo quanto souberem, quer a favor, quer contra elles, dirigindo-se em carta ou pessoalmente, ao Rev.mo Promotor da Fé, Dr. Manuel Marques dos Santos, Seminario de Leiria.

Movimento religioso da Cova da Iria (Fátima)

No dia 13 do ultimo mês realizou-se, como de costume, a peregrinação áquele local havendo Missa campal e sermão prégado pelo Rev. Carlos A. Pereira Gens, paroco de Ourem.

Apesar da Missa ser bastante tarde, commungaram, ainda assim, cêrca de trinta pessoas.

Frei Pio

Um homem a quem o amor de Deus produz cicatrizes,
donde todos os dias brota sangue.
Uma vida que se conserva sem que os medicos saibam explicar como.
Um organismo que resiste a 60 graus de temperatura.
Prodigios que admiram, e factos que despertam curiosidade e interêsse

Muito interessante e edificativa a biografia d'este frade capuchinho, que actualmente vive num convento da sua ordem, perto da aldeia de S. João, da cidade de Foggia, antigo reino de Napoles, na Italia.

Copiamos do *Correio de Coimbra*, transcripto do *Diario do Minho* de 25 de julho ultimo:

«Frei Pio é na verdade um homem extraordinário. Basta dizer que tem as mãos chagadas, como as do próprio Jesus Cristo e que foi favorecido por Deus com essas chagas miraculosas, como o seráfico fundador da ordem a que pertence, o dôce «poverello» de Assis.

Muito poucos tem sido os favorecidos pela ventura rara de beijar essas mãos de chagas miraculosas. Eu tive essa ventura. Assisti á missa de Frei Pio, contemplei-o durante bastante tempo, falei-lhe... e a minha impressão é tamanha e a emoção que senti foi tão violenta e tão agradavel ao mesmo tempo que não sei como exteriorizar o meu contentamento.

Quem é Frei Pio

Não ha naquele homem nada que não impressione. As falas, as maneiras, o seu porte, a sua missa... ah! sobretudo vê-lo no altar, oferecendo o Santo Sacrificio... encanta, hipnotisa. Dá vontade de ficar ali sempre.

Uma tossezinha sêca e aguda, que parece despedaçar-lhe o peito, acomete-o com freqüência. Apesar disso quasi todas as manhãs vai ao confessionário. Diz missa com o fervor dum serafim. Todos os assistentes choram, quando êle celebra. Quando distribue a Sagrada Comunhão procura cobrir as mãos com a alva, para que não vejam as chagas. Estas são a toda a largura da mão pelo lado da palma e do tamanho dum «duro espanhol» pelo lado contrário. Tem eguais chagas nos pés. As «plantas» inteiramente chagadas e por cima chagas em forma de moedas, que lembram duas rosas. Tem tambem duas chagas no peito, sôbre o coração. Todos os dias mana sangue de todas elas. Teem a côr rosa muito viva e exalam um delicadissimo aroma. Só para dizer missa é que as descobre. Fóra dêsse acto oculta-as com umas luvas. Para ver-lhas usam muitos do estatagema de ajudar-lhe á misssa. E' processo posto em prática por muitos estrangeiros, o que rende ao sacristão uma conta calada, pois disputa-se á custa de apreciaveis gorgetas a honra de ajudar á missa ao santo religioso.

Muitos ha ainda que mais para ver-lhe as mãos do que por devoção e amor a Jesus Sacramentado se aproximam da Sagrada Mesa. A sua curiosidade não tarda a converter-se em mistico fervor. Muitos incrédulos, tocados da candura daquele homem extraordinário tem pedido a confissão. Frei Pio não consente que lhe tirem fotografias, posto que lho tenham pedido de mil maneiras, servindo-se de mil estratagemas.

A sua existência, a conservação da sua vida parece-me ser um continuo milagre. Pois como explicar naturalmente que um homem continue vivendo com «sessenta graus de temperatura?».

Que horror!

Os médicos não são capazes de explicar o facto, que se torna ainda de mais dificil explicação, se considerarmos que, em virtude dessa alta temperatura, Frei Pio está sujeito a uma transpiração abundantissima que o debilita enormemente.

Ha muitas curas extraordinárias, factos de bilocação, descoberta dos segredos da alma.

A 20 de Setembro de 1918, ao sair do côro desapareceu de entre a comunidade.

Surpreendidos os religiosos, seus companheiros, procuraram-no por toda a parte e depois de muito trabalho foram encontrá-lo desfalecido e com as chagas miraculosas impressas no corpo, a carne viva, o sangue fresco. Eram mais pequenas do que hoje e tinham um cheiro muito pronunciado a rosas, que ainda conservam.

São muitos os prodigios que se contam de Frei Pio.

Um dia foi á aldeia de S. João e curou um doente que os médicos tinham declarado perdido. Isto sem sair do convento ou deixar de assistir com os religiosos seus companheiros aos actos da comunidade.

Duas vezes passou da sacristia ao confessionário duma maneira invisivel. E' frequente descobrir as consciências dos que se lhe confessam, antes de ouvi-los de confissão».

Voz da Fátima

Esta revistasinha, cujo primeiro numero hoje aparece e que se destina a registar os acontecimentos da Fátima, será publicada no dia treze de cada mês e destribuida gratuitamente aos peregrinos que ahi forem nesses dias, esperando-se que os que a receberem contribuirão com qualquer donativo para as despezas do papel e impressão.

Para este fim se abre desde já neste logar uma subscripção ficando com direito a receber a *Voz da Fátima* pelo correio os que nos enviarem dez mil réis (dez escudos).

Um anonimo	500$000 réis
Dr. M. Marques dos Santos	10$000 »
P.e M. Pereira da Silva	10$000 »
P.e Augusto Maia ...	10$000 »
P.e Manuel do Carmo Goes	10$000 »
P.e Joaquim José Carvalho	10$000 »

Ano I LEIRIA, 13 de Novembro de 1922 N.º 2

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

5 annos depois

Alvoreceu o dia 13 de Outubro de 1922, polvilhado da luz de ouro do sol e embalsamado com suaves fragrancias, como um dia formoso entre os mais formosos do Outono, sem uma nuvem a empannar o brilho do ceu e sem uma brisa agreste a fustigar a terra. Os sinos da capital acabavam de tanger compassadamente as nove horas. Na estação do Rocio numerosos peregrinos sobem apressadamente para o comboio da linha 4, que está prestes a partir. Entre elles destacam-se algumas das figuras mais distinctas do laicado catholico: professores, medicos, advogados e jornalistas. Ouve-se o silvo estridente da locomotiva e o comboio põe-se em movimento. Nas estações do percurso surgem de vez em quando grupos de peregrinos ou peregrinos isolados. Em Santarem a lotação do nosso compartimento está completa. Em Torres Novas apeiam-se muitos peregrinos que no dia seguinte de madrugada partirão em trens, *camions* e automoveis para a terra do mysterio e do prodigio. Proseguimos a nossa viagem. Depois de longa demora no Entroncamento, o comboio recomeça a sua marcha e ás duas horas e meia apeamo-nos em Chão de Maçãs. Um carro, que aguardava a nossa chegada, conduz-nos rapidamente a Ourem. No dia immediato, após a missa e o *petit déjeuner*, seguimos para a Fatima, atravez da serra. Durante a noite tinha chovido bastante. A'quela hora, porém, nem uma gotta d'agua cahia do ceu, onde corriam velozes algumas nuvens que por vezes ensombravam o sol. Quando, já proximo de Fátima avistámos a estrada que liga Villa Nova d'Ourem áquella povoação, ficámos agradavelmente surprehendidos e sobremaneira encantados com o admiravel scenario que se desenrolava deante dos nossos olhos. Subiam a estrada, numa extensão de muitos kilometros, inumeros vehiculos de todas as especies e de todos os tamanhos replectos de gente. Eram onze horas quando nos apeamos junto da egreja parochial.

Em torno d'ella o espectaculo é imponente. Lá dentro realiza-se a festa do Sagrado Coração de Jesus, festa sobremodo sympathica e commovente a que dá um realce e encanto extráordinario a solemnidade da primeira communhão das creanças.

Uma multidão compacta enchia litteralmente o vasto e antiquissimo templo e apinhava-se na rua proximo das portas, impedindo o accesso. Mais de quarenta missas se tinham celebrado alli naquela manhã. A' missa solemne comungaram cerca de tres mil e duzentas pessoas incluindo as creanças. No largo terreiro adjacente á egreja vêem-se dezenas e dezenas

OS TRES VIDENTES DA FATIMA
FRANCISCO, LUCIA E JACINTA

de vehiculos. Cumprimentamos varios amigos e conhecidos que vão apparecendo de todos os lados. A chuva começa de novo a cahir, miudinha e impertinente! Querendo observar tudo minuciosamente, dirigimo-nos a pé para a Cova da Iria. Pela estrada, num percurso de dois kilometros e meio, circulam milhares de pessoas num vaevem continuo.

Tres quartos d'hora depois avistamos do meio da estrada o logar, que, segundo os pastorinhos da visão, foi consagrado pela presença da Virgem Santissima. Uma enorme vaga humana, de muitos milhares de pessoas, rodeia a capella commemorativa das apparições, semi-destruida pelo nefando attentado de Março. De toda a parte aflue gente a cada momento. De vez em quando um novo grupo de peregrinos vem occupar o seu posto junto da capella.

Todas as provincias de Portugal, desde o Minho e Traz-os-Montes até ao Alemtejo e Algarve, se acham aqui representadas, nesta grandiosa e incomparavel homenagem nacional de amor e reconhecimento á Virgem do Rosario. Lá veem os peregrinos do Porto e os de Lisboa, estes muito mais uumerosos do que aquelles. A chuva cahe agora com violencia, mas ninguem se retira.

Pelo contrario, a immensa mole humana engrossava cada vez mais. Muitos peregrinos rezam o terço em grupos, alternadamente e em voz alta. Uma nobre senhora de Faro volta-se para o irmão, conego da Sé daquella cidade, e com os olhos marejados de lagrimas diz-lhe: «Este espectaculo impressiona-me e commove-me profundamente.» Subito, ouve-se o som argentino de uma campainha. E' o signal de que a missa campal vae começar. Celebra-a o vigario da vara de Ourem. Um sacerdote de Lisboa sobe a um pulpito improvisado e com voz sonora e vibrante profere durante o *Introito* os artigos do Credo que o povo repete com calor e enthusiasmo, numa sentida e tocante profissão de fé. Em seguida principia a recitação do terço. Já não são grupos isolados que rezam. E' a oração unisona da multidão, o rumor fremente de um verdadeiro oceano d'almas. São dezenas de milhares de boccas que erguem as suas vozes para o Ceu fundindo-as numa prece collectiva á gloriosa Rainha do Rosario. Ouve-se de novo o som da campainha. E' o toque de *Sanctus*. A oração torna-se ainda mais intensa e fervorosa. E' que se approxima o momento angusto e solemne da consagração. Jesus, o rei do Ceu e da Terra, está prestes a descer sobre o altar, á voz portentosa do ungido do Senhor. Logo que a campainha annuncia a realisação do grande mysterio do amor de Deus, a multidão, no ardor da sua fé, curva-se reverente, ajoelha e adora o Verbo humanado, occulto aos olhos do corpo sob o veu das especies eucharis-

ticas. Do alto do pulpito resoam as invocações que o sacerdote profere, repetindo tres vezes cada uma d'ellas.

Senhor, nós Vos amamos.
Senhor, nós Vos adoramos.
Senhor, nós esperamos em Vós.
Senhor, curae os nossos enfermos.
Sagrado Coração de Jesus, tende piedade de nós.
Hosanna, hosanna, hosanna ao filho de David.
O' Maria, saúde dos enfermos, rogae por nós.
Nossa Senhora do Rosario, abençoae o nosso Portugal.

Após as invocações canta-se o tocante «Adoremus in aeternum Sanctissimum Sacramentum.» Resada a ladainha de Nossa Senhora, ministra-se a Sagrada Communhão. Mais de duzentas pessoas, num fervor de extase, recebem em seus peitos a Jesus Hostia. O cantico popular «Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento da Eucharistia,» é repetidas vezes cantado por um côro a que a multidão responde alternadamente. «Fructo do ventre sagrado da Virgem purissima Santa Maria.» Ha quem veja signaes extraordinarios no ceu.

Terminada a Missa, sobe ao pulpito o rev. dr. Francisco Cruz, de Lisboa. Pronuncia algumas palavras, singelas e desataviadas, mas que penetram suavemente, até ao fundo dos corações. E' um santo que está fallando. A sua figura emaciada e ascetica, o seu ar acolhedor e calmo, de uncção e suavidade angelica, a fama das suas incomparaveis e assombrosas virtudes só por si, valem bem um longo e substancioso sermão.

Durante cerca de meia hora discorre com eloquencia apostolica sobre a devoção á Virgem do Rosario e encarece a necessidade da oração e da penitencia. Concluida a pratica, muitos peregrinos retiram. Mas a maior parte delles tem difficuldade em arrancar-se daquelle cantinho do Ceu que seduz e fascina as almas e prende e captiva os corações.

São talvez quarenta mil pessoas. Distribuem-se gratuitamente milhares de estampas de Nossa Senhora do Rosario e de exemplares da «Voz da Fátima» que são acolhidos com alvoroço e procurados anciosamente. Os trens, *camions* e automoveis vão partindo pouco a pouco.

As primeiras sombras da noite descem sobre a Serra. Sómente alguns raros grupos de pessoas dos arredores se conservam ainda em oração humilde e piedosa junto do padrão commemorativo dos sucessos maravilhosos. Entretanto ao longe, nas estradas e pelos atalhos da montanha, os peregrinos que regressam aos seus lares, depois de uma viagem longinqua e incommoda, vão murmurando as suas preces ou entoando os seus canticos religiosos com a alma a trasbordar de uma alegria que não é deste mundo e acariciando a fagueira esperança de voltarem brevemente áquelle centro incomparavel de devoção e de amor á Virgem, onde ficaram presos para sempre os seus corações piedosos e agradecidos...

VISCONDE DE MONTELLO

Os tres videntes da Fátima
Francisco, Lucia e Jacinta

Lucia de jesus, a mais velha das tres creanças privilegiadas, tinha, na epocha das apparições, dez annos de edade, feitos em 22 de Março. Foram seus paes Antonio dos Santos, fallecido em 1918, e Maria Rosa dos Santos. Tem um irmão e quatro irmãs, todos mais velhos do que ella. Fez a sua primeira communhão aos oito anos. Está actualmente num collegio a educar, com acquiescencia e satisfacção da familia e a expensas de uma generosa senhora, que por ela se interessou. E' a verdadeira protagonista das apparições, pois só a ella se dignou fallar a Senhora mysteriosa.

Francisco Marto e Jacinta de Jesus Marto eram primos da Lucia e tinham aquelle nove annos e esta sete annos de edade. Os paes chamam-se Francisco Marto e Jacinta de Jesus Marto e moram, assim como a mãe da Lucia, no logarejo de Aljustrel, que fica situado a cerca de um kilometro da egreja parochial de Fátima, á esquerda da estrada que conduz á Cova da Iria. A Jacinta via a Apparição e ouvia distinctamente as palavras que ella pronunciava dirigindo-se á Lucia, mas nunca lhe fallou nem tão pouco a Apparição lhe dirigiu a palavra. O Francisco só via a Apparição, não ouvindo nunca o que ella dizia á Lucia, apesar de se encontrar á mesma distancia e de gozar dum excellente ouvido. As duas innocentes creanças já não pertencem a este mundo.×

Francisco Marto adoeceu no dia 23 de Dezembro de 1918 com um ataque de bronco-pneumonia e morreu no dia 5 de Abril do anno seguinte, depois de se ter confessado e de ter recebido o Sagrado Viatico com os mais edificantes sentimentos de piedade. Os seus restos mortaes repousam em campa rasa no humilde cemiterio parochial de Fátima.

Jacinta de Jesus Marto, cahiu de cama a 23 de Dezembro de 1918, atacada egualmente pela mortifera pandemia que então grassava por todo o mundo.

Essa doença tão longa e tão cruel foi um verdadeiro martyrio para a pobre creança, que expiava no seu corpo innocente os peccados alheios.

Morreu em Lisbôa, no hospital de D. Estephania, no dia 20 de Fevereiro de 1920, tendo-se confessado e commungado varias vezes durante a doença. Affirmou que Nossa Senhora lhe tinha apparecido por duas vezes dias antes, fazendo-lhe varias revelações, condemnando os exageros do luxo e as modas indecentes e declarando que o peccado que levava mais almas ao inferno era o peccado da carne. Os seus despojos mortaes foram encerrados em caixão de chumbo e transportados pelo caminho de ferro, para o cemiterio de Villa Nova d'Ourem.

V. de M.

Todas as grandezas da terra, todos os progressos materiaes, todas as pompas do mundo só valem quando servem de pedestal para d'elle se vêr melhor o Ceu.

Repetição do phenomeno solar de 1917?

No dia 13 de Outubro ultimo, em Fátima, no logar das apparições, durante a ultima parte da missa campal, algumas mulheres e raparigas do povo que estavam perto de nós não faziam senão olhar para o sol e prorromper em exclamações de surpreza que traduziam a profunda commoção de que se achavam possuidas. A principio, nada dissemos e abstivemo-nos, propositadamente, de olhar para o sol. Trata-se, pensámos nós, de uma illusão de creaturas simples e ingenuas ou de um phenomeno vulgar de auto-suggestão. Desejam ver e por isso mesmo julgam ver o que quer que seja de extraordinario no firmamento. Ao começar a pratica, as exclamações redobraram de intensidade a ponto de não se poder ouvir o que o orador dizia. Perdemos então um pouco a serenidade, voltamo-nos para as pessoas que em grande numero olhavam commovidas para o ceu e dissemos bruscamente: «Olhem muito embora, mas façam favor de se calar e deixar ouvir o prégador».

Vimos então uma senhora de Lisboa, nossa conhecida, que não podendo conter por mais tempo a commoção deixou cahir as lagrimas copiosamente e volveu-nos um olhar que traduzia a pena que lhe causavam a nossa indifferença e rudeza. Apesar disso, fitámo-la com um ar severo, pretendendo significar-lhe dessa forma que tanto maior era a sua responsabilidade pelas affirmações que implícitamente fazia quanto a sua elevada cultura intellectual e educação religiosa aprimorada excediam a da pobre gente do povo, que imaginava ver signais extraordinarios onde quando muito haveria meros effeitos de luz, mais apparentes do que reaes.

D'ahi a momentos, outra senhora, que estava ao nosso lado e que até então troçara de todos os que asseguravam estar vendo signaes mysteriosos no ceu, olhou para o sol e, depois, voltando-se para os circunstantes, disse num tom serio e grave: «Mas, realmente, vê-se agora o que quer que seja de extraordinario.» Decidimo-nos então a olhar de relance para o ceu e, com grande surpreza e estupefacção, vimos deante dos nossos olhos o phenomeno de 13 de Outubro de 1917 embora com menor intensidade e durante menos tempo e sem as explosões luminosas desse dia. Arrependemo-nos de ter sido tão severo e tão rude para com o proximo.

Concluidos os actos religiosos, traçamos discretamente impressões sobre os signaes do ceu com amigos nossos e outros peregrinos conhecidos, que nos pareciam pouco acessiveis ás influencias da suggestão e da auto-suggestão.

Muitos affirmavam ter visto os signaes, outros negavam, accrescentando estes, quasi todos, que não haviam olhado para o sol. No dia seguinte, na estação de Chão de Maçãs, um dos espiritos mais cultos de Portugal, com larga folha de serviços á causa da Egreja e da Patria, affirmou-nos ter visto durante a missa, um phe-

nomeno inteiramente identico ao de 1917, conforme o descreveram os jornaes daquelle tempo. Dias depois lemos em *A Epocha* de 16 de Outubro, numa chronica do enviado especial daquelle diario á Fátima, umas allusões desprimorosas para os que declaravam ter visto coisas estranhas, phenomenos indescriptiveis. Suppunha o jornalista que esses phenomenos eram productos de suggestão ou de crendice ignorante, affirmava que tinha olhado o sol e não tinha visto nada e concluira, dizendo que «não acreditava nessas cousas estranhas, nesses phenomenos indescriptiveis que alguns ingenuos de boa vontade julgavam ter visto».

No dia seguinte recebemos do nosso illustre interlocutor da estação de Chão de Maçãs, escripta da sua casa do Alemtejo, uma carta vibrante de indignação em que lamentava as expressões do reporter de *A Epocha*.

Quando acabámos de ler esta carta, escripta por uma grande figura da nossa terra, notavel pelo seu caracter, pelo seu saber e pelas suas virtudes, sentimos sinceros e vivos remorsos do nosso procedimento para com os pobres filhos do povo, de cuja simplicidade desdenhavamos, á semelhança do phariseu do Evangelho, negando como o dito reporter, mas com maior responsabilidade do que elle, o que os outros diziam ver, mas que nós ainda não viamos...

V. M.

As curas da Fátima

Abrimos neste segundo numero da *Voz da Fátima* uma nova secção subordinada á epigraphe «As curas da Fátima», em que todos os mezes iremos publicando, dentro dos limites compativeis com a estreiteza do jornal, a descripção de curas interessantes de que temos conhecimento e de outras que os nossos presados leitores se dignarem communicar-nos, desejando que o façam sempre com a maior somma possivel de esclarecimentos, pormenores e indicações uteis para o estudo conscienciosso do facto respectivo.

Como só a Santa Egreja tem auctoridade e competencia para reconhecer a sobrenaturalidade de qualquer cura extraordinaria, é claro que submettemos inteiramente ao seu juizo as afirmações e apreciações que neste logar se fizerem, estando dispostos, como filhos submissos, a repudiar tudo o que ella por ventura achar digno de censura no que aqui se escrever.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao director da *Voz da Fátima*, o ex.mo e rev.mo sr. Dr. Manuel Marques dos Santos—Leiria.

Do nosso volumoso *dossier* sôbre as curas de Fátima, extrahimos hoje os documentos que em seguida transcrevemos e que os amigos do nosso jornal certamente hão de ler com muito agrado.

«Quinta d'Otta—Correio d'Otta—... Sr. Visconde de Montello—Junto envio a V. a descripção dum milagre de Nossa Senhora da Fátima, pedindo a V. o favor de o publicar quando lhe fôr possivel. Na ocasião em que o meu sobrinho esteve doente apparecia no semanario catholico *A Guarda* uma série de artigos em que se narravam alguns milagres atribuidos á intercessão da mesma Senhora da Fátima e cuja leitura me suggeriu a idéa de recorrer á Santissima Virgem sob essa invocação, promettendo enviar a V. a descripção do facto, se Ella se dignasse ouvir-me. Já ha mais tempo devia ter cumprido este meu dever, mas ignorava para onde havia de remetter a carta. Justamente agora tive conhecimento do livro publicado por V., com o titulo: *Os episodios maravilhosos da Fátima* e nelle vejo a maneira de me dirigir a V. — Pedindo mil desculpas da minha ousadia, subscrevo-me com toda a consideração de V., etc.

D. Maria do Carmo da Camara (Belmonte)»

Segue o documento a que se refere a carta que precede:

«*Graça alcançada por intercessão de Nossa Senhora do Rosario da Fátima. — Em principios de Maio de 1919 tinha um sobrinho gravemente enfermo. Era de compleição bastante fraca e, tendo já 13 mezes, ainda não tinha dente nenhum. Grandes eram as minhas apprehensões e o medico não tinha duvidas sobre a gravidade do seu estado. Que fazer nesta afflição? Invocar Maria Santissima do intimo d'alma para que intercedesse por mim junto de seu Divino Filho e dispensasse a sua maternal protecção ao innocentinho. Tinha conhecimento da protecção da Santissima Virgem sob a invocação de Nossa Senhora da Fátima pelo relato publicado no jornal «A Guarda». Com este novo titulo a invoquei e, tendo collocado sob o travesseiro da creança uma porção de terra do logar das apparições, constatei que, logo depois, sem incommodo, lhe appareceu o primeiro dente, e o segundo justamente no dia treze de Maio, anniversario da primeira apparição. O seu estado geral melhorou e a dentição continuou a fazer-se bem. Assim fui levada a reconhecer que mais uma vez a gloriosa Mãe de Deus por este facto, que considero miraculoso, manifestou a sua protecção a quem assim a invoca, para que desappareçam as duvidas que se levantam sobre a realidade da sua apparição em Fátima. Fiz promessa de, sendo ouvida a minha préce, tornar publica a narração que acabo de fazer, pois creio, emquanto a Egreja não disser o contrario, que mais uma vez em Fátima a Santissima Virgem veio á terra escolher sitio onde um novo sanctuario lhe seja dedicado, para que seus filhos saibam ser fervorosos no cumprimento dos seus deveres de christãos e caminhar pela estrada da virtude, que é a que conduz á possivel felicidade neste valle de lagrimas e á verdadeira e eterna felicidade do Ceu.*

D. Maria do Carmo da Camara (Belmonte)—Quinta d'Otta, 22—XI—921.»

V. de M.

PROVISÃO

JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA, POR GRAÇA DE DEUS E DA SANTA SÉ, BISPO DA DIOCESE DE LEIRIA:

AOS QUE ESTA NOSSA PROVISÃO VIREM: SAUDE, PAZ E BENÇÃO EM JESUS CHRISTO, NOSSO SENHOR E SALVADOR:

(Continuação)

TODAS estas generalidades sobre o milagre vêm a proposito do muito que se tem dito e até escripto sobre certos factos passados na Cova da Iria, freguesia da Fátima, vigairaria e concelho d'Ourem.

Não é nem pode ser indiferente á acção pastoral que fomos chamados a desempenhar nesta diocese de Leiria qualquer facto que se ligue com o culto da nossa Santa Religião.

Mais ou menos todos os dias, mas especialmente no dia 13 de cada mês, ha na Fátima grande concorrencia de pessoas vindas de toda a parte, pessoas de todas as categorias sociais que vão ahi orar e agradecer á Senhora do Rosario beneficios que, por seu intermedio, têm recebido.

Conta-se que no ano de 1917 houve alli uma serie de phenomenos presenciados por milhares de pessoas de todas as classes da sociedade e anunciados com bastante antecedencia por umas creancinhas rudes e simples a quem, diziam, a Senhora aparecera e fizera certas recomendações.

Dahi em diante não mais deixou de haver concorrencia.

Das três creanças que se diziam favorecidas pela Aparição, faleceram duas antes da nossa entrada nesta Diocese.

Interrogamos varias vezes a unica sobrevivente.

A sua narração e as suas respostas são simples e sinceras—nelas não descobrimos nada contra a fé e moral. Poderia exercer aquela creança, hoje de 14 anos, uma influencia tal que explicasse a concorrencia do povo? Disporia ella de tal prestigio pessoal que alli arrastasse aquelas massas humanas? Impor-se-ia pelas suas qualidades precoces a ponto de fazer convergir para junto d'ela tantos milhares de pessoas?

Não é provavel—tratando-se de uma creança sem instrução de especie alguma e d'uma rudimentarissima educação.

Demais a mais a pequena saiu da terra, nunca mais lá apareceu — e não obstante o povo acorre ainda em maior numero á Cova da Iria.

Explicará por ventura este ajuntamento o aprasivel e pitoresco do local? Não. E' um sitio ermo, vulgar, sem arborisação, sem agua, longe do caminho de ferro, perdido nas dobras d'uma serra, despido de todos os atractivos naturaes.

Irá o povo por causa da Capela? As pessoas devotas tinham edificado alli uma pequena ermida, tão pequenina que nem se podia celebrar a Santa Missa dentro d'ella.

No mês de fevereiro d'este anno, uns infelizes cuja má acção a Virgem Santissima perdôe, foram lá de noite e com bombas de dinamite destruiram-na, lançando-lhe em seguida o fogo.

Aconselhamos a que não se reedificasse —não só na previsão de novos atentados, mas tambem porque queriamos experimentar os motivos que levam ali tamanho ajuntamento de povo.

Pois bem. Longe de diminuir, a multidão é de cada vez mais numerosa.

* * *

A Auctoridade eclesiastica tem-se mantido na expectativa. O Rev. Clero desde o principio absteve-se de tomar parte em qualquer manifestação: apenas ultimamente permitimos que houvesse lá uma Missa resada e sermão nos dias de grande concorrencia popular.

A Auctoridade civil tem empregado todos os meios—inclusivé as perseguições, prisões e ameaças de toda a ordem para acabar com o movimento religioso naquele logar. Todos esses esforços têm sido infructiferos. E ninguem poderá afirmar que a Auctoridade ecclesiastica impulsione a fé nas Aparições antes pelo contrario. Em vista de quanto acabamos de expôr, pare-

ce-nos ser nossa obrigação estudar e mandar estudar este caso, e organisar o processo segundo as leis canonicas.

Para este efeito nomeamos a seguinte Comissão:

Rev. João Quaresma, Vigario Geral da Diocese.

Rev. Faustino José Jacinto Ferreira, Prior do Olival e Vigario da Vara de Ourem.

Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, Professor do Seminario.

Rev. Dr. Joaquim Coelho Pereira, Prior da Batalha.

Rev. Dr. Manuel Nunes Formigão Junior, Professor do Seminario Patriarchal, com auctorisação de S. Em.cia.

Rev. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, Prior de Santa Catharina da Serra.

Rev. Agostinho Marques Ferreira, Parocho da Fátima.

Esta Commissão agregará a si ou proporá a nomeação de peritos (c. 2088, § 3; 2113 § 1 e 2).

Nomeamos o Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos promotor da Fé, o qual receberá, segundo as regras do Direito, o depoimento de testemunhas quanto possivel oculares (c. 2040).

Para auxiliar o R. Promotor da Fé nomeamos como notario, o R. Manuel Pereira da Silva, Professor do Seminario.

Ordenamos a todos os fieis da nossa Diocese (c. 2023-2025) e pedimos aos de Dioceses extranhas que deem conta de tudo quanto souberem quer a favor quer contra as aparições ou factos extraordinarios que lhes digam respeito, e testifiquem especialmente se nellas houve ou ha qualquer exploração, superstição, doutrinas ou cousas deprimentes para a nossa Santa Religião.

Qualquer dos membros da Comissão fica auctorisado a receber nomes dos que devem ou querem depôr, os quaes serão chamados na devida alturo.

* * *

A primeira lei da historia, afirmava o grande Papa Leão XIII, é nunca dizer falsidades; a segunda é nunca recear dizer a verdade.

A Igreja tem sêde de verdade, porque foi fundada por Aquelle que disse: «Eu sou a verdade.».

Por isso, se os factos, passados na Fátima, que se apontam como sobrenaturaes, são verdadeiros, agradeçamos a Nosso Senhor que se dignou mandar-nos visitar por sua Santissima Mãe para augmentar a nossa fé e corrigir os nossos costumes;—se são falsos, conveniente é que se descubra a sua falsidade.

Nos tempos de duvida e desorganisação que atravessamos, é de tal importancia julgarmo-nos e estar de posse da verdade que esta consciencia basta para resistir a todas as contrariedades e vencer todos os obstaculos.

A duvida enerva e mata; a verdade alenta e vivifica.

A verdade é a grande força que a Igreja tem possuido sempre e ninguem lh'a tira.

Podem armar contra ella perseguições e fazer correr rios de sangue; podem arrancar lhe os bens materiaes e reduzi-la á mendicidade;—escarnece-la e ludibriá-la. A Igreja, de posse da verdade, fica de pé no meio do tumulo dos seus perseguidores.

* * *

Continuemos a invocar a Virgem Mãe do Céo, sejamos exactos no cumprimento dos nossos deveres christãos, sejamos catholicos de palavras e de obras, espalhemos a Oração do S. Rosario e esperemos pelo Juizo da Santa Igreja, certos de que este será o echo do Juizo de Deus.

Esta nossa Provisão será lida em todas as igrejas e capellas da Nossa Diocese para que d'ella todos tomem perfeito conhecimento.

Leiria, 3 de Maio, dia da Invenção da Santa Cruz, de 1922.

† JOSE, Bispo de Leiria

MEZ DAS ALMAS

Judas Machabeu, após um combate em que pereceram os seus soldados, mandou fazer um peditorio e enviou para Jerusalem as esmolas colhidas, afim de se offerecer um sacrificio pelos soldados mortos em campanha— *pois é um santo e salutar pensamento orar pelos mortos para que sejam livres de seus pecados.* Tal era a crença na efficacia do sacrificio, da oração e das obras boas para suffragar as almas dos mortos.

•

Nosso Senhor Jesus Christo, longe de reprovar esta crença— confirmou-a e recomendou-a. Os Apostolos prégaram zelosamente e encareceram esta devoção. *Ajuntae-vos, dizem as* Constituições Apostolicas, *nos cemiterios, fazei a leitura dos livros sagrados, cantae Psalmos em honra dos martires e de todos os santos, e tambem por vossos irmãos que morreram no Senhor — e offerecei depois a Eucaristia.*

•

Esta devoção atravessou todos os seculos e fixou-se em todos os paizes. O culto dos mortos mereceu a todos os povos o mais carinhoso acolhimento. Fundaram-se irmandades e confrarias de socorro ás bemditas Almas do Purgatorio, instituiram-se legados pios e anniversarios, multiplicaram-se as devoções, e os Summos Pontifices e Prelados da Santa Igreja não se cançaram de exhortar os fieis á applicação dos suffragios pelos mortos. E os fieis acudiram sollicitamente á voz dos seus Pastores. E' bem tocante o costume das *ementas*, em que todos os domingos são lembradas á piedade das familias as almas das suas obrigações. Pelas ridentes aldeias do Minho é frequente encontrar, á borda dos caminhos, uns pequenos nichos de pedra, cobertos com a sombra d'um secular castanheiro nos quaes por baixo d'uma pintura representando o Purgatorio se lê o comovido brado: «O' vós que ides passando, lembrae-vos de nós que estamos penando». E o caminhante aproveitando a sombra benefica para repousar, ora pelos seus queridos defuntos e deixa uma pequena esmola no nichosinho. Aqui na Extremadura é deveras impressionante ouvir o *clamor das Santas Almas*, que os rapazes dos differentes logares das paroquias vão entoando de porta em porta, n'uma romagem enternecedora, colhendo esmolas para mandarem rezar missas pelas Almas.

•

Hoje...

Os cuidados absorventes do comercio e do industrialismo, a sêde de enriquecer e a ancia de subir na escala social, irão arrefecer o culto dos mortos? lançar no esquecimento as Almas que soffrem no fôgo do Purgatorio?

Conservemos intacto o thezouro de devoção que recebemos de nossos paes e leguemo-lo aos nossos vindouros.

As Almas do Purgatorio soffrem lá tormentos inauditos. O fôgo que as abraza não é menos intenso, no dizer de alguns theologos, que o do Inferno, com a differença só de ser temporario e temperado pela esperança segurá da libertação d'aquele tenebroso carcere.

•

Socorrer as Almas do Purgatorio!

Assim o exige a gloria de Deus, que no Ceu ternamente aguarda os seus eleitos; assim o exige a nossa gratidão, que não póde ser indiferente aos queixumes d'aqueles que no mundo sumamente se interessaram por nós; assim o exige o nosso proprio interesse que, junto de Deus, terá os melhores defensores nas almas que libertarmos por nossos sufragios.

A. M.

Voz da Fátima

Despesa

Composição, impressão e papel de 6:000 exemplares do 1.º numero. . . .	220:000
Clichés e outras despezas	43:900
Soma. .	263:900

Subscripção

Transporte.	550:000
Augusto Reis.	5:000
Dr. Luiz d'Oliveira.	15:000
Anonimo.	10:000
Dr. A. F. Carneiro Pacheco	20:000
D. Emilia Neves.	10:000
Padre Jacinto A. Lopes. .	10:000
D. Filomena Miranda . . .	10:000
Anonimo	4:400
P.e M. Marques Ferreira	10:000
D. Joaquina A. Pinto Baptista	10:000
Um grupo de seminaristas de Viseu.	10:000
D. José Maria de Figueiredo da Camara (Belmonte)	10:000
Giberto F. dos Santos . .	10:000
D. Maria da Conceição Alves de Matos	10:000
Manuel Antonio Lopes. .	10:000
Anonimo	7:500
D. Maria Eduarda Vasques da Cunha.	10:000
D. Laura de Avelar e Silva	20:000
D. Leonor de Constancio	12:000
Padre João F. Quaresma	10:000
Padre J. F. Gonçalves das Neves.	10:000
D. Anna Corrente Soares	10:000
Condessa de Mendia. . .	10:000
Padre Augusto José da Trindade.	10:000
D. Maria d'Apresentação D. Gonçalves	20:000
Padre Manuel António da Conceição	10:000
D. Magdalena R. Mendes de Matos	10.000
D. Luiza Magdalena d'Albuquerque.	10:000
D. Maria Julia Marques Ferreira.	5:000
Manuel Ribeiro da Silva	10:000
D. Amelia L. Mendonça	10:000
D. Aurora Barbara Charters d'A. Lopes Vieira	10:000
Padre Candido Maia . . .	10:000
D. Carolina Isaura Lopes Cardoso.	6:000
D. Albertina Cardoso. . .	2:000
D. Maria Joana Patricio .	10:000
José d'Oliveira Dias	15:000
Soma. . . .	931:900

O nosso jornal é distribuido gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Fátima.

Quem enviar a esta redacção a quantia de dez mil réis terá direito a ser-lhe enviada *A Voz da Fátima* pelo correio durante um anno.

Ano I LEIRIA, 13 de Dezembro de 1922 N.º 3

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Novembro

Na fórma dos mêses anteriores, realizou-se tambem no passado dia treze de Novembro, na Cova da Iria, a costumada commemoração mensal religiosa dos acontecimentos maravilhosos da Fátima. O ceu conservou-se sempre limpo de nuvens e o sol dardejou sem cessar os seus raios vivissimos que distribuiam prodigamente por toda a natùreza luz e calor.

Ao meio dia e meia hora, pouco mais ou menos, principiou a missa que foi celebrada pelo rev. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, Prior de Santa Catharina da Serra. Durante a missa rezou-se o terço, entoando-se alguns canticos piedosos por occasião da communhão. Receberam devotamente o Pão dos Anjos algumas dezenas de pessôas. Depois da missa o Rev. Dr. Manoel Marques dos Santos, professor no Seminario de Leiria e director da «Voz da Fátima», a convite do rev. parocho subio ao pulpito e proferiu, de improviso, uma tocante allocução, em que discorreu sobre a necessidade da penitencia para obter a salvação eterna, frisando que por penitencia se devia entender sobretudo o arrependimento dos peccados, a confissão sacramental e a conformidade com a vontade de Deus em todas as tribulações da vida. Fôram distribuidos muitos exemplares do segundo numero da «Voz da Fátima», que do mesmo modo que o primeiro numero, despertou, como era natural, o maior interesse. Estavam presentes cêrca de mil pessôas, vindas na sua grande maioria, das povoações visinhas. O concurso de fieis ao local das apparições neste dia foi muito diminuto, se o compararmos com o dos outros mêses, por motivos bastante obvios: a commemoração do mês precedente que attrahiu innumeras pessôas que não poderiam voltar com facilidade logo no mês immediato, a circunstancia de não passar o anniversario de nenhuma apparição, a grande intensidade dos trabalhos agricolas nesta epocha, etc.

LUCIA DE JESUS, PROTAGONISTA DAS APARIÇÕES

Durante os actos religiosos a multidão guardou o maior silencio e recolhimento, ouvindo-se apenas o murmurio cadenciado das orações recitadas em comum. Antes e depois da missa a multidão maravilhada rodeou o poço, de muitos metros de profundidade, ha pouco concluido, que a água limpida da nascente, rebentando ultimamente com força, em seguida ás primeiras chuvas do Outono, encheu completamente, a ponto de trasbordar. A's quatro horas da tarde raros eram os devotos que ainda se encontravam junto da capéla comemorativa das aparições, rezando as suas ultimas préces e fazendo as suas saudosas despedidas á gloriosa Rainha do Santo Rosario.

VISCONDE DE MONTELLO

« ... Sr. Promotor da Fé

Em maio de 1917 correu um boato que três crianças — pastores de gado estando recitando o terço em côro no sitio da Cóva da Iria, freguezia de Fátima, lhes tinha aparecido uma senhora vestida de branco dizendo-lhes que não tivessem mêdo que era N. Senhora do Rosario; que viessem ali todos os mezes no dia 13 rezar o terço que lhes apareceria sempre, e que no dia 13 de Outubro lhes diria um segredo. Esta voz correu logo pelos logarejos em redor mas ninguem podia acreditar, parecendo quási impossivel que a Virgem baixasse dos céus á terra e viesse aparecer a três rudes crianças nas chãs ásperas e arenósas da Serra d'Aire. E' chegado o dia 13 de Junho e eu desejoso por saber o que se passa encaminho-me para o local afim de me certificar do que há de verdade.

Eram 11 e 3/4 quando chego á dita Cova e encontro ali na espectativa umas 12 pessôas. Dirijo-me a alguem e pergunto: Então onde estão essas crianças que vêem aqui N. Sr.ª? e uma voz me responde: espére que ainda não é tarde. Passados momentos eis, aí veem elas, acompanhadas dum pequeno grupo. Ajoelham-se junto da celebre azinheirinha e principiam a rezar o terço. Conto as pessôas e vejo que estão presentes umas 40. Terminada a ladainha a Lucia diz: «lá vem Ela» e manda ajoelhar. Principia interrogando e respondendo a alguem que os meus olhos não vêem nem os ouvidos ouvem. E' a segunda aparição e mais uma vez ali afirma perante o reduzido numero de espectadores—porque ainda se lhe não póde chamar crentes que Ela lhe está dizendo que vem ali todos os mezes e que a 13 de Outubro será a ultima vez e então dirá um segredo.

A Lucia volve o olhar através do espaço como que a acompanhar com a vista alguem que se eleva e como estasiada vai indicando o rumo que ela leva até se perder no Infinito. Eu como descrente quero negar mesmo até tudo que estou vendo mas contemplando a atmosféra vejo que tudo se encontra turvado. Parece que duas correntes de ar opostas se veem encontrar ali levantando uma nuvem de poeira. O tempo escurece e parece-me estar ouvindo um trovão sub-terraneo. Sinto que a temperatura é quasi sobrenatural e tenho mêdo de estar ali. Regresso a casa pensando em tal fenomeno e cogitando uma maneira de o intrepretar. Minha mãe pergunta-me o que vi, ao que respondo que não sei, mas tenho a certeza

que, embora haja misterio, não vem a ser bom. Não quero crer e condeno em toda a parte tal aparição. No dia 13 de Junho ha muito mais concorrencia.

Dão-se os mesmos fenomenos que no mez passado. A fama alastra e agora o local é um dos grandes centros frequentados por pessôas de todas as classes.

Em 13 de Agosto aumenta o povo e quem contempla a Cova, que fórma uma bacia, dos pequenos montes ou outeiros que a cercam vê um espetaculo tocante.

De toda a parte chegam peregrinos entoando descantes sentindo-nos viver umas horas felizes. Já passa da hora e as crianças não aparecem; o povo espera impaciente quando corre uma voz por cima daquela massa de povo que o sr. administrador de Ourem as tinha levado. Ouvem-se protestos e quando vão começar a debandar ouve-se uma gritaria e uma onda de cabeças volve-se para o ceu afirmando cada um o que está vendo. Eu então olho para o ceu e vejo as nuvens mudando de côres e correndo em diversos sentidos.

O dia 13 de Setembro amanheceu sem uma nuvem no horizonte. Um sol abrazador nos faz procurar a sombra. A Lucia reza o terço á hora indicada. Segue-se a conversação com a dita Senhora e assim que diz: lá vai ela, o sol escurece a pontos de se vêr a lua e as estrelas que circundam o firmamento. O calôr diminue e uma aragem nos vem mimosear a fronte. Então vêem-se lá muito em cima cortando os ares do Oriente para o Ocidente uns corpos muito pequeninos brancos como a neve. Há quem afirme serem pombas mas vê-se perfeitamente que não são áves. Na encosta do lado do nascente estava o reverendo Padre sr. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, páraco de Santa Catarina da Serra, e eu como vejo que talvez esteja olhando sem ver nada, dirijo-me a ele e pergunto-lhe o que vê, respondendo-me que não vê nada. Indico-lhe uma direcção e imediatamente disse que já está vendo. Passado o fenomeno vou encontrar o mesmo senhor de joelhos pedindo o terço. Parece-me ser este o primeiro ministro da Egreja que rezou em comum naquele recinto bemdito.

O dia 13 de Outubro acorda como um dia de pesada invernia, embora a chuva cáia com lentidão. Durante toda a manhã chove sem cessar. Os caminhos e estradas vão repletos de gente que vindas de longes terras não faziam conta que chovesse em virtude de haver muitos mezes que nem uma pinga caía. Chegados ao local iam acendendo fogueiras até que se aproximasse a hora.

Ao logar da Chainça, que dista uma legoa, fôram ficar muitas pessôas entre elas dois senhores, um sr. Ferreira, de Leiria e outro de ao pé das Caldas, que dizem ser padre e dr. No dia seguinte, como chovesse muito e não estando acostumados ao rigor do tempo, não podiam seguir viagem demais não tendo com que se resguardar da agua.

Não havia quem emprestasse guardas chuvas porque os que havia eram poucos para as precisões. Eu então peguei num inutilizado e dando-lhe um concerto serviu para um e ao outro emprestei o meu, indo sem ele, chegando tambem todo a escorrer.

Chega-se o momento da aparição e passa-se o que todo o mundo sabe. O sol gira em torno de si mesmo e todos que se encontravam molhados aparecem enxutos como fui eu um deles. Apareceu um sr. de Leiria a distribuir ilustrações com os retratos das três crianças e de N. Senhora, encarregando-me dum maço apezar de me não conhecer.

Daí para o futuro encontra-se ali sempre um movimento de vai-vem de gente dominada pela fé: uns pedindo favores e outros agradecendo graças concedidas. Vem a gripe pneumonica que assolou o paiz e aí acorrem os crentes formando procissões nas suas terras, indo através das serras pedregulhentas e das charnecas desertas, altas horas da noite, debaixo dos maiores vendavais pedir a essa Virgem consoladora dos aflitos, proteção e misericordia. A fé vai aumentando e de toda a parte se ouvem afamar os milagres.

Eu, apesar de tudo continuava a descrer, seguindo a prudencia da Santa Egreja.

Havia 12 anos que eu padecia do estômago; vomitava tudo que comia. Consulto os melhores medicos com a esperança de me curar por meio da medicina, mas debalde o faço .. Estou desenganado mas restam-me ainda os hospitais de Lisbôa como único recurso. Dirijo-me ao hospital de S. José, sou observado pelo sr. dr. Damas Mora, director do Banco do mesmo hospital. Como o meu estado fôsse pouco satisfatório o mesmo sr. mandou-me baixar ao hospital do Destêrro onde me operou a 18 de Dezembro de 1917 tendo como ajudantes (ainda que não me recorde bem) os srs. drs. Hermano Medeiros e Balbino do Rêgo. Devido ao muito frio constipei-me e, fôsse por isso ou por outra causa, no dia seguinte estava ardendo em febre e com uma pneumonia.

E' chamado o médico de serviço e, depois de me observar bem, diz que estou irremediavelmente perdido. Tenho os pulmões ambos atacados; a febre está sempre acima de 40 graus. Mandam-me aplicar ventosas umas após outras, mas era preciso tomar remédios que combatessem a febre e isso é impossivel porque no estomago não póde entrar nada. A operação era das mais melindrosas e por conseguinte só podia esperar a morte. Estava quási sempre variado mas, nos pequenos intervalos que tinha lucidez, pensava na minha situação e via que era critica. Vejo que môrro num hospital sem o conforto que os ministros duma religião levam ás almas nas negras e atribuladas horas; sem vêr á cabeceira do meu leito uma mãe, irmãos, irmãs, pessôas de familia e amigos que me animem e fortaleçam. Antes que baixe ao coval dum cemiterio quero ainda escrever a minha mãe dizendo-lhe que môrro, que peça e mande pedir por mim, que ali não tenho quem o faça.

Esse pedido foi feito pelo reverendo páraco de Santa Catarina parece-me que em dia de Natal á missa das Almas. Do mundo não posso esperar nada e então vem-me á imaginação tudo que se passou nessa Cova bendita, dessa Virgem que disse ser a Consoladora dos aflitos.

Bem sei que tenho de morrer mas é triste não ter a consolação de ver nesse momento cruciante e transe doloroso, em volta de meu leito, quem ore e dê conforto. Então animado com uma grande fé peço a Nossa Senhora do Rosario da Fátima que, se possivel fôsse eu ainda poder um dia ir á minha terra ver minha familia, faria uma festa em sua honra e mandaria prégar um sermão, indo ao local rezar um terço. No dia seguinte já não tinha febre e passados dois dias estava completamente curado dos pulmões. Aos medicos parecia um sonho, quando me julgavam morto apareciam-lhes curado. Foi a medicina? Não, porque não tomei remedios.. Então uma pneumonia e febre a 40 graus cura-se em trez dias, e por acaso? Já escaparia alguem operado do estomago que fôsse atacado por uma pneumonia? Que responda quem souber.

Poderão dizer que melhorava da mesma fórma, mas como tenho a certeza que só escapei por meio dum grande milagre e da grande fé com que me apeguei com N. Senhora, heide dizer isto sempre e em toda a parte, custe o que custar. Essa promessa mandei encarregar o sr. prior de Santa Catarina de a cumprir assim como prégou o sermão em acção de graças na dita festa na pequena ermida da Chainça em Setembro de 1919. A Cova da Iria é para mim um cantinho do Céu a quem devo a vida... Desculpe V. o tempo que inutilmente lhe tomei. Sou um humilde católico que vejo na religião que professo o único pedestal onde o mundo se firma. S. de V. m.to a.to vén.or e obg.o.—Inacio António Marques, de 26 anos de idade, natural da Chainça, freguesia de Santa Catarina, filho de José Antonio Novo (falecido) e de Josefa Marques, residente em Lisbôa, Rua dos Herois de Kionga, 43.

Aos 23 de Novembro de 1922.

Inacio Antonio Marques

empregado nos Correios»

Informações uteis

As pessôas que quizerem ir a Fátima utilisando a locomoção ferroviaria, pódem tomar bilhete para as estações de Leiria, Torres Novas ou Chão de Maçãs, devendo partir na vespera do dia em que desejem fazer a visita ao local das apparições. Em todas as três estações de caminho de ferro ha carros de carreira, respectivamente para Leiria, Torres Novas e Vila Nova d'Ourem, mas apenas na de Leiria se encontram sempre logares disponiveis em grande numero. Tambem só naquella cidade existem hoteis com todo o conforto moderno, como o Hotel Liz, o Hotel Central e o Hotel Marques, havendo

ainda muitas casas particulares que recebem hospedes. Uma comissão permanente presidida pelo ex.mo Comendador João Cortez da Silva Curado, encarrega-se obsequiosamente de fornecer esclarecimentos e prestar auxilio aos peregrinos afim de conseguirem alojamentos e transportes sem correrem o risco de ser victimas de odiosas especulações.

Os reverendos dr. Manuel Marques dos Santos, no Seminario, e dr. Sebastião Brites, na Sé, darão aos peregrinos as indicações que lhes sollicitarem.

Em Torres Novas e em Vila Nova de Ourem tambem se pódem obter, com relativa facilidade, meios de transporte para Fátima. Lembram-nos, entre outras, as alquilarias de Espada e de Francisco Fernandes em Villa Nova d'Ourem e dos irmãos Izidros em Torres Novas. Em 13 de Maio e em 13 de Outubro costuma haver, todos os annos, carreiras de *camions* de Torres Novas e de Leiria.

De Torres Novas o preço de cada lugar tem sido, até hoje, de dez escudos o maximo, ida e volta, sendo necessario reservar logares com algumas semanas de antecedencia.

Os outros meios de transporte para esses dias teem igualmente de ser alugados muito tempo antes. De Torres Novas para a Fátima um trem para quatro ou cinco pessôas, ida e volta no mesmo dia, não custa menos de sessenta escudos. Em occasiões de pouca concorrencia obteem-se alojamentos em Torres Novas no Hotel Madeira e em Villa Nova d'Ourem no Hotel Espada e na Hospedaria Central de Maria Joanna e irmã.

Alguns peregrinos do norte do paiz teem alugado carros em Thomar, onde as alquilarias são numerosas e estão bem providos de material e de gado, para os irem esperar á estação de Chão de Maçãs á chegada do comboio da madrugada do dia 13 e conduzirem-nos á mesma estação a fim de tomarem o comboio da noite. Em Fátima só com difficuldades e por favor se conseguirá hospedagem em casas particulares, de bons camponezes, que não pódem proporcionar commodidades de especie alguma aos seus hospedes.

A distancia da estação á villa de Torres Novas é de 7 kilometros, da vila á Fátima cinco leguas atravez da serra e oito leguas por Villa Nova d'Ourem, de Chão de Maças a Villa Nova d'Ourem doze kilometros, de Villa Nova d'Ourem á Fátima doze kilometros e finalmente de Leiria á Fátima quatro leguas.

Para se cumprir

Rev.mo Sr.

Chegou ao meu conhecimento que no dia 13 do corrente se lançaram foguetes na Cova d'Iria e até havia vinho para vender no mesmo local!

Se permiti o culto naquelle logar, foi como manifestação d'amor e reparação a Nossa Senhora, cujo auxilio precisamos de rogar, fazendo penitencia pelas nossas proprias faltas, pelas do nosso querido Portugal e de todo o mundo.

Aquele logar é d'oração e penitencia. Mais nada.

Em vista do que, determino o seguinte:

1.° Não é permitido o uso de foguetes na Cova d'Iria. No caso de algum devoto ter feito a promessa de os lançar, auctoriso V. Rev.cia ou outro sacerdote, no exercicio das suas ordens, a commuta-la, revertendo a esmola a favor do culto a Nossa Senhora.

2.° Não é permitida a venda de vinho ou outras bebidas alcoolicas naquelle logar. O abuso do vinho é infelizmente causa de muitas profanações e muitas desordens. Não posso permitir que o culto a Nossa Senhora seja ocasião de pecados.

Encarrego V. Rev.cia, como Parocho d'essa freguezia, de zelar pelo cumprimento exacto d'estas determinações, e, no caso de não ser obedecido, o que não espero, prohibo a celebração da Santa Missa naquelle logar, sob pena de suspensão ao Presbytero que ousar faze-lo.

V. Rev.cia lerá este oficio na igreja parochial, de forma que d'elle o povo tome boa noticia para ser cumprida.

Deus Guarde a V. Rev.cia

Leiria, 18 de novembro de 1922.

Rev.mo Sr.
Parocho da Fátima

† JOSÉ, Bispo de Leiria

A Eucaristia e o Natal

Vae-se afinal comprehendendo que não ha verdadeira vida christã sem a Eucaristia.

Impossivel a piedade sem a Comunhão frequente. Assim o vão entendendo as almas que por toda a parte desabrocham em ancias d'uma vida espiritual intensa.

Uma grande seára loura, apta para a ceifa, esperando apenas operarios se ostenta no grande campo da Igreja.

Nesta tudo gira em volta da Santa Eucaristia, que é o eixo ou o centro deste radioso systema solar das almas.

Como Jesus mesmo diz no Santo Evangelho, não nos deixou orfãos subindo ao Céu no dia da Ascenção. Ficou realmente presente na Santa Eucaristia.

Quando passa nas nossas procissões é Elle o mesmo que passava pelas ruas das cidades e pelos caminhos das aldeias da Palestina, nada tendo perdido o seu coração do Amor e compaixão por todos.

Nos tronos das nossas igrejas é Elle que dá audiencia ás suas creaturas. Nos nossos sacrarios é Elle que as espera, desiludidas e batidas das ventanias da vida e do pecado. No altar é Elle que se immola medianeiro entre a justiça de Deus e as nossas iniquidades.

Na Santa Comunhão é Elle que se dá a nós para que vivamos a Sua Vida, ficando Elle a sentir, operar e viver por nós.

Até agora nada perdeu, pois, de Seu Amor.

E' por nós, que agora vivemos, que Elle está ainda na Santa Eucaristia onde já não estaria se a tivesse instituido só para outros tempos ou outras pessôas.

E' certo que todos nós acreditamos na sua presença e no seu Amôr na Santa Eucaristia, mas o que é tambem verdade é que procedemos, até os melhores, como se Elle ali não estivesse.

Não temos, ordinariamente, para com Elle nem mesmo as delicadesas que as pessôas bem educadas costumam ter para com todos.

Um extranho e desconhecido para muitos, que somos capazes de passar junto d'uma igreja onde está e nem sequer pensamos nelle.

Quão longe estamos, pois, d'aquelle espirito de verdadeira fé e amor que nos devia animar.

Santa Margarida Maria, por exemplo, dizia: «Tenho um desejo tão grande da Sagrada Comunhão que se fôsse necessario andar descalça por um caminho de brazas, parece-me que nada me custaria em comparação do que sofreria com a privação d'este bem. Não ha coisa nenhuma que me possa dar alegria sensivel senão este pão de amor; e depois de o receber fico como que aniquilada deante do meu Deus, mas com alegria tão grande que, algumas vezes, durante a acção de graças, todo o meu interior está num silencio e respeito profundo, para ouvir a voz d'aquelle que é todo o contentamento da minha alma.

Nas vesperas da Comunhão sentia-me abismada num tão profundo silencio que não podia falar senão á força, pela grandeza da acção que ia fazer, e depois de a ter feito a minha vontade era não beber, nem comer, nem ver, nem falar, tanta consolação e paz eu sentia. Escondia-me então quanto podia, para aprender a amar o meu soberano bem, que tanto me apertava para que lhe tornasse amor por amor.»

Para N. Senhor na Eucaristia devem convergir, portanto, todas as devoções.

Na Fátima, como em Lourdes, é Elle que deve ser o objecto principal das nossas atenções e do nosso culto!

Graças a Deus já ha na nossa Diocese de Leiria freguesias onde as Comunhões ascendem a cêrca de sessenta mil por anno, o que dá uma média de mais de mil por semana.

Ao R. Páraco de uma freguesia das mais pequenas da Diocese temos ás vezes perguntado: Quantas Comunhões teve hoje? Poucas, responde elle, só 49!

Comecemos, pois neste mês, uma vida mais intensamente Eucaristica e assim festejariamos condignadamente o Natal. Na Santa Comunhão teremos a felicidade de estreitar no nosso peito Jesus Menino realmente presente como outrora nos braços de sua Santissima Mãe.

A presença real de Jesus na SS. Eucharistia confirmada pela Historia

O menino Jesus na Hostia

Em 1903, os padres Redemptoristas d'Astorga foram dar uma missão na parochia de S. Martinho de Monzaneda, arcebispado de Trives. Havia poucas esperanças de resultado, e o desanimo chegou a apoderar-se dos Padres missionarios. Com o fim de conseguir uma grande assistencia de fieis, annunciaram, para a tarde do dia 20 d'abril, uma illuminação extraordinaria, na ocasião do exercicio chamado de reparação. Foi então que N. Senhor se dignou mostrar um raio de sua infinita bondade.

Durante a exposição solemne do SS. Sacramento, dez fieis que assistiam, d'entre elles o parocho, rapazes e raparigas, de 6 a 19 annos, viram que a Santa Hostia se converteu e transformou n'um formoso menino de um ou dois annos, vestido d'uma tunica branca. Um d'elles notou que o menino tinha as mãos erguidas sobre o peito e o rosto resplandecente de raios mais vivos do que a luz de cem velas, que compunham a illuminação; sete viram-no com physionomia sorridente, os braços estendidos, a face e as mãos tão brancas que o compararam com a cor do papel que tinham deante de si para prestar declarações no decurso da informação; um só viu o corpo do menino, vestido tambem de tunica branca, sem poder chegar a ver os braços e a face, apesar da attenção com que olhava. O parocho, que estava de capa, ajoelhado no degrau do altar, comtemplou-o durante 20 minutos, vendo os pés e as mãos do menino com buracos e seu coração descoberto apresentava uma abertura notavel, d'onde lhe parecia ver sair grossas gottas de sangue. Uma mulher de 43 annos, 8 dias depois, assegurava ter visto na custodia, durante meia hora, quando os Padres estavam a collocar a cruz que costumam deixar nas aldeias como recordação da Missão, um menino muito formoso, vestido de tunica branca com grandes flores de côr encarnada; é a undecima pessoa que disse ter sido *favorecida* pela visão.

Estas informações encontram-se n'uma carta do dr. T. del Barrio, publicada na *Lampara del Sanctuario*, d'agosto de 1903

O auctor d'esta carta foi o encarregado pelo arcebispo da diocesse para colher as declarações sobre este facto, debaixo de juramento, e póde observar a simplicidade e sinceridade das pessoas favorecidas com a vista do prodigio. Duas testemunhas, sendo uma o juiz municipal, ambas escolhidas pelo povo para attestar e assignar as sobreditas declarações, asseveraram sob juramento que as condições moraes de todos e de cada um dos que deposeram, assim como a circumstancia de terem presenciado simultaneamente o prodigio, retirando-se para suas casas por caminhos differentes e para aldeias differentes; a alegria e segurança com que elles declaravam o que affirmaram ter visto, sem a menor contradição, não obstante as perguntas que lhes eram feitas,—tudo isto prova d'um modo claro e evidente a certeza do que declaravam. Demais o fructo d'essa missão foi abundantissimo como nunca, o que está a mostrar a realidade do facto narrado que aliás era a crença immemoravel dos habitantes d'aquella parochia.

O sacerdote

... Sublime, mas temivel situação a do sacerdote, vivendo no meio do mundo e não sendo d'este mundo! . , . — Extranho aos negocios do seculo, ao qual com tudo mil laços o ligam . . . — Obrigado a vêr em cada familia a sua propria, sem pertencer a nenhuma . . . Devendo-se a todos, sem direito de se recusar a ninguem . . . — Chamado a curar nos outros as chagas que elle deve ignorar em si mesmo . . . — Não pedindo a seus semelhantes senão que lhe façam conhecer os seus sofrimentos, para lhes deixar os seus prazeres . . . — Sempre prompto a abrir ao desgraçado um coração que elle tem de ter fechado ás paixões . . . — Prompto a ir onde o seu ministerio o chama, feliz da solidão que a sua vocação lhe creou . . . — Indo dos homens a Deus para lhe oferecer as suas orações e de Deus para o homem para lhe anunciar o perdão . . . — Conservando-se assim entre o tempo e a eternidade, o pé sobre a terra onde cumpre a sua missão, a face voltada para o ceu d'onde lhe veem a luz e a força! . . .

Como esta vocação do padre é sublime! Como ella é temivel para a fraqueza humana e quanto é digno da nossa sympathia e dos nossos respeitos aquele, que fiel ao chamamento de Deus a acceita com humildade! O sacerdote é o homem cujo coração comprehendeu o Coração de Jesus e que, a seu exemplo, se sacrifica pela salvação dos homens . . . E, em vista d'isto quem lhe paga a divida de reconhecimento a que tem tantos direitos?

Porque elle nada pede, será isso razão para esquecer esse servo de Deus que, elle tambem, pode ter os seus sofrimentos, suas fraquezas, suas tentações e suas tristezas? . . . As cruzes da sua vida são o dobro das dos outros! . . . Não acordemos a colera divina esquecendo os seus Christos. — Tenhamos deante de Deus o merito e a gloria de ter ajudado esses paes das nossas almas nos seus trabalhos e nas suas provas, de os ter assistido nas suas necessidades, afim de que a nossa ingratidão e as nossas frieza os não forcem a abandonar a nossa porta, *sacudindo o pó de seus pés.*

O nosso jornal é distribuido gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Fátima.

Quem enviar a esta redacção a quantia de dez mil réis terá direito a ser-lhe enviada *A Voz da Fátima* pelo correio durante um ano.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte do n.º anterior	263:900
Composição, impressão e papel de 2:000 exemplares do n.º 2	100:000
Outras despezas	69:970
Soma . .	424:870

Subscripção

Transporte	931:900
D. Maria da Nazareth d'Almeida e Silva	10:000
D. Maria da Conceição Ribeiro	10:000
D. Leonor Manuel (Atalaya)	10:000
Antonio I. Vicente	2:500
José Bernardo	10:000
Dr. J. Gago da Camara . .	10:000
D. Maria José Tinoco Borges	10:000
D. Maria Teresa Moura Pinheiro.	10:000
P.e A. Santos Alves	10:000
P.e Raphael Jacinto	10:000
D. Carolina da Silva Correia de Lacerda Mendes Mimoso . . . , ...	10:000
D. Estephania Maria da Silva Correia de Lacerda Mendes	10:000
Dr. Jose Catarino da Silva Garcez	10:000
Conego Francisco Maria Felix	10:000
D. Matilde Guerra Sampaio	10:000
D. Maria Julia Sampaio Caldas Frazão	10:000
Dr. José Alexandre Caldas Frazão	10:000
D. Maria da Piedade Paiva	10:000
D. Luiza Stadlin.	10:000
D. Maria Salomé Dias Ermida.	10:000
D. Maria do Ceu Ignacio B. Morgado (mensal)	5:000
Esmolas colhidas no dia 13	23:000
Conego F. A. Sequeira . .	12:000
Anonimo	6:000
P.e Miguel Jorge	10:000
P.e Francisco Pereira . . .	15:000
João dos Santos Pereira	20:000
Monsenhor A. M. dos Santos Portugal . . . , . . .	10:000
Dr. Gonçalo d'A. Garreth	10:000
D. Maria das Dores Tavares de Souza	10:000
Julio de Moraes	10:000
D. Elvira Pereira da Silva	2:500
Ignacio Antonio Marques	5:000
P.e João Lopes Gomes . .	10:000
Francisco Telles d'Andrade Ratto	10:000
Leonardo Reis Baião . . .	2:500
D. Maria Rosa Cunhal . .	10:000
Antonio Marques Girão	10:000
A. Rodrigues Pintasilgo	10:000
Julio Gonçalves Ramos . .	10:000
Joaquim Dias Aroso	10:000
Manuel T. de Carvalho. .	10:000
D. Clotilde Raposo de Sousa d'Alte.	10:000
D. Maria Veiga d'Araujo.	10:000
D. Maria do Carmo Raposo de Sousa d'Alte. .	10:000
D. Maria Carlota de Mattos Mancellos d'Aragão.	10:000
P.e Augusto da Silva . . .	10:000
D. Celeste Maria de Souza	10:000
Soma . . .	1.405:400

Ano I LEIRIA, 13 de Janeiro de 1923 N.º 4

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

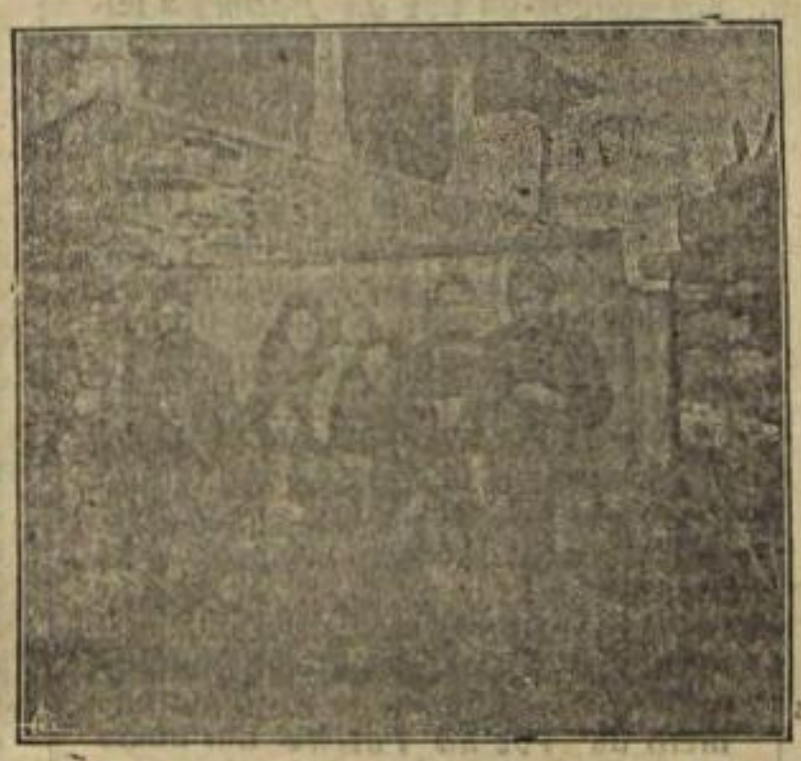
Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Dezembro

Como nos mêses precedentes, realisou-se tambem no dia 13 de Dezembro, na Cova da Iria, a commemoração religiosa dos acontecimentos de Fátima.- Celebrou o santo sacrificio da Missa o rev. Augusto de Sousa Maia, secretario de Sua Excellencia Reverendissima o Senhor Bispo de Leiria, que subiu ao altar improvisado em frente da capéla das apparições á uma hora da tarde (hora official). Podia computar-se em cerca de mil pessôas a assistencia que nesse momento se comprimia em torno da ara do sacrificio. Pertenciam a todas as classes sociaes, mas eram na sua grande maioria humildes filhos do povo. Faz-se silencio profundo, que se mantem durante toda a missa e todos ajoelham na terra fria e humida. A multidão cheia de profundo respeito pela santidade do logar e immersa em piedosissimo recolhimento, eleva sem cessar as suas preces fervorosas para o Ceu. O rev. José do Espirito Santo, parocho do Reguengo do Fétal, sóbe ao pulpito e começa a recitar o terço do rosario, alternadamente com o povo, que interrompe espontaneamente as suas devoções particulares para orar em commum. Ao offertorio a recitação do terço é suspensa por alguns momentos a um signal do rev. parocho de Fátima que, junto do altar, convida as pessôas que desejam receber o Pão dos Anjos a levantar a mão ao alto, para se saber o numero de particulas que é preciso consagrar.

A' communhão, emquanto o celebrante destribue a Sagrada Eucharistia, o povo entôa em côro o *Bemdito*, esse cantico tão christão, tão português e tão popular que nossos paes nos legaram como preciosa herança e que tão sentidamente traduz a devoção da alma nacional ao Augustissimo Sacramento dos nossos altares. Terminada a missa e resadas as ultimas orações, o rev. prior do Reguengo do Fetal prégou um substancioso sermão, que durou quasi três quartos d'hora, tomando para



LUCIA DE JESUS E SUA FAMILIA

thema a invocação «Auxilio dos christãos» da Ladainha Lauretana. Um dos pontos mais notaveis e mais interessantes do seu discurso foi sem duvida aquelle em que demonstrou que a ignorancia da doutrina christã, mesmo nas pessôas mais intelligentes e mais cultas, era a causa mais frequente do atheismo prático e da indifferença em materia de religião.

Após as cerimonias religiosas, uma grande parte da multidão dirigiu-se para junto do pôço recentemente aberto na rocha viva, cerca de quarenta metros em frente da fachada da capéla. O immenso reservatorio está cheio d'agua, a trasbordar, exactamente como no dia 13 do mês anterior. Muitas pessôas enchem com o liquido cristallino numerosos recipientes de varias fórmas e tamanhos.

São já quatro horas da tarde. O povo começa a dispersar. Distribuem-se pelos peregridos centenas de exemplares do terceiro numero da «VOZ DA FATIMA»

Alguns fieis narram commovidamente, num tom de sinceridade irrecusavel e em termos de uma singeleza encantadora, as graças espirituaes extraordinarias e as curas maravilhosas com que dizem ter sido favorecidos pela misericordiosa Rainha do Rosario, sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima.

A's cinco horas subiamos para o automovel que nos esperava na estrada e que, atravez da serra, nos conduziu a Torres Novas, e dalli, depois de jantar, á estação do Entroncamento, onde tomámos o rapido Porto-Lisbôa das nove horas e trinta e cinco minutos da noite.

VISCONDE DE MONTELO

Tornae-vos e permanecei Anjos. Peregrinar como Anjo nesta terra coberta de pó e não ser manchado de sua imundicie, passar por cima de carvões em brasa sem se queimar, atravessar por entre espadas sem se vulnerar, quanto isto é magnifico, quanto isto é desejavel!

Caracter das peregrinações a Fátima

A peregrinação a Fátima no dia 13 de cada mês reveste um caracter inteiramente especial, não se assemelhando de modo nenhum ás romarias e cirios que hoje se fazem em muitos santuarios do nosso paiz e que redundam por via de regra em desprestigio da religião e prejuizo das almas.

Os cirios pagãos do sul e as romarias profanadas do norte não têem nada de analogo nas outras nações, constituindo um triste e vergonhoso monopolio do nosso Portugal nos ultimos tempos. Essas manifestações apparentemente religiosas são muitas vezes simples pretextos para divertimentos e folguedos improprios de christãos que o não sejam apenas de nome. Não raro dão ensejo a scenas repugnantes de embriaguez e devassidão e originam inimizades, desordens e até assassinatos. São innegavelmente symptomas lamentaveis de accentuada e profunda decadencia sob o ponto de vista religioso, que a feição piedosa e grave das peregrinações de origem recente tem procurado deter na sua marcha gradual e progressiva. A Egreja tinha tudo a lucrar e nada a perder com o desaparecimento definitivo da maior parte dessas romagens assim desna-

turadas e desviadas do seu fim primitivo.

Mas em Fátima, a terra do mysterio e do prodigio, já não sucede a mesma cousa.

A lembrança sempre viva das apparições e dos successos maravilhosos de que aquela terra é theatro, a atmosphera saturada de sobrenatural que alli se respira, o temor religioso que insensivelmente se apodera de todos os que se approximam do centro das maiores manifestações periodicas collectivas de indole religiosa que registam os annaes de Portugal impedem a explosão das paixões humanas e conservam a distancia aquelles que por ventura sejam tentados a visitar o local das apparições sem sentimentos de piedade ou pelo menos de respeito. Por isso os peregrinos durante a viagem entregam-se á oração, entoam canticos em honra da Virgem ou guardam um silencio relativo que não exclue a vivacidade natural e innocente de gente moça e a alegria sã das consciencias sem macula.

A's 10 horas da manhã ha,na egreja parochial de Fátima missa, communhão geral e benção do Santissimo, a que os peregrinos devem diligenciar assistir.

O sitio das apparições fica approximadamente a dois kilometros e meio da egreja parochial.

Quando a concorrencia é mais mumerosa e a auctoridade civil não se lembra de pôr embargos, organisa-se uma tocante e vistosa procissão que sahe do vasto e antiquissimo templo em direcção á Cova da Iria. Alli, ao meio dia solar, á hora solemne do contacto mysterioso entre o Ceu e a terra durante as apparições, celebra-se, sempre que o tempo o permitte, uma missa resada, em que se ministra a Santissima Eucharistia, havendo em seguida sermão, que costuma ser prégado nos dias mais solemnes e de maior concurso de povo por um dos mais distinctos ornamentos do pulpito.

Como a egreja da freguesia está á beira da estrada que conduz ao local das apparições, os peregrinos ainda que não se esteja realisando nenhum acto do culto costumam louvavelmente suspender por instantes naquela altura a sua marcha para fazerem uma breve visita a Jesus Sacramentado.

V. DE M.

A pureza comunica ao espirito estabilidade, á alma harmonia de afectos, á fronte serena alegria, aos olhos suave e claro brilho. . .

Superstição

De vez em quando o correio traz a esta ou áquela pessôa, tida por piedosa, um postal ou carta em que se recomenda, ou antes se manda resar uma certa oração e espalha-la por um determinado numero de pessôas; e se assim não fizer lhe ha de suceder alguma desgraça como a um pai que pelo não fazer lhe morreu uma filha unica.

Como agora recrudesceu a propaganda desta superstição avisamos as pessôas sinceramente religiosas que receberem a tal oração, a que lhe não liguem a menor importancia, devendo rasga-la e não a propagar, pois, com os efeitos supersticiosos de premio ou castigo que lhe atribuem, ou é fruto de pessôas ignorantes, que só mal fazem á verdadeira piedade, ou, talvez até de perversas que queiram amesquinhar a propria piedade.

Toda a cautela, pois, é pouca.

Não imaginamos nunca todo o bem que fazemos quando fazemos bem.

As curas da Fátima

Temos hoje o grande prazer espiritual de proporcionar aos numerosos amigos da *Voz da Fátima* a leitura de uma carta em que se narra com encantadora singeleza uma cura sobremodo interessante atribuida á poderosa intercessão de Nossa Senhora do Rosario da Fátima. Trata-se duma creança gravemente enferma, em perigo de morte imminente e julgada por quatro médicos irremediavelmente perdida, que principiou a melhorar e se restabeleceu de todo depois de lhe terem sido ministradas algumas gotas d'agua da Fonte que rebentou no local das apparições. Esta carta foi endereçada em Novembro passado ao ex.mo sr. dr. Eurico Lisbôa, distincto médico ophtalmologista da capital, que se dignou permittir a sua inserção no presente numero da *Voz da Fátima*. Em nome da direcção deste jornal agradecemos reconhecidamente ao ilustre e benemerito homem de sciencia tão penhorante gentileza, que constitue mais uma prova do seu grande interesse e da sua nunca desmentida dedicação pela obra de Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

Publicamos a carta com a redação, orthographia e pontuação da sua piedosa auctora que, sendo de nacionalidade ingleza, se exprime não obstante na lingua de Camões com uma facilidade muito rara em subditos de Sua Magestade Britannica.

E' do teor seguinte:

«2 West 119th Stret New York City N. Y. U. S. America 5-11-1922

Ex.mo Senhor Doutor

Como fiz uma promessa de publicar uma cura se realizasse, venho por este meio pedir a V. Ex.a a fineza de o fazer.

Sou inglesa, tenho vivido em Lisbôa 11 anos, mas como tenho familia em Nova York, resolvi viver com eles. Antes de sair de Lisbôa pedi a uma mulhersinha que é desse sitio de N. S. de Fátima que me mandasse de lá uma pouca de agua, o que ela muito prontamente fez: e juntamente um pouco da mesma terra.

Deixei Lisbôa no dia 20 de Julho passado. Cheguei a Nova York no dia 1 de Agosto no vapor «Canada».

Havia a bordo uma pequenita cujos pais são da Syria mas bons Catholicos. A pequenita adoeceu com a febre typhoid desde o dia 23 ou 24 de Julho. Fez-se tudo quanto foi possivel para a salvar. Havia 4 médicos a bordo, 1 francés que é do proprio vapor «Canada,» 1 Italiano que só era destinado para a colonia Italiana, e 2 médicos portugueses, 1 era empregado para a colonia portuguesa o outro viajava para a Providence para os seus interesses. Esta pobre criança piorava cada vez mais; até que os 4 médicos fizeram junta mais que uma vez; e o resultado foi que não podia viver. Já a pobre criança nem falava, nem conhecia ninguem nem dava sinais de vida. Os pais estavam como doidos; e até parecia-me que o pai chegou a querer atirar-se ao mar quando soube que a filha ia morrer e ser deitada ao mar. Tiveram que o agarrar. Como tinha eu essa agua pedi ao medico se dava licença que a menina bebesse um golinho de cada vez. Ele respondeu-me, póde faze-lo, mas póde crer que está condenada.

Não passa desta noite. A'manhã não verá a luz do dia. E todos os 4 medicos disseram-me o mesmo. Imagine, Senhor doutor, quanto rezei que N. S. de Fátima desse vida a essa pobre inocente, cujos pais estavam como doidos, fóra de si. Metia dó vel-os que resolvi a rezar muito pela pobre criança! Com certeza êles tambem rezavam muito! Só visto! Não é possivel descrever o que se passava a bordo com a anciedade entre as Senhoras pela pobre criancinha. E todos com mêdo que ficavamos de quarentena se a menina morresse a bordo e fosse deitada ao mar. Para finalisar digo-lhe que na noite que a morte vinha roubar os pais da sua filha querida, deilhe a agua, e graças a Deus não morreu mas começou a mostrar melhoras e felizmente desembarcou para continuar o seu tratamento no hospital de Providence.

Como sempre tomei interesse neste caso, escrevi aos pais para dar alguma noticia a respeito dessa menina. Vinha noticias satisfatorias até que ha uns 2 mezes que ela já está bôa de todo.

Prometi de escrever a V. Ex. para a publicação como sei que o Senhor doutor é bom Catolico e tem grande devoção a N. S. de Fátima.

Não mando publicar os nomes porque os pais nem sabem que escrevo ao sr. doutor. Peço que me desculpe se for incomodo.

Sem mais assunto

de V. Ex.a M.to obg.da
(Miss) M. C. BARRES

P. S. *Só depois de tomar a agua de N. S. de Fátima que a menina começou á melhorar. Com toda a certeza foi um milagre.*

Peço desculpa dos borrões e erros mas estou com pressa.—Barres.»

M. de V.

Nosso Senhor a Santa Catarina de Sena a proposito da Santa Comunhão: «se tu filha tiveres acesa uma candeia e todo o mundo chegar a acender luz nela não repartirias a luz e o fogo sem se diminuir? E não te parece que levaria mais luz o que trouxesse uma vela e um cirio maior?»

Como se regenera uma paroquia

A vós, ó Sacerdotes

(Malach I,—6)

O Santo Cura d'Ars pode ser considerado como modêlo dos padres Apostolos da Eucharistia.

Um dia uma pessoa extranha a Ars veio confessar-se ao Santo. Este obteve d'ella, não sem alguma resistencia, que commungaria todos os quinze dias.

Um pouco mais tarde decidiu-a a fazel-o todos os oito dias e depois muitas vezes por semana.

Como ella se queixasse de ser só á Santa Mesa na sua paroquia, Monsenhor Vianney diz-lhe: «Prometeime ganhar alguma de vossas amigas á vossa causa.»

A coisa parecia difficil. Contudo a zeladora conseguiu e depois de algum tempo levava ao seu director duas de suas amigas que tinha conquistado. O Santo diz-lhes: «Dou-vos seis mezes. Voltareis depois mas cada uma ha-de trazer duas ou tres pessoas resolvidas a commungar ao menos em cada domingo.»

Declararam a empresa impossivel mas ao fim de seis mezes voltaram doze: a paroquia estava transformada e o páraco veio pessoalmente a Ars para agradecer ao servo de Deus.

Qual é o páraco (e até muitos leigos) que não possa imitar este exemplo?

Carta interessante

Sr. Director da «Voz da Fátima»

Um devoto da Senhora do Rosario da Fátima, não mandando o coração por não poder, envia todavia o pequeno óbulo de 20$00 (que vai junto) pedindo a V. a fineza de enviar um numero da «Voz da Fátima» durante um ano a A. H. R. — Caixa postal 453—Rio de Janeiro.

Como relato, tenho a satisfação de participar á Redacção de que V. é digno director, que já mares em fóra em pleno Atlantico,—Ilha da Madeira, Câmara de Lobos,—a intercessão carinhosa da Senhora da Fátima se fez sentir:

Trata-se dum pobre pescador que, andando havia um mês na pesca do atum, não tinha ganho um ceitil. Esse pescador por signal era meu Pae.—A esposa em casa, cheia de penúria, prometeu 10$00 á Senhora da Fátima se nesse dia o marido que estava no mar, ganhasse 50$00. Não seria milagre, mas a coincidência de nesse dia (era no mês de Dezembro transacto) ter êle ganho não 50$00 mas 70$00, só ao vóto se deve atribuir, pois o meu Pai contando já os seus 50 anos nunca ganhou tanto num só dia! Tenho presente a carta em que me relataram o facto e, para maior prova, teriam já recebido nessa redação (a não ser que fôsse dirigida ao Rev.mo Páraco da Fátima) a esmola em cumprimento da graça obtida.

...6-1-923 De V. etc.

«Um devoto da Virgem Senhora da Fátima».

TERREMOTOS EM PORTUGAL

Não houve só o de 1755 como muita gente poderá julgar.

Pela nota que a seguir publicamos se verá que o nosso paiz tem sido por varias vezes provado por tremores de terra ás vezes bastante violentos.

A 29 de fevereiro do anno 309 houve um espantoso terremoto em Portugal, cujos effeitos destruidores se pronunciaram em todo o paiz, sendo sentido em quasi toda a Europa.

Em 382 houve outro que se sentiu em quasi todo o mundo, principalmente nas nossas possessões ultramarinas; muitas ilhas fôram submergidas, das quais ainda hoje se veem algumas eminencias em frente do Cabo de S. Vicente.

Em 1033 (29 de junho) succedeu a um eclipse do sol um grande terremoto no nosso paiz, seguindo-se-lhe esterilidade e fome.

Em 1309 (22 de fevereiro) houve um grande terromoto em Portugal, que se propagou a toda a Europa, sendo os estragos causados proporcionaes á extensão da propagação.

Houve outro em 21 de setembro de 1318.

Em 9 de dezembro de 1320 repetiram-se tres vezes os abalos no espaço de tres horas; o primeiro foi grande, o segundo maior, e o terceiro tão violento, que se estendeu a toda a Europa, causando enorme panico.

Em 1344 houve um terremoto em Lisboa, que destruiu a capella mór da Sé, mandada levantar por D. Affonso IV; arruinaram-se muitos edificios e morreu muita gente.

Em 1355 houve dois, e qualquer delles importante: um em 11 de Junho, outro em 4 de agosto. Ambos foram precedidos de sécas enormes.

Em 24 de agosto de 1356 tremeu todo o reino durante um quarto de hora, e tão fortemente, que os sinos tangiam por si mesmos; a capella-mór da Sé de Lisbôa abriu-se, cairam muitas casas, e as que resistiram de pé ficaram arruinadissimas. Durante este anno repetiram-se os abalos varias vezes não só em Portugal, mas em Hespanha e outros paizes. Este terremoto foi muito semelhante ao que soffreu o nosso paiz em 1531 e 1755.

Em 1356 houve um que durou 30 segundos, sem causar estragos. O mesmo aconteceu em 1395.

Em 1504 reinando em Portugal D. Manuel, houve varios abalos violentissimos, que subverteram povoações inteiras e fizeram andar toda a gente fugida pelos campos.

Em 7 de janeiro de 1531 começa a sentir-se grandes tremores de terra em todo o reino, qne obrigaram os moradores das vilas e cidades a sair para os campos. Em Lisbôa foi maior a impressão, e diz-se que nos seus arredores se subverteram muitas povoações.

No dia 26 do mesmo mez foi tão violento o abalo, que lançou a terra muitos palacios, igrejas e mais de 1:500 casas, deixando as restantes inhabitaveis e matando grande numero de pessôas.

Este abalo propagou-se por mais de 60 leguas. O Tejo saiu do seu leito, alagando os campos.

No mar a agitação foi tal que muitos navios foram a pique.

Tambem soffreram muito Santarem, Almeirim, Azambuja e outras povoações.

Em 1551 (28 de janeiro) parecia em Lisbôa que o ar estava em fogo. Choveu agua da côr de sangue e sobreveiu um terremoto, em que cairam mais de 200 casas e morreram mais de 2:000 pessôas.

Em 7 de Junho de 1575 houve novo abalo.

Em 22 de Julho de 1597 caiu em Lisbôa uma grande parte do Monte de Santa Catharina. Este monte era eminente ao Tejo no mesmo sitio em que existe hoje a igreja parochial do mesmo nome. Naquelle local havia 110 moradas de casas, formando tres grandes ruas e um caes de pedra á borda do rio. A's 11 horas da noite daquele dia o monte oscillou e submergiu-se arrastando todas aquellas ruas, que desappareceram num momento.

Não ha memorias que provem ter havido tremor de terra nessa ocasião. São muitas, porém, as opiniões a favor daquelle phenomeno.

Em 7 de agosto do mesmo ano, na ribeira de Alcantara (em Lisboa) reuniram-se com grande ruido dois montes que estavam separados, subindo 60 palmos um valle que os dividia, ficando este depois excedendo em 30 palmos os referidos montes que antes o dominavam.

Em 1598 (8 de julho) tremeu a terra em Lisbôa com tanta violencia, que a gente caia por terra, e as casas tremiam, fazendo cair os moveis. Repetiu-se mais vezes com curto intervallo de tempo e com igual energia.

Neste ano principiou em Lisbôa a peste, que durou 5 annos, matando 80:000 pessôas.

Em 1699 houve muitos fortes tremores de terra, mas sem perigo; o panico era enorme e constante; não houve, porém, estragos.

Em 1722 (27 de dezembro) houve no Algarve um violento tremor de terra, que, apesar da sua pouca duração, causou muitos estragos. Em Villa Nova de Portimão ficaram arruinadas a igreja do Collegio da Companhia, a igreja e convento dos Capuchos. Em Tavira cairam 27 moradas de casas, ficando as restantes arruinadas. Em Faro cairam muitas casas e a torre da Cathedral. Em Loulé ficou destruido o convento dos Capuchos. O castello de Castromarim soffreu muitos estragos.

Este tremor de terra parece ter sido devido a uma erupção submarina entre Faro e Tavira; attribue-se a este fogo subterreneo ao facto de se verem em janeiro e Dezembro as arvores cobertas de folhas e flôres, e pouco depois colheram-se frutos sazonados como no mez de junho.

Depois d'este formidavel abalo, cujos effeitos foram muitissimo desastrosos, seguiu-se um periodo de repouso para Portugal.

Chegou finalmente o anno de 1755, que tão fatal foi para o nosso paiz e para muitos outros, excedendo po-

rém todos os limites os desastres que aqui sucederam.

Desde então outros abalos de terra teem sidos sentidos mas nenhum de tanta intensidade e serios desastres como o de 23 de abril de 1904.

A verdadeira pureza é tambem a luz do teu corpo. Ela comunica-lhe um certo esplendor, reveste-a de dignidade e beleza e imprime-lhe um caracter celestial indescriptivel, que se salienta admiravelmente sobretudo em oposição ao vicio aviltante e abominavel.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	424:870
N.º 3 (na tipografia)	112:500
Outras despezas	26:000
Soma . .	563:370

Subscripção

Dr. J. Coelho Pereira . . .	10:000
D. Maria Carolina Mendonça.	10:000
D. Luiza Vadre Santa Marta (Andaluz).	10:000
D. Maria José de Lemos Queiroz.	10:000
D. Emilia Fernandes Martins de Carvalho	15:000
Dr. Eurico Lisbôa.	20:000
D. Carolina Pinto Mendonça.	10:000
D. Albertina Julia da Silveira Albuquerque. . . .	15:000
D. Maria Antonia Caldas Frazão Pinto da Cruz . . .	10:000
João Sabino Caldas	20:000
D. Maria da Graça Duarte Santos.	12:000
Dr. Weiss d'Oliveira . . .	10:000
D. Maria Bagulho Fernandes.	10:000
Francisco Lefcastre	10:000
Alvaro Sergio Rosa Mela	10:000
Esmolas colhidas no dia 13 de dezembro.	47:350
P.e Miguel Ribeiro de Miranda.	10:000
P.e Abel Alves de Pinho	10:000
D. Alzira Vieira	10:000
João Severino Gago da Camara.	10:000
Agostinho Martinho Vieira	10:000
D. Antonio, Bispo Auxiliar de Coimbra.	10:000
D. Maria de Jesus Oriol Pena.	10:000
P.e Antonio dos Santos	10:000
D. Octavia Marini Garcia	10:000
Ignacio Antonio Marques	2:500
Jeronimo Sampaio	10:000
Cosme Ferreira de Castro	10:000
Maria Ribau	10:000
Um devoto de N. A. (A. H. R.)	20:000
D. Matilde Barreto.	10:000
D. Margarida Manoel Pinto Coelho . . . , ...	10:000
Francisco de Paiva Boleo	5:000
P.e M. J. Rosa Nascimento	10:000

O nosso jornal será destribuido gratuitamente na Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem enviar a esta redacção a quantia de dez mil réis terá direito a ser-lhe enviada a VOZ DA FATIMA, durante um anno.

VIDA INTERNA DE JESUS CHRISTO

Foi descoberto ha pouco pelo Padre Pedro Bergamaschi, director espiritual no seminario de Montefiascone (em Italia), num convento de benedictinas da mesma cidade, um manuscripto da abadessa Maria Cecilia Baii, que ali viveu a partir de 1731, onde se relata a vida interna de Jesus Christo e de S. José, ditada por Elle mesmo á referida serva de Deus.

Estão publicados dois volumes (que temos presente) em italiano referentes á vida *interna* de Jesus Christo tanto na sua vida particular como publica, andando a tratar-se da publicação do volume sobre a vida de S. José. Ao lêl-os como que vamos seguindo o fio de todos os pensamentos do Salvador e sentimos as pulsações do seu Coração adoravel.

Parecendo-nos que poucos leitores do nosso jornalzinho terão conhecimento do assumpto e que neles haverá uma natural e justificada curiosidade e interesse de conhecer o conteúdo das referidas revelações, começaremos hoje a traduzir para aqui alguns capitulos a principiar pelo que diz respeito á conversão de Santa Maria Magdalena para quem foi dita a primeira vez, ao que parece, a tocante e consoladora parabola do Filho Prodigo.

«—*Na Bethania — Com Lazaro e Marta* (vol. II. pag 332) — Tinha muito a peito a salvação daquelas almas que eu já via que tão bem se aproveitariam da minha pregação e da graça.

Por isso dirigi-me com os meus apostolos para *Bethania*, para prégar onde *residia Marta, senhora multo principal e devota*, com *Lazaro seu irmão.*

Tinha tambem muito a peito a conversão de Madalena, sua irmã, que era *muito pecadora e escandalosa. Não habitava porém com elles mas residia num lugar que lhe pertencia não muito longe de Bethania*, para poder, com mais liberdade viver a seu capricho *e ia muitas vezes a Jerusalem para fazer presa dalmas, de que o demonio se servia para fazer cair a incauta juventude nos seus laços.*

Desejava o meu Coração que esta pecadora publica viesse depressa ao arrependimento e por isso andava, como um veado sequioso, pela sua salvação.

Caminhei portanto para Bethania onde ja tinha chegado a fama da minha pregação e onde Marta e Lazaro desejavam muito ver-me e conhecer-me. Entrando, pois, naquela terra com os meus apostolos onde chegámos muito cançados e aflictos em virtude da longa viagem, orei ao Pae e lhe pedi pela conversão daquele povo e algum alimento para os meus apostolos que estavam muito necessitados por continuos sofrimentos e trabalhos. Prometeu-me o Pae que atenderia as minhas suplicas, como fez.

Preguei ali, onde depois da minha entrada se tinha junto já muita gente para vêr-me e ouvir-me e onde estava tambem Lazaro. Ficaram todos admirados da minha divina sabedoria e celestial doutrina e interiormente comovidos com as minhas palavras —que eu lhes apresentava com o costumado zelo e fervor—louvavam o meu Pae por este me ter mandado a elles. Pedi muito por estes ao meu divino Pae para que fossem iluminados e conhecessem a verdade que eu lhes pregava. E efectivamente muitos crêram em mim.

Terminada a predica, quando estava com os meus apostolos conhecidos de Lazaro, vendo este a nossa necessidade de alimento me pediu que fosse a sua casa com elles. Reputando-se indigno de receber-me em sua casa, ganhou no entanto animo para convidar-me vendo a necessidade que tinha. Aceitei o convite *que com tanta humildade me fez.*

Caminhei com os meus apostolos para casa de Lazaro, *onde estava Marta* sua irmã a esperar-me e *fui por ela recebido cortezmente e com grande amor.*

Olhei para Marta com vulto sereno e olhos compassivos, a qual apenas me viu ficou ferida do meu amor e com toda a cortezia me introduziu em sua casa com os meus apostolos.

Conhecendo a necessidade que eu tinha e os meus Apostolos preparou-nos alimento com toda a solicitude.

Antes de comermos fiz um breve discurso sobre as grandezas do meu divino Pae para inflamar no seu amor toda a gente que ali estava e para augmentar em Marta a devoção e fé para com a minha pessoa.

Com este discurso ficaram todos inflamados em amor para com o meu divino Pae e para comigo e eu fiquei muito consolado pela boa vontade que encontrava nos meus ouvintes, principalmente Marta e seu irmão Lazaro, *o qual foi depois meu querido e amado discipulo.* P. (Continúa)

Argumento decisivo

Monsenhor Falliza, vigario apostolico da Noruega, conta esta interessantissima entrevista:

No começo da nossa fundação em Tromsoé, veiu ter commigo um protestante desta cidade e perguntou-me á queima roupa:

—Padre, ainda ha papa?

—Claro que ha, meu amigo, ainda ha um pápa em Roma. A Igreja Chatolica nunca esteve sem chefe.

—Pois, então, inscreva-me já no ról dos catholicos.

—Com muito gosto; mas, porque toma uma resolução tão repentina?

—Nada mais facil de entender. Luthero, fundador da nossa religião, disse: «Eu serei a morte do papa». Ora, se hoje, passados tres seculos e meio, ainda ha pápa, Luthero mentiu, e Deus não escolheu para fundar ou reformar a Igreja «um mentiroso».

Portanto, a obra de Luthero não vale nada e não serve para a salvação de minha alma. Volto por isso á Igreja que Luthero não devia ter traido e abandonado—a Egreja que tem um pápa.

Era claro e logico. O bom protestante fez-se catholico. Com elle voltou á verdadeira fé toda a sua familia e forma hoje o escól da parochia de Tromsoé.

Ano I LEIRIA, 13 de Fevereiro de 1923 N.º 5

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Janeiro

A chuva que cahiu abundante e benefica nos dias que precederam immediatamente o dia 13 de Janeiro fez desistir muitos fieis, sobretudo os que eram de terras distantes, de levar a effeito a piedosa romagem que tinham projectado para esse dia. Tambem nós hesitámos mais de uma vez perante o sacrificio que a peregrinação a Fátima debaixo de chuva representava e só na vespera, ao vermos o tempo melhorar e o sol brilhar num ceu sem nuvens, cortámos por todas as hesitações e tomámos definitivamente a resolução de partir. E não ficariamos bem com a nossa consciencia se não fizessemos o que o nosso coração nos pedia. Quem ao menos uma vez foi a Fátima e se embebeu na atmosphera que alli se respira, quer em dia de grandes manifestações, como em 13 de Maio e em 13 de Outubro, quer mesmo em dia de diminuta concorrencia, como durante os mêses frios e chuvosos do inverno, sente a necessidade irreprimivel e quasi o dever de lá voltar no dia 13 de cada mês, por maiores que sejam os incommodos que tenha de soffrer, se obrigações imperiosas não obstam á realisação de tão consoladora viagem.

Foi, pois, em face da dupla perspectiva de satisfazermos uma dôce aspiração da nossa alma e de emprehendermos de novo a peregrinação a Fátima em condições favoraveis de tempo que tomámos o comboio da manhã do dia 12 em direcção a Torres Novas, onde jantamos e donde seguimos á noite para o Pedrogam.

Dalli partimos ás dez horas da manhã do dia seguinte, depois de ouvirmos missa, para a Fátima, atravessando a serra d'Ayre. O dia estava esplendido. Não se divisava uma nuvem no firmamento, não soprava a mais ligeira brisa, e o sol, diffundindo thesouros de luz acariciadora, aquecia o ambiente communicando-lhe uma temperatura só propria dos dias tepidos da Primavera e do Outomno.

De vez em quando encontramos na subida da serra pequenos ranchos

Fachada da historica egreja da Graça de Santarem
onde repousam os despojos do insigne descobridor Pedro Alvares Cabral

de homens e mulheres que se dirigem, a pé ou a cavallo, para a Fátima. A's onze horas e meia transpunhamos a orla do planalto de Boleiros. Dahi em diante a estrada já não é tão ingreme e tão accidentada.

Um rapaz dos seus quinze annos, vestido decentemente, approxima-se do nosso carro, pedalando na sua bycicleta. Terminára como nós a ascensão da serra e estava offegante e exhausto de cansaço. Discretamente interpellado ácerca do objectivo da sua viagem feita em condições tão incommodas, respondeu que tinha vindo de Lisbôa na vespera e seguia em direcção a Fátima a fim de ir buscar agua á fonte das apparições para seu pae que se achava gravemente enfermo. Eram sobremodo commovedoras a fé religiosa e a piedade filial que o levavam a emprehender uma viagem tão longa e tão fatigante na esperança de proporcionar remedio ou lenitivo aos males do estremecido auctor dos seus dias.

Entretanto atravessámos o Bairro, a Amoreira, Boleiros e Montello e chegámos ao pé da egreja parochial de Fátima. E' quasi meio dia e meia hora.

A partir daquelle ponto, nos tres kilometros de estrada que ainda nos resta percorrer, os peregrinos retardatarios são mais numerosos. Passámos junto do pae do Francisco e da Jacinta, os dois videntes que morreram victimas da epidemia broncopneumonica de 1918. Da estrada avistamos o local das apparições. Cerca de duas mil pessôas rodeiam a capella commemorativa das apparições que, bastante damnificada pelo attentado dynamitista de Março do anno passado, tinha sido restaurada depois do dia 13 de Dezembro ultimo. A' 1 hora official principia a santa missa, rezada pelo rev. parocho de Fátima.

Ao mesmo tempo sóbe ao pulpito o rev. parocho de Ourem, enicia logo a recitação do terço em commum. A multidão, atenta e devota, ora com fervor. A' elevação, interrompe-se a reza do terço, fazem-se as invocações de Lourdes e em seguida canta-se o *Salutaris*. As préces sublimes do *Psalterio de Maria* continuam a elevar-se para o Ceu. Entretanto de todos os pontos vem accorrendo novos peregrinos. Approxima-se o momento solemne da communhão. O respeito, o silencio e o recolhimento tornam-se ainda mais profundos. Dezenas de fieis de ambos os sexos preparam-se para alimentar as suas almas com o Pão dos Anjos. Começa a distribuir-se a Sagrada Eucharistia.

A multidão, em unisono, entôa o popular e commovente «Bemdito e louvado seja». E n'uma interrupção rapida, o ministro do Altissimo, com uma voz sentida e brilhante, repete do alto do pulpito, as bellas e piedosas invocações de Lourdes: «Senhor, nós vos amamos! Senhor, nós Vos adoramos! Vós sois Jesus Christo, o Filho de Deus vivo!

Vós sois a resurreição e a vida!

Senhor, se quizerdes, Vós podeis curar-me! Senhor, dizei uma só palavra e eu serei salvo! Jesus, Filho de David, tende piedade de nós!»

Terminada a missa, o rev. parocho de Ourem principia o sermão tomando para thema as palavras *Dominare*

nos tu et Filins tuus do livro dos Juizes, c. VIII, v. 22. Falla das virtudes da Santissima Virgem, do prestigio que Ella exerce sôbre as nossas almas, da necessidade que temos de a imitar. Conclue declarando ter prégado o sermão em acção de graças por um beneficio extraordinario que um fiel presente obteve da poderosa Rainha do Ceu.

Depois do sermão retira-se a maior parte dos peregrinos, ficando apenas alguns grupos de devotos a rezar junto da capella ou a encher recipientes com agua da fonte maravilhosa até que, proferindo uma ultima préce e dizendo um adeus derradeiro á formosa imagem da Virgem do Rosario, se põem tambem a caminho das suas terras, cheios de saudade dos momentos ditosos passados naquele verdadeiro cantinho do Paraiso.

VISCONDE DE MONTELLO

O projecto dos sanctuarios

A piedade dos fieis deseja ardentemente levantar no local das apparições um monumento grandioso em honra da Augusta Mãe de Deus.

O projecto acolhido com mais enthusiasmo é o da construcção de um templo no cimo do outeiro que domina a Cova da Iria, no sitio onde os videntes dizem ter-se dado a primeira apparição, e de quatorze capellas ladeando uma avenida que conduza da estrada districtal até ao templo-monumento. Este será dedicado á coroação de Nossa Senhora e as capellas aos outros mysterios do Rosario.

Para estas obras era absolutamente indispensavel encontrar agua. Mas num raio de muitos kilometros não apparece agua na Fátima senão em pequena quantidade e proveniente da chuva recolhida em charcos e cisternas. Por isso uma comissão de habitantes daquella povoação tomou a iniciativa de mandar proceder a sondagens nos terrenos adjacentes á capella commemorativa das apparições.

A primeira sondagem foi feita em 9 de Novembro de 1921, depois da primeira missa campal, á distancia de quarenta metros da capella. Tendo começado os trabalhos de manhã, ao meio dia já todos os operarios saciavam a sêde com a agua que jorrou abundante da rocha viva. Nos ultimos mêses de verão a agua quasi desappareceu, depois que recomeçaram os trabalhos destinados a tornar maior a capacidade do poço, vendo-se apenas lacrimejar uma das paredes. Em principios de Novembro de 1922, concluidas as obras do poço, que tem agora muitos metros de profundidade, a agua limpida da nascente, rebentando com força, em seguida ás primeiras chuvas do Outomno, encheu completamente o vasto reservatorio, como tiveram occasião de verificar os numerosos fieis que em 13 desse mês visitaram o logar das apparições.

V. DE M.

AS APPARIÇÕES DE LOURDES

I

Bernadette

Lourdes é uma pequena cidade dos Altos Pyreneus, graciosamente reclinada num oasis de verdura, em torno duma vetusta fortaleza que da encosta da montanha parece querer despenhar-se sobre ella e esmagá-la com o peso formidavel da sua mole gigantesca.

Ao longe, na direcção do Occidente, avista-se a flecha aeria da Basilica que semelha um dedo esguio apontando para o Ceu.

A egreja, branca como neve e assente no flanco de enormes rochedos, é já por si uma apparição que enche de alegria e esperança quem a contempla illuminado pela fé.

Encanto e maravilha para os olhos, é-o ainda mais para a alma que se lembra de que dalli, daquelle logar bemdito, a Mãe de Deus viu esta formosa paisagem, esta natureza deslumbrante, as ondas azuladas do Gave e todas estas alegres montanhas, polvilhadas de luz. As collinas que servem de moldura á pequena cidade e a tantas recordações formam os ultimos contrafortes dos Pyrineus que veem expirar na planicie. Ellas já não teem a rigidez nem a aspereza da cadeia de montanhas, descendo em suave declive e arredondando os seus cabeços maravilhosamente entrelaçados.

O Gave de Pau curva-se e fórma quasi um semi-circulo para ir osculer a base do velho castello e receber a leste o ribeiro de Lapaca, depois corre em linha recta e passa rapidamente em frente da montanha das Espeluncas, assim chamadas por causa das numerosas cavernas abertas nos seus flancos. Outrora chegava até muito perto da gruta de Massabielle, que dava sôbre a margem direita no mesmo sitio em que o canal do Savy, misturado com o ribeiro de Merlasse, que se despenha da collina, vinha perder-se nas suas aguas limpidas e transparentes.

O Lapaca fazia trabalhar varios moinhos, entre os quaes o moinho de *Boly*, que estava sendo explorado havia muito tempo pela familia Castérot. Em 1841 o chefe desta familia, Justino Castérot, falleceu, deixando quatro filhas e um filho, João Maria. A mais velha, Bernarda, era casada com um honrado operario de Lourdes, a segunda, Luiza, que tinha dezaseis annos, resolveu mudar de estado para explorar o moinho. Escolheu para seu marido Francisco Soubirous, jovem moleiro, que não tinha outra fortuna senão os seus braços. O casamento realizou-se na egreja parochial de Lourdes a 9 de Janeiro de 1843.

Tendo-lhe a Providencia dado por esposa uma donzella que possuia alguns bens de fortuna, Soubirous julgou-se rico e tornou-se descuidado no governo da casa. Indolente por natureza, vigiando mal o fabrico, fornecendo quasi só farinhas defeituosas e, para mais, pouco affavel e insinuante, perdeu muito depressa a sua clientela.

Luiza parecia não dar por isso, não tendo feito nada para suspender esta marcha vertiginosa para a ruima. Por outro lado os filhos tinham-se tornado numerosos em poucos annos. O mais velho, uma menina, nasceu a 7 de Janeiro de 1844 e recebeu no dia seguinte no baptismo o nome predestinado de Bernadette, ou filha de S. Bernardo. Foi madrinha sua tia Bernarda. Ella foi acolhida com alegria, porque a casa estava ainda prospera, realisando-se uma grande festa no moinho por motivo de tão fausto acontecimento. Seis mêses mais tarde Luiza conheceu que Deus a havia abençoado de novo e teve de deixar de amamentar a filha. Uma mulher de Bartrés—aldeia que ficava muito perto de Lourdes— Maria Aravant, que perdera pouco antes um filhinho de poucas semanas, tomou conta da Bernadette e levou-a comsigo para a sua terra.

Depois de a ter conservado em seu poder durante quinze mêses, a ama restituiu-a á vida de familia, mas dedicou sempre grande affeição a esta menina que ella alimentara com o seu leite.

Bernardette era de compleição debil, de saúde enfermiça e estava já atacada de asthma que bastante a opprimia. Crises de tosse frequentes sacudiam e devastavam o seu pequenino e delicado peito, e os paes, que começavam a sentir as angustias da miseria, careciam dos meios necessarios para lhe proporcionar uma alimentação substancial que era incompativel com os seus humildes recursos. A ruina da casa consumava-se pouco a pouco. Em 1855 Francisco Soubirous não podendo pagar a renda do moinho do Boly teve de ceder o logar a outro mais diligente. Então alugou no bairro de Lapaca um casebre, para onde foi morar com os seus seis filhos. Pessoalmente a sua situação agravou-se tambem. Dahi em diante viu-se obrigado a trabalhar a dias, expiando assim duramente a sua lamentavel imprevidencia. Mas a pobreza tornou-se ainda maior e attingiu taes proporções que elle teve de se refugiar na antiga casa de detenção, chamada o *carcere* e situada na rua dos Pequenos Fossos. Esta casa deshabitada que ninguem queria por causa das tristes recordações que evocava, pertencia a André Sajous, parente de Luiza. Esta circunstancia animou Francisco a pedi-la para habitar; foi-lhe cedida gratuitamente e nella installou-se com sua infeliz familia. Era uma habitação escura e insalubre feita para os presos. Assim a pobre Bernadette conheceu ainda muito nova o que quer que seja das angustias e das privações da gruta de Belem.

Todavia os paes tinham continuado a ser pessôas honradas, christãos cumpridores dos seus deveres e conformavam-se nobremente com a sua dolorosa situação, não acusando ninguem e atribuindo unicamente a si proprios, a infelicidade do seu viver.

Francisco entregava-se agora com ardor ao trabalho e, vendo a filha mais velha doente, abatida e tiritando de frio, queria que ella vestisse

com mais agasalho do que as outras; em vez das papas de milho que constituiam a refeição da familia, comprava-lhe bom pão de trigo e até um pouco de vinho em que a mãe tinha o cuidado de deitar umas colheres de assucar. Estas preferencias, por mais justificadas que fôssem, eram a causa de pequeninas invejas e despeitos que na ausencia dos paes se traduziam por verdadeiras perseguições. A humilde e encantadora creança, dotada de uma doçura e mansidão sem egual, deixava ordinariamente ás irmãs e ao irmãosinho o seu quinhão privilegiado e sobretudo não se queixava nunca ao pae.

(Versão do francez)

A QUARESMA

A Quaresma, commemorando os quarenta dias e quarenta noites que Jesus Christo, em seguida ao seu baptismo no Jordão, passára no deserto, abre-nos um periodo de penitencia, purificação e preparação para a festa da Paschoa. Segundo S. Jeronymo, o numero 40 anda associado á idea de pena e afflicção. Durante quarenta dias e quarenta noites cairam as chuvas do diluvio, durante quarenta annos peregrinou o povo hebreu pelo deserto, em castigo de sua ingratidão. Quarenta dias esteve o propheta Ezequiel, por ordem do Senhor, deitado sôbre o seu lado direito, para figurar um cêrco, que havia de ser seguido da ruina de Jerusalem.

A Quaresma offerece-nos um meio efficaz para aplacarmos a colera de Deus e purificarmos as nossas almas.

O principio da penitencia verdadeira está no coração. Recordemos os exemplos do Filho prodigo, da Peccadora, do publicano Zacheu e de S. Pedro. Partindo porém do coração, sob o impulso da graça, a penitencia ha de traduzir-se em actos exteriores de abstinencia e mortificação, a exemplo de Jesus Christo e conforme os preceitos da Egreja. Assim como sob o nome de *jejum* a Egreja comprehende todas as obras de mortificação christã, tambem sob o nome de *oração* abrange todos os piedosos exercicios com que o christão se dirige a Deus. A frequencia mais assidua do templo, a assistencia ao santo Sacrificio, as leituras piedosas, a meditação das grandes verdades da salvação e dos soffrimentos do Redemptor, o exame de consciencia, assistencia ás prégações, a recepção dos sacramentos da Penitencia e da Eucharistia,—eis os principais meios de santificação comprehendidos na oração.

No tempo da Quaresma, o christão unir-se-ha, logo desde que despertar, á santa Egreja, que começa os psalmos de *Laudes* por estas palavras do Rei-Propheta: *Tende compaixão de mim, ó Deus, segundo a vossa grande misericordia. — Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam Tuam.*

Afinal nós só transformamos o mundo, na medida em que nos transformamos a nós mesmos. Para que o fogo se propague, é preciso que ele arda em nós. Com uma candeia apagada não se acende outra.

AS CURAS DA FÁTIMA

Carta do Exmo Sr. D. José Maria de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte)

«... Sr. Com os meus respeitosos cumprimentos, vou apresentar a V. o relatorio, que talvez se não possa chamar milagre, mas que foi um grande favor e uma grande graça que N. Senhora fez a um meu conterraneo que aqui habita em Otta, que tem ido muitas vezes á Cova da Iria e propagado muito aqui a devoção a N. Senhora do Rosario da Fátima. Segue o relatorio feito por elle e que para aqui copio *ipsis verbis:*

«Dia 12 de julho de 1922. Indo eu a Fátima torci um pé dando uma grande queda sobre uns pedregulhos no caminho para Vila Nova d'Ourem onde cheguei em muletas para as quais apropriei uns paus que me emprestaram.

No dia seguinte, 13, dirigi-me para a Cova da Iria onde apareceu N. Senhora do Rosario minha madrinha, e pedindo-lhe que me melhorasse, dei um banho ao pé na agua do poço, achando rapidas melhoras. Comecei logo a andar sem muletas. Poucos momentos depois chega a imagem de N. Senhora do Rosario em procissão e nesta occasião voltando a banhar o pé fiquei quasi bom. Depois de agradecer a N. Senhora segui para Vila Nova d'Ourem onde entrei sem muletas, o que causou a admiração de muitas centenas de pessôas que me viram ... *José Ramalho.*»

Outra carta (da Ex.ma Sr.a Dona Laura de Avelar e Silva, da Quinta da Commenda—Alcanhões):

«21 d'Outubro.

... Sr.

... Somos umas crentes e apaixonadas da Fátima, pois tendo recorrido já por duas vezes em grandes aflições a N. Senhora da Fátima, fomos de pronto socorridas. Uma vez quando de doença grave de uma sobrinhinha, que mal começou a tomar a agua vinda da Fátima começou sentindo consideraveis melhoras e já foi no dia 13 á Fátima a agradecer a Nossa Senhora o tel-a curado.

De outra vez, fez precisamente no no dia 13 cinco annos, quando nos dirigiamos para Fátima estivemos prestes a ser victimas de um grave desastre de automovel, invocamos logo Nossa Senhora do Rosario da Fátima e immediatamente ficamos salvas.

Todos os que viram o que se passou e as pessôas que teem passado ao local, e sabem o perigo iminente em que estivemos, são unanimes em dizer que só por milagre escapámos.

Já vê V ... que não podemos deixar de ser devotos de Nossa Senhora da Fátima!»

«... Sr.

Pedindo mil desculpas de me tornar tão maçadora vou pedir a V ... que publique na *Voz da Fátima* mais uma graça alcançada pela agua que eu de lá trouxe em maio.

Um vizinho meu com uma pneumonia dupla desenganado pelo Sr. Dr. Leal, da Lourinhã, estava na ultima, já tinha aflição na garganta. A pobre mãe já lhe não queria dar remedio algum porque o seu filho estava prompto. Eu disse-lhe que era bom dar-lho porque emquanto havia vida havia esperança.

Depois vi tudo tão aflito por causa do filho que estava prestes a partir d'este vale de lagrimas e falei com a madrinha do doente e disse-lhe que se tivessem fé verdadeira lhe dava uma gotinha da agua de Nossa Senhora. Responderam-me logo que sim. Vim a minha casa e levei a agua á madrinha e tia d'elle que foi logo dar-lh'a. O doente bebeu e respondeu que aquela agua era benta, que antes queria da da fonte que a gente gasta.

Naturalmente extranhou o gôsto. Disse eu á madrinha que logo que o doente bebesse água, resasse tres Avé Marias a Nossa Senhora com muita devoção e eu vim para minha casa e comecei a fazer uma novena a Santa Rita de Cacia por intenção da Senhora do Rosario da Fátima e se o doente melhorasse mandar dizer uma Missa a Nossa Senhora.

Não sei se a mande dizer ou se mande o dinheiro para a Fátima ... etc.

Estrada (Athouguia da Baleia).

Celeste Maria de Souza»

SE MEDITASSEMOS UM POUCO...

Que admiravel é o systema solar! O sol é o seu centro. Em volta delle gravitam oito grandes planetas e em volta destes giram varios satelites. Atravessando os orbitas planetarias, os cometas percorrem o espaço em diversas direcções.

O sol tem em volume 1.404:828 vezes maior que o da terra. A sua distancia desta é de 38 milhões de leguas e a dos outros planetas que giram em volta delle, varia entre 15 milhões (Mercurio) e 1:147 milhões de leguas (Neptumo). Este planeta gasta cerca de 164 annos e meio a dar uma volta á roda do sol. Urano, 84 annos; Saturno, 29 annos; Jupiter 11 annos, etc.

O espaço que o systema solar occupa no ceu é de 7 milhões de leguas.

E, todavia, o nosso mundo é apenas um ponto no espaço, uma unidade no complexo dos mundos.

O telescopio revela-nos que cada estrela é o centro de outros systemas; e existem milhões de estrelas!

A distancia e as dimensões destes milhões de mundos espantam a nossa imaginação!

A luz percorre 77:000 leguas cada segundo e todavia o *alpha* do *Centauro*, que é o mais proximo nós, gastou trez annos e oito mez para fazer chegar até nós a sua luz. A estrella polar gastou 55 annos. As mais remotas, visiveis a nossos olhos, empregaram 2:700 annos!

E comtudo, estes mundos innumeraveis, lançados no espaço com uma ce-

leridade tão prodigiosa e com direcções tão diversas formam um acordo e harmonia assombrosa!

Como nós somos pequeninos!

Todos que se dizem cristãos são sinceros com eles mesmos? E' cristão quem não vive cristãmente? A sua profissão publica de fé não será uma espécie de hipocrisia, pois desmentem com a vida o que professam com a bôca? . . .

Se o nosso catolicismo fôsse desta raça, seria estéril,—como flores artificiais que não chegam a produzir semente.

Traz-se ás vezes o catolicismo nas atitudes, como uma flor rara ao peito—porque é elegante. Clama-se, e com razão, contra a falta de liberdades religiosas, mas não se usam as que se têm, indo por exemplo á Missa...

Deus é muito santo, para ser um objecto de adorno. Quem crê nEle, rende-se-Lhe todo. Pela fé cristã dá-se um passo fatal que nos lança na ... *Vida Extraordinária*. Quem vive em Deus, não mais vive em si. A Vida *divina* e a vida banal excluem-se.

Fé em Deus

Via-se, ha tempo, um rapasinho sentado á beira da estrada em frente dum britador de pedra.

—O' rapaz, grita o cantoneiro, já te disse que não te ponhas adeante de mim que podes levar com algum estilhaço de pedra.

—E' que eu, disse o rapaz, queria vêr isso que vocemecê traz ao pescoço. Para que traz esse dinheiro ao pescoço, tio João?

—Isto não é dinheiro, homem. E' uma medalha que trago para que Deus me ajude e me defenda, meu rapaz.

—Meu pae está sempre a dizer que não ha Deus e que tudo isso é uma historia.

—Sim? Elle diz isso?

E apanhando um calhau dá-o ao rapaz dizendo-lhe: toma, leva esta pedra a teu pae e diz-lhe que faça outra como ella.

«Matosinhos, 4 de Fevereiro de 1923.

... Sr.

Se V. julgar que a tradução que envio do belo cantico *Ave, Maris Stella*, é digno de figurar nas colunas da «Voz da Fátima», dar-me-ha nisso muita honra.

Já tem sido cantado na egreja matriz da minha terra, e espero que, graças á boa vontade de um eclesiastico meu amigo, se tornará brevemente popular nesta vila.

E' entoando este cantico liturgico que os pescadores bretões, que vão para a Islandia ou para a Terra Nova, levantam ferro e desfraldam as velas, depois duma procissão e da benção lançada pelo páraco, de cima do cais. Não seria belo ver o mesmo costume introduzido em Portugal, paiz de marinheiros e terra de Santa Maria?

Não seria comovente ouvi-lo entoado pelos peregrinos de Fátima?

Não traduz ele melhor que tantos outros o pedido de auxilio á Mãe de Deus, auxilio de que hoje mais que nunca necessitamos?

Qualquer que seja o acolhimento que V. faça ao meu modesto trabalho, terei sempre a consolação de ter querido contribuir para avivar a devoção a N. S. de Fátima, á Qual creio dever já graças preciosas.

Com a maior consideração.

De V. etc.

J. D. de Sousa Aroso

AVE, MARIS STELLA!

Avé, Estrela do mar,
O' santa Mãe de Deus,
Imaculada Virgem,
Feliz porta dos ceus.

Do archanjo Gabriel
Tu has aceitado o Ave:
Trocando de Eva o nome
Por outro mais suave,

Aos reus desata os vinculos,
Concede aos cegos luz,
Dissipa os nossos males.
Impetra bens a flux.

Confirma-nos na paz,
O' Mãe, mostra que és mãe!
Sê-nos refugio e amparo
Na senda árdua do bem.

Por ti as nossas preces
Se digne de aceitar
Teu Filho, que por nós
Se quiz sacrificar.

O' Virgem singular,
Da culpa nos isenta.
O amor da castidade,
Da paz em nós aumenta.

Que emfim junto de Ti
Modelo de humildade,
Alegres nós cantemos
Jesus na eternidade.

Ao Padre seja gloria,
Gloria a Christo tambem,
Gloria ao 'Spirito Santo,
Por todo o sempre, Amen.

J. D. de Sousa Aroso

(Com a aprovação do Ex.mo Rev.mo Senhor Bispo de Leiria).

ESPERANDO O CEU ...

Uma só coisa me acalma, uma só me sustem: é a Comunhão. Deus faz-me sentir que é o soberano Consolador, o unico apoio duma alma doente.

Ah! sem isto que iria acontecer. Que fazer dum coração desolado e bastante fraco para se escapar a todo o momento para as creaturas? Se Deus o não guarda está perdido.

Comprehendo o desespero sem a Communhão: mas com ella, com esta divina assistencia tudo muda em nós. Não soffremos menos mas soffremos christãmente; sofre-se em Deus e por Deus; sofre-se amando, o que adoça tudo... esperando o Ceu.

EUGÈNE DE GUERIN

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	563:370
Com o n.º 4 (tipografia)	130:000
Outras despezas (sêlos etc.)	21:000
Soma . . .	714:370

Subscripção

(Continuação)

Dr. Weiss d'Oliveira (2.ª vez)	10:000
Colhidas no dia 13 de janeiro	29:890
D. Maria d'Apresentação David Gonçalves	10:000
D. Carolina da Conceiceição Silva	5:000
Manuel Lucio d'Andrade	2:500
D. Laura Teixeira Correia Branco	10:000
Manuel Joaquim d'Oliveira	10:000
Dr. Francisco Falcão . .	10:000
D. Angelica Pereira . . .	10:000
D. Marianna Augusta Chaves	10:000
D. Maria da Conceição Norberto	10:000
D. Maria do Gloria Magalhães Freire Caeiro da Matta	15:000
P.e Francisco Maria da Silva	10:000
D. Maria Jose Caldeira Marques	5;000
João Taveira Sarmento	5:000
D. Balbina Alvarez Rubiños de Dominguez . .	10:000
D. Eliza Coelho Marques	10:000
D. Clementina Maria Reis e Silva	10:000
P.e Antonio Carreira Bonifacio	10:000
D. Maria do Carmo Pessoa	10.000
D. Casimira da Luz Fonseca	10.000
D. Agueda Rosa Gomes	10:000
Antonio Antunes Mota	10:000
P.e Antonio Carreira Poças	10:000
D. Izabel Virginia Ribeiro da Costa	10:000
P.e Joaquim Duarte Alexandre	10:000
D. Ignacia de Moura Coutinho da Silveira Montenegro . . : . .	10:000
Firmiano José Alves . . ,	10:000
D. Rosa Isabel Vasconcelos Galvão Baptista . .	10:000
Dr. João Mendes de Vasconcelos	50:000
D. Celeste Maria de Souza	2:500
Um anonimo	2:500
Antonia da Conceição . .	2:500

AVISO

Só teem direito a receber durante um ano pelo correio a VOZ DA FÁTIMA as pessôas que nos enviarem a quantia de dez mil réis. Não mandamos fazer cobrança pelo correio.

Alguns subscriptores se teem queixado de não receberem o jornal. Não é nossa a culpa pois que temos feito a expedição com todo o cuidado. Voltaremos a enviar os numeros publicados ás pessôas que o desejarem e nos avisarem de que não receberam a primeira remessa.

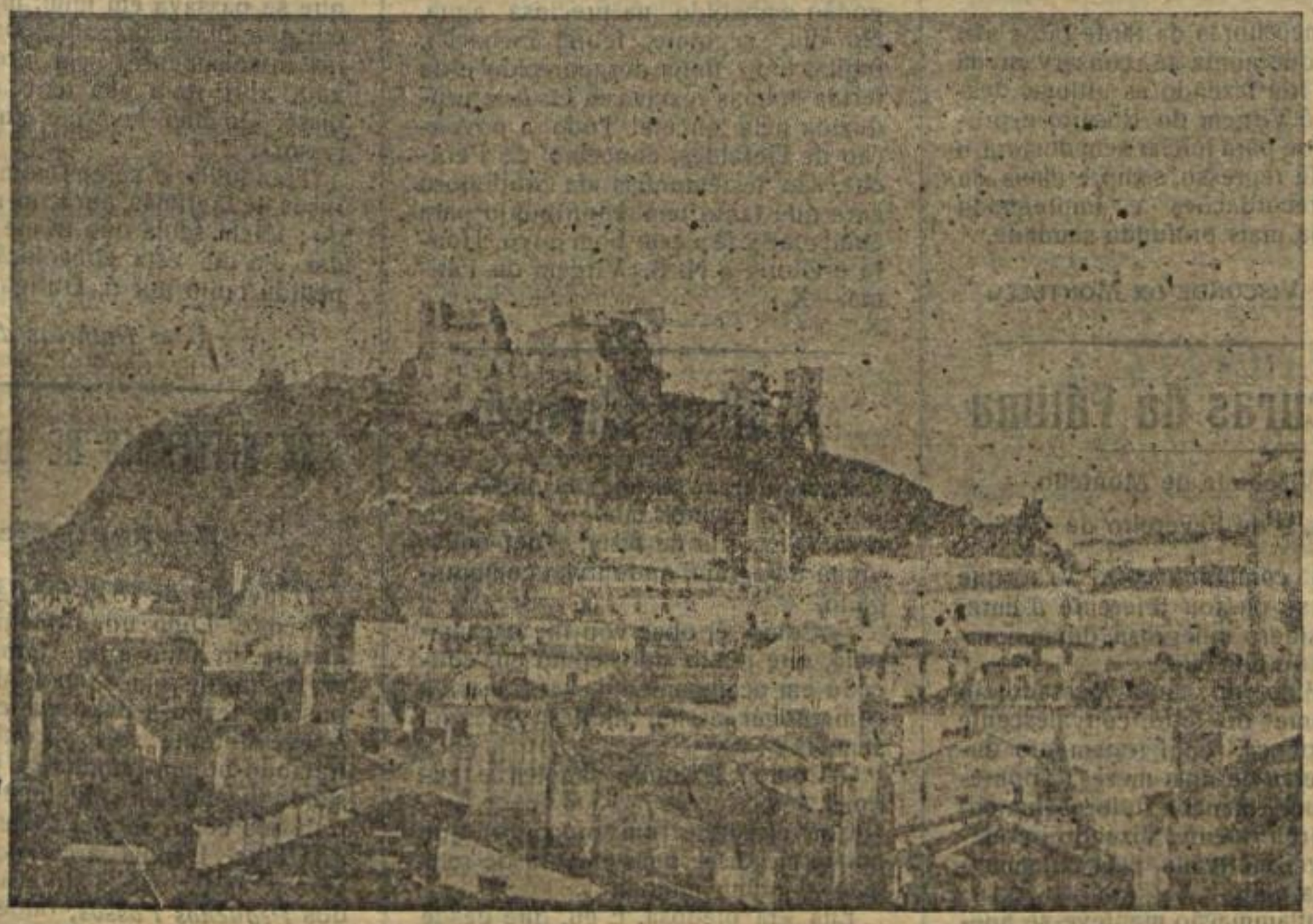
Ano I LEIRIA, 13 de Março de 1923 N.º 6

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)



LEIRIA — Vista parcial

13 de Fevereiro

O dia 13 de Fevereiro amanheceu risonho e esplendido, embora sensivelmente frio, porque durante a noite cahira uma forte camada de geada que ensopava ainda os campos e os caminhos.

A's oito horas o sol brilhava com vivo fulgor no horisonte distante, tornando o ambiente tepido e agradavel como num dos dias mais amenos e formosos da primavera. No firmamento não se exergava uma unica nuvem e apenas uma leve aragem agitava brandamente e a espaços as folhas mais altas das arvores da montanha.

Toda a manhã numerosos peregrinos accorreram ao local das apparições, retirando uns depois de satisfeita a sua devoção, ficando outros, a maior parte, para assistir á missa campal.

Um peregrino de Castello Branco chegado na vespera á tarde, movido por espirito de penitencia, tinha feito junto da capella uma desconfortavel cama de matto, onde passara a noite ao frio e ao relento.

A missa que foi celebrada pelo rev. dr. Manuel Nunes Formigão, professor do Seminario de Santarem, começou ao meio dia e meia hora.

Estavam presentes cerca de duas mil pessôas, numero igual ao do dia treze de Janeiro. A attenção, o recolhimento e o fervor da assistencia commoviam e edificavam profundamente. O rev. parocho da Fátima, logo que o celebrante proferiu as primeiras palavras do santo sacrificio, começou a recitar o terço alternadamente com o povo.

Essa recitação foi interrompida por varias vezes para se cantarem os canticos piedosos e emocionantes do costume. A' elevação fizeram-se as invocações de Lourdes. A sagrada communhão foi distribuida a mais de cincoenta pessôas. No fim da missa o rev. parocho da Fátima, annunciou que não havia sermão, aproveitando o ensejo para fazer diversos avisos e recommendações e pronunciar quasi sem o pretender, uma sentida e commovente allocução sobre a Santissima Virgem, e a virtude da penitencia e mortificação christã. Entre as admoestações que fez, uma das mais importantes dizia respeito á venda de artigos de toda e qualquer natureza dentro do recinto sagrado. E' absolutamente prohibida toda a especie de commercio naquelle local, como repetidas vezes tem sido notificado aos fieis pela auctoridade ecclesiastica, de viva voz e por escripto. Depois do sermão muitos peregrinos vão prover-se de agua da fon-

te maravilhosa, a cuja influencia salutar se atribuem curas extraordinarias. Outros procuram lugares apropriados, longe do recinto das apparições, para comerem tranquillamente os seus farneis. Alguns, formando grupos, ouvem com attenção e interesse o relato de prodigios que se dizem devidos á intercessão de Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

Mas uma grande multidão estaciona ainda por muito tempo em frente da capella commemorativa das apparições erguendo ao Ceu as suas suplicas ou offerecendo os seus *ex-votos*. Algumas pessôas, em cumprimento de promessas, dirigem-se de joelhos para a capella ou andam em torno della uma ou mais vezes, tambem de joelhos.

A «Voz da Fátima» que se distribue com profusão e gratuitamente, é procurada e lida com a avidez do costume.

A's cinco horas da tarde raros são os fieis que ainda se conservam na Cova da Iria fazendo as ultimas despedidas á Virgem do Rosario e preparando-se para iniciar sem demora a viagem de regresso, sempre cheia de gratas recordações e impregnada sempre da mais profunda saudade.

VISCONDE DE MONTELLO

As curas da Fátima

. . . Sr. Visconde de Montello.

Lisbôa, 9 de Fevereiro de 1923.

Venho communicar a V. o que comigo se passou referente á cura, que considero milagrosa, duma complicação de phlebite.

Em Maio do anno passado, ao levantar-me do leito, convalescente dessa doença, cujo tratamento demorou cerca de dois mezes, appareceu-me uma mancha dolorosa na coxa da perna doente, dizendo os medicos ser motivada pela inflammação duma veia.

Essa inflammação manteve-se apesar de um tratamento cuidadoso e repouso absoluto. Tendo diminuido de coloração, tentei novamente levantar-me, mas, todas as vezes que andava, a dôr na veia reapparecia e a inflammação augmentava. Continuei assim mais de um mez, com alternativas de movimento e repouso forçado.

Os médicos fôram de opinião que este estado se manteria durante mezes, dizendo um delles, considerado unanimemente uma sumidade médica, que a doença e o tratamento seriam muito prolongados e que seria talvez necessaria mais tarde a extracção dessa veia.

Não vendo melhorar o meu estado, recorri cheia de fé a Nossa Senhora de Fátima e ao deitar-me banhei a mancha com agua do local das apparições que me tinha sido cedida por pessôa das relações duma amiga minha.

Com grande alegria no dia seguinte verifiquei que estava muito melhor e passados dois dias completamente curada, não me tendo reapparecido a dor e a mancha até hoje.

Para maior gloria e louvores a Nossa Senhora de Fátima e regosijo dos seus fieis, peço a V. a fineza da publicação desta cura milagrosa.

Apresentando os meus cumprimentos, subscrevo-me de V., etc.

Laura Proença Fortes Fernandes de Barros

Avenida da Republica, 83 — Lisbôa.

«... Sr.—Em outubro p. p., um jornaleiro teve em um dos pés uma enfermidade. A necessidade de ganhar o pão para sua pobre familia o obrigou a trabalhar, mal podendo durante 9 semanas, ao fim das quaes foi forçado a ficar de cama. Aplicou-se-lhe sôbre a ferida um pouco d'algodão embebido na preciosa agua. No dia, seguinte, febre, inchação, ingua, tudo tinha desaparecido e da ferida apenas restava a cicatriz produzida pela lancetal Toda a povoação de Geraldes, concelho de Peniche, são testemunhas da prodigiosa cura que tanto tem contribuido para aumentar a fé a este bom povo. Honra e Gloria a N. S. Virgem da Fátima.—X.»

Mulher christã

Encontraram-se um dia dois amigos, dois velhos amigos de regimento. Era dia de festa, e um delles vinha da egreja, onde tinha commungado.

— Como é, observou-lhe o camarada, que tendo sido, como eu, educado em acampamento, vaes agora a commungar assim, muitas vezes na semana?

—Como? E' muito simples e curioso.

Converteu-me um prégador, que nunca me disse uma palavra de religião — minha mulher.

Ella era piedosa. E eu, que desde solteiro, desde o principio a amava, respeitava sua fé, ainda que não pensasse como ella. Quando moça fazia parte de todas as congregações da sua parochia e assignava-se «Filha de Maria.» Estas duas palavrinhas faziam-me sorrir, mas, não sei porquê, não lh'o levava a mal.

Mais tarde deu-se toda a mim, mas ficando o que era: piedosa, religiosa, assidua á egreja; e nunca notei que a piedade a prejudicasse no menor dos seus deveres.

Raramente me falava de Deus, mas eu lia no rosto o pensamento: e, quando por habito inveterado, eu deixava escapar alguma blasphemia, via-a empallidecer. Algumas vezes mesmo uma lágrima furtiva lhe corria pela face, mas em breve retomava o sorriso e se mostrava sempre dedicada, mais ainda talvez que antes. Nunca me dizia que eu tinha feito mal, mas eu lia-lh'o no rosto.

Quando á minha vista orava, pela manhã e á noite, e nunca deixou de o fazer, suas feições se illuminavam; e a mim vinham-me impulsos de me ajoelhar junto della.

Quando ella voltava da egreja, onde commungava, sentia em mim uma atmosphera mais suave, mais serena; nesse dia tornava-se mais risonha. . . Parecia um anjo.

Quando me prodigalisava cuidados, quando me pensava as minhas feridas, era uma irmã de caridade.

Estou certo de que mais de uma vez a fiz soffrer; ella, porém nunca m'o deu a entender.

E assim durante seis annos dessa prégação, que me compenetrava e, mau grado meu, grandemente me foi transformando, senti-me emfim tomado de desejo de amar a Deus, aquelle Deus que minha mulher amava, que lhe inspirava a dedicação que eu muito precisava e as virtudes que faziam o encanto da minha vida.

Não podia comprehender bem o que se passava em mim; mas um dia em que ella acabava de commungar, instantaneamente, sem previa reflexão, abri para ella os braços e lhe disse: «Joanna, leva-me ao teu confessor».

Tranquilla e serena com os olhos rasos de lágrimas, abraçou-me dizendo: «Bem sabia que tu me havias de dar um dia esta consolação. Tenho pedido tanto por ti. Obrigada!

(Das *Palhetas de ouro*)

AS APPARIÇÕES DE LOURDES

II

Bernardette

O inverno de 1855 foi rigoroso em extremo. Logo no principio dessa quadra do anno a tia Bernarda, que era, como dissemos, madrinha de baptismo, levou-a para sua casa e ahi a teve durante sete ou oito mêses, tratando-a com bondade e prodigalisando-lhe cuidados intelligentes e carinhosos como se ella fôsse sua propria filha. Depois a creança voltou para a miserrima habitação da rua dos *Pequenos Fossos*, onde recomeçou a sua vida de privações. Todavia encontrava alli a sua querida mãe que a educava no temor de Deus e o seu bom pae que trabalhava com a maior diligencia para sustentar os seus seis filhos.

Alli respirava uma atmosphera de religião, de coragem e de piedade tranquilla.

Todas as noites depois de uma ceia frugal, fazia-se a oração em comum e depois, segundo contam os visinhos ouvia-se uma voz fresca e pura que recitava a Ave-Maria; era a de Bernadette que tinha já entoações penetrantes e dir-se-hia a voz dum anjo que vinha amenisar as tristezas do *Carcere*. Aos domingos o pae e a mãe assistiam aos actos religiosos na egreja parochial, onde se dirigiam conduzindo os filhos pela mão ou levando ao collo aquelles que ainda mal podiam andar por seu pé. Na Paschoa ajoelhavam-se ambos á meza eucharistica para receber o Deus que santifica e consola, que ensina o valor e o objectivo da vida e que

rejuvenesce perpetuamente a fé, a coragem e as almas.

Era pois uma familia christã que Deus abençoava porque era amado por ella, um santuario de piedade em que a Virgem sem macula escolhia desde já um coração innocentissimo, digno de se tornar um dia seu vidente e seu apostolo. Durante o verão de 1857 Maria Aravant, precisando duma pastorinha para apascentar o seu rebanho, pediu Bernardette que ella nunca tinha perdido de vista, e esta sentiu-se feliz em voltar a Bartrés para junto daquella que considerava como sua segunda mãe.

Os paes deixaram-na com tristeza partir, mas era uma bôca de menos a alimentar e a miseria obriga os pobres aos mais duros sacrificios do coração.

Em Bartrés não passou despercebida. Todos estimavam essa pastorinha tão meiga, sempre sorridente, de rosto illuminando por dois olhos candidos e puros.

Esta creança tão modesta, que procurava esquivar-se ás vistas do mundo, era singularmente attrahente e ninguem a deixava passar sem lhe dirigir uma palavra de interesse affectuoso, a que ella correspondia com uma timida amabilidade que augmentava ainda mais o encanto da sua pessôa. Um dia em que conduzia o seu rebanho para os planaltos, de chibata na mão, encontrou o parocho e saudou-o com uma graça, uma simplicidade e um respeito que muito impressionaram o venerando pastor d'almas.

Elle voltou-se para traz afim de a observar com attenção emquanto se afastava e depois disse ao professor que o acompanhava, o senhor Barbet:

—Se o retrato que o meu espirito fórma das creanças de La Salette é exacto, esta pastorinha deve parecer-se bastante com ellas.

E comtudo a virtuosa menina não possuia nenhum desses dons da intelligencia que deslumbram nas creanças cujo espirito acorda lançando clarões encantadores.

Tinha falta de memoria e comprehendia com difficuldade, pelo menos na apparencia, as licções de doutrina que Maria Aravant lhe dava todas as tardes. Ora esta bôa mulher não ignorava que a humilde pastorinha tinha quatorze annos completos e que passara a edade em que devia ter feito a sua primeira communhão. Mas a creança parecia não ter mais de dez annos, e por isso é que sem duvida se haviam preoccupado muito pouco com ella até na catechese, onde era relegada para os ultimos logares. Maria Aravant reparava, tanto quanto possivel, este esquecimento e queixava-se de que os seus esforços fôssem coroados de resultados tão poucos animadores.

—Bernadette tinha cabeça dura, disse ella mais tarde, aliás sem nenhuma amargura. Por mais que repetisse as minhas licções nada conseguia e era necessario recomeçar todos os dias. A's vezes não podia deixar de impacientar-me e, despeitada, atirava com o livro para um canto e dizia-lhe: «Vae-te embora, Ah nunca has-de ser senão uma tonta e uma ignorante!» Bernadette ficava cheia de confusão, mas não se affligia nem amuava. As palavras de Maria Aravant penetravam talvez mais fundo do que ella suppunha: sem duvida o Espirito Santo realisava a sua obra neste espirito emminentemente recto em que se comprazia, a piedade para com a Virgem augmentava e avigorava-se cada vez mais nessa alma innocente e ella consolava-se da memoria ingrata que vinha desfiando com amôr as contas do terçosinho que comprehendia tão bem no intimo do seu coração.

Todavia Maria Aravant, no intuito de tranquillisar a consciencia, foi ter com o parocho de Bartrés para lhe fallar da creança e da sua primeira communhão. O virtuoso sacerdote acolheu com benevolencia as suas propostas e deu-lhe alguns conselhos, mas os seus dias de serviço na freguezia estavam contados, porque tinha sollicitado e obtido a sua admissão entre os Benedictinos.

Disse, pois, á sua parochiana:

—E' possivel que Bartrés fique durante algum tempo sem parocho, e por isso convido-a a mandar Bernadette para casa da familia. Recommende-a da minha parte ao clero de Lourdes que a preparará para a primeira communhão.

Este alvitre foi posto em prática. E assim nos primeiros dias de Janeiro de 1858 a humilde creança deixava Bartrés e entrava de novo na pobre casa da rua dos *Pequenos Fossos*.

Todos pensavam que ella era completamente ignorante das cousas de Deus como o era das cousas da vida; mas, aos olhos do Ceu, como era grande, bella e adeantada em graça!

Comtudo ignorava na sua simplicidade que Deus e a Santissima Virgem, a quem rogava com tanta devoção, podiam ter designios particulares de misericordia e de gloria sobre ella, creatura tão pequena e tão desprovida de tudo. Deus preparava-se para exaltar esta humilde filha do povo.

(Versão do francez) *(Continúa)*

V. de M.

A lampada do Santissimo

Sahiu um dia de casa, a passear com sua filhinha de seis annos, o ministro protestante, rev. dr. Mann Hills. O facto deu-se em Londres, no anno de 1900.

Ao passar por uma egreja catholica, lembrou-se o ministro de ahi entrar com a pequena.

A menina fixou sua attenção na lampada do Santissimo, que derramava uma claridade meiga e suave naquelle momento.

—Para que é essa lampada? perguntou-lhe a criança.

—E' para mostrar, respondeu-lhe o pae, que alli no altar, está Jesus, por detraz daquela portinha dourada.

—Ai! eu queria vêr a Jesus.

—Filhinha, não póde ser. A porta está fechada á chave, e além disto, dentro ha umas cortinas, e Jesus ainda fica por detraz dellas.

—Papá, insistiu a pequena, eu queria vêr a Jesus.

O ministro procurou entreter a pequena, mostrando-lhe outras cousas na igreja, até que por fim conduzio-a para fóra da porta.

Passeando pela cidade, a menina, de quando em quando, perguntava por Jesus. Dadas algumas voltas, o pae entrou com ella num templo protestante.

Ahi a criança relanceou a vista por todos os lados e não vendo lampada alguma perguntou:

—Papá, porque é que não está aqui lampada?

—Porque . . . porque aqui não está Jesus, respondeu-lhe timidamente o ministro.

Então, nada mais houve. A menina sonhou muitas vezes, e alto, naquella noite, fallando de Jesus. Durante o dia seguinte, com frequencia, repetia que queria vêr a Jesus. Isto produziu tal abalo no animo dos paes, que estes terminaram por abraçar a religião catholica, e com ella a pobreza, porque, com a sua conversão, o ministro perdeu uma renda de mil libras anuaes.

A ALEGRIA

«Se tiveres a alegria no coração, o teu espirito será mais lucido, o teu pensamento mais bem definido, a tua imaginação mais viva, a tua alma mais serena, as tuas disposições morais mais elevadas, a tua communicação com os outros mais amavel, a tua saude mais solida, a tua piedade mais terna, a tua virtude mais pronta ao sacrificio.

M. Carton de Wiart afirma *os direitos á alegria*—A' alegria e não sómente a «alegrias» passageiras e intermitentes. Quer para cada um de nós uma alegria que se confunda com a nossa existencia, que seja para nós uma bôa companheira de todos os dias e de todas as horas.

Saber encontrar a verdadeira alegria é o que se ignora no nosso tempo. A verdadeira alegria não se vende nas lojas da moda, e a vida ainda se escurece mais depois dos fogos de palha do prazer.

Nós procuramos a nossa alegria muito longe ou muito em baixo, quando ela está em nós menos. Sejamos alegres. «A' fôrça de desejar e querer a alegria acaba-se por conquista-la.» Temos aflições? Mas se o bom humor dos outros dissipa muitas vezes as sombras do nosso coração, porque não ha-de o nosso proprio bom humor fazer o mesmo efeito? Nêste campo, como em muitos outros, o poder da nossa vontade é maior do que nós julgamos».

«Quem nos impede todas as manhãs, de convidarmos a nossa alma para a alegria, e de lhe fazer o discurso que fariamos áqueles que quizessemos animar e consolar? Bem deitadas as contas, não será a vida tão rica em argumentos para a alegria como em motivos de dôr?...»

«Se procuramos a alegria muito longe de nós, tambem a procuramos muito baixo. A alegria quer o ar das alturas. A verdadeira alegria só floresce a uma certa altura. Não se encontra nem na lama dos prazeres grosseiros, nem sob o duro rochedo do egoismo.»

M. Carton de Wiart diz-nos onde ela desabrocha, onde se escondem «os ninhos de alegres pensamentos», no cumprimento dos deveres humildes, na benevolencia para com os seres e as coisas, no desejo de tornar os outros felizes e na satisfação de o conseguir, no sentimento da natureza, nas bôas leituras e nas bôas canções, no amôr do lar e nas ternuras da familia.

Mais alto! A verdadeira alegria ainda está mais alto, num cume onde as flôres nunca murcham: está na felicidade da crença. E' quando cremos que «melhor gozamos as pequenas felicidades, e que suportamos mais facilmente as peiores tribulações». Ha homens que trabalham sempre de bom humor, e que estão constantemente iluminados dum sorriso interior: a sua alma sempre igual, sempre radiante, tem a serenidade dos grandes lagos.

Qual é pois o seu segredo? «Eles vivem» numa conversação muda mas permanente com o além. O seu coração está em paz porque o seu espirito está em Deus.

(De *A União*)

PÃO PARTIDO EM PEQUENINOS

O pobre avarento

Caminhava certa noite por uma estrada um viandante que parecia rico e abastado.

Encontrou no caminho um mendigo andrajoso, cheio de fome e de cançaço, que se lhe dirigiu a pedir-lhe *uma esmolinha pelo amôr de Deus.*

Condoeu-se o passageiro, da penuria do mendigo e num rasgo de generosidade disse-lhe:

—Amigo! Todo o meu dinheiro são sete moedas de oiro. E' quanto me resta para completar a viagem. Mas usando de economia, talvez me chegue uma moeda para as despezas indispensaveis. Aqui tem as seis moedas restantes, dou-lhas! Que Deus o faça feliz!

Desfez-se o pobre em agradecimentos, mas andados alguns passos, entrou com elle o demonio da avareza a segredar-lhe:

Seis moedas! E' bem bom! Nunca tu imaginaste que podias vir a ter tanto dinheiro! E se o passageiro te tivesse dado a outra ficarias com sete! Sete! Era a conta certa! E demais para que a precisa elle? Tu podias ir atraz delle, tirar-lha! Se elle resistisse matava-lo e era cousa acabada! A estrada está deserta! Ninguem vê! Sete moedas! Era a conta certa! Anda! Mãos á obra antes que rompa o dia!

Meu dito meu feito! Vae-se o pedinte atraz do passageiro, lança-lhe as mãos ao pescoço e afoga-o para lhe tirar a moeda que lhe restava.

E feito isto seguiu o seu caminho assobiando, como se nada fôsse com elle . . .

* * *

Quem ha ahi que se não horrorise com semelhante crime?! E' assim que se pagam os beneficios daquelle homem generoso, que tendo sete moedas, só reserva uma para si e até essa l'ha tiram!

Pois bem! Talvez tu que me lês, sejas bem mais criminoso do que esse homem! Eu?! Dirás tu, horrorisado! Sim, tu, tu próprio! Todo aquelle que profana o *domingo, o dia do descanso*, é semelhante áquelle pobre avarento e assassino. Deus na sua infinita Bondade, deu-nos *seis* dias, para nós trabalharmos, para ganharmos a nossa vida honradamente — e reservou para si apenas um—o *domingo—o dia do Senhor*, para nós o servirmos. E que fazemos nós? Até esse dia lhe roubamos, até esse queremos para nós! Nunca tinhas pensado nisso? Pois bem: Pensa a sério nisso.

Não queiras ser *ladrão* de Deus, e *assassino* de tua alma; e faze o proposito firme de nunca mais profanares o domingo, occupando-te em trabalhos servis. E' o terceiro mandamento de Deus: — *Guardar domingos e festas de guarda!*

PAULINO DA CRUZ

LITURGIA

Foi, ha pouco, editado pela Livraria Moderna do Porto, a tradução do livro do benedictino Dom Gaspar Lefevre que não temos duvida de recomendar aos nossos leitores. A liturgia, como todos sabem, é o culto oficial da Santa Igreja. Não é apenas um conjunto de cerimonias mais ou menos impressionantes.

Cada uma das cerimonias a que assistimos nos nossos templos, tem uma significação, uma historia e ensino.

Para tirarmos das cerimonias que praticamos ou vamos praticar, o devido fruto é preciso entende-las.

E' o fim a que visa o livro do auctor da Liturgia.

Felizmente ha hoje em todos os paizes uma grande tendencia para estes estudos que para muitos christãos eram completamente desconhecidos e constituem, portanto, uma verdadeira descoberta.

A liturgia procura «restaurar em Christo» a sociedade, glorificando a Deus pelo exercicio digno e consciente do culto oficial que lhe é devido e sanctificando o christão pela participação activa e consciente nas santas cerimonias da Igreja.

Por isso, dizia Pio X, que a liturgia é a origem primaria e indispensavel do verdadeiro espirito christão.

Recommendamos, pois, esta obra esperando della optimos beneficios, para os devotos de Maria Santissima.

Voz da Fátima

Despesas

Transporte	714:370
Impressão do n.º 5	136:500
Outras despezas	18:100
Soma . .	868:970

Subscripção

(Coninuação)

D. Berta Delgado	10:000
Esmolas colhidas no dia 13 de fevereiro na Fátima .	18:800
P. Manuel Pereira d'Oliveira	10:000
Joaquim Augusto Lacerda	5:000
D. Maria da Gloria Pereira.	10:000
D. Maria Olimpia de Borgia Saavedra	5:000
José da Fonseca Castel-Branco	10:000
D. Maria Amalia Capelo Franco Cunha Matos. .	10:000
Dr. Raul de Magalhães . .	10:000
D. Luiza Ribeiro da Cunha	10:000
D. Henrique de Mustera. .	20:000
D. Herminia V. da Costa.	10:000
D. Maria José d'Almeida Telles	10:000
D. M. d'Assumpção Lucas	10:000
Condessa de Sabugosa. . .	10:000
Condessa de S. Lourenço	10:000
D. Izabel de Mello Almada	10:000
D. Maria Amelia Ortigão de Mello.	10:000
D. Cordalia Duarte Gomes da Silva	10:000
D. Laura Fernandes de Barros.	10:000
D. Teresa Ferreira Marques	10:000
P. Manuel Marques Combina	10:000
P. José Alves Duarte . . .	10:000
Manuel F. de Mello	10:000
D. Maria Clementina Alves Peixoto	10:000
D. Ignês Baptista Tavares	10:000
Antonio Fragoso	10:000
D. Catarina Reverenda . .	2:000
Anonimas	10:000
D. Maria das Neves Varela Teotonio	10:000
D. Irene Rosa.	10:000
D. Amelia C. da Fonseca.	10:000
D. M. C. da S. N.	10:000
Esmolas avulsas	2:700
D. Joana de Jesus Ricardo	10:000
P. Francisco A. da Silva Valente	10:000
D. Maria Izabel Henriques	10:000
D. Bela Azevedo Ferreira	10:000
Francisco de Freitas Correia.	10:000
P. Julio Antonio do Vale	10:000
D. Maria Carolina Fontes	10:000
D. Maria das Dôres Pinto Montenegro	10:000

O nosso jornal é distribuido gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Fátima.

Quem enviar a esta redacção a quantia de dez mil réis terá direito a ser-lhe enviada a *Voz da Fátima* pelo correio durante um anno.

Ano I LEIRIA, 13 de Abril de 1923 N.º 7

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

HYMNO A NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

(N.º 1) (Letra e musica por um devoto do Santo Rosário)

And.te
Voz
PIANO
E
CANTO
ff
ff
Sobre os
bra_ços d'a.zi_nheira Tu vi_es_ _ _ te Mãe Cle.men.te Vi_si_tar a luza
gen_te De quem és a Padro_ei_ra Vi_si_tar a luza gen_ _ _ te de quem
Côro
Marcial
és a Pa_ _ dro_ei_ra A_ _ ve! A_ _ _ ve! A_ _ _ ve! Mãe de
D.C. á Voz
Deus A_ _ _ ve! A_ _ _ ve! A_ _ _ ve! canta m filhos teus.

HYMNO

A Nossa Senhora da Fátima

N.º 1

Por um devoto do Santo Rosário

1

Sobre os braços da azinheira,
tu vieste, ó Mãe Clemente,
visitar a lusa gente
de quem és a Padroeira.

CORO

Avé! Avé! Mãe de Deus!
Avé! Cantam filhos teus!

2

Foi na Cova da Iria,
quando o Terço Te rezavam,
quando os sinos convidavam
a orar — era meio-dia.

CORO

3

que desceste lá dos Céus
a falar aos pastorinhos,
innocentes, pobresinhos,
Mãe de Fátima, Mãe de Deus.

CORO

4

Penitencia e oração,
se fizesse lhes pedias,
do Rozario que trazias
mais pediste a devoção.

CORO

5

Seja, pois, o Santo Terço,
do Céu qu'rida oração,
terna e viva a devoção
que Te ofierte o luso berço.

CORO

6

E Tu Mãe, ó Mãe de Deus,
que venceste a Serpe, o Mal,
salva, ampara Portugal,
vindo á terra, ou lá dos Ceus.

CORO

7

Do Rozário Virgem Pura,
Mãe de Fátima, Mãe qu'rida,
Tu serás por toda a vida,
nossa paz, nossa ventura.

Outubro de 1922.

(Com aprovação ecclesiastica)

Não é menos interessante a seguinte carta do autor do Hymno:

«... Sr.

Por duas vezes estive no verão passado em Lourdes, e, sempre que ouvia cantar o Avé! ou orava, sentia-me transportado á Fátima, que tanto desejo ver elevada á categoria da Lourdes Portugueza.

Numa tarde, ouvindo os canticos e as preces dos peregrinos franceses, eu, que nem de pé quebrado sou poeta, e que muito pouca música sei, puz-me a escrever as quadras e as notas simples que junto a esta, dedicadas e oferecidas a Nossa Senhora do Rozario de Fátima, pensando que, se elas merecessem a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma, poderiam ser publicadas na «Voz da Fátima» e levadas pelas vozes dos nossos peregrinos até aos pés da Santissima Virgem do Rozário, que, lá no ceu, vela por êste pobre Portugal.

Não pretendo honras. O meu fim único é contribuir, no que posso, que é bem pouco, para a honra e glória d'Aquela que, esquecendo as nossas muitas ingratidões, se dignou descer ás terras de Fátima para nos dizer, a nós, portugueses, pela boca dos três inocentes pastorinhos, que fizessemos penitencia e oração.

Desejo, pois, e peço-o, que V. oculte o meu nome e a minha morada.

Desde 1895 que, por conselho duma santa religiosa de S. José de Cluny, tomei por minha devoção especial, a Nossa Senhora, a devoção do Santo Rozário. Por duas vezes, na minha vida, chamei, em perigo de morrer, pela Virgem do Rozario. A morte fugiu de mim, espavorida.

- Como não hei de ser um devoto de Fátima?!

Eu estou pronto a contribuir com o necessário para a publicação do que mando, podendo tratar aqui, se preciso fôr, da impressão da música, se S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo a julgar merecedora da sua aprovacão.

Com a mais subida consideração me subscrevo

De V. etc.

22-2-923. X

13 DE MARÇO

Dia explendido de sol. O ceu terso e diaphano, de um formoso azul claro, sem uma nuvem sequer a ofuscar-lhe o brilho suavissimo, confirmou uma vez mais as tradições seculares do ceu incomparavel de Portugal.

A viração fresca do norte, cicia brandamente nos vales e nas encostas da montanha, cingindo a espaços num amplexo ligeiro e quasi imperceptivel as copas verdejantes dos pinheiros esguios e das ramudas carvalheiras. As avesinhas, saltitando de arvore em arvore e de ramo em ramo á beira dos caminhos, ou cruzando os ares em bandos rumorosos, chilreavam alegremente saudando o apparecimento do astro-rei e os maravilhosos esplendores da manhã. Dir-se-ia que a primavera, a mais bella quadra do anno, saudosa deste formoso jardim, afagado pelas brisas do mar, viera algumas semanas mais cedo para doirar a paysagem com as suas graças e com os seus encantos feericos e deslumbrantes.

E na verdade a mole gigantesca da serra d'Ayre, que subimos vagarosamente nessa manhã polvilhada de luz, oferece aos olhos extasiados um espectáculo soberbo de magestade e de belleza indiscritiveis. Pela estrada, vindos dos pontos mais distantes e divergentes, os peregrinos, cheios de uma alegria sã e tranquilla, que se reflecte nos seus rostos, dirigem-se lentamente em todas as espécies de vehiculos para a terra do mysterio e do prodigio, cujo nome milhões de portugueses pronunciam hoje, exultando de júbilo, como uma dulcissima esperança de perdão e como uma promessa fagueira de paz.

Ao meio dia o sitio das apparições, visto ao longe, do alto da estrada districtal, apresenta uma mancha negra de cabeças humanas em torno do singelo padrão que a piedade dos fieis alli erigira em memoria dos episodios maravilhosos de 1917.

Devem estar presentes cêrca de mil e quinhentas pessoas. Meia hora depois principiou a missa campal, que é celebrada pelo rev. Manuel Marques Combina, parocho do Arrabal. Durante o santo sacrificio reza-se o terço, entoam-se canticos e fazem-se as invocações de Lourdes, como nos mêses anteriores. Não ha sermão. Após a missa, a assistência começa a debandar. Mas muitos peregrinos ficam ainda por longo tempo, ou recitando as suas orações em frente da linda estátua da Virgem do Rosário, collocada numa extremidade do altar improvisado, ou rodeando a fonte da água maravilhosa e recolhendo porções della em recipientes de todos os feitios e tamanhos.

Alguns fieis oferecem os seus *ex-votos*. O sexto número da «Voz da Fátima» é distribuido com profusão.

Ouvimos fallar vagamente de peregrinos vindos de terras distantes, entre elles uma senhora do Porto. Sem nos determos por mais tempo, como era nosso ardente desejo, tornámos a ocupar o nosso lugar no trem que nos tinha transportado á Fátima.

Três dias depois recebiamos de um amigo nosso do Porto um postal datado do dia 15, do qual tomámos a liberdade de transcrever o seguinte:

«Escrevo-lhe sob a mais profunda impressão causada pelo milagre antehontem realisado na Fátima. Já sabe? Assistiu? Foi uma verdadeira ressurreição. A miraculada é daqui; mora na Rua da Egreja de Cedofeita, 11. Uma maravilha!

Os médicos tinham affirmado que ella estava perdida, pois o cancro no *colon* tinha já ramificações medonhas e não puderam sequer começar a operação. Como descrever a impressão de tal prodigio?...»

Visconde de Montello

Commissão de inquerito

A comissão canonica de inquerito aos acontecimentos de Fátima, nomeada por Sua Excelencia Reverendissima o Senhor Bispo de Leiria, tem realisado periodicamente as suas sessões, continuando com o maior zelo e sollicitude os trabalhos da importante e delicada missão de que foi incumbida, no intuito supremo de apurar a verdade, qualquer que ella seja. Entre outras deliberações na ultima sessão, realisada no dia cinco do corrente mez, resolveu convidar novamente e com o mais vivo empenho por intermedio da «Voz da Fátima» todas as pessôas que queiram depôr, a favor ou contra, sobre tudo quanto se relacione com os aconteci-

mentos de Fátima, a communicá-lo com a possivel brevidade, de viva voz ou por escrito, a qualquer dos membros da referida comissão.

Para utilidade dos interessados publicam-se a seguir os nomes e as residencias dos mesmos:

Reverendissimos Padres João Quaresma, Dr. Manoel Marques dos Santos e Manoel Pereira da Silva, no Seminario de Leiria; Dr. Joaquim Coelho Pereira na Batalha e Manoel Nunes Farmigão Junior em Santarem; Faustino José Jacinto Ferreira, no Olival (Vila Nova de Ourem), Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, em Santa Catharina da Serra; Agostinho Marques Ferreira, na Fátima.

A peregrinação de Maio

Como tem succedido nos annos anteriores, a peregrinação do dia treze do próximo mês de Maio ha-de constituir um acto de fé ao mesmo tempo singelo e comovedor, em que mais uma vez se revelará o grande fundo de sã e sólida religiosidade da bella alma portuguesa. Segundo a crença geral, baseada em factos que são do dominio publico e que parecem certos e incontestaveis, passa nesse dia o sexto anniversario da primeira apparição da Santissima Virgem aos innocentes pastorinhos de Aljustrel, Lucia, Francisco e Jacinta.

Desde Maio de 1917 até hoje que scenas indescritiveis da mais viva e profunda devoção á augusta Padroeira de Portugal se teem desenrolado no cume da serra d'Ayre! Centenas de milhares de pessoas de todas as classes e condições sociaes alli accorrem de todos os pontos do nosso paiz, fazendo de um planalto arido e escalvado da Extremadura o maior centro de devoção do universo á gloriosa Mãe de Deus, depois da estancia privilegiada de Lourdes.

Quanto é grato e consolador constatar a ordem e o respeito admiraveis que reinam nesses actos colectivos de piedade, espontaneos e despretenciosos, em que jámais houve a minima nota discordante, em que nunca se verificou o mais ligeiro incidente desagradavel! A Santa Egreja, sempre prudente e reservada em assuntos de tamanha gravidade, ainda não se pronunciou ácerca da naturesa dos sucessos maravilhosos de Fátima. Entretanto ella não prohibe que naquelle lugar se tribute a Nossa Senhora do Rosário o culto que lhe é devido e que os seus filhos lhe prestam em tantos e tão celebres sanctuários da nossa querida Patria e do mundo inteiro que lhe são especialmente dedicados. No corrente anno, como em 1920, o dia treze de Maio occorre num domingo. Esta circunstância feliz contribuirá sem duvida em larga escala para tornar mais numerosa e imponente a peregrinação nacional, que revestirá um brilho e um encanto verdadeiramente excepcionaes.

Conforme é costume, os peregrinos partirão de suas terras depois de se terem reconciliado com Deus por meio do sacramento da penitencia. Em Fátima não lhes é possivel confessarem-se por falta de sacerdotes disponiveis para os attender. Os das regiões mais próximas ouvirão a santa missa nas suas freguesias antes de iniciarem a viagem. Os de longe poderão assistir a ella nalguma das povoações por onde passarem.

Sabemos que para comodidade dos peregrinos haverá missa e comunhão em Leiria, na Sé Catedral, ás sete horas, em Torres Novas, na egreja de São Thiago, ás seis horas, em Villa Nova de Ourem, na egreja parochial, ás sete e ás dez horas, em Fátima, na egreja parochial, tambem ás sete e dez horas e na capella do lugar de Boleiros desta última freguesia, logo depois do nascer do sol. Na Cova da Iria a missa de communhão geral principiará ao meio-dia e meia hora, sendo acompanhada a canticos populares e seguida de sermão pelo rev. dr. Santos Farinha, prior de Santa Izabel, de Lisboa.

Preces e canticos collectivos dos peregrinos durante a missa na Cova da Iria

Antes da missa o *Credo* de Lourdes. Emquanto o celebrante se paramenta o *Salvé, nobre Padroeira*. Durante a missa o terço do rosário. Depois de cada mysterio a jaculatória dos videntes, já approvada pela auctoridade ecclesiástica: *Meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e alliviai as almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas*».

A' consagração da hostia: *Eu vos adoro, Santissimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, tão real e perfeitamente como estaes no Céu.*» Ao levantar da Hostia: «*Meu Senhor e meu Deus*». A' consagração do Calix: «*Eu vos adoro, preciosissimo Sangue, Corpo, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, tão real e perfeitamente como estaes no Ceu*». Ao levantar do Calix: «*Meu senhor e meu Deus*». Logo em seguida as invocações:

—Senhor, nós Vos adoramos!

—Senhor, nós temos confiança em Vós!

—Senhor, nós Vos amamos!

—Hosanna, Hossanna ao Filho de David!

—Bemdito seja O que vem em nome do Senhor!

—Vós sois Jesus Christo, Filho de Deus vivo!

—Vós sois o meu Senhor e o meu Deus!

—*Adoremus in aeternum Sanctissimum Sacramentum.* (Cantado).

—Senhor, cremos em Vós, mas augmentai a nossa fé.

—Vós sois a resurreição e a vida!

—Salvai-nos, Jesus, aliás perecemos!

—Senhor, se o quizerdes, podeis curar-me!

—Senhor, dizei só uma palavra e serei curado!

—Jesus, Filho de Maria, tende piedade de mim!

—Jesus, Filho de David, tende piedade de nós!

—*Parce Domine, parce populo tuo, ne in aeternum irascaris nobis* (cantado).

—Oh! Deus vinde em nosso auxilio, vinde depressa socorrer-nos!

—Senhor, aquele a quem amais está doente!

—Senhor, fazei que eu veja!

—Senhor, fazei que eu ande!

—Senhor, fazei que eu ouça!

—Mãe do Salvador, rogae por nós!

—Saude dos enfermos, rogae por nós!

A' comunhão: «*Senhor, eu não sou digno que vós entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva.*» (Três vezes, rezado e cantado).

O «*Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento da Eucharistia, fructo do ventre sagrado da Virgem Purissima, Santa Maria*». Depois da comunhão as invocações a Nossa Senhora:

—Bemdita seja a Santa e Imaculada Conceição da Bemaventurada Virgem Maria, Mãe de Deus!

—Nossa Senhora do Rosário, rogai por nós! (3 vezes).

—Minha Mãe Santissima, tende piedade de nós! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosário, dai-nos saude por amor e para glória da Santissima Trindade! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosário, convertei os pecadores! (3 vezes).

—Saude dos enfermos, rogae por nós. (3 vezes).

—Socorro dos doentes, rogae por nós! (3 vezes).

—O' Maria, concebida sem pecado, rogae por nós que recorremos a Vós! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosário, salvae-nos e salvae Portugal!

—=—

Avé-Marias e orações finaes.

O Hymno de Fátima, n.º 1.

Sermão, Hymno n.º 3 e *Queremos Deus.*

NOTA—As jaculatórias acima mencionadas são as únicas que por ordem da autoridade eclesiastica devem ser recitadas publicamente na Cova da Iria e além das indulgências que lhes estão anexas pela autoridade apostolica, concede o sr. Bispo de Leiria 50 dias a quem lá as recitar.

Avisos aos peregrinos

Recommenda-se com o mais vivo empenho aos peregrinos de cada grupo que, sempre que seja possivel, entrem todos juntos na Cova da Iria, conservando-se assim durante os actos do culto, e que para o regresso se reunam de novo proximo da capella comemorativa das apparições, sahindo formados do local e entoando canticos ou rezando o terço. Para se manter a bôa ordem que é mister, todos os peregrinos, sobretudo durante a missa e o sermão, devem acatar promptamente as instrucções e avisos que fôrem feitos pelo sacerdote que estiver no pulpito. Os meios de transporte, qualquer que seja a sua natureza, ficarão collocados a uma distancia conveniente

da capella para não difficultarem o transito nem perturbarem de qualquer fórma os actos religiosos.

Recorda-se mais uma vez a prohibição formal, feita pelo Senhor Bispo de Leiria e archivada pela «Voz da Fatima» num dos seus primeiros numeros, de se vender seja o que fôr, como objectos de piedade, comestiveis e bebidas nas proximidades do local das apparições. E' egualmente defeso comer ou beber no mesmo recinto, cumprindo aos peregrinos escolher os pontos mais afastados para esse fim. Sendo o local em torno da capela destinado exclusivamente á oração, é para desejar que se guarde sempre alli, mesmo fóra dos actos religiosos collectivos, a maior compostura, silencio e respeito, evitando-se a todo o custo conversas desnecessarias ou ruidosas e outros actos improprios da santidade daquella estancia privilegiada.

Recomendações geraes

Fim das peregrinações — As peregrinações á Fátima são essencialmente actos de fé, e, como tais, teem por fim alcançar de Deus, por intercessão de Nossa Senhora do Rosario a saúde da alma e a do corpo. São, alem d'isso, outras tantas occasiões favoraveis para exteriorisar os nossos sentimentos christãos, e tributar a Deus e a Sua Mãe Santissima as homenagens que lhes são devidas. E' portanto com espirito de fé que se deve emprehender uma peregrinação a Fátima.

1.º — Antes de tudo deve perdir-se a Deus a saúde das almas.

Foi essa a intenção da Santissima Virgem, quando apparecendo aos humildes pastorinhos da serra d'Ayre, lhes recomendou que orassem pela conversão dos peccadores e declarou que todos deviam fazer penitencia.

2.º — A par da saúde das almas, deve-se pedir tambem a cura, ou, pelo menos, as melhoras dos doentes que acompanham a peregrinação, e a de todos quantos, desejando acompanhá-la, o não puderem fazer por qualquer motivo.

Devem, portanto, todos os peregrinos alhear-se por completo de tudo quanto possa distrahi-los destes piedosos fins, procurando, pela piedade e pelos exercicios proprios da peregrinação, alcançar do Ceu, por intermedio da Virgem do Rosario, o maior numero de graças espirituaes e temporaes.

Além dos dois fins acima enumerarados, não devem esquecer-se outras intenções, não menos importantes, taes como: o Sumo Pontifice, o triunpho e a liberdade da Egreja, o augmento da fé sobretudo em Portugal, as difficuldades da hora presente, o desenvolvimento da bôa imprensa e das obras sociais, as vocações ecclesiasticas, etc. etc.

A todas estas intenções de interesse geral podem e devem ainda os peregrinos accrescentar outras de ordem particular ou pessoal, taes como: a de conhecer a propria vocação, ou os deveres do proprio estado, a acquisição desta ou daquela virtude, a conversão de tal ou tal pessôa, etc., etc., lembrando-se de que a vinda a Fátima tem sido para muitos occasião propicia para receberem assignalados favores e o principio de muitas conversões. A Virgem Santissima apparecendo em Fátima, constitui ahi o seu throno de misericordias, e em Fátima como em menhuma outra parte, a não ser em Lourdes, parece comprazer-se em receber as homenagens dos que vão saudá-la, recompensando-os sempre com generosidade.

Todos os exercicios constantes do programa, devem pois, ser seguidos á risca e com a maxima pontualidade por todos os peregrinos, e não bastará assistir a elles materialmente ou por mera curiosidade; é preciso que durante a peregrinação assista a todos os actos.

As graças que vamos solicitar exigem dos peregrinos:

1.º — **Espirito de oração.** — E' a oração um dos meios mais efficazes ao nosso alcance para alcançar os favores do ceu; é o supplemento indispensavel da nossa fraqueza porque, se sem ella nada nos é possivel, com ella seremos poderosos.

2.º — **Espirito de penitencia.**

Foi a penitencia objecto duma recommendação especial de Nossa Senhora, como foi dito acima; é portanto com esse espirito que devem acceitar-se as privações, as fadigas, os incommodos da viagem, as deficiencias do alojamento, ou quaesquer outras contrariedades que possam sobrevir.

3.º — **Espirito de caridade.** — A caridade é a rainha das virtudes; deverá pois presidir a todos os actos praticados em Fátima pelos peregrinos. Deve o nosso procedimento ser motivo de edificação para todos, nacionaes e estrangeiros, porque, além de ser uma prégação viva, será ao mesmo tempo um meio excelente para favorecer a piedade e o recolhimento, tão necessarios nestes dias da peregrinação, para attrahir as bençãos de Deus.

Façamos pois, a nossa peregrinação, com as melhores disposições: — uma fé viva, que nos tornará propicia a misericordia divina, pureza de consciencia, procurando devéras a amizade de Deus, espirito de mortificação e de penitencia, como reparação das faltas commettidas e preservativo para as futuras, sempre possiveis, tudo acompanhado da «recepção digna e frequente» do Augusto Sacramento da Eucharistia.

Animados com este espirito, poderemos apresentar-nos no local das apparições a pedir confiadamente as graças necessarias que de tão longe vimos buscar, sem receio de vermos confundida a nossa esperança.

Um sem numero de factos nos comprova a realidade e abundancia das graças obtidas pelos peregrinos que veem a Fatima, animados destes piedosos sentimentos.

O fructo da nossa peregrinação dependerá, sem duvida alguma, das disposições de cada peregrino. Se todos, sem excepção fossem embebidos deste espirito, álém da edificação produzida naturalmente por tal manifestação de piedade, seriam incalculaveis as graças de toda a especie descidas do Ceu, sôbre cada um de nós e sôbre a nossa querida Patria.

Inutil será recomendar a caridade para com os doentes. Estes, pela sua situação, devem ser objecto de todos os cuidados e disvelos de todos os que os acompanham.

Além das orações fervorosas que por elles devem fazer-se durante a viagem e no local das apparições, cumpre aos peregrinos sãos coadjuvá-los em todas as circunstancias, já incutindo-lhes confiança e resignação, já ajudando a transportá-los, já preservando-os do sol ou da chuva. A caridade, quando é verdadeira, é industriosa e não deixará de suggerir a cada um, e em cada circunstancia, o modo mais efficaz de a pôr em pratica.

"Os acontecimentos de Fátima,,

Com êste titulo sahirá brevemente á luz da publicidade um novo opusculo devido á penna do nosso presado collaborador sr. Visconde de Montello. Em diversos capitulos, todos de um interesse fóra do vulgar, o seu autor refere episódios e notas inéditas, merecendo registo especial aquelle em que narra sucintamente vinte e cinco curas atribuidas á intercessão de Nossa Senhora de Fátima. Sabemos que o sr. Visconde de Montello está preparando a segunda edição, revista e consideravelmente aumentada, do seu livro «Os episódios maravilhosos de Fátima», cuja primeira edição, actualmente exgotada, bastante concorreu para levar ao longe, no paiz e no extrangeiro, o conhecimento do mysterioso caso de Fátima.

O folheto «Os acontecimentos de Fátima» será posto á disposição do público no dia treze do próximo mês de Maio, custando cada exemplar um escudo e sendo o produto liquido da venda destinado na sua totalidade para a obra de Nossa Senhora de Fátima.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte do n.º anterior	868:970
Impressão do n.º 6.	86:000
20 resmas de papel	907:200
Outras despezas	35:200
Soma . .	1.897:370

Subscripção

(Continuação)

D. Conceição Alcantara . .	10:000
Manuel Lucio Andrade. . .	3:000
D. Heloisa Moraes Neves	10:000
D. Cecilia M. Ribeiro . . .	10:000
D. Maria Olimpia de B. Saavedra (2.ª vez)	5:000
Antonio Ignácio Vicente (2.ª vez)	2:500
Manuel Gomes Gaspar . .	10:000
Manuel Maria dos Santos.	10:000
D. Francisca Santos	10:000
D. Maria José de Vasconcelos e S. d'Albergaria de Napoles Rapozo . . .	10:000

Ano I LEIRIA, 13 de Maio de 1923 N.º 8

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

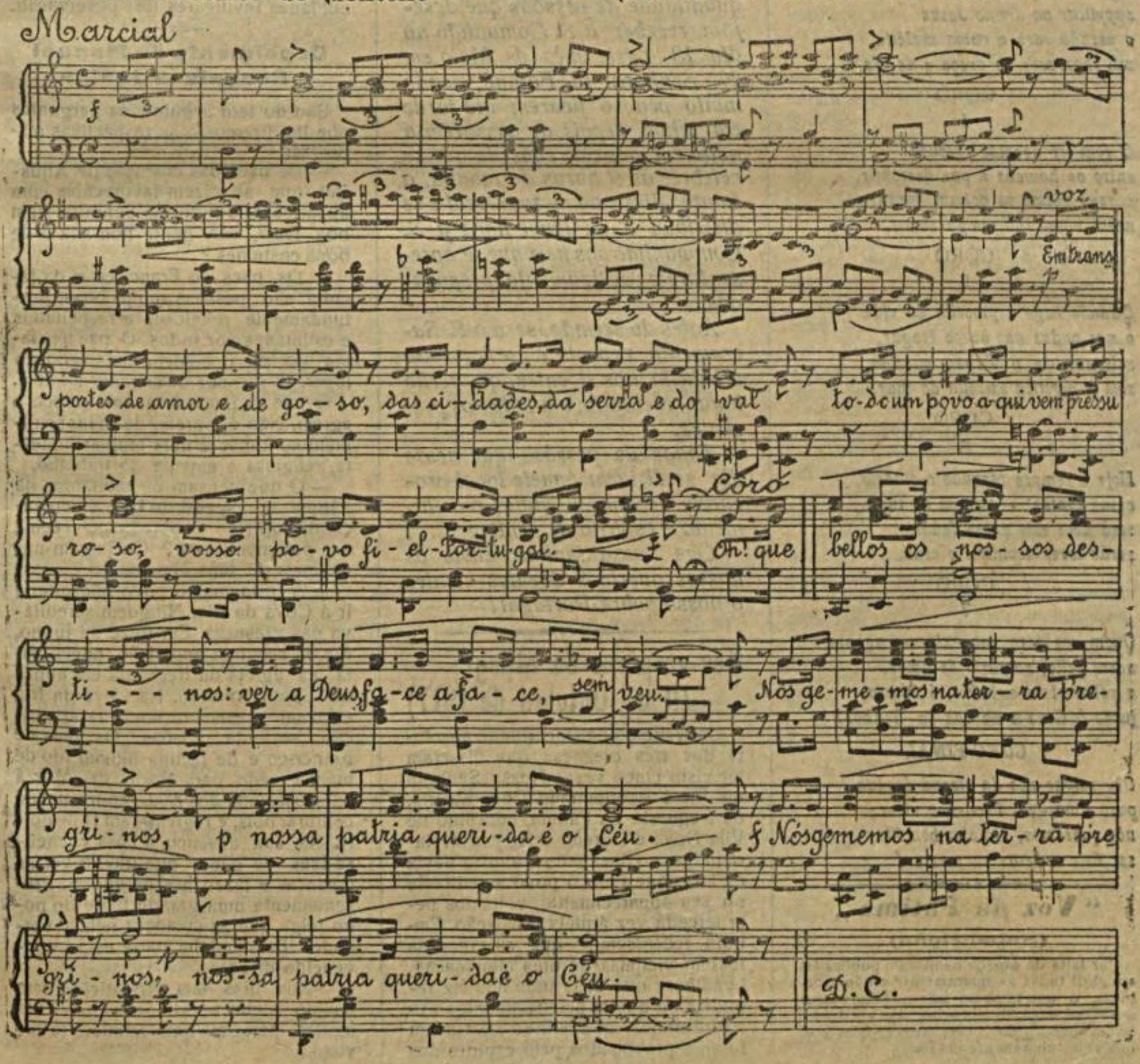
Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

HYMNO DE FÁTIMA

(A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO)

Lettra do Visconde de Montello **Músiea do maestro P.e Sabino Pereira**


Marcial
f
voz
Embrans
portes de amor e de go-so, das ci-dades, da serra e do val to-do um povo a-qui vem pressu
ro-so, vosso po-vo fi-el Por-tu-gal. Coro Oh! que bellos os nos-sos des-
ti-nos: ver a Deus fa-ce a fa-ce, sem veu. Nos ge-me-mos na ter-ra pre-
gri-nos, p nossa patria queri-da é o Céu. f Nósgememos na ter-ra pre
gri-nos, nos-sa patria queri-da é o Céu. D.C.

Hymno de Fátima

(A Nossa Senhora do Rosário)

Lettra do Visconde de Montello
Música do maestro Padre Sabino Paulino Pereira

1

Em transportes de amor e de goso,
das cidades, da serra e do val,
todo um povo aqui vem pressuroso,
vosso povo fiel — PORTUGAL.

CORO

Oh, que bellos os nossos destinos:
ver a Deus, face a face, sem veu!
Nós gememos na terra p'regrinos,
nossa pátria querida é o Céu.

2

Aqui vimos, ó doce Maria,
ternos preitos render-vos de amor,
suspirando, de noite e de dia,
refrigério na mágua e na dor.

CORO

3

Aqui vimos, com alma contrita,
supplicar ao divino Jesus
o perdão para a culpa maldita,
mil thesouros de graça e de luz.

CORO

4

O romeiro debalde procura
entre os homens a paz descobrir,
nossas almas só acham ventura
nesse vosso tão meigo sorrir.

CORO

5

Quando ruge a procella da vida
e nas ondas nos busca tragar,
sois um iris, ó Virgem querida,
sois a mystica estrella do mar.

CORO

6

Hoje e sempre rezando o rosário,
essas contas — esferas de luz,
será doce este nosso fadário,
serão leves espinhos e cruz.

CORO

7

Quem nos dera, na extrema agonia,
nesse peito, sacrário de amor,
a pobre alma exhalar, ó Maria,
junto á Cruz e na paz do Senhor!

CORO FINAL

Oh, salvae-nos da eterna desdita,
para amar-vos fazei-nos viver;
nós queremos, Rainha bemdita,
ser fieis a Jesus ou morrer!

"Voz da Fátima,,

(Subscrição)

Por falta de espaço não fôram publicadas em abril todas as quantias até então recebidas, o que tambem não podemos fazer neste número. Esperamos que em Junho sejam publicadas todas as recebidas e as que se receberem até então.

Aos Rev.os Sacerdotes extranhos á Diocese de Leiria

Emquanto não determinar doutra fórma, concedo aos Rev. Sacerdotes extranhos a esta Diocese, durante os dias da sua peregrinação á Fátima, licença para celebrar e jurisdição para confessar conforme os poderes que tenham nas suas Dioceses.

Devem vir munidos com os seus documentos que os Rev. Parochos teem o direito e dever de exigir e examinar.

Quando algum Rev. Sacerdote d'esta ou d'outra Diocese, tiver devoção de celebrar a S. Missa no dia 13 por ocasião da peregrinação, avisará o Rev. Parocho da Fátima que o attenderá, não havendo outro compromisso ou inconveniente.

Leiria, 1 de Maio de 1923.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

AVISO

S. Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria atendendo á grande quantidade de pessôas que desejam receber a S. Comunhão no dia 13 d'este mês de Maio em N. Senhora da Fátima, sendo muito penoso ficarem até tarde em jejum depois de passarem a noite em viagem, concede que se celebre, ás 9 horas da manhã, a Santa Missa no mesmo local e se distribua a qualquer hora a S. Communhão aos fieis que se apresentarem devidamente preparados.

Antes do sermão, será o S. Sacramento exposto e no fim dada a benção aos doentes, que terão logar reservado, e a todos os presentes.

Todas as pessôas que nesse dia se dirigem áquele local procurem ir com o maior recolhimento e espirito de penitencia.

Que Nossa Senhora alivie os nossos queridos doentes e salve o nosso pobre Portugal!

Nas vesperas do Milagre (II de Outubro de 1917)

Convencido da sinceridade absoluta das tres creanças, que disseram ter visto cinco vezes Nossa Senhora no local denominado Cova da Iria, da freguesia da Fátima, concelho de Vila Nova d'Ourem, e ter ella declarado que no dia 13 de Outubro havia de fazer que todo o povo acreditasse no seu apparecimento, voltámos pela terceira vez áquela povoação. Embora receassemos que as creanças fossem victimas de uma allucinação, hypothese que aliás tudo nos faz repudiar, ou que os acontecimentos extraordinarios que alli se realisavam fossem provocados pelo espirito das trevas para fins desconhecidos, no nosso espirito ia-se radicando cada vez mais a convicção de que a Fátima era o local destinado pela Rainha do Ceu, Padroeira de Portugal, para theatro de novos prodigios da sua bondade e misericordia. Por esse motivo resolvemos partir com alguns dias de antecedencia, tomando no dia 10 o comboio, que nos conduziu a Chão de Maçãs, estação do caminho de ferro mais proxima da que talvez venha a ser considerada, por mercê de Deus, a Lourdes ou a La Salette portuguesa. Uma charrete transportou-nos a Vila Nova d'Ourem, donde, depois de havermos trocado impressões com o Rev.º Parocho daquela villa, sobre os acontecimentos que motivam a nossa viagem, seguimos para a Fátima onde nos apeámos ás 11 horas da noite, dirigindo-nos immediatamente para o logar de Montelo, a dois kilometros de distancia.

No dia seguinte de manhã propuzemo-nos ir interrogar novamente os videntes a Aljustrel, onde residem, a tres kilometros de Montello. Antes disso, porém interrogámos Manuel Gonçalves Junior, de 30 annos de idade, casado, homem intelligente e dotado de muito bom senso e de faculdades invulgares de observação.

—=—

Depoimento de Manuel Gonçalves Junior

São do teor seguinte as perguntas que lhe fizemos e as respectivas respostas:

— Os paes das creanças de Aljustrel que se dizem favorecidas com apparições de Nossa Senhora teem bôa fama, são gente honrada e de bons costumes?

— Os paes do Francisco e da Jacinta são pessôas muito boas, profundamente religiosos e respeitados e estimados por todos. O pae tem fama de ser o homem mais serio do logar. E' incapaz de enganar alguem.

O pae da Lucia frequenta pouco a egreja. Não é, porém, de maus sentimentos. A mãe é uma mulher honesta, religiosa e amante do trabalho.

— O que pensam os habitantes da Fátima a respeito do que as creanças dizem? Não as acreditam? Teem-nas por mentirosas? Ou julgam-nas victimas de uma allucinação?

— A principio o povo não queria ir á Cova da Iria. Ninguem acreditava nas creanças. Em treze de Junho, dia da segunda apparição, havia festa na egreja da freguesia em honra de Santo Antonio. Na Cova da Iria estavam apenas, á hora da apparição, sessenta pessôas. Os pais de Francisco e de Jacinta tinham ido de manhã cedo para Porto de Moz á feira chamada dos *treze*, com o fim de comprar bois, e regressaram já de noite. Na sua ausencia a casa encheu-se-lhes de gente que queria ver as creanças e fazer-lhes perguntas. Presentemente uma grande parte do povo julga que as creanças fallam verdade. Pela minha parte estou convencido disso.

—Nos dias das Apparições tem havido signaes extraordinarios? Ha muitas pessôas que afirmem tê-los visto?

—Os signaes fôram muitos. Em Agosto quasi todos os que estavam presentes viram esses signaes. Uma nuvem baixou até á carrasqueira. Em Julho notava-se o mesmo. Não havia poeira no local. *A nuvem empoou os ares que pareciam ennevoados.*

— Houve mais algum signal?

—Viam-se no ceu, proximo do sol, umas nuvens brancas que se tornaram successivamente vermelhas vivas (côr de sangue), côr de rosa e amarellas. O povo tornava-se desta ultima côr. A luz do sol deminuiu bastante de intensidade. Sentiu-se tambem um rumor de origem desconhecida em Julho e em Agosto.

— Suspeita-se de alguem que tenha induzido as creanças a representar uma comedia?

—Não, nem isso é verosimil.

—Tem vindo muita gente de fóra vêr as creanças e fallar com ellas?

— Tem vindo innumeras pessôas de toda a parte.

— Ellas acceitam o dinheiro que lhes queiram dar?

— Teem acceitado qualquer cousa, quando teimam muito com ellas, mas não acceitam por sua vontade.

— As familias são pobres? Vivem do seu trabalho? Teem propriedades?

— Não são pobres. São até abastadas. E se a familia da Lucia não o é mais, isso é devido á circunstancia de o pae ser pouco activo, descurando assim o amanho das suas propriedades.

— Ha na Fátima pessôas que tenham estado ao pé das creanças durante as apparições?

— Em Julho estiveram ao pé dellas Jacinto d'Almeida Lopes, do logar da Amoreira e Manoel d'Oliveira, deste de Montello.

— O que faz Lucia durante o tempo da apparição?

— Resa o terço. Quando se dirige á Senhora, falla alto. Eu proprio a ouvi em Junho, porque estava proximo. Algumas pessôas affirmam que ouvem o som das respostas.

—O local das apparições é muito frequentado tambem nos outros dias por pessôas piedosas ou por curiosos?

— E' muito frequentado, sobretudo aos Domingos. A maior concorrencia é á noite. Vão alli muitas pessôas, de perto e de longe, e mais ainda de fóra da freguesia. Rezam o terço e entôam canticos em honra da Virgem.

Terminado este interrogatorio, puzemo-nos a caminho de Aljustel e, chegado áquelle logar, dirigimo-nos immediatamente a casa de Lucia. Estava junto da sua habitação dando serventia a um pedreiro que concertava o telhado. Logo que nos viu, cumprimentou-nos respeitosamente. A mãe appareceu no mesmo instante e accedeu da melhor vontade ao pedido de nos deixar interrogar novamente a filha. Primeiro, porém, fizemos-lhe algumas perguntas.

—=—

Depoimento da mãe da Lucia

— Sua filha é parente do Francisco e da Jacinta?

— E' prima, porque meu marido é irmão da mãe delles.

— Como soube que Nossa Senhora appareceu a sua filha da primeira vez? Foi ella que lh'o contou?

— Tive conhecimento desse facto pela familia das outras creanças, porque a Lucia a principio guardou segredo e até chegou a aconselhar os companheiros a não dizerem nada com receio de que lhes ralhassem. Só depois de interrogada por mim é que disse o que tinha visto.

— Nunca reprehendeu sua filha por ter ido á Cova da Iria? Deu-lhe sempre inteira liberdade de lá ir no dia 13 de cada mês?

—Nunca a prohibi de ir a esse sitio. Umas vezes perguntava-lhe se queria ir, ela respondia affirmativamente, outras vezes ella mesma dizia que iria se eu lhe désse licença.

— As tres creanças costumam ir sósinhas ao local das apparições ou vão acompanhadas de outras creanças?

— Vão sós. Quasi sempre vão tambem outras creanças, mas acompanhadas dos paes e ficam ao pé delles, não se juntando com a Lucia e os primos della.

— As creanças guardavam gado, não é verdade? A quem é que esse gado pertencia?

— A Lucia guardava um pequeno rebanho de ovelhas e os primos outro. Pertenciam os rebanhos ás respectivas familias. A's vezes juntavam o gado, mas unicamente porque queriam. As ovelhas que a Lucia guardava, já as vendi.

— Como é que as creanças teem ido vestidas?

— Da primeira vez iam mal arranjadas, como andam quasi sempre os pastores. Das outras vezes, no dia 13 de cada mês, vão vestidas de fato claro e levam um lenço branco na cabeça.

— Consta-me que possue um livro intitulado *Missão abreviada* e que ás vezes o lê a seus filhos. E' verdade?

— E' verdade; possuo esse livro e tenho-o lido a meus filhos.

— Leu a historia da apparição de *La Salette* deante da Lucia e de outras creanças?

— Só deante da Lucia e dos outros meus filhos.

— A Lucia fallava ás vezes na historia de *La Salette*, mostrando de qualquer modo que essa historia tinha produzido grande impressão no seu espirito?

— Nunca lhe ouvi dizer nada a esse respeito, se bem me recordo.

— Quando as creanças fôram presas pelo administrador de Vila Nova d'Ourem, foi alguem reclamar que as restituisse aos paes?

— Um irmão do Francisco e da Jacinta foi fallar com ellas a casa do administrador. A senhora do administrador perguntou se ia buscar as creanças, ao que elle respondeu negativamente. Foi o proprio administrador que as veio trazer á Fátima.

—Tem vindo muita gente vêr sua filha?

— Tem vindo muita gente quasi todos os dias.

Concluido este interrogatorio convidámos quatro individos dignos de todo o crédito a assistir como testemunhas ao interrogatorio da Lucia: Anastacio da Thereza, Gonçalves da Silva, Manoel Henriques, todos de Aljustrel, e Francisco Rodrigues, da Moita do Martinho. Immediatamente demos principio á inquirição da vidente.

Interrogatorio de Lucia

Disseste-me ha dias que Nossa Senhora queria que o dinheiro offerecido pelo povo fôsse levado para a egreja da freguesia em dois andores. Como é que se arranjam os andores e quando é que elles devem ser levados para a egreja?

— Os andores compram-se com o dinheiro oferecido e serão levados para a egreja nas festas da Senhora do Rosario.

— Sabes com certeza em que sitio é que Nossa Senhora deseja que seja edificada uma capella em sua honra?

—Não sei ao certo, mas julgo que quer a capela na Cova da Iria.

— O que é que Ella disse que havia de fazer para que todo o povo acreditasse que ella appareceu?

— Disse que havia de fazer um milagre.

— Quando foi que ella disse isso?

— Disse-o umas poucas de vezes, mas só uma vez, na occasião da primeira apparição, é que lhe fiz a pergunta.

— Não tens medo que o povo te faça mal se não vir nada de extraordinario nesse dia?

— Não tenho medo menhum.

— Sentes dentro de ti alguma coisa, alguma força que te arraste para a Cova da Iria no dia 13 de cada mês?

— Sinto vontade de lá ir e ficava triste se não fôsse.

— Viste alguma vez a Senhora benzer-se, rezar, ou desfiar as contas do Rosario?

— Não vi.

— Mandou-te rezar?

— Mandou-me rezar umas poucas de vezes.

—Disse-te que rezasses pela conversão dos peccadores?

— Não disse; mandou-me só rezar a nossa Senhora do Rosário para que acabasse a guerra.

— Viste os signaes que as outras pessôas dizem ter visto, como uma estrella, rozas a despregarem do vestido da Senhora, etc.?

— Não vi a estrella nem outros signaes extraordinarios.

— Ouviste algum rumor, trovão ou tremor de terra?

— Nunca ouvi.

— Sabes lêr.

— Não sei.

— Andas a aprender a lêr?

— Não ando.

— Como cumpres então a ordem que a senhora te deu n'esse sentido.

— ! . . . . . .

— Quando dizes ao povo que ajoelhe e reze, é a Senhora que manda que o digas?

— Não é a Senhora que manda, sou eu que quero.

— Sempre que ella apparece, tu ajoelhas.

— A's vezes fico de pé, outras vezes ajoelho-me.

— Quando falla, a sua voz é doce e agradavel?

— E'.

— Que edade parece ter a Senhora?

— Parece ter uns quinze annos.

— De que côr é o cadeado do Rosario?

— E' branco.

— E a do crucifixo?

— O crucifixo tambem é branco.

— O veu cobre a testa da Senhora?

— Não cobre, vê-se-lhe bem a testa.

— O esplendor que a envolve é bonito?

— E' mais bonito que a luz do sol e muito brilhante.

— A Senhora nunca te saudou com a cabeça ou com as mãos?

— Nunca.

— Nunca se sorriu para ti?

— Tambem não.

— Costuma olhar para o povo?

— Nunca a vi olhar para elle.

— Ouves as conversas, rumores e gritos do povo durante o tempo em que estás vendo a Senhora?

— Não ouço.

— A Senhora pediu-te em Maio que voltasses todos os mesês até Outubro á Cova da Iria?

— Disse que voltassemos lá de mês a mês, durante seis mezes, no dia 13.

— Ouviste lêr a tua mãe o livro chamado *Missão abreviada*, onde se conta a historia da apparição de Nossa Senhora a uma menina?

— Ouvi.

— Pensavas muitas vezes nessa historia e fallavas della a outras creanças?

— Não pensava nessa historia nem a contei a ninguem.

Concluida esta inquirição, dirigimo-nos a casa das outras duas creanças, procedendo alli á sua inquirição, na presença do pae e de algumas das irmãs.

Interrogámos primeiro a Jacinta.

—=—

Interrogatorio da Jacinta

— A Senhora recommendou que rezassem o terço?

— Recomendou.

— Quando?

— Quando appareceu pela primeira vez.

— Ouviste tambem o segredo ou foi só a Lucia que o ouviu?

— Eu tambem ouvi.

— Quando o ouviste?

— Da segunda vez, no dia de Santo Antonio.

— Esse segredo é para serem ricos.

— Não é.

— E' para serem bons e felizes?

— E'. E' para bem de todos tres.

— E' para irem para o Ceu?

— Não é.

— Não podes revelar o segredo?

— Não posso.

— Porque?

— Porque a Senhora disse que não issessemos o segredo a ninguem.

— Se o povo soubesse o segredo, ficava triste?

— Ficava.

— Como tinha a Senhora as mãos?

— Tinha-as erguidas.

— Sempre erguidas?

— A's vezes voltava as palmas para o ceu.

— A Senhora disse em Maio que queria que fôssem á Cova da Iria mais vezes?

— Disse que queria que fôssemos lá durante seis mêses, de mês a mês, até que em Outubro dissesse o que queria.

— Ella tem na cabeça algum resplendor?

— Tem.

— Podes olhar bem para o rosto?

— Não posso, porque faz mal aos olhos.

— Ouviste sempre bem o que a Senhora disse?

— Da ultima vez não ouvi tudo por causa do barulho que o povo fazia.

Segue-se a inquirição do Francisco.

—=—

Interrogatorio do Francisco

— Que idade é que tens?

— Tenho nove annos feitos.

— Só vês a senhora ou ouves tambem o que Ella diz.

— Só a vejo, não ouço nada que Ella diz.

— Tem algum clarão em volta da cabeça?

— Tem.

— Podes olhar bem para a cara dela?

— Posso olhar, mas pouco, por causa da luz.

— Tem alguns enfeites no vestido?

— Tem uns cordões de ouro.

— De que côr é o crucifixo do Rosario?

— Tambem é branco.

— O povo ficava triste se soubesse o segredo?

— Ficava.

V. de M.

Cura de D. Thereza de Jesus Martins

D. Thereza de Jesus Martins, de 19 annos de edade, casada com Antonio Coelho Lucas, empregado publico, moradora na Avenida das Côrtes, 111, 4.º, E., Lisboa, começou a sentir-se muito fraca, três mêses depois do seu casamento, celebrado a 3 de Dezembro de 1921 na freguesia de A-dos-Cunhados, concelho de Torres Vedras, onde nasceu e vivia com sua familia e donde nesse mesmo dia retirou para a capital.

Receando causar inquietação ao marido, não lhe quiz a principio dizer nada ácêrca do seu estado de saude, mas, como algum tempo depois deitasse sangue em abundancia pela boca, apressou-se a pô-lo ao corrente do que se passava. De accordo com elle foi consultar o sr. dr. Cassiano Neves, que reconhecendo a sua extrema fraqueza e verificando que o pulmão direito estava affectado, lhe recommendou uma alimentação substancial e um repouso absoluto.

Algum tempo depois procurou o dr. Vicente Pedro Dias, que, tendo-a observado e constatado a existência de hemoptises a aconselhou a mudar de ares, saindo de Lisboa. Por duas vezes passou uma temporada na terra da sua naturalidade, regressando um pouco melhor á capital, mas peorando algumas semanas mais tarde e da segunda vez consideravelmente, tornando-se o seu estado mais grave do que nunca. Na esperança de que mudando de médico e de tratamento obteria as melhoras que tanto desejava, procurou no seu consultório da Rua do Alecrim o dr. António Augusto Fernandes, o qual diligenciou interná-la no sanatório de Portalegre, o que não conseguiu por não haver vaga naquella occasião, indo por esse motivo a enferma provisoriamente para o pavilhão de tuberculosos n.º 5 do hospital do Rego, no Campo Grande. Não podia, comtudo, resignar-se a ficar no hospital, isolada da familia, no meio de pessoas desconhecidas. A cama que lhe destinaram tinha o numero 13. Esta circunstância afligiu-a tanto que chegou a dizer á enfermeira que preferia morrer aos pés da cama a deitar-se nella. A sua aflição tornou-se ainda maior quando, por indiscrição de uma empregada, soube que estava tuberculosa. Insistiu por isso com o mais vivo empenho para que, sem demora, lhe fôsse dada alta, pois desejava ir morrer nos braços da mãe. Ao mesmo tempo escreveu ao marido e á madrinha de casamento, D. Berta Guimarães de Carvalho (Chancelleiros), moradora no mesmo prédio da Avenida das Côrtes, 2.º andar, pedindo que a tirassem do hospital, porque, como ella se expressava, não podia lá estar de maneira nenhuma.

Antes da sua entrada no pavilhão, a madrinha dera-lhe um frasco com agua de Lourdes e outro, mais pequeno, com agua de Fátima. A doente já tinha ouvido fallar de Nossa Senhora de Fátima, mas não sabia que a Virgem Santissima havia apparecido alli e que muitas curas extraordinárias eram atribuidas á sua intercessão. No próprio dia em que entrou no hospital, logo que teve conhecimento de que estava tuberculosa e não simplesmente fraca, como até então julgara, sentiu uma tão grande confiança em Nossa Senhora de Fátima, que se poz a invocá-la debulhada em lágrimas e prometteu que, se ella houvesse por bem curá-la, faria uma peregrinação ao seu sanctuário, oferecendo nessa ocasião duas velas de cêra da sua altura e percorrendo de joelhos a distância que lhe fôsse possivel até junto da sua veneranda Imagem. Todos os dias renovava as suas supplicas cada vez com mais fervor, recitando o terço do Rosario e tomando desde o primeiro dia algumas gottas de água da fonte da Cova da Iria. Entretanto o marido e a madrinha responderam-lhe, procurando convencê-la de que para seu bem devia continuar no hospital. No quarto dia apoderou-se do seu espirito uma tristeza tão profunda que, apesar da opinião contraria do marido e da madrinha, pediu novamente alta ao médico, que

se recusou a dar-lha, observando que ella não se achava em estado de ir para casa.

Chorou porém, e insistiu tanto para que lhe fizessem a vontade que lhe permittiram sahir.

Sem avisar a familia, encaminhou-se logo em direcção a um electrico, para o qual subiu com muita dificuldade. Se não fôra a caridade de alguns passageiros, teria cahido desamparada no chão, exhausta de forças.

Tendo-se apeado ao pé da porta da rua, subiu a muito custo e muito devagar as escadas. Em casa estava a sogra que, vendo-a naquelle estado, extremamente magra, fraquissima e com uma pallidez cadaverica, desatou a chorar.

A' noite chegou o marido que ficou consternado ao vê-la tão mal e a quem disse que, sabendo que estava tuberculosa e completamente perdida, desejava ir morrer junto da mãe.

Quatro dias depois partiu para a terra da sua naturalidade. Alli continuou a rezar a Nossa Senhora de Fátima e a ingerir algumas gottas de agua da fonte do local das apparições.

D. Thereza de Jesus Martins

Logo que bebia um golinho de agua e fazia as suas orações, as pontadas de que soffria desappareciam como que por encanto e sentia-se alliviada, satisfeita e bem disposta.

Nunca deixou de rezar o terço, o que fazia duas e três vezes em alguns dias. Um mês depois estava completamente curada. De dia para dia, desde que começou a beber a agua de Fátima, quando ainda estava no Pavilhão, o sangue que deitava pela bocca era menos abundante. Oito dias depois de ter chegado á terra da sua naturalidade, o fluxo de sangue acabou e a febre passou-lhe quasi de todo. Ao cabo de três semanas, as pontadas tinham desaparecido.

Precisamente nessa occasião exgotara-se a pequena provisão de agua de Fátima, que a madrinha lhe tinha fornecido. Após dois meses e meio de permanencia na terra, regressou a Lisboa. Foi no dia 17 de Outubro. Nesse dia, antes de partir, tomou uma colher de água de Fátima que lhe deram umas senhoras do seu conhecimento. Foi a última vez que bebeu dessa água. A 25 do mesmo mês voltou ao consultório do dr. Fernandes para que elle examinasse o seu estado. Ao vê-la na sua presença, tão differente do que era, forte, gôrda, córada e apparentando uma saude esplendida, o illustre clinico não poude reprimir um movimento de surpreza. Observou-a com toda a attenção e minuciosidade e por fim declarou que, tendo-a julgado perdida, a achava agora completamente curada, o que reputava inexplicavel, quer se considerasse o estado desesperado da enferma, quer se considerasse a rapidez como se tinha effectuado a cura.

Attestado médico

Antônio Augusto Fernandes, médico pela Faculdade de Medicina do Porto:

Attesto que a sr.ª D. Thereza de Jesus Martins, de 19 annos de idade, natural de A-dos-Cunhados, concelho de Torres Vedras, foi por mim tratada em Junho e Julho de 1922, de tuberculose pulmonar, com hemoptises, febre vesperal, emmagrecimento, suores nocturnos; hoje não subsistem sinais clinicos dessa doença.

E por ser verdade passo o presente que assigno e juro por minha honra.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1923.

(a) Antonio Augusto Fernandes

(Segue o reconhecimento)

V. de M.

Cura da menina Maria Amalia Canavarro

Maria Amalia do Amaral de Passos de Sousa Canavarro, que completará 13 annos de edade no dia 13 do próximo mês de Julho, filha do dr. João de Passos de Sousa Canavarro e de D. Amalia do Amaral Cabral de Sousa Canavarro, já fallecida, natural e moradora em Santarem, mas vivendo accidentalmente em Lisboa, na Travessa de Santa Gertrudes, n.º 6, foi assistir na sexta feira, 23 de Fevereiro, á solemne procissão do Senhor dos Passos na egreja da Graça, apesar de sentir desde pela manhã um leve incomodo de saúde de que não se queixou logo com receio de que a não deixassem sair e a que de principio não ligou nenhuma importancia. No dia seguinte, porém, o thermometro acusava a existencia de alguma febre, tendo sido por esse motivo prevenido o médico da familia, dr. António Pereira Cabral, que, achando-se um pouco adoentado e não podendo por isso visitar a enferma nesse dia, recomendou que lhe fizessem o mesmo tratamento que havia prescripto para as irmãs, as quais todas recentemente tinham tido sarampo. A doença ia seguindo com regularidade o seu curso, quando cinco dias depois, quarta-feira, vinte e oito, o estado da enferma se aggravou de repente, sobrevindo-lhe á noite uma especie de desmaio, de caracter profundamente assustador. Passou toda a noite muito mal. Na quinta-feira de manhã foi presa de um ataque violentissimo. A cara e as mãos tornaram-se roxas, os olhos embaciaram-se, ficando todas as pessoas que rodeavam o leito da pobre menina plenamente convencidas de que eram chegados os seus ultimos momentos. Causava immenso dó vê-la soffrer tanto. O coadjutor da freguezia de Santa Izabel, que foi mandado chamar com urgencia, apressou-se a vir, administrando-lhe o sacramento da Extrema-Uncção. O estado da enferma era considerado quasi desesperado. Durante todo o dia esteve gemendo continuamente sem ver nem ouvir e sem responder ás perguntas que lhe faziam. Os olhos tão depressa se lhe envidraçavam, como recuperavam a sua limpidez habitual. O dr. Figueiredo Valente, que a veio ver pela primeira vez na quarta-feira á noite, julgando reconhecer alguns dos symptomas da meningite, ordenou que sem demora se fizesse uma punção na coluna vertebral, constatando a analyse do liquido extraido a existencia de uma infecção nas meninges, proveniente do microbio do sarampo. A punccão realisou-se ás cinco horas da tarde e foi feita pelo dr. Romão Ferreira Loff. A noite immediata foi horrivel, tendo o diagnostico de meningite sido comprovado pelos gemidos e gritos caracteristicos dessa afecção que duraram toda a noite. No dia seguinte, primeira sexta feira de Março, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, cuja imagem tinha sido enthronisada no lar desta familia christã, foi chamado o confessor da casa para administrar o sacramento da Penitencia á enferma, o que não lhe foi possivel, porque ella nem sequer o reconheceu. A baronesa de Almeirim, tia paterna da menina e senhora de acrisolados sentimentos religiosos, pediu ao respeitavel sacerdote, quando este se despedia, que obtivesse de pessoa conhecida alguma porção de agua de Lourdes para a dar a beber á sobrinha, pois em casa já não havia dessa água, que aliás costumavam ter

Menina Maria Amalia Canavarro

Elle assim o prometteu, dizendo que, logo que a alcançasse, se daria pressa em vir trazê-la aquella familia, que com tanta pena sua via immersa na maior afflição e angustia. Algumas horas mais tarde appareceu uma senhora das relações da familia que, informada pelo referido ecclesiastico de tudo quanto se estava passando e do pedido da baroneza, se offerecera para ir pessoalmente levar não só agua de Lourdes, como tambem terra de Fátima e uma lasca do tronco da azinheira em que, segundo o depoimento dos videntes de Aljustrel, Nossa Senhora do Rosário pousava os seus pés virginaes durante as apparições. Na occasião em que chegou essa senhora estavam fazendo uma conferencia o médico assistente e os drs. Figueiredo Valente e Simões Ferreira. A opinião unanime dos tres distinctos clinicos depois de examinarem attentamente o estado da enferma foi que ella se achava perdida sem remédio.

Debalde se tinha lançado mão de todos os recursos da sciencia e nada mais era possivel experimentar para salvar a enferma. A baronesa, no auge da afflicção, fez uma promessa a Nossa Senhora de Fátima para obter da sua misericordia um milagre em favor da sobrinha querida. As creadas choravam convulsamente. As irmãs da enferma, Maria da Conceição, Maria Luiza, Izabel Maria e Maria do Carmo, todas mais novas do que ella, excepto a primeira, que vai fazer quatorze annos, não faziam outra cousa senão perguntar, numa anciedade indizivel, ás pessoas que se cruzavam

nos corredores, se a Amalinha já tinha morrido.

Logo que os médicos, terminada a conferencia, se despediram e retiraram, as creadas fôram aquecer agua para misturar com a terra do local das apparições. A baroneza não quiz intencionalmente utilisar-se da água de Lourdes, para que a cura da sobrinha, a verificar-se, como esperava, constituisse uma prova evidente da origem sobrenatural dos acontecimentos maravilhosos de Fátima. Entretanto foi collocada a lasca do tronco da azinheira na mão da enferma, que não a sentia nem tinha fôrças para a sustentar.

Uma das pessoas que lhe assistiam na doença explicou o que era esse objecto e pediu-lhe que o acceitasse. A menina ouviu a explicação e o pedido e tentou fechar a mão, o que conseguiu, segurando assim a reliquia da azinheira. Momentos depois a tia perguntou-lhe se queria tomar uma colher de água com terra de Fátima, respondendo-lhe ella affirmativamente só com a cabeça porque ainda não podia fallar.

Foi preciso introduzir-lhe a água pelos cantos da bocca, porque lhe era impossivel abri-la. Tendo lhe uma pessoa de familia recommendado que dissesse a jaculatória «Nossa Senhora de Fátima, rogae por mim», proferiu-a com viva piedade, mas fazendo um enorme esforço A pouco e pouco, porém, á medida que repetia a piedosa invocação, o esforço que empregava para a pronunciar ia diminuindo. Depois dizia espontaneamente e frequentes vezes com uma fé e um fervor tão do intimo da alma que comoviam as pessoas presentes a ponto de lhes arrancar lágrimas. «Nossa Senhora de Fátima, soccorrei-me, socorrei-me!» Passados poucos minutos começou a fallar. Mudou o boccado do tronco da azinheira de uma das mãos para a outra. A' tarde reconheceu o confessor que tinha vindo saber do seu estado, ficando muito contente por lhe ter ouvido affirmar que não se esqueceria de rezar pela sua cura. Nessa mesma tarde interessava-se já por tudo quanto se dizia em torno della, e no dia seguinte, de manhã, conversava sem custo nem cansaço e a luz do sol não a incomodava, assim como, á noite, nenhuma impressão desagradavel lhe causava a luz das lampadas electricas. As melhoras accentuavam-se cada vez mais de hora para hora. No domingo, logo de manhã cêdo, o médico assistente, que durante as três ultimas noites tinha dormido em casa da enferma, examinou-a detidamente e apressou-se a declarar, com surpreza e alegria que mal podia reprimir, que ella estava completamente livre de perigo.

Apezar da natureza e gravidade da doença, a menina não sofre de amnesia nem ficou com qualquer outro defeito.

Actualmente, onze de Abril, apresenta um aspecto excellente e está bastante nutrida.

Desde a tarde de sexta feira, dois de Março, tem manifestado várias vezes o seu vivo desejo de ir á Fátima, dizendo que não quer que ninguem lhe pague o bilhete do caminho de ferro, pois o ha de pagar á sua custa, com o producto do seu trabalho...

Lá irá effectivamente a piedosa menina, no dia treze de Maio, a essa terra privilegiada do Ceu, não no comboio, mas de automovel, juntamente com sua familia, afim de agradecer á augusta Virgem do Rosário a cura extraordinária de que foi objecto.

Attestado médico

António Parreira Cabral, médico cirurgião pela Universidade de Coimbra, declaro que tratei a menor Maria Amalia Amaral Cabral de Sousa Canavarro, de meningite, *consecutiva a sarampo, diagnostico confirmado pela analyse do liquido cephalo-rachidiano. Esteve a doente em estado de cama absoluto e chegou a ser o prognostico, o mais carregado possivel. Após 48 horas de therapeutica intensiva, desappareceram os symptomas mais alarmantes e a convalescença decorreu sem complicações. A sua Fé viva em que Nossa Senhora de Fátima a melhoraria depressa, por certo foi poderoso auxiliar na rapidez da convalescença. O que por ser verdade attesto e assigno.*

Lisboa, 27 de Abril de 1923.

(a) Antonio Parreira Cabral

Segue o reconhecimento. V. de M.

A peregrinação nacional
(13 de Maio de 1922)

Dia 13 de Maio de 1922 !

Que deliciosas recordações não suscita esta data memoravel nas almas crentes e piedosas de um paiz inteiro! Cinco annos são passados depois que, segundo o testemunho de tres innocentes creanças, a augusta e gloriosa Rainha do Ceu se dignou apparecer pela primeira vez na cumeada da serra d'Ayre para derramar graças de predilecção sobre o povo que a havia escolhido como sua Padroeira.

Fátima ! E' para esta terra bemdita, para o seu imponente sanctuario, que tem por pavimento a montanha, por paredes o horisonte e por cupula a abobada celeste, para a sua singela capellinha, que mãos sacrilegas ousaram tocar, para a sua fonte maravilhosa, manancial perenne de curas extraordinarias, é para este verdadeiro cantinho do Paraiso que no dia de hoje se volvem, de todos os pontos de Portugal, os olhos e os corações de centenas de milhares de fieis!

Nesta hora solemne entre as mais solemnes, não ha cidade por mais remota e esquecida, não ha aldeia, ainda a mais humilde e ignorada, onde ao menos alguns labios não suspirem, tremulos de commoção, o nome dulcissimo de Fátima, onde sequer alguns corações não palpitem de jubilo e enthusiasmo ao evocar o suave e mystico encanto que este nome encerra.

Ainda ha bem pouco tempo Fátima era apenas uma insignificante e quasi desconhecida povoação, perdida na serra d'Ayre, occulta entre massas gigantescas de montanhas cobertas de soutos de carvalheiras e pinheiraes.

E comtudo hoje, de um extremo ao outro de Portugal, milhões de vozes a proclamam a terra privilegiada entre as terras onde as almas atribuladas, os corações doloridos e os corpos martyrisados vão buscar luz e conforto, alegria e paz, remedio ou lenitivo para as suas maguas, para as suas angustias, para os seus incomportaveis soffrimentos physicos ou moraes. Effectivamente a outrora ignorada Fátima é hoje o mais bello centro de devoção a Nossa Senhora no nosso paiz e um dos maiores do mundo.

A' voz augusta da Mãe de Deus, que se dignou apparecer a trez humildes pastorinhos, centenas de milhares de peregrinos e visitantes acorrem de toda a parte em ondas impetuosas com um enthusiasmo que recorda o das Cruzadas e perante o santuario commemorativo das apparições desfilam cheios de respeito e veneração e com as almas a trasbordar da mais intima e mais pura alegria.

Como são simultaneamente comoventes e grandiosos na sua incomparavel simplicidade esses cortejos interminaveis que circulam naquella immensa esplanada, entoando os louvores da Virgem do Rosario !

Que espectaculo surprehendente nos oferece a multidão immensa dos abandonados da sciencia humana que alli vão buscar remedio, lenitivo ou conforto para as suas terriveis enfermidades !

Salvé, Fátima, formoso oasis do deserto da vida, jardim perfumado pelas brisas do Ceu, terra sagrada e bemdita, onde cada rochedo assignala um prodigio e cada pedra é testemunha de uma benção da augusta Virgem do Rosario !

Salvé, Fátima, mil vezes salvé !

•

Ha pouco mais de um anno, em 6 de Março de 1922, ás horas mortas da noite, a ordeira e pacifica população de Fátima acordava sobresaltada com o echo formidavel da explosão de quatro bombas de dynamite, collocadas por mãos criminosas de sectarios facciosos e intolerantes no interior da modesta ermida que a piedade popular tinha erguido na «Cova da Iria» como padrão commemorativo das apparições. A noticia do hediondo e sacrilego attentado voou com a rapidez do relampago de um extremo ao outro do paiz e provocou em todas as almas bem formadas um sentimento unanime de indignação e de protesto, pondo mais uma vez em destaque essa pittoresca aldeia graciosamente alcandorada num dos contrafortes da serra d'Ayre, onde ha cinco annos se deram acontecimentos maravilhosos que jámais se apagarão da memoria dos homens.

Toda a imprensa se referiu com palavras de viva reprovação a esse attentado cujo echo se repercutiu nas duas casas do parlamento, tendo o governo promettido pela voz do ministro das colonias castigar os seus auctores com todo o rigor das leis e sem contemplações de especie alguma. No dia 13 do mesmo mês, por iniciativa do rev. Parocho, realisou-se em Fátima uma solemne procissão de desaggravo. Quatro a cinco mil pessoas acompanharam o magestoso cortejo desde a egreja parochial até ao logar das apparições num percurso de cerca de tres quilometros. Nesse local deviam já estar naquelle momento mais de seis mil pessôas. Num altar improvisado em frente da capella, celebrou-se uma missa campal, durante a qual a multidão ajoelhada rezou, com recolhimento e fervor, o terço do Rosario. Era sobremaneira tocante o espectaculo daquella immensa multidão, de mãos postas e orando, em que se viam pessôas de todas as classes e condições sociaes. Foi uma grandiosa e sentida manifestação de fé e piedade, que não teria revestido tamanho brilho e imponencia, se não fôra o repugnante e execrando attentado.

Mas a piedade dos catholicos, offendidos no mais intimo, mais delicado e mais respeitavel dos seus sentimentos, não ficava plenamente satisfeita com este acto solemnissimo de desaggravo.

Expontaneamente, sem convites, sem preparativos de especie alguma, um movimento nacional de fé e reparação começa a esboçar-se, toma vulto e cresce desmesuradamente de dia para dia até se converter em 13 de Maio na mais extraordinaria e significativa manifestação religiosa dos ultimos tempos em Portugal.

Desejando presenciar essa scena de incomparavel belleza, esse espectaculo assombroso e empolgante que por todos os titulos devia revestir a grandiosidade de uma authentica apotheose, tomámos o comboio que parte da estação do Rocio ás seis horas e cincoenta minutos da tarde. Eram quasi onze horas da noite quando chegámos a Torres Novas. No hotel daquella pittoresca villa extremenha já não havia então um unico quarto disponivel. Valeu-nos nessa contingencia imprevista a gentileza captivante de um médico nosso amigo que providencialmente encontrámos e que com a fidalga hospitalidade tradicional em sua familia nos offereceu em sua casa ppusada e gasalhado que acceitámos gostosamente. Durante toda a noite passaram sem cessar grupos de peregrinos que, pelos caminhos asperos e pedregosos da serra, se dirigiam para a Fátima. No dia seguinte de manhã havia na historica villa um movimento desusado, só comparavel com o dos dias mais festivos do anno. Nas esquinas das ruas estão affixados exemplares de um pasquim intitulado *A Comedia de Fátima* e de um manifesto em resposta subordinado á epigraphe *Uma especulação reaccionaria*. E' mais um episodio eloquentemente significativo da eterna lucta entre o bem e o mal.

Centenas de peregrinos visitavam as egrejas, assistiam ás missas, commungavam e, após a acção de graças, encaminhavam-se para a praça atulhada de *camions*, *camionetes*, automoveis, trens e outros vehiculos, afim de occuparem os logares que lhes estavam reservados. Os trens partiram primeiro, tomando a direcção de Pedrogam e subindo lentamente a estrada da serra, pittoresca em extremo, mas bastante ingreme. Pouco depois das oito horas põem-se em andamento os *camions* e automoveis que, por não poderem atravessar a serra, teem de fazer um percurso quasi tres vezes mais longo, dando a volta por Villa Nova d'Ourem. O automovel que nos transporta adianta-se a todos os outros. Duas horas mais tarde, depois de contemplarmos por momentos o historico castello de Ourem, de que foi titular o Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, subiamos com a velocidade de quarenta kilometros á hora, a linda e magnifica estrada que conduz directamente a Fátima. Era constante o transito de vehiculos de toda a especie, desde os automoveis luxuosos até aos carros das fainas agricolas e ás carroças mais ordinarias. Ranchos de homens e mulheres de todas as edades e condições seguiam a pé para a Fátima, rezando o terço do Rosario ou entoando canticos sagrados. Na vespera e durante toda a manhã choveu sempre, com pequenas intermittencias. Estamos já no alto da serra, donde se desfructa um lindissimo panorama. Parámos junto da egreja parochial, que anda em obras, as quaes se vão realisando muito lentamente por falta de recursos.

Entrámos, ouvimos missa e commungámos. Tomado algum alimento, encorporámo-nos na procissão, que entretanto se tinha organisado e se punha já em marcha para a «Cova da Iria». E' uma visão de paraiso que encanta e commove até ás fibras mais intimas da alma. O governador civil de Santarem tentara impedir a todo o custo o cortejo religioso que classificava de «parada das forças reaccionarias de todo o paiz». Felizmente o administrador do concelho numa atitude digna e correcta e sobremodo prestigiosa para as Instituições, houve por bem não cumprir as ordens do governador civil, que por sectarismo estreito e odiento não hesitava em commetter um inqualificavel abuso de auctoridade. O presidente do ministerio, entrevistado por um jornalista catholico, affirmou de um modo peremptorio que o governo não tinha prohibido a peregrinação a Fátima.

E effectivamente, em que soffriam as Instituições ou em que perigava a Republica com aquella romagem piedosa? A procissão proseguia lentamente a sua marcha ovante em demanda do sitio das apparições. De todas as estradas, caminhos e veredas continúa a chegar gente, vinda de perto e de longe, que avança sob a chuva, de cabeça descoberta. Ao meio dia, á chegada da procissão, o espectaculo tornou-se soberbo, unico, indiscriptivel.

Segundo o calculo de officiais do estado-maior, pessoas competentes e desapaixonadas, que estavam presentes e com quem fallamos, o total daquele oceano humano devia ser superior a sessenta mil pessoas.

Ecclesiasticos, titulares, magistrados, parlamentares, officiaes, professores dos mais importantes estabelecimentos de ensino, medicos, advogados, jornalistas, grandes proprietarios do Norte, da Extremadura, das duas Beiras e do Alemtejo, senhoras da primeira nobreza de Portugal, caminhavam numa promiscuidade altamente commevedora, irmanados pela mesma Fé e pelos mesmos sentimentos, lado a lado de homens e mulheres da mais humilde condição social, de pobres e rudes mas dignos e honrados habitantes das aldeias e dos campos.

Eram dois rios de gente que iam juntar as suas aguas caudalosas e as suas vagas gigantescas naquella vastissima bacia cingida de collinas e outeiros.

Em torno da capella dezenas de milhares de pessoas aguardavam anciosamente a chegada do colossal e imponentissimo cortejo.

Resplandecendo de uma formosura soberanamente ideal, a veneranda imagem de Nossa Senhora de Fátima, precedida de irmandades, jóvens catholicos, anjos, virgens, cruzes, cirios e bandeiras, é levada num andor aos hombros de aristocratas da mais alta linhagem e de humildes filhos do povo. Entre a assistencia vêem-se duas mulheres vestidas de preto que se tornam alvo da attenção e curiosidade sympathica dos peregrinos: são Maria Rosa, mãe da Lucia, a protagonista das apparições, que está sendo educada num collegio do norte, e Olympia de Jesus, mãe dos seus co-videntes, Francisco e Jacintha, já fallecidos. Entretanto a chuva cessara de cahir. Meia hora depois começa a missa campal celebrada num altar improvisado junto das ruinas da capella pelo rev. Agostinho Marques Ferreira, parocho de Fátima.

O astro-rei brilhava em pleno zenith, cortejado de nuvens diaphanas e de uma alvura purissima de neve. O silencio incomparavel dos momentos solemnes, é profundo. Depois toda aquella mole immensa de povo ajoelha, reza e canta. A' elevação todos curvam a cabeça e ao *Sanctus* e ao *Agnus Deis* todos ferem o peito testemunhando assim o ardor da sua crença, espontaneamente e sem respeitos humanos. Um côro immenso entôa o «Bemdito». Centos de fieis recebem o Pão dos Anjos de mãos postas e orando com fervor. Veem-se muitos olhos marejados de lagrimas. Um effluvio do alto, um sopro divino parece perpassar atravez das almas. Dir-se-ia que se respira alli a largos haustos uma atmosphera saturada de sobrenatural.

Julgamo-nos por momentos em Lourdes, nas margens do Gave, junto da gruta de Massabielle a assistir á missa, ou na esplanada do Rosario durante a procissão do Santissimo Sacramento. Terminada a missa o distinto orador sagrado rev. dr. José Pedro Ferreira, sobe ao pulpito e disserta sobre a Fé e a devoção á Virgem, no meio do mais respeitoso silencio, apesar de, como elle proprio disse no principio do sermão, não poder ser ouvido sequer por uma decima parte da assistencia. De novo se organisa a procissão para o regresso. Nella se incorporaram pessoas de todas as classes e condições sociaes.

Reza-se o terço e entôam-se canticos, como na ida.

Em torno da fonte que brotou proximo da capella, em Novembro, pouco depois da primeira missa campal, vêem-se numerosos peregrinos bebendo agua ou enchendo com ella recipientes de todos os feitios e tamanhos que guardam religiosamente e levam para suas casas. Junto da capella derrocada pelas bombas explosivas, ricos, remediados e pobres offerecem os seus donativos para a construcção do projectado sanctuario em honra de Nossa Senhora do Rosario. Os grupos vão-se dissolvendo pouco a pouco. São cinco horas da tarde. O nosso automovel conduz-nos a Torres Novas e dalli, depois de jantar, á estação do Entroncamento, onde ás nove horas e trinta e cinco minutos tomamos o rapido Porto-Lisbôa, levando comnosco a recordação imperecivel de tantas scenas de uma belleza e magestade supremas e a saudade ineffavel daquelles logares bemditos, em que a alma se sente liberta dos liames do corpo, mais longe da terra, mais perto de Deus . . .

V. de M.

A VOZ DA FÁTIMA é distribuida gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Fátima. Quem enviar á redacção a quantia de dez mil réis, terá direito a recebê-la pelo correio durante um anno.

13 de Abril

No dia 13 de Abril último no local ora celebre e histórico a que o povo na sua linguagem singela chama prosaicamente desde tempos immemoriais, *Cova da Iria*, realisou-se, piedosa e sentidamente, a commemoração mensal das apparições de 1917.

Celebrou a missa campal, que principiou ao meio dia solar, o rev. Manuel Vicente Caetano, parocho da freguesia das Lapas, concelho de Torres Novas, acolytado pelo rev. Agostinho Marques Ferreira, parocho de Fátima.

Durante toda a manhã os peregrinos accorreram em grande número ao local das apparições, que estava rodeado de numerosos vehiculos de várias especies. Quando principiou a missa, achavam-se presentes cêrca de duas mil pessoas. Densas nuvens corriam no firmamento, mas só depois da communhão começou a cahir uma chuva muito miudinha que não incommodava ninguem.

Durante a missa, na fórma do costume, rezou-se o terço, fizeram-se as commoventes invocações de Lourdes e á communhão, que durou dez minutos, cantou-se o *Bemdito*.

O sermão, prégado pelo rev. dr. Manuel Marques dos Santos, professor no Seminário de Leiria, versou sobre a parábola evangélica da figueira esteril. Depois de expôr a parábola, o orador passou a explicá-la numa linguagem clara e accessivel ao auditório composto na sua grande maioria de gente do povo. O mundo, disse elle, é o campo e nós somos as figueiras.

Muitas vezes produzimos maus frutos, o que é ainda peor do que não produzir nenhuns. O agricultor que intercede por nós no Céu junto de Deus é a Santissima Virgem. Supplica-lhes que não nos arranque do mundo para nos precipitar no inferno. Sendo Mãe de Deus humanado por nosso amor, é tambem nossa Mãe desde a Incarnação e sobretudo desde o Calvário e, como deseja ardentemente a nossa felicidade, pede a seu Divino Filho que nos deixe estar mais tempo sôbre a terra para nos arrependermos dos nossos peccados e assim podermos salvar as nossas almas. Ao desejo da nossa felicidade em Nossa Senhora corresponde em nós um desejo egual. Mas ás vezes, obcecados pelas paixões, julgamos ver e pretendemos achar a felicidade onde ella não existe. Não a encontraremos nunca nos prazeres, nas honras e nas riquezas da terra, nem na satisfação das nossas inclinações perversas. A nossa verdadeira felicidade consiste em sermos bons, e seremos bons se cumprirmos fielmente os mandamentos da lei de Deus e da Egreja e os deveres do próprio estado. Jámais, porém, teremos uma felicidade completa senão no Céu.

Por isso muitas vezes, quando pedimos á Santissima Virgem que nos conceda os bens da terra, como, por exemplo, a saude, ella não attende as nossas supplicas. Quem sabe se, gosando saude, não abusariamos della para offender a Deus, transgredindo a sua santa lei? Mas, embora nos não dispense a graça que imploramos, dá-nos outra ainda melhor, incomparavelmente mais util para nós, como, por exemplo, aos doentes a resignação christã e a plena conformidade com a vontade de Deus no meio dos seus soffrimentos.

Ella está sempre intercedendo por nós para suspender o braço da justiça de seu Divino Filho.

Não raro, vendo os abusos que os homens commettem e a resistencia que fazem ás suas inspirações, digna-se descer á terra, para communicar os seus segredos a pobres, humildes e innocentes creaturinhas, como em La Salette, em Lourdes e talvez tambem em Fátima.

Ella vem até nós para nos intimar a deixarmos a senda do mal e a pensarmos a sério no negocio mais importante da nossa vida, que é a salvação eterna. Aqui, como em Lourdes, a todos recommenda que façam penitencia e que rezem o terço pela conversão dos peccadores. Ella quer, pois, sobretudo, a nossa emenda, o nosso bem espiritual, a nossa salvação. E' esse o fim que tem em vista e é esse tambem o fim que aqui nos traz. Devemos querer ser melhores do que somos para agradarmos cada vez mais á Augusta Rainha do Céu.

Se temos a nossa consciencia em paz e estamos já em graça de Deus, cumpre-nos diligenciar ser melhores de dia para dia.

Se temos a desgraça de estar em peccado mortal, devemos confessar-nos sem demora, porque não sabemos se Deus haverá por bem conceder-nos mais um dia ou mais uma hora de vida. E' isto precisamente que Nossa Senhora deseja. Muitos peregrinos veem aqui agradecer beneficios recebidos. Mas não basta. Devemos querer e procurar ser cada vez mais perfeitos.

A peregrinação á Fátima não é uma viagem de recreio. O seu objectivo é a nossa conversão ou o nosso maior aperfeiçoamento moral. Para isso é mister trilhar o caminho recto traçado pelos dez preceitos do Decalogo que se cifram em dois: amar a Deus sobre todas as cousas e amar o próximo como a nós mesmos. E, se alguem tiver a infelicidade de peccar gravemente, recorra á oração, arrependa-se do seu peccado e faça uma confissão bem feita, propondo firmemente nunca mais peccar. Peçamos a Nossa Senhora auxilio contra as tentações, contra as nossas más tendencias, contra os ataques do demónio, do mundo e da carne e seremos vencedores.

Digamos-lhe que queremos salvar a nossa alma, envidemos todos os esforços para o conseguir e ella não nos abandonará.

Deus creou-nos livres, podemos abusar da nossa liberdade, e mesmo aquelles que obtiveram graças assinaladas podem perder-se. A luta que temos de sustentar é por vezes bastante violenta. Para nos salvarmos, pois, é mister que o queiramos a valer, e só então é que teremos o direito de contar com a graça de Deus e com a protecção de Nossa Senhora. Praza ao Céu que todos os que se encontram agora aqui presentes tenham a ventura de se tornarem a encontrar um dia reunidos no Céu.

O distinto orador concluiu o sermão annunciando que o tinha prégado em cumprimento de uma promessa feita por uma piedosa mãe de familia que alcançara por intercessão de Nossa Senhora de Fátima uma graça assignalada para um filho muito querido.

Logo depois do sermão começou a chover torrencialmente, o que fez debandar mais depressa a enorme multidão de peregrinos que estacionavam junto da capella rezando as suas orações ou rodeavam a fonte maravilhosa para fazerem provisão da água salutar que jorrou com abundancia do chão arido da serra depois da primeira missa campal.

Visconde de Montello

Preces e canticos collectivos dos peregrinos durante a missa na Cova da Iria

Antes da missa o *Credo* de Lourdes. Emquanto o celebrante se paramenta o *Salvé, nobre Padroeira*. Durante a missa o terço do rosário. Depois de cada mysterio a jaculatória dos videntes, já approvada pela auctoridade ecclesiástica: *Meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e alliviai as almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas*».

A' consagração da hostia: *Eu vos adoro, Santissimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, tão real e perfeitamente como estaes no Céu.*» Ao levantar da Hostia: «*Meu Senhor e meu Deus*». A' consagração do Calix: «*Eu vos adoro, preciosissimo Sangue, Corpo, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, tão real e perfeitamente como estaes no Ceu*». Ao levantar do Calix: «*Meu senhor e meu Deus*». Logo em seguida as invocações:

—Senhor, nós Vos adoramos!

—Senhor, nós temos confiança em Vós!

—Senhor, nós Vos amamos!

—Hosanna, Hossanna ao Filho de David!

— Bemdito seja O que vem em nome do Senhor!

—Vós sois Jesus Christo, Filho de Deus vivo!

—Vós sois o meu Senhor e o meu Deus!

—*Adoremus in aeternum Sanctissimum Sacramentum.* (Cantado).

—Senhor, cremos em Vós, mas augmentai a nossa fé.

—Vós sois a resurreição e a vida!

—Salvai-nos, Jesus, aliás perecemos!

—Senhor, se o quizerdes, podeis curar-me!

—Senhor, dizei só uma palavra e serei curado!

—Jesus, Filho de Maria, tende piedade de mim!

—Jesus, Filho de David, tende piedade de nós!

—*Parce Domine, parce populo tuo, ne in aeternum irascaris nobis* (cantado).

—Oh! Deus vinde em nosso auxilio, vinde depressa socorrer-nos!

—Senhor, aquele a quem amais está doente!

—Senhor, fazei que eu veja!

—Senhor, fazei que eu ande!

—Senhor, fazei que eu ouça!

—Mãe do Salvador, rogae por nós!

—Saude dos enfermos, rogae por nós!

A' comunhão: «*Senhor, eu não sou digno que vós entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva.*» (Três vezes, rezado e cantado).

O «*Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento da Eucharistia, fructo do ventre sagrado da Virgem Purissima, Santa Maria*». Depois da comunhão as invocações a Nossa Senhora:

—Bemdita seja a Santa e Imaculada Conceição da Bemaventurada Virgem Maria, Mãe dé Deus!

—Nossa Senhora do Rosário, rogai por nós! (3 vezes).

—Minha Mãe Santissima, tende piedade de nós! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosário, dai-nos saude por amor e para glória da Santissima Trindade! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosário, convertei os pecadores! (3 vezes).

—Saude dos enfermos, rogae por nós. (3 vezes).

—Socorro dos doentes, rogae por nós! (3 vezes).

—O' Maria, concebida sem pecado, rogae por nós que recorremos a Vós! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosário, salvae-nos e salvae Portugal!

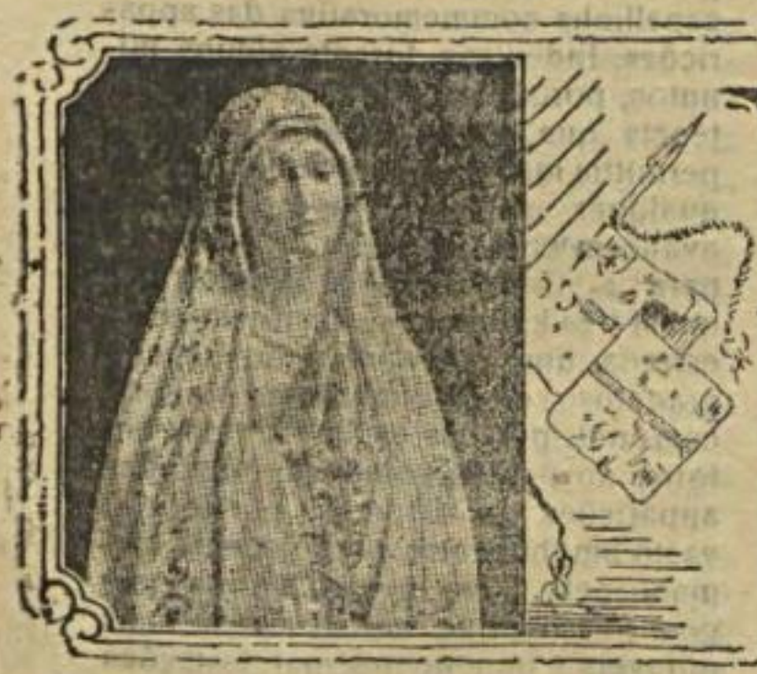
Avé-Marias e orações finaes.

Hymnos de N. Senhora da Fátima.

Sermão, Hymnos e *Queremos Deus*.

NOTA—As jaculatórias acima mencionadas são as únicas que por ordem da autoridade eclesiastica devem ser recitadas publicamente na Cova da Iria e além das indulgências que lhes estão anexas pela autoridade apostolica, concede o sr. Bispo de Leiria 50 dias a quem lá as recitar.

Ano I LEIRIA, 13 de Junho de 1923 N.º 9



A VOZ DA FÁTIMA

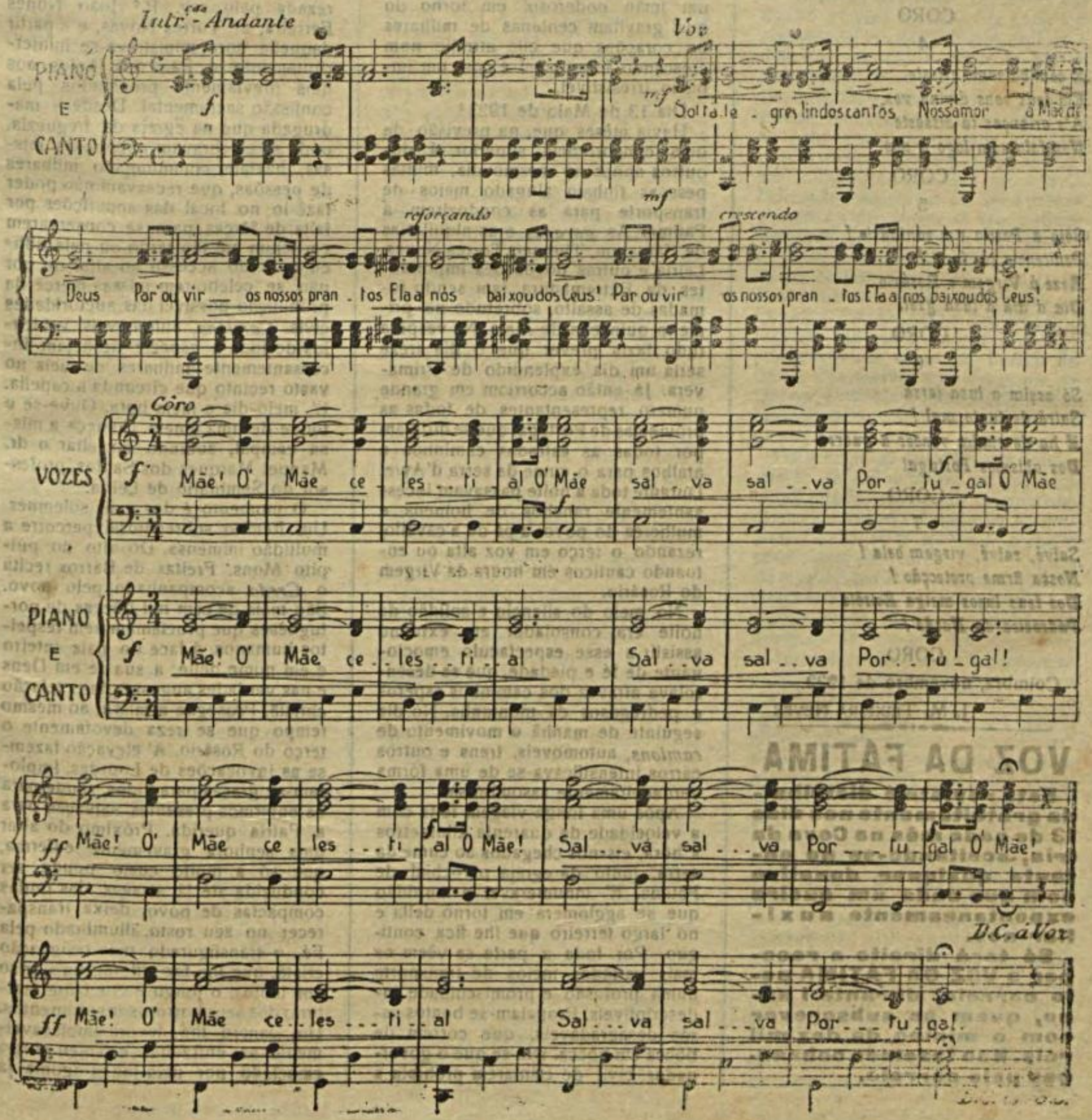
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Hymno a Nossa Senhora do Rosario de Fátima


Intr.ção - Andante
Voz
PIANO E CANTO
Deus Por ou vir os nossos pran . tos Ela a nós baixou dos Ceus! Por ou vir os nossos pran . tos Ela a nós baixou dos Ceus!
Côro
VOZES
Mãe! O' Mãe ce . les . . ti . al O' Mãe sal . va sal . . va Por . . tu . gal O' Mãe
PIANO E CANTO
Mãe! O' Mãe ce . . les . . ti . . al Sal . . va sal . . va Por . . tu . gal!
Mãe! O' Mãe ce . les . . . ti . al O Mãe! Sal . . va sal . . . va Por . . . tu . gal O' Mãe!
D.C. á Voz
Mãe! O' Mãe ce . les . . . ti . al Sal . . . va sal . . . va Por . . . tu . gal.

A' Virgem Nossa Senhora da Fátima

HYMNO

Solte alegres, lindos cantos
Nosso amor á Mãe de Deus!
Para ouvir os nossos prantos
Ella a nós baixou dos Ceus!

CORO

Mãe! ó Mãe Celestial,
Salva, Salva Portugal!

2

Deu-te em Fátima, Senhora,
Meigo sol de Portugal
Aureo treno, que aprimora
O teu rosto virginal!

CORO

3

E vieste pressurosa,
Quando as culpas eram mais
Suavisar, Mãe carinhosa,
Nossas penas, nossos ais!

CORO

4

E com balsamo celeste
Em teus sons divina voz,
A's crianças tu disseste
Nos falassem logo a nós.

CORO

5

Seja a Patria um santuario!
Penitencia já fazei!
Reze á Virgem o Rosário
Dia a dia a lusa grei.

CORO

6

Só assim a lusa terra
Sairá de tanto mal!
E ha de emfim vencer a guerra
Dos abismos Portugal

CORO

7

Salvé, salvé, virgem bela!
Nossa firme protecção!
Dos teus lusos meiga Estrêla
Padroeira da Nação!

CORO

Coimbra, novembro de 1922.

J. M. Teixeira Neves

VOZ DA FÁTIMA

Esta revista é distribuida gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Cova da Iria, aceitando-se no entanto qualquer donativo com que cada um queira expontaneamente auxiliar-nos.

Só terá direito a receber a VOZ DA FÁTIMA pelo correio, durante 1 anno, quem se subscrever com o minino de dez mil réis. Não fazemos cobranças pelo correio.

A peregrinação nacional

(13 de Maio de 1923)

Mais um dia admiravel de triumpho e de gloria ficará para sempre registado em lettras de ouro nos fastos divinamente bellos e incomparaveis de Fátima! Outra página brilhantissima se escreveu em caracteres indeleveis no livro encantador dos episódios maravilhosos da Lourdes portuguesa! Neste dia assignalado faz precisamente seis annos que teve logar a primeira Apparição. Ainda não se apagou nem jámais se apagará da memória daqueles que, n'esse anno, tiveram a dita de presenciar o signal de Deus, predito pelos videntes, a funda impressão que elle produziu em tão grande numero de almas deslumbradas por tamanha maravilha!

Desde então essa pequena nesga de terra, consagrada pela presença da Virgem Santissima, augusta Padroeira da nossa Patria, tornou-se um iman poderoso, em torno do qual gravitam centenas de milhares de corações que elle attrahe num crescendo formidavel e com um impulso irresistivel.

Dia 13 de Maio de 1923!

Havia mêses que, na previsão de uma concorrencia superior á dos outros annos no mesmo dia, muitas pessoas tinham alugado meios de transporte para as conduzirem á Fátima. As *garages* e as alquilarias de Santarem, Thomar, Torres Novas, Leiria e outras povoações importantes da Extremadura iam sendo tomadas de assalto, sobretudo na primeira quinzena de Maio. Na vespera tudo fazia prever que o dia treze seria um dia explendido de Primavera. Já então accorriam em grande numero representantes de todas as provincias de Portugal que se dirigiam por todas as estradas caminhos e atalhos para o cume da serra d'Ayre. Durante toda a noite passavam incessantemente ranchos de homens e mulheres do povo, a pé ou a cavallo, rezando o terço em voz alta ou entoando canticos em honra da Virgem do Rosário.

No meio do silencio e solidão da noite era consolador em extremo assistir a esse espectaculo emocionante de fé e piedade, que se desenrolava atravez dos caminhos asperos e pedregosos da montanha. No dia seguinte de manhã o movimento de *camions*, automoveis, trens e outros carros intensificava-se de uma fórma verdadeiramente assombrosa.

Após uma longa viagem feita com a velocidade de quarenta kilometros á hora, eis-nos chegados ao cume da serra, junto da egreja parochial de Fátima. E' innumeravel a multidão que se agglomera em torno della e no largo terreiro que lhe fica contiguo. Por toda a parte se vêem os mais variados meios de transporte numa profusão e promiscuidade indescriptiveis. Propalam-se boatos assás desagradáveis, que correm de bôcca em bôcca. Diz-se que o governador civil de Santarem prohibiu a procissão da egreja parochial para a capellinha commemorativa das apparições. Indecisos durante alguns minutos, porque se affirmava com insistencia que a auctoridade civil não permittia manifestações religiosas de qualquer natureza, os peregrinos avançam cheios de fé e de confiança para a Cova da Iria. Percorridos quasi três kilómetros, desfructa-se da estrada um panorama sobremaneira grandioso e deslumbrante. Mais de cem mil pessôas estão reunidas em torno do padrão commemorativo das apparições ou dispersas por todo o vasto amphitheatro circunjacente formado pela Cova da Iria. Vários amigos nossos que assistiram ás mais notaveis e imponentes manifestações religiosas e civicas do estrangeiro nos ultimos tempos confessavam estupefactos que nunca tinham visto uma multidão tão numerosa e um espectaculo tão magestoso e tão commovente. E' quasi meio-dia, hora official.

Um sacerdote está distribuindo a Sagrada Communhão. A's nove horas tinha havido na capellinha uma missa rezada pelo rev. P.e João Nunes Ferreira, de Torres Novas, e a partir daquella hora ministrava-se ininterruptamente o Pão dos Anjos aos fieis previamente preparados pela confissão sacramental. Desde a madrugada que na egreja da freguezia, onde se celebravam numerosas missas, haviam commungado milhares de pessôas, que receavam não poder fazê-lo no local das apparições por falta de fôrças para se conservarem em jejum até tão tarde ou pela difficuldade do accesso ao altar ou por não se celebrarem missas mercê da prohibição possivel das auctoridades civis. *Camions*, automoveis, vehiculos de toda a especie despejam incessantemente milhares de fieis no vasto recinto que circunda a capella. E' meio-dia e meia hora. Ouve-se o toque de uma sineta. Começa a missa campal, subindo ao altar o dr. Manuel Marques dos Santos, professor do Seminário de Leiria.

O momento é dos mais solemnes. Um frémito sobrenatural percorre a multidão immensa. Do alto do púlpito Mons. Freitas de Barros recita o *Credo* acompanhado pelo povo. São mais de cem mil bôccas de portuguêses que proclamam sem respeitos humanos, á face do paiz inteiro e em nome delle, a sua fé em Deus e nas verdades augustas da revelação christã. Prosegue a missa, ao mesmo tempo que se reza devotamente o terço do Rosário. A' elevação fazem-se as invocações de Lourdes. Implora-se graças para todos, saude para os enfermos presentes, salvação para a Patria querida. Próximo do altar uma senhora gravemente enferma, que só a muito custo poude ser conduzida até lá atravez das ondas compactas de povo, deixa transparecer no seu rosto, illuminado pela Fé, e transfigurado pela resignação christã, que lhe faz afflorar um sorriso aos labios, o longo e cruciante martyrio dos seus horrorosos sofrimentos. Um cancro lhe devora implacavelmente as entranhas e o seu corpo emaciado por uma longa agonia já

não é mais que um esqueleto ambulante. Vemo-la pállida, desfallecida, prestes a cahir por terra, exausta de fôrças. A mãe, que está ao lado della chorando em silencio como a estatua muda do soffrimento e da esperança, ampara-a carinhosamente. Subito ouvimos a pobre martyr exclamar num espasmo que corta o coração. «Meu Deus, não posso mais!»

Entretanto a multidão continúa a orar com fervor. Dir-se-ia que quer fazer violencia ao Céu, obrigando a misericórdia de Deus a operar prodigios.

«Senhor, se quizerdes, podeis curar-me! Senhor, aquelle a quem amais está doente! Senhor, dizei uma só palavra e serei salvo! Saude dos enfermos, rogai por nós! Nossa Senhora do Rosário, dae-nos saude por amôr e para glória da Santissima Trindade!»

E as quebradas da montanha repercutem lá ao longe o echo destas préces ardentes, destas supplicas muitas vezes renovadas, destes gritos dilacerantes que partem dos mais profundos recessos da alma humana impulsionada pela crença e pela piedade christã.

E' agora o *communio*. Muitas pessôas recebem a Jesus Sacramentado, emquanto se canta o pathetico «Senhor não sou digno» e o singelo mas commovente «Bemdito e louvado seja». Terminada a missa sóbe ao pulpito o rev. dr. Santos Farinha, que reconhecendo num relance de olhos a impossibilidade de se fazer ouvir por tão numeroso auditório, o maior talvez que jámais rodeou uma tribuna portuguêsa, renuncia a prégar um sermão e, num rasgo de eloquencia sagrada, interpretando os votos da alma nacional alli tão bellamente representada, dirige uma série de invocações sentidissimas á gloriosa Padroeira da Nação.

O orador acabou de fallar.

Vai-se dar a benção com o Santissimo Sacramento.

A Hostia Immaculada, exposta num artistico e formosissimo ostensorio, offerta de um piedoso joalheiro da capital, faz cahir de joelhos a multidão immensa, que adora profundamente o seu Senhor e seu Deus. Canta-se o hymno liturgico *Tantum ergo*. Recitada a oração final, o sacerdote officiante toma nas suas mãos sagradas a custodia reluzente e traça com ella uma cruz larga e demorada sobre aquelle vasto mar de cabeças humanas. Depois recolhe-se ao interior da capella afim de encerrar o Santissimo no Tabernaculo.

Sôa então um grito de angustia. E' a enferma de que acima fallamos que quer receber a benção especial de Jesus-Hostia e tenta romper por entre a multidão para se dirigir ao interior da capella. Com grande difficuldade conseguimos novamente afastar os fieis e abrir passagem á pobre senhora que amparada por algumas amigas dedicadas entra no sanctuario. Nesse momento, como já estivesse encerrado o Santissimo e lhe não pudesse ser dada a tão desejada benção particular, as dôres, como ella depois contou, redobraram de intensidade, uma angustia mortal desceu sôbre a sua alma e julgou que ia morrer. Mas de repente os soffrimentos desappareceram como que por encanto e uma suavidade immensa, um bem estar nunca experimentado, um conforto indefinivel se apoderou de todo o seu ser. Sahe da capella exultando de alegria, radiante de felicidade. Caminha com firmeza e desembaraço e não sente o mais ligeiro incommodo. Momentos depois ajoelha no chão da esplanada, passando despercebida atravez da multidão que ignora por completo o drama admiravel que se está desenrolando. O seu coração trasborda de gôzo e ventura e não sabe como traduzir os sentimentos de gratidão de que está cheio para com o Deus da Eucharistia e para com sua Mãe Santissima.

Sóbe de um salto para o automovel que a tinha transportado á Fátima e faz a viagem de regresso sem experimentar a menor fadiga. E' extraordinário, quasi insaciavel, o seu appetite.

Repelle com um sorriso de desdem o leite que lhe offerecem e come soffregamente e com abundancia do farnel dos seus companheiros de viagem cuja surpreza excede todos os limites. Tendo chegado a casa deita-se bem disposta e ella que, havia muitos mêses, mal podia passar alguns instantes pelo somno, dorme profundamente durante toda a noite. No dia seguinte principia a fazer a sua vida de todos os dias antes da terrivel enfermidade que a prostrara no leito. Passeia pelas ruas da sua cidade natal e é o assombro de quantos a vêem. Oito dias depois vai á egreja assistir a uma missa em acção de graças. Aquella bôa familia que vivia ha tanto tempo immersa na maior consternação, não sabe como manifestar o seu reconhecimento ao Deus de bondade que, por intercessão da Santissima Virgem, lhe restituiu uma pessôa muito amada que se julgava irremediavelmente perdida. Apenas um vago receio, talvez sem fundamento possivel, conserva suspensos os animos menos enthusiastas obrigando-os a guardar a prudente reserva que a Egreja sabiamente aconselha em casos desta natureza.

Trata-se na realidade de uma cura instantanea, completa e definitiva? Terão desapparecido totalmente as causas do mal? E' um caso de cura milagrosa evidente e incontestavel?

Teem a palavra sôbre tão momentoso problema a sciencia médica e o tempo, em face de cujos depoimentos a Egreja pronnunciará o seu *veredictum* seguro e inappelavel.

Mas voltemos a Fátima.

Muitos fieis rodeiam a fonte maravilhosa, retirando della milhares de litros da água.

Outros, em maior numero, conservam-se junto da capella, cumprindo promessas, rezando as suas orações ou entoando canticos.

Mas a maior parte dos peregrinos dispersam-se pelos arredores para tomar algum alimento ou assaltam os vehiculos de todas as especies que estacionam na estrada e nas immediações afim de se prepararem para o regresso. Numerosas associações —Irmandades, Confrarias, Centros do Apostolado da Oração, Filhas de Maria, Juventudes Catholicas, grupos de peregrinos organisados fazem as suas despedidas á Virgem do Rosário, rezando e cantando orações e canticos privativos, dando assim pleno desafogo á sua devoção para com a Augusta Rainha do Rosário.

São scenas de uma belleza ineffavel e de um encanto supremo que enlevam e arroubam a alma de quem as contempla, fazendo raiar a esperança fagueira de dias mais felizes e gloriosos para uma Pátria onde assim se crê e ama a Deus, onde se reza e canta como se reza e canta em Fátima.

Visconde de Montello

A peregrinação de Santarem

Entre as numerosas peregrinações que de diversos pontos do paiz accorreram a Fátima no dia treze de Maio ultimo merece especial referencia a peregrinação daquella importante cidade extremenha. Composta de mais de duzentas pessôas de todas as classes e condições sociais e organisada nos moldes das de Lourdes, ella destacou-se entre as outras pela fidelidade com que executou o seu bem elaborado programma, pela compostura e gravidade do seu porte, pelo aroma de piedade que rescendia de todos os seus actos religiosos individuaes e collectivos e pela belleza incomparavel das suas préces e canticos privativos. O seu distinctivo, que consistia numa linda medalha estrellada que tinha no anverso a effigie do Sagrado Coração de Jesus e no reverso a de Nossa Senhora do Carmo e estava presa a um elegante laço de fitinhas de côres branca e vermelha — as côres do brazão do Santo Contestavel, que foi conde de Ourem — atrahia a attenção de todas as pessôas fazendo fixar nelle detidamente os seus olhares maravilhados.

Os peregrinos scalabitanos utilisaram-se de varios meios de transporte, seguindo uns, cêrca de metade, directamente para Fátima na madrugada do dia treze em *camionettes* e automoveis particulares e de aluguer da cidade, dos arredores e até da capital, e indo os outros pernoitar a Torres Novas, para onde partiram no comboio das nove e trinta e cinco minutos da noite. Os peregrinos que constituiam este grupo assistiram no dia seguinte a uma missa rezada na egreja parochial de S. Thiago, á qual commungaram muitos, a maior parte delles, reservando-se os outros para o fazer em Fátima durante a missa campal, tendo-se todos confessado para esse fim nos dias precedentes.

Meia hora depois de terminada a missa, ás sete e meia, occupavam os seus logares nos *camions* e carros previamente contractados na villa para os conduzir á Fátima e que estacionavam na praça publica. A viagem de ida fez-se sem nenhum incidente desagradavel, seguindo os *camions* pela estrada de Villa Nova d'Ourem e tomando os carros um caminho ingreme, inacessivel aos *camions*, mas incomparavelmente mais curto, atravez da serra. A viagem por Villa

Nova d'Ourem foi verdadeiramente deliciosa e encantadora. A temperatura era bastante amena e o vento soprava muito brandamente. Uma hora após a partida os peregrinos ficam agradavelmente surprehendidos ao verem, proximo do logar do Outeiro, numa pequena eminencia á beira da estrada, em frente de uma pittoresca capelinha, a veneranda Imagem de Nossa Senhora de Lourdes, resplandecente de luz e de beleza aos raios vivissimos do sol num formoso ceu sem nuvens. Hora e meia mais tarde já se enxergam os vetustos e famosos castelos de Ourem, alcandorados na crista de um monte altissimo, sobranceiro a Villa Nova. Atravessada esta linda e hospitaleira povoação, entra-se logo na magnifica estrada districtal, recentemente construida, que liga Villa Nova d'Ourem a Fátima, Reguengo do Fétal e á historica villa da Batalha.

São ainda mais doze kilometros a percorrer, além dos dois e meio que medeiam entre Fátima e o local das apparições. A estrada vae atulhada de lés a lés com gente a pé, a cavallo, em carroças, trens, automoveis, *camions*, numa palavra, em vehiculos de todas as especies. E' um espectaculo interessante e profundamente commovedor. A's onze horas e meia avista-se de bem perto a egreja parochial de Fátima. Junto della comprime-se uma multidão enorme. Dalli até ao local das apparições avança-se com toda a precaução por entre ondas compactas de povo, que se encaminha lentamente para a Cova da Iria. Lá se divisa a pouco mais de cem passos o padrão commemorativo dos acontecimentos maravilhosos, completamente restaurado e accrescido de um alpendre amplo e comodo, mas singelo, sob o qual se ergue o altar, em que mais uma vez será immolada a Hostia Sacrosanta. Estão chegando numerosas peregrinações de varios pontos de Portugal, com os seus trajos, distinctivos e canticos caracteristicos. Talvez mais de cem mil pessôas se encontrem já reunidas áquela hora no vastissimo recinto da Cova da Iria. A peregrinação de Santarem reorganisa as suas fileiras, tomando logar á frente as piedosas filhas de Maria, e põe-se gravemente em marcha em direcção á capella, rezando as suas orações e entoando os seus canticos privativos. Precisamente no momento em que chega áquelle local produz-se um phenomeno atmospherico, cuja causa é completamente desconhecida e que é constatado por milhares de pessôas de todas as categorias, muitas das quaes insuspeitas e absolutamente inacessiveis á suggestão: vêem-se cahir do ceu sôbre o grupo das Filhas de Maria inumeros flócos, brancos como neve, de differentes tamanhos, que excitam a admiração dos circunstantes, e se desfazem como que por encanto a pequena altura por cima das suas cabeças. Os peregrinos de Santarem tomam parte nas orações e canticos collectivos, associando-se de alma e coração ás intenções da grande peregrinação nacional. Oram especialmente pela conversão dos peccadores e pela cura dos enfermos, supplicando com um empenho muito particular a misericordia de Jesus Sacramentado e a intercessão da Virgem Santissima para a grande enferma da sua peregrinação, D. Maria de Jesus Figueiredo, do grupo das Filhas de Maria.

Terminada a missa e o sermão, afastam-se para longe afim de restaurar as forças com os seus farneis, voltam ao local a despedir-se da Virgem cantando com enthusiasmo o hymno da Fátima e, retomando depois os seus logares nos vehiculos que os tinham trazido áquella estancia privilegiada, regressam uns a Santarem e outros a Torres Novas, aonde chegam ás oito horas da noite, partindo para Santarem no comboio da madrugada. Dôces e perduraveis são as recordações que trouxeram da sua piedosa romagem, abundante em fructos espirituaes. Todos desejam ardentemente que se faça em breve uma nova peregrinação desta cidade á terra do mysterio e do prodigio e neste desejo são acompanhados por innumeros scalabitanos que, mercê de varias circunstancias, não tiveram a ventura de se incorporar na grande homenagem nacional de treze de Maio findo a Nossa Senhora da Fátima.

V. de M.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte do n.º 7	1.897:370
Impressão do n.º 7	95:000
Impressão, etc, do n.º 8	568:000
20 resmas de papel	1.023:200
Outras despezas	20:450
Somma	3 604:020

Subscrição

(Continuação do n.º 7)

Padre Horacio Fernandes Biu	10:000
D. Henriqueta do Rosário Coelho Pereira	10:000
Dr. Tomás Gabriel Ribeiro	10:000
D. Virginia d'Assumpção Machado	10:000
José Antonio Gonçalves d'Azevedo	10:000
Um anónimo, devoto de N. Sr.ª	100:000
Esmolas colhidas no dia 13 de Março	21:800
D. Maria do Carmo Bacellar	10:000
D. Maria Emilia de Aragão da Costa Lacerda	10:000
Padre Luiz Caetano Portella	10:000
Engenheiro Antonio Torres	10:000
D. Maria da Assumpção Ribeiro de Avelar	10:000
Silva Braga	10:000
João dos Santos Pereira	20:000
D. Emilia Ribeiro da Silva	10:000
Domingos Dias	10:000
Dr. Gualdino de Queiroz	10:000
Padre João da Cruz Prata	10:000
D. Maria José Ventura Lourenço	10:000
Padre Rodrigo Luiz Tavares	10:000
Por intermédio de Francisca de Jesus	2:500
Por intermédio de Domingas Loja	2:500
Varias esmolas	10:000
D. Mary Carroll	10:000
D. Anna de Souza Lara	10:000
Manuel Teixeira Pinto	10:000
D. Guilhermina de Jesus Alberto Gomes	10:000
D. Clara Maria Ribeiro Telles	10:000
Esmolas do dia 13 de Abril	42:550
Leonardo dos Reis Baião	10:000
D. Maria Constança Albuquerque	10:000
D. Carolina da Conceição Silva (2.ª vez)	5:000
Manuel Higino Vieira	10:000
Manuel Duarte Silva	10:000
D. Maria dos Prazeres de Menezes e Castro de Gouvêa Osorio Pereira de Melo	10:000
Padre Marceliano Natário	5:000
Filipe Correia	2:500
D. Maria Joanna Correia	2:500
Padre Manuel Jacob Sardinha	10:000
D. Guilhermina de Jesus Cabrita	10:000
Condessa de Margaride	10:000
Padre Francisco de Assis Ferreira	10:000
Antonio da Silva Faria	10:000
Inacio Antonio Marques (3.ª vez)	2:500
Daniel d'Oliveira	10:000
D. Maria Paula Bentes	10:000
D. Maria Amalia de Azevedo Coutinho	10:000
D. Florencia dos Anjos Godinho	10:000
D. Maria do Carmo Forjão de Gusmão	10:000
Antonio Luiz Fernandes	5:000
Francisco José Victorino Gomes	10:000
D. Maria José Leite	5:000
Martinho Pinto	2:500
Antonia Valente de Almeida	2:500
D. Emilia Pizarro de Portocarrero	10:000
Padre Antonio José Rodrigues	10:000
Dr. Antonio J. Victorino da Silva Coelho	10:000
Manuel Antunes Mota	10:000
D. Alice Barbosa	15:000
Anthero Pacheco da Silva Moreira	20:000
D. Deodata Amelia Malato	10:000
Antonio Prates Ribeiro Teles	10:000
Alfredo de Magalhães Soares	5:000
Faustino da Costa	10:000
D. Gertrudes Pinto Serrano	10:000
D. Maria Albertina Lima da Silva	10:000
Francisco Sampaio Barbosa	10:000
D. Maria Barbara Simões	10:000
Madame Miranda Viana	10:000
D. Julia de Almeida	10:000
Pad. Joaquim Rodrigues Moreira	10:000
D. Corina Ferreira Fontes	10:000
D. Maria Luiza Vilhena Coutinho	10:000
D. Carolina da Piedade Silva Villela	20:000
D. Amelia Martins	20:000
D. Emilia Belo Brito Chaves	10:000
Ricardo Cardoso de Almeida	10:000
D. Maria Margarida de Campos Casais	10:000
Padre Augusto José da Trindade (2.ª vez)	5:000
D. Maria Aurélia Perez Abranches	10:000
Esmolas várias	39:400
D. Maria José Lopes	10:000
D. Francisca Ferreira	10:000
D. Rosa da Glória Rebimbas	10:000
Da Maria José Leiras	2:500
De Piedade Pinheiróa	2:500
D. Glória de Jesus Rebimbas	10:000
D. Rosa Emilia da Costa	10:000
Antonio Camilo Pinto	3:000
Várias esmolas (D. Celeste)	4:000
D. Izabel d'Almeida da Costa Pereira	10:000
D. Cesalina Rollo Salema	10:000
D. Maria Anna Vellez Rollo	10:000
Francisco Mendes	10:000
Antonio d'Oliveira Caseiro	10:000
José Augusto de Mello Cabral	10:000
Padre Antonio Maria dos Santos Campos	10:000
D. Emilia Guimarães	10:000
D. Maria José Carvalho Pinheiro e Almeida	10:000
D. Maria Judice Bicter Bustorff Silva	10:000
Baroneza de Samora Correia	10:000
D. Evodia da Luz d'Almeida e Napoles	10:000
D. Izabel de Mello Falcão Trigoso Siqueira	10:000
D. Marianna Pinto de Soveral	10:000
D. Maria Izabel Saldanha Oliveira e Souza	10:000
D. Afonso d'Albuquerque	10:000
D. Maria da Conceição Pereira de Lima Caupers	10:000
D. Amelia das Dores	10:000
D. Luiza Cabral	10:000
José Augusto Falcão	10:000
Padre Manuel Lopes Correia	10:000
Carlos Alberto da Costa Reis	11:000
Dr. Henrique Queiroz de Atayde e Lemos	12:000
Padre João Chrysostomo Gomes d'Almeida	10:000
D. Maria José Costeira	10:000

Ano I LEIRIA, 13 de Julho de 1923 N.º 10

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇAO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE JUNHO

Todos os annos neste dia se realisa na egreja parochial de Fátima uma festa solemne em honra do glorioso thaumaturgo Santo Antonio de Lisbôa. Depois que a peregrinação mensal á Cova da Iria começou a fazer-se com mais regularidade, muitas pessôas tiveram o receio de que ella empannasse de algum modo o brilho dessa festividade, desviando grande numero de fieis da séde da parochia. A experiencia dos ultimos annos, e especialmente o que succedeu no dia 13 de Junho findo, provaram á saciedade que semelhante receio não tinha fundamento plausivel. Todavia, para não se desdobrar o concurso de fieis entre a festa da egreja e a commemoração da Cova da Iria, no que havia vantagem para todos, era muito para desejar que a festa fôsse transferida para o Domingo seguinte, o que, em nada, segundo parece, prejudicaria as solemnidades em honra do grande santo portuguez, honra da nossa Patria e gloria do Catholicismo. A circunstancia da coincidencia da festa de Santo Antonio com a commemoração das apparições e o assombroso concurso de peregrinos no dia treze de Maio á Cova da Iria faziam suppôr a toda a gente que o numero de fieis que haviam de visitar aquelle local em treze de Junho seria bastante diminuto, não excedendo o dos outros dias treze, com excepção de treze de Maio e treze de Outubro. Mas, contra a expectativa geral, não aconteceu assim.

Já na vespera á tarde tinham chegado innumeros peregrinos que passaram a noite em oração junto da capella commemorativa das apparições. No dia treze ás dez horas o rev. dr. Marques dos Santos celebrou a primeira missa, dando a Sagrada Communhão a muitas centenas de pessôas. Ao meio dia solar principiou a segunda missa, resada pelo rev. Manuel Marques Combina, prior do Arrabal.

No pulpito o dr. Marques dos Santos faz as invocações do costume, repetidas em côro pela multidão. Estão presentes cêrca de quarenta mil pessôas. O silencio, a compostura e devoção da assistencia commovem e encantam. No recinto fechado em torno do altar encontram-se os doentes. Dois delles chamam as attenções dos circumstantes. Do lado do Evangelho, um homem com a apparencia de muito novo, typo de antigo militar, denunciado pelo seu largo capote azulado de botões amarellos, está sentado num pequeno banco, ao lado da irmã que, carinhosamente, o ampara. No seu rosto pallido e desfigurado, descobrem-se vestigios de longos e profundos soffrimentos. Resava com recolhimento e fervor, parecendo dominado por uma grande confiança na bondade de Maria Santissima e por uma resignação completa á vontade divina.

Rainha Santa Izabel

Uma das padroeiras da cidade de Leiria e que foi muito devota de Nossa Senhora da Conceição, cerca de cinco seculos antes da definição dogmatica deste misterio

Do lado da epistola uma figura distincta de fidalgo, rodeado de toda a sua familia, está sentado numa cadeira, proximo do altar. Mudo e paralitico, por effeito de uma congestão cerebral, que o acommetteu em trinta e um de Janeiro ultimo, esse illustre titular veio expressamente da provincia do Minho, de automovel, pedir á Santissima Virgem a sua cura ou a conformidade com a vontade de Deus na grave tribulação que o afflige. Junto delle estão o seu confessor, um venerando sacerdote de mais de meia edade, e o seu dedicado médico assistente, tão notavel pelo seu saber como pelo fervor da sua crença. A piedade e resignação do nobre Conde de M., inutilisado pela desgraça em plena força da vida, edifica e commove todos os presentes, que oram fervorosamente por elle e pelo enfermo seu visinho do lado do Evangelho.

Algumas senhoras, em contrario das recommendações da Apparição aos videntes que profligam o luxo exaggerado e as modas immoraes, ostentam lamentavelmente os braços núS e os vestidos decotados. Não se comprehende que pessôas que se prezam de christãs sejam escravas de modas indecentes, escandalisando os fieis, profanando o logar santo, desgostando a Santissima Virgem. Quem sabe se a presença de pessôas tão esquecidas dos deveres que a modestia impõe a todos, impede a maior effusão das graças do Senhor sôbre os enfermos presentes!

Praza a Deus que todas as senhoras que vão á Fátima e a quem decerto só move a fé e o desejo de agradar á Mãe de Deus se compenetrem das suas obrigações sob o ponto de vista do vestuario, nunca trajando, nem alli nem em qualquer outra parte, senão em harmonia com as regras mais severas da moral christã.

Entretanto continúa a santa missa. Innumeras pessôas se approximam da mêsa da Eucharistia. O «Bemdito»

cantado pelo povo durante a communhão é de um effeito surprehendente. Terminada a missa, canta-se o «Tantum ergo» e dá-se a benção com o Santissimo Sacramento, primeiro a todos os fieis e depois a cada um dos doentes. Nesse momento repete-se o interessante phenomeno atmospherico do mês anterior, no meio de exclamações e gritos de surpreza e commoção de muitas das pessôas presentes que olham para o ceu e para o sol.

No fim da missa sóbe ao pulpito o rev. David das Neves, que fallou sentidamente da devoção da Virgem e do odio cego e incansavel dos inimigos de Deus a todas as manifestações de caracter religioso.

Ao concluir o sermão, annunciou que o tinha prégado em acção de graças por uma cura maravilhosa de que tinha sido objecto a pessôa que lh'o havia encomendado.

Depois do sermão, os peregrinos cumprem as suas promessas, adquirem exemplares da VOZ DA FATIMA, retiram-se para longe afim de comerem os seus farneis, vão buscar agua á fonte maravilhosa ou conservam-se de joelhos ao pé da capella rezando devotamente as suas orações e fazendo as suas despedidas á augusta Virgem do Rosario.

VISCONDE DE MONTELLO

As curas da Fátima

Maria da Ascensão Franco, de 18 annos de edade, natural de Leiria, filha de Alfredo Ignacio Franco e de D. Maria da Conceição Franco, já fallecida, adoeceu gravemente com bexigas negras no dia 20 de Dezembro de 1919. Grassava então pela cidade a epidemia da variola. No anno anterior tinha estado em perigo de vida com um ataque de bronco-pneumonia, chegando a correr o boato do seu fallecimento. Nesse dia, que era um sabbado, sentindo-se mal disposta, não sahiu de casa. A' noite, depois de tomar o chá com a familia, deitou-se tranquilla, suppondo tratar-se de um incommodo leve e passageiro, embora o thermometro accusasse 39 graus de febre. No dia seguinte quiz ir á missa, mas não poude. Resolveu-se mandar chamar o médico, dr. Antonio Julio Telles de Sampaio Rio, que não tardou a vir. A principio não conheceu a natureza da doença. Voltou nos dois dias seguintes de manhã e, neste ultimo dia, poude já constatar com segurança que se tratava de um caso de variola. No mesmo dia á tarde a enferma recebeu a visita do dr. José Coelho Pereira em vez da do dr. Sampaio Rio, que teve de retirar urgentemente para Coimbra.

Durante os quatro dias immediatos o estado da doente aggravou-se consideravelmente. Na noite de quinta para sexta-feira produziu-se a obstrucção do nariz e da garganta, o que lhe causava grande incommodo. Não podia fechar a bocca e a garganta estava extraordinariamente inchada.

Vendo-a tão afflicta, uma de suas irmãs, Julia da Encarnação Franco, que ficou durante uma noite a acompanhá-la, recommendou-lhe que invocasse Nossa Senhora de Fátima, tanto mais que não podia tomar os remedios, que lhe provocavam vomitos. A doente prometteu então ir em peregrinação a Fátima e dar uma esmola para as obras do Sanctuario se alcançasse a sua cura.

Na manhã seguinte uma visinha e amiga, D. Maria Francisca Fitipaldi, de nacionalidade italiana, que tinha em 1917 obtido uma grande graça por intermedio de Nossa Senhora de Fátima, vendo as irmãs consternadas a chorar e não reconhecendo a enferma que, completamente desfigurada, parecia uma chaga dos pés á cabeça, dominada por uma compaixão profunda fez uma promessa a Nossa Senhora de Fátima e preguntou á doente se não queria tomar agua com terra do local das apparições, respondendo ella affirmativamente, pelo que foi logo a sua casa preparar essa mistura.

A enferma, que não era capaz de tomar os remedios que lhe tinham sido receitados, poude beber a agua e logo em seguida adormeceu.

Esse somno foi mais prolongado que os outros que costumava dormir. Quando acordou, horas depois, a garganta estava desinchada e limpa.

Mesmo antes de tomar algum alimento, a doente teve a impressão de que podia engulir, e reconhecendo isso, poz-se a chorar de alegria, disse que se sentia melhor e que Nossa Senhora a tinha curado.

Por determinação do medico, desde terça-feira á noite, tomava banho duas vezes por dia. Nesse dia começaram a deitar terra de Fátima na agua do banho.

O medico tinha dito na quinta-feira que ella na sexta-feira e sabbado havia de estar peor. Na sexta-feira á noite a irmã Herminia da Conceição Franco preguntou ao medico, durante a visita, se não lhe parecia que as bexigas já estavam a seccar. O medico replicou: «Isso seria seccar depressa de mais; é impossivel».

Era precisamente nesse dia que ellas deviam principiar a sahir. Manifestou por isso o receio de que estivessem a recolher.

No sabbado de manhã ao examinar a enferma ficou muito admirado, declarando que realmente as bexigas já começavam a seccar. E comtudo ella estava completamente preta, tendo o medico affirmado que nunca tinha visto uma camada como aquella. Nesse mesmo sabbado já poude ter-se de pé na banheira. Nos dias antecedentes chorava com dôres nos pés, tendo as irmãs grande trabalho para lhe dar o banho.

Uma visinha, vendo-a na convalescença, disse ás irmãs que não deviam dizer que ella tinha tido bexigas negras, porque não estava desfigurada, como o não está agora.

Essa visinha nunca a tinha visto durante a doença. Pediu-se muito a Nossa Senhora que não permittisse o contagio e ninguem o teve. A enferma foi melhorando de dia para dia. Esteve de cama só quinze dias e não se levantou mais cedo porque não quiz. Levantou-se pela primeira vez no dia de Reis e nunca mais tornou á cama.

As circumstancias em que a cura se realisou produziram no espirito das pessôas de familia e dos amigos e conhecidos a convicção de que foi devida a um verdadeiro milagre, robustecendo ainda mais essa convicção o facto de nenhuma outra pessôa da casa ter tido variola. Quando ella se levantou, adoeceu o pae, que não tinha querido vaccinar-se. O medico, que foi logo mandado chamar, disse que, tendo havido bexigas em casa, com certeza eram bexigas o que elle tinha. Mas de facto não foi senão um ligeiro incommodo de saúde de que em breve se restabeleceu

A enferma foi á Fátima pela primeira vez depois da doença no dia 13 de Agosto do mesmo anno, afim de agradecer a Nossa Senhora a sua cura. Antes da doença tinha lá ido tres vezes: em 13 de Setembro de 1917, em 13 de Outubro do mesmo anno e em 13 de Setembro de 1918. Rezou no dia 13 de Agosto de 1920 junto da capella comemmorativa das apparições, onde entrou, mas com dificuldade, não se podendo demorar muito dentro della por causa da grande concorrencia de povo Desde então tem sempre gosado de bôa saúde. Está forte e nutrida e o seu aspecto é excellente.

V. de M.

Em acção de graças

D. Thereza de Jesus Martins e M.lle Maria Amalia do Amaral de Passos de Souza Canavarro, de cujas curas sobremaneira admiraveis a VOZ DA FATIMA inseriu no penultimo numero relatos pormenorisados, fôram no dia treze de Maio a Fátima afim de agradecer a Nossa Senhora os favores extraordinarios que se tinha dignado dispensar-lhes quando, perdidas humanamente todas as esperanças, a Ella recorreram como Mãe de misericordia e Saúde dos enfermos.

As duas felizes privilegiadas da Santissima Virgem, encontraram-se por acaso na egreja parochial de Fátima, pouco depois da sua chegada, e ahi, reconhecendo-se uma á outra, por intermedio de pessôas amigas, abraçaram-se commovidamente e fizeram em commum a sua primeira acção de graças.

D. Thereza, a antiga tuberculosa, hoje completamente curada, que não lográmos descobrir entre a multidão immensa, teve a satisfação indizivel de cumprir a promessa que fizera de ir de joelhos até junto da veneranda Imagem da augusta Virgem do Rosario. Com extrema difficuldade conseguiu romper atravez da massa compacta de fieis e já debaixo do pavilhão ao pé da capella, viu, com grande surpreza e alegria, aquellas senhoras suas conhecidas que lhe tinham fornecido a ultima porção de agua de Fátima que bebera durante a sua doença.

O marido, que ficara retido no leito com um forte ataque de «grippe», não consentiu que, para lhe assistir

na doença, como desejava, a esposa desistisse da piedosa romagem, addiando o cumprimento da sua promessa.

Depois da missa campal e do sermão tivemos o prazer de fallar demoradamente com a menina Maria Amalia Canavarro, aquella ditosa creança atacada de meningite cerobro-espinhal e desenganada dos medicos, que Nossa Senhora de Fátima salvou, segundo a expressão do illustre medico assistente dr. Parreira Cabral. Acompanhavam-na seu pae, o dr. João de Passos de Souza Canavarro, suas tias, a baroneza de Almeirim (D. Luiza) e D. Maria Xavier de Passos de Souza Canavarro, e sua irmã mais velha, Maria da Conceição Canavarro.

O aspecto da venturosa menina é o de uma pessôa saudavel e robusta, respirando vida e alegria, em plena florescencia da primavera da mocidade. Ninguem ousaria hoje dizer, ao vê-la, que poucos mezes antes tivera uma doença tão grave e de tão funestas consequencias como a meningite, cujas victimas por via de regra morrem ou ficam para sempre insanavelmente defeituosas. Na ditosa filha da historica e gloriosa terra de Santa Iria não subsistem vestigios, por mais insignificantes que sejam, da terrivel enfermidade que a levou ás portas da morte. Tendo-lhe nós perguntado como se achava de saúde, respondeu-nos que se sentia perfeitamente bem e radiante de contentamento e de felicidade. A sua alma enternecida trasbordava de gratidão para com a augusta Virgem Mãe de Deus, cujos olhares maternaes sem duvida se compraziam naquella innocencia virginal, tão cheia de encanto no fervor do seu intenso e profundo recolhimento e da sua sincera e ardente piedade.

Cumprida religiosamente a promessa, feita no principio da convalescença, de ir a Fátima testemunhar o seu reconhecimento a Nossa Senhora do Rosario, o seu coração sente immensa pena de se apartar daquelle logar bemdito, onde as almas puras experimentam emoções divinas, e só descança e socega quando o pae extremoso lhe promette leva-la de novo a Fátima no dia treze de Julho corrente, em que passa o decimo terceiro anniversario da virtuosa e angelica menina.

V. de M.

VOZ DA FÁTIMA

Esta revista é distribuida gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Cova da Iria, aceitando-se no entanto qualquer donativo com que cada um queira expontaneamente auxiliar-nos.

Só terá direito a receber a VOZ DA FÁTIMA pelo correio, durante 1 anno, quem se subscrever com o minino de dez mil réis. Não fazemos cobranças pelo correio.

As apparições de Lourdes

III

A Gruta — A primeira apparição: 11 de Fevereiro de 1858

Para comprehender melhor as apparições, convem formar primeiro uma ideia exacta dos sitios vizinhos da Gruta, porque a topographia mudou posteriormente.

Quando se sahia de Lourdes na direcção de oeste, atravessava-se o Gave por uma ponte estreita, a Ponte Velha, d'onde, á direita, se desenrolava um panorama gracioso sobre o prado do Savy, pertencente ao senhor de La Fitte. O Gave de Pau arqueava-se como que para o abraçar e banhavam-no varios canaes que se destacavam do rio. O principal era o canal do Savy, engrossado pelo Merlasse, atravez do qual se elevava o moinho do senhor de La Fitte. Este canal é quasi parallelo ao caminho que se segue ao partir da Ponte Velha e que se chama o caminho da Floresta de Subercarriére. A estrada pedregosa subia aqui e acolá rasgada na encosta, por cima das rochas em que se ergue hoje a basilica de Lourdes, e se se quizesse descer á gruta de Massabielle, muito perto do Gave, era preciso contornar essas rochas e deslisar á direita sobre o declive abrupto até á margem onde vinham morrer as ondas esquecidas pela corrente. Então ficava-se em frente duma gruta natural de onze metros de largo por oito metros de fundo, semelhante a uma pequena egreja. Ella era imponente com as suas sombras negras e mysteriosas, os seus recortes de marmore e, pendentes em volta, os seus amplos cortinados de pedra em desordem. Este sitio selvatico era propicio á solidão e á prece. Contavam-se lendas terriveis que recordavam a presença e as grandes façanhas do demonio no meio desta natureza convulsionada, nestes logares cheios de terror.

Na abobada, uma abertura, semelhante a uma chaminé inclinada, atravessava o macisso de pedras e terminava numa especie de arco ogival por onde penetrava a luz. Em frente deste arco estava um rochedo quadrangular enorme, d'onde pendiam diversas plantas, entre as quaes numerosas roseiras bravas.

Apesar da mole do rochedo, o arco ficava em parte visivel. Algumas destillações, provenientes das chuvas, coavam sob a abobada, mas não havia nenhuma fonte conhecida, a não ser um charco de agua lodosa, ao nivel do Gave, a que ninguem prestava attenção, porque parecia resultar das innundações do rio. Os rochedos exteriores a oeste estavam egualmente humidos na epocha das chuvas.

Na quinta-feira gorda, 11 de fevereiro de 1858, pela uma hora da tarde, fazia frio, o tempo estava triste, e já não havia lenha na pobre habitação. Luiza Soubirous disse-o ás suas duas filhas, Bernardete e Maria. Ella parecia estar muito pesarosa com isso. As duas creanças offereceram-se para ir apanhar ramos sêcos nas margens do Gave.

—Não, disse a mãe, o tempo está mau e poderiam cahir no Gave.

Joana Abadie, visinha e amiga dellas, devia fazer parte do grupo; foi pôr em casa o irmãosinho que ella guardava e pediu licença á mãe para acompanhar as duas rapariguinhas. Depois voltou. A senhora Soubirous recusava-se ainda a deixa-las partir, mas, vendo que eram tres, acabou por dar o seu consentimento.

Tomam pela rua que conduz ao cemiterio, porque alli se procedia muitas vezes á descarga de lenha e podiam assim respigar cavacos abandonados. Mas, por infelicidade não encontraram nada de aproveitar-se. Dirigem-se então para a Ponte Velha e seguem o caminho da Floresta, deixando á direita o prado do senhor de La Fitte cingido pela faixa azul do Gave.

De repente desviam-se para o canal do Savy, que atravessam passando pelo moinho e entram no prado. Acham se assim numa ilha formada pelo Gave á direita e pelo canal á esquerda. Seguem o canal. Algumas arvores tinham sido cortadas recentemente. Procuram lenha, ao longo da margem até ao sitio em que o canal desagúa no Gave, quasi em frente da gruta de Massabielle. Pareceu-lhes avistar lenha sêcca ao pé da gruta, mas para chegar até lá era mister atravessar o canal do Savy. As aguas eram muito baixas, porque o moinho não trabalhava, mas, como succedia no inverno, as aguas estavam muito frias. Bernadette, sabendo que era enfermiça e lembrando-se, sem duvida, das recommendações de sua mãe, não ousava entrar no canal.

As companheiras não tiveram os mesmos escrupulos.

«Joanna Abadie e minha irmã, menos preguiçosas do que eu, conta ella, tiraram os tamancos e passaram o ribeiro. Todavia quando se encontraram do outro lado, puzeram-se a queixar-se de frio e baixaram-se para aquecer os pés. Tudo isto fazia augmentar os meus receios, e eu reconhecia que, se entrasse na agua, a minha asthma iria atacar-me de novo. Então pedi a Joanna Abadie, que era mais crescida e mais forte do que eu, que viesse passar-me ás costas.

—Oh! Palavra d'honra que não o fareil respondeu Joanna, tu és uma creatura enfadonha e cheia de mimo; se não quizeres passar, fica onde estás.

As duas rapariguinhas afastaram-se pois, apanharam lenha debaixo da gruta e seguiram o Gave sem se preoccuparem mais com Bernadette, que, certamente ao ver-se sósinha, teve mêdo, porque, accrescenta: Quando estive só, deitei algumas pedras no leito do ribeiro para sôbre ellas pôr os pés, mas isso não me serviu de nada. Eu tive então de me decidir a deixar os meus tamancos e a atravessar o canal, como haviam feito Joanna e minha irmã. Tinha começado a tirar a primeira meia quando de repente ouvi um grande ruido semelhante a um rumor de tem-

pestade. Olhei á direita, á esquerda, para as arvores da margem, nada bulia! Julguei ter-me enganado. Continuava a descalçar-me, quando um novo ruido, semelhante ao primeiro, se fez ainda ouvir. Oh! então tive mêdo e puz-me logo em pé. Não podia articular palavra e não sabia o que havia de pensar, quando, ao voltar a cabeça para o lado da gruta, vi numa das aberturas do rochedo uma sarça, uma só, a agitar-se como se o vento soprasse com violencia. Quasi ao mesmo tempo sahiu do interior da gruta uma nuvem côr de ouro, e pouco depois uma Senhora, joven e bella, como eu nunca tinha visto outra egual, veio collocar-se á entrada da abertura, por cima da sarça. Ao mesmo tempo olhou para mim, sorriu-me e fez-me signal para que me approximasse, como se ella fôsse minha mãe. O mêdo tinha-se dissipado, mas parecia-me que já não sabia onde estava. Esfregava os olhos, fechava-os e abria-os, mas a Senhora estava sempre lá, continuando a sorrir-se para mim e fazendo-me comprehender que eu não me enganava. Sem ter consciencia do que fazia, tirei o terço do bolso e puz-me de joelhos. A Senhora fez um signal de approvação com a cabeça e tomou nas mãos um terço que trazia no braço direito. Quando quiz começar o terço e levar a mão á testa, o braço ficou-me como que paralysado e não foi senão depois que a Senhora fez o signal da Cruz que eu pude fazer como ella. A Senhora deixou-me rezar sósinha; fazia, é verdade, passar entre os dedos as contas do seu terço, mas não era senão no fim de cada dezena que ella dizia comigo: Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto».

(Continúa) V. de M.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	3.604:020
Impressão do n.º 9 . . .	120:000
Outras despezas	38:800
Somma. . . .	3.757:820

Subscripção

(Continuação)

Maria das Dôres Fernandes Rendeiro	2:500
Domingos Valente de Almeida	5:000
Gracinda de Jesus da Silva	5:000
Luiza Esteves	2:500
Esmolas colhidas na praça de Pardelhas.	25:000
D. Leocadia Henriques. . .	10:000
Josefa de Jesus	6:000
D. Maria Pedroso.	5:000
D. Maria Martiniano da Costa	10:000
P.e Sabino Paulino Pereira.	10:000
P.e Francisco da Silva Geada	10:000
P.e Manuel Duarte	10:000
D. Julia Maria Galvão. . .	10:000
D. Michaela Caroço	10:000
D. Filomena do Espirito Santo da Veiga Moniz . . .	10:000
D. Berta de Carvalho, Guimarães	10:000
D. Marianna Vilar	10:000
D. Eugenia Braamcamp Sobral (Belmonte).	10:000
D. Maria Helena Alves . .	10:000
D. Cecilia Wanzeller de Castro Pereira.	10:000
Dr. Manuel Cruz Junior . .	10:000
Condessa de Tarouca . . .	10:000
D. Maria das D. Freitas . .	10:000
D. Maria José Brazão . . .	10:000
D. Maria Rodrigues Macieira	15:000
D. Joaquina Sancho Silva .	10:000
Baroneza de Almeirim (D. Luiza)	10:000
M.le Anna Maria da Costa Moraes	10:000
D. Maria Barbara Clemente	10:000
D. Ermelinda Simões . . .	10:000
Carlos Balthazar de Vilhena Barbosa	10:000
D. Candida Martins Pita . .	10:000
D. Carmen Satrustegni de Padilla	10:000
D. Maria Luiza H. R. Freire de Almeida Rodrigues . .	5:000
Joaquim Alves Martins . .	10:000
P.e Augusto José Vieira . .	10:000
D. Gertrudes M. Fernandes.	10:000
D. Marianna Bacellar . . .	10:000
Viscondessa de Treixêdo . .	10:000
Dona Marianna de Queiroz Athayde.	10:000
D. Maria Leonor de Freitas	10:000
João Braz Serrador	5:000
D. Maria Joanna Correia. .	3:000
Antonio Camilo Pinto (2.ª vez).	2:000
P.e Eurico do Nascimento Lacerda Pires	11:500
Manuel Rodrigues Valentim	10:000
J. d'Oliveira Dias (de varias esmolas).	5:000
D. Emilia de Mello Falcão Trigoso	10:000
P.e Virginio Lopes Tavares	10:000
Anonima (M. do C.). . . .	10:000
José Fernandes d'Almeida .	10:000
Manuel Antunes Tojal. . .	20:000
Olimpio Duarte Alves . . .	10:000
P.e José Lourenço dos Santos Palrinhas.	10:000
D. Bertha Machado	10:000
Francisco d'Assis Paulo . .	3:000
Condessa d'Azambuja . . .	10:000
P.e Lino da Conceição Torres	10:000
Madame Deligand.	10:000
D. Lucrecia Duarte de Jesus	10:000
D. Ermelinda Reis Faria. .	10:000
José Fernandes Potes . . .	10:000
Condessa do Bomfim . . .	10:000
D. Maria das D. Ferro Silva	10:000
D. Maria Proença Fortes Sanguinetti	10:000
D. Justina Teixeira	10:000
D. Maria Emilia Macedo Rosa	10:000
D. Beatriz Buxo Pinheiro .	10:000
João Maria do Vale e Souza de Menezes Mexia. . . .	10:000
D. Cecilia Correia da Costa.	10:000
João Augusto dos Reis. . .	10:000
Gregorio da Cruz Sardinha	15:000
D. Maria do Ceu Pinto de Abreu e Lima	10:000
D. Maria da Purificação da Silva Pinto Abreu. . . .	10:000
D. Maria da Graça d'Abreu Fonseca.	10:000
D Maria da Natividade de Assis Teixeira	10:000
D. Maria da Gloria d'Abreu de Lima e Fonseca . . .	10:000
D. Marcelina Cameira. . .	10:000
Rosa de Jesus Cascaes . . .	10:000
Maria Apolinaria Godinho .	10:000
Maria Ismenia Ruela e Cyrne	10:000
Maria do Carmo Tavares de Souza Cyrne.	10:000
Rosa Antonia Valente d'Almeida (2.ª vez)	2:500
Francisco de Jesus Manço (2.ª vez).	2:500
Maria José Leiras (2.ª vez) .	2:500
Piedade Bunheiroa (2.ª vez).	2:500
Maria de Jesus Pirôa. . . .	2:500
Laura d'Oliveira	2:500
Esmolas de Pardelhas . . .	24:000

Agradecendo uma graça

Encontrando-me em grande tribulação, recorri cheia de fé á Santissima Virgem da Fátima, que se dignou ouvir a minha humilde supplica. E' pois com satisfação que cumpro a minha promessa, remettendo essa pequenina offerta para o seu culto, e pedindo a publicação duma graça na VOZ DA FATIMA.

Recolhimento de S. Christovam, em 5 de Maio de 1923.

Luiza Stadlin

"Os acontecimentos de Fátima,,

Com este titulo está publicado um novo opusculo devido á penna do nosso presado collaborador sr. Visconde de Montello. Em diversos capitulos, todos de um interesse fóra do vulgar, o seu auctor refere episódios e notas inéditas, merecendo registo especial aquelle em que narra sucintamente vinte e cinco curas atribuidas á intercessão de Nossa Senhora de Fátima. Sabemos que o sr. Visconde de Montello está preparando a 2.ª edição, revista e consideravelmente aumentada, do seu livro «Os episódios maravilhosos de Fátima», cuja 1.ª edição, actualmente exgotada, bastante concorreu para levar ao longe, no paiz e no extrangeiro, o acontecimento do mysterioso caso de Fátima.

O folheto «Os acontecimentos de Fátima« está á venda na redacção da VOZ DA FATIMA, custando cada exemplar dez tostões, sendo o producto da venda destinado na sua totalidade para a obra de Nossa Senhora de Fátima.

Casos ou acasos?

O primeiro é a conversão de um pastor protestante que presenciando o esplendor do recente congresso eucharistico no Rio de Janeiro, exclama o seguinte:

«*Não é possivel que isto seja um simples symbolo:* eu creio na presença REAL!»

O outro é o facto de um dos *chefes* da famosa Asssociação Christan de Moços (Protestantes). Este infeliz tinha organisado entre *os seus*, uma contra-manifestação para o dia da *planejada procissão eucharistica*. Na hora da sublime apotheose de Jesus Hostia, o cadaver do tal *chefe* era levado para o *cemiterio!*... Tinha morrido na vespera da *planeada procissão.*

Ano I LEIRIA, 13 de Agosto de 1923 N.º 11

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

MOSTEIRO DA BATALHA

Monumento commemorativo da batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385, de que passa ámanhã o 638.º anniversario

13 DE JULHO

Mais uma vez e na fórma do costume se realisou na Cova da Iria, em 13 de Julho findo, a comemoração mensal dos acontecimentos maravilhosos de Fátima. O concurso de fieis foi assás numeroso, mas, como aliás era de esperar, não attingiu as proporções extraordinarias dos grandes dias. Segundo calculos approximados, deviam ter visitado naquelle dia o local das apparições três mil pessôas. Quando chegámos ao recinto sagrado, precisamente ao meio dia solar, inumeros vehiculos estacionavam na estrada e nas suas imediações. Viam-se alguns automoveis e *camions* e bastantes trens de aluguer. A's dez horas e meia tinha rezado uma missa na capella commemorativa das apparições o rev. Antonio Correia Ferreira da Motta, coadjutor da freguezia das Mercês, de Lisbôa. Muitas pessôas commungaram a esta primeira missa, que devia ter-se celebrado ás nove horas prefixas, como de costume, se a isso não houvesse obstado motivo de força maior. Ao meio-dia solar, annunciada pelo toque repetido de uma sineta, começa a segunda missa, que é celebrada pelo rev. José do Espirito Santo, parocho do Reguengo do Fetal. Do alto do pulpito o rev. Dr. Manuel Marques dos Santos reza o terço alternadamente com o povo, fazendo depois da elevação e da communhão as invocações habituais repetidas em côro pela assistencia. A atenção e o recolhimento dos fieis são profundas.

Terminada a missa e rezadas as orações finais, canta-se o *Tantum ergo*. O officiante, recitada a ultima oração, dá a benção geral com o S. Sacramento á multidão ajoelhada.

Em seguida dá a benção particular a cada um dos enfermos presentes, que jazem dentro do recinto fechado em torno do altar. Emquanto se realisa este acto tão piedoso e commovente repetem-se as invocações e implora-se com fervor a cura dos doentes. Pouco depois uma senhora de edade avançada, gravemente enferma, é transportada para o seu carro. Seis senhoras levam aos hombros a maca em que ella está estendida numa immobilidade absoluta. Silenciosa e comovida, a multidão, cheia de respeito e compaixão, abre alas á sua passagem.

Sóbe então ao pulpito o rev. Antonio Rodrigues Conde, abade de Paramos, diocese do Porto. Durante mais de meia hora o distinto orador prende constantemente as atenções do auditorio com a sua palavra fluente, de uma eloquencia sobria e mascula.

Nesse momento ouve-se um ligeiro murmurio promptamente sufocado pelo respeito devido á santidade do logar. Muitas pessôas, voltadas para o sol, asseguram que se renova deante dos seus olhos maravilhados o estranho fenómeno atmospherico dos dois mêses anteriores.

Após o sermão encontramos a menina Maria Amalia Canavarro, cuja cura admiravel foi pormenorisadamente relatada no numero oito da «VOZ DA FATIMA». Acompanhavam-na seus pais e irmãs. Felicitamo-la pelo seu decimo terceiro anniversario natalicio, que ella quiz passar junto da virgem bemdita, a cuja intercessão maternal atribue a sua cura verdadeiramente assombrosa.

Junto da fonte aglomera-se enorme multidão que está fazendo a sua provisão de agua.

O decimo numero da «VOZ DA FATIMA» é distribuido profusamente. São quatro horas da tarde. Muitos peregrinos retiram-se e outros preparam-se para o regresso. O movimento de vehiculos na estrada é intenso.

Uma hora mais tarde, no local das apparições, apenas se vêem alguns pequenos grupos de devotos que rezam com fervor no gozo de um silencio e socego que difficilmente se encontram quando se está em contacto com as grandes multidões, mesmo nos logares mais venerandos e mais favorecidos com as graças do Ceu.

Visconde de Montello

Preparação para as curas

«Na presença deste brilhante conjunto de milagres, accumulados, por assim dizer, uns sôbre os outros, e cuja evidencia se impõe á bôa fé mais vulgar, alegremo-nos por sermos filhos da Santa Egreja Catholica, que Deus não cessa de visitar, e á qual continúa a dar o testemunho divino por excelencia, o testemunho do milagre.

Nos primeiros tempos, o milagre era a grande prova da verdade da fé e, posto que actualmente não seja tão necessario, não é menos util á nossa intelligencia; e a experiencia demonstra o poder com que elle reanima e consola a nossa fé.

Observemos no emtanto que, por mais numerosos e incessantes que sejam os milagres de Lourdes, não se deve esquecer que alli, como em todos os santuarios de Nossa Senhora, o milagre não é e não póde ser senão a excepção.

Quem diz milagre, diz intervenção extraordinaria da omnipotencia divina nas cousas humanas. Seria, pois, ridiculo imaginar que basta beber uns golos d'agua da gruta de Lourdes, ou fazer uma novena ou mesmo ir em romaria á gruta milagrosa para ser infallivelmente livre duma enfermidade.

A confiança na Immaculada Conceição nunca poderá ser assaz grande, assaz completa; mas é preciso que essa confiança seja sempre dominada por um profundo amôr da vontade de Deus e pela submissão mais absoluta ás vias ocultas pelas quais nos dirige a Divina Providencia. Sempre, — atentae bem nisto! — sempre a Mãe de Misericordia ouve e defere as nossas suplicas, mas ella, defere a seu modo, não ao nosso; attende-as divinamente, concedendo-nos o que é melhor, mais util á nossa santificação. O sofrimento é muitas vezes a graça das graças e o mais real de todos os bens. Se a Virgem Santissima nem sempre julga conveniente curar os males do nosso corpo,—não duvideis!—Ella nos alcança e nos concede as graças da resignação, da fé viva, mais uteis mil vezes do que todas as curas.

Vamos, pois, á Virgem Immaculada de Lourdes com estes sentimentos elevados, unicos dignos de corações christãos, e, porque não fomos favorecidos, como outros, com a graça dum milagre, não sejamos demasiadamente simples supondo inutil essa novena, essa applicação da agua da gruta, essa confiança no poder da Virgem, essa longa e penosa romaria, que não foi coroada duma cura ardentemente pedida e impacientemente esperada.

O que é fóra de duvida é que nunca se implora em vão a Santissima Mãe de Deus e que jamais poderá haver excesso em recorrer ao seu coração maternal.»

Até aqui mons. de Ségur.

Como o milagre é uma intervenção extraordinaria da Providencia e Deus, fazendo-o e abrindo assim uma excepção ás leis da natureza, tem em vista um fim de ordem moral, convem que o enfermo, que o pretenda obter em seu favor, se prepare para elle, afim de ter maiores probabilidades de ser atendido. Por isso importa recomendar que os doentes que vão á Fátima ou que em suas casas imploram o auxilio de Nossa Senhora de Fátima, alêm de receberem os santos sacramentos da confissão e da communhão com as devidas disposições e de orarem e fazerem orar pela sua intenção as pessôas piedosas das suas relações, obtenham dos medicos que os tratam, attestados tão completos e tão minuciosos quanto possivel, datados, e reconhecidos por um notario, para os entregarem oportunamente á commissão de inquerito.

Depois de curados deverão fazer-se observar pelos mesmos medicos e por outros que testifiquem a sua cura. Doutra fórma essas curas, por mais extraordinarias que pareçam não pódem ser reconhecidas oficialmente como miraculosas, com prejuizo da gloria de Nossa Senhora e do bem das almas.

(Do opusculo «Os acontecimentos de Fátima»).

Curas da Fátima

Julio Augusto de Barros, casado, comerciante, de 45 anos de idade, natural e residente na vila do Porto, da Ilha de Santa Maria (Açores), tendo dado uma queda desastrosa de que resultou o completo deslocamento da articulação do cotovelo esquerdo, no dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, do corrente ano, e como ha mezes não ha medico nesta ilha, recorreu a um homem perito destes tratamentos que lhe declarou ser a deslocação de dificil e morosa cura.

Aflito então e movido de grande fé, suplicou, no dia seguinte ao do acontecimento, a Nossa Senhora do Rosario de Fátima que o curasse, friccionando a parte doente com agua que lhe fôra oferecida obsequiosamente pela ex.ma senhora D. Maria da Encarnação Gama Reis Pereira, natural da cidade de Leiria e actualmente residente nesta ilha, que em Abril ultimo a trouxera, quando da sua visita ao local dos extraordinarios acontecimentos.

Neste mesmo dia começou a sentir alivios, ficando completamente curado no fim de oito dias — o que a todos causou grande admiração, pois acidentes semelhantes, em geral levam quarenta e mais dias de tratamento até completa cura!

Em virtude deste facto, que reputa miraculoso, fez vôto de o publicar na *Voz da Fátima*, rendendo graças á Santissima Virgem de o ter escutado nas suas préces.

—=—

Foi-me entregue esta exposição, que é expressão da verdade e por isso a remeto.

Vila do Porto, 10 de Julho de 1923

Elpidio Pereira
Notario

D. Anna Nobre Costa da Silva, (rua das Praças 60 1.º D. — Lisbôa), por occasião da sua peregrinação á Fátima em maio ultimo declarou que vinha agradecer a N. Senhora a seguinte graça:

Ha cerca de trez annos deu uma grande pancada em um peito, provindo dahi dois caroços de tal sorte que o medico dr. Francisco d'Oliveira Luzes, temendo um cancro, mandou ir a doente a um especialista (dr. Antonio Pereira Reis) que, a experimentar, aconselhou durante oi-

to dias uns parches de agua quente pelo tempo de seis horas.

A doente nada disto fez. Tendo-se confessado e comungado começou uma novena a N. Senhora do Rosario da Fátima e tomou meia colher das de chá, d'agua da Fátima. Sentiu nesta occasião o corpo como que dormente e d'ahi a dias estava curada.

Joaquim dos Santos Camponês, de 44 annos, dos Cardosos, freguezia da Caranguejeira, declarou no dia 24 d'abril ultimo, na presença dos Rev. Priores da Barreira e das Côrtes, que sua mulher Rosaria de Jesus tivera durante trez semanas um tumôr em um pé e temendo ter de recorrer á intervenção cirurgica, lavou, a conselho de uma visinha, a parte doente com agua da Fátima e dentro de trez dias estava completamente curada, de que todos ficaram admiradas pois esperavam que o padecimento durasse dois ou trez mezes.

«. . . Sr. Director da VOZ DA FATIMA.

Reconhecidamente agradeço o favor de publicar na VOZ DA FATIMA o seguinte:

Maria do Carmo, de 30 mezes de edade, filha de Bernardino Correia e de Eugenia de Jezus — residentes em Carvalhal d'Aroeira, Concelho de Torres Novas, adoeceu no dia 12 de Julho, com um tifo, peorando dia a dia, achando-se quasi moribunda no dia 18. Os Avós, vendo sua netinha a morrer, neste mesmo dia (18) recorreram á valiosa Proteção de Nossa Senhora da Fátima a quem fizeram varias promessas, e eis que no dia 20 de manhã encontram a creança milagrosamente quasi bôa, podendo já tomar um caldo de farinha assentada na cama!

Graças ao valioso auxilio de nossa Senhora da Fátima, a creança melhorou consideravelmente, encontrando-se no dia 22 já completamente bôa embora um pouco fraquinha!

De V. etc.

Domingos Francisco

Carvalhal, 24 de Julho de 1923

Quando se ouve blasphemar ou praguejar

Uma prática que não é nova mas que está pouco espalhada, sendo contudo muito eficaz para reparar e fazer cessar a blasphemia e pragas, consiste em fazer um acto de amôr de Deus quando ouvimos na rua ou qualquer outra parte o nome de Deus proferido grosseiramente.

Um grande numero de vezes são os trabalhadores, os humildes, os que sofrem, que insultam aquele que é o seu melhor amigo. Rezemos por estes pobres cegos: ofereçamos por elles um acto de amôr.

Obteremos assim dois resultados. O primeiro será reparar imediatamente por uma homenagem contraria, o ultrage feito á magestade infinita. O segundo é fazer cessar estes grandes pecados. Tem-se notado que em certas fábricas e outros meios sem religião, as blasphemias, pragas e imprecações, diminuem desde o dia em que muitas pessôas resolveram compensar assim a injuria feita a Deus.

E' que o demonio vê que perde quando *uma só blasphemia* vae suscitar *muitos actos de amôr*. Ora o demonio que é tendeiro, digo, bom negociante, não está para perder.

As apparições de Lourdes

IV

A creança não sabia quem era aquela Senhora, mas, se tivesse uma intelligencia mais viva e penetrante, tê-lo-ia adivinhado ao reflectir nessa simples particularidade.

Com effeito Maria Santissima não podia recitar senão as ultimas palavras de todas as orações do terço e por isso não orava com Bernadette.

O *Padre Nosso* é a oração da terra ao Pae que está no Ceu; Maria Santissima não devia, pois, rezá-la, ella que já não é da terra e que já não tem nada a pedir, porque possue a plenitude da felicidade.

A *Avé-Maria* glorifica-a, não convinha portanto, que ella propria repetisse as palavras do Anjo e de Santa Izabel tão lisongeiras para si, nem tão pouco aquellas em que a Egreja a proclama Mãe de Deus e dispensadora de todas as graças «agora e na hora da morte.» Se conservava o terço «no seu braço direito,» era para animar a creança, torná-la feliz com o seu olhar que traduzia ineffavelmente uma approvação e não para dizer, ella que está no Ceu, as palavras da terra, nem para se engrandecer a si propria. Mas o seu rosto transfigurava-se no fim de cada dezena quando repetia com Bernadette o *Gloria Patri*, que é o cantico do reconhecimento e da adoração, o cantico da eternidade.

Quando acabou a recitação do terço, a Senhora tornou a entrar no interior do rochedo e a nuvem de ouro desappareceu com ela. A creança trazia consigo o terço, sem o que não teria sido objecto desse celeste favor.

Deixou-se ficar por muito tempo no logar onde tinha gozado de uma visão tão deliciosa, já não via nada e comtudo olhava sempre, de joelhos com os olhos fixos na abertura escura que ainda havia pouco era tão branca, tão gloriosa.— Joanna Abbadie e Maria voltaram então, depois de terem percorrido as margens do Gave em busca de lenha, e, quando a viram de joelhos, troçaram della, dirigindo-lhe palavras desagradaveis.

Perguntaram lhe se queria acompanhá-las ou se preferia entregar-se a práticas de beata falsa. Ella tomou imediatamente uma resolução: ir ao seu encontro atravessando o ribeiro afim de não parecer que se separava dellas, embora dessa fórma corresse o risco de ter frio. Era um pensamento de caridade que a guiava.

Entrou, pois, na agua e sentiu-a «morna como a agua de lavar a louça.»

— Não havia razão para gritardes tanto, disse ella, dirigindo-se ás suas duas companheiras, emquanto enxugava os pés; — a agua do canal não está tão fria como a julgaveis.

— E's muito feliz, responderam ellas, se não a achas fria; em nós essa agua produziu outro effeito.

Atam em feixes os ramos seccos e cavacos que tinham juntado e sóbem a rampa de Massabielle para retomarem o caminho da floresta e voltarem á cidade.

Bernadette está toda dominada pela apparição, parece-lhe estar a vê-la de novo, não pode desviar della o seu pensamento e comtudo preferia calar-se. Mas não póde deixar de fazer esta pergunta ás companheiras:

— Não notastes nada na Gruta?

— Não, dizem ellas, mas porque nos perguntas isso?

— Por nada! accrescenta ella, affectando indifferença.

Não conseguiu, porém, dominar por muito tempo a commoção e guardar o seu dôce segredo. Antes de chegar a casa approxima-se de sua irmã e confia-lho ao ouvido sob a promessa de não dizer nada.

Mas toda a tarde pensa na formosa Senhora, na felicidade ineffavel que experimentava em vê-la como no Ceu os santos vêem a Deus. E na verdade ella tinha sido favorecida com a graça de um extase. Depois da ceia frugal, recitou-se, como sucedia todos os dias, a oração da noite em familia. Falando de Deus, rezando á Santissima Virgem, a lembrança da apparição voltou-lhe mais viva, com aquella angustia que aperta o coração ao pensarmos numa pessôa que amamos ardentemente e que acaba de nos deixar. Ella perturbou-se e poz-se a chorar.

— Que é que tu tens? perguntou-lhe a mãe. Maria respondeu em seu lugar e, como as explicações que forneceu eram incompletas, ella propria as deu minuciosamente, descrevendo a sua felicidade, como a apparição lhe tinha sorrido e feito signal para que estivesse tranquilla e contente e com que fervor havia recitado o seu terço, de joelhos, separada della pelo pequeno ribeiro.

— São illusões, disse-lhe a mãe, por sua vez tambem inquieta e perturbada. Afasta todas essas ideias da tua cabeça e sobretudo não voltes a Massabielle.

«Nós fomos deitar-nos, contou mais tarde a vidente, mas eu não pude dormir. A figura tão bôa e tão graciosa da Senhora voltava-me sem cessar á memoria e, por mais que me lembrasse do que minha mãe tinha dito — que eram illusões, não podia crer que me tivesse enganado.»

Como podia ella illudir-se?

Não tinha julgado ver: tinha visto.

A Santissima Virgem havia-se apoderado completamente da sua alma candida e recta só com olhar para ella e fazendo um aceno de approvação com a cabeça, quando puxou pelo seu terço.

A vidente revia a incomparavel Senhora, que a contemplava quando ella rezava, sem rezar com ella, excepto ao *Gloria Patri*. Recordava-se da moita que tinha estremecido sob o pé de vento, e não pensava nem

na sarça ardente, nem no vento de Pentecostes, estando tão pouco instruida nestes mysterios, mas a imagem esplendida desta Senhora tão bela no meio da sua nuvem de ouro impunha-se á sua alma que tinha ficado immersa no deslumbramento do extase. Esta Senhora, porém, não lhe tinha dito nada. Quem era ella? Bernadette nem sequer o perguntava a si propria, toda entregue como estava á sua felicidade e convencida de que sendo tão bella, tão attraente, não podia deixar de ser absolutamente bôa.

V. de M.

Dia 13 de Outubro de 1917

Depois da apparição, ás 7 horas da noite, em casa da familia do Francisco e da Jacinta

Interrogatorio da Lucia

—Nossa Senhora tornou a aparecer hoje na Cova da Iria?

—Tornou.

—Estava vestida como das outras vezes?

—Estava vestida do mesmo modo.

—Apareceram tambem S. José e o Menino Jesus?

—Apareceram.

—Apareceu mais alguem?

—Appareceu tambem Nosso Senhor abençoando o povo e a Senhora de dois *naipes*.

—Que queres dizer com isso — A Senhora de dois naipes?

—Appareceu a Senhora vestida como a Senhora das Dôres, mas sem espada no peito, e a senhora vestida, não sei como, mas parece-me que era a Senhora do Carmo.

—Vieram todos ao mesmo tempo, não é verdade?

—Não; primeiro vi a Senhora do Rosario, S. José e o Menino, depois a Senhora das Dôres e por fim a Senhora que me pareceu ser a Senhora do Carmo.

—O menino Jesus estava em pé ou ao collo de S. José?

—Estava ao collo de S. José.

—O Menino era crescido?

—Era pequenino.

—Que idade parecia ter?

—*Era para ahi de um ano.*

—Porque disseste que a Senhora, uma das vezes, te pareceu estar vestida como a Senhora do Carmo?

—Porque tinha umas cousas na mão.

—Appareceram por cima da carrasqueira?

—Não; appareceram ao pé do sol, depois de ter desaparecido a Senhora de pé da carrasqueira.

—Nosso Senhor estava em pé?

—Só o vi da cintura para cima.

—Quanto tempo durou a apparição na carrasqueira? O suficiente para rezar o terço?

—Não chegava, parece-me.

—E no sol as figuras que viste demoraram-se muito tempo?

—Pouco tempo.

—A Senhora disse-te quem era?

—Disse que era a Senhora do Rosario.

—Perguntaste-lhe o que queria?

—Perguntei.

—E o que disse Ella?

—Disse que se emendasse a gente, que não offendesse a Nosso Senhor, que estava muito offendido, que rezasse o terço e pedisse a Nosso Senhor perdão dos nossos pecados, que a guerra acabaria hoje e que esperassemos os nossos soldados muito breve.

—Disse mais alguma coisa?

—Disse tambem que queria que lhe fizessem uma capella na Cova da Iria.

—Com que dinheiro se ha-de edificar a capella?

—Julgo que com o que lá se juntar.

—Disse alguma coisa a respeito dos nossos soldados mortos na guerra?

—Não fallou n'elles.

—Disse-te que avisasses o povo para que olhasse para o sol?

—Não disse.

—Disse que queria que o povo fizesse penitencia?

—Disse.

—Empregou a palavra penitencia?

—Não. Disse que resassemos o terço e nos emendassemos dos nossos pecados e pedissemos perdão a Nosso Senhor, mas não falou em penitencia.

—Quando foi que começou o signal no sol? Foi depois da Senhora desapparecer?

—Foi.

—Viste vir a Senhora?

—Vi.

—D'onde vinha Ella?

—Do nascente.

—E das outras vezes?

—Das mais vezes não olhei.

—Viste-la ir-se embora?

—Vi.

—Para onde?

—Para o nascente.

—Como desappareceu?

—Pouco a pouco.

—O que desappareceu primeiro?

—Foi a cabeça. Depois o corpo. A ultima cousa que vi fôram os pés.

—Quando se foi embora, ia recuando ou voltou as costas ao povo?

—Ia com as costas voltadas para o povo.

—Levou muito tempo a desapparecer?

—Gastou pouco tempo.

—Estava envolvida n'algum clarão?

—Veio no meio de um resplendor. D'esta vez tambem cegava. De quando em vez tinha de esfregar os olhos.

—Nossa Senhora tornará a apparecer?

—Não faço conta que torne a apparecer, não me disse nada.

—Não tens tenção de voltar á Cova da Iria no dia 13?

—Não tenho.

—A Senhora não fará mais milagres? Não curará enfermos?

—Não sei.

—Não lhe fizeste nenhum pedido?

—Eu disse-lhe hoje que tinha varios pedidos a despachar e Ella disse que despachava uns, outros não.

—Não disse quando os despachava?

—Não disse.

—Sob que invocação queria que se fizesse a capella na Cova da Iria?

—Disse hoje que era á Senhora do Rosario.

Disse que queria que fôsse lá muita gente de toda a parte?

—Não mandou lá ir ninguem.

—Viste os signaes no sol?

—Vi. Vi-o andar á roda.

—Viste tambem signaes na carrasqueira?

—Não vi.

—Quando era a Senhora mais bonita, d'esta ou das outras vezes?

—O mesmo.

—Até onde lhe descia o vestido?

—Até mais baixo que o meio da perna.

—De que côr era o vestido de Nossa Senhora ao pé do sol?

—O manto era azul e o vestido branco.

—E o de nosso Senhor, de S. José e do Menino?

—O de S. José era encarnado e o de Nosso Senhor e do Menino penso que tambem eram encarnados.

—Quando foi que perguntaste á Senhora o que é que fazia para que o povo acreditasse que era Ella que te apparecia?

—Perguntei-lhe umas poucas de vezes; a primeira vez que perguntei cuido que foi em Junho.

—Quando te disse o segredo?

—Parece-me que foi da segunda vez.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	3:757:820
Impressão do n.º 10	120:000
Outras despezas.	36:000

Subscripção

(Continuação)

D. Maria Amalia de Mendonça Falcão	10:000
P.e Antonio Correia Ferreira da Motta	20:000
Justiniano da Luz Fuzêta . .	10:000
D. Zulmira de Jesus Silva .	10:000
Dr. João de Passos de Souza Canavarro	20:000
D. Maria Augusta Ribeiro .	10:000
D. Anna Frazão Telhada . .	10:000
D. Teresa Leal Barros Frazão	10:000
P.e Antonio Luiz Carneiro da Silva.	10:000
D. Maria dos Anjos de Matos	10:000
Rosaria Saldida	10:000
D. Maria Martins Proença Ferreira.	10:000
D. Amelia Moraes Pires Antunes.	10:000
Antonio de Jesus Craveiro .	10:000
D. Maria Emilia Pires Antunes	10:000
P.e José Antonio de Campos	10:000
P.e Henrique Vieira.	10:000
D. Maria Ignês Namorado Fernandes	10:000
D. Emilia de Castro Frazão	10:000
D. Maria José Marques Vieira.	10:000
D. Maria Paes Moreira . . .	10:000
D. Maria Magdalena de Lima e Lemos	10:000
D. Margarida Silva do Nascimento	10:000

Ano I LEIRIA, 13 de Setembro de 1923 N.º 12

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE AGOSTO

Mais uma vez, na manhã do dia 13 de Agosto nos puzemos a caminho de Fátima, atravez da serra d'Ayre. O dia era um alegre e formoso dia de verão, sem uma nuvem a embaciar o azul purissimo do ceu, mas a atmosfera, aquecida a uma alta temperatura por um sol abrasador, diff cultava a respiração e fazia transpirar copiosamente pessôas e animais. As copas das arvores da montanha estavam numa imobilidade absoluta, não se vendo bulir sequer uma folha. Pela estrada, longa e ingreme, encontravamos de vez em quando grupos de peregrinos a pé ou a cavalo. Ao meio dia e meia hora chegamos ao local das apparições. Apesar do calor excessivo que fazia, a multidão que se aglomerava em torno da capela era enorme. Excedia a do mez anterior e podia ser avaliada sem exaggero em quatro mil almas. A missa das nove horas tinha sido celebrada pelo rev. Pereira Gens, parocho de Ourem. A missa do meio dia foi rezada pelo rev. Manoel Vicente Caetano, parocho das Lapas. As invocações do costume fôram feitas pelo rev. dr. Manoel Marques dos Santos, professor no Seminario de Leiria. Foi distribuida a sagrada communhão a grande numero de fieis.

Depois da missa cantou-se o *Tantum ergo* e deu-se a benção com o Santissimo. Seguiu-se o sermão que foi prégado pelo rev. dr. Antonio Valente da Fonseca, abbade de Cedofeita, na cidade do Porto. Fallou mais de meia hora sobre as glorias e prerogativas da Santissima Virgem, encarecendo as vantagens da devoção para com Ella. Muitos doentes assistiram á missa e receberam a benção. No regresso alguns delles diziam sentir alivios dos seus padecimentos. Durante a missa, chamava a attenção dos peregrinos pelo seu extraordinario emmagrecimento e pela sua palidez cadaverica uma senhora ainda nova, cuja doença os medicos tinham diagnosticado de tuberculose.

Beato Nuno de Santa Maria

Tendo começado a publicar-se sob os auspicios d'este eximio português, modêlo de patriota e de Santo, é ainda, com os olhos na sua bandeira, no seu exemplo, na devoção a Nossa Senhora que a *Voz da Fátima* finda o primeiro anno, disposta a entrar entrepidamente no segundo.

Esta senhora depois da benção do Santissimo, já não parecia a mesma pessôa, dando aos que a acompanhavam a impressão de ter passado subitamente por uma transformação feliz e maravilhosa. Encontrámo-la no domingo seguinte e não pudemos conter uma exclamação de surpreza ao vê-la tão diferente do que era, com um aspecto excelente, rosto nutrido e levemente córado, sem o ar de cansaço e abatimento que anteriormente manifestava. Segundo nos declarou, sentia-se bem disposta, dormia normalmente todas as noites e tomava as suas refeições com bastante appetite, ao contrario do que sucedia antes da sua ida á Fátima. Trata-se apenas de allivios passageiros ou de uma cura definitiva? Sabemos que um medico distincto, que observou attentamente a enferma depois do seu regresso de Fátima, não lhe encontrou simptomas da antiga doença. Aguardamos o parecer doutros medicos e a confirmação do tempo para darmos oportunamente aos nossos leitores um relato mais preciso e mais completo deste caso tão interessante.

Junto da fonte estão centenas de pessôas bebendo agua e enchendo com ella varios recipientes.

Distribuem-se gratuitamente alguns milhares de exemplares da «VOZ DA FATIMA».

São quatro horas da tarde. Os peregrinos vão retirando pouco a pouco para os seus lares distantes. Uma hora depois, no local das apparições apenas se vêem alguns raros devotos rezando tranquila e piedosamente deante da imagem da Virgem do Rosario

VISCONDE DE MONTELLO

O Milagre de S. Januario

Sendo o dia 19 do corrente dedicado pela Egreja Catolica ao culto de S. Januario, natural de Napoles, Bispo de Benevente em Itália, não vem fóra de proposito referir aqui, neste mês, o milagre que todos os annos em Napoles se repete duas vezes em presença de milhares de pessôas, e que todos podem verificar. S. Januario depois do seu martirio foi sepultado em Pozzuoli. Conservam-se desde então duas redomas com reliquias suas. Uma grande, redonda, contendo cerca de onça e meia de uma substancia escura e coagulada semelhante ao sangue seco, descorado, enchendo dois terços do vaso. A outra menor, oval, com dois pequenos corpos que parecem pequenas porções de terra ou esponja embebida no sangue do martyr. Com esta segunda redoma nunca se deu o milagre.

Uma piedosa mulher que conservava esse sangue, recolhido pelos seus parentes no mesmo dia do martyrio, ao passar diante da casa della a procissão que transportava o corpo de S. Januario de Pozzuoli á Napoles, pelo fim do quarto seculo, offereceu ao Bispo D. Severo o sangue do martyr. E, ao approximar-se do corpo, o sangue liquefez-se repentinamente.

Foi a primeira vez que se realizou o milagre.

Em 1086 a fama do milagre da liquefacção do sangue já andava espalhada por toda a parte.

Entre muitos outros, Enéas Sylvio Piccolomini, depois Pio II, em 1450, João Baptista Fulgosio, doge de Genova, em 1478, Roberto Gaguin, em 1495, dão noticia do milagre.

Em 1508, no reinado de Carlos II de Anjou, as redomas fôram hermeticamente fechadas, selladas e collocadas numa capsula de prata.

Todos os anos, a 19 de setembro e na 1.ª dominga de maio, dias do martyrio e da trasladação das reliquias, o sangue torna a liquefazer-se, verificando-se o milagre em todos os dias das oitavas. O sangue ora cresce, ora diminue, ora ferve, ora fórma muita espuma.

Eis como conta o facto o insuspeito Alexandre Dumas nas suas *Novas Impressões de Viagem.:*

«A primeira cousa que fizemos foi irmos ajoelhar, e foi-nos apresentada uma redoma, que beijamos, e depois vimos o sangue secco e pegado ás paredes ...

Tinha-se realizado o milagre. Todos se precipitam para o altar, e nós com os outros. De novo nos foi apresentada a redoma para beijar, mas, de coalhado que estava antes, o sangue tinha-se derretido completamente. Era a mesma redoma, o padre não a tinha segurado senão para dal-a a beijar a outros, e ninguem a tinha perdido de vista. A liquefacção realizara-se no momento em que a redoma estava sobre o altar e emquanto o padre, a uns dez passos della, se occupava em acalmar o tumulto. Emquanto a duvida ergue a cabeça para negar, e a sciencia a voz para contradizer, eis o que ha, eis o que se faz, sem misterio, sem trocas, sem substituições, eis o que se executa á vista de todos. A philosofia do seculo e a chimica moderna perderam alli seus argumentos. Se se pretende que isso seja um segredo dos conegos do thesouro, conservado desde o quarto seculo até nós, respondemos que isso não é possivel: antes, tal fidelidade em manter o segredo seria mais portentosa do que o mesmo milagre».

No entanto continuará a haver almas que fecham os olhos á evidencia e continuem a não crer na divindade da religião Catholica.

Que não se possa repetir emquanto a nós o que diz o Evangelho na parabola do rico avarento que, lá do inferno, pedia um milagre para que seus irmãos não fôssem ter áquele logar de tormentos: Lá teem os sacerdotes e os prophetas. Se os não crêem tambem não acreditarão num morto resuscitado.

O Cardial Arcebispo de Boston impoz a todos os sacerdotes que todas as familias catholicas assignem um jornal catholico. Disse o Cardial de Boston: é tão necessario como uma egreja. A sua mais larga propaganda é tanto o dever de cada sacerdote como o é de crear escolas e mante-las. Ambas as cousas são para o mesmo fim: a propagação e defesa das maximas e principios catholicos.

Curas da Fátima

Zepherina Rodrigues, do logar da Estrada, freguezia da Athouguia da Baleia, tinha uma perna em estado deploravel.

Os drs. Faria e Leal, da Lourinhã, chegaram a falar na necessidade de lh'a amputar. Depois da applicação de um parche de agua com terra de Fátima, a perna appareceu curada dum dia para o outro.

—**Joaquina de Jesus Patricia**, de 70 anos de edade, casada com Joaquim Francisco Barbeiro, do logar da Chainça, freguezia de Santa Catarina da Serra, tinha desde creança uma ferida de caracter herpetico, que resistia a todos os remedios. Consultou debalde varios medicos e, por conselho destes, tomou algumas vezes os banhos da Azenha, perto da estação da Amieira, sem experimentar melhoras, antes agravando se o mal cada vez mais. O marido afflicto por ver a mulher em estado tão lamentavel, lembrou-se de recorrer a Nossa Senhora de Fátima, o que fez com a mais viva fé e profunda confiança, e, tendo ido ao local das apparições, trouxe de lá uma pouca de terra que misturou com agua. A mulher poz a mistura uma vez só sobre a ferida e a perna ficou logo instantaneamente curada.

José Francisco Barbeiro, filho de Joaquim Francisco Barbeiro, do logar da Chainça, freguezia de Santa Catharina da Serra, sofria de febres e soltura de ventre havia cinco mezes sem encontrar remedio na medicina a que por varias vezes recorreu. Tendo perdido toda a confiança nos recursos humanos, voltou-se para Nossa Senhora de Fátima, prometendo, assim como a sua familia, que se ella fôsse servida curá-lo, iriam todos em procissão, rezando o rosario, de sua casa até á Cova da Iria, distante cinco quilometros, e, logo que principiassem os trabalhos para a construção do Sanctuario projectado, o pae e seus quatro filhos prestariam a sua cooperação durante um dia nesses trabalhos. Depois dessa promessa começou a sentir-se melhor e hoje está completamente curado.

O terço

Um rico proprietario afastado das praticas cristãs, fôra convidado para jantar em uma reunião de eclesiasticos.

Durante a refeição veio a falar-se de religião. Este homem aproveitou a ocasião para fazer aos convivas esta franca mas lastimavel confissão:

—Eu quereria ter fé, disse elle, mas nem creio nem posso crer.

—Pois bem, reze o terço.

Tres anos mais tarde este sacerdote recebeu a seguinte carta:

«Lembra-se que ha tres anos numa sociedade de eclesiasticos de que fazeis parte, eu disse que não tinha fé e tinha pena de a não ter? v. rev.ma deu-me esta resposta: «Pois bem, reze o terço.

Estas palavras: *reze o terço*, que eu então achei descabidas, estavam-me sempre presentes na memoria. Pouco a pouco acostumei-me a ouvi las no fundo do coração. Pareceram-me mais tarde dôces e leves de tal maneira que me puz a rezar o terço.

Hoje creio, sou feliz na minha fé e pratico com prazer os deveres da religião.

E' a esta devoção para com Maria que eu devo a minha conversão».

As apparições de Lourdes

V

Segunda apparição: Domingo 16 de Fevereiro — A agua Benta.

«Eu não pude dormir, dizia Bernadette. E no dia seguinte, sexta feira, 12 de Fevereiro, uma tristeza profunda se apoderou da sua alma. Tinha comtemplado o ceu e achava-se agora sobre a terra. A mãe, que a viu cheia de melancholia, extremamente preocupada, numa atitude de grande sofrimento intimo, chamou-a de parte e tentou convencê-la de que tinha sido objecto de uma especie de allucinação ou, embora se tratasse de uma visão verdadeira, havia toda a rasão para a considerar suspeita, porque Satanaz transfigura-se muitas vezes em anjo de luz. Em confirmação desta doutrina contou muitas scenas de que as rochas de Massabielle haviam sido theatro. Bernadette não respondia, mas é claro que não se dava por convencida. Não, aquela sarça agitada pelo vento, aquela nuvem de ouro, aquela senhora não eram illusões. Tinha visto bem. — Diziam-lhe que era talvez uma victima de uma illusão do demonio. Como seria possivel?! Essa senhora sorridente, tão piedosa, tendo nas mãos um terço de contas brancas, repetindo com os seus olhos celestes dirigidos para o alto o *Gloria Patri*, não havia de ser senão Satanaz?! Na pobre menina tudo repugnava a esta ideia. Satanaz é o pae da mentira; ha sempre nelle o que quer que seja de antipathico, pois traz em si o sello da maldição eterna. Sem duvida não era o demonio que ella tinha visto naquella apparição em que tudo era para a inocente menina belleza, harmonia e bondade.

Por isso o seu desejo era voltar á Gruta; ella insinuava-o, mas não ousava precisar a sua vontade. A mãe fingia não compreender nada ou mostrava-se absolutamente contraria a esse projecto. A sexta-feira e o sabbado passaram-se nestas aprehensões, nestas perplexidades. No Domingo, 24 de Fevereiro, uma voz interior, ao mesmo tempo suave e poderosa, dizia-lhe:

—«Volta a Massabielle!» Não ousando fallar nisso a sua mãe, ella abriu-se com sua irmã Maria. Esta expoz o desejo de Bernadette á mãe que respondeu com uma recusa formal e categorica. Joana Abadie veio em auxilio das duas irmãs e insistiu. A mãe perseverou inabalavel na sua obstinação. Estava arrependida de ter deixado sahir a filha na quinta-feira anterior, não queria expô-la a novas e perigosas commoções.

Entretanto a vizão chamava sempre a creança. De repente a senhora Soubirou sentiu-se impelida para outra ordem de ideias. Talvez fôsse melhor deixar ir Bernadette. Ella com certeza não veria nada mais e voltaria desenganada, ao passo que, se ficasse, conservaria a obsessão do seu sonho. Continuando as rapariguinhas a insistir com ella, respondeu-lhes com vivacidade e num tom de impaciencia afim de disfarçar o seu proprio embaraço:

—Pois bem! vão-se lá e não me quebrem mais a cabeça. Estejam de volta, o mais tardar, á hora das vesperas; senão, já sabem o que as espera.

Se Bernadette tinha estado calada, sua irmã Maria havia fallado. Por isso no domingo de manhã uma duzia de meninas, entre as quais Joana Abadie e Maria Hillot, tinham-lhe dito: Se fôr permitido a Bernadette voltar a Massabielle, acompanhá-la-hemos! Concedida a desejada licença, Bernadette veste-se á pressa, mas não é de modo nenhum no seu vestuario que ella pensa. A misteriosa senhora da Gruta perpassa pela sua imaginação e a feliz menina antegoza as alegrias desta segunda e deliciosa entrevista. Todavia ocorrem-lhe de novo as palavras de sua mãe: Se fôsse o demonio?! Ella comunicou as suas anciedades ás suas jovens companheiras que lhe respondem: — Pois bem! se fôr o demonio, deitar-lhe-ás agua benta e elle fugirá!

Dirige-se, pois, á egreja, enche um frasquinho na pia da água benta e entrega-o a Maria Helliot. Depois, cheia de confiança, parte com Maria e cinco ou seis meninas, emquanto Joana Abadie espera para se pôr em marcha que as suas outras companheiras tenham acabado de fazer a *toilette*.

Com o primeiro grupo retoma o caminho de quinta-feira, alcança a Porta Velha e segue pela estrada da floresta. Descem depois até Massabiele. Bernadette chega ao pé da gruta do lado direito, em frente da sarça, olha para cima e muito commovida, sobretudo muito alegre, exclama com uma voz que a felicidade de que está possuida faz estremecer:

—Lá está ella!... Lá está ella!...

Maria Helliot aproxima-se de Bernadette, entrega-lhe o frasco que tinha levado consigo e diz-lhe: Depressa, deita-lhe agua benta!

A creança obedece, atira com força a agua benta na direcção da sarça e radiante exclama:

—Ella não se mostra descontente, pelo contrario aprova com a cabeça e, sorri para nós todas!

Nestas palavras de uma simplicidade admiravel e commovente vibra um accento de verdade tão sugestivo que nem uma só das que se acham presentes duvida de que ella esteja vendo a Senhora. Muito impressionadas e satisfeitas de que a visão lhes sorria, põem-se de joelhos em semi-circulo em volta da vidente.

D'ahi a poucos momentos Bernadette entra visivelmente em extase.

Os seus olhos estão ardentemente fixos na ogiva negra por cima das roseiras que o inverno despojou da sua verdura; elles vêem o que quer que seja que os deleita immenso, porque ella está immovel como se já não pertencesse á terra, e na sua testa, em todas as suas feições, distingue-se o reflexo vivo duma luz invisivel que as ilumina. Já não é uma filha da terra, mas sim um anjo que está resando.

As donzellas de joelhos, não divisando nada por cima da sarça onde a piedosa vidente comtempla cousas tão bellas, volvem os seus olhares para ella e, vendo-a tão calma, no seu tranquillo esplendor, com o seu rosto inspirado, o seu olhar arrebatado fixo num ponto radioso que a atrahe como um imam com uma expressão de felicidade angelica, são dominadas pelas emoções mais diversas. Umas estão cheias de terror, as outras choram ou prorompem em soluços e uma delas pronuncia estas palavras entre lagrimas:

—Oh! se Bernadette fôsse morrer!

Era a palavra dos judeus ao pé do sinal pedindo que Deus não se lhes mostrasse, com receio de que essa vista os fizesse morrer.

Nesse momento uma pedra arremessada do alto da collina bate na rocha d'onde salta para o Gave. As donzellas assustadas fogem cheias de terror e tornam a subir a encosta pedregoza, soltando gritos de angustia. Por cima ellas avistam, na estrada da floresta. Joana Abadie e as suas companheiras que acabavam de chegar, batiam as palmas e riam a bandeiras despregadas do susto que tinham pregado ás suas amigas do primeiro grupo.

Bernadette continuava a sua contemplação; não tinha percebido cousa alguma do que se passava.

(Continúa) **V. de M.**

O pecado

«Ofende-se tanto a Deus, dizia o santo cura d'Ars, que seriamos tentados a pedir o fim do mundo. Se não houvesse por uma parte e por outra algumas almas bôas para repousar o coração e consolar os olhos de tanto mal que se vê e ouve, não podia a gente aturar-se nesta vida.

.....

Morro de nausea nesta pobre terra; minha alma está em tristeza mortal. Os meus ouvidos só ouvem coisas penosas e que me amarguram o coração.

.....

Em que passa elle (o sacerdote) a vida? Em vêr a Deus ofendido.

Sempre o seu santo nome blasphemado! sempre os seus mandamentos violados!

Sempre o seu amôr ultrajado!

O padre não vê senão isto...

Está sempre com S. Pedro no pretorio de Pilatos, tem sempre deante dos seus olhos nosso Senhor insultado, desprezado, escarnecido, coberto de oprobrios. Uns cospem-lhe no rosto, outros dão-lhe bofetadas...

Lá de longe...

«Catholic Mission, Shiuhing (West River), China, 29 de Junho de 1923.

Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo:

A ovelhinha que hoje de longe, muito longe, fala ao seu Pastor, é tambem do redil de V. Ex.ª Rev.ma. Pertence, com effeito, á restituida Diocese de Leiria, o obscuro missionario da China, que hoje, cá do extremo oriente, toma a liberdade de escrever a V. Ex.ª Rev.ma.

Quantas saudades conservo ainda de Nossa Senhora da Ajuda, venerada na Passagem (Vieira), á sombra de cujo Sanctuario eu passei os primeiros annos da minha infancia!

Quantas saudades ainda da linda cidade de Leiria e sobretudo do devotissimo Sanctuario de Nossa Senhora da Encarnação, que eu tantas vezes visitei, quando em Leiria preparando os meus primeiros exames para entrar no Seminario!

E com quanta consolação visitaria hoje os benedictos cerros de Fátima, onde Nossa Senhora se dignou manifestar mais uma vez a sua misericordiosissima piedade para com o nosso bom povo portuguez que lhe foi sempre tão querido!

Como testemunho de amôr e obulo de saudade, permitta-me V. Ex.ª enviar incluso uma Letra de 14 Libras, offerecida a Nossa Senhora de Fátima, para ajudar a extensão do seu bemdito culto em Fátima, ou no logar das apparições, ou para ajudar as despezas da folha «Voz da Fátima», que alli se distribue, ou parte a uma coisa parte a outra, como V. Ex.ª julgar mais opportuno.

Peço a Nossa Senhora da Fátima se digne tomar debaixo da sua maternal protecção a este seu humilde servo e a esta missão de Shiuhing e apressar a conversão da China e em especial a dos cinco milhões de gentios, que esta missão ainda conta.

Pedindo tambem a benção e especial protecção de V. Ex.ª para mim e para a minha missão, e beijando com summo respeito o sagrado anel, humildemente me subscrevo, desterrada ovelhinha de V. Ex.ª Rev.ma

P.e Antonio Diniz Henriques

O sofrimento cristão

D. João II, rei de Portugal, para encorajar um dos seus favoritos doente a tomar um remedio que lhe repugnava, bebeu primeiro elle proprio uma parte e aproximando depois o resto da bôca do doente diz-lhe: Eu, vosso rei, sem estar doente, por amôr de vós e para vos dar o exemplo, supportei o amargor desta bebida e vós, por amôr de mim, recusareis tomar o resto?

Ah! Senhor, replicou o doente, depois de um tal acto de condescendencia de Vossa Magestade eu beberia tudo. Ainda que fôsse veneno.

Ora, depois que Jesus bebeu primeiro por amôr de nós, o calix amargo das humilhações e do sofrimento, quem de nós se recusará a sofrer o ser desprezado por amôr d'elle?

Lições do meu cruxifixo

O nosso divino Mestre prega-nos da Cruz:

1.° *a paciencia*, padecendo resignado os maiores tormentos:

2.° *a humildade*, consentindo em ser tratado como o mais vil e o peior dos homens:

3.° *a doçura e a mansidão*, orando pelos seus algozes:

4.° *a pobreza*: está despojado de tudo, não tem sequer com qne cobrir a nudez do seu corpo nem onde reclinar a cabeça:

5.° *a mortificação:* no seu corpo não ha fibra que não sofra horrivelmente; todos os seus sentidos e potencias são atormentados.

Estas lições divinas devem aprendê-las todos os que se honram com o nome de cristãos, isto é, discipulos do Cruxificado.

Quem não ama o sofrimento, a pobreza e a humildade, não é perfeito discipulo de Christo. «*Quem quizer ser meu discipulo negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me*».

Custa ouvir tão duras palavras? Mais custará ouvir aquell'outras: «*Ide malditos, para o fogo eterno.*

Em 1921 havia nos Estados Unidos da América do Norte 18.104.304 católicos e nas colónias 10.043:344.

Só nêsse ano fundaram-se 204 novas paróquias.

Sem bem combater ninguem será coroado

Santa Catharina de Senna foi um dia perseguida por pensamentos vergonhosos cujo ataque importuno atormentava a sua alma tão pura. Nosso Senhor se lhe manifestou e com a sua presença dissipou a tentação.

Então ella queixando-se amorosamente diz: Senhor, onde estaveis vós quando a minha alma foi assaltada por tão horrendas imaginações?

—Minha filha, respondeu o Salvador, estava no vosso coração.

Como podieis vós, Jesus, replicou a santa, habitar no meio de pensamentos tão horriveis?

Eu era testemunha, ajuntou o divino Mestre, dos vossos combates e observava com complacencia a generosidade das vossas luctas.

E desde então uma paz inefavel inundou a alma de Catharina.

Facto analogo se conta na vida de Santo Antão. A tentação, quando se lhe resista, é ocasião de merito.

Bemdita seja a donzela que tem vivido longe do mundo sem se manchar. Suave e facil é o seu sôno: ao despertar, a sua oração é pura como a gota de orvalho na rosa aberta, e essa reza é resignação de cada dia. Aceita a pobreza sem se lamentar e põe de-per-si limites a seus inocentes desejos. E' simples nos seus gôstos, a modestia é o seu enfeite mais belo, a humildade é toda a sua sciência . . . Os seus suspiros chegam ao céu, porque sempre caminha na presença de Deus. — *Gustavo Drouineau.*

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	3.913:820
Impressão do n.° 11. . . .	126:000
Outras despezas	44:500
Somma	4.084:320

Subscripção

(Continuação)

Joaquim Maria Quintão Lages	10:000
João da Silva Franco.	10:000
Alexandre Simões.	10:000
D. Maria Julia de Souza . .	10:000
João Nunes de Mattos. . . .	10:000
Dr. Jorge Godinho . . .	20 francos
Conego Manuel Fernandes Nogueira.	5:000
Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos.	10:000
D. Julia Moreira Guimarães	12$500
D. Francisca Henriqueta Barreiros de Torres Cordovil	10$000
Antonio Nogueira	5$000
D. Maria da Piedade Paiva	10$000
D. Maria da Conceição Tavares Lopes . , ...	10$000
D. Maria da Conceição Fonseca Monteiro . . . , . .	10$000
D. Maria Henriqueta de Leal Sampaio	10$000
D. Palmira dos Anjos Rebelo Sebolão	10$000
D. Ludovina do Cachopo .	10$000
D. Guilhermina Vaz da Silva	10$000
Ventura José de Campos . .	10$000
Maria Augusta Rodrigues .	10$000
Maria Augusta Rodrigues .	2$500
Manuel José Pereira	5$000
Leonardo Fernandes Sardo	10$000
José Herdeiro	2$500
Benedicta d'Oliveira Leiras.	2$500
Donativos varios de Pardelhas	32$500
D. Teresa do Amaral	10$000
D. Celeste da Silva Ribas. .	10$000
Barreto & Gonçalves	10$000
Condessa Casal Ribeiro. . .	10$000
D. Laura Cabral.	10$000
D. Maria Adelaide Pessanha	10$000
Pedro M. da Silva Lourenço	10$000
D. Maria Mendonça	10$000
Antonio José Valente	10$000
Antonio Canas.	10$000
D. Margarida de Lemos Magalhães	10$000
Josefa de Jesus. . , ...	5$000
Miss Marie Harney.	10$000
Duarte Neves.	10$000
P.e Antonio Fernandes Duarte.	10$000
P.e Antonio Mendes Salgueiro.	10$000
D. Maria Henriqueta Infante da Camara Taborda. .	10$000
D. Aurora Vaz Clemente Marques da Cruz	10$000
Dr. Augusto Mendes.	10$000
D. Estamarinda Augusta Madeira.	10$000
P.e José de Ceiça	10$000
D. Maria Candida Campos Camilo	10$000
Engenheiro Miguel dos Santos e Silva.	10$000
D. Laura de Jesus Costa . .	10$000
D. Alzira Saraiva Dinis da Fonseca.	10$000
D. Maria da Conceição Madeira.	10$000
D. Ludovina Neves.	10$000
D. Albertina Dias Vaz. . . .	10$000
D. Albertina de Azambuja Ferreira	10$000
P.e Francisco Joaquim da Rocha	10$000
Elpidio Pereira (1 semestre).	5$000
Antonio Ignacio Vicente (3.ª vez)	2$500
Ayres Gomes.	10$000
Maria de Jesus Leal Gomes.	3$000
João Caetano.	3$000
D. Maria de Castro Crespo Frazão.	10$000
D. Maria Celeste de Oliveira Monteiro do Amaral	10$000
D. Gervasia de Andrade Costa	10$000
P.e Manuel Matos Silva. . .	10$000
Dr. Domingues Mégre. . . .	10$000
D. Leopoldina Barata Feio da Fonseca Saraiva	10$000
D. Laura da Conceição Martins.	10$000
D. Maria Francisca de Brito Neto.	10$000
P.e Domingos Gonçalves. .	10$000
Antonio Marques da Costa .	10$000
D. Maria S. da Silva Lobo.	10$000
D. Maria Helena Garcez Pinto Basto	10$000
Maria Angelica Correia . . .	10$000
P.e Antonio Joaquim da Mata	10$000
Feliciano Alves.	10$000
P.e Francisco Braz das Neves	10$000
D. Izabel das Virtudes Martins.	10$000
P.e Antonio Diniz Henriques	477$000

N. B. — A oferta de 14 Libras do reverendo Henriques, S. J. missionario na China, que muito agradecemos, foi cambiada em dinheiro português rendendo 1.477$000. S. ex.ª rev.ma o sr. Bispo de Leiria destinou desta importancia 1.000$000 para o culto de N. Senhora e 477$ para ajuda das despezas da «VOZ DA FATIMA».

Pedimos aos nossos leitores e devotos de Nossa Senhora não se esqueçam de rezar pela conversão dos infieis e especialmente pelos da missão de Shiu-Hing, na China.

VOZ DA FÁTIMA

Esta revista é distribuida gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Cova da Iria, aceitando-se no entanto qualquer donativo com que cada um queira expontaneamente auxiliar-nos.

Só terá direito a receber a VOZ DA FÁTIMA pelo correio, durante 1 anno, quem se subscrever com o minino de dez mil réis. Não fazemos cobranças pelo correio.

Ano II LEIRIA, 13 de Outubro de 1923 N.º 13

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Setembro

No dia 13 do mês proximo findo, no local das apparições, realisou se, com a solemnidade do costume, a comemoração festiva dos acontecimentos maravilhosos da Fátima.

O firmamento apresentou-se logo de manhã triste e nublado, ameaçando chuva.

A's nove horas, pouco mais ou menos, o rev. Abel Ventura do Ceu Faria, ex-parocho de Ceiça, celebrou a primeira missa. A segunda missa começou ao meio-dia e meia hora sendo rezada pelo rev. Francisco Braz das Neves, actual parocho daquela freguezia. A concorrencia, quási tão numerosa como no mês anterior era todavia mais selecta, vendo-se muitas pessôas de elevada condição social. Entre a assistencia destacava-se um grupo de cêrca de quarenta meninas, entre os oito e os quinze anos de idade, alunas de um dos mais conceituados colegios de provincia. Com os seus lindos e vistosos uniformes e com o encanto da sua mocidade, cheia de piedade ardente e comunicativa, nota assaz caracteristica na mancha negra daquella immensa multidão, vinham prostrar-se aos pés da Virgem Santissima e prestar-lhe o tributo sentido da sua terna afeição e do seu vivo e profundo reconhecimento. Todas receberam o pão dos Anjos e com tal devoção e recolhimento o fizeram que pareciam ser, não simples creaturas humanas, mas anjos abrazados de amôr de Deus.

Outro facto que causou agradabilissima impressão em todos os peregrinos foi a parte activa que tomou nas solemnidades religiosas uma peregrinação de Peniche, composta de cêrca de setenta pessôas e presidida pelo respectivo parocho. Admiravelmente bem organisada, salientando-se pela sua piedade fervorosa, cantando os cânticos da missa e os canticos privativos com entusiasmo e uma perfeição inexcedivel, reunindo-se em torno do seu riquissimo estandarte em que se via um formoso quadro da Immaculada Conceição, apresentando-se sempre com uma compostura modelar propria de christãos compenetrados do significado desta palavra, essa peregrinação, juntamente com o Colegio a que acima nos referimos, imprimiu á solemnidade deste dia um cunho de extraordinaria e comevedora belleza espiritual.

Nossa Senhora do Rosario de Fátima

Praza a Deus que as peregrinações a Fátima sejam sempre vazadas nos moldes desta peregrinação modelar e animadas do mesmo espirito, pois só assim pódem dar gloria a Deus, honrar a Santissima Virgem, promover a edificação dos fieis e usufruir inapreciaveis beneficios de ordem espiritual.

Durante as duas missas rezaram-se as orações do costume, fizeram-se as invocações pelos enfermos e cantaram-se os canticos do programa official.

A Sagrada Communhão foi ministrada a algumas centenas de fieis. Depois da segunda missa cantou-se o *Tantum ergo* e deu-se a benção com o Santissimo Sacramento. Em seguida subiu ao pulpito o rev. doutor Manuel Marques dos Santos, que dissertou larga e proficientemente sôbre a oração, sua necessidade e eficacia e disposições para a tornar fructuosa. Frisou de um modo particular que as pessôas que oram e não obteem despacho para as suas supplicas ou não oram em estado de graça, ou pedem coisas prejudiciais ou inuteis para a sua salvação ou não oram como devem orar, isto é, com humildade, confiança e perseverança.

No fim do sermão, innumeros fieis viram reproduzir-se os phenomenos atmospfericos dos mezes precedentes, o que os impressionou e commoveu sobremaneira, nomeadamente os peregrinos de Peniche, que pela primeira vez presenciavam acontecimentos tão extraordinarios.

A' elevação da segunda missa, as nuvens rasgaram-se e o sol no ze-

nith appareceu em todo o seu esplendor, attrahindo os olhares da assistencia, que não notou nessa occasião nada de extraordinario na atmosphera ou no firmamento.

Pouco depois das cinco horas já poucos fieis se encontravam no local das apparições. Muitos dos que partiam acalentavam, sem duvida, a suave e fagueira esperança de voltar áqueles logares bemditos no proximo dia treze de Outubro, setimo anniversario da ultima apparição e dia de peregrinação nacional.

V. de M.

As peregrinações

Chamamos a atenção dos leitores para a sua importancia quando feitas com aquelle espirito de penitencia e expiação que as deve animar.

O primeiro passo que o peregrino tem a dar é saldar as suas contas com Deus no tribunal da penitencia para que não aconteça que a sua presença na peregrinação, em vez de chamar as graças e misericordia de Deus as afaste, prejudicando os outros peregrinos e a si mesmo, desperdiçando uma graça e ocasião que talvez não volte.

Removidos estes obstaculos a alma, ainda debilitada e apenas convalescente de doença tão grave, sente naturalmente fome daquele Pão que alimenta e sustem as almas na virtude.

Na Fátima, como em Lourdes, a devoção a Nossa Senhora é sobretudo o caminho para chegarmos ao Amôr de Jesus na santa Eucaristia.

E' por ocasião das peregrinações e nas procissões do Santissimo Sacramento que em Lourdes se tem realizado o maior numero de milagres, um dos quaes, os peregrinos portuguezes puderam presenciar no dia 16 de setembro ultimo, esperando nós publicar no numero de novembro a fotogravura da miraculada.

Foi á benção do Santissimo que no mez de maio na Fátima obteve a cura instantânea uma filha de Maria da peregrinação de Santarem.

Foi á chegada desta peregrinação que se deram novamente signaes maravilhosos, que dum modo especial se repetiram principalmente em setembro, no regresso da peregrinação de Peniche, quando os peregrinos já estavam nos *camions*.

Os peregrinos aproveitarão a viagem para resarem o terço e entoarem canticos a Nossa Mãe Santissima, procurando cada um comunicar aos outros uma terna e maior devoção para com Ella e desejos ardentes de a imitar, principalmente na modestia, guarda dos sentidos e, enfim, na castidade e santidade da vida. Não faz sentido que pessôas que se dizem e querem ser christãs procurem aliar a devoção a Nossa Senhora com uma vida inteiramente sensual.

E' necessario não ter senso, haver mesmo perdido o uso da razão para que algumas senhoras (é infelizmente necessario repeti-lo) condescendendo com a animalidade de certos costumes, se apresentem escandalosamente vestidas entre os outros fieis, mostrando despudoradamente aos olhos de todos *essa carne por causa da qual foi retalhado, cuspido, sujo e exposto a nú o Corpo Santissimo de Nosso Senhor!*

Que ninguem se iluda a si mesmo nem pretenda iludir os outros com os aspectos externos de devoção, se lá dentro e na parte exterior não houver o proposito de vencer esta onda de corrupção e de sensualidade que alaga o mundo, pois é esta a nossa principal doença individual e da nossa querida Patria em geral.

E' este fim e não outro que visam as manifestações sobrenaturaes.

«Voz da Fátima»

Com este numero entra no 2.º anno o nosso jornalzinho de que se fez no 1.º anno uma tiragem total de mais de 60:000 exemplares.

—Não se faz cobrança pelo correio nem ha obrigação de mandar o jornal a quem enviar quantia inferior a dez mil réis.

No entanto o jornal é distribuido gratuitamente na Fátima nos dias de peregrinação em 13 de cada mez.

Morte de Francisco Marto

Francisco Marto, primo de Lucia de Jesus, a protagonista das apparições adoeceu gravemente no dia 23 de Dezembro de 1918, atacado da terrivel epidemia bronco-pneumonica que então passava em todo o mundo. Nessa data todas as pessôas da sua familia estavam de cama feridas pelo flagello, á excepção do pae. Este e algumas vizinhas caridosas, tratavam desveladamente dos enfermos, envidando todos os esforços para que nada lhes faltasse. Durante cêrca de quinze dias a inocente creança ficou retida no leito com a *força da doença*, segundo a expressão da mãe, levantando-se nos principios de Janeiro, num estado de grande fraqueza que, longe de diminuir, foi pelo contrario augmentando de dia para dia. Uma vez, durante as apparições, tendo a Lucia perguntado á misteriosa Senhora que lhe fallava, se ella e a Jacinta iriam para o Ceu, e obtendo resposta affirmativa, fez identica pergunta á cêrca do Francisco, respondendo a Visão que tambem lhe caberia tamanha ventura, mas que primeiro havia de rezar muitas vezes o terço. Desde esse momento até que adoeceu, o ditoso vidente nunca mais deixou passar um dia sem oferecer essa singela homenagem á Rainha do Ceu. Depois que se levantou da cama, não sentindo ás vezes forças para rezar o terço inteiro, dizia tristemente á mãe que não podia rezar senão metade. A bôa mulher observava-lhe que, se lhe custasse pronunciar as palavras da Oração Dominical e da Saudação Angelica, dissesse essas orações só com o pensamento, que Nossa Senhora lhe aceitaria o seu obsequio com o mesmo agrado.

Recomendava frequentemente á mãe que não se esquecesse da oração que a Santissima Virgem tinha ensinado aos tres videntes, porque elle nunca se esquecia de a rezar. E quando a pobre mulher se lamentava de que não raro a omittia por lapso de memoria, ponderava-lhe que a podia rezar mesmo quando fôsse pelos caminhos. Uma vez por outra queixava-se sentidamente de que não sabia offerecer o terço como muita gente tinha a felicidade de saber, o que lhe causava bastante penna.

Apesar de nunca mais ter tido saúde, de quando em quando dava um pequeno passeio, chegando a ir até á Cova da Iria.

Quando alguem asseverava que havia de melhorar, a sua resposta era logo um *não* proferido com um ar misterioso e num tom que impressionava extraordinariamente. Como um dia sua madrinha, Theresa de Jesus, promettesse, em presença delle, pesá-lo a trigo se Nossa Senhora o melhorasse, declarou de um modo peremptorio que era inutil fazer essa promessa, porque jámais alcançaria a graça da sua cura. Possuia uma consciencia bastante delicada, apesar da sua pouca idade e de haver recebido uma formação religiosa muito deficiente e rudimentar.

Uma vez que o aconselhavam a levar as ovelhas confiadas á sua guarda pela orla das propriedades da madrinha que decerto o não levaria a mal, não quiz fazê-lo sem licença della, por julgar que isso seria um roubo. No dia 2 de Abril a familia, achando-o peor de saúde, mandou-o recolher á cama e chamou o parocho para o confessar. Não tinha ainda feito a primeira communhão e receava por isso que não lhe fôsse permitido receber Nosso Senhor. Grande, extraordinaria até, foi, pois, a sua alegria, quando o parocho lhe prometeu trazer no dia seguinte de manhã o Sagrado Viatico. Na véspera pediu á mãe que o deixasse estar em jejum até essa hora, pedido a que ella accedeu sem reluctancia, assegurando que não lhe daria nada a tomar depois da meia noite.

Quando chegou o parocho com o Santissimo Sacramento, quiz sentar-se na cama para se confessar e commungar, o que não lhe foi consentido. Ficou radiante de contentamento por ter recebido pela primeira vez no seu peito o pão dos Anjos e, quando o parocho se retirou, perguntou á mãe se não tornaria a commungar, ao que ella retorquiu que o não sabia. Durante o resto do dia pediu de tempos a tempos agua e leite.

A' noite pareceu aggravar-se ainda mais o seu estado mas, perguntando-lhe a mãe como se sentia, disse que não estava peor e que não lhe doia nada.

No dia seguinte, sexta-feira, 5 de Abril, pelas dez horas da manhã, sem agonia, sem um gemido, sem um ai, e com um ligeiro sorriso á flôr dos labios, a alma daquele anjo da terra desprendia-se suavemente dos frageis liames do corpo e voava para o seio de Deus. Contava dez annos, nove mezes e vinte e quatro dias de edade, pois tinha nascido

no dia 11 de Junho de 1908, ás dez horas da noite.

As suas ultimas palavras fôram para a madrinha, a quem pediu, alguns instantes antes de soltar o ultimo suspiro, quando a viu assomar á porta, que o abençoasse e lhe perdoasse os desgôstos que por ventura lhe tivesse dado.

Os seus despojos mortaes, fragil involucro de uma alma predestinada, repousam em campa rasa e ignorada no humilde cemiterio parochial de Fátima. *V. de M.*

Processo Canonico sobre os acontecimentos da Fátima

Já começaram as investigações e interrogatorios sôbre estes acontecimentos, esperando a comissão, num periodo quanto possivel curto, ter concluido o processo, que tem, por sua natureza, de ser mais lento do que muitos fieis desejam, nada os impedindo no entanto de tributarem á Virgem as suas homenagens.

Preces e canticos collectivos dos peregrinos durante a missa na Cova da Iria

Antes da missa o *Credo* de Lourdes. Emquanto o celebrante se paramenta o *Salvé, nobre Padroeira.* Durante a missa o terço do rosário. Depois de cada mysterio a jaculatória dos videntes, já approvada pela auctoridade ecclesiástica: *Meu Iesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e alliviai as almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas».*

A' consagração da hostia: *Eu vos adoro, Santissimo Corpo, Sangue, Alma e Devindade de Nosso Senhor Jesus Christo, tão real e perfeitamente como estaes no Céu».* Ao levantar da Hostia: *«Meu Senhor e meu Deus».* A' consagração do Calix: *«Eu vos adoro preciosissimo Sangue, Corpo, Alma e Divindade de Nosso Senhor Iesus Christo, tão real e perfeitamente como estaes no Céu».* Ao levantar do Calix: *«Meu Senhor e meu Deus».* Logo em seguida as invocações:

—Senhor, nós Vos adoramos!

—Senhor, nos temos confiança em Vós!

—Senhor, nos Vos amamos!

—Hossanna, Hossanna ao filho do David!

—Bemdito seja O que vem em nome do Senhor!

—Vós sois Jesus Christo, filho de Deus vivo!

—Vós sois o meu Senhor e o meu Deus!

—Adoremus in aeternum Sanctissimum Sacramentum. (Cantado).

—Senhor, cremos em Vós, mas augmentai a nossa fé.

—Vós sois a resurreição e a vida!

—Salvai-nos, Jesus, aliás perecemos!

—Senhor, se o quizerdes, podeis curar-me!

—Senhor, dizei só uma palavra e serei curado!

—Jesus, Filho de Maria, tende piedade de mim!

—Jesus, filho de David, tende piedade de nós!

—Parce Domine, parce populo tuo, ne in aeternum irascaris nobis (cantado).

—Oh! Deus vinde em nosso auxilio, vinde depressa socorrer-nos!

—Senhor, aquele a quem amais está doente!

—Senhor, fazei que eu veja!

—Senhor, fazei que eu ande!

—Senhor, fazei que eu ouça!

—Mãe do Salvador, rogae por nós!

—Saude dos enfermos, rogae por nós!

A' comunhão: *«Senhor, eu não sou digno que vós entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva».* (Três vezes, rezado e cantado).

O «Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento da Eucharistia, fructo do ventre sagrado da Virgem Purissima, Santa Maria». Depois da comunhão as invocações a Nossa Senhora:

—Bemdita seja a Santa e Imaculada Conceição da Bemaventurada Virgem Maria, Mãe de Deus!

—Nossa Senhora do Rosario, rogai por nós! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosario dai-nos saude por amor e para glória da Santissima Trindade! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosario, convertei os pecadores! (3 vezes).

—Saude dos enfermos, rogae por nós! (3 vezes).

—Ó Maria, concebida sem pecado, rogae por nós que recorremos a Vós! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosário, salvae-nos e salvae Portugal!

Tantum ergo e benção do Santissimo.

Sermão, Hymnos e *Queremos Deus.*

NOTA—As jaculatórias acima mencionadas são as únicas que por ordem da autoridade eclesiastica devem ser recitadas publicamente na Cova da Iria e, além das indulgências que lhes estão anexas pela autoridade apostolica, concede o sr. Bispo de Leiria 50 dias a quem lá as recitar.

As obras da Fátima

Estão quási concluidas as obras do poço, tanque ou fonte de Nossa Senhora e que tem cêrca de quinhentas pipas de agua, podendo levar cêrca de novecentas.

Em volta fez se um muro circular encimado por um tanque tambem circular d'onde sae a agua por quinze torneiras, tantas quantos os misterios do Rosario.

O tanque, que corresponde ao sitio onde teve logar a primeira aparição, colocado no centro da projectada avenida, fica inteiramente vedado por uma abobada que servirá de pedestal a uma grande estatua de Nossa Senhora.

Uma bomba, escondida em um dos lados da parede, elevará a agua para o tanque exterior.

Fôram já dados de empreitada os muros de vedação dos terrenos e feito o projecto de uma casa que tão necessaria se torna.

AVISO

Novamente lembramos a prohibição de vender quáesquer objectos, de caracter religioso ou não, em volta do local das aparições.

Praticam uma má acção as pessôas que desobedecem a esta intimação da autoridade Eclesiastica que, logo que seja possivel, será constrangida a repelir, mesmo pela força, estes abusos.

—Seria conveniente que os peregrinos colocassem longe, onde não perturbem o culto, os animais que os transportam a Fátima.

No mez do Rosario

Promessas aos devotos do Rosario

«A Rainha do Ceu assegurou ao Beato Alano da Rocha que o Rosario ...era uma fonte de salvação para os povos...»

(Breviarium Domin, VIII Sept.)

Passada a época esplendorosa de S. Domingos, começou a resfriar pouco a pouco a devota influencia do Rosario. Por isso, dois seculos depois, segundo reza a chronica dominicana, aprouve á Santissima Virgem revelar-se novamente para fazer resurgir a devoção ao seu Rosario, servindo-se então do santo dominico Alano da Rocha. Lê-se, pois, em varias tradições que, em 1460, a Santissima Virgem appareceu a este santo dominicano, lançou-lhe ao pescoço um Rosario de perolas e disse-lhe o seguinte:

«Meu filho, conheces perfeitamente a antiga devoção do meu Rosario, prégada e difundida pelo teu Patriarca e meu servo Domingos e pelos religiosos seus filhos espirituais e teus irmãos. Pois este exercicio nos é extremamente agradavel, a meu Filho e a Mim, e é santamente utilissimo aos fieis. Quando o meu servo Domingos começou a prégar o meu Rosario em Italia, França, Hespanha e noutras regiões, foi tal a reforma do mundo, que parecia haverem se transformado os homens terrenos em espiritos angelicos, ou que os Anjos teriam descido do Ceu a habitar na terra. Os herejes convertiam-se maravilhosamente aos milhares e os católicos anciavam ardentissimamente o martirio em defeza da fé. Graças a esta insigne devoção, renovaram-se as esmolas, fundaram-se hospitais e edificaram-se templos. A santidade dos fieis, o desprezo do mundo, a autoridade do Pontifice, a justiça dos Principes, a paz dos povos e a honestidade das familias, tudo então florescia prodigiosamente.

—Ninguem, pois, era considerado verdadeiro christão, se não tivesse

e recitasse o meu Rosario. Inclusivamente os operarios nunca lançavam mão de suas ocupações antes de offerecerem em minha honra este tributo e a Deus este sacrificio. Tal era a grande reputação do santo Rosario que para mim não havia nem ha culto mais agradavel, depois do grande sacrificio da missa.

—Ora eu desejo imenso a salvação e o bem de todos os fieis, e podem todos obter facilmente esta graça por meio desta devoção tão agradavel, a mim e a meu divino filho. Eu quero, pois, que ella se restaure novamente na Egreja para consolação dum grande numero d'almas. Serás tu quem agora prégará o meu Rosario, exhortando todos os fieis a recitá-lo devotamente. Afervora e anima os religiosos da tua ordem a fazer o mesmo e eu autorisarei a vossa doutrina e a vossa prégação com numerosos prodigios.

—A todos aqueles que recitarem o meu Psalterio ou Rosario prometo a minha especialissima protecção.

—Será o Rosario uma arma potentissima contra o inferno: extinguirá os vicios, destruirá o peccado e vencerá as heresias.

—Todos aqueles que se me recomendarem por intermedio do meu Rosario jámais se condenarão eternamente.

—Quem recitar devotamente o meu Rosario, meditando os seus santos misterios, será isento de grandes perigos, não morrerá de morte repentina; mas converter-se-há, se fôr pecador, augmentará em graça, se fôr justo, e todos se tornarão dignos da gloria eterna.

—Os verdadeiros devotos do meu Rosario não morrerão sem Sacramentos.

—As almas devotas do meu Rosario serão, depois da morte, livres do Purgatorio.

—Os verdadeiros filhos do meu Rosario gozarão duma subida gloria ao Ceu.

—O que me pedirem por meio do meu Rosario eu de bôamente obterei.

—Os que propagarem o meu Rosario serão socorridos por mim em todas as suas necessidades.

—A devoção com o meu Rosario é um poderoso signal de predestinação. (De extratos de P.e Antonio Vieira e outros). Dizem as chronicas que o bemaventurado Alano foi depois um fiel instrumento das determinações de Maria Santissima. Quinze annos consagrou a pôr em execução aquelas instruções divinas, sempre abrazado num santo fervor, agente de prodigios estupendos e com um exito maravilhoso. E o Rosario attingiu novamente o seu antigo esplendor.

Confiados esperançosamente nas consoladoras promessas da Virgem do Rosario, acolheramo-nos, como diz Leão XIII, debaixo da protecção divina de Maria Santissima e procuremos amar cada vez mais a devoção do seu Rosario, que os nossos antepassados seguiam, não só como remedio sempre prompto para os seus males, mas como ornamento da sua piedade christã».

Voz da Fátima

Despezas

Transporte.	4 084:320
Impressão do n.º 12. . . .	126:000
Papel (20 resmas)	1.223:800
Outras despezas	49:500
Somma	5.483:620

Subscrição

(Continuação)

Dr. Joaquim Tavares de Araujo e Castro	10$000
Manuel José Conde.	10$000
De jornais e percentagem na venda de estampas (D. Maria das Dôres)	223$000
José Gomes.	20$000
Manuel Maria da Silva Porrão	10$000
D. Maria dos Anjos Tavares Portugal.	10$000
D. Maria José Marques Vieira.	10$000
José Capela	10$000
Pacifico Martins.	10$000
Antonio Rodrigues	10$000
P.e Gonçalo Alves	10$000
Commendador João Curado.	15$000
Manuel Paços	10$000
P.e Manuel Carreira Poças.	10$000
D. Angelica de Matos Fernandes Potes	10$000
Commendador Antonio Coelho da Silva Villas Boas.	10$000
P.e Joaquim Gonçalves Margalhau.	10$000
D. Adelaide Martins Bernard	10$000
D. Anna de Portugal Lobo Trigueiros	20$000
D. Maria Julia Marques Ferreira (2.ª vez).	10$000
D. Vivita Pinto de Souza e Castro.	10$000
Francisco Pinto.	10$000
D. Maria Fernanda de Carvalho	10$000
Monsenhor Carlos Costa,	15 francos
Condessa da Arrochela . . .	15$000
D. Amalia Nunes Ribeiro. .	15$000
D. Maria Rosa Soares . . .	30$000
D. Joaquina Queiroz Ribeiro	10$000
D. Maria das Dores Ferro da Silva (2.º anno)	10$000
D. Margarida d'Almeida. . .	10$000
Dr. Eurico Lisbôa (2.º anno).	20$000
P.e Joaquim da Rocha Rodrigues (2.º anno)	10$000
D. Maria Henriqueta Leal Sampaio (2.º anno)	10$000
D. Emilia Leite Castro. . . .	10$000
D. Maria da Nobrega Pimentel.	10$000
D. Carolina Carneiro Perry.	10$000
D. Maria Ribeiro da Silva .	10$000
Condessa de Margaride (2.º anno)	10$000
D. Maria de Jesus d'Oriol Pena (2.º anno).	10$000
Jeronimo Sampaio (2.º anno)	10$000
Julio Gonçalves Ramos (2.º anno)	10$000
D. Maria da Apresentação D. Gonçalves	40$000
Antonio Martins Morgado .	10$000
P.e Manuel Fernandes. . . .	10$000
Donativo de Maria Pereira Soares	25$000
D. Maria Herculano Sales .	10$000
P.e Agostinho Gomes	10$000
José d'Oliveira Dias	15$000
D. Maria da Conceição Rodrigues Fialho	20$000
José Pereira Manso Junior .	10$000
Luzia de Jesus Manso	10$000
D. Magdalena da Silva Rego	10$000
P.e Candido Augusto Lopes	10$000
D. Maria Eduarda Vasques C. Lencastre (2.º anno) .	10$000

Presença de Deus

Um dos meios mais seguros de augmentar a piedade é o exercicio da presença de Deus.

Quando diante de S. Francisco de Salles se falava em grandes edificios, em pintura, musica, caça, aves, plantas, em jardins ou flôres, de tudo isto elle tirava outros tantos motivos de elevação para o seu espirito.

Se lhe mostravam bellas plantas, dizia: «Nós somos um campo que Deus cultiva». Se se falava de edificios: «Nós somos um edificio feito por Deus». Se via um templo magnifico e muito aceiado, exclamava: «Nós somos o templo de Deus vivo; que as nossas almas estejam tambem assim ornadas de virtudes!»

A' vista de flôres perguntava: «Quando é que as nossas flôres darão fructos?»

Em presença de bellas pinturas dizia:

«Não ha nada mais bello que uma alma feita á imagem de Deus».

Atravessando um jardim reflectia: «Oh! quando será que o jardim da nossa alma estará semeado de fiôres e cheio de fructos? quando estará limpo e podado? quando estará elle fechado para tudo que desagrade ao jardineiro celeste?»

A' vista de uma fonte, observava: «Quando teremos nos nossos corações fontes de aguas vivas, correndo para a vida eterna? Até quando deixaremos nós a fonte da vida por fontes do mal?»

A' vista dum bello vale, exclamava: «As aguas correm por ahi: é assim que as aguas da graça correm nas almas humildes, deixando sêcos os cimos dos montes, isto é, as almas soberbas».

Vendo uma montanha :» Que todas as montanhas e collinas bemdigam o Senhor!»

Se via arvores: «Toda a arvore que não der bom fructo será cortada e lançada ao fôgo».

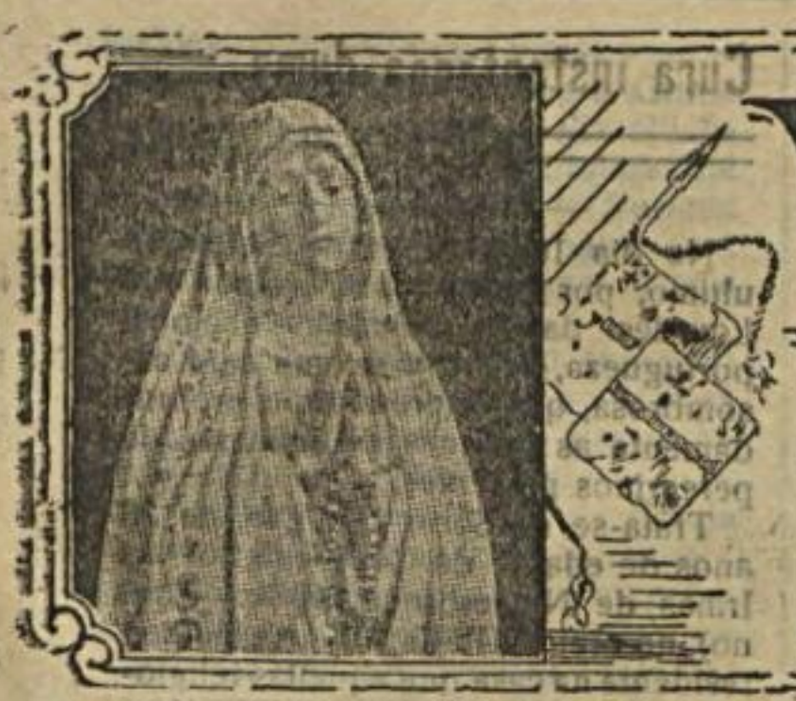
A' vista de um rio: «Quando caminharemos nós para Deus como as aguas para o mar?»

Comtemplando um lago: Oh! meu Deus, livrae-me do lago do abismo de miseria em que eu estou».

Assim via o santo bispo de Genova Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus, ou melhor, não via senão uma coisa, que é Deus.

«Cresce pelo mundo a onda suja em que as almas se afogam. Na noite da agonia, Jesus viu tudo isso e sobretudo (eram as fézes do Calix) que a sua Paixão seria inutil para commover certas almas! Porque a maior parte dos christãos vive como se Nosso Senhor não tivesse morrido por nós!»

Ano II LEIRIA, 13 de Novembro de 1923 N.º 14



A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietário e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

A Peregrinação Nacional

13 d'Outubro de 1923

Mais uma vez, entre as fragas e alcantis da serra d'Ayre, na charneca árida e monotona de Fátima, se reuniram, no dia 13 de Outubro findo, dezenas de milhares de fieis, que das oito provincias de Portugal, desde o Minho ao Algarve, fôram depôr o tributo sentido do seu amor filial e do seu vivo reconhecimento aos pés da augusta e gloriosa Virgem do Rosario.

Passava nesse dia o sexto anniversario da sexta e ultima apparição da Rainha do Ceu aos humildes e innocentes pastorinhos de Aljustrel, Lucia, Francisco e Jacinta. O tempo, que havia cêrca de três semanas se conservava esplendido, verdadeiramente primaveril, mudou de subito.

O dia amanheceu triste e tempestuoso. Durante a noite chovera torrencialmente. A partida estava marcada para as seis horas e meia.

Tinhamos de percorrer de automovel cêrca de 160 kilometros. Iniciámos a nossa longa viagem no meio de um temporal desfeito. O estado das estradas do sul do paiz, e sobretudo das estradas da Extremadura, é o mais lastimoso que se póde imaginar. Nestas condições, sobremaneira aggravadas pela chuva torrencial, que convertia as estradas em lameiros e as covas largas e profundas em charcos e lagôas, a viagem, posto que feita em automovel, não podia deixar de constituir um verdadeiro sacrificio. Mas era decerto incomparavelmente maior a penitencia que faziam tantos milhares de pessôas, de todas as classes e condições sociais e de todas as edades, que, a pé, a cavallo, de bicyclete, em *charretes*, carroças, trens, *camions* e *camionettes* passavam constantemente ao nosso lado, como numa fita cinematographica, e iam ficando para traz, fatigadas da longa viagem e molhadas, a maior parte delas, até á medulla dos ossos. Pouco depois das dez horas, dominado por uma emoção suavissima,

Sorer Benigna, da Congregação de Niederbron (Alsacia) de Langres (Alto Marne), soffrendo de tuberculose pulmonar em estado agudo, foi curada em Lourdes durante a procissão do Santissimo Sacramento no dia 16 de Setembro de 1923, por ocasião da peregrinação nacional portugueza

que insensivelmente se apoderou da nossa alma, pisavamos o solo sagrado da Fátima. A multidão que se comprimia em torno do padrão commemorativo dos sucessos maravilhosos era já enorme. Muitos peregrinos, chegados de vespera, tinham passado a noite dentro da capella ou debaixo do alpendre que cobre o altar das missas campaes e o recinto fechado adjacente. De toda a parte e a cada momento affluem peregrinos que se despenham como uma torrente humana na vasta bacia formada pelo local das apparições. Entretanto começa a primeira missa campal, annunciada aos fieis pelo toque de uma sineta. O silencio torna-se profundo nas immediações da capella.

Os fieis rezam devotamente seguindo com a maior attenção as cerimonias do Santo Sacrificio, cujo celebrante a maior parte não logra ver mau grado seu. A' communhão, centenas de pessôas aproximam-se da Sagrada Meza. Quando acaba a missa, a multidão que inunda aquelle vasto amphiteatro é mais numerosa e mais compacta do que nunca. Ao meio dia official a Cova da Iria assemelha se a um imenso lago humano, de fórma circular, em que desaguasse, pelos diversos pontos da sua circunferencia, um sem numero de rios caudalosos. Hombro a hombro com a gente humilde do povo vêem-se passar a cada instante muitas das figuras de maior relêvo do nosso paiz.

Antigos ministros, senadores e deputados, illustres representantes do clero, individualidades em destaque na politica, nas finanças, no commercio, na industria e na agricultura, officiais superiores do exercito e da armada, lentes das Universidades, médicos, advogados e jornalistas, condecorados da grande guerra e numerosos elementos da mais antiga e mais alta nobreza de Portugal formavam, juntamente com o elemento popular, uma amalgama admiravel e encantadora, que só o Christianismo é capaz de produzir, uma comprehensão bem justa da legenda — liberdade, egualdade e fraternidade.

Cumprimentamos um médico, nosso amigo, que viera de Lisbôa com a familia no seu automovel e cujos filhos tinham tido a ventura de fazer a sua primeira communhão em Fátima.

No meio da conversa chama a nossa atenção para uma nobre e virtuosa senhora da capital que com o marido, engenheiro distintissimo, se encontrava a uns trinta passos de distancia.

—E' a miraculada da phlebite, diz elle.

—Aquella senhora que nos dirigiu a carta publicada no numero seis da VOZ DA FATIMA? perguntámos nós.

—Exactamente, concluiu o nosso interlocutor.

Pouco antes deste curto dialogo tinhamos fallado com D. Maria Augusta Figueiredo, que no dia 13 de Maio do corrente anno fôra instantaneamente curada de um cancro durante a benção com o Santissimo Sacramento, dada pela primeira vez no local das apparições depois da segunda missa campal. Esta ditosa filha de Maria da peregrinação de Santarem ia agradecer á Santissima Virgem a graça da sua cura maravilhosa, que tamanha sensação produziu em toda a zona ribatejana e que deixou assombradas todas as pessôas que conheciam de perto o estado da feliz privilegiada da Virgem do Rosario. Junto de nós passam duas mulheres, tipo de camponezas, de aspecto humilde, trajando de luto rigoroso, com as quaes trocamos algumas palavras. São as mães dos videntes. A mãe da Lucia diz-nos que a filha, de quem pedimos noticias, lhe escreve com regularidade, tendo ainda ultimamente recebido carta della, e está de perfeita saúde. D'ahi a pouco vemos o dr. Pequito Rebello, a quem perguntamos por um rapazinho do Gavião, gravemente enfermo, que uma das manas daquele distincto escriptor caritativamente levara a Lourdes na ultima peregrinação e agora levava a Fátima para solicitar a sua cura d'Aquela que com razão é chamada a Saúde dos enfermos. Momentos depois encontramos aquella benemerita senhora e a mãe do doentinho que nos disseram que elle já se encontrava na capella junto dos outros enfermos.

Era meio-dia e meia hora quando começou a segunda missa campal celebrada pelo rev. Braz das Neves, parocho de Ceiça, de cuja morte, na pujança da vida, acabamos de ter noticia e que encomendamos ás orações dos leitores.

Reza-se o terço e fazem-se as invocações do costume. A communhão dura cêrca de meia hora. Depois da missa canta-se o *tantum ergo* e dá-se a benção com o Santissimo Sacramento aos enfermos e ao povo. Em seguida sóbe ao pulpito o rev. conego Francisco Sequeira, da Sé Cathedral de Portalegre, que falla sôbre a devoção a Nossa Senhora.

Após o sermão ouvimos grande numero de pessôas affirmar que tinham visto os phenomenos extraordinarios do costume. Em volta do tanque da água maravilhosa, que poucos dias depois da primeira missa campal brotou da rocha viva precisamente no sitio onde se deu a primeira Apparição, estaciona uma multidão enorme, que recolhe em milhares de recipientes a limpha pura e diaphana que sahe por quinze torneiras.

Muitos peregrinos cumprem promessas. Falla-se vagamente de algumas curas, operadas durante a benção de Jesus-Hostia.

São mais de quatro horas. Os peregrinos vão retirando pouco a pouco. Preparamo-nos tambem para o regresso.

A chuva cessara de cahir. Subimos para o nosso automovel e partimos com o coração dominado pela mágua de termos de nos afastar tão depressa daquelles logares benditos, cuja recordação saudosa fica indelevelmente impressa no mais intimo da nossa alma.

V. de M.

Cura instantanea duma phtysica galopante

No dia 16 do mês de Setembro ultimo, por occasião da estada em Lourdes da peregrinação nacional portugueza, realisou se uma cura assombrosa, que impressionou profundamente as dezenas de milhares de peregrinos presentes.

Trata-se de Soror Benigna, de 28 anos de edade, da Congregação das Irmãs de Niederbronn, (Baixo-Rheno), no seculo Odilia Dillenschneider, residente na casa que aquellas religiosas possuiam em Langres (Alto Marne), no numero 15, da rua Bouillére.

O Dr. Brocard, de Langres, seu médico assistente, cujo atestado diagnosticava a doença de tuberculose pulmonar em fórma aguda, oppoz-se terminantemente á sua partida para a cidade da Virgem, declarando que ella não voltaria com vida.

Mas a sua confiança e a da Superiora, que a quiz acompanhar, no poder de Deus e na intercessão de Nossa Senhora poude mais que o criterio humano da obediencia estricta ás prescripções da sciencia médica.

Em Março do anno corrente appareceram os primeiros symptomas do mal que a breve trecho se havia de desenvolver com uma rapidez fulminante, colocando-a ás portas da morte. Entre outros, fôram a principio fadiga prolongada, tosse e suores nocturnos.

Consultado pela enferma, o dr. Brocard aconselhou lhe o repouso no campo. Tendo obtido algumas melhoras voltou para a comunidade em Abril. Entretanto a fraqueza reappareceu e Soror Benigna sentiu as forças diminuirem rapidamente emquanto os symptomas pulmonares se aggravavam de um modo extraordinario.

Em Agosto teve de recolher á cama.

No dia 1 de Setembro a temperatura elevou se assombrosamente, attingindo e ultrapassando 42 graus, á tarde.

O Dr. Brocard diagnosticou então a doença de phtysica aguda ou galopante.

Transportaram a enferma neste estado a Lourdes em cima de um colchão. A viagem foi em extremo dolorosa; a religiosa teve durante ella syncopes quasi continuas. Tornou-se indispensavel, para lhe conservar a vida, multiplicar as injecções de ether e de oleo camphorado. Soror Benigna estava moribunda.

Em Bordeus esteve quasi na agonia; o Conego Laurent, arcipreste de Langres, que com algumas pessôas piedosas a acompanhava, deu-lhe a santa absolvição.

A' sua chegada a Lourdes no dia 15 de Setembro, tinha a apparencia de uma moribunda. As suffocações eram cada vez mais numerosas e as syncopes prolongadas faziam temer a cada instante um desenlace fatal. Após uma breve visita á Gruta a enferma conservou-se deitada todo o dia. No domingo, 16, o seu estado era desesperado. Foi-lhe administrada a Extrema Uncção. A's dez horas, aproveitando um curto momento de

lucidez, a moribunda manifestou o desejo de ser transportada á Gruta. Fizeram-lhe a vontade e ella alli ficou, quasi completamente inerte, até ás quatro horas da tarde. Durante esse tempo apenas poude engulir com grande difficuldade, algumas gottas da agua miraculosa.

Ia principiar a procissão eucaristica; conduziram por isso a religiosa para a praça do Rosario. Em torno della rezava-se com fervor.

Na esplanada em frente da Egreja do Rosario os doentes, em numero superior a 600, são collocados pelos *brancandiers* em duas filas interminaveis. Por traz dos doentes agglomera-se uma multidão immensa de peregrinos de differentes nacionalidades e de todas as classes e condições sociaes. Estavam presentes na sua quasi totalidade os peregrinos das peregrinações nacional portugueza, nacional hollandeza e diocesanos de Metz e Puy. São cêrca de quarenta mil pessôas. A procissão organisada junto da Gruta approxima-se da esplanada depois de ter percorrido as longas avenidas dos jardins do Sanctuario. Milhares de homens veem á frente, cada um com uma vela acêsa na mão, e vão postar-se em linha, uns atraz dos outros, no atrio do Rosario.

Chega o Santissimo Sacramento, conduzido debaixo do pallio numa custodia riquissima por Mons. Boutry, Bispo de Puy. Sacerdotes de varias nacionalidades fazem as commoventes invocações de Lourdes nas suas linguas respectivas, implorando a cura dos doentes.

Procede-se á benção dos enfermos, que começa pelo lado esquerdo. Atraz da umbella, que durante a benção substitue o pallio, seguem varios dignitarios ecclesiasticos, entre os quais os Senhores Arcebispos de Evora e de Villa Real e Bispo de Beja. Na nossa qualidade de *brancardier* auxiliar dos enfermos portuguezes conseguimos tomar logar, por especial deferencia, atraz dos venerandos Prelados Portuguezes, no pequenino cortejo que acompanha Jesus Hostia.

Mal imaginavamos nesse momento que iamos mais uma vez ser testemunha de um grande milagre eucharistico. O cortejo avançava lentamente no meio das suplicas, das lagrimas de commoção e dos soluços a custo reprimidos dos enfermos e das invocações feitas por um sacerdote e repetidas em côro pela multidão.

Terminada a benção da primeira fila de doentes, o cortejo atravessa a esplanada e começa-se a benção da segunda fila. Abençoados alguns enfermos, a Sagrada Custodia encontra-se em frente de Soror Benigna que estava deitada na sua maca.

Momento unico e inolvidavel! Quando Mons. Boutry traça sôbre ella o signal da cruz com a Sagrada Custodia, vemos a enferma soerguer-se no seu grabato de dôr, adorar a Hostia Sacrosanta, sorrir-se com um sorriso de ineffavel alegria, o rosto illuminar-se-lhe de um fulgôr que não parecia deste mundo e depois, dominada por uma commoção enorme, descahir suavemente sôbre a maca e prorompер em lagrimas e soluços. A Superiora, Soror Ponciana, sua companheira inseparavel, que se conservava á cabeceira, murmura-lhe ao ouvido algumas palavras que não conseguimos ouvir. Ella volta-se logo para a Superiora e diz-lhe com simplicidade: «Vous êtes exaucée!» Então a Superiora abraça-a effusivamente, num transporte de jubilo e de reconhecimento.

Um dos dignitarios ecclesiasticos que faziam parte do cortejo pergunta á Superiora se a enferma está curada, obtendo como resposta um signal affirmativo com a cabeça.

Esta scena admiravel, de que a nossa penna não é capaz de dar sequer uma pallida ideia, passou-se com uma rapidez assombrosa. Mons. Boutry pára um istante, preso de commoção, continuando logo e concluindo a benção dos enfermos.

Cantado o *tantum ergo* e dada a benção geral, a religiosa é rodeada de innumeras pessôas que querem vê-la e fallar com ella.

Os *brancardiers* fazem a *haie* com as *bretelles* para a livrarem das consequencias do enthusiasmo da multidão e conduzem-na assim escoltada para o Hospital de Nossa Senhora das Dôres. Milhares de peregrinos de varias nacionalidades, que a seguem num delirio de commoção e regosijo, cantam o *Magnificat* e acclamam a a miraculada.

A agonisante de ha poucos instantes, diz agora que tem fome. Come com magnifico appetite ovos, sopas, galinha e pão. Passou uma noite esplendida. Não sente febre, a respiração é normal, o rosto está já animado com as côres da saúde. No dia seguinte pela manhã é conduzida ao *Bureau des Constatations Médicales*. E'-lhe feito longo e minucioso exame por um jury verdadeiramente internacional, composto dos drs. Smets, de Utrecht (Hollanda), Parreira Cabral, de Lisbôa (Portugal), Stouffs, de Bruxellas (Belgica), Buchanam, de Londres, (Inglaterra), Meyer, de Troisfontaines, (França) e Bussières, de Limoges, (França). O dr. Marchand, presidente do Boureau, telegrafou ao dr. Brocard, sollicitando-lhe informações complementares sobre o estado exacto do apparelho respiratorio na occasião da partida de Soror Benigna para Lourdes.

Entretanto o presidente do Bureau convocou uma nova reunião médica para o dia seguinte ás trez horas da tarde. Nessa sessão, em que se leu a resposta do dr. Brocard, foi feito á religiosa um novo exame por outro jury internacional de médicos composto dos drs. Buckem, de Maestricht (Hollanda), Parreira Cabral, de Lisbôa (Portugal), Mile Rossi, de Milão (Italia), Legrand, de Montréal, (Canadá), Gourand, de Nantes (França), e Aufraz, de Morlaix (França).

Importa notar que a feliz religiosa tinha subido na vespera ao Calvario de Lourdes e tinha ido nesse dia de manhã ás Grutas de Bétharram, sem experimentar nenhum incommodo, quando, ainda no domingo á tarde, agonisava na sua maca.

Pelo exame médico verificou-se o desaparecimento completo dos symptomas pulmonares em menos de quarenta horas. Não se encontrou nenhum signal stethocopico. A respiração era absolutamente normal.

Depois deste segundo exame, a unanimidade dos médicos, com excepção de um só, adoptou, em sessão, as conclusões seguintes:

«1.°— Soror Benigna foi realmente atacada de *tuberculose pulmonar em fórma aguda*;

«2.°— Foi completamente curada desta doença entre o dia 15 e o dia 17 de Setembro de 1923;

«3.°— Em razão da sua rapidez, esta cura é contraria a todos os dados da sciencia e da medicina».

A miraculada assistiu á sessão e nós vimo-la sentada ao pé dos médicos com um aspecto de saúde tão perfeita que nos impressionou deveras. Momentos depois era afixado á porta do Bureau o respectivo boletim médico, em que se constatava a cura completa de Soror Benigna, que não podia ser de modo nenhum atribuida á acção normal das forças naturaes.

V. de M.

Notas e impressões

— De uma carta dirigida ao administrador da «Vóz da Fátima» por um sacerdote ilustrado e piedoso ácerca da peregrinação de Coimbra no dia 13 de Outubro findo, transcrevemos os seguintes periodos: «Ainda se não apagaram as impressões agradabilissimas da nossa peregrinação, apesar da contrariedade da chuva. Parece que até esta mesma contrariedade cotribuiu para afervorar mais a devoção de todos, que viram nella um convite de Nossa Senhora á penitencia. Para Maio todos querem voltar e muitos mais mostram egual desejo. Vai mandar-se fazer uma bandeira para essa peregrinação.

Hoje celebrou-se na egreja do Salvador uma missa em acção de graças pelo feliz exito desta primeira peregrinação, havendo canticos, prática e communhão geral.

Alguns dos nossos doentes experimentaram sensiveis melhoras e uma creadita de servir, que era dada como tuberculosa, crê-se curada. Se se confirmar a cura, informarei.»

— A peregrinação de Coimbra estava modelarmente organisada graças ao criterio intelligente e aos esforços incansaveis da benemerita commissão que a levou a efeito. Compunha-se de cêrca de trezentas pessôas — ecclesiasticos, senhoras, commerciantes, industriais, estudantes, etc; que partiram da formosa cidade do Mondego no dia 13 ás duas horas da madrugada, em sete *camions*, no meio da mais edificante fraternidade christã.

No dia 17 a commissão organisadora mandou celebrar na egreja do Salvador uma missa em acção de graças pelo feliz exito desta primeira peregrinação, pelas melhoras alcançadas por alguns dos seus doentes e pelo *milagre*, como diziam os peregrinos, de ninguem ter sentido o menor incommodo de saúde, ao contrario do que costuma succeder a quem se molha até á medulla dos ossos.

— Em Leiria, a Juventude Catholica, a Associação dos Caixeiros, a Assem-

bleia Leiriense (Club) e o Gremio Litterario e Recreativo puzeram gentilmente as salas das suas sédes á disposição dos peregrinos, que, sem esse offerecimento, teriam de pernoitar, em grande numero, nos bancos das praças e dos jardins por não haver quartos devolutos nos hoteis nem outras casas que os pudessem albergar.

Em Leiria e em Torres Novas familias de todas as classes dispensaram aos peregrinos, que alli affluiram em numero de muitos milhares na sua passagem para Fátima, toda a sorte de attenções e carinhos, recolhendo-os e fornecendo-lhes roupas e aquecimentos.

— A comissão organisadora da peregrinação de Coimbra enviou para Leiria o seguinte agradecimento para ser publicado nos jornaes daquela cidade: «A commissão organisadora da peregrinação de Coimbra á Fátima no dia 13 do corrente agradece penhoradamente ás pessôas caridosas de Leiria o agasalho e conforto que tão espontanea e desinteressadamente prestaram aos nossos peregrinos oferecendo-lhes das suas roupas, enxugando as que levavam e acudindo com aquecimentos e outros generosos serviços aos que se encontravam completamente encharcados pela chuva que tiveram de suportar nos *camions* durante seis horas consecutivas. A todos protesta a sua profunda gratidão, não fazendo agradecimentos directos a cada familia, de per si, por ignorar os nomes de muitas dessas pessôas caritativas».

Na manhã do dia 13 o vasto templo da Sé, de Leiria achava-se repleto de fieis. A's missas alli celebradas assistiram os peregrinos com a mais viva fé, aproximando-se quási todos da Sagrada Meza. Durante a missa de Sua Excellencia Reverendissima o Senhor Bispo de Leiria cantou a Juventude Catholica de Lisbôa alguns canticos apropriados ao acto, commungando a essa missa os peregrinos de Coimbra.

O numero de automoveis e *camions* que no dia 13 de Outubro estiveram em Fátima foi superior a trezentos. Houve quem tivesse a paciencia de os contar um por um.

O numero dos outros vehiculos, de todas as especies, feitios e tamanhos, era incalculavel, devendo orçar por muitos milhares. Entre os automoveis via-se um que tinha vindo directamente de Hespanha com alguns peregrinos daquelle paiz.

— O tanque da agua maravilhosa que brotou da rocha viva depois da primeira missa campal no sitio da primeira apparição está quasi concluido. Calcula-se em seiscentas pipas a quantidade de agua que o tanque contém actualmente. O deposito superior, para onde a agua é levada por meio de uma bomba aspirante tem a capacidade de dezasseis pipas e está dividido em quinze compartimentos a que correspondem outras tantas torneiras.

— Tendo corrido a nova da cura extraordinaria de uma creança, neta de um médico tão illustre pelo fervor da sua piedade como pelo saber, um distincto advogado, nosso comum amigo, escreveu-lhe a preguntar se o facto era verdadeiro, obtendo a seguinte resposta que se dignou communicar-nos e que ousamos transcrever por constituir um alto e nobre exemplo de espirito de fé e de resignação christã: «Infelizmente não é verdadeira a noticia que recebeu: — não foi miraculado o meu neto. Deus não me julgou digno de tão grande graça. Pois seria retumbante o milagre, se se tivesse dado, e metter-se-ia pelos olhos dentro ao mais incredulo. Por todas as rasões tive immensa pena de que se não désse. Curvo-me; bemdigo o Senhor; mas não posso ser superior a um grande sentimento de tristeza! Grande fraqueza minha, não ha duvida. Deus, porém, m'a perdoará, vendo a minha resignação.»

Aquelle nosso amigo fez preceder a sua communicação do breve mas edificante commentario que segue:

«A humildade do signatario destas linhas confunde-me ainda mais do que a sua fé.»

— De um interessante e bem redigido artigo publicado em editorial no numero de 19 de Outubro do JORNAL DA BEIRA com o titulo de «Nossa Senhora de Fátima» e o subtitulo de «Impressões dum peregrino» transcrevemos com a devida vénia os periodos que seguem:

«A certa altura, o dia até então enublado, de ceu pardacento e escuro, começou de aclarar. Na esperança duma nova repetição do phenono solar, já por varias vezes alli constatado, a maior parte da gente olhava o ceu, procurando ver o sol atravez das nuvens, agora mais diaphanas.

Ouve-se um vago murmurio de admiração.

Olho o ceu no ponto em que o sol começava de surgir. As nuvens, já tenues, transparentes, corriam pelo ceu vertiginosamente. E num dado momento o sol começava de apparecer como um globo alanrajado, cuja circumferencia, toda num circulo de luz, estranha, talvez azul electrico, girava vertiginosamente sôbre si mesma. O phenomeno dura apenas uns segundos. De novo o sol desapparece, espalhando-se então por todo o ceu pequenas nuvens côr de rosa que vão desaparecendo no horisonte. Este estranho phenomeno solar que já mais tinha constatado, vi-o alli em plena posse do meu espirito, livre de toda e qualquer impressão nervosa. Não procuro explicá-lo de qualquer fórma. Assevero apenas que elle se deu, com testemunho de outras pessôas conhecidas do nosso meio, a quem elle não passou despercebido. Seria um phenomeno visual causado pela luz solar na nossa retina? Seria o facto — porque o é — um phenomeno atmospherico local, temporario e ocasional?

Será um signal de Deus?

A todas estas preguntas que a mim mesmo fiz e com os meus companheiros discuti em troca de impressões, eu fico sem responder. O que é absolutamente certo, porque foi um facto indubitavel, é que o phenomeno se deu e eu e outros o verificámos.

Depois delle a massa dos crentes continuou rezando, assistindo recolhida e piedosa ao Santo Sacrificio da Missa.

. . . . . .

Este facto, a affluencia espantosa, incalculavel, de peregrinos ao local da Fátima, é o que primeiro nos impressiona e nos chóca! Alguem do nosso lado que assistiu á concorrencia enorme de pessôas que a apotheose do soldado desconhecido levou á Batalha, calcula em muito mais de quatro vezes a que desta vez se deu a Fátima! E' uma cousa assombrosa! E não ha alli um divertimento, uma curiosidade artistica, nada, absolutamente nada que não seja aquella immensa mole de gente rezando em volta duma imagem humilde. Alem disso é de notar o recolhimento, o respeito, o silencio que reina por entre aquelle mar de gente, a ausencia de qualquer nota discordante, de qualquer conflicto ou barulho, não obstante alli se não ver qualquer auctoridade, nem um simples soldado da guarda republicana!

Assim, pois, e para terminar estas simples e desataviadas linhas escriptas ao correr da penna: a impressão que dalli trouxe — áparte o phenomeno extraordinario que *alli* vi e que por razões bem comprehensiveis não procuro discutir por emquanto — é de que Fátima constitui já presentemente o primeiro logar de peregrinação piedosa de todo o nosso paiz.

Por certo não se encontra em parte alguma, á excepção de Lourdes, uma tão enorme massa de fieis participando, no maior recolhimento e devoção, das solemnidades religiosas celebradas em honra da Mãe de Deus!

V. de M.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte.	5:483:620
Impressão do n.º 13 (15:000 exemplares)	230:000
Papel d'impressão	2:260:000
Outras despezas	34:000
Soma.	8:007:620

Subscrição

(Continuação)

D. Maria da Apresentação da Costa Pereira	10$600
P.e José Maria de Almeida .	10$000
Dr. Joaquim Coelho Pereira (2.º anno).	10$000
D. Margarida Ventura Ruivo Ferreira.	10$000
D. Julia Pinheiro da Costa .	10$000
D. Antonio, Bispo Auxiliar de Coimbra (2.º anno). . .	10$000
D. Anna da Silva Barrêto .	10$000
Dr. Leonardo de Mello Falcão Trigoso	25$000
D. Maria da Cruz Narciso Porfirio	10$000
D. Ignês Baptista Tavares .	10$000
Manuel Mesquita Ribeiro da Silva (2.º anno)	10$000
Antonio Carvalho Xavier . .	10$000
P.e Augusto José da Trindade (2.º anno)	15$000

(Continúa no proximo n.º)

Ano II LEIRIA, 13 de Dezembro de 1923 N.º 15

A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

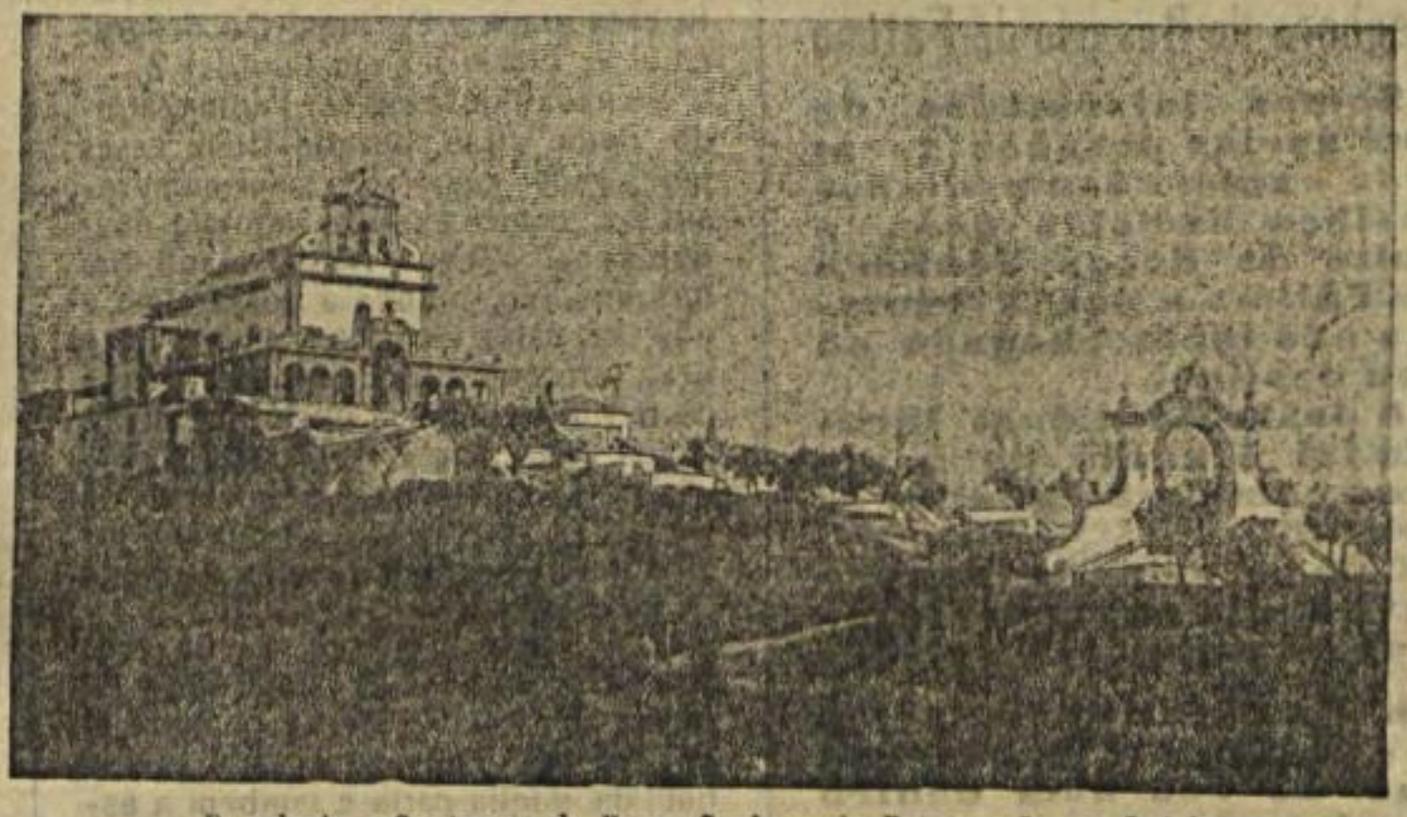
13 de Novembro

Na vespera chovera torrencialmente, sobretudo á noite.

O dia 13 porém, amanheceu sem chuva, posto que o ceu, antes do nascer do sol, se conservasse completamente nublado. Atravessamos mais uma vez a serra d'Ayre, sob os raios acariciadores do astro-rei, que de vez em quando espreitava por entre as nuvens. Já passava do meio dia e meia hora quando chegamos á vista do local das apparições. Precisamente no momento em que desciamos da estrada para nos dirigirmos á capella comemorativa dos sucessos maravilhosos ouvia-se o toque da sineta que anunciava o inicio da segunda missa campal. Celebrou-a o rev. Antonio dos Santos Alves, parocho das Córtes. A multidão que se acumula em torno da capella e se estende até proximo da fonte, é enorme. O numero de peregrinos que neste dia acorreram a Fátima excede alguns milhares o do mesmo dia e mês do anno passado. A chuva torrencial da vespera, tornando impraticaveis as estradas e caminhos da serra, não fizera desanimar os verdadeiros devotos da Virgem do Rosario, que a tantos sacrificios se sujeitaram para lhe prestarem o testemunho do seu amôr e do seu reconhecimento no logar em que se dignou apparecer para derramar com profusão as suas graças sôbre os filhos de Portugal.

Durante as duas missas, (a primeira fôra celebrada pelo rev. Augusto de Souza Maia, secretario do sr. Bispo de Leiria), o rev. Dr. Marques dos Santos, no meio de um silencio absoluto, reza o terço alternadamente com a assistencia, cujo fervor impressiona e commove deveras. A' elevação fazem-se as invocações de Lourdes, que sóbem até junto de Jesus-Hostia como gritos dilacerantes de almas que soffrem ou que imploram lenitivo e conforto para o soffrimento dos outros.

Emquanto se administrava a Sagrada Communhão, canta-se o «Bemdito». Recebem neste dia o Pão dos Anjos algumas centenas de fieis que, préviamente confessados nas suas terras, de bôa vontade fizeram o sacrificio de estar até tão tarde em jejum natural para terem a consolação de commungar naquella estancia privilegiada pela Rainha do Ceu.



Escadorio e Santuario de Nossa Senhora da Encarnação em Leiria

Neste Santuario houve antigamente milagres retumbantes e aqui vinham peregrinos de perto de Coimbra, Montemór-o-Velho e outros sitios distantes e ainda hoje é de grande devoção

Acabado o Augusto Sacrificio dos nossos altares, sóbe ao pulpito o rev. José do Espirito Santo, parocho do Reguengo do Fétal, que durante três quartos de hora falla sôbre as glorias da Santissima Virgem. Quasi no fim do sermão a multidão, que desde o «Sanctus» debalde procurara descobrir no firmamento qualquer signal extraordinario, enthusiasma-se e prorompe em exclamações de admiração ao contemplar os phenomenos dos mezes precedentes que se repetem nesse momento. Os olhos podiam fixar-se no sol sem esforço e sem incommodo. O disco solar pareceu girar sôbre o seu eixo, semelhante a uma roda de fôgo de artificio, mas sem projectar feixes de luz e de chammas de côres variegadas como em 13 de Outubro de 1917.

As nuvens tornaram-se successivamente azues, encarnadas, roxas, verdes e amarellas, reflectindo-se essas côres nas nuvens que toldavam em varios pontos o horisonte distante. Ao mesmo tempo sôbre o local das apparições parecia cahir uma chuva copiosa de flócos brancos como flócos de neve, que se dissipavam quasi por um encanto a poucos metros do sólo.

Um official superior do nosso exercito, que nos campos de batalha da Flandres honrara sobremaneira o nome portuguez, não podia conter a sua admiração por tudo o que se estava passando na atmosphera e no firmamento, exclamando por fim: «Incontestavelmente ha aqui o que quer que seja que excede as forças da natureza e nos deixa entrever de um modo bem sensivel o poder infinito de Deus!»

Esta phrase era a synthese do pensar e do sentir dos milhares de pessôas presentes, entre as quaes se contavam muitas pertencentes ás classes mais cultas da sociedade.

O prégador conclue o sermão, interrompido por momentos, devido á distracção do auditorio provocado pelos phenomenos extraordinarios. São cêrca de duas horas e meia. Alguns peregrinos, homens, mulheres e creanças, cumprem promessas, andando de joelhos repetidas vezes em torno da capella. A multidão abre-lhes passagem facilitando o cumprimento dos seus piedosos encargos. Junto da fonte maravilhosa centenas

de pessôas bebem agua ou fazem larga provisão della afim de a levarem para suas casas. São quatro horas.

Os peregrinos teem debandado pouco a pouco,

Na estrada já se vêem poucos trens e um ou outro automovel. Seguimos directamente para Torres Novas e nessa mesma noite tomámos na estação do Entroncamento o rapido Porto-Lisbôa, regressando ao nosso lar distante com a alma impregnada do mystico e suave perfume que se evola incessantemente, mas sobretudo no dia 13 de cada mês, da atmosphera sobrenatural e divina da encantadora e mysteriosa Fátima.

V. de M.

PREVENÇÃO

s esmolas para Nossa Senhora do Rosario da Fátima

Somos informados de que varias pessôas teem sido exploradas pedindo-se-lhes esmolas para o culto de Nossa Senhora de Fátima e essas esmolas não teem chegado ao seu destino.

A desfaçatez dum larapio foi a ponto de pedir uma esmola ao Santo Padre!...

Como a arte de roubar está muito apurada, fazemos os seguintes avisos:

1.º As esmolas só devem ser entregues ás pessôas que as recebem dentro do alpendre que está em volta da capella, ao Rev. Prior de Fátima ou na Administração da VOZ DA FATIMA em Leiria.

2.º O produto dos objetos religiosos que se vendem junto á capella, como terços, medalhas, estampas, livros, etc., é destinado ao Santuario. Todos os outros são de conta particular.

3.º Todas as estampas, livros, etc., que não tiverem aprovação da autoridade eclesiastica não devem ser comprados nem possuidos pelos Fieis.

4.º A VOZ DA FÁTIMA é distribuida gratuitamente e as esmolas que os seus tomadores quizerem dar, são para o culto de Nossa Senhora.

5.º E' prohibido vender quaesquer objetos dentro dos terrenos destinados ao Santuario e, portanto, os Fieis devem repelir quemquer que se apresente nesse logar a vende-los.

As curas da Fátima

Devidamente autorisados publicamos a seguinte carta, que os leitores do nosso jornal decerto acharão, como nós, interessantissima:

«Leça, 16-XI-923.

Pela primeira vez fui á Cova da Iria em 13 de Setembro, mais em passeio e curiosidade de que por devoção — mas fiquei infinitamente impressionada pela fé simples e profunda dos mais humildes aos mais poderosos e das cerimonias ao mesmo tempo humildes e grandiosas! Não preciso de mais milagres do que esse que leva essa onda de povo a esse canto arido e quasi deserto de Portugal numa só ancia de orar, pedir ou louvar nossa Senhora, aonde elles julgam que Ella descesse á terra para melhor nos ouvir e animar! E porque não teria Ella feito essa graça a Portugal tão desgraçado se Ella o fez em Lourdes?

Se nada houvesse em Fátima, aonde nada atrae, porque iriam esses peregrinos cada vez mais numerosos? E como explicar aquella misteriosa e poetica religiosidade que nos envolve, inunda a nossa alma e nos faz cahir ali na terra barrenta e orar, horas e horas, humildes e cheios de fé? E tão cheios de fé que desejámos voltar em Outubro por devoção no sacrificio da peregrinação de Coimbra. Infelizmente como não iamos independentes tivemos a mágua de ficar em Leiria.

Que nossa Senhora aceite esse sacrificio depois de uma noite de chuva torrencial! Nossa Senhora já nos fez um grande milagre; é esse o fim da minha carta e tambem a assignatura da «Voz da Fátima» para a qual envio junto 10:000 réis. Desejava que os jornais viessem desde Outubro passado. Alguem desejava muito possuir os 12 primeiros (ainda existem?).

De certo V. Reverencia quer saber o milagre. O meu irmão mais novo Oscar esteve ha annos á morte com uma infecção e durante 10 mezes esteve num martyrio! Mas Deus concedeu-nos mais esse grande milagre de o salvar. Em Setembro passado depois de grandes dores agudas na face esquerda e dois tumores nos dentes e depois destes tirados e as dôres passadas, manifestou-se um principio de infecção na narina esquerda. Assustado foi a um especialista que lhe receitou pulverisações e recomendou que nada deitasse na narina esquerda, mas que lhe parecia ser já um pouco tarde e ter de fazer uma puncção. Como nesse tempo costuma caçar um mez na Serra partiu e lá tomou as pulverisações que nada fizeram. Ao escrever-me receoso do futuro, mandei-lhe agua de Fátima. A's noites, depois de uma pequena oração, deitava uma colhersinha dagua na narina esquerda e á terceira ficou curado! Louvado seja Deus e sua Mãe Maria Santissima! Em Maio viemos todos agradecer a Nossa Senhora da Fátima!

Peço que me desculpe esta tão longa conversa e acceite os meus cumprimentos.

Sara Mudat»

Outra cura

D. Maria dos Anjos de Matos, Presidente da Associação das Filhas de Maria de Pardêlhas (Murtoza) veio no dia 13 de Julho a Fátima pedir a Nossa Senhora a cura de uma ferida em um pé, que muito a fazia sofrer.

Na Fátima lavou a ferida e quando no dia seguinte cêrca das oito horas da manhã se descalçou a primeira vez na presença de Maria José Marques e Maria do Rosario Nunes, da mesma terra, estava curada!

A' volta da Fátima veio pela Batalha podendo ali e em Leiria subir e descer as escadas sem incomodo. D'uma carta enviada á «Voz da Fátima» copiamos o seguinte: «Não posso mandar attestado sôbre a ferida da minha perna porque desta vez não chegou a ser vista pelo médico. Se eu soubesse que o queriam publicar nada me custaria mostral a antes de ir á Fátima.

Passados os sete mezes de sofrimento da perna e sem que esta cicatrizasse é que eu me resolvi ir ao Porto consultar um especialista, mas durante a viagem tive este presentimento: e se eu em vez do médico fôsse á Fátima? Disse-o á Maria Rosa, que era quem me acompanhava. Esta disse que seria melhor. Eis porque no dia 13 de Julho ali fomos a esse lugar santo que tanta unção interior dá á nossa alma.

Digo-lhe, Rev.mo Sr., que não era merecedora de que Nossa Senhora me concedesse tão grande graça. Se me fôra possivel ir ali todos os mezes não deixaria de ir por qualquer leve incomodo e não faltariam peregrinos para me acompanhar.»

Em novembro voltou para agradecer a Nossa Senhora.

A' Immaculada Conceição

Deixa vir á minh'alma atribulada
Um raio dessa etherea, ardente luz,
Que de Ti sem cessar emana a flux,
O' doce Coração da Immaculada!

Meus passos firma na sombria estrada
Por onde arrasto da amargura a cruz
E, como ao nauta a bussola conduz,
Leva-me salvo á praia suspirada.

Leva-me ao porto, á patria da ventura,
Do Amor, do Bem á fonte eterna e pura
Na mais segura barra — o teu poder.

Escuta a prece, Coração bemdito,
Que a ti elevo — doloroso grito
Dum peito aflicto e farto de sofrer!

V. de M.

Notas e impressões

Fé que cura

De uma nobre senhora do Porto, tão distinta pela sua cultura invulgar como pela sua viva fé religiosa e acrisoladas virtudes christãs, recebemos uma carta de que extrahimos os seguintes periodos: — «Peço sobretudo, as orações a Nossa Senhora da Fátima, a quem prometti ir agradecer a minha cura, se ella se dignar livrar-me da terrivel doença que ha dez annos me traz quasi de todo inutilisada.

Os médicos da terra não me curam — consultei quinze, — e Lourdes, aonde fui ha uns annos já depois de muito doente, tambem não me curou. Estou a ver que Nossa Senhora quer curar-me em Portugal. Deus permita que sim! Se a medicina anti-catholica disser que foi a fé que me curou, eu saberei gritar bem alto que, se a fé me curasse eu devia ter vindo curada de Lourdes, quando ha annos lá fui. Os médicos incredulos acertam e não acertam afirmando que a fé cura; sim, a Fé dom de Deus, tudo consegue do Coração de Deus, que está prompto a dar tudo áquelles que d'Elle receberam o dom de saber confiar.»

O processo canonico

Uma ilustre e virtuosissima senhora de Vizeu escreve-nos o seguinte:

«Seguimos com o maior interesse e fervorosa expectativa os acontecimentos de Fátima. Que a decisão ultima não se faça esperar para allivio das almas!

Tudo quanto se relaciona com Fátima é muito favor comunicá-lo.»

Noticias de curas

Citamos a seguir alguns periodos de uma carta de um excelente peregrino de Alcanena, muito entusiasta pela causa de Nossa Senhora de Fátima: — «Tive tambem o grande prazer de conhecer e fallar com a grande miraculada de Maio passado, a quem fiz notar a importancia que teria uma entrevista em fórma e com clareza que se publicasse no jornalsinho de Fátima, acompanhado de photogravura. A miraculada disse-me que isso não dependia della mas da comissão canonica. Tenho notado que o povo está ávido de noticias desta natureza, procurando em cada numero encontrar noticias que o sensibilisem, como o fôram as publicadas no numero de Maio. Eu creio piamente que a feliz priveligiada da peregrinação de Santarem está completamente curada, pois o seu aspecto, a sua côr, agilidade e vida emfim, deixam essa impressão a quem tem o prazer de lhe fallar.»

O phenomeno solar

De um cartão de uma senhora ilustre e piedosa de Condeixa: — «Estive em Fátima no dia treze. Fiquei maravilhada com o que vi. O sol apparecer por aquella fórma é um verdadeiro milagre! Esse espectaculo causou-me uma tão grande emoção que ainda não estou em mim! Se ha algum livro com a noticia das apparições e acontecimentos de Fátima desde o principio, era favor enviar-mo.»

Doze leguas a pé

De uma carta de um peregrino de Thomar, nobre pelo sangue e pelo talento, de uma cultura fóra do vulgar, christão fervoroso e chefe de familia modelo, transcrevemos o trecho seguinte: — «Conto ir a pé no dia treze á Fátima e, como já posso andar com certo desembaraço, se na ocasião não estiver peior, quero ver se faço o trajecto a pé daqui para lá. Não fiz promessa alguma, mas gostava de poder offerecer a Nossa Senhora, no dia treze, á meza da communhão, o incomodo que por certo causará tão grande caminhada, sobretudo a quem, como eu, já ha trez ou quatro anos quasi não anda a pé.»

Saudades de Fátima

De uma carta de uma filha de Maria de Pardelhas (Murtosa), que em treze de Julho foi favorecida com uma cura extraordinaria de que noutro lugar fazemos o relato, transcrevemos os periodos que seguem ácerca da peregrinação local de treze de Novembro: — «Chegaram todos com saudade immensa e anciosos por voltar brevemente a esse logar bemdito para saborear de novo a commoção que alli se experimenta e gosar uma vez mais a paz santa e suavissima que se sente n'alma nos momentos ditosos que alli se passam. Durante a viagem rezámos o terço em côro no comboio e ninguem ousou dizer nada. Vê-se que o povo está sequioso da palavra de Deus. Praza ao Senhor que dentro em pouco Portugal se torne o Portugal doutróra na sua fé.»

Maravilhas de Deus

Transcrevemos os seguintes periodos de uma carta de um piedoso peregrino de Sernache do Bomjardim, datada de treze de Novembro: — «Em treze de outubro fui com minha familia á Fátima agradecer a Nossa Senhora do Rosario alguns grandes favores que se dignou fazer-nos. Fiquei profundamente encantada com tudo o que observei... Maravilhas de Deus! Quem me dera estar mais proximo desse sitio priveligiado e poder ir lá todos os mezes!»

Pensando em Fátima

De uma carta de outra filha de Maria de Pardelhas (Murtosa) extractamos as seguintes linhas: — «O que foi a peregrinação do dia treze de Novembro? Devia ter sido um espectaculo muito bonito! Que dôces lagrimas de commoção derramei ao meio dia lembrando-me do que áquella hora se estava passando em Fátima! Não sei que mysteriosa influencia exerce Fátima em minha alma, que não ha um só dia em que não pense naquella estancia bemdita, e não ouço nunca pronunciar esse nome dulcissimo sem que o meu coração se entusiasme e exulte de alegria.»

V. de M.

AVISO

Só teem direito a receber a «Voz da Fátima» pelo correio, as pessôas que previamente tiverem mandado á redacção o minimo de dez mil réis. A expedição do jornal póde demorar alguns dias, depois dos dias 13. Ultimamente tem-se distribuido gratuitamente neste dia na Fátima cêrca de 4:000 exemplares.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte.....	8.007:620
Impressão do n.º 14.... (10:000 exemplares)..	180:000
Transporte de papel....	101:000
Outras despesas.....	51:000
Somma.....	8.339:620

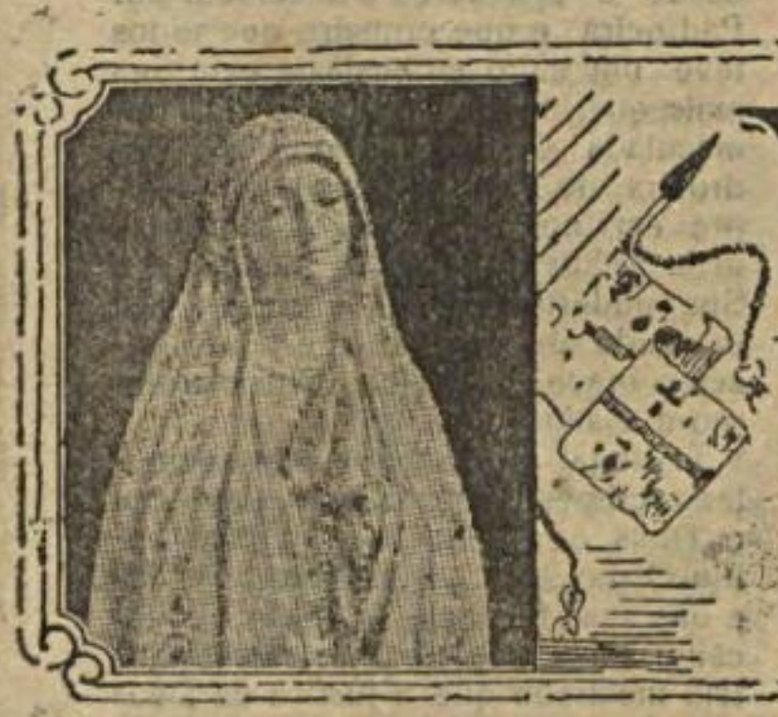
Subscrição

(Continuação)

P.e Manuel J. da Rosa do Nascimento (2.º anno).	10$000
P.e José Luiz da Rocha (dois annos).....	20$000
Antonio Cardoso Leal (dois annos).....	20$000
Donativos varios e jornaes. avulsos.....	269$000
D. Joaquina Almada d'Oliveira.....	10$000
D. Maria Amelia Almada Albuquerque.....	10$000
D. Maria José Guimarães Pestana Leal (2.º anno)..	10$000
D. Maria de S. José Pestana da Silva.....	10$000
M.me Maria Magdalena Oudinot Larcher Martins Nunes.....	10$000
José Simões Pedro (2.º anno).....	12$500
D. Matilde Barrêto (2.º anno).	10$000
João Carlos de Carvalho Reis e Silva.....	10$000
D. Teresa da Conceição Xavier Ramos Neto...	10$000
D. Rosalia da Camara....	10$000
D. Margarida Victorino Costa.....	10$000
D. Maria Eugenia Matos Madeira Costa.....	10$000
Ignacio Seguro Saraiva...	10$000
D. Maria José dos Santos..	10$000
D. Anna Correia.....	10$000
D. Maria Gertrudes.....	10$000
Frank Robertson.....	10$000
D. Brígida de Nazareth Damião.....	10$000
D. Marianna de Jesus Bonifacio.....	10$000
D. Maria da Conceição Camarate.....	10$000
Ernesto Ferreira da Costa..	10$000
D. Maria da Conceição Berquó d'Aguiar Teves....	10$000
D. Emma Cordeiro Maças..	10$000
D. Guilhermina de Jesus Alberto Gomes.....	10$000
D. Adelaide Braamcamp de Mello Breiner (Sobral)..	10$000
Mgr. Antonio Maria dos Santos Portugal (2.º anno)	10$000
Dr. Weiss d'Oliveira (2.º anno).....	20$000
P.e José Ignacio d'Oliveira.	10$000
D. Constantina Angela de Carvalho.....	20$000

Augusto Araujo de Carvalho	10$000
D. José M. F. da Camara (Belmonte) 2.º ano	10$000
Maria Tavares	10$000
Francisca de Jesus Mança (3.ª vez)	5$000
Maria das Dôres Fernandes (2.ª vez)	2$500
Maria do Ceu Cavadas	5$000
Manuel José Fernandes Rendeiro	5$000
Maria José Leiras	5$000
Piedade Bunheirôa (3.ª vez)	5$000
Rosa Antonia Valente d'Almeida	5$000
Laura de Oliveira (2.ª vez)	2$500
Maria de Jesus Pirôa	2$500
Gracinda da Silva Trinta (2.ª vez)	5$000
D. Maria josé Leite	5$000
D. Maria das Dôres Tavares de Sousa (2.º anno)	10$000
D. Maria Candido Teles	20$000
Antonio Carvalho Xavier	10$000
Antonio Marques da Costa	10$000
D. Josefa de Barros Camões	10$000
João Manuel Gouveia Hortas	10$000
Antonio Valerio Tavares da Silva	10$000
João Machado Callado	10$000
P.e João Marques Carita	10$000
D. José Alexandre Carlos Trincão	10$000
Maria dos Santos Bruno	5$000
Maria Diniz Henriques e irmã Joaquina	10$000
Antonio Henriques Farto	10$000
Ignacio de Moura Coutinho da Silveira Montenegro (2.º anno)	10$000
Manuel Lourenço dos Santos	10$000
D. Luiza Stadlim (2.º anno)	10$000
D. Maria do Socorro Paiva	10$000
D. Francisca Julia Mergulhão	10$000
D. Rita Trindade Santos	10$000
Delfim Marques de Carvalho	10$000
D. Filomena Augusta Pinto Dias	10$000
D. Maria Pereira de Lacerda de Penalva	10$000
D. Albertina d'Artagett Matta e D. Sara Mudat	10$000
D. Maria José Martins Contreiras Bandeira	10$000
D. Maria Joanna Patricio	10$000
D. Amelia Lopes de Mendonça (2.º anno)	10$000
Norberto de Carvalho	10$000
D. Natividade do Castello Silva	5$000
D. Maria do Carmo Mendonça Nunes da Silva	10$000
Joaquim Maria Soeiro de Brito	10$000
D. Berta Mendes Bocellas	10$000
D. Maria Joanna de Lemos Sant'Iago Pereira de Lacerda	10$000
D. Maria Nobre Simões	10$000
D. Maria Simplicio	10$000
D. Ermelinda da Costa Alemão (2.º anno)	20$000
D. Francelina Pereira	10$000
Condessa de Mendia (2.º anno)	10$000
Dr. Tomás Gabriel Ribeiro (2.º anno)	10$000
D. Maria de Lourdes d'Oliveira Soares Vanzeller	10$000
José de Paiva Bobela Mata	12$500
Dr. Jacinto Gago da Camara (2.º anno)	10$000
Francisco Teles d'Andrade Rato (2.º anno)	10$000
P.e Antonio Jacintho Valente	10$000
Anonimo (Tabua)	10$000
Francisco de Paiva Boleo	10$000
João Luiz Andrade	10$000
D. Gertrudes da Silva Nunes	10$000
D. Maria Teresa Moura Pinheiro (2.º anno)	10$000
D. Joaquina da Conceição Ribeiro	10$000
Percentagem em venda de estampas (donativo duma pessoa de Coimbra)	83$000
D. Maria Amelia de Pina de Portugal	10$000
D. Carolina Augusta Moreira Rangel	10$000
D. Rita do Sacramento Mousaco Alçada	15$000
Anonima do Porto	5$000
D. Emilia Neves d'Oliveira (2.º anno)	10$000
P.e Jayme José Ferreira	10$000
D. Saturnina Meirelles Barriga	10$000
D. Olinda Godinho Reis	10$000
Dr. Josè Peixoto Torres de Carvalho	10$000
Dr. Joaquim Torreira de Sousa	10$000
D. Jovita Duque	5$000
Anonimo de Lisboa	10$000
D. Basaliza dos Santos Valerio	10$000
D. Maria Anna Correia Branco	10$000
Joaquim Ribeiro Telles (2.º anno)	10$000
D. Marianna Grave Descalço	10$000
De Leonor d'Almeida Coutinho e Lemos (Seixo)	10$000
P.e Francisco Quaresma (2.º anno)	10$000
D. Candida Sanches	10$000
Dr. Joaquim Mendes	10$000
D. Celeste Maria de Sousa (2.º anno)	10$000
D. Joaquina Alves Pinto Baptista (2.º anno)	10$000
Manoel José Fernandes Rendeiro	5$000
Enfrozina Tavares da Silva	5$000
Maria Luiza Esteves	7$500
De jornaes etc. (Pardelhas)	133$000
D. Laura Avelar e Silva (2.º anno)	20$000
D. Leonor de Avelar e Silva (2.º anno)	20$000
D. Maria de Avelar e Silva (2.º anno)	20$000
Dr. Manoel José de Sousa	10$000
Marianna Saldida	10$000
Anna da Assumpção Vidal	10$000
José da Fonseca Castel-Branco	10$000
D. Maria da Natividade da C C. A. Sampaio e Mello	10$000
Alberto Tarujo Nunes Correia	10$000
D. Maria Francisca Rasquilho	10$000
D. Maria Ignês Rasquilho	10$000
D. Ignês Nascimento	10$000
Manuel Gaspar Fernandes	10$000
D. Maria dos Prazeres de M. e Castro de G. Osorio Pereira de Mello	10$000
D. Maria Benedita de Menezes Leite de S. Correia d'Almada	10$000
D. Carolina da Silva Correia de Lacerda M. Mimoso	10$000
D. Estefania Maria da Silva Correia de Lacerda Mendes	10$000
P.e Antonio Rodrigues Pereira	10$000
Adolfo Ferreira	10$000
Caetano Moreira	10$000
D. Cecilia Ribeiro	10$000
D. Maria Magdalena Amaral	10$000
D. Maria Magdalena Amaral	10$000
D. Maria do Carmo Rocha	10$000
D. Elvira Serranho Lima Monteiro	10$000
Capitão Antonio d'Aguiar Loureiro	10$000
P.e Alberto Pereira Cardoso	10$000
J. D. de Sousa Azoso (2.º anno)	10$000
P.e Manuel Pereira	10$000
D. Maria das Neves Varela Teotonio	10$000
D. Leonor Manuel (Atalaya) (2.º anno)	10$000
D Teresa de Mello e Castro de Vilhena	10$000
D. Beatriz de Jesus Fernandes Vaz Contel	10$000
P.e Francisco Pereira	14$700
P.e Antonio Fernandes	10$000
Manuel Viegas Facada	10$000
Domingos Dias (2.º anno)	10$000
P.e Eurico do Nascimento Lacerda Pires	10$000
Antonio Ignacio Pereira dos Santos	10$000
D. Sara Mudat	10$000
De jornaes (Carrascos e Alcanena)	13$150
D. Deodata Amelia Malato	10$000
D. Anna Corrente Soares	10$000
D. Maria do Nascimento Pelouro Coelho	10$000
D. Maria Rosa Cunhal (2.º anno)	20$000
D. Alzira da Gloria Calado	10$000
João Severino Gago da Camara	10$000
D. Rosa Vasconcellos Baptista	10$000
Donativos varios	72$800
D. Clotilde Raposo de Souza d'Alte Ruy Vaz de Siqueira	10$000
D. Maria da Conceição Alcantara Matheus	11$000
D. Maria da Conceição do Carmo Ferreira	10$000
Dr. Gonçalo d'Almeida Garrett (2.º anno)	20$000
Luiz Maria Braz	10$000
D. Afonso d:Albuquerque	10$000
D. Maria do Carmo Pessoa (2.º anno)	10$000
D. Francisca Torres Cardoso	10$000
D. Rita de Jesus Dias Costa	10$000
José de Matos Dias	10$000
D. Maria Fernandes de Carvalho Maia Leal	10$000
P.e José Gomes da Costa	10$000
D. Maria Luiza d'Almeida	10$000

Ano II LEIRIA, 13 de Janeiro de 1924 N.º 16



A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Dezembro

No local das Apparições, realisou-se no dia treze do mês de Dezembro findo, com a solemnidade do costume, a festiva commemoração mensal dos acontecimentos maravilhosos de Fátima.

O dia amanheceu esplendido. Não se divisava uma unica nuvem no azul diaphano do firmamento.

De madrugada a neve cahira com abundancia, cobrindo com o seu manto alvinitente os valles e as encostas da serra. O frio era glacial, apesar da hora adeantada a que partimos de trem por não ter apparecido o automovel que nos devia transportar.

Chegámos á Cova da Iria á uma hora e meia da tarde. Tinhamo-nos apeado ha poucos momentos, quando ouvimos o toque, tres vezes repetido, de uma campainha. Era o anuncio do *Domine non sum dignus* da segunda missa campal. Celebrava-a o rev. parocho de Santa Catharina da Serra, havendo celebrado a primeira o rev. dr. Manoel Marques dos Santos, professor no Seminario de Leiria. Dirigimo-nos sem demora para o largo terreiro em frente da capella, já ocupado por uma grande multidão de fieis, que se conservavam em silencio e de cabeça descoberta. Assistiam á missa cêrca de duas mil pessôas. Aproximaram-se da Sagrada Mesa algumas dezenas de peregrinos que préviamente se haviam confessado.

Cantaram-se com fervoroso enthusiasmo, os canticos do costume. Depois da missa cantou-se o *Tantum ergo* e deu-se a benção do Santissimo Sacramento, primeiro aos enfermos collocados dentro do recinto exterior da capella e em seguida a todos os fieis. Por fim subiu ao pulpito o rev. dr. Marques dos Santos, que falou durante meia hora sôbre a necessidade e excellencias da virtude da castidade.

Não se observaram desta vez os signais mysteriosos que nos mêses anteriores tinham apparecido na atmosphera e no firmamento, impressionando e commovendo extraordinariamente a multidão assombrada.

Em torno da fonte maravilhosa circulavam constantemente os peregrinos que bebiam e recolhiam em recipientes de todas as formas e tamanhos a água que corria abundante e limpida de quinze torneiras. A's cinco horas da tarde, hora a que iniciámos a viagem de regresso atravez da serra, eram já bastante raros os devotos que ainda se encontravam rezando as suas ultimas préces junto da branca estatua da Virgem do Rosario, em que o esculptor Fanzeres, de Braga, traduzindo em obra da arte humana a visão dos pastorinhos de Aljustrel, soube imprimir um reflexo visivel da magestade soberana, do encanto celestial e da beleza imcomparavel da augusta Mãe de Deus.

V. de M.

"As Novidades,,

Sendo a imprensa catholica absolutamente necessaria nos nossos tempos e tendo começado a publicar-se em Lisbôa um novo jornal «As Novidades» que se apresenta disposto a seguir á risca as instrucções da Santa Sé e do Episcopado português, recomendamos a sua leitura e assinatura e agradecemos todo o auxilio que lhe possam prestar.

Leiria, 2 de Janeiro de 1924

† José, Bispo de Leiria

Notas e impressões

Devoção do Rosario

Transcrevemos os seguintes periodos de uma interessante carta dirigida ao administrador da «Voz da Fátima» por um nosso amigo da capital que á nobreza da sua linhagem do mais puro sangue azul, allia os delicados sentimentos de uma alma profundamente crente e piedosa: — «Com a maior honra e com muito interesse acceito o offerecimento de alguns exemplares da «Voz da Fátima» que deseja enviar com o exemplar da minha assignatura, para propaganda.

Bastava ser o jornal «Voz da Fátima» dedicado a Nossa Senhora do Rosario para eu (que nada valho) trabalhar um pouco em honra de Maria Santissima sob aquelle titulo, de cujo Rosario sou devotissimo, pois ha muitos anos, desde Setembro de 1900 que rezo, diariamente, por vóto os quinze mysterios do Rosario, isto é, os três terços, que só um terço desde creança o rezava junto com meus queridos Paes na capella da nossa casa. Assim, pois, fico inteiramente ao dispôr de V. e, se bem que é certo que nada valho, no entanto com a melhor das vontades farei o que puder.»

A «Voz da Fátima» e o Santuario

Do mesmo ilustre e piedoso signatario são as palavras que seguem ácerca do nosso modesto jornalsinho e do projectado santuario commemorativo das apparições. «A Voz da Fátima», devido aos maravilhosos acontecimentos que se teem dado em Fátima com a apparição de Maria Santissima e de que é o portavoz, é um jornalsinho muito querido, muito apreciado, muito lido e que se encontra em todas as casas de familias ilustres, não só em Lisbôa, como em muitas terras da provincia, que eu conheço e são das nossas relações. Assim se V. concordar, darei um exemplar do mesmo a pessôas que não tenham meios para pagar a assignatura e tambem a algumas pessôas que sejam descrentes, para deste modo, suavemente, lendo o jornal e vendo o assombroso movimento de Fé que se presenceia no dia treze de cada mês, um dia alcançarem de Maria Santissima a graça de se converterem. Eu fiquei maravilhado quando fui á Fátima em treze de Maio ultimo na peregrinação.

Encontrava-me no extrangeiro havia oito annos e estava ancioso de regressar, só para ir a Fátima. Cheguei a Lisbôa a vinte e tres de Março ultimo e em treze de Maio seguinte pude ir áquella estancia bendita, logo que os meus affazeres m'o permittiram. Espero em Deus que muito brevemente se possa ver em

Fátima um grandioso sanctuario como em Lourdes, mas é certo que a autoridade ecclesiastica em casos como o das apparições de Lourdes, o de la Sallete e este de Fátima procede sempre com muita prudencia e morosamente e assim não se póde prever sequer quando principiará a construção dum sanctuario em Fátima em honra de Nossa Senhora do Santo Rosario».

Ainda a «Voz da Fátima»

De um nosso amigo de Lisbôa, alma cheia de enthusiasmo pela causa de Deus e da Egreja, recebemos uma bella carta de que transcrevemos algumas phrases: «Rogo a V. a fineza de me dizer quaes as condições em que se póde adquirir o optimo mensario «Voz da Fátima». Li hoje o n.º 14 e ignorava a existencia de tão bôa leitura.

Deve ter um exito retumbante em todo o país tão bella publicação. Tomo a liberdade de lembrar a V. a convenniencia de a enviar aos reverendos parochos de Lisbôa. Vendida avulso seria um sucesso. Para Caldas era de toda a vantagem enviar alguns exemplares de diversos numeros a F.»

El-rei Papão

O numero 51 do semanario independente «Zezere» de Ferreira do Zezere, publica sob esta epigraphe a proposito dos acontecimentos de Fátima um judicioso e bem elaborado artigo editorial de que não resistimos á tentação de transladar com a devida vénia para as calumnas do nosso mensario o seguinte trecho:

«Dizia Aristoteles que ha poucos homens livres; quasi todos são escravos das paixões — uns do orgulho, outros do prazer e a maior parte do mêdo.

O mais medroso de todos os animais é... o homem, — o homem dotado de inteligencia e vontade! ..

Por mêdo o homem diz o que não sente; por mêdo o homem faz o que lhe repugna; por mêdo sujeita-se o homem a todos os preconceitos e avilta-se até ao embuste.

A mentira é companheira inseparavel dessa doença da vontade — o mêdo. Dizia Cicero que a «liberdade consiste em viver para a verdade.» O medroso, renunciando á liberdade a mais bella prerogativa do homem, torna-se escravo da mentira. O medroso mente sempre — mente com as palavras, mente com as obras e até mente com o silencio.

A mentira do silencio é mais commum do que os leitores julgam. Quantas coisas calam os jornaes *com mêdo* de desagradar aos seus leitores!...

Vejam o que se passa no nosso distrito.

Concorrem anualmente ao logar de Fátima — uma charneca de difícil accesso — centenas de milhares de pessôas que afirmam passarem-se ali coisas extraordinarias.

Isto não é um facto banal, e os jornaes que tantas columnas enchem de banalidades, não se lhe referem, nada averiguam, nada dizem. Porquê? Não acreditam os nossos colégas nos milagres da Fátima?

Mas não se trata agora de definir se ha milagre ou não, deixemos isso a quem de direito e sigam os crentes a voz da Egreja, aguardem os sabios as conclusões da sciencia; entretanto a imprensa averigúe do que se passa e informe, dizendo só a verdade, *sem mêdo* de desagradar a quemquer que seja.»

Em seguida o nosso presado colléga, pondo as suas columnas á disposição de quem deseje contraditá-lo, faz um breve relato das circunstancias da doença e da cura de D. Maria Augusta Figueiredo, de Santarem, que sofria horrorosamente, havia três annos, de um tumor de caracter suspeito, segundo a expressão do attestado do seu médico assistente, e que se, curou instantâneamente no dia 13 de Maio ultimo precisamente no momento da benção com o Santissimo Sacramento dada pela primeira vez no local das apparições depois da missa campal. A «Voz da Fátima» ocupou-se no numero de Junho deste caso extraordinario que tanta sensação fez em todo o distrito de Santarem, onde a feliz privilegiada da Santissima Virgem é muito conhecida.

V. de M.

Fátima

E' do numero 109, de Novembro de 1922, da excelente revista da capital «Raio de Luz» o primoroso artigo que a seguir transcrevemos com a devida vénia e cuja publicação honra sobremaneira as columnas do nosso modesto mensario.

Devido sem duvida á penna bem aparada de uma illustre e piedosa senhora e escripto com vivo e profundo sentimento, tão christão e tão português, não perdeu o seu interesse e a sua opportunidade e temos a certeza de que é com o maior prazer espiritual que os nossos leitores farão a leitura desse encantador mimo literario.

Primeiro que tudo declaro que em tudo o que vou escrever não quero de modo nenhum anticipar o julgamento da Santa Egreja sôbre o que dizem ter-se passado em Fátima.

N'isto como em tudo o mais, submetto-me completamente e com todo o coração ás decisões da Santa Egreja, unica mestra das nossas inteligencias e das nossas almas.

Não venho contar aqui o que já é conhecido de todo Portugal, mas somente relatar as minhas humildes impressões sôbre o que vi em Fátima no dia 13 de Outubro passado. Nunca em Portugal se vira espectaculo de fé e de piedade tão commovedor, nunca me sentira num ambiente tão sobrenatural, como o que vi e senti n'esse dia em Fátima. Como os nossos corações se vão affeiçoando a esse sitio outr'ora completamente desconhecido e que hoje, já no intimo da nossa alma, chamamos baixinho a Lourdes Portuguez.

Portugal sempre tem sido filho dilecto de Nossa Senhora, e tem timbrado em Lhe dar as provas mais ternas do seu amôr filial. E Maria Santissima tem sempre protegido com carinho maternal o povo que desde o seu berço a escolhera por Padroeira e que primeiro que todos teve um culto enthusiasta pela Sua mais querida prerogativa, a Sua Immaculada Conceição. A dôce Padroeira de Portugal tem vindo sempre em nosso auxilio nos transes mais afflitivos da nossa historia, e a Sua poderosissima intercessão tem desviado de nós tantas e tantas vezes o braço da Divina Justiça prompto a castigar-nos.

Portugal ultimamente tem acumulado crimes sôbre crimes, esqueceu o Deus que o fizera grande, e baniu-O das suas leis, das suas escolas e das suas familias. A ira do Senhor cahiu sôbre nós e o duro castigo nos tem mostrado que a Justiça de Deus não dorme.

Mas no meio da nossa noite tenebrosa, uma Aurora suavissima raiou.

Essa Aurora radiosa e bella raiou em terra sagrada entre todas, na terra sagrada da patria.

Foi perto de Aljubarrota, de Alcobaça, da Batalha; foi no condado de Ourem, pertencente á mais bella e pura incarnação do heroe de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira, aquelle que hoje a Santa Egreja nos manda invocar como o Beato Nuno de Santa Maria. Foi n'esse torrão abençoado que tres humildes pastorinhos dizem que desceu a Virgem Santissima para mais uma vez nos mostrar o Seu Amôr Maternal.

E Portugal acorreu pressuroso ao chamamento da sua Immaculada Padroeira, e no dia 13 de Outubro eu vi na Freguezia de Fatima a multidão comprimir-se n'um recinto pequeno de mais para tanta gente accorrida de todo o paiz. Desde a vespera que trinta padres reconciliavam com Deus almas que lhes vinham pedir a santa absolvição, e essas almas, formando circulo á roda do sacerdote que levava o Santo Ciborio, ajoelhavam naquela manhã, para receberem a Jesus Sacramentado. E d'ali a pouco já nem assim se conseguia dar a Communhão. O sacerdote já atravessava simplesmente pelo meio dos fieis, que nem ajoelhar podiam, e mesmo de pé recebiam a Jesus, que tantas delicias encontra nas nossas pobres e miseras almas.

E na missa campal na Cova da Iria no logar mesmo onde dizem ter sido a Apparição, debaixo duma chuva continua, a Communhão durou meia hora, ao som do nosso tão catholico e tão português *Bemdito*. E com que fé, com que respeito, com que fervor os fieis, ricos e pobres, mulheres e homens, iam receber a Divina Eucharistia.

Oh! Mãe de Deus e Mãe nossa, não fôste Vós quem nos déste Jesus pela primeira vez, em Belem, a casa do Pão? não sois Vós sempre quem nas nossas Communhões, nos dais a Jesus, o Pão da Vida?

Não é esse o Vosso unico desejo, dar-nos Jesus, para sermos todos de Elle? Portugal andava ha muito longe da mêsa encharistica, e perecia de fome. Vós vieste e levaste-o A'quele que é o alimento divino dos individuos e da sociedade.

E vêde, Mãe da Divina Misericor-

dia, com que fé e amôr Portugal respondeu ao Vosso convite!

Vêde como se ora em Fátima!

O Vosso Rosario era rezado por todos os grupos e que de milhares de Ave-Marias ali se devem ter rezado n'aquele dia! Ellas subiam das nossas almas para o Coração Immaculado de Maria; todos Lhe confiavam as suas dôres e as suas esperanças, e, qual Mãe carinhosa, a todos ouvia, a todos confortava, a todos abençoava.

Todos queriam tocar e beijar a linda Imagem da Virgem, e vi lá uma scena commovedora: uma creancinha ao cólo do pae, enchendo de beijos e de caricias a Nossa Senhora, dizendo-lhe o feliz pae:

«Tens razão, filha, foi Ella que te curou.»

Santa inocencia, que tens todos os privilegios deante de Deus! Resplandecias n'essa creancinha do povo, como n'outra, filha de titulares, essa, ainda doentinha, nos braços da mãe, que orava como as mães christãs sabem orar, abria a boquinha innocente e bebia agua da chuva.

Tinham-lhe dito que a de Nossa Senhora a havia de curar, e ella naturalmente pensava que a que vinha do ceu era com certeza agua que Maria lhe enviava!

Como esta simplicidade deve agradar a Nossa Senhora! Como Lhe devem ter agradado as ingenuas promessas, offertas de corações gratos ás suas graças! Eu bem sei que em Portugal se abusa um pouco das promessas e que alguns n'isso fazem consistir a sua unica religião.

Mas estas eram as promessas sahidas do coração simples do povo. Davam á Virgem o que tinham: lá estavam amontoadas deante da sua Imagem aquellas promessas tão portuguêsas: o oiro, que enfeita as nossas lindas mulheres, as arrecadas, os cordões, os anneis! E ao lado as offertas mais modestas, bôlos e até um prato d'uvas, as nossas tão bélas uvas!

Outras mulheres do povo quizeram unir a penitencia ás suas préces e, pacientes na sua fé, percorriam de joelhos o caminho á roda da capella que mãos sacrilegas destruiram, sem se importarem nem da chuva, nem das pedras, nem dos outros fieis que quasi as pisavam. Eram bem as descendentes dos antigos portuguêses, raça de crentes e de fortes, que oravam e sofriam.

E foi Nossa Senhora que nos veio recommendar em Fátima a oração e a penitencia. Ella assim o pediu aos pastorinhos da Cova da Iria, e nós queremos ser fieis ao Seu ensinamento.

Sim, nós Vo-lo prometemos, ó Virgem do Santissimo Rosario, nós vamos rezar com fervor, com devoção a oração que os vossos labios purissimos nos pediram: o Terço. Nós os Portuguêses que tanto gostamos de enfeitar os Vossos altares com as rosas lindas dos nossos jardins, queremos ainda coroar-vos com as rosas espirituais do Vosso Rosario. O Rosario é a devoção mais simples e profunda que podemos usar, unindo n'ella a oração vocal e a oração mental; rezemo-lo pois com fervor.

Mas tambem Vos prometemos, ó Refugio dos peccadores, que não esqueceremos a penitencia. Todos peccamos, todos offendemos o Vosso Divino Filho. Temos que expiar por nós e pelos nossos irmãos.

Em desaggravo de tantos peccados que se comettem contra o Coração Santissimo do Vosso Divino Filho, nós offerecemos o sacrifidio e a mortificação. Queremos levar uma vida christã a valer, uma vida casta, modesta e humilde, em opposição ao paganismo que por ahi campeia e tenta corromper a nossa raça.

E então nós seremos de novo o povo querido de Jesus e de Maria, a terra do Santissimo Sacramento, e terra de Santa Maria!

M. C. P.

A' Virgem de Fátima

Senhora do Rosario,
Que te dignaste vir
Em corações inocentes
Esp'ranças influir

Do teu celeste manto,
Teu manto alvinitente,
A' sombra acolhe e ajunta
A portuguêsa gente;

Para que um brado unisono
De amôr e de carinho,
De gratidão rebôe
Do Algarve até ao Minho,

No dia em que o teu povo,
Erguendo ovante a cruz,
Retome ledo a senda
Que lhe traçou Jesus.

Juremos ante o altar
Do humilde santuario
De cada coração
Fazer um relicario
De amôr á nossa Mãe,
Senhora do Rosario!

Outubro 1923.

J. D. de Sousa Areso

OLHAR PARA O ALTO

Emquanto estudamos as sciencias ou tratamos dos negocios d'este mundo não percamos a Deus de vista. O celebre Ampére, que por sua grande sciencia, foi nomeado inspector da Universidade, escrevia no guia da sua vida:

«Meu Deus, o que são todas essas sciencias, todos esses raciocinios, todas essas descobertas do genio, todas essas concepções que o mundo admira e de que se alimenta tão ávidamente a curiosidade?!

Na verdade, nada, senão puras vaidades...

Estuda as coisas d'este mundo mas não as olhes senão com um olho e que o outro esteja sempre fixo na luz eterna.

Escuta os sabios, mas só com um ouvido e que o outro esteja sempre prompto a ouvir as dôces melodias do Amigo Celeste.

Escreve com uma mão, mas que a outra esteja bem segura ao manto de Deus como uma creança se agarra ao vestido de seu pae».

As apparições de Lourdes

VI

Todas descem então para a Gruta, contando umas o que viram e manifestando o receio de que Bernardette succumba á sua piedosa emoção, ficando os outras por sua vez sérias e inquietas.

Bernadette estava de joelhos, no mesmo logar, sem as ver nem ouvir, com os seus olhos expressivos fixos na direcção da pequena abertura ogival negra, por cima das roseiras bravas. Ellas approximam-se, chamam-na pelo seu nome, prodigalisam-lhe palavras affectuosas, tocam-lhe, puxam-na pelos vestidos. A pequena permanece insensivel, e o seu rosto apresenta os vestigios, o cunho de uma felicidade ineffavel. Se não responde é porque está morta ou porque vae morrer! E põem-se a chorar, quando vêem vir ao seu encontro a mãe e a irmã de Nicolau, o moleiro do moinho de Savy. Estas acorreram aos seus gritos de afflicção que tomaram por gritos de soccorro. As pequenas, silenciosas e sérias, mostram-lhes Bernaddette sempre em extase. Estas duas mulheres, cheias de respeito como se estivessem na presença de uma santa, approximam-se devagarinho, falam-lhe, tentam chamá-la a si; mas ella não vê senão a Senhora que absorve toda a sua attenção, todos os seus sentidos. Como trazê-la ao sentimento das cousas exteriores, tirá-la desse extase, arrancá-la a essa visão que a captiva? A mãe Nicolau deixa então o grupo das pequenas, e corre ao moinho, donde volta immediatamente com o filho de vinte e oito annos de edade. Este chega, com uma expressão de troça nas feições, julgando encontrar uma rapariguinha que quer tornar-se interessante com os seus ataques de nervos ou com partidas engraçadas. Mas quando se acha em frente da creança, recua com uma especie de veneração, como se elle proprio tivesse visto a apparição e, de braços cruzados, contempla por muito tempo Bernardette.

—Nunca, disse elle mais tarde, um espectaculo tão impressionante se tinha apresentado á minha vista.

Por mais que discorresse, parecia-me que não era digno de tocar nessa creança.

Era aquelle respeito que se consagra invencivelmente a todas as pessôas e a todas as cousas de Deus.

Instado, contudo, por sua mãe, agarra-a com precaução e põe-na em pé, diligenciando fazê-la caminhar. Pega-lhe por um braço, a mãe pelo outro, e ella caminha effectivamente para o moinho do Savy, mas os seus olhos fixam um ente mysterioso que se conserva em frente e um pouco por cima della. Põem-lhe a mão deante dos olhos, obrigam-na a baixar a cabeça, mas ella retoma sempre a mesma atitude, é sempre attrahida por essa visão estranha que a faz sorrir e que os outros não vêem. Quando chega, porém, ao moinho, volta a si e readquire a consciencia das cousas da vida; então a sua physionomia entristece-se; o que ella contemplava era tão bello, tão celestial, e o que a rodeia agora é tão vulgar! E' o lodo depois do ouro, a pobreza depois da riqueza e dos esplendores da gloria! Interrogam-na; ela repete o que já contou, porque é a mesma apparição, a mesma Senhora:

«Ella tem o aspecto de uma jovem de dezaseis ou dezasete annos. Enverga um vestido branco, apertado á cintura por uma fita azul, que deslisa ao longo do vestido. Tem sobre a cabeça um veu egualmente branco, que mal deixa entrever os cabellos e que descobre em seguida para traz até abaixo da cintura. Os pés estão nús, mas cobertos pelas ultimas prégas do vestido, excepto na extremidade, onde brilha em cada um delles uma rosa amarella. Do braço direito pende-lhe um terço de contas brancas com uma cadeia de ouro resplandecente como as duas rosas dos pés».

Emquanto ella repete as suas confidencias, com a segurança tranquilla de uma pessôa que viu, e que está vendo ainda, as companheiras dispersam-se pela cidade, contando as suas emoções.

Maria, ao entrar em casa, prorompe em soluços, sem poder fallar; as lagrimas, a oppressão do espirito suffocam-na.

A mãe receia que tenha succedido algu-

ma desgraça e dirige-se a toda a pressa para a Gruta.

Pelo caminho encontra duas outras mulheres que a tranquilisam: «Não aconteceu nada de desagradavel á creança, que está a descansar no moinho do Savy, dizem ellas.

Estuga o passo e, á medida que avança, augmenta a sua irritação, o seu descontentamento por Bernardette haver teimado em voltar á gruta, apezar de se ter oposto a isso durante muito tempo. Ella tinha dito: Se não voltardes á hora das vesperas, sabeis o que vos espera!» A colera ruge na sua alma e, como é violenta, entretem-se na resolução de applicar castigo severo.

Ella entra no moinho com uma vara na mão e vai direita a sua filha:

— Então, minha grande marota, exclama ella, tu queres que sejamos objecto de mófa de todas as pessôas que nos conhecem? Vem agora para cá com os teus ares seraphicos e com as tuas historias da Senhora apparecida, que eu te ensinarei!

Prepara-se para lhe bater, mas a moleira segura-lhe o braço:

— Que fazeis? diz-lhe ella com vivacidade. Que fez a vossa filha para que a trateis assim? E' um anjo e um anjo do Ceu que tendes nella, ficae-o sabendo!

Não esquecerei nunca o que ella era na Gruta!

A mãe encontra-se então com Luiza Soubirous, que, profundamente emocionada, se deixa cahir numa cadeira, reconhecendo que a moleira tem razão. Bernadette não é culpada porque não partiu para a Gruta senão depois de alcançar licença e quem sabe se Deus não tem a respeito daquella creança designios que ella não conhece? Atravez das lagrimas contempla a filha e o pranto redobra. Não comprehende o que se passa! Mas, tendo-se desvanecido por completo a sua colera, toma Bernadette pela mão e juntas dirigem se para o caminho que conduzia á cidade, a mãe enxugando os olhos e a filha voltando-se de vez em quando para contemplar ainda esses logares bemditos onde foi tão feliz.

Quem era a Apparição? Bernadetta não o sabia melhor que da primeira vez. Tinha rezado, tinha olhado sem interrogar, não pertencendo já a si propria, ou antes não pensando em pedir nada. Era sempre a mesma Senhora, tão bella, tão boa, que lhe sorria e a quem dava todo o seu coração, sem pensar em reservar para si a mais pequena parcella, como não pensava em duvidar. Apenas desta vez se tinha estabelecido uma certa familiaridade e a creança tornava-se mais ousada, porque se sentia como que infinitamente amada.

V. de M.

AS CURAS

Em Lourdes e... em Fátima

De um interesante livro aparecido ha pouco, do Dr. A. Marchand, vice-presidente da secretaria das verificações médicas de Lourdes, vamos traduzir o que segue e que egualmente se aplica aos acontecimentos da Fátima:

«Não é sómente com o fim de consolar os sofrimentos da sua creatura que Deus permite a cura dos enfermos.

Se assim fôsse porque é que a Virgem de Massabielle obteria a cura apenas de alguns raros privilegiados? Por muito grande que seja este numero o que é elle em comparação da immensidade de miserias e de enfermidades do genero humano?

Não! Deus tem outros fins mais altos! O seu fim fazendo os Milagres de Lourdes é pôr o sobrenatural em evidencia, é afirmar o seu infinito Poder.

Maria quer que as multidões vejam o milagre em Lourdes para que sejam tocadas pela presença de um poder sobrenatural e creiam nelle.

Em volta do santuario de Lourdes, a cura dos enfermos do corpo não é tudo: Ao contacto desses afortunados logares faz-se uma real transformação das almas.

Que espectaculo o de todos esses enfermos estendidos em um leito ha mêses e annos! A arte impotente limita-se a condemna-los, *sem nenhuma esperança* a uma mobilisação continua e completa. Reconheceu para sempre toda a impotencia dos seus esforços. Quando os moribundos, cuja vida perdida está prestes a extinguir-se, se põem a caminho, quando os mutilados nos seus cançados e desorganisados carros, tomam o caminho dos Pirineus, supportam com uma coragem heroica todas as fadigas, todas as faltas de comodidade, todos os choques de uma longa viagem.

Nem uma queixa se escapa de seus labios, nem uma recriminação se levanta de seu peito ofegante sustenta-os e transporta-os a Esperança.

Que decepção, que *desespero* se esses infortunados não obteem a realisação de seu ardente desejo! Se os seus membros não conseguem recuperar o seu vigor e agilidade; se as dôres não veem a cessar; se as suas chagas não tapam!

Pois bem — ó prodigio — nada d'isto acontece!

Desde que tomaram contacto com a cidade da préce, desde que levantaram seus olhares para a estatua branca de Nossa Senhora, desde que tomaram o seu primeiro banho na piscina, estão transformados!

Já não é o temor de não serem ouvidos, de vêr suas suplicas ineficazes que é o principal objecto do seu pensamento, é a sua submissão completa á vontade de Deus.

Nem um, repito-o, volta desesperado!

Mais ainda! Vivendo no meio dos sofrimentos dos outros, pensa-se quasi sempre, em Lourdes, que se é privilegiado em comparação da quintissencia de miserias fisicas de que se está rodeado. E' esse sentimento que provoca esse outro *milagre permanente* da Resignação.

Todos os doentes, que sem serem curados, retomam o caminho da volta, levam comsigo, pelo menos, o reconforto que consola e a esperança que os sustem.

Emfim, é frequente que de seus labios descorados sáia a seguinte oração: «Senhor, não me cureis a mim! Offereço-vos os meus sofrimentos e a minha vida por aquelles que estão mais doentes que eu, pela cura daquelles que sofrem mais que eu.»

Voz da Fátima

Despeza

Transporte	8.339:620
Impressão do n.º 15 (10:000 exemplares) ..	180:000
Outras despezas.....	36:000
Somma	8.555:620

Subscrição

(Continuação)

Agostinho Tomáz Correia .	10$000
Maria dos Santos Bruno (2.ª vez).....	5$000
P.e Manuel Marques Combina (2.º anno).....	10$000
De jornaes e percentagem de estampas (Pardêlhas) .	79$000
D. America Bebiana Correia.	10$000
D. Aurora Barrêto Henriques	10$000
Anonima (França).....	15$000
D. Maria Carlota de Mattos Mancellos d'Aragão (2.º anno)	10$000
D. Maria Julia Caldas Frazão (2.º anno).....	10$000
D. Maria do Carmo Landal.	10$000
Baronesa d'Almeirim (D. Luiza) (2.º anno).....	10$000
D. Maria Luiza d'Azevedo Serra.....	10$000
João Sabino Caldas (2.º anno).....	20$000
D. Maria Antonio Caldas Frazão Pinto da Cruz . .	10$000
D. Maria Iria Veiga Moniz.	10$000
D. Maria Carolina Mendonça (2.º anno).....	10$000
D. Teresa de Jesus Ferreira Marques	10$000
D. Alda Rita Rodrigues de Oliveira.....	10$000
Donativos varios.....	64$800
José Augusto Falcão (2.º anno).....	10$000
D. Maria José de Vasconcellos e Sousa Amado d'Albergaria de Napoles Raposo (2.º anno).....	10$000
Carlos Alberto da Costa Reis	12$500
D. Ismenia Leite de S. Barbosa.....	10$000
D. Amelia Maria Torres Santos Nunes da Silva. .	18$150
P.e Manuel Antonio da Conceição (2.º anno).....	10$000
D. Henriqueta do Rosario Coelho Pereira (2.º anno)	10$000
Dr. Weiss d'Oliveira (3.º anno).....	20$000
Condessa de Tarouca....	10$000
D. Alzira Vieira (2.º anno) .	10$000
P.e Belarmino d'Almeida Ferreira.....	10$000
D. Cecilia Correia Costa (2.º anno).....	10$000
D. Isaura Gonçalves Alves Mathoso	10$000
D. Saturnina Meirelles....	20$000
P.e Jacintho Antonio Lopes (2.º anno).....	10$000
D. Maria Luisa Paes Mendes.....	10$000
D. Ludovina Neves (2.º anno).....	10$000
Maria Emilia dos Santos Cardia Vieira.....	10$000
D. Elvira Barbosa Vieira . .	10$000
D. Joanna Lucas Trincão. .	10$000
D. Rosa Duarte Ribeiro. . .	10$000
D. Maria de Serpa Pimentel	20$000
Abel Augusto Ribeiro....	21$000
D. Palmira Serra Alves . . .	10$000
D. Izabel Virginia Ribeiro da Costa	10$000
P.e Vicente Martins Tornixa	10$000
D. Maria José Soares d'Albergaria.....	10$000

Ano II LEIRIA, 13 de Fevereiro de 1924 N.º 17

A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Janeiro

A's dez e meia estavamos na Fátima esperando, dentro do automovel, que cessasse a chuva, que sobretudo de madrugada fôra torrencial.

Como de costume tinhamos rezado em commum o Santo Rosario, parando um pouco no fim de cada terço para trocarmos impressões.

De Leiria ás Córtes e Reguengo do Fétal, estrada quasi intranzitavel. Depois, lá no alto, um frio que enregelava.

Em volta da capelinha apenas quatro ou cinco pessôas.

O vento e a chuva não permitiram que se celebrasse no altar exterior em frente da capelinha commemorativa das Aparições.

Pensava-se em ir celebrar á egreja parochial, quando alguem lembrou que recentemente tinha sido construido um altar dentro da capéla.

Emquanto tudo se preparava para a primeira Missa, que foi celebrada pelo Rev. Manuel Pereira da Silva, administrador da «Voz da Fátima», ia chegando bastante gente por quem se destribuiram ainda cêrca de quatro mil exemplares d'este jornal.

A segunda Missa foi celebrada pelo Rev. Dr Manuel Nunes Formigão, de Santarem.

Houve algumas dezenas de comunhões, impedindo a chuva que outras pessôas chegassem a tempo esperando fazel-o ainda na egreja paroquial.

Vimos lagrimas de commoção em alguns olhos. Fez as piedosas e sentidas invocações do costume o Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, que teve de terminar mais cêdo o sermão por causa da chuva. Apartámonos depois, saudosos, d'aquela estancia bemdita mas não sem, já de dentro do automovel que nos conduzia, cantarmos commovidamente, as nossas despedidas á nossa querida Mãe do Ceu, dizendo:

De Vós me aparto, ó Mãe!
Adeus, adeus, Maria,
No ceu, no ceu, no ceu,
Eu Vos verei um dia!

As curas da Fátima

Foi-nos enviada a seguinte carta, que pedimos venia para publicar:

«13-1-924, ás 3 da tarde.

Venho sob a maior commoção dar-lhe parte duma grande graça concedida por Nossa Senhora da Fátima, «a Nossa Santissima Mãe do Rozario», a esta humilde filha.

Não sei se lhe cheguei a mandar dizer que duas injecções que me deram, (uma em cada braço), se me infectaram a ponto de me incharem os braços, ter dôres horriveis, e depois de muitos dias de martyrio e sem nada poder fazer, de cama, com febre e completamente inutilizada dos dois braços, declara o médico que dois dias depois, voltaria para m'os lancetar!... Tendo eu verdadeiro horror á lanceta, com tal fé me apeguei com Nossa Senhora da Fátima, que deitando sôbre os braços uma pouca da sua agua e colocando ao mesmo tempo a sua medalha, rezando nessa occasião trez Avé-Marias e uma Salvé-Rainha, fiquei completamente curada! Passados que fôram os dois dias marcados pelo médico, volta elle, e depois de tudo preparado para a operação, qual é o seu espanto, vendo que nada tinha a fazer!

Sorrindo diz: «mas, minha senhora, os seus braços estão curados, o pus eliminou-se e a unica cousa que me resta a fazer é dar-lhe os meus parabens». E attribuindo tudo ao meu terrivel nervoso, voltando-se para minha filha, sua sogra e uma senhora ingleza minha amiga, que estavam, diz: «os nervos desta senhora são de tal ordem que só o susto, a curou». Todas nos sorrimos, e se nada do que sentimos dissemos, foi porque, sendo ele muito bôa pessôa, não nos parece que creia muito nas graças que a Nossa Mãe Santissima por vezes concede aos peccadores, mas pela minha parte não perde pela espera, pois, em occasião opportuna lhe direi tudo que agora tão religiosamente guardei no meu coração.

Parece-lhe que fiz bem ou mal?

Agora deixe que lhe diga uma frase cheia de graça da tal senhora ingleza, catholica praticante e mui piedosa, ao retirar o médico: «o caso é que Nossa Senhora da Fátima vai tirando a freguezia aos médicos, e que elles não podem gostar nada d'isso!...» Calcule a graça que todas lhe encontramos, principalmente por ella não ser de muitas graças...

E. M.»

Outra cura

De outra carta que nos foi dirigida copiamos o seguinte:

«Quando estava a escrever esta carta fui interrompida pela Francisca de Jesus Mança que me pedia para participar a V. Rev. a cura duma filha de Maria da Murtosa!

Creio que é menina nova...

Sofria dum tumor no peito e consultando os médicos mandaram-lhe fazer uma operação! Pediu uma pouca de agua de Fátima e principiou uma novena, feita do seguinte modo: tomava uma colhersinha d'agua e retirava-se ao seu quarto a rezar o terço, isto por espaço de 9 dias. Sofria muitas dôres e agora não as tem e pode trabalhar. A mãe vendo isto levou-a ao médico e este verificou que nada tinha, havendo desaparecido o tumor!!!

Tenciono procurar a menina e falar com a mãe. Pedem que seja publicado na «Voz da Fátima».

Depois informarei do que souber».

Tudo isto vae melhor explicado noutra carta de 26 de Janeiro.

Diz esta:

«Logo que recebi a sua carta fui a casa da pequena curada.

Já a tinha procurado no dia 2.

E' uma santa menina, filha de Maria, tendo de idade 23 annos.

E' muito simples, não tem a minima maldade. Confessa-se, communga e costura, mas com uma simplicidade enorme!

Não sabe dizer ha que tempos tinha o tumor no peito. Só depois que a mãe lhe percebeu o braço paralisado é que observou o estado em que ella estava.

Foi consultar o primeiro médico e este aconselhou-lhe uma operação.

Foi ao segundo e mandou-a para banhos do mar. Foi ao terceiro que lhe deu um remedio para ella tomar,

(e não unturas ao peito), isto por espaço de 15 dias. Sentia muitas dôres e muitas picadelas. Tomasse o remedio, parando 15 dias e depois, se não obtivesse melhoras tinha de fazer a operação.

Neste meio tempo tomou a agua nove dias e rezava o terço, principiando o tumor a diminuir, a faltarem-lhe as dôres, e já pode trabalhar. A familia está convencida que foi N. Senhora que a curou. Diz a mãe que quando a encontrou nesse estado foi em Outubro passado, nos primeiros dias. Foi em Novembro que tomou a agua da Fátima. Hoje mesmo mandaram dizer uma missa a N. Senhora, e prometem ir á Fátima com a pequena.

A mãe diz que foi N. Senhora quem a curou.

M. D. T. S.

Obras da Fátima

Devido ao inverno não se teem podido continuar as obras, mas sabemos que vão recomeçar por estes dias.

A cura das almas

Em Lourdes, assim como em Fátima, as maravilhas palpaveis e visiveis, de ordem phisica, são nada em comparação dos efeitos de ordem moral produzidos pelo benefico ambiente de orações e pelo exemplo contagioso da caridade sob todas as formas. Em Lourdes reina, sem restricção, a verdadeira Fraternidade; em Lourdes teem realisação as aspirações mais egualitarias.

Os exemplos da solidariedade mais manifesta e maior são dadas continuamente por todos, *brancardiers*, enfermeiros e enfermeiras, tanto das piscinas como dos hospitais. Com uma abnegação digna de todos os elogios esquecem as suas proprias necessidades e o seu proprio cançaço para se consagrarem gratuitamentte aos interesses e cuidados de seus irmãos doentes e desherdados.

Em Lourdes é o pobre e o desgraçado que são senhores. Desde a sua chegada à cidade de Maria encontram asilos comfortaveis onde se abriguem, cuidados afectuosos para as suas enfermidades, reconforto e consolação para os seus sofrimentos.

Os sacrificios oferecidos para consolação de outros, a mutua afeição avivada pela mesma fé e pelas mesmas aspirações, dão ao desherdado da vida a paciencia e resignação perfeitas. Eis, pois, mais um milagre: *em Lourdes não há dezesperados!*

Alem disto, quem poderá contar as voltas para Deus obtidas por actos incessantes e atrahentes de caridosa piedade e pela atmosphera especial de fé e piedade?

Que dizer das conversões de que recebemos ás vezes as confidencias e daquelas que se ignoram e por isso se não publicaram?

Quantos homens levados por curiosidade ás margens do Gave, pelos acasos de uma viagem, pela terna e perseverante solicitude de uma mãe ou de uma esposa, quantos homens, o menos preparados possivel para uma transformação da alma, são repentinamente sacudidos pelo espectaculo de Fé ardente e são subitamente arrastados por este ambiente particular que tem principio em volta dos factos sobrenaturais, na préce comum e nas imploraçõe da multidão?

Quantos, subitamente, esquecem todo o seu passado e suas antigas convicções para se tornarem bons christãos, fieis depois ás praticas religiosas?

Uma tarde, cerca das nove horas, na ocasião de uma importante peregrinação, um sacerdote saía da Egreja do Rosario. A' entrada foi abordado por um homem ainda jovem e distincto, tomado por uma visivel comoção, que lhe pediu o ouvisse de confissão.

Os numerosos confessionarios estavam tomados; as confidencias deviam ser longas, afirmava o penitente, pois que havia vinte annos, depois da sua primeira communhão, que se não tinha aproximado do Tribunal da Penitencia.

Logo que as palavras de perdão deram a paz a esta alma de bôa vontade, o feliz perdoado, se lançou debulhado em lagrimas, ao pescoço do sacerdote.

«Como eu sou feliz! — exclamava elle — o desejo de receber o perdão das minhas faltas, sem que eu disso tivesse consciencia, se apoderou de mim repentinamente.»

«Meu Padre — acrescentava elle, — faça-me ainda outro favor: acompanhe-me até junto da minha bôa mãe que não acreditará se não vier comigo testemunhar a graça que me acaba de ser concedida.»

Evidentemente que, se nos collocamos no ponto de vista scientifico, é a curabilidade do incuravel, é o «milagre» que constitue a caracteristica de Lourdes.

Mas se nos colocamos no ponto de vista religioso e se observamos as multidões em oração, a piedade edificante que se manifesta em toda a parte, as curas sobrenaturais não são senão uma das partes de um conjuncto em que todas as manifestações da vida espiritual e da fé christã simultaneamente se manifestam...

Boissarie cita o exemplo daquelle jovem hospede de Villepinte que recebeu um dia a visita dum médico da capital que acompanhava seu irmão, um engenheiro de religião protestante. Este dr. que tinha dado grandes provas de caridoso interesse pela pobre tisica Julieta Forêt — era esse o nome da desgraçada creança — tinha sido extremamente tocado por esta simpatia. Alguns dias depois ella escrevia a uma bemfeitora e exprimia-se assim:

«Espero que a Santissima Virgem me quererá curar! Se eu devesse continuar doente teria uma pena inconsolavel: *contudo* faria de bôa vontade o sacrificio da minha saude, de tudo, pela conversão do senhor X., o protestante de que eu recebi a visita.»

Um tal sacrificio voluntario recebeu a sua recompensa.

Nossa Senhora de Lourdes attendeu os desejos da piedosa rapariga.

Julieta Forêt foi curada da sua tisica em ultimo grau; o médico pronunciou os seus votos religiosos nos Padres Redemptoristas, e o engenheiro converteu-se ao catholicismo.

No curso do verão de 1920, eu via entrar na secretaria das verificações o senhor X... membro distincto da sociedade de Paris.

Ia acompanhado de sua mulher e de sua filha. Esta ultima, encantadora creança de doze anos, de fórmas agradaveis e regulares, dotada de uma inteligencia pouco commum, apresentando todas as apparencias duma bôa saude, era affigida por um strabismo dos mais acentuados, que desfigurava completamente o seu belo rosto. De olhos lacrimosos, a senhora X... expunha me a profunda pena que lhe causava, assim como a seu marido, a enfermidade tão desgraciosa de sua filha.

Um e outro, cheios de confiança e de fé vinham implorar de N. Senhora de Lourdes na sua augustia, não duvidando de que suas préces seriam atendidas.

Tres dias depois recebia eu novamente a visita da familia X...

«Doutor dizia-me a mãe consolada, fizemos *todos tres* o sacrificio da cura da minha filha:

No fim de contas a sua enfermidade não nos causa, tanto a ella como a nós que fomos acumulados de bens terrestres, senão uma simples beliscadura no nosso amor proprio.

E o que é isso ao pé de tantos horriveis sofrimentos, de tão repelentes enfermidades, de que, desde que chegamos, temos o espectaculo em volta de nós? Que a Santissima Virgem nos conserve a nossa prova; que ella venha em auxilio de nossos irmãos desherdados pelos quais unimos as nossas orações!»

As contas de S. Pedro

Rev.mo Senhor Prior:

Consinta V. Rev. que lhe fale com franqueza.

Sabe quanto sou dedicada á nossa freguesia e que não gosto de faltar á missa, á desobriga, etc. Mas, sinceramente, parece-me que os peditorios vão sendo demais...

E' para uma enfiada de Irmandades, para o seminario, a pensão do Páraco, a quota do capelão, é para os alemães famintos, dinheiro de S. Pedro, clero pobre, etc.

Quasi não nos deixam um dia tranquilos.

E creia V. Rev. que não sou só eu a pensar assim.

Outras pessôas, e das mais amigas da nossa egreja, me teem dito que gostariam, ao menos uma vez por outra, de resar em paz numa egreja sem receio de ser importunadas e distrahidas por peditorios importunos.

Não me leve V. Rev. a mal este desabafo.

De V. Rev.
parochiana muito dedicada e respeitosa

Alice Maria

Eram 8 horas quando o sr. Prior

recebeu das mãos do sacristão o sobrescrito lilaz com sinete sobre lacre prateado.

Começava bem aquele dia, como aliás quasi todos. Era, logo de manhã, a arreliasinha inevitavel.

Leu, tornou a ler . . . e fez um exame de consciencia.

Sim . . . de facto havia muitos peditorios.

Mas que remedio?

E' certo que todos vivem com dificuldades . . . A carestia da vida . . . Na verdade . . .

Mas a Igreja tambem a sentia, a carestia da vida. Eram cada vez mais os pobres. As despezas do culto aumentavam sempre. Depois o apelo instante do Prelado que não tem recursos para sustentar os seminaristas. E tudo, tudo . . .

Enfim, far-se-á o que fôr possivel, monologava o sr. Prior, cauteloso. E' preciso contentar toda a gente. Ha de encontrar-se maneira de deixar que as *bôas parochianas rezem na* igreja sem *que se lhes espie o fervor* da oração . . . e sem que lhes seja forçoso alargar os cordões á bolsa, ou aliviar a carteirinha gentil . . . Não ha duvida; isto de ser páraco é um descanço! . . .

Ora sucedeu que oito dias depois a Sr.ª D. Alice Maria apanhou uma gripe das peiores e tão má que a Sr.ª D. Alice Maria morreu.

Num abrir e fechar de olhos, principalmente num fechar de olhos, estava deante de S. Pedro.

— Meu bom S. Pedro, sou eu a Alice Maria.

— Ah! . . . Sim . . .

— Ha dois dias ainda eu fui á igreja . . .

— Ah! Sim . . . sim . . .

— O meu Prior conhece-me muito bem. Mesmo é ele que hoje diz a missa de corpo presente . . .

Vai muita gente ao meu enterro . . .

S. Pedro, indiferente e frio, folheava o seu grande livro de registo, aquele livro em que se escreve tudo o que nós por cá fazemos e dizemos.

E emquanto lia deixou escapar, por entre dentes, certas palavras que davam calafrios.

— Alice Maria, muito sentimental: piedade exterior, superficial, só ao de cima . . . pouca vida interior.

Em casa pouca vigilancia sôbre a educação dos filhos e vida dos creados. Um certo numero de coisas mal feitas e nunca reparadas . . . Valdade . . . não é má pessôa . . . mas uma lingua um tanto comprida.

Em certa altura carregou as sobrancelhas.

— Fortuna importante.

E S. Pedro olhou fito a pretendente ao Paraiso.

— E as Obras paroquiais?

— Oh, meu bom senhor S. Pedro, eu dava para todas as Obras! . . .

— Quanto?

— O mais que eu podia! . . .

— Quanto? insistiu o antigo Pescador.

— Não sei . . . Não me lembro. . .

Estou toda a tremer . . . Mas eu dava sempre e para todas as Obras! Para todas. Na vespera de cahir doente paguei sete recibos, nada menos. Dava todos os mezes para o culto . . . , para festas . . .

— Dois mil e quinhentos. . .

— E tambem dava todos os anos para o Seminario! . . .

— Dez tostões.

— Perdão, senhor S. Pedro, este anno quinze tostões.

— Tem razão; mas cinco eram doutra pessôa.

— E' verdade . . .

— Aqui é sempre verdade!

— Mas eu dava a todos os peditorios.

— Cinco tostões.

— E dava para o dinheiro de S. Pedro, para a Propagação da Fé, e para a Catequese . . . Dava sempre, sempre! . . .

— S. Pedro olhava-a por cima dos oculos, emquanto ela falava . . . falava. De subito atalhou:

— E sabe, quanto dava, ao todo, cada anno?

— Nunca fiz a conta . . .

— Fi-la eu.

— Uma bruta quantia, não é verdade, meu bom senhor S. Pedro?

— Oito mil réis, moeda actual.

— Só isso?

— Nem um centavo a mais.

— Pois parecia-me que era maior quantia . . .

— *Parece* sempre.

— Mas não haverá engano?

— Aqui não ha enganos. Devias ter dado, pelo menos dez vezes mais.

— Meu Deus, com a vida tão cara! . . .

— Nem sempre te lembraste da carestia da vida. Recordas-te do que déste pelo teu ultimo vestido? E de quanto gastaste em praias, combolos automoveis e mil outras bugigangas inuteis no ultimo anno? Tenho aqui a conta . . .

— Meu bom Senhor S. Pedro! Faz-me tremer de medo. . .

— E com razão!

— Mas que quer dizer com isso?

— Que tem um logar no Purgatorio.

— Meu Deus! Senhor! Senhor! . . .

— Não é aquele que implora *Senhor! Senhor!* que entrará no Reino dos Ceus, mas o que ouve a palavra de Deus e a guarda.

•

Ora chegando o Sr. Prior a sua casa, quasi sem folego para a confessar, contraiu por contagio a mesma doença e de tal forma que em poucos dias passou d'esta para melhor.

Coube-lhe a vez de comparecer deante de S. Pedro, que estava *com cara de caso*. O Porteiro olhava-o de sobrecenho franzido.

— Ao que parece, as coisas não iam mal lá pela freguesia. Mas aqui as aparencias valem pouco. V. Reverencia é responsavel pelos seus paroquianos. . .

— Eu era muito cuidadoso com a catequese e com a homilia.

— E' certo; cá está: «ensinava com zelo a doutrina.»

— Visitava, amparava, socorria os pobres. . .

— Tambem é verdade. Mas V. Rev.ª era fraco com os paroquianos: não se atrevia a dizer-lhes com franqueza os sacrificios que tinham de impôr-se. V. Rev.ª falava com delicadeza mundana quando devia falar com energia apostolica e sobrenatural. A gente rica, por exemplo, acreditou sempre, graças ao silencio de V. Rev.ª, que podia gastar contos e contos de réis em superfluidades, ao mesmo tempo que para as Obras da paroquia dava uma contribuição de miseria. E quem sofre as consequencias do silencio de V. Rev.ª? Os seus paroquianos. E sai-lhes caro. Ainda ha poucos dias eu mandei para o Purgatorio uma paroquiana a quem V. Rev.ª muitas vezes falava e a quem considerava uma paroquiana modelar. Modelar? Pois está no Purgatorio.

— A Senhora D. Alice Maria?

— Essa mesma. E V. Rev.ª vai fazer-lhe companhia, e, naturalmente com alguns anos a mais. Responsabilidades de pastor. . .

•

Com efeito, o sr. Prior lá encontrou a sua paroquiana no Purgatorio.

Contente é que ela não estava, não.

— Sr. Prior, é por sua culpa.

— Minha Senhora, tambem eu digo: é por sua culpa.

— Mas eu não sabia. V. Rev.ª tinha obrigação de me dizer qual era o meu dever.

— Não me atrevia, minha Senhora. Lembra-se da sua ultima carta?

— Ah! Se eu tivesse sabido. . .

— Se eu tivésse mais coragem.

•

E, emquanto tais sucessos se passavam *lá em cima*, cá em baixo, no quarto de cama da Senhora D. Alice Maria os felizes herdeiros de S. Excelencia esvasiavam o cofre forte, abarrotando de acções de Bancos, de obrigações de Companhias, de papeis de todos os matizes representando valores de todas as especies; inventariavam os massos de notas do Banco atados havia muitos anos, para ali arrumados inuteis, estereis.

— Meu caro, bôas *massas*, hein? Eu bem o dizia. . .

— Eu tambem sabia que ela as tinha. . . Mas tanto. . .

(*Imitado de* PIERRE L'ERMITE)

AVISO

Sabemos que algumas pessôas andam por varias partes vendendo terços e outros objectos religiosos dizendo que os vendem por conta de Nossa Senhora da Fátima, quando afinal é por conta propria.

Estamos oficialmente autorisados a declarar que nenhuma pessôa está encarregada de fazer tais vendas.

Errata

Na poesia publicada no penultimo numero deste jornal onde se lê *corações innocentes* deve lêr-se *corações incertos*.

Aos extraviados

Ahi pelos meiados de agosto ultimo noticiaram os jornaes em laconicos telegramas o desastre sucedido a peregrinos, entre os quaes vinte e quatro holandezes, que em camion voltavam de Gavarnie a Lourdes.

Perto de Saint-Sauveur e não longe da ponte de Napoleon, onde a estrada é estreita e o declive muito grande, um movimento rapido do volante, com que o *chauffeur* quiz evitar o atropelamento de uma mulher, fez recuar com violencia o camion e este precipitou-se com todos os passageiros por uma ribanceira de setenta metros de alto.

Os *peregrinos holandezes* morreram todos ficando horrivelmente desfigurados. Alguns dos outros passageiros que escaparam á morte, ficaram em estado gravissimo. Passados os primeiros momentos da triste impressão causada pelo desastre, começaram as averiguações a respeito das victimas e o que se apurou foi que os taes *peregrinos holandezes* eram quasi todos protestantes e faziam parte de um grupo de excursionistas organisado pela agencia Klerck, da cidade de Dordrecht na Holanda, creada para enviar de vez em quando passeantes a Lourdes, onde fariam o centro das suas alegres excursões pelos Pyrineus. O chefe deste grupo, que tambem morreu, era o mesmo Klerk fundador da agencia, redactor-chefe do jornal «O Protestante».

Ora o objecto principal das polemicas do jornalista Klerk era o culto de N. Senhora. No ultimo numero do seu jornal fizera inserir um artigo perfido contra os factos sobrenaturaes de Lourdes terminando por dizer que «neles só pode ter confiança quem possua uma fé ingenua ou uma alma de cortiça.»

«Havia uns mezes que o redactor em chefe, Klerk, vinha anunciando no seu jornal que dentro em pouco apareceriam no jornal protestante de que elle era secretario, diz o jornal holandez «De Tijd», artigos para combater as curas de Lourdes. Pelo que me consta, diz o citado jornal, fôra elle para esse fim a Lourdes onde passou uns cinco dias da segunda semana de agosto. Nessa mesma semana fizera annunciar o seu proposito no seu jornal, em artigo feito antes da partida.

«Impediu-o a morte.

A mão que devia retomar a pena contra o culto de N. Senhora ficou hirta pela morte. Foi chamado com os excursionistas que o acompanhavam, ao tribunal de Deus.»

O nosso jornalsinho é destribuido gratuitamente n» Fátima nos dias 13 de cada mês. Só teem direito a recebel-o pelo correio, durante um ano, os que tiverem mandado dez mil réis.

Satisfaremos gostosamente qualquer reclamação que os leitores entendam necessario fazer-nos

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	8:555:620
Impressão do n.º 16. . . .	200:000
Outras despezas.	40:000
Somma.	8:795.620

Subscrição

(Continuação)

Donativos (Carrascos). . . .	15$000
D. Maria Celeste de Seabra Fabião.	10$000
D. Maria José da Silva . . .	12$000
P.e Antonio Cesar de Gouveia Valente.	10$000
D. Maria Teresa da Silva Passos.	10$000
D. Maria Olivia de Santo Antonio Netto	10$000
D. Ophelia da Veiga Motta	10$000
D. Anna de Campos Godinho	20$000
Narciso Martins Ribeiro. . .	10$000
D. Margarida L. d'Almeida.	20$000
D. Maria da Boa Hora Santos Bernardes	10$000
D. Maria da Conceição Alcantara Matheus	10$000
D. Maria Aurora Viegas. . .	10$000
João Lourenço Gomes dos Santos.	10$000
D. Maria Clara Rodrigues Monteiro , ...	10$000
D. Berta Mayer Machado (2.º anno)	10$000
D. Maria da Graça Duarte Santos.	12$000
D. Marina Augusta Chaves	12$000
D. Elisa Coelho Marques (2.º anno)	15$000
D. Maria da Purificação Godinho	10$000
Antonio da Costa Melicias (2.º anno)	10$000
D. Livia d'Almeida Baltazar	10$000
D. Virginia Mendes de Sousa e Silva	20$000
D. Manuela Sobral Alvares.	10$000
D. Maria José d'Almeida Teles	10$000
P.e Antonio Carreira Bonifacio (2.º anno).	10$000
D. Luiza Barreiros Salema .	10$000
D. Flavia Rabuça	10$000
D. Maria Adelaide de Rezende	10$000
D. Maria Pedroso	10$000
D. Maria da Assumpção Lucas (2.º anno)	10$000
Percentagem na venda de terços, estampas, jornaes, etc. (Pardêlhas).	149$000
P.e Rodrigo Luiz Tavares (2.º anno)	10$000
Maria de Jesus Pinho Cardoso	5$000
Benedicta d'Oliveira Horta (2.ª vez)	2$500
De jornaes (Alcanena). . . .	29$500
D. Carolina da Conceição Silva	10$000
Manuel Antonio Lopes (2.º anno)	10$000
D. Maria da Conceição Alves de Mattos (2.º anno)	10$000
D. Maria das Mercês Bianchi Coelho da Rocha . . .	10$000
Francisco de Lencastre (2.º anno)	10$000
Manuel Duarte Silva (2.º anno)	10$000
Antonio Alberto (ignora-se a morada)	10$000
Cosme Ferreira de Castro (2.º anno)	10$000
Manuel Lucio de Andrade (2.º anno)	10$000
P.e José, da Amoreira, Antonio Monteiro e outros.	15$000
Dr. Antonio Faria Carneiro Pacheco (2.º anno)	20$000
D. Amelia Augusta de Jesus e Silva Garcia.	10$000
D. Romana Caldas Pereira da Silva.	10$000
D. Maria Amelia Capelo Franco Cunha Mattos . .	10$000
Antonio B. Figueiredo Nunes de Carvalho	10$000
D. Maria do Rosario Martins	10$000
Antonio Antunes Mota . . .	10$000
D. Cesarina da Piedade. . .	10$000
Joaquim Alves Martins . . .	10$000
D. Maria Primitiva Castro .	10$000
Marianno Lemos	10$000
D. Maria José Amado de Abreu Amorim Pessoa . .	10$000
D. Maria Luiza Rodrigues .	15$000
P.e Antonio dos Santos Alves (2.º anno).	10$000
Paiva, Irmão & C.a	20$000
Serafim da Cruz Vieira . . .	10$000
D. Maria Irene Themudo Figueira de Andrade Nogueira	20$000
D. Generosa Farinha	12$000
D. Maximiana Vieira.	10$000
João Lopes Laranjeiro. . . .	10$000
D. Josefa Carolina de Mattos Chaves.	10$000
D. Maria da Conceição V. Franco.	10$000
D. Maria do Carmo da Rocha	15$000
D. Maria Miranda Fragoso.	10$000
D. Anna Fernandes Potes Gião	20$000
D. Maria Christina Capello Franco	10$000
D. Margarida Manuel Pinto Coelho (2.º anno)	10$000
Antonio Coelho da Rocha .	10$000
D. Ermelinda Coelho da Rocha	10$000
D. Brigida de Sousa Sampaio	10$000
D. Maria do Carmo Raposo de Sousa d'Alte	5$000
E. B. D. A. C. B. (Angra).	20$000
Joaquim Augusto de Lacerda	5$000
D. Maria d'Ascenção Barros de Mello	10$000
D. Amelia Pereira Coutinho.	10$000
D. Maria de Jesus Gorjão Henriques de Brito Fernandes	10$000
D. Maria Adelia de Freitas Torres.	10$000
Manuel F. de Mello (2.º anno)	10$000
P.e João Lopes Gomes (2.º anno)	10$000
P.e Antonio Carreira Poças e D. Delfina de Jesus Venancio (2.º anno)	10$000
D. Beatriz Rodrigues Vieira (2.º anno)	10$000
D. Maria da Conceição Toscano Tinoco	10$000

Ano II LEIRIA, 13 de Março de 1924 N.º 18

A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Fevereiro

Como sucede quasi sempre na quadra invernosa que ora decorre e muitas vezes até na primavera e no estio, o dia da peregrinação mensal a Fátima foi tambem neste mês um dia de chuva abundante e contínua e de furiosa ventania.

Apezar dessa contrariedade a concorrencia ao local das apparições foi incomparavelmente mais numerosa que em egual dia do mês anterior. Em torno da capelinha erigida pela piedade dos fieis comprimia-se uma multidão enorme, que se podia computar sem exaggero em duas mil pessôas. Celebrou a primeira missa, ás onze horas, o rev. José do Espirito Santo, Páraco do Reguengo do Fétal, e a segunda missa, ao meio dia, o rev. Carlos Antunes Pereira Gens, Páraco de Ourem.

Depois da ultima missa, o rev. Páraco do Reguengo subiu ao pulpito e durante cêrca de meia hora fallou sôbre os peccados capitaes.

Durante as duas missas rezou-se o terço e cantaram-se os canticos do costume.

Por fim cantou-se o *Tantum ergo* e deu-se a benção com o Santissimo Sacramento.

V. de M.

As curas da Fátima

Dois casos

«Pardêlhas, 3-3-924.

«.....Agora vamos ao assumpto que mais nos preocupa e mais alegra o coração dos que são crentes e devotos da Santissima Virgem. Fui fallar com a mãe da creança que Nossa Senhora curou e ella com toda a sua alegria pela graça obtida, contou-me o seguinte: No mez de novembro passado, a creança aparece-lhe com um grande inchaço debaixo do queixo, pergunta á creança se lhe doe, ao que esta respondeu negativamente. Vae com ella ao médico e este diz-lhe depois de verificar: *é um tumôr frio.*

Faz-lhe o curativo lancetando-lhe o tumôr, ficando a creança a ir todos os dias a casa do médico. Passados uns quinze dias, como a mãe da creança tivesse acanhamento de dar tanto incomodo ao médico, pede-lhe licença para d'ahi em diante fazer o curativo em casa ao que elle annuiu. Isto deu-se n'uma sexta-feira.

No sabbado a seguir a mãe da creança vae para lhe fazer o curativo e, quando tira a mexa, rebenta o sangue em abundancia.

Como tivesse pouco animo para isto, chama a creada, mas esta nega-se a fazel-o pelo mesmo motivo. Foi n'esta occasião que ella então, cheia de fé e confiança invoca Nossa Senhora n'estes termos: *Oh! Virgem do Rosário de Fátima, dae-me coragem para curar o meu filho ou então curae-o Vós.* Põe o algodão na ferida para vedar o sangue e a ligadura e deixa ficar. No dia seguinte, que era domingo, diz ao marido: O' Francisco, se tu quizesses ias curar o menino. Este recusa-se pelo facto de não ter coragem. A mãe então reveste-se de coragem e diz: Vêm cá meu filho que Nossa Senhora hade dar-me a coragem precisa para te curar. Desata a ligadura e, qual não é o seu espanto quando vê que a creança estava completamente curada e até do proprio algodão tinha desaparecido todo o sangue que havia ensopado. A mãe não cessa de dizer isto a quem encontra.

Agora vamos ao outro milagre operado ha dias.

Alzira dos Anjos Sebolão deu á luz no dia dezoito do corrente uma creança encontrando-se n'essa occasião bem. Passados, porém, tres dias aparece muito inchada em todo o corpo e com especialidade no ventre. Chamam o médico e este diz que é uma infecção no utero e declara a doente perdida, recomendando á familia que a mandem preparar para a ultima viagem. Chegou a ter quarenta graus de febre, a ser acommettida de ataques, ter muita afflição no coração e a exhalar pela bôca um mau halito.

Emfim, toda ella deitava um cheiro insuportavel. O médico manda retirar-lhe a creança e diz: *aqui só lhe póde valer algum santinho.*

Foi n'esta occasião que chamam o Sacerdote para a preparar. Na terra já não tinham mais a quem recorrer. Em virtude disto a irmã da doente, chamada Palmira, vae ao quarto e diz-lhe: Alzira, vamos rezar a Nossa Senhora de Fátima e Ella te curará. Principiando a rezar, a tia da doente, Maria dos Anjos Tavares, diz á Palmira: estás a rezar mas ainda não lhe deste agua de Fátima a beber. Esta levanta-se, vem a minha casa e pede-me uma pouca d'agua. Chegada a casa a familia opõe-se a que a doente beba a agua fria porque póde fazer-lhe mal.

Nisto a Palmira pousa a agua em cima duma meza, ajoelha e pede com muita fé e confiança a Nossa Senhora a cura de sua irmã dizendo: *Oh! Virgem, mostrae aqui o vosso poder* e dá a agua á doente a beber. Oh! milagre! Mal bebe a agua a doente volta-se para a tia e diz: *O' madrinha não sei o que sinto dentro em mim!*

As afflições do coração, o mau halito e a inchação desappareceram immediatamente.

Passados uns momentos pergunta-lhe a irmã: «então, Alzira, a agua de Nossa Senhora fez-te bem?» Ao que ella respondeu: «Ai, Palmira, estou curada, nada tenho!»

Eis Rev.mo Senhor o facto tal qual mo contou a propria irmã da miraculada. Junto envio um atestado, que assim se póde chamar, do proprio Sacerdote que a foi preparar. Não só êlle, como eu e mais pessôas estamos confusas com este prodigio da nossa tão querida Mãe do ceu.

Para a outra carta enviar-lhe-ei uma outra cura; não o faço hoje porque não me é possivel fallar com a pessôa que obteve a graça.»

Maria dos Anjos de Mattos.»

Rev.mo Sr.

Numa grande aflição, recorri a N. Senhora do Rosario da Fátima, e fui ouvida sem demora.

Em agradecimento, envio 10:000 para ajuda das despezas do seu culto.

Angelina Lopes Pereira

De certo os nossos queridos leitores terão prazer em ler a seguinte carta:

«Graças e Louvores sejam sempre dadas a Deus e á Santissima Virgem do Rosario, nossa ternissima mãe da Fátima!

Mais uma graça concedida por Nossa Senhora da Fátima a esta sua humillissima filha e aos seus. Na segunda feira passada, appareceu quasi de repente, meu netinho Luiz Maria com uma febre terrivel e a pernita direita muitissimo inchada até ao joelhito: passou uma noite terrivel, em delirio e queixando-se de muitas dôres. Apesar de ter só 14 mêses é muito vivo, já diz algumas palavras, e muito bem chama pela mãe, pae e avó. A' mãe nunca largava, e quando se via peor chamava pelo pae e por mim.

Logo de manhã chamou-se o médico, que declarou ser um *fleimão*, que tinha para 3 ou 4 dias, e passados elles teria de ser aberto. Dôres que eram horriveis, mas que nada lhe podia fazer, até que estivesse em condições de ser lancetado. Nessa noite o menino piorou e nós, eu, a mãe e a sua creada particular, recorremos á Virgem Santissima, para o curar, livrando-o de tão horrivel mal. Ao deitar-lhe as papas, fôram ellas cobertas com a milagrosa agua da Fátima e coloquei-lhe eu uma medalha de Nossa Senhora ao peitinho, depois de lh'a ter dado a beijar, e rezamos juntos 3 Avé-Marias, uma salvé-rainha e «lembrai-vos ó purissima Virgem Maria . . .» Findas as nossas orações e suplicas deitamos o menino que mais tranquilo passou a noite.

Sôbre a madrugada todas fomos descançar e qual foi o meu espanto quando ás 9 horas da manhã a creada entra no meu quarto trazendo o menino ao collo, que deitando os bracinhos para mim sorrindo e beijando-me, me pediu *biachas* (bolachas) cousa que elle não fazia há dias! Esteve perto de meia hora a brincar commigo e ouvindo no quarto os paes a fallar, deitou-se ao chão, e agarrado á mão da creada e a um guarda sol, que encontrou no meu quarto, lá foi a mancar, coitadinho, até perto delles. Póde bem calcular a alegria de nós todas, reconhecendo a graça que a nossa mãe de misericordia, a Virgem Santissima da Fátima nos tinha concedido melhorando o nosso amôr pequenino! Tenho realmente grande pesar que o não conheça, não é por ser meu neto, mas é um verdadeiro amôr. De hora a hora, de momento a momento, nós viamos o pequenino melhorar; chega o médico para o ver, e a unica coisa que póde dizer é que . . . nada tinha a fazer, (pois estava completamente curado! . . .)

A alegria lia-se nos nossos rostos, e o médico rematou dizendo: «as creanças são assim, tão depressa estão a morrer, como estão curadas.» Mas nós as 3, que bem conheciamos o milagre de Nossa Senhora, davamos intimamente graças á virgem do Santissimo Rosario. Eis aqui, muito a correr e em duas palavras mal ditas, a grande graça que nos concedeu o milagre da Virgem do Santissimo Rosario da Fátima.

Leia como puder e perdôe tudo; breve escreverei com mais vagar.

Coimbra 25-1-924

Emilia Guimarães

13 de Janeiro

Por causa da gréve dos correios deixou de ser publicado em fevereiro este artigo de que não queremos privar os nossos leitores.

O dia 12 de Janeiro, semelhante aos outros dias dessa semana, sem vento e sem frio, explendido de sol e apenas com pequenos farrapos de nuvens a empanar de longe em longe o azul diaphano do firmamento, parecia um formoso e tépido dia de Março precursor da primavera proxima. Nada fazia prever, a não ser o ponteiro fiel de um velho barometro, o medonho vendaval que se havia de desencadear sôbre toda a terra extremenha desde as primeiras horas do dia seguinte. Chegaramos na vespera á tarde a Torres Novas, onde alugámos um carro para nos transportar a Fátima. Ficou assente que a partida se efectuasse ás oito horas da manhã. A essa hora a chuva cahia torrencial e continua, inundando as ruas e as praças, em que se viam raros transeuntes apressados, e o ceu, de sobrecenho carregado, parecia ameaçar-nos com um dia inteiro de rigoroso inverno. A viagem atravez da serra foi sobremaneira triste e penosa, mas durou pouco mais de tres horas, graças á bôa raça dos cavallos escolhidos que puxavam o carro. Eram cêrca de onze horas e meia quando chegámos á vista do local das apparições.

O vento, no cume da serra, dir-se-hia redobrar de intensidade, sacudindo com violencia as copas dos pinheiros altos e esguios e a ramagem das azinheiras rachiticas e enfezadas. A chuva, fustigando sem piedade os rôstos, que os chapeus impedidos de se abrir devido á violencia do vento não podiam defender, cahia sem interrupção inundando a Cova da Iria, e convertendo-a num lamaçal immenso. A'quella hora, contra o costume de tantos annos, eram muito poucas, apenas algumas dezenas, as pessôas que se encontravam junto do padrão commemorativo das apparições, abrigadas sob o telheiro recentemente construido em frente delle.

Soubemos depois que, mercê do mau tempo, muitos peregrinos tinham desistido da viagem e outros, que chegaram a iniciá la, tinham renunciado a levá-la a cabo, alojando-se durante o percurso em casa de familias amigas e conhecidas até que o tempo melhorasse para regressarem ás suas terras e aos seus lares.

Entretanto, pouco a pouco, vão chegando, de diversas partes, grupos de peregrinos que, procedentes de povoações visinhas ou mais animosos do que os outros, ousaram arrastar com as furias do vendaval para irem prestar á augusta Virgem do Rosario a homenagem piedosa do seu culto fervoroso no sitio em que Ella se dignou apparecer, conforme as affirmações dos humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel. Ao meio dia oficial principia a primeira Missa o rev. Manuel Pereira da Silva, secretario da Camara Eclesiastica de Leiria. E' celebrada dentro da capella por não consentir o mau tempo a sua celebração ao ar livre na fórma do costume. Durante a missa reina um silencio absoluto entrecortado apenas pelo murmurio das préces rezadas por grande numero de assistentes em voz quasi imperceptivel. A certa altura, porém, um homem do povo começa a recitar o terço do Rosario em voz alta, alternando com elle muitos dos circunstantes. O agudo sibilar do vento, o brando ciciar das préces, o cavo rumorejar das arvores, o cahir incessante da chuva, o silencio impressionante da multidão, tudo convida a alma a recolher-se dentro de si mesma e a elevar os seus pensamentos e os seus afectos para o Ceu. Parece sentir-se um sôpro sobrenatural e divino perpassar junto de nós.

Os anjos, invisivelmente prostrados deante da Hostia pura e sem mancha em que Deus, á voz do sacerdote, acaba de descer á terra, juntam as suas adorações ás daquellas almas humildes e sãs do bom povo das nossas aldeias que o *simoun* devastador da impiedade e do vicio felizmente ainda não logrou esterilisar para a Fé e para as virtudes que fizeram grandes os nossos antepassados. Dezenas de pessôas recebem nos seus peitos a Jesus Sacramentado. Termina a missa. A multidão engrossa cada vez mais, comprimindo-se debaixo do telheiro. Ao meio dia solar começa a segunda missa, tambem dentro da capella. Celebra-a o rev. dr. Manuel Nunes Formigão, professor no Seminario Patriarchal. Estão presentes algumas centenas de peregrinos, a maior parte dos quaes assistem á missa sob uma chuva torrencial, mal abrigados pelos seus enormes chapeus.

O rev. dr. Marques dos Santos, ao principiar o santo sacrificio, inicia a recitação, alternadamente com o povo, do terço do Rosario.

A' elevação fazem-se as ternas e patheticas invocações de Lourdes. Algumas senhoras presentes, pouco habituadas a presenciar semelhantes espectaculos de fé e piedade, choram de commoção. Distribue-se o Pão dos Anjos a mais algumas dezenas de pessôas. O *Bemdito* é cantado por todos com enthusiasmo e uncção. Terminado o Santo sacrificio canta-se o *Tantum ergo* e dá-se a benção com o Santissimo. Após a benção a multidão, cheia de enthusiasmo, canta em côro o hinno *Queremos Deus*, cujas notas vibrantes e marciaes se repercutem ao longe e ao largo como um protesto vehemente e sentido do Portugal christão contra a reviviscencia do fanatismo mussulmano nos infelizes sectarios dos nossos tempos, que repetem com um furor cego e selvagem o «crê ou morres» dos defensores do crescente.

Sôbe depois ao pulpito o rev. dr.

Marque dos Santos que durante cêrca de vinte minutos entretem a attenção do auditorio sôbre a devoção á Santissima Virgem e a communhão frequente como meios efficacissimos de adquirir e conservar a angelica virtude da castidade.

Por fim rezam-se algumas orações em commum por diversas necessidades, especialmente pelos enfermos presentes e ausentes e pelos peccadores, e aquellas centenas de peregrinos dispersam-se e desapparecem como por encanto para voltarem decerto mais vezes áquela estancia bemdita impulsionadas pelo fluido misterioso e sobrenatural que attrahe irresistivelmente a Fátima as almas sedentas de verdade, de justiça e de paz.

V. de M.

Notas e impressões

O phenomeno solar de 1917

Recebemos a seguinte carta:

Salvaterra de Magos, 3 de Janeiro de 1924.

. . . Sr. Visconde de Montello.

Por ter lido o livro escripto por V. a respeito dos episodios maravilhosos de Fátima, cumpre-me participar-lhe que tambem tive a ventura de presenciar os acontecimentos assombrosos do dia 13 de Outubro de 1917. Cheguei na vespera á aldeia de Fátima onde pernoitei. No dia seguinte fui a casa das creanças com quem falei, principalmente com a mais velha, a Lucia, que me disse que Nossa Senhora lhe apparecia meia hora depois do meio dia, hora solar. Dirigi-me depois para a Cova da Iria, mas, como chuvesse, molhei-me, voltando logo para a aldeia onde me enchuguei. Quando faltavam uns vinte e cinco minutos para a hora annunciada, parti para o local das apparições. Na occasião em que cheguei, parou a chuva, mas o ceu conservava-se carregado e escuro. A atmosphera tornou-se amarella no local em que estavam as creanças e as cabeças dos milhares de pessôas presentes pareciam cobertas com lenços de côres amarellas, roxa e azul. Uma columna de fumo, que se assemelhava a uma nuvem, pairava no referido local, subindo tres a quatro metros acima do sólo. Este phenomeno repetiu-se por mais de tres vezes, creio eu. Olhei depois para o ceu e vi o sol, que parecia uma roda de fôgo, romper as nuvens e correr em direcção á terra. As nuvens tinham-se rasgado de repente e via-se perfeitamente o sol, que não feria a vista.

Vi pelo menos passar pela parte de cima do sol duas nuvens que eram illuminadas pelo sol, o qual correu segunda vez em direcção á terra. Foi isto que os meus olhos viram. Desta minha carta faça V. o uso que entender.

De V. etc.

Manuel da Costa Pereira

Fátima, obra nacional

De uma illustre e piedosa senhora da Regoa, alma enthusiasta e de rija tempera, sempre aberta a todos os sentimentos nobres e generosos e profundamente dedicada a todas as obras que visam á gloria de Deus e ao bem da Patria, recebemos uma carta de que extractamos estes periodos:—«A freguezia de S. José de Godim quer tambem contribuir para a obra de Fátima, obra que não é local mas nacional e de que todos os portuguezes se devem orgulhar. Deus haja por bem coroar de exito os esforços de todos os que tabalham para tão gloriosa empreza e Nossa Senhora de Fátima abençôe a nossa querida Patria.»

Os acontecimentos de Fátima

De uma senhora de Vizeu, tão distincta pela sua linhagem como pelas suas virtudes, que presenciou o phenomeno solar de 13 de Outubro de 1917 e que desde então não tem cessado de fazer vôtos ao Ceu para que a Santa Egreja se pronuncie favoravelmente ácerca dos acontecimentos de Fátima, recebemos uma longa e interessante carta de que tomamos a liberdade de transcrever o trecho que segue: «Não faz ideia de como ficámos encantados com o pequeno opusculo referente a Fátima, de tão querida lembrança. Para prova fazia-nos muito favor enviar dez exemplares mais para distribuirmos por pessôas piedosas. Oxalá Nossa Senhora faça milagres e converta esta terra de espinhos e abrolhos em jardim viçoso e encantador. Por demais temos sofrido as terriveis emanações deste pantano ha annos a esta parte. Salve-nos Deus! Seja commosco a Santissima Virgem, nossa Medianeira!»

A peregrinação nacional

Posto que seja bastante tarde para o fazer, não resistimos ao desejo de archivar nesta secção um formosissimo trecho de uma carta que nos escreveu uma Santa e veneranda senhora da Capital, illustre e benemerita entre as mais illustres e benemeritas, ácerca da grande peregrinação nacional de 13 de Maio de 1922. Traduzindo os mais nobres e elevados sentimentos christãos, constitue na sua commovedora simplicidade um precioso mimo litterario, de que se evola o perfume suavissimo da mais terna e acrisolada piedade, e que os nossos presados leitores saberão apreciar devidamente. E' do teor seguinte:

—«Recebi em tempo competente o postal e a carta de V. que muitissimo apreciei e me penhoraram em extremo. Espero que V. recebesse o telegramma que lhe mandei, logo que recebi a carta de V. a tempo de dispôr do automovel, que com tanta dificuldade conseguiu arranjar para pôr á minha disposição em favor de quem mais feliz do que eu pudesse fazer parte da piedosa e grandiosa peregrinação á Fátima! Tive immensa pena de não poder assistir a essa tão tocante e inponente manifestação de fé. . .

As noticias que tenho recebido das pessôas que tiveram a grande consolação de ir no dia 13 á Fátima e as que leio nos jornaes mais augmentaram o meu pesar. Nosso Senhor me accceite o sacrificio! Bem do coração felicito V. pela grande consolação que decerto teve de ver reunidos na Fátima tantos milhares de crentes, profundamente commovidos, prestando a mais respeitosa homenagem de fé e devoção á Santissima Virgem. Uma das minhas primas que vive em T. e me tinha convidado com muita insistencia para ir passar uns dias com ella e acompanhá-la á Fátima no dia 13 escreveu-me logo depois enthusiasmadissima. Diz ter muita pena que eu não pudesse ir, pois está convencida de que em Portugal talvez não se fizesse até agora uma tão grandiosa manifestação de fé.

Extraordinariamente grande, sobretudo por ser tão simples e expontanea!

Bemdito seja Deus por tudo e a sua Santissima Mãe continue a interceder pelo nosso pobre Portugal e por tantos infelizes que a não conhecem e por isso a não amam e offendem tanto a Deus! Estou convencida de que entre nós ha ainda muito mais ignorancia do que maldade.»

V. de M.

Deante do Santissimo Sacramento exposto

Devemos honrar o Santissimo Sacramento exposto com o maior respeito.

Deus quer ser adorado tanto pelo corpo como pela alma; tem direito á homenagem do homem todo. E' por isso que ha um culto exterior, sensivel, animado pelo culto interior da caridade. Emquanto ao respeito exterior, em parte alguma é mais necessario que no culto da Exposição, é a santa Igreja que o manda. Ella quer que Nosso Senhor esteja lá, no seu throno, absorvendo todos os nossos pensamentos. Ella quer que no altar não haja estatuas, reliquias, para não afastarem o adorador do pensamento de Nosso Senhor e para que o culto esteja concentrado na sua Pessôa adoravel.

Prescreve os ornamentos e as decorações mais magnificas. Não basta a simples gemeflexão, é necessario a prostração com ambos os joelhos para saudar o Rei divino no seu throno.

Compenetremo-nos, pois, da liturgia da Santa Igreja e que o nosso exterior em presença do Santissimo Sacramento exposto exprima a mais profunda reverencia.

Antes de tudo guardemos uma grande reserva, uma grande modestia nos olhos. Não quero no entanto dizer que estejamos constantemente de olhos fechados; não, em presença de Nosso Senhor exposto é melhor olhar.

Porque expõe a Egreja a Nosso Senhor no throno? Porque toma ella os seus melhores ornamentos? De que serviria tudo isso se ella não quizesse que olhassemos e que nos servissemos delles para nos elevarmos para Nosso Senhor?

De que serviria colocar o sobre o

throno se não fôsse para melhor o podermos vêr?

Porque revestiria esse bom Salvador apparencias exteriores, sensiveis, que se pudessem vêr? Foi a fim que se possa dizer: eu vejo o meu Deus atravez desta nuvem; sua face está desfigurada mas é Elle com certeza que lá está.

•

Mas—coisa admiravel!—este culto exterior não distrae a alma adoradora. Por isso eu vos digo: olhai o Santissimo Sacramento, o altar, as velas, as flôres e tirae de tudo isto um bom pensamento, diz o P.e Eymard, apostolo da Santa Eucharistia. E' isto tão natural que para o não fazer seria necessario violencia.

A adoração é um culto de expansão. Assim como a chama, sae do fóco e não permanece lá.

Mas o que distrairia e seria uma falta de respeito para com o Santissimo Sacramento era que em vez de olharmos o altar nos puzessemos a observar os fieis, a contar os que entram e saem, a examinar as toilettes. Tudo isso seria absurdo e ridiculo, para não dizer coisa peor. Servi-vos, pois, dos olhos para ir a Nosso Senhor e nunca contra Elle.

•

Digo-vos tambem: Conservae sempre um porte grave e recolhido deante de Nosso Senhor exposto.

Ficai de joelhos todo o tempo que puderdes e se vos sentardes não tomeis uma atitude mole e negligente. Ha certos modos de estar que não ficariam bem em um salão. Com certeza ninguem em uma sociedade distincta se permitiria curvar as pernas, encostar-se na cadeira, sob pena de passar por pessôa grosseira e mal educada. Não faleis nunca na egreja nem vos importeis com ninguem. Deante do rei seria má educação inquietar-se a tratar com os creados. Tal pessôa merecia que se lhe perguntasse: para que veio cá?

Portanto, deante do Santissimo Sacramento, nem amigos, nem negocios, nem recados a receber, nada, por que estaes deante de Deus. Toda a vossa ocupação deve ser adorar Nosso Senhor e escutar a sua divina palavra.

Mas, direis, se me perguntam alguma coisa? Não respondais quatro vezes por uma nem digaes mesmo: «aqui não se fala»; é muito comprido; se é necessario respondei por um simples *sim* ou *não* dito em voz baixa. Ha uma maneira de falar em voz baixa que já por si é uma bôa lição Se se tratar de pessôa sôbre quem tenhaes auctoridade é vosso dever impôr-lhe energicamente silencio.

•

Se tivessemos mais respeito e compreendessemos melhor o que convem. nunca teriamos coragem de tirar alguem da sua comtemplação e fariamos todo o possivel para a não distrair.

O que se faria no mundo se uma pessôa fôsse admitida em audiencia real e sôbre tudo se se soubesse que o rei deseja conversar com elle?

Ninguem iria perturbal-os, nem mesmo um ministro.

Ora a adoração, que é a audiencia de Nosso Senhor, a entrevista com as nossas almas tão desejada pelo seu amôr, merecerá menos cuidados que as audiencias privadas dos Reis d'este mundo?

Tudo isso diria que a nossa fé é bem fraca. Pratiquemos, pois, perfeitamente o culto do respeito exterior nos olhos, no porte e no nosso silencio. Bem basta o que as nossas adorações teem de sofrer da nossa frieza e da inconstancia da nossa imaginação.

Se o nosso coração é uma ruina, um deserto, honremos ao menos a Nosso Senhor pelo porte exterior afim de chegarmos ao conveniente porte interior.

Uma Carta ao Menino Jesus

(CONTO)

Ivone tem sete annos, está no seu quartinho na vespera de Natal, um verdadeiro ninho, a ultima obra da «pobre mamã».

Está para se deitar com a ajuda de Miette, sua aia.

—Dize-me Miete, o Menino Jesus será capaz de lêr a minha carta?

—Com certeza, meu anjo. O Menino Jesus sabe muito.

—Sabe mais que a irmã Santa Comba?

—Pois é claro, minha menina, mais sabio que a irmã Santa Comba. O Menino Jesus sebe tudo... tudo.

—Então elle sabe que o papá não reza... que não vae á missa?

—Ai sabe sim, minha querida e isto lhe causa muita pena.

—E parece-te que elle me concederá o que lhe vou pedir?

— E' claro que creio... Vamos, depressa para a cama... que te arrefecem os pesinhos.

Ivone colloca pomposamente, bem ao canto da chaminé duas pequeninas botinhas brancas. Depois em uma dellas, põe... um bilhete. Imagina que ella o anno passado, em egual dia, tinha resolvido conservar-se acordada até á meia noite para vêr o Menino Jesus e pedir-lhe que convertesse o papá. Mas, apesar de todos estes esforços, veiu o somno e o Menino Jesus passou sem ella vêr.

Este ano com medo de adormecer .. escreveu ao Menino Jesus. Ella sabe pouco escrever e isto lhe custou muito mas ao menos agora pode dormir descançada.

Acolá, do outro lado, no seu gabinete, o doutor está disposto a trabalhar.

A vespera de Natal é para elle um dia como qualquer outro. Está muito agarrado aos bens terrestres para pensar nas emoções desta maravilhosa noite.

Por outro lado a escola de medicina destruiu-lhe todo o sentimento religioso. O dr. X... é abertamente descrente.

Esta noite como de costume, foi depor, antes de se deitar, um grande beijo na fronte da sua filhinha adormecida.

Não sei como, ao passar pela chaminé, viu as botinhas ainda vasias porque o Divino Menino teve tanto que fazer esta noite que não poude contentar toda a gente ao mesmo tempo. Curioso por este costume que elle tinha, aproxima-se, toma as botinhas e por acaso deixa cair a carta do Menino Jesus. Abre-a. Oh! como ella é tocante! Ouvia-a: «Querido Menino Jesus, dizia Ivone, vós sabeis que eu não tenho mamã porque vós a levaste para o vosso paraiso ainda que eu tenha muita pena de a não tornar a ver; eu tenho ainda um papá, mas parece que elle não vos ama como devia. Elle não vae á missa, elle não reza.

Convertei-o, vós que sois tão bom, tão bom!

Vossa amiguinha que muito vos ama

Ivone»

P. S.—Quando virdes a minha mamã dizei-lhe que eu a abraço muito.

•

No dia seguinte ao levantar-se Ivone achou uma bella boneca na chaminé.

Como a creada se aprestava a conduzi-la á egreja, o pae se interpoz dizendo:

— Serei eu quem daqui avante te conduzirei á Missa porque o Menino Jesus recebeu a tua carta.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	8:795$620
Impressão do n.º 17 . . .	200$000
Varias.	80$000
Somma	9:075$620

Subscrição

(Continuação)

D. Maria José Assis Gomes Coutinho	10$000
D. Maria Eduarda Vasques da Cunha Lencastre (3.º anno)	10$000
De jornaes (Josefa de Jesus)	21$000
D. Maria Ferro Lobo	10$000
D. Guilhermina de Jesus Alberto Gomes (2.º anno)	10$000
D. Maria Martiniano da Costa (2.º anno)	10$000
D. Maria de Borgia Saavedra (2.º anno).	10$000
P.e Virginio Lopes Tavares	10$000
Viscondessa de Sanches de Baena	10$000
Januario Miranda	10$000
D. Sebastiana Nogueira . . .	10$000
D. Maria da Piedade Santos	10$000
Julia da Encarnação Marques	10$000
Domingas Fernandes	10$000
Maria das Dores Fernandes (3.ª vez)	5$000
Domingas Valente de Almeida (2.ª vez)	5$000
Benedicta d'Oliveira Horta (3.ª vez)	5$000
P.e Francisco Antonio da Silva Valente (2.º anno) .	10$000
Percentagem na venda de terços jornaes avulsos etc. (Pardelhas).	77$500
Percentagem em terços etc. (Mafra)	52$500
D. Alzira Costa	10$000
Manuel Coelho de Sousa. .	10$000
Antonio Machado Fagundes	10$000
D. Gertrudes Maria Fernandes.	10$000
D. Maria Rosa Athayde . . .	10$000
Condessa de Margaride (3.º anno)	20$000
D. Maria dos Remedios de Moura Abranches da Silva	10$000
Madame Marguerite Leguin	10$000
P.e Antonio Maria dos Santos Campos (2.º anno) . .	10$000
P.e Manuel Pereira de Oliveira.	10$000
P.e José Maria d'Almeida Geraldes	10$000
Donativos varios (Athouguia)	11$000
D. Maria José e D. Anna de Menezes Alarcão . . .	10$000
D. Crescencia Fernandes Dias da Cruz	10$000
D. Ignês Cabral Nunes Barata.	10$000
José Vaz Barros.	10$000
D. Jovita Ferreira Rosario de Sousa Vinagre	10$000
D. Henriqueta Ferreira da Silva.	10$000

Ano II LEIRIA, 13 de Abril de 1924 N.º 19

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Março

Outro dia de verdadeiro e rigoroso inverno, justamente como nos dois primeiros mêses do corrente anno, foi o dia 13 de Março. A chuva cahiu abundante e por vezes torrencial desde pela manhã até á noite, inundando as estradas e tornando em muitos pontos assaz perigoso e quasi impossivel o transito de todo o genero de vehiculos.

Apezar do mau tempo, porém, foi bastante elevado o numero de peregrinos que acorreram a Fátima no intuito de prestar os seus cultos fervorosos á Augustissima Virgem do Rosário. Quando principiou a segunda missa campal estavam presentes cêrca de duas mil e quinhentas pessôas. Alguns automoveis e um grande numero de carros estacionavam na estrada e nos terrenos adjacentes. Quando chegámos, ia principiar a segunda missa. A primeira tinha sido celebrada ás dez horas pelo rev. Antonio Correia Ferreira da Motta, coadjutor da freguezia das Mercês, de Lisbôa. A segunda missa foi celebrada pelo rev. Manuel Marques Combina, parocho de Arrabal (Leiria). Durante esta missa rezou-se o terço em commum e fizeram-se as invocações do costume.

A's duas missas commungaram algumas centenas de pessôas, sendo sobremaneira commovente a piedade com que todas, de mãos postas e profundamente recolhidas, se aproximaram da Sagrada Mêsa.

No fim da segunda missa fez-se a exposição á bôcca do Sacrario e, cantado pela multidão o *Tantum ergo*, deu-se a benção com o Santissimo Sacramento.

Em seguida subiu ao pulpito o rev. Guilherme da Silva Oliveira, parocho da Folgosa, concelho da Maia, Porto, que durante cêrca de meia hora fallou sôbre o culto de Nossa Senhora, explicando a significação symbolica das cinco lettras do nome de Maria: «mãe, amor, rainha, immaculada e avé».

Após o sermão distribuiram-se gratuitamente milhares de exemplares da «*Voz da Fátima*», que eram procurados com avidez.

Junto da fonte que brotou precisamente no local, onde, segundo a affirmação constante dos humildes e innocentes pastorinhos de Aljustrel, a Virgem Santissima se dignou apparecer-lhes pela primeira vez, encontram-se inumeros peregrinos que esperam pacientemente a sua vez de encherem os recipientes que trazem consigo. Alguns fieis cumprem edificantemente as promessas que fizeram. A chuva que durante as missas cessara de cahir volta de novo a fustigar os rostos e a ensopar os fatos. Varios peregrinos tinham vindo de longe a pé, uns por espirito de penitencia, outros devido á impossibilidade de arranjar á ultima hora meios de transporte.

Todos, porém, se mostravam alegres e satisfeitos e, momentos depois, quando, isolados ou em grupos, regressavam aos seus lares distantes, era sobremodo edificante a simplicidade com que muitos diziam que valia bem a pena andar leguas a pé e sofrer as inclemencias do tempo para vir passar umas horas de paz suavissima e de inolvidavel encanto no local cinco vezes consagrado pela presença da gloriosa Rainha dos Anjos.

V. de M.

As curas da Fátima

«Murtosa - Pardêlhas, 25/3/924.

Rev.mo Senhor

Venho trazer a V. R.ª uma noticia consoladora para ser publicada na «Voz da Fátima». Trata-se de uma cura que obtive por intercessão de Nossa Senhora, e quero levá-la ao conhecimento de todos os leitores da «Voz» e de todos os que amam a Nossa Mãe do Ceu, a fim de que se reconheça mais uma vez que nunca por Ella é desamparado quem reclamar o seu socôrro.

Permita-me, pois, que eu faça a narração do facto.

Em 16 de setembro de 1920 tive de sujeitar-me a uma operação no estomago, porque vinha desde ha muito tempo sofrendo horrivelmente e quási se me tornava já impossivel a alimentação. Passaram-se quasi quatro anos sem que eu experimentasse incómodo de maior, mas agora, em principios de fevereiro, voltaram-me novamente as dôres no estomago e nas costas, no lado direito, com muito maior intensidade. A principio quiz ocultar a meus pais o meu sofrimento para assim evitar a vinda do médico e não me vêr forçada a tomar medicamentos. Como o sofrimento não diminuisse, antes se fôsse agravando, e a alimentação e o movimento fôssem para mim motivo de novas dôres, bem depressa veiu a minha familia no conhecimento do que se passava e tive de consultar o médico. Este prescreveu-me uma diéta rigorosa, mandou-me estar só a leite durante alguns dias, receitou-me um medicamento e acabou por dizer-me que, não obedecendo as dôres a este tratamento, teria de recorrer a um especialista. Segui á risca as ordens do médico mas não consegui melhorar. Desanimada com este insucesso, eu supunha-me já no mesmo estado que em 1920 me forçou a ser operada.

Aflicta por me vêr sofrer tanto, minha mãe apelava para o Ceu e constantemente me aconselhava a tomar a agua de Nossa Senhora de Fátima, pois tinha grande esperança de que eu fôsse curada. Sem revelar a ninguem o que fazia, fui tomando por duas vezes a agua, mas não era bem viva a minha fé porque, da primeira vez, tomei a agua quente, e, da segunda, não a engoli sem primeiramente a aquecer um pouco na bôca. Não senti melhoras, pois era tão pouca a minha confiança em Nossa Senhora! Era justo, pois, que a Santissima Virgem me provasse!

Como a minha mãe ignorava o que eu já tinha feito, instava cada vez mais e veiu contar-me a cura da Alzira Sebolão, relatada no ultimo numero da «Voz», que tem sido o assombro de toda a gente! Fiquei então convencida de que a minha pouca fé era um obstaculo á minha cura, e decidi-me a tomar a agua fria como fez aquela miraculada. Rezei a Avé Maria, bebi um pequeno calice da água santa e pedi, bem do fundo d'alma, á minha Mãe Celeste que

me curasse se fôsse essa a sua vontade. Desde esse momento principiei a sentir alivios. Durante a noite, banhada em lagrimas eu pedia a Nossa Senhora que completasse a sua obra, e fazia o vóto de ir ao logar onde Ella apareceu e ahi recitar de joelhos o meu terço. Foi ouvida a minha suplica que era feita já então com tanta fé! Nossa Senhora curou-me! Bemdita seja Ella! Tomei a agua no dia 29 de fevereiro; e, desde o dia 1 até ao dia 25 de março em que escrevo, não tenho tido o mais leve sofrimento; sinto-me completamente bem; continúo com as minhas ocupações habituais e tomo agora com apetite as refeições que eram para mim motivos de tanto sofrimento.

Aqui tem, Rev. Sr., o que comigo se passou e que eu desejo tenha grande publicidade para honra de Nossa Senhora de Fátima. Tenho a honra de pertencer á Pia União das Filhas de Maria, de que sou um dos membros mais novos e mais humildes, e para isso considero tambem como mais uma graça especial para a nossa Associação este favor que me concedeu a nossa Mãe do Ceu.

Com os meus respeitosos cumprimentos, sou de V. R.ª Mt.º Att. V.ra

Maria José Lopes da Silva Costeira

De uma nossa ex.ma assignante de Cabeçudos (Vila Nova de Famalicão) recebemos a seguinte carta:

«Cumprimentando mui respeitosamente a V., peço licença para narrar uma graça de N. Senhora de Fátima, que para sua honra e gloria não deve ficar ignorada.

Tenho uma sobrinhita pequena que tem sofrido muito de febres intestinais por vezes muito graves, chegando a inspirar-nos serios cuidados. Costumam ser bastante demoradas e a penultima, no ano passado, durou-lhe talvez mais de dois mezes, deixando-a muito abatida e enfraquecida. E' por isso que, quando em Janeiro ultimo a pequenina Maria Thereza ficou de cama com mais uma infecção intestinal, todos nos alarmamos e com razão. Estava a pequenina doente, já ha 8 dias em rigoroso tratamento imposto pelo médico, muita febre e grande fastio e já muito fraquinha. A's tardes quando a temperatura se elevava tinha muitas dôres num ouvido, de que tambem já sofria, que a não deixavam dormir, nem tão pouco socegar. Aplicaram-se varios remedios mas nenhum conseguiu acalmal-a. Foi então que alguem, que estava junto da doentinha, cheia de fé em N. S. das Dôres de Fátima, disse: «tu vaes sarar já!» E molhando uma bolinha de algodão na agua milagrosa de Fátima, introduziu-a no ouvido do nosso pequenino amôr, que adormeceu imediatamente, para só acordar no dia seguinte sem dôres, sem febre, sem simptomas da infecção e com o apetite recuperado! E' inegavel que foi Nossa Senhora quem curou a Maria Therezinha. A pequenina fizera ha mezes, com dois irmãozinhos tambem pequenos, a sua 1.ª Comunhão e, tendo apenas 5 anos a todos nos encantou e impressionou o seu fervor e recolhimento! Nossa Senhora quiz conceder a sua protecção a quem com tanto amôr recebera a Seu Filhinho Jesus no coração! Assim a nossa bôa Mãe do Céu lhe continue e aos irmãozitos, a sua protecção pela vida fóra e lhes conserve as alminhas brancas como no dia da sua 1.ª Comunhão.

Perdôe-me V. Ex.ª este incomodo, que por Nossa Senhora lhe dou, etc. . . .»

Obtiveram graças que veem agradecer a Nossa Senhora do Rosario:

— D. Anna de Portugal L. de Vasconcelos Trigoso, de Alcains (Beira Baixa), que estando muito doente recorreu a N. S. da Fátima e envia 50:000 rs. para o seu culto.

— Josefa de Jesus Marques, de Rio de Mel, que ha muitos annos padecia de hidropezia, tendo de passar a maior parte do anno na cama.

Tendo recebido uma estampa de Nossa Senhora e um terço que um peregrino que em julho foi a 1.ª vez á Fátima, lhe trouxe, pediu a sua cura com tanta instancia que agora já faz quasi todos os serviços domesticos e espera ir agradecer a Nossa Senhora logo que tenha meios.

— Maria Luiza, casada, do mesmo logar, tendo uma grande inflamação nos olhos, muitas névoas e dôres lembrou-se de pedir a um peregrino umas 20 gôtas de agua da Fátima, que aplicou aos olhos, estando completamente curada. Se puder irá em Maio á Fátima entregando nessa occasião cem escudos para as obras da futura egreja.

— D. Dolorosa da Costa Andrade, da freguesia de Carnicaes (Trancoso), que no dia 22 de setembro ultimo teve um grande ataque que durou mais de quatro horas. O marido recorreu a Nossa Senhora e passada meia hora começou a doente a dar signaes de vida. Veio em 13 de outubro ultimo á Fátima agradecer a Nossa Senhora.

— Amelia Duarte da freguesia das Torres, que tendo um panarício, em risco de ter de sofrer uma operação, invocou Nossa Senhora da Fátima de que já tinha uma fotografia. Tendo collocado terra e agua da Fátima na parte doente, acordou com o dedo rebentado, estando completamente curado e sem defeito.

Visitas ao Santissimo Sacramento

Cada dia, tanto quanto possivel, farei uma visita ao meu amavel Salvador.

Nunca passarei perto de uma egreja sem entrar, a não ser que as circunstancias o não permitam.

Se o tempo urge, demorar-me-hei apenas um instante para adorar aquelle que ali habita, diz-lhe-hei que o amo e lhe pedirei a sua graça e a sua benção. Uma creança não passaria deante da casa de seu pae sem lhe dar um signal de affeição.

Se não posso entrar na egreja farei no meu coração um acto de fé e de Amor a esse Deus oculto, que do fundo do seu tabernaculo me vê passar e me segue sempre com o seu olhar amoroso.

Se tenho de ir passear dirigir-me-hei de preferencia a uma egreja. Tenho de escolher casa escolherei a que estiver mais perto ou mais á vista da casa de Deus.

Tenho de emprehender uma viagem ou tomar resoluções importantes, irei á egreja pedir a Jesus que me abençõe e, o que é muito importante, comungarei.

Quando chegar a uma cidade ou aldeia tratarei primeiro de ir fazer uma visitinha a Jesus Christo no seu santuario. Ao partir irei fazer-lhe as minhas despedidas, pedir a sua benção e que me guarde.

Nestas visitas quotidianas farei principalmente os seguintes actos:

Adoração profunda, contrição dos meus pecados, confiança no coração de meu Salvador e Amor, em nome de todas as creaturas, em união com Maria Imaculada, com os anjos e santos. Acção de graças pela instituição d'este augusto sacramento e por todas as minhas comunhões passadas, reparação de todas as minhas infidelidades e ingratidões dos homens, comunhão espiritual, oferecimento de mim mesmo e das minhas acções, entretenimentos com Nosso Senhor contando-lhe as minhas penas e dificuldades em vez de ir queixar-me e desabafar junto das creaturas.

Santos

Porque não? Podemos e devemos sel-o.

Podemos. Afinal o que é um Santo? Ou melhor o que era elle quando vivia neste mundo?

Os Santos eram umas pobres almas como nós. Por os vermos agora com uma corôa de gloria facilmente imaginamos que elles eram de natureza diferente da nossa.

Nada d'isso! Eram como nós filhos de Adão; tinham defeitos como nós e alguns até pecaram mais que nós. Pedro, Paulo, Magdalena, Agostinho, Margarida de Cortona cairam no pecado; Francisco d'Assis, Francisco Xavier, Francisco de Sales, Luiz de Gonzaga, tinham defeitos como nós.

A unica diferença, mas a grande diferença que existe entre um santo e um pecador é que o pecador permanece no seu pecado e o Santo sae d'elle; é que o pecador cede facilmente ás suas más inclinações e o Santo resiste-lhe.

Ora se os Santos do céu fôram o que eu sou, porque não serei eu o que elles são?

•

Uma outra illusão é que nós pensamos que os Santos não deviam fazer o que nós somos obrigados a fazer.

A' força de os vermos revestidos d'ouro e purpura, á força de vermos a corôa na sua fronte e ouvirmos contar os seus milagres, imaginamos que os Santos eram creaturas á parte, de uma vida completamente extraordinaria.

Assim, por exemplo, se tivesseis vivido na Galileia no tempo de Herodes terieis talvez encontrado alguma vez um pobre carpinteiro, que depois de ter trabalhado todo o dia, de ferramenta ás costas, voltava para junto de sua esposa, que lhe tinha já preparada a ceia. Era S. José que voltava para junto da Santissima Virgem. Se tivesseis vivido no tempo da prégação do Salvador e passeasseis ao longo do lago de Genesareth terieis visto dois homens que remendavam suas redes e falavam de peixe e de pesca: eram S. Pedro e S. João.

Se tivesseis vivido em Corintho no tempo do proconsul Galliano, um pequeno fabricante de tapetes, judeu, que trabalhava com dois dos seus companheiros: este fabricante de tapetes e de tendas era S. Paulo.

Se tivesseis vivido em Espanha no tempo de Fillipe 2.º, terieis visto um estudantinho que resava com fervor na capela, que estudava a valer na sala de estudo, mas brincava com alma nos recreios: era S. Luiz Gonzaga.

Depois mais tarde, aquelle pastorinho que terieis encontrado debaixo de um carvalho, guardando as suas ovelhas ou levando os sacos de grão para o moinho: era S. Vicente de Paulo.

Outras pastorinhas que terieis encontrado no campo: eram Santa Genoveva e Santa Germana.

Esta pequenina vendedeira e ceifeira de Cuvilly, é a bemaventurada Julia Billiart.

Esse mendigo que anda de porta em porta com seu bordão e seu saco é S. Bento José Labre.

Se alguem nos tivesse dito então: attenção, reparae bem, são Santos, levantae-lhes altares!

Responderieis talvez admirados: póde lá ser! Santos! E então um Santo é só isto?

Não, um Santo não é só isto.

Não se trata de fazer milagres ou maravilhas, —trata-se de fugir do pecado e de cumprir cada um, bem, os seus deveres. E não poderiamos nós fazel-o? Por tanto, *podemos ser Santos.*

E devemos sel-o. Ouçamos o que diz N. Senhor: «*Sêde perfeitos como vosso Pae celeste é perfeito. Sêde Santos porque eu sou Santo.*»

Ouçamos agora S. Paulo: «*A vontade de Deus é esta: que sejaes Santos*».

Lembremo-nos que não ha meio termo: ou seremos Santos no Céu ou condemnados no inferno. E' forçoso escolher.

Não nos esqueçamos que fomos creados para sermos Santos e ir para o Céu. Como S. João Berchmans digamos: «*Quero ser um Santo, um grande Santo e hade ser em pouco tempo.*»

O exame final

Uma creança levava um dia para casa, cheia de alegria, o seu primeiro premio obtido no cathecismo.

A mãe deu-lhe um grande e terno beijo e o acariciou muito pela consolação que ele lhe dava.

O pae sorrindo friamente diz: «E o premio em historia, em arithmética, em gramatica? São estes, meu filho, os premios que te tornarão feliz e util no futuro; o de cathecismo não te serve para os exames nem te abrirá nenhum futuro na vida. . .»

A creança, desgostosa, calou-se por uns instantes. Depois, como que iluminado por uma luz superior, respondeu:» Papá, o premio de cathecismo ha de servir-me para o *exame* final de Deus e me abrirá as portas do Ceu».

Recordemos esta bella e sublime resposta e que os paes trabalhem para que seus filhos possam merecer o premio em cathecismo sem prejuizo d'outros que lhes pódem ser uteis.

As apparições de Lourdes

VII

Terceira apparição, em 18 de Fevereiro.—Promessa da Apparição

Na cidade, a classe popular ocupava-se muito das apparições de Massabielle. Mas, como eram contadas por raparigas e creanças, em geral ligava-se pouca importancia ao que se appellidava de imaginações de cabecinhas loucas.

As raparigas, essas repetiam a toda a gente num tom de sinceridade que empolgava a convicção:

—Ah! se vissem Bernadette em extase! Já não é ella, mas um anjo em adoração. E' mais bella que os anjos que rezam nos nossos altares!

Havia em Lourdes uma congregação de Filhas de Maria, cuja presidenta, Elisa Latapie, tinha morrido alguns mezes antes. Senhora bastante notavel pela sua doçura, affabilidade de caracter, distincção e generosidade d'alma, conciliava a estima de todos e a sua memoria tinha deixado como que um sulco de luz e de bondade.

Interessava-se por cada uma das raparigas, amava-as, seguia-as na vida, e para todas era a melhor amiga, — pode-se até dizer a melhor das mães, porque a sua ternura para com ellas era ao mesmo tempo muito viva e muito esclarecida. Nas ruas da cidade não havia ninguem que não a saudasse com respeito e no dia do seu enterro houve uma imponente manifestação de pesar e de sympathia.

Uma joven, Antonieta Zeydet, tinha sem duvida por essa senhora uma affeição mais profunda que as outras, porque, numa edade em que tudo se esquece depressa, ella chorava-a sempre.

Quando as suas companheiras lhe contaram que Bernadette via uma apparição em Massabielle, dirigiu-se ao «Carcare» e pediu numerosas explicações á creança. Esta era muito sobria quanto aos acontecimentos que lhe diziam respeito pessoalmente, mas respondia de bom grado ás preguntas que lhe eram dirigidas ácerca da Apparição. Descreveu a Senhora mysteriosa, as suas feições, os seus olhos, o seu ar de bondade celeste, o seu traje branco com um cinto azul.

Antonieta viu nesse traje parecenças com o habito das Filhas de Maria.

Ocorreu-lhe a ideia de que era talvez Elisa Latapie que apparecia a Bernadette, por permissão divina, para pedir orações. Desde então esse pensamento jámais a abandonou e deu-se pressa em communicá-lo a uma das suas amigas, a senhora Millet, de Lourdes, na manhã de quarta-feira 17 de Fevereiro, resolvendo ambas fazer uma visita á familia Soubirous, na tarde desse mesmo dia.

Chegam ao cahir da noite e encontram a mãe Soubirous a reprehender severamente sua filha. Bernadette com effeito supplicava-lhe que a deixasse voltar pela terceira vez á Gruta e ella recusava-se com má disposição, mesmo com uma certa irritação, a satisfazer essa supplica, invocando sobretudo razões de saúde.

—Seria talvez mais perigoso para ella, responderam-lhe as duas visitas, ser privada desse gôso. Se lhe contraria esse desejo, que afinal de contas é tão razoavel, ficará muito triste e talvez adoeça.

—Então, exclamou a mãe, descobrindo a verdadeira razão, as senhoras querem fazer de minha filha um alvo de troça!

—Nós? A senhora faz-nos uma injuria imaginando semelhante cousa! Não insistimos, mas deixe que sempre lhe digamos, ao deixá-la, que contrahe uma grave responsabilidade. Quanto a nós, em verdade, não ousariamos assumi-la. Quem sabe se a senhora não está contrariando os designios de Deus!

Luiza Soubirous era uma mulher de fé viva e por isso estas palavras tornaram-na inquieta e perturbaram-na. Pegou-lhes nas mãos que apertou com força e affectuosamente.

—Ah! disse ella, eu perco a cabeça.... Mas quero crer que as senhoras não me enganam... Confio-lhes minha filha... Vejam o meu soffrimento, as minhas angustias... Por caridade, olhem por ella!

Assim no dia seguinte antes do romper da manhã ellas veem buscar Bernadette a casa. Ao subir ouvem tocar o sino, que annuncia uma missa rezada. Dirigem-se á egreja para assistir a ella e para collocar a sua diligencia sob a protecção divina.

E' natural a suposição de que rezam com o maior fervor; tantos e tão diversos são os sentimentos que se agitam e atropellam nas suas almas!

Em seguida encaminham-se para Massabielle.

A luz do dia mal desponta, as portas das casas não estão devidamente abertas, por isso poucas pessôas reparam nellas. A senhora Millet leva na mão a vella benzida na festa das Candeias, que ella reserva para a acender no seu quarto nos dias de festa da Santissima Virgem e nas occasiões de trovoada. Antonieta Leydet está embrulhada num grande capuz preto dos Pyreneus, onde occulta uma folha de papel, tinta e uma penna.

Como S. João correu e chegou primeiro que S. Pedro ao sepulchro de Jesus, Bernadete, logo que se acha no caminho de Massabielle, adianta-se ás suas companheiras. Avança, corre, dir-se-ia que tem azas; vae já subindo a encosta, depois desce rapidamente e penetra na gruta. As duas senhoras, não conhecendo tão bem o caminho pedregoso, só lá chegam alguns minutos depois. Bernadette está de joelhos e com os olhos fixos na ogiva negra por cima da sarça, reza o terço. Ellas acendem a vela benta, ajoelham-se tambem e, como a creança, recitam o rosario. Oram assim por momentos, em silencio, deante do rochedo. De repente a pastorinha solta um grito de alegria: «Lá vem Ella!... Ei-la!» E prostra-se até ao chão com o rosto radiante de felicidade.

As suas duas companheiras olham na direcção da gruta, para a sarça de roseiras bravas, e não vêem senão os rochedos asperos e escalvados.

—Continuemos a rezar, diz a senhora Millet; se a Dama invisivel é aquella que julgamos, as nossas orações ser-lhe-ão certamente agradaveis.

Bernadette tinha os olhos fixos na Apparição, falava, sorria, era feliz, o seu coração estava em communicação com o da Dama, e ella gosava dessa dôce felicidade, mas não entrou em extase. A Dama queria fallar-lhe e, como não convinha que se pudesse fazer passar Bernadette por uma vesionaria, ella conservava a plenitude tranquila das suas faculdades.

V. de M.

Congresso Eucharistico

Deve realizar-se em **Braga** nos dias 2, 3, 4, 5. e 6 de Julho, o primeiro Congresso Eucharistico Nacional. Tudo indica que terá um brilho excepcional e que ficará marcando uma época de reviviscencia religiosa e de amôr para com Nosso Senhor, na Santa Eucharistia, de harmonia com as tradições do nosso Portugal tão devoto do Santissimo Sacramento.

Saudemos a Virgem

Saudemos a Virgem,
Devotos romeiros,
Saudemos a Virgem
Nos vales e oiteiros.

Saudemos a Virgem
Das pedras no meio,
Saudemos a Virgem
Cantando em cheio.

Saudemos a Virgem
Dalma e coração,
P'ra que dê a todos
A graça e perdão.

Saudemos a Virgem
Na Cova da Iria,
Saudemo-la sempre,
Que é nossa alegria.

Saudemos a Virgem
Nas pedras da serra,
Saudemos a Virgem
Nas glebas da terra.

No sol que nos enche
A terra de luz
Saudemos a Virgem
A Mãe de Jesus.

Saudemos a Virgem
Nos astros luzentes,
Saudemos a Virgem,
Se nós somos crentes.

Saudemos a Virgem
Na briza que passa
Ella é a Bemdita,
A cheia de graça.

Saudemos a Virgem,
Que é nossa Mãe;
Chorando contritos,
Saudai-a tambem.

Saudemos a Virgem
Com gozo profundo
Saudemos, cantando-a
Rainha do mundo.

Saudemos a Virgem,
Tão pura e sem par,
E tudo a saúde
O ceu, terra e mar.

Saudemos a Virgem,
Saudemos cantando
Quem cantar não possa
Saúde-a rezando.

Saudemos a Virgem
Que quer penitencia
E manda fazer
A's paixões violencia.

Saudemos a Virgem,
Que ella nos dará
Emenda de vida
E nos salvará.

O' ceus, vinde, vinde
Fazer companhia
Aos homens que cantam
A' Virgem Maria.

O bemdito terço
Trazemos comnosco,
Cantando «o Senhor,
Maria, é comvosco».

Aqui todo um povo
Te adora, ó Maria,
E te canta ufano
Com viva alegria!

P.e Correia

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é destribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	9:075:620
Impressão do n.º 18....	200:000
Outras despezas.....	36:000
Papel de impressão....	4:256:900
Somma....	13:568:520

Subscrição

(Continuação)

D. Joanna Ferreira da Fonseca	10$000
D. Maria José e D. Maria Julia Henriques Lino ...	10$000
Donativos (Salvaterra) ...	3$000
D. Eulalia Pereira Sá Couto	10$000
Donativos, jornaes, etc. Carrascos)	30$000
P.e Augusto José Vieira (resto de umas contas)	15$000
D. Angelina de Jesus e Silva.....	10:000
D. Maria Perpetua Vidal Patricio.....	10:000
D. Maria da Graça de Carvalho.....	10:000
D. Ana da Conceição Rosa.	10:000
Luiz de Souza Moreira...	10:000
D. Amelia Val do Rio Henriques.....	10:000
Ambrozio da Silva.....	10:000
João R. Coelho dos Reis ..	20:000
D. Alice Rodrigues.....	10:000
Deolindo Lourenço.....	15:000
Um devoto de N. Senhora.	100:000
P.e Miguel Jorge (2.º ano) .	10:000
D. Monica d'Oliveira Correia.....	10:000
Rosa de Jesus Cascaes (2.º anno)	10:000
Rosa da Gloria Rebimbas (2.º anno)	10:000
Gloria de Jesus Rebimbas (2.º anno)	10:000
Maria Francisca Manso (2.º anno)	10:000
Maria do Rosario Tavares Gravata (2.º anno).....	10:000
Maria José Costeira (2.º anno).....	10:000
Joanna Baeta.....	10:000
Maria José Vieira	10:000
Manuel José Pereira (2.ª vez).....	5:000
Martinho Afonso Lopes (2.ª vez).....	5:000
Percentagem de terços e jornais avulsos (Pardêlhas)	53:000
De jornais (P.e F. da Motta)	25:000
P.e Antonio Correia Ferreira da Motta	20:000
D. Maria Macieira (2.º ano)	15:000
D. Maria das Dôres de Freitas.....	10:000
D. Albertina d'Albuquerque (2.º anno)	10:000
Dr. Raul de Magalhães (2.º anno).....	10:000
P.e Lino da Conceição Torres	10:000
D. Maria da Conceição Teixeira	10:000
D. Maria da Conceição de Bettencourt Nogueira..	10:000
D. Maria de Souza	10:000
Homero Gomes.....	10:000
D. Anna de Albuquerque Bourbon de Souza Lara	10:000
Augusto M. de Faria Silva Carvalho	10:000
D. Maria Wadington....	10:000
D. Magdalena da Silva ..	10:000
Amadeu de Mesquita ...	10:000
D. Piedade de Jesus Baux	10:000
De jornais (Josefa de Jesus)	17:500
D. Balbina Alvarez Rubiños de Dominguez (2.º anno).....	10:000
D. Ludgera Empis	10:000
D. Palmira dos Anjos Magalhães.....	10:000
Manuel Ramos da Costa..	10:000
Eduardo da Costa Mendonça.....	10:000
Bernardo Tavares Coelho .	10:000
D. Capitolina d'Araujo Guimarães Rino.....	20:000
D. Angelica Artayett Lemos	10:000
José Antonio Gonçalves d'Azevedo (2.º anno) ..	10:000
D. Maria Barbara Simões .	10:000
D. Maria Emilia Tinoco Lobo	20:000
Donativos varios (Francisca Fitipaldi)	74:350
José da Fonseca Castel-Branco	10:000
D. Maria Sophia de Senna Azevedo Martins	20:000
D. Emilia Pacheco Azevedo	10:000
D. Beatriz Artayett Motta Guimarães	10:000
D. Maria da Conceição Santos	10:000
D. Augusta Carvalho ...	10:000
D. Maria Fernanda Santos.	50:000
D. Maria da Conceição Toscano Tinoco (2.ª vez) ..	30:000
D. Maria de Lemos d'Oliveira.....	10:000
Condessa de Azambuja (2.º anno)	10:000
D. Maria Palmira dos Santos Jorge	11:000
D. Anna Sergio Faria Pereira	10:000
D. Virginia Augusta Lopes de Campos	10:000
P.e Luiz Caetano Portela (2.º anno)	10:000
D. Maria de Santiago	10:000
José Euzebio.....	10:000
D. Maria Gonçalves Santos.	10:000
Antonia da Conceição Evarista	10:000
D. Luiza Magdalena d'Albuquerque (2.º anno)	10:000
Percentagem em estampas etc. (Estrada).....	15:000
José Monteiro de Campos .	10:000

Ano II LEIRIA, 13 de Maio de 1924 N.º 20

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE ABRIL

O dia amanheceu esplendido. No firmamento nenhuma nuvem embaciava o azul diaphano.

A estação invernosa parecia ter dado á natureza o adeus derradeiro, e a formosa e gentil primavera fazia magestosamente a sua entrada triumphal.

Passava já das 11 horas, quando o nosso automovel, ao subir a estrada da serra, teve uma *panne* que o obrigou a parar subitamente. Vinte kilometros nos separavam ainda do local das apparições.

Providencialmente, seguia atraz de nós um carro vasio que se dirigia para Boleiros, pequeno logar situado a uma legua de Fátima. E' nelle que tomamos logar, nós e os nossos companheiros de peregrinação: um distincto advogado nosso amigo, três senhoras do Porto das nossas relações e uma creada que pela primeira vez iam a Fátima.

A' medida que nos approximamos do local das apparições, os grupos tornam-se mais frèquentes e mais compactos. Era pouco mais de meio-dia quando chegámos ao pé da egreja parochial de Fátima, ainda em obras, mas já quasi concluida.

Como é Domingo e o dia está lindo, a concorrencia, o que aliás era de esperar, é muito superior á do costume, fóra dos dias 13 de Maio e 13 de Outubro.

Eis-nos agora na Cova da Iria. O recinto em torno da capella parece um vasto mar de cabeças humanas. Devem estar presentes cêrca de quinze mil pessôas.

Dezenas de fieis, homens e mulheres, andam de joelhos, em cumprimento de promessas. Já tinha sido celebrada a primeira missa ás 11 horas pelo rev. Manuel Pereira da Silva, da Camara Ecclesiastica de Leiria.

Algumas centenas de pessôas comungaram a esta missa.

Começa a segunda missa, annunciada pelo toque de uma sineta. E' celebrada pelo rev. dr. Manuel Nunes Formigão, professor no Seminario de Santarem.

O rev. dr. Manuel Marques dos Santos, inicia a comparticipação da assistencia no santo sacrificio, recitando com ella o symbolo dos Apostolos.

Cecilia Augusta Gouveia Prestes depois da sua cura

Em seguida reza o terço, alternadamente com o povo. A sineta dá o signal de *Sanctus*. O silencio é agora mais profundo, o recolhimento mais intenso, a oração mais fervorosa. O sacerdote levanta ao alto a Sagrada Hostia. O momento é solemne e commovente. Milhares de frontes se inclinam em adoração e milhares de bôccas soltam como um grito de fé, e de amôr a exclamação do Apostolo incredulo, tornado fiel: «Meu Senhor e meu Deus!»

Seguem-se as invocações a Jesus Sacramentado. Chega o momento da Communhão. Durante a distribuição do Pão dos Anjos, o «Bemdito e louvado seja» prorompe de milhares de bôccas e repercute-se ao longe e ao largo, como uma apotheose dos homens e da natureza ao Deus feito menino por nosso amôr.

Vêem-se lagrimas de jubilo e de commoção em muitos olhos. Dezenas de pessôas, preparadas pela confissão sacramental, recebem o alimento divino que dá vida e força sobrenatural ás almas.

Acabou a missa. Canta-se o *Tantum ergo* e em seguida dá-se a benção, primeiro a todo o povo e depois a cada um dos doentes em particular.

Sóbe então ao pulpito o dr. Marques dos Santos. Falla sôbre a penitencia tão instantemente recommendada pela Egreja no santo tempo da Quaresma. E' necessario o arrependimento e a emenda dos peccados para obter a salvação eterna.

Junto da fonte agglomeram-se innumeros peregrinos, aguardando cada qual pacientemente a sua vez de encher o recipiente que trouxe consigo com a agua maravilhosa, a cuja efficacia são atribuidas curas extraordinarias. Approxima-se rapidamente a hora da debandada. Muitos romeiros são de terras distantes e por isso apressam a partida. Os menos apressados rézam dentro ou em torno da capella ou afastam-se para sitios proximos afim de comerem os seus farneis.

Iniciamos a viagem de regresso. Pelas estradas que percorremos, os peregrinos que encontramos rezam ou cantam. As suas almas piedosas conservam bem vivas as impressões desse dia de graças e anhelam voltar mais vezes aos pés da augusta Virgem do Rosario, no seu santuario predilecto, em busca da paz e do encanto sagrado que attrahem alli tantos filhos de Portugal e tornam aquella estancia bemdita uma verdadeira antecamara do Ceu.

V. de M.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é destribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Relatorio sôbre o caso de Cecilia Augusta Gouveia Prestes, curada em Fátima no dia 13 de Julho de 1923, de tuberculose pulmonar e peritoneal com ascite (Hydropisia do ventre)

A familia

Cecilia Augusta Gouveia Prestes, de 22 annos de edade, solteira, natural e moradora na villa de Torres Novas, districto de Santarem, vive actualmente em companhia de sua irmã, Idalina Augusta Gouveia Prestes, de 42 annos de edade, tambem solteira. Tem mais uma irmã, Carolina Gouveia Prestes, casada, e tres irmãos, Manuel Ribeiro Gouveia Prestes, de 46 annos, solteiro, Alberto Augusto Gouveia Prestes, de 33 annos, alfaiate, viuvo, e José Nicolau Gouveia Prestes, de 28 annos, serralheiro, casado.

Moram todos em Torres Novas, excepto a irmã e o irmão mais velho que, depois de ter prestado serviço em Lourenço Marques como official miliciano por ocasião da grande guerra, foi estabelecer a sua residencia em Quelimane, onde é empregado na Repartição das Obras Publicas.

O José viveu com a irmã até ao seu casamento, que se realisou em 15 de Agosto de 1923.

O pae, Carlos Augusto Gouveia Prestes, falecido em 1915, muitos annos depois da morte da mãe, foi secretario da Camara Municipal de Torres Novas.

As duas irmãs, que se ocupam no serviço domestico, habitam, ha cerca de 10 annos, um modesto primeiro andar da rua de S. Pedro.

Antes da doença de que vamos fallar, a mais nova trabalhava para fóra em obras de costura. Era então forte e gorda. Pesava 68 kilos.

«Ha tres annos, pelo Carnaval, — dizia ella um dia na sua linguagem expressiva e pitoresca, eu era um *balseiro*, de nutrida que estava.»

Nunca soffreu de nenhuma doença a não ser de sarampo, quando contava apenas sete annos de edade, e dum principio de pleurisia, em Agosto de 1912. Todas as pessôas de familia fôram sempre saudaveis.

O contagio

Esteve varias vezes com longa demora em casa da sua madrinha de baptismo, Virginia da Conceição Lima, moradora na rua Direita. Da ultima vez conservou-se lá cerca de quatro annos. A madrinha era casada com Fernando José de Lima, funileiro, e, embora o marido possuisse recursos sufficientes para viverem com desafogo, ella trabalhava quasi sem descanço, de dia e de noite, como modista, sustentando sósinha a casa. De compleição debil e muito doente, soffria sem cessar desde a idade de 12 annos e tinha com frequencia hemoptises. Os médicos diagnosticaram o mal de tuberculose pulmonar e recommendaram á afilhada que tivesse o maior cuidado em evitar o contagio, porque, nova como era, corria iminente perigo de vida, tratando da madrinha. Todos abandonavam a doente, todos se recusavam a aproximar-se do seu leito de dôr. Vendo-a em estado tão lastimoso, a afilhada, de quem era muito amiga e a quem considerava como filha, não teve a coragem de se separar della. No dia 11 de Novembro de 1920 a pobre senhora sucumbia aos estragos da terrivel enfermidade, entregando a sua alma a Deus. Pouco antes de morrer dispoz que se cumprissem imediatamente as suas promessas e fez di-

Cecilia Augusta Gouveia Prestes antes da sua doença

versas recommendações. Cecilia foi depois para casa da irmã Carolina que, tendo mais tarde casado, vive hoje em Lisbôa. Entretanto, como se achasse bastante fraca, procurou no seu consultorio o dr. Augusto d'Azevedo Mendes, que lhe receitou varios tonicos, com que se deu bem. Passados cinco mêses, retirou-se para casa da irmã Idalina, porque se sentiu doente e impossibilitada de satisfazer com o producto do seu trabalho a pensão que se compromettera a pagar á irmã Carolina para ajuda do seu sustento. Alli o irmão Manuel custeava-lhe os remedios e a assistencia médica, o que nunca succedeu durante a sua estada em casa da outra irmã.

A pleurisia

Foi no mês de Junho, precisamente na vespera de S. João, que ella se mudou e no fim desse mês adoeceu gravemente com uma pleurisia, vendo-se obrigada a recolher á cama.

Esteve de cama um mês, todo o mês de Julho, excepto nos ultimos dias, tendo subido a febre a 40 graus. Foi tratada pelo dr. Eugenio Ribeiro d'Almeida, médico assistente da familia. Chegou a pensar em ir a Lisbôa para se proceder á extracção do liquido, mas verificou-se por fim que isso não era preciso.

Achando-se ligeiramente melhor, continuou a trabalhar, até que em Março de 1922 se sentiu fraca e se reconheceu mais magra do que nunca, tratando-se então com os drs. Ribeiro d'Almeida e Vicente Vinagre, que lhe prescreveram diversos remedios, cuja efficacia pareceu inteiramente nula.

Em 25 de Julho foi a Alcanena consultar o dr. José Ferreira Viegas, por não ter obtido resultados favoraveis com a assistencia dos médicos de Torres Novas. Aquelle facultativo, constatando que os pulmões estavam afectados, receitou-lhe varios medicamentos que produziram effeito, recuperando a enferma um pouco as forças.

A tuberculose e a ascite

Depois de mais algumas visitas ao dr. Viegas, Cecilia partiu para Lisbôa no dia 2 de Janeiro, por indicação do dr. Almeida, que a tinha achado muito mal, com o ventre bastante elevado, devido á ascite, cujos symptomas haviam entretanto aparecido.

Entrou no dia 14 desse mês no Hospital de D. Estephania. Submettida a um regimen lacteo rigoroso durante dezoito dias, tomava quinino, tricalcina e lactose. Descobriu-se nessa ocasião que ella sofria tambem de albumina. O ventre baixou de todo.

Pediu alta em fins de Janeiro e regressou logo a Torres Novas. Foi, porém contra a vontade dos médicos e das enfermeiras que sahiu do hospital, porque, longe de estar curada, o mal continuava a miná-la sem piedade. Todos lhe prediziam que havia de recahir.

Passou o mês de Fevereiro regularmente e o mês de Março um pouco melhor, peorando em Abril. Andava de pé, mas com o ventre outra vez inchado e com febre alta. Esta elevou-se quasi sempre a 39 e 40 graus nêsse mês, em Maio e em Junho. Conservou-se de cama quasi todo o mês de Junho.

Agua da fonte das apparições

Quando a madrinha estava doente, Cecilia pedia com muito fervor a sua cura ao Senhor Jesus dos Lavradores, cuja sagrada imagem se venera na egreja de S. Thiago, e, como, apesar disso, a sua dedicada amiga e protectora morresse, cahiu em profundo desanimo e desde então não quiz pedir mais nenhuma graça. Agora, porém, animava-a uma grande devoção para com a Santissima Virgem e uma confiança illimitada e inabalavel no seu poderoso valimento junto de Deus.

Havia muito tempo que a irmã lhe ministrava em segredo agua de Fátima, deitando colheres della no chá,

no leite e nas gemadas. Um sobrinho de tres anos, a quem isso causava extranhesa, foi-lhe dizer que a tia deitava agua na comida. Um dia a doente, anciosa por saber que especie de agua era aquella, queixou-se de que a gemada estava insipida e sem graça. Como a irmã se visse então forçada a confessar que lhe deitava sempre na comida algumas gottas de agua de Nossa Senhora, observou que não era preciso fazê-lo a ocultas, porque a beberia sempre de muito bom grado. A irmã procedia assim por julgar que ella não acreditasse na efficacia sobrenatural da agua de Fátima.

Prognosticos terriveis

Foi em Dezembro de 1922, quando aconselhou a doente a ir a Lisbôa, que o dr. Almeida disse á irmã que ella estava tuberculosa da cabeça até aos pés. Chegou um dia a exclamar, significando tristemente que não havia esperança de cura: «Que quer que eu lhe faça?!» Nos principios de Junho o dr. Viegas affirmou tambem que ella estava perdida, a desfazer-se. Quando já não podia ir a Alcanena, foi lá o irmão José dar informações áquelle clinico e pedir-lhe que receitasse alguns remedios. O médico declarou que ella não durava quinze dias e mandou-lhe apenas repetir um frasco que já tinha tomado, de hydropenol, para os rins, que quasi não funcionavam.

O dr. Durão, o dr. Mira da Silva e outros médicos do Hospital de D. Estephania, consideravam do mesmo modo a enferma irremediavelmente perdida. Assim o diziam ao irmão José. A ella, quando fazia preguntas sobre o seu estado, davam respostas como esta: «Pode ser que melhores, mas estás muito doente.»

Os ultimos Sacramentos

Era grande o desejo que Cecilia tinha de ir á Fátima no dia 13 de Junho, dia de Santo Antonio, o glorioso thaumaturgo português, afim de pedir a sua cura a Nossa Senhora do Rosario. A familia aproveitou o ensejo que se proporcionava para que ella recebesse os sacramentos, não se mostrando disposta a consentir na sua ida á Fátima, porque todos asseguravam que morreria no caminho, se emprehendesse tal viagem.

O dr. Augusto Mendes, chamado para tratar da doente na ausencia do dr. Almeida e informado do seu vehemente desejo, declarou que se oppunha como médico a que fôsse á Fátima mas que, se ella inspirada pela devoção quizesse ir lá, não podia obrigá-la a ficar em casa e que por isso fizesse o que melhor lhe parecesse. A sua opinião era que não realisasse essa viagem, mas que no emtanto, se era religiosa, preparasse a sua alma para Deus.

Ao ouvir estas palavras, a doente convenceu-se de que a sua vida corria perigo e, pegando no terço, rezou a Nossa Senhora de Fátima, supplicando-lhe que a salvasse. Havia já muito tempo que todos os dias recitava o terço e pedia á Virgem do Rosario que se dignasse curá-la, tendo até prometido ir a Fátima no dia de Santo Antonio. O seu estado, porém, aggravou-se a tal ponto que lhe foi absolutamente impossivel cumprir a promessa.

Receando dum momento para o outro um desenlace fatal, a familia encomendou a urna no dia 11 a Manuel Alvorão, morador na rua das Tufeiras, tendo tambem ficado ajustada a mortalha no mesmo dia.

O rev. João Nunes Ferreira, parocho da freguezia de S. Pedro, uma das da villa, depois de ter visitado a doente na vespera, foi confessá-la e administrar-lhe o Sagrado Viatico e a Extrema unção no dia de Santo Antonio. Quando se despediu, disse á irmã que brevemente a iria de novo visitar, porque sabia pelos médicos que a doente estava perdida.

Passada meia hora, preguntou a Thereza de Jesus Oliveira, pessôa que frequentava a casa da enferma

Cecilia Augusta Gouveia Prestes no principio da sua doença

e sua visinha, se ella já tinha expirado. Na vespera, um rapaz, filho daquella mulher, pediu licença ao patrão para ir ver Cecilia que julgava morta por lhe terem dado essa noticia no estabelecimento em que estava empregado e, ao vê-la ainda viva, mas parecendo agonisante, retirou-se a chorar.

Sensiveis melhoras

Depois de se confessar e receber o Sagrado Viatico, descansou e dormiu um somno regular, durante tres horas, o que já não acontecia havia muitos mêses, porque lhe sahia constantemente agua em abundancia pela bôca, sufocando-se quando a fechava para dormir. A partir desse dia diminuiu a quantidade de agua que deitava pela bôca. Baixou a febre e abrandaram as dôres. O ventre porém, não decresceu de volume. Ella continuou a rezar o terço, implorando a cada momento a sua cura e bebendo todos os dias agua da fonte que brotou no local da primeira apparição.

Peregrinação dolorosa

Este estado manteve-se estacionario até ao dia 13 de Julho seguinte. Nesse dia, ás 6 horas da manhã, cheia de confiança na protecção Maternal de Nossa Senhora, iniciou a sua tão desejada peregrinação á Fátima. Partiu de trem com a irmã Idalina, Florinda Pereira, esposa do irmão Alberto, Maria Leonor, futura esposa do irmão José, Maria José Alves, sua madrinha de chrisma e madrinha de baptismo e chrisma dos irmãos José, Alberto e Carolina, e Francisco Teixeira, ourives da capital.

Foi nos braços da irmã e da futura cunhada da cama para o trem. Sofria imenso com os solavancos. As dôres eram horriveis. O vehiculo seguiu pela estrada que atravessa a serra d'Ayre. A doente ia entre Maria Leonor e Florinda Pereira, amparada por ambas, ficando na frente a madrinha. De vez em quando, presa duma aflição indizivel, exclamava: «Valha-me Nossa Senhora do Rosario! ou então: «Nossa Senhora me acompanhe!» A sua fraqueza era extrema. Cahia frequentemente com syncopes para cima das suas companheiras de viagem.

O ceu estava encoberto. Emquanto subiam a estrada da serra, choveu, mas pouco e durante pouco tempo. A atmosphera era pesada e quente. Num lanço mais ingreme da estrada o cocheiro pediu a todos os passageiros que se apeassem. A doente accedeu tambem a esse pedido, mas, como não podia andar, teve de voltar immediatamente para o carro com a Maria Leonor. Esta dizia para os outros companheiros de viagem: «Vamos ter trabalhos pelo caminho; ella morre-nos antes de chegarmos a casa». Foi precisamente por esse motivo que José Prestes não quiz acompanhar a irmã, dizendo que ella morreria com certeza durante a viagem.

Em Fátima: a cura

A doente desceu do trem ao pé da egreja parochial de Fátima, assistiu á ultima parte de uma missa que se estava celebrando e, logo que sahiu da egreja, poude urinar. Havia muito tempo que o não fazia, senão raras vezes e com extrema difficuldade, tendo tomado remedios para pôr termo a essa tortura, mas debalde.

Foi no trem até ao local das apparições. Chegou lá ás 11 horas. Estava a acabar a primeira missa campal. Os companheiros aproveitaram o intervallo entre a primeira e segunda missa para comerem o farnel que tinham levado. Ella não tomou quasi alimento nenhum. Terminada a refeição, fôram todos ouvir a segunda missa.

A multidão que áquella hora se agglomerava na Cova da Iria era enorme. Antes da missa a enferma tornou a urinar. O seu aspecto era o d'uma paralytica. Tinham na deitado no chão em almofadas. Chorava silenciosamente vendo-se naquelle logar em tão triste estado. A irmã chorava tambem. Muitas pessôas preguntavam se ella era aleijada.

Pedia a sua cura com muito fervor.

Um individuo de maneiras distintas, que a viu da capellinha onde se encontrava, reconhecendo que era uma enferma, foi buscá-la, e dominado pela commoção ao contemplar de perto aquelle cadaver ambulante, não poude suster as lágrimas, que lhe corriam copiosamente pelo rôsto. Amparada pela irmã Cecilia entrou no santuario e ajoelhou aos pés da estatua de Nossa Senhora. Não assistiu á benção dos enfermos, porque teve uma syncope, que a forçou a recolher logo ao carro.

No regresso tomaram pela estrada de Villa Nova de Ourem. Ao pé da fonte, que está situada á entrada daquella villa, o vehiculo parou para os cavalos descansarem e beberem agua. Então ella, sentindo um appettite extraordinario, poz-se a comer do farnel das companheiras, a saber: bacalhau albardado, almondegas de bacalhau, carapaus fritos, pão com queijo, uma tigelinha de morangos e peras, não comendo mais porque a irmã e as companheiras o não consentiram com receio de que lhe fizesse mal. Queria provar de tudo. A digestão fez-se regularmente. Os balanços do carro desde a partida da Fátima não lhe causaram nenhum incomodo. Numa excelente disposição physica e moral, já conversava animadamente, já ria e cantava.

Eram 11 horas da noite quando chegou a Torres Novas. As visinhas que estavam á janella, aguardando a sua chegada, julgavam que vinha morta. Até esse dia não tinha posição para estar na cama. Dormiu a somno solto toda a noite. No dia seguinte levantou-se muito bem disposta. As dôres e o mal estar tinham desapparecido. O ventre baixara, readquirindo dentro de pouco tempo o seu volume normal. Continuava a sentir um appetite devorador. Podia alimentar-se de tudo. No mês de Agosto houve um dia em que ingeriu meio kilo de amendoim. Nunca mais tomou remedios, nem leite, nem gemadas.

Voltou no dia 4 de Outubro ao consultorio do dr. Viegas que, depois de a auscultar, traduziu a sua visivel surpreza, preguntando o que tinha feito para se curar. Cecilia não ousou dizer-lhe nada ácerca da sua ida á Fátima, temendo que fizesse troça d'ella. Pediu apenas que declarasse o que pensava do seu estado, porque se sentia curada. O médico exprimiu-se nestes termos: «Está completamente bôa, mas bastante fraca. Precisa de tomar injecções de cocodylato de sodio». E, tendo feito a respectiva receita, continuava a manifestar a admiração de que estava possuido. A cliente perplexa e confusa, limitou-se a balbuciar que havia tomado os remedios que elle receitara, o que não era a expressão exacta da verdade, porque não tinha tomado mais nenhum remedio nem chamado mais nenhum médico depois do regresso de Fátima.

O dr. Almeida que a vira num estado verdadeiramente lastimoso e a quem constara que ella se achava curada, passando perto da porta da sua antiga cliente com sua esposa e a familia Amado e vendo-a á janela, disse-lhe que precisava de a observar, promettendo ella ir em breve ao seu consultorio. Dias depois, como não lhe appareeesse, aquelle clinico procurou-a em casa, examinou-a attenta e minuciosamente e, terminado o exame, disse-lhe que estava curada, deu-lhe os parabens, e assegurou que nem elle nem os seus collegas a tinham curado, porque isso era humanamente impossivel.

O pharmaceutico Antonio Fernandes Lima, ao vê-la em Janeiro seguinte na sua pharmacia, onde fôra pagar o resto duma conta que devia, ficou surpreendido em extremo e exclamou: «Está aqui um verdadeiro milagre!» Ouvindo estas palavras, Cecilia preguntou, sorrindo: «Então ainda acredita em milagres?» Ao que retorquiu o pharmaceutico: «Então porque não hei-de acreditar, se estou deante dum verdadeiro milagre?!» Cecilia voltou á Fátima, em acção de graças, em 13 de Setembro e em 13 de Outubro. Não foi lá em Agosto por ser nessa ocasião o casamento de seu irmão José. No mês de Setembro chegou ao logar das apparições, em jejum natural, assistiu á primeira missa, commungou, tomou algum alimento e foi depois ouvir a segunda missa e o sermão. Em Outubro chegou á hora da segunda missa.

Actualmente gósa de perfeita saúde, come com excelente appetite, dorme admiravelmente bem, sentindo-se mais forte do que antes da terrivel enfermidade que a levou ás portas da morte. Pesava outr'ora, como dissemos, 68 kilos. Durante a doença chegou a ter apenas 34 kilos. Todos os mêses tem aumentado 3 kilos aproximadamente.

Em toda a parte por onde ella passa espalha a admiração e o assombro pelo poder maravilhoso da augusta Virgem do Rosario, a cuja intercessão atribue a sua cura verdadeiramente extraordinaria e humanamente inexplicavel.

Conclusão

Em resumo:

Cecilia Augusta Gouveia Prestes, natural e moradora em Torres Novas, atacada de tuberculose pulmonar e peritoneal com ascite, completamente desenganada dos médicos, tendo recebido os ultimos sacramentos e tendo já sido encomendados para o seu cadaver o caixão e a mortalha, é conconduzida a Fátima no meio de horriveis sofrimentos, com syncopes contínuas causadas pela extrema fraqueza e quasi moribunda, na manhã do dia 13 de Julho de 1923. Na tarde desse mesmo dia regressa a Torres Novas, apresentando todos os signaes duma cura, produzida em poucas horas, sem o auxilio de nenhum meio therapeutico. Decorreram muitos mêses sem que essa senhora tenha experimentado o que quer que seja que recorde a doença de que soffreu mais de dois annos. Perante estes factos, cumpre reconhecer que a rapidez das modificações constatadas não póde explicar-se de um modo natural e está acima do poder da sciencia e dos seus meios de acção.

Attestados médicos

Domingos Roque Laia, chefe da Secção do Registo dos doentes hospitalisados dos Hospitais Civis de Lisbôa:

Certifico que no numero novecentos e oitenta e três, do livro de registo cento e oitenta e nove, da entrada dos doentes, consta que: Cecilia Augusta Gouveia Prestes, filha de Carlos Augusto de Oliveira Prestes e de Maria da Piedade Oliveira, de vinte e um anos de idade, solteira, domestica, natural de Torres Novas, freguezia de S. Salvador, concelho de Torres Novas, distrito de Santarem, e residente na rua do Arco do Limoeiro, séte, quarto andar, freguezia de São Tiago, concelho e distrito de Lisbôa, esteve em tratamento na enfermaria do Carmo, do hospital de Estefania, desde quatro de janeiro de mil novecentos e vinte e tres, até vinte e quatro de janeiro do mesmo ano: Doença de que se tratou: **«Peritonite tuberculosa»**. Esta certidão é passada conforme autorisação da Direção Geral dos Hospitais em requerimento da propria.

Para constar passei a presente certidão que vai por mim assinada e selada com o sêlo dos Hospitais Civis de Lisbôa.

Secção de Registo dos Doentes Hospitalizados, Lisbôa, 6 de Maio de 1924.

O Chefe — (a) *Domingos Roque Laia.*

(Segue-se o reconhecimento).

Eugenio Ribeiro d'Almeida, subdelegado de saúde de Torres Novas, etc.

Atesto que Cecilia Augusta de Gouveia Prestes, solteira, de vinte e dois anos, residente na freguesia de S. Pedro, desta vila, se encontra em bôas condições de saúde e sem dar qualquer contagio, a despeito da enfermidade adiantada da bacilose de Koch, que segundo observei e me foi confirmado, padeceu até ha quasi um ano e de que logo, principiou a melhorar pouco tempo depois, confesso, contra a minha espectativa. E este facto certifico e juro por ser verdade e me ter sido pedido.

(a) *Eugenio Ribeiro d'Almeida*

(Segue-se o reconhecimento)

Augusto d'Azevedo Mendes, Bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra:

Attesto sob minha honra, que Cecilia Augusta Gouveia Prestes, de 22 annos de edade, residente na freguezia de S. Pedro, n'esta vila de Torres Novas, foi observada por mim na sua residencia, em Junho de 1923, tendo diagnosticado uma **peritonite tuberculosa** com grande derrame da cavidade peritoneal, notando-se ainda lesões pulmonares de caracter bacilar, que davam á doença um prognostico extremamente reservado.

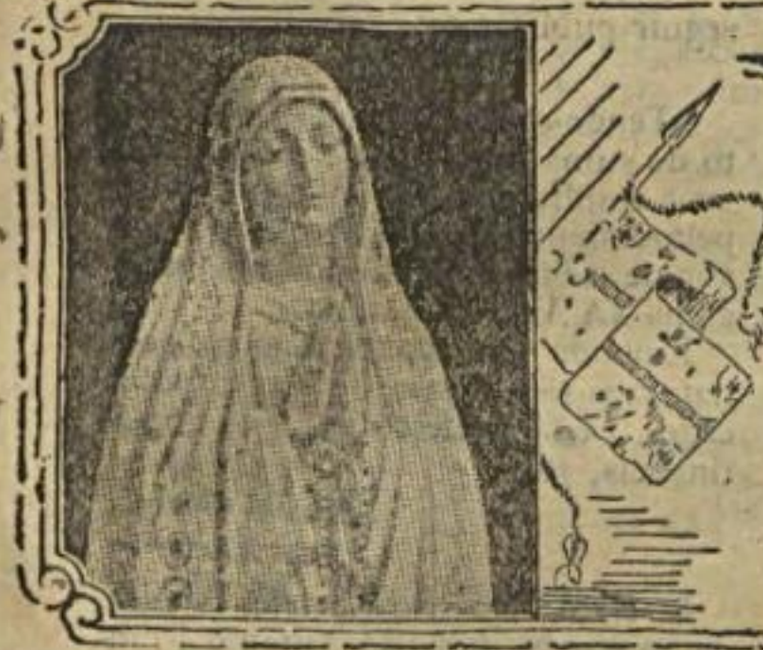
A doente apresenta hoje um aspecto saudavel e robusto, não dando á observação vestigios sensiveis da sua anterior doença.

Torres Novas, 20 de Abril de 1924.

(a) *Augusto d'Azevedo Mendes*

(Segue-se o reconhecimento) *V. de M.*

Ano II LEIRIA, 13 de Junho de 1924 N.º 21



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

A grande peregrinação nacional

(13 de Maio de 1924)

Uma vez mais sem um reclamo, sem um convite, sem um simples aviso, o coração de Portugal latejou fortemente sob o impulso dominador e irresistivel da Fé e da devoção á augusta Mãe de Deus, e de todos os recantos do paiz uma multidão innumeravel de fieis, como um exercito que obedece a uma ordem de commando, precipita-se em torrentes caudalosas sôbre os paramos áridos e escalvados da Serra d'Ayre no centro da Extremadura.

Nunca, como neste dia, foi tão grande a afluencia de peregrinos á região do mysterio e do prodigio, á Lourdes portuguêsa.

Cerca de cem mil pessôas, seguramente, visitaram o local das apparições, rendendo o preito da sua veneração e do seu amôr á gloriosa Padroeira da nação alli invocada com o titulo de Nossa Senhora do Rosario.

Em Torres Novas, onde passámos a noite de segunda para terça-feira, debalde tentámos conciliar o somno.

Desde a vespera á tarde era incessante o movimento de peões que se encaminhavam para a serra.

Durante toda a noite o transito de vehiculos de toda a especie constituia um espectaculo sobremaneira interessante, que presenciámos commovidamente da janella do nosso quarto. As mesmas senas encantadoras de que fomos testemunha naquela villa, de gloriosas tradições historicas e sempre gentilmente hospitaleira, se desenrolavam em muitos outros pontos de concentração e de passagem dos peregrinos, proximo de Fátima, como Leiria, Pombal, Thomar, Abrantes, Villa Nova de Ourem, Rio Maior, Porto de Moz, Alcobaça e Batalha.

Chegámos á Cova da Iria ás nove horas em ponto.

Sobre a estrada e nas immediações estacionavam milhares de vehi-

A miraculada D. Emilia de Jesus Oliveira

culos de todos os feitios e tamanhos, desde o confortavel automovel de luxo até á humilde e incomoda carroça.

Em torno da capella commemorativa das apparições agglomerava-se e comprimia-se uma mole de povo, verdadeiramente colossal.

Desde a madrugada que as missas se sucediam ininterruptamente, celebradas por sacerdotes préviamente inscriptos.

A multidão, em grupos, reza o terço em voz alta. De vez em quando ergue-se um cantico em honra da Virgem.

Em cada missa, emquanto um sacerdote distribue a Sagrada Communhão, canta-se o «Bemdito». Homens e mulheres de velas na mão fazem de joelhos o giro da capella. Em frente desta, a uma dezena de metros de distancia, ergue se ao alto, sobrepujando todos os outros, o estandarte da peregrinação de Porto de Moz. Obra prima do grande artista Jorge Colaço, que o pintou expressamente para esta ocasião, atrahe e prende irresistivelmente os olhos de todos os circunstantes, pela sua beleza ideal. O pintor transladou amoravel e delicadamente para a tela a scena imcomparavel das apparições.

Ao lado direito do espectador, vêem-se os pastorinhos extacticos deante da visão da Virgem, de celestial formosura, que lhes apparece de pé sobre uma azinheira.

A' esquerda um pequeno rebanho de ovelhas pasta tranquilamente, roendo as hervas rachiticas e enfezadas que brotam de longe em longe entre as pedras da serra.

E' meio dia official. Sufoca-se dentro do recinto do Santuario.

Varios enfermos são levados em braços para junto do altar. Entre elles vemos o conde de Margaride, de Guimarães, paralytico e mudo, e o capitão Sá Nogueira, de Santarem, tambem paralytico e quasi cego. Uma senhora bastante nova approxima-se a muito custo do recinto sagrado e manifesta o desejo de entrar. E' D. Cecilia Augusta de Gouveia Prestes, de Torres Novas, curada em Fátima no dia 13 de Julho ultimo, de tuberculose pulmonar e peritoneal com ascite (hydropsia do ventre).

Um sacerdote reconhece-a e facilita-lhe a entrada, assim como a uma irmã e um sobrinho que a acompanham.

Proximo da capella assistem aos actos religiosos D. Maria Augusta Figueiredo e a menina Maria Amalia Canavarro, ambas de Santarem, curadas o anno passado, esta de uma meningite em 1 de Março e aquella de um tumor de caracter suspeito em 13 de Maio.

Numerosos médicos, alguns de localidades distantes, conservam-se dentro do recinto da capella ou encontram-se confundidos com a multidão. Como em Lourdes, aonde acorrem todos os anos centenas de médicos de diversas nacionalidades para estudarem á luz da sciencia os factos maravilhosos que se desenrolam deante dos seus olhos, vêem-se alli professores ilustres das nossas faculdades e clinicos de grande no-

meada da capital e de muitas cidades da provincia. Junto do altar, um especialista distinctissimo de Lisbôa, que ainda ha poucos anos era atheu e livre pensador empregando todo o seu ardor combativo na guerra contra a Egreja, segue attenta e piedosamente as cerimonias do augusto sacrificio da missa.

E' uma hora e meia official, a hora das apparições. De repente a temperatura baixa extraordinariamente, a luz do dia diminue de intensidade e um circulo enorme e mysterioso circunda completamente o sol por todos os lados.

Sóbe ao altar para dizer a ultima missa o rev. dr. Luiz de Andrade e Silva, de Villa Nova de Ourem.

Do pulpito Mons. Freitas de Barros faz em voz alta as invocações do costume, repetidas em côro pela multidão.

Reza-se o terço e canta-se o *Parce Domine*, o *Adoremos* e o *Bemdito*.

Depois da missa dá-se a benção com o Santissimo Sacramento, primeiro a todo o povo, e em seguida a cada um dos enfermos alinhados em torno do altar.

Por fim sóbe ao pulpito o rev. Luiz de Sousa, que falla sentidamente da Virgem Santissima e do seu amôr a Portugal, tendo palavras vibrantes de justa indignação contra os excessos e exageros das modas, que com as suas immoralidades profanam indignamente os logares consagrados a Deus. Algumas dezenas de milhares de exemplares da «Voz da Fátima» são distribuidos gratuitamente pelos fieis.

Desperta immenso interesse a cura extraordinaria de D. Cecilia Prestes, de Torres Novas, de que acima fallámos, cujo relato desenvolvido, acompanhado de atestados médicos, é lido com avidez e commoção.

Em torno do poço circular que por quinze torneiras fornece a água da fonte das apparições, estaciona uma multidão immensa, que se renova incessantemente, esperando cada um a sua vez de beber e prover-se da água, a cuja eficacia são atribuidas numerosas curas extraordinarias e humanamente inexplicaveis.

São quási quatro horas.

A assistencia começa a debandar.

As estradas proximas estão de novo litteralmente atulhadas de peões e de vehiculos de toda a especie.

Os peregrinos no seu regresso, reconhecidos e edificados, rezam e cantam.

Quantos não conseguiram entrar na capella, nem levar uma só gotta da água maravilhosa! E todavia não se ouve um murmurio, uma queixa, uma lamentação. Sem embargo do seu pesar, todos dão por bem empregada a viágem, tão incommoda e tão dispendiosa, á mysteriosa e encantadora Fátima, que é hoje em Portugal, o mais bello centro de devoção á Santissima Virgem e o mais glorioso throno de amôr a Jesus Christo no augustissimo Sacramento da Eucharistia.

V. de M.

As curas da Fátima

«Vilar, 20 de Março de 1924

... Sr.

Venho pedir a V. para mandar publicar na «Voz da Fátima» um milagre que Nossa Senhora do Rosario de Fátima fez a Emilia de Jesus Oliveira, mulher de Filipe d'Oliveira e Silva, do logar de Vilar, concelho do Cadaval.

Estando ela atacada de tuberculose pulmonar, desenganada pelo sr. dr. Alberto Martins, do Bombarral, que a tratava na sua doença, o marido, cheio de afflição, vae com ela a Lisbôa á Policlinica, consultar o sr. dr. Oliveira Soares. Este depois de a examinar, declarou ao marido estar com certesa tuberculosa. Continuaram com todo o cuidado a ver se podiam combater o mal, mas foi inutil. Cada vez peior. Em meados de Abril de 1922, veio-lhe uma rouquidão que lhe tomou a falla. Emfim, estava ás portas da morte. Maria Teodora da Silva, irmã do marido, que era a sua enfermeira, vendo que na terra nada lhe podia valer, teve uma inspiração! Disse para a enferma: fala-se que Nossa Senhora apareceu em Fátima (não sabia que já lá ia muita gente, nem que já lá se tinham dado milagres). Se Ela lá apareceu, é para consolar os que a Ela recorrem com fé e confiança. Vamos fazer uma novena para ver se Nossa Senhora te dá as melhores.

No fim da novena começa a enferma a fallar e a recuperar a saúde e quando chegou o dia 13 de Maio estava completamente curada. No mês seguinte, 13 de Junho, foi a miraculada, seu marido e mais pessôas de familia, a Fátima agradecer a Nossa Senhora. Já lá vão quasi dois anos e ela, continuando sempre de saúde, faz o serviço de sua casa e cria um filhinho de cinco mezes, muito forte com seu leite.

Com toda a consideração, etc.

Maria Teodora d'Oliveira»

(Tia da miraculada)

Atestado médico

Alberto Martins dos Santos, médico pela Faculdade de Medicina de Lisbôa:

Atteste e juro pela minha honra que a Sr.ª Emilia de Jesus Oliveira casada, de 33 anos, natural e residente em Vilar, concelho de Cadaval, teve uma pleurisia sero fibrinosa primeiro do pulmão direito, depois do esquerdo e mezes depois lesões inflamatorias bacilares no vertice dos dois pulmões, com começo de fusão estando actualmente curada, tendo já feito as despezas organicas de uma gravidez levada a bom termo e agora em começo de outra, e de excellente aspecto é o seu estado actual.

Bombarral, 2 de Maio de 1924

(a) *Alberto Martins dos Santos*

(Segue-se o reconhecimento)

Outra cura

Recebemos a carta e relato que a seguir publicamos:

...Sr.

«Tendo-se dado um caso que reputo de suma importancia na pessôa de uma minha prima, venho muito respeitosamente pedir a V. o especial favor de o tornar conhecido no jornalsinho «A Voz da Fátima.»

Entendo que acontecimentos desta natureza são dignos de serem publicados. Pedindo desculpa desta impertinencia, sou

De V., etc.

Anna Alves»

Maria do Rosario Cadete, solteira, de 22 annos, filha de Antonio Francisco Cadete e de Maria do Carmo Cadete, naturaes e moradores em Monsanto, concelho de Alcanena, é uma rapariga que pelas suas qualidades conquistou a estima de toda a povoação.

No principio de Janeiro, devido a uma mordedura ou a qualquer outra cousa (não se conhece a causa) apareceu-lhe uma pequena ferida junto ao olho direito, que lhe produzia horriveis sofrimentos.

O mal fazia progresso, pois á medida que o sofrimento aumentava, as feições da pobre rapariga deformavam-se.

Foi já neste estado critico que ela conseguiu transportar-se a Alcanena, onde consultou dois distintos médicos — os srs. dr. Ferreira Viegas e Tenreiro, os quais constataram a gravidade do estado da pobre doente, injectando-lhe reactivos apropriados.

Apezar dos cuidados quasi paternaes dos ilustres clinicos, principalmente do sr. dr. Tenreiro seu médico assistente, o mal agravava-se de dia para dia, de hora para hora.

Assim, a cara e a cabeça tomaram proporções quasi monstruosas, devido á grande inchação, que a privou por completo da vista.

Os sofrimentos multiplicavam-se e desse torturante estado partilhavam não só os seus desvelados pais e a visinhança mas quasi toda a povoação que não abandonava aquella casa, onde a pobre rapariga agonisava no seu leito de dôr.

Pensavam todos que, quando a inchação, que já derivava para o peito, atingisse o coração, teria chegado o ultimo momento!

Naquella casa só havia dôr e lágrimas!

Uma piedosa senhora que muito se interessava pela pobre moribunda, pedia incessantemente a Nossa Senhora de Fátima pela cura daquella sua devota; e á enferma, que mal balbuciava alguma palavra, lembrava-lhe que invocasse o auxilio d'Aquela que é a saúde dos enfermos.

Estas palavras despertaram a fé á enferma que, conhecendo a gravidade do seu estado invocava com filial ternura, não com palavras que mal podia articular mas por gestos, e mentalmente, a protecção da Santa Mãe de Deus, pedindo que lhe dessem uma estampa de Nossa Senhora de Fátima, que com fervor unia ao peito.

Uma outra piedosa e ilustre senho-

ra, que em sua casa possuia alguma agua da fonte das aparições, apressou-se a mandá-la á enferma, a qual, depois de lhe dizerem o que era, bebeu uns goles, e sobre os olhos colocaram-lhe uns panos molhados na milagrosa agua. Pela terceira vez que lhe fizeram esta aplicação, verificou-se com pasmo geral que a inflamação lhe tinha desaparecido dos olhos e ela já podia ver as pessôas e cousas que a rodeavam.

Desde então as melhoras acentuaram-se de dia para dia com a mesma velocidade com que nela se via reacender a fé em Nossa Senhora de Fátima.

Eu, que sou sua prima e lhe fui enfermeira, testemunho esta grande graça.

Como é de calcular, a noticia desta graça celeste correu veloz por toda a freguezia acudindo inumeras pessôas para se certificarem da verdade e verificarem com seus proprios olhos, sendo todos unanimes em reconhecer aqui o sobrenatural.

Os pais da miraculada fizeram a promessa de ir em ocasião oportuna com sua filha a Fátima agradecer tão grande graça, assim como muitas pessôas amigas fizeram outras promessas, que já teem cumprido,»

Pediram e obtiveram graças que veem agradecer a Nossa Senhora do Rosario:

—Maria Augusta Cravo Valente, da Murtoza que numa grande aflição recorreu a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, sendo attendida sem demora. Envia 10$000 para as despezas do culto.

—Maria José Santos, tambem da Murtoza (Ribeiro) que estando muito doente recorreu a Nossa Senhora e tendo melhorado envia 30$000.

—Antonio de Sousa Soares que havia 15 dias se não podia deitar, sentindo muita falta de ar. Tendo recorrido a N. S. da Fátima, melhorou.

—Uma anonima (M. H.) que tendo pedido a N. Senhora da Fátima uma graça temporal que parecia irrealisavel a vem agradecer agora, cheia de reconhecimento.

—Ana das Neves, de 25 anos, das Cavadas, freguezia de Almoster (Alvaizare), que sendo ameaçada de uma doença em Maio de 1923 e pouco ou nada tendo obtido recorreu novamente a N. Senhora da Fátima onde veio na peregrinação de maio, promettendo publicar a graça e foi attendida.

Congresso Eucharistico Nacional

Todos podem e devem interessar-se pelo brilhantismo do primeiro Congresso Eucharistico Nacional que vae realizar-se em Braga, de 2 a 6 de Julho. Se nem todos podem assistir pessoalmente, todos podem no entanto fazer nesses dias Comunhões fervorosas com proposito de vida mais preleita e de fé mais viva para com Nosso Senhor na Santa Eucharistica, que é a vida da Egreja e das almas.

Impressões duma peregrina

Pediram-me impressões da minha primeira peregrinação a Fátima que, se Deus quizer, não será a ultima.

Para ser franca, muito e pouco tenho a dizer. Pouco ou nada direi ás pessôas que só desejam ouvir fallar em milagres que póssam ser tocados com o dêdo, como S. Thomé desejou tocar nas chagas de Jesus Christo para n'Elle poder crêr.

A neurasthenia, era a minha doença, e, como affirmam todos os bons médicos, é uma doença terrivel!

D'ella sofria ha mais de 10 annos, mas, que sofrer! . . . Durante estes longos annos, ás vezes sentia pequeninas melhoras, mas *sempre* passageiras ou imaginarias.

Então que viste em Fátima? — me perguntarão. Respondo: Fui a Fátima não para ver, mas sim para ser vista de Maria, a Mãe de Jesus e tambem nossa Mãe! Fui a Fátima para saber pedir, não só a saúde do corpo para mim e para os meus (pois não sabemos ao certo quando esta nos aproveita ou prejudica, só Deus o sabe), mas fui sobretudo para Lhe pedir para todo o mundo, principalmente para Portugal, para os nossos Ex.mos Bispos e todo o Clero, d'um módo especial para os meus Superiores, para a minha querida familia e para mim, *uma Fé mais viva, uma Esperança mais firme e uma Caridade mais ardente.*

Dirá alguem: E foste ouvida? Não podia deixar de o ser, porque estas são graças que Jesus e Maria mais desejam dar-nos.

Em Fátima, N. Senhora fez-me vêr com toda a clareza que Deus é tudo e tudo o mais é nada. Que todas as creaturas, até as mais sabias e santas, não passam de simples creadinhos de Deus.

Dirá ainda alguem: e então só em Fátima soubeste isso?! Já o sabia, mas que diferença, que distancia immensa vae entre o saber e o vêr! Podemos esquecer o que sabemos, mas não podemos deixar de vêr aquilo que vemos com toda a evidencia. Esta visão clara do nada de todas as creaturas e do nosso tudo que é Deus, foi a maior graça que recebi em Fátima.

Sahi de casa no dia 7 d'Abril com destino a Torres Novas, tencionando ir a Fátima no dia 8 ou 9, descansando no dia 10, caso N. Senhora me não curasse das terriveis e permanentes dôres de cabeça e mais incommodos que tinha, ou então, vindo curada, voltar n'esse mesmo dia 10 para a minha casa, no Porto.

Chegada a Torres Novas, todos me diziam que parecia impossivel que, estando o dia 13 á porta, não preferisse ir a Fátima n'esse dia, onde a manifestação de Fé de todos os que lá vão tanto edifica!

Um conjunto de circunstancias muito agradaveis sempre me levou a Fátima no dia 13, o que devéras estimei, sobretudo por N. Senhora me fazer a graça de receber uma benção especial do SS. Sacramento, que se costuma dar aos doentes. Quanto á Fé viva de todos os que lá foram, notei-a mas mal, e, tudo o que vi de material, vi sem vêr! E' que Maria encheu-me o coração tão cheio de Fé e amor *só* n'Ella e em Jesus Sacramentado, que os meus olhos só fixaram Jesus-Hostia, só fixaram Maria! E' a pura verdade, não pude fixar mais nada, nem sequer o Sacrario, nem sequer a Estatua de Nossa Senhora! . . .

A Missa campal estava marcada para o meio-dia, e, pouco mais tarde foi, apesar do desastre que nos aconteceu na ida de Torres Novas para Fátima, em companhia do sacerdote que a celebrou.

A meio do caminho parte o pinhão do automovel que nos conduzia de Torres Novas a Fátima, mas, N. Senhora lógo alli nos deu uma carroça com um grande conforto d'alma que nos veio do Céu! Tivemos pois que trocar o automovel pela carroca e portanto o corpo alguma penitencia fez, sobretudo por sermos doentes e nunca termos andado de carroça! Ai! como vale a pêna alcançar o Céu dentro da carroça d'esta vida, por muitas e grandes que sejam as dôres moraes e phisicas que n'ella experimentemos! Sim, viver é passar da terra para o Céu; o desalento, os grandes desanimos, as neurasthenias, (que os médicos mal sabem curar) desapareceriam por completo do mundo se nós bem fixassemos Maria, pondo n'Ella toda a nossa confiança. Vamos a Jesus, mas sempre por Maria! A minha cura começou no dia em que resolvi ir a Fátima, confiar em Maria. Quem confia em Maria, terá tudo, porque Ella tudo lhe dará, dando Jesus! Jesus Cristo é «a Resurreição e a Vida!»

Teria ainda muito a dizer, mas, não é preciso, os pobres cégos não veriam mais, e, quem tiver olhos de vêr, já vê tudo!

Voltei pois de Fátima redicalmente curada dos meus grandes sofrimentos moraes, e, quasi completamente curada dos meus males phisicos, pois estes eram reflexos d'aqueles, dôres reflexas, mas muito reaes, muito dolorosas, em fim. . . o meu intenso sofrer, só Deus a fundo o conheceu.

Contudo, os Sacerdotes, Médicos e pessôas de familia que me estudaram e aturaram de perto, tambem pódem avaliar um pouco, a grandeza d'esta cura, que N. Senhora quiz fazer para honra e gloria de Sua SS. Mãe.

Resumindo direi: *quereis saber o que é Fátima? Ide lá vêr.*

Mas, pedi sobretudo a Maria que de lá vos não deixe voltar sem vos fazer sentir que Ella vos viu, cheia de amôr.! . .

O maior peccador póde ver Maria apesar de peccador, mas, a graça das graças é ser visto por Maria, pelo seu olhar todo ternura, misericordia e amôr! . .

Nossa Senhora do Rosário de Fátima, salvae Portugal!

Melhor ainda, podemos dizer: N. Senhora do Rosário de Fátima *salvou* Portugal!

Alleluia, Alleluia, Alleluia!

Porto, 20 de Abril de 1924.
Domingo de Paschoa. *M. da L. P.*

Dia 13 de Outubro de 1917

Depois da apparição, ás 7 horas da noite, em casa do Francisco e da Jacinta.

(Continuação no n.º 11)

Interrogatorio da Jacinta

— Alem de Nossa Senhora quem é que viste hoje quando estavas na Cova da Iria?
— Vi S. José e o menino Jesus.
— Onde é que os viste? — Vi-Os ao pé do sol.
— O que é que a Senhora disse?
— Disse que rezassem o terço a Nossa Senhora todos os dias e que a guerra acabava hoje.
— A quem é que disse isso?
— Disse-o á Lucia e a mim. O Francisco não ouviu.
— Ouviste-lhe dizer quando vinham os nossos soldados? — Não ouvi.
— Que mais disse Ella?
— Disse que fizessem uma capella na Cova da Iria. (Doutra vez a Jacinta expressou-se assim: Disse que fôsse a gente fazer lá uma capella).
— Ouviste dizer isso a Ella ou á Lucia?
— A Ella.
— Donde veio a Senhora? — Veio do nascente.
— E para onde foi quando desappareceu?
— Foi para o nascente.
— Foi-se a Senhora recuando voltada para o povo? — Não; voltou as costas.
— Não disse que voltassem á Cova da Iria? — Tinha dito antes que era a ultima vez que vinha, e hoje disse tambem que era a ultima vez.
— A Senhora não disse mais nada?
— Disse hoje que rezasse a gente todos os dias o terço a Nossa Senhora do Rosario.
— Onde é que Ella disse que a gente devia rezar o terço? — Não disse onde.
— Disse que o fossemos rezar á egreja?
— Nunca disse isso.
— Onde rezas o terço com mais gôsto, aqui em tua casa ou na Cova da Iria?
— Na Cova da Iria.
— Porque gostas mais de o rezar lá?
— Por nada.
— Com que dinheiro disse a Senhora que se havia de fazer a capella? — Disse que fizessem uma capella, não quiz lá saber do dinheiro.
— Olhaste para o sol? — Olhei.
— Viste os signaes? — Vi.
— Foi a Senhora que mandou olhar para o sol? — Não mandou olhar para o sol.
— Então como pudeste vêr os signaes?
— Voltei os olhos para o lado.
— O Menino Jesus estava ao lado direito ou ao lado esquerdo de S. José?
— Estava ao lado direito.
— Estava em pé ou ao collo?
— Estava em pé.
— Vias o braço direito de S. José?
— Não via.
— Que altura tinha o menino? Chegava com a cabeça ao peito de S. José?
— O menino não chegava á cintura de S. José.
— Quantos annos parecia ter o menino?
— Era como a Deolinda do José das Neves (creança de um para dois annos.)

Interrogatorio do Francisco

D'esta vez tambem viste Nossa Senhora?
— Vi.
— Que Senhora era? — Era a Senhora do Rosario.
— Como estava vestida? — Estava vestida de branco e tinha o terço na mão.
— Viste S. José e o Menino? — Vi.
— Onde os viste? — Ao lado do sol.
— O Menino estava ao collo de S José ou ao lado d'elle? — Estava ao lado d'elle.
— O Menino era grande ou pequeno?
— Era pequenino.
— Era do tamanho da Deolinda do José das Neves? — Era assim bem como a ela.
— Como tinha a Senhora as mãos?
— Tinha as mãos postas.
— Viste-a só na carrasqueira ou tambem ao pé do sol?
— Vi-A tambem ao pé do sol.
— Qual era mais claro e brilhante: o sol ou o rosto da Senhora? — O rosto da Senhora era mais claro; a Senhora era branca.
— Ouviste o que a Senhora disse?
— Não ouvi nada do que a senhora disse
— Quem te disse o segredo? Foi a Senhora? — Não foi; foi a Lucia.
— Podes dizê-lo? — Não o digo.
— Não o dizes porque tens mêdo da Lucia; receias que ella te bata, não é verdade? — Não.
— Então porque o não dizes? Porque é peccado? — Se calhar, é pecado dizer o segredo.
— O segredo é para bem da tua alma, da alma da Lucia e da Jacinta? — E'.
— E' para bem da alma do Sr. Prior?
— Não sei.
— O povo ficava triste se o soubesse?
— Ficava.
— De que lado veiu a Senhora?
— Veiu da banda do nascente.
— E quando desappareceu, foi para o mesmo lado? — Foi tambem para o nascente.
— Ia recuando? — Ia com as costas voltadas para nós.
— Ia devagar ou depressa? — Ia devagar.
— Ella caminhava como nós? — Não caminhava; ia certinha, não mexia os pés.
— Que parte da Senhora desappareceu primeiro? — Foi a cabeça.
— Agora viste-la tão bem como das outras vezes? — Agora vi A melhor que o mês passado.
— Quando era mais bonita, agora ou das outras vezes? — Tão bonita agora como o mês passado.

V. de M.

Voz da Fátima

Despezas (abril e maio)

Transporte	13.563:520
Impressão (41000 exemplares).	805:000
Transporte de jornais, expedição, etc.	303:000
Somma	14.671:520

Subscripção

(Continuação)

Antonio Ignacio Vicente . .	15$000
João Pinto Caldeira.	10$000
Marquês de Rio Maior . . .	10$000
D. Anna Nobre Costa da Silva (2.ª vez)	5$000
D. Maria Emilia Branco de Mello	10$000
D. Guilhermina Amalia Alvares Fortuna	10$000
D. Maria Apolinaria Godinho (2.º anno)	10$000
Antonio Fragoso (2.º anno)	10$000
Maria Augusta Fernandes (3.ª vez)	7$500
De jornais (D. Maria das Dôres)	116$500
Donativos de duas pessoas curadas, de Pardêlhas . .	21$500
Percentagem em livros, estampas, terços (D. Maria das Dôres)	118$000
D. Anna Aguas de Figueiredo Mascarenhas . . .	10$000
Antonio Aguas Vaz de Mascarenhas	10$000
D. Maria Rosa Magro (4 assignaturas)	40$000
D. Alexandrina Martins Aleixo	10$000
D. Anna Gonçalves. . . .	10$000
De jornaes (Joséfa de Jesus)	28$500
D. Fernanda Adelaide de Brito.	10$000
D. Michaela Caroço. . . .	10$000
P.e Manuel Dias Mattos Lage	10$000
D. Felismina Nogueira Freire	10$000
Antonio Cunha Junior . .	10$000
D. Judith Gama	15$000
D. Eugenia Marques e outras (Lisbôa)	32$500
D. Laura Pereira.	10$000
Donativos varios (D. Maria dos Anjos Matos)	100$000
Adelaide de Jesus da Cunha	10$000
Maria Luisa do Cura . . .	10$000
Alzira dos Anjos Rebello Sebolão (2.º anno) . . .	10$000
D. Maria dos Anjos de Mattos (2.º anno).	10$000
De jornaes (D. M. da C. Alcantara Matheus). . . .	17$350
D. Eufemia de Sousa Soares	10$000
D. Maria Isabel Henriques .	10$000
D. Maria Julia de Sousa. .	10$000
D. Marianna de Queiroz Athayde de Vasconcellos (2.º anno)	10$000
D. Anna de Figueiredo e Sá	10$000
D. Clara Maria Ribeiro Teles (2.º anno)	10$000
D. Adelina Almeida. . . .	10$000
D. Ignacia Soares Gomes .	10$000
D. Maria da Graça d'Abreu Fonseca	12$500
D. Maria Filomena Moraes de Miranda (3.º anno). .	15$000
D. Ermelinda da R. de Miranda	10$000
P.e Miguel R. de Miranda .	10$000
D. Emma Cordeiro Maçãs .	15$000
Alfredo Vieira Guedes de Almeida	10$000
D. Alzira Ramos Simões .	12$000
Condessa de Saphyra . . .	10$000
D. Candida Amaral . . .	10$000
De jornaes (Carrascos). . .	20$000
D. Maria da Esperança Neves	10$000
D. Maria Ferreira Duarte .	10$000
D. Emerenciana Galvão . .	10$000
Donativos de Lisbôa (D. Maria M. Pedrosa)	10$500
D. Herminia Vasco da Costa	10$000
D. Anna Guedes	10$000
D. Maria Guilhermina Sanguinetti.	10$000
D. Laura Forte Barros . .	10$000
P.e João Nunes d'Oliveira e Sousa.	10$000
P.e Joaquim Duarte Alexandre	10$000
P.e Horacio Fernandes Biu (2.º anno).	10$000
João Maria do Vale e Sousa de Menezes Mexia . . .	10$000
D. Emilia de Jesus Oliveira	10$000
D. Amelia Fiuza	10$000
João Rodrigues Coelho dos Reis	45$000
D. Albertina Cunha. . . .	10$000
Joaquim Maria Soeiro de Brito.	10$000
D. Olimpia Cunha Patricio e D. Maria Rosa Patricio	10$000
D. Estrela Vassalo de Mira	10$000

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano II — LEIRIA, 13 de Julho de 1924 — N.º 22

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Após a Santa Missa, celebrada na Capelinha pelo Sr. Dr. Formigão, no dia 14 de Junho, ultimo, o Sr. Bispo de Leiria fundou a Associação **Servos de Nossa Senhora do Rosario da Fátima**, *dando-lhe as regras que os hão dirigir e recebendo o juramento, que lhe prestaram sôbre os Santos Evangelhos, da sua observancia.*

Foi nomeado Capelão-director o Rev. Dr. Manoel Marques dos Santos.

Regras a seguir pelos «Servos de Nossa Senhora do Rosario da Fátima»

CAPITULO I
Fim

ART. 1.º — Os Servos de Nossa Senhora do Rosario da Fátima formam uma piedosa Associação de caridade, cujo fim principal é auxiliar os doentes e peregrinos.

ART. 2.º — Prestarão a todos, mas especialmente aos pobres, os cuidados espirituaes e materiaes que a sua prudencia lhes ditar, orando pela conversão dos pecadores e alivio dos doentes e procurando, durante as peregrinações e actos do culto se observe a maxima ordem e respeito.

ART. 3.º — Trabalhando a favor do proximo, procurarão santificar-se a si mesmos e dar o bom exemplo de uma vida integralmente christã.

§ UNICO—Os servos de Maria teem uma participação muito especial nas orações e sacrificios dos devotos de Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

ART. 4.º — Mulheres christãs, sob o titulo de **Servas de Nossa Senhora do Rosario da Fátima**, formarão uma Associação analoga.

CAPITULO II
Da Direcção

ART. 5.º — Esta Associação é dirigida na parte espiritual por um Sacerdote expressamente nomeado pelo Prelado diocesano.

ART. 6.º—A Direcção temporal está a cargo de 3 membros—Presidente, Secretario e Tesoureiro, — eleitos pelos sócios activos, com aprovação do Prelado.

§ UNICO—As reuniões da Direcção são mensaes e extraordinariamente quando o Rev. Capelão-director houver por necessario convoca-las.

CAPITULO III
Dos sócios

ART. 7.º — São Sócios *activos* os que fôrem nomeados á data da fundação e os que posteriormente fôrem admitidos pela Direcção, com aprovação do Prelado.

São Sócios *auxiliares* os que fazem tirocinio para sócios activos.

São Sócios *honorarios* os que por serviços prestados ou doações generosas fôrem julgados dignos de pertencer a esta classe.

CAPITULO IV
Das obrigações

ART. 8.º—Cada um dos Servos de Nossa Senhora do Rosario da Fátima compromete-se:

a) a observar os Regulamentos e fazer o serviço que lhes fôr marcado por ocasião das peregrinações;

b) a recitar diariamente uma dezena do Rosario, pelo menos;

c) a dedicar-se ao serviço dos doentes e peregrinos, procurando imitar S. João de Deus e o Beato Nuno de Santa Maria, aquelle na caridade ardente, este na devoção a Nossa Senhora e amôr á Patria.

Aprovamos estas Regras e recomendamos ás orações dos devotos de Nossa Senhora do Rosario da Fátima esta obra e cada um dos seus membros.

Leiria, 13 de Junho de 1924.

† JOSÉ, BISPO DE LEIRIA

RECOMENDAÇÃO
DO
Ex.mo e Rev.mo Sr. BISPO DE LEIRIA
AOS PEREGRINOS

As peregrinações a Nossa Senhora do Rosario da Fátima devem conservar o seu caracter primitivo de piedade, penitencia e caridade.

Vae-se á Fátima para orar, fazer mortificações e pedir á Virgem Santissima a saúde espiritual e fisica de doentes de alma e corpo que ali acódem de cada vez em maior numero a implorar Aquela que é a — *Salvação dos enfermos.*

Sempre, mas especialmente pelo caminho e na Cova da Iria, os peregrinos devem ajudar-se mutuamente, orar uns pelos outros e conservarem-se com o maximo respeito e recolhimento durante os actos religiosos.

Os doentes, sejam ricos ou pobres, teem sempre o primeiro logar. Abre-se alas á sua passagem e ajudam-se sempre que seja preciso.

Os peregrinos devem obedecer ás indicações dos = Servos de Nossa Senhora do Rosario da Fátima — afim de tudo correr em ordem.

A desordem desagrada a Deus. «Fazei tudo com honestidade e com ordem, recomenda S. Paulo (1 Cor. XIV, 40).

Havendo ordem, embora sejam muitos, todos são servidos: o pouco chega para todos. Não havendo ordem, o muito não chega a nada.

Vêde como isto se verifica nas familias e na sociedade.

Por isso, Nosso Senhor, quando no deserto deu de comer a milhares de pessôas, multiplicando os pães e os peixes, começou por marcar a cada um o seu logar. (Marc. VI, 40)

E' esta ordem aliada á piedade, penitencia e caridade que desejo vêr observada sempre pelos peregrinos.

A's suas orações e bôas obras recomendo as necessidades da Santa Igreja, do nosso Portugal, e dos Servos de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, cujos trabalhos a prestar e dedicação, desde já agradeço.

† *José, Bispo de Leiria*

13 de Junho de 1924

Neste dia assaz memoravel e assignalado em todo o orbe catholico pela commemoração festiva do glorioso thaumaturgo Santo Antonio de Lisbôa, solemnisou-se em Fátima o septimo anniversario da segunda apparição de Nossa Senhora do Rosario aos humildes videntes da Serra d'Ayre.

A manhã, apesar de linda e dourada por um sol esplendido, estava fria como uma manhã de rigoroso inverno. Um vento extremamente fresco soprava das gargantas da serra e fazia tiritar de frio os peregrinos que acorriam á Lourdes portuguêsa trajando roupas leves de verão. Um pouco antes das dez horas chegámos ao local das apparições crusando em todos os sentidos por um interminavel formigueiro humano. Em volta do padrão commemorativo dos acontecimentos maravilhosos accumulava-se e comprimia-se uma multidão incalculavel.

As missas sucediam-se umas ás outras ininterruptamente, sôbre o altar das apparições. Celebravam-nas sacerdotes vindos de diversos pontos do paiz e previamente inscriptos para esse fim.

De vez em quando um ecclesiastico revestido de sobrepeliz e estola vae distribuir a Sagrada Communhão pelos fieis, que nas suas terras se tinham preparado de vespera para esse acto por meio da confissão sacramental.

Entretanto o numero de peregrinos aumenta cada vez mais. São centenas e milhares de pessôas, de ambos os sexos e de todas as edades, classes e condições sociaes, que descem incessantemente a encosta em direcção á capela das apparições.

Numerosos doentes são transportados para o recinto reservado em frente do altar, ficando grande numero delles confundidos com a multidão, devido á impossibilidade de se approximarem da capella.

Entre os doentes veem-se victimas dos mais terriveis males que affligem a humanidade: cegos, cancerosos, paralyticos, tuberculosos.

Da multidão sóbem constantemente préces fervorosas ao Ceu pedindo saúde para os enfermos, a conversão dos peccadores, refrigerio para todas as maguas, allivio para todas as dôres.

Ao meio dia solar, a hora mysteriosa das apparições e dos phenomenos maravilhosos, começa a ultima missa.

Do alto do pulpito, o rev. Dr. Marques dos Santos recita o terço do rosario alternadamente com os circunstantes.

A' elevação fazem-se as invocações de Lourdes a Jesus Sacramentado. São gritos d'alma que se elevam para a Hostia Sacrosanta, implorando graça e misericordia.

Durante esta missa, como nas missas anteriores, um sacérdote distribue o Pão dos Anjos. Centenas de pessôas recebem este alimento divino com um fervor que edifica e encanta. O «Bemdito», cantado por todo o povo, torna ainda mais sentido e tocante este acto augusto.

Um numeroso grupo de meninas de um dos mais acreditados collegios da provincia approxima-se tambem da sagrada mêsa. Pelo recolhimento e piedade que se reflectem nos seus rostos, parecem anjos de innocencia e de radiante belleza espiritual offerecendo ao Rei de Amôr os seus corações virginaes como outros tantos vasos de purissimo crystal em que ardem os perfumes das mais raras e formosas virtudes.

A' comunhão do celebrante fazem-se novas invocações. E' a protecção materna de Maria Santissima que então se implora com insistencia especial. — «Saúde dos enfermos, rogae por nós» — brada o sacerdote, numa voz forte e vibrante.

«Saúde dos enfermos, rogae por nós» — repetem milhares e milhares de pessôas, em unisono, com um ardor insuperavel, como que forçando a augusta Virgem do Rosario a despachar aquella suplica ardente que sahe tanto do fundo de tôdas as almas alli presentes, irmanadas na mesma fé, nos mesmos sentimentos e nas mesmas aspirações.

E as invocações continuam a fazer-se, sentidas e vibrantes, fielmente reproduzidas, ao longe e ao largo, pelos echos plangentes da montanha.

Terminada a missa, expõe-se o Santissimo Sacramento na formosa e riquissima custodia offerecida pelo bem conhecido e piedoso ourives da capital sr. Francisco Teixeira.

Canta-se em seguida o *Tantum ergo* e dá-se a benção com o Santissimo, primeiro a toda a multidão e depois a cada um dos enfermos em particular. Repetem-se mais uma vez as invocações, agora mais vehementes do que nunca.

Vêem-se muitos olhos marejados de lagrimas.

Sóbe por fim ao pulpito o rev. prior de Pataias, que fala da devoção a Nosa Senhora, da prática da virtude e da observancia dos preceitos chistãos.

Em torno da fonte das apparições comprimia-se uma mole immensa de povo sedento da agua maravilhosa.

Milhares de exemplares do numero de Junho da «Voz da Fátima» são distribuidos gratuitamente pelos fieis. O relato da cúra extraordinaria de D. Emilia de Jesus Oliveira, tuberculose, é lido com o mais vivo interesse.

Segundo ouvimos dizer a pessôas fidedignas, no principio da ultima missa um homem do povo chorava copiosamente, asseverando que se tinha sentido subitamente curado de uma tuberculose pulmonar, de que padecia ha ano e meio e que os medicos reputavam incuravel.

Foi só graças ao auxilio de dois amigos que conseguiu percorrer a distancia que medeia entre a estrada e capela mas agora já podia fazer esse percurso por seu pé, sem ajuda de ninguem.

O que elle mais agradecia a Nossa Senhora era a sua conversão, a cura da sua alma, operada no mesmo momento em que se curou o seu corpo, pois vivia há longos anos afastado da Egreja e de todas as praticas do culto. Após as cerimonias religiosas, procurámos, mas debalde este peregrino que ninguem nos soube dizer como se chamava, nem onde vivia.

Eram já cinco horas da tarde.

Os peregrinos, cujo numero alguem avaliou em cincoenta mil, — metade da concorrencia do mês de Maio ultimo — continuam a debandar lenta e ordenadamente.

Ouvem-se commoventes despedidas á Virgem do Rosario, cuja Sagrada Imagem, de uma belleza inefavel, se ergue sob o seu pedestal, no mesmo sitio em que se realizaram as apparições envolvendo num doce olhar maternal os filhos queridos que aos pés lhe vieram depôr a homenagem sentida do seu amôr e da sua eterna gratidão.

Na estrada, dentro duma *camionette* está sentado um jovem de quinze annos com a perna direita enormemente ankylosada e rasgada por uma chaga profunda.

Veio das proximidades de Lisbôa acompanhado pela mãe e por dois irmãos. Todos se confessaram na egreja da Batalha, por onde tinham passado na vespera, e commungaram no local das apparições. O sinpatico jovem, de rosto angelico, onde se espelhava a pureza da sua alma, sorria de contentamento, porque as dores que sofria haviam desaparecido e, tendo sido levado ao collo para a capellinha por não poder andar nem endireitar a perna, conseguira percorrer uma parte do caminho, com a perna já na sua posição normal, quando voltou para a estrada. Partem os ultimos vehiculos. Apenas alguns peregrinos se conservam ainda junto da capella, fazendo as suas despedidas á Virgem do Rosario.

Todos os outros já lá vão em demanda dos seus lares distantes, levando consigo a recordação de scenas tão admiraveis e tão commoventes, que para sempre ficarão gravadas no fundo das suas almas crentes, no mais intimo dos seus corações devotos e reconhecidos para com a augusta Virgem do Rosario.

V. de M.

Instruções provisorias que devem ser observadas por ocasião das peregrinações a Nossa Senhora da Fátima

Para que no recinto da Cova da Iria, onde se venéra Nossa Senhora da Fátima, haja a maior ordem e respeito, o que nem sempre se tem observado por ocasião das peregrinações passadas, resolveu a *Associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosario da Fátima*, recentemente organisada, publicar as seguintes instruções provisorias que começam a vigorar no dia 13 do corrente:

ART. 1.º — Está canonicamente instituida a *«Associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosario da Fáti-*

ma», a quem cumpre manter dentro do local pertencente ao Sanctuario a ordem e respeito devidos.

ART. 2.º — Para o efeito do disposto no artigo anterior, os servos de Nossa Senhora do Rosario da Fátima adoptarão as medidas de policia necessarias, a fim de que o local pertencente ao Sanctuario seja exclusivamente destinada aos peregrinos, sendo por isso expressamente prohibida a entrada de vendedores, quer fixos, quer ambulantes, bem como a de animaes, automoveis, carros, etc.

§ UNICO—Os servos de Nossa Senhora do Rosario, para o desempenho da sua missão, poderão agregar a si o numero de auxiliares que fôrem necessarios e usarão os seguintes distinctivos: os servos, umas correias; e os auxiliares, uma braçadeira.

ART. 3.º — Aos peregrinos cumpre acatar rigorosamente as indicações que lhes derem os servitas e seus auxiliares.

ART. 4.º—As pessôas doentes que desejarem ter um logar especial junto do Santuario, devem declaral-o aos servitas ou seus auxiliares, que estão ás entradas do recinto a regular o serviço.

ART. 5.º — Para a melhor utilisação da agua da fonte, será esta cercada por cordas com duas aberturas: uma destinada á *entrada* e outra á *sahida*. Estas indicações *entrada* e *sahida* constarão de tabolêtas colocadas junto ás aberturas feitas nas cordas.

O serviço junto da fonte será regulado pelos servitas.

ART. 6.º — Durante os actos do culto e emquanto não fôr construido outro altar, é expressamente prohibida a entrada dentro da Capéla.

Terminado o culto todos os peregrinos pódem entrar na Capéla pela ordem que lhes fôr indicada pelos servitas.

ART. 7.º—Para a entrada dos doentes e servitas, e para a administração da Sagrada Comunhão, os peregrinos devem deixar um espaço livre em frente da Capéla, em fórma de rua.

ART. 8.º—As esmolas só serão recebidas aos lados e á rectaguarda da Capéla.

§ UNICO — E' expressamente prohibido pedir esmolas e recebel-as fóra do local designado neste artigo, devendo os peregrinos ter todo o cuidado com os especuladôres que aparecem nestas ocasiões.

ART. 9.º — E' expressamente prohibido aos mendigos pedir esmola no recinto da Cova da Iria.

Aviso importante relativo ás curas extraordinarias

Pede-se ás pessoas que tenham conhecimento de curas extraordinarias, atribuidas á intercessão de Nossa Senhora de Fátima, o favor de enviarem os respectivos relatos ao administrador da «Voz da Fátima» rev. Manuel Pereira da Silva, Camara Ecclesiastica, Leiria.

A titulo de mera informação e sem prejuizo do exame a que tenham de ser submetidas e da decisão da autoridade ecclesiastica, essas curas pódem, com o consentimento das pessôas interessadas, ver a luz da publicidade na «Voz da Fátima» para a maior gloria de Deus e de sua Mãe, e para edificação das almas.

As narrativas de curas devem dar a conhecer o melhor possivel:

1.º — A pessôa curada

Dizer os seus nomes e sobrenomes, a sua edade, o logar do seu nascimento, os seus diversos domicilios e o seu domicilio actual com a *direcção exacta e completa*.

Indicar o seu caracter, a sua conduta, a sua piedade, tudo o que nella póde ser motivo de edificação.

Dar a conhecer a sua compleição e a sua saúde no passado.

2.º — A doença

Dizer o nome da doença, a sua natureza, as suas caracteristicas; fazer a historia succincta della.

Fornecer, se fôr possivel, os attestados escriptos dos médicos ácerca da doença para a caracterisar bem, ou pelo menos referir as suas palavras, as suas opiniões sôbre a gravidade do mal, os remedios empregados, a sua eficacia ou a sua ineficacia.

3.º — A cura

Descrever minuciosamente as diversas circunstancias da cura.

Indicar os meios espirituais empregados para a obter, orações, missas, novenas, agua da Fonte das Apparições; as disposições da pessôa enferma, a sua confiança ou os seus temores, o que sentiu no momento da cura.

Apresentar, se fôr possivel, os pareceres escriptos dos médicos sôbre a cura, ou pelo menos as suas palavras, e, sendo tambem possivel, o testemunho do parocho, do confessor ou de alguma outra pessôa séria e digna de crédito.

4.º — As consequencias

Dizer o estado actual de saúde da pessôa curada. Assignalar os efeitos que a graça obtida produziu na alma da pessôa previlegiada, na familia, na freguesia, no publico.

N. B. — E' escusado dizer que, se não houver possibilidade de fornecer todas as informações acima pedidas, se devem enviar aquellas que se puderem obter.

Pede-se egualmente o favor de communicar ao referido administrador da «Voz da Fátima» as graças espirituais alcançadas, e em geral todos os factos relativos á historia ou ao culto de Nossa Senhora de Fátima.

As curas da Fátima

«Evora, 20 - 6 - 924

Rev.mo Sr. P.e Silva

Já ha mais tempo devia ter escripto a dar uma noticia deveras interessante.

Um caso que se deu comigo e que até chego a ter escrupulos de dizer por não me achar merecedora de tal.

Tinha eu duas feridas que não havia meio de cicatrizarem com desinfectante nenhum, nem com aguas, nem com pós.

Um dia diz-me meu marido: porque não pões agua de Fátima? Eu assim fiz, pondo um penso, pedindo nós ambos a Nossa Senhora a graça de me melhorar, mas quanto não foi o meu espanto no dia seguinte ao levantar o penso e ver que tinha pelle nova! Custava-me a crer, mas como podia duvidar da realidade? Achava-me e acho-me tão indigna de tal graça! Emfim já lá vão perto de 3 mezes e nunca mais abriu a ferida.

Se quizer publicar na «Voz» para honra da SS. Virgem publique contanto que não ponha mais que as iniciais do meu nome, aliás viriam todos que me conhecem perguntar pormenores e eu ficaria bastante aflicta.

M. C.»

«Eu abaixo assinada, Agripina Moreira da Silva, residente na Estrada de Bemfica n.º 329, venho bem publicamente declarar que tendo ido a Fátima na peregrinação de 13 de Outubro do findo ano de 1923, para onde fui transportada com o caridoso auxilio de pessôas da comitiva, fui ali milagrosamente curada, dum tumôr que punha em risco a minha vida, tendo-me sido afirmada pelo Ex.mo Senhor Dr. Themudo, distinto médico-cirurgião da localidade, que só sofrendo de pronto uma operação poderia talvez sobreviver.

Assustadissima e cheia de fé na surprema bondade de Deus, apesar da fraqueza e dos meus minguados recursos resolvi logo ir a Fátima suplicar a Nossa Senhora se compadecesse de mim, e juro pela salvação da minha alma que, no local durante o fervôr das orações, comecei a sentir melhoras ao meu sofrimento, dando-se o caso de rebentar espontaneamente o perigosissimo tumôr que tinha no baixo ventre seguindo-se um grande alivio e cura como que instantanea, não voltando a ter mais padecimentos.

Lisbôa, 13 de Maio de 1924

Agripina Moreira da Silva»

Pediram e obtiveram graças que veem agradecer a Nossa Senhora:

—D. Maria Magdalena da Luz d'Amorim Pessôa, de Pombal pela saúde de um seu filhinho e uma graça espiritual para um seu parente.

—Maria Eugenia Romana Baltazar, de 12 anos, da freguesia da Carvoeira (Torres Vedras) filha legitima de Joaquim Maria Baltazar e Guilhermina de Jesus Baltazar. Adoeceu em dezembro de pneumonia tuberculosa (?) chegando o médico Dr. Nuno, da Ribaldeira, a desenganar os paes. Chegou a pesar 25 kilos e agora pesa 45. Fazendo uso da agua da Fátima recuperou a saúde.

— Maria Augusta Lamarôa, da Murtosa (Ribeiro) que numa grande afflição recorreu a Nossa Senhora do Rosario de Fátima, sendo attendida

sem demora. Envia 10:000, para o seu culto.

—Margarida Padeira, tambem da Murtoza (Ribeiro) recorreu a Nossa Senhora do Rosario de Fátima obtendo a graça pedida. Envia 10:000 para as despezas do culto.

—Manoel Alberto da Silva Gravato, do Bunheiro, tendo um sofrimento num pé, recorreu a Nossa Senhora do Rosario de Fátima, e logo sarou. Envia 5:000 para as despezas do culto.

Maria Bispo, do Bunheiro, recorreu a Nossa Senhora do Rosario de Fátima e sendo ouvida envia 5:000 reis para despezas do culto.

A nota de meio tostão

Na verdade já não encontramos facilmente uma coisa que custe meio tostão.

Antigamente com um pataco tinha-se um pão e um pão que dava para uma familia inteira; agora com meio tostão, por mais pequenino que seja não se póde comprar.

Nem mesmo como gorgeta, ninguem se atreve a dar meio tostão. O que seria a cara do *chaufteur* a quem metessem na mão meio tostão ao apeiar-se do automovel? Mesmo um simples garôto que nos tivesse feito o mais insignificante recado, sem repontar?

A vida está cara e o pobre meio tostão não tem em que se empregue. Antigamente quando qualquer alma caridosa pensava em organisar um basar ou um recreatorio, por meio tostão, tres vintens, tinha trinta mil objectos á escolha: brinquedos, lencinhos, lapis, canetas, colheres ou garfos de estanho, tinteiros de vidro, etc. Hoje, vão lá procura-los...

*

Contudo, ainda ha um sitio onde a pobre nota de meio tostão passa sem difficuldade e se offerece sem embaraço; sabem onde é? E' o saquinho da quête, o taboleiro ou caixa das almas.

Sim, senhores, essa quantia, tão pequenina, que, só com ela, não se compra coisa nenhuma, encontra nos peditorios o seu supremo refugio. Aquilo que não ha coragem de dar a ninguem, offerece-se a Deus!...

E Deus cala-se e aceita...

O dispensador de todos os bens, o Creador do Ceu e da terra, o artista que cinzelou as flores, Aquelle que, alem do unico leproso agradecido procurava os outro nove, Aquelle que contra Judas defendeu a santa extravagancia do perfume precioso da Magdalena, Esse aceita aquilo de que ninguem faz caso, acceita a nota de meio tostão amarfanhada e suja, que não há coragem de offerecer a ninguem!...

Nunca terão pensado n'isto aquellas pessôas que, no saco elegante, com os dedos cheios de anneis, vão procurar a nota pequenina que — coitada — como se tivesse consciencia da sua indignidade, se esconde e se some debaixo de todas as outras parecendo dizer: «Não, não sou digna de ser offerecida a Deus!... Mas, baldados esforços; os dedos tenazes acabam por descobri-la e lá vae cahir no saquinho vermelho...

E a pessôa fica contente: Para Deus? Ahi está...

*

Ao aproximar-se a Quaresma, em que cada freguesia terá a lutar com mil dificuldades, pensae um pouco no valor da nota de meio tostão, na sua inefficacia e na sua impotencia.

Pobre peditorio do domingo, braço estendido de Christo para sustentar o decôro da Sua Egreja e todas as obras que d'ella dependem, como devias ser carinhosamente attendido por todos os corações christãos!...

Tu és a nossa primeira divida, a divida sagrada.

Tu és o gesto em favor do altar... *pro aris*, que os nossos paes faziam passar antes do lar... *pro aris et focis*...

Tu és o pão de cada dia e tambem o indicador da piedade d'uma parochia. Os enterros e os baptisados não dependem de ninguem; o peditorio depende de toda a gente.

Tu és o esforço regular e constante que indica numa parochia o amôr á vida sobrenatural e o desejo que ella se expanda.

Felizes as familias christãs que comprehendem esta evidente verdade na qual localmente é melindroso falar.

Felizes as familias onde o pae, a mãe, os filhos são, e dão com a consciencia do valor do seu gesto!

Um grão d'areia... uma gotta d'agua não são nada, mas o conjunto de grãos d'areia, o conjunto de gottas d'agua forma as duas maiores potencias do universo: o oceano e o deserto.

Concluindo: A nota de meio tostão não vale... cinco réis.

Perante Deus, quando este meio tostão é o esforço do pobre ou o obulo da viuva, resplandece como uma peça d'um valor inestimavel. Mas quando é a infinita migalha d'um lauto banquete, oh! então, considerae e não o ponhaes isolado na mão estendida do ministro de Deus.

Aquele que creou todas as delicadezas do amôr, possue-as n'um grau infinito.

Aqueles que tendes no Ceu, e a quem, talvez, deveis a vossa fortuna, vêem o vosso gesto, que só lhes poderá agradar se fôr um gesto de justiça.

E depois, elles que já sabem o valor das verdades eternas, decerto pensarão na phrase divina: *Eadem mensura... a mesma medida.*

Trad. de *M. B.* PIERRE L'ERMITE

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Voz da Fátima

Despesas

Transporte.....	14:671$520
Tipografia (17:000 exemplares).....	390$000
Despezas varias....	85$000
Somma.....	15:146$520

Subscripção

(Continuação)

D. Emilia Gomes de Almeida.....	10$000
P.e Manuel Vieira dos Santos.....	10$000
D. Maria José Leite (2.º ano)	10$000
Ventura José de Campos (2.º anno).....	10$000
Leonardo Fernandes Sardo (2.º ano).....	10$000
D. Albertina Tota....	10$000
D. Beatriz Barros Duarte Ferreira.....	10$000
D. Josefa de Sousa Serras Conceição.....	10$000
Joaquim Maria Baltazar..	10$000
Antonio dos Reis Maia..	10$000
Donativos (M. Lucio d'Andrade).....	20$000
D. Taphnes Roxanes de Carvalho.....	15$000
D. Maria da Conceição Mendes Godinho.....	10$000
D. Maria Delfina Assalino Rica.....	10$000
D. Dionisia da Conceição Ramiro.....	10$000
Antonio Proença Viegas..	10$000
D. Maria José Videira Godinho.....	10$000
José Francisco Teixeira..	10$000
De jornaes (Ericeira)....	13$000
Joaquim Augusto de Lacerda.....	10$000
D. Rosa Olinda da Silveira.	10$000
D. Maria José Ramos....	10$000
D. Perpetua Pereira de Carvalho.....	10$000
D. Emilia Machado.....	10$000
P.e Sabino Paulino Pereira	10$000
D. Maria José da Silva..	10$000
D. Herminia Calheiros Silva	10$000
Joaquim A. Leite Ferreira Pinto Basto.....	10$000
D. Ludovina Neves.....	10$000
D. Maria Clemente Alves Pinto.....	10$000
D. Maria Eduarda de Lopes Praça Cunhal.....	5$000
P.e Candido de Sousa Maia (2.º anno).....	10$000
D. Adelaide de Sousa Chambers.....	10$000
D. Judith dos Anjos....	10$000
D. Maria Paes Moreira (2.º anno).....	10$000
D. Maria Magdalena (ignoram-se apelidos e morada	10$000
D. Leocadina Henriques (2.º anno).....	10$000
Donativos varios (Francisca Fitipaldi).....	35$000
Manuel Ribau Novo....	20$000
José Ribau Novo.....	10$000
Antonio Rodrigues Vieira.	10$000
D. Celestina d'Almeida e Silva.....	10$000

NOTA—Faltam ainda cerca de 160 subscriptores cujos nomes irão apparecendo nos seguintes mezes, conforme o espaço o permitir.

Ano II LEIRIA, 13 de Agosto de 1924 N.º 23

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Julho

O dia 13 de Julho ocorreu este anno num Domingo. Esta circunstancia fazia justamente esperar que nesse dia a concorrencia de fieis ao local das apparições excedesse imenso a do mesmo dia nos outros mêses ordinarios. E, com effeito, desde a vespera que innumeros peregrinos atravessavam as povoações circunvizinhas em direcção a Fátima.

Chegámos á igreja parochial desta freguesia proximo das 9 horas. Uma multidão de dezenas de milhares de pessôas, em que predominava o elemento popular, comprimia-se em frente e dos lados da capéla commemorativa das apparições, assistindo com recolhimento e devoção ás missas que os sacerdotes, préviamente inscriptos, iam celebrando uns após outros.

Um numeroso grupo de servos de Nossa Senhora do Rosario, composto de elementos de Leiria e Torres Novas, exerce proficientemente o serviço de ordem, pela primeira vez depois da fundação da respectiva associação, inaugurada por Sua Excelencia Reverendissima o Senhor Bispo de Leiria no dia 14 de Junho ultimo no proprio local das apparições. A' semelhança dos *brancardiers*, que em Lourdes desempenham as mesmas funções, os *servitas*, como vulgarmente são chamados os membros daquela benemerita instituição, auxiliam caritativamente os doentes e peregrinos, prestando a todos, sobretudo aos pobres, os cuidados espirituais e materiais que a sua prudencia lhes ditar, orando pela conversão dos peccadores e allivio dos enfermos e procurando, durante as peregrinações e actos do culto, se observe a maxima ordem e respeito.

As missas sucedem-se interruptamente umas ás outras no altar exterior da capélla das apparições, e a Sagrada Communhão é distribuida em cada missa por um sacerdote revestido de sobrepeliz e estola.

Centenas e centenas de pessôas, de todas as idades e classes sociaes, approximam-se devotamente da mesa eucharistica, tendo-se preparado para receber o Pão dos Anjos com uma confissão feita de vespera nas suas terras.

A menina Maria Tereza Martins d'Abreu Fonseca, de 5 annos de edade, de Cabeçudos, (Vila Nova de Famalicão), curada, alguns mêses depois da sua 1.ª Comunhão, quasi repentinamente, por Nossa Senhora da Fátima, de doença grave. (*Voz da Fátima* de abril do corrente anno)

Ao meio dia solar principia a ultima missa. Ao mesmo tempo, do alto do pulpito, o rev. capelão director dos *servitas* recita em voz alta o *Credo* em português, sendo acompanhado nessa recitação por todo o povo.

Seguem-se o terço, as invocações de Lourdes, o *Bemdito* e as orações finaes.

A ordem, o respeito, o silencio e o recolhimento são admiraveis. Parece que se respira um ambiente impregnado de sobrenatural. Sente-se o que quer que seja que não é deste mundo e que nos invade a alma, enlevando-a e enchendo-a de uma paz e consolação ineffaveis.

Aquelles que já gosaram a dita de visitar os sanctuarios de Lourdes, teem a impressão de que se acham transportados por momentos á cidade privilegiada da Virgem Immaculada, assistindo a uma missa na gruta de Massabielle ou presenceando o espectaculo emocionante das grandiosas procissões eucharisticas.

Cantado o *Tantum ergo* e dada a benção com o Santissimo Sacramento á multidão e a cada um dos enfermos presentes, sóbe ao pulpito o rev. Parocho do Reguengo do Fétal, que falla durante cêrca de vinte minutos sôbre a devoção á Virgem Santissima.

Distribuiu-se gratuitamente pelos fieis o numero 22 do mensario «Voz da Fátima».

Este numero, além da narração de varias curas extraordinarias e outras atribuidas á intercessão de Nossa Senhora de Fátima, e da publicação das regras a seguir pelos «Servos de Nossa Senhora do Rosario», insere duas locaes que merecem a attenção particular de todos os peregrinos, uma contendo as instrucções que devem ser observadas por ocasião das peregrinações e a outra um aviso importante relativo ás curas extraordinarias.

Junto da fonte, os fieis, em grande numero, fazem a sua provisão de agua, que corre limpida e abundante por quinze torneiras.

O serviço de abastecimento é regulado pelos *servitas* e seus auxiliares, com uma paciencia e dedicação superiores a todo o elogio.

Eram quatro horas quando o grosso da multidão começou a debandar, ficando por fim apenas alguns pequenos grupos de peregrinos resando as suas orações junto da capélla commemorativa dos acontecimentos maravilhosos.

Pessôas entendidas avaliavam em 60:000 o numero de peregrinos que neste dia acorreram á Fátima, mas, como quer que seja, o certo é que esse numero não era inferior ao dos peregrinos do dia 13 do mês precedente, commemorativo do glorioso thaumaturgo português Santo Antonio de Lisbôa.

V. de M.

As curas da Fátima

Ex.mo Senhor

Permita-me, senhor Director, que, por intermedio da «Voz da Fátima» dê publicidade a duas graças (que eu considero milagres) obtidas por intercessão da Virgem do Rosario da Fátima.

A primeira foi em junho de 1922. No meado d'esse mez parti eu com meu marido para Estarreja, onde contava demorar-me poucos dias, pois, estando para ser mãe, tinha os maiores desejos de n'essa ocasião estar em Villa Mendo, para junto de minha mãe e irmã aguardar a chegada do anjinho extremecido, que fazia já a felicidade de seus paes.

Parti pois no dia 14 de Junho para Estarreja depois de ter combinado com minha irmã o nosso encontro em Coimbra para o dia 27, onde eu consultaria médicos, voltando depois todos para Villa Mendo, povoação situada na serra, longe de estrada e de todos os recursos médicos.

Na noite de 15 para 16 de Junho estive bastante incommodada, sendo por esse motivo chamado o médico que, depois de feito o seu exame, declarou não ser nada de cuidado, mas que em vista do meu estado achava mais prudente eu não ir no dia seguinte para Coimbra, e descançar 2 ou 3 dias, afim de poder fazer a viagem para Villa Mendo.

Como não pudessemos prevenir minha irmã, por não sabermos o hotel onde se ia hospedar, resolveu meu marido ir a Coimbra no comboio da noite e voltar no da madrugada. Foi, e resolveu minha irmã a seguir no dia 28 para Veiros, onde passaria tres dias comnosco, e em seguida irmos todos directamente para Villa Mendo.

No dia 28, umas horas depois de me levantar principiei a sentir-me muitissimo incommodada. Chamou-se immediatamente o médico que veio logo, e declarou que o filhinho que eu esperava só em Agosto estava para nascer, mas que, devido á pessima posição que tinha tomado, a mãe tinha de ser operada, e a creança quasi com certeza era sacrificada. A ideia de perder o meu filhinho impressionou-me muitissimo (como era natural) e foi no meio d'essa afflição que eu prometti á Virgem do Rosario de Fátima, se a operação corresse bem, e o meu filhinho se salvasse, de ir á Cóva da Iria mostrar-lhe o meu reconhecimento pelas graças obtidas.

Em virtude do exposto, resolveu meu marido (por conselho médico) que eu fôsse immediatamente para o Porto para ser operada. O comboio em que minha irmã devia chegar a Estarreja foi aquelle em que segui para o Porto, acompanhada por meu marido, irmã e médico. Chegámos a S. Bento ás 10½ da noute, ás 11 horas entravamos no hospital. Os meus, cheios de cuidado pelo que se ia passar, e eu cheia de confiança na Virgem e perfeitamehte socegada incutindo coragem a meu marido e irmã. A' meia noute chegou o médico que devia fazer a operação, e á 1 hora tudo estava terminado, tendo a operação corrido o melhor possivel. A creancinha salvou-se, bem como sua mãe, mostrando a Virgem SS.ma mais uma vez que não é em vão que as suas filhas recorrem a Ella no meio das suas afflições.

A segunda graça obtida por intermedio da Virgem do Rosário de Fátima foi logo apóz a minha sahida do hospital.

Tinha o meu filhinho 17 dias quando, um dia de manhã, lhe appareceram os primeiros symptômas de uma interite. Fiquei afflictissima por no Porto o médico, ao dar-me os seus conselhos sôbre a amamentação da creança, me ter prevenido de que attendendo a que o pequenino era de 7 mezes e fraquinho, requeria cuidados muito especiais para assim se evitarem incommodos intestinais, a que era impossivel resistir, devido ás condições em que tinha nascido. Mandou-se immediatamente chamar um médico que veio vêr a creancinha e prescrever o tratamento que se devia seguir. Infelizmente a interite não cedia aos medicamentos, e o pequenino ia perdendo as poucas forças que tinha. O seu soffrimento era horroroso, e muitas noutes passamos, minha irmã e eu, a passear o nosso anjinho, para assim lhe minorarmos um pouco o seu tão grande soffrer! Um dia em que todos os meus procuravam preparar-me para o desenlace que esperavam se désse a cada momento, fui com o meu filhinho nos braços lançar-me aos pés da Virgem, pedir-Lhe que tivesse dó de uma mãe afflicta e lhe salvasse o seu filho extremecido. Principiei então uma novena á Virgem de Fátima e prometti levar o meu pequenino á Cóva da Iria quando elle já andasse. No segundo dia da nossa novena a creança apparece muito mais socegada, estando quasi sempre a dormir.

De tarde passando ao pé de nossa casa o médico que me tinha acompanhado ao Porto e assistido á operação (certamente levado alli por Deus), entrou no intuito de me dizer que em querendo podia sem receio fazer a viagem para Villa Mendo. Ao vêr porém o meu anjinho extremecido, ficou estupefacto vendo o seu estado melindrosissimo, dizendo que o socêgo d'esse dia era devido á creancinha não ter já forças para se queixar. N'esse mesmo dia se deu principio a novo tratamento e eu redobrei de fervor pedindo á Virgem SS.ma que do alto do Ceu lançasse os seus olhos misericordiosissimos para uma mãe afflicta e concedesse a saúde ao seu filhinho!

No ultimo dia da novena (sábado) a creança tem umas ligeiras melhoras, mas a Virgem do Rosário guardava para o seu dia a prova evidente de que não é em vão que os seus filhos recorrem a Ella no meio das suas afflições. No dia 15 de Agosto terminava a nossa novena. De manhã cêdo foi minha irmã á Missa, a fim de á Elevação pedir ao Nosso Bom Deus, por intermedio de sua Mãe SS.ma, as melhoras do nosso tão querido doentinho. Eu apenas a pude acompanhar em espirito, porque o meu lugar era junto do filhinho extremecido a prodigalisar-lhe todos os cuidados e carinhos que requeria o seu estado tão melindroso! No entanto as minhas bem humildes préces a todo o instante subiam até ao throno do Altissimo, nos não abandonasse. N'esse dia aggravaram-se os padecimentos do nosso anjinho, tendo até ás 2 horas da tarde uma soltura verde quasi constante, mas... a nossa confiança na Virgem não afrouxou, e Ella quiz recompensal-a concedendo-nos a graça que Lhe era pedida com tanta fé! N'esse mesmo dia á tarde a soltura parou repentinamente, commeçando então as melhoras do nosso pequenino. Passados 7 dias o médico, que com tanto interesse e dedicação tinha tratado o meu filhinho, auctorisou a a viagem para Villa Mendo, para onde viemos todos, e onde o pequenino se via desenvolver de dia para dia, estando hoje uma creança forte e cheia de vida.

Os seus paezinhos e tia, aguardam o final da crise da dentição do seu anjinho para com elle irem á Cova da Iria cumprir a promessa feita em momentos de tanta angustia, e agradecer á Virgem do Rosário de Fátima a sua protecção, e pedirmos-Lhe nos conserve a vida do nosso querido pequenino e nol-o deixe crear para o ceu.

Maria do P. de Oouvêa Osorio Mello

Villa Mendo 22/6 924

Outra cura

«Matozinhos, 13 de Julho de 1923

Ex.mo Rev.mo Sr.

Venho agradecer a V. Rev.ma as informações que na sua carta de nove do corrente me dá, em resposta ao meu pedido.

Infelizmente um contratempo que surgiu á ultima hora impediu-o de tomar parte na peregrinação de hoje. Viu-se forçado (o meu filho) a deixar para o proximo mês ou o seguinte. Isso depende das férias que o patrão lhe dér (ele está empregado numa casa ingleza), a ida á Fátima.

E já agora permita-me V. Rev.ma que lhe conte o que motiva esta romaria.

Em Outubro do ano passado meu filho Julio (tal é o seu nome) que já andava doente ha muito, peorou consideravelmente e apresentou sintomas gravissimas: acrescimos febris á tarde, tosse, magrêsa excessiva, escarros sanguineos. Consultado o especialista Dr. Nery d'Oliveira, diagnosticou tuberculose pulmonar de progressão rapida e aconselhou a retirada *imediata* para o sanatorio da Guarda. Mas essa medida não era praticavel, não só pela relutancia do doente, como pelo preço excessivo que nos pediam, só acessivel aos novos ricos.

Passados dias, em seguida á nova consulta, o médico disse ao irmão do doente:

—O pulmão entrou em fusão. Deve ter logo uma grande hemoptise e ...isto é questão de quinze dias. Se elé tiver a hemoptise, chamem-me.

Quando o irmão me transmitiu o prognostico do médico, vi que da

sciencia humana nada havia a esperar, tanto mais que já tinha visto morrer dois filhos da mesma doença. Então recorri a Nossa Senhora de Fátima, prometendo, se me salvasse o meu filho:

1.º — Rezar todos os dias durante o mês d'Outubro desse ano, o Rosario;

2.º — Mandar celebrar uma missa, sendo possivel na capelinha de Fátima ou na egreja da freguezia, se no fim do mês ele estivesse curado, ou pelo menos livre de perigo e em via de cura.

3.º — Ir em peregrinação a Fátima, ou na impossibilidade de ir eu proprio, fazer com que algum membro de minha familia lá fôsse, agradecer a Nossa Senhora, logo que ele estivesse definitivamente curado. E publicar os factos na *Voz da Fátima*.

Isto passava-se no dia 3. No dia 5, fazia eu outro vôto: o da entronização do S. Coração de Jesus em nossa casa, logo que o médico que o tinha visto, o desse por curado da tuberculose.

Ao mesmo tempo em nossa casa e na de um dos meus filhos fazia-se uma novena a Nossa Senhora de Lourdes, impetrando a sua intercessão.

E finalmente pessôas da familia duma minha nora pediam e obtiam as orações duma creatura de Traz-os-Montes privilegiada com graças eucaristicas, que julgo singulares na historia da Egreja, e já hoje do conhecimento, dizem-me, do Sr. Bispo de Bragança.

Pois bem! A hemoptise não se deu e o pulmão descongestionou-se por tal fórma que o médico, ao vê-lo na semana seguinte, não póde ocultar o seu espanto. As melhoras fôram-se acentuando e dois méses depois o meu filho póde retomar o trabalho interrompido. No mês passado, o médico disse-lhe que o achava curado do pulmão.

Mais: ele sofria muito do estomago e, depois que bebeu a agua de Fátima, que por intermédio de V. Rev.ma lhe obtive, tem passado muito melhor, tendo desapareecido as dôres que o torturavam.

Eis os factos. E' um milagre?

Não me compete a mim o decidi-lo. Mas a gratidão impõe-me uma *certeza moral* e o conseguinte cumprimento das promessas feitas...

J. D. A.»

Ex.mo Senhor Director da «Voz da Fátima»:

Peço a V. Ex.ª o favor de publicar no seu jornalzinho duas graças que recebi da Santissima Virgem Nossa Senhora do Rosario.

Tendo eu em Novembro ultimo um filhinho de 6 annos, Cesar Antonio de Menezes, gravemente doente com uma pneumonia, chegando a ter 40 graus de febre, um dia ás 4 horas da manhã vi o meu filho muito aflito, e não me lembrando de lhe dar a agua milagrosa de Nossa Senhora da Fátima, com grande surpreza e comoção sinto o meu filho dizer: Minha mãe reze que eu morro! dê-me agua da Senhora da Fátima; o que eu fiz com muita devoção. A's 9 horas voltou a pedir-me mais agua de Nossa Senhora e ás duas horas da tarde do mesmo dia encontrei o meu filho sentado na cama. Julgando-o variado vi que não tinha febre alguma e não mais voltou a tê-la, restabelecendo-se em poucos dias.

Outra graca que obtive da SS. Virgem, foi que uma filhinha de 30 mezes, Maria Alice de Menezes, tendo garrotilho, e eu sem conhecer a doença a deixei adiantar a ponto de estar desenganada por um distinto médico de Leiria.

Com muita fé que tenho em Nossa Senhora da Fátima, dei-lhe duas colherzinhas da sua agua, e a minha filha começou a tomar melhor respiração.

Devo muitos favores á medicina, mas tambem a Nossa Senhora porque é a Ella que devo a minha vida e dos meus filhos.

Reixida, 8 de Abril de 1924.

Maria do Carmo M. da Cruz

Obtiveram graças que veem agradecer a N. Senhora do Rosario:

D. Ermelinda do Carmo, da Ilha Terceira, que em doença grave, recorreu a N. Senhora da Fátima começando logo a melhorar, achando-se agora curada.

— Uma Filha de Maria que tendo prometido uma novena de Terços a Nossa Senhora de Fátima, em sufragio das almas do purgatorio, por uma sua irmã que se achava em perigo de vida, esta começou a melhorar depois do primeiro Terço, achando-se agora quasi curada.

AVISO

Por ordem de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo de Leiria, emquanto se não determinar o contrario, só é permitido celebrar a Santa Missa no local das Aparições desde as nove horas até ao meio dia solar para que antes e depois os fieis tenham tempo para cumprir as suas promessas.

Os Rev.os Sacerdotes que ali desejem celebrar devem inscrever-se previamente dirigindo-se ao Rev. Capelão-director, Dr. Manuel Marques dos Santos, Seminario de Leiria.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Duma senhora de França recebemos a seguinte carta:

«Leio sempre com grande interesse tudo o que se passa na Fátima e como deve ser muito incomodo para os pobres doentes não terem onde descançar, quando ali chegam, lembrei-me que era de grande urgencia construir uma barraca para os abrigar, ao menos da chuva. Para este fim envio 200 escudos, esperando que outras almas caridosas tambem deem esmolas e breve se possa levar a efeito este projecto.»

. . . . . .

Ahi fica a ideia generosa desta senhora e a subscripção aberta para este fim:

Anonima.....	200$00
Prior do Arrabal.....	20$00
Soma.....	220$00

A' hora da morte...

Tudo está perdido?!

Na alma de Antonio trava-se uma luta atroz. Queria saber tudo, mas ao mesmo tempo tinha mêdo de saber a verdade toda. Receioso, febril, com os olhos molhados de uma commoção profunda, atreveu-se a interrogar: — Então, Doutor?...

Havia n'aquella interrogação uma anciedade tão dorida, que o médico emmudeceu.

Depois fitando bem nos seus os olhos do pobre pae, interrogou: — Sente-se com força para saber toda a verdade, com coragem para afrontar a dolorosa realidade? Antonio deu um salto.

Sentiu que o coração lhe parava, e, com a voz embargada lançou-se nos braços do médico clamando: — Oh, sim! diga-me tudo, tudo!...

E soluçava.

— Pois bem, continuou o médico; coragem, meu amigo. Acabou-se a minha missão. A sciencia nada mais tem que fazer...

— Oh, a minha filha, a minha querida filha!

Eu, que não tinha outra, vou perdel-a! Minha filha, minha filha! As lagrimas molhavam-lhe as faces, os soluços estrangulavam-lhe a voz...

— O médico, ao sair, disse ainda uma vez mais: coragem, meu amigo, coragem.

* * *

No quarto contiguo, Izabel, com os pulmões desfeitos, pallida como um cirio, agonisava lentamente, na flôr perfumada dos seus dezoito anos.

— A sua bôca quasi fria poude ainda abrir-se, num grande esforço: papá, papá! chamou ella com voz magoada e triste.

Que disse o doutor? Estou muito mal, não estou?

— Não, querida! Não te aflijas porque...

As lagrimas não lhe deixaram continuar

— Ah! sim, bem sei que vou morrer. Essas lagrimas dizem-me que não ha remedio ao meu mal. Tudo vae findar para mim!

— Oh! cala-te, cala-te que me matas.

— Sejamos calmos, meu pae. N'esta hora, a sua filha, vae fazer-lhe um ultimo pedido.

Antonio estremeceu... E com as palavras engorgitadas disse: — o quê, filhinha! O quê! Tudo, tudo... E cobriu o rôsto com as mãos tremulas.

— Pois bem, papá, eu queria que me dissesse se é verdade...

Antonio sentiu uma vertigem. Tartamudeou a mêdo: — Verdade, verdade, o quê, filha?!..

— Sim, se é verdade tudo o que me ensinou tantas vezes... que não ha Deus, nem Ceu, nem Inferno.

Diga-me: vou acabar de todo, per-

der-me no pó do sepulchro? Não ha nada para além da morte?... Não serei nada, nada daqui a instantes?.. Oh papá, diga-me tudo, tudo o que sente, a verdade, papá.

A voz da donzela animava-se. Os olhos tomavam um brilho estranho. Na alma abrira-se-lhe um combate violento.

* * *

Izabel, alma florida de virtudes naturaes, tivera uma santa mãe.

Levou-lh'a Deus quando a sua pequenina alma começava a abrir-se para as verdades eternas. Foi sobre os joelhos de sua saudosa mãe que ella ouvira, no alvorecer dos 7 annos innocentes, os ensinamentos da Fé.

O pae procurou apagar as frouxas luzes da Verdade cristã que a mãe, solicita, acendera na alma candida da filhinha querida.

Foi para ela, o anjo do seu lar, o seu ultimo afecto, a sua ultima saudade. Na agonia, quiz ainda com os labios frios, beijar a filha, cujo futuro lhe anuviava de tristezas os dias da vida. Os ensinamentos e a vida de Antonio fizeram de Izabel uma incredula. A sua juventude desabrochou e floriu longe de Deus. Não conhecera nunca as doçuras da comunhão...

Nos seus labios não florira ha anos, o sorriso da oração. A' missa fôra um dia para assistir ao casamento de uma amiga. A luta, a convulsão que Antonio advinhava na alma da filha adorada, era obra sua.

Perante as perguntas da filha, teve nojo de si mesmo. Viu-se um carrasco de quem tanto amava. E uma convulsão ingente e dolorosa lhe abalou a alma. As lagrimas escaldavam-lhe as faces e o coração parecia estalar-lhe dentro do peito.

«Diga-me a verdade . . . não serei nada, nada . . . A verdade papá . . . Estas palavras vibraram-lhe agora no coração como chicotadas d'aço... Era um espectro medonho, perseguidor...

A sua obra d'impiedade recebia um castigo tremendo.

* * *

O silencio fizera-se entre os dois.

Izabel, como sacudida por uma visão estranha, fez um esforço supremo. Ergueu a cabeça que caiu subitamente sobre o travesseiro. Depois, com voz sumida, mal articulada, exclama novamente:

— Diga, diga, papá, diga á sua filha se...

—Antonio não deixou acabar as palavras de Izabel. Vergado ao peso de uma força misteriosa, o infeliz pae cahiu de joelhos, e, apoiando a fronte sobre o leito da doente e com as mãos erguidas, enclavinhadas, sacudidas por uma comoção angustiosa, exclama: Oh, perdoa, minha filha, perdoa ao teu pae que te enganou e te mentiu!

Cegou-me o odio, mas vence agora o amor... Ah sim, creio, creio, minha Izabel, que ha um Deus justo, que vaes entrar na eternidade, que vaes juntar-te á tua mãe que vive no Ceu...

Ah! fui um louco... As falas estrangularam-se-lhe, e o silencio misterioso, profundo, voltou a encher o quarto da doente...

* * *

N'aquela tarde, á hora bemdita das trindades, o páraco entrava no recinto que fora testemunha muda de tão dolorosas comoções. Na freguesia correu breve um rumor de alegria e alvoroço.

Na manhã seguinte os sinos da parochia tangiam dolentemente a sua toada triste, chamando os fieis ao *Senhor fóra*... Na casa de Antonio, havia alguma coisa nova.

Uma luz viva a inundava. Emquanto cá fora o povo de joelhos cantava comovido o *Bemdito*, lá dentro Jesus entrava na alma de Izabel e de seu pae, para as encher dos dons celestes de suas graças...

No dia seguinte a alma de Izabel, consolada da paz de Deus, beijando num ultimo sorriso de gratidão a imagem de Jesus, voava para o Ceu, fazer companhia á alma querida da mãe, que a não abandonava nunca.

E, quando o parocho viera confortar a alma dorida de Antonio este, tomando entre as suas as mãos do sacerdote, poude dizer-lhe, soluçando: a descrença, meu padre, pode ser comoda para a vida, mas é a suprema desgraça para a hora da morte. Ajude-me a sua oração para que eu possa morrer como Izabel.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	15:146$520
Impressão do n.º 22 (17500 exemplares) . .	350$000
Outras despezas (clichés, transporte, etc.)	650$200
Somma. . .	16:146$720

Subscripção

(Continuação)

D. Floriana de Jesus Carvalho	10$000
D. Anna da Conceição Almeida Santos	10$000
D. Anna de Jesus Carvalho	10$000
D. Anna Clara Pereira Morão	10$000
D. Maria da Luz Almeida Mattos	10$000
D. Delfina Maria de Almeida	10$000
Capitão José Augusto S. Esteves Lopo	10$000
D. Maria Paulo Bentes (2.º anno)	15$000
D. Adelina de Jesus Caldas Faria	10$000
D. Elvira Augusta Nogueira	10$000
D. Maria da Conceição Rosa	10$000
P.e Jacinto Antonio Lopes (2.º anno)	10$000
P.e João Soares	10$000
P.e João Jorge Bettencourt.	10$000
P.e José Augusto Rosario Dias	20$000
D. Virginia Lopes	10$000
Manuel Venancio d'Oliveira	10$000
D. Emilia Guimarães (2.º anno).	10$000
Percentagem em estampas, etc. (D. E. Guimarães). .	10$000
D. Ermelinda Costa Allemão Teixeira.	10$000
D. José Maria Figueiredo da Camara (Belmonte) 3.º anno	10$000
Joaquim Honorato.	10$000
Antonio Alves Pequito . .	10$000
José Claro.	10$000
D. Palmira Rosa Bello . .	10$000
D. Marianna Henriqueta Rosa Palma Mata.	10$000
Luiz Carreira de Vasconcellos.	10$000
Joaquim da Silva Carvalho.	10$000
D. Maria Anjos Santos . .	10$000
D. Rita do Rosario Lopes .	10$000
D. Herminia de Jesus . . .	10$000
Luiz d'Almeida Pinto. . .	10$000
D. Marianna Barbosa . . .	10$000
D. Rosalina Marques Pinto.	10$000
D. Maria José d'Eça Cardoso	20$000
P.e Silverio da Silva (de jornaes).	10$000
D. Maria Duarte Barreira Pratas	12$500
Francisco Mendes	10$000
José Augusto Pires dos Santos.	10$000
D. Maria da Graça d'Abreu Fonseca (2.º anno). . . .	20$000
D. Maria Filomena Malheiro Reymão Nogueira . . .	20$000
D. Maria Florinda Martins Fernandes.	15$000
D. Emilia Martins Friães .	15$000
D. Laura Areias Ribeiro. .	12$000
D. Olinda Serzedello . . .	15$000
D. Maria José da Cunha Barbosa.	10$000
D. Carolina Cardoso. . . .	10$000
Agostinho Alves.	10$000
De jornaes avulsos, percentagem em medalhas, estampas, etc. (D. Maria das Dôres)	123$000
D. Maria de Jesus Fragoso.	10$000
Manuel Ignacio de Sousa .	10$000
Joaquim Henrique Pereira.	10$000
Salvador Nunes d'Oliveira.	10$000
Antonio Rodrigues (2.º anno	10$000
P.e Raphael Jacinto (2.º anno	10$000
D. Ana Proença.	10$000
Sebastião Nunes.	10$000
Felix dos Santos.	10$000
D. Maria Eugenia B. Relvas.	10$000
Duqueza de Palmela . . .	100$000
D. Ignês d'Azevedo Coutinho (2.º anno)	10$000
Antonio Dias Frade. . . .	10$000
Torquato Maria de Freitas	20$000
Justino Marques Bastos . .	10$000
Virgilio P. Lory.	10$000
José Antonio dos Reis. . .	10$000
D. Maria da Conceição Pereira de Lima Caupers .	10$000
D. Amelia Cabral.	10$000

(Faltam para publicar cerca de 200 nomes)

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano II LEIRIA, 13 de Setembro de 1924 N.º 24

A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Agosto

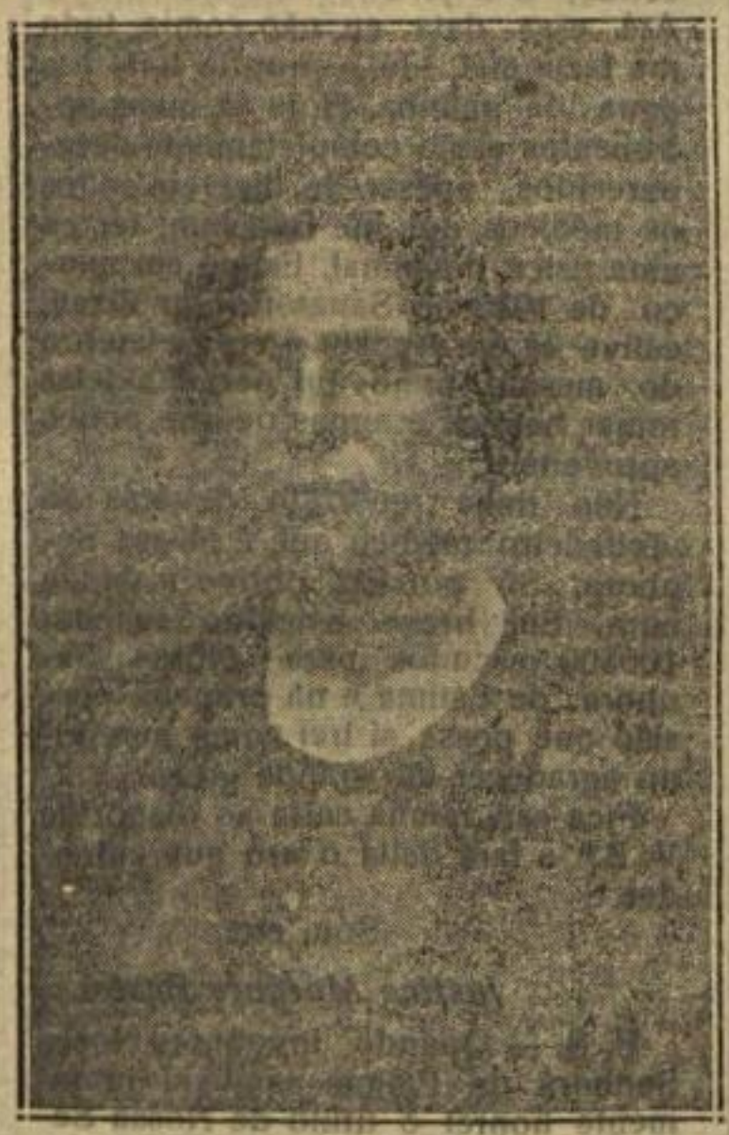
Uma vez mais, no enthusiasmo ardente da sua fé viva e no fervor intenso da sua devoção acrisolada, o povo português, em piedosa romagem, commemorou solenemente, na Cova da Iria, entre os alcantis da serra d'Ayre, os successos maravilhosos de 1917. Dezenas de milhares de pessôas, procedentes de diversos pontos do paiz, sobretudo da Extremadura, congregaram-se durante algumas horas na *Cova da Iria* para render o preito do seu amôr filial á Rainha do Ceu e da terra, que, segundo a voz fidedigna de tres inocentes creanças, alli se dignou apparecer para derramar a flux sobre nós as suas graças e bençãos de magnanima Padroeira da nação.

A's nove horas já uma multidão enorme se apinhava em torno da capélla commemorativa das apparições.

Todos os peregrinos porfiavam em se approximar da branca estatua de Nossa Senhora do Rosario que, erguida sôbre um pedestal singelo, ao lado esquerdo do altar, parecia envolver num carinhoso olhar materno os fieis prostrados a seus pés e acolher benignamente os seus votos ardentes e as suas fervorosas homenagens.

Innumeras pessôas, de todas as classes sociaes, davam repetidas vezes a volta de joelhos á capela, cumprindo promessas formuladas em transes inolvidaveis de soffrimento e de mágua, em que, invocando o poderoso auxilio da augusta Mãe de Deus, fôram attendidos nas suas supplicas, estuantes de confiança e de fé.

Os servos de Nossa Senhora do Rosario e os seus auxiliares, obedientes ás ordens de seus chefes, numa disciplina rigorosamente militar, fazem admiravelmente o serviço de ordem regulando com methodo o acéso junto da capélla e da fonte das appariçõe. A sua acção, que se tornava indispensavel num tão grande agglomerado humano como o que alli se encontra no dia 13 de cada mês, é altamente benemerita, merecendo os mais rasgados encomios de todas as pessôas que della fôram testemunhas. Consola ver a correcção e cordura admiraveis com que tratam os peregrinos, a caridade e carinho inexcediveis com que assistem aos enfermos, a abnegação extrema com que, á semelhança do Apostolo S. Paulo, se fazem tudo para todos afim de valer a todos. Os jóvens *servitas* de Torres Novas chegaram á Fátima na vespera á tarde e passaram a noite em adoração ao Santissimo Sacramento na egreja parochial. Terminada a sua vela d'armas, dirigiram-se de manhã cêdo para o local das appariçõe, onde assistiram, ao nascer do sol, a uma missa resada em que receberam o Pão dos Anjos.



Alzira dos Anjos Sebolão,
de Pardêlhas (Murtoza),
que estando á morte foi curada repentinamente
por Nossa Senhora da Fátima
(*Voz da Fátima* de Março ultimo)

Depois das nove horas recomeça a celebração das missas dos sacerdotes previamente inscriptos. Em frente da porta da capélla estende-se um vasto oceano de cabeças humanas. Ao centro, a todo o comprido, na direcção da fonte maravilhosa, corre uma galeria, aberta pelos *servitas* na mole immensa de povo, por onde, de quando em quando, um sacerdote, revestido de sobrepeliz e estola, administra a Sagrada Communhão, e da qual se approximam em ondas compactas e succesivas e constantemente renovadas, centenas e centenas de fieis préviamente preparados nas suas terras pela confissão dos seus peccados para essa união intima com o Deus trez vezes santo, delicia das almas puras no sacramento do seu amôr.

Succedem-se as missas umas ás outras, ininterruptamente, e a devoção dos crentes, em vez de afrouxar, redobra de intensidade, á medida que se approxima o meio dia solar, a hora do contacto mystico entre a terra e o Ceu, a hora solemne das appariçõe e dos phenomenos mysteriosos.

Doentes de toda a especie de doenças chegam a cada momento junto da capélla. Os que se encontram em estado mais grave são immediatamente introduzidos no recinto fechado que circunda o altar, ao abrigo do sol e do contacto incommodo da multidão. Faces emaciadas, rôstos contrahidos pela dôr, uma longa theoria de tysicos, paralyticos e cancerosos, corpos myrrados, sacudidos por convulsões incessantes, esqueletos quasi inertes e sem vida, eis o espectaculo emocionante que nas immediações do altar se depara aos nossos olhos e que confrange e enche de profunda mágua as almas compassivas.

Os outros enfermos ocupam os logares mais proximos da capélla dentro da galeria aberta e guardada pelos *servitas*.

De todos os pontos continuam affluindo peregrinos, que não puderam chegar mais cêdo, mercê da longa distancia a que ficam as suas terras.

A multidão é cada vez mais compacta.

Sôa o meio-dia solar. Começa a ultima missa. O capellão-director dos *servitas* sóbe ao pulpito e, depois de rezar o *Crédo* em voz alta, juntamente com o povo, inicia publicamente a recitação alternada do terço do Rosario.

A' elevação fazem-se as comoventes invocações de Lourdes. Terminada a missa, a missa dos enfermos, canta-se o *Tantum ergo* e dá-se a benção com o Santissimo Sacramento, primeiro a todos os fieis e em seguida a cada um dos enfermos em particular. Emociona profundamente a vista de tantos corpos martyrisados e de tantos corações ulcerados pelo soffrimento, que se voltam para Jesus-Hostia, saúde dos enfermos, consolação dos tristes, numa supplica ardente de confiança, de resignação e de amôr. Sóbe então ao pulpito o rev. parocho de Pataias, que durante vinte minutos falla sôbre a devoção a Nossa Senhora e o cumprimento dos deveres christãos. No principio do sermão diz que o prégа em acção de graças pelas extraordinarias melhoras dum tuberculoso a quem a sciencia o anno passado considerava perdido e prestes a morrer e que alli estava presente com sua familia, apparentemente livre de perigo.

Após o sermão, a assistencia principia a dispersar-se pouco a pouco.

A «Voz da Fátima» é procurada com vivo interesse e muitos milhares de exemplares são distribuidos gratuitamente com uma rapidez incrivel.

Attrahia a attenção de todos uma mulher do povo, que o anno passado, achando-se tuberculosa, foi a Fátima pedir a sua cura, e que neste dia, completamente curada, voltou alli para agradecer a graça recebida, acompanhada por grande numero de pessôas da sua terra, que compartilhavam sentidamente da sua felicidade e do seu reconhecimento.

No dia seguinte, á noite, assistimos, com o coração confrangido de dôr, ao transporte dos mortos da catastrophe ferro-viária da Atalaya.

Coincidencia notavel! No comboio sinistrado viajavam nas diversas classes numerosos petegrinos, que regressavam de Fátima ás suas terras, e nenhum delles, que se saiba, ficou morto ou gravemente ferido.

A todos os nossos leitores sollicitamos uma préce muito sentida pelas desditosas victimas de tão horrivel tragedia, uma das maiores que registam os annaes ferro-viários portuguezes, e bem assim pelas da não menos lamentavel catastrophe de Belem, succedida poucos dias mais tarde e que, como a primeira, todos os corações encheu de luto e de amargura.

V. de M.

As curas da Fátima

Quinta do Souto, Cavernães (Vizeu).

Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Sr.

Tendo-me enviado um amigo de Vizeu, um exemplar da «Voz da Fátima», numa altura em que eu me encontrava gravemente doente e confortado com os ultimos Sacramentos, com uma infecção nos intestinos, estomago e figado, de que sofri desde 4 de Março de 1923 até fins d'abril do proximo passado, li a «Voz da Fátima» e fiquei encantado com tais prodigios operados pela Nossa Mãe do Ceu, na Fátima, que até á data me era desconhecida.

Eu já era devóto de Nossa Senhora mas foi nessa hora que minha alma se encheu de mais calôr, mais fé, e principiei por me dirigir a Nossa Senhora com mais confiança, por meio destas palavras: *O' minha Senhora, ó minha Mãe do Céo, já que Vos dignastes aparecer em Fátima, dignai-Vos tambem interceder por mim nesta doença, e eu serei curado. Se eu receber de Vós tão grande prodigio irei como peregrino a Fátima, quando puder, para Vos prestar homenagem e agradecer tão grande beneficio de Vós recebido e Vos darei uma esmola para engrandecimento do vosso culto, ao menos de cem escudos ou conforme eu puder.* Fui atendido desde essa hora.

Os sofrimentos fôram desaparecendo, e hoje encontro-me curado. Até essa data eu não comia, tudo me fazia mal, até o proprio leite e a agua de galinha. Hoje os meus sofrimentos estão completamente desaparecidos, apesar de dizerem todos os médicos que me tratavam, ter eu uma tisica intestinal. Estive em março de 1923 no Sanatorio em Vizeu, estive lá em Agosto e em Setembro do mesmo anno fui para Caldelas tomar banhos e aguas de que pouco aproveitei.

Não tinha recorrido devéras ao verdadeiro médico que é Nossa Senhora. Só por Ela obtive a minha cura. Em breve tenciono mandar 100$00 escudos para Nossa Senhora da Fátima e na primeira ocasião que possa aí irei como peregrino agradecer tão grande graça.

Fica esta minha carta ao dispôr de V. S.ª e fará della o uso que entender.

Sou, etc.

Justino Marques Bastos

P. S. — Quando invoquei Nossa Senhora de Fátima tambem juntamente honrei o titulo de Nossa Senhora da Victoria, padroeira da Irmandade desta freguesia, a quem destino comprar um turibulo em agradecimento a Nossa Mãe do Ceu pela minha saúde recuperada.

Escusa—Marvão, 3/5/1924

Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Sr.

Bemdita seja a grande Mãe de Deus Maria Santissima.

Venho trazer a V. Rev.^ma^ a noticia d'uma cura para sêr publicada na *Voz da Fátima*. Permita-me pois que eu faça a narração do facto.

Tenho uma tia chamada Tereza de Jesus Garraio, residente na Portagem, concelho de Marvão, a quem Nosso Senhor de ha tempos para cá tem enviado muitas provações.

E' mãe de 12 filhos, dois dos quaes nasceram ha dois mezes d'um parto. Passado um mez depois do nascimento das creanças começou a sentir-se tão mal, que mandou chamar o facultativo municipal do mesmo concelho, Dr. José Martins Gralha, o qual, depois de auscultar a doente, disse que o chamaram um pouco tarde e não deu bôas esperanças. Preceituou um tratamento á doente para exprimentar dizendo que, no caso de não dar resultado, teria de ser operada.

Uma noite peiorou tanto que chegou a dizer á familia que preparassem tudo porque ela não vencia. Estavam todos desanimadissimos, e com razão.

Foi n'esta altura que eu resolvi voltar-me para quem tudo póde, e do fundo do coração invoquei Nossa Senhora do Rosário de Fátima para que lhe acudisse, e não deixasse tantos filhinhos sem mãe.

Prometi publicar a cura na *Voz da Fátima* se Nossa Senhora se dignasse ouvir-me.

Acendi uma luz de azeite junto da sua imagem, e fui pedir a uma amiga uma pouca de agua de Fátima, e, acompanhada de mais trez pessôas amigas, fui visitar minha tia, que encontrei desanimadissima. Esforcei-me para conter as lagrimas e disse-lhe que tinha fé que Nossa Senhora havia de curál-a.

Puz-lhe ao peito uma medalha de Nossa Senhora de Fátima, que ela começou a invocar e a beijar, pedindo-lhe que lhe acudisse.

Coloquei em cima da cama uma bonita imagem de Nossa Senhora do Rosário que minha tia possue, e acompanhada de mais oito amigas, entre as quaes trez filhos da doente, resámos o terço do rosário em côro. A doente tomou parte como poude.

Em seguida bebeu alguns gôlos de agua de Fátima, e depois resámos a Ladainha de Nossa Senhora, e a oração «*Lembrai vos ó puríssima Virgem Maria, etc.*»

Recomendei lhe que continuasse durante nove dias a tomar a agua, emquanto eu e as ditas pessôas amigas faziamos uma novena.

Retirei para minha casa deixando-a um pouco mais animada.

A primeira vez que o médico a visitou depois que a doente começou a tomár a agua, achou que a febre tinha diminuido bastante. A segunda, a mesma coisa. E, visitando-a ele de dois em dois dias, sempre achava grande diminuição de febre, a ponto que disse que estava admirado como as melhoras se acentuavam, estando todo satisfeito por vêr aquele resultado na doente que ele com tanto cuidado tratava.

Minha tia apesar de estar convencida que foi Nossa Senhora quem lhe acudiu, nunca o manifestou ao médico.

Graças a Deus e a Sua Santissima Mãe, já está bôa, e póde tratar da sua vida.

Eu tenciono ir a Fátima no proximo dia 13 e levar a Nossa Senhora uma pequena esmola que minha tia lhe prometeu em ação de graças.

Já tive a felicidade de visitar duas vezes esse lugar de Fátima, sendo a primeira em 13 de Outubro de 1917. Tambem vi o fenómeno solár, e n'unca mais pude esquecer os felizes e consoladores momentos que nesse lugar previlegiado passei. A segunda vêz, foi em 13 de Outubro de 1922, e vi a repetição do fenómeno solar.

Termino pedindo a V. Rev.^ma^ perdão pelo incomodo que lhe dou.

Com os meus respeitosos cumprimentos sou, etc.

Conceição Ramiro Serra

Rev.mo Sr.:

Já ha bastante tempo devia ter escripto a dar uma noticia bastante interessante. Ha 3 annos que padeço de uma lesão cardiaca. Estive bastante mal. Em Agosto de 1923 peiorei, chegando a ter uma tal debilidade no estomago, que os remedios e o alimento que tomava tudo passava aos entestinos e sahia logo e nada se conservava, ficando em uma fraqueza terrivel e em suóres. Nesta altura, vendo que o meu estado era grave, requeri a Confissão e o Sagrado Viatico. Nessa ocasião minha esposa, vendo qne em pouco tempo ficaria viuva, recorreu á Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima que lhe valesse naquela aflição, pedindo ao seu Bemdito Filho as melhoras para seu marido, que era o seu amparo neste mundo. Logo nessa noite descancei melhor, e no dia seguinte já o que tomei se conservou no estomago e os suóres desaparecerem. Isto foi a 20 de Setembro de 1923, e no dia 13 de Outubro do mesmo ano já tive força para ir agradecer á Virgem Santissima, Senhora do Rosario da Fátima, a graça de me ter valido com a Sua Misericordia.

De então até hoje acho melhoras de dia para dia, como de tudo e nada me tem feito mal, graças a Deus.

Porto de Mós, 1 de Agosto de 1924

Joaquim da Silva Menezes

Obtiveram graças, que reconhecidamente veem agradecer a Nossa Senhora do Rosario:

Arceolina de Lourdes, de 7 annos de idade, filha de José Maria Neno e de Clarisse Emilia Carrada, da Murtoza, tinha duas pequenas ulceras nos olhos e não consentia que se lhe aplicasse remedio algum, apesar de todos os esforços empregados.

A mãe afflictissima, temendo que a sua filhinha ficasse cega, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, e prometeu-lhe, se Ela lhe valesse, de lá ir com sua filha beijar-lhe as mãos e dar-lhe a esmola de 10:000 réis. Começou então a lavar-lhe os olhos com agua de Fátima, e passados 3 dias estava completamente curada.

Mãe e filha incorporaram-se na peregrinação da Murtoza no dia 13 de Agosto, indo pagar a Nossa Senhora da Fátima a sua divida de gratidão.

Ana Maria Barbosa, de 29 anos de idade, lavradora, de Pardelhas de Murtosa, casada com Manuel Maria da Silva Gravato, tendo de sujeitar-se a uma operação que os médicos julgavam necessaria e imprescindivel, devido a uma infecção puerperal consecutiva a um parto, pediu a Nossa Senhora de Fátima que a livrasse de tal operação e prometendo-lhe, se alcançasse essa graça, de lá ir e dar-lhe uma esmola de cincoenta mil réis.

Começou desde então a lavar a parte doente com agua e terra de Fátima. O que é certo, é que no dia marcado para a operação, estando promptos e preparados os instrumentos cirurgicos em sua propria casa, e tendo-se previamente disposto com a Confissão e Comunhão, os médicos declararam que não era precisa a operação.

Está completamente curada e cumpriu a sua promessa no dia 13 de Agosto, indo n'uma peregrinação da Murtosa, (75 pessôas) a Nossa Senhora da Fátima agradecer-lhe aquele beneficio que só a Ela atribue.

Mariana Saldida, de 85 annos, da Murtoza (Pardêlhas), que estando muito doente e tendo recebido até os ultimos Sacramentos, oferecendo uma novena e bebendo agua da Fátima, com admiração de todos, levantou-se no dia seguinte.

Veio em Agosto á Fátima, dando cem mil réis para o culto de Nossa Senhora.

Antonio Luiz da Conceição, rua do Loureiro, 50, Coimbra, posto que continue doente, envia a quantia de 10:000 réis por uma graça que Nossa Senhora do Rosario da Fátima lhe concedeu.

Considerações e propositos d'uma alma devota da Virgem Santissima

Amar a Maria, porque é minha Mãe.

Depender de Maria, porque é minha soberana.

Obedecer a Maria, porque é minha rainha.

Estudar Maria, porque é o meu modelo.

Seguir Maria, porque é o meu amparo.

Combater ao lado de Maria, porque é a minha força.

Descançar em Maria, porque é o meu refugio.

As apparições de Lourdes

VIII

Resado o terço Antonieta Leydet approxima-se della e, dominada pela ideia de que era Elisa Latapie que apparecia, apresenta á creança o papel e a penna que levou consigo, dizendo-lhe:

— Pregunta á Senhora se tem alguma cousa a communicar nos e, no caso affirmativo, pede-lhe o favor de o escrever.

Bernadette levanta-se, dá alguns passos em direcção ao rochedo e, sentindo que as duas senhoras a seguem, faz-lhe signal, sem se voltar, para que se deixem ficar atraz.

Proximo da sarça, ergue-se nos bicos dos pés e apresenta á Senhora o papel e a penna. Ella espera, na attitude duma pessôa que escuta com atenção, de olhos fitos na sarça e na abertura ogival e com os braços sempre elevados; de repente abaixa-os, faz uma saudação profunda e torna para o seu lugar, tendo na mão o papel em que nada foi escripto.

Antonieta approxima-se rapidamente della e pregunta-lhe:

— Que foi que te respondeu a Senhora?

— Quando lhe apresentei o papel e a tinta poz-se a sorrir, depois, sem mostrar desagrado, respondeu: «O que tenho a dizer-lhe não é preciso que eu o escreva.»

Pareceu reflectir um instante e accrescentou: «Quere ter a bondade de vir aqui durante quinze dias?

— Que respondeste tu?

— Respondi que sim.

— Mas porque é que a Senhora quer que tu venhas?

—Não sei, ella não m'o disse.

—Mas, perguntou por sua vez a senhora Millet, porque fizeste signal para que recuassemos quando subiamos ha pouco atraz de ti?

—Para obedecer á Apparição.

—Ah! accrescentou a senhora Millet, inquieta, faze favor, Bernadette, de lhe perguntar se a minha presença aqui não lhe é importuna.

Bernadette então levanta os olhos para o alto da moita de roseiras bravas, escuta por momentos, depois, voltando se, diz:

—A Senhora responde: «Não, a sua presença aqui não me é desagradavel».

A creança torna a pôr-se de joelhos para rezar; as duas senhoras rezam com ella, sem comtudo a perderem de vista; ellas notam que Bernadette interrompe a sua oração e parece que conversa intimamente com a Visão. Mas não percebem nada, não ouvem nada. Passa-se pouco mais ou menos uma hora e a Visão desapparece. Então Bernadette levanta-se, as duas senhoras dirigem-se apressadamente para junto della, como para junto duma santa que tivesse sido favorecida pouco antes com uma graça de eleição, e dizem-lhe:

— Tu conversaste durante muito tempo com a Apparição; por ventura não recebeste della novas communicações?

—Sim, responde Bernadette, e o seu rosto apresenta ao mesmo tempo signaes de alegria e de anciedade. Ella disse-me: «Eu não lhe prometto torná la feliz neste mundo, mas no outro».

— Visto que a Apparição se digna fallarte, porque não lhe perguntas o nome?

— Eu fiz lhe essa pergunta.

—E então? Quem é ella?

— Não sei! Baixou a cabeça sorrindo e não me respondeu.

A senhora Millet e Antonieta Leydet reconduziram-na a casa de sua familia e disseram com uma ciosa emoção a Luiza Soubirous, como dias antes a senhora Nicolau:

—Ah! Como é feliz em ter uma tal filha!

O escriptor Estrade pedia um dia á Bernardette que lhe repetisse as palavras exactas desta terceira apparição. Ella exprimiu-se assim: «A Senhora disse-me: Quere ter a bondade...? E parou de repente a esta palavra, para accrescentar confusa e com a cabeça baixa: «A Virgem disse-me *quere!*»

Esta particularidade parece-nos interessante, por traduzir o respeito da Santissima Virgem por esta creança, de alma purissima, muito grande deante de Deus, que ella se recusa a tratar por tu. Ella é na realidade a mãe, a rainha e a inspiradora da Egreja Catholica que é uma grande escola de respeito. O nosso seculo, que póde chamar-se o seculo da falta de respeito, porque os homens já não se estimam, desprezam-se, não se saúdam, teem até o habito, o culto das palavras grosseiras e vis, o nosso seculo, diziamos, deve aproveitar esta lição dada tão delicadamente e que lhe permitte entrever que uma epocha, em que os individuos deixam de se tratar com respeito, perde em breve até o frágil verniz de civilisação e desce rapidamente a senda que conduz á barbarie.

Quando a Santissima Virgem lhe falava, a creança ouvia distinctamente, e as suas companheiras nada ouviam, assim como nada viam. Ella explicava mais tarde este phenomeno incomprehensivel dizendo duma maneira encantadora, com a mão estendida sobre a região do coração: «Quando a Virgem Santissima me confiava segredos, falava-me *por aqui* e não pelos ouvidos.» Depois, vendo que não a entendiam, accrescentava com tristeza por não encontrar imagem exacta para traduzir a sua impressão: «Eu não sei fazer-me comprehender. Olhem, para todos aquelles que estavam em torno de mim na Gruta, era como se uma pessôa se encontrasse a cem passos de nós; essa pessôa veria certamente que nós fallamos, mas não ouviria o que nós dizemos.»

Não seria possivel descrever melhor o que ella sentia, e sem que o suspeitasse, a humilde creança servia-se das proprias palavras da Santissima Virgem no *Magrificat*: ella excutava, ella ouvia com o espirito do seu coração, *mente cordis sui*.

Para ella ha um pouco mais de claridade no seu caminho.

Durante as duas primeiras apparições, absorveu-se na contemplação da Senhora

que a acolhe benignamente e sorri para ella, e que, por occasião da aspersão da agua benta, sorri tambem para todas as pessôas que estão presentes, almas simples e piedosas que a amam filialmente, porque o seu coração suspeitou que a visão era a Santissima Virgem. Desta vez ella encheu-se de coragem, ousou falar á Senhora e dirigir lhe uma pregunta infantil que fez sorrir a Apparição, depois perguntou-lhe sem rodeios quem ella era. «A Senhora baixou a cabeça sorrindo», e não respondeu, mas, é claro que esta pregunta não lhe desagradou. Contudo Bernadete não insistiu: ella conservava no seu coração estas palavras reveladoras: «Eu não lhe prometo torná-la feliz neste mundo, mas no outro».

Ella deve, pois, esperar contradicções, amarguras e soffrimentos. E todos estes males começarão em breve e não acabarão senão com a sua vida. Dôres intimas sem duvida e que os homens não conheceram todas, mas que nem por isso fôram menos acerbas.

Por isso, quantas vezes teve de trazer á memoria uma promessa da Rainha do Céu, para se consolar nas suas angustias!

V. de M.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.....	220:000
D. Bernardina Amelia da Silva	20:000
D. Luiza de Jesus Costa..	10:000
Lourenço da Cunha.....	10:000
A. S.	20:000
Soma.....	280:000

Os fenomenos solares

Quem estas linhas escreve e todas as outras quinze pessôas que no dia 13 de Agosto se dirigiam de camionette de Leiria para a Fátima, pouco depois das 8 horas da manhã, durante quasi meia hora, logo ao passar das Córtes até para além do Reguengo do Fétal, puderam observar os extraordinarios fenomenos solares do costume nos dias 13, posto que com menos intensidade que no dia 13 de Outubro de 1917.

E' de notar que este anno, sobretudo desde Maio, os fenomenos teem tido logar de manhã, tendo sido observados na Cova da Iria mais ou menos na ocasião em que a imagem de Nossa Senhora é conduzida para a capelinha das Aparições.

Sugestão, dirá alguem. Mas é possivel que tantas pessôas, algumas cathegorisadas, habituadas a raciocinar, se enganem?

E porque é que a sugestão não perdura na ocasião de maior aglomeração quando tudo parecia mais propicio a arrastar a imaginação?

A' volta, ao reentrar na camionette, dizia um estudante do lyceu: «*é certo, é certo, é certo*».

E' certo o quê? (inquirimos nós).

Se até aqui (respondeu) tinha um restinho de duvida, agora não tenho nenhuma.

A verdade é que além do apparecimento da agua e em tanta abundancia na Fátima e das curas inumeras e retumbantes que todos os dias chegam ao nosso conhecimento, os fenomenos solares (a não ser que os astronomos demonstrem o contrario) são por si só uma maravilha perenne.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte . . .	16.146:720
Impressão do num. 23 (18:000 exemplares) .	360:000
Outras despezas	85:000
Soma. . . .	16.591:720

Subscripção

(Continuação)

D. Maria das Dôres (de jornaes, etc.)	123:500
Percentagens em terços etc. (D. Maria das Dôres) . . .	17:000
D. Maria de Figueiredo . . .	10:000
P.e Augusto da Silva (2.º ano)	10:000
D. Maria Emilia de Macedo Cordeiro Rosa.	10:000
D. Carmen Satrustegni de Padilla (2.º anno).	10:000
D. Joaquina Sancho Silva (2.º anno).	10:000
D. Dorotéa Benavente da Conceição Alves	10:000
Manuel Pereira dos Reis . .	10:000
D. Maria Luiza da Conceição Felo.	10:000
D. Maria Augusta Ribeiro da Costa.	10:000
D. Teresa Barreira Frazão .	10:000
D. Maria Augusta.	10:000
De jornaes (Josefa de Jesus)	37:450
De jornaes (D. Maria da C. Alcantara).	21:300
De jornaes (Casa *Avé Maria* de Lisbôa)	28:000
De jornaes (P.e José d'Aguiar Machado Leal)	28:000
Capitão Lopo (2.º anno) . . .	10:000
D. Francisca Borges L. Freitas.	12:000
D. Candida Rocha Afonso. .	10:000
D. Teresa de Jesus Raposo Violante.	15:000
D. Efigenia de Mello	10:000
D. Maria da Encarnação Oliveira Bernardes	10:000
D. Maria da Paz Coimbra. .	10:000
Darlindo Coimbra Ferreira.	10:000
Manuel Ferreira Matheus . .	10:000
D. Guilhermina Mendonça .	10:000
David Pinto Tenda	10:000
Manuel José Marques.	10:000
D. Izabel d'Almeida Costa Pereira.	15:000
D. Filomena V. Figueiredo.	10:000
Donativos varios (Francisca Fitipaldi).	159:500
Antonio dos Santos Vieira .	25:000
Manuel Vigario	10:000
D. Maria Augusta Afonso de Matos.	10:000
João Nunes de Matos (2.º anno).	10:000
Francisco Lobato Leitão . .	10:000
D. Victorina Augusta Pinto	10:000
P.e José Alves Duarte (2.º anno)	10:000
D. Agueda Rosa	10:000
D. Maria Generosa de Menezes d'Almada	10:000
Antonio Simões Alves . . .	10:000
Arnaldo do Carmo Netto. .	10:000
D. Maria Alda Lopes. . . .	10:000
D. Anna Emilia Ferreira dos Santos. (2.º anno)	20:000
D. Amelia Pereira Abranches 2.º anno	20:000
D. Maria Pereira Dias Nunes	10:000
D. Maria José Bagulho Fernandes (2.º anno).	20:000
Manuel Teixeira de Carvalho (2.º ano).	10:000
D. Maria da Conceição Ferreira Gomes	10:000
D. Maria Ignês Namorado Fernandes (2.º ano) . . .	10:000
José Mendes	10:000
Donativos e percentagens (Manuel Anaia, etc.)	18:500
D. Maria Margarida de Campos Casaes (2.º ano) . . .	10:000
D. Maria Luiza ou D. Maria Anna Morgado (2.º anno).	10:000
D. Maria Pedrosa Mathias Ferreira (2.º anno) . . .	10:000
D. Anna A. de Matos Fernandes Potes (2.º anno) .	10:000
Comendador Antonio Coelho Villas Boas (2.º anno)	10:000
Antonio Joaquim Fernandes Potes	10:000
José Fernandes Potes (2.º anno).	15:000
De jornais (D. Maria Clara)	10:000
Joaquim Augusto d'Oliveira	10:000
D. Maria Augusta de Mello Lobo da Silveira Mattos.	10:000
Miguel Pinto (6 mezes) . .	5:000
D. Maria dos Prazeres de Gouveia O. de Mello e Castro	10:000
Joaquim da Rosa.	10:000
D. Maria Magdalena de Carvalho	10:000
D. Maria Amelia Marques.	10:000
Antonio Quaresma	10:000
Joaquim Gabriel Coelho. .	10:000
D. Maria Manuela Bacelar.	10:000
D. Gracinda Lopes	10:000
D. Jesuina Mesquita Carneiro	10:000
D. Maria Ermelinda Machado Campo Mousinho . .	10:000
D. Maria Lucrecia Santos Rosado Pimentel	15:000
D. Florencia dos Anjos Godinho (2.º anno).	20:000
De jornais (J. d'Oliveira Dias)	20:000
D. Carolina Alves Nobre .	10:000
Annibal Matta	10:000
P.e Antonio Vieira de Ceiça	10:000
Silva Braga (2.º anno). . .	10:000
D. Maria José de Carvalho Pinheiro d'Almeida. . .	10:000
P.e Joaquim Dias Duque .	30:000
D. Rita Nogueira	10:000
Romão Marques	10:000
D. Mathilde Garcez Cabral.	10:000
D. Joaquina da Silva Simões	10:000
D. Maria do Livramento Vasconcelos Horta.	10:000

(Ficam mais de 200 nomes á espera de vez).

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano III LEIRIA, 13 de Outubro de 1924 N.º 25

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Setembro

POUCOS minutos passavam das cinco horas da manhã quando occupámos o nosso logar no carro que nos conduziu a Fátima pela estrada ingreme e pedregosa da Serra d'Ayre. Confortavelmente installados em casa de uma familia das nossas relações, que fidalgamente nos acolhera no seu seio desde a vespera á tarde, numa das aldeias mais formosas e pitorescas da uberrima região banhada pelas aguas remansosas e limpidas do Almonda, alli aguardámos com a mais viva anciedade a hora marcada para a partida.

Quando nos levantámos e nos dirigimos para a porta do jardim, á espera do carro, fazia um luar esplendido. A noite, serena e tranquilla, convidava a passeiar.

Não soprava a mais leve aragem. Ao longe desenhavam-se nitidamente os perfis das arvores na encosta da montanha quasi talhada a pique. Nem uma só nuvem embaciava o azul diaphano do firmamento.

A lua, triste e melancholica, deslisava placidamente nas alturas, envolvendo no seu manto alvissimo o vulto gigantesco da serra e as aldeias alcandoradas nas suas faldas e mergulhadas num somno profundo e reparador.

Que momentos deliciosos, embora fugazes, se gosam nestas madrugadas tepidas do Outomno, em que tudo na Natureza estimula ao recolhimento e á meditação, elevando-nos novamente até aos pés de Deus, seu Auctor.

Mas já vamos a caminho de Fátima, a terra do mysterio e do prodigio, centro de attracção de tantas almas, crentes e enthusiastas, ponto de convergencia de tantos corações estuantes de piedade. Eram dez horas quando chegámos ao local das apparições. Uma multidão de muitos milhares de pessôas rodeia a capélla e espraia-se pelas proximidades.

A cada instante affluem novos peregrinos, mas nunca o numero delles eguala o dos mezes de Junho e Julho anteriores.

Cerca das onze horas chega em «camions» um numeroso grupo de peregrinos de Peniche. Organisados em cortêjo sob a direcção do respectivo parocho e precedidos dum rico e vistoso estandarte, dirigem-se lentamente para junto da capélla, entoando canticos em honra da Virgem. Chegam depois as peregrinações de Gavião e do Douro. Os grupos coraes destas peregrinações reunem-se e cantam o «Bemdito» e outros canticos populares, emquanto se celebram as missas e se distribue a Sagrada Communhão. Milhares de fieis, préviamente confessados nas suas terras, recebem em seus peitos o Pão dos Anjos que ás vezes é ministrado simultaneamente por dois sacerdotes revestidos de sobrepeliz e estóla, graças á affluencia extraordinaria de commungantes.

A' primeira missa, a missa dos Servos de Nossa Senhora do Rosario, vulgarmente conhecidos pela singela e laconica denominação de «servitas», todos os membros desta benemerita associação de caridade e os seus auxiliares se approximam devotamente da mêsa eucharistica.

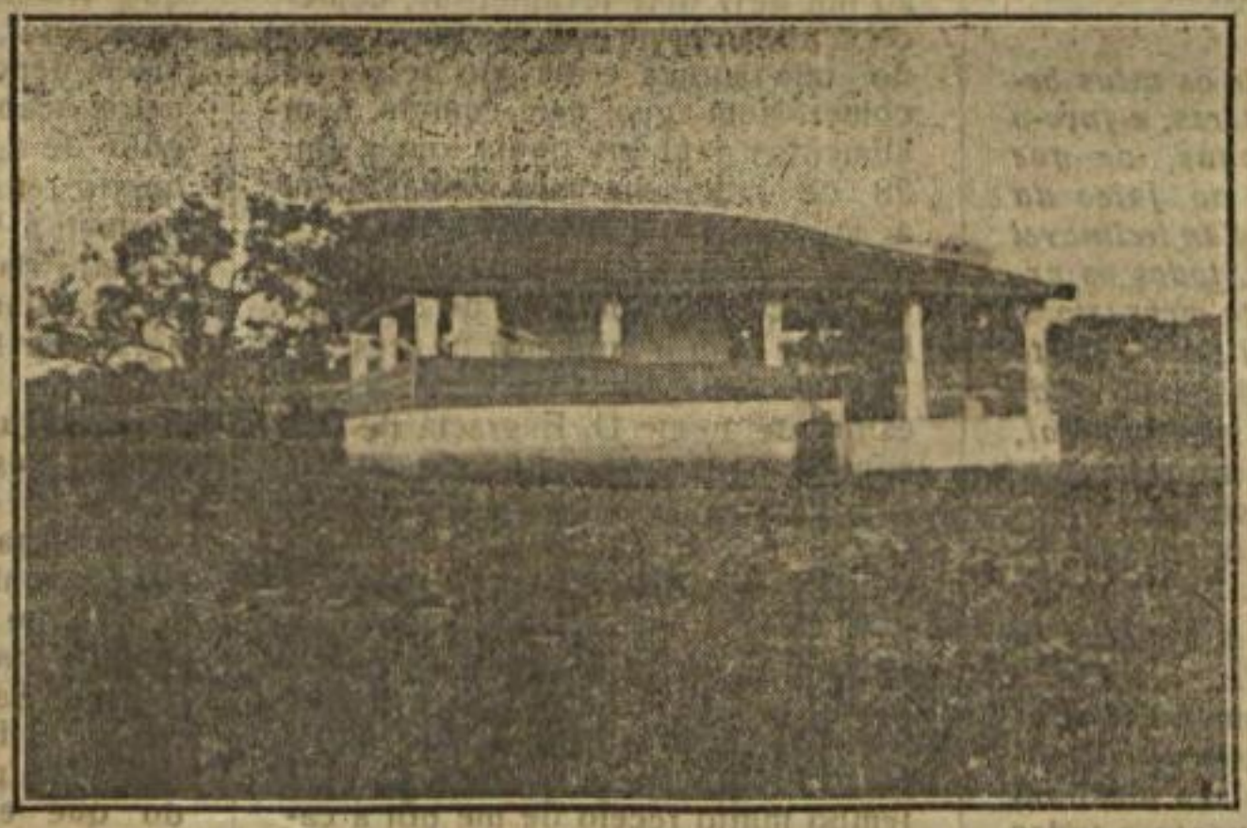
Ao meio-dia solar principia a ultima, a missa dos enfermos. Immediatamente antes e como preparação para ella, a assistencia canta em côro unisono o magestoso *Credo* de Lourdes.

E' indescriptivel o effeito desse grito de fé proferido por milhares de bôccas repercutido de quebrada em quebrada, proclamando aos quatro cantos de Portugal a crença viva e indomavel de um povo de heroes, generoso e bom. Durante a missa rezou-se o terço do Rosario. No intervalo das rezas em commum o silencio é apenas interrompido pelo murmurio cadenciado das préces e pelos suspiros abafados das almas atribuladas e dos corações compungidos.

No fim da missa, expõe-se a Hostia Sacrosanta numa riquissima custodia, dando-se logo em seguida a benção particular a cada um dos enfermos presentes.

Assiste-se então a um espectaculo sobremaneira emocionante, não menos emocionante que o da esplanada do Rosario, em Lourdes, durante a procissão da tarde.

Nos rôstos de todos, peregrinos e doentes, transluz a fé ardentissima na presença real de Jesus no Sacramento da Eucharistia. Os enfermos estendem as mãos supplicantes para a Hostia de Amôr num appello mudo mas altamente eloquente e significativo que commove os corações mais duros. Não ha olhos que não estejam marejados de lagrimas. Não ha labios que não pronunciem palavras de esperança e clamores de misericordia. Não ha corações que não pulsem de amôr e não vibrem de contrição. Todos choram numa commoção immensa, unica, verdadeiramente assom-



Capelinha da Cova da Iria, com seu alpendre em volta, vista do lado sul

brosa, confundindo as suas lagrimas no mesmo terreno sagrado sãos e enfermos, homens e senhoras, aristocratas da mais nobre estirpe e humildes filhos do povo.

Abençoados os doentes, canta-se o *Tantum ergo* e dá-se a benção geral a toda a multidão. Por fim sóbe ao pulpito o Rev. Dr. Ferreira da Silva, professor do Seminario do Porto, a quem a commoção embarga a voz, impedindo-o quasi de fallar. As suas palavras regadas pelas lagrimas, entrecortadas pelos soluços, são phrases soltas, mas vibrantes de fé e enthusiasmo, que vão direitas ao coração dos ouvintes, communicando-lhes a emoção profunda que traduzem.

Findo o sermão, a assistencia começa a debandar. Duas horas depois, na Cova da Iria, só se viam alguns raros devotos, rezando piedosamente as suas orações, na dôce paz tranquilla que se respira naquella mansão bemdita que é a delicia das almas crentes e o conforto dos corações contritos e atribulantes.

V. de M.

AVISO

No intuito de prevenir possiveis reparos de pessôas aliás bem intencionadas, julgamos conveniente reproduzir a nota com que fechava o artigo de fundo do primeiro numero deste jornal, devido á penna do nosso colaborador *V. de M.*

E' do teôr seguinte:

«*Cumpre-me advertir os meus benévolos e presados leitores, e faço-o hoje de uma vez por todas, de que submeto inteiramente ao juizo da Santa Egreja, como é indeclinavel dever de um catholico, todos os artigos que publicar neste mensario, e de um modo especial tudo quanto se referir ás apparições e curas de Fátima, cujo caracter sobrenatural, se por ventura o teem, só ao magistério ecclesiastico assiste auctoridade e competencia para apreciar e reconhecer.*»

Escusado é dizer que todos os redactores e collaboradores deste jornal perfilham inteiramente a doutrina contida nesta nota, protestando do mesmo modo o seu absoluto e incondicional acatamento a todas as instrucções e determinações da autoridade eclesiastica.

A Direcção

O mez do Santo Rosario

Não se esqueçam os leitores de que o mez de Outubro é dedicado a Nossa Senhora do Rosario. Para vermos quanto esta devoção é agradavel a Nossa Senhora, basta lembrarmo-nos que apareceu em Lourdes trazendo um terço e a uma creança que o resava. O mesmo aconteceu em Fátima, aparecendo no mez do Santo Rosario e dizendo que era N. Senhora do Rosario.

Tenhamos, pois, todos muito a peito esta devoção e procuremos ser-lhe muito fieis, acomodando ao mesmo tempo o nosso proceder (isto é indispensavel) á Santa Lei de Deus.

As curas da Fátima

Caldas da Rainha, 26/9/1924

Ex.mo e Rev.mo Senhor.

Não quero nem devo demorar-me mais em lhe escrever para lhe dar uma noticia com que vai ficar satisfeito, que eu por mim estou o mais reconhecida que possa ser para com Deus e a Virgem Nossa Senhora. Eu tinha uma doença no estomago desde o dia 14 de novembro de 1922, isto é, ha 22 mêses. Mostrei-me a 4 médicos, o que não deu resultado nenhum.

Tinha dias que passava melhor com certos remédios mas o estomago habituava se e não me faziam nada. Tinha dias inteiros em que me não parava nada no estomago, nem remédios nem os alimentos, o que dava origem a que a fraqueza fôsse dobrada. Se tinha melhoras um dia no outro punha-me logo peior.

No dia 18 de janeiro puz-me peior e recolhi á cama onde me demorei 12 dias. De então para cá nunca mais se passou um só dia que eu não vomitasse.

Em dia de S. José tornei a ir para a cama gravemente doente. A minha mana Mariana de Mira, vendo-me tão perigosa rogou a Nossa Senhora do Rosario da Fátima que se fôsse servida de eu não morrer nessa doença viria um dia á Fátima.

No dia seguinte puz me melhor e ao fim de 7 dias levantei-me, comecei a andar de pé mas vomitava mais do que nunca e até pão deixei de comer. Nem agua, nem comida, nem alimentos nenhuns podia tomar. Em 28 de julho vim para Caldas onde a minha mãe vinha a banhos.

Eu ia tomal-os a S. Martinho do Porto com a esperança de que melhorasse com a mudança de ares.

A senhora, dona da casa em que estou, de nome D. Engracia de Assunção, comoveu-se de me ver sofrer tanto e disse-me um dia que sabendo que eu era religiosa me dava de conselho que fôsse a Nossa Senhora da Fátima, pois tinha esperança que, se lá fôsse, melhoraria. Entre a duvida e a esperança eu não sabia o que devia escolher. Tinha muita vontade de ir e ao mesmo tempo muito receio de me pôr a caminho de Caldas da Rainha a Fátima, que ainda é longe. Depois veio uma senhora chamada D. Virginia de Nazaré Lopes e ofereceu-me uns exemplares da «Voz da Fátima» para eu lêr e ver que não era a primeira pessôa que lá ia doente e que não voltavam peiores. Comecei pois a lêr com muito interesse e acabei por me convencer de todo a ir.

Pedi ao meu tio e padrinho Ignácio Luiz de Mira, com quem tenho sido criada, e a minha mãe (Maria José de Mira) que estavam aqui comigo, que me levassem a Fátima, fazendo-lhes compreender que de nossa casa ainda nos ficava muito mais longe.

O meu padrinho e a minha mãe, com o desejo de me verem melhor, cederam logo ao meu pedido, e lá fomos no dia 13 de Setembro.

Já depois de estar aqui em Caldas tive uma carta de um médico que me tratava lá no Alemtejo, em que me dizia que já não tinha coragem de me receitar, pelo menos sem me tornar a ver, e nem mesmo se atrevia a dizer-me que repetisse a receita e todos os outros médicos pensavam que eu não melhoraria.

Chegou emfim o dia 13 que por mim era tão desejado. Ia confessada de vespera e cheguei a Fátima mesmo na ocasião em que estavam a dar a Sagrada Comunhão. Comunguei logo mas não quiz de ali sair. Ninguem me fez comer nada até ás 2 horas da tarde. Estive quasi desmaiada, creio que da fraqueza e do calôr. A minha mãe pediu uma pinga de agua para mim, e logo uma alma caridosa trouxe uma garrafa com agua da Fátima. Bebi e reanimei-me um pouco e já tive força para lá estar até ás 3 horas. Assisti á benção dos enfermos antes de abalar da Fátima, e estava tão satisfeita como se tivesse comido.

Vim para o carro e no caminho minha mãe começou a dizer-me que comesse. Levava bolacha de agua e sal, que era o que me servia de pão, mas eu nesse dia não tive vontade de as comer e experimentei comer um bocadinho de pão. Não imagina a minha alegria quando vi que o comia como se não fôsse nada comigo e tive vontade de comer queijo, o que nunca tinha comido, e com grande admiração de todas as pessôas que vinham comigo. Julguei que ia vomitar, mas não foi assim. Comecei depois a fazer da seguinte maneira: acabando de comer bebia um gôlo de agua da Fátima e ia para o quarto rezar um terço. Nessa altura prometi á Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima que, se deixasse de vomitar, tornaria a ir a Fátima agradecer-lhe antes de ir para o Alemtejo. Continuei a rezar e a beber a agua 3 vezes ao dia, durante 9 dias. Desappareceu a impressão que tinha no estomago desde o dia 13. Nunca mais tive um vómito e até me desconheço a mim mesma.

Eu que havia 22 mezes nunca mais tinha tido apetite até agora, a Virgem Santissima ouviu os meus rógos e fez ver a todas as pessôas que tinha poder para me pôr melhor do que eu era quando me julgava com saúde.

Felizmente desde que lá fui nunca mais tive sequer uma leve indisposição de estomago. Nada me tem feito mal, graças a Deus e, se Elle quizer e a Virgem Nossa Senhora, no dia 13 de Outubro lá irei outra vez visto que tenciono abalar para a minha terra no dia 15.

Leontina Maria José de Mira

de 21 annos de idade, de Pavia do Alemtejo

Maria Pedrosa, de 57 annos, residente em Leiria na rua D. Nuno Alvares Pereira, sofrendo havia muitos annos dos intestinos que não lhe permitiam alimentar-se, num momento de maior aflicção, nos principios de Junho de 1923, na perspectiva de não poder tratar da sua vida, tendo obtido umas gôtas de agua da Fátima fi-

cou repentinamente curada não só do estomago como das pernas que tinha excessivamente inchadas.

Obtendo a agua ajoelhou deante dum quadro de N. Senhora de Lourdes, resando fervorosamente a oração de S. Bernardo e tres Avé-Marias, o que de resto já fazia todos os dias.

Francisco Esteves da Cruz, de 17 annos, filho de Antonio Esteves e de Maria Casimira, de Antas, freguezia da Azueira, concelho de Mafra, adoeceu gravemente no dia 6 de Março de 1924 com um grande ataque de gripe, passando a uma pneumonia, tendo tido inumeras visitas do médico.

Não obstante, ia peiorando tendo de sofrer uma punção do lado esquerdo para lhe ser extraido liquido.

A mãe pediu a Nossa Senhora da Fátima a cura de seu filho, prometendo publicar a graça e ir a Fátima no mês de maio.

No dia 11 de maio ultimo teve a ultima vizita do médico, sofrendo nesse dia tres punções, nas costas e no peito, deitando muito pús.

O médico mandou-o para o hospital, mas elle estava tão mal que se encheu a casa de gente, e todos á uma diziam que morreria no caminho.

Quando o médico saiu, chegou a primeira porção de agua da Fátima, e a mãe deixando sair primeiro o povo, veio para junto do doente, deu-lhe da agua, e que rezasse uma *Avé Maria* a Nossa Senhora, a quem pediu confórme sabia, que o melhorassse.

Depois de beber a agua perguntou se a agua era santa porque sentiu alguma coisa de novo. No fim de dois dias já não havia signaes da doença e hoje encontra-se de perfeita saúde e vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima.

Agua da Fátima

As pessôas que desejarem obter agua da Fátima e mesmo outros objectos religiosos, podem dirigir-se a José d'Almeida Lopes, residente em Fátima (Vila Nova d'Ourem) e que é pessôa da confiança do Rev. Paroco e da Comissão.

Os Ceus contam a gloria de Deus

O sol é bem 310:301 vezes maior que a terra. Anda por 200 milhões o numero de estrelas que pódem ser vistas quer a olho nú quer com o auxilio de telescópio.

Sabendo-se que a luz percorre 300:000 kilometros em um segundo, a estrela mais visinha chamada *Sirio*, está distante de nós oito annos e meio de luz isto é, 542:803 vezes a distancia da terra ao sol.

A estrela *Rigel* dista de nós 320 annos de luz, e á medida que augmenta a força dos telescópios vão-se descobrindo cada vez mais estrelas.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.....	280:000
Jeronymo Sampaio	40:000
D. Josefa Carolina de Matos Chaves	10:000
Soma.....	330:000

Venda de objectos

Mais uma vez avisamos os peregrinos que é rigorosamente prohibido, seja a quem fôr, vender quaesquer objectos dentro dos muros da Cóva da Iria, e que o Santuario nada tem que vêr com as vendas de todo e qualquer objecto.

Fazemos este aviso porque sabemos que varias pessôas não teem cumprido esta ordem, e outras teem sido exploradas na compra de objectos, pensando erradamente que o excesso do seu valor seja a favor das obras.

Aos Rev.os Sacerdotes

Novamente avisamos os Rev.os Sacerdotes que teem de se inscrever previamente, caso queiram celebrar a Santa Missa na Cova da Iria, dirigindo-se ao Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, Seminario de Leiria.

Adoração nocturna

Neste mez ha adoração nocturna do dia 12 para 13, na Igreja Parochial da Fátima, terminando pela Missa cantada e benção ao nascer do sol.

Peregrinos de Lourdes

Entraram em Lourdes, em 1923, 201:820 peregrinos em comboios de peregrinações francezas e 46:020 em comboios de peregrinações estrangeiras, não sendo compreendidos nesta cifra global os peregrinos isolados, dos quais o numero foi porventura superior áquele.

O numero de doentes, que passou de 9:000 em 1922, subiu em 1923 a 13:000. Para os receber foi necessario construir-se mais uma galeria junto ao hospital do Asilo, sôbre a margem esquerda do Gave. Esta galeria compreende duas salas espaçosas e bem arejadas, contendo 100 leitos cada uma.

Notas e impressões

O phenomeno solar

Duma carta dum amigo nosso, recentemente recebida, extractamos as seguintes linhas:

«Estes phenomenos solares que se renovam com tanta frequencia, deviam ser bem estudados (visto que Nossa Senhora misericordiosamente os repete), por uma comissão de competentes. Será talvez caso unico na vida da Egreja e parece não terem explicação natural.»

Calumnias e mentiras

De duas cartas endereçadas ao director da «Voz da Fátima» por um português ilfustre que reside actualmente na Belgica, trancrevemos as seguintes passagens:

Da primeira carta:

«Escrevem-nos de Portugal sôbre os acontecimentos de Fátima e pedem-nos dados para rebater estas affirmações:

1.º — As creanças tinham sido industriadas antes.

2.º — Com temor de que ellas viessem a descobrir tudo, fizeram-nas desapparecer do numero dos vivos dentro de seis mezes depois das apparições.

3.º — A agua dizem que é da chuva, represada, malsã, e que se leva dinheiro por ella e pelos banhos.

Eu recebo a «Voz da Fátima», mas só do numero onze para cá; e nelles não encontro elementos necessarios para responder cabalmente. Recorro portanto á bondade de V., de quem fico aguardando dados positivos com que habilitar o meu consulente a uma resposta decisiva.»

Da segunda carta:

«Muito obrigado pela sua attenta e formosa carta de cinco do corrente. Acabo agora mesmo de responder ás objecções apresentadas e espero que algum bem se fará. Se acaso apparecerem novas duvidas, recorrerei de novo á sua caridosa illustração. Por agora fico á espera do efeito que fazem as suas palavras, algumas das quaes transcrevi á lettra e que certamente hão-de impressionar os animos dos leitores.

Resignação christã

Uma senhora do Porto, tão notavel pela sua linhagem como pelos seus acrisolados sentimentos de piedade, que se dignou honrar o numero de Junho da «Voz da Fátima» com um formosissimo artigo da sua auctoria subordinado á epigraphe «Impressões duma peregrina» escreve o que se segue a respeito do seu estado de saúde e das disposições do seu espirito:

«Nossa Senhora de Fátima curou-me da neurasthenia, mas continúo sendo uma doente do corpo. Contudo a alma está tão cheia de alegria celestial, que não me entristeceria a ideia de me saber presa á cama por toda a vida.»

Recordações duma peregrina

Duma carta que temos em nosso poder tomamos a liberdade de trans-

crever para aqui algumas passagens interessantes.

«E' com o coração inundado duma consolação intima até hoje desconhecida que me apresso a communicar-lhe as minhas impressões do dia 13 de Setembro ultimo. Fomos a Fátima eu, minha mãe, uma tia minha e mais cinco pessôas da nossa familia; com os estranhos, eramos ao todo vinte pessôas.

Um «camion» que alugámos levou-nos directamente a Fátima ou, para melhor dizer, á Cova da Iria. Nunca imaginei poder presenciar na minha vida uma romaria tão comovente. Não sei descrever a impressão que senti ao ver tantas e tantas almas que de tão longe veem para venerar a Santissima Virgem no sitio onde ella se dignou apparecer. Apodera-se de nós o desejo de permanecer alli por muito tempo. Como se reza bem junto da capella! Parece até que o logar não nos convida a outra cousa. Consegui obter um logar no recinto destinado aos doentes, pois não podia deixar minha mãe sósinha e tambem porque desejavamos receber a Sagrada Communhão. Muitos enfermos alli se encontravam, procedentes de toda a parte. Ao pé de nós, deitados em macas, estavam dois doentes dignos de toda a compaixão. Permitta Deus que elles se curem para gloria de sua Mãe Santissima.

No proximo mês vae a Fátima uma peregrinação desta villa. Prouvéra a Deus que nós tambem lá pudessemos ir nessa occasião! Desde que vim não me tem sahido do pensamento aquella estancia abençoada.»

V. de M.

Préces e canticos collectivos dos peregrinos durante a benção do Santissimo na Cova da Iria

—Senhor, nós Vos adoramos!

—Senhor, nós temos confiança em Vós!

—Senhor, nós Vos amamos!

—Hossanna, Hossanna ao Filho de David!

—Bemdito seja O que vem em nome do Senhor!

—Vós sois Jesus Christo, Filho de Deus vivo!

—Vós sois o meu Senhor e o meu Deus!

—*Adoremus in aeternum Sanctissimo Sacramentum.* (Cantado).

—Senhor, cremos em Vós, mas augmentai a nossa fé.

—Vós sois a resurreição e a vida!

—Salvai-nos, Jesus, aliás perecemos!

—Senhor, se o quizerdes, podeis curar-me!

—Senhor, dizei só uma palavra e serei curado!

—Jesus, Filho de Maria, tende piedade de mim!

—Jesus, Filho de David, tende piedade de nós!

—*Parce Domine, parce populo tuo, ne in aeternum irascaris nobis* (cantado).

—Oh! Deus, vinde em nosso auxilio, vinde depressa socorrer-nos!

—Senhor, aquele a quem amais está doente!

—Senhor, fazei que eu veja!

—Senhor, fazei que eu ande!

—Senhor, fazei que eu ouça!

—Mãe do Salvador, rogae por nós!

—Saúde dos enfermos, rogae por nós!

—Bemdita seja a Santa e Imaculada Conceição da Bemaventurada Virgem Maria, Mãe de Deus!

—Nossa Senhora do Rosário, rogai por nós! (3 vezes).

—Minha Mãe Santissima, tende piedade de nós! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosário, dai-nos saude por amor e para glória da Santissima Trindade! (3 vezes).

Nossa Senhora do Rosário, convertei os pecadores! (3 vezes).

—Saúde dos enfermos, rogae por nós! (3 vezes).

—Socôrro dos doentes, rogae por nós! (3 vezes).

—O' Maria, concebida sem pecado, rogae por nós que recorremos a Vós! (3 vezes).

—Nossa Senhora do Rosário, salvae-nos e salvae Portugal!

NOTA—As jaculatórias acima mencionadas são as únicas que por ordem da autoridade eclesiastica devem ser recitadas publicamente na Cova da Iria e além das indulgencias que lhes estão anexas pela autoridade apostolica, concede o sr. Bispo de Leiria 50 dias a quem lá as recitar.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte. . . .	16 591:720
Impressão do numero 24 (18:000 exemplares). .	360:000
2 fotogravuras	65:000
Outras despezas. . . .	75:000
Soma. . . .	17.091:720

Subscripção

(Continuação)

P.e Edgard Benedicto Abreu Castello Branco.	10:000
D. Maria do Ceu Pinto de Abreu e Lima (2.º anno).	10:000
Julio Gonçalves Ramos (2.º anno)	10:000
D. Maria da Purificação Godinho	10:000
Antonio da Costa Melicias (2.º anno)	10:000
D. Felicidade Rosa de Souza	10:000
Antonio Dias Margarido . .	10:000
José Rodrigues Cardoso . .	10:000
P.e Abel Alves de Pinho . .	10:000
P.e Bento da Silva Bravo. .	10:000
D. Berta Osorio Amador . .	10:000
D. Maria das Dôres Fernandes Rendeiro (2.º anno). .	10:000
Manuel José Marques. . . .	10:000
João Lourenço Bandeira . .	10:000
Antonio Gomes do Ceu . .	10:000
Antonio Farinha Gomes. .	10:000
D. Maria da Conceição. . .	10:000
Miguel Pereira.	10:000
D. Joaquina de Jesus Martins	10:000
P.e Manuel d'Oliveira Ventura.	10:000
Silvano d'Abreu Cardoso. .	10:000
D. Maria de Jesus Silva . .	10:000
D. Maria Magdalena de Carvalho.	10:000
Policarpo Manuel dos Santos	10:000
D. Maria Helena de Magalhães Carneiro Zagallo Ilharco.	10:000
D. Maria Paula Franco Cardoso	10:000
Julio Cortez Pinto	10:000
D. Amelia Fiuza..	10:000
Joaquim A. Leite Ferreira Pinto Bastos.	10:000
Manuel Passos (2.º anno) .	10:000
Alvaro Correia.	10:000
João Ribeiro.	10:000
Raul Monteiro	10:000
D. Olinda (Casal Velho). . .	10:000
Manuel Libanio da Silva . .	10:000
Augusto Garcia Patusco. . .	10:000
D. Maria Assumpção Duarte	10:000
D. Idalina Rodrigues Pouzada	25:000
D. Maria da Rocha Cabrera	10:000
D. Anna Rosa Pires Moreira	10:000
P.e José Antonio de Campos (2.º anno)	10:000
D. Perpetua Cardoso Norberto (2.º anno.	10:000
D. Maria da Conceição Norberto (2.º anno)	10:000
Antonio Prates Ribeiro Teles	10:000
Fortunato Marques dos Santos	12:500
José Christovão d'Ourem. .	10:000
D. Natividade de Castelo e Silva (2.ª vez)	5:000
De jornaes (Coruche e Salvaterra)	4:500
Dr. Manuel da Cruz Junior (2.º anno)	10:000
Amilcar d'Almeida Marques	10:000
D. Antonia Madureira Borges de Carvalho Bastos. .	10:000
D. Guilhermina da Cunha Barbosa	10:000
D. Maria Beatriz da Fonseca Pinheiro	10:000
D. Maria Albertina d'Azambuja Teixeira	10:000
D. Anna Justina de Carvalho e Sá Teixeira. . . .	10:000
José Maria Carneiro Leão	20:000
Anonimo (E. da P. M.) . .	20:000
D. Maria Luiza Ribeiro de Mello.	10:000
D. Margarida da Motta Marques	10:000
D. Maria Amelia Rosa de Souza Rôxo	10:000
D. Branca Rosa de Sousa Rôxo	10:000

Esperam a sua vez 245 subscriptores

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano III LEIRIA, 13 de Novembro de 1924 N.º 26

A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Outubro

A grande peregrinação nacional

O dia 13 de Outubro de 1924 é mais um dia formosissimo de gloria e triumpho a inscrever em lettras de ouro nos fastos admiraveis de Nossa Senhora do Rosario de Fátima. Cento e cincoenta mil portuguêses, talvez cerca de duzentos mil, segundo calculos de pessôas competentes, accorreram nesse dia ao local bemdito, onde ha sete annos a augusta Mãe de Deus não cessa de derramar profusamente sôbre as almas as suas graças mais escolhidas e mais preciosas.

Na vespera, quando já tantas familias de longe iam a caminho de Fátima, a auctoridade civil annunciou, pela imprensa e por meio de editaes, a prohibição da grandiosa romagem. Na fórma do costume, a prohibição em nada diminuiu o brilho da incomparavel manifestação religiosa, antes contribuiu em larga medida para realçar a sua importancia assombrosa e imprimir-lhe a notoriedade a que tinha jus, dentro e fóra do paiz.

Muitos dos que nella tomaram parte consideravam-na justamente como a maior manifestação religiosa dos nossos tempos, a par do Congresso Eucharistico Nacional de Braga, com o qual rivalisou em magestade e esplendor sagrado, em ardor de fé e piedade e em concorrencia de fieis.

Já no sábado precedente eram innumeras as pessôas que de terras distantes se dirigiam para Fátima pelas differentes estradas que para alli convergem.

A pé ou a cavallo, em vehiculos de toda a especie, os grupos de peregrinos succediam se uns aos outros, de noite e de dia, a caminho da estancia mysteriosa que tem o condão inexplicavel de prender no seu encanto seductor as almas mais puras e mais béllas da terra de Santa Maria.

O concurso intensifica-se de um modo assombroso na tarde de Domingo e na segunda-feira de manhã.

As multidões precipitam-se em ondas alterosas sôbre a cumiada da serra d'Ayre, onde a celebre Cova da Iria — o local das apparições e dos phenomenos maravilhosos — parece transformada num lago immenso de cabeças humanas.

Na noite de Domingo para segunda-feira, como estava anunciado, realisou-se na egreja parochial de Fátima a commovente cerimonia da adoração do Santissimo Sacramento.

O sumptuoso templo, recentemente reconstruido e ampliado, regorgitava de fieis.

A assistencia comprimia-se a ponto de não haver um unico logar vago em nenhuma das tres grandes naves. A missa solemne revestiu um esplendôr extraordinario, singularmente realçado pela numerosa communhão geral, em que tomaram parte cerca de sete mil pessôas previamente confessadas nas suas terras na vespera ou na ante-vespera.

Por falta de sacerdotes que os attendessem, muitos fieis não poderam confessar-se, nem por isso mesmo receber a Sagrada Communhão.

A's nove horas, quando seguiamos pela estrada que conduz da egreja parochial ao logar das apparições, centenas, talvez até milhares de fieis, regressavam já aos seus lares distantes, depois de terem ouvido missa e cumprido as suas devoções e promessas junto da branca estatua de Nossa Senhora do Rosario.

A meia encosta, entre a capella commemorativa dos acontecimentos maravilhosos e o cume do monte, onde brevemente principiará a construir-se o grandioso templo da Coroação de Nossa Senhora, ergue-se, elegante e imponente, o altar provisorio, onde se celebram as missas da peregrinação.

Em frente do altar, num recinto expressamente reservado, encontram-se os doentes que acorreram aos pés da Virgem a pedir por sua intercessão a Jesus Sacramentado a cura dos seus males, o allivio dos seus sofrimentos ou ao menos o conforto e a resignação christã para os supportar com merito para a eternidade.

O seu numero é grande como nunca o foi até hoje naquelle logar. São talvez mais de duzentos, dispostos em longas e numerosas filas. Alguns, os paralyticos e aquelles cujo estado se considera mais grave, estão deitados em macas, constituindo a primeira fila.

Os *Servitos* e os seus auxiliares, serenamente e em silencio, prestam os seus serviços, com um zelo e uma dedicação inexcediveis, sob as ordens dos respectivos chefes. Uns transportam ou acompanham os doentes, prestando-lhes os pequenos obsequios que a caridade reclama, outros recebem os donativos dos fieis ou distribuem gratuitamente os trinta mil exemplares do numero de Outubro da «Voz da Fatima», outros estacionam junto das torneiras da agua maravilhosa, facilitando incansavelmente e com uma paciencia inaudita a sua acquisição aos romeiros, outros finalmente policiam o recinto murado, impedindo a entrada de vendedores ambulantes, e regulam o serviço de ordem nos locaes de grande agglomeração de fieis — a capella das aparições, o altar provisorio e a fonte da agua maravilhosa.

As communhões sucedem-se ininterruptamente, distribuindo-se mais de quatro mil vezes a Hostia Sacrosanta.

Ao meio-dia official começa a ultima missa, a missa dos enfermos.

E' o momento mais emocionante da grande peregrinação. Em frente do altar jazem os doentes e na esplanada que os circunda encontra-se uma multidão compacta de cem mil pessôas. O *Credo* de Dumont é cantado em latim, como preparação para o Santo Sacrificio da Missa. Segue-se a recitação do terço do Rosario. De vez em quando entôa-se um cantico sagrado.

Fazem-se as invocações de Lourdes. O silencio e o recolhimento da multidão, o fervor da sua piedade acrisolada, commovem e encantam.

Veem-se lagrimas borbulhar em

muitos olhos. O espectaculo é sublime e profundamente commovedor.

Vae dar-se a benção com o Santissimo a cada um dos enfermos.

Momento unico, scena empolgante e indescriptivel, que ninguem é capaz de presenciar de olhos enxutos. Aquelle que visivelmente na Palestina passou fazendo o bem e que escondido na Hostia Santa derrama em Lourdes torrentes de graças e de benções, tambem alli, naquele cantinho arido e escalvado da terra do Santissimo Sacramento, espalha consolações allivios e curas, graças de conversão e de afervoramento pelas almas rendidas a seus pés, em dôces e ineffaveis transportes de confiança e de amôr.

Concluem os actos religiosos com o *Tantum ergo*, a benção geral e o sermão. Sóbe ao pulpito o rev. P.e Assumpção Rolim e entôa um hymno entusiastico e sentidissimo, ás glorias de Maria e á sua bondade e misericordia para comnosco. Entre a multidão corre veloz a noticia de varias curas extraordinarias. Falla-se tambem em phenomenos astronomicos, que numerosos peregrinos affirmam ter presenciado de manhã.

Começa a debandada, que se faz lenta e ordeiramente.

Cada grupo segue o seu estandarte, rezando o terço ou entoando canticos em honra da Virgem.

Momentos depois a Cova da Iria estava quasi deserta.

Duzentas mil almas, ali retemperadas nas suas crenças e na sua piedade, lá vão por mil estradas diversas, communicar, cheias do mais santo jubilo, áquelles que tinham ficado, as maravilhas assombrosas e emocionantes da Lourdes portugueza.

V. de M.

As curas da Fátima

«... Sr.

No empenho de ver divulgados os miraculosos factos succedidos por intermedio de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, venho pedir a V. a graça de inserir na «Voz da Fátima» o seguinte facto, que julgo dever ser publicado para honra de Deus e de Sua Mãe Immaculada.

Maria de Jesus, casada, de 52 annos de edade, natural e moradora no logar de A-do-Barbas, freguezia de Maceira, onde nasceu e reside, teve sempre bôa saúde até á edade de 45 annos, não obstante ser duma construcção que indica pouca robustez.

Pelos 45 annos teve uma grande doença que a obrigou a deitar sangue pela bôca. Antes desta edade nunca precisou de médico. Como esta doença não tivesse, por ventura, o devido tratamento, e por isso mal curada, aos 46 anos, pouco mais ou menos, começou a sentir fortes ardores no estomago e afrontamentos no coração.

Qualquer comida ou bebida lhe agravava o mal. Assim continuava sofrendo, vendo crescer e avolumar-se o estomago a tal ponto, que chegou a não poder apertar o fato.

Consultado o dr. Teles, de Leiria, declarou logo êste ilustre clinico que ela tinha uma ferida no estomago, receitou lhe uns remedios mas sem alivio algum para a doente. Recorreu então ao dr. Plinio, que lhe declarou ter no estomago uma forte ferida ou nascida já muito adiantada; pol-a a regimen de leite e que se abstivesse por completo de qualquer outra comida ou bebida, e que devia ser operada.

Dirigiu-se para Lisbôa a consultar uma especialidade médica. Observada pelos drs. Rôla e Sabino, ambos constataram a existencia, no estomago, duma nascida e em estado muito adiantado, devendo por isso ser operada sem perda de tempo.

Radiografada, os ilustres clinicos mais se convenceram da urgencia da operação; era uma ulcera maligna.

Por falta de legalidade nos documentos a apresentar, teve de voltar á terra com a recomendação de se não demorar álem de 3 dias, aliaz não teria remedio. Trouxe as radiografias que ainda tem em seu poder.

Chegada á terra tinha fome e fome a valer, fome de 3 mezes, mas a recommendação de tomar só leite era expressa e rigorosa.

Procurando mitigar a fome e iludindo a recomendação médica, poz ao lume o leite e misturou-lhe alguns bagos de arroz e comeu, sentindo em acto continuo taes dôres no estomago, e tais afrontamentos no coração que julgou morrer ali. Aflita, gritava que se havia matado por suas mãos, toda a familia chorava e orava. Nesta hora de verdadeira aflição invocou Nossa Senhora do Rosario da Fátima e pediu a uma visinha que lhe désse uma pinga de agua da Fátima, bebeu e encontra já muitos allivios.

Fórma então o proposito de ir no dia seguinte, 21 de junho de 1923, á Fátima, sendo contrariada pela familia. A tudo resiste, e no dia seguinte parte acompanhada de sua filha Joaquina, convicta de que na Fátima estava a sua saúde. E tão convicta estava que partiu munida dum pão e um queijo para comer no regresso.

Chegada a Fátima encheu-se de tanta alegria e confiança por se encontrar no sitio onde a Mãe de Deus veio visitar os pecadores e oferecer aos enfermos remédio a seus males. Dirige-se apressadamente para as aguas miraculosas, joelha e bebe em tanta quantidade que, disse ela, não sabia onde cabia tanta agua. Ao passo que ia bebendo ia sentindo allivios. Ao levantar-se diz para a filha: —estou curada, mas quero lavar-me tambem por fóra. Vê alli uma pia, manda-a encher de agua, e toma um banho. E', talvez, o primeiro que alli se toma, e ao sair d'elle exclama cheia de alegria:— estou curada, estou melhor, estou bôa. Partiu com a filha para junto da capelinha para agradecer a Nossa Senhora.

Quem poderá descrever o que se passou n'aquelles dois corações, da mãe e da filha!

A mãe, curada, não faz vótos imprudentes; promete a Nossa Senhora de ir alli as vezes que puder, de ir em jejum e de ir alli receber a Sagrada Eucharistia e de fazer mortificações. A filha faz vóto de ir alli muitas vezes e de não falar durante a jornada.

Que bélas promessas, mormente a filha que assim se mortifica a si e condena as demasias das conversas de muitos e muitas que vão á Fátima!

Terminadas as suas acções de graças, a mãe diz á filha: — vou comer. A filha opõe-se, mas a mãe insiste e diz: — vou comer. Que ha-de a mãe comer? diz a filha. Trago, sem tu saberes, um pão e um queijo. Comeu tudo com o apetite de 3 mezes e nada lhe fez mal.

Ao chegarem a casa, sem fatigação alguma, pergunta ao marido o que havia para ella comer. — Para ti, nada, diz o marido, para a filha tenho batatas com feijão verde. — E' isso o que vou comer. Comeu e nada lhe fez mal.

Tem comido e gôsa de bôa saúde, continuando no cumprimento de seus vótos.

Conserva com satisfação as duas radiografias com que mostra a enfermidade de que ia sendo victima, e de bôa vontade põe á disposição da auctoridade eclesiastica, muito desejando ver publicado o favor recebido.

Um filho seu mandou já prégar um sermão a Nossa Senhora em acção de graças.

E' uma familia humilde e honesta e todos bem comportados, e d'um modo especial a agraciada tem uma grande fé e confiança em Nossa Senhora, e por sacrificio, mortificação e caridade lá anda tratando d'uma enferma, tendo para isso de fazer bastante sacrificio.

P.e Correia

Outras curas

«Venho cheia de reconhecimento, gratidão e amôr narrar a cura do meu filho José Joaquim (que atribuo á intervenção de Nossa Senhora da Fátima), para que o seu conhecimento contribua para aumentar a devoção a Nossa Senhora.

Contava cinco mêses de edade quando foi atacado com toda a violência pela enterite e acompanhada da terrivel bronquite que o deixava extenuado e sufocado depois do acesso da tosse. Chamámos para o tratar o abalisado médico de Penamacôr, sr. Dr. Antonio de Almeida Barbas, que pressuroso correu ao nosso chamamento. Foi inexcedivel na sua dedicação e a nada se poupou para salvar o meu querido doentinho. Baldados fôram todos os seus esforços. A doença não cedia ao tratamento, o mal agravava-se assustadoramente e a morte parecia ter tomado conta do inocente. Ao nono dia da doença, era um sabado, 13 de Junho de 1923, perdidas todas as esperanças, ao ver o meu filhinho com sinaes da morte, arrependemo-nos de não termos feito encomenda d'uma urna para guardar o corpinho mirrado do nosso fi-

lhinho, no que já tinhamos pensado nos dias anteriores. Aproximaram-se as duas horas da manhã; a respiração tornou-se mais dificultosa, o corpinho inteiriçado, tudo indicava o fim. Senti neste momento, no meio da minha grande dôr, brilhar a minha fé e raiar a esperança; levantei os olhos para o ceu; a minha alma voou para Fátima e ajoelhou suplicante aos pés da Virgem Mãe; o meu coração angustiado pediu-lhe saúde para o meu filhinho. Tinha agua da Fátima, agarrei-me a ela como o naufrago á taboa que lhe surge no meio das vagas entumecidas e na boquita resequida do meu anjo lanço umas gôtas da agua milagrosa. O pequenito socega um pouco mas, algum tempo depois, toma a cor rôxa da morte; lanço-lhe novas gôtas da agua bendita, recito cheia de fé o «Lembrai-vos» e anciosa espero o milagre.

O menino desperta, a doença ainda se prolongou mas, graças a Nossa Senhora da Fátima, curou-se e hoje está uma creança forte e robusta. Prometi publicar este facto e enviar um pequeno obulo para a construcção da egreja a construir na Fátima. Graças e louvores a Nossa Senhora, a quem consagro o meu filhinho.

Aldeia de João Pires — Penamacôr 3 de Agosto de 1924.

Maria de Castro C. Franco Frazão

P. S.—Devo notar que a agua da Fátima que pessôa amiga me deu, estava turva, com má aparencia e desagradavel á vista, motivo porque o meu esposo se opunha a que a desse a beber ao nosso filhinho o que só consentiu quando nenhuma esperança lhe restava nos medicamentos. Hoje essa agua está pura, sem cheiro e cristalina.

Maria de Castro.»

«...Sr. Director da *Voz da Fátima:*

Peço a V. o favor de mandar publicar no seu jornalzinho a graça que um filho meu recebeu da Santissima Virgem Nossa Senhora do Rosario.

Eu, Maria dos Santos d'Almeida e José Pereira do Reis, participam o prodigio que Nossa Senhora do Rosario da Fátima se dignou fazer a um filho meu de nome Manuel Pereira d'Almeida Reis, de 26 anos, solteiro e morador no logar da Amoreira, concelho de Vila Nova d'Ourem.

Tendo andado numa obra sua, de tal maneira se forçou que começou, daí em diante, a deitar sangue em grande quantidade a ponto de o médico lhe dizer que só se curaria passado muito tempo, e ao mesmo tempo receitou-lhe remedio que pouco efeito produziu.

Tendo eu perdido as esperanças da sua saúde pedi lhe que se voltasse para Nossa Senhora do Rosario da Fátima e prometesse alguma cousa, o que logo fez, e tendo bebido agua da fonte das aparições e rezado uma Avé-Maria emquanto a bebia, logo, passados alguns dias, estava melhor e nunca mais tornou a deitar sangue.

A promessa que tinha feito foi de guardar sempre o dia 13 de cada mez, confessar-se e comungar no mesmo dia, o que sempre tem cumprido, e eu tambem fiz a seguinte promessa, que graças a Deus, está já cumprida e é o seguinte: Dar uma fita de sêda do tamanho do meu filho, mandar dizer uma missa no local das aparições, a qual foi celebrada pelo Sr. P.e Antonio Ferreira, de Santa Catarina da Serra, e ir de joelhos donde pudesse até ao local das aparições de Nossa Senhora.

Amoreira, 17 de Agosto de 1924.

Maria dos Santos d'Almeida

Já ha mais tempo lhe devia ter comunicado algumas curas de que tenho conhecimento, das quaes uma a tenho por verdadeiro milagre.

E' a cura dum irmão meu, chamado José da Silva Louro, filho de Antonio da Silva Louro e de Ana de Jesus, naturais e moradores no lugar da Pracana da Ribeira, freguezia de Cardigos, concelho de Mação.

Muito novo ainda, sentiu que Nosso Senhor o chamava para a Companhia de Jesus. Partiu em Agosto de 1917 para a Escola Apostolica de S. Martin de Trevejo (Hespanha) onde esteve 5 anos, levando sempre a cabo e com bom êxito os seus exames, com bom comportamento. Tendo concluido os 5 anos de estudo na Escola Apostolica, parte para o noviciado (Oya—Hespanha) em Outubro de 1922. Ahi, teve uma doença que o poz ás portas da morte. Desde Janeiro até Abril de 1923 esteve sem se levantar e nem sequer já se tinha de pé.

Já não havia esperança nenhuma. Diziam os médicos que estava tuberculoso e que não escapava, que se preparasse para a morte que em breve o viria buscar. Cheio de confiança o Rev. P.e Superior, A'quela que é chamada e com razão *Salus infirmorum* promete fazer juntamente com a comunidade uma novena a Nossa Senhora de Fátima se se dignasse dar-lhe melhoras. Começada a novena começa tambem a sentir melhoras. Terminada ela já se levantava. Depois veio ao Porto para se certificar da sua cura e todos os médicos lhe disseram que estava restabelecido. Pessôas que o conhecem, e que ás vezes vão vê-lo, me teem dito que é um verdadeiro milagre.

Hoje está completamente bom.

— Maria de Nazaré, minha irmã, de 11 anos de edade, tendo as pernas, do joelho para baixo, numa chaga, á noite as lavou com agua miraculosa de Fátima, e de manhã, com grande espanto seu, viu que as fogagens todas tinham desaparecido não voltando a tel-as.

— Margarida Maria, de 78 anos, viuva, natural do Freixoeiro e moradora neste lugar da Pracana da Ribeira (Cardigos—Mação), tendo uma dôr num braço, de tal fórma que o não podia levar á cabeça, e pondo uma imagem de Nossa Senhora de Fátima sôbre o braço, a dôr foi diminuindo de modo que no outro dia já estava sarada.

— João Martins Manso, solteiro, de 60 anos de edade, natural e morador no lugar da Pracana da Ribeira, o qual tendo um inchaço no joelho que o não deixava ajoelhar, o lavou com agua e terra de Fátima O inchaço foi diminuindo e hoje não lhe dá incomodo algum.

— Joaquina Nunes, de 53 anos de idade, moradora no lugar do Casalinho (Cardigos), estando um dia ao pé do lume e caindo-lhe para cima dum pé um grande madeiro de azinho que ardia, e não podendo ela tirá-lo por ser de grande pêso, teve de esperar muito, até que lh'o viessem tirar.

Ficou o pé muito maguado, como era de esperar, mas tendo-o esfregado com agua e terra de Fátima, logo no dia seguinte melhorou, e desde então nunca mais lhe tem dado incómodo.

No dia 13 de Setembro eu vi o assombroso fenomeno solar ao nascer do sol. Eu fiquei todo amarelo e Cardigos, que fica perto, tambem o vi amarelo.

O sol espalha seus raios da côr do arco iris e, desde que nasce até uma certa altura, vê-se perfeitamente que o sol treme e tem ocasiões em que se póde fixar como quem olha para a lua. Não fere a vista, parece mesmo uma Hostia Consagrada.

Mas em Maio e Outubro é que se observa bem o fenómeno solar e só nos dias 13 é que isto se dá, nos outros dias o sol vae subindo, subindo, mas não se percebe nada de extraordinario.

O que é certo é que, segundo as coisas que se dizem, fazem e observam, Nossa Senhora apareceu verdadeiramente em Fátima, na Cova da Iria, para salvação dos pecadores e deste seu tão querido Portugal.

Pracana da Ribeira (Cardigos), 14 de Setembro de 1924.

Henrique da Silva Louro
Aluno do Seminario de Evora

Pediram e obtiveram graças que veem agradecer a Nossa Senhora do Rosario da Fátima:

«...Senhor

Em cumprimento de promessa que fiz, venho trazer ao conhecimento de V. Ex.ª algumas graças recebidas por intercessão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, pedindo para tirar do que exponho o que julgar conveniente publicar, ocultando o meu nome sob as iniciaes L. A. L. pois como V. comprehende, não tendo atestados, ver-me-hia em embaraços para responder ás numerosas perguntas que certamente me seriam feitas.

No entanto, devo dizer que sempre que se oferece ocasião relato o que se tem dado comigo para assim prestar á Virgem Mãe de Deus a homenagem da minha gratidão e amôr.

= Recorrendo a Nossa Senhora da Fátima para a solução d'um assunto que se julgava justo, pendente havia já muitos mezes, fui logo atendida pela Augusta Mãe de Deus, pois dentro em breve tudo estava resolvido satisfatoriamente, indo eu com minha familia no mez seguinte, Novembro do anno passado, á Fátima agradecer tão grande Mercê.

= Em fins de Abril d'este anno tive uma grande enfermidade. Recor-

rendo no dia 3 de Maio a Nossa Senhora do Rosario, prometendo que se melhorase até ao dia 8, me havia de incorporar na peregrinação d'esse mez á Fátima, tendo pedido agua de Nossa Senhora para beber, comecei imediatamente a sentir alivios, progredindo as melhoras de tal fórma que no dia 9 estava completamente bôa. Fui á Fátima no dia 13 e apesar dos trez dias da viagem não senti fadiga alguma.

= Algum tempo depois apareceu-me em todo o corpo uma grande erupção de pele, pondo-se-me os membros inferiores verdadeiros cêpos, e como não melhorasse com remedio algum, comecei uma novena com agua de Nossa Senhora, constatando que ao 4.º dia estava muito melhor e no fim da novena completamente curada.

=Uma filha minha esteve com principio d'uma congestão. Invocando Nossa Senhora com grande aflição, prontamente se sentiu melhorando.

Eis muito resumidamente, as graças que a mim e aos meus a Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima se tem dignado conceder-nos. Tenho n'Ela grande confiança porque mais e mais me convenço que não é em vão que a Ela recorremos.

Desculpe-me, etc.

Aveiro, 8-10 924. *L. A. L.*

Francisca Carôla, casada, peixeira, de 29 anos de edade, moradora no logar do Ribeiro da freguesia de Murtoza, sofrendo de um tumôr, e depois de ter consultado varios especialistas que lhe aconselharam uma operação, prohibindo-a de todo e qualquer trabalho, recorreu a Nossa Senhora de Fátima, bebendo a agua com toda a devoção. O tumôr desapareceu sem ter de recorrer á operação.

Maria dos Anjos Calçada, casada com João Maria da Silva, de 29 anos de edade, moradora no logar de Pardelhas da freguesia de Murtosa, tendo-lhe adoecido com febre repentinamente, um seu filho de nome João Maria, de 8 anos de edade, e tendo ela ha tempo sofrido uma operação e sentindo se ultimamente bastante mal, com receio de se sugeitar a nova operação, recorreu a Ella pedindo-lhe a sua valiosa protecção o que conseguiu.

Piedade Bunheirôa, viuva, de 58 de edade, negociante, moradora no logar de Pardelhas, freguesia de Murtosa, sofrendo de uma entorce num braço, consultou o médico que nada lhe poude fazer e aconselhou-a a ir ao Porto procurar um especialista. Na noite da antevespera de ir a Fátima na peregrinação de Agosto, estando muito aflita, pediu encarecidamente a Nossa Senhora que a aliviasse, porque desejava muito acompanhar a peregrinação. De manhã apareceu completamente curada, o que julga ser um verdadeiro e grande milagre de Nossa Senhora.

D. Maria da Conceição de Castro e Lemos d'Alarcão, de Montemor-o-Velho, em doença bastante grave.

Auziria Limas, do Ribeiro (Murtoza) que tendo no estomago dôres horriveis que não obedeciam a medicamento algum sentiu alivio apenas bebeu agua e recorreu a Nossa Senhora da Fátima.

João Luiz de Carvalho, de Aljubarrota que tendo sua irmã Maria Gertrudes de Carvalho, gravemente enferma recorreu a Nossa Senhora do Rosario promettendo mandar celebrar uma Missa, comungar na Fátima e publicar a cura.

Laurinda Marques, (Calçada Duque de Lafões, 41, Lisbôa) salva do choque de comboios na Lamorosa.

D. Maria Luiza Delgado, residente em Lisbôa na Calçada do Moinho de Vento, n.º 26 1.º offerece 10$000 reis a Nossa Senhora do Rosario de Fátima, em acção de graças pela cura de seu marido que estando em perigo de vida, e já desenganado dos médicos, com doença de coração e paralisação dos rins, bebeu com Fé agua de Nossa Senhora da Fátima e ficou salvo.

María Augusta Santos, Apolonia Abuna, Rosa Marcelina, Joanna Almeida, Alexandrina Bispa, Manuel Vareiro, Custodia Mattos, Maria da Annunciação Pereira, Maria José Santos, Maria d'Oliveira, Maria Francisca da Silva, Ascenção Padeira, Maria Jarina, Anna do Branco, Maria Rosaria de Pinho, o menino Natalino Lopes, todos da freguesia da Murtoza, em varias doenças e aflições.

Victor Fernandes, de Setubal, em uma doença de olhos e mais tarde em uma grande dôr de estomago, achando-se melhor depois de ter recorrido a Nossa Senhora da Fátima e feito uso da agua.

A familia Harney, inglêsa, residente em Lisbôa, muito reconhecida a Nossa Senhora vem do mesmo modo agradecer graças recebidas.

No mês das Almas

O Veneravel Luiz de Blois conta o seguinte episodio: Um dia um devoto servo de Deus que elle conhecia e de quem era muito amigo foi visitado por uma alma do Purgatorio.

Esta fez-lhe vêr todos os tormentos que padecia.

— «Sou punida, diz ella, por ter recebido a divina Eucharistia com uma preparação insuficiente e muito tibieza. Por isso a divina justiça me condemnou a este suplicio de fogo devorador que me consome.»

— «Oh! eu vos conjuro, visto que sois meu amigo intimo e fiel e quereis continuar a sel-o, eu vos conjuro que *comungueis uma vez* em meu nome, mas *com todo o fervor* de que fôres capaz. Tenho confiança que esta fervorosa comunhão bastará para me livrar e que, por este meio, serão compensadas as minhas culpaveis frieza.»

Este se apressou a ouvir a *Santa Missa* e a *comungar* tão piedosamente quanto lhe foi possivel pelo repouso da alma do seu amigo. Depois da acção de graças a alma lhe apareceu de novo mas rodeada de um brilho incomparavel e radiante de felicidade e nos transportes de um reconhecimento inexprimivel, exclamou:

— «Sêde bemdito, ó melhor dos amigos! A vossa fervorosa Comunhão livrou-me e vou vêr face a face o meu adoravel Senhor e gosar da felicidade dos eleitos. Não vos esqueberei no ceu».

E foi para o Paraizo.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	330:000
D. Maria da Conceição Alcantara	10:000
D. Gertrudes Valente. . . .	20:000
2 anonimos.	20:000
D. Leopoldina Lobato. . . .	1:000
D. Lucinda Soromenho. . .	10:000
Soma	391:000

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	17:091:720
Impressão do numero 25 (32:000 exemplares). .	736:000
1 livro	11:500
Expedição e outras. . .	85:000
75 resmas de papel . . .	4.728:750
Soma . . .	22:652:970

Subscripção

(Continuação)

D. Maria Joanna d'Almeida Saldanha e Cruz	10:000
D. Ilda Brandão de Miranda	10:000
D. Maria Luiza Brandão Abecassis	10:000
D. Maria Fausta d'Almeida Monteiro.	10:000
D. Ermelinda de Oliveira Braz	10:000
D. Judith Braz Arsenio Nunes.	10:000
D. Maria da Natividade Mattos e Silva.	10:000
D. Rosa Paes Vieira. . . .	10:000
D. Sophia Dias.	15:000
Manuel Maria da Silva. . .	10:000
D. Maria do Carmo da Rocha (2.º anno).	20:000
D. Maria do Carmo Armando	10:000
D. Maria do Ceu Cardoso de Menezes Girão	10:000
Antonio Tavares Penacho .	10:000
José Joaquim Rebelo . . .	10:000
Manuel d'Aguiar	10:000
D. Maria de Lourdes Oliveira Souza.	10:000
Carlos de Sepulveda Veloso.	10:000
D. Joaquina Antunes. . . .	10:000
D. Gertrudes Pinto Serrano	10:000
D. Maria Inacia Serrana . .	10:000
José Henrique d'Oliveira . .	10:000
D. Maria Henriqueta da Camara Magalhães	10:000
D. Maria do Ceu Nunes. . .	10:000
D. Maria da Conceição Alcobia	10:000
D. Beatriz Nunes Maneira. .	10:000
D. Ermelinda Braz d'Oliveira	10:000
Fernando Dias Sardinheiro.	10:000

Continúa no proximo numero

Ano III LEIRIA, 13 de Dezembro de 1924 N.º 27

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Novembro

No dia 13 de Novembro ultimo celebraram-se, em Fátima, na fórma do costume, as solenidades religiosas commemorativas das aparições e dos phenomenos maravilhosos de 1917.

O dia estava lindo, verdadeiramente primaveril, o ar tranquilo, a temperatura amena. Apenas de madrugada o frio se fez sentir com uma certa intensidade, impropria da epocha, anunciando estar proxima a estação invernosa.

A concorrencia não se podia comparar de modo nenhum com a do mês anterior, posto que ascendesse a alguns milhares de pessôas.

Havia mais paz e socego, a atenção não se dispersava por mil incidentes diversos que succedem com frequencia nas grandes agglomerações de povo e a devoção penetrava mais fundo nas almas, fazendo-lhes respirar um ambiente saturado de sobrenatural.

Os doentes eram bastante numerosos, tendo alguns vindo de longe, em meios de conducção extraordinariamente incommodos. Entre elles atrahia dum modo especial a attenção dos peregrinos uma senhora muito nova, de rosto emaciado duma pallidez cadaverica, cujas feições traduziam os mais cruciantes soffrimentos phisicos e moraes. Edificava e commovia profundamente a sua fervorosa piedade, inspirada por uma fé viva e ardente e acompanhada de uma suave resignação christã.

A benção dos enfermos foi, como sempre, a cerimonia mais emocionante. Era um espectaculo a que ninguem podia assistir sem que os olhos se lhe inundassem de lagrimas.

Os *servitas* e os seus auxiliares, sob a direcção dos respectivos chefes, prestaram tambem neste dia os seus valiosos serviços aos peregrinos e, especialmente, aos enfermos.

Desde que essa benemerita associação de piedade e caridade se fundou e começou a exercer a sua acção, para logo se reconheceu a sua benefica influencia no sentido de estabelecer a ordem em todos os actos collectivos e de proporcionar aos peregrinos, e sobretudo aos enfermos que vão a Fátima, os mil pequenos serviços e obsequios que precisam.

Prégou o sermão o rev. Pereira Gens, parocho de Ourem.

A's cinco horas já quasi todos os peregrinos se tinham retirado para as suas terras distantes, vendo-se na Cova da Iria sómente um ou outro devoto dos logarejos mais proximos, rezando com fervor as suas ultimas orações deante da branca e formosa estatua da augusta Virgem do Rosario.

V. de M.

As curas da Fátima

Entre outras recebemos as seguintes cartas:

Santo Tirso 3/11/924.

Rev.mo Sr.:

Pedindo para, por intermédio da «Voz da Fátima» dar publicidade a esta carta, participa a V. o abaixo assinado, morador em Santo Tirso, de que sofrendo do coração e como, na noite de 19 do mês findo, me sentisse muito mal, julgando aproximar-se a morte, no meio dos meus sofrimentos atrozes, lembrei-me recorrer á protecção da Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima, de quem sou devóto, pedindo-lhe para me salvar e curar da minha doença, prometendo eu, confórme as minhas pósses, um óbulo á Virgem da Fátima, caso me salvasse.

Como me tivesse sentido melhor, depois da minha invocação á Virgem, julgo, com grande júbilo da minha alma, que fui atendido da SS.ma Virgem, remetendo eu por essa razão, a quantia que posso dispender, e caso Nossa Senhora me conceda o milagre completo da minha cura radical, eu tambem, n'essa feliz ocasião, cumprirei outra promessa, igualmente como puder, e se me fôr possivel, irei á Fátima pessoalmente agradecer e dar louvores á Virgem SS.ma por tão grande e miraculosa intercessão.

J. M. P.

Maria da Piedade Pereira, de Vila Nova d'Ourem (Quinta da Caridade).

Em junho de 1923 uma sua filhinha de 18 mezes estava com a coqueluche chegando a estar desenganada do médico.

Tendo feito uso da agua e prometido uma Missa, que foi celebrada no altar de Nossa Senhora, em fevereiro, começou a melhorar.

— M. B. P. C. B. L. vem agradecer a Nossa Senhora do Rosario a cura de uma pessôa «que se entregou absolutanente nas mãos d'Ella não consentindo intervenção alguma médica por querer que Nossa Senhora fizesse sózinha o que quizesse! A doença foi um grande caroço que durante mezes causou sofrimento e, aplicada a agua de Nossa Senhora diariamente num penso, desappareceu por completo».

Maria Amelia de Jesus

Agradece a Nossa Senhora da Fátima a graça da cura de um irmão que estava em perigo de vida com uma pneumonia dupla e uma pleurezia, desenganado dos médicos.

Graças a Nossa Senhora de Fátima hoje está completamente restabelecido.

Pede a publicação desta graça para honra da Virgem Santissima.

Porto 9/6/924

«E' com o maior prazer que tenho a dizer a V. Rv.ma que uma pessôa da minha familia sabendo dos grandes milagres que succedem em Fátima e tendo o marido bastante doente, sem que os médicos conhecessem a doença, pois todos formavam diferente opinião uns dos outros, sem que nenhum lhe désse cura, já desiludido deixou de consultar qualquer médico e assim continuava doente, até que a esposa se lembrou de fazer uma novena a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, e ainda não a tinha terminado já o marido se sentiu melhorar e hoje está completamente bom.

Aqui, na Madeira, por muito poucas pessôas eram conhecidos os milagres alcançados pela valiosissima intercessão da Nossa Senhora do Rosario da Fátima, mas uma amiga minha teve a bondade de enviar-me o jornal e assim tive ocasião de apreciar a sua utilidade e quanto é necessaria a sua propaganda. Já Nosso Senhor Jesus Christo nos diz no seu Evangelho: *Porventura vem a lucerna para a meterem debaixo do alqueire ou debaixo do leito? Não, é antes para se pôr sôbre o candieiro?*

Mais uma vez agradeço os jornais, que vão levar mais algumas pessôas ao conhecimento dos milagres que se vem dando, para maior gloria de Deus e da Santissima Virgem.

Sou, etc.

Funchal, 25 11-924.

Elmina Côrte»

Mariana da Purificação Gonçalves

Declara que estando gravemente enferma, sendo preciso fazer uma operação muito melindrosa, invocou com muita fé Nossa Senhora de Fátima e foi ouvida concedendo-lhe N. Senhora a graça do bom exito da operação.

Pede pois para se publicar esta graça no jornal de Nossa Senhora de Fátima, para honra e gloria da Mãe de Deus.

Porto 9/6/924

Paialvo 18-10-924

Tenho uma noticia deveras agradavel a comunicar-lhe e é com a maior satisfação que me apresso a isso pois ela é mais uma gloria para a nossa Mãe Santissima.

Tendo já ido algumasvezes á quele santo lugar e sendo a ultima vez no dia 13 do prezente mez, fômos algumas pessôas, entre elas duas doentes, sendo uma minha afilhada e uma minha intima amiga, que tinha um braço paralizado havia 6 mezes. Minha afilhada sofre de uma doença pulmonar de que nada ainda posso dizer; experimentou algumas melhoras, mas só indo ao médico poderá saber as melhoras que tem.

Essa minha intima amiga, que, como já disse, tinha um braço paralizado havia 6 mezes, no dia seguinte da ida á Fátima experimentou bastantes melhoras, podendo já lidar com o braço, graças a Nossa Senhora.

Essa menina cujo nome é Maria da Piedade Silva Rijo, mora no dito lugar de Paialvo e desejaria ver esta noticia publicada, agradecendo desde já a verdadeira crente de Nossa Senhora.

Maria da Soledade Nunes»

Maria do Socorro Paiva, agradece a Nossa Senhora da Fátima um beneficio recebido. Pede para se publicar esta graça no jornalzinho, pois assim prometeu a Nossa Senhora.

Agua da Fátima

As pessôas que desejarem obter agua da Fátima e mesmo outros objectos religiosos, podem dirigir-se a José d'Almeida Lopes, residente em Fátima (Vila Nova d'Ourem) que é pessôa da confiança do Rev. Paroco e da Comissão.

As minhas impressões

Estive também em Fátima, como é já público, e pela vez primeira, no dia 13 de Outubro, 7.º aniversário da última *real ou suposta* aparição.

Fui lá como simples romeiro no cumprimento duma promessa que na América do Norte, há uns 3 anos, fizera.

Falei oficialmente, melhor, gritei umas quantas palavras à incalculável multidão que se apinhava diante do provisório altar.

A isso me obrigaram, na ocasião, os meus amigos, aos quais é dever meu agradecer aqui a imerecida honra que me concederam.

Vou dizer em duas palavras agrestes, como agreste é a Cova da Iria, as minhas pessoais impressões, sem cuidar de ser original, nada se me dando de que sejam impressões de muitos, impressões de toda a gente.

Ao chegar a Fátima pouco depois das 10 horas da manhã, fiquei como que esmagado sob o pêso dum facto raras vezes observado em circunstâncias favoráveis e talvez nunca em circunstâncias como aquelas: vi um verdadeiro mar de povo, de ambos os sexos, de todas as idades, de todas as classes e posições sociais; uns de joelhos, outros de pé; uns rezando, outros cantando; êstes a confessar-se, aqueles a comungar; uns a passear, outros sentados; quem a chegar, quem a partir; — e em todos uma indizivel satisfação, um superior contentamento, mesmo no rosto dos que choravam, porque visivelmente choravam de alegria.

Alguns artigos lera anteriormente, em Portugal e América do Norte, referentes a Fátima; confesso porém que estava bem longe de supor o que presenciei; julgava exagêro o que agora se me impunha como esmagadora realidade.

Comecei de reflectir ..

Preguntei a mim mesmo: quantas pessoas estarão aqui? 100.000? 120.000 150.000?

A resposta foi sempre esta: não sei...

E que logar é êste?

E' uma simples *cova* no planalto duma pequena serra.

Que há aqui que ver?

Pedras, mato, arbustos, pó; nenhuma beleza, nenhum humano atractivo.

Que caminhos dão para aqui?

Caminhos dificeis.

Que meios de transporte tem esta gente? Porventura rápidos comboios, cómodos *eléctricos?*

Não; êste povo incalculável veio aqui de todas as provincias do Pais sem adequados meios de transporte, lutando com mil dificuldades, inclusiva a proibição do Govêrno, e por isso mesmo na incerteza de realizar a sua aspiração, o objectivo único de tão incómoda viagem: *cair de joelhos a resar sôbre o pó ou sôbre a lama* da Cova da Iria...

Não será isto verdadeiramente fenomenal, sobrenatural, divino?

Que iman atrai ali êste povo?

Que iman o conserva ali, rezando e cantando tantas horas, e sem nenhuma visivel fadiga?

Eu próprio estive ali, junto do altar, dás 10,30 da manhã ás 2,30 da tarde, quási sem dar por isso.

Convém não esquecer que qualquer *Ave-Maria* nos cansa...

No dia 12 já se calculavam em 40.000 as pessôas que esperavam o dia seguinte.

Onde passariam a noite?

Em confortáveis *hotéis?* ou, ao menos em barracas de campanha?

A's inclemências do tempo, quaisquer que fossem...

Digam o que quiserem, menos que não é êxtraordinário.

Poder-se-ha explicar êste facto pela simples fé do povo português? pela sêde que tem de dias mais felizes? pela sugestão?

Talvez, mas não me parece: não lhes faltam templos em mais favoraveis condições e *históricos* onde desafogar a sua alma; e, por outro lado, seria uma sugestão e auto-sugestão de 7 anos, em maravilhoso progresso, sem propaganda proporcionada que a justifique.

Então apareceria, de facto, em Fátima, Santa Maria de Portugal, Santa Maria das nossas batalhas?

Talvez sim, e talvez não...

Não o afirmemos categoricamente, que o sobrenatural não se supõe, prova-se; e falecem-nos ainda provas evidentes e autoridade para delas julgar. Precisamos milagres *scientificamente autenticados.*

Roguemos instantemente, fervorosamente á Senhora do Rosário de Fátima que no-los obtenha do Senhor, em beneficio dos nossos queridos doentes.

Entrementes não ousemos também negar as aparições de Fátima.

Em que argumentos nos basearemos para o fazer?

Sejamos sinceros; não os temos.

Se o sobrenatural se não deve afirmar sem provas, tambem sem provas se não deve negar.

Enquanto se vai estudando o problema — e bom é se estude a valer — deixemos o bom povo português na sua piedosa crença, que tantas e tais maravilhas vai produzindo...

Acusar-nos-hão de fanatismo?

Quem?

Os fanáticos de idiais, por vezes subversivos, estéreis de todo o bem e fecundos em muitos males.

Coimbra, 17-X-924

P. Rolim.

(Do Boletim Mensal da Ordem Terceira).

Um fim de anno

Mais um anno que desaparece no abismo do passado!..

D'aqui a dias diz-se-ha: *aqui jaz 1924...*

Direis: «tenho *mais* um anno...»

Não, não tendes; tendes um anno a *menos.*

Este anno que desaparece não é vosso.

Foi-se, *morreu;* não voltará mais!

No entanto é preciso distinguir: este anno é ainda vosso, podeis contal-o no vosso activo se foi *bem empregado.* E' ainda vosso se está inscripto lá em cima no *livro da vida.*

Não é vosso, porém, se elle foi *mal gasto*, se o *perdestes*, se está inscripto lá em cima no *livro da morte.*

E. . . que vos parece? É, ou não é vosso este anno que está a acabar?

Lançai resolutamente um *olhar para traz* e com a mão na consciencia respondei com franqueza.

O dia vae já a declinar: como tendes passado a tarde?

Parece-me que vos ouço responder: «Não tenho feito nada de valor».

—Não tendes feito nada. Portanto, uma *tarde* perdida. E a *manhã?*

— A manhã. . . meu Deus! fiz o mesmo.

— Portanto, uma *manhã* perdida. Uma manhã, pois, e uma tarde, isto é, um dia perdido.

E durante a ultima *semana* que tendes feito?

—Corri, brinquei, ri. A respeito de trabalho util, nada».

— Portanto, uma *semana*, isto é, *sete dias* perdidos.

E quantas semanas tendes passado assim?

Talvez cincoenta e duas, ou seja um anno. E quantos annos?

Trinta, quarenta?

Tereis talvez trabalhado com o fim de ganhar dinheiro, tereis estudado, obtido uma situação de destaque na sociedade. . .

Isso, porém, não basta. Com que *intenção* tendes feito tudo isto?

Para obter *gloria* no mundo, gloria que se esvae como o fumo?

Não foi para isto que fostes creados e postos no mundo.

E' necessario agir, operar *com os olhos em Deus.*

Se não. . . perdestes o anno.

Photographias

O nosso colaborador sr. V. de Montello encarrega-nos de solicitarmos por este meio dos nossos presados leitores que possuam photographias das cerimonias religiosas realisadas no local das apparições, a subida fineza de lh'as emprestarem por algum tempo, para as publicar num livro que traz em preparação, dignando-se enviá-las com a possivel brevidade, para esse fim, ao rev. Manuel Pereira da Silva — Camara Eclesiastica — Leiria.

O bom ladrão

Um jovem de vinte annos, ferido mortalmente em umas rixas, vivera sempre no vicio.

A sua pobre mãe, vendo-o prestes a morrer, quiz falar-lhe de Deus, o que o fez blasphemar horrivelmente a ponto de procurar atirar á cara da mãe com os objectos que apanhasse á mão.

Esta calou-se, mas olhou para uma Imagem do Sagrado Coração, que estava na parede e correu em direcção á egreja.

Ahi, por toda a oração, pronunciou apenas, com fé, as seguintes palavras imitadas do ladrão arrependido:

«Senhor, no vosso reino, tende piedade de meu filho e não o deixeis perder para sempre.»

Voltando a casa, com surpresa sua, o filho, em atitude piedosa, lhe diz:

—Minha mãe, diz êlle mostrando a Imagem do Sagrado Coração, Elle disse-me: «Hoje estarás comigo no paraizo.»

Era a resposta do Salvador ao bom ladrão, completando a oração da mãe.

Pediu um Sacerdote, contando a seu pae, impio como elle, as palavras da visão.

O filho morre com signaes de predestinado e o pae vive depois como bom christão.

Passou se isto em New York e vem citado no *Petit Apôtre du Sacre Coeur* de M. Febvre.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	391:000
D. Maria José Martins Contreiras Bandeira.	10:000
D. Elisa Caetano Martins Pereira	100:000
D. Antonia de Figueiredo Nunes de Carvalho	5:000
Gilberto Fernandes dos Santos	20:000
Soma	526:000

Confiança em Deus

São da Beata Teresinha do Menino Jesus as seguintes palavas:

«Não é por ter sido preservada de pecado mortal que eu me elevo a Deus com confiança e amor.

Ah! sinto que ainda que tivesse a pesarem-me sôbre a consciencia todos os pecados que se podem cometer eu não perderia nada da minha confiança e iria, com o coração partido de dôr, lançar-me nos braços do meu salvador. Eu sei que Elle acariciou o filho prodigo e tenho nos ouvidos as suas palavras a Santa Magdalena, á mulher adultera, á Samaritana. Não, nada me poderia desviar, porque eu sei avaliar o seu amor e a sua misericordia. Sei que toda esta multidão de ofensas se desvaneceria em um abrir e fechar d'olhos como uma gota d'agua em um brazeiro ardente.

Conta-se na vida dos Padres do deserto que um d'eles converteu uma pecadora publica cujas desordens escandalisavam uma região inteira. Esta pecadora, tocada da graça, seguia o santo para o deserto para ahi cumprir uma rigorosa penitencia, quando na primeira noite de viagem, antes mesmo de ter chegado ao logar do seu retiro, os seus laços mortaes foram quebrados pela impetuosidade do seu arrependimento cheio de amor; e o solitario viu no mesmo instante a sua alma ser levada pelos anjos ao seio de Deus.

Eis ahi um exemplo bem frisante do que eu quereria dizer, mas estas coisas não se podem exprimir. . .

Ah! se as almas fracas e imperfeitas, como a minha, sentissem o que eu sinto, nenhuma perderia a esperança de atingir o cimo da montanha do Amor, pois que Jesus não nos pede grandes acções mas somente o abandono e o reconhecimento».

Dois lares que não se parecem

Durante mais de trinta annos o Rev. Paroco da freguesia de X. . . se tinha desempenhado com aquela dedicação, zelo e abnegação que poucos comprehendem e que, sendo o apanagio distinctivo dos ministros do Senhor, ás vezes tão desconhecidos ou calumniados, passa despercebido dos olhos do mundo.

Se alguns, ás vezes, se riam da alegre simplicidade do seu Paroco, não havia ninguem que não lhe tivesse uma grande veneração e profunda estima. Este respeito e afeição manifestavam-se principalmente por occasião das suas visitas pastoraes. Era um verdadeiro pae para as suas ovelhas e estas recebiam-no com uma alegria filial. Todos sabem que elle vinha levantar, dar coragem, abençoar.

Todo o dia o pastor tinha andado em visita ao seu rebanho.

Uma a uma, as familias iam ouvindo conselhos paternaes, palavras de salvação, que dôces como o mel, iam caindo dos seus labios. Cançado, ofegante, parece que o ancião tinha direito a voltar a casa para descançar um pouco.

Havia ainda porém, duas familias que esperavam a sua visita. Nos dois lares elle quer ir ainda espalhar consolação, coragem e felicidade. São porém dois lares que *não se parecem.*

O primeiro é o de um honesto trabalhador. Casa humilde, moveis modestos, vestidos aceiados mas pobres. E' a casa d'um operario.

Quantas vezes o velho Paroco observando o ar de contentamento que ali transparecia na cara de todos tem dito, ao entrar naquela casa: «como esta familia me faz lembrar a Santa familia de Nazareth!»

O senhor é feliz (pergunta elle ao dono da casa), não é?

Tanto quanto se pode ser, responde este com promptidão e naturalidade. E' verdade que trabalho toda a semana mas quando vem o dia do Senhor, digo ás ferramentas: descancem para ahi que é hoje o dia de Deus, e todos nós, eu, mulher e filhos, *vamos á Missa.* Agradecemos a Deus a semana que passou e pedimos a benção para a semana que começa.

«E devo dizer a V. Rev.ª que, desde aquelle formoso sermão sôbre a *comunhão frequente*, depois que nós, uns pobres rusticos, temos comungado todas as semanas, parece que a nossa casa está embalsamada e rescende com a presença de Deus.

A nossa alegria é mais comunicativa, ha mais facilmente entre nós

troca de sorrisos amaveis, alegria pura.»

O Velho Paroco não queria acreditar nos seus ouvidos em face da grande fé dos seus humildes parochianos e agradecia a Deus a felicidade que concedeu ao seu coração colocando algumas flores nos sacrificios inevitaveis do seu apostolado.

Não se cansa de contemplar toda essa creançada que o rodeia. Em seus olhos limpidos está todo um ceu transparente e aquellas frontes jóvens resplandecem como a aurora d'um bello dia. Este anno o mais velho recebeu pela primeira vez em seu peito palpitante o Rei das almas, Jesus Christo. E depois d'isso, cada domingo, o vê voltar ao divino banquete.

Os sorrisos de amigos perversos, as palavras zombeteiras, exemplos maus, tentam ás vezes abalal-o, mas elle vae-se conservando firme com a ajuda do Pão dos fortes.

E' o tipo do lar *christão* e a familia que ahi habita é o tipo da familia feliz.

— D'ahi passa o velho Parocho a outro lar que *não se parece com o precedente.*

Depois das saudades retribuidas a medo ao venerando visitante, começa a seguinte conversa:

«Porque é que nunca os vejo á Missa aos domingos?»

— «Depois de ter trabalhado toda a semana como um escravo, responde o pae, preciso de descançar e recuperar as minhas forças.»

Queixae-vos do cançaço, meu amigo, respondeu o velho Parocho, mas não ignoraes de certo, que Nosso Senhor não pensou no seu descanso quando sofreu por nós: e nós iriamos regatear-lhe uma meia hora cada domingo para ir recolher o fruto do Santo Sacrificio da Missa?

«E a sua mulher, ajuntou o Páraco, porque não vae á Missa?»

—«Eu, tenho de fazer o almoço, a Missa demora muito e quando venho já é tarde para pôr a panela ao lume.

—«Mas a alma não deve estar primeiro que o corpo ao menos ao Domingo, dando-lhe a comida espiritual que lhe é necessaria?

Devemos pensar no corpo, é verdade, mas a comida podia ficar preparada de vespera ou levantar-se um pouco mais cêdo».

A todos, finalmente, esposos e filhos, que seguem, infelizmente, o exemplo dos paes, o zeloso pastor disse :» Se tivesseis um pouco mais de amor a Deus todas as dificuldades se aplanariam e não faltarieis á Missa.

No dia em que Deus se importar tanto de vós como vós vos importaes com Elle, que vos acontecerá?»

No lar christão e praticante reinam a paz e a felicidade, no outro dão-se todos os dias scenas infernaes.

Hoje é a mãe que se zanga porque o marido lhe não satisfaz os caprichos, amanhã é o marido que, depois de ter afogado a razão em vinho, fará ouvir expressões de colera e horriveis blasphemias a perturbar o silencio da noite.

Depois da S. Comunhão

Palavras do ilustre Sacerdote e escriptor que foi Senna Freitas:

«Jesus, o inefavel conviva, é filho de boa familia e de paes nobres pela ascendencia ... sejamos polidos.

Não usemos para com Elle da grave descortezia de que não usariamos para com um titular ou cavalheiro qualquer da simples burguezia, que nos viesse visitar a nossa casa.

Certamente que o receberiamos com urbanidade, o mandariamos sentar e lhe fariamos sala com os melhores termos de um carinhoso agasalho

Façamos sala ao filho de Maria ao menos durante esse curto espaço em que atraido pelo amor e pela formula sacramental ás especies do pão e do vinho, estas permanecem incorruptas no nosso interior.»

Voz da Fátima

Despezas

Transporte. . . .	22:652:970
Composição e impressão do n.º 26 (19500 exemplares).	448:500
Expedição e outras despezas.	80:000
Soma . . .	23:181:470

Subscripção

(Continuação)

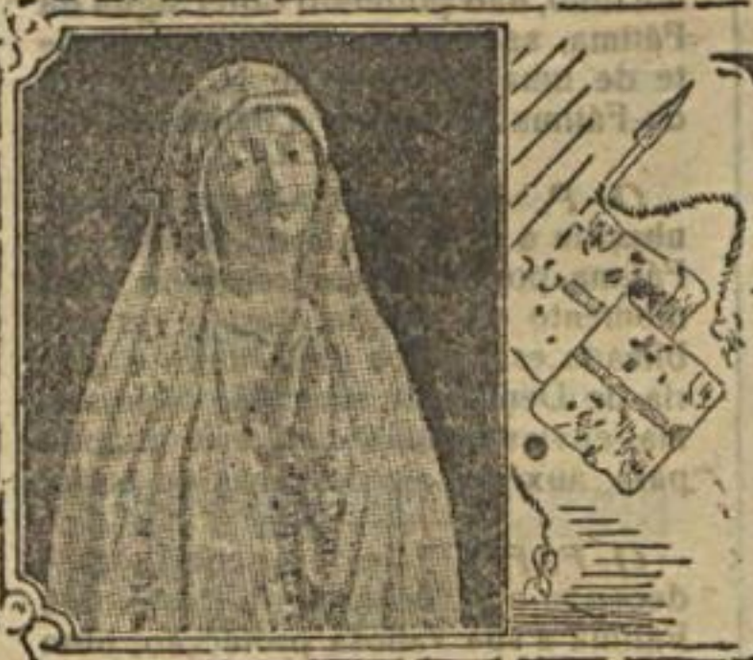
Madame Lindley Cintra. . .	10:000
Madame Cintra Bebiana. . .	10:000
D. Maria Emilia de Almeida e Brito.	10:000
D. Maria Eduardo Vasques da Cunha (3.º anno) . . .	10:000
Herculano Francisco Barbosa.	20:000
D. Maria Adelaide Abreu. .	10:000
D. Berta da Silva Bruschy.	10:000
D. Gervasia de Andrade Costa (2.º anno).	12:000
Dr. Domingos Mégre. . . .	12:000
P.e Manuel Mattos Silva . .	12:000
D. Maria de Castro Crespo Franco Frazão.	12:000
D. Maria do Carmo Barata.	10:000
Virgilio da Silva Martins. .	10:000
Manuel Rodrigues de Sá Esteves.	10:000
Manuel Gonçalves	10:000
Manuel d'Oliveira Borges. .	10:000
D. Carolina Alves Nobre. .	10:000
D. Maria Beatriz da Fonseca Pinheiro Guimarães. .	10:000
D. Guilhermina da Cunha Barbosa.	10:000
José Alves Lopes.	10:000
D. Maria Martins Proença Ferreira.	10:000
Luiz Maria d'Oliveira . . .	10:000
José Ferreira Mello.	10:000
D. Severiana d'Assumpção Lino	10:000
P.e José dos Santos Palrinhas.	10:000
José Martins.	10:000
D. Maria Fernando Santos.	195:000
D. Margarida Ferro Guimarães.	10:000
José Fernandes d'Almeida (2.º anno)	10:000
D. Carolina Rosa.	10:000
D. Maria Emilia da Cunha.	12:500
Antonio José Valente (2.º anno)	15:000
Antonio Cannas (2.º anno) .	12:500
D. Deolinda da Maia Abrantes	5:000
D. Rosa Marques Arada . .	5:000
Marcolino Gomes	10:000
D. Rosa Amelia da Silva. .	10:000
D. Maria das Dores Sobreiro Jordão	10:000
D. Belmira Pestana	13:500
José Bazilio Pestana. . . .	13:500
D. Amelia de Jesus Cordeiro Sepulveda	5:000
José Joaquim de Mendonça.	10:000
José Antonio Carregue. . .	10:000
D. Maria do Rosario Romão	20:000
D. Anna Patrocinio Neves .	20:000
D. Maria Preciosa.	10:000
Antonio Cesar d'Oliveira. .	10:000
De jornaes (Mgr. Portugal) .	9:000
De jornaes (Maria da Natividade)	14:000
Luiz Barnardo Fernandes .	10:000
Condessa do Paço de Lumiar	10:000
D. Maria Florentina de Vila Lobos e Moscoso	10.000
Marquez de Santa Iria. . .	10:000
Manuel d'Oliveira Martyres	10:000
Henrique Maria de Cisneiros Ferreira	10:000
D. Mathilde Clara da Fonseca	10:000
D. Julia Maria Galvão. . .	10:000
D. Cecilia Castro Pereira. .	10:000
P.e Francisco da Silva Geada	10:000
Dr. Joaquim Tavares d'Araujo e Castro	10:000
D. Maria do Carmo Tavares de Souza Cerne.	10:000
D. Maria Ismenia Ruela . .	10:000
D. Maria Candida Brandão Abreu Freire.	10:000
D. Guilhermina Dias Vaz da Silva	10:000
D. Rosa Antonia Valente de Almeida.	10:000
D. Gracinda da Silva Trinta	10:000
José Manuel Fernandes Rendeiro.	10:000
D. Maria de Jesus Pinho Cardoso (2.ª vez).	5:000
Laura d'Oliveira (2.ª vez) . .	5:000
Maria de Jesus Pirôa (2.ª vez).	5:000
Manuel José Pereira	5:000
Piedade Bunheirôa	10:000
Manuel Antunes.	10:000
Guilherme Henriques . . .	15:000
Donativos (João Paulo da Silva	21:000
D. Amelia Duarte Carvalho	10:000
D. Clementina Maria Reis e Silva.	10:000
D. Maria Ribeiro Seixas . .	10:000
José Antunes Junior	10:000
Alexandre Simões	10:000
Leonardo dos Reis Baião. .	20:000
D. Irene Rosa	10:000
D. Maria Luiza Vilhena Coutinho	10:000
D. Amelia Martins.	20:000

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano III LEIRIA, 13 de Janeiro de 1925 N.º 28



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Dezembro

FORMOSO dia de inverno e um dos mais formosos do corrente mês de Dezembro foi sem duvida o dia 13, commemorativo das apparições e fenomenos maravilhosos de 1917.

A noite anterior, illuminada por um luar suavissimo, sem uma nuvem no ceu, sem uma aragem na terra, tinha deliciado a imaginação e encantado a alma.

A' noite magica de seductor encanto sucedeu o dia esplendido, banhado de luz, irisado de mil côres, estuante de vida e movimento, a lembrar aos homens a ressurreição gloriosa apóz a morte e a immobilidade do sepulchro.

O tempo magnifico, quasi primaveril, parecia convidar os fieis, de longe e de perto, a ir visitar o humilde sanctuario d'Aquella que os pastorinhos de Aljustrel affirmaram ter aparecido em Fátima para bem de Portugal.

Effectivamente muitos grupos de peregrinos se dirigem para a terra bemdita, onde pousaram os pés sagrados da Augusta Mãe de Deus.

Em frente do altar recentemente construido estão dispostas muitas dezenas de doentes, formando numerosas filas.

As missas succedem se umas ás outras, celebradas pelos sacerdotes que previamente se inscreveram para esse fim.

Na sachristia alguns sacerdotes ouvem de confissão homens e rapazes que não tiveram occasião de se confessar antes de iniciar a sua viagem.

Os fieis que assistem ás missas rezam fervorosamente as suas orações e guardam o mais profundo silencio.

Ao meio dia e meia hora, depois de se cantar o *Credo*, reza-se a ultima missa, a missa dos enfermos.

E' então que a oração se torna mais intensa e fervorosa e se eleva mais irreprimivel para o Ceu.

Recita-se o terço do Rosario alternadamente com o povo, intercalando-o de jaculatorias e de supplicas pelos doentes.

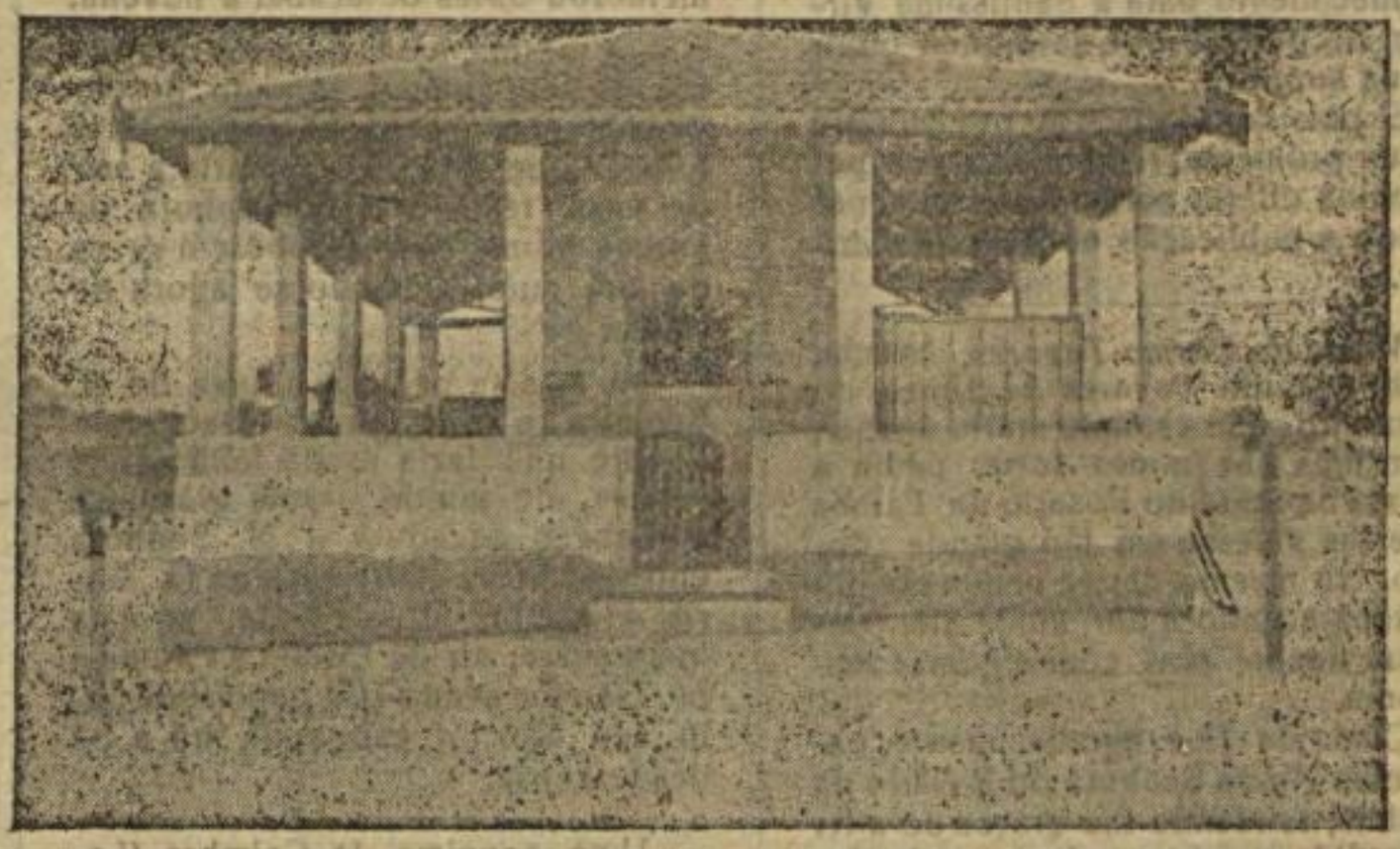
A comunhão é pouco numerosa, porque muitas centenas de pessôas tinham já comungado durante as outras missas.

Terminada a missa, dá-se inicio á benção dos enfermos, cerimonia comoventissima que arranca sempre lagrimas dos olhos dos circunstantes.

Depois da benção geral precedida do canto do *Tantun ergo*, sóbe ao pulpito o rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, que durante vinte minutos consegue prender a attenção do auditorio.

A's cinco horas da tarde já se via quasi deserto o local das apparições, ponto de convergencia das multidões sedentas de luz e de paz que debalde procuram no meio do bulicio do mundo e que só encontram aos pés de Deus junto da Virgem bemdita.

V. de M.



CAPELINHA DA COVA DA IRIA, com seu alpendre em volta, vista de frente

As curas da Fátima

Obtiveram graças que reconhecidamente veem agradecer a Nossa Senhora do Rosario da Fátima:

A menina *Virginia*, de 3 annos de edade, filha de João Carlos Fernandes e de Maria das Dôres Fernandes Rendeiro, de Murtoza (Pardelhas), assignantes da *Voz da Fátima*, que tendo adoecido com uma bronquite, tosse e muita febre, a ponto de não poder tomar alimento, uma pessôa amiga da mãe da menina e muito devota de Nossa Senhora da Fátima, vendo a consternação em que a mãe se encontrava, pois que não tem outra filha, dirigiu-se a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, no tempo em que se estava a rezar o terço, no dia 22 de Outubro, dizendo com muita fé: «O' Mãe do Ceu, que vos dignastes apparecer na Fátima, dignai-vos tambem curar a menina Virginia.» Prometeu, ao mesmo tempo, rezar o Rosario, com 15 meninas da catequeze, rezando cada uma a sua dezena, e dar a menina Virginia a cada menina uma estampa de Nossa Senhora da Fátima. Nossa Senhora dignou-se ouvir as minhas humildes préces. Antes do tempo marcado para a cura já a menina estava curada e já foi satisfeita a promessa no dia 30 de Novembro.

Em cumprimento da promessa manda-se uma offerta, bem pequenina, para o culto.

«Não calcula (diz a nossa informadora) como foi lindo assistir ás recitações do terço pelas 15 meninas!

Dizia-lhes eu: «Vós sois as pasto-

rinhas que estão a rezar!» Ellas intusiasmaram-se tanto e rezavam tão alto que se ouvia pela praça fóra! Não foi o terço, foi o Rosario. Cada menina nomeava um misterio. Que lindo!»

Anna Joaquina Rodrigues, viuva, da Murtoza (Ribeiro), atualmente na America, que estando muito doente, e longe da sua terra, recorreu a Nossa Senhora do Rosario da Fátima que se compadecesse d'ella pois estava tão longe da sua mãe e mais familia! Nossa Senhora do Rosario dignou-se ouvir a sua préce.

Muito reconhecida agradece a Nossa Senhora e manda uma oferta para o culto.

Maria de Jesus Fragoso, casada com Manuel Tavares Rebimbas, da Murtoza, assignante da Voz da Fátima, que estando proximo o seu parto, pediu com Fé e devoção, a Nossa Senhora do Rosario de Fátima, de quem é muito devota, que lhe concedece a sua valiosa protecção naquela hora. Foi attendida, pois não podia ser mais feliz. Cheia de fé e reconhecimento para a Santissima Virgem de Fátima que se dignou ouvir a sua supplica.

E' pois com satisfação que cumpre a sua promessa, remettendo uma pequenina offerta para o seu culto, pedindo a publicação na *Voz da Fátima*.

Maria do Carmo Tavares, casada, com Antonio Tavares de Souza, do Bunheiro, que estando muito doente, com uma dôr muito forte, pediu a Nossa Senhora do Rosario da Fátima que lhe valesse em tão grande afflição. No mesmo dia se sentiu melhor desaparecendo a dôr, ainda que continue doente mas com algumas melhoras.

Cheia de fé e agradecimento, para com Nossa Senhora do Rosario da Fátima, rendendo lhe graças de a ter attendido nas suas préces e pedindo-lhe de novo a cura da sua doença, se fôr da sua Santissima vontade.

Em cumprimento da sua promessa, manda uma pequenina oferta para o culto de Nossa Senhora.

Maria José Pata, casada com Sebastião Rodrigues Praia, da Murtoza (Pardêlhas), que tendo uma grande affl ção na sua vida que lhe causava muitos desgostos, recorreu a Nossa Senhora da Fátima com muita fé, e logo foi attendida.

Em cumprimento da sua promessa manda uma pequenina offerta para o culto.

D. Clotilde Raposo de Souza d'Alte, de Alemquer (Quinta da Bôa Vista) em cumprimento de uma promessa pede a publicação de uma graça que Nossa Senhora lhe concedeu restituindo a saúde a seu marido.

Rosa Pinheiro, (de Santo Tyrso), que tendo um abcesso na garganta que precisava ser operado, estando isso já combinado com os médicos, invocou na noite antecedente com fervor Nossa Senhora da Fátima e o abcesso rebentou sem intervenção médica. Prometteu publicar a graça recebida, mandando um pequeno donativo em acção de graças.

Uma anonina de Vilar de Besteiros, que tendo uma irmã que durante annos sofreu immenso dos intestinos, seguindo-se anemia, neurasthenia e por fim intercolite e ulcera no estomago, que a privou de se alimentar normalmente durante seis mezes, agora se encontra bem.

D. Maria Izabel de Saldanha, da Louzã, que tendo invocado e recorrido a Nossa Senhora da Fátima em uma grande aflicção, promettendo publicar a graça, agora vem agradecer esta e outras graças recebidas.

D. Maria da Purificação Godinho, de Lisbôa (R. da Estrela, 17—5.º), que tendo-lhe o médico dito que devia ser operada em um joelho, prometteu duas velas de cêra a N. Senhora e uma novena de mortificações e Comunhões, lavando a parte doente com agua da Fátima e melhorou antes de acabar a novena.

—A mesma, havia 6 annos que sofria de uma doença, estando desenganada dos médicos, chegando estes a dizer que ella não voltaria a sair de casa, recorreu a N. Senhora da Fátima prometendo publicar a graça da sua cura, achando-se agora de saúde.

—A mesma pediu e obteve de N. Senhora a cura de um Sacerdote doente que fazia muita falta. Além d'estas, de muitas outras graças se reconhece devedora a N. Senhora entre as quaes está a cura de D. Maria Macieira, promettendo, se esta melhorasse, vir de Lisbôa á Fátima a pé. Não lhe sendo isso permittido pelo seu director espiritual, irá a pé desde Leiria.

Uma anonima de Coimbra (Ladeira do Seminario) agradece a graça que N. Senhora fez a uma pessôa que a invocou em uma aflição grande.

Manuel Maria da Silva, de Vila Franca de Xira, que sofrendo sua esposa havia muito tempo dôres no estomago que não lhe permitiam alimentar-se devidamente e bastante inflamado, depois de ir a Fátima em Maio ultimo e ouvindo contar as assombrosas curas feitas por intercessão de N. Senhora da Fátima, a invocou com fervor no intimo do seu coração e bebeu da sua agua, sentindo poucos dias depois desaparecer a inflamação, achando-se curada.

Manda celebrar uma Missa na Fátima em acção de graças.

Maria dos Santos Annibal, de Athouguia da Baleia, em perigo de vida com uma pneumonia dupla, sentiu melhoras logo que tomou agua da Fátima.

José Vicente Rodrigues, da Serra d'El-Rei, tambem com uma pneumonia, não se lhe esperando melhoras, sentiu-se melhorar apenas que um filho, não podendo obter agua da Fátima, se lembra de joelhar deante de uma estampa de N. Senhora da Fátima levando-a a beijar ao pae.

O. P. (Praia de Ancora), reconhecida a N. Senhora do Rosário da Fátima por um favor recebido num momento de aflição, desejo ver publicada esta graça para honra e gloria de Deus e de sua Mãe Santissima, enviando uma pequena quantia para auxiliar as despezas do culto.

O. F. F. (Praia de Ancora), agradecendo a N. Senhora do Rosario da Fátima a sua valiosa protecção, num momento em que a invocou, envia uma pequena quantia para as despezas do culto.

A. R. P. M. (Ancora). Em acção de graças por um beneficio que se dignou conceder-lhe a Virgem da Fátima, envia uma quantia para auxiliar as despezas do culto, desejando ver na «Voz da Fátima» esta graça para honra e gloria de Deus e de sua Santissima Mãe.

Uma conversão

«Cucujães — Seminario das Missões Ultramarinas, 5-1-1925.

Sr. Director:

«...Apesar de a *Voz da Fátima* ser ainda pouco conhecida na Madeira, como V. Rev.ª sabe pelo relato da Senhora D. Elmina Côrte, transcrito no ultimo numero, algumas pessôas teem já obtido graças por intermedio de N. S. do Rosario. Entre estas, durante o ano findo, sei que em Câmara de Lobos, terra da minha naturalidade, obteve a grâça de perder o execrável vicio do alcoolismo um visinho dos meus pais. Era um alcoolico consumado e arruinado pela terrivel aguardente que o minou e, ainda novo, o levou ao tumulo.

Ainda na ultima doença, não obstante a proibição do médico, ingeria o abominavel liquido. Uma visinha sugeriu á mulher dêsse infeliz que, sem ele saber, misturasse algumas gôtas de água da Fátima á «poncha» (mistela de aguardente, água e assucar) que ele costumava beber.

Fez a mulher como a visinha lhe tinha aconselhado. Da primeira vez tomou-a, mas da segunda, quando a esposa a preparava, disse-lhe o doente que lhe tirasse aquela abominavel bebida para longe da vista e que nunca mais a queria tomar, pedindo que nunca mais lh'a apresentasse, mesmo que ele um dia a viesse a pedir. Dias depois o filho levou-lhe para casa uma garrafa com a terrivel aguardente, que tem sido a desgraça e ruina de muita gente; logo que o doente a viu sôbre a mêsa, ordenou que a deitassem pela janela fóra.

A intervenção de N. Senhora foi mais além: pois essa infeliz creatura não frequentava a Egreja havia ao menos dez anos, parecendo querer morrer impenitente, porquanto respondia com evasivas a quem lhe falava nos Sacramentos; — contudo

sabia ser crítico o estado da sua doença.

Porém, logo que bebeu a «poncha» com água da Fátima, mandou chamar o Páraco.

Confessou-se e comungou por várias vezes com santas disposições, até que morreu na paz do Senhor.

Subscrevo-me, etc.

Agostinho Martinho Vieira»

Assistamos á Santa Missa

A Santissima Trindade ahi nos espera para receber as nossas homenagens e nos encher das suas bençãos.

Assistamos á Missa porque Jesus Christo ahi nos espera para nos aplicar os merecimentos infinitos da sua Paixão e nos prodigalisar os thesouros do seu Amôr.

Assistamos á Santa Missa porque a Santissima Virgem, os anjos e os santos ahi nos esperam para nos auxiliar com as suas préces.

Assistamos porque as almas do Purgatorio ahi nos chamam pela voz dos sinos para lhes obtermos a sua libertação.

Assistamos á Missa para consolar o Coração Santissimo de Jesus a quem nada ofende mais que o esquecimento e a indiferença pela Santa Missa.

Assistamos á Missa para obtermos o perdão de nossos pecados, o augmento das nossas virtudes, uma santa morte, a protecção para as nossas familias e a prosperidade nos nossos trabalhos.

Assistamos á Santa Missa para a santificação dos sacerdotes e dos religiosos que são as colunas da Egreja, o sal da Terra, a luz do mundo.

Assistamos á Santa Missa pelos oitenta mil moribundos que cada dia entram na eternidade.

Vamos á Santa Missa pela conversão dos infieis e dos pecadores, pela volta dos hereges e schismaticos, pelo triumpho da Egreja.

Vamos á Missa . . . por aquelles que lá não vão.

Assistamos á Santa Missa tanto quanto pudermos. Uma só Missa em vida vale mais do que cem depois da morte.

Assistamos todos os dias á Missa; se não podemos, mandemos qualquer pessôa da nossa familia, e se isto mesmo fôr impossivel, enviemos o nosso Anjo da Guarda.

Assistamos á Santa Missa em cada instante do dia oferecendo a Deus todas as Missas que se celebram em cada ponto do mundo.

Unamos a nossa intenção a todos os actos que Jesus Christo ali faz pela gloria de Deus e salvação das almas.

Digamos-lhe: « O' Jesus, que vos immolaes neste momento pela salvação do mundo inteiro, abrasae-o todo no fogo do vosso Amôr».

Assistamos á Santa Missa com fé, com ardente piedade, porque a participação nos meritos infinitos da Missa é essencialmente limitada pela medida da nossa fé e da nossa piedade.

Não façamos como tantas pessôas que pensam *fazer algum favor a Deus* indo passar vinte escassos minutos á Egreja aos domingos.

Estão ali sem perceber nada do que se passa na sua presença nem saber o que é a Missa.

Veem por uma *vélha rotina*, como iriam á feira ou a casa de um estranho. Passam todo o tempo a pensar nos seus negocios, a olhar e a conversar.

Outros, conservando ainda uma vaga lembrança do catecismo, teem o proposito de cumprir um acto religioso, mas que desleixo e indiferença!

Chega-se o *mais tarde possivel*. Nem livro, nem terço.

Se joelham é por uns instantes, á elevação, ás vezes um joelho no ar. Olha-se curiosamente para quem entra e sae, boceja-se, faz-se barulho, dão-se signaes de aborrecimento e ainda o ultimo Evangelho não está acabado, já estão na rua.

Pobres christãos!

Que valor podem ter deante de Deus estas Missas ouvidas assim?

Não nos esqueçamos que o Sacrificio da Missa é o mesmo da Cruz.

«Amanhã...»

Era uma bôa, digna e santa mulher, como algumas parochias teem ainda a felicidade de possuir.

Tinha o seu logar e cadeira propria e tambem o seu coração na egreja.

Cada manhã, ahi pelas 6 ou 7 horas, viam-na chegar, alta, delgada, um pouco inclinada, tão distinta, com os cabellos côr de neve.

Comungava, ia almoçar e voltava logo a occupar-se das várias obras da parochia, tão numerosas e florescentes.

Quando o sacristão avisava o Páraco de que a Senhora X . . . o procurava, esta passava antes de todas... e mesmo antes de *todas* as outras. Ella, porém, portava-se sempre de tal modo que ninguem se ofendia, sabendo que era tudo para a gloria de Deus.

Ha uns mezes o seu Páraco dizia-lhe em tom alegre de aplauso:

— Só vos falta um cabeção ao pescoço e uma corôa na cabeça! . . .

*

Nesse tempo estava ella livre e á testa de uma grande fortuna.

Seu marido tinha morrido, assim como estavam tambem mortos os seus dois filhos.

Sósinha na vida, podia voltar-se para si mesma e fazer de si o pequeno centro das suas grandes preocupações.

Escolheu, porém, o gesto contrario . . . «dedicar-se aos outros».

A sua caridade extendia-se a todos, a começar numa encantadora orphãsinha de guerra de que ella quiz encarregar-se, até aos pulmões do joven páraco que, ás vezes, ia encontrar no confessionario caixas de rebuçados *milagrosos* ou um tapete que o preservasse do frio.

*

Mas ella já não era nova... tinha mesmo muito mais edade do que parecia.

O Páraco sabia-o e, querendo o seu bem como ella queria o do seu pastor, diz-lhe um dia:

— Deve pensar em assegurar a continuação das suas obras...

Preocupa-me tambem o futuro da vossa pequenina protegida.

Já fez o seu testamento?...

— Ainda não... mas ando a pensar nisso.

Ora tendo se passado já mujto tempo, voltava, de vez em quando, o Páraco á carga:

— E esse testamento?...

Já não digo que o faça a favor da sua parochia, ou do seminario; mas insisto a favor da vossa filhinha adoptiva. Que reviravolta se V. Ex.ª lhe viesse a faltar!

Faça as coisas de maneira que as suas intenções sejam rigorosamente respeitadas... E' necessario confiar a execução a um homem experimentado e consciencioso. . . Faria de V. Ex.ª um juizo pouco lisongeiro se vos visse com vontade de me responder: « quem vier atraz que feche a porta . . . »

— Senhor Prior, V. Rev.ª tem razão, toda a razão, e eu sou exactamente do mesmo parecer.

— E então?

— Ha de ser amanhã.

*

Mas quem poderá avaliar o perigo em que estão as coisas que se podem fazer *amanhã*, — sobretudo nestes nossos tempos em que cada dia se impõe por um desconcertante imprevisto?

Aconteceu afinal o que poderia acontecer e que o Páraco tinha como que presentido.

Um certo dia a Senhora X . . . não apareceu á Missa. Na vespera, o sacristão tinha notado que ella estava engripada. Não fez, porém, grande reparo porque, quem ha que não tenha, mais hoje, mais amanhã, a sua gripesinha?

Em vista disto o Rev. Páraco mandou saber.

Voltam dizer-lhe que a creada fôra encontrar a Sr.ª X . . . de manhã morta na cama.

De que morreu ella? ... Como ...? A que hora ...? Sofreu alguma coisa ...? Tudo perguntas sem resposta.

Mas, a partir d'esse momento, a casa hontem tão sorridente e hospitaleira, apareceu fechada.

Ficou envolvida como que numa especie de rêde de ferro.

Os amigos mais queridos tornaram-se como estranhos, suspeitos, sobretudo a rapariguinha, quasi tanto como o Páraco.

No dia seguinte, avisado não se sabe por quem nem para quê, apresentou-se, meio hesitante, um individuo para regular o enterro.

Era, ao que parece, um parente afastado que a Sr.ª X... não conhecia e que a velha creada nunca se lembra de ter visto.

Ora esse senhor era o *herdeiro legal*.

Hesitou em fazer ou não o enterro civil.

Afinal lá se resolveu por um enterro de setima classe á mistura com declarações ofensivas para a memoria da defunta:

«... Sua prima já tinha dado bastante dinheiro aos padres mas que a torneira se ia fechar. A coisa agora vae d'outra maneira . . . » etc.

Em vista d'isto o Páraco entendeu por bem exigir os seus emolumentos, dispôz as coisas para o oficio de corpo presente, acompanhou o cadaver ao cemiterio e colocou sôbre a sepultura o *bouquet* de violetas que a orphãsinha, cuja dôr e lagrimas fazia pena vêr, lhe mandou.

Emquanto se estava aos officios, o primo e a outra pessôa que o acompanhava, davam signaes de impaciencia, dizendo:

— Não acabarão estas macaquices?

•

Pouco depois, gavetas, comodas, armarios, estava tudo remechido e os vários herdeiros que depois chegaram puzeram as mãos e nariz irreverentes nas coisas mais augustas pelas recordações a que andavam ligadas.

Houve risos escarninhos, sobretudo a respeito do pequeno oratorio e da secretária.

Repentinamente, por circularem boatos de outros pretendentes, fizeram-se lotes que se tiravam á sorte.

Este levou uns bordados em que a Senhora X... trabalhou tantos annos e que destinava a um frontal do altar do Santissimo Sacramento.

Outro levou um lote de brilhantes destinados a uma Custodia.

Mas a orphãsinha, tão querida, não terá com que pagar a sua alimentação no proximo mês.

•

Toda esta ruina de um bem immenso, porquê?

Porque dizia a santa e digna Senhora X:. . . « hei de fazer o meu testamento *amanhã* » quando afinal só o dia de *hoje* nos pertence.

E a quantos não apanha desprevenidos a morte, apesar dos rebates da consciencia e de tantas sollicitações amorosas da Providencia, para pôrem em regra as coisas da sua alma!

Palavras consoladoras

(De Jesus á Irmã Benigna Consolata)

« Eu não repilo uma alma quando nela encontro miserias se tambem encontro boa vontade: quando esta existe, ha materia prima para trabalhar. O meu Amor sustenta-se consumindo miserias: e a alma que se me apresenta mais carregada de miserias, desde que tenha um coração contrito e humilhado, é o que mais me atrae, por que mais uma vez me proporciona ocasião de exercer a minha Missão de misericordioso Salvador.

Assim como o fogo se alimenta consumindo combustiveis, assim a minha Misericordia se alimenta consumindo miserias; e quanto mais e maiores encontrar, mais augmenta, exactamente como acontece com o fogo, cujas chamas se ateiam tanto mais quanto maior a quantidade de combustivel a queimar. Se soubessem a injuria que fazem a Deus duvidando da sua infinita Bondade!

Aos assignantes

Algumas vezes acontece que a expedição da *Voz da Fátima* não pode estar feita antes do dia 16 e poderá mesmo ir até ao dia 20 de cada mês. Disto prevenimos os assignantes para que tenham a bondade de esperar. Muito agradecemos que nos avisem de qualquer irregularidade, sempre involuntaria, neste serviço.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte.	23:181:470
A' Tipografia	425:500
Expedição e outras despezas	80:000
Soma . . .	23:686:970

Subscripção

(Continuação)

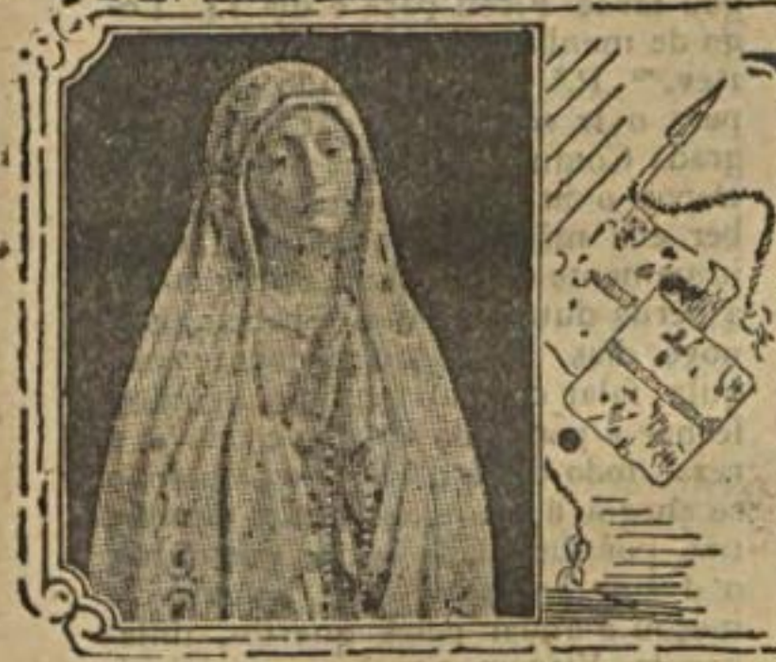
D. Amelia Barros Coelho da Fonseca	10:000
D. Emilia Ferreira Martins de Carvalho	20:000
D. Ermelinda Simões . . .	10:000
D. Izabel Arnoso.	10:000
D. Eduarda dos Prazeres Souza.	10:000
João Vicente Taveira Sarmento.	10:000
D. Maria dos R. Martins. .	10:000
D. Maria Emma de Carvalho Figueiredo Calixto. .	10:000
D. Maria do Nascimento Loureiro.	10:000
D. Maria Amelia Nunes da Ponte	15:000
João Mendes Abranches . .	10:000
D. Maria José Tinoco Borges	10:000
D. Maria Anna Velez Rôlo.	10:000
D. Cesaltina Rôlo Salema .	10:000
Francisco Alves Tavares.. .	10:000
D. Margarida Ferro Guimarães	10:000
Mario Raul Soares.	30:000
P.e Faustino Francisco Macieira	10:000
D. Ludovina d'Oliveira. . .	10:000
D. Joaquina da Conceição .	15:500
D. Maria Palmyra de Moura Veiga	5:000
D. Maria Estela Cunha Silveira.	5:000
D. Maria Eulalia Mendes Barata.	10:000
D. Amelia Torres	10:000
D. Maria da Luz d'Aboim Veiga	10:000
D. Anna Charters Lopes Vieira	10:000
Antonio Maria Duarte . . .	10:000
D. Luiza de Jesus Costa . .	10:000
D. Maria Angelica Correia.	10:000
Jacinto Correia.	10:000
Max. A. dos Remedios . . .	13:500
José J. dos Remedios. . . .	13:500
D. Maria M. dos Remedios.	13:500
D. Maria do Carmo Pitter .	13:500
D. Delmira Alvares.	13:500
D. Maria Pia da Luz. . . .	13:500
Antonio Luiz da Conceição.	10:000
D. Cordalina Pires.	10:000
D. Leopoldina Rosa Lopes .	10:000
Monsenhor Ferreira Lima .	10:000
D. Maria do Sacramento Pires Moreira	10:000
Pedro Garcia Rodrigues . .	10:000
D. Maria do Patrocinio Branco.	10:000
Monsenhor Antonio Maria dos Santos Portugal . . .	10:000
De jornaes (o mesmo) . . .	10:000
Baltazar de Lima Fernandes	10:000
D. Maria da Piedade Adriano Antero.	15:000
D. Joaquina Maria Barbosa Falcão.	10:000
A. A. Falcão d'Oliveira . .	10:000
Carlos João Viegas.	10:000
D. Anna Santos Mauricio. .	5:000
D. Rita do Sacramento Mousaco Alçada	20:000
D. Francisca de Sá Sottomayor Malheiro	10:000
D. Maria dos Anjos Ferreira	10:000
José Coelho da Cruz Leal .	10:000
D. Laura da Conceição Martins	12:000
A. A.	20:000
Joaquim Vieira	10:000
D. Aurora Vaz Clemente Marques da Cruz.	10:000
D. Maria Coelho	10:000
D. Marianna Teodora d'Oliveira	10:000
Percentagens em terços, etc. (D. Maria das Dôres). . . .	224:500
De jornaes, donativos, etc (D. Maria das Dôres)	276:500
De jornaes (D. Maria dos Anjos).	45:500
De jornaes (anonima de Peniche).	70:000
Madame Andrade.	10:000
D. Albertina d'Artayett . .	10:000
D. Sara Mudat.	10:000
D. Alice Martins Mudat . .	10:000
D. Sophia Pires Neves Teixeira	10:000
D. Maria Julia Marques Ferreira.	20:000
D. Maria Augusta Gomes .	20:000
D. Maria dos Anjos Tavares Portugal.	10:000
Manuel Maria Porrão . . .	10:000
D. Maria Anna Barbosa . .	10:000
D. Rosalina Marques Pinto.	10:000
D. Carolina Pinho	10:000
D. Maria Augusta Barbosa .	10:000
D. Maria José Portal . . .	10:000
Adriano José Faustino. . .	10:000
D. Albertina Gonçalves Bastos Morel	20:000
D. Aurora da Natividade Silva	10:000
Valentim Louzada	10:000
D. Maria da Conceição Costa Coelho	10:000

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano III LEIRIA, 13 de Fevereiro de 1925 N.º 29



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE JANEIRO

Mais um anno, um longo anno de glorias e triumphos, girou na roda do tempo sobre o poema divinamente bello e encantador de Fátima.

De 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1924, centenas de milhares de peregrinos acorreram de todos os pontos, ainda os mais remotos, de Portugal, a prestar a homenagem da sua veneração e do seu amor á augusta Senhora do Rosario, na terra que com seus pés virginaes ella se dignou pisar.

Que espectaculos de fé e piedade collectivas se desenrolaram alli deante dos olhos maravilhados de crentes e incredulos! Que confiança profunda e inabalavél a das multidões ali reunidas, no poder infinito de Deus e na valiosa intercessão maternal de Maria Santissima! Que scenas incomparaveis de cariadde para com o proximo em que se distinguem como protagonistas os admiraveis servos de Nossa Senhora do Rosario. Que paz d'alma, que fervor de devoção, que resignação assombrosa nos doentes de toda a especie que alli jazem horas e horas, aos pés d'Aquella que é chamada justamente a Saúde dos enfermos.

As forças demolidoras do mal não teem cessado de assestar as suas formidaveis baterias e de fazer fôgo vivissimo contra as muralhas d'aquella fortaleza inexpugnavel, que é o terror dos seus inimigos.

E o sublime poema de Fátima lá continúa a formar-se, a crescer, a multiplicar, de dia a dia, as suas estrophes, sempre bellas, sempre puras, sempre harmoniosas, deliciando e arrebatando a todos com a delicada maviosidade e a doçura encantadora dos seus versos divinos.

Neste dia, como succede ordinariamente nos mezes de inverno, o tempo estava bastante agreste; soprando da serra um vento que nos enregelava até aos ossos.

Todavia, de vez em quando, o sol espreitava por entre as nuvens, dardejando longamente sôbre a terra os seus raios descoloridos e sem calor. Na fórma dos mezes anteriores, ás nove horas já uma multidão enorme se accumulava no local das apparições, junto da capella, do altar campal e da fonte maravilhosa.

As missas principiam e a onda de povo vae engrossando cada vez mais. Os fieis, previamente confessados, approximam se em grande numero da Sagrada Mêsa.

Ao meio dia e trinta e sete minutos começa a ultima missa. Do alto do pulpito, o rev. dr. Marques dos Santos, reza o terço, alternadamente com o povo, que assiste á missa com profundo recolhimento e viva emoção.

De tempos a tempos um cantico acórda os echos da montanha proxima, repercutindo-se de quebrada em quebrada. Que quadro impressionante de belleza e magestade augusta offerece aos nossos olhos maravilhados a mole immensa de povo ajoelhado em face do altar, naquelle templo sem limites que tem por pavimento a terra núa e por cupula a abobada do firmamento!

E' agora o momento solemne da comunhão. Centenas de pessôas, de todas as condições, recebem o Pão dos Anjos, que é ministrado pelo celebrante.

O «Bemdito e louvado seja» é cantado por milhares de bôccas, que assim protestam eloquentemente a sua fé viva no mysterio augusto da presença real de Jesus na Santissima Eucharistia.

Termina a missa. Em seguida dá-se a benção com o Santissimo Sacramento aos doentes. Estes são em grande numero. Numa cama portatil, collocada em frente do altar, no recinto destinado aos doentes, jaz uma senhora nova gravemente enferma. Nas feições reflecte se-lhe visivelmente a grandeza do soffrimento que a tortura. O seu estado lamentavel inspira a todos os que a veem a mais sentida compaixão. Durante a benção muitos enfermos choram copiosamente. Não são prantos de desespero, são lagrimas de commoção, de esperança e de amôr, que lhes brotam dos olhos, confortando-os e consolando-os.

Por fim é dada a benção geral a todo o povo, que a pouco e pouco se vae retirando para os seus lares distantes, levando saudades indeleveis de momentos tão preciosos passados na terra bemdita e sagrada de Fátima.

V. de M.

As curas da Fátima

Temos em nosso poder o relatorio, longo atestado médico, radiografia e fotografia, sôbre uma importante cura (mal de Pott) cuja publicação reservamos para o mez de Maio.

Sabemos de mais, algumas já em nosso poder, outras que nos fôram prometidas, devidamente autenticadas por atestado médico.

Entre outras recebemos as seguintes cartas:

«Sr. Director da VOZ DA FATIMA.

Peço a V. o favor de mandar publicar no seu jornalzinho a graça que minha esposa obteve da Santissima Virgem do Rosário da Fátima.

No dia 1 de Junho de 1923, Máximina da Piedade, do logar do Casal da Fonte, freguezia de Assentiz, concelho de Torres Novas, deu á luz uma menina, tendo uma hora feliz. No dia 7 do mesmo mez pelas 6 horas da tarde, acometeu-a um acésso de délirio extraordinário, e começou a resár a devoção das cem Avé-Marias. No dia 8 vendo-se cada vez peior, o marido saiu chamar o sr. Dr. Gonçalves, dos Soudos. Este deu poucas esperanças de melhoras.

Por mais esforços que se fizessem não se conseguia obrigar a doente a tomar alguma coisa. Desde que a demencia a acometêra, não dormia coisa alguma de noite, e de dia era preciso estar sempre a segurá-la para ella se não despedaçar. Quando se sentia prêza mordia no que encontrava se a deixavam. A' meia noite socegou um pouco e então as pessôas que estavam encostaram-se um pouco na esperança de que a doente iria dormir devido a estar muito fatigada de tanto labutar. Na manhã do dia 9 pelas 2 horas, o marido chegou com muito

geito á porta do quarto pensando que ella dormia. Achou-a de olhar espavorido que metia horrôr, olhou muito para elle mas não lhe disse nada.

Tentaram novamente aplicár-lhe os medicamentos segurando-a o marido pelos pulsos, mas a desgraçada tanto barafustou que não poderam ser senhores della. Procurava até as mãos do infeliz marido para as morder. Todas as pessôas que assistiam áquella scena horrorosa sahiram para a sala com os olhos marejados de lágrimas, emquanto o pobre marido encostado á porta do quarto lamentava a triste situação em que ia ficar. Então a desventurada, no auge do maior acésso de delirio começou por rasgar as roupas. Até puxou pelo rodapé da cama e esmordaçou o como se fôsse um animal raivoso. A um têrço, que a doente tinha pendurado no leito e de que tanto gostava, lançou-lhe as mãos e despedaçou-o todo. O marido contemplando aquella scena desoladora já pedia a Deus que a levasse ou que tivesse compaixão dum e doutro. O que não podia era vêl-a a penar tanto. Voltou novamente a chamar o médico, não lhe restando esperança alguma de melhoras, lamentando a sua triste sorte e de quatro filhinhos que tão novos ficavam sem o abrigo da pobre mãe. No meio destes tristes pensamentos ocorreu-lhe uma ideia. A de invocar Nossa Senhora do Rosario da Fátima: «*Senhora! Vós sois a consoladora dos aflitos, consolde-me tambem a mim, dde a saúde a minha esposa e não deixeis ficar meus pobres filhinhos tão pequeninos sem o abrigo da mãe!*» Prometeu dar uma esmola conforme as suas fôrças se a Virgem lh: concedesse esta graça. Chegando a casa do médico e contando o estado da doente pediu-lhe para elle lá voltar. Este respondeu que não ia lá fazer nada, que levasse um remédio mais forte, e se não obedecesse áquelle, então não obedeceria a mais nenhum. Mas voltemos ao que se passou em casa da doente. Emquanto o marido da pobre demente chamava o Dr., as pessôas que ficáram ao pé da doente, vendo os gestos que ella fazia, uivando como os animais ferozes, rasgando e mordendo tudo o que encontrava, que causava profundo horror, unidas num espirito de fé viva, invocaram Nossa Senhora do Rosario da Fátima, com uma confiança inabalável, que só ella é que poderia pôr termo a tão horrivel sofrimento, prometendo cada pessôa por si o que a sua fé permitiu. Graças a Nossa Senhora da Fátima as suas préces fôram ouvidas!

Passados 20 minutos, ou o muito, meia hora, a doente sentou-se na cama, as pessôas que estavam fôram para a obrigar a deitar-se. Outra pessôa, porêm, disse: está socegada, deixemo-la estar, e puzeram-lhe um châle pelas costas. A doente, como quem acorda d'um sono, perguntou: o que está esta gente aqui a fazer? A seguir perguntou lhe a mãe se queria tomar alguma coisa. Disse-lhe que sim, e tomou uma chavena de leite com todo o apetite. Todas as pessôas que estavam ficaram como petrificados com o que viam pois já havia 36 horas que a doente não tomava coisa alguma. O marido ao chegar a casa e sabendo o que se estava operando na esposa, não poude contêr as lagrimas de suprema alegria, pois pensava estar já viuvo áquela hora. Entrou no quarto, sentou-se na borda do leito mas não dizendo nada. Ella então respondeu: ao menos diz adeus! Elle vendo a mudança que se tinha operado em sua esposa, a companheira de seus dias, a muito custo poude conter as lágrimas. Perguntou-lhe ella porque estava tão triste. Não é nada, respondeu elle. As pessôas que a tratavam andavam a passos lentos, receiando que a doente se tornasse a transtornar devido á grande fraquêza em que estava. Esta ignorando o que se tinha passado, decidiu se a dizer: pódem andar e fallar á vontade que não me doe a cabeça. Até áquella data não tinha alimento algum para a recemnascida sendo preciso chegarem-na ao peito d'algumas visinhas. E desde aquelle dia começou a ter sustento com tanta abundancia que ainda criou alem desta, uma outra menina duma criatura que foi ser ama dum menino dum sr. capitão. Graças a Nossa Senhora da Fátima, passados poucos dias estava completamente restabelecida sentindo a mais perfeita saúde, da qual ainda hoje gósa e sua filhinha.

Esta senhora conta que, pouco mais ou menos quando invocaram a Senhora da Fátima, no seu espirito houve como que o reflexo d'um relampago na mais escura noite de inverno e como quem está morta e torna á vida.

Foi pois com muita satisfação que esta familia foi com a protegida de Nossa Senhora á Fátima no dia 13 d'Outubro de 1923 agradecer á Virgem do Rosario tão grande e importante favor!

Peço a V. o favor de desculpar minhas desalinhavádas palavaras, tão singélas como verdadeiras deste que se subscreve

M. F.»

«... Vou agora contar o milagre que a Virgem Santissima quiz fazer n'esta minha freguezia de Candelaria (Ilha de S. Miguel) em que temos como Padroeira Nossa Senhora das Candeias.

José Jacintho de Araujo, de 17 anos de edade, filho de Manuel Jacintho de Araujo e Gertrudes do Carmo, tendo adoecido em maio de um ataque de reumatismo, ficando aleijado sem se poder mecher na cama, tendo a perna direita torcida, chegando ultimamente a atacal-o no coração. Mandou-se chamar o médico, mas nada lhe fez bem, até que ultimamente o médico declarou (eu mesmo sou testemunha), que o meu cunhado não escapava. Nesta altura eu disse ao doente que recorresse com muita fé a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, que ia mandar buscar a água santa e ella o curaria. Ficou o doente com muita fé á espera da água. Foi então que eu escrevi a V. Rev.ª para m'a mandar. Ella chegou cá no dia 13 de Outubro, não podendo servir-se d'ella nesse dia, porque chegou tarde. Ficou para o dia 14. Logo de manhã cêdo fomos ter com o Rev.mo P.e José Machado Ferreira para o ir confessar e dar-lhe a Sagrada Comunhão, o que tudo se fez. Depois o Sr. P.e deu-lhe água a beber e a mãe pegou na terra santa juntamente com a água, esfregou-lhe a perna durante 3 dias e bebeu água nove dias. Nesse dia o doente não quiz falar com a familia, mandou fechar a porta do quarto e esteve a rezar todo o dia o Rosario. Quando se chegou á noute, estando a familia, uns por um lado outros por outro, o doente levantou-se da cama e começou a andar pelos quartos, milagre da Virgem Santissima e principio da sua cura. Depois d'isto, porém, ao doente apareceram nas costas dois tumôres como dois ovos. Ao cabo de seis dias chamou-se o médico que mandou pôr panos de água quente e os lancetou, e agora está melhor, graças á Mãe Santissima.

O doente fez promessa de ir todos os dias á Missa durante um anno».

Obtiveram graças que reconhecidamente veem agradecer a Nossa Senhora da Fátima:

«*D. Maria da Conceição Bernardino*, de Rio Maior, que tendo ido á Fátima e desejando trazer água miraculosa de Nossa Senhora, levando para isso um garrafão, que por acaso se quebrou na viagem com uma fenda no fundo.

Aconteceu, porém, elle não entornar sequer uma gôta d'essa água bemdita, ao passo que entorna bastante água doutra qualquer procedencia. Desejando vêr esta graça, que N. Senhora lhe concedeu, publicada na «Voz da Fátima», desde já agradece antecipadamente».

«As Irmãs Terceiras Dominicanas Portuguêsas, da Congregação de Santa Catharina de Sena, estabelecidas em Limeira, Estado de S. Paulo, Brazil, agradecem a Nossa Senhora do Rosario da Fátima a cura d'uma das suas Irmãs, de nome Maria do Rosario Figueiredo, que estava ha mezes com febre e, tendo-se feito uma novena a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, a febre desappareceu. Graças sejam dadas á Virgem Santissima!»

A illustre familia ingleza Harney oferece a N. Senhora da Fátima uma quantia em prova de reconhecimento por graças recebidas.

D. Piedade de Almeida (rua D. Estephania, 123, Lisbôa) egualmente manda uma quantia para N. Senhora em agradecimento de se ter curado dos efeitos de uma queda grave.

D. Maria de Lourdes de Barcellos Coelho Borges (Angra—Ilha Terceira) vem humildemente agradecer a N. Senhora do Rosario da Fátima uma grande graça recebida.

D. Maria Emilia Pignatelli Queiroz, (Casado Cruzeiro—Vizeu) agradece a N. Senhora do Rosario a graça da cura d'um seu filhinho gravemente doente. Tendo feito uma no-

vena e dando a beber ao doentinho água da fonte das Aparições, ao segundo dia da novena o doente começou a melhorar sensivelmente e em breve se restabeleceu.

Um devoto de Nossa Senhora da Fátima (Monção) agradece á SS. Virgem da Fátima a cura que uma doente grave obteve por sua intercessão.

D. Aurelia Val do Rio Henriques (R. Angra do Heroismo 2, á Estefania, Lisbôa) achando-se doente e aflita por duas vezes no intervalo de alguns mezes, prometeu a N. Senhora, se a aliviasse, de enviar esta declaração para o querido jornalzinho «Voz da Fátima» o que faz com o maior prazer para honra da Santissima Virgem.

D. Maria da Conceição Pinto Rocha, (R. Candido dos Reis, 75—Viana do Castelo), deseja que sejam publicadas na «Voz da Fátima» as seguintes graças :—A cura d'uma ferida quasi instantanea com a aplicação da água da Fátima depois de ter invocado N. Senhora com muita confiança.

A cura de uma creancinha que se encontrava muito mal e que após meia hora de ter tomado um chá das folhinhas das arvores daquelle logar santo e de ter invocado N. Senhora da Fátima com a promessa de publicar a graça obtida, foi repentinamente curada a creança. Vem publicamente agradecer a N. Senhora todas estas graças e favores, como tambem as melhoras de duas pessôas doentes e d'uma a quem N. Senhora defendeu duma má companhia, afastando-lha quando essa pessôa corria para um caminho mau.

Juntamente algumas pessôas lhe pedem para serem publicadas as suas acções de graças por muitos favores recebidos.

Maria Benta, da Mata dos Milagres (Leiria), que tendo um seu filhinho de dez mezes de edade doentinho com enterite, tendo-lhe o médico dito que nada havia a esperar, recorreu com muita fé a N. Senhora da Fátima, dando-lhe a beber água da Fátima, começando logo a creança a melhorar, encontrando-se hoje restabelecida.

D. Laurinda Marques, (R. da C. do Duque de Lafões, 41, Beato—Lisbôa), que numa necessidade temporal recorreu a N. Senhora da Fátima sendo attendida.

Envia um donativo para N. Senhora.

Maria da Conceição da Silva Mattos, envia uma quantia para N. Senhora da Fátima em agradecimento de a ter curado duma grande queda que deu d'uma varanda abaixo para um lagedo, quando, creada de servir, sacudia um tapête.

Missa do meio dia

A Missa do meio dia é celebrada por intenção dos peregrinos, principalmente dos doentes.

A pequenina apostola

Um domingo, quasi ao fim da Missa, o zeloso páraco achou-se subita e gravemente doente. Mal teve tempo de se desparamentar e, sem poder attender um nucleo de pessôas que em volta do confessionario o esperava e dar andamento a outros assumptos, teve de recolher á cama.

Passados oito dias o povo voltava para assistir ao enterro do seu muito querido e estimado director e pastor.

Varias comissões fôram pedir ao Prelado a nomeação de novo páraco. Elle, de coração angustiado e os olhos cheios de amarguradas lagrimas, via-se forçado a responder que não tinha quem mandar pois que o Seminario não dava o clero suficiente nem elle poderia privar de páraco outras freguezias egualmente necessitadas.

Uma ou outra vez lá passava pela freguezia, velóz como uma setta, algum sacerdote que mal podia demorar-se uns instantes. O bastante para morrer. . . mas insuficiente para viver.

*

No principio o povo procurou defender-se. . .

Havia uma pessôa que mandava o seu carrinho para que um sacerdote viesse administrar os ultimos Sacramentos, celebrasse aos domingos, fizesse um pouco de catequese, baptizasse e assistisse a casamentos.

Depois era o sacerdote que, de bicycleta ou a pé, por lá aparecia todos os oito ou quinze dias.

Todavia a vida moral ia enfraquecendo. . .

Houve primeiro um enterro civil. .. depois muitos outros.

Primeiro um casamento civil. . . depois outros se lhe seguiram.

A descida acentuava-se.

O povo acostumou-se a ficar em casa nos domingos em que chovia. .. depois mesmo quando o tempo estava bom.

Uma velhinha de oitenta annos, antigamente de comunhão diária, morreu sem Sacramentos.

—Para que servem elles!. . . disseram os visinhos.

Sem caixão nem nada (as tabuas estão muito caras!) assim a levaram quatro visinhos para o cemiterio e lá a meteram numa cova com menos respeito e aparato do que fariam a um animal qualquer.

Acabado isto fôram á taberna beber uma pinga.

Tudo isto sem odio nem má intenção, sem escandalisar ninguem. Era o habito que vinha. . . vinha. . .

Comer, beber, dormir, trabalhar... para nada d'isso, nem os bois nem os homens tinham necessidade de páraco.

Dorme, pois, para ahi velho presbyterio, antigamente tão viva e acolhedora casa... fecha as tuas janelas, como um morto fecha os olhos. . .

O teu papel de vigilante amôr acabou.

Agora presides a um cemiterio de. . . almas.

*

No entanto, havia na aldeia uma joven de quinze annos, que guardava uma vaca e algumas ovelhas de sua mãe emquanto ia fazendo *crochet*.

O seu nome de Christiana converteu-se no de *Cricri* porque era conhecida.

Um dia vendo passar, banalmente, de cigarro ao canto da bôca, os homens que levavam para o cemiterio a velha Maria sua amiga, o sangue deu-lhe uma volta. Entrou na egreja de paredes esverdinhadas, poz agua benta num copo e espalhou a com tristeza sôbre a tumba.

Os homens olharam para ella e sorriram-se com um sorriso que não era de reprovação.

No outro dia a pequena *Cricri* agarrou numa vassoura e numa pá e foi limpar a egreja.

Abriu a sacristia, arejou os paramentos, limpou o pó.

*

Surpresa do Sacerdote quando chegou! . . .

Pela primeira vez aquella egreja lhe deu uma impressão agradavel.

—Foste tu que fizeste isto, *Cricri*?

—Sim, fui eu. . . respondeu ella córando.

—Está bem! Visto isso vou tocar para a Missa. Ha de ser um toque de festa!

Apareceram cêrca de uma duzia de creanças e trez pessôas maiores.

O Sacerdote deu a cada uma um santinho encontrados pela pequena em uma gaveta.

— *Cricri*, queres ajudar-me assim todos os oito dias. . . ?

—Quero sim, senhor Padre, da melhor vontade.

—No proximo domingo, reunidas as creanças, virei fazer o catecismo e heide-lhes trazer premios. . . A ti, nomeio-te minha «coadjutora».

—Oh! senhor Padre! . . .

O Sacerdote, porem, não voltou mais.

Quando chegou a casa encontrou ordem do seu Prelado para ir para outra parte onde a falta era ainda maior.

Sem nada dizer a ninguem, a pequena sentiu intimamente a falta de coragem a invadil-a; chorou. . . sentindo como que as azas quebradas.

Depressa, porém, sacudiu tão tristes lembranças.

Quasi todos os dias reunia as creanças perto da sua vaca e explicava-lhes que nós estamos no mundo para conhecer a Deus para o amarmos e servirmos.

Lia-lhes *Boletins* paroquiaes e outros jornaes catholicos, quando conseguia havel-os.

Apesar da sua timidez ia vêr os doentes, ajudava bem morrer os moribundos, recitando-lhes as orações da agonia e rezava junto dos mortos.

Teimosa, fazia parar os enterros deante da egreja, ia accender as velas e não deixava que os cadaveres fôssem para a terra sem as bençãos de Deus.

A pouco e pouco a sua intervenção foi julgada indispensavel e já mesmo todos contavam com ella.

A' tarde ia á egreja recitar o seu

erço e quando havia muita gente, recitava-o alto.

Dia a dia o apostolado ia-se tornando uma necessidade para a sua alma.

Como um passageiro sonhador debruçado nas grades do navio se pergunta a si mesmo em que ponto do oceano se encontrará, assim Christiana se demorava ás vezes de noite á janella a contemplar o ceu, semeado de estrelas, no meio das quaes voga a terra... esta tão pequenina terra!...

E, de mãos levantadas pela emoção, bradava alto no meio da noite: *Pae Nosso, que estaes no Ceu.*

E o seu exemplo fazia que outros levantassam tambem os olhos para o Ceu...

*

E assim, ha cinco annos, esta pequenina apostola, uma aldeã quasi desconhecida, conserva viva uma faisca que um dia se converterá em incendio.

-As almas hão de incendiar-se!... Christiana tem a certeza d'isso.

Quando? E' segredo de Deus.

Lá além, em qualquer parte está um seminarista da sua edade..., um joven generoso que offereceu os seus vinte annos ao Creador... e que se prepara para vir, aqui, um dia, executar a obra divina.

E se esse joven não encontra a egreja a cair, a fé morta, as almas fechadas para sempre á fé, será por causa d'essa creança externamente semelhante a todas as outras, de quem ás vezes algumas pessôas se riem, mas que os velhos, lá da outra vida, e os anjos contemplam com admiração, pois que ella guarda o «fôgo»... o fôgo que é o Amôr... o fôgo que é Deus!

O numero 13

Talvez por acordar remorsos em muitas almas, porventura mais perversas e criminosas que a de Judas, anda este numero muito desacreditado.

Muitas vezes temos feito a nós mesmos esta pergunta: porque iria Nossa Senhora escolher o dia 13 para aparecer na Fátima?

Ora, sem querermos sondar os designios sempre imprescrutaveis da Providencia, não parece que esta teve em vista chamar a nossa attenção para essa multidão de traições, que nós, sob a capa de amigos, fazemos tantas vezes a Jesus sobretudo na Eucharistia?

Eile ahi está, vivo, real, como que aniquilado de amôr nas nossas egrejas, á espera das creaturas e... quem pensa nisso?

Se aparece ahi pelas ruas ou numa praça, um boneco, todo o mundo vem vêr e se interessa.

Está Nosso Senhor á espera na egreja ou passa de visita a um moribundo e, ás vezes, tem de ir ás ocultas e ninguem faz caso!...

— Não parece ainda que a escolha do dia 13 é como que uma censura tacita contra esse fervilhar de superstições em que vive enleada e se afunda tanta gente, desviando-se do verdadeiro culto e amôr a Deus?

Quando Moysés, passados quarenta dias, desce do Monte Horeb encontra cá em baixo, na planicie, os israelitas extasiados em adoração a um bezerro d'oiro.

Ora quando os povos deixam as alturas serenas e limpidas da Egreja embrenham-se cá em baixo numa apertada rêde de superstições e, se não adoram o bezerro d'oiro, adoram o oiro do bezerro, divinisam as paixões tornando-se similhantes aos animaes irracionaes, escravos dos sentidos.

Todas as almas necessitam absolutamente de Deus. Os mesmos que o negam ou o não amam são afinal os mais preocupados com esta ideia que não pódem apagar da consciencia. Estes parecem-se um pouco com as creanças que, no meio duma floresta, tomam a resolução de cantar e fazer barulho para espalhar o mêdo.

Não adoram a Deus nem a Jesus Christo mas tremem se, por exemplo, estiverem 13 á mesa ou virem uma borbolêta prêta.

Não acreditarão nos milagres, na Egreja, nos Sacramentos, mas invocarão as almas dos mortos e crerão nas pancadas de uma mêsa.

E quanta gente que se diz catholica, que fez profissão, no Baptismo, de renunciar ao demonio, vae pressurosa consultar feiticeiros e recorre a outros meios reprovados pela Egreja, logo que qualquer doença ou dificuldade a aflige?

Que o numero 13, pois, trazendo á lembrança o crime de Judas, nos constitua na necessidade de evitarmos as traições não menos hediondas que fazemos a Deus com os pecados mortaes.

E' necessario viver a fé e que esta não seja só de palavras.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte do n.º 27 .	526:000
João Severino Gago da Camara.	10:000
D. Guilhermina Alvares Fortuna	12:500
Subscripção aberta pela Ex.ma Sr.ª D. Camila Nogueira	271:000
Soma.	819:500

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	23:686:970
Tipografiia (19:000 exemplares)	437:000
Outras despezas.	55:000
Soma. . . .	24:178:970

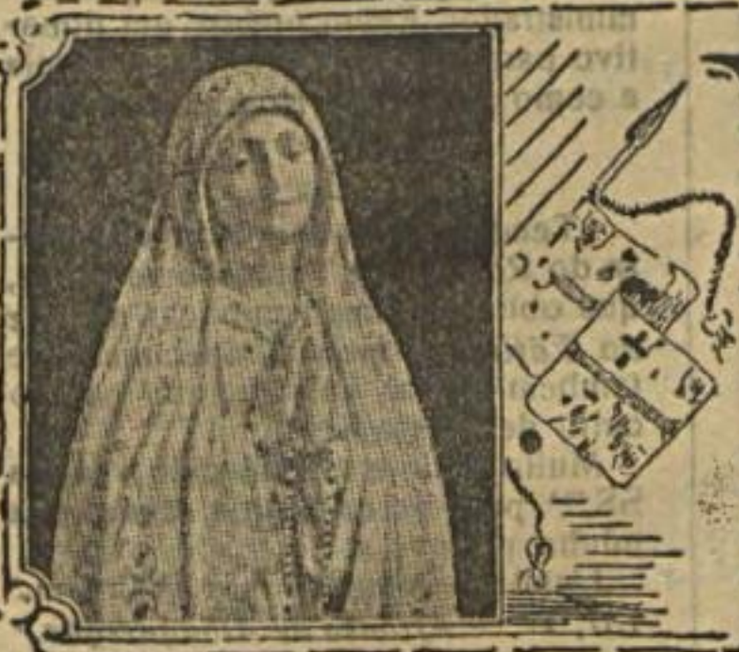
Subscripção

(Continuação)

P.e Martinho Pinto da Rocha	10:000
D. Anna Correia.	10:000
D. Maria Gertrudes	10:000
D. Marianna Grave Descalço	10:000
Pacifico Martins.	10:000
D. Maria da Luz Guimarães Pestana	10:000
D. Vivia Street d'Arriaga Braamcamp Sobral. . . .	50:000
D. Michaela Caroço	10:000
D. Marianna Vilar.	10:000
D. Elvira Serranho Monteiro	10:000
P.e João Augusto de Faria.	10:000
D. Maria da Encarnação Mourão	10:000
Jeronymo Sampaio	10:000
D. Maria Primitivo Castro.	10:000
José Castello Branco e Castro	10:000
Manuel Araujo Pereira. . .	10:000
Manuel Pacheco	10:000
D. Rosalia Maria de Pina. .	10.000
Condessa de Nova Gôa. . .	10:000
D. Maria da Conceição Fernandes Cadeco.	10:000
D. Maria José da Silva. . .	10:000
D. Guilhermina Fontes Pereira de Mello.	10:000
D. Emilia Augusta da Luz.	10:000
D. Marcelina Carneira. . .	10:000
D. Luiza de Jesus Manso. .	10:000
P.e Luiz Caetano Portela. .	10:000
D. Deolinda da Purificação Costa	10:000
D. Maria Pereira dos Santos	10:000
D. Maria de Jesus Lacerda.	10:000
D. Elmina da Cruz Côrte .	25:000
Joaquim Pedro da Silva . .	10:000
D. Maria da Piedade Fajardo Magalhães Monteiro . . .	10.000
D. Ludovina de Jesus Lopes	10:000
D. Elvira Rosa da Cruz . .	10:000
D. Maria das Mercês Bianchi Coelho Borges.	10:000
De jornaes (P.e J. dos Reis).	10:000
De jornaes (Francisca Fitipaldi).	117:000
De jornaes (J. Oliveira Dias)	36:000
D. Maria José Assis Gomes.	10:000
Joaquim Domingues Urbano	10:000
P.e Manuel de Souza. . . .	10:000
D. Josefa Carolina de Matos Chaves	10:000
P.e Francisco Joaquim da Rocha.	10:000
Ayres Gomes	10:000
D. Emilia Nunes da Rocha.	10:000
D. Laurinda Marques . . .	10:000
D. Maria do Patrocinio Chaves	10:000
D. Maria Clara da Silva Lobo.	10:000
D. Palmira Garcia.	15:750
D. Leopoldina Pacheco. . .	15:750
D. Carolina Cabral	41:350
P.e João Ramos Ferreira. .	10:000
D. Maria da Apresentação David Gonçalves (5 assignaturas)	50:000
D. Maria Rodrigues Ferros.	10:000
D. Anna da Silva Barreto .	10:000
Dr. Luiz d'Oliveira.	10:000
D. Anna Charters	10:000
Comendador João Curado .	10:000
P.e José de Ceiça.	10:000
D. Conceição Martins da Rocha	10:000
Ignacio Antonio Marques. .	10:000
D. Virginia Vieira Dias. . .	12:000
Madame Leonor Vieira. . .	10:000
Joaquim Dias Souza Aroso	10:000
D. Maria da Conceição Tocha Figueiredo Lourenço.	40:000
D. Anna Albertina Lourenço Ferreira d'Abreu	40:000
Dr. Eurico Lisbôa	20:000
João Duarte Simões Baião .	10:000
D. Ema Falcão de Mendonça	10:000

N. B. — Ficam ainda cêrca de 400 subscriptores á espera de vez.

Ano III LEIRIA, 13 de Março de 1925 N.º 30



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Fevereiro

TALVEZ nunca a estação invernosa no nosso paiz se assemelhasse tanto á esplendida quadra da primavera, como este anno desde o seu inicio até ao meado da primeira quinzena de Fevereiro. Com rarissimas excepções, dias e dias de um sol brilhante, um ceu diafano que nem sequer uma nuvem ensombrava, uma viração suave e uma temperatura ligeiramente tépida, noites luarentas ou estrelladas, serenas e agasalhadoras, lembrando as mais bellas noites de estio, tal foi o mês de Janeiro ultimo tão differente dos Janeiros que o precederam até onde a memoria logra alcançar. Mas já no principio do corrente mês o inverno se approximava em rapida carreira e anunciava a sua chegada com os primeiros ventos frios e as primeiras chuvas brandas e intermitentes proprias desta epocha.

No dia treze de madrugada fez elle a sua entrada solemne, com toda a pompa e magestade. A viagem a Fátima nestas condições de tempo, singularmente desfavoráveis, torna-se uma verdadeira e forçada peregrinação de penitencia. O frio, o vento e a chuva atormentam impiedosamente os romeiros que fazem a pé tão longo percurso ou que usam de vehiculos pouco confortaveis, desde o classico jumento até ao trem aberto e ao descommunal *char-á-bancs*. O nosso carro, depois de ter transposto a serra numa interminavel e penosa travessia feita em grande parte durante a noite, chegou ao local das apparições pouco depois das nove horas da manhã. A' penitencia que o Ceu nos impunha e que resignadamente tivemos de acceitar, juntámos, como de costume, a recitação meditada dos quinze mysterios do Rosario. Presidiu a esse acto de devoção para com a Santissima Virgem o rev. João Nunes Ferreira, parocho de S. Pedro, em Torres Novas, sacerdote tão respeitavel pelas suas excelsas e acrisoladas virtudes como pelo zelo, desinteresse e abnegação com que prodigalisa vida, saude e fortuna nos seus multiplos e variados trabalhos apostolicos e de um modo particular na formação christã da mocidade confiada á sua sollicitude pastoral.

Os servos de Nossa Senhora do Rosario, vulgarmente conhecidos pela designação laconica mas expressiva de *servitas*, dão immediatamente inicio a essa hora, aos trabalhos da sua instituição. Organizam o serviço de ordem junto da capella, do altar das missas e da fonte do local das apparições e transportam os enfermos, alguns, cujo estado é mais grave, em macas, para a esplanada, em frente do altar, á medida que estes vão chegando junto dos muros do recinto do sanctuario. Semelhante trabalho é tanto mais difficil e penoso, e por isso tanto mais digno de apreço e louvor quanto é certo que desta vez teve de ser realisado por um tempo desagradavel e sobre um terreno escorregadio e lamacento. Entretanto as missas succedem-se umas ás outras ininterruptamente, celebradas por numerosos sacerdotes préviamente inscriptos, e, emquanto se celebram, reza-se o terço, entoam-se diversos canticos religiosos de caracter popular e fazem-se invocações em favor dos enfermos que, colocados em filas em numero de cem approximadamente, occupam uma grande parte da esplanada.

Ao meio-dia e meia hora official começa a ultima missa, a chamada missa dos enfermos, que é sempre applicada pelos peregrinos effectivos e de desejo, e especialmente pelos enfermos presentes e ausentes que quizeram mas não puderam vir. Esta missa, embora simplesmente rezada como todas as outras que a precedem, é todavia rodeada de maior apparato externo, de mais pompa e solemnidade. Antes de principiar é cantado o Credo de Dumont por um côro unisono exclusivamente formado de sacerdotes.

Durante a missa o terço é recitado do alto do pulpito alternadamente com o povo pelo rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, distincto professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Leiria.

A actividade que este sabio e virtuoso ecclesiastico desenvolve no exercicio das suas funcções de capelão-director dos *servitas* é verdadeiramente assombrosa, multiplicando-se, por assim dizer, a sua pessoa para attender a tudo e a todos com uma paciencia inexgotavel e uma caridade extremamente delicada, constante e quasi heroica. De vez em quando entoa-se um cantico e fazem-se invocações pelos enfermos. A' medida que se approxima o momento solemnissimo da consagração, o silencio, que desde o principio da missa é profundo naquela assistencia de mais de duas mil almas, parece tornar-se ainda mais profundo, o recolhimento augmenta e a piedade é mais viva, mais sentida e mais communicativa. O *Bemdito*, cantado durante a Communhão, põe naquelle ambiente, saturado de mysterio e de sobrenatural, uma nota encantadora de mystica suavidade.

Após a missa realisa-se uma das cerimonias mais commoventes a que é dado assistir sobre a terra e que só em Lourdes e em Fátima tem logar: a cerimonia da benção do Santissimo Sacramento aos enfermos. As lagrimas assomavam espontaneamente aos olhos dos enfermos e de grande numero de assistentes.

Jesus, o divino e misericordioso rei de Amor, occulto na Hostia Santa, derrama invisivelmente copiosas graças sobre todos, dispensando confortos espirituaes e allivios corporaes aos membros padecentes da egreja militante que alli vão implorar, cheios da mais viva confiança, a caridade infinita do coração sacrosanto do celeste Samaritano.

Por fim é dada a benção geral a toda a assistencia. O rev. dr. Marques dos Santos, por ter faltado o orador que devia prégar o sermão, faz, num feliz improviso, uma prática substanciosa sobre o arrependimento e emenda dos peccados, que calou profundamente nas almas dos ouvintes. Estes, terminada a prática, põem-se a caminho dos seus lares distantes, levando nas suas almas crentes e piedosas, uma nova reserva de energias sobrenaturaes para a lucta com as paixões, cujas desordens tantas almas arrastam ao peccado e á

morte eterna, e uma recordação saudosissima dos momentos unicos e ineffaveis que tiveram a ventura de passar naquella estancia consagrada pela presença e pelas bençãos da augusta e gloriosa Rainha do Santissimo Rosario.

V. de M.

As curas da Fátima

« Rev.mo Sr.

Vou comunicar-lhe uma coisa (o que devia ter feito ha mais tempo), que julgo ser um verdadeiro milagre operado pela intercessão da Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

Tinha uma *lesão cardiaca que muitas vezes me poz ás portas da morte.* Não podia dormir e não comia. O meu verdadeiro alimento era só leite. Nada me fazia bem. Durante muito tempo cada dia me deitavam mais de vinte ventosas, vindo ás vezes o meu médico deitar-me pontas de fôgo. Qualquer pequeno esforço me cançava muito. Emfim julguei-me muitas vezes perdido. Lembrava-me que se eu fôsse a Lourdes encontraria melhoras porque ouvia dizer que a Virgem Santissima Nossa Senhora da Conceição lá operava muitos milagres, mas como as minhas forças m'o não permitissem, elevava muitas vezes lá o meu pensamento. Depois d'isto comecei a ouvir falar que a Santissima Virgem do Rosario, tinha aparecido em Fátima num lugar chamado a Cova da Iria, a tres humildes creanças, nos dias 13 de cada mez, desde Maio a Outubro consecutivos. Passado algum tempo encontrei aqui um homem que andava vendendo imagens que, segundo ele me disse, tinha sido o sr. Visconde de Montello quem as mandara imprimir e tinham uns versos nas estampas que muito me agradaram.

Puz-me a meditar nó que os versos diziam e pedi á Virgem Santissima que me aliviasse da minha enfermidade, prometendo-lhe que todos os dias resaria ao menos um terço e de lá ir assim que as minhas forças m'o permitissem.

Depois da minha promessa feita fui melhorando e lá fomos eu e minha mulher em 13 de Maio de 1923 e em 13 de Outubro de 1924, esperando ir as vezes que puder e as minhas forças permitam, pois que só Deus Nosso Senhor e a Santissima Virgem sabiam o meu sofrimento.

Hoje não tomo medicamentos, não levo ventosas nem pontas de fôgo, como qualquer comida e nada me tem feito mal, o que tudo agradeço á Santissima Virgem.

Quando fui pela primeira vez á Fátima, fiquei encantado ao ver ali tanta gente e dizia para comigo: quem é que aqui traz tanta gente senão a Virgem Santissima? Mais viva se tornou, pois, a minha crença, mas nada verifiquei de extraordinario em 1923. Em 13 de Maio de 1924 vi os fenomenos solares e sucessos maravilhosos e não posso jimais esquecer os felizes momentos que naquele lugar privilegiado passei.

Aqui ha mezes lêra eu no nosso querido jornalzinho que uma creatura dizia que bom seria formar-se uma comissão de competentes para melhor estudar estes fenomenos maravilhosos que algumas pessôas afirmam ver e eu desejaria muito ser ouvido e mais algumas pessôas porque temos motivos bem frizantes para isso visto que a Virgem Santissima tantas vezes os repete e com tanta intensidade.

Termino e para outra vez escreverei sôbre a cura de um filho meu.

Faça o uso que entender desta minha carta, que bem desejo seja publicada no nosso querido jornalzinho para honra e gloria da nossa tão terna e carinhosa Mãe.

Desculpe, etc.

Fonte Fria, 6/2/925.

Anibal Matta»

«Ex.mo Sr.

Peço a V. Ex.ª para dar publicidade no seu jornal á seguinte carta:

Soffrendo horrivelmente do figado e do estomago ha 3 annos, e não havendo já nada que me aliviasse as dôres, e estando no ultimo estado de fraqueza, fui aconselhada pelo meu médico a dar entrada no hospital para fazer operação, o que fiz, dando entrada no dia 5 de Maio do anno passado, invocando com muita fé Nossa Senhora de Fátima para que a minha melindrosa operação se fizesse no dia 13 de Maio e que eu ficasse bem.

Graças a Nossa Senhora de Fátima fui ouvida e hoje estou completamente restabelecida.

Quando entrei no hospital fiz uma promessa a Nossa Senhora de ir lá, o que espero cumprir em 13 de Maio d'este anno.

Lisbôa (rua Luiz de Camões, 137, 1.º), 29 de Janeiro de 1925 — *Rita Jesus Ramos*».

«Ill.mo e Rev.mo Sr.

Ha um ano que obtive uma grande graça, a cura de meu marido, que estava então gravemente doente; não se poderá talvez classificar de milagre, mas eu tenho a absoluta certeza, que só devo a vida dele a Nossa Senhora da Fátima a quem invoquei durante uma noite inteira. Agora peço-lhe fervorosamente que melhore a vista de minha filha que a tem tão má, que os médicos não a deixam por emquanto aprender a ler, etc.»

Maria Margarida Sarmento Omen Pinto.

«Sr. P.e Manuel

Tendo tido um filho com uma intercolite e desenganado pelos primeiros especialistas de creanças, tendo o ultimo que o viu dito que ele só poderia viver dois dias, vendo a sciencia abandonar o meu querido doentinho, recorri a Nossa Senhora da Fátima, dando lhe ao mesmo tempo a beber gôtas d'agua que uma minha amiga me tinha dado. Com espanto dos medicos que já o tinham abandonado, a criança começou a sentir alivios e hoje encontra-se de perfeita saúde e os médicos dizem que foi um caso unico na sua vida.

Caso V. Ex.ª queira, póde fazer uso desta minha carta contando mais este milagre de Nossa Senhora da Fátima no jornal de que é digno administrador. Envio incluso um donativo para auxilio das obras da Igreja e como gratidão a Nossa Senhara.

I. de C. P.»

«Tendo suplicado a Nossa Senhora do Rosario de Fátima uma graça, que obtive, prometi publicar na *Voz da Fátima* o meu agradecimento e tambem enviar uma quantia para o culto de Nossa Senhora.

Muito grato e reconhecido a Maria SS.ma pela graça obtida, cumpro a minha promessa.

Lisbôa, = Rua Gomes Freire, n.º 137, 1.º — *Affonso de Albuquerque.*»

Obtiveram graças que veem agradecer a N. Senhora do Rosario da Fátima:

José Augusto Pires dos Santos, de Manguaide que tendo um sobrinho com ferimento grave n'um olho, chegando tambem a ser atingido o outro, melhorou rapidamente ficando sem defeito algum, sendo esta a terceira graça (que prometeu publicar) que obtem pela intercessão de Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

— *D. Etelvina das Dôres Wengriken* envia um donativo em cumprimento de uma promessa.

— *D. Anna Maria Lurine da Silva* envia tambem um donativo em acção de graças pela cura de uma sua neta.

— *D. Anna de Jesus Lima*, de Tendais, em acção de graças pela cura de um panaricio envia tambem um donativo.

«*Ana José Galante*, de 21 anos, solteira, natural de Murtosa e moradora no Ribeiro, actualmente em Setubal, filha de Manuel Joaquim Soares da Silva e de Maria do Ceu Galante, fez o vóto de ir em peregrinação a N. Senhora da Fátima se ela lhe désse alivio aos seus males. Estava declarada tuberculosa pelos médicos e hoje está completamente curada. Já foi á Fátima em 13 de agosto de 1924 na grande peregrinação de Murtosa e lá deixou a sua esmola que tinha prometido.»

«A *D. Florinda da Ressureição*, Ourondo, (Covilhã). — concedeu Nossa Senhora da Fátima uma grande graça.

Padecia ha muitos annos de violentas dôres de estomago. A medecina receitou-lhe varias drogas, mas as dôres eram quasi continuas. Só sentia algum alivio por intermedio dos panos quentes. Agua fria não podia beber. Um dia ouviu ler os acontecimentos da Fátima. De alma e coração se voltou para Nossa Senhora. Prometeu ir pessoalmente agradecer-lhe se tivesse algumas melhoras. Desde essa hora, nunca mais teve dôres, anda de bôa saúde, bebe agua fria, come de tudo. Crê no grande milagre de Nossa Senhora.

Foi no dia 13 de Outubro passado agradecer a Nossa Senhora, e tem feito tal propaganda, que para Maio muitas pessoas suas amigos a vão acompanhar, ao Céu da Fátima, como ela diz.»

Uma ave... que não pode cantar

Ahi está ella...

E' ella mesma, a Quaresma.

Um tormento que outra vez recomeça, o abutre que, no silencio dos labios lacrados, vae roendo a consciencia. E' o remorso, que tambem tem a sua primavera... de inferno para rebentar de novo.

A partir do primeiro de janeiro, o homem de quem aqui queremos falar, começa a vel-a despontar no horisonte.

Este homem é como o viajante que chegou ao cimo d'uma planicie, que tem de descer para atravessar uma terra onde credores implacaveis o espreitam.

Se pudesse passar por outro sitio!.. Mas o caminho é mesmo pelo meio, em uma linha inexoravelmente recta. Se elle pudesse saltar a pés juntos para além da Páscoa!...

Isto, porém, não é possivel a ninguem. Este tempo da Quaresma e da Pascoa, tão dôce para tantos outros é para elle uma bebida amargosa que terá no entanto de esgotar até ás fezes.

•

Queira ou não queira, dia a dia, é forçoso atravessar essas, pouco mais de duas quinzenas, que elle finge desconhecer mas que a cada momento lhe lembram as suas obrigações!

E'-lhe impossivel fechar os ouvidos pois que o chamamento, o unico, o grande, o augusto convite chega-lhe de todos os lados ao mesmo tempo.

E' a mulher que conta com interesse o horario das funções religiosas na egreja... São os filhos, rapazes e raparigas, que falam uns com os outros, sôbre a *examina* e respectivas *rapozas* e discutem os prégadores...

E' o visinho que elle vê caminhar apressado para a via-sacra e outras funcções da tarde... E' o toque mais frequente dos sinos. E' o merceeiro que empilha fardos de bacalhau no estabelecimento recordando a época santa da abstinencia e do jejum.

O convite, primeiro longinquo, vae-se tornando mais preciso e assediante.

O homem sente-se atacado por todos os que o amam.

A's vezes faz-se silencio em volta d'elle, mas esse silencio... é povoado de olhos que se demoram a observal-o... Livros piedosos sôbre as mesas... Sobretudo a sua consciencia chama o, implora, grita-lhe:

«... Se és christão sê-o a valer!

... E porque não?

Sabes que tens esse dever, esse grande dever!...

Se estivesses lá, no teu leito de morte, de certo não recusarias receber o teu Deus.

Porque é que o recusas hoje?

Tens a certeza de que d'aqui a um anno serás ainda um habitante d'este mundo?

Não sabes tu que a Confissão e a Comunhão são o signal por onde se conhecem os *fieis*? «*Aquelle que não come a minha carne e não bebe o meu sangue não terá vida em si...*» Este nome de *fiel* não tem atractivo para ti?»

•

Depois da quinzena de convites vem a quinzena de censuras:

— «Passou a Quaresma e tu ficaste para ahi como um poltrão!

E's um homem que não é homem.

Um caniço a fingir ferro. Um pae a quem os filhos não comprehendem.

Um marido a quem tua mulher quereria estimar tanto!...

Não te serve de nada aturdires-te com as passageiras agitações do mundo.

Sabes muito bem que caminhas para alguma coisa,... que deves pensar nisso,... que te deves preparar... que não ha nenhum meio ou formula senão a formula christã, que é afinal a da tua familia, a da tua juventude... e que ha-de ser a da tua morte. E essa morte póde vir amanhã... hoje mesmo.

Agora tira a conclusão e cumpre o que é o signal supremo do christianismo!»

Ha dois, quatro, dez, talvez vinte anos que o homem resiste a este convite...

Ha vinte anos que elle se couraça contra estes remorsos.

Fará o mesmo este anno...?

Tem a impressão de que tudo á roda lhe faz esta pergunta.

Elle a faz a si mesmo nos raros dias em que ousa olhar-se de frente.

Sente-se observado. E não póde deixar de o ser visto que é amado.

Sabe que se reza por elle.

Para além dos seres visiveis, sente sôbre si os olhares de seres que habitam o invisivel... dos seus mortos, que partiram na paz do Senhor.

Sente-se observado pelo demonio.

Observado por Deus.

•

O demonio ha vinte annos que é o vencedor... Ha vinte annos que elle o tem apertado pelas goelas e não o deixa falar.

Ha vinte annos que elle o paralizou deixando-o livre só do lado do mundo.

Ha vinte annos que elle se conserva arredado do confessionario ou de um bom sacerdote que o espera para o inundar com a absolvição.

Desde então camadas de poeira se teem acumulado, e, (quem sabe?) talvez até camadas sôbre camadas de lama!

Esse homem já não é um homem. Quereria ter força de vontade mas vindo a occasião... fica-se.

Como a aranha apanha e paralisa o insecto envolvendo-o na sua teia, assim o invisivel Mau o envolveu em seus laços e como que lhe tirou a vontade. E quando se passaram vinte annos sem dizer: «quero» parece que nunca mais se dirá.

•

No entanto o demonio não está tranquilo.

De repente vem um accidente... e ás vezes os prisioneiros fógem.

O mês da Quaresma é o mês da resurreição e das resurreições.

Quem sabe?

Se esse velho amigo, — tu afinal, ressuscistasses este anno!...

Que alegria cá em baixo entre os vivos e que alegria lá em cima entre os mortos!

Tens todas estas alegrias fechadas na tua mão.

Abre-a pois, abre essa mão e que se cante este anno o Alleluia... este Alleluia que tu sofócas como se apertasses, a um canario divino, o pescoço entre os teus dedos crispados.

As Apparições de Lourdes

VIII

Tendo rezado o terço, Antonieta Leydet approxima-se da creança e, dominada pela ideia fixa de que era Elisa Latapie que apparecia, apresentá áquella o papel e a caneta que tinha levado consigo, dizendo-lhe:

—Pregunta á Senhora se tem alguma cousa a comunicar-nos e, se disser que sim, pede-lhe que faça favor de o pôr por escripto.

Bernadette levanta-se, dá alguns passos para o rochedo e, percebendo que as suas duas companheiras a seguem, faz-lhes signal, sem se voltar, para que se deixem ficar atraz. Logo que chega ao pé da roseira brava, põe-se nos bicos dos pés e offerece á Senhora o papel e a caneta. Depois espera, na attitude duma pessôa que escuta com attenção, de olhos fitos na roseira e na abertura ogival e com os braços sempre erguidos. De repente abaixa-os, saúda profundamente e volta para o seu logar, tendo na mão o papel sem uma letra sequer.

Antonieta corre para ella e pregunta-lhe:

—Que respondeu a Senhora?

—Quando lhe apresentei o papel e a tinta sorriu-se, depois, sem se zangar, respondeu-me: «O que tenho a dizer-vos, não é necessario que o ponha por escripto.» Pareceu em seguida reflectir por momentos e accrescentou:

«Quereis ter a bondade de vir aqui durante quinze dias?»

—Que respondeste?

—Respondi que sim.

—Mas porque quere a Senhora que tu venhas?

—Não sei, ella não m'o disse.

—Mas, observou por sua vez a senhora Millet, porque nos fizeste signal para que recuassemos quando ainda ha pouco seguiamos atraz de ti?

—Para obedecer á Senhora.

—Ah! acrescentou a senhora Millet inquieta, faça o favor de preguntar-lhe se a minha presença aqui não lhe é importuna.

Bernadette então volve os olhos para o alto da roseira, escuta um instante, depois, voltando-se, diz:

—A Senhora responde: «Não, a sua presença aqui não me é desagradavel.»

A creança ajoelha novamente para orar; as duas senhoras rezam com ella sem todavia a perderem de vista; notam que de vez em quando Bernadette interrompe a sua oração e parece conversar intimamente com a Visão. Mas não percebem nada, não ouvem nada. Decorre pouco mais ou menos uma hora e a visão desapparece. Então Bernadette levanta-se, as duas senhoras correm para ella, como para uma santa que acaba de ser favorecida com uma graça divina de predilecção, e dizem-lhe:

—Tu conversaste durante muito tempo com a Senhora; por ventura não recebeste d'ella novas communicações?

—Sim, responde a humilde vidente, e a expressão do seu rosto traduz ao mesmo tempo a alegria e a anciedade. Ella disse-me: «Não te prometto tornar-te feliz neste mundo, mas no outro.»

—Se a Senhora se digna falar contigo, porque não lhe preguntas qual é o seu nome?

—Já preguntei.

—E então quem é?

—Não sei! Ella baixou a cabeça sorrindo, mas não me respondeu. A senhora Millet e Antonieta Leydet reconduziram Bernadette a casa e disseram com uma viva emoção a Luiza Soubirous, como já dissera a senhora Nicolau:

—Ah! como é feliz por ter uma tal filha!

O escriptor Estrade pedia uma vez a Bernadette que lhe repetisse as palavras exactas desta terceira apparição.

A vidente exprimiu-se nestes termos: «A Senhora disse me: «Quere ter a bondade... ?» E parou de repente a esta palavra para accrescentar, confusa e de cabeça baixa: «A Virgem disse-me *quere !*» Esta particularidade parece-nos altamente suggestiva do respeito da Santissima Virgem por esta creança, de alma muito pura, muito grande deante de Deus, que ella se recusa a tratar por tu. Ella é em verdade a mãe, a rainha e a inspiradora da Egreja catholica que é uma grande escola de respeito. O nosso seculo que pode chamar se o seculo da falta de respeito, porque os homens não se estimam, desprezam-se, não se saúdam, teem até o habito, o culto das palavras grosseiras e vis, o nosso seculo, digo, deve recolher esta licção dada tão delicadamente e que lhe faz entrever que uma epocha em que os homens deixam de se tratar com respeito perde em breve até o fragil verniz da civilisação e desce e passos rapidos a ingreme ladeira da barbarie.

Notou-se sempre que quando a Santissima Virgem lhe fallava, a creança ouvia distinctamente, ao passo que as suas companheiras não ouviam, assim como não viam nada. Ella explicava mais tarde este phenomeno incomprehensivel dizendo dum modo gracioso e encantador, pondo a mão na região do coração: «Quando a Santissima Virgem me confiava segredos, ella fallava-me *por aqui* e não pelos ouvidos.» Depois, vendo que não comprehendem: «Eu não sei fazer-me comprehender, accrescentava ella com tristeza por não encontrar imagem exacta para exprimir a sua impressão. Imaginem, para todos aquelles que estavam em volta de mim na Gruta, era como se uma pessoa se encontrasse a cem passos de nós; essa pessoa veria perfeitamente que nós fallamos, mas não ouviria o que dizemos». Não seria possivel descrever melhor o que ella sentia, e sem que o suspeitasse, a humilde creança servia-se das proprias palavras da Santissima Virgem na *Magnificat*, ella escutava, ella ouvia com o espirito do seu coração, *mente cordis sui*.

Para ella ha um pouco mais de claridade no seu caminho.

Durante as duas primeiras apparições, ella absorveu-se na contemplação da Senhora que approva o que ella faz, lhe sorri e, por occasião da aspersão da agua benta, sorri tambem para todas as pessoas que estão presentes, almas simples e piedosas que a amam filialmente, porque, quanto a ellas, o seu coração suspeitou desde logo que era a Santissima Virgem. Agora ella encheu se de coragem, ella ousou fallar á Senhora e fazer-lhe uma pregunta infantil, que fez sorrir a Apparição, depois preguntou lhe formalmente quem era. «A Senhora abaixa a cabeça sorrindo», e não respondeu, mas é claro que a pregunta não lhe desagradou. Todavia Bernardette não insistiu: ella conservava no seu coração essas palavras reveladoras: «Eu não prometto fazer-te feliz neste mundo, mas no outro.»

Ella deve, pois, esperar contradicções, soffrimentos, dôres. Semelhantes provações começarão em breve e não acabarão senão com a sua vida. Dôres intimas sem duvida e que os homens não conheceram na sua totalidade, mas que nem por isso fôram menos pungentes. Por isso quantas vezes teve de trazer á memoria aquella promessa suprema, para se consolar nas suas angustias.

(Tr. do francês.) *V. de M.*

Como se deve amar a Deus

«Na verdade vos digo que aquelle que não receber o Reino de Deus como uma creança não entrará nelle.» Feliz o coração que sabe assim receber e guardar este Reino, onde reina Deus que é o seu Amor!

Comprehendia e praticava este amor perfeito aquella creança que disse ter um amor a sua mãe «grande como estas casas» e ao pae, «grande como estas montanhas», isto é, como os Alpes que estavam na sua frente, e se elevou a si mesma a toda a altura do espirito e do coração com a resposta dada á seguinte pergunta:

—Visto isso como queres tu amar a Deus?

A creança ficou um instante confusa, pensativa e muda mas depois levantando a sua loura cabeça respondeu:

«Meu Deus, diz ella num tom em que ia toda a sua alma, Deus, eu o amo como elle é».

«Meu Deus, eu vos amo como o ceu e a terra!» dizia uma creança que depois foi o Padre Chevrier, de santa memoria.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte do n.º 29.	819:500
Duas Filhas de Maria	20:000
Soma.	839:500

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	24:178:970
Impressão do n.º 29 (20:000 exemplares). .	460:000
Outras despezas.	60:000
Soma. . . .	24:698:970

Subscripção

(Continuação)

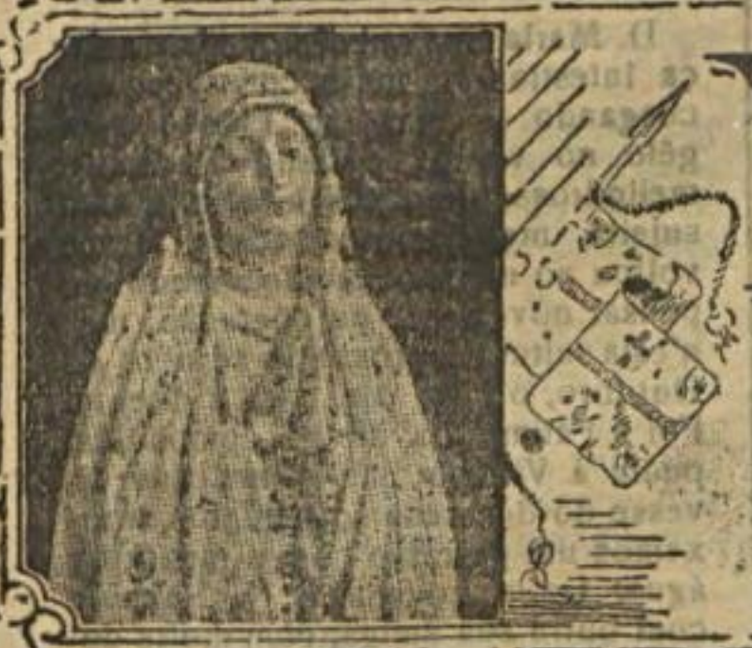
D. Mariana Moreira dos Santos	10:000
D. Maria Candida Teles . .	10:000
P.º José Machado Ferreira.	15:000
D. Elmina da Cruz Côrte .	10:000
D. Maria das Dôres Tavares de Souza.	10:000
D. Julieta Zenha.	10:000
Conde de Agrolongo. . . .	10:000
D. Amelia Mesquita de Castro Cabrita	10:000
D. Maria Nobre Simões . .	10:000
D. Maria da Conceição Alcantara Matheus.	10:000
D. Alcinda do Carmo Oeiras	10:000
D. Maria Joanna Bagulho Correia	10:000
D. Adelaide Barroso Tierno	10:000
D. Catarina Bagulho Santanna Marques	15:000
D. Maria Severina da Costa Faria	10:000
D. Carolina Cardoso. . . .	10:000
D. Maria Augusta Pereira de Lemos e Mendonça. .	10:000
De jornaes (D. E. Guimarães)	15:000
José Mendes de Matos . . .	10:000
D. Alda Pinto Rodrigues d'Oliveira	10:000
Candido da Silva Prior. . .	10:000
Viscondessa de Sanches de Baena.	10:000
D. Maria Patrocinio de Matos Rasquilho	10:000
Miss Daly.	10:000
Marqueza do Funchal . . .	10:000
D. Maria da Conceição Pereira de Lima Caupers. .	10:000
D. Amelia Augusta Roque.	10:000
José de Carvalho Antelo . .	10:000
D. Adelaide das Dôres Canadas	10:000
D. Maria de Jesus Durão. .	10:000
Dr. Augusto Coimbra . . .	10:000
De jornaes (Josefa de Jesus)	20:860
P.e João Avelino da Silva .	10:000
D. Maria do Socorro Paiva.	10:000
D. Maria da Conceição Santos	10:000
José Lourenço Fernão Pires	20:000
D. Maria Ribau	10:000
P.e José Maria Ribau. . . .	10:000
D. Rosa Margaça	10:000
Manuel Gaspar Figueiras. .	10:000
D. Adelaide Augusta Rodrigues Cruz.	10:000
D. Piedade Cabral Sá . . .	10:000
D. Margarida Soares Monteiro.	10:000
Dr. Antonio Maria Pinheiro Torres.	20:000
Dr. Brites Alves Andorinha	10:000
M. da Costa Brites.	5:000
D. Maria Rita Pereira da Cunha.	20:000
Tiago Abreu.	20:000
D. Maria da Conceição Maldonado Pereira	10:000
D. Francisca de Vasconcelos	10:000
D. Leopoldina da Conceição Nunes Lobato.	10:000
D. Engracia da Assumpção Covas.	10:000
João Luiz Andrade.	10:000
D. Gertrudes da Silva Nunes	10:000
D. Maria Adelina Ventura .	10:000
D. Maria da Conceição Duarte Silva	10:000
João da Silva Moutela . . .	10:000
Manuel Lourenço dos Santos	10:000
D. Maria Benedicta de Menezes Leite.	30:000
D. Leopoldina da Conceição Nunes Lobato.	10:000
D. Maria Casimira	10:000
Daniel Antunes.	10:000
Francisco Martins.	10:000
D. Sebastiana Victor Nogueira	10:000
Dr. Weiss d'Oliveira . . .	20:000
D. Felismina Nogueira Freire	10:000
De jornaes (D. Virginia Lopes)	4:700
D. Maria da Conceição Rino Jordão	10:000
D. Maria da E. Alves de Matos da Costa e Silva. . .	10:000
P.e Antonio Mendes Lages.	10:000
D. Maria Gonçalves. . . .	10:000
D. Gertrudes Pires Correia.	10:000
D. Maria do Carmo Forjaz de Gusmão	10:000
D. Luiza d'Oliveira Xavier.	10:000
D. Lucinda Soromenho . .	10:000
D. Maria da Soledade Nunes	10:000
D. Gertrudes Oliveira Santos Pinto	10:000
P.e Luiz dos Santos. . . .	10:000
D. Anna Santos Mauricio .	10:000
D. Alzira Vieira	10:000

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano III — LEIRIA, 13 de Abril de 1925 — N.º 31



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE MARÇO

No dia 13 de Março, realisaram-se na Cova da Iria, como nos mêses anteriores, as singelas mas piedosas e emocionantes cerimonias commemorativas das aparições.

Um vento norte frigidissimo soprava com violencia, enregelando os corpos e tornando, mais uma vez, por motivo das condições atmosphericas, a peregrinação mensal a Fátima uma verdadeira e forçada peregrinação de penitencia.

Apesar do frio intenso que fazia, a multidão que accorreu a Fátima foi muito superior á do mês precedente. Talvez não estivessem presentes menos de quatro mil pessôas.

Em frente do altar das missas e do altar da capella das apparições estacionavam muitas centenas de fieis em oração.

Os homens conservavam-se de cabeça descoberta. O respeito, o silencio e a devoção de tantas almas, alli reunidas aos pés da Virgem do Rosário, edificavam e encantavam sobremaneira. Durante toda a manhã as missas succedem-se sem interrupção. Os sacerdotes que as celebram e que prèviamente se inscreveram para esse fim, vão chegando uns após outros. Alguns d'elles, emquanto aguardam a sua vez, occupam o tempo em confessar grande numero de homens e rapazes que não tiveram occasião de o fazer nas suas terras. Entretanto os enfermos, á medida que chegam, vão sendo alinhados no recinto que lhes é destinado em frente do altar das missas, recentemente construido. O seu numero ascende a muitas dezenas.

Os servitas, sempre sollicitos e dedicados, ajudam as pessôas de familia a conduzi-los da estrada para o local das apparições. E' então que se intensifica a oração dos fieis que, condoí los da sorte de tantos infelizes, alguns atacados de males incuráveis, invocam cheios de confiança a maternal intercessão de Maria Santissima em beneficio delles rezando piedosamente o terço do rosario. De vez em quando um cantico rompe de mil bôccas, quebrando bruscamente o silencio apenas interrompido pelo brando e cadenciado ciciar das préces.

Ao meio-dia solar começa a ultima missa, — a missa dos enfermos e peregrinos.

E' este o momento mais solemne e mais commovente das commemorações do dia treze de cada mêz.

O rev. dr. Marques dos Santos, capellão-director dos servitas, inicia a recitação do Symbolo dos Apostolos, que é feita por todo o povo num transporte de fé viva e de sentida religiosidade. Segue-se a recitação do terço do rosário, que dura quasi toda a missa e é intercalada de invocações e canticos.

Centenas de fieis, préviamente confessados, tinham recebido o Pão dos Anjos nas missas que precederam a dos enfermos. Por isso poucas dezenas de communhões se effectuam na ultima missa.

Após a missa, o celebrante toma a capa de *asperges* e, cantado trez vezes o *Adoremus in aeternum* por todo o povo, procede, na fórma do costume, á benção dos enfermos, percorrendo, uma a uma, as differentes filas de bancadas. Como sempre, este acto liturgico sensibilisa profundamente todas as pessôas que a elle teem a ventura de assistir. Vêem-se lágrimas a borbulhar em muitos olhos. As supplicas a Jesus-Hostia são feitas com um fervor e um enthusiasmo que a penna não é capaz de descrever.

Terminada a benção aos enfermos, o sacerdote sóbe ao altar e, depois de se ter cantado o *Tantum ergo*, dá a benção geral a todo o povo.

Em seguida subiu ao pulpito o rev. Luiz de Souza, que dissertando durante vinte e cinco minutos sôbre a necessidade do arrependimento e emenda dos peccados, prendeu a attenção do auditorio, que esteve sempre suspenso dos seus lábios, num silencio e recolhimento extraordinariamente edificantes.

Depois do sermão os fieis principiam a dispersar, a caminho dos seus lares distantes. E, ás primeiras sombras da noite, que lentamente vão descendo sôbre a terra, alli, naquelle logar bemdito, apenas, se vêem alguns vultos desconhecidos que, de joelhos e mãos postas, erguem fervorosamente as suas préces para o Ceu, suplicando talvez a cura de alguma enfermidade physica ou moral, a conversão de uma alma querida ou o resurgimento religioso e a salvação da nossa Pátria.

V. de M.

As curas da Fátima

«Sr. Director da «Voz da Fátima»

Cumpre-me o dever de participar a V. o seguinte caso de que tenho conhecimento e com razão se deve julgar um verdadeiro milagre.

Luiz Henrique, casado, residente no logar de Ribeiros, freguezia de Vila de Rei, no principio do mês de Maio de 1924, andando um dia numa horta a trabalhar e indo de caminho para outra acompanhado de sua mulher Maria da Silva Caetana, deu-lhe um ataque de apoplexia ficando como morto por algum espaço de tempo. Conservava os olhos abertos mas não conhecia ninguem. Depois de dois dias tornou-lhe a dar outro ataque ainda com mais força, chegando a cortar a lingua com os dentes.

As pessôas que estavam ao pé dele todas o julgavam morto. Nessa ocasião sua mulher recorreu a Nossa Senhora do Rosario da Fátima com todo o fervor, fazendo-lhe a promessa de irem de sua casa em jejum até chegar á Cova da Iria, ela e seu marido, e comungarem lá ambos, dando a Nossa Senhora o seu cordão de ouro se ela fôsse servida conceder-lhe que o seu marido sarasse e ficasse capaz de se governar. Feita a promessa sarou immediatamente ficando-lhe só unicamente os golpes que na lingua tinha feito com os dentes.

Desde então encontra-se restabelecido, de perfeita saúde, não voltando a dar-lhe os ataques.

Cumpriram a promessa em 13 de Outubro de 1924 e desejam ver esta tão grande graça publicada na *Voz*

da Fátima para maior gloria de Deus e de Nossa Senhora.

Com a maior consideração etc.,

Roda de Cardigos (Mação), 28/3/925.

Manuel da Silva Valente.

Mafra, 29 de Março de 1925.

Sr. Padre Silva

Como deve lembrar-se, quando ahi estive no dia 12, prometi mandar-lhe o relato d'uma cura obtida pela intercessão de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, o que venho fazer:

Maria Angelina, casada com Serafim dos Santos, do logar da Povoa de Baixo, da freguezia de Mafra, sofria horrivelmente do utero, e tendo consultado dois médicos, o doutor Antonio Caiado, da Ericeira e o médico de S. Pedro da Cadeira, os quaes lhe declararam que não a podiam curar, aconselhando-a a que baixasse a um hospital em Lisbôa, pois só sendo operada ficaria bôa, e vendo-se impossibilitada de fazer o serviço da sua casa, pois que a doença a obrigava a estar de cama, voltou-se para Nossa Senhora do Rosario da Fátima, de quem uma visinha que n'essa ocasião a foi visitar, lhe contou muitos milagres, que tinha visto relatados na *Voz da Fátima*.

Levando-lhe essa visinha uma pinga de água da Fonte Milagrosa, ela, cheia de fé, bebeu a e n'esse mesmo dia começou a melhorar. Fez promessa a Nossa Senhora de a ir visitar á Cova da Iria e levar-lhe o seu pêso em trigo, se fôsse servida que ela melhorasse e pudesse lá ir. Isto passou-se em Abril de 1924, e em Maio lá foi cumprir a sua promessa e pedir a cura completa.

Hoje acha-se completamente curada, depois de ter feito duas novenas a Nossa Senhora. Faz o serviço da sua casa sem custo algum e tenciona ir lá em Maio agradecer a Nossa Senhora a grande graça que lhe concedeu. Pede a publicação d'esta graça na «Voz da Fátima». *Maria da Conceição Alcantara Matheus.*»

«*Maria de Lourdes*, de sete mêses de idade, filha do signatario e de Senhorinha dos Anjos Pereira, ao terceiro dia, após o seu nascimento, começou a sofrer de uma doença cutânea na região do crâneo.

Todos os nossos cuidados fôram insuficientes para debelar tal enfermidade, pelo que imediatamente foi necessario recorrer á sciência médica.

Consultados três distintos facultativos, sucessivamente, com bastante mágoa nossa, viamos dia a dia, serem ineficazes os seus medicamentos, pois que a doença persistia e com ella o mau cheiro que desde o começo da doença aparecera na região infectada.

Estavamos, porém, um tanto ou quanto desanimados, vendo sofrer continuamente a nossa extremecida filhinha, quando nos chegou ao conhecimento que uma familia nossa visinha havia recebido agua e terra de Fátima.

A mãe, toda solicita e enlevada na sua fé cristã, desejando veementemente, bem como os que compõem toda a nossa familia, minorar o sofrimento de tão inocentinha creança, correu a pedir um pouco da agua e terra bemdita.

Ofereceram-lhe um torrãozinho da abençoada terra, e *só terra*, porque da agua... já não tinham, disseram.

Qual não foi o nosso júbilo, quando, no dia imediato áquele em que friccionamos a parte infectada, e bem assim o corpo da creança, com aquele torrãozinho dissolvido em agua comum, verificamos que o mau cheiro desaparecera como por encanto, e que ao fim de poucos dias se encontrava completamente restabelecida!!

São já passados dois mêses que esta cura miraculosa se evidenciou, continuando a creança a gozar uma explendida saúde, graças á Santissima Virgem Nossa Senhora.

Candelária, S. Miguel, 25 de Fevereiro de 1925.

João José d'Araujo»

«*D. Maria da Assumpção Covas*, das Caldas da Rainha, escreve o seguinte: «Agora deu-se aqui mais um caso — uma doente que ha mez e meio sofria d'uma hemorragia tratada pelo médico e parteira, e só com a minha iniciativa conseguiu melhorar, pois fui vê-la e ensinei lhe que rezasse e fizesse uma novena a Nossa Senhora; levei lhe uma garrafa de água, e afinal, d'um dia para o outro, graças á Virgem Santissima, tudo desapareceu! Por tantas graças recebidas, algumas comigo própria, e outras com diversas pessôas amigas, venho pedir a V. S.ª para que me dispense um cantinho do jornal da *Voz da Fátima*, onde possa patentear toda a minha gratidão para com a Virgem Nossa Senhora por tantas graças e beneficios recebidos com a sua divina protecção. Melhor do que eu V. S.ª póde fazer-me este favor compondo a noticia de agradecimento para com a Virgem Santissima, neste sentido, publicando bem claro toda a minha gratidão, pois não tenho palavras com que possa descrever como me sinto extremamente maravilhada. Pessôas amigas que teem vindo ao meu encontro pedindo a minha intervenção para pedir a Nossa Senhora no que elas tanto necessitam, encontram-se hoje de perfeita saúde e cheias de prazer que não gozavam ha muito.»

Depois do que aqui fica, recebemos da mesma senhora o seguinte:

«Quanto á graça que eu desejo publicada pelo grande reconhecimento que devo á Virgem Santissima é o seguinte:

Quanto a mim e conforme V. está informado, a minha vida não podia ser mais aterradora. Hoje vou vendo decorrer tudo em melhor ordem. Dos sofrimentos phisicos, como expliquei, na vista, com a água milagrosa d'um dia para o outro, o alivio se manifestou e tudo desapareceu.

D. Maria de Sousa, com hemorragias ha bastante tempo, com a intervenção de N. Senhora, depois d'uma novena no dia seguinte já não sentia nada, tendo podido logo levantar-se, o que não fazia ha mez e meio que esteve retida na cama.

D. Maria da Conceição, com doença intestinal e mais complicações, chegando a estar em Lisbôa com gêlo no ventre, evitando assim a melindrosa operação a que estava sujeita, mas passados dois mezes voltou ao mesmo estado, tendo de pensar novamente na operação, mas n'esta altura aproximou-se o 13 de Outubro, o feliz dia para a doente. Foi á Fátima na minha companhia, pediu á Virgem Santissima que tivesse dó dos seus sofrimentos, trouxemos um garrafão com a milagrosa água, fez a novena a N. Senhora com outra sua amiga, com muita devoção e respeito e passados 15 dias já pesava mais 5 kilos e meio, começou a comer com um apetite devorador, engordando de dia a dia, não parecendo hoje a mesma pessôa! Todos os sofrimentos lhe desapareceram do ventre.

D. Rosa Lopes, graças recebidas tambem pela Virgem Santissima.

Por todos estas senhoras eu tenho sido entermediária pedindo a intervenção de Nossa Senhora, pois que sou intima amiga d'elas, assim como sou amiga de todas as pessôas que necessitam do meu limitado auxilio.

Engracia d'Assumpção Covas.»

Obtiveram graças que veem agradecer a Nossa Senhora do Rosario da Fátima:

«Fonteira, 25 de Março de 1925

Muito desejava que V. désse publicidade no jornalzinho — «A Voz da Fátima» — para honra e gloria da Virgem Mãe Santissima Nossa Senhora do Rosario da Fátima, que tendo adoecido bastante mal com uma angeocolite, e tendo me conservado no leito quasi um mês sempre com febres, me peguei com toda a devoção da minha alma com Nossa Senhora, a qual me ouviu, pois me melhorou e me fez desaparecer as febres. Prometi a Nossa Senhora de lhe enviar uma quantia para V. me mandar dizer uma missa no local das aparições, e para o culto da Virgem Nossa Senhora.

Esta missa peço para ser dita em dia 13 e no local.

Confiada. etc.

Rosa Pais Vieira»

«*Joanna Dias da Costa Freitas*, Terceira Dominicana sob o nome de Maria de S. Vicente, de edade avançada, estava atacada de uma pneumonia que o médico declarou ser *da peior espécie;* a febre era altissima. Preparou se para a morte recebendo os ultimos Sacramentos. Suas amigas juntamente com ela recorreram á Virgem do Rosario da Fátima, rezando durante trez dias 3 Ave Marias e bebendo a enferma a água milagrosa da Fátima. Ao terceiro dia a febre desapareceu por completo, ficando a doente completamente curada. Mil graças sejam dadas a Nossa Senhora do Rosario da Fátima!»

Maria do Carmo, de Pardelhas,

em acção de graças por um beneficio que se dignou conceder-lhe a Virgem de Fátima, envia uma pequena quantia para auxiliar as despezas.

—Uma Senhora de Pardelhas, pelo bom exito do exame do seu filho, manda para as despezas do culto de Nossa Senhora do Rosario da Fátima uma pequena quantia.

—*Rosa Picada*, de Pardêlhas, pediu a N. Senhora do Rosario da Fátima que lhe acudisse na sua doença. Tendo alcançado melhoras, vem pois reconhecida, publicar a graça que recebeu e manda uma pequena quantia para o culto.

—*Rosa Mala*, da Murtosa, vem muito reconhecida, agradecer a N. Senhora do Rosario da Fátima, uma graça que lhe concedeu e manda uma pequena quantia para o culto.

—*Rosa do José Caetano*, de Pardêlhas, pediu a Nossa Senhora do Rosario da Fátima a sua valiosa protecção n'um momento de aflição e foi attendida.

—«*Antonio Ferreira de Mello*, de Angra — Terceira — Açores, agradecendo uma graça recebida de Nossa Senhora da Fátima, cumpre o dever de a publicar e lhe enviar uma esmola para o culto de Nossa Senhora da Fátima, confórme prometeu.»

—«*P.e Joaquim A. de Lacerda*, de Castainço (Penedono), em um incomodo de figado.»

—*Maria M. F.*, de Lisbôa, uma graça particular em um momento de muita aflição, sendo attendida immediatamente.»

Senhor, nós vos amamos

Nada é mais bello e tocante do que observar o fervor, o acento e convicção com que tantos peregrinos acompanham na Fátima as invocações a Jesus na Eucharistia. Aqui, como em Lourdes, comove a fé ardente de tantas almas, sôbre tudo quando dizem a Jesus:

Senhor, nós vos amamos.

Nós vos amamos porque vós o mereceis por tantos titulos. Sois a própria bondade e beleza! No ceu, os Anjos e os Santos encontram toda a sua felicidade em vos contemplar sempre e em experimentar quanto sois bom!

Sois o nosso Creador. Chamastenos do nada á existencia; deste-nos um corpo com os seus membros e sentidos, e uma alma á Vossa imagem e similhança.

Sois o nosso Salvador. De tal fórma Deus amou o mundo que lhe sacrificou seu Filho. Foi por nossa causa que Elle veio habitar este logar de miserias, que tomou a fórma de servo, que se fez menino e viveu na pobreza, nas privações e no trabalho. E' por nossa causa que Elle ensina, que Elle trabalha, que viaja, que espalha bençãos. E' por nós que Elle se immola, sofre e morre.

Vós sois o nosso alimento. O pão dos Anjos tornado alimento dos peregrinos d'este mundo, é documento visivel de um amor sem limites. Com que insistencia pedis que vos retribua em Amor! Vós quereis ser a nossa recompensa! Ver-vos, amar-vos, possuir-vos sem temor de vos perder, é a felicidade que nos espera no Ceu.

Senhor, nós vos amamos. Sois vós que o ordenaes.

Amareis ao Senhor vosso Deus, com toda a vossa alma, com todo o vosso coração e com todas as forças.

Que, portanto, todos os vossos pensamentos sejam dirigidos para Elle. Que a vossa memoria se demore a lembrar os beneficios recebidos e os que recebeis cada dia.

Amal-o-heis com todo o afecto de que sois capazes. Que este afecto vos arraste para Elle, unindo-vos a Elle com toda a ternura da vossa alma.

Que nenhuma fibra do vosso coração deixe de o Amar, que nenhuma força do vosso corpo tenha outro fim senão Elle, de quem recebestes tudo e sem o que serieis nada.

Senhor, nós vos amamos. Suponde ditas a vós aquellas palavras dirigidas a S. Pedro: «Pedro, amas-me?»

Se nos parecer muito dizer-lhe que o amamos, digamos-lhe: Senhor, desejo amar-vos. Sim, ensinae-me a amar-vos como mereceis e como devo.

Deixae-me mergulhar a vista nas vossas infinitas amabilidades, fazei-me vêr os actos da vossa bondade, afim de que o meu coração arda de amor por vós, inteiro e para sempre.

Depois d'uma queda

Um joven perguntava um dia a um padre antigo chamado Siloé, o que devia fazer quando tivesse a infelicidade de cair em um pecado.

«Levantar-vos (respondeu elle).»

Graças a Deus já me levantei, respondeu o joven, mas que hei-de fazer se voltar a cair?

«Voltar a levantar-vos.»

Mas quantas vezes?

Tantas quantas fôrem precisas para que a morte vos apanhe de pé ou deitado... na cama.

Um tesouro em um vaso fragil

Virginia Bruni, escreve o padre Ventura, falava muitas vezes a seus filhos das vantagens da pureza, vantagens de que ella se forçava por lhes fazer sentir o valor, tanto em palavras como pelo exemplo.

Modesta em excesso, mesmo com elles, não menos em acções que em palavras, nada desprezava para os acostumar desde principio a um severo pudor.

Deitava-os quasi sempre vestidos e as mãos cruzadas sôbre o peito.

Lembrava-lhes que o anjo da guarda estava na sua presença, desejoso de lhes ver conservar um porte acautelado.

Fazia-lhes ver que um só acto immoral, mesmo que não fôsse muito mau, desgostaria a Jesus Christo e a Nossa Senhora, a quem a modestia, particularmente a dos meninos e meninas, faz as suas delicias.

Recitava com elles as orações e, quando já estavam a dormir, os abençoava e os recomendava a Deus, ausentando-se, só então, do pé do leito.

«Nenhum d'eles devia descobrir qualquer parte do seu corpo em presença do outro, nem mesmo as duas irmãs entre si.

Nenhum d'eles devia, mesmo para brincar, pôr as mãos sôbre o outro, e a mais inocente familiaridade que as meninas se permitissem com seus irmãos ou entre si, eram punidas com severidade.».

Só não comprehenderão as delicadezas de tal vigilancia os que ignoram o valor da inocencia e da virtude.

Agua da Fátima

A redacção ou administração da *Voz da Fátima* não póde encarregar-se de fornecer água da Fátima ás pessôas que a desejam.

Presta-se a este serviço o sr. José d'Almeida Lopes—Fátima (Vila Nova d'Ourem).

A humildade

«Não ha (diz Jesus) caminho que conduza mais directa, segura, prompta e suavemente a Deus do que a humildade. Estuda a humildade no Evangelho; aprende-a na minha vida; aprofunda-a na Eucharistia. Se procurares a humildade nestas trez fontes, encontral a has sempre...

«As almas fogem tanto das humilhações! Se ellas conhecessem o grande bem que encerram! Encontro as minhas delicias numa alma verdadeiramente humilde, isto é, que se conserva sempre numa athmosphera de humildade. Uma alma que se humilha de tempos a tempos faz-me sofrir nesse momento, mas não é objecto das minhas complacencias como a que é humilde habitualmente...

«Quando desejamos que uma planta cresça, arrancamos as hervas que a rodeiam; assim, se desejas que a humildade cresça em ti, deves suprimir o amor de ti mesma.

«A alma fiel deve descer do elevado cume do seu orgulho ao abismo do seu nada e d'este elevar-se até á montanha da perfeição.

Quanto mais fundo uma alma se precipitar no abismo do seu nada, tanto mais apta estará para se elevar: da mesma maneira que uma bola de borracha sóbe tanto mais alto, quanto maior fôr a força com que a arremessarem ao chão...

«Assim como uma pedra quando se despenha do alto da montanha, cai no vale se nada a detem, assim tambem a alma humilde, quando o amor a desprendeu de si mesma e lhe deu impulso, não mais se detem, a não ser que voluntariamente lhe ponha algum obstáculo. Vem-lhe uma tal fome de humilhações que nada a sacia; e o meu amor assim o quer para a unir a Mim cada vez mais. Feliz d'esta alma! Encontrou o repouso, encontrou a paz, encontrou a vida, encontrou o seu Deus!...

«Deus oculta a sua presença de

amor aos soberbos, assim como o sol oculta os seus raios, quando uma espessa nuvem se lhe põe em frente; mas as almas humildes são como espelhos que reflectem a presença de Deus.

Teem um tal poder sôbre o meu Coração, que uma só, verdadeiramente humilde, tem mais poder para desarmar o braço da minha justiça do que mil pecadores para armar o braço da minha colera.

«Examinando uma gota de agua a olho nu, apenas se distingue a gota de agua; mas com o microscopio descobre-se uma multidão de coisas que se não viam antes. Pois bem! A humildade é um microscopio espiritual: quanto mais a alma se humilha, mais perfeitas são as lentes, permitindo ver melhor.

E' certo que isto custa; mas o Paraizo é tão belo!... E é preciso ganhal-o.

«Se a semente pudesse falar, pediria por favor que a enterrassem para germinar.»

(Palavras Consoladoras, pag. 139)

Numeros atrazados

Tendo-se esgotado os n.os 1, 4, 5, 6, 7, 9 e 10 da *Voz da Fátima* e havendo pessôas que teem todo o empenho em os possuir, compramol-os ás pessôas que os possam ou queiram dispensar.

O crucifixo

A imagem adoravel de Jesus crucificado deve ser para nós objecto d'uma terna devoção.

O pensamento no crucifixo é o flagelo dos demónios, o remedio contra as tentações, a morte da natureza e o canal da graça.

Tende um crucifixo no vosso quarto. Apertae-o algumas vezes contra o peito e beijae-o.

Não olhareis vez nenhuma para elle sem que Jesus lá do ceu vos olhe tambem com afectuosa complacencia e vos não faça algum favor.

Que a imagem de Jesus crucificado fale continuamente aos vossos olhos, ao vosso espirito e sobretudo ao vosso coração.

A lembrança dos vossos pecados causa-vos perturbação e temor? Interrogae o vosso crucifixo e uma voz secreta vos dirá: «tem confiança, minha filha, lava os teus crimes no meu sangue e ficarão todos apagados.»

Estaes, pelo contrario, insensivel ás vossas faltas? Olhae para o vosso crucifixo e ouvireis no fundo da vossa alma esta censura que vos humilhará e tocará: «Os teus pecados custaram-me a mim todo o meu sangue e *não te arrancam a ti uma lagrima!* O meu sangue estalou as portas do inferno e não abala o teu coração!»

Durante a tempestade da tentação o vosso crucifixo vos dirá: «Meu filho entra na chaga de meu lado e esconde-te no meu coração; ahi estás seguro.»

A vossa cruz vos animará tambem nas fraquezas e tibieza, vendo-a exclamareis: uma ligeira infermidade me detem, uma contradição me abate, um pouco de aborrecimento me acabrunha e me faz olhar para traz. Mas, tenho eu, como o meu Salvador resistido até ao sangue?

Lá ireis ainda consolar-vos nas dificuldades, penas, trabalhos, nas humilhações e nas dôres. Vereis no crucifixo como Nosso Senho rfoi tratado e, sabendo que o discipulo não é mais que o mestre, vos sentireis decididos, fortes e consolados. A' sua vista em toda a parte direis: Meu Deus, faça-se a Vossa vontade!

Finalmente quando a morte se vos apresentar com os seus horrores, nesse momento terrivel em que tudo nos abandonará, Jesus crucificado será o vosso ultimo amigo sendo mil vezes feliz o que tiver sempre venerado a sua imagem na cruz.

Tende como uma honra, uma felicidade, uma gloria trazer o vosso crucifixo.

Não imiteis esses fracos que se envergonham d'elle, ou esses impios que o olham com indiferença.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	24:698:970
Impressão do n.º 30 (20:000 exemplares). .	460:000
Outras despezas	95:000
Soma.	25:253:970

Subscripção

(Continuação)

D. Filomena Augusta Pinto Dias	10:000
Evaristo de Freitas	10:000
D. Dulce Soares Mattos . .	10:000
De jornaes (D. M. Pedrosa Mathias).	7:500
D. Julia d'Almeida	10:000
Jacinto da Costa Melicias. .	10:000
Dr. Luiz Andrade e Silva. .	10:000
D. Francisca Rosa Santos. .	10:000
P. Francisco Pereira . . .	51:260
Alfredo Camilo Gomes. . .	10:000
Augusto de Brito Seixas . .	10:000
Feliciano de Brito Correia .	10:000
José Jardim d'Azevedo. . .	10:000
Dr. José Maria Malheiro. .	10:000
Manuel Gabriel d'Andrade.	10:000
Manuel Maria Ribeiro. . .	10:000
Manuel Augusto Soares . .	10:000
P.e Laurindo Leal Pestana.	10:000
P.e João Vicente de Faria e Souza.	10:000
Tristão Bettencourt de Camara	10:000
Vasco Teixeira Doria. . . .	10:000
D. Maria Augusta de Machado Lemos	10:000
D. Maria de Jesus Ribeiro .	10:000
D. Anna de Jesus Lima . .	10:000
D. Adelaide Gromwell Camossa Vaz.	10:000
Joaquim Alleu.	15:000
D. Maria Ribeiro da Silva .	10:000
Condessa de Margaride. . .	20:000
Inacio de Moura Coutinho da Silveira Montenegro .	20:000
Manuel da Silva Valente e Dias Nunes	10:000
Dr. Eduardo Camara Carvalho e Silva.	10:000
D. Margarida Lopes	10:000
Dr. Joaquim Alves Martins.	10:000
D. Cecilia da Conceição Martins Zola de Medina. . .	10:000
D. Maria Helena G. Ferreira Pinto Bastos	10:000
D. Maria S. da Silva Lobo.	10:000
D. Leonor Manuel (Atalaya)	20:000
D. Maria Batalha	10:000
P.e Manuel Jacob Sardinha.	10:000
D. Eugenia Clara da Nobrega	10:000
D. Luiza Emilia Pimenta da Nobrega	10:000
D. Eliza dos Anjos Cruz. .	10:000
D. Margarida de Lemos Magalhães	10:000
Elias da Silva Machado. . .	50:000
D. Maria Luiz Delgado. . .	10:000
D. Izaura de Lacerda. . . .	10:000
D. Antonia Duarte.	10:000
D. Afonso d'Albuquerque .	10:000
D. Maria da Piedade Lacerda Pizarro.	10:000
D. Maria da Conceição Vieira	10:000
D. Cesarina da Piedade. . .	10:000
Alfredo Tavares	10:000
D. Maria do Espirito Santo Curado	10:000
D. Adelina Queiroz Caldeira Barahona	10:000
D. Anna C. Soares.	10:000
D. Angelina Gordo Mimoso	10:000
D. Rita da Penha Novo . .	10:000
José Simões Pedro.	20:000
D. Georgina d'Almeida Tavares	10:000
D. Eduarda Albertina Tavares de Santiago	10:000
D. Maria José d'Ascenção Tavares d'Almeida. . . .	10:000
D. Maria da Gloria Tavares Soveral Martins	10:000
D. Anna Augusta Correia .	10:000
D. Aurora Tavares Correia.	10:000
Manuel Rodrigues de Souza	10:000
D. Carolina Correia Ribeiro Vieira.	10:000
De jornaes (Na capela das Flamengas-Alcantara) . .	10:000
P.e Antonio Rodrigues Pereira.	10:000
D. Carolina da Silva Correia de Lacerda Mendes Mimoso	10:000
D. Estephania Maria da Silva Correia de Lacerda Mendes	10:000
Adolfo Ferreira	10:000
D. Maria da Gloria Albana Santos.	10:000
João das Neves.	10:000
D. Maria Teresa Moura Pinheiro.	10:000
Manuel Pedro Pires	10:000
Manuel Sarabando	15:000
D. Maria Constança d'Albuquerque	10:000
D. Aurora Amelia Simões da Silva.	10:000
P.e José Albino Tavares de Souza.	10:000

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil reis.

Ano III LEIRIA, 13 de Maio de 1925 N.º 32

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE ABRIL

Um dia de vento frio e agreste, de sol quente e brilhante, de formoso ceu azul, salpicado aqui e acolá de farrapos de nuvens brancas, que corriam vertiginosamente no espaço, tal foi o dia treze de Abril ultimo.

Dir-se-ia que a Virgem Santissima, querendo imprimir á romagem mensal ao seu sanctuario de Fátima um cunho mais accentuado de peregrinação de penitencia, junta infallivelmente á aspereza, sobremaneira incommoda dos caminhos, a rude e implacavel inclemencia do tempo. A subida da serra sobretudo, realisada em condições atmospfericas desfavoraveis, reveste quasi as proporções de um martyrio tanto mais doloroso quanto é certo que a extensão do percurso parece torná-lo interminavel. São principalmente os peregrinos que fazem a viagem a cavallo aquelles que sentem com mais intensidade as penas e agruras da piedosa romagem.

Por via de regra, só em Maio e Outubro, mêses das grandes peregrinações nacionaes, se vêem, ao lado dos verdadeiros peregrinos, cheios de fé e devoção e animados de espirito de sacrificio, os curiosos e os *touristes*, cuja attitude e procedimento contrastam, de um modo singular, com a attitude e procedimento dos peregrinos authenticos, pondo uma nota desagradavel em tão imponente manifestação de fé e piedade.

E' indispensavel que todos os crentes que vão a Fátima se lembrem de que Nossa Senhora recomendou com empenho muito especial a todos os portuguezes, por intermedio dos três videntes de Aljustrel, a prática da oração e da penitencia, isto é, do arrependimento e emenda da vida para desarmar a justiça divina offendida e irritada com os peccados dos homens.

Só assim se fará a vontade da Augusta Mãe de Deus, que, dignando-se apparecer em Fátima, teve unicamente em vista a sanctificação e salvação dos filhos desta terra de que ella é a padroeira.

JOSÉ D'OLIVEIRA CARVALHO
miraculosamente curado de mal de Pott

Na Cova da Iria effectuaram-se as comemorações religiosas do costume.

Celebraram-se muitas missas, commungando em cada uma dellas grande numero de fieis préviamente confessados nas suas terras.

A' ultima missa assistiram cêrca de cinco mil pessôas. O recolhimento e a devoção dos peregrinos commoviam e encantavam.

As cõmmemorações concluiram com a benção do Santissimo, dada em primeiro logar aos enfermos e em seguida a todos os peregrinos.

Depois desta ultima missa subiu ao pulpito o rev. dr. Paulo Durão Alves, que fallou eloquentemente durante quinze minutos sôbre a necessidade da penitencia para a salvação.

Como de costume, distribuiram-se gratuitamente muitos milhares de exemplares da «Voz da Fátima».

Junto da fonte das apparições estacionavam continuamente muitas pessôas que bebiam e faziam provisão da agua maravilhosa.

Os «servitas» fizeram, como sempre, um admiravel serviço de ordem, sendo as suas instrucções religiosamente acatadas por todos os fieis.

A's cinco horas da tarde a immensa multidão começou a debandar, não se vendo, momentos depois, senão alguns raros devotos naquele local privilegiado com as apparições e as graças da gloriosa padroeira de Portugal fidelissimo.

V. de M.

As curas da Fátima

Relato da cura do sr. José d'Oliveira Carvalho, do Porto.

«Ex.mo e Rev.mo Senhor P.e Manuel Pereira da Silva.

Para honra e gloria de Deus, da Santissima Virgem e da Santa Madre Egreja, venho tornar publica a minha gratidão para com Nossa Senhora do Rosario da Fátima, que se dignou ouvir-me em aflictivos transes, operando no ente querido, que eu via agonisar a meu lado, o milagre que o resuscitou. Tendo meu marido, José d'Oliveira Carvalho, de 27 anos de edade, natural de Adaúfe, (Braga) comerciante no Porto, dormido ha dois anos, na provincia, num quarto esfregado de pouco, começou a sentir em principios de 1923, uma forte dôr no quadril e perna, que foi tratada como sciática. Melhorou então; mas em Outubro do mesmo ano, principiou a sentir-se de novo adoentado, até que em principios de 1924 a dôr voltou com mais violencia, acompanhada de um fastio mortal e febre intensa, tendo o médico, que o achou num grande estado de fraqueza, aconselhado mudança d'ares. Partimos para Adaúfe a 13 d'Abril de 1924, e lá nos demorámos perto d'um mez. Mas na segunda semana da nossa estada ali, tendo o doente peorado muito, foi chamado o sr. dr. Domingos José Soares, médico de Navarra, (concelho de Braga tambem) que lhe receitou ventosas aplicadas sôbre a região onde existia a dôr, e então se começou a notar uma grande inchação perto da espinha dorsal, e um tumor surgiu. Por conselho do sr. dr. Domingos José Soares, regressámos ao Porto, visto o illustre médico de Navarra, por falta de comodos meios de transporte, não poder fazer

ao doente os amiudados curativos que seriam precisos quando o tumor fôsse lancetado. Instalados, pois, de novo na nossa casa da rua do Rozario, 144, chamámos o sr. dr. Couto Soares, que depois de examinar o doente, que foi radiografado por vontade de sua ex.ª para segurança do diagnostico, não ocultou a minha familia a gravidade do mal. Meu marido estava em perigo de vida, e o tumor devia ser lancetado dentro de breves dias. Foi então que ao vêr a minha aflição, uma senhora minha visinha que ocupa metade do predio da rua do Rozario, 144, me lembrou Fátima e os seus milagres, dando-me alguns numeros da «Voz da Fátima» para eu ler, e entre elles, um, que se referia á graça obtida por uma pessôa das suas relações. Escrevi sem demora a v. ex.ª rev.ma que com tanta caridade se dignou atender ao meu pedido, mandando-me na volta do correio água da Fonte das Aparições e as medalhinhas benzidas, que logo coloquei no pescoço de meu marido e no meu. Cheia de ardente Fé, elevei á Santissima Virgem o meu pensamento, rezei e chorei, pedindo-lhe a cura de meu marido, que cheio de Fé tambem pedia a Nossa Senhora da Fátima o milagre de sarar sem que o tumor precisasse de ser lancetado. E Nossa Senhora ouviu-o! Eu tinha-lhe dado de manhã, uma colher de sopa de água da Fátima; o médico chegou depois, declarando que o tumor precisaria de ser lancetado no dia seguinte. Mas por milagre de Nossa Senhora do Rozario da Fátima, o tumor rebentou nesse mesmo dia, ficando o doente mais aliviado, mas alagado no pús, que se espalhou pelas roupas, sendo preciso enxugá-lo constantemente. Antes d'isto e por vontade do sr. dr. Couto Soares, foi chamado tambem o sr. dr. Ferreira Alves, director do Sanatorio Maritimo do Norte, que em conferencia declarou precisar o doente de se retirar para uma praia, afim de tomar banhos de sol á beira do Oceano. Outro médico especialista foi chamado tambem para examinar o doente, mas só o ilustre clinico sr. dr. Couto Soares continuou a tratá-lo como seu médico assistente. Como meu marido mostrasse relutancia em ir para longe do Porto, resolvemos ir para Vilarinha, aldeia entre o Porto e Matozinhos, para casa de minha bôa mãe. A principio o doente peiorou muito. Tomava os banhos de sol, mas a febre augmentava, o apetite faltou de todo, estava tão magro que só tinha a pele cobrindo-lhe os ossos, e a fraqueza era extrema, parecendo moribundo. Eu chorava e rezava e na minha dôr cheguei a contratar um automovel que nos levasse á Fátima, para no santo logar das Aparições, Nossa Senhora o curar por um milagre. Mas não foi preciso partir, porque a Virgem Santissima, que foi, é, e será sempre a Consolação dos aflictos e a saúde dos enfermos, nos ouviu emfim! De repente o doente começou a melhorar a olhos vistos, e em 7 semanas, a cura miraculosa efectivou-se. Os médicos que previam no melhor dos casos uma cura de dois anos, afirmando que meu marido teria de usar um aparelho — cinto, etc., mostraram-se admiradissimos com aquela resurreição. O doente regressou a casa trigueiro, nutrido e córado, como sempre fôra antes de adoecer, e até hoje, tem conservado a sua antiga saúde. E' pois com o coração a trasbordar da mais ardente gratidão e Fé, que eu venho oferecer a Nossa Senhora do Rozario da Fátima esta humilde homenagem, que muito desejaria ver publicada na «Voz da Fátima».

Com a mais alta consideração, respeito e gratidão, se subscreve a de v. rev.ma muito dedicada, e para sempre agradecida, *Maria Alice Barretô d'Oliveira Carvalho* —R. do Rozario, 144, Porto.»

ATESTADO MEDICO

Atesto que tratei o Sr. José Carvalho d'um volumoso abcesso lombar, que pela sua evolução e localisação, me levou á suspeita da sua origem vertebral (o que a radiografia confirmou). As punções repetidas deste abcesso deram um pús fluido, que não revelou bacilos de Koch, ao exame microscópico, mas sim estafilococo puro.

Em face da analyse do pús, e contra os dados que nos fornecia o exame e historia do doente, drenámos o abcesso. Ao contrario da nossa expectativa as melhoras não se fizeram sentir. O doente continuava com febre, e falta d'apetite, emagrecimento progressivo, impossibilidade de movimentos do membro inferior direito (lado doente), sempre em contractura.

Esta falta de melhoras do doente, ou antes este agravamento progressivo da doença, fez de novo vir ao meu espirito a minha primeira suspeita. (Mal de Pott lombar).

Dois colegas mais, que visitaram o doente, confirmaram esta suspeita, e foram unanimes em que seria util dar-lhe banhos de sol.

Passa-se mais d'um mez, sem que as melhoras se começassem a manifestar. Nesta ocasião um outro colega especialisado em doenças osseas, visita o doente e dá á familia um prazo de oito dias para um desenlace fatal. Poucos dias depois o doente experimenta melhoras extraordinarias, quasi subitamente. Desaparece a febre, a fistula deixa de supurar, o doente começa a alimentar-se optimamente, a mobilidade da perna direita faz-se sem esforço, as dôres lombares cessam, e o doente em poucos dias pede para se levantar, e em pouco mais de um mez tinha readquirido o seu bom aspecto primitivo, sem o menor defeito ou incomodo.

Por ser verdade passo este atestado que assigno sob palavra d'honra.

Porto, 20 de Janeiro de 1925.

(a) *Antonio do Couto Soares Junior*

(Segue o reconhecimento do notario portuense Casimiro Carneiro Fontoura Curado).

Mez de Maio

Flôres a Maria

Um religioso, prégando um retiro em Nancy, ponderou que nunca se deve desesperar da salvação de uma alma, e que ás vezes os actos menos importantes aos olhos dos homens, são recompensados pelo Senhor na hora da morte. Ao sair da igreja, uma senhora de luto se aproxima e lhe diz: «Meu Padre, vós recomendastes a confiança e a esperança; o que me aconteceu justifica as vossas palavras.

Eu tinha um esposo bom, afectuoso, irrepreensivel na vida particular e pública, mas descuidado e arredio da prática da religião. Meus pedidos, e as poucas palavras que arriscava sôbre o assunto, não tinham adiantado nada.

Durante o mês de maio que precedeu sua morte, eu armara, como costumava fazer todo o ano, um pequeno altar, em meu aposento, á Santissima Virgem e ornava-o de flôres, renovadas de vez em quando.

Todos os domingos, meu marido ia passear fóra da cidade; e, cada vez ao voltar, me oferecia um ramalhete que ele mesmo colhera, e eu com essas flôres ornava o meu oratório.

Nos primeiros dias do mês seguinte, foi subitamente fulminado pela morte, sem ter tempo de receber os socorros da religião. Eu fiquei inconsolável: minha saúde se alternou sériamente, e a familia obrigou-me a partir para o sul.

Passando em Lyão, quiz vêr o Santo Cura de Ars, que ainda vivia. Escrevi-lhe para solicitar uma audiência e recomendar as suas orações para meu marido, que morrera de repente.

Não lhe dei outros pormenores. Apenas entrara na sala, o Santo Cura me disse: Senhora, estais consternada, mas não vos lembrais então dos ramalhetes de cada domingo do mez de Maio?

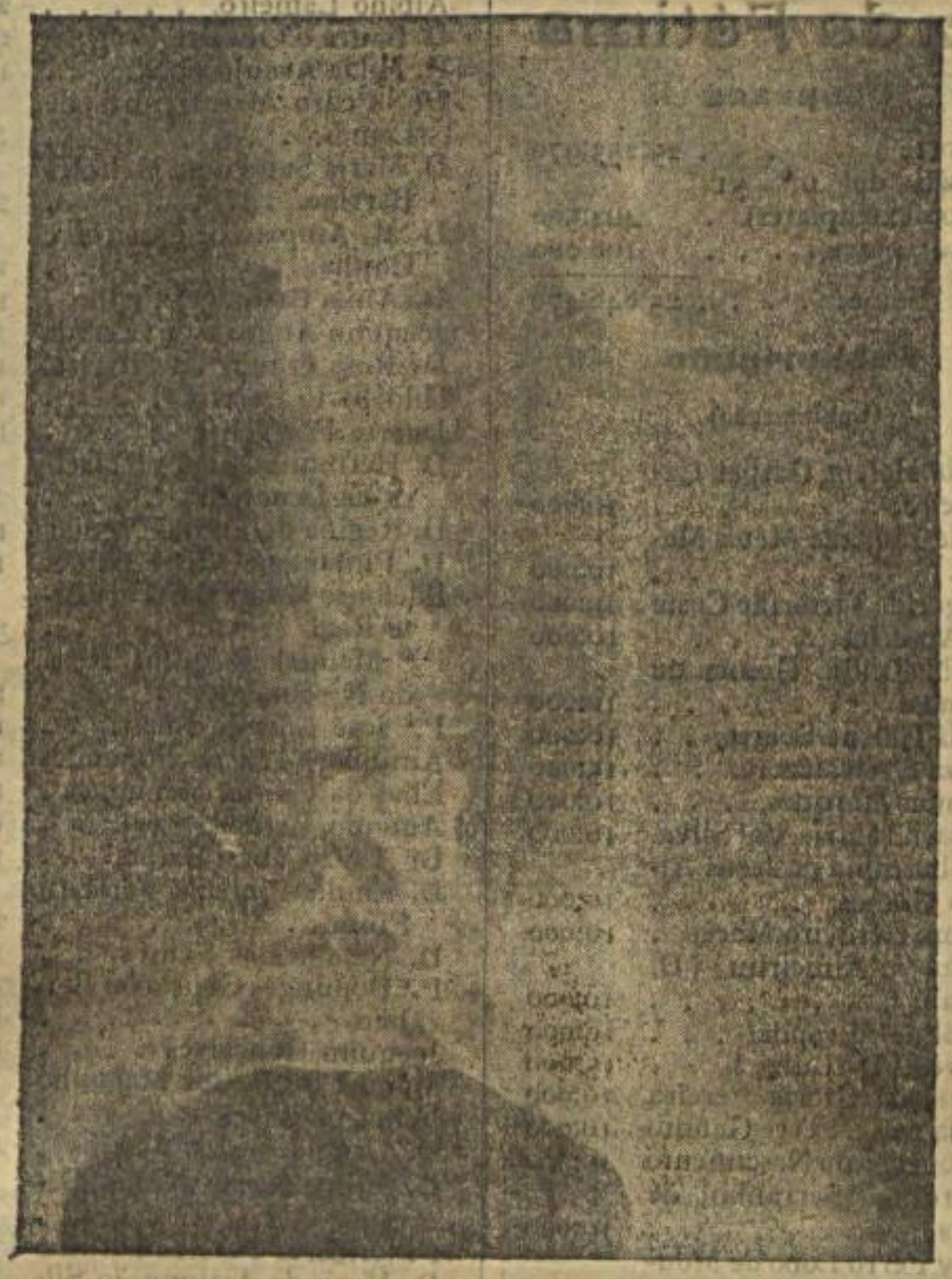
Ser-me-ia impossivel dizer qual foi o meu pasmo, ouvindo o Padre Vianney lembrar uma circunstância de que eu não tinha falado a ninguem, e que ele só podia conhecer por uma revelação.

Acrescentou: «Deus teve piedade daquele que honrou sua Santa Mãe. No instante da morte, vosso esposo poude arrepender-se; sua alma está no Purgatório; nossas orações e vossas bôas obras não o deixarão ficar lá».

Agua da Fátima

A redacção ou administração da «Voz da Fátima» não pode encarregar-se de fornecer agua da Fátima ás pessôas que a desejam.

Presta-se a este serviço o sr. José d'Almeida Lopes—Fatima (Vila Nova de Ourem), a quem devem ser feitos os pedidos.



Radiografia da columna vertebral de José d'Oliveira Carvalho, antes da cura
(A seta indica a parte afectada)

A Conceiçãosinha e o avô

Conceiçãosinha, chegava do Collegio, alegre como umas paschoas, e, saltitando como borboleta de Maio entre as flores, lançou-se aos braços da mamã, a tempo que o médico sahia do quarto do avô, que estava gravemente enfermo.

—Mau, mau está aquillo, disse o doutor, não temos homem para oito dias.

E, depois de prevenir que podiam tratar dos ultimos Sacramentos, despediu-se.

—Virgem do Rosario! exclamou a senhora, quasi chorando; ao menos não permittaes que o avôsinho morra impenitente!

Não entendeu Conceiçãosinha o sentido d'estas palavras, e cobrindo sua mãe de beijos, perguntou:

—Mamã, porque chóra?

—Filhinha, porque o avôsinho morre-nos por estes dias, como disse o médico.

—Rezemos a Nossa Senhora por elle, tornou a candida menina. Olhe, mamã, ensinou-nos hontem a Irmã, que, quando tivessemos alguem em perigo, se rezassemos a Nossa Senhora por elle, não morreria sem Sacramentos e Maria Santissima o levaria para o céu

Ajoelharam mãe e filha e rezaram algumas Avé-Marias, e a menina, dando com isto por concluido o negocio, partiu saltando a communicar ao avôsinho tão *boa noticia*, como se fôsse a coisa mais natural do mundo.

—Bons dias, avôsinho! Olhe que já rezei com a mamã a Nossa Senhora, para que o leve para o céu.

—Que dizes, tolinha? Então, tão depressa queres que eu morra?

—Eu cá não queria; mas como o médico disse á mamã que o avôsinho ia morrer, rezámos a Maria Santissima para que o não deixe morrer sem Sacramentos e o leve para o céu.

—Como é isso? disse o enfermo erguendo-se na cama; então o médico disse que eu estou tão mal?

—Sim, senhor. Olhe, avôsinho, até disse que não chega aos oito dias.

Deu o enfermo um profundo gemido ao ouvir estas palavras de sua innocente e amada neta; mas dissimulando a dôr que lhe causavam, para que ella continuasse a falar-lhe e a distrahil o, como costumava, perguntou-lhe:

—Como sabes tu que Nossa Senhora me levará para o céu?

—Porque rezei pelo avôsinho, e lá no collegio disseram ás meninas que, se a gente pedisse á Virgem Santissima por algum doente de nossa casa, não morreria em peccado mortal, mas receberia os santos Sacramentos e se confessaria muito bem e receberia o Viatico, que diz que é a sagrada communhão que se dá aos doentes ainda que não estejam em jejum, e que Nosso Senhor lhe perdoaria todos os peccados e a Virgem Santissima o levaria para o ceu.

—Mas, filha, quem te ensinou todas estas coisas?

—A Irmã Rosa; olhe, e tambem nos disse que, quando nós estivessemos doentes de cuidado, pedissemos os santos Sacramentos, sem esperar que nos avisassem, e que fizessemos então a melhor confissão e communhão de nossa vida; porque com aquela bôa confissão ficaria a nossa alma tão pura, tão pura, como um Anjo, e com a communhão ficaria mais formosa do que o sol; e com a Extrema Uncção, que é o ultimo Sacramento, e com uma indulgencia plenaria, voaria direitinha para o ceu.

—Mas filha, como me falas hoje de coisas tão tristes?

—Tristes? Pois olhe, avôsinho, eu até cuidava que eram alegres e muito bôas, e quando a Irmã nol-as dizia, estava eu com uma vontade de morrer para ir para o céu, mas a gozar com os Anjinhos, que não faz idéa. O avô não gósta de estar com os Anjinhos?

—Ai! tu és uma creatura innocente, murmurou o enfermo, enxugando os olhos arrasados de lagrimas.

—Mas o avôsinho é mais feliz do que eu, porque vai antes de mim; eu só mais tarde morrerei, e irei para o céu; mas lá verei o avôsinho e lhe darei beijos como agora. Muito bem estaremos nós lá, o avôsinho, a avósinha e mais a mamã, o papá e todos os meninhos, e os Anjos, e a Virgem Santissima e Nosso Senhor...

Depois contou Conceiçãosinha ao avô que a Irmã lhe tinha promettido um premio se declamasse bem uma poesia em honra da Divina Pastora, na proxima distribuição de premios; e como o doente lhe pediu que lh'a declamasse para elle ouvir, e a menina já a sabia de cór, com muita graça lh'a declamou logo, dizendo:

Divina Pastora,
Que rico rebanho,
Tão vario e tamanho
Te deu o Senhor!
E tu o encaminhas
Com ternos cuidados
Por fontes e prados
Ao divino Pastor.
. . . . . .
Vagueiam tão tristes!
Estão macilentas;
Feridas cruentas
Lhes tingem as lãs,
E as tuas, pascendo
Em lirios e rosas,
Retouçam mimosas,
Alvejam louçãs.
. . . . . .

Emquanto a pequena declamava, corriam as lagrimas a quatro e quatro pelas faces do velho. O conceito dos versos e as palavras que lhe dissera a netinha cravavam-se como settas amorosas no seu coração, e estava-se elle reconhecendo como ovelha desgarrada, triste e macilenta, alimentada até alli de hervas venenosas, e vagueando com uma vida tão inutil e vã, como a mesma vaidade do mundo.

Entendendo pois que Deus o estava chamando com as palavras que puzera na bocca d'aquella creança angelica, chamou-a para si e disse lhe ao ouvido:

—Filha, vai dizer á tua mamã que me chame um Padre, que o teu avôsinho quer-se confessar.

Correu a menina com o recado á mamã, a qual exclamou cheia de espanto:

—Que me dizes, pequena?

—Que o avôsinho quer-se confessar.

—Mas quem lhe falou a elle em Sacramentos?

—Eu.

—Tu? E que lhe fôste tu dizer, tagarella?

—Que ia morrer dentro de oito dias, como disse o médico.

—Meu Deus! Que imprudencia! Que atrevimento d'esta tolinha! Mas para que lhe havias de falar d'estas coisas?

—Porque, como sou amiga do avôsinho, desejo que, quando morrer, vá para o céu.

—Ai, pobre avôsinho, que susto terá recebido!

—Não sei nada, mamã; mas olhe que a Irmã disse-nos lá no collegio que era melhor ir com o susto para o céu do que sem susto para o inferno.

Entrou a senhora no quarto do enfermo para se desfazer em desculpas, mas achou-o tão socegado, que, sem fazer nenhum caso das explicações, pediu lhe que chamasse um Sacerdote para tratar dos negocios da sua alma.

N'aquelle mesmo dia recebeu os santos Sacramentos e com elles tão grande tranquillidade, resignação e confiança na infinita bondade de Deus, que parecia outro homem, e de homem do mundo parecia ter-se tornado n'um Santo.

Deplorava a vaidade e os extravios de sua vida passada, e beijava com amoroso affecto um pequeno crucifixo e uma medalha de Nossa Senhora, que Conceiçãosinha lhe trouxera, e suspirava cada vez mais por sair das miserias da vida mortal e entrar na felicidade da vida eterna, que Jesus Christo prometteu a todos os peccadores que se convertam.

Cinco dias depois o ditoso avô estava em agonia, e apertando ao coração com amorosa confiança o crucifixo da menina, chamava por ella com a voz desmaiada dizendo:

—Conceição, Conceiçãosinha, onde estás?

—Estou aqui, respondeu ella chegando-se á cama e tomando a mão gelada que elle lhe estendia.

Então, com palavras entercortadas, disse o avôsinho moribundo:

—Deus te abençoe, filha minha, porque salvaste teu avô.

E momentos depois expirou na paz do Senhor.

PREVENÇÃO

Houve pessôas que em Maio e Outubro ultimo venderam, ás vezes por alto preço, exemplares da «Voz da Fátima» que na Cova da Iria são distribuidos gratuitamente. E' um abuso intoleravel. Quem os não possa alcançar, queira dirigir-se a P.e Silva — Leiria, que os enviará gratuitamente.

—Ninguem ali deve comprar objectos religiosos por mais do que o seu valor sob pretexto de que o excesso è para as obras da Fátima. Seria outra exploração ignobil.

Mais uma vez declaramos que ninguem está autorisado a vender objectos por conta da Comissão.

Cautela, pois.

Os pobres

Bem longe de afastar seus filhos dos espectaculos da miseria, da dôr e mesmo da agonia, Madame Chantal (Santa Chantal) queria que elles a acompanhassem nas suas visitas aos pobres.

Um levava o pão, o outro os remedios e aquele algum dinheiro. Era a recompensa que recebiam quando davam prova de obediencia e de trabalho. Um dos maiores castigos para elles seria deixal-os em casa na hora em que a mãe fazia a sua visita diaria aos pobres.

Foi assim, por estes bellos habitos de intimidade com os desgraçados, adquiridos desde a infancia, que Santa Chantal desenvolvia na alma de seus filhos a unção do coração e que lhes fazia saltar essas fontes profundas de sensibilidade, que parecem ter desaparecido em nossos dias em que as creanças são educadas na vaidade que seca, em vez de as engrandecer na caridade cheia de ternuras.

Adoração noturna

A adoração noturna na egreja paroquial da Fátima começa ao sol posto do dia 12 como em Outubro.

Mais curas

Nos mêses seguintes continuaremos a publicar outras curas cujos relatorios se acham em nosso poder.

Pelo menos dez são de grande relevo, sendo duas acompanhadas de attestados médicos.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	25:253:970
Impressão do n.º 31 (21:500 exemplares). .	494:500
Outras despezas	100:000
Soma.	25:848:470

Subscripção

(Continuação)

D. Maria Helena Gaspar Canastreiro.	10:000
D. Maria Eugenia Matos Madeira.	10:000
D. Margarida Victorino Costa	10:000
José d'Amorim	10:000
D. Maria Emilia Gomes de Miranda.	10:000
D. Maria Helena Soares, . .	10:000
Baroneza d'Alvaiázere. . .	15:000
D. Leonor Marques. . . .	10:000
D. Rosaria Maria da Silva.	10:000
D. Guilhermina de Jesus Alberto Gomes.	10:000
D. Emma Cordeiro Maçãs. .	10:000
Baroneza d'Almeirim (D. Luiza).	10:000
D. Carolina Miranda. . . .	10:000
Donativos (D. Luiza). . .	15:000
D. Maria da Gloria Pereira	10:000
D. Maria Anna Ferro Gamito	10:000
Luiz Gonzaga do Nascimento	10:000
D. Carolina Serranho de Souza.	10:000
D. Mary Ferro Lobo de Moura.	10:000
Carlos Batalhoz de Vilhena Barbosa.	10:000
De jornaes (M. J. Dias Cascaes).	39:000
De jornaes (D. Maria das Dôres).	111:000
Percentagens e donativos (D. Maria das Dôres). . . .	60:000
De jornaes (D. M. da C. A. Matheus).	18:700
De jornaes (M. Borges). . .	30:500
De lornaes (D. Laura Martins).	43:000
De jornaes (Domingos Dias).	60:000
De jornaes (Casa Ave-Maria — Lisbôa).	24:000
D. Maria da Piedade Rodrigues.	10:000
Donativos (D. Celeste). . .	6:000
D. Maria Amelia d'Abreu .	10:000
Francisco Ribeiro Baptista Montes	10:000
P.e João Moraes das Neves	10:000
D. Maximiana Vieira da Mota.	10:000
P.e Amadeu Pereira Cardoso	10:000
D. Maria da Piedade Paiva .	10:000
Dr. Jacinto Gago da Camara	20:000
D. Maria da Assumpção Dias	10:000
Antonio Joaquim Ferreira .	10:000
D. Adelaide Braamcamp de Mello Breyner	10:000
Marqueza de Pombal . . .	20:000
D. Maria do Carmo. . . .	10:000
P.e João de Deus Laceiras .	10:000
D. Maria da Purificação Canto.	10:000
José Pedro.	10:000
P.e Jayme José Ferreira. . .	10:000
D. Maria José Martins Contreiras Bandeira.	10:000
D. Claudina de Souza Sampaio.	10:000
Albino Lameiro.	20:000
D. Isaura d'Oliveira Fragoso	10:000
D. Hilda Araujo Coelho. . .	10:000
Dr. Pedro Mascarenhas de Lemos.	10:000
D. Maria Saturnina Meireles Barriga.	20:000
D. M. Amparo de Queiroz e Cunha.	10:000
D. Anna Drumond Fialho .	10:000
Joaquim Augusto de Lacerda	10:000
D. Rosa Olinda da Silveira.	10.000
Hildeberto Pereira	10:000
Duarte F. Pacheco	10:000
D. Herminia Branco Teixeira de Lencastre.	20:000
D. Regina de Freitas Aguiar	10:000
D. Philomena Vieira Nunes	10:000
Ildefonso Moniz Barreto Côrte Real.	30:000
P.e Manuel Joaquim Rosa do Nascimento.	10:000
P.e José Luiz da Rocha. . .	10:000
Antonio Machado Fagundes	10:000
Elias da Cunha Mendonça .	10:000
Antonio Cardoso Leal. . .	10:000
Dr Luiz Cabral Barata. . .	10:000
D. Emilia Pinheiro Ferreira Pinto.	20:000
D. Natalia dos Santos. . .	10:000
P.e Domingos Gonçalves Borlido.	10:000
Joaquim Gonçalves	10:000
Manuel de Passos Martinho	10:000
Feliciano Alves.	40:000
D. Candida Rosa Martins .	10:000
D. Filipa Mexia Nunes Barata.	10:000
P.e Alberto Pereira Cardoso	10:000
D. Maria da Assumpção Silva.	10:000
D. Maria da Conceição Teles Varela.	10:000
D. Ilda Magalhães Varela .	10:000
D. Maria de Jesus Carlota .	10:000
D. Maria da Conceição Tavares Lopes	10:000
D. Maria da Natividade da Costa Cerveira.	10:000
João dos Santos Gonçalves .	20:000
P.e Ismael Augusto Guedes	10:000
D. Maria dos Prazeres Guedes Almeida.	10:000
D. Julia da Conceição Baptista.	5:000
D. Antonia de Figueiredo Nunes de Carvalho. . . .	10:000
Firmino José Alves	20:000
D. Sibila de Jesus Pereira Fernandes.	12:000

NOTA: — Faltam 450 subscriptores para publicar, isto é, todos os que enviaram qualquer quantia desde fins de novembro ultimo.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano III — LEIRIA, 13 de Junho de 1925 — N.º 33

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

A grande peregrinação nacional

13 de Maio de 1925

PASSOU no dia treze de Maio ultimo o oitavo anniversario da primeira apparição da Virgem Santissima aos inocentes pastorinhos de Fátima.

No longo transcurso destes oito annos, aquelle logar privilegiado, onde se deram as apparições e que o povo designa com o nome de *Cova da Iria*, viu perpassar multidões após multidões que alli accorriam a render as suas homenagens á augusta Padroeira da Nação.

Mais uma vez, num impulso irresistivel de fé e piedade, a alma crente de Portugal se voltou para a serra d'Ayre e dezenas de milhares de pessôas de todas as classes sociaes e de todos os pontos do paiz se puzeram a caminho em direcção á estancia do mysterio e do prodigio. Trez dias antes, já se viam numerosos peregrinos aproximarem-se da serra. Era a guarda avançada do grande exercito que, numa mobilisação grandiosa e unica, como se obedecesse a uma voz de comando, no dia treze realisaria a marchas forçadas a sua concentração geral. Effectivamente nesse dia o espectáculo era soberbo e empolgante, apesar de se tornar impossivel observá-lo em conjuncto num só ponto e dum só lance de olhos. As estradas de Leiria, Torres Novas e Vila Nova d'Ourem durante toda a manhã iam cheias, de lés a lés. Camions, camionettes, automoveis, side-cars, bicycletes, galeras, trens, charrettes, carroças, carros de bois, numa palavra, todos os meios de conducção, eram utilizados para o transporte dos peregrinos. No dia doze, á tarde, o planalto, onde se acha situada a Cova da Iria, estava transformada num verdadeiro acampamento, que se estendia desde a egreja parochial de Fátima, até aos limites da freguezia do Reguengo do Fétal. Durante toda a noite, o Santissimo Sacramento esteve exposto á adoração publica na egreja parochial, que, apesar de imensa, regorgitava de fieis. A guarda de honra era feita pelo grupo de Servitas de Torres Novas.

O menino João de Castro Sanches da Costa Ferreira, de 4 anos,
curado milagrosamente de uma meningite

No dia treze de madrugada, principiaram a celebrar-se as missas nos altares da capéla nova. Vários sacerdotes administravam quasi ininterruptamente a Sagrada Comunhão, aproximando-se da meza eucharistica milhares de fieis devidamente preparados. Entretanto veem chegando numerosas peregrinações organisadas, procedentes de vários pontos do paiz. Merecem especial referencia, entre outras, a dos Filhos e Filhas de Maria de Bemfica em Lisbôa e a da freguezia da Benedicta que se compunha de cêrca de mil pessôas e trazia um lindo e vistoso estandarte com desenhos alusivos ás scenas das apparições.

A' medida que se aproxima a hora do meio-dia, a multidão torna-se mais numerosa e mais compacta. Cêrca de cem mil peregrinos estão concentrados no vasto amphitheatro da Cova da Iria, elevando-se a muitas dezenas de milhares o numero d'aqueles que circulam continuamente num assombroso movimento de vae-vem. Ao meio-dia solar começa a ultima missa, a missa dos enfermos. Estes, em numero de algumas centenas, enchem literalmente o recinto que lhes está reservado debaixo de um vasto e elegante pavilhão, recentemente construido, sustentado por grossas e altas colunas de cimento armado.

E' admiravel o espectáculo que se desenrola deante dos nossos olhos momentos antes da subida do celebrante ao altar. Um cortejo composto de milhares de fieis acompanha a branca estátua de Nossa Senhora do Rosário que é conduzida processionalmente da capéla das apparições até á capéla nova. Quando a Imagem da Virgem Santissima, transportada pelos Servitas e ladeada pelos escoteiros de Leiria entra no pavilhão dos doentes, estrugem no ar os vivas e aclamações, milhares de lenços brancos agitam-se numa saudação fremente de entusiasmo e as palmas rebôam nutridas e prolongadas. A comoção em todos é extraordinaria e vêem-se muitos olhos marejados de lagrimas. Logo que a estátua da Virgem é colocada no seu pedestal junto do altar, a multidão canta o *Credo* de Dumont. Segue-se a missa acompanhada de canticos e invocações. No fim da missa expõe-se o Santissimo, canta-se o *Tantum-ergo*, dá-se a benção aos enfermos, que foi devéras comovente, como sempre, terminando a comemoração festiva das apparições com um eloquente sermão prégado pelo rev. Campos Neves, Cónego da Sé de Coimbra.

V. M.

As curas da Fátima

«Lisbôa, 12 de Abril de 1925.

Sr. Director da «Voz da Fátima»

A impressão que sinto neste momento e a pouca cultura de que disponho, privam-me, bem a meu pezar, de fazer a descripção completa dum caso que V. me permitirá que tenha a satisfação de vêr publicado nesse jornal, esperando por isso a sua obse-

quiosa e penhorante hospitalidade, que, reconhecidamente agradeço.

Em fins de Novembro de 1924 agravou-se a enfermidade do meu pobre filhinho. A ella se refere o seu médico assistente o Ex.mo Sr. Dr. Simões Alves no atestado que tomo a liberdade de enviar incluso para V. Ex.a se dignar tambem publicar.

No principio da doença aquele ilustre clinico, cuja probidade moral e profissional são sobejamente conhecidas, notou-lhe sómente uma simples inflamação intestinal.

Veio novamente e reconheceu-lhe uma meningite. O seu estado geral era desolador, a sua magreza e enfraquecimento eram grandes. Sem energia alguma, melancolico e indiferente a tudo que o rodeava, os olhos sem brilho e uma febre ardente. Depois, durante 15 dias, cegou e emudeceu. Letargico e paralitico, era um pequenino cadaver que se encontrava no leito da dôr. A mãe, solicita e vigilante, dilacerada pelo sofrimento que só as vardadeiras mães sabem sentir, preparava-se, resignada, para receber a punhalada pungente do desaparecimento do filho querido e idolatrado, quando recebemos a visita duma senhora das nossas relações, a Ex.ma Sr.a D. Julia Marques Morgado que, abeirando-se do leito do pequenino doente, lhe ministrou uma pequena porção de água da Fátima, da qual a mesma senhora se fazia acompanhar. Esta bondosa e devóta senhora jámais abandonou o pequenino doente e cheia de fé, dessa fé que nunca abandona as almas bôas e verdadeiramente crentes, esforçou-se para incutir em nós a esperança que acalentámos nas suas melhoras. Decorridas 24 horas o pequenino manifestou sinaes de vida. Chamado outra vez o médico que o julgava perdido, ao vel-o não oculta o seu espanto ante o resuscitado, dizendo com visivel convicção, que estava salvo e sem lesão alguma!».

Atestado

João Carlos Simões Alves, Médico Cirurgião pela Escola de Lisbôa:

Attesto que tratei o menor de quatro anos, João de Castro Sanches da Costa Ferreira, morador na R. de Pedrouços, n.° 88, 3°, filho de Maximiano Correia Sanches da Costa Ferreira e de D. Belmira Pereira Sanches Ferreira, de uma grave meningite, que se apresentou com sintomas de tal modo alarmantes, que me chegou a fazer supôr um desenlace proximo pela morte. Attesto tambem que em determinada phase da evolução da doença, quando todos os sintomas me levaram a fazer o peior prognostico, dentro do periodo de vinte e quatro horas, tudo se modificou para melhor, começando então a acentuar-se a cura que hoje é definitiva. — Por ser verdade aqui o declaro sob palavra d'honra.

Lisbôa, 10 de Março de 1925.

(a) *João Carlos Simões Alves*

(Segue o reconhecimento).

OUTRA CURA

Da mesma carta:

«Uma nossa creada, Emilia da Conceição, sofria ha bastante tempo duma grave inflamação numa perna, á qual os médicos davam o nome de ulcera e sem esperanças de se curar. Depois de inumeros tratamentos no hospital e médicos, deixou por algum tempo de fazer tratamento. A mesma bondosa senhora aplicou uns paches de água da Fátima e passados dias a perna estava completamente curada. Eis os factos descritos, com rudeza embora, mas tambem com sinceridade.

Releve-me o tempo e espaço que lhe tomei, acreditando na gratidão com que sou

De V. etc.

Maximiano Correia Sanches da Costa Ferreira

Atestado

João Carlos Simões Alves, Médico Cirurgião pela Escola de Lisbôa:

Attesto que tratei a Sr.a Emilia da Conceição, de 32 anos de edade, moradora na Rua de Pedrouços, 88 3.°, de uma ulcera da perna, de cicatrização demorada e dificil. Attesto tambem que deixando de a ver durante bastante tempo, voltou um dia a mostror-me a sua lesão já completamente cicatrizada, dizendo-me que tinha feito a aplicação de uma determinada água natural, notando então as melhoras sensiveis até á completa cura, o que poude verificar. — Por ser verdade e me ser pedido aqui o declaro sob palavra d'honra.

Lisbôa, 7 de Abril de 1925.

(a) *João Carlos Simões Alves*

(Segue o reconhecimeeto).

OUTRO CASO

«José Rodrigues Valla, morador em Ribeira de Baixo, do concelho de Porto de Mós, freguesia de S. João Baptista, de 37 anos de edade, vem comunicar a V. Rev.ma o seguinte facto que tenho a certeza ser um verdadeiro milagre, operado pela intercessão da Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

Partindo de Portugal em 1910 com destino ao Brazil, e gosando de perfeita saúde até esta data, em 1912, tive no Brazil uma pleurisia de que estive gravemente doente 5 mêses. Sofri trez operações amputando-se-me ali trez pedaços das costelas, de 7 centimetros cada um. Fui recuperando a saúde achando algumas melhoras sem que tivesse naquele ferimento, sofrimento algum. Em 1915 vim para Portugal e a 20 de Outubro de 1922, com o excesso do trabalho, abriu-se novamente ferida, fazendo-me tornar a um estado mais grave do que da primeira vez. Uma vez em Portugal, procurei um médico, o Ex.mo Sr. Dr. Adelino da Silva, sub-delegado de saúde em Porto de Mós. Este ilustre clinico tratou de mim alguns mêses, chegando a declarar que era impossivel melhorar. Fez-me a punção mas chegando a dizer que eu teria de sujeitar-me a ser operado todos os mêses. Eu, por minha vez, não tendo já esperanças de melhorar, desisti dos médicos desde que fui a Leiria consultar o Ex.mo Sr. Dr. Plinio, sendo por ele dito que esta pleurisia estava crónica, sendo indispensavel ter eu que sofrer uma nova operação, mas que não era para melhorar, era apenas para tirar o pús que em mim havia depositado, evitando que esse pús apodrecesse a pleura e passasse para o pulmão. Declarou que todos os dias da minha vida deveria fazer curativo.

Isto foi no dia 27 de Abril de 1924. Vi pois que não tinha mais a quem recorrer senão á Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima. Eu tinha um derrame de pús extraordinario. Chegando-se o dia 13 de Maio de 1924, a muito custo, devido ao meu estado de fraqueza, me puz a caminho da Fátima, mas esperançado que lá estava a minha saúde e que lá obteria a graça de ser ouvido por Nossa Senhora. Como disse, o derrame era extraordinario e continuo. Ao romper da manhã sahi para a Fátima, e todo aquele dia se passou sem sahir de mim a mais pequena humidade de pús.

Vendo eu que o milagre foi tão claro, fiz promessa de ir, emquanto puder, agradecer a Nossa Senhora o favor recebido.

De então para cá góso de bôa saúde.

Faça V. Rev.ma o uso que entender desta minha carta que bem desejo seja publicada no nosso querido jornalzinho para honra e gloria da Nossa tão terna e bôa Mãe.

Desculpe, etc.

José Rodrigues Valla

Ribeira de Baixo, 12/4/925.

AINDA OUTRA CURA

Rev.mo Sr.

«Abusando talvez da benevolencia de V. Ex.a Rev.ma ouso pedir-lhe a publicação de uma graça concedida por Nossa Senhora do Rosario da Fátima á minha lavadeira.

Maria de Souza, lavadeira, moradora em S. Mamede de Infesta, travessa Rodrigues de Freitas, sofria havia mais de quatro anos de terrivel mal de pele, durante todo o verão e tambem no inverno. Neste ultimo verão chegou mesmo a estar de cama alguns dias, tendo os braços, as mãos e o rosto em lamentavel estado e o olho esquerdo quasi tapado pela inchação e pustulas.

Diziam-lhe os médicos, que só nas Caldas melhoraria, usando remedios sem conta, sempre sem resultado, até que lhe aconselhei a milagrosa água da Fátima que de bom grado lhe ofereci.

Maria de Souza que tinha os braços cheios de pustulas, fez o seguinte: — deitou só num braço um remedio externo, novo, que um médico lhe receitara, e todas as outras partes doentes lavava com água da Fátima, tomando tambem todas as

manhãs em jejum uma colherinha da mesma.

Ao fim de seis dias, estava completamente curada de todo o corpo, e a cura não podia ser atribuida ao remedio deitado apenas num braço!

A Virgem Santissima mostrou mais uma vez que o seu Poder é maior do que o da sciencia da terra. Ha mais de quatro mezes que o milagre se deu, e Maria de Souza não tornou a sofrer do terrivel mal da pele que tanto a afligia.»

Maria Alice Barreto d'Oliveira Carvalho.

Rua do Rosario, 144 — Porto.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.	839:500
D. Laura Teixeira Correia Branco.	5:000
Uma Filha de Maria de Coruche	10:000
D. Guilhermina Rodrigues Mata.	5:000
José Viegas	9:000
Dr. Jacinto Gago da Camara	20:000
D. Zulmira Ramos . . .	100:000
Conde de Agrolongo. . .	100:000
D. Elvira Augusta Nogueira	5:000
D. Rosa F. Mota Machado	100:000
Soma. . . .	1.193:500

O que póde uma benção do Santissimo Sacramento

No principio de uma missão, quatro operarios descrentes abancados em uma taberna, juravam não pôr pé na egreja durante as prédicas e além d'isso, empregar todos os esforços para afastar de lá os outros.

A mulher de um d'eles, christã e piedosa, suspeitou de alguma coisa e á noite, durante a ceia, simulando indiferença, falou do prégador e dos homens que assistiam ao sermão.

O marido poz-se a rir e disse: nada, elles não levam aquilo ao fim; e de palavra em palavra, acabou por contar a scena passada na taberna.

A mulher disfarçou a sua emoção e no dia seguinte de manhã foi contar tudo ao prégador.

— Tem filhos (perguntou este)?

— Tenho um menino ainda de berço.

— O seu marido tem-lhe amôr?

— Um amôr como não ha outro no mundo.

— Elle agarra-o algumas vezes?

— Muitas vezes.

— Está bem. A' tarde, depois do sermão, quando já não houver ninguem na egreja, coloque o seu filho perto do altar deante do Sacrario e, ajoelhada, diga com todo o afecto da sua alma: *Meu Jesus, misericordia para meu marido*, e á volta, lá em casa, coloque por alguns instantes nos braços de seu marido o seu filho assim abençoado por Jesus-Hostia.

*

O pae estava só, sentado ao canto da lareira.

Era já tarde.

— D'onde vens?

Em vez de responder a esta pergunta apresentou o pequeno ao marido:

— Toma lá o menino que eu vou pôr a mêsa. E' questão de cinco minutos.

E a cela, depois d'esta pequena scena domestica, correu mais calma que de costume.

No dia seguinte, a mesma coisa e o pai, em vez de se queixar, não se teve que não dissesse á mãe, entregando lhe o filho:

— Não é lindo o nosso menino?

— Oh! E', é. E' um anjo. E' tão inocente!

— Um anjo, um anjo!

Que bom é ser anjo. . . deixa-m'o abraçar outra vez.

E o pobre pai apertava o filho contra o seu coração sem advertir na acção interior que a graça operava nele.

A' mesa falou-se do prégador.

— Vão lá muitos homens, disse a mãe.

— Ah! respondeu apenas o operário.

Ao quarto dia o pae recebeu ainda o seu filhinho embalsamado mais uma vez pela benção de Jesus-Eucaristia e poz-se a chorar emquanto o abraçava.

A mãe, observando isto, contentou se em levantar os olhos para o seu crucifixo e murmurou baixo as consoladoras palavras: *Meu Jesus, misericordia para meu marido.* Eis que no dia seguinte á tarde, sem barulho, o operário, seguindo sua mulher, assistia ao sermão.

O prégador falou sôbre os ultimos fins do homem e o seu discurso claro e persuasivo fez uma tal impressão no coração do pobre pae que, no fim da missão, radiante de alegria, se ajoelhava ao lado de sua mulher á Santa Mesa.

Mês do Sagrado Coração de Jesus

Não virá fóra de proposito recordar aqui, neste mês dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, as trez revelações que deram incremento a esta devoção tão agradavel a N. Senhor e tão querida ás almas sinceras e profundamente piedosas.

Santa Margarida Maria, conta assim a primeira revelação que teve logar em 27 de Dezembro de 1673, em dia de S. João Evangelista:

«Uma vez (diz ella) que eu estava deante do Santissimo Sacramento e tinha mais vagar, senti-me de repente tomada da divina presença e com violencia tal me esqueci de mim mesma e do logar onde estava, deixando o meu coração levar-se do divino Amôr.

Então Elle me fez reclinar no seu divino seio e aqui me descobriu as maravilhas do seu Amôr e os arcanos inefaveis do seu Sagrado Coração, que até este dia me havia ocultado, sendo esta a primeira vez que me os descobriu, e de um modo tão sensivel e claro que me não ficou a menor duvida, apesar de eu recear muito enganar-me.»

Emquanto a Santa contemplava, tremula de comoção um tal espectaculo, Nosso Senhor lhe disse:

«E' tão grande o Amôr aos homens, em que o meu divino coração está abrazado, que não podendo por mais tempo conter as chamas da sua ardente caridade, necessita que tu as espalhes e lh'as reveles para que se enriqueçam com seus preciosos thesouros, que encerram as graças que só os poderão tirar do abismo da perdição.»

A Santa conta assim a segunda revelação que foi em 1674:

«Uma vez que o Santissimo estava exposto, depois de sentir o meu interior em um profundo recolhimento, Jesus Christo, meu dôce Mestre, me apareceu todo radiante, com as suas cinco chagas luminosas como cinco sóes; d'esta sagrada humanidade saiam chamas por todos os lados e sobretudo de seu seio adoravel que parecia uma fornalha. E, abrindo-se este, me mostrou o seu Amante e Amavel coração, que era de onde vinham aquelas chamas.»

«Elle (continua ella) me fez reclinar no seu divino seio e me descobriu as inefaveis maravilhas do seu puro Amôr que o levava a amar tanto ao homem de que só recebia ingratidões.

«E' isto, diz N. Senhor, que me custa mais do que o que sofri em minha Paixão. Se ao menos elles me pagassem com algum Amôr, teria por pouco o que fiz por elles e desejaria, se pudesse, fazer muito mais, mas se me testemunham frieza e despreso pelos meus desvelos! Tu ao menos, disse concluindo, dá-me a consolação de suprires, quanto te fôr possivel, a sua ingratidão».

Como Santa Margarida Maria alegasse a sua incapacidade, N. Senhor lhe disse: «Ahi tens com que suprires o que te falta e no mesmo instante, abrindo-se o seu divino Coração, dele saiu uma chama tão viva que ia em um momento ser reduzida a cinzas».

A terceira revelação teve logar de 13 a 20 de junho de 1675.

Num dos dias da oitava do Corpo de Deus estava a Santa em oração no côro com os olhos cravados no Sacrario, quando N. Senhor lhe aparece de repente sôbre o altar e mostrando-lhe o coração, assim fala: «Eis o Coração que tanto ama os homens, que a nada se poupa para lhes provar o seu Amôr até esgotar-se e consumir-se, e em paga só recebo da maior parte deles, ingratidões, irreverencias, sacrilegios e indiferenças, que teem para comigo no Sacramento do meu Amôr. E o que mais custa, acrescentou o Salvador com um triste acento, que cortou o coração da Santa, é sofrer isto de corações que me são consagrados.

Pelo que te peço que a primeira sexta-feira depois da oitava do Corpo de Deus seja dedicada a uma festa particular em honra de meu Coração, comungando nesse dia e fazendo-lhe reparação dos desacatos que tem sofrido. E eu te prometo que o meu

Coração se dilatará para derramar com abundancia os influxos de seu Amôr sôbre todos os que lhe derem esta honra ou procurarem que outros lha dêem.»

— Nenhum dos nossos leitores deve ficar indiferente ao insistente e terno convite de N. Senhor e cada um deve esforçar-se por não merecer tão amargas queixas.

As rosas de Santa Theresinha

Uma noite eu tive um sonho,
— um sonho extraordinario:
via de Christo o Vigario
imerso em ondas de luz,
pousava uma linda pomba
sôbre a thiara sagrada
e na augusta fronte nevada
lia-se um nome: *Jesus*.

No ceu estrêlas sem conto,
na terra paz infinita...
(dir-se-ia a noite bemdita
— santa noite de Natal),
cantos das aves nos bosques,
hynos de Anjos nas alturas,
aromas entre verduras,
flôres na serra e no val?

Então um vulto sublime,
— radiosa visão de encanto! —
se abeira do Padre Santo,
envolto num branco veu:
traz nas mãos um açafate
com as flôres mais mimosas,
as mais varias, lindas rosas
que dão os jardins do Ceu.

Tem no rosto a paz dos justos,
tem dum Anjo a formosura,
só respira amôr, candura,
e brilha como um pharol:
nos olhos puros e bellos
retrata-se o Paraiso,
nos labios paira um sorriso
— reflexo do Eterno Sol.

Aqui trago — diz o vulto
na mais graciosa attitude —
raras flôres de virtude
que nasceram junto á Cruz:
pede-as Nuno para a terra
da Divina Padroeira,
onde as armas da bandeira
são as chagas de Jesus.

São rosas da Theresinha
— linda offerta que seduz!

V. de M.

A lição d'uma creança

Um pae, que tinha o habito de trabalhar ao domingo, quiz obrigar a isso um seu filho que acabava de fazer a primeira Comunhão.

A creança resistia dizendo que lhe tinham ensinado que havia obrigação de ir á Missa e elle queria lá ir.

«Ninguem aqui manda mais que eu, respondeu o pae. Hoje não vás á Missa e has-de ir trabalhar comigo.

—Não, respondeu o filho, ensinaram-me a obrigação de ir á Missa e eu quero cumprir.

— Tambem te ensinaram (replicou o pae) que deves obedecer a teus paes.

— E' verdade, respondeu a creança, é o quarto mandamento da lei de Deus, mas o que manda santificar o domingo está primeiro, é o terceiro. Ora se é licito desprezar o terceiro tambem é permitido não cumprir o quarto».

O pae, confundido por esta replica tão justa poz-se a pensar e vendo que a creança tinha razão, deixou-a ir á Missa e elle mesmo acabou por ahi o acompanhar, renunciando á profanação do domingo.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte do n.º 31. .	25:848.470
Impressão do n.º 32 (50:000 exemplares). .	1:150.000
Clichés.	110.050
Papel	3.903:900
	31.012:420

Subscripção

(Continuação)

Gilberto Fernandes dos Santos.	10:000
Augusto da Costa Macedo .	10:000
Augusto Rodrigues Coelho dos Réis.	20:000
D. Maria do Carmo. . . .	10:000
D. Maria Palmira C. Baptista Antunes.	10:000
De jornaes (D. M. A. Mateus)	14:000
P.e Antonio Pereira . . .	10:000
Manuel Antonio do Vale Torres	15:000
D. Maria Luiza d'Almeida .	10:000
José Machado Barcelos. . .	10:000
José Pereira Pinheiro. . .	10:000
P.e Fernando Joaquim da Silveira.	10:000
P.e Manuel Cardoso da Rocha.	10:000
José Ignacio de Souza. . .	10:000
P.e Jacinto Soares de Medeiros.	10:000
João Maria Berquó d'Aguiar	15:000
Tiberio Fontes	10:000
P.e João Furtado Pacheco .	10:000
P.e João Borges de Medeiros de Amorim	10:000
D. Joana Corte Real Estrela Athayde	10:000
Antonio Ferreira de Melo .	10:000
P.e Manuel Medeiros Guerreiro.	20:000
P.e Edgard Benedito d'Abreu Castelo Branco.	20:000
D. Berta Delgado.	20:000
P.e José Paradela	10:000
D. Virginia Gonçalves Santos	10:000
D. Maria Henriqueta Guerreiro Azevedo Duarte . .	10:000
P.e Manuel Vieira dos Santos	10:000
Dr. José Luiz Mendes Pinheiro	20:000
D. Maria Palmira de Souza Veiga	20:000
D. Odilia de Aguiar de Vasconcelos.	10:000
D. Julia Pinto	10:000
D. Maria da Conceição Fonseca Tinoco	10:000
D. Guilhermina de Lacerda	10:000
Senhor Machado	10:000
Miss Mary Kenrik. . . .	10:000
D. Octavia Guedes Cau da Costa	10:000
Marquêz de Santa Iria . .	50:000
José Henriques Ventura . .	10:000
Abade João da Costa Campos	10:000
D. Amelia do Ceu Pina Amaral.	10:000
D. Maria Adriana Santiago Soveral Ribeiro. . . .	10:000
Luiza Esteves	5:000
D. Emilia Victoria de Jesus	10:000
D. Dionizia da Conceição Pepe Pereira.	10:000
D. Rosa F. Mota Machado	10:000
D. Deodata Amelia Malato	10:000
D. Margarida L. d'Almeida	10:000
Antonio Barbosa	5:000
D. Maria da Graça Duarte d'Oliveira.	12:000
D. Maria Angelica da Silva Fiadeiro.	10:000
D. Eliza Duarte.	10:000
D. Emilia Romana Faria Bray.	10:000
Augusto Elizeu Silva. . .	10:000
D. Firmina da Conceição Neves	10:000
Antonio Pena	10:000
Antonio Coelho da Rocha	10:000
D. Maria José de Napoles Raposo.	10:000
D. Maria Carlota Mattos d'Aragão	10:000
P.e Joaquim Antonio do Carmo	10:000
D. Adelaide Martins Bernardo	10:000
D. Adelaide de Souza Chambers.	20:000
D. Lucinda Pinto Dias . .	10:000
D. Tereza de Jesus Cerqueira Alves.	10:000
D. Maria do Rosario Matos Dias.	10:000
P.e Virginio Lopes Tavares	10:000
P.e Manuel Joaquim Rosa do Nascimento	88:000
João Severino Gago da Camara.	10:000
D. Augusta das Dôres . .	10:000
P.e José Vicente do Sacramento	100:000
D. Maria da Luz Pereira Rodrigues.	10:000
D. Rita de Jesus Dias Costa	10:000
D. Maria de Jesus Moraes	10:000
D. Izabel Virginia Ribeiro da Costa	10:000
P.e Augusto José Vieira. .	10:000
D. Rosalina da Gloria. . .	15:000
Dr. Roberto Luiz Monteiro	10:000
Alfredo Victorino Gomes	10:000
Manuel da Cal.	10:000
D. Izabel Gonçalves Caldeira	10:000
P.e Sebastião A. Gonçalves	10:000
Virgilio de Freitas e Neves	10:000
D. Maria Amelia A. Cardoso Rocha Homem . . .	10:000
D. Maria da Conceição Ferreira Teixeira Rebelo. .	10:000
D. Maria do Carmo Pessoa	10:000
P.e Belarmino d'Almeida Ferreira.	10:000

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano III LEIRIA, 13 de Julho de 1925 N.º 34

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE JUNHO

O dia treze de Junho, em que o povo português comemora a data da segunda apparição da Santissima Virgem aos humildes pastorinhos de Aljustrel, é tambem, por outro titulo, um dia de festa solemne, de jubilo e alegria indizivel, para a população dos quarenta logarejos de que se compõe a vasta e populosa freguezia de Fátima.

E' que o glorioso thaumaturgo português, Santo Antonio de Lisbôa, recebe nesse dia os cultos acendrados daquela bôa gente de aldeia, cujos antepassados o quizeram escolher para padroeiro da sua freguezia.

Outróra o dia treze de Junho era dia de festa de guarda no Patriarcado de Lisbôa, mas, hoje que por benigna concessão da Santa Sé, se acha dispensado, nem por isso os piedosos habitantes de Fátima deixam de festejar com o mesmo entusiasmo e a mesma devoção o nosso glorioso compatriota, seu celeste patrono.

Assim é que, ao contrário do que sucede no dia treze de cada um dos outros mezes do ano, uma grande multidão estaciona e se comprime junto da egreja parochial, ás onze horas da manhã, aguardando a hora da missa solemne.

A maior parte dos fieis que ali se encontram, já fizeram de manhã cêdo a sua costumada visita á Cova da Iria ou tencionam faze-la após a festividade do Santo thaumaturgo.

No lanço da estrada que estabelece a comunicação mais directa e mais rápida entre a séde da freguezia e local das apparições, num percurso de dois kilómetros e meio, observa-se áquela hora um extraordinário movimedto de vae-vem. São habitantes da freguezia de Fátima que, terminada a sua visita á Cova da Iria, se encaminham para a egreja parochial, afim de assistirem á festa de Santo Antonio, e romeiros que, feitas as suas devoções e pagas as suas promessas, retiram para as suas terras distantes, ou pelo contrario são peregrinos que veem de longe, tendo talvez partido de madrugada ou mesmo na vespera, e se dão pressa em chegar ao local privilegiado do Ceu, para ouvirem a missa dos enfermos e receberem a benção com o Santissimo Sacramento.

Vehiculos de toda a especie accumulam-se em numero de muitas centenas no lanço da estrada que limita a Cova da Iria pelo lado sul.

Em frente da capéla das apparições e da capéla das missas, vêem-se muitos milhares de fieis.

A'quela hora já se tinham celebrado varias missas.

Proximo do meio dia official, uma numerosa e bem organisada peregrinação do Sebal desce a encosta com a maior ordem e compostura, cantando canticos religiosos. Entretanto um sacerdote sóbe ao altar para celebrar a santa missa. Um grupo de cantoras da peregrinação recemchegada acompanha a missa com canticos liturgicos apropriados. Todas as attenções estão presas da harmonia desses canticos executados com uma perfeição e uma piedade inexcediveis.

A esta missa segue-se a missa dos enfermos, que começa ao meio dia solar. No momento em que o celebrante se dirige para o altar, a imensa multidão que rodeia por todos os lados o pavilhão dos doentes, assistindo ás missas, rompe subitamente, em ruidosas manifestações de assombro e alegria. Muitas pessôas affirmavam convictamente ter visto nessa ocasião os phenomenos solares do costume, que alguns peregrinos categorisados, absolutamente insuspeitos, diziam haver presenciado nesse mesmo dia ao nascer do sol.

Por motivo das referidas manifestações, cuja causa alguns peregrinos, colhidos de surpreza, ignoravam, chegou a haver um principio de terror panico, que foi logo prontamente sufocado.

Os ultimos actos religiosos — a missa, a comunhão, a procissão, a benção dos enfermos, e o sermão — realizaram-se como de costume, no meio de um silencio, recolhimento e piedade da imensa multidão, que edificavam e comoviam profundamente.

Em frente do altar, sôbre as macas da associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosário, jaziám os paralyticos e os doentes cujo estado era mais grave. Aquela exposição das mais diversas miserias physicas que affligem a humanidade, constitue um espectáculo que confrange todas as almas bem formadas.

Ao mesmo tempo, porém, consola e encanta sobremaneira a dôce resignação dos pobres mártyres de tanto sofrimento que cheios de esperança na sua cura, embora santamente conformados com a vontade de Deus, chegam a sorrir se no meio das dôres mais atrozes e cruciantes.

Junto da branca e formosa estátua da Virgem do Rosário, um homem de meia edade chora copiosamente. As suas lágrimas, contudo, são lágrimas de comoção e reconhecimento por uma graça que atribue á misericordiosa intercessão da augusta Mãe de Deus. Atacado, havia muitos anos, d'uma das mais horriveis doenças qne torturam o corpo humano, a lepra, tendo recorrido debalde ás maiores sumidades médicas e gasto uma verdadeira fortuna com o seu tratamento, vendo no meio da maior consternação agravar-se cada vez mais o seu lastimoso estado, vai em treze de Maio ultimo, cheio de confiança, em peregrinação á Fátima e desde esse dia a sua saúde melhora consideravelmente e tudo faz supôr que a Santissa Virgem não deixará incompleta a sua obra. A impressão produzida por esta tocante narrativa em todos os circunstantes é profunda, vendo-se muitos olhos marejados de lágrimas. Em torno da fonte das apparições, estaciona ininterruptamente uma grande multidão, que se renova sem cessar, a fazer a sua provisão de água miraculosa.

A pouco e pouco, as dezenas de milhares de crentes, que áquela estancia bemdita da Fátima tinham ido retemperar a sua fé e as suas energias moraes para a lucta que é a vida do homem sôbre a terra, vão-se retirando para os seus lares distantes, saudosos das horas encantadoras santamente passadas naquele centro de devoção á Virgem, o maior entre os maiores que jámais existiram em Portugal.

V. de M.

As curas da Fátima

Lisbôa — 53, Rua Garcia Horta.

«Ex.mo e Rev.mo Sr.

Para Honra e Glória de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, desejo tornar conhecidas duas grandes graças de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, para o que peço a V. Rev.ma as publique no nosso jornalzinho.

Uma das curas, a 1.ª, foi a de uma grave doença antiga, de toda a vida! Doloroso, muito doloroso sofrimento e com ele muitas e diversas cruzes. Grandes médicos do Paiz e de fóra, fôram consultados; se melhorava, já animada mechia-me um pouco mais, logo peorava. Sofria sempre, sempre e já me horrorisava o sofrimento futuro!

Acudiu-me Nossa Senhora do Rosário da Fátima na primeira Peregrinação, em Outubro de 1923. Mas só n'isso falei uns dias antes da segunda Peregrinação de Outubro de 1924. Certa, certissima de já não sofrer daquela doença. Tinha tambem feito tratamentos na Alemanha e na França, além dos de cá. Melhorei, peorei e peorei muito. Um dos médicos fez-me comprehender que a doença era incurável.

Cansada, muito cansada, fraquissima sim, sofrendo mais ou menos (sou doente, tenho-o sido toda a vida—talvez uma má doente), embora misture os sorrisos com as lágrimas, *sacudindo-me* a todo o momento, mas nada sentindo da doença antiga. Isto notei antes da segunda Peregrinação, até hoje, Março de 1925. Graças a Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Tãopouco da recente doença, talvez não tão recente como digo, mas sómente por a comparar á de toda a vida. A ultima, a do coração, já a não tinha a 14, ainda em Leiria — ou para ser mais verdadeira, só o notei no dia seguinte, tarde, quando me levantei, tendo-me deitado depois da meia-noite do dia 13. Obrigava-me a doença a alimentar-me muito pouco e leve, passei fome quasi! Anciedade pela comida, receio de comer.

Quando peor, não podia estar deitada, e tão fraca e com paragens, etc.!

Enfraquecimento geral, sempre aumentando, cabeça peor. No coração, dôres, ardôr, picadas e sempre inchada. Quasi não podia andar, não podendo por vezes pousar os pés no chão. No dia 12 ainda, tiveram, antes de sahirmos de casa, de cosêr os botões dos sapatos mais á bórda.

Depois de estar de pé da meia noite de 12 (sem contar o tempo desde a sahida de Lisbôa) á de 13 (ou mais) e de ter andado na Cova da Iria (partimos em Camion pelas 4 e meia ou 5 da manhã) andei ainda á noite 3 kilómetros, (segundo ouvi dizer) porque faltou o carro, avariado, e tivemos que ir a pé, com chuva e trovoada (!) até á primeira casa, á direita. Foi então que apareceu o carro. Eu tinha pensado em pedir licença á dona da casa para ficar lá o resto da noite. Já não podia mais comigo e afligia-me impedir os nossos amáveis companheiros, tão cheios de caridade, de andarem mais depressa.

Caminhando eu disse: «Nossa Senhora tirou orgãos e pôz orgãos». Quando não fôsse o coração era a fraqueza (pensei) extrema! Não me enganei. Nossa Senhora curou-me da doença de coração, embora esse orgão esteja como os outros, fraco. A 14, em Leiria, ao levantar-me, olhei para os pés: desinchados! Até hoje. Todo o sofrimento d'essa doença desapareceu, como da primeira. Tinha tomado remédios para o coração, feito o que mandou o médico, melhorei, mas a doença estava em mim, sentia a bem! Voltei a poder almoçar bem, como o pede tanta fraqueza e já por *feliz* me dou embora a familia desejasse que eu tomasse de todos os alimentos. Mas eu já sabia que Nossa Senhora não me dava toda a saúde. E' da alma e de todo o coração que agradeço a Nosso Senhor e á Nossa Mãe do Céu, sob o nome de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, imagem lindissima, que desejo e espero tornar ainda a *ver*, as duas grandes graças recebidas na Cova da Iria em 1924, e outras depois dessas, noutras pessôas.

O médico tinha-me dito: «se não tonifica o coração, suicida-se». Não queria deixar de o dizer; e se mais digo desta doença é porque não me custa falar dela, ao contrario do que se dá com a outra.

Com respeito, etc.

Maria Fernanda Santos»

(Filha de Maria)

Outro caso

«Instituto das Missões—Cucujães (Val do Vouga) Portugal, 1/5/1925.

Sr. Padre Silva

Há tempos escrevi a V. Rev.ª participando que me constava ter-se dado na minha terra (Câmara de Lobos — Madeira) uma cura extraordinária por intervenção de N. Senhora do Rosário da Fátima. Esperei pela confirmação do facto. Como a própria miraculada me mandou o relato circunstanciado da doença e cura, envio-o junto assim como a atestação da senhora que tinha dado á doente o jornalzinho «Voz da Fátima», água e terra do local. Essa mesma senhora que tinha presenciado o estado desesperado da doente, constatou, assim como toda a freguesia, o facto retumbante do seu restabelecimento repentino. O próprio médico que a visitou pela tarde do mesmo dia da cura (29 de Janeiro ultimo, dia de S. Francisco de Sales, numa quinta feira) ficou desorientado vendo que a cliente não precisava dos seus serviços, quando na véspera e dias antecedentes o havia mandado chamar com tanta insistencia. Não quiz passar-lhe atestado dizendo que, se ela curou, foi com a aplicação do ultimo remédio que lhe tinha receitado. O farmaceutico, por conivencia com elle, recusou-se a devolver as receitas. A verdade porém, é que médico e farmaceutico atestam, ainda que indirectamente, a autenticidade do facto: dizem que se a doente ficou curada foi pela aplicação do ultimo remédio. Foge-lhes a lingua para a verdade — porque a padecente, desanimando da eficácia de todos os remédios humanos, se dirigiu confiadamente á Mãe das misericordias e obteve dela o remédio derradeiro e decisivo — a intervenção poderosissima de cura radical.

Para atestar o facto maravilhoso da poderosa intervenção de Nossa Senhora do Rosário, está a fé radicada em todos os corações rectos e crentes da laboriosa freguezia de Câmara de Lobos.

Não precisamos de mais provas!

Resumi o relato que vai junto, pedindo a V. Rev.ª a fineza da publicação na «Voz da Fátima.

Subscrevo-me, etc.

Agostinho M. Vieira»

—=—

Referente a esta cura e devoção a Nossa Senhora da Fátima, com data de 7-5-1925, recebemos de Câmara de Lobos, uma carta donde recortamos o seguinte:

«Não calcula V. Rev.ª, essa importancia, apesar de pequena, quanta Fé e quantas graças recebidas por intermédio de Nossa Senhora da Fátima representa, pois é toda proveniente de promessas, sendo as de maior importancia uma de 100$00 e outra de 50$00.

Não só em casos de doença, mas tambem em aflições e necessidades de qualquer espécie e dum modo especial os pescadores para apanharem peixe, recorrem á Senhora da Fátima e são atendidos, pelo que o entusiasmo pelo culto de Nossa Senhora da Fátima vai aqui aumentando cada vez mais.

Desde que em janeiro ultimo se deu aqui uma cura repentina, cuja narração um seminarista, que está em Cucujães, enviou, ou enviará a V. Rev.ª, é que mais conhecida se tornou Nossa Senhora da Fátima.

Com a máxima consideração, etc.

Eugénia de Nóbrega»

«Augusta Filomena Gonçalves, solteira, de cêrca de 30 anos, natural e residente em Rua do Meio, Vila de Câmara de Lobos — Ilha da Madeira, tendo sentido na véspera do dia do Natal transacto algumas dôres nos musculos da perna direita, nem por isso deixou de andar. Nos dias seguintes as dôres diminuiram; contudo andava a custo.

Julgando ter sofrido uma entorce foi no dia 18 de Janeiro a casa duma endireita, que lhe aplicou uma cataplasma na barriga da perna doente.

Começou a piorar do dia 20 em diante, ficando o pé manchado com pintas negras. Sentiu então uns arrepios acompanhados de tremuras em todo o corpo, sendo fortes e intensas as dôres. Nesse mesmo dia mandou consultar o médico, que no dia seguinte foi chamado e a visitou. As

dôres fôram aumentando a tal ponto que a fizeram delirar. O médico examinou a perna já coberta de manchas negras iguais ás do pé. Foi receitado novo medicamento interno e externo, mas sem efeito porque as dôres se repetiam hora a hora acompanhadas de frenesis. A perna e o pé direitos incharam disformemente. No dia 23 já vomitava tudo, excepto algumas colheres de chá de ervas, limonada ou caldo de ave que o médico receitara. Nesse dia tomou sucessivamente três qualidades de remédio, mas sem resultado.

Pela tarde do mesmo dia 23 o médico visitou-a, levando-lhe um medicamento que lhe fez abrandar as dôres durante a noite. Por ocasião dessa visita o médico declarou que a doente tinha uma cólica no estômago. No dia 24, num sábado, tomou por duas vezes doutro medicamento, mas cada vez se sentia pior. Durante a tarde foi novamente chamado o médico, que, como se havia ausentado para outra freguesia do concelho — Curral das Freiras —, não a poude atender.

A doente ficou então num estado comatoso e com o lado esquerdo paralitico. No dia 25, Domingo, mandou consultar o médico por carta á dita freguesia do Curral, de onde não tinha ainda regressado. Como, com a aplicação do novo medicamento receitado, ainda se sentisse pior, sem mais esperanças nos remédios humanos, mandando chamar o Páraco coadjutor, confessou-se, não podendo comungar por causa dos vómitos continuos. No dia 27 o médico regressou mas não a visitou por se dizer fatigado. Por quatro vezes o fôram chamar nesse dia, mas só no dia 29 a visitou pela tarde para constatar a cura radical. Não obstante, os dias 26, 27 e 28 fôram os de maior crise. Na terça-feira 27, sofreu três frenesis, sendo preciso duma vez segurarem-na cinco pessôas.

Nessa ocasião as manchas da perna e pé direitos formaram-se em bolhas que rebentaram, vasando um liquido amarelado e viscoso. Ficou desde então em delirio quási continuo, sendo preciso ligarem-lhe a cabeça com faxas. Na quarta-feira 28, aumentaram-lhe os sofrimentos, e a garganta inchou a tal ponto que só com muita dificuldade lhe faziam engulir qualquer liquido. Na manhã desse dia levaram-lhe um numero da «Voz da Fátima». Ouvindo-o ler não o deixou mais, colocando-o debaixo da almofada que segurava a perna, já com a gangrena declarada. No meio de horriveis sofrimentos pedia a Nossa Senhora, ao menos, paciencia. Esperava anciosamente que se aproximasse a noite para receber uma estampa ou imagem de Nossa Senhora do Resário da Fátima, e terra do local. A' noitinha a doente recebeu efectivamente a visita anunciada. Pouco depois acompanhava em espirito a novena que a familia fazia num quarto contiguo.

Como ás dez horas e meia da noite a doente tivesse um tremor e ficasse regada em suôres frios, as pessôas que lhe assistiam julgaram ter-se aproximado o desenlace final.

A's 2 ½ horas da madrugada do dia 29 teve dois ataques sucessivos. No fim do segundo, não podendo falar nem voltar-se no leito, fez sinal para que a inclinassem um pouco sôbre o lado direito, onde conservava a «Voz da Fátima» debaixo da almofada que lhe segurava a perna gangrenada. Adormeceu nessa posição das três horas até ás 5 da manhã. Convem notar que desde o sábado precedente, 24, jámais tinha podido conciliar o sono, nem tomava outra coisa que não fôsse umas colheres de chá de folha de laranjeira.

Ao acordar sentiu uma sensação de leveza no corpo como no espirito, tal como de quem deixando um cárcere obscuro é restituido á liberdade. Lembrou-se imediatamente de apalpar com o braço direito o lado esquerdo, constatando que podia mover tanto o braço como a perna, o que não fazia desde o sábado.

Sentou-se no leito e, num movimento de surpreza, vestiu-se por suas próprias mãos. Verificando então que não era vitima de ilusão começou a chamar pela irmã, gritando: mana, mana, veja o meu braço que já mexe! Estou bôa! Nossa Senhora do Rosário da Fátima, curou me. Pediu logo que lhe déssem leite e pouco depois comeu um pão inteiro.

O boato de tão extraordinaria cura espalhou-se por toda a vila e muitas pessôas fôram felicitá-la nessa própria manhã.

A's nove horas, a senhora que lhe tinha oferecido na véspera o jornal, estampa e terra da Fátima, levou lhe água do local das Aparições. A miraculada não tinha ficado completamente curada pois que tinha a perna e o pé direitos gangrenados ainda no mesmo estado: inchados, com bolhas, movendo-os só a custo, com dôres intensas. Tomou então uma colherinha da água miraculosa e aplicou algumas gôtas dela, assim como um pouco de terra do local nas papas de linhaça que cobriam a barriga da perna e o calcanhar do pé doentes.

Passadas duas horas adormeceu. Quando acordou, cêrca duma hora, não tinha mais bôlhas nem inchação, isto é, estava completamente curada. Era numa quinta-feira 29 de Janeiro, p. p. Tendo-se levantado cheia de vida e entusiasmo, contava a todas as pessôas que a iam visitar, o milagre que Nossa Senhora do Rosário da Fátima lhe acabava de fazer. O médico, passando na tarde do mesmo dia na vila, visitou-a, não lhe encontrando queixa alguma, verificando que estava completamente curada. Hoje encontra-se ainda de perfeita saúde. Antes de adoecer com a paralisia e gangrena, sofria do coração, mas depois de curada nunca mais sentiu os antigos incómodos.

2/5/925. *Agostinho M. Vieira*

Processo canónico sobre os acontecimentos da Fátima

Novamente rogamos a todas as pessôas que tenham qualquer coisa a depôr a favor ou contra os acontecimentos da Fátima, a bondade de não demorarem os seus informes, dirigindo-se ao Sr. Dr. Manuel Marques dos Santos — Leiria.

Tomar Jesus pelo Coração

Quando uma mãe quer obter de seu filho um sacrificio necessário, de que arma se serve ela para alcançar victoria?

Toma o filho pelo coração e quando o coração está ganho, o resto nada custa.

Para obter infalivelmente de Nosso Senhor uma graça ardentemente desejada é necessário tomal-o pelo coração.

E' o meio conhecido dos Santos e que dá sempre resultado. Mas este processo um pouco vago necessita de ser esclarecido. O filho entrega as armas e confessa-se vencido porque o maior argumento de amor materno é este:

«Tenho-te eu recusado alguma coisa meu filho? Vê lá se te lembras de algum sacrificio que eu não tenha feito por ti! . . »

Uma pessôa piedosa recebeu um dia esta confidencia duma mulher do mundo:

«Faça favor de me explicar porque é que as minhas orações não são ouvidas. Passo semanas e mezes inteiros a pedir esta ou aquela graça e Deus fica surdo ás minhas préces. . . Ha-de haver alguma razão que explique isto e que era grande favor indicar-me». Depois de alguns minutos de reflexão, a santa respondeu:

«Senhora, Deus recusa-vos o que lhe pedis porque vós mesma não estaes disposta a nenhum sacrificio por Seu Amor.

Dae e dar-se-vos-ha. . .» Palavras luminosas! . . . Demos a Deus o que elle nos pede, cumpramos generosamente esse sacrificio, renunciemos a algum prazer perigoso, quebremos essas relações culpáveis, e então, embelezados por essas imolações voluntarias, batamos ousadamente á porta do tabernáculo porque nesse caso, tendo tomado Jesus pelo coração o seu radioso sorrir nos fará então comprehender que os vossos desejos serão cumpridos.

«Nunca, dizia uma admirável joven a seu director, nunca ábro a bôca para rezar sem ter fechado primeiro o meu coração aos prazeres, ainda os mais legitimos.

O sacrificio é a chave do Coração de Jesus. . . Ele nunca resiste a um pedido que vá a seguir a um holocausto.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	1.193:500
J. e J.	5:000
D. Maria Eduarda Mota da Costa Praça. .	5:000
M. M. de C. e S.. . . .	10:000
José Maria Palricas . .	5:000
Soma . . .	1.218.500

A minha segunda comunhão

O escritor Paulo Feval conta assim a sua conversão:

« De toda a parte instam para que conte a historia da minha conversão. Devo, pois, fazel-o. E se devo, fal-o-hei, mas neste momento estou eu a escrever a historia de uma rainha que calcou aos pés a sua corôa.

A minha historia intima irá mais tarde.

... Tambem vós, meu caro padre, mostraes desejo de saber *como isso foi.*

Coisa bem simples pois, que não merecia um milagre.

Eu tinha uma carreira muito brilhante e muitas pessôas me davam a honra de ser meus amigos.

Um dia fui derrubado e calcado pelas rodas duma carroça do fisco que levava dinheiro roubado. Não cahi de muito alto, mas cahi.

Uma vez em terra, achei-me só no meio de seres fracos e queridos que dependiam de mim. E tive de concluir que nem sabia ser pobre pois que desejava a morte.

Ficava-me o meu *talento.*

Oh! que fraca coisa!

Um dia antes tinha ele o seu valor. Um dia depois, quando eu quiz trocal-o por pão, toda a gente me fechou a porta. Houve apenas uma pessôa que o não fez, e aqui lhe testemunho todo o meu reconhecimento.

Eu continuava a trabalhar mas pouco e tão mal! . . .

Um dia sôbre uma miserável página começada a escrever senti aparecer o desespero. Tive mêdo e chamei Deus em meu auxilio.

Deus não veio porque já lá estava. Senti-o palpitar no intimo da minha consciencia e tive a minha primeira lágrima, lágrima que foi para mim dôce como antigamente as caricias de minha mãe. No dia seguinte fui ter com um homem excelente que muito sabe e muito me ama. Quanto á edade podia ser meu filho, mas eu chamo-lhe Pae. Ensinou-me coisas ao mesmo tempo grandes e simples. A' medida que elas passavam do seu coração para o meu, iam-se dissipando nuvens, e de tal modo que eu acabei por lhe pôr a nu o fundo duma pobre alma e, pela sua bôca, Deus me perdoou.

O dia seguinte era dia de Natal. Nesse dia minha mulher e minha filha me conduziram ao santuario que guarda os despojos mortaes dos ultimos martyres.

Tomei logar á Santa Mesa e fiz a minha segunda comunhão, quarenta e sete anos depois da primeira.

Assim se renovaram as duas extremidades da minha vida, por cima dum meio seculo perdido. A' volta, os sorrisos e alegria das creanças nos esperavam em casa. Foi uma festa, encheram-me de beijos. Voltou a nossa alegria.

No tempo das férias, todos os dias á noite, os oito filhos se joelham em volta da mãe e eu, com o meu crucifixo á frente, recito as orações a que eles respondem com as suas vozitas desiguaes.

Que Deus os abençôe a todos e a todas, meu Padre, a esses meus queridos filhos que teem tão bom coração!

Antigamente a sua melhor recompensa era dar. Entre as alegrias que o dinheiro póde dar, é essa de que eles teem mais pena.

Magdalena, que tem sete anos, diz ás vezes: « Nosso Senhor devia conceder-nos, ao menos, alguma coisa para dar aos outros.

Hontem encontrei-a toda radiante por uma descoberta que tinha feito. Subiu por mim acima para me dizer em ares de triunfo: Não sabe, papá? Quando a gente tem só dez réis e os dá, vale como se désse cem mil réis.»

Voz da Fátima

Despezas

Transporte do n.º 33. .	31:012.420
Impressão do n.º 33 (27:000 exemplares). .	621.000
Despezas varias.	150.000
	31.783 420

Subscripção

(Continuação)

Pedro Pinto Cardoso. .	10.000
Gabriel Raimundo da Silva.	10.000
Francisco Fernandes Pombo.	10.000
D. Maria da Piedade Santos.	10.000
José Maximiano. . . .	10.000
P.e Augusto José da Trindade.	10 000
Viscondessa de Freixedo	10.000
D. Conceição Gouveia	10.000
Agostinho Martinho Vieira.	10.000
De jornaes (A. M. Vieira)	12.000
D. Maria de S. Antonio Neto.	10.000
D. Joana Lucas Trincão	10.000
D. Maria dos Anjos Pereira	10.000
Francisco de Lencastre	10.000
D. Ermelinda Correia Cardoso Ribeiro Alves	10.000
D. Silveria da Conceição Neves	10.000
José d'Oliveira Dias . .	10.000
D. Victoria Sirgado Mendes.	10.000
De jornaes (J. O. Dias)	30.000
Carlos Silveira Peixoto	10.000
D. Adelaide Francisca d'Almeida Lopes. . .	10.000
D. Antonia das Dôres Almada	10.000
Manuel Antunes Valinho.	10.000
D. Etelvina Torres Costa	10.000
D. Maria Fuertes Gomez	10.000
D. Palmira Martins Faria.	10.000
P.e Luiz Caetano Portela	10.000
D. Hortulana Pinto . .	10.000
P.e José Ignacio d'Oliveira	10.000
Leonidio R. da Costa Santos.	10.000
Manuel Gomes Gonçalves	10.000
D. Maria Mendonça. .	10.000
D. Mercedes Simões. .	10.000
De jornaes (P.e J. Reis)	5.000
José Antonio Fialho d'Almeida	10.000
Miguel dos Santos e Silva	10.000
D. Gualdina de Queiroz	20.000
D. Maria Eduarda Vasques da Cunha Lencastre.	10.000
João Ribeiro.	10.000
D. Rosa d'Oliveira Miranda	10.000
De jornaes (freguesia de Acantara).	20.000
P.e Antonio Pereira Quartilho.	10.000
D. Maria Rosa Teixeira	10.000
D. Dionizia Ramos Queijinho	10.000
D. Generosa Farinha. .	10.000
D. Maria Rita de Faria Hintze Ribeiro . . .	10.000
D. Maria Carolina Mendonça.	10.000
D. Sebastiana Victor Nogueira.	10.000
D. Ana d'Oliveira Matos	10.000
Luiz Gonzaga do Nascimento	10.000
D. Josefa de Barros Camões	10.000
João Manuel Gouveia	10.000
D. Natalia Seleiro. . .	10.000
D. Estamarinda Augusta Madeira	10.000
D. Maria da Conceição Madeira	10.000
Manuel Joaquim Conde	10.000
Francisco Teles d'Andrade Rato.	10.000
D. Francisca Vaquinhas	10.000
D. Custodia da Silva. .	10.000
D. Mariana Pereira da Costa	10.000
D. Amelia da Conceição	10.000
P.e Joaquim Marques Raphael	10.000
D. Emilia Caldeira de Bourbon.	10.000
Vaz Preto Geraldes . .	10.000
Francisco Dias de Matos	10.000
José Paes Coutinho . . .	10.000
P.e José Dias de Matos	10.000
Condessa de Saphyra. .	10.000
D. Amelia Val do Rio Henriques	15.000
Joaquim Maria Soeiro de Brito.	10.000
D. Maria da Conceição Lopes Braz.	10.000
D. Izabel Maria Leite Braga Vareto. . . .	10.000
Dr. Antonio Augusto Leite Braga.	10.000
D. Maria de Souza Pinto	10.000
P.e Antonio Gomes S. Miguel.	10.000
Manuel dos Santos Rocha	15.000

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano III LEIRIA, 13 de Agosto de 1925 N.º 35

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE JULHO

No dia 13 de Julho ultimo, a terra sagrada e bemdita da Fátima, foi novamente theatro das mais bellas e commoventes manifestações de fé e piedade.

Alguns milhares de pessôas, convergindo de todos os pontos do paiz, impulsionadas pelos seus sentimentos christãos, reuniram-se junto dos santuarios da Lourdes portugueza para offertar o preito da sua veneração e do seu amôr á augusta mãe de Deus que alli se dignou apparecer. O dia esteve esplendido, sem vento e sem calor como um dos mais formosos dias de Primavera.

A's dez horas da manhã intensifica-se duma forma extraordinaria o movimento de vehiculos nas estradas mais proximas. E' o grosso dos peregrinos que começa a chegar. Aquelles que partiram mais cedo de suas terras a pé ou em meios de condução pouco accelerados, já se encontram em Fátima na sua grande maioria. Muitos delles passaram a noite no proprio local das apparições ou nas aldeias circumvisinhas. E' sobremaneira interessante e consolador o espectaculo que na vespera á tarde e durante a noite offerecem a «Cova da Iria» e as suas immediações.

Reza-se e canta-se por toda a parte. E essas préces pronunciadas em voz alta, que partem de individuos isolados ou de grupos, por vezes bastante numerosos, como verdadeiros gritos d'alma que se evolam para as alturas, e esses canticos que traduzem na sua lettra, ora erudita, ora singela e popular, os mais ardentes sentimentos de fé, reconhecimento e amor para com a Virgem Santissima, produzem na alma do observador que tenha a felicidade de ser crente, uma emoção vaga e indefinida, mas viva e profunda, que parece alheá-lo por completo das cousas deste mundo e dar-lhe ingresso na ante-camara do Céu, envolvendo-o numa atmosphera intensamente saturada de sobrenatural. E não só os que teem fé, senão tambem aquelles que não possuem este dom magnifico, que abre deante dos olhos do espirito humano horisontes infinitos, dificilmente podem furtar-se á influencia do ambiente que os rodeia.

De manhã cedo a estátua de Nossa Senhora do Rosário é conduzida processionalmente, como de costume, para a capella das Apparições. Quási ao mesmo tempo chega o grupo de Torres Novas dos «Servos de Nossa Senhora do Rosário», que, antes de iniciarem os seus trabalhos, ouvem a Santa Missa e recebem o Pão dos Anjos.

Pouco depois surge do lado da estrada da Batalha a phalange dos sympathicos escoteiros catholicos de Leiria, que, logo que chegam, se apeiam dos *camions* que os transportou e se dirigem com garbo marcial para o pavilhão dos doentes, afim de assistirem tambem ao Santo Sacrificio e comungarem junto de um dos altares da capella nova. Entretanto um sem numero de vehiculos de todas as especies e tamanhos, á medida que vão chegando, despejam incessantemente na estrada, que cinge o local das apparições, milhares e milhares de peregrinos.

Nos altares da capella nova as missas succedem se ininterruptamente perante uma assistencia silenciosa e recolhida, de que desde as primeiras horas da manhã fazem parte muitos enfermos. Pouco antes do meio-dia solar a branca estatua da Virgem do Rosário é conduzida processionalmente da capella das apparições para a capela nova. O enthusiasmo é indiscriptivel.

Muitos fieis acenam com os lenços, muitos outros dão palmas. Veem-se olhos marejados de lagrimas provocadas pela commoção. Principia então a ultima missa, a missa dos doentes. O silencio torna-se mais profundo, a oração sáe dos corações e evola-se dos labios com mais fervor e a attenção de todos os circunstantes converge para o altar em que se celebra o Santo Sacrificio. Todas aquellas almas, todos aquelles corações amalgamados pela fé e pela piedade, vibrando em unisono, não constituem senão uma só alma e um só coração.

Durante a missa um sacerdote reza do alto do pulpito, alternadamente com o povo, o terço do rosário, cuja recitação é intercalada de canticos e invocações nos momentos mais solemnes.

No fim da missa canta se o *Tantum ergo* e dá se a benção com a Hostia Santa, primeiro a cada um dos enfermos, que em numero de muitas centenas occupam o recinto reservado do pavilhão, e depois á immensa multidão que se espraia ao longe e ao largo pela vasta esplanada adjacente.

Terminada esta cerimonia, a mais commovente de todas as que se realisam em Fátima, sóbe ao pulpito o rev. Francisco Carreira Poças, parocho de Porto de Moz, que falou durante cerca de meia hora sôbre a devoção a Nossa Senhora.

Desvanecido o echo das palavras finaes do orador sagrado, inicia se a debandada geral dos fieis que se effectua, como sempre, lentamente e na melhor ordem, depois de recitadas as ultimas préces, feita a derradeira provisão da agua da Fonte maravilhosa e dirigido á Virgem do Rosário o mais sentido e saudoso adeus.

V. de M.

As curas da Fátima

«No dia vinte e quatro de Junho do ano próximo passado fui consultar o médico, que declarou que eu tinha uma bronquite e principio duma pleurisia. Poucos dias depois atacou-me a pneumonia, de que fui curada entre quinze dias. Depois desenvolveu-se-me a pleurisia, a ponto de me julgarem perdida. Nesta altura fiz um vôto a Nossa Senhora, achando sensiveis alivios dentro de quatro horas e achando-me melhor durante quinze dias. Em seguida peorei, complicando-se-me o mal com outros padecimentos muito graves. Até aqui tive onze visitas do médico, o sr. Dr. Alves, que aconselhou recolher-me ao Hospital de Leiria, mas com a esperança perdida de melhorar.

Del entrada no Hospital no dia vinte e cinco de agosto. Fui examinada pelo sr. Dr. Teles, que disse: «agora é que para aqui veem com esta mulher! Isto já não tem remédio». No entanto, receitou-me pontas de fogo, que me aplicaram durante um mês, deixando-me comer do que eu quizesse, mas quási nada comia e isso mesmo não se me conservava. Na ausencia do sr. dr. Teles, fui examinada pelo sr. Dr. Pereira, que tambem me desanimou, mas resolveu-se a aplicar-me uma punção na região pulmonar.

Fiquei então completamente desanimada, e fiz nova promessa a N. Senhora, dizendo ao mesmo tempo: « Minha Mãe Santissima, acudi-me, dai-me saúde para amparo de meus quatro filhinhos, ao menos até que meu querido marido regresse a Portugal ». Tive um presentimento de que a Mãe do Céu me tinha ouvido e fiquei muito animada. Até mesmo a enfermeira e as outras pessôas se admiraram da minha atitude. Nunca mais tive receio de quanto me quizessem fazer, nem mesmo da morte. Fui operada no dia vinte e sete de setembro, julgando todos que não duraria com vida mais de trez dias, e eu sempre cheia de esperança na Virgem Santissima, de que escapava. Poucos dias depois o médico disse que eu estava um pouco melhor da pleurisia, mas com enterite muito grave. Cheguei a ponto de nem a água se me conservar no estômago. Comecei a achar-me com melhoras, que a todos admiravam, vindo a restabelecer-me em mês e meio, sarando-se até mesmo a ferida da operação, com muita admiração do sr. Dr. Pereira, que havia dito que ela poderia levar a curar um ano. Agora estou completamente bôa, como se nunca tivesse estado doente. Venho pois, cheia de reconhecimento, proclamar o poder e protecção da Nossa Mãe do Ceu, e convidar todas as pessôas devótas a louval-a comigo, sôbre tudo aquelas que me ajudaram em minha doença.

Santa Catarina da Serra, 31 de Março de 1925.

Sára Maria Domingos»

« Antonia das Neves, casada com Francisco da Silva, da freguesia de Almoster teve uma tósse durante vinte e quatro anos. Chegou a vomitar tudo quanto comia. Resolveu ir á Fátima. O marido, porém, achou-a tão fraca que disse:

« Só se tu me prometeres ficares bôa ».

—Cala-te. Depois falaremos.

No caminho, já depois de ter passado Ourem, voltou a tossir mas sentiu que alguma coisa de novo havia.

Nunca mais voltou a tossir e já lá vão dois anos!

—Uma filha da mesma tinha espetado, havia cinco anos um carrapiteiro em um pé. Este inchava quando fazia alguma viagem e alguem lhe disse que havia perigo de coisa mais grave.

Prometeu a Nossa Senhora publicar esta graça se melhorasse e tendo já vindo á Fátima sem dificuldade alguma, mãe e filha véem, cheias de reconhecimento, agradecer a Nossa Senhora, a quem muito amam.»

« Sr. Director da *Voz da Fátima*

Peço a V. o favor de publicar, no seu jornalzinho, uma graça que recebi da Santissima Virgem, e que considero milagre. Andando eu, já ha muito tempo incomodado da minha saúde, no dia 31 de Março achei-me muito peior e fui consultar o médico. No dia 6 de Abril consultei o Sr. Dr. Salviano Pereira da Cunha, d'aqui, que depois de me observar com cuidado, terminou por me declarar que tinha dentro em breve de fazer uma operação, pois que eu tinha um tumôr na gordura do intestino delgado.

Ao ouvir esta declaração fiquei muito triste mas resolvi não vir para casa sem ir consultar o Sr. Dr. João Bátista Nunes da Silva, distinto clinico desta localidade, que, depois dum longo exame, acabou por me declarar que era obrigado a fazer a dita operação, e mais ainda que, se eu a não fizesse dentro em pouco tempo, depois seria obrigado a muito mais sofrimento e a muito mais dificuldades em melhorar. Neste momento fiquei desanimado. O médico animou-me, dizendo-me que não estivesse triste, que o caso não seria de morte. Despedi-me dele e vim para casa dizer a minha familia o que se passava, ficando todos em pranto. No dia 8, eu e mais pessôas da minha familia e visinhos, resolvemos prometer cada um o que entendesse, para ver se pela protecção divina, alcançava a graça desejada. Logo neste momento me lembrei dos milagres que se tem operado em Fátima, e prometo á Santissima Virgem da Fátima, que, se no praso dum mez melhorasse da doença já declarada, iria á Fátima agradecer a graça obtida e lá receber a sagrada comunhão, dar uma esmola para o culto e mandar celebrar uma missa em acção de graças a Nossa Senhora, pela graça obtida. No dia 13 comecei a achar melhoras. No dia 20 fui mostrar-me de novo ao médico (Sr. Dr. Silva), que depois de me examinar bem, acabou por me dizer que já não era precisa operação alguma, porque eu estava são.

Ora a minha fé diz-me que isto foi um milagre, porque á medicina não devo senão as atenções com que me trataram os srs. médicos.

Foi a Santissima Virgem que quiz mostrar mais uma vez que não é em vão que os seus filhos recorrem a Ella no meio das aflições.

Ovar, 6 de Maio de 1925.

Antonio Vieira Leite»

«D. Maria José Cortez Pinto, casada com Julio Cortez Pinto, de Leiria, vem agradecer a Nossa Senhora a grande graça que lhe fez salvando o seu filho Fernando, de 10 anos de idade, dum grande desastre que lhe sucedeu em 7 de Outubro de 1924, pois que, tendo-lhe caido em cima uma *pedra de carrada* e tendo sido preciso 7 homens para o tirarem debaixo da mesma pedra, ficou sem nenhuma lesão interna e sem nenhum osso fracturado.

Quando a mãe o viu naquele estado invocou Nossa Senhora do Rosário da Fátima com muita fé, dizendo o filho, apenas voltou a si, estas palavras:

«Mãesinha, eu quero ir a Nossa Senhora da Fátima». Ao fim de trez semanas estava completamente restabelecido, com grande admiração dos médicos que o trataram, dizendo um deles que tinha sido um verdadeiro milagre».

«Ex.mo e Rev.mo Sr.

Maria do Rosário Laranjeira, do lugar do Outeiro das Mattas, freguezia de Ourem, vem pedir a publicação duma graça em que a Virgem Santissima, Senhora do Rosário, mais uma vez quiz mostrar a sua divina protecção. Tem ella um filhinho de trez anos de edade, de nome Miguel. Tendo este no principio do mez de Abril corrente, uma grave enfermidade na garganta, chamada garrotilho, recorreu sem demora á medicina, mas a doença parecia não obedecer a medicamento algum. A mãe, aflita, vendo prestes a sucumbir o seu extremoso filhinho, rápidamente lhe vem á ideia a água milagrosa da Fáma. Prostrou-se em acto continuo deante da imagem da Virgem Santissima, rogando pelas melhoras do filho e sem demora lhe deu a beber água. Poucos momentos depois viram-se rápidas melhoras, deixando de ter a aflição que antes tinha, estando em poucos dias completamente restabelecido, gosando hoje de perfeita saúde. Em face disto não posso deixar de manifestar mais esta graça que a Virgem Santissima quiz fazer.

Outeiro das Matas, 4 de Abril de 1925.

Maria do Rosário Laranjeira»

Uma peregrinação a Fátima

Sómente por devoção a Nossa Senhora, 138 pessôas de uma freguesia pobre e pequena deslocam-se a 80 quilómetros, gastando mais de 5 contos:

« Em junho fui em peregrinação a Nossa Senhora da Fátima com 138 paroquianos meus.

Partimos daqui no dia 12; de manhã, e já na véspera, haviam comungado quási todos os peregrinos. Ao meio-dia houve na igreja paroquial benção do Santissimo e prática, assistindo todos os peregrinos e muita gente que deles vinha despedir-se. Entretanto chegavam de Coimbra os caminhões que nos haviam de transportar. Para eles nos dirigimos em procissão — á frente uma bandeira de Nossa Senhora, os homens envergando capas vermelhas e todos com o distintivo da peregrinação — fita côr de rosa e uma medalha de Nossa Senhora da Fátima. Foi tambem assim que no dia 13 entrámos

e saimos do recinto das aparições.

Tanto na ida como na volta cantámos e resámos durante quasi todo o caminho. Comungámos todos na Cova da Iria e um grupo composto de creanças, rapazes e raparigas — uma terça parte do nosso côro — cantou a penultima missa ali celebrada.

Os nossos homens tiveram a felicidade de serem escolhidos para acolitar na administração da Sagrada Comunhão. Dos cinco doentes que levámos tres, *sentiram-se melhor e voltaram curados dois* — Maria de Freitas, viuva, moradora no Avenal, e José Duarte Junior, casado, morador em S. Fifo. Aquela sofria ataques violentissimos de tósse com hemoptisis, um dos quais, o ultimo, na Fátima, aonde foi conduzida em maca pelos *servitas;* este paralisia e eczêma no braço direito, diminuindo a inchação logo ao primeiro banho que deu na Fátima, d'onde voltou sem carecer dos serviços para que na ida precisava dos seus companheiros, — fazer cigarros, etc.

Estas curas manteem-se e já estamos a 4 de julho. Vou pedir atestados médicos.

Calcularás o entusiasmo com que chegámos e fomos recebidos no Sebal. Depois de uma prática e da benção do Santissimo na igreja paroquial, todos se dirigiram a suas casas agradecendo a Deus e á Santissima Virgem a graça desta peregrinação, prometendo ser mais fervorosos e dando por bem empregado o sacrificio feito:— alguns, mal podendo trabalhar, andaram a sachar milho duas semanas para arranjarem dinheiro para a viagem, e não poucos pediram-no emprestado.

Como *Secretário de Nossa Senhora*, pede-lhe por esta freguesia e pelo teu velho amigo P.e Paulo Machado.

Sebal (Condeixa), 4/7/925.

P.e Paulo Machado»

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	1.128:500
A. Leite Braga.	13:000
D. Maria do Ceu Pinto d'Abreu Lima	5:000
Soma . . .	1.146:500

Modo de rezar o terço

Recebemos ha dias a seguinte carta:

«Ill.mo e Rev.mo Sr.

Queira V. Rev.ma perdoar a minha ousadia de vir encomodá-lo.

Como V. Rev.ma provavelmente sabe, ha muitos católicos ignorantes dos seus deveres e eu, como sendo uma delas, rogo a V. Rev.ma, em nome deles e no meu, se no vosso precioso jornal nos ilucidava da maneira como se reza o terço.

Tenho muita pena de não o saber rezar, visto que Nossa Senhora do Rosário manda que o rezem, e como eu, ha muito mais pessôas leitoras da *Voz da Fátima* que, com pezar, o ignoram.

Perdôe V. Rev.ma mandar tão pequena quantia para tão precioso jornal.

Pedindo a V. Rev.ma mil desculpas, sou com o máximo respeito

H.»

—Nada mais fácil. O terço (terça parte do Rosário), consta de 50 *Avé-Marias* antecedidas do *Padre Nosso* e rematadas com o *Gloria Patri*. Portanto depois de nos benzermos, á conta maior rezamos o *Padre Nosso*, e uma *Avé-Maria* a cada uma das dez contas mais pequenas. Depois de se dizer o *Gloria Patri* reza-se novamente o Padre Nosso e assim até ao fim do terço ou até ao fim do Rosário.

O terço ou Rosario, não é só oração mas tambem meditação, que abrange em resumo toda a vida de Nosso Senhor Jesus Christo. Esta meditação é necessária para se ganharem as indulgencias.

Os misterios gozosos (anunciação, visita a Santa Izabel, nascimento do Menino Jesus, apresentação e encontro no templo) costumam ordinariamente meditar-se ás 2.as e 5.as feiras. Os dolorosos (Agonia no Horto, flagelação, coroação de espinhos, cruz ás costas e crucifixão), ás 3.as e 6.as. Os gloriosos (resurreição, ascenção, descida do Espirito Santo, Assumpção e coroação de Nossa Senhora) nos outros dias. E' costume rezar a seguir a Ladainha de Nossa Senhora, ficando esta e outras orações ao arbitrio de cada um.

No livrinho os *Acontecimentos da Fátima*, e qualquer outro de devoção, vem o modo de rezar e meditar o terço.

A's orações dos leitores

«Uma paroquiana da freguesia de Alcantara pede as mais fervorosas orações pela conversão do marido.

Promete, se alcançar a graça pedida, ir com o marido á Fátima e levar uma bôa esmola para as obras».

Uma conversão

Uma manhã, um pouco antes da hora d'almoço, desembarcava em Lourdes, com sua familia, um cavalheiro bem posto. Esperava não se demorar mais que algumas horas, o tempo entre dois comboios. Foi tudo quanto puderam conseguir d'elle sua mulher e sua filha que o acompanhavam.

Apenas chegadas, sem perda de tempo, as duas mulheres, fervorosas christãs, a quem a irreligião do chefe da familia tanto desolava, tanto mais que o amavam ternamente, partiram para Massabielle. Ele, não tendo mais nada a fazer aqui, foi dispôr as coisas para o almoço.

Escolhendo um hotel que lhe parecia mais confortavel entrou, fez chamar a dirigente e diz-lhe:

Emquanto espero minha mulher e minha filha vou dar uma volta pela gruta, se não fôr muito longe, e á volta tenha-me prompto um bom almoço para tres.

—V. Ex.a decerto quer almoço de magro, não é verdade?

—De magro, porquê?

— Hoje é sexta-feira e quasi toda a gente aqui come de magro.

—Eu quero lá saber d'isso (exclamou o livre pensador escandalisado)! Faça favor de fazer um almoço bom. Quero carne: percebe?

Combinaram pois: bifes, galinha, etc.

* * *

Feitas estas combinações, o nosso viajante accendeu com toda a pachorra um cigarro e encaminhou-se para a gruta emquanto ia admirando a belleza do sitio.

Chegou primeiro que sua mulher e sua filha, que se demoraram na cripta e na basilica em ferventes orações pelo descrente querido.

Afinal, lá chegaram á gruta. Mas, qual não foi o pasmo da mãe! Além, deante d'ella, ao pé do rochedo, um homem de joelhos, orando com fervor e os olhos banhados de lágrimas, e este homem. . . é elle é. . . é seu marido! Ella quasi teme interrompel-o e abordal-o. Mas elle, logo que a vê, exclama:

—Sou eu, sou. Sou eu que rezo e chóro. Queres saber como foi? Olha que, para te falar verdade, nem sei explicar-te.

Quando aqui cheguei, sem pensar em nada, apenas me encontrei em presença da gruta e olhei para esta imagem, uma emoção indescriptivel se apoderou de mim. Nem houve tempo de pensar (isto é mais forte que eu) e. . . cahi de joelhos.

Estava ali um sacerdote e perguntei-lhe se me poderia ouvir de confissão.

E' já, respondeu elle. E agora. . . prompto. Confessei-me ali na Gruta, atraz d'aquelle altar. Ficaremos cá para amanhã e de manhã aqui estarei para comungar. Está decidido. Não imaginas quanto me sinto feliz!

Não foi só elle a derramar lágrimas de alegria, de ternura e reconhecimento.

Juntos louvaram a Deus, e todos tres, agradeceram com effusão a Nossa Senhora.

* * *

Partiram a seguir para o hotel. A sala de jantar estava cheia de gente. Ao entrar, o novo convertido interpelou as muitas pessôas que ali estavam á espera do almoço e, com o mesmo desambaraço com que tinha repelido o almoço de magro, exclamou: Senhores, eu sou V. . ., grande caçador, como talvez alguns de V. Ex.as saibam; passo por ser o primeiro atirador da capital. Eu era abertamente impio.

Eis agora o que me acaba de acontecer (e repetia o que já tinha contado a sua mulher e sua filha). Estaes em presença de um homem que acaba de se confessar e que amanhã vae comungar.

Voltando-se depois para a dirigente do hotel:

Eu tinha-lhe pedido um almoço

que, decerto, está preparado. Nós cá nos entenderemos. Faça-me outro de magro e se fôr necessario esperaremos.

Imaginemos agora a surpresa e as impressões dos ouvintes e sobretudo os sentimentos que agitavam a alma da mulher e da filha.

A partir d'essa sexta-feira o Sr. V. . , continuou a ser um excellente christão, e com sua autorisação, mas sem dar o nome, um missionario bretão fez no pulpito da Basilica, a historia d'esta conversão (Le Petit Messager du Tres Saint Sacrement—agosto de 1910).

Encontrado na lama

Quem será esta donzela que precipitadamente atravessa uma avenida de Bruxelas?

Chove. Ella é estrangeira e encaminha-se apressadamente para o hotel. Ao passar, porém, sente qualquer objecto debaixo do pé. . . E' bôa! Perolas, uma cruz!... Com certesa é algum objecto de devoção dos catholicos, pensou ella apressando o passo.

—Apanha-o, diz-lhe a consciencia.
—Para quê? De que me serve elle?
—Sim, apanha-o. Se para ahi fica, essa cruz vae ser calcada por toda a gente—Sujaria os meus vestidos e inutilisaria as minhas luvas novas.
—Quê? Então tu tens mais amôr ás luvas que á cruz de Nosso Senhor Jesus Christo? »

A menina Laura, ainda que protestante, não pôde suportar um tal rebate da sua consciencia e recuando um pouco, foi apanhar o terço, que conservou na mão, dizendo: as luvas já eu perdi.

Chegada ao hotel, o seu primeiro cuidado foi lavar e esfregar bem aquelle terço e, de tal modo e por tanto tempo, que as contas e respectiva cadeia brilhavam como um colar de perolas.

Levando-o depois á dona do hotel, disse: « aqui está uma coisa que eu achei ali fóra; veja se sabe de quem é ».

Não conheço o dono, minha senhora, e estou bem convencida que não se virá a saber quem é.

—E agora?

« Olhe, é melhor guardal-o no seu quarto e eu lá o irei buscar se fôr necessario. » Miss Laura suspende-o num prégo e não pensou mais no caso.

Eis, porém, que ao serão uma senhora do quarto visinho vem ter com ella e a convida a irem aquecer-se ambas e a tomarem o chá.

Entabolada a conversa, a visinha vê logo o terço!

—Queira perdoar a minha indiscripção, mas não é V. Ex.ª protestante?...

Sou-o effectivamente, mas os protestantes tambem teem religião.

—Não contesto, mas estou admirada de lhe vêr aqui um terço.

—Oh! este terço (e contou a historia)... e tirando-o do prégo, diz:

—Minha senhora, aqui o tem, é seu.

—Não o acceito. O melhor é guardal-o porque eu tenho dois.

—Sempre gostava de saber que é que os catholicos dizem em cada uma d'estas perolas.

A *Avé-Maria*, pareceu-lhe encantadora... Visto que se encontra na minha Biblia tambem eu poderia dizer esta oração. Vou aprendel-a. E passou toda a tarde a repetir a *Avé-Maria*, que em pouco tempo sabia de cór.

Separaram-se.

Uma vez deitada, a ingleza poz o terço ao pescoço e poz-se a repetir ainda mais umas vinte vezes a saudação Angelica que não se cançava de dizer.

Uma dôce uncção se derramava na sua alma e logo ao acordar no dia seguinte, esta oração lhe vinha á lembrança como uma musica entadora que não podia arredar do pensamento.

Foi isto o que ella contou á sua amiga quando voltou a vel-a ao almoço.

—Então, gosta d'esta oração dos catholicos?

—Gosto muito.

—E porque se não faz catholica?

—Se fôsse hontem era impossivel, tinha mil prevenções contra os catholicos.

Hoje já as não sinto e gostava bastante de me instruir na sua religião.

A visinha levou a joven a uma comunidade onde o catecismo lhe foi ensinado em inglez e, dois mezes depois, ahi fez, em transportes de felicidade, a sua primeira comunhão.

Ora um dia que ella se achou doente em Londres a familia enviou-lhe um ministro protestante para a abalar. Ella respondeu com energia:

—Não, nunca!

Quero morrer na Religião Catholica que me torna feliz, mesmo no meio dos sofrimentos, e tenho confiança que este terço será a cadeia com que a Virgem Santissima me levantará ao Ceu.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte do n.º 33. .	31:783.420
Impressão do n.º 34 (26:000 exemplares). .	598.000
Outras despezas	123.000
	32:504.420

Subscripção

(Continuação)

D. Maria Amelia Capelo Franco da Cunha Matos. .	15.000
D. Maria do Carmo da Cunha Lemos e Matos . . .	10.000
D. Ana Augusta de Freitas.	10.000
D. Gertrudes Maria Fernandes	10.000
D. Maria da Gloria. . . .	10.000
D. Luiza Barreiros Salema	10.000
Joaquim de Souza.	10.000
Herculano Sales.	10.000
D. Clotilde de Jesus Barcelos	12 000
D. Eugenia Margarida do Rosario.	10.000
D. Maria Rosa Cunhal . .	20.000
Manuel Alves Soares Teixeira	10:000
Antonio Ferreira Soeiro . .	10:000
D. Maria José Caeiro Fialho.	20:000
D. Carlota Fialho.	10:000
D. Mariana Baptista Limpo Brito	10:000
D. Aurora Fialho	10:000
D. Maria José Rodrigues Acabo.	10:000
D. Laura Pires Antunes Carrondo Ferreira.	20:000
P.e Manuel Antonio da Conceição	10:000
D. Margarida Martins . . .	10:000
D. Maria Natividade Alves Pereira de Assis.	10:000
D. Maria d'Ascenção Barros de Melo.	10:000
Donativo (D. M. de Lourdes de Barcelos)	5:000
Dr. Francisco Rodrigues da Cruz	10:000
P.e Tomaz d'Aquino Silvares.	10:000
D. Maria Emilia Pignatelli Queiroz.	10:000
D. Maria Branca Pereira Martins	10:000
D. Cecilia A. Correia Costa	10:000
D. Isaura Matoso	10:000
D. Elvira Cazales	10:000
José Antero Nunes Leal Madureira	10:000
D. Lucrecia Pelejão	10:000
Felipe d'Oliveira Ramos . .	10:000
Anonima (Paris)	10:000
D. Maria José e D. Maria Julia Henrique Lino. . . .	10:000
D. Anna Sergio Faria Pereira.	10:000
Antonio Dias Madeira . . .	10:000
D. Izabel dos Santos Gomes	10:000
D. Maria do Rosario Ferreira	10:000
D. Hedwiges do Vale Campos	10:000
D. Esther Le Retord Guimarães.	10:000
Acacio Vieira	10:000
D. Dulce Martins d'Azevedo	5:000
D. Maria Tavares	10:000
Luiz Cipriano Esteves. . .	10:000
Miguel Pinto	10:000
D. Maria Margarida Sarmento Omen Pinto	10:000
D. Albertina Vieira Simões.	20:000
J. Alves Lopes.	20:000
Idalina da Costa Barros . .	10:000
D. Maximiana Vieira da Mata	10:000
Manuel d'Oliveira Rasoilo .	5:000
Victor Rui da Graça Quaresma.	10:000
D. Maria Euzebio Caleira .	10:000
Vicente Ferreira de Souza .	10:000
P.e Jacinto Antonio Lopes .	10:000
Carmina Vieira	10:000
Madame Lucia Soares . . .	10:000
D. Maria Martins de Freitas	10:000
Joaquim Rodrigues Moreira	10:000
D. Maria Macieira.	15:000

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano III — LEIRIA, 13 de Setembro de 1925 — N.º 36

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE AGOSTO

O dia treze de Agosto ultimo realisou-se na fórma do costume a peregrinação mensal a Fátima.

O tempo, como raramente sucede nesse mês, estava bastante agradavel, não se sentindo o calôr proprio da quadra estiva.

A concorrencia, posto que fôsse assaz numerosa, elevando-se segundo alguns calculos, a cêrca de oito mil pessôas, foi inferior á dos mêses anteriores. Esse facto deve-se sem duvida em parte á intensidade da faina agricola e em parte á circunstancia de estarem proximos o dia treze de Setembro, que incide num Domingo, e o dia treze de Outubro, dia de peregrinação nacional.

O certo, porém, é que o aspecto do local das apparições, desde as onze horas da manhã em deante, era imponente e magestoso. Em frente das duas capélas, a das missas e a das apparições, aglomeravam-se milhares de pessôas que rezavam e assistiam ás missas ou cumpriam as suas promessas.

O pavilhão dos doentes estava completamente cheio. Alguns jaziam em macas deixando transparecer nos seus rostos emaciados a grandeza dos seus sofrimentos, mitigados pelo balsamo da resignação christã. Os servitas e os escoteiros, lidando na sua benemérita faina, não tinham um momento de descanço. A sua dedicação parecia não conhecer outras balisas senão a das ordens e instruções dos seus respectivos chefes.

Ouve-se dizer que entre a multidão se encontra um homem que, estando tuberculoso e desenganado dos médicos, se havia curado miraculosamente graças a Nossa Senhora da Fátima e que vinha cheio de alegria agradecer a sua cura.

Ao meio dia e meia hora começa a missa dos enfermos. Fazem-se as invocações do costume. Depois da missa dá-se a benção com o Santissimo Sacramento. A esta segue-se o sermão. Após o sermão, organisa-se o cortejo que acompanha a branca estatua da Santissima Virgem na sua recondução á capéla das apparições. Os enfermos que se encontram em estado mais grave e os que sofrem de paralysia são transportados em macas pelos servitas. Os outros enfermos seguem atraz destes numa longa e interminavel fila.

Quando a estatua é colocada sobre o seu pedestal, um dos paralyticos levanta-se instantaneamente curado. Havia um ano que não andava. Não se póde descrever a comoção que de todos os circunstantes se apoderou nesse momento unico e inolvidavel. O irmão, que o acompanhava, chora de alegria como uma creança. A multidão estupefacta e dominada por um entusiasmo delirante, brada: «Milagre, milagre!».

Entretanto o novo privilegiado da Virgem, depois de agradecer a sua cura, dirige-se por seu pé para a estrada e vai tomar um logar no carro que o conduzira á Fátima, rodeado sempre de uma multidão enorme cheia de curiosidade e assombro. Logo que recebermos a confirmação desta cura, publicaremos o seu relato na «Voz da Fátima». Em torno da fonte das apparições estaciona continuamente uma multidão inumerável.

Muitos peregrinos esperam a sua vez para beber da água maravilhosa, muitos outros para a recolherem em recipientes de todos os tamanhos e de todas as formas.

A «Voz da Fátima» é distribuida gratuitamente em numero de muitos milhares de exemplares pelos peregrinos que anciosamente a procuram.

A multidão pouco a pouco vai recolhendo aos seus lares distantes. E não ha nenhum peregrino que não leve comsigo uma saudade infinda dos momentos ditosos passados naquele canto bemdito de Portugal, onde a Virgem Santissima se dignou aparecer a trez humildes pastorinhos.

V. de M.

As curas da Fátima

«Ex.mo e Rev.mo Sr.

Tendo ouvido dizer de uma pobre mulher — *Idalina Ribeiro* — R. Gonçalves Crespo 56 = Lisbôa, que nada lhe fazia parar uma forte hemorragia pelo nariz e gengivas, estando assim ha mais de 8 dias, corri a casa d'ela, embora a não conhecesse, mas cheia de fé em alcançar mais uma graça de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

A pobre doente tinha regressado havia poucos dias do hospital, por ela haver pedido para a deixarem morrer em sua casa, e os médicos consentiram isso por a considerarem completamente perdida. Outro médico que chamaram a casa, tambem declarou nada haver a fazer-lhe. Perguntei á familia se já tinham pensado em ela se confessar. Como me disseram que não, pedi para lhe ir falar, pois eles bem deviam saber que devemos preparar a nossa alma como a joia mais preciosa que entregamos a Deus.

Quando cheguei junto da cama da doente, tive a impressão de que já não vivia, pois nem os olhos podia abrir. Perguntei-lhe brandamente se gostaria de se confessar, e, como fez uma pequena afirmação com a cabeça, disse á minha filha para dar á doente um pouco de água de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, emquanto corri á igreja a chamar um sacerdote.

Quando este chegou ainda ela tinha uns lampejos de vida, mas ele não lhe quiz dar Jesus Sacramentado por a considerar quási inconsciente para um acto tão sublime. Tristissima por ver que a pobre alma partia deste mundo sem levar Jesus em seu peito, rezei muito e muito, pedi a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, para vir em meu auxilio. A primeira vez que minha filha lhe deu a santa água, a doente não a poude engolir, mas foi bebendo a pouco e pouco, e quando chegou a manhã pediu para lhe darem Jesus Sacramentado.

Corri logo á igreja, veio o sacerdote, ela recebeu o Nosso Amado Jesus em seu peito, deu-se-lhe tam-

bem a Santa Unção, e, com a admiração de todas as pessôas que a iam ver constantemente, as hemorragias pararam e ela diz que se sente melhor.

Como isto se passou nas vésperas de 13 de Maio, e eu não queria deixar de ir agradecer a minha Mãe Santissima, tantas graças e mostrar-lhe todo o meu amor, fui, mas a minha doente ficou triste por já não ter quem lhe désse o seu melhor remédio. Vendo esta tristeza, prometi-lhe trazer um copo cheio da tão bela e tão salutar água. Pedi-lhe que, ao meio dia do dia 13, elevasse o seu pensamento e todo o seu coração a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, pois a essa hora estaria eu nesse tão santo e encantador cantinho de Portugal, pedindo por ela. Quando vim e lhe dei o copo cheio da água prometida, ela bebeu-a com tanta sofreguidão e recolhimento que já era de prever que tudo se devia á poderosissima intervenção de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Hoje diz ela sentir ainda no peito a frescura do bem que essa água lhe causou.

Ela mesmo prometeu ir á Fátima agradecer tão grande graça a Nossa Mãe Santissima. Como esta mulher tem um logar de hortaliça, vem da praça carregada para vender em sua casa e isto nada a fatiga, pois está curada miraculosamente.

Peço a todos os Portuguezes que orem muito a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, mas com humildade, amôr e muita confiança, pois ela é a nossa Mãe e Mãe do nosso amado Jesus. Para Honra e Gloria de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, peço a V. Rev.ma o favor de publicar esta tão grande graça no nosso jornalzinho.

Florentina Antunes Andrade»

Lisbôa — Rua da Rosa, 188, 4.º Esq.

« Ill.mo e Rev.mo Sr.

Fui recebedor dos jornaizinhos a *Voz da Fátima* e agradeço muito a prontidão na remessa.

Acho conveniente explicar a V. Rev.ma o motivo do meu pedido da assinatura, pois tendo sido eu protestante, é mister que confesse a todos o grande milagre que se operou na minha alma, pondo assim de prevenção todos aqueles que estejam sujeitos a serem arrastados por essa perigossima corrente do protestantismo.

Fui levado por essa onda, onde me conservei por muito tempo; mas por milagre de Nossa Santissima Mãe do Ceu, hoje estou fóra do perigo. Hoje, aquelas algemas satanicas estão quebradas. Nunca tive vida peor do que aquela, apesar de o protestantismo dizer que só ali é que ha *amor*. Vida mais devassa, vida mais fóra da pureza, vida mais cheia de infortunios não podia ter. O meu coração tornou-se numa pedra, os meus ouvidos fecharam se á voz de pai, de mãe e de todos aqueles que só queriam o meu bem estar. As blasfemias de aquela gente chegam ao cume. E' impossivel que alguma pessoa inteligente possa seguir semelhante doutrina. Ali a Mãe do nosso Santissimo Salvador é posta de parte, pondo-a ao lado de qualquer outra mulher. Aqueles miseráveis que teem uma Biblia, esquecem-se que só Maria teve a grandissima gloria de ser a Mãe de Nosso Senhor. Esquecem-se eles que (evangelho de S. João, cap. 19, verso 27) de quando Jesus no alto da cruz apresenta a S. João (o discipulo amado) a sua Santissima Mãe como sua mãe e a ele como seu filho!

Querem mais provas aqueles senhores da dignidade e Santidade de Nossa Senhora? Fecham então eles os olhos a este versiculo?!... Oh! tremendo erro, erro que leva as almas a perderem a fé, em vez de a obterem.

Mas Jesus, tão misericordioso, traz a luz ás nossas almas, pondo ao cimo toda a pureza das santas verdades.

Peço a V. Rev.ma se lembre nas suas orações da minha pessôa e pela conversão da minha familia.

Agradecendo muito a V. Rev.ma a amabilidade que teve para com minha pessôa, subscrevo-me na fé de nosso Senhor Jesus Christo e na sua Santissima Mãe

João Bernardino Nunes»

« Ex.mo e Rev.mo Sr.

Desejava ver publicadas na *Voz da Fátima* duas graças que Nossa Senhora do Rosário me alcançou. Tenho um filho que conta hoje 16 anos de idade e que, quando era muito novinho, já manifestava alguma inclinação para o crime. Eu, como mãe afligia-me mas atribuia o mal á sua tenra idade, castigava-o e fazia-lhe ver o perigo que corria a sua alma. Emfim, fiz tudo que uma mãe póde fazer para formar o coração a um filho e no entanto ia esperando que com o correr dos anos tudo passasse. Desgraçadamente não sucedeu assim, porque aos 13 anos a sua maldade revelava-se de uma maneira assustadora. Nem conselhos, nem castigos, nem as minhas próprias lágrimas o demoveram da sua malfadada vida, até que me vi na necessidade de pedir providencias á justiça humana para o intimidar, posto que eu soubesse que só a graça divina é eficaz. O meu querido filho nas máos da justiça humana! Eu, mãe, nada podia fazer; mas nunca me esqueceu que havia outra Mãe que tudo podia, e então com o coração despedaçado pela dôr mas cheio de fé, as minhas préces redobraram e resolvi ir á Fátima em 13 de Maio do ano passado consagra-lo a Nossa Senhora, o que já tinha feito ha muito tempo, mas julguei mais proveitoso lá ir. O meu filhinho hoje está transformado, ou por outra, está completamente curado, porque o que ele tinha não era senão uma grande enfermidade espiritual. Ficam pois a publico estas verdades para mais honra e gloria de Nossa Senhora do Rosário, e para que todas as mães que passarem pelos tormentos que eu passei, não deixem de recorrer a Ela com a certeza de que alcançarão o que desejam.

O outro caso é o seguinte:

Tenho uma sobrinha de 11 anos. Fez exame de admissão o ano passado e, ou porque ficasse cançada ou porque Deus assim quiz, a menina adoeceu no outono (não me recordo se foi em Setembro ou Outubro) e o médico fez nos compreender que teriamos doença para todo o inverno, porque era um ataque de reumatismo agudo sôbre o coração. A creança sofria horrorosamente. Eu tinha em casa uma pouca de água da fonte milagrosa, que tinha trazido quando fui na minha peregrinação em 1924, e então lembrei-me que Nossa Senhora a podia curar depressa.

Levei-lha e aconselhei-a a que tomasse afgumas gôtas e rezásse algumas jaculatorias. Passados alguns dias visitei-a mas tinha poucas melhoras. Aconselhei-a de novo a que continuasse a tomar a água e rezásse o terço nove dias, o que ela principiou logo a fazer, e no fim da novena achava-se num grande estado de fraqueza mas já nada sofria, e até hoje tem gosado sempre duma perfeita saude. Bemdita seja a grande Mãe de Deus, Maria Santissima.

Peço a V. Rev.ma me perdôe de ter tomado a liberdade de lhe causar este incómodo.

Uma paroquiana da Freguesia de Alcantara — Lisbôa.

Lisbôa, 23 de Julho de 1925».

Val do Sumo, 29/5/1924.

«Sr. Dr. Manuel Marques dos Santos

Participo-lhe trez milagres que recebi da nossa Bemdita Mãe do Ceu. O primeiro foi muito antes da autorisação do culto na Cova da Iria. Deu-se este caso em um dia 13 em que eu estava na cama com a garganta quasi tapada. Foi á hora do meio dia, em que eu pensava no que se lá passava na Cova da Iria, que pedi á Santissima Virgem que, se Ela se dignasse melhorar-me dentro de uma hora, iria lá rezar um terço de contas e a Ladainha em companhia de minha esposa. Com isto adormeci e ao acordar ainda antes da hora, estava bom. O segundo milagre foi em Dezembro de 1923 em que tendo uma inflamação terrivel a que o remédio da botica fez completamente mal, pedi á Santissima Virgem que se eu não perdesse mais dias de trabalho, eu e minha companheira iriamos á Cova da Iria receber a Jesus Sacramentado e daria de esmola ao Seminário de Leiria, 5:000 réis. Já não perdi mais dias. O terceiro milagre foi em Março de 1924. Segunda inflamação na perna. Não havendo meio de a curar mandei ir buscar água santa á Cova da Iria para lavar a perna e prometi fazer uma novena a Nossa Senhora. Quando vi o grande milagre da Alzira, mais coragem ganhei

e pedi a Nossa Senhora que se me curasse naquela noute, eu dobraria a minha novena, indo á Cova da Iria no dia 13 a seguir, daria nove voltas ao redor da capéla, de cada vez á frente de Nossa Senhora rezaria nove Avé-Marias e mandaria publicar na *Voz da Fátima*, o que seria mais uma prova de que a Mãe de Deus tinha descido áquele logar para beneficio e salvação das Almas Portuguezas. Foi isto que eu prometi e logo pela manhã comecei a trabalhar e sem dôres.

Joaquim Antunes de Faria»

Cazevel, 3/5/924.

«Rev.mo Sr.

Tenho presente a carta de V. Rev.ma que agradeço, e em resposta devo com sinceridade, dizer o seguinte:

A minha idade é de 58 anos. O nome da doença é impossivel dizer-lho, pois que nas muitas vezes que fui consultar vários médicos, nunca obtive o nome da doença, não sei se por o ignorarem. . . Fui acometida deste mal ha já dois anos. Principiou com umas partes negras nas unhas dos pés e mãos, frenezins insuportaveis na palma da mão, nos pés e nos cotovelos. Mas durante o primeiro ano da doença tinha periodos mais bonançosos, podendo, embora com grande sacrificio, fazer uma parte dos trabalhos domésticos. Comecei de peorar, e esse mal a mostrar-se com caracter mais feio: as unhas caíram, abriram se consecutivos golpes sanguineos nos pés e mãos, e estas completamente apanhadas, sem já as poder abrir nem trazer a descoberto. A vida era um perfeito martirio para mim, que passava as noites chorando e os dias sem poder fazer nada, fazendo chorar de dó aqueles que junto de mim vivem!. . . Percorri todos os médicos destas circunvisinhanças, fui a Lisbôa algumas vezes, e médico algum me disse o nome da doença ou me receitou um remédio — sorriam-se e receitavam-me paciencia. . . Por ultimo fui a um especialista francez que disse como os outros, que não tinha cura, mas que fôsse lá estar uma temporada, que com umas injecções me faria desaparecer o mal por algum tempo e me daria o nome da doença. Não fui, visto que ele foi franco e me disse que só por algum tempo suavisaria o mal. Vim para casa desanimada e chorava, e então eu e minhas filhas começámos a fazer uma novena a Nossa Senhora do Rosário da Fátima com a da confissão e comunhão, fazendo eu uso da água que brotou do local onde houve as aparições de Nossa Senhora. A' segunda vez, já senti alivios grandes, já dormi quási toda a noite, quando até ali, não podia sequer cerrar os olhos, devido aos frenezins e dôres insuportáveis! Continuei a fazer uso da água, e passado um mez, os golpes taparam-se, e as mãos abria-as completamente. Hoje, de quando em quando, ainda se me abrem uns golpes mais benignos, mas assim que os lavo com a água milagrosa, tapam momentaneamente, e, graças á Virgem Santissima, já governo a minha vida como antes de ter esta doença, ou quasi!

Muito gôsto teria que mais este milagre fôsse publicado nos anais de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, para sua honra e Gloria — mas o atestado médico é-me impossivel obte-lo, por ser uma pessôa que raras vezes saio de casa e não ter com facilidade quem possa dar tais voltas, havendo para mais a dificuldade de não conhecer uma parte dos médicos que consultei. Peço desculpa da grande maçada que lhe ocasionei.

Adelaide Virginia Ferreira Gomes»

As' orações dos leitores

A's orações dos leitores recomendamos duas pessôas gravemente doentes sendo uma um pai de familia ainda novo, tuberculoso.

A primeira comunhão de um pequenino Apostolo

São do grande jornalista catholico Luiz Venillot as seguintes palavras:

Os meus primeiros filhos fizeram a sua primeira comunhão sem eu dar por isso. Eu deixava á mãe o cuidado de governar esse pequeno mundo, cheio de confiança nela, modificado um tanto pelo contacto das suas virtudes que eu sentia mas não via.

Veio o ultimo. Essa pobre creança era de um genio selvagem, sem grande geito. Se lhe não tinha menos amôr, sentia-me no entanto disposto a tratal-o com mais severidade.

A mãe dizia-me: «tem paciencia que elle ha-de mudar quando fizer a sua primeira comunhão».

Ora essa mudança, a praso fixo, parecia-me pouco possivel. No entanto a creança começou a aprender o catecismo e eu vi effectivamente que elle ia melhorando rápida e sensivelmente. Reparei nisto. Via este espirito a desenvolver-se, esse pequenino coração a combater-se, esse caracter a adoçar-se, a tornar-se docil, respeitoso e affectuoso.

Eu admirava esse trabalho que a razão não opéra nos homens, e a creança que eu amava menos ia-se-me tornando a mais querida. Ao mesmo tempo ia eu fazendo graves reflexões sôbre esta maravilha.

Puz-me a escutar a lição de catecismo, e ao escutal-a ia comparando com o meu curso de philosophia e de moral. Confrontava este ensino com a moral cuja prática eu tinha observado no mundo e, ai, sem ter podido eu mesmo preservar-me dela.

O problema do bem e do mal, de que eu queria afastar os olhos por incapacidade para o resolver, apresentava-se-me com uma luz terrivel.

Fazia perguntas ao pequeno e este dava-me respostas que me esmagavam. Sentia que seria vergonhosa e culpavel qualquer objecção que lhe fizesse. Minha mulher observava e não dizia nada, mas eu via que ella era mais assidua á oração.

Comparava essas duas inocencias com a minha vida, esses dois amores ao meu e dizia para mim mesmo: a minha mulher e o meu filho amam em mim alguma coisa que eu não amo neles nem em mim — a minha alma.

Entramos na semana da primeira comunhão. Não era só mais affecto que a creança me inspirava, era um sentimento que eu não sabia explicar, que me parecia extranho, quási humilhante e que se traduzia ás vezes numa quási irritação.

Eu tinha respeito por ela. Ela dominava-me e eu, na sua presença, não ousava exprimir certas ideias que este estado de luta contra mim mesmo produzia no meu espirito. Não queria que elas lhe fizessem impressão. Faltavam cinco ou seis dias. Uma manhã, ao voltar da Missa, a creança vem procurar-me ao meu gabinete onde eu estava só.

«Papá, me diz ele, no dia da minha primeira comunhão não quero ir para junto do altar sem lhe pedir perdão das minhas faltas, dos desgostos que lhe tenho causado e sem me dar a sua benção».

«Pense em todo o mal que eu tenho feito para me reprehender e eu o não torne a fazer e para me perdoar».

«Meu filho, respondi eu, um pae perdoa sempre, mesmo a um menino travesso, mas tenho a satisfação de te poder dizer que agora não tenho nada a perdoar-te.»

«Continua a trabalhar, a amar a Deus, a ser fiel aos teus deveres e tua mãe e eu nos sentiremos felizes».

«Oh! Papá, Nosso Senhor que vos ama tanto me ajudará para que eu vos dê gôsto, como lhe peço.

«Peça-lhe muito por mim, sim?»

«Sim, meu filho».

Olhou para mim com os olhos humildes e lançou-se-me ao pescoço.

Eu estava tambem muito enternecido.

— «Papá?». . . continuou ele.

— « Que queres, meu filho? ».

— « Papá, queria ainda pedir-lhe uma coisa ».

Eu bem via que ele me queria pedir alguma coisa e bem sabia o que era, e (não sei se deva confessal o) tinha mêdo. Tive a fraqueza de querer aproveitar as suas hesitações.

— « Vae-te, lhe disse eu, que agora tenho que fazer. Logo ou amanhã me dirás o que queres e, se tua mãe concordar, eu t'o farei.

A pobre creança, cheia de confusão, não teve coragem, e depois de me ter abraçado mais uma vez, retirou-se desconsolado para um pequeno quarto onde dormia.

Tive pena do desgosto que lhe causei e sobretudo dos motivos. Segui a pobre creança pé ante pé, afim de a consolar com alguma caricia se ela estivesse muito aflicta.

Estava de joelhos deante de uma imagem da Santissima Virgem e rezava com toda a sua alma.

Via-a sem ela dar por isso, por entre a porta semi-aberta. Ah! Eu

vos afianço que nesse dia fiquei fazendo uma ideia do efeito que póde produzir em nós a aparição de um anjo!

Fui sentar-me á secretária, com a cabeça entre as mãos, quási a chorar. Quando levantei os olhos, o meu querido filho estava deante de mim com a figura animada de temor, de resolução e de amôr.

—« Papá, me diz ele, aquilo que eu lhe quero pedir não póde adiar-se e a mãe achal-o-ha bom. E' que no dia da minha primeira comunhão o papá venha comigo á Santa Comunhão. Faça-me isto, papá. Faça isto por Deus que é tão seu amigo!

Ah! Desta vez não ousei discutir contra esse grande Deus que assim me chamava. A chorar apertei o meu filho contra o coração.

—« Sim, sim, lhe disse eu, sim, meu filho eu te farei isso. Quando tu quizeres, hoje mesmo tu me levarás pela mão ao teu confessor e lhe dirás: está aqui o meu pai».

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	1.164:500
Maria Pereira	5:000
Uma filha de Maria . .	25:000
Soma . . .	1.194:500

Amo e creado

O Santo Bispo de Genova, S. Francisco de Sales, tinha um creado que, ao lado de algumas grandes qualidades tinha um grande defeito.

O desgraçado roubava o vinho do patrão e bebia até se embriagar!...

Este estado de coisas, porém, não podia continuar, sobretudo no Paço Episcopal, cujo dono era um santo. As admoestações caridosas, severas, ameaçadoras não faltavam, mas tudo em vão.

O santo ordenou que todas as bebidas estivessem fechadas á chave, para não fornecer a esse servo fraco occasião da tentação para roubar e embebedar-se, ofendendo a Deus e dando escandalo. Uma noite durante a oração em commum na Capela do Paço, o creado não podendo resistir á paixão, escapou-se por uma porta oculta, foi á taberna onde o miseravel bebeu até perder completamente o juizo!

Foi a cambalear que, o ébrio, voltou ao Paço Episcopal, que encontrou fechado á chave.

Visto isto, deitou-se ali mesmo e adormeceu.

Pouco depois, abria-se a porta e S. Francisco de Sales levantou conforme poude o seu creado neste miserando estado. Lá conseguiu leval-o para o seu proprio quarto e deitou-o, mesmo vestido, na sua cama. E' de certo um traço de bondade excessivamente rara. Era precisa a santidade do patrão para tratar assim um tal creado. Este dormiu e resonou na cama do Prelado até que o sol da manhã o veio acordar.

S. Francisco passou a noite em oração para obter a conversão desse pecador e celebrou o Santo Sacrificio por esta intenção.

Foi neçessário um grande esforço de memoria e muito tempo para que o servo depois de acordar e esfregar os olhos se explicasse como é que se encontrava em tal cama.

Ah! que vergonha, que arrependimento ele sente! E que tenha sido o seu patrão quem o tenha encontrado e levado naquele estado! Oh! que vergonha e que remorsos!

O creado entrou no gabinete de trabalho onde o Bispo estava a escrever.

Lança-se a seus pés, implorando com lágrimas, o perdão. E' a Deus que deves pedir perdão, desgraçado! — respondeu o santo.

Quanto a mim, perdôo-te de boa vontade, com a condição de te emendares!...

Apesar do proverbio de que *quem bebe, continuará a beber*, o creado jurou emendar-se e cumpriu a sua palavra. A bondade quási incomprehensivel do patrão converteu o creado.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte.	32:504.420
Impressão do n.º 35 (24:000 exemplares). .	552.000
Expedição e outras despezas	95.000
	33:151 420

Subscripção

(Continuação)

João José da Encarnação. .	10:000
Antonio Pereira de Lacerda	10:000
D. Maria Amelia Costeira .	10:000
D. Albertina d'Albuquerque	15:000
D. Maria da Conceição Teixeira	10:000
D. Maria das Dôres Freitas.	10:000
Manuel Pinhal.	10:000
Dr. Bonifacio da Silva . . .	10:000
P.e Marceliano Natario. . .	10:000
Manuel Lucio d'Andrade. .	10:000
Donativos (D. Celeste M. de Souza).	10:000
D. Maria dos Anjos Tavares Portugal	10:000
D. Arminda Amaral . . .	10:000
D. Candida Amaral	10:000
D. Candida Machado . . .	20:000
D. Maria Antonia de Menezes	20:000
D. Maria de Lourdes Tompson	10:000
D. Maria da Conceição Bettencourt Nogueira. . . .	10:000
P.e Antonio Correia Ferreira da Motta	20:000
Donativos (P.e A. C. Ferreira da Motta)	30:000
D. Adelina Almeida. . . .	10:000
D. Clementina da Cunha Esteves	10:000
D. Maria do Patrocinio da Cunha Mascarenhas. . .	10:000
D. Gracinda de Souza . . .	10:000
Leonardo Palhinha'. . . .	10:000
Dr. Alberto Carneiro de Mesquita	10:000
P.e José Rodrigues Barroca.	10:000
P.e Manuel d'Almeida Pimeirol	10:000
D. Maria Joanna Castro . .	10:000
D. Maria Rosa Vieira de Castro	10:000
D. Piedade de Jesus Baux .	13:000
De jornaes donativos e percentagens (D. Maria das Dôres)	275:000
Idem (Francisco de Lencastre)	114:000
Duqueza de Palmela . . .	100:000
D. Maria Amelia Pereira Climaco.	10:000
Manuel Victor F. Dias. . .	10:000
D. Sophia Regalão	20:000
Dr. Tomás Gabriel Ribeiro.	10:000
D. Balbina Alvares Rubiños de Dominguez	10:000
Baroneza de Zamora Correia	20:000
Monsenhor Francisco d'Assis Ribeiro Costa	10:000
D. Mariana de Jesus Mendes Martins.	10:000
Christiano G. Mendes . . .	10:000
D. Monica de Oliveira Correia	10:000
D. Filomena Paiva d'Almeida e Cunha	10:000
Donativos (D. Maria de J. Borges Vieira)	11:000
D. Filomena D. Fragoso . .	10:000
D. Maria Barbosa Clemente	20:000
D. Gertrudes da Silva Santos	10:000
D. Maria Martiniana da Costa	10:000
D. Julia Vieira de Castro. .	10:000
D. Maria Delfina Côrte Real	10:000
D. Julia Borges Aguiar . .	10:000
Madame Margueritte Leguin	10:000
D. Maria Candida.	10:000
D. Maria da Conceição Pinheiro	10:000
D. Maria José Pestana Jordão	10:000
D. Adelaide Joaquim dos Santos.	10:000
D. Maria Izabel Monteiro Reinas.	30:000
D. Olinda Godinho Reis. .	10:000
D. Rosa Vasconcelos Báptista	10:000
D. Virginia Campos	10:000
D. Maria Candida Serra . .	10:000
Francisco Pereira Espiga. .	10:000
Francisco Muñoz	10:000
Antonio R. Petronilho. . .	10:000
D. Maria Christina H. Bátista Barata	10:000
D. Maria do Ceu Bátista Barata Isaac	10:000
D. Anna Matos Moraes. . .	10:000
D. Alçada Macedo.	20:000
D. Isaura Moraes Silva. . .	10:000
Faustino Jacinto da Costa .	10:000
D. Maria da Assunção Lucas	10:000
P.e H. Fernandes da Silva .	10:000
D. Maria do Carmo Martins Barata.	10:000

N. B. — Falta publicar os nomes e quantias enviadas desde os principios de Março.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV LEIRIA, 13 de Outubro de 1925 N.º 37

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Setembro

ESTE ano o dia treze de Setembro ocorreu num Domingo.

Por esse motivo toda a gente supunha que a concorrencia de fieis ao local das aparições seria extraordinariamente superior á do mesmo dia nos anos precedentes. Não sucedeu porem assim, mercê das festividades religiosas que se realisaram nesse dia em muitas freguezias circumvizinhas e mesmo algumas distantes, que costumam fornecer um contigente elevado de romeiros para as peregrinações á Fátima, e mercê tambem da proximidade do dia treze de Outubro, mez da peregrinação nacional, em que numerosos fieis se preparam para tomar parte, deixando por esse facto de ir á Fátima nos mezes anteriores.

Comtudo, durante esse dia deviam ter visitado o local das aparições alguns milhares de pessôas, embora não tantas como no mez de junho, dia da festividade anual em honra do padroeiro da respectiva freguezia, o glorioso thaumaturgo Santo Antonio de Lisbôa.

Ao nascer do sol, o rev. João Nunes Ferreira celebrou a primeira missa, a que assistiram, recebendo o Pão dos Anjos com visiveis sentimentos de piedade, os servitas de Torres Novas e os escoteiros de Leiria.

Ao contrario do que sucedeu nos mezes anteriores, poucos sacerdotes se tinham inscripto para celebrar a santa missa nos altares do pavilhão dos doentes.

A escassez do clero, conjugada com o dever que incumbe aos párocos de celebrar aos domingos nas suas egrejas paroquiaes, explica o diminuto numero de missas que houve nesse dia em Fátima, apesar de ser domingo, não se tendo podido satisfazer, como era para desejar, ás conveniencias e comodidade dos peregrinos, obrigados, como todos os fieis, não legitimamente impedidos, a ouvir missa aos domingos e dias santos de guarda.

A ultima missa, aplicada como de costume, pelos enfermos e demais peregrinos, começou ao meio-dia solar, depois de ter sido conduzida a estátua da Santissima Virgem processionalmente da capéla das aparições para o pavilhão dos doentes.

Na falta do rev. dr. Marques dos Santos, director dos servitas, que foi em peregrinação aos logares Santos, dirigia o serviço de orações e de canticos, o rev. João Nunes Ferreira, páraco da freguezia de S. Pedro de Torres Novas, que desempenhou as suas funções de capelão director dos servitas, substituto, com um zelo inexcedivel e com tocante piedade.

Entre os diferentes grupos organisados de peregrinos merece especial referencia o grupo dos filhos de Maria de Bemfica (Lisbôa), que se apresentaram com uma correcção e compostura impecáveis e deram o exemplo de uma piedade profunda e encantadora.

Os enfermos eram muito numerosos. Ascendiam a umas poucas de centenas. Junto da capéla das missas estavam deitados em macas alguns cujo estado era mais grave.

A benção dos doentes foi, como sempre, o espectáculo mais impressionante daquele dia.

Doentes e peregrinos choravam de comoção. A fé de todos em Jesus presente na Hostia Santa era viva e intensa, expandindo-se em aspirações vehementes de amôr e em suplicas tocantes.

Depois da benção geral, a estátua da Santissima Virgem foi reconduzida com a mesma solemnidade para a capéla das aparições.

Começou então a debandada geral dos peregrinos. Duas horas mais tarde eram raras as pessôas que estacionavam naquele logar sagrado rezando as suas orações ou talvez prêsas pelo encanto suavissimo que atrahe tantas almas, das melhores que ha em Portugal, á estancia dos mysterios e dos prodigios, á terra bemdita de Fátima.

V. de M.

Trez anos

Faz hoje trez anos que saiu a publico o 1.º numero do nosso jornalzinho, de que até agora se tem feito uma tiragem total de cêrca de quinhentos mil — meio milhão — de exemplares. Mais de quatrocentos mil teem sido destribuidos gratuitamente. Apesar a'isso, esperamos que a tiragem, que sucessivamente foi passando de seis mil, a dez, a quinze, a vinte, a trinta e até a cincoenta mil, vá subindo, continuando a despertar em muitas almas sentimentos de amôr a Nossa Senhora e a leval-as á imitação das suas virtudes.

As curas da Fátima

«Ex.mo e Rev.mo Sr.

Para gloria de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, desejo tornar conhecido um grande milagre que comigo se deu, e por isso venho pedir a V. Ex.ª Rev.ma a publicação no jornal a *Voz da Fátima* de que quero ser assignante.

Estando doente ha quatro anos, e tratando-me com médicos de verdadeiro nome, não consegui de fórma alguma alivios para a minha doença e cheguei a ter por eles um verdadeiro horror, não podendo de fórma alguma encarar com pessôas de pharmácia, drogarias e hospitaes, pois todo o meu horror era pelo desinfectante o *sublimado*. A minha doença — uma neurastenia muito adeantada — me prohibia o contacto com qualquer pessôa de familia, pois o mêdo que lhes tomei foi horroroso, devido a que antes de ser operada eu usava o dito sublimado. D'ahi o meu grande martirio, pois não podia de fórma alguma vêr, ou mesmo receber correspondencia dela.

Por fim o horror ia-se apoderando de mim cada vez mais, que de mim propria tomei tal mêdo que bastava eu pensar que me encostava

a qualquer coisa, para me ir lavar, mesmo vestida, quantas vezes me viessem essas coisas á imaginação, chegando tanto de inverno como de verão a deitar-me, como se costuma dizer, n'um pinto, nunca me limpando, secando a água com o tempo. Pessôa de familia para onde, em tempos, eu, meu marido e filho, iamos passar algum tempo antes d'esta minha doença, tanto me pediu para que a acompanhasse á Fátima, onde ela já tinha feito por mim umas promessas, que eu resolvi sair de Lisbôa e seguir então, acompanhada por ela e meu marido, a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, por quem já antes tinha uma grande devoção, pedir lhe para que me aliviasse da minha terrivel doença. Qual não foi o meu espanto quando, ao entrar no alpendre da capelinha, onde passei verdadeiros horrores, eu vejo uma senhora que andava com um frasco de remédio para tratar qualquer doente. Fiquei como doida, chorando e fugindo para outros lados onde a não pudesse ver, nem mesmo pisar o terreno que essa senhora tinha pisado. Qual não foi o meu espanto quando, passado pouco mais de hora e meia, começava a sentir pela dita senhora uma afeição tão grande, que o meu desejo era abraça-la ali mesmo e contar-lhe os sofrimentos que me fez passar, sem culpa alguma, é verdade!

Acabando as minhas orações a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, encaminhei-me para o carro que me devia trazer para Leiria, para regressar a Lisbôa. No mesmo carro seguiam dois amigos do meu marido, que ha muito se não viam, e começaram contando alguns milagres de Nossa Senhora.

Quem havia de dizer que desta vez era eu a contemplada com uma graça de Nossa Senhora! Assim cheguei a Lisbôa! Em minha casa qual foi a minha alegria ao poder desde logo abraçar meu querido filho e abraçar a todos, por quem eu tinha antes um verdadeiro horror.

Passei uma noite calma e bem disposta só pensando no grande milagre com que N. S. do Rosário da Fátima me tinha contemplado. De manhã mando chamar minha irmã e algumas pessôas da minha maior amisade e todas pasmavam ao ver a transformação operada em mim, pois a todas beijei e abracei. Foi uma grande alegria na minha casa, o mesmo sucedendo com toda a minha familia a quem imediatamente participei.

Não posso de fórma alguma tomar mais tempo a V. Ex.ª Rev.ma, e por isso venho pedir a fineza de que estas minhas letras venham publicadas no nosso jornal a *Voz da Fátima*.

Esquecia-me participar que a minha ida foi em 13 de Julho, e espero ir novamente em 13 de Setembro (lá estiveram efectivamente) a agradecer a Nossa Senhora do Rosário, levando, é claro, uma pequena esmola para as obras em construção.

Sem mais, creia-me etc.

Elisa Rosa Moraes

Rua S. Vicente, n.º 12, 4.º—Lisbôa.»

«Ex.mo e Rev.mo Sr.

Venho participar-lhe um grande milagre que Nossa Senhora do Rosário da Fátima se dignou realisar nesta sua humilde serva. Adoeci com gripe pneumónica em dezembro de 1921. Estive quatro mezes de cama, mas fiquei ainda bastante doente com as consequencias daquele mal — fraqueza no pulmão direito, espasmos cardiacos, etc. Tratei-me com vários médicos. Fôram-me aplicadas muitas pontas de fogo e muitas injecções, até de tuberculina. Em 1923 reconheceu o médico que, além das outras doenças, tinha uma intercólite muco-membranosa muito adiantada. Em Maio de 1924 comecei a sentir dôres fortissimas no ventre, sobre tudo no lado direito. O médico diagnosticou apendicite e dei entrada no hospital de D. Estefania em Lisbôa, para ser operada.

Sujeita a uma junta médica, o sr. dr. Monjardino reconheceu que não era apendicite, mas sim ganglios de manifestação tuberculosa em vários pontos do ventre, e sobretudo no apendice e virilha direita, a ponto de não poder andar. Enfim, para resumir, durante trez anos sofri horrorosamente, e o meu estado de fraqueza era tal, que não me podia ter em pé. O fastio era enorme, tinha horror á comida, e só me alimentava com chá de casca de limão e alguma bolacha. Sabendo que não me tinha sido feita a operação por causa dos ganglios tuberculosos, vi-me perdida. Já de ha muito recorria a Nossa Senhora da Fátima. Mas o meu desejo e a minha fé era ir a esse logar abendiçoado, onde Nossa Senhora se dignou aparecer. Já em 1923, quando estive na Piedade, de Alcobaça, a fazer tratamento aos intestinos, procurei ir ali, mas foi-me impossivel. Em 1924, no estado aflitivo e desenganado em que me encontrava, só tinha um pensamento, um desejo — ir á Fátima. Consegui esta minha aspiração no dia 13 de Outubro de 1924. Preparei-me o melhor que pude, na véspera, com a santa confissão. Cheguei á Fátima na manhã do venturoso dia 13. Fui para o recinto dos doentes amparada por duas amigas — as sr.as D. Engrácia d'Assumpção Covas e D. Virginia da Nazaré Lopes, das Caldas da Rainha. Recebi a Nosso Senhor pelas 8 horas da manhã, e ali fiquei até ao fim de todas as cerimonias. Quando a Bemdita Imagem de Nossa Senhora passou junto de mim para a Capéla onde se celebram as missas, senti um ardente desejo de me precipitar sobre Ela a implorar-lhe a grande graça da minha cura. Orei muito, chorei muito, e tinha uma grande fé. E a Santissima Virgem dignou-se atender as minhas pobres suplicas. Quando se deu a benção do Santissimo aos enfermos, nem de joelhos podia estar. Curvada no chão, continuava com as minhas ardentes suplicas. E quando recebi a benção do Santissimo Sacramento senti tal comoção, que caí desfalecida sobre uma das minhas amigas (a sr.ª D. Engrácia) que estava ao meu lado direito.

Passada a comoção, assisti até ao fim de todas as cerimónias. E ao levantar-me reconheci que estava curada! Os ganglios tinham desaparecido por completo! E pude regressar ao carro que nos havia conduzido, sem ser amparada e sem sentir dôr alguma, tendo-me alimentado de todas as provisões, com admiração de todas as pessôas que me acompanhavam e sem nada me fazer mal. Estava realizado o milagre! Bemdita, mil vezes bemdita seja a Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima. Fiz a novena de acção de graças, continuando a beber da água da Fátima, e passados alguns dias, deixei de fazer o tratamento dos intestinos. Tambem estava curada dessa doença! Alimento-me de tudo e nada me faz mal; trabalho, e sinto-me com a melhor saúde. Quando estava doente, pesava 34 quilos, e actualmente peso 64.

Quando, um mez depois do meu regresso, relatei ao meu médico assistente em Lisbôa, tudo o que me havia sucedido, disse-me: «Sim, só um milagre podia produzir os efeitos que eu reconheço na Senhora.» Pena é que se recuse a passar atestados. Tinha ao tempo da cura 25 anos e já era casada, residindo agora na vila de Almada.

Tenciono ir no dia 13 de outubro do corrente ano á Fátima agradecer a Nossa Senhora a sua graça extraordinaria e muito desejava que esta noticia viesse publicada na *Voz da Fátima* que se ha-de distribuir naquele dia. Bemdito seja Deus e a Santissima Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima!

Sua humilde serva

Maria da Conceição Calado

Almada, 13 de Agosto de 1925.

«Ex.mo e Rev.mo Coléga

Reconheço a letra e a assinatura da carta que vai junta. E confirmo tudo o que nela se relata sôbre o estado anterior e posterior á ida á Fátima, em 13 de outubro de 1924, da signatária, minha paroquiana.

De V. Rev.ma, etc.

P.e, Angelo Firmino da Silva

(Prior de Almada)

13/8/925.

«Rev.mo Sr.

Tambem eu, parochiana de Sernache do Bomjardim, quero tornar bem conhecida a graça que a Virgem do Rosário da Fátima me concedeu e por isso peço a caridade da publicação. Ha annos que, segundo opinião do médico, sofri de uma lesão, e com tanta dificuldade caminhava que a muito custo conseguia vencer 1:500 metros para cumprimento do preceito da audição da santa Missa. Foi-me prohibido todo o trabalho, pois o menor esforço me fatigava. Muitas vezes cahia sem sentidos, ficando banhada em suór. Desanimada, fiz a promessa, se melhorasse, de ir a pé á Cova da Iria agradecer é Santissima Virgem. Decorriam os mezes e não sentia me-

lhoras algumas. O mez de abril passado foi para mim um mez de sofrimento atroz, mas de desespero, nunca.

Confiada no poder da Virgem da Fátima comecei uma novena, durante a qual, todos os dias, com grande dificuldade, ia á Sagrada Meza, para obter as melhoras desejadas. A 13 de Maio iria agradecer á Santissima Virgem a graça que tinha a certeza me seria concedida. Minha familia ficou muito aprehensiva quando lhe manifestei o desejo de cumprir a promessa. Contra sua vontade saí de casa a 11 de Maio, andei 82 kilómetros. Passei toda a noite de 12 para 13 na Igreja Matriz da Fátima e, terminados os actos religiosos, dirigi-me ao lugar das apparições a agradecer á Santissima Virgem, pois não sentia a menor fadiga, quando pessôas de saúde estavam extenuadas. Os ataques desappareceram, trabalho sem dificuldade e não me custa caminhar.

Perdoe-me o tempo e espaço que lhe tomei, acreditando na gratidão com que sou

De V. Rev.ma, etc.

Uma paroquiana de Sernache do Bomjardim»

«Aréga, 20 de Setembro de 1925.

Rev.mo Sr.

Manoel Martins Mano, casado, sacristão da Egreja de Aréga, Concelho de Figueiró dos Vinhos, venho comunicar a V. Ex.a uma graça que eu mesmo recebi de Nossa Senhora do Rosário da Fátima. Foi o seguinte: Em 1910 tive uma grave enfermidade no fim da qual fiquei surdo por algum tempo, mas depois melhorei. Em 1914 tive outra enfermidade e no fim fiquei, desde então, surdo até agora. Muitas vezes ajudava á Missa com grande sacrificio por não ouvir as palavras do Sacerdote. Muitas vezes estavam a falar comigo e eu não compreendia o que se dizia. Agora, em Maio, fôram á Fátima pessôas da minha familia e trouxéram-me uma garrafinha da água milagrosa. Apliquei-a aos ouvidos, e, ao mesmo tempo, rezei trez Avé-Marias á santa pureza de Nossa Senhora com as jaculatórias: *O' Maria concebida sem pecado, rogae por nós, que recorremos a Vós.* Não foi preciso mais nada; desappareceu completamente a doença, ficando a ouvir perfeitamente.

Agora por caridade, peço-lhe o favor de anunciar no próximo mês esta graça na *Voz da Fátima* para honra e gloria de Deus e Maria Santissima, edificação e salvação das almas.

De V. etc.

Humilde servo em Jesus Cristo

Manuel Martins Mano

«Sr. Redactor

A Superiora duma comunidade religiosa portugueza, actualmente residente em Espanha envia uma pequena esmola para Nossa Senhora da Fátima e pede para publicar o seguinte:

Uma das minhas religiosas sofria havia anos, duma ulcera no estomago, que a deixava por vezes ou quási sempre impossibilitada de cumprir seus deveres. Lembrei-me de recorrer a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a sua cura. Para isso, depois de ter obtido água da mesma Senhora, principiei com a dita religiosa, uma novena, que por acaso veio a terminar no dia 13 de Março. Durante ela continuaram as dôres costumadas, porém a nossa Fé não diminuiu. Cada dia dava á paciente algumas gôtas da água milagrosa, fazendo preceder as nossas suplicas, a esta santa medicina.

No dia ultimo (13 de Março) da novena, servi, á refeição principal, á nossa enferma, de tudo que havia na mésa, e ela se alimentou como qualquer outra das religiosas.

Segundo o costume, passados instantes, ou uma hora e tanto, principiou a sentir dôres violentas que quási a obrigavam a abandonar os seus trabalhos. Quando se dispunha a procurar algum alivio, lembrou-se que era justamente esse dia o ultimo da Novena e que talvez fôssem essas dôres as ultimas. Voltou para o seu trabalho, dirigindo todavia o seu pensamento até junto de Nossa Senhora e interiormente lhe disse:

«*Minha Mãe SS., apezar de todas as dôres que sofro, sei que me podeis curar; não vou tomar remédio algum e á noite tornarei a alimentar-me como as outras religiosas. Vós tudo podeis!!! Se quereis...*»

Desde esse instante até hoje não teve mais as dôres costumadas e continua bem.

Honra pois a Deus Nosso Senhor, e infindas graças á SS. Virgem da Fátima por todos os favores recebidos.

E.

«Lisbôa, 29/6/925—Rua Angra do Heroismo, 2.

Rev.mo e Ex.me Sr.

Desejando contribuir quanto posso para a gloria de Nossa Senhora, passo a relatar o seguinte facto: Uma rapariguinha minha conhecida chamada Deolinda d'Assumpção Tavares, moradora na Avenida Almirante Reis, 101, 4.º, tem uma filhinha de dois anos, que ha talvez pouco mais ou menos um mez appareceu com um olho inflamado, e ao quinto dia, como se se tivesse agravado, a mãe levou-a a uma pharmacia cujo dono tem o curso superior de pharmacia e o de bacteriologia do Instituto Camara Pestana, na Avenida Almirante Reis, 76, B. Receitou lhe uma pomada para usar durante dois dias e, se não melhorasse no fim dêsse tratamento, tinha de consultar um especialista. A mãe ao sétimo dia levou-a outra vez ao mesmo pharmaceutico, que constatou com alarme, que o mal tinha degenerado numa ulcera, e mandou-a imediatamente para o especialista. A pobre mãe doida de aflições, foi para casa porque era tarde, com tenção de a levar no dia seguinte ao médico. Contudo lembrou-se de lhe lavar o olhinho com água da Nossa Senhora. Fez isso umas quatro vezes e, depois da pequenita estar a dormir, poz-lhe em cima da palpebra um pouco de terra do mesmo lugar bemdito. No dia seguinte de manhã, já se estava preparando para ir ao médico, mas qual não foi a sua alegria, quando viu que a pequenina estava perfeitamente curada.

Comigo tambem se teem dado alguns casos em que Nossa Senhora me tem prestado o seu imediato auxilio. Sendo eu muito doente e sujeita a aflições recorro á Santissima Virgem da Fátima que me alivia imediatamente.

Seja sempre Bemdita e Amada a nossa querida, divina e dôce Mãe e Rainha.

Aurelia Val do Rio Henriques»

Agua da Fátima

Quem a quizer obter poderá dirigir-se a José d'Almeida Lopes — Fátima — Vila Nova de Ourem, que de boamente se presta a esse serviço visto que a administração da *Voz da Fátima* não póde tomar tal encargo.

Posto que a água seja gratuita, é necessário fazer conta com o recipiente, caixa de madeira onde se acondicione e o correio, o que tudo, não fica tão barato como a algumas pessôas poderá parecer.

Todos os dias

Sobretudo depois das aparições de Lourdes e da Fátima não deveria haver nem um christão que passasse um só dia sem recitar devotamente o seu terço. Esta devoção tem por fim louvar a Santissima Trindade; honrar o Filho de Deus pelas considerações elevadas e piedosas sôbre os nossos santos mysterios e d'uma maneira especial a Santissima Virgem. Na recitação do terço encontramos o segredo de bem orar, o meio de bem viver, a esperança de bem morrer e a participação em numerosas indulgencias.

Por ele se obtem a conservação e augmento da piedade entre os fieis, a victoria sôbre o demonio e sôbre as nossas paixões, a conversão dos herejes e dos pecadores.

Devemos rezal-o com fé, com respeito, confiança e amor, e ainda com a intenção de obter os fructos do Santo Rosário.

Assim teem feito tantos santos. S. Carlos Borromeu, S. Vicente de Paulo, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Sales e tantos outros não passavam um só dia sem o recitar, quaesquer que fôssem as suas ocupações.

Felizmente esta santa devoção vae-se generalisando e não é facil já encontrar uma familia regularmente piedosa onde se não recite em comum, principalmente á noite, havendo freguesias na nossa diocese onde quási não ha uma casa onde se não reze, sobretudo nos tempos de menos trabalho, no inverno, incluindo este mês de outubro, mês do Santo Rosário.

Um encontro entre duas jovens

— Onde vás tão cêdo?

— A' Missa e comunhão.

— Eu cá comungo uma vez por mês e parece-me que chega.

— Parece que não tens fé!

— O quê?

— Então olha cá: O que é a Eucharistia?

— E' bôa!... E' o Sacramento onde está Nosso Senhor Jesus Christo todo.

— E tu acreditas isso?

— Olha que pergunta!

— Pois se tens fé, esta não é lá muito grande nem muito prática porque lhe falta o *amor*.

— Ora essa! Eu amo a Nosso Senhor tanto como tu.

— Não me parece.

Comungarias mais vezes se o amasses! Quando se tem amôr a alguma pessôa não se deseja tel-a o mais perto possivel, abraçal-a quanto se possa... como tu costumas fazer a tua mãe?

Então porque não fazes isso a Jesus que te convida como a mim e aos outros fieis? «Vinde a mim todos...» diz Ele.

Sim, tens-lhe amôr... uma vez por mês!

Quanto a mim, desejaria comungar todos os dias porque sei que isto dá gôsto a Jesus e á Santa Igreja. Sei que tenho necessidade d'isso para me conservar pura. Por isso comungo sempre ainda que não achasse gôsto sensivel nisso.

Pensas tu que, se abraço todos os dias de manhã a minha mãe, não tenho muito maior prazer em viver, pela comunhão, coração a coração, alma com alma, com aquele que me deu a minha mãe, que me deu a sua, a Virgem Maria, que se dá a si mesmo e que me promete o Ceu?...

Outra vez

Nunca será demais insistir sôbre o caracter de penitencia e expiação que devem revestir todas as festas, romarias e peregrinações, sobretudo a Fátima.

As curas e outras graças concedidas por Nossa Senhora teem por fim chamar as almas ás realidades do nosso destino no mundo e á necessidade de se santificarem.

São meios extraordinarios de que se serve a Providencia para acordar tantas consciencias adormecidas que vão passando a vida descuidosamente, enleiadas na fascinação dos sentidos, sem olharem uns momentos para dentro de si mesmas.

E' Nosso Senhor que vae passando e batendo á porta de muitas almas e ai d'aquelas que lh'a fecharem. Não faz sentido ir á Fátima e voltar de lá crente mas com a alma carregada de abominações.

O primeiro cuidado deve consistir em lavar a alma em um banho de arrependimento no Sacramento da Penitencia, voltando resolvido a ser christão de palavras e de acções.

Tambem não fazem sentido as devoções de algumas senhoras que ás vezes aparecem vestidas despudoradamente, respirando sensualidade por todos os póros. Melhor fôra que ficassem em casa.

Não é o tenue manto de uma devoção postiça (que a ninguem engana) que impede que se lhes descubra, logo á primeira vista, toda a pobreza d'uma alma, no melhor dos casos, inteiramente frivola.

Que em vez de expiar não vamos ainda provocar o castigo de Deus sôbre nós e sôbre a nossa patria e estancar as graças de Nossa Senhora.

A's orações dos leitores

A's orações dos leitores recomendamos uma grande necessidade moral para que reine a paz em uma familia.

Itenerário para a Fátima

Algumas pessôas de longe nos pedem que indiquemos aqui o caminho a seguir para Fátima.

Póde tomar-se a linha de Oeste para a estação de Leiria que dista da Fátima cêrca de vinte e cinco kilometros. Fóra dos mezes de maio e outubro não será relativamente dificil alugar carro para Fátima.

As pessôas que preferirem seguir a linha do Norte pódem tirar bilhete para Chão de Maçãs ou Caxarias, que não devem distar muito menos que de Leiria, se não é que vão agora, como nos disseram, fazer um apeadeiro entre as duas estações, o que encurtaria a distancia.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte. . . .	33:151.400
Impressão do n.º 36 (25:500 exemplares)	586.500
Expedição e outras despezas	95.000
	33:832.900

Subscripção

(Continuação)

D. Maria Noemi de Faria .	20:000
D. Maria do Carmo Pereira de Lacerda de Penalva. .	20:000
P.e João Lopes Gomes. . .	10:000
D. Amelia Maria de Torres Santos	10:000
D. Dulce Martins Pereira .	10:000
D. Maria José d'Aguiar Leal	10:000
D. Bazelisa dos Santos Valerio.	10:000
D. Maria da Piedade Sergio Mattos.	10:000
P.e Miguel Ribeiro de Miranda	14:000
D. Ermelinda Miranda. . .	10 000
Madame Vavasseur . . .	14:000
D. Lucinda Pires Duque. .	10:000
D. Maria Joaquina.	20:000
José Anthero Nunes Leal Madureira	10:000
D. Maria Luiza Morgado. .	10:000
D. Marianna Pires.	10:000
D. Maria Gabriel de Souza e Silva	10:000
D. Ermelinda Homem de Gouveia e Souza . . .	10:000
D. Matilde Alzira de Souza Nobrega.	10:000
D. Maria Carlota Chagas. .	10:000
D. Elvira Barbara Vieira. .	10:000
Manuel Viegas Facada. . .	10:000
João Lourenço Gomes dos Santos.	10:000
Antonio Serras	10:000
Custódio Bento	10:000
D. Bernardina Mascarenhas	10:000
D. Laura da C. Martins . .	10:000
D. Emerenciana Galvão . .	10:000
D. Maria da Luz Bento . .	10:000
D. Joaquina da Conceição Ribeiro	10:000
P.e Joaquim de Lacerda . .	10:000
D. Maria Santiago.	10:000
Manuel da Polonia Batalheiro	10:000
D. Maria Clemente Alves Pinto.	10:000
D. Maria Izabel	10:000
D. Maria José de Brito e Cunha	10:000
Alberto Pereira	10:000
D. Candida dos Santos Serra	10:000
Noel Tavares Bracinha. . .	10:000
D. Victoria de Avelar George	10:000
D. Adelaide Saldanha . . .	10:000
José Barreiros	10:000
Ana Emilia Jeronyma . . .	10:000
D. Julia Marques	10:000
D. Domingas Fernandes . .	10:000
D. Maria Augusta Rodrigues	10:000
D. Rosa Correia Leite . . .	10:000
D. Maria Gertrudes Baptista Henriques.	10:000
Alvaro Pedro Estevinha . .	10:000
Viscondessa de Camarate. .	10:000
Baroneza de Pombeiro. . .	10:000
Jorge Maria Bandeira de Lima	10:000
D. Maria Henriqueta Magalhães	30:000
D. Matilde Barata	10:000
D. Emilia Barata	10:000
P.e Sebastião Rodrigues dos Santos.	10:000
José Rodrigues	10:000
Manuel da Costa Melicias.	10:000
Sara de Jesus Roque . . .	10:000
Joaquim da Silva Carvalho Junior.	10:000
D. Helena de Carvalho. . .	10:000
José Augusto Simões Esteves Lopo	10:000
D. Maria Joana Soares de Cabêdo.	10:000
D. Balbina Maria de Carvalho	10:000

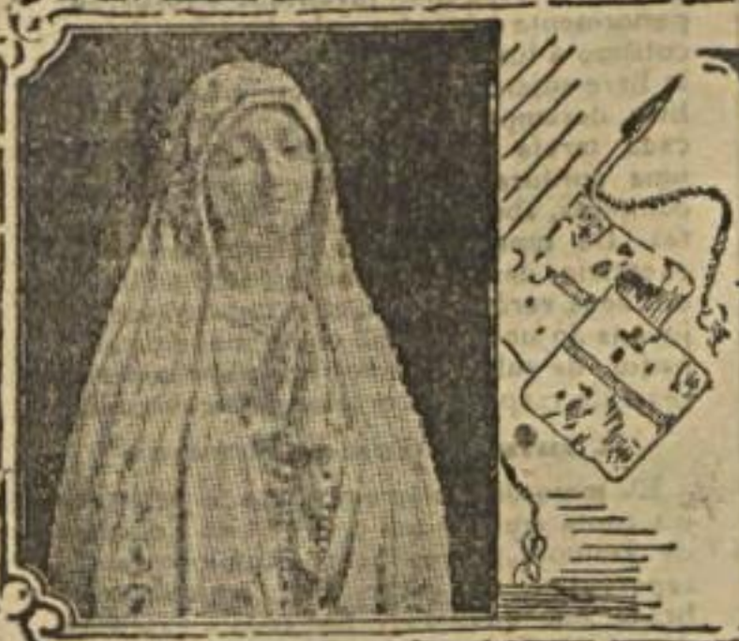
N. B. — Esperam a vez de serem publicados cerca de 700 nomes de subscriptores, isto é, todos os que enviaram dinheiro desde os meados de Março.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV LEIRIA, 13 de Novembro de 1925 N.º 38



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇAO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

A grande peregrinação nacional

FÁTIMA, CENTRO DOS CORAÇÕES

Raiou emfim o dia treze de Outubro, tão anciosamente esperado, qual dia formosissimo e delicioso de Primavera, alegre e feliz, cheio de graça e de encantos, como um mimo inestimavel do alto, esparzindo a flux sôbre a terra, recemsahida das sombras nocturnas, torrentes de luz suave e pura, que deleitava os olhos e inebriava as almas.

Mais uma vez, a charneca sagrada da Fátima, vae ser theatro de grandiosas e imponentes manifestações de Fé e piedade christã. De todos os recantos de Portugal, desde as veigas encantadoras do Minho até aos campos fertilissimos do Algarve, das cidades, villas e aldeias, centenas de milhar, porventura milhões de corações, volvem-se para a estancia bemdita do mysterio e do prodigio, num impulso irresistivel de devoção ardente e acrisolada.

Fátima é hoje, incontestavelmente, na nossa querida Patria, o throno mais esplendoroso de Jesus no seu Sacramento de Amôr e o centro mais augusto de devoção para com a Virgem Santissima.

E assim se explica que as multidões dos crentes se precipitem sem cessar, em catadupas gigantescas, sôbre a charneca árida e interminavel da Serra d'Ayre, onde só medra o pinheiro bravo e mal vegetam a urze e a azinheira.

Foi alli, com effeito, naquelle sólo abençoado, que, ha precisamente oito anos, a gloriosa Rainha dos Anjos pousou os seus pés virginaes para anunciar a trez humildes pastorinhos a necessidade do arrependimento e da penitencia a fim de conjurar os castigos divinos prestes a cahir sôbre nós, em expiação das culpas individuaes e das iniquidades collectivas.

A vela d'armas

No dia doze á tarde começam a chegar a Fátima, como guarda avançada dum poderoso exercito, as primeiras caravanas de peregrinos. São homens, mulheres e creanças das classes mais humildes da sociedade, que a pé, a cavallo ou em carros percorreram enormes distancias para poderem retemperar a sua Fé e desafogar os seus sentimentos de piedade, ainda antes da chegada do grosso da peregrinação, aos pés da branca estatua da Augusta Rainha do Santissimo Rosário, na minuscula mas graciosa capella das Apparições.

Durante a noite, sobretudo ás primeiras horas, a Cova da Iria e as suas immediações offerecem um espectaculo curioso e sobremaneira encantador. São milhares de sombras que se movem, como estranhos phantasmas, na escuridão da noite, á luz pallida das estrellas, ora isoladamente, ora em grupos, por vezes numerosos, para irem render as suas homenagens á Rainha do Ceu no proprio local em que ella se dignou apparecer.

A cada instante chega aos nossos ouvidos o brando cicio das préces dum grupo que passa a pequena distancia ou o echo longinquo de um cantico popular em honra da Virgem. Toda a noite — a noite de vigilia, — junto da capella commemorativa das apparições, os turnos de peregrinos succedem-se uns aos outros, recitando devotamente as suas orações ou entoando com enthusiasmo os seus canticos regionaes. Do alto da estrada districtal, a Cova da Iria, com os milhares de velas que os romeiros levam na mão, parece um lago immenso de luz, em que a abobada celeste reflecte, como num espelho, as myriades de estrellas que polvilham a sua superficie.

Aqui e acolá, ao pé duma arvore, debaixo dum carro, ou junto dum vallado, estão deitados sôbre mantas ou esteiras innumeros devotos que descansam das fadigas duma longa viagem e se preparam com um somno reparador para assistir com mais proveito espiritual, ás solemnidades do dia seguinte. Como são bellas e admiraveis as almas generosas dos nossos valentes serranos que, obedientes á voz da Virgem, alli vão, á terra bemdita das apparições, num grande espirito de Fé e num proposito consciente de expiação e resgate, fazer penitencia por si e pelos seus irmãos transviados e, reparando os crimes nacionaes, implorar a salvação da Patria!

O comboio especial

Pouco depois da meia-noite partiu de Lisbôa, da Estação do Rocio, um comboio especial, expressamente organisado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes para conduzir a Fátima os peregrinos da capital. Este comboio teve uma curta paragem em todas as estações para receber os peregrinos das diversas povoações situadas ao longo do percurso. A's cinco horas e meia da manhã, chegou, sem nenhum incidente desagradavel, á estação *terminus* — o novo apeadeiro de Ceissa-Ourem, inaugurado no dia quatro do corrente mês entre as estações de Chão de Maçãs e de Caxarias.

Na estação do Rocio tomaram logar no comboio especial centenas de passageiros, não se tendo enchido logo completamente todas as carruagens, porque a maior parte dos peregrinos de Lisbôa e do Sul do paiz haviam já partido nos comboios da vespera, tanto da linha do Norte, com destino a Torres Novas e Chão de Maçãs, como da linha de Oeste, com destino a Leiria.

Os servitas de Santarem

Quando parou no apeadeiro de Ceissa, o comboio estava literalmente cheio. Dezoito servitas, membros da Associação Nun'Alvares de Santarem, que tinham embarcado na estação daquela cidade, prestaram relevantes serviços, com um zelo e dedicação inexcediveis, á chegada do comboio especial. Sob as ordens de dois chefes delegados da direcção daquella benemérita collectividade ajudaram a conduzir os enfermos para os diversos meios de transporte que estacionavam no largo terreiro situado em frente do apeadeiro. Correctos e delicados no seu tracto, cheios de caridade para com as pobres victimas de tamanhas miserias humanas, desempenharam a sua rude tarefa de maqueiros voluntarios com uma perfeição verdadeiramente inexcedivel, que mereceu os encomios de todas as pessôas que fôram testemunhas da sua acção.

Bem hajam os simpathicos jovens catholicos da Associação Nun'Alvares de Santarem, que tão distinctamente se assignalaram naquela jornada de gloria, pela feliz iniciativa que tiveram de ir inaugurar o serviço de transporte dos enfermos da peregrinação nacional no apeadeiro de Ceissa! O seu gesto nobilissimo ficará para sempre registado em letras d'ouro nos annaes gloriosos de Nossa Senhora de Fátima e nos fastos brilhantissimos da sua prestimosa instituição, honra e lustre da Juventude Catholica Portugueza.

A grande romagem

Assomam já no Oriente os primeiros alvores da madrugada. O espesso manto de trevas que envolvia o planalto sagrado dissipa-se como que por encanto. O ambiente cuja temperatura descera uns poucos de graus durante as ultimas horas da noite, não tarda que seja aquecido pelos raios suavemente tépidos do sol nascente.

A' medida que as horas passam, o movimento de peões, cavalleiros e vehiculos intensifica-se duma maneira assombrosa num *crescendo* cada vez maior.

Centenas e centenas de automoveis, desde os mais luxuosos e elegantes até aos de typo mais modesto, *camions*, *camionettes*, *chars-á-bancs*, *motocicletas*, *bicicletas*, galéras, trens, *charretes*, carroças, carros de bois, numa palavra, todos os meios de transporte, ainda os mais primitivos e extravagantes, são utilisados para a condução dos peregrinos, pejando a estrada e os terrenos adjacentes, numa extensão d'alguns kilometros. A Cova da Iria apresenta aos que vão chegando um panorama deslumbrante, incomparavel, unico. Mais de cem

mil pessôas, de ambos os sexos, de todas as idades e condições sociaes, cobrem literalmente o vasto espaço que medeia entre a estrada districtal e a capela das missas.

A Virgem Santissima, atravez da sua linda Imagem, reprodução genial da Apparição, do esculptor Fanzeres, de Braga, parecia envolver num dôce olhar de ternura maternal aquela multidão imensa, que vinha alli tributar-lhe, em nome de Portugal fidelissimo, a homenagem que lhe era devida como sua Rainha e Padroeira.

A Capella das Apparições

São dez horas da manhã. A circulação de vehiculos na estrada torna-se quasi impossivel. A dupla fila delles, que se formou desde as primeiras horas do dia, é cada vez mais comprida. Na Capella das Apparições os fieis rezam as suas orações, cumprem as suas promessas ou tocam objectos de piedade, como terços e medalhas, na branca estatua da Virgem do Rosário. Homens, mulheres e creanças, sem distincção de classes, empunhando velas accesas, dão, uma e mais vezes, de joelhos, a volta á Capella, em cumprimento de vótos feitos em horas de angustia, rompendo a custo por entre a mole compacta de povo, que a rodeia. Sob o alpendre, por detraz do historico sanctuario, alguns servitas procedem á distribuição gratuita de cincoenta mil exemplares da «Voz da Fátima».

E' naquelle local, aos pés da veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosário, que se avalia e, por assim dizer, se apalpa a intensidade da crença do bom povo portuguez. Pessôas de todas as categorias sociaes, num amalgama nivelador inspirado por um vivo sentimento de egualdade e fraternidade christã, alli se juntam, a cada instante, erguendo os olhos e as mãos supplicantes para aquella que é justamente chamada o refugio dos peccadores e a saúde dos enfermos.

E a vaga humana, tumida e encapellada, circula continuamente, num fluxo e refluxo cadenciado, desde as proximidades da fonte miraculosa até á parte posterior da capella commemorativa das apparições. Feliz o povo que crê e ora assim!

A fonte miraculosa

Em torno da fonte miraculosa, que brotou cristallina e abundante a poucos passos da azinheira sagrada, depois da primeira missa campal, uma multidão innumeravel fervilha desde manhã cêdo, numa anciedade irreprimivel de fazer larga provisão da agua benefica e salutar. A forma circular da fonte prodigiosa facilita bastante a aquisição do precioso liquido, que jorra copiosamente por quinze grandes torneiras de metal amarello, que symbolisam pelo seu numero os quinze mysterios do Santissimo Rosário. Algumas torneiras só podem ser utilisadas pelos fieis que querem apenas beber agua no proprio local em que ella nasce.

A ligeira impaciencia dos mais apressados é facilmente contida pelos servitas, que regulam, ao mesmo tempo com prudencia e firmeza, o difficil accesso ás torneiras. O aprovisionamento da limpha maravilhosa dura horas compridas, interminaveis, desde as primeiras da manhã até ás ultimas da tarde. Os peregrinos enchem recipientes de todos os tamanhos e de todos os feitios, que levam comsigo para as suas terras distantes com a fagueira esperança de provocar, mediante a applicação da agua, a cura de alguma pessôa de familia ou de amizade ou, ao menos, proporcionar um pouco de lenitivo aos seus soffrimentos.

A Capella das Missas

Aproxima-se o meio dia solar, a hora dos successos mysteriosos, dos colloquios ineffaveis entre a Virgem e os videntes, nos paramos desertos e escalvados de Fátima.

A multidão, que se reune e comprime em torno da Capella das Missas, é agora mais densa do que nunca. Rios, ribeiros e regatos humanos descem, sem solução de continuidade, por todos os caminhos, veredas e atalhos, da peripheria para o centro do vasto amphitheatro formado pelo local das apparições. Desde o raiar da aurora, as missas succedem-se umas ás outras sem interrupção nos dois altares da Capella. A' primeira missa que se celebrou, assistiram os servos de Nossa Senhora do Rosário e um grupo numeroso de escoteiros catholicos de Leiria, que receberam com uma piedade edificante o Pão dos Anjos.

Emquanto se celebram as missas diversos sacerdotes distribuem a Sagrada Communhão a milhares de fieis, que, para a poderem receber com as devidas disposições, se tinham preparado, nas suas terras ou durante a viagem, com a recepção do Sacramento da Penitencia.

Os enfermos

Entretanto os enfermos, á medida que chegam, vão sendo transportados para o respectivo pavilhão, erecto em frente da capella. Os paralyticos e os enfermos cujo estado é mais grave, são conduzidos em macas pelos servitas. Mas o seu numero é tão avultado que as macas são insufficientes para a conducção rapida de todos. Como expediente da occasião, suggerido pela necessidade, dois servitas de Santarem, jovens de porte distincto e maneiras delicadas, dão-se as mãos e formam com os braços uma especie de cadeira, em que transportam uma senhora paralytica, que tinha vindo da Beira Baixa em automovel e cujo marido testemunha o seu reconhecimento e a sua commoção com a voz entrecortada pelos soluços e com os olhos marejados de lagrimas.

As macas são collocadas no chão, dum e doutro lado, em frente da capella. Nas numerosas bancadas do pavilhão sentam-se indistinctamente os demais doentes. Em breve nem um só logar se encontra vago. Aquelle hospital improvisado de um dia alberga nesse momento cerca de mil victimas de todas as miserias physicas que torturam a humanidade.

São tuberculosos, paralyticos, cegos, cancerosos, epilepticos, enfermos de toda a especie, que a Fé conduziu áquella estancia bemdita da esperança. E' que alli a augusta Mãe de Deus não raro lhes mitiga as dôres ou cura os males de que padecem, derramando sempre sôbre todos graças preciosissimas de conforto e resignação. E por issso nunca doente algum, animado de genuino espirito christão, se arrependeu jámais de ter percorrido a dolorosa via sacra da peregrinação a Fátima.

A estatua da resignação

Entre as senhoras enfermas ha uma que, mais que qualquer das outras, attrahe particularmente a attenção de todos os circunstantes. Tuberculosa em ultimo grau, tão magra que semelha um esqueleto, de rosto atrophiado pelo soffrimento, dir-se-ia a estatua viva da resignação christã. Exhausta de forças, jaz numa das macas, desprezada como um misero farrapo humano, que para nada serve e de que todos se afastam num egoismo cruel com receio do contagio, excepto naquele logar bemdito em que a caridade exerce soberanamente o seu imperio.

Muito nova ainda, casada de ha poucos annos, conforma-se com a santa vontade de Deus, esperando tranquillamente alguns alivios para o seu mal ou ao menos um sorriso de dôce conforto da divina consoladora dos afflictos. A' cabeceira, velando com todo o carinho por aquella a quem deu o ser, está sentado o pae, sympathico e venerando ancião, patriarcha duma numerosa familia, em que florescem tradicionalmente a crença mais pura e as mais solidas virtudes christãs.

A multidão que cerca o pavilhão dos doentes ora com fervor pela cura de todos esses infelizes.

Milhares de almas bôas, impulsionadas pela compaixão á vista de tamanhos infortunios, fazem violencia ao ceu com as suas ardentes invocações a Jesus Sacramentado e com a recitação incessante do terço do Rosario.

Os servitas e os escoteiros

O serviço de fiscalisação da entrada e acondicionamento dos doentes, organisado pelos servitas, é primorosamente dirigido pelos seus chefes. Dois médicos especialistas, dos mais distinctos da capital, presidem a esse serviço, cada um na sua respectiva secção. Conjunctamente com os servitas, lado a lado, trabalham sem descanso os escoteiros catholicos de Leiria, que rivalisam com eles em esforço inteligente e extremada dedicação.

Quasi todos na flôr da idade, esbeltos e garbosos, respirando juventude e força, superiormente educados pela doutrina do escotismo á luz dos principios christãos e pela livre sujeição a uma disciplina quasi militar, desempenham a sua espinhosa e delicada tarefa com acertado criterio e com uma cordura extrema na obediencia total, completa, absoluta ás ordens dos seus chefes. De uma gravidade irreprehensivel no exercicio das suas funções, sem embargo dos seus verdes annos, elles impõem-se aos jovens do nosso tempo como modelos acabados de submissão aos legitimos superiores e de respeito e cortezia para com todos.

A missa dos enfermos

E' meio-dia solar em ponto. A assistencia canta em unisono o Credo de Lourdes, de Dumont, cujos acordes melodiosos se repercutem ao longe e ao largo, de quebrada em quebrada, por toda a extensão da montanha, como notas vibrantes dum hymno de fé e de triunpho. Em seguida um sacerdote sóbe ao altar central para celebrar o santo Sacrificio, que é applicado, segundo o costume, por todos os enfermos e peregrinos presentes e por todas as pessôas que quariam, mas por qualquer motivo não puderam ir nesse dia a Fátima. Emquanto se celebra a missa todos os assistentes, alternadamente com outro sacerdote que ocupa o pulpito, rezam fervorosamente o terço do Rosario, entremeado de préces, louvores e canticos. O silencio — o silencio dos momentos solemnes — torna-se mais profundo. A commoção que se lê em todos os rostos é cada vez mais intensa. Os doentes associam-se á oração commum e a sua esperança reanima-se, cresce e fortifica-se.

Depois de cada dezena do Rosario, faz-se a breve e tocante supplica que a radiosa apparição ensinou aos humildes pastorinhos de Aljustrel. Chega o momento solemnissimo e emmocionante da consagração. O filho de Deus humanado, á voz do seu ministro, torna-se presente sob as especies eucharisticas, tão real e perfeitamente como está no ceu á direita de seu Eterno Pae.

O silencio é agora completo. Apenas se percebem o ligeiro murmurio das orações de algumas almas piedosas e os suspiros abafados e os soluços a custo reprimidos dos pobres enfermos. Ao toque da campainha, aquela mole imensa de crentes — o escol de Portugal christão — prostra-se por terra e adora com o celebrante a Victima Sacrossanta dos nossos altares.

As invocações

No pulpito o sacerdote que preside ás cerimonias começa a fazer, numa voz forte e bem timbrada, as commoventes invocações de Lourdes.

Senhor, nós vos adoramos!
Senhor, nós temos confiança em vós!
Vós sois o meu Senhor e o meu Deus!
Vós sois a resurreição e a vida!
Senhor, crêmos em Vós, mas augmentae a nossa fé!
Senhor, dizei uma só palavra e serei curado!

Canta-se o *Parce Domine* — que é simultaneamente uma oração e um acto de arrependimento — e em seguida continuam as invocações, sempre enternecedoras, mas agora mais movimentadas, mais vehementes, mais do fundo d'alma:

Senhor, aquelle a quem amaes está doente!
O' Deus, vinde em nosso auxilio, vinde depressa soccorrer-nos!
Senhor, fazei que eu veja!
Senhor, fazei que eu ande!
Senhor, fazei que eu ouça!
Saúde dos enfermos, rogae por nós!

Estas invocações, trez vezes repetidas por dezenas e dezenas de milhares de boccas, reboam formidaveis, como outros tantos gritos de angustia, naquelle templo immenso, sem pavimento e sem cupula, procurando forçar o Ceu, a condoer-se da infeliz e lastimosa legião de farrapos humanos que, de longe e com tanto sacrificio, alli vieram, cheios da mais dôce confiança, implorar a misericordia infinita do Senhor.

Segue-se a Communhão do celebrante que, após alguns breves instantes, ministra o Pão dos Anjos a um grande numero de fieis que não tinham podido recebê-lo mais cêdo. Depois da Communhão fazem-se as invocações a Nossa Senhora, que concluem

com a tocante supplica pela nossa Patria, que traduz sem duvida a causa final das apparições:

Nossa Senhora do Rosário, salvae-nos e salvae Portugal!

Terminara a Missa.

A benção dos enfermos

Vae realisar-se a cerimonia mais bella e mais commovente desse dia para sempre memoravel: a benção do Santissimo Sacramento aos enfermos, como outrora, ao percorrer as cidades, villas e aldeias da Palestina, ensinando a todos o caminho do Ceu e prodigalisando bençãos, graças, o Divino Mestre, agora occulto sob o veu das especies sacramentaes, *pertransit benefaciendo*, passa egualmente fazendo o bem. Está alli, encerrado na magnifica custodia de ouro, visivel aos olhos do espirito illuminado pela luz da Fé, aquelle mesmo Jesus, que, durante a sua vida publica, perdoava os peccados, curava as doenças e alliviava toda a sorte de miserias. A crença viva daquella multidão no dogma sublime e altamente consolador da presença real, a sua confiança inabalavel no poder e na bondade de Jesus no Santissimo e Augustissimo Sacramento da Eucharistia, o seu amôr ardente a quem tanto amou os homens e por elles se sacrificou, padecendo e morrendo numa cruz de ignominia, reflectem-se nos rostos e nos olhos de todos os que teem a ventura de assistir a esta scena augusta e ineffavel. O sacerdote, do alto do pulpito, principia novamente a fazer as invocações. A assistencia repete com ardor, com enthusiasmo, com transporte, essas invocações. São brados d'alma que se elevam no espaço, estuantes de expressão, são gritos de angustia que anhelam penetrar o Ceu, são supplicas de fogo que sahem de peitos alanceados pela compaixão ou ulcerados pela dôr e que sóbem confiada e humildemente até aos pés de Deus.

E os doentes, de mãos postas e olhos fitos na Hostia Santa e immaculada, traduzem, com as suas supplicas e com as suas lagrimas, os sentimentos de fé, esperança e amôr que abrazam os seus corações. O anjo do conforto parece ter descido áquella ephemera mansão da dôr e roçado com as suas azas brancas de neve os corpos macerados por tantos e tão grandes soffrimentos visiveis e as almas atormentadas por um sem numero de fundas maguas e terriveis provações ocultas.

E aqueles rostos, estranhamente desfigurados pelo martyrio phisico ou moral, mas santamente transfigurados pela resignação, reflectem um mysterioso clarão de Paraizo, o consôlo duma dôce esperança e a paz suavissima de Deus. O celebrante traça, finalmente, com o ostensorio de ouro o signal da cruz sobre as legiões innumeraveis de fieis ajoelhados a seus pés em attitude de adoração. Sóbe ao pulpito o dr. Luiz Castello Branco, o glorioso sobrinho de Camillo, que num rapto de eloquencia sagrada, entre as lagrimas de commoção da assistencia, celebra as glorias immarcessiveis de Maria Santissima e canta um formoso hymno á Patria, implorando para ella as bençãos do ceu.

Organisa se de novo a procissão que reconduz a estatua de Nossa Senhora do Rosario da capella das missas para a das apparições.

As curas

Subito começam a circular de grupo em grupo rumores vagos de curas miraculosas. Aqui, é uma creança de dois annos, cega de nascença que, deante da Imagem da Virgem, adquire de repente o uso perfeito do sentido da vista, no meio da estupefacção dos paes, que choram de alegria e de gratidão. Acolá, é um paralytico que caminhava dificilmente com o apoio de duas muletas e com o auxilio de pessôa amiga e que, tocando com a mão no andor da Virgem, recupera subitamente o movimento dos membros inferiores. Mais além, é uma senhora tuberculosa que, depois de muitos anos de soffrimentos indiziveis, alcança a saúde tão desejada, sentindo circular nas suas veias uma nova vida, que a omnipotencia divina infundiu no seu corpo exhausto e quasi inerte. São curas completas ou melhoras consideraveis, de doenças reputadas humanamente incuraveis, que enchem de assombro e viva emoção todos os que dellas teem conhecimento.

Mas como averiguar a exactidão dos factos que se narram, quer na sua substancia, quer nas circunstancias em que se verificaram, no meio daquella babylonia de cerca de duzentas mil almas?! Que os privilegiados da Virgem não se esqueçam de cumprir o rigoroso dever que lhes incumbe de communicar á respectiva commissão canonica, por intermedio do jornal a «Voz da Fátima», a noticia das curas de que foram objecto!

Quantas graças desta natureza ficam sepultadas, por descuido, no pó do esquecimento com prejuizo da gloria de Deus e sem proveito para as almas!

E', pois, mister que a noticia dessas curas, logo que ellas se realisam, seja enviada, com os pormenores considerados interessantes, ao rev. dr. Manuel Marques dos Santos, promotor fiscal da commissão canonica e professor do Seminario de Leiria.

O exodo dos peregrinos

Principia então a debandar o grosso da peregrinação. Pouco a pouco vão-se descongestionando os recintos das capellas e as immediações da fonte miraculosa. Na estrada districtal circulam outra vez milhares de vehiculos. A ordem mais perfeita reina naquella multidão tão variada, naquelle oceano infinito de povo, que parece obedecer, em todos os seus movimentos, a uma voz unica de commando, como um exercito disciplinado num vasto campo de batalha.

E todos os peregrinos lá se vão, na penosa viagem de regresso aos seus lares distantes, com a sua crença mais robustecida e com a sua piedade mais afervorada, cheios de saudade do dia inolvidavel que passaram no planalto sagrado de Fátima, no meio duma atmosphera saturada de sobrenatural, mais longe do mundo, mais perto de Deus!

Visconde de Montello

As curas da Fátima

Uma cura em Hespanha (Madrid)

Datada de Alemquer (Quinta do Brandão) em 28 de Setembro do corrente anno, além do relato que abaixo publicamos, recebemos do Ex.mo Sr. D. Antonio Maria de Noronha, uma carta, de que tomamos a liberdade de transcrever o seguinte:

«Junto envio uma carta d'um distincto advogado de Madrid, meu amigo e que eu conheço perfeitamente ha bastante tempo; elle é tambem advogado consultor da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes. Por isso bastantes vezes vem ao nosso paiz e assim conheceu os milagres de Nossa Senhora da Fátima; que elle está perfeitamente convencido do milagre que se passou com a filha. A carta foi escripta deante de mim em Madrid, na segunda quinzena do passado mês de Agosto do corrente anno, pelo Dr. Alfonso Cabello y Guillen de Toledo, pae da doente.

Segue a carta:

«En Mayo de 1924 estuve em Lisboa e comiendo en casa de mis buenos amigos Henrique Anjos y Maria Simões, esta ultima me dijo que me traeria á Madrid um frasquito de água de la Virgem da Fátima porque ella queria que la tomase mi hija Mariana Cabello que llevaba en cama desde el 23 Marzo en que fue operada por el Dr. Olivares en el Sanatorio del Rosário de un quiste idiatico del higado.

Lejos de mejorar despues de la operacion estuvo gravissima mucho tiempo y asi seguia al ir yo a Lisboa.

Regrese el 10 ó el 11 de Mayo sin poder traer el frasco del água de la Virgen porque Maria Simões no lo habia recibido el dia de mi partida para Madrid; pero el dia 31 vino su marido con otro Señor y trayo el frasco.

La tarde del 31 Mayo tomo el água la enferma y en la madrugada, sobre los dos, arrojo por la boca el 1.er pedazo de la membrana del quiste operado y el dia 2 de Junio á las 4 y las 6 de la mañana, en otro vomito, hechó los otros dos pedazos, el ultimo tan grande por cuanto tuvo que tirar de el con la mano porque se ahogaba.

El milagro para mi consiste: — 1.° *En no haber* arrojado esa membrana hasta despues de beber el água da Fátima. 2.° *En haber podido hechar por la boca una cosa que tuvo que pasar al estomago* sin que sepan los medicos como, y 3.° *Por la coincidencia* de haber-se retrazado el hecho hasta que vino el água.»

Quer isto dizer:

«Em maio de 1924 estive em Lisbôa e comendo em casa dos meus bons amigos Henrique Anjos e Maria Simões, esta ultima me disse que me havia de levar para Madrid um frasquinho de água da Virgem da Fátima porque queria que a minha filha Mariana Cabello, que estava de cama desde 23 de março em que foi operada pelo Dr. Olivares no Sanatorio do Rosário de um kisto hydatico de figado, a tomasse. Longe de melhorar, depois da operação esteve gravissimamente doente muito tempo e assim continuava ao ir eu a Lisbôa.

Regressei a 10 ou 11 de maio sem poder trazer o frasco da agua da Virgem porque Maria Simões não o havia ainda recebido no dia da minha partida para Madrid, mas no dia 31 seu marido com outro senhor, trouxe o frasco.

Na tarde de 31 de maio a enferma tomou a agua e na madrugada, cerca das duas horas, deitou pela boca o primeiro pedaço da membrana do kisto operado e no dia 2 de junho, ás 4 ou 6 da manhã, em outro vomito, deitou mais dois pedaços e por

fim, um tão grande, que teve de o tirar com a mão porque se afogava.

O milagre para mim consiste:

1.º—Em não ter lançado a membrana até ao momento em que tomou a agua da Fátima.

2.º—*Em ter podido deitar* pela boca uma coisa que teve de passar pelo estomago sem os medicos saberem como.

3.º—Pela *coincidencia* de ter-se demorado o vomito até que veio a agua.

Outro caso:

«No logar do Casal Viegas, freguesia e concelho de Ancião, mora Maria da Conceição, de idade de dezoito anos, filha de Luiz Gomes e de Brigida da Conceição. Ha dois anos que se encontra gravemente doente, sofrendo de tuberculose ossea. Esteve no Hospital de Coimbra durante perto de dois mezes, tendo antes ido a banhos de mar, por se desconhecer a doença. Sem encontrar alivios, voltou para casa, onde tem estado entregue aos cuidados de dois distintos medicos. Nenhumas melhoras, porém, obteve. Não se podia levantar da cama, e mesmo ahi sofria grandes dôres que a enchiam de aflição e a sua familia. Na perna direita, local da doença, não se podia tocar, sem um grande martirio para a padecente. Foi então que ela resolveu pedir a seus paes que a levassem em peregrinação a Nossa Senhora da Fátima, no passado mez de agosto, ao que eles acederam. E' a grande fé da enferma. Confiava plenamente que Nossa Senhora a curaria. Na véspera de partir foi confessada no sei leito. Em Fátima cheia de piedade recebeu a Sagrada Comunhão, e orou á Virgem Santa. Ao chegar a casa começou de sentir alguns alivios, e dois dias depois já se levantava do leito e vestia, sem auxilio de pessôa alguma, e agora já anda em pequenas distancias, tendo-a abandonado as dôres que tanto a torturavam, o que é presenciado pelos seus visinhos. A doente tinha tambem prometido trez comunhões pelas almas do Purgatorio.

Agradecida a Nossa Senhora por tão grande graça, quer torna-la publica por intermedio da *Voz da Fátima*.

Declaro que é verdade o que nesta disposição se diz.

Ancião, 11 de Setembro de 1925.

O Pároco

P.e Manuel Maria Gaspar Furtado

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	1.194:500
D. Gloria Ezequiel. . .	10:000
D. Rosa F. Motta Machado	100:000
Dr. Joaquim Coelho Pereira	50:000
D. Berta Oneto Nunes	30:000
Soma . . .	1.384:500

Agua da Fátima

A redacção ou administração da «Voz da Fátima» não pode encarregar-se de fornecer agua da Fátima ás pessôas que a desejam.

Presta-se a este serviço o sr. José d'Almeida Lopes—Fatima (Vila Nova de Ourem), a quem devem ser feitos os pedidos.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte.		33:832.900
Impressão do n.º 37 (50:000 exemplares). .	1:150 000	
100 resmas de papel. . .	5:040:200	
Expediente e outras despezas	95.000	
		40:118.100

Subscripção

(Continuação)

José Antonio Gonçalves d'Azevedo	10:000
Jornaes avulsos (J. d'Oliveira Dias)	20:000
D. Maria de Jesus Silva . . .	10:000
D. Luiza Stadlim	10:000
D. Ana Caldeira Tierno. . .	10:000
D. Clotilde Caldeira Guerra	10:000
P.e Antonio Maria Santos Campos	10:000
D. Leonor Martins Vieira	10:000
José Martins Vieira.	10:000
D. Mariana de J. Duarte . .	10:000
D. Lucrecia de Jesus	10:000
D. Alice Delgado	10:000
D. Maria Adelaide Nogueira	10:000
D. Helena Baltazar	10:000
D. Julia Cravo	10:000
D. Elvira Nunes	10:000
D. Maria da Piedade Assumpção.	10:000
D. Judith Gama	10:000
D. Emilia Nunes da Rocha.	10:000
D. Carminda Tavares Guerra d'Andrade.	10:000
D. Maria José dos Santos Moreira	10:000
D. Ismalia Bastos Messedet	10:000
D. Julia da Silva Neves d'Oliveira.	10:000
D. Angelica d'Artayett Lemos.	10:000
P.e João José Tavares . . .	10:000
D. Maria Rosalina Rocha. .	10:000
D. Maria Alexandrina Fragoso.	10:000
João d'Oliveira Mello . . .	10:000
Joaquim Augusto Pereira Borges.	10:000
Manuel da Ponte Rebello. .	10:000
João José d'Araujo.	10:000
D. Herminia Nunes de Carvalho	10:000
Francisco de Palva Boleu. .	15:000
Luiz de Souza Moreira Ribeiro.	10:000
D. Maria José de Lemos Queiroz.	15:000
D. Maria de Jesus Pinto . .	20:000
Manuel Lucio de Andrade .	10:000
Manuel José Pereira. . . .	5:000
D. Maria Carlota de Figueiredo Borges	10:000

DONATIVOS, JORNAES AVULSOS, ETC.

De José Maria da Costa Oliveira.	10:000
De D. Bernardina N. T. Mascarenhas	6:500
De D. Rita Costa	12:500
De Luiz Cambado.	3:750
De D. Maria M. Vaz Lobo de Vasconcelos.	16:500
De Delfim Maria d'Almeida	60:000
De Antonio Dias Morgadinho	6:800
De J. d'Oliveira Dias. . . .	25:000
De D. Maria de Jesus Durão	67:000
De D. Maria Emilia Vieira.	34:500
De D. Maria P. Mathias . .	50:000
De D. Zulmira da Matta Galhardo.	71:450
De P.e Netto	16:000
De D. Laurinda Marques. .	10:000
De Antonio Vieira Leite . .	50:000
De D. Beatriz Caetano Valente	25:000
De D. Maria das Dôres. . .	100:000
De D. Engracia da Assumpção Covas.	132:000
De D. Amelia Lopes de Mendonça.	16:000
De D. Virginia Lopes. . . .	40:000
De D. Josefa de Jesus . . .	20:850
De D. Carmina Vieira. . .	29:000
D. Perpetua de Jesus Guerra	12:000
D. Maria Farrajota Cavaco d'Assumpção.	10:000
A. Sampaio Maia.	10:000
Antonio Ignacio Vicente. .	15:000
D. Anna Teixeira Machado Mendes	10:000
D. Francisca Correia. . . .	10:000
D. Maria da Annunciação Franco	10:000
D. Maria da Luz d'Almeida Napoles	20:000
D. Alda Pires Gonçalves. .	20:000
D. Maria Francisca d'Avelar Pinto Tavares.	10:000
P.e Luiz da Conceição Torres	10:000
Donativo (D. Maria Fernanda Santos.	100:000
D. Maria do Sacramento Bordalo	10:000
D. Adelaide Bordalo Antunes	10:000
D. Celestina dos Santos Reinas	10:000
D. Anna Augusta Reinas. .	10:000
D. Maria Pinto.	10:000
Luiz Lopes Abegão	10:000
D. Lucrecia Pelejão	20:000
D. Julia Maria dos Reis . .	10:000
D. Maria Manuela Vaz Lobo de Vasconcelos	10:000
D. Maria Augusta de Mesquita	10:000
José Fernandes d'Almeida. .	10:000
Arthur d'Almeida d'Eça . .	10:000
D. Conceição Veneno Franco	10:000

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV LEIRIA, 13 de Dezembro de 1925 N.º 39

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇAO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Novembro

NADA de extraordinario assignalou o dia 13 de Novembro, em Fátima, durante a comemoração festiva das Apparições.

A concorrencia foi apenas de alguns milhares de pessôas. A torrente caudalosa das grandes peregrinações da primavera e do estio cessara de subito para dar logar ás romarias tranquilas, mais singelas e mais piedosas, da quadra agreste do outono e do inverno.

Todavia o numero dos enfermos era ainda bastante elevado. O recinto que lhes é destinado encheu-se por completo. Entre eles notava-se, pela sua magreza extrema e pela expressão de sofrimento que lhe vincava profundamente o rosto, uma joven de Lisbôa. Transportada em maca pelos servos de Nossa Senhora do Rosário, o espectáculo do seu cruciante martyrio atrahia as atenções de todos os circunstantes, que se comoviam imenso á sua passagem, impulsionados por um sentimento nobilissimo de compaixão christã. Durante toda a manhã celebraram-se numerosas missas nos dois altares da capella nova. Varias vezes foi distribuida a Sagrada Comunhão a centenas de fieis. Em torno do pavilhão dos doentes estacionava sempre uma multidão de alguns milhares de peregrinos que se renovava lentamente e sem cessar.

Todos rezavam com fervor o terço do Rosário e outras supplicas pelos enfermos presentes. A piedade era intensa e o recolhimento profundo. Respirava-se alli, naquellas horas abençoadas, uma atmosphera fortemente impregnada de sobrenatural.

Ao meio-dia solar começa a missa dos doentes.

O silencio torna-se mais profundo do que nunca. A recitação do terço é feita pela multidão duma maneira mais intensa e com uma piedade mais emocionante.

A' missa segue-se a benção do Santissimo aos doentes.

E' uma scena admirável de simplicidade e de belleza divina, que encanta e comove até ás lágrimas. Em seguida á benção geral, dada depois de cantado o *Tantum ergo*, sóbe ao pulpito o párocho do Reguengo do Fétal, rev. José do Espirito Santo, que numa linguagem popular, acessivel a todas as pessôas e com uma eloquencia que partia do coração, falou durante meia hora sôbre a prática da vida christã, recordando sentidamente os acontecimentos das Apparições e referindo algumas curas maravilhosas, especialmente as do dia 13 do mês anterior. Duas horas mais tarde, a Cova da Iria estava quási deserta.

Apenas aqui e acolá se via um ou outro peregrino, recitando uma ultima préce, cumprindo alguma promessa ou dirigindo á Imagem Sagrada da Virgem do Rosário um derradeiro adeus de saudade.

V. de M.

As curas da Fátima

Obtiveram graças que prometeram ou desejam ver publicadas e que reconhecidamente agradecem a Nossa Senhora do Rosário da Fátima:

—*D. Maria da Piedade Cabral Freire Falcão de Mendonça*, da Guarda, tendo um seu filho com apendicite, de que este melhorou logo que tomou água da Fátima.

—*Inocencia da Capa*, viuva, da Nazaré, que sofria de ulceras, tendo consultado sem resultado diferentes médicos—Temia-se a gangrena chegando-se a falar na possivel necessidade de cortar a perna. Começando a laval-a com água da Fátima. . . curou-se, conservando ainda os signaes.

Veio no dia 13 de Maio de 1924, com muita gente de lá, agradecer a Nossa Senhora.

—*João Gaspar*, de 26 anos, da Charneca da Peralva, freguezia de Paialvo, que estando atacado de albumina nada conseguiu da medicina.

Entre outras fez a promessa, se se curasse desde 13 de Julho de 1923 a 13 de outubro do mesmo ano, de ir seis mezes cada ano, de maio a outubro, emquanto fôsse vivo, á Fátima.

—*Julia de Jesus Victoria*, da Chainça, freguezia de Santa Catarina da Serra, que chegando a ter um pulmão afectado e a um grande estado de fraqueza, sonhando uma noite que seria curada por Nossa Senhora, o foi efectivamente tendo tomado durante sete dias chá de terra da Fátima.

—*D. Maria dos Santos Ferreira e Sá*, religiosa de S. José de Cluny, residente em Antony, (França) que tendo em maio de 1923 uma forte gripe e tendo durante seis dias escarros de sangue que não obedeciam a medicamentos, começaram a cessar logo no primeiro dia de uma novena e uso da água da Fátima.

—*Maria de Jesus*, solteira, de Famalicão, freguezia das Côrtes, que estando doente havia cêrca de um mês, tendo perdido a razão, se achou repentinamente curada em Famalicão no dia 13 de janeiro (dia da peregrinação á Fátima) de 1924.

—*D. Florentina Antunes Andrade* (Rua Conde Redondo, 10 — Lisbôa) que tendo se-lhe introduzido uma agulha num pé, conseguiu, invocando Nossa Senhora, passar sem operação, não sentindo incomodo algum.

—*Monsenhor Antonio Maria dos Santos Portugal*, da Ericeira, que no fim da ultima Quaresma «sentindo-me muito gripado (diz S. Rev.ma) sem querer ir á cama, uma noute que me tinha deitado cêdo, acordei quási tapado da garganta e, afflicto, sentei-me na cama, acendi a luz e vendo no relogio que eram 24 horas e 20 minutos (hora média ou moderna) bebi um gôlo de água de Nossa Senhora da Fátima e lavei um pouco a garganta com ela, invocando com fé a sua valiosa protecção! Pois de manhã estava melhor e peguei logo no sono, que foi reparador.»

—*Etelvina de Vasconcelos*, da Praia de Ancora, um favor recebido.

—*Gloria Pereira*, tambem da Praia de Ancora, uma graça recebida numa hora de grande aflição.

—*Clotilde Augusta* (Rua Gonçal-

ves Crespo, 38, Lisbôa), trez graças. A cura da sobrinha de uma sua amiga, que, tendo um tumor na garganta, já com a respiração tapada, começou a melhorar, sem intervenção médica, logo que recorreu a Nossa Senhora.

A sua cura de uma dôr sciatica, de que chegou a estar entrevada, e a reducção de 14 anos da pena, depois de uma novena a Nossa Senhora, a um seu irmão que, 15 dias antes, tinha sido condemnado em vinte.

—*D. Francisca A. Teixeira* (Taboaço) reconhecida a Nossa Senhora do Rosário da Fátima por graças recebidas, deseja publicar aqui o seu agradecimento.

—*D. Elvira Maria Julião*, residente no Rio de Janeiro, a cura de uma doença do estomago.

—*Izabel Santos Vieira e seu marido Joaquim Quintino*, da Ribeira da Lourinhã, tendo uma sua filhinha caído de um terraço em um alguidar de cinza quente, ficando horrivelmente queimada.

O médico declarou que tinha doença para dois ou trez mezes. Começando uma novena e loções com água da Fátima, ao terceiro dia começou a melhorar, estando curada quatorze dias depois.

—*D. Albertina Craveiro*, de Aveiro, tendo recorrido a Nossa Senhora do Rosário da Fátima em uma grande afflição, prometeu publicar a graça.

—*Rita Mendes*, (Rua do Sol ao Campo de Santana) lavadeira do Hospital de S. José, a quem no dia 27 de janeiro deu uma dôr em uma perna ficando esta fria como se estivesse sem vida, não a sentindo nem a mechendo, tendo de recolher á cama na Enfermaria de Santa Emilia. Sua amiga Cesarina da Piedade prometeu trez novenas a Nossa Senhora e no dia seguinte começou a melhorar.

—*José Pereira Alexandre*, dos Matos, freguezia de Espite, que sofria de ataques apopleticos desde os 12 aos 14 anos, chegando a estar leso de um lado.

Tendo a familia pedido a Nossa Senhora e tendo tomado água da Fátima, não continuou a ter taes ataques.

—*Antonio dos Santos*, casado, do Jarardo, freguezia dos Marrazes, estando doente havia cêrca de um ano, deitando sangue pela bôca, impossibilitado de trabalhar, recorreu a Nossa Senhora do Rosário da Fátima prometendo um sermão, um rosário e trez voltas de joelhos, o que se cumpriu em 13 de Maio de 1925.

—*José Vieira de Azevedo Coutinho*, da freguesia de S. Pedro de Porto de Mós, até á idade de 34 anos foi muito atreito a feridas.

Tendo ido á Fátima em um dia 13 de dezembro, de tal modo um sapato lhe agravou uma ferida que chegou a casa com dificuldade. Vendo o caso a agravar-se, recorreu a Nossa Senhora pondo sôbre a ferida um pano molhado e terra da Fátima. O mesmo, sentindo um braço inchado, em perspectiva de coisa mais grave.

—*Manoel Gomes Junior*, dos Cabeços (Figueiró dos Vinhos), que, vendo sua esposa desenganada dos médicos e já agonisante, joelhou junto do leito com suas trez filhinhas, melhorando a doente imediatamente. Fôram em maio á Fátima agradecer a Nossa Senhora.

—*Joaquim de Souza Martins*, da freguezia do Olival, tendo sentença de lhe cortarem uma perna por cima do joelho, usando da água, recorreu a Nossa Senhora da Fátima.

—*José da Silva Ferraz Junior*, de Carcavelos de Baixo (Olival), vendo-se muito afflicto com uma pneumonia, recorreu a Nossa Senhora, começando logo a melhorar.

—*D. Maria da Conceição Figueiredo Soares de Albergaria*, agradece a Nossa Senhora da Fátima duas graças que lhe concedeu, sendo uma a cura instantanea de umas dôres fortissimas que tinha uma sua filha, e outra, a cura, de um dia para o outro, duma inflamação nos olhos de uma sua netinha, só com a aplicação da água milagrosa.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.....	1.384:500
D. Maria Teodora Oliveira.....	20:000
D. Maria Augusta d'Almeida Pinto.....	50:000
Manuel Duarte Ortigoso (Brazil).....	100:000
D. Dulce Martins d'Azevedo	100:000
D. Deolinda Rocha ...	100:000
Soma.....	1.754:500

Fátima

Sob este titulo publicou o illustre e conhecido escriptor João Ameal, no *Jornal de Noticias do Porto*, de 17 e 20 d'outubro, dois bélos artigos.

Archivamos hoje aqui o primeiro, parecendo-nos dar nisso grande prazer espiritual aos queridos leitores deste jornalzinho.

«Chego agora de Fátima, exausto e feliz. Ha grandes horas que nos levantam acima de todas as miserias, de todas as asperesas e de todas as desilusões. A hora que vivi ante hontem na Cova da Iria foi uma dessas. Caminhei leguas pela serra, sobre atalhos pedregosos e debaixo dum sol violentissimo. Mas não tenho nisso o menor valor, porque cada um dos meus passos dir-se-ia transformado numa ascenção de aza — e, ao fim da jornada, nenhum cançasso me abateu Exausto e feliz volto de Fátima. Mas exausto de nobres emoções e feliz duma força nova qne me comunicou uma coragem mais alta de viver.

Durante uma larga manhã sentime envolvido pelo sobrenatural Respirei uma atmosfera milagrosa. A' minha volta, o ar que servia a longos haustos enchia-me duma comovida energia. E os meus olhos foram deslumbrados por o mais belo espectaculo humano.

Excusam de se rir os que não creem. Eu não sou um impulsivo, nem um fanático. Ha muito que me habituei a subordinar as minhas sensações á vigilancia atenta da minha inteligencia. Fui para Fátima com a resolução firme de não me deixar sugestionar. Fui devotamente mas com o programa intimo de só fazer juizo sobre aquilo que se apresentasse ao meu raciocínio em evidente certeza. E, no meu regresso, posso afirmar conscientemente, com a mais equilibrada convicção, que assisti a prodigios e que em face de mim se passaram factos superiores á pobre sciencia dos homens.

Já na vespera, no dia 12 de Outubro, me impressionaram as caravanas que encontrei escalando a serra. Iam fervorosas e ligeiras, rezando canticos. Nem uma queixa nem uma desordem. Um exercito ardente, em marcha para Deus.

No dia 13, muito cêdo, pouco depois da madrugada, o meu grupo, que ficára em Santa Catarina da Serra (mirante carinhoso sôbre os montes cercados de moinhos), iniciou o seu curso em direcção á Cova de Iria. Eram algumas dezenas de figuras de aldeia, modeladas no bronze rustico dos trabalhos do campo, cantando hinos sacros atraz dos seus párocos humildes Uns oito quilometros áridos, eriçados de rochas, inhospitos e sinuosos, debaixo duma canicula cruel. A noite fora breve, quatro ou cinco horas de descanço incompleto, entre a exaltação religiosa

Vencidas as duas horas de caminho chegamos ao logar santo. Houve uma surpreza geral, um pasmo imenso, em frente da multidão que povoava a cova da Aparição. Ranchos inumeros com seus pendões de côres mansas no ar, uma ondulação de sedas claras. A' volta do pavilhão onde se realizavam as cerimonias, milhares de creaturas febris comprimiam-se e oravam. Era como um enorme acampamento silencioso e contemplativo, ungido de graça, erguendo suplicas e bençãos. Nada do arraial portuguez, barulhento e bailador, orquestrado de violas e de harmonios. Uma colmeia enlevada, surdinante, espiritualisada e genuflexa. Aqui e alem, na distancia, vultos de Fra-Angelico, olhos postos no alto, simples e formidaveis, de mãos juntas. Velhos quasi seculares, trôpegos e esqueleticos, cumprindo promessas edificantes, desfiando rosarios, percorrendo de joelhos a grande extensão — como estampas inverosimiveis a traçar a via dolorosa dos seus golgothas. Toda a dor humana purificada pela ascenção da fé — subindo ao céu á busca das consolações e dos balsamos.

Eu tenho, quasi sempre, um movimento de hostilidade ante as massas plebeias, grosseiras e anonimas, esmagadoras e barbaras. Mas ali estava perfeitamente perdido na larga fraternidade, — porque os corpos tinham-se atenuado e ficavam apenas nos olhares anciosos, na ascese das atitudes, no recolhimento dos gestos, rebanhos de almas implorantes, egua-

ladas no seu infortunio e no seu vôo, parcelas de humanidade em transfiguração mistica.

Por toda a manhã estranha (o sol encobrira-se e filtrava apenas uma luz sonambula de mágica) a Cova de Iria foi como um presepio bento, cruzado pelo formigueiro dos peregrinos. Ao meio-dia, a imagem da Senhora de Fátima surgiu, aos ombros dos devotos. A multidão abriu alas. Agitaram-se milhares de flamulas. Um clamor unanime, oceanico, aclamava a Padroeira. E foi um minuto máximo, um supremo e espantoso minuto de entusiasmo profundo.

A estrada não chegava para os automoveis, os carros, os animais — todos os meios de condução dos que não podiam andar. Passavam macas, levando entrevados e enfermos. Em todas as faces, as lagrimas nasciam, expontaneas. E sempre, cada vez mais prolongados os écos dos canticos e os fervores esparsos das avé-marias... Até que desceu a tarde — velando os horisontes, espalhando as primeiras penumbras. Dispersavam os peregrinos. Pouco a pouco, vagarosamente, a Cova de Iria ia ficando deserta. A muita gente ouvi eu dizer que não queria mais sair dali. Mas afinal, tinham de se resolver a abandonar o logar santo, depois de tocar a Imagem da Senhora de Fatima com as suas medalhas, os seus terços, os seus dedos tremulos.

Aqui e além, ainda se atardavam pequenos bandos. Uma ultima oração em comum, um ultimo hino, uma ultima suplica... E todos, fortes e remoçados, deixavam o abrigo sacratissimo, regressando á vila, com outro clarão nas almas e outra graça dos corações dilatados...

Só num outro artigo, que escreverei amanhã, poderei contar os factos prodigiosos a que assisti com todo o escrupulo da minha inteligencia — e que se me revelaram em perfeita clareza. Mas volto a repetir: cheguei de Fátima exausto e feliz As horas que vivi em Fátima marcam de claridade toda a minha vida futura.»

JOÃO AMEAL

Pedido de roseiras

Havendo o projecto de adornar os muros do santuário de Nossa Senhora da Fátima com roseiras, agradecem-se as que mandarem entregar no próprio local, já enraizadas para serem plantadas.

E como não haverá numero suficiente para este ano cobrir todos os muros, muito agradeciamos que cada um em suas casas, por ocasião das podas, fizesse a plantação dos exemplares que tiver devoção de oferecer em 1926.

E' conveniente marcar em cada roseira o nome ou, pelo menos, a côr das rosas.

CIRCULAR

Rev.mo Sr.

Aumentando de ano para ano o numero dos peregrinos que de toda a parte acodem em piedosa romagem a Nossa Senhora da Fátima, é do meu dever velar para que este movimento religioso não caia nas irregularidades que infelismente caracterisam muitos dos actos do culto da nossa Santa Religião em Portugal.

Pelo que determinamos ao Rev.mo Clero d'esta Diocese o seguinte:

1.° — Os Reverendos Sacerdotes devem zelosamente guiar os peregrinos, atende-los no Santo Tribunal da Penitencia e ministrar-lhes a Sagrada Comunhão.

2.° — E' muito do meu desejo que nas freguesias onde se organisem peregrinações, estas sejam acompanhadas pelo Reverendo Páraco ou outro Sacerdote, seguindo pelo caminho, seja a pé ou de carro, recitando o Santo Rosário, entoando, em coro, canticos religiosos, etc.

3.° — Todo o Clerigo d'ordens sacras d'esta Diocese, que vá á Fátima nos dias das peregrinações, deve lever vestida a batina.

4.° — Na Cova da Iria os Reverendos Sacerdotes cumprirão as ordens que lhes der quem fôr por mim nomeado para presidir ás peregrinações, ajudando a confessar, distribuir a Sagrada Comunhão, etc.

5.° — Até nova ordem não é permitido confessar no local pessoas do sexo feminino.

6.° — Concedo aos Reverendos Sacerdotes extranhos á Diocese de Leiria, emquanto durar a sua peregrinação, as licenças e jurisdições que tenham dos respectivos Ordinarios, mas encarregamos em sua consciencia os Reverendos Sacerdotes d'esta Diocese de exigir os documentos, se não os conhecerem pessoalmente.

Leiria, 6 de Outubro de 1925.

(a) † JOSÉ, BISPO DE LEIRIA

No ceu, todos seremos bélos

A belleza do corpo e, em particular, a belleza do rosto, é uma das qualidades mais ambicionadas do homem e, sobretudo, da mulher. E' ella a que mais deleita a nossa vista.

Ora isto é normal e querido pelo Creador; o que elle condemna é que façamos um idolo da nossa carne.

Esta deve obedecer ao espirito e o espirito a Deus: esta é que é a ordem.

E' fóra de duvida que a belleza será uma das qualidades dos corpos gloriosos no ceu. A Egreja diz-nos que estes corpos serão dotados de quatro perfeições fisicas: agilidade, subtileza, claridade e impassibilidade.

A palavra «claridade» é uma imagem que significa antes de tudo a belleza.

Seria infantilidade entender por esta palavra só um maior ou menor grau de luminosidade, de não ver nos bemaventurados senão lampadas electricas d'uma intensidade fulgurante. Esta luz será, ao que parece, um dos atributos dos corpos celestes, mas a harmonia e a perfeição das formas é bem mais para desejar. Dizer a uma dama que ella brilhará lá em cima como uma lampada com intensidade de tantas velas não lhe causaria maior satisfação. A claridade é não só isso, mas mais e melhor que isso. Ora é certo que sendo o ceu o logar da perfeição e de felicidade, é tambem o da belleza, mesmo fisica.

Nada nos póde dar uma ideia da belleza da humanidade de N. Senhor no seu corpo e na sua alma. E' no ceu, sobretudo, sob todas as relações, o mais bello dos filhos dos homens.

Depois d'Elle, a Virgem Maria. *Quam pulchra es!* Como sois bella, Lhe dirá Deus e lhe cantarão os anjos!

Depois de Maria, os santos na ordem da sua santidade. Quanto mais fôrem santos, mais serão felizes na sua alma e mais bellos nos seus corpos resuscitados. O ultimo dos eleitos será imcomparavelmente mais bello que a mais bella creatura da terra.

No entanto poderão dizer-nos: «se um homem, feio cá neste mundo, se torna bello no ceu, já não será o mesmo mas outro individuo».

Nada mais falso.

Não ouvimos nós dizer muita vez: Fulano está *mais bonito*, ou fulano *está mais feio?*

A's vezes, uma figura que é bella aos dez annos é desagradavel aos 20, ou reciprocamente. Fica no entanto sempre a mesma pessôa. Certo rosto, agora escalavrado e encarquilhado pela velhice, já foi fresco, puro, delicado e delicioso na sua juventude.

Um individuo póde ser desfigurado pelas bexigas, por um desastre, pela doença, ficando sempre o mesmo.

Ao contrario, Deus póde muito bem, embelezar o rosto de um eleito sem mudar a sua personalidade. Se-

remos todos bellos, bellesissimos, no çeu, o que não nos impedirá de permanecermos os mesmos.

E sel-o-hemos na medida em que tivermos sido bons, castos e santos, durante a nossa vida.

Convém, na verdade, que a belleza da alma se reflita sôbre o corpo e que o corpo seja recompensado da parte que tiver tomado na virtude e nos sacrificios da alma.

Ao contrario, os condemnados serão feios, deformes e horriveis de vêr. Não é imaginação, é um facto que vem da propria lei que rege os corpos gloriosos. Convém que a fealdade da alma se reflita sôbre o corpo e que o corpo seja castigado pela parte que tomou nos vicios e torpesas da alma.

Portanto, minha senhora, quantas conclusões filosoficas e praticas deverieis tirar d'esta verdade!

Nada de pós d'arroz, de pintura, de carmim nos labios lá na outra vida! Isso, que já cá na terra é feio e detestavel, sujaria os eleitos; nada embellezaria, nem mesmo os condemnados. Sereis bella, muito bella, deslubrante de belleza, sendo piedosa e modesta neste mundo. Sereis feia, horrivelmente feia, um inferno, se tiverdes, o que Deus não permita, a desgraça de para lá ir. Ora, a «coqueterie» conduz aos amores culpáveis e estes ao abismo eterno.

Quanto mais fordes «coquetes», vaidosas neste mundo, quanto mais tiverdes procurado brilhar e deslumbrar, quanto mais usardes os braços e peito nús nessas reuniões frivolas, mais fareis penitencia no Purgatorio, (supondo que não desçai smais baixo) e menos bella sereis no ceu.

A aldeãsinha rude vos eclipsará pela delicadeza e pelo esplendor da sua belleza. Quanto mais fordes humildes, simples e puras neste mundo, mais sereis bellas e triumphantes no paraizo.

Uma ambição legitima

O joven Naguere, condenado, ha pouco tempo em França, a 15 anos de trabalhos forçados, disse em pleno tribunal, após a leitura da sua sentença:

«Perdôo aos jurados: a sentença é justa. Perdôo aos policias: fizeram bem em prender-me. Mas nesta sala ha um homem ao qual não posso perdoar. Vêde-o: é meu pai. Educou-me sem religião, sem o temor de Deus.»

Um penitente convertido

Na guerra da França com a Holanda, um oficial do exercito francez, ao passar por Cambray, foi ter com o bom Fenelon e lhe disse:

Monsenhor, dentro de poucos dias vou encontrar-me com o inimigo. Antes de entrar em batalha, sinto-me vivamente arrastado a fazer-vos a confissão das minhas faltas; mas desejaria ouvir da vossa bôca eloquente as provas que demonstram a divindade da Confissão.

— Da melhor vontade, respondeu o afavel Prelado: todavia, como é natural seguir em tudo o caminho mais curto, confessae-vos primeiro; e talvez que, depois de terdes feito esta nobre acção, me queiraes dispensar de vos dar as provas que pedis.

— Mas esse processo é empirico, balbucia timidamente o joven oficial, visto ser preciso praticar a confissão para conhecer os motivos dela.

— Póde ser assim em theoria, ajunta o piedoso arcebispo; vêde que é, de facto, duma eficacia certa. Cedei pois á minha edade e experiencia, senão á vossa convicção, e, na hypothese de no fim vós julgardes escusada toda e qualquer discussão, teremos ganho, um e outro, duas horas que poderemos contar, vós para a França e eu para a Egreja.

Vencido pelos acentos desta bôca d'ouro, o oficial ajoelhou-se. Entre ele e o santo pontifice estabelece-se um coloquio mysterioso, que Deus cobriu com todo o amor que tem aos filhos prodigos, quando regressam ao lar paterno.

Quando a confissão terminou, o penitente chorava, e o confessor estreitando o ao peito, dizia-lhe: — Está bem! Quereis agora que vos demonstre a utilidade do que acabaes de fazer?

— Não, monsenhor, respondeu o joven oficial soluçando; fiz mais do que comprehendel-a: senti-a.

Uma lição

Uma manhã, ahi pelo ano de 1845, apeava-se em Ars a senhora Ettiennette Poignard. Muito piedosa, habituada á comunhão frequente, esta bôa alma teve a felicidade de vêr muitas vezes o Santo Cura de Ars e de confessar-se a elle.

Chegada a Ars, foi logo ouvir a Missa de M. Vianney e, no momento da Santa Comunhão. ajoelhou-se á Santo Mesa.

O Santo Cura de Ars foi distribuindo a Sagrada Eucharistia ás pessôas presentes e, quando chegou a vez da senhora Poignard, parou, continuando imovel.

Mal se póde imaginar a agonia intima d'aquela senhora. Sem saber como explicar o proceder do Santo Sacerdote, pôs-se a recitar intimamente, no seu coração, actos de fé, esperança e caridade. Terminados elles, o Santo Cura de Ars saiu da sua imobilidade e deu-lhe a Comunhão como aos outros.

No entanto a turbação da sua alma continuava. Porque seria esta paragem? Qual a razão d'esta atitude? O que significa a grave severidade do celebrante? A dita senhora procurou logo abordar M. Vianney.

Obteve esta resposta:

— «Quando se não tem feito as orações da manhã e que se tem feito uma viagem muito dissipada não se está suficientemente disposta a fazer a Santa Comunhão!»

— Foi um traço de luz. Efectivamente, a rapidez da partida tinha-lhe feito omitir a elevação matinal do coração para Deus e as conversas no carro não tinham dado ocasião de compensar tal esquecimento. A culpada sentiu tanta mais confusão quanto ella sabia que o Santo Cura só por uma intuição sobrenatural, podia ter tal conhecimento.

Que lição para todos não é este episódio!

Voz da Fátima

Despezas

Transporte.....	40.118:100
Impressão do n.º 38... (24.500 exemplares).	563 500
Outras despezas.....	117 000
Soma....	40.798.600

Subscripção

(Continuação)

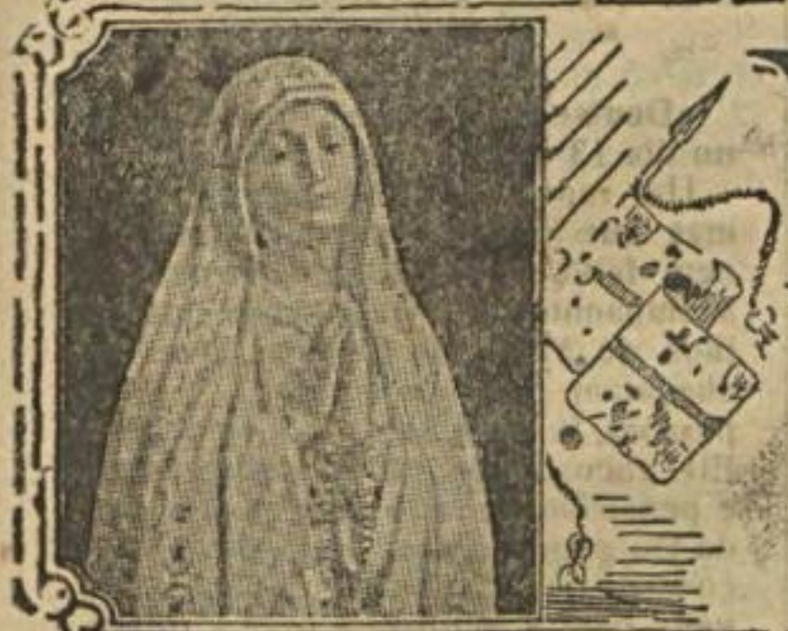
Jayme Justo, 10:000; Carlos Alberto da Costa Reis, 10:000; D. Maria Teresa B. C. Silva Passos, 10:000; Francisca de Jesus Mansa, 10:000; Maria de Jesus Pinho Cardoso, 5:000; Maria José Vieira, 10:000; De jornais e percentagens (D. Maria das Dores, em abril), 72:000; Lucio Ribeiro da Cunha, 10:00; D. Maria do Carmo Corte Real d'Abreu de Lima, 10:000; D. Maria da Gloria d'Abreu de Lima e Fonseca, 10:00; D. Maria Joaquina Tavares de Proença d'Almeida Garreth, 10:000; Dr. Sebastião Sarafana, 50:000; D. Emilia Pacheco Azevedo, 10:000; D. Maria Senna Martins, 20:000; D. Patrocinio Cabral Soares d'Albergaria Mendes Oliva, 10:000; Madame Torres, 10:000; Padre Augusto José Vieira, 10:000; D. Ana Tavares d'Oliveira, 10:000; D. Rosa Emilia da Costa, 10:000; D. Izabel Cortezão, 10:000; D. Maria Izabel Monteiro Reinas, 20:000; D. Maria Emilia Tinoco Lobo, 20:000; D. Eliza Nunes Mexia d'Almeida, 15:000; D. Maria Ferreira Duarte, 15:000; D. Maria Henriqueta Ribeiro Bapti-ta, 5:000; D. Antonia Moreira Freire Veloso da Costa, 10:000; D. Clotilde Teixeira d'Almeida, 10:000; Padre Agostinho d'Oliveira Correia Leandro, 10:000; Padre Joaquim Lopes Praça, 10:000; D. Januaria Miranda, 15:000; Antonio Baptista, 10:000; João Fernandes Casqueira, 10:000; Manuel Maria Vilarinho, 10:000; Uma Irmã do Coração de Maria, 10:000; D. Laurinda Marques, 10:000; D. Joaquina Almada Oliveira, 10:000; D. Maria Albina Almada Burguete, 10:000; D. Maria Amelia Almada Albuquerque, 10:000; D. Virginia Almada Mello, 10:000; José Almada Mello, 10:000; D. Alda do Nascimento Cruz Carvalho, 10:000; José da Fonseca Castello Branco, 20:000; D. Herminia da Fonseca Albuquerque, 10:000; João Baptista d'Almeida Carvalho, 10:000; Padre Luiz da Costa Carvalho, 10:000; Padre Antonio Rodrigues Xavier, 10:000; D. Magdalena Carrico, 10:000; D. Rosa Leandro da Silva, 10:000; D. Ana da Conceição, 10:000; D. Clotilde d'Oliveira e Souza, 10:000; Augusto Araujo de Carvalho, 10:000; Comendador João Curado, 10:000; Dr. Luiz d'Oliveira, 10:000; D. Ana Charters, 10:000; D. Irene Leitão Santos, 10:000; D. Maria Candida Colen Barreiros, 10:000; D. Miquelina Louro Fernandes, 10:000; Padre Ismael Augusto Guedes, 10:000; D. Rosa Duarte Ribeiro, 10:000; D. Maria José Lino Correia Ginjeira, 10:000; D. Maria Victoria da Silva, 10:000; D. Maria das Dores de Matos Boavida, 10:000; Padre Francisco A. da Silva Valente, 10:000; Padre Rodrigo Luiz Tavares, 10:000; D. Guilhermina Amelia Alves Fortuna, 10:000; D. Maria Emilia Barbosa Branco de Mello, 10:000; D. Rosa da Gloria Rebimbas, 10:000 e D. Gloria de Jesus Rebimbas, 10:000.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV LEIRIA, 13 de Janeiro de 1926 N.º 40



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇAO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima

13 de Dezembro

MAIS um ano decorreu após os acontecimentos maravilhosos de Fátima, um ano em que a Virgem Santissima prodigalisou um sem numero de graças e bençãos sobre milhões de crentes que, cheios de confiança na sua protecção maternal, a invocaram piedosamente nas enfermidades dolorosas do corpo e nas crises não menos dolorosas da alma.

A devoção para com a augusta Mãe de Deus, que para salvação de Portugal, se dignou aparecer, numa charneca árida e esteril, a trez humildes pastorinhos, propaga-se e intensifica-se cada vez mais, fazendo convergir para aquele logar bemdito legiões de almas e de corações, sequiosos de verdade, de virtude e de paz.

Dir-se ia que a Rainha do Ceu, pousando os seus pés virginais naquele cantinho da terra, e embalsamara com o perfume dulcissimo e inebriante da sua graça e do seu amôr, tornando-o desde esse momento um fóco podereso de atracção das almas, um polo magnético espiritual de extraordinária e assombrosa energia. O dia 13 dezembro amanheceu triste e sombrio, como um verdadeiro dia de inverno.

O ceu toldado de nuvens densas e escuras, como na véspera, ameaçava despenhar sôbre a terra as torrentes de água das suas fecundas e inexgotáveis cataractas. Todavia durante o dia inteiro nem uma gota de chuva orvalhou a serra, embora o firmamento conservasse sempre até á noite o seu sobrecenho carregado e ameaçador.

O concurso de peregrinos foi, como aliás era de esperar, consideravelmente inferior ao dos outros meses. Nem sequer a circunstancia de o dia 13 ocorrer num Domingo contribuiu para aumentar o numero dos romeiros. O frio, a chuva dos dias precedentes, o mau estado das estradas e, sobretudo, a proximidade do dia 13 de Outubro, escolhido de preferencia como o dia 13 de Maio, pela grande maioria dos fieis para a sua peregrinação, explicava cabalmente a diminuta concorrencia de romeiros no dia 13 de Dezembro.

Apesar da escassez de sacerdotes, inhibidos de ir á Fátima por causa do onus da celebração da missa nas suas egrejas paroquiais ou nas suas capélas, algumas missas se disseram nos altares do pavilhão dos doentes, a que assistia uma grande multidão devota e recolhida. Nestes dias de menos concurso de povo, em que reina por toda a parte mais ordem e socêgo, em que a piedade é mais viva e mais intensa e o recolhimento mais profundo, parecem ter um encanto muito particular os actos religiosos que ali se efectuam. Afigura-se-nos que o ambiente que temos a consolação de respirar está mais impregnado de sobrenatural e que a paz suavissima de Deus desce mais copiosa das alturas sôbre as almas de bôa vontade.

Ao meio-dia e meia hora celebra-se a ultima missa, a missa dos enfermos. Durante ela, um sacerdote reza o terço do rosário alternadamente com a assistencia. De vez em quando ouve-se um piedoso cantico popular. Depois da comunhão do Sacerdote distribue-se mais uma vez aos fieis o Pão dos Anjos. Segue-se a benção aos enfermos, profundamente emocionante como sempre, e por ultimo a benção geral a todos os peregrinos presentes.

Sôbe então ao pulpito o rev.mo Joaquim Alves Correia, procurador geral das missões do Espirito Santo, que fala sôbre a devoção a Nossa Senhora e a necessidade da penitencia. Reconduzida, na fórma do costume, a estátua de Nossa Senhora do Rosário da capela das missas para a das aparições, a multidão começa a dispersar-se e pouco tempo depois apenas alguns fieis, decerto das povoações mais proximas, se encontram aqui e acolá, rezando as sua orações ou esforçando-se a custo por se subtrair á atracção quasi irresistivel que exerce sobre as almas crentes e piedosas aquela estancia tantas vezes santificada pela presença da gloriosa Rainha dos Anjos.

V. de M.

As curas da Fátima

«Lisbôa, 6/7,925

Sr. Director da *Voz da Fátima*

Para honra e gloria de Deus e da Virgem Santissima venho tornar publica a minha gratidão para com Nossa Senhora do Rosário da Fátima, duma graça recebida por meu marido Germano da Silva. Em Abril de 1922 começou a sentir-se com muitas dôres no corpo, fastio, insónias e muitos suóres, chegando a ensopar 14 camisolas por noite, tendo sempre lenços dobrados debaixo dele. Todo o corpo parecia uma nascente a brotar água. Fiz todos os remédios que me indicavam. Vendo que não obtinha resultado, chamei o Ex.mo Sr. Dr. Eduardo d'Oliveira Mota, dizendo ser uma inflamação nos intestinos. Ao fim de cinco mezes as melhoras eram as mesmas, apesar de todos os esforços deste clinico. Como tivesse de se retirar para águas, chamei o Ex.mo Sr. Dr. Berlim, dizendo ser uma intercolite. Da mesma fórma a doença não obedecia, continuando com grandes aflições, deitando umas coisas que pareciam bocados de tripas, julgando muitas vezes estar próximo o seu fim, apesar deste ultimo clinico fazer todos os esforços possiveis por combater a doença. Na noite de 16 de novembro do mesmo ano, vi-o tão aflito como nunca o tinha visto. Pediu-me que chamasse o médico imediatamente que ia morrer. Como fôsse muito tarde e o médico assistente ficasse afastado, chamei o Ex.mo Sr. Dr. Costa Nero por me ficar mais próximo. Depois de o ter observado disse ser coisa grave, chegando a tirar-lhe algumas análises do sangue e urinas e continuando sem obter resultado, sendo sempre o Ex.mo Sr. Dr. Berlim de acôrdo com todos os medicamentos. Assim esteve até Outubro de 1924. Uma comadre minha,

ao ter conhecimento de muitos milagres de Nossa Senhora, arranjou-me uma pinguinha d'agua a tomar ás gotinhas e, desde essa data, não tornou a tomar outro qualquer medicamento.

Depois de tomar a água esteve durante 15 dias a deitar sangue negro, o ventre começou a diminuir, este a sentir-se muito aliviado e a ter apetite. Nunca mais teve vómitos nem suóres. Ao fim de um mês estava perfeitamente bom e já foi trabalhar, graças a Deus e á Mãe Santissima, e daí para cá não tornou a sentir mais nada. Faça V. Ex.ª o uso que entender desta minha carta que tinha imenso prazer ver publicada no jornal de Nossa Senhora, a *Voz da Fátima*.

Subscrevo-me com a máxima consideração,

Rosa Silvina da Silva

Rua Ferreira Lapa, n.º 37, 3.º E. Lisbôa.

ATESTADO MÈDICO

Eu abaixo assignado atesto sob a minha honra profissional que Germano da Silva, morador á Rua Ferreira Lapa, 37, 3.º, estava doente e foi por mim tratado desde 4 de Setembro de 1922 até outubro de 1924, pelo que estava impossibilitado de trabalhar.

O médico

M. José da Silva Bernardino

Lisbôa, 3 de Abril de 1925.

(Segue-se o reconhecimento)

«Loulé, 4 de Maio de 1925.

Rev.mo Sr. Administrador do jornal «A Voz da Fátima»

Perdõe me V. Rev.ma a impertinencia desta minha carta, mas, escrevendo-a eu, cumpro um dever e ao mesmo tempo uma promessa que fiz á Virgem Santissima Nossa Senhora da Fátima, a quem, álem doutras promessas, prometi publicar no seu jornal, mais um milagre que recebi da Virgem Santa.

Nos fins do mez de Julho de 1924 adoeceu-me a unica filhinha que tenho, com uma meningite, que os médicos declararam ser da peior natureza. A criança apenas tinha 4 mezes de idade e como a doença avançava a passos gigantêscos, pois durante um mez consecutivo a minha pobre filhinha esteve sempre com uma ardente febre de 39 e 39 graus e meio, o médico, depois de empregar todos os seus esforços e todos os seus recursos, declarou que a medicina nada podia já fazer. Estavam exgotados todos os seus esforços e mortas todas as minhas esperanças. Eu estava duma tal fórma morta pela dôr que nem ânimo tinha para rogar a Deus. O médico quási a abandonou e eu chorava já a perda da minha unica filhinha quando a vi já sem vida. Tolheram-se-lhe todos os movimentos dos braços e das pernas, ensurdeceu e os olhinhos estavam cobertos duma espessa nevoa que a não deixava ver nem sequer a claridade. Levou neste estado desde os 4 mezes até aos 5 mezes e meio e por fim deixou de mamar. Havia dois dias que nem mamava, e, sem eu saber, trataram dos preperativos do enterro da minha filhinha. Nesse dia chegou de Faro a minha mãe que vinha despedir-se da nétinha e como é uma criatura muito cheia de fé, trouxe-me uma gotinha da água de Nossa Senhora de Lourdes e pediu-me que a désse a beber á minha filhinha e rogasse a Nossa Senhora de Lourdes e a Nossa Senhora da Fátima para que me salvasse a minha filhinha. Assim fiz. No dia imediato a minha filhinha tomou a temperatura normal e começou a mamar, foi melhorando e eu prometi a Nossa Senhora da Fátima, se salvasse a minha filha, iria á sua ermida em Fátima com ela e mandaria rezar uma missa na mesma ermida. Efectivamente fui lá no dia 8 de janeiro e levei a minha filha que, apesar de salva, ainda estava muito prostrada e o olhar pouco perfeito, mas graças á Virgem Santissima, sentiu verdadeiras melhoras nesse momento em que, com ela nos braços joelhei rogando a Deus por ela. Espero lá voltar no próximo dia 13 de Maio porque assim o prometi.

Rogo pois a V. Rev.ma a publicidade desta cura no seu jornal e mais rogo a fineza de hoje para o futuro me considerar assinante desse jornalzinho.

De V. Rev.ma, etc.

Damicilia da Silva Pereira

Loulé, Maio de 1925.

«Pardelhas, 6/4/925.

Rev.mo Sr.

Ha aqui duas creaturas que teem duas graças para serem publicadas na *Voz da Fátima*.

Primeira: Ana Léria tendo uma sua filhinha muito mal da vista andou durante um mez no médico, e como este lhe aconselhasse a ir com a criança a Coimbra, ela recorreu a Nossa Senhora da Fátima e prometeu-lhe que se sua filhinha ficasse bôa sem sahir de casa, dar-lhe ia 20:000 réis de esmola para o seu culto e durante 5 dias, em sua casa, na frente do seu crucifixo e da imagem de Nossa Senhora, rezaria o terço, estando dia e noite a lampada acêsa. Como fôsse atendida por Nossa Senhora vem cumprir o seu voto.

Segunda: Tereza Patricio vendo-se em grande aflição por grande dificuldade que corria um seu filho para embarcar para América. No dia 13 de fevereiro, posta de joelhos, recorre com fé e confiança a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, promete-lhe se ele entrar na América, de lhe mandar um dolar e rezar durante nove dias o terço na capéla do logar e fazer duas novenas de joelhos e mandar publicar a graça para maior honra e gloria da Santissima Virgem.

Como fôsse atendida vem agradecer a Nossa Senhora a graça e enviar o dolar.

De V. Rev.ma, etc.

Maria dos Anjos de Matos

De uma carta recortamos o seguinte:

«Pardelhas, 9/5/1925.

Ex.mo e Rev.mo Sr.

«Deu-se uma conversão na Fátima no dia 13 do mês passado.

Um rapaz de Lisbôa, de 19 anos, mas que nunca se tinha confessado nem feito a primeira comunhão, acompanhou a peregrinação dos filhos de Maria, de Bemfica. Quando chegaram os filhos de Maria, e mais pessôas, foram á Sagrada Comunhão. Ele encostou-se a uma árvore, triste e pensativo por não poder participar da tão grande graça! Veio encantado com o que lá presenciou. Na volta veio para a Murtoza e quiz a Nossa Bôa Mãe, que ele falasse com a Francisca Mansa e lhe contasse tudo, dizendo lhe que o que mais queria era confessar-se e comungar, mas que só sabia o Padre Nosso e a Avé-Maria. Prontificou-se logo a Francisca em lhe dar um catecismo e ensinou-o, o que aprendeu logo.

Confessou-se e comungou com muita devoção. Comprou me muitos artigos de Fátima, e lá foi para Lisbôa.»

De V. Rev.ma, etc.

Maria das Dores Tavares de Sousa

«Ex.mo e Rev.mo Sr.

Por meio desta carta venho contar que a Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima, esta semana nos fez muitos milagres.

Tendo eu uma irmã que já sofria do estomago, estando ela para casar, aumentou a doença de que estava muito mal. Tendo eu feito o pedido da água milagrosa já ha bastante tempo, ela esperava com uma grande fé. Nas vésperas do casamento já com os gastos feitos, peiorou, estando como eu nunca a tinha visto. Pedimos todos com grande fé á Santissima Virgem que lhe désse saúde.

Nessa ocasião chegou o aviso para ir *buscar a água ao correio. Ela bebeu, lavou o estomago e no outro dia estava como se nada tivesse sofrido.*

De V. Rev.ma, etc.

Maria dos Anjos Pereira

Candelaria — S. Miguel — Açôres

Rev.mo Sr.

«D. Julieta Lourenço dos Santos, casada com José André dos Santos, modista, moradora na rua de Vilar, da cidade do Porto, tendo a sua unica filha de nove mezes de edade, desde os trez mezes com a cabeça cheia de feridas que cada dia sumentavam mais, não cedendo durante seis mezes aos tratamentos indicados pelos médicos, estes declararam ser grave o estado da creança. A mãe na sua aflição, recorreu a Nossa Senhora do Rosário da Fátima e prometeu-lhe de mandar celebrar uma missa e publicar a graça, se a creança sarasse. Não podendo, porém, na ocasião obter água da Fátima, cortou em um jornal da «Voz da Fátima» a estampa de Nossa Senhora e, cheia de confiança na protecção da Santissima Virgem, colocou a estampa na cabecinha da creança e lavou as fe-

ridas com água comum, deixando de lhe aplicar os medicamentos.

Nossa Senhora dignou-se ouvir as suplicas da aflita mãe e no fim de quinze dias as feridas estavam completamente sãs.

Mandou já celebrar a missa e publicar a graça, cumprindo assim a sua promessa.

De V. Rev.ma, etc.

Julieta Lourenço dos Santos»

«Ill.mo e Rev.mo Sr.

Venho pedir-lhe o favor de publicar na «Voz da Fátima», que em 13 de junho passado estive em Fátima com algumas pessôas desta freguesia, aonde fomos em peregrinação. Confessámo-nos, comungámos e rezámos. Eu, que desde criança sofria dum eczêma no nariz e que muito me fazia sofrer, lavei-me na água da Fonte Milagrosa onde haviam encontrado curas e alivios tantos doentes, segundo lera no jornalzinho. Pois tenho a satisfação de publicar que fiquei completamente curado. Mas de que grande encomodo fiquei livre! E com uma simples loção do nariz! Graças a Nossa Senhora da Fátima!

Agradecendo-lhe a pedida publicação, subscrevo-me com a maior consideração e estima

De V. Rev.ma, etc.

Sôza (Vagos), Agosto de 1925.

Joaquim da Silva Carvalho

Rosa F. da Mota Machado, para mais afervorar o culto de Nossa Mãe Santissima do Rosário da Fátima, vem tornar publico o milagre que ela lhe fez.

Tendo minha irmã, muito querida, doente, ha trez anos, foi esta no dia 23 de Setembro subitamente acometida de uma forte hemorragia pela bôca o que alguns abalisados clinicos não poderam debelar.

Na madrugada do dia 27 intensificou-se essa hemorragia. Levei-a num trem ao hospital da Misericordia aonde o médico de serviço no banco, vendo o perigo que corria, a mandou imediatamente internar no pavilhão particular, e ali, medicando-a disse estar na iminencia de uma hemorragia cerebral, podendo o caso ser fatal.

Cheia de confiança e da veneração mais profunda implorei o socôrro da Virgem Purissima Nossa Senhora da Fátima, prometendo-lhe ir só, ou com minha extremosissima irmã (caso ela já podesse viajar), no próximo dia 13 de Outubro corrente, agradecer o ter atendido aos desejos do meu coração.

A crise, depois da minha fervorosa suplica, passou e venho eu só (visto que minha irmã ainda me não pode acompanhar), prostar-me aos pés de Nossa Mãe Santissima da Fátima, agradecer o bem que me concedeu arredando naquele momento o fatal perigo e mais uma vez rogar-lhe tome minha adorada irmã e a mim sobre a sua protecção.

Porto, 28 de Setembro de 1925.

Rua de Santa Catarina, 333

Obtiveram graças que veem agradecer a Nossa Senhora mais as seguintes pessôas:

—*Luzia de Jesus Vieira*, residente em Orlandia (Brazil) tendo-lhe morrido um genro tuberculoso e vendo sua filha Maria, mãe de dois meninos, com escarros de sangue e signaes da mesma doença.

—*Quiteria Maria*, do Souto de Baixo, freguezia da Caranguejeira, sofrendo de uma bronquite asmática de que foi inutilmente tratada por vários médicos, começou a tomar água da Fátima resando, antes e depois uma Avé-Maria.

—*Isaura da Conceição Paiva*, (rua Nova do Almada, 83, 3.º D. — Lisbôa) estando condemnada a uma raspagem em um dedo ou cortaremno, prometeu publicar a cura obtida.

—*D. Alda Craveiro Lopes de Sousa e Faro*, residente em Pangim (Iadia), a cura de suas filhas.

—*D. Maria de Lourdes de Barcelos Coelho Borges* (Angra-Açôres), o ter-se confessado um pecador á hora da morte e ter Nossa Senhora do Rosário da Fátima afastado a epidemia da gripe da sua terra.

—*Domingos Fernandes Rendeiro*, da Murtoza, uma cura recebida.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte. . . .	1.754:500
Condessa de Margaride	44:500
D. Herminia Branco Teixeira de Lencastre	5:000
D. Maria Luiza Vargas	10:000
Soma. . . .	1.814:000

A beleza de Maria

Um dia uma criancita de quatro anos, foi admitida, em razão da sua idade, a visitar Bernardete, na enfermaria do convento de Nevers, onde morreu.

A pequenita aproximou-se, nos bicos dos pés, do leito da feliz vidente de Nossa Senhora de Lourdes, e em voz baixa segredou lhe ao ouvido:

—Minha Irmã, vós vistes a Virgem Imaculada?

—Vi, minha filhinha.

—E ela era muito bonita?

A esta pergunta da inocente criança o rosto de Bernardete tornou-se radioso e de uma expressão angélica indiscutivel e respondeu:

—Oh se é formosa! tão formosa que quando se vê uma vez deseja-se morrer para a tornar ver.

A's orações dos leitores

A's piedosas orações dos leitores do nosso jornalzinho recomendamos as necessidades de varias pessôas que isto nos pedem, incluindo a completa cura de um chefe de familia que é o amparo de sua mulher e de uma creancinha de tenra edade.

Fátima

Tendo publicado no mês anterior o primeiro artigo que *João Ameal*, sob este titulo, publicou no *Jornal de Noticias*, do Porto, archivamos hoje, como promettemos, o segundo:

«Eu prometi contar-lhes os factos sôbrenaturaes a que assisti na jornada maginfica de Fátima. Aqueles que não quizerem acreditar na sinceridade da minha narrativa, é melhor não lerem este artigo. E' doloroso para mim poder pensar que um espirito d'incredulidade ou de ironia possa dominar os que me prestem generosamente a sua atenção. Que ao escrupulo com que reproduzo aquilo a que assisti — corresponda o escrupulo dos que assistem, através da minha exposição, aos prodigios de Fátima.

Primeiro facto *positivo e enexplicavel*. No dia 13 de Outubro, era meio dia e dez minutos no meu relogio, passava a imagem da Senhora de Fátima entre a espantosa multidão devota. Foi o grande momento de que falei no meu artigo de sabado. O ar encheu-se de vôo branco dos lenços que acenavam e do clamor unanime, fervente, das saudações dos fieis. Na cova da Iria, toda a gente convergiu para o logar da procissão. E foi um largo extase, uma vasta onda mistica, galgando o espaço, desfolhando-se em bençãos na atmosfera luminosa.

O sol descobrira-se. Descia um explendor fluido, em ouro puro, sobre a terra. Junto a mim, um homem da minha aldeia comtemplava comigo o quadro imenso. Não sei ainda porquê, senti um desejo repentino de observar o sol. Ouvira a varias pessôas cultas a confissão de terem constatado fenomenos no sol, naquela data, áquela hora. Fixei o sol. Antes de mais nada: *fixei o sol, sem que os ólhos me doessem, sem que a retina se afrontasse.* Pareceu-me que havia no sol uma singular tremura. Afirmei-me melhor. Com espanto meu, a visão esclarecia-se. O sol tornara-se um circulo finissimo, uma especie de anel doiro, e, no centro, convertera-se numa esfera de sombra em rotação veloz. Durante alguns minutos impresionado e dominado, verifiquei a nitidez do extranho sucesso. Depois, *sem nada revelar do que observara*, receiando a auto-sugestão, pedi ao meu companheiro que olhasse tambem o sol e que me dissesse aquilo que fôsse descobrindo. E o meu companheiro foi descrevendo, *exactamente*, o fenomeno, o mesmo fenomeno extraordinario. A prova estava feita. E consolidou-se ainda, mais tarde quando varias outras pessôas me relataram ter visto, *á mesma hora, enquanto fitavam demoradamente o sol vivo, sem a minima sensação de dor*, o que eu vira tambem, *claramente*.

Segundo facto *positivo e enexplicavel*. Conheci, na cova da Iria, dois homens, *um dos quais medico*. Ambos me afirmavam *categoricamente*, ter assistido ao seguinte episódio: uma creança de dois anos, *cega de nascença*, cujos olhos se abriram á luz do mundo, pela primeira vez,

ante a Imagem da Senhora de Fátima, entre a alegria entusiastica dos pais.

Terceiro facto *positivo e inexplicavel.* Um enfermo que chegou, amparado por amigos, sobre as suas duas muletas, e que, á passagem da Imagem, pôz as mãos sobre ela — e caminhou, *sem nenhuma ajuda e desprezando as muletas,* um largo tempo atraz do andor santo.

Outros factos, *dentro dum campo mais humano,* mas decidamente prodigiosos. Entre os cem mil peregrinos de Fátima, que atravessaram leguas de serra, vias aspérrimas e ingremes, nenhum cançasso, nem um queixume. Todos declarando-se cheios duma força interior, duma intima plenitude, e só desejando, após o regresso, renovar a sua ida á cova da Iria.

Mais: bastantes indiferentes em matéria religiosa que, de joelhos, alheiados, se concentravam no pensamento de Deus, transfigurados.

Mais: na massa infinita, uma unção que nenhum ruido cortava. Uma asceção geral, purissima, traduzida em orações ardentes e em asceticas humildades de atitude.

Mais: a cova da Iria não tem o minimo pitoresco. A paisagem é antes penitencial, árida, pouco acolhedora. Até lá, a dificuldade de acesso é uma escala de canceira e de sacrificio. E as inumeráveis legiões de crentes acorrem àquele lugar *sem uma atracção pagã, sem um interesse terreno* — unicamente movidas por um exaltação sagrada, que lhes dá toques maravilhosos de estátuas em transporte. Nada que evoque mais a Judêa, na primitiva era da Fé, — com as plebes em elevação crucificada, entre um scenário triste, para maior glória do Senhor.

As duas ordens de factos que ponho em relevo — e que *são inteiramente verdadeiras,* — devem iluminar as almas dos que me lerem de boa-fé. Por mim, *que os vi e que os vivi,* não hesito em pronunciar a palavra: *milagre!*

Agua da Fátima

A redacção ou administração da «Voz da Fátima» não pode encarregar-se de fornecer agua da Fátima ás pessôas que a desejam.

Presta-se a este serviço o sr. José d'Almeida Lopes—Fatima (Vila Nova de Ourem), a quem devem ser feitos os pedidos.

Coisas tristes

«Uma das nossas grandes misérias é de viver nas maravilhas da Fé, sem advertir nelas. O que há de mais sublime, á força de o conhecermos, parece-nos banal. E até, por exemplo, achamos muito natural que Deus tenha vindo á terra sofrer e morrer por nós!

Cristãos pelo batismo, vivemos todavia a vulgar e mesquinha vida humana (se não somos grandes pecadores ainda... — talvez no fundo felicitando Deus por nos contar nominalmente entre os Seus adoradores (¡ que parvos!).

Tão pequenos somos!»

Pedido de roseiras

Havendo o projecto de adornar os muros do santuário de Nossa Senhora da Fátima com roseiras, agradecem-se as que mandarem entregar no próprio local, já enraizadas para serem plantadas.

E como não haverá numero suficiente para este ano cobrir todos os muros, muito agradeciamos que cada um em suas casas, por ocasião das podas, fizesse a plantação dos exemplares que tiver devoção de oferecer em 1926.

E' conveniente marcar em cada roseira o nome ou, pelo menos, a côr das rosas.

A jardineirinha

Adriana, interessante menina de doze anos, passava uma grande parte do dia no jardim de seus pais, porque sentia um prazer indizivel em tratar das flôres. E nisso se empregava mais do que era da vontade de sua bôa mãe. O unico objecto de seus pensamentos era fazer deste jardim o melhor que pudesse haver em toda a visinhança.

Por isso a mãe lhe disse um dia:

—Estou muito contente, minha filha, por te ver tão cuidadosa em tratar do jardim e porque fazes grande gôsto na cultura das flores. Nada gósto, porém, que sejas tão negligente a respeito de tudo mais, e menos ainda gósto de ver qne não cuidas em adquirir os conhecimentos necessários para cultivar o teu espirito e encaminhar o teu coração para as práticas de piedade. Escuta uma historiasinha, da qual poderás tirar partido.

«Certo homem muito prudente tinha um discipulo que, como tu, se entregava todo á cultura do seu jardim, e que desprezava o enriquecer a sua alma de conhecimentos uteis e próprios para dssenvolver a sua inteligencia e formar o seu coração.

Um dia, lhe disse o sábio: — Peço-te que não dês todos os teus cuidados só ás flôres do teu jardim, desprezando completamente a tua alma.»

Ouvindo estas palavras, Adriana córou e prometeu emendar se. Então a mãe lhe disse:

—Faze, minha filha, do teu espirito e do teu coração um jardim para Deus, porque essas flôres são eternas e nada ha capaz de as fazer murchar.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte.....	40.798:600
Impressão do n.º 39... (24.000 exemplares).	552.000
Outras despezas.....	130.000
Soma....	41.480:600

Subscripção

(Continuação — Maio—1925)

D. Maria do Resgate Cordeiro, 10:000; D. Luiza da Cunha Pinto Dias, 10:000; D. Beatriz N. Guimarães, 10:000; D. Maria do Nascimento Loureiro, 10:000; D. Julia da Silva Guerra, 10:000; D. Eufemia de Souza Soares, 10:000; Luiz Correia de Vasconcelos, 10:000; Jornaes (D. Maria de Jesus Durão), 10:000; idem (José Maria da Costa Oliveira), 5:000; D. Adelaide Corte Real da Camara, 10:000; D. Josefa Matos Chaves, 10:000; Antonio F. de Melo Guimarães, 10:000; D. Aida Celeste Ferreira do Amaral Correia de Souza, 10:000; D. Maria Clavin d'Ornelas e Vasconcelos, 10:000; Antonio Dias Margarido, 10:000; Jornaes (D. Christina Santos), 15:000; D. Emilia de Jesus Oliveira, 10:000; D. Maria da Luz V. Antunes, 10:000; D. Gertrudes da Conceição Monteiro, 10:000; José de Matos Dias, 10:000; D. Margarida Lopes, 10:000; Padre Jayme José Ferreira, 10:000; D. Tereza Xavier Ramos Neto, 10:000; Jornaes (Padre Antonio Correia Ferreira Mota), 32:500; José Henriques Angelico Braga Ligo, 10:000; Bernardo Rodrigues Guedes, 10:000; Joaquim Domingues Urbano, 10:000; Jayme Nogueira, 15:000; Jornaes (D. Engracia da Assumpção Covas) 20:000; José Gomes, 20:000; D. Ignês Coverley Monteiro, 10:000; D. Mariana de Vasconcelos e Souza d'Avila Amaral 10:000; Manuel Gonçalves, 10:000; D. Maria Martins Proença, 10:000; D. Teresa de Jesus Frazão, 10:000; Manuel Pereira dos Reis; 10:000; José Antunes Junior, 10:000; D. Maria Pereira, 10:000; D. Maria Amelia Coelho do Amaral, 10:000; D. Maria Cardoso, 10:000; D. Emilia da Costa Andrade, 10:000; D. Irene Rosa, 10:000; Madame Miranda Viana, 30:000; D. Ermelinda Simões, 10:000; D. Adelina Fernandes Leitão, 20:000; D. Emilia Martins de Carvalho, 20:000; D. Maria da Conceição Camilo, 10:000; D. Maria José d'Almada Teles 20:000; D. Maria José Rodrigues, 10:000 D. Maria dos Santos Rosa, 10:000; D Maria Fernandes 15:000; D. Alexandrina dos Santos Aleixo, 10:000; D Amelia Castro Pereira de Figueiredo Cardoso, 10:000; D. Cescencia Fernandes Dias da Cruz, 10:000; D. Maria da Conceição Lopes, 10:000; D. Laura Teixeira Correia Branco, 10:000; D. Antonia Curado, 10:000; D. Sophia Afreixa (médica), 10:000; D. Ana e D. Maria José de Alarcão, 10:000; D. Guilhermina Rodrigues Mata, 10:000; D. Maria Mendes Lino, 10:000; Custodio Silverio Durão, 10:000; D. Maria Joana Patricio, 10:000; Roberto dos Santos Carvalho, 10:000; Manuel Pereira Faustino, 5:000; Jornaes (Coruche e Salvaterra) 15:000; D. Matilde Carvalho Klut, 10:000; D. Carolina Eduarda Teles, 10:000; D. Maria Paula Cardoso, 10:000; D. Rosa Amelia da Silva, 10:000; D. Maria das Dôres Sobreira Jordão, 10:000; D. Maria Delfina da Rocha e Brito, 20:000; D. Maria de Figueiredo, 10:000; D. Julia Mendes Leitão, 30:000; D. Guilhermina de Jesus Alberto Gomes, 10:000; D. Dorothea da Conceição Benavente Alves, 10:000; Armando Augusto do Sacramento, 10:000; Henrique Augusto Nascimento, 10:000; Dr. João de Passos de Souza Canavarro, 20:000; D. Teresa de Jesus Ferreira Marques, 10:000; D. Maria Augusta Ribeiro, 10:000; D. Maria Julia Botelho, 10:000; D Maria Inocencia Amaral, 10:000; Padre Evaristo Caneiro Gomes, 30:000; D. Conceição Ramiro Serra, 10:000; D. Carmo Padilha, 10:000; D. Joaquina Sanches, 10:000; D. Alice Martins, 10:000; José Christovão Ourem, 10:000; Dr. Antonio Azevedo Meireles Soute, 50:000; D. Maria do Carmo Corte Real Abreu de Lima, 10:000.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV LEIRIA, 13 de Fevereiro de 1926 N.º 41

A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇAO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima

13 de Janeiro

NO dia treze de Janeiro realisou-se, na Cova da Iria, como de costume, a commemoração mensal das apparições Durante quasi toda a manhã uma chuva miudinha e impertinente cahiu sem interrupção, ensopando os caminhos e dificultando o accesso. Apesar disso os peregrinos não desanimaram, e proseguiam a sua marcha, cheios de fé e enthusiasmo, como sempre.

A's onze horas, na estrada que domina o local das apparições, vêem-se vehiculos de toda a especie, desde o automovel elegante e luxuoso até á mais humilde e desconfortavel carroça. A essa hora a chuva tinha cessado e o sol, até então encoberto, espreitava furtivamente por entre as nuvens. A multidão que se concentrava em frente da capela nova para assistir ás missas engrossava cada vez mais.

Ao meio dia egualava e excedia até por ventura a de egual dia do mês anterior, apesar de ter sido um domingo.

Varias missas se tinham já celebrado, muitas centenas de pessôas, previamente confessadas, tinham já recebido a Sagrada Comunhão.

Meia hora depois principiou a missa dos enfermos.

Desta vez apenas algumas dezenas de victimas de soffrimentos physicos occupam os lugares reservados do pavilhão.

Mas o acto religioso que se vae desenrolando no meio de supplicas e de canticos, nem por isso é menos magestoso e empolgante. A benção com o Santissimo Sacramento aos enfermos é mais uma vez o momento mais impressionante e commovente.

Os enfermos recebem essa benção com visiveis sentimentos de profunda piedade. Os olhos de muitos estão marejados de lagrimas. Atraz da umbela, numa atitude reverente e grave, em contraste flagrante com a sua tenra idade, caminha uma gentil creança de 5 annos, ágil como uma arveola, alegre como um colibri. E' o filhinho do dr. Carlos de Azevedo Mendes, chefe dos escoteiros de Torres Novas. Tendo ido pela 1.ª vez assistir aos actos religiosos no local das apparições, todo elle é a curiosidade em pessôa. Pagem occasional do Rei do Ceu, escondido no seu Sacramento de amôr, como Jesus se deliciaria contemplando aquella alma cheia de candura e innocencia!

Após a benção geral, sóbe ao pulpito o rev. Anacleto Pereira Dias, que durante cêrca de vinte minutos exhorta sentidamente os ouvintes a cumprir os seus deveres de christãos.

Os escoteiros de Torres Novas, auxiliados por outros de diferentes localidades, prestam os seus serviços com um zelo incansavel e uma dedicação inexcedivel. Disciplinados como soldados, obedientes á voz dos seus chefes, sempre promptos para as tarefas mais penosas, arrostando muitas vezes com o frio, a chuva, a fadiga e a fome, sempre alegres e bem dispostos, são justamente considerados como os prototypos dos escoteiros catholicos. Nunca começam o seu trabalho sem receberem o Pão dos fortes, edificando com a sua attitude grave e recolhida e com a sua piedade fervorosa. Bem haja o rev. Nunes Ferreira, seu digno assistente enclesiastico, coração de ouro em alma de prata, que com o seu admiravel zelo pastoral soube formar uma pleiade de jovens, tão destinctos pela intensidade do seu espirito christão, como pelo criterio, correcção e delicadeza com que desempenham as suas difficeis e melindrosas funcções.

Depois do sermão, organisa-se o cortejo para a condução da imagem de Nossa Senhora da Fátima para a sua capela.

Muitos fieis demoram-se ainda no local rezando as ultimas préces, mas, o grosso da peregrinação retira imediatamente.

Duas horas mais tarde a Cova da Iria é um lugar tranquillo e deserto, que não parece ser o que realmente é: o polo magnetico das almas e dos corações de milhões de portuguezes.

V. de M.

As curas da Fátima

Lisbôa, 25 de Março de 1925.

Sr. director da *Voz da Fátima:*

A impressão que sinto neste momento e a pouca cultura de que disponho, privam-me, bem a meu pesar, de fazer a descrição completa dum caso que V. me permitirá que tenha a satisfação de vêr publicado nesse jornal, esperando por isso a sua obsequiosa e penhorante hospitalidade, que, reconhecidamente agradeço.

Nos fins de Março de 1925 agra-

vou-se a enfermidade do meu pobre filhinho, vendo-se obrigado a dar entrada no hospital militar, com duas inguas trilhadas, sendo observado pelo médico do dito hospital, cujo nome ignoro e que fez a primeira operação lancetando a da direita. Passados uns dois dias foi novamente operado na esquerda pelo sr. sargento enfermeiro, Fernandes, seguindo depois os outros tratamentos que eram unicamente feitos com o desinfectante de borato de sódio. Ao fim de 24 dias apareceu uma infecção do lado esquerdo sendo obrigado a levar mais três golpes de forma que com tantos sofrimentos das operações e tratamentos se pôz no ultimo estado de fraqueza. Observado novamente, o médico disse-me que estava tuberculoso no ultimo grau. Depois de três mezes de hospital segui para casa julgando-o curado. No dia seguinte foi a uma farmacia de Pedrouços onde lhe mandaram pôr uns pensos quentes de borato de sódio que descobriram a infecção. Passados uns dias dizem-lhe que era impossivel curar-se porque a infecção era debaixo dos intestinos e não havia meio de secar o pús.

Indo depois a um especialista que o auscultou dizendo que nao tinha absolutamente nada interior mas que tinha de tomar uns banhos de sol, receitando tambem um remedio para a fraqueza mandando-o comer de tudo.

Depois foi observado pelo médico Manuel Barbosa que lhe disse o mesmo que o especialista, isto é, que não tinha doença interior mas que era melhor ter qualquer doença nos pulmões porque, atalhada de principio, tinha cura. Mandou-o a seguir deitar em cima duma marqueza descobrindo-se um tumor interior e ordenou que fôsse ao raio X para ser melhor obervado.

Consultei tambem o Ex.mo Sr. Dr. Simões Alves cujo atestado tomo a liberdade de enviar incluso para V. se dignar publicar.

No principio da doença, aquele ilustre clinico, cuja probidade moral e profissional é sobejamente conhecida, notou-lhe simplesmente que sofria de adenites supuradas na virilha esquerda junto a um grande estado de fraquesa, mandando-lhe tomar uns banhos de sol e umas lavagens.

Vindo novamente mandou-o dar entrada no hospital, mas como o estado de fraqueza era muito grande e não resistisse a nova operação, a mãe, solicita e vigilante, dilacerada pelo sofrimento, que só as verdadeiras mães sabem sentir, preparava-se, resignada para receber a punhalada pungente do desaparecimento do filho querido e idolatrado, quando recebemos a visita duma senhora das nossas relações, a Exma Sr.a D. Julia Marques Morgado que, abeirando-se ao doente, lhe ministrou uma pequena porção d'agua da Fátima de que a mesma senhora se fazia acompanhar.

Esta bondosa e devota senhora jámais abandonou o doente e cheia de fé, dessa fé que nunca abandona as almas bôas e verdadeiramente crentes, esforçou-se para incutir-nos esperança nas melhoras do doente.

Decorridas 24 horas o doente conheceu melhoras e tornando a chamar o médico que o julgava perdido, este, ao vel-o não oculta o seu espanto ante o resuscitado, dizendo que estava completamente curado e sem nenhum mal interior.

ATESTADO

João Carlos Simões Alves, Médico Cirurgião pela Escola de Lisbôa:

Atesto que observei o sr. Antonio d'Oliveira ha trez mezes e que sofria de adenite suppurada na virilha esquerda e com um estado geralmente grave pela intoxicação devida a prolongada suppuração e com retenção de pús que vinha sofrendo havia bastantes mezes. Atesto tambem que tendo-o observado hoje reconheci que está completamente curado e com o estado geral magnifico, tendo augmentado muitos kilos.

Por ser verdade aqui o declaro sob palavra d'honra.

Lisbôa, 9 de Outubro de 1925.

João Carlos Simões Alves

Manuel Rodrigues Romeiro, do Souto de Cima, freguesia da Carangueijeira, diocese de Leiria, vem agradecer, por este meio, a cura de uma sua filha de 6 anos, que tendo ele já ido muitas vezes com ela aos banhos e ao médico, que lhe aplicou choques electricos, sem nenhum resultado, finalmente se voltou para N. Senhora da Fátima, fazendo um dia de manhã a promessa de mandar prégar um sermão, se sua filha fôsse curada, isto é, se começasse a andar, o que obteve nesse mesmo dia e tem continuado até hoje.

Sr. Director da *Voz da Fátima:*

Como novamente vejo no jornalsinho, a *Voz da Fátima*, o pedido de não demorar as informações dos acontecimentos da Fátima, venho muito sinceramente relatar a V. o que a meus olhos se tem passado nesta minha freguezia:

Maria Patrocinio dos Santos, viuva, natural da freguezia das Cortes, concelho da Covilhã, padecendo de escrofulas havia anos, estando o seu corpo todo em chagas, sofrendo dôres horriveis, não podendo passar ao estomago alimento algum, lançando o leite que tomava, pelo nariz, havendo dias que se encontrava neste estado, soube, pelo jornal, das curas da Virgem do Rosario da Fátima, põe-se a caminho da Fátima no dia 13 de Maio de 1923, chega ao logar das apparições, toma algumas gôtas da agua milagrosa, que engole sem dificuldade alguma e, já no regresso, comeu da merenda que o filho havia levado para si. Tem feito chá da terra que trouxe do logar das apparições e com ele tem experimentado melhoras consideraveis. Em Maio p p. foi a Fátima agradecer á Virgem e pedir a sua cura completa. Foi na minha companhia. Desde Ourem á Cova da Iria fomos a pé, pois que nos não foi possivel obter meio de transporte. Ela sempre descalça, alegre e satisfeita, rezando sempre e com fé de ser curada. Hoje encontrei-me com o filho, que me disse que sua mãe está quasi curada. No próximo outubro iremos novamente agradecer á Virgem Santissima levando-lhe uma oferta conforme as nossas posses. A mulher deve ter 50 anos de idade.

—=—

Na mesma freguezia e lugar:

Joaquim Pãoalvo, com um ataque apoplético, despedido do médico, estando paralitico de todo o corpo a ponto de ter dois homens continuamente ao pé de si para o servirem, pois ele estava todo privado de suas acções, sua mulher pede-me o jornal, leva-o ao homem, uma sua filha vae le-lo á sua cabeceira, ele toma coragem, pois estava desanimado, aviva a sua fé e em 11 de maio p. p. levam-no á Cova da Iria com grande sacrificio. Esteve ali até ao dia 13 banhando o seu filho e sua mulher que o acompanharam, na agua bemdita. Volta a sua casa no dia 14, chega ao Entroncamento sem sentir melhoras. Ali quando seu filho e sua mulher o tomavam nos braços para o sentarem na carruagem, de repente principia a mover as pernas e a mão direita. Chega a casa, sóbe as escadas quasi só, percorre a casa, vai até á varanda e vai já ha dois domingos á missa conventual. Na mão esquerda já não tem as dôres que nela tinha. Cheio de reconhecimento quer ir á Cova da Iria no proximo outubro agradecer á Virgem e pedir lhe a cura completa.

—=—

No lugar da Bouça, na mesma freguezia de Cortes:

Maria Rosa da Silva, de idade de 97 anos, tendo o braço direito paralitico com dôres terriveis e não o podendo mecher havia 6 mezes, friccionando-lho com a agua milagrosa teve melhoras quasi rapidas, movendo o hoje sem dificuldade alguma.

—=—

Felicidade dos Reis, casada, em parto laborioso havia quatro dias, estando já sem esperança de vida, tomando algumas gôtas de agua, antes de 15 minutos dá á luz sem dificuldade alguma uma linda criança do sexo femenino. Em agradecimento á Virgem promete ir á Fatima levando uma oferta conforme as suas posses. Sua mãe ofereceu ao Sagrado Coração de Maria, que se venera numa capela publica aqui, os botões que sua filha tinha nas orelhas. Tudo isto tenho visto, afirmo pára honra da Virgem Santissima. Não ha, no que digo, nada de mais do que se tem passado.

—=—

Clementina dos Santos, aluna na Escola Normal em Lisbôa, estando a passar as férias em casa dum tio nas Cortes, tendo comido uma ameixa teve dôres horriveis, dizendo ela que não podia compreender donde partiam. Vendo-se em perigo de vida manda chamar o seu Páraco para lhe administrar os ultimos Sacramentos. Lembra-se de repente da agua de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, vindo-se buscar umas gôtas a casa duma curada pela mesma

agua, toma uma gôta e repentinamente fica curada. Rompe em um grito de alegria e promete ir agradecer á Virgem em outubro.

Objectos encontrados

Encontram-se na Cova da Iria varios objectos, e entre eles alguns chales e guarda-chuvas.

Agua da Fátima

A redacção ou administração da «Voz da Fàtima» não pode encarregar-se de fornecer agua da Fàtima ás pessôas que a desejam.

Presta-se a este serviço o sr. José d'Almeida Lopes—Fatima (Vila Nova de Ourem), a quem devem ser feitos os pedidos.

«Oh! Minha Senhora, Oh! Minha Mãe!...»

N'um dia de maio de 1858, (o caso é authentico) Paris soube com espanto da desaparição d'um joven e brilhante marquez. Elle deveria esposar dentro em pouco a unica herdeira duma riquissima familia americana, então residente tambem em Paris. Do desapparecido encontrou-se o chapeu, o revolver e uma luva, n'um recanto do bosque de Bolonha, indicios sufficientes para despertar suspeitas. Mas, nem a policia, nem os amigos puderam descobrir o que succedera ao marquez, nem o que era feito d'elle.

Entretanto o seu cocheiro affirmou sob juramento que o seu amo, apoz uma noite passada em certa casa de jogo, onde perdera o resto da sua immensa fortuna, se tinha feito conduzir ao Bosque de Bolonha, de madrugada, neste dia, e que subindo para a carruagem, cambaleando, se lançara pesadamente sobre a almofada. Ao descer, o seu fato estava em desordem, os seus olhos injectados de sangue e o rosto como inflamado de colera. O desgraçado internou-se nas profundezas do bosque, mas sómente depois de entregar ao cocheiro duas cartas, com ordem expressa de partir immediatamente.

As cartas não eram de natureza a dissipar suspeitas. «Fica sabendo, dizia elle a sua irmã religiosa, que eu cumpri a minha palavra. Ha apenas um instante que recitei a *oração promettida*. Ah! Se soubesses! Nem um vintem. Arruinado!

Perdi ao jogo o que nunca poderei pagar. Adeus: Ora por mim».

A' sua noiva: «Impossivel esposar-te. Não quero injuriar-te offerecendo um nome que a deshonra e a ruina stigmatisam para sempre. Sê livre. Retoma a nossa palavra. Sê feliz.

Adeus!»

Foi tudo o que se soube. Os dias e os anos correram. A pouco e pouco a lembrança do desapparecido apagava-se das memorias; amigos e noiva esqueceram o marquez. Sómente a irmã guardou a sua memória como uma espada que lhe trespassasse o coração. Votou mesmo a sua vida e uma oração incessante á Virgem por aquelle desgraçado que, á mesma hora em que ia commetter o mais irreparavel dos crimes, ousara invocar a Mãe de Deus, como que para desafiar a sua santidade e submetter a uma suprema prova a palavra de S. Bernardo, attestando *que jamais Maria foi invocada em vão*

Volvidos treze annos, entre a multidão que vem implorar N. Senhora das Victorias, esperança e reconforto junto d'Aquella que allivia toda a dôr, avança um trapista, de cabeça oculta no seu capuz. Ajoelha diante do altar e da imagem de Nossa Senhora. O seu rosto pallido, extatico, desperta a attenção. Absorto em meditação profunda, perturbada apenas por soluços que ás vezes não póde reprimir, fixando na Virgem os olhos rasos de lagrimas, o desconhecido parece expandir o seu coração aos pés de Maria em agradecimento de qualquer grande favôr. As horas passam. Os visitantes entram e sahem e o monge permanece pregado no sólo. Nada o póde distrahir, até que, ouvindo-se cinco horas no relogio do santuario, o trapista se ergue, saúda Nossa Senhora com um olhar de despedida e, atravessando uma multidão um tanto intrigada, vae bater ao presbytério. Soube-se que a sua conversação com o santo cura então encarregado da egreja, durára duas horas; que ambos sahiram muito commovidos, levando o sacerdote na mão um soberbo annel d'oiro com diamante. O trapista, que me era completamente desconhecido, pediu-me uma entrevista particular. Mal ficamos sós, pôz-se a chorar e se lançou a meus pés para me confiar a narração da sua vida. Depois cobrindo-se com o seu capuz, entregou-me com mão trémula este escripto que aqui tenho, e cuja leitura me suplicou que fizesse, emquanto, a meus pés, implorava a divina misericordia. Eu li e permaneci estupefacto.

Ora o penitente indicou-me então o claustro que sua irmã habitava outr'ora. No caso do seu fallecimento, ou que viva ainda, o permitisse, incumbiu-me de ler aqui publicamente esta narração. Prometi. Foi então que me entregou um rico annel com diamante, derradeiro vestigio da sua grandeza passada, e unica recordação que lhe restava da sua familia. Eu deveria comprar com o valor do objecto o sufficiente para offerecer um ex-voto á sua santa Libertadora e prevenir depois o mysterioso desconhecido de que a sua promessa a Maria estava cumprida e que sua irmã o espera no ceu. Por isso venho completar a minha promessa.

E o prégador, commovido, começou a leitura do manuscripto:

*

«Eu, diz o manuscripto, sou o marquez que, ha treze annos, o mundo julga morto. Se elle se engana, é graças á misericordia da Santissima Virgem, minha fiel protectora, que miraculosamente me salvou do meu desespero.

«Muito joven, perdera meu pae. Possuidor, aos 18 annos d'uma immensa fortuna, dissipei-a em toda a sorte d'excessos e d'escandalos. Tinha uma irmã que aos 15 annos deixou minha mãe para entrar n'um convento muito austero. Nem as lagrimas, nem mesmo as ameaças de minha mãe, nem o exemplo heroico da minha irmã me puderam refrear. Filho prodigo, abandonei o proprio lar, desamparando uma santa mãe, só e doente, afim d'evitar os seus olhares e os seus ternos conselhos.

«Mas um dia em que eu estava, mais profundamente do que nunca, enlodado nos meus vicios, uma palavra de minha irmã abalou me não sei como:

«Vem, a nossa mãe morre».

«Corri. Vejo-as ainda: a minha pobre mãe na agonia, a minha irmã junto d'ella, de pé, calma, vinde do seu convento para assistir a esta mãe abandonada. Entrei tão precipitado como confuso, quando com um gesto, minha irmã me impôz silencio, e, aproximando-se da moribunda:

«Elle veio».

«Como que reanimada a subitas por estas palavras, minha mãe abre os olhos, e com voz fraca mas ainda cheia d'autoridade: aproxima-te, murmura ella.

«As minhas pernas dobravam-se. Lavado em lagrimas, prostro-me de joelhos a seus pés. Ella continua: «Escuta meu filho, não me restam senão alguns momentos de vida. Perdôo-te todas as lagrimas que me tens feito derramar e vou pedir para que ellas te obtenham o perdão de Deus.» Depois, depois com um grande esforço: «Poderia desherdar-te..., mas não. Exijo sómente de ti uma promessa sob a nossa palavra de christão e d'homem honrado. Toda a tua vida dirás esta oração á Santissima Virgem...»

«E os olhos se fixaram sôbre um papel que ella tinha na mão e d'alli sôbre uma imagem collocada ao pé do leito. Prometes-me?

Pro...metes me?»

«Promette» insistia minha irmã. Um sacerdote entrou, começou a oração dos agonisantes quando eu exclamei: Sim eu vol-o juro, mãe, faço sôbre isso o juramento.»

«Morro contente... Eugenia, Eugenia, ora por elle; Santa Maria, rogae por nós, pecadores...»

«Fixando o seu ultimo olhar sôbre a imagem da Virgem e abrindo os braços, como para estreitar n'um mesmo abraço os seus dois filhos e o crucifixo reclinado sôbre o peito, voou ao ceu.—Tirei o papel da sua mão. Era a oração: *Oh! Minha Senhora, oh! Minha Mãe*, escripta pela seu punho tal como ella outr'ora m'a ensinára.

Ah! eu havia esquecido a minha Mãe do ceu tanto, e mesmo mais, do que a minha mãe da terra!

Abismei-me depois no vicio e na deshonra, mas para ter palavra, aprendi a oração e recitei-a, mesmo em ocasiões e logares onde a minha invocação á Mãe de Deus, ah! não era senão ultrage e blasphemia. Dentro em pouco, exgotados os expedientes e quasi de todo gasta a minha herança materna, ousei traficar com o meu nome e com o meu coração. Jurei amôr a uma pessôa que jámais amára, mas cuja fortuna cobiçára. A infeliz deixava-se seduzir pela gloria do meu nome e pelo falso brilho do meu ruido de vida. Tudo se preparou para o nosso proximo casamento. Um dia, porém, senti horrôr de a illudir. Para não ter de revelar lhe a minha ruina no dia immediato ao da nossa união, quiz tentar fortuna ao jogo. Joguei, pois, e eis que bilhetes e peças d'oiro se empilham diante de mim. A colera e o despeito enraivecem os que perdem e eu, eu ganho sempre. Ora de subito, lembro-me não ter dito a minha oração, n'esta noite.

Continúo a jogar, mas esta oração ocupa os meus pensamentos. Para socegar, recolho-me um instante, recito a minha oração, quasi com fervor, e recomeço a partida.

«A sorte abandonara-me. Uma após outra desappareciam as sommas amontoadas. Jogo quintas, cavallos, tudo. A's quatro horas da manhã, nem um vintém! Apenas me resta o annel de meu pae e eu não quero empenhal o ao jogo.

«Sim! arruinado!» E todos vão ler sôbre a minha deshonra! Paris vae rir de mim, de minha irmã, da minha noiva! Furioso, arremesso-me a uma secretária, escrevo apressadamente duas cartas e salto para a carruagem, decidido a morrer no Bosque de Bolonha. Tudo se turva e mistura no meu cerebro: minha mãe moribunda, minha irmã que ora por ventura por mim n'este momento, a futura esposa, a casa de jogo, a ruina, a noite, o Bosque em que me internei. Tomado de delirio, apoio sôbre a minha fronte e comprimo o gatilho uma, duas, trez vezes; nada. A arma errou o fogo; arremessei-a para longe de mim.

«Então, oh! então,... sim percebi diante de mim Aquella cuja imagem vira ao pé de minha mãe moribunda: n'uma nuvem, uma mulher brilhante de brancura, olhando-me com tristeza e piedade. A sua mão indicou-me um ponto assás distante e a sua voz disse-me: «Corre, esperam-te lá em baixo.»

«Mais aturdido do que commovido, e sem pensar em proferir a menor oração, corri muito tempo na direcção indicada. Na orla do bosque, um religioso, de pé e só, parecia esperar-me. Pelo menos o meu coração dizia-me que era aquelle que a apparição me enviava. O que se passou então? Eu não soube mais nada. A minha memoria recusa-me a dizer-me os acontecimentos d'esta hora, e o proprio religioso guardou para si o seu segredo.

«O dia seguinte achou-me consumido de febre e de mágua. Despertei num quarto onde tudo era silencio e pobreza. Junto de mim, um monge todo branco, de rosto pallido, recitava em voz baixa o seu rosario. Eu estava n'um convento de trapistas, a algumas horas de Paris. Aquelle que me velava era bem o homem misterioso que me recebera á orla do Bosque, o proprio Abbade do mosteiro. Em breve, Aquella que tinha salvado o meu corpo, curava tambem a minha alma. Sequioso de penitencia e de retiro, fiz-me trapista. E' para cumprir uma ordem recebida do Abbade, no seu leito de morte, que eu venho ajoelhar-me hoje em Nossa Senhora das Victorias, d'onde, não sei como, elle partira directamente ao meu encontro.

«Dignae-vos publicar estas misercordias

de Maria, e que Ella mesma vos abençoe e vos recompense por isto».

•

A assistencia chorava quando o prégador acabou a narração. Paris conheceu logo a maravilha, e depois, a Trappa foi muitas vezes perturbada pelas visitas que a curiosidade ou a affeição traziam até junto do marquez. Em janeiro de 1895, edoso e enfermo, recitava ainda o seu rosario nas dependencias do convento. Trinta e sete anos depois da noite do milagre, n'um dia de maio, uma pobre cruz de madeira se ergueu no cemiterio da communidade. Lia-se n'ella: «Dom Bernardo de Maria.» Cobria os restos do marquez, cuja alma se reunira á de sua mãe, de sua irmã e de seu Deus.

A oração a que se refere este episodio (póde haver quem a não conheça) é a seguinte:

Oh! minha Senhora! Oh! minha Mãe! eu me offereço todo a Vós; e, em prova da minha devoção, eu Vos consagro hoje os meus olhos, ouvidos, a minha bocca, o meu coração, todo o meu ser; e pois que assim Vos pertenço, oh minha boa Mãe, guardae-me e defendei-me como coisa e propriedade Vossa.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	1:814:000
João Severino Gago da Camara	5:000
D. Tereza d'Almeida Mascarenhas	20:000
Francisco Antonio da Costa Diniz	10:000
D. Izabel de Lacerda. . .	20:000
D. Gertrudes Oliveira Santos Pinto	10:000
Uma senhora que se encontra em grande aflição .	20:000
Antonio Maria Pinheiro .	20:000
D. Palmira Borges. . . .	50:000
Teresa (Creada).	20:000
Serafina (Creada)	15:000
D. Maria da Luz Pereira Rodrigues	10:000
D. Maria Pereira Lapa . .	5:000
Soeur Emmanuelle (Pariz)	186 francos

Tres momentos

Ha tres coisas que devem sempre achar logar no dia d'uma pessôa christã: *o momento de Deus*, isto é. algumas reflexões de piedade antes ou durante as vossas ocupações; — *o momento do proximo*, ainda que não seja mais que uma palavra amavel para alguma das pessôas que nos rodeiam; — *o momento de vós mesmos*, ainda que não seja mais que uma leve mortificação nas vossas refeições.

ASMODEU

(perseguidor da espôsa do jovem Tobias)

Ha no Egito uma Peregrinação da Castidade pouco notoria, bem que esta virtude seja tão principal em todos os tempos e mormente no actual.

E' essa a peregrinação a esse logar onde o arcanjo Rafael encadeou o demonio da impureza num deserto do Alto Egito.

Tunc Raphael Angelus apprehendit doemonium et relegavit illud in deserto superioris Aegypti. (Tobias, XIII).

E' o arcanjo Rafael,—que no livro de Tobias nos é apresentado como o guarda da castidade conjugal,—o grande inimigo de Asmodeu, o demonio mais homicida do Inferno: o demonio da impudicicia.

A Tobias indicou Rafael, médico divino, a santificação pela oração e pelo sacrificio heroico. Ordenou-lhe que de noite queimasse o figado daquele peixe misterioso que é Cristo, e logo que obedeceram, Tobias (e sua esposa Sara), se apoderou de Asmodeu e o levou.

Tal é a razão por que devem sempre ler os jovens casados esta história de Tobias e invocar S. Rafael.

Qual é o sitio do deserto do Alto Egito que serviu de prisão áquele espirito impuro? — perguntava-se.

Foi resolvida a questão pelo Padre Autefage, da Companhia de Jesus, superior que foi do colegio da Sagrada Familia, no Cairo.

Duas investigações a que procedeu quando duma viagem ao Alto Egito, resulta que é uma montanha do deserto, situada em frente da cidade de Tahta, que as tradições locaes colocam a prisão de Asmodeu. Ainda hoje justamente em Tahta, manifesta este demonio a sua presença por factos verdadeiramente diabolicos.

Possue Tahta uma igreja catolica servida pelos Padres Franciscanos. Fôram estes filhos da serafica Ordem que procuraram opôr ás manifestações do espirito de impureza a imagem do anjo que outr'ora o vencêra, encadeara e apresionara.

Com efeito, ainda hoje se contempla na igreja de Tahta a imagem do glorioso *arcanjo Rafael encadeando o demonio Asmodeu:*—demonio que tantos maleficios provoca e em tantos lares introduz a maldição.

E' de todas as almas puras a devoção a S. Rafael «carcereiro de Asmodeu»; ela traz comsigo toda a sorte de bençãos sobre as uniões cristãs.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte.	41.480:600
Impressão do n.º 40. . . (24.000 exemplares).	552.000
Outras despezas.	165 000
Soma. . . .	42.197:600

Subscripção

(Continuação — Maio a Junho)

Silvestre Joaquim Lourenço, 10:000; Luiz Antonio Carraça, 10:000; D Virginia Augusta Teixeira, 10:000; Azelma Bastos Xavier, 20:000; João Miguel Subtil, 10:000; D. Joana Lobato da Fonseca. 10:000; D. Clara de Souza Namorado, 10:000; D. José Belmonte, 10:000; D Elvira Augusta Nogueira, 10:000; Condessa de Tarouca, 10:000; Cesme Ferreira de Castro, 10:000; Ignacio Mendes da Cunha, 10:000; D Maria dos Remedios Xavier Proença, 10:000; D. Maria da Costa Castanheira, 10:000; Conego Manuel Fernandes Nogueira, 10:000; D. Maria Tomazia Pinto Antunes, 10:000; Manuel da Silva, 10:000; D. Maria Tereza de S. José, 10:000; D. Maria José Pestana, 10:000; D Margarida Pinto de Mesquita, 10:000; D. Bernardina da Silva Gonçalo, 10:000; José Augusto Pires dos Santos, 10:000; Reinaldo Monteiro Basto, 11:000; Francisco Antonio da Costa Diniz, 10:000; Francisco Lobato Leitão, 10:000; D. Lucia Cabral, 10:000; D. Maria da Assumpção Gago da Camara, 10:000; D. Josefa Serras, 10:000; Antonio Varela Gomes, 10:00; Manuel Joaquim de Souza, 20:000; D. Maria de Lourdes de Albuquerque, 11:000; D. Eugenia Ferreira Mendes, 10:000; Rita do Sacramento Mousaco Alçada, 20:000; Padre Francisco Pereira 59:640; João Augusto dos Reis, 10:000; D. Virginia Monteiro Gomes, 10:000; Domingos Antonio Martins, 10:000; D Herminia de Noronha, 10:000; D. Anna Falcão, 10:000; Feliciano Martinho Sobral, 10:000; Luiz Pereira de Lencastre e Menezes. 50:000; Maria dos Anjos Lopes, 10:000; D. Adelaide Vicente, 10:000; D. Herminia Rendas Fortes, 10:000; D. Maria Celeste de Seabra Fabião, 10:000; Vasco Osorio de Vasconcelos, 10:000; D. Victoria Sinde Pinto, 10:000; D. Laurinda Damaso Tavares 10:000; D. Lucinda Simões Martinho, 10:000; D. Delfina Maria d'Almeida. 5:000; D. Henriqueta Tadeu, 10:000; Julio Mousinho Fernandes, 20:000; D. Maria Carolina de Barbosa Pereira de Mello, 10:000; D. Maria Generosa de Menezes d'Almeida, 10:000; D. Margarida Pereira Lima, 13:000; D Anna Nobre da Costa e Silva, 5:000; Francisco da Cruz Costa Leite, 10:000; D. Tereza de Jesus Almeida, 1 dolar; D. Maria Silva, 1 dolar; Manuel Lourenço Gomes dos Santos, 10:000; Domingos João Machado, 10:000; D. Maria Madalena da Silva, 10:000; José Miranda Felipe, 10:000; Padre Joaquim Duarte Alexandre, 10:000; D. Anna Guedes, 10:000; D. Maria da Conceição Fontes, 15:000; Padre Antonio Carreira Bonifacio, 10:000.

Padre Antonio Vieira de Ceiça, 15:000; Padre Manuel Vieira dos Santos, 10:000; D. Rosalina Pereira Bastos, 10:000; Padre José Rodrigues dos Santos Lima e Silva, 10:000; Condessa de Sapbyra, 10:000; D. Izabel Maria Tavares Pinetta, 10:000; D. Maria Amalia Godinho Boavida Napoles, 10:000; D Maria Victoria de Magalhães Coutinho Braga, 10:000: D. Maria José Lopes, 20:000; D. Rosa d'Almeida Vieira Lopes, 10:000; D. Felicidade Tavares, 10:000; D. Augusta Machado, 10:000; D. Herminia de Jesus, 10:000; D. Maria da Purificação Godinho, 10:0000; Uma familia Christã, 5:000; D. Anna da Fonseca Alves, 10:000; Dr. José Birne de Souza Loreto, 10:000; D. Celeste Maria de Souza, 11:000: Antonio Farinha Lourenço, 10:000; D. Margarida Maria de Cortona da Conceição e Silva, 10:000; D. Ester Borges Cabral, 10:000: D. Herminia Beatriz Marques, 10:000; D. Cecilia de Lacerda Correia, 10:000; D. Aurelia Paes Pereira, 10:000; D. Maria d'Assumpção Queiroz d'Azevedo, 100:000; D. Engracia da Conceição Serrano Salgueiro, 10:000; D Alzira Costa, 10:000; D. Felicidade Souza, 10:000; D. Carmina da Rocha Calixto Rangel de Quadros, 10:000; D Maria da Purificação Pombo, 20:000; D. Rita de Jesus Barbosa e Sá, 120:000; D. Hortencia de Mello Lemos e Menezes, 10:000; D. Beatriz de Jesus Fernandes Vaz Contel, 10:000; D. Maria Augusta dos Santos Valentim, 10:000; Polycarpo Manuel dos Santos, 10:000; Padre José Maria Lopes Nogueira, 10:000; D. Eduarda da Costa Albuquerque de Pina, 10:000; D. Clara Monteiro, 10:000; Manuel Antunes, 10:000; D. Margarida Gomes Serrão, 10:000; D. Leonor Marques Serrão Chitas, 10:000; D. Izabel Antunes Gomes, 10:000; D Maria José Costeira, 10:000; Domingos Valente d'Almeida, 10:000; Boaventura José de Campos, 10:000; Antonio Fragoso, 10:000; D Maria de Jesus Pinto Cardoso, 10:000; João Baptista, 10:000; D. Maria do Carmo Galvão Simões, 10:000; Padre Alfredo Melo Abrantes do Couto, 10:000; João Maria Pimenta, 10:000; Padre Manuel Pereira de Oliveira, 10:000; D. Deolinda Dias Pereira, 10:000; D Palmyra Luiz Sabino, 10:000; D. Rosa de Carvalho, 10:000; José Ferreira Caxaria, 10:000; Antonio da Costa Melicias, 10:000; Padre Roberto Maciel, 10:000; D. Joanna da Salvação Nobre, 10:000; D. Maria Izabel Fernandes, 10:000; D. Eliza Menezes de Jesus, 10:000; D. Maria do Carmo Bacelar, 10:000; D. Berta Mendes Bacelar, 10:000; D. Maria Joanna de Lemos Pereira de Sant'Iago, 10:000; D. Laura da Costa, 10:000; Maria da Conceição, 10:000; Padre Antonio Martins Carneiro, 10:000; D. Leocadina Henriques, 10:000.

Ano IV LEIRIA, 13 de Março de 1926 N.º 42

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇAO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima

(13 de Fevereiro)

MAIS uma vez, de longe e de perto, milhares de peregrinos se dirigem a Fátima, a terra santificada pela presença da Virgem Santissima, para a commemoração festiva das Apparições. Pessôas de todas as classes e condições sociaes alli se encontram, naquella estancia bemdita, congregadas pelo mesmo intenso espirito de Fé e pelos mesmos sentimentos de viva e profunda piedade. Os servitas prestam na fórma do costume os seus valiosos serviços. As missas succedem-se umas ás outras, sem solução de continuidade, no altar principal da capella nova. Uma multidão devota e recolhida assiste ás missas, resando sem cessar pelos enfermos recolhidos no pavilhão respectivo. Estes são em numero inferior ao dos ultimos mezes. Vêem-se apenas dois grandes doentes: Um homem e uma senhora. Aquelle tem, ha cêrca de seis mezes, uma ulcera no estomago, que o faz sofrer horrivelmente, produzindo grande depressão no seu organismo, já vergado ao peso de sessenta e dois Janeiros. O seu rosto, emaciado por tantas dores physicas, traduz a resignação da sua alma, confortada pelo vigor da Fé e pelo balsamo da confiança no poder de Deus e no valimento de Nossa Senhora do Rosario.

A senhora, muito nova ainda, pois conta sómente vinte e dois anos de edade, sofre ha mais de dois anos duma fraqueza extrema. Natural do Funchal, onde reside, veio expresamente a Fátima, acompanhada por sua mãe, supplicar A'quella que a santa Egreja chama com razão, na ladainha lauretana, a Saúde dos enfermos, a cura ou pelo menos o alivio dos seus males. A sua voz sumida mal se distingue e o seu abatimento é profundo devido á doença e aos incommodos da longa viagem qûe teve de fazer. Todavia no seu rosto, em que se espelha a candura da sua alma, brilha uma suave expressão de resignação e doçura e á flôr dos labios brinca-lhe quasi continuamente um sorriso de fagueira esperança.

Entretanto começa a missa dos enfermos. É meio-dia e meia hora. Em frente e em volta da capella nova, a multidão torna-se mais compacta e o seu fervor cobra novos alentos, intensificando-se principalmente depois da elevação. Recita-se o terço e cantam-se os canticos do costume.

Terminada a missa, o celebrante dá a benção com a Hostia Santa a cada um dos enfermos e a todo o povo. Vêem-se muitos olhos marejados de lagrimas. Depois da benção final, sóbe ao pulpito o rev. dr. Avelino Gonçalves, de Braga, que durante vinte e cinco minutos prende a attenção dos milhares de fieis que o escutam, falando numa voz clara e forte sôbre a pratica da vida christã e a penitencia, objectivo unico das apparições da Santissima Virgem aos pastorinhos de Fátima.

Reconduzida a Imagem de Nossa Senhora para a capella das apparições, os fieis retiram pouco a pouco para os seus lares, e algumas horas mais tarde só reinam o silencio e a solidão naquelle recinto privilegiado em que se respira a plenos haustos uma atmosphera saturada dos perfumes suavissimos do Ceu.

V. de M.

As roseiras na Fátima

Muito penhorados, vimos agradecer as inumeras ofertas de roseiras para ornamentar os muros que vedam os terrenos do futuro Santuario de Nossa Senhora da Fátima.

O apelo da nossa querida — VOZ DA FATIMA — foi cuvido em todo o Portugal.

Póde-se dizer que não ha provincia ou diocese que não esteja ahi representada.

Muito obrigado a todos!

Que a Virgem Santissima faça cair sôbre os benemeritos doadores as rosas das suas graças, são os nossos vôtos.

A COMISSÃO

As curas da Fátima

«Covão do Lobo, 2/8/925

Meu caro amigo:

Escrevo-lhe hoje por causa dum milagre que Nossa Senhora da Fátima fez a uma paroquiana minha.

Trata se d'uma doente de febre puerperal que estava desenganada dos médicos. Recebeu todos os sacramentos e esperava-se a cada momento o desenlace fatal.

Eu, que a viatiquei e ungi, tambem assim pensava e tanto assim que, quando voltei da minha terra (onde fui uns dias) perguntei, logo que cá cheguei, se ela já tinha morrido.

O pae, que já tinha ido a Fátima,

pegou-se então com Nossa Senhora da Fátima, começando desde logo a ir todas as noites á igreja rezar o seu terço, deante do S. S. Sacramento, durante 30 dias. Passado esse tempo, começou a melhorar, e hoje, graças a Deus, está bôa.

O vovente chama se Manoel João Pereira dos Santos, ajudante do Registo Civil nesta freguezia.

Devo acrescentar que a doente bebeu algumas vezes agua que o pae tinha trazido da Fátima e tomou chá da terra, que de lá veiu tambem.

O meu amigo publique esta graça, se assim o entender, e dê-lhe a forma que quizer.

P.e Augusto da Silva»

«Ex^mo Sr.

Eu, abaixo assignado, declaro que sofrendo, durante um mez, de dôres horriveis sôbre os rins, resolvi consultar o médico, que me aconselhou a fazer o tratamento pelos raios X, pois achou qualquer corpo extranho dizendo ser preciso tratamento pela eletricidade. Apavorei-me tanto com a minha infelicidade que recorri ao auxilio da Santissima Virgem Nossa Senhora da Fátima, tomando a agua da fonte sagrada, durante 9 dias e ao 3.º dia senti grandes alivios.

Fui novamente consultar outro médico, que me disse que eu não tinha nada. Graças á Santissima Virgem já posso trabalhar no manejo da minha casa, o que antes não podia fazer, devido ao meu sofrimento.

Em gratidão á Santissima Virgem, exponho a verdade desta minha missiva para vir no jornal de Nossa Senhora da Fátima.

Isto teve logar no dia 25 de Abril de 1925.

De V. etc.

Maria da Conceição Monton

Lisbôa—Dáfundo.»

«Lisbôa, 11 de Setembro de 1925.

Eu, Joaquim da Silva, sofrendo (ha nove anos) de uma ulcera no estomago, estando desenganado dos médicos, apeguei-me com a Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima, e venho agradecer a esmola da saúde que me deu, pois encontro-me melhor, graças a Deus.

Minha companheira Maria Soares, sofrendo duma ulcera n'uma perna e n'um braço, ha tempo bastante, recorreu com muita fé á Senhora do Rozario da Fátima e encontra-se egualmente melhor, graças a Deus. Vamos no dia 13, levar as promessas a Nossa Senhora do Rozario da Fátima, agradecendo-lhe muito a esmolinha da saúde.

Joaquim da Silva e *Maria Soares*

Calçada de Arroios, 27 — Lisbôa.»

O *Padre Manuel Pereira da Silva* administrador da *Voz da Fátima*, tendo um seu sobrinho, Manuel, de pouco mais de dois annos, filho de sua irmã Emilia, residente em Monte Real, sido, depois da ultima Pascoa, atacado de coxalgia, que um especialista de Lisbôa julgou incuravel, fez uma novena a Nossa Senhora da Fátima (3 Avé-Marias e o *Lembrai-Vos...*) e no, dia em que terminou, a creança já se voltou na cama. O aparelho de gêsso, que foi posto á creança no hospital, teve de ser retirado passados cêrca de oito dias, sem resultado. Quando dois dias depois da novena o pae da creança voltava do Outão onde tinha, a conselho do médico, ido vêr se collocava a creança, a mãe, que na ausencia do marido tinha tambem recorrido a Nossa Senhora da Fátima, teve a grande consolação de apresentar o filho são, conservando-se ainda hoje de perfeita saúde. Já todos fôram á Fátima agradecer a Nossa Senhora.

«*Maria Dias Temido*, casada com Antonio Rodrigues Pato, natural e moradora no Avenal, logar da freguezia do Sébal (Condeixa), amamentando um filhinho de 4 mezes, secou-se-lhe o leite em junho e debalde recorreu a varios médicos. No dia 13 de Outubro, de madrugada, achando-se em Coimbra, tendo se lhe acabado a provisão de leite, aflita por ver a sua filha chorar de fome e sem lhe poder valer, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e desde esse dia alimenta a creança ao seu peito.»

«Salamanca (Hespanha)

Sr. Redactor da «Voz da Fátima»:

Venho pedir o obsequio de publicar no seu jornal a seguinte cura: Como natural da provincia de Salamanca, Espanha, e tendo ouvido fallar nas curas de Nossa Senhora de Fátima, lembrei me de pedir a Nossa Senhora a cura de meu pae que ha mais de vinte annos sofria de uma enfermidade que ultimamente se agravou muito, dizendo os médicos que precisava fazer operação porque já tinha ulceras. Muito aflicta, recorri a Nossa Senhora de Fátima prometendo publicar o milagre se o livrasse de fazer a operação. Comecei no dia 30 de Maio uma novena para esse fim, e no dia seguinte começou a melhorar. No dia 3 d'Abril voltou ao médico, já muito melhor, dizendo-lhe o mesmo médico que não precisava de ser operado, e actualmente encontra-se perfeitamente curado, graças a Nossa Senhora.

Maria de la Penha Manjon Palomero

«Estando eu, *Maria Carolina Caetana*, negociante, residente em Lagares da Beira, com um quisto havia 16 anos, no pé direito, tendo ocasiões que me dava bastante pena, principalmente quando fazia grandes viagens a pé, consultei médicos e muita outra gente que entendia de medicina, aconselhando me todos a que fizesse uma operação. Fui sofrendo e no ano de 1924 fôram a Fátima umas pessôas amigas, e me deram um jornalzinho da «Voz da Fátima», onde eu vi tantos milagres operados por Nossa Senhora do Rozario. Então fiquei muito crente e lhe pedi com muita fé esta graça. Pedi-lhe na noite de 17 de Novembro, e até ao dia 20 do mesmo mez fez-me a graça que pedi e que prometi publicar no seu jornalzinho, logo que pudesse, e ir ao logar das aparições agradecer á Virgem Nossa Senhora a graça recebida das suas divinas mãos.

Outras graças

M. da C. B. E., agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça recebida.

—*Maria Carreira Paes dos Santos*, da Covilhã vem mostrar a Nossa Senhora o seu eterno reconhecimento por a ter curado quasi repentinamente, com a agua bemdita, duma ferida que tinha num pé, de muito mau aspecto e que não cedia a outros medicamentos.

—*A. L. da C.*, de Coimbra que, posto que continue doente, envia a quantia de 5:000 rs. por uma graça que Nossa Senhora do Rosario da Fátima lhe concedeu.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.....	2.148:000
D. Luiza e D. Mariana Soares.....	5:000
D. Maria Emilia Brandão Aguiar Nunes de Moura.....	50:000
Um secretario de um inquerito.....	10:000
D. Adelaide de S. Chambers.....	10:000
D. Laura Pinheiro.....	10:000
Soma.....	2.223:000

Lamentações justificadas

«Trazia cansados os orgãos do movimento ocular dos meus olhos, de os obrigar a desviarem se... das pernas descobertas, com as meias de rêde de tres centimetros...; dos braços despudoradamente núas..., dos peitos impudicamente expostos, por entre caixilhos de renda... Para onde quer que os atirasse, sempre a feira franca da carne femenina á vela...

Que tristeza! Vinha-me lembrando do cristão baloiçando-se nêste dilúvio imenso de sensualismo, como se baloiçava nas águas do dilúvio Universal, a arca de Noé, sem que os nossos pés, como a primeira pomba, encontrem, quasi, onde possam poisar...»

—A verdade é que ás vezes temos receio de que um fogo purificador, como o de Sodoma, venha abrasar isto ou que um segundo diluvio venha lavar este mundo de luxuria.

Que as almas sinceramente piedosas procurem fazer contra-vapor com a sua vida pura e santa.

Aos assignantes

Prevenimos os nossos queridos assignantes, que queiram renovar a sua assignatura, que não fazemos a cobrança pelo correio. Cada um tem de enviar directamente a importancia da mesma em carta registada ou vale do correio. E' quasi indispensavel dizer o n.º da assignatura.

Muito gratos ficamos a quem nos prevenir de alguma irregularidade.

ARQUIVANDO

Com a devida venia, começamos hoje a arquivar nas colunas do nosso jornalzinho o que de mais notavel a imprensa portuguêsa publicou em 1917 ácerca dos extraordinarios acontecimentos que nesse ano se deram na Fátima.

Pedimos ao mesmo tempo a todas as pessôas que tenham conhecimento doutras publicações referentes aos mesmos acontecimentos, o favor de no-las indicar para se arquivarem e se juntarem ao processo.

(Do «Seculo» de 15 de Outubro de 1917:)

«Coisas espantosas

Como o Sol bailou ao meio dia em Fátima

As aparições da Virgem—Em que consistiu o signal do Ceu—Muitos milhares de pessôas afirmam ter-se produzido um milagre—A guerra e a paz.

(Do nosso enviado especial)

Ourem, 13 de Outubro

Ao saltar, após demorada viagem, pelas dezasseis horas d'hontem, na estação de Chão de Maçãs, onde se apiaram tambem pessôas religiosas vindas de longes terras para assistir ao «Milagre», perguntei de chofre, a um rapazote do char-á-bancs da carreira, se já tinha visto a Senhora. Com o seu sorriso sardonico e o olhar enviezado, não hesitou em responder me:—

—Eu cá só lá vi pedras, carros, automoveis, cavalgaduras e gente! Por um facil equivoco, o trem que nos devia conduzir e a miss Judah Ruah, até á vila, não apareceu e decedimo-nos a calcorrear corajosamente cêrca de duas leguas, por não haver logar para nós na diligencia e estarem, desde muito, afreguezadas as carriolas que aguardavam passageiros.

Pelo caminho, topam-se os primeiros ranchos que seguiam em direcção ao local santo, distante mais de vinte quilometros bem medidos.

Homens e mulheres vão quasi todos descalços—elas com saquiteis á cabeça sobrepujados pelas sapatorras; eles abordoando-se a grossos vara-paus e cautelosamente munidos tambem de guarda-chuva. Dir-se-hiam, em geral, alheados do que se passa á sua volta, num desinteresse grande da paizagem e dos outros viandantes, como que imersos em sonho, rezando n'uma triste melopeia o terço. Uma mulher rompe a primeira parte da ave-maria, a saudação; os companheiros, em côro, continuam com a segunda parte, a suplica. N'um passo certo e cadenciado, pisam a estrada poeirenta, entre pinhaes e olivedos, para chegarem antes da noite ao sitio da aparição, onde, sob o relento e a luz fria das estrelas, projetam dormir, guardando os primeiros logares junto da azinheira bemdita — para no dia de hoje verem melhor.

A' entrada da vila, mulheres do povo a quem o meio já infétou com o virus do ateismo, comentam, em tom de troça, o caso do dia:

—Então vaes ver ámanhã a santa?

—Eu, não. Se ela ainda cá viesse!

E riem-se com gôsto, emquanto os devotos proseguem indiferentes a tudo o que não seja o objectivo da sua romagem. Em Ourem só por uma amabilidade extrema se encontra aposentadoria. Durante a noite, reunem-se na praça da vila os mais variados veículos conduzindo crentes e curiosos sem que faltem velhas damas vestidas de escuro, vergadas já ao peso dos anos, mas faiscando-lhes nos olhos o lume ardente da fé que as animou ao acto corajoso de abandonar por um dia o inseparavel cantinho da sua casa. Ao romper d'alva, novos ranchos surgem intrepidos e atravessam, sem pararem um instante, o povoado, cujo silencio quebram com a harmonia dos canticos que vozes femininas, muito afinadas, entoam num violento contraste com a rudeza dos tipos...

O sol nasce, mas o cariz do céu ameaça tormenta. As nuvens negras acastelam-se precisamente sobre as bandas de Fátima. Nada, todavia, detem os que por todos os caminhos e servindo-se de todos os meios de locomoção, para lá confluem. Os automoveis luxuosos deslisam vertiginosamente, tocando as buzinas; os carros de bois arrastam-se com vagar a um lado da estrada, as galeras, as vitórias, os caleches fechados, as carroças nas quaes se improvisaram assentos, vão ajoujados a mais não poderem. Quasi todos levam com os farneis, mais ou menos modestos para as bôcas cristãs, a ração de folhelho para os irracionaes que o «povetelo» de Assis chamava nossos irmãos e que cumprem valorosamente a sua tarefa... Tilinta uma ou outra guiseira, vê-se uma carrocinha adornada de buxo; no entanto, o ar festivo é discreto, as maneiras são compostas, a ordem absoluta... Burrinhos choutam á margem da estrada e os ciclistas, numerosissimos, fazem prodigios para não esbarrar de encontro aos carros.

Pelas dez horas, o ceu tolda-se totalmente e não tardou que entrasse a chover a bom chover. As cordas de agua, batidas por um vento agreste, fustigam os rostos, encharcando o macadame e repassando até aos ossos os caminhantes desprovidos de chapeus e de quaesquer outros resguardos. Mas ninguem se impacienta ou desiste de proseguir e, se alguns se abrigam sob a copa das arvores, junto dos muros das quintas ou nas distanciadas casas que se debruçam ao longo do caminho, outros continuam a marcha com uma impressionante rezistencia, notando-se algumas senhoras cujos vestidos colados aos corpos, por efeito do impeto e da pertinacia da chuva, lhes desenham as formas como se tivessem saido do banho!

•

O ponto da charneca de Fátima, onde se disse que a Virgem aparecera aos pastorinhos do logarejo de Aljustrel, é dominado numa enorme extenção pela estrada que corre para Leiria, e ao longo da qual se postaram os veiculos que lá conduziram os peregrinos e os mirones. Mais de cem automoveis alguem contou e mais de cem bicicletas, e seria impossivel contar os diversos carros que atravancaram a estrada, um d'eles o auto omnibus de Torres Novas, dentro do qual se irmanavam pessôas de todas as condições sociaes.

Mas o grosso dos romeiros, milhares de creaturas que foram de muitas leguas ao redor e a que se juntaram fieis idos de varias provincias, alentejanos e algarvios, minhotos e beirões, congregam-se em torno da pequena azinheira que, no dizer dos pastorinhos, a visão escolhera para seu pedestal e que podia considerar-se como que o centro de um amplo circo em cujo rebordo outros espectadores e outros devotos se acomodam. Visto da estrada, o conjunto é simplesmente fantastico. Os prudentes camponios, abarracados sob os chapeus enormes, acompanham, muitos d'eles, o desbaste dos parcos farneis com o conduto espiritual dos hinos sacros e das dezenas do rosario. Não ha quem tema enterrar os pés na argila empapada, para ter a dita de ver de perto a azinheira sobre a qual ergueram um tosco portico em que bamboleiam duas lanternas... Alternam-se os grupos que cantam os louvores da Virgem, e uma lebre, espavorida, que galga matagal em fóra, apenas desvia as atenções de meia duzia de zagaletes que a alcançam e prostram á cacetada...

E os pastorinhos? Lucia, de 10 anos, a vidente, e os seus pequenos companheiros, Francisco, de 9, e Jacinta, de 7, ainda não chegaram. A sua presença assinala-se talvez meia hora antes da indicada como sendo a da aparição. Conduzem as rapariguinhas, coroadas de capelas de flôres, ao sitio em que se levanta o portico. A chuva cae incessantemente mas ninguem desespera. Carros com retardatarios chegam á estrada. Grupos de fieis ajoelham na lama e a Lucia pede lhes, ordena que fechem os chapeus. Transmite se a ordem, que é obedecida de pronto, sem a minima relutancia. Ha gente, muita gente, como que em extase; gente comovida, em cujos labios sêcos a préce paralisou; gente pasmada, com as mãos postas e os olhos borbulhantes; gente que parece sentir tocar o sobrenatural... A criança afirma que a senhora lhe falou mais uma vez, e o ceu, ainda caliginoso, começa, de subito, a clarear no alto; a chuva pára, e presente se que o sol vae inundar de luz a paizagem que a manhã invernosa tornou ainda mais triste...

A hora antiga é a que regula para esta multidão, que calculos desapaixonados de pessoas cultas e de todo o ponto alheias ás influencias misticas, computam em trinta e quarenta mil creaturas... A manifestação miraculosa, o sinal visivel anunciado está prestes a produzir se—asseguram muitos romeiros... E assiste-se então a um espetáculo unico e inacreditavel para quem não foi testemunha d'ele. Do cimo da estrada, onde se aglomeram os carros e se conservam muitas centenas de pessôas, a quem escasseou valor para se meter á terra barrenta, vê-se toda a imensa multidão voltar-se para o sol, que se mostra liberto de nuvens, no zenit. O astro lembra uma placa de prata fosca e é possivel fitar lhe o disco sem o minimo esforço. Não queima, não cega. Dir-se hia estar-se realisando um eclipse. Mas eis que um alarido colossal se levanta, e aos espectadores que se encontram mais perto se ouve gritar:

—Milagre, milagre! Maravilha, maravilha!

Aos olhos deslumbrados d'aquele povo, cuja atitude nos transporta aos tempos biblicos e que, pallido de assombro, com a cabeça descoberta, encara o azul, o sol tremeu, o sol teve nunca vistos movimentos bruscos fóra de todas as leis cosmicas—o sol «bailou», segundo a typica expressão dos camponezes... Empoleirado no estribo do auto omnibus de Torres Novas, um ancião cuja estatura e cuja fisionomia, ao mesmo tempo dôce e energica, lembram as de Paul Deroulede, recita, voltado para o sol, em voz clamorosa, do principio ao fim, o Credo. Pergunto quem é e dizem-me ser o sr. João Maria Amado de Mello Ramalho da Cunha Vasconcelos. Vejo-o depois dirigir se aos que o rodeiam, e que se conservaram de chapeu na cabeça, suplicando-lhes, veementemente, que se descubram em face de tão extraordinaria demonstração da existencia de Deus. Scenas identicas repetem-se noutros pontos e uma senhora clama, banhada em aflitivo pranto e quasi numa sufocação:

—Que lástima! Ainda ha homens que se não descobrem deante de tão estupendo milagre!

E, a seguir, perguntam uns aos outros se viram e o que viram. O maior numero confessa que viu a tremura, o bailar do Sol; outros, porém, declaram ter visto o rosto risonho da propria Virgem, juram que o Sol girou sôbre si mesmo como uma roda de fogo de artificio, que ele baixara, quasi a ponto de queimar a terra com os seus raios... Ha quem diga que o viu mudar sucessivamente de côr...

•

São perto de quinze horas.

O Ceu está varrido de nuvens e o Sol segue o seu curso com o explendor habitual que ninguem se atreve a encarar de frente. E os pastorinhos? Lucia, a que fala com a Virgem, anuncia com ademanes teatrais, ao cólo de um homem, que a transporta de grupo em grupo, que a guerra terminará e que os nossos soldados iam regressar...

Semelhante nova, todavia, não augmenta o jubilo de quem a escuta. O sinal celeste foi tudo. Ha uma intensa curiosidade em ver as duas rapariguinhas com as suas grinaldas de rosas, ha quem procure oscular as mãos das «santinhas», uma das quais, a Jacinta, está mais para desmaiar do que para danças, mas aquilo porque todos ansiavam — o sinal do Ceu — bastou a satisfazêl-os, a radicál os na sua fé de carvoeiro. Vendedores ambulantes oferecem os retratos das crianças em bilhetes postais e outros bilhetes que representam um soldado do «Corpo Expedicionario Portuguêz» —pensando no auxilio da sua protectora para salvação da Patria — e até uma fotogem da Virgem como sendo a figura da visão...

Bom negocio foi esse e decerto mais centavos entraram na algibeira dos vendedores e no tronco das esmolas para os pastorinhos do que nas mãos estendidas e abertas dos leprosos e cegos que, acotovelando-se com os romeiros, atiravam aos ares seus gritos lancinantes...

O dispersar faz-se rapidamente sem dificuldades, sem sombra de desordem, sem que fôsse mister que o regulasse qualquer patrulha da guarda. Os peregrinos que mais depressa se retiram, correndo estrada fóra, são os que primeiro chegaram, a pé e descalços com os sapatos á cabeça ou dependurados nos várapaus. Vão, com a alma em lausperene, levar a bôa nova aos logarejos que não se despovoaram de todo. E os padres? Alguns compareceram no local, enfileirando-se mais com os espectadores curiosos do que com os romeiros avidos de favores celestiais. Talvez um ou outro não lograsse dissimular a satisfação que no semblante dos triumphadores tantas vezes se traduz... Resta que os competentes digam de sua justiça sôbre o macabro bailado do Sol que hoje, em Fátima, fez explodir «Hosanas» dos peitos dos fieis e deixou naturalmente impressionados—ao que me asseguram sujeitos fidedignos—os livres pensadores e outras pessôas sem preocupações de natureza religiosa que acorreram á já agora celebrada charneca.

Avelino d'Almeida»

N.º 4

Compram-se os n.º 4 da *Voz da Fátima* ou substituem-se por qualquer outro que se não tenha esgotado. Tambem não temos os n.os 1, 2 e 7.

Maravilhas do corpo humano

O corpo humano contém 150 ossos e 500 musculos. O peso do sangue de um adulto é de 15 kilos. O diametro do coração é de 15 centimetros e o coração bate 70 vezes por minuto, 4.200 vezes por hora e 16.871.200 vezes em um ano.

Cada pancada do coração desloca 44 grammas de sangue, 5.310 kilos por dia. Todo o sangue do corpo passa pelo coração em trez minutos.

Os nossos pulmões contém no seu estado normal cinco litros de ar e nós respiramos 1.200 vezes por hora, consumindo 3 litros de ar.

A pele tem tres camadas de espessura, que variam de tres a cinco milimetros. Cada centimetro quadrado de pele tem 12.000 póros e a extensão total desses póros é de 50 kilometros.

Uma bôa penitencia

S. Filipe Nery recebeu um dia uma mulher que se acusava de ser muito inclinada á maledicencia.

Este defeito é muito frequente em ti (perguntou o Santo)?

—Sim, é muito frequente, respondeu a penitente.

—Muitas vezes por dia?

—Muitas.

Em presença de uma confissão tão franca, como se portaria S. Filipe Nery?

A receita é bôa e merece que se tome nota d'ella.

Minha querida filha, diz o santo á sua penitente, a tua falta é grande mas a misericordia de Deus é tambem grande; com a oração, com a vontade energica de te corrigir, eu não duvido que triunpharás depressa da má inclinação de que te acusas.

Por penitencia farás o seguinte: vás ao mercado visinho, compras uma galinha já morta mas ainda com as penas, farás um passeio em volta da cidade depenando ao mesmo tempo a galinha.

Acabado o passeio e depenada a galinha, virás dizer-me que cumpriste esta ordem.

Escusado será referir o espanto d'esta mulher tão extranhamente punida por um santo religioso, incapaz de brincar com coisas sérias.

Obedeço, meu padre, diz ela, recalcando no seu espirito as objecções que lhe acudiam.

Obedeceu, pois, e acabado o trabalho, desejosa tambem de obter a explicação da ordem dada, apresentou-se ao Santo.

—Está bem, diz S. Filipe Nery, cumpriste a primeira parte e, se cumprires a segunda, que vou dar-te, ficas curada.

Volta pelos mesmos sitios e apanha todas as penas da galinha que depenaste.

Isso é impossivel, exclamou a penitente, no cumulo da surpreza; é impossivel. Deitei-as ao vento, ao acaso, e o vento tel-as-á levado em todas as direcções. Como quere V. Rev.ª que eu agora as encontre?

Dizes bem, minha filha. As tuas maledicencias são tambem assim. As tuas palavras, ás vezes assassinas da honra alheia e sempre funestas, espalham os seus maleficios em todas as direcções. Apanha-as se pódes. Vae, pois, e não voltes a pecar.

A's orações dos leitores

Varias pessôas nos pedem que recomendemos as suas necessidades ás orações dos leitores, que decerto terão a peito ésta obra de caridade.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	42:197:600
Impressão do n.º 41 . .	644:000
Outras despezas. . . .	170:000
Soma . .	43:011:600

Subscripção

(A partir de 14 de Junho)

Francisco Soares Garrinhas, 10:000; D. Guilhermina Mendonça, 10:000; Pacifico Martins, 10:000; D. Maria da Conceição Silva, 10:000; D. Maria da Conceição Rosa, 10:000; Feliciano Alves, 10:000; Antonio Dias Frade, 10:000; D. Maria Luiza de Magalhães Caldeira, 10:000; D. Maria d'Assumpção Caldeira de Albuquerque, 10:000 D Margarida Maria Farinha e Silva, 10:000 Herculano Nunes, 20:000; D. Ermelinda da Conceição, 10:000; D. Maria das Dôres, 10:000; João Antonio Gonçalves d'Oliveira, 10:000; D. Justina de Nazaré, 10:000; D. Maria do Nascimento Jordão d'Oliveira, 10:000; D. Maria dos Prazeres Chaves, 10:000, Firmino Domingues, 10:000; D Maria da Graça Carranca, 10:000; D Maria Jacinta Candeias, 10:000; D. Amelia Soares Rodrigues, 10:000; D. Maria José Camaral, 10:000; Padre Joaquim Dias Duque, 10:000 José Clara, 10:000; Padre Antonio dos Santos Alves, 10:000; D. Joanna do Espirito Santo Neves, 10:000; D. Maria Eduarda Mata da Costa Praça, 20:000; Manuel Venancio de Oliveira, 15:000; D. Candida Sanches, 10:000; D. Maria das Neves Varela Teotonio, 20:000; D. Maria Gonçalves Silva, 15:000; D. Teresa Amaral, 10:000; Abilio Carlos Antunes, 10:000; Padre Clemente de Campos Almeida Peixoto, 10:000; D. Maria da Conceição Borges, 10:000; Dr. Domingos Pulido Garcia, 10:000; Imelda Sanches, 12:000; V. M. Tornixa, 20:000; D. Maria Emilia Escolastica, 10:000; Alberto Alves Nogueira, 10:000; João Ferreira Pinto, 10:000; Custodio da Cunha Leite da Costa, 10:000; Manuel Gaspar Fernandes, 10:000; José Francisco Teixeira, 10:000; Anonimo, 10:000; D. Laura Pinheiro, 10:000 Manuel Passos, 10:000; D. Maria Deolinda Elvas F. Mascarenhas, 10:000; José Baptista d'Andrade, 10:000; Faustino Daniel Higino, 10:000; D. Palmira Rosa Belo, 10:000 Antonio Miranda d'Azevedo, 10:000; Padre Manuel Teofilo de Souza, 10:000; D. Maria dos Remedios de Moura Abranches, 10:000 Manuel Ramos da Costa, 10:000; Antonio João Pereira, 10:000; José Monteiro da Silva, 10:000; D. Maria José de Magalhães Aguiar, 10:000; José Maria Palricas, 10:000 José Agostinho Macêdo, 50:000; D. Anna Fernandes Pinto Barreiro, 15:000; Carlos João Viegas, 20:000; Padre Luiz Filipe Gonçalves, 10:000; D. Maria Carlota Vahia Trigueiros, 10:000; D. Maria da Visitação Brazio Ribeiro, 10:000; D. Virginia Gonçalves Pinto, 10:0000; D. Maria José d'Oliveira Soares, 10:000; D. Maria José dos Santos, 10:000; João de Mattos Vieira, 10:000 Padre Manuel Ramos, 10:000; D. Josefa Ferreira Arêlo Manso, 10:000; José Gil Delgado, 10:000; D. Maria do Carmo Filipe Guerra, 10:000; José Faia, 10:000; José Pereira Morgadinho, 10:000; D. Lucinda Alves da Silva, 10:000; Joaquim Sardinha, 10:000; D. Joaquina d'Almeida, 10:000; Armando Ribeiro Baptista, 15:000; D. A. Reating, 10:000; D. Maria Izaura Matheus, 10:000; Joaquim Gabriel Coelho, 10:000; D. Mariana Salema d'Avilez, 10:000; D. Laura Possolo da Costa, 10:000; Jornaes avulsos (D. Emilia Nunes da Rocha,) 30:000 Joaquim Augusto d'Oliveira, 10:000; Antonio Luiz da Conceição, 12:000; Joaquim Pedro Coelho Guerreiro, 10:000; Manuel Duarte Silva, 10:000; D. Lucinda de Jesus Oliveira, 10:000; D. Maria Virginia Figueira da Silva, 10:000; Aurelio Lacerda Moutinho, 10:000; Francisco Melquiades Sardinha, 10:000; D. Christina Augusta de Lemos Martins Ferreira, 10:000; D. Julia Martins Correia, 10:000; D. Maria Celestina da Silva Pita, 10:000; Manuel da Silva Pita, 10:000; D. Julia Pereira de Freitas, 10:000; Dr. José Luciano Henriques, 10:000 Antonio Maria Duarte, 10:000; Joaquim Fernandes dos Santos, 10:000; D. Anna Correia Diniz da Fonseca, 10:000; D. Margarida Mata Cortes, 10:000; D. Maria Teresa d'Almeida Cortes, 10:000; Armando Nogueira d'Azevedo, 10:000; Amilcar Campos, 10:000; D. Virginia Borges de Carvalho, 10:000; Padre José de Souza, 10:000; D. Maria do Ceu Pinto d'Abreu e Lima, 10:000; D. Maria do Rosario, 10:000; D. Amelia Augusta de Jesus e Silva Garcia, 10:000; D. Maria Luiza Teixeira Borges, 10:000; D. Maria da Conceição Magalhães, 12:000; D. Joaquina da Conceição Duarte, 10:000; Padre Henrique Rodrigues Mota, 10:000; Padre Antonio dos Santos, 20:000 D. Maria Candida d'O Braga, 10:000; D. Mariana Vilhena de Carvalho, 10:000.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV — LEIRIA, 13 de Abril de 1926 — N.º 43

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima
(13 de Março de 1926)

REALISOU-SE no dia 13 de Março findo a costumada peregrinação mensal a Fátima em commemoração das apparições e dos episodios maravilhosos succedidos no anno de 1917, que ficou para sempre memoravel nos gloriosos fastos Marianos da nossa querida Patria.

O dia amanheceu formoso e explendido, exuberante de luz e de côres, repleto de amenidade e doçura, como se a Primavera, qual fada bemfazeja com sua varinha de condão, já tivesse despejado sôbre a terra a cornucopia dos seus dons mais preciosos e das suas bençãos mais escolhidas.

Como era, pois, de esperar, a concorrencia excedeu sobremaneira a dos ultimos dois mezes. E — cousa digna de nota — as classes mais altas da sociedade forneciam desta vez um contingente singularmente elevado ao numeroso exercito dos romeiros, que nos mezes das pequenas peregrinações costumam pertencer na sua quasi totalidade ao elemento popular.

Assim a multidão que enxameia no local das apparições é incomparavelmente mais variada, sem a severa monotonia dos mezes anteriores, offerecendo no seu conjuncto um aspecto mais agradavel á vista.

Uma noticia bastante triste corre de bôcca em bôcca e enche de profunda consternação todos os peregrinos. O rev. Agostinho Marques Ferreira, parocho de Fátima, está de cama, bastante enfermo. Irmão gemeo de Mons. Peyramale, o parocho de Lourdes na epocha das apparições, não só nas virtudes e no zelo da gloria de Deus e da salvação das almas, mas ainda na firmeza da vontade e na vivacidade do genio, a elle se deve uma obra monumental que, á custa de muitos esforços e de canseiras, logrou levar a cabo, a restauração e

Armando (e não Antonio, como se publicou) **d'Oliveira**, residente na R. Direita de Pedrouços, 112, loja, curado por Nossa Senhora da Fátima de adenites supuradas e estado geral muito grave, confórme o atestado médico e relato publicado aqui no mês de Fevereiro ultimo.

---

ampliação da egreja parochial. Esse templo magestoso e bello, lá está a attestar á geração actual e ás gerações do porvir o que póde uma vontade de ferro, tenaz e inflexivel, ao serviço de uma nobre causa ou na execução dum grandioso plano.

Não se esqueçam os piedosos romeiros de Fátima, e todos os leitores christãos destas linhas, de supplicar, por intercessão de Nossa Senhora do Rosario, ao Deus da Eucharistia, escondido na sua Hostia de Amor, todos os mezes acclamado no planalto sagrado de Fátima, a conservação da preciosa vida e a cura rapida e completa do veneravel parocho da freguezia que a Rainha dos Anjos se dignou honrar com as suas maravilhosas apparições, e com a profusão assombrosa das suas graças.

Desde manhã cêdo, na capella nova, as missas succedem-se umas ás outras, com pequenos intervallos. De vez em quando um sacerdote distribue a Sagrada Communhão aos fieis que previamente se confessaram. Os servitas, na sua grande maioria pertencentes ao grupo d'*élite* de Torres Novas, trabalham sem descanso na organisação do serviço d'ordem e no transporte dos enfermos.

No meio delles avulta duplamente grande — na alma e no corpo — o dr. Carlos de Azevedo Mendes, provedor da Misericordia da gentil princeza do Almonda, comandando a sua legião de voluntarios com um apiumo e um garbo verdadeiramente marciaes, mas assaz atenuados pela doçura e amabilidade dum espirito profunda e sentidamente christão.

Ao meio dia solar a branca estatua de Nossa Senhora do Rosário é conduzida da capella das apparições para a capella nova.

Começa então a ultima missa — a missa dos enfermos e dos peregrinos. Durante a celebração do Santo Sacrificio um sacerdote reza o terço do Rosário alternadamente com o povo. Terminada a missa, expõe-se o Santissimo, dá-se a benção a cada um dos enfermos e depois a todo o povo. Encerrado o Santissimo no sacrario, sóbe ao pulpito o rev. Magalhães, de Leiria, que, numa linguagem accessivel a todas as pessôas, fala sôbre a necessidade da penitencia e o cumprimento de todos os nossos deveres.

Reconduzida a estatua de Nossa Senhora á sua capella e cantados os canticos do costume, a multidão dispersa-se pouco a pouco, e a breve trecho o silencio e a solidão reinam soberanamente naquella estancia ainda poucos momentos antes cheia de vida e movimento.

Visconde de Montello

As curas da Fátima

Rev.mo Sr.

Cumprindo um dever e uma promessa que fiz a Nosa Senhora do Rosário de Fátima, apresso-me a enviar a V. esta minha missiva pedindo-lhe a publicação (caso V. o entenda) no conceituado jornal «Voz da Fátima».

Em Fevereiro de 1920, comecei a sentir-me muito fraca. Consultando

alguns médicos receitaram-me varios medicamentos sem resultado satisfatorio. De dia a dia me achava peior e as poucas fôrças que me restavam exgotaram-se. Em Junho do mesmo ano recolhi á cama atacada de fébre e com um enorme sofrimento de intestinos.

Chamado o clinico Ex.mo Sr. Dr. Dias Coelho, observando-me, declarou ser o meu estado grave e sofrer duma entero-cólite. Estive perto de dois mezes de cama, sendo o meu tratamento apenas caldos, chá e medicamentos. Era tal a minha fraqueza, que o clinico após um certo numero de visitas, comunicou a meu marido que eu estava anémica, necessitava de ares do campo. Fui para Villa Nova de Poiares, onde me conservei uns tempos. Regressei a Lisbôa mais robusta, mas em breve tornei a sofrer dos intestinos, excluindo umas tantas comidas, chegando mesmo a estar semanas inteiras a chá e caldos de farinha.

Em Maio do ano passado peorei, e consultando o referido médico, elle me disse claramente que a minha doença era incuravel, aconselhando-me a sofrer com paciencia o meu martirio.

Em virtude desta declaração, invoquei, cheia de fé, amôr e muita confiança, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, de quem tão devóta sou e de quem algumas graças tenho obtido, implorando o seu auxilio. Não fui atendida. Recorri novamente, mas debalde. Não desanimei; porque sendo Ella a Mãe dos Aflitos, sempre me havia de consolar. Nas minhas orações pedia com imenso fervor a Nossa querida Mãe do Ceu, que me acompanhasse ao Campo Sagrado, porque o meu ardente desejo era ir prostrar-me de joelhos no oito Torrão abençoado por Ela.

Assim o consegui.

Em Outubro de 1925 fui a Fátima. Quando me apeei do camion, senti-me muito comovida com tudo o que em redor de mim observei. Não pude contêr as lágrimas e, a soluçar e de joelhos, supliquei mais uma vez á Virgem Santissima se me melhorasse os meus intestinos, ofereceria 13 velas para alumiar Nossa Senhora durante a festa que em sua honra se realisa todos os dias 13.

Prometi concorrer com um donativo para o Culto de Nossa Senhora e ouvir uma missa na minha freguezia (Beato) oferecendo-a em ação de graças e juntamente a recitação do Santo Rosário no dia em que fôr cumprida a dita promessa, alumiando todos os dias 13 a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima que com muita devoção conservo em minha casa. Graças a Deus fui ouvida. Apesar dos incomodos da viagem e de nêsse dia só bastante tarde ter recebido a Sagrada Comunhão, pósso garantir que o passei bem disposta e até á data, felizmente, encontro-me melhor. Alimento-me de tudo sem receio e sinto-me com mais fôrça. Não voltei ao consultorio do Dg.mo Clinico, senão quando fui pedir-lhe o atestado que junto remeto a V.

Da Fátima posso dizer que colhi as melhores impressões. Eram perto de 4 horas quando retirei com uma viva saudade desse tão querido Lugar Santo e com vontade de breve lá voltar. Efectivamente no mez seguinte lá me encontrava. Se possivel fôsse iria todos os mezes prestar homenagem á Virgem Purissima Santa Maria.

Graças, pois, a Nosso Senhor Jesus Christo, que por intercessão de Sua Mãe nos vai atendendo.

Laurinda Amelia da Silva Sequeira Marques.

C. Duque de Lafões, 41, 1.º — Beato — Lisbôa.

Atestado

Henrique Dias Coelho, médico-cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisbôa:

Atesto que a Sr.ª Laurinda Amélia da Silva Sequeira Marques, moradora na Calçada Duque de Lafões, 41, 1.º D., freguezia do Beato de Lisbôa, sofreu de uma entero-colite e franca anemia desde o ano de mil novecentos e vinte até outubro de mil novecentos e vinte e cinco, renitente a todos os medicamentos empregados e foi por mim observada nesta ultima data, notando-se muitissimo melhorada do seu sofrimento. E, por ser verdade, passo o presente atestado que assino sob minha responsabilidade profissional.

Lisbôa, oito de Fevereiro de 1926.

Henrique Dias Coelho

(Segue o reconhecimento).

O atestado seguinte, que só agora nos chegou ás mãos, é referente a uma cura extraordinaria, já relatada aqui no n.º 33, de 13 de junho de 1925.

Atestado

Adelino Pereira da Silva, sub-delegado de saude em Porto de Mós:

Atesto que tratei durante muito tempo José Rodrigues Vala, morador na Ribeira de Baixo, freguezia de S. João, neste concelho de Porto de Mós. Este individuo sofria d'uma pleuresia purulenta tuberculosa com forte derrame. Estivera durante cinco mezes nos Estados Unidos do Brazil, sofrendo da mesma pleuresia, tendo ahi sofrido a operação do empiéma com resecção de tres costelas. Depois, aqui na Ribeira de Baixo, manifestou forte derrame purulento que lhe pôz a vida em perigo, salvando-o a vomica por meio da qual se libertou de mais d'um litro de pús; passando-se isso em meado de Novembro de 1923; passados quinze dias tornou a encher-se de pús que foi esvasiado por punção. Depois d'isso nunca mais tornou a formar-se pús na pleura do pulmão direito. Hoje apresentando-se o doente para eu o observar, encontrei-o muitissimo melhorado, não existindo derrame na pleura, apenas lhe encontrei uma pequena diminuição do murmurio vesicular e pequenos raidos de coiro novo, signais caracteristicos da pleurisia seca, com tendencias a melhorar. E como a pleuresia purulenta de que o observado sofria, por todos os caracteristicos que apresentava, se podia considerar como incuravel, é para considerar misteriosa a intervenção havida que levou a doença a uma transformação tão completa para cura proxima.

Porto de Mós, 28 de Setembro de 1924.

Adelino Pereira da Silva

Outras curas

Maria da Piedade Rodrigues, R. D. Estefania, 99, 1.º—Lisbôa—Tendo desde creança uma fé muito grande, e uma grande devoção com a Santissima Virgem, logo que teve conhecimento da sua aparição em Fátima, lhe dedicou todas as suas préces com tanto ardôr, que Nossa Senhora da Fátima lhe concedeu algumas graças. Por este facto, deseja propagar a devoção, e patentear a sua fé, pedindo sejam publicadas as graças que vae expôr, que tanto agradece á Santissima Virgem.

Ha 18 annos sofreu uma operação na bôca, sendo-lhe extraido um bocadinho do osso maxilar, sofrendo bastante. Ha 3 mezes voltou a aparecer-lhe uma grande inflamação na cara no mesmo sitio, tomando-lhe o olho do mesmo lado, e já a aparecer pús. Foi ao médico que lhe disse ter de ser novamente operada. Porém recorreu á Santissima Virgem, e collocando terra de Fátima sôbre o inchaço, este desapareceu bem como toda a inflamação, achando se completamente bôa.

Outra graça quiz Nossa Senhora conceder lhe.

Ha 4 annos sofria dôres no braço e peito esquerdo, resultado d'uma pancada, e tinha caroços no peito, sendo o médico d'opinião que devia ser operada. Muito aflita dirigiu as suas ardentes préces a Nossa Senhora de Fátima, deu banhos com a agua, e acha-se hoje perfeitamente curada.

Mais uma vez pede a publicação do que expõe, e sempre que póde, isto é quasi todos os annos tem ido agradecer á Santissima Virgem os beneficios recebidos e de que se não julga merecedora.

Lisbôa, 13 de Março de 1926.

Iria d'Almeida, moradora na Rua D. Estefania, 99, 1.º, em Lisbôa; sofrendo ha 20 annos do figado, e tendo continuas cólicas que a prostavam no leito, e vendo-se obrigada a chamar amiudadas vezes o médico, teve a feliz inspiração de dirigir incessantemente as suas orações a Nossa Senhora de Fátima, e tomar a agua quando se viu aflita com a cólica. Quiz Nossa Senhora attende-la. Ha mais de anno e meio que passa consideravelmente melhor, sem necessitar d'assistencia médica. Tem ido, e irá, sempre que lhe seja possivel, agradecer este tão grande beneficio á Santissima Virgem.

Faz entrega de mil escudos para o culto de Nossa Senhora, e pede seja publicada esta graça, para aumentar a devoção que devemos ter

a Nossa Senhora, e para provar a sua grande fé.

Lisbôa, 13 de Março de 1926.

Placiano dos Santos Silva, morador na Rua Carlos José Barreiros, 17, 3.º (a Arroios), em Lisbôa; offerece para o culto de Nossa Senhora do Rozario de Fátima, a quantia de Esc. 1.000$00 (mil escudos) por ter obtido de Nossa Senhora uma grande graça; para confirmar a sua fé, e desejar propagar a devoção á Santissima Virgem, pede com insistencia seja isto publicado.

Lisbôa, 13 de Março de 1926.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.....	2.223:000
D. Margarida Piteira Baptista.....	34:000
D. Cecilia Correia Costa	5:000
D. Gloria Esquivel....	10:000
D. Berta Oneto Nunes..	30:000
D. Adelaide Esteves...	20:000
Soma.....	2.322:000

Antes e depois... das refeições

Os nossos antepassados, que eram christãos a valer, não passavam sem resar antes ou, pelo menos, depois das refeições, atraindo as bençãos de Deus sobre a comida e agradecendo-lh'a.

Quantos paes, que se dizem christãos, não ensinam a seus filhos a fazer o signal da cruz e a dar graças depois da comida?

Bastantes, infelizmente. Não se pensa em Deus, que, para elles é um estranho que não é para ali convidado.

E se ha um conviva que está de mal com Deus, teme-se ser indelicado para com elle e não ha pejo de o ser para com Deus.

A este proposito não fica mal aqui a seguinte interessante historia:

O rei Afonso d'Aragão, que era um verdadeiro christão, soube com desgosto que os seus pagens não tinham o habito de resar antes e depois da comida.

Quiz dar-lhes uma real lição. Convidou-os um dia para a sua mesa. Elles, segundo o seu costume, sentaram-se á mesa sem fazer o signal da cruz ou qualquer outra oração.

O rei convidou tambem, nesse dia, um pobre a quem ordenou um certo cerimonial a observar. O homem obedeceu pontualmente. Entrou com os seus farrapos, quando a refeição já tinha começado. Sem saudar ninguem, nem mesmo olhar para o rei, poz-se á mesa com a maior semcerimonia, comeu e bebeu quanto quiz, guardando um profundo silencio.

Depois levantou-se e sem agradecer ao rei nem despedir-se, foi-se como tinha vindo.

Os pagens ficaram tão admirados que nem quasi acreditavam no que viam.

Estavam a cada momento á espera do desfecho e que aquele malcreado fosse posto na rua.

Mas o rei Afonso ficou calmo e nada disse.

Qual seria a razão deste silencio do monarcha, silencio que os admirava ainda mais que a conduta do mendigo?

Estavam impacientes para saber a explicação.

Um d'elles exclamou:

«Quem é este malcreado, este urso sem educação? Não sei o que me conteve que não lhe cortasse as orelhas.

Porque é que os creados o não puzeram na rua?...»

Então o rei se levantou solemnemente e fixando com um olhar severo os seus jovens convivas e martelando vagarosamente cada uma das palavras, disse: «Este mendigo, este malcreado, este urso selvagem, sois vós, meus queridos pagens. Vós sois mais ingratos e mais mal educados que elle. Cada dia um rei, maior que o rei d'Aragão, vos oferece duas ou tres refeições: vós começail-as sem o saudar e acabail-as sem lhe agradecer. Merecieis, pois, que Elle vos mandasse pôr na rua pelos seus servos, que são os anjos.»

Os pagens abaixaram a cabeça e prometeram emendar-se.

Qualquer animal domestico (o cão, o gato, o boi, etc.) desfaz-se em carinhos e agradecimentos (a seu modo) para as pessôas que os tratam. Não sejamos menos que elles.

Que não se aplique a nós aquella frase que Camilo, apesar de não primar pela sua vida christã, escreveu em qualquer parte:

«Senhor dos mundos, vós creastes a agua que refrigera o viandante d'este deserto e elle passa, bebe, sacia-se e... injuria-vos.»

ARQUIVANDO

Da *Ilustração Portugueza* de 29 de Outubro de 1917:

«O milagre de Fátima

(Carta a alguem que pede um testemunho insuspeito)

Quebrando um silencio de mais de vinte anos e com a invocação dos longinquos e saudosos tempos em que convivemos n'uma fraternal camaradagem, iluminada então pela fé comum e fortalecida por identicos propositos, escreves-me para que te diga, sincera e minuciosamente, o que vi e ouvi na charneca de Fátima, quando a fama de celestes aparições congregou n'aquele desolado ermo dezenas de milhares de pessôas mais sedentas, segundo creio, de sobrenatural do que impelidas por mera curiosidade ou receiosas de um logro... Estão os catolicos em desacordo sobre a importancia e a significação do que presenceiaram.

Uns convenceram-se de que se tinham cumprido promettimentos do Alto; outros acham-se ainda longe de acreditar na incontroversa realidade d'um milagre. Foste um crente na tua juventude e deixaste de sel-o. Pessoas de familia arrastaram-te a Fátima, no vagalhão colossal d'aquele povo que ali se juntou a 13 de outubro. O teu racionalismo sofre um formidavel embate e queres estabelecer uma opinião segura socorrendo-te de depoimentos insuspeitos como o meu, pois que estive lá, apenas no desempenho de uma missão bem dificil, tal a de relatar imparcialmente para um grande diario, *O Seculo*, os factos que diante de mim se desenrolassem e tudo quanto de curioso e de elucidativo a eles se prendesse. Não ficará por satisfazer o teu desejo, mas decerto que os nossos olhos e os nossos ouvidos não viram nem ouviram coisas diversas, e que raros foram os que ficaram insensiveis á grandeza de semelhante espectaculo, unico entre nós e de todo o ponto digno de meditação e de estudo...

O que ouvi e me levou a Fátima?

Que a Virgem Maria, depois da festa da Ascenção, aparecera a tres crianças que apascentavam gado, duas mocinhas e um zagalete, recomendando-lhes que orassem e prometendo-lhes aparecer ali, sobre uma azinheira, no dia 13 de cada mez, até que em outubro lhes daria qualquer sinal do poder de Deus e faria revelações.

Espalhou-se a nova por muitas leguas em redondeza; voou, de terra em terra, até aos confins de Portugal, e a romagem dos crentes foi augmentando de mez para mez, a ponto de se juntarem na charneca de Fátima, em 13 de outubro, umas cincoenta mil pessoas, consoante os calculos de individuos desapaixonados. Nas precedentes reuniões de fieis, não faltou quem tivesse suposto vêr singularidades astronomicas atmosfericas, que se tomaram como indicio da imediata intervenção divina.

Houve quem falasse de subitos abaixamentos de temperatura, da scintilação de estrêlas em pleno meio dia e de nuvens lindas e jámais vistas em torno do sol. Houve quem repetisse e propalasse comovidamente que a Senhora recomendava penitencia, que pretendia a ereção de uma capela n'aquele local, que em 13 de outubro manifestaria, por intermedio de uma prova sensivel a todos, a infinita bondade e a omnipotencia de Deus...

Foi assim que, no dia celebre e tam anciado, afluiram de perto e de longe a Fátima, arrastando com todos os embaraços e todas as durezas das viagens, milhares e milhares de pessoas, umas que palmilharam leguas ao sol e á chuva, outras que se transportaram em variadissimos vehiculos, desde os quasi prehistoricos até aos mais recentes e maravilhosos modelos de automoveis, e ainda muitissimas que suportaram os incomodos das terceiras classes dos comboios, dentro dos quais, para percorrer hoje relativamente pequenas distancias, se perdem longas horas e até dias e noites! Vi ranchos de homens e de mulheres, pacientemente, como enlevados n'um sonho, dirigirem-se, de vespera, para o sitio famoso, cantando hinos sacros e caminhando des-

calços ao ritmo d'eles e á recitação cadenciada do terço do Rosario, sem que os importunasse, os demovesse, os desesperasse, a mudança quasi repentina do tempo, quando as bategas de agua transformaram as estradas poeirentas em fundos lamaçais e ás doçuras do outono sucederam, por um dia, os asperrimos rigores do inverno... Vi a multidão, ora comprimida á volta da pequenina arvore do milagre e desbastando-a dos seus ramos para os guardar como reliquias, ora espraiada pela vasta charneca que a estrada de Leiria atravessa e domina e que a mais pitoresca e heterogenea concorrencia de carros e pessoas atravessou n'aquele dia memoravel, aguardar na melhor ordem as manifestações sobrenaturais, sem temer que a invernia as prejudicasse, diminuindo-lhes o esplendor e a imponencia... Vi que o desalento não invadiu as almas, a confiança se conservou viva e ardente, a despeito das inesperadas contrariedades, que a compostura da multidão, em que superabundavam os camponios, foi perfeita e que as crianças, no seu entender priviligiadas, tiveram a acolhel-as as demonstrações do mais intenso carinho por parte d'aquele povo que ajoelhou, se descobriu e rezou a seu mandado, ao aproximar-se a hora do «milagre», a hora do «sinal sensivel», a hora mistica e suspirada do contacto entre o ceu e a terra...

E, quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacifica multidão animada pela mesma obcessiva ideia e movida pelo mesmo poderoso anceio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneda de Fátima? A chuva, á hora pronunciada, deixar de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro-rei — disco de prata fosca — em pleno zenith, aparecer e começar dançando n'um bailado violento e convulso, que grande numero de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes côres revestiu sucessivamente a superficie solar!...

Milagre, como gritava o povo; fenomeno natural, como dizem sabios? Não curo agora de sabel-o, mas apenas de te afirmar o que *vi*... O resto é com a sciencia e com a Egreja...

Avelino de Almeida

Porque nos faz Deus sofrer?

Deus não se compraz em fazer sofrer aqueles que o servem, nem deseja que sejam oprimidos com trabalhos, doenças e aflições, senão tanto quanto estas provações lhes sirvam para os tornarem mais agradaveis aos seus divinos olhos.

Succede comnosco o mesmo que com uma pedra de que se quer fazer uma estatua. O esculptor começa a desbastal-a, parecendo querer fazel-a em pedaços, mas o seu fim é só tirar-lhe o superfluo. Depois toma outro martelo menor e o cinzel e começa a formar a figura com todas as suas partes. Toma a seguir outros instrumentos mais delicados para dar a esta figura a forma e perfeição que tem na ideia.

Assim procede Deus a nosso respeito...

Quando quer aperfeiçoar uma alma, permite primeiramente que seja tentada e, algumas vezes, de forma tal que parece que esta alma vae abandonar tudo. Depois, como o esculptor, começa a ornal-a e embelezal-a, comprazendo-se em enchel-a de graças, não cessando este trabalho sem que ella esteja perfeitamente agradavel...

Ah! quem poderá exprimir quanto Deus ama uma alma depois de a ter assim enriquecido!

A paciencia é a virtude dos perfeitos. Que consolação quando sofremos alguma coisa por amôr de Deus e nos alegramos nas humilhações.

Que consolação quando chegamos áquelle estado de perfeição em que se recebem e sofrem com alegria todos os pequenos incomodos e contrariedades porque se sabe que tudo vem das mãos de Deus!

Sim, todas as coisas nos veem das mãos de Deus e como taes as devemos considerar e receber para podermos merecer, e por isso Elle permite que sejamos atribulados.

Os sofrimentos desprendem-nos do mundo, fazem-nos pensar mais nos nossos destinos, de que, insensivelmente nos esquecemos mais quando tudo corre bem.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	43:011:600
Impressão do num. 42 (29.000 exemplares) .	667:000
Expediente, 1 «cliché» e outras despezas . .	180:000
Soma . .	43:858:600

Subscripção

(Até Setembro de 1925)

D. Maria do Carmo da Rocha, 15:000; Dr. Jacinto Gago da Camara, 200:000; D. Maria Patricio, 10:000; D. Palmira Anjos R. de Magalhães, 10:000; D. Rita do Rosario Pereira Lopes, 10:000; D. Maria Adelina Campos, 10:000; D. Luiza da Costa, 20:000; D. Carolina Rosa, 10:000; D Amelia Figueira da Silva, 10:00; Silverio Damião d'Almeida, 10:000; Manuel Maria da Silva, 10:000; D. Emilia Gomes d'Almeida e Silva, 10:000; Antonio Farinha Gomes, 10:000; D. Maria Izabel Henriques, 10:000; Antonio Abrantes, 10:000; José Agostinho de Macêdo, 10:000; D. Beatriz da Rocha Paes Werneck, 10:000; Lourenço Pereira da Costa, 10:000; Manuel Pinto Moreira, 10:000; D. Deolinda Pinto d'Almeida, 10:000; D. Leonor Gomes dos Santos, 10:000; D. Quiteria Lopes Portela, 10:000; D. Maria da Assumpção Roque do Vale, 10:000; D. Joaquina de Jesus Martins, 10:000; D. Julia da Mota Moreira, 10:000; Dr. Abel Capitolino Baptista, 10:000; José Vicente Pita, 10:000; Antonio Joaquim Ferreira da Cunha, 10:000; Dr. Justino José Correia, 10:000; João Bernardo Nunes, 20:000; D. Jezuina Rodrigues Lopes dos Santos, 10:000; D. Anna Mello Borges, 10:000; D. Etelvina Geraldes Cardoso, 10:000; D. Patrocinio Amorim, 10:000; D. Adelina Faria, 10:000; D. Angelica Godinho, 10:000; D. Maria de Lourdes de Barcelos Coelho Borges, 10:000; D Maria Eugenia E. Magida, 10:000; Maria do Carmo Ribeiro, 10:000; Antonio Vaz Carvalho, 10:000; Padre Antonio Rodrigues Pereira, 50:000; D. Maria dos Anjos da Cunha Neto, 11:000; D. Elena Brandão, 10:000; D. Maria do Sacramento Melo e Faro, 10:000; Reinaldo Monteiro Basto, 10:000; D. Maria Carolina Caetano, 10:000; Alexandre Coelho da Costa, 10:000; D. Amelia dos Anjos Coelho do Amaral, 10:000; D. Rosa Antonio Valente, 10:000; D. Maria do Carmo Tavares Souza Cirne, 10:000; D. Izmenia Ruela, 10:000; Grancinda da Silva Trinta; 10:000; Maria José Leiras, 10:000; Piedade Bunheirôa, 10:000; D. Maria do Rosario Tavares Gravata, 10:000; José Manuel Fernandes Rendeiro, 10:000; Leonardo Fernandes Sardo, 10:000; Maria José Leite, 10:000; Manuel José Marques, 10:000; Padre José Augusto Rosario Dias, 10:000; D. Virginia Lopes, 10:000; D. Sofia Pires Neves Teixeira, 10:000; Francisco Alves Tavares, 10:000; D. Maria Ramos Soares, 20:000; De jornais (Joaquim Ferreira Maria), 21:000; Manuel José da Rocha, 10:000; Francisco Gatta Moraes, 30:000; D. Vitalina da Fonseca, 10:000; Frank Roberston, 10:000; D. Maria José dos Santos, 10:000; D. Anna Correia, 10:000; D. Celeste Infante, 10:000; D. Brigida Nazaré Damião, 10:000; Maria Gertudes, 10:000; Raul Marques, 10:000; D. Julia Souto Maior, 10:000; D. Maria Clementina Sequeira, 10:000; Padre Gerardo Abilio Gomes de Pina, 10:000; De jornais etc.: D. Maria das Dores Tavares de Souza, 370:500; Josefa de Jesus, 128:150; Padre Augusto José Vieira, 37:500; Carmina Vieira, 32:700; Padre Evaristo Carneiro Gouveia 42:000; Monsenhor Portugal, 137:350; Padre Edgard Castello Branco, 60:000; Padre Antonio Correia Ferreira da Motta, 116:700; D. Cecilia Correia Costa, 86:500; Joaquina da Conceição, 23:500; D. Maria Batalha, 48:000; José d'Oliveira Dias, 60:000; D. Guilhermina da Piedade Chaves e D. Maria da Apresentação Gonçalves, 132:000; Padre Augusto Durão Alves, 30:000; D Maria dos Anjos de Matos, 18:300; José Fernandes Potes, 50:000; Fernando d'Oliveira, 15:000; D. Zulmira Galhardo, 72:000; D. Maria Emilia Vieira, 35:200; Francisco de Lencastre, 63:000; João Antunes Baptista, 10:000; João Manuel de Sousa, 10:000; D. Alda Rita Rodrigues d'Oliveira, 10:000; D. Joaquina Moraes Nunes, 10:000; D. Maria da Piedade Ribeiro, 20:000; D. Irene da Purificação da Cruz Rocha, 20:000; D. Maria Amalia de Mendonça Falcão, 10:000; D. Carolina da Piedade Vilela, 30:000; D. Josefa Castanheira, 12:500; D. Fausta Augusta Santos, 10:000; Antonio d'Oliveira, 20:000; D. Maria da Conceição Calado, 10:000; Padre Angelo Fermino da Silva, 20:000; Joaquim da Silva Carvalho, 10:000; D. Natividade Matos Silva, D. Maria Henriqueta da Camara Magalhães, 10:000; D. Tereza de Jesus Velhinho, 15:000; D. Maria M. dos Remedios, 25:000; D. Alcinda do Carmo Geiras, 10:000, D. Ludovina d'Oliveira Santana, 10:000; Dr. Eugenio Perdigão, 10:000; D. Maria Rita Pereira da Cunha, 20:000; José dos Santos Barata, 10:000; Padre José d'Oliveira Ramalho, 10:000; D. Maria do Patrocinio Mendes Gil, 10:000; D. Maria José da Silva, 12:000; Manuel José de Araujo, 10:000; Manuel de Araujo Pereira, 10:000; D. Maria da Conceição Pinto da Rocha, 10:000; José da Rocha Painhas, 10:000; Francisco José Vitorino Gomes, 10:000; D. Maria José Soares d'Albergaria, 10:000; D. Berta Mayer Machado, 10:000; Antonio Augusto Apolinario, 10:000; D. Delfina Ferraz Cortez, 20:000; D. Maria da Boa Hora Santos Bernardes, 15:000; D. Perpetua Norberto, 10:000; D. Maria da Conceição Norberto, 10:000; D. Maria da Assumpção Covas (de jornaes), 89:000.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV LEIRIA, 13 de Maio de 1926 N.º 44

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima
(13 de Abril de 1926)

A manhã do dia treze de Abril, desconcertando todos os calculos, desmentindo flagrantemente as mais rigorosas previsões, raiou resplandecente de luz e exuberante de côres.

A's tristezas dos dias tempestuosos do inverno succediam as galas e os esplendores da quadra primaveril.

O ceu, diaphano e sem nuvens, duma formosura incomparavel, o sol illuminando e aquecendo a terra com os seus raios suavissimos, a atmosphera, purificada pelas ultimas chuvas e perfumada com as emanações das arvores em flôr, os gorgeios das avesinhas, que, aos bandos, saltitavam de moita em moita, de ramo em ramo, tudo convidava irresistivelmente a fazer a piedosa romagem.

Já de vespera, milhares de peregrinos tinham subido a encosta da serra, em busca da estancia abençoada pela Virgem Santissima, a humilde e mysteriosa Fátima. Mas é só no dia treze de manhã que o grosso da peregrinação se despenha em catadupas sôbre o planalto sagrado das apparições.

E' um vaevem continuo de vehiculos de toda a especie, que, depois de aliviados da sua carga humana, se alinham ao longo da estrada districtal numa fila interminavel.

Na Cova da Iria, ás onze horas, está já reunida uma multidão enorme. E' junto de tres locaes diferentes que ella sobretudo se agglomera: a capella das missas, a capela das apparições e a fonte da agua miraculosa. Homens, mulheres e creanças, numa attitude comovente de recolhimento e de suplicas, dão a volta á capela das apparições, em cumprimento de promessas feitas em transes de amargura.

Uma senhora ainda nova, narra cheia de emoção e de jubilo, num pequeno circulo de pessôas desconhecidas, o episodio maravilhoso da sua cura. Enfermeira da Mala Real Inglesa, soffria horrivelmente de varises havia muitos anos. Cêrca de quarenta ulceras varicosas lhe cobriam quasi litteralmente a perna direita. Desenganada dos médicos, que a reputavam incuravel, invoca com a mais viva confiança Nossa Senhora de Fátima ao mesmo tempo que applica sôbre o membro martirisado algumas gôtas d'agua da fonte miraculosa e para logo as ulceras se fecham por completo. E ella, a feliz privilegiada da Virgem, mostra aos circunstantes a perna, onde se vêem nitidamente as cicatrizes das enormes ulceras que a retalhavam.

Um sacerdote que assistia a esta scena interessante, encarece as vantagens da publicação desta cura acompanhada do respectivo attestado médico, que a miraculada diz ter facilidade em alcançar.

O recinto destinado aos doentes, em frente da capella das missas, está completamente cheio. São pessôas de todas as condições e edades, victimas de toda a sorte de miserias physicas. Não se vê, porém, desta vez, nenhum grande doente. As macas, destinadas a receber os enfermos em estado grave, encontram-se vasias. Os servitas andam numa roda viva cumprindo instruções dos seus chefes. Ao meio dia, depois de conduzida processionalmente a estatua de N. Senhora da capella das apparições para a capella das missas, realisa-se a cerimonia da admissão de dois servitas effectivos. Canta-se em seguida o *Credo* e começa a ultima missa, a missa dos enfermos. Durante a missa reza-se o terço do rosário e cantam-se canticos apropriados.

O silencio e o recolhimento da multidão são admiraveis. E' um espectaculo de fé e piedade que enternece e encanta. Dir-se ia que a alma profundamente religiosa de Portugal, representada por aquelles milhares de fieis, se prostra aos pés de Jesus-Hostia, adorando-o e desagravando-o e se curva reverente deante da veneranda imagem de sua augusta Padroeira, alli honrada sob a invocação do Rosário.

Após a missa dá-se a benção com o Santissimo a cada um dos enfermos presentes e a todo o povo.

Sóbe depois ao pulpito o rev. Jacinto dos Reis, Paroco do Seixal, que fála com calor e entusiasmo sôbre a devoção á Virgem, a necessidade da penitencia e o cumprimento dos deveres do proprio estado.

Por fim organisa se de novo a procissão para reconduzir ao seu pedestal, que assenta sôbre as raizes da azinheira sagrada, a linda imagem da Virgem, e os echos da peregrinação vão-se desvanecendo pouco a pouco até que o manto da noite desce sobre o theatro de tantas maravilhas,

que atestam o poder infinito de Deus e a misericordia e maternal intercessão de Maria Santissima.

Visconde de Montelo

As curas da Fátima

«Rev.mo Senhor

Permita-me V. Rev.ma que venha hoje cumprir um dever sagrado pedindo se digne inserir no jornalzinho *Voz da Fátima* o relato da cura milagrosa que a Santissima Virgem se dignou fazer-me. Desde 1917 que eu vinha sofrendo de mal estar, dôres de cabeça e vomitos muito frequentes. Fui vista e tratada por differentes médicos sendo o meu ultimo médico assistente o ex.mo sr. dr. Leite de Faria. Todos fôram unanimes em declarar que eu soffria de uma ulcera no estomago e, em 1924, então entregue ao médico que acima designo, o mal tinha-se aggravado mais do que nunca. Desejava trabalhar e nada podia fazer. Sempre muito devota da Santissima Virgem, repetidas vezes implorei a sua protecção, rogando-me obtivesse a cura de meus males. Durante 1922 e 1923 recordo-me de ter já feito duas novenas a Nossa Senhora de Fátima, tomando, todos os dias, numa das novenas, agua da Cova da Iria e na outra chá feito com terra do logar da Bemdita Aparição.

Confesso, porém, que fiz essas novenas sem verdadeira fé em Nossa Senhora de Fátima, e mais por comprazer com umas pessôas de familia.

Quando principiei a novena da Imaculada Conceição, em 1924, é que me voltei então de todo o coração e cheia de fé para a Bemdita Virgem, que para bem da nossa querida Patria se dignou estabelecer em Fátima o seu solar, como padroeira que é dos portuguezes. Chega o dia 8 de Dezembro, a minha préce nesse dia foi mais fervorosa, disse muitas coisas á Santissima Virgem, abri-lhe bem o meu coração, fiz lhe as minhas promessas... nem posso dizer aqui tudo o que se passa em mim, nessa feliz data. Havia 3 mezes estava só a leite, mas nesse dia senti-me tão alegre, tão bem disposta, que resolvi começar a comer de tudo. Nossa Senhora de Fátima tinha me attendido. Nunca mais usei de dieta, nunca mais senti vomitos, nem dôres de cabeça, nem mal estar, nunca mais tomei remedios. Quiz deixar passar algum tempo para que o relato da minha cura tivesse mais valor. Junto remetto o attestado que servirá de confirmação bastante ao que aqui affirmo, para honra e gloria da minha dulcissima Mãe do Ceu, de minha Santa Protectora.

De V. Rev.ma
humilde serva

Etelvira da Conceição Barroso

de 22 annos, natural de S. Vicente da Beira e residente em Ossacaias—Ribeira de Santarem.

ATESTADO

Eu, abaixo assignado, bacharel em Philosophia e bacharel formado em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Coimbra, attesto que a sr.ª Etelvira da Conceição Barroso soffreu, durante mais de cinco anos, de graves incommodos do estomago, com violentas gastralgias e vomitos, de que difficilmente melhorava com dieta e medicação appropriada — Desde os fins de 1923 até 8 de Dezembro de 1924 não foi possivel allivial-a sensivelmente, apezar das medicações e dieta mais energicas, aconselhadas por varios clinicos, inclusivamente por mim, durante uns cinco a seis mezes.

O diagnostico clinico que fiz e que foi corroborado por outros médicos, foi o de ulcera do estomago, rebelde ao tratamento médico e para a cura da qual seria necessaria a intervenção cirurgica, depois de se fazer o exame radioscopico e radiographico.

Etelvira da Conceição Barroso, curada repentinamente de ulcera no estomago

Tal exame não chegou, porém, a fazer-se, nem foi mister recorrer á operação, visto como no último dia duma novena a Nossa Senhora da Fátima, a sr.ª Etelvira da Conceição Barroso se encontrou repentinamente curada.

Esta cura instantanea não a julgo possivel nem explicavel pelas forças naturais, mas sim por forças superiores á natureza.

Foi pois, na minha opinião, um verdadeiro e authentico milagre de Nossa Senhora de Fátima.

Lisbôa, 8 de Outubro de 1925.

(a) *Antonio Baptista Leite de Faria*

(Segue o reconhecimento)

Joaquina Margarida do Rosario Saramago, da Usseira (Obidos), ha cêrca de quatro annos estava ás portas da morte com uma cirrhose atrophica do figado, apezar dos cuidados do seu médico assistente sr. dr. Alberto Martins dos Santos, distinto clinico no Bombarral, quando sua irmã a sr.ª Eugenia Margarida do Rosario partia em peregrinação até á Cova da Iria (Fátima).

Despediu se esta da enferma, esperando que no regresso não a encontraria viva e prometendo lhe pedir muito por ella á SS. Virgem no local sagrado das apparições. Assim fez durante a missa e a benção do Santissimo e, em especial, quando o sacerdote entoava esta sentida invocação: «Senhor, se vós quizerdes, podeis curar-me», referindo-se á irmã.

De volta á Usseira trouxe uma porção da agua, que a doente foi bebendo durante nove dias, recitando de cada vez, apenas trez «Ave-Marias», tal era a extrema fraqueza em que se encontrava!

Remedio santo! Admiravel poder da Mãe de Deus! Maravilhosa efficacia da oração cheia de fé! A sr.ª Joaquina Margarida começou a melhorar rapidamente e hoje está bôa como consta do attestado junto, tendo ido ha dois annos á Fátima, sem nenhum custo, agradecer a Nossa Senhora tão assignalado beneficio.

A mesma sr.ª Eugenia Margarida do Rosario, irmã da miraculada, atribue tambem á agua de Nossa Senhora de Fáiima a cura de uma doença na vista e na perna direita de que muito coxeava, achando se hoje completamenta curada.

Segue o attestado:

«*Alberto Martins dos Santos, médico pela faculdade de Medicina de Lisbôa:*

Attesto e juro pela minha honra que tratei a sr.ª Joaquina Margarida do Rosario Saramago duma cirrhose atrophica do figado com ascite, que precisou ser operada doze vezes, levando um anno o seu tratamento. Esta doença é sempre de prognostico muito reservado e, em regra geral, os doentes não recuperam a sua saude, e neste caso, quando de esperar era continuasse a ser preciso ser operada até enfraquecimento progressivo, desappareceu o seu derrame peritoneal e está bôa.

Bombarral, 12 de Abril de 1926.

(a) *Alberto Martins dos Santos*».

Nogueira do Cravo — Oliveira do Hospital, 24/4/926.

Meu P.e Silva

No intuito de proclamar bem alto o nome tantas vezes glorioso de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, venho pedir lhe o particular favor de dar publicidade no nosso tão querido jornal *Voz da Fátima*, que tanta luz e tanta fé vai espalhando pelo mundo, ao seguinte acontecimento passado em São Gião, minha terra natal, caso assim o julgue conveniente:

Tendo eu e meu irmão mandado proceder á abertura de uma mina para exploração d'aguas, em São Gião, minha irmã teve o cuidado de chamar o minador e colocar-lhe no peito uma medalhinha de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, dizendo-lhe: traga sempre esta medalhinha e, sempre que mude a camisa, mude tambem a medalhinha para Nossa Senhora o livrar dos perigos. O minador ficou muito satisfeito e prometeu obedecer sempre ao seu pedido.

Indo a mina já a uma certa distancia, deu em rocha, sendo preciso rampe-la a fôgo. Mandando proceder a esses trabalhos, algum tempo depois, recebemos um postal de um parente nosso que dizia o seguinte:

Acaba de dar-se um desastre na

mina e só por um milagre d'algum santo o minador não ficou feito em pedaços.

Meu irmão Agostinho, logo que teve conhecimento do desastre, poz-se imediatamente a caminho, para se certificar dos acontecimentos, podendo colher as seguintes informações: Tendo o minador carregado um tiro na rocha com dinamite, da mesma fórma que todas as outras vezes, pegou fôgo ao rastilho e retirou-se imediatamente para fóra da mina com o seu ajudante.

Demorando um pouco mais tempo a dar-se a explosão que das outras vezes, diz o ajudante para o minador: *o rastilho apagou-se e o melhor será lá ir chegar-lhe novamente o fôgo.*

Convencido tambem o minador de que o rastilho se tinha apagado, entra com toda a confiança pela mina dentro para novamente o incendiar.

Pura ilusão! O rastilho continúa a arder e, quando está já á distancia de meio metro, mais ou menos, para lhe chegar novamente o fôgo, *dá-se a terrivel explosão do dinamite!*

Que horror, meu Deus!

Cá fóra o ajudante que aguardava a chegada do seu companheiro, ao ouvir a explosão, solta um grito de alarme e de dôr, pois que julgava o seu companheiro feito em pedaços!

Entra imediatamente pela mina dentro na certeza de presencear um horroso quadro. A certa altura, ouve a voz do seu companheiro que lhe diz: *sái lá para fóra que quero tomar ar, não ha nada!*

O minador conta então o sucedido dizendo-lhe: Eu já estava junto do tiro para incendiar o rastilho, quando se deu a explosão. Apenas uma pequena pedra me bateu na perna, maçando-a um pouco, e mais abaixo um ligeiro ferimento sem importancia.

Na outra nada sofri, verificando-se apenas um pequeno córte na calça, produzido por um estilhaço. No resto apenas um pouco de pó e algumas areias. A lanterna de vidro que trazia na mão, não sofreu, sequer, a mais ligeira beliscadura.

O grande milagre de Nossa Senhora estava realisado.

O minador ainda trabalhou algumas horas, tendo depois de recolher a casa por causa da perna que começou a inchar.

Meu irmão Agostinho, depois de ter conhecimento de tudo o que se tinha passado, dirige-se a casa do minador dizendo-lhe: sabe a quem deve a sua vida?! E' a Nossa Senhora da Fátima. O minador ao ouvir falar em Nossa Senhora da Fátima, abre-lhe de repente o peito e diz-lhe, mostrando a medalha: *Senhor, aqui a trago e nunca mais a largarei!*

Poucos dias depois, a perna desinchou-lhe, voltando novamente ao serviço.

Felizes dos que crêem em Deus Nosso Senhor e na proteção da Santissima Virgem que nunca desampara aqueles que n'Ela confiam plenamente.

Agradecendo o favor da publicação desta minha singela narrativa cheia de fé e de reconhecimento para com Nossa Senhora, de quem tantas graças já tenho recebido, subscrevo-me com toda a consideração

De V. etc.

Alfredo Elvas Ferreira

P. S. — Logo que me seja possivel, darei á publicidade outras graças alcançadas por intermedio de Nossa Senhora da Fátima.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	2.322:000
Uma anonima (a quem N. Sr.ª curou o marido, gravemente doente, no prazo de oito horas) . .	500:000
D. Ermelinda Coelho da Rocha.	10:000
Soma	2 832:000

Peditorios — Os pobresinhos

Começando a haver abusos por occasião das peregrinações a Fátima quanto a peditorios, determinamos, por agora o seguinte:

1.º São prohibidos os peditorios, sob qualquer pretexto, dentro do terreno murado, pois aquelle local é exclusivamente reservado para a oração.

2.º Acorrendo de muitos pontos, como nas romarias, mendigos nem sempre necessitados, são os pobresinhos convidados a não fazerem os seus peditorios por ocasião das peregrinações.

3.º Os pobresinhos dos concelhos visinhos da Fátima que não esmolarem nas peregrinações, de maio e outubro, receberão uma esmola extraordinaria dirigindo o seu pedido ao R. Pároco da Fátima com um atestado do seu R. Pároco em que, sob juramento este declare — a) que o requerente é pobre miseravel; b) que não esmolou na peregrinação.

4.º Os pobresinhos das outras terras, que não esmolarem, dirigir-se-ão ao *servita* encarregado e este os ajudará

5.º Recomendo aos peregrinos que, sendo o mais caridosos com todos, não dêem esmolas aos pedintes sem averiguarem da veracidade dos seus lamentos para não serem explorados nem concorrerem para a vagabundagem.

6.º Devem os peregrinos depositar as suas esmolas para os pobresinhos nas mãos dos servitas, que as entregarão como fôr de justiça.

Leiria, 26 de Março de 1926.

(a) † *José, Bispo de Leiria*

PREVENÇÃO

Previnem-se todos os doentes que neste mês não podem entrar no recinto que lhes é reservado, sem um bilhete que só lhes será passado pelos médicos servitas, na casa recentemente construida ao lado da capelinha das Aparições.

Aos senhores condutores de automoveis, camionettes, camions, carros e quaisquer outros vehiculos:

A fim de facilitar a todas as pessôas e especialmente aos doentes, o accesso ao Santuario, pede-se o seguinte:

1.º Quer do lado de Leiria, quer do lado de Ourem, os vehiculos seguem até ao Santuario e dão a volta ao terreno em frente á entrada, vindo em seguida juntar-se no logar que lhes compete, só dum lado da entrada, e ahi ficam até serem reclamados pelos senhores Peregrinos.

2.º Feita esta reclamação, vão buscal-os ao terreno reservado em frente do Santuario e seguem o seu caminho.

3.º Em tudo os doentes teem a primasia.

Cautela!...

Julgamos do nosso dever prevenir os leitores e em especial todos os peregrinos, que acautelem as carteiras e outros objectos de valor, contra a rapacidade dos gatunos, que aproveitando estas ocoasiões costumam fazer vasta colheita todos os mezes.

De preferencia escolhem a ocasião da destribuição do jornal, aproveitando a preocupação em que cada um está de ser servido.

Flôres de Maio

Todos se encantam com ellas, desde as creanças que as colhem pelos campos, até ao homem de negocios que as compra no caminho para o seu escriptorio. Mas quão poucos sabem lêr entre a formosura das suas petalas o nome do pintor que tão artisticamente as desenhou e perfumou! Por isso não admira que o Senhor dê premio (e que premio!), dispensando muitas graças aos que com ellas vão ornar o altar da Virgem Mãe, a quem a Santa Egreja intitúla *Rosa Mistica* e *Açucena dos campos*, symbolos da sua peregrina formosura e pureza divinal. São, sobretudo as flôres da alma, a castidade, a humildade, uma vida bem christã, que Ella deseja. E' esse o fim que Nosso Senhor procura instituindo a sua Egreja, os Sacramentos e outros meios de santificação e é tambem para isso que se dignou aparecer na Fátima curando tantos enfermos, despertando assim a alma adormecida de tantas creaturas que não pensam no seu fim ultimo.

ARQUIVANDO

Continuamos a transcrever o que os jornaes disseram sobre os acontecimentos de Fátima.

O que segue é do *Diario de Noticias*, de Lisbôa, de 15 de Outubro de 1917, em correspondencia de Vila Nova d'Ourem, de 13 do mesmo mês:

«O milagre de Fátima

Mais de 50 mil pessôas accorem ao local da aparição

Apesar da chuva miudinha e impertinente que começou a cair logo de manhã, extraordinario numero de pessôas acorrem á freguesia de Fátima para presencear o caso extraordinario da aparição, que desde quinta-feira da Ascenção tem ocupado a atenção d'estes povos e atraido áquela localidade milhares e milhares de peregrinos de todas as classes sociais e sexos.

Já ante-hontem começaram a passar por esta vila ranchos de homens e mulheres, que com toda a devoção e crença, entoando canticos e resando o terço, se dirigiam para o local onde o milagre se devia repetir pela ultima vez, conforme as declarações dos três pastorinhos, a quem Nossa Senhora se dignou aparecer varias vezes, como ellas dizem, nos dias 13 desde aquela data.

Para se poder imaginar a affluencia de pessôas, vamos dar uma nota dos vehiculos que nos foi possivel contar:

Carros, 240; bicycletas, 135; automoveis, para cima de 100. Esta estatistica representa apenas o numero de vehiculos que regressou por esta vila.

A anciedade pela hora do coloquio, 13 horas, era manifesta.

Embora a chuva continusse a fustigar aquela multidão, ninguem arredou pé do local privilegiado.

Precisamente áquela mesma hora, os três pastorinhos, cujos nomes são: Lucia, Jacinta e Francisco, chegaram ao lugar preciso, postando-se imediatamente de joelhos, sob um arco *adrede* arranjado, assim como um altar que junto foi levantado.

A sugestão tomou imediatamente aqueles milhares de crentes e curiosos. Como grande numero de pessôas tivesse os guardas-chuva abertos, os pequenos mandaram fechal-os e, coisa extraordinaria, segundo testemunho de milhares e milhares de pessôas, o sol apareceu com uma côr de prata fôsca, numa agitação circular como se fôsse tocado pela electricidade, segundo a expressão empregada por pessôas ilustradas que presencearam o facto.

E milhares de pessôas sugestionadas, e quem sabe mesmo se ofuscadas pela propria luz do sol que durante o dia aparecia pela primeira vez, caiam por terra chorando e levantando para o alto as mãos, que instinctivamente juntavam.

Nos seus rostos notava-se um embevecimento extatico que denotava um absoluto alheamento da vida. Choravam e resavam, as suas almas simples, perante a extranha sensação d'um facto que, para elles naquelle momento, era milagroso.

Pessôas houve mesmo, segundo ouvimos a algumas, que lhes pareceu vêr o sol abandonar a sua ficticia orbita, romper as nuvens e descer no horisonte. A sugestão d'estes videntes extendia-se a outros a quem elles explicavam o fenomeno e, por esse motivo, muitos prevendo que o astro, rei viria precipitar-se no solo, prorromperam em altos gritos, impetrando a protecção da Virgem.

A *hora milagrosa* passava.

As creanças levantaram-se sorridentes e explicavam aos seus anciosos ouvintes que a *Senhora* lhes dissera que a paz viria breve e que não tardaria o regresso dos nossos bravos soldados que em França se batiam heroicamente. No local eram vendidos postaes com os retratos das ingenuas creanças. Os peregrinos, após aqueles momentos de anciedade, regressáram ás suas casas, desejosos de contar aos que não tiveram a felicidade de ir ao local santo, o que os seus olhos e, principalmente, as suas almas crentes, haviam observado com tanto deslumbramento.»

Peregrinações a Fátima

São muitas as que se anunciam para ir celebrar a 1.ª apparição de Nossa Senhora naquelle torrãosinho abençoado das terras de Santa Maria. Oxalá todas vão com o espirito de piedade christã em que o sr. Bispo desta diocese tanto tem insistido e vem indicado no novo *Manual do peregrino da Fátima*, que já está no prélo e promete sair ao encontro dos peregrinos na Cova da Iria no proximo dia 13, se á ultima hora não surgir qualquer dificuldade.

Agua da Fátima

A redacção ou administração da «Voz da Fátima» não pode encarregar-se de fornecer agua da Fátima ás pessôas que a desejam.

Presta-se a este serviço o sr. José d'Almeida Lopes—Fatima (Vila Nova de Ourem), a quem devem ser feitos os pedidos.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	43:858:600
Impressão do num. 43 (27:000 exemplares) .	621:000
Expediente e outras despezas	180:000
Soma . .	44:659:600

Subscripção

(Setembro de 1925)

Padre Antonio Rodrigues Pereira, 10:000 D. Carolina da S. Correia de L. Mendes Mimoso, 10:000; D. Estefania Maria da Silva Correia de L. Mendes, 10:000; Caetano Moreira, 10:000; Adolfo Ferreira, 10:000; Alfredo Ferreira de Nobrega, 10:000; D. Virginia A. Rodrigues Nobrega, 10:000; D. Aurora da Rocha Santos Teixeira, 10:000; Daniel Domingues Figueira, 10:000; Dr. J. M. Malheiro, 10:000; Antonio J. Simões, 10:000; D. Idalina Rodrigues Pouzada, 10:000; D. Maria Cabrera Rocha, 10:000; D. Maria Emilia da Cunha, 10:000; D. Cordalina Pires, 10:000; D. Ana Rosa Pires Moreira, 10:000; José Maria Pinheiro, 10:000; Padre Francisco Joaquim da Rocha, 10:000; D. Maria José Franco Chorão, 10:000; Manuel Antonio Lopes, 10:000; D. Matilde Trindade Cabral de Noronha, 10:0000; D. Leontina Bernes, 10:000; D. Maria Alexandrina Bessa, 10:000; D. Gertudes Pires Correia, 10:000; D. Maria Fernanda Santos, 100:000; D. Rosa d'Oliveira, 10:000; D. Maria Prestrelo d'Orey, 10:000; D. Tereza de Serpa Pimentel, 10:000; D. Maria E. Viana Moreira, 10:000; D. Ludovina Jesus Lopes, 10:000; Manuel Ratola Vizinho, 20:000; D. Laurentina da Silva Miranda Nunes, 10:000; José Pereira Claudio, 10:000 D. Ana Moreira da Silva, 10:000; D. Tereza Guimarães, 10:000, Dr. Joaquim Tavares de Araujo e Castro, 10:000; D. Emilia da Costa Andrade, 10:000; D. Purificação Barroso, 10:000; Antonio Barroca Delgado, 10:000; Antonio Pereira Morgadinho, 10:000; D. Maria Coelho, 10:000; D. Maria da Assumpção Correia, 10:000; Raimundo Vicente da Silva, 10:000; Padre Martinho Pinto da Rocha, 10:000; Silverio Pereira da Conceição, 10:000; D. Maria Vieira, 10:000; Armando Alves Diniz, 20:0000; Dr. José Luiz Mendes Pinheiro, 20:000; Valentim Louzada, 10:000; João José Ferreira, 10:000; D. Mariana Amalia Afonso, 10:000; Albertina G. Bastos Morel, 20:000; D. Maria Guedes, 10:000; D. Adelina d'Oliveira, 10:000; D. Paulina Aldeano de Faria, 10:000; D. Tereza B. Forte, 10:000; Guilherme Platier Martins, 10:000; D. Maria Angelina Alves Ferreira, 10:000; D. Maria do Carmo de Sequeira, 10:000; D. Laura da Apresentação da Cruz Faria, 10:000; D. Maria da Nazaré Correia, 10:000; D. Maria Margarida Marques, 10:000; José da Cunha Leite da Costa, 10:000, D. Maria da Conceição Costa Coelho, 10:000; D. Luiza Amelia de Carvalho, 10:000; D. Leopoldina Rocha, 10:000; D. Ismenia Cunha, 10:000; D. Luiza Magdalena d'Albuquerque, 10:000; Anonimo J. B. R, 10:000; Agostinho Alves, 10:000; D. Laurinda Barbosa, 10:000; D Helena Lobo de Vasconcelos, 10:000; D. Maria do Ceu Pais Leal, 10:000; D. Emilia Gonçalves de Magalhães e Silva, 10:000; D. Maria Julia Caldas Frazão Pedroso 10:000; D. Maria Albertina de Azambuja Teixeira, 10:000; D. Ana Justina C. Sá Teixeira, 10:000; Antonio José Valente, 10:000; Rosaristas d'Ilhavo, 50:000; D Beatriz de Barros Pinto Brochado, 10:000; D. Luiza Brandão, 10:000; D. Ermelinda Costa Alemão Teixeira, 10:000; D. Maria Ermelinda Costa Alemão, 20:000; D. Josefa Rosa Moreira, 10:000; José dos Santos Barata, 20:000; Padre Manuel de Oliveira Ventura, 10:000; João Duarte Simões Baião, 10:000; Adriano Joaquim Gomes, 10:000; Padre Miguel Jorge, 10:000; Augusto Paysinho, 10:000; Julio Gançalves Ramos, 10:000; D. Virginia das Dores Queiroga Gomes, 12:000; D. Carolina Augusta Moreira Rangel, 10:000; D. Maria Nobre Simões, 10:000; Joaquim Nunes Pires, 10:000; José Pires Alves, 10:000; José da Rocha Pereira, 10:000; Ildefonso Moniz Barreto Corte Real, 10:000; D. Antonia Estefania Guerra, 10:000; D. Joaquina Antunes Guerra, 10:000; D. Margarida de Lemos Magalhães, 10:000; José Luiz de Figueiredo, 10:000; D. Mafalda Maria Duarte Pinheiro, 10:000; D. Ana Brazil, 10:000; D. Rita do Rosario Pereira Lopes, 10:000; D. Palmira da Conceição Rachaela, 10:000; D. Herminia de Jesus, 10:000.

Nota—Falta publicar cerca de mil subscritores, isto é, os que enviaram quantias desde os primeiros dias de outubro ultimo.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV LEIRIA, 13 de Junho de 1926 N.º 45

A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

A GRANDE PEREGRINAÇÃO NACIONAL DE MAIO

Fátima, pólo magnetico das almas

Gloria a Deus no Ceu e na terra! Honra, louvor e benção á dôce e piedosa Virgem do Rosário, que do seu throno magnificente de Fátima vem esparzindo graças a flux sobre os seus filhos queridos, em toda a vasta extenção da bemdita terra de Portugal!

Quantas almas ulceradas pela culpa receberam das suas mãos virginais o dom purissimo duma contrição salutar! Quantos corações alanceados por maguas pungentes hauriram no seu coração maternal o balsamo dulcissimo dum poderoso lenitivo ou duma consolação ineffavel! Quantos corpos torturados por longos e cruciantes soffrimentos encontraram o allivio ou a cura dos seus males recorrendo á protecção valiosissima d'Aquela que é justamente chamada pelos Santos Padres a *Omnipotencia supplicante* e por toda a Igreja a *Saude dos enfermos!*.

Nos paramos sagrados e mysteriosos de Fátima a Rainha dos Anjos ergue o seu solio de amôr e misericordia sôbre um pedestal formado pelos corações de seis milhões de portuguezes.

Effectivamente, de todos os pontos do territorio nacional, desde as margens encantadoras do Minho e do Lima até ás praias perennemente verde-jantes do Algarve, desde a graciosa Perola do Oceano até aos sertões adustos da nossa Africa, aos palmares da India, e á propria China, desde as duas Americas ás regiões longinqdas da Oceania, em toda a parte onde palpitam corações portuguezes e se falla a formosa lingua de Camões e Vieira, um côro de louvores se eleva para a Virgem sem mácula, que sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, se dignou aparecer, para felicidade dos portuguezes, sôbre os plainos aridos e escalvados dos planaltos de Fátima.

Esta terra, privilegiada com as bençãos do Ceu, é hoje, sôbre a face do mundo, o centro da mais enternecida e fervorosa devoção á gloriosa Mãe de Deus e dos homens e simultaneamente o throno mais explendoroso de Jesus no seu Sacramento de amôr, a santissima e augustissima Eucharistia. E é por isso que Fátima, essa humilde povoação, ainda ha poucos annos quasi desconhecida, e hoje aureolada dum prestigio sem egual, constitui o mais poderoso iman dos corações, o pólo magnetico espiritual para onde se voltam irresistivelmente milhões de almas sedentas de paz, de vida, amôr e luz.

Salvé, Fátima, mil vezes salvé!

A' assombrosa mobilisação das almas

Muitos dias antes do novo anniversario da primeira apparição da Virgem aos humildes pastorinhos de Aljustrel, já em numerosos pontos do paiz grupos de peregrinos se punham em marcha para a estancia das apparições e dos prodigios. Que admiravel espectaculo essa longa e interminavel theoria de romeiros que por tantas estradas se encaminham para Fátima! São ranchos de homens e mulheres das classes mais humildes que rezam e cantam louvores á Virgem e que de tempos a tempos param e sentam-se á beira dos caminhos para comerem os seus succulentos farneis ou para descansarem das fadigas da viagem.

Lá vão, cheios duma alegria sã e santa, atravez das cidades, vilas e aldeias, ora subindo ao cume dos montes, ora descendo até ao fundo dos vales, recitando o terço ou entoando canticos, suspirando ardentemente pela hora da chegada á nesga da terra que o contacto dos pés virginais de Maria Santissima santificou para todo o sempre.

E os grupos succedem-se constantemente uns aos outros, em centenas de estradas, em milhares de caminhos, como as fitas cinematograficas se desenrolam no *écran*, formando um espectaculo encantador, deslumbrante, uma verdadeira e grandiosa manifestação de fé e piedade collectiva, uma assombrosa mobilisação das almas.

As primeiras vesperas

Na manhã do dia doze o movimento de peregrinos começou a intensificar-se dum modo prodigioso.

Durante todo o dia esse movimento cresce cada vez mais numa progressão ascendente atingindo o seu maximo na manhã do dia seguinte. Os comboios ordinarios e especiaes vomitam legiões de peregrinos nas plataformas das estações mais proximas de Fátima. Depois vehiculos de toda a especie, desde o camion gigantesco e veloz até ao ronceiro carro de bois, desde o automovel de luxo, até ao pesado chars-á-bancs e á humilde e ligeira bicyclete, transportam esses peregrinos até ao local das apparições. Durante vinte e quatro horas, desde o meio dia de quarta feira até ao meio dia de quinta feira da Ascensão, o planalto sagrado de Fátima assemelha-se a uma bacia immensa onde, em cataduipas gigantescas se precipitam torrentes caudalosas, rios intermináveis, cujas gôtas d'agua são seres humanos, cujas ondas são massas compactas de fieis, multidões inumeraveis de peregrinos. Na vespera á noite, naquella estancia abençoada do Ceu, milhares de velas, acendidas pela piedade dos crentes, polvilham de luz e côr o grandioso amphitheatro da Cova da Iria, transformando aquelle recinto num templo immenso, tendo por pavimento o sólo da charneca coberto de urzes e azinheiras e por cupula a abobada celeste cravejada de myriades de estrellas. E desse templo, unico na terra, evolam-se para o Ceu supplicas vehementes, invocações fervorosas, hymnos de jubilo, reconhecimento e amôr, que sóbem até ás mãos de Maria e das mãos de Maria até aos pés de Deus.

A apotheose da Virgem

A's dez horas da manhã do dia treze, a Cova da Iria é um lago immenso de gente que se agglomera em torno da cappella das apparições, do pavilhão dos doentes e da fonte miraculosa. Os servos de Nossa Senhora do Rosario transportam em macas os paralyticos e os doentes, cujo estado é mais grave, para o recinto destinado a receber enfermos, em frente da capella das missas.

No posto de verificações médicas, inaugurado nesse mesmo dia, numerosos clinicos de varios pontos do paiz, entre os quais distinctos especialistas e lentes das Universidades, examinam os enfermos que vão chegando, trazidos ou acompanhados pelos servitas, e fornecem-lhes, apoz o exame, o cartão de ingresso no respectivo pavilhão. Numerosos fieis, de todas as edades, cumprem as suas promessas, dando voltas de joelhos á capella das apparições, por entre a multidão apinhada junto della em oração fervorosa. No recinto dos doentes as servas de Nossa Senhora do Rosario, cuja associação fôra inaugurada com a maior solemnidade no dia seis, assistem carinhosamente os doentes, prestando-lhes o seu desvelado auxilio com uma dedicação enternecedora, que só a caridade christã sabe inspirar. Envergando batas brancas, de uma alvura purissima de neve, ellas parecem anjos descidos do Ceu para confortar as victimas de tantos flagellos, que alli se encontram santamante resignadas, com as lagrimas nos olhos, o sorriso nos labios e a paz no coração.

Aqui e ali cá vêem-se reporters dos principaes jornaes e revistas do paiz photographando aspectos da multidão, e artistas cinematographicos filmando collegios, associações e grupos organisados de peregrinos, que levam á frente os seus lindos, ricos e vistosos estandartes, alguns dos quaes representando a scena empolgante, cheia de belleza e de encanto, da apparição da Virgem aos pastorinhos.

As missas e as communhões

Entretanto, desde as seis horas da manhã, celebra-se o Santo Sacrificio, quasi sem interrupção, nos trez altares da capella nova. Assistem a essas missas os doentes, que ca-

da vez são mais numerosos, e uma multidão de povo que engrossa a olhos vistos de momento para momento.

Vêem-se nessa multidão representadas todas as classes sociaes. São titulares da velha nobreza, sacerdotes e médicos, juizes e advogados, professores e alunos das universidades e dos institutos de instrução primaria e secundaria, capitalistas e lavradores, senhoras, donzelas e creanças, humildes camponezes e mulheres do povo. E toda esta mole, attenta e devóta, reza e canta, implorando saúde para os enfermos, remédio para todas as necessidades, e celebrando as glorias immarcessiveis da augusta Padroeira da Nação.

Quasi ininterruptamente, emquanto se celebram as missas, quatro sacerdotes distribuem a Sagrada Comunhão aos fieis que se prepararam para ella com a recepção do sacramento da confissão. E milhares de particulas consagradas vão unir cêrca de cinco mil e quinhentos corações innocentes ou purificados pela penitencia, numa união sublime e ineffavel, com o coração Sacratissimo de Jesus, com o proprio Deus feito homem, no seu Sacramento de amôr.

A procissão

E' uma hora e meia em ponto.

A estatua de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, de uma formosura incomparavel, é conduzida, aos hombros dos servitas, da cappella das apparições para a capella das missas. O cortejo que a acompanha é encantador na sua simplicidade. Quando o andor chega ao limiar do pavilhão dos doentes, a scena que se passa é indescriptivel. Dezenas de milhar de mãos agitam no ar lenços brancos que parecem pombos a voar, estrugem salvas de palmas, bastas e nutridas, e reboam no espaço vivas e aclamações entusiasticas á Virgem. Quasi todos os olhos estão marejados de lagrimas de commoção. A Virgem passa, como uma visão de paraiso, espalhando profusamente bençãos e graças. E a multidão, enternecida, prostra se a seus pés, bemdizendo-a e saudando-a como sua Rainha e sua Mãe, como augusta Padroeira de Portugal.

A missa dos enfermos

Vai principiar a missa dos enfermos, que é applicada por estes e por todos os peregrinos. A oração intensifica-se. O silencio e o recolhimento são mais profundos. Respira-se um ambiente saturado de sobrenatural. Tem-se a impressão bem sentida de que se vai operar um contacto mysterioso entre o Ceu e a terra, entre Deus e a natureza. O terço do Rosario é recitado em côro.

Immediatamente apoz a elevação a Santissima Eucharistia é acclamada por centenas de milhar de bôccas num cantico formosissimo, repassado de piedade e unção. Continúa a recitação do terço, sempre estuante de fervor, seguindo-se a da ladainha Lauretana.

A' communhão distribue-se pela ultima vez o Pão dos Anjos. Acaba a missa. Vai dar-se aos enfermos a benção com o Santissimo Sacramento. E' o momento mais solenne dos cultos do dia treze. Mil enfermos aguardam cheios da mais viva anciedade a passagem do Rei de amôr. E Jesus passa effectivamente, como outrora nas ruas e praças da Palestina, espalhando o bem. Aquelles rostos emaciados por tantos soffrimentos physicos, aquelles olhos que reflectem nitidamente maguas pungentes de almas torturadas, aquellas mãos que no seu gesto de supplica traduzem angustias e pezares de corações ulcerados, dirigem-se para o Divino Mestre, numa expressão pathetica de dôr, implorando lenitivo, resignação e conforto. E os farrapos humanos que alli ostentam as suas miserias physicas numa exposição macabra, adoram profusamente o Deus humanado por nós, o homem de dôres, *vir dolorum*, como lhe chama a Sagrada Escriptura.

Terminou a benção dos enfermos. Vae ser dada agora a benção a todo o povo. O silencio que se faz é o silencio dos momentos solemnes. O ministro do Senhor traça no espaço com o ostênsorio de prata uma cruz sôbre a multidão que ajoelha a seus pés e se benze devotamente.

Organisa se depois a procissão para conduzir a Imagem da Virgem á sua capela.

«Levanta-te e anda!»

Succede então um facto de todo o ponto extraordinario. Uma senhora de 27 anos de edade, de nome D. Helena Violeta Pereira da Silva e Souza, moradora na rua do Alto de Villa, 318, Foz do Douro, paralytica das mãos e dos membros inferiores, em virtude dum envenenamento por meio do arseniato ministrado por uma creada, ao approximar-se da Imagem já colocada sobre o seu pedestal, sente-se subitamente curada e, soltando se dos braços robustos dos servitas que a seguram e amparam, ajoelha em fervorosa acção de graças á Virgem. Passados breves momentos levanta-se e corre em direcção á capella das missas, para adorar e agradecer á sua cura a Jesus Sacramentado. Na sachristia, em que entra seguida de muitos peregrinos, e em que nos encontravamos tambem nessa occasião, fizemos-lhe algumas leves preguntas.

A multidão acclama enthusiasticamente a Virgem Santissima, que mostrava assim mais uma vez o seu valimento junto de Deus e a sua bondade para comnosco.

D. Helena é conduzida ao posto das verificações médicas, onde varios facultativos a examinam detidamente. Sahindo do posto, vae despedir-se de Nossa Senhora, e, sempre ladeada pelos bravos escoteiros de Leiria, que fórmam a *baie* para a livrar dos effeitos da curiosidade e do enthusiasmo popular, dirige-se para o automovel que a transporta a Leiria.

No dia vinte e seis, de passagem para o Congresso Mariano Nacional, que se realisou em Braga nos ultimos dias de Maio, visitámo-la na sua casa da Foz do Douro, constatando a permanencia da cura, cuja noticia causou enorme sensação em todo o Porto, onde a sua familia é muito conhecida.

A debandada

Entretanto a multidão vai diminuindo cada vez mais. A estrada distrital descongestiona-se pouco a pouco. No local sagrado ouve-se apenas o brando ciciar das ultimas préces e os piedosos canticos de despedida dos romeiros retardatarios. A noite désce lentamente sôbre o theatro de tamanhas maravilhas, envolvendo-as nas prégas do seu manto escuro.

A breve trecho, naquela antecamara do Ceu, reina o silencio magestoso dos grandiosos templos desertos e apenas, de quando em quando, se ouve o echo repetir o cantico longiquo de algum grupo de peregrinos em honra d'Aquella que, no dizer do inspirado poeta:

«quando Roma em culto alçava
Dom Nuno a throno de luz,
veio a Fátima sorrir-nos,
a dôce Mãe de Jesus,

veio dizer nos, na bruma
da nossa tarde sombria,
que ora do Ceu por nós velam
frei Nuno e Santa Maria!»

V. de M.

As curas de Fátima

«Rev.mo Senhor

Perdôe-me V. Rev.ma a impertinencia d'esta minha carta mas escrevendo-a eu cumpro um dever e ao mesmo tempo uma promessa que fiz á Virgem Santissima Nossa Senhora da Fátima, a quem prometi de publicar no seu jornal *Voz da Fátima* a graça recebida e ir á Fátima com meu marido e filhos agradecer á Santissima Virgem tão grande milagre. Ha muitos anos que sofria duma anemia crónica no sangue Além desta doença, em 1920 comecei a sofrer imenso do estomago e intestinos. Consultei o meu médico assistente que me mandou pôr a uma dieta rigorosa e me receitou alguns remedios que não deram resultado. O meu estado de fraqueza era grande e me obrigou a ir a Lisbôa consultar alguns especialistas. Para melhor ser observada fizeram-me analise ao sangue e fui radiografada, verificando-se então que sofria de uma entercolite muco-membranosa muito adiantada para o que me receitaram as aguas de Caldelas e que me alimentasse só de purés.

Antes de ir a Caldelas ainda fui consultar outro clinico de Torres Vedras e este ainda mais me desanimou chegando a dizer-me que, por muitos anos que recebesse o curativo das aguas, nunca poderia passar dos purés e que só com estes eu conseguia passar mais aliviada do meu grande sofrimento.

Fui a Caldelas e pouco resultado tirei ou nenhum Ao mais pequeno abuso que tivesse na comida o meu sofrimento agravava-se.

Em 1924 fui experimentar as aguas da Piedade, de Alcobaça, e d'ai regressei peior do estomago e intestinos, mas durante o tempo que ali estive tive conhecimento de muitos milagres da Virgem Santissima Nossa Senhora da Fátima e tive a felicidade de ver uma estampa da Imagem da Virgem Mãe de Deus.

Já há muito que recorria a Nossa Senhora do Rosário mas naquele momento comecei a sentir uma grande fé, um desejo de ir ao logar abençoado onde Nossa Senhora se dignou aparecer, recorrer á sua protecção. Consegui esta minha aspiração no dia 13 de Junho de 1925 Preparei-me o melhor que pude na vespera com a Sagrada Comunhão, cheguei a Fátima na manhã do venturoso dia 13, fui para a capela das aparições e ali prostrando-me de joelhos proximo da Bemdita Virgem Nossa Senhora supliquei muito e chorei muito implorando-lhe a grande graça da minha cura. Depois segui para o recinto dos doentes onde ouvi a missa dos enfermos. Sentia uma comoção mas pude assistir até ao fim de todas as cerimonias. Ao levantar-me senti uma alegria, uma animação e confiava no grande poder da Santissima Virgem Nossa Senhora de que estava curada.

No regresso fiz uma novena a N. Senhora do Rosario da Fatima, usando durante este tempo da agua bemdita. Comecei então a comer de tudo sem incomodo algum e sinto-me com muito mais forças e posso fazer toda a lida precisa da minha casa. Bemdita, mil vezes bemdita seja a Virgem Santissima Nossa Senhora do Rosario da Fátima!

Rogo, pois, a V. a publicidade de esta cura no nosso querido jornalzinho *Voz da Fátima*, e rogo mais para que seja publicada no proximo dia 13 de Junho, dia em que tenciono ir a Fátima com minha familia.

De V. Rev.ma

Carolina Correia Ribeiro Viana

S. Domingos de Carmões — Alfeiria, 14/5/926.

Grade (Arcos), 3/11/926

Rev.mo Senhor

Venho comunicar a V. uma graça recebida em Fátima, que desejo ver

publicada no nosso querido jornalzinho, para honra e glória de Deus e de sua Mãe Santissima.

Apenas tive conhecimento dos acontecimentos da Fátima, pelos numeros de a *Voz da Fátima* que V. tão generosamente me enviou, desejei ardentemente visitar êsse lugar bemdito.

Encontrei sempre obstáculos á realização do meu sonho, pois que, precisamente na ocasião de empreender a viagem, achava-me logo doente, com grande tristeza minha.

Tendo tudo disposto para a viagem no p. p. mês — do Minho á Extremadura ainda não era pequeno trajecto — nas vesperas do dia 13 encontro-me novamente doente com febre. Cheia de confiança na Santissima Virgem e sem me importar com os meus males, embarquei no dia 11 e, caso curioso, logo que entrei no comboio senti um alivio extraordinario. Uma viagem penosa, feita de noite, frio de rachar, e eis-me sempre de alívio em alívio e, ao chegar á terra bemdita da Fátima, achei-me curada rapidamente!

Não me lembrei de pedir á Bôa Mãe de Jesus a saúde do corpo: pedi-Lhe graças e bençãos neste Ano Santo e Ela, a dispensadora das Graças, tudo me concedeu!

Regressei á minha terra de perfeita saúde e ainda não tive uma dôr de cabeça. Bemdita a Grande Mãe de Deus, Maria Santissima!

Envio uma pequena lembrança para auxiliar o culto á Virgem da Fátima, a quem tanto devo

Pedindo mil desculpas, etc.

Idaliaa Rodrigues Pousada

Alexandrina Cutelo, da Praia de Ancora, estando gravemente enferma com dôres reumaticas num pé, sofrendo horrivelmente durante dois mezes que esteve retida no leito, vendo-se um dia tão desesperada com o sofrimento, chamou novamente o médico assistente, Dr. Jaime de Magalhães, e pediu-lhe que lhe désse um remédio, custasse o que custasse, ao que ele respondeu: «Não tenho mais remédios a fazer-lhe, porque o reumatismo é gotôso; tem muito que sofrer».

Recorreu, pois, cheia de confiança a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, lavando o pé, que estava muito inchado, com agua do local das Aparições da Virgem, e, qual não foi o seu espanto e a sua gratidão, ao ver-se completamente curada no dia seguinte, sem nunca mais sentir uma dôr! O pé que estava muito inchado, como disse, ficou imediatamente como o que estava são.

Vem, portanto, muito reconhecida agradecer á Virgem do Rosario da Fátima tão grande favor, enviando uma esmola para auxiliar as despezas do culto, e desejando que seja publicada esta graça, para honra e glória de Deus e de Sua Mãe Santissima.

Havendo nesta freguezia uma tuberculosa que, no dizer do marido e de pessôas amigas, não queria que lhe falassem em confessar-se, encomendei-a a Nossa Senhora do Rosario de Fátima e roguei-lhe a graça de levar aquela minha paroquiana a pedir espontaneamente os Sacramentos, prometendo publicar a noticia de tão singular favor na *Voz da Fátima*, caso me fôsse concedido.

Fiz este vóto no dia 17 de Fevereiro; e no dia 1 de março fui, de passagem, visitar a doente. Com grande surpreza minha e de todas as pessôas que conheciam as suas disposições, disse-me: «Senhor Abade: estive hontem muito mal; ha viver e morrer e por isso quero confessar-me e receber o Santissimo, qualquer dia. Depois mando dizer-lhe, por meu marido, quando ha-de ser».

Efectivamente no dia 5 de Março fui chamado para lhe administrar os Sacramentos, que recebeu com muita devoção.

Vive ainda, e bemdiz a hora em que se reconciliou com Deus.

Devo notar que naquela visita, e noutras que anteriormente lhe havia feito, nunca lhe falei em confissão; por isso vejo neste facto uma graça muito especial de Nossa Senhora de Fátima a quem confesso o meu eterno reconhecimento.

Avelêda—Vila do Conde, 5 de Maio de 1926.

P.e Manuel Moreira Dias Amaro

Guilhermina da Silva Lopes, casada, de Leiria, vem muito reconhecida agradecer a Nossa Senhora da Fátima, entre outras, as seguintes graças que d'Ella tem recebido e que prometeu publicar.

Em 1925 chegou a um tal estado de fraqueza, fazendo-lhe mal todas as comidas, que, sentindo-se desanimada, invocou Nossa Senhora da Fátima e immediatamente começou a melhorar.

Estando a banhos em S. Martinho com sua filha Carmina, esta teve uma cólica tão violenta que a nada cedia. Dando lhe umas gôtas da agua da Fátima e resando trez Avé Marias adormeceu logo e acordou melhor.

Aos pés de Nossa Senhora

Uma lembrança bastante feliz e piedosa teve a Ex.ma Senhora D. Dulce Soares de Mattos, professora em Pedrouços, de vir, como efectivamente veio, no dia 10 de maio ultimo, no mês dedicado a Nossa Senhora, realisar o seu casamento com o Sr. Carlos Ferrão, tambem de Lisbôa, na Cova da Iria, invocando assim a protecção da Santissima Virgem e agradecendo graças recebidas, como são a cura de sua mãe e a sua propria.

Assistiu ao matrimonio e celebrou a missa *pro sponsis* o Ex.mo e Rev.mo Senhor Vigario Geral da Diocese, P.e João Quaresma, que numa sentida e tocante prática a todos comoveu profundamente, vendo-se lagrimas em quasi todos os olhos.

D'aqui felicitamos os noivos, desejando que pela sua vida christã sejam um lar modelo e se conservem sempre dignos da protecção de Nossa Senhora.

AVÉ de Fátima

(*Musica do AVÉ de Lourdes*)

1

A treze de Maio
Na Cova da Iria
Do Ceu aparece
A Virgem Maria.

Côro

Avé, avé, avé Maria
Avé, avé, avé Maria

2

A trez pastorinhos
Cercada de luz
Visita Maria,
A Mãe de Jesus.

3

Um susto tiveram
Ao verem tal luz,
Mas logo a Senhora
A' paz os reduz.

4

Então perguntaram
Que nome era o seu;
A Virgem lhes disse
Viera do ceu.

5

Das mãos lhe pendiam
As contas de luz;
Assim era o terço
Da Mãe de Jesus.

6

Aos trez pastorinhos
A Virgem falou;
E a fama do caso
Ao longe chegou.

7

Seis mezes visita
A Virgem Maria
Aos trez pastorinhos
Da Cova da Iria.

8

A virgem nos manda
As contas rezar;
Diz Ella que o Terço
Nos ha-de salvar

9

E quer penitencia
A ela convida:
Perdão não teremos
Sem muda de vida.

10

A guerra façamos
Aos vicios mortais:
Diz Ella que a carne
E' quem perde mais.

11

Deixai as vaidades
E coisas iguais
Celebrem-se festas
Mas sem arraiais.

12

Vesti com modestia
Com muita humildade;
A Virgem detesta
Do mundo a vaidade.

13

Vivamos sem mancha,
Christãos, sem labeu;
Que a virgem nos guia
A todos p'ra o Ceu

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	2.832:000
D. Maria José Carvalho Pereira d'Almeida . .	10:000
D. Maria Emilia	10:000
D. Guilhermina Amelia Alves Fortuna. . . .	20:000
Francisco A. Coimbra .	40:000
Condes de Margaride .	200:000
Uma anonima do Porto.	1.100:000
Anonimo (B. A. do Funchal)	10:000
D. Hortensia de Mello Lemos e Menezes . .	5:000
D. Dulce Martins d'Azevedo	50:000
Soma . . .	4.277:000

Servas de Nossa Senhora do Rosário da Fátima

No dia 6 de Maio ultimo, depois da Santa Missa celebrada pelo Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, capelão director, na Capela das Aparições, na Cova da Iria (Fátima), o Sr. Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, instituiu canonicamente a *Associação das Servas de Nossa Senhora do Rosário da Fátima*, dando-lhes regras proprias e fazendo-lhes uma prática acomodada.

Nesse dia fôram nomeadas e prestaram juramento 23 *Servas*, que, com as 5 que fôram admitidas no dia 13, já neste dia prestaram relevantes serviços aos doentes, dando uma nota muito agradavel com a sua dedicação e o seu bonito hábito de enfermeiras, tendo merecido a sympatia de todos os peregrinos.

Regras a seguir pelas SERVAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA FÁTIMA

CAPITULO I

FIM

Art.º 1.º—As servas de Nossa Senhora do Rosário da Fátima formam uma piedosa Associação de caridade, cujo fim principal é cuidar dos doentes.

Art.º 2.º — Prestarão a todos os enfermos os cuidados espirituaes e de enfermagem de que necessitarem, orando duma maneira especial pela conversão dos pecadores e alivio dos doentes.

Art.º 3.º — Trabalhando a favor do proximo, procurarão santificar-se a si mesmas e dar o bom exemplo d'uma vida integralmente christã, seja qual fôr o seu estado.

§ Unico—As servas de Maria teem uma participação muito especial nos sacrificios dos doentinhos e, em geral, dos devotos de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

CAPITULO II

DA DIRECÇÃO

Art.º 4.º — Esta Associação é dirigida na parte espiritual por um sacerdote expressamente nomeado pelo Prelado diocesano.

Art.º 5.º—A direcção temporal está a cargo de três Senhoras — Presidente — Secretaria e Tesoureira — eleitas pelas socias activas com aprovação do Prelado.

§ Unico—As reuniões da Direcção são convocadas pelo Rev. Capelão director.

CAPITULO III

DAS ASSOCIADAS

Art.º 6.º — São socias activas as que fôrem nomeadas, á data da fundação, e as que posteriormente fôrem admitidas pela Direcção, com aprovação do Prelado.

São socias *auxiliares* as que fazem tirocinio para socias activas.

São socias *honorarias* as que por serviços prestados ou acções generosas, fôrem julgadas dignas de pertencer a esta classe.

§ Unico — As Senhoras casadas precisam da autorisação dos seus maridos.

CAPITULO IV

Art.º 7.º — Cada uma das Servas de Nossa Senhora do Rosário da Fátima compromete se:

a) a observar os regulamentos e fazer o serviço que lhes fôr marcado por occasião das peregrinações;

b) obedecer á Presidente ou a quem a substituir;

c) adquirir conhecimentos de enfermagem:

d) trazer os distinctivos das Servas durante as peregrinações;

e) a recitar diariamente pelos doentes uma dezena do Rosário, pelo menos;

f) a dedicar-se ao serviço dos enfermos, procurando imitar a Rainha Santa Izabel e o Beato Nuno de Santa Maria, aquela na prática da caridade e de todas as virtudes da mulher christã, como donzela, esposa, viuva e religiosa, e esta, na devoção a Nossa Senhora e amôr á Pátria Portugueza que é a terra de Santa Maria.

Aprovamos estas regras e recomendamos ás orações dos doentes e devotos de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, esta obra e cada uma das Servitas.

Leiria, 25 de Maio, dia da Anunciação de Nossa Senhora.

(a) † *JOSÉ, Bispo de Leiria*

Manual do Peregrino da Fátima

Desde 13 de Maio ultimo encontra-se á venda nesta redacção, na Fátima e outras partes, o *Manual do Peregrino da Fátima* pelo preço de 3:500 réis (fóra o porte do correio).

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	46:058:600
Impressão do num. 44 (54:000 exemplares) .	1.242:000
Impressão de cintas . .	140:000
Expediente e outras despezas	150:000
Soma . .	47:590:600

Subscripção

(Outubro de 1925)

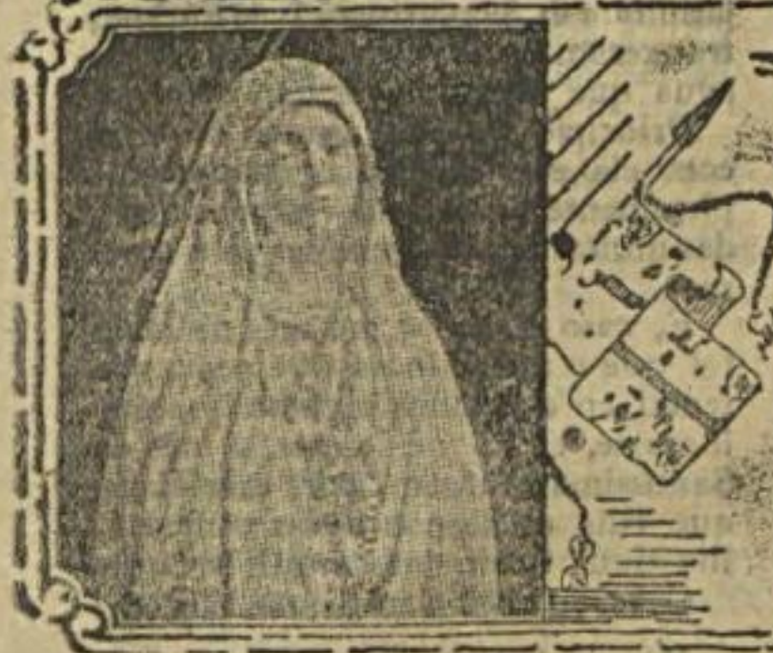
D. Maria dos Anjos Santos, 10:000; Joaquim Pedro da Silva, 10:000; D. Maria Julia Marques Ferreira, 20:000; D. Emilia Augusta de Sá G. Costa, 20:000; D. Ermelinda de Campos, 20:000; Higino da Trindade do Ceu Faria, 80:000; D. Francisca Mergulhão, 10:000; D. Julia Alcina da Cruz Faria, 10:000; D. Ester da Conceição Rocha Faria, 10:000; D. Lidia da Conceição Rocha, 10:000; D. Julieta Zenha, 10:000; José Antonio Nunes Moço, 20:000; Antonio Agostinho da Silva, 10:000; D. Maria Declinda Pacheco, 10:000; D. Brites Alves Andorinha, 10:000; D. Maria Ribau, 10:000; José Ribau, 10:000; Padre José Maria Ribau, 10:000; D. Maria de Jesus Fragoso, 10:000; D. Emilia Lemos Ferreira, 10:000; Manuel Ribau, 10:000; D. Maria dos Anjos Ferreira, 10:000; Nicolau Ferreira d'Almeida, 10:000; Engracia d'Assumpção Covas, 10:000; Condessa de Cuba, 20:000; D. Ernestina Diego Correia, 10:000; D. Amelia Dubraz, 12:000; Antonio Alves Torgal, 10:000; D. Eliza Silvestre, 10:000; D. Maria Augusta dos Santos, 10:000; D. Felismina Nogueira Freire, 10:000; D. Maria José de Paiva Andrade e Cunha, 10:000; Zeferido C. Ferreira, 10:000; Homero Gomes, 10:000; Dr. Joaquim Rosado Fernandes, 10:000; Manuel Ferreira Patricio, 10:000; D. Maria Leonor B. de Almeida, 10:000; D. Francisca da Conceição Almeida, 10:000; D. Luiza de Jesus Manso, 10:000; D. Amelia Cabrita, 10:000; D. Adelaide das Dôres Canadas, 10:000; D. Maria da Conceição de Souza Tavares e Sampaio, 10:000; Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes, 10:000; D. Maria José Coutinho, 10:000; D. Amelia Martins, 20:000; Padre Joaquim Rodrigues Moreira, 10:000; Dr. Eurico Lisboa, 20:000; D. Candida Gaspar, 10:000; D. Amelia Barros Coelho da Fonseca, 10:000; D. Maria da Paz Batalha, 10:000; José Maria Ribeiro, 10:000; D. Olga Nunes Pereira, 13:000; Anibal R. Lopes Lira, 10:000; D. Rosalina Santana, 10:000; D. Adelaide Augusta Rodrigues Cruz, 10:000; D. Gloria Ezequiel, 10:000; D. Maria de Jesus Durão, 15:000; Padre Antonio Fernandes, 10:000; Manuel Viegas Facadas, 10:000; Joaquim Rosario Tavares, 10:000; Matheus Leiria, 10:000; D. Maria da Conceição Vieira, 10:000; Padre Augusto Durão Alves, 10:000; Dr. Jorge Godinho, 20:000; D. Maria Rosalina de Freitas Lages Marinho, 10:000; D. Maria Alexandrina Bessa, 10:000 D. Maria de Lourdes Albuquerque, 10:000; D. Ludovina Neves, 10:000; Manuel da Silva Jordão, 10:000; Antonio Abrantes, 10:000; D. Rosa F. Mota Machado, 10:000; Vasco Taumaturgo Teixeira Doria, 10:000; D. Deolinda Escudeiro Pinto, 15:000; D. Carolina Antonio de Gouveia, 12:000; Joaquim Manuel Martins Nabais, 10:000; D. Ismenia Cunha, 10:000; Constança d'Albuquerque, 10:000; D. Antonia Miranda Faria, 10:000; D. Maria de Jesus G. Leal Rodrigues, 10:000; Padre José Ignacio, 10:000; D. Margarida de Cortona da Conceição e Silva, 10:000; Professora Pinheiro e mãe, 30:000; D. Julia Campos d'Almeida, 10:000; D. Filomena Augusta Pinto Dias, 10:000; João Francisco Angelo, 20:000; Constantino Lira, 10:000; Viuva Mathias & Filhos, 10:000; Dr. Francisco Rodrigues da Cruz, 10:000; D. Perpetua Baptista, 10:000; D. Maria Izabel Lopes Veloso; 10:000; D. Elvira Augusta Marques de Castro Corte Real, 10:000; D. Emilia Augusta e Silva, 10:000; Francisca do Costa, 10:000; D. Maria Henriqueta Leal Sampaio, 10:000.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV LEIRIA, 13 de Julho de 1926 N.º 46



A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇAO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima

(13 de Junho de 1926)

AINDA não se tinham desvanecido de todo os echos da grande peregrinação nacional de maio e já de novo o iman poderoso da Fé impulsiona dezenas de milhares de pessôas que em todos os pontos de Portugal se preparavam para a romagem piedosa de 13 de Junho á terra bemdita das apparições e dos prodigios, á Lourdes portugueza, á mysteriosa Fátima.

Effectivamente nesse dia, ás dez horas da manhã, um espectaculo inesperado assombra e encanta ao mesmo tempo todos aqueles que se aproximam despreocupadamente do local das apparições.

Sôbre a estrada districtal, na longa extenção de alguns kilometros, e no vasto recinto formado pela Cova da Iria, uma multidão compacta circula com difficuldade reproduzindo no espirito a impressão inolvidavel das scenas empolgantes e incomparaveis da grandiosa peregrinação nacional.

Os vehiculos de toda a especie, que se alinham ao longo da estrada numa dupla fila e se accumulam nos terrenos adjacentes, orçam por centenas. E em dezenas de milhar se devem computar os romeiros que áquela hora enxameiam no local sagrado e nas suas immediações. Os benemeritos servos de Nossa Senhora do Rosario labutam desde madrugada na faina penosa do transporte dos enfermos para o respectivo pavilhão. Alguns deles, coadjuvados pelos escoteiros catholicos de Leiria, mantem o serviço d'ordem junto dos santuarios e da fonte da agua miraculosa.

Pelo posto de verificações médicas passam todos os enfermos para receberem a competente senha de ingresso, antes de irem occupar o logar que lhes é destinado.

No pavilhão dos doentes, as servas de Nossa Senhora do Rosario, — anjos de caridade em fórma humana, — porfiam em solicitude e dedicação para levar um pouco de dôce conforto a tantas almas ulceradas por maguas pungentes e minorar os soffrimentos de tantos corpos torturados pelos males que affligem a pobre humanidade.

Durante toda a manhã vários sacerdotes distribuiram a sagrada comunhão a milhares de fieis que préviamente se tinham confessado nas suas terras.

De vez em quando ouve-se um cantico em honra de Jesus no seu sacramento de amôr, ou um hymno á Virgem do Rosario.

Aqui e acolá erguem-se estandartes de associações religiosas que reproduzem a imagem de Maria Santissima ou representam episódios das apparições.

Em torno da capella antiga, construida junto da azinheira sagrada, muitos peregrinos rezam em grupos ou isoladamente, outros aguardam pacientemente na longa fila a sua vez de beijar o pé Virginal da Rainha do Ceu, outros emfim cumprem promessas, dando volta de joelhos, uma e mais vezes, á capella. Junto da fonte aglomera-se tambem muito povo, que procura encher garrafas e outros recipientes com agua miraculosa. Muitos milhares de exemplares da «Voz da Fátima» são distribuidos gratuitamente pelos fieis.

Entretanto organisa-se a procissão para conduzir a veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosario, da capella das apparições para a capella das missas. A' sua entrada no recinto dos doentes agitam se lenços, soltam-se vivas, batem-se palmas. Aquelas almas devótas, aquelles corações piedosos, numa explosão de enthusiasmo e amôr, saudam a Rainha do Céu e da terra, acclamam a gloriosa Padroeira da Nação. E os olhos de quasi todos os que presenceiam esta scena de incomparavel beleza e maravilha se involuntariamente de lagrimas.

Ao meio-dia solar principia a ultima missa, a missa dos doentes, e tudo decorre na fórma do costume. A multidão enorme, que assiste ao augusto sacrificio dos nossos altares, reza com fervor e implora-se o valimento da Virgem, — Saude dos enfermos, — em beneficio de tanta desgraça e de tanta dôr. O silencio torna-se mais profundo e o recolhimento mais intenso.

Depois da missa dá-se a benção com o Santissimo.

O Divino Rei de amôr, na hostia branca do ostensorio de prata, percorre as numerosas filas de doentes, visita-os e abençoa-os, um por um, alliviando-os nas suas dôres, ou inspirando-lhes o conforto necessario para supportarem com paciencia e resignação a cruz que lhes foi imposta para com ella se sanctificarem.

Após a bençam geral, sôbe ao pulpito o rev. Ferreira de Lacerda, de Leiria, que fala durante um quarto de hora, com calor e enthusiasmo, das glorias da Santissima Virgem.

Organisa-se de novo a procissão para reconduzir a Imagem de Nossa Senhora para o seu sanctuario. Terminada a procissão, o povo começa a debandar, até que, pouco antes do sol posto, apenas se vê um ou outro peregrino desafogando a sua piedade defronte da capella das apparições e mal podendo apartar-se daquella estancia bemdita, que é verdadeiramente uma ante-camara do Céu.

V. de M.

As curas de Fátima

Rev.mo Sr.

Na intenção de proclamar o nome tão glorioso da Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima, permita-me V. no cumprimento de um sagrado dever, lhe peça o particular favor de se dignar publicar no jornalzinho de a *Voz da Fátima*, a milagrosa cura de umas pontadas interiores de que eu ha mais de 8 anos vinha soffrendo e me davam tão máu viver e causavam tão mal estar, que em certas ocasiões me impossibilitavam de tomar a respiração.

Não podia descançar as noites nem virar-me para qualquer dos lados, que era um soffrimento insuportavel.

Não obedecia a fricções, nem a tinturas, nem a medicamento nenhum. Vendo-me assim tão triste e cheia de

dôres e impossibilitada de fazer as voltas de minha casa, que havia de eu fazer? Implorei da Santissima Virgem do Rosario da Fátima o remedio para este meu sofrimento. Pedi lhe com tanta fé e devoção que hoje me encontro completamente curada. E assim fiquei convencida de que só a Virgem Nossa Senhora tem remedio para todas as doenças.

Muito lhe agradeço o favor da publicação no jornalzinho, e cheia de reconhecimento e fé para com a Virgem Nossa Senhora, me subscrevo com toda a consideração, etc.

Olinda da Conceição

Rua de Vilar, Quinta de Jesus, 5 — Porto.

Antonio Maria Gaiteiro, de A Dos Francos, concelho das Caldas da Rainha, havia 27 annos, que sofria de grandes feridas em uma perna, desde os artelhos até ao joelho. Durante alguns annos foi tratado pelo Sr. Dr. Alberto, de Bombarral, dizendo este que não morreria do terrivel sofrimento mas que não seria possivel cural-o. O mesmo disseram outros médicos afirmando tambem que, se as feridas tapassem, voltariam a rebentar pelo mesmo ou por outro lado.

Não tirando resultado dos medicamentos e tendo ouvido falar das curas realisadas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, pensei em lá ir pedir á Santissima Virgem que aliviasse as minhas dôres e afastasse as muitas lagrimas da minha casa posque não podia trabalhar e tinha uma casa de filhinhos pequenos.

Desde que comecei a lavar as feridas com agua da Fátima fui melhorando e dentro de poucos dias estava curado.

Faz dois anos em outubro que entrou a alegria em minha casa pois que curei completamente não voltando a sentir o mais ligeiro incomodo, o que venho agradecer á Santissima Virgem, pedindo tambem a publicação d'esta graça.

«Covilhã, 29 de Abril de 1926.

Rev.mo Sr.

Eu, Augusto Gomes Pereira Paiva, natural de Penalva d'Alva, e hoje residente em Covilhã, na freguesia da Conceição, quero tornar conhecida a graça que a Virgem Santissima do Rosário de Fátima, concedeu á minha irmã Libania Pereira, pela sua cura milagrosa.

Desde 1920 que tem sofrido horrivelmente do estomago.

Residindo nessa data em Penalva d'Alva, foi tratada em Oliveira do Hospital, pelo Ex.mo Sr. Dr. Mendes Costa.

Em Novembro de 1922, reconheceu que tinha ulcera no estomago, e disse-lhe que tinha que ir a Lisbôa para ser operada; e em fins de Dezembro do mesmo ano, deu entrada no hospital de S. José.

Lá, aos cuidados do Ex.mos Srs. Drs. Craveiro Lopes e Luiz Serra, foi ao raio X, que realmente certificou que existia a ulcera.

Os Ex.mos Srs. Drs. Craveiro Lopes e Luiz Serra disseram-lhe que a ulcera estava atrazada, e que podia evitar ser operada, uzando d'uma certa dieta, e em Janeiro de 1923, regressou do Hospital e com todo o cuidado uzou da dita dieta, sem poder comer sequer o mais leve alimento de que a gente fizesse uzo.

Com o maximo cuidado, com a dieta, sentiu algumas melhoras, e em Outubro de 1925 tornaram-lhe de novo as dôres horriveis no estomago, dizia ela, como nunca.

Nesse mez foi ahi a Fátima uma criatura nossa amiga, e tendo trazido a agua milagrosa de N. Senhora de Fátima, oferecen lhe uma pinga, que bebeu, fazendo algumas orações a Nossa Senhora, e pedindo-lhe que ela fôsse sua enfermeira e a sua agua o remedio da sua cura; e desde então, as dôres desapareceram-lhe por completo.

Já há mais de cinco anos, que não tinhamos a satisfação de a ver sentada á meza comnosco e, apoz a agua bebida, começou a comer do que nós comemos, sem que nada lhe faça mal.

No proximo dia 13 de Maio (1926) irá a Fátima, agradecer á Virgem Santissima do Rosário, a sua milagrosa cura.

De V. etc.

Augusto M. O. Pereira

Fabrica Fase — Poldras — Covilhã

Rev.mo Sr.

Permita-me V. que venha hoje cumprir um dever sagrado, pedindo se digne inserir no jornalzinho *Voz da Fátima* o relato da cura milagrosa que a Santissima Virgem se dignou fazer me a mim, Eugenia da Conceição, moradora na rua Direita de Pedrouços n.º 102. 2.º.

Andando doente duma perna havia séte anos, muitos médicos diziam que não tinha cura. Indo a outro médico declarou-me este ser uma ulcera das peores e que não tinha cura. Deitava máu cheiro e uma agua verde e tinha um grande buraco. Metia dó e respeito aos que a viam e todos diziam que não tinha cura. Tinha muitas dôres e nem podia andar. Estava de cama, chorava e não podia dormir. Já não podia saber o que havia de fazer á minha vida.

Desde o dia 24 de Novembro comecei a tratar-me com a agua e terra de Nossa Senhora do Rosário da Fátima e encontro-me agora completamente curada.

Fez o tratamento a menina Julia Marques Morgado.

Rev.mo Senhor

Para honra e gloria da Santissima Virgem sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, levo ao conhecimento de V. o seguinte facto:

Um filho meu, Orlando Antonio de Vsconcelos, começou desde setembro do ano findo, a sofrer dum eczema que lhe tomou toda a face e parte do corpo, agravando-se cada vez mais. Não houve medicamento algum que se não experimentasse, obtendo-se sempre os peores resultados. Em Maio dêste ano, indo duas pessôas de familia em peregrinação a Fátima, trouxeram um pouco de agua, dessa agua que tantas curas tem operado.

Principiei a lavar o meu filhinho com ela e passados dias estava completamente são e nem vestigios tinha das muitas feridas causadas pelo eczema.

E, caso singular, no mês de Maio foi que o meu filho esteve peor, não tendo eu esperança alguma que melhorasse, e, foi nêsse mês, o mês da Santissima Virgem por excelencia, que Ella se dignou livrar o meu filho dum sofrimento tam horroroso.

Graças pois á Santissima Virgem!

Mesquinhata, 11 de Novembro de 1925.

Carlota Augusta da Conceição

—=—

Confirmo plenamente tudo o que fica exposto, pois que tudo presenciei, e, se entender que deve ser publicado, fica autorisado a isso.

Freguesia de Mesquinhata, da Diocese do Porto, 11 de Novembro de 1925.

O páraco — *Antonio S. Monteiro*

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.	4:277:000
D. Lucinda Vieira Mósca.	8:000
Manuel Gabriel	5:000
Um Sacerdote de Leiria .	50:000
José Augusto Pires dos Santos	15:600
Soma . . .	4:355:600

Sê honrado

Um dia Santa Veronica Giuliani, quando menina de dois annos, foi conduzida por uma creada á loja de um negociante que usava pesos falsos.

De repente, a creança illuminada sobrenaturalmente, diz lhe estas palavras: *Sê honrado. Olha que Deus vê-te.*

Chamam o médico

Fazem bem em chama-lo, se teem em casa alguma pessôa doente.

Mas porque não chamam tambem o padre? Se o corpo precisa de remedios, tambem a alma tem necessidade d'elles e póde bem succeder que mais os precise a alma que o corpo.

Sem remedios o corpo estará talvez em risco de perder a vida temporal.

Mas a alma é bem possivel que sem elles cáia na morte eterna.

Manual do Peregrino da Fátima

Desde 13 de Maio ultimo encontra-se á venda nesta redacção, na Fátima e outras partes, o *Manual do Peregrino da Fátima* pelo preço de 3:500 réis (fóra o porte do correio).

ARQUIVANDO

Continuamos nesta secção a publicar o que os jornaes disseram por occasião das conhecidas Aparições.

De «*O Dia*» de 19 de Outubro de 1917:

Impressões de Fátima

Despovoaram-se os logares, as aldeias, as cidades proximas.

Pelas estradas, já nas vesperas, seguiam grupos de romeiros a caminho de Fátima.

Pescadoras da Vieira deixaram as casas de madeira negra assentes sobre o mar, as lides da arrumação da pescaria.

Pelos pinhais, onde as camarinhas parecem gôtas de orvalho na verdura, pelos areais onde giram as velas dos moinhos, vieram a pé, os coturnos de lã nas pernas musculosas, sáias de agazalho sôbre as costas, á cabeça o sáco com o farnel, no passo meúdo e meneado que lhes fazia voltar a rodaria das saias e agitar os lenços alaranjados onde assentavam os chapéus pretos. Operários da Marinha, lavradores de Monte Real, das Córtes, dos Marrazes, serranas de longe — das serras do Soubio, de Minde, do Louriçal, gentes de toda a parte onde chegasse a voz do milagre, deixavam as casas e os campos e vinham por ali fóra a cavalo, de carro, ou a pé, cruzando as estradas, atravessando montes e pinhais de longada pelos caminhos que durante dois dias se animaram do rodar dos carros, do chouto dos jumentos, do vozear dos grupos dos romeiros. O outomno avermelhava as vindimadas. O vento do nordeste, frio e cortante, anunciando o inverno, fazia tremer os choupos transparentes das bordas dos rios, que desmaiavam saúdosos do sol, em tons amarelos de rendas antigas. Nos areais giravam as velas brancas dos moinhos. Nos pinhais curvavam-se ao vento os cimos verdes dos pinheiros. As nuvens iam cobrindo o céu. Amontoava-se o nevoeiro em blócos leves e macios. O mar, na vastidão da praia da Vieira espumava, bramia, enrolava-se em ondas altas e pelos campos ia-se ouvindo num clamor sinistro, a sua voz! Toda a noite, toda a madrugada choveu uma chuva miudinha, persistente que encharcava os campos, que entristecia a terra, que ia trespassando até aos ossos, de uma humidade fria, as mulhetes, as creanças, os homens e os animais que cruzam as estradas lamacentas no caminho apressado para a Serra do Milagre. A chuva caía, caía, macia e teimosa. As saias d'estamanha e riscadilho pingavam, pezavam como chumbo nas fitas das cinturas. Os barretes e os chapeus largos escorriam água sôbre as jaquêtas novas dos fatos de vêr a Deus. Os pés descalços das mulheres, as botas ferradas dos homens, chapinhavam nas poças largas do lodaçal das estradas. Mas a chuva parecia que não molhava, parecia que não sentiam a chuva. Caminhavam sempre subindo a serra iluminados de fé, na ancia do milagre que Nossa Senhora prometera, no dia 13, pela uma hora, a hora do sol, ás almas simples e puras de 3 creanças que apascentavam gados!

Iam ficando para traz, perdidos na nevoa, esfumados na transparencia da chuva, pinheiros, choupos, carvalheiros, manchas vermelhas de vinhas, casais, campos lavrados de terra escura...

Os campos eram desertos, as casas eram fechadas! Havia um silencio estranho nos campos desertos, de gentes e de gados, havia um ar de espera e de emoção na attitude das coisas, das casas pobres como adormecidas no silencio, janelas e portas fechadas á luz! A serra era alta, mas parecia aos caminheiros que os não cançava a subida da serra! A serra era triste, cada vez mais triste, de pedras escalvadas e negras sem a alegria da verdura de uma arvore mas os caminheiros não sentiam a tortura impressionante e tragica da paysagem de dôr! A chuva começou a rarear. Era agora só um véu de nevoa muito leve que se ia desfazendo a pouco e pouco, e pouco a pouco a serra ia aclarando. Aproximava-se um murmurio que vinha descendo do monte. Murmurio que parecia a voz longinqua do mar, que se tinha calado no silencio dos campos... Eram canticos que se difiniam entoados por milhares de bôcas. No planalto da serra, cobrindo o monte, enchendo um val, via-se uma mancha enorme e movediça de milhares e milhares de creaturas de Deus, milhares e milhares d'almas em préce!

Mãos erguidas, olhos em extase, vinham na fé ardente da crença. Vinham pedir o milagre a Nossa Senhora, pedir a redempção dos pecados, pedir a benção para as amarguras da vida! A' uma hora da tarde, hora do Sol, parou a chuva. O ceu tinha um tom acinzentado de perola e uma claridade estranha iluminava a vastidão publica e tragica da paisagem triste, cada vez mais triste. O sol tinha como um véu de gaze transparente para que os olhos o pudessem olhar. O tom acinzentado de madreperola transformava-se como numa chapa de prata luzidia que se ia rompendo até que as nuvens se rasgaram e o sol prateado, envolvido na mesma leveza cinzenta de gaze, viu-se rodar, e girar em volta do circulo das nuves afastadas! Foi um grito só em todas as bôcas, cairam de joelhos na terra encharcada as milhares e milhares de creaturas de Deus que a fé levantava até ao Ceu!

A luz azulava-se num azul exquisito, como se viesse atravez dos vitrais de uma catedral imensa, espalhar-se naquela nave gigantesca ogivada pelas mãos que se ergueram no ar... O azul extinguiu-se lentamente para a luz parecer coada por vitrais amarelos. Manchas amarelas caiam agora sôbre as caras, sôbre os lenços brancos, sôbre as sáias escuras e pobres das estamanhas. Eram manchas que se repetiam indefinidamente sôbre as azinheiras rasteiras, sôbre as pedras e sôbre a serra. Tudo chorava, tudo rezava de chapeu na mão, na impressão grandiosa e unica do milagre esperado!

Fôram segundos, fôram instantes que pareceram horas, tão vividos foram!

Passaram nuvens sôbre a claridade vaga e cinzenta que velava o sol!

As almas em préce, que tiveram por instantes a vida suspensa á vida, voltaram. Esfarraparam-se as nuvens, apareceram bocados azuis do céu. O sol, na serenidade impassivel de todo o sempre, iluminou vagamente a serra escalvada onde Nossa Senhora fez juntar pela bôca de três creanças que apascentavam gados, milhares e milhares de creaturas de Deus!»

Missa nova

Os peregrinos da Fátima vão ter hoje o prazer espiritual de assistir, ás 10 horas (antes da Missa dos doentes), á primeira Missa do Rev. Dr. José Galamba d'Oliveira, em quem a diocese de Leiria deposita grandes esperanças pela sua inteligencia, orientação e piedade.

E' chefe d'um grupo de «scouts» desta cidade de cujo seminário vai ser nomeado professor de Theologia.

Que Nossa Senhora, sob cujos auspicios elle começa a sua vida sacerdotal, torne muito fecundo o seu apostolado.

A Psicologia das Conversões

Felix Lezeur, o medico racionalista e descrente que teve a felicidade incomparavel de ter como esposa Elizabeth Lezeur, um dos mais admiraveis espiritos femeninos de todos os tempos, na introdução a a um dos varios volumes, que foram a herança espiritual da sua companheira, descreve a sua conversão ao catolicismo até á sua entrada num convento de dominicanos.

Já então Izabel Lezeur dormia o sono da bemaventurança quando se operou esta ascenção daquele espirito rebelde para a Verdade da doutrina de Cristo, a suprema ambição da esposa dedicada e cristã que tudo sacrificára para esse fim.

Por isso as palavras do antigo racionalista teem uma autoridade muito especial para que as arquivemos e meditemos:

«A maior parte dos nossos contemporaneos, mesmo as pessoas de de certa cultura, recusam-se a admitir e a constatar a intervenção de Deus nos fenomenos de conversão e, ainda mais, nos casos de vocação religiosa. Para tais espiritos tudo se resume no fundo, a intrigas, manobras, dominio de vontades mais fortes sobre vontades mais fracas.

Para muitos, semelhantes evoluções d'alma são simples resultados de propaganda clerical, de acção de frades e freiras. E' que muitas pessoas da élite da burguesia francesa ainda leem pelos *Hommes noirs* de Béranger ou pelo *Rodin* de Eugéne Sue.

Ora precisamente, no que me diz respeito, todo o meu trabalho d'alma se operou ao abrigo de qual-

quer influencia exterior. Não conhecia um unico padre nem um unico religioso. Depois da morte de Izabel continuei a viver entre almas hostis ou indiferentes, não somente ás ideas religiosas, mas até mesmo ás simples ideas espiritualistas. E foi precisamente nesta atmosfera de ateismo pratico que a voz divina ecoou dentro de mim e que a luz de Cristo me iluminou.

Ninguem me podia sugestionar nem guiar. As proprias circunstancias me tinham levado a encontrar-me sósinho, em pleno deserto racionalista, todo cheio da minha impiedade. E quando, depois de ter subido a sós a longa encosta mistica, fui procurar o religioso que se tornou depois meu director e que nem sequer eu conhecia, já a minha transformação se tinha operado. E nesse momento era eu que procurava, por uma vontade reflectida, os conselhos de que necessitava.

Desejo egualmente aqui fazer uma outra constatação não menos importante:— O lado intelectual que representa, e sempre representára, um papel consideravel, quasi exclusivo mesmo, em todas as manifestações do meu espirito, não teve a mais insignificante e minima influencia na transformação da minha alma.

Nunca me deixéi dominar nem pelo estudo, nem pela leitura, nem pela exegese, nem pela apologética, nem por conhecimentos teologicos em que era, aliaz, absolutamente ignorante. Já o disse e repito: nessa época o meu espirito estava inteiramente impregnado de exegese racionalista, radicalmente hostil ao catolicismo. O que prova que o aspecto intelectual foi tão nulo na minha conversão como o foi a influencia externa.

Devo a minha conversão a uma força estranha, superior, dominadora e sobrehumana, tão misteriosa e irresistivel que não póde compreender-se senão depois de a termos sentido e para a qual só ha uma unica palavra que a possa traduzir — a Graça.

Por isso pensei que não seria inutil contar a minha historia para que ela pudesse servir tambem de testemunho á verdade daquelas palavras de S. Paulo que o mundo não quer aceitar — Só Deus converte.»

Muito tarde!...

Duas senhoras, irmãs, possuidoras duma fabulosa fortuna, sem herdeiros necessarios, aplicavam os seus rendimentos em obras de caridade.

— Vamos, na vida, fazendo o bem que pudermos aos pobres, diziam.

E faziam-no. Na cidade e seus arredores nenhuma familia carecida deixava de receber largas esmolas. E a Egreja parochial, o seminario e o hospital tambem eram contemplados.

— Abençoadas senhoras! exclamavam todos.

Abençoadas sim; mas não sabiam que emquanto ellas distribuiam esmolas e livravam de morrer á fome os infelizes, outros lhes procuravam perverter, os espiritos; mas ignoravam que todas as manhãs uma alluvião de maus jornaes arrastava, paganisava o pobre povo e o tornava instrumento apto para todos os crimes e attentados.

Um dia rebentou a perseguição religiosa; o povo, seduzido pelos agitadores, sahiu para a rua, e cometeu toda a sorte de desacatos. As auctoridades fôram impotentes para conter a onda. O clero teve de se esconder; as casas religiosas fecharam-se; os religiosos tiveram de ir pedir azylo a terras extranhas. Nada se respeitou, nem as caridosas senhoras. Fôram insultadas pela população, e as suas propriedades invadidas e taladas.

— O que conseguimos com as nossas esmolas? diziam entristecidas. Pensámos em matar a fome a tanta gente, cuidámos dos seus corpos, e esquecemos as suas almas. Emquanto lhes forneciamos pão para o seu corpo, deviamos ministrar-lhes tambem bôas leituras para o espirito. Toda a nossa caridade foi vencida pelo mau jornal. Errámos.

Pobres senhoras! Pensaram já tarde, quando o mal não tinha remedio.

Aos afortunados do mundo, que teem o espirito de fazer bem, diremos hoje:

«Continuae a não esquecer as vossas obras de caridade mas não esqueçaes tambem a imprensa verdadeiramente catholica, sôbre tudo a diaria. Assignae-a, auxiliae-a com o vosso dinheiro, as vossas noticias, os vossos anuncios, a vossa propaganda e, sobretudo, com o vosso carinho.»

Acampamento Nacional de "Scouts,,

Nos dias 10, 11 e 12 d'agosto proximo, terá logar junto á capela de S. Jorge, erecta no sitio onde esteve arvorada a bandeira nacional durante a batalha de Aljubarrota, o acampamento nacional de «scouts» vindos de varios pontos do paiz.

No dia 13 irão a Fátima, voltando a S. Jorge no mesmo dia para assistirem á inauguração da imagem do Beato Nuno de Santa Maria e mais cerimonias religiosas que serão presididas pelo sr. Bispo de Leiria.

No dia 16 irão a Alcobaça e a seguir á fabrica de cimentos de Maceira e de vidros da Marinha Grande, regressando por Leiria, no dia 18, onde passarão tambem á ida, no dia 9.

Voz da Fátima

Despezas

Tranporte	47.590:600
Impressão do num. 45 (35:000 exemplares) .	805:000
Expediente e outras despezas	160:000
Soma . .	48 555:600

Subscripção

(Outubro e Nov.º de 1925)

D. Maria Henriqueta Leal Sampaio, 10:000; D. Leonor d'Almeida Coutinho e Lemos, 20:000; D. Adelaide Braamcamp de Mello Breiner, 10:000; D. Antonia Rosa Brandão, 10:000; Paiva, Irmão & Comp.ª, 50:000, Luiz de Figueiredo Lemos do Canto Corte Real, 10:000; madame Silva Dias, Dona L. F., 10:000; D. Maria Margarida de Faro — Nelas, 10:000; D. Afonso d'Albuquerque, 15:000; D. Maria da Gloria Pereira Furtado, 10:000; D. Maria do Patrocinio Lopes Sanches, 10:000; D. Anna Silva, 10:000; D. Maria José Corvelo, 10:000; Padre Alberto Pinto da Souza, 10:000; Domingos Fernandes Soutelo, 10:000; D. Amelia Ferreira Dias; 10:000; D. Arminda Maria Coelho, 10:000; D. Rosa Ferreira, 10:000; D. Amelia Gonçalves Ramada, 10:000; D. Leonor da Conceição Costa, 10:000; Luiz Empis, 10:000; D. Amelia Botelho, 10:000; D. Olympia da P. Pereira Coutinho, 10:000; D. Francisca Rosa de Jesus Canas, 10:000; D. Maria de Barros Lima Salgado, 10:000; D. Candida Nunes Ribeiro, 10:000; D. Maria Seabra, 10:000; D. Julieta Alves Vedras, 10:000; D. Maria Domingues Pinto Coelho, 10:000; D. Maria Tereza Pinheiro Chagas, 10:000; D. Maria Eugenia Barreto, 10:000; D. Maria Izabel dos Santos Fonseca Jorge, 10:000; D. Eliza Penaforte Cardoso, 10:000; D. Leonor Manuel (Atalaya), 10:000; D. Anna da Conceição Neves, 10:000; D. Amelia Faria Leão, 10:000; D. Francisca dos Santos, 10:000; D. Maria da Conceição Maldonado Pereira, 10:000; Sebastião Marques, 10:000; D. Margarida Calado, 10:000; Duarte José d'Oliveira e Carmo, 10:000; D. Florinda Baptista, 10:000; Antonio Antão Carvalheiro, 10:000; D. Julia Padrão, 10:000; Padre Avelino Moutinho M. d'Assumpção, 10:000; D. Laura Ferreira, 10:000; D. Maria José de Jesus Pereira, 10:000; D. Maria Gonzaga d'Abreu Fonseca, 20:000; D. Maria da Gloria Albano Santos, 10:000; Julio Pinto, 10:000; D. Amelia Marques, 10:000; José Marques Junior, 10:000; Antonio Fernandes Reguengo, 10:000; Joaquim Ribeiro Faria, 10:000; D. Maria da Natividade Vieira, 12:000; Afonso Pereira Coutinho, 10:000; D. Emilia de Castro Frazão Castelo Branco, 10:000; D. Julia A Pilar, 10:000; Adolfo d'Oliveira, 10:000; D. Rita Costa, 10:000; D. Izilda do Carmo Leitão, 10:000; D. Maria da Assumpção Dias, 10:000; Dr. Jacinto Gago da Camara, 20:000; D. Maria Palmira Caldeira de Albuquerque, 10:000; D. Maria Luiza d'Azevedo Lobato e Napoles, 10:000; Joaquim Maria Soeiro de Brito, 10:000; D. Maria Paula Bentes, 10:000; D. Aurora Vaz Clemente Marques da Cruz, 10:000; D. Ema Falcão de Mendonça, 10:000; Artur da Silva Camarinha, 10:000; D. Maria Adelaide d'Oliveira Monteiro Barros Gomes, 10:000; D. Ema Afonso Pereira, 10:000; D. Maria Betina Basto, 10:000; D. Teolinda Maria do Nascimento Freitas, 20:000; D. Maria Benedicta Sequeira, 10:000; Padre José Silveira d'Avila, 12:500; Pedro de Lemos, 10:000; Manuel Aguiar, 10:000; D. Angelina Chaves, 10:000; D. Alzira Neves Costa, 13:000; Asdrubal d'Abreu Castelo Branco, 92:000; D. Felinda Maria da Silva, 10:000; D. Alice Garcia, 10:000; D. Maria José de Magalhães Barros, 10:000; D. Maria José Loureiro Rodrigues, 10:000; D. Maria das Dôres Fernandes Rendeiro, 10:000; Manuel Ignacio de Souza, 10:000; Luciano Leandro Pires, 12:000; D. Margarida Madeira, 10:000; D. Guilhermina da Piedade Chaves, 10:000; Adriano José Faustino, 10:000; D. Carlota Augusta da Conceição, 10:000; Reinaldo Monteiro Basto, 10:000; Padre Ismael Augusto Guedes, 10:000; D. Maria Luiza d'Almeida, 12:000.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV LEIRIA, 13 de Agosto de 1926 N.º 47

A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima

(13 de Julho de 1926)

Aos pés da Virgem

PASSA hoje mais um aniversario — o nono — da terceira apparição da excelsa e gloriosa Rainha dos Anjos a três verdadeiros anjos da terra — os humildes e inocentes pastorinhos de Fátima. Esta data memoravel evóca no nosso espirito suaves e gratas recordações, um mundo inteiro de ideias e sentimentos, — expoente dum estado d'alma, que só lograrão comprehender cabalmente aquelles que teem acompanhado, desde o seu inicio, em todas as phases mais importantes, a sublime epopeia das apparições e dos acontecimentos maravilhosos da Lourdes portugueza.

Quem é que ha cerca de dois lustros seria capaz de prevêr a transformação assombrosa que se havia de operar naquelles logares aridos e desertos da serra d'Aire, onde laços mysteriosos prenderam para sempre a terra ao Céu?

No dia 13 de cada mês, verdadeiras almas de eleição — o escol de Portugal fidelissimo — alli se reunem, em numero de muitos milhares, desentranhando se numa exuberante florescencia de piedade, que sobremodo edifica e consola. E de mês para mês, de anno para anno, a torrente humana engrossa cada vez mais, levando aos pés da Virgem sem mancha o piedoso tributo das suas orações e das suas promessas, a homenagem sentida do seu reconhecimento e do seu amôr.

Graças, Rainha bemdita, graças sem fim vos sejam dadas pela bondade que usastes para comnosco, erguendo, no centro da nossa estremecida Patria, o vosso throno augusto, para receberdes em audiencia e cumulardes de graças os filhos queridos que de toda a parte, correm a depôr no vosso regaço maternal, as almas agradecidas, os corações afflictos e confiantes ou os corpos atormentados por males humanamente incuraveis!

O clero e a peregrinação

A commemoração festiva do dia treze de Julho foi assignalada desta vez por um episodio, unico nos annaes de Fátima, que imprimiu ás solemnidades religiosas um encanto de todo o ponto extraordinario.

Um sacerdote, recentemente ordenado, celebrou, alli, pela primeira vez, o augusto sacrificio dos nossos altares.

Desde o romper da manhã, as missas succederam se umas ás outras, sem interrupção, nos três altares da capella nova. A multidão, que se comprime em torno do pavilhão dos doentes e se distribue pelos locais do costume, sobretudo junto da capella das apparições e da fonte miraculosa, embora menos numerosa que no mês anterior, eleva-se comtudo a alguns milhares de pessôas. Attrahe a attenção de todos o avultado numero de sacerdotes e seminaristas presentes, facto devido á circunstancia de ter já começado a epocha das ferias grandes.

Quasi todos se encontram no pavilhão dos doentes, assistindo ás missas e juntando as suas orações ás orações dos fieis. Na sachristia alguns sacerdotes ouvem de confissão homens e rapazes. De vez em quando um delles, revestido de sobrepeliz e estola, administra o Pão dos Anjos.

É então o mavioso cantico popular «Bemdito e louvado seja» rompe de milhares de peitos, numa enternecida explosão de Fé e amôr a Jesus Hostia.

Entretanto, como se approxima a hora da Missa dos doentes, organiza-se o cortejo do costume para conduzir a estatua de Nossa Senhora do Rosario da capella das apparições para a capella das missas. E' indescriptivel o enthusiasmo da multidão, que saúda commovidamente, acenando com os lenços, a augusta Virgem do Rosario, na sua Imagem formosissima, que parece uma radiosa visão do Paraiso.

A Missa Nova

Ao meio-dia astronomico, officialmente uma hora e trinta e sete minutos — sóbe ao altar-mór o novel sacerdote dr. Galamba d'Oliveira. Vae celebrar a sua primeira missa. Nas suas mãos, recem-sagradas pelo Prelado de Leiria, o ex.mo senhor D. José Alves Correia da Silva, encarnará d'ahi a pouco, como outróra no seio virginal de Maria, o Verbo Eterno de Deus. Rodeiam o altar amigos e parentes do novo levita. A sua familia, por deferencia especial do venerando Antistite, occupa um logar reservado na varanda do pavilhão, proximo da ara santa. E' a primeira vez que um sacerdote canta missa no local das apparições. A expectativa da multidão augmenta de anciedade a cada instante. A commoção, impossivel de dominar em hora tão solmne, apodera-se do ministro sagrado e, á medida que se approxima o momento supremo e ineffavel da Consagração, torna-se mais intensa e mais profunda. Dos seus olhos correm lagrimas a fio, testemunhas mudas mas eloquentes da sua piedade, da sua gratidão e do seu amôr.

Ao Evangelho o rev. Luiz de Souza, orador de largos recursos, que prégou em substituição do rev. Silva Gonçalves, de Braga, que á ultima hora, por motivo de força maior, não poude comparecer, desenvolve com proficiencia o thema *Ecce Mater tua* e dá os emboras ao celebrante pela iminente dignidade de que foi revestido e pela graça sem egual daquelle dia inolvidavel. Uma campainha faz-se ouvir. E' agora o ponto culminante do acto augusto que se está realisando: a Consagração. As mãos do sacerdote tremem por effeito da commoção que lhe vae n'alma e a custo levanta entre o Céu e a terra a Hostia propiciatoria.

A assistencia, intensificando a atenção e o recolhimento, ora fervorosamente, supplicando ao Céu bençãos escolhidas para o novo levita, a conversão dos peccadores, a cura ou a resignação para os doentes, remedio ou lenitivo para todas as miserias physicas e moraes que affligem a pobre humanidade.

A benção dos doentes

Recitadas as ultimas orações, o rev. dr. Galamba toma nas mãos a Custodia com a Hostia Sacrosanta e desce os degraus do altar para ir abençoar

os doentes que se alinham em numerosas filas no recinto do pavilhão. Vêem-se alli victimas de todos os flagellos, verdadeiros farrapos humanos que excitam á compaixão os corações mais duros e insensiveis. Apesar dos seus sofrimentos, todos esses infelizes mostram uma resignação que admira e encanta. E' este um dos momentos mais solennes e commoventes das commemorações religiosas do dia treze.

Organisa-se o pequeno cortejo que faz a guarda d'honra a Jesus no seu Sacramento de amôr. As Servas de Nossa Senhora do Rosario, como anjos visiveis vestidos de branco, abrem o cortejo, edificando os circunstantes com o ardor da sua Fé e a ternura da sua piedade. Nos rostos dos pobres doentes, em que a violencia do mal vincou traços indeleveis, macerando os e desfigurando-os, brilha, sobretudo nos olhos, um vivo clarão de esperança.

Elles sentem, como outróra os doentes da Palestina, que Jesus passa fazendo o bem—*pertransiit benefaciendo*—e crêem e confiam no seu poder e na sua misericordia. Do alto do pulpito o rev. dr. Marques dos Santos faz as invocações do costume, que são repetidas pela assistencia, como doloridos gritos d'alma que penetram o Céu. E o Divino Samaritano, cheio de bondade e amôr, occultando se na Hostia immaculada, onde só o divisam os olhos da Fé, derrama graças e bençãos sôbre aquelles corações ulcerados por mágoas tamanhas, lenitivo e conforto sôbre aquelles corpos torturados por dôres incomportaveis.

Terminada a cerimonia da benção aos enfermos, o celebrante sóbe de novo ao altar e, depois de cantado o *Tantum ergo*, abençôa tambem com o Santissimo as dezenas de milhares de fieis prostrados a seus pés. Por fim effectua-se a tocante cerimonia do beija mão, que impressiona sobre maneira todos aquelles que a ella assistem, vendo se muitos olhos marejados de lagrimas.

A despedida

Antes do beija-mão tem logar o ultimo acto official da peregrinação.

A linda estatua de Nossa Senhora do Rosario, exposta durante todo o dia á veneração dos fieis, é reconduzida para a sua minuscula capella, no meio de acclamações e de canticos. Junto do santuario commemorativo das aparições aglomera se agora uma multidão enorme. Todos querem vêr, saudar, osculat a bemdita imagem.

E os servitas, com uma paciencia inaudita, nunca desmentida, regulam o transito dos devotos, que passam rapidamente deante da estatua da Virgem, depois de satisfazerem as exigencias da sua piedade. A assistencia vae se dispersando pouco a pouco. Na estrada districtal ainda estacionam alguns vehiculos, mas vão rareando, á medida que o tempo passa.

As estradas e caminhos que conduzem á Cova da Iria transbordam de peregrinos que regressam apressados aos seus lares distantes. E no local das apparições apenas um ou outro devoto se demora a rezar as ultimas préces, sentindo no coração opprimido o delicioso pungir da saudade, ao apartar-se daquella estancia bemdita, que a celeste Padroeira da Nação santificou com o contacto purissimo dos seus pés virginaes, para gloria de Deus, salvação eterna das almas e felicidade espiritual e temporal dum Portugal maior.

Visconde de Montello

As curas de Fátima

Setubal, 10 de Maio de 1926

Rev.mo Sr. Director da *Voz da Fátima*

Para honra e gloria de Deus e da SS.ª Virgem, venho implorar de V. Rev.ma a especial fineza de publicar no jornal *Voz da Fátima* o grande milagre, que esta Mãe do Ceu acaba de operar a favor do meu marido.

Sofria este, ha 16 anos, de uma ulcera no estomago, que o atormentava indizivelmente, declarando alguns médicos, que consultou, que só por meio de uma operação, a que elle sempre se recusou, poderia conseguir alguns alivios. Nessa ocasião, ouvimos narrar diferentes prodigios que N. Senhora do Rosario de Fátima havia operado em beneficio de enfermos, que recorreram á sua Protecção.

Levados pela mesma confiança, pedimos lhe que nos valesse em tão grande afflicção, prometendo lhe irmos pessoalmente ao logar das aparições e ofertar lhe uma joia em ouro, se se dignasse cura-lo sem ser preciso recorrer á operação.

O doente, durante 10 mezes consecutivos, não deixou, um só dia, de recitar o Terço do Rosário, bebendo juntamente algumas gôtas da agua miraculosa. Mas, oh! decepção! Precisamente, ao terminarem esses 10 mezes, agravarám se os seus sofrimentos tão extraordinariamente que foi preciso chamar, a toda a pressa, o médico que o tratava.

Quando este chegou, apenas conseguiu verificar que a ulcera havia rebentado; e o enfermo parecia a todos os momentos succumbir.

Numa indizivel afflicção levantei os olhos ao ceu, pedindo ainda com mais fervor á SS.ª Virgem a sua cura, prometendo lhe fazel a publicar na *Voz da Fátima*, caso a chegasse a obter.

Dignou-se a SS.ª Virgem despachar favoravelmente as minhas suplicas, porque o doente começou logo a experimentar sensiveis melhoras, e hoje encontra se bem, podendo, sem dificuldade alguma, entregar-se á mesma vida de trabalho, que antes tinha.

Para prova do que affirmo, remeto junto com esta, o atestado médico, devidamente autenticado.

A esposa do miraculado

Maria Luiza Vaz

Atestado

Miguel Maria Gonçalves Fonseca Junior, Doutor em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa:

Atesto, sob palavra de honra, que em Setembro de 1925 fui chamado para ver o Ex.mo Sr. Manuel José Soares Vigario, maritimo, morador na rua das Barracas, de 55 anos de idade, que sofria ha quinze anos do estomago. Fui encontra-lo com abundantes hematemeses e melenas, queixando se de violentissimas gastralgias e num profundo estado de anemia. Fiz o diagnostico de ulcera gastrica e comecei a trata-lo, conseguindo ve-lo ao fim do mez, entrar em franca convalescença. Atualmente encontra-se muito bem, parecendo que a ulcera está cicatrizada.

Setubal, 24 de Abril de 1926

Miguel Maria G. Fonseca Junior

Porto Mendo, freguezia de Santa Maria Magdalena, concelho de Tomar, 10-4-1926

Rev.mo Senhor

Ha dois anos, não tendo minha mulher leite para crear um nosso filhinho, conseguiu alimental-o a *biberon* até aos 5 mezes, mas depois sobreveio lhe uma enterite e morreu.

Em 30 de março d'este ano tendo-nos nascido outro filho, minha mulher toda se apoquentava por não ter leite para o criar. Em minha casa não havia senão tristeza e lagrimas.

No dia 9 de Abril cheguei á noite a casa e encontrei as scenas do costume: a mãe a chorar, o filho a chorar com fome pois que uma visinha que vinha a nossa casa, faltou nesse dia.

Ao ver isto chorei tambem.

De repente veio me a ideia salutar de recorrer a Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

Recomendei a minha mulher que banhasse os peitos com agua da Fátima e prometi o meu cordão d'ouro.

Ao voltar no dia 10 do trabalho diz-me minha mulher: vae dar graças á Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima que já tenho leite para crear o nosso filho.

No dia 13 de maio fui á Cova da Iria levar a minha promessa e lá hei de voltar as vezes que puder para mostrar o meu agradecimento por esta tão grande graça.

De V. Ex.ª etc.

João Baptista Carlos

Lisbôa, 25 de Agosto de 1925

Rev.mo Senhor Director da «Voz da Fátima».

Venho pedir a V. Rev. a publicação da seguinte graça:

O ano passado, estando eu ausente, soube que minha filha se achava bastante doente, o que muito me affligiu. Recorri, então, cheia de fé, a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, pedindo-lhe a sua cura, e prometi-lhe tornar conhecida esta graça. Passados dias, quando regressei, com grande surpreza minha, não só encontrei minha filha restabelecida, mas melhor do que quando a tinha deixado!

Mais uma vez Nossa Senhora mostrou o seu grande poder e que nunca abandona os que n'ela confiam.

Pedindo desculpa do tempo que lhe tomei, sou

De V. Rev., etc.

Maria Pedroza Mathias

Henzaltina de Jesus Serras, de 15 anos de idade, padecendo desde pequenina duma grande fraquesa no estomago, vomitava em todas as ocasiões que comia ou bebia. Consultando alguns médicos não foi possivel alcançar melhoras.

Lembrando-se ela e seus pais de Nossa Senhora da Fátima, conseguiram ir no dia 15 de maio de 1925 fazer-lhe uma visita e bebendo a pequena da milagrosa agua de Nossa Senhora do Rosario da Fátima com muita fé e esperança de melhoras.

Foi tão milagroso o remedio que nunca mais tornou a vomitar. Já come de tudo e bebe sem lhe fazer mal.

Hoje acha-se gôrda e já póde trabalhar.

Pensam seus pais ir no dia 15 do corrente a Fátima agradecer a Nossa Senhora a graça recebida, e pedem a publicação na *Voz da Fátima*.

Códes (Sardoal), 8 de Maio de 1926

Antonio Serras

O Rev. Sr. Padre Antonio José da Costa, páraco da freguezia de Cabana Maior (Arcos de Vale de Vez), tendo recebido uma graça de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, agradece e envia uma pequena esmola para auxiliar as despezas do culto.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	4.355:600
D. Maria da Rosario Costa.	10:000
Antonio Varela Gomes .	10:000
Francisco Sampaio Barbosa	25:000
Uma anonima exilada em França	130:000
D. Laura Pinheiro . . .	10:000
Soma . . .	4.540:600

Envenenada!

Chóra uma pobre mãe desfeita em pranto os desvarios de uma filha.

— Era um anjo, exclama no auge da sua dôr, e está perdida! Já não reconheço a minha filha, tão piedosa, tão docil, tão obediente... e tão mudada, tão outra a vejo agora! ...

Nisto entra-lhe no quarto uma antiga creada, que por uma longa e provada dedicação se tornára a confidente das suas amarguras e era considerada quasi pessôa de familia.

— Tem razão, minha Senhora, tem razão: a menina ha muito que estava envenenada . . .

— Envenenada? que dizes tu?

— Sim, envenenada na inteligencia e no coração. E, se me dá licença, eu digo quem lhe propinou o veneno.

— Fala, fala, tira-me d'esta angustia.

— A angustia não lh'a tiro, que antes lh'a aumento, porque o veneno, foi a senhora que lh'o tem dado com as leituras dos romances e dos folhetins. . .

— Ora, que lembrança a tua!

— Não via a senhora que a menina, todos os dias apenas levantada, a primeira coisa que fazia era pedir com toda a avidez que lhe déssem o jornal para ler o romance. . .

—E que mal tinha isso?

—Já que a senhora quer, dê-me licença para contar uma historia.

—Conta o que quizeres.

—Quando eu era moça, estive na companhia de umas pessôas muito tementes a Deus. Mas havia lá uma que me levou umas novelas para eu ler. Tomei do livro e comecei a gostar d'aquellas cousas, mas veio-me logo o escrupulo de que não seria bom saber taes vidas, que eram peores que muitas que minhas tias não davam licença de se contarem em casa. E então pensei comigo: se eu não posso falar de certos escandalos, como poderei ler outros peores? Para me tirar de duvidas, a primeira vez que veio a casa o nosso parocho, mostrei-lhe o livro e perguntei-lhe se o podia ler. Viu o e respondeu-me que não. Mas eu, que já estava interessada naquelles enredos e desejava saber como tinham acabado certos negocios, pedi lhe licença para acabar a leitura, certa de que auctorizada com a licença do parocho já não fazia pecado. E acrescentei que até me fazia bem para distrair. Calou se por então o bom do sacerdote, introduziram se em seguida outras conversas e quando eu já não pensava no livro, diz me aquelle homem de Deus:

—Quero pedir-te um conselho.

—O senhor pedir-me um conselho a mim?

—Sim, ando tão aborrecido que para me distrair resolvi envenenar-me.

—Crédo! acudi eu.

—Não te espantes, que o veneno que eu quero tomar é um veneno muito dôce, muito saboroso, que vae inebriando sem a gente dar por isso. Que me dizes, posso eu tomar este bello veneno?

Eu abri os olhos muito espantada com aquella pergunta, que me parecia o suprasummo da loucura.

Então aquelle zeloso pastor,—quem nos déra muitos como elle, — acrescentou logo:

—Tu não queres que eu me envenene com um veneno saboroso, e queres tu que eu te deixe envenenar a ti? Não sabes que as más leituras são um veneno agradavel á phantasia, mas fataes á intelligencia, ao coração e aos bons costumes? Para te não estragares nem corromperes, nunca leias esses livros que são um perigo manifesto para a inocencia...

Tinha razão aquelle zeloso sacerdote. As leituras são verdadeiro alimento do espirito e produzem na intelligencia e no coração os mesmos effeitos que a comida no corpo: se a comida é bôa e sadia, nutre e alimenta as forças; se está corrompida e falsificada, envenena e estraga o organismo. E' assim a leitura: se contem só a verdade e inculca sentimentos nobres e elevados, enriquece o espirito, dá vida á intelligencia e fortalece o coração; mas, se em vez de verdade contem toda a casta de erros e preconceitos, se desperta sentimentos ignobeis, se accende as paixões, então mata a innocencia, rouba a paz, perverte a vontade e occasiona todos os desvarios.

Ouve-se dizer tantas vezes: a mim não me faz mal ler os romances. Quem é o santo, quem é o novo Salomão que póde falar assim? Quem se póde vangloriar de não se deixar abrazar pelo fôgo depois de se ter arremessado ás chamas? Quem se póde subtrair ao influxo das más companhias?

«Eu não sou a rosa, dizia M.me de Sévigné, mas estive junto d'ella e algo tomei do seu perfume». Do mesmo modo o que lê esses livros póde dizer tambem: eu não sou o erro, mas tive o na inteligencia e algo me ficou dos seus miasmas.

Uma alma verdadeiramente piedosa, se ama a inocencia, se não quer expôr-se ao perigo certo e manifesto de se perverter, não deve, não póde ler esses livros que despertam as paixões, aplaudem a corrupção e fazem a apologia dos maiores escandalos sociaes.

As pessôas devotas de Nossa Senhora não os lêem certamente, porque lh'o vedam, além de mil outras razões, o amôr e devoção que professam á Virgem Immaculada.

ARQUIVANDO

Continuando a transcrever o que os jornaes disseram a seguir ás Aparições, cabe hoje a vez a uma carta do conhecido lente da Universidade Dr. Gonçalo X d'Almeida Garrett, ha pouco falecido:

«A veracidade das aparições sobrenaturaes em Fátima, deve ser tratada e discutida em bases novas, sem dependencia da acção nervosa do organismo humano. Convem assim nos tempos presentes.

Concorram todos a Fátima, para de seu proprio criterio, ver e observar os factos surprehendentes que ali se estão manifestando actualmente.

Nem decorridos são dois anos, desde 13 de Outubro de 1917, dia tão memoravel para o paiz inteiro. Como por encanto, já foi levantada, junto á asinheira de benção, uma devota capelinha, com a invocação da Virgem do Rosário.

Ali é extraordinaria a concorrencia de pessôas, com fervorosas preces, em cumprimento d'um voto, ou por graças alcançadas.

Em Fátima tem havido fenomenos singularissimos, de ordem superior, independentes da nossa vontade, imaginação ou reacção do nervosismo humano, os quaes são enexplicaveis á face da sciencia. Foram observados por muitas centenas de pessôas, de todas as cathegorias. Não devem por isso ficar no olvido, pela sua grande importancia na determinação do verdadeiro caracter da natureza de taes manifestações.

No dia 13 de maio de 1917, pouco depois do meio dia, em Fátima, esta-

vam sentadas tres inocentes creanças do campo e sem instrução, junto d'uma viridente asinheira.

De repente viram, entre os seus ramos, uma Imagem de Senhora, que lhes disse ser a Senhora do Rosário.

Anunciou e prometeu voltar de novo, ao mesmo local e á mesma hora, nos dias 13 dos mezes de maio (Conceição), a outubro (Rosário). Mas prometeu dar signaes extraordinarios e miraculosos da sua presença, n'esses dias, a todos os presentes.

Eram ao todo 6 aparições incluindo a primeira. Ordenou ás creanças, que tambem voltassem e fizessem que ali fossem outras pessôas resar.

Em confirmação da veracidade d'esta primeira aparição, dá-se a circunscia extraordinaria e pasmosa de duas prophecias.

1.º Disse que havia de voltar a manifestar-se ás creanças nos dias anunciados; 2.º Que daria signaes extraordinarios, superiores, evidentes, de sua presença entre os ramos da asinheira abençoada.

Nos dias e hora previamente designados pela aparição, chegavam pontualmente ao local as tres creanças. Logo que a Jacinta, a mais velha, proferia as palavras: — Ela ahi vem — elevava-se da terra ao Ceu, junto da pequena asinheira, uma suave nuvem de fumo, similhante á do incenso.

Este phenomeno foi visto e observado distinctamente, pelas pessôas atentas e circumspectas, todos os 5 dias, no momento de se realisarem as aparições, nas horas previamente marcadas.

No dia 13 de Agosto era já numerosissima a concorrencia de pessôas de muitos pontos do paiz.

A autoridade, julgando reduzir o grande concurso e causar desilusões nas pessôas crentes, levou para longe as tres creanças, declarando falsamente aos paes que ela propria as conduziria á carrasqueira. Algum tempo antes do momento prefixo e conhecido, chegou ao local a noticia de que as creanças estavam detidas pela autoridade, valendo-lhe a distancia para se não fazer logo a justiça devida.

Para confusão dos incredulos, as manifestações extraordinarias foram evidentes, no mez de agosto, em confirmação de presença do sobrenatural em Fátima, junto á viridente asinheira. No momento preciso, levantou-se uma nuvem de fumo, mais intensa, em fórma de corôa rosada formosissima, subindo mais alto ao Ceu e por trez vezes.

Ficou assim plenamente confirmada a aparição d'este mez, apesar da ausencia das creanças.

Completaram-se todas as manifestações da nuvem de fumo em Fátima, as quaes haviam sido, com antecedencia, anunciadas pelas creanças, segundo a prophecia da Virgem do Rosário.

A todas as aparições correspondeu sempre, junto da asinheira, a manifestação externa d'uma nuvem de fumo.

E' porém de necessidade absoluta verificar que não ha memoria, de se ter dado em Fátima phenomeno algum conhecido, meterologico ou geologico, analogo á manifestação da nuvem de fumo, subindo da terra ao Ceu, junto á carrasqueira de benção.

Desde os tempos mais remotos até 13 de maio de 1917, em que se deu a primeira manifestação ás creanças, não ha memoria de se ter dado, em Fátima, phenomeno semelhante da nuvem de fumo, nem mesmo depois da ultima manifestação memoravel do dia 13 de Outubro. Semelhantemente, no periodo de 13 de maio a 13 de Outubro, nada houve, com excepção dos dias com antecedencia designados pelas creanças.

Nos repetidos e rigorosos inqueritos a que teem sido sujeitas as inocentes creanças, sem instrução alguma, declaram firmemente e sem hesitar que era a Virgem do Rosário, ordenando que elas fossem, muitas vezes, rezar o Rosário, e que toda a gente concorresse a esta devoção tão abençoada.

A's aparições anunciadas tem correspondido sempre o cumprimento prophetico da manifestação externa d'uma nuvem de fumo.

Esta uniforme coincidencia, junto á ramagem da viridente asinheira, mas sómente durante os dias previamente anunciados e horas certissimas, parecendo de pouca importancia, é um phenomeno assombroso, de ordem superior, do qual não se deduz explicação alguma plausivel de ordem natural.

Com os meus limitados estudos e conhecimentos não sei desvendar o mysterio, á face da sciencia, mas tão sómente da razão divina. Seja embora a manifestação do fumo, produzida por uma combustão incompleta, uma evaporação ou reacção chimica, em que não tem imperio o systema nervoso ou nervosismo humano.

Breves linhas para elucidar duvidas d'algum espirito meticuloso.

No dia sempre memoravel e extraordinario de 13 de Outubro de 1917, concorreram a Fátima mais de cem mil pessôas de todas as categorias sociaes e de muitos logares do paiz.

Logo depois d'esta aparição, a creança Jacinta declarou a muitas pessôas que a Virgem do Rosario lhe dissera, acerca da guerra europeia, o seguinte:

— A guerra acabou hoje.

A palavra hoje não designa em portuguez classico, sómente «vinte e quatro horas». Basta recorrer á phrase vernacula dos melhores autores: — hoje há uns costumes, ámanhã outros.

Com venia da ex.ma S.a D. Magdalena Patricio, menciono a sua tão mimosa correspondencia relativamente a Fátima, na qual comprova, com verdade, haver a guerra terminado um ano certo depois de 13 de Outubro de 1917, entendendo-se como fim da guerra a assignatura do armisticio.

E' tudo maravilhoso e muito sem explicação natural o que se passou nos diversos phenomenos manifestados junto d'uma singela vergontea de asinheira.

Castelo Branco, 27 de Setembro de 1917.

Dr. Gonçalo X. d'Almeida Garrett.

Voz da Fátima

Despezas

Tranporte	48.555:600
Impressão do num. 45 (35:000 exemplares) .	782:000
Impressão de cintas . . .	30:000
Expediente e outras despezas	160:000
Soma . .	49.527:600

Subscripção

(Novembro e Dezembro de 1925)

Albano Correia Rijo, 10:000; D. Maria José de Brito e Cunha, 10:000; Joaquim Pereira, 10:000; Condessa de Nova Goa, 50:000; Domingos José Capete, 10:000; D. Deolinda Carmelo, 10:000; D. Barata Rodrigues (de jornais), 35:500; D. Filomena Mesquita (de jornais) 48:000; Dr. Tomaz Gabriel Ribeiro (de jornais) 10:000; Dr. Jeronimo Sampaio, 10:000; D. Adelina Queiroz Caldeira, 10:000; D. Maria Rosa Barbosa Falcão, 10:000; D. Maria Joaquina Barbosa Falcão, 10:000; D. Joaquina Maria Barbosa Falcão, 15:000; A. A. Falcão de Oliveira, 15:000; D. Albertina dos Santos Silva, 10:000; Luiz Pinto d'Aguiar, 10:000; Antonio Pereira Lopes, 10:000; D. Maria de Jesus d'Oriol Pena, 10:000; Antonio Duarte Dias, 12:500; D. Maria da Conceição Alcantara Matheus, 10:000; D. Ana Corrente Soares, 10:000; D. Rita Novo, 15:000; D. Angelina Gordo Mimoso, 10:000; Ignacio de Moura Coutinho da Silveira Montenegro, 20:000; Padre Luiz Caetano Portela, 10:000; Padre José de Ceiça, 10:000; D. Maria Almeida, 15:000; Mousenhor Ramos Cruz. 12:000; D. José Belmonte, 10:000; Antonio Rodrigues da Bela, 20:000; José Fernandes, 10:000; Padre Antonio Alves Pereira, 10:000; D. Candida Clementina de Sá, 10:000; D. Anna Santos Mauricio, 15:000; D. Joaquina Lopes Brigido, 10:000; Manuel J. da Trindade, 10:000; D. Luiza Emilia Pimenta de Nobrega, 10:000; D. Ana d'Oliveira, 10:000; D. Veridiana Maria Carneiro, 10:500; D. Joana Soares da Mota, 10:000; D. Florentina Antunes Andrade, 10:000; D. Gertrudes da Silva Nunes, 10:000; João da Silva Moutela, 15:000; De jornais, etc: — D. Celeste Maria de Souza, 12:000; D. Conceição Ramiro Serra, 5:000; Luciano Leandro Pires, 38:500; Josefa de Jesus, 76:250; D. Maria das Dores Tavares de Souza, 168:500; D. Zulmira da Mota Galhardo, 48:700; D. Maria Sena Martins, 60:000; D. Maria Amalia Antunes de Moraes, 10:000; José Victorino de Carvalho, 10:000; Jacinto Fernandes Nunes, 10:000; D. Izabel Ribeiro da Costa, 10:000; D. Virginia Coelho Pote, 10:000; D. Herculana Sales, 10:000; D. Arminda Dias de Sá, 10:000; Antonio Gomes, 10:000; D. Maria Augusta de Almeida Pinto, 10:000; D. Gertrudes Rego Cordeiro, 10:000; D. Ignacia Soares Gomes, 10:000; Manuel Duarte Ortigoso, 10:000; José Maria de Faria, 10:000; João Maria de Souza, 10:000; D. Maria José de Napoles Reposo; 10:000; D. Joana do Rosario Silva Simões, 10:000; M. Ana Gonçalves Carrelo, 10:000; D Hortensia de Mello Lemos e Menezes, 15:000.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano IV LEIRIA, 13 de Setembro de 1926 N.º 48

A VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima
(13 de Agosto de 1926)

A prisão dos videntes

FAZ hoje precisamente nove annos que a autoridade administrativa de Villa Nova de Ourem iniciou uma série de medidas violentas e arbitrarias no intuito de pôr termo ás manifestações religiosas de Fátima.

A primeira violencia commetida foi a prisão dos trez humildes videntes effectuada pessoalmente pelo administrador do concelho que, recorrendo a um habil estratagema, se apoderou das pobres creanças, conduzindo-as para a séde do concelho na *charrete* que guiava e conservando-as ahi detidas na sua própria residencia, durante alguns dias.

Essa scena, inedita e imprevista, passou-se, com a rapidez fulminante dum relampago, poucos momentos antes da hora das aparições, quando uma multidão de muitos milhares de pessôas já se agglomerava na Cova da Iria, aguardando a chegada dos videntes.

Estes, apésar de submetidos a varios interrogatorios e ameaçados com os castigos mais horriveis que se pódem imaginar, mantiveram constantemente, com uma firmeza e tranquillidade inaudita, as suas afirmações anteriores, sem se desdizerem, sem cahirem em contradicção e sem revelarem, como pretendia a auctoridade, o segredo intimo que a Virgem Santissima lhes tinha confiado.

Contudo, estas e outras medidas, adoptadas pela autoridade administrativa, longe de conseguirem realizar o seu objectivo, fizeram realçar ainda mais os sucessos maravilhosos da Lourdes portugueza, levando o conhecimento delles até aos recantos mais longinquos de Portugal.

Os scouts catholicos

Como anunciaram os jornaes, o Corpo Nacional de Scouts de Portugal, comemorando a data historica da batalha de Aljubarrota, resolveu realisar o seu primeiro acampamento nacional no proprio sitio onde foi praticado esse assombroso feito de armas, que firmou a nossa independencia. Simultâneamente, por iniciativa do Veneravel Bispo de Leiria, o ex.mo e rev.mo Senhor D. José Alves Correia da Silva, celebraram-se no grandioso e historico templo da Batalha solenissimas homenagens ao Santo Condestavel, Dom Nuno Alvares Pereira, em que prégou o ilustre Primaz das Hespanhas e a que assistiram os escoteiros, e inaugurou-se o culto do Beato Nuno de Santa Maria na capela de S. Jorge, a trez kilometros da Batalha, no proprio local onde esteve içada a bandeira das quinas durante a batalha de Aljubarrota.

Todas as regiões do norte do paiz enviaram ao acampamento de S. Jorge delegados dos seus grupos de escoteiros. Um grande numero destes aproveitaram a circunstancia de se encontrarem proximo de Fatima para irem ali em piedosa romagem levar o preito da sua devoção aos pés da augusta Virgem do Rosario. Alguns adquiriram nos locaes de venda, situados á beira da estrada, diversos objectos de piedade, terços, cruzes, medalhas e outras recordações de Fátima, para oferecerem ás pessôas de suas familias, aos seus amigos e conhecidos. Outros enchiam recipientes com agua da fonte miraculosa ou aguardavam pacientemente a sua vez de tocarem com objectos religiosos na branca estatua da Virgem, exposta á veneração dos fieis na capela das aparições.

Outros finalmente assistiam com edificante devoção ás missas que se celebram nos altares da capela nova, rezando pelos enfermos e decerto tambem pelas pessôas de familia e pelos amigos ausentes.

A multidão engrossa cada vez mais. E' quasi meio dia solar.

A estatua da Virgem é conduzida aos hombros dos escoteiros para a capela nova no meio de acclamações e de canticos.

Tudo se prepara para o acto mais solenne das commemorações deste dia — a missa official, a missa dos doentes.

A missa dos doentes

Cantado o Symbolo dos Apostolos por um côro formado pelos ecclesiasticos presentes — sacerdotes e seminaristas — principia a missa dos enfermos. Ao mesmo tempo, do alto do pulpito collocado numa das estremidades da capella, o dr. Marques dos Santos dá começo á recitação do terço em comum. O silencio torna-se mais profundo. O contacto mysterioso entre a terra e o Ceu é agora mais intimo. Os pobres enfermos ajoelhados aos pés da estatua da Virgem ou deitados em colchões, supplicam a suspirada cura ou algum lenitivo e conforto para os males de que padecem.

E sôbre as suas almas parece realmente descer das mãos de Maria o balsamo da consolação, porque nos seus rostos desenha se uma serenidade admiravel e brilha uma alegria divina. No momento solemne da elevação toda aquella mole immensa de povo curva a fronte adorando Jesus no seu Sacramento de amôr. E um lindo cantico religioso irrompe de milhares de peitos, numa ardente explosão de Fé, enchendo todos os corações dum encanto suavissimo, duma alegria serena e profunda e duma ternura nova, verdadeiramente celestial. E' agora o momento da Communhão. Ainda algumas pessôas recebem o Pão dos Anjos. Acaba a missa. Segue-se a benção dos enfermos. Extraordinariamente tocante como sempre, esta cerimonia tem o condão de sensibilizar os corações mais duros e indifferentes. Muitos olhos estavam marejados de lagrimas. Cantado o *Tantum ergo*, dá se a benção com o Santissimo a todo o povo. Instante inolvidavel em que tantos milhares de almas, imersas no mais profundo recolhimento, rendem a homenagem sentida da sua adoração e do seu amôr ao Deus escondido por amôr na santissima e augustissima Eucharistia.

As allocuções

Depois da benção geral sóbe ao pulpito o rev. conego dr. Avelino Gonçalves, inspector-mór do Corpo Nacional de Scouts, que, em breves palavras, falla das glorias de Maria e do sanctuario da sua eleição. Orga-

nisa-se em seguida o cortejo que reconduz, com o cerimonial do costume, a estatua da Virgem para a capella das apparições. O enthusiasmo da multidão, que acompanha o cortejo, resando e cantando, attinge as raias do delirio, quando a veneranda imagem é collocada sôbre o seu pedestal, erguido no proprio sitio em que estava a azinheira sagrada, de que hoje restam apenas algumas raizes. E' então que, dominado tambem por um grande enthusiasmo, o rev. Manuel Dias da Costa, parocho de Cête, profere uma allocução, breve mas eloquente, que commove e arrebata o auditorio.

E assim terminaram as cerimonias religiosas deste dia — dia de gloria para a Virgem, dia de lenitivo e consolação para os doentes, dia de graças e bençãos para os devotos peregrinos de Fátima.

Visconde de Montello

As curas de Fátima

Entre as muitas dezenas de cartas que temos recebido relatando graças, publicamos hoje, quasi á sorte, as seguintes:

«Fermelã (Estarreja), 3/5/926.

Rev.mo Sr.

Cumprindo um dever e uma promessa que fiz a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, apresso me a enviar a V. esta minha carta.

Depois de 14 de fevereiro ultimo senti me enfraquecer dia a dia. Consultei o médico e ele mandou me estar de cama um mez, devido á doença que tinha no utero. Em 21 do mesmo mez, fui obrigada a ir para a cama com uma forte hemorragia de sangue, que me acabou de enfraquecer por completo. Passados dois mezes, e quando vi que já não havia medicamento algum que me valesse na minha tão grande aflição, implorei a Virgem Santissima que me protegesse com o seu santo auxilio na minha doença que era bastante grave. Pedi lhe entre lagrimas e soluços que me melhorasse dentro do mez, que iria no mez seguinte á Fátima aos pés da Virgem Nossa Senhora, confessar me e comungar, mandar-lhe lá dizer uma Missa, dar-lhe 13 velas e um donativo para o seu culto. Pedi-lhe e resei lhe com tanta devoção que Nossa Senhora se compadeceu de mim e dos que me rodeavam de noite e dia. Passados alguns dias comecei me a sentir melhor, e passado pouco tempo já me pude levantar, embora com poucas forças, mas muito melhor. Posso dizer que estou bôa, apezar de todos me julgarem perdida. A quem devo mais alguns dias de vida é a Nossa Senhora, pois foi Ela quem me melhorou.

Espero que Ela me dê forças suficientes para no dia 13 proximo ir cumprir a minha promessa.

Com toda a consideração, etc.

Zulmira Salgado Freire

Tendo tido meu filho Manuel Lencart da Fonseca e Silva aos 6 anos de idade a coqueluche, e tendo a tósse causado nma hernia, tentei todos os meios para o curar, usando fundas, ligas, etc., mas tudo foi em vão. Ao fim de seis anos essa hernia aumentou, e resolvi consultar o médico, que aconselhou uma operação, dizendo ser o unico meio de cura.

Como me custasse muito ver meu filho ser operado, resolvi com ele fazer a promessa á Virgem Nossa Senhora do Rosario de Fátima no dia 13 de outubro de 1923, de ir visita-la se ele se curasse sem ser operado. Em poucos mezes meu filho ficou radicalmente curado, e no dia 13 de junho de 1925 fui com ele, meu marido e filhos, á Fátima em cumprimento da minha promessa.

Arminda Lencart da Fonseca e Silva

Sumamente reconhecido a N. Senhora do Rosario da Fátima pelas melhoras e restabelecimento duma pertinaz doença da bexiga e prostata, que atribuo a ter bebido por varias vezes agua milagrosa da Sua fonte da Cova da Iria, vendo me assim livre daquele grande incomodo sem precisar fazer operações, a qual, na opinião dum dos médicos que me observou, era indispensavel,—venho tornar publica esta grande graça e milagre, que devo a N. Senhora da Fátima, a quem não cesso de dar infinitas graças. Peço a V. Rev.ª o obsequio de fazer publicar no nosso querido jornal a «Voz da Fátima» mais esta cura milagrosa, pois desejo contribuir assim, para espalhar e afervorar a devoção de Nossa Senhora do Rosario da Fatima.

De V. Rev.ª

Mt.º At.º Ven.cr e Obg.mo

Ignacio M. C. da Silveira Montenegro

Lisboa, 12 11 925.

Largo da Graça, 107 2.º

Nucleos de Servos e Servas de Maria

Tendo nos sido pedida a agregação de nucleos de servos e servas de Maria, doutras Dioceses, ás piedosas Associações de Caridade que instituimos nesta Diocese de Leiria com o fim principal de auxiliar os doentes e peregrinos á Fátima, Nós, louvando o zelo de tantas bôas almas pela expansão do culto da Virgem Santissima, declaramos o seguinte:

1.º — Só serão agregados os nucleos que tiverem aprovação dos Ex.mos Prelados respectivos;

2.º — Cada nucleo acompanha os seus doentinhos prestando-lhes os seus serviços caridosos e sempre desinteressados, mas na Fátima ficam todos debaixo da direcção da pessôa nomeada pelo Prelado de Leiria para dirigir os trabalhos e cerimonias;

3.º—Cada nucleo deve ter um sinal proprio, embora use os mesmos distintivos dos Servitas e Servitas de Fátima;

4.º — Lembramos aos Rev. capelães e directores dos nucleos: *a)* que sejam muito escrupulosos na escolha de pessôas, atendendo não á quantidade mas á qualidade; *b)* á necessidade do estudo de enfermagem prática para melhor poderem prestar os seus serviços d'assistencia aos doentinhos.

Leiria, 8 de Setembro de 1926.

† *José, Bispo de Leiria*

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	4.540:600
Antonio Antunes (Lourenço Marques).	50:000
Soma . . .	4 590:600

Tres Graças

Narrativa duma enfermeira

— E' assim, me diz a enfermeira a quem eu pedia as suas impressões, nós temos ás vezes tarefas bem penosas e trabalhos bem rudes. Quem quer dedicar se tem muita occasião, coisas muitas vezes custosas mas sempre consoladoras.

Ao lado do sacrificio, a Santissima Virgem colocou a alegria.

Se os olhos vêem com revolta tão tristes e repugnantes miserias do corpo, a alma tem visões tão belas que se pensa que não se paga nunca devidamente o sofrimento de vêr sofrer. Vi eu um dia, na sala onde me esforço em servir com todo o meu coração, a synthese de graças escolhidas com que a dôce Mãe se compraz de cumular as dôres cá de baixo.

Tinham nos chegado naquele dia tres grandes doentes, ali deitados em leitos visinhos:

Uma rapariga, duma beleza de encantar, a quem a tuberculose pulmonar, no ultimo grau, ia acabar de matar.

Uma mulher de trinta annos, de rosto vincado pelas atrozes dôres de um tumor interno incuravel.

Uma terceira, cujos olhares de desespero deixavam ver o desalento profundo, o cançaço de viver e ao mesmo tempo um mêdo imenso de morrer; revoltada contra Deus, rebelde a todo o pensamento de resignação e recusando-se resar.

As minhas companheiras e eu assistimos a essas trez infelizes com uma infinita piedade, implorando secretamente para cada uma a melhor graça: o ceu? a cura? a resignação?

Não sabiamos, mas, com o coração cheio de esperança, pediamos no entanto á Virgem que nos ouvisse e concedesse ás trez doentes o que nós desejariamos ás trez: o dom que fôsse mais proveitoso ás suas almas, escolhido por Ella.

*

Na tarde desse primeiro dia a pequena tuberculosa pediu-me que fôsse ao pé della.

Ouvi a sua pobre voz, esgotada, tão baixa que mais parecia um murmurio longinquo.

Cada palavra, que parecia rasgar-lhe a garganta, revelava na sua ex-

pressão dolorosa uma singular energia.

— Senhora, eu queria dizer-lhe um segredo, um grande segredo.

Aproximei-me melhor e emquanto o coração batia com grande emoção, escutava com recolhimento a preciosa confidencia.

— Olhe cá: não lhe parece que é inutil... e perigoso para mim, pedir a minha cura?

Inutil? Perigoso? Eu a olhava com a ternura com que olharia filhos meus em momentos de angustia.

— Inutil e perigoso porquê, minha filhinha?

— Porque a vida é nada e eu tenho mêdo de não me servir d'ella como devia. Curar, para mim, seria retomar o modo de vida anterior, ir para a fabrica, para o *atelier*, onde Deus é esquecido e desconhecido.

Se soubesse como eu lá sofri . . . e que tentações e perigos todos os dias . . .

Não lhe parece que seria melhor . . ?

Ella não pronunciou a palavra terrivel que estava a saltar dos seus labios. E' que a juventude, mesmo condemnada, revolta se ao pensar no grande sacrificio e é necessaria uma graça muito poderosa para o aceitar sem fraqueza.

Ella calava se mas os seus grandes olhos, tão bellos, se fixavam nos meus em procura d'uma resposta.

Palida e magra, o seu rosto guardava ainda um reflexo magnifico duma beleza delicada e encantadora.

Com saude, esta creança atrairia para si os olhares e, sem duvida, suscitaria admiração. Temia o perigo de ser linda.

E comprehendendo tão bem a vaidade perigosa de possuir esse bem, fragil e temivel, não era já a prova de que Nossa Senhora queria arrancal-a ás misérias do mundo para guardar sem murchar a flôr d'esta virtude candida?

Agarrou-me a mão e apertando-a na sua, que ardia em febre, repetiu: não é melhor . . .?

Eu hesitava ainda em responder, sentindo que esta palavra só, tão dura de dizer mas necessaria, fixaria a sua resolução. Chamei a Santa Virgem em meu auxilio e, depois, comprehendendo o grande e doloroso dever, apoiei a sua linda cabeça contra o meu coração:

— Sim . . . sim, minha querida, é melhor . . .

Ella teve um ligeiro estremecimento e ouvi lhe depois esta palavra: «obrigada.»

Foi a ultima. Duas horas depois, com os olhos fixos no crucifixo que eu tinha na sua frente, a minha doentinha de dezenove annos, dava o seu ultimo suspiro.

*

«A outra, aquela a quem um mal terrivel torturava e cujos sofrimentos exacerbados davam ao seu rosto uma expressão quasi hedionda, viu morrer a sua companheira.

Apesar de reclamar do ceu a sua cura, resignada no entanto e confiante, tendo augmentado a sua fé naquella terrivel prova, invejava a sorte da primeira e pensava:

— Ella é feliz agora . . . Oh! Se eu pudesse, eu tambem . . . mas não, seja como e quando Deus quizer.

Renuncia sublime!

Desejava a morte mas sentia-se bastante forte e generosa para esperar a hora e fazer homenagem ao Mestre da sua heroica paciencia.

A noite foi medonha. O corpo supliciado agitava-se em sobresaltos desordenados apesar dos calmantes energicos e do torpor inconsciente que elles causam.

«No dia seguinte, quando a levaram ás Piscinas, muitos pensavam vêr um cadaver.

— Não voltâmos a vê-la viva. Deus vai leval-a.

A's dez horas, um sussurro correu pelo hospital e se converteu em alegre rumor:

— A moribunda está curada!

Quando, levada ainda sôbre a maca, ella penetrou na sala, tivemos a visão estranha e desconcertante duma resurreição. Levantou-se da sua cama, olhos ainda deslumbrados, olhando o seu leito de dôr e murmurando:

— E' realmente verdade que estou curada!

Então, numa resolução vigorosa, ajoelhou se perto da morta e levantando se como para unir a graça da sua cura á dap redestinada, beijou, a soluçar, a testa da sua ditosa amiga, dizendo: fôste tu, fôste tu que tiveste a melhor parte.

*

«Sem nada dizer, mas atenta a esta scena comovente, a terceira, a revoltada, a que se recusava orar, conservava os olhos fixos na viva e na morta.

Deante da Gruta, ella recusára-se sempre a unir os seus prantos aos dos outros que imploravam de N. Senhora a melhor graça, o favor desconhecido, o que é mais util e que se obtem sempre.

Agora, sem saber ainda se devia maldizer a sua sorte, esquecer ou aceitar o seu amargôr, a desesperada não podia afastar os olhos das suas duas irmãs na miseria, que acabaram de ser atendidas, cada uma segundo o seu desejo.

— E eu, pensava ella na sua perturbação, que é que eu posso receber se não pedi nada?

A «miraculada» tendo contemplado por muito tempo a sua companheira defunta, de mãos juntas, na grande paz eterna, aproxima se de mãos estendidas e sorridente, da desesperada dizendo:

— Ah! minha amiga . . . minha irmã . . . como eu queria que tambem tu . . .

Os votos da sua caridade paterna terminaram em um beijo.

O orgulho tentou ainda resistir.

— Eu! Oh! eu, eu não quero nada . . . a Virgem não me conhece . . . sou uma abandonada . . .

— Não há aqui abandonadas; não ha senão corações sofrendo, corações em aflição, que a Bôa Mãe sabe sempre consolar . . . sempre . . . sempre!

A obstinada quiz ainda resistir:

— E' muito tarde, diz ella sumidamente, já não espero soccorro algum.

A curada protesta:

— Não, não, nunca é tarde demais. Depois, pondo a sua mão sôbre a fronte humida:

— **Ella** é tão bôa! tão bôa!

Um silencio. Os olhos fechados da enferma velavam o seu pensamento.

Repentinamente abriram-se brilhantes, com uma luz nova que denunciava a alegria.

E os seus labios pronunciavam lentamente:

— Então, então que seja feita a sua vontade . . .

(Do Echo de Lourdes de 23-VII-1926).

A Conversão de Herodes e Pilatos

Foi durante a grande revolução francesa. O caso passou-se nas costas da Bretanha, entre Pontorson e Saint-Brieuc.

Um velho *lobo* do mar, com cara de poucos amigos, estava deitado no seu leito e parecia sofrer enormemente.

Nisto chega um dos seus companheiros, um outro velho barbaças, que não tinha melhor catadura. Da mesma edade, mesmos gôstos, mesmo oficio, tinham vivido sempre juntos sem nunca se terem separado.

Quando se via um, era certo que o outro não estava longe. De tal sorte que um empregado enviado lá pelo governador da Bretanha lhes chamou Orestes e Pilades.

Os que ouviram esta alcunha foram-na repetindo mas alterando-a.

Dentro em pouco os dois marinheiros eram conhecidos pelos nomes de *Herodes* e *Pilatos*.

Herodes adoeceu. Pilatos sacudiu na lareira a cinza do cachimbo e diz ao companheiro: sabes que falei com o médico que te veio vêr?

— E então (perguntou o doente)?

Diz que antes de dois dias, te irão levar a carcassa ao cemiterio.

Mas, isso é verdade?

— E'. Disse elle que o quartel foi atacado e que tu vás engulir a isca.

— O' meu amigo, salva me, replicou o moribundo a tremer. — Impossivel, diz o outro. Tens mêdo de morrer? Verdade é que, com a vida que tens levado, não estás grande coisa preparado para aparecer deante do Grande Almirante! . . E Pilatos passeiava pela casa, a passos largos, pensativo, emquanto Herodes se agita convulsivamente debaixo das mantas.

Dois bons lobos do mar, nós homens, mas dois desgraçados christãos.

Tinham sido baptisados, tinham feito a sua primeira comunhão, mas depois andaram na vida airada pelo mundo fóra, por onde deixaram a innocencia e a fé. Voltando á terra no momento da Revolução, puzeram-se á frente de alguns patiforios para aterrorisar os seus compatriotas. Os sacerdotes não estavam em maré de rosas sob tal regimen. Andavam á caça d'elles e desgraçado o que lhes caisse nas unhas!

O doente deu subitamente um grito: tenho mêdo, tenho mêdo!

— Mêdo de quê? — Do inferno.— Não tenhas duvida, meu pobre amigo, pelo caminho que isto leva não tardas lá, e confessa que o mereceste bem.

— Oh meu amigo, tem dó de mim...

— Mas que queres tu que eu faça (diz Pilatos encolhendo os hombros)?

Faz vir aqui um sacerdote, replicou Herodes arquejante, de olhos esbugalhados...

Pilatos parou a comtempla-lo... O seu olhar exprime a piedade, a ironia, a admiração...

Um padre, dizes tu, mas onde queres que eu vá pescal-o?

— Vae me procurar o Sr. Reitor. Mas não te lembras que o entregámos ás autoridades e que foi guilhotinado?

— E' verdade, diz o moribundo, palido de terror.

— Então chama o Sr. Vigariol—Foi fusilado — Ah! meu Deus, já me não lembrava. Fui eu que o denunciei aos assassinos.

— Chama o Sr. Reitor de Pontorson.—Fizestel-o deportar para Cayena...

O doente contorce-se de desespero sôbre o leito... Dá gritos como uma féra, estende os braços como que para repelir um inimigo invisivel.

—Oh! meu amigo, tem dó de mim. Diz me se é possivel obter perdão.

— Que queres tu que eu te diga? Eu sou um desgraçado como tu e não tarda que me vá juntar comtigo em casa do diabo. Não temos mais que resignarmo-nos.

— Olha, vae para lá tu á tua vontade, se te apetece. Eu é que não posso resignar me com a ideia de sofrer eternamente. Estou a pensar naquelle religioso expulso do seu convento e que se refugiou na quinta do Moinho Grande e pede-lhe que me venha vêr.

— O mal faz-te perder a memoria! Ha quinze dias que nós o encontramos disfarçado em guarda fiscal. Não podia escapar-se. — Déste-lhe uma paulada e atirastel-o ao mar. Pobre homem! Estou ainda a ouvir os seus gritos lancinantes. Lá o deixámos a debater se nas ondas. Que grandes canalhas que nós somos!..

Herodes tremia... Era medonho olhar para ele, os dentes batiam e os cabelos hirtos na cabeça...

De repente abre-se a porta. O moribundo olha... e os seus olhos exprimem um terror immenso.

O proprio Pilatos recua espantado. O religioso (diz elle) a nossa ultima victima!

Não tenham mêdo, replicou esta; Não venho vingar me. No outro dia a Santissima Virgem enviou me um salvador na pessôa de um bravo marinheiro. Soube que um de vós estava muito doente e aqui estou. Quereis lavar a vossa alma por uma bôa confissão, antes de aparecer deante de Deus?...

Herodes chorava... Fez o que tinha a fazer. Narrou áquelle que elle quiz matar, as vilanias da sua vida miseravel e recebeu o perdão.

Quando acabou estava transfigurado.

— Agora tu, diz elle a Pilatos, avia-te e aproveita a ocasião. Hoje tens saude, mas quem sabe se ámanhã não estarás como eu á beira da cova?

Pilatos tinha sido bem sacudido e agitado para poder resistir. Joelhou aos pés do sacerdote e reconciliou-se com Deus...

Meus bons amigos, lhes disse o sacerdote depois de terminada a sua tarefa, tendes cometido muitos crimes mas, com certeza, tendes tambem feito alguma acção meritoria que vos ajudou a obter a misericordia de Deus...

Os dois homens entreolharam-se... porque se teem alguma acção bôa pela vida fóra, não se lembram.

Subitamente Pilatos bate na testa: —Diz bem, Padre, diz ele. Por mais descrentes que fossemos, temos, no entanto, tido sempre um certo respeito pela Santissima Virgem. Nunca a insultámos e até, de tempos a tempos lhe dirigiamos qualquer oração, restos ainda da nossa infancia... Alem d'isso, ajuntou ele em ar misterioso e abrindo um velho bahú: olhe.

—Mas, diz o sacerdote cheio de surpreza, isso é a imagem de Nossa Senhora das Ondas, da capela da Rocha Negra! Pensava se que tivesse sido destruida.

—Efectivamente quizeram queima-la mas nós salvamol a.

Emquanto o meu camarada foi pagar uma pinga á malta, eu levei a imagem e ei-la aqui.

—E esta bôa Mãe pagou-vos beneficio com beneficio.

Sede Lhe reconhecidos.

* * *

No dia seguinte dizia se Missa no quarto de Herodes a que Pilatos ajudava, mais os menos liturgicamente.

Sobre uma mêsa que servia de altar, Nossa Senhora das Ondas presidia á festa. A' noite a alma de Herodes tinha partido para o paraizo.

Voz da Fátima

Despezas

Tranporte	49 527:600
Impressão do num. 47 (30:000 exemplares) .	690:000
Expediente e outras despezas	415:000
80 resmas de papel . . .	3 904:000
Soma . .	54 536:600

Subscripção

(Dezembro de 1925 a Janeiro de 1926)

D. Maria do S. Paiva, 10:000; D. Maria da C. Santos, 10:000; Joaquim Beja, 10:000; D. Deolinda Charters, 10:000; D. Rosa Silva Pereira dos Santos, 15:000. Maximiano A. dos Remedios, 15:000; D. Maria da Gloria Ribeiro d'Almeida Paes, 10:000; Antonio Alves Pequito, 10:000; D. Maria Rosa Ataide, 10:000; José Pereira Cardoso, 10:000; D. Joaquina Preto Chagas, 10:000; D. Delfina de Jesus Venancio, 10:000; Joaquim Urbano, 10:000; D. Maria Alice de Sampaio Ribeiro, 10:000; D. Dulce de Mattos, 10:000. D. Maria Branca d'Abreu Coutinho, 10:000; D. Judith da Silva Lopes, 10:000; D. Maria Correia, 10:000; D. Herminia Nunes de Carvalho, 10:000; D. Maria de Jesus Ribeiro, 10:000; D. Anna de Jesus Luna, 10:000; Antonio Ferreira Soeiro, 10:000; D. Anna Fernandes Potes, 10:000; Comendador Vilas Boas, 10:000; D. Maria Alice Figueira da Silva, 10:00; D. Emilia Correia, 10:000; D. Henriqueta Duarte, 10:000; Pedro João d'Oliveira e Souza, 10:000; D. Julia Rainha, 10:000; Francisco Carlos Alves, 10:000;—De jornaes (Salvaterra e Coruche), 8:500; Leonidio Ribeiro da Costa Santos, 10:000; Manuel Rodrigues Piedade, 20:000; D. Maria Carlota Matos M. de Mancelos Aragão, 10:000; D. Clementina Augusta da Costa, 10:000; Antonio José Pinto, 10:000; Duarte da Costa Teixeira, 10:000; D. Rufina Maria Saventi, 10:000; D. Maria Eugenia Biscaia Relvas, 10:000; D. Margarida Lopes, 10:000; Dr. Joaquim Alves Martins, 10:000; Justina da Nazaré, 10:000; D. Maria das Mercês de Bianchi Coelho Borges, 10:000; D. Eugenia de Vasconcelos Peixoto, 10:000; D. Maria Amelia dos Santos, 10:000; D. Maria Filomena Ribeiro Falcão, 10:000; Roberto dos Santos Carvalho, 10:000; D. Ignacia Soares Gomes, 10:000; Antonio Rodrigues da Bela, 10:000; D. Virginia Matias Serra Campos, 10:000; D. Maria Pereira Lapa, 10:000; Julio Faustino, 10:000; D. Maria Emilia Rangel, 10:000; D. Emilia D. Delgado Torres, 10:000; D. Maria Emilia da Silva Pereira, 10:000; Augusto da Conceição Macedo, 10:000; D. Idalina Rosa da Silva Barros, 10:000; D. Maria Saturnina Meirelles Barriga, 20:000; D. Maria José Tiseco Borges, 10:000; D Emilia Pizarro de Portocarreiro, 10:000; D. Maria José S. Pestana Leão, 10:000; Irmã Maria Tereza de S. José Pestana, 10:000; D. Carolina de Mello e Faro, 10:000; D. Deolinda Coutinho Lobo Alves, 10:000; D. Maria Natario Barata Valerio, 10:000; Carlos da Cunha Gomes, 10:000; D. Trindade Pereira Leitão, 10:000 D. Zulmira Roma Torres, 10:00; Avelino Cerqueira Marques, 10:000; Tenente Manuel Passos Martins, 10:000; P. Domingos Botlido, 10:000; D Serafina Antunes e Sofia das Neves, 10:000; Antonio Dias Falagueiro, 10:000; D. Ermelinda Carneiro Leão 10:000; D. Natalia dos Santos, 10:000; D. Rosa Nogueira de Castro, 10:000; D. Claudina de Souza Sampaio, 10:000; Manuel Martins Moreira Paiva, 50:000; D. Annette Traga Lamares, 5:000; José da Fonseca Souza Andrade, 10:000; D. Margueritte Legum, 20:000; D. Maria de Jesus d'Oliveira Lobo, 10:000; Joaquim da Silva Carvalho Junior, 10:000; Filipe d'Almeida Ramos, 10:000; Pedro Garcia Rodrigues, 10:000; Manuel Marques Morgado, 10:000; D. Marianna Pires, 10:000; D. Maria da Graça Messias, 10:000; João dos Santos, 20:000; Eduardo da Camara Carvalho e Silva 10:00 Conego José Augusto Pereira, 10:000; D. Maria Eugenia Ferreira Verissimo, 10:000; Manuel Pereira Dias, 10:000; D Maria Celestina Alves Machado d'Oliveira, 20:000; Antonio Vieira da Cunha, 10:000; D. Beatriz Vasconcelos e Santos, 10:000; D. Margarida Ventura Ruivo, 10:000; D. Gertrudes Maria Fernandes, 10:000; D. Maria Filipa da Veiga Menezes, 20:000; Vieira & Filhos (Brazil), 20:000; D. Herminia Branco Teixeira de Lencastre, 15:000; D. Maria Angelica d'Almeida, 10:000; D. Maria de Jesus Pinto, 10:000; D. Lucinda Caratão Soromenho, 10:000 D. Perpetua Furtado Pereira dos Reis, 10:000; Maria e Joaquina Diniz Henriques, 10:000; João Mendes Abranches 10:000; D. Maria Eduardo Vasques da Cunha, 10:000; D. Maria José Ribeiro e Carmo, 10:000; D. Maria Eulalia Mendes Barata, 10:000; D. Efigenia da Costa Pinto, 10:000; D. Delmira da Cruz Souza, 10:000.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano V LEIRIA, 13 de Outubro de 1926 N.º 49

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima
(13 de Setembro de 1926)

A romagem

SUAVE e amena, exuberante de luz e côr, e levemente refrescada por uma branda viração do norte, como uma das manhãs mais formosas e encantadoras da quadra primaveril, a manhã do dia 13 de Setembro convidava os devotos de Nossa Senhora da Fátima a fazer mais uma vez a piedosa romagem mensal.

A's quatro horas atravessavamos, com a velocidade de 40 kilometros á hora, as fertilissimas planicies do Ribatejo, em demanda do local bemdito das apparições da Virgem, santificado por tantas e tão extraordinarias graças e bençãos de bem. A' medida que avançamos, vão-nos ficando para traz algumas das povoações mais importantes daquella riquissima região, em que a fé dos nossos antepassados, amortecida tantos anos, mercê de circunstancias várias, começa a despertar-se e a desentranhar-se em fructos salutares de vida christã, graças á devoção a Nossa Senhora da Fatima e á actividade incansavel de zelosos obreiros do Evangelho.

Almeirim, Alpiarça, Chamusca, Golegã, áquella hora ainda immersas no silencio profundo dum somno reparador, deixam no nosso espirito, á sua passagem, a impressão triste e consternadora de povoações extintas, mortas, de vastissimas necropoles, em que por ventura as transformasse de repente um violento e inesperado cataclysmo.

A's oito horas surge, na nossa frente, donairosa e linda, com o seu casario branco e coroada pelo seu desmantelado castelo medieval, a gentil princeza do Almonda, a historica villa de Torres Novas.

Ao longe erguem-se os primeiros contrafortes da serra d'Ayre, em cujo sopé se assentam as humildes aldeias de Pedrogam e Alqueidão, pontos de passagem forçados em direcção á terra sagrada da Fátima para os peregrinos dos sul do paiz, que queiram apreciar da estrada, no cimo da montanha, um dos panoramas mais grandiosos de toda aquella encantadora região.

Depois entra-se em pleno coração da serra. São encostas ingremes e escarpadas, cobertas de matto rachitico e de oliveiras enfezadas, montes e valles aridos e desertos, onde, de longe em longe, se vêem alguns rebanhos de cabras rebuscando as poucas hervas que se levantam com dificuldade entre as pedras soltas e nos interstícios das rochas de marmore e de granito.

Em seguida apparecem o Bairro, Ameixieira, Boleiros e, finalmente, avulta a pequena distancia, no cimo duma collina, a poetica e graciosa povoação de Montelio, d'onde já se avista a egreja parochial de Fatima com a sua torre esguia erguida para as alturas, como o symbolo das préces que evolam continuamente dos peitos dos habitantes crentes e piedosos das quarenta aldeias daquella vasta e populosa freguesia.

No local das aparições

Eis-nos chegados ao local das aparições, vulgarmente denominado a Cova da Iria.

Nessa occasião—são quasi 11 horas — accumulava-se no gigantesco amphitheatro uma multidão enorme de muitos milhares de pessôas. Os peregrinos não são tão numerosos como nos mezes precedentes, por causa dos trabalhos agricolas e sobretudo por causa da proximidade do mez de Outubro, em que se realisa a segunda peregrinação nacional, para a qual a maior parte dos devotos gostam de se reservar.

Contra o costume, fóra do dia das grandes peregrinações, predominou desta vez entre os fieis o elemento das classes aristocratica e burgueza.

A estrada districtal está literalmente occupada numa extensão de muitas centenas de metros por vehiculos de toda a especie, que difficultam sobremaneira o transito. Apesar disso continuam a chegar, de momento a momento, camionetes, automoveis e trens, que transportam peregrinos procedentes de todos os pontos do paiz.

O espectaculo, que ao meio dia offerece o local das apparições, é verdadeiramente empolgante. Os peregrinos estão espalhados por toda a vasta extensão do recinto murado, mas concentram-se sobretudo em torno dos trez pontos preferidos: o pavilhão dos doentes, a capella das apparições e a fonte miraculosa.

Os servitas de Torres Novas e os seus auxiliares, sempre indefessos no desempenho da sua nobre e ardua tarefa, conduzem em macas, desde a estrada até ao respectivo pavilhão, os paralyticos e os enfermos em estado grave. As servas de Nossa Senhora do Rosario, envergando as suas batas alvinitentes, solicitas e desveladas como anjos de caridade, prestam os socorros e caridades do seu ministerio a tantas victimas dos numerosos flagellos que affligem a pobre humanidade.

Os escoteiros de Leiria, sob as ordens dos seus chefes, fazem o serviço de ordem, executando rigorosamente a sua *consigne* com zelo, prudencia e abnegação christã.

A inscripção dos doentes

Dirigimo-nos para o posto das verificações médicas. A's portas estacionam alguns escoteiros que regulam o serviço de entrada dos doentes. Graças á especial deferencia de um dos chefes de serviço, o sr. Marquez de Rio Maior, é-nos facultada immediatamente a entrada e poucos momentos depois encontramo-nos numa sala espaçosa, onde um dos médicos do posto, o dr. Pereira Gens, da Batalha, coadjuvado por servos e servas de N.ª Senhora do Rosario, entre as quaes sua gentilissima esposa, examina doentes de ambos os sexos, redigindo breves processos verbaes, e lhes fornece as senhas de ingresso no respectivo pavilhão.

Na occasião em que entramos já estão registados cerca de duzentos enfermos. Deante de nós desfila então uma série longa e interminavel de victimas de todas as miserias humanas. E a todas ellas, o illustre clinico com uma paciencia inexgotavel, acolhe benevolamente, ouvindo com

attenção e interesse a exposição summaria dos males de que padecem. São tuberculosos, cegos, surdos, paralyticos, cancerosos, doentes de mal de Pott e de tantas outras miserias physicas que vão por seu pé ou são levados em macas pelos servitas para junto da capella das missas.

A um canto da sala, jaz prostrado sobre uma cadeira, aguardando a sua vez, um individuo, cujo aspecto revela intenso soffrimento. Bastante novo ainda, exausto de forças, de rosto pallido e emaciado, com todos os symptomas de tuberculose pulmonar, esse pobre farrapo humano inspira, a todos os que o vêem, a mais viva sympathia e a mais profunda commiseração. Approximamo-nos dele e formulamos algumas preguntas. Chama-se Manuel Monteiro de Carvalho e Pinho e móra na Praça das Flores, 165, Porto. Faz parte do grupo de peregrinos da cidade da Virgem, que, em numero de trinta e quatro, vieram visitar em piedosa romagem a sua celeste Padroeira no sanctuario da sua predilecção. Ha quatro annos que soffre da terrivel doença que o reduziu a tão lastimoso estado. Constatando a sua extrema fraqueza, preguntamos-lhe se quere ser transportado em maca para o pavilhão dos doentes. Responde affirmativamente e agradece com effusão. Prevenimos um dos servitas presentes, que vae sem demora buscar uma maca e, auxiliado por um confrade, conduz o enfermo para o pavilhão, logo que o médico, apoz um rapido exame, lhe entrega a desejada senha de ingresso.

Os doentes

São quasi horas da missa dos doentes. O recinto que a estes é reservado está quasi completamente cheio. O estado de alguns delles é bastante grave. Apressamo-nos a colher dos seus labios umas breves informações. Aqui é uma paralytica de Torres Vedras, que soffre ha 8 annos de rheumatismo e que, tendo vindo ha 3 annos a Fátima, obteve sensiveis melhoras. Acolá é uma doente da Marinha Grande que ha 18 mezes se queixa de violentas dôres intestinaes e que havendo consultado numerosos médicos, se sujeitou debalde aos vários tratamentos prescriptos. Mais além é um rapaz, dos Pouzos, de 26 annos de edade, que ha 6 annos, sendo militar e estando de guarda aos prisioneiros allemães internados em Peniche, tomou banho no mar e em seguida commeteu a imprudencia de adormecer sôbre a areia quente da praia, ficando completamente paralytico. Noutra parte é um rapaz de 18 annos, de Lisbôa, atacado, desde os 2 annos de edade, de paralysia e atrophia geral. Depois é um homem de Sanfins do Douro, actualmente morador na capital, que começou ha 2 annos a soffrer de tuberculose pulmonar, tendo-se aggravado o seu estado a partir de Outubro ultimo. E' ainda um cavalheiro das Caldas da Rainha, na 20 annos paralytico e neurasthenico. E', finalmente, o dr. X. tão illustre pelo seu saber como pela sua piedade, que, preso á sua cadeira de paralytico em que é transportado por dois servitas, reza devotadamente o terço, implorando a sua cura, mas santamente resignado á vontade de Deus.

A missa dos doentes

E' 1 hora e trinta e sete minutos. Depois de conduzida processionalmente a estatua de Nossa Senhora do Rosario da capella das Apparições para a capella das missas, os sacerdotes e seminaristas presentes cantam em côro o Credo de Lourdes. Principia em seguida a missa dos doentes. Do alto do pulpito o rev. dr. Marques dos Santos, capellão-director dos Servos de Nossa Senhora do Rosario, dá inicio á recitação do terço, que é feita alternamente com a multidão.

O silencio torna-se mais profundo, o recolhimento é cada vez maior, a devoção intensifica-se. Chega o momento da elevação. A hostia branca e immaculada, em que Jesus encarnou dum modo ineffavel ás mãos do celebrante, por meio das palavras mysteriosas da consagração, como encarnou outrora no seio virginal de Maria Santissima, ergue-se no espaço, entre a terra e o ceu, como victima augusta de expiação dos peccados individuaes e das iniquidades collectivas. Toda aquela mole immensa de fieis ajoelha no pó da charneca e adora profundamente o Filho de Deus occulto sob as Sagradas Especies no seu Sacramento de amôr. Subito um cantico piedoso e commovente irrompe de milhares de boccas em louvor da santissima e augustissima Eucharistia. Continúa a recitação do terço, interrompida pela elevação. Ao *Domine non sum dignus* a multidão inclina-se reverente, depois o celebrante consome as Sagradas Especies e por fim um sacerdote, revestido de sobrepeliz e estola, vem buscar o ciborio de ouro para administrar o Pão dos Anjos áquellas pessôas, que, devidamente confessadas, não tinham tido ensejo de o receber nas missas anteriores.

Terminada a missa, expõe-se o Santissimo Sacramento na riquissima custodia offerecida ha dois annos pela Associação dos Filhos de Maria de Bemfica, e canta-se o *Adoremus*. Depois realiza-se a tocante cerimonia da

Benção dos enfermos

Os paralyticos e os doentes em estado mais grave, que jazem sobre colchões em frente das bancadas do pavilhão, são os primeiros a receber a suspirada benção.

O sacerdote traça com a custodia o signal da cruz sobre cada um daqueles infelizes, cujos olhos, marejados de lagrimas, fixam, numa expressão resignada de dôr e de supplica, a Divina Hostia de Amôr. Entretanto começam-se a fazer invocações, implorando remedio para todas as miserias humanas, lenitivo e conforto para todos os soffrimentos. E a commovente cerimonia que arranca lagrimas, de todos os olhos, continúa a effectuar-se lentamente, de bancada em bancada, de fila em fila, num rythmo cadenciado e grave, dum encanto indefinivel e duma majestade incomparavel.

Já receberam a benção de Jesus-Hostia cêrca de metade dos doentes.

De repente ouve-se um grito. E' o tuberculoso Carvalho e Pinho, aquelle farrapo humano de que acima fallamos, que, depois de receber a benção exclama no auge da alegria:

«Viva Jesus Sacramentado!» E logo a seguir: «Viva o Santissimo Sacramento; estou curado!» A impressão produzida por estas palavras sobre a assistencia é absolutamente indiscreptivel.

Um fremito de commoção percorre toda aquela enorme massa de gente, que se agita como um mar encapellado por subita e furiosa procella.

Dir-se-ia que a impele vigorosamente uma força sobrenatural e invencivel, a que debalde tenta resistir. Todos anhelam ver com os seus proprios olhos, todos querem aproximar-se do feliz mortal que, dizendo-se curado, se proclama por isso mesmo privilegiado da Virgem.

Os sacerdotes e os servitas procuram acalmar o enthusiasmo da multidão, que é facilmente contida pelo respeito devido a Jesus Sacramentado. As lagrimas dos doentes são agora mais abundantes, as suas suplicas mais fervorosas e vehementes e ao mesmo tempo mais viva e mais firme a sua confiança na bondade, na misericordia e no amôr do Divino Mestre, que, passa fazendo o bem, como outrora, durante a sua vida mortal, quando percorria as cidades, vilas e aldeias da Judea, de Samaria e da Galileia. Por fim canta-se o *Tantum ergo* e dá-se a benção geral a toda a assistencia, encerrando-se o Santissimo no Sacrario para ser d'ahi a poucos instantes consumido pelo celebrante da ultima missa do dia.

Segue-se o sermão que foi prégado pelo rev. Dr. João Francisco dos Santos, professor do seminario do Porto.

Os actos officiais da peregrinação concluem com a reconducção da estatua da Virgem bemdita para o seu pedestal, sobre a azinheira sagrada, no venerando padrão commemorativo dos sucessos maravilhosos de 1917, da santa capella das Apparições.

No posto das verificações medicas

São quasi quatro horas da tarde. Dirigimo-nos novamente para o posto das verificações medicas. Na mesma sala, onde algumas horas antes tinhamos visto Carvalho e Pinho num estado que inspirava vivissima compaixão, encontramo-lo agora, alegre e sorridente, rodeado de varias pessôas que o assediam com innumeras preguntas. Interrogamo-lo ácerca do seu estado. Responde que não está completamente curado, como a principio suppunha, mas que experimenta consideraveis melhoras, que atribue á misericordia de Jesus Sacramentado e á intercessão maternal de Maria Santissima. Alguns servitas, no intuito de o livrarem do assédio dos curiosos, cujo numero augmenta cada vez mais, convidam-no a entrar para um dos gabinetes do Posto.

Alli continuamos a interrogá-lo.

Quando nos dizia que tinha um irmão jesuita a fazer os seus estudos na Austria, observámos-lhe que decerto a graça obtida não tinha sido estranha ás orações dessa alma, que generosamente se consagrara ao serviço de Deus no estado religioso, o que elle confirmou com um aceno de cabeça e sorrindo de satisfação.

Passa-se depois uma scena intima altamente emocionante. Trez pessôas da sua familia, que chegam do Porto naquelle instante, entram precipitadamente no quarto e, ao vê-lo tão differente do que era, choram de comoção. Uma dellas abraça-o num pranto desfeito, exclamando: «Ha quatro annos que nunca te vi assim». Carvalho e Pinho reprehende-as amigavelmente, estranhando as lagrimas que derramam. «Ah! — obtempera uma dellas — é que muitas vezes tambem se chóra de alegria!»

Uma cura

De bocca em bocca corre a noticia, que nos chega aos ouvidos, de se ter operado durante a benção do Santissimo uma cura sobremodo interessante. Um nosso amigo, bem informado, assegura-nos que a pessôa que foi objecto dessa cura, humilde creada de servir, está nesse momento no Posto médico.

Depois de a termos procurado em vão, durante algum tempo, vamos encontrá-la noutro gabinete, rodeada de algumas servitas e de pessôas das suas relações, que com ella tinham vindo na peregrinação do Porto. Interrogamo-la. O seu nome é Maria Rosa Ribeiro, tem 22 anos de edade e é natural de Ponte da Barca. Ha dezasseis mezes que sofre duma ulcera no estomago. O médico que a tratava, não tendo conseguido debellar o mal com os meios de que dispunha, aconselha-a a ir para o Porto, afim de se submeter a uma operação.

Naquella cidade consegue ser recebida como serviçal em casa duma illustre e benemerita portuense, a senhora D. Maria José Pestana Leão. Ha sete meses que não toma outro alimento que não seja leite. Passa mal as noites, quasi sempre sentada na cama. E'-lhe impossivel conciliar o somno. As hemorrhagias são frequentes. Dez dias antes da peregrinação começa a ter uma hemorrhagia abundante, que nada é capaz de fazer estancar. O dr. Albino dos Santos, assistente da Faculdade de Medicina, com consultorio na rua Fernandes Thomaz, seu médico assistente, como a enferma lhe comunicasse o seu desejo de ir em peregrinação a Fátima, recusa-se a dar o seu consentimento, por recear que o fluxo de sangue augmente e produza consequencias graves e até por ventura fataes para a saude da sua cliente. A enferma, impulsionada pela sua viva confiança no poder da Santissima Virgem, determina correr todos os riscos, desobedecendo ao médico, e toma logar no comboio entre os peregrinos do grupo do Porto.

Logo que entrou no comboio, cessa por completo a hemorrhagia, que nunca mais se renovou. Durante a viagem o seu mal estar é grande e maior se torna ainda em toda a manhã do dia 13.

Apesar de varias vezes lhe oferecerem leite, conserva-se até á uma hora sem tomar alimento algum. A essa hora, cedendo a instancias repetidas de pessôas amigas, sorve alguns golos daquella bebida. Assiste á missa dos enfermos e á benção particular sem experimentar o mais pequeno allivio dos seus incommodos. No momento em que o celebrante dá a benção geral, acha-se repentinamente curada. «Uma cousa que eu não sei explicar—dizia ella—subiu por mim acima e desappareceu, desaparecendo ao mesmo tempo, como que por encanto, todo o meu mal». Sente um appetite extraordinário, verdadeiramente devorador, tendo a certeza de que qualquer alimento que ingerisse não lhe fazia mal algum. Mas quere fazer o sacrificio de obedecer a um dos médicos do Posto, que lhe recomendou que fôsse prudente, abstendo-se por emquanto de tomar alimentos solidos.

Por deferencia do médico de serviço, conseguimos ler a declaração do médico assistente de Rosa Maria Ribeiro, que é do teor seguinte:

Dr. Albino dos Santos—assistente da Faculdade de Medicina—Rosa Maria Ribeiro, creada da Ex^ma Senhora D. Maria José Pestana Leão, sofre do estomago ha mais dum ano (dôres, vomitos e hematemeses). Pelos symtomas que apresenta e pela sua resistencia ao tratamento adequado, deve tratar-se duma gastrite ulcerosa.

Porto, 8 de Setembro de 1926

(a) Albino dos Santos.

Aguardamos serenamente o *veredictum* definitivo da sciencia e da Egreja ácerca da natureza desta cura, acatando-o de antemão, qualquer que ele seja, como é nosso dever de christãos, prudentes e doceis aos dictames da legitima autoridade nesta materia.

Depois do nosso regresso, ouvimos falar ainda doutra cura, tambem de uma ulcera e realisada egualmente numa pessôa do grupo privilegiado de peregrinos da cidade da Virgem.

Opportunamente forneceremos aos nossos leitores as informações que entretanto pudermos obter ácerca desta nova prova do poder e da bondade da augusta Rainha do Santissimo Rosario.

O regresso dos peregrinos

São cinco horas da tarde. As clareiras produzidas pela retirada são de momento para momento cada vez mais numerosos nas fileiras compactas da immensa legião dos peregrinos de Fátima.

Ouvem-se aqui e acolá os derradeiros canticos de despedida e os saudosos adeus á Virgem.

A breve trecho reinam de novo o silencio e a solidão naquella estancia bemdita da esperança, que a Rainha dos Anjos santificou com a sua augusta presença e onde ella prodigaliza graças e bençãos a flux sôbre o povo que a ssú la como sua nobre e piedosissima Padroeira.

Visconde de Montello

As curas de Fátima

Na impossibilidade de publicar na integra as centenas de cartas que temos em nosso poder, e outras que todos os dias recebemos, relatando curas ou outras graças concedidas por Nossa Senhora, resolvemos resumil-as quanto possivel.

Quasi todos prometeram publical-as e uma grande parte enviou juntamente qualquer donativo para as obras.

Obtiveram, pois, graças, que veem agradecer a Nossa Senhora do Rosário:

Maria Chacha, de Canhas (Ponta do Sol — Ilha da Madeira) que dentro de duas horas melhorou de um grande panaricio.

Joaquina Soares, da mesma freguezia, entrevada das pernas, que aos tres dias de uma novena melhorou. Não andava nem dormia.

Maria Teresa Gomes, de S. Pedro de Maximinos (Braga), que estando gravemente doente durante mais de um ano, começou a melhorar logo que recorreu a Nossa Senhora da Fátima.

Antonio Rodrigues, do Vale Covo, da freguezia da Caranguejeira, que estando sua filha Victoria atacada de meningite em poucas horas melhorou depois de os paes terem rezado tres Avé Marias e a Salvé Rainha.

Ana Rosa da Silva Nunes, de Candosa, Válega, curou-se de reumatismo depois de ter recorrido a Nossa Senhora.

Carolina da Silva Ferreira, de Candosa, sofrendo horrivelmente durante tres dias por lhe ter caido uma prancha num pé, que teve de ser raspado.

Rosa Tavares, da mesma freguezia, sofrendo de *diabetis* Bebendo alguns tragos de agua da Fátima, rezando um Padre Nosso e Avé Maria achou-se imediatamente curada.

Candida Sanches, Professora em Valdanta (Chaves), varias graças, entre as quaes a cura repentina de um incomodo nas *cruzes* que lhe tolhia os movimentos e que se julgava incuravel.

Eugenia de Abreu Castello Branco, quinta de S. Jeronymo, Coimbra, uma graça espiritual e a cura d'uma doença que muito a fez sofrer.

Piedade da C. Telhada e Silva, de Santarem, uma grande graça recebida.

Maria da Soledade Luz e Silva, do Asylo de Santa Izabel, Faro, em uma interite perigosa e pertinaz.

Maria Amelia do Vale Ferreira, tambem de Faro, que tendo, havia annos, um kisto que se agravou com uma pancada, começou melhorando logo que recorreu a Nossa Senhora. A mesma conta o caso d'uma crean-

ça atacada de doença contagiosa que melhorou repentinamente.

Armando Augusto Esteves, de Carvalhosa (Marco de Canavezes) a cura rapida de um dedo cortado quando não havia esperança de sarar tão depressa.

Maria Joaquina da Rosa, da freguezia de Amonde (Viana do Castelo), que tendo sua filha Laurinda doente de uma perna havia tres anos, quasi moribunda, não querendo submetel-a a uma operação cirurgica, a que talvez não resistisse. Chegou a perna a pesar mais sosinha que o resto do corpo. Recorrendo a Nossa Senhora da Fátima, melhorou.

Antonio Joaquim, de 15 annos, da Pocariça, freguezia de Maceira, escreve-nos dizendo que tendo os pés cheios de verrugas, recorreu a Nossa Senhora e em poucos dias desappareceram.

Manuel Bento da Costa, de Capareiros (Viana do Castelo), que sofrendo do estomago havia annos e tomando inutilmente remedios, começou a melhorar logo que recorreu a Nossa Senhora.

Maria da Conceição Antunes Escudeiro, de Juncais, que tendo em Agosto de 1924 sua filha Angela com uma febre infecciosa, esteve de tal modo mal que parecia em agonia, recorreu a Nossa Senhora e melhorou.

João Almeida Correia, de Coitos de Baixo (Vizeu), que estando tuberculoso, pondo de parte o tratamento médico por inutil, recorreu, assim como sua cunhada Alzira Correia a Nossa Senhora da Fátima e se curou.

Maria Carlota Vahia Trigueiros, do Fundão, que não havendo meio de uma sua netinha se alimentar, tendo horas de grande chôro, mudou logo que recorreu a Nossa Senhora e deu á creança umas gôtas d'agua da Fátima.

Adelaide Santos de S. Vicente Pereira, de Valega (Ovar), tendo sua filha Lucilia com uma febre tifoide e uma pneumonia, quando tinha 40 graus de febre, tomou uns tragos de agua da Fátima, desaparecendo immediatamente a febre, o que causou grande admiração ao médico que só por milagre podia explicar tal sucesso.

Anna de Medeiros Coelho, de Espinho, que sofrendo, havia mais de dez annos, umas aflições que a punham em grande prostração nervosa se sentiu melhor depois de recorrer a Nossa Senhora.

Amelia Filomena da Conceição, de Faro (Algarve), tendo um grande padecimento nos ossos, que os médicos não sabiam classificar, sofrendo muito, recorreu a Nossa Senhora e sente-se melhor. Alem d'outras coisas, fez sacrificio de seus cabelos a Nossa Senhora.

Joaquina Moreira Nunes, da Feira Franca (Nespereira—Sinfães) que sofrendo do estomago havia 17 annos, recorreu a Nossa Senhora e se curou em 1925.

Maria de Jesus Loureiro, de S. Lazaro (Braga), tendo tosse e até vomitos de sangue sobretudo ao deitar e levantar, melhorou em uma noite depois de ter prometido uma novena a Nossa Senhora da Fátima.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	4 590:000
D. Matilde Branco . . .	20:000
Domingos S. Ferreira . .	20:000
Guilherme Plantier Martins	100:000
D. Maria Luiza Vargel Pinto	10:000
Soma . . .	4 740:000

O que se pode vêr a um espelho

A Bemaventurada Villana de Florença tinha esquecido o fervor piedoso da sua infancia.

Um dia que ella se via ao espelho, viu-se duas vezes representada nelle cómo um demonio.

Espantada com esta visão que lhe fez conhecer o estado da sua alma, deixou logo todos os seus enfeites e mudou de vida derramando bastantes lagrimas pelos seus pecados.

Oh juventude, vê-te ao espelho. Achar-te-hás talvez bella mas fica sabendo que se estiveres em pecado serás horrivel como um demonio.

Voz da Fátima

Despezas

Tranporte	54 536:600
Impressão do num. 48 (32:000 exemplares) .	736:000
Expediente e outras despezas	140:000
Soma . .	55 412:600

Subscripção

(Dezembro de 1925 a Janeiro de 1926)

D. Maria da Natividade Mamede, 10:000; D. Maria Barbosa da Fonseca, 10:000; Condessa de Margaride, 10:000; D. Maria Ribeiro da Silva, 20:000; D Isaura d'Oliveira Fragoso, 10:000; D. Augusta de Santiago, 10:000; Manuel Antonio, 10:000; D. Silvina Maria Figueirinhas, 10:000; D. Teresa Raposo Violante, 15:000; D. Olinda da Conceição, 10:000; D. Silveria da Conceição Neves 10:000; D. Maria da Piedade Santos, 10:000 Dr. Manuel Antonio Pinto de Rezende, 10:000; Padre José Vicente do Sacramento 100:000; D. Beatriz de Lemos Trigueiros, 10:000; Manuel Maria Miranda da Silva, 10:000; D. Maria da Cunha Sotto Mayor, 10:000; D. Sibila de Jesus P. Fernandes, 10:000; D. Luiza d'Almeida, 10:000; Condessa de Saphyra, 10:000; D. Maria José Caniço, 10:000; D Maria José Jorge, 10:000 D. Antonia das Dôres Almada, 10:000; D. Adelaide Saphira Prego Lira, 10:000; D. Aline Pinho da Silva, 10:000; D. Amelia Brazão Machado, 10:000; Manuel Gaspar Figueiras, 10:000; D. Margarida M. Pinto Coelho, 10:000; Serafim Gonçalves Ferreira, 10:000; D. Maria da Visitação Alves Nunes, 10:000; Manuel Antonio do Vale Torres, 10:000; Padre Francisco C. Bettencourt 16:000; Capitão José Augusto Lopo, 10:000 D. Ester da Conceição Reis, 10:000; D. Alice Gerra Duarte Lima, 10:000; João Severino Gago da Camara, 10:000; D. Maria Noemi de Faria Coelho, 20:000; D. Amelia de Jesus, 10:000; D. Maria Augusta Lobo de Miranda, 10:000; Joaquim Manuel da Silva Gravêto, 10:000; D. Maria de Jesus Pinto Cardoso, 10:000; D. Maria do Rosário Ferreira, 10:000; D. Izabel dos Santos Gomes, 10:000; Viscondessa de Treixedo, 50:000; D. Anna Emilia Ferreira dos Santos, 20:000; D. Maria da Piedade Pacheco Teles, 10:000, Padre Augusto José da Trindade, 20:000; De jornais (Fernando Baptista Pereira), 12:500; D. Maria Emilia de Vasconcelos de Araujo Miranda, 10:000; D. Maria da Encarnação Pinto, 10:000; Viscondessa de S. Tomé, 10:000; D. Maria Joanna Arraya, 10:000; D. Eulalia Contreras, 10:000; D Margarida Izabel Rodrigues, 10:000; D. Rita Neves Ayde Nice, 10:000; D. Victoria de Jesus, 10:000; D Dionizia da Conceição Pepe Pereira, 10:000; D. Maria Joaquina Batalha, 10:000; D. Rufina de Jesus Marques, 10:000; Manuel Pedro Pires, 10:000; José Guiomar; 10:000; Antonio Bernardo Cabral, 10:000; Dr. Francisco Ornelas, 10:000; Padre Guilherme Vieira Botelho, 10:000; Silvestre Bernardes da Custodia, 10:000; D. Maria Pereira dos Santos, 10:000; D. Rachel Teixeira Lopes Barbosa, 10:000; Manuel Gomes Gonçalves, 10:000; José Antonio dos Reis, 10:000; Hermano Alves Braga, 10:000; D. Beatriz Carvalho Alves da Cruz, 10:000; Casimiro José da Silva, 10:000; Afonso do Nascimento, 10:000; D. Maria de Tavora, 10:000; D. Perpetua Pereira de Carvalho, 10:000; D. Maria da Luz Guimarães Pestana, 10:000; Joaquim Lourenço, 10:000; D Maria Candida Lagancha, 10:000; José Farinha Tavares, 10:000; D. Maria Augusta Branco, 10:000; D. Maria Candida Toste, 10:000; D. Carolina Serranho, 10:000; Padre Francisco da Silva Geada, 10:000, D. Mariana Vilar, 10:000; D. Cecilia Wanzeler Castro Pereira, 10:000; D. Henriqueta Tavares Viana, 10:000; D. Maria Rufina de Figueiredo, 10:000; D. Maria Carolina de Mendonça, 10:000; D. Maria do Patrocinio Gonçalves Silva; 10:000; D. Maria Martiniano, 10:000; D. Mary Ferro Lobo de Moura, 10:000; D. Ana Ferro Gamito, 10:000; Carlos Batalhoz de Vilhena Barbosa, 10:000; D. Luiza Maria da Conceição Feio, 10:000; Dr. Abilio Gil Ferrão, 10:000; D Maria Sophia Assis Babo, 10:000; D. Guilhermina de Jesus Alberto Gomes, 10:000; Alberto Gomes, 10:000; D. Maria de Jesus Ribeiro Seixas, 10:000; D. Maria da Gloria Pereira 10:000, Francisco Vargas, 10:000; D. Maria do Carmo Montes, 10:000; Padre Henrique Vieira, 10:000; Condessa de Bertiandos, 10:000; D. Margarida Guimarães, 15:000; D. Maria da Assumpção Lucas, 20:000; D. Sofia Reis Araujo, 10:000; D. Maria Benedicta de Menezes Leite de Almada, 10:000 D. Albertina Dias Vaz, 20:000; Antonio Coelho da Rocha, 10:000; D Ermelinda Coelho da Rocha, 10:000; José Oliveira Diniz, 10:000; D. Deodata Amalia de Paiva, 10:000; D. Maria do Ceu Cordeiro Laminho, 15:000; D. Margarida Almeida, 20:000 (De jornaes) D. Celeste Maria de Souza, 12:500; D. Emilia Pascoal da Silva, 10:000 Aurelio Lacerda Moutinho, 11:000; D. Maria do Carmo Cunha Matas, 10:000; D. Maria Amalia Capelo Franco de Matos 10:000 D. Anna de Portugal Lobo de Vasconcelos Teles Trigueiros Aragão, 20:000; Maria Carvalhinha, 10:000; Padre Henrique Fernandes da Silva, 10:000; Maria do Carmo Martins, 10:000.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano V LEIRIA, 13 de Novembro de 1926 N.º 50

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇAO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima

(13 de Outubro de 1926)

A grande peregrinação nacional — Imponentissimas manifestações de Fé e piedade — A grandiosa e feerica procissão das velas — Lago de luz e de fogo — Préces e canticos — Mais perto de Deus

Mais um dia de gloria para Deus, de triunpho para a Virgem, de graças e bençãos para as almas, foi sem duvida o dia 13 de Outubro de 1926.

Realisou-se nesse dia a segunda grande peregrinação nacional do corrente ano. Se a primeira, a do mês de Maria, constituiu uma das mais grandiosas e mais commoventes manifestações de fé e piedade, de que tem sido theatro a terra das apparições e dos prodigios, a mysteriosa Fátima, a peregrinação do mês do Rosario rivalisou absolutamente com ella, não se podendo considerar inferior sob nenhum aspecto.

Nos ultimos dias que precederam o nono aniversario da sexta apparição da augusta Virgem do Rosario aos innocentes pastorinhos de Aljustrel, dezenas de milhar de peregrinos iniciavam a sua romagem, partindo de todos os pontos de Portugal em demanda da serra d'Ayre, que é hoje na nossa patria o throno mais explendoroso e magnificente de Jesus, Rei de Amôr, no Divinisimo Sacramento da Eucharistia e ao mesmo tempo o Santuario mais bello e mais venerado de sua Mãe Immaculada, a Rainha do Sacratissimo Rosario.

No dia 12 á noite, como se lia nos relatos dos jornaes de grande circulação, mais de cincoenta mil pessôas acampavam no planalto de Fátima dispostas a recuperar com um somno reparador, para poderem assistir com mais fruto ás solemnidades religiosas do dia seguinte, as forças gastas numa longa e penosa viagem de alguns dias.

A's oito horas, organiza-se, segundo o costume, a procissão das velas, em que tomam parte dezenas de milhar de pessôas, cada uma com uma vela accesa na mão, e que percorre, durante mais duma hora, o trajecto habitual em torno dos Santuarios.

Vista do alto da estrada que a cinge do lado do sul, a Cova da Iria, esse palco gigantesco, onde ha nove annos se desenrolam scenas sublimes, verdadeiramente divinas, duma belleza e magestade incomparaveis, parece um lago imenso de luz, a cratera enorme dum vulcão em actividade, vomitando sem cessar grande quantidade de materias igneas, e formando deslumbrantes rios de fogo, que circulam lentamente em todas as direcções.

Os peregrinos, impulsionados pelo enthusiasmo da sua fé viva e pelo ardôr da sua piedade acrisolada, aclamam a Virgem bemdita, que se dignou escolher aquela estancia privilegiada para derramar o balsamo da sua ternura maternal sobre tantos corpos e tantos corações torturados pela dôr.

Do seio daquela multidão innumeravel elevam-se constantemente para o Ceu mil préces e canticos, exprimindo com vehemencia os sentimentos e as aspirações da grande e generosa alma de Portugal.

Como são ditosos aqueles que logram respirar, ao menos durante alguns momentos, esse ambiente saturado de sobrenatural, pairando numa região em que o homem se julga

DIA 1 DE NOVEMBRO

Sua Excelencia Reverendissima o Senhor Nuncio Apostolico na FATIMA

Tendo o dignissimo Representante do Santo Padre, em Portugal, vindo a Leiria presidir ás festas que nesta cidade se realizaram comemorando o Setimo Centenario da morte de S. Francisco d'Assis, quiz sua Excelencia Reverendissima fazer uma peregrinação ao Santuario de Nossa Senhora da Fátima.

Só á ultima hora, e já na Batalha, é que o Senhor Nuncio comunicou a sua intenção, de forma que na Fátima ninguem sabia de nada.

Quando o automovel, que conduzia Sua Excelencia, o Senhor Bispo de Leiria e alguns Reverendos Sacerdotes, chegou ao local, um espetaculo muito simples mas encantador deparou-se deante de todos.

Em frente á pobre capelinha, comemorativa das Aparições, estavam umas 60 pessôas, de joelhos, a recitar o Rosario com uma piedade e devoção que comoviam.

Parecia que Nossa Senhora estava no meio daquela bôa gente.

O Senhor Nuncio ali esteve muito tempo em oração, seguindo o terço que o Senhor Bispo de Leiria aplicou pelas bemditas Almas do Purgatorio, pelas necessidades da Santa Igreja, pelo Santo Padre e seu ilustre Representante, por todas as necessidades recomendadas e pelos doentinhos.

O Senhor Nuncio, visivelmente comovido, fez uma tocante alocução aos Fieis presentes, enaltecendo a devoção a Nossa Senhora e pedindo que resassem por elle uma Ave Maria, concedendo 200 dias de Indulgencia.

Assim se fez.

Estavam todos tão contentes e reconhecidos pela visita e amabilidade do Senhor Arcebispo, que diziam :

Foram — Todos os Santos — que o trouxeram.

O dia 1 de Novembro de 1926 fica marcado como uma das maiores provas do amôr de Nossa Senhora no Santuario de Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

A Sua Excelencia Reverendissima o Senhor Nuncio, deixamos consignado aqui o nosso profundo reconhecimento.

mais longe da terra e mais perto de Deus!

Dia de luz e de encantos — As peregrinaçõ s organisadas — Os estandartes — Peregrinação de penitencia — Os romeiros isolados

— O dia 13, como em Maio, como nos mezes seguintes, amanheceu esplendido, cheio de luz e de encantos, como um formosissimo dia de Primavera.

O movimento de peregrinos augmenta cada vez mais, attingindo o seu maximo de intensidade desde as 8 horas até ao meio-dia.

E' durante esse espaço de tempo que chegam as peregrinações locaes organisadas. São agora cêrca de trezentos romeiros da Gondemaria, concelho de Vila Nova d'Ourem, guiados pelo Rev. P.e Luiz de Souza, levando á frente um lindo e vistoso estandarte allusivo aos acontecimentos maravilhosos de Fátima, cuja estreia é feita nesse dia. E' mais logo um grupo de senhoras da melhor sociedade duma nobre e historica cidade, a mais bella de Portugal, que, animadas de verdadeiro espirito de penitencia, percorreram a pé mais de trinta kilometros, para irem render a homenagem da sua piedade filial á Rainha do Rosario, no Sanctuario da sua predilecção.

São depois oitenta pessôas de Bemfica (Lisbôa), que, acompanhadas pelo seu zelosissimo parocho, veem depôr aos pés de Maria o preito do seu amôr, ostentando um rico estandarte de sêda, bordado a ouro. E os grupos succedem-se uns aos outros de envolta com um sem numero de peregrinos isolados, que em toda a especie de vehiculos são conduzidos até proximo do local das apparições.

Dezenas de missas — Confissão de homens e rapazes — A distribuição da Sagrada Comunhão — O transporte dos doentes para o pavilhão — Oração fervorosa dos fieis

Desde as quatro horas da manhã que os sacerdotes previamente inscriptos, celebram sem interrupção nos tres altares da capella nova. Muitos limitaram-se a commungar, por não lhes caber a vez de dizer missa, mercê da grande affluencia de clero. Nas dependencias da capella, alguns sacerdotes confessam homens e rapazes. Outros distribuem o Pão dos Anjos a milhares de pessôas que nas suas terras se tinham preparado para esse acto pela Confissão Sacramental. Os doentes, á medida que vão chegando, são collocados sôbre colchões ou sentam-se nas bancadas do respectivo pavilhão, conforme a gravidade do seu estado. Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosario andam constantemente numa roda viva transportando os doentes ou prestando-lhes os serviços e obséquios de que precisam.

Em torno do pavilhão milhares de pessôas conservam-se alternativamente de pé e de joelhos durante horas consecutivas para occuparem os logares donde melhor póJem assistir ao desenrolar dos actos religiosos. A oração de todos é intensa e fervorosa, e feita no meio do maior recolhimento e do mais profundo silencio.

Os médicos de Posto das verificações — O dr. Pereira Gens, chefe do Posto — Severidade de attitude e rigor de processos: médicos juizes de investigações — As supplicas dos enfermos e dos seus protectores natos systematicamente desatendidas — Saudades de Lourdes

No Posto das verificações médicas dirigem as diferentes secções numerosos e distinctos clinicos, dos quais alguns envergam as blusas brancas de serviço.

São, entre outros, os drs. Eurico Lisbôa, Weiss d'Oliveira, Gabriel Ribeiro, Luz Preto, Augusto Mendes, Cortez Pinto.

Superintende nos serviços do Posto médico o dr. Pereira Gens. Imitando, sem talvez o suspeitarem, os médicos de serviço permanente no *Bureau des Constatations médicales* de Lourdes, os médicos do Posto de Fátima dão a impressão de oficiais em tempo de guerra á frente dos seus regimentos, numa atitude energica e decidida de defensiva e ofensiva em toda a linha. Quem os observa no exercicio das suas funções, acolhendo com caridade sim, mas severamente a legião imensa de doentes que lhes vão solicitar a senha indispensavel para entrarem no respectivo pavilhão, e os vê em extremo receosos e suspicazes, proceder mais como juizes do que como médicos, interrogando capciosamente aquelles que se apresentam, fazendo-os ás vezes cahir em contradicções, desprezando todos os empenhos e solicitações e recusando-lhes as senhas de ingresso, apezar das suas supplicas instantes e das queixas sentidas dos seus males, julga-se em presença de atheus e descrentes, que estão alli como agentes do demonio, apostados a contrariar e a combater todas as manifestações do sobrenatural. Alguns sacerdotes, que apresentam pessôas enfermas do seu conhecimento, eram repellidos sem contemplação, porque não traziam attestados médicos, que julgavam desnecessarios, por estarem convencidos de que bastava a sua palavra para garantir a realidade e gravidade da doença, difficil de diagnosticar sem uma demorada e profunda observação, alli impossivel de fazer.

Que saudades não haviam de ter, naquelle momento de dolorosa humilhação esses sacerdotes, que algumas vezes encontramos em Lourdes, de visita ao *Bureau des Constatations*, onde erem sempre acolhidos com menos desconfiança e com mais benevolencia... talvez por serem estrangeiros. Bem hajam os médicos do Posto pela sua attitude, que a tantos desagrada, mas que é tão propria para assegurar a seriedade dos seus processos e impô-los ao respeito de todas as pessôas, crentes e descrentes.

A procissão — Dezenas de milhar de pessôas saudam a Virgem — Lagrimas de commoção — A benção da Mãe de Deus

E' meio dia solar. A veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosario é conduzida aos hombros das suas servas da Capella das Apparições para a Capella das Missas. Em todo o vasto amphitheatro da Cova da Iria, desde o pavilhão dos doentes até aos muros de cintura, dezenas e dezenas de milhar de pessôas acenam com os lenços, saudando a Rainha dos Anjos. Quando o cortejo entra no recinto reservado aos doentes, o enthusiasmo attinge o seu auge. Os vivas estrugem nos ares, as acclamações succedem-se ás acclamações e os olhos de todos marejam-se de lagrimas de commoção e de ternura. E a Virgem bemdita, sorrindo e abençoando, passa atravez da multidão, que ajoelha a seus pés, presa dos seus encantos e fascinada pela sua belleza e pela sua bondade.

O Credo de Lourdes — A Missa dos doentes — A recitação do terço do Rosario — a ladainha lauretana — A benção dos enfermos e a benção geral — O sobrinho de Camillo Castello Branco falla á multidão

A sagrada Imagem foi collocada sôbre o seu pedestal ao lado direito do altar central. Canta-se o *Credo de Lourdes*. Começa a missa dos doentes. Do pulpito o Capellão-Director, numa voz firme mas commovida, principia a recitação do terço. A assistencia redobra de attenção e de fervor. Aproxima-se o momento solemne da Consagração. Todos ajoelham. A Hostia Santa é elevada pelo celebrante entre a terra e o ceu, victima de propiciação pelos peccados do mundo. Canta-se um cantico piedoso em louvor do Santissimo Sacramento. Continua a recitação do terço que é rematada pela ladainha lauretana. Depois do *Communio*, distribue-se pela ultima vez o Pão dos Anjos e, terminada a Missa, faz-se a exposição do Santissimo, durante a qual se canta o *Adoremus*. Segue-se a emocionante cerimonia da benção dos enfermos, que se effectua na fórma costumada, e conclue com a benção geral, dada do alto da varanda do pavilhão.

Depois o rev. Luiz Castello Branco, sobrinho de Camillo, tece, em palavras enthusiasticas e commovidas, o panegyrico da Mãe de Deus. Por fim organiza-se de novo a procissão para reconduzir a branca estatua da Virgem ao padrão popular commemorativo das apparições e dos sucessos maravilhosos.

Servitas e escoteiros — O Patronato do Porto — As suas curas instantaneas de treze de Setembro ultimo — O poder e a bondade da Maria

São quasi três horas da tarde. No

posto de verificações médicas os clinicos de serviço occupam os seus postos. Servitas e escoteiros circulam continuamente nas dependencias do posto. Vêem-se algumas senhoras da direcção do Patronato do Porto, fundada por iniciativa da Liga da Acção Social Cristã, daquella cidade, que vieram acompanhar duas empregadas dessa instituição, ambas curadas instantaneamente de ulceras no estomago, em treze de Setembro ultimo. Respirando saúde e bem estar, ellas agradeciam effusivamente á Santissima Virgem as suas curas, que attestavam bem alto o poder incomparavel e a bondade immensa da celeste Padroeira de Portugal.

O regresso dos peregrinos — As ultimas despedidas á Virgem — A hora mystica das Trindades — O polo magnetico das almas

Pouco a pouco a multidão vae-se dispersando. Os grupos de peregrinos tornam-se cada vez menos compactos e menos numerosos. A cada momento partem vehiculos, conduzindo os piedosos romeiros de Fátima aos seus lares distantes. Apenas um ou outro devóto fica ainda dirigindo á Virgem uma ultima supplica, esquecido talvez da hora tardia e da distancia do seu lar. A noite approxima-se rapidamente, tendo já descido o sol no horizonte. E' a hora mystica das Trindades, que convida a rezar e a pensar no Ceu. De vez em quando os echos repercutem os sons dum cantico popular, que algum peregrino entôa na viagem de regresso. Momentos depois, a noite envolve com o seu negro manto aquella estancia priviligiada pelas graças de Deus e pelas bençãos de Maria, — estancia, que é, sem contestação, o pólo magnetico das almas, o ponto de attracção do mundo espiritual, o centro em torno do qual gravitam todos os corações de bôa vontade.

Visconde de Montelo.

As curas de Fátima

Continuamos a publicar o relato resumido de graças e curas obtidas por intercessão de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, attendendo assim aos desejos das pessôas favorecidas.

Manuel Antonio Junior, do Brejo Fundeiro (Vila de Rei), tendo seu filho Cesario, recemnascido, doente com uma enterite, parecendo mais cadaver que outra coisa, este começou a melhorar logo que se recorreu a Nossa Senhora da Fátima.

Maria Augusta Claudia, da Mata (Torres Novas) havia mais de dois annos que sofria de ataques nervosos chegando a perder os sentidos. Sem nunca ter recorrido a médico algum, começou a melhorar desde que seu marido e filhos recorreram a N. Senhora da Fátima. Deixaram passar dois annos e não tendo voltado o padecimento cumpriram a sua promessa de irem a Fátima e publicar a graça.

José Alves Martins, auxiliar da missão de S. Paulo de Messano (Lourenço Marques), a 200 kilometros do litoral, sendo acometido d'uma grave doença e desenganado dos médicos, de pronto recuperou a saúde desde que se invocou Nossa Senhora da Fátima.

Graziela Gomes Bemfeito (rua Tomaz d'Assunção 28, 2.º — Lisbôa), a cura de uma ferida que seu filho tinha no nariz.

Joaquim Ayres de Gouvela Alleu, consul da Grecia no Porto (Av. da Boavista, 752), tendo visto uma pobrezinha (moradora em Vila Nova de Gaia) que pedia esmola com um sobrinho, chamado Camilo da Silva, filho de Andrêza da Silva, tendo este uma perna com grandes feridas, de ha sete ou 8 annos, aconselhou-a a laval-as com agua da Fátima (que lhe deu), dizendo-lhe que devia preparar-se para a graça, confessando-se e comungando primeiro.

Quando voltou a vêl-os soube que tinham lavado as feridas tiês vezes com a mesma agua (pois a quantidade era diminuta) e estavam curados, do que restavam apenas as cicatrizes.

Leonor Passos, de Braga, sofria, havia sete anos, de doença que todos os médicos reputavam incuravel, agravando-se esta nos ultimos seis mezes. Recorreu com toda a fé a Nossa Senhora da Fátima, e melhorou rapidamente.

Maria C. Corrêa B Cabral, de Velas, atribue ao auxilio de Nossa Senhora a cura de coxalgia de que sofria um seu filho de 6 annos.

José Martins dos Santos, do Seminario das Missões de Cocujães, tendo sido apurado para a vida militar foi depois livre em circunstancias inesperadas, quando isso se julgava impossivel, ao setimo dia de uma novena a Nossa Senhora da Fátima, causando o caso a admiração do pessoal do hospital, sargentos, enfermeiros, etc.

Maria Beatriz d'Almeida d'Eça, do Porto (Rua de Santa Catarina, 1124), declarando os médicos que necessitava de operação em um tumor que lhe apareceu, começou este a desaparecer depois de recorrer a Nossa Senhora.

Olinda de Jesus, de Alvelos, obteve de Nossa Senhora uma graça «que parecia irrealisavel».

José Marques Gomes, dos Pouzos (Torres Novas), vem agradecer duas curas. Uma a seu favor, de uma angina de mau caracter. Outra, a favor de sua mulher que sofrendo de grandes dôres de estomago e complicações de coração, que a nada obedeciam, depois de varias intermitenças, só vieram a desaparecer definitivamente depois de ter invocado Nossa Senhora e ter tomado uma chavena de agua da Fátima.

Maria José Rodrigues, do Carvalhal Bemfeito (Caldas da Rainha), tendo uma cunhada «com uma nascida nas costelas do lado do coração» tendo consultado varios médicos, tanto das Caldas como de Lisbôa, que a declararam incuravel, depois de uma sua amiga ter pedido a Nossa Senhora a cura sem necessidade de operação, dentro de pouco apareceu completamente curada. Era uma chaga enorme de uma côr azulada, com um cheiro insuportavel, tendo de ser curada tres vezes ao dia e deitando de cada vez mais de um decilitro de púz.

Alberto d'Oliveira, de Lages, concelho de Ceia. Em maio do ano passado adoeceu gravemente sua filha Umbelina, de quatro anos e meio. O médico declarou tratar-se de duas artrites tuberculosas de muito mau caracter, uma no cotovelo direito e outra no joelho.

Emquanto se esperava o desenlace uma pessôa lembrou Nossa Senhora da Fátima. Começou-se logo a resar o terço e prometeu-se uma novena, começando tambem logo a creança a melhorar, contra a expectativa e declaração dos médicos.

José Matheus, de Vale de Lobos, concelho da Lourinhã, tendo adoecido repentinamente ás 10 da noite, de garrotilho, seu filho Constantino, de 10 anos, e estando o médico longe, banhou a garganta do doente com agua da Fátima e ao nascer do sol começou a melhorar.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.	4.740:000
D. Estephania Mendes (Guilhufe — Paço de Souza)	30:000
D. Trindade Leitão . . .	5:000
Soma . . .	4.775:000

O ROSARIO E A FÁTIMA

Um alvitre

Do *Apostolo* d'outubro ultimo, recortamos o seguinte:

«... A Aparição recomendou insistentemente que todos fizessem penitencia e resassem o terço do Rosário.

Esta recomendação repetiu-se em todas as aparições.

Na sexta e ultima, a Senhora de Fátima «queixou-se do muito que os portuguezes ofendiam o seu divino Filho; recomendou que resassem o Terço e levantassem ali na Cova da Iria uma capela em honra da Senhora do Rosário.»

Felizmente o conselho da Santissima Virgem continua a ser seguido e as suas ordens cumpridas por tantos portuguezes com uma fidelidade e constancia que nos fazem crer na vinda de grandes bençãos de misericordia para Portugal. Os nove annos decorridos desde as Aparições até hoje, teem visto crescer o numero e o fervor dos peregrinos que vão mensalmente á Fátima recitar o Rosário e de lá voltam cheios de fé e de esperança, espalhando por toda a parte a devoção á Senhora do Rosário de Fátima e á resa do Terço.

Permita Deus que este fervor santo não desapareça nunca e aumente sempre, porque as peregrinações de

Fátima são um meio admiravel, todo divino, de levar muitas almas a purificarem-se na graça dos Sacramentos, de obter a conversão de pecadores e indiferentes e de reunir todos os mezes aos pés da Santissima Virgem, na oração e na reparação pelos crimes de Portugal, centenas e milhares e, varias vezes no anno, muitissimos milhares de pessôas que, de facto, representam um grande numero de cidades, vilas e aldeias da nação junto do trono das misericordias da nossa Celeste Padroeira.

Dizia-nos ha pouco o incansavel e venerando Rev. Dr. Cruz, de Lisbôa, que nas suas prégações tem procurado meter nas paroquias a devoção da união espiritual com os peregrinos de Fátima no dia 13 de cada mês. A ideia tem sido bem recebida pelos rev. Parocos e posta logo em execução com agrado das populações que naquele dia acorrem á egreja paroquial para ouvir Missa, comungar e ir em procissão, recitando o Rosário, á capela ou altar onde, na respectiva freguesia, se venera a imagem da Senhora do Rosário.

Eis uma excelente pratica piedosa, digna de aplauso e imitação. Oxalá que, ao menos, o espirito de união com as peregrinações de Fátima se estenda por toda a parte, pois assim se conseguiria tornar muito mais reforçada e mais intensamente nacional as préces dos que na Cova da Iria oram pela patria. Alem d'isso o pensamento desta especie de peregrinação espiritual não deixaria de despertar, em muitos que lá não podem ir, o desejo de acompanhar tambem no espirito de mortificação e caridade os peregrinos que vão realmente a Fátima.»

Como Deus é grande!

A falar a verdade, só Deus é infinitamente grande. Só Elle é infinito em poder, em sabedoria, em bondade e em beleza.

Deante d'Elle, tudo o que é creado é infinitamente pequeno, é nada em si mesmo.

Em relação a nós é que o caso muda de figura.

Dum lado ficam-nos as estrelas, cujo numero, dimensões, distancias, velocidade, calor, luz, ordem e beleza assombra a nossa pobre imaginação.

Do outro lado, os infinitamente pequenos, os atomos, cuja natureza, energia, etc., nos abisma do mesmo modo.

Quanto ás estrelas, podemos descobrir cêrca de 7000 a olho nú, mas numa placa fotografica chegam-se a descobrir cem milhões, deixando-nos a impressão de muitas mais que existem para além.

Mas que dizer dos cometas, que em numero de muitas dezenas de de milhões caminham vertiginosamente, por esses mundos fóra!

E esses milhões de nebulosas cada uma das quaes é um milhão de mundos!...

Quanto ás dimensões, a terra parece-nos já, e realmente é, d'uma grandeza enorme.

No entanto Urano podia conter 74 terras, Neptuno 84, Saturno 708, e Jupiter, 1309.

O Sol é um milhão e trezentas mil vezes maior que o nosso planeta.

Apesar d'isto o Sol parece uma pequena noz ao pé d'alguns planetas. Dentro da estrela Sirius cabem 4810 sóes. O Arturus de Bouvier é um milhão de vezes maior que o Sol. Não obstante, a estrela Canopus podia engulir no seu estomago três milhões de sóes!

Por isso o sábio Ampére, falando uma tarde com o seu amigo Ozanam, e olhando o Ceu crivado de estrelas, exclama, como que acordando d'um extase: «Como Deus é grande, Ozanam, como Deus é bélo!».

Se nos espanta o numero louco e a grandeza prodigiosa das estrelas, não menor admiração nos causam as distancias a que estão umas das outras e a velocidade do seu movimento.

A terra está a cêrca de 150 milhões de kilometros do Sol. Se estivesse mais perto eramos assados, pois que Mercurio, que está só a 58 milhões, deve ter uma temperatura de 200 graus. Em Marte, que está a cêrca de 200 milhões, teriamos frio, porque a temperatura devia ser ahi de 100 graus abaixo de zero. Jupiter está situado a 777 milhões de kilometros do Sol.

Isto é fantastico, direis vós!

Isto não é nada. Este systema solar não é mais que um lenço d'algibeira em relação a esse outro campo onde caminham as estrelas.

A estrela Sirius está a 83 triliões e 300 biliões de kilometros. Vega da Lyra, a 157 triliões, e a estreia Polar a 440 triliões e 500 biliões, e é uma das mais visinhas, pois que ha estrelas, dez, cem, mil vezes mais afastadas.

Sabe-se que a luz anda 300 kilometros por segundo e por isso um minutos de luz equivaleria a 18 milhões de kilometros.

A lua, pois, está a cêrca de um segundo de luz da terra, o sol a oito minutos.

Ora a estrela mais proxima de nós está á distancia de 4 annos, 4 mezes e 8 dias. A estrela Polar 46 annos, mas ha-as cuja luz leva 12:000 annos a chegar.

A mais perto das nebulosas spiraloides está a uma distancia de trezentos mil annos de luz.

Em consequencia, ha estrelas que vindo a apagar-se, só d'aqui a 10, 100, 1000 ou 10:000 annos deixariamos de vêr a sua luz.

Outra consequencia interessante é que nós vemos as estrelas não onde ellas agora estão mas onde estavam quando nos enviaram a luz que agora nos chegou aos olhos!

A terra caminha em volta do sol com a velocidade de 30 kilometros por segundo, isto é, mais de 100:000 kilometros á hora.

O Sol, com todo o seu cortejo de planetas, caminha mais devagar mas, ainda assim, faz 72:000 kilometros por hora.

Para onde nos leva elle?

Provavelmente segue uma trajectoria eliptica mas tão extensa que parece que caminha em linha recta para um ponto situado na constelação da Lyra.

Arcturus faz 413 kilometros por segundo, isto é, 35 milhões de kilometros por dia!

Resta-nos curvarmo-nos em adoração e dizer com Ampére: «Como Deus é grande, como Deus é bello!»

As mesmas maravilhas nos infinitamente pequenos, mas d'estes falaremos noutra occasião.

No entanto exclamemos com a sagrada Escriptura: «*Os ceus contam a gloria de Deus e o firmamento manifesta a obra das suas mãos.*»

Voz da Fátima

Despezas

Tranporte	55.412:600
Impressão do num. 49 (40:000 exemplares) .	920:000
Expediente e outras despezas	160:000
Soma . .	56.492:600

Subscripção

(Janeiro de 1926)

Joaquim Maria Soeiro de Brito, 10:000; D. Amelia Brazão Machado, 10:000; Manuel Pedrosa Jordão, 10:000; D. Palmira Martins Faria, 10:000; Miguel Brito, 10:000; D. Lucinda Magriço Coutinho, 10:000; D. Clotilde Mendonça, 10:000; D. Palmira Ribeiro Lopes, 10:000; Francisco Antonio da Costa Diniz, 10:000; D. Maria José e D. Maria Julia Henriques, 10:000; Padre Domingos José da Costa Araujo, 20:000; D. Izaura de Lacerda, 10:000; João Ribeiro da Silva, 10:000; D. Beatriz da Graça Pinheiro 30:000 Padre João Lopes Gomes, 10:000; D. Gertrudes Oliveira Santos Pinto, 10:000; D. Henriqueta Ferreira da Fonseca, 10:000; D. Maria Henriqueta de Figueiredo, 10:000; D. Maria Teresa de Mello Falcão, 10:000; Antonio de Vilhena, 10:000; D. Margarida Victoria da Silva, 10:000; D. Maria Adelaide Moura, 10:000; D. Antonia Malafaia, 10:000 Visconde de Cortegaça, 10:000; Joaquim Cardoso da Silva, 10:000; Manuel Ramos de Carvalho, 10:000; Domingos Francisco de Brito, 10:000; D. Maria Euzebio Caleiros 10:000; D. Luiza Barreiros Salema, 15:000; D. Maria Amelia Geraldes Teixeira, 10:000; D. Rosalina Rôla Caçoila, 10:000; Julio M. Fernandes, 20:000; D. Candida Coutinho, 10:000; Padre Joaquim de Lacerda, 10:000; Padre João Cesar de Lacerda, 10:000; Jesus Clara da Silva, 10:000; D. Maria d'Apresentação David Gonçalves, 50:000; Balbino Maria de Carvalho, 10:000; D. Generosa Farinha, 10:000; José Lourenço Fernão Pires, 10:000; D. Dionizia Queijinho, 10:000; D. Maria Gabriela de Souza e Silva, 10:000 D. Maria da Luz Pereira Rodrigues, 10:000 D. Mariana Pereira da Costa, 10:000; D. Joaquina Santos, 20:000; Soeur Em. 10:000 D. Natalia Soleiro, 10:000; Antonio Rodrigues da Bela, 10:000; D. Adelina d'Almeida 10:000; D. Maria Xavier d'Almeida, 10:000; D. Clementina Campos, 10:000; D. Candida Amaral, 10:000; D. Arminda Amaral, 10:000 D. Lucia Soares, 12:500; D. Maria Rosa Cunhal, 20:000; D. Maria da Gloria Magalhães Freire, 30:000; D. Irene Rosa, 10:000; D. Maria Candida Vaz Jorge, 10:000; Paulo Maria Brito Camiller, 10:000; Madame Encarnação, 10:000; D. Maria Teresa Bastos Carregal Silva, 10:000; D. Maria José da Silva, 10:000; D. Maria do Espirito Santo Correia, 10:000; Superiora das Hospitaleiras Portuguezas em Tuy, 10:000; Condessa d'Azambuja, 10:000; D. Palmira Valente, 10:000; Manuel da Costa Araujo, 10:000; D. Angelina das Neves Guanilho, 10:000; D. Zulmira de Magalhães Lobo de Seabra, 10:000; José Esteves d'Almeida, 10:000; José Maria d'Almeida Martins, 10:000; D. Delfina Paes Nogueira Frazão, 10:000; D. Artemisia Paula Vieira Marques da Cunha, 10:000; D. Perpetua Furtado Pereira dos Reis, 10:000; D. Carolina Maria Gonçalves, 10:000; D. Umbelina da Conceição, 10:000.

Ano V LEIRIA, 13 de Dezembro de 1926 N.º 51

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica da Fátima

(13 de Novembro de 1926)

No dia 13 de Novembro, ás 9 horas da manhã, sómente algumas centenas de peregrinos se encontravam na Cova da Iria. A grande peregrinação nacional de Outubro e as chuvadas dos dias anteriores provocaram em larga escala a diminuição da concorrencia de fieis ao local das apparições no mês das almas. A maior parte dos romeiros presentes assistiram ás missas que se iam celebrando no altar central da capella nova. O silencio era profundo: ouvia-se apenas o brando ciciar das préces fervorosas, que, de centenas de boccas, se elevavam para o Ceu, e de vez em quando o som estridente da buzina de algum automovel ou o ruido abafado do rodar dos carros na estrada.

A'quella hora matinal, naquelle mês do Outono, o pavilhão dos doentes achava-se quasi deserto. O Posto das verificações médicas estava aberto, mas não funcionava por falta de clientes. O director do serviço aproveitou a sua inacção forçada para assistir ao Santo Sacrificio da Missa. Logo que este terminou, voltou sem demora para o Posto, afim de assumir o exercicio das suas funções. Pouco a pouco os enfermos vão apparecendo. O pavilhão respectivo fica por fim sem um logar vago. Não ha doentes de gravidade. Só uma mulher é transportada em maca. Proximo do meio dia solar a multidão dos fieis engrossa consideravelmente, graças aos contingentes que simultaneamente chegam de varios pontos á ultima hora. Alguns milhares de pessôas pisam nesse momento o chão sagrado do local das apparições. Organisa-se então a linda procissão que conduz para o pavilhão dos doentes a bella estatua de Nossa Senhora do Rosario, tão venerada pelos fieis, que acorrem a seus pés de todos os recantos de Portugal.

Principia a missa dos enfermos. Emquanto ella se celebra, o rev. capelão director reza o terço do Rosario, alternadamente com o povo.

Segue-se a commovente cerimonia da benção do Santissimo Sacramento aos enfermos. E' uma scena sempre pathetica, um espectaculo impressionante que empolga e arrebata a alma e enche de lagrimas todos os olhos. Depois da benção, sóbe ao pulpito o rev. Palrinhas, arcypreste e páraco da Figueira da Foz, que disserta sobre a devoção á Virgem. Reorganisa-se a procissão para conduzir a Sagrada Imagem á capella das apparições, por entre alas compactas de povo. Os peregrinos dispersam-se pela Cova da Iria e preparam-se para o regresso aos seus lares distantes.

Junto da capella das apparições e da fonte miraculosa estacionam numerosos grupos de romeiros. Ao lado da fonte, á distancia de alguns metros, foi aberto ultimamente um novo poço destinado a ser o reservatorio das aguas que no inverno transbordassem da fonte miraculosa. A erecção da futura basilica exigia que se tomasse desde já essa medida. Mas ainda o novo poço não estava concluido e já da rocha viva brotavam jactos de agua cristallina de origem opposta á da fonte das Apparições.

Cousa admiravel! Numa região montanhosa, de tão elevada altitude, arida e esteril, onde dantes não borbulhava do solo o mais insignificante veio de agua, apparecem como que por acaso dois mananciaes tão abundantes que só o rendimento de um delles sacia cada anno centenas de milhares de pessôas e é exportado em tão grande quantidade para todos os pontos do paiz e até para todas as partes do mundo!

Visconde de Montello

As curas de Fátima

«Avanca, 27 de Outubro de 1926.

Ex.mo Sr.

Rogo a V. Rev.ma a fineza de fazer a publicação, se assim o entender, desta graça recebida. Junto o atestado médico para justificar a sua realidade e, se fôr preciso, o reconhecimento do meu Confessor e Director ou do Rev. Parocho da nossa freguezia.

No mez de Setembro de 1924, estava gravemente doente meu sobrinho Eugenio Julio Clare Neves, de 14 mezes de idade, filho de José Maria Neves e de Zulmira Clare Neves. Avisaram-me que o médico assistente dissera, depois de ter dado 10 a 12 injecções de sôro fisiologico (vida artificial), que andava a entreter por que a criança não vingava. No mesmo momento pedi á Santissima Virgem do Rosário que me acompanhasse ao logar da Estrada.

Transmiti a meu irmão José Maria Neves o aviso que me trouxeram e pedi-lhe que mandasse chamar imediatamente outro médico. Assim foi. O primeiro milagre é que na mesma hora, sem haver combinação, chegou o médico assistente, dr. Lary de Valega, dahi a poucos minutos o sr. dr. Silva, de Estarreja. Os dois fizeram um minucioso exame. O médico assistente disse que o pequenino doente não tinha seis horas de vida. O sr. dr. Silva declarou que a doença, além de grave, tinha muitas complicações. Era entre-colite, diarreia verde, meningite, com perda de vista e um movimento continuo de cabeça, braços e pernas. Temperatura muito enfraquecida, era preciso termos constantemente oito latas com agua bem quente para conservar uma temperatura regular. Não podia tomar nada, os vómitos eram constantes. A hora era triste e de rigorôso silencio, contemplando bem o pequenino martir. Pedimos ao sr. dr. Silva que empregasse todos os meios para salvar o nosso querido Eugeninho. Este respondeu que só por um milagre o poderia salvar. Pela medicina *não é possivel*. Condoido das nossas lagrimas, disse-nos: «como sômos católicos, peçam muito a Deus, que eu farei o mesmo e o que me inspirar. Quanto a farmacia, é isto o que eu receitarei». Assim se despediu.

Nesse mesmo momento todos fizeram os seus vótos. Eu ajoelhei junto do meu doentinho, coloquei-lhe no peito a minha medalha da Imaculada Conceição; pedi muito á Virgem do Rosario da Fátima; prometi de fazer

esta publicação; acender durante o mez a lampada no altar da Virgem do Rosario; resar-lhe o terço em comum; fazer a minha comunhão diaria e tudo que eu pudesse mais para aliviar as Almas do Purgatorio.

Passei a noite de 30 de Setembro até á manhã de 1 de Outubro pedindo que curasse o nosso querido Eugeninho se ele viesse a ser um dia um verdadeiro amigo de Jesus, para honra e gloria de Deus.

Principiei a minha promessa no primeiro dia de Outubro sem interrupção. Neste mesmo dia tambem começou novo tratamento o nosso querido doentinho. Passadas algumas horas perdeu o movimento de cabeça, e o das perninhas tambem foi desaparecendo lentamente. Os vómitos cessaram, podendo assim tomar os medicamentos e algumas colherinhas de caldo. Tres dias depois já estava livre do maior perigo. Havia muitos dias que não tinha conciliado o sôno e no dia seguinte conseguiu dormir perto de seis horas seguidas. Graças mil á Virgem Santissima. Dia a dia via-se melhorar. Ficou ainda um abcesso na perninha esquerda, que teve de ser lancetado por tres vezes, efeito de uma injecção antiga dada num nervo. No dia 20 de Outubro foi visto pelo sr. dr. Silva, que disse não ser preciso o uso de mais medicamentos, e em poucos dias se restabeleceu.

Todos satisfizeram as suas promessas e eu tambem as minhas. Só não fiz a publicação por me parecer muito dificil.

O pequenino foi crescendo á nossa vista. Tinha ficado muito perfeito e muito engraçadinho e completou assim os dois anos mas sem falar, dizendo apenas *mam* e *mãe*, eram as duas frases mais claras.

Completou 17 mezes depois da doença e, apesar de grandes esforços que faziam para o ouvir falar, encolhia os hombros e fugia. No mez de Maio de 1926, regressando seu padrinho de Pau (França), verificou que a creancinha viria a falar um dia, mas com grande dificuldade. Confiou-me esta mágua. Imediatamenfe voltei de novo a pedir á Virgem do Rosario da Fátima que lhe removesse esta grande dificuldade na lingua. Prometi ir a Fátima agradecer pessoalmente, levar uma esmola e fazer publicação das duas graças recebidas.

Nos fins do mesmo mez de Maio tive o prazer de ouvir do Eugenio Julio Clare Neves a pronuncia clara e sem dificuldade. Fui a Fátima e cumpri a minha promessa.

A Virgem Santissima se digne abençoar sempre todos aqueles que a imploram como Mãe dos enfermos.

Ana da Conceição Neves

—=—

Atestado

Eu, abaixo assignado, médico em Estarreja:

Declaro, para todos os efeitos, que Eugenio Julio Clare Neves, filho de José Maria Neves e de D. Zulmira Clare Neves, natural do logar da Estrada, freguezia d'Avanca, concelho de Estarreja, e de idade de quinze mezes (quando esteve doente) foi portador (á data em que o vi) de doença grave e de diagnostico complicado, pois o encontrei com — «entre-colite, diarrêa verde e meningite» — com perda da vista e sem noção do mundo exterior. Estando doente ha mais d'um mez, julguei um caso perdido pela série de complicações encontradas. Pondo de parte o estado meningeo por ser consequencia das outras doenças, consegui, passados quinze dias, ver que todos os symptomas se atenuavam e que a creança vinha para a vida sem a menor alteração da parte do encephalo. Em seguida foi instituido o tratamento meningeo e, com satisfação, em poucos dias o quadro symptomatico grave desaparecia para aparecer o estado normal. Por ser verdade, me ser pedido e ter observado no ultimo periodo o doente, passo este que assigno e juro pela minha honra.

Estarreja, 23 de Outubro de 1926.

Joaquim da Silva

Outras curas

Antonio Francisco e sua mulher, do Barraco, freguezia de Monte Redondo (Leiria), tendo seu filho José com um ataque que durou 48 horas, este começou a melhorar logo que recorreram a Nossa Senhora da Fátima.

Silvina Duarte, do Rabaçal, em estado melindroso, desenganada dos médicos, entre outras coisas, prometeu ir a pé a Fátima, o que fez em Outubro ultimo, por ter melhorado completamente.

Condessa de Bertiandos (Ponte de Lima), agradece a Nossa Senhora da Fátima as grandes melhoras d'um doente, e por agradecimento mandou baptisar algumas creanças com o nome de Maria de Fátima.

João Rodrigues de Sá, da freguezia de Bertiandos (Minho), agradece a rapida e milagrosa cura de um filho que o médico dava por perdido. Tinha enterite, ameaço de meningite, principio de peritonite e febre a 40 graus e 3 decimos durante tres dias. Entrando no quarto uma imagem de Nossa Senhora da Fátima, a creança adormeceu e ao acordar estava sem febre e agora perfeitamente curada.

Abilio Torres, de Barrosas, conta assim a cura de sua prima em Outubro ultimo: «Minha prima Narcisa da Conceição Marinho, da freguezia de Caide, concelho de Louzada, sofria ha 4 anos do estomago e estava resolvido fazer-se-lhe uma operação; porém a pequena, com receio, resolveu dirigir-se a Nossa Senhora, e, na ultima peregrinação, para ahi partiu.

Em Leiria, e até meio do caminho da Fatima, ainda se sentiu mal.

A certa altura disse para a pessôa que a foi acompanhar: estou bem, estou sã; e até hoje nada mais sentiu, deixou de sofrer, e, consultando o médico, este disse-lhe que estava completamente curada.

Como isto é a pura expressão da verdade e, para todos que conhecem a pequena, um dos grandes milagres de Nossa Senhora e que talvez seja digno de ser publicado, é que o levo ao conhecimento de V. etc.»

Emilia Rosa de Jesus, de S. Martinho da Gandra (Oliveira de Azemeis), tendo falecido um seu irmão tuberculoso e achando-se ela muito doente do ventre, estomago e garganta, não podendo digerir alimento algum nem administrar a sua casa, começou a melhorar logo que recorreu a Nossa Senhora da Fátima e, indo a Fátima em 13 de Outubro com seu marido, como prometera, sahiu de lá «enthusiasmada com os grandes fenomenos que lá divisou».

Alice Monteiro, de S. Mamede, conta assim a sua doença e cura: «Faz hoje (5-XI) dois mezes que me sucedeu um desastre, ficando escangalhada de uma perna, a ponto de todos dizerem que não tinha mais concerto em vista da fraqueza e da maneira como me sucedeu, que a escangalhei em tres partes, e como não tinha força na outra, era bem provavel que ficasse inutilisada das duas.

As dôres eram horriveis, causando-me ataques, que custava a ter mão em mim a quem me tratava».

Recorreu a Nossa Senhora da Fátima, e ao fim de um mez já andava tratando do arranjo da casa.

Cacilda das Neves Silva Simões, de S. Bernardino (Athouguia da Baleia), que em Março de 1925 se sentiu muito mal com dôres na espinha e espaduas não podendo mover os braços. Não podia deitar-se nem levantar-se senão com dôres horriveis.

Tendo aplicado varios remedios sem resultado, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e, como não tinha agua, fez aplicação de chá de folhas de oliveira e carrasqueira, que de lá tinha trazido em 1924, e á segunda aplicação encontrava-se perfeitamente bem.

Eduardo, filho de José Zeferino Pereira e de Henriqueta da Conceição, de Caldas da Rainha, de 13 anos, estando com a vista quasi perdida foi em peregrinação com seus paes e avó á Fátima em 13 de maio de 1925, pedindo muito a graça de melhorar, tendo ficado com a vista completamente bôa, logo á saida do local das aparições.

Foi examinado antes pelo especialista Dr. Fernando Correia, das Caldas, que nada lhe poude fazer.

Pedro Paulo, de Vila Nova de Ourem, curou-se de uma perna chagada havia 20 anos, desenganado de todos os médicos.

Elvira A. Marques da Costa Corte Real, de Vizeu, porque a Virgem Santissima Nossa Senhora do Rosário da Fátima se dignou lembrar-se da sua alma aflita concedendo-lhe uma graça que tanto lhe implorou, envia 10$00, conforme lhe prometeu, e pede o favor da publicação.

Uma filha de Maria de Caruche, cheia de fé e agradecimento para com Nossa Senhora do Rosário da Fátima, e em cumprimento da sua promessa, pede a publicação na *Voz da Fátima* da graça que Nossa Senhora lhe fez, restituindo a saúde a

uma pessôa de sua familia.

Em reconhecimento envia uma pequena quantia para as despezas do culto.

Henriqueta Camacho, estando muito encomodada com falhas no coração tomou um pouco de agua de Nossa Senhora da Fátima e melhorou imediatamente, prometendo publicar esta graça.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.....	4.775:000
D. Deodata Amelia Malato.....	10:000
Isidro Marques Cardoso, sufragando a alma de sua mãe.....	10:000
Soma.....	4.795:000

Entre dois amigos

Uma alma e Jesus

Jesus, ainda hoje me não haveis dito nada!

— Minha filha, é porque ha muito barulho á volta de ti.

Jesus, mas porque não Vos encontrei eu ainda hoje?

— Porque não fôste onde eu estava.

Jesus, mas realmente Vós tendes-me muito amôr?

— Minha filha, dei todo o meu sangue por ti.

Parece-te pouco?

Jesus, ámanhã hei de Vos dar todo o meu coração.

— Mas esse ámanhã, minha filha, chegarás tu a vel-o?

Jesus, eu procuro as minhas amigas do mundo porque o meu coração necessita tanto de amizade!...

— Como, minha filha? Não tens o meu Coração no Santissimo Sacramento?

Jesus, eu tenho tanto receio de cair no pecado!...

— Minha filha, deixa-te estar ao pé de mim.

Jesus, eu desejo tantas coisas!...

— Minha filha, então não te chega o meu Coração?

Jesus, mas custa tanto o que Vós me pedis!...

— Olha, minha filha, aqui o meu Coração e lá em cima, o Ceu.

Jesus, lá do altar estaes sempre a dizer: «vinde a mim!»

— E' verdade, minha filha, mas, infelizmente, não veem.

Jesus, porque há tantas almas que se perdem?

— Porque não querem o meu Coração, minha filha.

Jesus, falai Vós mesmo aos pecadores.

— Eu não cesso de falar, elles é que não querem ouvir.

Jesus, estou prompto a dar-Vos tudo o que tenho.

— Minha filha, basta-me o teu coração.

Jesus, porque permitis que eu sofra tanto?

— Porque te tenho amôr, minha filha.

Jesus, o que é que Vos animava no meio dos tormentos da Vossa paixão?

— O amôr, minha filha.

Jesus, durante a flagelação estaveis a mover os labios; que dizieis Vós?

— Dizia a meu Eterno Pae: «tende piedade dos pecadores!»

Então, Jesus, não amaldiçoaveis os Vossos carrascos?

— Minha filha, era eu que desarmava o braço vingador de meu Pae.

Jesus, o Vosso Coração não estremecia de indignação contra aquelles que Vos escarravam no rosto?

— Não, minha filha, eu perdoava-lhes.

Jesus, e foi por mim que sofrestes tudo isso?

— Sim, minha filha, e com amôr.

Jesus, e que dizieis Vós ao ver a cruz?

— Ah! Talvez agora elles me amem.

Jesus, mas não estaveis Vós cançado de tanto sofrimento?

— O amôr, minha filha, dá sempre alentos novos.

Mas, Jesus, era realmente sofrer de mais!

— No entanto, eu não cessava de dizer: «ainda mais, meu Pae, ainda mais.»

E Vossa Mãe, Jesus, tambem lá estava ao pé da Cruz!

— Ah! minha filha, quanto eu sofria de a vêr sofrer!

Jesus, Vós sobre a Cruz estaveis abandonado de Vosso Pae.

— Sim, minha filha, mas Elle não vos abandonou a Vós.

Jesus, todos os males Vos acabrunharam.

— Sim minha filha, mas só um me desolava: «o pecado».

Jesus, quão horrivel não deve ser o inferno, visto que para nos livrar de lá tanto tiveste de sofrer!

— O principal, minha filha, é que no inferno não me amam.

Jesus, quanto Vos deve ter custado o esquecimento e indiferença dos homens!...

— Minha filha, morrer d'amôr e não ser comprehendido, é pavoroso.

Jesus, chamaveis Vós os apostolos em vosso socorro?

— Chamo, sim, mas elles dormem.

Jesus, qual foi uma das maiores ou mesmo a maior dôr da Vossa vida?

— A traição de Judas, minha filha.

Jesus, os Vossos sofrimentos vão salvar as almas.

— O pensamento, minha filha, de que, para muitos tudo resulta inutil, torfura-me.

Jesus, como hei de eu saber que os meus pecados me fôram perdoados?

— Ama-me, minha filha.

Jesus, eu tenho tanto mêdo do julgamento!...

— Minha filha, é verdade que eu é que serei o teu juiz mas antes de tudo sou teu pae

Jesus, eu amo-Vos, amo-Vos!

— Ah! como este palavra alegra o meu coração, minha filha!

Jesus, que posso eu fazer para consolar o vosso coração?

— Minha filha, ama-me muito.

Jesus, que hei de eu fazer para Vos amar muito?

— Antes de tudo, minha filha, desejal-o muito.

E depois, meu Jesus?

— Pedil-o muito.

Mas ai! meu Jesus, não sei sofrer nada por Vós!...

— E' porque tu, minha filha, não me amas bastante.

Jesus, que hei de fazer para ser uma santa?

— Medita, minha filha, constantemente os meus sofrimentos e as minhas virtudes no Santissimo Sacramento.

Jesus, eu sou tão ignorante, que devo fazer para me instruir?

— Que o teu crucifixo, minha filha, seja o teu livro.

Jesus, eu queria arder de amôr por Vós.

— Minha filha, entra na chaga do meu Coração.

Jesus, que devo eu fazer para Vos agradar muito!

— Minha filha, não cesses de contemplar as minhas chagas, as minhas feridas, no Santissimo Sacramento.

Jesus, onde é que os martyres fôram tirar a força de tanto sofrer?

— Nas minhas chagas, minha filha, sobretudo na do meu Coração.

Jesus, assim Vos esqueceis que Vos tenho ofendido tanto!...

— Sim, minha filha, porque agora me amas.

Jesus, eu não deixo de chorar os meus pecados.

— Essas lagrimas, minha filha, são-me muito queridas.

Jesus, o Vosso amôr por mim é um verdadeiro martyrio porque eu não correspondo devidamente.

— E', minha filha, porque não conheces o meu Coração.

Jesus, agora estou resolvida a não Vos deixar mais.

— Dôce promessa, minha filha.

Flôres para o Menino Jesus

O episodio que vamos contar teve logar na egreja dos Padres do Santissimo Sacramento de New York, na vespera do Natal de 1902, e vem contado no jornal *Sentinel* dessa ocasião:

«Estava eu sósinho, de joelhos, ahi pela volta do meio dia, deante do trono de Jesus, na vespera do Natal.

Pensava eu no dia bemdito em que Jesus Menino descera para este mundo.

Via-o deitado sobre palha, tendo a seu lado a Virgem Mãe e S. José, seu guarda fiel. Ambos estavam como que transfigurados. Estavam lá tambem os pastores maravilhados, e os Anjos traziam através do espaço estrelado esta alegre novidade: «Hoje nasceu para vós um Salvador.»!

Emquanto eu estava mergulhado nesta dôce contemplação, senti passos de creanças que se dirigiam para onde eu estava ajoelhado.

Pararam e percebi que me queriam falar.

Voltei-me e deparei com a mais encantadora scena: quatro meninas, levando cada uma nos braços uma boneca velha e pouco asseiada, mas cuidadosamente embrulhadas por

causa do frio, posto que elas mesmas não viessem suficientemente vestidas para se defenderem do frio glacial que fazia. Todas quatro de joelhos sobre os bancos da comunhão, olhavam a Santa Hostia com respeito e amôr.

De tempos a tempos procuravam o meu olhar, desejando mas temendo falar-me.

Por fim, uma d'ellas, encheu-se de coragem, aproxima-se de mim e dizme ao ouvido: «Padre, nós trazemos aqui isto, dê-o, faça favor, ao Menino Jesus».

E estendendo a mãe, entrega um ramo de flôres, acrescentando: «e elas são *mesmo* nossas, nós quatro (dizenda os nomes) as comprámos com o nosso dinheiro, na praça. Pedimos que nos déssem *mais* mas disseramnos que nestas ocasiões ha poucas flôres, que eram raras e caras e que não nos podiam dar nem mais uma pelo nosso dinheiro».

Eu estava verdadeiramente comovido e perguntei: «Que dinheiro tinham as meninas?»

Uma d'ellas respondeu? «nós conseguimos ajuntar e poupar meio tostão para o dia de Natal».

Depois d'isto ausentaram-se, mas antes de partir ajoelharam e abaixaram um pouco a cabeça (as mesmas bonecas tiveram de se curvar tambem), disseram uma oração silenciosa, de que não se ouvia nem uma palavra mas que Jesus, lá da custódia, terá ouvido e abençoado, Elle que cá na terra fazia as suas delicias em estar com as creanças.

Em seguida desceram pela egreja abaixo e foram para a rua, conservando sempre bem seguras as bonecas.

Durante o resto da minha hora de adoração, esta scena inolvidavel não deixou de passar e repassar deante dos meus olhos. E eu pensava: quantas lições nós podemos aprender das creanças: lições de fé, de amôr e de sacrificio!

Quantas tentações não tiveram ellas de vencer vendo nas lojas os brinquedos, os bombons, tão lindas coisas e tão belas bonecas de cabelos loiros e olhos azues!

No entanto não quizeram gastar o seu tesouro mas guardaram-no para o Deus-Menino.

A exemplo dos trez Reis Magos, trouxeram os trez dons: a sua esmola, figurada no ouro; a sua oferta simbolisada na mirra e a oração, murmurada a seus pés e que subia como incenso.»

Pequenas réplicas

— Eu não tenho religião e passo muito bem.

—O meu cão e o meu porco tambem.

—=—

—O tempo da Egreja passou.

—Mas recomeça sempre.

—=—

—Eu não acredito aquilo que não comprehendo.

—E' por isso que não acreditas em nada.

— Os Padres teem um bom oficio.

— Então porque não o aprendes?

—=—

—Não ha ceu.

—Para os patifes, com certeza.

—=—

—Não ha inferno.

—De certo, para os bons.

—=—

— Ninguem voltou do inferno cá.

—Isso prova que se não sae de lá mas não prova que se não entre para lá.

—=—

— No fim de contas, o que é preciso é viver.

— Enganas-te. Depois de tudo, o que é preciso é morrer.

—=—

—Eu não tenho fé.

— Mais uma razão para a procurares.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte.	55.492:600
Impressão do num. 50 (31:000 exemplares) .	713:000
Expediente e outras despezas	355:000
Soma . .	56.560:600

Subscripção

(Fevereiro de 1926)

Alexandre Severino Gomes, 20:000; D. Ana do Carmo Moraes, 10:000; D. Maria das Mercês Flores Brazil, 10:000; D. Teresa de Jesus Pereira, 10:000; D. Maria Amelia Brun, 10:000; Manuel Dutra, 10:000; Padre Eduardo de Souza Marques, 10:000; D. Rita do Sacramento Mousaco, 20:000; D. Elvira Pereira da Costa, 10:000; D. Maria Emilia Queiroz e Lemos, 20:000; Carlos Neto d'Oliveira Barbosa, 10:000; D. Maria Geraldes Barba, 10:000; D. Armanda Medina, 10:000; Padre Antonio Correia Ferreira da Mota, 30:000; D. Maria da Conceição Bettencourt Nogueira, 10:000; Dr. Cruz, 10:000; Antonio Ignacio Vicente, 15:000; De jornaes: D. Maria das Dôres, 193:000; Varias pessôas d'Ilhavo, 35:500; D. Carmen d'Almeida, 330:000; D. Delfina Maria d'Almeida, 60:000; Padre Augusto Durão Alves 50:000; Asylo de S. José, de Braga, 30:000; D. Engracia d'Assumpção Covas, 90:000; F. Pinho Nunes, 52:500; Carmina Vieira, 35:500; D. Celeste Maria de Souza, 15:000; Monsenhor Portugal, 144:000; Pad. Alfredo Abrantes, 17:000; D. Maria da Purificação Godinho, 50:000; Josefa de Jesus, 83:800; D. Maria da Conceição Caldas, 12:500; D. Amelia e Afonso Pinhal, 30:500; D. Angelina da Conceição Soares Matos Louzada, 65:000; Custodio Ferreira de Almeida, 18:000; D. Emilia Nunes Rocha, 27:500; Manuel d'Oliveira Borges, 160:800; Miguel Bento Nunes, 17:500; Antonio Vieira Leite, 50:000; D. Alice Rodrigues, 30:000; D. Laurinda Marques, 5:000; D. Anna da Silva Barreto; 20:000; D. Cesarina da Piedade, 12:500; D. Maria da C. Toscano Tinoco, 20:000; Visconde de Montedor, 35:000; D. Maria Fernanda Santos, 150:000; Caetano Augusto Matias Relvas, 50:000; D. Maria Izabel Monteiro Reinas, 50:000; D. Ana Augusta Freitas, 80:000; Elias da Silva Machado, 30:000; D. Clementina Reis e Silva, 20:000; D. Maria Torres d'Avelar, 20:000; Padre Lino da Conceição Torres, 12:000; D. Maria Augusta Gomes, 20:000; D. Rosa da Silva, 20:000; D. Maria Julia Botelho, 20:000; Francisco Godinho, 100:000

Contribuiram tambem com a quantia de 10:000 réis: D. Laura e D. Mariana Morais, Domingos Martins Ferreira, Padre Joaquim Gaiolas, D. Maria Adelaide Salazar, D. Maria Adelaide Salazar Norton. Padre Adriano Dias Marques, Manuel de Oliveira Rascilo, D. Cristina Lereno, Agostinho Martinho Vieira, D. Clotilde Augusta Teixeira Lopes, D. Laurinda Pereira, Padre Belarmino d'Almeida Ferreira, D. Herminia da Fonseca e Albuquerque, Padre Jayme José Ferreira, D. Guilhermina de Souza e Mello Carvalho, Carlos Silveira Peixoto, D. Alda C. de Carvalho, D. Ascenção Bacelar, Padre Joaquim Gonçalves Margalhau, Dr. Joaquim Coelho Pereira, D. Maria Margalhau Nunes, D. Guilhermina Guimarães d'Araujo, Leonardo Francisco, Visconde de Cortegaça, D. Antonia Malafaia, Joaquim Amaro Cardoso da Silva, Francisco Pombo, Manuel Barros de Carvalho, Domingos Francisco de Brito, Joaquim Gonçalves, D. Emilia Leite da Costa Faria, Sara da Silva, Padre Antonio Maria da Costa, D. Maria Joaquina Tavares Proença d'Almeida Garrett, D. Cacilda Cabrita, Dr. Manuel José de Souza, Domingos Maria Monteiro, D. Adelaide de Jesus Cunha, D. Alzira dos Anjos Rebelo Sebolão, D. Maria do Rosário Cardoso Saldida, Luiza da Silva do Cura; D. Maria dos Anjos de Matos, Ana Tavares, D. Carolina Pinho, D. Ana d'Oliveira, D. Rosa d'Oliveira, D. Maria Luiza de Souza Delgado, D. Amelia de Freitas Carvalho, D. Maria de Belem Pinho, Antonio Dias de Castro, Antonio Monteiro Balcão, D. Maria Laura Marques dos Santos, D. Antonia Marques Prêsa, D. Angelina da Conceição Martinho, Luiz Cipriano Esteves, Director da Ordem Terceira do Carmo, de Coimbra, Padre Andriano de Souza Vieira, Dr. Antero Ferreira de Magalhães, D. Elvira Abreu Malheiro Marinho Falcão; D. Maria Emilia Pinto Brandão, D. Maria das Dôres Trocado, José Alves da Rocha, Padre Antonio Francisco de Campos, D. Maria Geralda Ferreira, Miss. Kathleen O'Donnel, D. Maria da Assumpção Correia, Joaquim Pereira da Silva, D. Olympia de Oliveira Valadas Preto, D. Ana Augusta Freitas, Antonio Rodrigues da Bela, D. Maria Manuela de Vasconcelos, D. Maria Teresa de Jesus Soares Teixeira, D. Maria dos Desamparados Guimarães, D. Alice Senna Guerra, D. Maria Conceição Athayde e Melo, D. Albertina Vieira Simões, D. Maria de Jesus Morais, Padre José de Matos Dias, Antonio Anacleto d'Oliveira, José d'Oliveira Pereira, José Maria da Costa Oliveira, D. Maria Luiza de Souza Rosado, D. Maria José Sampaio, Moraes, Julio M. Fernandes, D. Lucrecia Pelejão, D. Lucinda Pires Duque, D. Henriqueta do Rosário Coelho Pereira, D. Maria da Assumpção Simões Silva, Antonio d'Oliveira Santos, José Domingos Correia, Padre Manuel Tavares de Sousa, D. Beatriz de Jesus Ribeiro Ferreira, D. Leonor Gonçalves de Castro, D. Amelia Maria de Torres Santos, D. Adelaide de Souza Chambers, D. Adelaide da Conceição Mendes, Padre Manuel Antonio da Conceição, D Albertina Pereira, D. Rosa Elias Ribeiro, D. Agueda Rosa Gomes, D. Leonor Rosa de Viterbo, D. Felicidade Maria de Jesus, Ana da Conceição, Padre Virginio Lopes Tavares, D. Carlota Salazar, D. Judith Moura Braz Nunes, Elvira Barbosa Vieira, D. Jacinta Assumpção Marques, Rosaria Luiza, D. Ismenia de Souza Barbosa, D. Maria do Ceu de Jesus Lopes, Manuel Ribau, Padre Antonio Maria dos Santos Campos, D. Eduarda Albertina Tavares de Santiago D. Mariana Santiago Soveral Ribeiro, D. Maria José d'Ascenção Tavares d'Almeida, D. Maria da Gloria Tavares de Soveral Martins, D. Delfina Augusta de Pina, D. Ana Augusta Correia, D. Maria José Segurado Vieira, D. Deolinda dos Reis, D. Maria Palmira C. Baptista Antunes, D. Olga Nunes Pereira, D. Maria do Carmo Cardoso Cabral, Padre Manuel Duarte Netto, D. Maria dos R. Martins, D. Maria Joana Martins, Gabriel Raimundo da Silva.

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano V — Leiria, 13 de Janeiro de 1927 — N.º 52

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.
Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA da FÁTIMA

(13 DE DEZEMBRO)

Manhã fria de Dezembro. Começavam apenas a raiar os primeiros alvores da madrugada, quando a *camionette*, que nos transportava rápidamente á terra das Aparições, chegava pela estrada do Alqueidão de Torres Novas aos contrafortes avançados da Serra d'Ayre. A gelida aragem que soprava das bandas da montanha fustigava os rostos e as mãos e inteiriçava os corpos forçadamente imoveis dos passageiros, apezar de envoltos em agasalhadoras mantas de viagem. Depois de atravessada a humilde aldeia do Bairro, que se aninha em torno da sua linda capela coroada por um elegante campanario, o sol ergue-se no horisonte dourando com a poeira luminosa dos seus raios as cristas dos montes e as copas dos arvoredos.

Os companheiros de viagem, membros da Associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosário do grupo de Torres Novas, que vão a Fátima em missão de caridade para prestarem os seus serviços aos pobres enfermos, preparam-se pela oração para o exercício da sua nobilíssima tarefa, rezando devotamente em côro o terço do Rosário, encantadora prática de piedade tão insistentemente recomendada a todos os portuguezes pela Virgem das Aparições por intermédio dos humildes pastorinhos de Aljustrel. Meia hora mais tarde passavamos junto de Montello e subiamos a ladeira que conduz ao largo terreiro que circunda a igreja paroquial de Fátima. Numerosos peregrinos de ambos os sexos confessaram-se e ouvem as missas que ali se celebram Próximo do meio dia oficial a igreja fica deserta. Todos os fiéis se dirigem apressadamente para a Cova da Iria, onde a multidão áquela hora é mais numerosa e mais compacta do que no dia treze do mês anterior á mesma hora.

Naquele local bemdito seis vezes santificado pela presença da Rainha dos Anjos, parece respirar-se a plenos haustos numa atmosfera saturada de sobrenatural e a alma tocada de unções suavíssimas e impregnada de consolações inefaveis sente-se mais perto do Céu. Os peregrinos silenciosos e devotos, circulam naquela estancia sagrada, ora enchendo com agua da fonte miraculosa os recipientes de diversos feitios e tamanhos que trazem consigo, ora cumprindo as suas promessas junto da capela das Aparições, ora rezando em torno do pavilhão dos doentes e assistindo ás missas que se celebram nos três altares da Capela nova.

O Senhor Nuncio Apostolico

Homenagem da «VOZ DE FÁTIMA» reconhecida pela visita do ilustre Representante do Santo Padre, Pio XI, Vigário de Cristo na terra, ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Ao meio dia e trinta e sete minutos a hora mistica do contacto entre a terra e o Céu nos dias das Aparições — depois de conduzida procissionalmente a estátua da Virgem para a Capela nova e de recitado por todos o Simbolo dos Apóstolos—priucipia a Missa oficial da peregrinação, a chamada missa dos doentes, que é aplicada por êles e por todos os peregrinos, mesmo por aqueles que o são simplesmente de desejo. Emquanto se celebra o Santo Sacrifício o rev.do capelão-director dos servitas reza alternadamente com os fiéis o terço do Rosário. De vez em quando, depois da doxologia que remata cada uma das dezenas, ouve-se uma prece jaculatória que parte do fundo d'alma e se eleva para as alturas, implorando misericórdia e perdão, ou um cantico piedoso e popular em honra de Maria Santíssima ou em honra do Augustíssimo Sacramento da Eucaristia. A' Comunhão muitos fiéis aproximam-se da Sagrada Mesa, apesar de inumeras vezes ter sido distribuido o Pão dos Anjos durante as missas que se celebraram ininterruptamente desde alta madrugada. Após a missa realisa-se na forma costumada a benção dos doentes, cerimónia sempre bela, sempre empolgante, sempre encantadora e comovente até ás lagrimas.

Encerram-se os actos oficiais da peregrinação com uma singela e tocante prática do rev.do dr. Marques dos Santos sobre a devoção a Nossa Senhora e os deveres do Cristão e com a procissão do costume organisada para reconduzir a branca estátua da Virgem do Rosário ao seu pedestal na capela comemorativa das Aparições.

Pouco a pouco os peregrinos dispersam-se e retiram, regressando aos seus lares. Apenas alguns, os das aldeias mais proximas, se demoram ainda até ao anoitecer, prolongando a sua oração aos pés de Maria. E a breve trecho o manto escuro da noite envolve nas dobras das suas sombras aquela estancia de mistérios e de prodígios, trono magnificente de Jesus no seu Sacrário de amor e escabelo esplendoroso de Maria Santíssima, augusta Padroeira da nação.

Visconde de Montelo.

Sua Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo do Funchal na Fátima

Encontrando-se em Leiria de visita ao Snr. Bispo, no dia 11 do mês passado, não quiz S. Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo do Funchal retirar-se sem ir até á Fátima.

Ouvira contar coisas maravilhosas daquele local privilegiado; queria ver com os seus olhos o que era que lá havia que ali chamava tanta gente e de tão longe.

E no dia 13 logo de manhãsinha S. Ex.cia Rev.ma toma o caminho da Fátima acompanhado do seu secretário o Rev.mo Snr. Cónego Jardim e do Rev.do Dr. Galamba.

A manhã estava fria; a aragem cortava mas S. Ex.cia sentia-se feliz e repetia frequentes vezes: «Vale bem a pena fazer alguns sacrifícios para vir á Fátima.

E que é isto afinal?...» Encantado com o panorama do Mosteiro da Batalha depois com a vastidão e variedade da paisagem que contempla quem sobe a ladeira do Reguengo, com a limpidez do nosso céu, S. Ex.cia Rev.ma foi á maneira dos outros peregrinos dividindo o percurso em pequenos troços com a recitação dos 15 mistérios do santo rosário.

Ao terminar o penultimo apeava-se junto dos muros da Cova da Iria encaminhando-se logo para o grande alpendre dos doentes em cujos altares celebrava em seguida.

Foi a primeira vez que um Prelado celebrou publicamente na Fátima em dia 13.

O povo estava radiante e vinha á passagem ajoelhar-se-lhe diante pedindo-lhe piedosamente que deixasse beijar o anel.

O primeiro Prelado que celebrou a S. Missa no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fatima, no dia 13 de Dezembro de 1926.

Era uma consolação para aquela bôa gente vêr um Bispo irmanado com êles na mesma piedade, na mesma devoção no mesmo amor á Virgem SS.ma.

Foi a primeira vez que um Prelado pi-

sou a terra da Cova de Iria em dia 13, ornado com os seus habituais distintivos: daí a impressão de todos os peregrinos: impressão de alegria e de confirmação na crença que ali os levava.

S. Ex.cia Rev.ma e bem assim o Rev.º Sr. Cónego Jardim retirou-se edificado com aquela massa de peregrinos: «Ali cantava-se, resava-se, orava-se com fervor».

«Não era uma oração mecanica saída inconscientemente dos lábios; era a exteriorisação do Coração que éles apresentavam a Nossa Senhora».

«Não era uma romaria como as do costume; era uma manifestação sincera de sentida piedade e de fé profunda.

Agradou a S. Ex.cia Rev.ma aquele conjunto de deliciosa simplicidade e encantadora piedade.

Sentia-se ali bem. Como que se recebiam ali novos alentos, novo vigor.

Singularmente comovedora a benção dos doentes e o transporte da imagem arrancaram a S. Ex.cia Rev.ma lágrimas de consolação.

Foi porisso que com saudade se retirou dali depois de terminada a função e de visitada a casa dos servitas com as instalações anexas.

Aquele canto de terra conquistara-lhe o coração e compreendia agora como ali acorrem todos os mêses milhares e milhares de peregrinos.

A S. Ex.cia Rev.ma que quiz mostrar pela sua visita qual a ideia que forma da Fátima apresentamos as nossas mais sinceras saudações e os votos mais ardentes para que Nossa Senhora da Fátima torne de cada vez mais fecunda a acção apostólica de S. Ex.cia Rev.ma.

E com esta saudação e na pessoa do seu tão ilustre Pastor queremos saudar tambem os nossos queridos irmãos Madeirenses entre quem Nossa Senhora da Fátima conta numerosíssimos devotos.

A Redacção.

AS CURAS DA FÁTIMA

P.e José Maria da Costa Parente, Pároco de S. Lazaro (Braga) diz-nos: «Apresso-me hoje (1-XII-1926) a enviar-lhe esta carta que um meu paroquiano (Simão da Rocha), actualmente ausente em Arcos de Val de Vez, me remeteu.

Esta família, a meu pedido, fez uma novena a N.ª Senhora da Fátima a suplicar a graça da saude para a senhora da mesma casa, uma esposa e mãe modelo, atacada de muitas doenças graves.

Ao mesmo tempo bebeu por várias vezes a bemdita agua do local das Aparições, como pode vêr na dita carta. As melhoras foram rápidas.

Já dorme muito bem e vai comendo sem que nada lhe faça mal.

Tudo isto se passou no dia da conclusão da mesma novena, depois da Sagrada Comunhão».

Sobre a natureza da doença diz a carta a que faz alusão a antecedente: «Não sei como descrever-lhe o que se passou em nossa casa a meio da novena em deante: a minha doentinha que estava perigosamente enferma, sofrendo de tudo, coração, rins, figado, estomago, etc, sofria dores horriveis, não podendo dormir nem de dia nem de noite...»

Laura Lima, de Beiriz (Povoa de Varzim) que tendo ido com grande dificuldade a Fátima em outubro ultimo, tendo de lá estar deitada em um colchão devido ao seu estado de fraqueza (anemia geral, neurasthenia, paralisia de um lado etc..) ao voltar sentiu-se bastante melhor, apesar dos grandes incomodos da viagem. Ela mesma confessa que á benção do Santíssimo sentiu no seu corpo uma sensação extraordinaria e certo bem estar. O que é certo é que no fim de tudo já voltou por seu pé para o carro posto que um pouco amparada.

Margarida Lopes, de Vila Nova de Gaia, tendo espetado uma agulha em um dêdo, sofrendo muitas dôres, atribue á protecção de Nossa Senhora a cura, tendo saído a agulha depois das novenas que fez e de ter usado da agua da Fátima.

Maria da Conceição Machado Fragateiro, do Porto (Rua Heroes de Chaves, 842) havia 14 anos que não tinha noticias de um filho que tinha ido para o Brasil aos 13 anos e já lá estava ha 24. Nesta conjunctura, lembrou-se de ir em maio a Fátima e pedir a N.ª Senhora que movesse o filho a dar-lhe noticias, prometendo neste caso voltar em outubro.

Ao voltar da Fátima sentiu necessidade de escrever ao filho e assim fez.

Em outubro não conseguiu dispor as coisas para voltar a Fátima mas precisamente nesse dia recebeu noticias e fotografia do filho e família.

Arminda Pereira, de 27 anos, de Vila Nova de Outil «tendo, havia dois anos, uma doença de bexiga e utero, tendo consultado muitos médicos inutilmente, tendo até estado dois mêses no Hospital de Coimbra, pensando-se em uma operação, tendo já gasto alguns contos de reis, antevendo já os filhos ao desamparo, recorreu a Nossa Senhora do Rosário da Fátima prometendo lá ir em setembro. Trouxe de lá água de que fez aplicação e depois de quinze dias estava curada.

Maria do Rosario Laranjeiro, do Outeiro das Matas (Ourém) estando prestes a sucumbir a uma doença que não cedia a medicamentos, recorreu a N.ª Senhora da Fátima achando-se restabelecida dentro de poucos dias.

Caetana R. da S. Ferraz, de Galegos (S. Martinho) vem testemunhar a Nossa Senhora da Fátima duas graças recebidas. Uma, a cura de sua mãe atacada de pneumonia em circunstancias especiais.

A segunda a sua própria cura, tambem de pneumonia «que logo de principio a alarmou profundamente visto sofrer do pulmão esquerdo desde 1918 e ser este o atingido pela doença, mas com uma tal intensidade que não deixou duvidas a todos que a rodeavam, de que não resistiria por muito tempo. O proprio medico que desde o principio tentou atacar o mal por todos os meios chegou a dizer-lhe que ela o ia deixar ficar mal.

No dia 26 para 27 (de novembro ultimo) prevendo o fim proximo mandou chamar o sacerdote para a Extrema-Unção. Pediu então a Nossa Senhora da Fátima a graça dum milagre. Passados dois dias o médico declarou-lhe que estava livre de perigo».

Elisa de Vasconcelos Matos, de Lisboa (R. Heliodoro Salgado, 44-2.º) agradece as rápidas melhoras, que adoeceu repentinamente de doença reputada grave.

Herminia Nunes de Carvalho, de Lisboa (Caminho de Baixo da Penha—Vila Candida-34), depois de uma novena de comunhões, resar o terço durante um ano, etc., viu desaparecer-lhe do pescoço «um volume que chegou ao tamanho de um ovo de pata, sentindo, como se fossem umas raizes, que a incomodavam por todo o corpo e que não cedia aos medicamentos.»

Luiza Ferreira Rodrigues, de Paredes, freguezia do Vale (Arcos de Valdevez) «tinha um nascido na curva de uma perna, sentindo muitas dôres, animando-a sua filha a recorrer a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, começando uma novena e colocando panos com terra do local das Aparições sobre a parte doente, no fim de poucos dias achava-se completamente curada, não voltando a sentir dôr alguma.

Angela Aguiar de Loureiro, das Caldas da Rainha, «tendo recorrido á Santíssima Virgem e ao S. Coração de Jesus e tendo feito uso da água da Fátima, está curada, ha já quási dois anos, de reumatismo de que sofria.

Luiza Joaquina, do Vale Sobreiro (Caranguejeira) achando-se muito apoquentada com um grande tumor que lhe nasceu em uma perna, não podendo suportar as dôres e não obedecendo a medicamentos, lembrou-se de N. Senhora da Fátima, lavou três vezes a perna com agua da Fátima, encontrando-se curada. Prometeu ir comungar a Fátima e resar pelo caminho, com a família, em voz alta 12 terços.

Alvaro Louzada, marinheiro, de Leça de Palmeira, agradece a N. Senhora a «cura repentina de um terrivel reumatismo.

Manuel Alves Garcia, de Martinchel (diocese de Portalegre), sofrendo do estomago havia mais de cinco mêses, consultando vários médicos e usando vários remédios, não melhorou. Foi a Fátima, bebeu agua, pediu a Nossa Senhora, e lá mesmo sentiu sensiveis melhoras, achando-se agora curado, atribuindo a cura tão rápida a Nossa Senhora, a quem já foi agradecer.

Maria Carreira, da freguesia de Santa Catarina da Serra (Leiria), tendo uma sua filha ataques nervosos que lhe davam ás vezes de hora a hora, tendo-se feito a promessa de uma novena e invocado Nossa Senhora da Fátima, achou-se melhor.

Irmã M. Cecilia, do Bom Sucesso (Lisboa), tendo caído uma grande porção de estuque onde ela esteve momentos antes, atentas certas circunstancias, atribue á protecção de Nossa Senhora da Fátima o não ter ficado esmagada.

Maria Barbara de S. P. Vinagre Preto, de Gouveia, agradece a Nossa Senhora o ter melhorado de uma doença e não ter morrido de uma operação melindrosíssima sua nóra Maria José d'Almeida Vinagre Preto.

Adelaide Martins Bernardo, de Proença a Nova, prometeu publicar duas graças que alcançou de Nossa Senhora. Uma foi a cura de sua prima Julia Bernardo que havia quatro mêses que sofria dos olhos, não podendo lêr nem trabalhar e convencida de que não voltaria a melhorar. Lavando-os duas ou três vezes com água da Fátima, ficaram curados.

Outra, a cura de um seu irmão muito doente, muito preocupado, pensando que morria.

Uma noite que o viu mais aflito poz-lhe ao peito uma medalha de Nossa Senhora da Fátima depois de um sono reparador, tinham desaparecido as apreensões e começou a melhorar.

Maria Zaira Moreira, de Canas de Senhorim «tendo grandes palpitações nervosas no coração que lhe proibiam o descanço noturno tendo ás vezes de abandonar o leito, recorrendo ela a sua Mãe, a Nossa Senhora da Fátima, começou logo a melhorar achando-se hoje perfeitamente bem.

OUTRAS GRAÇAS

Receberam tambem graças e veem aqui testemunhar o seu reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima: **Izabel d'Assunção Taborda** (dois mêses gravemente doente) e **Maria Antonia Branquinho,** de Alvito; **Maria da Glória Silva,** de Silvares, freguesia de Urrô (Penafiel) que tinha uma irmã com grandes complicações internas temendo-se que ficasse tuberculosa.

Maria de Lourdes de Barcelos (Angra), varias graças.

Augusto António da Fonseca e Camara o não ter recaído depois de uma doença grave apesar de se ter exposto a trabalhos perigosos.

Francisca de Azevedo Teixeira, de Tabuaço (Douro), uma grande graça obtida.

O AFILHADO DE NOSSA SENHORA

Vieira é uma populosa freguesia (com praia de banhos) encravada na célebre Mata Nacional de Leiria, hoje concelho da Marinha Grande.

A vida agitada e errante da maioria da população, dispersa por quasi todo o mundo, a sua convivencia com meios onde a parte material e a vertigem da vida moderna absorve e apaga a parte espiritual, torna cada vez mais dificil incutir-lhe habitos de disciplina e fazer que aquela gente pratique com regularidade a religião.

No entanto o povo é de boa indole e lá tem, mais ou menos latente, o espírito religioso, prestes sempre a aparecer, sobretudo nos momentos dificeis da vida.

Há cerca de trinta anos era raro que alguem morresse sem Sacramentos.

Ao menos nessa hora, as nuvens formadas pela poeira da vida dissipavam-se e as almas, voltavam-se deveras para Deus e saiam desta vida purificadas e confortadas com os Sacramentos.

Mais ou menos nessas alturas estava em perigo de vida, tuberculoso, um dos homens que a uma vida cheia de irregularidades morais, maior espírito de hostilidade manifestava contra o seu Pároco que lh'o não merecia porque era a mansidão e brandura em pessoa.

Talvez o estado de inquietação causado pelo remorso explique este insolito procedimento.

Apesar de tudo, o zeloso Pároco resolveu ir visitar o enfermo e dispo-lo, se fosse possivel, para a morte que se avizinhava a passos largos.

O doente repeliu-o altivamente não querendo recebe-lo. O pobre Pároco com a alma a sangrar na perspectiva duma vida perdida para o Céu, ausentou-se.

Não estava havia ainda muito tempo em casa (foi o mesmo Rev.do Pároco, quem nos contou este episódio) quando lhe veem dizer:

«Snr. Prior, o José Diniz, pede-lhe o favor de lá ir».

—Como pode isso ser se ainda ha bocado me repeliu?

Palavras do doente:

«Snr. Prior, mandei-o chamar porque isto está mal e, não venha por aí *o das unhas grandes* (frase pitoresca com que designam o demónio) é preciso preparar-me».

Recebidos os Sacramentos nas melhores disposições, acrescenta o moribundo: «Sr. Prior, peço-lhe um grande favor e é o de fazer colocar no meu caixão o *retrato* de minha madrinha (uma estampa de Nossa Senhora dos Milagres, padroeira da freguezia, que tinha sido designada pelos pais como sua madrinha do baptismo, que está ali naquela mala e me acompanhou sempre pela Africa e outras partes onde tenho andado».

Evidentemente, em troca desta atenção, Nossa Senhora não permitiu a perda eterna do seu afilhado, o que é de molde a incutir animo a tantos pecadores e a tantas almas atribuladas pelo remorso de uma vida de pecados.

Quanto maior confiança não deve incutir áqueles que a teem e tratam como Mãe e que, na imitação das suas virtudes, procuram viver como filhos dedicados!

A Lampada das nossas Igrejas

E' rigorosamente exigido que, em todas as igrejas católicas, se conserve acesa, dia e noite, uma lampada, deante do S. S. Sacramento.

São naturalmente curiosas as creanças: tudo perguntam, tudo querem saber. Acompanhado por sua mãe entra um menino numa igreja. A lampadasinha, que arde deante do altar, excita-lhe a curiosidade e prende-lhe a atenção:

— Minha mãe, pergunta êle, para que serve esta lampada?

Se, como este menino, nos per-

guntasseis: — Para que serve esta lampada?

Qual a razão porque se põe deante do altar?

O que significa? Para que está acesa, tanto de dia, como de noite?

Responder-vos-hiamos imediatamente, que é uma obrigação, que nos foi imposta.

Na verdade foi-nos determinado, sob pena de pecado mortal, que de noite e de dia, conservassemos acesa, pelo menos uma lampada, deante do tabernáculo. onde está o SS. Sacramento, e este preceito é de tal modo imperioso que o Soberano Pontifice, Pio IX, recusou-se a fazer-lhe qualquer excepção. Era tal a importancia que dava a esta piedosa pratica que, segundo dizem, ele proprio se encarregava da conservação das lampadas, que ardiam deante do SS. Sacramento, no seu oratorio.

Para que serve a lampada?

Para indicar ás pessoas que entram na Igreja, que, Jesus Cristo está ali presente.

Se por curiosidade entrardes num templo protestante, não vereis lá esta luz, porque Jesus Cristo não está ali.

Lembrais-vos daquela estrela que guiava os reis magos e se deteve sobre a pobre morada onde estava o Messias que êles vinham adorar? — Parecia dizer-lhes: — Entrai: está ali. Pois bem, a lampada que ilumina o altar diz-vos: — Está ali o vosso amado Salvador. Está ali realmente presente no tabernaculo, sob as aparências do sacramento eucaristico. Está ali... Por conseguinte conservai-vos recolhidos e prestai-lhe as homenagens do vosso respeito, adoração e reconhecimento.

O que é esta lampada?

E' um simbolo de Jesus Cristo. Não se apresentou Ele, ao mundo como luz, a verdadeira luz, a luz da vida, *lumen vitae* que dissipa as trevas do êrro e nos revela as verdades ácerca de Deus, das nossas almas, dos nossos deveres, do nosso destino? Eu sou, disse Ele, a luz do mundo». *Ego sum lux mundi;* e a luz que brilha junto ao altar, recorda-nos as suas palavras.

O que é esta lampada, que alimentamos em frente do tabernáculo?

E' um testemunho da nossa fé, da nossa veneração para com o SS. Sacramento. Ha, sem duvida, meios superiores áqueles, meios mais excelentes para honrar a sagrada Eucaristia, e porêmos em primeiro lugar a comunhão e a assistencia á santa missa.

Porém sustentaremos tambem que esta lampada é, a seu modo, uma pratica do culto, que prestamos a Jesus Cristo, no seu divino sacramento, a qual atesta a nossa crença do dogma da sua presença real, e os nossos sentimentos de piedade.

O que é finalmente esta lampada?

E' a imagem da alma cristã.

Vêdes essa chama alimentada com o azeite, que dá luz e calor, deante do altar, que constantemente se difunde e consome, em honra do adorável sacramento?

E' o simbolo da alma que, alimentada pela graça divina, crê, espera, ama, se dedica e sacrifica pela gloria de Deus.

Qual é então o fim da lampada do santuário?

E' o de nos representar e substituir junto da sagrada Eucaristia.

Se por um excesso de amor, Jesus Cristo, se digna habitar entre nós, numa morada construída por nós; se Ele quer expontaneamente ser nosso visinho, nosso compatriota, não concordais em que temos o dever de manter relações com Ele, visitando-o, prestando-lhe as nossas homenagens e testemunhando-lhe o nosso reconhecimento?

Como as necessidades da vida material, os trabalhos, e os cuidados nos negócios nos absorvem o tempo e afastam da sua presença, e apenas, em cada domingo, fazemos uma curta aparição no seu templo, o Hospede dos nossos tabernáculos estaria condenado ao isolamento, se não fossem os anjos que lhe fazem a guarda de honra, durante a nossa ausencia, e esta lampadasinha que, de noite e de dia, arde ante o altar.

E' nos impossivel estar constantemente em adoração e orando, deante do SS.mo Sacramento, pois bem, esta lampada, perpetuamente acesa, substitui-nos.

Dizei-nos, não é tão agradável pensarmos que somos, em cada momento, quer de dia, quer de noite, representados deante de Nosso Senhor por esta luz misteriosa, que tão bem simbolisa a fé e o amor?

Só os que contribuem para o sustento desta lampada, pódem experimentar a doçura deste pensamento.

Alimentando uma lampada, nos santuários católicos, a Igreja não faz mais do que continuar as antigas e veneráveis tradições.

Por ordem de Moisés, os filhos de Israel, deviam trazer azeite (de oliveira) puríssimo, para perpetuamente alimentar as lampadas, deante do tabernáculo da Aliança. Numerosas e magnificas lampadas estavam suspensas no templo de Jerusálem, embora o Senhor ali não habitasse, senão em imagem e sob os simbolos.

A sagrada escriptura diz-nos que, quando os apóstolos consagravam a Eucaristia, se acendiam lampadas no Cenáculo. E após os primeiros séculos foi este uso seguido nas igrejas.

É Êle...

(História verídica)

COMO DAR GRAÇAS...

Era á tardinha, no jardim dum colégio de provincia, em vesperas do Natal. Uma professora preparava para a 1.ª Comunhão a mais pequenina das alunas, aquele botãosito que ali vivia já ha tempo, e a quem todas conheciam por «Blu».

Muito viva e inteligente, a Blu tinha pena de não receber a Nosso Senhor como as outras alunas e mestras, e tantos pedidos fez que, emfim, alcançou licença para fazer a sua Primeira Comunhão.

Ia faze-la na noite de Natal á missa da meia-noite—que alegria—e pensava já no seu vestidinho branco, no véu e, sobretudo, na grande felicidade de finalmente ter, como as outras, a Jesus no seu Coração.

E a professora zelosa e piedosa, ia-lhe insuflando na alma aquele espírito de profunda piedade que a vivificava.

Naquela tarde, emquanto com os seus tépidos raios o sol lhes aquecia o corpo, ia a palavra da mestra incendendo em amor por Jesus a alma daquela creançinha. Tratava da acção de graças.

—Olha, Blu, Nosso Senhor vem agora á tua alma, dá-se todo a ti, vem do Céu á Terra por amor de ti, que é que tu fazes?»

—«Eu peço-lhe muitas coisas: que me faça boa e que goste muito das mestras. Converso com Ele a pedir-lhe tudo isso...»

—«Mas pedir não é agradecer, Blu. Então que lhe dizes, quando Ele estiver no teu Coração?...»

—«Digo-lhe muito obrigada»

—«Está bem. E' feio a gente ser ingrata. Mas então não tens nada que lhe dar em troca para lhe mostrares que gostas muito que Ele venha ao teu Coração?»

Que tinha ela coitadita?

—O coração?—Já era todo de Jesus.

—A alma?—Sim; mas que era isso para lhe agradecer?

Pensativa por um pouco, a Blu esboçava depois o sorriso dos que não sabem que responder.

Então, semelhante ao professor que quer do aluno determinada resposta, a mestra insiste.

—«Então Ele dá-se todo, todo a ti, que lhe hás-de tu dar?...»

—«A mim»queria ela ter ouvido mas em vez disso o mesmo sorriso de ha pouco.

—«Então não lhe has-de dar o que tens de melhor a Ele que é tão teu amigo? Não queres pagar-lhe agradecer-lhe assim?...»

—«Pois quero...»

—«E que é que tu tens de melhor para lhe oferecer, com que lhe agradecer? Que tens tu de que gostes mais, que lhe possas dar em paga?»

A Blu poz-se séria.

De repente com os olhitos ternos e brilhantes, como que envergonhada de não ter mais nada, responde em doce murmurio:

—E' Ele...

E ao dizer isto viu duas lágrimas a saltitar pelas faces da mestra.

—E' Ele, sim, minha querida, e que tens de mais precioso. Dizo-lhe que o ofereces a Ele mesmo em acção de graças pela tua comunhão; que não tens mais nada com que lhe agradecer dignamente E Ele fica satisfeito, contente...

... ...

Daí a dias na Noite do Natal Jesus descia áquela alma inocente, nascia dentro dela mas encontrava-a bem mais quente, bem mais suave do que o Presépio de Belém.

Como Ele havia de ficar contente ao ver a candura, a simplicidade daquela alminha...

Ah! Senhor, sinto inveja daquela candura...

Fazei-me, oh Jesus! simples como a pomba, candida como a neve para que, vindo ao meu coração, encontreis nele alguma coisa que vos agrade, e ele se não pareça com o frio e duro presépio mas antes com o Coração desta creancinha a que ha dias quizestes descer.

Fazei que na nossa miséria aprendamos a agradecer-vos com a oferta real da nossa alma do Nosso Coração e sobretudo da vossa propria Essensia. A melhor paga que vos podemos dar **sois Vós Senhor!...**

Diante do Presépio

Chamo á minha memória um desses presépios, mais ou menos artísticos, mais ou menos cheios de poesia, que tenho visto.

Dentro de mim acordam as notas alegres dos canticos ao Menino. Vivo e sinto o regozijo da Festa. E, muito naturalmente, a saudade do tempo que vai fugindo, sem que jámais o torne a vêr, e a lembrança da familia, nas vésperas da Festa, sobem em meu peito e me anuviam.

Mas eu não vim diante do Presépio a reavivar saudades, a carpir minhas máguas. Os anjos passam em revoada e, lá das alturas, gritam gritam aos homens um brado de esperança e, portanto, de alegria: «Nasceu o vosso Redentor!» São dias de benção. Para quê olhar para o passado, se êle foge tanto!? Estou longe da família? E' muito provável que, se procurar um pouco mais acima, desde já a encontre na contemplação do mistério, no regozijo cristão da Festa.

Julgo-me, momentaneamente, suspenso no tempo, para mais facilmente me poder associar a todos os leitores e com todos passar o Natal do Senhor.

Vamos diante do Presépio. Vós cantais? Eu canto tambem. A vossa alma cheia de reconhecimento não sabe agradecer a vinda do Menino, que é Deus? Confesso os mesmos embaraços. Se minha alma contempla o Menino, em palhas deitado, recordo-me logo das palavras de S. João: «O Verbo se fez carne e habitou entre nós». E, porque S. Paulo, na epístola aos Gálatas diz: «Chegada a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho... para nos fazer seus filhos adoptivos...E por isso o homem não mais é escravo, mas filho, e, portanto, herdeiro, pela misericórdia de Deus», a minha alma, enquanto estou diante do Presépio, procura o Infinito e, como ave de azas lassas, cai em si mesma, não podendo compreender tudo, embora sinta alguma coisa deste mistério de poder, de sabedoria e de amor.

A incarnação do Verbo!

Leitor amigo, sentes a alma possuída de amor, porque diante do Presépio fantasías o que se passou na gruta de Belem. O Menino mais lindo e terno e amável, com frio e a chorar...

Isto não é tudo.

O que mais nos deve impressionar é saber que a êsse Menino está substancialmente unida a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Verbo, e que êsse Menino é Deus. Deus feito homem — *et homo factus est!* A natureza humana unida á Divindade!

E' um dos grandes mistérios da nossa Religião.

Se me perguntardes se o compreendo, respondo que só um acto de valor infinito poderia satisfazer a justiça infinita; mas nem nós nem os anjos seriamos capazes de imaginar que, para salvar o homem, Deus se fizesse homem. E, se isto não imaginariamos, muito menos o podemos compreender.

Se me perguntardes o que é que levou Deus a incarnar e a nascer, Menino, na lapa, aquecido pelo bafo de animais e recostado em uma manjadoira, apenas vos direi: *sic enim Deus dilexit mundum ut filium suum unigénitum daret.* Diante do Presépio gosto de repetir muitas vezes e saborear a suavidade daquelas palavras de S. João: de tal modo Deus amou o mundo que deu o seu Filho unigénito.

No Menino está a Luz da Luz, Deus verdadeiro do verdadeiro Deus, por Quem todas as coisas foram feitas, o Verbo, imagem substancial do Padre, a segunda Pessoa da Trindade Santíssima, o Deus eterno. E naquele Menino uniram-se tão intimamente que formam uma só Pessoa o finito e o Infinito, Deus e a creatura. Só o Onipotente poderia unir o que dêsde toda a eternidade estava desunido e, assim, ficaria eternamente, porque o abismo que separa o homem de Deus é infinito.

Mas o amor atrai-O. O amor ten-

de a comunicar-se. E no Amor infinito essa tendência é infinita. Deus que já se tinha comunicado indirectamente por meio das obras da criação, comunica-se directamente ao homem, na Incarnação; e, por meio do homem, que tem em si materia e espírito, Deus marca o sinal do Seu amor em todos os seres corporeos e espírituais.

E olhando para o Menino Jesus não julgueis, leitor, que Deus se diminuiu. Deus é eterno, infinito, omnisciente, onipotente. Jesus é egual ao Pai em divindade, embora, emquanto homem Lhe seja inferior.

A união hipostática da Divindade á natureza humana, alem de ser um acto de amor incompreensivel, é um acto de poder infinito. Diante do Presépio impressiona-me o esforço, milagre de omnipotência, que Deus fez para se ocultar. Criar as estrelas, encher a terra e os mares de vida é, por assim dizer, *próprio* de Deus. Mas esconder Deus a Sua Magestade e poder num Menino é acto, de alguma sorte revelador, dum poder mais alto. Custa menos ao rico viver e mostrar-se como rico e grande senhor do que viver e mostrar-se como pobre e desprezível. Se alguem duvidar é porque ignora quanto poder, quanto esforço exige a humildade. E é um acto de omnipotência o humilhar-se Deus até se fazer homem.

Gravemos bem esta verdade em nosso espírito e já não nos escandalizará a fraqueza de Deus, que tem frio e chora num estábulo, que as estrelas alumiam atravez das fendas, onde o vento sibila.

Leitor amigo, desejaria que me acompanhasses mais uns instantes.

Olha atentamente para aquele Menino que ora sorri, por entre cearas e lumes, no fundo do Presépio.

Não te diz mais nada, além do seu amor, poder e sabedoria?

—Se Deus se fez Menino, é nosso irmão!...

Não resta a menor dúvida. Jesus é nosso irmão. E' verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Por isso, no Menino de Belem, eu vejo a maior glorificação da nossa natureza. *Verbum caro factum est* —o Verbo fez-se carne. E a carne, unida á Divindade, senta-se á direita do Padre, acima dos córos angélicos, nos resplendores dos santos!

Diante do Presépio, curvemo-nos com a razão humilhada por não poder compreender todo o mistério. Mas ao mesmo tempo, olhando para o Menino e fitando-O devemos perguntar: *sic nos amantem quis non redamaret:* quem não ha de amar Quem assim nos amou? — pergunta que ha de ser um estímulo para, com o coração enternecido, nos associarmos aos anjos e aos homens que profundamente reconhecidos, festejam o Natal do Senhor.

ABRIGO PARA OS DOENTES
PEREGRINOS DE FÁTIMA

Transporte...	4.795$00
D. Teresa de Almeida Mascarenhas	10$00
D. Lucinda Magriço Coutinho Martins...	10$00
D. Arminda de Sá Dias	5$00
D. Joana Emilia de Faure Viegas Costa Branco	10$00
Soma	4.830$00

Grandioso Espectaculo

No dia 12 de Setembro deu-se no Mexico um espectáculo comovedor e digno dos aureos periodos de fé da edade media. Doze mil pessoas de todas as classes foram descalças, em peregrinação de penitência, ao Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira daquele infeliz paiz.

A policia não impediu a manifestação, mas vexou-a. Sob o pretexto de se assegurar que os católicos não levavam armas, revistou-os a bem dizer um por um.

Este vexame arbitrário mais aferverou a piedade dos peregrinos.

Nenhum padre estava presente, já que o culto publico está suspenso.

Os proprios peregrinos sob a direcção de chefes improvisados resaram o terço e cantaram canticos a Nossa Senhora.

Em todas as igrejas abertas renova-se o mesmo espectáculo.

Não ha padres. Não ha culto. Os sacrários estão vasios. Jesus partiu.

Através de todo o méxico é uma como Sexta-Feira de paixão que se prolonga.

Os crucifixos lá estão e as imagens da Virgem tambem. E a seus pés milhares de preces ardentes, escapando-se de corações angustiados, são depostas para que a paz e a liberdade seja restituída ao México.

Deus se compadeça desta infeliz nação.

Voz da Fatima

Despezas

Transporte do mês anterior ..	56.492$60
Composição e impressão do n.º 51 (31:500 exemplares).	724$50
Expedição, franquia e outras despezas...	450$00
Soma ..	57.667$10

Subscrição

(Março de 1926)

Contribuiram com a quantia de dez escudos para terem direito a receber o jornal pelo correio: D. Maria José da Trindade, D. Maria das Dores Barbosa Correia, D. Maria Carlota Ferro Murinello, Jacinto da Trindade Braz, D. Maria Sancia Soares de Melo, D. Cristina Abranches do Soveral, D. Maria dos Prazeres Amaral Lopes, D. Laura Abrantes de Amaral Oliveira, D. Izabel Abrantes Amaral Gomes, D. Maria do Carmo Landal, Dr. Luiz Andrade e Silva, D. Margarida E. Teixeira Barbosa de Abreu, D. Clotilde Raposo de Scusa d'Alte, Rui Vaz de Siqueira, D. Guadalupe Roque Calado, D. Eugenia de Sant'Ana Rodrigues, Eduardo da S. Amado, D. Maria Candida da Silva Painho, Agostinho Tomás Correia, D. Julia Amaral, D. Alia do Céu Pimentel Ferreira, P.e Augusto José Ferreira, D. Elisa Silva, Manuel José Faria de Sá, D. Julieta Rosa Vieira, Ayres Gomes, P.e Francisco Antonio da Silva Valente, P.e Rodrigo Luiz Tavares, D. Francisca da Cunha Souto maior, D. Dulce M. Pereira, D. Maria Victoria de Magalhães Coutinho, Manuel Alves Soares Teixeira, D. Maria Caulina de Matos, D. Laura Vargas, Nuno Alvaro Pinheiro, D. Irene Duarte, D. Guilhermina Lacerda, D. Octavia G. Cau da Costa, D. Maria Caldas, D. Francisca d'Almeida Vasconcelos de Noronha, D Teodora de Jesus Costa, D. Maria de Figueiredo, D. Sara Mudat, D. Alice Mudat, D. Albertina d'Artayette Mota, D. Candida R. Martins, D. Beatriz M. Guimarães, D. Angelica d' Artayette Lemos, D. Carminda Tavares Guerra d' Andrade, D. Julia da Silva Neves d' Oliveira, D. Ismalia Bastos Messedet, Emygdio Gomes da Silva, D. Alda Bayley Santos, Justiniano da Luz Fuzêta, Carlos João Viegas, José Maria do Carmo, D. Lucia Pessoa, Domingos Simões, Cassiano Costa Barros, D. Maria Emilia Palma Leal, Francisco Sarmento Pimentel, D. Helena Rodrigues, Francisco Correia, D. Maria da Conceição Fernandes da Silva, José Antonio Gonçalves d'Azevedo. José d' Oliveira Dias, D. Maria Clara Silva Lobo, Henrique Elias, João Ribeiro, D Maria da C. Mendes Godinho, D Ester Le Retord Guimarães, D. Amélia Perez Abranches, D. Sofia Regalão, Antonio Rodrigues da Bela, D. Adelaide Ramos Cunha Reis, D. Maria Moreira Vieira, D. Clara Fernandes Veloso, Dr. Domingos Pulido Garcia, P.e Antonio de Jesus Gonçalves, D. Esmeralda do Ceu Pires, D. Margarida Martins, João de Souza Sá, Januario Miranda, D. Cecilia Correia Costa, José Antonio Fialho d'Almeida, D. Helena de Carvalho Diniz, D. Maria dos Remedios Xavier Proença, D. Maria das Dôres Freitas, D. Maria Rodrigues Macieira, Antonio Serras, Custodio Bento, D. Felismina Cavaleiro, D. M. Branco Martins, José d'Oliveira Pereira, Joaquim da Fonseca Vaz, P.e Eurico de Lacerda Pires, João d' Araujo Mourão, D. Ana de Sousa Menezes Machado, D. Maria Eugenia Sarmento, Antonio Bento Rodrigues, José Gomes da Fonseca Fraga, D. Idalina Cabeça, Manuel Ferreira Filipe, D. Maria Emilia Pires Antunes, Luiz Maria d' Oliveira, Alfredo Tavares, D. Olimpia Cunha Leal Patricio, D. M. Joana Patricio, D. Antonia Curado, D. Maria Ana Teixeira, D. Amelia Lopes de Mendonça, Antonio da Costa Pé Leve, José Dias de Almeida, Dona Luísa Augusta dos Santos Brandão, D. Maria Barbara Simões, D. Elvira Graça Zagalo Vieira da Silva, D. Rosa d'Almeida Vieira Lopes, P.e Marceliano, Natario, D. Maria Generosa de Menezes d'Almeida, D. Maria Carolina de Barbosa Pereira de Melo, D. Maria Pia de Sá Osório de Andrade, Daniel dos Santos Tavares, Manuel Lucio de Andrade, Antonio Evaristo da Silva Bartolomeu, D. Maria do Livramento Horta, Salvador Nunes d'Oliveira, Joaquim Honorato, Jayme dos Santos Rodrigues, D. Alice Garcia, D. Laurinda Pereira, D. Maria Victoria Albuquerque Vasconcelos.

Subscreveram com 20$00, D. Maria Tinoco, D. Mariana Rosa Palma Mata, D. Maria da Piedade Rodrigues, D. Filomena Vasconcelos Figueiredo, D. Laura Teixeira Correia Branco, D. Maria Iria da Veiga Moniz de Couto Pontes, D. Maria José dos Santos Moreira e D. Matilde Clara da Fonseca, 15$00, D. Felizmina Cavaleiro, 12$50, D. Rosa Mendes das Neves, Antonio Matias da Costa e D. Maria da Piedade Adriano Antero, 15$00, Fortunato Marques dos Santos e D. Etelvina Torres da Costa, 12$00. D. Etelvina Mendes d'Oliveira e D. Julia da Conceição Baptista, 5$00.

Deus não dorme

Foi ha já alguns anos. Um tal sr. Davis, capitão dum vapor de pesca, tomava banho na praia de Mathes e lembrou-se—pensamento verdadeiramente satanico!—de fazer uma sacrilega parodia do baptismo. Consistia a miserável brincadeira em derramar champanhe sobre a cabeça duma sobrinha, acompanhando a cerimonia de ditos blasfemos. A esposa, toda espevitada e envaidecida servia de madrinha entre as gargalhadas da multidão que assitia á indigna diversão. Agora escutai o resto, caríssimo leitor: Um ano depois —no mesmo dia e á mesma hora— estavam os dois esposos tomando banho na mesma praia. O mar estava serenissimo; nada parecia haver que receiar e o capitão era bom nadador...

Mas eis que de repente uma onda terrivel se levanta e arrebata os dois esposos que desapareceram para sempre...

Deus não dorme, caríssimo leitor. E ai de um que se atreva a brincar com Deus!...

Boa resposta

O Padre não é teu amigo, não te dá roupa nem calçado, dizia um ministro protestante a um Pele-Vermelha.

Este entreabre a camisa para deixar vêr o peito e pergunta:

E's tu capaz de saber o que se passa no meu coração?

Não, responde o ministro protestante admirado:

Pois bem, replicou o selvagem, é no meu coração que o homem vestido de negro, o Sacerdote, deposita os presentes que me dá.

Quando me confesso ele lava o meu coração com o sangue de Jesus Cristo.

Quando comungo, ele coloca Jesus no meu coração.

O teu tabaco arde e esvai-se em fumo, os teus vestidos gastam-se e rasgam-se, mas os presentes do Sacerdote ficam comsigo e eu espero levá-los até ao Céu.

Resposta verdadeiramente sublime e que prova que Deus revela aos pequenos e humildes coisas que oculta aos orgulhosos.

Uma encomenda interessante

Uma pequena colegial revelava tais gostos de vaidade que sua mãe estava alarmada. Esta recebeu um dia uma carta da filha, pedindo-lhe um espelho.

«Minha filha, respondeu a mãe, em vez de um espelho, receberás três. No primeiro verás «o que tu és;» no segundo, «o que tu serás;» e no terceiro «o que tu deves sêr.»

Espantada, a menina, perguntava a si mesma o que aquilo queria dizer. Emfim a encomenda chegou. A toda a pressa, a menina abriu a caixa, e tirou um magnifico espelho onde se mirou, toda vaidosa, emquanto que uma voz interior lhe dizia: O que tu és!

Voltou outra vez á caixa e tirou outro espelho, em fórma de caveira. A mesma voz lhe disse: O que tu serás!

Mas no fundo da caixa, ainda havia qualquer coisa.

A jóvem colegial tomou o embrulho, e com as mãos trémulas, desembrulhou o outro espelho que desta vez representava ...a Santíssima Virgem! O que tu deves sêr! disse-lhe a voz da consciência.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano V — Leiria, 13 de Fevereiro de 1927 — N.º 53

VOZ DA FATIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE JANEIRO)

Quasi dois lustros são passados depois que a Santíssima Virgem, Augusta Padroeira de Portugal, se dignou aparecer numa radiosa visão de beleza divina, a três humildes e inocentes creanças na esteril charneca do planalto de Fátima, onde apenas de longe em longe rasteja a urze e se ergue timida e enfezada a azinheira brava.

Neste longo periodo já decorrido, as graças e bençãos do Céu choveram copiosíssimas sobre as almas fervorosas dos crentes que de todos os pontos do paiz acorreram em piedosa romagem aos pés de Maria no santuario da sua predilecção ou que, volvendo o pensamento para esse local bemdito, elevaram mãos suplicantes e sentidas preces até ao Coração maternal da Virgem.

Numerosas curas de toda a especie de doenças e enfermidades, muitas delas confirmadas com o testemunho irrecusavel de clinicos abalisados e de todo o ponto insuspeitos, atestam claramente a misericordia incomparavel da Mãe de Deus e a verdadeira omnipotencia de que Ela gosa junto do seu Divino Filho.

Contudo a esses prodigios de bondade, aos milagres de amor, a essas curas de cegos, tuberculosos, paraliticos, cancerosos e de tantas outras vítimas das mil misérias físicas que afligem e torturam os corpos humanos, sobrelevam as assombrosas curas morais, as conversões de milhares de almas que, depois de uma existência passada na escravidão do pecado e no delirio das paixões, se voltam para Deus como o filho prodigo e, prostrando-se aos pés do seu ministro para confessarem as suas culpas e alcançarem o perdão desejado, se levantam para a rehabilitação pelo arrependimento e para a expiação por uma vida morigerada e exemplar no cumprimento dos deveres e na pratica das virtudes cristãs.

Fátima, lá está, como um padrão imorredouro de ternura infinita de Maria pelos filhos de Portugal, como um polo magnetico espiritual, atraindo irresistivelmente milhões de peregrinos em assombrosas e renovadas manifestações de fé e piedade, hypnotisando sobrenaturalmente as almas, fascinando e captivando docemente os corações.

* * *

A 13 de janeiro, na Cova da Iria, realisaram-se na forma do costume as comemorações religiosas dos sucessos maravilhosos de Fátima.

Os fiéis, apesar do frio e da chuva, acorreram nêsse dia aos pés da Virgem do Rosário mais numerosos do que em igual dia do mês anterior. Os enfermos não ocupavam literalmente o recinto que lhes é reservado. Não se via nenhum grande doente. Os servitas de Torres Novas e de Leiria, desempenhavam com o zelo e espírito de sacrifício que os distingue, as multiplas e variadas funções do seu ministerio.

Desde a madrugada celebraram-se missas nos altares da capela nova, comungando muitas centenas de fiéis

Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa

Ao meio dia solar principiou a missa oficial da peregrinação, a chamada Missa dos doentes. O Dr. Marques dos Santos dirige do alto do pulpito a recitação das orações e os canticos piedosos. Comove e encanta a fé e devoção dos romeiros, vindos, muitos dêles, de longinquas terras, sofrendo resignadamente as fadigas da viagem e a inclemência do tempo. Junto do venerando sanctuario de Maria, rezando e cantando, êles revigoram as energias da alma e o proprio corpo parece recobrar alento para a Virgem do regresso.

Depois da benção com o Santíssimo Sacramento, primeiro aos doentes e em seguida a todo o povo, subiu ao pulpito o Rev.º Pereira Gens, páraco de Ourem, que falou longamente sobre a devoção a Nossa Senhora e a pratica das virtudes cristãs.

Uma hora mais tarde na solidão da imensa charneca, reinava um silencio profundo, apenas interrompido pelo brando ciciar de uma prece ou pelo echo longinquo de um cantico piedoso entoado por algum peregrino retardatario.

Visconde de Montello.

HOMENAGEM
da «VOZ DA FÁTIMA»
a Sua Emin.cia Rev.ma
o Sr. D. António Mendes Belo
Cardial Patriarca de Lisboa

O nosso querido e venerando Senhor Patriarca de Lisboa está intimamente associado ao Santuario de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

A Fátima, antes da restauração da Diocese de Leiria em 1918, pertencia á jurisdição de Sua Eminencia, sendo no tempo do sabio governo do Senhor Patriarca que nos dias 13 de maio a outubro de 1917 se deram os acontecimentos que emocionaram Portugal inteiro originando o movimento religioso a este lugar bemdito que desde então tem aumentado de ano para ano.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	4.830$00
D. Maria Basto de Vasconcelos	10$00
D. Leopoldina da Conceição Nunes Lobato	2$50
	4.842$50

A MINHA NOTA

Piedade assim... Mentem...

No dia 13 dum dos ultimos mêses retirava-me eu para a casa dos servitas a tomar alguma coisa e pelo caminho ia pensando na graça incomparavel que o Senhor acabara de fazer-me vindo habitar corporalmente em mim.

Sentia vontade de me esconder com Ele a dar-Lhe graças, muitas graças por tão grande favor e ia-Lhe pedindo perdão da frieza com que O acolhera dentro de meu peito.

Mas parecia-me ouvir o Senhor dizer-me baixinho lá dentro: «Não filha. Eu compreendo e aceito a tua boa vontade. Vai para junto dos meus doentes consola-los e dizer-lhes as palavras boas que me querias dizer.

Agora é preciso trabalhar. Tem cuidado em te não dissipares. Recolhe-te mesmo a trabalhar e oferece os teus trabalhos a meu Pai em união com os meus merecimentos. Não te dissipes. Não espalhes a tua alma pela multidão. Reserva-a para mim e para os doentinhos a quem te consagraste».

... ...

De repente oico alguém a saudar-me.

— Minha senhora!...

— Adeus Julio. Como estás tu?... Então por aqui?...

— E' verdade. Eu já lhe conto.

E com o olhar chamou-me a atenção para alguém que ali perto orava muito recolhida e de joelhos.

— Sabe que me vou casar?...

— Sim?

— E' verdade e foi por isso que vim á Fátima. Vim pedir a Nossa Senhora que me iluminasse e a minha futura mulher para que nós não tomassemos este estado contra a vontade de Deus.

—Bravo! Assim é que procedem os rapazes sérios, os rapazes católicos como tu.

— Não esteja a brincar. — Olhe que é a sério. Foi só porisso que cá vim hoje.

Pensei muito antes de me decidir a casar, muito mais antes de pedir a minha noiva e agora penso ainda porque estamos a tempo, ela e eu.

— Pois bem. Nosso Senhor ha de abençoar a vossa união. Haveis de ser felizes.

— E' que eu não queria por sorte uma como aquela de ha pouco, que estava a rezar lá álém.

— Porquê?...

— Não viu como ela trajava?...

— Então?!... Era uma senhora...

— ...á moda... de rapaz! Aquilo não me servia. Ou bem mulher ou bem homem. Gente mascarada, não!

— Mas estava tão recolhida...

—E o cabelo cortado... á rufia?...

E as saias que, de joelhos, mal lhe tocavam no chão?...

E o decote que lhe descobria o peito e as costas?...

E o vestido que procurava mostrar o corpo todo?...

E as tintas e os pós que lhe cobriam a face?...

Não, minha senhora, aquilo não me servia!

— Coitada! E' uma vítima da moda.

— Será, mas tolo será o que se tornar vítima dela.

— Talvez te enganes, Julio. Não vistes como ela estava recolhida?...

— Recolhida?... De que vale fechar os olhos se está despida.

— Emfim... é lá com ela coitada.

— A minha é que não é assim. Terá todos os defeitos menos a imodestia no vestir.

— Os meus parabens! ...

— ...e acabou de comungar agora...

— Vês, bem dizia eu que talvez te enganasses; E' uma alma de piedade...

— Piedade?... Assim?...

Mentem!...

Eu não acredito na piedade duma menina, duma senhora que se apresenta assim.

— Mas deixemos lá a pobre rapariga.

— Tem muito que fazer...

— Um pouco: tenho ali alguns doentes para assistir.

— Ah! então adeus... De hoje a um mez aqui lhe apresentarei minha mulher.

Muitos cumprimentos aos snrs. XX. e a seus filhos.

— Adeus, Julio! Mil felicidades!...

... ...

E fui-me a correr arrependida já do tempo que ali perdera, ouvindo a censura do Mestre mas pensando ao mesmo tempo naquela lição.

Um rapaz muito das nossas relações, que eu vira nascer e que por várias circunstancias já não via de há muito acabara de me dar indirectamente uma tremenda lição que me apressei a comunicar a minhas filhas.

Ele tinha razão!...

E' lá possivel que uma alma piedosa, mas a valer, deixe assim poluir o corpo do Senhor mudado no seu próprio corpo?...

E' lá possível que dentro da alma se guarde o que no corpo se expõe tão despudoradamente?...

Fiquei com pena daquela rapariga. Fôra talvez bôa mas agora o Senhor não estava ali á vontade.

Sentia-se humilhado ao ver-se exposto ás vistas da multidão como outrora no pretório ou no Calvário.

Pobre Jesus! E aquela alma julgava-se talvez muito querida de Jesus por sentir no coração arder-lhe um pouco daquele afecto terno e sentimental de que nós as mulheres somos tão ricas.

E ha tanta alma que se diz piedosa e se apresenta assim...

E ha tanta alma bôa que assim expõe a Jesus no seu próprio corpo...

E ha tanta alma que a gente não sabe a quem serve!... Se a Jesus, se á moda...

Era Jesus que reinava naquela?... Quero crê-lo mas era tão fraco o seu reinado, tão debil o seu poder...

Piedade e moda não se contradizem quando a moda é dignificadora mas quando ela rebaixa então sim.

A piedade, pelo culto da virtude levanta e exalta, espiritualiza; a moda rebaixa e avilta quando como essa que para aí impera faz perder á mulher a mais linda, a mais rica das joias que a podem adornar: o pudor. Piedade sem modéstia, sem pudor, sem recato não é piedade verdadeira.

Custou-me mas afinal tinha razão aquele rapaz.

«Piedade?... Assim?...

Mentem!...»

Uma servita

TODOS TEMOS UMA CRUZ...

Conta-nos uma provinciana do seguinte modo, a sua interessante historia.

«Quando recebi por meu marido, um joven de que eu muito gostava, pensava muitas vezes: nunca nos havemos de zangar. Para mim tudo eram rosas e nem sequer me passava pela ideia que as roseiras tambem teem espinhos.

Pouco depois do nosso casamento comecei a compreender que o meu marido era dum genio muito esquisito. Procurava bem a diligencia de o compreender, mas não era possivel. Vivia muito desgostosa, ás vezes pensava que quando tivessemos filhos, talvez êle mudasse. Não foi assim, pois que tivemos filhos que êle muito amava, graças a Deus, mas o genio continuava.

Pensei algumas vezes em o deixar, mas uma voz da minha consciencia me dizia: «não devo fazer semelhante coisa, porque não me é permitido».

Então ouvi dizer que havia umas mulheres que sabiam muito bem fazer resas, curar pragas e mal de inveja. Lembrando-me que êle sofresse qualquer desses males, imediatamente fui ter com uma delas, vindo muito satisfeita, julgando que o meu marido ia agora fazer-se muito melhor.

Mas puro engano; foi o contrario. Eu que me não podia conformar, pensei: talvez haja outra que saiba melhor, porque esta já está velha.

Disseram-me que havia outra que adivinhava tudo o que se passava nas familias.

Vivia esta, a muitas léguas de distancia da minha terra: Sem que nada me puzesse dificuldade, e não sabendo que eram coisas contrarias á lei de Deus tratei logo de me pôr a caminho. E, radiante de alegria, pensava: agora desta vez é que eu fui a fonte limpa.

Realmente uns dias sugestionada, julguei que tinha encontrado por êste meio a minha felicidade, que depressa acabou.

Desta vez o meu sofrimento aumentou, dizia mal á minha vida, porque não me convencia que tinha de sofrer. Fiz muitas promessas aos santos, sobretudo a Santa Isabel, a quem pedia muitas vezes a paz. Tive então a felicidade de me lembrar de ir á confissão.

O meu confessor a quem eu fiz uma confissão geral animou-me muito, e fez-me vêr que todos no mundo tinhamos uma cruz.

Disse-me tambem que levasse meu marido com muita paciencia, que era a minha obrigação.

Para êste fim, aconselhou-me que fizesse muitas comunhões por êle.

Fiquei então certa que fora da igreja não há felicidade.

Fui vivendo como pude, fazendo sempre a diligencia para que êle fôsse bom.

Andava eu um dia, tratando da lida de minha casa, muito triste e atribulada e, ao mesmo tempo contemplando um filhinho meu que ainda não tinha 5 anos.

Este andava muito atarefado fazendo uma cruz, com dois caniços, cruzando um no outro com um grande prego e um martelo, conseguiu a muito custo fazê-la. Acabada está entregou-ma dizendo:—toma, mãe uma cruz.

Então agarrei-a e guardei-a para memoria.

Mais uma vez me convenci que tinha de levar com paciencia a cruz que Deus me enviou.

... ...

Passaram-se tôdas estas scenas e outras mais, e eu conformada com a vontade de Deus.

Em minha casa eu, minhas filhas e marido pertenciamos á Irmandade do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora.

Todos usavamos a medalhinha. Meu marido trazia-a escondida porque êle, infelizmente, não praticava a religião, mas no entanto trazia-a sem o saber.

Vendo eu um dia que êle andava muito impaciente como de costume, sem saber porque maneira lhe havia de fazer a vontade, levei uma nossa filha de dez para onze anos, á Sta. Comunhão nove dias, para assim, por esta maneira, reparar os pecados de seu pai.

Eu acompanhei-a no mesmo acto indo alem desta, todas as vezes que me fosse possivel.

Pouco depois de acabada a novena da nossa filha veio a meu marido uma doença que o fez sofrer bastante.

Agora, eu sofria não o seu mau genio, mas de o ver sofrer!

Procurava todos os meios de o animar e de o converter. Contava-lhe muitas coisas de N.ª Senhora.

Dava-lhe livros religiosos para êle ler.

Um dia estando êle mais queixoso ganhei coragem puz-lhe ao peito a medalhinha que até ali trazia escondida; e disse-lhe: «tem confiança que a S.ma Virgem há-de ser servida de melhorar-te».

Ele então aceitou-a da melhor vontade.

N.ª Senhora queria que êle soubesse que trazia a medalha ao peito. Pouco depois começou a melhorar, tanto da doença como do genio.

Não parece o mesmo, está completamente curado, e ainda conserva ao seu peito a dita medalhinha que êle mesmo pôe com as suas proprias mãos.

Espero em Deus que a não deixe mais.

Como Deus é bom, como Ele nos ensina a levar a nossa cruz, pois que numa cruz morreu Ele para nos remir e salvar».

Eu não sou digna...

Abrigadas pela casa dos servitas, na Cova da Iria, contra uma chuvada batida do norte, duas mulherzitas conversavam amigavelmente.

Ouvi sem querer essa conversa que vou reproduzir por a julgar util aos leitores da «A Voz da Fatima».

... ...

—Já comungou?

—Não senhora. Eu não sou digna. Não sou tão santa que possa comungar.

—Nem eu.

—Então tambem não comunga?...

—Já comunguei... retorquiu a primeira.

—Diz que não é digna e foi comungar!...

—E' verdade, senhora Maria, mas quem é que será digno de receber a Nosso Senhor? Eu cá por mim cuido que só Nossa Senhora, os Anjos se tivessem corpo como a gente e os Santos.

—Pois então como é que vocemecê se atreve a ir comungar sem ser santa?

—E' para o ser...

—Sempre tem cada uma...

—Olhe, senhora Maria, eu até ha pouco tempo também comungava só uma vez por ano. Mas aqui o ano passado foram os snrs. missionarios á minha terra como vocemecê sabe.

—Sim, tambem lá fui algumas vezes.

—Pois bem nessa ocasião calhou a prégarem da comunhão e tais coisas disseram que agora comungo muitas vezes no mez.

—Pois olhe ,eu cá é que não mudo.

—Pois faz mal. A gente bem sabe que não é tão santa que mereça receber a Nosso Senhor mas graças a Deus tambem não tenho consciencia de pecado mortal.

Nosso Senhor bem sabia quando instituiu o SS.mo Sacramento que nós haviamos de ser assim porisso já se não admira que a gente lhe leve ás vezes uma imperfeiçãosita, um pecado venial. E' a nossa miseria!...

—Eu é que não comungava assim...

—Diga cá, o que é que vocemecê faz quando está fraca?...

—Como.

—Pois é o que eu faço para a minha alma. Dou-lhe alimento muita vez para ela se ir aguentando e para se fortificar, se ás vezes comete algum pecadito venial.

— Lá porisso tem razão mas o peor é saber quando é que ele é venial ou mortal.

—Nosso Senhor é pai e ajuda a gente para não estarmos sempre a cometer pecados mortais.

Mas quando a gente tem duvidas vai-se confessar e fica tudo resolvido.

—Ainda assim havia de me custar muito.

—Está enganada. Ora experimente e verá como se acostuma.

—Ai! Eu podia lá comungar tanta vez?!... Deus me livre!...

—Olhe eu antes de comungar ponho-me sempre a pensar nisso, a pensar que não sou digna de receber a Nosso Senhor (e é verdade) mas depois pego a dizer-lhe que tenha paciencia, que hei de ver se para a outra vez venho melhor, mais paciente, mais caritativa, mais humilde, mais pura, mais modesta e que me ajude a comungar com fervor, e lá vou assim com pena de ser tão indigna, mas ao mesmo tempo com a esperança de que N. Senhor mo não leva a mal.

—E depois não fica com medo de ter ido comungar indignamente?...

—Não, senhora. Humilho-me muito deante de N. Senhor ao comungar e peço-lhe que me abençõe e a meu marido e meus filhos e fico-me para ali a falar com Ele... a agradecer-lhe aquele favor de vir morar em mim... a ouvir o que Ele me diz...

—Então Nosso Senhor fala consigo?

—Comigo e com todos os que comungam. O que é é que alguns não ouvem ou não querem ouvir o que Ele lhes diz.

—Pois olhe eu nunca O ouvi e gostava de O ouvir...

—Mas olhe que Ele não fala assim como a gente... fala-nos na alma, no coração dando-nos bons desejos, pensamentos santos... censuras pelos nossos defeitos e arrependimento pelas nossas faltas e ás vezes (Ele é tão amavel...) até nos agradece as nossas boas obras.

—Quero tambem ouvir a N. Senhor... Mas eu não o consigo...

—Consegue sim. Basta recolher-se muito na ocasião de comungar e pensar na grande graça de ter a Deus no seu peito e verá...

—Mas afinal isso são nos momentos... depois fica-se na mesma...

—Ah! Experimente com intenção recta e coração puro: sem pecado mortal e para agradar a N. Senhor, experimente as delicias da comunhão frequente.

Como a gente se sente outra! Nos dias em que comungo parece que vivo no Paraizo...

Que força e coragem nas tribulações! Que paciencia no sofrimento! Que facilidade para a virtude! Comungava todos os dias se não estivesse tão longe da igreja. Ponho-me ás vezes a pensar que se pode dizer então uma coisa que São Paulo disse de si próprio.

—O quê?

—*«Não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim!»*

—Não fazia a mais pequena ideia do que me disse... Bem sei que EU NÃO SOU DIGNA mas... vou experimentar...

... ...

O dever chamava-me a outro lugar...

Deixei-as a conversar ainda, feliz, comovido até por ver que se encontravam entre o povo humilde das nossas aldeias almas ardentes de amor a Jesus Sacramentado, como a daquela mulherzita...

J. de A.

O Culto de N. S.ra da Fátima

Não é só em Mafra, Peniche, Ericeira, Santa Cruz do Douro, Lisboa, etc. que ha já ao culto a imagem de Nossa Senhora da Fátima perante a qual os fiéis expandem o amor filial que teem á Mãe do Céu. E' assim que o Missionario Catolico *de dezembro relata uma festa feita em Lourenço Marques em 31 de outubro ultimo, a* Jesus Cristo Rei *e remate do mês do Rosário:*

«*Ao lado do trono que os católicos de Lourenço Marques levantavam nos seus corações ao Rei dos reis, erguido estava tambem o trono da Rainha dos Anjos, dos Patriarcas e dos Profetas.*

Nada faltou para que fosse brilhantíssimas a festa do Rei e da Rainha dos Céus e da terra. O programa era completo e foi fielmente cumprido. A igreja vestiu-se de galas.

Num pequeno altar improvisado, Nossa Senhora de Fátima, emprestada por um seu devoto, a primeira que deve ter aparecido aos catolicos de Moçambique, olhava, carinhosa e meiga, sorridente e bela para os seus filhos africanos, que lhe dirigiam preces pelas cadeias misteriosas dos seus terços.

Todos resavam com devoção; com devoção e com lagrimas.

Sobre Fátima, o celebrante da Missa das 7 horas falou aos fiéis que enchiam a igreja, e em cujos olhos se viam muitas lágrimas.

Na Cova da Iria tambem se chora...

...Pela primeira vez se ouviu nesta igreja o hino de Nossa Senhora de Fátima. Era o Portugal de Africa que pela boca dos pretinhos de S. José cantava louvores á Virgem Santíssima de Fátima! Fátima, a Lourdes dos portuguezes!...

Os lusos africanos a cantar a Padroeira dos lusitanos!... Aos pés da Virgem do Rosário de Fátima, todos os portuguezes, todos os lusitanos!...

Por todos Ela desceu á Cova da Iria!...».

AS CURAS DA FATIMA

P. Antonio de Castro Monta Reis, de Barbudo — Vila Verde (Minho) conta assim a cura de uma sua paroquiana:

«Em novembro passado escrevi para «A Voz da Fatima» contando-lhe por alto um favor grande que N. Senhora fez a uma minha paroquiana, na peregrinação de Outubro p. passado. Não pormenorisei, nem até hoje o pude fazer, porque tive de acompanhar o meu Ex.mo Prelado na Visita Pastoral a este arciprestado. Agora ai vai: A doente chama-se Rosa de Macedo Pereira, tem 39 anos; é solteira e Filha de Maria e natural e moradora nesta freguesia. Alma de eleição, ha muito que sofria horrorosamente de uma aortite, que a punha frequentemente ás portas da morte. Desde julho que não saía da cama onde recebia diariamente N. Senhor. Um seu parente, medico, com quem mora, pouca esperança punha já na sciencia. A doente mostrou desejos de ir em peregrinação a N. Senhora da Fatima e os seus dedicados parentes, em outubro passado, fizeram-lhe a vontade. A viagem até Coimbra foi deveras dificil: dores intensas, perda dos sentidos, etc. Uma injecção de morfina em Coimbra reanimou-a um pouco e deu-lhe coragem para fazer o resto da viagem em camionete.

No dia 13 de outubro já passou muito bem, movimentando-se muito e acompanhando sempre com muito fervor os diferentes actos da peregrinação. Desde então não voltou á cama, alimenta-se regularmente, trabalha e até lhe desapareceu a dor que sobre o coração sentia ha anos já.

Aqui estão os factos que V. Rev.ma pode contar na querida Voz da Fatima, querendo»

Filomena Queiroz de Lisboa (rua Ponta Delgada, 26-cave) diz:—Estive 17 mezes quasi paralitica, não podia voltar-me no leito, nem vestir-me e impossibilitada de trabalhar, sempre com tratamento de medico; fui ao hospital com tratamento especial, sempre cocha e dôres horriveis nos ossos. Vivia desgostosa. Um dia pedi a nossa Senhora de Fátima que me curasse, que eu iria levar-lhe umas velas. Qual não foi o meu assombro quando uma manhã acordei e começo a voltar-me no leito. Vesti-me e comecei a trabalhar e a andar perfeitamente. As mãos que eram tortas estavam completamente boas. Senti em mim imensa alegria. Agora falta-me cumprir a promessa. Assim que vier o verão ali vou levar as velas e orar para agradecer o milagre. Muito agradeço que este pedido da publicação seja satisfeito.»

João Fernandes Martins, de Alagôa (Figueiró dos Vinhos), residente na Ilha do Principe (Roça Lundy) tendo sido atendido por N. Senhora prometeu assinar cinco anos a *Voz de Fatima* se fazer toda a propaganda do que disser o *jornal*.»

Rosa de Jesus, de Torres Novas «sofria ha mais de trinta anos do estomago, consultou diferentes medicos, e não tendo nunca encontrado melhoras pediu a N. Senhora do Rosario aparecida em Fatima, se a melhorasse desse mal mandaria publicar na *Voz de Fatima*.

Juntamente á sua fé, foi tomando a agua de N. Senhora e, a pouco e pouco se encontra bôa ha mais de dois anos graças a N. Senhora do Rosario.»

Cacilda das Neves Silva Simões, de S. Bernardino (Athouguia da Baleia) diz em carta o seguinte: «Rogo a fineza de publicar na *Voz da Fatima* a graça que a Virgem do Rosario me concedeu em março de 1925. Sentia-me muito mal com dores na espinha e espaduas, que nem podia mover os braços. Não me podia deitar nem levantar, só com dores horriveis. Apliquei varios remedios e nada dava resultado. Recorri então á Virgem Santissima do Rosario da Fatima que me valesse.

Como não tinha agua do logar santo, mas sim umas folhas de oliveira e carrasqueira que de lá havia trazido em março de 1924, fervi essas ditas folhas, apliquei-mas e á segunda vez, encontrava-me perfeitamente bem.

Até hoje, 5 de março de 1926, não mais me repetiram.

Sinto ás vezes qualquer mal estar devido a esse sofrimento, mas nada em comparação com o que sofri».

Antonio Rodrigues Pepino, professor em Aveiro, em carta de ha cerca de um ano, e deixando transluzir aquele espirito faceto e scintilante de que é dotado diz:

«...Adoeci gravemente caindo na cama no dia 6 do passado mês e levantando-me ante-ontem pela primeira vez. Segundo dizem os entendidos, estive ás portas da morte e muita gentinha me resou pela alma, graças a Deus. Tive uma conferencia medica presidida pelo sabio lente Dr. Bissaia Barreto.

Tudo isto, por cima dos encargos de sustentar seis filhos... e meio, veja lá o meu amigo, que atrapalhações devem ter chovido sobre a minha casa.

Ainda assim, depois de os medicos se terem preparado para me fazerem uma melindrosa operação, que julgavam infalivel e indispensavel, nós recorremos (para alguma coisa ha de valer o ser catolico) a Deus e a N. Senhora da Fatima, com tanta *gana*, que o mal começou a abater como por encanto, com grande espanto dos medicos, e eu cá estou quasi são, e, segundo a opinião dos medicos, livre da operação, que, nestes tempos, alem das respectivas esfaqueadelas, custaria rios de dinheiro.

Viva, pois, N. Senhora da Fatima, onde tenho de ir com minha mulher na primeira ocasião».

Maria José da Silva Reis, de Encarnação (Mafra) diz que sua cunhada Maria José Gomes depois de uma pneumonia em 1924 ficou mais de um ano com uma grande tosse que a nada cedia. Indo cada vez a peior e receiando-se uma tuberculose lembrou-se aquela de recorrer a N. Senhora da Fatima levando 15 creanças á Comunhão no dia 13 de maio em honra do Santo Rosario.

Depois da missa houve Benção do Santissimo e pediu-se pela mesma intenção. No mesmo dia mandei agua de N. Senhora e saber da doente que estava ha dias de cama. Mandaram dizer que a tosse tinha desaparecido mas estava fraca.

Em pouco se restabeleceu e trabalha como dantes.

Maria Manuela de Vasconcelos, de Celorico de Basto, conta que sua cunhada esteve á morte com febre puerperal, não tendo o medico grandes esperanças de a salvar e que se escapasse a febre não passaria em poucos dias.

Estava muito mal, com os peiores sintomas.

Chamando a toda a pressa uma sua irmã, que se preveniu levando agua da Fatima, deu-a a beber á doente e dum dia para o outro passou a febre e com ela todo o perigo, pois estava curada.

M. S. P. informa que «havia muito tempo que se pedia a conversão duma pessoa que havia 42 anos se não confessava.

Ultimamente pediu-se a Nossa Senhora da Fatima e pouco tempo depois se operou tão grande milagre que atribue a Nossa Senhora do Rosario de Fatima.

Prometeu publicar esta graça na *Voz da Fatima*.

Laura Amado, de Vila Nova de Gaia (Av. da Republica, 640) em carta de março ultimo, diz que estando Eduardo da Silva Amado, de Paredes da Beira desenganado dos medicos com uma lesão recorreu a N. Senhora da Fatima achando-se curado naquela data.

Antonio Monteiro Balcão, de Vilar Formoso agradece a N. Senhora o tê-lo livrado de uns *ataques de que* sofria havia mais de vinte anos sendo raro passar um mês sem lhe darem.

Em Janeiro de 1924 comprou um livrinho relatando os acontecimentos de Fátima e com tal fé recorreu a Nossa Senhora no dia mesmo em que lhe tinha dado um ataque que não voltaram a repetir-se.

Joaquina Moreira Nunes, do Borralhal, freguesia de Nespereira (Douro) «andava muito doente, muito inchada do estomago, nada podia comer fazendo-lhe tudo mal e nem já andar podia. Foi a Fatima em 13 de agosto de 1925 e ao chegar lá sentiu-se curada.

Mario Domingos Lopes, mecanico, de Ovar estando empregado em uma oficina de S. João da Madeira, rebentou um dia a correia do motor ficando ele enleado sem se poder tirar asim como o não puderam tirar os outros empregados que acorreram logo.

Quando foi possivel lá veio em uma zorra pensando todos que estava morto. Saiu, com tudo que tinha nos bolsos, quebrado, relogio e corrente; a roupa rasgada.

Quando o levantaram caiu a seus pés a medalha de Nossa Senhora de Fatima que tinha pregada com um alfinete na parte interior da camisola.

Todos atribuiram a uma especial protecção de N. Senhora o ter ficado incolume.

Luzanira Augusta de Matos, de Ovar, residente em S. João do Estoril, tendo quebrado a rotula de um joelho e tendo dois medicos dito que, apesar da sua idade de 60 anos, tinha de fazer a operação se quizesse voltar a andar, recusou sugeitar-se á operação e sem esta nem medicamentos começou a andar.

M. I. M., Filha de Maria, de Pedrouços «com o coração cheio de gratidão e reconhecimento agradece a N. Senhora do Rosario da Fatima uma graça recebida que prometeu publicar no querido jornalzinho, para honra e gloria da Querida Mãesinha do Ceu».

Manual do Peregrino da Fátima

Vende-se na redacção da *Voz da Fátima* — Seminário de Leiria.

Preço — 3$50, fóra o porte do correio. Desconto aos revendedores.

Preço excepcionalíssimo a quem pagar de pronto o minimo de cem exemplares.

FATIMA

Como se descreve o milagre

Futura Lourdes Portuguêsa

Com este titulo e subtitulos publicou o jornal de Noticias, do Porto, de 29 de outubro ultimo, o seguinte interessante artigo, que os nossos leitores terão o prazer de conhecer:

«Em 13 de Maio de 1917 tres crianças que apascentavam ovelhas pela região vieram dizer, primeiro aos paes e outros parentes, depois a estranhos, que na Cova da Iria, em cima de uma azinheira, aparecera de subito, Nossa Senhora—uma senhora muito linda, toda vestida de branco.

E acrescentavam que essa senhora falara a uma delas, de nome Lucia, dizendo-lhe que viessem áquele mesmo logar no dia 13 de cada mez, e lá a encontrariam; e que o dia 13 de Outubro seria o ultimo, em que viria a este logar.

Esta estranha noticia rapidamente se espalhou, e, na sua carreira veloz, encontrou de tudo: a crença cega, que aceitou o facto sem analise; a duvida, da parte daqueles que só gostam de acreditar naquilo que veem; o riso sarcastico, que, onde quer que se encontrasse, procurava desfazer, a golpes de ironia a lenda que tomara vulto, e a indiferença de muitos que entendiam que o caso nem sequer merecia ser discutido.

A verdade, porém, é que quando o primeiro dia 13, apoz a pretensa aparição, surgiu, já os pequeninos pastores foram seguidos, na sua ida á azinheira, por alguns crentes que ficaram a distancia, só dela se aproximando as três creanças.

E no dia 13 dos meses que se seguiram esses crentes foram sucessivamente aumentando, e já formavam grandes ajuntamentos.

Só á pequena Lucia foi dado observar a maravilhosa visão, que, não obstante, toda aquela gente, já acorrida de pontos os mais diversos, tinha como certa.

Ora foi este o estado em que se encontravam os espíritos, preocupados com as aparições, ao ser anunciado por aquela das três creanças que gosava do privilegio de ver e ouvir falar a Senhora, que no proximo dia 13 de Outubro, a hora que precisou, um sinal havia de aparecer, «para que todos acreditassem».

Temos portanto, até certa altura:

Primeiro — Três creanças, oscilando as suas idades entre 6 e 10 anos, que afirmam que no dia 13 de cada mez aparece Nossa Senhora em cima de uma azinheira, donde fala a uma delas.

Segundo — a crença que começa a radicar-se nestas aparições.

Terceiro — o anuncio feito com muitos dias de antecedencia, pelas mesmas crianças, de que alguma coisa de extraordinario ia passar-se.

Agora os factos — reais, absolutos, testemunhados, incontestaveis.

No dia 13 de Outubro de 1917 a estrada que atravessa a região, onde fica situada a Cova da Iria, movimentou-se como nunca aconteceu.

A Cova da Iria era, e ainda hoje, em parte, o é, um sitio agreste, pedregoso, desnivelado, sem cultura, porque a qualidade do terreno a não permite, e onde a vegetação se resume a azinheiras e algumas plantas rasteiras.

Logar de desolação e de tristeza, parecia bem uma afilhada para quem a Natureza se mostrou uma madrasta inclemente.

Nem uma casa por ali a atestar a existencia dos homens.

Mas naquele dia inesquecivel não faltou vida no ermo. Transportes de todos os sistemas ali foram encontrar-se, conduzindo gente de todas as condições chegadas de variadissimas e longes origens. Convergiram áquele sitio, ainda havia poucos meses totalmente ignorado, muitos milhares de pessoas, atraídas pela estranha predicção dos humildes pastorinhos.

Pelos caminhos sertanejos, e ainda pela mesma estrada, magotes de povo das aldeias seguiam a pé, na direcção do local celebrisado.

E naquele logar silencioso e esquecido, inospito e sem beleza, uma multidão compacta, formidavel pelo numero e grandiosa pela fé, juntou-se, olhou os ceus e esperou o sinal».

* * *

Na epoca em que estes acontecimentos singulares começaram a produzir-se encontrava-me eu exercendo funções oficiais numa cidade norte-americana. Regressado ao paiz, dirigi-me, poucas semanas depois, á Italia, onde tive ocasião de admirar algumas das maravilhas que tambem a fé dos povos ali fez erguer.

E, quando voltei, o 13 de Outubro havia já passado. Não fui, portanto, testemunha presencial dos factos. Mas estes foram-me descritos, pouco depois, por uma senhora da minha familia, que na impossibilidade absoluta de encontrar meio de transporte, se animou a percorrer a pé, com algumas companheiras, as 4 leguas que separam Leiria do local das aparições, a fim de verificar, de «visu», o que ia passar-se.

E' essa narração, que ha poucos dias eu ouvi de novo, que vae reproduzida fielmente.

* * *

Pelas 10 horas da manhã daquele dia memoravel uma chuva torrencial caiu na Cova da Iria, acompanhada de forte ventania.

Os gurda-chuvas já não conseguiram resguardar ninguem desta furia dos elementos, mas pessoa alguma arredava do local.

As bategas de agua, de certo momento em deante, foram afrouxando, e ás nuvens negras e tempestuosas sucederam-se outras mais leves e cheias de brancura.

O sol, por sua vez, começou a descortinar-se, e, pouco depois, toda a gente notou que umas pequenas nuvens, de uma linda côr rosada, se destacavam das outras, vinham passar debaixo do sol e desapareciam; isto repetidas vezes.

As horas foram passando, a chuva cessára, e o céu tornara-se limpo de nuvens.

E aquela grande massa humana, cheia de religiosidade, mas entre a qual se encontravam muitos curiosos, jornalistas no cumprimento do seu dever profissional, e descrentes, conservou-se imovel, esperando alguma coisa mais.

Havia-se anunciado que o «sinal» se produziria ás duas horas da tarde.

A esta hora exactíssima, o disco solar perdeu o seu brilho, tornando-se negro; uma fita côr de fogo começou girando alternadamente, num e noutro sentido, em volta do sol.

E, contornando este, em toda a sua circunferencia, um enorme explendor, igualmente côr de fogo, cheio de magestade, e de grandes dimensões, apareceu á vista daqueles tantíssimos milhares de observadores.

Em seguida, com todo este aparato, o sol deslocou-se da sua orbita, avançando para a terra e assumindo gradualmente maiores proporções.

Este fenomeno, não previsto por qualquer observatorio astronomico, produziu-se três vezes a um pequeno intervalo de tempo.

E quando o sol retomou definitivamente o seu aspecto normal, toda aquela multidão, postos os joelhos em terra, implorava a protecção da Virgem e gritava:

— Milagre! Milagre!

* * *

Eu fui a Fatima agora, pela primeira vez, e vim de lá maravilhado com aquela grande manifestação de fé catolica.

Se tu, caro leitor, desejas contemplar alguma coisa de impressionante no dominio da crença, vai a Fatima.

Não é uma funçanata que vais ver, como aquelas que tu e eu conhecemos, cheias de uma alegria buliçosa de vinho verde e de folguedos. Não encontras em Fatima os descantes populares, os Zés P'reiras, os foguetes de dinamite, nem os bailaricos, nem as afamadas filarmonicas, que dão vida e animação ás lindas romarias minhotas.

Mas encontrarás a fé religiosa, sentida e vivida na sua pureza, sem qualquer mistura pagã, e ouvirás lindos canticos á Virgem, os quais a alma do povo soube criar.

* * *

Já lá vão nove anos decorridos depois que aconteceram os fenomenos solares, que ficam descriptos com absoluta verdade.

E quem agora visita a Cova da Iria pode verificar um outro «milagre»: pela orla da estrada, e nas proximidades do chão sagrado, levantam-se as primeiras edificações de uma futura cidade.

Naquele recanto da terra, onde o homem não havia construido uma choupana, já se veem, de pé e cobertas, umas, outras ainda nos alicerces, muitas casas. Uma há que dá comodo e fornece refeições; mais adeante, o local já marcado para a «Grande Hospedaria de Fatima».

As obras religiosas não afrouxam. Foi cercado o local numa superficie de muitos hectares, e a entrada, com o seu arco já levantado, faz prever a magnificencia da basilica projectada e de tudo o que com ela se relaciona.

Dinheiro não falta, porque são abundantíssimas as colheitas de esmolas que entregam as centenas de milhares de fiéis, idos ali em romagem em 13 de cada mez, e especialmente em maio e outubro.

«Fatima» é já hoje indestrutivel. A' semelhança de sua irmã mais velha — Lourdes — que ha dezenas de anos lança, do alto da sua catedral, o desafio ao positivismo ateu, Fatima começa a levantar-se gloriosa, enfrentando com segurança o odio e a descrença».

Eduardo Teixeira

VOZ DA FATIMA

Despezas

Transporte...	57:667$10
Papel, composição e impressão do n.º 52...	1.748$00
Expedição, porte do correio etc. etc.	423$65
Outras despesas (gravuras, etc)	356$80
Soma. . .	60.195$55

Subscrição

(Abril de 1926)

Contribuiram com dez escudos para as despezas do jornal, Antonio Baptista, P.e Justino Francisco Macieira, D. Maria Albina Almada Burguete, D. Maria Augusta Santiago, Bazilio Valerio dos Santos, D. Maria do Carmo Pinto, D. Cecilia Baptista, D. Gertrudes Rosa Penaforte, D. Lazarina Augusta de Matos, D. Belmira Maria Mendonça, D. Maria do Rosario Machado Cruz, Domingas Valente, D. Rosalina da Gloria D. Maria Augusta Rodrigues, D. Helena Simões Neves, D. Helena Soledade Machado, D. Maria Fernandes de Almeida, Amilcar de Almeida Marques, Artur da Silva Vasconcelos, Henrique da Costa Machado, Arnaldo Vieira da Cunha, D. Maria Luna Pery de Linde Peixoto, Coronel Luiz da Silva Gomes D. Conceição Queiroz, P.e Candido Maia D. Elvira Marques Vieira, Esperança Rito, D. Maria Angelina Alves Ferreira, D. Maria Tomásia Pinto Antunes, D. Joaquina da Conceição Ribeiro, D. Eufemia de Sousa Soares, Luiz Carreira Vaz, D. Judith Rodrigues da Silva Castro, D. Ester Pestana Marques, D. Albina de Jesus dos Santos, D. Maria Euzebio Caleiras, D. Ana da Conceição Azevedo, D. Maria Paula Franco Cardoso, D. Emilia Plácida, D. Maria Saraiva Cardoso, D. Amalia Vaz da Mota Sobrinho, P.e José Gonçalves Leitão, Manuel Antunes Toja, Manuel Lourenço dos Santos, D. Mariana Pereira da Costa, Francisco Teles de Andrade Rato, D. Maria Clara Nunes de Vasconcelos Marques, Antonio Martins Barreto, Dr. Joaquim Rosado Fernandes, José Maria Sequeira, Eduardo da Silva Amado, D. Maria da Visitação de Santa Marta, D. Laurinda Marques, Silverio Simões de Almeida, Rosa Maria Dias, D. Emilia Vaz Vieira, D. Lucrecia Saraiva, José Lucas Saraiva, D. Luiza Marques da Cruz, D. Maria Marques da Cruz, D. Maria Marques da Cruz, D. Rita Marques da Cruz, D. Maria José Tamagnini de Carvalho, D. Maria dos Remedios, D. Virginia de Assunpção Machado, Antonio Carreira Bonifácio, José Julio Pinto Ribeiro, João Machado da Conceição, D. Maria Lucilia Soares Lopes, D. Maria da Piedade Paiva, D. Matilde Garcez Cabral, Manuel Pinhal, D. Maria Carlota Ferro Murinello, D. Maria da Piedade Ferreira da Fonseca, D. Purificação Liz, D. Izabel Martins, D. Maria da Assumpção Evaristo, P.e José Maria Mendes Cabral, D. Maria Diolinda Elvas Mascaranhas, P.e Luiz da Costa Carvalho, D. Maria Izabel Tavares Pimenta, D. Maria dos Anjos Pereira, P.e António dos Santos Alves, P.e Manuel Lopes Correira, Manuel da Silva Lopes, José Agostinho Fernandes, D. Virginia Ribeiro Martins Gomes, D. Adelaide Corte Real da Camara, D. Beatriz de Sousa Ferreira, Antonio da Costa Luiz, P.e Manuel Barata Duarte, Anibal Mata, D. Candida Cortez, José Miranda Filipe, Domingos Antonio Martins, D. Adete Pinho de Oliveira, João das Neves, D. Maria Olinda Santana, D. Maria Augusta Proença, D. Maria da Luz Vieira Antunes, Francisco da Costa Parente, Bernardino da Silva Gonçalo, D. Albertina Soares Ferreira, D. Ermelinda Soares de Jesus, D. Lucinda Maria das Neves, D. Celestina dos Santos Reinas, D. Ana Alves da Fonseca, D. Emilia de Jesus Oliveira, D. Maria Barbara de S. P. Vinagre Preto, D. Maria Luiza Anette Bacelar.

Uma casa a arder

I

Falando com a senhora

—Bons dias, minha senhora.
—Bons dias, senhor Prior.
—Como vai o doutor?
—A mesma coisa. Melhor não está.
—Que diz o seu medico?
—O medico encolhe os ombros e pensa que tem doença para muito tempo.
—Tambem assim o penso. Já ouvi dizer que será, ao contrário, bastante curta, a não ser por milagre, com o que não ha direito a contar.

No entanto para prevenir qualquer surpresa, é conveniente que se prepare. Dá licença que eu vá ver o seu querido doente?

—Muito gôsto teria nisso, senhor Prior, mas V. Rev.ª bem compreende que neste estado, pode causar-lhe algum abalo.

—Com certeza lhe ha de causar menos do que o juízo de Deus se ele vem a morrer de repente.

—Mas com estas coisas pode morrer.

—Pode reviver, queria V. Ex.ª dizer. E, se morresse, eu lá estaria ao pé dele. A doença e a morte devem ter o sacerdote por companheiro.

—Mas isso vai causar-lhe muito medo!

—Mais medo lhe causará, digo-lho eu, aparecer deante de Deus sem primeiro ter tido ao pé de si o sacerdote do perdão.

A morte, que ha de chegar, e aí vem já, não é mais que uma comparencia.

—Então suba a escada, sr. Prior, mas desculpe não o acompanhar porque não tenho coragem para isso...

II

Falando com o doente

—Bons dias, doutor: como vai isso?

—Não vai lá muito bem, como V. Rev.ª vê.

—Ando a visitar os doentes e não queria deixar de vir aqui saber como vai. Consta por aí que a sua saude está bastante comprometida.

—Muito obrigado, sr. Prior, pela sua atenção, mas graças a Deus, o caso não está tão mal como dizem. Desde ontem sinto-me um pouco melhor.

—Sofre do peito, não é verdade?

—Parece que sim, com um pouco de arterio-scolorose e um acesso de diabetis.

—No entanto, meu caro doutor, creio que o medicamento mais urgente seria o meu. Já cá esteve o medico do corpo tem agora aqui o da alma. A alma e o corpo formam um todo e por isso querem e precisam de ser tratados ambos.

—Não me fale agora disso. O caso não é ainda para sustos. Eu bem sei como estou e como me sinto e eu avisarei V. Rev.ª quando fôr preciso.

—Meu caro doutor: Olhe que os medicos tambem se enganam, quando estão de saude, a respeito dos outros. Não acha mais facil enganarem-se mesmo a seu respeito quando estão doentes? Não se tem visto alguns, devorados pela febre, a pedir á força agua fria que os mataria imediatamente?

—Eu não estou neste caso, sr. Prior, eu não estou nesse caso. Hoje, não.

—Bem, então amanhã... mas a que horas?

—Eu lh'o mandarei dizer.

No dia seguinte

III

—Bons dias, doutor. Estive á espera toda a manhã e ninguem me foi chamar. Pensei que se tivessem esquecido da combinação.

—Amanhã, amanhã. Hoje, não.

—Como o doutor tinha prometido...

—Não, hoje não, que estou muito fatigado.

—Nesse caso vou-me embora mas com muita pena de si, que, sendo medico do corpo, que farieis as vossas receitas e daveis as vossas ordens, recusais aplicar as que vos dita o medico das almas.

Há tempo recorri eu a si numa gastro-enterite, pedi a vossa opinião e curei-me

IV

Questão final

A proposito, doutor antes de me retirar, queria perguntar-lhe uma coisa.

—Diga lá!

—Queria saber se poz no seguro, contra fogo, a sua casa da quinta das Alamédas.

—Oh! Ha muito tempo. A's vezes um fósforo, uma imprevidencia, uma fagulha e... lá se vai tudo. São coisas que acontecem todos os dias.

—No entanto o fogo não costuma consumir nem um por cento das casas. Talvez não destrua num ano dez de mil casas. As outras nove centas e noventa são poupadas.

—E' verdade, mas uma desgraça (e nunca vem só) quando ás vezes menos se espera...

—A sua previdencia, meu caro doutor, é digna de todos os elogios. Felicito-o tanto mais sinceramente quanto muitos dos meus paroquianos estão longe de ser tão previdentes.

—Tambem me parece...

—Pois agora mesmo em plena praça, em frente da igreja, está uma casa a arder. O fogo começou pela chaminé. Da chaminé comunicou-se ao madeiramento e toda a gente diz que, apesar dos bombeiros que chegaram a toda a pressa, a casa está perdida.

—Mas ela está no seguro?

—Não, não está. Mas imagine que ha instantes—talvez agora mesmo—um agente de seguros propoz ao dono um contracto que o punha a salvo daquela perda que vai ser total.

—E o proprietario aceitou?

—Recusou!

—Pode ser que ele tivesse tão pouco juizo?

—E' o meu caro doutor que o diz.

—Quem é essa pessoa?

—E' uma pessoa que lhe é muito proxima em parentesco...

—O quê?

—O Dr. conhece bem o proprietario da casa em fogo. O fogo que a consome são os pulmões a desfazerem-se. A lenha que alimenta e propaga a chama é a diabetes e arterio-sclorose. O agente sou eu que venho pela segunda vez propôr-lhe o contrato de seguro contra a catastrofe eminente da casa nas chamas eternas.

Aqui, meu caro doutor (ouça bem), não é uma probabilidade nem o temor de uma desgraça que tenha cem razões contra dez de não acontecer, é uma realidade sempre latente até que apareça afinal, a descoberto. A sua chama consumiu já, desde o principio do mundo, milhões e biliões de edificios de carne, castelos, palacios, casas de todos os feitios, sem exceptuar nem um só... E não se trata de uma perda relativa, de coisa sem importancia para o proprietario encontrado desprevenido. E' uma perda total, eterna, completa, a perda irreparavel da sua fortuna numa catastrofe que não acaba nunca.

Quando um homem está atingido, como o meu caro doutor, de trez doenças, qualquer das quais dá a morte, não estará a sua casa a arder?

Doutor, Doutor, vós que acautelastes uma simples quinta contra um risco muito problematico e passageiro, estais ainda a tempo.

Quer ou não quer o meu seguro de vida sabendo que ele vos pode garantir o palacio da vossa pessoa toda inteira, contra o risco de um incendio eterno?

O tempo passa... os minutos estão contados... O fogo lambe já o tecto!

O doutor começa: *Eu, pecador, me confesso...*

Voz da Fatima

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano V — Leiria, 13 de Março de 1927 — N.º 54

VOZ DA FATIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE FEVEREIRO)

Contra toda a expectativa, depois de uma semana de vento, frio e chuva sem interrupção, o dia treze de Fevereiro amanheceu esplendido, cheio de luz e de colorido, e com uma temperatura suave e tepida, como que a anunciar a proximidade da primavera.

A's sete horas da manhã, no cume da serra, a poucos quilometros do Alqueidão de Torres Novas, o panorama que se desfruta para as bandas do nascente é verdadeiramente soberbo e deslumbrante. O astro-rei, difundindo sobre a terra os seus raios acariciadores, ergue-se no horizonte distante, cheio de formosura e magestade, e acorda a natureza do sono pesado duma longa noite de inverno.

A's dez horas, no recinto das Aparições apenas se vêem algumas dezenas de pessoas. Mas á medida que se aproxima o meio-dia solar, a multidão engrossa cada vez mais e eleva-se por fim a alguns milhares de fiéis.

Os peregrinos deste mês são na sua grande maioria habitantes das aldeias visinhas que, impulsionados pela sua piedade e atraídos pela beleza do dia, resolveram ir á Cova da Iria cumprir o preceito da audição da missa e satisfazer as exigencias da sua devoção para com a augusta Virgem do Rosário.

E' ali, naquela estancia bemdita, que as almas crentes se desprendem mais facilmente dos liames do corpo para ascenderem nas azas da prece até ás regiões serenas da mais pura espiritualidade.

E' quasi meio-dia e trinta e sete minutos. A linda estatua da Virgem, semelhante a uma radiosa visão do Paraíso, é transportada aos hombros das servas de Nossa Senhora do Rosário para a capela nova.

Um sacerdote sobe ao altar-mor e principia a Missa dos doentes. O fluxo e refluxo da multidão pára como por encanto. O silencio aumenta. O recolhimento e o fervor intensificam-se. O Credo de Lourdes é recitado por todos em côro.

O rev.do capelão-director dos «servitas» reza o terço alternadamente com o povo. A' elevação toda a aquela mole imensa de gente canta os louvores do Deus que por amor de nós quiz ficar no augustíssimo sacramento dos nossos altares.

A' comunhão é administrado pela ultima vez o pão dos fortes a numerosas pessoas, préviamente preparadas.

Segue-se a benção do Santíssimo aos enfermos, que em numero de algumas dezenas ocupam as bancadas da frente do respectivo pavilhão.

Como de costume, esta cerimonia tão simples como emocionante faz brotar lagrimas de muitos olhos.

Em seguida sobe ao pulpito o rev.do dr. Galamba d'Oliveira que, numa linguagem genuinamente portugueza e acessivel a todos, fala sobre a palavra de Deus, semente prodigiosa lançada nas almas que produz fructos de salvação quando cae em bom terreno.

Por fim a estatua da Virgem é reconduzida á capela das Aparições e sobre a vasta charneca da Cova da Iria começam a descer as primeiras sombras da noite, até que o silêncio e a solidão reinam de novo naquela estancia de tantas maravilhas que fazem de Fátima a irmã mais nova de Lourdes, a divina cidade dos Pyrinéos.

Visconde de Montello

Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo Primás, visitou no dia 15 de Agosto de 1928 o Santuário de N. S. do Rosário da Fátima

A devoção a S. José

E' bem conhecida a devoção que S. Teresa de Jesus tinha a S. José, a quem recorria sempre nos momentos dificeis da sua laboriosa vida.

Nos nossos tempos esta devoção vai-se tornando bastante popular e intensificando-se dia a dia.

Efectivamente, S. José é o modelo dos operarios e a imitação da sua vida e a de toda a Sagrada Familia em Nazareth, seriam a melhor resposta e o melhor remedio para estabelecer o justo termo das reivindicações operarias da nossa epoca e um dique á dissolução da familia, a maior calamidade dos tempos actuais.

Um dos maiores propagandistas da devoção a S. José em todo o mundo e em todos os tempos, apezar de nunca ter escrito uma linha, é o irmão André (assim é conhecido) que ha mais de quarenta anos é porteiro do Colegio de Nossa Senhora do Sagrado Coração, na cidade de Montréal, no Canadá (America do Norte).

Fundou, em honra do querido Santo, uma peregrinação que está em vias de se tornar tão popular e frequente na America como Lourdes o é na Europa e Fatima em Portugal.

Preparou-se para esta missão no seu humilde quarto de porteiro onde falava de S. José ás visitas e aos pais dos alunos.

Encontrou entre estes corações doceis e piedosos, mas tambem, ao lado, muitos contraditores (as obras de Deus necessitam d'este sêlo da contradição : da cruz)

A pouco e pouco, os fieis formaram entre si uma Confraria de S. José.

Ora até aqui nada ha de extraordinario.

Eis, porem, que um belo dia aparece o lado divino e numerosas curas teem logar, que são invariavelmente atribuidas a S. José, pelo irmão André que recomenda os seus doentes ao glorioso patriarca.

Por outro lado S. José parece não querer fazer nada senão por intermedio do seu dedicado e zeloso servo.

As curas só teem logar depois d'este ter rezado ou dado o seu conselho.

O que ele mais recomenda é que peçam a S. José e se a doença é uma chaga ou coisa identica, aconselha que untem com azeite da lampada que arde deante da imagem do mesmo Santo ou toquem a parte doente com uma das suas medalhas.

Fala-se já de milhares de curas.

Conviria que houvesse um bureau *de verificações medicas, como ha em Lourdes. Em Mont-Royal (sitio onde fica o colegio) não se preocupam com essas coisas. São os proprios doentes que publicam com gosto a sua cura e outras vezes (como acontece em Fatima) só por acaso se chega a ter conhecimento de certos factos extraordinarios.*

Foi assim que se descobriu, passados muitos anos, a cura subita e completa dum operario protestante, Alfredo Standhope, cujo pé esmagado tinha uma chaga purulenta ha muito tempo.

Veio ao Oratorio de S. José, a conselho de um amigo, e voltou curado.

Ao lado d'estes favores celestes, quasi desconhecidos, há curas extraordinarias verificadas por medicos mais conscienciosos e mais sabios, segundo as regras prescritas pela Igreja e pela sciencia. Estas curas são humanamente inexplicaveis. E' esta tambem a opinião de Mgr. Bruchesi, Arcebispo de Montréal.

Isto explica a afluencia de peregrinos de que teem chegado a juntar-se ali trinta a quarenta mil.

Um sacerdote d'ali assegura que o numero anual de fieis que ali vão orar excede o de Lourdes.

A capela primitiva tinha, por força, de ser provisoria.

Vai, pois, ali levantar-se uma basilica cuja primeira pedra foi posta em 1916, quando se estava em plena guerra.

A cripta está já concluida e é ali que se fazem os exercicios de piedade.

O edificio será grandioso pois só a cripta custou já cerca de vinte mil contos. Afirma-se que toda a despeza irá a mais de cem mil contos, mas isto não preocupa os Canadenses porque a caixa das esmolas esvasiada á tarde volta a encher-se no dia seguinte, á medida das necessidades.

O Rev. Conego Coubé, director da revista parisienze L'Ideal, *que visitou o Santuario conta que nunca nenhum homem lhe causou mais viva e profunda impressão que o irmão André, parecendo-lhe estar em presença do Santo Cura d'Ars e falar com S. José..*

E' um velhinho, de pele enrugada como convem a um octogenario, com um belo sorrir, alma aberta duma creança e um olhar candido que parece reflectir o ceu.

Parece zangar-se quando o querem fotografar e sempre tem encontrado meio de se escapar. Uma vez que ele estava despreocupadamente num grupo a falar, um sacerdote canadense focou-o. Quando vai, porem a revelar a chapa nota com espanto que todos os outros tinham ficado bem mas não aparecia a figura simpatica do irmão André.

A MINHA NOTA

E AS SERVITAS...

—Que dêem o exemplo!...

Mal pensava ao escrever a *minha* primeira *nota* que ela seria de tão numerosos e diversos efeitos.

Era a fotografia real, demasiado realista talvez, mas nem por isso menos verdadeira, dum quadro, graças a Deus pouco frequente, naquelas paragens da Cova da Iria.

E, com a descrição do quadro intercalada no dialogo com uma pessoa amiga, ia naturalmente a manifestação da minha maneira de ver baseada nos ensinamentos e prescrições da Igreja, como a mais fiel interprete do senso comum.

Era natural ou deixaria de ser uma... nota.

Pois a proposito dessa nota recebi varias cartas umas de aplauso, de reprovação outras (como é proprio da fraqueza humana) e uma outra emfim de arrependida e dolorosa confissão.

A's de aplauso os meus parabens por as ver integradas no pensar da Igreja; ás de reprovação—duas apenas—o pedido de reflexão e... nada mais.

A' ultima não a posso mandar embora com uma simples palavra, não.

Podia repetir-lhe a doce palavra do Salvador: «Vai e não tornes a pecar!»

Mas não. A carta comoveu-me. Enchi-me de simpatia por essa alma que me escrevia arrependida sem conhecer nem ser de mim conhecida.

Achei-a tão linda, tão sentida, aquela carta que resolvi desde logo fazer dela a *minha* segunda nota.

Ei-la:

Ex.ma Sr.ª e
minha querida Amiga

Extranhará certamente tal tratamento por letra completamente desconhecida.

Costuma ser de intima amizade este tratamento e foi porisso que nesta minha carta eu quiz que ele exprimisse bem toda a simpatia e cristã amisade que a V. Ex.ª dedico no Senhor.

Creia Ex.ma Snr.ª que a estimo mais do que se a conhecesse.

Eu sou aquela pobre rapariga que V. Ex.cia tomou como assunto da sua nota publicada no numero de Fevereiro p. p. da «Voz da Fátima». Li-a sofregamente.

Parecia-me que vinha ali alguma coisa para mim.

E vinha...

O coração batia-me apressado. Porquê?...

Era a graça, era o meu Anjo da Guarda que me impeliam a tal leitura.

Reconheci-me descrita, retratada ao vivo naquelas colunas.

Fôra junto de mim, a unica, ajoelhada numa grande extensão, fôra junto de mim que V. Ex.cia pronunciára aquela saudação:

«Olá Julio! Tu por aqui?...»

Parecia-me ouvi-la ainda.

Depois retiraram-se e não ouvi mais.

Era eu, não havia duvida.

«Mas quem é que deu licença aquela senhora para estar assim a insultar-me num jornal?

Se me descobrem!

Que vergonha!»

Foi assim... de orgulho e ódio o meu primeiro pensamento. Senti o sangue ferver-me nas veias; pensei em exigir satisfações ao director da folha e... não sei quantas coisas mais.

Muito excitada ainda sentei-me a bordar um corporal para a igreja da minha terra.

Pouco a pouco porem a excitação passou.

Como que por acaso levantei os olhos para uma oleografia de Santa Inês que estava na parede em frente e senti-me mudada de todo. Recordei num momento a historia encantadora daquela Martir (que um dia se V. Ex.ª quizer me não importarei de contar nas colunas da «Voz de Fatima»).

Chocou-me o contraste entre o amor á modestia que dominava aquela Santa e o seu desprezo, ao menos aparente, que em mim reinava.

Sobreveio-me uma crise de lagrimas bemfazejas e foi então aos pés do meu Crucifixo e abraçada a Ele que eu tive a felicidade de ver o mal das modas imorais por que me deixara cegar.

Ah! Minha Amiga quanto lhe estou agradecida por este favor! Foi V. Ex.ª o meu Ananias. Foi V. Ex.ª que me fez cair as escamas dos olhos!

Quanto mal não terei eu feito sem o saber? Espero apenas no perdão do Senhor Infinitamente Misericordioso e no auxilio das suas orações que me não negará.

Não imagina as consolações enormes que tenho tido, sobretudo na Sagrada Comunhão, depois que me... visto.

E' Nosso Senhor a pagar-me já a cem por um o pequeno sacrificio do meu orgulho, da minha vaidade.

Todos os dias me lembro daquele seu pensamento: atrazer descoberto o Corpo do Senhor.

Que horror! E choro pela minha vida passada. E peço-lhe que me perdôe.

Ele sabe bem que nunca a minha virgindade sofreu qualquer mancha por mais pequena. Mas em que perigo eu não andava inconscientemente!

Fui vitima do meio em que vivo, da educação que me deram. Nunca pela cabeça me tinha passado que isso pudesse ser e fazer mal.

Acredite que era realmente a falta de uma piedade verdadeira, sentida, e sobretudo o desejo de agradar que me escravisavam á moda.

Mas peço-lhe que não julgue por mim todas as raparigas, todas as senhoras que andam... á moda. Ha, ás vezes, mesmo ali, almas boas profundamente boas e duma piedade que eu não teria coragem de chamar superficial.

E, agora, para acabar, desculpe-me a confidencia que lhe vou fazer. Não mo tome a mal.

Não era a primeira vez qué ia á Fatima nem espero que tenha sido a ultima.

E, a falar-lhe com toda a franqueza com a franqueza duma ré-confessa, uma da coisas que me fez mais impressão foi o ver que a par de servitas que pela sua caridade, pela sua modestia no porte e no vestir mais pareciam anjos do que mulheres, se encontravam algumas que, sem serem escandalosas, entretanto se tornavam notadas por uns decotes excessivamente largos e vestidos demasiado curtos.

«Se elas (e eu olhava só para as ultimas embora muito poucas) se elas vestem assim, tambem eu posso vestir como visto.

Não tinha razão?...

—Não. Mas o facto da influencia dessa liberdade em algumas servitas foi um facto em mim e sê-lo-ha talvez noutras.

Desculpe V. Ex.ª esta confidencia que em nada diminue a grande estima e admiração que sinto pelas que tão desinteressadamente se dedicam ao tratamento dos pobres doentinhos.

Digo-lho porque é possivel que V. Ex.ª queira e consiga evitar pequenas coisas que se tornam grandes pela qualidade e posição das pessoas em quem se notam.

Esqueci-me de lhe dizer que não tornei a sair de casa sem ter emendado alguns dos meus vestidos.

Esperando, minha boa amiga, que me não esquecerá junto da nossa querida Mãe e nas suas comunhões, subscrevo-me com a promessa de igual lembrança m.to ded.da no Coração Divino de J.

X. 26-II-1927

Maria Eulalia...

P. S. Pode fazer desta carta o uso que quiser ocultando porem a meu nome de familia e o da minha terra.

* * *

Não a acham deliciosa? Que o Senhor continue a abençoar esta boa alma e a fazer com que sejam sempre muito rectas as intenções das minhas notas. Fui exagerada, fui injusta no juizo que formei da querida Maria Eulalia e disso me arrependo e prometo emendar-me.

A primeira produziu fruto nesta alma. Que ela o produzisse em tantas semelhantes!...

Bendito seja o Senhor!

Eu apenas semeei na—Voz da Fátima: foi Ele quem regou e deu o crescimento, a florescencia e o fructo.

—Que venha depressa essa historia de Santa Inês e outras, outras muitas, sentidas como essa carta. Dar-me-hia por feliz em me retirar e ceder-lhe, á falta de outro o cantinho que ocupo na Voz da Fátima.

—E as servitas?

—Que deem o exemplo!... Eu, desconfiando do meu juizo em causa propria pedi a uma senhora muito piedosa das minhas relações que me julgasse rigorosamente.

—E as outras?...

Que leiam, que se examinem, que se emendem como esta menina que me acaba de escrever.

A's vezes uma pequena coisa torna-se grande...»

Ao abaixar-se um decote alarga-se, um vestido levanta-se ou ajusta-se mais do que a modestia permite e nós gostariamos. Um exame não faz «mal a ninguem...»

Triplice obrigação nos impende: porque somos católicas, porque servitas, porque estamos num lugar sagrado.

Que não haja nunca mais, de futuro, coisa que, de alguma maneira possa, nas servitas, ferir a vista de quem quer que seja, nem exercer como nesto caso tão nefasta influencia é o voto e a esperança firme de.

Uma servita

No dia da DESOBRIGA

Uma mulher feliz... idealmente, infinitamente feliz, é a que inspirou estas poucas linhas.

Ela quasi tinha perdido a esperança de ver este dia.

Mas viu-o... e viveu-o. O seu coração está a trasbordar de uma tal alegria, que esta mulher podia julgar-se em pleno paraiso, em uma alegria imensa, definitiva, de que nada nem pessoa alguma podiam mais privá-la.

* * *

Este dia não surgiu sem uma dura preparação.

Ha já vinte anos... desde a propria hora do casamento que ela vem pensando nele.

Uma nuvem a desenhar-se nas mais belas nupcias quando ela, face a face com Deus, vinha a verificar as ignorancias, as fraquezas espirituais daquele que ela sonhava tão superior a si, para o amar sem uma sombra e sem uma reserva.

Superior? Então, não..., seu marido não lhe era superior.

Tinha perdido a fé, se é que já alguma teve.

Ela tinha sossobrado nesta passagem temivel que tanto deve preocupar os manejadores d'almas... naquele momento em que a embriaguez exuberante das paixões nascentes, o jovem reage *pessoalmente* sobre as ideias dadas e recebidas *passivamente* durante o tempo de umas fugidias e magras lições de catecismo.

* * *

Não se retem senão o que se defende e ele não tinha defendido nada.

Para quê?

Não vinha a vida ao seu encontro com a taça a trasbordar de magnificas promessas?

O primeiro em toda a parte, recebido na sociedade mais intelectual, ele era daqueles que não tinha mais que abrir os braços.

Alem disso, por entre as bonecas do baile, tinha ele descoberto a que é hoje sua mulher.

Nesse tempo, a jovem chegara a hesitar em lhe aceitar a homenagem precisamente porque aquele que solicitava a sua mão não tinha fé.

* * *

Oh! Não é que ele fosse inimigo dela! Mostrava-se mesmo muito respeitoso para com o seu paroco, acompanhando muitas vezes a sua mulher á Missa para lhe dar esse prazer.

Aborrecia-se aí, no entanto, terrivelmente sobretudo quando o paroco era um pouco mais longo nas suas pregações.

Era por isso que sua mulher quasi nunca lhe perguntava nem pedia nada.

Com esta natureza assim, qualquer pressão era um retrocesso certo. Para se obter alguma coisa era necessario que a planta ali lançada crescesse em absoluta

liberdade. Mas cresceria ela? Teria sua mulher a felicidade de a ver florir em uma bela manhã de quaresma...?

* * *

A jovem encheu a sua alma de todas as virtudes que lhe foi possivel adquirir. E' a sua «reserva» de amor para embalsamar a vida daquele que Deus lhe deu para amar.

E era grande a sua «reserva».

A sua afeição a tinha ainda aumentado e como que perfumado de piedade.

Causava tanta pena ver este homem tão completo sobre tôdos os outros pontos de vista, aceitar esta inferioridade, esta tara, de não compreender o seu imperativo dever religioso, o primeiro de todos!

Então a sua mulher pregava pela voz doce desta suprema pregação que é o exemplo silencioso.

Casa em perfeita ordem...

Boa para todos, severa para si mesma, mas duma severidade que só Deus via, esta esposa sabia que, se Deus fez as flores lindas foi—contra toda a aparencia—para que as mulheres as ofereçam a seu marido, ainda que não fosse senão para dissimular a empresa do seu apostolado.

E a primeira flor era ela mesma, toda impregnada dum belo e grande espirito cristão, inteligente e firme.

Ela bem sabia que era pela grande nave luminosa, a nave onde se canta o unico *Credo* da unica Igreja, que um homem, recto como o seu marido, devia ir até ao Tabernaculo...

A prégação continuava sem afrouxar mas sem resultado aparente. Nem um só dia a sua mulher perdeu a coragem.

Nunca se sabe todo o bem que se faz quando se faz bem, e Deus nem sempre concede que colha o mesmo que semeou.

Antecipadamente ela aceitava resignadamente esta tristeza de não ver comungar a seu lado aquele que era a metade de si mesma e com o qual ela tinha sonhado ser «um» em Deus.

E afinal!...

Tudo tem a sua hora, mesmo a ventura das venturas...

Ela tinha notado que, havia já algum tempo, seu marido resava durante a Missa.

Tinha-o visto, uma tarde, entrar sósinha na sua igreja paroquial, e, para respeitar a sua liberdade, ela absteve-se de lhe aparecer e entrar nessa ocasião.

Havia já mais de uma vez que ela encontrara fora do logar habitual alguns livros interessantes e religiosos. Dois domingos, ele preparou-se ainda primeiro que ela para a Missa das 11 horas. Ela teve mesmo a angelica habilidade de lhe dizer:

—«Anda depressa, não *nos* faças tardar a Missa».

Era a primeira vez que este «nós» unia os dois em um pensamento nitidamente cristão.

Ontem, porem, disse-lhe ele simplesmente isto:

—A que horas poderia o Snr. Prior receber-me? Este ano quero comungar contigo.

As grandes dores são mudas mas as grandes alegrias tambem...

Ela abriu os braços.

Em volta havia, com certeza, um coro de Anjos.

E ela não acreditava que, sem estalar, um coração de mulher pudesse bater tão forte como o seu naquela ocasião...

* * *

Nessa manhã comungaram os dois a par. O sacerdote, que conhecia o caso, tremia ao colocar a Santa Hostia nos seus labios. Parecia áquela mulher que o seu verdadeiro casamento era *então*...

Um casamento que excedia o primeiro na distancia que separa o finito do infinito.

E, de volta ao seu «dar», ela abraça-o, de olhos fechados, e diz-lhe: «Tua mulher para sempre!...»

Como é o mundo!...

O Santo Cura d'Ars recebeu um dia uma carta em que lhe chamavam hipocrita e criminoso e uma outra em que lhe chamavam santo.

Riu-se e disse: «Ora vejam lá como eu me hei-de fiar da estima dos homens!

Uma carta, de manhã, me enchia de injurias; uma outra de tarde, me cumula de atenções.

Nem a de manhã me tornou peior nem a da tarde me tornará melhor. Quão pouco vale a estima do mundo!»

Também em Espanha

Não é a primeira vez que aqui publicamos o relato de curas obtidas no paiz visinho.

Hoje transcrevemos do n.º 196 do «Rosario» (de janeiro e fevereiro), o seguinte caso:

«Numas informações que «*El Santíssimo Rosario*» (de Vergara), publicou no mês de agosto sobre as maravilhosas aparições de N. Senhora do Rosário na Fátima, Portugal, comparavamos os acontecimentos da Fátima com os de Lourdes, em França. Ali apontámos as razões que para isso tinhamos; e se a algum parecer excessiva a honra que de tal comparação advem á Fátima, convidamo-lo a inteirar-se do que lá tem ocorrido e hoje ocorre em torno daquele bemdito logar.

A' semelhança da francesa Lourdes, o capitulo das curas operadas por mediação de N. S. do Rosario da Fátima, vai-se enriquecendo dia a dia com novos e estupendos casos.

O ambito destas maravilhas está por emquanto limitado pelas fronteiras portuguesas.

Esta limitação, porém, atrevemo-nos a atribui-la, a serem desconhecidos aqueles sucessos, e por consequencia, á falta de invocação da Santíssima Virgem sob aquêle novíssimo titulo.

De uma invocação mais geral e mais frequente em Espanha resultaria, sem duvida, maior abundancia de graças e favores. Assim o atestam as mercês concedidas a diversas pessoas em Salamanca e Madrid, de que temos noticia; e é isso que dá a entender o caso que vamos consignar, sucedido em virtude e por causa do artigo publicado em *El Santisimo Rosario*.

A protagonista foi uma menina de 24 anos, filha de família muito cristã e subscritora *d'El Santisimo Rosario*. A leitura das notas sobre os acontecimentos da Fátima despertou na joven enferma e em sua familia o vivo desejo de adquirir a agua milagrosa.

A doente jazia prostrada no leito havia já cerca de dois anos, e com ela esgotára a sciencia medica todos os séus recursos.

Em vista da impotencia dos meios humanos, aquela boa familia apelou para os divinos, pondo a sua confiança no poder da Virgem da Fátima.

Obtida a agua milagrosa, o que ocorreu, conta-no-lo o pai da enferma, que nos escreveu, sob a impressão do prodigio, as seguintes palavras:

— «Quero que V. Rev.ª saiba que no dia 13 (de setembro) ao cair da noite, minha filha tomou a agua milagrosa; no dia 14 pôde comungar por lhe ter desaparecido a dispnea e haverem cessado os pertinazes vomitos que a impediram de comungar por alguns meses; cessaram as dôres intensas que tinha e hoje, dia 16, pôde levantar-se e jantar com a familia depois de passar de cama vinte meses, com grandes sofrimentos, que, em varias ocasiões, a conduziram a um estado preagonico.

Mil graças á Santíssima Virgem do Rosário da Fátima»!

Podiamos ter transcrito outros relatos mais sentimentais, procedentes, de outras pessoas de familia. Preferimos, porém, o do pai, pela sua sobriedade e por ter saído da pena de um *Doutor em Medecina e Cirurgia*, pois, segundo soubemos depois, é essa a qualidade do pai da doente.

Será superfluo consignar que esta circunstancia abona o caracter prodigioso da cura.

Como fica escrito, a enferma bebeu agua da Fátima no dia 13 de setembro.

Intencionalmente deixámos então de publicar o que hoje damos á estampa, pois quizemos que decorresse algum tempo de experiência, para vêr se a cura tão felizmente iniciada proseguia no seu caminho ascendente.

Hoje, segundo noticias recentemente recebidos, podemos anunciar que as melhoras se teem ido acentuando sem experimentar retrocessos e não sem grande admiração dos que dantes conheceram a enferma, da familia e da propria joven, cujo peso, em dois escassos meses, aumentou sete quilos, e que actualmente trabalha na confecção de um estandarte que seja testemunho perene da bondade da Virgem do Rosario da Fatima e tambem do seu reconhecimento e gratidão por essa bondade.

Madrid

Fr. Benito Mateus O. P.»

AS CURAS DA FATIMA

O signatario do atestado que junto envio a V. Ex.ª é meu medico assistente desde 1918, motivo porque, bem orientado da minha doença e do meu doloroso sofrimento, por algumas veses tentou operar-me, nunca o conseguindo devido ao meu estado de fraqueza geral. Consultei muitos outros medicos entre os especialistas das doenças do estomago com consultorio nesta cidade, mas dos diversos medicamentos que me receitaram e varios regimes alimentares que me aconselharam e que eu cumpri á risca, não obtive resultado algum. Nos ultimos três anos minha alimentação foi apenas leite gelado e medicamentos: bismuto, bicarbonato de soda e, quando as dores eram mais prolongadas e dolorosas, um calmante com morfina, a fim de descançar um pouco.

Em 13 de Outubro do ano findo fui á Cova da Iria, sendo registado no posto medico com o numero citenta e acompanhado ao pavilhão assistindo ali a todos os exercicios religiosos e, quando Nossa Senhora presidia á Missa dos doentes, pedi-lhe a minha cura, assim como ao Santissimo Sacramento quando recebi a benção pessoal. Nêsse mesmo dia regressei a esta cidade, tendo uma viagem horrorosissima, mas aqui, e durante nove dias, bebi um pouco de agua com terra do logar das aparições que consegui trazer, e nesse acto resava a Nossa Senhora três «Avé-Marias» e, alem destas, no nono dia resei tambem um terço em comum com minha mulher. No dia seguinte ou seja no dia 25 do já referido mês de Outubro senti um certo bem estar e desde essa data até hoje, as dores do estomago desappareceram por completo, tenho comido de tudo abstendo-me apenas de bebidas e comidas irritantes, nada me tem feito mal. Em virtude do exposto por mim e pelo meu medico assistente, V. Ex.ª deve concordar, como eu concordo, que só um milagre operado em mim por Nossa Senhora e Nosso Senhor podia transformar em tão pouco tempo a minha situação, pois encontro-me bem disposto. Peço por isso a V. Ex.ª com todo o respeito para mandar publicar na «Voz da Fátima» a minha cura e junto atestado, e, caso não possa ser neste numero, então no do 13 de Março proximo, o que desde já reconhecidissimo agradeço. Em Maio tenciono ir á Cova da Iria visitar e agradecer a Nossa Senhora e na ida ou no regresso apresentarei a V. Ex.ª os meus respeitosos cumprimentos e agradecer-lhe-ei todas as atenções dispensadas assim como farei a minha assinatura para ter direito a receber mensalmente o jornal pelo correio.

Desejando-lhe muita saude e graça de Deus. Sou de V. Ex.cia C.do m.to obg.do

Alfredo Augusto da Rocha
Rua de Entre—Quintas n.º 301
Porto

Alfredo Augusto da Rocha

ATESTADO

Carlos Cincinato da Costa Frias, medico pela Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto.

Atesto que Alfredo Augusto da Rocha, casado, morador na Rua d'Entre Quintas, Pôrto, é portador de uma gastrite ulcerosa verificada por mim e varios colegas. Durante muitos anos o doente viu-se forçado a recorrer a uma rigorosa dieta lactea e ao tratamento pelo bismutho, kaolino, etc, provocando-lhe crises muito dolorosas a ingestão de qualquer alimento que não fosse o leite. Em Outubro p. p. resolveu o doente ir a N.ª Snr.ª da Fatima.

A viagem, que foi muito tormentosa, e a estadia em Fatima abalaram profundamente o sistema nervoso do doente, regressando ao Pôrto muito fatigado.—Passados dias começou o doente a experimentar consideraveis melhoras e tão bem se sentiu, que se atreveu a ingerir alimentos que lhe estavam proscritos, notando com alegria e espanto que já não lhe provocaram dores e que os digeria perfeitamente — Actualmente, comquanto se abstenha de alimentos irritantes, come de tudo, sendo o seu estado, do ponto de vista medico, muito satisfatorio, pois não tem crises dolorosas desde outubro passado e o seu estado geral é bom.

Por ser verdade e me ser pedido passo este atestado que assigno.

Porto, 25 de Janeiro de 1927

(a) Carlos Cincinato da Costa Frias

(Segue o reconhecimento)

Natália Lopes, de Pontes—Caxarias, escreve: «Aparecendo-me uns abcessos no braço direito, que mal melhoravam tornavam novamente a aparecer, fazendo-me sofrer dores horriveis; eu com o coração cheio de fé invoquei Nossa Senhora da Fátima para que me melhorasse; prometendo publicar a graça caso ela me ouvisse. Implorando-a numa noite, logo no outro dia me achei muito melhor, não sofrendo já dores, e podendo já mover o braço, e até hoje não me tornaram a aparecer. Com o coração cheio de fé e reconhecimento á Santíssima Virgem, venho pedir a V. se digne publicar estas linhas que desde já muito agradeço. Resta dizer que não é esta a primeira graça que recebi de Nossa Senhora da Fátima.»

«**Albano Mendes Barbosa**, de Povos de Rio de Moinhos, vem publicamente agradecer á Virgem do Rosário da Fátima uma graça em seu favor e a cura de Manuel Mendes, seu pai, que no dia 14 de Janeiro do ano presente, estando quási á morte com uma dôr de colica foi-lhe aliviada essa dor depois de recorrer á Virgem. Laus gloriaque Virgini.»

Pois, a criancinha, no dia seguinte, estava melhor, e d'aí a dois dias, já não tinha nada, estava completamente curada.

Venho pois, por este meio agradecer á Santíssima Virgem de Fátima esta cura, e torná-la publica na Vóz da Fátima como prometi.»

Maria Antonia Pontes, da freguesia de Paderne, sitio da «Ribeira de Alte», conta assim a cura de uma filha Perpetua da Conceição de 22 anos de idade:

«Minha filha sofria já há algum tempo, sem que eu fizesse caso de chamar o médico, por julgar coisa de pouca importancia, mas no entanto andava a tomar alguns medicamentos que não lhe faziam bem algum, antes pelo contrário. De repente começou a manifestar ataques de loucura; não me podendo ver perto de si, pois dizia que eu ia para a matar. Como sou pobre não pude chamar logo o médico e comecei a pedir á Virgem que tivesse piedade da minha situação. Em fim, houve alguem que me aconselhou que invocasse a Virgem do R. de Fátima; assim o fiz e depois de ter feito algumas novenas e de ter dado a beber a minha filha agua de N. Senhora. esta começou a melhorar repentinamente logo que bebeu as primeiras gotas. Hoje graças á Virgem do Rosário acha-se completamente restabelecida. Prometi também ir com ela vizitar a imagem de N. S. de Fátima, que está na igreja paroquial de Alte. Imagem esta que foi oferecida pelo Rev.º P.e José António Leal Madeira, actualmente no Brasil.»

Uma prégação... silenciosa

Nem sempre é falando que se faz maior bem.

Havia na Persia uma celebre Academia silenciosa. O apostolado do silencio é, por vezes muito eficaz. Os Trapistas que andam calados quasi todo o ano fazem melhor a uma nação que todos os discursos dos seus deputados.

A «Semaine religieuse de Grenoble», contava há tempo um interessante caso que prova a eficacia do silencio.

«Ha dois mêses, eu e minha irmã Maria Luiza, fomos em peregrinação a Lourdes. Todas as tardes minha irmã se ia colocar á passagem do Santíssimo Sacramento. Ela resava mas quási sempre sorria. A sua oração consistia quási só em olhar para a custódia e para o sitio da gruta.

Esta atitude da minha querida irmã era tão comovente que, um cavalheiro que nós tinhamos visto dias precedentes, passear indiferente, se aproximou de Maria Luiza e lhe diz: «—Menina, permita que lhe aperte a mão. «A mamã aproxima-se e agradece.

—«Estamos edificadas com a gentileza de V. Ex.ª, diz esta.

«—Senhora! Eu não sou praticante nem mesmo crente; pelo menos não o era até agora. Ria-me dos que iam á igreja e não vim a Lourdes senão como curioso e até com um certo espírito de hostilidade, mas ha uma hora que estou a vêr a vossa filha a resar com tanta fé e fervor que eu sinto que já não sou o mesmo... «Depois, dirigindo-se a Maria Luiza e emquanto as lágrimas caiam pelas faces, acrescentou:

«Menina. reze por mim; amanhã comungarei eu por vós».

Voz da Fatima

Despezas

Transporte...	60.195$55
Papel, composição, impressão e expedição do n.º 53 (33.000 exemplares)...	1.830$28
Outras despezas...	85$00
Soma ...	62.110$83

Subscrição

(Maio de 1926)

Subscreveram com dez escudos: D. Rosa Miranda, Manuel Gonçalves Alfaiate, D. Miquelina da Conceição, Joaquim Veiga, D. Maria Madalena da Silva, D. Maria Martins da Costa, Dr. José Luiz Ferreira, D. Maria do Carmo Cardoso Ribeiro, D. Maria Luiza de Pina, P.e Antonio Domingues d'Andrade (este, 20$00) D. Mavíldia de Freitas Mascarenhas Andrade, D. Maria da Silva (1 dolar), D. Elvira de Jesus Pereira de Pinho, D. Gloria de Jesus Rebimbas, D. Rosa da Gloria Rebimbas, D. Guilhermina Amelia Alves Fortíma, D. Maria José Costeira, Ventura José de Campos, António Fragoso, D. Maria José Carvalho Pereira d'Almeida, P.e José Maria Martins, José Monteiro e Silva, Francisco Augusto Coimbra, D. Maria Alexandrina, D. Maria do Carmo de Carvalho, D. Maria Eugenia Braga Reis, Luiz Lopes Abegão, D. Perpétua de Jesus, D. Catarina Bagulho Santana Marques, D. Rósa Casímiro d' Almeida, D. Maria Primitiva Castro, Guilherme Henrique (15$00), D. Maria José Leiria, D. Maria da Encarnação Gomes Correia, Francisco Pereira, D. Maria Graciana de Figueirêdo, D. Carmo Padílha, D. Joaquína Sancho Luna, D. Beatriz Falcão Ribeiro, D. Branca Ferreira Marvão D. Eulalia Mendes Cabral, D. Maria Madalena R. Mendes de Matos, D. Emilia Pereira de Carvalho, Alípio da Silva Vicente, José Fernandes de Almeida, João F.G. de Oliveira, D. Rita de Jesus Barbósa e Sá (12$00), um anónimo (60$000), D. Amélia Martins (20$00), D. Maria da Conceição Camilo, D. Maria Felicidade Figueira de Sousa, Baroneza de Pombeiro (20$00), Manuel Joaquim Barros, Francisco Rei, D. Emilia Nunes da Rocha (de Jornais, 15$00), D. Helena Nicolau da Costa Maia, D. Irene Santos, Evaristo Franco, Antonio Pratas Ribeiro Teles (20$00) D. Rita da Conceição Barros Pinto, D. Gertrudes do Carmo Durães, Antonio d'Almeida da Fonseca Cabral, D. Maria do Rosario Pires Vicente, D. Arminda Leucart da Fonseca e Silva, D. Julia Mendes Leitão (20$00), Dr. Antonio Victorino da Silva Coelho, P.e Antonio Bernardo, Manuel Pereira dos Reis, Conselheiro João José de Sousa Lage, P.e Manuel Estevam Ferreira, P.e Tomás d'Aquino Silvares, D. Gravelina Alves da Cunha e Silva, Francisco Marques, D. Berta Osorio Amador, D. Margarida Pinto Ferreira Leite Soares d'Albergaria, D. Alice Martins, Antonio Oliveira Henriques David, D. Maria Lucilia Cidrais, D. Maria José de Menezes Alarcão, Dr. Manuel de Medeiros Guerreiro, Antonio Ferreira de Melo, João Moniz Sá Côrte Real Santos, Almerindo de Paiva David, D. Maria Amelia de Sá Osório Tovar, Manuel Martinho (20$00), João Rapado Junior (20$00), Manuel Rodrigues Piédade, Manuel Martins Aparício, Teodora de Jesus Sirgado, P.e Antonio Pereira Pinto, P.e Antonio Henriques Pereira, D. Maria da Anunciação Franco, D. Leopoldina Ferreira Serra, Francisco Ribeiro, Arnaldo Favarette, José Rodrigues Pascoal Junior, Manuel José Pereira, D. Carlota Trigueiros, D. Rosalina Pereira Bastos, Padre António Vieira de Ceiça, P.e Manuel de Sousa (estes ultimos oito, a 20$00, cada um), P.e Joaquim Duarte Alexandre, D. Ana de Madeiros Coelho (15$00), F. Maria da Glória Gonçalves Santos e D. Ana Maria Fernandes Pires (12$50), Anónimo (30$00), D. Estér d' Oliveira, António Rodrigues de Bela (70$00), D. Maria Julia Figueira da Silva, Antonio Justino Martins Bouças, D. Maria Guilhermina Fernandes, D .Maria Veloso, D. Carnia Pinto Abreu, D. Margarida Pereira da Cunha, Eloy Castanha. D. Maria Angelina Gonçalves, D.Emilia Calderra de Bourbon V.Preto Jeraldes, P.e Joaquim Marques Rafaél, P.e João Dias de Matos, Francisco Dias de Matos José Pais Coutinho, D. Matilde Augusta Martinho Rodrigues, D. Teresa de Jesus Pereira, António M. Paulino, Comendador João Curado, D. Margarida Lopes D. Rosa Rebelo D. Felicidade Tavares, D. Maria da Purificação Godinho, D. Delfina Pires d' Oliveira, D. Alíres Geraldes, P.e Manuel Barata Duarte (31$20), D. Francisca Eugénia Monteiro, P.e Francisco Pereira (40$00), Artur d' Almeida d' E'ça, D. Balbina Alvarez Rubinõs Domingues, Dr. Tomás Gabriel Ribeiro, D. Maria da Ascensão Carvalho, Antonio Dias Margarido, D. Maria da Conceição Dias, João da Rocha, D. Helena Maria Tavares, D. Maria de Vasconcelos Cruz, Manuel Cardoso de Morais, José Rodrigues Pintasilgo, D. Cristina de Matos Franco e D. Maria da Nazarett Ferreira (12$50), D. Aurora Sofia dos Santos Niz, D. Maria Marques, D. Isabel Luiza Pinheiro Farinha (20$00), D. Dulce Martins d'Azevedo, Acacio Henriques Vieira, D. Adelaide Salgueiro Silva, Henrique Vieira de Borba (15$00), D. Isabel do Carmo Dias, Manuel dos Santos Rocha, P.e João Lourenço Pereira de Matos, Julio Seabra da Cunha.

AS LEITURAS

Carta de Monsenhor Gay a sua irmã

«Eu te peço em nome da tua alma tão preciosa e tão querida, em nome de Jésus Cristo que é o Verbo de verdade e que se fez o teu pão, que te imponhas a obrigação de nunca lêr maus livros.

Eu chamo maus não só aquêles que o mundo censura e reprova (eu bem sei que tu os não abririas), mas chamo maus tambem a essa inundação de livros escritos por homens sem fé, sem doutrina e sem coração; esses livros de comediantes mentirosos e de egoistas descontentes; êsses romances odiosos cuja leitura o mundo permite por passa tempo ás raparigas!

Tu não podes saber, tu, querida filha, não podes mesmo compreender, graças a Deus, o que tais leituras fazem de mal e que veneno êsse alimento encerra. Acredita em mim, deixa-te conduzir. Todo o talento que haja nesses livros não o queiras conhecer, não leias.

Não digas assim: «eu sei conhecer o que é bom e o que é mau». Olha que foi por ter confiança no seu discernimento que o homem pecou a primeira vez.

Não digas tambem: «Eu vivo no mundo, tenho de fazer como os outros.» O mundo condena-se e tu queres-te salvar.

Salvamo-nos estando no mundo mas não fazendo como êle.

Tem a coragem, se fôr necessário, de passar por singular. E' a sorte dos cristãos a de parecerem singulares e é mesmo porisso que êles são conhecidos.

Quanto aos bons livros, lê-os assiduamente, fa-los conhecidos, espalha-os. São o pão espiritual, alimenta-te com êle e faz que os outros pratiquem o mesmo...

Graças a Deus, os bons livros catolicos não faltam. Não estarás decerto desprovida deles. Que tu queiras fortificar-te com livros cheios de espiritualidade ou distrair-te com coisas reais...»

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	4.842$50
Francisco de Matos Pedroso..	20$00
Soma. . .	4.862$50

Um dia sem Céo, um Céo sem Deus

E' a difinição d'um domingo sem Missa, d'uma povoação sem igreja. Uma terra sem igreja é um corpo sem alma.

O Santo Cura d'Ars dizia: *«Deixae uma terra vinte anos sem Sacerdote e o povo adorará os animais.»*

Não podemos recordar nem um só dos beneficios de Deus sem encontrarmos no lado d'essa lembrança, a imagem do Sacerdote.»

Respostas. . . irrespondiveis

Um viajante quer entrar em um compartimento, mas vê lá um grupo de sacerdotes que voltavam de uma reunião.

— Pouca sorte! Já está cheia a arca de Noë!

— Suba, senhor, lhe diz amavelmente um dos sacerdotes, ha ainda um logar, o do burro.

Um Sacerdote resa tranquilamente o seu breviario a um canto do seu compartimento no comboio. Numa estação entram como uma tempestade uns poucos de jovens, que olhando o sacerdote com ar malicioso se põem a cantar coisas pouco convenientes e a dizer parvoices contra a religião.

Na estação seguinte, o sacerdote desce e despede-se dizendo:

— Até breve, meus senhores.

— Que é isso? Até breve?

— Sim, eu sou capelão da cadeia.

• • •

Um páraco de aldeia entra no comboio e instala-se em frente dum caixeiro viajante.

— Senhor Padre, lhe diz êste chalaceando e dando sinais aos visinhos, não sabe uma triste novidade?

— Não sei, não tenho tido tempo de lêr os jornais...

— Olhe: morreu o diabo!

— Oh meu caro, quanto eu o lastimo! Tive sempre muito dó dos orfãosinhos.

Tome lá, aceite este meio tostão.

• • •

Um sacerdote estava a ser insultado por um patiforio qualquer. Aproxima-se e pergunta-lhe:

— Como te chamas.

O tratante respondeu com a palavra de Cambronne.

— Tambem me parecia, respondeu o sacerdote.

• • •

Em caminho de ferro um sacerdote e um caixeiro viajante. Primeiro conversa banal. Depois entra-se no prato de resistencia, a religião.

— Devo declarar-lhe, sr. Padre, que sou um incredulo. Não creio em Deus nem no diabo, nem no céu, nem no inferno.

— Está bem, mas já estudou alguma vez as provas da religião?

— Ah! isso não.

— Estudou os Sacramentos?

— Nunca.

— Leu Bossuet, Fenelon, Lacordaire, ou algum dos grandes escritores catolicos?

—Não, não li.

— Conhece o Evangelho?

— Não.

— Então, meu caro senhor, permita-me que lhe diga que não é um incrédulo mas um ignorante.

Quem creou o demónio?

Perguntou-se um dia a tres creanças: Quem creou os Anjos?—todas responderam imediatamente :Foi Deus.

Quem creou o demonio? Uma d'elas refletindo um pouco, respondeu:

«Foi Deus que o fez Anjo e foi ele que se fez demonio.»

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano V — Leiria, 13 de Abril de 1927 — N.º 55

VOZ DA FATIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: —*Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE MARÇO)

Fria e enevoada, como tantas vezes sucede cada ano durante a quadra invernosa, raiou a manhã do dia treze de Março.

O veículo que nos transporta com a velocidade média de trinta quilometros á hora, atravez dos morros e alcantis da serra d'Ayre, chega ao planalto de Fátima ás oito horás precisas. Nesse momento vão chegando tambem ao local das aparições, os briosos servitas, que se dispõem a exercer na Lourdes portuguêsa a sua nobilíssima missão de caridade.

Sómente algumas escassas dezenas de pessoas se encontram áquela hora matinal no recinto sagrado e quasi todas assistem devotamente á primeira missa que se celebra no altar-mór da capela nova. Pouco a pouco vão chegando outros veículos que despejam na estrada districtal centenas e centenas de peregrinos, que se dirigem sem demora para junto dos santuários.

O posto de verificações medicas está aberto e numerosos doentes ali entram para serem inscritos no respectivo registo e receberem a senha de ingresso no pavilhão que lhes é destinado.

Como este mês o dia treze coincidiu com um Domingo, o que já tinha acontecido tambem no mês anterior, raros foram os sacerdotes que acorreram neste dia a Fátima. A obrigação de celebrar o santo sacrifício da missa nas igrejas paroquiais e nas capelas publicas prende quasi todo o clero nos dias de preceito, sobretudo nesta região do sul do paiz em que êle tanto escasseia, inibindo-o de tomar parte na piedosa romagem. Os sacerdotes presentes empregam o seu tempo em ouvir as confissões de homens e rapazes, de todas as classes e condições sociais, que em grande numero se aproximam do tribunal da penitência. Entretanto o capelão-director dos servitas vai ministrando o Pão dos Anjos a inumeros fiéis de ambos os sexos préviamente purificados com a absolvição sacramental.

Algumas dezenas de enfermos ocupam os seus logares no respectivo pavilhão. Aproxima-se a hora das Aparições, o meio-dia solar. A multidão engrossara consideravelmente pouco a pouco e nesse momento já alguns milhares de fiéis se aglomeravam como um mar tranquilo em torno do pavilhão, no intento de cumprir o preceito da audição da missa. O silencio é profundo e a oração fervorosa e constante. De espaço a espaço o sol — um pálido e frouxo sol de inverno— rompe as nuvens que toldam o firmamento e envolve na poalha dourada dos seus raios aquêles milhares de cabeças descobertas e inclinadas em atitude de prece. Junto da capela das aparições organisa-se o cortejo do costume para conduzir a branca estátua da Virgem á capela nova. As servas de Nossa Senhora do Rosário, que envergam as suas batas alvas de neve, conduzem aos hombros, alternando-se, a veneranda imagem da sua gloriosa Padroeira, que o é tambem de Portugal. A' sua passagem por entre alas compactas de povo, que ajoelha reverente e devoto, piedosas mãos femininas envolvem-na numa chuva incessante de petalas.

Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Manuel, Arcebispo de Evora, natural do concelho de Torres Novas, visitou o Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Quando essa encantadora visão do Paraíso assoma ao limiar do recinto reservado aos doentes, uma menina de dezasseis anos, que jazia prostrada numa maca, soergue-se do seu grabato, dirige á Virgem uma suplica muda mas veemente e os olhos arrasam-se-lhe de lágrimas de comoção.

A um sinal do capelão-director dos servitas canta-se em côro o símbolo dos Apostolos e depois inicia-se a recitação do terço, ao mesmo tempo que um sacerdote sobe ao altar central para celebrar a missa dos doentes. Este piedoso acto, sempre o mais concorrido de todos, realisa-se no meio dum recolhimento e dum fervor, que edifica e encanta. Ao *communio* ainda muitos fiéis recebem com uma piedade tocante o Pão dos Anjos.

Após a Missa dá-se a benção a cada um dos enfermos e a todo o povo e em seguida sobe ao pulpito o rev.do P.e Magalhães, director espiritual do Seminário de Leiria, que faz um sermão substancioso e prático.

Por ultimo organisa-se novamente o cortejo que reconduz, entre canticos e aclamações, a imagem de Maria Santíssima ao seu pedestal de gloria no padrão comemorativo das aparições, aonde centenas de milhar de filhos seus não cessam de vir tributar-lhe ha cerca de dez anos sentidas homenagens de veneração, reconhecimento e amor.

Visconde de Montello

A voz da natureza

Era já noite. Iluminado por um luar claro que, a olhos menos cançados, até permitia ler, o velho professor tomava um lindo aspecto patriarcal.

De chapeu nas mãos, cruzadas atraz, cabeleira ainda farta mas completamente branca, o seu perfil encantava.

Acabara de ceiar e ia sair um pouco, a por-se em contacto com a natureza, que se acostumara a admirar e a amar desde creança.

E como ele a compreendia!

Manuel Vicente, o velho professor, era um daquêles velhos caracteres que tinha a nostalgia dos campos e dos pinhais e que sentia o mesmo desamor para com a cidade e para com a Internacional do Ensino.

Toda a gente na aldeia o respeitava e amava, desde o pároco ao barbeiro e do mais abastado proprietario ao ultimo dos cavadores.

Os grilos, as rãs, sapos, as cobras, as relas e todo aquele exercito de animaisinhos que no silencio da noite cantam os louvores do Senhor, estavam já em pleno e harmonioso concerto.

Só quem experimentou alguma vez a doce melancolia desse variado e magestoso cantar duma noite de aldeia pode imaginar a suave poesia dêsses momentos.

Inebriado por tanta e tão singela beleza o professor sentou-se num valado.

... ...

Ouvem-se passos. Alguém ao seu encontro...

De repente um vulto negro cabisbaixo aparece a distancia.

«Quem será?... A estas horas e destes sitios!... Não é costume.

Ah! E' o Carlitos».

Carlitos era um rapaz de 18 anos, creado com demasiada liberdade, ex-aluno de 3 liceus e agora no 1.º ano de Universidade. Cábula, vivo, papador de ceias e frequentador de tabernas, cedo enveredara por um caminho para onde nunca devera olhar.

Primeiro a virtude, a alegria e agora mais alguma coisa o abandonava ou era, antes, abandonada por êle.

Embuçado na sua capa de estudante, cabisbaixo, passaria em branco, sem dar pelo professor, se este á queima roupa o não saudasse amigavelmente:

— Adeus oh Carlitos! Já não diz adeus á gente...

Agora na Universidade já se não fala a um velho e tropego como eu...

— Oh! snr. professor!

Não o fazia aquí.

— E' meu velho costume este passeio sobre a ceia.

— Eu sei mas não me lembrava...

— Altas cogitações o traziam absorto. Desculpe interrompe-lo. Mas olhe que já Esopo dizia que se não pode trabalhar sempre—que é preciso afrouxar o arco. Então donde é a vinda?

— Nem sei donde...

Tal é a abstracção, hein?! Ora sente-se.

— Vamos lá. (E sentou-se junto do professor).

E' verdade snr. professor. Mas diga-me que é que nota em mim de extraordinário? Sou o mesmo rapaz de sempre. Toda a gente me chama o Carlitos...

— Anda-me concentrado demais. Isso pode-lhe fazer mal.

— Ando realmente...

—Então que é? Altas matematicas talvez...

—Não snr. professor... outra coisa mais importante...

— Alguma descoberta?...

— Nem mais!... Mas permita-me que lh'a não revele. A sua alma é demasiado sensivel para estas conclusões brutais da Sciência.

— Então?!

— Não pregunte mais... E' doutro tempo não me compreenderia... Desculpe.

—Assim se passa um atestado de tôlo ao seu professor...

— Nada disso...

—Pois então ponha tudo em pratos limpos... Para mim não deve haver segredos.

— Tem razão... mas... bem me custa.

— Eu sou capaz de guardar segredo.

— Então guarde. Peço-lhe por favor.

— Descance Carlinhos.

Passaram momentos a olharem-se e a penetrarem-se mutuamente.

A lua ia subindo, linda, meiga como sempre... Tudo era poesia... A alma sentia-se levada, ao olhar para o firmamen-

to, a exclamar com o Salmista. «Os céus cantam a gloria de Deus» !

De repente, Carlos baixa a cabeça e diz a tremer.

—«Acabo de perder a fé! Não creio em Deus».

Aquela frase foi cravar-se como um punhal no peito do professor...

— Quê?...

— E' verdade.

— Fala a sério?...

— A sério!

— Vamos devagar. Raciocinemos um pouco. Não quero discutir. Mas, se dá licença que o seu velho professor lhe faça duas considerações...

— Com todo o gosto... mas é inutil!

— Inutil, veremos. A sua capa não se desonra em conversar com um velho.

— Por quem é...

— Pois então vamos lá. Diga-me, Carlinhos, que ideia faria de mim se eu lhe mostrasse o meu relógio dizendo-lhe que aparecera feito numa mina de ferro.

— Concluia que alguém o lá fôra pôr.

— Pois está muito enganado. O meu relógio, um relógio de aço como vê foi encontrado assim completo, dentro dum pouco de minerio. Disseram que se tinha formado ali durante muitos séculos e que pouco a pouco, átomo a átomo se haviam formado os ponteiros, as rodas toda esta engrenagem...

— O snr. Professor está a troçar.

— Não estou.

— A sério?

— A sério!

— Quem lho contou isso?

— Foram os mineiros...

— E acreditou?...

— Acreditei!

— Essa é bôa. Que autoridade tem essa gente que nunca viu fabricar um relogio?...

— Lá isso é verdade. Mas não tem nada...

— Tem tudo. Bem sabe, e vê como isso é complicado: o tamanho e proporção das rodas, o numero de dentes, o comprimento da corda, a roda de balanço, os movimentos etc. E isso feito pela natureza! — Tem lá geito nenhum!...

Sorridente e amável o professor que estava a vencer sem que o adversário que o supunha vencido o percebesse, diz-lhe: Isto era a brincar Carlinhos. Era para o ouvir raciocinar e creia que fico satisfeito em ouvir falar assim a um rapaz que me passou já pelas mãos. Não que eu tenha nisso algum merecimento mas, que quer? — São fraquezas dos velhos que como sabe nos tornamos muito afectuosos e sensíveis.

Agora, deixando a brincadeira, porque é que foi levado a essa conclusão, á negação da existencia de Deus?

— Ora por muitas causas...

— Diga algumas.

—Os filosofos modernos chegaram á conclusão de que se Deus se não via e se o mundo é na verdade um aglomeramento de átomos devemos concluir que Deus não existe.

— Oh! bravo! Já estava á espera disso. E é muito recente essa doutrina?

— E' a ultima palavra snr. professor.

— Está enganado, isso é anterior ao proprio Jesus Cristo.

— Está a mangar...

— Não estou e apontou-lhe os nomes de alguns antigos ateus.

— Realmente. Não conhecia êsses nomes.

— Mas, diga-me, convenceu-se de que isso era verdade?

— Convencí.

... ...

Carlos olha bem para mim (e o rosto do professor, pálido, iluminado pelo luar, com os olhos resplandecentes tinha um aspecto singular).

Você que conhece as leis admiráveis que regulam o Universo, aquelas ao menos que nos fazem mais impressão, você que conhece a lei admirável da atracção, da conservação da matéria, a lei da sucessão das estações, dos movimentos tão complexos dos astros que esmaltam o céu de Portugal — Olhe como está linda a noite! — Você que conhece melhor do que eu a admirável estructura do corpo humano, que tem observado os misteriosos fenómenos, da transmissão da vida no reino animal e no vegetal diga-me —como é que explica tudo isso?

— São as leis da combinação dos átomos.

— E quem fez essas leis? Os átomos?

— Não senhor, o acaso.

— O acaso?...

— Sim.

—Você está a brincar.

— Não estou.

— Então que relógio mais complicado, mais inteligentemente disposto do que êste grande relogio que é o Universo?...

Examine-se, prescrute bem o seu corpo e só pelo exame e analise dêle você verá a loucura da sua conclusão.

Um relógio que marca as horas mas não muda de logar, não fala nem pensa é absurdo, incrivel que tenha aparecido aí por acaso no meio dum pouco de minério, dizia você ha pouco e ria-se de eu acreditar nisso.

Pois se o não julgasse sincero dar-lhe hia em resposta á sua duvida uma gargalhada.

Mas não quero. Você é sincero. Eu sou seu amigo. Acredita?

— Se acredito...

— Pois é como amigo que lhe estou a falar.

E' a força da razão e a da amisade que dão alguma energia a êste velho organismo. Seja sincero mas seja razoável.

— Serei!

— Faça calar por um pouco qualquer outra voz. Deante da razão as paixões calam-se.

— Está bem.

— Então, diga-me, ha ou não no mundo, como no meu relógio uma certa ordem?...

— Ha uma ordem admirável como ha pouco me fez notar.

— Bem. Se para a ordem do relógio você exige um ordenador porque o nega para o mundo?

— Ah! eu não o nego. Nego que seja Deus.

— Lá vamos. Há ou não no mundo o movimento, a vida?...

— Se ha... E' o que mais facilmente se nota no mundo.

— Se pois é necessário que alguém tenha dado corda ao relógio para êle trabalhar forçoso é egualmente que alguém tenha introduzido no mundo o movimento e a vida, para que ela cá exista.

— Espere... Deixe-me pensar um pouco!... O movimento... a vida... Continue!

— Se você entende, e bem, que alguém deve ter feito este relógio, eu concluo que alguém me ha-de ter feito a mim... a você... ao mundo inteiro.

Não lhe parece?...

— Estou de acordo.

— Então...

— Não. Porque não ha-de ser o acaso —a coisa exigida por tudo isso?...

— Mas o que é o acaso?

—E' uma coisa inexplicável...

— ...que serve para tapar os olhos a muita gente

E' ou não verdade que ninguém dá o que não tem?

— Certíssima.

— Pois então meu caro você ha de concordar comigo, ha-de convencer-se de que acima e fóra de tudo isto que se vê ha um ser bom que é a fonte de toda a bondade — ha uma causa donde provem toda a causalidade do mundo, —ha um motor ou movente, primeira razão de todo o movimento — ha-de haver um ser vivo origem de toda a vida.

E' ou não verdade?

— Sim, isso não me repugna. A razão obriga-me a admitir êsse ser.

— E admitirá você que em serie interminada vamos prolongando êsses seres extra mundanos!

— Não. Forçosamente temos de chegar a um termo.

— Pois bem. Para aí em frente desse termo.

Contemple-o. E' êsse ser que eu quero que você analise.

Ha então um ser que causa sem ser causado, um movente que move sem ser movido — um ordenador supremo do universo — um ser vivo que dá a vida sem a receber?...

— Sim. Aceito isso. Tem de se admitir.

—Mas você sabe que ninguém dá o que não tem.

— Sei.

— Porisso essa Causa Incausada — êsse Motor imovel — êsse Ordenador Supremo tem *em si* e *de si* todas essas perfeições que derrama sobre o mundo. Não?...

— Vamos. Começa a fazer-se um pouco de luz na minha alma... Vamos até ao fim...

— Um momento apenas. Qual a razão por que essas perfeições hão-de ser limitadas? Porque não hão-de elas atingir na Infinidade, a perfeição suma da existencia?

... ...

— Sim. Esse Ser é Infinitamente Perfeito.

— Portanto, Eterno, Omnisciente, Omnipotente, sumamente Justo, Bom e Santo!

— Sim, concordo.

Mas, quem é êsse Ser?...

— E' Deus!

— Ah! Então eu creio na existência de Deus.

... ...

Iluminado, ainda pelo doce brilho do luar no meio do silêncio da noite deixaram, num longo abraço, caír algumas lágrimas de consolação e, em silêncio, voltaram á aldeia. A' poesia da natureza juntava-se a sua voz forte, sonora como a do seu cantar... fazendo-se ouvir ainda ao velho e agora, com ignorado encanto na alma do jovem.

A um e outro parecia ouvirem um coro imenso apregoando a existência, a glória e a bondade de Deus.

... ...

Era a voz da natureza...

J. de A.

AS CURAS DA FATIMA

Maria da Conceição Messias, residente na rua Direita de Pedrouços, n.º 17, conta assim a sua doença e a sua cura:

«A impressão que sinto vou participa-la nesta minha carta e ao mesmo tempo cumpro um dever. Há muitos anos que sofria de *tinha escrofulosa* na cabeça. Corri todos os médicos e farmaceuticos da minha terra que é Algarve. Os medicos já não sabiam o que me haviam de fazer. Tantas coisas fizeram que eu já não podia sofrer mais. Nem sei dizer a grandeza do sofrimento que há 16 anos padecia. Desde a idade de 2 anos até á idade de 16 nunca soube o que foi dormir em socego. Nunca soube o que foi cabelo, andava sempre triste.

A minha mãe, aonde ouvia dizer que estava uma pessoa que soubesse algum remédio corria logo, mas nada conseguia. Por fim mandaram-me vir para Lisboa. Vim para casa duma irmã que tenho em Lisboa chamada Maria da Graça. Esta foi comigo a um especilista (Dr. Sá Pimenta), que franzio muito a cara. Minha irmã já dizia que quando eu entrava nos consultórios só a chorar, os médicos já não me diziam nada. Tinham muita pena de mim e diziam á minha irmã que não gastasse mais dinheiro porque não tinha cura. Fez-me ainda umas aplicações do raio X mas não deram resultado. Fui a outro, Doutor Simões Alves, que me disse que era *tinha escrofulosa*, como tinham dito os outros medicos e que não tinha cura. Minha irmã já não sabia o que me devia fazer. No fim de quatro dias deu-me um grande frio que parecia o da morte e doia-me muito a cabeça. O corpo estava já como uma coisa morta e a minha irmã chegou á janela muito aflita. Apareceu-me uma pobrezinha muito doentinha que era nossa conhecida e tinha muita pena de mim. Esta mulherzinha lembrou-se de uma menina que tinha obtido curas com agua de Nossa Senhora da Fátima e que se chama Julia Marques Morgado. Fez-me o mesmo tratamento e estou completamente curada, graças a Nossa Senhora da Fátima. Não tinha cabelo nenhum na cabeça e agora tenho um lindo cabelo.

* * *

Devido ao excesso de trabalho que tive no ano lectivo de 1923-1924, adoeci em fins de Julho e, tão gravemente que me era impossivel qualquer esforço.

Segui as prescrições médicas mas sem obter melhoras que me animassem. Em outubro fui para Lisboa onde consultei um especialista, seguindo novo tratamento sem, contudo, melhorar.

No Ministério da Instrução onde tive de comparecer a Ex.ma Junta Médica deu-me licença para me tratar, por não me encontrar capacidade fisica para o trabalho.

O meu aspecto era o duma tuberculosa.

Cheia de desgôsto recorri a N.ª Senhora de Fátima, com muita Fé, prometendo ir à Cova da Iria agradecer-lhe, e, publicar a minha cura, se Ela se dignasse dar-me saude que me permitisse continuar a exercer a minha missão.

Logo que fiz esta promessa as melhoras foram-se acentuando e pela primeira Junta de Março de 1925 foi-me permitido voltar para junto dos meus alunos.

Há 2 anos que estou em exercício; aumentei 15 kg de pêso e leciono duas classes, num total de 60 crianças, sem que a minha saude se tenha alterado.

Cumpri a 1.ª parte da promessa em Julho de 1925.

Serra, 18-2-927

Beatriz dos Santos Trindade prof. of.ª em Serra-Tomar.

* * *

A Ex.ma Senhora D. Maria Filomena Macieira (Avenida 5 de outubro n.º 201 1.º Esq.º envia-nos a seguinte carta:

Lisboa 14-2-927.

Reverendissimo Snr.

Rogo a V. Ex.cia a fineza de fazer a publicação de duas graças recebidas.

No mez de Outubro de 1926 vendo eu o peixeiro, que costuma trazer-me o peixe a casa, com um hombro chagado de um calo agravado de trazer as cestas do peixe e que até tinha um caroço e dores horrivels, e estava muito desanimado porque lhe diziam que tinha aspecto de passar a cancro (trazia até um homem com o peixe porque ele não podia), eu, como tivesse dó dêle e muita fé em Nossa Senhora, puz-lhe agua da Fátima. Durante o tempo que a estive a pôr fui sempre

JOAQUIM NETO (e familia) curado repentinamente por intercessão de N. Senhora do Rosario da Fátima

rezando a Nossa Senhora e pedindo, pedindo muito que êle se curasse. E logo que êle saiu, imediatamente fui ajoelhar aos pés de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, e pedi: «*Minha Mãe do céu! Vós tendes dado tantas provas do Vosso amor e dos Vossos Milagres! Dai-me mais êste, minha Mãe do Céu. Atendei a minha suplica! Que êste homem se cure, e que reconheça que foi Nossa Senhora quem o curou!*

Pois graças a Nossa querida e boa Mãe! Logo no dia imediato, de manhã, o homem me apareceu completamente curado, já com o cesto do peixe em cima do hombro! A alegria dêle era indescritivel! E dizia então: *Eu estou doido de alegria. Desde que me pôs a agua não mais senti dôres. Era uma hora da noite quando acordei e vi-me curado! Todo o sofrimento desapareceu!* Diz então que choravam, êle e a mulher de comoção por vêrem um milagre tão grande, graças a Nossa Senhora! Ele estava registado e tinha três filhinhas por baptisar, uma com 10 anos, outra 8, e outra 2. No dia 9 de janeiro, dia da Sagrada Família, tive a satisfação de assistir ao casamento dêle e ao baptisado das filhinhas sendo madrinha de uma. Como nos sentimos felizes, assistindo a um acto assim! Graças á Mãe do Céu!

* * *

Estando tambem meu sobrinho Julio Macieira Oliveira, de 18 anos, muito mal com uma bronco-pneumonia, expectoração de sangue e 40 graus de febre, não podendo respirar, puz-lhe uma medalhinha de Nossa Senhora, dei-lhe duas colheres de água de Fátima e comecei uma novena, rezando um torço e a ladainha. Começou logo a passar melhor e, no dia que terminou a novena, passou uma noite como nunca tinha passado durante a doença. Dormiu desde as 11 horas da noite até ao outro dia ás 10 da manhã: Acordou tão bem disposto que só desejava levantar-se mas tinha receio que lhe fizesse mal. Agora já sai á rua. A primeira visita que fez foi á Igreja agradecer a graça recebida. Graças a Nossa Senhora e ao meu querido Jesus! Toda a suplica que fôr feita com muita fé e verdadeira confiança a Nossa boa Mãe do Céu sempre nos despachará sendo para honra e gloria de Deus.

Não esqueçamos pois a Virgem-Mãe de Deus e Mãe nossa, e o nosso querido Jesus».

Maria do Carmo Dias, residente em S. Sebastião, freguesia da Enxara do Bispo (Mafra) tendo já levado 24 vezes pontas de fogo por se encontrar mal dos pulmões e advindo-lhe acessos fortíssimos de tosse que não obedecem a medicamentos, desapareceram em pouco tempo depois de tomar agua de Fátima, prometendo publicar a graça.

Maria dos Anjos Ferreira, Casal decttagana—Ribaldeira (Torres Vedras) encontrando-se muito doente dos intestinos e estomago com varias outras complicações, que tendiam a agravar-se, começou a melhorar desde que recorreu a N. Senhora prometendo ir a Fátima em peregrinação.

A mesma, vendo sua mãe muito mal, com principio de uma congestão, recorreu a Nossa Senhora de Fátima e imediatamente começou a *doente a sentir-se melhor*.

Joaquina Vitoria, rua de Entre-Campos 14—Lisboa diz-nos: «Meu marido, Ricardo Paula, adoeceu com paralesia. Eu, como tenho muita fé com Nossa Senhora, comecei por resar o Padre Nosso e dando-lhe ao mesmo tempo a agua de Nossa Senhora. Vi com muita alegria que meu marido melhorou de momento a momento estando hoje muito bem e sem defeito. Agradecendo desde já o favor da publicação me subscrevo etc.»

Julia Fernandes Gomes, de Lisboa (Rua Augusta 129, 5.º) vem por este meio tornar publico e ao mesmo tempo agradecer a N. Sr.ª de Fátima uma graça recebida da sua infinita misericordia e bondade. Em Março do ano passado, estando em minha casa como hospeda uma senhora com uma filhinha de um ano de idade; adoeceu esta muito gravemente, e recorrendo-se logo ao médico, disse este que tinha diversas doenças e que estava prestes a vir-lhe a meningite. Ora como a menina ainda não estivesse baptizada, foi-se logo tratar de a baptisar e quando chegou a casa, como a menina estivesse quasi perdida recorri a N. Senhora do Rosário de Fátima, pedindo-lhe com muita fé a cura daquela inocentinha, e ao mesmo tempo dei-lhe uma gotinha de agua milagrosa da Fátima. e coloquei-lhe tambem uma medalha de N. Senhora de Fátima sobre o peitinho.

Pois, a criancinha, no dia seguinte, estava melhor, e d'aí a dois dias, já não tinha nada, estava completamente curada.

Venho pois, por este meio agradecer á Santíssima Virgem de Fátima esta cura, e torná-la publica na Voz da Fátima como prometi.»

Laura Lima, de Beiriz, Povoa de Varzim. Para socego da minha consciencia e para agradecer a Nossa Senhora de Fatima o grande beneficio que me fez curando-me da grave doença de que sofria havia já uns tres anos, devo ampliar um pouco a noticia que a meu respeito se lia no ultimo numero da Voz de Fatima.

Eu não estava simplesmente atacada de nervosismo, neurastenia, ou esterismo como por vezes vi classificada a minha doença. Eu estava já atacada pelo virus da tuberculose e redusida a tal estado de fraquesa que nada podia fazer nem mesmo o mais pequeno serviço domestico.

Porque um dia tentei ajudar minha mãe em um pequeno e breve trabalho, logo fiquei prostrada e no meu lenço apareceram rajos de sangue. E a isto devo acrescentar que tinha ha muito perdido o apetito e de noite não descançava. Foi neste estado que empreendi a viagem a Fatima, em automovel. Depois de percorrer uma distancia de uns 330 kilometros sem incomodo de maior, o que eu já considero um grande milagre, cheguei a Fatima ás 0 horas do dia 13 de Outubro p. passado.

Andei algum tempo encostada a minha irmã e a outra pessoa amiga que nos acompanhou, em volta da Capelinha das Aparições, mas antes que desse a primeira volta, senti faltarem-me as forças e deixei-me cahir no chão onde fiquei por largo espaço de tempo sem me poder levantar. De manhã tentei acomodar-me no logar reservado aos doentes, mas não me foi possivel conseguir ser examinada pelo medico senão ás 10 horas, tive de ser transportada de maca para o posto medico bem como para a capela dos doentes, tal era o meu estado. Ahi permaneci Durante algum tempo estive deitada sobre um colchão e depois assentei-me, e assisti a todas as cerimonias religiosas, quando recebi a benção do SS.mo já pude estar de joelhos. Quando recebi a Benção senti uma forte comoção que me abalou todo o corpo, me causou um certo bem estar, e logo me convenci que Nossa Senhora tinha ouvido as minhas pobres orações, as orações das pessoas amigas, e os meus sacrifícios, curando-me.

Assim tinha acontecido. Quando às três horas segui para o automóvel, embora fosse ainda amparáda já segui por meu pé sem grande custo. Fiz a viágem de regresso relativamente bem, ou antes muito bem disposta; cheguei a casa apenas um pouco cançada, mas já sem aquele mau estar que continuamente sentia, dormi mágnificamente aquela noite e desde então continuei melhorando progressivamente a ponto de hoje já poder trabalhar e até fazer serão quando assim me seja necessário, sem que me sinta fatigada. Estou completamente curada. Louvo e honro a N. Senhora de Fátima, que assim beneficia os seus pobres filhos que nEla confiam. L. L. Beiriz - 26 - 1 - 1927.

Jezuina Santana, natural de Alpiarça, e residente em Setubal, vem publicar no Jornal a *Voz da Fátima* o seguinte:

1.º Que tendo há quatro anos sofrido muito duma inflamação intestiual, que os medicos foram incapazes de combater, e sugeita a uma alimentação só de leite, o que, com muita dificuldade podia tomar, porque o estomago lho não abraçava, durando este sofrimento longos mêses; e ouvindo falar dos milagres da Virgem Mãe Santíssima Nossa Senhora do Rosário da Fátima; recorreu com muita fé a Ela prometendo de a ir visitar todos os anos emquanto puder; e tomando a agua da fonte milagrosa junto ao Santuario da Cova da Iria, em Fátima, começou melhorando, e se encontra há dois anos, perfeitamente bem; alimentando-se com qualquer qualidade de comida, sem sentir incomodo algum.

2.º Aparecendo-lhe depois outra doença a *diabetes*, pelo que andou em tratamento em Lisboa, e sem resultado; e recorrendo outra vez á Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima, pedindo-lhe com muita fé, a melhorasse de tão grave doença, e tomando a agua da fonte milagrosa, se encontra tambem melhor.

3.º Aparecendo-lhe tambem uma nascida má, e em sítio oculto, que muito lhe custava ter de mostrar ao médico, aplicou um pacho de algodão, molhado na agua da fonte milagrosa, e rogando com muita fé, á Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima, a curásse, ao fim de alguns dias tudo desapareceu.

4.º Tendo-lhe adoecido um neto de nome Victor Manuel Santana Carlos, estudante de medicina, com dezoito anos de idade; em Fevereiro de 1926, com uma doença tão grave que chegou a perder o uzo da razão, tendo-o os medicos já considerado perdido; pois que, para lhe introduzirem no estomago, os medicamentos, com leite, tinha que ser por um tubo de borracha entrado pela bôca, até ao estomago, com o que, o doente ficava muito aflito; a declarante, com muita fé se ajoelhou diante da imagem da Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima (que em sua casa conserva) pedindo-lhe com muito fervor, para que, a Virgem Nossa Senhora fosse servida que ,o doente recuperasse o seu tino, e que, por sua propria mão tomasse os medicamentos, ou qualquer alimento que lhe dessem, sem ser preciso o tubo de borracha.

No dia seguinte, o doente estende a mão, como quem pede o medicamento e o toma por sua mão, não sendo mais preciso o tubo. Hoje encontra-se bom, seguindo os seus estudos na Universidade de Coimbra.

Obtiveram graças

Uma assinante conta que «tendo casado ha pouco tempo, com um homem com quem a principio me dava muito bem, começava ultimamente a haver entre nós frequentes zangas e azedumes, cada vez mais prolongados, amargurando a um e a outro.

Encontrando-me eu muito desanimada numa destas ocasiões, para mim de grande amargura quando, lançando os olhos sobre uma meza vi a «*A Voz da Fátima*»; cheia de fé, dobrei o jornalzinho, meti-o no bolso e implorei a protecção de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Senti, então, em mim novos e melhores pensamentos, ao mesmo tempo que em mim se desfazia todo o orgulho que até ali impedia da minha parte qualquer reconciliação com meu marido; aproximei-me dêle, pedindo-lhe o esquecimento de todas as minhas faltas, ficando ambos na melhor harmonia. Venho, pois, hoje cumprir o meu dever publicando esta graça, como preito de homenagem á S.S. Virgem do Rosário da Fátima, para seu louvor e honra, pedindo a Deus que ela sirva de animo a todos aquêles que se acham aflitos e sem conforto possivel para que antes de desanimarem recorram A'quela que tanto e tanto sofreu e que nunca deixa de socorrer os que A invocam».

Maria da Nazareh Valentim de Sousa, diz em carta:

«Aproveito a ocasião para pedir a V. Rev.cia um grande favor, e que vou relatar.

No dia 13 de Abril do ano findo estava muribunda uma prima minha, filha unica, que os pais adoram e de quem sou muito amiga. Não havia esperança de a salvar, as pessoas que a rodeavam chegavam a convencer-se que a doente tinha entrado na agonia. Ninguem se podia conformar com a hipotese deste ente querido desaparecer do mundo. Eu neste momento angustioso para todos, rogo aflitivamente a Nossa Senhora do Rosario de Fátima que salve a doente para felicidade dos pais prometendo que mandaria anunciar o milagre se se realisasse. Depois da minha prece começou a doente sentindo alguns alivios, até que graças á Virgem o medico a julgou livre de perigo encontrando-se hoje de saude. Neste momento não quero deixar de agradecer á Virgem outras graças que me tem dispensado em quasi identicas aflições. Tinha grande desejo que este milagre fôsse anunciado no dia 13 de Abril proximo. Esta minha prima que a Virgem salvou chama-se Maria da Piedade e Silva, moradora em Lisboa na Praça das Flores N.º 5-2.º».

Maria Luiza Corte Real Santos (rua da Nogueira 109-2.º-Porto escreve:

«Cumprindo um dever e uma promessa que fiz a Nossa Senhora do Rosario de Fátima, venho pedir-lhe a publicação da seguinte graça que recebi de Nossa Senhora.

Em Março de 1926 apareceu-me uma inflamação na bôca que muito me incomodava.

Chamado o meu medico, fez-me 3 visitas mas as melhoras não apareciam. Consultei outro medico mas tambem não senti alivio algum.

Resolvi apegar-me a Nossa Senhora e prometi-Lhe uma novena de Comunhões e a publicação desta graça no jornal. «Voz de Fátima».

Passados 8 dias estava completamente curada.»

Maria Rosa R. da Silva, de Vila N. de Gaia, agradece a N. Senhora de Fátima uma graça espiritual e temporal, obtida por sua maternal intercessão,—por ter conseguido, vencidas graves dificuldades, mandar baptisar um pequeno de 13 anos, prepara-lo para a sua primeira e solene comunhão e interna-lo depois, retirando-o da miseria e perigos em que vivia, num estabelecimento de piedade p caridade, onde se está formando para a religião e para o trabalho.

Maria Luiza Mendes de V. N. de Gaia, agradece a N. Senhora do Rosário de Fátima a cura duma infecção que teve na lingua, tendo para isso feito novenas e comunhões.

As blasfemias de Calles

O palacio presidencial de Cales, no México, é guardado por 500 soldados. E' sob essa vigilancia que êsse perseguidor da Igreja se banqueteia.

Numa das «farras» palacianas o monstro mexicano, depois de falar contra o clero, com uma linguagem que não é de pessoa educada, disse:

— «Asseguro-vos que ao terminar o meu mandato não haverá no Mexico um só padre».

Um jornalista, uma vez, se lhe apresentou para entrevista-lo.

Antes que o mesmo falasse, disse Calles:

«*Sobre a questão religiosa saberá que três vezes me apareceu Cristo e três vezes o esbofeteei*».

— Desgraçado, a ultima bofetada serás tu quem a apanhará!

UM CASO

Conta Luiz Veuillot o famoso polemista francez que havia nos Pirineos, um medico sabio e digno que recebeu um dia a visita d'um homem com uma chaga na perna, feita por um tiro de espingarda A chaga, já antiga, apresenta-se com caracter particular; n'ela vêm-se vermes. O dr. esforça se por os fazer desaparecer mas não o conseguiu de maneira nenhuma. O doente, um dia, diz-lhe: Dr. não façamos mais nada; fiquemos por aqui: eu hei-de morrer desta horrivel doença.

Com efeito, disse o medico, ha aqui algo de extraordinario, Nunca vi coisa assim, apesar de velho e de me terem passado pelas mãos muitos casos surprehendentes. E, pela 20.ª vez, perguntou ao doente: onde recebestes vós esta ferida? — Em Espanha; já o tenho dito muitas vezes; mas o que eu não disse ainda é o porquê esta ferida não sara. Quasi que o saheis. — Tinha 20 anos Era em 1792. Fui obrigado a alistar-me n'um corpo de tropa, que a Convenção enviava a Espanha. Partimos tres da nossa brigada: Thomaz, Francisco e eu. Tinhamos ideias desse tempo; eramos incredulos. A marcha corria alegre. Quando já perto, atravessamos uma aldeia montanhosa, e avistamos uma estatua da Virgem tão esmerada que, apesar da Revolução ficara de pé á porta da igreja, sem mutilação alguma. Um de nós tem o desgraçado pensamento de insultar esta imagem para «afrontar a superstição dos paisanos». Atiremos um tiro, disse Thomaz. Francisco deu uma gargalhada. Por mim, não querendo mostrar-me menos forte, tentei afastar semelhante ideia. Lembrei-me de minha mãe. Zombaram de mim. — Thomaz carregou a arma e atirou. A bala atingiu a estatua na testa. Francisco meteu á cara a arma e atirou-lhe ao peito.

—Vamos; agora, tu.

—Não pude resistir; apontei a arma a tremer, fechei os olhos, e dei na estatua...

—Na perna! diz o medico.

—Sim, na perna, acima do joelho, no logar onde tenho a ferida! Bem vedes que eu não posso sarar. Depois disto, dispozemo-nos a continuar á nossa marcha quando uma velha que nos tinha visto, diz; Ides para a guerra; o que acabais de fazer não vos ha-de trazer bem algum».

Thomaz ameaçou-a. Por mim estava incomodado com o que havia feito. Francisco menos emocionado do que eu, não estava disposto tambem a regosijar-se.

Lá seguimos nosso caminho, se bem que por vezes nos queixassemos do que havíamos feito.

Nesse dia de tarde, juntavamos-nos ao nosso regimento; alguns dias depois tivemos um encontro com o inimigo. Confesso-vos que eu marchei para o fogo sem alegria, pensando na estatua da Virgem mais que o desejava. Todavia, tudo correu bem. Alcançamos assignalada vantagem. Tomaz distinguiu-se. A acção estava terminada; o inimigo em derrota e o coronel ia fazer parar o prosseguimento quando um tiro, vindo dum rochedo, e que parecia descer do Céu, fez-se ouvir:

Thomaz rodou sobre si mesmo e cahiu redondamente batendo com a face no chão; Francisco e eu corremos a levantá-lo. Estava morto. A bala atingiu-lhe a testa, entre os olhos, no logar onde a bala d'ele dias antes, havia atingido a estatua! Olhámos um para o outro, Francisco e eu, sem dizer nada, mais palidos do que a morte.

No quartel, Franciso estava perto de mim não dormia; esperava que ele me falasse, para lhe aconselhar a oração; não falou mais e eu não pude comunicar-lhe o arrependimento.

Dia seguinte o inimigo volta com força.

Logo que o avistamos, Francisco aperta-me a mão e diz-me: E' hoje a minha vez: tu és feliz por teres visto mal! O infortunado não se enganava. Desta vez fomos repelidos. Batemos em retirada. Francisco não estava ferido nem eu. Vã esperança! Um tiro parte dum fosso onde jazia ferido mortalmente um espenhol; e Francisco cahe, com o peito varado de lado a lado. Ah! Dr. que morte aquela! Ele rolava no chão pedindo-me perdão, Os que estavam perto, encolhiam os hombros; e expirou. E lá ficou só no caminho.

Desde logo fiquei convencido que não tardaria a ser ferido e resolvi confessar o meu sacrilegio ao primeiro padre que encontrasse. Por desgraça não o encontrei. Entretanto, muitos afazeres se passaram e pouco a pouco cessaram os meus terrores e, com eles, a minha boa resolução. Quando fomos chamados a França, já não pensava no crime, nem no arrependimento, nem no castigo. Tudo se me recordou, quando a um dia de marcha da aldeia de Estalumi. Por um acidente que não sei explicar, um tiro, partido das nossas fileiras, atingiu-me aqui onde vedes. Deste modo cumpriu-se a profecia daquela velha, que após o nosso sacrilegio nos disse (estou a ouvi-la ainda): «Ides á guerra; o que acabais de fazer não vos pode trazer bem algum!» Os meus dois companheiros estavam mortos, e eu outra vez ferido.

No entanto, a ferida, ao primeiro aspecto, não oferecia nada de grave. O cirurgião disse-me que eu havia de estar em descanço no hospital por alguns dias. Assim o cria.

Mas, grande foi a surpreza e não menos o meu espanto, quando viu gerar-se na chaga estes impereciveis bichos, o que desconcertou a sua sciencia.

Ha 20 anos, Dr., arrasto esta chaga, experimentando todos os remedios e todos são ineficazes.

Peço a Deus que me cure e espero-o da sua misericordia; por isso não devo lastimar-me. Não me lastimo. Esta chaga tem sido um remedio para muitas almas, para a minha, sobre tudo. Não ignoro que, se chegar ao fim da vida como devo chegar, isto é, cristão e penitente, o deverei á minha terrivel chaga. E então hei-de aplaudir-me de ser coxo, porque eu duvido da minha cura, mas não da misericordia e espero firmemente morrer na graça de Deus pela intercessão d'Aquela a quem ultrajei.

Louis Veuillot

O Amôr e a Justiça

«Deus é muito bom, não pode dar um castigo eterno.»

E' assim que muitos Vos julgam Senhor! E sob este vão pretexto, preferem servir as suas paixões e as suas más inclinações a renunciar a si mesmo e seguir-vos ó Jesus.

Nada, no entanto, é mais contrario á doutrina da Vossa Igreja. O inferno está bem longe de ser oposto á Vossa Bondade, e é precisamente porque eu creio, no Vosso Amor, ó meu Deus, poderoso e bom que eu acredito no inferno.

Se Vós não fosseis o Amor; se egoisticamente encerrado na Vossa felicidade, não lançasseis sobre os seres inferiores a Vós senão olhares de indiferença, talvez o inferno pudesse não existir.

Mas Vós... Vós tudo creastes por amor.

Vós formastes o homem á vossa semelhança e havei-lo vivificado com o vosso bafo; havei-lo cumulado dos Vossos dons, e não haveis pedido a esta creatura tão ricamente dotada senão um pouco de confiança, de fidelidade e de amor. E quando ele Vos despresa e se revolta contra Vós, Vós deverieis ficar impassivel como um ser incompleto, privado de amor e de sentimento?

O meu Deus! Eu creio nos rigores da Vossa justiça porque creio nas excessivas ternuras do Vosso Coração.

Eu vos Amo, meu Deus, a Vós Amor infinito, que vos inclinais para a vossa creatura, a sustentais e levantais. Mas amo-vos também, a Vós Amor desconhecido e ultrajado que castigais.

Se o inferno não existisse eu não vos amaria tanto. Quando eu vejo que um principe, no seu reino, deixa todos os crimes impunes; quando observo que ele espalha os seus dons com tanta profusão sobre os desleais e traidores como sobre os vasalhos fieis, quando são aviltadas a grandeza e a magestade reais, eu não posso resistir a um sentimento de desprezo e chamar-lhe injusto e cobarde.

Não. Se não houvesse inferno, eu não poderia amar-vos... Se o não houvesse faltariam três florões esplendidos na corôa das nossas sublimes perfeições: a justiça, o poder e a dignidade!

Eu vos amo e vos adoro, meu Deus, na vossa misericordia para com os fracos, na vossa bondade para com os pequenos, na vossa liberalidade para com os pobres. Eu vos adoro nos vossos perdões sem reserva; neste inefavel amor que vem do vosso seio para as vossas criaturas, na vossa espera sem cansaço; nessas graças, emfim, que Vós espalhais com profusão sobre as almas para as tocar, para as reconduzir, para as iluminar, para as vencer!

Eu vos adoro também, eu vos amo apaixonadamente, a Vós, grande, magestoso, terível, consumindo num fogo eterno os que resistirem aos atractivos do vosso Amor. E afinal não sois vós, meu Deus, soberanamente bom, que condenais e castigais: são os proprios maus que, recusando lançar-se nas chamas do vosso eterno Amor, se precipitam nas da justiça eterna.

Sim, eu vos amo tal como Vós sois. Eu vos adoro, coroado do conjunto de todas as perfeições: tão justo como bom, tão grande pelo vosso poder e santidade como pela vossa misericardia, sempre Amor, Amor infinito; o Amor que cria, que dá, que perdôa, que vivifica; o Amor que ordena, que repreende e que castiga!

(O ultimo capitulo do livro *Le Sacré-Coeur et le Sacerdoce*).

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte...	62.110$83
Papel, composição, impressão e expedição do n.º 54 (33:000 exemplares)...	1.956$50
Outras despezas	210$00
Soma...	64:277$33

Subscrição

(Junho de 1927)

P. José Rodrigues dos S. Lima e Silva, 200:000, D. Rita do Sacramento Mousaco, Antonio Martins de Figueiredo, Antonio Francisco Lopes, José Carneiro e D. Maria da Conceição P. de Lima 20:000; P.e Arnaldo de Magalhães, D. Maria das Dores (jornais etc.) e D. Maria Izabel Monteiro Reinas, 50:000; Jacinto Correia, D. Rosalina da Gloria, D. Albertina Albuquerque, D. Perpétua de Jesus Guerra, D. Maria dos Prazeres Osorio e Melo, D. Gertrudes da Conceição Monteiro e P.e João Gaspar e Silva, 15:000 rs. D. Ester Cabral Neves, 13:000; Joana de Carvalho Veiga, 11:000 D. Eugenia Margarida do Rosario, 12:500; D. Maria dos Romedios e Madame Luzia, 12:000; Fernando d'Oliveira, 14:000.

Com dez escudos: Manuel dos Santos, D. Ana Sergio Faria Pereira, Antonio Alves Pacheco, José Nunes Coelho, Abílio Carlos Antunes, D. Maria Augusta Santos Valentim, Manuel José Lopes Dias, João Frazão, João Batista Santos Junior, D. Ludovina de Jesus Ferreira dos Santos, D. Palmira Vicente Soares, D. Joana do Espirito Santo Neves, Joaquim Rosa Gomes, P.e José Antunes Bazilio, D. Maria de Jesus Marques, D. Palmira Marques, D. Maria Antonia Pinto de Carvalho, D. Ana Guedes, D. Rita do Rosário Pereira Lopes, Alvaro Rodrigues Pintasilgo (50$00), Antonio Marques Girão (150$00), D. Maria Teresa Moura Pinheiro, D. Conceição Borges, D. Maria Almeida, D. Maria José de Magalhães Aguiar, D. Lucinda Damazo Tavares, D. Vitoria Augusta Sinde Pinto, D. Palmira das Dores Afonso Pereira, D. Madalena da Silva Tomás, D. Luiza Rosa Pereira, D. Virginia Borges de Carvalho (15$00), J. M. G. Pereira (2 libras), Domingos Maria Monteiro, Adelino Antunes Pinto, P.e Miguel Jorge, Firmiano José Alves (20$00), D. Elvira Augusta Nogueira, D. Emília Damas Salgueiro (21$00), D. Ana Maria Clavin d'Ornelas e Vasconcelos, D. Rosa de Jesus Cascais, D. Maria José Sanches Artur, D. Virginia Lopes, D. Olinda Silva da Silva Rego, José Tomás, P.e Antonio dos Santos, Augusto Marques G. Pereira, José Neves, D. Maria José Baptista, Francisco Gaspar, José da Silva, D. Maria das Mercês Manso, D. Maria Margarida de Campos Casais, Manuel Venancio d'Oliveira, Antonio Castanheiro Martins, Artur Graça Junior, Mafalda da Conceição, Maria das Dôres, Manuel Victor Ferreira Dias, João Ferreira Dias, José Ferreira Dias, D. Carolina Ferreira Vieira, Antonio Domingues Ferreira, D. Joana Nobre, José Caxaria, Jacinto da Costa Melicias, D. Maria do Rosário Peralta, D. Lucinda Leal, Joaquina de Jesus, Antonio dos Reis Maio, D. Guilhermina Mendonça, Luciano de Almeida Monteiro, D. Filomena Pires Sanches, Miguel Alexandre Alves Correia, Candido da Silva Prior, D. Maria Luiza d'Oliveira Rodrigues Venceslau, A. Costa Junior, D. Maria da Gloria Nunes d'Oliveira, D. Leonor Marques Serrão Chitas, D. Margarida Gomes Serrão, Ismael Gomes, João Bernardo Ribeiro D. Maria da Conceição Gomes da Silva D. Maria Campos Vieira Martins Cunha, D. Olimpia Sequeira Canelas, Francisco Jorge, José Maria do Carmo Loures, D. Ana de Jesus, Antonio Alves da Cunha, Vicente Ferreira de Sousa, D. Gilda Monteiro, José Baptista de Andrade, Joaquim Monteiro Soares Junior, D. Maria Lopes, Henrique Augusto do Nascimento, D. Florencia dos Anjos Godinho (20$00), D. Maria do Rosario Martins, Antonio Antunes Mota, D. Leocadina da Piedade Henriques, D. Deslinda da Conceição e Silva, Joaquim Mendes da Fonseca, Antonio Gomes da Costa José Birne de Sousa Loreto, D. Dionizia da Conceição Ramiro, Manuel Venancio de Oliveira (15$00), Manuel de Jesus Amaral, D. Rosa de Carvalho Pereira Lopes e D. Maria Emilia Neto.

Jornais avulsos: P.e Manuel Marques Ferreira, 40$00; D. Maria Emília Vieira, 26$50 P.e Manuel Cebolas Folgado, 51$00; D. Zulmira Galhardo, 26$50; D. M. Simas, 50$00; D. Afonso d'Albuquerque, 15$00; D. Sara Mudat, 82$50; P.e Bernardo Luiz, 10$00; D. Ana da Conceição Neves 42$00; pessoas de Ilhavo, 36$90; D. Maria das Dôres Tavares de Sousa, 262$00; D. Laura da Conceição Martins, 39$00; Antonio Vieira Leite, 50$00; Josefa de Jesus, 64$55; P.e Francisco d'Assis Andrade, 50$00; Diréctora do Colegio de N. S. da Torre, 50$00; P.e J. Rosa Nascimento, 50$00; D. Ana Augusta de Freitas, 81$00; P.e Antonio Correia Ferreira de Mota, 25$00; D. Maria Augusta Pereira Veiga, 70$50; um estudante, 40$00; João Luiz Andrade, 30$00; D. Palmira Ribeiro Lopes, 64$80; D. Maria Henriqueta Magalhães, 55$20, D. Beatriz Valente, 46$50; P.e Manuel Sabino Marques, 25$00; P.e José Vicente do Sacramento, 1 libra, P.e Gerardo Abilio Gomes de Pina, 35$00; diversas de Bragança, 21$40; D. Celeste Maria de Sousa, 20$00; Miguel Bento Nunes, 50$00; Fernando Baptista Pereira, 15$00; Conceição Soares Matos Louzada, 30$00.

Um santo... atrapalhado

E' raro que não apareça, mesmo nas fréguesias mais praticamente cristãs, algum destes pretenciosos que, falhos de energia e aptidão para a virtude, procuram no entanto impôr a sua pessoa, seja de que forma fôr á admiração dos outros.

Incapazes de se distinguirem no bem e na piedade, passam para o campo contrario e á irreligião.

Não podendo ser reis no mundo não desistem de o ser no... inferno.

— Ora numa certa paroquia havia um pedreiro que, para explicar a sua falta de cumprimento do grave preceito da Confissão e Comunhão pascal dizia que *não tinha pecados*.

Não tinha pecados e... acabou-se.

O zeloso páraco propoz-se um dia provar ao seu paroquiano que estava muito longe da santidade que queria aparentar: sob a porta principal da igreja paroquial havia um nicho d'onde tinha sido tirada a respectiva imagem, onde o rev.do páraco queria (dizia êle) colocar um *santo novo*.

Lá foi o seu descuidado freguez a seu pedido, preparar as coisas.

Quando o rev.do páraco o apanhou no nicho, não só lhe retirou a escada mas tocou o sino a rebate, de forma que dentro de pouco estava ali todo o povo do logar a indagar de que se tratava.

Toquei o sino (explicou o sacerdote) porque quero que vejam todos o *santo novo* que agora ali vou pôr.

Quando tal ouviram, entra cada um a invectivar o aflito pedreiro e a expôr em publico todas as peças para a não canonisação do homem que *não tinha pecados*.

Não fez a confissão particular aos ouvidos do sacerdote, delegado por Deus para... perdoar, mas teve de ouvir a confissão publica feita pelos outros.

E se teimar em não fazer a confissão sacramental que tão pouco custa e nos deixa a alma cheia de consolações intimas, terá de os descobrir deante de toda a gente no dia de juizo.

Excepto o meu coelhinho

Uma menina a quem sua mãe ensinára as suas orações, chegando a este ponto: «Meu Deus eu vos dou tudo o que tenho» *parou e exclamou baixinho:* «excepto o meu coelhinho»!

O meu coração, sim, é Vosso, Senhor; a minha alma, os meus pensamentos, a minha vida, tudo isso podeis tomar!

Mas o meu coelhinho! ... Ah! isso não, não é possivel, seria uma coisa muito dolorósa!

Não é esta menina a nossa imágem? Todos nós temos um defeito, um pecadinho em que não consentimos que ninguem nos toque; uma afeição, uma paixão que não queremos imolar; um tesouro, um nada, uma espécie de coelhinho que queremos conservar a todo o custo.

Tudo é Vosso, Senhor, mas o meu coelho, ah!, isso não, por favor ninguem me peça isso!

Esta scena repete-se todos os dias.

Uma alma prometeu a Deus aceitar todas as provas, chegando talvez, na sua piedosa exaltação, a pedir cruzes e sofrimentos.

Deus envia-lhe uma doença, uma humilhação, e logo ela se põe a gritar que a não pode sofrer.

Mas, pobre creança, não pediste tu o sofrimento?!

—E' verdade, é, pedi o sofrimento mas deste não gosto! — E' assim a humanidade! quer espinhos, mas que não piquem; humilhações, mas que não humilhem; cruzes, mas que não crucifiquem; todas as dores, menos aquelas que Deus envia.

Este estado de alma é muito frequente e revela uma grande creancice.

E quantos adultos ha que não passam de grandes creanças!

Oferecem a Deus tudo o que não teem mas sacrificar o coelhinho ... isso é superior ás suas forças.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	4.842$50
D. Maria da Conceição Borges Cabral...	10$00
D. Maria Angelina Maya de Albuquerque P. e Vasconcelos ...	20$00
Soma...	4.872$50

A VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano V — Leiria, 13 de Maio de 1927 — N.º 56

VOZ DA FATIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

O S. S. PADRE O PAPA PIO XI

BEATISSIME PATER

Ordinarius Leirenensis in Lusitania, ad pedes Sanctitatis Vestrae provolutus, petit ad maiorem B. Mariae Virginis honorem et Sacerdotum et populi devotionem magis fovendam, facultatem qua omnes in Sanctuario «de S. S. Rosario B. Mariæ Virginis Mariæ vulgo Fatima» suæ diœceseos, Missam Votivam de eodem S. S. Rosario litare valeant juxta praxim, quemadmodum aliis Sanctuariis iam concessum est.

Et Deus...

Leirenen...

Sacra Rituum Congregatio, utendo facultatibus sibi specialiter a Sanctissimo Domino nostro Pio Papa XI tributis, attentis expositis peculiaribus adjunctis, ita benigne indulsit precibus Rev-mi Ordinarii Leirenen, ut in Sanctuario de S.S. Rosario B. Mariæ Virginis ejusdem diœceseos, Missæ votivæ de S.S. Rosario celebrari valeant a sacerdotibus tantum peregrinis et ducibus peregrinorum, singulis per annum diebus, exceptis tamen Festis duplicibus I et II classis, Dominicis, aliisque Festis de præcepto servandis, necnon Feriis, Vigiliis Octavisque privilegiatis: servatis de caetero Rubricis aliisque servandis. Valituro præsenti Indulto ad proximum quinquennium. Contrariis non obstantibus quibuscumque.

Die 21 Ianuarii 1927.

(a) † A. Card. Vico Ep. Portuen. Præf.
(Locus sigili)

Angelus Mariani, S. B. C. Secretarius

A «**Voz da Fátima**» recomenda aos devotos e peregrinos de Nossa Senhora do Rosário da Fátima as intenções do Sumo Pontifice.

SANTISSIMO PADRE:

O Bispo da diocese de Leiria, em Portugal, prostrado aos pés de Vossa Santidade, para maior gloria da Virgem Santíssima e para aumento da devoção do povo e clero para com a mesma Senhora, pede a faculdade de se poder celebrar no Santuário da Santíssima Virgem Maria do Rosário, vulgarmente chamado da Fátima, da sua diocese, a Missa Votiva do mesmo S.S. Rosario, conforme as praxes e a concessão já feita a outros Santuários.

E Deus...

Leiria...

A Sagrada Congregação dos Ritos, usando das faculdades especiais que lhe foram concedidas pelo nosso Santíssimo Padre Pio XI, atentas as circunstancias particulares expostas, benignamente anuiu ao pedido do Rev.mo Ordinario de Leiria para que no Santuário de Nossa Senhora do Rosario, da mesma diocese, possam os Sacerdotes peregrinos e directores de peregrinações, e só êstes celebrar a Missa Votiva do S.S. Rosario em todos os dias do ano, excepto nos duplices de I e II classe, nos Domingos e outras festas de preceito e também nas Férias, Vigilias e Oitavas privilegiadas, observando-se no mais as competentes rubricas e mais prescrições. Estas faculdades valerão por êstes cinco anos, haja o que houver em contrario.

Dada no dia 21 de Janeiro de 1927.

(a) † A Card. Vico, B. Portuen. Prof. (Logar do Sêlo).

Angelus Mariani, Secretario da Sagrada Congregação dos Ritos.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE ABRIL)

Aproxima-se uma das quadras mais belas e mais deliciosas do ano cristão: o mes de Maio. Mes de flores e de perfumes, mes de galas e de festas, mes de fulgores e de encantos, a natureza e a graça porfiam em fazer dele o mes predilecto das almas ridentes de ideal e de beleza. E' então que o céu tem mais brilho, a atmosfera é mais pura e diafana, toda a creação oferece mais atractivos, e os corações humanos, suave e poderosamente emocionados, se elevam para as alturas, num transporte de assombro perante a grandeza e perfeições infinitas de Deus e num extase de amor pela sua inefavel bondade e pela sua beleza eterna, sempre antiga e sempre nova, revelada no espelho magnificente das suas obras.

No dia treze desse mes,—o mes querido das almas mais belas e mais puras que ha sôbre a terra, o doce, e adoravel mês de Maria, — faz precisamente dez anos que a Augusta Mãe de Deus, sob a invocação da Rainha do Santissimo Rosário, se dignou aparecer pela primeira vez no planalto de Fátima para estabelecer no centro de Portugal uma fonte abundante e perene de graças e bençãos espirituais e corporais. Trez creanças, simples e inocentes, receberam a missão de intimar a vontade da Celeste Padroeira e dum extremo ao outro da nossa Pátria estremecida echoou o duplo brado de *penitencia* e *oração*. E a partir desse momento uma força sôbrenatural, irresistivel impele as almas para aquela estancia de misterios e de prodigios, que é hoje o mais belo centro de devoção a Maria Santissima e o trono mais glorioso de Jesus no seu sacramento de amor.

No próximo dia trêze de Maio, repetir-se-á mais uma vez um movimento unico na nossa historia, um espectaculo grandioso e altamente impressionante: de todos os pontos do pais, de todas as cidades, vilas e aldeias desta abençoada terra de Santa Maria, e até de varios pontos do estrangeiro, afluirão á Lourdes portuguesa pessoas de todas as edades, classes e condições sociais, uma multidão variada e inumeravel, centenas de milhares de

peregrinos, .que como ondas de um mar imenso e encapelado se precipitam em catadupas gigantescas sobre os plainos aridos e escalvados da serra d'Ayre.

E essas almas, depois de algumas horas de dulcissimo prazer espiritual, regressarão aos seus lares robustecidas na sua Fé, confirmadas nos seus propositos de viver uma vida mais cristã e com o pensamento mais fixo nos seus destinos de gloria, imortais e eternos.

* * *

No dia treze de Abril realisou-se, como de costume, a comemoração festiva das aparições.

No corrente ano esse dia coincidiu com a quarta-feira da semana santa, circunstancia que explica ter havido um concurso de peregrinos inferior ao dos dias treze dos meses precedentes. Viam-se entre a multidão inumeras pessoas de elevada categoria social. Cumpre destacar aqui a mais categorisada, de todas, Monsenhor José Duarte Dias de Andrade, Conego da Sé Catedral de Coimbra e ilustre senador do Centro Católico na ultima legislatura a quem a causa da Igreja em Portugal deve relevantas serviços.

Sua excelencia teve a consolação de celebrar a santa missa no altarmór da capela nova.

Os doentes, depois de transitarem pelo Posto das verificações medicas, eram conduzidos ao respectivo pavilhão, onde ingressavam mediante a apresentação do cartão de identidade passado pelos medicos de serviço nesse Posto.

Pouco antes da uma hora e meia-hora oficial—foi processionalmente transportada para a capela nova a veneranda imagem de Nossa Senhora de Fátima. Em seguida o rev. dr. Luiz de Andrade e Silva, de Vila Nova d'Ourem, subiu ao altar para celebrar a missa dos doentes, durante a qual a numerosa assistencia recitou em voz alta o terço do Rosário. Depois da benção com o Santíssimo Sacramento, surge no pulpito o rev. Augusto de Sousa Maia, secretario de sua excelencia reverendissima o Senhor Bispo de Leiria, que pregou um substancioso sermão, a proposito da comemoração do dia.

Reconduzida a branca estatua de Nossa Senhora do Rosario com o mesmo cerimonial á capela das aparições, a multidão começou a dispersar-se, deixando, cheia de saudosas e indeleveis recordações, aquele local bemdito, tantas vezes santificado pela presença da mistica Rosa de Jesus, a augusta Rainha dos Anjos.

Visconde de Montelo

Uma graça do Mês de Maria

Era um domingo de maio daqueles anos de luta antireligiosa que vivem ainda na memória de todos.

As Avenidas Novas regorgitavam de gente.

No Chiado mal se podia romper.

Toda a gente saira de casa a gosar um pouco daquele incomparavel clima de Lisboa.

Realmente apetecia.

Três pequenitas, alegres, cheias de vida, saltitavam numa das casas da Penha de França e desfaziam em meiguice e carinhos á mãe para que ela as deixasse ir passear um poucochito.

—Não pode ser filhinhas, hoje não. Vem cá o tio jantar não posso sair com vocês e sós não as deixo sair. Bem vêem —Mas nós vamos com muito tino e e voltamos quando a mãe mandar. Deixa mãesinha?

—Não filhas. Como posso eu deixa-las ir sós? Ha tantos perigos por aí. Nem vocês sabem. Mas acreditem na sua mãe que ela bem sabe o que lhes diz. As meninas não tornam a importunar a mãesinha para ir passear hoje. Outro dia vamos todos o paisinho e eu e as meninas sim?

—Sim mãesinha, responderam as pequenitas que a ouviram atentas e a um sinal dela voltaram a brincar.

... ...

Passada uma hora voltava o pai a casa, de um pequeno passeio pela cidade e entretinha-se á espera da visita.

As pequenitas continuaram a brincar.

A mãe toda atarefada cuidava do jantar, quando da Igreja que ficava quasi em frente começa a ouvir o sino chamando os fiéis para a devoção do Mês de Maria que ali se celebrava todos os dias.

—«Meninas, diz ela para as filhas preparem-se e vão ao mez de Maria ali á igreja.

Eu hoje não posso ir mas como é aqui pertinho, é só atravessar a rua, as meninas vão sós e estão com muito proposito. Arranjem-se depressinha sim?...»

—Sim Mãesinha.

—Isso é que elas não vão, diz o pai interrompendo a conversa.

O pai era um daqueles elementos avermelhados, um provinciano educado cristãmente, praticante durante largos anos e finalmente arrastado pela louca corrente antireligiosa daqueles anos.

Não praticava. Tinha raiva a tudo o que dizia respeito á Igreja e permitia a custo que a familia conservasse um *minimum* de catolicismo naquele revoltado meio de Lisboa.

Ir a uma devoção á tarde parecia-lhe demasiado. Era fanatismo.

As suas filhas podiam lá ir a uma devoção daquelas, acamaradando com as *beatas!...*

Foi por isso que ao ouvir a esposa a recomendar ás filhas que se preparassem para ir ao mês de Maria, despertou os seus brios jacobinos naquele grito:

—«Isso é que elas não vão!

—Isso é que elas vão, retorquiu-lhe a mulher exaltada.

—Mas eu não as deixo ir torna o marido postando-se junto da porta.

—Então eu não serei senhora de mandar as minhas filhas aonde eu sei que convém que elas vão.—Já disse: não vão

—Então eu ando a livra-las de bailes, de diversões perigosas e não posso manda-las á igreja?... Não vão?

—Não.

—Pois vou eu.

Filhas arranjem cá o jantar.

Vou eu ao Mês de Maria Adeus. Se eu cá não voltar não me procurem. Nossa Senhora não me ha-de desamparar.

Num instante foi ao quarto preparou-se e saiu por aquela porta donde o marido estupefacto se retirara já.

Ia nervosa, quasi a chorar. Entrou na igreja esteve até ao fim. Teve muita distração, mas orou também com muito ardor.

Terminada a função resou ainda pelo marido e pelas filhas.

Estava tão lindo aquele altar. A Virgem cercada de flores e de luzes. Tanta rosa! e tanta açucena! Era um encanto estar ali. Mas o dever que ali a fizera ir chamava-a agora a casa. Voltou anciosa sobre a disposição em que encontraria o marido.

Entrou com uma tranquilidade postiça. O marido estava sentado numa sala, palido, desfigurado. Que seria? Deu-lhe as bôas tardes e foi continuar o jantar.

No dia seguinte no meio de lágrimas o marido resolveu ir-se confessar.

Havia vinte e quatro anos que o não fazia.

Foi, confessou-se. Parecia um sonho.

Que paz! Que socego!

Mudou de vida por completo. Voltou a praticar francamente. Ia á missa, comungava não perdia sermão nem devoção na igreja da freguesia.

E a mulher diante duma tal transformação preguntava ás vezes.

«Mas que faria eu a Deus para voltar a ser noiva 30 anos depois de casada?»

Foi o animo e a ousadia dela [illegible] impor ao marido no que ela julgava o cumprimento dum dever.

A atitude dela dominou-o.

A sua devoção a Nossa Senhora subjugou-o.

A graça divina venceu-o.

Naquele dia a Virgem SS. ma pagava generosamente a devoção duma sua filha.

Era mais uma graça do mês de Maio.

J. de A.

Piedade materna

Uma senhora residente em Lyon, que tinha uma filha, num convento situado no monte Carmelo (Palestina), sabendo que se achava na cidade um Prelado que se dirigia áquele mesmo logar, foi visitalo e disse-lhe: «Permiti-me, Senhor, que vos peça um favor. Aqui tendes esta pequena hostia que vou beijar diante de vós, e que vos rogo consagreis na primeira Missa que disserdes no convento, onde está minha filha, para l'ha dardes quando ela for comungar. Desta maneira quando ela receber com a Sagrada hostia o beijo de seu Deus, encontrará tambem o beijo que lhe envia sua mãe.»

OS NOSSOS CONTOS

As avé Marias...

«Passámos a correr pela Cova da Iria. Apenas tivemos tempo duma pequena oração junto á capelinha e de recitar o «Angelus» ao toque da sineta emquanto os trabalhadores se desbarretavam e rezavam também. Era um lindo quadro aquele. Estamos habituadas a estar ali sempre no meio de muita confusão de maneira que nos soube imensamente bem aquele bocadinho no socego daquele cair da noite»...

Duma carta descrevendo uma passagem pela Fatima

— Isso não, minha querida. Bem sabes que não acredito em nada disso. Que vou eu lá fazer!

Nunca gostei de ser hipócrita.

— Mas então não me dás esse prazer!

— Pede-me tudo... menos isso!

— Que pena eu não tenho de ir sósinha! Sou talvez a unica senhora que ali aparece sem o marido. Porque não vens?...

— Que horror! Eu na Fátima!... Eu!!... — Nem pensar nisso.

... ...

Este diálogo passava-se outro dia á mesa, depois do almoço, numa terra da provincia entre dois jovens esposos: ela com todos os encantos duma alma piedosa a realçarem-lhe os dotes da natureza; êle espirito materializado, primeiro no embate das paixões a que cedo se entregara de todo, depois do contacto dos bancos duma escola pseudo-neutral e pervertedora, finalmente na embrulhada trama dos negócios da casa.

Embalada pelas doces promessas de amor inviolavel, Helena deu finalmente a sua palavra em seguida ao coração e viu, como por encanto, o seu futuro indissoluvelmente unido pelo matrimónio ao futuro daquele rapaz.

Durante os ultimos mêses de solteira apresentou-se-lhe á mente um escuro ponto de interrogação.

«Que seria viver com um rapaz sem fé?»

Mas pouco a pouco o amor ia crescendo crescendo emquanto o ponto de interrogação se afastava cada vez mais acabando por desaparecer.

Pensava que iria ser feliz, muito feliz e casou.

Havia dois anos apenas que se passava êsse inolvidavel dia e quantas lágrimas silenciosas destiladas pelo coração não lhe tinham já sulcado as faces.

Dera-lhe o Senhor num lindo menino o primeiro fruto do seu amor... mas juntamente quanta dor a contrapesa-lo...Porquê?!...

Não era Helena feliz?... Não lhe era seu marido estremosa, carinhosamente dedicado?...

Ah! Ela não o conheceu senão pelo convívio do lar no choque violento com a brutal realdade duma alma sem fé.

Foi só então, quando a sua alma profundamente cristã se elevava até Deus ao despontar, do dia, a invoca-lO, ou, terminando-o, a agradecer-Lhe, quando, antes das refeições, Lhe pedia a benção e, depois delas, Lhe dava graças: foi ao vêr-se abandonada por seu marido na suave união da sua alma com Deus que profundamente sentiu a tristeza da solidão. De que valia a união dos corpos se as suas almas se encontravam imensamente separadas?

E não mais deixou de pedir a Deus a conversão de seu marido.

A Virgem S.S.ma que toda a gente — e ela tambem — acreditava ter aparecido na Fátima, onde, solteira, se encontrava tanta vez por motivos de piedade, não poderia ser surda aos seus pedidos.

Rogaria um, dois, três anos... uma vida inteira, mas havia de alcançar a salvação da alma de seu marido, a sua conversão.

E assim fazia desde a primeira semana de casada quando na ante-vespera duma das peregrinações mensais áquele bemdito lugar ousou tentar um novo cometimento: pedir a seu marido para a acompanhar á Fátima no próximo dia 13.

Começou por lhe contar, a propósito de certa notícia do diário que assinavam, os particulares duma daquelas peregrinações e os encantos que lhes achara quando em solteira lá ia.

Depois... uma palavrinha meio timida, meio atrevida esboçou o deseje de lá voltar ao que êle prontamente acedeu.

Deu então a batalha final.

— Mas hás-de me acompanhar...

Foi a esta frase que, embora lançada inesperadamente, êle respondeu com as palavras referidas em primeiro lugar, seguindo-se-lhe aquêle breve diálogo.

Aquele «nem pensar nisso» não a desconcertou.

Envolvendo as suas expressões na maior ternura — como quem suplica — revestindo-as dum carinho só proprio dos momentos solenes, Helena pregunta:

— Nem pela lembrança dos primeiros dias da nossa vida de família?...

— Cala-te que me apoquentas. Custa-me negar-te alguma caisa. Mas tu obrigas-me. Não posso.

... ...

E duas lágrimas fugiram dos olhos de Helena e foram, a correr esconder-se-lhe no seio enquanto, lá de dentro, o filhito a chorar implorava a companhia da mãe.

Recebeu-o dos braços da creada, que se retirou logo, e, apertando-o ao peito despediu a ultima séta:

— Já que me não amas... nem ao menos por amor de êste?...

...O marido com os olhos afogueados pela ira que o principio da frase lhe acendera ficou vencido ao cruza-los no candido sorriso daquela boquita que era dêle e ficou-se calado.

Helena beijou-os. O marido consentiu em ir mas naquêle mesmo dia, á tarde, e saiu a tratar dos negócios.

... ...

Pelas 5 da tarde lá partiram de automóvel.

Helena rezara todo o dia e com que fé!... Quando se quer, até do meio do trabalho se eleva a alma a Deus...

Ia ela, o marido e o filhito, que ela queria consagrar á Virgem da Fátima.

A viagem decorreu bem, alegre. Iam conversando sobre as belezas da paisagem que o marido contemplava pela primeira vez.

Mas lá dentro havia outra Helena a orar, a pedir tanto que ás vezes era preciso o marido repetir as suas preguntas ou sustentar sósinho a conversa com uma série de cortadas exclamações.

Depois duma hora e meia de caminho o automovel parou junto dumas barracas de madeira á direita e dum portal em construção á esquerda.

Deste lado, e mais a distancia, uma capelita baixa; em cima, quasi no alto do outeiro em frente, uma série de grandes pilastras — um alpendre — uma larga avenida em principio, dois póços e cercando isto tudo um grande muro.

— «Que é isto? — » interrogou êle, passando os olhos pelo conjunto.

—E' a Fátima, acudiu ela, *ou antes a Cova da Iria onde apareceu Nossa Senhora. A Fátima é para ali*, e indicava-lhe o sudeste.

— E fazes-me vir de Leiria aqui para ver isto. Francamente...

— Eu queria que tu viesses no dia 13... Vês aquele largo diante do alpendre? Enche-se todo de gente a rezar. Se tu visses... — Eu vou rezar a Nossa Senhora... Queres vir comigo?...

— Vou ver a imagem e deixo-te lá a rezar. Rezas por mim, emquanto eu vou [illegible] obras.

E foram. Descobriu-se a medo, espreitou pelo vidro da porta e foi-se. Helena de joelhos tendo ao colo adormecido o tesoiro que, como bôa mãe e bôa cristã, não queria outro aconchego além do berço começou a orar e a chorar.

Era lá possivel que a Virgem a não ouvisse.

E foi pedindo longamente.

Do coração subiam-lhe as preces como o perfume suavé de incenso até junto de Deus emquanto dos olhos lhe corriam um rio de lágrimas qual o efluvio da graça sobre a alma do marido.

Chegara o termo—mal ela o adivinhava.

O sol tingia ainda de ouro e purpura as corutas dos pinheiros mas ia esconder-se em breve. A busina tocou.

Era preciso voltar.

Levantou-se deixando ali preso o coração tendo implorado sobre o filho e o marido as bençãos da Virgem.

Junto dos operários que além trabalhavam o marido conversava desassocegado. Na sua alma havia alguma coisa de insólito que o perturbava.

De repente, ao ouvir do lado do alpendre um som argentino três vezes repetido, Helena parou e recitou o Angelus ao toque da sineta emquanto os trabalhadores se desbarretavam e rezavam também. Era um lindo quadro aquêle. Sabia imensamente bem aquêle bocadinho no socego daquêle cair da noite...»

Só Mário o marido de Helena ficou embaraçado nos primeiros momentos. Depois descobriu-se.

... ...

O crepusculo envolvia já aquele todo numa suave penumbra que tornava agradáveis aquelas pedras duras secas e feias.

O silencio era apenas cortado pelo toque compassado da sineta e pelo murmurio das preces daqueles operários que, recolhidos e de mãos erguidas, se elevavam até Deus.

Aquela piedade tão semelhante á de sua mulher comoveu-o.

«Não era possivel que uns e outra fossem impostores. Havia de ser linda aquela religião que em pequenito sua mãe lhe ensinara a praticar, mas que esquecera de todo.

E havia de ser verdadeira. Porquê?!... Nem êle o sabia mas era: tinha a convicção firme disso...»

Passados aquêles momentos, Mário corre para Helena debulhado em lágrimas e beija-a a soluçar.

Reencaminharam-se ambos para a capelinha e oraram silenciosamente.

As lágrimas de Mário confundiam-se na pedra com as da esposa, — sinal da união íntima de duas almas cujos corpos viviam unidos havia dois anos.

Depois ergueram-se, noite cerrada, e, á luz das estrelas, voltaram até ao lar.

Os operários admirados foram conversando sobre o assunto e a causa daquelas lágrimas.

E os dois, unidos por mais este amor agradecendo ao Senhor a realisação das suas verdadeiras nupcias ali sob a protecção da Virgem iam meditando na dulcíssima acção da graça e da Providência Divina que assim operara — uma conversão durante o toque e a reza de

«**As Ave Marias**».

J. de A.

AS CURAS DA FATIMA

João Ramos, morador na rua Castello Branco Saraiva, 70 r/c d.to Lisboa, conseguiu com muita dificuldade publicar no *Seculo* a sua cura, o que foi feito nos termos seguintes:

Declaração

5107 Estive 5 anos entrevado, sendo 3 de cama, sem poder fazer o mais leve movimento, consultei 16 dos melhores especialistas, sem que algum deles conseguisse melhorar os meus padecimentos.

Entrei para o hospital, onde estive 40 dias e nada conseguiram tambem para a minha cura.

Pedi alta e voltei para minha casa disposto a continuar a sofrer.

Um dia fui visitado por umas senhoras de caridade que me convenceram a tomar Agua da Senhora de Fatima. Recusei. Mas com desejos de me pôr bom, tomei a dita agua, cujos resultados foram magnificos.

Hoje já posso trabalhar.

João Ramos

A respeito desta cura diz uma pessoa o seguinte:

«Seguindo o conselho do *Manual do Peregrino da Fatima* de dar conhecimento de qualquer cura obtida por intermedio de Nossa Senhora de Fatima, venho informar de uma que vi ir-se realisando gradualmente, cura tanto do corpo como da alma. Chama-se o curado João Ramos, 58 anos de edade nascido em Lisboa onde reside na rua Castello Branco Saraiva, 70-rez do chão.

Conheci-o ha 4 anos aproximadamente, entrevado. Tinha estado no hospital mas recolheu a casa sem esperança de cura. A custo fazia um movimento, não podendo levar a mão á testa para fazer o signal da cruz. Não tinha fé; vivia na mais completa indiferença religiosa, não tendo recebido os sacramentos desde o seu casamento, apróximadamente 30 anos. Era operario pedreiro. Em saude trabalhava muito, não respeitando domingo nem dia Santo.

Adoeceu em seguida a uma queda d'um andaime. Esteve cheio de revolta pela sua doença com que não se conformava.

Em julho de 1925 começou, a pedido d'algumas pessoas, a tomar agua de Nossa Senhora, o que fez só por condescendencia.

Em março de 1926 começou novamente a tomar agua e logo á primeira colher sentiu que começava a poder mexer-se na cama. Dias depois pediu o fato vestiu-se e conseguiu dar alguns passos. A pouco e pouco, encostado a uma bengala foi-se mexendo cada vez melhor.

Á medida que ia melhorando o seu reconhecimento por Nossa Senhora ia aumentando, e começou então a preparar-se para poder receber os sacramentos aprendendo catecismo e dispondo-se do melhor modo. Foi visitado então pelo Rev. Prior da sua freguesia(Stª Engracia); que não o tendo visto na sua quasi completa imobilidade o achou ainda muito tolhido. Foi gradualmente melhorando, e agora anda já sem ajuda de bengala, e com a maior ligeireza. Recebeu os sacramentos na sua freguezia com a maior devoção e comove-se sempre que fala de Nossa Senhora. Confessa-se e comunga agora com alguma frequencia:

Desejando tornar conhecida a sua cura, resolveu ir á *Voz do Operário* de que ele era socio fundador, apresentar declarações de que a sua cura era devida á agua de Nossa Senhora. Tendo-lhe eles recusado a publicação convocou uma assembleia de socios que votaram pela publicação mas não conseguiu nada. Foi então ao *Seculo* onde lha aceitaram cortando algumas palavras. Juntamente a mando aqui. O seu empenho em que viesse preferivelmente n'esses jornais era para que mais gente lêsse.

Hoje está este homem um verdadeiro apostolo, fazendo tudo o que pode para levar almas para Deus, e exercendo a maior caridade para com os desgraçados.

Uma das coisas para que mais trabalha é para fazer cumprir o preceito dos domingos, recomendando aos operários que não trabalhem nêsse dia.

Entrou para a Congregação do Imaculado Coração de Maria, (para a conversão dos pecadores), de que é director O Snr. Padre Cruz; confessando-se e comungando n'esse dia e tendo n'éssa ocasião o Snr. Padre Cruz feito uma alusão á sua cura milagrosa no seu sermão.

Juntamente remeto o atestado medico passado com o fim de poder receber um subsidio quando estava impossibilitado.

Tenciona o miraculado ir no próximo 13 de Abril a Fatima agradecer a sua cura.»

(Efectivamente lá o vimos radiante e ouvimos da sua bôca o relato da sua doença e cura).

Certifico que o Cidadão João Ramos, socio n.º 3976 do 1.º grau da Associação d'Inhabilidade «general Sousa Brandão», que por mim tem sido tratado, sofre duma lesão medular de origem especifica que não só o impede de fazer qualquer trabalho como até o impossibilita de sahir de sua casa.

Lisboa 21 de Julho de 1925 (a) Joaquim Ant. de Sousa e Silva.

Alice Martins dos Reis Calçada de Arroios N.º 37-2.º, Cumprindo um dever venho pedir a publicação da seguinte graça que recebi de Nossa Senhora em 23 de Janeiro d'este ano. Estando eu muito mal, a deitar sangue pela boca e no ultimo periodo de gravidez, uma vizinha minha trouxe-me uma pinguinha de agua de Nossa Senhora de Fátima que eu tomei com muita fé, e logo comecei a melhorar. Tive o meu bom sucesso muito bem no dia 16 de Fevereiro. Venho, pois, por este meio agradecer á Santissima Virgem de Fátima como prometi.

Envio 5$00 para o culto de Nossa Senhora.

Laura Roque Gameiro Alves de Minde, em carta de 19 de abril ultimo, diz:

«Peço a V. Ex.cia muito respeitosamente o obsequio de fazer publicar na «Voz da Fátima o seguinte:

Sofrendo horrorosamente durante mais de trinta anos de cálculos biliares, sendo repetidas vezes aconselhada por vários médicos a que me sujeitasse a uma operação, resolvi recorrer á «Mater afflictorum» orando fervorosamente e aplicando a água da Fátima. Fui tão feliz que imediatamente me senti curada; já lá vão quinze mêses e passo tão bem de saude que me sirvo de todos os alimentos sem daí me vir o menor incomodo. Fazendo publico este facto cumpro a promessa que previamente havia feito».

«**Gertrudes da Conceição Martins,** dos Casaes do Vale Bemfeito — Amoreira de Obidos, que tendo-lhe aparecido no labio superior um pequeno caroço, com os mesmos sintomas d'um outro que lhe tinha feito sofrer uma dolorosa operação recorreu ao auxilio e proteção de N. Snr.ª de Fátima, fazendo-lhe algumas novenas, tendo o caroço desaparecido por completo. Agradece com o maior reconhecimento a N.ª Snr.ª de Fátima.»

João da Silva Ferraz, da freguesia do Olival (Vila Nova d'Ourem) informa:

Rogo a V. Rev.ma o favor de fazer a publicação, se assim o entender, de uma graça que recebi de N.ª S.ª do Rosário Tinha eu uma filha a servir há mais de vinte anos e veio-me ter a casa muito doente com uma constipação dizendo-me que já tinha ido aos medicos de Tomar, Torres Novas e de V.ª N.ª d'Ourem e todos tinham dito que naturalmente não tinha cura. Eu ao ouvir estas calamidades e apesar das minhas poucas posses remeti-a para Lisboa. Lá, um médico conhecido não a deixou entrar no hospital; indo para uma casa particular aonde o dito médico a ia ver todos os dias. No fim de quinze dias disse-lhe: Olhe, menina, morrer por morrer, mais vale ir morrer á sua terra visto que não tem cura. Um dia chegou-me um homem com ela num carro á minha porta. Fiquei tão triste que fui á Cova da Iria pedir a N.ª S.ª que se lhe desse saude, iria lá com ela cumprir uma promessa, que já está cumprida. Ela hoje já está no estrangeiro com seu marido. Chama-se Purificação de Jesus.»

O mesmo atribue a N.ª Senhora e vem agradecer a cura de um sofrimento que tinha ha anos proveniente de uma pancada.

Maria A. Vaz Teixeira de Entre-os-Rios, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de um seu filho que estivera doente dos intestinos. Pede a publicação desta carta, e em cumprimento de uma promessa envia 50.000 para as obras de Nossa Senhora da Fatima.

Quiteria da Silva, de Leiria, que padecia de uma intercolite havia cerca de 12 anos, fez uma novena de comunhões e Rosários, tomando tambem um calice de agua da Fátima, começando então a sentir-se melhor, restabelecendo-se completamente durante um ano.

José da Silva, das Figueiras, fréguesia dos Milagres, que estando com a febre tifoide tendo recebido os ultimos Sacramentos no dia de S. José (1925) e chegando-se-lhe a resar o oficio da agonia, tendo todos em casa, de joelhos, resado o terço a Nossa Senhora e fazendo-lhe a promessa de irem a Fátima, nesse mesmo dia se sentiu melhor.

D. Clotilde de Jesus Barcelos. professora em Altares (Ilha Terceira) escreve em 10 de abril ultimo:

«Incluso remeto a V. Rev.ª 300$00 in- anos a fim de ser- entregues a N. S. do Rosário da Fátima. 250$00 é oferta do Ex.mº Inspéctor deste circulo escolar de Angra como voto de uma promessa feita numa doença em que os recursos da medicina foram impossiveis. Eu mesma o vi moribundo, e por mais de uma vez correu o boato que êle tinha morrido. Como tinha alguma agua da fonte milagrosa da Fátima enviei-lhe uma gotinha aconselhando-o a uma grande confiança nessa Bôa Mãe, e até, Rev.mº Sr. levei a indiscrição de o felicitar pela sua cura antes até de êle têr bebido a agua. Algumas amigas, posto que piedosas, riram-se da minha fé dizendo que o doente tinha apenas um sôpro de vida. Mas qual não foi a minha surpresa, Rev.mº Sr. quando um dia depois de bebêr a agua recebo as linhas seguintes. *O nosso Ex.mo Inspector está curado: pouco depois de bebêr a agua assentava-se no leito e bebia algum alimento.* Hoje continuando nas suas funções vem agradecer a N. S. do Rosário da Fátima a sua cura e envia a quantia inclusa.»

Manuel Narciso diz o seguinte:

Tendo recebido uma grande graça, d'Aquela a quem a Igreja chama com razão *Salus infirmorum*, venho cheio de reconhecimento rogar-lhe o favor da publicação do seguinte:

Eu, Manuel Narciso, casado, de 45 anos de idade e morador na Quinta do Galo proximidades de Santarem, declaro sob minha honra que sofri horrivelmente mais de um ano fortíssimas dores no estomago, que me obrigaram a abandonar todo o trabalho por mais insignificante que fôsse.

Consultei varios medicos, entre êles os Srs. drs. Godinho, Costa Alemão e Pereira Branco, todos de Santarem os quais eram concordes na existencia de uma chaga no estomago.

A minha alimentação era unicamente leite.

As dores eram constantes e horriveis; Foi um verdadeiro martirio!

Confesso que não tinha grande crença religiosa; mas por tanto sofrer e por ouvir narrar tantos prodigios de curas atribuídas a Nossa Senhora de Fátima tomei resolução de ir com minha mulher ao lugar bendito das aparições e pedir a graça da minha cura.

Fiz sciente da minha intenção uma família amiga, moradora no logar da Laurieira, do concelho de Alcanena e pedia-lhe para me acompanhar indo eu daqui com dois dias de antecedencia para casa desta familia amiga afim de na tarde de 12 de maio do ano passado seguirmos todos para a Fátima como de facto aconteceu.

A viagem foi horrivel! As dores que sentia eram tão violentas que me dava a sensação de brasas vivas que consumissem o meu debil organismo.

Lembro-me até que, um pouco acima do logar chamado Val Alto parou o carro para que as pessoas que faziam a caridade de me acompanhar comessem alguma coisa do farnel que levavam.

Para mim tinham levado uma garrafa com leite.

Enquanto os meus companheiros se alimentavam, contorcia-me eu em violentas dores, deitado no solo.

Suspirava pelo momento de chegar ao lugar bendito, pois tinha então uma fé viva, de que Nossa Senhora teria compaixão de mim!

Por fim, lá chegamos e perante o espectaculo grandioso que observei, a minha fé ficou mais viva.

Supliquei a Nossa Senhora, bebi da agua da fonte miraculosa e, até hoje nunca mais senti o menor incomodo, a menor dor! Como de tudo, trabalho no governo da minha casa e vivo com alegria.

Passou-se este facto em 13 de maio de 1926.

E não foi isto um milagre bem evidente?

Devo tambem dizer que um cavalheiro meu amigo, por ter por muito tempo observado os meus sofrimentos, se converteu pois não poucas vezes zombava quando ouvia falar dos miraculados.

Hoje diz que é um crente por ver a transformação que se operou na minha saude».

Manuel Barros de Carvalho, de Santa Marta de Portuzelo, vendo a morrer um

seu neto, de três anos, que já havia quatro dias estava imovel e sem tomar alimento algum, dirigiu, antes de partir para a feira semanal que se realisa na cidade, fervorosas suplicas a Nossa Senhora do Rosário da Fátima e ao regressar, teve a grande dita de encontrar a criança como que ressuscitada, cheia de vida e já livre de perigo.

Domingos Martins Pimento, de Santa Marta, sofrendo de hemorragia hemorroidal que havia sete semanas era continua e o debilitou de tal maneira que já se não podia levantar do leito, tendo-se porisso sacramentado e preparado para a morte, começou a sentir-se melhor, sendo suspense a hemorragia, logo depois de ter bebido agua de Fátima que lhe fôra oferecida por um amigo que então o tinha visitado e aconselhado que tivesse muita confiança na Santíssima Virgem do Rosário.

João Candido de Carvalho e sua mulher, da Meadela, começaram uma novena a Nossa Senhora do Rosário pela saude de um filho menor que três médicos haviam declarado sofrer de um ataque de meningite e nunca mais poderia ver nem andar. No ultimo dia da novena a creança começou a abrir os olhos e a mover-se e hoje está de perfeita saude.

D. Trindade Leitão, rua da Bandeira, agradece o feliz regresso de familia ha muito ausente e as rapidas melhoras dum netinho que sofria da vista.

Maria d'Assunção, rua General Luiz do Rego, sofrendo de uma anemia muito grave que lhe causava dôres no peito e nas costas e tomando durante bastante tempo varios medicamentos sem nenhum resultado, recorreu depois com muita fé a Nossa Senhora da Fátima e bebeu algumas gotas de agua milagrosa, conseguindo então ficar completamente curada.

—Esta foi agradecer a Nossa Senhora em 13 de setembro ultimo e todos os outros preparam-se tambem para irem a Fátima em peregrinação.

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte	64.277$33
Papel, composição, impressão e expedição do n.º 55 (35.000 exemplares)	2.083$40
Selos, cintas, gravuras, embalagens etc	507$53
Outras despezas	215$00
Soma...	67.083$26

Subscrição

(Julho de 1926)

Enviaram dez escudos: D. Amelia do Céu de Pina Amaral, D. Eduarda Albuquerque Pina, D. Sofia Regalão (15.00), D. João do Vale e Sousa Menezes, Antonio Luiz da Conceição, José Augusto Pires dos Santos, Dr. José Alvaro de Menezes, Firmino Abrantes, José de Figueiredo, D. Maria Fernanda Santos (50$00) D. Maria Lucilia de Sousa de Menezes, D. Herminia de Jesus, Manuel Duarte Artigoso, João Ferreira Pinto, D. Efigenia Antunes Canaria, D. Domicilia da Silva Pereira, D. Carlota Cardoso de Almeida, Ricardo Cardoso de Almeida (20$00) Delfim Brandão Ruela, P.e José Rodrigues Gil, D. Irene Cunha e Costa, D. Beatriz Nunes da Silva Moreira, D. Sofia das Dôres Garcia, D. Olivia Ignês da Cunha, D. Ricardina de Jesus Ramos, Alberto de Oliveira, Raul Bingre, Francisco de Babo Magalhães, D. Ana Garcia Pulido de Almeida, D. Guilhermina Santos de Carvalho, D. Maria Rosalina Rocha, D. Maria Alexandrina Fragoso Tavares, João de Oliveira Melo, Joaquim Augusto Pereira Borges, D. Lucinda Simões Martinho, D. Zulmira Ramos (20$00), D. Alexandrina Martins Aleixo, D. Maria dos Santos Anão, D. Maria da Silva Fernandes, D. Augusta de Jesus Maravalhas, Victoriano da Silva (20$00), D. Rosa Amelia da Silva, D. Maria das Dôres Sobreiro Jordão, D. Maria Emilia Escolastica Lapa, D. Isabel Leite (5$00), D. Maria Elisa Fernandes de Sousa Cabral (5$00), D. Sibila de Jesus P. Fernandes, D. Julia da Mata Mareira, D. Natalia Toscano de Sobral Osorio, D. Teresa Cardoso Rios, D. Celeste Chaves. P.e José M. Ferreira D. Gervasia de Andrade Costa (20$00), D. Maria de Castro Crespo Franco (20$00), D. Maria do Rosario Costa, Ana Emilia Jeronima, director da Casa de Saude do Telhal, director da casa de Saude de Trapiche, D. Ana Augusta d'Oliveira, P.e Henrique Garcia d' Oliveira Abranches, D. Maria da Conceição Gamboa, D. Palmira das Dôres Afonso Pereira, D. Adelaide das Dôres Canadas, D. Alda Rita Rodrigues de Oliveira, D. Helena Ferreira, P.e José Augusto Rosario Dias (20$00), D. Virginia Lopes, D. Luisa Teixeira Borges, Armando Ribeiro Baptista, Manuel Gaspar Fernandes, Manuel Ferreira de Lima, D. Maria Rufino Basto, D. Rosaria de Sousa Fontes D. Benevenuta de Freitas Carvalho, D. Alice Pinto Perdigão, D. Laura Assis de Quadros, Antonio Varela Gomes, D. Maria Basto de Vasconcelos, D. Margarida Cartelas Vieira Braga, Antonio Justino Martins, D. Matilde Barreto, Francisco Sampaio Barbosa, D. Maria d'Anunciação do Vale Santos, D. Maxima Rosado, D. Emilia Augusta de Camões Costa, Antonio Barbosa, João Caldeira Marques, D. Maria Jacinta Candeias, D. Maria do Carmo Pedroso d'Almeida, D. Margarida Pereira Liz, D. Maria da Conceição ...agateiro (13$00), D. Maria da Pie... e Alves Pereira, José Vaz de Barros, D. Magdalena Carriço, D. Deolinda da Purificação Costa, D. Maria José Portal, D. Maria Laura Mateus, D. Maria de Jesus Vilhena de Carvalho, Custodio da Cunha Leite da Costa (15$00), D. Amelia Velindrinha (20$00), D. Maria das Dôres Matos Boavida (40$00), D. Maria Amalia Godinho—Napoles, D. Aurora da Rocha Santos Teixeira, D. Rachel Teixeira Lopes Barbosa, José Pereira Manso, D. Leopoldina Pacheco, D. Palmira Garcia, D. Maria M. dos Remedios, D. Laura Pinheiro, D. Maria da Graça Carvalho, D. Margarida M. Correia, D. Maria Amelia C. d'Almeida, D. Aura da Piedade Antunes, D. Zulmira da Mata Galhardo (de jornais, 20$00), D. Julieta Martins (20$00), D. Carolina Rosa, D. Ermelinda da Silva Pereira, Manuel Antonio, D. Maria da Silva Rosa, José Ferreira Lima, D. Isaura Pinto Sampaio de Almeida, Eduardo de Oliveira (20$00) e José J. dos Remedios.

—Observação: Não extranhem os subscritores a demora na publicação das quantias enviadas de tão boa vontade e tão generosamente enviadas. Parece-nos que intrepretamos a vontade de N. Senhora não enchendo o jornal só de nomes.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	4.872$50
Uma anónima da Ilha da Madeira	100$00
... ... Soma	4.972$50

FLORES

(No mês de Maria)

Como se tem ido desenvolvendo o afecto filial da Igreja para com Maria Santissima!

Cada dia, três saudações (de manhã, ao meio dia e á noite) o sino nos lembra esta devoção tão grata:

Cada semana, um dia (o sabado); cada mês, uma festa.

Que mais faltava?—

Cada ano, um mês... E cá para a Europa acertou de ser, ou antes escolheu-se, o mes mais formoso, o mes das flores...

Se Maria é a flôr de Israel, o lirio dos vales, a Rosa Mistica! Além d'isso o objecto d'esse culto é tecer-lhe grinaldas de virtudes!

Devoção Santíssima visto que é dirigida a honrar a Mãe de Deus, e a honral-a solidamente com a imitação das suas virtudes!

Devoção utilissima porque o gosto que com ela damos a Deus redunda em nosso proveito espiritual.

As luzes que acendemos no altar de Maria se nos converterão em luzes de inspirações, e em luz de gloria.

As flores do altar se abrirão em flores de virtude, fructos de boas obras e corôa de imortalidade.

Utilissima principalmente para os pecadores.

Na quaresma o Senhor do campo mandou os seus operarios à colheita, e que belos peixes não se recolheram no celeiro do Divino Pai! Mas tambem quantas espigas não ficaram ainda no campo, enredadas no joio ou acamadas com a terra!

Por lá ficam para serem comidas pelas aves, para apodrecerem com o restolho ou até para arderem no fogo.

Mas lá virá em maio a respigadeira celeste.

E assim é. Quantas conversões não teem vindo alegrar o mês de maio!

Almas ensurdecidas ás trombetas evangelicas que resoaram na quaresma sentem-se agóra impelidas pela Mãe do céu.

Depois da Santa Missa em que Jesus se oferece e se imola a seu Eterno Pai por nós, depois da Santa Comunhão, que é afinal a forma mais sublime de oração e de união com Deus, não podemos depôr no regaço maternal de Nossa Senhora melhores flôres que a recitação devota do Terço melhor ainda se fosse o Rosario completo.

Convencer-nos-hemos disso se nos lembrar-mos que N. Senhora aparecendo dezoito vezes em Lourdes trazia ostensivamente o Terço e não se retirava sem que a vidente Bernardette, que tambem se fazia acompanhar d'ele, o recitasse primeiro.

O mesmo aconteceu seis vezes em Fátima, querendo N. Senhora ser invocada sob o titulo de N. Senhora do Rosario. Quando o Anjo S. Gabriel foi enviado por Deus à Santissima Virgem para lhe anunciar o misterio da Encarnação do Filho de Deus no seu casto seio, saudou-a nos seguintes termos: *Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco, bemdita sois vós entre as mulheres.* Estas palavras, as mais ditosas que jámais foi dado a creatura alguma ouvir, teem-nos repetido de seculo em seculo (e sobretudo no nosso tempo) os labios dos cristãos que repetirão pelos seculos futuros esta vehemente e terna saudação à Mãe de Deus. E cada vez que uma boca humana lhe repete estas palavras que foram o sinal da sua maternidade, comovem-se as suas entranhas com a lembrança d'um momento como nunca houve egual no céu e na terra, e a eternidade inteira enche-se da felicidade que Ela sente.

Nem se diga que a recitação do Terço, com a repetição das mesmas palavras é monotona e enfadonha.

Cada *Avé Maria* é uma vibrante saudação de amor e o amor tem só uma palavra. Dizel-a sempre não é repetil-a.

O Rosario, alem disso é um resumo do Evangelho. Emquanto o recitam, as pessoas que sabem vão meditando na vida do Salvador e desde a sua Incarnação até ao seu triunfo e coroação no céu.

A devoção ao Terço é um sinal de predestinação.

Que todas as familias em comum e que todas as almas tributem diariamente a N. Senhora este preito de devoção e Amor.

Ora adeus... não tenho tempo

Não tens tempo? Pois has de procural-o, meu amigo custe o que custar, porque, se queres alcançar de Deus a salvação da tua alma, com teu trabalho a has de ganhar.

Desengana-te: não se dá debalde o céu. Nenhum Santo entrou nele por outra porta que a de bem trabalhar para isso. Aos proprios Anjos, para os confirmar na graça e bemaventurança, exigiu o Creador merecimentos da sua parte. Os santos Evangelhos falam sempre muito claro sobre este particular.

Ali somos comparados a jornaleiros a quem o amo divino chama ao anoitecer para pagar o salario ajustado. Como pois, te atreverás a esperar de Deus salario algum se passaste inutilmente as horas que te concedeu para merecel-o com teu trabalho?

Qual é este trabalho unico que merecerá o salario do reino celestial, senão o da vida seriamente ocupada em obras de santificação e na pratica dos actos que a Religião prescreve?

Suponhamos, pois, que tão ocupado e atarefado te trazem o negocio, a tua carreira ou o teu oficio que nem uns minutos ao dia te concedem para d'eles pagares o devido tributo a Deus e olhar pelos interesses da tua alma. Suponhamos que, devéras não tens tempo, nem pouco nem muito, como dizes para o dedicares á pratica da Religião.

Pois vives mal, meu amigo, muito mal. Seras grande fabricante, grande negociante, grande *sabio, literato,* muito activo e trabalhador mas és... mau cristão.

Quasi nem sequer homem és. Como que te vás degradando á condição—miserável de irracional. Um animal de carga e nada mais. Mas, afinal, não terás tu realmente tempo?

Bem te entendo. Queres desculpar com esta frase lamurienta o teu completo esquecimento das praticas da Religião a tua ausencia da igreja, a falta de cumprimento de ouvir Missa de confessar e comungar, emfim, a tua vida completamente descuidada, perdida para a tua alma, praticamente athêa, exactamente como a d'aqueles que dizem claro e redondamente não acreditar pouco nem muito em Deus nem na outra vida.

E não obstante (como são as coisas!) não és atheu, nem materialista, nem quererás talvez deixar de passar por bom cristão e zangar-te-ias contra quem te negasse a qualidade de bom catolico. Afinal são, em geral as pessoas mais ocupadas as mais dispostas sempre para toda a boa obra, assim como os ociosos costumam ser os mais preguiçosos.

Os mais ricos de tempo são os que mais escassos dele se mostram, quando se trata de oferece-lo a Deus.

Os pobresinhos e necessitados costumam ser nisto menos avarentos.

Assombra a classe de gente que acode todos os dias à Missa de manhã cedo. Quasi toda pertence à categoria de jornaleiro, creada, que descontam do sono e do descanço aqueles trinta minutos que oferecem generosamente a Deus. Como às furtadelas, fazendo penosissimo sacrificio, dão do seu capital de tempo aquela meia hora à Religião, que os desocupados lhe recusam a dar.

Manual do Peregrino da Fátima

Vende-se na redacção da *Voz da Fátima*—Seminário de Leiria.

Preço—3$50, fóra o porte do correio. Desconto aos revendedores. Preço excepcionalíssimo a quem pagar de pronto o minimo de cem exemplares.

Todas as religiões são boas!!!?...

E' como se disseses que todas as palavras são boas, a verdade e o erro; ou que todas as acções são boas, as morais e as imorais.

Não ha senão uma religião *bôa:* a *verdadeira.*

A verdade é *uma só,* o erro é *multiplo.* A mentira, por mais que se enfeite em verdades é sempre mentira.

Posso *imaginar* mil coisas *possiveis,* dizer que neste momento estás trabalhando subindo ou descendo, dormindo etc., etc., mas uma só coisa é verdadeira e vem a ser: que estás lendo estas linhas... e estás em... Não sei onde estás, mas decerto unica e exclusivamente no logar onde estás.

Só é bom o que é verdadeiro.

Deus falou e mandou aos homens uma Religião por seu filho.—*Jesus Cristo;* esse Filho instituiu uma Igreja para ensinar essa religião e conserva-la pura de todo o erro.—Essa Igreja afirma que é a *unica* depositaria dessa verdade, prova-o *pelas proprias palavras* de Jesus Cristo, demonstra-o, não falhando nunca na defesa dela, *não tolerando nunca* o mais pequeno erro, nem de fé, nem de moral, e sendo a unica cuja *origem remonta* a Jesus Cristo. — A religião boa.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano V — Leiria, 13 de Junho de 1927 — N.º 57

VOZ DA FATIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE MAIO)

FATIMA, POLO MAGNETICO DAS ALMAS

A grande romagem de Maio — O trono das graças de Maria. — O primeiro decenio após as aparições. — Fátima, estancia de mistérios e de prodigios.

Mais uma vez no planalto sagrado de Fátima, se desenrolou um dos espectaculos mais grandiosos e mais belos que a olhos humanos é dado contemplar sobre a terra.

Durante tres dias e tres noites consecutivas as multidões acorreram de todos os pontos de Portugal, em devota romagem, ao sanctuario das aparições, impulsionadas por uma fé viva e por uma piedade ardente e acrisolada.

Ali, erguida na sua imagem veneranda sobre um pedestal de gloria, a augusta Virgem do Rosario, semelhante a uma visão radiosa do Paraiso, recebe as homenagens de seus filhos, que a aclamam como sua padroeira e lhe dirigem suplicas estuantes de confiança e de amor.

Centenas de milhar de fieis lá vão cada ano depositar a seus pés virginaes um tributo espontaneo de saudações e de lágrimas, de flôres e de lumes, de esperanças e de acções de graças.

Incessantemente, pessoas de todas as condições sociaes, arrastam os joelhos pelas pedras duras da Cova da Iria, em torno do padrão comemorativo dos sucessos maravilhosos, cumprindo votos e promessas feitas em horas negras de cruciante angustia.

De perto e de longe, mesmo dos confins de Portugal, voam até aos pés da Mãe de Deus tantas almas sedentas de consolação, tantos corações ulcerados pela dor.

Naquela região de mysterios e de prodigios, que a Rainha do Ceu escolheu para seu trono de graças, ha balsamo para todas as maguas, lenitivo para todos os sofrimentos, resignação e conforto para todas as desditas! E, por isso Fátima é, e continuará sempre a ser, o polo magnetico das almas, o centro de atracção dos corações, que uma força sobrenatural, poderosa e irresistivel, arrasta suavemente para aqueles plainos escalvados e desertos, onde apenas vegetam a urze e a azinheira.

E agora, dez anos depois da primeira aparição, novamente as multidões se precipitam, em torrentes caudalosas, no vasto recinto murado da Cova da Iria, teatro das scenas, ao mesmo tempo mais assombrosas e mais comoventes, de que ha memoria desde os tempos biblicos.

Um trecho da peregrinação de 13 de Maio. — Procissão final da Imagem de Nossa Senhora para a capelinha das aparições

O recinto das aparições — A procissão das velas — A apotheose da Virgem — Um lago e um rio de luz — Assombroso espectaculo de fé e piedade — A vela de armas.

No dia dez chegam a Fátima os primeiros peregrinos. Desde esse dia até á manhã do dia treze a romagem cresce descomunalmente de hora para hora. Na vespera á tarde o vasto anfiteatro da Cova da Iria está cheio de fieis.

A's vinte e duas horas começa a organisar-se a procissão das velas. O aspecto do local transforma-se como que por encanto, mercê dos milhares de luzes acesas de repente pelos peregrinos que se preparam para tomar parte no imponente e fecrico cortejo em honra da Virgem.

Dir-se-ia um imenso lago de fogo, cheio de ondas encapeladas que vai formando um rio de luz, manso e tranquilo, que, partindo da Capelinha das aparições, serpenteia em torno dos sanctuarios, sobe á estrada e, passando sob o arco de triunfo, desce pela Avenida Central para se ir concentrar junto da estatua da Virgem, donde duas horas antes tinha surgido.

Os milhares de fiéis que tomam parte no cortejo, a multidão inumeravel dos que assistem á sua passagem, as preces e os canticos que brotam de labios trémulos de comoção, a fé viva e a piedade estreme daquela imensa mole de pessoas de todas as classes sociais e de todos os pontos do país, tudo isto constitue um espectaculo assombroso, que simultaneamente comove e encanta, elevando as nossas almas, num suave arroubo mistico, para regiões inacessiveis ás agitações e misérias deste mundo.

A' meia noite termina a apoteose á Virgem com o canto do *Credo*, a magnifica profissão de fé dos Apostolos, cujos accentos ecoam nos montes vizinhos, repercutindo-se de quebrada em quebrada até se perderem ao longe. Extinctos os ultimos ecos do *Credo*, parte da multidão dispersa-se na melhor ordem, indo formar os seus acampamentos para a vigilia nocturna.

Pequenas, mas inumeras fogueiras de velas, iluminam o recinto e aquecem o chão, que ainda se conservava humido devido ás fortes bategas de agua que tinham caído durante o dia.

E pela noite adeante nem uma nota profana naquele ambiente de intensa piedade, ouvindo-se apenas o brando ciciar das preces dos peregrinos que velam junto dos companheiros profundamente adormecidos num sono reparador das forças gastas em tão longa e penosa viagem.

A missa dos servitas — A Comunhão dos Servitas e dos escoteiros — Cerca de Oitenta Missas — Os servitas e os escoteiros — As peregrinações com os seus estandartes — A fonte da agua miraculosa — Uma scena emocionante.

A's três horas da manhã os sacerdotes préviamente inscriptos no respectivo registo começam a celebrar a santa mis-

sa nos tres altares da Capela nova, sucedendo-se uns aos outros sem [illegible]pção. A segunda Missa é rezada pelo rev. dr. Marques dos Santos, capelão director dos servitas, que a ela assistem, recebendo das suas mãos o Pão dos Anjos. Entretanto chegam grupos de escoteiros catolicos de Lisboa, de Leiria e de Coimbra, que depois de ouvirem Missa e de comungarem, organisam, juntamente com os servitas e sob a direcção dos seus chefes, o serviço de ordem e de transporte dos enfermos.

A pouco e pouco vão-se reunindo as servas de Nossa Senhora do Rosario, que, envergando batas alvinitentes, dão-se pressa em iniciar a sua piedosa tarefa de assistencia aos enfermos. A's sete horas uma chuva miudinha e impertinente principia a cair, molhando tudo e todos, sem conseguir porém que os peregrinos desistam de ficar para as cerimonias oficiais da peregrinação.

Sucessivamente, de espaço a espaço, transpõem o arco de triunfo e descem pela Avenida Central longas e numerosas peregrinações precedidas dos seus parocos, confrarias e estandartes.

Junto de nós, rezando o terco ou entoando canticos desfilam processionàlmente, entre outras, as peregrinações do Beato (180 pessoas) de Belas, Nazareth, Coruche (150 pessoas), Ancião, (100 pessoas) Filhas de Maria de Vagos, Pombal, (120 pessoas) Figueiró dos Vinhos, nhos Vila Nova de Foscôa, Martingan-Benedicta, (150 pessoas), Rio de Moínca, Monte Real, Espozende, Viana do Castelo, Soure, Teixoso, Vila do Conde e Braga.

São lindos e vistosos os estandartes, alguns dos quaes representam a scena incomparavel da aparição da Virgem aos pastorinhos. Os canticos comovem pelo sentimento que a letra e a musica traduzem e pela expressão de fé e piedade com que são executados.

Algumas peregrinações, como a de Pombal e a de Figueiró dos Vinhos, fizeram o percurso a pé! Os peregrinos desta ultima passaram a noite em adoração ao Santissimo exposto na igreja paroquial de Fatima, onde assistiram á Missa e receberam a Sagrada Comunhão.

São quasi nove horas. Uma grande multidão aglomera-se em torno da primeira fonte. Numerosos servitas dirigem o serviço de acesso. Filas sem cessar renovadas, de quarenta a cincoenta pessoas, aguardam em frente de cada uma das quinze torneiras a sua vez de beberem ou de encherem os recipientes que trazem consigo.

Fervem as ordens, repetem-se os avisos. E aquela multidão inumeravel, paciente e docil, obedece sem reluctancia, cumprindo pontualmente as instruções dos servitas dadas, muitas vezes com energia, mas sempre com caridade.

Subimos á estrada. O espectaculo é unico e indiscriptivel. Vêem-se dezenas de milhar de camions, automoveis, trens e outros veiculos ao longo da estrada e nos terrenos adjacentes, numa extensão de muitos kilometros. Dir-se-ia que toda a população do paiz se tinha transportado naquele dia, a um sinal da sua augusta Padroeira, para junto do seu Santuário predilecto, a Lourdes portugueza.

Por entre a multidão que enxameia na estrada, ouvem-se frequentemente frases que exprimem admiração e assombro, observações e comentarios acerca do numero de peregrinos e da grandiosidade daquele espectaculo de fé e piedade cristã, unico na historia da nossa nacionalidade.

A assistencia é avaliada em trezentas mil pessoas. De repente na Avenida Central depois da passagem de uma das peregrinações, depara-se uma scena simples, mas altamente, emocionante, cuja vista arranca lagrimas de muitos olhos.

Uma mulher de meia idade, rezando em silencio, desce lentamente de joelhos a Avenida. Ao lado, dando-lhe a mão, caminha o marido empunhando uma vela acesa e á frente dois filhos gemeos de oito anos e uma filha de treze, cada um deles tambem com uma vela na mão. Vieram a pé da Ribeira de Rio de Moínhos, onde residem, cumprir a promessa que tinham feito e agradecer á Santissima Virgem a cura da esposa e mãe, que se encontrava gravemente enferma, em perigo de vida e desenganada da sciencia humana.

O Posto das verificações medicas — Os medicos e os doentes — A resignação e a confiança dos enfermos — A oração de cem mil pessoas.

Como costuma suceder em treze de maio e em treze de outubro, os doentes são desta vez muito numerosos.

Os servitas transportam em macas os paraliticos e aquêles doentes cujo estado é mais grave, para o Posto das verificações medicas e depois para o respectivo pavilhão. Os enfermos que podem andar reunem-se em frente do Posto e aguardam a sua vez de serem examinados e de receberem o cartão de ingresso no recinto reservado. Entre os médicos que prestam obsequiosamente os seus serviços vêem-se os drs. Augusto Mendes, Luz Preto, Weiss d'Oliveira, Eurico Lisboa, Pereira Gens, Veloso da Costa, Garcia de Carvalho e Gabriel Ribeiro, que examinam e registam algumas centenas de enfermos, procedentes de todas as regiões do país e atacados de toda a especie de enfermidades. Havia doentes de Penela, Louriçal, Mira, Vila Franca de Xira, Cuba, Lisboa, Torres Novas, Constança, Trancoso, Cartaxo, Alcobaça, Louzã, Cantanhede, Porto de Moz, Aldeia Galega, Gavião, Coruche, Tomar, Guarda, Ourém, Figueiró dos Vinhos, Cabeceiras de Basto, Oleiros, Carregal do Sal, Leiria, Castelo Branco, Abrantes, Fundão, Mangualde, Alquembrão, Valverde, Ancião, Sintra, Pedrogão, Elvas, Pombal, Crato, Monte-Real, Gouveia, Covilhã, Lourinhã, Gois, Oliveira do Hospital, Nogueira do Cravo, Lourede, Evora, Foz do Arelho, Penacova, Botelha, Albufeira, etc.

A inscrição estava já encerrada ás onze horas por não comportar mais doentes o pavilhão que lhes é destinado em frente da capela das Missas.

No pavilhão, os doentes oram com fervor e esperam resignadamente a hora da ultima missa. Em volta mais de cem mil pessoas juntam as suas preces ás dos enfermos suplicando para êles a cura dos seus males ou a resignação e o conforto de que carecem para os suportarem com meritos para o Céu.

A procissão solene — Representantes de todas as classes — As Confrarias e Irmandades — A revoada dos lenços, as palmas e os vivas.

E' quasi meio-dia solar. Organisa-se junto da capela das Aparições a procissão do costume, agora muito mais solene e imponente, para conduzir a branca estátua de Nossa Senhora de Fátima para a Capela das Missas.

O cortejo põe-se em marcha. Acompanha-o uma multidão enorme de fiéis de todas as classes e condições sociais. Abrem o cortejo os pendões de varias irmandades e confrarias. Seguem-se as servitas em filas cerradas. Depois a veneranda Imagem conduzida aos hombros dos servitas. Quando a Imagem chega ao Pavilhão, milhares de lenços brancos, semelhando um bando de pombas, são agitados de longe e de perto, ao mesmo tempo que estrugem os vivas e echoam as palmas e os olhos de todos se marejam de lágrimas de comoção.

O Credo de Lourdes — A Missa dos doentes — O terço do Rosário — Sete mil Comunhões.

Um côro unisono de vozes fortes e afinadas canta o *Credo* de Dumont. Em seguida o celebrante da missa dos doentes sobe ao altar central e principia o santo Sacrificio. Ao mesmo tempo o rev. capelão-director dos servitas dá inicio á recitação do terço do Rosário, que é rezado alternadamente com o povo. O silencio é profundo e a devoção dos fiéis intensifica-se, á medida que se aproxima o momento augusto da Consagração.

De vez em quando entôa-se um cantico em honra de Jesus-Hostia ou da Santíssima Virgem. Quando a Victima Sacrosanta dos nossos altares é levantada entre o Céu e a terra, toda aquela imensa mole de povo ajoelha no chão, curva-se e adora a Jesus escondido sob as espécies do sacramento do seu amor.

A Comunhão é mais uma vez distribuida aos fiéis. Deviam ter comungado cerca de sete mil pessoas, durante as oitenta missas celebradas desde a madrugada.

A Benção dos doentes — Lagrimas de comoção — Supplicas veementes — A apotose final à Rainha do Céu e da terra — Dia de triunfo e de gloria.

Após a Missa, o celebrante, depois de incensar a Hostia Santa exposta num ostensorio de ouro, pega nele e desce os degraus do Altar para dar principio á benção dos doentes. As servitas, os escoteiros e numerosos sacerdotes acompanham o Santíssimo. Os doentes, sentados nos bancos do pavilhão ou deitados nas suas macas, oram com fervor e aguardam confiadamente a hora da cura ou do conforto divino.

Jesus passa fazendo o bem, como outrora, durante a sua vida mortal, nas cidades e vilas da Palestina. Quasi todos os doentes e muitas outras pessoas choram de comoção. A scena que se passa é empolgante e comovedora. Esses pobres farrapos humanos, victimas de um sem numero de misérias físicas — paralíticos, cancerosos, cegos, surdos-mudos, tísicos, leprosos, etc — de mãos postas e olhos fitos na Hostia Santa, imploram numa prece silenciosa mas veemente, um olhar de misericórdia, uma palavra de consolação e de conforto.

As invocações pelos enfermos, instantemente repetidas, de momento para momento redobram de intensidade e parecem fazer violencia ao Céu, para que se apiede daquela legião de desgraçados. Depois o Sacerdote sobe ao altar e, cantado o *Tantum-ergo*, dá a benção a toda a multidão ajoelhada a seus pés. Após a benção sobe ao pulpito o rev.do Paulo Durão Alves, que fala sobre a devoção a Nossa Senhora e o cumprimento dos deveres cristãos.

Por ultimo organisa-se de novo a procissão afim de reconduzir a Imagem de Nossa Senhora para a Capela das aparições. Repete-se o espectaculo comovente da primeira procissão e os vivas e as palmas e os canticos e o acenar dos lenços constituem uma verdadeira apoteose á Rainha do Céu e da terra.

Pouco a pouco a multidão dispersa-se e os veiculos conduzem ao seu destino os romeiros, que vão cantando os seus canticos de despedida á Virgem.

Os anais de Fátima, — a Lourdes portugueza, a Jerusálem do Occidente, — registam, em letras de oiro, mais um dia de triunfo e de gloria para a Virgem, mais um espectaculo grandioso e empolgante de fé e piedade cristã, unico nas páginas imortais da história de Portugal.

Visconde de Montello

Flôres da Fátima

Rosas brancas...
Flores de amor e inocencia

Entre as várias ofertas chegadas á Direcção das Obras da Fátima notava-se um sobrescrito em que mãos de senhora haviam escrito estas palavras singelas.

Para o abrigo dos doentinhos de Nossa Senhora da Fátima oferecido pelas Florinhas do Mar.

Aberto, encontrámos dentro a quantia de 13:050 numa quantidade de pequeninas notas até mesmo de meio tostão, quantia resultante das ofertas das Florinhas do Mar da Póvoa de Varzim.

Quem são estas florinhas?

Creancinhas desde os 4 e 5 anos recolhidas durante o dia numa obra de preservação e educação.

Flores colhidas pela dedicação e Caridade de algumas almas, de entre a lama das ruas: creanças pobresinhas que de seu mal teem a vida.

Pobres florinhas!

Mas teem coração...

Amam a Virgem da Fátima e os seus doentes e com que ternura!

Vêde. Dentro acompanhando a sua oferta liam-se estas palavras.

«Este dinheiro é oferecido a Nossa Senhora da Fátima para ajuda do abrigo dos doentinhos, esmola oferecida pelas Florinhas do Mar, que se privaram de comprar algumas guloseimas, oferecendo estes sacrificios para a ajuda do abrigo dos doentinhos de Nossa Senhora da Fátima..

Algumas queriam comprar rebuçados, laranjas, amendoins, etc: lembrando-se dos doentinhos sacrificaram o seu tostão ou 2 conforme recebiam d'alguma esmolinha. Que Nossa Senhora abençôe estes sacrificios feitos com tanto amor e generosidade.

«Florinhas do Mar»

São as rosas brancas — flores de amor e inocencia — que aquel'outras «florinhas» da risonha praia da Póvoa enviam a ornar o altar da Virgem na Fátima.

Rosas lindas que lhe prendem o olhar e o fazem descer cheio de bençãos áquelas almitas ainda em botão...

Que exemplo lindo no Mez de Maria!

Lindo e util sobretudo para tantos que no caminho e lá na Fátima quereriam estar cercados de todas as comodidades.

Aprendamos daqui a espiritualisar e a santificar os nossos sacrificios, as nossas privações e dôres para assim aos pés de Nossa Senhora lá na Fátima, juntarmos ás rosas naturais outras flores mais lindas — as flores do amor e da inocência.

Rosas vermelhas...
Flores de dedicação e heroismo

Rosas, brancas, de amor, rosas vermelhas, de sacrificio e dedicação, tudo ali se junta em admiravel conjunto fazendo subir ao trono da Virgem o seu perfume inebriante.

E' sob o alpendre ou pavilhão dos doentes, lá ao cimo junto duma maca.

A doente prostrada descança o corpo sobre a enxerga da maca e a cabeça no seio duma senhora.

Ambas choram; ambas oram cada qual com mais fervor.

Dir-se-hiam irmãs tão irmão é o sentimento que lhes vivifica e faz vibrar o coração.

Que ternura, que piedade, que fervor naquelas almas, naqueles rostos, naqueles lábios.

Só o contempla-las faz bem, afervora, edifica, comove.

Numa a resignação na dor; noutra o carinho para o sofrimento: em ambas um quê de espiritual que arrebata e eleva até mais perto de Nossa Senhora.

Nas mãos do sacerdote passa Jesus abençoando e ao passar com a benção do seu Deus que ela ali adora presente a pobre doentinha recebe o osculo fraternal da senhora que a cuidava.

Não foi a primeira vez que em terras da Fátima os lábios duma servita tocaram o pús duma chaga num acto de profunda humildade e heroica dedicação.

Que o Senhor os premeie!

Seja Ele Bemdito por ter feito desabrochar ali tão encantadoras flores de sacrificio.

Aprendamos daqui a tratar caritativamente os pobres doentinhos que lá vão de perto e de longe a implorar a protecção de Nossa Senhora da Fátima.

Aprendamos a sacrificar-nos por êles como essa servita.

E quando os nossos pés pisarem a terra bemdita da Fátima saibamos cercar com o nosso respeito, veneração e admiração estas almas que assim tão desinteressadamente se entregam, sacrificando-se, ao serviço dos pobres doentes.

J. de A.

FRACO OU HIPOCRITA

Disse-me uma vez certa pessoa:

—Oh! não, não desejaria morrer sem um padre.

—Nesse caso porque os despresas actualmente?

—Então! Que é que queres?... Eram capazes de me escarnecer, bem sabes!...

— Nesse caso, respondi eu, concorda que em face da religião, és um fraco e perante os teus amigos és um hipocrita. E isto é muita cousa para um homem só!

Uma visita que se não deve receber

Talvez isto vos pareça contrario á polidez: mas a prudencia deve ter preferencia sobre a polidez.

Ora ela nos diz, que um certo máu visitante se dá ao prazer de subverter as ideias morais da familia, que o recebe.

Não ha outro meio de escapar á sua tiranica ousadia senão po-lo no andar da rua logo que ele se apresente.

Não espereis para lhe fechar a porta na cara, que ele tenha lançado seu mortal veneno na alma de vosso filho ou no coração de vossa filha: seria tarde de mais.

Esse visitante, é o *mau jornal* ou o mau livro.

Fases do casamento da moda

1.º Côr de rosa

—Com que então vais casar Joaninha?

—Sim, minha amiga, por todo este mês.

— E... quem é o noivo?

—Um belo rapaz, de presença gentil, elegante, simpatico e...

—Desculpa que te interrompa. É virtuoso?

—Cá para nós: de ir á igreja gosta pouco, nem lhe vão muito ao paladar as *cantigas* dos padres e muito menos os *beatérios;* todavia tem um coração d'oiro. Que coração! Eu que o sei... como será carinhoso com sua mulher!

—Mas julgas tu que é capaz de amar como deve a sua esposa e educar cristãmente os filhos um homem impio?

—Ora! deixa-te de escrupulos!...

—Está bem, lá te avenhas.

—Mudando de conversa... Vem vêr o meu enxoval.

—Tenho pressa: outro dia.

—Tenho pena. Ias vêr o vestido de noivado. Como é elegante! As peças de roupa branca são um primor, com bordados e rendas feitas d'uma maneira admiravel.

Que lindos!...

—Não posso. Joaninha, bem o sinto. Adeus.

E a amiga, afastando-se ía dizendo consigo:—Que louca rapariga! Como pagará aquele luxo e aqueles primores? Os pais são pobres não estão para despezas desta natureza. Mais tarde se verá...

2.º—Verde e vermelho

— Que bôda é esta de tanto folguedo?

—A da Joaninha Mendes.

—Que tal! e que chusma de convidados: Mas o *copo d'agua* é que hade custar uma dinheirama!

—E quem o duvida?

Não quero murmurar mas... como virão pagar essa despeza!?

—Eu sei lá mulher! Ha coisas que, embora requebre a cabeça, não se podem compreender. E porque me dizes que as boas são para a tarde?

—Porque o sei. Dizem que o marmanjo é pouco afeito a padres e dá-se por satisfeito só com o casamento civil, mas por causa de *bem parecer* e a instâncias da Joaninha sempre se resolveu a ir á noitinha á igreja.

—Mau, mau, mau!... Nunca me agradaram casamentos ao escurecer ou de noite. São sempre bem escuros. Casar, de manhã, depois de bem confessados, porque o negocio é muito serio e não o que parece a algumas malucas.

—E depois, depois é que vai ser! Bem recheados de comida e bebida, tanto os noivos como os convidados passarão a noite num bailado, em que, como é costume, a decencia é pouco respeitada, e oxalá que o folguedo não desande em pancadaria, que não raras vezes é o remate da festa.

—Confesso-te minha amiga, que este mundo está perdido. Que pode esperar-se de casamentos d'estes?

3.º Roxo e pardo

—Seu bebado, seu borracho! Isto são horas de vir para casa?

—Ora deixa-me, anda.

—Não, não, mil vezes não. Não se lembrar um dia inteiro de sua mulher, não cuidar das suas obrigações, ter perdido ao jogo até ao ultimo real e querer ainda que me cale! Ah! como sou desgraçada!

—Jo... Jo... Jo... aninha não me tires do meu sario!

—Isto é um inferno. Os credores não me largam. Todos os desgostos são para mim. Que vergonha! Ainda se não pagou a despeza do *copo d'agua* do casamento e já lá vão dez meses.

A costureira não me deixa a porta e com toda a razão. Meu Deus, meu Deus, como fui louca em casar com semelhante perdido.

—Se... se... te não ca... las, eu bem te aviso, má mulher.

—Infame! Ainda te atreves a chamar-me má mulher?

—Ca...la-te, Joana, fecha-me essa boca

—Calar-me? Hão de ouvir-me as pedras.

—Olha que eu quebro-te as costelas!...

—A mim?

—A ti, sim, a ti.

—A mim?

—A ti.

Dito e feito; o desalmado furioso atira um murro á cara da mulher, que a deixou a escorrer em sangue.

Seguem-se bofetadas e pontapés, lagrimas, gritos, desmaios e era uma vez uma mulher se a policia e os visinhos não acudissem oportunamente a pôr termo a tais *caricias*, levando o bom do marido para o Comissariado.

4.º Negro e escuro

—Para onde vai tão cedo, visinha?

—Ao hospicio, minha filha.

—O que te leva lá a esta hora?

—vê:

—E mostrou-lhe uma creança recemnascida, rachitica e muito feia.

—Jesus! De quem é o *crio?*

—Da pobre Joaninha, que acaba de dar á luz e está muito mal coitadita!

—Vai morrer talvez, e o marôto do marido anda a correr mundo. Ha já seis meses que a abandonou sem uma vez sequer perguntar por ela.

—Ah! que homem tão mau!

—Isto já era de esperar. Má arvore não podia dar bom fruto.

—Bom é que o experimentem em cabeça alheia tantas doidarronas que tão facilmente se deixam enganar pelo demonio vestido de homem enamorado.

O Rosario e os homens ilustres

A cura miraculosa de um joven de quinze anos que se deu em Roma, o mez passado, durante a recitação do Santo Rosario, afervorou o povo no uso quotidiano de uma devoção, já tanto praticada e recomendada por pessoas as mais ilustres dos tempos antigos e modernos.

E' notavel a devoção pelo Rosario, em S. Francisco Saverio, S. Carlos Borromeu, S. Vicente de Paulo, o grande Bossuet, martir do Equador, o imortal Leão XIII, etc.

Outros santos, como S. Francisco de Sales, eram obrigados por votos a recitar o Rosario, quotidianamente.

Quando Daniel O' Connell, o grande libertador da Irlanda, se encontrava a braços com o Parlamento Inglez pela emancipação católica do seu paiz, passeava constantemente pelas margens do Tamisa.

—«Está preparando o discurso para amanhã?» — disse-lhe um dia um amigo.

—Não; responde O' Connell, mostrando-lhe o rosario. — Levanto as minhas preces á Mãe de Deus, afim de que me ajude no trabalho que emprehendi pela causa de Seu Filho».

O celebre compositor José Hayden, encontrando-se um dia em companhia dum professor de musica, foi por este inquirida a sua opinião, sobre o melhor remedio para revigorar uma mente cansada.

Hayden, sem afectação, nem respeito humano, respondeu:

—Depois de haver recitado o Rosario que sempre trago comigo, sinto-me revigorado da alma e de corpo.

Chevreul, um dos quimicos de mais nomeada de França, seja pelas suas publicações, como pelas descobertas no campo scientifico, não deixou jámais o seu Rosario, de que sempre se utilizava, já nos seus passeios, já nas suas viagens, sendo um dia visto recitando-o na plataforma de uma estação, emquanto aguardava o comboio.

Um caso não acaso

Morte repentina de quem desejava vingar-se

Alguns jornais catolicos brazileiros, entre eles o orgão oficioso duma diocese de Minas, narram o seguinte facto, cuja autenticidade garantem:

«Pessoa de toda a honorabilidade conta-nos o seguinte facto, passado em Guaranesia, diocese de Guaxupé, Estado de Minas:

O zeloso pároco prégava sempre contra os excessos da moda. Depois de muita luta conseguiu que todas as senhoras e senhoritas do lugar se apresentassem na igreja segundo as regras da modestia cristã.

Um dia, porém, apresenta-se aos actos religiosos uma filha de importante fazendeiro, com vestido imodesto. Advertiu-a o sacerdote, com bons modos, de que, naquêles trajes não deveria vir á greja.

A consequencia não se fez esperar. Chamou o fazendeiro capangas («aceteiros, diriamos nós em Portugal») para vingar a afronta do padre. A's 10 horas mandou chamar este, dizendo que estava á morte e desejava confessar-se.

O sacerdote, em vista do que se déra, poucos dias antes, estava certo de que se tratava de uma cilada, mas lá foi. decidido a sofrer e, quiçá, morrer cumprindo o seu dever.

Ao chegar á fazenda estava o fazendeiro esperando á janela. Logo que o viu correu, meteu-se em cobertas no leito, debaixo do qual estavam os capangas armados. Chega o padre, é recebido com toda a naturalidade, conduzido ao quarto do «enfermo» e lá deixado só, para a «comissão».

Chama o doente pelo nome o sacerdote: Nada. Aperta-lhe o pulso. Não encontra pulso. Apalpa-o: Gelado, como um cadaver. Sacode-o: O homem estava morto. Todo compungido, sai fóra do quarto e: «Cheguei tarde, minha senhora: o nosso amigo está morto!»

O resto da scena é facil imaginar-se. Em conclusão: Entre prantos e exclamações de arrependimento, ali mesmo se atiram aos pés do sacerdote a viuva, a filha, os capangas e fizeram confissão do maldito plano urdido.

Deus é terrivel em seus castigos».

Piedade de um bom filho

Uma creança, que acabava de fazer a sua primeira comunhão — conta uma revista católica franceza — achava-se bastante desconsolada, porque nem seu pai nem sua mãe iam á missa, apesar das suas reiteradas suplicas para o conseguir. Em face da teimosia dos seus pais o menino resolveu ouvir duas missas na semana por intenção d'eles.

Sua mãe, anciosa por saber a razão das sahidas matinais do seu filho, seguiu-o um dia, e, ao vel-o sahir da igreja, perguntou-lhe:

—Que vens aqui fazer tanto a miudo?

—Hontem vim ouvir missa por meu pai, e hoje por minha mãe, respondeu o menino lançando-se-lhe nos braços.

No domingo seguinte o piedoso e bom filho teve a alegria de assistir á missa entre seu pai e sua mãe.

A MINHA PROMESSA

(Impressões de uma peregrina)

Era em fins de outubro passado, num dia em que estava cançada de tanto sofrer, recorri com o coração cheio daquela Fé, em que por momentos a nossa alma parece desprender-se da vida terrestre e elevar-se até Deus, á Virgem Santissima N.ª S.ª do Rosário da Fátima, implorando-lhe a Sua Divina Misericordia, em me dar um pouco mais de saude. Em tão boa hora fiz a minha invocação, á Santissima Virgem, que, até naquele mesmo momento, quási podia afirmar ter sido ouvida.

Comecei nessa mesma hora a fazer uma novena, rezando todos os dias o terço em honra de N.ª S.ª do Rosário da Fátima, e bebendo em jejum a Sua agua Abençoada. A seguir a esta novena, e, para complemento da minha devoção, fiz mais outra novena de Missas e Sagradas Comunhões prometendo ir pessoalmente visitar N.ª S.ª ao local das aparições. Já são passados oito meses e graças á Virgem N.ª S.ª do Rosário da Fátima, tenho passado muito melhor, tenho podido trabalhar, e tenho Fé que assim continuarei protegida pela Graça de Deus e de Nossa Senhora. Fui portanto cumprir a minha promessa e no dia 12 deste mez ás 5 horas da tarde chegava á Cova d'Iria, dirigindo-me logo á Capelinha de N.ª S.ª com muito custo (devido á quantidade de pessoas, que já aquela hora rodeavam a Capelinha) consegui introduzir-me no alpendre, onde se erguia a Branca Imagem de N.ª S.ª, para prostrada a Seus pés, agradecer-lhe as melhoras que me tem dado, e os demais beneficios dispensados a mim e aos meus e oferecer-lhe como tributo da minha gratidão algumas flôres artificiais e outras naturais, que da minha terra, apesar de longe ali chegaram viçosas. E' que elas sabem o fim com que foram creadas, e ao fim a que se destinavam.

Desejando pois, prestar á Minha Mãe Santíssima mais um preito de homenagem e gratidão peço a V.ª Rev.cia a subida fineza de dar publicidade a estas minhas palavras, no nosso querido jornal a «Voz da Fátima. Aproveito a ocasião para alguma coisa dizer sobre o que ali se passa naquele lugar bemdito. O que ali presenciei é indiscritível. Já no dia 12 de tarde o movimento é bastante, continuamente chegam carros de toda a espécie despejando imensas pessoas, e, á medida que a noite se aproxima, o movimento aumenta; centenas de pessoas ávidas de saudarem a Augusta Rainha dos Anjos, se dirigem para o vasto planalto, aumentando assim mais e mais a onda humana que no seu ardor de Fé e Crença se prosta de joelhos entoando os seus cânticos em louvor á Mãe de Deus, N.ª S.ª E' noite, e então um sacerdote no alpendre da Capelinha onde se coloca a Branca Imagem de N.ª S.ª do Rosário da Fátima, convida toda aquela multidão a rezar o terço em honra de N.ª S.ª seguindo-se a chamada Procissão das velas. E' maravilhoso, surpreendente, digno de vêr-se semelhante espectaculo. Milhares de luzes iluminam o vasto planalto, onde os hinos ecoando no espaço os louvores á Virgem, nos comovem, e nos transportam num extase de amor pela bondade infinita da Virgem Mãe de Deus. A procissão é dum comprimento enorme. Toda aquela gente rodeia depois a Capelinha de N.ª S.ª e as suas preces e canticos continuam toda a noite. Vêem-se imensos penitentes que de rastos empunhando as suas velas, agradecem á Santissima Virgem N.ª S.ª do Rosário da Fátima a sua Divina Misericordia. Oh! como tudo isto é belo, e que sublime lição de amor, e Fé para com a Virgem N.ª S.ª! Como nós todos ali deviamos ir porque muito ali tinhamos que aprender. Mas o acto que suplanta todos os outros, o mais comovente, mais impressionante, é quando a branca Imagem de N.ª S.ª do Rosário da Fátima é conduzida procissionalmente da sua Capelinha á Nova Capela para se celebrar a Missa do meio-dia solar, lançar a benção aos enfermos e a benção geral.

Então. Oh! Maravilhas do Senhor! Milhares de lenços se agitam no ar parecendo bandos de pombas brancas saudando a Virgem, nuvens de flores caem sobre a rainha dos Anjos: as palmas, as aclamações, as suplicas, os chôros, atingem as raias do delirio. Os corações mais duros sentir-se-hão sensibilizados, e com certeza que naquele momento muitas almas descrentes do poder da Santíssima Virgem, se hão-de ter convertido.

Em todos os olhos se vêem lágrimas de verdadeiro amor e Crença pela Santissima Virgem N.ª S.ª do Rosário da Fátima; e Esta na Sua expressão tão linda, tão bela parece olhar para todos e dizer-nos: descançae; tenho sido, sou e serei a Vossa Protectora.

Repito, todos ali deviamos ir para que o nosso amor, Crença, Fé e Confiança pela Virgem N.ª S.ª aumente mais, e possamos ser mais dignos da Sua Misericórdia. Eu sinto saudades dos momentos que passei junto de Nossa Senhora, naquele lugar Sagrado, tendo pena que tão longe eu esteja e não possa ir mais vezes pedir junto de N.ª S.ª do Rosário da Fátima a sua Divina Protecção e Misericordia para os meus pais, para mim e para toda a humanidade.

Fronteira 16 de Maio de 1927

Rosa Pais Vieira

Uma conversão característica

Um facto digno de ser assignalado é a conversão de um letrado budhista que arrastou tambem ao catolicismo a sua familia.

Esse filho de Sião, (Bangkok), com 40 anos de idade, passou boa parte de sua vida nos pagodes, a estudar a doutrina de Buddha.

Contractado pelos missionarios católicos como professor da sua lingua natal, não tardou em pedir-lhes um catecismo para ler em casa e explical-o á sua mulher e filhos, como instrucção, mas logo se converteu e pediu maiores instrucções sobre a Fé. Depois de 6 mezes, foi baptizado com os seus.

E todos começaram a frequentar a sagrada mesa da comunhão.

AS CURAS DA FATIMA

Jose Martins da Cunha Viana escreve-nos e diz:

«Ex.mo Snr.

Em Agosto passado principiou na minha fréguesia de Cardielos, Viana do Castelo, a grassar a febre intestinal, havendo muitíssimos casos e sendo atacado da mesma infermidade duas pessoas de minha família, uma filha e um menino de 4 anos de idade de nome António da Costa Cunha Viana, o qual estava desenganado pelos médicos de que não escapava. Decorrido algum tempo, quando parecia que ia a melhor, talvez por descuido no regimen alimentar, vimo-lo por algumas vezes, completamente perdido a pontos de um dia, por o umbigo saír grande quantidade de puz extremamente fetido, e em grande quantidade, talvez de 5 ou 6 litros! Tinha pois havido uma rutura intestinal. A creancinha encontrava-se de tal maneira que causava dó, impressionando todas as pessoas que a viam e conheciam tal era a aparencia que apresentava e devido ao cruciante martirio em que se encontrava. Mandei chamar rapidamente o medico assistente, e ao deparar tal caso, disse para mim e demais familia que não havia cura alguma e que estava irremediavelmente perdido e que não encontrava meio na medicina de o salvar, só um milagre o poderia fazer. Eu e minha esposa já iamos com quatro dias que tinhamos principiado uma novena a Nossa Senhora de Fátima, para que Ela o melhorasse se por ventura tivesse de ser nosso, mas naquela ocasião, minha esposa e eu com as lágrimas nos olhos e pelas faces abaixo, em vermos tão grande desastre, mais uma vez nos prostramos de joelhos diante da Imagem de Nossa Senhora, que possuimos, e lhe prometemos ir em Maio do corrente ano a Fátima, comungando ambos nesse dia, levando o menino para agradecermos o beneficio e tão grande graça que aquela Nossa Mãe nos tinha dispensado. Este menino encontra-se hoje completamente curado como se prova com atestado médico (devidamente reconhecido) pelo meu medico assistente Snr. Dr. Eduardo Valença.

Nesta data 13 de Maio, me encontro na Cova da Iria com minha esposa e dito menino, aquêle que Nossa Senhora, completamente curou, e aqui bebemos a água das aparições. Esta graça vai ser publicada no jornalzinho «Voz da Fátima» do qual hoje sou e serei sempre assinante».

ATESTADO

Eduardo Valença, doutor em medicina e cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto:

Pela minha honra atesto que Antonio da Costa Cunha Viana, de quatro anos de idade, filho de José Martins da Cunha Viana, residente na fréguesia de Cardielos, concelho de Viana do Castelo, foi atacado por uma febre tifoide no mês de agosto do ano findo.

Submetido ao regimen e medicação habitual, os três primeiros septenarios decorreram sem incidente digno de menção. A seguir, quando a temperatura principiou a descer e eu rarei as minhas visitas, fui um dia chamado apressadamente. As minhas prescrições sobre o regimen alimentar tinham sido desprezadas. O doentinho apresentava uma peritonite generalisada com saída de pus, extremamente fetido, pelo umbigo á menor pressão sobre qualquer ponto do abdomen, Temperatura 35,°5, pulso filiforme, estado geral aterrador. Fiz conhecer á familia o estado desesperado do doente. Para uma intervenção cirurgica era demasiado tarde. Embora descrente de resultados favoraveis, prescrevi a terapeutica aplicada nestes casos. A drenagem do pus continuou a faze-la pelo umbigo durante uma semana aproximadamente. A seguir o umbigo cicatrisou e o estado geral, embora lentamente, começou a melhorar. As orações dos pais tinham sido ouvidas. O doente curou-se completamente.

E por ser verdade e me ser pedido passo o presente atestado que assino.

Viana do Castelo 23 de abril de 1927

(a) **Eduardo Valença**

Francisco Madeira, morador na vila Ribeiro Seabra, n.° 2 r/c, Pedrouços (Lisboa), diz o seguinte em carta de 5 de janeiro ultimo:

«Snr. Director da *Voz de Fátima*

A impressão que sinto neste momento e a pouca cultura de que disponho privam-me, bem a meu pesar, de fazer a descrição completa dum caso que V. me permitirá que tenha a satisfação de ver publicado nesse jornal esperando por isso a sua obsequiosa hospitalidade, que reconhecidamente agradeço.

Em fins de outubro de 1926 adoeceu o meu pobre filhinho Americo da Cruz Madeira, estava a morrer. Chamado o Ex.mo Snr. Dr. Barbosa declarou que a criança tinha principio de meningite mas que ignorava qual delas era visto haver duas qualidades de meningites. Chamei a seguir o Ex.mo Snr. Dr. Carrilho Xavier que examinou a crença e verificou que estava atacada da meningite tuberculosa mas que ainda podia haver duvidas e nesse caso seria melhor mandar á analise. Mandei ao Instituto Camara Pestana confirmando-se o diagnostico. Em virtude disto que acabo de dizer o Ex.mo Snr. Dr. Carrilho Xavier chamou-me de parte e disse-me que em virtude do resultado da analise nada podia fazer e que não tinha outro remedio senão resignar-me com a pêrda daquele filho pois que não havia cura possivel, que a creança estava perdida e o mais que podia durar seriam duas semanas. O seu estado geral era desolador, a sua magreza e enfraquecimento eram grandes, a ponto de não poder abrir

Américo da Cruz Madeira

a boca para tomar qualquer alimento. Sem energia alguma, melancolico e indiferente a tudo que o rodeava, os olhos sem brilho e uma febre ardente, letargia parecia um pequeno cadaver que se encontrava no leito da dôr. A mãe solicita e vigilante, dilacerada pelo sofrimento que só as verdadeiras mães sabem sentir, preparava-se resignada para receber a punhalada pungente do desaparecimento do filho querido e idolatrado, quando por intermédio duma menina das nossas relações (Julia Marques Morgado) que, abeirando-se do leito do pequenino doente, lhe ministrou umas pequenas gôtas de agua de Fátima da qual a mesma menina se fazia acompanhar. Esta bondosa e devota menina jámais abandonou o pequenino doente e cheia de fé, dessa fé que nunca abandona as almas boas e verdadeiramente crentes, esforçou-se para incutir em nós a esperança nas melhoras. Decorridas 48 horas o pequenino deu sinais de vida e no dia seguinte pediu de comer. Hoje a creança está completamente curada. No entanto ela, já não via nada, não falava, e a mãe já tinha até tudo preparado para a amortalhar. A creança foi depois ao medico e este ficou admirado. Disse que estava completamente curada e que foi um milagre muito grande».

ATESTADO

Gilberto Carrilho Xavier, medico-cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisboa atesto que Americo da Cruz Madeira, filho de Francisco Madeira, foi por mim tratado de meningite, tendo por mim sido considerado, a certa altura da doença, como incuravel. Mais atesto que, quando os sintomas se tornaram de tal forma alarmantes que era de esperar a breve trecho, um desenlace fatal, a marcha da doença se modificou por completo em menos de 24 horas, tendo o doente melhorado rapidamente e encontrando-se hoje completamente curado. Por ser verdade e me ser pedido faço o presente atestado que confirmo sob minha responsabilidade profissional.

Lisboa 12 de março de 1927

(a) **Gilberto Carrilho Xavier**

Felicidade Vanzeler, da Póvoa de Varzim escreve em 27 de março:

«Tendo minha familia no Porto durante a revolução e encontrando-se em situação critica recorri fervorosamente a Nossa Senhora da Fátima para que interviesse salvando-a do perigo, prometendo publicar esta grande graça se me ouvisse.

Fui atendida e por isso com o coração cheio de fé e de reconhecimento à SS. Virgem agradeço-lhe esta grande graça bem como uma outra concedida na mesma ocasião.»

Vital da Costa Delgado, travessa da trabuqueta 38-r/c-Lisboa freguesia d'Alcantara encontrando-se gravemente doente, sua familia recorreu á protecção de N. S. do Rosario da Fátima, a qual lhe concedeu tão grande graça fazendo uma promessa de 20$00 para o culto de N. S. de Fátima.

Pedindo a publicação de tão grandioso favor no nosso tão querido jornalzinho»

Maria de Nazareth Gomes Duque, Superiora do Colegio de Santa Teresa de Jesus de Nossa Senhora do Livramento do Rio Grande do sul, no Brasil, onde é já bem conhecida Nossa Senhora da Fátima estando bastante inquieta por uma doença de ouvidos receando ficar surda, fez uma novena a Nossa Senhora de Fátima tocando com uma Imagem de Nossa Senhora no ouvido doente, sentiu-se completamente curada.

Maria das Dores Dias Pinto, da Rua dos Biscainhos, Braga, informa:

«Eu estava gravemente atacada de um mal incuravel, conforme m'o declararam os médicos que me tratavam, e nem me queriam operar, visto a minha fraqueza ser extrema. Tratava-se duma ulcera uterina e incuravel. Eu sofria imenso, e não tinha um instante de socego de dia nem de noite.

Aconselhada por uma minha cunhada que me veio visitar, fiz com meus filhos uma novena a Nossa Senhora da Fátima, e bebi durante a novena agua que ela me trouxe. No fim da novena sentia-me perfeitamente bem, e miraculosamente curada, pelo poder supremo da SS.ma Virgem, podendo hoje fazer todos os meus deveres sem dificuldade alguma.

E' para cumprir o vóto que fiz a esta Boa Mãe que desejo que V. Rev.cia se digne publica-lo. Prometi igualmente todos os anos emquanto viva enviar uma esmola conforme minhas posses, e aumenta-la de ano em ano».

Benção dos Cruzeiros da vía-sacra na estrada de Leiria á Fatima

No dia 26 do corrente mês de junho realisa-se a cerimonia da Benção solene dos Cruzeiros levantados pela piedade dos fiéis na estrada do Reguengo á Fátima.

A's 5 horas solares da manhã seis e meia oficiais, devem estar junto do primeiro cruzeiro as pessoas que quizerem tomar parte nesta cerimonia e lucrar as indulgencias da Via-Sacra.

Em cada cruzeiro haverá uma alocução. Quando se chegar ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima será celebrada a Santa Missa.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fatima

Transporte	4.972$50
Alfredo Augusto da Rocha ...	77$00
Das *Florinhas do Mar* da Povoa de Varzim...	13$05
Antonio Pinho de Vargas Silva...	10$00
Soma...	5.072$55

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte...	67.083$26
Papel, composição e impressão do n.° 56 (56:000 exemplares)	2.967$00
Sêlos, expedição, transportes, etc	573$00
Outras despezas...	225$00
Soma	70.848$26

Subscripção

(Agosto de 1926)

Enviaram dez escudos: *Anonimo* da Marinha Grande; D. Clementina da Cunha Esteves, Anonima (J. C.) D. Maria Amelia Borges Garcia, D. Branca Ferreira Marvão, Geraldo Amaral Figueiredo, Dr. João Homem de Figueiredo, José Brigida, Joaquim Pinto Oliveira Baptista, D. Maria Luiza Saavedra de Albuquerque, D. Maria da Conceição Martins, D. Eulália Mendes Cabral, José Bernardo da Silva, Bernardo de Almeida, P.e José Martins Henriques, D. Josefa da Piedade Ferreira D. Maria do Carmo Mendes Cabral, D. Maria dos Santos Pais Mamede, José Cadeira Pinto, Ivo Gonçalves Costa (5$00), Condessa de Monte Real D. Emilia Maria Parry Pereira, Madame Duarte, D. Emilia Victoria de Jesus, D. Maria José Soares, D. Maria José dos Santos, D. Virginia Gonçalves Pinto, D. Laura Possolo da Costa, D. Teresa de Serpa Pimentel, D. Maria Viana Moreira, Joaquim de Sousa Faria, D. Ana da Conceição Magalhães, António de Sousa Faria, D. Joaquina Pratas Soeiro, D. Ludovina Neves (15$00), D. Idalina Ramos Martins Pereira, D. Maria Angelina S. Romão Maya d'Albuquerque, D. Maria do Céu Pinto de Abreu e Lima, Manuel Cardoso Sequeira, D. Maria d'Anunciação Fonseca, Manuel Maria Lucio, (20$00), D. Rosa Olinda da Silveira, Antonio Coelho da Rocha, João José dos Santos, José Camilo Pastor, Joaquim Franco Veloso, D. Maria Izabel Barreiros, D. Francelina da Gloria, D. Maria do Carmo Tavares de Sousa, D. Ismenia Ruela Tavares Sousa, D. Rosa Antonia Valente d'Almeida, Gracinda da Silva Trinta, Maria José Liras, Maria José Leite, Maria do Rosário Tavares Gravata, Maria das Dores Fernandes Rendeiro, D. Maria das Dores Tavares de Sousa, Maria José Vieira (5$00), Manuel José Fernandes Rendeiro, Leonardo Fernandes Sardo, D. Maria da Conceição Marques Rodrigues, Angelo André de Lima, Antonio Ferreira de Carvalho, D. Maria José de Quintanilha e Mendonça, D. Izabel Gonçalves Caldeira, Manuel da Cal, P.e Joaquim Plácido Pereira, D. Mariana dos Reis, José Guiomar, Luiz de Sousa Aguiar, Luís Cabral Botelho, P.e Asdrubal de Abreu Castelo Branco, Antonio Farinha Gomes, D. Maria Pia S. Osório Andrade, António Maria Duarte, Francisco Pereira, D. Maria Carlota Ferro Murinelo, Jacinta da Trindade Braz, D. Lucrecia Pelejão, D. Lucinda Duque, D. Emerenciana Galvão, D. Elvira Casales, Antonio M. Paulino, D. Amelia de Freitas, D. Maria Amelia de Freitas Farpela, D. Maria Izabel Barreiros, D. Francelina da Gloria, D. Leonor Almeida, P.e Gerardo Abilio Gomes Pina, D. Elvira Augusta M. Côrte Real, José Maria Ribeiro, D. Olga Nunes Pereira, D. Maria de Jesus Seixas, D. Augusta d'Almeida Ferrão, D. Julia Sá Souto Maior, Antonio Dias Frade, Antonio Francisco Sargaço Novo, P.e Antonio Maciel Barbosa, Manuel Cerqueira do Rego, P.e Adriano Dias Marques, D. Maria José Monteverde de Sousa Lobo Brandão, Antonio Cerqueira Lopes, João Simões, D. Carolina Machado (25$00), Inocencia de Jesus, Serafim Pinto de Babo, D. Isaura Celeste Branco (30$00), D. Albertina Tota, D. Maria da Conceição Borges, Antonio Pinto, Pedro Pir.o Cardoso, Maria Gertrudes Gomes, D. Luiza Madalena de Albuquerque, D. Amelia de Almeida Inês, D. Maria José Ferreira, Manuel Duarte dos Santos Gamelas, Salvador dos Santos Barbosa, D. Maria Guichard, D. Cristina Ribeiro Osorio Gouveia, Dr. Antonio Pereira Figueiredo, Joaquina Moreira Nunes, D. Maria Fernanda de Carvalho Leal Avelar, Maria Carolina Caetana, D. Joaquina da Conceição Silva, D. Maria Rosa Dias Quintas, Manuel José Lopes Dias, José Cristovam Ourém, Antonio Emidio Gomes, Silvas Oliveira, D. Maria Deolinda Coutinho Alves, D. Ermelinda Rosa da Conceição.

Ano V — Leiria, 13 de Julho de 1927 — N.º 58

VOZ DA FATIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE JUNHO)

O Serafim de Assis — A missa comemorativa do sétimo centenário de S. Francisco — Quatro mil comunhões — As homenagens da Lourdes Portuguêsa.

De acordo com o Capelão-director dos Sanctuarios de Nossa Senhora de Fatima, o rev. Superior Provincial dos benemeritos Filhos do Serafico Padre S. Francisco de Assis resolveu consagrar o dia treze de Junho á Comemoração festiva do glorioso Patriarcha no local das Aparições.

Bem escolhido foi esse dia para tal Comemoração, porque já a Santa Igreja o assignalára com a glorificação de um dos membros mais ilustres da Ordem Sérafica, o grande Santo Antonio de Lisboa, com cujas palmas triunfais é justo entrelaçar as do Santo Fundador.

Os prestantes filhos de S. Francisco envidaram todos os esforços para a celebração condigna das festas centenarias, que resultaram brilhantíssimas e impregnadas dos mais vivos sentimentos de fé e piedade.

Para dar uma ideia da importancia das festas franciscanas de Fatima basta dizer que na missa da Comunhão geral, que se celebrou ás nove horas comungaram mais de quatro mil pessôas.

Naquele local abençoado, que é hoje o trono mais esplendoroso de Jesus no seu Sacramento de amor, e o centro do mais acendrado culto á Rainha do Céu, ficam admiravelmente bem as homenagens nacionais ao Santo que se distinguiu pelo seu amor ao *Amor que não é amado* e pela sua devoção á Augusta Mãe de Deus.

No côro imponente e unanime de louvores que a cristandade eleva ao Serafico Patriarcha neste setimo centenario do seu ditoso transito, a Lourdes portuguêsa centralisando e corôando as comemorações da Patria de Santo Antonio, ocupa incontestavelmente o primeiro logar pela grandiosidade das suas homenagens e pela sinceridade e ternura da sua devoção.

Confiança e alegria de uma mãe — As obras no recinto das aparições — A nova fonte miraculosa — Os grupos de peregrinos — A procissão das velas na vespera á noite.

Pouco depois das seis horas da manhã do dia treze parava na estrada que domina o local das aparições a *camionnette* em que se faziam transportar os benemeritos servitas de Torres Novas, que tanto se distinguem pelo seu trabalho indefesso, pela sua nunca desmentida dedicação, pelo seu esforço criterioso e persistente e pela rigidez da sua disciplina no desempenho da sua tão simpática como delicada missão.

Junto da primeira fonte miraculosa uma mulher do povo, com uma creança ao colo, conversa com um peregrino que acaba de fazer a sua provisão de agua, apesar da grande dificuldade do acesso, mercê da affluencia de concorrentes. A creança era completamente cega de nascença. No dia treze de cada mês, durante onze meses consecutivos, a mãe, cheia de fé e confiança, dirige-se a Fatima, para suplicar á Santissima Virgem que restitua a vista ao filho estremecido.. Pouco a pouco ele vai melhorando, sem nenhum tratamento e agora já vê bastante, embora não esteja ainda de todo curado.

No recinto das aparições acham-se em construção alguns novos edificios.

Entre a capela das missas e o Posto das verificações medicas, á direita deste ultimo, erguem-se já as paredes do Hospital-sanatorio. Um pouco mais longe, a meia encosta, vêem-se os alicerces da capela das confissões, semelhante na forma e no estilo á Penitenciária de Lourdes, de recente fundação.

Em frente da estrada, dum e do outro lado do portico monumental, levantam-se numerosas e grossas colunas de mármore branco, que imprimem á entrada dos santuários um cunho de magestade e imponencia incomparáveis. Lá em baixo, no fundo do vale, a nova fonte miraculosa, situada apenas á distancia de cinco ou seis metros da primeira e ainda mais abundante do que ela, é continuamente objecto da atenção dos peregrinos, que a contemplam cheios de admiração pelo poder e bondade da Virgem Santissima. Naquela região de tão elevada altitude, arida e deserta onde vegetam apenas alguns arbustos e arvores rachiticas e enfezadas, e onde num raio de algumas leguas não ha agua de nascente, mas só poços e cisternas com agua das chuvas, é verdadeiramente providencial uma tão grande abundancia de agua, indispensável para ocorrer á devoção dos peregrinos, satisfazer a sêde deles e dos animais que ali vão todos os meses em numero de muitos milhares, e facilitar extraordinàriamente as grandes obras já iniciadas ou em projecto.

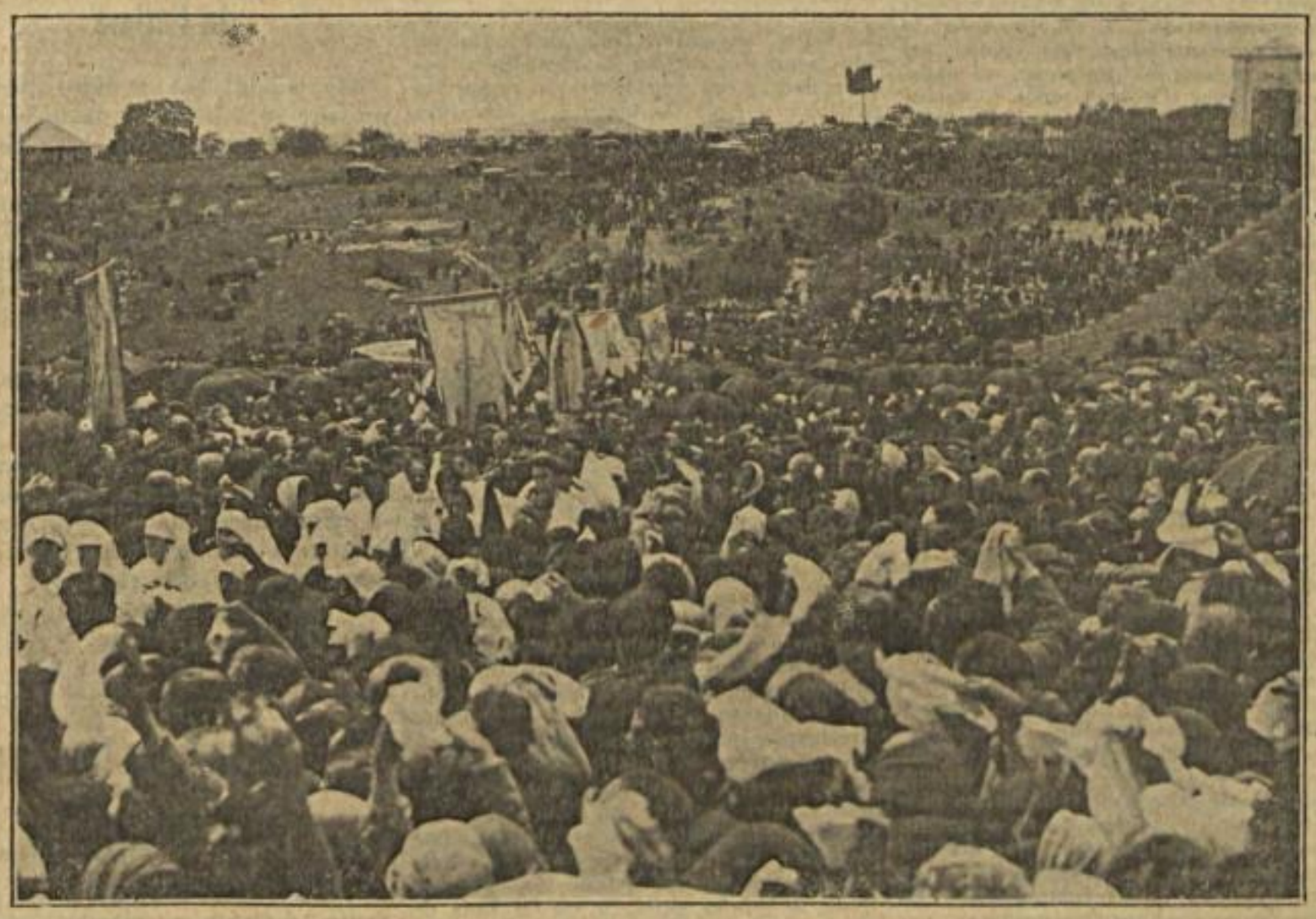
Entretanto chegam numerosos grupos de peregrinos. Na estrada vêem-se *camions* de Condeixa, Cartaxo, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Penacova, Alcobaça, Bombarral, Alpiarça, Tomar, Certã, Albergaria-a-Velha, Pernes, Torres Novas, etc.

No meio da multidão que enche a estrada de lés a lés, um peregrino do Pedrogam de Torres Novas conversa com um sacerdote seu amigo.

Profundamente crente e de uma cultura invulgar, narra ao seu interlocutor, em palavras frementes de entusiasmo, que revelam a mais viva comoção, o espectaculo imponente e assombroso da procissão das velas na tarde do dia precedente.

No ardor da sua admiração comovida, as palavras brotam-lhe espontaneas dos lábios, traduzindo graciosamente, em imagens cheias de beleza e encanto, os pensamentos que lhe acodem ao espirito piedoso e gentilissimo.

Na sua expressão saturada de poesia o maravilhoso cortejo, que contemplára do alto da estrada, formou primeiro um coração, de proporções gigantescas, todo abrazado em chamas e tão perfeito, tão bem delineado, como nem o grande Carlos Reis, com o poder evocador do seu genio, com toda a magia encantadora da sua paleta e do seu pincel, era capaz de reproduzir na tela em miniatura. Depois, desenhou um *bouquet*, de tamanho descomunal, composto das flores mais belas, mais raras, de variegadas côres, que pareciam ter os seus pecíolos presos nas imediações da fonte miraculosa. Quando os peregrinos, num protesto veemente de fé e piedade, levantavam as velas ao alto e cantavam o *Ave*, como em Lourdes,



Outro trecho da peregrinação nacional de 13 de Maio ultimo

a divina cidade dos Pyreneus, dir-se-ia que o lago de fogo, formado por dezenas de milhar de lumes, era um formoso e magnificente jardim de açucenas, constantemente agitadas pelo leve sopro da brisa nacturna.

A peregrinação de Lisboa — O comboio especial — O estandarte — O distinctivo dos peregrinos — O regresso á capital — Louvavel iniciativa.

Lisboa mais uma vez se impoz á admiração dos crentes pela intensidade do espírito religioso que anima as suas peregrinações e pelo superior critério com que as sabe organisar e dirigir.

A peregrinação deste mês, promovida pela Irmandade do Senhor dos Passos, da Igreja da Conceição Velha, perfazia um total de 234 pessoas, que partiram da estação do Rocio na manhã do dia treze em comboio especial.

Era dirigida pelo rev.do dr. Manuel Augusto Peres, delegado do Patriarcado, que tinha como auxiliares no desempenho do seu munus os reverendos Catarino e Salvação, capelães da referida igreja.

Os peregrinos ostentavam no peito o distintivo da peregrinação, que era um laço roxo com uma medalha do Senhor dos Passos, á qual muitos juntaram uma medalhinha com a efigie de Nossa Senhora de Fátima.

O estandarte da peregrinação, lindo e vistoso como poucos, foi pintado por senhoras da freguesia da Conceição Velha e representa a scena incomparavel das aparições.

Tendo chegado á Cova da Iria, os peregrinos encaminham-se juntos para o Santuário, cantando um dos hinos de Fátima.

Durante a missa da peregrinação, celebrada pelo rev. dr. Peres, foi administrada a Sagrada Comunhão aos peregrinos.

Depois da assistencia aos restantes actos do programa oficial, a peregrinação de Lisboa, regressou, como tinha vindo, em numerosos meios de transporte, ao apeadeiro de Ceissa (Ourem), onde a aguardava o comboio especial, que a conduziu a Lisboa. Bem haja a Irmandade da freguesia da Conceição Velha pela feliz iniciativa que teve e que foi coroada de um exito consolador, e praza a Deus que outras corporações congeneres sigam o seu exemplo, tomando iniciativas identicas, que tanta gloria dão a Deus e que tanto bem fazem ás almas.

O posto das verificações medicas - Várias curas — Cura de uma tuberculosa — Uma cura em Braga — Os medicos de serviço - As listas dos doentes inscritos.

No Posto das verificações medicas intensifica-se cada vez mais, de instante para instante, o movimento de vai-vem dos doentes.

O rev. Manuel Pereira da Silva, administrador da *Voz da Fátima*, a quem a voz do povo crente chama com razão o secretario de Nossa Senhora, põe em relevo o facto altamente consolador do aumento consideravel de curas nos ultimos tempos. Desde treze de Maio ultimo chegou á redacção daquele jornal a noticia de mais de quarenta novas curas atribuidas á intercessão de Nossa Senhora de Fátima. Muitas dessas comunicações são acompanhadas de atestados medicos e outros documentos comprovadores da autenticidade e do caracter sobrenatural das curas. Entre estas merecem especial referencia as de dois homens, um que tinha uma ulcera no estomago havia mais de vinte anos, e o outro surdo durante quarenta e nove anos, e a de uma religiosa dominicana, que sofria igualmente de ulcera no estomago.

Entre as pessoas que compareceram no Posto para anunciarem a cura das suas doenças, nota-se uma senhora casada, de nome Emilia Urbana Rita, de 20 anos de idade moradora em Setubal.

Tuberculosa em terceiro grau, tratada sem resultado por vários medicos em Setubal e em Lisboa, desenganada da sciencia humana, a tal ponto que um medico dos mais ilustrados da capital disse que ele não era Deus para a curar, recuperou em três dias a saude, que outrora desfructava, graças á intercessão de Nossa Senhora de Fátima, tendo-lhe sido constatada a cura no Hospital de Santa Marta. Apresenta-se vestida com o trajo azul e branco da Virgem, tendo vindo assim de Setubal acompanhada pelo marido para o oferecer como *ex-voto*.

Numa das galerias do Posto, uma mulher alta, aparentando saude e robustez, narra comovidamente, numa pequena roda de servitas a cura interessante de que foi objecto. Chama-se Ermelinda Fernandes, tem 27 anos, é casada e mora em Gualtar, proximo de Braga. Havia quatro meses que sofria horrivelmente de várias complicações de um parto dificil, agravando-se de dia para dia o seu estado, que faxia prevêr, num curto espaço de tempo, um desenlace fatal. Ungida já e sacramentada, segundo a sua expressão, em perigo iminente de morte, pediu por conselho duma visinha, a sua cura a Nossa Senhora de Fátima, prometendo, se fosse despachada a sua suplica, fazer uma peregrinação em acção de graças ao Santuário das Aparições. Imediatamente a protecção da Mãe de Deus se fez sentir, e a moribunda restituida, com grande espanto da familia e da população da sua terra, á vida e á saude de que gosava antes do parto, põe-se a caminho fazendo uma tão longa viagem para dar cumprimento á sua promessa.

Dirigem o serviço do Posto o dr. Pereira Gens, da Batalha, médico-chefe, auxiliado por alguns colegas, entre os quais o dr. Fernando Correia, das Caldas da Rainha, e o dr. João Alvim, de Ourem. Como já ha muitos anos sucede em Lourdes, os estudantes de medicina começam a frequentar o Posto, coadjuvando os medicos e estudando os casos clinicos mais notáveis, que ali se oferecem á sua observação. Nos anais do Posto ficará a ocupar o primeiro logar na lista dos estudantes de medicina que ali prestaram os seus serviços, o simpatico jovem e talentoso e distinto aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, sr. José de Carvalho Reis e Silva, filho do importante proprietario do Pedrogam de Torres Novas, sr. Antonio Carlos Reis e Silva.

A's 11 horas, pouco antes de se encerrar definitivamente a inscripção, tinham sido facultados cartões de identidade, para poderem ser admitidos no respectivo pavilhão, a mais de duzentos e cincoenta doentes.

A procissão da Imagem da Virgem — O Credo de Dumont — A missa oficial - Preces e cânticos - A benção dos doentes — O sermão oficial — A debandada.

Pouco antes do meio dia solar organisa-se o cortejo que deve acompanhar a veneranda estátua de Nossa Senhora de Fátima da Capela das Aparições até á capela das Missas.

A linda Imagem passa entre alas compactas de povo, que a sauda entusiasticamente com palmas e vivas e um continuo agitar de milhares de lenços brancos. Colocada a Imagem num pedestal erguido para êsse fim á direita do altar mór, um côro forte e bem timbrado, executa proficientemente o *Credo de Dumont*. Terminado o canto, começa a Missa dos doentes. Emquanto ela se celebra, o capelão-director dos servitas reza, juntamente com o povo, o terço do Rosário. Depois da elevação do cálix a multidão canta um piedoso cantico popular em honra do Santíssimo Sacramento. Em seguida á missa realisa-se, na forma do costume, a comovente cerimonia da benção dos doentes. Dada a benção geral, o rev.do Luís de Sousa, ilustre filho de S. Francisco, prega um substancioso sermão ácerca da devoção do glorioso santo a Nossa Senhora e, reconduzida processionalmente a Imagem da Virgem á capela das Aparições, procede á admissão dum grande numero de fiéis na Ordem Terceira franciscana. Principia então a debandada.

Os veiculos vão partindo uns após outros para os seus destinos, o recinto dos santuários descongestiona-se pouco a pouco, e ao pôr do sol mal se via um ou outro peregrino retardatario rezando uma ultima suplica á Virgem e apartando-se a custo e cheio de saudade daquela estancia privilegiada do Céu.

Visconde de Montello

Fazer tudo por dever e nada por prazer mas tudo com prazer.

(Lema dum missionário).

Benção dos Cruzeiros

Como anunciámos no penultimo numero da *Voz da Fátima*, realisou-se no dia 26 do mês passado a benção dos cruzeiros levantados pela piedade dos fiéis na estrada do Reguengo á Fátima e que hão de servir para visitar a Via-Sacra quando se obtiver a respectiva licença da Santa Sé, necessária para se ganharem as indulgências. A cerimonia começou ás oito horas da manhã e terminou ás duas da tarde. Foi presidida por S. Ex.ª Rev.ma, o Snr. Bispo de Leiria que se dignou fazer uma tocante alocução junto de cada cruzeiro e alusiva ao correspondente passo da Via-Sacra.

O acto foi muito concorrido de fiéis principalmente das fréguesias visinhas com os respectivos párocos e terminou com a Missa durante a qual o Snr. Bispo rezou o terço com o povo concluindo tudo com uma exortação á penitencia e á santificação das festas e peregrinações.

Aproximaram-se da Sagrada Mesa da Comunhão, apesar do adiantado da hora, cerca de quatrocentas pessoas.

Foi o primeiro acto publico a que S. Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo de Leiria se dignou presidir na Cova da Iria.

O culto no Santuário de Nossa Senhora do Rosario da Fátima

Atendendo aos pedidos instantes que não só os devotos de toda a parte de Portugal como os operários que trabalham nas obras e a nova povoação da Cova d'Iria teem feito ao Ex.mo Senhor Bispo de Leiria, Sua Excelencia Reverendíssima criou uma Capelania permanente no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

A escolha recaiu no Rev.do Manuel de Sousa, ex-Páraco de Ceissa.

Todos os dias será celebrada a Santa Missa a horas certas orando-se pelas necessidades espirituais e temporais recomendadas a êste santuário e pelos doentinhos.

O Rev. Capelão atenderá os peregrinos que o procurem.

A CONVERSÃO DA MIMI

Mariazinha tem sete anos.

Já sabe lêr, escrever e até fazer renda — uma renda muito simples, é verdade, sem grande complicação de pontos. Emfim, é atenta ao trabalho, judiciosa e não está sempre a tagarelar despropositos.

Tem uma irmãzita: a *Mimi*, que é tudo ao contrário. E não admira pois que é mais novita, posto que seja um ano sómente.

E é pena que uma menina tão bonita seja assim travêssa. Bate na mana, arranha-a, e até lhe morde — a feia!

Ora um dia que Mariazinha apareceu muito arranhada e com uma *negra* no braço (proezas dos dentitos ruins da *Mimi*), foi ela ter com a mamã e disse-lhe:

— Não é verdade que eu sou *mais bôa* depois que fiz a minha primeira comunhão?

— E' verdade, filhinha, é verdade. Mas tu que tens na cara? Estás toda arranhada.

— Isto não foi nada, mamã...

E se a gente levasse a *Mimi* á primeira comunhão! Talvez que também ela ficasse *mais bôa* e não desse tanto desgosto á mamã.

Se lhe ensinassemos a doutrina!...

— Sim, mãesinha, sim, sim! Quero também aprender a doutrina, gritou a *Mimi*, entrando pela sala de costura.

— Mas meninas, eu não tenho vagar, bem veem.

E a *Mimi* ainda é muito novinha para ir para o colegio, tem defeito na fala e é muito má, muito má!

— Mas se a mãesinha quere (diz a Mariazinha) eu ensino-a, quere?

— Pois sim, meu amor, isso era o que eu queria.

* * *

Daí por diante, durante semanas e semanas, Mariazinha logo que voltava do colégio fechava-se na sala da costura e, com paciencia, assiduidade e uma habilidade extraordinaria, foi ensinando a doutrina, ponto por ponto, á traquina da mana, até que finalmente esta a meteu na cabeça.

— Mas olha que tu já não podes ser má depois de ir á Comunhão. Já nunca mais podes arreliar a mãesinha, nem chamar nomes á creada nem bater-me, nem morder... Nada! Tens que ser muito boa.

— Tenho?

— Tens, sim. Tens que te *converter*. Eu tambem me *converti*.

— Tu tambem eras má?

— Tambem. Não era tanto como tu, mas tambem era má.

— Como eras tu má?

— Olha, desobedecia ás vezes á mãesinha...

— E agora?

— Agora nunca. Faço tudo o que ela manda. Mas não pelava o gato com agua quente, não chamava nomes...

* * *

Mimi começava a ser muito seria.

— Mãesinha, olhe que a *Mimi* já se está a *converter*. Tomára já que ela fosse á primeira comunhão!

E a pequerrucha, de face de boneca, de cabelo aos cachos d'oiro, já papagueava as respostas do catecismo, que era um encanto.

E seus olhitos ingenuos e profundos davam uns ares de quem já pensava.

Sabia os actos. O acto de Fé, o acto de Esperança, o acto de Caridade ...mas embrulhava-se na pronuncia. E o medo de que o Sr. Prior julgasse que ela não dizia per não saber... trazia-lhe aos olhitos umas lagrimazitas, que ainda mais lindos os faziam.

— Oh! mãesinha, mas eu sei tudo, pois sei?

— Sabes sim, meu anjo; e se tu fores muito bôa, talvez que Jesus te não deixe atrapalhar quando fores ao exame.

E *Mimi* era cada vez melhor.

A's vezes não lhe faltava vontade de chamar *bruta* á criada. E vinham-lhe uns repentes de arranhar a mana, mas... tinha que se *converter*.

* * *

— Mãesinha, quando levamos a *Mimi* ao Sr. Prior para a examinar?

— Não sei ainda, filha.

Não sei quando poderei.

— Mas eu posso leva-la, disse a Mariazinha.

— Está bem. Então leva-a amanhã.

Pelo caminho, foi uma cheia de recomendações...

— Olha que tu responde sem mêdo.

— Mas eu tenho defeito na fala!...

— Não tens, has-de ver. Tu tens sido boa e Jesus vai tirar-te o defeito.

Olha tu faze assim: respondes muito devagar, mas primeiro pensas, para ouvir bem a pergunta.

— Mas se eu me atrapalho e embrulho?

— Não embrulhas, mulher! Tu já ha muito tempo que me não bates nem arranhas...

Mas, dize-me: e tu quando eu estou na escola tens feito sempre o que a mãesinha te manda?

— Sempre.

— Não chamaste nomes á criada?

— Ha muito tempo que não.

— Bem, pois então Jesus gosta de ti e não te atrapalhas.

* * *

— Bons dias, sr. Prior.

— Bons dias, minhas meninas, bons dias. Que é que desejam?

— A *Mimi* quer ir á Comunhão e vem para ser examinada.

O Sr. Prior já sabia do caso.

— Mas eu é que não tenho agora vagar.

Quantos anos tem a *Mimi*?

— Tenho seis anos.

— Seis anos?... E's muito novinha. Mas... quem te ensinou?

— Foi a Mariazinha.

— A Mariazinha é uma mulherzinha. Tenho aqui muito que escrever e o melhor é isto ficar para outro dia.

— O' Snr. Prior, mas então a *Mimi*, assim, não vai comungar tão depressa. Se o Snr. Prior quizesse, eu...

— Mas olha, tem bom remédio: tu vais examina-la emquanto eu cá sigo no meu trabalho.

* * *

Por uns instantes o Sr. Prior continuou a escrever os seus assentos de baptismo e de matrimonio.

Mas a breve trecho teve que parar, fingindo no entanto que trabalhava.

Entre as petizinhas o diálogo corria deliciosamente.

— Quem é Deus? Onde está Deus? Quem é Nosso Senhor Jesus Cristo?...

Mimi, nervosa, não parava na cadeira.

— Está quiétinha, não te meixas... (dizia-lhe a irmã a meia voz).

— Dize lá agora, de que é feita a hostia?

Mimi ataranta-se.

— Olha: de que é que se faz a bolacha?

— Ah! a hostia faz-se com farinha e com água.

— Quando vem Jesus para a hostia?

— A' Consagração?

— E quando é a consagração?

— E' quando toca a campainha e o sacerdote ajoelha ao mesmo tempo.

— Quais são as disposições para a Comunhão?

Estar em jejum desde a meia noite, estar em graça e bom é fazer nêsse dia algum sacrificio.

— E que é fazer sacrificios?

— Fazer sacrificio é...

— E' sofrer por Nosso Senhor alguma coisa das que não gostamos...

* * *

Bem, minhas meninas.

A *Mimi* pode fazer a sua primeira Comunhão. A vossa mãesinha que me venha falar para combinarmos o dia.

... ...

Ah! mãesinha, vê como a *Mimi* é boa?! *Converteu-se* toda.

Já é *mais boazinha* do que eu, pois é, mãesinha?

— Sêde ambas boazinhas, minhas filhas, Ajudem-se uma á outra a ser muito bôas e procurae nas vossas comunhões corrigir algum defeito ou adquirir alguma virtude.

Não faz sentido que lidando com o calor Ele vos não aqueça, que envolvidas em luz andeis em trevas, que alimentando-vos da Bondade e do Amor, estes sentimentos não transpirem de toda a vossa pessoa e edifique os outros.

Que os caminhos por onde passais fiquem impregnados do *bom odôr* de Jesus que de manhã estabeleceu tão estreita união convosco.

AS CURAS DA FATIMA

Alice d'Oliveira David, da fréguesia da Graça (Figueiró dos Vinhos), tendo um filho seu de dois anos e meio, uma curvatura na espinha dorsal e não podendo êle andar, recorreu a Nossa Senhora da Fátima (não chegou a tomar os banhos de sol receitados pelo medico) dando a beber á creança, durante cerca de um mês, agua da Fátima, rezando ambos (mãe e filho) uma Avé-Maria a N. Senhora e uma suplica pedindo a cura.

Prometeu ir a pé a Fátima (o que cumpriu em maio deste ano) e de joelhos desde a estrada até á capelinha.

Pilar Monteiro do Vale, de Vilar Formoso, que durante quatro dias teve as maiores dôres para ser mãe, estando já abandonada dos médicos que a davam como em estado desesperado, a ponto de nada lhe receitarem nem fazerem, deu á luz, depois de, num momento de aflição e desanimo, agarrar em um quadro de N. S. de Fátima e invoca-la com a mente, visto já não falar. Como naquela hora prometeu os seus brincos que tinha em maior estima, envia-os, sentindo a maior consolação em fazer este sacrificio por Nossa Senhora que lhe restituiu a saude e as forças necessárias para poder manter e criar os outros três filhinhos que, com o seu [illegible], ficariam abandonados. Junta mais dez tostões que oferece a sua filhinha mais velha de nove anos.

Joaquim Fernandes dos Santos

Joaquim Fernandes dos Santos, rua do Capitão Leitão, 58-Lisboa, em carta, diz-nos o seguinte:

Eu tive ha 13 anos uma febre a que os médicos deram o nome de tifo; que durou 3 mêses. Durante o tempo que estive doente descarregou-me sobre a perna esquerda, ficando paralitico da mesma. Tanto o médico que me tratou como outros que me visitaram, não receitavam remedio algum que melhorasse a minha perna. Eu já padecia de uma molestia a que chamam o zagre, molestia terrivel, que me apanhava o corpo todo. Principiou-me aos 28 anos de edade, e hoje conta 56, e não obedecia a medicamento algum. Ha 14 anos que senti dar-se uma rotura no baixo ventre, que me causava impossibilitamento de trabalho, chegando a deslocar-se os intestinos, e que nunca tive tratamento de médico nem remédio.

Maria dos Santos Paiva

Tambem minha mulher teve uma molestia grave, foi tratada por medico e durou 3 anos. Os medicos diziam-me que era tuberculose, nos ossos. Nós ambos pedimos á Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima na Cova da Iria, que nos valesse. Fomos visita-la na capelinha da sua aparição três vezes em cada ano. No terceiro ano já lá fomos completamente sãos de todos os nossos padecimentos pelo que muitas graças demos á Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima na Cova da Iria, e ao seu divino amado filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo abençoado remédio que nos concedeu para os nossos males».

ATESTADO

Henrique Dias Coelho, medico-cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisboa:

Atesto que o Snr. Joaquim Fernandes dos Santos, de cincoenta e seis anos de idade, casado, morador na Rua Capitão Leitão, 58 2.ª escada, rez-do-chão, esquerdo, encarregado dum armazem de vinhos, está completamente curado hoje de ulceras varicosas no membro inferior esquerdo de que sofria ha doze anos consecutivos (após uma febre tifoide complicada de flebite) e que tinha resistido a todos os tratamentos medicos aplicados. Diz ter feito tratamento com a agua de Fátima desde o dia 13 de outubro de 1925. E por ser verdade e me ser pedido passo o presente atestado que assino sob minha responsabilidade profissional.

Lisboa 3 de junho de 1927.

(a) Henrique Dias Coelho

ATESTADO

Henrique Dias Coelho, médico-cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisboa:

Atesto que a Senhora Maria de Paiva, de cincoenta e sete anos de idade, casada, moradora na rua Capitão Leitão, 58 segunda porta, rez do chão, esquerdo, domestica, está completamente curada hoje duma fistula proveniente de uma carie de costela (tuberculose ossea), que datava de Fevereiro de 1925 e que varios tratamento não tinham conseguido curar. Diz ter feito a aplicação de agua da Fátima desde o dia 13 de outubro de 1925 E por ser verdade e me ser pedido passo o presente atestado que assino sob minha responsabilidade profissional.

Leiria, 3 de junho de 1927.

(a) Henrique Dias Coelho

Adelaide Leitão, de Vila Nova de Gaia (Rua de Candido dos Reis-23 diz: «Estive 5 mêses com uma intercolite que não cedia aos medicamentos. Andava muito desanimada, porque não me podia alimentar, tudo me fazia mal. Recorri á Nossa Senhora de Fátima, e fui lá em Outubro de 1925, na peregrinação nacional, e desde então, não sofri mais deste terrivel mal. Um grande milagre que Nossa Senhora me fez, e não deve ficar no silencio uma graça tão grande. Viva Nossa Senhora de Fátima.

Espero ir outra vez a Fátima, agradecer a Nossa Senhora muitas graças que me tem concedido.

Francelina Souza Gaspar, de Valado de Frades, participa em carta de 29 de maio ultimo que tendo uma criança em 15 de Fevereiro de 1926 ficando muito boa, graças a Deus, passados 2 dias a encontram mudada. Chamaram o médico imediatamente e este, quando chegou, logo pôs em duvida a minha cura. Que me ia fazer uma sangria mas punha em duvida que o sangue corresse. No mesmo dia á noite não via, nem ouvia, nem falava.

No dia 21 á noite veio o médico dár-me uma injecção e nem a senti. Deu-me um ataque epiléptico. O médico disse que não me podia fazer mais nada. O que havia de fazer já o tinha feito. Que era impossivel eu escapar. Quando se ia embora disse para a gente que estava: «coitada, é a ultima noite que tens...

Como a minha familia é muito devota de Nossa Senhora de Fátima, recorreram com muita fé a Nossa Senhora. A minha familia foi rezar o terço. Um tio meu disse que já não valia a pena nada disso. Minha madrinha disse então: «anda que ela ainda não morreu». Foram rezar o terço a Nossa Senhora e quando acabaram já eu estava a espreguiçar-me e a abrir os olhos. Daí em diante comecei sempre a melhor.

O médico disse que se eu escapasse que ficava cega. Minha madrinha foi chamar o Rev.mo P.e Martinho Pinto Rocha para me dar a Santa Unção, mas no outro dia já falava, já ouvia e já via, pouco é verdade, mas daí em diante fiquei com a vista como dantes.

Graças ao Santíssimo Sacramento e Graças a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Meu marido prometeu lá ir visitar Nossa Senhora rezarmos ambos o terço e dar 50$00 de esmola. Minha madrinha prometeu rezar o terço 15 dias e comungar, e minha mãe ir desde a estrada cá de cima, de joelhos até á capela, rezar o terço, ir a pé para lá, e se aguentasse, de vir».

Hortense Cardoso, da Colegã, de 23 anos diz em carta de 10 de maio ultimo:

Tive uma dor no dia 8 de Outubro do ano de 1926; o Sr. Dr. Armando Costa da Golegã mandou-me para Lisboa dando entrada no Hospital D. Estefania no dia 13 de Outubro sendo operada no dia 27 pelo Sr. Dr. Vaz Gonçalves de Lisboa. Fiquei muito mal da operação colocada entre almofadões, sem me poder mecher para parte nenhuma demorando por lá 3 mêses sem nunca me lembrar da Virgem Nossa Senhora da Fátima. No fim de estar este tempo todo no Hospital tive uma carta de minha mãe com o Retrato da Virgem Nossa Senhora da Fátima, dizendo-me que tivesse fé com Ela. E eu pedi com todo o afecto do meu coração que se Nossa Senhora fizesse o milagre de eu me vir embora na semana seguinte de fazer uma carta e mandar publicar no jornalzinho da Fátima o milagre e de ir á Fátima, dando a esmola que eu pudesse.

Rosa de Jesus Morais, rua da Costa Cabral 450, Porto. Declara que ha uns 6 mêses lhe apareceu um tumor no peito; indo consultar o seu medico o Ex.mo Senhor Dr. Forbes Costa, este declarou ser efectivamente um tumor e precisar ser operado. Chegou a marcar o dia 8 de janeiro para a operação. No entanto receitou-me vários remédios de que fiz uso sem resultado. Um dia lembrei-me da água milagrosa de Nossa Senhora de Fátima e dei umas fricções com elas e fiz tambem uma promessa de ir agradecer a Nossa Senhora e levar-lhe 100.000 de oferta se Nossa Senhora me curasse.

Rosa de Jesus Morais

Depois disto voltei ao médico que depois de me ver, me disse muito admirado, que eu estava muito melhor, dizendo-me que voltasse lá daí a 15 dias, o que fiz efectivamente passados aqueles dias. Ao examinar-me declarou que eu estava completamente curada, e que podia publicar sem receio pois que era um verdadeiro milagre.

ATESTADO

Porto, 30 de maio de 1927.

Certifico que tenho tratado ha alguns anos da Senhora D. Rosa de Jesus Morais, moradora na rua Costa Cabral, desta cidade e que fui consultado pela mesma Senhora em fins de novembro do ano passado, por motivo de um tumor no peito que depois de examinado me pareceu de natureza suspeita de malignidade, em virtude do que lhe aconselhei a deixar-se operar; mas como mostrasse desejos de não ser operada antes do Natal, eu concordei mas aconselhando-a a que não protelasse muito a ocasião da operação porque poderia aumentar; o tumor nessa ocasião era do volume de uma tangerina; não havia febre nem sintomas de inflamação local; de novo a vi nas vesperas do Natal, em que encontrei o tumor maior e, atendendo a uma certa relutancia da doente para a operação, disse-lhe que esperaria até ao dia 8, depois das festas do Natal para se fazer a operação, aconselhando-a contudo a deixar-se operar mais cedo se visse que o tumor aumentaria. Nessa ocasião o tumor seria do volume de uma laranja mediana.

Ficou combinado que a doente viesse para a operação o mais tardar em 8 de

janeiro. Não tornei a vêr a doente até ao dia 8 de fevereiro em que se me apresentou: examinei-a como das outras vezes e com admiração minha, observei que o tumor tinha desaparecido; no entanto pedi-lhe para voltar ao meu consultorio passados 15 dias, e confirmei o desaparecimento do tumor; de novo a observei passadas umas semanas e verifiquei que não havia nada de anormal.

Por ser verdade e me ser pedido atesto sob minha palavra de honra e jurarei se necessário fôr em como esta declaração é a expressão da verdade.

(a) Manuel Jorge Forbes Costa

Maria de Jesus, de Rebolosa, escreve:

«Ex.mo Rev.mo Snr. director

Cumprindo um dever e uma promessa que fiz a nossa Senhora do Rosário de Fátima, venho pedir a publicação das seguintes graças que recebi de Nossa Senhora.

1.ª Andei 7 anos na escola de instrução primária e não consegui aprender a lêr; depois que pedi a Nossa Senhora, num mês aprendi a lêr a letra redonda.

2.ª Um jovem de 24 anos de idade tolheu-se de uma perna de tal modo que os medicos o julgavam incurável.

Recorremos a Nossa Senhora de Fátima prometendo fazer 3 novenas em sua honra. No 2.º dia da primeira novena o jovem começou a sentir-se melhor da perna, melhorando dia para dia até que á terceira já foi acompanhado de 14 jovens assistir a todos os dias da novena.

3.ª Uma prima minha de 8 anos de idade já havia um ano que não se movia de parte nenhuma do corpo.

Apenas sua mãe prometeu ir á Fátima com ela, logo começou a andar.

Peço encarecidamente que peçam a Nossa Senhora que se digne converter um pecador que já há 20 anos não se confessa».

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte...	70.838$26
Papel, composição e impressão do n.º 57...	2.163$00
Sêlos, expedição, transporte, gravuras, etc...	524$00
Outras despezas...	170$00
Soma...	73.695$26

Subscrição

(Setembro de 1926)

Enviaram dez escudos: José Marques Torres Junior, D. Maria Olivia de Santo Antómio Neto, D. Maria do Carmo C. Real d'Abreu de Lima (20$00), Manuel da Silva Jordão, D. Maria de Vasconcelos Cruz, D. Joaquina de Jesus Martins, D. Emilia Augusta da Luz (20$00), Josefa da Conceição, D. Candida Sanches (20$00) Francisco Bento, José Sande Lemos, D. Gertrudes Pires Correia, D. Alice de Sousa Moreira Ribeiro, P.e Martinho Pinto da Rocha, D. Palmira Pinto de Campos, D. Maria Rita de M. Castro A. Guimarães, D. Elvira Belo, D. Aida de Aguiar Ferraz, D. Emilia da Conceição (20$00), Agostinho Alves, Francisco Soares Garrinhas, Francisca Rosa dos Santos, Bento Gomes (20$00), D. Rufina dos Anjos, D. Alice Salgado, D. Helena Baltazar, D. Maria de Jesus Duarte, D. Clarinda Ribeiro de Carvalho, D. Helena Lobo de Vasconcelos, D. Luise Drexel, Antonio Augusto Novais, Francisco Mendes (20$00), José Pais dos Santos, D. Maria Casimira, P.e José Gomes da Costa (20$00), Antonio Aguas Vaz de Mascarenhas (20$00), D. Ana Aguas Figueiredo Mascarenhas (20$00), João Ferreira da Costa Bettencourt (20$00), D. Emilia Vilhena Rebelo, D. Henriqueta Maria Leitão, Raimundo Vicente da Silva, João Filipe Correia, D. Amelia Monteiro, José Monteiro, António Rodrigues, D. Carlota Augusta da Conceição, D. Maria da Luz de Carvalho Mesquita, D. Adelaide Cruz, D. Emilia Pizarro de Portocarreiro, António Xavier de Palhares Nogueira Falcão (Travessas), D. Adaleide Saldanha, D. Perpétua Seixas, Dr. João de Sousa Canavarro, Baronesa de Almeirim (D. Luiza), D. Gertrudes do Rosário Santos Simões, Manuel das Neves, Joaquim da Conceição Costa, João Sabino de Passos Caldas, P.e Manuel Dias de Matos Lages, Miguel Pereira, Domingos S. Ferreira, D. Mary Ferro Lobo de Moura, D. Filomena Domingos Fragoso, D. Luiza Maria da Conceição Feio, D. Barbara Ramos Franco Neves, D. Micaela Caroço, J. G. (20$00), D. Maria Augusta Ribeiro, D. Ana Barreiros Frazão, D. Maria Conceição Coelho, D. Maria Baptista, Alberto Francisco Faria Abranches, D. Maria das Dores Corte Real, D. Ludovina de Oliveira Santana, D. Maria José Assis Gomes, Dr. Luís d'Oliveira, D. Ana Charters, José Justino do Vale, D. Maria Goulart Sarmento, João Manuel Gouveia, João Paulo, Jeronimo Augusto Pinto, D. Amelia Figueira da Silva, D. Amelia Cabrita (11$00), D. Luiza de Jesus Manso, (11$00), Anonima (A. R.), D. Maria da Conceição Prazeres Parente, Alfredo Barradas, D. Maria Vasques Martins, D. Guilhermina da Costa Freitas, Guilherme Plantier Martins, D. Maria José Ferreira, D. Hortensia de Melo Lemos e Menezes (15$00), D. Piedade Vieira Moço, D. Florinda Ribeiro da Silva, P. Gini, Manuel José d'Araujo, Manuel de Araujo Pereira, D. Maria Cabrera Rocha, D. Ana Rosa Pires, D. Maria do Sacramento Pires Moreira, José Maria M. Pinheiro, D. Idalina Rodrigues Pouzada, D. Maria Emilia da Cunha (5$00), D. Teresa de Jesus Almeida (1 dolar), Manuel Gabriel, Angelina da Conceição Louzada (jornais), D. Virginia Izabel Gonçalves dos Santos, D. Maria Luiza Dias, D. Carolina Augusta Moreira Rangel, João Carlos Alves (20$00), D. Maria da Graça Nunes de Brito, D. Maria da Graça Nunes de Brito, D. Engrácia d'Assunção Covas, D. Beatriz de Amaral Candeias (15$00), D. Emilia Augusta de Sá Goodolfim (20$00), D. Ludovina Neves (20$00), D. Teresa B. Forte, D. Paulina Aldeano de Faria, D. Luiza de Freitas, D. Maria Luiza Leal, P.e Angelo Firmino da Silva, D. Maria da Conceição Calado, D. Elvira da Conceição Neves Ferreira, D. Augusta Alvares dos Santos (2$20).

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Trasporte	5.072$55
Virginio Ferreira	5$00
D. Lucinda Caratão	10$00
D. G. Amelia Alves Fortuna...	20$00
	5.107$55

Uma acusação

Conta-a um missionário.

Era uma pequena de nove anos, que ha muito queria fazer a sua primeira Comunhão e ao que se opunha o missionário sem grande razão.

Uma tarde o P.e Durrieu (era assim que se chamava) foi visitar o Santissimo e sem ser presentido, encontrou a pequena a falar alto deante do altar-mor.

Dizia assim:

«O' Jesus o snr. P.e Durrieu anda a dizer que eu não vos conheço bem, por ser muito pequena e não me deixa fazer a primeira Comunhão. Mas eu conheço-vos muito bem.

Já sei a doutrina toda.

Já sei que sois Filho de Deus e da Virgem Maria e que nasceste em Belem, que vivestes em Nazaré, que Vos mataram em uma cruz e que ao terceiro dia ressuscitastes e subistes ao Ceu, e tambem que moraes na igreja na Hostia consagrada.

Vêdes como eu Vos conheço? Dizei ao snr. P.e Durrieu que me deixe fazer a primeira Comunhão.»

O missionárjo ouviu tudo e achou-lhe imensa graça, saiu sem ser visto e, á noite, na aula de catecismo perguntou-lhe se tinha ido á igreja e para quê.

— Fui acusal-o ao Santissimo Sacramento. E repetiu o que tinha dito.

— Ora muito bem, vejo que conheces muito bem a Nosso Senhor, e então qualquer dia, talvez amanhã mesmo, fazes a tua primeira Comunhão.

O que não sei é como te hei-de perdoar o acusares-me assim ao Santissimo Sacramento.

— Não se inquiete. Eu vou-lhe pedir que lhe perdoe logo que V. Rev.cia me dê a Santa Comunhão.

Respeitos humanos

Uma senhora conta o seguinte:

Fui proíbida por meu marido de ir á confissão.

Vendo eu que me não era possivel fazê-lo vir a aceder apesar de me custar muito, resolvi fazer-lhe a vontade.

Não tinha sido educada assim, mas para evitar questões assim procedi. Não podia ser assim por muitos anos.

Ja a caminhar para o 3.º ano sem ir à desobriga.

Não me conformava sem cumprir uma obrigação a que minha mãe me levava desde a idade de 7 anos.

Via ir minha familia e eu não tinha licença do meu marido! Que tristeza!

Eu não queria abusar da bondade do meu marido.

Pensava no 1.º mandamento da S.ta Igreja que manda confessar-se o cristão ao menos uma vez por ano. Todas estas lembranças me atemorisavam.

As vezes vinha-me à lembrança ir a uma igreja mais isolada, mas logo me vinha o respeito humano; tinha medo que alguem me visse entrar para lá Triste situação!

Tinha saudade de hospedar em minha pobre alma o nosso querido Jesus, mas não queria desobedecer.

Há casos porem que podem mais que as leis.

Estava-se na primavera. Numa daquelas lindas manhãs enchi-me de coragem, apesar de mil obstaculos que se apresentaram á minha imaginação. Nada impediu a minha viagem. Consegui entrar na igreja da minha paroquia onde encontrei a meu dispor um sacerdote que me atendeu.

Dia feliz!

O meu marido nem sequer deu por minha falta. Daí para o futuro fiquei com um tal entusiasmo que nunca mais tive medo que alguem visse para onde eu ia.

Precisando um dia de ir para o hospital para ser operada pedi que me administrassem os sacramentos o que mais tarde me serviu de defesa.

Passados sete anos encontrava-se meu marido e um seu amigo a censurar a confissão.

Nem um nem outro podiam ver semelhantes coisas até lhes parecia um crime.

Eu ouvia-os mas como o caso era com eles, nada dizia, mas daí por instantes o meu marido volta-se para mim e com uma grande satisfação exclama: minha mulher nunca mas lá voltou, e eu que o soubesse...

Então eu, muito tranquila, aproximo-me dele e confiada na imensa bondade de Deus disse-lhe meigamente: como te enganas! Desde que me proibiste já lá fui.

Ele muito admirado, pois não era de costume desmenti-lo, preguntou-me:

Quando? E com que autoridade?

Com a mesma tranquilidade respondi

Quando estive no hospital, vi a morte diante dos olhos.

Sabia muito bem que tu eras muito meu amigo e que fazias tôda a diligencia para me salvares a vida mas naquela ocasião lembrava-me mais da alma porque se eu tivesse morrido tu não me colocavas no céu; e eu não queria ir para o inferno.

E foi esta a razão porque te fui desobediente, mas julgo que te não podias ofender.

Os dois amigos olharam um para o outro, encolheram os hombros, sorriram e não falaram mais no assumpto.

Já lá vão mais de seis anos.

Tenho ido todas as vezes que me tem sido possivel á Confissão e á Santa Comunhão de maneira a não fazer falta ás minhas obrigações Não é para abusar da bondade do meu marido mas para pedir a Jesus que nos ajude e converta o meu bom marido e vivermos na graça de Deus, da propria vida de Jesus. Considero-o apenas como um ceguinho, que Deus quere que eu guie para a vida eterna.

Aos nossos leitores deste querido jornalsinho peço uma *Ave Maria* pela conversão desta alminha a quem eu tanto amo.

Porque é que a Igreja tem inimigos

— Se a Igreja é no mundo a grande escola de beneficencia, de moral e de civilização porque é que suscita contra si tantos odios e perseguições e atrai as antipatias de tanta gente?

A esta pergunta eu vos responderia que a razão é facil de compreender. A Igreja condena todas as acções más e censura todos os que delas se tornam culpáveis.

Desde logo ela levanta contra si todos os que são reus de alguma acção indigna e estes, infelizmente, são muitos!...

Entre êles e ela não pode haver simpatia nem acordo possivel.

Falando em nome de Deus, a Igreja diz:

Existe um Deus, Juiz *Soberano*. — Ora, ha muita gente a quem a ideia de Deus incomoda e a quem conviria que Ele não existisse porque se sentem culpados e temem os seus juizos. Como querem que esta gente ame a Igreja e tenha entendimentos com ela?

A Igreja diz: *Ha um inferno!* — E ha muita gente interessada em que êle não existisse e que acolhem esta afirmação da Igreja com impetos de raiva. Como é possivel que amem a Igreja e se entendam com ela?

A Igreja diz: *adorarás um só Deus!* E ha muitas pessoas que adoram o dinheiro; outros adoram as honras, os prazeres.

Alguns adoram-se a si mesmos. Como é possivel que toda esta gente que não quer dar a Deus nem um pensamento da sua alma, nem uma pulsação do seu coração, nem um minuto da sua vida, ame a Igreja e se entenda com ela?

A Igreja diz: *Não jurarás o nome de Deus em vão!* — E ha muita gente que não fala em Deus senão para o maldizer e blasfemar.

A Igreja diz: *Guardarás os domingos e outros dias de preceito!* E ha muitas pessoas a quem esta obrigação importuna e preferem passar o domingo em dissipações e esturdias antes que assistirem á Missa e outros oficios religiosos. Como é possivel que esta gente ame a Igreja?

A Igreja diz: *Honrarás teu pai e tua mãe!* E ha filhos que não esperam chegar aos quinze anos para sacudirem o jugo do respeito e da obediencia que devem a seus pais.

Ha filhos que veem seus pais a morrer de miseria e de privações e, podendo, não os socorrem.

Como podem ter amor á Igreja.

A Igreja diz: *Não matarás!* E ha muita gente que vive em perpétuo odio, em discordias e questões continuas, que fazem cada dia novos projectos de vingança, que preferem perder um braço a perdoarem uma injuria. Como pode esta gente amar a Igreja e entender-se com ela?

A Igreja diz: *guardarás castidade.* E ha muitos que se entregam como escravos á sua natureza depravada, que procuram sem escrupulos os prazeres proíbidos, as conversas culpáveis, as leituras envenenadas, os companheiros corrompidos.

Como é que quereis que esta gente ame a Igreja e se entenda com ela?

A Igreja diz: *Não furtarás!* — E ha tanta gente que emprega meios indignos para fazer passar injustamente, para as suas mãos os bens dos outros. Pode esta gente amar a Igreja?

A Igreja, finalmente vendo-se que se não pode diminuir a sua doutrina nem a sua moral — excita-se contra ela a colera e o odio dos incredulos, dos blasfemadores, dos maus filhos, dos *apaches*, dos libertinos, dos ladrões, de todos aquêles, em uma palavra, cuja conducta ultraja a verdade, a virtude e a moral...

Entre ela e êles (e isto é uma honra para a Igreja) não ha entendimento possivel.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano V — Leiria, 13 de Agosto de 1927 — N.º 59

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE JULHO)

Vigilia de armas — A torrente caudalosa das multidões — A imponente procissão das velas — Espectaculo assombroso e emocionante — Vibrantíssimo hino de Fé — Mais perto de Deus.

As primeiras sombras nocturnas descem lentamente sobre a Cova da Iria. E' a vespera do dia em que se comemora a terceira aparição da Rainha do Céu aos humildes pastorinhos de Fátima. Uma multidão compacta de alguns milhares de pessoas, de ambos os sexos, e de todas as idades e categorias sociais, aglomera-se junto dos santuários. Aproxima-se a hora do espectaculo mais deliciosamente emocionante, que jámais olhos humanos lograram contemplar em terras de Portugal e que só ali, naquela estancia bemdita do Céu, se oferece á vista das multidões maravilhadas, extasiando as almas e abrasando os corações.

O tempo passa veloz. Entretanto as estradas de Torres Novas, da Batalha e de Vila Nova d'Ourem e os caminhos e atalhos da montanha despejam sem cessar novas vagas de peregrinos no lago imenso da planicie sagrada.

De repente, naquele local privilegiado, opera-se, como que por encanto, uma assombrosa e encantadora mutação de scenário. O vasto anfiteatro, até então silencioso e imerso nas trevas da noite, anima-se com os canticos em honra da Virgem e inflama-se com os milhares de lumes que se acendem para a grandiosa procissão das velas. Dali a pouco, na suavidade da noite estrelada e calma, desenrola-se a perder de vista uma longa e deslumbrante fita de luz que, sobe á estrada, passa sob o portico monumental e desce pela grande avenida até se concentrar junto da capelinha das Aparições. Daquelas almas empolgadas pela crença, daquêles peitos impulsionados pela piedade, sai então, como um protesto vehemente contra todas as negações impotentes da impiedade, um vibrante hino de Fé e de esperança cristã — as magestosas e sublimes afirmações do Credo.

Ditosos, incomparavelmente ditosos, aquêles momentos solenes, em que parece efectuar-se um mistico contacto entre a terra e o Céu, e os corações dos homens, alheados do mundo vil e mesquinho, e desprendidos das coisas efemeras deste vale de lágrimas e de misérias, se elevam, tocados pela graça divina, para as regiões misteriosas de além-tumulo, acolhendo-se ao seio paternal e misericordioso de Deus.

Outro trecho da peregrinação nacional de 13 de Maio ultimo

Noite de oração, de penitencia e de repouso — O primeiro capelão privativo dos santuarios — Jesus-Hostia sempre presente na Cova da Iria — No limiar da vida e ás portas da eternidade.

Após uma noite passada sobre a terra dura e fria, no recolhimento da oração e na contemplação das verdades eternas ou no descanso das fadigas de uma longa e penosa viagem, os peregrinos, acampados na Cova da Iria ou nas suas imediações, erguem-se, ás primeiras horas da manhã, com as forças da alma e do corpo restauradas, para dar inicio ás práticas religiosas que uma piedade acrisolada lhes inspira.

A partir deste dia, o glorioso sanctuário de Fátima possue um capelão privativo. Sua Excelencia Reverendíssima, o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, realisando um seu desejo muito ardente e muito antigo, que era tambem o de todos os peregrinos dignou-se nomear, por carta datada do dia 13 de Julho, capelão de Nossa Senhora de Fátima, o rev.do Manuel de Sousa, ex-pároco de Ceissa.

Novo e de constituição robusta e saudavel, dotado duma inteligencia lucida e duma cultura invulgar realçadas pelos primores duma educação esmerada, cheio de zelo pela gloria de Deus e pela santificação das almas, tudo permite esperar que o primeiro capelão da Lourdes portuguêsa justificará a escolha que o ilustre Prelado diocesano fez da sua pessoa para o desempenho desse logar de tamanha responsabilidade e de tão honrosos como pesados encargos.

A nomeação dum capelão permanente cuja posse se efectuou neste dia sem as solenidades usuais em tais circunstancias, implica outra graça importantíssima, que o venerando Prelado de Leiria se dignou tambem conceder: a conservação habitual do Santíssimo Sacramento no local das aparições.

D'ora avante, os peregrinos de Fátima encontrarão ali, a toda a hora do dia e da noite, o Rei do Céu e da terra, realmente presente no seu Sacramento de Amor, e associarão, no doce desafogo da sua piedade e nas fervorosas homenagens da sua devoção, o culto latreutico de Jesus-Hóstia ao culto de hyperdulia em honra da augusta Mãe de Deus. Como penhor das bençãos do Céu sobre esta terra de mistérios e de prodigios, precisamente no dia em que Jesus se digna estabelecer ali a sua morada permanente, a Providencia dispõe que dos sete sacramentos, fontes perenes de vida sobrenatural, o primeiro e o ultimo sejam administrados a duas peregrinas.

Mediante prévia autorisação do venerando Prelado, pela mão ungida do rev.do Agostinho Marques Ferreira, zeloso pároco de Fátima, as aguas lustrais do Baptismo caem sobre a cabeça de uma creança do sexo feminino, a quem êle põe o nome de Maria, fazendo-a nascer para a vida da graça e tornando-a filha adoptiva de Deus e membro da Igreja.

E aquela mão sagrada que regenerara a privilegiada menina, pouco depois administrava a Extrema Unção a uma doente do Alentejo, que a todos que a viam enchia de comiseração e que, mercê da gravidade do seu estado, não poude saír do automóvel que a transportava e que teve de ir para junto do recinto reservado aos doentes.

O registo dos enfermos — Cura de duas creadas de servir do Porto — Sofrimento e resignação — Devoção dos Peregrinos — A agua miraculosa — As servas e os servos de Nossa Senhora do Rosario — A oração dos fieis.

São nove horas. A multidão que enxameia na Cova da Iria, em torno dos Santuários ou junto das fontes da água mi-

raculosa, torna-se cada vez mais densa e compacta.

De todos os lados afluem a cada momento novos peregrinos. No Posto das verificações médicas procede-se ao exame dos doentes, fazendo-se a inscripção dos seus nomes no registo respectivo e entregando-se-lhes a senha do ingresso no pavilhão da capela das missas. Em poder da comissão canonica acham-se mais dois atestados médicos: os que comprovam a cura de duas creadas de servir do Porto no dia 13 de Setembro ultimo em Fátima, curas que hoje publicamos noutro logar.

O pavilhão dos doentes vai-se enchendo a olhos vistos de vítimas de todos os males fisicos que afligem a pobre humanidade. Nos seus rostos emaciados por longos e cruciantes sofrimentos reflete-se a paz e serenidade de almas alentadas pelo doce conforto da esperança e da resignação cristã.

Na capela comemorativa das aparições numerosos devotos cumprem as suas promessas, rezam com fervor á Virgem do Rosário, solicitando graças ou agradecendo beneficios recebidos, ou tocam medalhas, tercos e outros objectos de piedade na sua linda e veneranda Imagem.

Em torno da primeira fonte comprimese, desde as primeiras horas da manhã, uma multidão enorme de fieis, que aguardam a sua vez de recolherem em recipientes, que trazem consigo para esse fim, a preciosa limpha, instrumento de tantas maravilhas que atestam o poder e a bondade maternal de Maria Santissima.

Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário, em numero de muitas dezenas, exercem sem descanso a sua missão abençoada, efectuando o transporte dos enfermos, mantendo o serviço de ordem ou prodigalizando as finezas da sua caridade a tantas almas martirisadas pela dôr, a tantos corpos torturados pela doença.

E' quási meio-dia solar. Já algumas dezenas de sacerdotes celebraram Missa. Já muitas vezes quási incessantemente, foi administrado o Pão dos Anjos. Já a multidão aglomerada em volta do recinto destinado aos doentes, aguarda anciosamente os ultimos actos oficiais da peregrinação. A oração é mais intensa, o silêncio e o recolhimento cada vez maiores. De todos os pontos do vasto anfiteatro acorrem numerosos peregrinos que vão engrossar consideravelmente a assistencia. Um profundo e vivo espirito de Fé anima aquelas almas prostradas em face do altar, onde adoram escondido na Hóstia santa o Deus de amor, e um sopro quente de esperança eleva-as acima das mesquinhas preocupações da terra até aos paramos serenos e reconfortantes da vida sobrenatural e divina.

Tudo se prepara para a missa e benção dos enfermos.

O cortejo da Virgem — Uma missa nova - A fé e a piedade dos peregrinos — A Benção dos doentes — O Sermão oficial.

A sineta do sanctuário adverte os peregrinos de que a missa dos enfermos vai começar.

Lá em baixo, ao pé da capela das aparições, nota-se um movimento desusado. E' a procissão que se está organisando. A branca estátua da Virgem é tirada do seu pedestal e conduzida aos hombros dos servitas para a capela das missas. Milhares de pessoas acompanham a Imagem, num impulso edificante de fé e piedade.

Quando ela chega ao limiar do pavilhão, um fremito de amor e de alegria agita aquele mar imenso de almas.

Milhares de lenços brancos fluctuam no ar semelhantes a lindas pombas, estrugem no espaço vivas e aclamações á Virgem, estralejam nutridas salvas de palmas e lágrimas de comoção brotam de todos os olhos.

Um côro de vozes, másculas e bem timbradas, canta em unisono o *Credo* de Lourdes.

Terminado o canto, sobe ao altar central o novel sacerdote, rev.do dr. Mário Lopes de Carvalho de Torres Novas, que vai celebrar pela primeira vez o augusto sacrificio dos nossos altares.

Assistem-lhe os rv.dos Joel de Deus Magno e António Pires e serve de padrinho o rev.do João Nunes Ferreira, capelão dos servitas de Torres Novas. A missa principia no meio da comoção geral dos assistentes, do pranto desfeito dos sacerdotes e das manifestações inequivocas da piedade de todos os fiéis.

O rev.do dr. Marques dos Santos reza o terço do Rosário alternadamente com o povo. Depois da elevação, canta-se um hino liturgico em honra do Santíssimo Sacramento.

Acabada a missa, o celebrante revestese de capa de *asperges* para dar a benção. Cantado o tocante *Adoremus in aeternum*, desce os degraus do Altar, e dá a benção com o Santíssimo a cada um dos enfermos. Depois, volta ao altar, e cantado o *Tantum-ergo*, traça, sobre a multidão ajoelhada a seus pés, o sinal augusto da nossa redenção com a Custodia de ouro, em que Jesus repousa na Hóstia Santa como num trono de misericórdia e de amor.

Sobe em seguida ao pulpito o rev.do Castelo Branco, sobrinho de Camilo, que veio expressamente prégar na missa nova do rev.do dr. Mário de Carvalho e, que a proposito desse acto, fez um substancioso e eloquente sermão.

Depois do sermão, reorganisa-se o cortejo afim de se conduzir a Imagem da Virgem para o seu pedestal na capela das aparições.

Os sacerdotes, as servitas e o povo acompanham a Imagem, soltando aclamações e entoando canticos, seguindo-se depois a tocante cerimonia do beija-mão do novo sacerdote.

Os peregrinos dispersam pouco a pouco. O sol desce no horisonte, entre as brumas da montanha distante. As primeiras sombras da noite envolvem aquela mansão privilegiada da Virgem. São raros os fiéis que ao pôr do astro-rei se encontram na Cova da Iria. Já não se ouve o brando ciciar das preces, nem os soluços abafados dos enfermos, nem o murmurio das vagas da multidão que se entrechocam. Apenas de vez em quando, trazido nas azas do vento, chega áquele logar de paz bemdita, o som da buzina de algum automóvel ou o echo apagado de algum cantico em honra da Virgem atestando as comoções do dia e a saudade daquêles logares povoados de mistérios e transbordantes de graças e de prodigios.

Visconde de Montello.

Flôres de martirio...

Santa Inês — Heroina

Daquela Menina Maria Eulália que os nossos leitores já conhecem recebemos o prometido artigo sobre Santa Inês que hoje publicamos sob o titulo «— Flores de martirio — Santa Inês — heroina.

De bom grado lhe damos o nosso cantinho e talvez por muito tempo. Ela não nos levará a mal esta cedencia. As nossas ocupações não nos permitem o luxo de colaboradora assidua de «A Voz da Fátima.»

Mas não importa que fica ocupado com vantagem o nosso posto.

Uma servita

* * *

Não sei que suave perfume se evola da figura de Inês que a torna simpática e querida a quem quer que a conhece.

— Porque era nova?

Talvez. Tinha apenas 13 anos. Era uma creança.

Mas isto não bastaria.

Ha tanta creança antipática...

— Porque era rica?

Não. A riqueza não torna ninguém simpático.

— Porque era nobre?...

Não. Ha tanto nobre criminoso e mau...

Donde lhe vem então o encanto que a envolve?

Donde o amor que ela desperta?

Ah! E' que acima e além disso tudo Inês era uma creança pura inocente, era um botão de rosa cortado para desabrochar no céu.

Sendo mulher foi forte a ponto de vencer os algozes e os seus tentadores alcançando sobre êles brilhantes victorias. O prefeito da cidade de Roma donde era natural chama-a diante de si e enlevado pela peregrina beleza daquela jovem, propõe-lhe o matrimónio.

— Não, responde Inês. Eu fui desposada por Aquele a Quem os Anjos servem, cuja beleza o sol e a lua admiram.

A Ele só guardo fidelidade.

— Olha bem, Inês, não vás perder a vida que ainda não começaste a gosar.

— Quê?! Serei eu infiel A'quele que me coroou por esposa, me mostrou, os seus inapreciaveis tesouros enchendo-me de brincos de pérolas e depois de me ornar de imensas joias me deu o anel dos esponsais?...

Ah! Eu amo só a Cristo que me entregou lindas e fulgurantes pedras preciosas.

— Não cedes Inês?...

Condenar-te-hei.

* * *

Atravez da multidão que assiste ao julgamento sumário perpassa um movimento de comiseração por aquela creança tão linda, tão pura, tão simpática, tão encantadora.

Morrer tão nova?... E por querer... Que loucura!...

Mas o inferno enraivece-se... Ser vencido por umá menina de 13 anos? Que vergonha!...

Nova batalha.

* * *

Era a inocência, a candura, a virgindade que mais resplandeciam em Inês.

Espõem-na porisso numa casa infame.

Mas Inês vê os cabelos crescerem-lhe até cobrirem todo o corpo que mais tarde S. Damaso chamaria o «*templo do Senhor.*»

E livre por um Anjo que aí a protege e defende volta de novo ao tribunal.

E' condenada á fogueira mas as chamas não lhe tocam e triunfando Inês canta de lá: «*Graças a ti Senhor Omnipotente, Adorável e Venerando porque, pelo teu Santo Filho me salvei das ameaças do sacrilego tirano e passei imaculada pela imundicie carnal e agora venho para junto de Ti a Quem amei, a Quem procurei por Quem sempre anhelei*».

* * *

Vencido, o tirano condena-a á decapitação. Exulta Inês e caminha alegre para o lugar do suplicio.

Todos choram, só ela não.

Admiram-lhe a coragem, o desprendimento da vida que tão prodigamente entrega, ela que mal era ainda senhora de si.

Enfurece-se o algoz: não teme!

Desfez-se o tirano em seduções: não cede!

Estendem-lhe muitos a mão: não aceita:

Fiel ao Divino Esposo anelando juntar-se a Ele em eternas nupcias, Inês volta-se para o carrasco e diz-lhe:

Aquele que primeiro me escolheu por esposa é que me ha-de possuir!

Porque esperas?

Pereça este corpo que pode ser amado por olhos que eu não quero que o amem».

Ora um momento.

Depois inclina a cabeça esperando o golpe:

O algoz hesita, treme-lhe a mão.

Empalidece...

Anima-se, levanta o braço e deixa cair a machada sobre o pescoço da virgem.

A cabeça rola pelo chão e o sangue vai sagrar o solo de Roma, envolvendo-o nos doces perfumes do martirio.

Era mais uma flor de pureza de castidade, de virgindade que ia florescer no celestial Eden.

E de lá ainda hojo atravez de tantos séculos encanta e atrai esta figura delicada e heroica de Inês.

* * *

Ah! Quão grande bem não faz ás nossas almas contemplar de quando em quando estas figuras inamoradas de Jesus e da Sua Virginal Pureza!...

Quando atravez de tanta corrupção na familia e no individuo podemos aspirar por momentos o inebriante perfume de lirios como Inês sentimo-nos elevadas a regiões mais puras.

Foi a vista da sua imagem, a recordação da sua figura que num momento de tentação me chamou ás doces realidades da virtude, da inocencia e da candura.

Maria Eulália

O TRABALHO AO DOMINGO

O trabalho ao domingo faz maior numero de victimas do que geralmente se pensa.

Porque ha por ahi tantas mortes prematuras, tantas saudes alteradas, tanta gente doente entre as classes principaes é, sem duvida, a violação do descanço dominical.

O corpo do homem é certamente uma maravilhosa e potente maquina creada pelo mais habil dos artistas, mas, por mais resistente que seja, não pode funcionar indefinidamente e carece de repouso.

O divino obreiro, que calculára a dimensão e a força de todas as molas empregadas na composição do corpo humano, é muito competente para calcular tambem o tempo e fixar a medida do trabalho, que o mesmo corpo pode produzir sem se deteriorar.

Ao mesmo tempo que o grande artifice, o ponderador de todas as coisas, promulgava a lei do trabalho dos seis dias, fixava do mesmo modo a outra lei do descanço no setimo. Portanto a guarda do domingo está em harmonia com a constituição fisica e moral do homem.

Se o trabalho do homem ultrapassa muitas vezes e notavelmente o periodo de seis dias, as suas forças enfraquecem e esgótam-se. E se o homem moral depois de seis dias de trabalho material, gasto em grangear os meios de subsistencia, não pode alevantar os olhos e o pensamento ás coisas imateriais e religiosas, embrutece-se e torna-se elo mesmo material como as obras a que se entrega.

Se o povo fosse, ao domingo arrancado aos seus trabalhos forçados, e se lhe fosse permitido ir livremente ouvir na igreja a palavra de Deus, seria infinitamente menor o numero dos delinquentes e dos castigados.

Para levar as populações ao respeito dos direitos do proximo e da sociedade, é mister que elas sejam antes de tudo instruidas nos seus deveres para com Deus.

Ora esta instrução religiosa e moral torna-se impossivel para as classes operárias entregues ao domingo ás suas ocupações servis.

E' ao domingo que o povo vai á igreja aprender junto dos altares e da cadeira sagrada os seus deveres para consigo mesmo, para com os seus similhantes e para com o seu Creador.

Esta educação moral comunica ao povo o sentimento da sua dignidade e das suas obrigações, sujeita-o a habitos honestos, torna dôces e urbanos os seus costumes, regula os seus trabalhos e labutações domesticas e lhe inspira o amor do que é justo, o respeito do direito e da autoridade. E que acesso pode ter a religião junto das populações se as não pode reunir aos domingos para lhes fazer ouvir a sua voz?

Ora estas reuniões na igreja são impossiveis se o homem do povo se entrega, no domingo, aos seus trabalhos ordinários.

E' necessário, pois, o descanço dominical para moralisar o povo e para haver tempo de o instruir nos seus deveres.

O domingo deve dar descanço e moralisar. Durante seis dias o homem exerce o seu império sobre os entes de ordem inferior, mas pelo seu império e acção sobre a creação material não deve o homem assimilar-se a ela, nem descer ao seu nivel. Deve, de tempos a tempos, erguer a fronte para o céu e tomar descanço nesse dominio, de que Deus o constituiu rei. Ora sem o repouso do domingo, o homem seria apenas o primeiro entre os seres terrestres que governa, e esqueceria que o seu destino o eleva a mais alto que isso.

Depois de se haver apropriado, pelo seu trabalho, de todas as creaturas colocadas abaixo dele, deve, pelo nobre e santo descanso do domingo, voltar-se para Deus, sua origem e seu fim.

Se obrar de outro modo, e, se sem interrupção nem repouso, se mantiver afastado de Deus e sempre absorvido pelas suas lidas, tambem Deus se afastará dos seus negócios, que cessando de ser regulados pela lei divina a usura e a fraude prevalecerão nas praças publicas, nos bancos, nos armazens, nos escritorios.

Vêr-se-hão iniquidades que bradarão ao ceu, fortunas escandalosas, prosperidades sem honra, perfidias atroses, decepções inauditas, catastrofes sem nome.

Acostumar os homens a crer que todos os dias são igualmente bons para ganhar dinheiro, é como que persuadi-los de que tambem todos os meios são licitos e honestos para chegar á fortuna e ao bem-estar.

E é isto o que infelizmente se está vendo com frequência nos logares onde o dia do Senhor já não é conhecido nem santificado.

Não troquemos o tempo que passa rápido pela Eternidade que nunca mais finda.

AS CURAS DA FATIMA

Rosa Maria Ribeiro, de 22 anos de idade, solteira, natural de S. Tomé do Vade, Ponte da Barca, sofria ha 16 meses duma ulcera gastrica» que muito a fazia sofrer. Fez tratamento durante 10 mêses na sua terra com o Ex.mo Snr. Dr. Bernardo Vieira Ribeiro. Não obtendo melhoras algumas foi aconselhada a que entrasse no Hospital de Ponte da Barca onde permaneceu 2 mêses sem resultado algum. O mesmo medico foi então de opinião que viesse para o Porto para dar entrada num Hospital onde deveria ser operada.

Veio para o Porto onde esteve em casa da Ex.ma Familia Pestana durante 6 mêses em virtude da doente ter horror á operação que parecia inevitavel.

Nesta cidade começou tratamento com o Ex.mo Senhor Dr. Albino dos Santos mas como a cura parecia impossivel sem operação, chegou a ser vista pelo Ex.mo Sr. Dr. Couto Soares para dar entrada no Hospital. Este medico foi da opinião dos seus colegas, que a doente devia entrar imediatamente porque a doença tinha-se agravado bastante nos ultim»s tempos.

Desde o principio da doença submeteram-na ao regimen lacteo, porem desde os fins de agosto que dificilmente conservava o leite no estomago, tendo varios sintomas da gravidade da doença. A doente encontrava-se num grande estado de fraqueza, o que dificultava a autorisação do medico assistente para a sua ida á Fátima como era seu desejo. Foi lá no dia 12 de setembro do ano findo, encorporando-se numa pequenina peregrinação de 33 pessoas, que do Porto se dirigiu á Cova da Iria e na qual iam trez doentes, dois dos quais vieram curados fisicamente e um moralmente.

A doente fez muito má viagem, ficando em Leiria onde passou uma noite pessima. Na manhã de 13 dirigiu-se á Cova da Iria onde esteve sem tomar alimento algum até cerca da 1 hora da tarde. Recebeu Nosso Senhor o assistiu á Missa dos doentes com bastante sofrimento. A' benção dos doentes não sentiu modificação alguma no seu estado, porem á benção geral do povo sentiu-se repentinamente curada bem como a sua companheira doente, Narciza de Jesus Teixeira.

Ficou muito bem disposta e com apetite, tomando terminadas todas as cerimonias alguns alimentos frios sem se sentir mal. Fez otima viagem para o Porto, no meio de grande alegria e até hoje não voltou a ter mais sintomas alguns da doença. Engordou e tem muito bom aspecto. Vem tornar publico o seu reconhecimento a Nossa Senhora. Envia dois atestados dos medicos, comprovativos da sua cura.

ATESTADO

Eu abaixo assinado Doutor em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e medico municipal em Ponte da Barca, atesto pela minha honra que Rosa Maria Ribeiro, solteira, da freguesia de S. Tomé do Vade, deste concelho, foi por mim tratada desde o mez de maio de 1925 até março de 1926, de uma ulcera gastrica».

Nos mezes de maio, junho e julho fiz o tratamento em sua casa e como não obtivesse melhoras, mandei-a recolher ao hospital desta Vila onde esteve até o mês de outubro, seguindo o mais rigoroso tratamento e dieta, tendo-me orientado pelas prescrições que L. Pran faz no seu livro de «Therapeutique Unique des Maladies de l'Estomac», que em muitos anos me teem dado resultados maravilhosos mas que neste caso apenas deram um pequeno alivio á doente, que, como disse, teve alta no mez de outubro, pois desejava muito ir para casa.

Passadas poucas semanas voltava, tendo peorado bastante, e, nos mezes que se seguiram até março de 1926, longe de melhorar ia sempre a peor. O seu estado geral principiava a sofrer a influencia da sua doença do estomago e os sintomas desta iam-se agravando.

Aconselhei a doente a ir ao Porto para ser radiografada e no caso de a mesma indicar que devia ser operada se submeter a uma intervenção cirurgica pois que varios medicos tinham desesperado de a curar.

Tive conhecimento de que no Porto não tinha obtido melhoras, antes pelo contrario o seu estado se agravara e que no mez de setembro quando foi a Fatima se sentiu muito mal.

Hoje está completamente curada não havendo nenhuma terapeutica que pudesse fazer uma cura tão completa e perfeita, sendo necessario admitir a intervenção de um poder sobrenatural para explicar o facto.

Por ser verdade passo o presente que assigno.

Ponte da Barca, 11 de Dezembro de 1926.

(a) *Bernardo Maria Coelho Vieira Ribeiro*

(Segue o reconhecimento)

OUTRO ATESTADO

Rosa Maria Ribeiro, *de 22 anos, vem sofrendo do estomago ha cerca de 17 mezes.*

No exame a que procedi em 8 de setembro findo, a palpação do epigastro era muito dolorosa, e segundo me disse, tinha tambem dores espontaneas e intolerancia para todos os alimentos, excepto o leite.

Pelos sintomas objectivos e pelas queixas da doente, parecia tratar-se duma gastrite ulcerosa.

Voltando a ver hoje a doente notei que o epigastro era indolor á pressão mesmo profunda, e, segundo afirma, já não sente dores e pode tomar todos os alimentos sem qualquer incomodo.

Parece que a doente está curada não tendo tomado qualquer medicamento entre estas duas consultas.

E por ser verdade e me ser pedido, passo a presente declaração.

Porto, 11 de outubro de 1926.

(a) *Albino Domingues dos Santos (medico)*

(Segue o reconhecimento)

Victor Ferreira Paulino, Rua da Praia do Bom Sucesso, 33—2.º Dr.—Pedrouços diz o seguinte:

Eu sofria há 20 annos de varizes nas pernas. consultando varios medicos sem resultado. Dando uma pancada há 3 anos apareceu-me um eczema. Desde então ora estava mezes de cama, ora andava arrumado a 2 bengalas. Recorrendo ao tão milagroso chá da terra de nossa Senhora de Fátima; comecei ora sentindo alivios, ora agravando-se com novas crises. Quantas lagrimas me correram pelas faces imagrecidas Não tenho vergonha de o dizer sendo homem mas o sofrimento era tanto...

Noites e dias sem socêgo, de quando em quando pondo paches sempre molhados no chá da terra; e nossa Senhora á minha cabeceira noite e dia iluminada, e eu sempre com o meu terço, rezando de quando em quando. Quantas vezes desesperei... julgando não ser digno de tão grande graça de nossa Senhora.

Varias pessoas me quizeram desviar de tão simples tratamento, por não terem fé.

Felizes dos que creem em Deus Nosso Senhor, e na proteção de nossa divina Mãe, que nunca desampara aqueles que n'ela confiam plenamente. E' isto o que me fazia compreender uma piedosa menina Julia Marques Morgado. Que nossa Senhora lhe conceda a graça de curar com a Santa Agua.

Em 13 de Maio de 1926, já com grandes melhoras, mas ainda com muita dificuldade fui a Fátima e obtive a benção dos doentes. Continuei a melhorar com a graça de Nossa Senhora—e em 13 de Julho do corrente fui agradecer a Nossa Senhora; pois já me considero curádo.»

Narciza de Jesus Teixeira, de 28 anos de idade, natural de Cahide, sofria ha 6 anos de uma doença de estomago a que os medicos davam o nome de dyspepsia dolorosa a qual a impediu de tomar qualquer alimento, excepto leite, durante este longo espaço de tempo; por vezes nem mesmo este podia tomar, aguentando-se a tomar apenas chá. Logo no principio da sua doença consultou, no Porto, o Dr. Pinto Leite que a radiografou encontrando um principio de ulcera, ainda muito pequena, mas que já fazia sofrer muito a doente. Submetendo-a ao tratamento exclusivo de leite, não experimentou melhoras, passando depois a ser tratada pelo Dr. Alberto Pimenta que lhe fez varias lavagens ao estomago continuando com o mesmo regimen lacteo.

Passou ainda por varios medicos, mas sempre sem colher o mais pequeno beneficio, passando no meio dos maiores sofrimentos os ultimos 6 anos.

Residia habitualmente .n Cahide, onde era seu medico assistente o Dr. José Faria, o qual lhe passou o atestado comprovativo da sua enfermidade nos primeiros dias de Setembro quando a doente pensou em ir á Fátima.

Por este tempo sofria horrivelmente, tendo a maior intolerancia, mesmo pelo leite o que a obrigava a tomar quasi exclusivamente chá.

Fez má viagem desde o Porto até Leiria onde ficou na noite de 12 para 13, tomando ali uma pequena porção de agua de N.ª Senhora. No dia 13 recebeu a Sagrada Comunhão na Cova da Iria cerca das 10 horas, tomando depois com grande custo uma pequena porção de leite e depois agua de N.ª Senhora por algumas vezes até ao fim da Missa dos doentes, benção e procissão de N.ª Senhora.

Durante todo o tempo que permaneceu no abrigo dos doentes esteve num grande mal estar, cheia de dores e aflições não sentindo o menor alivio nem mesmo na ocasião da benção especial, dada com o S. S. Porem á benção geral do povo sentiu desaparecer todo o seu sofrimento e mal estar, ficando completamente curadá e sentindo imediatamente disposições e apetite para comer.

Terminadas todas as cerimonias tomou alguns alimentos frios sem sentir o mais ligeiro incomodo. Assim continuou o resto do dia fazendo de noite a viagem para o Porto sem sofrimento algum. São passados 10 mezes sem que nunca mais lhe aparecesse signal algum da doença e come de tudo sem que os alimentos, ainda os mais pesados, lhe façam mal. Tem presentemente bom aspecto, um pouco rosada, sendo antigamente bastante palida.

Para manifestar o seu reconhecimento a N.ª Senhora quer tornar publica a sua graça especial que recebeu da Mãe de toda a misericordia.

Outras graças

Obtiveram graças que veem agradecer a Nossa Senhora do Rosário da Fátima e que prometeram publicar:

José de Freitas, da freguesia de Boaventura (Funchal): *Alice Martins Mano*, rua Damasceno Monteiro-12-2.º, Lisboa; *Francisco Pereira Mata*, de Coimbra; *Felisbela de Jesus Madureira*; rua 31 de Janeiro, 80, Porto; *Maria José Tamagini de Carvalho*, de Labugueira, (Alenquer); *Maria Emilia Queiroz e Lemos*, da Casa do Cruzeiro, Vizeu (em grande aflição por doença de seu marido); *Francisco Lobato Leitão*, de Andreus, Sardoal (em perigo de se perder uma carta de importancia); *uma filha de Maria*, de Lamego (o alivio de grandes dores, quási impossibilitada de se mover); *Olinda Portocarrero*, hospital de Santa Cruz Braga (a cura de uma religiosa desenganada do médico); *Maria da Conceição Gambôa*, de Olhalvo (em doença grave de seu marido); *Amélia Chevalier Loureiro*, do Prado (Braga); *António F. Sargaço*, de Fornos (Arazéda), esteve tres anos doente; *Carlota de Vilas Boas Porto*, trav. Enviado d'Inglaterra 1-2.º, Lisbôa (uma graça que parecia impossivel obter); *Dr. Inocencio Asterio de Menezes Lins*, Juiz de Direito em Maroim, Sergipe, no Brazil (prometeu assignar a *Voz da Fátima* e rezar de joelhos com a familia, durante nove dias, o terço a N. Senhora, mesmo antes de obter a graça da actual colocação); *Maria do Rosário Nobre*, professora na Escola Normal de Braga, obtendo a graça de sua promoção que debalde esperava havia oito anos apesar de ter direito a ela e que alcançou logo que recorreu a N. Senhora; *Maria Aurora Fonseca e Silva*, de Valega, Ovar, no meio de uma grande dificuldade recorreu a N. Senhora da Fátima, rezou uma Avé Maria e foi atendida: *Eduarda Albertina Tavares de Sant'Iago*, da Lapa do Lobo (Canas de Senhorim), um caso muito dificil; *Eugenia d'Abreu Castelo Branco*, da Louzã, a graça de a ter curado d'uma doença que muito a fazia sofrer e uma pessoa de familia que só começou a melhorar quando lhe deram água da Fátima: *Maria Olinda Lopes*, do Concelho de Vila Nova d'Ourem, prometeu uma novena de terços e fazendo uso da água da Fátima viu-se livre do sofrimento em um pulso que o médico reputava incurável: *Maximiana dos Santos*, de Salvaterra de Magos, estando um seu filho á morte; *Olivia Inês da Rocha*, rua Armenia, 30-Porto, sofrendo três anos dos pulmões e começou a melhorar desde que recorreu a N. Senhora: *Uma devota* da freguesia de Montelavar, Sintra; *Maria da Glória*, do Carregal (Ourem); *Gracinda Acabona*, da Murtoza, em uma grande aflição, *Maria Emilia Alves Diniz*, de Lagares da Beira, oferece o seu trancelim de ouro por uma graça recebida; *Leonor d'Oliveira*, de Lagares da Beira; *Maria Gloria Ferrão Braz Ribeiro*, duas graças; *João José d'Araujo*, *de Ponte Delgada*.

O menino Antonio da Costa Cunha Viana (e seus paes) curado miraculosamente conforme a narração e atestado publicado a folhas 4 do n.º 57 de 13 de Junho ultimo, da VOZ DA FATIMA.

Uma lista interessante

Porque não ouviste missa hoje? (pergunta a tia Izabel ao sobrinho João).

— Ora, respondeu este, aquêles que vão á missa todos os dias, não são melhores do que os outros.

Depois de uma pequena demora e como que tratando-se doutro assunto, disse a tia:

— João, queres fazer-me um favor?

— Pois não! Com muito gosto.

— Procura os nomes de trinta pessoas

da cidade, as peiores que conheces, e traze-me esta lista.

— Mas que quere fazer com ela?

— Eu t'o direi.

João, embora achasse a ideia da tia bastante extravagante, fez a lista pondo nela o que havia de mais canalha em toda a cidade.

— Então, dize-me cá, é esta a gente (pergunta ela ao sobrinho) que vai á Missa?

— Ah! isso não.

— Pois então, João, já vês que não são os que vão á Missa que engrossam a fileira dos vagabundos.

E se ha entre os católicos práticos alguns que não são melhores que os *outros*, não é porque vão á Missa mas simplesmente porque não sabem aproveita-la como deveriam.

VOZ DA FÁTIMA

Despeza

Transporte...	73.695$26
Papel, composição e impressão do n.º 58 (35:000 exemplares...	2.101$00
Sêlos, expedição, gravuras, caminho de ferro, etc	555$19
Outras despezas	251$00
Soma...	76.602$45

Subscrição

(Outubro de 1926)

Enviaram dez escudos: D. Perpétua Cardoso Norberto, D. Maria Cardoso Norberto, D. Aurora Tavares Pereira, D. Circuncisão Castilho Miranda, P.e António Rodrigues Pereira, Caetano Moreira, José Fernandes d'Oliveira Mendes, D. Carolina da Silva Correia de Lacerda, Mendes Mimoso, D. Estefania Maria da Silva Correia de Lacerda Mendes, D. Clara Adelaide Bastos, D. Maria da Gloria Miranda da Rocha, Piedade Lourenço, P.e José Ferreira Faustino, Duarte José d'Oliveira e Carmo, D. Antónia de Jesus, Carlos Abreu Costa Reis, D. Ludovina de Jesus Lopes, José Clara, D. Palmira Rosa Belo, D. Antónia da Silveira Pinto, D. Alice Sobreira de Assis Martins, D. Ester Pires, D. Maria da Glória Pacheco Pereira D. Maria do Carmo Ribeiro, D. Maria Salema d'Avilez, D. Maria Perestrelo Orey, D. Luiza Empis, D. Olimpia Pereira Coutinho, D. Candida Nunes Ribeiro, D. Julieta Alves Vedras, D. Maria Teresa Pinheiro Chagas, D. Maria Leonor Tomé, D. Gertrudes Magna Salgueiro Dias, Victorino Gomes, D. Felicidade Amorim, D. Angela da Silva Taveira, Eugénio Vaz Vieira, D. Maria Augusta P. Gomes, Alberto Gomes (20$00), D. Maria Rosa de Jesus, Joaquim Manuel Gravato, Joana Baeta, D. Maria dos Anjos Ferreira, Faustino Daniel, D. Maria Lucinda Barbosa Matos, D. Umbelina da Conceição Dias, D. Agueda Gonçalves da Silva, D. Maria da Boa Morte Coelho, D. Maria Amélia de Magalhães Mexia de Sande Salema da Costa, Manuel Simões Barcelos, Nicolau d'Almeida, António Marta, D. Ana Patrocinio Neves, José Julio da Silva, D. Maria da Conceição Vieira, D. Eleisa Miramon Rios, D. Mariana Anália Afonso, D. Maria G. Polvora, D. Beatriz Rodrigues, (20$00), Manuel Rodrigues, João Fernandes Casqueira, D. Maria Ribau, P.e José Maria Ribau, D. Antónia Gaspar Fernandes Gião, D. Ana da Conceição Sousa, António Alves Fragal, D. Maria Antónia Gaspar Mendes Marques Tapú, Dr. Weiss d'Oliveira P.e Manuel Fernandes (20$00), P.e António Fernandes, D. Maria Carolina Ferreira Dias, D. Emilia da Conceição Marques, D. Maria Laura de Morais, P.e Roberto Maciel, D. Maria Irene da Silva Passos, Joaquim Miranda, D. América da Glória Torres Ribeiro das Neves, Mateus Leiria, D. Jovita Zenha Conego Manuel Fernandes Nogueira, (20$00), D. Joseja G. Castanheira, D. Maria da Piedade Almeida, P.e António Gomes S. Miguel (8$00), Silverio Pereira da Conceição, D. Maria Reis Duarte, D. Luiza Stadlin (20$00), Norberto da Conceição Ramos, D. Maria Rita Pereira da Cunha (20$00), P.e José Gonçalves da Costa, Maria Albina de Jesus, D. Maria Rosa da Mota, D. Laurentina da Silva Miranda Nunes, D. Joaquina d'Albuquerque, D. Adilia de Vasconcelos, D. Filomena Augusta Pinto Dias, D. Maria Luiza dos Remédios de Moura Abranches, D. Alice Ramos Simões (18$00), António Rodrigues Coelho, D. Angela Maria de Sá Botto Machado, D. Herminia Neto, D. Maria José Campos, D. Maria da Conceição Coelho (11$00), D. Marta da Luz Teixeira Rodrigues, José Fernando Reynolds de Sousa, D. Joaquina d'Almeida, Manuel Rodrigues de Sousa, D. Engrácia d'Assunção Covas (de jornais: 90$00). D. Henriqueta Meireles, José Pereira Claudio, D. Aurora Antunes, D. Ester Neves Pais de Brito, D. Justina Teixeira de Carvalho, D. Albertina Azambuja, Teixeira de Carvalho, P.e António Alves Pereira, José Fernandes, P.e Amadeu Pereira Cardoso, Emilia Rosa de Jesus, D. Angelina Dias Espírito Santo (40$00), D. Maria Beatriz Pinheiro Guimarães, P.e Jaime José Ferreira, D. Teresa Xavier Ramos Neto, D. Virginia Augusta Lopes Campos, D. Arminda Santos, Pároco de Beiriz.

Episodios Eucaristicos

Bemaventurados os que teem fome... — Duas petizinhas, irmãs, ambas alunas dum colegio. — A mais novinha, apenas de cinco anos, já tem fome de Jesus e suspira pelo dia em que o seu coração se tornará em um cibório vivo. E' com uma santa inveja que ela vê a sua irmã mais velha avançar cada dia para a Santa Mêsa. Uma vez que esta se conservava toda recolhida na sua acção de graças, a mais novinha sobe para o genuflexorio, chega os lábios aos ouvidos da irmã e com força sopra estas palavras: «*Dize-Lhe que eu O amo muito, muito*»!

* * *

Tenho outras ovelhas é necessário que eu as traga... Anda á roda dos cincoenta esta primeira comungante, a boa Miramba, que depois de bem rasgada nos silvados do caminho caiu no apostólico laço d'uma religiosa. Ela agora é feliz e tão feliz que declara a quem quer ouvil-a que, se a sua felicidade presente continuasse, não pediria outro Céu.

Ela tinha perfeitamente compreendido que o céu era Deus e que este estava na sua alma.

Antes de sua primeira Comunhão, quando lhe falavam no amôr de Nosso Senhor e quanto Ele o provou na sua dolorosa paixão, exclamava: «Ah! Porque é que não m'o disseram ha mais tempo? Se eu soubesse tudo isto que Ele tem feito por mim eu nunca o teria ofendido.»

Coincidencias interessantes

Uma madrugada de fevereiro, Emilia de Figueiredo, casada em Leiria, foi lavar a sua roupa a um regato existente a pequena distancia da cidade. Esperava-se revolução e a cidade estava rodeada de policia. Por isso e pelo escuro a Emilia ia cheia de mêdo. Para o disfarçar, emquanto lavava, pôz-se a cantar os versos das Aparições de N. Senhora da Fátima.

Quando já era dia viu luzir qualquer coisa no fundo da água. Qual não é o seu espanto quando depara com uma medalha de Nossa Senhora da Fátima cujas misericórdias cantára toda a madrugada.

Esta é a primeira coincidencia, que ela, admirada, não cessava de contar á visinhança.

Dias depois partia para a revolução o soldado seu visinho Alfredo Raimundo, também casado, nesta cidade; partia cheio de tristeza porque tinha o presentimento de que ficaria por lá, varado por alguma bala Assim o comunicou á sua visinha Emilia que o animou, dizendo-lhe que não morreria porque o ia pôr sob a protecção de N. Senhora e lhe emprestaria a medalhinha que tinha encontrado quando lavava a roupa, mas esperando que êle lh'a restituisse.

Um dia chega a Emilia a casa e dizem-lhe que o Alfredo já estáva na forma para partir para Lisbôa. Como mora perto do quartel vai ao encontro da força, observa de que lado ia o Alfredo e consegue, sem ser notada, entregar-lhe a medalha, que ele guardou.

Em plena revolução em Campolide, caiu, sem saber como, e querendo levantar-se parecia que tinha em cima um enorme pêso que lh'o nao permitiu. D'ali a pouco sente-se amparado pelos seus camaradas que o levantaram, verificando-se então que o soldado tinha o capote e mochila varados de balas sem que nenhuma o atingisse. Voltando a Leiria todos os que sabiam dos acontecimentos lhe davam os parabens, incluindo a visinha Emilia que exigiu a entrega da medalha, a que o Alfredo se opôz, exclamando: «peça-me tudo, menos essa medalhinha que me salvou a vida e que não mais sairá do meu peito».

A visinha concordou e não mais exigiu a medalha.

Firmes!...

—Quando entrei como aprendiz numa casa muito conhecida (assim contava um operario), os meus companheiros tentaram logo arrancar-me os sentimentos cristãos, empreza que julgaram facil, porque eu não tinha então mais que treze anos e meio.

Mas, por graça de Deus, não me deixei intimidar pelos sarcasmos nem comover pelos sofísmas.

Um incidente, pouco importante na aparencia, acabou por me conciliar senão as simpatias de meus camaradas, ao menos o respeito por minhas convicções. Perguntou-me, certo dia, um companheiro que horas eram.

Respondi-lhe que visse no bolso do paletot, onde eu tinha deixado o relogio. Ele achou juntamente o terço, de que começou a fazer grande troça.

Sem me amedrontar dirigi-me a ele e disse-lhe.

—Este é um objecto sagrado. Não permito que estejas a escarnecel-o. Da-mo cá já.

—Então tu tambem usas desses trastes de beatas?

—Uso do que quero e não tenho que dar-te satisfações.

—Cuidado, disse o outro, que não te suceda qualquer coisa desagradável, se isso se tornar notorio.

—Pela minha religião morrerei, até, com todo o gosto.

Vendo que eu não me acobardava. calaram-se e nunca mais me apoquentaram.

Eis quanto vale não ter medo!

E não esqueçamos *que* diz N. Senhor, *quem se envergonhar de mim, eu me envergonharei d'ele.*

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	5.107$55
M. Maximo	10$00
	5.117$55

CUIDADO!...

Voltaire, o inimigo mais feroz e obsecado que teve a nossa sacrosanta Religião, teve o descaro e a audácia de emprazar o nosso Divino Salvador para uma determinada data.

«Asseguro-vos, dizia em uma carta ao seu amigo e correligionário Frederico II da Prussia, que dentro de 20 anos o Galileo (assim chamava a N. Senhor Jesus Cristo) terá um bom dia».

Sem duvida a Justiça divina aceitou o repto. A 28 de Fevereiro de 1778, isto é, no mesmo dia em que se completavam os vinte anos (a carta, que se conserva ainda hoje, fôra escrita a 28 de Fevereiro de 1758), Voltaire exalava o seu derradeiro suspiro, no meio das mais dolorosas convulsões, proferindo as mais horríveis blasfémias e devorando os seus proprios excrementos...

O seu médico, *Trouchin*, diz, no descrever a sua morte: «quizera que todos os que se hão deixado seduzir pelos livros de Voltaire assistissem á sua morte; não era possível resistir a semelhante espectáculo».

Suportar o próximo

Ha gente que não pode viver em paz com ninguem e, com franqueza, é um grande defeito moer a paciencia dos outros pelo nosso mau humor.

Suportar pacientemente os defeitos do próximo e com espirito de caridade, é um grande dom.

O Celebre Cassiano de quem existem muitas obras e, entre elas as Conferencias dos Padres do deserto, conta que uma alma de Alexandría, tinha tanto amôr ao sofrimento, que não contento de suportar de boa vontade os que Deus houvesse por bem enviar-lhe, procurava ainda com ardor tudo o que podia dar-lhe ocasião de sofrer e exercer a paciencia.

Nesse tempo a egreja d'Alexandria sustentava muitas viuvas e ela, para auxiliar a Egreja, foi pedir a Santo Atanásio que lhe mandasse lá uma para casa para ela a sustentar.

O Santo, tendo louvado muito o seu designio pediu que lhe escolhessem uma de espirito manso e de grande piedade, a quem ela levou para casa rodeando-a de toda a sorte de atenções e cuidados.

Mas como esta pobre mulher não cessava, a todo o momento, de a louvar e agradecer as suas bondades foi ter com o santo bispo e queixou-se de que tendo pedido uma mulher que lhe desse ensejo de se vencer e merecer, acontecia o contrário.

Santo Atanásio não compreendeu logo o alcance da queixa e imaginou que se não tinham cumprido as suas ordens, mas, melhor informado, e sabendo que tinham escolhido uma viuva cheia de piedade, compreendeu o que aquela senhora queria dizer nas suas queixas e tratou de lhe fazer a vontade.

Mandou que lhe escolhessem uma de espirito rabugento, d'um génio impossivel (e esta, diz Cassiano, foi bem mais fácil de encontrar que a outra).

Efectivamente a escolhida era sêca, colérica, acrimoniosa, queixando-se sempre de tudo. Fel-a conduzir para casa desta senhora e esta procurou tratal-a ainda com mais carinho que a outra. Em paga não recebia senão ingratidões, queixas e maus tratos.

Esta má viuva contrariava-a continuamente em tudo e levava ás vezes a sua colera até ao ponto de lhe bater.

A santa mulher encontrou, pois, mais do que desejava e foi agradecer a Santo Atanásio ter-lhe enviado uma mulher que a ensinava a ser paciente e lhe fornecia todos os dias tantas ocasiões de merecer.

A's vezes ela sentia sobre si todo o peso d'aquele fardo mas nem por isso deixava de continuar no seu modo de proceder.

Depois de ter assim vivido algum tempo neste exercício da caridade e da mortificação, morreu santamente no Senhor.

Suportando o próximo, fazemos mais bem a nós mesmos que aos outros. Não poderemos talvez senão conservar ou curar o corpo dos outros mas resuscitamos ou conservamos a nossa própria alma amando-os e assistindo-os.

A caridade é um negócio em que se recebe muito mais que se dá.

Ano V Leiria, 13 de Setembro de 1927 N.º 60

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE AGOSTO)

A grande peregrinação do Porto.— Apostolado da Oração de Paranhos. - O Rev.º Dr. Manuel Pereira da Silva.— Solene triduo de preparação.— O Santo Dr. Francisco Cruz.— Missa de Comunhão Geral.

No dia treze do mês de Setembro do ano findo, a nobre e gloriosa cidade da Virgem trouxe algumas dezenas de seus filhos em terna e piedosa romagem, aos pés da sua augusta Padroeira, erguida em throno de misericordia e de amor no venerando Sanctuario de Fatima. Muitos doentes, em estado bastante grave acompanharam a peregrinação afim de implorarem a cura de seus males, e Aquela que com razão é chamada a Saude dos enfermos —*Salus infirmorum*— envolveu-os num doce olhar de compaixão, curando uns, melhorando outros, convertendo alguns, confortando e consolando todos com a ternura inefavel do seu coração maternal.

A noticia dos inumeros favores extraordinarios com que essa minuscula mas bem organisada peregrinação, que não perfazia um total de cincoenta pessoas, foi privilegiada pela Mãe da divina Graça, espalhou-se com uma rapidez prodigiosa pela região do norte do paiz e ao mesmo tempo que propagava a devoção a Nossa Senhora de Fatima suscitava a ideia de uma nova romagem, mais numerosa e mais imponente, e preparava o ambiente para a sua realisação.

E assim foi que a direcção do Apostolado da Oração de Paranhos, de acordo com o abade daquela freguesia rev. dr. Manuel Pereira da Silva, tomou a iniciativa de organisar uma peregrinação do Porto a Fatima, precedida da conveniente preparação religiosa.

Nos dias 9, 10 e 11 de Agosto efectuou-se, na linda e espaçosa igreja parochial um triduo solene, tendo prégado todos os dias o rev. dr. Cruz, cuja fama de santidade atrahiu áquele templo um concurso extraordinario de fiéis de todos os pontos da formosa capital do Norte. As verdades eternas e os preceitos da moral cristã foram expostos pelo orador com a proficiencia e a unção que lhe são peculiares, tendo produzido as suas singelas mas substanciosas praticas fructos abundantes e uberrimos de salvação. No dia 12, pelas oito horas, celebrou-se a missa de Comunhão geral, aproximando-se devotamente da meza eucaristica centenas de fiéis na sua grande maioria peregrinos.

Para o brilho e relevo acentuadamente piedoso que tiveram estas solenidades assim como para a boa organisação e exito feliz da peregrinação — a primeira grande peregrinação do Norte que levou a Fatima mais de 600 portuenses— contribuiram em larga escala o extremado zelo e dedicação do rev. abade de Paranhos e do rev. dr. Cruz assim como o esforço incansavel e a abnegação a toda a prova dos membros da direcção do Apostolado da Oração daquela freguesia, entre os quaes, sem desprimôr para ninguem, são dignos de especial referencia, os srs. Joaquim José Esteves e Antonio Costa.

Outro trecho da peregrinação nacional de 13 de Maio ultimo

Na estação de S. Bento.— Partida do comboio especial. — Durante a viagem.— A nobre e linda princeza do Liz. — Na vasta e magestosa Sé Catedral. — Alocução de boas vindas do venerando Antístite Leiriense.— Benção do Santíssimo

A partida do comboio especial, que havia de conduzir os peregrinos do Porto á encantadora princesa do Liz, estava marcada para a uma hora da tarde. Pouco depois do meio dia começaram a afluir á estação de S. Bento os peregrinos cuja entrada na gare lhes era facultada mediante a apresentação da competente senha de inscrição. Os chefes dirigiam o serviço com serenidade e cordura tão difíceis de manter em tais ocasiões e os peregrinos esmeravam-se na obediencia pronta ás instrucções que lhes eram dadas.

Só quasi ás duas horas os ultimos peregrinos conseguiam ocupar os seus logares.

Na plataforma, parentes e pessôas das suas relações, em grande numero, faziam as suas despedidas. Momentos depois o chefe da estação dá o signal da partida, ouve-se o silvo estridente da locomotiva e o comboio especial larga a todo o vapor na direcção do sul, transpondo montes e vales na sua marcha veloz em demanda da região dos misterios e dos prodigios, a terra sagrada e mil vezes bemdita de Fatima.

Durante a viagem os peregrinos nas suas respectivas carruagens rezam o terço em comum, geralmente sob a presidencia dum sacerdote, e cantam piedosos hymnos de louvor á Virgem. O chefe do comboio procede á revisão dos bilhetes usando sempre duma gentileza e amabilidade captivante para com todos os passageiros, sem por isso deixar de cumprir conscienciosamente os seus deveres profissionaes. Nalgumas estações o comboio pára, com curta demora, afim de receber novos peregrinos ou por exigencias do serviço ferroviario. Durante o percurso os empregados das estações e as demais pessoas que estacionam nas plataformas acolhem com visiveis demonstrações de respeito e benevolencia, se não de sympatia, a passagem da peregrinação ao nosso primeiro sanctuario nacional.

A's sete horas da tarde o comboio entra nas agulhas na estação de Leiria. A gloriosa cidade episcopal debruça-se sobre as mansas aguas do rio Liz para nelas ver retratados os seus encantos e do alto do seu velho e historico Castelo, de ameias arruinadas, contempla, absorta em extase, a planicie imensa, rica de hortas e pomares, povoada de aldeias e casaes, que se estende a seus pés por léguas e léguas sem conto. Vehiculos de todas as especies e tamanhos, transportam para Leiria a onda humana que o comboio despejou e meia hora depois era cheio de encanto o espectaculo que oferecia a Sé Catedral que tinha vestido as suas melhores galas para receber festivamente no seu seio a grande e luzida embaixada da cidade da Virgem.

Centenas de lampadas electricas iluminavam o vasto recinto que comportava uma multidão imensa composta de peregrinos e de habitantes da cidade que com eles queriam confraternisar desde a primeira hora aos pés de Deus e junto do altar de Maria. O venerando e ilustre Prelado, sua excelencia reverendissima o senhor D. José Alves Correia da Silva, aproveita o ensejo para numa breve e eloquente alocução verdadeiramente paternal, impregnada de fé e dictada pelo seu bondoso coração de Pastor d'almas, dar as boas vindas aos seus hospedes de alguns dias é recomendar-lhes que façam

a sua romagem com espirito de piedade e penitencia.

A benção do Santissimo poz remate a esta singela mas tocante recepção, dirigindo-se logo muitos peregrinos para Fatima e ficando outros ainda durante algum tempo em Leiria para jantar ou descansar.

Uma respeitavel senhora desta cidade, num rasgo altamente sympatico de rara gentileza, ofereceu um grande cesto com deliciosa fructa das suas propriedades, para que os peregrinos mais sequiosos se refrigerassem comendo-a por ocasião da sua chegada.

Ascenção da montanha sagrada.—Imponente e magestosa procissão das velas.—Primeira adoração nocturna na Cova da Iria.—Preces e canticos.—Benção do Santissimo Sacramento.—Missa d'Alva.

Durante todo o dia de sexta-feira, vespera do decimo aniversario da ante-penultima aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos, numerosos peregrinos, de todas as classes e condições sociaes e de diversos pontos do paiz percorrem a pé ou em vehiculos de todos os feitios e tamanhos, as estradas que conduzem a Fatima.

Sobre a tarde, pela noite adeante e principalmente ás primeiras horas da manhã o concurso de peregrinos intensifica-se dum modo assombroso despejando como um rio gigantesco verdadeiras catadupas humanas na vasta bacia do local das aparições.

A's 9 horas da noite realisa-se mais uma vez a magestosa procissão das velas, a que imprimem um singular realce a presença da maior parte dos peregrinos do Porto, a piedade sincera e profunda de todos os fieis de ambos os sexos que nela tomam parte e a bôa ordem e regularidade com que se desenrola desde o principio até ao fim, em que se canta o *Credo* de Lourdes.

O Rei do Ceu e da terra, oculto sob as especies de pão no seu Sacramento de amor, a Santissima e Augustissima Eucaristia, é exposto pela primeira vez durante a noite na Cova da Iria á adoração dos fieis sobre um trono de luzes e de flores armado com muita arte e gosto no altar-mór da Capela das missas.

E' então que as almas eleitas ali presentes ou dispersas pelo paiz que, num rasgo de amor e generosidade se ofereceram á Justiça divina como victimas de expiação pelas culpas individuaes e pelas iniquidades colectivas da nossa Patria, volvem os olhos ou o pensamento para Jesus-Hostia—a Victima por antonomasia—afim de apresentarem ao Eterno Pae em união com Ele e no mesmo espirito de reparação e desagravo, o incenso rescendente das suas adorações e das suas suplicas, o ouro precioso do reconhecimento da realeza e dos direitos de Deus, e a myrra agri-doce dos seus sacrificios, das suas renuncias e das suas imolações compensadoras. No meio do silencio e da solidão da noite, á luz de prata de um pallido e formoso luar naquela estancia privilegiada, onde cada pedra é testemunha de um prodigio do Ceu, o espirito alheia-se mais facilmente das preocupações do mundo, a oração é mais intensa e fervorosa, o recolhimento torna-se mais profundo e a multidão apezar do frio e do desconforto do local ao ar livre, permanece de joelhos, rezando e cantando, num preito ardente de gloria, amor e reparação ao Rei imortal dos seculos.

Após a hora de adoração em comum, a peregrinação do Porto, então já presente na quasi totalidade dos seus membros, faz a sua hora privativa de adoração, mantendo sempre o maior respeito e dando inequivocas provas de uma piedade solida e bem formada.

Põe remate a estes cultos encendrados a Jesus-Hostia a benção com o Santissimo Sacramento.

Por fim, ás quatro horas e meia da manhã começa a longa serie de missas celebradas pelos sacerdotes peregrinos. A primeira é a do rev. dr. Manuel Marques dos Santos, professor do Seminario de Leiria e capelão director da Associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosario de Fatima.

Assistem a ella, entre outras pessoas, muitos escoteiros e servitas, que recebem, com a mais viva e edificante devoção, o Pão dos Anjos.

Peregrinação dos Riachos.—Grupo de peregrinos de Torres Novas.—Grupo da Murtosa.—Fé e piedade dos peregrinos.—Confissões e Comunhões.

Riachos, pequena povoação laboriosa e profundamente christã, situada entre a estação do Entroncamento e a villa de Torres Novas, enviou este mês a Fatima uma luzida representação para depôr aos pés da Augusta Virgem do Rosario as homenagens da sua veneração e do seu amor filial.

Eram mais de cem os membros desta brilhante e piedosa embaixada, a que presidiu o venerando paroco, o rev. Paulo Marques, sacerdote ilustrado e zeloso, que vive todo entregue á pastoreação da grei que Deus confiou á sua guarda, cuidando com a maior solicitude e dedicação dos seus interesses espirituaes e materiaes.

Aproveitando o ensejo para visitarem o grandioso mosteiro da Batalha, padrão, immortal das nossas glorias nacionaes, os peregrinos em vez de partirem directamente para Fátima, seguiram em camions para Leiria, onde chegaram no dia 13 de manhã, e em cuja catedral ouviram a santa Missa celebrada pelo venerando Prelado, que lhes fez uma tocante pratica e lhes ministrou a Sagrada Comunhão.

De Torres Novas seguiu tambem para Fatima um apreciavel numero de romeiros, todos socios da Associação da Juventude Catholica daquella importante villa, constituindo um grupo presidido pela figura inconfundivel de padre e de pastor d'almas que é o rev. João Nunes Ferreira, parocho de S. Pedro de Torres Novas. A Murtosa enviou egualmente ao local que a Rainha dos Anjos santificou com a sua presença visivel, uma brilhante pleiade de filhos seus, que não recuaram perante as fadigas de uma longa jornada em *camion* por estradas quasi intransitaveis.

Edificava a todos a devoção dos peregrinos, sobretudo dos homens e rapazes, que se associavam sem respeitos humanos e com a maior gravidade e compostura aos actos de piedade collectivos.

As confissões de pessoas do sexo masculino, unicas até hoje auctorisadas nos Sanctuarios da Cova da Iria nos dias 13, mercê da falta de sacerdotes disponiveis para atender todos os que precisam de recorrer ao tribunal da penitencia, elevaram-se a muitas centenas, e não foram mais numerosas porque a maior parte já se tinham preparado nas suas terras com a confissão sacramental para poderem fazer a Comunhão em Fatima.

Desde as cinco horas da madrugada até cerca das duas horas da tarde foi distribuido o Pão dos Anjos a muitos milhares de fieis que para o receberem se colocavam em extensas filas duplas, cujas extremidades chegavam por vezes até ao meio da esplanada. Sublime e emocionante espectaculo, que impressionava profundamente e comovia até ás lagrimas!

O Posto das verificações medicas.—No Pavilhão dos doentes.—Dedicação dos servos e servas de Nossa Senhora do Rosario.—A miraculada Rosa Maria Ribeiro, do Porto.—Procissão da veneranda Imagem.—A Missa Oficial.—Benção dos doentes.

A affluencia de doentes ao Posto das verificações medicas para alli serem observados e obterem a desejada senha de ingresso no respectivo Pavilhão não foi inferior á dos dois mezes anteriores. Preside ao serviço de inspecção medica o dr. Pereira Gens, da Batalha, director do Posto. O accesso é regulado pelos servitas e escoteiros, transportando aqueles os doentes e fiscalisando estes as entradas. Perante os medicos vae desfilando a interminavel theoria das victimas do sem numero de males physicos que afligem a pobre humanidade.

Conduzidos em macas do Posto para o Pavilhão, ou tendo seguido para lá por seu pé os que o podiam fazer, os doentes rezam cheios de confiança suplicando a cura das suas enfermidades ou ao menos o balsamo do conforto celeste e a perfeita conformidade com a vontade de Deus. Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosario rivalisam uns com os outros em dedicação, sollicitude e carinho para com esses pobres membros padecentes da Igreja militante, multiplicando-se, por assim dizer, para atenderem a todas as suas necessidades.

Entre as pessoas que foram agradecer a sua cura a Nossa Senhora chama a attenção dos peregrinos uma rapariga de nome Rosa Maria Ribeiro, de 22 anos de edade, de Santo Thomé do Vale, Ponte da Barca, que sofria de uma ulcera gastrica e que foi curada subitamente em 13 de Setembro do ano passado. O relato da sua cura, acompanhado do retrato e de dois atestados medicos, foi publicado no numero de Agosto ultimo *da Voz da Fatima*. O seu medico assistente, o sr. dr. Bernardo Vieira Ribeiro, de Ponte da Barca, declara no respectivo atestado que a sua antiga cliente, que ele tratou durante dez meses sem resultado, «está completamente curada, não havendo nenhuma terapeutica que pudesse fazer uma cura tão completa e perfeita, sendo necessario admitir a intervenção de um poder sobrenatural para explicar o facto.» São estas as suas palavras textuaes.

A' uma hora da tarde organisa-se, na forma do costume, a procissão da Imagem, que é conduzida aos hombros dos servitas da Capella das apparições para a capella das missas. O rumor produzido pelo fluxo e refluxo da multidão tomada de enthusiasmo, que se comprime á passagem do cortejo, as preces e canticos, os vivas e aclamações á Virgem, o acenar dos lenços, as palmas vibrantes e repetidas, constituem uma scena que não parece deste mundo e os olhos de todos inundam-se de lagrimas de funda comoção.

Seguem-se a missa oficial, o sermão prégado pelo eloquente abade de Cette, da peregrinação do Porto, e a benção dos doentes, que renova a commoção geral. Entre outros sacerdotes, acompanha Jesus-Hostia, o santo dr. Cruz, cujas orações os doentes solicitam mudamente, beijando-lhe a mão ungida e sagrada. Terminam as cerimonias oficiaes com a benção geral e a procissão que reconduz a Imagem da Virgem á sua capella.

A debandada geral.—No grandioso Mosteiro da Batalha.—O Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.—Gentileza e fidalguia da hospitaleira população de Leiria.—Regresso da peregrinação do Porto.—Primeiras peregrinações da Hespanha.

Quando a branca estatua da Virgem de Fatima foi novamente collocada sobre o seu pedestal, o rev. Abade de Cette tornou a erguer a voz clara, forte e bem timbrada para celebrar os louvores de Maria e dirigir-lhe um adeus terno e saudoso em nome dos peregrinos da cidade invicta. Terminada esta breve allocução de despedida, toda repassada de entusiasmo e de sentimento, principia a debandada geral dos peregrinos, que em numero de muitos milhares se encontram na Cova da Iria. Uma grande parte delles, mormente os peregrinos do Porto, seguem sem demora para a historica villa da Batalha, afim de visitarem o templo monumental do mesmo nome, o grandioso mosteiro annexo e o tumulo do soldado desconhecido. E' precisamente neste dia que a Santa Igreja, cujas glorias estão entretecidas com as glorias de Portugal, celebra este ano a vigilia da Assumpção de Nossa Senhora ao Céu, em que as reduzidas hostes lusitanas alcançaram nos campos de Aljubarrota um dos mais assignalados triunfos de que ha memoria sobre os numerosos e valentes terços de Castella. Ao espirito do cristão e do patriota assoma neste dia, nimbada de luz e resplandecente de gloria, a figura maxima da nossa epopeia nacional, o Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Os peregrinos, depois da visita ao monumento, juntam-se no largo fronteiro e vão partindo pouco a pouco, para Leiria, onde a população os acolhe, como á vinda, com a mais captivante gentileza e a mais fidalga hospitalidade. Durante as primeiras horas da noite, depois do jantar, dirigem-se para a estação, á medida que chegam os vehiculos contratados para os transportar.

E lá vão, a caminho da cidade invicta, modelo consumado de Fé viva e de trabalho indefesso, os passageiros do comboio especial, que iniciaram a sua longa viagem ás onze horas da noite, cansados do corpo, mas com as suas almas retemperadas para as lutas tormentosas da existencia. Para o dia treze do proximo mês de Setembro anuncia-se uma peregrinação de Viana do Castello, composta de quinhentas pessoas, e para o dia treze de Outubro seguinte uma grande peregrinação do sul do paiz, presidida por um dos nossos mais illustres Prelados, e duas peregrinações espanholas, uma de Bilbau e a outra de Salamanca.

Bem hajam os nossos irmãos de raça e de crença que, impulsionados pela Fé que fez grandes os dois povos da Peninsula, principiam já a confraternisar e a rivalisar connosco, em santa e salutar emulação, nas homenagens de piedade e de amor filial para com a augusta Virgem do Rosario, no seu glorioso sanctuario de Fatima!

Visconde de Montello

O RISO D'UMA RAPARIGA

Numa cidade de pouca importancia, e que talvez nem se encontre nos mapas, apresentou-se certa ocasião uma comissão para tratar de certos negocios.

Fazia parte desta comissão um joven engenheiro, que por desgraça, tinha perdido toda a crença religiosa.

Hospedou-se na melhor casa da povoação, na qual havia uma joven sympatica, de engenho não vulgar e sobretudo de grande piedade.

E' achaque de quasi todos os incredulos o não conhecerem a religião, e por isso mesmo se julgam no direito de a ridicularizarem.

Não deve, pois, parecer extraordinario que o nosso engenheiro no dia seguinte ao da sua chegada, escandalizasse aquela boa gente metendo a ridiculo todas as coisas da religião.

A consternação da familia era geral e completa, no meio das risotas dos companheiros do engenheiro.

A joven escondeu entre as mãos o rosto mais vermelho que uma romã.

Passaram-se assim muitos dias, repetindo-se a mesma scena á hora das refeições, apenas com pequenas diferenças accidentaes.

Chegou emfim o dia em que o engenheiro, dando por concluido o seu trabalho, ia retirar-se.

Julgava ter feito obra maravilhosa, estupenda, e, com ares de triunfo, explicava envaidecido todos os seus planos aos amigos e á familia.

O desenho estava realmente excelente e os seus amigos davam-lhe os parabens por ser terminada com tão bom exito uma empreza tão dificil. No meio, porem, de todos estes elogios bem merecidos ouve-se uma juvenil, retumbante e estrondosa gargalhada, que fez voltar á uma todos os olhos para o logar donde saira.

Era a joven, que mal podendo conter o riso, apontava com o dedo os planos e desenhos que o engenheiro julgava uma perfeição.

Ficou tudo embasbacado sem saber a que atribuir aquela alegria louca.

—Não nos saberás dizer porque te ris? (perguntou o pae meio zangado).

Ela porem, continuava rindo sempre a bandeiras despregadas e apontando com seu implacavel dedo a planta do engenheiro.

Este estava palido, mal podendo reprimir a colera que ia augmentando sempre com o crescente riso da joven.

Por fim, fazendo um grande esforço sobre si mesmo disse-lhe:

—«Não saberá dizer-me o que ha notado nos meus desenhos para lhe causarem tanta alegria?

—Estão mal feitos, respondeu a joven. Esses traços tão carregados e esses pontos que mal se percebem.

E as cores?!...Não, exclamou ela, voltando-se para os amigos do engenheiro, porque louvam estes desenhos? E deixou sair nova gargalhada.

O engenheiro vendo os seus trabalhos postos a ridiculo por uma joven ignorante, perguntou-lhe.

—Sabe topografia?

—Não, senhor.

—E desenho?

—Tambem não.

—Tem visto muitos desenhos?
—São os primeiros.
—Então admira-me muito o seu riso e parece-me muito ridiculo escarnecer do que não sabe.

Nesta altura, altiva e magestosa, levanta-se a joven e perguntou-lhe:
—Conhece a fundo a religião catolica?
—Não.
—Já leu a Biblia e, em particular, os Evangelhos?
—Não.
—Sabe o catecismo?
—Tambem não.
—Pois então foi o senhor *altamente ridiculo* e procedeu como *um grande estupido*, quando todos os dias escarnecia da religião.

Este facto é historico e uma pessoa do nosso conhecimento e amizade pode até citar os nomes.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	5.117$55
V. N.	5$00
D. Tirra d'Almeida Mascarenhas...	20$00
José Alexandre Pereira...	5$00
	5.147$55

AS CURAS DA FATIMA

Emilia Ferreira Sapateiro, de Riachos, escreve:

«Cheia de reconhecimento e gratidão para com a Mãe Santíssima venho, para sua glória e cumprimento da minha promessa- comunicar-lhe a cura completa de uma minha sobrinha de 2 anos que, atacada de uma meningite, com o caracter de fulminante, se curou em dois dias com a água de Fátima. Foi assim: No dia 30 de Junho do corrente ano adoeceu a minha sobrinha, e no dia 2 de Julho fui visita-la. Minha irmã disse-me então que o médico lhe tinha aconselhado resignação, porque sua filha, se escapasse, ficaria cega. Então, cheia de confiança na Consoladora dos Aflitos, incuti em minha irmã, esperança na protecção da Mãe Santíssima e dei-lhe uma pequena porção de água de Fátima.

Minha irmã começou logo a fazer-lhe aplicações com a referida água, e no dia 3 minha sobrinha estava melhor. No dia 4, estava completamente curada.

Rogo-lhe, senhor Director, faça publicar esta comunicação que. dando gloria á Mãe Santíssima, dá um grande prazer á sua humilde devota».

ATESTADO

Eu Ayres Correia de Sousa Neves, doutor em Medicina e cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, medico municipal da freguesia de Riachos, atesto que Maria José Ferreira, de 2 anos de idade, filha de Francisco Sousa Figueiredo e de Adelina Ferreira Sapateiro, todos naturais desta fréguesia, se encontra hoje plenamente restabelecida duma meningite cerebro-espinal de que foi presa a 30 de Junho de 1927.

Mais afirmo que a referida doente se encontrou, no inicio da sua doença, em estado grave, chegando a apresentar a essa data alguns signais clinicos que são apanagio das formas fulminantes.

Por ser verdade e me ter sido pedido eu passo o presente sob minha honra e responsabilidade profissionais.

Nos Riachos aos 12 de Agosto de 1927.

(a) Ayres Correia de Sousa Neves

Judith Maria Paulino, da Praia do Bom Sucesso, 33 1.º, Pedrouços, conta o seguinte:

«Permita-me V... que venha hoje cumprir um dever sagrado pedindo se digne inserir no seu jornalsinho a *Voz da Fátima* o relato de uma cura que a Santíssima Virgem se dignou fazer-me.

Em 1902 depois de um resfriamento seguido de uma exaltação de sangue apareceu-me um eczema por todo o corpo; melhorava num sitio rebentava noutro. Corri varios medicos especialistas; analises de sangue etc...

Em 1909 consultei o Snr. Dr. Castro Freire que, como os outros, disse ser incuravel; mandou-me aos banhos do Estoril com os quais sentia alguns alivios.

Por fim de tempo, tendo um ataque de gripe, puz sinapismos nas pernas que resultou rebentarem-me, abrindo buracos. Andava sempre num desespero. horas com comichão, ardor e dores. Era um constante e horrivel sofrimento que por vezes me retinha mêses de cama, dizendo o Ex.mo Snr. Doutor Castro Freire que, além da antiga doença, tinha varizes ulcerosas ou ulceradas muito profundas, falando-me numa operação mas não me aconselhando a fazé-la... Tendo este desengano, e ouvindo gabar a Ex.ma Snr. Doutora D. Maria Paixão, fui consulta-la dizendo-me esta que só recolhendo ao hospital para fazer operação ficaria boa; mas como sou rebelde a operações o tempo passava e eu continuava peiorando sempre.

Constou-me então que uma boa menina Julia Marques Morgado, tem o condão especial de curar com a agua de Nossa Senhora do Rosario de Fátima e, fazendo novenas, resando o terço de Nossa Senhora eu andava de pé mas vendo que breve iria p'rá cama. Numa das crises tão custosas de suportar, sem ser apresentada e perdendo o acanhamento, fui bater á porta daquela caridosa menina, pedindo-lhe que me tratasse e prometi uma perna de céra em tamanho natural a N. Senhora, a qual fui levar a Fátima ao fim de 4 mêses, em 13-10-1925. Justíssimo é que proclame bem alto o nome tantas vezes glorioso da dulcíssima Mãe do Céu pondo-se bem evidente tantas graças obtidas. Faça-se luz aos descrentes espalhe-se a fé pelo mundo. São passados 2 anos e, com a graça de N. Senhora, não voltou tão doloroso sofrimento».

Maria Francisca Mourão, Rua da Boa Vista, 85, Porto, escreve:

«Santo logar, em que o sobrenatural penetra em nós, até ao mais intimo das nossas almas, ávidas de consolações divinas!

Em palavras simples vou contar o que se passou comigo.

Prometi a Nossa Senhora, caso ouvisse as orações de tão pobre pecadora, ir a Fátima agradecer as grandes graças que lhe pedia. E como tam boa Mãe, acolhe sempre com carinho, os seus filhos, assim Ela se dignou vir em meu auxilio. Tinha designado, o dia 13 de Junho do corrente ano. quando uma terrivel tosse e temperatura se apoderaram de mim afectando-me os bronquios e a base do pulmão direito. Passava as noites sentada na cama e com falta de ar. Minha familia não queria que eu partisse nesse estado mas eu insisti até que obtive licença do Médico e dos meus para realisar a minha viagem espiritual. Uma vez lá, recebi a Sagrada Comunhão com am fervor como nunca experimentei e o que então senti nem ouso descrever. Felizes lágrimas as que nessa ocasião brotaram de meus olhos! Assisti a várias Missas e depois aproximei-me da fonte miraculosa para beber daquela puríssima água que tem dado saude e força a tantos doentinhos. Facto singular: a febre abandonou-me por completo, tosse nunca mais tive e quando o Médico me examinou ficou admirado por o pulmão respirar lindamente e não existir qualquer vestigio da fraqueza que o minava.

Graças e mais graças sejam dadas a tam Soberana Senhora que honra a Pátria Portuguêza. Confessa-se eternamente reconhecida. A mais humilde devota de Nossa Senhora do Rosário da Fátima».

José Maria Martins Pinheiro, da vila Praia de Ancora, tendo uma ferida numa perna há mais de um ano, e, receando que nunca mais lhe sarasse, por ter feito muitos remédios sem o menor resultado, recorreu a Nossa Senhora de Fátima, começando uma novena e lavando a ferida com água de Fátima, que uma pessoa amiga lhe deu. Teve a consolação de ver-se curado, ao terminar a novena.

Como prova de gratidão, pede a publicação desta grande graça na Voz da Fátima, e envia uma lembrança para auxiliar as despesas do culto. Salvé, Mãe de Misericordia, Saude dos Enfermos»!

Florentina Andrade, moradora na rua Conde Redondo n.º 10, cave, Lisboa, desejava publicar no jornalinho de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, um milagre recebido em menos de 24 horas.

Conheço José dos Santos ha muitos anos como homem serio e bom visinho. Ele sofre ha bem vinte anos de uma ulcera no estomago. Quarta feira de Trevas deste ano estava êle tão mal. que nada conservava no estomago, e tinha arrancos que se ouviam no andar de cima. Minha filha foi lá por acaso e veio horrorisada de ver o estado em que êle estava. Vireime para Nossa Senhora do Rosario da Fátima e para o Sagrado Coração de Jesus, e, prometi-Lhes com muita fé de ir ouvir missa e receber Jesus em meu peito se me fosse concedido o grande milagre da sua cura. Logo que cheguei a casa fui procurar uma das filhas dele para me vir buscar a agua. Assim que a menina chegou a minha casa peguei lhe nas mãos e a fiz ajoelhar diante das imagens. Eu fiz o mesmo.

Dei-lhe um copo da agua de Nossa Senhora do Rosario da Fátima e disse que fosse resando pelo caminho e désse a agua toda a beber ao pai. O pai assim que bebe a agua deitou-se para traz muito aflito. Daí a pouco levantou-se e disse: «a agua fez-me bem, estou melhor, vão-me buscar outro copo dela».

Na sexta feira Santa tornou-me a mandar pedir outro copo logo de manhã. Daí a pouco levantou-se, foi até ao barbeiro e sabado de Aleluia foi trabalhar. Graças a Deus, até hoje sente-se sempre muito bem disposto.

Foi um milagre tão rapido que toda a gente que o presenciou se convenceu que Nossa Senhora do Rosario da Fátima por intervenção da sua milagrosa agua o curou.

Eu vou no dia 13 de Junho agradecer a Nossa Senhora do Rosario da Fátima o ter salvo um chefe de familia que tanta falta fazia a quatro meninas que tem.

A morada de José dos Santos é na Rua Gonçalves Crespo n.º 40, cave.

OUTRAS GRAÇAS

Prometeram publicá-las e veem agradecê-las a Nossa Senhora do Rosario da Fátima:

Dulce de Matos, professora em Lisboa, que obteve no fim de dois dias uma graça pedida: *Beatriz Ilharco de Moura*, da Quinta do Santo Antonio, Coimbra; *Felismina Nogueira Freire*, do Casal do Ouro, as melhoras de uma sobrinha; *Maria José Gomes Coutinho Gouveia*, rua das Casas do trabalho 67, Belem (Lisboa) que havia oito anos sofria do nariz; *Clotilde R. de Sousa d'Alte*, da Quinta da Boa Vista, Alenquer, a cura de uma pessoa de familia em perigo de vida; *Maria Laura Araujo de Sousa Amorim*, da Quinta da Lagoa, Valbom, a cura de seu sobrinho Augusto que esteve desenganado por tres juntas medicas; *Maria José de Beja Artiaga*, rua da Sociedade Farmaceutica 68, r/c, Lisboa, em doença grave de sua mãe; *Delfina de Matos*, de Cadafaz (Gavião) estando doente havia seis meses em perigo de vida; *Ana Santos Mauricio*, de Monsanto (Alcanêna) em riscos de perder um boi doente; *Victor Fernandes*, de Aldegalega, (doença de instestinos); *Rosa da Conceição Moreira*, de Lisboa (hysterismo); *Uma senhora* de Lisboa tendo conseguido o baptismo de tres creanças de 4, 5 e 7 anos; *Manuel Augusto de Pinho Lopes*, da Murtosa; *Amelia de Jesus Pescaria*, de Setubal; *Rosa Ribeiro Fernandes Paulo*, rua de Santo Antonio 80, Porto; *Maria da Conceição de Sousa Tavares e Sampaio*, da Covilhã, tendo perdido os sentidos em um parto; *Ignacia Soares Gomes*, de Sequeira, Braga, uma graça temporal concedida a uma leitora da *Voz da Fátima* por meio do Santo Rosario; *A. de J. Pires*, de Evora; *Maria Alice de Vasconcelos Bastos*, da freguesia de S. Tomé de Canelas, Baião (Douro); *Joaquina Antunes Guerra*, rua da Cadeia, 33—Evora, a cura de sua filha; *Maria Carlota Vahia Trigueiros*, do Fundão, uma graça particular, prometendo uma novena de Missas e comunhões; *Sara Judith Leitão*, da Covilhã, a cura de sua mãe; *Josefina Rosa Simão* de Casaes da Igreja, na enfermidade de um rapaz creado de servir chamado Candido: *João de Oliveira*, de Asseiceira (Tomar); *Marcelino Rafael*, da Mendiga; *Maria de Lourdes de Barcelos Coelho Borges*, de Angra (Açôres), graças varias; *M. E. de R. S.* de Oeiras, o restabelecimento de um filho doente; *Antonio Ferreira de Mello*, de Angra (Açôres,) a cura duma doença grave depois duma novena e de tomar agua de Fatima; *João Martins Mano*, de Castanheira de Aréga (Figueiró dos vinhos), estando havia annos entrevado, comichão e chagas nas pernas a ponto de não poder dar um passo nem socegar, recorreu a N. Senhora da Fatima, prometendo resar o Rosario dez dias; *Justina d'Oliveira Faria*, de Santo Estevão de Barrosas (Louzada); *Julieta Padrão*, de Idães (Barrosas); *Amelia dos Santos Pinhal*, de Espinho; Antonia Bastos (em uma grave enfermidade); *Etelvina de Carvalho Pacheco*, da Covilhã (a cura de uma filhinha que sofria dos ouvidos); *Elvira Maria Henriques Leal*, Travessa da Cearia, 22—Torres Vedras (a cura de um abcesso); *Emilia Feio*, da rua da Prata, 184—2.º Esq. Lisboa (em doença grave de um genro); *Antonio de Figueiredo e Silva*, de Mortagua; Antonio Pereira *Manso*, dos Matos, Espite (duas graças); *Serafim da Silva Carneiro*, de Pardêlhas, Fafe (uma ferida numa perna havia seis mezes).

VOZ DA FÁTIMA

Transporte...	76.602$45
Papel, composição e impressão do n.º 59 (35.000 exemplares)...	1.954$50
Sêlos, expedição, gravuras, caminho de ferro, etc... ...	361$45
Outras despezas...	170$00
Soma	79.088$40

Subscrição

Novembro de 1926

José d'Oliveira Barbas (com dez escudos assim como os seguintes), Maria Adelaide Ferreira, Antonio Furtado Mendonça, Antonio Correia d'Escobar, Artur Mariano d'Escobar, José da Rosa Rodrigues, Maria Gomes Felix, Custodio Pereira d'Escobar, Inês L. Travassos Alva, Joana Leopoldina da Silva, Maria da Conceição Freitas, Maria Teodora Ferreira, João de Brito Pacheco, Margarida de Lemos Magalhães, P.e José Inacio d'Oliveira, Luz de Carvalho Mesquita (20$00), Maria d'Almeida Pinto, Laurentina d'Andrade, Hermenegildo Costa, José d'Oliveira Xavier, Porfirio Martins Pontes, Rita Trindade dos Santos, (20$00), Maria da Glória Albano Santos, Antonio Rodrigues, Antonio Gomes, Manuel Pinto Moreira, Deolinda Almeida, Anna Ferreira, Guilhermina da Piedade Chaves (cento e dez escudos), Conceição Lopes Braz, Julia Almeida, Carmina Simões Franco, Alice C. Carrilho Louro Garcia, Maria Amelia de Freitas Farpela, Condessa de Margaride, Maria Ribeiro da Silva (20$00), Maria Almeida (20$00), Clara Monteiro, Maria Carmo Pessoa, Baroneza de Nora, Francisca d'Almeida Vasconcelos, Albertina d'Azevedo Girão, Condessa de Azevedo, Deodata Amelia Malato, Maria do Rosario Cardoso, Maria Helena P. S. Pimentel de Moraes, Filomena Moraes de Miranda, Carolina Isaura Lopes Cardoso (20$00), Maria Paula Bentes, Palmira da Encarnação Mousinho, Ana Rosa Monteiro Baptista, Filomena Augusta Pais, João Paes Aguiar, Maria das Dôres Tavares de Souza (70$00), Maria Emilia Barbas, Lucia d'Oliveira Soares (20$00), Candida Vassalo Santos, Feliciano Lopes, Amelia Vila Noercia, Teresa Lourenço, Almerina Alen, Maria Fernanda Vaquinhas de Carvalho, Maria Eugenia Barrento, Maria Izabel dos Santos Jorge, Elisa Penaforte Cardoso, Maria Viana Moreira, Maria José Pedreira Botto, Ramiro Monteiro Rodrigues, Filomena Nunes, Teresa Alvarrão Corrente, Jacinta da Trindade, Ana do Rosario Corrente Soares, Angelina Gordo, Adelaide Barros Freire, Judith Pereira, Armando Cardoso, Constança Carregosa, Maria Amelia Pizarro, Antonio Rodrigues Grãos, José Barreiros, Victoria de Avelar George, Valentina de Mendonça, Albino Eduardo Macieira, José Ferreira Junior, Armando Alves, Francisco Martins Alves, Manuel Emiliano Rodrigues Batalha, Jorge de Passos Costa, Prioreza do Convento do Bom Sucesso, Ermelinda Duarte, José Rafael Lopes d'Andrade, Joaquim de Souza, Antonia da Conceição Dias Moita, José d'Oliveira Tavares Junior, Domingos do Curral, Alzira Vieira, Maria da Apresentação David Gonçalves, (40$00), Adelaide Braamcamp de Mello Breyner, Maria Luiza d'Almeida (12$50), Maria da Conceição Ribeiro, Joaquina da Cunha Correia (20$00), Maria Fernanda Santos (cem escudos) Mariana J. Rodrigues Claudio (16$80), Sofia Pinheiro, Beatriz da Rocha Werneck (20$00), Maria Amorim Lima, Adriana Taborda, Eugenia Taborda, P.e Alberto Gomes, Catarina Feio Leite Rios, Emilia Feio Vale, Maria Eliza Feio Cruz,

Maria de Jesus Leal Rodrigues, Aninha dos Prazeres do Vale, Joaquim Pereira, Julio Gonçalves Ramos, Gertrudes Pinto Serrano, Maria José de Silva, Mariana Moreira dos Santos, Maria do Socorro Paiva (11$00), Maria da Conceição Santos (11$00, Olinda Godinho Reis, Antonio Machado Fagundes Moura, Ana Moreira da Silva, Teresa Guimarães, Eduardo Joaquim do Vale, Margarida L. d'Almeida (20$00), Maria Amelia Vieira de Carvalho, P.e Francisco Joaquim da Rocha.

Nossa Senhora de Fátima em Lisboa

Revestiram esplendor especial as festas em honra de N. Senhora de Fátima celebradas no dia 13 de maio, concorrendo para isso o facto de esse dia ser feriado oficial. Alem da inauguração de altares e imagens, benção de estandartes, Comunhões numerosas, preces vespertinas, houve varios sermões.

Queremos destacar entre estes um, feito na Capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo, por o orador, R. P. Valerio Cordeiro, ter versado directamente os argumentos teologicos que nos persuadem a considerar bem fundado o culto. Protestando a sua obediencia ás determinações da Igreja o orador acha que deante da extenção cada vez maior do culto, prestado á Mãe de Deus sob esta denominação, precisa ele de ser elucidado: «*Qui elucidant me habent vitam aeternam* (era o texto do sermão).»

Expoz brevemente as origens: as aparições da Cova da Iria. E perguntou: Devem elas ser aceites? Podem constituir uma base teologica do culto?

Para responder a esta pergunta precisamos de propor dois principios: a) que é proprio das obras de Deus alcançar resultados grandes com causas pequenas; b) que pelos efeitos havemos de julgar da causa. Exemplificou estes dois principios com o Evangelho: como Jesus tinha usado de meios, na aparencia sem proporção alguma com os grandiosos efeitos produzidos: a cura por um pouco de lodo aplicado aos olhos, uma simples ordem para tranquilizar o mar e resuscitar mortos, etc. Tambem para fundar uma obra tão grande como a Igreja Ele se serviu de doze humildes pescadores. Os grandes institutos religiosos nasceram tambem de homens pouco considerados pelo mundo, como a maravilhosa obra de S. Francisco de Assis. Quanto ao segundo principio é corrente na ascetica: conhecer a arvore, pelo fructo, como diz Nosso Senhor. E' o unico meio que temos para dizer se uma determinada causa, cujo exame directo nos escapa, é ou não é boa. A humildade das pessoas, a santidade que resulta de determinado apostolado ou devoção, são os criterios para julgarmos da bondade das causas.

Aplicou então estes dois principios aos factos de Fátima. Tres pobres creanças conseguem mobilizar milhares de pessoas junto do local das aparições. Os interrogatorios das creanças, duas quaes já faleceram santamente, mostram a sua ingenuidade, alheia a todo o espirito de impostura ou engano. Nada ha nas respostas que possa fazer entrever o desenvolvimento da devoção, nada ha nas mensagens, que tenha resaibo de novidade: penitencia, reza do terço. E contudo mais de cem mil pessoas juntam-se para rezar, na charneca incomoda de Fátima, apesar do desconforto da viagem e hospedagem, apesar da aridez agreste do sitio. Como explicar efeitos tão grandiosos senão vendo nele o dedo de Deus? *Digitus Dei est hic!*...

Se consideramos agora os efeitos em si vemos dezenas de casos maravilhosos, de curas de doenças, atestadas por medicos; de curas de alma de que podem dar fé as pessoas que em Fátima viram reacender em si a chama religiosa quasi extincta.

Comunhões fervorosas cuja preparação é o sacrificio; orações ardentes, confiança na Virgem Santissima, resignação... numa palavra tudo o que vemos em Lourdes... Nosso Senhor apelava para as suas obras como prova da sua missão divina. Não se poderá dizer o mesmo de Fátima?. E essa agua, simbolo da graça, e portadôra de tantas graças, e esses fenomenos solares, e essas multidões que de norte ao sul de Portugal acorrem ao local das aparições não são outros tantos argumentos para vermos a mão de Deus que dirige o mundo?

Terminou com uma invocação fervorosa á Senhora de Fátima. Ela soube por modos misteriosos conquistar o seu coração, sem milagres, apenas com o afecto, aqui lhe quere testemunhar a sua fé, a sua confiança. Valei Senhora aos pecadores, valei ao nosso paiz. Nas grandes crises da sociedade foi a devoção ao Rosario que alcançou as graças do Céu. Tambem ela nos valerá. Exhortou todos a cultivar tal devoção e chamou a atenção das senhoras para a mensagem a respeito das modas e imodestia e para a necessidade de todos combaterem em si a sensualidade, tão alheia da Virgem Purissima Mãe de Deus.

Esta declaração categorica do orador impressionou muito a assistencia.

O problema do sofrimento

Sendo Deus, como realmente é, sumamente bom, porque nos faz sofrer?

Não se trata aqui do sofrimento como consequencia do pecado original, tanto mais que, se o sofrimento actual com ele tem ligação, esta é contingente e accidental.

No fundo é independente do pecado original pois que Deus poderia impor-nos o sofrimento sem injustiça nem crueldade ainda que Adão não tivesse pecado, pois que a impassibilidade de que ele o dotou era um privilegio gratuito.

E' preciso, pois, explicar o sofrimento em si mesmo e independente do pecado original.

E' o que vamos tentar fazer.

Ha um principio simples e certo que vamos expôr:

Não é crueldade impôr a um homem uma pena, se dahi lhe deve resultar um bem consideravel; e isto pode até trazer a marca de uma grande bondade. Quanto mais profunda fôr a diferença entre esta pena e este bem, mais o aspecto de mal deve ser afastado.

Nunca ninguem se queixou de lhe ser aplicado este principio.

O lavrador não murmura dos sofrimentos que lhe impõe o seu campo porque espera a compensação da colheita. O operario não se queixa do cansaço, porque pensa no salario: por vezes ele procura até o trabalho mais penoso se este é mais remunerado.

Um pae não é alcunhado de barbaro se submette o seu filho doente a uma operação dolorosa, donde lhe virá a saude.

Ora, se Deus nos submette ao sofrimento é em vista do salario que nos quer conceder e da colheita de méritos e de felecidade que d'ahi deve resultar para nós, bens immensos, temporaes e eternos, que dahi devemos tirar.

O sofrimento torna-nos aguerridos tempera-nos o caracter, virilisa a nossa vontade. Desliga-nos das frivolidades da vida.

Conduz-nos para Deus, levanta os nossos olhos para o ceu, emquanto que a prosperidade quasi sempre nos céga e nos desvia.

Torna-nos misericordiosos para com os nossos irmãos que sofrem. A dôr dá á humanidade ocasião de mostrar a sua bondade, a sua dedicação, a piedade e todas as suas virtudes. Ella nos põe tudo o mais claro possivel.

Isto, quanto a este mundo.

Mas o sofrimento aceite de boa vontade produz bens muito superiores, os bens eternos. Faz-nos adquirir meritos para o Ceu.

Dá-nos direito a uma corôa, a uma gloria e felicidade incomparaveis.

Diziamos acima que quanto maior fôr a distancia entre o sofrimento e o bem que dahi resulta, mais brilha a bondade daquele que fez depender uma da outra.

Ora neste caso a distancia é infinita pois que um dos termos é o infinito. E' o proprio Deus que se faz a nossa recompensa dando-se a nós, como Elle disse a Abrahão:

Ego ero merces tua magna nimis.

Tambem S. Paulo afirma que as tribulações desta vida não pódem pôr-se em paralelo com a gloria que nos está destinada.

«O nosso sofrimento, diz ainda ele, é momentaneo e ligeiro, mas vale-nos um pêso imenso de gloria.» E isto é de tal modo verdadeiro que se os eleitos no ceu pudessem queixar-se não seria de terem sofrido, mas de não terem sofrido mais, porque assim mais teriam merecido e maior gloria teriam agora no paraiso.

Vê-se, pois, que, se Deus nos envia a dôr é para nosso bem, é por bondade e amor.

Em vez de nos queixarmos, deveriamos agradecer.

A dôr é uma especie de despertador ou o sinal d'alarme que nos avisa que a machina do nosso corpo ou da nossa alma estão em perigo.

Se não fosse o sofrimento a voz imperiosa da fome, talvez muitas vezes deixassemos de alimentar o nosso organismo, que não cuidariamos de proteger do frio, dos perigos, se não fosse a dôr,.

A dôr moral, o remorso, avisa-nos de que nos afastamos da lei moral e por tanto da vontade de Deus.

•

Mas porque fará Deus sofrer as creanças?

Vá lá. Comprehende-se, dirá alguem, que Deus envie o sofrimento ao homem que pode com ele aproveitar e ganhar, o ceu.

Mas a creança, que não pode fazer actos de resignação e por isso não pode merecer?

Parece nela a dôr um acto de crueldade da parte do Creador.

Ora Deus estabeleceu leis geraes que regem a natureza viva, e em particular, a natureza humana. Essas leis trazem naturalmente comsigo desastres particulares, como tempestades, inundações, incendios, fomes, doenças.

Deus não poderia impedir os sofrimentos e mortes que d'ahi derivam senão fazendo milagres que destruiriam essas leis.

Querer que Deus faça assim milagres a jácto continuo, é uma pretensão demasiado exhorbitante para um cristão e ainda maior para os que não acreditam em milagres. O mais que se pode exigir é que Deus tire o bom moral do mal fisico. E Elle não falta a isto.

E' verdade que a creança sofre, mas, 1.º) *muito menos que se imagina* porque não tem senão uma consciencia vaga e obscura do seu mal. Ele não o prevê e a verdade é que esta previsão faz-nos talvez sofrer mais que o proprio mal. Semelha-se um pouco a um homem no estado comatoso.

2) Se o sofrimento da creancinha arrastada pela doença ou por um desastre, não tem *recompensa propriamente dita* no céu, tem, ao menos, uma *compensação*. E' que o que ela sofre é absolutamente insignificante em relação com a felicidade de que Deus o cumula sem nenhum merito da sua parte. Falamos da creança baptizada que vai direita ao céu e não passa mesmo pelo purgatorio. Esse pequeno ser, saido do nada sem nenhum direito, não ficou mal da herança. A creança não baptizada, essa terá ainda bastante felicidade, muito superior ás felicidades terrestres posto que quasi infinitamente inferior ao céu.

3) Finalmente, a dôr da creança é para os que a presenceiam, para os pais que com isso sofrem, um bem moral, pelos actos de fé, de resignação, de caridade e dedicação que ella inspira.

O sofrimento da creança, é, pois um mal inevitavel mas compensado e adoçado pelos bens reais que Deus teve em vista permitindo-o.

•

Mas, porque faz Deus sofrer o animal?

O animal, dirão, não pecou. Portanto, se sofre, é uma injustiça. Não ha para ele compensação no outro mundo; é pois uma crueldade.

Aqui ha ainda a considerar a lei geral á qual o Creador deixa o seu livre curso.

Será Elle nisto injusto e cruel?

Para o afirmar seria preciso saber duas coisas sobre as quais não temos senão noções muito vagas.

Seria preciso saber o que é o sofrimento no animal e nós não o sabemos. O sofrimento tem a sua sede fisica no nosso systema nervoso que ela revolve e agita, que reage e que d'ela procura livrar-se. O animal tem esta sensação porque se agita, bérra, procura evitar o golpe, sacudir e lançar fora o dardo que o fere.

Mas esta sensação é no homem acompanhada de consciencia e é por isso que ella se converte em sofrimento. Quanto mais a consciencia é desenvolvida mais agudo é o sofrimento. No sono esta consciencia sensivel está tambem adormecida e é por isso que então não sofremos. No entanto o mal e sensação fisica lá está. São duas coisas distintas.

Ora a consciencia do animal é uma coisa surda, obscura e não nos é conhecida.

Quasi se pode comparar a sua dôr á d'um homem adormecido que *experimenta* um mal estar mas não o sente.

O animal sente, mas não como nós; sofre, mas não como nós.

Ha pois, uma enorme diferença entre a sua dôr que tem a sua séde nos nervos e a dôr humana que depende ao mesmo tempo da consciencia d'uma alma espiritual, da noção do tempo, da previsão, da aprehensão, da perspectiva do fim mais ou menos afastado, tudo isto coisas desconhecidas ao animal. E como ir acusar Deus duma injustiça a proposito dum fenomeno tão misterioso e que nós conhecemos tão mal? E seria necessario tambem provar que o sofrimento é por sua essencia senão um castigo. Disse mas não se prova. Pode ser o efeito d'uma lei geral e superior cuja razão nos escapa. E ha tantas outras deante das quaes nós temos de confessar a nossa ignorancia!...

Um livre pensador... de joelhos

Em 6 de setembro de 1923, conforme lêmos na *Croix des jeunes gens* de 28 d'agosto ultimo, deu-se em Lourdes o seguinte interessante caso:

Uma doente da diocese de Reima, de cerca de trinta anos, extendida na esplanada junto dos outros doentes, atraía dum modo especial a atenção dum livre pensador que, como curioso, assistia á procissão do Santissimo Sacramento. A' vista deste farrapo humano, dizia lá para si o livre pensador:

—Ali está uma que eu desafio quem quer que seja a cura-la!

Quando a Santa Hostia se aproximou o homem ficou de chapeu na cabeça.

Um *brancardier* fez-lhe vêr a indelicadeza.

—Não tem nada com isso, replicou o descrente.

Para evitar algum escandalo, o *brancardier* não insistiu e ajoelhou sem dizer palavra.

Precisamente neste momento a custodia traçava o sinal da cruz sobre a doente. Imediatamente, como que impelida por uma mola, a doente levanta-se, lança um grito e caíu de joelhos para adorar o Santissimo Sacramento. Curada! Estava realmente curada!

Ao mesmo tempo que ela um outro se ajoelhava tambem. Era o livre pensador.

Mas agora já não tinha o chapeu na cabeça e, prostrado, chorava...

E emquanto a miraculada se dirige para o *Bureau das verificações*, o homem corre para a basilica e dirige-se a um confessionario.

Nesse mesmo dia êle pergunta o nome da miraculada e pede para lhe falar no dia seguinte. Veio a saber que ela se chamava senhora *Hasard* (que em francês quer dizer senhora *Acaso*)!

Que nome tão simbolico. Como Deus tem destas deliciosas ironias!

Hasard, isto é, *Acaso* providencial!

No dia seguinte, vinte e tres medicos verificavam o caracter preternatural da cura.

Nessa mesma manhã a miraculada começara a desempenhar as funções de enfermeira!

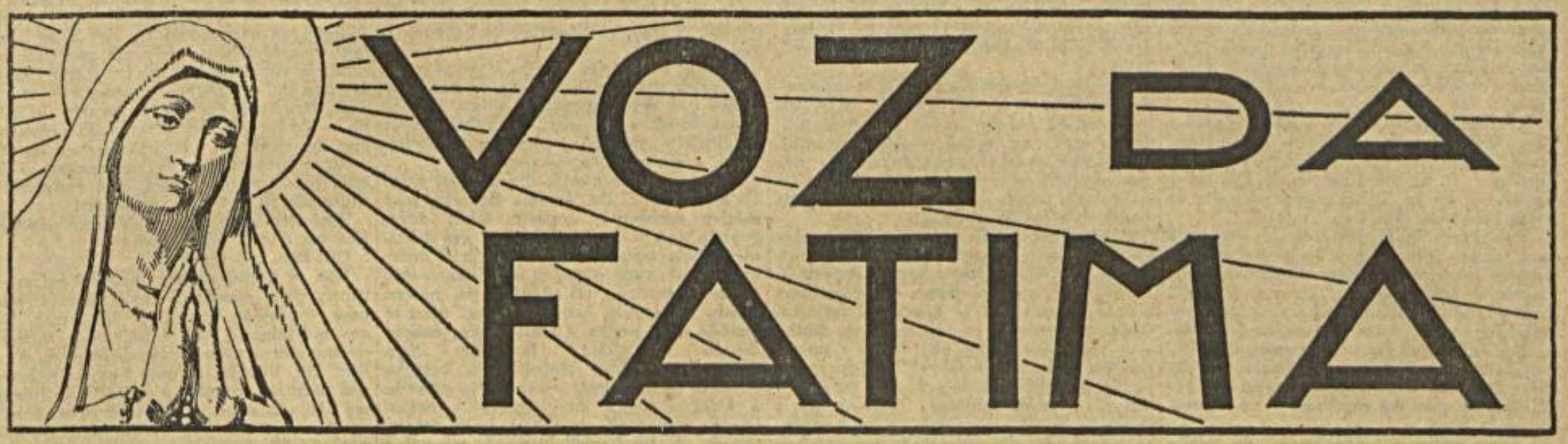
Ela teve tambem a visita do livre pensador da vespera...e, ambos, felizes um pelo outro, tiveram uma entrevista, que na sua linguagem simples, foi um acto de gratidão, um *Te Deum* do coração, talvez mais eloquente que o da liturgia, do que eles ignoravam as palavras.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.

Ano V Leiria, 13 de Outubro de 1927 N.º 61



[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA da FÁTIMA

(13 DE SETEMBRO)

Na tarde do dia 12 — A peregrinação de Lisboa (Conceição Velha). — A peregrinação de Vila de Rei — As peregrinações de Areeiro e Ancião — O Rev.º Rafael Jacinto — O nobre e ilustre Visconde de Santarêm.

No sino grande da igreja paroquial de Fátima acabavam de soar, compassadas e graves, as badaladas que anunciavam as sete horas da tarde.

Por tôda a extensão da estrada, entre a igreja e o local das aparições, circulam contínuamente veículos e peões, que se dirigem para a Cova da Iria. Em tôrno do recinto murado dos santuários, sôbre a estrada e nas suas imediações, estacionam *camions*, automóveis e carros de tiro, que dificultam o trânsito.

À bôca da noite começam a chegar as peregrinações. A primeira é a da fréguesia da Conceição Velha, de Lisboa, que pela segunda vez envia a Fátima uma representação dos seus paroquianos, numerosa e luzida. Os peregrinos, que eram cêrca de duzentos, ao contrário do que sucedeu o mês passado, em logar de desembarcarem no apeadeiro de Ceissa, apearam-se na estação do Entroncamento, onde os aguardavam as lindas e cómodas *camionettes*, dos irmãos Clara, de Tôrres Novas, atravessaram a vila sem parar e subiram a estrada, longa e íngreme, da serra de Aire, em direcção a Fátima.

Pouco depois, por entre as primeiras sombras da noite, que lentamente vai envolvendo tudo no seu manto escuro, avista-se, a pequena distância, uma multidão de indivíduos de ambos os sexos, que se aproximam cada vez mais. E' a peregrinação de Vila de Rei, composta de duzentas e cincoenta pessoas e presidida pelo respectivo pároco, rev.do Rafael Jacinto, alma grande e generosa de sacerdote e de apóstolo, honra e lustre do clero da diocese de Portalegre. Seguem-se a esta várias outras peregrinações e grupos de romeiros, que veem expressamente de véspera para poderem encorporar-se na procissão das velas. Entre essas peregrinações merecem especial referência a de Areeiro (Coimbra) e a de Ancião, notáveis pela sua boa organização e pelo número avultado dos seus membros.

Um dos peregrinos, que se agregaram ao grupo de Lisboa, foi o nobre Visconde de Santarêm, fidalgo ilustre pelo sangue e pelos primores de carácter e de coração que o distinguem e ainda mais pela firmeza e desassombro da sua fé e pela sinceridade da sua piedade cristã.

A procissão das velas — A adoração nocturna — Os sermões durante a adoração — O curso teológico do Seminário do Pôrto de 1919-1922 — O abade de Cete e o padre Anselmo — O concurso de peregrinos.

São já dez horas da noute. Avizinha-se o momento, tão ansiosamente esperado da procissão das velas. Os romeiros presentes, que já perfazem àquela hora muitos milhares, concentram-se defronte da capela das aparições, onde o rev.do dr. Marques dos Santos, capelão director dos servitas, pouco antes de se iniciar a procissão, faz diversas recomendações e avisos.

Alguns instantes depois o recinto dos santuários semelha, a quem o contempla do alto da estrada ou do cume dos montes adjacentes, um imenso lago de fogo. Dir-se-ia que miríades de estrêlas se desprenderam do firmamento e vieram cravar-se na Cova da Iria, abrazando-a de repente num incêndio colossal. Súbito, dêsse lago partem como setas duas fitas de luz, que sobem lentamente até à estrada, passam por baixo do pórtico principal, descem a Avenida Central e, contornando a capela das

(Continua na 3.ª página)

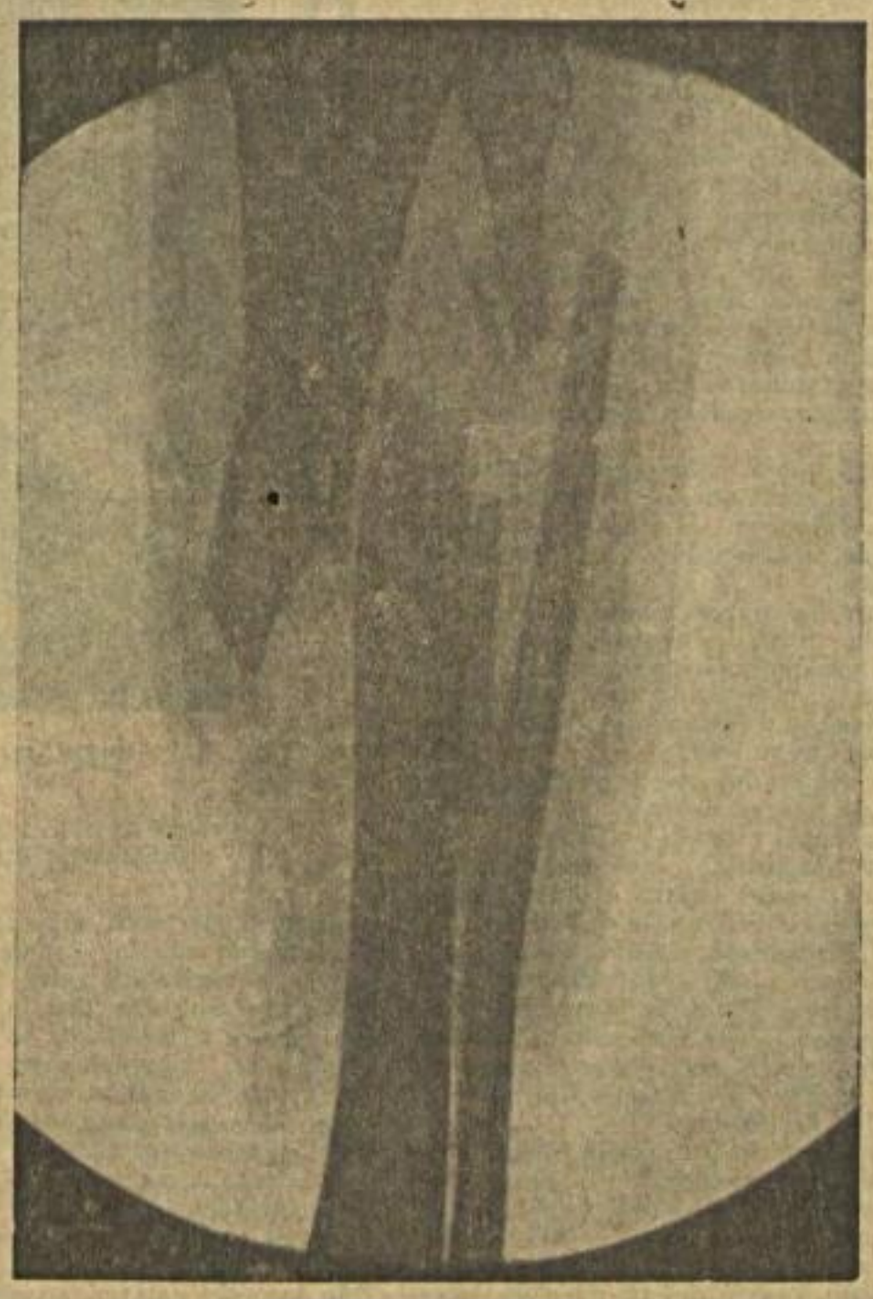
Intervenção milagrosa de N. S. do Rosário da Fátima num desastre mortal

Tendo a convicção absoluta de que só a intervenção da Virgem N. Senhora do Rosário de Fátima me livrou da morte, apoz o tremendo desastre que sofri, fracturando uma perna, uma clavicula, um metacarpio e fazendo várias feridas contusas, entre as quais uma de excepcional gravidade pela sua localisação e hemorragia produzida, não posso deixar de relatar tal facto, para maior gloria da Virgem N. Senhora, expondo as razões em que fundamento a minha convicção.

Faço-o com o mais intenso jubilo, implorando o auxilio Divino para a exactidão e imparcialidade do meu relato, lamentando, apenas, não poder dar-lhe o brilho de exposição e realce literário que merece.

Foi a 9 de Março de 1926, pelas 6 1/2 horas da tarde, em plena estrada, na Beira Alta, um pouco antes da estação de Canas de Senhorim.

Numa motocicleta, a grande velocidade, passei por um automóvel, e, no momento em que, logo a seguir, me desviava d'uma carroça, senti um enorme estampi-



Uma das radiografias da perna fracturada

do, sendo instantaneamente projectado.

Um pneumatico que saltou fóra da roda e uma camara d'ar que rebentou devem ter sido a causa do desastre... que, só por milagre, me não tirou a vida, deixando dois orfãos, uma viuva e duas famílias em luto!

Momento terrivel em que julguei chegada a minha hora, pois, como médico, não supunha possivel a vida, senão por ins-

tantes, perante as hemorragias formidaveis que verifiquei e não podia sustar de momento! Momento mais solene da minha vida em que, na eminencia de prestar contas a Deus, olhei o passado, de relance, num consciente receio do julgamento final!

Lembrei minha esposa e meus filhinhos que me esperavam a 300 ou 400 metros, fugi espavorido de tão doloroso quadro, invoquei N. S. do Rosário de Fátima e esperei a morte, dizendo mentalmente as seguintes palavras: Deus o quiz!

Passaram alguns instantes de suprema anciedade e, perante a lucidez d'espirito que se mantinha, em vez da escuridão da morte que eu esperava, nasceu pela 1.ª vez no meu espírito a esperança de viver ainda e tornar a ver as pessoas queridas.

Foi então que fiz uma promessa a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em extase de piedade e devoção inexcediveis, pedindo-Lhe que me acudisse e me conservasse a vida.

Devo frizar a coincidencia, do minha esposa, apenas informada do desastre, poucos momentos depois, antes de correr ao meu encontro, ajoelhar na estrada, de mãos postas, olhos no Céu e pedir a N. S. do Rosário de Fátima, para me encontrar ainda com vida, fazendo-Lhe igualmente uma promessa.

Com a alma cheia de esperança e o coração a transbordar de fé, resolvi iniciar a lucta.

Feito um rápido balanço ao meu estado, reconheci a perna direita fracturada em dois pontos, pela sua posição em linha quebrada e pela séde das dores. Um dos tópos da tibia fracturada tinha perfurado os tecidos moles, as ceroulas, as calças, o fato-macaco e estava á vista! A hemorragia era enorme e bastaria para me causar a morte em poucos minutos, se tivesse perdido os sentidos e não tivesse podido prestar-me os primeiros socorros. Deve ter sido lacerada, possivelmente, a tibial anterior, avaliando pela séde da hemorragia sua intensidade e violencia do jacto.

A mão direita, tumefeita, com dores agudas ao menor movimento, o braço e a clavicula respectiva, egualmente dolorosos á mais pequena tentativa de movimento, indicaram-me a existencia de fracturas multiplas.

Do olho direito, que julguei perdido, nada via, sentindo correr o sangue em grande quantidade pela face.

Estas as principais lesões que notei no autoexame que fiz rapidamente.

Apareceram logo umas mulhersinhas gritando e chorando, de mãos na cabeça, a quem pedi para se aproximarem e fazerem o que eu lhes dissesse. Uma trazia um balde de tirar água; chamei-a e com a mão esquerda tirei do fundo do balde um resto d'água para «chapinhar» o olho direito d'onde julgava que vinha o sangue que me inundava a face, correndo em bica.

Verifiquei que a vista estava intacta e, nessa altura, senti que as primeiras lagrimas me escaldavam as faces: certamente lagrimas de alegria e já de reconhecimento á Virgem.

Pedi para me atarem um lenço á cabeça, procurando sustar um pouco a hemorragia que provinha duma ferida da região parietal direita, com cerca de oito centimetros de comprimento e interessando todos os tecidos moles até ao osso.

Pedi a seguir que me endireitassem a perna, que estava dobrada e a ligassem com um avental rasgado ás tiras para diminuir a hemorragia que eu procurava sustar, mantendo contra o iliaco com a mão esquerda, a compressão da femural.

Chegou, entretanto, minha esposa e algumas pessoas amigas que me transportaram, no meio de dôres horriveis, para um automovel, onde me levaram para o meu consultório, já acompanhado por dois colegas, os Snrs. Dr Aurélio Gonçalves e Dr. Justino Lopes.

Era ao escurecer e a viagem durou uma longa meia hora, decorrendo seguramente uma hora, entre o momento do desastre e o primeiro tratamento de desinfecção, feito já no meu consultório. Feito o primeiro penso, provisorio, no meio de dores horriveis, pedi a minha esposa que mandasse chamar o Snr. Vigário d'Oliveira do Conde para me confessar e dar a Comunhão, logo que passasse da meia noite.

Recordo-me bem que iniciei a confissão por estas palavras: **Não sei se serei vivo d'aqui a meia hora**...

E, de facto, estava convencido que não chegava ao dia seguinte.

Apoz a confissão e comunhão passei o resto da noite, de maca, no meu consultorio, rezando e fazendo novas promessas, até que, pelas seto horas da manhã, fui transportado no comboio, sempre de maca, para o Hospital da Universidade de Coimbra, onde, pelas 13 horas, me foi feito o penso definitivo, já pelo Ex.mº Snr. Dr. Bissaia Barreto e depois de radiografado.

Um dos fragmentos da tibia, conspurcado com terra e em contacto com as ceroulas, calças, e fato-macaco que perfurou, ficou, ainda em contacto com o avental, não menos conspurcado, que uma das mulheres trazia a uso e cedeu. Da ferida da cabeça foram tirados fragmentos de pedra e areias da estrada.

Pois apezar d'este sudario clinico, apezar de todas as circunstancias septicas, em que se deu o desastre, contra a expectativa de todos, contra mesmo o que costuma acontecer em casos de gravidade infinitamente menor, com enorme surpreza minha e de todos os colegas não houve a menor infecção, não houve febre! Nem mesmo a ferida principal da cabeça, tão extensa e tão conspurcada infectou! Note-se que a fractura da tibia foi dupla, total e exposta, tendo um dos segmentos perfurado o fato e estado em contacto com a terra, acrescendo ainda o intervalo d'uma hora sem tratamento algum!

Como se explica este facto?

Como se interpreta á face da sciencia? Como se compreende, comparando-o com o que costuma acontecer?

E com a circunstancia concomitante de que uma infecção era quasi sinonimo de grangrena e, portanto, amputação da perna, visto que existia já um hematoma enorme na região em volta da fractura, que o Ex.mº Snr. Dr. Bissaia Barreto calculou em 8 a 10 decilitros de sangue! Imparcialmente, honestamente, á face da sciencia, não se explica, nem se compreende bem, como isto possa ter acontecido.

Pelo menos é um caso tão extraordináriamente raro, tão excepcional, mesmo, que a essa coincidencia tão rara e tão providencial no meu caso, não posso deixar de chamar: **Milagre.**

Não encontro palavra que substitua esta, ou que possa traduzir com tanta propriedade o que eu sinto, depois do que se passou e deixo relatado.

Apóz a minha invocação e promessa a N. Senhora, apóz a invocação e promessa de minha esposa, feitas quasi simultaneamente, depois d'um desastre de tal natureza e de tanta gravidade, acontecer o que nós pedimos e desejávamos, tanto do fundo d'alma, contra todas as previsões e as mais auctorisadas opiniões, é um facto que merece registo. Como deve chamar-se? Facto extraordinário? Coincidencia notável? Acaso providencial? Mas, para que inventar nomes, se ha um, mais simples, mais concreto, o unico, mesmo, que com verdade e rigorosa propriedade exprime o que se passou?

Foi um verdadeiro milagre e, para mim, é o maior que conheço. Além de todas as razões que deixo apontadas e que me parecem de sóbra, ha outra mais forte, mais convincente, mas não pertence á publicidade, é intima, não me pertence.

Quero registar n'esta altura uma frase do Ex.mº Snr. Dr. Bissaia Barreto, meu médico assistente, a quem tanto devo, quando queria manifestar-me a sua admiração pela maneira extraordinária como ia correndo tudo o que se relacionava com o meu desastre: «O Acacio não nasceu dentro d'um fole, como costuma dizer-se quando uma pessoa é muito feliz; nasceu dentro de dois!... Isto me dizia Sua Ex.ª dias depois da minha entrada no Hospital, quando viu passada a hipotese negra da gangrena e consequente amputação da perna, quasi fatais, no caso de ter havido infecção, como Sua Ex.ª esperava e está habituado a ver na sua longa e constante prática de médico-cirurgião. Nessa altura ainda o Ex.mo Sr. Dr. Bissaia Barreto, apezar de optimista já, não admitia a hipotese de eu ficar sem defeito, tais e tão complicadas eram as lesões osseas da minha perna:

=simplesmente os dois ossos da perna, feitos em sete bocados!

DR. ACACIO DA SILVA RIBEIRO
MÉDICO
FILHO DE JOSÉ RIBEIRO, FALECIDO, E ANA DAS DORES CORRÊA, DO LUGAR E FREGUEZIA DO CASTELO — CONCELHO DA CERTÃ

Quando, depois das tres operações que sofri, procurei Sua Ex.ª no Hospital, pela primeira vez, depois de ter abandonado o uso das muletas, foi tal a sua admiração pelo meu estado que, examinando-me repetiu a celebre frase, mas correcta e aumentada: «O Acacio não nasceu dentro de dois foles, nasceu dentro de dez (10)»!...

Perdôe-me Sua Ex.ª a referencia, mas julguei-a util para mostrar que até o Ex.mo Snr. Dr. Bissaia Barreto, que acompanhou o meu caso, desde o inicio até final, se mostrava maravilhado e se confessou assombrado com o resultado final do meu desastre.

E Sua Ex.ª é insuspeito, sendo, de resto, um distinctissimo cirurgião, de excepcionais recursos e de tão merecida e vasta reputação que jamais poderá ser ofuscada, ou mesmo diminuida. Sinto-me, portanto, em boa companhia.

Mas ha mais: A ferida da região parietal cicatrisava 3 dias depois, bem como outras duas de menor extensão, uma na região frontal, outra na occipital; ao decimo dia depois do desastre, apezar de ter fracturado o terceiro metacarpio, passei um atestado a um doente meu. Fui operado por trez vezes, estando no Hospital, da 1.ª vez, cinco mêses, sem poder deslocar-me para qualquer dos lados, durante muito tempo; tive um aparelho de extensão continua que me fez sofrer imenso; tive dois aparelhos gessados etc. etc...

E atravessei todo este calvario da minha vida, sem uma palavra de protesto, sem um momento de desanimo ou de revolta, conservando a melhor disposição de espirito e sofrendo com uma resignação santa tão larga e dura provação!

Será isto humano? Seria isto possível sem um auxilio sobrenatural?

Oh! não, mil vezes não!

Não é humanamente possível sofrer-se tanto, sem revolta, sem desalento, sem uma tentação, sequer, de blasfemar. Eu que me julgava muito feliz se escapasse, mesmo sem a perna, como declarei ao Ex.º Snr. Dr. Bissaia, quando Sua Ex.ª, como que para surpreender a infecção no inicio, me visitava a pequenos intervalos, acrescentando que, se julgasse necessaria a amputação não hesitasse, que eu tinha a coragem suficiente para isso, **vejo-me são e salvo, com a perna, sem claudicar, sem o menor embaraço, podendo fazer a vida normal e educar meus filhos!**

Oh! Bemdita crença! Bemdita fé que de tanto me valeste! Praza a Deus que na minha mente fique bem gravada a recordação de tão grande milagre para que por ele possa guiar-me no mar tempestuoso da vida, resistindo aos vendavais da descrença e impiedade e chegar ao porto de salvação com a consciencia do dever cumprido e a esperança da Glória Eterna!

Ha ainda uma particularidade que me esqueci de registar: Dias depois de entrar no Hospital obtive, por intermedio d'um colega e amigo um frasco com água de N. Senhora da Fátima, de que fiz uso, bebendo e tocando com ela no penso.

Aqui tem, Snr. P.e Manuel Pereira da Silva, muito resumida e n'uma linguagem muito simples, como convem para a grande maioria dos leitores da «Voz da Fátima», a noticia do meu desastre que deu logar á intervenção milagrosa de N. S. do Rosário de Fátima. Podia alongar-me em varios pormenores e considerandos, mas tomava-lhe muito espaço e pouco mais adiantava; o essencial fica dito. Se achar que este desabafo d'um crente merece ser publicado no seu jornalsinho e em nada prejudica a oportunidade d'outros mais brilhantes e de maior relêvo muito grato lhe ficarei.

Guardo varias radiografias e outros elementos relativos ao desastre que, da melhor vontade, mostrarei a alguem que, porventura, tenha interesse em vê-los. Sendo a 1.ª vez que escrevo sobre este assunto, quero deixar bem gravado o meu reconhecimento aos Ex.mºs Colégas Dr. Aurélio Gonçalves e Dr. Justino Lopes que me prestaram os primeiros socorros, e aos Ex.mºs Snrs. Dr. Bissaia Barreto e Dr. Angelo da Fonseca, meus operadores, que com tanta pericia e solicitude me dispensaram o seu saber e carinho.

Lisboa-Rua Augusta 270/3.º

13 de Setembro de 1927.

Acacio da Silva Ribeiro

Novo Ano

Com êste numero entra no sexto ano a Voz da Fátima, *humilde pregoeiro das glorias de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, que, de certo, continuará, como até agora o tem feito tão visivelmente, a proteger esta obra que é sua. E' grato nesta altura lançar os olhos para o caminho percorrido.*

Verificámos que se fez uma tiragem de mais de um milhão e quatro centos mil jornais, pesando cerca de 15.000 quilos, isto é, mil arrobas, cabendo ao ultimo ano a tiragem de 436:000 exemplares, outras tantas línguas de papel (visto que o pobre secretário de Nossa Senhora... *não tem outra) que, sem barulho (como convém ás obras de Deus) vão por êsse mundo além (até em Marrocos, na América, na India e na China) chamando as almas á Fé e ao amor e emitação da querida Mãe do Céu.*

Crónica da Fátima

(Continuação da 1.ª página)

Missas, voltam de novo a engolfar-se, sem solução de continuidade, no brazeiro imenso, quási apagado e que outra vez se reacende, do recinto das aparições. Milhares de peregrinos, cada um com a sua vela na mão, depois de rezarem o terço junto da estátua da Virgem, cantam, sem cessar, o *Avé* de Lourdes, durante êsse imponente e deslumbrante cortejo nocturno, longo e interminável, que conclui com o grave e magestoso canto do *Credo*.

Espectáculo encantador e sublime, que empolga e arrebata os corações dos crentes e que dos olhos dos próprios incrédulos faz brotar doces lágrimas de funda e involuntária comoção.

UMA SERVITA CURANDO OS DOENTES

A' meia-noite expõe-se o Santíssimo Sacramento num trono de lumes e flores e principia a cerimónia oficial da adoração nocturna. Realizam-se sucessivamente cinco turnos de adoração, que duram cada um cêrca duma hora. Em cada turno um sacerdote faz uma prática adequada ao acto, ao local e ao momento.

Entre outros sacerdotes prégaram os rev.dos Manuel Dias Costa, abade de Cete, e Agostinho Pinto Veloso.

Estes dois distintos oradores, que com mais seis sacerdotes constituiram o curso trienal de teologia do Seminário do Pôrto correspondente aos anos de 1919-1922, vieram, de comum acôrdo, realizar neste dia em Fátima a primeira reunião de confraternização do seu curso.

Feliz idea a dessa bela romagem ao Santuário de Fátima, juntando-se ali como irmãos, aos pés da mãe do Céu, afim de haurirem, sob o manto da sua protecção maternal, neste dia de júbilo santo, energia, coragem e confôrto para a santificação da sua vida e da dos fiéis confiados ao seu zêlo de pastores.

A's cinco horas, depois de cantado o *Tantum-ergo* com a oração respectiva, termina a exposição com a benção geral e encerramento do Santíssimo Sacramento no Sacrário. Principiam em seguida as missas, que são celebradas ininterruptamente nos três altares da capela nova pelos sacerdotes que préviamente tinham feito inscrever os seus nomes no livro de registo destinado a êsse fim.

Uma cura extraordinária—Scenas comoventes.—As promessas dos peregrinos—Um grupo de criadas de servir.—Alma de português e de crente—Os jovens católicos—O Dr. Victor Marques de Oliveira.

Na estrada, a poucos passos do pórtico central, uma família de distinção prepara-se para assistir às últimas cerimónias oficiais do dia. É a respeitável família Moreira, moradora na Rua da Piedade, 45, Pôrto, que da cidade da Virgem veio em automóvel, por estradas quási intransitáveis, para agradecer uma graça temporal extraordinária concedida a um dos seus membros, a senhora D. Emília das Neves Marinho Moreira. Essa veneranda senhora tinha, no pé esquerdo, havia muito tempo, um volumoso quisto, que o seu médico assistente assegurava não poder ser eliminado senão por meio duma operação. A piedosa senhora fez então a promessa de ir a Fátima em devota romagem, se a Santíssima Virgem se dignasse curá-la sem necessidade duma intervenção cirúrgica, que o facultativo julgava indispensável.

Tendo aplicado água de Lourdes por não possuir água de Fátima e invocado, cheia de confiança, Nossa Senhora de Fátima, o quisto com grande surpreza e alegria dela e de tôda a sua família, desapareceu completamente no espaço de pouco mais de quinze dias.

Um carro passa rápidamente na estrada, em direcção a Vila Nova de Ourêm. Ao avistarem o santuário das aparições, os passageiros erguem-se de pé, num impulso irresistível de piedade, e aclamam a Virgem, cantando entusiasmados o *Salve, nobre Padroeira*. Ao mesmo tempo desce de joelhos a avenida principal uma mulher do povo, com uma vela acesa na mão e ladeada dum filhinho e duma filhinha de poucos anos de idade, que a acompanham a pé. Em tôrno da capela das aparições, homens, mulheres, e crianças, rezando e com velas na mão, cumprem sem respeitos humanos promessas feitas em horas de angústia e que lhes alcançaram o poderoso valimento da Mãe de Deus. Entre os grupos de peregrinos destaca-se um pela qualidade dos seus membros e pela piedade de que dão mostras. É um grupo de criadas de servir duma importante cidade da Extremadura, que chegaram a Fátima na véspera à noite, depois duma viagem de três horas em *camionette*. Algumas pisavam pela primeira vez a terra sagrada dos mistérios e dos prodígios, mas a alegria santa e a devoção edificante eram eguais em tôdas, que iam ali depor, aos pés de Maria, os tesouros das suas homenagens e dos seus sacrifícios, consagrar-lhe os seus corações e pedir-lhe a força moral necessária para triunfarem sempre nas lutas incruentas mas por vezes formidáveis da vida. Agregadas a êsse grupo interessante vieram também à Lourdes portuguêsa uma senhora respeitável, irmã dum sacerdote ilustre, honra do clero nacional, que a todos edificava com a sua piedade acrisolada, e um excelente casal formado por um funcionário do Estado aposentado e sua espôsa, cuja união e boa disposição de espírito atraíam as simpatias de todos. Alma naturalmente cristã e genuínamente portuguêsa, êsse excelente e venerando ancião manifestava sem rebuço a sua fé, que a Virgem Santíssima de-certo havia de afervorar, derramando sôbre êle as melhores bençãos do Céu.

Os moços católicos pertencentes ás diversas organizações da nossa juventude salientavam-se pela sua actividade e dedicação, merecendo particular referência os beneméritos e incansáveis servitas de Tôrres Novas. Um dos novos, que se impunha à atenção e consideração de todos, era o dr. Victor Marques de Oliveira, antigo presidente da direcção da Juventude Católico de Lisboa. Este jovem, dos mais esperançosos da actual geração, já cheio de méritos pelos serviços prestados à causa santa da Igreja, é um modêlo vivo de virtude e de actividade operosa, digno de ser proposto em tôda a linha aos jovens seus contemporâneos como modêlo a venerar e imitar.

Os sacerdotes e seminaristas—O Cónego Felix e o Dr. Cruz.—Primeira comunhão duma menina.—A missa dos doentes—O sermão oficial A benção do Santíssimo Sacramento—Cura miraculosa dum distinto médico de Lisboa.

Os sacerdotes e, durante as férias do verão, também os seminaristas, acorrem, em número avultado, à Fátima, cada dia treze. Eles vão ali retemperar a sua fé e afervorar a sua piedade em contacto com as multidões dos crentes naquele ambiente saturado de sobrenatural. Entre os sacerdotes destacam-se dois, que pertencem ao número das figuras mais prestigiosas e mais beneméritas do clero português e que são modêlos consumados de trabalho indefesso pela causa de Deus e das mais acrisoladas virtudes: os rev.dos dr. Francisco Rodrigues da Cruz e Cónego Francisco Maria Félix. Não ha ninguêm no nosso país que não conheça, ao menos pela fama singular de santidade que o aureola, êsse vulto incomparável de apóstolo que é o dr. Cruz. Menos conhecido pelas condições especiais em que exerce a sua prodigiosa actividade, mas não menos insigne pelos dotes de espírito e coração que o exornam e pelas suas extraordinárias benemerências, é o rev.º cónego Félix, reitor do Seminário Patriarcal em Santarêm. Ha longos anos colocado à testa daquele Instituto eclesiástico de educação e ensino, um dos primeiros de Portugal, que dirige com superior critério, êle é verdadeiramente *the right man in the right place*, exercendo o seu alto e espinhoso cargo com uma competência e uma dedicação a tôda a prova. Que humildade e piedade edificantes as dessas duas grandes e venerandas personagens da Igreja. encanecidas no serviço de Deus e carregadas de méritos, ajudando, como simples acólitos e com uma devoção comovente, o sacerdote que celebrava a Missa dos enfermos!

Às onze horas mais uma scena comovente se desenrola no local das aparições. E' a menina Lígia Sucena e Graça, de Aveiro, que faz a sua primeira comunhão junto da capela das missas. Vestida de branco, envolta a fronte gentil no véu imaculado das virgens, a venturosa criança—anjo de inocência e de candura—aproxima-se trémula de comoção, da mêsa eucarística e recebe pela vez primeira o divino Prisioneiro do Sacrário no seu Sacramento de Amor. Que a lembrança dêste dia de graças e de bençãos, o mais belo da tua vida sobre a terra, nunca se apague da tua memória, mimosa e feliz-menina, para que, sempre fiel a Jesus, possas sulcar sem perigo o mar encapelado da existência e chegar, sã e salva, ao pôrto da eternidade bemaventurada!

À uma hora e meia, depois de conduzida processionalmente a Imagem da Virgem para a capela nova, começa a missa dos doentes. Emquanto ela se celebra o rev.do capelão director dos servitas reza o terço em voz alta, alternando com a assistência. A' elevação tôda aquela mole imensa de povo se prostra diante de Jesus-Hóstia, adorando-o num transporte estuante de fé e amor. A' comunhão é distribuida pela última vez o Pão dos Anjos. Terminada a Missa, sobe ao púlpito o rev.do abade de Cete, que escolhe para tema do seu sermão o ramo da Ladaínha Lauretana — *Causa nostræ lætitiæ, ora pro nobis*. Após o sermão, canta-se o *Tantum-ergo* e dá-se a benção. Por fim a Imagem de Maria é reconduzida para a capela das aparições, seguindo-a uma multidão inumerável, que a aclama cheia de entusiasmo e de ternura.

A *Voz da Fátima* é distribuida gratuitamente em número de muitos milhares de exemplares. É o rev.do Manuel Pereira da Silva, *secretário de Nossa Senhora*, como o povo crente o designa, que preside a esta distribuição. O benemérito e modesto sacerdote, preclaro ornamento do clero da sua diocese, anuncia a publicação, no próximo número *da Voz da Fátima*, do relato interessantíssimo da cura miraculosa dum distinto médico de Lisboa, vítima dum horrível desastre de mótociclete, o sr. dr. Acácio da Silva Ribeiro. «O meu desastre, como êle próprio diz numa carta endereçada ao administrador da *Voz da Fátima*, assombrou tôda a gente que o conheceu e me visitou no Hospital, e algumas centenas de pessoas foram, contando-se algumas dezenas (mais de cinco ou seis) de médicos».

Bemdita seja a Virgem Nossa Senhora de Fátima, que do seu trono de misericórdia e de amor continua a esparzir sôbre os portuguêses seus filhos, os dons mais preciosos e as graças mais escolhidas, para glória de Deus e salvação das almas!

Visconde de Montello

AS CURAS DA FATIMA

João Marques de Carvalho. de Escalos de Baixo (Beira Baixa) informa em carta de 24 de maio ultimo:

«Eu João Marques de Carvalho residente em Escalos de Baixo, Concelho de Castelo Branco, venho declarar que desde os 17 anos sofria de uma horrivel sur-

João Marques de Carvalho e sua mulher

des, e apesar de consultar varios médicos nunca consegui melhorar, e agora que já conto 66 anos, fui o ano passado a Fátima em peregrinação, e na Cova da Iria, prostrado aos pés da Virgem Santíssima Nossa Senhora do Rosário de Fátima, pedi-lhe que me retirasse êste incomodo, e, graças á sua infinita misericórdia fui atendido. Prometi no ano seguinte lá voltar, oferecer-lhe uma oferta e agradecer a esmola, que sempre esperei que me fisesse, e em tudo isto me acompanhou minha mulher Rosalina Joana de Carvalho Oliveira Marques.

O ano passado ao regressarmos da peregrinação encontrava-me no mesmo estado, e disse para minha mulher que Nossa Senhora não me quer ouvir, Ela respondeu que não desanimasse. Fomos fazer uma novena a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, e todos os nove dias deitava umas gotas da água milagrosa de Nossa Senhora do Rosário de Fátima nos ouvidos, e em seguida, de joelhos diante da sua Imagem, resavamos a novena. No fim dos nove dias ainda me encontrava no mesmo estado, *mas no decimo dia senti um estalo no ouvido direito, e no dia seguinte o mesmo aconteceu no esquerdo*, e fiquei a ouvir distintamente até agora. Graças a Deus, e á Virgem S. S.ma Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Minha mulher tambem obteve a graça de uma completa cura, de uma doença horrivel que teve na vista esquerda, lavando-a com a água milagrosa de Nossa Senhora de Fátima, e oferecendo-lhe uma oferta e uma comunhão, o que tudo já cumprimos na peregrinação no dia 13 do corrente mêz.

Espero dever a finesa a V.ª Rev.ª de publicar no Jornal a *Vóz da Fátima*, os milagres que nossa Senhora nos acaba de conceder.

Envio junto a esta 10 escudos, pois quero ser assinante da *Vóz da Fátima*, etc.

ATESTADO

«Eu abaixo assignado, bacharel formado em medicina e cirurgia pela Universidade de Coimbra, atesto pelo meu grau que é do meu conhecimento que o Ex.mo Snr. João Marques de Carvalho sofria de surdez ha mais de 45 anos, que tratou com varios clinicos mas sem resultado.

Ha 12 anos que mais de perto tenho vivido com o dito senhor sempre lhe notei grande deficiencia na audição, o que era publico e notório. Em junho de 1926, encontrando-me com ele, falei-lhe em voz alta, como era costume, ao que me objectou: pode falar baixo porque ouço perfeitamente.

Perguntando-lhe que tratamento tinha feito, respondeu-me que tinha ido a Fátima e depois de fazer uma novena a Nossa Senhora de Fátima, deitando nos ouvidos durante a novena umas gôtas da água de Fátima, deixou de repente de ser surdo, passando a ouvir perfeitamente, estado que se mantem ha um ano.

Escalos de Baixo, 15 de junho de 1927
(a) Joaquim Alberto de Carvalho e Oliveira

Segue o reconhecimento do Ex.mo Notário M. de Paiva Passos, de Castelo Branco.

Gertrudes Simões. residente na Rua Direita do Dáfundo n.º 5, conta assim a sua doença e a sua cura. A impressão que sinto vou participa-la nesta minha carta e ao mesmo tempo cumpro um dever sagrado, desejando que seja publicado na *Vóz da Fátima*. Eu sofria duma doença já há bastante tempo e que não tinha cura, cancros nos peitos, um em cada peito.

Fui ao Ex.mº Snr. Dr. Simões Alves mandou-me ir para o hospital e declarou que a doença não tinha cura.

Andei a caminhar para lá um ano. Tinham muita pena de mim porque era um grande mál e muito dolorôso e disiam-me que tinha muito que sofrêr. Andei tambem na Cruz Azul em Algés e lá tambem me disseram que não tinha cura. Já tinha muitas dôres, deitava muito máo cheiro, parecia que estava pôdre, estragava tôdas as roupas e ensopava os lençois porque deitava muita porcaria.

Andava muito triste porque não sabia o que havia de fazer á minha triste vida

Fartava-me de chorar porque me via perdida para sempre. Nem queriam chegar ao pé de mim com mêdo que eu pegasse a doença, estava muito aflicta e ia peorando sempre quando me vieram contár que uma bondósa menina Julia Marques Morgado tem a gráça e o condão especial de curar com a água de Nossa Senhora do Rosário da Fátima. Em tão bôa hora fui a casa dessa menina que me fez o tratamento que estou completamente curáda.

Muitas gráças, é honra e gloria para Nossa Senhora do Rosário por têr escolhido esta sua filha tão privilegiada da sua Mãe do Céu para este fim.

Emilia Urbana Rolita vestida de branco (conforme se vê na fotografia), de manto azul (que ofereceu depois a Nossa Senhora), ainda um pouco palida, tendo assim vindo de Setubal onde móra, e tendo assim atravessado Lisbôa, apareceu assim no dia 13 na Fátima, no posto das verificações medicas, em companhia de seu marido, relatando a sua cura, aproveitando todos os momentos livres para passar o seu terço numa atitude de gran-

D. Emilia Urbana Rolita
de Setubal, curada de tuberculose pulmonar

de fé e imensa gratidão a N. Senhora que a curou em poucos dias de uma tuberculose que a tinha feito chegar a um estado desesperado. Eis o que diz o atestado médico:

ATESTADO

António Tiago de Almeida, bacharel formado em Filosofia Natural, Medicina e cirurgia pela Universidade de Coimbra, diplomado pelo Curso Superior de Letras, professor efectivo do liceu do Bocage.

Atesto e juro pelos meus graus e sob minha responsabilidade profissional que a Ex.ma Senhora D. Emilia Urbana Rolita, foi tratada no meu consultório, de lesões de caracter bacilatico, do vertice esquerdo, pelos métodos terapeuticos vulgares, sem beneficio apreciavel, tendo em determinada fase da doença, sofrido de uma hemoptise grave, com derivações de prognostico reservado; mais declaro que presentemente, a mesma senhora, se encontra sensivelmente melhorada, atribuindo a Ex.ma cliente essas melhoras bem pronunciadas pela auscultação e outros detalhes do exame, ao uso da água de Nossa Senhora de Fátima, pois que cessou o uso dos remédios, usando apenas como terapeutica o poder da sua fé, que constatei, e a influência da água que por diferentes vezes me indicou como decidido agente do seu restabelecimento.

Setubal, 28 de Julho de 1927

(a) *António Pereira d'Almeida.*

BREVEMENTE:

As grandes maravilhas da Fátima

pelo Visconde de Montelo

As aparições de Nossa Senhora do Rosário — As grandiosas manifestações de Fé e piedade — As curas maravilhosas.

Obra profusamente ilustrada com esplêndidas gravuras de página. O produto liquido da venda dêste livro reverte integralmente a favor da Obra de Fatima. Á venda em todas as livrarias

AS ROSAS... DO MEU ROSÁRIO

A rosa, a bela rosa, branca ou vermelha, fresca como o orvalho, pura como a aurora, a rosa recentemente aberta é a rainha das flores.

E' uma flôr de alegria e de festa, uma flôr de amor mas não de volupia.

O seu perfume é delicioso mas não é pesado e capitoso como o doutras flores.

A rosa tem um belo logar na Biblia. Ahi, a Sabedoria é comparada ás palmeiras d'Engaddi e ás rosas de Jerichó. A rosa de Sarou esmalta os campos da Galileia. Santa Rosa de Lima floresce no Jardim do Senhor.

Santa Teresinha passa o seu Céu a espalhar uma chuva de rosas sobre a terra.

Mas a gloria da rosa é ser a flôr da Virgem—*Rosa mistica, ora pro nobis.*

O Rosário é um rosal de rosas brancas ou alegres (misterios gososos), de rosas vermelhas (misterios dolorosos) e de rosas d'ouro (misterios gloriosos).

O Rosário enche de perfume. Quando o resamos, murmuramos flores.

A Santissima Virgem vem colhê-las dos nossos lábios e desfolha-as em graças sobre as nossas cabeças.

São rosas das quatro estações pois que é preciso esteja em oração continua. E' preciso atirar sempre com as pétalas da *Avé Maria* á Virgem mas é sobretudo no outono, neste mês de outubro que é bom recitar o nosso Rosário, quer inteiro, quer o seu terço.

Era este com certeza o pensamento de Gregório XIII quando instituindo a festa do Santo Rosário em reconhecimento da victoria de Lepanto alcançada pelos cristãos sobre os turcos ao som da *Avé Maria*.

Não foi uma guerra de rosas mas a guerra da Rosa Mistica contra a flôr de veneno e de morte semeada por Mahomet no oriente.

Glória ao lirio—inocente! Glória á violeta—humilde e suave! Glória a todas as flores porque todas são belas! Mas glória, sobretudo, á sua rainha, á rosa, á flôr d'amor, e mais ainda á Rosa Mistica!

Agua da Fátima

Presta-se a envia-la o Snr. José de Almeida Lopes — Fátima Vila Nova de Ourem.

Posto que a água seja gratuita, deve fazer-se conta com a lata, ou outro qualqer recipiente, acondicionamento e porte do correio.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	5.147$55
Victor da Graça Quaresma... ...	50$00
	5.197$55

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte...	79.088$40
Papel, composição, impressão, etc. do n.º 60 (37.000 exemplares)...	2.073$50
Sêlos, embalagem, expedição, gravuras, transportes, etc...	605$80
Outras despezas...	140$00
	81.907$70

Subscripção

Dezembro de 1926

Enviaram dez escudos, tendo direito á assignatura durante um anno: Margarida Monteiro Pinto Viegas Louro, Rita do Rosario Pereira, Maria José Fialho Delgado, Manuel Roque Gonçalves, Ignacio de Moura Coutinho da Silveira Montenegro (20$00), P. Luiz Caetano Portela, D. Maria Adelaide Abreu, João José Ferreira, Americo da Gloria T. Ribeiro das Neves, Julia Padrão, Emilia Leite da Costa Faria, Maria de Jesus Ribeiro, Ana de Jesus Lima, Luís Gonzaga do Nascimento; António Justino Martins (5$00), Ana de Sousa Menezes Machado, João Baptista de Sousa, Perpétua Furtado Pereira dos Reis, Filipe d'Oliveira Ramos, P.e José Geraldes Freire, Francisca de Almeida, Marcelina Lopes dos Santos, Olga Nunes Pereira, Francisco Carlos Nunes, Simão da Rocha Brito d'Aguiar, Maria Fernandes de Castro, José Ferreira Fernandes, Lucinda Magriço Coutinho, Maria Amélia Carneiro Pires, P.e Bernardo Luís (20$00), Natália de Jesus Silva, José Calado (12$50), Domingas Fernandes, Julia Marques, Maria Luísa da Rocha Ferreira, Manuel Alves Mateus (20$50), Gonçalves dos Santos (11$00), Casas de Saude do Telhal e Trapiche (50$00), Maria José de Mendonça, D. Maria Emília de Vasconcelos, Maria Emília de Vasconcelos, Maria Alves Antunes, Arminda de Sá Dias, Duqueza do Palmela (cem escudos), Maria José dos Santos, Celeste Infante, Maria Gertrudes, Ana Correia, Brigida de Nazareth Damião, Condessa do Cartaxo, Pura Rodrigues Ramos, Deolinda Carmelo, Palmira Candida dos Reis, Rufina Maria Saventi, Maria de Lourdes Macedo Sassetti, Alice Ribeiro Guimarães, Maria Emilia de Vasconcelos de Araujo Miranda, Eulália Contreras, Maria Joana Arraia, Maria da Encarnação Pinto, Maria Viana Moreira, Maria Izabel Rodrigues, Maria José Batalha (de jornais, 40$00), João Severino Gago da Camara (12$50), Rosa Izabel Vasconcelos Galvão (20$00), António Dias Falagueiro (20$00), Maria dos Anjos Pereira, Rosa de Jesus Dias da Silva, Deolinda Escudeiro Pinto, Condessa de Saphyra, Regina Santos de Lemos, Maria da Conceição Domingos, Engrácia da Conceição Serrano Salgueiro, Gracinda Rosa da Costa e Silva, Esmeraldina Calhancas, Antónia Miranda Faria, Josefa Carolina de Matos Chaves (20$00), Maria José Fernandes Neto, Maria Eduarda Vasques da Cunha, Emilia Delgado Torres, Palmira Luís Sabino, José Julio Pinto Ribeiro, Silvestre Bernardo da Custódia, Virginia Costa Vicente, Maria da Luz Almeida Napoles, João Vicente Sarmento, Dr. Eurico Lisboa (20$00), P.e Joaquim Rodrigues Moreira, Albertina Torres, Madame Encarnação, Maria José d'Almeida Teles, Ireno Rosa, Adelaide Sofia Prego Lira, Manuel Antonio do Vale Torres, Maria Patrocínio, da Mota Barquilho, João dos Santos, Joaquim da Silva Carvalho Junior, D. Clotilde d'Oliveira e Sousa, Izabel Virginia Ribeiro da Costa e Castro, Augusto da Costa Macêdo, Herminia Nunes de Carvalho, Alzira de Sousa Nobrega, Francisco Vargas, Joaquina da Conceição Duarte, Maria da Encarnação Almeida, Maria de Matos M. de Marcelos d'Aragão, Maria Gabriela de Sousa e Silva, Manuel Marcelino, Miguel Pinto, Rosa da Conceição Pedrosa, Cristina Augusta Lemos Martins Ferreira, Julia Martins Correia e Manuel Maria Ribeiro.

Ano V Leiria, 13 de Novembro de 1927 N.º 62

VOZ DA FÁTIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA da FÁTIMA

(13 DE OUTUBRO)

A grande peregrinação nacional de Outubro

Primeiras chuvas do Outono. — O décimo aniversário da última aparição. - Movimento de peregrinos. — Chegada a Fátima. — A procissão das velas.

A triste e melancólica estação outonal, depois de muitos dias verdadeiramente primaveris, de sol brilhante e de céu sem nuvens, assinala a sua existência com frequêntes bátegas de água e violentas chuvas torrenciais. E' no meio da luta dos elementos desencadeados, em plena revolta armada da natureza, que se inicia e se leva a cabo a grande peregrinação nacional de treze de Outubro.

De vários pontos do país, numerosos grupos de pessôas tinham partido a pé, muitos dias antes, em dura e quási heroica peregrinação de penitencia, afim de se associarem em Fátima às solenes comemorações do décimo aniversário da sexta e última aparição de Nossa Senhora do Rosário aos humildes e rudes, mas inocentes pastorinhos de Aljustrel.

No dia doze o movimento de peregrinos, que se servem de todos os meios de transporte ao seu alcance, toma de repente um incremento extraordinário, quási assombroso, inundando, às primeiras horas da tarde, a Cova da Iria e as suas imediações de milhares de veículos, de diversos feitios e tamanhos, e duma multidão de indivíduos de ambos os sexos e de todas as idades, classes e condições sociais. Às dez horas da noute a *camionette*, que nos conduz à estância privilegiada da Augusta Mãe de Deus, pára na estrada distrital, a algumas centenas de metros do Local das aparições.

E' nessa ocasião que principia a procissão das velas. Querer descrever o que foi êsse espectáculo grandiosíssimo e assombroso, é pretender o impossível. Nunca em Portugal, nunca talvez no mundo inteiro, nem mesmo em Lourdes, a divina cidade dos Pirineus, se visse uma manifestação religiosa tão grande na singeleza da sua estrutura, tão saturada de fé e piedade, tão estuante de ternura e amor filial para com a celeste Padroeira da Nação. Ninguém, por mais tíbia que fôsse a sua crença, era capaz de contemplar de olhos

D. José do Patrocinio Dias
Bispo de Beja

enxutos aquele cortejo imponentíssimo, em que tomavam parte dezenas de milhar de pessôas, cada uma com a sua vela acesa na mão, cantando os louvores da Virgem. A deslumbrante procissão levou quási três horas a desfilar, realizando um percurso dalguns quilómetros em tôrno do muro que circunda o local das aparições. As turmas de peregrinos que se precipitavam em torrentes caudalosas pela abertura do arco triunfal, as filas múltiplas e interminàveis que circulavam por tôda a parte no recinto sagrado, o canto do *Avé* de Lourdes repetido ao mesmo tempo em milhares de córos, por dezenas de milhar de vozes, num sem número de tons, desde o mais agudo ao mais grave, a solenidade do momento e o ambiente sobrenatural que tudo envolvia, constituiam um es-

D. José Alves Corrêa da Silva
Bispo de Leiria

pectáculo duma beleza e dum encanto inegualáveis, que deslumbrava os olhos, assombrava as almas e empolgava os corações.

E tôdas aquelas dezenas de milhar de pessôas, que tomavam parte na procissão das velas, traduziam os seus sentimentos em exclamações de surpreza e em lágrimas da mais viva e intensa comoção.

E quando, ao terminar o deslumbrante cortejo, aquelas legiões de almas proclamam sem respeito humanos a sua fé diante de Jesus-Hóstia, encerrado no Sacrário da Capela das Missas, cantando com *entrain* os sublimes artigos do Credo, o entusiásmo popular atinge as raias do delírio e a manifestação assume as proporções duma verdadeira apoteose.

A adoração nocturna. - Preces e cânticos. — A prégação do venerando Bispo de Leiria.— Peregrinação diocesana de Vizeu. — Inauguração oficial de oito megafónios.

Cerca da meia noite principia a adoração nocturna. O Rei do Céu e da terra, oculto sob as espécies de pão no seu Sacramento de amor, é exposto solenemente ao culto dos iéis numa riquíssima custódia de ouro no alto dum trono de lumes e flores. Pela primeira vez dois venerandos Prelados tomam parte oficial nas solenidades religiosas do dia treze. Revestidos com as vestes episcopais, iniciam a sua participação prostrando-se aos pés do trono de Jesus-Hóstia, afim de lhe renderem as homenagens da sua adoração e de lhe testemunharem o seu amor. Ia começar a primeira hora de adoração, presidida pelo ilustre antístite de Leiria, que a Virgem Santíssima escolheu, como primeiro Bispo da diocese restaurada, para assumir sôbre os seus ombros a empreza gigantesca de fazer surgir dum terreno deserto e pedregoso a obra prodigiosíssima dos augustos santuários de Fátima.

Durante a hora de adoração o rev.º dr. Marques dos Santos, reza o terço do Rosário alternadamente com o povo. Nos intervalos das dezenas, depois de recitada a oração jaculatória que a Virgem ensinou aos pastorinhos, o Senhor Bispo de Leiria explica, numa prática ao alcance de tôdas as inteligências, o sentido do mistério seguinte. Como o dia treze ocorreu êste mês numa quinta-feira, os mistérios meditados foram os mistérios gozosos.

1.º Assim como o Anjo apareceu a Nossa Senhora na modésta Casa de Nazareth, assim Nossa Senhora apareceu aos humildes pastorinhos.

2.º Assim como Nossa Senhora visitou sua prima Santa Izabel, assim nós devemos visitar os pobrezinhos, os enfermos e encarcerados, propagando sobretudo as Conferências de S. Vicente de Paulo.

3.º Em honra do Menino Jesus, que nasceu na lapinha de Belem, porque os parentes e amigos o não quizeram receber em suas casas, devemos nós olhar pelas criancinhas que vivem abandonadas, quer material quer espiritualmente, porque o egoismo duns e a incredulidade doutros assim o determina.

4.º Assim como Jesus foi apresentado no templo e depois foi baptizado, nós devemos vigiar para que os meninos sejam baptizados sem perda de tempo e levados á igreja dêsde a mais tenra idade para ali receberem a instrução religiosa que por ventura não possam ter na casa e na escola.

5.º Porque o Menino Jesus, tão novinho, já prégava no templo, devemos nós lembrar-nos dos seminaristas, futuros prégadores da palavra de Deus, amparando-os moral e materialmente com orações e conselhos, mais ainda

do que com esmolas, todavia bem precisas para sustentação dos Seminários.

A segunda hora de adoração foi privativa da peregrinação diocesana de Vizeu e presidida pelo Rev.do P.e Marinho, seu director. As orações e os canticos, tão lindos e tão comoventes, atraíram até junto da capela milhares de peregrinos que estavam afastados.

Desde a meia-noite que os sacerdotes inscritos no respectivo registo principiaram a celebrar a Santa Missa em quatro altares, sucedendo-se uns aos outros sem interrupção. Tinham-se inscrito mais de cem sacerdotes, tendo ficado sem celebrar muitos que o não haviam feito com a devida antecedência.

Foi nesta noite para sempre memorável que se realizou a inauguração oficial de oito megafónios de extraordinária potência, instalados pelo distinto engenheiro Rocha e Melo, da fábrica de cimentos de Maceira, que faziam ecoar por todo o vasto recinto, com grande admiração do povo, as preces, os canticos e as palavras dos oradores e dos dirigentes dos actos religiosos.

O senhor Bispo de Beja e os servitas. — Peregrinação de Lisboa, Pôrto, Coimbra, Braga, Vizeu, Alcobaça, Pôrto de Mós, etc. — A missa do venerando Bispo de Leiria e a comunhão geral No Posto das verificações médicas. — A legião dos doentes. — A chuva torrencial.

A's três horas da madrugada, depois de dada a benção geral com o Santíssimo Sacramento, que em seguida é reposto no Sacrário, o Senhor D. José do Patrocínio Dias, ilustre Bispo de Beja, celebrou a missa dos servitas. O venerando Prelado distribuiu o Pão dos Anjos aos servitas e escoteiros, que o recebiam com visíveis sentimentos de piedade, edificando todos os circunstantes com o seu recolhimento e fervor.

Foram numerosas e importantes as peregrinações que de diversos pontos do país vieram a Fátima tomar parte nas solenidades comemorativas da sexta aparição. Merecem especial referência as de Lisboa, Pôrto, Braga, Coimbra, Vizeu, Alcobaça e Pôrto de Mós.

Esta última só chegou na manhã do dia treze. Era composta de cêrca de oitocentas pessoas de tôdas as fréguesias do respectivo concelho e presidida pelo rev.do Francisco Carreira Poças, que a promoveu e que celebrou a missa da peregrinação. A de Alcobaça constava de quatrocentas pessoas, sendo metade só da vila, e era dirigida pelo rev.do pároco Henrique Vieira.

A's sete horas o ilustre Bispo de Leiria celebra a missa de Comunhão geral. Ao *comunio* um grupo de dez sacerdotes distribui a Sagrada Comunhão a mais de nove mil fiéis. No Posto das verificações médicas procede-se ao exame e inscrição dos doentes que, ao receberem a senha de ingresso no Pavilhão, se dirigem imediatamente para ali.

São centenas de vítimas de tôdas as misérias físicas que torturam a humanidade e que ali se reunem como em Lourdes para implorar de Aquela, que é chamada a Saude dos enfermos e a Consoladora dos aflitos, lenitivo para as suas dôres e confôrto para as suas almas.

Durante tôda a manhã a chuva caiu por várias vezes com violência, mas a intervalos. Depois da Missa dos servitas redobrou de violência, encharcando completamente o local das aparições.

Curas sensacionais. — Uma paralítica de Vizeu Um doente de mal de Pott, de Braga. — Lágrimas de alegria duma mãe. — O interêsse da imprensa. — A opinião dos médicos.

No pavilhão dos doentes, junto do parapeito da capela das missas, está sentada em cima dum colchão, ao lado doutros farrapos humanos, uma rapariga, que parece ter pouco mais de vinte anos de idade.

Vinca-lhe o rosto pálido e macerado uma expressão de íntimo júbilo e nos seus olhos brilha um clarão de suave e fagueira esperança. Uma paralisia geral, consecutiva a uma queda desastrosa, imobilizara por completo no grabato dum hospital o seu corpo franzino e mirrado. Dores horríveis atormentavam-na sem cessar.

Almas caridosas promoveram uma subscrição para que ela pudesse tomar parte na peregrinação diocesana de Vizeu. Durante a viagem toma leite, e ao contrário do que costumava suceder, não o vomita.

As dôres abrandam consideràvelmente. A' passagem da peregrinação de Alcobaça, quando se aproxima dela o estandarte em que está pintada a scena das aparições, sente que uma força estranha a impele a ajoelhar-se e após doze anos consegue pela primeira vez tomar essa posição. Uma alegria mixta de inquietação e temor apodera-se da sua alma e transborda-lhe dos olhos, dos lábios, de todo o seu ser. A servita que está ao seu lado anima-a e conforta-a, inspirando-lhe confiança no poder e na bondade da Mãe de Deus.

Aproximamo-nos dela e interrogamo-la. Dominada por uma comoção profunda, responde com extrema dificuldade ás preguntas que lhe fazemos.

Durante a viagem de regresso as melhoras acentuam-se de hora para hora e é já por seu pé que entra no hospital donde tinha saído em braços para a partida.

Entre os doentes da peregrinação de Braga encontra-se ao colo da Mãe uma criança do sexo masculino, de sete anos de idade, atacada, segundo o diagnóstico médico, duma doença terrível, o mal de *Pott*. Filho de Manuel Fernandes Braga, um poço de doença, tuberculoso e alcoólico, já falecido, e de Maria da Conceição Braga, moradora na rua Nova de Santa Cruz, n.º 19, herdou do pai o nome e as doenças. Ha cêrca dum ano o seu estado agravou-se, aparecendo-lhe perfeitamente declarado o *mal de Pott* — cifose lombar bem pronunciada, amolecimento da espinha dorsal, atrofiamento das pernas, uma das quais encurtou dois dedos, dores intensas em todo o dorso, gânglios escrofuolsos no pescoço e falta de apetite.

Em Coimbra, onde pernoitou no regresso, a mãe verifica com surpreza e com uma alegria tão gande que lhe provoca as lágrimas, a cura do filho. No dia seguinte essa cura constitui o assombro dos quatro médicos que trataram a feliz criança, a velha e pacata cidade dos Arcebispos impressiona-se e agita-se com a sensacional notícia, uma romagem de muitas centenas de pessoas inicia-se para casa da privilegiada família, a imprensa de grande circulação, tomando conta do caso, narra-o em colunas cerradas de prosa e cheias de pormenores interessantes e a sciência médica proclama unanimemente a certeza consoladora da cura extraodinária, inexplicável e por ventura miraculosa.

A procissão da Virgem do Rosário. — A missa oficial. — A bênção das doentes. — O sermão do senhor Bispo de Beja — O regresso dos peregrinos.

A procissão da Virgem do Rosário realiza-se, na forma do costume, mas talvez com mais imponência e majestade. A entrada da Sagrada Imagem no pavilhão dos doentes é uma das scenas mais empolgantes que é dado pronunciar sôbre a terra e tão grandiosa e tão bela que a pena sente a sua impotência para a descrever.

A explosão da piedade dos peregrinos, o acenar dos lenços por tôda a vastidão imensa do recinto das aparições, desde o alto da estrada distrital até ás colinas adjacentes, o reboar dos vivas e das aclamações entusiásticas, o estralejar das palmas, as súplicas, os soluços, as lágrimas dos doentes, emfim a comoção vivíssima e irreprimivel de tantas dezenas de milhar de crentes, tudo são facetas admiráveis dêsse quadro assombroso da procissão da Virgem, que faz vibrar intensamente as cordas mais íntimas da nossa alma elevando-a para regiões que não são dêste mundo.

Ao meio dia e meia hora, depois do canto do *Credo*, um sacerdote sobe ao altar central da capela das missas e começa o augusto sacrifício dos nossos altares, enquanto o capelão-director dos servitas inicia a recitação em comum do terço do Rosário.

Terminada a missa, expõe-se o Santíssimo Sacramento e o Senhor Bispo de Leiria dá a benção a cada um dos doentes. A comoção do ilustre Prelado é visivel e traduz-se em lágrimas que lhe correm pelas faces.

Os doentes soluçam e todos choram ao ouvirem e ao repetirem as invocações dirigidas a Jesus oculto sob as espécies eucaristicas na custódia de ouro.

A benção dos doentes é coroada com a benção geral.

Depois o senhor Bispo de Beja pronuncia um discurso breve, mas eloquente e incisivo, repassado de fervor religioso e de sentimento patriotico.

Começou por pedir três vezes a Nossa Senhora que mostrasse ser nossa Mãe—*Monstra te esse matrem.*

Mas seria preciso recordar com tamanha insistência a Nossa Senhora a sua prerogativa materna, se ela nunca esqueceu os seus deveres de mãe, nunca afastou o seu rosto de nós, nunca consentiu que o seu coração deixasse de gotejar sangue pelos pecadores?... Não; mas a recordação é precisa, não para ela mas para nós, que somos fracos e pusilânimes e á semelhança das criancinhas, que só adormecem com o braço da mãe bem seguro, não vá ela fugir-lhes, tambem nós precisamos de estar assegurados do seu patrocínio, para que saibamos que ela está disposta a ser daqui para o futuro, mais solícita, mais terna e mais carinhosa, se isso é possivel.

Talvez seja ousadia apelar para os sentimentos maternais de Nossa Senhora, neste logar onde pulsa o coração do país inteiro e onde ha dez anos, milhares de portuguêses se sentem mais próximos do Céu, mais crentes e mais patriotas. Vem mais crentes e mais patriotas. Vem ali pela primeira vez e não pode deixar de sentir uma extranha emoção ao vêr aquele logar, que quer geográfica quer espiritualmente é o coração de Portugal, e onde a visinhança de Aljubarrota e da Batalha lhe trazem á memória as gloriosas recordações do nosso passado de heróis.

Houve um momento na nossa vida nacional em que tudo pareceu submergir-se: templos profanados, bispos e padres presos ou expulsos, a religião vilipendiada e esquecida. Mas Nossa Senhora não se esqueceu de que nós a haviamos um dia escolhido para Rainha e veio então a êste logar trazer-nos um argumento de fé, um argumento de piedade e de reparação nacional, mostrar-nos claramente que não é em vão que para ela apelamos e nela pomos tôda a nossa esperança.

Fátima é um logar de festa, mas festa sem foguetes nem arraial onde nós vimos retemperar a fé, para melhor procedermos na nossa vida publica e particular.

Fátima é um logar de oração e de penitência, um logar onde Nossa Senhora nos convida a meditarmos na maneira como temos cumprido os nossos deveres para com Deus e os seus representantes na terra, para com o próximo e connosco mesmo.

Façamos essa meditação e depois prometamos ser para o futuro mais observantes da sua lei.

Em seguida rezamos-lhe por todos, pelo Sumo Pontífice, para que Deus o conserve e o livre de seus inimigos; pelas nossas familias para que ela as abençõe e as livre das ciladas que hoje em dia se armam ás famílias cristãs; pela nossa Pátria, cercada de perigos tantos e tão graves.

Aqui, em Fátima, nunca deve esquecer-se êsse lado patriótico desta romagem de piedade.

Peçamos pelos nossos doentes de forma que ou êles consigam curar-se ou levem daqui a resignação para os seus males.

Não ousa pedir milagres, pois que maior milagre podia êle exigir do que o de ver esta multidão, vinda de todos os pontos do país, arrostar com tôdas as dificuldades, com a chuva, com o mau estado das estradas, com tantas contrariedades para virem até ali prestar o culto da sua homenagem a Nossa Senhora?!

Para todos, Senhora, sêde propícia e misericordiosa. Mostrai que sois nossa Mãe!

Quando os megafónios reproduziam as ultimas palavras do venerando Prelado, uma chuva torrencial começava a cair para não cessar senão ás primeiras horas da noite.

E era sob as cataratas do céu abertas de par em par que os peregrinos subiam até á estrada adjacente afim de se recolherem nos veículos que os aguardavam e que os haviam de conduzir aos seus lares distantes com as almas docemente esmagadas por tantas e tão fundas emoções e cheias de saudades daqueles dois dias inolvidáveis passados na terra sagrada de Fátima — a futura cidade da Virgem.

Visconde de Montello

AS CURAS DA FATIMA

Helena Rodrigues, de Fornelos (Santa Marta de Penaguião) em carta de 28 de Julho, diz:

«Vou narrar o facto que se deu comigo. Por intercessão de Nossa Senhora de Fátima, vi-me curada prometendo eu neste caso publica-lo no vosso piedoso jornal caso concordeis com os meus humildes desejos. Já ha muitos anos que me nasceu debaixo do braço um kysto a que não liguei importancia devido á sua pequenez, mas eis que ha tempos para cá o kysto vai alargando de dimensões e creando profundas raizes a ponto de me

Helena Rodrigues, de Fornelos

tolher o movimento do braço e fazer sofrer imenso.

Andando de dia em dia para ir ao médico, que é longe desta fréguesia, veio o dia treze de Maio consagrado á adorada Senhora e eu então lembrei-me de nessa noite colocar no Kysto um pano molhado na milagrosa água de Nossa Senhora de Lourdes.

Qual não foi o meu espanto e admiração quando ao despertar me vejo sem nada e absolutamente curada. Milagre! Milagre da Virgem de Fátima!...

E' isto que peço ao senhor para publicar não mandando o atestado médico por o não possuir».

«**Maria Marques Janeiro Costa,** do logar da Massuça, da fréguesia de Manique do Intendente Concelho de Azambuja, declaro que me apareceu em Julho de 1926 um tumor num peito, e fui consultar o Sr. Dr. José Egas de Azevedo e Silva, da Fréguesia de Pontevel; Concelho do Cartaxo. Esse facultativo receitou-me remédios, sem resultado. No dia 15 de Setembro tornei a consultar o médico e me disse que tinha que fazer-se uma operação. Com muito receio de fazer a operação, vim para minha casa e recorri com muita fé á Virgem Mãe Santíssima Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que me valesse na minha aflição, para melhorar sem ser operada.

Comecei uma novena no dia 16 de Setembro aplicando sobre o peito panos com água da fonte milagrosa. Quando acabei a novena fui outra vez consultar o médico dizendo este que o tumor estava a diminuir. Resolvi ir a Fátima no dia treze de Outubro do mesmo ano pedir á Santíssima Virgem a continuação das minhas melhoras. Fui ao posto médico onde recebi o N.º 28 indo para o logar reservado aos doentes e lá recebi a Sagrada Comunhão.

Nove dias depois de vir de Fátima sumiu-se o tumor por completo. Prometi á Virgem Santíssima Nossa Senhora de Fatima de lhe ir agradecer e oferecer-lhe trêze velas (uma da minha altura) e ir de joêlhos desde a estrada dar trêze voltas de joelhos á Capela de Nossa Senhora. Mandei dizer uma Missa e dei alguin dinheiro para ajuda do Culto, tendo já cumprido todas as promessas. Agradeci do meu intimo á Virgem Mãe Santíssima e ao seu Divino Filho a grande graça que me concederam».

ATESTADO

José Egas de Azevedo e Silva, facultativo municipal em Pontevel, concelho do Cartaxo.

Atesto que Maria Marques Janeiro Costa, de 43 anos, casada, natural e residente no lugar da Massuça fréguesia de Manique do Intendente, sofreu duma inastite do seio esquerdo que curou sem tratamento médico apropriado. E por ser verdade passo o presente que assino e juro pela minha honra.

Pontevel 10 de Setembro de 1927.

(a) José Egas d'Azevedo e Silva

Maria Augusta da Cunha, filha de José Domingos Correia e de Maria da Cunha, da freguezia de S. Paulo de Sebol lido, logar de Rios Mau, começou a sofrer da idade de 17 anos do esofago durando assim proximo a dois anos, procurando sempre a cura por varios medicos e tomando variadissimos remedios até que por fim, se sentiu envenenada em resultado de uma troca de medicamentos: strequinina por santonina. Com grande esforço o medico conseguiu salva-la fazendo-a vomitar. Depois voltou ao Raio X para lhe fazer um exame por meio da radiografia.

Nada adiantou porque não entrou nada no estomago durante cinco dias. Não achando recurso nos medicos dirigiu-se ao Porto para dar entrada no Hospital de Santo António, como entrou, mas a querer cair pelas ruas por não ter comido nem bebido havia cinco dias e ter sofrido proximo a dois anos. Encontrou uma senhora muito sua amiga que lhe deu umas getas de agua da Santa Gruta de Nossa Senhora da Fátima e depois entrou no Hospital e ao fim de dia e meio começou a entrar alguma comida sem remedios alguns nem tratamento dos medicos dizendo eles, depois de examinarem, que parecia ser um milagre em vista do que tinham encontrado, achando-se com saude perfeita como está até á data (26 de maio de 1927).

NATUREZA E NECESSIDADE DO PURGATORIO

São do *Tratado do Purgatorio* de Santa Catarina de Geneva, as seguintes palavras, que nos parecem oportunas sobretudo neste mês:

«Assim como o espirito não acha repouso senão em Deus para que foi creado, assim a alma em estado de pecado não pode estar noutra parte senão no inferno, pois que em razão das suas faltas, ele se tornou o seu fim.

E' por isso que no mesmo instante em que a alma se separa do corpo, ela vai para o logar que lhe foi assinalado. não tendo necessidade d'outro guia que a propria natureza do pecado, se ela deixou o corpo em estado de pecado mortal.

E se a alma fosse impedida de obedecer a este decreto (procedente da justiça de Deus), ela encontrar-se-ia num inferno mais profundo ainda, porque estaria fóra da ordem divina na qual a misericordia encontra sempre logar e atranda a pena completa que a alma mereceu.

Por isso não achando logar mais apropriado nem onde a pena fosse menor, precipita-se por si mesma no logar que a espera.

Ora isto é egualmente verdadeiro em relação ao Purgatorio: a alma deixando o corpo e não achando em si esta pureza em que foi creada, vendo tambem os impedimentos que retardam a sua união com Deus, compreendendo que só o Purgatorio pode afasta-los, lança-se nele por si mesma pronta e voluntariamente.

E se ela não encontrasse lá os meios necessários para a sua purificação, isso constituiria para a alma um inferno pior que o Purgatorio, compreendendo que em virtude das suas faltas não expiadas, não pode aproximar-se do seu fim que é Deus, o que ela considera como um tão grande mal, que em sua comparação o Purgatorio é nada.

Na verdade os sofrimentos do Purgatorio e do Inferno podem pôr-se a par, mas comparados ao Amor de Deus, são nada.

* * *

Mas direi mais: no que respeita a Deus, eu vejo que o Paraizo não tem portas e que pode lá entrar quem quizer, porque Deus é todo misericordia e os seus braços estão sempre abertos para nos receber na gloria: mas a divina Essencia é tão pura—infinitimamente mais pura que a imaginação pode conceber—que a alma, achando em si mesma a mais ligeira imperfeição, se lançaria por si mesma em um milhar de infernos, antes que aparecer manchada na presença da Divina Magestade.

Sabendo então que o Purgatorio foi instituido para a purificar, ela ahi se precipita por si mesma e ahi acha esta grande misericordia: a destruição das suas faltas.

O espirito não pode conceber nem nenhuma lingua pode dizer a grande importancia do Purgatorio.

Eu constato sómente que as suas penas são tão grandes como as do Inferno, mas vejo tambem que uma alma, manchada da mais lêve falta, recebendo esta misericordia, conta por nada as suas penas em relação á demora do góso do seu amor. E eu sei que o maior sofrimento dessas almas é vêr em si o que desagrada a Deus, e descobrir que apesar da sua bondade consentiram nisso.

E é assim porque, estando em estado de graça, as almas veem a realidade e a importancia dos impedimentos que lhes não permitem aproximar-se d'Ele.

* * *

Tudo o que tenho dito comparado com o que me foi representado (tanto quanto eu sou capaz de o compreender nesta vida) é de tal importancia que nenhuma ideia, e muito menos palavras, nenhum sentimento o pode exprimir e que toda a justeza e verdade que dela podem dar parece uma coisa falsa e indigna, de forma que eu fico confundida por não poder encontrar nenhuma expressão que diga o que sinto.

Vi e contemplei uma tão grande conformidade entre Deus e a alma que quando Ele a acha pura, no estado de inocencia em que sua Divina Magestade a creou, dá-lhe uma tal força atractiva de amor divino que ela seria aniquilada se não fosse imortal.

Tranforma-a de tal forma em si mesmo que a alma não vê mais que a Ele, e continua a atrai-la cada vez mais, inflamando-a no seu Amor, e não a deixando senão quando a tiver deixado no estado em que ela veio, isto é, na pureza perfeita em que foi creada.

Quando a alma contempla em si mesma a chama amorosa pela qual é atraida para o seu dôce Mestre e seu Deus, o inflamado ardor do amor a abate e ela se funde.

Então, nesta luz divina, ela vê como Deus, por seu grande amor e sua constante Providencia, não cessa nunca de a atrair para a sua ultima perfeição, o que Ele faz unicamente por amor.

A alma vê tambem que ligada pelo pecado, não pode seguir esta atracção para Deus, isto é, este olhar reconciliador com que Deus a atrae.

Alem disso, o que é esta grande miseria de estar impedida de contemplar a luz divina, a alma experimenta um desejo instinctivo do ser livre a fim de poder aproximar-se desta chama unificante.

Eu vou repetir: e á vista de todas estas coisas que causam a pena das almas do Purgatorio, não porque elas estimem esses sofrimentos tão medonhos, mas têem como pior a oposição que encontram em si mesmas á vontade de Deus (que agora conhecem que tem por elas um tão puro e ardente amor.

Este amor, com o seu poder unificante, as atrae sem que como se não tivesse outra coisa a fazer: e quando a alma considera isto, se ela pudesse encontrar um Purgatorio mais penoso em que pudesse ser purificada mais depressa ela ahi se mergulharia logo, obrigada pelo ardente amor reciproco entre ela e Deus.

* * *

Desta fornalha do divino Amor eu vejo raios de fogo, dardejando sobre a alma como lampadas ardentes, e tão poderosas e violentas são elas que a alma e o corpo ficariam completamente destruidos se isso fosse possivel.

Estes raios executam um duplo oficio—purificam e consomem.

Considerae o ouro: quanto mais liga tem mais tem de que ser purificado. E' derretido pelo fogo que consome todas as suas fezes, e é este afinal, o efeito do fogo em todos os metaes.

A alma, contudo, não pode ser aniquilada em Deus, mas pode-o ser em si mesma e, quanto mais a purificação dura, mais perfeitamente ela morre, até que afinal fique toda purificada e passada em Deus.

Quando o ouro está completamente livre de misturas, nenhum fogo, por mais forte que seja, tem acção sobre ele pois que só as impurezas podem ser consumidas.

Assim acontece com o fogo divino sobre a alma. Deus conserva-a no fogo até que todas as manchas tenham desaparecido.

A alma então atinge a mais alta perfeição de que é capaz, e cada alma, segundo o seu grau.

Quando este está completo ela repousa completamente em Deus nada fica dela mesma e Deus é então o seu ser perfeito.

Depois dela ter assim sido conduzida para Ele e inteiramente purificada, não pode sofrer mais porque já não ha nada a consumir, de forma que se ela se aproximasse do fogo não sentiria nenhuma dôr, porque ele se tornaria para a alma o fogo do divino amor, que é a vida eterna e sobre o qual o sofrimento não tem acção.»

SOSINHA

Naquela tarde tudo a bordo ria e folgava. Uns na inconsciência do tempo e da vida que passa; outros a sacudirem a recordação da ultima despedida quando do Molhe, na vespera, ao largar, uma nuvem de lenços fizera voejar num rodopio as saudades dos que ficavam.

De quando em quando ainda a imagem daquele branco estonçar longinquo passava pela imaginação dum ou doutro deixando-o absorto na contemplação dum filho, dum pai, dum coração amigo mas logo se esvaia como na vespera aquela mole de cabeças aquéles centos de saxitas brancas por entre a neblina suave do mar.

Quantos não iriam ali na certeza de nunca mais voltarem?

Quantos na doce ilusão duma fortuna a soerguer-se-lhe da outra banda do Oceano?

Havia ali rostos tisnados de homens de trabalho; caras alvadias e precocemente debotadas pelo vicio ou pela doença, semblantes ingénuos e saudáveis de creancitas.

Naquela tarde tudo a bordo ria, tudo folgava.

—Tudo?...—tudo não.

* * *

Continuamente silenciosa e triste, só a toda a hora do dia e da noite, por vezes numa atitude de quem ora recolhidamente seguia tambem ali uma rapariga ainda jovem.

O seu olhar vivo, scintilante, a iluminar o semblante carregado por alguma grande dôr fazia lembrar o brilho do faról no longo da costa.

Ou se jogasse ou se conversasse Margarida lá estáva de olhar fito no poente.

Não havia toque nem canto por mais melodioso que conseguisse desvia-la daquela atitude extáctica.

Em volta daquela mulher teciam-se já os mais desencontrados comentários.

Que a morte repentina de alguma pessôa de familia a fizera sair da pátria, dizia alguem, logo contraditado pela ausencia completa do mais pequeno sinal de luto.

«Necessidades economicas» opinava outro com mais verosimilhança.

* * *

Não teria trabalho na sua terra natal?...

No mesmo barco seguia uma religiosa que impressionada pela tristeza daquela rapariga determinou aborda-la para lh'a suaviar se possivel fosse.

E naquela tarde, uma tarde linda de Agosto, apenas o calor, permitiu tomar o ar livre Margarida subiu á coberta e após ela a religiosa.

Passou-se uma boa hora até que a religiosa aproximando-se dela deixou cair qualquer coisa numa aparente distracção.

Margarida apressou-se a apanha-la e a dá-la á religiosa que lhe agradeceu a gentileza.

E continuando:

— Donde é?...

— Sou da provincia de... e vou para os Estados Unidos.

— Desculpe-me a indiscrição mas poderia saber o que a leva lá?...

Oh minha irmã! Chegue-se para aqui onde ninguém nos oiça.

— Sim, é conveniente porque a tristeza que a oprime tem dado que falar e que pensar a esta boa gente. E eu interesso-me por si. Se lhe puder ser util se lhe puder prestar algum pequeno serviço disponha de mim.

— Prometa-me que não dia nada.

— Prometo.

— Sabe então porque vou aos Estados Unidos?

— Não sei; diga lá.

— Tenho lá um irmão que está á morte e sei que ele recusa a assistencia religiosa e eu vou lá para o convencer a recebe-la.

Foi assim, na nossa santa religião cristã que nós fomos educados numa pequena aldeia da minha provincia. Na minha terra não havia impios nem indiferentes.

Mas meu irmão saiu dali ainda rapaz. Foi para a América ganhar a vida e corromperam-no lá.

Deus lhe perdõe a quem o perverteu.

Era tão bom, minha irmã!...

E em lágrimas, soluçando velou-se-lhe a voz.

A religiosa dirigiu-lhe algumas palavras de conforto e carinho segundo o coração lh'as ditava até que acalmado aquêle ataque de nervos a religiosa reatou a conversa.

— Ele ha-de converter-se.

— Ah! Eu tenho-o pedido tanto á Virgem S.S.ma.

— Pois Ela ha-de ouvi-la.

Mas diga-me, como é que se meteu assim sosinha a caminho? E' tão longe...

— Ah eu amava tanto a meu irmão!.

Podia lá aguentar-me com o pensamento de que êle morresse sem sacramentos? Eu morreria logo.

— E sabe se chegará a tempo?

— Espero que sim. Morrerá dentro em breve mas não é para já Eu só quero ter ao menos um dia para estar a sós com êle. Hei-de lhe falar na Primeira Comunhão, na Igreja da nossa fréguesia, na nossa querida mãe e êle ha-de converter-se. Senão, ponho-me de joelhos deante dele e peço-lhe por tudo que se confesse.

Quando êle me vir chorar ha-de comover-se também a não ser que o coração se lhe tenha empedernido como a consciencia.

Mas não. Depois de tanto sacrificio Nosso Senhor ha-de-me ouvir.

Eu sei que êle se negou a receber o sacerdote católico mas quando êle me ouvir na lingua doce da nossa pátria não resistirá.

— Confio, menina, O Senhor ha-de ouvi-la. Mas, olhe, agora procure distraír-se um pouco que lhe faz mal esse pensar constante.

— Ah! Está enganada, irmã.

— Estou aqui sempre que posso para ver despontar, lá ao longe, o primeiro sintoma da terra.

Parece que até a vista se me tornou melhor.

Quero ser a primeira a avistar a terra. Então sim ficarei contente, satisfeita.

Até lá... é impossivel. Vá minha boa irmã, vá para junto das suas companheiras e reze por mim e, pelo meu irmão.

E' o que eu faço aqui.

A religiosa deixou-a em socego, sósinha como até ali.

* * *

Que força de vontade no corpo frágil duma mulher!

Que amor ardente!

Que nobre e heroica dedicação!

Aquela rapariga lá ia atravez dos mares... A' cata de fortuna? Não. Para salvar a alma dum ente querido.

Que lindo gesto digno dum Apóstolo!

E aquela gente que ia no barco sabendo da religiosa a razão da viagem de Margarida cercou-a de respeito e veneração.

Havia ali gente descrente como o irmão mas até esses souberam respeitar a firmeza de convicções daquela rapariga.

O sol ia caindo pouco a pouco emprestando ás aguas um fogaz colorido de fogo

De repente como num salto pareceu mergulhar. Pouco depois era noite.

E o vulto esbelto de Margarida lá ia de olhar fito no poente.

* * *

Passaram-se dias naquela vida de bordo até que uma tarde, um pouco mais cedo que de costume Margarida subia á coberta e de lá lança um grito de alegria.

Avistara a terra e ia participa-lo á boa da religiosa.

O resto da tarde foi de alegria segundo a promessa.

* * *

Junto do irmão, depois de o abraçar a chorar, começou a contar-lhe noticias da terra.

Mas o rapaz não socegara.

— Afinal o que te traz cá?

Nunca me disseste nada...

— E' que não tive tempo.

E' bem simples no entanto a razão da minha visita. Recebi uma carta em que se me dizia que estavas irremediavelmente perdido e eu queria ver-te.

— Obrigado. Mas... vens só por isso?

— E não julgas a minha amisade suficiente para t'o fazer? Não te lembras de como nós eramos amigos lá nos campos da nossa aldeia?...

— Se lembro

Mas vejo-te tão triste...

Porque vens assim? Parece que tens chorado muito.

—, Tenho, na verdade, com medo de te não encontrar vivo. Mas Nossa Senhora concedeu-me essa graça. Ai! Tenho-lhe rezado tanto por ti. Se tu soubesses e de quanto tenho sofrido... Mas olha cá tu não tens aqui nenhum quadro de Nossa Senhora? Tu já não és amigo dela?

— Sou, sou. Mas falemos doutra coisa.

— Porquê? Então tu não gostas de falar daquêles a quem amas? Ah! tu enganas-me...

— Não engano. Vês esta medalha que me tem acompanhado sempre?

— Ainda bem. Ela não nos abandonará. Dize-me cá:

Então como estás tu agora?

— Achas-te melhor?

— Não. Vou morrer em breve.

— E estás preparado?...

— Estou.

— Já te confessaste? —

— Como se eu não acredito na confissão!?

— Ah! aí tens porque vim ter contigo. E' sempre vivo o amor que te consagro, mas nunca êle me teria feito vir só atravessando o Oceano para te vêr. Foi essa noticia de que não querias confessar-te, foi só ela que me fez vir até junto de ti.

Prometi-me a mim mesmo não sair de junto de ti sem te ter feito voltar á fé católica em que fomos educados e que é a unica verdadeira, a unica Divina.

E tu has-de teimar?

Lembra-te de que tens uma alma a salvar.

Deixa as tristes ideias que te meteram na cabeça e volta-te de novo para aquêle Jesus que ha-de ser a tua felicidade eterna.

Tem dó de ti, da tua pobre alma; tem dó de mim, e da nossa querida mãe.

... ...

As ultimas frases eram já entrecortadas pelo choro e pelos soluços.

As lágrimas dos dois juntavam-se.

Confessou-se arrependido e resignado o dias depois adormeceu no Senhor.

Quem a visse então na viagem de regresso notaria a resignação daquêle rosto emoldurado no luto.

—Ela vira-o passar mas vira-o passar tão bem!

Tinha pena mas como a sabem ter as almas profundamente cristãs: a pena resignada com a Vontade de Deus.

Ao voltar á sua terra Margarida não se cansava de contar a toda a gente o milagre da conversão do irmão.

... ...

Quando em nós ha uma vontade firme e perseverante não ha dificuldade ou obstáculo que nos impeça a realisação do nosso ideal.

Que a figura de Margarida incuta um pouco mais de coragem a tanta mulher da nossa terra que entre aquêles que lhe são caros podem contar alguém não como o irmão dela mas talvez um pouco frio, afastado da lei do Senhor.

Ah! de quanto não é capaz um coração e um zelo de Apóstolo mesmo em peito de mulher!...

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte	81.907$70
Papel, composição impressão, etc. do n.º 61 (70:000 exemplares)	3.532$00
Sêlos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, cintas, etc...	875$14
	86.314$84

Subscrição

(Janeiro de 1927)

Enviaram importancias para as despezas do jornal·

Manuel da Silva Pita, Maria Augusta Machado de Lemos, Maria Celestina da Silva Pita, Mario Raul Soares, Sofia Maria Bugalho Sarmento de Figueiredo Soares.

Donativos vários e jornais avulsos: João Coelho dos Reis, 1.083$40; P.e Francisco d'Assis Andrade, 107$60; João Mendes de Matos, 100$00; Luciano Leandro Pires, 110$00; José de Cabedo e Lencastre, 210$00; Josefa de Jesus, 80$45; Maria das Dores Tavares de Sousa, 198$00; Ana da Conceição Neves, 129$50; Maria dos Anjos de Matos, 250$00; M. Aurora Nobrega, 81$00; Luís Castro Dias Guimarães: 50$00; Emília Nunes da Rocha, 60$00; José Luís Mendes Pinheiro, 60$0; Mara José Ferreira Paulino, 40$00; Mara Carolina Caetana 48$20; Maria José Cordeiro, 200$00; José Rodrigues Cardoso, 70:00; P.e Augusto José Vieira, 73$50; Domingos Dias, 141$00; Maria Pinha da Cunha, 90$00; Augusto Marques Pereira, 47$20; Inês da Conceição Castro e Simas., 50$00; Manuel Alves Soares Teixeira, 16$50; Clotilde de Jesus Barcelos, 50$00 (insulares); do Colegio de N. S. da Torre(50$00; Asilo de S. José de Braga, 25$00; P.e Antonio Nunes Alberto, 720 dolars; Joaquina da Conceição Duarte, 25$70; Miguel Bento Nunes, 18$00; Manuel Alves Mateus, 25$00; José Rodrigues da Costa, 17$50; Maria Emilia Vieira, 45$00; Carmina Vieira, 14$00; Aida Ferraz d'Aguiar, 41$00; P.e António Martins Carneiro, 41$00; Zulmira da Mota Galhardo, 33$50; Beatriz Valente, 35$00; donativos vários, 35$00.

Maria Filomena Reimão, Francisco António Chichorro, Amélia Morão de Paiva, Inês Barros e Cunha, Delfina Vaz Serra, Margarida Botelho Chichorro Reimão, Maria Benedita de Menezes Leite d'Almada, Emilia de Lemos Ferreira, Gertrudes Maria Fernandes, Dr. José M. Malheiro, Albina de Jesus dos Santos, Augusta Santos Pinto Moreira, Maria Jesus Silva, Maria M. dos Remédios (20$00), Florinda Ferreira, Maria do Carmo Cunha Lemos e Matos, Maria Amélia da Cunha Matos, António Ferreira Soeiro, Filomena Araujo Rebelo, P.e António Pereira Pinto, Maria da Soledade Veiga, Maria de Santiago (25$00), Beatriz de Vasconcelos e Santos, Amélia Teixeira, António Quaresma, Manuel Lourenço dos Santos, Acácio Reimão, Maria da Graça Machado Sarmento José Augusto Alves, Ester Le Retord Guimarães, João Luís Andrade, Gertrudes da Silva Nunes, Josefa Serras, Julio Faustino, Assunção Claudio, Candida Rosa Martins, Maria José dos Santos Moreira, Ismalia Bastos Messedet, Julia da Silva Neves d'Oliveira, Carminda Tavares Guerra d'Andrade, Sara Mudat, Albertina d'Artayett Mota, Angélica de Lemos, Beatriz Mota Guimarães, Alice Martins Mudat, Leonor Guimarães Vieira, Dr. António Augusto Leite Braga, Domingos Martins, Mariana Pires, Herminia Lencastre, Elmina da Cruz Côrte (50$00), Maria da Visitação Alves Nunes, Virginio Lopes Tavares, Clara Rosa Soares (2 dolars), Herculano Sales, Izabel dos Santos Gomes, Maria do Rosário Ferreira, Dionizia Queijinho, Genoveva Farinha, Malvina Melo Pato, Maria da Conceição Borges Cabral, Maria Luiza Pais Mendes, Herminia Barata Valerio, Palmira Ribeiro Lopes, António Luís Fernandes (5$00), Eliza d'Oliveira Duarte (15$00), Manuel Gomes Gonçalves, António José Rodrigues Pereira, Henrique Gonçalves Vilão, Agostinho Rodrigues da Bela, Mariana Pinheiro Guimarães, Rosa da Veiga Gil da F. Pinheiro, Anibal da Cunha Nogueira, Maria Patrício, Maria Henriqueta Magalhães, Gertrudes Pinto Serrano, Joaquim José Ferreira, Dolores Barbara Gonçalves, Aurelio Lacerda Moutinho, Maria José Jorge, Corina Fontes, Maria da Luz Pereira Rodrigues, Maria José de Magalhães Aguiar. Albertina Vieira Simões (50$00), Maria Filipa da Veiga de Menezes (50$00), D. Maria da Conceição Ferreira, Armando Medina, Anonimo (50$00), António Pereira Pichel, Maria Saturnina de Meireles Coutinho Barriga (20$00), Maria da Graça Duarte d'Oliveira Santos (12$00), Maria Geralda da Luz Ferreira.

Pedido aos assinantes

Pedimos o favor de nos indicarem o n.º da assinatura, ou mesmo enviarem a cinta do jornal, quando pagarem a assignatura e principalmente quando fizerem qualquer reclamação.

Algumas pessoas nos têem avisado de receberem o jornal em duplicado ou triplicado, mas não nos dizendo os n.ºs respectivos, fica inutil a sua informação.

Historia dum galucho

Ha tempos assentava praça e entrara a primeira vez num quartel d'artilharia um rapaz d'uma aldeia do norte.

Na primeira noite, ajoelhou junto da cama, fez sem ostentação mas tambem sem tímidez, o signal da cruz, continuando depois a sua oração que se não foi muito comprida tambem não foi... telegrafica. Os camaradas que tal viram vieram logo com as suas chufas, gritando: «olha o morcêgo! Querem vêr que vai comer a palha do enxergão!...» e, por ai além, mil coisas neste gosto.

O recruta não fez caso, deixou falar, despiu-se e deitou-se. -No dia seguinte, á mesma hora a mesma scena.

Veio o terceiro dia. Recomeça a mesma dança. No entanto o *galucho*, cumprindo os seus deveres para com Deus, levanta-se e, de pé encostado ao leito, olha bem de frente aqueles vinte e quatro homens que gracejavam e diz-lhes: «Ouçam lá: Já é esta a terceira vez que vocês usam de todas essas lindas espertezas para comigo. Eu julgo-me no direito de dizer o que penso de vocês. E isto diz-se em duas palavras: vocês são uns covardes e uns parvos!

«São covardes porque são vinte e quatro contra um. E são parvos porque escarnecem de coisas que ignoram. Eu, cá por mim, creio em Deus, adoro-o e elevo a minha alma para Ele, e vocês não sabem nada d'isto. Vivem como uma besta, dormem, comem, caminham e não vão além d'isto.

E não compreendem vocês que sendo assim, são uns autenticos parvos?»

Tudo se calou. O mais leal do grupo levanta a voz e diz-lhe: «tens razão, não andámos bem, cada um é livre.»

No dia seguinte um segundo recruta vem ter com o primeiro arengador do dia antecedente e pergunta-lhe: «Mas é certo que tu crês em Deus?

—E' claro. E tu?

—Eu, não, nunca ninguem me falou nisso. Não poderias tu dizer-me alguma coisa a seu respeito?

—Posso.

E de tal maneira falaram que algum tempo mais tarde, o segundo fazia a sua primeira Comunhão.

Acabado o tempo da vida militar foi para a sua terra exercer o seu oficio e emquanto trabalhava não perdia ocasião de evangelisar á sua volta.

Aos domingos todo o trabalho cessava e ia á Missa.

Ah! se os católicos soubessem vencer o ridiculo espantalho do respeito humano, se dessem uma nota de coragem nas fabricas, nas oficinas, nos campos, nos cafés, nos comboios... fariam maravilhas!

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte...	5.197$53
Manuel Moreira da Silva... ...	20$00
M. do C. da C. B. (em cumprimento duma promessa)... ...	40$00
João Francisco Angelo...	20$00
	5.277$53

A MEDICINA DO JEJUM

Nestes nossos tempos em que as comodidades se multiplicam e estão ao alcance de muita gente, ha quem sinta calafrios, imaginando-se já não só doente mas até morto e sepultado, só na perspectiva de ter de jejuar alguma vez.

No entanto um grande número de doenças têem a sua origem no excesso de comodidades e nos abusos da comida e sobretudo da bebida.

Os frades cartuxos jejuam oito mezes seguidos em cada ano, comendo uma vez só por dia. Contudo chegam a velhos e não se vêem entre eles grandes enfermidades, apesar da grande velhice que muitos atingem. Quando Urbano V quiz mitigar os rigores da Regra, os bons frades, para provar ao Papa que tais rigores lhe não prejudicavam a saúde, enviaram-lhe uma deputação de 27 monjes dos quais, o mais novo contava 88 anos.

Ano V Leiria, 13 de Dezembro de 1927 N.º 63

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA da FÁTIMA

(13 DE NOVEMBRO)

Fechado o ciclo das grandes peregrinações com a peregrinação nacional de Outubro, inicia-se agora de novo o período das pequenas romagens, menos movimentado mais simples e tranqüilo, mas por isso mesmo mais propício á oração, ao recolhimento, á paz própria dos logares sagrados.

A manhã do dia treze acordou esplendida, inundando de luz e côr as cumiadas dos montes e os recessos dos vales e dos alcantis da serra.

Sentia-se em tôda a natureza animada um palpitar de seiva, uma exuberância de vida, que ocultava a todos os olhos, ainda os mais atentos, os primeiros efeitos da quadra outonal, tão poética e tão inspiradora de doce saudade e de funda e suave melancolia.

A's nove horas da manhã já uma grande multidão se comprimia no local das aparições, assistindo devotamente às missas que, de espaço a espáço, se celebravam no altar principal da capela nova, para que todos os fiéis pudessem nesse dia, que era um Domingo, satisfazer ao preceito da audição da Missa.

No Posto das verificações médicas o Dr. Pereira Gens, ajudado pelos servitas, procede á inscrição dos doentes que pouco a pouco vão aparecendo, embora em número muito inferior ao dos últimos meses.

Numa das galerias do Posto um amigo chama a nossa atenção para uma rapariga que está aguardando a sua vez de se apresentar ao director dos serviços médicos.

Dirigimo-nos a ela e, num pequeno círculo de pessoas conhecidas, que logo nos rodearam, começamos a interrogá-la.

Chama-se Laurinda Ferreira de Sousa, tem vinte e cinco anos de idade e é natural e moradora em S. Cosme de Gondomar.

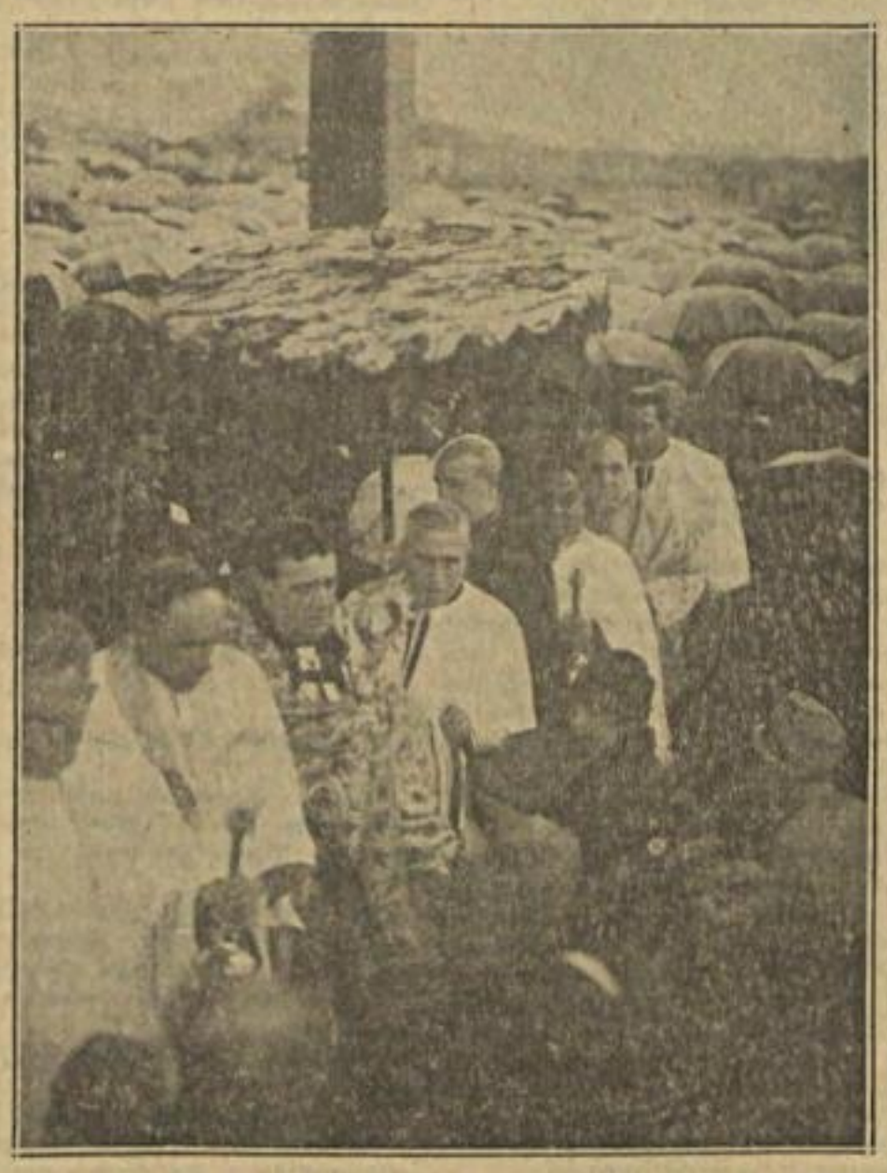
Segundo um atestado que apresentou, passado pelo seu médico assistente, dr. Abel de Sousa Pacheco, do Porto, sofria de retroflexão uterina e ovarite esquerda.

Desde os quinze anos de idade que aquela doença a atormentava cruelmente. Tinha consultado diversos médicos sem resultado e por fim, havia quatro anos, era cliente do Dr. Abel Pacheco.

Nos últimos três meses peorou bastante, alimentando-se quási exclusivamente de leite. O médico assistente aconselhara-a a submeter-se a uma operação que, embora a não curasse, aliviaria um pouco os seus incomportáveis sofrimentos.

A família da enfêrma opunha-se terminantemente a que ela fizesse a operação, considerada melindrosíssima, e nessas condições o seu espírito hesitava sem saber como se decidir, com receio dum possível desenlace fatal.

Passavam-se estes factos em princípios do mês de Outubro próximo findo. Foi nessa altura que uma senhora do Porto, D. Amélia Gonçalves Vieira Ramada, moradora no Campo dos Mártires da Pátria, n.º 106, sabendo do desejo que a enfêrma tinha de ir a Fátima antes da operação, com a esperança de a evitar, se prontificou a pagar um lugar de *camionette*, para que ela, que era pobre, pudesse incorporar-se na pequena peregrinação que se estava organizando na freguesia de S. Cosme de Gondomar, para o dia treze de Outubro.



O Sr. Bispo de Leiria dando a benção aos doentes em 13 de Outubro
Um pouco atraz vê-se o Sr. Bispo de Beja

A *Camionette*, que conduzia aquele grupo, composto de vinte e duas pessoas, sob a direcção do abade, rev.do Crispim Gomes Leite, chegou á Cova da Iria, no dia doze á tarde.

A enfêrma sentiu-se muito mal durante tôda a viagem e, ao terminá-la, estava completamente exausta.

Não poude assistir, bem a seu pesar, á grandiosa procissão das velas nem tomar parte na adoração nocturna, passando a noute inteira deitada na *camionette*.

No dia seguinte amparada por algumas pessoas amigas, foi comungar, tendo-se já confessado na sua terra, e assistiu á missa do meio-dia.

Emquanto se celebrou o santo sacrifício, permaneceu no mesmo estado, sem apetite, cheia de dores e numa grande aflição interior, posto que acompanhada da mais perfeita conformidade com a vontade de Deus.

Termina a Missa e o veneravdo Bispo de Leiria, ricamente paramentado, com a custódia de ouro nas suas mãos sagradas, ladeado e seguido dalguns dignatários eclesiásticos entre os quais avulta o senhor Bispo de Beja, dá princípio á bênção dos doentes, que, em número de muitas centenas, estão dispostos em filas no recinto do Pavilhão.

Do alto da varanda do altar das missas, o rev.do capelão-director dos servitas, colocado em frente do microfone, faz em voz alta as invocações de Lourdes, que os megafónios reproduzem por tôda a parte na vasta esplanada e a que respondem em unísono as vozes de mais de duzentas mil pessoas.

Os ecos das montanhas adjacentes repercutem, engrandecendo-as e multiplicando-as, essas vozes que constituem um côro sublime e colossal, que se eleva para as alturas, fazendo suave e eficaz violência ao Céu, para abrir o cofre das graças divinas.

Quando o ilustre Prelado Leiriense traça a cruz com a custódia sôbre a desditosa peregrina de Gondomar, precisamente no momento em que ela repete com o povo a invocação que o sacerdote acabava de fazer—«*Senhor, dizei uma só palavra e eu serei curado*»—sente um frémito inexplicável pércorrer-lhe o corpo todo, desde a cabeça até aos pés, perde momentaneamente os sentidos e, voltando logo a si, reconhece que as dores desapareceram por completo e experimenta um bem-estar indefinível, como ha muitos anos não experimentava.

Recebida a benção geral, dirige-se sósinha para a *camionette* com grande surpreza de todos os peregrinos seus companheiros de viagem e, sentindo uma grande fraqueza e um apetite extraordinário, pede ao rev.do Abade que mande interrom-

per os cânticos de despedida á Virgem para se poder abrir o cesto dos farnéis.

Concluida a viagem de regresso, apresenta-se ao Dr. Abel Pacheco que, tendo-a examinado cuidadosamente, não lhe encontrou nenhum vestígio da antiga doença e a declarou completamente curada.

Voltou êste mês a Fátima para agradecer a sua cura á Santissima Virgem e proclamar com a sua presença no local das aparições o poder e a misericordia da augusta Mãe de Deus.

O «Legionario de Gondomar» de cinco de Novembro, publica um relato circunstanciado deste caso extraordinario, devido á pena do seu ilustrado director.

Um facto assaz memorável, que ficará para sempre registado em letras de ouro nos anais gloriosos de Fátima, assinala particularmente o dia treze de Novembro. E' a grandiosa e imponente peregrinação paroquial da freguezia de Milagres, diocese de Leiria, ao santuário das aparições. Organizada pelo respectivo páraco, rev.do José Ferreira de Lacerda, em retribuição da visita que a freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres de Fátima tinha feito em 8 de Setembro de 1732 á freguesia de Milagres, afim de oferecer a sua valiosa esmola para a construção do suntuoso templo do Senhor Jesus dos Milagres, nela se incorporaram cêrca de setecentos dos seus paroquianos, animados de verdadeiro espírito de fé e piedade. Na igreja da freguesia numerosas pessoas se aproximaram do tribunal da penitencia nos dias onze e doze, saindo no dia doze á tarde aqueles a quem as suas posses ou devoção exigiam que fôssem a pé e partindo os duzentos inscritos no dia treze de manhã em oito *camionettes*, dois automóveis e um camião.

Na ida guardaram o silêncio, rezaram o terço, meditaram a Paixão e cantaram cânticos piedosos depois da passagem do Reguengo. Cada veículo tinha um chefe, a cujas instruções todos os peregrinos se submetiam de bom grado.

Celebradas a missa da peregrinação e a missa dos doentes e dada a benção com o Santissimo, o rev.do páraco prega um eloqùente sermão, sendo as suas palavras repetidas pelos megafónios, que funcionavam distintamente.

Terminado o sermão, organizou-se o cortejo para reconduzir a Imagem da Virgem á capela das aparições, tendo cabido a peregrinos da freguesia de Milagres a honra de levar o andor aos ombros.

Por fim, tendo sido entregue ao encarregado de receber os donativos para a construção da Basilica a quantia de mil e quinhentos escudos, produto das esmolas recolhidas na freguesia para aquele fim, todos os peregrinos cheios de alegria se dirigiram á Batalha para visitar o monumento das nossas glórias e orar sôbre o tumulo dos soldados desconhecidos, onde o rev.do páraco, antigo capelão em França, proferiu uma sentida alocução religiosa e patriotica e pediu que de joelhos todos rezassem um Padre Nosso pelas almas dos que morreram pela Patria.

Entretanto, lá no alto da serra, no local das aparições, em tôrno dos augustos santuários, os demais peregrinos recitavam devotamente as ultimas preces e faziam com as lágrimas nos olhos as suas despedidas á Virgem, deixando as almas e os corações presos pelos laços da mais viva saudade áquela estancia de milagres e prodígios, áquele teatro das sublimes maravilhas de Deus.

Visconde de Montelo

AS CURAS DA FATIMA

Transcrevemos do esplendido semanario Legionario de Gondomar de 5 de novembro)

Laurinda Ferreira de Sousa é o seu nome. Tem 25 anos e é filha de Antonio de Sousa e de Leopoldina Ferreira, residindo no logar de Ermentão, da freguesia de S. Cosme de Gondomar.

Há dez anos, diz ela, que tem sofrido horrorosamente, atormentada sempre pelas mais cruciantes dores. Tem consultado, desde então, varios medicos, que lhe têm aconselhado varios medicamentos e a têm sujeitado a diversos tratamentos, sem contudo alcançar grandes melhoras.

Há cinco anos, porém que vem sendo medicada e tratada pelo Dr. Abel Pacheco, esse habil e distinto medico-cirurgião, que tão conhecido é na cidade do Porto, e que, não obstante a doente em questão

Laurinda, miraculada em 13 de Outubro repentinamente á Benção do Santissimo

ser extremamente pobre lhe fez a aplicação de todos os tratamentos modernos.

Apesar, porem, do tratamento rigoroso a que foi sujeitada desde ha muito tempo por esse abalisado clinico, as melhoras que sentia eram poucas; pelo contrario, foi-se sentindo cada vez peor, o mal foi aumentando cada vez mais; as dores tornáram-se insuportaveis, a ponto de o medico lhe indicar ha alguns meses uma melindrosa operação uterina, como remedio para a enfermidade que a estava torturando.

Disse mais o mencionado medico que essa operação devia ser feita quanto antes, pois, de contrario, dentro em breve ela a quereria fazer e já não lhe seria possivel.

Estava, diz a Laurinda, resolvida, embora contra a vontde de seus pais, a fazer a operação aconselhada pelo medico, nos principios do mez de Outubro.

Alguem, porém, a aconselhou a ir a Fatima, para ver se Nossa Senhora se lembrava dela, curando-a se fosse digna dessa graça.

Disse então ao Dr. Abel Pacheco que, embora com grande sacrificio, estava resolvida a ir a Fátima antes de se sujeitar á operação.

O medico respondeu-lhe que fizesse como quizesse, pois estava pronto a passar-lhe um atestado, em que indicaria a doença de que ela era portàdora.

Efectivamente passou esse atestado que foi depois entregue em Fátima aos medicos que lá estavam, e no qual declarava que a paciente sofria de *«retroflexão uterina e ovarite.*

Munida desse atestado e atormentada pelas mais agudas dores, a Laurinda Ferreira de Sousa dirigiu-se a Fátima no dia 12 do mez passado.

A viagem foi horrorosa para ela, não podendo comer nada durante todo o trajecto, pois tudo lhe fazia mal.

A noite de 12 para 13 passou-a no meio das mais cruciantes dores, não lhe sendo possivel ir á Cova da Iria, nem incorporar-se na procissão das velas.

Amanhece, porem, o dia 13. Ela, embora cheia de sofrimento, sente a resignação na alma.

Comunga com o fervor que lhe é possivel e põe-se nas mãos de Deus... confiando plenamente na protecção da Virgem Imaculada.

A' hora da missa que vae ser celebrada pelos doentes, ela ocupa o logar que lhe é indicado.

Assiste a todas as cerimonias, recolhida, fervorosa e confiante.

Termina a missa e pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo de Leiria é dada aos doentes a benção com o Santissimo Sacramento.

Chega a Laurinda a vez de receber a benção do Pae do Ceu. Ao ser traçado sobre ela o sinal da cruz, sente-se, de repente, completamente transformada.

Parece que um véu, diz ela, a cobriu da cabeça até aos pés, sendo nessa ocasião que sentiu desaparecerem-lhe todas as dores. Desconfia de si mesma.... parece que lho custa acreditar... Mas na realidade, sente-se completamente curada.

Radiante em transportes da mais franca alegria, não sabe como agradecer á sua Mãe do ceu uma graça que não merecia ...

No entretanto, do fundo da sua alma vae tributando, como sabe e como pode, á Virgem Nossa Senhora de Fátima o seu louvor e a sua gratidão.

E, realmente, a Virgem Santissima é digna dos maiores louvores, por um beneficio tão grande concedido a essa humilde filha de Gondomar.

Desde então essa venturosa creatura sente-se completamente outra.

Poucos momentos depois da cura, ela sente fome. Come de tudo, e agora nada lhe faz mal. A viagem no regresso é feita sem dificuldade alguma, manifestando sempre a grande alegria que lhe inunda a alma.»

Publicamos a seguir o atestado medico anterior á cura com que a miraculada se apresentou no dia 13 de Outubro no Posto Medico, cabendo-lhe o n.º 153. Publicaremos o atestado posterior á cura logo que possamos obte-lo.

ATESTADO

Abel de Sousa Pacheco medico-cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Atesto sob palavra de honra que Laurinda Ferreira de Souza, de S. Cosme de Gondomar, sofre de retroflexão uterina e de ovarite esquerda desde ha muito tempo com notavel agravamento nesto ano.

Por ser verdade e me ser pedido passo o presente que assigno.

Porto 8 de outubro de 1927

Abel de Souza Pacheco

(Segue o reconhecimento)

João Vicente Artur Leandro, de Lavre, escreve:

«Peço a fineza de publicar no seu jornal, esta grande graça que obtive da Virgem Nossa Senhora do Rosario de Fátima.

Em 10 de Setembro de 1925 minha mulher, Maria José Ferreira Leandro adoeceu de repente com ataques de eclampsia e quando estes acabavam ficava como morta.

Chamado o medico, o qual depois de atenciosamente a observar, a sangrou e receitou uns medicamentos. Quando este estava para retirar, perguntei-lhe a sua opinião e me disse: sua mulher está muito mal, vejam se conseguem que ela tome o remedio que receitei, o que deve ser dificil por ter os dentes serrados. Fiz tudo quanto estava ao meu alcance, não desanime, e tenha fé em Deus. Experimentámos muitas vezes a ver se tomava uma colher de remedio e foi impossivel. Eu estava como doido, pois bastava saber que com a mesma doença já tinham morrido duas primas e uma tia de minha mulher. Foi no meio desta grande aflição que nos veio visitar a nossa prima D. Maria Filipa de Menezes, e se lembrou que havia aqui quem tinha agua de Nossa Senhora de Fátima, a quem se foi pedir alguma, aconselhando-me ela que prometesse, se minha mulher se salvasse, ir a Fátima com toda a minha familia agradecer á Virgem Santissima tão grande milagre. Assim que se lhe deu a primeira colherzinha da agua engulin-a, a segunda tambem e a seguir o remedio. Vi nisto um grande milagre, os ataques pararam, e começou a engulir e depois melhorando pouco a pouco. Por ser pouca a agua estavamos com receio que se acabasse e que felizmente não sucedeu, porque minha prima e Madrinha D. Filipa d'Assunção Veiga (de Lisboa) me mandou pelo correio um frasco de agua de Nossa Senhora de Fátima, que sempre foi tomando. No dia 12 de Outubro nasceu uma menina, sendo minha mulher muito feliz. O medico admirou-se bastante em não mais ser chamado. A menina a quem a nossa prima D. Maria Filipa de Menezes deu logo o nome de Maria de Fátima, nasceu tão fraquinha que nem tinha força para mamar. Deu-se-lhe umas colherinhas de agua de Fátima, depois umas colherinhas de leite, até que ao fim de alguns dias, começou a mamar sendo criada ao peito até á idade de 15 mezes, com admiração de todos que sempre julgaram não se criar. Fui pagar a minha promessa em 13 de Junho ultimo. Chegamos á cova da Iria no dia 12, e assistimos a todas as cerimonias, minha mulher comungou meu filho Antonio de 7 anos fêz lá a sua primeira comunhão, minha filha Maria de Fátima, fêz lá 20 mezes. Agradeço reconhecido á Virgem Santissima Nossa Senhora do Rosário de Fátima, e que com a sua divina graça acuda áqueles que cheios de amor e de fé como eu a ela recorrem.

OUTRAS GRAÇAS

Tendo em nosso poder já ha bastante tempo, o relato de muitas centenas de graças obtidas por intervenção de N. Senhora de Fatima, vamos procurar resumir o maior numero para não demorar muito mais a publicação pedida:

Maria Adelaide Novaes de Tabuado (Marco de Canavezes); *D. Rosa Teixeira* e *D. Anna Teixeira dos Santos*, da cidade de Vila Real; *D. Maria Izabel Saldanha d'Oliveira e Souza* (Sanatorio de Paredo) numa grande aflicção e outras diferentes graças, incluindo a cura de uma pequena; *G. B.* seminarista de Beja, depois de recorrer a N. Senhora, obteve os meios materiaes necessarios para se conservar no Seminario: *D. Gracia Maria Pinheio*, da casa de Pindela (vila Nova de Famalicão).

Rufina Rosa de Almeida, de Montebelo desaparecendo-lhe um tumor em uma noite;

D. Maria Rodrigues Lirio, de Ovar; *D. Rosa Maria d'Oliveira Leite*, de Ovar, tendo o medico declarado que tinha uma lesão no coração; *D. Ludovina de Jesus Lopes*, do Seixal; *Maria de Jesus da Silva Bento*, da freguesia de Dois Portos, vendo uma familia em grande aflicção e em uma desgraça eminente *D. Maria Felisberta Ferreira de Souza*, de Braga; *D. Eugenia de Monfalim*, começando uma doente a melhor logo que começou uma novena: *D. Celeste Batista Mousaco*, a cura radical de um abscesso; *D. Teresa da Conceição Xavier Ramos Neto*, de Figueira da Fox; a cura de seu marido; *D. Emilia Santos*, de Paredes (Douro), em dores horriveis dos rins e outra doença grave; *D. Ermelinda Nobre Guerreio da Silva* (Avenida Marquês de Tomar, 50-4.º—Lisbôa), uma graça concedida a sua filhinha; *Antonio Roberto de Carvalho*, de Vianna do Castelo, a cura de um sobrinho: *D. E. de Jesus Barros*, de Belem, em uma grande aflicção.

Seja eu homem honrado é quanto basta

Alto lá, meu amigo... Conforme se entender essa honradez.

Na lei de Deus a honradez extende-se a todos os actos do homem, tanto internos como externos, assim religiosos como naturais e civis tanto publicos como de caracter particular. E' a honradez completa, que abrange e compreende o homem todo, no conjunto das suas relações e dos seus deveres, e portanto esta é a unica e verdadeira honradez.

A outra veste manga mais larga, contenta-se com muito pouca coisa, isto é, com o pouquissimo que basta para não levarem um cidadão á forca, á penitenciaria ou ao degredo.

Ha no mundo muitos exemplos destas duas especies de honradez. O homem honrado segundo a lei de Deus, conhece o que deve ao seu Creador, presta-lhe culto

e acatamento, obedece á sua lei, crê tudo quanto Deus revelou, é docil e submisso á sua fé: numa palavra, é um bom cristão.

Como sabe que nada se esconde aos olhos vigilantissimos de quem o ha-de julgar, vela continuamente não só sobre o seu corpo mas ainda sobre o seu coração e pensamentos, refreando-os quando se querem exceder e reconduzindo-os ao bom caminho, se por acaso se extraviam.

Procede segundo as normas da justiça dando a cada um o que de justiça lhe deve e o que a lei da caridade ordena, abstendo-se do mal por temor da lei humana, mas governando-se mais que tudo pela de Deus, em cujo inflexivel tribunal sabe que tarde ou cedo ha de comparecer.

Goza do presente quando licito, e algumas vezes até do licito e permitido se abstem voluntariamente. O que a lei de Deus lhe proibe, proibido está, quer o castigue ou não o juiz da Comarca, saiba-o ou não o saiba a visinhança.

Exemplo da honradez segundo o mundo é esse pai de familia que faltando á educação a seu filho, e dando-lhe ou consentindo-lhe em casa toda a casta de maus exemplos, pouco se importa que êle lhe saia um patife.

E Fulano como enriqueceu tão depressa? Ninguem vai pôr em duvida a sua honradez, mas sabe-se de boa fonte que não perde ocasião de fazer um negócio *redondo*. Sabe-se que na administração de um cargo ou emprego que teve, arrecadou para o seu mealheiro, com bem pouca limpeza de mãos, quási tudo o que constitue hoje o seu fabuloso capital.

Outro exemplo é êsse honrado cavalheiro que todo se pavoneia aí pelos passeios publicos e faz figura nos melhores salões, mas sabe-se que uma certa fazenda, a quinta, o Moinho, as casas foram bens da Igreja, roubados um dia e comprados no dia seguinte quási de graça em hasta publica pelo nosso honradissimo cavalheiro.

Antonio é honradíssimo, ninguem pode pôr pécha á lisura dos seus contractos.

Mas praticas religiosas nunca em sua vida as conheceu.

Não reza, não vai á Missa, nem dá esmola, nem pensa em Deus, nem lhe dá cuidado a outra vida. E' de genio pacifico, e até o povo diz: «se não fosse aquilo de não fazer caso de coisas de Igreja... no mais é um sujeito muito honrado.»

Se nisto só consiste a honradez, digo eu: «tão honrado é Antonio como o meu cão, que a ninguem morde nem tem má vontade.»

Uma sementeira de açucenas

Cecilia na manhã do dia em que saia do colegio, esteve longo tempo absorta depois da sagrada Comunhão.

No fim d'aquela longa distracção, *disse resolutamente, como quem está decidida a cumprir:*—meu Deus juro-vos que vos hei de ganhar almas.

Na pratica de despedida o director espiritual tinha dito ás alunas que se iam embora:

—Agora, minhas meninas, ide e espalhai em volta o bem que puderdes, lançando, por onde puderdes, a semente divina que recebestes nesta casa.

Não sejais flores artificiais sêcas, sem vida nem odor, mas flores vivas, naturais, verdadeiras. — Semeai açucenas em volta de vós, semeai rosas, *que chamem a atenção pela sua candura e fragrancia.*

Cecilia pensou: Hei-de semear açucenas.

* * *

Chegando a casa pediu licença á mãe para ir á Missa todos os dias.

—A' Missa? Isso, basta aos domingos, menina.

—Bem sei. Mas eu gostava tanto de ir todos os dias!...

A mamã, não m'o nega, pois não?

—!...

—Sim, mamã, sim, muito obrigada. Vou com a prima que morava perto.

E lá ia, voltando depois contente como uma andorinha. Amiga de fazer vontades, uma solicitude, um modo tão insinuante e meigo, que a mãe andava radiante.

Ia todos os dias á igreja buscar açucenas.

* * *

Veio um dia de rigoroso jejum, mas á mesa serviam carne.

—Mamã eu preferia magro.

—Não pode ser, menina.

O papá não pode, eu tambem não e tu... tão fraca...

—Eu, mamã? ó! papá, dê-me esse gosto papasinho! E abraçou-o com uma tal ternura que provocou lagrimas ao pobre pai. Como havia ele de contrariar aquela tão boa Cecilia, tão submissa, tão carinhosa?

E, por causa d'ela, começou naquela casa a usar-se de peixe nos dias de jejum.

Começava a semear açucenas.

* * *

Numa noite de inverno diz ela:

—Mamã, as creadas rezam?

—Eu sei lá!...

—Então eu vou ver, quer mamã?

Lá foi. Pôz-se no meio da creadagem, que formou em volta d'uma meza da cosinha.

—Agora, antes de se irem deitar, vamos todos, rezar o terço a Nossa Senhora. Disse isto com tanta graça que todas disseram logo que sim, mesmo porque gostavam muito daquele anjo, *como lhe chamavam.*

Rezou mais umas orações disse umas coisitas sobre Nosso Senhor, deu as boas noites depois de agradecer por lhe terem feito a vontade e... foram-se deitar.

D'ali por deante foi sempre assim.

Continuava a semear açucenas.

* * *

Um mês depois disse ao pai:

—Se o papá soubesse como é lindo agora lá em baixo na cosinha!...

E levou-o pelo braço.

Abraçou e beijou sofregamente a filha, que lhe enxugava, a rir-se, as lagrimas.

—Como és bôa, minha filha!... Quem me déra ser como tu!...

E punha-se a olhar para ela muito parado, com lagrimas tambem muito paradas.

* * *

Ainda não acabou.

Espera muito mais. Vai todos os dias buscal-as á Sagrada Comunhão, as açucenas de que tem já um tão lindo canteiro.

Ela, porem, não se contenta com um canteiro, quer fazer um grande jardim. E com certeza o conseguirá, tanto mais que anda metido no caso o Divino Jardineiro.

OS ANOS DA MIMELA

—Que tempo tão triste, mamã para o dia dos meus anos!

—Triste porquê?

—Então não vê como encobriu? Um tempo nevoeirento e humido?—

Até me faz andar triste tambem.

—Tu triste Mimela?

Não to quero triste.

Tu tão nova? Não.

A tua idade não é para tristezas. Canta, ri, alegra-te mas sempre em Nosso Senhor sim?

—Oh mamã eu não sei dizer-lhe que não, mas custa-me tanto, não sei que é mas não posso.

... ...

O sabado amanheceu emfim carrancudo e triste. O céu nos outros dias tão azul tão cristalino, ensombrara-se como se uma nuvem de cinza e fumo se tivesse interposto entre nós e o sol.

O horisonte, que até ali deixava perder a vista lá ao longe numa linha sumida a tentar separar o mar do firmamento, cerrava-se hoje a poucos metros por uma nuvem baça a manchar as ondas dos mais esquisitos tons.

Tinha razão a Mimela. Fazer anos num dia tão triste!... Que pena!...

—Eu queria um dia claro um dia de sol lindo como o brilho dos nossos olhos para correr, saltar de penedo em penedo a brincar com as ondas e com as minhas irmãs... um dia que fosse o espelho da minha alma.

Assim... tão triste... fico triste também...

E realmente os olhos de Mimela estavam mortiços no dia dos seus anos.

Aquele todo, vivo e agitado que nos outros dias a caracterisava desaparecera quasi por completo.

Era um socego que fazia apreensão e que se tornava notado no contraste da rija nortada que soprava a encrespar as ondas em franjas mais lindas e mais caprichosas do que a mais linda renda de bilros.

De manhã foi á Missa celebrada por sua intenção na capelita ao cimo da aldeia. Cincoenta pessoas talvez, umas amigas intimas outras desconhecidas assistiam ao Santo Sacrificio com uma piedade e recolhimento notável.

Nem um decote mais atrevido, nem uma manga que não chegasse ao pulso: nada emfim que olhos pudicos não pudessem ver.

Isso notara Mimela ao entrar e nem só ela que na vespera um padre que ali estava tinha falado sobre a moda e a atitude das senhoras cristãs em relação a ela

Porisso não havia uma unica senhora ou menina a dentro da capelita que não tivesse sido examinada da cabeça aos pés.

Mimela ia modesta e elegante no seu vestido branco com fitas de azul celeste e um grande chapéu de palha a escondor-lhe a cabeça quasi por completo.

Era o seu traje habitual na capela, traje muito simples, muito lindo muito modesto quando uma pontinha de vaidade ou de respeito humano lho não apertava e subia demasiadamente o cinto até o esconder numa dobra de pano que algures havia de faltar.

Naquele dia Mimela soubera resistir á tentaçãosinha de vaidade ou seguir mais docilmente os conselhos da mãe.

Ao entrar olhou curiosa para as que já estavam e ficou ruborisada.

Não era sincera aquela atitude de algumas senhoras. Pois não tinham elas ido criticar asperamente a pequena alocução da vespera sobre a imoralidade da moda moderna? Como é que então iam tão modestas hoje? Era para sempre?

Não.

Logo, na praia, continuavam como dantes numa torpe exposição. Depois, mais tarde a mesma petulancia, a mesma imodestia de até aqui.

Revoltou-a aquela doblez de caracter.

Impressionara-a a alocução da vespera com algumas das suas mais vibrantes passagens.

Custava-lhe... era necessário sacrificar-se... vencer-se mas o padre tinha razão... não fôra violento mas verdadeiro, sincero: era forçoso confessa-lo.

—E então?...

—Então... era preciso reformar em si alguma coisa que não ia bem, que a podia desviar do bom caminho e da amizade do Senhor.

A missa era por intenção dela—sabia-o bem e parecia-lhe que o Senhor lhe pedia alguma coisa mais a unir-se no Santo Sacrificio á Vitima Divina.

Porque era insuficiente o Santo Sacrifício para agradecer a Deus os beneficios passados, e pedir-lhe outros novos para impetrar perdão para o passado e força para o futuro?

De forma alguma!...

Mas parecia-lhe que o Senhor lhe falava intimamente e lhe pedia o sacrificio intimo de alguma coisa sua.

Alguma amisade a surgir, a esboçar-se? Não. Algum afecto menos prudente? Não.

Ao momento dos vivos, quando mais recolhido o sacerdote orara especialmente por ela ao Senhor, Mimela recolheu-se também e ouvi-O no fundo da alma.

Era pungente para ela aquêle sacrificiosito...

Ah se o Senhor soubesse — Sabia perfeitamente.

As lágrimas rebentaram-lhe dos olhos silenciosamente e, caindo como um orvalho de pérolas sobre o azul das fitas, iam confundir-se envergonhadas na alvura imaculada do vestido não fosse alguém vê la, descubri-las.

E assim aquelas lágrimas iam juntar-se ás gotas do Sangue Divino deante do trono do Altíssimo.

Mimela ficou profundamente recolhida até o fim da Missa.

Recebeu o Senhor e as lágrimas rebentaram de novo. Era o sejo duma promessa. Era natural. Aos 14 anos gostava de aparecer, de se tornar notada, de se fazer apreciar. Tão nova, naquela idade...

Mas Ele pedia. No dia dos anos, em recambio de tanta graça:

—«Renuncias ao mundo e a todas as suas pompas e vaidades»?

E entre lágrimas mas decidida, ardente, voluntáriamente em resposta.

—«Renuncio».

—Prometes no mundo dar sempre exemplo de modestia no vestir e em todo o teu porte?

Não sacrificares nunca a tua virtude á moda?»

Recolher-te comigo quando o mundo te solicitar?»

«Prometo, Senhor!»

... ...

Fôra aquêle o agradecimento ás grandes consolações e graças que o Senhor lhe dera por prenda de anos.

E cá fóra quando a chamou ao lado para lhe perguntar porque estava triste ao olhar para ela a mãe notou-lhe nos olhos um brilho, um fulgor desusado e ouviu-lhe pronunciar num mixto de ternura e carinho:

—«Mãesinha, tenho um segredo a dizer-lhe.

—Dize lá.

—Olhe não quero nunca mais nem decotes no peito ou nos braços nem vestidos muito curtos.

—Está bem filha, fazes bem, mas, porque me vens dizer isso agora e tão contente?... Mas tu choraste?!...

—...Chorei... Mas... prometi-o a Jesus no dia dos meus anos.

E do pé da mãe em cujos olhos furtivos bailaram duas grossas lagrimas, lá se foi alegre e contente como se nada de extraordinário se tivesse passado na sua almita.

O tempo desanuviou durante o dia e depois de descarregár em chuva como em lagrimas descarregára a tristeza de Mimela poz-se um dia lindo dum sol brilhante como os seus olhos depois da comunhão.

As ondas desfaziam-se em espuma clarinha clarinha a querer lutar em alvura com o vestido dela.

E tão puro era o ar tão lindo o céu tão encantador o mar que muitos admirados preguntavam que haveria de extraordinário naquele dia e as amiguitas por troça e galanteria respondiam apressadas: «Não sabe? São: *os anos da Mimela.*»

Morto pela peste

Uma pequenita de seis anos, depois da sua primeira comunhão, fez-se catequista voluntaria.

Cada dia, em vez de ir brincar, depois da aula, instalava-se junto das outras creanças, ensinava-lhes o «Padre Nosso» e a Avé Maria» e fazia-lhes beijar a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Pelo caminho, quando se dirige para a egreja ou para a escola, vae passando as contas do seu terço, a fim, diz ela, de lembrar ás pessoas que encontra a conveniencia de rezarem tambem.

Uma tarde, na lição de catecismo, pergunta-lhe a mestra.

—Victoria, como morreu Nosso Senhor Jesus Cristo?

A creança reflete um pouco e, em seguida, em tom comovido, responde:

—Morreu da peste.

Gargalhada geral de toda a aula.

Mas Victoria não ria. Com um ar muito convencido e fixando as suas companheiras, deu esta explicação:

—Não nos disse a nossa mestra ha dias que o pecado é a peste da alma?

Portanto, se foi por nossos pecados que Nosso Senhor morreu, morreu da peste!

Eu quero receber o Menino Jesus

Ha tanta gente que julga que as creancitas não são capazes de receber convenientemente a Nosso Senhor!...

«Porque não compreendem o que vão fazer!».

«Porque são incapazes de reflexão!».

«Porque fazem tudo distraidamente!»

«Porque não podem ainda sentir amor, um amor sobrenatural!».

E por tantas outras razões que o descuido de uns e o escrupulo de outros forjam e fazem passar por bôas.

E creancinhas ás vezes com um desejo ardentíssimo de unir a sua alma e o seu coração ao de Jesus vão esperando, esperando talvez até que, cançadas, sem alimento se deixam cair nos laços do demónio.

Perdem assim longe de Jesus ou pelo menos longe da sua intimidade a primavera da vida que devia desabrochar em flores de virtude e piedade.

Por seu lado, de dentro do Sacrário, o Divino Prisioneiro **cujas delicias são estar com os filhos dos homens** — não assim entre eles — mas dentro deles — bem no íntimo do coração, Jesus tem de esperar muito, muito até entrar sacramentalmente naquelas alminhas em botão.

O Papa convida as creanças á comunhão. Mas a voz do Papa não é ouvida ou pelo menos não é acatada por muitos pais...

Os Bispos com grande solicitude de pais e pastores ensinam, animam, entusiásmam.

Mas ha ainda quem não faça caso.

Quanto o Bom Jesus não tem de esperar.

Como se consome!...

Como anceia por aquele dia da 1.ª Comunhão em que pela primeira vez irá unir a Si aquela inocéncia, aquela candura!...

Que tremenda responsabilidade a destes pais!

* * *

Mas, graças a Deus nem todos assim são.

Ha pais que, conscios da sua Missão ainda os seus filhos mal começam a falar e já eles lhes vão ministrando os rudimentos da doutrina Cristã.

Pouco a pouco vão desenvolvendo esses germens e quando a sua sciencia, já não basta enviam-nos á igreja paroquial a receber a instrução daquele a quem o Senhor pôz por Ministro de tal ministério — o páraco ou outro sacerdote.

Quanto não é necessário trabalhar para trazer os pais católicos até á realisação deste ideal! ...

Mas não desanimemos.

* * *

Pertencia a esta classe o pai do pequenito, microscópico João António — uma creança precocemente viva que toda a gente da terra conhecia e estimava profundamente.

Inteligente, palrador, brincalhão a sua tez morena dava-lhe aos olhos um brilho singular que o tornava simpático desde o primeiro encontro.

Mas sobre tudo isso João António era bom como todas as creanças que têem alguem a cúltivá-las, a dirigí-las a servir-lhes de guia.

Tão bom que aos 6 anos o pai julgava chegado o tempo de o deixar apróximar da Mesa Sagrada.

João António preparou-se cuidadosamente.

Comungou.

Contente satisfeito, conscio do que fazia João António sem perder da memória a lembrança daquele dia tão grande e tão feliz pediu para continuar a comungar e conseguiu-o.

Todos os dias não que lh'o prohibia a idade e as ocupações do colégio — mas de quando em quando por ocasião de alguma festa de família ou da Igreja, João António ia recebendo o seu Jesus, sempre com o mesmo fervor, a mesma devoção do Grande Dia.

Ah como Jesus ali descia contente!

E Ele ia acendendo naquela almita um amor mais vivo — ia-lhe infundindo um conhecimento mais profundo — ia-a enriquecendo e embelezando cada vez mais — que a cada nova comunhão bem feita a nossa alma fica mais forte, mais perfeita, mais rica, mais linda.

* * *

Um dia, de viagem, João António passava pela Fátima.

Era já tarde mas os pais iam ainda em jejum para comungarem.

Porque ninguem ainda tinha comido João António ia em jejum e no seu íntimo com intenção de comungr também.

Começou a missa a que todos assistiram.

João António a principio um pouco inquiéto acabou por socegar por ficar recolhido.

Mas aquele recolhimento parecia demasiado para a sua edade e temperamento.

E' que lhe iam faltando as forças: estava fraco.

Realmente dai a pouco desmaiava.

Levam-no para fóra do recinto banham-lhe a cabeça com água fria; pouco e pouco volta a si...abre os olhitos e quando o pai lhe oferece um copo de água para beber João António diz num tom de imperiosa meiguice:

—Paisinho eu queria receber o Menino Jesus.

—Outro dia filho. Hoje não.

—Hoje, hoje.

—Tornas a desmaiar. Tu não aguentas.

—Aguento sim paisinho.

João António lá foi de novo para junto do altar seguindo a missa.

Apróxima-se a comunhão.

João António recebe o Menino Jesus e fica mais ou menos recolhido até ao fim da missa.

A mãe ensinou-lhe uma pequenina acção de graças — que o João António ainda não sabe ler — e depois disse-lhe que fosse resando ao S.S.mº Sacramento que ele tinha dentro do peito enquanto ela resava tambem.

O sacerdote retirou-se do altar e quando veiu já o pequeno João António ali não estava.

Nem admira.

Um dia um pequenito talvez da idade do João António foi comungar com a mãe á igreja.

Recolhida com Nosso Senhor a mãe não pensou no filho.

De repente vem-lhe á lembrança voltase e vê o filho a passciar pela igreja admirando uns quadros que ali estavam.

Foi buscá-lo para junto de si:

No fim cheia de escrupulos foi falar com o Snr. Prior não fosse caso que o seu filho ainda não tivesse discernimento para comungar.

O sacerdote socegou-a e depois interrogou o pequenito:

—Dize-me cá: então tu foste-te pôr a olhar para os quadros depois da comunhão?

—Fui sim senhor. Porquê, é pecado?

—Não. Mas então tu não sabes o que tinhas ido fazer.

—Fui receber a Jesus.

—E, quem é Jesus?

—E' Nosso Senhor, é Deus, é...

—Porque lhe não agradeceste então o Ele vir-te visitar habitar no teu coração?

—Perdão Snr. Prior! Eu agradeci-Lhe

—Como?

—Quando acabei de receber a Nosso Senhor recolhi-me um poucochito a pensar n'Ele e depois disse-lhe como a mãezinha me ensinou a dizer quando alguem me dá alguma coisa «**M.to Obrigado meu Jesus**»

A mãe e o sacerdote ficaram então convencidos de que ele dera graças segundo a sua capacidade.

* * *

Era também assim o João António.

Apenas o pai se ia a levantar correu para junto dele e com um olhar extraordináriamente brilhante donde se via desprender uma alegria, uma satisfação singular diz-lhe.

Então aguentei ou não aguentei?

E a mãe com os olhos húmidos de alegria pela bôa acção do filhito em paga estampou-lhe na face um grande par de beijos.

* * *

Agora neste mês do Santo Natal quando do gelado ambiente do Presépio o Menino Jesus anhela o calor dum afecto ardente na alma pura no coração inocente das creancinhas vamos nós consolá-l'O dispondo, preparando as almas e os corações das nossas creancinhas para receberem o Senhor.

E não façamos calar na alma, no coração e nos lábios das creancinhas este pedido instante este grito de amor que parece elevar-se dos labios de todas as creancinhas educadas cristãmente logo ao alvorecer da razão como na Fátima se elevava imperioso dos lábios e dos olhos do pequeno João António.

«**EU QUERO RECEBER O MENINO JESUS!**»

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte	86.314$84
Papel, composição e impressão do n.º 62 (38.500 exemplares)	2.304$00
Selos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, cintas, etc	724$17
	89.343$01

Subscripção

(Janeiro e Fevereiro de 1927)

Enviaram dez escudos: Brites Alves Andorinha, Maria José de Jesus Pereira, Augusta Rodrigues, Natalia Santos, Olimpia Quintela Lopo, Maria da Piedade Santos, P.e António José Rodrigues, P.e Francisco Pereira (40$00): Ismenia Leite Barbosa, Eliza Barbosa Vieira, Maria da Assmpção Lucas, Maria Pedroso, Manuel dos Passos Freitas, P.e Augusto José da Trindade, (30$00), Maria da Piedade de Figueiredo Pacheco Teles, Aurelia Paes Pereira, Cecília Correia da Costa, P.e Augusto Cardoso de Barros P.e Ismael Augusto Guedes, Maria Isabel Fernandes, Maria do Espírito Santo Correia, Manuel Marques Morgado, Branca d'Abreu de Magalhães, Leonardo Francisco, Maria Leonor d'Oliveira Freitas (30$00), P.e António Maria dos Santos Campos, Eugenia Gomes Pereira, Maria Emilia Tinoco Lobo, Laurinda Marques (20$00), Leonídio Ribeiro da Costa Santos, Rosa Boto Machado (50$00), João Sam Romão, Domingos Marques de Pinho, Beatriz da Conceição Tavares (15$00), D. Leopoldina da Conceição Nunes Lobato, Joana Lobato da Fonseca, António Emídio da Cruz e Silva, Adelaide da Conceição Mendes, Adelaide de Souza Chambers, Antónia Moreira Freire Veloso da Costa, Maria de Lourdes de Albuquerque, Adelino Simões Gil, P.e Manuel Vieira dos Santos (60$00), P.e Joaquim Pereira dos Santos Aragão, P.e Julio António Esteves, P.e Adriano de Souza Vieira, Elvira d'Abreu Malheiro Marinho Falcão (25$00), Ermelinda Coelho da Rocha, José d'Oliveira Diniz, Luiza Toscano Pessoa, Maria Izabel, Figueiredo Martins, Laura Avelar e Silva Lobo (20$00), Leonor de Castro Constancio (20$00), P.e Manuel António da Conceição; Maria Joaquina Tavares de Proença de Almeida Garreth, Gertrudes Oliveira Santos Pinto, Francisco Fernandes Pombo, Jacinto Pedro de Souza, Venina Alves Peixoto, Jacinto Gago da Camara (20$00), Joaquim Maria Soeiro de Brito, Olimpia d'Oliveira Valadares Prêto, Guadalupe Calado, Amélia Granja, P.e Evaristo Carreiro Gouveia (60$00), Maria Julia Botelho (12$50), Benjamim António Ferreira (20$00), António Martins dos Santos, Luiza Maria Ribeiro d'Almeida (20$00), Fernando Martins Pereira (15$00), Mário Barros, José Correia, João Maranhôto, Francisco Pedro Carvalhosa Junior, Filipe Cesar Goes do Bocage, Maria das Merces Henriques, Sebastião Henriques, Maria da Conceição Faria e Almeida, Amélia Santos Fonseca, Maria de Lourdes Climaco Reis, Julia Afonso Sertil, Sofia Relgalão, Candida Castro, Clotilde Castro, A. B. Lopes (15$00), A. J. Pinto, J. Luiz, H. da Conceição, Luciano L. Pires (12$00), A. B. Salazar, P.e João Lopes Gomes, Alexandre Coelho da Costa, P.e Alberto Pinto de Souza, Emilia Pizarro de Portocarreiro, Maria Natividade Alves Assís Teixeira (20$00) ,Maria Angelina de Almeida, Carolina Malheiro Mendonça, Maria Emilia Minhava, Ana Maria Carvalhal Peixoto, Felicidade Amorim, P.e Joaquim Duarte Alexandre, Ana Maria Días de Sá Pereira, António Fernandes, (15$00), Maria e Joaquina Diniz Henriques, Amélia Brazão Machado, Felicidade Maria de Jesus, Leonor Rosa de Viterbo, José António Carrega, Maria da Natividade Mamede P.e João da Costa Campos, Rufina de Jesus Marques, Joaqim da Silva Carvalho, Agostinho Tomáz Correia, Maria dos Santos Bruno, Maria Joana Correia Bagulho (20$00), D. Maria Bagulho Fernandes (20$00), João Ribeiro, Luiza Toscano Pessoa, Joaquim Urbano, Maria Carvalhinho, Rosa Paes Vieira, Jacinto Pedro do Souza (20$00), Maria do Carmo Martins, P.e Henrique Fernandes da Silva, Maria Correia, P.e Agostinho Pinto Veloso, Tereza Alcalde Ribeiro Teixeira, Francisco Montes, Maria José Viçoso, Francisco Ferreiro Viçoso.

Abrigo para os doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	5.277$55
D. Maria Luisa Vargas Pinto...	12$50
João Carlos Rodrigues (America do Norte)	100$00
D. Ana Silva	100$00
Henriques Elias	40$00
	5.530$05

HOTEL DA FATÍMA, LIMITADA

Torna-se publico que por escriptura de 8 de Maio corrente, outorgada perante o notario Eugenio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi constituida uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada sob a denominação de «HOTEL DA FATIMA, LIMITADA», nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º-Fica constituida nesta data para durar por tempo indeterminado sob a denominação «HOTEL DA FATIMA, LIMITADA», uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com séde em Fatima, Concelho de Vila Nova d'Ourem, sociedade que se destina á exploração da industria hoteleira, alem de qualquer outro comercio ou industria que lhe convenha explorar.

2.º-O capital social é de 60.000$00, está integralmente realisado em dinheiro no cofre social, e fica constituido por trez quotas sendo 2 de 24.000$00 de que pertence uma a cada um dos socios João de Saldanha Oliveira e Sousa e Manuel Teixeira Pinto e uma de 12.000$00 pertencente ao socio Hermann Barroso Kluft da Veiga.

§ 1.º—Não serão exigiveis prestações suplementares de capital mas qualquer dos socios poderá fazer suprimentos á sociedade ao juro e sob as demais condições que entre si convencionarem.

§ 2.º—As cessões quer parciais, quer totais, de quotas entre socios ficam livremente permitidas; porem, a cessão a extranhos fica dependente do expresso e prévio consentimento da sociedade em primeiro logar e dos demais socios em segundo logar.

3.º-A gerencia e administração da sociedade fica a cargo de todos os socios, com dispensa de caução e com a remuneração que estabelecerem por deliberação social, gerentes que, n'essa qualidade, representarão a sociedade em todos os seus actos e contractos e nas suas relações com terceiros, sendo necessaria a assignatura de dois gerentes para obrigar a sociedade.

4.º-Anualmente será dado um balanço, que reportando-se a 31 de Dezembro, deverão estar escriptos e assignados dentro dos trinta dias subsequentes; os lucros, que pelos balanço forem apurados, depois de retirada a percentagem minima de 5% para o fundo de rezerva legal, serão distribuidos pelos socios na proporção das respectivas quotas sociais, proporção em que serão sofridas as perdas, havendo-as.

5.º-As deliberações sociais constarão d'actas ou d'outros documentos que sejam escriptos e assignados pelos socios, podendo as reuniões ter logar seja qual for a forma por que tenham sido feitas as convocações, e podendo o socio ausente ou impedido de comparecer na reunião enviar o seu voto ou deliberação em simples documento escripto e assignado pelo seu punho.

6.º-A dissolução da sociedade dar-se-ha por qualquer dos motivos e fundamentos legais, mas nunca pela vontade morte ou interdicção d'um socio; e a liquidação social será feita como os socios convierem e seja de direito; e na falta de acordo, recebendo e realisando todos os valores do notario, pagando todo o passivo, e dividindo o saldo restante pelos socios na proporção das quotas que então possuam na sociedade.

7.º-Em todo o omisso a sociedade reger-se-ha pelas disposições legais aplicaveis, especialmente pelas da lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

Lisboa, 12 de Maio de 1926.

O NOTARIO

Eugenio de Carvalho e Silva

Por escritura de 30 de Julho de 1926, outorgada perante o notario abaixo assignado, foi augmentado o capital desta sociedade e substituido os artigos 1.º e 2.º do seu pacto social, mantendo, contudo, em vigor os §§ do art.º 2.º, artigos que ficaram assim redigidos:

1.º-A sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «HOTEL DA FATIMA, LIMITADA», constituida por escritura de 8 de Maio de 1926, n'estas notas, continua existindo sob a mesma denominação com duração por tempo indeterminado, com séde no logar denominado «Cova da Iria», na freguesia de Fatima, Concelho de Vila Nova de Ourem, tendo por objecto a exploração do Hotel ali situado denominado «Hotel da Nossa Senhora do Rosario da Fatima», alem de qualquer outro comercio ou industria que lhe convenha explorar.

2.º O capital social é de 84.000$00, integralmente realisado, representado por dinheiro e pelos demais valores constantes da escrituração social, e fica constituido por 4 quotas, sendo 3 de 24.000$00 de que pertence uma a cada um dos socios João de Saldanha Oliveira e Sousa, Manuel Teixeira Pinto e Horacio Costa e uma de 12.000$00 pertencente ao socio Hermann Barroso Kluft da Veiga.

Lisboa, 12 de Agosto de 1926

O NOTARIO

Eugenio de Carvalho e Silva

Ano VI Leiria, 13 de Janeiro de 1928 N.º 64

VOZ DA FATIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Gráfica, Rua da Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA da FÁTIMA

(13 DE DEZEMBRO)

O dia treze de Dezembro, em Fátima, no local das aparições, dos fenómenos e das curas maravilhosas, que a voz popular singelamente designa com o nome tão prosaico de Cova da Iria, é caracterizado, quási todos, se não todos os anos, por um tempo triste e um céu nublado e por uma deminuta concorrência de devotos. E não admira que assim seja, porque êsse dia é um dos mais pequenos do ano, numa estação fria e chuvosa, numa região de estradas intransitáveis e numa época de estraordinário labor agrícola, em que predominam a colheita da azeitona e a azáfama dos lagares. Os dias, que precederam imediatamente o dia treze de Dezembro, foram assinalados por chuvas contínuas e torrenciais, que tornaram os caminhos mais impraticáveis do que estavam, inundando-os e convertendo-os, na maior parte do seu percurso, em verdadeiros lamaçaes. A manhã do dia treze apresentou-se soturna e agreste, como manhã dum autêntico dia de Inverno. Um nevoeiro húmido e frio envolvia as encostas da serra de Aire e, descendo até aos vales adjacentes, prolongava-se ao longe e ao largo, tornando invisíveis os campos e os povoados, ainda os que ficavam mais perto.

Ás nove horas, no cume do planalto sagrado, a névoa que o envolvia começa a dissipar-se, até que, pouco antes do meio dia, desapareceu por completo, sob os raios quentes do sol no zénite.

No recinto das aparições, a multidão engrossa de hora para hora, atingindo o elevado número de alguns milhares, próximo do meio-dia solar.

UMA SERVITA

(Instantaneo na peregrinação de 13 de maio de 1927)

A essa hora, um sacerdote sobe ao altar central da capela nova e celebra a missa dos doentes. Estes, que são apenas algumas dezenas, ocupam as primeiras bancadas do respectivo pavilhão, sendo as demais ocupadas por peregrinos válidos, especialmente por senhoras.

Durante a missa reza-se, na forma do costume, o terço do rosário pelos peregrinos, pelos enfermos e por todas as intenções recomendadas.

Depois da missa, realiza-se a tocante cerimónia da bênção dos doentes. Sobe em seguida ao púlpito o rev.do Pereira Gens, pároco de Ourêm, que fala, pelo espaço de meia hora, sôbre as glórias da Santíssima Virgem, a eficácia da sua protecção maternal e a necessidade da vida cristã, vida de crença firme e esclarecida nas verdades religiosas e da observância fiel e constante dos preceitos da lei de Deus e dos mandamentos da Santa Igreja.

* * *

Após o sermão, o rev.do Marques dos Santos expõe à multidão o plano geral das obras concluidas, já começadas ou ainda a iniciar, no recinto das aparições. De cada lado do portico central, já erecto, será levantado outro arço, que dará entrada para uma nova avenida. As três avenidas serão cortadas perpendicularmente, na altura da capelinha das aparições e da fonte miraculosa. Dois hospitaes-sanatórios serão construidos, um junto do Posto das verificações médicas e o outro do lado oposto, fazendo *pendant* com o primeiro. Por trás da actual capela das missas, eleva-se já uma linda igreja, ainda incompleta, destinada á celebração dos actos do culto.

Ao lado dela, na extremidade oposta, será edificada outra igreja semelhante, com o mesmo fim.

Entre as duas, no topo da colina sagrada, um templo grandioso, com setenta e três metros de comprimento, volverá para as alturas a sua tôrre e os seus corucheus, como giguntesco padrão comemorativo das aparições e dos fenómenos maravilhosos, que ficará atestando pelos séculos fóra a bondade maternal da Raínha do Céu e a piedade generosa e acrisolada dos portuguêses, seus filhos, de quem é a augusta Padroeira.

A capela das aparições será completamente refundida e transformada num lindo e gracioso monumento, que lembre perenemente ás gerações vindouras o quadro divinal e incomparável da visão dos pastorinhos. E, finalmente, por cima da fonte primitiva, a imágem da Santíssima Virgem, Padroeira de Portugal num excelso pedestal de glória, dominará daquele logar, que é o centro geográfico de Portugal, os quatro ângulos da Pátria querida, lançando sem cessar sôbre ela com largo gesto maternal uma benção generosíssima de amor, piedade e perdão.

Visconde de Montelo

Depois de oito anos

«Por ocasião da minha estada em Fatima, no dia 13 do mez passado, prometi a V. Ex.cia enviar-lhe um relato das circunstancias bem singulares em que se produziu a cura duma gravissima doença de que vinha sofrendo;—tão singulares e extraordinarias que só numa intervenção sobrenatural encontram explicação suficiente.

Aqui venho, pois, desobrigando-me da promessa feita, juntar o meu publico testemunho ao de tantos outros que, no recurso em ultima instancia para N. S.ª de Fátima, encontraram para os seus males o remedio que as instancias da sciencia humana não puderam ou não souberam dar-lhe.

Faço-o com grande, com muitissimo prazer, o prazer natural de quem cumpre um dever de gratidão, qual é o de dizer alto e sem rebuço que o beneficio da minha cura a N. S.ª o devo.

Foi em 1917, ha dez anos portanto, que eu começei a sofrer duma grave doença do estomago e intestinos.

Disponho felizmente de recursos suficientes para me tratar convenjentemente, consultei diversos dos mais distintos e conceituados medicos de Lisboa e de Coimbra, bem como alguns no estrangeiro, podendo citar entre outros os senhores Doutores Belo de Moraes, Moreirinha Junior, Bourguette, Julio de Matos, Sobral Cid, de Lisboa e José Rodrigues e Antonio Moraes Sarmento de Coimbra, Bensaude em Paris e Dr. Groeder na estancia alemã de Bad-Nauheim.

A todos devo fazer a justiça de que á porfia empregaram os melhores esforços para bem averiguar as causas do meu sofrimento, afim de fazerem da minha doença um diagnostico exacto e poderem assim prescrever o tratamento mais conveniente para a debelar.

Certo é, porem, que a despeito de todos os esforços de tão eminentes clinicos, a minha doença agravava-se dia a dia com todo um cortejo de sofrimentos a darem-me uma vida torturada, e sem que os medicos que me iam assistindo assentassem sequer num diagnostico exacto.

Ao passo que uns filiavam a doença numa origem de natureza sifilitica, outros diagnosticavam uma ulcera e alguns chegaram a diagnosticar um cancro.

Como diversos foram os diagnosticos, diferentes foram as terapeuticas a que me sujeitaram, mas sempre sem o menor resultado; a doença seguia inalteravelmente o seu curso, agravando-se cada vez mais; e consequentemente os meus sofrimentos eram cada vez maiores, transtornando por completo a minha vida e transformando-a num martirio permanente e sem treguas.

Realisaram-se diversas conferencias medicas mas tambem da discussão que delas por ventura se travou não sahiu, nem a luz que projectasse um diagnostico exacto, nem o tratamento que me desse alivio.

Decorrido assim um ano sobre a minha doença num agravamento progressivo, começaram a surgir os primeiros sintomas de desiquilibrio das minhas facul-

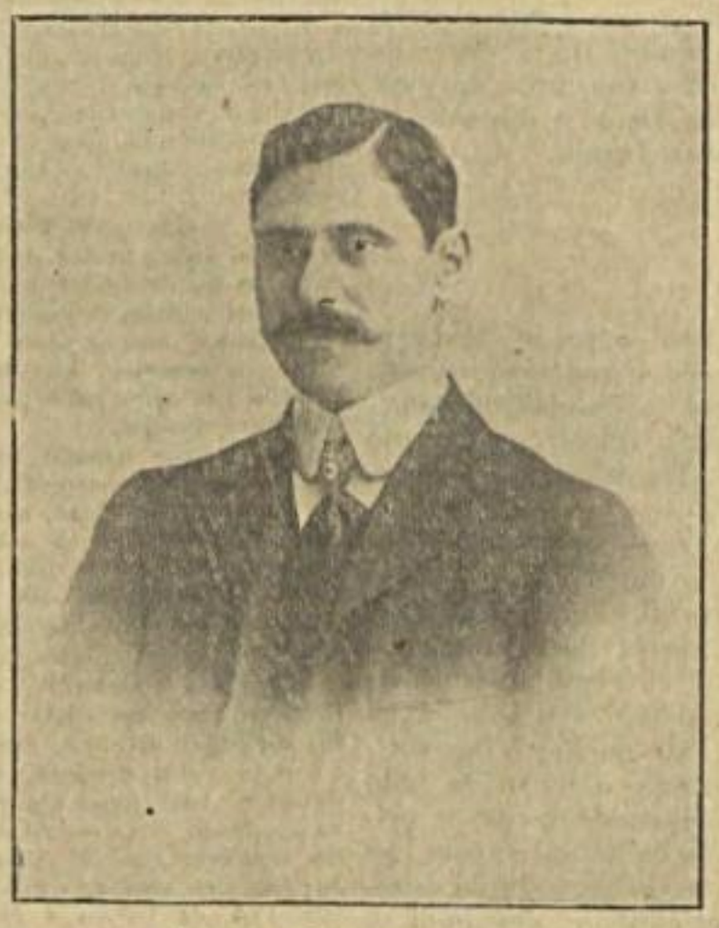
dades mentaes, desequilibrio dia a dia mais pronunciado e que, se bem me recordo, classificaram de melancolia.

Era uma nova doença, consequencia natural certamente, dos sofrimentos nunca atenuados da minha doença primitiva.

Perdi todo o gosto de viver; despreocupei-me inteiramente dos meus negocios e ocupações: passei a afastar-me dia a dia de todo o convivio social, do proprio convivio da familia, porque um e outro se me tornaram insuportaveis; fugia de vêr ou de ser visto por quem quer que fosse, como fera que só se sente bem, escondida no covil; deixei de conversar, de escrever, de lêr jornaes, despreocupando-me de tudo e de todos, nada havendo que lograsse despertar o meu interesse ou solicitar a atenção do meu espirito.

Acabei assim por me isolar inteiramente dentro dum quarto, evitando toda a comunicação com o exterior; e nesse quarto, no reduzido espaço dalguns metros quadrados, se concentrou e decorreu a minha vida durante oito longos anos, uma vida de resto puramente vegetativa, em que a minha inteligencia, a minha vontade e a minha sensibilidade moral estavam perfeitamente anuladas.

Uma unica pessoa consentia junto de mim; era minha esposa, que durante



Joaquim Duarte d'Oliveira

esses longos oito anos foi a minha companheira dedicada de todos os dias, de todas as horas e de todos os momentos.

Numa perfeita compartilha do meu martirio fisico e moral, animada por uma fé e esperança inabalaveis, inteiramento despreocupada de si propria, regulando a sua vida pela minha, sujeitando-se ao mesmo isolamento e despreocupação de toda a existencia exterior, não me abandonando um instante, cançando mas nunca desfalecendo, ela foi durante aqueles oito anos tudo para mim: esposa dedicadissima, companhia inseparavel, medica atenta, enfermeira carinhosa, creada submissa.

E tudo isto foi com paciencia e com resignação inexcediveis e com um espirito de renuncia e de sacrificio para os quais só Deus tem paga e premio suficientes.

Para se compreender bem a gravidade do meu estado e os sacrificios a que ele obrigava minha Esposa, bastará dizer que aqueles oito anos de isolamento no meu quarto, os passei quasi ininterruptamente no leito.

E como a minha situação era bem semelhante á duma creança que vive apenas pelo instinto, era minha Esposa quem tinha de ter todos, ainda os mais pequenos cuidados indispensaveis á manutenção da minha existencia.

Era ela quem, por necessidade duma rigorosa dieta, muitas vezes coinhava os meus alimentos; era ela propria que m'os metia na boca; era ela quem me cortava e limpava as unhas; era ela até quem me cortava o cabelo, pois que a ninguem mais consentia a entrada no meu quarto.

Nos primeiros tempos desta minha doença mental fui ainda assistido por medicos e cuidado por enfermeiros, tendo sido então examinado e tratado por dois eminentes clinicos de doenças mentais—o falecido senhor Dr. Julio de Matos e o senhor Dr. Sobral Cid.

Em determinada altura da doença, ahi por 1919, aconselharam os medicos o meu internamento numa Casa de Saude.

Mas prevendo muito bem a falta que me faziam os seus cuidados no estado deploravel em que me encontrava e recejando consequentemente que esse internamento fosse para mim a morte a curto prazo, minha Esposa recusou-se terminantemente a permiti-lo, preferindo continuar a sua vida de abnegação e sacrificio.

Em face do meu estado e da atitude de minha Esposa, os medicos, vendo inuteis todos os seus esforços para debelar os meus gravissimos sofrimentos, foram-se afastando naturalmente de mim, de forma que parentes e amigos, conhecedores da minha situação, passaram a aguardar dum momento para o outro a minha morte, como desfecho natural e logico da minha incuravel molestia.

Uma pessoa só, com fé inquebrantavel, continuou a acompanhar a minha doença e a tratar-me; foi minha Esposa que, exgotados os recursos da sciencia humana, voltou as suas esperanças para a Misericordia Divina.

Quanto a mim devo notar que até então as minhas crenças haviam sido sempre pouco ardentes, muito semelhantes ao fogo que tem por cima uma espessa camada de cinzas: viam-se pouco e mal.

E se até ali foram pouco ardentes, não era na situação em que me encontrava, com o espirito ferido por um grave desiquilibrio mental, que elas podiam avivar-se.

Com certo espanto de parentes e amigos a minha vida foi-se prolongando por dias, mezes e anos, mas sem qualquer especie de melhoras: fisicamente cheguei á magreza extrema, á perfeita miseria organica; mentalmente o desiquilibrio das minhas faculdades presistia completo deixando á minha vida um aspecto puramente vegetativo.

E assim, num perfeito dessoramento da minha vida física e numa completa ausencia de vida moral, decorreram aqueles oito longos anos, com a exclusiva assistencia de minha dedicada Esposa.

No decurso da minha doença, um parente e amigo intimo, que por suas nobilissimas qualidades muito estimava e respeitava, quiz visitar-me.

Sabendo quanto eu o estimava, minha Esposa abriu para ele uma excepção, permitindo que entrasse no quarto onde me isolava, na esperança de que eu o acolheria com agrado.

Baldada esperança.

Teve o meu parente e amigo de fazer todas as despezas de conversa sem conseguir fazer vibrar, ao de leve que fosse, a menor fibra dos meus antigos sentimentos afectivos.

De tal forma que ao despedir-se, como me dissesse que voltaria de quando em quando para uma palestra, só então acordei para lhe responder friamente—«é melhor não voltar».

Foi esta a significativa reacção da minha sensibilidade destrambelhada,—manifestação bem clara da tendencia absorvente do meu espirito para o isolamento absoluto.

Nas proximidades do dia 13 de Outubro do ano corrente, passados portanto aproximadamente dez anos sobre a minha doença, resolveu mais uma vez minha Esposa apelar para a Providencia, por intercessão de N. S.ª de Fátima.

Fez a sua promessa a N. S.ª; sem que eu o percebesse fez-me beber agua de Fátima; e, arrastada pela ardente esperança de que os seus rogos iam ser satisfeitos, deixou ficar junto de mim o numero dum jornal de Fátima em que um distinto medico de Nelas relatava as circunstancias extraordinarias em que se viu curado e salvo dum gravissimo desastre.

Um extranho impulso me obrigou a lêr aquele jornal e pela primeira vez, depois de tantos anos, tive uma sensação de alivio e de conforto.

Rasgaram-se as trevas em que o meu espirito estava mergulhado, e sem plena consciencia ainda do que fazia, no dia 12 de Outubro eu proprio pedi a N. S.ª de Fátima que me curasse como havia curado aquele medico.

Desta vez o deferimento dos meus rogos e dos rogos de minha Esposa foi rapido; e se o despacho foi rapido a cura foi fulminante.

No dia 13 de manhã retomei a perfeita consciencia de mim proprio.

Nesse dia almocei já por minha mão e, logo a seguir ao almoço, manifestei o desejo de ver meu cunhado, o senhor Candido Sotto Maior, que ha oito anos não via:

Minha Esposa, um pouco a medo ainda, acompanhou-me ao quarto dele, onde o abracei efusivamente, com muitas lagrimas á mistura.

Nesse mesmo dia vim jantar já com minha familia, comendo de tudo, bebendo vinho, tomando café e sem que o meu enfraquecido organismo se resentisse desta rapida sortida duma rigorosa dieta de longos anos.

Do dia seguinte por deante passei a fazer a minha vida inteiramente normal, retomando o fio dos meus negocios e ocupações interrompido ha 8 anos, lendo, escrevendo, conversando, passeando, comendo sem dieta, dormindo repousadamente e recuperando dia a dia as minhas forças fisicas, com inteiro espanto de todos os que conheciam o meu estado anterior e que ao ver-me assim, curado dum momento para o outro, sem transição, sem evolução de qualquer especie, ficavam ainda perplexos, como quem tinha dificuldade em acreditar o que via, mais desconfiados ainda que S. Tomé, que ao ver acreditou logo.

No dia 13 de Novembro pude já ir a Fátima, numa longa viagem de automovel, sem o menor cansaço e na melhor disposição de corpo e de espirito, para agradecer, como me cumpria, a N. S.ª de Fátima, o imerecido beneficio com que me distinguiu, dando-me dum dia para outro a cura completa dos meus torturantes sofrimentos.

E bem posso dizer que foi esse um dos dias mais felizes da minha vida.

Mais uma vez se constatou que Deus, infinitamente grande, infinitamente sabio e infinitamente bom, é tambem infinitamente poderoso para fazer num momento aquilo que em anos não pode conseguir a limitada e falivel sciencia humana.

Escusado será dizer que aquela camada de cinzas, que recobria o lume pouco vivo das minhas crenças, desapareceu, voou como fumo; e o *acredo*, que era então para mim uma oração quasi vazia de sentido, irrompe-me hoje irresistivelmente dos labios num brado de fe viva e ardente.

Lisboa, Av. Fontes Pereira de Melo 16,
2 de Dezembro de 1927.

Joaquim Duarte de Oliveira

O NOME DE MARIA E O DIABO

O P.e Hill, missionário, descrevera as cerimónias ou exorcismos que empregava para libertar uma pobre pagã possessa.

O demónio, pelos labios da pobre desditosa, teve de confessar que a religião cristã era a unica verdadeira.

A uma mulher, que, havia apostatado dizia ele: «Tu és sempre cristã; a cruz do baptismo nunca se apaga; se te não convertes, tem cautela com o inferno».

N'um sermão sobre o inferno, o demónio interrompeu-me pela boca da possessa, dizendo: «Tudo o que o Padre diz, é verdade: ha um inferno».

Outro dia, em que eu a aspergia com agua benta, viu-se saltar como debaixo dos golpes d'um chicote, bradar e chorar: «Sim, eu vi este estranho espectaculo, vi o diabo chorar!... choro silencioso, choro de desespero, de condenado, indescriptivel...»

A acção do demónio manifesta-se tambem nos paises cristãos.

Algumas vezes, o mesmo demonio rugia como um leão.

Mandei-lhe fazer tres prostações pronunciando o santo nome de Maria... A principio recusou, mas, forçado, acabou por dizer muito baixo — Maria.

Este nome de Maria era um suplicio para o possesso. Notamos que os canticos sagrados o punham de mau humor; e por issa, os nossos meninos cristãos lhe davam, de coração alegre, com todas as suas forças, um concerto ensurdecedor. O cantico de Lourdes: Ave, Ave, Ave-Maria, *traduzido para os nossos chineses, era-lhe insuportável.*

Oh! dizia ele, como eu sofro!...

Batem-me batem-me!... Não posso ouvir estas palavras: Avé! Avé! *Marotas fazeis-me morrer de colera.*

Não morreu, mas em breve teve de partir.

Stella Matutina

«Gerti! Onde estás tu, minha peste? Vá já buscar o leite»!

Uma pequenita de seis ou sete anos levanta-se lá dum canto onde estava sentada e entra na casa visinha donde sai pouco depois, trazendo uma bilha de barro.

Nisto um garotito surge lá duma esquina e fazendo caretas grita á pequena: «Eh! — Olha a Gerti, a selvagem. Feia, má, feia, feia»!

A pequena, cheia de colera, enraivada, passou a mão pelo cabelo em desordem, pousou a bilha com o leite a um lado da rua e se o pequeno não foge não ficaria sem bom troco.

Quando voltava para tomar a bilha, um gatinho vem encostar-se a ela procurando agarrar-se-lhe aos vestidos. Com certeza queria brincar.

A pequena acariciou-o mas querendo segurá-lo, deixa cair o leite.

«Que irá agora a velha fazer?» (murmurou ela).

Um homem que passava e que observou tudo teve dó da creança e perguntou o seu nome.

«Não é da sua conta (respondeu resolutamente)!

— Pois sim, menina, mas a tua mãe vai-te ralhar, dize-me, pois, o teu nome e dou-te dinheiro para outra bilha e outro leite.

— «Não quero nada. Siga o seu caminho. Se me ralharem é o mesmo. Se me baterem, eu sei arranhar, morder e defender-me».

— Que creança tão má..., murmurou o homem, e foi-se. Gerti entrou resolutamente em casa da patrôa, uma velha farrapeira que vivia numa ruasita estreita, um

caminhosito impossivel, sombrio já fóra da cidade, onde só passava algum garoto que jogasse as escondidas.

Havia quatro anos que a velha para ali tinha vindo fazendo da casa um depósito de farrapos. Tinha para lá levado a pequena em creancinha, que ali cresceu sem ar puro, sem luz, sem educação nenhuma e sem afectos.

Vendo-a entrar sem a bilha do leite e com um gato ao colo, a velha ficou furiosa e agarrando pelo pescoço o gatinho cheio de medo estatelou o animalzinho no sobrado onde ficou em convulsões e depois morreu.

«Má gritou a pequena, má, que mal lhe faria o gatinho»?

— Tu calas-te, minha lêsma? (gritou a velha avançando raivosa para Gerti).

A pequena vendo os ares decididos da velha, sai pela porta fóra e só parou, ofegante, quando se julgou a salvo das pancadas.

Veio a noite. Os candieiros da iluminação refletiam a sua claridade nas águas do Tejo. No céu as estrelas numerosas scintilavam no céu.

Gerti abismava-se na contemplação das luzes.

«E' belo isto, é muito lindo, dizia ela».

Ela nuhca tinha saído daquela ruela infame, nem alongado os seus passos até ao cais, pois que andava vestida duma trapagem impossivel e tinha vergonha de quem a via. Por outro lado a velha não lhe dava ocasião de se ocupar doutra coisa senão da escolha dos trapos.

A sua unica distracção quando chegava a noite e a velha, por economia, não acendia luz, era sentar-se a um canto da casa e observar o brilho das estrélas.

«Quem será que as acende? se perguntava ela. Nesta noite ela esquecia a sua miséria, os seus farrapos e mesmo a morte do gatinho, ao contemplar o seu estrelado e os reflexos da luz sobre a agua. Durante muito tempo ali ficou encostada ao parapeito.

Nisto, passa uma senhora que lhe diz:

«Olha que tu estás muito inclinada e podes cair!»

Gerti voltou-se bruscamente e encontrou-se na presença de uma senhora idosa levando pela mão uma loura ménina.

«Já é tarde, continuou a dizer com benevolencia a senhora, e as meninas não devem andar de noite sósinhas pela rua. E' preciso ir para casa».

— Para casa não vou, respondeu a pequena com decisão.

— A tua mãe ha-de estar em cuidados.

— Eu não tenho mãe, estou em casa duma velha que mora acolá para aqueles lados.

— E' tua tia?

— Não é. Ouvi dizer que ela antigamente tinha uma hospedaria noutra terra. Foi lá que a minha mãesinha morreu.

— E teu pai?

— E' um vadio.

— Oh! menina, não fale assim. Conhece-o?

— Não conheço. A minha patrôa é que disse que êle é um vadio. E se êle é como ela é melhor não o conhecer.

— Então, não conheces ninguem da tua família?

— Não... mas que é que isso lhe importa?

— Tenho interesse por ti, menina, e é por isso que eu pergunto. Gosto muito das creanças.

— A mim, ninguem me tem amor.

— Mas olha cá: não tens nenhum retrato ou qualquer lembrança dos teus pais?

— Tenho aqui isto que a velha me deu num dia que já tinha bebido sofrivelmente, dizendo que isto não valia dez reis.

Gerti tirou do seio um embrulho, que levou mais de cinco minutos a desatar e a desenrolar. Envolvido em numerosos papeis estava um terço e uma medalha de cobre prateada.

«Porque não queres tu voltar para a casa onde estiveste até agora? perguntou a senhora, mais comovida do que na realidade parecia.

— Porque a velha é muito má. Todo o santo dia me chama nomes, me bate e... mais coisas. Mas matar o gatinho, tão lindo e que veio para mim como se eu fosse amiga dele... isso não lh'o perdôo.

Mas agora estou contente, vinguei-me. Atirei-lhe com um banco á cabeça e ficou a escorrer sangue que eu bem vi.

Bem feito!

Isso é uma acção muito má. Vem comigo. Vai pedir perdão a essa senhora e ela não te bate.

— Ela não é senhora nenhuma, nem lhe peço perdão, nem nunca mais lá vou.

— Mas olha que os policias prendem-te e levam-te para a cadeia.

— Pois é melhor isso do que voltar para casa.

— Oh! avósinha, diz docemente a menina loura, levemo-la comnosco, sim? Faça-me a vontade. Para casa duma mulher tão má, não. Diga, avósinha, diga já que sim.

— Está bem... ao menos hoje irá.

— Sempre, sempre, avósinha.

Aproximando-se de Gerti, espantada, a nétinha tomou-lhe a mão e diz.

— «Vem para nossa casa. A avósinha é muito boa e ela trata-te muito bem. Olha: tenho lá uma boneca que fecha os olhos e... muitas coisas lindas. Tu ficas sendo minha irmãsinha porque a outra morreu, e o papá e a mamã tambem.

Gerti, olha-a, pasmada.

«Vocemecês não gostam, depois, de mim! diz ela tristemente. Eu sou muito feia e muito má. Ninguem quer brincar comigo e riem-se de mim e dos meus vestidos.

— Tu não és feia, isso não é verdade, diz vivamente a sua interlocutora...

Só tem o cabelo em desalinho e a cara mal lavada. Eu vou-te dar vestidos. A avósinha quer tudo que eu quero.

— Vem, anda, diz. a senhora. A minha Mariasinha é boasinha. Em companhia dela tu não serás má.

— Ah! eu não sou sempre boa, diz Maria córando, mas queria-o ser para dar gosto á Santíssima Virgem.

Tu gostas da Santíssima Virgem?

— Eu não a conheço. E' alguma senhora da sua rua?

— E' a mamã de Jesus, a mamã de todas as meninas da terra e a Raínha do Céu.

— Do Céu? Lá de Cima?... perguntou Gerti mostrando o azul estrelado.

— Sim.

— Então Ela está perto das estrelas? Gostava de saber quem as acende.

— E' Deus.

— E' Deus?

—Tu não sabes quem é? (perguntou Maria com inquietação).

— Não, mas se a menina o conhece, diga-lhe que nunca se esqueça de as acender porque ha noites tão escuras! E então eu sinto cá um frio no coracção!... gosto tanto das estrelas!

—Minha menina, diz a senhora, a Santíssima Virgem a quem tu rezarás juntamente com Maria, é tão bela, tão brilhante no Céu, que passa em beleza as mais lindas estrelas e chamam-lhe a Estrela da *Manhã*. Olha, com este terço é que a tua mãesinha devia rezar porque ela era *Filha* da Santíssima Virgem, como o prova esta medalha onde eu vejo gravado: Lisbôa, 8 de dezembro de 1899.

— Ah! então, eu quero vêr esta Estrela, esta (como é que se diz?) Santissima Virgem!

— Então é preciso perdoar, não nos zangarmos, fazer como Jesus que perdoou aqueles que o injuriavam, lhe batiam e zombavam d'Ele.

— E Ele deixou que lhe batessem?!...

— Deixou.

— Ah! eu defendo-me e vingo-me. Arranhei o João meu visinho, um grande de 13 anos que me batia.

Jesus estava atado?

— Não.

— Isso não posso, minha senhora. Então se ela tambem tivesse morto o seu gatinho, talvez o menino Jesus tambem lhe atirasse com o banco á cabeça!

—Ah! não, disse a pequena Maria, intervindo: Jesus deixou-se pregar de pés e mãos perdoou aos seus carrascos.

— Fez mal! declarou Gerti em tom peremptorio.

— Maria, diz a avó á sua netinha, nós ensinaremos mais tarde a religião a esta menina.

Chegámos a casa e o mais urgente é dar-lhe um banho e comida e depois fazel-a dormir. «Quando Gerti bem lavada, estomago cheio, envolvida numa camisa de dormir branca como neve, rescendendo, se viu na sua caminha improvisada, a avó abraçou-a traçou sobre ela o signal da Cruz e disse-lhe:

«Dorme bem, pequena. Nosso Senhor enviou-te aqui, não te abandonaremos. Agora, como oração da noite, dirás só isto comigo: «Meu Deus, eu vos dou o meu coração».

Gerti repetiu docilmente esta curta formula.

A pequenita, porém, não podia dormir. Ela sentia-se tão feliz nesta situação confortável! Alguem teria amor a ela, á pobre selvagem?... Seria possível?... E era o bom Deus que a tinha para lá conduzido!... A senhora tinha-a abraçado... Como é bom e dôce um beijo de avósinha!

Saiu da caminha e aproximou-se da grande janela de que afastou as cortinas. A noite estava clara. Levantando os olhos para o Céu constelado, Gerti murmurou:

«Meu Deus, vós que acendeis as estrelas e me conduziste aqui, mostrae-me esta Santa Virgem tão boa. Mostrae-me a brilhante Estrela da Manhã.

Passaram-se anos durante os quaes Gerti não deixou aquelas que a tinham recolhido. A avósinha morreu e Maria partiu para as Carmelitas.

Gertrudes desposou um operário cristão e foi uma feliz mãe de família.

Uma tarde apareceu um velho deante da sua porta que a todos que encontrava dizia: «tenho fome» Gertrudes levou-o para casa deu-lhe de comer e preparou-lhe cama, indo de encontro á opinião de algumas visinhas que timiam não fosse algum ladrão dissimulado.

Ah! Este velhinho é-me tão simpático! Está tão fraquinho! Como pode ele fazer mal.

No entanto, diziam-lhe as visinhas, é bom acautelar e dar volta á chave até vir o seu marido.

Antes, porém de fechar a porta, Gertrudes olhou para dentro e viu que o velho chorava.

Aproximando-se, perguntou: «vocemecê tem grandes tristezas?»

—Sim, minha senhora. E o ver-vos veio aumentál-as. Os seus olhos, a voz e o rir são como o da minha pobre Ana; e a minha filha Gertrudes deve tambem ser assim. Ah! Eu sou um desgraçado. Em frases sufocadas ele contou a sua triste história. Casado com uma mulher amante e piedosa, ele tinha-a trahido e abandonado com a sua filhinha. Depois, cançado de uma vida de vicios e impiedade, voltára mas ela mulher tinha-se ausentado com a menina.

Procurou e soube que sua mulher tinha morrido mas a creança... não foi capaz de a descohrir. «Se eu fosse rico eu poderia melhor procurál-a mas assim... pobre...

Apresentar-me á policia, não, não tinha animo. Farto de estar nas suas mãos estava eu.

* * *

Uma tarde, numa rua estreita encontrei uma pequena que se parecia com Gertrudes e devia ter a sua edade. Interroguei-a mas ela recusou-se a dizer o seu nome. Depois ela era tão insolente que eu pensei: «Não, não pode ser ela.» Terá pena de não a seguir!

A minha filhinha, se ainda vive, deve ser muito desgraçada. Quem sabe lá como ela terá vivido e em que degradações teria caido! E por minha culpa. Eu tinha esquecido a oração mas voltei a rezar. Esta manhã fui á igreja pedir á Santissima Virgem que m'a fizesse encontrar se ela não está já no céu.

Ah! se eu a encontrasse feliz!... Eu não lhe diria nada nem me daria a conhecer. Não. Eu poderia ir envergonhal-a. Mas se eu a visse de lonje eu me diria: «ela é feliz, ela é honesta, ela é boa... e morreria tranquilo e com maior esperança no perdão de Deus!»

A jovem esposa violentamente comovida, perguntou:

«Não é Ana Teresa o nome da sua mulher?»

— Teresa... sim. A senhora conhece-a?

—Conheço Gertrudes, respondeu ela.

O ancião olhou para ela. Estava palido mas o seu olhar estava radiante de alegria.

—Oh! exclama ele... não fale. Tenho mêdo!... Gertrudes: Sim, meu Deus, sois vós.

—Sou eu, sou diz ela, cobrindo de beijos a fronte do ancião. A Santíssima Virgem não quiz que me visseis de longe mas conduziu-vos a minha casa onde ficareis sempre, onde tereis toda a minha ternura filial. Não fale do pasado, paesinho. Esqueça tudo e não nos separemos mais.

Durante algumas semanas viveu ainda o ancião com sua filha e seus netinhos. Mas a vida ia a extinguir-se e pediu os sacramentos.

Gertrudes o ajudou e consolou naquela luta suprema.

«Já não vejo, minha filha, diz ele. E' noite, Gertrudes, será eterna esta noite? Tenho mêdo!

— Pae querido, não tema a noite. A toda a hora lá está brilhante a Virgem Maria, a Estrela que dissipa as trevas e os terrores. Invoquemol-a.

— *Stella Matutina*, murmurou o velhinho, e expirou docemente.

Onde intervem a Virgem Maria tudo é piedade e clemencia.

VOZ DA FÁTIMA

Despesas

Transporte	89.343$01
Papel, composição e impressão do n.º 63 (32.000 exemplares)	1.965$00
Sêlos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, cintas, etc.	466$64
	91.774$65

Subscrição

(Março de 1927)

Envjaram dez escudos: Ermelinda Paquete Silva, Elisa Mendonça, José Pereira da Nobrega (12$00), Grasiela Ferraz (15$00), Vicencia Teixeira Mendonça (12$00), Alfredo Ferreira da Nobrega, Gertrudes Silva Maia (11$00), Maria Margarida Marques, Maria Julia Sampaio Caldas, Maria Florinda Frazão Pedroso, P.e José Gonçalves Leitão, Carlos Costa (20$00), Tertuliana de Jesus, Adolina Queiroz Caldeira Barahona, Almerinda Miranda Fragsoo, Maria Margarida Guimarães (20$00), Maria Emilia Fernando, Ermelinda Carneiro Leão, Candida Amaral, Arminda Amaral, Condessa das Devezas, Dr. Joaquim Alves Martins, Maria Gil de C. Novia (35$00), P.e Luis Caetano Portela, Maria Manuela de Vasconcelos (27$00), Ana Emilia Ferreira dos Santos (20$00), Antonia Bastos, Alfredo Viegas, Maria Marques Rosa, Mary Abilia (30$00), Maria José da Silva, Z. Sinde Pinto, Isaura Matos, Ermelinda da Camara Leite (1 dolar), Maria Alive Figueira da Silva, Olinda Portocarrero, Maria Barbosa de S. P. Vinagre Preto, P.e Joaquim Plácido Pereira, Izabel Gonçalves Caldeira, P.e António d'Almeida Correia, P.e Américo Augusto de Lacerda, Carlota Augusta Dias, António Marques Serra, Maria Noemi de Faria, Viriato Pimentel Cordeiro, Luiza d'Oliveira Xavier, P.e António Augusto Ribeiro, Carolina de Jesus da Silva Couto, Maria da Graça Messias, Sofia Almeida (1 dolar), Jordão Souza (1 dolar), Ana da Conceição D. Lucaria, Maria Albertina da Conceição Costa Totta, Luzia da Costa e Silva, Condessa do Cartaxo, Condessa de Paço de Lumiar, Artemisia V. Marques da Cunha, P.e Eurico de N. Lacerda Pires, Octavia Marini Garcia (50$00), Declinda dos Reis, Maria Candida d'Abreu Freire, P.e José Luis da Rocha, João José Araujo, António Pedro Ferreira Dias, Arminda Santos, Maria Eugénia Reis (20$00), Adriana Flores Rasção, Lucinda Pereira de Magalhães, José da Graça Junior (15$00), P.e Evaristo Carreiro Gouveia (60$00), Maria Julia da Rocha (12$50), Maria de Nazareth Valentim de Sousa, Palmira Martins Faria, Ester Borges Cabral (15$00), Joaquim Nunes Pires, Joaquim Pereira Delgado, José Frias (15$00), Francisco Ferreira de Sousa, José António Gonçalves d'Azevedo, Ester da Conceição Reis C. Teixeira, José Lourenço Fernão Pires (20$00), Rita Nogueira, P.e Joaquim Dias Duque (80$00), Maria Izabel Monteiro Reinas (50$00), Margarida Manuel Pinto Coelho, Francisco de Paiva Boléo (17$00), Luciano Cordeiro Gonçalves, Manuel Duarte Ortigoso, Maria do Carmo Pereira de Lacerda de Pessalva (20$00) Camila Rodrigues Mota, Dulce Martins Pereira, P.e José Machado Ferreira, Rosa de Jesus Leite (20$00), D. José Maria Camara (Belmonte), 30$00, P.e António Pereira Ribeiro, D. Eduarda Albertina T. de Santiago, Maria Adriana de Santiago, S. Ribeiro, Aurora Augusta Correja, Delfina Augusta de Pina, Gracinda de Sousa, Eduarda Alburquerque de Pina, P.e Domingos de Figueiredo (20$00), Aurora Vaz Clemente Marques da Cruz, Manuel das Neves, Maria Adelaide Salazar Norton, Ana Esperança Rodrigues M. Eduardo Freitas, P.e Augusto d'Araujo (20$00), Amélia Velindrinha (35$00), Amélia Lopes de Mendonça 60$00), Maria da Conceição Lopes, Olivia Viegas Alexandre, Olimpia Cunhal Patricio, Clara Maria Ribeiro Teles, Maria Mendes Lino, Leopoldina Maria Borges (20$00), Lidia Mendes Leal (15$00), Joana Eliza da Cunha V. d'Albuquerque, Maria José Canico, Viscondessa de Montedor, José da Rocha Painhas, Avelino José Cerqueira Marques, Joaquim Cardoso da Silva, Antonia Malafaia, Visconde de Cortegaça, Trindade Leitão, Rosa da Costa Maciel Gonçalves, Manuel de Passos Martins, P.e Domingos A. Gonçalves Borlido, P.e António Martins Carneiro, Raymunda d'Almeida Alves.

AS CURAS DA FATIMA

Porto, 3 de Novembro de 1927.

E' extremamente consolador que a devoção a Nossa Senhora de Fátima, que floresce de há muito em fréguesias circunvisinhas, como Murtosa, etc., esteja a espalhar-se por contacto nesta freguesia. Uma prova disto são os factos que a seguir relato pedindo o favor da sua publicação na *Voz de Fátima* bem como das fotografias que envio juntamente, o que agradeço desde já.

P.e Ferreira da Silva.

Albano Valente da Silva, de dois anos de idade, natural da freguesia de Pardilhó, concelho de Estarreja, tendo sido atingido por uma pleuresia purulenta e como o puz aumentasse em extremo tornou-se necessário uma intervenção cirurgica. No entanto o médico não queria recorrer a esse meio supremo por julgar que a criança não tinha forças bastantes para resistir á operação. Então uma devota de Nossa Senhora falou á

Albano Valente da Silva

mãe na bemdita água de Fátima e trouxe-lhe um copo do salutar liquido. A criança bebeu-a e passados dois dias era tão satisfactório o seu estado que o ilustre médico assistente snr. Dr. Abreu Freire constatou o facto de sensiveis melhoras a ponto de já poder ser operado.

Foi então operado. Operação que consistiu em abrir um orificio no lado esquerdo do peito até á pleura pondo assim em comunicação com o exterior o puz localisado nesta região por meio dum tubo de borracha.

Quanto sofreu esta criança não se póde imaginar. O puz além de cheirar mal, humedecendo continuamente os pensos e vestidos ocasionava um mal estar constante á pobre criança.

De tempos a tempos era preciso avivar o orificio que ia tapando e impedia assim a saida do puz, o que lhe causava dôres horriveis.

Demais o pequeno só caminhava torto, portanto sob uma pressão continua e que para uma criança desinquieta é um tormento incalculável.

Todos tinham as esperanças perdidas e esperavam cada dia o desenlace fatal.

No entanto a purulência começou a diminuir até que cessou, a ferida cicatrisou como eu proprio tive ocasião de verificar e a criança ficou direita, caso anormal em pleuresias, e com a esperteza de outrora.

A mãe sumamente grata á Virgem Santissima foi em Setembro a Fátima com o pequeno, já curado, agradecer á Consoladora dos Aflictos o cumprir o voto que fizera de dar dez dolars em cêro.

Armando Valente Tavares, de 13 anos de idade, da fréguesia de Pardilhó, concelho de Estarreja vem por este modo cumprir um dever de gratidão para com a Consoladora dos Aflictos. Há tempo que sofria de um abcesso na espinha. Segundo o juizo da medicina, confirmado pela radiografia, esse abcesso foi considerado incuravel.

Armando Valente Tavares

Sua mãe extremamente aflicta pela sorte de seu filho tão rudemente ameaçada recorreu á SS. Virgem e entre outros votos fez um de dar uma esmola para o culto a Nossa Senhora de Fátima. Passados apenas dois dias cessaram as dôres e o estado febril.

E' preciso notar que o abcesso o obrigava a caminhar torto. Pois apesar disso passados os dois dias readquiriu a posição normal.

Esta cura causou muita admiração na freguesia, pois todos conheciam o estado do pequeno. Muito grata á SS. Virgem esta mãe exultando de alegria foi com outras pessoas no dia 13 do mês de Setembro a Fátima cumprir o seu voto.

Joana Valente Garrida, de 40 anos, natural de Pardilhó, Estarreja foi atacada duma pleuresia fortissima tendo tanta tosse que esta lhe impedia a respiração. Os médicos recusaram-se operá-la por suporem coexistencia de afecção pulmonar. Mandaram os escarros a análise e numa junta médica declararam a doente tuberculosa em grau adiantado e com pouco tempo de vida. Foi então nesta situação afflictissima que esta mãe ao ver, que o seu lar corria o perigo de se desfazer, recorreu a Nossa Senhora do Rosário de Fátima e fez um voto relativo á sua cura. E bemdita a Virgem Santissima, esse voto foi ouvido no céu e a cura embora lenta não se fez esperar. Devo notar que esta cura foi a verdadeira ressurreição dum lar. O Pai ausente, a mãe á espera da morte, um filho sem se poder mover com um ataque que lhe deu em criança, outro com um abcesso na espinha e também miraculosamente salvo. Tão poucas esperanças havia que já todos pensavam na disposição a dar aos dois pequenos.

E nós que residiamos no Porto perguntavamos a cada passo: se a doente já falecera, tão convencidos estavamos do seu estado desesperado. Apesar de tudo isto podemos hoje ver com alegria a doente completamente restabelecida e com o coração trasbordando de santa gratidão para com a Virgem SS.»

Foi também em Setembro ultimo a Fátima cumprir o seu voto, apesar de uma viagem dispendiosa e incómoda de oito horas de camionete.»

OUTRAS GRAÇAS

Albina Monteiro da Silva (Bairro Serzedelo — Campolide), varias graças. Enviou 40 escudos.

Rita Laborde (rua Rosa Araujo, 53. Lisboa) duas graças: Hortensia Ferreira (mesma casa).

Serafim da Silva Carneiro, de Pardêlhas, havia meio ano que tinha uma ferida numa perna que não sarava com nenhum medicamento; Henriqueta Brochado (rua de S.ta Catarina, 329—Pôrto).

P.e João Ferreira Leitão, de Aveiro, deseja manifestar por este meio a sua gratidão a N. Senhora por uma grande graça recebida.

A. S. P. vendo-se aflito com um grande ataque de tosse e falta de ar. Antonio Luiz da Conceição (rua do Loureiro, 5—Coimbra) tendo obtido uma grande graça temporal de que dependia o seu bem estar e de sua familia.

Maria da Soledade Gomes (rua da Rocha, 62, Angra) vendo uma pessoa de familia aflita com dores interiores, sem poder tomar posição. Faustino Pedro Ribeiro, da Castanheira do Ribatejo, atacado de um tifo de caracter maligno, recorrendo sua mulher e sua mãe a N. Senhora de Fatima. Antonia Rosa, de Arrifana, freguezia de Carquere Douro) gravemente doente e sem esperança de cura.

O superior de uma Missão da Provincia de Moçambique em uma doença grave do figado, que não obedecia ao tratamento medico.

Ana José Abranches de Carvalho (rua da Palma, 288—Lisbôa) curada de hygroma que tinha em um joelho.

F. C., professor de ensino primario, uma graça recebida.

Maria da C. S, da freguezia de S. Mateus (ilha Terceira) vendo seu pae muito aflito e em risco de ficar louco.

Guilhermina d'Assumpção Rosa, de Painho (Cadaval), doente havia mais de oito mezes.

Ana Jordão, de Carritos (Figueira da Foz), tendo melhorado de loucura a cunhada de uma sua amiga que está em S. Paulo (Brasil).

Maria Augusta d'Almeida Pinto, de Vila Verde de Ceia, uma graca obtida.

Ludovina Amorim, a cura de uma erisipela no rosto.

Manuel Rodrigues de Pinho Chibante, de Valega (Ovar) a cura de uma herpe de que sofria havia mais de um ano.

MANUEL TEIXEIRA PINTO

No dia 19 de dezembro ultimo, confortado com todos os Sacramentos, nas melhores disposições, inteiramente resignado com a vontade de Deus, faleceu no hospital de Leiria o dedicadíssimo *Servita* Manuel Teixeira Pinto, que, por devoção para com Nossa Senhora, tinha mudado a sua residencia de Lisboa para a Fátima. Pedimos aos nossos queridos leitores uma prece pela sua alma.

A oração dum soldado

Contava um Bispo, já falecido, que na sua visita a um hospital, se chegou ao leito de um soldado veterano, atraído pelo seu olhar enérgico e franco. Seguiu-se logo êste diálogo:

— Olá, camarada, como vai isso?

— Mal, senhor Bispo, muito mal: creio que desta vez recebo baixa definitiva.

— Talvez não: mas para o que der e vier, sempre é bom assegurar uma boa reforma. Ora diga: costuma rezar pela manhã e á noite?

— Sem falta, meu general... quero dizer, meu senhor Bispo. A minha oração nunca me falta.

— E que oração é?

— Curtinha, mas boa: oração do soldado.

— Naturalmente o Padre-Nosso, a Avé-Maria...

— Não, senhor Bispo. Isso rezava eu na missa, ao domingo.

— E que rezava então de manhã e á noite?

— Olhe, assim: o velho soldado levantou a mão direita até á testa. Faço a continência ao general em chefe que está no Céu e de manhã digo: «Meu Deus, levanta-se vosso servo; tende compaixão dele». E á noite: «Meu Deus, deita-se vosso servo; tende compaixão dele.»

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	5.530$05
D. Maria do Rosario Mourão	20$00
	5.550$05

EM PEREGRINAÇÃO

(Impressões duma peregrina em 13 de Outubro)

O comboio inorme, ofegante, sumia-se nas trevas do tunel do Rocio.

Avé! Avé! Avé-Maria!...

Era magnifica a disposição moral de todos os peregrinos, mesmo dos que iam gravemente doentes!

Vais bem? — perguntava a esposa a um joven condenado pela medicina.

Muito bem, — respondia êle num sorriso cheio de fé e esperança!... Os lábios de todos os companheiros do compartimento, moviam-se em orações por êle... Avé-Maria cheia de graça... N. Senhora do Rosário de Fátima, rogai por êle!

Duas irmãs, iam agradecer á Virgem a saude de um irmão querido que estivera quási perdido com uma ulcera no estomago. Uma humilde mulher de povo, já de idade, a cura de uma enfermidade que por muitos mêses a impossibilitara de ganhar o pão de cada dia! Ouvi ali no Rocio dizer que partia este comboio com peregrinos para Fátima, — explicava ela: — corri a comprar duas velas para N. Senhora, um pão que vai ser o meu almoço, e lá vou!

Então, e carro para ir de Tôrres á Cova da Iria? — perguntou-lhe alguem.

Ha lá muitos carros! E se não houver, vou a pé! Por que me curou N. Senhora a minha perna?! Foi para andar... E num entusiasmo que comovia até ás lágrimas, cantava destoadamente um cantico á Virgem.

O comboio, corria, corria, atravessando vinhedos meio amarelecidos, deixando já a traz de si admiráveis paisagens do lindo vale de Santarem.

Torres Novas! — gritou um peregrino! — Lá estão já as camionettes! A breve trecho, estavamos todos dentro delas como sardinha em canastra, mas muito alegres, muito felizes!

Avé! Avé! Avé-Maria!

A anciedade de chegar ao lugar bemdito aumenta de instante a instante!... São quatro horas ainda de caminho! Que longe, que longe! E as camionetes andam tão de vagar!

E' que a carga é grande, e os precipicios inormes! Mas ninguem pensa na possibilidade de um desastre: podia lá ser!!... Nós vamos para Nossa Senhora, ela espera-nos tambem anciosa, lá ao fundo, na Cova da Iria...

Ao longe, já alveja a torre da igreja de Fátima! Os corações batem com força, os olhos embaciam-se com lágrimas, um soluco contrai-nos a garganta... Já mal podemos cantar... Avé! Avé! Avé-Maria! Mas cantamos sempre, sempre...

Chegamos enfim! Que quatro horas intermináveis!

E' noite fechada, e chove torrencialmente. Apesar disso, e da fadiga que é extrema, todos teem o mesmo desejo de ir quanto antes para junto da Mãe do Céu! De longe a estamos já vendo num pedestal de ouro, formado por velas que a distancia parecem estrelas brotando da terra! Belo! Encantador!

Já transpomos o grande arco, já descemos a ladeira em procissão já a vemos distintamente, já estamos a seus pés!

Lá está na sua braneura de lirio, a olhar-nos, a sorrir-nos, a falar-nos, viva como quando apareceu aos pastorinhos!

Já não cantamos, estamos mudos, num extase!

Todos os rostos teem a mesma expressão, de todos os olhos saem perolas que a Virgem entesoura em seu peito!...

Como ela está contente! Todos somos seus filhos, todos somos irmãos. E que harmonia entre familia tão numerosa!

Mas temos que dar o lugar a outros que veem a trás de nós, é forçoso separarmo-nos! Mais um olhar, mais um beijo das nossas almas!...

E' noite alta. Ha quási três horas que a procissão das velas vai a caminho, grandiosa, imponente!

Agora são milhares de vozes que entoam: Avé Avé Avé-Maria!

As velas caminham sempre até formarem um inorme circulo de brilhantes onde fechamos a querida Mãe!

Ela sorri-nos então mais terna, mais carinhosa ainda! As suas purissimas mãos desunem-se os seus braços abrem-se, e estreita-nos a todos contra o peito, fechando-nos para sempre no seu coração maternal!

Flóra Quintela

Ano VI — Leiria, 13 de Fevereiro de 1928 — N.º 65

VOZ DA FÁTIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

ESTATUTOS
DA
Confraria de Nossa Senhora do Rosario de FÁTIMA

Art.º 1.º — E' canónicamente erecta no Santuário da Fátima uma confraria denominada — Confraria de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.=

Art. 2.º — Esta confraria tem por fim: a)trabalhar pela conversão dos pecadores;

b) reparar os pecados sociais das nações;

c) promover o cumprimento dos preceitos da Santa Igreja especialmente quanto ao domingo e dias santos;

d) orar e auxiliar as missões entre cristãos e infiéis;

e) sufragar as benditas almas do Purgatório;

f) orar pelos doentes e por todas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora do Rosário da Fátima;

Art. 3.º — Alem das indulgências que serão pedidas á Santa Sé, os confrades terão direito:

a) á participação em todos os sacrifícios, boas obras e mortificações dos doentinhos que recorrem a Nossa Senhora da Fátima;

b) ás Missas que se celebrarem no Santuário ou fóra dêle por esta intenção;

Art. 4.º os confrades têm obrigação: a) de viverem cristãmente;

b) de darem a esmola mensal de $20 (200 réis), sendo metade para Missas, segundo os fins da confraria (art 2.º) e a outra parte para o Culto de Nossa Senhora. Estas esmolas serão recebidas em listas por colectores ou colectoras que se prestem a esta obra de piedade e caridade.

Art. 5.º — Os confrades são aconselhados: a) a recitarem todos os dias, de preferencia em publico ou em família ou, pelo menos, em particular, o terço do Santo Rosário;

b) a comungarem, sendo possível, mensalmente e da mesma forma assistirem ao Santo Sacrifício da Missa no dia 13 de cada mês em união com os peregrinos;

c) a trazerem consigo uma medalha tendo dum lado a imagem do S. Coração de Jesus, e do outro a de Nossa Senhora do Rosário da Fátima. Esta medalha pode substituir os escapulários.

Art. 6.º A confraría de Nossa Senhora do Rosário da Fátima terá uma direcção composta de presidente, secretário e tesoureiro, nomeados pelo Prelado da Diocese. Esta comissão prestará contas todos os anos na forma do direito, ao Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo.

Leiria, 15 de Janeiro de 1928

Aprovados os Estatutos ut supra na forma do Direito.

Leiria, 15 de Janeiro de 1928

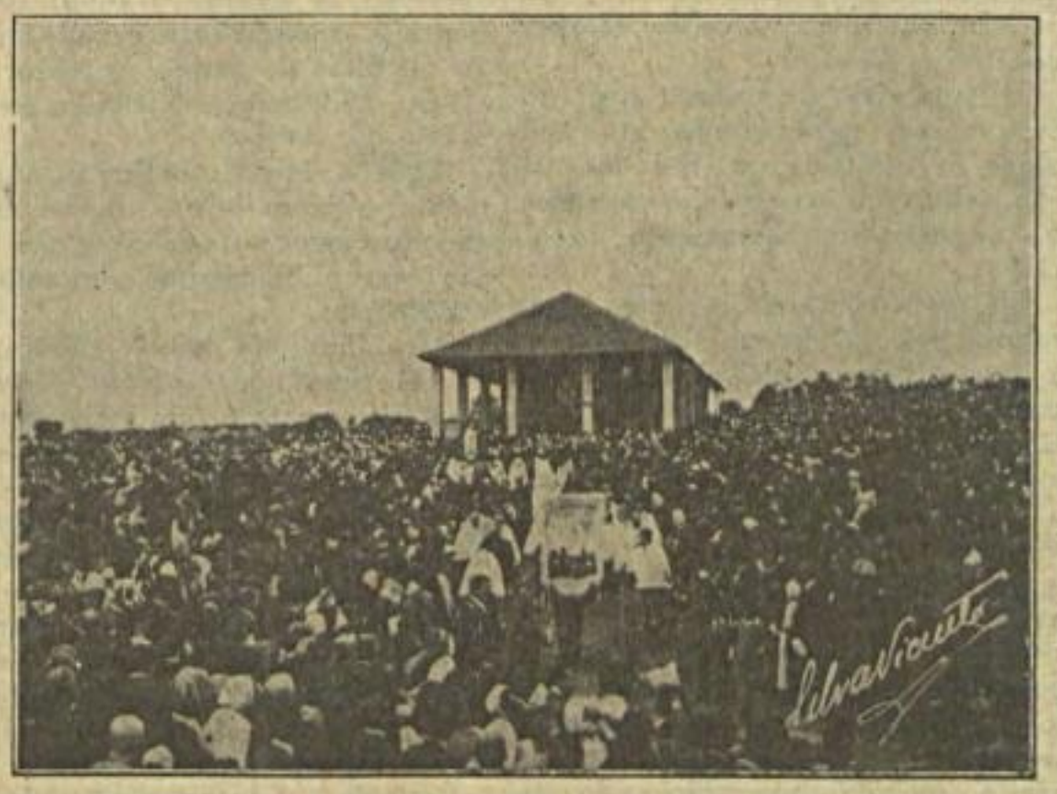
† *José, Bispo de Leiria*

CRÓNICA da FÁTIMA

(13 DE JANEIRO)

Com a chegada do frio, da neve e das chuvas torrenciais do Inverno, a vida religiosa nos santuários da Lourdes portuguêsa perdeu, como aliás era de esperar, a animação e a exuberancia própria dos dias grandes e inolvidáveis da Primavera e do Estio.

Estamos agora na época do ano mais calma e mais propícia ao recolhimento e á oração: cessou por completo o fluxo e o refluxo das multidões na Cova da Iria e, em vez do rugir clamoroso das vagas dum oceano revôlto e encapelado, apenas se ouve o doce murmúrio dum rio manso e tranquilo, de aguas puras e cristalinas, que desliza suavemente para a sua foz. Não se julgue, porêm, que o local das aparições, ha dez anos teatro de tantas maravilhas divinas, se transformou de repente, como que ao mágico contacto duma varinha de condão, num páramo deserto, e solitário, onde o silêncio só é cortado de vez em quando pelo grasnar dos corvos da montanha ou pelo sibilar dos ventos em luta nos alcantís da serra durante as noutes tempestuosas do Inverno. Já não se vêem grupos numerosos de peregrinos, já não se erguem, vibrantes de entusiasmo, hosanas a Jesus-Hóstia e vivas e aclamações á Virgem, já os cânticos piedosos não enchem de celestial harmonia aquela estância privilegiada do Céu, mas continúa, sem solução de continuidade, o vaivém dos romeiros isolados, que se sucedem, na sua guarda de honra aos pés de Cristo-Rei, oculto no seu Sacramento de amor, e junto da Imagem miraculosa da sua augusta Mãe.



Maio de 1927 – Volta da Imagem de N. Senhora para a sua capelinha

Durante a quadra invernosa é sobretudo Fátima com os seus quarenta povoados que fornece o maior contingente para essa gloriosa guarda de honra. Mas, ao lado dos inúmeros peregrinos das imediações da Cova da Iria, aparecem com frequência almas piedosas que vêem de longes terras, apesar das intempéries da estação e á custa de sacrifícios de tôda a ordem, render á celeste Padroeira dos portuguêses o preito fervoroso da sua veneração, do seu reconhecimento e do seu amor.

E quantos filhos de Portugal, uns acalentados ao seio da mãe-pátria, outros dispersos pelas cinco partes do mundo, na impossibilidade de irem tributar pessoalmente as suas homenagens á Raínha do Céu no santuário da sua predilecção, volvem os seus pensamentos e os seus afectos para aquela estância bemdita, afim de implorar da Mãe de misericórdia, que é o refúgio dos pecadores, a saúde dos enfermos e a consolação dos aflitos, bálsamo para as feridas da alma, remédio para as chagas do coração, cura ou lenitivo para as enfermidades do corpo!

* * *

Frio, nublado e triste, como costumam ser os dias em pleno coração do Inverno, foi o dia treze de Janeiro último. Contudo, apesar do rigor da estação e da iminência da chuva, os peregrinos acorreram em grande número aos santuários de Fátima, pára assistir aos actos religiosos comemorativos das aparições e dos sucessos maravilhosos.

Próximo do meio-dia solar, uma grande multidão, composta de muitas centenas e talvez de milhares de pessoas, concentra-se em tôrno da capela das missas.

O movimento no Posto das verificações médicas é insignificante: são inscritos nos respectivos cadernos apenas os nomes de algumas dezenas de doentes, que, á medida que vão sendo observados pelos médicos

de serviço recebem os cartões de ingresso no Pavilhão.

Cá fóra, na imensa esplanada, os piedosos romeiros cruzam-se num contínuo movimento de vaivém entre a capela das missas, as fontes da água miraculosa e o padrão comemorativo das aparições.

* * *

Defronte do recinto reservado aos doentes, na ocasião em que se celebra a penúltima missa, uma senhora nova, aparentando ter pouco mais de vinte e cinco anos de idade, ajoelha, longe do grosso da multidão, sôbre a terra nua, precisamente no momento em que a Hóstia Santa se eleva nas mãos do sacerdote entre a terra e o Céu, como vítima de expiação dos pecados do mundo.

Numa atitude que traduzia sentimentos de sincera e acrisolada piedade, com os olhos fixos no altar distante e os lábios contraídos em fervorosa expressão de suplica a desconhecida parecia a estátua viva do sofrimento resignado. Pelas faces pálidas, levemente ruborizadas, deslizavam-lhe em silêncio, grossas como punhos, lágrimas abundantes, que ninguêm poderia dizer se eram de fundo pesar ou de ardente amor.

Quem és tu, alma desconhecida, que sofres e choras, aos pés de Jesus e Maria, como João e Madalena junto á cruz, no cimo do calvario?

E's um anjo de inocência, que o Espôso das virgens atrai, como atraiu outrora o discipulo amado, que na última ceia reclinou a fronte virginal sôbre o peito adorável do Divino Mestre?

E's um lírio de pureza, que procura unir-se para sempre, num amplexo de caridade, ao Rei dos Anjos, oculto sob as espécies sagradas, no augustíssimo sacramento do altar?

Ou, pelo contrário, és uma alma roçada pelo pó do mundo, mas que a graça divina purificou e transformou, como a rica e formosa castellã de Magdalo, tornada, mercê do seu arrependimento e do seu amor, a Madalena de Betánia e a Madalena do Gólgota?

E's um anjo caído, que perdeu as azas da inocência, mas que as recuperou á custa duma reparação generosa, para voar ainda mais alto nas vias misteriosas e insondáveis do Amor misericordioso, como hóstia imolada num holocausto perene de expiação e resgate?

Segrêdo de alma êsse, sagrado e inviolável, que só a Deus e aos seus ministros sôbre a terra, no sacramento da misericórdia e do perdão, é dado perscrutar!

Que intenso e comovente labor de regeneração, que mágoas pungentes, que lutas tremendas, que sacrifícios generosos, que tesouros de virtude, que martírios de penitência, que riquezas infinitas de amor puríssimo nas almas e nos corações de tantos peregrinos que passam pela Cova da Iria!

Bemdita seja, mil vezes bemdita, a gloriosa Raínha dos Anjos, que se dignou suscitar no recesso ignorado duma serra, o cadinho imenso, incessantemente activo, em que se purifica e transforma, no fogo da contrição, da penitência e do amor, a terra pecadora de Portugal!

* * *

Ao meio-dia solar organiza-se na fórma do costume, a procissão da Imagem de Nossa Senhora do Rosário, que é conduzida, aos ombros das servitas, da capela das aparições para a capela das missas.

Colocada a veneranda Imagem sôbre o seu pedestal, ao lado direito do altar, começou a missa dos doentes.

Ao mesmo tempo o rev.do dr. Marques dos Santos, capelão-director dos servitas, inicia a recitação em comum do terço do Rosário.

A multidão, crente e piedosa, em que não se encontram, como nos meses do Verão, pessoas que assistem aos actos religiosos por mera curiosidade, reza com um fervor e um recolhimento que edificam e encantam, propiciando o Altíssimo e criando a atmosféra favorável á descida das graças celestes. No momento solene da elevação, em tôda aquela estância divinal, o silêncio torna-se profundo, sendo cortado apenas pelo som argentino da campainha litúrgica e pelo brando ciciar das preces, que se evolam de milhares de lábios.

Assim que o celebrante pousa o calix da salvação sôbre a toalha branca de neve que cobre a mesa do altar, um formoso cântico em louvor do santíssimo e augustíssimo Sacramento da Eucaristia irrompe de centenas de peitos, num impulso fremente de fé viva e de piedade acrisolada.

Ao *Postcommunio* o rev.do Manuel de Souza, reitor dos santuários de Fátima, administra a Sagrada Comunhão a grande número de fiéis de ambos os sexos, que ainda não tinham podido receber o Pão dos Anjos.

Após a missa, realiza-se a cerimónia, sempre bela, sempre encantadora e sempre comovente, da bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes.

Os olhos de todos marejam-se de lágrimas, as preces e invocações sobem para o Céu mais veementes do que nunca, a fé, a esperança e as comoções mais intimas do coração transluzem dos rostos emaciados pela compaixão dos males alheios e parece que o Anjo do confôrto divino, descendo piedosamente da côrte celeste, derrama sôbre as almas e sôbre os corpos o bálsamo consolador das dores morais e dos sofrimentos físicos.

Cantado o *Tantum-ergo* e dada a bênção geral, sobe ao púlpito o rev.do José do Espírito Santo, pároco do Reguengo do Fétal, que, tomando para tema o Evangelho da festa da Epifania, prega um substancioso sermão sôbre as aparições da Virgem e as suas consequências de ordem moral e religiosa, exortando os ouvintes a seguir sempre fiélmente Maria Santíssima — a mística estrela do mar que nos mostra o caminho para Jesus.

Com a recondução da Imagem de Nossa Senhora do Rosário para a capela das aparições, que se efectuou logo que o orador sagrado concluiu o seu discurso, terminaram os actos oficiais da peregrinação.

Principia então a debandada.

O céu plúmbeo, onde o sol, um frouxo sol de Inverno, se esconde sob o manto das nuvens que o cobrem literalmente, ameaça desfazer-se em água e a breve trecho uma chuva miudinha e impertinente começa a cair.

Os peregrinos abreviam as orações de despedida e apressam a partida. E, antes que o astro-rei, envolto no seu manto de nuvens, transpuzesse a linha do horisonte longínquo, num pôr de sol invisível, o vasto recinto da Cova da Iria, onde a cada passo se renovam as scenas portentosas dos tempos bíblicos e onde em breve será elevada á Mãe de Deus uma basílica insigne, um majestoso e imponente palácio de raínha, imerge de novo no silêncio e na solidão dos tempos idos, quando a nobre Padroeira de Portugal ainda não tinha na terra do Santo Condestável erigido o trono magnificente das suas glórias e aberto o cofre inexgotável das suas infinitas misericórdias...

Visconde de Montelo

Joaquina Duarte

ANTES A MORTE...

Martir da Virgindade...

Não é lenda. O facto passou-se na freguezia da Barreira nos primeiros dias de Janeiro deste ano.

* * *

Despontava ainda para a vida.

O corpo era já o de uma mulher feita, um corpo adulto.

Mas a esse corpo de mulher estava unida numa existencia infantil a alma candida, inocente duma creança.

Sim, apezar dos 17 que estava quasi a completar, conservava o á vontade, as maneiras, o todo duma deliciosa creança.

Creança na paz tranquila do seu olhar, creança na franqueza ingénua do seu falar.

Creada por entre os pinheirais donde a sua casa, numa isolação eremitica, alvejava a distancia, a Joaquinita, como lhe chamavam, parecia á primeira vista acanhada, mesmo bisonha.

Mas logo ao trocar da primeira palavra era como um abrir de alma numa alegria efusiva, infantil, que ninguêm ali suporia.

Um rir cristalino desprendia-se-lhe de todo o rosto como a mostrar a paz da alma que ali vivia.

Foi sempre assim.

O riso, a alegria sã é propria das almas puras.

Os outros riem de quando em quando, mas o seu riso é torvo, fingido, forçado.

E sentem pena de não poderem rir sempre, de não poderem prender em si a alegria forte que reina em outras almas.

* * *

A mãe queria-lhe muito.

Não tinha nenhuma outra filha: amava-a ainda mais.

A's vezes, saudosa, chamava-a lá de dentro.

—«Oh Joaquina!

—«Senhora.

—«Anda cá!

—«Que me quer vossemecê?

—«Anda cá!

E junto da mão preguntava-lhe de novo se lhe queria alguma coisa. Ela, satisfeita com a bondade e a alegria da filha, contemplava-a avidamente e respondia sorrindo:

—«Não te queria nada. Olha! Queria-te vêr»

E a pequena retirava-se como que enlevada naquele delicioso logro em que a mãe a fizera cair.

E a scena foi-se repetindo no intimo daquele bemdito lar de forma que no fim quando a mãe lhe dizia:

—«Anda cá», a filha sabendo para que a chamava respondia só: «Ora...» e deixava-se ficar.

* * *

Aquela alma naturalmente recta e pura sentia em si a força poderosa da graça mas sabia bem que é necessário conservá-la, alimentá-la, defendê-la.

São tantos os inimigos a querer roubar-no-la!...

Era por isso que embora se não proporcionasse a ocasião de se poder alimentar dia a dia com o Pão Divino descido dos Céus, ia contudo com frequencia até junto da mesa sagrada.

E ficava-lhe a alma tranquila, embebida naquele em Quem puzera as suas delicias e voltava de lá mais alegre, mais perfeita, mais pura.

Sem o sentir, a comunhão era para ela o vinho que gera as virgens.

E ia-se assim fortalecendo ...

As reuniões das Filhas de Maria, a cuja Associação pertencia, traziam-lhe frequentemente a ideia do amor que uma rapariga cristã deve ter á virtude que lhe dá um brilho especial a ela e a toda a alma cristã.

Quem a visse julgá-la-ia uma rapariga vulgar, como tantas, inferior mesmo a outras que pareciam e eram mais piedosas, e ignorava a mansão de inocencia e pureza que o Espirito de Deus se ia preparando naquela alma.

A santidade e o amor mostram-se na ocasião, nas tentações.

Até lá quem sabe o que é, o que vale uma alma?!

Mas essa hora chegou emfim.

A tentação apresentou-se-lhe com toda a violencia.

A Joaquinita resistiu.

Ela sabia bem que a Virgem Santissima a quem tantas vezes e tão fervorosamente encomendara a sua virtude, não havia de permitir a sua queda.

E, segura assim da protecção Materna, Joaquina Duarte vivia despreocupada sem pensar talvez na lucta que um dia teria de sustentar, no epilogo tremendo dessa lucta heroica.

* * *

O grande dia chegára realmente.

Despreocupada? tranquila como a natureza em volta dela, ia seguindo ao longo do rio Liz.

De repente, surge-lhe ao lado alguém.

A'quelas horas... naquele sitio...aquela pessôa ...não podia haver ali boa intenção.

Poz-se em guarda.

Agarram-na...

Lucta, defende-se heroicamente e manda a Deus a alma virginal antes que haja tempo de lhe profanar o corpo.

Terminando a lucta apenas com o terminar da vida, aquela joven voava a receber no céu a coroa imarcessivel que o Esposo Divino Lhe apresentava lá.

E subiu.

E voou.

E foi coroada, glorificada.

* * *

Anoiteceu.

A mãe em cuidados. Mas lembrando-se que ficara em casa da familia, que fôra visitar, acabou por socegar.

No dia seguinte a filha não aparecia.

«*Lá não ficára*»

Ao ouvir isto a mãe, num cruel pressentimento, como os teem os corações de mãe, exclama em soluços.

—«*Mataram a minha filha!*»

Mal ela sabia o que se passara.

Mas dentro em pouco a scena tremenda reconstruia-se completamente.

Junto do rio, procurándo-a, alguem descobre nos rastos sinal de lucta; por entre as silvas o chale, e, finalmente, dentro do rio o corpo inerte.

Acorrem todos; tiram-na e levam-na para a sua casa.

A autopsia atesta a virgindade imaculada daquele cadaver.

E as suas amigas e os seus conterraneos todos levam-na em triunfo.

Não foi um enterro como o das outras pessôas.

Foi uma deposição como o das antigas martires.

Inês, a formosa Romana, martir da sua virtude, acolhia-a triunfante.

Vinham-lhe ao encontro Cecilia, Eulalia, Luzia, Iria e tantas, tantas, que com a purpura do martyrio divinizaram a candura imaculada da sua pureza.

Mas na terra fazia-se côro com a Igreja triunfante.

As suas companheiras, amigas e irmãs, levavam-lhe os restos mortais — instrumento da sua gloria — entre lagrimas sim, mas de saudade, de alegria pelo triunfo, que não de pena pela passagem.

De véu branco lembravam um cortejo nupcial.

Na alvura dos seus veus aquelas rapa-

rigas eram bem o simbolo da pureza da sua irmã.

Nos enterros costuma tocar-se o sino em plangentes dobres.

No dela não que o dia providencial do seu enterro o prohibia.

No caminho, da capela onde estava depositado, para o cemitério, onde ia dormir o ultimo sono, saiu-lhe o pai ao encontro.

Pararam todos.

«Deixem-me despedir da minha filha» disse com a voz entrecortada de soluços.

E ajoelhando, ergueu as mãos e beijou a filha.

Toda a gente chorava de comoção.

E na igreja, quando a vista cá na terra tinha que despedir-se dela pela ultima vez, toda a gente quereria beijá-la.

Tinha já quatro dias aquele cadaver, era perigoso beijá-lo, observa alguem prudentemente.

Mas o frescor virginal das faces suavemente rosadas como em vida, côr extraordinária que toda a gente notava, o carminado dos labios, o todo daquele rosto parecia desmenti-lo.

Então um velho, debulhado em lágrimas:

«Beijem-na, beijem-na mesmo de louge.»

E outro:

«Estás aí porque és uma santa».

* * *

No meio de tanto todo que uma moda degradante atira ao corpo e á alma da mulher portugueza; no meio de tanta baixeza que, aqui e alem, se nota e de que ela é por vezes vitima e causadora, como alenta contemplar estes exemplos de heroica virtude cristã!...

Eram assim as mulheres portuguezas de outrora.

Hoje?...

Hoje... a par de muita miséria, de muito despudor ha ainda, sobre o monturo lirios imaculados a levantarem para o céu em prematura e candida florescencia.

Ah! que se as mulheres, se as raparigas cristãs de hoje o soubessem ser profundamente nos trabalhos quando a lingua desfreada procura abocanhar o pudor e a modestia; nas ruas e nas praças, quando a procacidade dum gesto lhes asseteia o olhar; nas reuniões, nas leituras, na familia, em toda a parte; se elas soubessem respeitar e fazer respeitar em si o que elas teem de mais precioso, de mais sublime, de mais angelico, veriamos depressa reformados os costumes da nossa sociedade.

Mas que, aquelas ao menos que, por vezes, no intimo da sua consciencia, se sentem fraquejar, saibam haurir do exemplo desta heroina — uma aldeã de 16 anos apenas— um pouco mais de força, de coragem, de tenacidade, na lucta ingente pela sua virtude.

Filhas de Maria de todo o Portugal, nas vossas reuniões lembrai, ufanas, o exemplo desta vossa irmã, conservai-lhe viva a memoria, recorrei a ela — que no mais acceso da lucta saberá decerto lá do Céu aldinçar-vos a protecção d'Aquela que lhe foi Modelo, Protectora e Guia.

Luctai como ela!

Nas coisas pequenas onde o Senhor experimenta por vezes a nossa fidelidade; no mais intimo da vossa alma onde a unica testemunha é Deus luctai, luctai, corajosamente!

Luctai, vencei!

E dai-vos por felizes em morrer antes, como ela, do que ceder, do que pulvir-vos como outras.

Por mais alta, por mais bela que viesse a ser a vossa situação cá neste mundo, não ha honra mais subida, gloria mais pura, corôa mais fulgurante para a cabeça duma rapariga do que o titulo singelo e sublime de **Martyr da virgindade.**

No dia de S. Inês

Á Santa Missa

«Eu consolarei e socorrerei, á hora da morte, quem tiver assistido ao santo sacrifício com assiduidade e devoção; enviarei para o acompanhar nessa terrível passagem tantos dos meus santos quantas missas tiver ouvido».

(Palavras de N. Senhora a Santa Matilde)

AS CURAS DA FATIMA

Ana Santana, solteira, creada de servir, de 28 anos de idade, natural e residente em São Martinho de Cambres, Concelho de Lamêgo, vem cheia de reconhecimento publicar, no jornal a Voz da Fatima, um milagre que a SS. Virgem lhe fez no dia 13 d'agosto de 1927, no logar da Cova da Iria.

Achando-se a servir em casa da Ex.ma Sr.ª D. Maria da Gloria de Sousa Guedes, desta freguezia e resolvendo esta Senhora encorporar-se na Peregrinação de Paranhos (Porto) que por essa ocasião se fez ao Logar privilegiado, pensou,

Ana Sant'Ana

quasi á ultima hora, em levar consigo a sua criada que há anos sofria uma doença horrivel, sendo por vezes sacramentada, não havendo esperança de se curar. Fez uma viagem tormentosa, lá passou muitissimo mal, dando bastantes aflições a sua Senhora. Colocou-se no logar dos doentes, recebeu Jesus Sacramentado, assistiu á missa dos doentes, cheia de fé e ao mesmo tempo de sofrimento, recebeu a Benção particular do S. S. e depois da benção geral caiu desmaiada, conservando-se nesse estado algum tempo.

Antes de vir a si, começou a sorrir e a levantar as mãos para o Ceu, dizendo: foi Aquela que me curou. foi Aquela que me curou. Despertando sentiu um bem estar indizivel, ficando completamente curada.

Logo agradeceu á S.S. Virgem do Rosario da Fátima tão grande graça e no regresso fez uma viagem excelente. Desde então come, trabalha e, sente-se bem.

Envia o Atestado medico e a sua fotografia pedindo o obsequio de ser publicada esta breve noticia na Voz da Fátima para honra e Gloria da SS. Virgem.»

ATESTADO

Joaquim d'Assumpção Ferraz Junior, medico, certifico que Ana Sant'Ana, solteira, residente no logar da Portela, da freguezia de Cambres, concelho de Lamêgo, foi por mim operada por duas vezes em 1920 duma exostose na sutura parietal, produzindo fenomenos de compressão cerebral que a impossibilitavam de trabalhar; que por mim foi novamente operada sete anos depois em março do corrente por se repetirem os fenomenos de compressão, ficando depois da operação com cephalgias por vezes rebeldes e que agora se considera completamente curada ha 3 mezes e por ser verdade e me ser pedido passo o presente.

Lamêgo 30 de novembro de 1927.

(a) Joaquim d'Assumpção Ferraz Junior

Luis Agostinho Teles do Camara de Lobos, (Ilha da Madeira) escreve em carta de 29 de novembro ultimo.

«Permita-me V. Ex.cia que eu venha hoje cumprir um dever sagrado, pedindo se digne inserir no seu jornalsinho a *Voz da Fátma* o relato d'uma cura, que só milagrosamente podia ter sucedido.

No dia 5 de Maio de 1927 o meu filho Luiz teve a infelicidade de caír do lugar mais alto (27, m 41, dando só um trambulhão vindo a dobar pelo ar), da rocha do Ilheu de Camara de Lobos, cêrca das 15 horas precisamente quando estava a findar 11 anos de idade.

O meu Luiz ficou muitissimo mal, com a perna direita fracturada, com uma grande abertura na perna esquerda debaixo do joelho, vendo-se os tendões e os ossos, teve uma abertura noutro ponto da perna, o braço direito sem acção, completamente paralitico, perdeu os sentidos não falando e não ouvindo, parecendo irremediavelmente perdido. Ficou também com uma ferida na cara e outra no queixo e algumas contusões negras no peito, e o pé direito muito negro e inchado, emfim, uma lastima.

Com muita aflição mandei aprontar uma rede e acompanhei-o á igreja para o doente receber a Sagrada Unção, o que se fez imediatamente. Em seguida foi para o Hospital do Funchal.

Devo dizer que meu filho foi muito bem tratado no Hospital tanto pelo Ex.mo Snr. Dr. António Felix Pita que fez a operação da perna fracturada como pelos outros Ex.mos Snrs. Drs. e todo o pessoal.

Mas quando o doente chegou ao Hospital, eu e os que viram e tambem os Snrs. Drs. julgavam que o meu Luiz não escapava, em vista do estado, em que estava e ter urinado sangue.

A primeira noite passou-a abatidissimo.

No dia 6 parecia-me que morria antes do meio dia, o que não sucedeu, continuando a estar ás portas da morte.

No outro dia (sabado, 7—5) uma Ex.ma Snr.ª muito amiga do doente, com muita fé e caridade trouxe-me ao quarto particular do Hospital, onde estavamos eu e minha mulher para fazermos companhia ao nosso filho, um vidrinho com agua de Nossa Senhora de Fátima e, com as lagrimas nos olhos, deitou um pouco da mesma agua na cabeça, nas pernas e mais feridas, e tambem, a deu a beber ao doente.

Luiz Augusto Teles Junior

Nesta ocasião a criança descançou uns 10 minutos, para quem não descançava tempo algum, foi já uma grande esperança.

Eu e minha mulher estavamos muito aflitos resando e pedindo a Deus que o nosso filho escapasse, mas parecia-me impossivel, dada a forma como se achava, abatido e agoniado, querendo com a mão esquerda arrancar o cabelo da cabeça, parecendo nas agonias da morte.

Continuei a dar a beber uma pequena porção de agua de N. S. Fatima e a deitar uns pinguinhos sobre as atadduras das feridas, e o meu Luiz a sentir leves melhoras, até que no dia 10 o Ex.mo Snr. Dr. Pita, coadjuvado pelo Ex.mo Snr. Dr. Clode, encanou a perna direita, que como acima disse estava muito fracturada parecendo ao Snr. Dr. Pita que talvez não soldasse em vista de estar muito esmigalhada, calculando-se que o meu Luiz ficasse sem a perna.

Para ser feita a operação foi preciso cloroformisa-lo.

Continuando o meu doente a descançar mais alguns minutos, foi melhorando até que passou a descançar mais algum tempo durante a noite, e no fim de 12 dias recuperou a fala mas dizendo coisas trocadas retomando tambem a acção do braço direito.

No fim de 25 dias a perna estava completamente soldada, com grande admiração dos Snrs. Drs. dizendo estes que o crianço teve muita sorte em escapar e ficar com a perna e que êle tinha visto as barbas de S. Pedro no ceu.

No fim de Agosto passado andava já bém e hoje passados quasi 7 mezes, anda desembaraçadamente sem se notar defeito algum.

Todas as pessoas que conhecem a Rocha e que sabem que o meu Luiz escapou daquele abismo sem defeito, são de opinião que foi um grande milagre da Santíssima Virgem como estou absolutamente convencido que assim é, escrevo esta descarregando assim a minha consciencia.

Algumas pessoas mais idosas do bairro teem lembrança de ter caído da mesma rocha mas de lugares mais baixos 5 pessoas, que morreram. Deus queira que mais ninguem caia, mas é opinião de muita gente, que do lugar que o meu filho caiu não escapa 1 por mil».

Acresce que o Luis estando na 3.ª classe e ficando desde 5 de Maio sem poder frequentar a escola, quando voltou no fim de julho não estava esquecido do que tinha aprendido e comprendia tudo com a mesma facilidade, pelo que teve passagem á 4.ª classe como os outros seus condiscípulos e como se não tivesse sofrido aquele horrivel desastre.

P.e Manuel Fernandes Lopes de Viana do Castelo, escreve:

«Para cumprimento de uma promessa e maior glória da Santissima Virgem pedia a V. Ex.cia o favor de publicar esta grande graça que recebi de Nossa Senhora:

Padecia há 19 anos de um grave incómodo intestinal que muito me fez sofrer nessa temporada. Durante muitos anos tratei-me com um distinto especialista do Pôrto, que, a-pesar-de eu lho ter falado várias vezes em intervenção cirurgica, dizia que não era caso disso.

Por conselho de médicos daqui fui 6 anos seguidos ao Gerez e 9 a Caldelas, mas dessas curas de água apenas recolhia o beneficio de passar melhor o inverno.

Em 1926 agravou-se o meu estado a ponto de vomitar a comida. Resolvi então ir novamente ao Pôrto e consultar o Ex.mo Sr. Dr. Morais Sarmento, que durante dois dias seguidos me sujeitou a quatro demorados exames, alguns dos quais chegaram a durar duas horas; mas a doença mostrava-se de dificil diagnóstico. S. Ex.cia tacteava, radiografava, e, no entanto, a causa oculta da moléstia parecia zombar de todas as pesquizas scientificas.

Quando no quarto exame me encontrava no aparelho radiográfico, já cansado e sem forças, invoquei mentalmente o auxilio de Nossa Senhora do Fátima pedindo-lhe que fizesse ver ao médico a raiz da minha enfermidade. E (coisa singular)! o clinico, que não podia adivinhar o meu pensamento, exclamou imediatamente:—Já sei, já descobri a causa do seu mal; Precisa de fazer quanto antes uma operação cirurgica; e endereçou-me para o distincto operador Ex.mo Sr. Dr. Morais Frias, que ratificou o diagnóstico e declarou a necessidade de fazer quanto antes a operação.

No dia 3 de Março de 1926 fui operado, e, graças a Nossa Senhora de Fátima, encontro-me completamente restabelecido, comendo bem e fazendo trabalhos do meu ministério que até ali me era impossivel executar.

Para agradecer a Nossa Senhora tão grande beneficio fui a Fátima em 13 de Outubro de 1926, e agora, depois de um ano de completo bem-estar, venho expor o facto com toda a simplicidade no jornal «*Voz da Fátima*», que é o pregoeiro das misericórdias de Maria Santissima.»

Adelina Aurora França Guimarães, da Avenida Almirante Reis 119, Lisboa, em carta de 12 de Dezembro, informa:

«Em novembro de 1926, senti umas dôres muito grandes, na cabeça e ouvido.

Dias depois, tinha a face esquerda paralisada, ficando com a bôca torcida, sendo dificultoso tomar alimento e, falar, não passava do á, á, á, e o meu riso era duma parvinha!

Minha mãe levou-me a um especialista, recebendo a resposta seguinte:

Depois da doença avançar tanto, é que vêem cá? Emfim!... Vá ao hospital receber choques eletricos...

Fiquei triste!

Antes do tratamento senti desejo de visitar o Sagrado Lausperene e recorrer a Nossa Senhora de Fatima com uma novena.

Caso assombroso!

No fim da novena, estava completamente, bôa, sem defeito algum e tão bem disposta, que foi a admiração de todos.

Venho publicamente agradecer a Nossa Senhora de Fatima, a esmola de tão grande graça e gritar bem alto, que já passou um ano e cada vez estou melhor.»

Maria da Nazaré Pires, da Vila da Ericeira diz:

«Venho agradecer a Nossa Senhora do Rosário da Fátima o que prometi publicar no seu jornalinho. Uma graça particular, pois fui ouvida por Nossa Senhora. Tambem alem desta, a cura dum dêdo de uma infecção, havia 3 mezes que não podia fazer nada e algumas noites sem poder dormir.

Reciava ir ao médico e ficar sem o dêdo que parecia estar todo feito em pus. Comecei a pôr pachos da A'gua de Nossa Senhora da Fátima e em poucos dias estava boa. A minha mãe agradece a cura dum quisto numa mão e a cura dum braço que tinha muito inchado com uma impingem. A' noite pôz com muita fé uns pachos da A'gua de Nossa Senhora e do manhã estava verdadeiramente bem. Tinha desaparecido a empingem por Misericórdia de Nossa Senhora da Fátima.

13-12-1927

OUTRAS GRAÇAS

Veem agradecel-as a N. Senhora do Rosário: Julio Augusto Narciso Neves, Flamira de Matos, de S. João de Valega. D. Alilia Isilda Barbeitos da Silva de Arcos de Valdevez. Guilhermina Rosa da Silva, de Salreu (Estarreja) a cura de uma sobrinha—que sofria de um ouvido desde creança.

Jesuina da Conceição de Jesus, de Quatro Ribeiros, Ilha Terceira. Margarida Gomes (Av. 5 d'outubro, 194—Lisboa a cura de uma ferida numa perna.

Angelica Cardoso (Trav. do Alcaide-7 Lisboa), tendo pedido no dia 13 de dezembro uma graça que obteve no dia seguinte em que fazia 28 anos. Antonio Pereira Dias, de Capela de Cima, S. Romão (Rezende) a cura de seu filho Mario de uma ferida em uma perna.

Abrigo dos doentes peregrinos de Fátima

Transporte	5.550$05
D. Laura Barbosa	10$00
D. Dulce Martins d'Azevedo	30$00
D. Lucinda Magriço Coutinho Martins	10$00
D. Herminia Nunes de Carvalho	5$00
D. Maria da Luz Pereira Rodrigues	10$00
D. Venina Alves Peixoto	5$00
Uma filha de Maria de Angra	10$00
Antonio Pinho Vargas da Silva	10$00
	5.640$05

Escolha de noivo

(Pagina do livro recente: *uma victima da seita negra*).

«—Tenho de dizê-lo. E repito-o. E o senhor deve compreendê-lo. Entre nós há um abismo imenso. Eu sou cristã, tenho fé e pratico-a. E o senhor nem baptizado é!

—Mas deixo-a livre...

Lina toma a ofensiva. E, em tom amargo, redarguiu-lhe:

—Ah! deixava-me livre!... Quer dizer não me proibiria da missa ao domingo nem talvez da confissão por desobriga. Mas sempre esperançado em que, mais tarde ou mais cêdo, me arrastaria ao seu modo de pensar! Quantas raparigas que, tendo fiado de prometimentos assim, constataram depois, mas tarde de mais, que, com uma mentalidade de ódio religioso, como é a sua, essas promessas eram, pelo menos impossiveis de cumprir!...

Mário quer protestar, defender-se. Lina, porém, sustendo-o com um gesto, continou:

—O senhor é sincero. Por isso convenho que me não fizesse proibições de viva voz. De acordo. Mas bem sabe que há muitos modos de proibir...

—Juro-lhe que...

—Não, não jure. Porque o senhor não é capaz de fazer que o que é deixe de ser.

Não esqueça que, a poucos quilómetros, está o olho alerta do papão espeterrado sobre si. O senhor não é livre, seu. Pertence á Loja. E isso, meu ver, é uma coisa que o diminue. Por outro lado, para que o senhor pudesse cumprir o sou juramento, seria preciso que lhe substituissem, por outro, esse cérebro caldeado no ódio ao que eu tenho de mais caro no meu coração. E isso é impossivel. Pelo que, quando eu chegasse de comungar, não só não poderia dizer-lhe os jubilos da minha alma, mas teria mesmo de os ocultar, para o não fazer sofrer. Teria de voltar bruscamente a página e calar, cá dentro, as certezas da minha fé, as alegrias do meu amor!...

E isto, um dia e outro dia, e até ao fim da minha vida!...

Bem vê que seria um viver horrível, uma noite fechada em que nos estalariam os corações, apesar das nossas mãos crispadas sôbre êles, para os contermos!

E' que a religião é como o ar: aparece em tôda a parte. E' da religião que derivam uns mil pequenos nadas que, sendo embora, a vida da mesma vida, eu não sei se lhos poderia chegar a fazer compreender e sentir. Ora esses pequenos nadas haviam, por força, de contrariá-lo. E, mesmo a seu pesar, protestariam, contra êles, os seus olhos, a sua atitude e até o seu silêncio!...

Mas não é só isso. Supondo mesmo que lhe fôsse possivel responder por si, o que o senhor não poderia era responder pelos seus compromissos, pelas suas relações...

Quantos inimigos da minha crença que, tendo de os aceitar á mesa, teria de ouvir a mofar do que eu mais amo — e sem poder responder-lhes!

O senhor nem é livre, nem é só. Vem com o seu passado, com os seus juramentos, com o seu futuro. Casar-me eu com tudo isso?

Nunca!...

Lina fez um gesto rápido, decisivo, como um fulminar de montante.

E, num tom de voz que não admitia réplica, continuou:

—Antes esposar um pobre cavador, mas cristão! Ao menos poderia dizer-lhe num sorriso comunicativo, a alegria imensa de ter recebido Jesus. E, nas horas esquecidas da vida, poderia segredar-lhe uma palavra de irrefragavel esperança naquele que tudo pode!

Agora, unir-me a si, que não vê nada para além da cova—e que se atreve a meter isto na cabeça de pobres creancinhas, oh! isso nunca!...»

Voz da Fátima

DESPEZAS

Transporte	91.774$65
Papel, composição e impressão do n.º 64 (38.500 exemplares)	2.287$50
Sêlos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, cintas, etc.	677$35
	94.739$50

SUBSCRIPÇÃO

(Abril de 1926)

Enviaram dez escudos: Anibal da Cunha Nogueira, Domingos Martins Pimento, José Rodrigues, Manuel Barros de Carvalho, Antonio Fernandes Reguengo, José Candido G. de Carvalho, Maria da Conceição Matos Queiroz, P.e Antonio Martins Carneiro (de donativos e jornaes, 41$00), Herminia da Fonseca e Albuquerque, Vasco Thaumaturgo Teixeira Doria (20$00), Maria do Carmo Pitter, Angelica Garcia da Silva, Maria Zuzarte de Mascarenhas (20$00), Margarida Branco Cerqueira, Maria Angelica Torres de Lima, Maria José Lopes Guimarães, Cacilda Alves Pereira Lima, Dr. João Alves Cortez, Ermelinda Zacarias, Maria Eugenia Sarmento (15$00), Maria Delfina Corte Real (20$00), Antonio Rodrigues Grãos (20$00), Emilia Moita (20$00), Albertina Cardoso, Maria do Carmo Pinto, Cecilia Baptista, Gertrudes Rosa Penaforte, Lazarina Augusta de Matos, Maria do Rosario Machado Cruz, Maria Joaquina Batalha, Maria Aurora Neto, Maria Simões de Souza, Ilda Correia Duarte, Maria Batalha, Julieta Rôxo Ferreira, Emilia de Souza, Cesarina da Piedade, Carlos João Viegas, Albertina Dias Ferreira, Clotilde Mendonça, Maria da Conceição Nunes, Manuel de Caires, Manuel Duarte Silva, Gil Gago da Camara (13$00), Julia da Conceição Baptista (5$000), Maria da Conceição F. da Silva 12$00), Atilia Saldanha Rocha, Maria Primitiva Castro, Maria Ernestina Aguiar de Vasconcelos, Aida Figueiredo, Henrique Elias (20$00) Maria Figueiredo (25$00), Maria da Conceição Lopes Braz (15$00), Maria Caldas, Guilhermina de Lacerda, Maria Marques d'Oliveira e Silva, Manuel José da Rocha, Bernarda Maria de Jesus. P.e Francisco Antonio Valente, P.e Rodrigo Luiz Tavares, Eliza de Pinho Silva, Emilia Augusta e Silva, Maria Candida Espinha, Aldara Infancia, Silvina Maria Figueirinhas d'Oliveira, M. Branca Pereira Matos, Maria do Patrocinio Branco d'Amorim, Adelina de Jesus C. Faria, Manuel Marques Pereira, Maria Henriqueta da Costa Lobo (20$00), Carmina da Rocha Calixto, Manuel José Lopes Dias, Maria do Rosario Matos Dias (20$00), Maria de Jesus Olveira, Maria Mesquita da Silva, Celestina dos Santos Reinas (20$00) Ana Augusta Reinas, Ana Alves da Fonseca, Antonio Monteiro Balcão, Luiz de Freitas (20$00), José Fernandes d'Almeida, Ana da Conceição Azevedo, Manuel Alves Soares Teixeira (16$50, de jornaes) Dr. Antonio Pereira de Figueiredo, Artur d'Almeida d'Eça, A. D. Espirito Santo, Maria dos Anjos Lópes, Teresa de Jesus Raposo Violante (20$00) Juliana A. Guedes Cardoso, Lucrecia Geraldes Nogueira Godinho, Maria Aurora Caeiro Fialho, Silvina dos Santos Guimarães 15$00), Emigdio Gomes da Silva (20$00), Maria de Lourdes da Cunha Bernardino, Maria José Tamagnini Barbosa de Carvalho, Maria Sena Martins (20$00), Emilia Pacheco Azevedo (20$00), Olinda Maria Rebelo, Luiz Correia Vasconcelos, Eufemia de Sousa Soares, Francisco d'Albuquerque Paixão, Francisco Fernandes Bexiga, Josefa Rosa, P.e Manuel de Medeiros Guerreiro, António Ferreira de Melo, Maria das Mercês Flores Brazil, Maria Amelia Brun, Teresa de Jesus Pereira, P.e João Maria de Andrade, Donativos vários e de jornais avulsos. Maria José Ferreira Paulino, 200$00, Domingos Antonio Rebelo, 30$00; Emilia Nunes da Rocha, 60$00; P.e Manuel Sabino Marques, 65$00; Joaquim Duarte de Oliveira, 150$00; Igreja das Flamengas, 10$00; da freguezia de Paião(por intermédio de José Marques Jordão), 80$00; Josefa de Jesus, 46$25; P.e Antonio Ferreira da Mata, 80$00; P.e José Carlos Alves Vieira, 100$00; internados do Sanatorio Semide, 79$00; P.e Francisco d'Assis Andrade, 190$00; Maria Pedrosa Matias Ferreira 49$30; Ana da Conceição Neves, 108$00; internados do Asilo de S. José, 15$00; Beatriz Valente, 22$50; Maria Clotilde Barros Figueiredo, 15$00; Eliza A. L. Lourdes Mesquita, 45$00; Teresa B. Forte, 50$00; Gloria de Jesus, 7$50; Manuel José Lopes Dias, 14$00; Joaquim da Silva Carvalho, 92$00; Maria das Dores Tavares de Souza, 157$50; devotos de Ilhavo, 39$00; Zulmira Galhardo, 46$70; Guilhermina da Piedade Chaves, 90$00; Maria Julia Marques Ferreira, 21$50; Miguel Bento Nunes, 68$00; Custodio Ferreira d'Almeida, 40$00; P.e Augusto Durão Alves, 50$00; Monsenhor Portugal, 260$00; Abade de Esmoriz, 20$00; P.e José Rodrigues Santos Lima, 260$00; Francisco de Pinho Nunes, 170$00; José Martins dos Santos, 40$00; P.e Manuel Rodrigues de Carvalho, 120$00; Carmen d'Almeida, 240$00; Antonio Vieira Leite, 110$00; Maria Fernanda Santos, 150$00.

Da minha janela — ALMAS... ...RAMOS QUEBRADOS...

Como Deus é grande nas Suas obras... pensava eu, ao olhar com enlêvo para a linda amendoeira florida, que junto á minha janéla deixava coar através das mimosas rosinhas de pétalas tão delicadas, os raios d'este belo sol de Janeiro.

E quedei-me, contemplando mais uma vez — éra a continuação dos outros anos — aquéla maravilha que como tantas outras, são mimos delicados dum Deus, que nos bafeja como Pae amorosissimo.

... ...

Como aquela arvore, assim devia ser a nossa alma: forte nos seus alicerces, grande na sua construção e ornada de lindas flôres — as flôres da virtude — que produzem os fructos das bôas obras ás vezes duros e ásperos no exterior, mas bons e saborosos por dentro.

E enquanto fazia éstas considerações notei com grande espanto meu, um grande ramo quebrado, suspenso da arvore apenas por um fiosinho le casca — essa impressão me dava — mas como os outros, todo coberto de flôres.

Olhei melhor fixei mais a atenção e reconheci ser realmente aquele o ramo quebrado o inverno passado por ocasião d'um grande vendaval, e que então, qual cavaco sêco e sem utilidade estev sentenciado a ser quebrado de vez e ir fazer companhia ás cavacas do fogão.

O esquecimento deixou-o ficar...

E agora, apenas alimentado com a pouca seiva que lhe passa atravez do bocadinho que o prende, ei-lo, pendurado sim, mas viçoso e sadio, nada ficando a dever em beleza aos outros ramos seus irmãos.

E' espantoso! pensava eu.

Quantas vezes com as almas não acontece o mesmo!

Parecem sêcas e velhas pobres farrapos onde não ha a luz d'uma esperança a aquecer e alentar aquela dôr que as contorce, as quebra, e mirra...

Parecem uma inutilidade na vida...

Arrastadas pelas ventanias tempestuosas do mundo, levadas na corrente vertiginosa, ei-las ao cabo do caminho, quebradas de tanto esforço, cortadas, esmagadas, parecendo sem vida.

Para que servem? perguntamos nós.

Afastemo-las do caminho, votemo-las ao desprezo; são notas desafinadas na harmonia do universo.

Quantas vezes não diremos assim!

Ai! não nos lembramos que aquelas almas são de Deus e para Deus devem ir. Parecem mortas... sem vida... mas não pensamos que por mais tenue que seja o fio, por ele estão ligadas á origem de todo o ser, e que, em tempo oportuno por êle pode passar a seiva fecunda da graça vivificante que levanta, transforma e eleva, fazendo nascer na alma ressequida, a flôr viçosa da virtude e do bem.

* *

Que o pessimismo nunca invada a nossa alma!

Vivamos de esperança...

Que se a nossa alma por vezes encalha, é por falta de fé na misericordia de Deus que, no dizer do grande apostolo pregoeiro da misericordia do Rei divino, a justiça de Deus é infinita sim; mas comparada com a Sua misericordia tambem infinita, é a pontinha d'um dedo junto d'uns braços abertos.

... ...

A eloquencia muda d'uma árvore...

... ...

Como Deus nos fala por meio da creação!...

A consciencia dos que não crêem em Deus

Um senador francês, Michael Renand, excelente católico, alugára num hotel de París, dois aposentos pagando adeantadamente 150 francos.

Perguntando-lhe o dono se queria o recibo daquela quantia respondeu o senador:

— Não senhor, Deus bem nos vê.

— Mas que tem Deus que ver com isto?

— Dar-se-há o caso de o senhor não crer em Deus?!...

— Com franqueza, disse o homem, é coisa com que me não preocupo.

Nesse caso, replicou o senador, queira dar-me sem demora o recibo dos 150 francos...

Ano VI — Leiria, 13 de Março de 1928 — N.º 66

VOZ DA FÁTIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA da FÁTIMA

(13 DE FEVEREIRO)

O dia treze de Fevereiro, consagrado pela liturgia da Igreja á comemoração piedosa das sacrosantas chagas do Redentor, levou á futura Lourdes Portuguêsa alguns milhares de devotos peregrinos, atraídos pela grandiosidade e encanto das manifestações religiosas e pela beleza e doçura dum tempo extremamente ameno e quási primaveril.

A's onze horas já formigava no vasto recinto da Cova da Iria uma multidão imensa de fiéis, que se concentravam sobretudo em torno da capela das aparições e da capela das missas.

Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário depois de assistirem á sua missa privativa e de receberem o Pão dos Anjos, foram ocupar os postos de serviço que lhes estavam destinados, entregando-se com a maior dedicação ao exercício da sua tarefa de caridade.

Contínuamente vão chegando novos romeiros, em grande numero.

Os sacerdotes celebram missa, uns após outros, nos três altares da capela nova e os fiéis assistem com devoção edificante e muitos dêles recebem a Sagrada Comunhão.

E, á medida que se aproxima a hora da ultima missa — a missa oficial, a missa dos doentes, — a multidão engrossa consideràvelmente, a piedade dos romeiros intensifica-se, o silêncio torna-se mais profundo e o ambiente que as almas respiram parece impregnar-se dum fluido divino e estar cada vez mais saturado de sobrenatural.

* * *

Um dos encantos mais sedutores da mística cidade da Virgem nesta quadra do ano, a mais tranquila e a mais propícia ao recolhimento e á devoção, é a série ininterrupta e interminável de episódios e scenas comoventíssimas, que se desenrolam junto dos santuários e que traduzem muitas vezes grandes dramas íntimos, nem sempre fáceis de perscrutar.

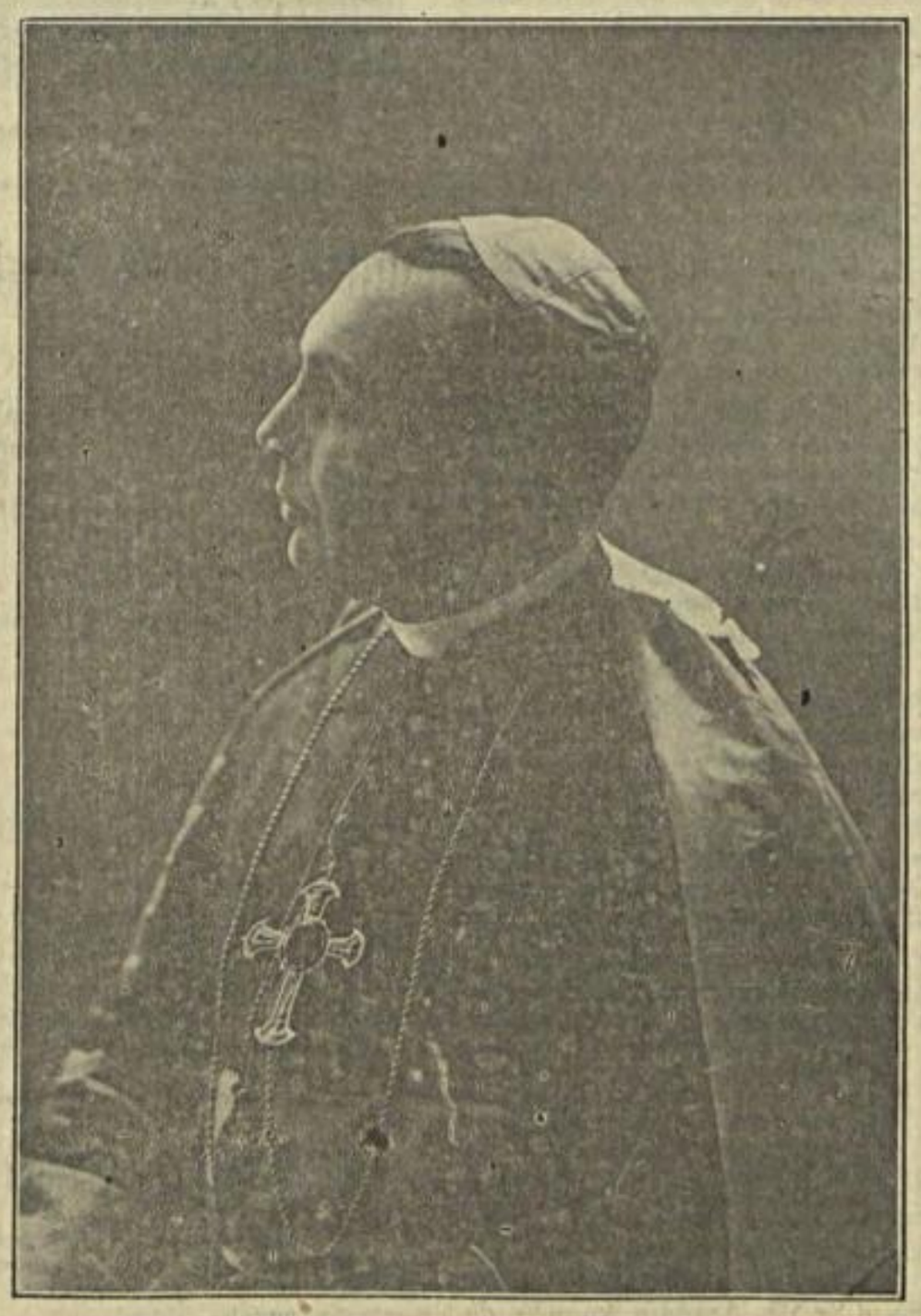
E' um dêsses episódios, é uma dessas scenas que vamos agora descrever a largos traços.

Duas senhoras, que tudo indica serem estranjeiras, uma muito nova, não tendo ainda talvez ultrapassado os vinte anos, a outra com mais do dôbro daquela idade, aparentando ser a mãe, chegam pouco antes do meio-dia, ao recinto sagrado e ajoelham-se sôbre a terra nua, próximo do pavilhão dos doentes.

Por muito tempo se conservam em longa e fervorosa oração, de olhos fitos no altar do Santíssimo Sacramento, como que enlevadas em éxtase e alheadas de tudo quanto se passa em volta delas.

Depois assistem á penultima missa e abeiram-se da mesa eucarística com visíveis demonstrações duma profunda piedade.

Algumas horas mais tarde um conhecido titular do sul do país narra a história edificante daquelas duas almas, com as quais a Providência nessa manhã o puzera inesperadamente em contacto.



D. António Augusto de Castro Meyreles
Venerando Bispo de Angra que no dia 13 de Fevereiro p. p. celebrou a missa dos enfermos, prégando em seguida

Eram realmente mãe e filha e de nacionalidade espanhola.

A mãe, depois de ter estado algum tempo em Cuba e nas Canárias, foi com seus pais para a ilha da Madeira, onde casou com um funcionário português. Dêste consórcio nasceram três filhas e um filho. As duas mais velhas, chamadas por Deus a serví-lo no estado religioso, seguiram a sua vocação, com aprazimento da mãe, senhora duma piedade esclarecida, e sem oposição do pai que, a-pesar-de não ser católico praticante, compreendia que o seu dever era não só não pôr embargos, senão antes promover e facilitar a felicidade das filhas.

Passados alguns anos, a mais nova ouve igualmente no íntimo da sua alma crente e piedosa o chamamento divino.

Persuadida da realidade da sua vocação, que lhe prepara na terra um paraíso, cujas delícias o mundo ignaro e corrupto é incapaz de compreender, comunica á mãe o que se passa e suplica-lhe que anua á sua entrada numa casa religiosa. A boa senhora, considerando que ela e o marido, na idade em que se encontram, não podem prescindir do amparo da filha e convencida de que Deus não exigiria dêles um sacrífício tão doloroso, recusa-se a dar o seu consentimento. Logo em seguida a filha adoece com uma indisposição de estômago que aumenta cada vez mais, impossibilitando-a de ingerir alimentos sólidos e produzindo no seu organismo, até então sádio e robusto, um grande emagrecimento e uma fraqueza extrema.

Durava êste estado de doença havia já dois anos quando de repente se agrava imenso e a pobre menina é considerada irremediávelmente perdida. A mãe, consternada em extremo, cai então em si e, longe de se opôr por mais tempo a que a filha obedeça á sua vocação, principia uma novena a Nossa Senhora de Fátima, pedindo a cura dela, prometendo, se fôsse atendida, submeter-se de bom grado ao sacrifício que Deus exige do seu amor maternal, reprimir as lágrimas e acompanhar a filha ao Convento do Sagrado Coração de Madrid, onde ela desejava fazer o seu noviciado e professar.

Quando terminou a novena, a piedosa donzela estava completamente curada.

Tendo chegado na véspera a Lisboa pelo paquete Lourenço Marques, resolveram seguir no dia imediato para Fátima no comboio que parte do Rocio ás seis horas e cinco minutos da manhã, tirando bilhete de ida e volta para a estação de Torres Novas. Como, ao chegarem áquela estação, não encontrassem nenhum veículo que as conduzisse á vila, continuaram por conselho do revisor a viagem no mesmo comboio, no intuito de desembarcar em Chão de Maçãs e alugar um carro, que as transportasse a Fátima. Na estação do

Entroncamento o titular acima indicado, sabendo do embaraço em que essas duas senhoras se achavam, põe á disposição delas o seu automovel e duas horas depois estavam na Cova da Iria a tempo de assistirem ás solenidades oficiais.

Antes do embarque no porto do Funchal, ao despedirem-se duma comunidade de religiosas das suas relações, a superiora tinha-lhes dito: «Rezarei e farei rezar tôda a comunidade ao arcanjo S. Rafael, para que êle as acompanhe durante tôda a viagem e dum modo especial na peregrinação a Fátima».

* * *

A's primeiras horas da manhã, muito antes da chegada do grosso da peregrinação, tinha-se realisado na capela das aparições uma cerimónia singela e vulgar, mas encantadora pelo espírito que animou os seus protagonistas a escolher aquele local para a sua realisação.

Dois paroquianos da freguesia de Belêm, Lisboa, José Rodrigues Lopes e D. Maria do Espírito Santo Lamas Moreira, ambos muito devotos de Nossa Senhora de Fátima, depois de obterem as necessárias licenças da autoridade eclesiástica, tendo corrido o respectivo processo os devidos trâmites, celebraram o seu enlace conjugal aos pés da Imagem de Maria, no santuário da sua predilecção.

Foi o zeloso Reitor do Santuário da Fátima, rev. P.e Manuel de Sousa por delegação do Rev. Pároco, quem presidiu ao casamento, celebrou a missa, a que os noivos comungaram, e lançou a bênção nupcial.

A Virgem bemdita, que outrora nas bodas de Caná da Galiléa usou de tanta bondade para com os dois esposos enleados por causa da falta de vinho para o banquete de nupcias que solicitou e obteve de seu Divino Filho o primeiro milagre — a conversão da água em vinho, decerto volveu um olhar de predilecção para êsses piedosos noivos, unidos indissoluvélmente pelo vínculo do sacramento do matrimónio na estância sagrada de Fátima, dando-lhes, com o mais doce sorriso maternal, a sua bênção preciosíssima, penhor seguro da abundância das graças celestes.

* * *

Uma hora antes do meio-dia, o Posto das verificações médicas está quási deserto, Os doentes, que se apresentaram a pedir a senha de ingresso no respectivo Pavilhão, foram também desta vez pouco numerosos. O livro de registo contêm apenas algumas dezenas de nomes. O director do Posto, dr. Pereira Gens suspende os trabalhos do seu gabinete e vai assistir á missa dos doentes, pronto a acudir com o seu serviço clínico sempre que êle seja necessário.

Próximo do Posto médico, um numeroso grupo de meninas que envergam o seu simples e elegante uniforme de colegiais, atrai a atenção de tôdas as pessoas que passam. São algumas do próspero e acreditado Patronato de Leiria, fundado ha poucos anos por iniciativa do venerando Prelado, a quem o distrito de Leiria deve a existência daquêle modelar estabelecimento de educação e ensino. Acompanham as alunas a sua ilustre directora e várias professoras. Algumas das mestras e das alunas envergam batas brancas, que denunciam a sua qualidade de servas de Nossa Senhora do Rosário. As mais pequenas, alegres, gárrulas e buliçosas, não ocultam a sua alegria pelo feriado extraordinário que a peregrinação a Fátima lhes proporcionou nêsse dia e pela ventura de passar algumas horas naquele local abençoado, aonde todas elas, no fervor da sua piedade, foram pedir á Gloriosa Raínha das Virgens uma benção carinhosa e o favor da sua protecção maternal.

Entretanto, junto do padrão comemorativo das aparições e dos sucessos maravilhosos, ocorre, aliás sem consequências desagradáveis, um pequeno incidente, a que a prudência e energia dalguns servitas imediatamente põe termo. Um homem do povo, que tinha feito a promessa de dar algumas voltas de joelhos á capela, teima em cumprir a sua promessa pela parte interior, o que não é permitido. Na sua religiosidade pouco ilustrada, supõe que a sua promessa só assim ficará cabalmente cumprida e exalta-se com a oposição formal que encontra á efectivação do seu desejo, atribuindo-a a um mero capricho do encarregado do serviço. Por fim vencido, mas não convencido, retira-se mal humorado, terminando assim o desagradável incidente, impossível de evitar.

No pavilhão dos doentes, uma mulher de meia idade, que já ha anos tinha sofrido de alienação mental, é presa dum violento ataque de nervos, acompanhado de gritos e choro convulso. O dr. Pereira Gens, que logo acode, procura acalmá-la, o que só consegue, fazendo-a recolher ao Posto das verificações médicas.

Um distinto médico do concelho de Santarêm assiste entre a multidão ao desenrolar das scenas dêste dia, estudando o fenómeno maravilhoso de Fátima nos pequenos nadas aparentes que em grande parte o constituem. Com o seu espírito profundamente observador examina o que se passa e formula desapaixonadamente os seus juizos. Fátima, com as suas imponentes manifestações de Fé e piedade, com a devoção singela e encantadora da grande maioria dos seus peregrinos, com as curas estupendas e humanamente inexplicáveis de numerosas vítimas de tantas misérias físicas, com os prodígios ainda mais assombrosos e quási sempre ocultos de verdadeiras ressurreições morais, é para aquele ilustre clínico um facto que se impõe á atenção e ao exame consciêncioso de todos os espíritos despidos de preconceitos sectários e ansiosos por conhecer a verdade ,onde quer que ela se encontre.

* * *

Ao meio-dia solar, depois da procissão solene da Imagem de Nossa Senhora do Rosário, sobe ao altar-mor da capela nova sua ex.cia rev.ma o Sr. D. António Augusto de Castro Meireles, venerando Bispo de Angra, que celebra a missa dos enfermos. O ilustre Prelado diocesano o ex.mo senhor D. José Alves Correia da Silva, que tencionava acompanhar a Fátima o seu colega no episcopado, ficou retido em Leiria com um forte ataque de reumatismo.

Durante a missa rezou-se o terço em comum, cantaram-se canticos piedosos e distribuiu-se a Sagrada Comunhão.

Após a missa, realisou-se, na forma do costume, a cerimónia, sempre nova e sempre bela, da benção com o Santíssimo Sacramento aos enfermos.

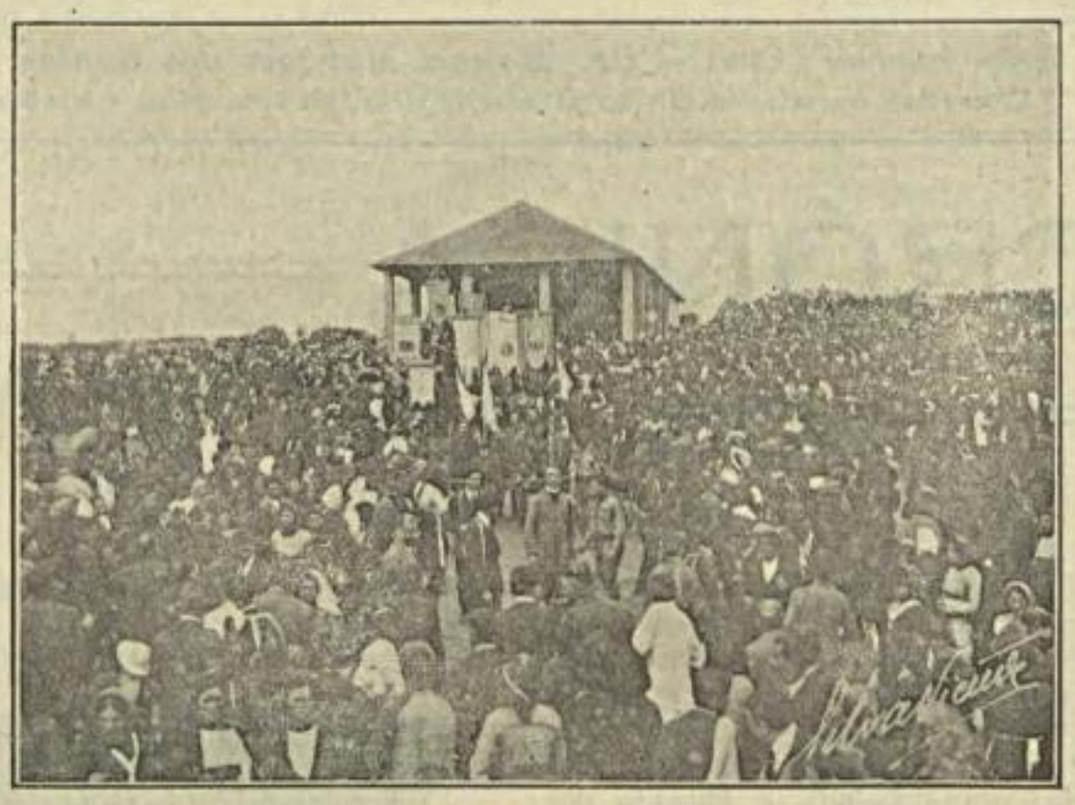
Levava a custódia o senhor Bispo de Angra e segurava a umbela o senhor Barão de Alvaiázere.

Terminada a bênção dos doentes, cantou-se o *Tantum-ergo*, deu-se a bênção geral e subiu ao pulpito o augusto celebrante da missa, que prégou um eloquente sermão, arrancando lágrimas de muitos olhos.

Por fim organisou-se de novo o cortejo afim de reconduzir a Imagem da Virgem para a capela das aparições, onde ficou exposta á veneração dos fiéis.

Começa então o éxodo dos romeiros. Enquanto o astro-rei desce no horizonte distante por entre nuvens côr de sangue, a multidão vai debandando pouco a pouco, até que, ao pôr do sol, apenas alguns raros peregrinos fazem ainda as suas ultimas despedidas á Virgem, presos no doce enleio daquela estancia divina, perfumada pelas orações das almas crentes e ungida com as graças e as bênçãos do Céu.

Visconde de Montelo



MAIO DE 1927 = A volta da Procissão

Confraria de N. Senhora do Rosário da Fátima

Segundo o art.° 6.° dos Estatutos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, o Senhor Bispo de Leiria nomeou a seguinte Direcção:

Presidente

Dr. Manuel Marques dos Santos.

Tesoureiro

Rev.do Manuel de Souza.

Secretário

Rev.do Manuel Pereira da Silva.

A correspondencia relativa á Confraria deve ser dirigida ao Rev.do Manuel de Souza— Fátima (Ourém) ou ao Rev.do Manuel Pereira da Silva — Seminário-Leiria.

Advertência aos Assinantes

Sendo a assignatura da *Voz da Fátima* de uma natureza muito especial não mandamos fazer a cobrança (o minimo de 10$00 por ano) pelo correio, devendo cada um enviar esta quantia directamente em carta registada ou *vale*.

Também não costumamos mandar recibo, publicando no entanto, posto que com muito atrazo (cerca de dez mezes) a quantia enviada.

Cremos que todos, impelidos pelo amor a N. Senhora, quererão cooperar conosco na difusão do jornalzinho de que se tem distribuido *gratuitamente*, mesmo nestes mezes de menor movimento para cima de 30:000 por mez.

Uma conversão curiosa

O P. Luiz Lalande, referindo-se aos trabalhos apostolicos do Canadá, narra, entre outros, um caso que se presta a uteis observações morais.

Era um rico industrial, mas, ao mesmo tempo, pobre marido, que jámais reconhecera seus defeitos. Já se vê quantas desavenças, impaciencias e tristezas havia em casa, embora não chegasse ao desquite.

Fez, como outros muitos, exercicios espirituais de S.to Inacio.

Dessa piedosa prática, já dizia S. Francisco de Sales, tinham resultado mais conversões que as letras do tão precioso livro dos exercicios. Desde esse dia mudou a casa de aspecto. Vai tudo bem, como um bom relogio, sem sombras nem disturbios. Em certa ocasião disse o nosso homem ao padre Lalande:

—«Muitas vezes tem o senhor falado em conversões pelos exercícios, mas jámais teve um caso tão maravilhoso como o meu.

Como assim?

—E' mais extraordinário, mais milagroso que todos os de mais. E pode o senhor fazer dele o uso que quizer.

—Primeiro, é mister conhecel-o.

—Pois bem. Quem fez o retiro fui eu e, imagine e pasme o senhor, quem se converteu foi... minha mulher! Desde esse dia tudo anda em casa com *doçura!*

O excelente homem não se apercebia de que, uma vez emendado ele, terminaram os dissabores que inquietavam a esposa; esta, não tendo mais razões para *impaciencias*, não soltava mais, de vez em quando, certas palavras amargas.

Emendemo-nos e, facilmente acreditaremos como o industrial que os demais se corrigiram... e viveremos todos em paz.

Mandai operarios!...

Acabara apenas de celebrar.

Como de costume á sua missa de semana e ao Domingo assistiram apenas uma meia duzia de pessôas.

Era uma desolação aquela terra, aquela gente!

Queria falar-lhes, queria convertê-los mas eles... não vinham.

E o pobre P.e João Gonçalves educado á antiga sem saber que, muitas vezes, é necessário ir á caça dos paroquianos, ia-se deixando ficar, cada vez mais lamuriento e mais inoperoso.

Convidava-o a isso a educação que recebera, o ambiente em que vivia, o indiferentismo dos que o cercavam e até a monotonia tristonha das paisagens da sua freguezia.

Naquela terra espiritualmente, semelhante a um grande *restolho* — nem uma iniciativa, nem uma dedicação nem uma bôa vontade — estava só. — A' volta dele passara uma foice implacável e sobre ela uma calma ardente a estiolar e requeimar até ás raizes qualquer principiosito de bem, apenas viesse a sair da terra.

Que admirava pois que a sua alma fosse também assim — Triste, monotona e arida como um «monte» no pino do verão?

Mas, coitado, apezar de tudo na sua alma havia ainda um pouco de vida semelhante á vida duma semente — bastava um pouco de calor para germinar e florescer e frutificar.

* * *

Naquele dia não tinham vindo exactamente as mesmas pessoas dos outros dias.

A um lado, muito concertado estava um rapazito.

Tez morena, tiznada do sol, aspecto de zagal.

No fim da Missa entrou na sacristia, aproximou-se do P.e João como quem lhe queria alguma cojsa.

— Que me queres tu?

— Queria-me confessar...

— Pois!

Parecia-lhe estranho realmente aquele desejo. Pois se ele nem pela Quaresma tinha confissões!

Pois se os seus paroquianos já não queriam o Padre senão para festas e enterros! Pois se eles nem tão pouco sabiam o que era e para que era a Missa...

Parecia-lhe por isso um sonho tudo aquilo e como que a sonhar naquele — «pois» — foi respondendo:

— Então vamos lá.

E assentou-se para ouvir a confissão.

Mas o pobre rapaz não sabia nada nem de confissão, nem de doutrina nem de nada.

Ouvira falar de confissão e queria confessar-se também.

Mais nada.

O Padre foi-o dispondo como pôde. Recomendou-lhe que estudasse muita doutrina e que viesse a casa dele em certos dias para ele lh'a ir ensinando.

E assim foi.

O rapaz sabia ler. Levou um catecismosito e emquanto os outros brincavam, durante o dia, o Martinho retirava-se á sombra duma azinheira ou atraz dum *chaparro* e estudava mais um ponto de doutrina.

De quando em quando levantava-se a ver como ia o gado e, se tudo ia bem, sentava-se de novo no seu estudo.

Quando o gado se lhe afastava muito ia correndo e junto do rebanho parava de novo a estudar.

* * *

Depois de estudar a doutrina confessou-se então a valer e comungou ou *«agarrou o nosso Pai»*, como se diz na terra dele.

Ficou radiante mas a sua alma inocente e profundamente bôa não estava satisfeita.

Um dia foi ter com o P.e João e pediu-lhe que lhe arranjasse uma casa bôa onde ele trabalhasse e se pudesse entregar ao estudo da religião. «Que se tinha apaixonado por aquelas coisas e queria conhece-las melhor».

Encontrou-se casa afinal e o Martinho foi e ficou muito contente e estudou muito.

Cada vez era melhor.

E por isso mesmo é que não estava satisfeito.

Queria dar mais a Nosso Senhor que tanto lhe tinha já dado e por isso pedia mais: pediu licença para se Lhe dar todo pela Ordenação Sacerdotal.

As dificuldades procedentes da sua idade sobretudo, aplanaram-se e o Martinho entrou no Seminário. Foi um dos dias mais felizes da sua vida o da entrada no Seminário.

Se havia ali rapaz obediente, serviçal, e humilde era o Martinho. Havia-os mais inteligentes, talvez tão piedosos como ele mas mais do que ele é que não.

Era um prazer tratar com ele nas aulas, nos recreios, em toda a parte.

Os Superiores estimavam-no; os companheiros amavam-no porque reconheciam nele alguma coisa de virtude mais alta do que em si próprios.

* * *

Acabaram finalmente os anos de preparação no Seminário.

O Martinho era já o P.e Martinho. E ao levantar-se do pavimento, apoz a função religiosa da ordenação quando a sua alma se elevava até Deus pedindo-lhe alguma coisa, como sacerdote, o P.e Martinho que da sua terra, perdida nas campinas Alemtejanas atravessara leguas e leguas de seáras louras inclinando-se agradecidas para a terra, fez uma pequena oração pela gente da sua terra.

«Oh Senhor o restolho requeimado e morto já foi trigo lindo como o das searas que agora doiram as nossas campinas e torna-lo-ha a ser quando a mão do homem ajudada pela Vossa graça voltar de novo a cultivar a terra.

... ...

O restolho tristonho e aparentemente inerte de tantas almas, de quasi todas as almas destas terras, é assim também.

Passou a foice, Senhor, sobreveiu a séca. Mas a vida está lá. Mandai obreiros, muitos, obreiros para o vosso campo onde agora vou trabalhar pelo Vosso Nome e por Vosso Amor.

E dentro em pouco, oh Divino Mestre, pelo esforço dos vossos obreiros e pela fecundação da vossa graça ha-de reverdecer, florir e fructificar o restolho arido das almas alemtejanas como as nossas campinas em amena primavera.

Mandai obreiros Senhor».

* * *

E aquele homem do zagal de ovelhas feito zagal de almas veio mostrar ao P.e João que mesmo no meio do restolho por vezes florescem lirios de incomparável beleza.

... ...

A messe é grande— os operarios poucos.

Almas piedosas, a quem é dado pela oração e pelo sacrificio dobrar o braço da Justiça Divina, implorai do Senhor que afaste de nós o tremendo castigo da falta de clero — castigo bem merecido por tantos pecados, tantas infidelidades, tantas incorrespondencias. Despertai vocações, — auxiliai-as e auxiliai os Seminários que na sua totalidade vivem de esmolas — esmolas de orações e esmolas materiais.

Mães cristãs, pedi muito a Deus nas orações da família que mande bons padres á Sua Igreja, sobretudo em Portugal, e nas vossas orações particulares pedi ardentemente ao Senhor que Se digne escolher para Si, pela vocação ao Sacerdócio, algum dos fructos das vossas entranhas e considerai como o dia mais feliz de vossa vida aquele em que virdes o vosso filho subir os degraus do altar a imolar a Victima Sacrosanta.

O argumento d'um britador de pedra

Uma creança estava sentada junto d'um britador de pedra:

— Senhor João, diz ele olhando para o operário, para que é essa medalha que traz ao pescoço?

— Para que Deus tenha piedade de mim, meu petiz.

— Mas o meu pae diz que não ha Deus.

— Ah! Então (diz o britador agarrando um calhau e entregando-o ao pequeno) leva esta pedra a teu pae e dize-lhe que faça uma como esta.

AS CURAS DA FATIMA

Emilia de Almeida Pinto de Pescancéco, Pampilhosa da Serra, cumprindo um dever de gratidão para com Nossa Senhora do Rosário da Fátima, venho respeitosamente pedir a S. Ex.ª Rev.ª a fineza da publicação das seguintes graças que recebi de Nossa Senhora:

Tive uma tuberculose chegando a não poder fazer nada. Já quási não podia andar de pé. No principio estive em Lisboa como criada em casa da Ex.ma Senhora D. Teresa Ovar. Fui consultar algumas vezes o distinto médico Dr. Vasconcelos, receitando-me vários remédios que tomei mas sem resultado. Cheguei a ter talher e todas as coisas do uso afastadas e como já não pudesse trabalhar vim para a minha terra piorando sempre. Ninguem já pensava em eu melhorar. No fim de muito sofrer resolvi ir a Fátima em Maio de 1926 mas como estava muito fraca nem sei como tive coragem para sair de minha casa.

No caminho, como nos faltasse o carro que nos devia transportar á estação do caminho de ferro da Lousã, os meus companheiros de viagem resolveram ir a pé.

Numa pequena subida tive um ataque de tosse e uma tão grande aflição que julguei ficar ali. Nesta ocasião pedi muito a Nossa Senhora e prometi, se conseguisse ir, de dar uma pequena esmola a Nossa Senhora. O que então se passou em mim nem o sei explicar. Foi como quem me tirou um pêso que me oprimia o corpo todo. Consegui ir já sem custo para minha casa e já voltei em maio ultimo indo todo o caminho a pé. Hoje, graças a Nossa Senhora, trabalho no campo e nunca mais senti as dôres que sentia nos pulmões julgando-me completamente curada».

«**Uma Irmã da Congregação das Terceiras Dominicanas Portuguesas,** residindo em Salamanca, Espanha, estando, havia dias, com uma febre teimosa que dava cuidado, porque a ia debilitando, resolveram as Irmãs fazer uma Novena a N.ª Senhora do Rosário da Fátima e que a doente beberia durante os 9 dias da agua milagrosa da Fátima, sendo ao mesmo tempo resolvido mandar publicar a graça obtida na Voz de Fátima. Passado apenas o primeiro dia da Novena, a febre desapareceu logo para não tornar a aparecer, e a Irmã doente achou-se bem em poucos dias.

Mais uma vez damos mil graças á nossa Mãe do Céu, á Virgem do Rosário da Fátima»!

P.e José Carlos Alves Vieira, de Vieira do Minho, escreveu em 12 de Dezembro de 1927:

«Sou devedor á Virgem de Fátima de assinaladas graças na ôrdem espiritual e temporal. Mas de uma sobretudo quero falar.

Ha tempos achava-me excessivamente preocupado com umas dores que os medicos diziam sem importancia, mas que me faziam sofrer imenso, tirando-me o sono e resistindo a todas as panaceias e remédios por eles indicados. Numa das noites em que mais apoquentado me encontrava, dirigi-me com fervor á Virgem de Fátima e logo as dôres abrandaram, desaparecendo de todo poucos dias depois.

Singular prodígio operou tambem em meu favor a Virgem, ha coisa de 15 ou 16 dias. Estava de passagem em Lisboa e certa noite, quási de repente, sobreveiu-me no pé esquerdo uma dôr tão intensa e aguda, que logo fiquei tolhido, custando-me imenso a andar com aquele pé, e mancando sem querer. Foi preciso que a bondosa senhora, em cuja casa me hospedara, me levasse de automóvel, aliás nem sei se chegaria a casa nem como chegaria.

Uma vez em casa comi alguma coisa, o que deu em resultado agravar-se a dôr e eu ficar com febre. Lembraram-se então de me fazer chegar o pé para uma lampada electrica de grande potencia; no meu desespero, e julgando sarar, cheguei o pé demasiado para a energia e aí o demorei. Imagine-se o meu susto quando, depois de me arrastar a custo até ao meu quarto, julgando que ia ficar paralitico, verifiquei que o pé estava enormemente inchado e com uma vermelhidão inquietante. Ardia em febre; e o pé, que de principio só me doia por cima, agora começou a doer por baixo e por cima; tinha a impressão de que me tinham saído os ossos; qualquer movimento me fazia soltar gritos de dôr; não podia poisar os pés no chão sem logo sentir uma dôr inenarravel.

De nada valeram umas fricções dadas pelo enfermeiro da casa; as dôres recrudesciam a cada instante, não me dando momento de socego.

Foi neste desespero que eu, depois embrulhando o pé numa toalha com agua fria, me encomendei confiadamente á Virgem de Fátima.

Pouco depois adormecia tranquilo e de manhã acordei sem a menor dor nem inchação, e nunca mais, já lá vão 20 dias — senti nada naquele pé.

A agua só por si era incapaz de operar aquela mudança, e eu por isso tenho para mim que foi um verdadeiro favor (a minha devoção queria-lhe dar outro nome) de Nossa Senhora de Fátima.

Tambem entreguei á mesma Senhora a cura de outra doença mais pertinaz, que me aflige ha meses, e tenho fé que serei ouvido, embora o não mereça por meus muitos pecados».

Maria Rita Ramalho, de Vaiamonte, Monforte, Alentejo, escreve com data de 28 de outubro ultimo:

«Cheia de reconhecimento e gratidão para com a Virgem Mãe Santissima N. S. do Rosario de Fátima venho para sua gloria e cumprimento da minha promessa, tornar bem publica a cura d'uma terrivel doença de que ha muitos anos sofria.

Anos e anos decorreram, sem que qualquer dos medicos, e tantos foram, a quem consultei, encontrasse meio de me curar, apezar de tanto trabalharem para esse fim.

Baldados todos os esforços, pois de dia para dia mais se agravavam os meus padecimentos.

O meu medico assistente, cansado de trabalhar, sem resultado, declarou-me que tinha de sujeitar-me a uma operação, visto ter descoberto em mim um tumór nos intestinos, e que, só pela sua extracção eu poderia curar-me.

Senti-me desfalecer com esta triste noticia, e vi nêste tratamento, não a minha cura, mas sim o meu desaparecimento deste mundo, a quem me prendiam o meu adorado esposo e tres inocentes filhinhos.

Mas que fazer nesta triste situação?

Parti com o coração esfacelado, por ter de separar-me dos meus queridos e inocentes filhinhos de quem me despedi considerando-os já orfãos.

A minha dôr, só poderá avaliá-la quem fôr mãe.

Acompanhou-me nesta triste romagem, até Coimbra, o meu querido esposo, uma filhinha de 14 anos, uma irmã muito querida e o marido desta.

A viagem foi triste como todas que tem coração, bem podem avaliar. Separar-me de dois inocentes filhinhos, dos mais velhinhos pois, de tantas pessoas amigas que me acompanharam até á hora da saida, e lembrar-me de que talvez os não tornasse a ver... que tristeza!!!

De todos me despedi com lagrimas, e a todos pedi que não me esquecessem nas suas orações.

Levei na minha companhia e bem junto ao coração a Imagem Santa da Virgem Nossa Senhora do Rosario de Fátima de quem sou uma das mais humildes devotas. Com tanta Fé implorei a Divina protecção da Santissima Virgem, que ao chegar a Coimbra me senti com mais forças e coragem para resistir aos tormentos que me estavam reservados.

Ao entrar no Hospital, senti redobrarem-me as forças ao saber que tinha a felicidade de ser operada pelo distinto operador, o Ex.mo Snr. Dr. Bissaia Barreto, que me tratou com tantos cuidados e atenções, só proprias duma alma tão bem formada, como é a do S. Ex.ª o Snr. Dr. Bissaia Barreto.

O meu reconhecimento, de meu marido e filhos para com o Ex.mo Snr. Dr. Bissaia Barreto, será eterno.

O meu tratamento levou tempo, porque tendo corrido bem a operação, sobrevieram algumas complicações, devidas, talvez, ao estado de fraqueza a que tinha chegado durante tanto tempo de sofrimento.

Não havia meio de conservar qualquer alimento no estômago, tudo vomitava, nada me apetecia e só tinha ancias insuportaveis. Sofria horrivelmente.

Mas a fé em Deus e na Virgem Senhora do Rosário de Fátima não me abandonou um instante.

Um dia, um pouco desanimada, pedi uma gôta de agua para humedecer os lábios tão resequidos pela febre, mas

esse desejo não poude ser satisfeito porque o médico tinha proibido que eu bebesse agua.

Que aflições sofri!

Minha irmã, vendo-me tão mal e tão aflita correu junto duma Snr.ª nossa amiga e pediu-lhe agua de N. Senhora de Lourdes ou de Nossa Senhora de Fátima. Como tivesse das duas minha irmã preferiu a de Fátima e a ocultas de todos deu-me um copinho daquela agua Santa.

Senti-me muito mal, mas decorrido pouco tempo tomei outro copinho daquela agua Sagrada e o meu estômago aquietou imediatamente. A' noite tomei duas colheres de leite que me ficaram bem no estômago, e continuei a alimentar-me sem mais ancias nem mais tormentos.

De hora para hora me sentia melhor e sempre bem disposta. Em pouco tempo tive alta e saia do Hospital cheia cada vez mais, de fé na V. Santissima Senhora do Rosário de Fátima e vi em tudo isto, mais um milagre da Poderosissima Rainha dos Céus.

Nas minhas préces, como no cumprimento das minhas promessas acompanharam-me os entes mais queridos: meu marido e os meus tres filhinhos.

Assim, no dia 13 de Setembro estivemos todos em Fátima, na Cova da Iria, e prostrados aos pés da Rainha dos Céus, Virgem N. S. do Rosário, ali comungamos, oramos, e dirigimos os nossos agradecimentos á nossa Divina Mãe e Proctetora.

Novamente imploramos da Virgem Santissima, que nos acompanhasse em todos os transes da vida, e nos alcançasse a gloria no Céu.

Estou completamente curada, e por isso é justissimo que proclame bem alto o poder da Virgem Mãe Santissima Senhora do Rosário de Fátima, onde todos se deviam dirigir, crentes e descrentes, porque ali ha muito que vêr e aprender.

Graças e mil graças sejam dadas á Santissima Virgem N. S. do Rosário que tanto honra a Patria portugueza.

Confessa-se eternamente grata a mais humilde devota de N. S. do Rosário de Fátima — »

Uma senhora muito devota de Nossa Senhora de Fátima, em carta de 1 de outubro de 1927, escreve:

«Agora vou contar-lhe uma graça que Nossa Senhora fez, se achar que é digna de ser publicada na *Voz de Fátima* para honra e glória de Nossa Senhora.

Peço pois a fineza de a publicar. Mas o que eu peço é para não pôr a minha assinatura, porque Nossa Senhora sabe quem lhe agradece. Nem é preciso. Quando foi do peixeiro recebi varias cartas até de muito longe, e vinham aqui doentes a casa, e eu não me sentia bem porque não lhes podia valer. E como só quero ser de Deus receio que o demónio me tente com algum pensamento de vaidade (que horror me faz, só de me lembrar!) Mas espero, da minha Mãe carinhosa que me fará humilde, para que eu não ofenda o meu Deus que tanto amo! Vindo eu ha aproximadamente um mês a saír duma capela aqui em Lisboa, uma Senhora me pediu para eu pedir muito a Nossa Senhora por uma coisa muito dificil de resolver. Não havia mesmo esperanças nenhumas. Estava completamente perdida. Só Nossa Querida Mãe do Céu podia valer. Eu voltei á Capela e pedi a Nossa Senhora e ao Santíssimo Sacramento! E fui sempre pedindo. Agora no dia 12 deste mês, dia em que eu fazia anos, eu pedi assim:

«Minha Mãe querida do Céu! Peço-Vos que todos hoje, todos, me esqueçam e só Vós vos lembreis de mim com uma prenda, que é o despacho do pedido que eu vos ando a fazer!

Pois logo a seguir ao dia veio a noticia de tudo estar resolvido! Quem poderá agora esquecer esta prenda de anos? E esta mãe carinhosa? Oh! não! Não é possivel! Eu não explico o caso porque não tenho autorização para isso.

Gertrudes de Jesus, do Casal do Guerra (Turquel) andou durante oito meses queixando-se de falta de ar, fraqueza e pontadas no peito, sem que o Sr. Dr. Sabino, de Rio Maior, apesar de sua boa vontade, e conhecimentos clinicos; pudesse atalhar o mal. Até que entendeu avisar seu marido que se acautelasse porque podia dar em tuberculose.

Com receio de contagio, em breve foi despresada pela família, vindo um dia ter a casa de sua irmã Julia, nos Moinhos de Turquel, chorando e lastimando a sua sorte, pedindo-lhe que, como irmã, a deixasse morrer em sua casa e que recebêsse depois da sua morte seus dois filhos pequeninos. Recorri ao Sr. Dr. António de Sousa Neves de Alcobaça, que, depois d'uma observação minuciosa, disse que deviamos ter ido ha mais tempo. Tomou alguns remedios sem resultado. Preparava-se para morrer, mas restava-lhe uma esperança, a da Fé. Recorreram á Nossa Senhora do Rosário da Fátima e como remédio empregavam a sua água. E logo que o fizeram, começou a sentir melhoras, a ter apetite a não sentir dores nem falta de ar. Voltou para sua caza e já la vai um ano que trata da lida da sua casa, que tem saude e bom apetite. Hoje (12 de setembro 1927) vamos a Fátima cumprir as nossas promessas e agradecer á Virgem a cura».

José Dias Vieira, de Vargos (Torres Novas), em carta de 25 de setembro, escreve:

«Venho mui respeitosamente pedir a v.ª rv.ª se digne publicar no dito jornalzinho as seguintes graças recebidas por intercessão da Virgem Santíssima N. S. do Rosário da Fátima como prometi caso obtivesse melhoras. Em Junho de 1920 devido aos estragos de uma pleurezia com que venho lutando ha 7 anos estive em perigo de vida. Recorri á Virgem Santíssima N. S. do Rosário da Fátima, tendo tomado água da Fonte milagrosa, e minha mulher, cheia de fé, poz-me pápas feitas com a terra do local das aparições e, caso extraordinário, no dia seguinte veio o medico, que ficou espantado! Que mudança! O' minha Snr.ª o que foi que fez a seu marido? E como não conhecia o seu modo de pensar, disse-lhe: fiz o que v.ª ex.ª mandou. Nada! Aqui houve, fosse o que fosse. Seu marido está salvo. Melhor, muito melhor. Deu-se isto em Lisbôa, habitando nós na Rua Marcos Portugal 73-1.º D. e hoje residimos em Vargos, Freguezia do Paço, Torres Novas.

Muito grato lhe fico pela publicação destas linhas».

Mais e uma grande graça obteve minha mulher Benilde de Jesus Vieira, que sofria de grandes dores em um joelho que não podia ajoelhar nem que a roupa lhe tocasse e com o calor da cama era pior.

Em Outubro de 1925 na vespera do dia 13, ás 11 horas da noite na ocasião em que passavam as peregrinações para Fatima, minha mulher ajoelhou no portal voltado para a Serra e pedio á Virgem N. S. da Fátima em união com todas as peregrinações que á hora passavam a caminho da Fátima, lhe valesse e, sem dar por tal foi para a cama e só no dia seguinte quando começou a sua vida é que conheceu que estava completamente curada.

OUTRAS GRAÇAS

José Pereira Novo, da Torre (Reguengo do Fetal) o ter escapado a uma infecção que se temia por causa d'um golpe profundo.

Maria Joaquina Martins de Viana do Alemtejo, de 30 anos, que (diz a mesma): «para viver precisava trabalhar e por isso chorava noite e dia pela sua saude, hoje sente-se feliz, radiante de alegria por se encontrar melhor, tomou a água de N. Senhora da Fátima.

Isabel dos Santos Gomes, residente em Lisboa. Vindo cumprir com um dever sagrado agradecer á Virgem Santíssima N. Senhora do Rosário de Fátima, por sua intercessão, ter-lhe concedido a graça de melhorar de uma doença que teve na vista.

D. Maria Augusta da Gama de Avanca agradece duas graças, e envia uma esmola.

Alice Rodrigues Leão da Silva, (Avenida da Liberdade, 105-1.º Lisboa) «agradece comovidamente á Mãe Santíssima Nossa Senhora do Rosário de Fátima as grandes graças que lhe tem concedido».

H. A., de Braga «agradece á Santíssima Virgem do Rosário de Fátima a graça de lhe valer numa grande aflição».

Ernestina Arruda, de Torres Novas uma graça obtida.

Maria do Carmo Pires, da Praia da Ajuda, tendo-lhe aparecido, havia dois anos, um abcesso maior que um ovo em um peito, sem aparencia de querer rebentar, ficou muito triste e participando o caso a sua família deixou-a muito aflicta. Todos recorreram a N. Senhora da Fátima e sem recorrerem á medicina, o mal começou a desaparecer.

Rosa Mota Machado (rua de Santa Catarina-333-Porto), uma graça recebida.

Maria do Castelo Ribeiro Teles, de Coruche, uma graça, que prometeu publicar.

Adelina Lopes Cardoso agradece a N. S. da Fátima, a quem recorreu numa doença muito grave, o ter-lhe restituido prontamente a saude e as forças.

Voz da Fátima

DESPEZAS

Transporte	94.739$50
Papel, composição e impressão do n.º 65 (38.500 exemplares)	2.275$45
Sêlos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, etc.	636$77
	97.651$77

SUBSCRIÇÃO
(Mês de Maio de 1927)

Contribuiram com dez escudos, Francisca Ferraz, Clemencia C. da Silva Pato, Olivia Ribeiro Martins, Francisco Rodrigues do Couto, Maria da Conceição Ferreira, Augusta Miranda Rodrigues, **Maria Fonseca e Freitas, Antonio Baptista,** João Fernandes Antunes, Virginia Fernandes Falcão, Rosa de Almeida Vieira Lopes, Elisa Graça Zagalo Vieira da Silva, Filipa Falcão **Sousa Vieira da** Silva, Maria Margarida Tenreiro Sarzedas, Angelina da Conceição Martinho (12$58), **Maria Rodrigues Macieira** (15$00), **Maria Carlota Vahia Trigueiros** (20$00), Maria Paula Bentes, Libania Paduano, Lourenço Pereira de Castro (12$50), **Manuel Pereira Dias,** Maria José Segurado Vieira, Maria José Ferreira Paulino, A. Espinoza, Maria da Conceição dos Reis Duarte, P.e Agostinho de Oliveira Correia (20$00), Maria da Conceição Maldonado Pereira (15$00), Francisca Vasconcelos Santos (15$00), **Mavildia de Freitas Mascarenhas Andrade,** António Alves Pequito, Alice Inês da Rocha (12$50), Aires Gomes, José Gil, Jose Antunes Junior, Efigenia da Costa Pinto, Maria José Cordeiro (20$00), José d'Oliveira, Maria Ludovina Meirelles Aragão, Maria de Jesus Aranha de Mendonça, Emilia de Jesus Oliveira, **Januario Miranda, Silveria da** Conceição Neves (12$50), Maria Joaquina dos Santos, Bemvinda V. da Costa Pato, Rita de Jesus Barbosa e Sá (12$00), Joana de Carvalho Veiga (11$00), Maria da Graça d'Almeida Coelho, Maria Palmira dos **Santos Jorge** (20$00), Maria das Mercês Bianchi Coelho Borges, Maria Tavares, Rosa da Gloria Rebimbas, Gloria de Jesus, **Antonio Fragoso, Ventura José do Campos,** Elvira Augusta Nogueira, Maria Gil Carvalho (40$00), Eduardo de Moura Borges, Maria Tomazia Ferreira, Aida Vieira da Mota (50$00 insulanos) Paroco de Salto (Braga), Corina Abreu, Felicidade da **Conceição Souza, Pompeu** Vidal Portela, José Antonio Bebiano Matos Coelho, Maria do Carmo Sinde, Manuel Simões Parcelas, Justina de Souza Oliveira Pacheco, Manuel Ribau, Rosalina Caçoila Bola, Manuel Fernandes da Silva Lage, **Maria Guilhermina** Fernandes, Joaquina Vieira, Maria José d'Ameida (Almada), **Manuel Maria** Duarte Marques, P.e **Antonio de Souza** Duarte, Maria Emidia Firmo, Maria de Nazaré Figueiredo e Silva, Augusta Aragão Trigueiros, João Ribeiro, José Mendes Sequeira, **Alfredo Augusto** da Rocha (12$50), Maria Peloulo Coelho, **Dionizia da Conceição** Ramiro, **Manuel Vellez Tavares Junior. Ana** José Roldana, Maria José Ribas Cioga, Antonio da Silva Henriques, Maria Almeida, Francisco Antonio Costa Diniz, Manuel Caetano, Luiz Nunes Afonso, João Duarte Simões Baião, Manuel Pereira dos Reis, Sebastião Rodrigues Correia, Artur Figueiredo, Amelia Santos Pinhal, Antonio Francisco Tristão, Condessa de Cuba, José Braz Maria da Gloria de Almeida Góuveia, Domingos Antonio Martins, **Maria Augusta** Proença, Taphnes Roxanes de Carvalho (20$00), Adelia de **Jesus Dias Ramalho,** Adelina Fernandes Leitão, (20$00) Lino **Conceição Torres, Maria Francisca** Torres d'Avelar Tavares, Ireno Rosa, Francisco Ramos, Francisco Alves Tavares, Ana Nobre Costa e Silva, Eduardo Silva Amado, Condessa d'Avilez, Maria das Dôres de Castro, Margarida de Jesus Victorino Costa, Maria Eugenia Ferreira Verissimo, Conde de Campo Belo, Maria Engracia Martins, Alfredo da Fonseca Vaz, Maria da Conceição Borges, Maria do Rosario Casanova, João Mendes Abranches, Vicente Ferreira de Souza, Manuel Viegas Facada, Maria Gertrudes, Maria da Assunção Correia, Emilia de Jesus Bessa, P.e Bernardino de Senna Ribeiro, Ana Guedes, Maria do Rosário Pires, Guilhermina Santos de Souza Carvalho, P.e Joaquim Duarte Alexandre, P.e Antonio Carreira Bonifacio, Olimpia Sequeira Caldeira Canelas.

O bom odôr da AVÉ MARIA

Uma pobre mulher, mas sabendo onde tinha a cabeça, era vista passar, muitas vezes por dia, em uma rua muito afastada do seu trabalho.

«Para que são (lhe disseram) estas caminhadas inuteis?

«Olhai diz ela com simplicidade, ha acolá uma doente que não quer reconciliar-se com Deus e eu vou, tanto quanto posso, lançar-lhe deante da porta algumas *Avé-Marias!* Não sei se penso bem, mas representa-se-me que ha orações que são como gotas de água de cheiro que, lançadas no chão, espalham até ao alto do quarto, o seu bom odôr. Penso que as minhas *Avé-Marias* acabarão por converter esta pobre alma.

Durante dois mêses fiz isto diante de outra casa e o doente que lá estava confessou-se antes de morrer.»

E' uma grande revelação o que se contem nestas palavras; semear orações em volta das almas afim de as embalsamar e de as impedir de fenecerem.

Eu lhe ofereceria o meu coração

Pois bem, meus meninos, ouvistes de certo o que eu vos disse de manhã.

Domingo vamos ter aqui a Adoração do Santíssimo Sacramento. Vejam lá agora se me não trazem flores, verduras e... sobretudo velas.

Vamos lá a vêr: Tu, Clotilde, o que ofererecerias a Jesus como preparação para a tua Comunhão?

— Snr. Prior, eu tenho lá ainda cinco mil reis no meu mealheiro e de toda a boa vontade os trago para ajudar a enfeitar o trono.

— Está bem, menina. E tu, Maria?

— Eu hei de trazer as flores do meu jardim para o Santíssimo Sacramento.

— Eu cá, Snr. Prior, exclamou entusiasmada uma traquinasita de nove anos, é segredo...

Há seis meses que eu trabalho para o Divino Prisioneiro do altar, e domingo hão-de ver ao pé da Custódia a prova da minha fé e do meu amor!...

— E tu Suzana, não dizes nada? Eu sei que tu és muito amiguinha de Nosso Senhor.

— Sim, senhor Prior, eu amo-O muito, mas bem sabe a minha situação. Orfã de pai e mãe, fui educada pela caridade de uma tia e portanto não posso dispor do meu tempo nem de minhas economias como as minhas felizes companheiras...

Eu confessaria muito simplesmente a minha pobreza e impotencia ao divino Rei e lhe ofereceria o meu coração, visto que lhe não podia dar mais nada.

O bom sacerdote, ouvindo esta confissão, olhou para o Tabernáculo como se estivesse a vêr a saltar de alegria o Hospede adorável que faz as suas delicias em estar com os filhos dos homens.

UM CASO AUTÉNTICO

Uma senhora tinha um filho que acabava de fazer os exames finais do seu curso.

Estava com muitos desejos de saber o resultado. Estava até impaciente por isso.

Disseram-lhe, para a socegar, que na mesma tarde podia saber o resultado comprando o diário local, que anda sempre muito bem informado e prima em ser o primeiro em dar as notícias.

— Mas êsse diário é mau e eu jurei nunca lhe dar o meu dinheiro.

Não recorrerei a êle.

Estou resolvida a esperar até ámanhã para ser informada por um jornal bom, que me merece tôda a confiança.

Muito bem, minha senhora. Se tôdas as pessoas honestas e católicas procedessem assim, os maus jornais teriam desaparecido e não teríamos que lamentar as desgraças que afligem o nosso querido Portugal.

A má imprensa é uma das mais poderosas armas do demónio.

Ano VI Leiria, 13 de Abril de 1928 N.º 67

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA da FÁTIMA

(13 DE MARÇO)

Mais uma vez numerosas e devotas multidões de crentes acorreram, em transportes de alegria, aos pés da Raínha do Céu, no augusto santuário de Fátima, para lhe tributarem a homenagem sentida da sua Fé, da sua gratidão e do seu amor.

Como se explica esta incessante e caudalosa torrente de almas que se despenha em formidáveis avalanches, de tantos pontos do território nacional sôbre o recinto mil vezes bemdito das aparições e dos sucessos maravilhosos?!

E' que Maria Santíssima é a Medianeira de tôdas as graças, como a proclamou a Igreja de Deus, e em parte alguma o seu coração maternal se mostra mais sensível às súplicas de seus filhos e mais generoso para com êles do que no planalto sagrado da serra de Aire, que ha dez anos se dignou escolher para trono da sua bondade e da sua soberana munificência.

Ali, naquela estância divina, teatro de assombrosos prodígios e manancial de dons inefáveis, no meio da atmosfera sobrenatural que a largos haustos se respira por tôda a parte, os fiéis oram com mais fervor, desfiando ante os olhos da Mãe da divina graça o rosário interminável das suas dores, das suas máguas e das suas aspirações, e, assim como os inocentes pastorinhos de Aljustrel a viam no seu êxtase, assim êles, durante os seus longos colóquios, quási que a vêem na profundeza da sua Fé, quási que a sentem na intensidade do seu amor.

Esses colóquios com a Virgem bemdita quantas vezes não são para as almas transviadas ou tíbias o ponto de partida duma restauração da vida cristã ou dum robustecimento da fé e da piedade!

Só a eternidade, rasgando de alto a baixo o véu que esconde os arcanos do tempo, nos revelará os tesouros riquíssimos de virtude e santidade, de que a oração na Cova da Iria é o princípio e a renovação, assim como a série inumerável dos beneficios sobrenaturais que brotam sem cessar dessa fonte de graça e de perdão ali criada pelo Coração misericordiosíssimo da augusta Mãe de Deus e dos homens.

* * *

As onze horas da manhã, os peregrinos retardatários que chegavam junto dos muros de cintura do local das aparições e volviam os olhos de relance para o soberbo e empolgante espectáculo oferecido pela multidão aglomerada em tôrno dos santuários, deviam sentir avivar-se nitidamente na sua retina a visão das scenas incomparáveis dos grandes dias da Primavera e do Estio. Milhares de pessoas de ambos os sexos, de tôdas as idades e condições sociais, punham uma enorme mancha escura naquela imensa esplanada, enchendo-a por completo de animação e de vida.

Os servos de Nossa Senhora do Rosário, que na sua grande maioria pertenciam ao grupo de Tôrres Novas, fortalecidos com os santos exercícios espirituais que fizeram durante os dias de Carnaval no próprio recinto das aparições e alimentados com o Pão dos Anjos numa das primeiras missas dessa manhã, cumprem com superior critério, rara zelo e extrema solicitude os múltiplos encargos da sua espinhosa e delicada missão.

Por outro lado, as servas de Nossa Senhora do Rosário, ufanas com os seus lindos hábitos brancos, símbolo da pureza sem mácula que deve reinar sempre nos seus corações, assistem com uma dedicação e carinho edificantes os doentes já recolhidos no respectivo pavilhão situado defronte da capela das missas.

As bancadas do pavilhão são ocupadas por dezenas de enfermos que passaram préviamente pelo Posto das verificações médicas, onde os seus nomes e moradas e as doenças de que sofriam foram registados no livro competente.

Pouco depois das onze horas e meia, o dr. José Maria Pereira Gens, director do Posto, encerrada a inscrição, dirige-se para junto dos doentes, afim de os acompanhar e de assistir à última missa.

Uma servita

(Instantaneo em Maio de 1927)

O rev.dº dr. Marques dos Santos, capelão — director dos servitas, e o rev.dº Manuel de Sousa, reitor dos santuários, procedem aos últimos preparativos para a missa do meio-dia. A multidão dos fiéis é cada vez mais compacta.

A todo o momento chegam novos peregrinos. E na improvizada cidade da Virgem imperam a ordem mais admirável e a caridade mais edificante, porque todos os que alí se encontram, atraídos por vivos sentimentos de Fé e piedade, são irmãos em Cristo e filhos do mesmo Pai que está no Céu.

* * *

O cortejo que conduz a veneranda Imagem da Virgem do Rosário da capela das aparições para a capela das missas põe-se finalmente em marcha. O andor é transportado aos ombros de quatro senhoras, pertencentes à Associação das servas de Nossa Senhora do Rosário. Precedido do clero e ladeado pelos servitas, é acompanhado e seguido de muito povo.

Colocada a Imagem sôbre o seu pedestal no altar-mór da capela das missas, do lado do Evangelho, e rezado o *Credo* em comum pelos sacerdotes e pela multidão, o celebrante da missa oficial sóbe ao altar e começa o santo sacrifício.

Durante a missa, reza-se o terço do Rosário, cuja recitação é entremeada de cânticos piedosos e comoventes.

Depois da missa, o rev.dº pároco de Ourêm prega um longo e substancioso sermão sôbre a vaidade dos bens do mundo e a necessidade e o dever de servir a Deus.

Terminado o sermão, canta-se o *Tantum-ergo*, dá-se a bênção aos doentes e por fim a bênção a todo o povo. E, realizada a procissão para se reconduzir a veneranda Imagem de Nossa Senhora à capela das aparições, concluem as cerimónias oficiais do culto do dia treze na Cova da Iria.

* * *

Corria entre os peregrinos que o prègador oficial era o rev.dº Padre Matéo Crawley, o grande apóstolo da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que anda percorrendo o mundo, como cavaleiro andante do Amor de Deus, para abrazar os corações dos homens no fogo ardente dêsse amor puríssimo.

O boato, a que alguns jornais deram consistência e vulto, acolhendo-o nas suas colunas, e que atraiu a Fátima muitos peregrinos anciosos de ouvir o apóstolo pobrezinho, não tinha nenhum fundamento. E' certo que o grande arauto da palavra divina deseja e tenciona visitar a Lourdes portuguesa, mas ainda se ignora o dia em que irá, como também se não sabe por emquanto se pregará nalgum dia treze.

Consta que o orador de Abril será

o Ex.mº Sr. D. Teotónio Vieira de Castro, Bispo de Meliapor, e o de treze de Maio o Ex.mº Sr. D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Arcebispo de Évora.

Anunciam-se igualmente numerosas romagens de diversas regiões do país para os meses da Primavera e do Verão, tendo resolvido os organizadores dalgumas dessas manifestações de Fé e piedade realizá-las fóra do dia treze, para que os peregrinos possam satisfazer com mais comodidade e recolhimento as exigências da sua devoção e efectuar actos do culto privativos em comum.

Com a reparação das estradas que conduzem das estações do caminho de ferro mais próximas à futura Lourdes portuguesa e com o alargamento daquelas que dão aceso imediato ao local das aparições, como está em projecto prestes a ser executado, é de supor que se multipliquem as peregrinações paroquiais e regionais fóra dos dias treze. E o número dessas peregrinações aumentará ainda mais quando fôr um facto —e sê-lo-á brevemente—o caminho de ferro destinado a ligar a trilogia monumental, — Tomar — Batalha — Alcobaça e que se deve sobretudo aos esforços inteligentes e porfiados dessa figura prestigiosa de grande relêvo intelectual e moral que é o dr. Vieira Guimarães.

Visconde de Montelo.

Coração agradecido

De Nogueira do Cravo — Oliveira do Hospital—diz-nos o nosso amigo Alfredo Elvas Ferreira:

«Em cumprimento da minha promessa e para maior honra e glória da Santíssima Virgem, venho novamente trazer ao conhecimento de todos os leitores do nosso querido jornal «Voz da Fátima» os seguintes acontecimentos que muito devem interessar a todos aqueles que tenham recebido graças de Nossa Senhora da Fátima:—

Quando em outubro de 1924, fui atacado por uma fortíssima pressão de bronquios e ásma, usei de um tratamento que, longe de me fazer bem, me levou quasi ás portas da mórte.

Numa dessas maiores crises, minha irmã julgou-me perdido, começando eu já a apresentar feições cadavéricas, como ela mais tarde me relatou. Nessa altura, lembrei-me de que tinha no meu quarto uma garrafinha com agua de N. Senhora da Fátima e pedi para que me dessem um calix dessa agua milagrosa.

Bebi-a com muita fé, ao mesmo tempo que invocavamos a protecção da Santíssima Virgem. Meia hora depois, já tinha posição e as feições começaram a modificar-se. Poucos dias depois, entrava em franca convalescença.

Foi ésta a primeira graça.

Tempos depois, tive novas crises que muito alteraram a minha saude. Quando já estava quasi restabelecido, ao empregar um pouco de força a mais do que a que devia, dei origem a qualquer rotúra que me fez lançar sangue pela bôca.

Chamando o meu médico assistente, Ex.mo Snr. Dr. António Vaz Páto, fui submetido a tratamento conseguindo melhorar.

Alguns meses depois, não estando ainda bem cicatrizada a primeira rotura, devido a um esforço maior, rebentou me novamente o sangue. Na ausencia do meu médico assitente, minha família chamou o Snr. Dr. Mendes Costa, médico do partido em Oliveira do Hospital, que, depois de me ter observado cuidadosamente, declarou a minha família a gravidade da minha doença: infeção no pulmão direito. Desta vêz a doença já não cedia a cuidados nem a medicamentos.

Reconhecendo que na medicina já não havia recursos para atalhar o mál, recorri com todo o fervôr da minha alma a Nossa Senhora da Fátima deliberando ir lá em setembro do ano corrente—1925—com minha família.

O meu médico assistente, ao ter conhecimento de tal resolução, declarou o grande inconveniente que havia numa viagem tão longa (350 quilómetros, ida e volta).

Minha família, á vista do que o médico lhe disse, suspendeu o carro que já estava alugado. Logo que disso tive conhecimento, não fiquei satisfeito, voltando novamente a alugar-se o carro, pois, o impulso da minha fé era tão grande que em nada encontrava barreiras.

Em virtude da minha resistencia, o meu medico aconselhou a meu irmão, na qualidade de enfermeiro, todos os medicamentos necessarios, no caso de qualquer eventualidade.

Já relacionados com o Snr. P.e Manoel Pereira da Silva, hoje nosso particular amigo, resolveu-nos todas as dificuldades de hospedagem em Leiria.

Acompanhado por minha mãe, que faleceu alguns meses depois, e meus dois irmãos, depois de termos recebido a Nosso Senhor, lá seguimos nós no dia 12 de setembro em direcção a Leiria.

A viagem, ao contrario do que muitos pensavam, foi em tudo o melhor que se podia desejar. Para complemento da minha felicidade, lá tinha em Leiria, mesmo aos pés da cama que me foi destinada, a imagem do Sagrado Coração de Jesus, onde tempos antes tinha sido feita a sua entronisação.

Tudo parecia destinado pela mão da Providencia!

Esta noite ainda a passei mál precisando dos cuidados de minha familia.

Ao romper o dia 13, preparámo-nos para seguir a ultima etape. Á maneira que avançavamos parecia sentir em mim uma nova vida.

Às 9 horas tinhamos atingido o local das aparições por nós tão desejado. Entramos no pavilhão destinado aos doentes onde os servitas nos dispensaram todas as atenções.

Pouco depois recebiamos a Nosso Senhor, O desejado dos nossos corações.

E'-me impossivel descrever o que nesses momentos se passava na minha alma onde Jesus habitava, embora me considerasse um miseravel pecadôr!

Terminadas as minhas orações em acção de graças, tomei um pouco de leite misturado com a agua milagrosa e alguns biscoitos, conservando-me assim até cerca das 3 horas da tarde. Fui assistindo a todas as missas até que se aproximasse o momento solene em que Nossa Senhora é conduzida da sua capelinha para o pavilhão dos doentes no meio das aclamações entusiasticas de toda a multidão.

Não duvidei nesse momento pôr em prova os meus pulmões, que antes fraquejavam ao mais ligeiro impulso.

Os meus vivas a Nossa Senhora soltava-os cheios de entusiasmo e fé ardente.

Segue-se a missa pelos doentes, em que se recita conjuntamente o terço entremeado de cantícos. No final o «Tantum ergo» que foi cantado num tom bastante elevado, mas cantei-o com a mesma facilidade como se o tivera cantado mil vezes. Minha mãe que estava junto de mim, ao ouvir-me cantar com tanta naturalidade, chorava e rezava de alegria e de reconhecimento para com Nossa Senhora que já nos tinha atendido nas nossas suplicas.

Eu sentia-me já inteiramente transformado na minha saude.

Segue-se a benção do S.S. Sacramento aos doentes. Que espectaculo tão grandioso, verdadeiramente comovedor!

Quantas lágrimas! Quantas preces ferventes! Quantos corações nesses momentos se abrem tão santamente para Jesus!...

Momentos depois, Nossa Senhora é reconduzida á sua capelinha das aparições. Sempre o mesmo entusiasmo e os mesmos vivas a aclamarem a Rainha dos Ceus! Que saudades! O tempo passa, mas a recordação desses momentos felizes está sempre presente.

Terminada a procissão, fui com os meus á sacristia agradecer ao Snr. P.e Silva todas as atenções que nos tinha dispensado. Ele, muito satisfeito e sempre alegre, pergunta-me:

—Então, como se sente?!

—Sinto-me bem disposto, Snr. P.e Silva, mesmo muito bem disposto, só muito fatigado, o que não admira, atendendo á longa viagem e ao destraino de tanto tempo sem exercicio.

Depois de termos comido a nossa merenda e dizermos a Nossa Senhora o ultimo adeus de saudade, retirámo-nos na santa paz do Senhor, para Leiria.

Esta noite de 13 para 14 já foi um puro contraste com as anteriores, dormindo toda a noite sem mais incomodar ninguem.

No dia 14, logo pela manhã, fomos ouvir missa e receber Nosso Senhor das mãos do Snr. P.e Silva, na Igreja da Misericordia.

Apesar de ter que vencer uma ladeira, já não encontrei as dificuldades de vespera.

Segue-se depois a nossa viagem de regresso onde o resto de minha familia nos esperava com anciedade. Graças á protoção da Santissima Virgem, não tivemos que lamentar o mais ligeiro incidente.

Ao parar o nosso carro, muitas pessoas amigas nos cercam para saberem noticias. Logo que tiveram conhecimento de tudo o que se tinha passado, muitas almas se começaram a incendiar na fé por N. Senhora da Fátima, até essa data quasi inteiramene desconhecida nos nossos sitios.

O meu medico assistente notou logo em mim uma grande transformação.

Meu padrinho, prior desta freguesia, consagrou-se tambem a Nossa Senhora da Fátima, fazendo vóto de celebrar a santa Missa em todos os dias 13 de cada mês no altar de N. S.a do Rosario, notando-se sempre uma grande concorrencia de fieis. Poucos mezes a poude celebrar por Nosso Senhor o ter chamado a contas em março a seguir.

Colocámos com o seu consentimento, na Igreja paroquial um quadro de N. Senhora da Fátima e junto uma caixa para esmolas, sendo avisado o publico de que todas as esmolas lançadas nessa caixa seguiriam, a seu tempo, para Fátima,

Em abono da verdade, devo dizer que essa caixa rende mais que todas as outras reunidas.

O nosso actual Prior P.e Angelo Mendes da Silva, alma de eleição e verdadeiro apóstolo, continua a tradição, celebrando em todos os dias 13 no altar de N. S.a do Rosario.

Á maneira que o tempo passava, eu sentia aumentar novas forças. Tive ainda muitos reveses na minha saude, mas o fóco principal do mal parece ter desaparecido, o que fôra tambem confirmado por 3 analises feitas á minha expetoração em épocas diversas.

Os dois lutos pesados de familia tambem me fizeram sofrer bastante, embora neles eu sentisse consolações espirituaes verdadeiramente extraordinarias. Resistindo a tudo, embora ás vezes com dificuldades, já ia prestando os meus serviços e á causa de Deus votava os meus melhores cuidados.

A minha ida a Fatima deu que falar a muita gente e a propaganda que fizemos conjuntamente com a larga distribuição de jornaes da «Voz da Fátima» fêz aumentar, muito o culto a N. Senhora.

Depois de alguns mezes fui observado pelo Snr. Dr. Mendes Costa, que me encontrou incomparavelmente melhor.

—Então, tem tomado algum medicamento?

—Nunca mais tomei medicamento algum desde que fui a Fátima e, até hoje apenas tenho feito uso da agua de N. Senhora e terra que, por vezes, aplicava sobre o pulmão. Não foi para me passar receita que eu o consultei mas sim para ver o meu estado de saude.

—Eu já fazia tenção tambem de lhe não receitar, pois quem ha tanto está sem tomar medicamentos e está assim dessa forma... não precisa que lhe receitem. No entanto, apesar de ir em boa carreira, não o julgo ainda completamente curado.

Em setembro a seguir (1926) organisamos nova peregrinação em que tomaram parte mais de 20 pessoas.

Na vespera da partida apareceu-me um incomodo que hastante me importunou mas não desanimei e segui.

Em Leiria, momentos antes da partida para Fátima, ainda me encontrava mal. Aflito, recorri á proteção de Nossa Senhora, achando-me repentinamente curado.

Em Fátima sempre as mesmas impressões do ano anterior.

Ao entrar no pavilhão dos doentes, a enfermeira Sr.ª Francisca, italiana, que no ano anterior bons serviços me prestou, reconhece-me e fica maravilhada por me vêr tão bem disposto, e, sem perder tempo diz-me. Então não publica esse milagre que é tão grande?! Quem o viu e quem o vê, que diferença!...

E' minha intenção publica-lo e nisso tenho muita satisfação.

Imediatamente levou a boa nova a tantos doentes que no pavilhão suplicavam as mesmas graças. Momentos depois aproxima-se de mim e pede-me para que me levante, apresentando-me em seguida ao publico e dum modo particular aos doentes para lhes avivar mais a fé e a confiança em Nossa Senhora.

Depois de terminados os actos religiosos, cheios de saudades por esse cantinho do céu, onde ficam para sempre presos os nossos corações, regressamos ao nosso lár.

Quantas graças os meus companheiros obtiveram e que eu muito desejava publicar!

Depois desta data, estando eu um dia com o Snr. Dr. João Martins, medico e pai do meu medico assistente, diz-me: O senhor está bom, vái bem, mas por enquanto tenha cuidado, não se exponha muito e não abuse.

Entra o inverno rigoroso e eu, bem pouco previdente, abusava da minha saude. Constipei-me algumas vezes mas sem consequencias graves.

Em abril do ano corrente, ao tratar de uma nova constipação, que bem poderá ter evitado, a bronquite asmatica, doença já antiga e de que não fui miraculado, desenvolve-se por tál forma que me julguei perdido. Os pulmões começaram a resentir-se e desde essa data a minha saude tem andado muito abalada.

Poderei ter o direito de me revoltar contra Nossa Senhora de quem tão grandes graças já tenho recebido?! Não. O abuso merece castigo e eu reconheço-o como justo. Continuo a orar e cada dia com mais fé, confiando sempre na proteção da Santissima Virgem, que por certo me não abandonará, até que um dia A possa vêr, cheia de glórias, no Céu!»

AS CURAS DA FATIMA

Joaquim Ramos, factor de 1.ª classe dos Caminhos de Ferro Portuguezes, residente na rua de Vale Formoso de Baixo 57, em Braço de Prata (Lisboa) em carta de 23 de fevereiro ultimo, escreve:

«Ex.mo Senhor.

Director da *Voz da Fátima*

Como considero um milagre feito por nossa Senhora de Fátima, á minha pessoa a cura obtida no dia 13 de Maio do ano passado ás 3 horas da tarde, peço a V. Ex.cia tirar as conclusões do que abaixo vou dizer e publicar no jornal de

Joaquim Ramos

que V. Ex.cia é digno Director, se assim o julgar conveniente.

E' o seguinte:

No dia 27 de Dezembro de 1926 pelas 8 horas da manhã na ocasião que ia a sair de minha casa para ir tomar o comboio que partia da estação de Braço de Prata para a estação do Rocio, estação onde eu fazia serviço como factor de 1.ª classe, escorreguei ao sair da porta da minha casa, cai d'uma varanda para a rua e parti a perna direita pelo artelho, ficando o pé separado da perna, apenas seguro pelos tendões e péle e os ossos da cana partidos, sendo de pronto transportado num carro da cruz vermelha para o hospital de S. José, onde me trataram pessimamente a perna. Depois de pensado mandaram-me para o hospital do Desterro. Foi tão mau o tratamento que 3 dias depois tinha a perna com uma infecção, e principio de uma seticemia, estando quási durante os primeiros tres mezes em perigo de vida por não ser possível fazel-a desaparecer.

Como a perna se não podia aguentar com o aparelho de extensão, por ter que ser tratada todos os dias duas vezes, não era possível que o pé ligasse á perna e assim se conservou dois mezes desligado

até que em março ligou, mas fóra do seu logar.

Como já não tinha esperança na vida, nem tão pouco que o pé ligasse á perna, e como me visse cada vez peor e a febre sempre entre 39,5 e 41, devido ao estado de putrefacção em que tinha a perna, escrevi uma carta ao meu medico Sr. Dr. A. Balbino do Rego, pedindo que me cortasse a perna a fim de salvar a vida sendo-lhe entregue a carta por minha mulher.

Veja V. Ex.ci qual seria a aflição de uma mulher que vai levar a sentença de morte de seu marido!

Mas minha mulher teve coragem, satisfez o meu pedido e entregou a carta, sabendo para o que era.

Como ficaria minha mulher ao ouvir dizer ao medico:

«Não, minha senhora: Se escapar que escape com a perna».

Minha mulher, do fundo do coração diz-me:

«Pede a N. Senhora da Fátima, que não has-de morrer»

Não tenho esperança nenhuma já na vida (digo-lhe eu). Não sei a que Santo hei-de pedir». Pede a N. Senhora da Fátima. Já te disse que tenho muita fé Nela. Tu é que não tens fé nenhuma e é por isso que te não achas melhor. Assim fui resistindo até ao dia 16 de abril, em que sai do hospital para minha casa, onde preferia acabar o resto dos meus dia.

No dia 12 de maio seguinte recebi um telegrama dos medicos da Companhia para comparecer na junta medica caso pudesse, mas como o meu interesse era o adquirir a saude, com o maior dos sacrifícios lá fui como pude, n'um carro. Ao chegar á estação havia muita gente em peregrinação para Fátima visto que era a vespera. Volta minha mulher a dizer: «Oh Joaquim, vai tanta gente para a Fátima!... Quem me déra ir também!» Como eu tivesse muitos sofrimentos respondi: «Vai tu que não fazes cá falta nenhuma».

Ela retorquiu: «Não te posso dizer nada». Não tens mesmo fé nenhuma. E' por isso que te não achas melhor». Digo-lhe eu; vai se queres ir, que eu não te pego; o que quero é que me deixes».

No dia 13 pela manhã, por ordem da Companhia, ás 10 horas, veio o medico visitar-me para ver o meu estado visto que não era possível melhorar: Depois de me observar a perna diz: «O Senhor não se levanta hoje da cama, porque não pode». Serão cumpridas as ordens de V. Ex.ci respondo eu.

Como minha mulher vinha á janela ver passar os comboios que levavam muita gente para Fátima volta a insistir comigo: Oh Joaquim... vai tanta gente para Fátima! Se eu pudesse ir». «Vai, digo eu! Se não tiveres dinheiro pede o emprestado que eu não me importo que vás».

Como eu estivesse fartinho da cama, cerca das 11 horas, digo: «Oh Maria... faz o favor, vem-me vestir, que quero ir um bocadinho para o sol». «Não diz ela, porque o medico não quer que tu te levantes». Como insistisse com ela para me vestir não quiz e eu vendo-me desanimado digo-lhe: só faltavas tu agora não me ligares nenhuma: os Santos não querem saber de mim, tu agora fazes o mesmo. Está bem. Aqui ficarei» como, porém, ela não pudesse suportar as minhas suplicas, com pouca vontade veio-me vestir e me ajudou, como poude, a levar para uma varanda onde fazia sol e ali me conservei encostado a tres cadeiras.

Muito rezou nessa noite ao redor duma pequena imagem e com uma pequena luz, a minha mulher!

Pelas tres horas da tarde sentado na cadeira senti um grande formigueiro na perna partida e fiz na mesma ocasião esforço para me levantar, o que fiz sem muita dificuldade e sem auxilio de ninguem. Como me sentisse cheio de alegria lembrei-me de pedir as muletas á minha mulher para ver se já podia andar só com uma e encostado á grade da varanda. E já não foi preciso. Comecei a andar e assim percorri uns 40 metros com as moletas na mão, sem fazer uso d'elas.

Veja V. Ex.ci, Senhor Director quão grande foi a minha alegria, e especialmente a de minha mulher que nem podia conter as lagrimas com a satisfação em que se encontrava!

N'essa mesma ocasião lembro-me de repente de Nossa Senhora da Fátima e digo: «Oh mulher!... Tu é que foste atendida e não eu e por isso iremos para o ano que vem, ou seja no dia 13 de maio á Fátima por fazer um ano que comecei a andar e levar como penhor de gratidão um cordão de ouro que minha mulher ofereceu a N. Senhora no caso de eu escapar, pois que nunca pensei que hoje fosse vivo e considero-me agora o homem mais feliz do mundo».

Maria E. Dias, de Evora (rua João de Deus 31), em carta de fevereiro que não era destinada á publicidade informa:

«Vai em cinco anos que, sem querer, bati com o seio esquerdo na chave de uma porta. Sofri muito, mas, a pouco e pouco, as dôres foram passando e não mais pensaria em tal.

Passados mezes, talvez dois anos, no sítio em que sofri:. a pancada, apareceu-me um carocinho que foi aumentando, se bem que não incomodasse muito. Porém, nos ultimos mezes de 1926, as dores e as picadas começaram de maneira tal que em princípios de 1927 tive que consultar o médico, aproveitando a oportunidade da visita que me fazia estando eu com gripe.

E' certo que sua Ex.ª não me desanimou mas disse-me: «Espere mais umas semanas (mas que não sejam mezes) e se as picadas e as dores continuarem, participe-me imediatamente». — Fiquei triste por me lembrar que teria de ser operada, por me lembrar que seria um cancro, mas não desanimei.

Foi então que escrevi a uma afilhada que tenho e a mais duas pessoas minhas amigas para que pedissem por mim á Virgem Santíssima, e por minha vez, com toda a minha alma, pedi a N. Senhora que me livrasse dum terrivel cancro.

Prometi a N. Senhora uma novena em cada mez durante um ano, durante a novena, usar agua da Fátima e publicar a graça se me fôsse concedida.

—Na primeira semana ainda senti algumas dores e picadas bastante intensas mas pouco a pouco foram desaparecendo. O caroço porém continuava.

Chegou o mez de Dezembro e com êle a festa de N. Senhora da Conceição. Fiz a novena, como de costume, mais ainda: assisti á festa. — Escusado será dizer-lhe, Snr. P.e Silva, a devoção com que assisti sempre muito principalmente á benção do Santissimo em que, com toda a minha alma, pedi a Jesus e á Virgem que me livrassem do terrivel cancro.

Qual não foi porém o meu espanto quando, á noite, á hora em que costumava fazer o penso, nem sabia onde o devia colocar porque não encontrei o caroço!...

No entanto continuei a fazer a novena como prometera e agora que acabei cumpre-me participar-lhe tudo isto para que possa publicar na «Voz» em honra da Santíssima Virgem, mais esta graça concedida.

Peço-lhe porém a fineza de publicar como entender poja que talvez o meu relato seja um tanto extenso.

O que desejo é acabar de cumprir a promessa, nada mais.

Que lhe parece tudo isto? — Não acha extraordinário? — Eu própria chego ás vezes a duvidar, não do poder de Deus, mas de mim, e fico a pensar muito tempo se o carocinho voltará e se eu terei ainda muito que sofrer.

Será porém o que Deus quizer e eu merecer. Se tiver de morrer em mísero estado, morrerei.

Conformo-me com a vontade de Deus».

Dois miraculados

Os nossos leitores decerto experimentarão como nós um grande prazer em lêr a carta ha pouco dirigida ao Ex.mo Sr. Joaquim Duarte d'Oliveira (vêr *Voz da Fátima* de Janeiro) pelo Ex.mo Sr. Dr. Acácio da Silva Ribeiro (*Voz da Fátima* de Outubro). E' como segue:

«Lourenço Marques — Caixa Postal N.º 62 11-2-928.

Ex.mo Senhor

Permita-me V. Ex.ª que, apezar de o não conhecer pessoalmente, lhe escreva esta carta. Foi com os olhos razos de lágrimas que li na «Voz da Fátima» o brilhante relato da sua cura milagrosa; é ainda com eles rasos de lágrimas que lhe escrevo, relendo o mesmo relato!

Sou eu o médico a que V. Ex.ª se refere, fui eu que á Virgem N. Senhora de Fátima fiquei devendo a vida! Como me senti feliz ao ler que, como V. Ex.ª diz, a leitura do meu desastre, d'alguma maneira, concorreu para lhe despertar a fé e convida-lo a recorrer A'quela que tudo póde, e a quem tudo Obedece!...

Que alegria senti, Ex.mo Snr!

Foi o principal fim que tive em vista, depois de agradecer á Virgem, tornar publico o meu caso para que de tantos infelizes, sofrendo horrorosamente, alguns houvesse que, lendo-o se lembrassem de pedir tambem a Nossa Senhora a cura de seus males. Ainda bem que V. Ex.ª o leu e com isso tanto lucrou! Bemdita, mil vezes Bemdita N. Senhora de Fátima! Eu fiz o meu relato muito á pressa, no pedaço dum serão, quási em vesperas de partir para aqui, e por isso fui deficiente, omiti muitas coisas, não lhe dei o brilho que devia. Tive apenas a preocupação maxima de ser exacto e o mais rigoroso possível, visto que tinha sido assistente da Faculdade de Medicina em Coimbra, fui tratado e visto pelos meus professores, por todos os médicos que actualmente existem ainda em Coimbra, entre elos e alem dos que me operaram e citei, pelo Dr. Elisio de Moura, José Rodrigues, etc, etc., todos me visitaram todos acompanharam a minha doença, de modo que não podia nem desejava exagerar, para me não desmentirem ou chamarem mentiroso. Foi a minha grande preocupação, deixando muito por dizer. O meu desastre transtornou-me a vida economicamente, tive de vender algumas propriedades que tinhamos e empenhei-me; mas, apezar de ter o coração sangrando sempre por ter de me separar de minha esposa e filhinhos que tanto adoro, vim no cumprimento dum dever, tentar recuperar o perdido, porque N.ª Senhora m'o indicou, não permitindo que fossem eficazes tantos esforços que fiz para evitar a minha partida. Convencido de que o meu dever era partir, abafei o sentimento e parti. Assisti á inauguração da Imagem de Nossa Senhora de Fátima na Igreja de S. Domingos, á noite, comunguei no dia seguinte e embarquei nesse mesmo dia 1 de Novembro de 1927. Estou aqui ha 2 1/2 mêses, devendo abrir o meu consultório na próxima 2.ª feira dia 13, dia de Nossa Senhora de Fátima. Tenho encontrado e encontrarei muitas dificuldades, mas espero que Nossa Senhora mas ajudará a vencer para, o mais depressa possivel, regressar ao meu lar que está desfeito. Tenho arranjado aqui alguns assinantes da Voz da Fátima, arranjarei quantos puder e, por mais que faça, nunca pagarei á Virgem o que lhe devo! Procuro cumprir rigorosamente o meu dever de esposo, cidadão e católico, para que ninguem possa atacar-me com razão, ou pôr em duvida a sinceridade das minhas crenças.

Tenho a certeza moral de que hei-de vencer ajudado por Nossa Senhora, e logo que volte a Portugal, se Deus assim o permitir, não passarei em Lisboa, sem procurar V. Ex.ª. Desejo conhece-lo e conhecer Sua Ex.ma Esposa, verdadeira imagem da esposa modelar, a quem Deus dará o prémio de tanta abnegação e tão acrisolada fé! Para Ela os meus respeitos da mais elevada consideração, para V. Ex.ª os meus bem sinceros parabens e para os dois uma larga vida compensadora de tanto sofrimento. Desculpe-me V. Ex.ª o desabafo, mas não pude conter-me em silencio, a satisfação que me inundou a alma, impeliu-me a vir cumprimenta-los.

A quantos doentes eu tenho já falado em Nossa Senhora e falarei sempre que disso tenha ensejo, para os animar, chamar á fé e procurar na medida das minhas forças mostrar-me digno de tão grande milagre. Se em qualquer parte, eu para alguma coisa, puder ser prestavel a V. Ex.ª, recebo as suas ordens e confesso-me um grande admirador. Com o maior respeito

(a) *Acácio da Silva Ribeiro.*

Voz da Fátima

DESPEZAS

Transporte...	97.651$77
Papel, composição e impressão do n.º 66 (38.000 exemplares)...	2.269$50
Sêlos, embalagem, transportes, expedição, gravuras, etc ...	735$39
	100.656$66

SUBSCRIÇÃO

(Maio e junho de 1927)

Enviaram dez escudos: Francisco Jorge, P.e José Lourenço Pereira de Matos, Ana Maria Clavin d'Ornelas Vasconcelos, Maria do Carmo Corte Real Abreu de Lima (20$00), P.e Augusto José Vieira, Eliseu da Silva, Beatriz de Barros Pinto Brochado (20$00), Joaquim Rosa Gomes, Maria Efigenia Sarmento, Sibila de Jesus Pereira Fernandes Côrtes, Maria d'Ascensão Carvalho, Maria das Dores de Castro Lopes (15$00), Abel Baptista Lopes, António Tinoco, Lucilia Maria Carneiro de Carvalho (15$00), P.e Alfredo de Melo Abrantes, Alferes Baptista, Palmira Carolina (20$00), Maria Magdalena da Silva, Gracinda dos Reis Carvalho, Helena Machado, Hermano Leça da Veiga, Maria Angela Albuquerque Oliveira, Guilhermina Correia, Maria Noemia Fernandes de Andrade, Maria Palmira C. Baptista Antunes, Tristão Bettencourt da Camara Junior, João Lopes Laranjeiro, Maria Angelica Correia, Luiza Pereira Rosa (15$00), Luiz Lopes Abegão, Maria Paula Franco Cardoso Bernardino Fernandes Ribeiro, José d'Oliveira Pereira, P.e Eurico do Nascimento Lacerda Pires, Maria Amélia de Sá Osório Tovar, Beatriz M. de Sousa Ferreira, Maria Adelaide Pereira de Vasconcelos, Palmira Valente, P.e António Maria de Castro, Manuel Lopes, João Marques de Carvalho, João Baptista d'Almeida Carvalho, P.e António dos Santos Alves, António Rodrigues Pinto, Etelvina Torres da Costa, António José Valente (15$00), Jaquim Fernandes dos Santos, Maria Barreto Alpoim, Custódio da Cunha Leite da Costa (15$00), José da Cunha Leite da Costa, Virginio Ferreira (16$50), Guilhermina Rosa da Silva, João da Fonseca Cardoso, Paulo Alves de Sousa, Cristina de Matos Franco, Maria de Nazareth Ferreira, Ermelinda Guerreiro da Silva, Maria Helena Galpar Canastreiro, Manuel da Silva, Maria das Dores Santos Trindade, Miguel Nogueira de Sousa, Alice Martins Mono, Ester d'Oliveira, Julia Faria, Malvina C. Rocha Faria, Ester C. Rocha Faria, Laura Faria, José Miranda Filipe, Ermelinda Faria da Cruz, Maria Basto Vasconcelos, Margarida Cartelas Vieira Braga, Mariana Henriqueta Rosa, Ana da Conceição Pécurto, Amadeu da Conceição Roxo, P.e Manuel Pereira d'Oliveira- (20$00), José Rafael Santana Camacho Fialho, Manuel de Noronha (15$00), P.e Adelino José Alves da Silva, Maria do Carmo Tavares, Herminia de Jesus, Maria da Purificação Godinho, Conego Manuel Fernandes Nogueira, José Cardoso Junior, Joaquim Neto, Alzira Ribeiro Rufino, P.e Joaquim Teixeira de Sousa, Maximiana Teixeira da Rocha, Maria dos Prazeres Chaves, Jesus Clara da Silva (5$00), Maria José de Magalhães Barros (50$00), Agripina Lusia, Joaquim José Granja Ferreira, Maria Lucilia Lopes, João da Silva Montela, Jerónimo Augusto Brito, Maria de Sousa, Maria Carvalho Dias Machado, Domingos Alves da Silva, José Dias Urbano, António Maria Duarte, Amália Monteiro Fiuza, Jacinto da Costa Melicias, João Ferreira Dias, José Ferreira Caxaria, Joana Nobre, Perpétua de Jesus, Carolina Correia Vieira, António da Costa Melicias ,António Simões Duarte, António Domingues Ferreira, Guilhermina Amélia Alves Fortuna, Domingos Maria Monteiro, P.e Rufino da Silva Araujo, Maria Ana Gamito (20$00), Herminia dos Santos, Maria do Rosário Costa, Maria das Dores Sobreira Jordão, Rosa Amélia da Silva, Maria José da Lourinhã (15$00), Sebastiana Victor Nogueira. — De jornais: Georgina Morais Silva (26$20), Alice Rodrigues Leão da Silva (190$00), Maria Augusta dos Santos Valentim (20$00), Carmina Vieira (15$00), Ana da Conceição Neves (55$00), Joaquim José Ferreira (100$00), Maria da Encarnação Barão (13$00), Maria d'Assumpção Valente (60$00), A. Reating (20$00), Julio António de Assis (50$00), Teresa B. Forte (60$00), Maria Ana C. R. Teixeira (50$00), António Vieira Leite (120$00), P.e António Correia Ferreira da Mota (45$00), Maria das Dores Tavares de Sousa (104$00), Josefa de Jesus (11$20), Joaquim Duarte d'Oliveira (50$00), Luciano d'Almeida (70$00), Maria José Ferreira Paulino (100$00).

Abrigo para os doentes Peregrinos de Fátima.

Transporte...	5.640$05
Anonimo...	5$00
D. Maria Noemi de Faria Coelho...	10$00
Alberico Miranda	10$00
Anonima de Agueda	25$00
Manuel Urbano Alves...	5$00
D. Deolinda Pinto de Almeida.	10$00
Manuel Dias Moreira	10$00
Manuel Pereira Dias	5$00
D. Arminda Dias de Sá... ...	10$00
Anónima...	20$00
	5.750$05

As Grandes Maravilhas de Fátima

Acaba de sair do prelo, com o *imprimatur* do Senhor Bispo de Leiria, êste novo e interessantíssimo livro do nosso presado colaborador sr. Visconde de Montelo, que, como o próprio título deixa entrever, contêm a história sublime e em extremo comovente das aparições e dos sucessos maravilhosos da Lourdes portugueza.

Escrito em linguagem clara e corrente de fácil compreensão ainda para as inteligências menos cultas, a sua leitura será por todos feita com bastante proveito e agrado.

Esta obra, precioso escrínio de recordações que todo o verdadeiro devoto de Nossa Senhora de Fátima deve possuir na sua estante, está impressa em ótimo papel, consta de 414 páginas e é ilustrada com 50 gravuras, quási todas de página, sendo a duas côres a capa lindíssima, cuja gravura reproduz a scena incomparável das aparições da Santíssima Virgem aos pastorinhos.

E' um primoroso trabalho de imprensa, um autêntico mimo de arte, cuja execução honra sobremaneira as acreditadas oficinas da União Gráfica, onde foi levado a cabo.

O produto líquido da venda é integralmente destinado á Obra de Fátima.

Quem quizer adquirir êsse livro deverá enviar dez escudos por cada exemplar e mais um escudo para o porte do correio em carta registada, cheque ou vale postal a José Dias — Seminário Patriarcal — Santarém ou á União Gráfica — Travessa do Despacho, 16-Lisboa.

A seguir transcrevemos o

ÍNDICE DAS MATERIAS

I Parte

Prefácio

As aparições da Santíssima Virgem — A visão dos pastorinhos — Lourdes e Fátima — Uma cura extraordinária — Notas e comentários — O dia 13 de Agosto de 1917 — O dia 13 de Setembro de 1917 — As declarações dos videntes — Nas vésperas do grande *milagre* — No dia do grande *milagre* — Depois do grande *milagre* — Ultimos interrogatórios — A morte de Francisco Marto — A morte de Jacinta Marto.

II Parte

Grandiosas manifestações de Fé e piedade de Glória e reparação — Portugal junto ao trono da sua Padroeira — Fátima, centro dos corações — Fátima, pólo magnético das almas — Os prodígios da Virgem — O Paraizo na terra — Dez anos depois — Fátima e o «Poverello» — As glórias da Mãe de Deus — A cidade da Virgem aos pés de Maria — A terra da Virgem.

III Parte

As curas extraordinárias

Teresa de Jesus Martins: tuberculose pulmonar — Cecília Augusta Gouveia Prestes: tuberculose pulmonar e peritonial com ascite (hidropisia do ventre) — Emília de Jesus Oliveira: pleuresia sero-fibrinosa e lesões inflamatórias bacilares com começo de fusão — José de Oliveira Carvalho: mal de Pott lombar — João de Castro Sanches da Costa Ferreira: meningite cérebro-espinal — Armando de Oliveira: adenite supurada na virilha esquerda — Etelvira da Conceição Barroso: ulcera do estômago — Eugénio Julio Clara Neves: êntero-colite, diarrea verde e meningite — Alfredo Augusto da Rocha: gastrite ulcerosa — António da Costa Viana: febre tifoide e peritonite generalisada com saida de pus — Américo da Cruz Madeira: meningite cérebro-espinal — Joaquim Fernandes dos Santos: ulceras varicosas após uma febre tjfoide complicada de flebite — Maria dos Santos Paiva: fístula proveniente duma cário de costela (tuberculose óssea) — Rosa de Jesus Morais: tumor de natureza suspeita — Rosa Maria Ribeiro: gastrite ulcerosa — Maria José Ferreira: meningite cérebro espinal — Dr. Acácio da Silva Ribeiro (médico): fractura da perna direita.

APENDICE

Promessas aos devotos do Rosário — Estatutos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

ALIANÇA DIVINA

«Aquela fábrica meu amigo, ha-de ser o meu Calvário.

A terra prende-os, brutaliza-os (desculpe o termo).

O trabalho esgota-os; dão tudo ao corpo, ao dinheiro aos interesses materiais... e da alma, da pobre alma nem sequer se lembram por vezes».

Quem assim falava era um prior.

De pé, com o olhar pregado em qualquer coisa que da varanda envidraçada lobrigava ao longe ouvia-o silencioso um jovem engenheiro, alma de escol.

De repente, os olhos faiscaram-lhe num olhar intenso e pregunta, num sorriso:

— Diga-me, snr. prior, então quando reforma o seu presbiterio?

E' lindo, sabe? é mesmo poetico. Lá em cima na fábrica, no meio do meu trabalho e do progresso daquela industria tenho-lhe inveja.

— Oh meu amigo, esta casa é sua!

— Muito obrigado pela sua gentileza mas francamente emquanto a não vir um pouco remoçada parece que nem a paisagem larga da sua varanda me agrada nem a agua daquela cascata me encanta.

O Snr. Prior, perdõe-me, espiritualisa-se demais.

Nós temos dois principios, não é? Alma e corpo; é necessário não desprezar nenhum dos dois.

Da intima harmonia entre eles depende a paz em nós.

— Mas o meu amigo bem sabe que Roma e Pavia não se fizeram num dio.

Estou aqui ha tão pouco tempo... Já queria um presbitério arrenjadinho.

Vai-se devagar que é mais seguro.

— Ora bem. E' isso mesmo que eu lhe queria dizer mas gostei que o snr. prior o dissesse primeiro.

(E em ar triunfante).

Vamos devagar, aos poucochinhos que é mais seguro, não é?

Vamos fazer uma aliança para uma conquista — a conquista da minha fábrica, quere?

— Se quero...

— Pois fica feita. A campanha começa já, melhor, ela já começou. Agora vamos estudar os planos.

Pense nisso snr. prior.

— Penso, penso e vou pedir a Deus que abençõe a sua ideia, engenheiro.

— Minha? Não. Dele.

— E peço-lhe que, já que no-la deu lhe dê vida.

— Está bem. Ha de ser a semente de mostarda do Evangelho de hoje, creia.

— Deus o oiça.

— Até logo, senhor prior!

Logo á noite deixa-me aqui passar um bocado não deixa? Que eu, no fim de contas, aprecio imenso o recolhimento silencioso e poetico da sua casa em contraste com o bolício contínuo da fábrica e sobretudo, é claro, as nossas palestras. Faz tão bem o seu convivio!

— Não troce, engenheiro.

Bem sabe quanto eu estimo vê-lo aqui.

— Até logo então.

— Até logo.

* *

Agil, o engenheiro subiu para o seu «Lancia» e nele, depois dum ultimo adeus, em 5 minutos estava na fábrica.

Ia radiante. Parecia-lhe ver a fábrica já transformada.

E imaginava levantar então, em sinal de triunfo, no mais alto corpo do edificio central, uma grande imagem a Cristo Rei.

Quê? Haviam de as ideias revolucionárias fazer-lhe ao operariado o que ele fazia á terra — revolve-lo, revolta-lo?

Não! Ele seria o primeiro no trabalho, o primeiro na igreja, o primeiro na vida de família e no amor aos seus, o primeiro na estima pelos seus subditos.

E havia de triunfar!

* *

Um grande numero de operários, educados sem religião viviam escandalosamente em publicas mancebias.

Não tinha geito aquilo.

Era necessário reformar.

Pouco a pouco, hoje um, amanhã outro, a uma palavra do senhor prior que os ia ver, que os ia visitar, que os ajudava, que os ensinava, que vivia quasi entre eles, que porisso eles estimavam já, ao menos como amigo — todos vieram á prática da lei do Senhor, casando-se e começando a cumprir os preceitos.

Por seu lado o engenheiro não descançava.

Quando a batalha estava já quási vencida, atrevido, o engenheiro propoz que se içasse o pendão da victória.

E numa das salas — onde eles mais tratavam do corpo — foi posto o troféu e o penhor da victória sobre as suas almas.

A Fábrica, os directores, os operários consagravam-se ao Coração de Jesus e queriam-no ver ali representado na parede, a abençoa-los a todos.

* *

Quatro anos eram passados sobre a sementeira do grãozito de mostarda que, segundo a profecia do engenheiro e pela acção dos dois, abençoados e guiados pela graça Divina, germinara, crescera e abrigara sob a sua protecção quási todas as almas daquela fábrica.

Quási todas sim.

Mas aquele quási era torturante. Porque não todas?

Havia ainda duas — não mais — que se mostravam refractárias á graça.

Mas os dois, cada um por seu lado, não cediam.

Depois, tinham hoje por seu lado o meio. Todos praticavam menos os dois...

Todos se confessavam menos os dois...

Todos recebiam o Pão Divino menos os dois...

Parecia o demónio a rir-se do prior e do engenheiro, guardando para si aquelas duas almas.

* *

A batalha entrou então no seu auge.

Recorreu-se á arma mais poderosa para a conquista das almas — a oração.

Fez-se violência ao Céu.

E o Céu deixou-se vencer e... venceu a contumacia daquelas duas almas.

* *

Era á noite. A' cabeceira dum doente sentara-se um padre. A voz roufenha mal se lhe entendia.

Tinha um tetano.

Sobre a mesa de cabeceira uma imagenzinha da Senhora da Fátima. De espaço a espaço o doente beijava-a devotamente.

— Tu estás muito doente, António, pois estás? Coitado!

— Estou sim senhor.

— Eu vinha vêr se tu estavas melhor.

— Muito obrigado! Estou na mesma.

... ...

E o padre ia orando de quando em quando.

Ao beijar a imagem mais uma vez, o doente diz baixinho mas de forma que o prior poude ouvir.

— Estou mal... Vamos lutar:

Hei-de vencer!...

E para o prior, fazia-me bem um pouco de agua da Fátima.

— Da Fátima não a tenho lá. Mas trago-te agua de Lourdes — tudo é agua de Nossa Senhora.

— Ai que bom!

— Então eu vou busca-la.

... ...

O rapaz bebeu e sentiu-se melhor, melhorou de todo.

Cura natural? Extraordinária? — Não sei. Curou-se.

* *

Dias depois, quando o padre como de costume entrava em casa do doente, uma senhora, de catecismo na mão, dirige-se-lhe assim:

— Senhor prior, estou a estudar o catecismo, a renovar os antigos conhecimentos que deixei esquecer. Depois vou confessar-me e recomeçar a praticar a religião católica. Só agora o conheci a si e a sua arte.

— Mas, minha senhora...

— Sim. Eu julgava que a confissão matava os doentes mais depressa... e o senhor prior ressuscitou-me o meu companheiro.

— Pois bem, minha senhora quando quizer, com todo o prazer.

... ...

Era uma das tais duas almas...

* *

A' tardinha, á porta da igreja preguntava-lhe alguém:

— O Snr. prior amanhã dá aqui Nosso Senhor?

— Oh! Sim! A quem? A si?

— Talvez. E porque não?

— Bravo! Muitos parabéns. (E entusiasmado deu-lhe um grande abraço).

— Eu não disse que era com certeza para mim.

Mas hei-de, esta quaresma, dar-lhes esse prazer a Nosso Senhor e a si, esteja descançado.

— Ah isso me basta.

* *

E tendo-o perdido de vista na volta da estrada, o prior correu a ajoelhar-se deante do Sacrario a resar um fervorosissimo «Te-Deum».

Resou, chorou, agradeceu.

A fábrica ia ser toda de Nosso Senhor.

Agora já não tinha de temer a fábrica e a sua influência na freguezia.

... ...

O engenheiro veio um pouco mais tarde naquele dia.

O prior foi-lhe ao encontro abraçou-o contente como uma creança.

— Que é isso senhor prior?

— Ah meu amigo, os dois que nos faziam suar e que pareciam recalcitrar contra a graça, acabam de ceder, vão confessar-se esta quaresma.

— O quê?

— Assim mesmo.

— Louvado seja Deus!

— Nosso Senhor lhe pague, engenheiro, o seu esforço.

— A mim não deve nada senhor prior. Que tive eu para aí? Nem prego nem estopa...

— Foi o seu exemplo, o seu conselho, a sua acção tenaz, o espelho de sua vida sobretudo.

— Não fiz mais do que devia.

Foi antes a acção do Senhor prior entre a minha gente. Eles querem-lhe como a um pai.

— Não, isso não. Digamos antes que foi a graça de Nosso Senhor servindo-se de nós como instrumentos.

— E bem ordinários, ao menos pela minha parte.

— Deixe-se de modestias.

Agradeçamos muito a Nosso Senhor esta graça.

Bastava-me isto para assinalar esta quaresma.

Hoje a fábrica é uma fábrica cristã.

* *

A acção metódica, tenaz dum padre que se deixa mover pela graça nunca fica sem resultado.

Mas quando se lhe junta o exemplo fascinante duma vida profundamente cristã num leigo que se sente a arder em zelo pela salvação das almas, ah! então a tal aliança, se ela tem por arma principal a oração!...

Aqui transformou uma fábrica — transformará o mundo quando unidos sacerdotes e leigos se resolverem a trabalhar sem descanço pela salvação das almas.

Almas de escol ha-as ainda, mercê de Deus, pela nossa terra.

Mas, ás vezes, entorpecidas, só pensam em si.

Padres zelosos não faltam. Mas nem sempre sabem por onde hão-de começar.

Despertem as almas que o Senhor distinguiu com um amor de predilecção e vão em falange — guiadas pelos sacerdotes — conquistar o mundo. Despertem, orem, trabalhem com os olhos em Deus que do nosso trabalho algum fructo se ha-de colher.

A aliança do padre com os leigos zelosos para trazerem as ovelhas tresmalhadas ao redil de Jesus é realmente uma aliança divina e uma aliança tremenda... para o demonio.

NO SACRÁRIO

DEUS ESTÁ ALI

Se ha alguma coisa no mundo capaz de nos revelar a nossa propria grandeza e de imprimir á nossa alma o sentimento da nossa dignidade pessoal, é seguramente a certeza da presença perpetua de Deus entre nós. Deus está aqui! Que é que nos pode chegar mais ao fundo de, que este clarão nos nossos pensamentos e nos nossos afectos? Deus está aqui! Portanto... eu não sou despresado nem esquecido por Ele.

A minha vida tem, pois, bastantes atractivos, a minha alma bastante valor para interessar, para atrair, para segurar Deus junto de mim!

Quem poderia dizer hoje quanto este facto só da presença de Jesus entre nós tem, ha dois mil anos, extinguido cogitações más, suspendido e sufocado resoluções imoraes, feito germinar virtudes?

Estabelecendo-se d'uma forma permanente e visível no meio do seu povo, Jesus Cristo ahi mantem incessantemente a fé e reanima as esperanças.

Ano VI — Leiria, 13 de Maio de 1928 — N.º 68

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

O DIVINO POEMA DE FÁTIMA

A aparição de treze de Maio — O trono mais esplendoroso de Jesus — Hóstia — O mais belo centro de devoção à Virgem Santissima — Fátima poema de consolaçãò, de paz e de felicidade — O caminho do Céu — Incêndio portentoso de Fé e Amor.

Faz hoje onze anos, contados dia a dia, que a Rainha dos Anjos se dignou baixar dos páramos da glória a êste vale de lágrimas para erguer com as suas mãos virginais num recanto da serra de Aire entre mistérios inefáveis e prodígios estupendos, o trono mais esplendoroso de Jesus no seu Sacramento de amor e uma fonte perene e inexhaurível de graças e misericórdias.

Hoje Fátima, a cidade predilecta da Virgem, após a série interminável de maravilhas operadas pela Omnipotencia de Deus, mediante a intercessão de sua augusta Mãe, gloriosa Padroeira de Portugal, é, verdadeiramente, um poema de consolação, um poema de paz e um poema de felicidade.

Ali, naquela estancia, bemdita, que é sem contestação, a ante-câmara do Céu, Maria Santíssima inclina-se com bondade sôbre tôdas as misérias humanas e derrama sôbre as almas aflitas, sôbre os corações doloridos e sôbre os corpos martirizados, se nem sempre a graça da cura, física ou moral, ao menos o bálsamo suavíssimo do confôrto e da resignação cristã.

Alí, por meio dos sacerdotes que, em nome do misericordioso Juiz dos vivos e dos mortos, perdoam e absolvem no santo Tribunal da Penitência, ela alcança para tantos filhos pródigos, que viviam infelizes longe da casa paterna, como ovelhinhas perdidas, o perdão das culpas **e a paz das consciências. Ali, ás** inocências conservadas e ás inocências recuperadas, aos Apóstolos do amor e aos Pedros contritos, ás angélicas Terezinhas e ás Magdalenas arrependidas, ela dispensa consolações tão grandes, tão puras, tão inefáveis que todos choram com pena e saudade infinita, ao afastarem-se daquela mansão de gôzo, como choraram **Adão e Eva, depois da queda**, no limiar do Paraiso terrestre, como se chora á porta de todos os paraisos perdidos.

No dia treze de Maio de 1917, durante a primeira aparição da Rainha do Santíssimo Rosário aos humildes pastorinhos de Aljustrel, êles ouviram da bôca da celeste Visão a notícia de que a sua morada era o Céu e a consoladora promessa de que um dia iriam também para lá.

Fátima, por amorosa disposição da Providência, é, actualmente, adentro das fronteiras da nossa querida Pátria, o caminho mais curto para a Fé, viva e prática, e, portanto, o caminho mais curto para o Ceu.

Peregrinos portugueses, filhos de herois e de santos, herdeiros de gloriosas tradições, em cujas veias corre o sangue de apóstolos e de martires, abrazai as vossas almas nas chamas do incendio divino de Fátima e voltai para as vossas terras com a resolução bem firme de comunicar êsse fogo sobrenatural a tantas almas transviadas que vagueiam nas trevas do erro e da morte, para que, ao contacto da vossa Fé e á vista das vossas virtudes e boas obras, possam voltar depressa ás crenças dos seus maiores e encontrar sempre o caminho que conduz á eterna felicidade.

Fachada principal do templo comemorativo da Aparição de Nossa Senhora. A primeira pedra será benzida hoje. No recinto, a principiar na avenida que parte do portão d'entrada, serão representados os 14 Mistérios do Rosário terminando pelo 15.º — Coroação da S. S. Virgem — cujo emblema encima a torre de 50 metros de altura.
Os mesmos Mistérios serão representados em 15 altares dentro do templo. — A igreja e respectiva fachada são adquadas ás cerimónias das grandes peregrinações.

O dia treze de Abril — A multidão dos fiéis — A peregrinação de Lisboa — A procissão das velas — Os actos colectivos da peregrinação do Socorro — Monsenhor Manuel Marinho.

O dia treze de Abril amanheceu esplendido, de ceu diafano e de sol brilhante, sorrindo entre os dias nublados e chuvosos da Primavera, tão semelhantes aos do Outono e do Inverno, como um oásis delicioso no meio do deserto estéril e mirrador do Sahara.

Desde as primeiras horas da manhã que afluem sem cessar ao vasto recinto da Cova da Iria numerosos peregrinos de ambos os sexos e de tôdas as idades e condições sociais. O facto culminante da romagem deste dia nos fastos de Fatima é a peregrinação de Lisboa, organizada e dirigida pelo activo e zeloso pároco da fréguesia do Socorro, rev.do João Filipe dos Reis, que teve a consolação de conduzir aos pés de Maria, no santuário da sua predilecção, cêrca de trezentos fiéis, quási todos seus paroquianos.

Um comboio especial, contratado expressamente para êsse fim, transportou os peregrinos, na véspera á tarde, até á estação do Entroncamento, onde os grandes e confortáveis *camions* dos irmãos Clara de Tôrres Novas os receberam, para os irem despejar em Fátima pouco antes do sol posto.

A's nove horas da noite realizou-se, sem caracter oficial, a procissão das velas, em que tomaram parte algumas centenas de pessoas, alêm da peregrinação de Lisboa, que tivera a iniciativa dessa tocante manifestação de Fé e piedade.

Embora tal espectáculo não lograsse atingir, nem sequer de longe, as proporções grandiosas que costuma revestir nos meses do Estio, sobretudo em Maio e Outubro, a serenidade da natureza, a limpidez do firmamento, onde scintilavam miríades de estrêlas, a atmosfera sobrenatural que se res-

pirava a plenos haustos, a piedade estuante e comunicativa das almas, que alí desafogam as suas máguas livremente e sem respeitos humanos, enternecia os corações menos sensíveis e aljofrava de lágrimas de viva e funda comoção os olhos de todos os presentes. No dia treze, ás primeiras horas da manhã, os peregrinos de Lisboa, levando á frente o seu rico e vistoso estandarte, dirigiram-se para a capela das missas, onde assistiram ao Santo Sacrificio e receberam com devoção edificante o Pão dos Anjos.

Entre os sacerdotes que neste dia visitaram pela primeira vez os santuários da Lourdes portuguesa, merece especial referência um dos mais ilustres ornamentos do clero português, Monsenhor Manuel Marinho. Notável pelo seu saber, pelo seu caracter e pela sua piedade, êste levita do Senhor, que Portugal inteiro respeita, venera e admira, não podia ocultar a sua comoção perante as scenas incomparáveis, que se desenrolavam naquele teatro augusto de tantas maravilhas divinas. E por sem duvida, no íntimo da sua alma de apóstolo, rejubilava com a forte ra[illegible]da de sobrenatural que, á voz de três inocentes crianças, começou e não cessou jámais de soprar daquela estancia, consagrada pela presença e pelas bênçãos da Mãe de Deus, sôbre todos os recantos, ainda os mais escusos e remotos, da ditosa terra de Santa Maria.

A procissão da Imagem de Nossa Senhora da Fátima — D. Teotónio, o Bispo Missionario — A missa oficial — Uma grande doente — A bênção dos enfermos — O sermão e a procissão final.

Pouco antes do meio-dia solar, a multidão, que se comprime em tôrno da Capela das aparições, engrossa consideravelmente. Tudo está preparado para a procissão, sempre tão bela tão comovente, em que a Imagem da Santíssima Virgem, que a representa como ela se mostrou nas suas radiosas aparições, é conduzida aos ombros dos servos e servas de Nossa Senhora do Rosário para a Capela nova.

Aquele mar imenso de cabeças humanas, até então levemente encrespado, desloca-se e movimenta-se como que por encanto, e, em vagas encapeladas, precipita-se, com um cavo rumor de tempestade, sôbre as imediações do Pavilhão dos doentes.

Da «Casa dos servitas» sai, entretanto, acompanhado pelo zeloso Reitor dos santuários, o venerando Bispo de Meliapor, D. Teotónio Ribeiro Vieira de Castro, que o ilustre Antístite Leiriense tinha convidado para presidir neste dia aos actos oficiais da peregrinação.

O grande Prelado Missionário, alma predestinada de apóstolo e de santo, que depois de ter sido o confidente providêncial dos prodigios da graça operados na extraordinária serva de Deus, Sóror Maria do Divino Coração, superiora do Bom Pastor do Pôrto, foi, com o fogo do seu acrisolado patriotismo e com os tesouros do seu zêlo ardente e da sua inexgotável caridade, levantar bem alto o prestígio do nome de Portugal e dilatar a Fé nas regiões longínquas do Extremo-Oriente, consagrando o ultimo período da sua vida cheia de benemerências ao engrandecimento da nossa Obra Missionária,—e encaminha-se para a capela nova, onde, depois das orações preparatórias, se paramenta para celebrar a Missa dos doentes. Cantado o *Credo* pelos sacerdotes presentes e pelo povo, D. Teotónio sobe ao altar e principia o santo sacrificio. E' meio-dia solar. O rev.do dr. Marques dos Santos, director mor dos servitas, começa a recitar em voz alta o terço do Rosário, alternando com a assistência. Depois de cada dezena, reza-se a pequena oração jaculatória, que a Rainha do Céu ensinou aos pastorinhos numa das suas aparições: «O' meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do Inferno e aliviai as almas do Purgatório, principalmente as mais abandonadas.»

D. Teotónio Manoel Vieira de Castro
BISPO DE MELIAPOR

Em seguida á Elevação, canta-se um cantico piedoso, em honra do Santíssimo Sacramento. Ao *comunio*, um sacerdote distribui pela ultima vez o Pão dos Anjos. No pavilhão, muito proximo do altar, uma doente da peregrinação de Lisboa, tuberculosa em ultimo grau, parece agonizante. Uma servita ampara-a carinhosamente, emquanto outra lhe dirige palavras de esperança e de confôrto.

Pálido e emaciado o rosto, o nariz afilado, os olhos vagos e sem expressão, a respiração quási imperceptivel, apenas um débil fio a prende á vida, prestes a extinguir-se de todo. Mas ao mesmo tempo, um sorriso angélico lhe aflora aos lábios, reflectindo a paz e serenidade de sua bela alma de donzela e filha de Maria, depurada durante longos meses no cadinho do sofrimento e anciosa por voar da mansão do exilio á Pátria bemaventurada.

Terminada a missa, expõe-se a Hóstia-Santa numa riquíssima custódia de prata e, depois do canto «Adoremus, in aeternum» e da trina incensão liturgica, realiza-se a comoventíssima cerimónia da bênção dos enfêrmos. Aquele acto, sublime e encantador na sua extrema simplicidade, arranca lágrimas a fio dos olhos de quási todos os que a êle teem a dita de assistir. As invocações do sacerdote que preside, o côro imenso e unisono dos fiéis que respondem, as suplicas veementes de tantas vítimas das inumeras miséria físicas que afligem e torturam a pobre humanidade, a forte corrente sobrenatural que perpassa subtil e que, por assim dizer, se sente e se apalpa, aquele scenário unico, aquele templo monumental, cujas abóbadas são a imensidade do espaço e cuja cúpula é o Céu, tudo isso, que a pena é incapaz de traduzir no papel, constitui um espectaculo admirável, inaudito, assombroso, que nos transporta em espírito ás eras bíblicas, das maravilhas do Sinai e dos prodígios de bondade e de amor do Divino Mestre durante a sua vida publica através das cidades, vilas e aldeias da Judeia, da Samaria e da Galileia.

Após o *Tantum ergo* e a bênção geral, sobe ao pulpito o venerando celebrante da Missa oficial e prega um sermão eloquêntíssimo que foi um verdadeiro hino em honra de Maria Santíssima e da Lourdes portuguesa.

Tecendo o panegírico da Rainha do Céu convida tôdas as almas a terem confiança no seu poder, na sua bondade, e no seu amor, porque ela é a Mãe de Deus, a Medianeira de tôdas as graças, a Saude dos enfermos, a Mãe de misericórdia, a defesa contra as tentações, o refugio dos moribundos e o auxílio dos cristãos.

No Posto das verificações médicas — Um grupo de romeiros da Foz do Souza — Cura duma Filha de Maria, paralitica — Interrogatorio da previligiada da Virgem — Dispersão dos peregrinos

Concluidos os actos oficiais da peregrinação, dirigimo-nos, como de costume, para o Posto das verificações médicas, afim de compulsarmos os registos dos doentes e ouvirmos as impressões do director do Posto e dos clínicos de serviço.

Ao aproximarmo-nos da porta principal, chama-nos particularmente a atenção a extraordinária afluência de pessoas áquele local e naquela hora.

E' que durante a bênção dos doentes, um efluvio sobrenatural emanara da Hóstia Santa e curara uma enfêrma, assinalando, dum modo irrecusável a presença real de Jesus sob as espécies eucarísticas.

Na sala das observações uma rapariga do campo, de pequena estatura, delgada e magra, mas alegre, duma alegria serena e tranquila, conversa animadamente com algumas pessoas que a contemplam com uma curiosidade cheia de respeito e a interrogam numa anciedade mesclada de admiração e assombro:

De nome Justa Pereira de Oliveira, de vinte e nove anos de idade, solteira, filha de Joaquim Ferreira e Rosa de Oliveira, natural e residente na freguesia da Foz do Souza, concelho de Gondomar tendo sido arrastada, ha cêrca de cinco anos, por uma junta de bois, segundo diz o atestado passado pelo seu médico assistente, o dr. Agostinho Emílio de Souza Pinto, datado do dia três de Abril e guardado nos arquivos do Pôsto, *tinha o membro superior esquerdo e na totalidade muito atrofiado, quási sem movimento e sem poder pegar com a mão num pequeno peso.*

A nosso pedido e coadjuvada pelo páraco da Fóz do Souza, o rev.do Benjamim Soares, conta-nos a história interessante e deveras comovente da sua doença e da sua cura, no processo verbal que instaurámos sem demora.

Por iniciativa do rev.do páraco, constituiu-se um grupo de vinte e duas pessoas da freguezia, sendo contratada uma *camionete* para as transportar a Fátima.

Iniciaram a longa e incómoda viägem na quarta-feira, onze á tarde. Tendo passado a noute de quinta para sexta-feira na Batalha, chegaram á Cova da Iria no dia 13, ás sete horas e meia da manhã. Durante a viagem todos os passageiros oravam frequentes vezes em comum, suplicando ardentemente a cura da pobre paralitica, que os acompanhava. Ela mesma pedia também com fervor a sua cura, mas sempre disposta a conformar-se inteiramente com a santa vontade de Deus, que sabe melhor do que nós o que é mais conveniente para a salvação, fim supremo da nossa existência sôbre a terra. O seu estado de saude não sofreu nenhuma alteração sensível durante o percurso e desde a chegada a Fatima até ao fim da missa dos enfermos.

Quando o Senhor Bispo de Meliapor procedia á benção do Santíssimo Sacramento, justamente no momento em que se aproximava do logar que lhe tinha sido destinado no Pavilhão sentiu o sangue aquecer e circular no braço, que trazia sempre ao peito, gelado e cheio de dores.

Depois de receber a bênção, começou a movê-lo com tôda a facilidade e reconheceu que estava completamente curada.

A convite nosso levanta ao ar com o braço curado a cadeira em que nos tinhamos sentado para tomar notas e dois livros pesados que põe com o maior desembaraço em cima da cabeça.

Alma piedosa, inscrita na congregação das Filhas de Maria da sua freguezia, frequentando semanalmente o santo tribunal da penitência e recebendo todos os dias a sagrada Comunhão, a Mãe do Céu quiz recompensar a sua virtude e a sua piedade, restituindo a vida e o movimento ao braço leso e inutilizado.

Ao ser-lhe concedida a preciosa graça da sua cura, um prauto de alegria inundou-lhe as faces e o seu coração palpitou de reconhecimento e amor para com a Virgem bemdita que se dignara privilegiá-la tão singularmente.

E agora os milhares de peregrinos, que durante o dia viveram horas tão belas e tão felizes naquela estancia paradisíaca a custo se arrancam do solo ungido e santificado pela presença da Virgem, para regressarem aos lares distantes, deixando pedaços do coração dispersos pelas fragas e rochedos do planalto sagrado. E' que, na frase dum grande orador, «Fátima» é uma coluna prodigiosa de luz e de fogo, que tem a sua base na terra e o capitel no Céu—coluna de luz, a que a inteligência portuguesa vai buscar a verdade integral de Cristo,—coluna de fogo, onde a alma da Pátria vai aquecer e fortificar a vontade para grandes destinos.»

E em verdade, como o proclamou um dos mais ilustres Prelados de Portugal, «a alma da Pátria ajoelha na Cova da Iria e prende-se e liga-se a Deus pelas mãos de Maria».

Visconde de Montelo

Cultivemos neste mês, com especial cuidado, o jardim da nossa alma e ofereçamos as suas mais lindas flores á nossa Mãe do Ceu.

Martires dos nossos dias

Caros leitôres desta «Voz» amiga, lêde, escutai os heroismos dos nossos irmãos do Mexico, favorecidos como nós com a vísita da Rainha do Céo, a Virgem de Guadalupe, como eles lá lhe chamam, que em tempos se dignou santificar aquela terra aparecendo no monte Tepeyac.

Lêde e vereis como o amor de Maria fortalece os corações cristãos e os leva a defender a sua Fé com um heroismo sobrehumano e a serem a honra da nossa Religião e do seu divino Mestre Jesus Cristo.

I — Creanças e jovens herois

A uma creança de doz anos, surpreendida pelos emissarios do impio presidente Calles a distribuir folhas de propaganda religiosa, perguntaram quem o incumbia dessa missão. Não quis o pequeno descobrir seu nome, e por isso foi açoitado barbaramente sem que as dôres lhe quebrassêm o silencio que tinha guardado. Nada conseguindo os algozes resolveram metê-lo na prisão até que alguem o viesse procurar. Apareceu de facto a mãe, á vista da qual continuaram a açoitar a creança, com a esperança de que ela o aconselharia a declarar com pena dos sofrimentos da creança.

Mas esta digna companheira da mãe dos macabeus, animou o filho dizendo-lhe: «Não digas, filho, não.» Cheios de raiva por se verem vencidos por uma criança, quebraram-lhe os braços, em cuja barbaridade se desprendeu do corpo aquela alminha para voar ao céo.

2. Em Arandas, um menino de 13 anos apanhado entre os soldados catolicos quizeram libertá-lo os militares de Calles convidando-o a segui-los. Mas o rapazinho tomando o seu Terço na mão respondeu: «Vocês combatem por um homem, mas eu combato por Deus». E dizendo isto solta um «Viva» a Cristo Rei. Tanto bastou para logo o fusilarem com os companheiros.

3. Repetiam as suas lições numa escola vinte crianças, quando apareceu de improviso o Inspector da instrução publica. Receberam-no os pequenos gritando todos a um tempo: «Viva Cristo Rei». Cheio de colera o magistrado com o seu sequito, mandaram-lhes dar um «Viva» a Calles. Com maior entusiasmo clamaram «Viva Cristo Rei». Enfurecidos lançaram-se como lobos áqueles cordeirinhos e com uma barbaridade inaudita cortaram-lhes aquelas gloriosas linguas que no Ceu hão de cantar os louvores do Rei Eterno.

4. A um rapaz de quinze anos, preso em Parras com outros catolicos quizeram poupar a vida mandando-o levar um recado. Mas ele vendo cair fusilados os seus amigos diz para os soldados. Se matais estes meus companheiros por serem catolicos, eu sou tão culpado como eles, eis-me aqui, quero ter a mesma sorte». E deram-lha.

5. Enganados pelo general Cepeda que se fingira catolico, foram presos e condenados á morte Joaquim Silva y Carrasco e seu amigo Manuel Melgarijo, naturais de Zamora, congregados de N. Senhora e membros da Juventude Catolica Mexicana. Joaquim, o mais velho, pediu para deixarem ir livre seu amigo Melgarijo rapaz apenas de 17 anos. «Não, respondeu-lhe Melgarijo, eu quero morrer contigo». Indo pelo caminho a rezar o Terço, aconselharam-nos a deitar fora aquelas contas. «Emquanto eu tiver vida, diz Joaquim, ninguem me arranca das mãos este Rosario». Já diante dos soldados para o fusilarem disse-lhes Joaquim: «Vocês disparem quando eu der um «Viva» a Cristo Rei e á Virgem de Guadalupe. E continuou dizendo que morria por Deus e pela Patria e lhes perdoava o crime que iam cometer. Então um dos soldados atirando com a arma disse: «Eu penso como o senhor, e tambem sou catolico». Valeu-lhe este desembaraço no dia seguinte a coroa do martirio. Joaquim voltando-se então para Melgarijo «Descobre-te, disse, que vamos a comparecer deante de Deus». E logo com voz sonora e entusiasta gritou: «Viva Cristo Rei! Viva a Virgem de Guadalupe!' Uma chuva de balas cortou-lhe a voz e a vida desta terra. Melgarijo caiu desmaiado com esta scena e abraçado ao corpo do seu amigo já martire foi ali mesmo barbaramente assassinado.

A intercessão destes bemditos mártires já é invocada e alcançou de Deus graças que são verdadeiros milagres, como a cura dum cancro, a aquisição duma quantia que um devedor não tinha para pagar em determinado praso, e outros que sem duvida contribuirão para em breve vermos nos altares estes herois cristãos dos nossos dias.

II — Heroicidade feminina

1. Na cidade de Calima viu-se um espectaculo, que nunca se presenciara em terras mexicanas. Das árvores dum dos parques da cidade viam-se suspensos os corpos de cinco senhoras, pertencentes a distintas familias e que acabavam de ser martirisadas pelo unico crime de serem catolicas e terem distribuido impressos de propaganda religiosa.

2. A donzela Maria Guadalupe Chaires natural da cidade de Vitoria, não querendo descobrir onde se achava oculto o seu pároco, foi primeiro açoitada e depois atada a um poste onde lhe mandaram dar um Viva a Calles. Ao que ela respondeu com um Viva a Cristo Rei. Então começaram a arrancar-lhe os dedos das mãos a um e um. Neste martirio lento foi perdendo as forças e a vida, e proxima a expirar recolhe todo o vigor que pode e diz ainda uma vez «Viva Cristo Rei». Assim expirou esta heroina levando para apresentar a seu Esposo Jesus com o lirio da pureza a palma do martirio.

(Continua)

AS CURAS DE FÁTIMA

Recortado dum jornal do Porto (não sabemos qual) envia-nos o Rev. P.e Benjamim Soares, Pároco da Foz de Souza (Gondomar), o relato duma cura na peregrinação de 13 do Abril do corrente ano:

«Foz do Souza, 17

UM MILAGRE

Um grupo de crentes presidido pelo Rev. Pároco, foi no dia 13 em romagem á Cova da Iria, em Fatima.

Como meio de transporte utilisaram a excelente camionete denominada «Branca», do sr. Joaquim Leandro, de Fiães, Feira, um belo carro.

O seu proprietario, que servia de «chauffeur», duma amabilidade cativante

Quem isto escreve foi dos felizes do grupo. Levamos comsco Justa Pereira solteira de 29 anos, natural e residente nesta freguesia, filha de Joaquim Francisco Pereira e de Rosa de Oliveira, onde é «Filha de Maria» modelo desde a fundação da Congregação Mariana nesta freguesia.

Iam tambem sua velha mãe e dois irmãos.

As orações de todos, não só durante a viagem, mas principalmente no Santuario de Nossa Senhora de Fatima, eram pela nossa doentinha.

Havia mais de 5 anos que fora vitima dum desastre, sendo arrastada a distancia por uns bois em correria vertiginosa, perdendo desde então toda a acção do braço e mão esquerdos, que sempre se conservavam gelados, sem circulação não conseguindo segurar com aquela mão uma simples folha de papel de carta.

Num momento rapido, ao aproximar-se a benção do Santissimo Sacramento pelo rev. D. Teotonio, com as invocações, exactamente como é costume em Lourdes, estabelece-se a circulação do sangue, toda a parte morta adquire vigor, ela agita aquele braço: e, na presença do medico oficial, que pouco antes lhe havia passado o cartão de doente n.º 5, depois de a ter examinado á face do atestado do seu medico que consigo levava, ela levanta com a mão há pouco imovel uma cadeira ordinaria, sem esforço.

Apenas constou o milagre, a multidão delirante, que ninguem podia conter, rompendo em louvores a Nossa Senhora de Fatima e todos com as lagrimas a correr pelas faces, abraçavam efusivamente a miraculada, que não era das que choravam menos.

Nós mesmo, que sempre acompanhamos a doente, e que não esperavamos tal graça do Ceu, embora muito a tivessemos recomendado á Virgem, de quem é filha, apesar de termos fundas as lagrimas, tambem choramos torrencialmente.

De passagem por Leiria, no regresso daquele dia á tarde, para sempre memoravel acompanhado da Justa, estivemos no Paço Episcopal do Rev.mo D. José Alves Correia da Silva, que teve palavras de sentida comoção sobre a sua querida Fatima. A alegria que ia na alma de S. Ex.ª Rev.ma manifestava-se visivelmente no rosto. Gratissimos a S. Ex.ª Rev.ma pela franqueza das suas ofertas.

E que Nossa Senhora de Fatima continue a derramar a cornucopia das suas graças sobre Portugal, terra privilegiada de Santa Maria.»

O mesmo Rev. Pároco e confessor da feliz e piedosa miraculada acrescenta em carta: «A Justa está completamente curada, fazendo todos os movimentos sem esforço algum, mesmo todos os trabalhos, por mais pesados, inclusivé lavagem de roupa, sem a minima dificuldade.»

Atestado medico

(Anterior á cura)

Agostinho Emilio de Sousa Pinto, medico pela Escola Medico-Cirurgica do Porto:

Atesto e juro pela minha honra que a Snr.ª Justa Pereira de Oliveira, filha de Rosa de Oliveira e de Joaquim Francisco Pereira, residente na freguesia de Sousa deste concelho de Gondomar, tendo sido arrastada há cerca de cinco anos por uma junta de bois, tem actualmente o membro superior esquerdo e na totalidade, muito atrofiado quasi sem movimento e sem poder pegar com a mão num pequeno pezo.

Por ser verdade e para mostrar onde lhe convier, passo o presente que assino.

Gondomar, 3 de Abril de 1928.

(a) Agostinho Emilio de Sousa Pinto

(Segue o reconhecimento)

JUSTA PEREIRA

Curada repentinamente á benção do Santissimo na Fátima, em 13 de Abril

Atestado medico

(Posterior á cura)

Agostinho Emilio de Sousa Pinto, medico pela Escola Medico-Cirurgica do Porto:

Atesto e juro pela minha honra que, tendo há poucas semanas passado um atestado á Snr.ª Justa Pereira, da freguesia de Gondomar, constatei em 15 do corrente que ela tem bastantes melhoras, comparativamente ao dia em que passei o referido atestado, porque não sente dores alguma, no membro superior esquerdo como sentia então e faz sem dificuldade a abducção.

Que sendo o sofrimento dela a consequencia não duma paralisia mas sim de uma imobilisação do braço durante mais de quatro anos, a atrofia muscular actual (de dezasseis de Abril) deve desaparecer dentro de pouco tempo com os movimentos, que a atestanda fará fácil e constantemente, por não ter dores.

Para mostrar onde lhe convier, passo o presente que assino.

Gondomar, 21 de Abril de 1928.

(a) Agostinho Emilio de Sousa Pinto

(Segue o reconhecimento)

José Antonio Bebiano de Matos Coelho, natural do logar de Avessada, freguezia do Envendo, concelho de Mação, e morador nesta vila, proprietario, de 76 anos de idade, em data de 21 de abril ultimo, declara que no ano de 1924, em Abril, manifestou-se-me certo cansaço que cheguei a ponto de, em passeio de um kilometro por estrada, na maior parte em nivel, ser obrigado a descançar tres vezes, chegando a casa bastante fatigado; notando ao mesmo tempo que o coração dava 3 ou 4 palpitações regulares, falhava uma, e a imediata dava-a com excessiva força. Consultei o distinto medico Ex.mo Dr. Samuel Mendes Mirrado, meu vizinho e amigo, e disse-me que realmente tinha o coração afectado, sem me dizer qual o grau de gravidade, receitou e vi que alem de outros medicamentos, faxia parte a digitalina, de que fiz uso.

Passadas algumas semanas o cansaço desapareceu, porem a irregularidade no coração continuava.

Em Agosto, foi-me necessario uma junta medica por outro motivo, sem que dela fizesse parte o Ex.mo Snr. D.r Samuel, e foram os seus membros unanimes em que o coração se achava afectado, e tambem nada me disseram sobre sua gravidade.

Em outubro, conversando com o Ex.mo Snr. Dr. Samuel, fora do consultorio, disse-lhe que do cansaço estava restabelecido, mas que, o coração continuava na mesma irregularidade, ao que me respondeu.

Isso já se lhe não gasta.

Atribuí aos meus 73 anos, de então, classifiquei de incuravel, e não pensei mais em medicina.

Não tardou, porem, em sentir tendencia para se agravar, e ao deitar, já me era necessario procurar posição para poder dormir, e cada vez com mais dificuldade, até que, por fins de Dezembro, numa noite em que já não encontrava posição alguma em que podesse descansar, recorri á Virgem S.S. aparecida na Cova de Iria, da Fatima, com minhas suplicas, e nestas me fiquei dormindo.

Caso extraordinario!

Apezar do permanente incomodo, que bem se fazia lembrar, seguiu-se tal esquecimento, que só ao terceiro dia posterior, ao deitar, recordando-me, de subito, disse:

«E o meu coração?!»

Escutei, pondo a mão sobre o coração, tomando o pulso, e voltando-me para todos os lados, e não encontrei vestigio algum da doença.

Estava curado!!!...

São passados três anos e quatro mezes sem que tenha sentido qualquer sintoma da referida doença, e geralmente sinto boa saude.

Ainda há poucos dias andei 10 kilometros a pé, de Belver a Mação, por atalhos, em duas e meia horas, cheguei a casa ás 11 horas, almocei, tornei a sair a dar o meu passeio habitual de 2 a 3 kilometros, e sempre sem fadiga alguma.

Estando no dia 13 de Maio preterito (1927), pela segunda vez, na Cova da Iria, pelas 11 horas solares, junto á vedação da alpendrada da Capela pequena, (a das aparições aos pastorinhos) lado do Norte, e proximo á porta que é costume dar saida ás pessoas que ali entram a prestar homenagem á Virgem SS. Nossa Senhora, e em ocasião de grande movimento, em uma das vezes que dirigi a vista para o lado da Imagem deparei com uma figura de mulher no ar, de frente para mim, e com os olhos fitos nos meus, e como me ocultava aque-

la Imagem, notei que estava de permeio.

Decorridos poucos segundos de olhar mutuo, desviei a vista, como naturalmente se faz quando se encontram dois olhares desconhecidos mas logo me veio a ideia, que devia certificar-me bem do que me estava sucedendo, e volvendo logo a vista para a nova Imagem, encontrei-a na mesma posição.

Notei então que, representava a figura um vulto de mulher feita, encorpada, e com vida, aparentando 17 a 20 anos de idade, o semblante muito regular um pouco sobre o comprido, côr de carne com boa saude, muito fina e mimosa, indiciando pura virgindade, os olhos de côr pouco vulgar, afigurando-se-me côr de chumbo muito vivos e brilhantes, um pouco grandes e salientes, ar muito risonho exprimindo extraordinaria alegria, sem alterar em ponto algum a regular forma do rosto.

Sobre movimentos, só por ultimo notei alguma aproximação em linha recta, e recuando, foi um pouco alem da posição primitiva, conservando sempre o olhar fixo e após alguns segundos desfez-se, e neste acto, transpondo a vista pelo centro, lobriguei ainda alguns contornos, e desapareceu por completo.

No prolongamento da vista, vi primeiro a Imagem da Virgem Santissima Nossa Senhora do Rozario, mas não directamente, por que a minha vista, passou um pouco mais alta, e perpendicular ás suas costas.

Neste lance notei que havia um bom espaço entre as duas Imagens e só então presenciei, de novo, tudo que se passava dentro e fora da alpendrada, porque, emquanto esteve presente a nova Imagem, nada mais vi nem ouvi, o que se pode atribuir á minha atenção estar concentrada na fisionomia ,porque tive tempo para mais observações.

Voltando ali no mez de Julho calculei que a colocação da referida nova imagem, havia sido, um pouco mais alta do que a Imagem de N. S. do Rozario, a 1m,50 de distancia desta, e a 3 metros de mim, pouco mais ou menos.

Notavel coincidencia.

Vi na *Voz de Fatima* de Junho, que no referido dia 13 de Maio fez 10 anos que se deu a primeira aparição aos pastorinhos.

Na minha exposição abstive-me de apreciações. Se os Ex.mos Srs. Encarregados da *Voz de Fatima* se dignarem publicar, cada leitor apreciará como lhes merecer, e estou certo de que muitos haverá bem mais competentes do que eu para a devida apreciação.»

A este respeito da carta que acompanhava o relatorio citamos mais o seguinte:

«O segundo caso havia-se dado havia uns 30 ou 40 minutos, quando me dirigi a V. Ex.ª; em 13 de Maio ultimo pedindo a minha assinatura da *Voz de Fátima*, de que certamente se não recordará pelas muitas precupações.

Este caso é de dificil provação. Só o posso sancionar com minha palavra de honra.

Por se dar no mesmo sitio onde se deram as aparições aos pastorinhos, e pela coincidencia do dia em que a primeira fazia 10 anos; afigura-se-me mais uma confirmação dos grandissimos misterios da Cova da Iria, e um dever meu de pedir a sua publicação, não por ufania ou orgulho que não sinto, mas pela pura fé e crença de que nem mesmo me é permitido duvidar.»

Leonor Rodrigues Passos, Enfermeira no Hospital de S. Marcos, Braga, pede a V. Ex.cia a fineza de publicar na *Voz da Fatima* de que eu quero ser assinante mais uma graça que Nossa Senhora se dignou conceder-me: Há três anos curou-me duma grande doença cuja cura foi publicada. Mas eu tinha muitos sofrimentos havia oito anos e dalguns fiquei completamente sã.

Não tinha perdido as esperanças de sarar dos que mais me incomodavam que eram o não poder comer de tudo e ter de me sujeitar a um tratamento já havia 6 anos. Não podia passar um dia sem esse tratamento sem se me dobrarem as dores. Que tristesa eu tinha!

Felizmente a Santissima Virgem aceitou as minhas lágrimas que com tanta fé e esperança derramei na Cova da Iria no dia 13 de Outubro do ano findo!

Jámais poderei esquecer o entusiasmo que tive ao fazer parte na procissão das vélas, adoração noturna e vêr a fé e o fervor de tantos milhares de devotos.

E quando no regresso pernoitei em Coimbra deu-se na minha presença o grande milagre daquele pequenito de S. Vitor que tinha ido na minha companhia. Qual não foi a minha satisfação ao despertar, ouvir a mãe do pequêno:

Oh! senhora Leonor, o meu menino já não tem inchaços no pescoço, já lhe aperto a camisa. E levanta-lhe a roupa das costas e diz-me: nem tem sinais de malata. Depois, o pequeno pede as meias e os sapatos e começa a calçar-se como se não sofresse coisa alguma. Choramos de alegria e démos graças a Deus e á Santíssima Virgem. Nesta altura pedi a Nossa Senhora, se eu melhorasse, ir aí agradecer-lhe novamente e assinar o jornal e mandar publicar o milagre, fazer-lhe algumas novenas e uma devoção todos os dias treze de cada mez emquanto eu viver, fazendo uso da agua de Nossa Senhora. E aquela Mãe tão compassiva ouviu os meus rogos e desde que vim de Fátima nunca mais fiz tratamento e comecei a comêr diversas comidas que me fazião mal e sinto-me agora muito bem. Graças a Nossa Senhora do Fatima quo tanto se compadéce de quem sofre. Agora que me conceda a graça de eu lá ir o mais breve possivel agradecer-lhe.»

Outras graças

Maria Amelia Ferreira, de Parada (Douro) o pronto alivio dum ataque asmatico depois de ter tomado agua de Fátima.

Hortensia Fraga Gomes, do Funchal (Ilha da Madeira): «encontrando-me com um padecimento de estomago e intestinos, prometi a N. Senhora, se me devolvesse a saude que tanto desejava para poder realisar os meus desejos de seguir a vida religiosa, publicar neste jornal o favor alcançado e como alcançasse este favor vem reconhecida cumprir a promessa.

Virginia da Conceição Duarte, de Armação de Pêra (Algarve), a cura dum filho de oito anos que se considerava perdido com pneumonia dupla.

Maria do Carmo de Oliveira, de Cadaval (Valega) uma grande graça recebida.

Maria do Coração de Jesus Fagundes, de Quatro Ribeiros (Ilha Terceira), a cura do marido impossibilitado de andar pelas grandes dores que tinha nas pernas.

Maria da Assunção Valente da Costa, de Avanca, vem agradecer uma graça recebida.

Maria Aurora da Fonseca e Silva, de Avanca, agradece a cura duma grave infecção na boca usando da agua e terra da Fatima e pede a N. Senhora para que não seja precisa uma operação na vista.

Georgina Ramos Lopes, de Azurara (Vila do Conde), indo a Fatima em 13 de Outubro sentiu-se curada dum eczêma de que sofria havia anos, tendo persistido a cura.

Joaquina Prates Soeiro, de Pavia (Alemtejo), a cura duma azemia profunda que a obrigou a estar dois meses de cama, começando a sentir alivios depois de recorrer a N. Senhora da Fatima. Na ida a Fatima em Maio de 1926 piorou muito sentindo um mal estar indescritivel, mas sem saber descrever o que em si se passou, á volta estava curada completamente.

Carolina Maria, de Carrazedo Montenegro, em um parto gemelar dificilimo sentiu modificar-se a sua situação aflitiva, apenas ingeriu algumas gotas de agua da Fatima.

Silverio Antonio Pereira, da Murtosa desaparecendo, depois de recorrer a N. Senhora, um cravo que sua filha Laura tinha em um olho.

Francisca Azevedo Teixeira, de Tabuaço, a cura de um seu filho, evitando-se uma operação a que estava sentenciada pelos medicos.

Inacia Josefa Soares, da freguesia de S. Pedro (Angra do Heroismo), tres graças: a cura de umas feridas que havia anos tinha nas pernas que se julgavam incuraveis. Prometeu uma novena de Comunhões e de Missas. Outra graça foi a cura de uma sua filha em grande aflição.

A terceira é de uma mãe que vendo sua filha completamente louca depois de um parto prometeu publicar a graça.

Maria da Piedade Pinheiro Borba, do Minho, uma grande graça obtida prontamente.

Blandina da Cunha Abrantes, de Penafiel tendo sua filha um quisto num seio que precisava ser operada e outra uma doença de coração de certa gravidade prometeu ir a Fatima em maio de 1927.

Antes disso mandou examinar pelo medico e ambas estavam curadas.

ACABA de aparecer o livro **As grandes maravilhas de Fátima**, pelo Visconde de Montelo; — encontra-se à venda em tôdas as livrarias.

Contêm a história verídica das aparições da Santíssima Virgem aos pastorinhos, das grandiosas manifestações de Fé e piedade e das principais curas extraordinárias. Tem mais de quatrocentas páginas e cincoenta gravuras.

O produto líquido é destinado á «Obra de Fátima».

Preço de cada exemplar: dez escudos. Pelo correio mais um escudo. Para revenda dirigir-se a José Dias, Seminário, Santarêm, ou a União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 Lisboa.

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte	100.656$66
Papel, composição e impressão do n.º 67 (40.500 exemplares)	2.422$50
Sêlos, embalagem, expedição, transporte, gravuras, etc	634$47
	103.713$63

Subscrição

(JUNHO DE 1927)

Enviaram dez escudos: Guilhermina Mendonça, Maria da Conceição Veneno Franco, Candido da Silva Prior, Amelia Soares Rodrigues, Ester Silvino Pires, Maria dos Santos Castro, Teodina Pinto Ferreira, Arminda Maria Coelho, Margarida Maria Soares Barbosa, Maria da Conceição Matias Lima, Virginia Matias Serra Campos, Etelvina Andrade Costa Antonio Prates Ribeiro Teles, Margarida Pinto Ferreira Leite, Dr. Justino José Correia, Maria Emilia E. Lapa, Maria A. da Mota Ferreira, Emilia Caldeira de Bourbon Vaz Preto Geraldes, Victoria Sinde Pinto, Laurinda Damaso Costa, Odete Pinho d'Oliveira, Maria Julia e Maria José Henriques Lino, Antonio David Refois Camejo (15$00), José Augusto Pires dos Santos, Maria Luiza de Souza Rosado, Maria de Sá Carneiro Dias, Raul Biugre de Sá, Virginia Borges de Carvalho, Magdalena Luizelo (12$00), Lucinda Caratão Soromenho, Emilia Queiroz Lemos, Maria do Carmo Galvão Simões, José de Silva Matheus, Guilhermina de Jesus Graça Rebola, Firmino Abrantes, Irene Cunha e Costa, P.e José Rodrigues Gil, Maria José de Souza Bandeira, Maria dos Remedios Xavier Proença, Antonio Joaquim dos Santos Salvador, Leonor Marques Serrão Chitas, Margarida Gomes Serrão, Domingos Antonio Madeira (15$00), Matilde Clara da Fonseca (15$00, Ana dos Santos Mauricio (15$00), Maria de Jesus Pina Barata do Amaral (15$00), Carlos Gil, Joaquina Mendes Marques, Maria Magdalena Soares, Conceição Campos, Maria d'Ascensão de Melo, Armando Ribeiro Baptista (15$00), José d'Oliveira Dias, Antonio Antunes Mota, Maria do Rosario Martins, Florinda dos Anjos Godinho, Victoria Sirgado d'Azevedo Mendes Rosa Ferreira Borges Martins, Francisca Romana, Julio Dias F. Coimbra, Antonio Alves da Cunha, Reitor de Rebordões, Casimiro Vieira d'Araujo, Ana da Costa, Ophilia Casal, Catarina Bagnelho Santana Marques, Manicomio Camara Pestana (Funchal), Isaura Roquete Campos Soares de Lacerda (20$00), Ernestina Louro Fernandes de Castro (20$00), Maria d'Almeida, Eugenia Margarida do Rosario, Maria Gertrudes Correia Marques, Sofia das Dores Garces Garcia, Joana Maria de Souza Flores, Joaquim Carvalho Salema, Ana Garcia Pulido d'Almeida, Maria José Costeira, Joaquim Agostinho, Maria da Conceição Vidal, Alice dos Anjos Salvador, P.e Manuel Ferreira Geraldo (50$00), Inocencia de Jesus, Antonio F. Sargaço, Antonio Martins Fernandes, Rosa Dias da Costa, Manuel Vieira Verdasca, Amelia Chevalier Loureiro (30$00), P.e Henrique Garcez d'Oliveira Abranches, Noemia Brandão (20$00), José Lopes Loureiro de Lemos, José Gomes, Joaquim Domingos d'Almeida, Matilde Augusta Martinha Rodrigues, Ana Henrique da Silva Barrêto (20$00), Luiza Teixeira Borges, Efigenia Antunes Boavida, Jayme de Jesus Queijo, Maria dos Santos Esteves, Maria Teresa Moraes, Margarida de Campos Casaes (12$00), Maria do Carmo Cabral, Maria Luiza de Pina, Maria da Conceição Gambôa, Luiza de Jesus Gonçalves, Conceição da Purificação Fernandes, Maria Generosa de Menezes d'Almada, Maria Carolina de Barbosa Pereira de Melo, Agostinho Ferreira Conto, Maria do Carmo d'Oliveira Santos, Maria Moreira Vieira, Dr. Leite de Faria, Augusto Jorge Moreira, Margarida de Lima, Palmira Vasques Gomes, Manuel José Nogueira, Adilia dos Anjos Queiroz, Amelia Ramôa Gouvêa, Palmira Antunes Luiza Ferreira da Silva, Edmar de Andrade Coelho, Maria da Conceição Torres Souza Lima, Maria Filomena Leite de Vasconcelos Duarte, José Joaquim de Queiroz, Luiz Gonçalves Leitão, José d'Abreu Lemos, Bento Carqueija da Silva Antonio Fernandes do Lago, Antonio Maria Machado, Dr. Lucio de Andrade Coelho, Adolfo Ferreira da Silva.

Abrigo para os doentes Peregrinos de Fátima

Transporte	5.750$05
D. Luiza e Maria Moraes	5$00
D. Maria A. Torres	10$00
	5.765$05

Explicações necessarias

I

Só tem direito a receber a *Voz da Fatima* pelo correio quem enviar adeantadamente o minimo de dez escudos por ano.

Muitas pessoas, sabendo que tudo reverte a favor da maior expansão do jornalzinho, de que têm sido distribuidos mais de trinta mil mensalmente, teem generosamente enviado quantias maiores.

II

Não mandamos fazer a cobrança pelo correio. Cada um enviará directamente a importancia da sua assignatura em carta registada ou *vale*, não se admirando de que se não acuse logo a recepção porque nem sempre é possivel.

III

Quem desejar obter agua da Fatima pode dirigir-se ao Snr. José de Almeida Lopes—Fatima (Vila Nova d'Orem) que a isso se presta de boa vontade. Posto que a agua seja gratuita ha a contar com o preço do recipiente e porte do correio, etc. o que tudo dá ainda uma quantia que a alguns parecerá elevada.

IV

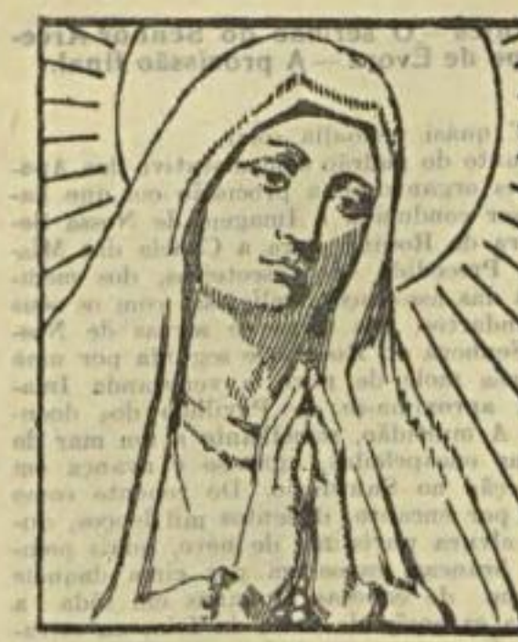
Vai atrasada cerca de 11 meses a publicação das quantias enviadas para as despezas da *Voz da Fatima*. Todos compreendem que é isso preferivel a encher o jornal só de nomes.

Por esta e outras razões não se publicam as quantias enviadas para as obras e culto da Fatima.

V

Andam talvez por centenares os pedidos de publicação de graças e relatos de curas. Não extranhem os interessados a demora. Por sua parte cumpriram seu dever de gratidão para com Nossa Senhora. Pela nossa... iremos fazendo o que for possivel, vindo talvez a remediar o caso publicando-se, quando parecer oportuno, um numero de oito paginas.

Ano VI — Leiria, 13 de Junho de 1928 — N.º 69



VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Maria, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

A GRANDIOSA ROMAGEM DA PATRIA

A alma de Portugal aos pés da Mãe de Deus

A grande peregrinação nacional — A vanguarda do exército dos crentes — Portugal em marcha para a Cova da Iria — Imponente parada de Fé e piedade — As maravilhas da Virgem do Rosário — A devoção das almas simples.

A deslumbrante procissão das velas — A prece de duzentos mil peregrinos — Rios de fogo e oceano de luz — A comovente adoração nocturna — O Divino Rei de Amor — A alocução do Senhor Bispo de Leiria.

Treze de Maio de 1928!

Dia de glória para Deus, de triunfo para a Virgem, de victoria para a Igreja, de consolação para os crentes, de misericórdia para os pecadores contritos, de confusão e terror para os ímpios!

Mais uma vez Portugal inteiro se despovoou, de norte a sul e de leste a oeste, numa porfia magnânima, para ir depor aos pés da sua augusta Padroeira, em humilde e sentida homenagem, o incenso do seu amor, o ouro do seu reconhecimento e a mirra dos seus sacrificios e das suas penitências. Sôbre a terra privilegiada de Fátima, que a presença de Maria Santíssima seis vezes consagrou, o exército dos crentes assentou os seus arrais, para dar ao mundo um testemunho bem público e bem solene da sua Fé viva e da sua piedade acrisolada. Como a avalanche dos Pirineus e dos Alpes, essa vaga humana forma-se pouco a pouco, rolando por tôda a montanha da Pátria, para se ir despenhar, gigantesca e formidável, no vasto anfiteatro do local das aparições.

E' a grande peregrinação nacional de Maio. E' o país inteiro concentrando-se na Cova da Iria. E' uma admirável e imponente parada de Fé e piedade. E' o espectáculo mais solene e mais sublime que a piedade cristã tem oferecido a Portugal e ao mundo.

A Virgem Senhora do Rosário alí derrama sôbre as almas as graças de que é depositária, alí cura ou conforta os doentes, alí consola os aflitos e atribulados, alí opera um sem numero de prodígios da sua ternura maternal.

E se todos, os nobres e os plebeus, os sábios e os ignorantes, os ricos e os pobres, se impressionam e comovem quando oram com fervor naquela estância abençoada, que dizer da devoção das almas simples, tão profundamente piedosas, tão cheias de generosidade, tão prontas para todos os sacrifícios?!

E á mesma hora, nas igrejas e nas capelas, nas cidades e nas aldeias, em todas as terras do país, multidões compactas uniam as suas preces e os seus cânticos ás homenagens que se desenrolavam em Fátima.

Bemdita seja a augusta Virgem do Rosario, que, numa romagem incomparável de reparação e amôr calculada em meio milhão de pessoas, reune carinhosamente junto de Si o escol de Portugal fidelíssimo, entrelaçando os trenos plangentes da penitência com as jubilosas aleluias e os hinos vibrantes e entusiásticos da resurreição e do triunfo!

S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Arcebispo d'Évora, com a assistencia do Sr. Bispo de Leiria, benzendo a primeira pedra do templo comemorativo da Aparição de N. Senhora, em 13 de Maio ultimo

No relógio da tôrre da igreja paroquial de Fátima acabam de soar as nove horas da noite. Já ha muito que o astro-rei se escondeu no ocaso, por entre nuvens de ouro e púrpura acastoladas no horisonte distante. A Cova da Iria, onde se vai desenrolar, a breve trecho, um dos espectáculos mais sublimes que a inteligência humana é capaz de conceber, está envolta num manto de trevas adelgaçadas apenas pelas trémulas lucilações das estrêlas.

Ondas de fiéis precipitam-se de todos os lados no centro do grandioso recinto para se encorporarem na procissão das velas. Aqui e acolá, por tôda a esplanada, scintilam as primeiras luzes, que os peregrinos acendem no fogo da sua impaciência e no ardor da sua piedade.

O tempo passa veloz. Em torno da capela das aparições aglomera-se a multidão, que cada vez se torna mais compacta. Guiões de Irmandades, painéis de confrarias, bandeiras de Filhas de Maria, estandartes de núcleos da Juventude Católica e pendões de grupos de peregrinos, ostentando muitos dêles a scena da aparição da Virgem aos pastorinhos são desfraldados ao vento e tomam o lugar que lhes é designado no cortejo em organização. A massa dos peregrinos, a um sinal dado, começa a rezar o terço, alternadamente com o sacerdote que a dirige e cuja voz é poderosamente reforçada por numerosos altofónios. A prece daquelas duzentas mil almas, erguida junto do padrão comemorativo das aparições, sobe pelas mãos de Maria até ao trono de Deus e desce sôbre a terra, transformada numa chuva copiosa e salutar de graças e de bênçãos divinas. A parte central do recinto das aparições está convertida num lago de luz. Um rio de fogo principia a deslizar suavemente em direcção á estrada distrital, subindo por uma das avenidas laterais, depois segue pela estrada, passa por baixo do pórtico principal e, descendo pela grande avenida, vai perder-se na colina oposta por traz do santuário. Alguns momentos mais tarde, reaparece ao longe, avança de novo para o centro da esplanada e alarga-se e esprala-se, metamorfoseando-se num vasto oceano de luz. Seria impossível descrever êsse espectáculo maravilhoso, soberbo, empolgante, jámais visto sôbre a face da terra. A scena é tão divinamente bela que excede tudo quanto estamos habituados a ver em Lourdes, a cidade da Imaculada. Os olhos de crentes e descrentes que a contemplam, arrazam-se de lágrimas de comoção e ternura.

Uma paz suavissima, vinda das alturas, invade e cativa as almas, enquanto os corações, dominados por sentimentos indefiniveis, se compenetram da presença de Deus e sentem, como nunca, os eflúvios sobrenaturais da graça.

De repente, vibra no espaço um cântico formidável e divinamente belo. E' a multidão que proclama unânime a sua Fé, entoando, como um hino marcial, o *Credo* de Lourdes. Já soou a meia noite solar. Dá-se início ao primeiro turno de adoração nocturna. Jesus-Hóstia, colocado num trono de luzes e flores, impera como Rei de Amor e de glória, naquela estância de prodígios eucarísticos que é o verdadeiro centro geográfico de Portugal, o coração da Pátria.

A multidão, prostrada a seus pés, ora com acrisolado fervor, implorando graça e misericórdia. Reza-se outra vez o terço do Rozário. Esta recitação é alternada com hinos eucarísticos e com a meditação dos mistérios gloriosos feita pelo Senhor Bispo de Leiria. O venerando Prelado recomenda sobretudo que se peça à excelsa Padroeira o ressurgimento da Pátria. Põe em relêvo alguns dos grandes males que afligem hoje a sociedade portuguesa e profliga principalmente o terrível cancro do divórcio.

A's duas horas começa o segundo turno de adoração, que dura até às três, fazendo as práticas adequadas o rev.do cónego Campos Neves, professor no Seminário de Coimbra.

As primeiras missas — As torrentes caudalosas de peregrinos — Dezoito mil comunhões — Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário — Os scouts católicos — Os beneméritos hospitalários do Pôrto.

Às três horas da manhã o Santíssimo Sacramento é encerrado no Sacrário, depois de cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral. Começa então a celebração das missas, que se prolonga até ao meio-dia. Estão inscritos mais de cem sacerdotes. A primeira missa é rezada pelo rev.do dr. Marques dos Santos, professor no Seminário de Leiria e capelão-director dos servitas. A ela assistem e comungam numerosos grupos de escoteiros e de servitas. Às seis horas o venerando Arcebispo de Évora celebra a missa da Comunhão geral. Ao *Communio*, treze sacerdotes distribuem o Pão dos Anjos, comungando em todo o dia no local das Aparições cêrca de dezoito mil pessoas.

Durante a noite os sacerdotes atendem os peregrinos que desejam receber o sacramento da Penitência.

A partir do romper da manhã engrossa consideràvelmente, de hora para hora, a afluência de romeiros. São milhares de veículos, são dezenas, centenas de milhar de fiéis que desembocam de tôdas as estradas, caminhos e veredas, em torrentes caudalosas, nas imediações da Cova da Iria.

Os escoteiros dos diferentes grupos, distribuidos pelos pontos estratégicos, facilitam o trânsito dos peões. Os servos de Nossa Senhora do Rosário transportam em macas os enfermos que não podem transpor a pé a distância, às vezes de um, dois e três quilómetros, que medeia entre os veículos que os conduzem e o Pôsto das verificações médicas.

As servas de Nossa Senhora do Rosário, cuja actividade se exerce especialmente no Pavilhão, e no Pôsto das verificações médicas, assistem os doentes, tratando-os com o maior desvêlo e carinho.

Nêste dia de tão grande afluência de doentes em estado grave, os servitas foram poderosamente coadjuvados na sua nobre e simpática tarefa por um numeroso grupo de membros da Associação Humanitária dos Hospitalários da cidade do Pôrto, que quís gentilmente prestar o seu benemérito concurso nesta generosa cruzada de caridade e cujos relevantes serviços foram devidamente apreciados pelos altos dignatários da Igreja e pelos médicos de serviço.

Bênção da primeira pedra do Santuário Nacional — O Pôsto das verificações médicas — Os médicos e os doentes — No recinto do Pavilhão — Na capela das Aparições — Em tôrno das fontes da água miraculosa.

Às dez horas e meia, como estava anunciado, o Senhor Arcebispo de Évora, acompanhado pelo Senhor Bispo de Leiria e por numerosos dignatários eclesiásticos, procede à cerimónia do lançamento e bênção litúrgica da primeira pedra da monumental Basílica de Fátima. O seu projecto é verdadeiramente grandioso.

Ela terá oitenta e dois metros de comprimento e cincoenta de altura. Poderá comportar o dôbro dos fiéis que cabem na maior igreja de Lisboa, a igreja de S. Domingos.

Serão em número de catorze as capelas laterais, que corresponderão com o altar-mor aos quinze mistérios do Rosário.

Dos dois lados da escadaria de acesso ao templo ficarão duas grandes igrejas Penitenciaria dos homens e a Penitenciaria das mulheres, achando-se quasi concluida a primeira, que está situada por trás da actual Capela das Missas e que já serve a vários actos do culto.

A cerimónia começou, segundo o ritual, pela benção do sal e da água e pela aspersão do local onde ficará o centro da Basílica, sendo depois benzida a primeira pedra do templo de forma quadrada, em mármore branco da região, simbolizando Nosso Senhor Jesus Cristo, *pedra angular* da Igreja.

A colocação da pedra nos respectivos alicerces foi feita pelo mesmo Prelado, que utilizou para a fixar um pouco de cimento e uma colher de pedreiro. Seguiu-se a bênção dos fundamentos da nova Basílica, terminando a cerimónia com a bênção pontifical e vivas a nossa Senhora de Fátima, ao Sumo Pontífice, aos Bispos e à Religião Católica.

Entretanto no Posto das verificações médicas continúa a fazer-se a inscrição dos doentes. A essa hora já constam dos respectivos livros de registo cêrca de trezentos nomes de doentes reputados humanamente incuráveis. O serviço, que teve princípio às cinco horas da manhã, durou sem descanso até perto do meio-dia, hora a que se encerrou definitivamente a inscrição por estar completa a lotação do Pavilhão. Como os doentes, que se apresentavam no Posto, orçavam por milhares, só foram facultados bilhetes de ingresso no recinto que lhes é reservado àqueles que sofriam de doenças de extrema gravidade.

Tôdas as misérias físicas, todos os flagelos que torturam a pobre humanidade, perpassaram, numa visão macabra, pelo Posto das Verificações médicas: doenças dos olhos, reumatismo, meningite, paralisia infantil, lepra, mal de Pott, tuberculose pulmonar, etc.

Entre os médicos, que gentilmente prestam os seus serviços, veêm-se, além do dr. Pereira Gens, director do Posto, os drs. Eurico Lisboa, Weiss de Oliveira, Gabriel Ribeiro, Francisco Cortez Pinto, de Lisboa; Gilberto Veloso, de Coimbra; Luz Preto, de Ourém; Sampaio Rio, Souza Saraiva e Américo Cortez Pinto, de Leiria; Duarte Proença, Tavares da Mota e Carlos da Silveira, de Tomar; Adriano Pimenta, de Alvorge; Reis Mata da Barquinha, e Vaz Pato, de Oliveira do Hospital.

No pavilhão os doentes oram comovidamente, aguardando a hora da missa oficial e a bênção com o Santíssimo. Alguns, que se encontram em estado mais grave, jazem prostados em macas, junto da varanda do altar das missas.

Na capela das aparições reza-se também constantemente e dezenas de fiéis de ambos os sexos cumprem promessas, dando várias vezes a volta ao pequeno monumento, que a piedade popular fez erigir para comemorar as aparições.

Milhares de peregrinos desfilam sem cessar em frente da Imagem da Virgem do Rosário, tocando nela terços, medalhas e outros objectos.

Em tôrno das fontes da água miraculosa estacionam centenas de fiéis. Todos querem beber, todos querem fazer a sua provisão da preciosa linfa que principiou a correr, para nunca mais o deixar de fazer, depois da celebração da primeira missa campal.

Colocação da primeira pedra do templo comemorativo das aparições

O concurso de fiéis — Três personagens ilustres — Peregrinações de Lisboa, Pôrto, Faro e Coruche — Peregrinos estrangeiros — Um grupo de peregrinos de Tuy — Jornalistas e fotografos.

Aproxima-se o meio-dia solar, a hora dos colóquios misteriosos entre a celeste Aparição e Lúcia de Jesus, a humilde e inocente pastorinha de Aljustrel. A vasta esplanada está repleta de peregrinos que ostentam os seus distintivos e hasteiam numerosos e lindos estandartes pertencentes a diversas associações.

Três peregrinas ilustres associam-se piedosamente àquela manifestação colectiva de Fé do Povo português: a esposa e uma filha do senhor General Oscar Carmona, Presidente da República, e a esposa do senhor coronel Vicente de Freitas, chefe do Governo. Bem hajam essas respeitáveis personagens, que com a sua presença abrilhantaram os cultos dêsse dia em honra da gloriosa Padroeira da Nação e conquistaram a simpatia das massas populares que de todos os pontos de Portugal acorrem àquele local bendito para testemunhar a sua crença e o seu amor à Virgem.

Dedalde se pretendia fazer uma lista das peregrinações procedentes de todos os recantos do país. Mas cumpre pôr em destaque, pela perfeição com que estavam organizadas e pelo concurso avultado dos seus membros, as peregrinações de Lisboa, do Pôrto, de Faro e de Coruche.

A cada passo encontravam-se peregrinos de nacionalidade estrangeira residentes em Portugal: brasileiros, espanhoes, franceses, ingleses, belgas, italianos e alemães.

De Tuy veio um pequeno grupo de peregrinos, filhos da nação irmã, que fizeram a pé a longa viagem.

Por tôda a parte se veem jornalistas e fotógrafos. Na véspera à noite, durante a procissão das velas, eram incessantes as explosões de magnésio para focar vários aspectos do maravilhoso e incomparável cortejo. Dezenas de fotógrafos assestam constantemente as suas máquinas em diversas direcções e os *reporters* e correspondentes dos jornais percorrem a Cova da Iria, colhendo notas para as suas crónicas e para os seus relatos.

A procissão da Virgem — Entusiasmo indescritível — A missa oficial — As preces e os cânticos — A benção dos doentes — O sermão do Senhor Arcebispo de Évora — A procissão final.

E' quási meio-dia solar.

Junto do padrão comemorativo das Aparições organiza-se a procissão em que ha de ser conduzida a Imagem de Nossa Senhora do Rosário para a Capela das Missas. Precedida dos escoteiros, dos membros das associações religiosas com os seus estandartes, dos servos e servas de Nossa Senhora do Rosário e seguida por uma imensa mole de povo, a veneranda Imagem aproxima-se do Pavilhão dos doentes. A multidão, semelhante a um mar de ondas encapeladas, agita-se e avança em direcção ao Santuário. De repente como que por encanto, duzentos mil lenços, duma alvura puríssima de neve, quais pombas brancas, esvoaçam por cima daquele oceano de cabeças humanas em tôda a vasta extensão da Cova da Iria, na estrada adjacente e em todas as colinas e outeiros das imediações.

São os peregrinos que saudam a Virgem, refúgio dos pecadores, saude dos enfermos e Mãe de misericórdia. O andor, levado aos ombros dos servitas, assoma ao limiar do Pavilhão, como uma radiosa Visão de Paraiso. Uma nutrida e prolongada salva de palmas estruge nos ares e reboa pelas quebradas dos montes, numa apoteose colossal, única, indescriptível. Todos os olhos se inundam de lágrimas, os doentes oram e soluçam e de milhares de peitos elevam-se até à Virgem bemdita súplicas estuantes de confiança e amor. Colocada a Imagem sôbre o seu pedestal, do lado do Evangelho do altar-mor, o clero canta, em tom magestoso e solene, um hino de Fé, o *Credo* de Lourdes. Terminado o canto do Símbolo dos Apóstolos, o Senhor Bispo de Leiria sobe ao altar e principia o Santo Sacrifício da missa. Entretanto a multidão inicia a recitação do terço do Rosário, rezando-se depois de cada dezena a oração ensinada pela Virgem aos videntes. Após a elevação entoa-se um hino eucarístico.

Ao *Communio*, um sacerdote distribue novamente a Sagrada Comunhão. Acaba a missa. Revestido da capa de *asperges* e tomando nas suas mãos sagradas a custódia com o Santíssimo Sacramento, depois de cantado o «*Adoremus*», o venerando Arcebispo de Evora dá princípio à cerimónia da bênção dos doentes. E êste, por sem dúvida, o número mais emocionante do programa das comemorações festivas do dia treze. De novo as lágrimas assomam nos olhos de todos os presentes, enquanto súplicas e invocações, sentidas e veementes, sobem dos corações aos lábios e dos lábios até Jesus-Hóstia.

E o Divino Mestre, agora, como ha dois mil anos, passa fazendo o bem. Êle derrama sôbre todos bênçãos e graças, dando luz aos entendimentos, paz às consciências, confôrto a tôdas as máguas, lenitivo a tôdas as dores, um pouco de ventura a tôdas as almas.

Terminada a comovente cerimónia, canta-se o *Tantum ergo* e por fim o venerando Antistite de Evora dá a tríplice bênção com o Santíssimo.

Desvanecidos os sons dos últimos canticos, sobe ao púlpito o mesmo venerando Prelado e, junto do microfone, numa alocução quente e entusiástica, enaltece as prerogativas da Virgem, entoa um hino ao Santuário de Fátima e proclama a necessidade do regresso de todos os portugueses à profissão e prática da Fé dos seus antepassados.

Sôbre a pedra hoje lançada neste recinto de maravilha, disse o ilustre orador, não será só um templo que se erguerá à Virgem em que o mundo ha-de um dia ler, nas suas pedras tôdas as estrofes mais belas da história dos portuguêses.

No final do sermão um aeroplano desceu a poucos metros de altura, azas rasgadas, a saudar a Virgem, Padroeira da aviação.

Organiza-se novamente o cortejo para reconduzir a Imagem da Virgem do Rosário ao seu pedestal na capela das Aparições. Soam outra vez cânticos e aclamações, agitam-se de novo dezenas de milhar de lenços, e a Imagem avança, sobre uma chuva de flores e uma multidão de mais de duzentos mil pessoas acompanham a linda e maravilhosa procissão.

São três horas e meia da tarde.

Principia a debandada dos peregrinos. A estrada descongestiona-se pouco a pouco.

Ao pôr do sol, na estância das mais estupendas maravilhas divinas de que ha memória desde os tempos bíblicos, apaga-se os últimos ecos daquela gloriosa jornada, e os fastos sagrados de Fátima ficam registando em letras de ouro, uma das mais belas páginas da nossa história,

um dos prodígios mais admiráveis da nossa epopeia religiosa.

E que Portugal inteiro coube de joelhos a rezar e cantar, nesse recanto abençoado da nossa terra que se chama a Cova da Iria.

Visconde de Montelo

UM FEIXE DE NOTAS

A Voz da Fátima na Fátima . . . e no mundo

A *Voz da Fatima* vai tendo uma expansão cada vez maior.

Há assinantes em todos os recantos de Portugal continental.

Os Açores e Madeira teem uma devoção especial á Senhora da Fatima e grande numero de assinantes do jornalzinho.

Há assinantes em Espanha, Italia, França, America do Norte, Brazil, Guyanas, Argentina, Marrocos, China, alem das nossas possessões ultramarinas, da Guiné, Angola, Moçambique, India e Macau, etc.

Mas onde o jornal é espalhado aos milhares, numa verdadeira aluvião, é na Fátima, nos dias 13 de cada mez onde se distribue gratuitamente.

No dia 13 de Maio foram distribuidos lá uns 600 kg. ou seja cerca de 52.000 jornais que juntos a uns 20.000 distribuidos pelo correio prefazem a linda soma de 70.000 exemplares, numeros redondos.

Viagem longa

A certa altura encontro uma mulherzinha que me prende a atenção.

— Vocemecê donde vem?

— «Eu venho de muito longe. Da minha terra ouço os galos cantarem em Espanha.»

Vinha de Moncorvo a pé.

A pé viajara a maior parte da gente dos arredores, da Beira, de grande parte da Extremadura só Deus sabe com que sacrifícios.

Quanto nos ensina esta boa gente do povo.

Á luz das velas

Mas não é só o povo humilde que se sacrifica.

Pessoas da primeira sociedade irmanam com os mais humildes.

Era á procissão das velas.

Alguem me chama a atenção.

Uma senhora fazia o percurso, descalça sôbre as lascas de pedra que a cada passo se encontram pelo caminho.

E as pedras ficavam tingidas com o sangue que lhe gotejava dos pés.

Que o Senhor lhe aceite tal sacrificio!

Boa lição

A' Fátima sobretudo nos dias 13 de Maio e Outubro não vão só os crentes.

Há quem ali vá tambem sem intuito algum de piedade.

Num desses dias foi lá um grupo de perseguidores.

Assistem como estátuas á procissão das velas e cerimonias que se lhe seguem ou a precedem.

Senão quando um dos do grupo, dominado pela graça cai de joelhos a orar e a chorar.

Um espirito forte a escarnecê-lo:

— Então tu já sabes resar?

— «Aqui aprende-se...» responden-lhe o primeiro sem hesitar.

Fátima e a Hespanha

O culto da Senhora da Fátima está-se espalhando muito em Hespanha.

Em Salamanca sobretudo tem inúmeros devotos.

Não se realisou já uma peregrinação dali a Fátima por causa das nossas estradas. De Tuy vieram a pé.

Os Madrilenos porém não temeram e vieram alguns numa camionette de Madrid a Fátima.

Fatima e a Aviação Portuguêsa

Não é já a primeira vez que um aeroplano vôa sobre a Fátima. Mas nunca como no passado dia 13 de Maio desceu tão baixo.

Num outro mez o aviador lançou flores. Desta vez quasi tocava os peregrinos como a querer unir-se a êles.

Ao lado uma senhora doente em muletas se bem me recordo, dizia-me comovida:

— «Eu estava á espera dele. Tinha-me dito que viria cá ver-nos, ao menos, já que não podia poisar.

E' meu irmão...»

A nova Capela

Uma das coisas que mais prendeu as atenções foi a nova capela levantada por detraz do pavilhão dos doentes e destinada á celebração de Missas e audição de confissões.

E' elegante simples, sóbria na arquitectura a dar para gótico e na ornamentação — quási nula.

Foi propositada aquela nudez — simbolo da sinceridade das almas que alí se vão purificar. E' feita segundo projecto dos arquitectos Ex.mos Snrs. Narciso Costa e António Varela, de Leiria.

No altar mór ficará a imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Os megafónios

E' já sabido que desde Outubro passado se acham instalados na Fátima os aparelhos chamados megafónios, altifónios etc., e em francês «haut-parleurs» destinados a tornar ouvida em todo o recinto a voz de quem prega, dirige o canto a resa ou faz avisos ao povo.

Consegue-se assim dar uniformidade ao canto e á resa.

Desta vez era lindo ouvir aquele unisono de mais de 200:000 pessôas a cantar ou a fazer as invocações.

Foi talvez este o mês em que funcionaram melhor.

Agora . . . números

— O «Novidades» jornal católico de Lisboa que mandou á Fátima um enviado especial calcula em 500:000 as pessôas que tomaram parte na peregrinação á Fátima durante estes dias.

— Varios jornais computam em 150:000 as que tomaram parte na procissão das velas no dia 12 á noite.

— Cerca de 120 sacerdotes celebraram até ao meio-dia a Santa Missa nos 6 altares preparados para esse fim.

— A ajudar os Servitas foram alí 60 scouts e chefes-scouts de Leiria, Lisbôa, Coimbra, Covilhã, e Viseu.

— Ouvi calcular em mais de 9:000 os carros, automóveis, camionettes e camions que alí se encontravam. Informações oficiais fazem subir a 11:000 os carros que foram a Fátima.

O que é verdade é que eles ocupavam mais duma légua da estrada e dos terrenos adjacentes.

O lançamento da primeira pedra da futura igreja

Foi certamente o ponto original deste dia.

E' linda aquela cerimónia. Pena foi que nem todos a pudessem ver.

Comovia ver os dois Prelados de joelhos deante daquela pedra — a primeira do grande templo.

Quási no fim uma servita abaixa-se beija-a.

Era o osculo de amor e veneração do povo de Portugal representado naquela pobre mulher.

O tempo

O tempo desta vez esteve magnifico.

Durante o dia caíram apenas umas gotas á benção dos doentes. E só choveu na noite de 13 para 14.

Os doentes

Receberam o bilhete de doente 445 pessôas 285 das quais com doenças incuráveis.

Como sempre prodigalisaram-lhes os maiores cuidados e carinhos as senhoras Servitas de Nossa Senhora da Fátima.

VOZ DA FÁTIMA

Toda a correspondencia relativa a *Voz da Fatima* deve ser dirigida ao administrador, P. Manuel Pereira da Silva — Leiria

O LIVRO:

AS GRANDES MARAVILHAS DE FÁTIMA

pelo Visconde de Montelo,

vende-se em FÁTIMA.

Cada exemplar, dez Escudos.

Todo o producto liquido de venda é destinado á Obra de Fátima.

AS CURAS DE FATIMA

Augusto Pereira, de 15 anos de edade, da Aldeia Grande, freguezia de Maxial (Torres Vedras), filho de José Pereira Sobrinho e de Rosa da Silva Pereira foi acometido de uma dôr violenta em um artelho e num joelho, a ponto de estar tolhido e aleijado, chegando o Snr. Dr. Bruno, do Bombarral, a dizer que não tinha cura.

Recorreram a N. Senhora e levaram o doente a Fátima no dia 13 de Outubro de 1926 e nesse mesmo dia começou a melhorar.

* * *

Maria José da Cunha Sampaio, de Vila Nova de Famalição, vem cumprir a promessa que fez de publicar uma enorme graça espiritual de que depende absolutamente a paz de sua consciencia e de sua familia — e ter conseguido santificar a sua união conjugal.

Mimos de Jesus

(OVELHINHA)

Quando o homem com o mais lidimo prazer e mesmo com a mais recta intenção faz os seus projectos, planeando factos que tomem já uma boa parte do seu sêr, Deus, querendo mostrar que é rei e o homem escravo, faz muitas vezes transformar tudo num só momento; manda áquela alma o sacrifício como prova de predilecção; faz-lhe vêr que a quer mais para si que para o mundo e com a graça vivificante, vai trausformá-la e elevá-la... vai fazê-la sair de si mesma... abandonar-se amorosamente nas mãos do seu Jesus, como ovelhinha doente que não podendo acompanhar o rebanho, se confia inteiramente ao seu pastôr para que êste a conduza aos hombros... E é então, que o pastôr, cercando a pobre ovelhinha ferida dos mais delicados cuidados, lhe vai segredando a sua ternura, para que a viagem séja mais suave... para que ela sinta menos as dôres da sua ferida!...

E a ovelhinha, ao som daquela voz amiga, sentindo-se confortada por tanta ternura, deixa-se embalar... reclina a sua cabeça sôbre o hombro confiante do pastôr... e adormece tranquila, com a certeza de que ha-de chegar ao termo da sua viagem, sem que algum mal lhe aconteça...

Ah! Abandonemo-nos assim nos braços de Jesus!... Eles pedem-nos amor..., muito amôr...

Aceitemos a cruz e crucifiquemo-nos nela e embora a natureza se revolte, digamos a Jesus um «fiat» onde vá todo o nosso amôr!

Sorrir na dôr... Oh! Como Jesus abençôa aquele sorriso... como então é generoso para a alma generosa, fazendo-lhe conhecer as delicias do seu amor, fazendo-a gozar das suas ternuras!

Nosso Senhor queixava-se tanto á sua confidente Soror Maria Consolata, de que era mendigo de amor... procurava almas que O consolassem... mas quási não encontrava... só raras almas queriam ser as suas eleitas... Ele batia... batia aos corações... mas não lhos abriam! Muitas almas Lhe diziam que O amavam, feriam-as para vêr se era um amôr verdadeiro e puro... Mas ah! fugiam-Lhe aquelas almas...

Quantas vezes também nós, temos dito a Jesus que O amamos...

Quantas palavras vão ás vezes em momentos de prazer e de bem estar...

Vamos consolar Jesus... vamos enxugar as Suas lágrimas, escondermo-nos nas Suas chagas e estancar todo o sangue que delas corre... Não deixemos cair uma só gôta!

Sejamos victimas de amor e conquistemos almas para Jesus, bebendo até ao fim o calix da amargura...

Vivamos a nossa Fé e quando sofrermos, é então a ocasião de mostrarmos a Jesus que O amamos... Amemo-Lo pelos que O não amam... prendamo-nos a Ele e só a Ele... e num continuo acto de amor, numa só aspiração, digamos como um convertido que querendo morrer de pé para expiar os seus crimes, gritava... gritava sempre:

«Amo-Vos meu Jesus, porque sois Jesus!...»

Uma ovelhinha ferida

VOZ DA FATIMA

Despeza

Transporte	103.713$63
Papel, composição e impressão do n.º 68 (70.000 exemplares)	3.693$00
Sêlos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, etc.	1.240$87
	108.647$50

Subscrição

(Julho a agosto de 1927)

Enviaram dez escudos: Fernanda Machado Marques, Eduardo Augusto de Sousa Rebelo, Maria Caulino Matos (30$00), Julio Ribeiro, Francisco de Aguiar, Antonio Pinho da Cruz, Maria da Conceição Magalhães Jordão, Manuel Alves Soares Teixeira (8$50, de jornais), Manuel José Lopes Dias, Joaquim Maria Soeiro de Brito, Rosa Mendes das Neves (20$00), Antonio Barroca Delgado, Feliciano Caupers (20$00), Antonio Coelho da Rocha (20$00), Leontina Bernes (12$50), Maria Joana Soares de Cabedo, Antonio Gomes, Cristina Gomes, Olimpia Quintela Lobo, Rosa de Carvalho, Maria da Conceição Tavares Veiga, Joaquim dos Santos (15$00), Maria do Ceu Pinto de Abreu, Alzira Neves Costa, Maria Engrácia Martins, Virginia Lopes (15$00), Adelino Antunes Pinto, Ana de Almeida Santiago (20$00), Maria Francisca Mourão (20$00), Albertina Julia Silveira Albuquerque (15$00), Manuel Antonio, Julia Baptista de Almeida Figueira, Margarida Gomes, Guilhermina P. Pina, José Birne de Sousa Loreto, Candida Amélia Felgueiras de Luz e Silva, Virgilio das Neves e Freitas, Maria Amélia A. Cardoso Rocha Homem, Maria Adelaide Faria Lapa, José Monteiro e Silva, P.e João Narciso Bacalhau, Eduardo José Coelho, João Hilário Pereira Dias, Dr. Antonio Faria Carneiro Pacheco (20$00), Antonio Castanheira Martins, Francisca Conceição Raposo Maria da Conceição Moreira dos Santos, D. Mafalda ... Merceana Ribeiro da Cunha, Antonio de Figueiredo e Silva (20$00), Maria do Carmo Barata (20$00), Maria José Martins (20$00), Arminda da Costa Azevedo Chaves, Maria M. dos Remedios (20$00), Margarida Lopes, João Cortez da Silva Curado, Dr. Luiz de Oliveira, Rosalina Augusta Barros de Oliveira, Conselheiro João José de Sousa Lage, Domingos Antonio Rebelo, Fernanda Moreira dos Santos (15$00), Maria Amélia Marques, José Marques Junior, Maria Tomazia Pinto Antunes, Maria do Carmo Santos Beça, Maria Barbara Simões, Antonio Dias Margarido, Joaquina de Almeida, Maria Carlota Marinel, Jacinto Trindade, Maria Joaquina dos Santos, Joaquina Santos (20$00), Emília Santos (20$00), Amélia Garcia, P.e Clemente de Campos Almeida Peixot (25$00), Francisca Marques, Laurinda Barbosa, Manuel Gaspar Fernandes, P.e Martinho Pinto da Rocha, Joaquina de Jesus Martins, Antonio Machado Guimarães, Maria José Ferreira Leandro, Luiz Cipriano Esteves, Henriqueta Augusta Rosalvo, Antonia Almendra Azevedo, Antonio Teixeira de Sousa, Rosa de Jesus Ferreira, Helena de Jesus Ferreira, Maria Emília Branco de Melo, Gracinda da Silva Trinta, Maria do Carmo Tavares de Sousa Cirne, Maria Ismenia Melo Tavares de Sousa, Maria José Leito, Maria do Rosario Tavares Gravi-

ta, Rosa Antonia Valente de Almeida, Maria José Vieira, Maria das Dores Fernandes Rendeiro, Piedade Bunheirôa, Maria José Leiras, Maria das Dores Tavares de Sousa, José Manuel Fernandes Rendeiro, Leonardo Fernandes Sardo, Domingas Valente de Almeida, José Antonio Mendes, Joaquim José Esteves, Antonio da Costa, Maria Amélia de Carvalho Vieira, Albino de Lima, Cecília Parente Ferreira, Olívia Parente Ferreira, Leonor Manuel, Condessa de Azambuja, Margarida Lemos Magalhães, Antonio Varela Gomes (15$00), Luiza da Costa (20$00), Carolina Rosa, Margarida Malheiros, Filipa da Veiga, José dos Santos Ribeiro, Antonio Barbosa, Antonio Dias Frade, Gilda Monteiro, Candida Neves dos Reis, João José dos Santos, Eliza Machado, Francisco da Cruz Costa Leite, Maria da Luz Vieira Antunes, Ilda Araujo Coelho Oliveira, Henriqueta Marques Lourguie (15$00), Maria da Lua de Almeida Napoles, Daniel Leão da Cunha Lima, Joaquim Gonçalves dos Santos, Maria José Gomes Martins da Silva (20$00), P.e José Lourenço, Teresa de Jesus Bertolo.

Exemplo a imitar

Um sacerdote dos arredores de Paris, que havia muitos anos, havia enchido a sua paroquia de obras de zêlo, encarregado do catecismo dos rapazes da primeira Comunhão, impôz-se a obrigação no ano anterior de não deixar nenhuma reunião de catecismo sem falar ás creanças de Deus presente na Eucaristia. Começa sempre cada reunião pelo relato de algum facto eucaristico, algum milagre, episodio da vida de algum santo, exemplo de devoção para com o Santissimo Sacramento.

Veio o dia da primeira Comunhão. Nada de notavel até alí na atitude das creanças. Mas na manhã do grande dia, quando as creanças voltavam da Santa Mêsa para os seus bancos, levando o Deus de amor dentro de seus peitos, o bom sacerdote ficou admirado á vista do porte dos comungantes, penetrados dum verdadeiro recolhimento e todos entregues ao pensamento da sua felicidade, caminhavam com uma modestia que nada conseguia distrair e, de volta aos seus logares, permaneciam mergulhados numa fervorosa acção de graças.

Nunca, em toda a duração de seu ministerio sacerdotal, ele tinha sido testemunha duma tal acção de graças nas creanças.

E foi tão profundo o seu espanto que se esqueceu de dar os habituaes avisos para as creanças se levantarem ou sentarem, sendo necessario que outro colega o advertisse.

Verificou mais que esta atitude recolhida e modesta perseverou nos dias seguintes nessas creancinhas quando estavam em presença do Sacrario.

Um porte tão perfeito tinha certamente origem numa fé sincera e pratica na presença real, e o piedoso sacerdote atribue as bençãos de seu ministerio no costume de chamar a atenção do seu auditorio, em cada reunião de catecismo, para o Santissimo Sacramento.

Quanto bem se fazia se este exemplo fosse seguido! A agua que cae gota a gota acaba por perfurar uma pedra. Á mesma verdade, frequentemente recordada por uma palavra, um simples episodio, se gravará tambem nas almas.

Que se aproveitem, pois, todas as ocasiões para chamar a atenção das creanças, sempre tão buliçosas e desatentas, para Deus que vive, muitas vezes desconhecido, entre nós.

Coragem

Ouve-se muitas vezes falar da coragem que os cristãos devem mostrar. Está bem. Mas, pregunto, quando é que eu terei ocasião de dar provas dessa coragem? A minha vida é a de todo o homem que pensa no bem da sua familia e nos seus negocios. Não posso, pois, andar a meter-me por aí em questões.

Assim falava um bom cristão.

Mas nós vamos responder-lhe:

Vem um, com um jornal mau e diz-te: «queres ver? Ora lê isto, que é interessante.»

Tu recusas, dizendo: «Obrigado, mas não leio nunca um jornal que fala mal daquilo que eu mais amo — a Religião.»

Aí está um pequenino acto de coragem. Mas não te deves contentar com isto. Toma a ofensiva e diz: «Tu fazes mal em ler esse jornal; toma lá o meu.

O teu amigo responderá talvez: Não preciso dos teus conselhos. E eu (responderás) preciso dos teus?

Aí tens um acto de coragem.

* * *

E's convidado para um enterro. Pessoas que não pertencem á familia do defunto ficam fora da igreja, como se não fossem catolicos. Tu, entras e rezas pelo defunto. No caminho do cemiterio são capazes de te dizer: porque não ficaste comnosco? E tu ajuntarás: Fizeste mal em ficar na rua. Não é assim que faz um cristão.

Aí está outro acto de coragem.

* * *

Há uma procissão do Santissimo na paroquia: talvez o Sagrado Viatico a um enfermo.

Quantas pessoas não seguem Nosso Senhor e ficam onde estavam, rindo, conversando, talvez dizendo inconveniencias?

Nalgumas terras foi forçoso suspender essas procissões. Noutras, apenas umas dezenas de pessoas fazem cortejo a Nosso Senhor: são os valentes. Pois bem, sê tu mais um.

Outro acto de coragem.

* * *

Um dos teus visinhos diz: Amanhã (Domingo), ás oito, vamos dar um lindo passeio que eu tenho projectado. Se não, vamos a uma partida de *foot-bool* ou á cuca.

Não. A essa hora não vou (respondes tu), só depois de Missa a que não faltarja por nada.

Não é justo que emquanto Jesus pensa em mim e se oferece em sacrificio por mim, eu me mostre tão pouco grato ao seu amor. E' uma obrigação seriissima a que não faltaremos sem pecar gravemente, a não ser que uma grande dificuldade a isso obste.

Outro acto de coragem.

* * *

Ha tempos que a minha alma atribulada, rasgada pelo remorso, sente fome de Deus, a necessidade de se reconciliar com Ele e de se sentir na sua Amizade.

Em volta, por ignorancia, por falta de habito, o meio [illegible] pregar todos os esforços, para me afastar do meu dever.

Mas eu sou livre, senhor da minha consciencia, responsavel pelos meus actos.

Prompto. Fui e depois daquela salutar humilhação da Confissão sacramental sinto que Deus me deu o abraço da reconciliação e cá dentro uma alma nova, cheia de novas energias.

Outro acto de coragem.

E quantos outros temos ensejo de praticar todos os dias!...

Não esqueçamos aquela terrivel sentença do N. Senhor no Evangelho: «*quem se envergonhar de mim eu me envergonharei d'elle...*»

Abrigo para os doentes Peregrinos de Fátima

Transporte	5.765$05
Inocencia de Jesus	10$00
D. Estefanja Mendes	10$00
Uma anonima	20$00
Albino Eduardo Macieira	20$00
Anonima de Lisbôa	10$00
Arnaldo Miller	2$50
	1.837$55

Eu cá sou muito religioso!...

Certos catolicos (só de nome) teem ás vezes teorias muito curiosas e engraçadas (se não fossem muito tristes).

São muito religiosos, muito catolicos, mas (como dizem) não admitem isto, não admitem aquilo.

—Eu sou muito religiosa, diz uma senhora muito expedita e bastante desengonçada. E mostra algumas medalhas que traz escondidas debaixo de seus minguados panos e ás tinge com os labios pesados de rubro sangue...pintado.

Entretanto, não vae á Missa, não se confessa, não sabe o que seja a Eucaristia, a oração, e acha que o divorcio é uma bela instituição de moral social. Uma dessas teve seu marido ás portas da morte, cercado de todo o conforto e carinho da familia.

E' um bom homem, honesto, estimado, mas vai morrer. E' questão de poucos dias.

Um amigo, crente e piedoso, lembra ao enfermo a necessidade de se preparar para a grande viagem, que mande chamar um sacerdote que lhe dê o passaporte da misteriosa travessia.

A proposta é aceite pelo doente não só de bom grado mas com todo o fervor.

A esposa, catolica só de medalhas e o joven filho livre pensador, porem, opoem-se tenazmente e não consentem que em sua casa entre o sacerdote.

E a ultima vontade de um moribundo querido é ludibriada, em nome da piedade filial e da dedicação de uma santa esposa!...

O sacerdote, portador das consolações eternas, enviado de Deus, não pode aproximar o ouvido dos labios febris dessa pobre ovelha que morre, não pode estender sobre aquela alma, a desprender-se da vida, a mão sagrada que absolve.

Em troca, no outro dia, á frente do coche ou do acompanhamento funebre, lá vae o sacerdote a quem se fechára a porta, inumeros os carros e coroas de flores, longa, longuissima a fila das pessoas que seguem, centos, atraz do corpo inanimado.

Na Missa do setimo dia, ás 9 horas talvez o templo cheio e mais cheias ainda as listas em que assignaram presentes e... ausentes!

Para agradar ao Menino Jesus

Um dia, perguntaram a uma rapariguinha o que elá fazia para agradar ao Sagrado Coração do Menino Jesus.

—Brinco com uma das minhas companheiras de que não gosto e procuro ser-lhe muito agradavel, respondeu a creança.

Quando vou ao mercado, vejo fructas muito tentadóras, mas passo deante delas sem olhar e não digo á mamã que as compre.

Outra dá esta resposta.

—Na igreja nem uma vez só volto a cabeça, mesmo quando quero saber se está muita gente. O meu tio deu-me um pacote de rebuçados e eu, em vez de os comer, reparti-os com os meus dois irmãos.

Uma bordadorazinha de oito anos con[illegible]m o olhar brilhante:

—A minha companheira tinha quebrado o bico da minha agulha ao fazer um nó com a linha.

Não disse nada a ninguem e trabalhei com a agulha sem bico.

Era muito dificil, tinha vontade de chorar...

O nosso pátio de recreio é coberto por uma arvore baixa carregada de belos fructos. Quando as rapariguinhas saem da aula, dizem umas ás outras:

—Esta arvore é a das mortificações. Não lhe toquemos para agradar ao Sagrado Coração de Jesus.

E todas são fieis á ordem, mesmo os garotos de cinco anos.

O poder da piedade

Se todos soubessem o que poderiam fazer por uma piedade bem entendida e bem praticada!

Ahi vai um episódio que melhor o fará compreender: uma pobre orfãsinha fora recolhida por um velho soldado a quem ela chamava seu pai. Duma piedade simples mas seria, tinha atraido uma tal estima que em volta dela havia uma aureóla de veneração.

O próprio velho soldado se tinha deixado prender pela sua influência. Nunca praguejava nem jurava deante dela. A piedosa orfã levava-o até a rezar, o que ele já não fazia havia muito tempo.

Um dia que ele passou por diante de uma igreja não sei qué secreta inspiração o levou a entrar.

Esteve ajoelhado a um canto e ia a fazer o sinal da cruz quando os seus olhos deparam com umm creança que estava ajoelhada e recolhida perto do altar, como que em extase. Repara e reconhece a sua filha. Imagina que ela está a pedir a Deus a sua conversão pois ela lhe dissera tantas vezes que era esse um dos objectos das suas orações.

Uma lágrima lhe salta dos olhos e lhe corre ao longo das faces.

Esta lágrima é eficaz e decide a sua volta para Deus. Algum tempo depois, na Quaresma, o velho militar, completamente convertido, comungava ao lado da sua filhinha. E como ao sair da igreja, alguns dos seus antigos camaradas o olhassem admirados disse-lhes assim: «vocês não esperavam isto dum velho de antiga, mas que querem? Não se pode resistir a esta santinha. Ela converteria o demónio se ele pudesse ser convertido». E aí está o que pode a piedade.

Por causa de Jesus

Trazes os olhos vermelhos e, com certeza, choraste!...

— E' verdade, mamã.

— Então foste castigado na aula?

— Não, mamã. Bem sabe que eu tenho boas notas e que o professor nunca me castiga.

— Então, foram os teus companheiros que te bateram?

— Tambem não, mamã.

Não gosto de bulhas.

— Então... tens de me contar tu a razão porque choraste.

— Pois sim, mamã, já que o deseja e eu não tenho nunca segredos para a mamã. Foi assim:

No fim da aula passei diante da igreja e entrei para fazer a minha visitinha diaria ao Santissimo Sacramento.

Era quási noite... Só a lampada guiava os meus passos. A igreja estava deserta e esta solidão apertava-me o coração... Pobre Jesus! E' necessário que Ele nos tenha muito amor para se condenar assim ao abandono, á indiferença, ao despreso!...

No Céu tem Ele uma côrte brilhante e honras incomparáveis e Ele não é mais belo no Céu que no Tabernáculo.

E' o mesmo Jesus, o mesmo Deus, rodeado lá em cima de anjos e de bemaventurado e aqui contenta-se com as adorações de uma pobre creança como eu!...

E' forçoso que Ele seja muito bom, mamã, para se contentar com tão pouco!...

E o meu coração de creança espalhou todos os seus perfumes de inocencia e de oração a seus pés e eu *chorei por Jesus*, oferecendo-lhe as minhas lágrimas como uma reparação a todas as suas humilhações e a todos os seus sacrificios.

— Fiz bem, mamã?

A mãe estava demasiado comovida para poder responder. Contentou-se, pois, em apertar o seu filhinho contra o coração e em levantar os olhos ao céu para agradecer a Deus o ter-lhe confiado um tal tesouro.

O que é a Missa

A um missionario esgotado de fadigas e que mal se tinha de pé diese uma pessoa amiga:

—Se o medico conhecesse o vosso estado, lhe proibiria de certo dizer Missa.

—A! replicou o sacerdote), se o medico soubesse o que é uma Missa, como ele me exhortarja a dize-la!

Ano VI Leiria, 13 de Julho de 1928 N 70

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

Na Santa Montanha de Fátima

Bela e oportuna iniciativa — Tôrres Novas em Fátima — Grandiosa procissão regional — Missa e prática do Sr. Bispo de Leiria — A primeira missa cantada — Benção dos doentes, sermão e procissão.

No Domingo, três de Junho próximo findo, a Vigararia de Tôrres Novas, como muito bem disse o nosso presado colega «O Almonda», semanário católico daquela importante vila estremenha, «escreveu uma das páginas mais brilhantes da sua história religiosa».

Por iniciativa do Conselho Particular das Conferências de S. Vicente de Paulo e com o seu valioso concurso, o clero da respectiva circunscrição eclesiástica promoveu uma peregrinação regional ao Santuário de Fátima, como remate e corôa dos piedosos exercícios com que o bom povo português costuma honrar a Virgem Santíssima durante o mês de Maio, especialmente dedicado ao seu culto.

Na véspera à tarde e durante a noite, a-pesar-da chuva torrencial que começou a cair pouco depois do sol posto e apenas cessou com o raiar da madrugada, eram muitos os peregrinos que a pé ou em carros descobertos, de todos os feitios e tamanhos, se dirigiam para a Cova da Iria.

O movimento não parecia inferior ao dos dias treze de maior concorrência, à excepção de Maio e Outubro.

O ponto de reunião prèviamente marcado para as Irmandades, Confrarias e associações de piedade era junto dum largo reservatorio de agua das chuvas, que tem o nome de Lagoa da Carreira e que fica a menos de meio caminho entre a igreja da freguezia e o local das aparições. Até êsse local, em todo o percurso, vários postes, colocados na margem direita da estrada e encimados por taboletas, indicavam onde se devia juntar o povo de cada freguezia com o seu pároco e as suas corporações religiosas.

Às dez horas, a procissão, organizada com o mais rigoroso método, principiou a desfilar.

Irmandades, Confrarias, Associações de Filhas de Maria, Servas de Nossa Senhora do Rosário, Colégios, Asilos e outras instituições semelhantes formavam duas alas longas, intermináveis, que se extendiam a perder de vista.

Ao centro, flutuavam em grande número guiões, bandeiras e estandartes, cujas côres faziam um *pendant* encantador com a graciosa policromia das capas, azues, verdes, brancas, roxas e encarnadas.

No couce da procissão seguiam milhares de pessoas, de ambos os sexos e de todas as idades e condições sociais, deixando atrás de si um mar imenso de veiculos de tôda a espécie, principalmente automóveis e *camionettes*.

Quando o grande e magestoso cortejo, tendo penetrado nos domínios do Santuário, desceu a Avenida Central, o espectáculo que se desfrutava das colinas adjacentes era grandioso, soberbo, empolgante.

A multidão durante o percurso rezou o terço do Rosário e cantou os versos do cântico *Virgem Pura*, cantando por fim o «Salvé, nobre Padroeira!»

As diversas Irmandades tomam os seus logares em volta do Pavilhão e os doentes, as crianças e as associações femininas sentam-se nas bancadas do recinto.

Segue-se a missa da Comunhão geral, que é celebrada pelo Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria.

Durante a missa, o rev.do dr. Marques dos Santos reza em voz alta o terço alternadamente com a assitência. Faz-se depois a preparação para a Comunhão.

O Senhor Bispo faz uma prática de afervoramento. E' o seu coração de Pastor amantíssimo que fala, transbordando de piedade, confiança e reconhecimento para com Jesus, Rei do Amor e Vítima de expiação, e Maria Reparadora, augusta Padroeira de Portugal.

O ilustre Prelado e mais cinco sacerdotes distribuem o Pão dos Anjos a cêrca de duas mil pessoas.

Terminada a missa o Senhor Bispo reza com os fiéis cinco Ave-Marias por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, pelo Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Arcebispo eleito, ora sagrado, de Mitilene, pelas famílias dos peregirnos e pela Vigararia de Tôrres Novas.

O rev.do João Nunes Ferreira, pároco da freguezia de S. Pedro e alma da peregrinação, reza com o povo as orações de acção de graças.

À uma hora e meia, depois de conduzida a Imagem da Virgem da capela das aparições para a capela das missas, no meio do acenar dos lenços e dos vivas e palmas da multidão, principia a missa solene. Devia cantá-la Mons. Manuel Vieira, ilustre Vigário da Vara, director da Peregrinação, que por motivo de saude se viu forçado a celebrá-la mais cedo.

Acolitam à missa os rev.dos José António da Silva, pároco de S. Tiago, e Joaquim Alberto, pároco da Brógueira.

Assistem ao venerando Prelado os rev.os Mons. Manuel Vieira e António de Oliveira, antigo Vigário e prior de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa.

O rev.do Gomes Loureiro, capelão da Santa Casa da Misericórdia e representante do rev.do pároco da Golegã, Mons. Quintela, dirige as cerimónias.

Cantou-se a missa dos Anjos e o Credo de Lourdes.

O rev.do António de Oliveira sobe ao púlpito e deixa falar o seu coração de sacerdote abrazado em zelo da salvação das almas, comovendo profundamente o auditório.

O Senhor Bispo de Leiria dá a bênção aos doentes, que eram bastante numerosos, sendo cinco de gravidade. Mons. Vieira leva a umbela. As invocações impressionam fortemente. Vêem-se lágrimas em muitos olhos. O silêncio é profundo e apenas cortado pelas súplicas veementes e pelos soluços e suspiros abafados da multidão.

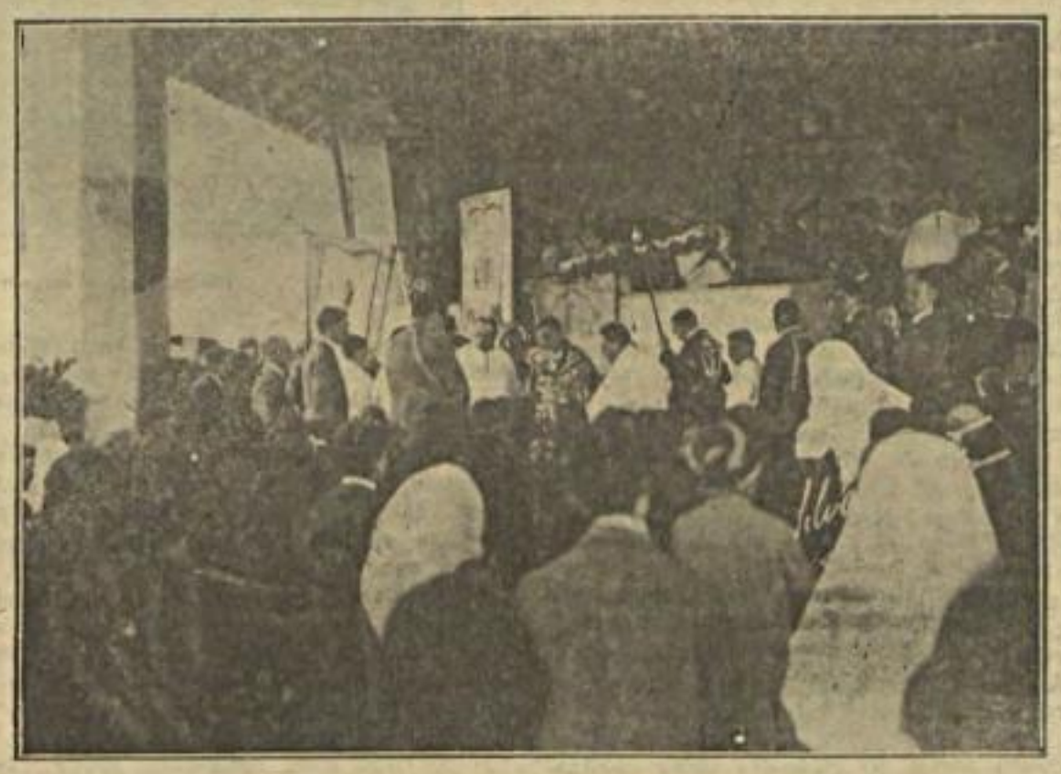
Feita a exposição solene do Santíssimo, Mons. Vieira lê a Consagração da Vigararia a Nossa Senhora.

O Senhor Bispo dá em seguida a Bênção geral com o Santíssimo, que é recebida de joelhos e num grande recolhimento por todos os presentes.

Organiza-se por fim a procissão para reconduzir a Imagem de Nossa Senhora à capela das Aparições. O cortejo, grandioso e imponente, sobe à estrada e desce pela Avenida Central, produzindo um efeito surpreendente, de encanto e beleza incomparável.

Junto do padrão comemorativo das aparições, os peregrinos rezam pelo Senhor Bispo de Leiria, pela Pátria, pelos doentes e pela Vigararia, cantam com ternura o *Adeus à Virgem* e ás quatro horas e meia iniciam a dispersão, despedindo-se a custo daquêle logar bemdito, levando consigo infindas saudades e recordações indeléveis daquelas horas felizes passadas aos pés da Mãe de Deus no seu santuário predileto.

E assim se realizou auspiciosamente, com a proteção e as benções de Maria Santíssima — penhor seguro de abundantes frutos espirituais,— a primeira peregrinação regional portugueza ao Santuário Nacional de Fátima.



Benção aos doentes (Maio de 1927)

O glorioso taumaturgo português — Devoção popular ao ilustre filho da Ordem Seráfica — Primeiras vésperas — Procissão das velas — Adoração nocturna — Alocuções e preces.

Treze de Junho é o dia consagrado pela Igreja à comemoração solene universal dum dos santos mais populares do agiológio eclesiástico: Santo António de Lisboa.

A população do distrito de Leiria e sobretudo a de Fátima, que o escolheu para seu Padroeiro, teem para com o grande taumaturgo uma devoção acrisolada, guardando o dia da sua festa anual como se fôra um dia santo de preceito.

Por êsse motivo o a-pesar-da festividade que se realizava com o maior esplendor na igreja paroquial em honra do glorioso filho do Serafim de Assís, o concurso de peregrinos à Cova da Iria excedeu tôda a expectativa e a primeira impressão de quem chegava às imediações do santuário era a que se costuma experimentar nos dias de grande peregrinação nacional.

Na véspera à tarde é já a muito custo que se circula na estrada distrital entre a igreja paroquial e o logar das aparições. Veículos de tôda a espécie, procedentes das mais distantes regiões do país, ocupam, em número de muitas centenas, talvez milhares, a longa fita branca da estrada e os terrenos adjacentes.

A cada momento chegam peregrinações ou grupos de peregrinos mais ou menos numerosos.

A procissão das velas, que começa a organizar-se às dez horas, é a mais bela e a mais ordenada de tôdas as que se teem efectuado em Fátima.

Imprime-lhe uma feição especial e comunica-lhe uma graça e um encanto extraordinário a presença de tantas peregrinações, com as suas confrarias, as suas associações de piedade, os seus estandartes e sobretudo com as suas preces e os seus cânticos, com a sua fé viva e com a sua piedade edificante.

Seguindo o itinerário do costume, o formosíssimo cortejo, cuja vista faz brotar de muitos olhos lágrimas de funda comoção, desfila lentamente passando sucessivamente diante dos olhos maravilhados dos assistentes, entre outras peregrinações, as de Castelo de Ancião, Alvorninha, Azoia de Leiria, Ferreira do Zêzere, Alvados e Condeixa.

Sobresaem, atraindo sôbre elas, dum modo particular, a atenção de todos, a peregrinação de Maceira com cêrca de mil pessoas — a freguezia em peso, como dizia o respectivo pároco, antigo capelão voluntário do C. E. P., — e a peregrinação da Conceição Velha, de Lisboa, que compreendia mais de trezentas pessoas.

À uma hora da madrugada, apagadas as velas e desvanecidos os derradeiros ecos da procissão nocturna, inicia-se o primei-

ro turno de adoração. Reza o terço com o povo e prega enternecidamente sôbre o amor e a reparação devidos a Jesus-Hóstia o rev.do João Nunes Ferreira, capelão dos servitas de Tôrres Novas. Ao segundo turno, privativo da peregrinação de Maceira, preside, no impedimento do respectivo pároco, um piedoso sacerdote que reza também o terço alternadamente com os fiéis e fala com unção sôbre a Divina-Eucaristia.

As peregrinações organisadas — A vida religiosa dos santuários — Missas e Comunhões — A nobre tarefa dos servitas — O exame médico dos doentes — A devoção fervorosa dos fiéis.

Depois dum curto intervalo de necessário repouso, os sacerdotes inscritos no livro de registo do Santuário vão celebrando, uns após outros, o santo sacrifício da Missa no altar-mor e nos altares laterais da Capela nova.

As peregrinações organizadas, que jámais foram tão numerosas como nêste dia, põem uma nota de piedade bem viva e bem funda em todos os actos colectivos. A vida religiosa dos santuários nunca atingiu como hoje um grau tão elevado de intensidade e de fervor. As preces e os cânticos, a assistência às Missas, as comunhões numerosíssimas, o silêncio, o recolhimento, a ausência de respeitos humanos, a exclusão de tôdos os elementos profanos que caracterizam as romarias tradicionais, tudo, emfim, nos inspira a consoladora certeza de que o nosso bom povo compreende a razão de ser da Lourdes portuguesa e o verdadeiro caracter das peregrinações ao santuário máximo da Pátria, erigido no seu coração em honra e desagravo de Jesus, Vítima de amor na Hóstia Santa, por sua augusta Mãe, Maria Santíssima Reparadora.

Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário rivalizam em dedicação para com as vítimas de tôdas as misérias físicas que alí foram implorar daquela a quem a Igreja chama na Ladainha Lauretana a Saude dos enfermos, a cura dos seus males ou a paciência e a resignação para os que sofrerem com méritos para o Céu.

No Posto das verificações médicas são examinados alguns centos de doentes. Pouco a pouco, o respectivo Pavilhão vai recebendo os seus hóspedes, sôbre os quais a Mãe de Deus volve do alto do seu trono um olhar de compaixão e ternura e que Jesus-Hóstia a breve trecho vai encher de confôrto e por ventura aliviar ou curar na sua passagem como Deus de bondade, de misericórdia e de amor.

E de tôdas aquelas almas, cheias de confiança em Jesus e Maria, parece desprender-se, ecoar por tôda a terra e subir para as alturas um brado, unisono, vêemente, formidável, um cântico de triunfo, um hino de vitória: *Regnet Rex Regum! Regnet Regina Rosarii!* — Reine o Rei dos Reis! Reine a Raínha do Rosário!

A primeira procissão — A missa oficial — Bênção dos doentes — As invocações de Lourdes — O sermão — A última procissão — As curas maravilhosas.

Pouco antes do meio-dia solar realiza-se a procissão da Imagem de Nossa Senhora do Rosário da capela das aparições para a capela das Missas.

A multidão que está prostrada em volta do Pavilhão dos doentes e que é numerosa e compacta como nunca aclama a Virgem, representada na sua veneranda Imagem que é conduzida aos ombros dos servitas por entre alas de povo e sob uma chuva incessante de flores. Quando as servas de Nossa Senhora do Rosário, que constituem a sua guarda de honra, assomam ao limiar do Pavilhão, milhares de lenços saudam a Raínha do Céu e por todo o vasto anfiteatro da Cova da Iria ecoam os vivas e as palmas que estrugem nutridas e prolongadas. Cantado o *Credo*, um sacerdote sobe ao altar-mor e celebra a missa dos doentes. Durante ela, reza-se o terço e cantam-se alguns cânticos religiosos. Ajudam à missa um ilustre oficial superior do exército e um distintíssimo professor. Dir-se-ia que a Providência, reunindo alí no altar aos pés de Deus representantes das três maiores forças que existem sôbre a terra: a graça, a sciência e a disciplina, quís mostrar que a Religião e a instrução, simbolizadas pelo sacerdote e pelo professor, e só elas, produzem em larga escala os seus benéficos efeitos e fazem a felicidade dum povo, quando os vínculos do respeito e da ordem são assegurados pela fôrça física de que é detentora a autoridade pública.

Terminada a missa, dá-se a bênção aos doentes, fazendo-se entretanto as invocações de Lourdes. Cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral, o rev.º José Alexandre Casimiro, pároco de Maceira, sobe ao púlpito e prega um sermão apropriado ao dia e ao local.

Depois do sermão organiza-se de novo o cortejo que conduz a Imagem de Nossa Senhora ao padrão comemorativo das aparições. Outra vez se ouvem vivas e palmas, outra vez a multidão acena com os lenços, despedindo-se da Raínha do Céu, alí representada na sua veneranda Imagem. E os olhos dos peregrinos, dos válidos como dos doentes, tornam a marejar-se de lágrimas e a comoção invade segunda vez as almas e os corações de tôdos os presentes.

Por entre a multidão corre a fama de numerosas curas operadas nos últimos tempos.

E' uma quasi octogenária, de nome Maria da Conceição Pires, desenganada do médico assistente, que lhe dava apenas algumas horas de vida e que com grande surpreza a vê curada de repente. Veio em acção de graças com a peregrinação de Condeixa, que trouxe a Fátima mais de cem pessoas em *camions e camionettes*.

E' uma mulher de Trás-os-Montes que, tendo vindo a Fátima no dia treze de Maio pedir a Nossa Senhora a cura dum cancro e de que sofria tendo-se sentido muito mal a ponto de se pensar em interná-la num hospital por não poder regressar à sua terra, é curada instantâneamente durante a viagem ao passar por Coimbra, achando-se agora completamente bem.

E' uma mulher de Vila do Conde, tuberculosa, que esteve em Fátima no dia treze de Maio e que pessoas fidedignas afirmam não ter já os menores vestígios da sua antiga doença.

E' uma menina de Viana do Castelo, gravemente enferma, que se cura de súbito, depois de o pai ter prometido converter-se e dar um conto de réis para as obras e culto do santuário de Fátima, se a filha se curasse.

E' o filho dum conhecido proprietário dum importante estabelecimento industrial de Lisboa que, sofrendo há muito tempo duma doença do aparelho auditivo, se curou, recorrendo a Nossa Senhora de Fátima, quando estava para se submeter a uma melindrosa operação.

E' finalmente... Mas preferimos dar a palavra ao nosso presado colega o diário católico da capital «Novidades», que no seu número de 31 de Maio ultimo, sob a epígrafe. «Uma cura extraordinária», inseriu o interessante e comovente relato que a seguir transcrevemos na íntegra com a devida vénia

«Tinhamos ouvido que uma filhinha do nosso querido amigo sr. dr. Fernando Pizarro fôra objecto duma graça extraordinária por ocasião da última peregrinação a Fátima. Procurámos alguém da Ex.ma Família que nos elucidasse ácêrca do que havia.

Por felicidade encontrámos a propria mãe da criancinha, a Ex.ma Senhora D. Maria da Conceição Pizarro de Sampaio e Melo que, radiante, cheia daquela alegria que as mães sentem com a felicidade dos seus filhos, nos contou pormenorisadamente o sucedido.

A menina Maria Isabel nasceu completamente cega do olho esquerdo e o direito tinha o nervo optico atrofiado com uma grande miopia, de forma que só via muito confusamente e mesmo para isso era necessário colocar-lhe os objectos a uma distância nada superior a 20 centímetros. Para além desta distância nada via.

Os pais recorreram imediatamente à sciencia e fizeram tudo o que estava no seu poder para curarem a filhinha.

Baldados esforços.

Mas a Senhora D. Maria da Conceição, dotada de sentimentos profundamente piedosos, resolveu apelar, com o fervor que só o amor materno sabe inspirar, para o poder da Mãe do Céu.

Na peregrinação de 13 de Maio, entre os humildes doentes que iam pedir a Nossa Senhora de Fátima remédio para os seus males, seguia a mãe com a criancinha cega nos braços.

Lavou-lhe os olhos com água de Fátima, inscreveu a doentinha no registo dos doentes, foi com ela para o recinto respectivo.

Missa dos doentes (Outubro de 1927)

Na volta a Lisboa verificou que a cegueira tinha desaparecido, que sua filha já via! Calcula-se a enorme alegria que reina na casa do nosso querido amigo sr. dr. Fernando Pizarro. A ela nos associamos gostosamente, felicitando os ditosos Pais e toda a sua ilustre Família.

A menina Maria Isabel vê claramente dos dois olhos, desapareceu do esquerdo o tumor, catarata ou o que era — a medicina não diagnosticou com segurança — e embora a visão não seja muito forte, dentro de tres mêses, dizem os médicos, será inteiramente normal.

E já que falamos em médicos, devemos acrescentar o modo como apreciam esta cura extraordinária: trata-se dum caso anormal, disse um, porque a cegueira parecia incurável.

— Se tem aqui estado com a sua filha antes de ir para Fátima, e eu a visse agora, convertia-me, afirmou outro.

Nós dizemos o seguinte: a menina não via quando a levaram para Fátima; no regresso já via.

Tem seis mêses de idade e os médicos reputavam-na incurável.

E' tudo e é muito, ninguém o poderá contestar».

Visconde de Montelo

Martires dos nossos dias

(Continuação)

Heroinas cristãs

3.—Em Vitória (Guanajato) foi martirisada a presidente das Filhas de Maria. Ataram-na primeiro a um poste e depois cortaram-lhe os membros a pouco e pouco, começando pelos pés e por fim cortaram-lhe a lingua.

4.—Em Huajuapáu de Leon uma professora, D. Juliana Olazar, senhora de muita piedade comprou crucifixos para os dar como lembrança duma festa ás suas alunas. Distribuiu-os recomendando-lhes que os puzessem ao pescoço e nunca os largassem nem de dia nem de noite, mostrando-lhes o que ela trazia desde creança como lembrança da sua mãe. Depois tirou do bolso um crucifixo maior e colocando-o na parede disse: «Vamos agora rezar o acto de Consagração a Jesus Cristo Rei e pedir a Deus pelo nosso Bispo que está preso na cidade do Mexico». Estavam todas no meio das suas orações quando de improviso ouviram uma horrivel blasfemia e a seguir grandes pancadas na porta que logo arrombaram. Pálidas, e espavoridas as creanças não sabiam por onde fugir. «Minha Senhora, vão-nos prender» exclamavam assustadas e agarrando-se aos seus vestidos. Doze soldados comandados por um oficial entraram a seguir na escola, e ás crunhadas apartaram as creanças da professora. A scena foi a um tempo comovedora e brutal. Depois de arrancarem o crucifixo do pescoço de todas, atiraram-nos ao chão assim como áquele que estava dependurado da parede. Obrigaram as crianças a passar sobre ele mas nem uma só lhes pós os pés em cima. Vendo isto o comandante deu ordem aos soldados para que eles os pisassem á vista das creanças. A vista de semelhante desacato a professora santamente indignada conseguiu desembaraçar-se das mãos dos que a tinham presa e metendo-se entre os crucifixos e os soldados com energia heroica disse-lhes: «Pisai-me a mim e maltratai-me como quiserdes, mas não toqueis na imagem do meu Rei e Senhor crucificado». Naquele instante o oficial apontou-lhe o revolver caindo mortalmente ferida aquela heroina que daí a instantes morreu abraçada ao seu Jesus crucificado.

5.—René Capistram Garza, organisador e a alma da *Juventude Catolica Mexicana* por ele fundada ha 18 anos foi desterrado pelo governo satanico de Calles. E' casado e tem um filhinho. Na vespera do casamento disse á sua noiva: «Vou ser teu em breve, mas nem por isso deixarei de ser Capistram Garza, e com o nosso enlace não terminará o meu dever de defender as liberdades catolicas na minha patria.

Não extranhes portanto se algum dia te trouxerem o meu corpo agonisante, vitima de algum atentado contra a Igreja». Respondeu-lhe a noiva: «Sim, compreendo-te perfeitamente e orgulho-me de ser tua companheira. Se Nosso Senhor te pedir o sacrificio da tua vida em defesa da Igreja Catolica, cá estará a tua humilde esposa para te curar as feridas e enviar-te de novo para a defesa da nossa santa Religião.» Capistran Garza não desmentiu nunca esta atitude. Foi tido como imprudente no exercicio da sua admiravel actividade e zêlo. Por sua parte o governo tentou ganha-lo com as mais lisongeiras propostas. Capistran Garza repeliu-as todas com nobre altivez e profundo desprezo.

Aos que o acusavam de imprudente, respondeu com simplicidade: «Se a Santa Igreja me humilhar e espesinhar, assim mesmo humilhado e espesinhado a continuarei a defender e a lutar por ela até á morte».

6. No jornal «El Siglo Futuro» lê-se o seguinte:

Um grupo de soldados de Calles que andavam cometendo desacatos no Estado de Jalisco, sob pretexto de sufocar a revolução, encontraram um camponez, rapaz dos seus 18 anos. Mandaram-lhe que desse um «Morra» a Cristo Rei para provar que não era revolucionario.

Ao ouvir estas palavras perturbou-se e respondeu que por ser catolico não podia proferir semelhante blasfemia.» — «Então és revolucionário», lhe tornaram os soldados.

— «Não, senhores, não sou; nunca andei com êles, nem ninguem poderá provar que eu o tenha sido; mas sou catolico e não posso renegar de Jesus Cristo». Ataram-no então a um camião e obrigaram-no a correr atraz dele. Pouco depois, como era natural, o pobre rapaz era arrastado em virtude da velocidade do veiculo, e do corpo começou a correr sangue. Assim foi até á sua aldeia onde parou o camião. Desceram os barbaros soldados de Calles insistindo com o rapaz mais uma vez para que désse um «Viva» a Calles e «morra» a Cristo Rei. O rapaz extenuado continuava a dizer: «Sou catolico. Viva Cristo Rei» Então aquelas feras humanas começaram a espicaça-lo com as baionetas. Uma mulher que isto presenceara foi dar parte á mãe do rapaz do que se passava. Esta como louca vendo o filho naquele estado com um heroismo cristão que se vê com frequencia entre o povo humilde do Mexico disse-lhe: «Ainda que te matem, meu filho, não renegues da tua fé; mais vale a fé do que a

tua vida. Continua a gritar: «Viva Cristo Rei». Ao perceber a voz da mãe o rapaz já moribundo reanima-se e exclama mais uma vez: «Viva Cristo Rei» e expirou.

Juventude Católica Modêlo

Como os primeiros martires, assim um punhado de jovens mexicanos se preparam para o martirio fortalecendo-se com o *Pão dos fortes*, e as almas ficaram de tal forma robustecidas para a luta que se narra nestas palavras: «Estamos dispostos a dar a vida pela causa que defendemos, porque é justa, e santa». Não buscavam riquezas nem honras, pretendiam apenas trabalhar, pela liberdade da Igreja Catolica no Mexico.

Um deles por nome Nicolas Navarro, pediu a benção ao pai antes de ir para o combate e jejuou na vespera do seu martirio. A' sua esposa que apresentando-lhe o seu filhinho lhe perguntou se tinha coração de os deixar, respondeu: «Antes de tudo devo defender a causa de Deus: e se tivesse dez filhos, todos deixaria pela minha Religião. Quando o meu filho fôr maior, dize-lhe que o seu pae morreu na defesa da sua religião».

Estes valentes assim dispostos para a luta foram vilmente atraiçoados e cairam nas mãos dos soldados de Calles. Eram 11 ao todo.

Prenderam-nos e com brutalidade selvagem insultaram-nos e maltrataram-nos emquanto os levavam presos para a Inspecção da Policia. Depois de longa demora em logares imundos foram conduzidos por ordem, não se sabe de quem, a um logar chamado Brisa pela 1 hora da madrugada, onde os maltrataram com pancadas, arrastaram pelo chão ficando assim desfigurados e com os vestidos rasgados. Preparam-se logo para os fusilar sem mais formalidade judicial. A' vista dos barbaros preparativos para o fusilamento alguns dos jovens começaram a sentir as angustias e horrores da morte. Entre eles estava um menino de 13 anos, por nome Agustin Rios, cuja sensibilidade comovia os mais. José Valencia Gallardo, presidente da Congregação Mariana, repreendeu corajosamente os soldados pelo crime que iam cometer, e dirigindo a palavra aos companheiros, animou-os apontando-lhes para a corôa que iam receber das mãos de Deus e da Virgem de Guadalupe dali a instantes. Não lhe deram tempo para mais. Ao ouvir o nome de Deus e da Virgem de Guadalupe com furor satanico deram sobre ele e cortaram-lhe a lingua desafiando-o no fim a que continuasse a falar. E ele fazendo um supremo esforço conseguiu livrar-se das cordas com que o tinham atado e com o dedo levantado apontava aos companheiros o céo onde em breve se iriam encontrar mais felizes. Nesta atitude foi varado pelas balas dos soldados, e como se isto não bastasse um deles com a coronha despedaçou-lhe o craneo. Dispararam depois sobre os companheiros, conseguindo alguns escapar, pelos quaes se teve conhecimento destas scenas selvagens. A Nicolas Navarro quiseram arrancar alguns documentos comprometedôres para outros. Não podendo salva-los doutra forma, enguli-os. Indignados os soldados de Calles deram sobre ele, quebraram-lhe os dentes e maltrataram-no até lhe fazerem saltar o sangue pelos olhos. E logo o vararam com duas balas. Caindo em terra a gloriosa vitima, teve ainda força e valor para dizer aos companheiros: «Animo, rapazes, lembrai-vos da causa que defendemos. Morramos por Deus e perdoemos aos que assim nos tratam. Viva Cristo Rei!» Os cadaveres dos heroicos defensores da fé foram expostos ás portas do Palacio Municipal, e esta afronta serviu para dar principio á glorificação dos confessores da fé. O pai de um dêles á vista do cadaver do filho exclamou: «Meu filho, roga a Deus pelos teus pais e irmãos para que imitemos o teu exemplo a estas horas estás de certo no céo». A mãe de José Valencia Gallardo, senhora de avançada edade, longe de se entristecer alegrou-se com a lembrança de que era mãe de um martir; e ao chegar ao pé do corpo do filho ajoelhou e sem coragem para o abraçar, por respeito contentou-se com lhe beijar os pés. Recusando-lhe a autoridade o cadaver do filho disse: «Não importa, já o entreguei esta manhã ao Coração de Jesus.

Ao ouvir esta narração o Santo Padre Pio XI comovido até ás lagrimas exclamou: «O Mexico está revelando virtudes muito preciosas. Não pode tardar o dia da vitoria, e será gloriosíssimo para essa nação, que assim tem sabido defender a sua fé e liberdade de consciencia.»

Ás Curas de Fátima

P.e Frederico de Barros Taveira, de S. Martinho d'Anta-Sabrosa (Traz-os-Montes-, em carta de 5 de junho escreve:

Peço o favor de publicar na: Voz de Fátima—o seguinte:

Algumas pessoas desta freguesia resolveram ir a Fátima no dia 13 de Maio proximo passado com o humilde signatario destas linhas, paroco desta freguesia.

Tendo isto constado, pedem-me para deixar ir no nosso grupo uma mulher chamada Ermelinda Teixeira de Matos, casada, de 37 anos de edade, moradora no logar da Magalhã, freguesia de S. Tiago de Andrães, desta diocese de Vila Real. Esta mulher tinha um cancro no peito com ramificações largas e era tal a gravidade do seu estado que o medico de Vila Real, Ex.mo Snr. Dr. Madeira Pinto, que ela tinha consultado, lhe disse que era necessario entrar o mais depressa possivel no Hospital de Coimbra para ali ser operada.

Por este motivo pedem-me que a deixe ir conosco a Fátima e que, se não sentisse melhoras, fizesse todos os esforços para que entrasse no Hospital, ao quê anuí.

Durante a viagem passou mal e tão mal que varias pessoas dos lugares por onde passavamos zombavam de nós por levarmos uma mulher naquele estado a Nossa Senhora do Rosario de Fatima, que ficava tão longe, pois íamos do concelho de Sabrosa, Traz-os-Montes.

Chegando a Fatima, essa mulher apresentou-se ao posto medico e um dos medicos, cujo nome ignoro, recebeu-a com toda a amabilidade, pelo que ficámos muito penhorados e disse-lhe que, por não poder entrar no pavilhão dos doentes por não levar atestado, se aproximasse o mais possivel desse lugar para receber com fervor a benção do S.S. que era dada a todas as pessoas, embora não recebesse a benção especial do S.S. dada aos doentes pelo motivo indicado, porquanto o seu estado era gravissimo e que, se Nossa Senhora, a quem se devia dirigir com toda a fé, lhe não acudisse, precisava de ser operada imediatamente.

A doente assim fez e na volta, estando perto de Coimbra, em cujo hospital não pôde ficar logo, porque prometeram mandá-la ir daí a alguns dias, declarou-nos que se sentia melhor.

O seu aspecto era realmente muito diferente, e, note V. Ex.ª, dava-se isto depois de ela ter passado três noites sem cama e de termos sofrido varios incomodos por causa da viagem ser muito longa e irmos numa camionete descoberta, sem almofadas etc.

Imediatamente pedi á senhora que m'a tinha apresentado, D. Ana Teixeira da Silva, que visse se realmente ela estava melhor.

Declarou-me esta que era verdade, que o cancro tinha desaparecido, restando apenas um nucleosito e que o peito não apresentava o aspecto anterior.

Esperei alguns dias para ver se as melhoras se confirmavam e depois de me terem dito por vezes que ela estava melhor, pedi á referida senhora que a acompanhasse a Vila Real e que falassem com o mesmo medico, Dr. Madeira, para que ele dissesse se as melhoras eram verdadeiras ou se ela ainda precisava de sofrer a operação.

Este disse que a encontrava melhor e que não precisava de ir para o Hospital.

Passados dias entrevistei-a duas vezes e vi que estava muito bem disposta, que já podia aguentar com os trabalhos rudes do campo, e que podia comer de tudo, o que não sucedia antes de ir a Fatima.

Atribue essa mulherzinha a cura a Nossa Senhora do Rosario e, como V. Ex.ª vê pelo relato apresentado sem o minimo exagero, não podemos duvidar do milagre feito por Nossa Senhora.

Bemdita Ela seja por se dignar favorecer com esta graça extraordinaria uma creatura desta região e oxalá ela sirva com muitas outras graças recebidas pelos peregrinos do nosso grupo para animar a fé infelizmente amortecida nesta região.

Desnecessario será dizer que essa mulher se preparou com a Confissão e Comunhão para a viagem, assim como outras pessoas, e que de muitos corações subiram preces ardentes a Nossa Senhora pelo bem dos peregrinos, em particular pelos doentes e que por estes foi oferecido em Fatima o santo Sacrificio».

* * *

Do mesmo Rev. Sacerdote recebemos mais o seguinte:

Fui ontem a Vila Real para obter o atestado. Prometeram mandá-lo na sexta feira proxima.

Como V. me disse que era preciso remetê-lo até ao dia 20 do corrente e não me foi possivel enviá-lo por umas razões que talvez se publiquem nos jornais para edificação de quem as ler, escrevo agora, pedindo a publicação da minha ultima carta no proximo numero da *Voz da Fatima*, confirmando-a, assumindo a responsabilidade e aditando que, ao contrario do que eu supunha acerca do principio e desenvolvimento da cura, a tal dureza, cancro, ou o que quer que fosse, começou a desaparecer do nucleo principal para os lados, restando apenas um nósito insignificante, acerca do qual diz um outro medico, o Ex.mo Snr. Dr. Julio, com consultorio na Rua Direita, que não pensem de forma alguma em o extrair por meio da operação que é inteiramente desnecessaria.

Este tambem a tinha observado antes de ir a Fatima e confirma na minha presença que o caso era gravissimo e que a cura sem tratamento é totalmente inexplicavel.

A este contei as peripecias varias da viagem que deviam necessariamente fazer com que a doente peorasse e que o tratamento, no dizer ingenuo da tal mulherzinha que estava presente, fôra o *encher-se* esta (palavras textuais) de agua de Nossa Senhora de Fatima.

Na minha ultima carta falava em cancro. Pode V. conservar a palavra ou modificá-la, porque os medicos não me souberam dizer claramente o que era. Dizem que era inadiavel a extracção daquilo, mas parece-me que era cancro, porquanto tumor não era, porque já tinha sido lancetado sem derramamento de pús.»

Palmira Teixeira Bastos moradora na rua Rodrigo da Fonseca n.º 9 Lisboa.

Achando-se muito doente com uma crise de coração, em Abril de 1927, e estando inscrita na peregrinação a Assis, via com desgosto que a não podia fazer.

Lembrou-se de fazer uma novena a N. Senhora de Fatima e na tarde desse dia já poude sentar-se na chaise-longue onde passava os dias sem poder levantar a cabeça. No dia 13 de Maio já foi a S. Mamede comungar e acompanhar em procissão N. Senhora até á sua capelinha nesta igreja e no dia 30 seguiu com a peregrinação a Assis sem o minimo incomodo.

N. Senhora de Fatima ainda lhe fez outro grande milagre. No dia 20 de Agosto desse ano foi atropelada por um automovel, ficando com o pé direito muito ferido, torcido e com dois dedos partidos; uma tarde em que estava torturada de dores lembrou-se de aplicar as ligaduras com agua de N. Senhora e nessa noute dormiu tão bem como ainda não tinha dormido depois do desastre.

Tendo-se o medico já despedido continuava com muitas dores nos dedos, quando se calçava; chamou novamente o medico que verificou que a fratura dum dos dedos tinha consolidado em falso e assim o osso fazia pressão no outro dedo causando-lhe muito sofrimento.

Disse-lhe então o medico que o unico remedio era amputar esse dedo. Aflita com essa ideia recorreu mais uma vez a N. Senhora de Fatima fazendo aplicações de terra e agua de Fatima e em pouco tempo ficou completamente curada e já anda ligeira como se não tivesse sido vitima de um desastre tão grave.

Nossa Senhora de Fatima fez-lhe mais duas graças particulares.

Uma irmã dedicada, de Azinhaga (Torres Vedras) em carta de 7 de maio ultimo, escreve:

Como considero um milagre, feito por Nossa Senhora do Rosario da Fátima, a cura de meu irmão Augusto Gomes Duarte de nove anos de idade, natural da freguesia de S. Mamede da Ventosa — Azinhaga — Concelho de Torres Vedras, peço a V. Ex.cia se digne, publicar se o achar conveniente. E' o seguinte: no dia 6 de dezembro de 1926, adoeceu meu irmão; a principio sem saber de que doença sofria, mas passados dias, chamado o médico declarou ser uma meningite; á segunda visita que fez ao doente disse que estava bastante mal, que escapava se fosse tratado como devia ser; mas não sendo os meios suficientes, para que viesse o médico todos os dias, e levar um tratamento rigoroso a doença foi em aumento. Pela 3.ª vizita, do médico Sr. Dr. Antonio Freire, distinto médico de Torres Vedras, a quem álem da Virgem Nossa Senhora da Fátima, devemos toda a consideração, porque sempre o tratou com muito cuidado e carinho; mas vendo o estado do doente disse que era impossivel escapar e se escapasse não ficava livre de defeito, e para um dia vir a ser um homem incapaz de ganhar a vida, mais valia que Deus Nosso Senhor, o levasse. Foi grande a nossa aflição, ao lembrar-nos, que podia ficar mudo, pois esteve dois mezes sem articular uma palavra, e bastante tempo sem se mecher, e até dois dias sem abrir os olhos, parecia um cadáver, tinha de vez em quando aflições parecia que se tapava; esperava-se todos os dias por um desenlasse fatal, e diziam então se melhorar, e ficar sem defeito é um grande milagre, e é como eu e minha família o consideramos. Minha mãe foi-lhe dando de vez em quando a Agua da Fátima e prometeu de ir com ele agradecer a Nossa Senhora, se se dignasse cura-lo, e eu prometi igualmente, e prometi tornar publico, se tivesse a dita, dele se curar e ficar sem defeito algum.

Graças a Deus e á Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima que apesar de muito indignas, nos atendeu, e se dignou curá-lo e ficar livre de defeito, Passados três meses depois de adoecer estava completamente bom, tinha recuperado, a fala e o andar, coisa que ele fez primeiro do que falar, era por isso que muita gente dizia que vinha a ficar mudo, pois já estava bom comia admiravelmente brincava e não falava. Mas a Virgem Nossa Senhora da Fátima, concedeu-nos esta tão grande Graça.

Bemdita para sempre Bemdita Nossa Senhora do Rosario!»

Maria do Rosário, casada, de 60 anos de edade, moradora no logar do Fundo de Vila, da freguesia e concelho da Tábua, Diocese de Coimbra, sofreu horrivelmente durante 10 anos dum eczema numa das pernas que a impediu durante muito tempo de andar, e passava parte das noites fóra do leito, em virtude das dôres se tornarem mais intensas com o calor da cama.

Nos primeiros tempos em que se manifestou a doença, usou uma pomada aconselhada pelo distinto clínico e subdelegado de saude de Tábua, Dr. José da Costa Gaito, mas sem que sentisse algum efeito. Desistiu para sempre de usar mais remedios e começou então a invocar em seu favor Nossa Senhora de Fátima, até que um dia pediu uma pouca de agua de Fátima e com uma fé muito viva banhou a parte chagada por tres vezes consecutivas. Na terceira noite dormiu socegada, e quando pela manhã acordou, ficou surpreendida por não ter sentido dôres algumas. Examinou a perna doente e poude constatar que estava completamente curada sem vestigios alguns da doença que tanto a atormentou durante os longos 10 anos! Por algum tempo guardou sigilo absoluto do facto extraordinario que acabava de presenciar na persuação ainda de que a cura não fosse radical, e só passados quasi dois anos é que tornou o milagre publico (de uma carta do Rev. Paroco, Francisco Firmino Madeira)».

Francisco Pons, actualmente na Beira, ao serviço da Companhia de Moçambique, tendo-lhe na manhã de 26 de Fevereiro do corrente ano, aparecido uma violenta dôr na ilharga esquerda, complicando-lhe com os intestinos e estomago, não podendo de forma alguma socegar; já perto da noite recordou-se que tinha uma imagem da Senhora de Fátima, que lhe havia sido enviada de Portugal, por pessoa de familia, á intercessão da qual recorreu, colocando-a na parte doente e passados poucos momentos desaparecia-lhe por completo todo o seu mal estar sem deixar vestigio algum. Cumprindo com a promessa feita na ocasião, vem pedir a V. Ex.ª a fineza da publicação desta graça no seu mui digno jornal, o que desde já penhorado agradece.

a VOZ DE FÁTIMA e os seus leitores.

Iniciamos hoje uma nova secção que aparecerá de vez em quando se o espaço no-lo permitir.

Nela apresentaremos alguns recortes das inumeraveis e por vezes interessantissimas cartas que dia a dia afluem á nossa Redacção.

Será como que o termometro e o indice da difusão e acção desto jornalzinho que com ser tão pequenino e despretencioso conta os leitores por dezenas de milhar, espalhados pelas cinco partes do mundo.

Por ela se verá como ele é lido e estimado.

Não publicamos nomes por a isso não estarmos autorisados mas conservamos os originais donde transcrevemos as varias passagens.

* * *

Duma carta escrita do Minho em Maio deste ano acompanhando um cheque para assinaturas:

«O jornalzinho está aqui fazendo muito bem ás almas.

Nestas pequenas esmolas vão algumas oferecidas por pessoas que ainda há pouco eram incredulas.

Alguns já foram á Fatima.

Numa familia em que era impossivel entrar um sacerdote ou pessoa piedosa para falar em sacramentos a um tuberculoso, entrou *«A Voz da Fatima»*; pouco depois começou o enfermo a recitar três Ave-Marias e passados alguns dias foi permitida já a visita dum padre que, falando de curas operadas pela devoção a N. Senhora do Rosario da Fatima, teve a dita de conseguir no mesmo dia que o doente recebesse todos os sacramentos.

Esta conversão fez enorme impressão no animo daqueles que conheciam o homem.

A devoção a N. Senhora da Fatima tem aumentado muito aqui nestes ultimos dois anos.

Na igreja de X, onde sou capelão, começámos há dois anos a celebrar o dia 13 de cada mês havendo, ao meio dia, exposição do S.S., Adoração, terço e Benção — tudo em união espiritual com os peregrinos da Cova da Iria.

Enche-se a igreja.

... ...

No dia 13 comungam todos os enfermos. Desperta devoção maior nos assistentes á recitação do terço ao meio dia solar saber-se que a Missa celebrada áquela mesma hora no local das Aparições é também aplicada pelos que estiverem unidos espiritualmente com os peregrinos.

Noto que todos os dias bastante gente se prosta deante da pequena imagem (que aqui se venera) de Nossa Senhora da Fátima, fazendo novenas para alcançar graças.

Os que foram á Fátima nesta ultima peregrinação vieram entusiasmados e animam outros; já por aqui se pensa em organisar uma em comboio especial.

P.e X

* * *

Dum sacerdote pedindo alguns exemplares para uma casa de trabalho do Patriarcado:

«Com os meus respeitos, tomo a liberdade de lhe enviar 15$00 para o jornal «Voz da Fátima» que tanto está contribuindo para o levantamento espiritual do povo português, e de lhe pedir o especial obséquio de, sendo possivel, enviar regularmente alguns exemplares para a Casa de Trabalho de X.

As suas educandas muito carecem do alimento que esse jornal (por elas lido com avidez) lhes ministra, mas muito mais aproveitará ás suas familias, estou certo disso, se elas o puderem levar para suas casas.

* * *

Dum Ex.mo Prelado duma Diocese Hespanhola numa carta intima:

«De seguro que no le molestarán sus peregrinaciones a Fátima donde tiene Usted un tesouro por haberlo escogido la Virgen como punto y centro de irradiación de sus grácias y maravillas para la salvación del mundo y de Portugal especialmente.

Con que gusto hubiera ido yo si mis años y mis occupaciones me lo permitiéran.

Ruego-le que quando Usted vaya tenga la caridad de presentar a tan buena Madre mis necessidades, pecados y ignorancias y podirle remedio.

* * *

E por hoje bastam estes três excertos de três interessantissimas cartas que o espaço não dá para mais.

O que ha de maior no mundo!

O que ha de maior no mundo é... *um acto de amor de Deus.*

A pobre Ana...

Não sei se conhecem a Ana. Afinal ela... é quasi desconhecida mesmo na sua aldeia...

No entanto a pobre Ana, *aos olhos de Deus* é uma das maiores personagens do mundo.

—Mas, como é isso?

—O que fez ela? Oh! Nada que toda a gente não pudesse fazer, mas que *nem toda a gente faz...*

O que seria? Ora, ouvi, lá:

Esta manhã, ao acordar, disse: «meu Deus, todo este dia, feliz ou infeliz, *é só para Vós!*»

Quando ela retoma, o seu trabalho de todos os dias diz: *«meu Deus, para Vossa maior gloria,»*

Quando ia a sair para a rua ouviu alguem blasfemar e disse lá no seu coração: *«Meu Deus, eu Vos amo mil vezes mais* do que este desgraçado vos despreza!...»

Quando encontra no caminho um pobresinho, da-lhe qualquer coisa e pensa lá consigo: «meu Deus; *é a Vós que eu o dou.*»

Quando se fazem os peditorios para o Seminario, ou quaisquer obras da paroquia, ela dá sempre alguma coisa e diz intimamente: «não sou rica *mas posso ajudar a salvar uma alma.*»

Vieram pedir-lhe um serviço que ela prestou da melhor vontade, dizendo interiormente: «Ah! isto custa-me bastante, mas é... *por Nosso Senhor.*

Um dia houve quem se lembrasse de a caluniar, áquela pobre mulher. Ela, beijou ternamente os pés do seu crucifixo, dizendo: «Meu Deus!... Como vós... *muito obrigado.*»

A' noite, ao adormecer, fazendo um acto de contrição, diz: «Meu Deus, amei-Vos muito pouco hoje *mas espero amar-Vos mais amanhã».*

Ela não fez senão isto, digovo-lo eu! E já bastantes anos que ela não faz senão isto.

Não será grande coisa *aos olhos do mundo?...*

Mas aos olhos de Deus, é muito. Aos olhos de Deus *é tudo!*

E ahi está a razão porque eu vos digo que a Ana, pobre e quasi desconhecida, *é uma das maiores personagens do mundo!*

Vinde cá todos, escritores, oradores, politicos, artistas, que encheis a terra com o vosso nome. Fumo, tudo fumo. Dentro d'alguns anos estareis mortos e se desejaes que a terra vos seja leve, dormi descançados porque a vossa fortuna e gloria não vos farão muito peso.

E vós, conquistadores terriveis, que haveis sacudido e abalado o mundo com as correrias das vossas victorias... fumo, só fumo!

E' certo que a pobre Ana deu menos nas vistas que vós.

A pobre mulher não é no mundo mais que um grão de areia na praia do mar. O vento sopra e leva consigo o grão de areia. E quem ha que dê pelo espaço que ele deixou vasio?

Dentro d'algum tempo Ana estará morta e quem dará pelo seu desaparecimento?

Não obstante, esta mulher, desempenhou um papel superior ao vosso, uma obra de maior alcance.

Vós abalastes o mundo?

Ela fez mais: *abalou o coração de Deus!...*

E quando os actos dos dois forem pesados na balança da justiça divina, os vossos serão achados *mais leves.*

O mundo tem as suas balanças Deus tem tambem as suas e estas é que serão justas.

Almas ignoradas que lêrdes estas linhas, ide e fazei como a pobre Ana: *O que ha de maior no mundo é um acto de amor de Deus! Um acto de amor para com Nosso Senhor realmente presente no Santissimo Sacramento!*

VOZ DA FATIMA

Despeza

Transporte	108.647$50
Papel, composição e impressão do n.º 69 (43.500 exemplares)	2.600$75
Sêlos, embalagem, expedição, gravuras, etc.	809$15
	112.057$40

Subscrição

(Setembro de 1927)

Enviaram dez escudos: Francisco Machado Brun Corrêa de Melo, Laura Assis de Morais, Antonio Joaquim Figueira, Manuel Teixeira de Carvalho, Aida Ferraz d'Aguiar (20$00), P.e Augusto da Silva (20$00), Delfina Ferraz Cortez (20$00), Maria d'Azevedo Maia (12$50), Joaquim Rodrigues de Amorim (15$00), Ester Rodrigues, Perpetua Jesus Guerra, Beatriz Hansen, P.e João Franscisco Goulart, Angelina Vieira Brandão (15$) Vitoria da Conceição, Tereza de Jesus Cunha Amorim (50$00), Julia Pinto Coelho, Emilia Rosa Mendes, José Manço Junior, José Ferreira (20$00), Ana Augusta de Oliveira, Balbina Isabel Afonso, Manuel Maria Lucio (20$00), Ana Rosa Salgueiro da Veiga, Maria de Jesus Vilhena Carvalho, Maria Helena Guimarães (20$00), Maria Ignês Namorado Fernandes (20$00) João Fernandes Martins (40$90), Arnaldo Esteves, Dr. João Martins de Freitas, P.e José Agostinho Vaz, Maria Jacinta Candeias, Maria José Ferreira Paulino (jornais — 100$00), Maria Benedicta Gomes da Silva, Margarida Esteves, Maria Petinha Bonifacio, Amelia Nunes Ribeiro, José Semedo, Maria Eugenia Reis, Condessa de Monte Real, Emilia Maria Parry Pereira, Madame Duarte, Marqueza da Praia, Maria José Soares, Maria José dos Santos, Virginia G. Pinto, Laura Possolo da Costa, M.ª do Carmo Rib.ª, Mariana Salema de Avilez, M.ª Perestrelo Orey, Maria Viana Moreira, Francisca Rosa de Jesus Canas, Emilia Victoria de Jesus, Maria José de Barros Lima Salgado, Maria José Portal, Maria José Batalha (jornais — 20$00), Regente da Creche de Ovar (12$00), Maria da Encarnação Carvalho, Maria das Dores Andrade, Mariana Saldida (20$00), Alzira dos Anjos Rebelo Cebolão (20$00), Adelaide de Jesus da Cunha (20$00), Rosa d'Oliveira, Carolina Pinho, Flavia da Silva, Palmira A. R. Cebolão (20$00-, Manuel M.ª Porrão, Maria Luiza da Silva (20$00), Manuel José Conde (20$00), Dr. Souza, Carolina Pinho, Rosalina Marques Pinto, Maria Augusta Gomes (40$00), Paulina Faria, Teresa B. Forte (jornais, etc. 130$00), José Baeto, Maria Pilar, Beatriz de Lemos Trigueiros (20$00), Angelica Garcia Gago da Camara (13$00), Elvira Oliveira Pinto de Souza, Tereza da Conceição Xavier Ramos Neto, José Monteiro, Manuel Antunes (20$00), Anunciação do Vale Santos, Eliza Vidal, Maria da Graça Paivã, Ana da Graça Nunes, Paulo Moreira (20$00), Emilia Soares, Manuel Ferreira Patricio, Antonio Duarte Canas (12$50), Maria Simões, Maria Rita de Oliveira Ramalho, Sofia Conceição Fernandes Lopes, Maria Jesuina Gonçalves Mourão, Maria Ester M. Guedes Pinto, Maria Stael, Rogerio Augusto da Veiga Ferreira.

De Jornais: um devoto de Sernache, 183$00; Henriqueta Godinho, 120$00; Miguel Bento Nunes, 50$00; Emilia Veiga, 40$00 Reinaldo Monteiro Basto, 68$00; Antonio Vieira Leite, 65$00; Josefa de Jesus, 30$85; Maria Rosa Magno, 80$00, Laurinda de Souza, 106$40; Maria das Dôres Tavares de Souza, 163$50; de Salvaterra e Coruche, 100$00; donativos de Evora (D. Maria José Bagulho etc.) 100$00; Angelina da Conceição Soares Louzada, 100$00; Maria José Ferreira Paulino, 500$00; Maria Joaquina da Silva, 35$00; Manuel Alves Mateus, 42$50; Zulmira da Mota Galhardo, 40$00; P.e Augusto José Vieira, 72$50; Luciano de Almeida Monteiro, 50$00; Sofia da Graça, 50$00; Dr. José Luiz Mendes Pinheiro, 50$00; Entregue pelo Rev. P.e Magalhães, 60$00; Maria Emilia Vieira, 97$50.

Efeitos da Santa Comunhão

«Parece-me, dizia santa Rosa de Lima, que nas minhas Comunhões, um sol desce do Ceu ao meu peito, pois que tudo o que se passa em mim é semelhante ao que faz o sol cá no mundo.

Vêdes como o sol alegra tudo com o seu calor e a sua luz, como ele orna a terra de flôres e frutos, como ele embeleza os mares com os seus raios e enriquece as montanhas de tesouros metalicos, como alegra as aves do ceu e faz vegetar as plantas e os animaes; como ele ilumina, abrasa e colora todos os objectos que compõem este vasto universo? Pois bem.

E' isso o que faz na minha alma a carne de Jesus Cristo pela sua presença real!

O ESPIRITO DE FÉ

«Sabeis porque nas nossas igrejas, quer durante a Santa Missa, quer durante outros actos do culto, tantas pessoas se mostram distraidas e indiferentes? E' porque não teem o espirito de fé na presença real do Salvador no Sacrario.

Sem duvida creem que Ele está lá mas a sua fé é tibia e superficial. Os verdadeiros fieis, os que teem espirito de fé no Santissimo Sacramento, procedem doutra forma. Conheci um bom numero de jovens, bons aprendizes, que, de manhã, ao ir para a oficina, entravam, sem nunca faltar, na primeira egreja que encontravam no caminho, ali ajoelhavam a um canto e, durante alguns minutos, adoravam a Jesus Cristo e lhe consagravam o seu dia.

Um admiravel cristão, protestante convertido que ha tempo conheci em Roma (diz Monsenhor de Segur), dizia-me um dia: *«Para mim, um dia sem missa e sem comunhão, faz-me o efeito de um dia sem sol.»* Esse santo homem ia todos os dias, estivesse o tempo que estivesse e quaesquer que fossem as suas ocupações, passar uma hora inteira deante do Santissimo Sacramento e parecia-lhe essa hora um instante.

Conheci outro, em Paris, artista celebre, tambem convertido, não do protestantismo mas da indiferença e da vida mundana, que se via muitas vezes mais de duas horas em oração, escondido em qualquer canto como um pobre qualquer.

«Não ha senão isto e nada melhor que isto no mundo! (dizia ele).»

Um outro, um antigo general voltado para Deus aos sessenta anos, começava da mesma forma todos os seus dias por uma longa e santa adoração e uma melhor comunhão.»

Viveu assim até á edade de oitenta e dois anos.

Dizia ele um dia a um amigo: *«Nunca no mundo amei tanto uma pessoa como amo a Nossa Senhor.»*

Um pobre empregado continua Monsenhor de Ségur) fazia mais ainda pelo Santissimo Sacramento. Irresistivelmente levado pela sua fé, tinha deixado tudo para se dedicar unicamente á bela Obra da Adoração Nocturna, transportando com o suor na fronte, todos os dias. dum lado ao outro de Paris todo o mobiliário necessario durante as noites de adoração, mal tocando no sono, passando a noite quasi inteira deante do Santissimo sacramento. Era um homem do povo sem outra sciencia senão a sua grande fé. Depois de treze anos e meio desta vida admiravel morreu como tinha vivido, como um santo.

Eis o que produz o espirito de fé no Santissimo Sacramento.

A todos aqueles que amo não desejo senão uma coisa e que encerra tudo: uma fé profunda, viva e terna para com Deus na Eucaristia.»

O LIVRO:

AS GRANDES MARAVILHAS DE FÁTIMA

pelo Visconde de Montelo,

vende-se em FÁTIMA.

Cada exemplar, dez Escudos.

Todo o producto liquido de venda é destinado á Obra de Fátima.

Ano VI Leiria, 13 de Agosto de 1928 N.º 71

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

NOS DOMINIOS DO SANTO CONDESTAVEL

Peregrinação Regional de Leiria — A cidade do Lis aos pés da Virgem — O Rev. Augusto da Sousa Máia e o Apostolado da Oração — O Anjo da Diocese — No recinto dos Santuários.

Depois de Torres Novas, a formosa princesa do Almonda, foi à ínclita rainha do Lis, a nobre e histórica cidade de Leiria, que coube a vez de realisar uma peregrinação regional ao venerando e augusto Santuário de Nossa Senhora do Rosário, de Fátima. Situada mais perto da Lourdes portuguêsa do que qualquer outra cidade, ponto de passagem forçado para todos os peregrinos procedentes da linha de Oeste, Leiria, que durante tantos anos tem visto circular através das suas ruas e praças as multidões dos crentes, compartilhando da sua Fé, da sua devoção e do seu entusiasmo e engrossando-as com numerosas falanges de habitantes seus, há muito tempo que acalentava a ideia de organisar uma peregrinação regional a êsse logar privilegiado e bemdito, testemunha de tantos e tão grandes prodígios do Céu, de tantas e tão assombrosas maravilhas divinas.

Era chegado o momento de pôr mãos à obra e levar a efeito êsse projecto duma população crente e piedosa, que vive e prospera sob a égide da Virgem, com o título de Nossa Senhora da Encarnação, cujo santuário se ergue, esbelto e donairoso, num dos montes sobranceiros, como penhor da protecção e das bênçãos de Deus.

Foi no dia treze de Julho que se efectuou essa admirável romagem, que assumiu o dôce encargo de ir depôr aos pés de Maria, em nome da cidade, a homenagem da sua veneração, o tributo do seu reconhecimento e o preito do seu amor.

A iniciativa desta manifestação de piedade para com a Virgem Santíssima deve-se à Liga do Apostolado da Oração, de Leiria, e em especial ao seu ilustre director, o Rev.do Augusto de Souza Maia, secretário do Ex.mo Prelado e professor no Seminário. Vontade de ferro, alma de diamante e coração de ouro, êste brilhante ornamento do ilustrado e zeloso clero de Leiria poz todo o fogo do seu fremente entusiasmo na organisação desta romagem, para que ela resultasse condigna da Virgem e constituísse um motivo de justo desvanecimento para a cidade.

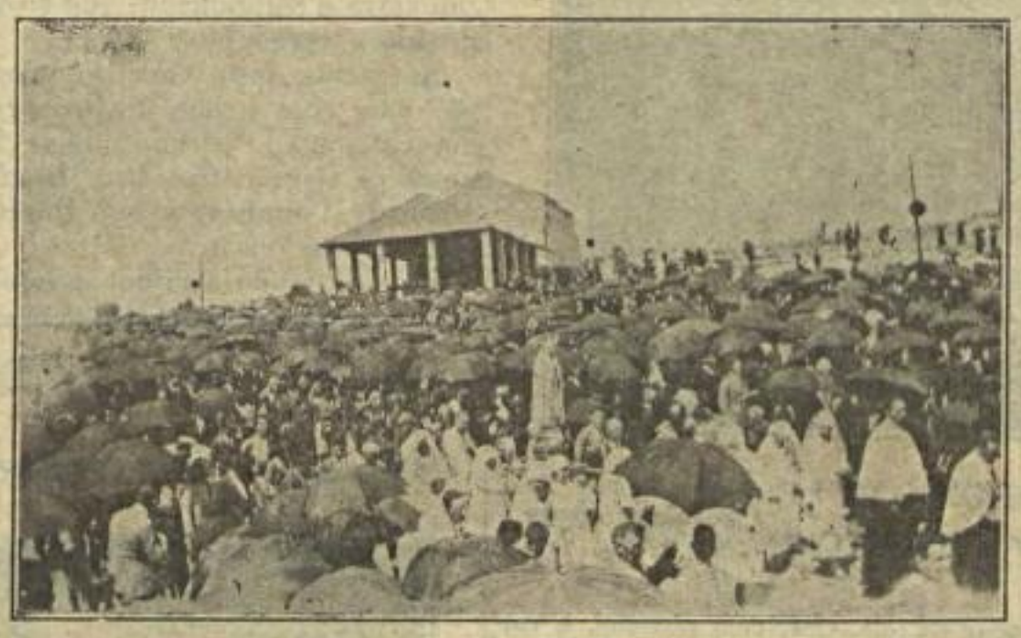
Impulsionaram em larga escala êste grandioso movimento de Fé e piedade, fornecendo um dêles o saber e o tacto da sua longa e provada experiência, o outro os éstos ardorosos do seu temperamento e da sua mocidade e ambos o prestígio dos seus nomes e a influência dos cargos que desempenham, o Rev.do João Quaresma, vigário geral da Diocese, e o Rev.do Dr. Sebastião Brites, prior da freguesia.

Foram cêrca de quinhentos habitantes da cidade.

Nos dias onze e doze houve na Catedral exercícios piedosos como preparação para a solene romagem.

Sua Excelência Reverendissima, o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, dignou-se aceitar a presidência de honra da peregrinação. No dia treze de manhã todos os peregrinos se reuniram na Sé e, tendo recebido a bênção do Santíssimo Sacramento, cad. um tomou logar na respectiva *camionette* e lá seguiram, entoando cânticos e recitando o terço, a caminho de Fátima.

Quando chegaram às portas do Santuário, organisou-se uma vistosa procissão: à frente um grupo de *scouts* levando a



A VOLTA DA PROCISSÃO
EM 13 DE JULHO

sua respectiva bandeira, depois os sócios da Juventude Católica Feminina, com o seu estandarte, professoras e alunas do Pensionato de Nossa Senhora de Fátima, as senhoras, os homens e por fim o Venerando Prelado, rodeado pelo clero e pelos alunos do Seminário. Numerosos contingentes de todas as freguesias da diocese engrossaram consideràvelmente o grandioso e imponente cortejo.

Era dum efeito admirável esta procissão, graças à boa ordem, compostura e gravidade que os peregrinos guardavam e impressionava agradàvelmente o entusiasmo com que todos cantavam os hinos de Nossa Senhora de Fátima.

Momento solenissimo aquele em que o grande cortejo, descendo pela Avenida Central, invade os domínios da Virgem e entra nos seus santuários, testemunhas de tantos milagres do seu poder e de tantas graças do seu maternal amor!

O ilustre e venerando Prelado aproveitou mais uma ocasião favorável para se ir prostrar aos pés da Virgem bemdita no santuário da sua eleição, trono augusto das suas misericórdias e manancial abundante e inexhaurível dos favores celestes. Simples no trato, duma afabilidade encantadora, que traduz a bondade imensa do seu coração de Pastor modêlo e dá a impressão duma alma sempre igual mergulhada no sobrenatural e por isso intimamente unida a Deus, o Anjo da diocese de Leiria, que o divino Espírito Santo nela colocou para a governar sábia e santamente, com o prestígio do seu talento peregrino e com o ascendente das suas preclarissimas virtudes, recebeu em Fátima sinais inequívocos da veneração, simpatia e estima de que é objecto da parte do seu povo fiel, a quem edificaram sobremaneira o zêlo e a caridade com que se sujeitou a tantos incómodos e sacrifícios para o acompanhar e tomar parte em todas as cerimónias da peregrinação.

A Fé e piedade dos peregrinos de Leiria — Missa e prática do Venerando prelado — A Comunhão Geral — Terno adeus de saudade — O regresso aos lares.

No rosto do Venerando Antístite Leiriense reflectia-se visivelmente a alegria intensa que lhe inundava a alma ao presenciar aquele acto profundamente consolador e bem significativo da Fé viva e da piedade acrisolada de tantos dos seus queridos diocesanos.

Tendo chegado junto da primeira fonte da água miraculosa, a procissão encaminhou-se primeiro para a capela das aparições, onde foram rezadas três Ave-Marias como saudação à Virgem, avançando em seguida para o abrigo dos doentes. Eram aproximadamente dez horas.

O Senhor D. José celebrou a santa Missa e administrou a Comunhão geral, tendo feito préviamente uma comovente alocução. As lágrimas acudiam aos olhos de todos. Poucos, muito poucos mesmo, foram os peregrinos que não se aproximaram do banquete eucarístico.

Assistiram depois os peregrinos à procissão de Nossa Senhora, à missa oficial e à bênção do Santíssimo Sacramento aos enfermos.

Pelas quatro horas da tarde reuniram-se no pavilhão dos doentes para se despedirem de Nossa Senhora: impressionante e encantadora despedida, que comoveu até às lágrimas todos os que a ela assistiram. Presidiu a esta cerimónia o Rev.do vigário geral, rezando-se o terço e cantando-se no fim de cada dezena uma estrofe do hino de Nossa Senhora de Fátima.

Recitada a Ladainha Lauretana, o Excelentíssimo Senhor Bispo dirige de novo a palavra aos seus peregrinos, pedindo-lhes que conservem bem na memória êste dia, que se afervorem mais na devoção à Mãe do Céu e roga a Nossa Senhora de Fátima que abençôe os seus queridos diocesanos da cidade de Leiria, as suas famílias e todos aqueles que desta vez não puderam encontrar-se ali.

Como fecho e coroa da encantadora romagem, cantou-se o sentido cântico — «Um terno adeus de saudade», com que é costume rematar, em muitas freguesias do nosso país, o piedoso mês de Maria.

Estava terminada a peregrinação. Todos os romeiros voltaram a ocupar os seus logares nas *camionettes* e todos chegaram a Leiria, alegres e satisfeitos, sem que nenhum incidente desagradável tivesse vindo empanar o brilho desta piedosa romagem da cidade do Lis ao grande Santuário nacional de Nossa Senhora de Fátima.

Procissão das velas — Adoração nocturna de Jesus-Hóstia — Peregrinações de Setubal, Lamego, Vilar (Cadaval), Castro Daire, Tinalhas, etc. — Procissão da Virgem, missa solene e benção dos doentes — Alocução do venerando Prelado de Leiria.

Na forma do costume realisou-se, no dia doze à noite, a tradicional procissão das velas, dentro do recinto dos santuários, com a ordem e devoção dos meses anteriores. A' uma hora da madrugada, depois dum curto intervalo de descanso, começou a adoração do Santíssimo Sacramento, a que assistiram todos os peregrinos presentes.

De manhã, bastante cedo, principiaram as missas, confessando-se e comungando muitas centenas, talvez mesmo milhares, de pessoas.

Vieram peregrinações de Setubal, Lamego, Vilar (Cadaval), Castro Daire Tinalhas, e outros pontos de Portugal. A de Setubal trouxe aos pés da Virgem duzentas e setenta e cinco pessoas. Esta peregrinação, numerosa e bem organizada, era dirigida pelo rev.do Francisco Carlos Nunes, vigário geral de Setubal.

Ao meio-dia solar, depois de se realizar a costumada procissão da Virgem, começou a missa solene, que foi celebrada pelo rev.do dr. José Galamba de Oliveí-

ra, professor no Seminário de Leiria e capelão dos *scouts* da mesma cidade.

Deu a bênção com o Santíssimo Sacramento o Senhor Bispo de Leiria. Em seguida o venerando Prelado subiu ao púlpito e fez um breve mas primoroso sermão. Anunciou em primeiro logar que estava oficialmente convidado pela Cruzada Nun'Alvares a presidir à romagem nacional que aquela patriótica e benemérita colectividade promove ao Santuário da Religião, em Fátima, no dia treze, e ao Santuário da Patria, nos campos de S. Jorge em Aljubarrota, no dia catorze de Agosto: Depois referiu-se às necessidades físicas e morais dos indivíduos, das famílias, do nosso país, invocando repetidas vezes a Consoladora dos Aflitos, invocações a que a multidão respondia, bradando em unísono: «Rogai por nós!»

Procissão final — Peregrinos estrangeiros — Algumas curas extraordinárias — Júbilo e entusiasmo da multidão — A debandada geral.

Logo que se apagaram os ecos das últimas palavras do augusto orador, formou-se o cortejo do costume para reconduzir a Imagem de Nossa Senhora de Fátima à capela comemorativa das aparições.

Os raios do sol incidiam quási perpendicularmente sôbre as cabeças dos peregrinos, que durante longas horas se tinham conservado firmes no seu posto junto da capela nova, para assistirem a todos os actos oficiais da peregrinação. O calor sufocava. Mas, apesar disso, a multidão não se afastou do logar sagrado e, cheia de comoção e dominada pelo mais vivo entusiasmo, aclamava a Virgem, soltando vivas, acenando com os lenços e batendo as palmas.

Entre os peregrinos havia alguns cuja origem estrangeira fácilmente se reconhecia, predominando os brasileiros e os espanhois.

De Espanha estavam duas pessoas, marido e mulher, esta doente, tendo por êsse motivo dado entrada no pavilhão dos enfermos, depois de lhe ser distribuida a competente senha no Posto das verificações médicas.

Quando á peregrinação de Setubal fazia os últimos preparativos para o regresso, uma doente trasida por essa peregrinação, de nome Fernanda de Jesus, que havia sete anos se achava paralítica, quís que a levassem novamente à capela das aparições para se despedir de Nossa Senhora. Tendo entrado no santuário, ela, que de modo nenhum era capaz de mover-se, levanta-se de repente e abraça-se à Imagem da Virgem, chorando de alegria e comoção. Não se pode descrever o que então se passou no recinto das aparições. O entusiasmo da multidão atingiu as raias do delírio e foi no meio dum cortejo de milhares de pessoas e do estrondear duma ovação formidável à Rainha do Céu que a feliz peregrina se dirigiu ao Posto das verificações médicas para a constatação da sua cura.

Tomou também parte na peregrinação, em acção de graças, uma menina do Porto, de nome Margarida Duarte de Souza, de vinte e três anos de idade e a quem doze médicos tinham dito que para se curar precisava absolutamente de fazer uma operação. A pobre menina preferia morrer a sujeitar-se a essa operação. Cheia de confiança na bondade maternal da Santíssima Virgem, recorreu a ela sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima e num dos últimos dias do mês de Junho próximo passado achou-se repentinamente curada.

Entre os doentes que assistiram aos actos religiosos oficiais dentro do Pavilhão, via-se um homem que sofria de tuberculose na laringe. Depois da bênção com o Santíssimo sentiu consideráveis melhoras, porque, estando quási completamente afónico, recuperou de súbito a voz, falando clara e distintamente, como uma pessoa, cujo aparelho bocal funciona sem anormalidade.

A peregrinação de Vilar (Cadaval) tinha levado a Fátima, além doutros doentes, uma mulher extraordinàriamente paralítica.

Durante a viagem de regresso, quando a peregrinação chegou a Alcobaça e se preparava para visitar a igreja e o mosteiro, achou-se completamente curada, tendo-lhe desaparecido as dores por completo já desde a partida de Fátima, onde sentira melhoras consideráveis à bênção do Santíssimo.

Os jornais de grande circulação publicaram a notícia desta cura, que parece absolutamente incontestável.

Duma carta datada do dia treze e dirigida por uma respeitável senhora de Alcobaça a uma sua filha residente em Leiria tomamos a liberdade de transcrever os seguintes períodos encantadores pela singeleza e fidelidade da narrativa, tanto mais para apreciar quanto é certo que essa carta não era destinada à publicidade.

«Estou a escrever-te muito contente com um milagre que se acaba de realizar devido á intercessão de Nossa Senhora de Fátima. Uma peregrinação de Cadaval (creio que é de Vilar) levava uma entrevadinha ha cinco anos que os escoteiros foram buscar ao colo. Ora, pelo caminho, à vinda para cá, dizia assim: «não me doi nada».

Chegaram a Alcobaça, apearam-se para ir ao mosteiro e qual não foi o espanto de tôda a peregrinação e do senhor Prior que vinha com ela, quando a mulherzinha desceu pelo seu pé, subiu a escada tôda e foi ajoelhar-se diante do altar do Santíssimo. Que alegria para todos e para nós especialmente por ser aqui que ela andou pela primeira vez! Depois de sairem da igreja, organizaram uma procissão que veio até à nossa casa, a cantar, com os estandartes de Nossa Senhora da Conceição e de S. José. Que grande é o poder de Deus, minha querida filha, mas é preciso também nós sermos muito bons para assim Nossa Senhora nos ouvir... ... ...»

Terminados os actos oficiais e acalmado o entusiasmo produzido pela cura da paralítica Fernanda de Jesus, as peregrinações organizadas e os peregrinos isolados apressam-se a regressar aos seus lares distantes.

A multidão imensa que enchia o vasto anfiteatro da Cova da Iria e que era pouco inferior à de treze de Junho, escoa-se pouco a pouco em direção à estrada distrital e aos caminhos e atalhos da montanha. Apenas a peregrinação de Leiria se conserva ainda em volta do Pavilhão rezando as últimas preces, fazendo as derradeiras despedidas.

O astro-rei ainda inundava com a sua fina poalha de ouro os santuários da Cova da Iria e os cumes das colinas adjacentes e já no recinto das aparições reinava um silêncio sagrado, apenas interrompido de vez em quando pelo canto dalgum pegureiro ou pelo piar funéreo das aves nocturnas.

Visconde de Montello

BATALHA — CAPELA ONDE D. JOÃO I FEZ O VOTO A NOSSA SENHORA DA VICTÓRIA

A missão gloriosa de Portugal

CARACTER RELIGIOSO DA VICTÓRIA DE ALJUBARROTA

Passando amanhã o aniversario da batalha de Aljubarrota (14 d'Agosto de 1385) que este ano é comemorada duma forma mais solene, parece-nos vir a proposito o seguinte artigo.

Falecido em Roma o Papa Gregorio XI, os cardeais deram-lhe por sucessor Urbano VI. O novo Pontifice entrou logo a reformar com grande zelo não poucos abusos da sua côrte. Os cardeaes irritados rebelaram-se quasi todos contra êle e reunidos em Fondi elegeram anti-papa o Cardeal Roberto que tomou o nome de Clemente VII. Notificada esta nova eleição ás côrtes da Europa só Portugal permaneceu fiel ao verdadeiro Pontifice, Urbano VI.

Solene juramento de D. Fernando e da côrte a Urbano VI

Publicado o scisma de Castela na Sé de Salamanca, a 19 de Maio de 1381, o pseudo-legado, Pedro de Luna, passou logo a Portugal, esperando aqui alcançar o mesmo triunfo. Mas os seus sofismas foram refutados pelos Prelados reunidos em Santarem, em presença de D. Fernando, tão clara e solidamente que ficou reduzido a vergonhoso silencio.

As actas deste concilio nacional são uma obra prima de jurisprudencia canonica, distinguindo-se muito entre os eclesiasticos Ruy Lourenço, Deão de Coimbra, e um Doutor da Catedral de Vizeu.

D. Fernando aceitou a resolução dos Bispos, e para que a adhesão fosse mais solene, *no dia 29 de Agosto de 1381* El-rei e toda a côrte na Sé de Lisboa prometeram e juraram firme obediencia a Urbano VI, pondo a mão sobre uma Hostia consagrada, estilo com que se prometiam e juravam naquele tempo as coisas de maior consideração. Logo todo o reino seguiu o exemplo do rei e da côrte. Desta forma a causa do Catolicismo identificou-se com a causa da independencia nacional; o triunfo da Igreja seria tambem o de Portugal. (Mon. Lusit. pg. 8 P. 8, I. 22, cc. 40 e 41)

Vantagens alcançadas pelo pseudo-legado a favor do anti-papa

Conseguiu apesar de tudo Pedro de Luna do rei D. Fernando ou da rainha D. Leonor que D. Martinho de Zamora passasse do Bispado de Silves para o de Lisboa, então vago. Este bispo, com a promessa de ser Cardeal, trabalhou com tanta actividade a favor do anti-papa, que induziu o rei a dar em casamento D. Beatriz ao rei de Castela D. João Henrique, embora condenado e deposto pelo Papa desde 27 de Março de 1382. Foi D. Martinho quem levou o embaixador castelhano em Março do ano seguinte á presença de D. Fernando em Salvaterra de Magos, e a 17 de Maio assistiu na Sé de Badajoz á celebração do Matrimonio, que as côrtes de Coimbra tiveram justamente como *nulo e in-*

POR DEUS E PELA PÁTRIA

D. NUNO ALVARES PEREIRA
(Beato Nuno de Santa Maria)
QUE SE VENERA NA CAPELA DE S. JORGE ALJUBARROTA

A Missa de um Santo

Levaram um dia a S. Filipe Neri quatro irmãos israelitas para ele os converter. O Santo recebeu-os com toda a afeição e caricias sem lhes dizer nem uma palavra sobre religião. Depois de alguns dias, pediu-lhes que se encomendassem muito ao Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob para que Ele lhes inspirasse o conhecimento da verdadeira fé. Depois, com grande Amor de Deus, ajuntou: «e eu amanhã á Missa, pedirei por vós e farei violência a Deus».

Mais do que isto. A outra pessoa disse ele: «Amanhã, á minha Missa, eles dirão o sim».

Chegada a manhã os quatro jovens judeus resistiam mais que nunca; e além disso, tendo estado a disputar algumas horas com algumas pessoas, ficaram mais firmes e obstinados na sua opinião. Mas (coisa admirável!), enquanto S. Filipe Neri dizia a Missa, mudaram subitamente e, cheios de alegria, pediram para se fazerem cristãos.

A' caridade dos nossos leitôres

Varias pessoas se nos teem dirigido para que por meio deste jornalzinho recomendemos á caridade dos nossos leitores as suas necessidades.

Entre estas está uma esposa que pede a conversão de seu marido e a força necessaria para não sucumbir nesta prova por que Nosso Senhor a faz passar.

Esperamos que todos atenderão as suas intenções ás preces que a N. Senhora fazemos por estas necessidades.

cestuoso, por haver impedimento de parentesco sem dispensa do verdadeiro Papa, Urbano VI.
(Ibidem c. 50)

Traição e suplício do bispo intruso de Lisboa, D. Martinho Zamora

Conforme consta do Breve «*Sedes Apostolica*» de 4 de Novembro de 1385 que Urbano VI dirigiu de Genova ao Bispo de Lisboa, os cidadãos João da Veiga, Silvestre Esteves e Estevão Afonso e outros, num excesso de dedicação á verdadeira causa, mataram a D. Martinho Zamora e a Gonçalo Vasques, que fôra prior secular da igreja colegiada de S.ta Maria de Guimarães, por intentarem entregar a cidade de Lisboa nas mãos dos scismaticos. Foram mortos sobre os telhados da Sé de Lisboa, e dali arremessados ao adro. Arrastados pelas ruas até ao Rocio, ia diante um rustico dando este pregão: «*Justiça que manda fazer nosso Senhor, o Papa Urbano VI a este traidor, scismatico, castelhano, porque não tinha comunhão com a Santa Madre Igreja.*»

Deste excesso, que de forma nenhuma tinha sido aprovado por Urbano 6.º, foram depois pedir perdão ao mesmo Urbano VI, que lhes mandou a absolvição pelo Bispo de Lisboa D. João Annes.

Antes de conhecer este fim tragico de D. Martinho Zamora a *anticuria* de Avinhão, onde se achava o *anti-papa*, Clemente VII sabendo da morte de D. Fernando, elevou D. Martinho á eminencia do Cardinalato.
(Ibidem P. 8, l. 23, c. 8)

Urbano VI, pediu os pormenores da batalha de Aljubarrota

Doeu-se o Papa, como bom pastor, da mudança dos castelhanos para o anti-papa, e depois de esgotar todos os meios suaves e santas admoestações, procedeu por termos judiciais á excomunhão e deposição do rei, o que foi escrupulosamente respeitado pelas côrtes de Coimbra, e por isso lhe não davam já o título de rei, mas o de *João Henriques que se chama rei de Castela*. Ora na Bula «*Regimini*» da sua deposição, expedida em Roma a 27 de Março de 1382, revestido o Pontifice de espirito profetico, prediz miudamente o que aconteceu a 14 de Agosto de 1385.
(Mon. Lusit. P. 8, l. 22, C. 41)

Os portuguêses em Aljubarrota soldados de S. Pedro

Desde o principio da Monarquia que os Reis se inculcavam ao Papa como soldados de S. Pedro. Nunca porem os Portugueses mereceram melhor o glorioso nome de soldados de S. Pedro, do que em Aljubarrota.

«El-rei na missa tomou do Arcebispo Primaz o sinal da Cruzada, que havia concedido contra os scismaticos o Papa Urbano VI, e foi uma cruz vermelha de seda que poz no peito; e á imitação de El-Rei puzeram os mais similhantes cruses, a que se seguiu a benção pontifical do Arcebispo, em que publicou a Indulgencia da cruzada solenemente»
(Ibi. P. 8. l. 23, c. 38)

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira lembrou aos soldados que «ali estavam defendendo justa demanda pelo reinò e pela Santa Igreja contra os scismaticos.»

E o Rei tambem concluiu a sua breve fala dizendo: «Por nossa defensão e do reino e da nossa santa Madre Igreja pelejamos contra eles; vereis hoje como são vencidos; porem *em nome de Deus e da Virgem Maria, cujo dia é amanhã*, sejamos todos fortes e prestes para tomar deles vingança». O sucesso é conhecido. Aljubarrota foi o tribunal onde se decidiu a contenda, não sómente sobre a independencia nacional, mas tambem sobre a independencia catolica. O triunfo de Portugal sobre Castela foi o triunfo do Pontifice Romano sobre o anti-papa de Avinhão.

(Mon. Lusit. P. 8, l. 23 c. 31)

Roma celebra o seu triunfo com a victória de Aljubarrota

A celebre vitoria de Aljubarrota resoou em todos os estados catolicos e sobretudo em Roma, que justamente a teve como sua, sendo de suma consolação para o aflito coração de Urbano VI, como o golpe mais terrivel desfechado contra o scisma. Nem a lembrança dela se apagou tão cedo. Bonifacio IX, seis anos mais tarde, dirigindo ao Sr. D. João 1.º a Bula «Divina disponente clementia» de 27 de Janeiro de 1391, lembrava ainda com sumo louvor o duplice triunfo da Santa Sé, alcançado nas Côrtes de Coimbra no acto da eleição de D. João 1.º e na batalha de Aljubarrota.

Assim a Bula autentica de Bonifacio IX quasi canonisou tanto a eleição de D. João 1.º como a vitoria de Aljubarrota, atribuindo-as ambas á intervenção de Deus «triumphum divinitus reportasti». Assim é que a gloriosa Virgem Maria, ouvindo os votos do Mestre de Avis, interveio na batalha e fez que á celebração do seu triunfo se juntasse o nosso na vespera da sua festa d'Assunção, a 14 de Agosto de 1385.

Para cumprimento do seu voto mandou D. João 1.º levantar em honra de *Nossa Senhora da Vitoria* esse sumptuoso monumento nacional da Batalha, onde amanhã Portugal celebrará oficialmente tão gloriosa data.

MARTIRES DOS NOSSOS DIAS

Juventude católica

(Extraimos com a devida venia do Mensageiro de Maria)

João Manuel Bonilla era presidente da juventude catolica mexicana em Tlalpan. Do seu trabalho sustentava a familia com quem vivia e que extremosamente amava, sua mãe já idosa, irmãos e irmãs.

Quando viu esgotados todos os meios legais e pacificos para reconquistar a liberdade para a Igreja, João alistou-se nas tropas libertadoras, não por amor da guerra, mas simplesmente porque julgou ser esse o seu dever. No dia da sua partida para a tropa entregou como lembrança a sua irmã Mercês o proprio retrato com a seguinte dedicatoria:

«Para minha irmã Mercês. Tlalpan D. F. 15 de Outubro de 1926. Mercês, ofereci a minha vida a Deus e vou lutar por sua santa causa e principalmente pelos meus. Espero que Ele aceitará o meu sacrificio e em troca vos dará a vós todos a paz do coração e a salvação das vossas almas: é o meu maior desejo, pois bem convencido estou da mesquinhez da vida. Guarda esta recordação e lembrate de mim, do teu irmão mais velho, que só quiz a vossa felicidade e que pede a Deus pela santificação das vossas vidas».

Todo o seu diario de campanha, de que vamos extrair apenas algumas folhas soltas, mostra bem o fogo de amor de Deus, que lhe guiava os passos:

«15 de Março. Ah! Senhor, bem sabeis que vos amo e que é por vosso amor que luto e sofro. Eu vos ofereço a minha vida e o meu sangue. E Vós, ó minha Mãe do Céo, Vós bem sabeis quanto eu sou sincero. Dizei a vosso Filho que se compadeça de nós, que já é tempo que Ele reine na minha patria, de que Vós sois Rainha. Dissestes-nos que nos amaveis, Senhora, mostrai-o agora. Oferecei este incenso de sacrificio e aí vidas dos que caem no combate: os actos heroicos de mães e de esposas que deixaram partir com resignação os que amam, oferecei tudo isso e pedi para nós a breve libertação. Bem conheceis, ó minha Mãe, quanto tenho sofrido desde que tomei armas: vistes-me chorar o sangue do seu coração com a recordação daqueles que como Vós viram os meus sofrimentos... Sem comer nem beber, e quantas vezes sem dormir, descansando apenas sobre a terra nua, com frio que penetrava os ossos... e ainda por cima o sofrimento moral de ver a inconstancia dos que lutam comnosco».

Como eram profundos esses sofrimentos, os morais e interiores sobretudo, transparece desta belissima pagina:

«Meu Deus, sinto faltar-me a coragem. Penso em fugir, em deixar esta vida de privações e correr para onde ficou a minha familia. Parece-me que os meus sofrimentos são inuteis. Que luta atroz, superior ás minhas forças... Sou de carne e a carne grita para me obrigar a fugir ao sacrificio. Dai-me coragem, Senhor, e entusiasmo. Se vos agrada a cruz que pesa sobre mim, aceito-a, Senhor, mas não me recuseis o que Vos peço: dai-me a vossa graça, mais graça para sobrenaturalizar os meus actos e para não descoroçoar um só momento. O meu desejo é ver o triunfo da nossa causa e morrer. Em vossas mãos estou, Senhor, e Vós bem sabeis o que fazeis».

Para a nossa cobardia deante dos mais pequenos sacrificios, estas palavras hão-de nos envergonhar.

Doze dias apenas antes de morrer escrevia ele:

«3 de Abril. De manhã. Domingo... Dia de ouvir missa... Meu Deus, eu vos amo com toda a minha alma! E' por isso que eu quis sofrer. Entreguei-me todo a Vós. Não Vos pude receber sacramentalmente, mas em espirito, sim, espero eu.

...Mãe do Céo, protegei a minha Mãe e Luz (era a sua noiva) e na hora da minha morte recebei-me em vossos braços».

No dia 15 de Abril, de madrugada, foi apanhado pelos soldados de Calles. A seu irmão escreveu o seguinte bilhete:

«Hoje, sexta-feira santa. Dia de tristeza. Acabam de me fazer prisioneiro. Vão-me fusilar. Reza por mim.»

Os soldados deixaram-no escrever ainda algumas palavras de despedida á sua familia. São reliquias de um coração terno e amante, que sobrenaturalizou o seu amor na união intima da sua alma com Deus, para quem vivia.

A sua mãe:

«Mãe muito amada, é o ultimo adeus que lhe envio. Deus Nosso Senhor assim o quer. Bem sei quanto o seu coração vai sofrer ao ler isto... A mim o pensamento de que a vou deixar sem meios de subsistencia tortura-me a alma. Morro tranquilo, isso sim: é Deus Nosso Senhor que me dá forças. Não chore; reze e resigne-se. Na outra vida nos uniremos para sempre. Ofereça o sacrificio das suas lagrimas por tantos irmãos nossos que estão cegos e não querem ver.

Seu filho que muito a ama

João

A sua irmã:

«Querida irmã. Aproxima-se o momento de despedir-me de ti para sempre. Deus Nosso Senhor quis tomar o meu sangue e a minha vida. Estou tranquilo deante do sacrificio, mas sofro cruelmente ao pensar em vós todos.

Minha pobre mãe há-de sofrer muito; ah! que estes sofrimentos alcancem de Deus a conversão de tantos cegos que não querem ver. Que a Santissima Virgem tenha em conta estes sofrimentos.»

A outro irmão:

«Querido irmão, Deus aceita o meu sangue e é com alegria que lho dou. Forma o teu coração ao calor dos santos sacramentos. Não recues nunca deante dos obstaculos que se opuzerem á realização do teu ideal...»

A sua ultima carta é para a sua noiva:

«Amada Luz. Escrevo-te esta carta nos ultimos momentos da minha vida. Nosso Senhor aceitou o sacrificio da minha vida. O meu sangue vai ser derramado até á ultima gota para confessar a fé n'Aquele que é o Creador de todas as coisas. A minha lembrança nunca te abandonou e sofro porque tenho de deixar-te. Eles prenderam-me e dentro em breve vão-me fusilar e não ha possibilidade nenhuma humana de escapar daqui.

Estou nas mãos de Deus e Ele bem sabe o que ha de decidir da minha vida.

Conforma-te portanto, pois tal é a vontade de Deus. Recebe a saudade de um coração que te ama até á morte e continuará a amar-te na eternidade. Todo teu

João.

Deus tinha de facto aceitado o generoso sacrificio de João Bonilla e concedeu-lhe a palma do martírio. Mais ainda lhe concedeu a honra de morrer crucificado como Jesus no Calvario.

Foi perto do meio dia, a 13 de Abril, que a escumalha dos soldados, espumando de raiva contra Jesus Cristo por ser precisamente sexta-feira santa, se lembraram de parodiar a Paixão do Senhor, crucificando a sua vitima.

Chegado ao logar do suplicio pediu o prisioneiro que o deixassem rezar pela ultima vez. Ajoelhou-se e orou, passando lentamente as contas do rosario, depois escreveu ainda num pedaço de papel esta sublime profissão de fé. *Eu morro por Deus. João Manuel Bonilla.*

Ataram-no então a uma cruz, no qual ficou exposto aos mais suezes escarneos dos algozes, que no heroico jovem quiseram repetir as scenas da paixão de Jesus Cristo. Passadas tres horas fuzilaram, assim crucificada, a sua vitima. As suas ultimas palavras foram um grito vibrante e sonoro: «*Viva Cristo Rei!*

Eram 3 da tarde de sexta feira santa de 1927.

EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS

Só tem direito a receber a *Voz da Fátima* pelo correio quem enviar adiantadamente o minimo de dez escudos por ano.

Muitas pessoas, sabendo que tudo reverte a favor da maior expansão do jornalzinho, de que têm sido distribuidos mais de trinta mil mensalmente, teem generosamente enviado quantias maiores.

Não mandamos fazer a cobrança pelo correio. Cada um enviará directamente a importancia da sua assinatura em carta registada ou *vale*, não se admirando de que se não acuse logo a recepção porque nem sempre é possivel.

Quem desejar obter agua da Fátima pode dirigir-se ao Snr. José de Almeida Lopes—Fatima (Vila Nova d'Ourem) que a isso se presta de boa vontade. Posto que a agua seja gratuita há a contar com o preço do recipiente e porte do correio, etc. o que tudo dá ainda uma quantia que a alguns parecerá elevada.

Esmolas obtidas em várias igrejas quándo da distribuição da VOZ DA FÁTIMA

—Na igreja do SS. Coração de Jesus, por mão da Ex.ma Senhora D. Maria Matilde Cunha Xavier em Abril de 1928	27$00
—Na mesma igreja por intermedio da mesma Senhora em 14 de Julho de 1928	17$65
—Idem, idem em 21 do m/mês	13$50
—Na igreja de S. Tiago de Cezimbra, por mão da Ex.ma Senhora D. Gertrudes do Carmo Pinto, em Junho de 1928	23$10
—Na mesma igreja por intermedio da mesma Senhora em Julho de 1928	22$50

As curas de "FÁTIMA,,

Maria Emilia Fernandes

Mariana Teodora d'Oliveira, de Vilar (Cadaval), em carta de 20 de Julho, diz-nos o seguinte:

«Cheia de alegria venho contar a V. Rev. o grande milagre que Nossa Senhora fez a uma peregrina, que foi na peregrinação do Vilar no dia 13 de Julho á Cova da Iria (Fátima), de nome Maria Emilia Fernandes, de 38 anos de idade, natural e residente em Vilar. Tem sofrido desde a idade de sete anos de uma perna, isto é, doença nos ossos, mas há cinco anos para cá as dores têm sido tantas que a impossibilitavam de andar; só com o auxílio de duas muletas ou ao colo das pessoas de familia. No dia 12, ao chegarmos a Fátima, foi conduzida em maca pelos Servitas, que a trataram com a maxima caridade.

Durante o tempo que esteve no pavilhão sentiu dores horriveis. Mas á benção do Santissimo Sacramento as dores desappareceram-lhe, e sentiu uma alegria tão grande que teve vontade de se levantar e começar a andar, mas guardou silencio até Alcobaça aonde todos os peregrinos desceram. Ela juntamente desce, começa a andar direito ao Mosteiro, sobe os degraus, entra pela igreja e prostra-se de joelhos, a agradecer a Nossa Senhora o milagre que lhe tinha feito.

Os peregrinos todos entusiasmados de alegria, arvoram as bandeiras e formam uma procissão pelas ruas de Alcobaça, e ela á frente com as muletas na mão e a andar perfeitamente. Todo o povo surpreendido perguntava o que tinha havido e nós cheios de fé cantavamos os louvores á Virgem.

O Rev. Paroco desta freguesia que foi Presidente da peregrinação anda a cuidar dos atestados medicos para enviar á redacção da *Voz da Fátima* e fará todo o relato.»

Emilia Rosa Gonçalves, do Peral, concelho do Cadaval, vem hoje (carta de 15 de Julho) cumprir a sua promessa publicando na *Voz da Fátima* o grande milagre da cura de sua filha Maria Manuela de 21 anos, casada com Mario Dias Franco, residente na Quinta dos Salgados, concelho de Peniche.

Dando á luz uma menina no dia 28 de Março de 1926, trez mezes depois constipou-se, declarando-se uma bronquite asmatica.

Seu medico assistente, o Ex.mo snr. Dr. Frazão, de Peniche, disse que desmamasse a filhinha, e que saísse imediatamente dali devido á humidade do mar. No entanto que visse primeiro a opinião do seu colega do Bombarral, o Ex.mo snr. Dr. Alberto Martins. Assim fez, não concordando o dito medico ser necessario sair de casa, pois que era uma leve bronquite.

Continuando sempre a peor com agonias e falta de ar, foi novamente chamado o ex.mo snr. Dr. Frazão, que de novo instou para que saísse imediatamente dali.

No dia 28 de Julho veio para nossa casa em Peral, concelho de Cadaval, e passando pelo Bombarral consultou de novo o ex.mo snr. Dr. Martins, que então lhe disse estar com uma febre infecciosa, fazendo-lhe bem mudar de ares.

Logo que a doente chegou a minha casa, mandei chamar o meu medico, o ex.mo snr. Dr. Mario, do Cadaval, que a achou mal bastante. Voltando a vê-la passados 3 dias, disse ao marido que muito custava dizer-lhe, mas que desconfiava ser uma tuberculose galopante, e que tivessem enfim o maior cuidado.

De certo todos avaliam as aflições e choros que iam em minha casa, mas o nosso sofrimento só a Mãe Santissima e seu Amado Filho o sabem.

Requeremos uma conferencia em que tomaram parte os ex.mos snrs. Drs. Mario, e Alberto Martins, dizendo este ultimo que estava por pouco, tem grandes cavernas no pulmão esquerdo, anuindo a isto o snr. Dr. Mario, mas desejando ainda fazer um abcesso, desconfiando fosse bronco-pneumonia; não concordando o seu colega dizendo que a sua vida estava por pouco, e só se salvaria por um grande milagre.

A doente ouvindo tudo isto, disse-me: «minha mãe, mande vir o meu vestido do casamento que o quero para a minha mortalha. E debaixo de nossa grande aflição assim se fez, trazendo o marido, (que foi sempre para a doente um marido exemplar, não se poupando nunca a todos os trabalhos e despezas) a sua mortalha.

Contando ele a sua grande dôr á mãe, esta senhora veio ao Peral ver a doente, e trouxe com ela o ex.mo snr. Dr. Bruno, do Bombarral, que ao ver a doente foi da mesma opinião dos colegas, tratar-se duma galopante.

O Dr. Mario do Cadaval, que continuou a ser o seu medico recebia todos os dias informações enviadas pelo Senhor Raul de Seixas Paiva, que era quem por favor e caridade lhe dava todas as injecções que foram 140, porque o coração tambem estava muitissimo fraco, chegando por tres vezes a julga-la moribunda. Já tinha recebido, a seu pedido os ultimos sacramentos. Emfim todos de familia e pessôas amigas rogavam á Mãe Santissima pelas suas melhoras, sem que fossemos ouvidos, havendo tres semanas, que não dormia com falta de ar.

No dia 15 de Agosto foi vêla um rapaz nosso amigo, da Vermelha, e perguntando á doente se estava melhor, esta como não podia falar disse que não, por acenos.

O dito rapaz disse-lhe: Peça a seu marido que vá a Fatima orar pela menina, que tenho fé que melhora. Pouco depois chega o marido e ela a muito custo, com a fala muito sumida, diz-lhe: Mario, vai a Fatima pedir por mim porque eu quero melhorar.

Nessa mesma tarde seguiu na companhia de meu filho Manuel para Leiria, e no dia 16 foram á Cova da Iria pedir com o maior fervor a Nossa Senhora do Rosario, as melhoras de sua mulher e irmã.

Chegaram a casa ás 2 horas da madrugada, trazendo a agua Milagrosa, dizendo-lhe o marido com uma fé viva: bebe esta agua que melhoras. Pouco depois aclara-se a fala e ás 4 horas dormia 5 minutos e no dia seguinte já dormia um quarto de hora.

Assim foram aumentando as melhoras e no dia 23 de Agosto chamamos o medico assistente, Dr. Mario que ficou surpreendido e satisfeito de a vêr com os pulmões limpos.

No dia 29 e 30 de Agosto, realisando-se aqui a festa ao Martyr S. Sebastião, a doente pedia para a assentarem numa cadeira pois queria ver a procissão.

Fiz-lhe a vontade sentindo-se bem disposta, comovendo-se no entanto quando uma criança se aproximou da janela e se admirou dela estar viva!

No dia 5 de Outubro houve missa em acção de graças pelas suas melhoras, e voltou para sua casa na quinta dos Salgados — Peniche.

Graças a Deus e a Nossa Senhora do Rosario tem continuado bem.

Outra carta

(Ver *Voz da Fátima*, de Outubro e de Janeiro e Abril ultimos).

Lisboa 10 de Março de 1928.

Ex.mo Snr.

Dr. Acacio da Silva Ribeiro

Venho acusar a recepção da carta de V. Ex.cia de 11 de Fevereiro, que li com grande prazer e que profundamente penhorado lhe agradeço.

E' mais que certo que o elucidativo relato que V. Ex.ª fez, da forma por que milagrosamente se viu curado e salvo do tremendo desastre que lhe sucedeu, e que eu li ainda doente, em muito contribuiu para que no meu espirito entrasse a um tempo a luz da razão e a luz da fé e para que assim se tornasse possivel o milagre da cura com que N. S.ª de Fatima se dignou favorecer-me.

Diz o velho ditado que a fé é que nos salva; e, bem o sabe certamente V. Ex.cia, o proprio Jesus, quando por este mundo andou ensinando aos homens as verdades eternas da sua doutrina, esmaltando frequentemente os seus ensinamentos com milagres maravilhosos, quasi sempre os encerrava dizendo aos favorecidos da sua misericordia — vae em paz que a tua fé te salvou.

Parece assim indicar-nos a Providencia que a fé de quem precisa e pede é essencial para que a prece seja atendida.

O milagre com que Deus e N.ª S.ª de Fatima me favoreceram tenho eu como certo que representa antes de tudo a paga, o premio que a Justiça Divina quiz dár a minha Esposa pela paciencia, pela constancia, pela dedicação e pelo espirito de abnegação e sacrificio com que durante dez longos anos tratou a minha doença e compartilhou os meus sofrimentos. e tudo isto sem jamais perder a sua fé no poder e na misericordia de Deus.

A Providencia, porem, nos seus insondaveis designios, quiz fazer obra completa: ao restituir-me a saude do corpo quiz dar-me tambem a da alma, reacendendo nela a fé e reavivando as crenças quasi perdidas; e o instrumento de que a Providencia se serviu foi na verdade o relato que V. Ex.cia fez da sua cura no jornal de Fatima.

Cumpre-me, pois, agradecer-lhe, e vivamente penhorado o faço, a contribuição indirecta que por mercê de Deus V. Ex.cia trouxe á cura dos meus sofrimentos fisicos e moraes.

Cumpre-nos agora, como V. Ex.cia bem diz, mostrarmo-nos dignos do beneficio recebido, confessando altivamente as nossas crenças e esforçando-nos por afervorar as dos outros, levar a toda a parte a noticia da nossa cura, contribuir assim para espalhar o culto de N. S.ª de Fatima e fazer enfim todo o bem que estiver ao nosso alcanse e que nunca será de mais como tributo do nosso reconhecimento para com a bondade de Deus.

E' tarefa agradavel de resto, porque do seu cumprimento resulta sempre aquela paz de espirito e aquela alegria de consciencia que já de si constituem uma grande felicidade moral.

Lamento sinceramente que o desastre que sofreu, transtornando-lhe a vida economicamente, obrigásse V. Ex.cia a separar-se dos seus, o que é sempre doloroso para quem vive no culto dos afectos familiares. Estou certo, porem, de que N. S.ª de Fatima o vae auxiliar por tal forma que em breve possa refazer a sua situação economica e voltar ao convivio da Familia que o estremece. A Providencia não póde deixar de completar a sua obra. Por minha parte sinceramente desejo que a saude lhe não falte e que a vida, no exercicio da sua profissão, lhe corra o melhor possivel, de maneira que em breve tempo possa voltar á sua terra e dar-me o prazer de o abraçar na sua passagem por Lisboa.

Oxalá pois que em bôa hora tenha aberto o seu consultorio.

Eu continuo numa excelente disposição de corpo e de espirito, com uma saude que dia a dia se tem vindo a robustecer. Bastará dizer a V. Ex.cia que, tendo atingido a extrema magreza fisica, desde a data da minha cura, ha aproximadamente cinco mezes, já aumentei 11 quilos de pezo, fazendo presentemente toda a minha vida habitual e normal.

Tudo isto é natural de resto, pois é indubitavel que quando Deus se resolve a intervir nos nossos males o faz para os remediar por completo, como é proprio da sua omnipotencia e bondade infinita.

Não quero terminar esta sem tomar a liberdade de lhe pedir um favor.

Meu cunhado, senhor Candido Sotto Maior, que V. Ex.cia certamente conhece de nome, foi vitima, por ocasião da revolução de 9 de Fevereiro, de um grave desastre que o privou da vista.

Chegou a sentir umas ligeiras melhoras depois duma intervenção cirurgica, mas infelizmente ainda não recuperou a vista, que tanta falta lhe faz.

Tanto eu como minha Esposa temos ardente fé em que Deus ha-de restituir-lha, dando-nos assim o que nos falta para que nesta casa haja felicidade completa.

O que desejavamos, e isso tomamos a liberdade de lhe pedir, era que V. Ex.cia que já uma vez foi ouvido por N. S.ª de Fatima, juntasse as suas preces ás nossas para que Deus, tendo piedade do meu cunhado, lhe fizesse o que até agora os medicos não conseguiram: restituir-lhe a vista.

Para Deus será tarefa bem simples; o essencial é pedir-lhe, pedir-lhe muito, pedir-lhe sempre, com fé ardente e confiança desabalada para que no fim se resolva a ouvir-nos.

Minha Esposa agradece e retribue muito penhorada os cumprimentos de V. Ex.cia, fazendo comigo sinceros votos pela sua saude e felicidade; eu, por minha parte, pondo-me á sua disposição para aquilo em que lhe possa ser prestavel, peço-lhe que aceite os protestos de elevada consideração e estima com que passarei a subscrever-me

De V. Ex.cia

Amigo afectuoso e m.to obrigado

Joaquim Duarte de Oliveira

VOZ DA FÁTIMA

Despeza

Transporte	112.057$40
Papel composição e impressão do n.º 70 (49.500 exemplares	2.832$50
Sêlos, embalagem, transportes, gravuras, expedição etc.	1.013$66
	115.903$56

Subscrição

(Setembro e Outubro de 1927)

Enviaram dez escudos para o jornal: Jacinta da Assumpção Marques, Maria das Dores do Arnal M. e Castro, Ludovina de Oliveira Santana, Maria Irene da Silva Passos, Adelaide Saldanha, Candida Gomes Delgado (20$00); Perpetua Seixas, Maria dos Santos Anão Rosa, P.e José Maria Ribau, Maria Ribau, Maria Augusta Paixão Gomes, Amelia Brochado Maria Adelaide Abreu, Maxima Rosado, Adelia Gonçalves dos Santos Baptista, Maria Izabel Silva Baptista (15$00), Ismenia Cunha, Ana de Jesus Maria de Menezes d'Alarcão e irmã, Marcelina Cascaes, P.e Tomás d'Aquino Silvares, Maria Eduarda Mata da Costa de Lopes Praça Cunhal, Cristiano Calado Mendes (20$00), Mariana de Jesus Mendes Martins (20$00), Luiza de Freitas, Laura Quaresma, Ludovina de Jesus Lopes, Sebastião Marques, Francisco de Paiva Boléo (15$00), José Paes dos Santos, Aurora Antunes, Carolina Pedrosa Ramalho Castanho, Maria Pedrosa Ramalho Santos, Manuel de Araujo Pereira, Manuel José de Araujo, Antonio P. V. Falcão, Joaquim Pereira, Antonio Augusto Novais (20$00), Maria Catarina de Carvalho, Gertrudes Pires Corrêa, Adelaide Salgueiro Silva (12$50), Maria Ferreira Rodrigues, José Antonio Gonçalves, Tereza de Jesus Costureira, P.e Constantino Nunes Vale, Ermelinda Vicente Horta Carvalho, Teodoro Faria Neves, Palmira Vicente Soares, Joana do Espirito Santo Neves (20$00-, Luciano Leandro Pires (35$00), Ana Moreira da Silva Egreja, Teresa Guimarães, Alcino Coelho de Sousa, Albertina Maria Vaz Pereira (22$50), Carolina Augusta Moreira, Antonio Ignacio Vicente, Guilhermina Camacho de Gouveia, Olga Nunes Pereira (30$00), Alzira Nogueira, Maria Augusta Alves, Bernardino de Almeida, Amelia Viana Carvalho Santiago da Cruz, uma pessoa da Borralha (50$00), Ernestina Cortez Lapa, Maria das Dores Corte Real Cruz, Maria Joana Valente, Felicidade Gomes, Henriqueta Lourguie (20$), Maria Henriqueta Vieira, Maria da Conceição Fernandes (12$50), Edviges Deolinda da Franca e Oliveira, Ana Alves da Costa Espinheira, Maria Rosa de Moura, Manuel Antonio Seixas, Emilia Beça, João Emilio Guimarães, Mariana Amorim Alves, Maria Rodrigues da Novoa, P.e José Martins Duarte Junior, Elvira da Conceição Neves Ferreira, Joaquim Carvalho Marques (12$50), Homero Gomes, Adelaide das Dores Canadas, Augusto Rodrigues de Seabra, Agueda Gonçalves da Silva, José Ramogir Peres, Francisco da Costa Teodosio, Joaquim Gregario Tavares (20$00), Dr. Weiss de Oliveira (20$00), Maria da Conceição Neves, Severino Martins Pinheiro, José Gonçalves Papanato, Henriqueta Duarte, Hermina Augusta Correia, Manuel Roque Gonçalves, José Camilo Pastor, Maria Emilia de Macedo Rosa (20$00), José Julio da Silva, Marta Ferreira, Raymundo Vicente da Silva, Domingos Alves Teixeira Fanzeres, José Maria Teixeira Fanzeres, Maria da Conceição Vieira, Amelia Silva, Francisco Garrinhas, tenente Alipio da Silva Vicente, Maria Graciana de Baeta Figueiredo, Joaquim Moreira Nunes, Emilia Augusta de Sá Goodolfim (20$00), Silvina do Carmo Pires (12$50), Emilia de Castro Frazão Castelo Branco (20$00), P.e João Gaspar e Silva, Porfirio Gonçalves, Sabiniana d'Ascenção Lino, D. Afonso de Albuquerque (15$00), D. Branca da Silveira e Silva (Giesta), Teresa de Jesus Lopes, Emilia Fernandes Martins de Carvalho (20$00), Maria Zeferina Faria (30$00), Julieta Zenha, Ernestina Gomes, Alice Esteves Alves.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	1.837$55
Um anonimo	300$00
D Maria José de Moura Portugal	5$00
D. Maria do Patrocinio de Moura Portugal	5$00
	2.147$55

Ano VI — Leiria, 13 de Setembro de 1928 — N.º 72

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

GRANDIOSA ROMAGEM DA RELIGIÃO E DA PATRIA

EM FÁTIMA — NA BATALHA — EM ALJUBARROTA

A Cruzada Nun'Alvares e o Santo Condestavel
Trabalhos preparatórios — A Cooperação oficial — Os confrades de S. Vicente de Paulo
Peregrinações do Pôrto, Funchal, Guarda. Aveiro,
Rogel (Mafra), Colmeias, etc.

A prestimosa e benemérita Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira, em cuja presidência de honra está investido o ilustre e venerando Presidente da Rèpública e que reùne no seu seio os maiores valores da Nação e as figuras mais representativas de tôdas as classes, resolveu tomar a nobilíssima iniciativa de promover para os dias 13 e 14 de Agosto passado uma grandiosa romagem nacional, de carácter religioso e patriótico, ao santuário da Religião em Fátima e aos santuários da Pátria na Batalha e em Aljubarrota, com o duplo intuito de implorar a protecção divina para Portugal e de contribuir com a sua quota parte para a indispensável reconciliação da família portuguêsa.

No meio das lutas fratricidas que nos últimos anos tantas vezes têm ensangüentado o solo da nossa querida Pátria, aquela simpática colectividade ergue bem alto o seu pendão de paz, e convida todos os seus filhos a unirem-se em tôrno do heroi e santo, o Condestável D. Nuno Alvares Pereira, que, no dizer do grande escritor Oliveira Martins, é a mais pura consubstanciação da alma nacional. Firmemente empenhada em conseguir tão elevado objectivo, a sua zelosa e activa direcção não se poupou a esforços e canceiras para que a homenagem projectada revestisse uma grandiosidade e um brilho incomparáveis e assumisse as proporções de uma verdadeira apoteose.

Desde o primeiro momento o govêrno da Rèpública aderiu à patriótica iniciativa, facilitando a execução dos diferentes números do programa das comemorações festivas e prometendo assistir ou fazer-se representar em tôdas elas.

Uma circunstância providencial veio contribuir em larga escala para que a imponente manifestação de Fé e de patriotismo tivesse um cunho acentuado de piedade e fervor.

O Conselho Particular das Conferências de S. Vicente de Paulo, de Lisbôa, tinha decidido promover para o dia 13 de Agosto uma peregrinação dos membros dessas beneméritas ligas de caridade da capital ao venerando santuário da Lourdes Portuguêsa. E, como muitos vicentinos são simultâneamente sócios da Cruzada Nun'Álvares, era altamente comovente presenciar o espectáculo da perfeita união de vistas e íntima confraternisação das duas instituições na efectivação do programa das festas.

Presidiam aos trabalhos de organisação por parte da Cruzada, os srs. capitão Afonso de Miranda, capitão Francisco de Castro, tenente Moreira Lopes, dr. Costa Lobo, dr. Ferreira Deusdado, tenente-coronel Costa Veiga, dr. António Rodrigues da Silva, Manuel Iteigoso, Luís Monteiro Marques, dr. Vicente Esteves Cardoso, dr. Sarmento Brandão e dr. Hermínio Sarmento.

13 de Agosto de 1928 — Volta da imagem de Nossa Senhora, levando o andor membros da Cruzada Nun'Alvares

Auxiliou a Cruzada nos seus trabalhos uma comissão de senhoras presidida pela sr.ª D. Beatriz Arnaut que foi incansável. Faziam parte dessa comissão as sr.as D. Maria da Piedade da Costa Pessoa Alçada, M.me Rodrigues da Silva, D. Joana Xavier, D. Elisa de Lourdes Mesquita, M.elle Gouveia Pinto, D. Conceição Pizarro Soto Maior Ferreira, D. Ilda Maria do Carmo Nunes Pereira e D. Alzira Veloso.

A romagem fez-se, desde a partida da capital, com verdadeiro espírito de peregrinação, tendo sido rezadas durante o percurso as orações do costume.

O mesmo sucedeu com a dos vicentinos, cuja piedade sincera, viva e profunda edificava todos os outros peregrinos.

Os membros da Cruzada, em número de cem, partiram de Lisbôa no dia 12 em carruagem atrelada ao comboio das 9,30 da manhã, e os sócios das Conferências em carruagens atreladas ao comboio das 2,30 da tarde. Com os vicentinos foi a Fátima o rev.do dr. Francisco Rodrigues Cruz, o santo doutor Cruz.

Do Porto, organisada pela Congregação das Filhas de Maria do Bomfim e sob a direcção do rev.do pároco Abílio Cardoso Pinto da Cunha e do rev.do Matos Soares, partiu à 1 hora da tarde de Domingo, um comboio especial com seiscentos peregrinos e vinte doentes, que chegaram a Leiria às seis horas e que em *camionettes* se dirigiram para Fátima, onde tomaram parte na procissão das velas.

Do Funchal, da Guarda, de Aveiro, Rogel (Mafra), Ovar, Arada, S. Cosme de Gondomar, Vermelha e Peral (Cadaval), e ainda de muitos outros pontos do país, vieram também luzidas e mais ou menos numerosas peregrinações.

Na vêspera á tarde — Mais de 150.000 peregrinos — A adoração Nacional — Alocução do Senhor Bispo de Beja — A hora da adoração da Perègrinação das Colmeias.

Ao apêlo caloroso e entusiástico da direcção da Cruzada, que como um toque de clarim resoou por todo o território nacional, acorreram a Fátima milhares e milhares de peregrinos.

Por sua vez o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, tinha dirigido a todo o clero e fiéis da sua diocese uma circular, apoiando a iniciativa da Cruzada e convidando os seus diocesanos a realizarem a dupla romagem da Fé e do patriotismo. No dia 12 à tarde já pisam o solo bemdito da Cova da Iria mais de 150.000 portuguêses abrazados no amor da Religião e da Pátria.

Às dez horas uma grande multidão enche o vasto anfiteatro do local das aparições. Fazem-se os últimos preparativos para a procissão das velas.

De repente acendem-se milhares de luzes. A multidão, que se concentra em frente do pavilhão dos doentes, reza em côro o terço do Rosário. Rezado o terço, um longo cortejo luminoso desenrola-se durante cêrca de duas horas através do recinto sagrado, levando à frente o estandarte da Cruzada Nacional de Nun'Alvares, emquanto milhares de vozes cantam em côro alto o «Avè de Fátima».

O rio de fogo vai agora juntar as suas vagas em tôrno da capela das missas. Junto do altar estão os senhores Bispos de Leiria e de Beja, rodeados de um grande número de eclesiásticos.

Numa voz poderosa e vibrante, a multidão faz a sua profissão de fé, cantando o *Credo*. E' meia-noite. Começa a adoração nocturna do Santíssimo Sacramento. Sobe ao púlpito o ilustre Prelado Pacense. Reza-se o terço. No princípio de cada dezena o venerando Antístite faz uma prática cheia de salutares ensinamentos, aplicando cada mistério em reparação das grandes faltas de Portugal. Fala das ofensas feitas a Deus, à Pátria, às crianças, às famílias, aos indivíduos. Refere-se à imprensa católica e à necessidade de a auxiliar. Verbera os excessos das modas e o laicismo, que considera como um pecado social. Diz que é preciso cristianizar as leis, as escolas e os costumes. «Estamos aqui em

desagravo e reparação nacional pelas ofensas feitas a Deus na nossa Pátria. E' pela expiação e reparação que as nações se levantam. Oremos pelo nosso querido Portugal...»

A hora de adoração da peregrinação do Porto é feita juntamente com a Adoração Nacional, da meia-noite à uma, e veio a estender-se até às duas horas, coincidindo com a dos vicentinos. A adoração continuou até às cinco horas, sendo adoradores das duas às três os peregrinos de Colmeias e das três às quatro os de Ovar, Arada, Gondomar e outros. Em todos êstes actos de piedade toma parte uma delegação da colónia de férias do Seminário de Coimbra, vinda de Buarcos, e vários professores e alunos dos Seminários de Santarém, Leiria, Gavião e Sernache do Bomjardim.

Após a primeira hora de adoração colectiva, teve a sua hora de adoração privativa a peregrinação da freguezia de Colmeias, diocese de Leiria.

A peregrinação paroquial de Colmeias, num total de cêrca de 1:500 pessoas, presidida pelo respectivo pároco, rev.do João Maria d'Assis Gomes, assistiu na igreja da freguezia a um tríduo de preparação, que terminou com uma comunhão geral no Domingo anterior.

Os peregrinos fizeram todo o percurso, que é de seis léguas, a pé, rezando o terço e cantando vários cânticos. Às cinco horas fez-se a encerração do Santíssimo Sacramento e às seis horas celebrou missa o Senhor D. José do Patrocinio Dias, começando também a ser administrada a Sagrada Comunhão por dez sacerdotes durante cerca de uma hora comungando até ao meio dia mais de sete mil pessoas.

Duzentos e cincoenta doentes — A procissão com a imagem de Nossa Senhora do Rosário — A missa solene e a benção do Santíssimo Sacramento — O sermão do Senhor Bispo de Leiria — A procissão final

Passa-se tôda a manhã em missas, confissões e comunhões. A's nove horas a peregrinação das Colmeias assiste à sua missa privativa, tendo a ela comungado quási todos os peregrinos. Os servitas transportam doentes para o Posto das verificações médicas e para o Pavilhão reservado. No Posto trabalham vários médicos, entre os quais os drs. Pereira Gens, director do Posto, Gabriel Ribeiro, de Lisboa, Figueiredo Cardoso, de S. Pedro da Cadeira (Tôrres Vedras,) Aquino de Miranda, de Lisboa, e Augusto Borba, de Coimbra. São em número de 250 os doentes inscritos. Ha doentes de Lisboa, do Pôrto, de Ovar, S. Vicente da Beira, Gondomar, Valbom, etc. Os registos falam de paralisias, hémiplegias, mal de Pott, tuberculoses, cancro, cegueira...

É quási meio-dia solar. Da capela das aparições põe-se em marcha a procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima em direcção à capela das missas. Precedido das servitas e levado aos hombros de vicentinos, o andor avança por entre alas extensas de cruzados de Nun'Alvares. Um espectáculo sempre novo e sempre comovente se oferece mais uma vez à nossa vista.

O signo do Condestável, agitado pelo vento, parece querer envolver nas suas dobras a Imagem da Virgem. O Avè da Fátima rompe de tôdas as bôcas, agitam-se milhares de lenços brancos, que semelham pombas voando no espaço, e as palmas e os vivas estrugem vibrantes e repassados de entusiasmo religioso. Colocada junto do altar, do lado do Evangelho, a Imagem é ladeada, à guisa de guarda d'honra, por dois jovens e briosos oficiais do glorioso exército português.

Cantado o *Credo*, o venerando Prelado de Leiria celebra a missa oficial da peregrinação, durante a qual todos os fiéis rezam o terço em côro.

Já mais de sete mil pessoas receberam o Pão dos Anjos. Mas, a-pesar disso, ao *Comunio* ainda muitos peregrinos se acercam da mesa encarística, emquanto se canta o «Santos Anjos e Arcanjos.»

São duas horas da tarde. O senhor D. José do Patrocinio Dias toma a custódia com o Santíssimo Sacramento para abençoar individualmente os doentes. O rev.do capelão dos servitas faz as invocações habituais, correspondidas com vivo entusiásmo pela nnmerosa assistência, que se eleva a mais de cento e cincoenta mil pessoas.

Daquela estância de oração e de sofrimento voltam-se para a Hóstia Santa olhos razos de lágrimas e braços extendidos em atitude de súplica e até ao Coração do Rei de amor sobem preces fervorosas de almas torturadas por dores morais imcomportáveis e por terríveis martírios físicos.

Por fim é dada a bênção geral, que a multidão dos fiéis ajoelhada recebe respeitosamente e em silêncio.

O senhor Bispo de Leiria, subindo ao púlpito, começa por agradecer a presença do representante do Chefe de Estado e a do Senhor Bispo de Beja. Em seguida refere-se à Cruzada Nacional Nun'Alvares e ao significado verdadeiramente nacional desta peregrinação. Alude depois à batalha de Aljubarrota e à tradição que diz ter o Condestável orado em Fátima a Nossa Senhora, no dia 13 de Agosto na sua passagem para o campo de batalha. Assim como o heroi e santo veio a êste logar pedir pela salvação da nossa querida Pátria, também nós devemos dizer hoje:

Senhora, salvai Portugal!

Senhora, salvai Portugal!

Concluindo o sermão, a Imagem de Nossa Senhora é reconduzida entre cânticos e aclamações para a capela das aparições pelos confrades de S. Vicente de Paulo. De bôca em bôca corre a notícia de novas curas prodigiosas operadas durante a bênção aos doentes. Entre a multidão vêem-se antigos miraculados. Merece especial referência D. Ana Alves de Moura, de 49 anos, miraculada de treze de Maio último, que sofria ha quatro anos duma hematemese no estômago e que se sentiu desde êsse dia inteiramente curada.

A primeira parte desta consagração nacional, desta magnifica jornada de Fé e patriotismo, está felizmente concluida.

A grande debandada — A missa solene na igreja da Batalha: sermão pelo Senhor Bispo de Beja — Homenagem aos soldados desconhecidos — O memento pelos 4.000 mortos em campanha — Os discursos na sala do Capítulo.

Pouco a pouco a multidão que enche a Cova da Iria vai-se dispersando e, ao cair da noite, aquele local bemdito, assinalado por tantas maravilhas, está quási completamente deserto. Uma grande parte dos romeiros dirigem-se para as povoações situadas a nordeste de Fátima afim de procurarem alojamentos. No dia seguinte realiza-se a segunda parte da grande romagem nacional promovida pela Cruzada Nu'Alvares, em que todos desejem tomar parte.

Efectivamente às onze horas do dia 14, sob as abóbadas da igreja monumental da Batalha, reune-se o escol de Portugal crente e patriota.

O Senhor Bispo de Leiria sobe ao altar e celebra a missa em honra do Beato Nuno de Santa Maria.

Do lado do Evangelho estão o Senhor Bispo de Beja e outros dignatários eclesiásticos. Do lado da Epístola vêem-se o sr. coronel José Vicente de Freitas, Chefe do Governo, ladeado pelos srs. governadores civis de Santarêm e Leiria. O ilustre Presidente do Ministério, representa o senhor Presidente da Rèpublica.

A Imagem do Santo Condestável ergue-se ao meio da capela-mor, dominando a scena com a espada desembainhada e a bandeira desfraldada.

Terminada a missa, sobe ao púlpito o senhor Bispo de Beja que profere um brilhante discurso patriótico.

Após essa cerimónia, na Sala do Capítulo, a pedido do venerando Prelado de Leiria, o Senhor Bispo de Beja diz palavras de saüdade cristã para os mortos ignorados, cujos despojos alí repousam e que representam os 4.000 soldados portugueses que tombaram nos campos da batalha, em França e na África. Termina, rezando um *Memento* por alma dos soldados mortos em campanha. Falam ainda os srs. dr. Ferreira Deusdado e tenente coronel Costa Veiga e a senhora D. Beatriz Arnaut, que resita com primor um lindo soneto da sua autoria.

O cortejo patriótico — Na capela de S. Jorge — Representação da Câmara de Pôrto de Mós — Glorificação da batalha de Aljubarrota — Apoteose ao Santo Condestavel.

Pela 1 hora da tarde, organizou-se um brilhante cortejo, em que foi reconduzida a Imagem do Beato Nuno para a capela de S. Jorge, que marca o logar onde estava a bandeira portuguesa durante a batalha de Aljubarrota.

A frente, a bandeira desfraldada ao vento. Logo após, o andor com a Imagem conduzido por oficiais do exército e por escoteiros católicos.

Seguia de automovel o sr. Presidente do Ministério e a pé o sr. Bispo de Leiria, acompanhado do sr. dr. José Maria Rodrigues, director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Milhares de pessoas se incorporaram no cortejo. À chegada à capela, estrelejaram centenas de foguetes e tocou o hino nacional a banda de música de Pôrto de Mós.

A Câmara Municipal desta vila fez-se representar, com o seu estandarte.

O sr. dr. Joaquim Maria Torreira de Souza, presidente da Câmara de Pôrto de Mós, dirigiu uma saudação aos peregrinos da Fé e da Pátria, que alí iam homenagear o maior heroi nacional.

O sr. dr. Gomes dos Santos referiu-se aos novos que devem levantar bem alto a bandeira do Santo Condestável e ás mães portuguesas, a quem cabe a missão de amparar seus filhos nesta cruzada patriótica.

O sr. dr. José Maria Rodrigues fez uma erudita prelecção sôbre a batalha de Aljubarrota, lendo a propósito alguns passos da crónica de Fernão Lopes e algumas estâncias dos Lusíadas.

O tenente-coronel sr. Cardoso dos Santos, comandante militar de Santarêm, recitou primorosamente e com entusiasmo patriótico uma bela poesia, composta de propósito para esta solenidade sôbre a batalha que se estava comemorando.

Por fim, falaram o sr. dr. Costa Lobo para agradecer, em nome da Cruzada Nun'Álvares, a todos quantos concorreram para o esplendor desta romagem e o venerando Prelado de Leiria, que se congratulou pela maneira brilhante como ela decorreu.

A estátua do Santo Condestável ficou na sua capela, cercada de luzes e de flores, e a multidão dispersou soltando vivas à Pátria, a S. Nuno e à união de todos os portugueses.

Quási à mesma hora, em Lisboa, na presença das autoridades eclesiásticas, civis e militares, contingentes de todos os regimentos da guarnição desfilavam em continência perante as relíquias do Beato Nuno de Santa Maria, encerradas numa urna colocada sbôre um andor à porta da igreja da Ordem Terceira do Carmo, emquanto as bandas regimentais executavam o hino nacional e os cornetins e clarins tocavam a marcha em continência.

Bem haja a Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira, que, promovendo esta jornada de Fé e de patriotismo à Fátima, à Batalha e a Aljubarrota, escreveu em letras de ouro uma das páginas mais brilhantes dos fastos gloriosos da história da sua vida associativa.

Que Nossa Senhora de Fátima e o Santo Condestável velem sempre por Portugal!

Visconde de Montelo

As curas de "FÁTIMA„

Pleurisia purulenta

Fernanda Figueiredo Gouveia, de dezoito anos, residente no Sanatório de Sant'Ana — Parêde (Linha de Cascaes.) em carta de 30 de Julho, informa:

«Tendo prometido publicar a graça da minha cura, no caso de a alcançar, venho hoje, cheia de gratidão, pedir a V. Rev.cia o favor de a inserir na *Voz da Fatima*.

Tendo entrado para este Sanatório no dia 26 de Março de 1926, quási a morrer, sofrendo de uma *pleurezid* purulenta comecei a ser aqui tratada; mas, apezar de todo o tratamento recebido, ia sempre peorando. Todas as tardes tinha

Fernanda Figueiredo Gouveia — Policarpo M. dos Santos — Maria Ferreira Figueiredo — Ismael Soares Silverio

febre alta (38.° e 39.°), e tinha de me deitar até ao dia seguinte. De manhã estava um pouco melhor, mas á tarde voltava sempre a febre. Tinha dois buracos abertos no peito, um mais acima e outro mais abaixo, que deitavam muito púz, tendo de ser curada duas, tres ou mesmo quatro vezes por dia.

Depois de cá estar, havia dois ou trez mezes, começaram a aplicar-me um remedio chamado Rivanol com o qual tive de parar por me aparecerem muitas manchas escuras nos pés. Assim estive durante um anó com os buracos abertos. Em geral, quando tinha um buraco aberto, fechava o outro, mas interiormente comunicaram um com o outro. Antes de vir para aqui tinha estado nove mezes no Hospital de Santa Marta sem tirar resultado algum. Quando para lá entrei não tinha os buracos abertos que êstes abriram dois dias depois de eu lá estar. Vim depois para este Sanatório de Sant'Ana como já disse.

Dois meses antes de começar a novena que fiz a Nossa Senhora da Fatima, tornei a começar com o tratamento do Rivanol sem tirar resultado algum e tinha febre do mesmo modo. Entretanto não me apareceram manchas nos pés.

Um dia, uma empregada trouxe aqui para o Sanatório água de Nossa Senhora da Fátima, e uma das Irmãs aconselhou-me, (estando eu nessa ocasião na cama) que fizesse uma novena a Nossa Senhora da Fátima, bebendo a água e deitando-a tambem nos dois buracos abertos. Aconselhou o mesmo ás minhas companheiras doentes, que sofriam de várias enfermidades. Começámos todas juntas uma novena a Nossa Senhora da Fátima, no dia 4 de Junho de 1927, resando um mistério do Rosário, continuando eu sempre com o mesmo curativo e, logo que comecei a novena, senti que melhorava; a febre era menos e os buracos iam fechando. Na véspera do dia em que acabava a novena, que fiz com toda a devoção, quando fui ao curativo de manhã, o tubo de borracha que me introduziam em geral no buraco de cima, e que eu conservava todo o dia até ao dia seguinte, teve muita dificuldade em entrar, e foi preciso fazer muita força para conseguir que entrasse só um bocadinho.

No dia 12, dia em que acabava a novena, levantei-me como era de costume para ir ao curativo. O Ex.mo Sr. Dr. Director deste Sanatório, já tinha dito que eu não escapava e que morria, que fazia o curativo por fazer. Tendo portanto nesse dia 12 chegado ao curativo, tiraram-me as ligaduras, *que não estavam molhadas*, sendo costume estarem sempre encharcadas. *O tubo de borracha* que ficou metido no buraco superior, como já espliquei, dum dia para o outro, *estava caido, fóra do buraco, e os dois buracos estavam fechados.* Já nêsse dia não fiz curativo, tirei as ligaduras, e assim tenho continuado até hoje. Desapareceu a febre e comecei logo a comer com vontade tendo até alí muito fastio. Os buracos nunca mais deitaram e estão completamente sêcos; conhecendo-se só as costuras. Foi-me concedida esta graça, que considero um grande milagre, no dia 12 de Junho de 1927. Há portanto já um ano, e, graças a Deus e a Nossa Senhora da Fátima, cujo auxílio e protecção invoquei *estou completamente bem e considero-me curada a ponto de já me ter sido dada alta.* Devo voltar para junto de minha mãe no proximo domingo, dia 1 de Julho. Demorei bastante tempo em vir cumprir a minha promessa, não por falta de vontade da minha parte, mas porque me demoraram a escrever para dar parte desta graça, mas agora que estou para safr deste Sanatório estando persuadida de que estou plenamente curada, cheia de gratidão e reconhecimento para com Nossa Senhora da Fatima, ve-

nho, cumprir a minha promessa, publicando a graça tão assinalada que recebi.

Graças, muitas, graças sejam dadas a esta Mãe Bemdita que me alcançou tão grande favor do seu Divino Filho, favor que recordarei emquanto viver, e espero, com a graça de Deus, mostrar-lhe e a sua Mãe Santíssima, que é nossa Mãe também, o meu reconhecimento, com a santidade da minha vida e fiel cumprimento de todos os meus deveres.

Peço a V. Rev.cia a caridade de não me esquecer aos pés da Virgem Santíssima da Fátima e. sobretudo no Santo Sacrifício da Missa, ajudando-me a dar as devidas acções de graça por tão grande benefício.

Policarpo Manuel dos Santos, morador na rua dos Cegos, 14 - 3.º Lisbôa, em três extensos, minuciosos e interessantes relatórios, acompanhados de radiografias, conta as fazes de três graves doenças de que foi curado por intercessão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

A extensão dos relatos e a pequenez do nosso jornal não nos dão margem a fazer a publicação na íntegra e por isso vamos resumir.

A primeira doença, em 1924, foi uma pleurisia purulenta a tal ponto grave que *«deitava um mau cheiro* (diz o relatório) *pela boca, que era insuportável, principalmente quando escarrava, pois apesar de fortes desinfectantes, ninguém podia parar em casa.»*

Depois de várias peripécias, entradas e saídas do hospital, consulta inútil de vários médicos, começou a melhorar, depois que êle e várias pessoas da família recorreram a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

A segunda doença era produzida por dôres horríveis dos ouvidos, durante alguns anos. Uma noite, em que as dôres eram mais insuportáveis, lembrou-se sua esposa de recorrer a Nossa Senhora da Fátima e, depois de usar a água da Fátima e prometer uma novena, o doente adormeceu e ao acordar estava curado.

A terceira doença, de que foi curado já êste ano, consistia em uma afecção do fígado, que resistia a todo o tratamento e causava dôres horríveis. A última vez esteve neste estado deplorável, desde a madrugada de 2 de maio, até às 2 da madrugada do dia 4, hora em que sua mulher lhe declarou que estava curado por Nossa Senhora da Fátima.

Depois adormeceu e ficou admirado de, no dia seguinte, sua esposa o chamar à hora habitual para ir para o seu serviço, levando-lhe café e leite para beber, dizendo que agora o podia tomar porque estava curado. E' que o doente estava proíbido pelo médico de beber aquele líquido e outros mais, assim como de usar de certas comidas, que agora, visto estar curado, já lhe não fazem mal.

Eczema-Paralisia

Maria Ferreira de Figueiredo, casada, de 53 anos de idade, residente na rua Alves Correia, n.º 163 - 4.º andar na cidade de Lisbôa, que tinha sido acometida dum eczema que horrivelmente a torturou pelo longo espaço de quinze anos, comunica-nos:

«Procurando sempre nos melhores especialistas de Lisboa o tratamento para um tão grande sofrimento, que me não deixava repousar nem de noite nem de dia, todos os esforços foram inuteis.

Pois, com a máxima fé em Nossa Senhora da Fátima, pedi-lhe com toda a devoção que atendesse a minha súplica, permitindo a minha cura pelo muito que sofria.

Nossa Senhora ouviu as minhas súplicas e felizmente encontro-me completamente curada com a aplicação da agua santa de Nossa Senhora da Fátima, que tinha em meu poder, desde que a minha fé me levou a visitar os lugares santos de Fátima, pela circunstância de meu marido ter sido acometido de uma doença muito grave em 1925. Sendo tratado por cinco medicos cada vez se definhava mais. Não deixando de implorar Nossa Senhora pelas suas melhoras, conseguiu um pouco de restabelecimento.

Resolvemos então ir a Fátima em agradecimento a Nossa Senhora e de passagem por Leiria, instei com meu marido para se confessar. Assistimos á oração do mês de Maria e obtive a resolução das minhas instâncias vendo-o confessar-se e comungar, o que não fazia havia trinta anos.

Não ha dúvida que foi a Santíssima Virgem que assim o quiz fazendo-me vêr as graças com que me beneficiava.

E para maior conhecimento do quanto tenho aproveitado com a minha ardente fé, outro caso tenho a mencionar para ser grata a Nossa Senhora:

Ha alguns meses fiz o pedido á Ex.ma Direção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa para ali ser internada uma menina orfã por quem muito me interessava.

Em certo dia mandaram-me prevenir de que a creança se encontrava muito doente com uma paralisia. Fui imediatamente visita-la e estando presente o médico, este me declarou que a creança estava perdida sem remédio; e como fosse munida com a agua de Nossa Senhora da Fátima dei-lhe a beber um copo da mesma agua e a criança, passados alguns momentos, estava completamente curada. Vendo o médico este acontecimento, exclamou: «Que grande transformação!» não podendo ocultar a sua admiração por um tão grande milagre.

E' pois indispensaevl que V. Ex.cia se digne mandar exarar isto em um cantinho da *Voz da Fatima* pelo que me declaro muito reconhecida.

Informe do Rev.do Paroco:

«Informo que o relato desta carta é verdadeiro porque se trata duma pessoa de toda a confiança. Esta minha paroquiana é incapaz de mentir pois tem uma vida exemplar e frequenta diariamente os sacramentos com piedade e devoção edificante. Por me ser pedido passo a presente informação que assino e juro in fide parochi.

Paroquial de S. José de Lisboa, 5 de agosto de 1928.

Prior José Baptista Alves Lyrio»

Febre tifoide

Daniel Henriques Silvério, escreve em 6 de Agosto:

«Tendo, na noite de 1 de Janeiro de 1927, adoecido o meu filho **Ismael Soares Silvério**, de 15 anos de idade, morador em Lisboa na Rua de São Pedro, n.º 34, chamei dois médicos, que me aconselharam a que o levasse ao hospital de São José, por a doença se tornar suspeita. Conduzido ao hospital, ali permaneceu durante seis dias, sem que fôssem notadas quaisquer melhoras, tornando-se a doença cada vez mais complicada.

Os médicos assistentes considerando o doente irremediavelmente perdido (do que me foi dado conhecimento) e porisso resolvi retirá-lo do hospital e conduzi-lo para casa com o fim de que o meu filho acabasse os seus dias no seio da família. Uma vez em casa, mandei chamar outros médicos, que foram de igual opinião, e, entre êles, o Sr. Dr. Formozinho Sanches, que o tratou como se a doença fôsse febre tifoide, mas o estado do doente mantinha-se.

Profundamente magoados com as informações de que o meu filho não teria mais que horas de vida, resolvi juntamente com a minha família, recorrer á Virgem, Mãe dos Aflitos, Nossa Senhora do Rosário da Fátima, e as melhoras não se fizeram esperar. Em breves dias, com grande surpreza do dr. era pelo mesmo senhor considerado livre de perigo. Entrando no período de convalescença, pouco tempo demorou que não estivesse completamente curado da terrivel doença que o acometeu.

Regósijada a família com o milagre que a Virgem Mãe acabava de fazer, pois só por um milagre podia o meu filho ser restituido á vida, é meu desejo que esta cura seja publicada na *Voz da Fátima.*»

ATESTADO

José Teodoro dos Santos Formozinho Sanches, medico pela Faculdade de Medecina de Lisboa.

Declaro que em janeiro do corrente ano fui chamado para o doente Ismael Soares Silvério, de 15 anos de edade, morador na rua de S. Pedro n.º 34. Tinha este doente sido tirado, pela família, do Hospital de S. José, em virtude de os médicos haverem declarado que êle se encontrava absolutamente perdido e se desejar que êle falecesse em casa. De facto observei o doente que julguei absolutamente perdido, mas a quem prescrevi um tratamento. Qual não foi o meu espanto quando, passados dias, o doente começou a melhorar sensivelmente a ponto de uns doze dias depois, eu o poder considerar livre de perigo. Devo declarar mais que o meu diagnóstico foi de uma febre tifoide e o tratamento aplicado o usual e já no Hospital empregado pelos meus Colegas.

Por ser verdade, e me ser pedido pela familia, passo êste que assino sob minha palavra de honra.

Lisboa, 24 de Março de 1927.

(a) José Theodoro dos Santos Formosinho Sanches.

(Segue o reconhecimento).

Várias

Maria das Dores Tavares de Souza, de Pardêlhas (Murtosa) envia o seguinte relato: —

«Em junho de 1924 completei 55 anos. Terminado o jantar, combinámos ir até á praça desta localidade, tomar um pouco de ar. E assim foi. Eu levava ao cólo uma nétinha de 2 anos que, cheia de vida, pediu para a pôr no chão. Acedi. Apareceram, então, dois cãezitos de raça, a brincar; e a pequenita, achando graça, foi ao encontro dêles, e todos brincaram durante algum tempo. De subito, um dos animais, sem que eu tivesse podido evitá-lo, mordeu o anjinho, fazendo-o chorar, o que me inquietou devêras.

Retirei-o rapidamente; e aos cães, sacudi-os, com uma das mãos, que um dêles, talvez porque o tivesse magoado — pensei — mordeu fortemente, fazendo-me sangue. Lavei-me ao chegar a casa e não mais pensei no caso.

No dia 8 do mesmo mez, começaram a dizer, com grande alvoroço, que o cão que nos havia mordido estava danado, em virtude do que fomos ao Porto, ao Instituto, ordenando o respectivo medico que recebessemos logo ali o primeiro tratamento. Mas, — Santo Deus! — eis que começa, para mim, um verdadeiro calvario perante o estado da minha linda neta! Com febre desde o primeiro dia até ao ultimo! Não tomava alimento e não dormia, nem me deixava dormir.

O calor, pois estavamos em pleno verão, era intenso, e o sofrimento de nós ambas, doloroso! Não houve médico a quem não recorressemos.

Quantas vezes eu julguei ter em meus braços um cadaver!...

Um dia, desanimada e já sem esperança, recorri a uma amiga minha, para que me desse um bocadinho de agua de Nossa Senhora de Fátima. Com aquela fé que todas nós, almas católicas, temos quando invocamos o nome da Mãe de Deus, prometi relatar o milagre da completa cura de minha adorada neta!

Bebendo apenas agua por alimento, ao terceiro dia da minha novena á Virgem Mãe dos pecadores, começou aquele anjo a dormir e a alimentar-se!

Eu não morreria satisfeita se não divulgasse este facto nas colunas do piedoso jornal de Fátima, onde hei de ir, se Deus quizer, com a miraculada menina que a Virgem chamou á vida. Ela está linda! Chama-se. Maria Aurora Lôna Peres e é natural de Estarreja, onde escrevo este pequenino relato, aos 2 de Novembro de 1927.»

Dr. José de Matos Graça, medico de Barcelos.

Acometido de congestão pulmonar, nos dois pulmões, chegou a inspirar cuidados á Familia e aos seus amigos.

Uma sua irmã, Religiosa, recorreu a Nossa Senhora de Fatma, bem como outras pessoas dedicadas ao doente e todos viram coroadas de bom exito as suas suplicas, pois o doente curou-se completamente, o que foi motivo de grande alegria para a familia e para todas as pessoas que pediram por ele a Nossa Senhora de Fatima. Por isso, todos humildemente prostrados aos pés da SS.ma Virgem, agradecem tão grande graça.

Maria do Nascimento Moreira, natural de Nogueira do Cravo — Oliveira do Hospital — ,atualmente residente na rua do Possolo, 22 — Lisboa, tendo sofrido um tolhimento geral numa perna, consultou varios medicos sem que do seu tratamento tivesse tirado o menor resultado.

Vendo que o mal se agravava e sem esperanças de melhoras, recorreu á proteção de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, fazendo-lhe o vóto de pedir esmolas para a compra de uma imagem que seria colocada na Igreja paroquial da sua terra natal.

Logo em seguida á promessa começou a banhar a perna com a agua de Fátima e a sentir grandes melhoras que dia a dia se iam manifestando.

Atualmente julga-se completamente curada.

Já cumpriu o vóto e conta em Maio proximo ir agradecer pessoalmente a Nossa Senhora da Fátima a graça recebida e levar-lhe uma esmola.

Voz da Fátima

Despeza

Transporte	115.903$56
Papel, composição e impressão do n.º 71 (49.500 exemplares	2.965$00
Selos, embalagem, transportes, gravuras, etc.	1.056$22
	119.924$78

Subscrição

(Outubro de 1927)

Enviaram dez escudos: Maria Seabra da Camara, Emilia Friães, Dr. Jeronimo Sampaio, Elvira Augusta Marques de Castro Corte Real (12$50), Rosa da Silva Pais (5$00), Antonio Farinha Gomes, Rosa Ferreira de Sena, Dores de Fraga Gomes, Maria da Conceição Costa Coelho, P.e Joaquim Lopes Praça (30$00), Ana d'Oliveira, Antonio Luiz da Conceição, Maria Amelia *Pizarro*, Uma Anonima de Agueda (50$00), P.e José Martins Duarte Junior, Isaura de Moraes Areias, Joaquim Augusto Coimbra, Antonio de Sousa, João Francisco Angelo, Izabel d'Almeida Costa Pereira (20$00), Eliza dos Prazeres Ribeiro de Melo Cabral, Amelia Ribeiro d'Abranches Pinto, Maria Amelia do Amaral Abranches Pinto Cabral, Maria Delfina Veloso d'Albuquerque Damião, Emilia Rodrigues de Souza, Nicolau Alberto Ferreira d'Almeida, Candida Mota de Jesus, Maria Augusta Leite Ribeiro, Maria Luiza Nunes (20$00), Maria Alice Reimão, Filomena Augusta Pinto Dias, Maria Luiza d'Almeida (15$00), Antonio Miranda d'Azevedo (20$00), P.e José Ribeiro Figueiredo Couto, Maria Clementina da Silva Carvalho Santos, José dos Santos Lima, Antonia Carneiro Varela, Cristina Furtado Guerreiro, Margarida de Sacadura Botte, Joaquina Preto Chagas, Maria da Conceição Falcão, Julia d'Almeida, Manuel José de Magalhães, Maria Rita Pereira Cunha (20$00), Maria da Piedade Almeida, Joana Emilia de Taure Viegas (15$00), P.e Antonio Gomes S. Miguel, João Clemente dos Anjos, Jose Casimiro, Madaglena Alves Camejo, Berta Calado Parente, Deolinda Amelia Lacerda, Rosa Nogueira de Castro, Eliza Guedes Macheiro, Maria Izabel Carneiro, Ana Marques Ferreira, Antonio Dias Monteiro, Maria José Lopes, Antonio Lucas Vicente, Antonio Anselmo Fernandes, P.e Fernandes Silveira, P.e Antonio Candido do Avelar, Elvira Malheiro Marinha Falcão, Amelia Maria de Torres Santos (25$00), Maria Ribeiro da Silva (20$00), Condessa de Margaride (15$00), Joaquim Duarte de Oliveira 50$00), Aurora Martins Candido, José Pedro dos Santos, Guilhermina Onofre, Artur Fernandes Barreto, Maria de Lourdes Caiano, Amadeu Simões (15$00), Silvio Lucas da Silva, (15$00) Maria da Conceição Simões (15$00) Amadeu Paulino Rolim (15$00) Maria das Dôres Franco, Dr. Carlos Galrão, Joaquim Duarte Resina, Henrique José Alves, Domingos Victoriano Alcantara, P.e Amadeu Pereira Cardoso, Bernardino d'Almeida Oliveira, Iria de Jesus Moreira, José Gomes da Fonseca (30$00, Julio Dias F. Coimbra, Antonia de Jesus, José Ferreira Pinto, Agueda Rosa, Ana da Conceição Souza, Maria do Carmo Vieira, Maria da Conceição Ferreira, Dr. João de Sacadura Corte Real, Flausino Correia Torres, João Manuel Gouveia, João Paulo, Safira Bissau dos Santos Pereira, Maria M. dos Remedios (20$00), Maria da Gloria Albano Santos, Margarida das Dores Pinto, Maria Adelaide Antunes, Antonio Damião de Souza Neto, Irene da Purificação da Cruz Rocha, Maria Luiza Dias, Antonio da Costa Pé Leve, Laura Teixeira Correia Branco, (20$00), Maria Joana Patricio (20$00), Antonia Curado (20$00), Maria Filomena Ribeiro Falcão (20$00), Manuel Lourenço dos Santos, Gloria da Conceição Ferreira, Manuel Gonçalves Viana, Maria da Piedade de Carvalho — De jornaes e donativos varios: Abade de Esmoriz, 50$00; José Rodrigues da Costa, 60$00; Olga Nunes Pereira, 30$00; Maria José Ferreira Paulino, 100$00; Maria das Dores Tavares de Souza, 102$00; P.e Manuel Marinho, 100$00; Joaquim Carvalho, 60$00; Luciano d'Almeida Monteiro, 131$00; Manuel Alves Matias, 30$00; Beatriz da Costa Valente, 100$00; Joaquina da Conceição Duarte, 122$650; Josefa de Jesus, 21$00; P.e Dayid Fernandes Coelho, 75$00; D. Maria Pedrosa Matias Fer-

reira, 111$40; Virginia Lopes, 50$00; Adelor J. Silva, 105$00; Gertrudes do Carmo Pinto, 22$50; Zulmira Galhardo, 43$20; Luciano Leandro Pires, 22$00; Joaquina Duarte de Oliveira, 50$00; Maria Carolina Caetana, 131$30; P.e Antonio Ferreira da Silva Duarte, 40$00; Maria Matilde Cunha Xavier, 17$65; Na egreja de Cezimbra, 23$10; João Germano de Matos, 50$00; Joaquim Tavares Machado, 50$00

O assassino do próprio filho

Havia já uma bôa hora que acabara de jantar e depois duma volta pela quinta voltara de novo ao grande jardim que servia de ninho á elegante casa de campo.

Em volta uma verdadeira mata de acacias, cedros, platanos e algumas araucarias faziam-lhe o fundo rasgado aqui e alem em grandes manchas de azul celeste; por baixo mil e uma especies e variedades das mais lindas plantas pujantes de vida e beleza lhe atapetavam o solo não fosse a vista ferir-se-lhe na terra arida e nua.

Um pouco daquele cansaço que acompanha a digestão obrigou-o a sentar-se.

A um canto do jardim serpejava e erguia-se emfim sobre o proprio caule uma velha glicinia plantada pelas mãos fidalgas de sua avó, ainda creança.

Mas, alquebrada pelos anos e pela intemperie, arqueava-se, de velha, formando a certa altura um lindo docel que pelo verde palido das suas folhas convidava insistentemente a refugiar-se dos ardores do sol.

Foi ali que se sentou o senhor da Casa da Portela depois de por um creado ter mandado vir o correio do dia.

De olhos semi-abertos foi passando a vista por varios titulos de muitos jornais das mais variadas cores até que o torpor reinou como despota.

* * *

Foi assim que o encontrou um velho amigo de infancia a quem já não via ha muitos anos.

Abraços um mútuo olhar prescrutador depois a inevitavel conversa sobre os rapazes de outrora — hoje homens como eles...

E foram passando ali em revista como numa fita de animatografo as principais figuras contemporaneas.

Quasi a terminar a visita, intencionalmente:

— Então tu sempre o mesmo?

— Sempre o mesmo como vês.

— O mesmo... o mesmo não.

— Porquê? Ora essa...

— Quando me daqui fui (já lá vão bons 25 anos) deixei te crente, um daqueles de quem se dizia com verdade que eram católicos de antes quebrar que torcer.

— E' bôa! E hoje?

— Hoje, meu caro Francisco, hoje?... Não!

* * *

Dum salto Francisco Ginó aprumou-se como a pedir a prova da afirmação feita.

João Henriques sem se desconcertar continúa.

— Desculpa que te fale assim com toda a sinceridade mas a isso me convida até o frescor do teu jardim em ingénuas palpitações de amor.

E' o amigo, crê, que assim te fala.

Quem não ama, embrulha, encobre, adula.

O amigo que em publico cuidadosa, carinhosamente tapou as chagas descobre-as, para as curar, no tu-a-tu da intimidade.

— Queres tu então manter o que disseste, sustentar que em religião me não encontras como me deixaste?

Eu explico se assim o queres.

— Antes das tuas explicações fica sabendo que concorro generosamente para todos os peditórios, tomo parte em todas as festas, auxilio o Seminário, esforço-me emfim por ser em tudo um católico ás direitas.

— Em tudo?...

— Sim! Em tudo. Francamente nunca esperava de ti semelhante censura. Mas... explica lá agora a tua afirmação. Fundamenta-a, se podes, como eu fundamentei a minha.

Nisto ao menos herdo o espirito dos fidalgos da Casa da Portela. Não é de coisas feitas no ar que eu gósto senão das bem alicerçadas.

— Está bem, Chico, não vale ganhar calor.

A propósito tens aqui um monte de jornais.

Mandam-tos de graça... em homenagem...

— Estás a brincar. Isso é um sorvedoiro de dinheiro. Nem sei quantos centos de mil réis para aí vão. Mas também não me importo: dou o dinheiro mesmo sem conto. A gente tem de os ajudar a todos.

— Com que então paga-los todos... todos.

— Todos!

— Ainda é uma bôa mesada, ainda.

— Ah! E', é.

— E que belo auxilio eles não teem de ti!

— Sem dúvida. Tanto mais que eu costumo pagar sempre adeantado.

— Mas que jornal é este? (pegando num dos jornais de maior circulação e menos vergonha).

— Ah tu compreendes que a gente precisa de saber as noticias, de se informar sobre mil e uma coisas mesmo da vida mundana, coisas que só a imprensa nos faz chegar aqui.

E nisso a nossa imprensa, a imprensa católica deixa muito a desejar.

— E tu compreendes a função, a importancia da imprensa na sociedade moderna?

— Para mim é dela que depende o futuro.

A imprensa é o que é a sociedade.

Amanhã a sociedade será o que a imprensa quizer. E' uma arma tremenda.

— E então tu vais dar o teu dinheiro, o teu auxilio a essa imprensa impia, descristianisadora que a cada passo insulta, despresa e ataca o que temos de mais caro?

Então tu vais pôr o teu braço ao serviço dessa imprensa contra o teu Deus, a tua fé, a tua consciencia?

E queres que te chame católico se assim combates o catolicismo?

E queres que te ache na mesma quando tu te puzeste do lado de lá?

Ah, meu caro Chico, ou se é católico em tudo ou em nada.

Deus não admite partilhas da alma e do coração.

Ou lho damos ou lho tiramos todo inteiro.

Mas tu és amigo... não me levas a mal esta liberdade... de amigo.

De resto mal nos vai se não tornamos a falar.

Hoje has-de reconhecer que *a leitura da imprensa má ou simplesmente indiferente te é gravemente prejudicial e o pode ser para a tua familia ou para quem quer que tenha á mão semelhantes publicações.*

* * *

João Henriques deixava o fidalgo da Casa da Portela depois de afectuoso aperto de mão.

Mas aquele aperto de mão não era ainda o simbolo duma comum maneira de sentir.

Lá no fundo o fidalgo ficava sempre na sua: a imprensa indiferente e mesmo a má não faz mal desde que haja cuidado.

* * *

A' saida o porteiro que ouvira quasi toda a conversa diz-lhe baixinho:

— «Olhe senhor! O senhor é que tem razão.

Foram aqueles jornais maus que para alí veem que estragaram o **Quinzinho**. Foi ele mesmo que mo disse ha dias. Ia busca-los e lia-os sem o pai saber e tanta coisa leu que perdeu a fé a religião e... a vergonha.

Coitado! o Pai nem o sabe mas... é verdade.

João Henriques saiu pensando na triste realidade da influencia da imprensa má o no pecado que cometem os que desprezando a imprensa católica assinam, louvam, lêem e ajudam a má imprensa. *São traidores a apunhalar as almas e a Egreja sua Mãe.*

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	2.147$55
Dr. Manuel José Ferreira ...	40$00
	2.187$55

O SACERDOTE

Respeito que lhe devem os fiéis e que ele se deve a si mesmo

E' o santo Cura d'Ars quem fala: «O sacramento da Ordem que parece não se referir a nenhum de vós, interessa afinal a todo o mundo.

Este sacramento eleva o homem até Deus.

O que é o sacerdote? Um homem que tem o logar de Deus, um homem que está revestido de todos os poderes de Deus.

«Ide, diz Nosso Senhor ao sacerdote. Como o meu Pai me enviou, assim eu vos envio... Todo o poder me foi dado no Céu e na terra. Ide, pois, e ensinai todas as nações...

Quem vos ouve é como se me ouvisse a mim; aquele que vos despresa, a mim despresa.»

Quando o sacerdote perdoa os pecados não diz: «Deus vos perdoa», mas diz: «eu te absolvo».

A' Consagração não diz: «este é o corpo de Nosso Senhor» mas «este é o meu corpo».

S. Bernardo diz que tudo nos veio por Maria e nós podemos tambem dizer que tudo nos vem pelo sacerdote: sim, todas as venturas, todas as graças, todos os dons celestes.

Se não tivessemos o Sacramento da Ordem não teriamos a Nosso Senhor.

E quem foi que o poz ali, naquele tabernaculo?

O sacerdote.

Quem recebeu a vossa alma á entrada na vida? O sacerdote.

Quem a alimentou para lhe dar a força de fazer a sua peregrinação? O sacerdote.

Quem a preparará para comparecer deante de Deus, lavando esta alma pela prmeira vez no sangue de Jesus Cristo?

O sacerdote, sempre o sacerdote.

E se esta alma vem a morrer quem a ressuscitará? Quem lhe dará a calma e a paz?

Ainda o sacerdote.

Não podeis recordar nem um só beneficio de Deus, sem encontrar, ao lado dessa lembrança, a imagem do sacerdote.

Ide-vos confessar á Santissima Virgem ou a um Anjo: poderão eles absolver-vos? Não podem. Podem eles dar-vos o corpo e o sangue de Nosso Senhor? Não.

A Santissima Virgem não pode fazer descer o seu divino Filho para a hostia e ainda que tivesseis ahi duzentos Anjos, não poderiam absolver-vos.

Um sacerdote, por mais humilde que seja pode dizer-vos: «e uvos perdôo, ide em paz.»

Oh! Como o sacerdote é alguma coisa de grande!

O sacerdote não se compreenderá bem senão no Céu...

Se se compreendesse sobre a terra, morrer-se-ia não de medo mas de... amor.

Os outros beneficios de Deus não nos serviriam de nada sem o sacerdote.

De que vos serviria uma casa cheia de ouro se não houvesse quem vos abrisse a porta? O sacerdote tem a chave dos tesouros celestes: é ele que abre a porta. E' ele o economo de Deus, o administrador dos seus bens.

Sem o sacerdote, a morte e paixão de Nosso Senhor não serviriam de nada.

Vêde os povos selvagens: de que lhes tem servido que Nosso Senhor tivesse morrido? Ah! não poderão ter parte no beneficio da redenção emquanto não tiverem sacerdotes que lhes façam a aplicação do seu sangue.

O sacerdote não é sacerdote para ele. Não se dá a absolvição a si mesmo, não se administra os sacramentos. Não é para ele, existe para vós.

Depois de Deus, o sacerdote é tudo!... Deixai uma paroquia vinte anos sem sacerdote e o povo adorará os animais.

Se eu e os outros sacerdotes nos fossemos daqui, vós dirieis: «que fazer agora nesta igreja? Já não há Missa, Nosso Senhor já lá não está, vale o mesmo que a propria casa...»

Quando se quere destruir a religião começa-se por atacar o sacerdote, porque onde o não houver, não há Sacrificio e onde não houver Sacrificio não há religião.

* * *

Quando o sino vos chama á igreja e vos preguntarem: «onde ides» podeis responder: «vou alimentar a minha alma.»

Se, mostrando o Sacrario, insistirem: «o que está por detraz desta porta dourada?» E' a dispensa da minha alma.

E quem é que tem a chave, quem faz as provisões, quem prepara o festim, quem serve á mesa? — «Os sacerdotes».

E o alimento? «E' o precioso Corpo e Sangue de Nosso Senhor.»

Vêde agora o poder do sacerdote! A sua lingua, dum bocado de pão faz um Deus! E' mais que crear o mundo.

Se eu encontrasse um sacerdote e um anjo, saudaria primeiro o sacerdote que o anjo. Este é amigo de Deus mas o sacerdote faz as suas vezes.

Quando virdes um sacerdote deveis dizer: «Ali está quem me tornou filho de Deus e me abriu o Céu pelo santo baptismo, quem me tem purificado dos meus pecados, quem tem dado alimento á minha alma...»

A' vista duma igreja podeis dizer: «O que está lá?» — O corpo de Nosso Senhor. E porque está lá? «Porque um sacerdote passou por lá e celebrou a santa Missa».

* * *

Que alegria não teriam os Apostolos depois da ressurreição de Nosso Senhor de voltar a ver o Mestre que eles tanto tinham amado!

O sacerdote deve ter a mesma alegria vendo Nosso Senhor que ele tem nas suas mãos...

O sacerdocio é o amor do Coração de Jesus.

Quando virdes o sacerdote, pensai em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como Jesus quer ser amado

Jesus Cristo é amado com este amor vencedor que leva a alma a todos os sacrifícios, com este amor incomparável que faz empalidecer todos os amores.

Se duvidais, ide bater, por exemplo, á porta d'um mosteiro de Carmelitas, cuja clausura nos arripia e irrita. Perguntai a esta jovem porque é que, na edade da juventude e das ilusões, ela abandonou tudo para se esconder atraz dessas grades impenetráveis e dentro d'aqueles vestidos tão grosseiros.

Ela vos responderá: *amo Christum*. Eis ahi o amor a Jesus Cristo, e tão forte que produziu a virgem cristã, a irmã da caridade, a irmãsinha dos pobres. Fez o apostolo e o martyr. Tomou o homem com toda a sua fraqueza e o coroou com o triplice diadema da virgindade, do martírio e do apostolado, e o levou aos cimos mais divinos do amor.

Faz mais ainda, pois que sofrer e morrer não é ainda o cumulo do sacrifício. O cumulo é vêr morrer os que amamos.

E tem-se visto isto! Ha mães que teem amado Jesus até este ponto, até ao sacrifício de seus filhos, Jesus Cristo quiz pedir-lhos e obteve-os. Sim, mal ele tinha morrido já as mães cristãs, tomavam os seus filhos e colocando-os sobre os joelhos lhes diziam: «Meu filho, eu preferia vêr-te morto a vêr trahir a Jesus Cristo».

Acompanhavam seus filhos deante dos juizes, e ali, ao pé do cadafalso, exaltavam o seu entusiasmo e se temiam que eles viriam mostrar-se fracos, lhes diziam: Meu filho, lembra-te que eu te trouxe no meu seio e te alimentei com o meu leite; por piedade para com tua mãe, não negues nem atraições a Jesus Cristo.

O que uma mulher, uma mãe deve sofrer em tal momento e o que sofreu uma Felicidade, uma Symphorosa e tantas outras, não ha palavras que o possam contar. Sente-se apenas que para recompensar tais sacrifícios não parecia excessiva uma eternidade de felicidade com seus filhos nos braços.

PEDIDO

Ás pessôas que receberem a «VOZ DA FÁTIMA» em duplicado, pedimos o favor de devolver uma pondo por fóra — *Duplicado* — É o meio de sabermos o respectivo número.

Ano VII Leiria, 13 de Outubro de 1928 N.º 73

VOZ DA FATIMA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: - - *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

Fátima, a Lourdes de Portugal

Aos pastores a Virgem Maria
quis rasgar dos mistérios o véu,
e hoje, em Fátima, a Cova da Iria
é um lindo cantinho do Céu.

(Do hinário de Fátima)

Onze anos depois — A visão de Lúcia de Jesus — A confidente da Rainha do Rosário — O apelo divino — A eleita do Rei de Amor.

Corria o ano de 1917, ano assás memorável e sôbre todos glorioso na divina história dos episódios maravilhosos da Lourdes portuguêsa. No dia treze de Maio, a pouco mais de dois quilómetros da igreja paroquial de Fátima, numa pequena colina, onde em breve se erguerá o templo mais gigantesco, o santuário mais venerando da lusa terra, três crianças inocentes, que guardavam um minúsculo rebanho de ovelhas, depois de haverem rezado em comum o terço do Rosário, tinham-se sentado no chão para começar a construir com pedras toscas e soltas uma casa em miniatura.

Era a hora do meio-dia astronómico. Nas alturas, o astro-rei, em pleno zénith, resplandecia com o mais vivo fulgor e nem uma só nuvem empanava a limpidez puríssima da abóbada celeste. De repente, o clarão fulgurante dum relâmpago cortou os ares, fazendo convergir para o firmamento os olhos e a atenção dos pastorinhos. Lúcia, a mais velha das três crianças, que contava dez anos de idade, julgando iminente uma trovoada, a-pesar-da perfeita serenidade da atmosfera, levanta-se e convida os primos, Francisco e Jacinta, a recolherem o gado a suas casas.

Quando desciam a encosta, atrás do pequenino e dócil rebanho, um novo relâmpago rasgou o espaço e, a pouca distância sôbre a copa duma azinheira, apareceu o vulto gentilíssimo duma jovem senhora, circundado de intensa luz e resplandecente de sobrenatural beleza.

Por momentos, as crianças hesitam perplexas e chegam a pensar em fugir. Mas para logo um gesto gracioso da Aparição as demove do seu propósito, filho da timidez e do medo, e uma voz suave e encantadora as convida a aproximarem-se da azinheira.

Desde aquele dia do mês de Maria, em que, a uma pregunta da protagonista das aparições, a misteriosa Senhora declarou que vinha do Céu, até igual dia do mês do Rosário, seis meses depois, inefáveis colóquios se realizam entre a Vrgem e a angélica menina, tornada a sua íntima confidente pela missão grandiosa de que a incumbe e pelos segredos impenetraveis que lhe confia.

A' débil voz da humilde e desconhecida pastorinha acorrem as multidões, ávidas do sobrenatural, e centenas de milhares de pessoas, impulsionadas pela sua fé e pela sua piedade, veem prestar as suas homenagens à Raínha do Céu no local que Ela própria escolheu para a erecção do santuário máximo das maravilhas estupendas do seu poder e da sua ternura maternal.

Debalde os representantes do poder-civil tentaram coagir a vidente a retratar os seus assertos e nem as promessas e ameaças nem a propria prisão e a perspectiva duma morte violenta e horrorosa lograram arrancar-lhe os segredos invioláveis do Alto.

Realizado no dia treze de Outubro o estupendo sinal de Deus, vaticinado três meses antes pela privilegiada da Virgem para confirmar a veracidade dos seus depoimentos e presenciado com assombro e extrema comoção por mais de sessenta mil pessoas de tôdas as classes e condições sociais e de todos os pontos do país, Lúcia de Jesus tinha concluido a sua missão de embaixatriz da Mãe de Deus, augusta Padroeira de Portugal.

A' semelhança do precursor S. João Baptista, doravante ela tem de se diminuir, de se apagar, de quási desaparecer aos olhos do mundo, para que só a Virgem seja glorificada e a sua obra assuma as proporções da mais colossal maravilha do século vinte... E' indispensável que momentaneamente cáia no olvido o instrumento frágil e desproporcional de que a Divina Providência se dignou servir para iniciar essa obra. Como Bernardette Soubirous, a humilde pastorinha dos Pyrineus, a feliz vidente de Fátima vai preparar-se para outra missão que mais de perto lhe interessa, porque a ela estão ligados os seus destinos imortais, a tarefa grandiosa da sua santificação e salvação eterna.

Terminada a sua educação num colégio do Norte, onde viveu muitos anos entregue à prática de tôdas as virtudes, obedeceu sem hesitar ao chamamento divino, saindo do seu país e entrando no Noviciado duma das mais ilustres e beneméritas Congregações religiosas.

A atmosfera do Noviciado, tôda impregnada de oração, de sacrifício e de amor, era sem dúvida o elemento que convinha à sua vida espiritual, após a formação do Colégio.

Alí, ocupada nos serviços mais grosseiros da casa, edificava a todos com a sua profunda humildade e a sua exacta observância do regulamento e a Raínha do Céu favorecia-a com novos privilégios, como penhor da sua predilecção especial.

Um ano depois, no dia 3 de Outubro de 1928, aos vinte e um anos de idade, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, devia presidir, em nome da Santa Igreja á cerimonia da sua profissão religião e ela, cheia de júbilo e reconhecimento, consagrava-se dum modo especial ao serviço de Deus, pronunciando com um fervor angélico os votos de pobreza, obediência e castidade.

Tal é a humilde pastorinha de Aljustrel, a quem Deus confiou a missão mais estrondosa dos nossos tempos e que a desempenhou com uma paz tão profunda e com um desprendimento tão completo de si mesma que é êsse o primeiro milagre

UMA FLOR DO CLAUSTRO

A profissão religiosa de Lucia de Jesus, protagonista das aparições de Fátima

Linda, alegre e encantadora, cheia de vida, luz e côr, rescendendo aos suaves perfumes das flores do Outono, raiou a manhã, para sempre memorável, do dia 3 de Outubro de 1928.

Os relógios das tôrres da vetusta e histórica cidade acabavam de dar pausadamente as oito horas.

Photografia de LÚCIA DE JESUS *(V. as grandes maravilhas de Fátima, pelo V. de Montelo), aos 16 anos, e que no dia 3 de outubro corrente fez os seus votos numa Congregação religiosa.*

Numa das casas religiosas mais credoras de consideração e estima pelas suas excelsas benemerências, nessa estância de paz bemdita, onde cada ano, tantas almas, cândidas e inocentes, contraem místicos esponsais com Jesus, o divino Rei dos reis, uma falange escolhida de virgens faz os derradeiros preparativos para o enlace misterioso há muito tempo suspirado, o sublime e inefável himeneu com o celestial Esposo. Todos estão já a postos para a tocante solenidade que se vai realizar.

Um sacerdote português, honra e lustre da sua nobilíssima classe entra na linda e devota capela, onde vítimas voluntárias de reparação e expiação todos os dias elevam para o Céu o incenso das suas preces ardentes, a mirra das suas virtudes acrisoladas e dos seus sacrifícios e o ouro dum amor precioso e sem liga, heroico e santo.

Era sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, primeiro Bispo de Leiria, depois da restauração da diocese, que devia presidir á cerimónia, expressamente convidado para êsse fim. Motivo de força maior inibiu-o de comparecer.

O recinto sagrado regorgita de fiéis. Em logares de destaque veem-se alguns convidados de elevada categoria.

Aproxima-se o momento solene, ansiosamente esperado, dos místicos esponsais das venturosas donzelas que vão consa-

grar-se para sempre, dum modo especial ao serviço daquele adorável Senhor, a quem servir é reinar.

Em atitude modesta e recolhida, e na mais perfeita e edificante compostura, mas palpitantes de intenso e comovido júbilo, elas ali estão, em fila, nas longas bancadas da capela, de mãos postas e olhos fitos no Céu, orando incessantemente e com fervor.

Confundida com as demais, há uma, que nada assinala à atenção dos circunstantes, mas que merece uma referência sobremaneira particular.

E' Lúcia de Jesus, a feliz vidente de Aljustrel, a principal protagonista das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, a Lourdes de Portugal.

Esta tenra e mimosa flor dos campos, colhida entre as urzes e azinheiras da serra de Aire, e transplantada do pátrio solo para uma nesga de terra estrangeira, onde o respeito dos direitos da Consciência humana não se reduz a uma palavra vã e a liberdade para o bem não é uma ficção, lá se vê, no meio das flores nascidas, noutros climas e sob outros céus, pronta a embalsamar perenemente com o seu delicioso aroma a ara santa e o ambiente do augusto santuário.

O ilustre oficiante revestido dos paramentos sacros, entoa o *Veni Creator*, invocando sôbre as futuras espôsas do Redentor as luzes e graças do Divino Paráclito, o Amor increado e consubstâncial.

A comunidade religiosa e a multidão dos fiéis cantam o admirável hino litúrgico, que o órgão acompanha com a sua voz magestosa e plangente, convertendo-o num cântico de glória, num hino vibrante de ressurreição e de triunfo.

Em seguida o ministro sagrado, pronunciando as orações do Ritual benze o crucifixo destinado à futura professa, asperge-o com água lustral, servindo-se para isso do hissope, e depois procede da mesma forma à bênção do véu.

Concluída a última oração, volta-se para o noviça e diz-lhe:

— «Minha filha, que é que pedes?»

Lúcia de Jesus, grave e austera na sua graciosa simplicidade, responde com uma voz firme e pausada:

— «Pelo amor de Deus e de Maria Santíssima, minha terna e cara Mãe, peço a graça de ser admitida neste santo Instituto, para nele me consagrar de todo ao serviço de Deus e à salvação do próximo, e de me ligar também com os votos de Pobreza, Castidade e Obediência, que desejo fazer segundo o espírito e regras dêste mesmo Instituto.

E o interessante e comovente diálogo continua, cada vez mais vivo e animado, entre o venerando sacerdote, que representa a Santa Igreja e fala e procede em nome dela, encarecendo a grandeza e importância do acto da profissão religiosa e os deveres e responsabilidades que lhe estão inerentes, e a humilde e despretenciosa menina, que responde sem hesitar, firme e inabalável na sua generosa resolução e cheia de confiança filial na bondade onipotente do Altíssimo.

— «Tens pensado bem nas obrigações que andam anexas a êstes votos?»

— «Sim, sèriamente o tenho pensado, e espero, com o auxílio de Deus e a intercessão de Maria Santíssima e da Santa Padroeira dêste Instituto, poder cumpri-los e é por isso que peço a graça de mos receber.»

— «Renunciaste com tôda a liberdade e com todo o coração ao século e a tôdas as pretensões mundanas?»

— «Sim, Reverendíssimo Senhor.»

— «Então queres tomar a Jesus Cristo por teu Espôso?»

— «Sim, com todo o meu coração.»

Nesta altura o ministro do Senhor apresenta o crucifixo à noviça e, dando-lho a beijar, diz:

— «Recebe, minha filha, esta cruz na qual está pregado Aquele que deve ser o teu modêlo e o único objecto de todo o teu amor.»

E acrescenta as palavras seguintes que são como que a forma substancial dos místicos desposórios, que se estão realizando:

— «Seja o teu Amado como um fascículo de mirra e faça do teu coração a sua morada permanente, em penhor duma união eterna e dum eterno amor. *Sit tibi fasciculus myrrhae dilectus tuus, et super cor tuum commoretur, in signum amoris et unionis sempiternae.*»

Segue-se a imposição do véu, durante a qual o oficiante diz:

— «Recebe o jugo do Senhor; o seu jugo é suave e o seu pêso é leve.

Proferidas estas palavras, dá-lhe a bênção e depois paramenta-se para rezar a santa Missa.»

Começa o incruento sacrifício dos nossos altares.

O silêncio é mais profundo, o recolhimento mais intenso, a oração de todos mais fervorosa.

Pairam vagamente naquele ambiente sagrado harmonias celestiais.

Dir-se-hia que os Anjos da guarda do Sacrário, onde repousa na Hóstia sacrosanta o Divino Rei de amor, unem dum modo sensível as suas alegrias e o seu gôzo aos júbilos das almas congregadas naquela casa de Deus.

E' chegada a ocasião de ministrar o Pão vivo descido do Céu. Mas, antes disso, o celebrante volta-se, com o Santíssimo Sacramento nas mãos, para a eleita do Senhor que, com voz clara, mas comovida, pronuncia, em face do Céu e da terra a sua consagração—a fórmula dos votos de Pobreza, Castidade e Obediência. Feitos êstes votos, a irmã aspirante entrega à Superiora a fórmula dos mesmos assinada por sua própria mão e depois recebe o Pão dos Anjos.

Terminada a Missa, o representante da Igreja faz uma exortação à Irmã aspirante. São palávras paternais dirigidas à ovelhinha querida da grei espiritual do venerando Prelado de Leiria, à Bernadette da Lourdes da sua privilegiada Diocese.

Intima-lhe, mais uma vez, o dever rigoroso de cumprir as promessas sagradas e invioláveis que acaba de fazer perante os santos altares.

Recomenda-lhe com particular empenho a observância das constituições e regulamentos da gloriosa e benemérita congregação a que tem a honra e a ventura de pertencer.

E, concluindo, faz ardentes votos ao Céu para que, fiel às inspirações da graça divina, se eleve nas azas da humildade e da confiança, aos páramos da perfeição espiritual, às culminâncias da santidade.

O cântico do *Te Deum*, versículos e orações do estilo, pôs remate a esta solenidade simultaneamente singela e grandiosa, a que os ritos e cerimónias da liturgia cristã imprimem um cunho de beleza e majestade incomparável.

Lúcia de Jesus, em religião Irmã Maria Lúcia das Dôres, flor dos campos hoje convertida em mimosa flor do claustro, será mais um pára-raios erguido sôbre esta infeliz terra de Portugal, outrora pátria de heróis e de santos, a fim de desarmar a cólera divina, irritada com as culpas individuais e com os desvarios colectivos, e atraír para êste abismo insondável de iniquidade torrentes caudalosas e incessantemente renovadas de perdão, de graça e misericórdia.

Visconde de Montelo

Continuação do artigo FÁTIMA, A LOURDES DE PORTUGAL

de Fátima, como a ditosa vidente é a mais bela prova da realidade das aparições.

A procissão das velas — A adoração nocturna — O Rev. Domingos Gonçalves, de Guimarães — As missas e comunhões — A piedade edificante dos fiéis.

No dia doze de Setembro último, às dez horas e meia da noite, realizou-se, na forma do costume, a linda e comovente procissão das velas. Numerosas peregrinações, que tinham chegado durante a tarde, incorporaram-se com os seus estandartes no majestoso cortejo, que percorreu o itinerário tradicional. A beleza e serenidade daquela noite de verão, a extraordinária afluência de romeiros, a grande profusão de luzes, os cânticos dos fiéis, as súplicas fervorosas e veementes, a recitação piedosa e cadenciada do terço, a simplicidade encantadora e a vastidão imensa daquele templo sem igual, cujo pavimento é o solo escalvado da montanha e cujo tecto é a abobada celeste constelada de miríades de astros rutilantes, convertem a estância bemdita das aparições num delicioso e incomparável cantinho do Céu e impregnam e saturam de eflúvios sobrenaturais o ambiente perfumado que alí se respira. O canto do *Credo*, em frente da capela-padrão dos sucessos maravilhosos, põe um remate condigno àquele espectáculo emocionante de Fé e piedade. Começa então a adoração nocturna. Preside ao primeiro turno de adoração o rev.do dr. Marques dos Santos, capelão-director dos servitas. O rev.do Domingos Gonçalves, de Guimarães, director das Oficinas de S. José, que presidia á peregrinação daquela cidade dirige o segundo turno de adoração falando com ternura do Deus de amor, a Divina Eucaristia. As primeiras horas da manhã principiam as missas, que continuam quási sem interrupção até ao meio dia solar. Milhares de comunhões são distribuídas por diversos sacerdotes, desde a primeira à última missa, sendo deveras encantadora e emocionante a piedade fervorosa dos romeiros, que, desejando receber dignamente nos seus peitos o Rei do Céu e da terra, se tinham preparado para êsse acto por meio duma confissão bem feita dos seus pecados no santo tribunal da Penitência.

Jesus une-se intimamente às almas, na Sagrada Comunhão, para ser o alimento da sua vida sobrenatural e ali, naquele logar privilegiado, derrama sôbre elas, mercê da intercessão valiosíssima de sua augusta Mãe, as melhores graças e as bênçãos mais preciosas e mais escolhidas dos tesouros riquíssimos e inexauríveis do Céu.

O Seminário de Beja — Peregrinação do Porto — Peregrinação de Lamego — Peregrinação de Vila de Rei — Peregrinação da Serra (Tomar).

O ilustre e venerando Antístite da Igreja Pacense, Senhor D. José do Patrocínio Dias, nomeado interinamente pela Santa Sé director da Obra das missões do clero secular português, em substituição do grande Bispo missionário, o senhor D. Teotónio Ribeiro Vieira de Castro, ausente na India em serviço da Religião e da Pátria, fez transferir para o edifício do Convento de Cristo, em Tomar, afim de passarem ali o período das férias grandes, os alunos do seu seminário diocesano. Encontrando-se assim a poucas léguas de distância do Santuário Nacional de Fátima, os jóvens e piedosos seminaristas aproveitaram o ensejo para o visitar comovidamente e render o preito da sua veneração e do seu amor à Raínha do Santíssimo Rosário, no local que Ela houve por bem santificar com a sua presença e distinguir com as finezas mais assinaladas da sua ternura maternal. Viam-se também, em número bastante avultado, alunos doutros seminários, sobretudo do seminário episcopal de Leiria.

Do Pôrto, freguesia de Nossa Senhora do Pilar da Glória, veio a Fátima uma numerosa e luzida peregrinação, que tinha como director espiritual o Rev. Abade Soares Monteiro. «Os meus peregrinos, como atesta o seu zeloso pastor em carta datada de 18 de Setembro e endereçada ao administrador da «Voz da Fátima», foram à cidade das aparições, movidos pelo amor a Nossa Senhora, e por isso portaram-se na viagem e em Fátima como católicos dignos dêste nome: assistiram a todos os actos de piedade, tomando parte na recitação do Rosário, na comunhão geral, e incorporaram-se na procissão com o seu lindo estandarte, que foi conduzido pelo sr. Sebastião Ventura, ladeado doutros peregrinos com opas brancas e o menino Carlos revestido de batina e cota, cantando as senhoras o *Avè* sob a direcção da menina Aurora e os homens sob a regência do Sr. Luís Monteiro. Diversas ofertas foram dadas à Virgem de Fátima pelos meus peregrinos, sendo a mais importante a de uma pulseira de oiro que a senhora D. Olga, em cumprimento dum voto, colocou por suas próprias mãos na Imagem da Senhora. A viagem, a-pesar-de longa, fez-se sem incidentes desagradáveis e todos nós encontrámos bem as pessoas das nossas famílias, e eu, que sofria bastante de intermitências cardíacas, agora nada tenho sentido que me incomode, desde êsses santos e inolvidáveis dias da minha visita a Fátima.»

A diocese de Lamego trouxe aos pés da Virgem de Fátima mais de duzentos peregrinos, que fizeram a longa viagem em dez *camionetes*. Foram acompanhados por doze sacerdotes, que dirigiam os actos de piedade durante o percurso, um em cada veículo. Além doutras freguesias, havia representantes de Petarouca, Cambres, Pessude, Magueja, S. Martinho de Mouros, Rezende, Lalim, Bretiande, Mezio e Monteiros.

Realisou-se êste mês a peregrinação anual de Vila de Rei. E' a segunda vez que ela se efectua. Organisada com todo o esmero pelo seu zeloso e incansável pároco, o rev. Rafael Jacinto, impõem-se a todos como uma peregrinação modelar, sendo decerto notáveis e copiosos os frutos espirituais que alcança para quantos dela fazem parte.

A populosa e crente freguesia da Serra, Tomar, enviou igualmente nêste mês à Lourdes portuguêsa uma importante e vistosa embaixada. Dirigia os actos colectivos da piedosa romagem o rev. José Dias Rodrigues, activo e zeloso pároco daquela freguesia. As opas encarnadas dos peregrinos e os lenços brancos das Filhas de Maria punham uma nota acentuada de colorido e de graça na imensa mancha escura da Cova da Iria.

Outras peregrinações — A procissão da Virgem — A missa solene — A benção dos doentes — O sermão oficial — O êxodo dos peregrinos.

Outras peregrinações se efectuaram ainda êste mês, embora formadas por menor número de devotos da Virgem de Fátima. De Tondela viéram 80 pessoas, de Vila Seca 40, de Moledo (Lourinhã) 60, acompanhadas pelo pároco, rev. Joaquim Lopes Seixal, do Arieiro (Coimbra) 40, sob a direcção do pároco rev. Manuel Estrêla Ferraz, da Várzea (Santarém) 60, sob a presidência do pároco rev. Manuel Duarte, de Carapinheira do Campo (Montemor-o-Velho) 60, tendo à sua frente o rev. cónego José Simões Maio, etc.

Pouco antes do meio dia solar, formase o cortejo que acompanha o andor da Virgem do Rosário da capela das aparições para a capela das missas. E' uma das scenas mais patéticas das cerimónias comemorativas do dia treze. A multidão rompe em vivas à Virgem, sauda-a com os lenços, aclama-a com palmas. Ao meio dia em ponto, depois de cantado o *Credo* em voz alta por tôda a assistência, principia a Missa dos doentes. Emquanto se celebra o augusto sacrifício dos nossos altares, ouve-se constantemente o brando ciciar de mil preces, os suspiros abafados dos enfermos e, por vezes, os cânticos da multidão, vibrantes de entusiasmo. Concluída a missa, o celebrante dá a benção aos doentes com o Santíssimo Sacramento, cerimónia sempre bela e sempre tocante, e por fim, depois de cantado o *Tantum ergo*, abençôa o povo.

O rev. Domingos Gonçalves, subindo ao púlpito, profere, diante do microfone, um sermão apropriado às circunstâncias, que numerosos megafónios reproduzem e transmitem a distância.

São quási cinco horas da tarde.

Os peregrinos, pouco a pouco vão regressando aos lares distantes As suas almas, retemperadas naquele cadinho imenso de Fé e piedade e saturadas do ar puro e vivificante da atmosfera sobrenatural que ali as envolve, sentem-se mais fortes para as lutas incruentas mas por vezes formidandas da existência. Os doentes, sôbre os quais o Anjo do confôrto celeste fez descer o doce bálsamo da resignação cristã, acham agora menos pesada a cruz dos seus sofrimentos e conformam-se santamente com os desígnios adoráveis da Providência.

Algumas horas mais tarde, aquele local privilegiado — testemunha muda de tanto amor e de tanta dor — está convertido num ermo silencioso e triste, que o manto escuro da noite torna mais triste ainda, descendo lentamente das cumiadas da serra de Aire sôbre a misteriosa e encantadora Fátima, a estância bemdita das aparições da Virgem do Rosário, a Lourdes de Portugal.

Visconde de Montelo

OUTRO ANO

Entra hoje no 7.º ano da sua publicação a *Voz da Fátima* de que já se fez até agora uma tiragem de dois milhões de exemplares, cabendo ao último ano a tiragem de mais de quinhentos mil.

Se cada um tiver sido causa de um acto de amor de Deus e de veneração e também amor à nossa querida Mãe do Céu, que magnífica recompensa para o nosso trabalho!

Consola-nos a lembrança de que o jornalzinho terá contribuido para êste movimento formidavel, mesmo colossal, de Portugal, para Deus, (e

já com bastante repercursão no estrangeiro) sob os auspicios e devoção a Nossa Senhora do Rosario da Fatima.

•

O Jornal é destribuido gratuitamente na Fatima e noutros pontos. Só têem, porém direito a recebe-lo, pelo correio, as pessoas que enviarem directa e adeantadamente o minimo de dez escudos. Não mandamos fazer cobranças. Lembramo-nos de que os assinantes são tão interessados como nós nos progressos da Voz da *Fatima*. Estão em dívida bastantes.

Muitas pessoas mandam generosamente quantias superiores, certos de que a sua generosidade vai reverter por completo a favor de tantas outras pessoas a quem vae ser distribuido o jornal cuja tiragem quereríamos que êste mez, se houvesse tempo, atingisse cerca de cem mil exemplares.

•

Não extranhem que fiquem sem resposta cartas a pedir-nos agua da Fatima e outros objectos. E' que o tempo é pouco para outras coisas mais urgentes.

Podem dirigir-se a José d'Almeida Lopes — Fatima (Vila Nova d'Ourem). Posto que a agua seja gratuita ha a contar com o correio, lata e acondicionamente, o que tudo, principalmente para o estrangeiro, fica bastante caro.

•

Agradecemos qualquer reclamação ou indicação que nos façam. Devem indicar sempre o numero da assignatura para serem atendidos com prontidão.

As curas de "FATIMA„

Sciática

Maria Emilia Fernandes, *da Congregação das Filhas de Maria de Vilar (Cadaval) em carta de 22 d'Agosto ultimo, diz:*

«Na *Voz da Fatima* venho publicamente agradecer a Nossa Senhora do Rosario da Fatima a cura, para mim verdadeiramente miraculosa, que por Sua intercessão obtive no dia 13 de Julho do corrente ano de 1928.

Maria Emilia Fernandes

Ha 5 anos que eu vinha sofrendo uma dôr num quadril, que o meu medico, Dr. Mario Pereira da Costa, medico municipal e sub-Delegado de saude na Vila e Concelho do Cadaval, diagnosticou de dôr sciatica, como consta do atestado junto que envio. Receitou-me varios medicamentos internos e externos, aplicando-me tambem por duas vezes pontas de fôgo, mas sem resultado algum, vendo-me forçada a estar de cama mezes seguidos. Levantava-me, se sentia alguns alivios, que em pouco tempo desapareciam, chegando novamente a deitar-me.

Como, em tempo, tive uma enfermidade no joelho da mesma perna onde tinha a dor e os banhos do mar lhe davam vigor, pensei que também me aliviariam ou tirariam a dor, e depois de consultar o Snr. Dr. Mario, que concordou comigo, fui para a praia da Nazaré.

Tirei bom resultado, porque depois de lá vir estive uns sete mezes, senão livre totalmente de dores, ao menos com possibilidade de me entregar aos trabalhos em que costumava ocupar-me.

Passado êste tempo agravou-se o meu mau estar, continuando a sofrer dores insuportaveis, vendo-me novamente forçada a estar de cama, mezes seguidos. Aconselhada pelo meu médico fui fazer uso das águas das Caldas da Raínha que absolutamente nada me aliviaram: nem enquanto lá estive nem depois de vir para casa.

Nesse mesmo ano fiz uso de banhos de mar que deram alguns alívios enquanto estive na praia; porque quando voltei para casa o meu sofrimento continuou a ser horrível a ponto de não poder dar um passo; vendo-me forçada a usar de muletas para dar alguns passos. Quando a distância era superior a uns cem passos, nem mesmo com as muletas podia caminhar.

Tornei a banhos de mar frios e quentes, mas sem resultado.

A minha vida durante cinco anos passei-a sentada com a perna estendida, ou deitada: a não ser nos séte mezes em que falei, ainda que também durante êles sentia mais ou menos dores.

Por iniciativa das filhas de Maria desta freguesia do Vilar, concelho do Cadaval, organisou-se uma peregrinação a Nossa Senhora de Fátima e eu inscrevi-me para ir; mas para ir como as demais pessoas iam, sem ter ideia fixa nem esperança fundada de que viesse curada; não porque Nossa Senhora não fôsse capaz de me dispensar tal benefício, mas porque me considerava indigna de tão grande graça.

Surge porém a dificuldade de eu me transportar porque eu queria ver os templos de Alcobaça e da Batalha e não podia andar. Não podia ir ao colo de ninguem por impossível de o fazer a uma mulher de 38 anos, e de ossatura forte como eu tenho. Pensou-se em improvisar uma maca, mas êste meio de transporte causava-me impressão: e ficar na camionete, quando todos saíam para ver, tambem deveras me afligia. Por alvitre de meus irmãos utilisei um cobertor que dobrei convenientemente pregando-lhe nas extremidades duas grandes presilhas que duas pessoas enfiaram a tiracolo levando-me assim sentada. Neste aparelho fui transportada sentando-me no cobertor e passando os braços sôbre os ombros dos homens e das minhas amigas que tão carinhosamente me quizeram levar. A todos que me levaram, aqui deixo ficar a expressão do meu mais vivo reconhecimento. Deste modo visitei as igrejas de Alcobaça e Batalha para onde me levaram tirando-me da camionete em que íamos, sucedendo o mesmo quando chegámos à Cova da Iria. Quando, porém, me transportaram desde o portão do Santuário até ao pavlhão dos doentes tive dores tão grandes que se o pavilhão fôsse mais distante eu já não aguentava. Sentei-me no primeiro banco que encontrei e estendi a perna para aliviar as dores. Uma senhora que eu não conhecia nem conheço, observou-me que eu assim ocupava o logar de outras pessoas. Conhecendo pela minha resposta que era uma doente entregou-me ao cuidado de uma caridosa serva de Maria que me proporcionou todas as comodidades para eu estar relativamente bem. Aqui lhe agradeço todos os seus carinhos. Pelo meu retrato que junto envio ela me reconhecerá. A esta senhora e a uma outra que eu tambem não conheço, agradeço o carinho com que me trataram e o esforço que fizeram para me transportar no aparelho a que acima me refiro quando tive de sair do recinto em que estava para depois voltar. Sentada ou recostada no colchão que me forneceram, passei toda a noite; sempre com mais ou menos dores que duraram até à missa do Snr. Bispo de Leiria durante a qual comecei a sentir bastantes alívios que se foram acentuando até à missa dos doentes em que me senti completamente bem, estando já neste agradavel estado quando me foi dada a benção do SS. Sacramento.

Quando os servitas me apresentaram a maca para nela me transportarem, pensei em não aceitar por me parecer que estava boa; mas como poderia ser uma ilusão aceitei-a, e assim fui acompanhando a imagem de Nossa Senhora e depois para a camionete juntar-me aos meus companheiros de peregrinação. No nosso regresso senti-me sempre bem: acompanhando a recitação do terço e os canticos com todo o entusiasmo como era proprio que tivesse quem se via livre de dôres tão cruciantes, que me tinham atormentado durante cinco anos. Quando chegamos a Alcobaça, desci, sem auxilio de ninguem da camionete que estacionou junto ao quarteirão de casas que fica defronte da Egreja do Mosteiro. Com toda a facilidade atravessei o largo, subi as escadas, entrei na Egreja e fui até ao altar mór. Depois de fazer a minha oração regressei á camionete onde os peregrinos me esperavam, dando todos graças a Nossa Senhora pelo beneficio tão grande que me acabava de fazer. Parecia-me um sonho e não uma realidade.

Para gloria de Nossa Senhora, todos os peregrinos se apearam, organisamos o cortejo com as bandeiras que levamos das Congregações das Filhas de Maria e da Congregação de S. José, e entoando canticos e dando vivas a Nossa Senhora, que eram correspondidos com entusiasmo pelas pessoas que se encontraram pelas ruas, indo eu á frente com as minhas muletas debaixo do braço.

E assim saimos da Vila de Alcobaça no meio da nossa maior alegria e gratidão a Nossa Senhora.

Não mandei este relato no mez de julho porque o meu medico me disse não ser conveniente passar já o atestado; mas deixar passar um mez para que a cura não fosse atribuida a sugestão. Esperei o praso indicado. Junto envio o atestado do Senhor dr. Mario, meu medico que sempre me tem assistido nesta doença e cujos cuidados e interesses aqui lhe agradeço.

Vai tambem o meu retrato para que as pessoas que me tenham visto no Santuario de Nossa Senhora, conheçam aquela a quem Nossa Senhora quiz dispensar uma tão grande graça.

Mas tanto o relato da minha doneça e curas, como o atestado e retrato que envio representam o desafogo da minha gratidão á SS. Virgem. Ahí, de tudo o que vai, farão o uso que quizerem. Eu continuo bem. E a todas as pessoas que tiverem conhecimento deste tão grande beneficio peço as suas orações para que eu durante toda a minha vida não me torne menos digna da graça que Maria fez á sua filha.»

ATESTADO

Mario Pereira da Costa, Facultativo Municipal e Sub-Inspector de saúde do Concelho do Cadaval.

Atesto e juro sob minha honra que a Sr.ª Maria Emilia Fernandes de trinta e oito annos de edade, natural e residente no logar e freguezia de Vilar, deste Concelho, se achava impossibilitada ha cinco anos, de se entregar ás suas ocupações, em virtude de sofrer duma sciatica esquerda, com scoliose homologa, encontrando-se hoje completamente restabelecida, sendo digno de notar-se a cura ter sido obtida radical e repentinamente.

Por ser verdade, passo o presente, que assino.

Cadaval, 18 d'agosto de 1928

(a) Mario Pereira da Costa

(segue o reconhecimento)

Manual do Peregrino da Fátima

Está publicada e à venda a segunda edição, bastante aumentada sobretudo na parte respeitante à música que acompanha os hinos e cânticos. O mesmo preço da 1.ª edição (3$50).

Na *União Gráfica* (rua de Santa Marta 150 — Lisboa) e na redacção da *Voz da Fátima* — Leiria.

Myelite crónica

Fernanda de Jesus, de Setúbal, curada repentinamente na Fátima em 13 de julho, e de quem já aqui falámos em agosto.

Segue o atestado médico, que é bem frizante e claro:

ATESTADO

Francisco de Paula Borba, médico e director do Hospital da Misericórdia de Setúbal

Declaro que a snr.ª Fernanda de Jesus, de 30 anos de idade, casada com o sr. João Gomes Nogueira, esteve internada por várias vezes com permanência de mêses, na enfermaria de Santa Izabel do Hospital da Misericórdia de Setúbal e em tratamento com uma myelite

Fernanda de Jesus

crónica de origem não determinada. A doente conservou-se sempre em decúbito dórsal, paraplegia completa, dificuldade nos movimentos dos braços e da cabeça, sentando-se na cama só com o auxílio duma enfermeira.

Neste Hospital, como no de S. José em Lisbôa onde igualmente esteve internada, foram-lhe aplicadas várias medicações especificas conservando-se a doente sempre no mesmo estado.

Em 11 de Julho do corrente ano e a seu pedido, foi concedida alta provisória, regressando passados quatro dias, a mesma enfêrma nas seguintes condições:

Passeia na enfermaria apoiando sómente o braço no ombro duma auxiliar; os movimentos apesar de sensivelmente descoordenados, são feitos voluntàriamente; os movimentos de lateralidade e flexão da coluna vertebral e cabeça, que os não executava, fá-los com relativa facilidade e passou a dispensar a enfermeira como auxiliar nos seus serviços de limpeza.

Por me ser pedido passo a presente declaração que assino sob minha honra profissional.

Setúbal, 31 de julho de 1928.

(a) Francisco de Paula Borba

(Segue o reconhecimento)

•

A propósito desta cura tomamos a liberdade de publicar aqui parte duma carta da dedicadíssima servita que cuidou da doente em 13 de julho. Ela que nos perdoe.

Diz ela:

«Fiquei cheia de pena de saír de Fátima no passado dia 13 tanto à pressa, sem lhe falar em alguns pormenores, que se passaram na ocasião daquele milagre da mulher de Setúbal, que eu presenciei. E sabe porquê? Porque receio que ao publicá-lo, sejam invertidos êsses pormenores do que eu tenho bastante pena pelo facto de julgarem depois as coisas erradamente. A própria mulher fazia as suas confusões, dizendo que foi ao agarrar-se a Nossa Senhora que se curou, mas eu fiquei na certeza que o milagre foi à bênção do Santíssimo porque o senti, e o vi, tanto quanto foi possível. Vou contar-lhe as coisas como se passaram, e oxalá vá ainda esta a tempo para ir para o jornal o caso mais claro. Quiz escrever logo mas não foi possível. Quando a mulher apareceu no recinto dos doentes fez-me impressão a sua cara de grande sofrimento e o seu grande abatimento por tanto sofrer. Depois de ter empregado todos os meios para lhe ajudar a levantar o espírito, ela dispôs-se a uma conformidade completa, abando-

nando-se inteiramente à Vontade de Nosso Senhor, oferecendo-lhe a sua vida com todos os sofrimentos mais que Nosso Senhor lhe desse, como reparação das ofensas que Êle recebe, e oferecendo-lhos pela conversão dos pecadores. E quando Nosso Senhor passava, eu quiz levantá-la, o que só consegui levantando-a só com o colchão, e com essa cara que revelava ainda todo o sofrimento, e ao terminar a bênção, para que eu pudesse receber a bênção geral, deitei-a. Então é que eu senti a cura dela, completamente, com o rosto transformado, revelando, não já sofrimento mas júbilo e satisfação, e quando eu lho disse: pode ter a certeza que leva daqui um grande milagre, muito maior do que aquele que ali ia pedir, ela, com o rosto e o olhar por completo tranfigurados, responde-me: sinto-me melhor, e eu com a preocupação doutros doentes, que estavam ao lado, e com o desejo de acompanhar os actos que se seguiram á benção desviei a atenção dela mas já na certeza do grande milagre que estava feito, e, sem me preocupar com a ideia de a ver a andar, ajudei-a a tirar dali para ela seguir atraz do andor quando retiravam a Imagem na procissão. Mas só ao chegar ao logar das aparições, ela se lembrou de experimentar levantar-se, convencendo-se que foi então que se deu o milagre. Eu tenho a certeza do contrário. E tenho pena que não vá esta a tempo, porque uma grande parte da gente que ali vai, não se convence que os milagres são feitos por Nosso Senhor, e muita gente julga que são feitos pela imagem que veem com os olhos, e não compreendem que são feitos por Ele, embora a pedido de Nossa Senhora. Digo isto pelo muito que os proprios doentes, ingénuamente, ali confessam, e é com dificuldade que muitas vezes ali se consegue fazer-lhe compreender a realidade, devido á grande ignorância religiosa de muitos que ali passam.»

* *

Do rev.do Padre Francisco Carlos Nunes, Vigario Geral de Setubal, director da Peregrinação, que daquela cidade veiu a Fatima em 12-13 Julho 1928 recebemos o seguinte relato.

Fernanda de Jesus, domestica, de 31 anos de edade, natural da freguezia de São Simão de Vila Fresca d'Azeitão, concelho de Setubal, em cuja egreja casou com João Gomes Nogueira, natural d'Alhos Védros, concelho da Moita do Ribatejo.

Em 15 de abril de 1917 adoeceu com um tifo, que ela chama negral, ao que sobreveio uma pleurezia de que foi operada em Setubal pelo dr. Pereira d'Almeida.

Em 1918 sofrendo duma ovarite recolhe ao Hospital de Santa Marta de Lisboa, onde permanece 3 mezes, tratada pelo dr. Gentil, que a não quiz operar receando complicações.

O sofrimento agrava-se durante 3 anos passados em sua casa, até que findos eles, e por conselho do medico d'Azeitão dr, Oliveira recolhe novamente ao Hospital de Santa Marta (Enfermaria do Dr. Cabeça) onde foi operada de barriga aberta, como ela diz, em 30 de agosto de 1921 pelo dr. Luis Adão, coadjuvado por dr. Pimentel e outro colega. Recolhe a sua casa em Azeitão, mas á cama, e entretanto o seu medico assistente dr. Oliveira recebêra uma carta do operador dr. Adão, recomendando o maior cuidado com a doente por causa da tendencia para tuberculose.

Com 1 mez de casa e 3 de operação sobreveiu-lhe uma meningite espinal que depois lhe atacou o cerebro. Recólhe ao Hospital d'Azeitão, onde permanece 5 mezes, findos eles, e por conselho do dr. Oliveira recolhe ao Hospital de Setubal para estudo da doença. No fim de 10 mezes agravou-se-lhe a doença, demora-se ainda mais 4 mezes.

Volta para casa (Azeitão) sente melhoras na cabeça, mas sofrendo sempre na espinha. E' visitada em sua casa pelo dr. Gentil que a aconselhou a procurar o dr. Dordio director do Sanatorio do Outão, com o qual ficou combinado entrar naquele estabelecimento, o que não foi possivel, por motivos estranhos à sua vontade.

Recolhe ao Hospital de Setubal, onde, durante 8 mezes foi tratada pelo dr. Dordio, o qual de acordo com o seu colega dr. Garcia aconselha a ida da enferma para o Hospital de Santa Marta, o que ela faz, demorando-se uns dias (10) em observação no Hospital de S. José. Admitida em Santa Marta na Enfermaria do Dr. Gentil, durante 3 meses foi sujeita a varios tratamentos (raio X, injecções, punção á espinha etc.) — Regressa a sua casa, agora em Setubal, melhorada, e andando apoiada numas muletas. Continua tratada pelo dr. Dordio, que a obriga a recolher-se á cama por causa da gravidade da doença. Consegue melhorar um pouco. Por causa duma chuva que apanhou recae e recolhe á cama onde se conserva por 6 semanas tratada pelo Dr. Paulo Borba que a mandou ingressar no Hospital de Setubal porque o mal ia-se-lhe agravando. E' tratada pelo dr. Borba e dr. Pereira Machado (pontas de fogo).

O dr. Dordio aconselha a entrada no Outão, o que não se realisou por falta de vaga.

No fim de 5 mezes, por pedido dela volta para sua casa, visto não se encontrar melhor. Em casa, onde se demorou 4 mezes, teve um ataque violento que a privou dos sentidos, não via, não ouvia, não falava. E' chamado o dr. Borba que a manda recolher novamente ao Hospital. Ali, uma senhora, que aparece a visita-la, promete levá-la na peregrinação a Fatima (julho 1928), mas, parece, só com o fim de a animar.

Dali em deante só fala na Senhora da Fatima, esperando o dia tão ambicionado da peregrinação. Nas vesperas o marido procura o Vigario Geral de Setubal para saber se sua mulher está inscrita, segundo a promessa da tal senhora. Este responde que não, que tal senhora não lhe falou da doente, que a lotação está esgotada, que nem mesmo paganlo a passagem póde ir. Um peregrino seu visinho cede o seu bilhete a favor da doente! mas não teem dinheiro; faz-se uma subscrição na freguezia de S. Sebastião de Setubal, que passou de 300$000 reis. Ha outro peregrino que desiste por doença, arranja-se bilhete para o marido. Já podem ir os dois.

Na vespera, (11 de julho) sae do Hospital para casa duma amiga; o rev. Vigario geral vae ali confessa-la, encontra-a paralitica, anima-a, conforta-a e diz-lhe. Vamos a Nossa Senhora da Fatima buscar a saude para ti.

No dia 12 parte para Fatima, contra a opinião dos medicos, um dos quaes declara que ele váe morrer no caminho (dr. Pereira Machado).

Em Torres Novás já na camionete julgou ser verdadeira a profecia do medico, julgou que ia realmente morrer.

O rev.do P.e João Nunes Ferreira, que foi incançavel em atenção, gentilezas e caridade para com os peregrinos, mandou ministrar á doente um caldo de galinha que a renimou um pouco.

Chegada a Fatima, e apoz a visita á capela das Aparições, as dôres, suas companheiras de longos anos, desappareceram.

E quando o Padre Nunes Ferreira recomendava aos maqueiros o maximo cuidado, pois que a doente sofria muitas dôres, ela sorrindo-se dizia para consigo *«As minhas dôres, mas onde estão as minhas dôres!!!.*

O que se passou depois, já a Voz o relatou em seu numero de agosto, e que vamos reproduzir para o relato ficar completo.

«Quando a peregrinação de Setubal fazia os ultimos preparativos para o regresso, uma doente trazida por essa peregrinação, de nome Fernanda de Jesus, que havia sete anos se achava paralitica, quis que a levassem novamente á capela das aparições para se despedir de Nossa Senhora.

Tendo entrado no Santuario, ela, que de modo nenhum era capaz de mover-se, levanta-se de repente e abraça-se á Imagem da Virgem, chorando de alegria e comoção. Não se póde descrever o que então se passou no recinto das aparições. O entusiasmo da multidão atingiu as raias do delirio e foi no meio dum cortejo de milhares de pessoas e do estrondo duma ovação formidavel à Rainha do Ceu que a feliz peregrina se dirigiu ao Posto das verificações médicas para a constatação da sua cura.»

No regresso voltou para o Hospital onde o Dr. Paula Borba lhe passou o atestado junto, sahindo depois de oito dias para sua casa, onde faz a sua vida normal com seu marido.

Medicos que ela consultou, e muitos dos quaes a trataram durante onze anos de sofrimento:

Em Azeitão — drs. Oliveira, Castro, e Teixeira,

Setubal — drs. Pereira d'Almeida, Paula Borba, Pereira Machado, Mendes Dordio, Fernando Gama. Barreto Carvalho, Miguel Torres, Abreu, Souza Gomes.

Alhos Vedros — um medico já falecido, cujo nome não se recorda.

Lisboa — Drs. Gentil, Alves, Fontes, Paes Laranjeira, Pinto Coelho, Damas Móra, Dias da Silva, Cabral, Luiz Adão, Pimentel, duas medicas, e outros medicos cujos nomes ali não ocorrem.

* *

Da carta de uma senhora de Setubal (18 de julho), grande propagandista da devoção a N. Senhora do Rosario da Fátima recortamos o seguinte, a proposito da mesma cura:

«V. Rev.cia foi no dia 13 a Fatima?

Assistiu á cura da paralítica que foi na peregrinação de Setubal?

Graças a Nossa Senhora, ficámos mais crentes e muito reconhecidas pela grande graça concedida a uma Setubalense! A doente foi com muita fé por isso Nossa Senhora a ouviu.

Eu não fui na peregrinação mas espero ir ainda este ano visitar esse logar santo, se Deus assim o permitir.

Graças ao Jornalzinho a «Voz da Fátima» e á agua bemdita desse logar tem havido muitas curas e sobretudo algumas conversões.

A um tuberculoso sem religião, que não queria ouvir falar em confissão, só registado, quasi a morrer, lembrei-me de mandar a agua de Nossa Senhora para ele beber e com tanta fé a bebeu, que no dia seguinte quiz confessar-se.

Fez uma boa confissão, casou em seguida e dois dias depois faleceu, cheio de fé e devoção que edeficava. Graças á Nossa querida Mãe refúgio dos pecadores.»

Maria Isabel de Saldanha Oliveira e Souza, encontrando-se gravemente enferma quási desenganada pelos médicos, tendo-se invocado Nossa Senhora de Fátima e bebendo ela a água milagrosa, com a promessa de ir a Fátima agradecer a sua cura e publicá-la, melhorou em poucos dias, podendo em pouco tempo seguir a sua vida trabalhosa.

Era tão grave o seu estado que a médica Patacho disse que não durava 3 mezes e não a achou capaz de fazer a viagem da Louzã para Parede.

Depois da promessa poude fazer a viagem, restabeleceu-se e pode com o grande trabalho que tem no Sanatório.

As confissões no Santuário de Fátima

Quando vamos a Fátima, observamos, graças a Deus, os desejos sinceros de tantos crentes que procuram tão anciosamente os santos Sacramentos da Penitência e Comunhão. Carissimos Colegas, satisfaçamos tão piedosos desejos levando todos a sua batina e, com ela vestidos, estejamos preparados para ouvir os fiéis no Santo Tribunal da Penitência. Não fiquemos satisfeitos emquanto não confessarmos cada um, ao menos, 15 pessoas em honra dos 15 mistérios do Santíssimo Rosário. Cada um que lá vai, se já tiver passado os 8 dias depois da última Confissão, não fique também satisfeito sem purificar a sua alma naquele santo lugar.

Recomendemos também aos fiéis que façam a sua preparação antes de se aproximarem do confessor para, apenas chegarem, dizerem ao Sacerdote quando foi a última Confissão e quais as faltas que a consciência lhes acusa, começando pelas mais graves.

Vosso colega muito dedicado
Padre Francisco Rodrigues da Cruz

Faço minhas as recomendações do venerando Snr. Dr. Cruz que todos tanto estimamos e peço encarecidamente:

1.º Ao *Rev. Clero* que as atenda;

2.º Aos *Fiéis* que procurem a Santa Confissão nas suas terras, deixando logar áqueles que ali forem tocados pela graça do Senhor por intercessão de Maria Santíssima e aos que nas suas frèguesias não teem socorros espirituais.

Leiria, 1 de Outubro de 1928.

† *José, Bispo de Leiria*

ALMA ELEITA

(3-X-1928)

Quando o bom povo desta heróica e nobre terra
via a crença cair em férrea escravidão,
à Fátima, qual nor do empírio em plena serra
descia a Virgem Mãe—celestial visão!

Pairava sôbre o mundo a signa atroz da guerra
o ar, a terra e o mar votando à maldição,
mas na Cova da Iria etérea voz encerra
promessas aos zagais de graça e de perdão.

Onze anos já lá vão: no altar resplandecente
vai Lúcia de Jesus, a mística vidente,
sagrar-se para sempre espôsa do Senhor.

E os dois primos no Céu contemplam-na sorrindo,
de vida e luz e paz sulcando o oceano infindo,
aos pés da Mãe de Deus e aos pés do Rei de amor.

Visconde de Montelo

Esmolas obtidas em várias igrejas quando da distribuição da «VOZ DA FÁTIMA»

Da Igreja do S.S. Coração de Jesus, de Lisboa, por mão da Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde Cunha Xavier, em Agosto e Setembro de 1928	47$20
Da freguesia de Sant'Iago de Cezimbra, por mão de D. Gertrudes do Carmo Pinto, Julho e Agosto	49$50
Da Igreja de S. Mamede, em Lisboa, por mão do sr. Antonio de Figueiredo	12$50

Voz da Fátima

Despeza

Transporte	119.924$78
Papel, composição e impressão do n.º 72 (49.500 exemplares)	2.965$00
Sêlos, embalagem, transportes, gravuras e outras despezas	842$82
	123.732$60

Subscrição

(Novembro de 1927)

Enviaram dez escudos: Antonia Miranda Faria, Emilia Pinheiro e Paiva, Carolina Cardoso, Angela da Silva Vieira Taveira, Maria Adelaide Ferreira, Henrique Pereira, Emilia Pascoal da Silva, Amelia Silva Pereira, P.e Antonio de Seabra Pereira Lima (5$00), P.e João Lopes Gomes, Manuel João da Silva, Maria Caetana de Carvalho (50$00), Maria Liberata de Seabra Pereira Lima (5$00), Matilde Garcez Cabral, Maria da Piedade Paiva, Adozinda Seabra Ferreira da Silva, Maria Clotilde Coelho Carvalho, Carmina S. Franco, Matilde de Sousa Figueiredo, Maria Candida da Silva Pain, Aurora Sofia dos Santos Niz, Gualtier do Quental, Maria Isabel Pereira Coutinho, Fernando de Matos, Henriqueta da Piedade Franco, Maria Rua Duarte, Julieta Alves Vedras, Olimpia Pereira Coutinho, Alice da Silveira d'Assis Martins, Maria Tereza Pinheiro Chagas, Maria Eugenia Barrenta, Maria Isabel dos Santos Fonseca Jorge, Candida Nunes Ribeiro, Feliciana Lopes, Maria José Barros Lima Salgado, Amelia Vila Noemia, Tereza Lourenço, Almerinda Alem, Elisa Penaforte Cardoso, Eulalia Contreras, Emilia de Vasconcelos Miranda, Maria Joana Arraya, Maria da Encarnação Pinto, P.e José Miguel F. de Moura, Joaquim de Sousa Guerreiro, Candida S. C. e Costa, Manuel dos Santos Charneco.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	2.187$55
D. Felismina do Rosario Bonifacio	5$00
Anonima da Madeira	10$00
Anonimo	10$00
	2.212$55

Ano VII — Leiria, 13 de Novembro de 1928 — N.º 74

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: -- *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

LÚCIA DE JESUS
(a vidente de Fátima)
Em religião
IRMÃ MARIA LÚCIA DAS DORES
O seu primeiro retrato após a sua profissão a 3 de Outubro de 1928

Alma eleita

(3-X-928)

Quando o bom povo desta heroica e nobre terra
via gemer a Crença em dura escravidão,
à Fátima, qual flôr do Empireo, em plena serra,
descia a Mãe de Deus — explêndida Visão!

Grassaram pelo mundo a peste, a fome e a guerra,
enchendo a terra e o mar de sangue e maldição,
mas, na Cova da Iría, etéria voz encerra
promessas aos zagais de graças e perdão.

Dois lustros já lá vão: no altar aurifulgênte
vai Lúcia de Jesus, a mística Vidente,
sagrar-se para sempre Espôsa do Senhor.

E os dois Primos no Céu contemplam-na sorrindo,
de vida e luz e paz gozando o oceano infindo,
junto da Virgem Mãe e aos pés do Rei de Amôr.

Visconde de Montelo.

A Grande Peregrinação Nacional de Outubro

OS CELESTES ESPLENDORES DE FÁTIMA

A vigília de armas — As diversas peregrinações — A procissão das velas — A adoração nocturna — Práticas do Senhor Bispo de Leiria — A bênção do antíssimo Sacramento.

Aproximava-se o dia treze de Outubro de 1928, dia em que se realiza cada ano a segunda grande peregrinação nacional ao santuário augusto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, graciosamente alcandorado num dos contrafortes da serra de Aire, em pleno coração da Extremadura! As multidões dos crentes, no seu entusiasmo ardente e vivo, entretecido de Fé e piedade, precipitam-se caudalosas no vasto anfiteatro da Cova da Iría, vindo de todos os recantos, ainda os mais longínquos e os mais recônditos, da linda e privilegiada terra de Portugal.

Na véspera à tarde, já o número de peregrinos, que formigam no recinto das aparições ou enxameiam nas suas proximidades, se eleva à soma de muitos milhares de pessoas de ambos os sexos e de tôdas as idades e condições sociais.

Várias peregrinações e grupos de peregrinos, assim como uma multidão innumerável de romeiros isolados, chegam à terra santa da Lourdes portuguesa para tomarem parte na grandiosa procissão das velas, que é a última do corrente ano e que não se renovará senão a partir do mez de Maio do próximo ano.

Entre as peregrinações organizadas, que vieram a Fátima êste mês, com os seus ricos e vistosos estandartes, afim de assistirem a todos os actos oficiais da comemoração festiva do dia treze, podem mencionar-se as seguintes: a de Lisboa, director Ex.mo Cónego Miranda Magalhães, 300 pessoas; a de Bemfica (Lisboa), director o pároco Rev.do Francisco Maria da Silva, 130 pessoas; a do Pôrto, promovida pelo grupo das mulheres cristãs aos pés de Maria, director Rev.do Alberto Pinto de Souza, 40 pessoas; a de S. Mamede da Infesta (Pôrto), director o pároco Rev.do José de Pinho, 50 pessoas; a de Pombal, 500 pessoas; a de S. Tiago da Guarda, 200 pessoas; a de Santa Eufémia, 100 pessoas; a do Pousa-Flores (Anciño), a dos empregados da Empreza «Cimentos de Leiria» e a de Rio Mau (Vila do Conde), director o Rev.do Antonio Agra, arcipreste de Castro Daire.

Viam-se também, entre muitos outros, grupos de peregrinos de Guimarães, Lamego, Pedras Salgadas, Grijó, Lourosa, Paião, Valbom, S. Pedro de Alva, Penacova, Penîche, Ovar, Nazaré, Bombarral, Caranguejeira, Leiria, Torres Novas e Santarém.

A tarde chegou de automóvel, acompanhado do Rev.do Augusto de Sousa Maia, seu secretário particular, e outros eclesiásticos da sua diocese, o Ex.mo e Rev.mo Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, que veio expressamente para presidir aos actos colectivos da Grande Peregrinação Nacional.

Às dez horas, pouco mais ou menos, começa a procissão das velas, que constitue sempre, e principalmente em Maio e Outubro, por causa da extraordinária concorrência de peregrinos, uma das scenas mais empolgantes a que é dado assistir sôbre a terra.

Do alto da varanda do Pavilhão dos doentes, o augusto Prelado assiste ao espectáculo daquela longa fita de fogo, que se desenrola através do recinto das aparições numa extensão dalguns quilómetros.

Entre outros personagens de distinção que se encontram naquele local, merece especial referência o ilustre poeta Afonso Lopes Vieira, glória das letras pátrias.

Depois da procissão das velas, que terminou pelo canto do *Credo*, em frente da capela das missas, é exposto o Santíssi-

mo Sacramento e principia a adoração nocturna.

O Rev.do Dr. Marques dos Santos que, colocado em frente do microfone, dirige aquela mole imensa de gente, composta de muitas dezenas de milhar de pessoas, inicia a recitação do terço do Rosário, que é rezado em comum, alternadamente com os assistentes. Nos intervalos das dezenas, o Senhor Bispo de Leiria explica os mistérios dolorosos, que propõe à piedosa meditação dos fiéis.

Diante dos olhos do espírito de todos os circunstantes perpassam, numa visão de tristeza e amargura, as scenas dolorosas da Paixão do Senhor: a agonia no Horto de Gethsemani, a flagelação, a coroação de espinhos, a subida do Calvário com a cruz às costas, a crucifixão e morte entre dois ladrões. A caridade para com o próximo, especialmente para com os doentes, o reconhecimento da Realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei dos indivíduos e Rei das Nações, a santificação da família portuguesa, a mais admirável de tôdas as famílias, quando verdadeira e profundamente cristã, e a execração das modas imorais, eis os assuntos palpitantes de interesse que Sua Excelência Reverendíssima versou a traços largos, concluindo por rezar cam a multidão pelo venerando e querido Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, pelo Senhor Bispo Coadjutor de Lamego, infelizmente doente, e por tôdas as demais pessoas que se recomendam à piedade dos fiéis em Fátima, nomeadamente pelos enfermos.

A adoração nocturna, cuja segunda hora é reservada à peregrinação de Lisboa, a que preside o Ex.mo Cónego Miranda de Magalhães, termina pela bênção do Santíssimo dada da varanda do Pavilhão.

Entretanto, na Cova da Iria e nas suas imedinções, milhares de pessoas descansam um pouco os membros fatigados duma longa e incómoda viagem, extendidas sôbre o leito desconfortável da terra nua e dura. A noite tranqüila e amena quási primaveril, convida docemente ao repouso. Vêem-se grupos de peregrinos formando pequenos acampamentos frouxamente alumiados pelos côtos das velas que serviram na procissão nocturna. Muitos romeiros, porêm, conservaram-se despertos, ora rezando em frente da capela das missas ou junto do padrão comemorativo das aparições e dos sucessos maravilhosos, ora percorrendo o recinto sagrado para fazerem uma ideia aproximada do que é a vigília de armas preparatória da Grande Peregrinação Nacional.

Ao pé da capela das missas, duas mulheres do povo, que acabam de chegar, conversam em voz baixa. De repente, uma delas, ao ver as muletas que pendem do tecto interior da capela, não pode conter uma exclamação de surpreza e pregunta à sua companheira o que quere dizer aquilo. A interpelada, cheia de alvoroço, levanta a voz e responde com decisão: «então, foram aleijados que Nossa Senhora curou e que *despois prantaram* as muletas ali».

Missas e comunhões — Transporte de enfermos — Os servitas e as servitas — Os beneméritos hospitalários do Pôrto — Os médicos no Posto das verificações — Ex-votos dos miraculados.

Às quatro horas da manhã principiam as Missas, que se celebram umas na capela do Pavilhão e as outras na Penitenciária dos homens. De espaço a espaço, o Pão dos Anjos é distribuido aos fiéis devidamente preparados pela confissão sacramental, que se aproximam da mesa eucarística em número de muitos milhares. As Missas e as Comunhões prolongam-se até à uma hora, aproximadamente. Na véspera à tarde e durante tôda a manhã, os servitas entregam-se, com uma actividade incansável e com uma dedicação sem reservas, à pesada tarefa do transporte dos enfermos. São coadjuvados nesse trabalho por uma secção da benemérita corporação dos Hospitalários do Pôrto, que espontânea e desinteressadamente vieram no seu *auto-car*, em serviço de socorros e condução de doentes, oferecer o seu valioso préstimo à direcção do Santuário. O grupo era constituido pelos seguintes elementos: Dr. Antonio Paul, director clínico, Ramiro Aranha presidente da direcção, Viriato Viana, primeiro secretário, Fernando A. Matos, tesoureiro, capitão Frutuoso José Garcia, comandante Américo Ferreira e Sebastião R. da Silva, enfermeiros, Alberto Carneiro, José Sidra, Deolindo Marques Garcia, Joaquim Silvino Madeira, Ramiro Aranha Junior, João José Fernandes, Fernando Carvalho, Herculano Sousa, Cesar Albot, Carlos Durães Leão, José Rodrigues Morais e Tomás Costa Albot, voluntários. Madames Alice Aranha, Julia Viana, Beatriz Paul, Maria Cândida Costa Albot, Emília Marques Rodrigues Silva, Carolina Silva e M.lles Silvina Aranha, Maria Canédo, Laura Oliveira Carvalho (Fraião), Maria da Conceição Norton e Maria Cândida Norton, damas hospitalares. As servitas, são infatigáveis na sua angélica missão de poupar incómodos, mitigar sofrimentos e proporcionar confortos de tôda a espécie aos enfermos confiados à solicitude e disvelos da sua inexgotável caridade.

No Posto das verificações médicas, além do dr. Pereira Gens, chefe do Posto, e do dr. Mesquita Paul, director dos Hospitalários da cidade do Pôrto, vêem-se a examinar e inscrever os doentes no livro de registo ou a prestar-lhes a necessária assistência ou ainda a visitar o edifício e as suas instalações, entre outros distintos clínicos, os drs. Weiss de Oliveira e Pedreira Cabral, de Lisboa, Moreira Ramos, de Grijó, Pinto Correia, de Tremês, Pereira Coutinho, de Cascais, Azevedo Mendes, de Torres Novas, Cortez Pinto, de Leiria, Lopes Cardoso, de Gondomar, e Mendes de Carvalho, de Lousada.

Na sala das observações entra coxeando uma mulher de meia idade, carinhosamente amparada por outras duas mulheres. Viera da capital afim de pagar uma promessa feita em hora de aflição e, devido à desigualdade do terreno e à escuridão da noite, pusera um pé em falso e, torcendo-o, tinha-o deslocado. O dr. Pinto Correia, chamado sem demora, acode pressuroso, com a dedicação que os seus clientes de Tremês bem conhecem e tanto apreciam, e nas suas mãos hábeis e experimentadas os ossos deslocados voltam à sua posição natural. «Muito obrigada, senhor enfermeiro,» diz a pobre mulher, concluida a operação, julgando ventura demasiada encontrar alí com tanta facilidade um médico preparado para lhe valer.

Não se imagina o excesso da sua confusão quando um sacerdote presente lhe mostra o equívoco em que labora e então ela desfaz-se em desculpas, que o distinto médico, simples e despreocupado no exercício da sua caritativa missão, declara não haver motivo para lhe apresentar. Nas salas do Posto estão expostos numerosos e interessantes *ex-votos* de miraculados. Vêem-se alí, em grande profusão, retratos, cabeleiras, quadros de todos os tamanhos representando lances e scenas emocionantes — testemunhos vivos e eloqüentes da fé e piedade das almas e da intervenção do poder infinito de Deus e da bondade maternal de sua augusta e imaculada Mãe, Maria Santíssima.

Cura da espôsa dum médico ilustre — Os doentes no Pavilhão — Procissão com a Imagem de Nossa Senhora — Avisos prévios — A missa oficial — A bênção dos doentes.

No Posto das verificações médicas, o distinto engenheiro Rocha e Melo, da fábrica da Marinha Grande, fala com calor e entusiasmo, numa roda de amigos, da cura da espôsa dum dos médicos mais ilustres do Porto, mercê da protecção miraculosa de Nossa Senhora da Fátima. Essa excelente senhora sofria, havia muito tempo, da terrivel doença do cancro.

Após vários tratamentos de resultados puramente negativos, resolve-se submetê-la a uma operação e os médicos encarregados de a fazer apressam-se a designar o dia e a hora em que ela se há-de realizar. Entretanto a doente principia uma novena a Nossa Senhora de Fátima e aplica externamente parches de água da fonte das aparições, pedindo com fervor a sua cura. Chega finalmente o dia marcado. A senhora está já extendida sôbre a mesa das operações. Mas, logo ao primeiro exame superfícial os médicos ficam assombrados, constatando que haviam desaparecido todos os sintomas e vestígios do tumor maligno. A doente estava radicalmente curada, contra tôdas as previsões e fóra de tôdos os recursos da sciência humana. Há quem aluda também à cura assombrosa da filha única doutro médico, também da cidade da Virgem, e igualmente dos mais distintos, que se curou instantâneamente, quando, depois de extraído um dos rins e com o outro a desfazer-se considerado irremediávelmente perdida, se preparava para morrer. O relato desta cura, publicado pelo «Jornal de Notícias», da capital do Norte, causou enorme sensação em todo o País e foi transcrito na íntegra por vários jornais.

O Pavilhão regorgita de enfermos, que ocupam todos os lugares das bancadas. Alguns, que são paraliticos ou se encontram em estado mais grave, estão deitados em macas encostadas à varanda da capela das missas.

Aquela estância de indizivel sofrimento, onde se estadeia tôda a sorte de misérias físicas e que afligem e torturam a pobre humanidade, acha-se transformada, mercê da acção maravilhosa da graça divina, numa escola de paciência e resignação cristã, que edifica, anima e consola.

Do lado da Epistola, deitadas em macas ou sôbre colchões dez senhoras doentes. Entre elas vê-se uma menina de onze anos, de Lisboa, com uma das pernas bastante atrofiada. Como alguêm lhe preguntasse se gostava de Nossa Senhora, respondeu prontamente que gostava muito dela e os seus olhitos, negros e melancólicos, covados num rosto emaciado pela dor, brilharam de intima alegria. Uma das senhoras, ainda bastante nova, em cujos lábios brinca de vez em quando um sorriso de doce resignação, de mãos postas, e com um terço pendente delas, reza com um fervor angélico, absorvida em profundo recolhimento.

Do lado do Evangelho, em atitúde do mesmo modo serena e resignada, estão cinco homens muito doentes, deitados em outras tantas macas.

Mas eis que se aproxima a hora tão suspirada do meio-dia solar. Organiza-se o cortejo que há-de conduzir a Imagem de Nossa Senhora de Fátima para a capela das missas. Renovam-se mais uma vez as scenas incomparáveis do costume. A multidão, espalhada por todo o recinto sagrado, rompe em vivas e aclamações à Virgem Santíssima. Quando a venerada Imagem entra no recinto dos doentes, o entusiasmo da assistências, que se eleva ao mais alto grau e chega a tocar as raias do delírio, revela-se expande-se pelo acenar de milhares de lenços brancos e por palmas intensas, nutridas e prolongadas. A missa oficial é celebrada pelo Senhor Bispo de Leiria, que a oferece por intenção dos doentes, dos peregrino e de todos os que se recomendam às suas orações. O Reverendo doutor Marques dos Santos exorta os fiéis a orar pela conversão dos pecadores, diz que o terço que se vai recitar em comum será aplicado pelas mesmas intenções pelas quais é aplicado o santo sacrificio da missa e adverte que durante os meses do Inverno não se realizará a procissão das velas. À missa segue-se a bênção com o Santíssimo Sacramento, que é dada tambem pelo Senhor Bispo. O espectáculo, que então se presenceia, sensibiliza e comove em extrêmo. Divisam-se lágrimas em todos os rostos. Muito doentes choram e soluçam. Aqueles olhos suplicantes, aquelas mãos erguidas para o alto, aquela comoção intensa que invade e domina os corações, traduzem, dum modo caloroso e eloqüente, a fé viva, operosa e fecunda e a piedade ardente e acrisolada, que são o apanágio da alma genuinamente cristã e portuguesa.

O Anjo do confôrto divino tinha sem dúvida descido sôbre aquela mansão de dôr e entornado, nos corações doloridos, a taça do ouro das consolações celestes.

Felizes os que sofrem assim, iluminados pelos fulgores deslumbrantes da Fé, alentados pela fôrça dominadora da esperança e aquecidos pelo fogo ardente do Amor de Deus!

Scena comoventíssima — Sermão pelo Rev.º Dr. Clemente Ramos — Bênção de objectos religiosos — Procissão com a Imagem da Virgem — Invocações, cânticos e consagração a Nossa Senhora — Uma cura extraordinária.

O Anjo da diocese de Leiria está prestes a concluir a cerimónia devinamente bela e sobremaneira emocionante da bênção eucaristica aos enfermos do Pavilhão. No momento em que percorre a última fila de doentes do lado da Epístola, tendo nas suas mãos ungidas e sagradas a custódia de ouro que encerra o Rei do Céu no seu Sacramento de Amor, um homem novo, de maneiras distintas e elegantemente vestido, chora e solua convulsivamente, de joelhos e de mãos postas, e com os olhos fitos na Hóstia Santa.

Dir-se-ia um doente do corpo que viera a Fátima como tantos outros pedir à Mãe de misericórdia e Divina Consoladora dos Aflitos a cura dos seus males físicos ou ao menos lenitivo e confôrto para os seus sofrimentos.

Mas ao peito não ostenta a respectiva senha numerada de inscrição, nem o lugar que ocupa por trás da última bancada é destinada aos enfermos. Entretanto o ilustre Prelado abençoa com a Santíssimo os doentes da última bancada do lado do Evangelho.

Quando Sua Excelência Reverendíssima, terminada a cerimónia, volta para a coxia, afim de se dirigir novamente para o altar, aquele jovem levanta-se, caminha com passo firme para junto do venerando Antístite e ao dr. Pereira Gens, que acompanha o Santísismo e que, ao vê-lo, o detêm na sua marcha, preguntando-lhe o que deseja, responde que é um doente de alma que também quere receber a bênção.

Desenrola-se então uma scena patética, que faz brotar lágrimas a fio dos olhos de todos os que a ela assistem.

O peregrino desconhecido ajoelha-se deante da Hóstia Santa e, chorando e soluçando de novo, prêso duma emoção indescritível, recebe a bênção que, igualmente comovido, lhe dá o augusto Ministro do Senhor.

Em seguida levanta-se, abraça o ilustre director do Posto das verificações médicas, diz com palavras entrecortadas pelos soluços: «há mais tempo que devia ter cá vindo», ao que o dr. Gens obtempera: «nunca é tarde de mais, meu amigo» e por fim vai outra vez ocupar o seu lugar para assistir à benção geral e ao sermão. Depois de cantado por todo o povo o hino «Salvé nobre Padroeira», o rev.do dr. Clemente Ramos sobe ao púlpito e diante do microfone prega um sermão apropriado ás circunstâncias, versando o tema:

«*Maria vincit, regnat, imperat*

Maria Santíssima vence, reina e impera».

«*Vincit*. Maria vence. Ela venceu o dragão infernal, porque foi concebida sem mancha e sem mancha viveu e morreu. Vencido pela Virgem, o dragão fez guerra aos filhos da mesma Virgem Senhora, movendo perseguições horrorosas contra o povo cristão. Venceu êste, mas foi à Virgem que deveu a sua vitória. Que o diga a Roma pagã, onde o Panteon de Menénio Agripa é dedicado a Nossa Senhora dos Mártires, que o diga Bizâncio, onde Constantino Magno consagra templos e altares à Virgem.

O dragão infernal nada aproveitando nêste campo de acção, vai mover uma nova luta contra a Igreja e suscita as heresias no seio da mesma Igreja. E Maria sorri, porque foi Ela, e só Ela, quem matou a heresia em todo mundo: *Gaude, Maria Virgo, cunctas haereses sola interemisti in universo mundo*. — Regosijai-vos ó Virgem Maria, porque aniquilastes, vós só tôdas as heresias no mundo inteiro».

Regnat. Maria reina. Ela reina nas montanhas de La Salette, em Lourdes, nas margens do Gave, e sobretudo em Fatima. Bem se vê que é a nobre Padroeira da nação fidelíssima, a augusta Rainha dos portugueses, e por isso todos êles devem reconhecer a sua legítima soberania. Os peregrinos regressarão aos seus lares, mas levando consigo o Rosário, que os prenda para sempre a Maria.

Imperat. Maria impera. Ele impera e ordena, qual Imperatriz suprema do Céu e da terra, que a façamos reinar nos nossos corações, nos nossos costumes e nas nossa festas. Porque Fátima é o centro dos corações portugueses, deve ser o modêlo de todas as nossas manifestações piedosas. Como os Magos, os peregrinos devem regressar às suas terras por outro caminho, pelo caminho do amor, da pureza, da virtude, da verdadeira dignidade e integridade cristã.»

Após o semão, organiza-se o cortejo que há-de reconduzir a Imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições. Mas, antes que êle se ponha em marcha, o Senhor D. José, do alto da varanda do Pavinhão, benze todos os objectos religiosos que os fieis teem nas mãos para êsse fim, concedendo aos terços e rosários as indulgências dos Padres Crúzios, as de Santa Brígida e as indulgências Apostólicas e aos outros objectos as indulgências Apostólicas.

A procissão, que é presidida pelo venerando Prelado, dá a volta do costume e, colocada a Imagem sôbre o seu pedestal, dissolve-se, depois de feitas as derradeiras

invocações e a consagração a Nossa Senhora.

Nessa ocasião, no Posto das verificações médicas, alguns clínicos, que ainda ali se encontravam, procediam ao exame duma mulher, que os servitas tinham conduzido ao Posto, em seguida à bênção.

Essa mulher, de nome Emília Martins Baptista, de 42 anos de idade, natural de S. Tiago de Aldreu, concelho de Barcelos, foi internada ha seis anos no hospital de Espozende, onde se conservava sempre deitada, fazendo com grande dificuldade qualquer movimento e vomitando quási tudo quanto tomava, inclusivamente o leite, que era nos últimos tempos o seu alimento principal.

Cheia de confiança no poder e na bondade da Santíssima Virgem, pediu e obteve licença de ir a Fátima implorar a sua cura. Não dispunha, porém, de recursos para a viagem, porque era extremamente pobre. Algumas pessoas de família, da terra da sua naturalidade e de fóra, conseguiram angariar por meio duma subscrição a importância necessária para alugar um automóvel. No dia doze do corrente pela manhã, partiu para Fátima, acompanhada por duas irmãs, uma das quais cega de ambos os olhos, e pela sua solícita e dedicada enfermeira, Cândida de Jesus Pereira. Foi levada em braços do leito em que jazia para o automóvel que a transportou e em Fátima do automóvel para a maca, em que os servitas a conduziam para o Posto e dali para o Pavilhão. A viagem foi cortada de lances e incidentes dramáticos. Ao atravessarem a cidade do Pôrto, parecia tão grave o seu estado que se resolveu solicitar para ela os últimos sacramentos, que lhe foram administrados pelo rev.do pároco de Cedofeita.

Todos estavam persuadidos de que a viagem viria a ser subitamente interrompida pela morte da infeliz. Todavia a pobre mulher, animada por uma esperança forte e inabalável, pedia que não se retrocedesse. Após um sem número de peripécias de vária ordem, chegaram por fim a Fátima. No Pavilhão dos doentes teve repetidas síncopes, de tal maneira graves, que ninguém julgou que saisse dali com vida. Ao seu lado estava constantemente atenta, velando aquela lenta e dolorosa agonia, uma senhora de nacionalidade italiana, de nome Francesca Fitipaldi, pertencente à Associação das servas de Nossa Senhora do Rosário.

Num dado momento um dos médicos de serviços aproxima-se da moribunda, examina-a perfuntóriamente e declara que ela acaba de expirar. Ao ouvir esta declaração, D. Francesca pede licença para observar que a criatura ainda está viva. O médico, surpreendido, pregunta-lhe como é que sabe isso, ao que a boa servita responde que lhe sentia o pulso, posto que muito fraco.

São-lhe dadas duas injecções de olio canforado para a reanimar. Resultam inúteis todos os esforços que se fazem para a trazer á vida.

Mas, ao receber a bênção do Santíssimo tudo muda como que por encanto. A enfêrma principia a despertar como dum sono profundo, reanima-se pouco a pouco e de repente, sentindo um bem estar indefinível, exclama: «Estou-curada! E acrescenta logo: «Graças e louvores a Nossa Senhora de Fátima!» No auge da alegria, pretende levantar-se, mas a isso se opõem os servitas, que receiam as consequências da explosão do entusiasmo popular.

Depois de conversarmos com ela durante alguns momentos, colhendo da sua própira bôca as informações que acabamos de reproduzir e cuja exactidão foi corroborada pela enfermeira, d rigimo-nos à cèguinha, que à nossa pregunta, «se estava contente», a-pesar-de não ter sido curada, respondeu afirmativamente, acrescentando que se conformava sem reservas com a vontade de Deus a seu respeito.

Outras curas — Religiosas de S. José de Cluny — Peregrinos estranjeiros As obras do Santuário — O regresso dos pegrinos — Silêncio e Solidão.

No vasto anfiteatro da Cova da Iria, de grupo em grupo, entre os que se formam de pessoas conhecidas, pouco antes da dispersão definitiva, para a natural troca de impressões, àcêrca dos acontecimentos do dia, corre veloz a notícia consoladora de se terem realizado outras curas não menos extraordinárias.

Uma dessas curas, por ventura a mais interessante, é a duma criança cega e muda, que recuperou subitamente a vista e a fala. Aparentava ter cêrca de oito anos de idade. Estava junto da fonte da água milagrosa, [illegible] bios se desprendeu pela primeira vez a palavra «mãe» e pela primeira vez também os seus olhos contemplaram extasiados a pequenina medalha de Nossa Senhora que trazia prêsa a um fio pendente do pescoço. Não se pode fazer ideia da comoção que se apoderou da venturosa mãe, ao constatar o duplo prodígio operado na filha estremecida pela bondade da Mãe de Deus. Radiante de alegria e como que fóra de si, chorando e soluçando, beija repetidas vezes e aperta ternamente ao seio a feliz criança privilegiada do Céu. Dezenas de pessoas rodeiam imediatamente o grupo encantador formado por mãe e filha e todas querem à porfia ver e tocar na ditosa menina, que um homem do povo levanta no ar acima da sua cabeça, para que os circunstantes a possam conhecer e contemplar.

E referem-se e comentam-se outras curas físicas retumbantes e o sem número de assombrosos prodígios de ordem moral dos últimos tempos — as conversões estupendas que se operam contínuamente na terra bemdita de Fátima, o santuário por excelência dos milagres morais.

E' um célebre médico da província de Traz-os-Montes, que vai à Lourdes portuguesa confessar-se e comungar, porque, tendo estado em perigo de vida com uma pneumonia, a sua família recorreu cheia de confiança a Nossa Senhora de Fátima, que o curou da alma e do corpo, em condições humanamente inexplicáveis. E' um distinto advogado de Lisboa, espírito liberal e despido de preconceitos, como soi dizer-se, mas honesto e bem intencionado, que visita por curiosidade a terra das aparições e dos prodígios e que se rende à evidência irresistível dos factos, preparando a sua próxima conversão. E' um estranjeiro, largamente bafejado da fortuna, alma natural e tradicionalmente cristã, transviada por influência do meio e por falta duma sólida formação religiosa, que se confessa e comunga com disposições edificantes, depois de viver trinta anos afastado do tribunal da penitência e da mesa eucarística. E' um homem do povo de nome Francisco Rebelo Alves, residente em Famalicão, concelho da Nazareth, que, sofrendo, havia três mêses, de dores horríveis nos rins e nas costelas, que o impediam de trabalhar, se curou rapidamente, sem tomar nenhum medicamento, depois de ter feito uma promessa a Nossa Senhora de Fátima. E' uma senhora de 33 anos de idade, do Algarve, desenganada pelos médicos do Algarve e de Lisboa, que se cura dum cancro na laringe, após a invocação de Nossa Senhora de Fátima, o que dá ensejo à realização duma festa em acção de graças, em que toma parte em larga escala a população da sua freguesia.

E' o caso de D. Beatriz Gomes da Costa, filha dum médico do Pôrto, a quo se alude mais atraz, que estando às portas da morte, recobra instantâneamente a vida e a saúde, graças à intercessão da gloriosa Senhora Aparecida.

E' o caso de D. Arminda dos Santos Barbosa, de Viana do Castelo, curada às 10 horas da noite do dia 25 de Agosto passado.

E' finalmente a cura dum menino de 7 meses de idade, cego de nascença, chamado Vergilio Perdigão, morador em Setúbal, na Avenida Eduardo Salgado, que, depois de receber a bênção dos doentes, principiou a olhar e a seguir as luzes com a vista, o que até então nunca tinha feito.

Assistiram no dia 13 a todas as comemorações festivas, envergando os seus hábitos, duas religiosas de S. José de Cluny, uma das quais irmã do conselheiro Aires de Ornelas, a muito veneranda Madre Ornelas, assistente geral da sua Congregação, condecorada pelo Govêrno Francês com a Grã Cruz da Legião de Honra. Cercadas por todos das atenções e deferências a que tinham jus e envolvidas pela multidão dos peregrinos numa atmosfera de respeitosa simpatia e profunda veneração, essas duas santas senhoras deviam ter levado consigo por todos os motivos uma gratíssima recordação da sua visita ao Santuário de Fátima.

Entre os peregrinos contam-se muitos estranjeiros, principalmente brazileiros e espanhóis.

As obras do Santuário continuam a realizar-se lentamente, mas sem solução de continuidade, em harmonia com os planos traçados pelos distintos engenheiros encarregados da sua direcção.

Mais de cem artistas — cabouqueiros, pedreiros, carpinteiros, pintores e estucadores — trabalham todos os dias, no exercício da sua arte, povoando a Cova da Iria de monumentos de toda a ordem.

Já se ergue, esplêndida na elegante sobriedade das suas linhas arquitectónicas, em estilo levemente gótico, uma nova e linda igreja, a Penitenciária dos homens, situada por trás do Pavilhão dos doentes. O Hospital-Sanatório, que se está construindo defronte do Posto das verificações médicas, já se acha muito adiantado.

No alto da colina sagrada, precisamente no local em que no dia 13 de Maio de 1917, os três videntes brincavam, quando o primeiro relâmpago precursor da Aparição sulcou o espaço, jazem grandes blocos de pedra já aparelhados para os alicerces da grande Basílica.

São quási seis horas da tarde. Os peregrinos regressam apressadamente aos seus lares. Apenas alguns, das povoações mais próximas, se conservam naquele recinto bemdito, a gozar do ambiente saturado de sobrenatural, que ali se respira a plenos pulmões.

As sombras da noite descem pouco a pouco sôbre a futura cidade da Virgem, no meio do silêncio e da solidão que reinam soberanamente na estância bemdita de Fátima, quando os derradeiros clarões do sol poente se apagam entre as brumas do horisonte distante por sôbre as águas do oceano, mais vasto que a terra, imenso como o céu.

Visconde de Montelo

As curas de "FÁTIMA,,

Meningite.

Maria Vieira de Sousa Basto *de Barcelos, em carta de 13 de setembro, informa:*

«Entusiástica devota de Nossa Senhora de Fátima, desejo que todos conheçam o grande favor que Ela me concedeu, salvando-me duma grave doença um filhinho querido.

Em maio do corrente, alarmou-me repentinamente o meu filhinho Miguel, de 5 anos, pois, com grandes gritos implora-

Miguel de Sousa Basto

va a N. S.ª de Fátima que o aliviasse duma horrível dôr na cabeça. Chamado o médico da família disse logo tratar-se dum princípio de meningite. E, reunidos outros clínicos numa junta médica, todos concordaram no mesmo, declarando o caso grave, devido a complicações no fígado, pulmões e intestinos que dois dias depois surgiram.

O meu coração de mãe já dorido por tamanha ancidade, sofreu mais rude golpe quando um especialista de crianças vindo do Pôrto propositadamente, veio confirmar as afirmações dos médicos de Barcelos, dizendo-me que não me deixasse vencer pelo desânimo e que recorresse á intervenção de qualquer santo da minha devoção.

Sairam os médicos em número de quatro e eu caí aos pés duma imagem de Nossa Senhora de Fátima, implorando-lhe com o maior fervor a salvação do meu filhinho. Este, nos momentos de maior dôr na cabeça rogava em gritos a N. S. Fátima que lhe acudisse e só tomava os remédios misturados com água de Fátima.

Passados alguns dias, com grande espanto de todos, (pessoas houve que o julgaram morto) o meu filhinho deixava o leito, brincando alegremente, completamente curado.

O médico especialista achou um caso tão extraordinário que pediu informações minuciosas das diversas fases da doença a fim de elaborar um relatório para enviar a uma revista médica de Paris, que o publicou como um caso anormal.

E aqui está um verdadeiro milagre de N. S de Fátima a quem manifestarei o meu reconhecimento fazendo um triduo em Sua honra no próximo mês, na Capela de S. José de Barcelos onde a imagem daquela Senhora se encontra exposta aos fieis. E hoje, dia 13 de setembro, pessoa de família acompanha a Fátima o meu filhinho que vai agradecer a N. Senhora o grande favor que lhe fez.

E a minha alma reconhecida nunca deixará de ser grata a Nossa Mãe Santíssima, pelo que nunca deixarei de considerar um verdadeiro milagre:

A salvação do meu filho.»

Pneumonia.

P.e Elias Alves *pároco de Chaves, em carta de 27 de junho, conta o seguinte:*

Venho cheio de alegria comunicar-lhe para o publicar na «Voz da Fatima» mais um triunfo de Maria, Senhora da Fatima.

Havia já trez dias, que me encontrava num doloroso sofrimento, com uma pneumonia dupla. Os meus pulmões já não respiravam ou respiravam com a maior dificuldade imaginavel, uma tosse fortissima e sufocante, punha-me quasi na Eternidade. Recebi o Sagrado Viatico com bastante dificuldade.

A minha sobrinha Luiza Calvão, minha companheira, e minha irmã que veio auxilia-la na enfermagem, não se aproximavam da minha cama, sem ser com os olhos marejados de lagrimas, e lividas imploravam o auxilio da Consoladora dos Aflitos e grande protetora dos sacerdotes, trazendo meio copo de agua milagrosa da Fatima (milagrosa sim, milagrosa) dame apenas trez *gólos* e eis que me sinto com' os pulmões respirando sem dores e sem obstaculos, a tosse diminuiu consideravelmente, os escarros que eram quasi só sangue, mudaram, e eis me em convalescença e quasi restabelecido. Quero que V. Rev.ma e meu bom colega, publique estas minhas linhas como mais um triunfo de Nossa Senhora da Fatima, que aos seus pés, eu e minha sobrinha, em breve iremos ajoelhar, e com o nosso pequenino mas sincero *ex-voto* agradecermos, mais este favor a quem tanta falta fazia, não só na paroquia, pela escassez de clero, mas tambem para companhia e auxilio da minha irmã e familia.

Agradecimento! gloria e louvor a Nossa Senhora da Fatima!

Eczêma.

Candida Martins Vieira de Magalhães, *de Cabeceira de Basto, em carta de 15 de agosto, informa:*

«Pedia o favor de dar à luz da publicidade na «Voz de Fatima» de que V. Ex.cia é mui digno administrador, os seguintes relatos relativos a uma cura por intervenção de N.ª Sehnora de Fatima; pelo que, me confesso imensamente reconhecida.

Existe aqui em Cabeceiras de Basto uma mulher do nome Maria de Jesus Pereira de 72 anos de idade, solteira, filha de António José Pereira dos Santos e de Tereza de Jesus da Cunha, (ambos falecidos) nascida na freguesia de Santo André de Painzela, concelho de Cabeceiras de Basto, e residente actualmente no lugar de Mapuseira, freguesia de S. Miguel de Refojos tambem de Cabeceiras de Basto, que sofria há 3 anos de uma espécie de eczéma que lhe tomava o rosto completamente e costas das mãos.

Tendo já consultado vários médicos e tendo até feito o ano passado uso da água de Vizela para onde foi 15 dias não obtendo no entanto resultado algum, encontrava-se já sem esperanças de cura,

segundo as opiniões médicas e farmacêuticas.

Como em Maio último eu tivesse a felicidade de poder ir a Nossa Senhora de Fátima onde pude obter a água miraculosa, apos o regresso dei-lhe uma garrafa com alguma água recomendando-lhe que se lavasse com muita fé e que implorasse da Virgem Imaculada de Fátima a sua cura que estava por certa Nossa Senhora a atendia.

Efectivamente desde que principiou a fazer uso da água melhorava consideràvelmente dia a dia encontrando-se completamente sã.

Devo acrescentar que a miracnlada, sempre teve crença religiosa mas aumentou imenso desde que foi alvo duma tão particular graça com que acaba de ser favorecida»

A mesma cura é confirmada pelo Rev. Vigário António Martins Vilela que sob juramento afirma o seguinte:

«Em aditamento à carta junta subscrita pela minha paroquiana Candida Martins Vieira de Magalhães, corroboro tudo o que nela se diz respeitante à miraculada Maria de Jesus Pereira, que se encontra plenamente restabelecida e curada da eczêma que lhe deformava e encortiçava o rosto.

Esta cura foi rápida e plena, cêrca de uns cinco dias, após as lavagens com a bendita e miraculosa água da fonte da Cova da Iria, em Fátima.»

Eczêma.

Carolina Rosa de Jesus, natural de S. Martinho de Gandra, Oliveira d'Azeméis, informa assim a cura devéras extraordinária, de seu filho Manuel Nunes da Silva de 5 anos de idade:

«Havia mais de dois anos que meu filho vinha sofrendo horrivelmente dum eczema que lhe poz a cabeça toda em ferida, originando assim a queda radical do cabelo. Recorrendo á medicina notei que as suas informações eram tristes e muito pouco animadoras; infructíferos resultaram também todos os medicamentos aplicados.

Um dia quando um médico, depois de examinar cuidadosamente o meu filho, me disse que ele ainda tinha sofrimento para mais tres anos, eu fiquei aflictíssima e resolvi logo implorar da SS.ma Virgem, que é a «saúde dos enfermos», a graça duma cura mais rápida para o ente que eu tanto estremecia. Durante dois meses seguidos que eu, em comum com a

Manuel Nunes da Silva

minha famlia, resava o terço e fazia novenas com essa intenção, prometendo, caso obtivesse a cura tão ardentemente desejada, de publicá-la na *Voz de Fátima*.

Desde logo comecei a notar certo alívio no padecente que terminou por ficar completamente são, contra a espectativa de todos. O cabelo reapareceu-lhe, vasto e mimoso, como dantes.

Hoje encontra-se sem vestígio algum dessa enfermidade torturante que tão sérios cuidados me vinha inspirando. Por isso venho agora, satisfeita, agradecer a N. Senhora do Rosário da Fátima, a graça que se dignou conceder-me e juntamente cumprir o voto que fiz da publicação do relato singelo e humilde desta grande cura.»

Outras graças

Um desastre.

As irmãs da Missão de Cabinda (Congo Português) contam a seguinte graça obtida na Missão no dia 5 de Junho de 1928 pela intercessão de Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

Estamos na vespera da fésta do Corpo de Deus. Sem que se interrompa o regulamento diário da Missão, trabalha cada um como póde para apresentar ao Rei dos Reis, as suas surprezas. Sendo a festa mais solene de todas, fazemos todo o possivel nos dias anteriores para preparar o que é necessario afim de poder mais livremente nesse dia adorar Aquele que ficando expôsto todo o dia,, sae no fim da tarde a abençoar os que para isso se apresentam.

Com o intuito de mimoserar as crianças em honra de quem tudo merece, peparava-se uma sobre-mêsa de côcos, e para isso fazia-se a colheita nos dias anteriores.

No dia 5 ás 9 horas da manhã, hora em que dão entrada na escola, uma pequena de idade de 6 a 7 anos, em vez de seguir as outras, vai para onde o serviçal anda a colher os côcos sem que êste note a criança e dá-lhe com um em cima da cabêça!

Suas companheiras que já tinham entrado para a escola, ouvem um grito: A Amélia morreu! «Era êste duma mulher que passava no caminho» Num minuto todas cercavamos a criança inanimada!

A nossa emoção foi tão grande e não vimos ali outro remédio senão voltarmonos para Aquela que é a consoladora dos aflitos!... Corremos a buscar agua de N. Senhora de Fátima enquanto que suas companheiras em prantos imploravam da Virgem que ao menos lhe desse lucidez para receber os ultimos Sacramentos.

Deitamos umas gotas na cabeça da criança que, um instante depois, abria a boca e engoliu outras tantas! A nossa Amelia estava salva! A Virgem Santissima submeteu a nossa fé a uma grande prova e quiz mostrar em terras africanas a autenticidade das suas aparições na Cóva da Iria.

Uma criança de idade 6 a 7 anos com um pêso de 4 quilos 400 gramas caído da altura de 12 metros... não se póde duvidar do milagre da SS. Virgem. A criança ficou uns 8 dias impressionada. Hoje anda perfeitamente sem que lhe ficasse a minima impressão.

Mil ações de graça áquela bendita Mãe por nos livrar da morte, na vespera da grande festa, uma criança que nos tinha sido confiada por seus pais, e de tão boa vontade!...

A Arqui-Confraria do SS. Coração de Maria, de Lisboa em "Fátima,,

Em comboio especial partiu no dia treze de Agosto, para Torres Novas, uma peregrinação, que se dirigiu a Fátima; levava o seu estandarte que se fez expressamente para ser *O chefe da peregrinação:* de setim branco, franjado a ouro, ostentava uma delicada e fina imagem do SS. Coração de Maria, as mãos abertas, espargindo graças; do lado oposto, em setim escarlate, lia-se em letras bordadas a ouro «Arqui-confraria do SS. Coração de Maria da Igreja do Mosteiro da Encarnação. Lisboa, 13-8-1928.»

E' uma das mais antigas corporações piedosas da capital, tendo no seu principio do ano de 1818 a sua maior expansão, quando se filiou em 1842, á Arqui-confraria do SS. Coroação de Maria na Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris.

Pois êste grupo de crentes era uma falange desta benemérita instituição que tem por fim um culto amoroso ao SS. Coração de Maria implorando a conversão dos pecadores.

Portanto, os confrades são outros tantos apóstolos, já com o seu exemplo, já com as suas palavras, e muitos dêles merecem êste título. No primeiro sábado de cada mês reunem-se na Igreja do Mosteiro da Encarnação ás 9 e 1/2 horas da manhã para assistirem aos pios exercícios da da Arqui-confraria, constando de Missa, Comunhão geral, prática e várias orações, terminando com a bênção do Santíssimo Sacramento.

Era dever da dita associação visitar o Santuário mil vezes bemdito de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Os filhos queridos do Coração de Maria foram lá retemperar a sua piedade, colher novas inspirações para o seu zelo mais e mais se desenvolver na propagação de tão santa Obra.

Em constantes e fervorosas preces intermeadas de enternecedores cânticos, já no comboio, já nas *camionetes*, foram os peregrinos a Fátima e de lá regressaram igualmente.

Acompanhados pelo seu rev.do Director Espiritual, o Santo Dr. Cruz, tiveram a dita de obter uma cura cujo relato pormenorisado se encontra noutra secção dêste jornal.

E se tudo correu na melhor ordem deve-se ao zelo incansável do sr. Engenheiro Luciano d'Almeida Monteiro, Vice-Presidente da referida Arqui-confraria que se não poupou a esforços para dirigir a peregrinação, de sorte que não houve nem confusões, nem semsaborias. Nossa Senhora o recompense! E que resultou de tanto labor? Um afervoramento na associação, a qual, *saudosíssima* daquela mansão divinal, anceia por lá voltar, para o ano de 1929, com grande número de confrades, o dôbro, se fôr possível...

Que todas as grandes e pequenas confrarias e associações corram ao lugar bemdito das Aparições, e Maria Santíssima fará em favor delas o que se dignou fazer para com a Arqui-confraria do SS. Coração de Maria. Experimentem!

A presidente
M. C. R. de Abreu

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	2.212$55
Virginio Ferreira	10$00
	2.222$55

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	123.732$30
Papel, composição e impressão do n.º 73 (71.000 exemplares)	4.064.50
Sêlos, embalagem, transportes gravuras e outras despezas	993$07
	128.790$17

Subscrição

(Novembro de 1928)

Joaquim Manuel da Silva Gravato, Rosalina da Glória Canhola, Manuel Inacio de Sousa, Maria do Ceu Neto, Maria dos Anjos Ferreira, Maria Antonia A. Carvalho, P.e Candido Maia, Helena Pereira Roriz, Maria da Gloria Ribeiro, José Marques Torres Junior, Palmira Soares de Castro, Francisca Correia, Josefa de Jesus tro, Francisca Correia, Josefa de Jesus (18$45), Maria Luiza Correia Pinto, Julia Azevedo, Joaquim José Ribeiro da Cunha (20$00), P.e Frederico Duf (20$00), Ana Silva, Dr. Cisneiros Fe.reira, Deodata A. Malato (20$00), P.e Joaquim Borges Dias de Menezes (12$ 0) Maria de Carvalho Dias Machado, Maria Iria da N. Moniz do Canto Pontes (20$00), Manuel Nunes do Pranto, Crescencia Fernandes Dias da Cruz, Amelia Lopes de Mendonça, Roberto dos Santos Carvalho, Alfredo Tavares, Antonio Machado Fagundes, Alda Rita Rodrigues de Oliveira, Maria Otilia Faria, Delfina Maria de Almeida (60$00), Maria José Chorão, José dos Santos, Henrique Elias, Piedade Vieira Môro (15$00), Amelia Eugenia Franco da Fonseca, Inacio de Moura Coutinho da Silveira (20$00), Maria Julia Marques Ferreira (20$00), Maria Rosalina Lopes Marinho, João Rodrigues da Costa, Manuel da Silva Jordão, Luiz de Souza Moreira Ribeiro, Julio da Conceição Ivo, Conceição Lopes Braz, Guilhermina da Piedade Chaves, Joaquina da Silva, Cristina Gomes (20$00), Maria da Novoa Bastos, Maria Magdalena Soares Moreira, Maria do Carmo Neves, Mariana Tereza Pereira, Natalia de Jesus Silva, Anonima de Coimbra (50$00), Alberto de Almeida, Maria do Carmo da Rocha (15$00), Dr. José Maria Malheiro, D. Maria Isabel Monteiro Reinas (50$00), Adelina Augusta Correia, Mariana Moreira dos Santos.

De jornais: P.e Francisco Joaquim da Rocha, 30$00; Emilia Nunes da Rocha, 30$00; Maria da Piedade Cerejo de Matos, 30$00; Maria Henriqueta Ribeiro Baptista, 30$00; P.e João Jorge Bettencourt, 30$00; Inez Cabral Nunes Barata, 30$00; P.e Rafael Jacinto, 50$00; Isabel Gomes, 4$00; Adelaide Mendonça Freitas, 8$00; Emilia Augusta Leite de Castro, 50$00; donativo de Maria Helena Padrão Sarmento Pimentel de Moura, 100$00; Tereza B. Forte, 50$00; Joaquina Vieira, 50$00; Maria das Dores Tavares de Sousa, 50$00; Augusto Marques Gouveia Pereira, 51$00; Asilo de S. José, Braga, 26$00; donativo de D. Euponina Teixeira, 90$00; P.e Antonio Nunes Alberto (de jornais, de varias pessoas) 30 dollars, Duqueza de Palmela, 100$00.

Antonio Barbosa, Maria Catarina Parreira, Vasco Taumaturgo Teixeira Doria (20$00), José de Oliveira Marujão, P.e Luís Caetano Portela, Manuel Antunes Pereira, Julio A. de Assis (16$50), Maria da Conceição Carvalho, Maria da Apresentação Gonçalves (30$00), Maria Carolina Caetana, Ana Margarida Ferraz, Antonio Pinto, Madame Rocha Melo, Lucinda Nunes Barbara Georgina Pascoal, Maria Amelia de Magalhães Mexia, Maria Isaura Mateus, Joana do Rosário Silva Simões, José da Silva Menino, Olinda G. Reis, Alice Garcia, Hilaria de Andrade Morais, Amalia Mendes do Macedo, P.e Manuel Teófilo de Sousa (20$00), Maria Antonia Rodrigues, Agostinho Gonçalves Henriques, José Vicente Pita (20$00), Alzira Sousa Nobrega, Carolina Eduarda, E. Postac (59$42), Fernando Cunha, Luiza do Nascimento Fagundes, P.e Antonio Medeiros, Ida Louzada, Mariana Tereza Pereira, José de Matos Dias.

Maria José Ferreira Paulino (100$00), Manuel Ramos da Costa (60$00), Maria Amelia, de Faro (35$00), Apostolado da Oração de Vila Viçosa (54$35), pessoas de Ilhavo (75$10), Maria Adelaide Marques de Souza (14$55), Antonia Gião (80$00), P.e Francisco Pereira (40$50, Carlos Nela de Oliveira Barbosa (46$50), Ana da Conceição Neves (150$00), Carlos Victoriano (105$00), Idalina Rodrigues Pouzada (19$50), Ermelinda Ribeiro (4 dollars).

Esmolas obtidas em várias igrejas quando da distribuição da «Voz da Fátima»:

Na Igreja do SS. Coração de Jesus, por mão da Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde Cunha Xavier em Outubro de 1928	33$35

Assim é que é!

Um rapaz português, ido dos Açores, empregou-se em casa de um importante proprietário americano, na California.

Pelo seu porte sério e pelo seu génio trabalhador conquistou as graças do patrão passando, em poucos meses, de simples trabalhador a capataz.

O patrão, que era protestante, licenciava os trabalhadores ao domingo, para que êstes cumprissem os seus deveres religiosos.

O nosso português, porém, em vez de procurar a Igreja, asseiava-se e ou dava longos passeios de carro, ou entretinha-se pelos restaurantes.

O patrão, tendo observado isso, chamou-o.

— Que religião tens?

— Sou católico...

— Mas... não vais aos oficios da Igreja Católica...

— Isso é bom para as mulheres, disse o moço a rir...

— Espera aí, tornou o patrão, retirando-se. Voltando pouco depois, diz-lhe: — Devo-te 200 dolars... Aqui tens um cheque... Vai recebê-los ao Banco e... ficas dispensado do meu trabalho! O homem que não é fiel á lei de Deus, muito menos o póde ser aos meus negócios. Adeus!...

Ano VII Leiria, 13 de Dezembro de 1928 N.º 75

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: -- *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

O Santuário de Fátima

ANTECÂMARA DO CÉU

Mês dos Santos e dos finados.

No mês de Novembro, em pleno coração da quadra triste e melancólica do Outono, quando a abóbada celeste traz quási sempre vestido o seu manto de nuvens densas e escuras e a natureza se despe pouco a pouco das suas mais belas galas e louçanias, a Igreja Católica, mãe e mestra da Cristandade, convida, com maternal solicitude, os seus filhos que andam peregrinando sôbre a face da terra a honrar, invocar e imitar os santos do Céu e a sufragar as bemditas almas do Purgatório.

Comovente e encantador comércio de caridade, porfia magnânima de amor e dedicação entre os membros da Igreja triunfante, da Igreja militante e da Igreja padecente! Como é profundamente consolador o dogma sublime da Comunicação dos Santos!

Quantas dessas almas que hoje gozam os imortais esplendores da glória, quantas das que expiam nas chamas acesas pela justiça misericordiosa de Deus as penas temporais merecidas pelas suas culpas devem a salvação eterna à intercessão da augusta Virgem do Rosário, venerada no seu Santuáro de Fátima!...

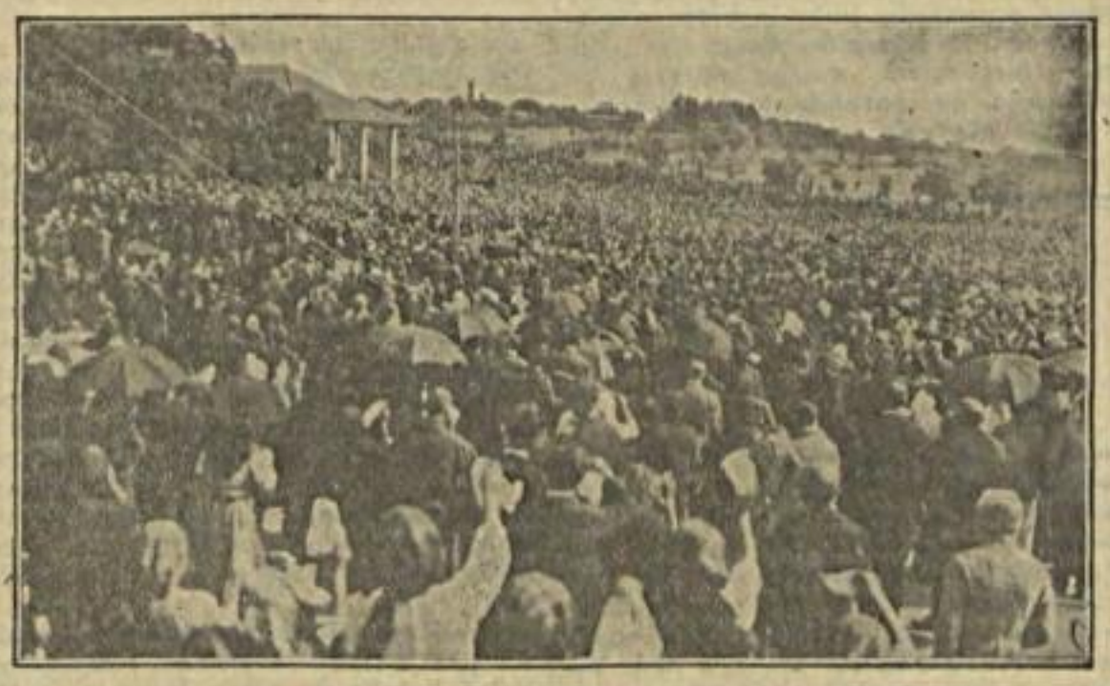
Não são apenas os milagres de ordem física, ainda os mais assombrosos, isto é, as curas instantâneas e completas de doenças, reputadas incuráveis, em condições que a sciência não logra explicar satisfatóriamente, não são êsses milagres, por mais numerosos que êles sejam, que constituem um título irrefragável ao nosso amor e reconhecimento para com Nossa Senhora de Fátima.

São também e principalmente os prodígios de ordem moral, quere dizer, as curas da alma, as conversões de pecadores, que se operam à sombra do Santuário, aos pés do ministro de Deus, no Santo Tribunal da Penitência, o Sacramento da Confissão. São êsses os maiores triunfos da Virgem, os louros mais preciosos e mais caros ao seu Coração de Mãe de Deus e Mãe dos homens, Medianeira entre o seu Unigénito e os pobres filhos adoptivos da sua dor, transviados no caminho do êrro e da culpa.

Só Ela, a augusta Virgem do Rosário, poderia dizer o número incalculável de almas para as quais o venerando Santuário da Lourdes portuguesa foi o ponto de partida duma vida nova, verdadeiramente cristã, o primeiro degrau da escada que os conduziu ou ha-de conduzir ao Céu...

Escola de Fé e de patriotismo

Para honra e glória da nobre Padroeira da terra de Santa Maria e para felicidade e consolação de todos os portuguêses, pode dizer-se em verdade que a Fátima é, ha onze anos, o pólo magnético das almas, o centro de atracção irresistível dos corações, o manancial mais abundante de vida sobrenatural e divina que jámais houve em Portugal. Não se encontra na nossa querida Pátria um só crente que não tenha uma parcela do seu coração na Cova da Iria a formar o imenso pedestal de amor erigido à Virgem, que ali se dignou estabelecer o trono das suas graças e das suas misericórdias. Fátima é já agora o Santuário nacional de Maria Santíssima e é-o por vontade expressa da augusta Padroeira da Nação, que ali, como em Lourdes, ordenou num dos seus colóquios com a Vidente, que se fizesse um templo em sua honra. E contra a vontade da Mãe de Deus debalde se ergue o frágil poder dos homens, em vão se desencadeiam as fúrias indómitas do Inferno. Ela continuará a esmagar com os seus pés virginais a cabeça da serpente maldita, Ela, uma e mil vezes, dissipará as maquinações da impiedade, confundindo os soberbos que, na sua raiva impotente, ousam erguer-se contra o Senhor, em que não crêem, mas que todavia combatem...



Outubro de 1928 — A multidão agitando os lenços em saudação a Nossa Senhora ao recolher da 1.ª procissão

As grandiosas manifestações de Fé e piedade que se realizaram êste ano desde Maio até Outubro e em que tomaram parte centenas de milhar de peregrinos de todos os pontos do país, de tôdas as idades, classes e condições sociais, e as festividades que por tôda a parte se multiplicaram nas cidades, vilas e aldeias, em honra de Nossa Senhora de Fátima, dão bem a medida da devoção acrisolada dos portuguêses à gloriosa e bemdita Senhora Aparecida.

E entretanto, graças a Sua Excelencia Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, a futura cidade da Virgem vai-se erguendo, a olhos vistos, dos seus alicerces, fazendo surgir a cada passo, como por encanto, um edifício novo e transformando o vasto recinto das aparições numa estância de beleza imortal, de encantos inefáveis, de verdadeiras maravilhas divinas. E a propósito tomamos a liberdade de transcrever aqui, em que pese à modéstia do ilustre Prelado, um trecho admirável duma carta escrita por um dos mais altos espíritos da nossa terra, o grande poeta Afonso Lopes Vieira, que se honra sobremaneira, prestando justíssima homenagem àquele que a Vidente cognominou de executor da Obra de Nossa Senhora de Fátima.

Segue a transcrição: «Julgo do meu dever exprimir a admiração que me merece o estilo que observei no Santuário e que é obra do Senhor Bispo, decerto conseguida com coragem moral exemplar, através de resistências e obstáculos. Esse estilo religioso imprimiu à multidão de peregrinos uma atitude de formosíssimo decôro, que creio único em o nosso país e notável entre a Cristandade. A vigília de 12, com a procissão das velas, são, sem dúvida, dos mais belos momentos da vida espiritual dos povos.

Imagino que, mais tarde, o Senhor Bispo fará instalar um orgão ligado aos megafones, de modo que a Cova da Iria seja inundada de harmonias supremas...

O Santuário de Fátima é já agora, e cada vez mais virá a ser, um vivíssimo painel de mística religiosa cristã, cuja beleza e alteza, de nacional e universal valor, são, pelo estilo, obra principal do Senhor Bispo.

Este Santuário deve ser considerado como um alto elemento de reeducação nacional, escola de Fé e patriotismo.»

Fátima em Lourdes e no mundo

Se o culto de Nossa Senhora de Fátima está perfeitamente consubstanciado com a alma portuguesa, não é menos certo que, à medida que esta devoção se vai tornando conhecida nas diversas partes do mundo, numerosas almas de eleição de tôdas as nações se associam às homenagens que o nosso bom povo presta à gloriosa Mãe de Deus no Santuário da sua predilecção.

No Brasil, a nação nossa irmã, numerosos jornais e revistas publicam com frequência artigos e gravuras sôbre os acontecimentos maravilhosos de Fátima.

Nos Estados Unidos da América do Norte, a devoção a Nossa Senhora de Fátima tem-se propagado dum modo extraordinário, graças à piedade e ao zêlo dos emigrantes portugueses.

Na Inglaterra, tanto as grandes como as pequenas revistas, como os jornais diários, falam de Fátima com respeito, admiração e amor.

Na Espanha, a proximidade do nosso país e as visitas recíprocas dos habitantes dos dois estados da Península facilitam a propaganda, em larga escala, do culto de Nossa Senhora de Fátima. Entre outros jornais e revistas dessa nação, a grande e acreditada revista «Los Santuários Católicos» órgão do fomento nacional de peregrinações, que vê a luz da publicidade em Figueras (Gerona), insere no seu número de Outubro do corrente ano uma pequena mas substanciosa local sôbre Nossa Senhora de Fátima, em que chama à Fátima a Lourdes portuguesa, e promete dar em números subsequentes informações minuciosas acerca dêste novo e importante Santuário.

Da Itália veem pedidos de fotografias para se fazerem estátuas de Nossa Senhora de Fátima destinadas a serem expostas à veneração dos fiéis.

Na França, a filha primogénita da Igreja, que se gloria de possuir um dos mais belos e prodigiosos Santuários do mundo, vai começar a ter notável incremento esta devoção. Seja lícito reproduzir aqui algumas passagens da carta escrita

há dias pelo rev.do Fr. Gonçalo Maria Tavares, da Ordem de S. Domingos, natural da província do Douro e que reside em *Saint Maximin (Var)*, a propósito dum relato das aparições de Fátima publicado na *Revue du Rosaire*. São como segue:

«A pequena notícia, acompanhada duma linda gravura de Nossa Senhora de Fátima e inserida no nosso número de Outubro último, causou por tôda a França e até no estranjeiro a mais funda e salutar impressão, prova de que os sucessos tão maravilhosos ocorridos no pobre Portugal eram por cá inteiramente desconhecidos. Tendo a nossa Revista nada menos de 8.000 assinantes e cêrca de 20.000 leitores espalhados pelas cinco partes do mundo, imagine-se, à luz de tais números, a extensão do efeito produzido!...

Mas não parou aqui o zêlo do nosso querido Director.

Tendo acompanhado a Lourdes a grande peregrinação do Rosário, organizada pelos Padres Dominicanos, que conduziu aos pés de Maria Imaculada nada menos de 12.000 devotos, falou por três vezes ao Clero e os fiéis reunidos no venerando Santuário de Massabieille sôbre as grandes maravilhas de Fátima, sendo ouvido com o máximo interêsse.

Nossa Senhora do Rosário de Fátima apregoada em Lourdes por franceses é, a meus olhos, um acontecimento verdadeiramente extraordinário !!!

Tantos esforços não podiam deixar de ser coroados por Maria — a Mãe tão generosa! — de frutos salutares.

Quási todos os dias se recebem aqui cartas, pedindo a assinatura da Revista com a condição de ser enviado aos novos assinantes o número de Outubro, afim de possuirem a gravura de Nossa Senhora de Fátima, que a todos encanta por sua formosura e da qual dizia com graça um inglez que ela tem uma apresentação *dominicana na perfeição*...

No nosso número de Janeiro próximo publicamos, se Deus quizer, um novo artigo sôbre *Os Videntes de Fátima*, acompanhado duma gravura dos mesmos».

Deus se digne cumular das suas graças mais preciosas os rev.dos Fr. Luís Maria Baron, ilustre director da *Révue du Rosaire*, e Fr. Gonçalo Maria Tavares, seu distinto colaborador, pela valiosa cooperação que piedosamente e de tão boa vontade se comprazem em dispensar à propaganda do culto de Nossa Senhora de Fátima no estrangeiro, tornando assim a augusta Rainha do Céu mais conhecida, mais venerada e amada, pelos seus filhos de todo o mundo.

A *Revue du Rosaire*, editada pela *Ecole Théologique de Saint Maximin (Var)* sai todos os meses num total de trinta e cinco páginas, profusamente ilustrada com esplêndidas gravuras, e o preço da sua assinatura é de sete francos para os países da União Postal.

A vida religiosa no Santuário

Com o avançar da quadra outonal o movimento de peregrinações a Fátima decresce consideràvelmente, embora em cada dia treze se reunam ainda muitos milhares de romeiros na Cova da Iria para prestarem à Virgem do Rosário as homenagens da sua piedade filial. Mas, se a vida intensa e tumultuosa das grandes multidões cessou por completo naquela estância sagrada, em compensação a vida de piedade tornou-se mais exuberante, o silêncio mais rigoroso, o recolhimento mais profundo, a oração mais tranquila e mais fervorosa.

Começa agora a época do ano, em que as *élites* espirituais de todo o país acorrem à Lourdes portuguesa, afim de retemperar as suas fôrças para as lutas incruentas, mas renhidas e porfiadas, da santificação individual. E' também esta a ocasião preferida por muitos romeiros para cumprirem os seus votos e pagarem as suas promessas. Lá se vê neste momento um médico ilustre, oficial superior do nosso glorioso exército, de joelhos no chão, percorrendo a longa distância que medeia entre o pórtico principal do Santuário e a capela das aparições. E como êste, quantos outros fiéis, de tôdas as classes sociais, cumprem, piedosamente e sem respeitos humanos, promessas feitas por ventura em horas trágicas da mais cruciante dor, da mais angustiosa e indizível amargura.

As solenidades religiosas, comemorativas do dia treze, realizaram-se na forma do costume, prégando no fim da missa e bênção dos doentes um longo e substancioso sermão o rev.do Pereira Gens, pároco de Ourêm. Entre os fiéis viam-se alguns peregrinos franceses e espanhois. A's três horas da tarde concluiram os actos do culto oficial com o brilhante cortejo em que foi reconduzida a Imagem da Virgem da capela das missas para a capela das Aparições.

Em seguida os peregrinos foram-se dispersando lentamente. Horas depois, no vasto anfiteatro do recinto das aparições, reinava por tôda a parte um silêncio sepulcral, apenas interrompido de quando em quando pelo lúgubre piar das aves nocturnas ou pelos uivos das raposas esfaimadas que passeiam e caçam livremente entre as fragas e alcantis da serra.

Visconde de Montelo

NOTA — A crónica publicada no último número estava, mais ainda do que as anteriores, inçada de impertinentes gralhas tipográficas, que os leitores terão facilmente corrigido e... perdoado.

No primeiro verso da segunda quadra do soneto *Alma eleita*, onde o tipógrafo compoz *grassaram*, tinha o autor escrito *grassavam*. E deixemos passar em silêncio, além doutros senões, os erros de acentuação, que parecem dum principiante e que não vale a pena apontar aqui.

V. de M.

As Curas de "Fátima,,

Tuberculose pulmonar

Arminda dos Santos Barbosa, de 28 anos, natural de Moimenta da Beira, refere assim a sua cura:

«Desde o mês d'abril desto ano que eu me encontrava gravemente doente, sentindo fortes dôres nos pulmões, bastante tosse, febre, e hemoptises. Principiei a tratar-me com o snr. Dr. Adriano Cardoso, morador na rua da Constituição da cidade do Porto. Dizendo ele, que eu tinha uma grave arranhadura no pulmão esquerdo, e que precisava imediatamente de retirar da cidade do Porto, onde resido ha 22 anos. Como os meus recursos eram poucos para me deslocar da cidade do Porto, recorri ao Hospital d'Assistencia aos Tuberculosos dessa cidade, na rua da Carvalhosa, aonde andei 4 mezes em tratamento. Como nenhumas melhoras sentisse com o tratamento aplicado nessa casa por o snr. Director do Hospital, e pelo snr. Dr. Carlos Alberto da Rocha, recorri ao hospital de Semide com o mesmo resultado infelizmente.

Como compreendi que a sciencia dos homens era imcompetente para debelar o meu mal, recorri a Nossa Senhora de Fátima, convicta de que só ela me salvaria. Desde creança eu nutro uma viva fé por Nossa Senhora, entendi que nesta hora tão grave para mim, Ela me poderia acolhor como sua filha. No dia 25 de Junho deste ano apoderou-se de mim uma grande afonia, sendo dificil compreender-se-me uma palvara. E no dia 5 de Agosto resolvi vir recolher-me em casa duns parentes de meu marido, residentes na rua de Santiago n.º 16 freguesia de Monserrate, Viana do Castelo.

O meu apetite continuava sendo pouco e sentia menos alivio aos meus padecimentos. Em 8 dias de permanencia em Viana abati do pezo 500 gr! Minha familia quasi tinha as esperanças perdidas, que eu recuperasse pelo menos a fala. Conduziram-me a um clinico residente em Viana, tendo consultorio na rua da Picota (snr. Dr. Faria e Vasconcelos). Esse abalisado clinico, depois d'uma minuciosa auscultação, prescreveu os remedios que achou conveniente, dizendo á minha familia que não esperava obter grande resultado devido ás graves complicações que a minha doença apresentava. Desde então não só a minha doença me abalava, era tambem o sofrimento moral. Se a minha crença na Virgem do Rosario de Fatima era muita, então recrudesceu ainda mais, e só com ela contava. No dia 25 deste mês (sabado) foi para mim um dia de profunda tristeza, queria falar e não podia. Começou a apoderar-se de mim a ideia fixa de que em breve deixava a vida, deixando meu marido doente, e 2 filhinhos de tenra idade.

Eram aproximadamente 10 horas da noite quando eu e minha família nos retirámos da mesa; fui para o meu quarto, para, isolada dos meus, desabafar a minha dôr e rezar o meu terço, oração que faço todas as noites. Pedi á Virgem de Fátima que me desse fala (já não lhe pedia a minha saude) e satisfeita já ficava em falar. Rezei o terço cheia de lágrimas, que por vezes impediam a minha oração, e numa prece cheia de mágua implorei: «Mãe Santíssima, és Mãe dos desamparados, tende misericordia de mim; peço-vos fala, já não peço a minha saude completa; sabeis que sou pobrezinha, e como mais nada neste momento vos posso oferecer, ofereço-vos o meu retrato o melhor que eu puder.»

Logo que acabei esta prece, ouço um ruído parecido com um trovão; o quarto iluminou-se duma luz sobrenatural, vejo uma nuvem branca de neve; assustei-me e gritei! Lentamente a nuvem aproximou-se de mim, fitei a nuvem, que

ARMINDA DOS SANTOS BARBOSA
Curada repentinamente no dia 25 de Agosto (sábado) quando rezava o Terço

se abria lentamente e no meio dessa nuvem, aparece-me a Virgem Santíssima com o seu Santíssimo Rosário pendente das suas divinas mãos, até aos pés e com as suas divinas mãos postas. Quiz ajoelhar-me e não pude! As forças faltaram-me, tal era a minha admiração. Quanto mais fitava a Virgem mais ela sorria, julguei chegada a minha hora final. Naquele momento não tinha pena de morrer porque talvez me salvasse. Desfaleci tendo apertado nas minhas mãos um terço e um crucifixo. Passados alguns momentos, algumas pessoas de minha familia que ouviram o ruído, decidiram-se a entrar no meu quarto, encontrando-me desfalecida ainda. Quando voltei a mim, tinha-se operado o milagre! Eu falava numa voz tão forte como antes de adoecer!

O milagre deixou os meus tão atónitos que cairam de joelhos, rezando uma *Salvé Rainha* em acção de graças a Nossa Senhora. Passados 2 dias fui ao snr. Dr. Faria e Vasconcelos, contar-lhe o milagre, e pedir-lhe um atestado que afirmasse a verdade, para honra e glória de Nossa Senhora de Fátima. Quiz o médico auscultar-me, e verificou que o pulmão que tinha as ralas, estava são.

Graças á Rainha Nossa Senhora de Fátima. No dia imediato fui comungar em acção de graças á igreja de S. Domingos, sendo o meu confessor o Prior desta freguezia rev.mo padre Domingos Borlido, que me aconselhou a publicar este milagre. Acedi de boa vontade para que todos recorram a Nossa Senhora de Fátima.

Nossa Senhora do Rosário de Fátima, rogai a Deus por nós».

Agora a carta do Rev.do P.e Domingos Augusto Gonçalves Borlido:

«Viana do Castelo, 26 de Novembro de 1928.

Rev.mo Senhor

Afim de ser publicada no jornálzinho «Voz da Fatima», se assim fôr possivel, envio a V. Rev. esta carta escrita por uma Senhora do Porto, que acidentalmente residiu nesta minha freguezia, e juntamente um atestado medico. Eu corroboro tudo o que na carta se afirma sobre a cura extraordinaria realisada nesta cidade, no mês de agosto do ano corrente. Fui informado do que se havia passado ás 10 horas da noute do sabado, 25 do referido mês, logo no dia seguinte, domingo. Eu e mais dois colegas fomos depois á casa em que morava esta senhora e falámos com pessoas que foram testemunhas de tudo. O ruido que parecia semelhante ao dum trovão foi ouvido tambem por estas pessoas que depois foram encontrar a doente desmaiada.

O marido estava então no Porto e era incredulo. Quando veio visitar a sua esposa e soube como ela readquiriu a voz, ficou comovido e pensa já em ir a Fatima em peregrinação. A carta foi escrita com toda a sinceridade e é a expresão da verdade.

Ela varias vezes me repetiu que só pediu a voz e ainda a conserva até esta data. Não está perfeitamente curada dos outros antigos achaques, mas é certo que alcançou o que humildemente havia suplicado a Nossa Senhora do Rosario de Fatima.

Era meu desejo que esta publicação viesse já no mês da Imaculada Conceição, caso seja possivel.»

ATESTADO

João Maria de Faria e Vasconcelos, medico cirurgião pela Faculdade de Medecina do Porto, Capitão medico-miliciano:

Atesto que examinei no dia 17 do corrente a senhora D. Arminda dos Santos Barbosa, acidentalmente residindo nesta cidade e verifiquei a existencia de uma quasi completa afonia, sendo dificil, por vezes, perceber o que me respondia.

Prescrevi os medicamentos que julguei uteis, sem todavia esperar grande resultado, pois além do estado da laringe, outras complicações existiam.

Hoje, porem, 11 dias passados, apresenta-se-me a doente, falando perfeitamente, sem o menor vestigio de rouquidão e notavelmente melhorada no seu estado geral. E por ser a expressão da verdade passo o presente que juro pela minha honra.

Viana do Castelo, 28 d'Agosto de 1928 (a) João Maria de Faria e Vasconcelos

(Segue o reconhecimento)

Atite crónica

Aurora da Silva Tavares, de 21 anos, Filha de Maria da Pia União das Filhas de Maria da capela de Nossa Senhora dos Anjos, moradora no Largo do Bom Sucesso, 84, freguesia do Santíssimo Sacramento, da cidade do Porto, para cumprir o voto feito e para glória da Senhora de Fátima, roga a V. Ex.ª a publicação, na «Voz da Fátima», da grande graça que a Santíssima Virgem, na sua muita bondade, se dignou dispensar-lhe:

—«Há dez anos sofria eu muito do ouvido direito, chegando nos últimos mêses do ano de 1927 a perder a audição nesse ouvido.

Em 27 de Janeiro do ano corrente sobrevieram-me dores violentíssimas na cabeça, acompanhadas de tonturas e que me provocavam frequentes vómitos, — o que o meu médico assistente classificou de «agudisação da otite média crónica direita, agudisação iniciada por perturbação de equilíbrio e por supuração, cuja continuidade era entretida pela presença de um polipo recidivante».

O médico assistente, receando sérias e funestas complicações, exigiu uma conferência com um médico especialista, que foi chamado, e ambos, depois de minucioso exame, declararam ser de imprescindível necessidade uma intervenção cirúrgica naquele próprio dia, visto o perigo eminente de uma meningite, e para êsse fim, fui transportada em automaca ao gabinete do especialista, onde me foi feita a extracção do polipo e a raspagem no osso.

Quinze dias depois reproduziu-se o polipo, que foi cortado novamente, e queimadas todas as raízes.

Passado um mez, novamente apareceu o polipo e continuava a supuração, e esta em tanta quantidade que de noite eram

necessárias, pelo menos, três lavagens, e então o médico especialista declarou ser necessária uma operação radical do esvasiamento petro-mastoideu, advertindo, porém, que era uma operação melindrosa e bastante complicada, mas que sem ela eu ficaria exposta à meningite que a mais pequena constipação poderia provocar.

Por exigências de minha família fui examinada por outros clínicos e mesmo por Mr. Moure, médico francês, que tendo feito algumas conferências no nosso País, deu consultas nesta cidade, que me examinou no seu consultório aonde fui acompanhada do meu médico assistente, e declarou ser absolutamente necessária a operação já prescrita, no que concordaram os outros médicos consultados.

Entretanto já em minha casa se iam fazendo algumas novenas a Nossa Senhora de Fátima; e não obstante a graça implorada não fôsse alcançada, nem por isso esmorecia a nossa confiança na Santíssima Virgem.

Aproximando-se a Páscoa, o médico especialista fez pequenos curativos, e marcou definitivamente o dia 25 de Abril para a operação radical, para o que foram notificados o médico assistente e outro médico que tinha de intervir.

Comecei nova novena para terminar no dia 13 dêsse mês, e durante ela, fiz como nas anteriores, aplicação da água de Fátima no ouvido: — o mal porém continuava.

Por esta ocasião meu pai, tendo lido no *Primeiro de Janeiro*, diário desta cidade, a notícia da cura de um doente em Fátima, disse em casa: «Levem a Aurora a Fátima e peçam lá a sua cura a Nossa Senhora.»

Mas o meu estado era muito delicado; grandes dôres, vomitos, dificil alimentação, e mal podia reclinar a cabeça; varias pessoas quizeram dissuadir-nos desse intento.

Consultado o medico assistente, disse ele Nossa Senhora tudo pode fazer, mas que receiava as consequencias da demora da operação.

Ao medico especialista dei a desculpa de que não me podia sujeitar á operação no dia designado: continuamos as orações; no dia 4 de Maio comecei com minhas seis irmãs, todas Filhas de Maria da mesma Pia União, nova novena, e esta para ser feita por cada uma em particular, de noite, entre as 12 e ás 5 da manhã, e cada uma á hora a que acordasse, e associamos a esta novena varias pessoas amigas para nos ajudarem com as suas orações.

No dia 12, com minhas irmãs Ernestina e Emilia parti para Fatima pelo caminho de ferro: — em Leiria assistimos á Santa Missa, fizemos a Santa Comunhão, recebemos a benção com o Santissimo Sacramento, e recebemos tambem a benção do Ex.mo e Rev.mo e Rev.mo Snr. Bispo, muito nosso conhecido e muito amigo da casa onde fomos educadas, e entregamos o atestado do meu medico assistente, que comprovava a minha doença.

Chegadas a Fatima, fomos sem perda de tempo á Cova da Iria, e depois da oração á Santissima Virgem, na fonte, lavei, e bem, o ouvido enfermo: fui sem custo para a casa onde ia hospedar-me: no mesmo dia desci mais de uma vez ao lugar da aparição e á fonte, onde continuei a lavar o ouvido: nos dias seguintes acompanhei todos os actos de piedade: — durante os quatro dias que estivemos lá, já não tinha dôres, ouvia perfeitamente, cessou a supuração e não voltou o sangue: — estava, portanto, curada, como eu o julgnei desde o primeiro dia.

De regresso a esta cidade, o que fiz sem o menor incomodo, verifiquei tambem que o ouvido estava completamente cicatrizado.

Dias depois apareci ao medico especialista, mas nada lhe disse do que se havia passado: achou o ouvido muito bem: prescreveu umas lavagens, que eu não fiz, até que ele declarou: «que o ouvido estava muito bem, e que era um caso muito extraordinario, e muito fóra do vulgar.»

Expliquei-lhe então tudo o que se havia passado: — que desde meiados de Abril tinha deixado de fazer as lavagens que ele preceituára, — que só fizera uso da agua de Fatima, e esta fria, — as condicções em que fui para Fatima, e tudo o mais que lá se passou.

Ouviu, e guardou silencio respeitoso.

Pedi-lhe a bondade de me passar um atestado que provasse estar curada sem ser por meio naturais; respondeu-me: sim, isto pelos meios naturais não se explica, mas tanto não o digo.» Passou o atestado que apresento, que já alguma cousa diz.

O meu medico assistente, que me examinou logo apoz o regresso de Fatima, e que me viu varias vezes depois, tambem concordou ser muito extraordinaria a minha cura, e se o atestado que passou, e apresento, não é de todo explicito, no seu laconismo já diz muito, mas afiança que não foi o tratamento nem os remedios empregados que efectuáram a minha cura, e mesmo no atestado indica implicitamente que foi a Santissima Virgem, em Fatima, quem me curou.

Até ao presente tenho-me sentido muito bem, e não mais voltaram nem as dôres, nem os incomodos do ouvido.

Agradeço, pois, reconhecidamente esta grande graça á Santissima Virgem de Fátima, e que Ela continue a dispensar-me a Sua benção de Mãe.

Porto, 10 de Outubro de 1928.

Aurora da Silva Tavares

ATESTADOS

Eu abaixo assinado medico-cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto, director do Serviço d'Ato-Rhino-laryngologia do Hospital de Santo Antonio da mesma cidade.

Atesto sob palavra d'honra que tratei a Ex.ma Snr.ª D. Aurora da Silva Tavares de atite media supurada cronica direita com perturbações do equilibrio, desde 30 de janeiro até 28 de maio em que constatei que o ouvido não supurava e as perturbações do equilibrio haviam desaparecido, o que ainda actualmente acontece.

E por ser verdade e me ser pedido passo o presente que assino.

Porto, 26 de julho de 1928

(a) Antonio Teixeira Lopes Junior

•

Antonio Caetano Ferreira de Castro, medico, morador no Porto, rua da Boavista 418:

Atesto que a Ex.ma Snr.ª D. Aurora da Silva Tavares, moradora nesta cidade, no Largo do Bom Sucesso, 84, minha cliente da clinica medica ha alguns anos, teve em janeiro deste ano, uma agudisação da sua atite medica crónica direita, agudisação iniciada no dia 27 por perturbações do equilibrio e por supuração, cuja continuidade foi entretida pela presença dum polipo reincidente.

Já disposta a sofrer a operação do esvasiamento petro.-mastoideu sarou sem esta operação como foi verificado depois da sua peregrinação a Fatima, para onde seguiu munida dum atestado firmado por mim, no dia 10 de maio.

Porto, 30 de Julho de 1928

(a) Antonio Caetano Ferreira de Castro

Doenças nervosas.

Pedro Rufino de Azevedo, de Lamego (rua da Olaria) relata assim a doença e cura de sua mulher em carta de 14 de Outubro deste ano:

«Fez ontem dois anos que fui a Fátima (Cova da Iria) em companhia de minha mulher com a qual se deu um caso que considero miraculoso. Não tenho participado este caso, porque não possuindo documentos medicos, não é possivel apresentar provas scientificas. Ha no entanto testemunhas fidedignas que, sendo necessario, confirmarão a veracidade do facto.

Havía 22 anos que minha mulher sofria de uns acidentes que os medicos diziam ser histerismo. Não sei se era ou não. O que sei é que continuamente caia repentinamente ao chão sem sentidos sendo preciso fazer-lhe aspirar sais ou fume de cigarro para voltar ao seu estado normal. Isto dava-lhe tão repetidas vezes que se passasse um dia em que lhe não desse causava admiração e dias havia em que lhe repetiam 6, 8 e 10 vezes, e em qualquer hora estando de pé sentada ou mesmo caminhando.

Apesar de ter consultado varios medicos nunca conseguiu melhoras nenhumas. Aspirava ir a Lourdes mas por varios motivos nunca conseguiu realisar esta sua aspiração. Em Outubro de 1926 combina-se aqui um grupo para ir a Fátima. Convidada a fazer parte desse grupo acedeu mas apenas por compraser, manifestando mesmo a sua pouca vontade em ir ai e o desejo cada vez maior de ir a Lourdes. Resolvida a ir a Fátima chegamos á Cova da Iria pelas 3 horas da manhã do dia 13 de Outubro de 1926. Abeiramo-nos da mesa da comunhão seriam 10 horas. Comungou imediatamente e estando ainda de joelhos cai sem sentidos. Recobrou os sentidos depois de, como de costume, lhe faser aspirar fumo de cigarro mas um choro convulso não a deixa levantar-se de onde estava. Desde esse momento até hoje nunca mais tornou a perder os sentidos nem a sentir qualquer incómodo que com isso se relacionasse.

Não seria isto uma cura miraculosa? Pelo menos foi uma graça concedida por Nossa Senhora e como tal dou conhecimento para assim a tornarem publica, se assim o julgarem conveniente, para maior honra e gloria da Santissima Virgem.

Já lá voltou depois (em setembro do mesmo ano) a agradecer á Santissima Virgem tão grande beneficio.

Não dei primeiro esta noticia para que o tempo se encarregasse de comprovar a cura radical. Minha mulher chama-se Ana Moreira dos Santos Azeredo e conta 50 anos de idade.

Se V.ª Rev.ª entender que esta noticia deve ser publicada e forem necessarios mais alguns esclaercimentos pode V.ª Rvr.ª pedi-los.»

Afecção cutânea e úlcera no estômago.

Das *Novidades* de 20 de novembro:

«Não ha freguesia neste extenso concelho da Louzada que não tenha, neste momento, conhecimento duma cura extraordinaria, que produziu a mais profunda emoção neste meio, como certamente o produzirá em qualquer parte onde chegue a conhecer-se.

Propositadamente, não nos temos referido ao extraordinario facto, não só porque conhecemos a severidade das prudentes leis da Igreja, mas ainda tambem porque não queriamos fazer juízo pelo simples noticiario popular nem sempre orientado por uma critica inteligente.

Hoje, porem, que, alem de outros testemunhos fidedignos, temos como garantia o depoimento tão inteligente como criterioso do medico desta vila, Sr. Dr. Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, vamos relatar singelamente o facto, pois na sua singeleza, ele diz tudo.

Na Casa de Pereiró, da freguesia de S Lourenço de Pias, suburbios desta vila, reside a Sr.ª D. Maria Margarida Malheiro, senhora rica, possuidora de excelentes qualidades morais, casada com o Sr. Teixeira Lopes, funcionario Superior de Finanças no Porto.

Ha dez anos que esta senhora sofria duma afecção cutanea o que lhe havía produzido 500 tumores.

Conjuntamente, tinha-lhe sobrevindo uma ulcera no estomago, rebelde a todos os tratamentos da sciencia que foram empregados por distintos medicos como o Dr. Abel Pacheco e D. Ramalhão, do Porto, Dr. Malheiro e Dr. Hermano, desta vila.

Acabámos há instantes de falar com este ultimo que teve esta expressão. «A pele da doente encontrava-se aos altos e baixos como a cortiça; hoje está perfeitamente lisa e retomou a côr natural.»

A doente procedeu no auge da doença como tantos outros a quem sustenta a Fé, apelou da impotencia da sciencia para a misericordia de Quem tudo pode.

Foi a Fátima. O extremoso marido concordou, contrariado aliás com essa romagem, para não desgostar a esposa, sem esperança alguma de exito.

Mas ela voltou curada e por uma forma nitidamente assombrosa!...

A doente está radicalmente sã, não conservando, sequer, vestigios da grave afecção cutanea e outro tanto sucedeu com a ulcera do estomago!

Foi o seu Medico Assistente que nos autorizou a fazer publicamente esta afirmação.

Outros Medicos do Porto teem examinado a doente e todos reconhecem a impotencia da sciencia para explicar caso tão extraordinario.

Este operou-se no momento da Comunhão em Fátima e da benção dada pelo Sr. Bispo de Leiria com a Sagrada Hostia.

E' claro que sujeitamos completamente o nosso juizo á competente Autoridade Eclesiastica, mas entendemos que se trata dum caso extraordinario e que muito contribuirá para se firmar e de cada vez mais espalhar a devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.»

Os bons sentimentos nada valem se não se transformam em boas acções.

Joubert

Febre paratifóide

O Rev. P.e **Alberto Gomes**, de Travassos (Povoa de Lanhoso) em carta de 11 de Outubro de 1928 diz:

«A graça que eu queria publicar póde chamar-se uma ressurreição porque, na verdade, estava já abandonado de todos aquele doente a quem a Santissima Virgem deu nova vida.

Em principios de Outubro do ano passado sentia-me com fébre, e no Porto, regressando de Fatima, tomei a resolução de ir procurar repouso e tratamento á Povoa de Varzim onde estava minha familia a uso de banhos. Ali se declarou a fébre (para-tifoide» que tomou proporções assustadoras de modo a exgotar todos os meios de combate e a comunicar um desalento geral. Era opinião certa em todos de que não havia mais recursos humanos e a minha debilidade natural aniquilada por tão pertinaz infecção bem convencia de que mais um cadaver seria trofeo da morte. Resignaram minha familia declarando-lhe na tarde tetrica de 8 de Novembro que eu teria poucas horas de vida, que deveria falecer pela meia noite ou pouco mais. Foi, paréce, que nestas alturas que meu irmão invocou fervorosamente o auxilio de Nossa Mãe do Ceo; minha mãe chamou a protecção de Nossa Senhora de Fátima; e eu prometi, se me restabelecesse colocar uma imagem de N. S.ª de Fatima na minha Igreja paroquial; celebrar ali todos os dias 13 de cada mês, em união com Fátima; promoveria um culto mais festivo equiparando estes dias ás primeiras sextas; e, finalmente, fazer publicar a graça de meu restabelecimento. Feitos estes votos principiei a melhorar pouco, mas no terceiro dia, seguinto ao do maior perigo e abandono, eu pude levantar-me: por uma hora saí do leito! Era um verdadeiro cadaver a pé, causando horror á propria familia!

O meu restabelecimento foi moroso e perigosissimo; todavia hoje, faz precisamente um ano, que eu senti, a caminho para Fatima, os primeiros sintomas de fébre; e agora que ingressando á minha actividade me posso julgar beneficiado pela Misericordia Divina que ainda me poupou dos rigôres do Juizo Eterno até que melhor me prepare, venho cumprir a ultima obrigação do meu voto: publicar a graça tão evidente e notavel que N. S. de Fatima nos fez e que Ela compléte — permitindo-a só para maior gloria de Deus!!!

N. A este assunto podem V. Ex.cias dar a redação que quizerem.

No dia 13 temos aqui procissão e exposição nocturna em honra de N. S. de Fátima, que os fiéis muito veneram.

Os meus medicos desvelados foram 4: o sr. Dr. Abilio Garcia de Carvalho; seu cunhado; o Dr. Adriano Martins e o Dr. Alfredo Coimbra.

Dedicado in C. J. C.»

Abcesso pulmonar

Joaquim Saraiva de Carvalho, da Povoa de Santa Iria, conta assim a doença e cura de sua mulher:

«Minha mulher tratava-se duma doença que parecia de pouca importancia. Como, porém se fosse prolongando e não cedesse ao tratamento seguido, os medicos assistentes prognosticaram qualquer coisa de gravidade e mandaram que tirasse uma radiografia. Procurou a um dos mais distinctos radiologistas da capital e a respectiva radiografia acusou de facto um *abcesso pulmonar do lado esquerdo*. Era portanto necessario a doente ser hospitalisada para se submeter a uma intervenção cirurgica que os medicos consideravam indispensavel e urgente.

Deu entrada no hospital de S. José, e enquanto os dias decorriam para observação e estudo da doente, o meu coração de marido e de pai dilacerava-se sob a prespectiva do resultado de tão melindrosa operação. A doente, que uma sombria apreensão torturava, reanima-se com a luz vivificante da sua fé, faz um voto de fervorosa devoção e pede a Nossa Senhora de Fatima que lhe conceda melhoras e evite a operação.

Continuaram as observações clinicas, e passados quinze dias nova radiografia indica o desaparecimento completo do abcesso, sem a minima intervenção da sciencia.

Foi acaso ou milagre?

Não me importo de provocar o riso sarcástico dos incrédulos. Ouça-me quem quizer, mas eu considero este facto um autentico milagre que a minha reconhecida e contrita alma, ajoelhada no chão lodacento deste mundo, agradece á intervenção Divina.»

EMILIA MARTINS BAPTISTA
de Espozende
Ver «VOZ DA FÁTIMA» de Novembro

Deante do presépio...

Naquele dia havia na sacristia da Igreja paroquial uma exibição de cinema para a pequenada.

Era a penultima Quinta-feira antes do Natal e o pároco queria premiar a assiduidade dos seus pequeninos paroquianos á catequese que Quintas e Domingos tinha lugar na Igreja paroquial.

Naquela tarde contudo a frequência era maior.

Ele bem o vira mas propositadamente deixara entrar alguns que ali lhe apareciam pela primeira vez, atraídos apenas pelo chamariz do cinema.

Quem sabe se aquelas coisas que ali iam ver os não impressionariam mais do que muitos dias de doutrina? Sim... Era melhor que entrassem. E deixou-os passar depois de, poisando-lhes a mão na cabeça, lhes ter recomendado que viessem á doutrina daí por deante.

* * *

Entre os novos frequentadores do cinema havia um já crescidito—9 para 10 anos—: olhar vivo mas doce a revelar uma alma bôa e uma inteligência forte a desabrochar. Mas de olhitos abertos não havia quadro ou scena que lhe passasse.

Ficou preso. Acabada a sessão o Julito correu para junto do prior.

Também êle queria fazer parte da catequese, também êle queria pertencer áquele grupo de creancitas que andavam a aprender a doutrina.

O prior recebeu-o de braços abertos.

Era mais um cordeirinho que o Pastor lhe enviava...

Dava por bem empregado o trabalho daquele dia.

A semente começava a germinar...

* * *

Mas curioso dos misteriosos caminhos por que a graça suavemente vai levando as almas, sentando-o junto de si diz-lhe:

— Olha cá, Julito, de que gostaste tu mais?

— Oh, senhor, eu gostei de tudo.

— Sim, mas has-de ter gostado mais de alguma coisa em particular.

— Eu não sei bem...

— Então que é que te fez mais impressão?

— Ah!... Vamos a ver se adivinha...

— Não, não adivinho. Foi talvez aquela fita dos gatos?

— Não senhor.

— Aquela do homem a comer o rato?

— Qual?

— Foi aquela do Menino?

— Ai, senhor, daquela gostei muito.

Não me importava de a estar sempre a ver.

Aqueles homens a vir a cavalo nuns bichos muito feios...

— Os camelos?...

— Não sei. Depois os pastores com os cordeirinhos para o Menino.

— Estás enganado. Não foi «depois» foi «antes».

— Seria. Eu lá de quando foi não me lembro.

Mas olhe do que eu me não esqueço é do Menino. Parece que o estou a ver. Nuinho, ali em cima do canoilos — é onde dormem os cães, pois não é?

O meu irmãzito o Zézinho... O senhor já o viu?

— Não, não vi, mas não faz mal...

— Ai se o visse... é tambem gordo mas este daqui da fita era mais lindo.

— Eu um dia vou lá vê-lo... Mas agora continua.

— Pois o meu Zézinho, mesmo no verão, tem uma camisola de lã. E aquele Menino estava ali assim...

Isso é que havia de ter frio!...

— E então?

— Então... como o senhor disse que êle estava ali por amor da gente fiquei a gostar muito dele.

Mas êle assim pequenino nem sabe onde está, pois não?

— Sabe, sim, porque Ele é Deus, não te lembras?

— Ah! sim, é verdade. Eu depois lembrava-me.

E como o senhor disse que era a doutrina que aquele menino prégou em grande que a gente vinha aprender aqui, eu agora quero cá vir todos os dias.

— Para quê?

— Para saber o que êle quere que eu faça e para ele gostar de mim como eu gosto dele.

— Ah Julito Ele já gosta infinitamente de ti. Por mais que tu gostes dele nunca chegas a pagar-lhe o que ele gosta de ti.

— Sério?

— Sério.

— Então e se eu fôr muito bom muito bom?

— Fazes com que Ele goste mais de ti.

— Ah! então hei-de ser cada vez melhor. Ele era tão lindo...

Quem me dera estar sempre a ve-lo!...

— Gostavas?

— Gostava tanto, tanto...

— Um dia no Céu.

— Ai que bom! Mas como é que Ele se chama para eu o procurar lá?

— Ele lá vê-se bem porque Ele é o Rei do Céu.

* * *

A conversa parecia não mais ter fim. De repente uma ideia assalta o prior. «Será batisado?»

O pequeno não sabia, como de doutrina nada sabia tambem.

— Bem tu vens cá todos os dias agora sim?

— Pois sim, senhor. Mas para quê?

— Para aprenderes muita doutrina.

— Ah! Está bem, pronto.

Uma leve investigação levou o paroco ao acertamento da sua suspeita. O Julito não era realmente batizado.

* * *

Naquela semana que medeiava entre esta scena e o dia de Natal foi uma azáfama.

Aquela alminha tudo recebia, tudo fixava como a terra ressequida e arida recebe as aguas da chuva.

E no fim da semana o prior tinha a consolação de verificar que o Julito podia ser batizado como realmente foi na Vigilia de Natal.

No dia seguinte, vestido de branco, com a alma candida, também o Julito celebrava o Natal dando no seu coraçãozinho uma poisada bem mais comoda, mais quente que o Presépio áquele Menino de quem ele tanto gostava e que ia simbolicamente nascer e eucaristicamente habitar naquela almita a desabrochar.

Dia feliz porquanto a vida do Julito foi um continuo dia de Natal podendo ele repetir continuamente e repetindo-o de facto com o seu porte: «Ah! *Então hei-de ser cada vez melhor!*»

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	128.790$17
Papel, composição e impressão do n.º 74 (49.500 exemplares).	3.237$50
Sêlos, embalagem, transportes, gravuras, e outras despezas	926$26
	132.953$93

Subscrição

(Dezembro de 1927)

Enviaram dez escudos para o jornal: Lucia d'Oliveira Soares, P.e Domingos Gomes Laborinho, Filipe d'Oliveira Ramos, Maria de Jesus Neves, Adelaide Rocha Faria e Silva, Aninha do Vale (12$00), Albina Monteiro da Silva, Joaquina Brites dos Santos, Manuel Cardoso Sequeira, Deolinda Escudeiro Pinto (15$00), Natalia dos Santos, Francisco Carlos Alves, Josefa Carolina de Matos Chaves, Alitia Izilda de Barbeitos da Silva, Maria de Jesus Pereira, Maria Germana Rolão Amaral, Maria de Jesus Ribeiro, Ana de Jesus Luna, Maria José Correia, Maria Amalia da Fonseca, P.e João Luiz Lourenço Loução, Gertrudes Pinto Serrano, P.e João Dias de Matos (15$00), Maria de Lourdes Pereira, Rosa Campos Pinto, Inacio Mendes da Cunha (30$00), Liduina Agueda Machado, P.e Virginio Lopes Tavares, Maria Virginia de Souza, P.e Evaristo Carneiro Gouveia, (50$00) P.e Angelo Firmino da Silva, Maria da Conceição Calado, Maria Tavares, Laura Feio de Matos, Rosa Machado, Maria José Fernandes Neto, José da Silva Heleno, Maria José Loureiro Rdrigues (20$00) Maria do Carmo Piter, Ana Margarida Ferraz, Rufina Maria Saventi, Manuel Pedro Pires (20$00), Adelino Barbosa da Silva Machado, Odorico Tristão Rodrigues, Dr. João do Vale (30$00), Mariana Julia Rodrigues Claudio (20$00), Ildefonso Moniz Barreto Corte Real, Maria Rosalina Rocha, Maria Alexandrina Fragoso, José Algarvio Tavares Canario, João d'Oliveira Melo, Joaquim Augusto Pereira Borges (20$00), Manuel da Ponte Rebelo, João Maria Pimentel, Angelina Gordo Mimoso, Maria Pelouro Coelho, Rita da Penha Novo, Teresa J. Alvarrão Corrente, Ana Corrente Soares, Felipa das Dores Beliz, Eugenia do Sacramento Climaco (20$00) Saturnina Meireles Barriga (20$00), Miguel Pedro Fialho Pinto (20$00), Eduarda Monteiro Lopes Mascarenhas, Jacinto Gago da Camara (20$00), Francisco Vargas, Maria do Carmo Oliveira Fernandes, Ema de Magalhães Almeida, Luiza de Bettencourt, Maria Luz Nunes, Maria da Nazaré, Manuel de Barros, Maria de Jesus Pinto Ana Brazil, Mafalda Pinheiro, Maria Augusta d'Almeida, Luiza Johnston, Maria José de Magalhães Aguiar, Maria da Piedade Dias, Jorgina Moraes Silva, João Ferreira Caldas, Maria Fernandes, Francisco Ferreira Caldas, Dr. Antonio J. Laranja, Abel Teixeira dos Santos, Abilio de Carvalho, Justino Alves, Maria do Carmo Moutinho, Carminda Souza, Comba da Conceição Teixeira Julia Gomes de Moraes, Augusto Rodrigues, Adriano L. dos Santos, André Pereira, Custodia Miranda Canêdo, Virginia Santos, Paulino d'A. Laranjeira Junior, Joaquim Antonio Gomes, Maria Gomes da Silva, Maria Moutinho, Ana de Jesus Fidalgo, Custodia Clorinda Fidalgo, Arminda Alves, Maria de Jesus Teixeira, Domingos Dias de Matos, João Batista Carneiro, José Lourenço dos Santos, Albertina de Jesus Fidalgo, Domingos Barroso, Luciano Baptista Carneiro, Manuel Duarte, Matilde Esteves Pires, Ilda Esteves, P.e Antonio Correia Ferreira da Mota (20$00), Adelaide Amelia Barroso Tierno, Maria José Fialho, Izilda do Carmo Leitão, Felicidade Maria de Jesus (20$00), Virginia Sant'Ana Carvalho e Silva, P.e Antonio Alves Pereira, José Fernandes Euzebio da Silva, Maria da Luz de Carvalho Mesquita (20$00), Adelaide Augusta Rodrigues Cruz, Maria Francisca Machado, Maria Cabreira Rocha, Maria Emilia da Cunha, Cordalina Pires, Ana Rosa Pires Moreira, Maria do Sacramento Pires Moreira, José Maria Martins Pinheiro, Idalina R. Pouzada, João dos Santos, Humberto Marinho P. Maciel, Dr. Torquato Serra (50$00).

De jornais: Josefa de Jesus, 13$15; Guilhermina Chaves, 115$00; Maria das Dores Tavares de Souza 72$00; João Rodrigues Coelho Reis, 50$00; Maria dos Anjos de Matos, 185$00; Brites Alves Andorinha, 105$00; Custódio Ferreira de Almeida, 35$00; Cecilia Medina e Maria da Luz Gomes, 608$55; P.e José Rodrigues dos Santos, 160$00; Ida de Barros Lima, 28$50; P.e M. Rodrigues de Carvalho, 180$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira, 30$60.

Tão bela!...

Bernardette, sobretudo depois da sua profissão religiosa, esquivava-se, como é natural, a tudo que chamasse para ela a atenção. Por outro lado, a Superiora respeitava, quanto possível o profundo amor de retiro da feliz vidente de Lourdes.

Um dia veio para a ver a irmã duma das religiosas acompanhada de uma filha, criança de cêrca de sete anos.

Com as crianças entendia-se Bernardette bem e só esta obteve licença para lhe falar.

A criança vendo Bernardette no leito da enfermaria deteve-se ao entrar da porta e ergueu as mãos como se estivesse diante dum altar ou da imagem dum santo, recolhida, com os olhos brilhantes de alegria.

Bernardette chamou-a e fê-la aproximar do leito. Depois, pôs-lhe a mão na cabeça e acariciou-a carinhosamente.

A pequena depois de ter abraçado Bernardette, cruzou de novo os dedos embebida em contemplação e atreveu-se a perguntar-lhe:

— Minha irmã, a senhora viu a Santíssima Virgem?

— Vi, sim, menina.

— E Ela era muito linda?

— Tão linda, tão bela, respondeu Bernardette em voz baixa e com um acento indefinível, tão bela, que, quem a vê uma vez, só suspira por morrer para a poder ver outra vez!

A criança, conservando constantemente as mãos postas, disse-lhe, depois dum momento de silêncio:

— Minha irmã, eu desejava que a senhora rezasse por mim.

— Pois sim, minha querida menina, mas eu também desejava que a menina rezasse por mim.

E a pequena não se ia embora.

— Minha irmã, a mamã também desejava que rezasse por ela.

— Pois sim, também orarei por sua mamã, respondeu Bernardette comovida.

E a pequena saíu então, de mãos erguidas e recuando para ver Bernardette o máximo tempo possível.

Peregrinação da Caranguejeira

Depois de oito dias de preparação feita pelo Rev.do Paroco, realisou-se no dia 18 de novembro uma peregrinação de cerca de 400 pessoas desta freguesia ao Santuario de Nossa Senhora da Fátima onde houve Missa cantada pelos peregrinos, benção aos doentes e os mais actos do culto do costume nos dias 13, voltando a casa cerca das 8 horas da noite.

Todos os peregrinos traziam as mais gratas impressões não sendo a menor a que experimentaram na igreja de Santa Catarina da Serra, onde á ida o Rev.do Prior desta freguesia, P.e Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, recebeu os peregrinos com todo o carinho, deu-lhes a benção do Santissimo e fez uma sentida prática que fez correr as lagrimas a bastantes peregrinos.

Esmolas obtidas em diversas igrejas quando da distribuição da «VOZ DA FÁTIMA»

Esmolas obtidas na Igreja de S. Tiago de Cezimbra, pela Snr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, nos mezes de Outubro e Novembro de 1928 — 57$50

A MELHOR LUZ

Quando um conferencista catolico falava da sciencia da salvação, a primeira de todas, aquela que nos diz donde vimos, para onde vamos, quaes são os nossos deveres, etc., um grosseiro personagem teve o atrevimento de o interromper, exclamando:

— O inventor do gaz e da luz eléctrica fez mais para iluminar o mundo do que todos os conferencistas do mundo.

— Está bem, respondeu tranquilamente o orador, quando o senhor estiver a morrer mande chamar o electricista e nessa hora um pouco sombria terá quanta luz quizer.

Todos se puzeram a rir e o interruptor embatucou.

Ano VII Leiria, 13 de Janeiro de 1929 N.º 76

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: - - *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA DE FÁTIMA

Fátima, vestíbulo do Paraiso

Fátima! Doce e maravilhoso cantinho do Céu! Terra sagrada e bemdita, onde incessantemente sopra uma forte rajada de sobrenatural, e se vê, como em Lourdes, o milagre no estado de permanência!

Mais um ano, o décimo, decorreu depois das aparições da augusta Virgem do Rosário e dos estupendos fenómenos astronómicos e meteorológicos, que assinalaram um local árido e deserto da serra de Aire, a popular Cova da Iria, como estância querida e privilegiada do Céu.

Nesse longo ciclo da divina história de Fátima, a gloriosa Rainha dos Anjos não se canseu de fazer descer toda a sorte de graças e bênçãos sôbre a alma fundamentalmente cristã do nosso Portugal.

Como a pequena bola de neve, que se forma na cumeada dos Alpes, engrossa cada vez mais rolando de ravina em ravina, de vertente em vertente até se converter na mole gigantesca duma avalanche, assim a devoção à misteriosa Senhora Aparecida foi crescendo e propagando-se pouco a pouco por tôda a parte com o volver dos dias, meses e anos, a ponto de assumir nos últimos tempos as proporções assombrosas, inauditas, únicas, da mais colossal manifestação de Fé e piedade do mundo inteiro, eclipsando sob muitos pontos de vista a própria Lourdes, a divina cidade da Imaculada.

Bela, comovente e encantadora devoção, que suave e irresistivelmente empolga e cativa as almas piedosas e puras, fascina e aferrora as tíbias e indiferentes, sacode, aviventa e resuscita as que o pecado estiolou ferindo-as de morte, e tantas vezes galvaniza, conquista e transforma em apóstolos aquelas que a descrença e a impiedade haviam tornado intransigentemente hostís! E sôbre tudo isso, como outrora na Palestina, durante a vida publica do Redentor, os cegos vêem, os surdos ouvem, os mudos falam, os paralíticos recobram o movimento e a acção e os pobres e humildes são evangelizados.

Bemdita, mil vezes bemdita, a augusta Padroeira de Portugal, que, para salvação de todos nós, se dignou fazer de Fátima, convertida em vestíbulo do Céu, um novo trono da sua glória, um novo foco do seu maternal amor e um novo manancial das suas bênçãos, das suas graças e das suas inexgotáveis misericórdias!

Muda e paralítica

Dia treze de Dezembro. São oito horas da manhã. Nesse momento a Cova da Iria está quási deserta. Apenas um ou outro peregrino circula no recinto das aparições ou nos terrenos adjacentes, aguardando anciosamente a celebração da primeira missa.

No Posto das verificações médicas o dr. Pereira Gens prepara-se para presidir aos trabalhos de observação e inscrição dos doentes. Meia hora depois, já o número de peregrinos que se encontravam na Cova da Iria tinha aumentado consideràvelmeate.

Entretanto aparece no Posto o rev. Manuel de Souza, reitor do Santuário, que anuncia ter-se dado momentos antes uma cura extraordinária. Alguns instantes mais tarde, no Posto de informações e de distribuição da «Voz da Fátima» passa-se uma scena verdadeiramente impressionante. Uma rapariga do povo, acompanhada pelo pai e ladeada de numerosos peregrinos, conta a história da sua doença e da sua cura, verificada uma hora antes junto da Imagem da Virgem do Rosário na capelinha comemorativa das aparições. Chama-se Maria dos Santos, tem dezaseis anos de idade, é natural de Lagarelhos, concelho de Vinhais (Trás-os-Montes) e é filha de Vicente Ferreira Fernandes e Maria Lídia.

Adoeceu há cêrca de cinco anos e nunca mais conseguiu recuperar a saúde, a-pesar de ter sido tratada por dois distintos médicos, um de Vinhais e o outro da cidade do Porto.

Após um longo e rigoroso tratamento, que resultou completamente inútil, a sciência humana declarou-a incurável. Fez em treze de Junho último um ano que sua mãe, gravemente doente com uma pneumonia, foi desenganada pelos médicos, tendo recebido piedosamente todos os sacramentos da Igreja como preparação para a viagem da eternidade. Nesse dia a filha, aflita com a perspectiva de ser em breve orfã de mãe, pecra imenso, perde a fala e fica de todo paralítica. A sua alimentação está reduzida a um pequeno naco de pão de trigo, que ela ingere de vinte e quatro em vinte e quatro horas, contentando-se não raro de em sua substituição chupar uma laranja. Constantemnte deitada num colchão, ao pé da lareira da sua modesta habitação, ali passava os dias e as noites, aguardando resignadamente que a morte viesse pôr termo aos seus sofrimentos e a levasse para o Céu.

A' sua região, situada ao norte do país e junto da raia de Espanha, e por isso tão distante da serra de Aire, mal tinha chegado ainda o eco das grandes manifestações religiosas de Fátima e das curas extraordinárias ali operadas por intercessão da augusta Mãe de Deus. Mas ela, cheia de confiança no poder e na bondade da Santíssima Virgem, implora todos os dias a sua protecção maternal e acalenta cada vez mais viva a doce esperança de obter a cura dos seus males.

Por meio de sinais manifesta à família o desejo de ir em peregrinação à Lourdes portuguesa. Os pais, sem recursos para uma viagem tão longa e tão dispendiosa, opõem-se formalmente, bem a seu pesar, a êsse projecto. Mas a pobre enferma nem por isso renuncia a pôr em execução a sua ideia. Pessoas amigas abrem uma subscrição em Lagarelhos e nas aldeias circunvisinhas e juntam-se os meios necessários para a viagem do pai e da filha.

No dia onze de Dezembro inicia-se a piedosa romagem, carregando o pai com a filha que não podia sequer mover-se. No dia doze à noite apeiam-se em Leiria e de lá expedem um telegrama para a terra, comunicando a notícia da sua chegada.

Na madrugada do dia treze seguem para o local das aparições e, logo após a chegada, cêrca das oito horas, Maria dos Santos, prostrada em frente da Imagem da Virgem, suplica com fervor a sua cura e instantâneamente os seus males desaparecem como que por encanto.

Exultando de alegria, mas serena e tranquila, percorre por seu pé e com a maior facilidade a Cova da Iria em todas as direcções e fala como se nunca tivesse sido muda.

Tendo-se apresentado mais tarde no Posto das verificações médicas perante o director, que constata o seu estado mas se abstem de se pronunciar àcêrca dêle, por falta de atestados médicos, experimenta uma grande necessidade de comer e ingere com um apetite devorador uma chávena de café com leite e um bocado de pão que entretanto lhe tinham trazido.

O pai, feliz e contente pela graça recebida, declara que nessa tarde, de regresso a Leiria expedirá um novo telegrama para sua espôsa anunciando a cura da filha, e assegura que o povo de quarenta aldeias visinhas da sua acorrerá em massa à orla do concelho para aguardar a sua chegada e admirar o grande prodígio que Nossa Senhora de Fátima se dignou fazer.

UM GRUPO DE SERVITAS
(Outubro de 1927)
Atraz: — Dr. Pereira Gens, director do Posto Médico, Dr. Gabriel Ribeiro, Dr. A. Diniz da Fonseca e Dr. Mendes

As comemorações religiosas

Numerosos sacerdotes da diocése de Leiria, por solicitação do venerando Prelado, partiram no dia treze de manhã cedo para Fátima, afim de confessarem todos os peregrinos que quizessem recorrer ao sagrado tribunal da Penitência e que o não tivessem podido fazer nas suas terras, para se aproximarem da mesa eucarística com a consciência devidamente purificada das suas faltas.

Entre os sacerdotes mais assíduos no exercício do munus de confessor nos dias treze na Cova da Iria merece especial referência o rev. Magalhães, director espiritual do Seminário de Leiria. Modêlo de ministros do Altíssimo, cheio de zêlo pela glória de Deus e pela salvação das almas, aquele ilustre ornamento do clero português ocupa constantemente o confessionário e exerce o seu sagrado ministério durante horas consecutivas. A obra de Nossa Senhora de Fátima deve a êsse dignissimo sacerdote relevantes serviços que ela decerto pagará com largueza e munificência.

Ao meio dia solar, depois da procissão, celebra-se a missa dos doentes, dá-se-lhes em seguida a bênção e por último o rev. Galamba, professor no Seminário de Leiria, sobe ao púlpito e prega um substancioso sermão. Realizado de novo o cortejo afim de reconduzir a Imagem de Nossa Senhora do Rosário para a capela das aparições, os peregrinos começam a dispersar-se e a breve trecho reina outra vez um silêncio quási sepulcral naquela estância bemdita sôbre a qual sem cessar descem a flux as graças de Deus e as bênçãos da Virgem Santíssima.

Visconde de Montelo

As Curas de "Fátima,,

Um eczema.

Maria Fernandes Caramonete, de Ilhavo, informa:

«Cheia de confiança peço a V. Rev. para fazer público na *Voz da Fátima*, uma cura que é ao mesmo tempo uma grande graça recebida de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em 13 de Outubro passado.

Minha filhinha Conceição, de 4 anos de idade, tendo em Janeiro de 1928 duas dermatozes, uma varicosa, outra saramposa, e tendo recolhido ao corpo toda a varíola depois de saída, nunca mais sarou. Se secavam umas rebentavam outras.

Minha filhinha foi vista pelo médico, que lhe fez diversos tratamentos.

"Menina" **Conceição Fernandes" Caramonete,** de quatro anos, curada em 13 de Outubro de 1928, em Fátima

Descoberto o eczema, minha filhinha entrou em novo tratamento, passou a levar uma série de banhos de luz (ultra violeta, e infra vermelha) de nada valendo.

Depois muitos outros medicamentos, muitos remédios, tudo sem tirar resultado algum.

Disse o médico que tal doença era teimosa, que sendo na pele, havia de custar a sair.

Vendo eu que minha menina não sarava, recorri a Nossa Senhora do Rosário da Fátima e disse à minha filhinha: «Pede, minha filha a Nossa Senhora que te cure, pede muito, minha filha, que és pequenina.» Minha menina, então, erguendo as mãosinhas dizia: «Oh! minha Mãe do Ceu, sarai-me. Nossa Senhora do Rosário, curai-me.»

A todos os momentos pedia a cura a N. Senhora: mas Nossa Senhora não quiz que assim fôsse. Nossa Senhora quiz que se contasse mais uma grande graça. Então Nossa Senhora falou ao coração duma criança ainda inocente, e disse-lhe. «Vem, minha filhinha, vem visitar-me com as tuas feridinhas que eu te darei a cura.»

Minha filhinha, cheia de fé e de entusiasmo, dizia: «Eu não saro sem ir a Nossa Senhora da Fátima, quero lá ir com as minhas feridas para Nossa Senhora me ver e quero lá lavar as minhas feridas com água de Nossa Senhora e quando vier venho bôa.»

Chegou o mez de Outubro e minha menina, ainda com mais fé, me dizia: «Vamos êste mez a Nossa Senhora da Fátima que é para eu sarar.»

Pois bem, assim foi. Levei a minha menina à Fátima, lavei-a com a água santa da Fátima. No dia 13 de manhã, fui ao Posto das Verificações Médicas, onde minha menina foi vista e examinada por dois médicos que conferenciaram e disseram que era mal de pele. Foi apontado o nome, a idade e a terra; foi-me passado o cartão de doente; dei entrada no respectivo pavilhão.

Celebrada a Missa dos doentes e feitas as invocações, minha filhinha então, de mãos erguidas pedia à Mãe do Ceu que a curasse. Pois se Ela é a saúde dos enfermos!...

Acabadas todas as cerimónias retirei, mas sempre com a máxima confiança de que Nossa Senhora podia dar a cura a minha filhinha.

Cheguei a casa, mas sem fazer ideia de a minha menina estar curada. Algumas pessoas que dias antes a tinham visto ainda com bastantes feridas, disseram: «A menina está boa, o que foi que a sarou?»

Só então vi que minha menina estava curada.

Graças a Nossa Senhora do Rosário da Fátima por tão grande milagre.

Minha filhinha nunca mais teve feridas. Tem sido chamada a diversas casas para verificarem o caso e toda a gente afirma ser um grande milagre.

Exclamemos, pois, cheios de fé e entusiasmo, cheios de grande confiança: Viva Nossa Senhora do Rosário da Fátima, que é a Ela que devo a cura de minha filhinha.

Raínha do Santissimo Rosário, rogai por nós. Saúde dos enfermos, Consoladora dos aflitos, rogai por nós.»

Abcessos exteriores.

Louzada, 20-XII-1928

Desde o dia 13 de Outubro do corrente ano até hoje — 68 dias — é decorrido um lapso de tempo, bastante para que eu continue a manter-me em silencio, deixando que, apenas, alguns impacientes jornalistas se tenham referido ao caso, verdadeiramente extraordinário, da cura milagrosa da Ex.ma Snr.ª D. Maria Margarida Teixeira Lopes, da Casa de Pereiró, deste concelho de Louzada.

Devo quebrar o silêncio em que tenho permanecido, tanto mais que a verdade, involuntàriamente por certo, nem sempre aflorou de todo, nas correspondências que tenho lido; estas despretenciosas linhas servirão, pois, de rectificação àqueles pontos que, indubitàvelmente, dela necessitam.

Há muitos anos que tenho sido, em variadíssimas ocorrências, um dos assistentes médicos mais assíduos desta senhora; fui eu quem, numa anuência de dedicação e respeito pela sua fervorosa crença, com minha família, lhe fiz companhia à Cova da Iria, a Fátima, esgotados um sem número de recursos que a arte médica nos faculta, mas que, todos êles, se mostraram inúteis, incapazes de livrar a pobre doente dum sofrimento torturante, arrastado já de há cêrca de 8 anos!

Cabe-me, por isso, a honra e a obrigação mesmo de sôbre o caso alguma coisa dizer; é o que venho fazer hoje, sem intuitos de discussão e, tão sòmente, no propósito de narrar factos, de todo verdadeiros, dos quais cada um tirará as ilações que mais se coadunem com os seus conhecimentos ou com as suas crênças.

Fugindo, quanto possível, da terminologia médica, visto que é, sobretudo, para leigos nessa matéria, que eu escrevo, e porque não são destinadas estas linhas a jornais scientíficos, direi dos factos em termos os mais singelos, os mais simples que ser possa.

Com inteiro assentimento da Ex.ma Snr.ª D. Maria Margarida Teixeira Lopes, faço algumas referências ao seu passado doentio; melhor juizo ficarão formando, os que me lerem, da extenção da via dolorosa que tem sido a vida desta senhora.

As manifestações nervosas, e doutra natureza, começaram a desenrolar-se, em tenra idade, como primeira herança de seus maiores; dedicou-lhes inicialmente os seus cuidados profissionas o médico da família, que foi o abalisado clínico Dr. Marnôco e Sousa.

O conhecido especialista portuense, Dr. Teixeira Lopes, operou-a de tumores na garganta.

Apareceram, de seguida, os primeiros rebates alarmantes de perturbações nervosas, em agravamento caminhando tanto que se julgaram indispensáveis os socorros de clínicos especialisados nestas doenças: examinaram D. Margarida o sabio neurologista Dr. Magalhães Lemos, o já falecido Dr. José de Magalhães e prestou-lhe asistência clínica durante longos mezes em isolamento completo por casas de saúde, ou mesmo sem isolamento em repetidos períodos, o também especialista em doenças nervosas, Dr. Bahia Júnior.

Em quaisquer intervalos e em imergências aflictivas foi reclamado o meu humilde concurso que, em homenagem à verdade deve dizer-se, resultou só parcialmente e temporàriamente vantajoso como, aliás, aconteceu sempre com os tratamentos especialisados: todos os recursos scientíficos ficaram, nestes transes, muito àquem do que eu e, certamente, os meus ilustres colegas desejávamos.

Nestas condições, e volvidos largos anos de múltiplos tratamentos, contraíu D. Margarida o seu casamento com o Ex.mo Snr. José Teixeira Lopes; a breve trecho, confirmadas as esperanças de descendência, desenham-se novos sombrios horisontes que obrigam a recorrer, agora, à medicina especialisada em sofrimentos pulmonares: como tuberculosa avançada é tida pelo colega Dr. Pinto Leite que a examina aos Raios X, mostrando à vista da própria mãe de D. Margarida numerosas cavernas; nesta orientação é encaminhada a doente para o exame do Dr. Ramalho que, confirmando o diagnóstico feito aos Raios X a medica de conformdade e, à vista do agravamento sempre crescente do mal, lhe aconselha uma estada no Caramulo e opina pela interrução indispensável da gravidez.

Não se utilizou D. Margarida destas indicações e, com relativa felicidade, embora com muito sofrimento, consegue beijar a primeira filha que viu crescer e vingar, muito acarinhada de pessoas amigas, apesar do seu infimo pêso de 900 e tal gramas!

Foi, justificadamente, vedado a D. Margarida, fazer a amamentação materna, pelo estado abatidíssimo e suspeito do seu organismo.

Não se haviam recuperado ainda as alquebradas fôrças quando, poucos mezes após o nascimento da sua filhinha é, tão mortificada creatura, assaltada por um novo sofrimento: aparece-lhe um volumoso abcésso na côxa esquerda próximo do joelho; tratado como é de uso fazer-se a tumores desta natureza, lancetando-o amplamente e desinfectando com cuidado, em breve se viu cicatrizado, são.

Mas, depois dêste aparecem, e são tratados de igual forma, outros e outros, muitos outros, às centenas durante anos seguidos!!

D. Maria Margarida Teixeira Lopes
miraculada em Outubro último

Nasce mais um filho, em meio de tanto sofrimento, um pouco mais robusto êste filho do que sua primeira irmãsinha; faz-se a amamentação materna imposta pela vontade de D. Margarida e faz-se durante longos 20 mezes, sem uma espinha no *pimpôlho*, que era um encanto de pujante nutrição à custa dum organismo cheio de sofrimento e de alimentação dificílima.

Decorrem os anos e não há forma de livrar a pobre doente da praga dos abcéssos; emprégo quantos meios vejo indicados em revistas scientíficas, mas tudo em vão!

Toma conhecimento dêstes factos o Dr. José Malheiro, aqui sub-delegado de saúde e médico municipal que, aos meus embaraços, junta, apenas, os seus embaraços.

Trata dos mesmos incómodos, e em diferentes ocasiões, o Dr. Campos Monteiro que, em S. Mamede de Infesta é médico de D. Margarida; observa-a também ali o Dr. Godinho de Faria e todos, absolutamente todos, empregam a melhor boa vontade de curar a doente, mas, infelizmente, ficam-se por aí.

Mandei fazer análise do pús, colhido em um dos tumores, no laboratório do Dr. Alberto de Aguiar o, mais tarde, uma outra análise no laboratório do Dr. Pereira Salgado.

De harmonia com os resultados obtidos, foram feitas repetidas aplicações séro-terápicas por meio de preparados extranjeiros, aplicações estas que resultaram de todo inúteis.

Tentei ainda levar a cabo uma experiência auto-sero-terápica recorrendo a comprovada competência do Dr. Carlos Ramalhão que, por duas vezes, viu a doente no seu consultório; circunstâncias de momento, porque as coleções purulentas estavam ainda em via de formação, contrariaram os meus desejos e os valiosos serviços daquele professor, por forma que não foi possível fazer mais esta prova da incompetência da medicina.

Depois, há 3 para 4 anos, foi a doente à consulta do Dr. Abel Pacheco que, de acôrdo com o Dr. Lopes Júnior, se propoz curá-la dos seus sofrimentos gastro-intestinais e, *com toda a facilidade*, livrá-la dos abcéssos, pondo em acção as suas instalações de Raios ultra-violetas e Raios infra-vermelhos.

Confesso que folguei com a nova, que D. Margarida me comunicou de S. Mamede de Infesta, de que em breve estaria livre dos abcéssos; folguei e animeia-a a que, para tão desejado fim, procurasse não se desviar um ápice das indicações que lhe dessem os meus dois ilustres colegas.

Durou cêrca de um mez e meio êste tratamento e os factos demonstraram quanto é certo *ser o êrro próprio do homem:* os tumores continuaram a multiplicar-se insistentes e impertinentes durante êsses 45 dias e acompanharam a doente, de seguida, numa estada em Caldelas, donde a vi chegar à sua casa de Pereiró, verdadeiramente às portas da morte, com vários abcéssos nas côxas e braços e ainda mais 6 no ventre, ponto em que jamais os havia tido!

Desiludido com mais êste insucesso, continuei, como soube e pude, a dispensar os meus cuidados clínicos a D. Margarida, convencido de que, na ótima companhia de muitos e categorisados colegas, me não era desairoso considerar a arte médica ainda muito impotente em vários transes.

Decorreram períodos de acentuado mal estar e de passageiras melhoras; nos últimos 16 mezes passaram-se factos importantes que resumidamente passo a relatar.

Deu-se, e decorreu em meio de mil e um incidentes, a 3.ª gestação de D. Margarida: não poude, durante os 9 mezes, alimentar-se, quási em absoluto, por suprema intolerância do seu estômago; daí a necessidade de alimentar e amparar as suas combalidas fôrças por meio de injecções diárias de bioplastina; o seu terceiro filhinho veio ao mundo robusto e pezado com 3 kilos, mais ou menos, e 100 gramas!

Pode dizer-se que foi sustentado em sua vida intra-uterina, no ventre de sua mãe, a ovos de Itália e que a própria mãe singrou, ainda por virtude das mesmas injecções, sempre atormentada por muitos repetidos tumores, que a não deixaram, mesmo no decurso de todo o mez após a «délivrance».

Amamentou o seu filhinho e bem amamentado, durante 5 mezes, período em

que, a bioplastina continuou a prestar-lhe valioso auxílio.

O desânimo, porém, era cada vez maior no tocante ao flagelo dos tumores que ela e, em verdade, eu víamos eternizar-se, sem mais esperança de cura.

Foi neste estado de coisas, nesta situação angustiosa, amarrada ao leito dias e semanas seguidas, que D. Margarida se lembrou de recorrer a Fátima, envôlta em uma incomensurável atmosfera de fé cristã.

Comunicou-me a sua disposição inabalável de em 13 de Outubro se lançar aos pés da Virgem do Rosário de Fátima, pedindo-lhe a cura de tanto sofrimento, para que aos seus filhinhos pudese dispensar o carinho e amparo de mãe.

O seu estado de saúde era, dias antes, verdadeiramente desastrado e eu, ao pôr-lhe minhas dúvidas quanto à possibilidade de fazer tão longa viagem, ouvi-lhe estas palavras de uma decisão terminante, firme: «ainda que tenha de ser levada na ambulância da Cruz Vermelha, hei de ir, porque tenho a certeza de que serão êstes os últimos tumores, se Nossa Senhora assim quizer, permitindo que eu chegue a Fátima; e se morrer na viagem, nem isso me demove; assim, é que não posso continuar a viver.»

Seria, creio eu, incompetência manifesta a daquele médico que, tendo assistido durante longos anos ao fracasso de tantas dedicadas tentativas, desprezasse esta disposição da doente; procurei aceitar e, mais do que isso, exaltar a esperança de D. Margarida na sua cura.

Foi de extrêma dedicação em tão dolorosa conjuntura seu marido, Ex.mo Snr. José Teixeira Lopes, acompanhando, da melhor vontade, a peregrinação a Fátima; iria a Lourdes, como iria a qualquer outra parte, em busca de saúde de sua esposa.

Eu mesmo me encarreguei de prevenir os dois automóveis que nos haviam de conduzir, e é com satisfação grande que eu afirmo ter sido um sacrifício agradável a despeza que fiz, contribuindo para tão útil resultado, e que, com minha família, poderia ter feito em qualquer banal passeata.

Por especial deferência para com a doente, e a instâncias repetidas de todos nós, fez-nos companhia a menina Maria Manuela Bouças, prestando serviços de que só ela era capaz, atentas as suas inexcedíveis qualidades de dedicação, desembaraço e bondade!

Por mim e por minha família, deixo aqui pùblicamente gravado o nosso agradecimento e creio interpretar a inteira vontade da miraculada e de seu marido, repetindo por êles, o mesmo público reconhecimento.

Porque no carro de Pereiró restava ainda um logar vago e porque o meu amigo Costa Sampaio havia mostrado muito interesse em ir a Fátima, também conosco, convidei-o com o devido assentimento da doente; é mais uma testemunha de vista de como D. Margarida partiu, de como veio e de como se encontra.

Milagre?!

A esta pergunta que tantas vezes tenho ouvido repetir-me, eu respondo: *sim, milagre, porque tal considero a cura verdadeiramente extraordinaria de D. Margarida Teixeira Lópes.*

Até ao momento da partida para Fátima já os leitores viram o sudario de sofrimentos desenrolados durante 8 anos.

Do leito, onde permanecia ha mais de 15 dias quasi seguidos, saiu a doente amparada por duas pessoas e entrou a custo no auto, em sua casa, acompanhando-a eu até á Villa de Louzada, onde minha familia nos esperava; era portadora, nesta data, de 5 tumores formados, dois em supuração aberta e tres ainda fechados mas cheios de pús; os dois primeiros eram situados, um junto do cotovêlo direito e outro proximo do joêlho esquerdo, obrigando este ultimo a uma posição curvada, nos poucos passos que a doente era obrigada a dar e ainda que cautelosamente amparada.

Os outros tres abcéssos fechados encontravam-se tomando toda a espadua direita, sua face posterior e encarregaram-se de, no decurso da viagem, mortificar D. Margarida com dôres, a todos os solavancos inevitaveis do carro; resignadamente, na sua fé vivissima, tudo suportou: «não se péscam trutas a bragas enxutas»...

Saimos de Louzada ás 6 horas da manhã do dia 12 e as 9 e pouco partimos de sua casa, em S. Mamède d'Infesta, onde o marido da doente nos aguardava.

Chegámos a Fátima pelo lusco-fusco da tarde e aquéla noite passou-a toda D. Margarida sentada no seu carro; não pôde ir á procissão das vélas, senão espiritualmente.

De manhã, transportada em máca pelos servitas, foi a doente receber a sagrada comunhão, voltando ao automóvel, depois desse acto que, se é possivel, ainda a fortaleceu mais na sua convicção de cura!

Depois de algum repouso e levissima refeição seguiu, sempre na maca, para apresentar-se ao digno corpo médico que, dirigido pelo Ex.mo Dr. Gens, a recebeu solicito e a examinou muito interessado deante de tão caprichosas manifestações, mórbidas! A historia passada dos seus sofrimentos, expósta ali sucintamente pela propria doente e o exame actual feito, deixaram no espirito dos ilustrados clinicos a admiração ante a excepcional doença e a duvida quanto ao seu diagnostico ou classificação, entre tantissimos males de que a póbre humanidade inférma!

Do melhor grado acedi ao empenho, manifestado pelo meu Ex.mo coléga Dr. Gens de o avistar para, sobre o curioso caso lhe dizer duas palavras.

No entretanto, seguíra Já D. Margarida para o local das suplicas, considerada como incuravel, pelos recursos da medicina.

Não vi mais D. Margarida senão quando, pelo braço de seu marido, se dirigia para o automóvel, radiante d'alegria e afirmando que Nossa Senhora a tinha ouvido nas suas orações; dispensou, por isso, o auxilio dos servitas, para de novo a tranſportarem: sentia-se já com algumas fôrças para publicamente patentear a graça recebida e que, a bréve trecho, se evidenciaria em completo milagre, pelo desaparecimento definitivo dos tumôres; tinha a certeza disso porque lh'o garantiu Nossa Senhora de Fátima.

Depois de, sempre confiada, assistir a todas as cerimonias religiosas, no local onde os servitas a colocaram, ao aproximar-se para lançar-lhe a benção o Rev.mo Bispo de Leiria, D. Margarida perdeu a noção de tudo, só vindo á realidade das coisas, já quando aquele prelado havia lançado a sua benção a mais alguns doentes, que a ela se seguiram na ordem de colocação; não soube, não viu coisa alguma do que, no entretanto, á volta se passou; sabe, apenas, que a Santissima Virgem lhe segredou a sua cura.

Ao despertar de tão rapido e delicioso sonho, reconheceu cahidos a gáze e o algodão que, devidamente, lhe protegiam o abcésso do braço direito.

Sobresaltada, imaginou-se conspurcada pela supuração e com a mão esquerda procurou aconchegar o tumor com os objectos cahidos; não foi preciso isso, porque o abcésso havia purgado tudo, estava sêco e o vestuario não havia mesmo sido atingido pelo pús!

Palpou ainda os pontos do corpo onde os nódulos, ameaçando, á partida para Fatima, dezenas de nóvos abscéssos, tinham desaparecido!

Reconheceu tambem que a sua péle, em vez de grosseiramente pregaminhada, nodulósa, dura, como era desde ha muito tempo, nas regiões invadidas, pelos tumôres, se apresentava quasi lisa e sensivelmente solta, flácida!

Sentia-os ainda os tres abcéssos da espadua direita e o da côxa esquerda em supuração decrescente e facilitando-lhe o movimento, mas que tinha isso? Dizia D. Margarida. Os fenómenos que por si sentiu ao ministrar-se-lhe a benção do Santissimo, eram para ela próva cabal, suficiente da sua cura definitiva: aqueles seriam os ultimos tumôres; tinha a certeza de que muito bréve estaria completamente sã.

Pedira mesmo a Nossa Senhora que lhe désse muito sofrimento ainda, se o julgasse do seu agrado e preciso para obter finalmente a almejada cura; iría, assim, afrontar a viagem de regrésso que, bem calculava, lhe ia custar muito, físicamente, mas que moralmente, coisa alguma lhe custaria.

Por volta das 4 1/2 horas puzémos-nos em marcha seguindo pela Batalha; uma estrada péssima até Leiria contribuiu para mortificar D. Margarida que, apesar disso, pelo braço de seu marido, visitou minuciosamente toda aquela Biblia evocadora de grandes feitos.

Pernoitamos, bem mal acomodados, em Pombal e daqui partimos pelas 9 1/2 da manhã do dia 14, seguindo pelo Porto e Famalicão até nossas casas, onde chegamos por volta da meia noite.

D. Margarida recolheu ao leito, naturalmente fatigada, mas alegre, viva, *curada dos seus tumores*, como não cessava de dizer ao pessoal de sua casa que anciosamente e... duvidoso a esperava; os 4 ou 5 primeiros dias foram tormentosos e tanto ou tão pouco que eu me convenci de que a fervorósa crente da Fátima não se levantaria mais! Delirou com elevada fébre; teve suores profusos em tanta abundancia que 10 e 12 vezes por dia foi preciso mudar-lhes as roupas; teve vómitos, que não pude vêr, mas que devem ter sido de sangue, e tão horrivel dôr lhe apareceu, de seguida, em todo o trajecto da garganta ao estômago e ainda n'este, que não lhe era possivel engulir nem mesmo pequenas colheres de leite!

Mediquei-a como julguei oportuno e ao fim de 5 dias as coisas começaram de entrar no melhor caminho: os ultimos 3 abcéssos da espádua estavam quasi cicatrizados e nem um só nódulo se desenhava, ameaçando qualquer novo tumor.

A doente alimentava-se, por imposição minha, só a leite e de dia para dia ganhava carnes e bóa disposição; a 11 de Novembro, quasi vendendo saúde, nutrida, radiante não era reconhecida, em Penafiel, por quem a havia transportado a Fátima no seu automovel!

Hoje, são passados 68 dias sem que a cura póssa ser desmentida pelo mais léve indicio e D. Margarida, com mais 10 kilos de pêzo, vem a pé todos os dias santificados à missa do Senhor dos Aflictos, em Louzada, a dois quilómetros da sua casa!

Julgo-me desobrigado, com estas linhas, das respostas que deveria dar a tantas perguntas que acêrca dêste caso me tem sido feitas e que todas se cifram no seguinte:

Efectivamente, os sofrimentos que mais atormentavam a D. Margarida de Pereiro curaram milagrosamente, por graça de Nossa Senhora de Fátima?

Sim, repetindo e terminando — deu-se uma cura miraculosa ou, então, estou para saber ainda o que seja um milagre.

A população destas redondezas está verdadeiramente maravilhada com tão extraordinário facto e o fervor por Nossa Senhora de Fátima tem crescido e crescerá, sem dúvida e com toda a razão, cada vez mais.

Joaquim Hermano Mendes de Carvalho

Dádiva singular...

Era a festa dos Reis — a última do ciclo Natalício — e por isso a igreja estava naquele dia mais cheia do que de costume.

Velhos que em dias mais inverniços temiam deixar pelo caminho o pouco calor de que ainda vivem; rapazes que, em dia de divertimento numa freguesia visinha, ali iam ouvir a Missa, crianças a quem a idade e por vezes a incúria dos pais de ordinário retinham em casa vinham-se, naquele dia, juntar à multidão dos fiéis mais assíduos e pôr assim o templo a regorgitar de gente.

O dia estava realmente lindo.

«Um dia de rosas» diziam os velhotes. Daqueles que semeiados pelo inverno fóra parecem destinados por Deus a aquecer-nos e às coisas que nos cercam como a lembrar-nos o plácido, creador e bemfazejo sol da primavera, do estio ou do outono.

Geara, mas de encontro aos raios de sol depressa êstes ficaram vencedores e a geada transformada assim numa subtil neblina parecia a princípio vingar-se dêles encobrindo-lhes a terra.

A' hora porém a que o sr. Prior chegou da capela aonde ia dizer a primeira Missa já tudo se tinha dissipado.

Frescalhote sim, lá isso é verdade, mas amorável e até mesmo tépido nas soalheiras mais abrigadas, aquele dia encantava pelo ar diáfano e puro, pelo céu de anil que graciosamente o vestia.

* * *

A assistência, o tempo e sobretudo a solenidade litúrgica do dia influiram poderosamente no ânimo do bom prior.

Ordinàriamente fleugmático na exposição da doutrina, naquele dia a sua palavra tinha não sei que encanto, que maviosidado desacostumada e arrastadora que prendeu a atenção de toda a gente.

Não sei que tem o nosso povo que, deante dos mistérios da vida de Nosso Senhor, quando se lhe explicam convenientemente, fica como ancioso e insatisfeito por mais que oiça dizer.

Cá a mim parece-me que é um real «sensus Christi» um instincto de Cristo que asim o torna sequioso da palavra divina quando ela é realmente *divina*.

Era zeloso o pároco daquela aldeia. Eu conheci-o desde criancita.

Mas, ou por influência de velha escola ou a exemplo de outros colegas, ou talvez por excesso de trabalho, deve-se dizer em abono da verdade que quási nunca preparava as homilías.

Prègava então banalidades?

De forma alguma. Mas a doutrina saía assim, à maneira da água pelas trovoadas. Ora lá vinha de enxurrada um grupo de ideias e conselhos aproveitáveis ora pisando e repisando, rechovia brandamente o que o auditório mal compreendera da primeira vez.

E o povo notava isto.

Mas naquele dia não foi assim. Preparou-se e a homília foi magistral.

* * *

E' o dia de Reis, a Epifania do Senhor.

Dia lindo em que na lapinha de Belem o presépio se transforma em trono, as palhas fazem de manto e os Magos de servidores.

Os pastores, fiéis Israelitas são substituídos pelos Gentios a quem o Senhor se manifesta.

Que encanto, que graça, que donairoso porte o daquele bemdito Meniuo!

Os Magos veem, com a homenagem do seu amor, trazer o contributo da sua riqueza, em reconhecimento de soberanía.

E àquele Menino entregam, depositando-lho aos pés, um rico presente de ouro como a rei, incenso como a Déus, mirra como a homem.

Parece-me ver o Menino Jesus, cuja graça ia interiormente movendo e iluminando as almas dos Magos, agradecer-lhe externa, sensivelmente, aquela prova palpável do amor dêles. Há-de-lhes ter dado um lindo sorriso ou ao menos terá posto no olhar um quê de sedutora e apaixonada gratidão que os transforma ali mesmo em apóstolos e missionários — os primeiros do seu Nome bemdito.

No dia de hoje pede-nos Jesus, pede-nos a gratidão que lhe ofertemos alguma coisa.

A Ele o Nosso amor, o nosso coração. Para os pobres gentios que aos milhões o desconhecem ainda, a nossa esmola generosa que faça progredir e aperfeiçoar as nossas missões.

Demos, pois, todos. Demos generosamente que o Senhor pagar-nos-há também em graças mil e em troca peçamos-lhe que se manifeste perfeitamente, abertamente na nossa alma.

* * *

Foram aqueles pouco mais ou menos os pensamentos que o snr. prior apresentou mas debaixo duma roupagem que condizia com as circunstâncias da festa — uma roupagem verdadeiramente oriental.

Foi tal o calor e o ardor da convicção com que êle falou, naquele dia, que os paroquianos quási o não reconheciam. Parecia outro...

O que faz um pouco de reflexão e de ordem naquilo que se vai dizer quando se lhe junta a graça e o auxílio do Senhor!...

* * *

A um lado, dominando de perto o presépio e o altar mór, estava um rapaz cujo aspecto indicava ser abastado.

Desde o princípio da Missa seguia o Missal dos Fiéis. O seu aprumo e rigor nas cerimónias eram notáveis.

Quando ao ofertório se lhe aproximou o saquinho, que pessoa piedosa confiadamente lhe abria deante, o rapaz levou a mão a um e outro bolso, correndo-os todos em vão.

— Desculpe... que não trouxe nada. Eu dou logo depois da Missa.

Aquilo deixou-o porém desconcertado. A prática do sr. prior abalara-o profundamente, sobretudo, ao falar dos sacrifícios e necessidades dos missionários.

Quiz continuar a seguir o missal mas foi-lhe impossível.

Fechou-o, recolheu-se profundamente e foi meditando no que ouvira.

Desde logo elevando-se a alma e o coração se lhe abriram numa oração.

Aquele Menino parecia crescer, crescer e falar-lhe no íntimo da alma...

E êle sequioso das Suas palavras: «Falai, Senhor, manifestai-Vos claramente a esta pobre alma, a este coração que por Vós palpita.

Se aos Magos o vosso olhar fez Apóstolos, que a mim a vossa graça me torne fervoroso e santo.»

E a figura do Menino parecia crescer

crescer e falar-lhe do intimo do coração...

E êle ardente de amór:

«Eu sinto oh bom Jesus que queres falar-me, que me falais já. Mas a Vossa voz chega confusa. Aclarai-a. Parece-me que quereis de mim alguma coisa... O que tenho é vosso.»

E a figura do Menino parecia crescer crescer. Era já um homem perfeito. E aproximando-se dele como que lhe falou dentro d'alma..

E êle anciso a ouvir.

As palavras eram assim:

«O que é teu de que me serve se a tudo eu tirei do nada, se de tudo sou Senhor?...

Uma coisa queria que é bem tua — a tua vida, o teu amor.

Dá-m'a. Vem e segue-me!

... ...

Tocara a terceira vez. Num acto de amor e de entrega o jovem como se nada fosse, humildemente:

Senhor eu não sou digno!...

... ...

A acção de graças foi longa e profunda. No fim pela igreja deserta avançou de passos trémulos em direcção á sacristia.

Estava no ultimo ano de engenharia, quasi a completar o curso, numa altura em que tudo sorria á volta dele, convidando-o a entrar na vida.

E é a Vida que o chama agora... Vai.

Comovido, deante do prior meio admirado, exclama:

— Senhor Prior venho trazer-lhe o meu óbolo para as Missões.

— Muito obrigado, senhor engenheiro.

— A voz de Deus fez-se ouvir dentro em mim, ecoando no som da de V. Rev.cia

O óbolo é pequeno, modesto, dum valor quasi nulo... Mas é tudo quanto posso dar...

... Sou eu mesmo!

Um silencio rápido mas sinificativo seguiu estas palavras do jovem engenheiro.

Convenceu-se da realidade o prior, de lágrimas nos olhos, abraçou comovidamente, afectuosamente o futuro levita do Senhor.

Passou-se quási um mez a estudar e a decidir junto da família o que interiormente já ficara resolvido. E no dia 2 de Fevereiro seguinte, quando a Igreja comemora a apresentação do Menino Jesus no Templo, batia o nosso engenheiro a porta da casa duma congregação religiosa missionária onde anos depois celebrava a sua primeira Missa.

O bom prior gostava de contar esta história muitas vezes e exclamava sempre como naquele bemdito dia de Reis: «Que dádiva singular!»

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	132.953$93
Papel, composição e impressão do n.º 75 (51.000 exemplares)	3.204$25
Sêlos, embalagens, transportes, gravuras e outras despesas	542$80
	136.700$98

Subscrição

(Janeiro de 1928)

Enviaram dez escudos: Maria Carlota do Prado Fazendeiro, Josefa Candida Alves, P.e José Augusto Rosario Dias (20$00), Condessa de Saphira, Lia de Macedo, Rita Maria Teixeira, P.e Antonio Rodrigues Pereira, José Fernandes de Oliveira Mendes, Carolina da Silva, C. L. Mendes Mimoso, Estefania Maria da Silva C. Lacerda Mendes, Maria da Gloria Miranda, Maria Candida M. da Silva Sotto Mayor, Maria Beatriz Miranda da Silva, Marguerite Lequin, Antonio Dias Falagueiro (20$00), Maria Alves Antunes, Laura Barbosa, Maria Marques de Souza, Capitolina Pimenta, Henriqueta Meireles, Emilia Maria dos Santos Costa, Isaura Santos, Julia de Serpa, Adelaide Braamcamp Melo Breiner, Eduardo Camara Carvalho e Silva (20$00), Gertrudes Maria Fernandes, Isabel Virginia Ribeiro da Costa (13$00), Rita do Sacramento Mouzaco Alçada (20$00), Custodio José Lopes, Ema Nunes Santos, Rosaria Morgado, José Augusto Alves, Dulce Martins de Azevedo, Acacio Henriques Vieira, Manuel José Pereira (23$00), Francisco Ribeiro (62$00), José Rodrigues Pascoal (20$00), Amelia Ribeiro Mazzei (20$00), Manuel Domingos (20$00), Maria Augusta Vigario (20$00), Manuel Martinho (40$00), Antonio Martinho (23$00), Manuel Rodrigues Piedade (20$00), José Silva (20$00), Carlos P. Costa (15$00), Manuel Pereira Costa (15$00), Carlota Martinho Machado (15$00), Conde de Campo Belo, Maria Rosa de Paiva Guimarães, Maria Carvalhinha, Maria Almeida (20$00), Maria da Graça da Camara, Clotilde de Oliveira e Souza, Antonio Lopes de Oliveira, Maria José Fragoso, P.e Carlos de Sá Fragoso, Jacinto Correia (15$00), Joaquim Monteiro Grilo, Adozinda Neves (15$00), Maria Genoveva Polvora (15$00), Clotilde Laberco, Snr. Baldrez, Ana Floriano, Augusto da Costa Macedo, Rosa Pais Vieira, Joaquim Maria Soeiro de Brito, Lucinda Magriço Coutinho Martins, Maria Ana Nogueira Martins, Delmira Pais, Isaura de Oliveira Fragoso (20$00), Francisco Martins Ruivo, Olinda Eugenia Victoria Gonçalves, Emilia Augusta da Silva, Ester Le Retord Guimarães, Miguel Pinto, Albina de Jesus dos Santos, P.e Marceliano Natario, Dr. Armando de Almeida Ferrão Castel Branco Prisco, P.e Ismael Augusto Guedes (20$00), Maria da Gloria de Sousa, Maria da Graça Machado Sarmento, Maria Joaquina Tavares de Proença Almeida Garrett, Maria Natividade Rendeiro, Serafim Pinto de Almeida, Maria da Piedade Santos, Laurentina da Silva Miranda, Ana Maria Dias de Sá Pereira (13$00), Julio Gonçalves Ramos (12$00), Jesuina da Gloria Seixas, Carolina de Jesus, João Severino Gago da Camara, (12$00), P.e José da Cunha Gonçalves, Maria do Socorro Paiva, Maria da Conceição Santos, Joaquina Tinoco, Luiza de Jesus Manço, Emerenciana Galvão, Alice Sampaio Ribeiro, Mariana Pires, Margarida da Silva Pereira, Manuel Marques Morgado, Hortensia Melo Lemos e Menezes (15$00), Herminia Nunes de Carvalho, Porfirio E. da Silva (15$00), Maria do Rosario Ferreira e Izabel dos Santos Gomes, Carolina Cardoso, Domingos Fernandes, Julia Marques, Maria da Visitação Alves Nunes (12$50), Antonio Garcia Quinteiro, Manuel Funtão, Ana Garcia Romano, Manuel Garcia Quinteiro, João Luiz Andrade, Amelia Figueira da Silva, Julio Faustino, Gertrudes da Silva Nunes, Maria José Jorge, Joaquina Miranda, Maria Amelia Franco Cunha Matos, Maria do Carmo da Cunha Lemos e Matos, Carlos Nela de Oliveira Barbosa (26$00), Albertina Queiroz de Lima, João Nunes de Serra e Moura, Agostinho Rodrigues da Bela, Pedro Garcia Rodrigues, Francisco Alberto da Silva.

De jornais: Ana Maria dos Santos Silva, 16$50; Hortensia de Melo, 15$00; P.e Abilio da Costa Reis Lima, 60$00; Clotilde de Jesus Barcelos, 30$00; João Coelho dos Reis, 50$00; P.e Tomaz de A. Silvares, 70$00; Carmen de Almeida, 255$20; P.e Augusto Durão Alves, 50$00; P.e Carlos Nunes, 100$00; P.e Adriano Pacheco, 50$00; Alcino de Souza, 45$00.

UMA VELHA-APOSTOLA

A tia Ana Maria

Foi n'outro dia na Fátima que conheci aquela boa mulher.

Acabara de celebrar na Capelinha das aparições e depois de dar graças, ao sair, dou-me de cara com uma mulherzinha que me queria falar.

— Então que me deseja?

— Eu? Não me conhece?

— Não, senhora. Francamente agora não me recordo.

— Pois eu queria só mandar-lhe saudades para o «Secretário de Nossa Senhora da Fátima. Ele conhece-me bem. Manda-me sempre para lá muitos jornais para eu distribuir na minha freguesia e nas visinhas.»

— E vocemecê distribue-os?

— Ah! não me fica um em casa. Mal os recebo, vou logo pelo lugar fóra e levo-os àqueles que mais os estimam e mais precisam dêles.

— E êles lêem-nos?

— Lêem, sim senhor. Lêem-nos de ponta a ponta.

Olhe! A gente está muito mal de padres.

A minha freguesia tem prior mas já é velhito e não pode coitadinho! Mas as outras em volta ainda estão peior, nem velhinho o têm. Só quando o nosso por lá vai é que têm Missa ou comunhão.

— Coitados! Estão malzito, estão...

— Vocemecês aqui estão no céu.

Olhe, eu é que tenho de fazer de padre.

— O quê? Vocemecê fazer de padre? Então vai-se pôr a dizer Missa e a confessar?

— Não senhor. Mas os senhores padres também não fazem só isso, pois não?

— Lá isso não.

— Pois eu faço de padre noutras coisas.

Olhe que eu bem sei o que posso fazer!

E então, como tenho alguma coisinha para comer, vou de vez em quando por aqueles lugares fora, reúno aquela gente e ensino-os a rezar e faço-os rezar comigo.

— Isso aí a meia dúzia de mulheres...

— Está enganado. Vai muita gente, mulheres e homens também e estão com respeito e fazem aquilo que eu digo.

Sim, que eu às vezes também prego. Aqui nisto é que eu não sei se faço bem ou mal, mas eu faço por bem e Nosso Senhor fica contente porque eu só lhes digo coisas boas: que é necessário que êles sejam bons, resarem, confessarem-se, irem à Missa e por aí adiante.

— E faz isso muitas vezes?

— Muitas, muitas não, mas vou quási todos os dias, ora a um lugar, ora a outro.

— E vocemecê donde vem?

— Do Ribatejo.

— E' de Santarem?

— Mais abaixo, mas... eu não digo donde sou. Diga só lá ao tal snr. Padre (esquece-me o nome) que a Ana Maria lhe manda muitas saudades, sim?

— Esteja descançada.

Mas já agora sempre gostava de saber o que é que vocemecê para aqui vem fazer, desculpe.

Assim deixa os seus «fregueses»? E tendo uma «freguesia» tão grande...

— Eu não os abandono. Venho trabalhar por êles e para êles.

— Como?

— Ora essa... Venho resar por êles para que Nosso Senhor os converta.

E a alguns já os tem convertido.

— Mas então vem de propósito à Fátima resar pela sua gente?

— Eu a dizer a verdade não venho cá só por isso. Venho por causa do dia 13.

— E vem tão cedo? Estamos a 10!...

— Há quatro anos que aqui não falto um só dia 13.

— Mas porque não vem no dia, ou então na véspera?...

— E' que eu venho sempre a pé. Parto de lá uns 4 ou 5 dias antes, venho com o meu vagar e passo aqui algum tempo muito socegada.

Depois retiro-me também a pé.

Assim vou quando quero e por onde quero.

— Tem razão. Mas como é que vocemecê aguenta com a viagem?

— Como aguento? Olhe, senhor padre! Quando a gente vem para cá, com a vontade de cá chegar, nem se sente o cansaço; quando se torna, vai a gente tão satisfeita, tão consolada por ver aqui tanta fé que só se quere apanhar lá para ver se aquilo aquece um pouco.

E assim nunca a gente se cansa.

Eu nunca aqui falto por que eu também preciso de meter carvão na máquina e isto aqui enche-me a alma.

Eu é que já estou velha... começo a ficar trôpega.

Mas se eu tivesse menos os meus vinte anos, afianço-lhe que Nossa Senhora da Fátima havia de converter aquela gente toda. Eu não os deixava e mandava-lhes a «Voz da Fátima», e êles haviam de vir.

Assim... pouco já posso fazer. Daqui a nada tenho de marchar. Mas espero que Nossa Senhora me há-de salvar.

Rese pela gente.

— Pois sim; um pelo outro.

E separámo-nos.

* * *

A alma é tudo.

Quando arde comunica o fogo.

E a daquela mulher — a tia Ana Maria — estava bem acesa como no meio das rugas acumuladas no rosto pelos seus cincoenta e tal invernos lhe brilhavam duma luz intensa os olhos vivos, serenos e bons.

Com que ardor ela falava!

Com que convicção íntima e sentida!

Agora compreendia eu como aqueles trabalhadores dos casais Ribatejanos e dos montes da orla Alemtejana em frente à terra dela a cercavam respeitosos e a ouviam seguindo os seus conselhos e pondo em prática as suas instruções.

Se pódia falar!?...

Almas daquelas atraem, arrastam, empolgam.

Não há resistir-lhes.

Ela era no meio daquela gente quási abandonada pela falta de clero uma verdadeira Apóstola.

* * *

Ao afastar-me dela ficava-me para sempre gravada na memória a figura dela.

O corpo, o rosto, o aspecto — era o duma velha vulgar — tipo de mulher gasta pelos anos e pelos trabalhos, baixa, tez tisnada pelo sol.

Mas ela não era isso.

Isso era a máscara, que a verdadeira Ana Maria, a inesquecível e dedicadíssima Ana Maria — essa só se dava a conhecer quando a alma lhe encendia o rosto e lho transfigurava.

E' que então eu vi claramente o que é e o que vale uma alma — mesmo da mais humilde velhinha da minha aldeia — quando essa alma se deixa enamorar de Jesus a ponto de poder com verdade dizer com o Apóstolo: «Já não vivo! Mas é Jesus Cristo que vive em mim!»

* * *

Almas assim renovam o mundo.

Mas se cada um de nós no nosso meio à volta de nós fizesse um pouco de apostolado sobretudo onde o sacerdote não pode entrar, como tudo mudaria!

Se no íntimo do lar a esposa cristã soubesse fazer valer as ternuras do seu afecto e os extremos da sua dedicação e amor aprendidos no exemplo de Jesus Crucificado e na comunhão da Sua Carne Imaculada, para conquistar pouco a pouco depois do coração a alma do marído e a entregar ao Senhor, ah! como nós veríamos aumentar o número de homens junto da Mesa Eucarística!

E como as famílias se tornariam outra vez êsses ninhos de encanto e de alegria sã no Senhor!...

E como os filhos — gentis rebentos de tal amor — seriam uma esperança para a família, para a Igreja e para a Sociedade.

Se cada mulher cristã desde o mais fino e mais nobre salão ao mais humilde tugúrio perdido nas dobras dos montes — senhoras, empregadas, artistas, operárias, filhas de família, creadas — soubesse imitar esta pobre mulher que tanto me edificou com a oração, com o exemplo, com o conselho, ocupar-se um pouco da salvação dos que as rodeiam, ah! então reinaria em breve Jesus Cristo nas almas de todos os Portugueses.

Oremos, sacrifiquemo-nos, trabalhemos todos que a seara é grande!

Esmolas obtidas em várias igrejas quando da distribuição de «VOZ DA FÁTIMA»

Na Igreja do S.S. Coração de Jesus, em Lisboa, por mão da Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, em Novembro de 1928	30$03
Na Igreja de S. Mamede, em Lisbôa, por mão da Ex.ma Snr.ª D. Noémia Rôlo, em Outubro e Novembro de 1928	15$00
Na Igreja de S. Tiago de Cezimbra por mão da Snr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, no mez de Setembro de 1928	28$00

Amôr à Santa Eucaristia

Muitas vezes, durante a Missa, Santa Catarina de Genova, era arrebatada em extase e voltando a si pela Santa Comunhão, exclamava: «Ah! Senhor eu creio que se estivesse morta, resuscitaria para vos receber e se me apresentassem uma hostia não consagrada eu a distinguiria como se distingue a agua do vinho.»

Os sacerdotes eram para ela (assim o repetia muitas vezes depois da sua conversão) objecto duma santa inveja. Invejava-lhes a felicidade de comungarem quando quizessem e sem que ninguem nisso reparasse, a de poderem tocar com suas mãos no Santissimo Sacramento e sobretudo a de celebrarem tres Missas no dia de Natal.

Ano VII Leiria, 13 de Fevereiro de 1929 N.º 77

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: -- *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA DE FÁTIMA

As comemorações religiosas do dia 13

A-pesar das intempéries da quadra invernosa, o dia treze de Janeiro foi êste ano assinalado por uma concorrência de fiéis sobremaneira extraordinária. Contribuiu sem dúvida para tal facto a circunstância, aliás bem rara, de ocorrer essa data num Domingo. O tempo esteve sempre agreste e frio, o céu coberto de nuvens duma côr plúmbea, e um nevoeiro denso e humido envolvia tôdas as coisas, não deixando por vezes distinguir os objectos, nem sequer a pequena distância.

Mas, no planalto sagrado de Fátima, durante a maior parte do dia, o sol incessantemente iluminou com a sua pouca luz e aqueceu com os seus tépidos raios o ambiente sobrenatural do logar das Aparições. A's onze horas, a multidão que se aglomerava junto dos santuários, no intuito de cumprir o preceito da audição da missa, é já considerável. No pavilhão dos doentes, só metade das bancadas do lado da epístola estão ocupadas. Os que se tinham apresentado no posto das verificações médicas e inscrito nos respectivos registos procediam, na sua grande maioria de Leiria, Torres Vedras, Ourêm, Figueiró dos Vinhos, Valado, Belmonte e Santa Catarina da Serra e sofriam de paralisia, artróte do joelho, úlceras varicosas, reumatismo, tuberculose, ascite, anquilose, epilepsia, varises e outras doenças.

Realizaram-se, na forma do costume, mas sem o esplendor e a magnificência dos grandes dias de Estio, as duas procissões com a veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Depois da missa dos doentes, prégou sôbre a devoção à Virgem do Rosário, estrêla mística simbolizada pela estrêla que apareceu no Oriente aos Santos Reis Magos por ocasião do Nascimento do Salvador do mundo, o rev.do Augusto de Sousa Maia, professor de sciências eclesiásticas no seminário diocesano e secretário particular de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria.

A benção dos doentes, seguida da bênção geral com o Santissimo Sacramento e da procissão, fechou a série dos actos de piedade colectivos destinados a comemorar o dia treze.

Fátima e o Sumo Pontífice

Como uma pena mais autorizada e mais competente refere noutro logar do nosso jornal, dando a êsse facto o merecido relêvo, o glorioso Pontífice felizmente reinante, Sua Santidade o Papa Pio XI, recebendo no dia nove do mês de Janeiro próximo findo, em audiência particular, os superiores e alunos do benemérito Colégio Português em Roma, dignou-se presenteá-los com lindas estampas de Nossa Senhora de Fátima.

O grande e excelente diário católico de Lisboa «Novidades», no seu número de vinte de Janeiro, inseria uma carta de Itália, subordinada à epigrafe «Fátima em Roma» e tendo por sub-titulo «uma oferta ao Papa», em que se narrava esse gesto do Supremo Hierarca da Igreja, que, seja qual fôr o seu significado, tem, em relação aos acontecimentos maravilhosos da Lourdes Portuguêsa o mérito de conter em bora altamente significativo, o Sumo Pontífice não pretendeu emitir o seu juizo definitivo ácerca da natureza dêsses acontecimentos, mas também não sofre dúvida que ninguem poderá recusar-se a vêr

Sua Santidade o Papa Pio XI

Em audiência concedida aos alunos do Colégio Português, em Roma, a 9 de Janeiro p.p., o Santo Padre ofereceu a cada um duas estampas de Nossa Senhora de Fátima — uma para êles e outra para suas familias — com a recomendação de orarem pelo Papa.

Passando ontem o aniversário da Coroação do S. Pontifice, a «VOZ DA FATIMA» apresenta as suas homenagens respeitosas e filiais ao augusto Vigário de Cristo na terra e pede aos seus leitores e devotos as suas orações por S. Santidade o Papa Pio XI.

respeito os adversários leais e de impôr ao menos um silêncio deferente e obsequioso aos poucos e cada vez mais raros contraditores no campo católico.

E' certo que, com êsse acto singelo, emnesse acto a manifestação duma simpatia do Chefe Visível da Igreja pela «Pérola de Portugal», como ainda ha pouco chamava à Fátima a revista espandola «Sal terræ», uma das mais acreditadas do país visinho.

E tanto se impõe essa atitude do Papa, de modo nenhum banal e insignificante, que um ilustre Prelado, de grande autoridade pela sua virtude e saber, não hesitou em classificar tal facto, que ficará arquivado em letras de ouro nos anais de Fátima, como uma verdadeira «aprovação implícita».

Daqui, deste cantinho da «Voz de Fátima», o humilde pregoeiro das glórias de Maria Santíssima, Padroeira de Portugal, no seu santuário nacional, congratulamo-nos efusivamente com os piedosos alunos do Colégio Português, tão devotos da augusta Mãe de Deus, na certeza de que, agora na Itália e mais tarde na nossa Pátria serão sempre apóstolos zelosos e intemeratos da devoção à misteriosa Senhora Aparecida.

Nossa Senhora de Fátima em França

Duma carta do rev.do Fr. Gonçalo Maria Tavares, distinto filho da ordem de S. Domingos e grande apóstolo da devoção de Nossa Senhora de Fátima na nação cristianissima, reproduzimos, com a devida vénia, os seguintes períodos, cuja leitura há-de por certo inundar de viva alegria tôdas as almas devotas da Mãe do Céu:

«Não me foi possível por causa dos meus trabalhos escolares, redigir o artigo que devia sair em Janeiro. Nada, porém, perdeu com isso a causa da Santíssima Virgem. Vai vêr de que maneira. Prevendo já o interêsse, que a breve notícia publicada na «Révue du Rosaire», despertaria por tôda a França, o nosso querido Director mandou fazer, além da tiragem ordinaria, uma tiragem suplementar de mil exemplares. Os pedidos de novas assinaturas afluíram uns após outros, e eis que o numero de Outubro se acha já exgotado!

Que fazer, pois os pedidos não cessam de ser feitos? Reeditar a notícia. E quando? Ao menos no mês, em que são feitas as novas inscrições. Ora êste mês é o de Abril. Então, se Deus quizer, terei á minha disposição dez páginas de texto para refundir o primeiro artigo e falar dos ditosos Videntes. Para isso uma coisa nos falta ainda: é o retrato de Lucia de Jesus, já religiosa. Por necessidade, peço-lho encarecidamente.

Ha dias enviámos-lhe dois exemplares do numero de Dezembro, para que v. possa, pela descrição que dela é feita, julgar da importancia da grande Peregrinação do Rosário a Lourdes, onde foram celebradas pela primeira vez as inapagáveis glórias de Fátima. Prometemos-lhe igualmente o número de Abril que se apresentará com novo aspecto e melhor trajo.

E ainda não é tudo. Com a «Révue du Rosaire» publicamos também o «Bulletin du Rosaire Perpétuel», cuja tiragem mensal se eleva a cento e setenta e cinco mil exemplares. Pois bem! O nosso Boletim fez-se também o pregoeiro de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. No curto espaço, de que pode dispôr, êle a tornará conhecida a seu modo».

Nossa Senhora de Fátima na Bélgica

Dum jovem filho da benemérita Companhia de Jesus, todo abrazado no zelo do culto de Nossa Senhora de Fátima, mas cujo nome não estamos autorizados a revelar, transcrevemos o trecho que segue e que é sobremodo consolador:

«Vou escrever um longo artigo sôbre Fátima no meu inglês *aportuguesado* que farei traduzir para inglês *inglesado*. Também o passarei para francês. Já ha quem espere para o traduzir em alemão, tcheco e húngaro. Estou certo que dois companheiros do ano passado, um polaco e o outro holandês, o quererão traduzir também nas suas línguas, logo que tenham conhecimento dêle. Mas o essencial é que a minha edição sáia bem e interessante. Com os sublinhados de v. no «Manual do Peregrino de Fátima» e os «interrogatórios» às crianças estou que se pode dar interêsse. E depois são factos que se impõem.

Aos franceses pouco falo destas cousas; faço-o sobretudo com os estranjeiros. A's vezes ficam perplexos, v. g. porque também ha anos houve na Hungria peregrinações a uma Senhora que aparecera não sei onde, peregrinações que por fim acabaram, segundo parece. Mas, no nosso caso, quando êles vêem a letra redonda as fotografias e radiografias e as assinaturas do Senhor Bispo de Leiria, logo acatam respeitosos.

Com êstes elementos mais crescerá a ansiedade de saber o que ha objectivamente. E aquelas curas do número da «Voz da Fátima» de Novembro?

Crianças cegas de nascença e aquela pobre mulher tida por morta? Estou ansioso por vêr a confirmação destas curas, porque não pode deixar de dar para o capítulo dos milagres.»

Uma apóstola de Fátima

Reproduzimos a seguir alguns períodos duma carta edificante escrita por uma distinta e piedosa senhora da arquidiocese de Braga no regresso duma sua viagem à capital: «Poço orações por um tuberculoso com quem fiz a minha viagem até Nine, mas, coitado, talvez mais doente da alma do que do corpo,—um descrente. Contou-me a sua história e que pena me fez quando me disse, depois de me ter descrito tôda a sua doença, o número de médicos que tinha consultado, etc., e eu lhe preguntei se tinha ouvido falar em Nossa Senhora de Fátima: «*Eu não tenho Fé*». Pobresinho! Contei-lhe muitos milagres de Fátima, pedi-lhe que todos os dias rezasse três Avé Marias, implorando o dom da Fé. Prometi mandar-lhe água de Nossa Senhora de Fátima e já lh'a mandei juntamente com uma medalhinha e a oração que a Santíssima Virgem ensinou aos pastorinhos «O' meu Jesus, perdoai-nos, etc». Ele prometeu fazer uma novena e eu prometi pedir a tôdas as pessoas da minha amizade que implorassem da Virgem Nossa Senhora a sua cura.

Que as almas piedosas supliquem fervorosamente a conversão desse infeliz e, se se alcançasse a graça seria mais um milagre a registar na «Voz da Fátima» para maior honra e glória da nossa Santíssima Mãe do Céu.

Fátima, a pérola de Portugal

Fátima, a minúscula e singela aldeia alcandorada num dos contrafortes da serra de Aire, era ainda hontem a mais ignorada das aldeias de Portugal e o seu nome bendito ecôa hoje nos diversos recantos do mundo inteiro, impondo-se a todos como uma esperança fagueira e uma encantadora promessa.

Por tôda a parte, no velho e no novo mundo, nas nações cultas da Europa e da América e até nos sertões adentro da Africa e nas ilhas perdidas na imensidade do Oceano, as multidões voltam-se ansiosas para a terra das aparições e dos prodígios, para a Lourdes portuguesa.

E a Gloriosa Rainha do Céu, que escolhe como lhe apraz os tronos do seu amor e da sua misericórdia, parece comprazer-se em derramar graças e bênçãos preciosíssimas sôbre os seus filhos queridos, que pertencem a diversas nacionalidades e a invocam com confiança e amor. Fátima, a Jerusalem do Ocidente, é d'oravante, mais que nunca, o pólo magnético das almas e o centro de atracção dos corações, no universo inteiro. Esa terra, tão pobre e ha pouco tão desconhecida, pode com razão ser chamada a Cidade do Rosário, como Lourdes é chamada a cidade da Imaculada, e é verdadeiramente e será para sempre a «Perola de Portugal».

Visconde de Montelo

As Curas de "Fátima,,

Paralisia

Isilda do Carmo Silva, de Alcácer do Sal, informa:

«A signatária da presente carta vem perante V. Ex.ª, para que se digne tornar público, por intermédio do muito lido e apreciado porta-voz da cristandade portuguesa, o facto deveras miraculoso obtido em 13 de Junho de 1928, ao tomar a comunhão e muito especialmente a quando da benção do S. Sacramento no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, por ocasião da peregrinação efectuada. E o facto resume-se no seguinte:

Desde 19 de Março de 1924 que vinha sofrendo horrívelmente da mão e braço esquerdo, que se encontrava completamente aleijado, paralisado.

Recorri bastas vezes á acção da sciência, estando por duas vezes internada no hospital de Santa Marta, da cidade de Lisboa, sem que melhoras, poucas que fossem, conseguisse obter. Sofri, como digo, horrorosamente e, de tal, ha conhecimento de todo o público desta vila que teve ocasião de verificar a minha desgraça.

Mas, não desesperando, animava-me a Fé numa cura, e daí os rogos e preces que fiz á Virgem Nossa Senhora do Rosário de Fátima, preces que, por sinceras, foram ouvidas e me deram coragem á visita

ISILDA DO CARMO SILVA,
de Alcacer do Sal

que fiz á Mãe Santíssima no aludido dia 13 de Junho de 1928.

Como refiro, depois de comungar senti melhorar sensívelmente, e a quando da benção solene do S. Sacramento já mechia e sentia bem mão e braço até então paralisados.

E porque tal milagre se operou de molde a hoje gosar de perfeita saude e sem defeito, por esta forma e mais uma vez dou louvores á Virgem Nossa Senhora de Fátima.

Que todos atentem neste facto que é do conhecimento geral da população alcacerense!»

Hernia

José Pedroso de Sousa, de Vale do Frade, fregesia da Barosa (Leiria), escreve o seguinte:

«Como considero um milagre feito por Nossa Senhora do Rosário da Fátima, a cura de meu filho José, de idade de dois anos, peço a V.... se digne publicar, se achar conveniente, o seguinte caso:

Meu filho era quebrado desde pequenino, e de cada vez a padecer mais. Era horrível vê-lo sofrer tanta dor, que metia dó. No dia 13 de Setembro de 1928 indo eu e minha mulher com êle a Fátima, nesse mesmo dia, pedimos com tanta fé, que Nossa Senhora do Rosário de Fátima o curou completamente. Desde esse dia, nunca mais o meu filho padeceu.

Assim como também venho agradecer a cura da minha perna esquerda onde durante dois anos sofria duma infecção terrível que me não deixava governar a vida. Graças a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, fazendo a lavagem com a água miraculosa e uma novena, melhorei por completo.

Muito tenho a agradecer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima tão grandes benefícios.

Valo do Frado, 8 de dezembro de 1928»

Furúnculos e infecção nos rins.

«Cheia de reconhecimento para com a minha Querida Mãe do Céo, não posso por mais tempo ocultar tantas graças e benefícios que a Virgem SS. de Fátima me tem concedido! Vou narrar algumas dessas graças (pois todas, seria impossível!) para maior fervor e confiança dos fiéis e muita honra e glória a Maria Santíssima. Durante três anos sofri horrívelmente de furunculose, chegando a contar oitenta furunculos. Já desanimada, porque tendo recorrido durante muito tempo á medicina, não tinha termo tão grande mal, um dia cheia de confiança, disse, voltada para uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, que, se a minha Mãe SS.ma me melhorasse, eu voltaria a Fátima... O' prodígio! imediatamente fiquei curada, não tornando a sofrer de tão grande mal.

Devido a uma forte gripe que me atacou a laringe, estive sem voz durante nove mezes. Recorri á medicina, a especialistas, mas sem resultado, recorri de novo á protecção de Nossa Senhora de Fátima e a voz voltou logo, sentindo-me completamente bem.

Outra vez sentindo-me muito doente da vista que durante três dias e três noites não pude socegar, as dores que me causava á cabeça eram terríveis, recorri com muita confiança a Nossa Senhora de Fátima, pedindo-Lhe me valesse e me livrasse de tão grande mal. Imediatamente me senti bem, o que me causou uma tal comoção, que não pude deixar de exclamar em gritos, mesmo sem querer: «estou curada, estou curada» e todos em casa ficaram impressionados com êste facto.

A ultima graça que recebi foi a cura dum afilhado, creança de cinco anos e meio, atacado duma infecção nos rins. Esteve muito mal e até o próprio médico deu cuidado. Muito aflita, recorri a Nossa Senhora de Fátima por meio duma novena e bebendo a creança a água de Fátima, ele próprio pedia a água quando se sentia mais mal. Nossa Senhora atendeu tantas suplicas e no fim da novena o menino estava livre de perigo, e para maior declaração do miagre, teve ordem do médico para se levantar a primeira vez, no *dia 13* desse mês, sem ninguém pensar ou se lembrar que data era essa! Esta graça foi concedida em outubro ultimo, e prometi a Nossa Senhora ser assinante da «Voz de Fátima» o que já fiz, testemunhando a minha eterna gratidão para com Nossa Senhora de Fátima.

Elisa do Resgate Ferreira

Belas, 11 de Janeiro de 1929.

— A Ex.ma Sr.ª D. Elisa do Resgate Ferreira é pessoa piedosa e digna de crédito, e por isso creio verdadeiro tudo o que narra nesta sua carta.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1929

P.e Antonio Rodrigues Soares»

Prova de gratidão

«A' minha Mãe misericordiosíssima quero erguer a minha voz humilde, bem alto, para proclamar a infinita misericórdia, bondade e amor de nossa Mãe querida N. S.ª do Rosário de Fátima, para com os seus desgraçados filhos; para que todos que tenham aflições, recorram a Ela cheios de confiança, porque Ela ouve-nos apesar da nossa indignidade.

Tive uma grande aflição no dia 13 de Fevereiro de 1928. Recorri cheia de esperança a minha Mãe, pedindo-Lhe que me acudisse.

Resei o terço e durante a recitação dele por três vezes, senti como que um bálsamo percorrer-me toda, e presentia o sorriso da Virgem, adejando sobre mim! Sentia uma alegria tão intima, que não sei explicar!

Fiz as minhas promessas, e entre elas publicar a graça recebida no dia 13 de Fevereiro de 1928, para que todos os que lessem estas simples frases, mas eternas de gratidão á minha SS. Mãe, a Ela recorram sempre em identicas circunstancias.

A mais indigna das suas filhas»

A verdadeira razão e a verdadeira sabedoria é o saber moderar-se.

Bossuet

LIÇÃO OPORTUNA

Quem visitar o Museu da Catedral de Segóvia, encontra entre os vários quadros ali existentes, um bastante impressionante pela inevitável meditação que o assunto oferece. Naquela téla poz o autor toda a realidade da vdia, realidade que todos conhecem, mas que ali é apresentada duma maneira esmagadora.

A um cadáver que a putrefação começou a decompôr, saem de todos os lados bichos enormes roendo por toda a parte a carne enegrecida e ainda envolta em restos de ricas roupagens.

E' o aspecto repelente e nauseabundo, dum corpo que volveu à terra.

Ao lado, estão depostas... abandonadas... riquezas e honrarias... ouro... um scétro e outras glórias do mundo.

E uma frase que todos conhecem, mas que poucos aplicam, aflora aos lábios como que explicando o pensamento que o autor ali concretisou. De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro... se deixa tudo à beira do tumulo?

Este quadro lembra outro não menos interessante pois que esse é vivido...

E' na Bélgica, numa abadia em Louvain.

Quem nela entra, depára com uma coisa que fácilmente poderá passar despercebida, mas que uma vez notada é motivo de profundas reflexões.

Na capela-mór da igreja conventual, ergue-se do lado da Epistola a cadeira do Padre Abade. E do lado do Evangelho, em frente desta cadeira, ha um monumento em forma de tumulo donde pende uma placa de mármore, onde se vêem gravados os nomes de todos os abades havidos naquela abadia.

Cada nome é seguido das datas principais da sua vida desde o nascimento até à morte.

A ultima linha escrita está incompleta.

E' que se lê nela o nome do abade existente seguido tambem dalgumas datas, mas, deixando ainda em branco e seguida de três pontinhos a palavra com que todas findam: morreu...

E aquele padre, sentado na sua cadeira, tem continuamente deante dos olhos aquela frase que lhe lembra o dia em que a sua passagem desta vida para a outra a irá terminar, juntamente com a pedra que ha-de rolar sobre o seu túmulo.

Que meditações salutares aquela placa, lhe não sugerirá... Porque se eleva acima dos outros pela dignidade de que está investido, mais lembrado lhe é, que ha-de voltar ao pó da terra.

E' o pensamento da morte, princípio da vida eterna, orientando toda a sua existencia.

E' a luz da verdade iluminando toda a sua vida.

Ah! se todos nos compenetrássemos bem da ideia de que um dia havêmos de deixar tudo o que é do mundo, como a orientação da nossa vida seria outra!

Como nos despiriamos de tudo o que é vaidade, orgulho e amor próprio para só nos revestirmos daqueles sentimentos elevados que são o apanagio das almas nobres!

Como procurariamos arranjar com mais ardor, tesouros sim, mas tesouros daqueles que longe de ficarem à beira do tumulo, acompanham a alma nas regiões eternas e são o penhor da bemaventurança!

Pensemos na brevidade da vida em confronto com a eternidade e, inoculemos bem fundo na nossa alma, as palavras que a santa Igreja na sua liturgia põe deante de nós no dia de hoje:

Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris.

Ancilla Domini

Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

A 15 de Janeiro de 1928, foi canonicamente erecta pelo Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria, a Confraria de Nossa Senhora, do Rosário da Fátima. Até ao presente não tomou, talvêz, ainda o desenvolvimento desejado por Nossa Senhora, vistos os fins altamente santos desta Confraria, como consta dos estatutos publicados na «Vóz da Fátima» de Fevereiro de 1928.

Durante o ano de 1928, a receita proveniente das quótas e esmolas dos confrades, entregue, no Seminario de Leiria, aos membros gerentes desta associação, foi de 1.763$20. A despeza no mesmo ano, com a impressão de listas, patentes e outras despezas, foi de 1.073$50, havendo portanto,

em favor da Confraria um saldo positivo de 689$70. Como, segundo o artigo 4.º dos estatutos, metade deste saldo deve ser aplicado na celebração de Missas segundo os fins da Confraria, foram mandados ao Ex.mº Senhor Patriarca de Lisboa 342$00 para serem celebradas por seu clero 57 missas da esmola de 6$00. Os restantes 347$70 ficam em poder da direcção para fins uteis à confraria, conforme o artigo 4.º dos estatutos da mesma.

Seria muito para desejar, que muito mais pessoas se inscrevessem nesta confraria que tem em vista, não propriamente arranjar dinheiro, mas sobretudo a conversão dos pecadores, o cumprimento dos preceitos de Deus e da Igreja, e a santificação dos confrades pela prática da Comunhão e participação dos sacrifícios, boas obras e mortificações dos doentinhos. Está actualmente, por ordem do Ex.mº Prelado, encarregado da administração desta Confraria, o Rev.º P.e António dos Reis—Seminario de Leiria, a quem podem ser dirigidas as necessarias correspondencias.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	136.700$98
Papel, composição e impressão do n.º 76 (51.000 exemplares)	3.052$75
Sêlos, embalagem, transportes, gravuras e outras despezas	885$78
	140.612$51

Subscrição

Janeiro de 1928

Enviaram dez escudos para a assignatura anual: Clara Martins de Castro (Moutinho), Maria Martins A. Almeida e Castro, P.e António Domingues Nunes, António Marques Serra, António d'Oliveira (40$00), Maria Henriqueta Dias, Julia Sottomaior, Maria Guilhermina Sampaio, Joana de Menezes (5$00), Maria do Carmo Vinhos Cabrita, Emilia Cabrita Viola Maria Ramos Soares (20$00), Frederico Augusto Egrejas (50$00), Maria d'Assumpção Queiroz d'Azevedo (25$00). Maria Gabriela de Souza e Silva, Augusto Paizinho, Joana Segurado Cordeiro, Silvestre Bernardes da Custodia, Director da Casa de Saude de S. João de Deus de Barcelos, Josefa Castanheira, Maria Manuela de Vasconcelos, P.e Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, Rosa de Jesus Leite (20$00), P.e Domingos José da Costa Araujo, Albina Torres, Manuel Antonio do Vale Torres, Dionizia Queijinho, Genoveva Farinha, Abil Gil Ferrão, Joaquina das Dôres Santos Nunes, Olga Pinheiro Moreira Rangel, Agostinho d'Oliveira Correia e Sá, Maria Carneiro Lopes Martins, Maria Amalia Pires Carneiro de Abreu (20$00), Maria Martins Moreira de Castro, Margarida Lopes da Silva (20$00). Maria José e Maria Julia Henriques, Maria da Luz Pereira Rodrigues, Amelia Brazão Machado, P.e Daniel Carreira Rana, Elmina da Cruz Côrte (50$00), Maria Olimpia Margarida Rita dos Santos (20$00), Elvira de Carvalho (20$00), Maria Eduarda Vasques da Cunha de Lencastre, Joaqim Pereira, Anibal Mata (12$00), Armanda Medina, Maria da Assumpção Souza Pinto, Ana da Costa, Lucrecia de Jesus Leitão (20$00), Rosa d'Oliveira Miranda (15$00), José Lourenço Fernão Pires (20$00), Luiza Guimarães, Antonio José Rodrigues Pereira, Margarida Martins (20$00), Carolina da Silva Oliveira (20$00), Perpetua Furtado Pereira dos Reis, Venina Alves Peixoto, Berta Pereira Teixeira de Almeida (20$00), Maria Lorêto Saraiva, Carlota Cardoso de Almeida Vaz Pinto Geraldes, Ricardo Cardoso de Almeida, Antonia da Conceição Evaristo, Gertrudes Rego Cordeiro, Julia Eliza Pinto Valente, Maria das Dôres Fernandes Pedroso, Assumpção Lucas, Antoio Garcia, Miguel Antunes, Ernesto da Cunha Araujo, Amelia da Cunha Brochado, João Henrique d'Araujo, Gualdina de Queiroz (20$00), P.e Bento da Silva Bravo, Francisco Pinto, Abílio Martins dos Santos, P.e Miguel Jorge, Antonio Rodrigues Coelho, Manuel Antonio Ribeiro (20$00), Elvira Vidal Paulino, Alcina Rego de Bourbon (Lindoso), Emilia Moita (15$00), P.e Manuel Francisco dos Santos, Albino Cardoso, Ernesto Cardoso Alves, P.e Joaquim Gonçalves Dias, P.e José de Ceiça, Amelia Duarte de Carvalho (20$00), Maria Otília Rocha, Manuel Urbano Alves (15$00), Maria Emilia Teixeira, Maria Rodrigues, Belmiro Pinheiro da Fonseca, Adelaide Sofia Prego Lira, Julio Padrão, Maria de Magalhães Barros, Emilia Leite da Costa Faria, Antonio Fernandes Braga, Maria Rosa de Almeida, Maria Rosa de Almeida, Beatriz Maria da Conceição, J. Vicente (25$00), Adriano Venancio Coelho, Mariana Faleiro Meira, Herminia Ferreira Lencastre, José Augusto Marques e Melo (20$00), Julio Ribeiro da Silva, Armanda Lencastre e Silva, Anonima, Joaquim Santiago, Elias da Silva Machado (50$00).

De Jornais: Joaquim da Silva Carvalho, 77$80; Dr. Sabino Marques, 70$00; Zulmira Galhardo, 70$00; Maria das Dôres Tavares de Sousa, 65$50; Maria Adelaide de Marques de Souza; 40$45; Luciano Leandro Pires, 170$00; Eugenia da Nobrega, 626$00; Maria do Carmo L. Bazilio, 21$70 Heriqueta Godinho, 40$00; Antonio Soares Monteiro, 50$00; Elmina da Cruz Côrte, 150$00; P.e Evaristo Carreiro Gouveia, 60$00; Maria Gil de C. Novoa, 150$00; Julio A. de Assis, 50$00; Amelia Soares, 61$00; Augusto Cosme, 50$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas quando da distribuição da «VOZ DA FÁTIMA»

Na Igreja do SS. Coração de Jesus, em Lisboa, por mão da Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, em Dezembro de 1928	26$30
Idem, idem, em Janeiro de 1929	33$40

Amores de jardineiro...

— Padre Nosso...
— Padre Nosso...
—... que estais no céu...
—... que estais no céu...
—... santificado seja o vosso nome...
—... santificado seja o vosso nome...
... ...

Era já a quarta ou quinta vez que junto dum grupinho de creanças da sua aldeia um seminarista repetia as palavras sublimes da Oração Dominical para que da repetição aquelas creancitas acabassem por a aprender também.

De vez em quando uma lá se distraía a olhar algum passarito que voava ou que ali pertinho sobre as laranjeiras chilreava alegremente como a querer orar também com a sua voz cristalina e encantadora.

Mas por mais distracções nunca viram o mestre perder a paciência; nunca o seu rosto perdeu aquela linha suave em cuja vista as creanças se prendiam e deleitavam imensamente

Era por isso que elas progrediam a olhos vistos. De semana a semana abriam-se-lhe deante novos horizontes pelo conhecimento de mais alguma verdade cuja fórmula cuidadosamente explicada êle lhes ia fixando na memoria.

Aquele grupinho reunido assim em volta do seu mestre fazia evocar a imagem suave de Jesus Menino entre os meninos da sua terra ou mais tarde durante o tempo da sua vida publica ensinando os discípulos.

Dir-se-hia que abrindo apenas para a vida aquelas almitas embalsamavam já o ambiente com o seu todo de inocente candura.

E o coração ia-se pouco a pouco abrasando em amor por aquele Jesus de quem o jovem mestre deixando por vezes a aridez das fórmulas lhes falava longamente

E como êle falava!...

Ah! Então não havia distracções. Enamorado por Jesus enamorava d'Ele também aquelas creancinhas a quem parecia sempre curto o tempo desses entretenimentos.

Asism é que, mal balbuciavam ainda o Padre Nosso e já conseguiam estar devotamente deante de Jesus Sacramentado que sabiam esconder-se por amor delas debaixo das aparências daquela ostiazinha que as pessoas grandes iam receber. E anelavam já com toda a força do seu coração virginal pelo dia em que O iriam também receber.

* * *

De envolta com estas tenras plantas do jardim de Jesus estavam por ali em vasos e pela terra muitas plantas dum jardimzito que nas horas vagas o seminarista ia cultivando.

Sentia-se bem ocupando o tempo nestes espairecimentos e era com prazer que via crescer, desenvolver-se e florir cada uma das plantas que êle puzera ou cuidara ao menos durante o tempo de férias.

As primicias e as flores mais lindas levava-as sempre para as jarras que colocava junto do Sacrário.

E a visita naquele dia era mais fervorosa

Parecia que o Bom Jesus lhe pagava logo em parte a sua delicadeza.

Mas ás vezes passava-lhe na alma uma nuvem de tristeza. Aquelas plantas a que êle agora dava tanto mimo, como haviam de resistir ás intempéries durante todo o tempo da sua ausência? E quási chorava ao lembrar-se da maneira como as encontrara, da maneira como as encontraria sempre no princípio de férias — cobertas de ervas daninhas umas secas, outras quási, — tudo aquilo a meter dó.

Mas duma vez parou na sua faina junto dum lindo craveiro côr de rosa, em plena florescência, a quem êle tirava folhas secas, levantava as hastes caídas e dava uma disposição agradável e elegante.

Ergueu-se e ficou pensativo a olhar ao longe uma coisa que êle não fitava, que êle nem tão pouco sabia o que era.

Toldou-se-lhe o olhar e foi-se sentar no banco onde todos os dias as creanças da doutrina o vinham cercar á tardinha.

E' que as plantas do seu jardim fácilmente reverdeceriam ou seriam substituídas mas aquelas do jardim de Jesus... tão tenrinhas...

Quem as havia de amparar e defender?

Tanto tempo sem terem quem lhes falasse de Jesus e lhes minorasse a fome de que já pegavam a sentir...

— O snr. prior?

— Mas o Snr. prior não chegava para as encomendas, Sacramentos, entêrros, as missas ao domingo e depois o serviço de escrituração absorviam-lhe o tempo todo.

Era porisso que êle o animava, e suspirava pelo dia em que o visse subir os degraus do altar pois tencionava pedi-lo para coadjutor. E não havia por ali mais ninguém...

Haver? havia... mas não queriam. Iriam secar aquelas plantazinhas.

* * *

Aquela ideia negra mal o abandonava lá de quando em quando.

A' hora da catequese retomava de ordinário aquele semblante alegre e desanuviado a que os seus olhos negros e fundos imprimiam uma nota de muita meiguice.

E após aquela espécie de resumo e prática com que êle encerrava a sua lição ia brincar e chilrear com êles.

A natureza pujante de vida nos milharais verde-escuros de altivas bandeiras erguidas, nos pampanos das videiras embalsando-se amavanhadamente, no ar diáfano que ali se respirava, no cantar argentino e sonoro que irrompia dentre as terras — convidava a enquadrar-se e cantar e gozar e folgar também.

E êle sabendo que lho não proibia a virtude desde que o fizesse no Senhor, acorria pressuroso ao chamamento da natureza.

Folgava também...

* * *

Foi assim que, creança entre as creanças — o foi encontrar uma senhora do seu lugar e que ás vezes gostava de trocar impressões com êle.

Naquele dia viera mais cedo. Fôra sem dizer nada até ao seu local favorito onde a famiia dissera que êle estava a ensinar a doutrina.

— Bela doutrina, sim senhor!... Ora assim é que é ensinar!...

— Tudo é preciso, minha senhora, diz êle vindo-lhe ao encontro para a cumprimentar. Dá-me licença que despeça a minha pequenada?

— Como quizer. Mas a mim não me incomodam. Até gosto de os ver brincar.

— Já brincámos muito.

— Parece-o. Pela maneira como está suado.

— Podem fazer falta aos pais. Faz-se noite; é preciso que êles acarretem lenha e água para a cosinha, não é?

E voltando-se para os pequenos que tinham ficado quási parados na ausência do seu chefe:

—Podem retirar-se. Vão direitinhos a casa e vão depressa. Até amanhã se Deus quizer.

— Até amanhã se Deus quizer.

* * *

— O Senhor arrepende-se.

— De quê?

— De quê?! Destes excessos que faz. Isto cansa-o, prostra-o. Não vê como está esfalfado?

— Isto é hoje.

— E' hoje, foi ontem, será amanhã e todos os dias até que o médico o proiba por completo mas quando já talvez não tiver remédio.

—Vem hoje muito trágica. Deixemos êsso assunto que não interessa.

—Não interessa? Pois o senhor não vem a férias para descansar?

— Sim e então?

— E então é assim que entende descansar?

O seminarista tomou um ar recolhido e grave e retornou-lhe em tom seguro:

— Sim, minha senhora, eu descanso a trabalhar.

— Isso é contraditório.

— Perdão. E' que há trabalhos que se fazem com tal prazer que descansamos entregando-nos a êles.

— ?!

— Este é um desses trabalhos. Gozo e descanso no meio dêle.

— Devéras?

— Devéras.

— Sim, mas o senhor confunde o descanso do corpo com o goso e o prazer da alma. Eu admito que sinta um prazer espiritual mas ha-de conceder que fica fisicamente cansado.

— Fico, lá isso é verdade. Mas é tão grande a consolação que sinto que até dis. farça o cansaço.

Ah! Se soubesse que inefável gozo sinto neste humilde mister de catequista?

Sinto-me padre por momentos antes de o ser:

— Padre? Na imaginação...

— Mais. Padre quere dizer pai. E eu ao formar pouco a pouco na piedade e no conhecimento de Deus estas alminhas em botão, sinto despertar dentro dalma todo o afecto todo o amor duma paternidade espiritual.

E experimento as graças especiais que o Senhor porisso me concede.

E pensar eu que todos os fiéis podiam assim participar desta paternidade formando as almas para Deus...

Ah! Não queira tirar-me o enlêvo da minha vida de férias. São os mais belos momentos da minha vida de cada dia, depois da Sagrada Comunhão, em que me vejo elevado á dignidade de cooperador da Divindade.

Isto quanto a mim.

— Quanto a si? E a sua saude?

— Sim, porque, quanto a elas... não teria a coragem de as deixar agora?

— Porquê? Fez algum contracto?

— Não, minha senhora. Mas, diga-me, não é uma dôr de alma ver um engeitadinho? Pois estas creancitas seriam uns engeitadinhos espirituais. Não, não posso deixá-las. Bem basta que o sejam durante o tempo em que estou no Seminário.

Que tristeza não haver aqui ninguém que queira colaborar com os sacerdotes dando Jesus ás almas!

... ...

— Mas então que é preciso para ser catequista?

— Um nada. Conhecer bem a doutrina cristã, senti-la, vivê-la.

— Pois bem, com a ajuda de Deus eu vou começar a ensinar o seu grupinho e continuarei pelo ano fora. Mas o senhor vai descansar.

— Agora sim, com muita pena e prazer: pena de os abandonar, prazer de chamar uma alma a este apostolado.

Mas descansar por um pouco apenas a ganhar novos brios para a minha futura vida sacerdotal.

* * *

Já lá vão seis anos desde o dia em que se passou esta scena.

O seminarista de então é hoje sacerdote e trabalha com afinco e crescente ardor na grande obra da catequese na sua freguesia, convencido de que é ela a primeira e mais urgente obra paroquial.

A senhora, essa lá continua na sua faina, grata ao Senhor por um dia lhe ter feito encontrar o meio de, entre flores, com trabalho aturado... e abundantes consolações, o poder servir mais perfeitamente.

Que surjam imitadores nas mais pequenas e humildes aldeias como nos grandes centros para levar Jesus ás almas de tantas creanças e tantos adultos que O não conhecem!

Cuidado!...

O «El Dio de Palencia» trouxe a seguinte narração, feita em suas colunas pelo Dr. Pinel de Arrila:

«Emquanto prégava com ridente entusiasmo o sacerdote palentino P.e João Martin, deplorando amargamente os frequentes e graves pecados que se cometem hoje, particularmente com a blasfémia e a profanação dos domingos, com o luxo e a imodéstia do traje das senhoras, quási nuas nas igrejas, a côr branca da Santa imagem de Cristo ia-se mudando em pardo escuro e exactamente no momento em que o prégador pronunciava a frase comum, isto é, que *um centimetro mais de decote e um centimetro menos de saia constituiriam um ofensa ao pudor público*, punível pelo código penal, a côr da imagem tornou-se quási preta e produziu ao redor de si tamanha escuridão que fazia desaparecer as duas lâmpadas eléctricas que projectavam luz sôbre a imagem.

Os olhos do Crucifixo continuavam a brilhar vivamente, porém com um sinistro fulgor. E aqueles olhos tão meigos e resignados, mudaram-se num olhar duro e ameaçador, a ponto de muitos dos circunstantes romperem em fortes gritos de perdão e em propósitos de arrependimento, caindo de joelhos como se fôssem impelidos por uma fôrça oculta, irresistível.»

A EUCARISTIA E O CEU

Santa Teresa aparece ao P.e Jeronimo Graciano no 1.º domingo de Quaresma de 1583 e diz-lhe (é ele mesmo que conta) «Nós que estamos no Ceu e vós que estaes na terra, devemos ser a mesma coisa em pureza e amor; nós, gozando, vós sofrendo. O que nós fazemos aqui com a essencia divina deveis vós fazer ahi com o Santissimo Sacramento. Dizei isto a todas as minhas filhas.» Esta visão não durou senão um instante mas deixou impressos no meu coração quatro desejos: o de conservar a pureza da alma e de amar a Deus e ao proximo, o de sofrer por Jesus Cristo e o de louvar e honrar o Santissimo Sacramento.

Estas quatro coisas teem sido para mim, desde então, a fonte de um grande bem.

(A missa ao domingo, para muitos cristãos)

Há, por êsse mundo além, pessoas que pensam *fazer um grande favor a Deus* indo passar uns escassos vinte minutos à igreja ao domingo, à hora da Missa rezada.

Há, entre êles, muitos que não fazem nenhuma ideia do que se passa na sua presença, nem do que seja a Missa. Vêm por um *velho hábito*, tal qual como iriam à feira ou a casa duma pessoa estranha.

Passam todo aquele tempo a pensar nos seus negócios, a olhar e a conversar.

Outros, conservam ainda uma vaga lembrança do que aprenderam nas instruções do catecismo e desejam cumprir um acto religioso.

Mas que desdenhoso desleixo!

Chega-se o *mais tarde possível*, nem livro de orações nem terço. Ajoelha-se um instante à elevação, mais vezes com um só joelho que com os dois, na posição mais indelicada e desrespeitosa possivel. Outro dorme ou examina curiosa e minuciosamente todos os que entram e saem. Faz-se barulho, escarra-se, mostram-se sinais de impaciência e de aborrecimento. E como não teem nada que dizer a Nosso Senhor, mal o ultimo evangelho começa *já eles estão fóra da igreja*. Pobres cristãos! Que valor pode ter deante de Deus uma Missa ouvida assim?

Vós todos, que lêrdes essas linhas, examinae se não tendes alguma falta semelhante a pesar na vossa consciência e lembrai-vos de que o sacrifício da Missa é o mesmo da cruz e que emquanto Jesus está no altar a imolar-se por vós, mostraes vós que, longe de lh'o agradecer, não só lh'o não agradeceis mas vos mostrais aborrecidos e desprezais o seu amor.

E não ha nada que mais dôa do que esta falta de gratidão, de indiferença, desprezo e quasi hostilidade.

Em face do pecado Todos apóstolos

(Carta de M. Leon Harmel a sua filha, religiosa clarissa)

«Nestes tristes tempos há como que um dilúvio de pecados que cobrem até as mais altas montanhas.

Tu entraste na arca e eu aqui fiquei no meu pobre esquife.

Tu escolheste a melhor parte e a mais segura.

Estou no meio do pecado, vivo a lutar e a ser vencido. O meu coração está numa dôr contínua. Não sómente o amor não é amado, mas é a cada momento ultrajado e cruelmente ferido.

Luto contra o pecado, mas algumas vezes a minha impotência me despedaça. As minhas misérias pessoais aumentadas com todas as misérias que me rodeiam constituem um pêso demasiado forte para os meus fracos ombros.

Esta é a razão porque eu peço o teu auxílio. Toma sôbre ti o meu fardo. Carrega-te dos pecados que me incumbem a fim de que a misericórdia os apague.

Porque é que os caminhos do inferno vão tão cheios? Porque é que os ouvidos da nossa alma estão tão dilacerados por medonhas queixas, gritos de dôr repercutidos pelos ecos da Eternidade? Porque Jesus Cristo não tem cooperadores suficientes. Não há porta-pecados que cheguem e nas praias da Eternidade Jesus estende para os seus fiéis os seus braços suplicantes, conjurando-os a vir em seu auxílio.

Pobres pecadores! Não viram ainda a luz ou, se a conheceram, vieram nuvens, nuvens das paixões, nuvens de obstáculos voluntários...

Quando eu olho para mim mesmo, sinto-me cheio de terna piedade para com os pecadores. Julgo-me capaz de cometer todos os crimes que êles cometeram...

Sem a mão de Deus a amparar-me eu teria rolado nos mais profundos abismos, porque, diga-se toda a verdade, eu sintome o peior e mais corrompido dos homens. Não é, pois, de mais que eu me consagre à salvação dos pecadores para pagar a minha dívida de gratidão a Deus, meu Salvador.

Uma alma salva, é uma flôr que durante toda a eternidade encantará os olhos e o coração do Muito-Amado.

Tu aceitaste esta missão, minha filhinha, e queres (não é verdade?), dar-me todos os teus bens presentes e futuros para os meus pobres, muito amados, os operários da fábrica, à salvação dos quais Deus legou a nossa família e as nossas vidas. Faz propaganda e trata de me arranjar para-raios, digo, para-pecados, porque tenho uma carga imensa dêles a dividir.»

O bolso de pedras

A um blasfemo e praguejador que não achava meio de emendar-se, mandou o confessor que, por cada praga ou obscenidade que vomitasse, metesse uma pedra no bolso.

Aceitou o homem a penitencia e tratou de a cumprir.

Mas tantas eram as pedras, que os bolsos já não resistiam.

A mulher que todos os dias tinha de remendá-las repreendia o marido que julgava tivesse perdido o juizo.

«Cala-te (dizia ele), eu bem sei o que faço.»

Como se depreende, a resposta não explicava nada e a mulher cada vez estava mais convencida da *maluquice* do marido. Nesta convicção narrava a sua desgraça ás visinhas, pois que o marido todos os dias lhe trazia para casa os bolsos cheios de pedras.

Mas o que mais a preocupava era o fim de tal misterio.

«Quem sabe (dizia ela) se ele não terá a intenção de me fazer pagar as arrelias que lhe tenho causado durante tantos anos!...»

Observou, porem, que as pedras começavam a ser menos e iam diminuindo gradualmente. Refeita do susto, contou ás vizinhas que seu marido ia melhorando.

O que é certo é que dentro em pouco, de louco como ela suspeitava, seu marido parecia agora um santo, pois não sahia da sua boca uma palavra inconveniente.

Tu, que tantas vezes tens sido causa das dores e angustias de tua esposa, escandalo de teus inocentes filhos e assunto de conversa para teus visinhos, não precisas de romper os bolsos com pedras. Basta que faças uma confissão nos devidos termos e serás a alegria do lar domestico, cuja honra, bem estar e reputação dependem do teu procedimento

O mistério da solidariedade humana

Nos arredores d'uma cidade, depois da missa do domingo:

—A tua vinha está atacada e perdida pelo mildio?

Bastante. E a tua?

—Infelizmente, muito, tambem.

—Ora ahi está: tu vais á egreja sempre e eu nunca e afinal somos perante Deus iguais na desgraça.

—Ah! meu caro amigo, o que poderá é a falta do cumprimento dos teus deveres para com Deus, ser a causa da minha infelicidade e da tua.

Bastam os pecados de alguns para atrairem do ceu o castigo sobre uma povoação.

Neste mundo, o inocente e o culpado são ás vezes confundidos na mesma prova.

Deus dá, é verdade, neste mundo alguma recompensa a uns e algum castigo aos outros mas só depois desta vida é que Ele dará, e para sempre, a cada um o que rigorosamente merecer.

O TERÇO EM FAMILIA

«Há anos (diz Braz Alves, citado pelo *Mensageiro do S. Rosario*, de Uberaba-Minas-Brazil), quando em viagem pela Belgica — tive a oportunidade de me hospedar em casa de uma das familias mais ricas e nobres duma importante cidade.

Depois do almoço, disse-me a dona da casa: «Senhor Padre, a nossa ceia é ás sete da tarde, para o que V. Rev.ª nos dará a honra da sua presença. Um quarto de hora antes dá-se um sinal com a campainha, mas V. Rev.ª não precisa de se incomodar.

E' o sinal para o terço que, todas as tardes, costumamos rezar em comum com todas as pessoas de casa.»

Eu porem — continua o sacerdote — ao ouvir o toque da campainha, não pude resistir ao desejo de assistir áquele terço em familia e dirigi-me para a sala de jantar

Espectaculo edificante!

Lá estava o rico e nobre senhor ajoelhado, tendo a seu lado os filhos. Lá estava a dona da casa ajoelhada com suas filhas.

Lá estavam os creados e creadas todas, excepto apenas a que tinha de preparar a ceia.

O nobre senhor rezava o terço adeante e os outros respondiam em côro, devotamente, como filhos do mesmo pae do Ceu não obstante a grande diferença de posição social.

Eu tambem me ajoelhei e rezei juntamente. E o que senti em minha alma, durante essa oração, impossivel é descreve-lo. Somente posso dizer que aquele terço o rezei bem, rezei-o fervorosamente pelos meus paroquianos, e pensei comigo se eu soubesse que em todas as familias da minha paroquia, todas as noites, se rezava o terço em comum e tão devotamente como nesta familia, creio que eu seria o mais feliz dos parocos.

Belo exemplo, sem duvida! Uma familia sinceramente catolica sobre a qual hão de descer em abundancia as bençãos de Deus, pois é impossivel que o Ceu não se comova á vista do espectaculo consolador duma familia inteira diariamente prostrada em fervorosa e santa oração.»

Graças a Deus ha em Portugal, e em especial na nossa Diocese, muitas freguesias, inteiras, onde quasi não ha familia onde se não reze o terço em comum, sobretudo no tempo em que os serviços agricolas são menos intensos.

A' ida e volta do trabalho e até durante ele, lá pelo meio dos campos, ha muito quem o reze.

Talvez dahi venha a manifesta protecção de N. Senhora á nossa querida Patria e o seu apparecimento aos pastorinhos d'Aljustrel.

A MISSA DUM SANTO

Levaram um dia a S. Filipe Nery quatro judeus para este os converter. O santo acolheu-os com muitas caricias sem lhes tocar em religião.

Passados alguns dias pediu-lhes que se encomendassem ao Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob para que lhes inspirasse o conhecimento da verdadeira fé. Depois, levado por um grande amor de Deus, acrescentou: «eu amanhã, á Missa, pedirei por vós e farei violencia a Deus.» A uma outra pessoa disse ele: «Amanhã, durante a Missa, vão dizer o sim.»

Veio o outro dia mas os judeus estavam mais renitentes que nunca e até, depois de muitas horas de discussão, sentiram-se mais firmes na sua opinião. Mas, coisa admiravel, durante a Missa de S. Filipe Nery, sentiram-se subitamente mudados e cheios de alegria, pediram para se fazerem cristãos.

Agora, escolha...

A doente. —Meu caro doutor, seja franco e avise-me em caso de perigo.

O medico. — Não me atreveria a dizer-lho, mas já que m'o pede, serei franco.

O medico. — O seu caso é muito grave.

A doente. — Espero que me dará um remedio energico.

O medico — Assim o desejo, e o meu primeiro conselho é que se confesse.

A doente. — Então parece-lhe que isto está perdido?

O medico. — Perdido não, mas está em grave perigo.

A doente — Olhe, doutor: isso de confissão, tanto se me dá como se me deu. Para mim todas as religiões são bôas.

O medico. — Não quero agora discutir isso. Olhe: aqui tem uma lista de remedios. Faça favor de escolher, e com urgencia, o que lhe parecer melhor.

A doente. — Escolher? Eu? Mas como hei de saber o que mais me convém?

O medico — Ora, adeus! Escolha uma qualquer, porque se todas as religiões são boas para a sua alma todos os remédios devem ser bons para o seu corpo.

LIVROS PROÍBIDOS

Pedro — Isto de prohibir a leitura de certos livros e pól-os no *index* é uma barbaridade incrivel e uma ofensa sem nome à nossa liberdade natural: Se eu fosse Papa acabava com tal prohibição.

João. — Dá-me licença para este oferecer este ivro a sua filha?

Pedro folheia-o e acha que é obsceno.

— Como se atreve o senhor a propôr-me uma coisa destas?

João — Dá-me licença para oferecer êste livro a sua filha?

Pedro folheia-o e acha que é obsceno. cento não posso permitir que leia taes porcarias.

João — E então queria que o Papa, que é pae espiritual de todos os inocentes, o permitisse?

Vaidade é seguir os apetites da carne, e desejar o que depois há-de ser motivo de arrependimento e grave castigo.

Vaidade é esperar e desejar vida larga, e cuidar pouco de que seja bôa.

Vaidade é sómente atender a esta vida, e não prevenir para a futura.

Muito obra quem muito ama.
Muito faz quem tudo faz bem.

(Da Imitação de Cristo)

Ano VII Leiria, 13 de Março de 1929 N.º 78

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: -- *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA DE FÁTIMA

A vida religiosa nos santuários

No dia treze de Fevereiro último, mercê do tempo agreste e chuvoso que fazia, a comemoração oficial das aparições e dos sucessos maravilhosos realizou-se, pela segunda vez, em recinto fechado sendo a última na linda e vasta igreja da Penitenciaria. O calendario eclesiástico marcava nêsse dia a quarta feira de Cinza. O tom festivo das solenidades tradicionais casava-se admiravelmente bem com o roxo dos paramentos litúrgicos e com o ambiente de suave tristeza que as preces e os ritos da Igreja criavam então naquele local bemdito.

Vai começar uma das quadras mais importantes do ano religioso, o santo tempo da Quaresma, que nos recorda os quarenta dias que Jesus passou no deserto, orando, jejuando e triunfando do demónio. E' um tempo de oração e de penitência, é uma época de reforma e de santificação.

Eis agora o tempo favorável, eis agora os dias de salvação, como proclama a Igreja, servindo-se das palavras do Apóstolo das gentes. Neste período abençoado do ano, os fiéis aproximam-se mais vezes e com mais fervor dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, que são a fonte perene e inexgotável de tôda a graça e de tôda a santidade...

E ao raiar a estação encantadora da Primavera, as almas, já purificadas no cadinho salutar da contrição e nutridas com a carne sacrosanta do Cordeiro sem mancha, exultam cheias de júbilo, como a natureza, que ostenta as suas galas mais ricas e mais formosas, desabrochando em flores e desentranhando-se em perfumes, e cantam com entusiasmo os hosanas e as aleluias da Resurreição.

Efectuaram-se, na forma costumada, as duas procissões para a condução da veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosário da capela das Aparições para a igreja da Penitenciária e recondução da mesma Imagem da igreja para a capela.

A missa dos doentes, cujo número era muito reduzido, foi celebrada ao meio-dia solar no altar-mor da igreja da Penitenciaria.

Prègou no fim o rev.do dr. Marques dos Santos, professor no Seminário de Leiria e capelão da Associação dos servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que tomou para tema da sua instrução a necessidade do arrependimento e a prática da virtude da penitência, recomendada pela Santíssima Virgem aos pastorinhos de Aljustrel e encarecida pela Santa Igreja nas diferentes partes da missa e do ofício do dia.

Duas almas aos pés da Virgem

Duas senhoras piedosas de Lisboa, em plena florescência duma juventude radiosa e bela, movidas pela sua acrisolada devoção á Raínha do Céu, partem, alegres e felizes, em demanda de Fátima, a pérola de Portugal. Irmãs na idade, pois nenhuma tem ainda trinta primaveras, parecem ser também irmãs pelo sangue. Uma delas, sobrinha dum dos vultos políticos mais eminentes e mais prestigiosos da nossa Pátria, já falecido, recebeu uma educação esmeradíssima no seio de sua família, cultivando e desenvolvendo a primor os singulares dotes de inteligência e de coração que Deus lhe prodigalizou. Há pouco mais dum ano, prostrada, de joelhos, no solo bemdito que a Raínha dos Anjos sagrou com os seus pés virginais, diante do Divino Rei de amor estiro espiritual, como preparação para essa viagem de Fé e penitência, que para muitas almas costuma ser o prólogo duma enchente de graças e bençãos celestes. Conhecendo melhor a Deus desde há um ano e recebendo-o com frequência escondido no seu Sacramento de Amor, essa alma extraordinária, alma de apóstola e de santa, que em tão pouco tempo adquiriu um conhecimento tão profundo dos caminhos mais difíceis da vida ascética, anceia por subir cada vez mais na escala da perfeição especial a que sente Deus chamá-la amorosamente, sem que

Grupo de Hospitaleiros, do Porto, que prestaram relevantes serviços na Fátima, na peregrinação do ano passado

condido na Hóstia Santa e junto da augusta Imagem da Virgem do Rosário, ouviu a voz do Esposo celeste, convidando-a para as núpcias místicas da vida religiosa, que é o Paraíso na terra. A luta intensa, que desde esse momento se travou entre a sua consciência e o seu coração, teve por epílogo a vitória da consciência, que sobrepoz a glória de Deus e os interesses superiores da alma ás vantagens que o mundo oferecia e ás conveniências da família que, dando um dos seus membros ao serviço do Senhor, sabe que, longe de o perder, assegura mais eficazmente a sua posse e atrái sôbre si as mais preciosas bênçãos do Alto. Novamente de volta a Fátima, agradece com o mais vivo reconhecimento a graça da vocação, que Jesus lhe outorgou pelas mãos de sua augusta Mãe, e a alegria que lhe inunda o coração reflecte-se no seu rosto, «onde, segundo a frase expressiva dum grande apóstolo de Nossa Senhora em carta que escreveu ao articulista, aquela criatura privilegiada parecia trazer todo o Céu na alma».

A outra senhora, diplomada por uma das nossas Universidades, onde conquistou os louros das mais elevadas classificações, figura de destaque nos cenáculos literários da capital, visitava pela primeira vez a Lourdes portuguesa, tendo feito, durante os dias de Entrudo, um retiro espiritual, como preparação para essa viagem de Fé e penitência, que para muitas almas costuma ser o prólogo duma enchente de graças e bençãos celestes. Conhecendo melhor a Deus desde há um ano e recebendo-o com frequência escondido no seu Sacramento de Amor, essa alma extraordinária, alma de apóstola e de santa, que em tão pouco tempo adquiriu um conhecimento tão profundo dos caminhos mais difíceis da vida ascética, anceia por subir cada vez mais na escala da perfeição especial a que sente Deus chamá-la amorosamente, sem que por emquanto possa discernir com segurança se Ele a quere entre os duros espinhos do século ou entre as flores mimosas do claustro. Como sucedia há um ano com a sua ditosa companheira de viagem, trava-se agora também na sua bela alma um rude combate, mas a rectidão da sua consciência bem formada e a generosidade do seu coração bom e puro hão-de triunfar de todos os obstáculos, para que, se o chamamento do Senhor se fizer ouvir claramente, dela se possa dizer o que, no doce remanso de Betánia, o Divino Mestre disse a Santa Marta a respeito de sua irmã: «Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada: *Maria optimam partem elegit quae non auferetur ab ea*».

Como proclamava Victor Hugo, na câmara dos deputados de França, é necessário que haja almas que orem por aquelas que não oram e que expiem os pecados individuais e as iniquidades colectivas com a sua vida de virtudes e de sacrifícios, impedindo, como outros tantos pára-raios, que a Justiça de Deus se desencadeie inexorável e subverta totalmente o mundo.

Em todas as grandes revelações da história, em Pellevoisin, em Pontmain, em La Salette, em Lourdes e, mais recentemente, em Fátima, a Virgem bemdita, como o Sagrado Coração de Jesus em Paray-le-Monial, pede instantemente a oração, a renúncia, o sacrifício, em expiação de todos os crimes que se cometem. Ai de nós, se não aparecerem almas puras e generosas que se ofereçam a Deus para se consagrarem á obra necessária, urgente e inadiável da reparação das culpas! Ai de nós, se, num dos pratos da balança da Justiça Divina, vítimas, muitas vítimas voluntárias, não fôrem lançar o peso das suas renúncias, dos seus sacrifícios, das suas imolações compensadoras!

Nossa Senhora de Fátima e o Papa-Rei

Quando o último número da «Voz da Fátima», na sua crónica do dia treze de Janeiro, inseria, sob a epígrafe «Fátima e o Sumo Pontífice», a consoladora notícia de que Sua Santidade o Papa Pio XI, felizmente reinante, em audiência concedida aos alunos do Colégio Português, em Roma, a 9 do mesmo mês, oferecera a cada um duas estampas de Nossa Senhora de Fátima, uma para êles e outra para suas famílias, com a recomendação de orarem pelo Papa, mal supunha o articulista que, a menos dum mês decorrido, o Sumo Pontífice se veria cingido dum novo esplendor, á face do mundo inteiro, graças á solução da chamada «questão romana».

Este acontecimento importantíssimo, talvez o mais notável do século vinte, pelas suas consequências internacionais, mais formidáveis e mais assombrosas que as da própria grande conflagração europeia, representa, na frase de «El Debate» de Madrid, um triunfo de ordem espiritual, uma vitória do direito da moral e do bem sôbre todos os interesses da matéria e da fôrça.

O Vigário de Cristo na terra vê reconhecida por esta forma a plenitude e omnímoda independência do seu poder espiritual, depois de cincoenta e oito anos de cativeiro voluntário no palácio do Vaticano, como protesto contra o esbulho violento dos Estados Pontifícios, definitivamente consumado pelo governo italiano com a tomada de Roma em 20 de Setembro de 1870.

Mussolini, o grande génio que salvou a Itália do cahos político e social em que se debatia, proclama no dia 11 de Fevereiro, em que os plenipotenciários da Santa Sé e do Rei de Itália assinam o memorável acôrdo na sala dos Papas de S. João de Latrão, que «é um dos dias mais felizes da sua vida êsse em que levava a paz definitiva ao povo italiano». O ministro da Itália junto do governo português afirma que «só por si esta data permanecerá em evidência entre aquelas que marcam novos passos no caminho dos povos e das instituições». O nosso ministro junto do Quirinal declara que «como católico, como português e como nacionalista, sente grande satisfação pelo feliz termo da questão romana, classificando-o

como um dos maiores factos da história do mundo e dá graças a Deus por lhe ter permitido viver para assistir ao desenrolar de scenas inolvidáveis». O ministro da justiça do nosso govêrno frisa, que «êsse acontecimento é da mais alta importância histórica, quer seja considerado sob o ponto de vista exclusivamente italiano, quer no ponto de vista internacional».

Os grandes orgãos da imprensa em todo o mundo enchem as suas colunas com notícias e comentários relativos á solução da questão romana, que, no dizer da «Kreuzgazette», orgão nacionalista alemão, contribui enormemente para a paz do mundo.

Os govêrnos de todas as nações apressaram-se a felicitar o Sumo Pontífice, tendo sido o da França o primeiro que o fez, por intermédio do seu embaixador junto do Vaticano.

Em Roma, na praça de S. João de Latrão, após a assinatura do acôrdo, mais de cincoenta mil pessoas aclamam com um entusiasmo delirante o Cardeal Secretário do Estado e Mussolini e entram na Basílica cantando o *Credo*. Nas ruas e praças da cidade eterna, realizam-se grandiosas manifestações de regosijo, em que tomam parte pessoas de todas as classes e condições sociais, agitando bandeiras da Santa Sé e da Itália.

Os edifícios públicos e particulares iluminam as suas fachadas. Na praça de S. Pedro, a maior do mundo, os regimentos do exército italiano e as legiões do *Fascio* apresentam armas, ao mesmo tempo que uma multidão de duzentas e cincoenta mil pessoas se prostra de joelhos, sob uma chuva torrencial, quando Pio XI do alto da *loggia* exterior da Basílica de S. Pedro, dá, pela primeira vez, depois do reconhecimento da sua soberania temporal, a benção apostólica *urbi et orbi*.

Mais uma vez se verificou a profecia atribuída a S. Malaquias que, referindo-se ao actual Pontífice, diz:

«Pius undecimus, rex Romae; victoria sancta, certissima (Pio onze, rei de Roma; vitória santa, certíssima). Honra ao grande e imortal Pio onze, o Papa da Paz de Cristo no Reino de Cristo!

«Que o Senhor o conserve e o vivifique, e o faça feliz na terra, e o não entregue nas mãos dos seus inimigos».

Nossa Senhora de Fátima em Espanha

Como era de esperar, a Espanha católica, fidalga e cavalheiresca, não podia ficar atraz das demais nações nos testemunhos da sua devoção para com a Virgem Santíssima, no seu Santuário de Fátima, onde se dignou erguer um novo trono do seu amor para esparzir torrentes de graças e benções sôbre o mundo inteiro. A importante revista ilustrada «Los santuarios católicos», orgão do Fomento Nacional de Peregrinações, que sai mensalmente á luz da publicidade em Figueras (Gerona), inseriu no seu número de Outubro próximo findo, como já se disse, um breve mas suculento relato do movimento religioso da Lourdes portuguesa. Por notícias últimamente recebidas na redacção da «Voz da Fátima», sabe-se que êsse orgão da imprensa católica do reino visinho se propõe ocupar-se com grande desenvolvimento, no seu número do próximo mês de Abril, de tudo quanto se refere aos prodígios operados no que ela chama «novo e importante santuário», fazendo acompanhar o respectivo relato de numerosas gravuras, sendo uma de Nossa Senhora de Fátima na página exterior da capa.

Também a notável revista dominicana «El Santíssimo Rosário», que se publica em Vergara (Guipuzcoa), depois de ter dedicado nos números anteriores vários artigos a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, insere no número de Fevereiro último um longo e interessante artigo subordinado ao título «Los Videntes de Fátima», acompanhado da gravura das três crianças privilegiadas pela Virgem Santíssima, e um relato circunstanciado duma das curas mais importantes dos últimos tempos obtida por intercessão da bemdita Senhora Aparecida.

Esse artigo é assinado pelo rev.do Fr. Benito Mateos, O. P., de Las Caldas, que o ano passado veio expressamente a Portugal visitar o glorioso Santuário de Fátima.

Visconde de Montelo

Quantas vêzes estive entre os homens, fiquei menos homem.

Séneca

As Curas de "FÁTIMA,,

Cegueira.

Maria Augusta Dias, de 50 anos, moradora em *Alter do Chão* (Alemtejo), encontrando-se cega, consultou alguns especialistas de Lisboa e voltando desenganada, recorreu a N. Senhora da Fátima e á terceira ou quarta loção com água da Fátima, achou-se repentinamente curada.

Eis a cópia da carta escrita pelo Snr. Dr. Gama Pinto ao Snr. Dr. Egas Moniz:

«Essa doente tem atrofia dos nervos ópticos, provàvelmente de origem tábica. Um dos olhos está completamente cego, o outro mal percebe a luz. Teem-lhe feito tratamente com 914, bismuto e mercúrio. Ainda tem estomatite.

Veja se lhe quere fazer alguma coisa pelo lado sourológico, pelo oftalmológico deve perder-se a esperança.

(a) Gama Pinto».

Carta do Snr Dr. A. Borges de Sousa ao Snr. Dr. Egas Moniz, Director da Consulta de Oftalmologia do Hospital de S. José:

«Lisboa, 22 de Janeiro de 1929

Meu caro Egas Moniz

D. Maria Augusta Dias tem uma atrofia práticamente total das duas pupilas. O exame dos olhos aponta fortemente partalus.

Claro que nada tenho que lhe fazer e aconselhei-a a procurar o Egas Moniz para ver se com os seus recursos a anima um tanto.

Seu m.to ad.or e obg.do

(a) Borges de Sousa».

Outra carta. Esta é do Snr. Dr. Alfredo da Fonseca, 1.º Assistente do Instituto de Oftalmologia, ao Snr. Dr. Luiz Pacheco:

«Lisboa, 28 de Janeiro de 1929.

Ex.mo Sr. Dr. Luís Pacheco

A Sr.ª D. Maria Augusta Dias tem atrofia nos nervos ópticos com visão abolida de ambos os lados. Teve Wasserman positivo fortemente e fez tratamento mercurial por injecções intramusculares e intravenosas em Alter do Chão.
Peço-lhe a fineza de proceder ao exame neurologico e de animar a doente, que está muito deprimida.

Muito agradece e cumprimenta o
Seu colega m.to obg.do

(a) Alfredo da Fonseca».

Foi depois desta negra desilusão que o snr. Manuel Maia, genro da miraculada, em carta ao Snr. Augusto Reis, considerado industrial desta cidade, bem conhecido pelas suas profundas convicções religiosas, pediu que lhe enviasse agua da Fátima. Mal tinha tempo de chegar a encomenda ao seu destino recebeu o mesmo Snr. Reis o seguinte telegrama:

«Alter do Chão, 4 de fevereiro.

Minha sogra, acaba recuperar vista. Atribuo agua Fátima. Os meus agradecimentos. Maia».

Dez dias depois recebeu-se a seguinte carta onde o caso vem detalhadamente relatado:

«Alter do Chão, 14 de Fevereiro de 1929

Meu presado Amigo

Tenho em mão a sua estimada carta de 11 do corrente, que muito agradeço. Os meus maiores votos para que se encontre de boa saude, em companhia de sua Ex.ma familia.

Peço me desculpe o não lhe ter dado as minhas noticias em seguida ao recebimento do seu telegrama, mas, não calcula o meu Amigo o quanto me falta o tempo para tratar dos meus assuntos particulares, motivado pelos imensos afazeres diarios que me traz o meu cargo.

O telegrama que aí recebeu foi de facto enviado por mim, e, as suas palavras, rezumiam o acontecimento passado momentos antes em minha casa, o qual passo a descrever mais pormenorisadamente, visto ser essé o seu desejo.

Há cerca de uns 8 mezes, minha sogra começou a sentir desaparecer a vista lentamente, bem como uma fraqueza geral, que a impedia de trabalhar e que nos obrigou a acordar na sua ida a Lisboa, no intuito de consultar um médico especialisado nessas doenças. Por indicação de uma pessoa de nossa familia consultamos o Dr. Americo Pinto da Rocha, que desconfiou da existência da sífilis ,e, tirando-lhe o sangue para análise, deu fortemente positivo, motivo porque lhe começou a fazer o tratamento de 914, dando-lhe no intervalo dessas injecções umas outras, de que me não lembra agora o nome. Este tratamento durou aproximadamente uns 2 mêses, sentindo a doente umas pequenas melhoras, o que a levou a vir-se embora para o Alentejo, trazendo uma carta do referido médico para o seu colega daqui, que continuou e seguir á risca as suas prescrições, apenas com a diferença de lhe dar as injecções nas nádegas, quando o outro lhas dava nas veias.

As melhoras que trazia de Lisboa foram-se dissipando a pouco e pouco, e, á medida que lhe davam as injecções sentia faltar-lhe a vista.

A ultima injecção foi-lhe dada no dia 3 de Janeiro p. p.do, sendo a que lhe fez pior, porque lhe roubou mais um grande bocado de claridade

Entretanto, tive que sair para aí no dia 12 de Janeiro p. p.do, depois do que fui á Figueira da Foz, Barquinha e Abran-

MARIA AUGUSTA DIAS

tes, regressando em 16 do citado mês, e, quando entrei em casa, deparou-se-me um quadro bem triste. Minha sogra tinha cegado por completo ha umas duas horas. Calcule o meu amigo o estado em que fiquei e encontrei minha mulher; não lho descrevo, porque o meu cérebro não encontra termos apropriados para semelhante dôr. Só lhe digo que foi horrível.

Passadas as primeiras horas veio a reacção e a resignação, e resolvi levá-la a Lisboa para consultar os médicos de mais reconhecida competencia em doenças de olhos, o que fiz, saindo daqui no dia 21 de Janeiro. O primeiro a ser consultado foi o Dr. Gama Pinto, aliás brusco em demasia, embora seja uma grande competencia. Assim que viu a doente torceu o nariz, e disse-me categóricamente que não tinha cura, mandando-me para o Dr. Egas Moniz, acompanhado de uma carta do que junto cópia.

No dia imediato fomos ao referido médico, e, sucedeu precisamente a mesma coisa, disse-me tambem que não era possivel recuperar a vista, e, receitou unicamente para descargo de consciencia, umas gramas de iodeto de sódio com agua destilada. Não fiquei conforme com estas duas opiniões, conservando ainda uma vaga esperança, motivo porque fui consultar o Dr. Borges de Souza, que depois de ver a doente minuciosamente, me disse tambem não ser possivel a cura, mandando-me novamente acompanhado de uma carta para o Dr. Egas Moniz, a qual junto, e que não entreguei, porque como atráz digo já lá tinha estado.

Ainda não desiludido com estas 3 consultas, fui ao Dr. Alfredo da Fonseca, 1.º Assistente do Instituto Oftalmologico, homem que tambem goza de uma grande fama. Fez um exame demorado aos olhos da doente, depois do que me declarou igualmente não ter cura a doença, mandando-me acompanhado de uma carta que tambem incluo, para o Dr. Luiz Pacheco, aonde não fui por a doente ter declarado terminantemente que não queria ir a mais nenhum médico.

Pode calcular o meu Amigo o desapontamento em que fiquei, depois de ouvir as opiniões de 4 médicos reputados os mais habeis e inteligentes, os quais eram unanimes em afirmar que a doença não tinha cura, demonstrando além disso conhece-la a fundo, porque êles próprios descreviam os seus sintomas mais insignificantes com uma precisão matemática, prova evidente que lhe não era extranha, não é verdade?

Depois de todas estas démarches, só nos restava vir novamente para casa, e, foi o que fizemos no dia 24 de Janeiro, após o que escrevi ao meu Amigo, visto a doente ter imensa Fé com N. S. de Fátima, pedindo-lhe a fineza de me enviar uma vazilha com agua de Fátima, que chegou cá no dia 30 de Janeiro. No dia 31 á noite lavou os olhos com a Milagrosa agua, repetindo essa operação nos dias 1, 2 e 3 do corrente; no dia 4 de manhã acordou ainda cega, levou-lhe a creada o café á cama e tomou-o ainda sem vêr, mas, daí por uns minutos, sentou-se na cama para pedir a roupa no intuito de se vestir e levantar, e, qual não é o seu espanto, quando vê distintamente a cama; pareceu-lhe um sonho, olhou em redór e viu tambem o mobiliário do quarto, e como começasse a chorar, acudiu imediatamente a creada que ouviu da sua boca o Milagre, indo a seguir chamar minha mulher que ainda estava deitada, que por sua vez me mandou chamar a mim ao escritório, aonde já me encontrava, comunicando-me a boa nova.

Calcule o meu Amigo a alegria que se apoderou de nós todos, e, que contraste com a tristeza atráz descrita, que por ser tamanha, tambem não encontro frases para a definir.

Todos estes acontecimentos além de serem verdadeiros são bem concludentes e claros, razão porque autorizo o meu Amigo a fazer dêles o uzo que entender, o que faço com bastante satisfação.

Que devemos pensar dum caso desta natureza?

Ouvidos os médicos mais competentes, dizem sem a menor duvida que o mal não tem cura. Começa a doente a lavar os olhos com agua de Fátima, e, passados apenas 4 dias recupera a vista. Cada um fica no que lhe parece, mas, para nós, a unica explicação concreta que o facto tem, é um verdadeiro Milagre. Portanto, Gloria a Deus e Graças a N. S. de Fátima, que me trouxe novamente a alegria ao meu lar, e o socêgo ao meu espirito e ao de minha familia.

Por este correio em separado e sob registo envio a latinha que conduziu a agua, depindo-lhe o favor de quando lhe fôr possivel a enviar novamente cheia, para cujas despezas do correio incluo *esc. 4$50*, já que o meu Amigo nada quiz levar pela primeira embalagem. Há aqui um pequenito céguinho a quem demos uma garrafa da agua Milagrosa, pedindo a N. S. de Fátima se lembre tambem dêle coitadinho. Além desta garrafa outras temos pedidas e oferecidas, porque me custa muito dizer que não e nem tenho coragem para isso. O Milagre que houve em minha casa é do conhecimento de toda esta gente, e, num instante se espalhou por toda a vila.

Não sou por hoje mais extenso, terminando por apresentar os nossos respeitos a sua Ex.ma esposa e demais familia, e, agradecendo mais uma vez a cota parte que lhe devo na alegria que usufruimos novamente.

Dispônha do amigo certo que o abraça

(a) *Manuel Maia*»

Nevralgias.

José Dias de Almeida, assinante da *Voz da Fátima*, natural do Vidual de Cima (Pampilhosa da Serra), actualmente residente em França (Sèvres), pedindo a publicação, envia-nos daqui a seguinte carta:

«No dia 25 do passado mês de dezembro de 1928, deu-me um ataque de nevralgia no braço esquerdo de forma que a mão inchou e ficou tolhida de maneira que não podia levar o pão á bôca nem vestir-me, completamente paralisada.

Ora eu tenho aqui uma imagem de Nossa Senhora da Fátima que me mandou uma filha que tenho. E' ela a que recebe o jornalzinho e mo manda depois para aqui.

Na miséria em que me via, lembrei-me de Nossa Senhora, tirei a imagem donde a tinha e disse: «O' Santa Mãe de Deus, olhai como está esta minha mão, tende

compaixão de mim, curai-me pelas Cinco Chagas do vosso Filho Amado, e eu vos prometo de ir a Fátima ver-Vos e rezar um Rosário de joelhos juntamente com minha mulher e mandarei prègar um sermão».

Coloquei a Santa imagem em cima da mão paralisada e começou a carne a pular entre os dedos. A mão estava fria como gêlo e começou a pôr-se vermelha e o inchaço a abater.

Isto foi no dia 26.

Estava presente quando esta promessa fiz Manuel Vicente da freguezia de Fajão.

O milagre foi tão rápido que no dia 27 já levantava uma cadeira na mão á altura de três metros e hoje encontro-me bom como era antes, graças á Virgem Mão e logo que regresse a Portugal a irei visitar com todo o prazer e cumprir a minha promessa.

Além do dito Manual Vicente, foram testemunhas do facto Joaquim Maria, Matos Fernandes, Joaquim Fernandes, Adelino da Cruz e José Pereira, residente em Sèvres na mesma casa (Grande Rue, 58).

NUMA MANHÃ DE MARÇO

— Bons dias, vizinha Anastácia.

— Adeus, vizinha Quitéria.

Onde vai tão cedo, com o seu fato domingueiro, em dia de semana?

— Vou á desobriga. A vizinha Anastácia não sabe que estamos na Quaresma?

—«Quaresma... desobriga... Tenho uma vaga ideia dos meus pais falarem nisso, mas não sei já bem a significação da palavra «desobriga»...

— Ah! então já se esqueceu da religião dos seus pais? Olhe que a lei de Deus não mudou. A nossa obrigação é ainda a mesma. O preço da salvação não baixou. E fica-se tão contente!...

— A vizinha Quitéria tem estado em Lisboa, e é por isso que fala assim...

Por cá tudo mudou, há muitos anos...

Eu sou ainda muito religiosa; não pense que não.

Vou ás novenas e ás procissões de velas, á semelhança de Fátima, mas o resto... dizem que já não é uso...

— Coitada! Tenho pena de si! Tem ouvido discursos maus e palavreados insensatos, e não tem ouvido repetir a doutrina que seus pais lhe ensinaram!

— Isso é que é verdade, vizinha Quitéria, porque no nosso concelho todo, que tem seis freguesias (com a da séde), só temos dois sacerdotes, e êsses dois, mesmo, teem pouco que fazer.

Casam-se *no Civil*, baptizam-se *no Civil*, e só chamam o padre, alguns, para enterrar os mortos. Mas só depois de estarem bem mortos, o chamam.

— Tristes notícias me está dando, vizinha Anastácia: «Baptizam-se» no Civil, diz você, por não saber o que diz. Chamar baptismo a um registo, que nem cheira a Sacramento! E' um contracto como o da venda duma propriedade ou registo dum animal pelo qual tenha de pagar-se contribuição sumptuária (?).

Pobre povo, vizinha Anastácia! Como o cegaram!...

Vou ver se começo a ensinar doutrina ás crianças deste lugar, para depois as ir apresentar ao Sr. Prior...

— Pois vá, querida vizinha, que eu, quando puder, irei assistir, para reaprender o que esqueci.

— Venha, venha, vizinha Anastácia, e chame as suas filhas e as suas amigas, para virem todas aprender.

Ensinar a doutrina de Nosso Senhor, é a raiz de todo o apostolado: é o apostolado dos apostolados. Sem êste, os outros não teem razão de existir.

O progresso espiritual duma freguesia avalia-se pelos baptizados, casamentos e enterros católicos, e não pelas novenas nem pelas procissões de velas.

— Tem razão, vizinha Quitéria. Os povos esqueceram-se de Deus, do Evangelho e é por isso que anda tudo tão mal governado e orientado! Agora vou entendendo. Deus lhe pague a bondade com que me ensinou.

Desculpe o tempo que a demorei. Como vai para a séde do concelho, que é longe, nem já chegará a tempo de se confessar.

— Se não me desobrigar hoje, voltarei lá ainda esta quaresma! E se me fôr impossível ir até á Páscoa, irei, pelo menos, até ao Domingo da Santíssima Trindade, que é a 26 de maio, neste ano.

Adeus, vizinha Anastácia. Nunca mais julgue que podé dizer-se religiosa a pessoa que não recebe os Sacramentos, que Deus nos deixou na sua igreja para nosso remédio espiritual.

Sem eles não há vida cristã. Impossível.

Rita

Aviso

Pedimos aos presados assignantes em divida o favor de mandarem satisfazer a sua assinatura directamente em carta registada ou vale do correio.

Não mandamos proceder á cobrança, além doutras razões, por nos parecer que todos serão tão interessados como uós na difusão e prosperidades do nosso jornalzinho. A assinatura são dez escudos por ano mas o que nos tem valido é a generosidade dalguns assinantes que nos teem enviado quantias muito superiores. Nem eles imaginam todo o bem que assim fazem.

Em qualquer reclamação é indispensável indicar o numero da assinatura. Pedimos que nos devolvam os numeros repetidos.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	140.612$51
Papel, composição e impressão do n.º 77 (51.000 exemplares)	2.934$75
Sêlos, embalagem, transportes, gravuras e outras despezas	1.020$30
	144.567$56

Subscrição

(Fevereiro de 1929)

Enviaram dez escudos (preço anual da assinatura): D. Ana Paula Aguas de Figueiredo, António Aguas Vaz de Mascarenhas, Dr.. Joaquim Coelho Pereira, Henriqueta do Rosário Coelho Pereira, Maria F. Ferreira, Isabel da Glória Rodrigues, Laura do Carmo de Miranda e Melo, Florinda Ferreira Campelo, João Ribeiro Delgado, Maria Amélia Almada Albuquerque (15$00), P.e Aurélio Martins de Faria (100$00), Maria da Graça Serrasqueiro, Manuel Marques Alexandre, Maria José Lourenço Marcos, Herminia de Jesus da Costa Lobato Pimentão, Flausino e Claudio Esteves Correia Torres, Alcina Alcantara Matos e Silva, Isabel Teixeira de Matos, P.e M. Pombal Amorim (20$00), Ana Madeira Cardoso Esteves, Antonio Pereira Dias, Alice Quintanilha e Mendonça, António Rodrigues da Bela (40$00), Maria Candida J. M. de Freitas, Clara Pimenta, Maria Candida de Freitas, Paulo Campos de Oliveira, Maria José Vilhena, Virgínio de Fornelos, Laura Santos Lima (15$00), Joana Emília Soares de Sampaio, Domingos S. Ferreira (20$00), Maria Delfina Corte Real, Maria Camila Schröeter Viana Carneiro Pacheco (15$00), Judit de Menezes, Maria Carlota M. Mancelos de Aragão (15$00), João Ribeiro, Esmeraldina Calhancas, José Bastos, Arnaldo Narciso da Fonseca e Silva, Margarida de Sousa Santos, Beatriz Amaral Candeias, P.e Joaquim Sequeira Fialho, Maria Emília Neto, Albertina Vieira Simões, Teresa Barros, José Maria da C. Oliveira (de jornais: 155$00), Maria Emília Tinoco Lobo, Emília Bouhardo, Rosalina da Conceição Oliveira, Quina de Doutel, António de Almeida Fonseca Cabral (30$00), Ilda Celeste Araujo, Luiza Isaura Araujo, Teresa de Jesus Quina, Maria Rsoa Figueiredo (12$50), Benevenuta de Freitas Carvalho, Elisa Augusta Morais Braga Ramalho, Zulmira Rosa de Carvalho, Leonardo Francisco, Amelia Martins, Higino Henriques Pais, Tornida Rosa, Ermelinda Amelia Cabral Menezes, Maria da Conceição Rodrigues Fialho, Amélia Augusta de Jesus e Silva Garcia, Maria Isabel Rodrigues, Cecília Baptista, Dionisia Pepe Pereira, Maria do Rosário Machado Cruz, Luzarina Augusta de Matos A. S. Pedro, Maria do Carmo Pinto, Maria José Batalha, Maria José, Maria Maxima F. de Castro Craveiro, Adelaide dos Santos Gomes, Maria das Dores Pereira Coutinho Correia de Freitas, Maria das Dores de Orey Pereira Coutinho, Maria Cecília Belmonte Gomes Neto, Deolinda da Silva Genrinho, Maria da Conceição, Maria Geralda da Luz Pereira (20$00), Benjamim Antonio Ferreira (20$00), João Pereira Marujo da Silva, Secundina Rebelo, Miguel Teixeira dos Santos, Ana de Assis Laranjeira de Medeiros, Maria Castelo Branco Canêdo, António Lopes, João Teixeira dos Santos, Adozinda Alves Ferreira.

Donativos e de distribuição de jornais: Angelo Maria da Costa (100$00), Adriano Menezes (50$00, este e os 13 nomes seguintes), Jaime Lino, tenente V. F. Fidalgo, Marçal A. Louzado, Antonio Coelho Junior, João Francisco Seixas, Rita Gonçalves, José Albino Castelo Branco, Jasso Correia da Silva, Capitão Augusto Guerra da Silva, Capitão Augusto Guerra, tenente Antonio Ferreira, tenente J. M. Vieira d'Azevedo, Fulgencio dos Santos, J. F. de M. Viegas, Romeu de Souza (40$00), Maria Carolina Gomes (30$00), sarg.to Antonio da Rocha Barbosa (30$00), Maria do Rosário Maia (30$00), Joaquim Carrasco (20$00), este e mais os 13 nomes seguintes): Sebastião Miguel Nunes, M. Salvador de Carvalho, Joaquim de Carvalho, Eduardo do Rosário, sargento Manuel Francisco da Silva, Justina Marques, Adelaide Quintão Raposo, Virginia Nunes Shawalcach, Clementina Almeida Rodrigues Sara Fernandes, Vitorino Garcez, Julio Esteves, Albano Augusto, todos residentes em Africa (Tete); Maria Pedrosa Matias Ferreira (53$50), Leopoldina Curado (30$00), Antonio Vieira Leite (115$00), Manuel Garcia Quinteiro (50$00), P.e Antonio Correia Ferreira da Mota (90$00), P.e José Vieira Alvernaz (160$00), Viscondessa de Baçar (150$00), Maria Boa Hora Bernardes (50$00), Laura Teixeira Correia Branco (40$00), Olimpia do Nascimento (35$00), Angelina da Conceição Soares Matos Louzada 100$00), Maria Izabel da Costa Bruno (18$00), Elvira Penaforte Cardoso (100$00), Felix Ferreira Alves (50$00), Lucinda d'Oliveira Gabriel (39$00), Ana Augusta de Freitas (70$00), Joana da Gloria Pedroso Simões Alves (50$00), Tertuliana de Jesus (30$00), Maria Henriqueta Magalhães (83$20), P.e Raul Camacho (2 dolars).

Um segrêdo para ser feliz

Aos que imaginam que a vida lhes foi dada para gosar e desconhecem a consoladora doutrina da utilidade e necessidade do sofrimento, recomendamos a seguinte narração.

Existia no seculo quarto, na cidade de Colonia, um celebre prègador chamado João Taulero, famoso pela sciencia e pela caridade.

Um dia estava na igreja a pedir a Deus de todo o seu coração que lhe fizesse conhecer o melhor meio de o servir.

Acabada a oração, sae e vê um pobre a tiritar de frio num dos degraus da porta, esfarrapado e tão desfigurado que só olhar para ele excitava a piedade.

Tinha metade da cabeça roida por uma ulcera, tinha perdido um braço e uma perna e o corpo coberto de horriveis chagas.

Compadecido, Taulero aproxima-se desse desgraçado, puxa duma moeda de prata e sauda-o:

— Bom dia, caro amigo.

— Obrigado senhor (respondeu o pobre), mas eu nunca tive maus dias.

Taulero pensou que o desgraçado não o tinha compreendido e repetiu: «eu desejo-lhe um bom dia, desejo que seja feliz e que tenha tudo o que possa desejar.»

— Compreendi muito bem, senhor, replicou o mendigo, e agradeço-lhe a sua caridade, mas digo-lhe que ha muito o vosso desejo está satisfeito.

Taulero dizia lá consigo: este pobre homem perdeu a cabeça ou não ouve. Erguendo pois a voz, gritou: vossemecê não me entendeu; desejo que seja feliz.

— Ah. senhor, por Deus não se zangue. Eu já lhe disse que ouvi perfeitamente e repito-lhe que sou muito feliz e nunca tive maus dias.

Taulero teve-o por tolo durante alguns instantes. Notou porém, nas suas palavras um certo ar que lhe chamou a atenção.

Aproximou-se dele, assentou-se e pediu-lhe como candura que se explicasse melhor.

—«Senhor, respondeu este pobre homem, é clarissimo. Desde a minha infancia sei que Deu sé sabio, justo e bom. Desde a minha infancia sofro da cruel doença que me tem devorado uma grande parte do corpo. Sempre fui pobre...

Disse cá comigo: sem a vontade ou poder de Deus nada acontece. Nosso Senhor sabe melhor do que eu o que me convém, porque o Senhor ama-me como um pae ama seu filho...

Estou, pois, certo que estes sofrimentos são para o meu maior bem. E assim, estou acostumado a querer somente o que quer o meu amado e bom Senhor.

E, se Ele me envia doenças, recebo-as com alegria, como se elas fossem minhas irmãs. Se me dá saúde, aceito-a com prazer.

Se me não dá de comer, estou contente com jejuar para expiar os meus pecados e os dos outros.

Se não tenho que vestir, lembro-me do meu Salvador nú no presépio e na cruz, e acho-me muito mais rico que Ele.

Se sofro na terra, compreendo que hei de ser muito feliz no Céu.

Que mais lhe hei-de eu dizer? Estou sempre contente e se choro com um olho, rio-me com o outro porque quero tudo o que Deus quer e só desejo o cumprimento da sua santa vontade. Já vê que sou felicissimo, que nunca tive maus dias e que tenho tudo o que posso desejar.»

Taulero chorava em silencio... Nunca ele ouvira um sermão tão edificante. Uma capa que trazia deu-a ao pobre, deu-lhe a unica peça de moeda que lhe restava no bolso e, não obstante a grande ferida que o desgraçado tinha na cabeça, abraçou-o com efusão!

Entrou na igreja para agradecer a Deus por lhe ter ensinado o meio mais perfeito de o servir.

Dahi por deante imitou o mais que pôde esse santo pobre e tinha o costume de dizer recordando esta tocante aventura: «A felicidade é possivel em todas as condições, tanto para o pobre como para o rico, para o doente como para o são.

A felicidade está no coração e não fora dele. Está na *disposição* e não na *situação*.

Façamos a vontade de Deus, amemos a Deus, e seremos felizes em qualquer situação que nos encontrarmos.»

Um esplêndido sermão

Estava um dia à sua janela uma senhora fidalga, viuva e muito sensata, quando viu uma sua creada andar varrendo da loja para a rua, triste como a noite, córada como uma romã, e chorosa como uma Santa Maria Madalena.

Vae ter com ela e, com carinho, pergunta-lhe a razão da sua tristeza.

Era o caso que a boa da rapariga tinha nascido de gente considerada e em casa farta e em pequena tivera creada para a servir.

Por morte dos pais caira na pobreza, o que a trazia a servir por casas alheias.

«Não me custa o trabalho (soluçava ela), o que me custa é a vergonha, andar aqui a varrer á vista de quanta gente passa...»

A senhora, sem enfado, toma-lhe das mãos a vassoura e põe-se a varrer desassombradamente a testada da casa.

Ficou a creada a principio, boquiaberta a olhar para ela; depois quiz tirar-lhe a vassoura.

«Deixa estar, filha, retorquiu a senhora, isto nada me custa, que vergonha é fazer a gente coisas uteis? Outros, que eram mais que tu e eu, as fizeram.

A virgem Maria (e mais era descendente de muitos reis e, emfim, era a Virgem Maria) tenho a certeza que tambem varria a sua casinha como tu ainda agora fazias. O filho de Deus, apesar de ser Filho de Deus e Senhor do Ceu e da terra, não viveu trinta anos em tamanha humildade, desde as palhinhas do presépio até ser preso, esbofeteado e pregado na cruz?

Estou vendo que Ele não havia muita vez de tirar a vassoura das mãos de Sua Mãe Santissima para varrer em lugar d'Ela!...

Anda, filha, anda; não façamos nós coisas de que nos envergonhemos, que lá o trabalhar no que é necessário não é coisa que nos deva fazer corar.»

O sermão não fôra encomendado, mas foi pago; a creadinha que já era boa, ficou optima.

Confraria de Nossa Senhora de Fátima

Graças a Deus Nosso Senhor e à sua e nossa boa mãe do céu, Maria Santíssima, esta confraria fundada pelo venerando Bispo desta Diocese, tem aumentado muito em diversas regiões de Portugal. Quási todos os dias a direcção recebe pedidos de listas e patentes para a admissão de novos confrades, que colectores e colectoras, cheios de zêlo pela glória de Nossa Senhora, procuram angariar. E' claro que só Nossa Senhora agradecerá a essas almas zelosas o trabalho que tiverem para propagar esta obra de tão grande alcance espiritual; de maneira que a essas pessoas e a outras que lhe queiram seguir o exemplo, nós incitamos a que trabalhem sempre, cada vez com maior zêlo, nesta obra que está ainda em principio, mas sempre com os olhos em Deus e Sua mãe Santissima. Chamamos hoje a atenção dessas pessoas para a primeira das obrigações dos confrades, que está na 1.ª parte do artigo 4.º dos estatutos, e diz o seguinte: *Os confrades têm obrigação de viver cristâmente.* Por isso os zelosos colectores não admitam nesta milicia da Virgem senão pessoas que vivam segundo os preceitos do Senhor. Também será muito do agrado do Nossa Senhora que todos os colectores e os confrades empreguem os esforços possiveis para cumprir o primeiro dos fins desta confraria, isto e: — *que trabalhem pela conversão dos pecadores.* E, de diversos modos podemos trabalhar na conversão dos pecadores nesta grande obra que foi a do próprio Jesus Cristo. Sim, porque foi para nos salvar que Nosso Senhor desceu á terra onde suportou sofrimentos horrorosos até que, pregado numa cruz expirou exausto de sangue. Podemos trabalhar nesta obra de quatro modos: *Prègando, aconselhando, dando bons exemplos e orando.* O primeiro modo nem todos podem pô-lo em prática, pois que só aos sacerdotes do Senhor foi dada a missão especial de prégar. Mas dar um bom conselho a uma pessoa que andar afastada do caminho do Senhor quási todos o podem fazer, e quem o fizer terá sem dúvida uma recompensa eterna porque, se apenas um copo de água dado em nome de Jesus tem grande recompensa no céu, um bom conselho há-de necessáriamente ter uma recompensa maior. Mas, se ainda nem todos tiverem a coragem e o desassombro necessários para dar um bom conselho, todos podem dar bons exemplos, e esta forma de apostolado é sem dúvida muito útil á obra de Deus. Nosso Senhor de vez em quando dava diversas ordens e conselhos a seus apóstolos e acrescentava: — *ut videant opera vestra bona et glorificent patrem vestrum qui in coelis est — para que vejam vossas obras boas e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.* Por fim temos a oração ao alcance de todos tanto ricos como pobres, tanto sábios como ignorantes. Ninguém há que não possa orar pelos pobres pecadores. Oremos pois, todos e cada um de nós, por nossos irmãos afastados do caminho do Céu. Quem sabe se Deus estará á espera das nossas orações para dar a graça da conversão a muitas almas que sem o nosso auxilio morreriam impenitentes?! Trabalhemos pois todos queridos confrades de Nossa Senhora com a palavra, com o exemplo e com as nossas orações pela conversão dos pecadores. Por eles todos Nosso Senhor derramou seu sangue até á ultima gota. E ainda que fosse por um só Nosso Senhor derramaria tambem como ele o revelou a uma alma sua fiel serva. Não queiramos, pois, consentir que por nosso descuido o demónio vá no inferno consolar-se de ter inutilizado o sangue de Jesus Cristo porque cada alma que se perde é um triunfo para o demónio pois uma alma vale tanto quanto vale o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo!!!

Silêncio... traidor

Na mesita ao meu lado estavam sentados uns doutores — professores do ensino secundário oficiál.

Um dêles, a propósito de pedagogia pontificava na asneira contra a religião católica, contra a história, contra o simples bom senso. Os outros escutavam com um sorriso acaciano de aplauso e umas observações *espirituosas*... Conhecia eu alguns de trato e o *pontifice* apenas de nome e de vista. Um médico, meu amigo, sentado à minha mêsa, notando que a conversa dos *conspícuos* me aborrecia, êle, que não é religioso, disse-me com um sorriso: «Deixe-os lá! F. é um pateta! E os outros não vão longe!»

E eu, para me não incomodar...

Calei-me!

Silencio!

Não me devia ter calado! Reneguei, com o meu silencio comodista, a Cristo Jesus! Calar-me o mesmo foi que gritar: «Não o conheço! Podem vocês dizer, nêsse tom impertinente e adocicado, todo o mal que quizerem d'Ele e da sua Igreja; é me indiferente; não o conheço! Podem vocês planear, a essa mesa de café, um programa torpe de ensinamentos do erro, de doutrinas venenosas, podem esboçar essa obra de educação dissolvente, caluniando a Igreja, falsendo a história, retorcendo sofismas, que eu não estou para criar inimizades...; não conheço o homem de Nazareth!

Se uma ou outra vez me ouviram palavras que pareciam denunciar-me como Galileu, talvez como discípulo desse Homem que arrata e perturba as multidões, isso... foi engano!

Não passou de uma aparência!

Vêde como estou caládo!»

O médico meu amigo olha para mim de soslaio. Apezar do que me disse, êsse olhar é para mim uma intoleravel censura. Levanto-me e retiro-me.

— Custou-lhe o ficar calado?

— Custou!

— Para a próxima vêz não lhe direi nada e você poderá falar!

E foi-se.

Faltei eu, por esta vêz, pois felizmente nem sempre isso me acontece, ao meu dever de cristão.

Um falso conceito da amizade, o comodismo, o respeito humano, uma ideia erradíssima do que seja a boa educação, o ridiculo temor de não fazer uma brilhante figura nas minhas réplicas permitiram àqueles homens, que são os educadores da nossa mocidade, o alargarem-se em considerações aleivosas e deprimentes feitas em voz alta, acompanhadas de sorrisos tôlos, a respeito daquilo que eu julgo ser o Bem e a Verdade!

Enquanto existirem cristãos pusilánimes e cobardes como eu, os semeadores do mal terão o jôgo fácil!

Não! E' a ultima vêz que tal me acontece.

Senhor! Perdoai a mentira da minha afirmação de que professo a doutrina e estou pronto a dar a vida por Vós e por ela! Ajudai-me a, pelo menos, ter a coragem das minhas convicções até o ponto de pôr de parte uns ridículos respeitos humanos.

Esmolas obtidas em várias igrejas quando da distribuição da «VOZ DA FÁTIMA»

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, pela Ex.ma Sr.ª D. Noémia Rolo nos mêses de Dezembro de 1928 e Janeiro de 1929 ... ... 11$00

Meros acasos...

Por uma estrada rural duma diocese espanhola caminhava há tempos a pequena velocidade um automóvel com o Prelado daquela diocese.

Num campo ao lado um camponês açoutava um pobre animal por ele não poder arrancar o carro demasiadamente carregado.

Mal o Prelado acabava de passar chega-lhe ao ouvido acompanhado do ruído mais forte a pronuncia duma horrrosa blasfémia.

Manda parar o automóvel, desce, dirige-se ao carroceiro, manda-o ajoelhar e deante dele de mãos erguidas disse repetidas vezes: «Bemdito e louvado seja o Santíssimo Sacramento» contra quem tinha pronunciado aquela horrorosa blasfémia.

Serviu-lhe de emenda. A chorar pediu perdão ao seu bispo e nunca mais se lhe ouviu pronunciar blasfémia alguma em toda a vida.

Se todos soubéssemos ter o zelo daquele Pastor não ouviríamos tantos palavrões por essas oficinas, ruas e praças da nossa terra.

Saibamos todos ter a coragem de censurar os que nos nossos trabalhos por vezes se desmandam em linguagem.

E' necessário que cada um respeite o templo de Deus que é o seu próprio corpo, o seu companheiro e amigo que é o Anjo da Guarda e os ouvidos cristãos de tantos a quem êsses palavrões vão poluir.

Encantadora história de piedade infantil

A excelente revista *Hóstia*, orgão internacional da Cruzada Eucarística das Crianças, narra o seguinte facto que traduzimos livremente:

«Em 1885, o Padre Hall, redentorista, muito conhecido em toda a Inglaterra pela sua dedicação para com as crianças, foi fazer uma missão numa das mais insignificantes aldeias daquele reino. Segundo o seu costume, tomou à sua conta os pequeninos cuja atenção sabía prender com instrucções muito singelas e interessantes. Notou o Padre que entre o seu auditório infantil havia rapazinhos tão pobres no vestido e no calçado, que alguns até nem sapatos traziam. Então, para animar e consolar os pequerruchos, o missionário começa a falar-lhes sôbre a pobreza de Jesus. A pintura que dela fazia era tão ao vivo que as crianças, enternecidas, se julgaram em presença da mesma realidade. — Meus amiguinhos, dizia-lhes depois o Padre Hall, o Menino Jesus tambem andava assim descalço como vós. Por isso é que Ele tem os pobres como mais predilectos do seu Coração do que os outros. Portanto não tenhais vergonha de andar descalços e mal vestidos... continuai a vir ao sermão.

Quando todos estavam já suficientemente preparados para a primeira comunhão, o missionário dispoz tudo para esta grande solenidade. Chegado êsse dia venturoso, lá se encaminha a pequenada toda para a igreja. As mães, coitadas! fizeram quanto lhes permitia a sua pobrêza, para que os filhos fossem bem vestidos e asseados, mas ainda assim muitas das crianças tiveram de ir á primeira Comunhão de pés descalços. A' missa era grande o recolhimento e devoção de todos. Depois da Comunhão do padre, o ajudante reza a Confissão, o sacerdote dá a absolvição e diz o *Domine non sum dignus*. Vai entrar Jesus na alma dos seus predilectos. Mas, com grande espanto do Padre Hall, nem uma só criança se aproxima da mesa sagrada. Que será?

Foi o seguinte. As crianças ricas vendo os meninos pobres sem calçado nos pés, tiveram uma ideia admiravel que ninguém lhes sugeriu. Emquanto o missionário dizia as orações, tiraram botas e sapatos para irem receber o Senhor, descalços como as criancinhas pobres.

Ao dar pelo que se passava o Padre Hall desviou o rosto para o lado caindo-lhe ainda sobre o pé da pixide duas grandes lágrimas de comoção profunda. Entretanto as Crianças avançavam já para o altar de mãos postas, sorriso nos lábios, descalças todas, unidas, tanto as ricas como as pobres, nos mesmos sentimentos de amor á humildade de Jesus!»

Quantos dentre nós, os adultos, teriam animo para um acto como êste de publica manifestação de humildade e de amor do próximo

Ah! a alma das crianças é um tesouro riquíssimo. Que bens para as almas, para a Igreja e para a Pátria se soubermos aproveitar tamanha riqueza inexplorada ainda em Portugal!

Conselhos de uma boa mãe a sua filha

1.º — Ama a tua mãe sobre todas as mulheres.

2.º — Não conserves pensamentos que tua mãe não possa conhecer nem pratiques actos que ela não possa ver.

3.º — Declara-te antes culpada de uma falta, do que mentir hipocritamente.

4.º — Sê no lar o anjo que enxugue, com amor, as amarguras e cubra de alegria as tristezas.

5.º — Prefere a modestia à beleza. Sê boa sempre.

6.º — Tem convicções sinceras, fé pura, conhecimentos sólidos e sentimentos elevados.

7.º — Trabalha em tua casa como se não tivesses o auxilio de tua mãe. Pratica a tua vida como se Deus estivesse presente, e faze diàriamente a tua comunhão.

8.º — Aprende a falar sempre sem encolerizar-te, a sofrer e gozar sem extremos, e terás conseguido muito para seres feliz.

9.º — Habitua-te a ver em tua casa a mais agradavel das residências e em teus pais os melhores amigos.

10.º — Trata e estima a todos os teus irmãos como a filhos, não te esqueças que, não sendo boa amiga, não serás boa esposa e não sendo boa filha, nunca poderás ser boa mãe.

Um bilhete postal para... Deus

Ao fazer-se a divisão da correspondência postal, na Central de Paris, um dos distribuidores encontrou um bilhete postal dirigido ao *Bom Deus*, concebido nestes termos.

«Senhor Bom Deus.

O papá está muito doente, e a mamã não pode cuidar dele porque morreu. Eu queria substitui-la mas sou tão pequeno! Assim pequeno não posso ganhar nada para a compra de remedios na farmácia. Vós que tudo podeis, ajudai-me, providenciai para que meu papá se cure.

Vosso respeitoso servo.»

O pequenino correspondente que tão ingenuamente se dirigira ao bom Deus, tivera o cuidado de assinar o seu nome e direcção. O distribuidor ao ler tão estranho postal hesitou sobre o destino a dar-lhe. Por fim, decidiu lançá-lo a esmo, no meio do pesado maço de correspondência, e partiu. Ao fazer a distribuição da correspondência de um abastado industrial, surgiu-lhe o postal em que não pensara mais. Hesitante sempre, pediu o auxílio do rico capitalista, no sentido de resolver a sorte a dar ao postal para o Bom Deus. O industrial leu, releu e pediu que lhe fosse entregue o singular postal.

Poucos dias depois, um seu empregado entrava em casa do pequeno signatário, entregando, em nome do Bom Deus, um envelope com 500 francos. A confiança do pequeno Eugénio foi assim recompensada. Deus não despreza nunca os que o invocam.

Sinite parvulos...

Hoje, em vez do costumado conto, irá uma serie de factos com a impressão que eles me causaram.

Aqueles que me lerem nada perderão. Trocar-se-lhes-há apenas o producto da minha pobre fantasia por alguns factos reais que, embora despidos de toda a roupagem literária e apresentados na quási nudez da realidade, nem porisso deixam de ser impregnados de certo perfume e poesia que os tornam sobremaneira encantadores.

Ia então dizer missa a uma capelita dum lugar perto da minha terra.

Era um dia de primavera e o ceu, salpicado de pequenas nuvens róseas, anunciava o próximo aparecer do astro- rei.

Estugava o passo que a missa era ao sol-fóra, e ia-me deliciando com a frescura daquele odor inebriante que na primavera se desprende de todos os cantos da terra, em qulaquer caminho das nossas aldeias.

E ia-me embebendo neste pensar: que a gente humilde dos campos, mesmo entre a lida das casas e o labutar das terras, é sem dúvida mais feliz porque, em contacto permanente com a natureza se eleva mais facilmente ao pensamento de Deus cujos louvores ouvem cantar por toda a parte.

Ha-de haver por aqui, decerto, almas excelentes, escondidas, desconhecidas que como violeta oculta por entre o folhado perfumam o ambiente espiritual em que vivem.

Reservava-me Nosso Senhor naquele dia uma consolação particularissima.

A' comunhão, entre as pessôas adultas de mãos erguidas e porte piedoso, joelhava-se á mesa sagrada um pequenito — tão pequenito que mesmo em pé não chegava ainda á altura da toalha.

Fui tentado a preguntar-lhe a idade, as disposições ou para mais depressa a diferir-lhe a comunhão.

Mas, quando perto dele o olhei e reparei no seu porte tão recolhido, tão piedoso, tão atento, esvaíram-se-me todas as dúvidas.

Dei-lhe o Corpo de Nosso Senhor.

Ao caminhar para ele com a Hostia Sacrosanta aqueles olhitos que eu ainda não tinha visto levantaram-se-me para Ela com tanto amor, tanto carinho, tanta ternura que por eles lhe escapava toda a alma ao encontro do seu Jesús.

E aquela boquita que tão delicadamente se abrira para o receber, sentindo-o em si, fechou-se e de tal maneira que com ela pareciam fechar-se para o mundo exterior todos os sentidos daquele pequenito que de cabeça baixa se ficou a falar interiormente com Jesús Sacramentado.

(Continua)

Ano VII Leiria, 13 de Abril de 1929 N.º 79

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: -- *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA DE FÁTIMA

Bom tempo e mau tempo

A minúscula «Voz da Fátima», sentinela vigilante da Cova da Iria e humilde porta-voz das glórias e triunfos da augusta Rainha dos Anjos no santuário privilegiado da terra de que é a nobre Padroeira, não pode, certamente, desempenhar o papel, que não lhe compete, de boletim meteorológico da região montanhosa da serra de Aire, onde está alcandorada a Lourdes Portuguesa.

A maior parte dos orgãos da imprensa periódica fornece aos seus leitores, em secção especial, o comunicado da luta perpétua entre o sol e a chuva, entre o bom e o mau tempo, entre o frio e o calor. Ao «mensageiro da Virgem do Rosário» não é lícito imitar êsse exemplo. E' até de crêr que muitos dos seus leitores tenham notado com certa estranheza que êle se permita assinalar todos, ou quási todos os meses, as diferenças de temperatura e as variações do estado atmosférico. E contudo, esta particularidade, aparentemente insignificante, não é de somenos importância: ha alguma relação entre a temperatura do ambiente e o número dos peregrinos que acorrem ao local das aparições.

Nem todos os fiéis são heroís, e muito menos são anjos que não sintam nem o frio nem o calor. O número dos assistentes varia todos os meses, quer de verão, quer de inverno, para mais ou para menos segundo o tempo, bom ou mau que faz.

Assim, no corrente mês, em que a temperatura era suave e tépida e o cariz do firmamento se não apresentava tão carregado, a concorrência de fiéis elevou-se ao dôbro, ou mais ainda, da do mês anterior, tendo-se realizado os actos religiosos ao ar livre, e não na igreja da Penitenciaria, como sucedeu nesse mês.

Os actos religiosos

A comemoração festiva das aparições e dos sucessos maravilhosos efectuou-se precisamente na fórma dos meses precedentes. Um numeroso grupo de sacerdotes da diocese de Leiria tinha vindo expressamente de manhã cedo para atender os fiéis de ambos os sexos no sagrado tribunal da Penitência. De espaço a espaço, na igreja da Penitenciária e na capela do Pavilhão dos doentes, um ministro do Senhor sobe ao altar para celebrar o Santo Sacrifício da Missa ou administrar o Pão dos Anjos.

Os doentes de ambos os sexos, à medida que vão entrando no recinto do Pavilhão, munidos das senhas recebidas no Posto das verificações médicas, são conduzidos aos seus logares nas respectivas bancadas pelas servas de Nossa Senhora do Rosário. Junto da varanda da capela, próximo do púlpito móvel, está deitada sôbre um colchão uma senhora ainda nova, que sofre de tuberculose ósea. O seu rosto, pálido e emaciado pelo sofrimento, traduz simultaneamente a resignação e a esperança, aliadas aos mais acrisolados sentimentos de piedade cristã. Dos lábios descòrados sai-lhe constantemente um ciciar de prece sentida e fervorosa e dos olhos brotam-lhe por vezes lágrimas de funda e irreprimível comoção. O pobre pai, que é protestante, assiste de perto àquela scena incomparável de dor e resignação e comove-se também, profundamente abalado até às fibras mais íntimas da sua alma e preparando-se talvez para seguir o caminho de Damasco. Outras pessoas de familia rodeiam-no, invocando a protecção de Maria em favor da querida enferma, e pelas faces de tôdas deslisam silenciosamente as bagas do pranto.

Ao meio-dia solar realiza-se a procissão que conduz a Imagem da Virgem do Rosário da capela das aparições para a das missas. Recitado o *Credo*, um sacerdote sobe ao altar e celebra a missa dos doentes. Durante a missa recita-se o terço, cantam-se alguns cânticos piedosos e reza-se a ladaínha de Nossa Senhora. Depois da missa, o celebrante dá a bênção com o Santíssimo Sacramento, primeiro a cada um dos doentes e em seguida a todo o povo. Terminada a bênção, sobe ao púlpito o rev. dr. Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria, que fala durante meia hora sôbre a devoção à Santíssima Virgem. Por fim reconstitue-se a procissão que reconduz a Imgem de Nossa Senhora à capela comemorativa das aparições, onde a multidão reza e canta e pela bôca do rev. dr. Marques dos Santos se consagra á augusta Mãe de Deus.

Imagem de Nossa Senhora de Fátima, benzida pelo Snr. Bispo de Leiria, tocada na imagem que se venera no Santuário, destinada à igreja paroquial de Santo Cristo do Milagre, do Rio de Janeiro

O milágre da Virgem

Coria o mês de Março ultimo. As scenas comoventes, que vão perpassar rápidamente, como uma fita nô *écran*, diante do espirito do leitor, desenrolam-se em plena capital, num prédio do Alto de Pina. Habita ali, há bastantes anos, uma família de modesta condição, que a desventura tem por vezes duramente experimentado. Uma senhora ainda nova, pertence a êste lar irrepreensívelmente honesto e tradicionalmente cristão, começa em dado momento, a sentir feri-la dum modo descaroável, o pungente acúleo de muitos e variados sofrimentos físicos. Debalde percorre, como quem cumpre uma triste sina, a via dolorosa dos consultórios médicos, das policlínicas e das casas de saúde. Em vão recorre ás maiores sumidades clínicas, em vão aplica ao seu caso patológico os récipes recomendados pelos mais recentes progressos da sciência. Esta apenas consegue diagnosticar-lhe perfeitamente os males de que padece, declarando-se ao mesmo tempo impotente para os debelar. O estado da enfêrma agrava-se cada vez mais, de dia para dia. O exame médico assinala no seu organismo combalido a existência de múltiplas enfermidades, gravíssimas e insanáveis. A pobre mártir de tanta dor tem no cérebro um tumor de mau carácter, sofre duma ênterocolite e está tuberculosa. Ainda outros males minam até ao âmago do seu ser físico aquele mísero farrapo humano.

Um grande mestre, um sábio consumado, intervem, com a sua alta competência e o seu saber de experiências feito, como derradeiro recurso. A sua opinião autorisadíssima, leal e francamente exposta, lança a família da doente na maior consternação que é dado imaginar. Em última instância, indica um distinto especialista, médico de fama europeia, como o único capaz, não de a curar, o que reputa humanamente impossível, mas de a levantar um pouco do abatimento moral em que jaz e de lhe atenuar por ventura as dores incomportáveis que a torturam. Uma ilustre e caritativa senhora da mais autêntica e pergaminhada nobreza de Portugal, tendo conhecimento dessa indicação e condoída da triste sorte da doente, interpõe o seu valimento junto do referido especialista, que desinteressadamente acede de bom grado a ir visitá-la. O seu diagnóstico, porém, é terrível e não admite apêlo nem agravo. Trata-se, na sua opinião de clínico abalisado e conscienicoso, dum caso ver-

dadeiramente desesperado. A doente está irremediàvelmente perdida.

«Aqui só um milagre, diz êle, e eu não posso operar milagres.»

E logo acrescenta, numa rude franqueza, voltando-se para a enfêrma: «Se a senhora é crente, peça a Deus que a mate, porque o tumor que tem no cérebro há-de provocar dores horríveis e insuportáveis, capazes de a fazerem enlouquecer.»

A desditosa senhora, perdidas tôdas as esperanças de remédio humano, volve o pensamento para Deus e recorre ao seu poder infinito por intercessão de sua Augusta Mãe, sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima.

Animada duma confiança íntima, profunda e inabalável, aplica á cabeça uns paches de água da fonte miraculosa, que consegue obter por intermédio duma pessoa das suas relações, e pouco depois, de improviso, a sua surpreza e a sua alegria elevam-se ao auge e expludem num grito veemente, que traduz tôda a gratidão da sua alma reconhecida para com a Onipotência Divina e para com a bondade maternal de Maria Santíssima: «Estou curada!»

A princípio, a sua família recusa-se terminantemente a acreditar na cura. Uma indiferença absoluta e uma frieza glacial acolhem o entusiasmo ardente e irreprimível que lhe trasborda dá alma e se traduz em palavras. Julgam que ela tivesse perdido o uso da razão, como o especialista previra, mercê das consequências da evolução natural do tumor localizado no cérebro. Mas, a breve trecho, todos se rendem, alegres e felizes, perante a evidência empolgante dos factos. A doente estava realmente curada. Todos os seus males tinham desaparecido como que por encanto.

No dia seguinte, recebe a visita do santo dr. Cruz, seu conterrâneo, que por ela tão fervorosamente orara e que, felicitando-a pelo grande favor obtido, recita com ela e com tôdas as pessoas presentes o terço do Rosário em acção de graças.

A treze do mesmo mês, acompanhada pela família, vai a Fátima agradecer a Nossa Senhora do Rosário a sua cura miraculosa e ali, naquele logar abençoado do Céu, junto da Imagem da Virgem e aos pés de Jesus-Hóstia, a sua alma exulta de santo júbilo e expande-se em preitos de louvor e reconhecimento.

No Posto das verificações médicas, o dr. Pereira Gens, director do Posto, depois de a ter interrogado, observado e auscultado atenta e cuidadosamente, constata essa cura extraordinária, maravilhosa, inexplicável aos olhos da sciência.

E aquele pobre farrapo humano, que ainda havia poucos dias se encontrava à beira do sepulcro, qual flor murcha pendida na haste e prestes a secar e a desfazer-se em pó, espalha em tôrno de si, exuberante de vida e saude, a admiração e o assombro pelo poder da gloriosa Senhora de Fátima que se dignou curá-la divinamente.

Nossa Senhora de Fátima no Brasil

Duma carta escrita por um aluno do Colégio Português em Roma, da diocese de Leiria, ao venerando director espiritual do Seminário daquela cidade, rev.do P.e Magalhães, tomamos a liberdade de reproduzir aqui os seguintes períodos: «O sr. P. J. M. Moreira é uma bela alma: franco, alegre e sobretudo um apóstolo de Fátima. Como tal nunca vi! A propaganda de Fátima que êle fez pelo Brasil, já V. Rev.cia a conhece, creio eu. Todavia deixe-me dizer-lhe alguma cousa a êsse respeito. Pela região, onde êle estava, foram já distribuidas mais de duas mil estampas de Nossa Senhora, daquelas que trazem a novena. Artigos em jornais e revistas, escreveu uma porção dêles. A propósito dum artigo que publicou num dos maiores jornais dali, «O Jornal Pequeno», contou-nos o seguinte: — O artigo tinha por título «A Lourdes Portuguesa.» Ora, quando ha uma artigo excepcional, saem os garotos para a rua a anunciá-lo por tôda a parte. Foi o que fizeram também a êste. E tôda a gente queria saber de que se tratava. O caso é que, passado pouco tempo, estavam vendidos todos os exemplares. — Havia alí um célebre espiritista, dos mais avançados, a quem um amigo levou o jornal que inseria êsse artigo, para que êle lesse também.—«Não, não leio!», disse êle — «Há-de ler; pois, porque não?,» retorquiu o outro. E na verdade, para comprazer com o amigo, leu... E, antes de terminar a leitura, volta-se para êle e diz: — «Mas isto é bonito!...» — «Pois sim, mas leia tudo,» insistiu o companheiro. E o espiritista continuou a ler até ao fim. E diz-lhe o amigo, que já advertira na impressão que lhe tinha causado a leitura daquele modesto artigo, em que se descreviam a história das aparições e a peregrinação de Maio do ano passado: — «Então que lhe parece?» — «Que lindo!...», foi a resposta. — «Agora desta vez sempre se converte ou ainda não?,» preguntou finalmente o amigo. E o espiritista já lhe não respondeu. Pôs-se a chorar e... converteu-se!... Bemdita seja Nossa Senhora de Fátima!»

Nossa Senhora de Fátima na Itália

Da mesma carta recortamos outra passagem interessante:

«Voltando ao nosso caro P. Moreira, digo mais que êle aqui continua a fazer a propaganda de Fátima. Já tem os professores da Universidade Gregoriana quási todos convertidos! Uns pedem informações, outros estampas de Nossa Senhora. Uns, os que sabem português, leiem «As grandes maravilhas de Fátima», os outros falam do assunto com vivo interêsse. Diz êle que tem pena de não saber ainda falar bem o italiano. Entre os professores mais entusiasmados estão o P. Restrepo, colombiano, lente do primeiro ano de Direito, a quem dou todos os meses a «Voz da Fátima», o P. Boyer, lente do segundo ano de Teologia, que pediu um exemplar do «As grandes maravilhas de Fátima» para ler a história dos acontecimentos, P. Van-Laak, holandês, e o P. Zapalena, ambos lentes do primeiro ano de Teologia, o P. Mostaza, do segundo ano de Direito, e muitos outros.»

Visconde de Montelo

AS CURAS DE "FATIMA,,

Ulcera no estomago e larangite crónica

Amelia da Silva, *de S. Martinho d'Arada (Ovar).*

Meu bom Am.º Col.ª

Certamente já não se lembrava da pequena peregrinação de Arada à Fátima em 13 de Agosto do ano findo. Nem admira. Era uma gota de água no meio do mar imenso que aí se forma. Mas a Virgem Santíssima lançou sôbre ela os seus olhos misericordiosos, e uma das doentes que nela se encorporara teve a ventura de ser curada das suas doenças.

Não estranhe esta demora em tornar público tão assinalado favor de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

E' que tínhamos receio de ser enganados por uma aparência de cura.

Amélia da Silva

Julgo ter corrido o tempo suficiente de prova e poder tornar conhecida a cura.

Quem é a curada?

Uma pobre rapariga de aldeia que precisa de ganhar o seu pão por meio dum trabalho contínuo e árduo.

Haverá uns doze anos que principiou a sofrer duma rouquidão e de dores no estômago que não a deixavam trabalhar.

Consultou vários médicos sem nada conseguir. O atestado médico junto é bem claro.

Organisei a peregrinação a Fátima e ela também se inscreveu.

Partira de Arada com os restantes peregrinos, que ocupavam três camionettes, na madrugada do dia 12 de Agosto. Na viagem ainda se notaram os seus padecimentos, vomitando sangue e queixando-se bastante, sendo bem reconhecido o seu mal estar.

Passou a noite no pavilhão dos doentes e durante as várias horas de adoração continuou queixando-se.

Quando principiou a inscrição dos doentes foi inscrever-se e apresentou nessa ocasião ao Ex.mº Snr. Dr. Pereira Gens um atestado do seu médico, atestado que certamente estará arquivado, onde se faz a narração das suas doenças.

Aumentaram os seus males com o frio que apanhou enquanto esperava, à porta do consultório, a vez de se inscrever (n.º 32).

Foi para o pavilhão dos doentes e até à hora da Missa dos doentes continuou sempre o mal estar.

Durante a Missa e a benção dos doentes, diz ela, parecia arder em febre.

Sentiu, continua ela a dizer, que qualquer coisa de estranho se passava em si. Terminados os actos do culto quando nos reunimos nas camionettes, disse-me que estava curada. Não acreditei.

Voltámos para a nossa freguesia rezando e cantando como na ida para Fátima.

Em cada paragem a pobre Amélia, cada vez mais rouca, continuava a teimar que estava curada. E essa rouquidão? perguntava-lhe eu!... E' de cantar, respondia cheia de alegria.

Passaram-se alguns dias e a rouquidão desaparecia e não tinha dores do estômago nem vómitos, apesar-de comer de tudo que comem os pobres, caldo, borôa, sardinhas, etc.

Já lá vão seis mezes sem mais ter notícia das suas enfermidades.

Desde essa data que se entrega a todos os trabalhos, descalçando-se, molhando-se e alimentando-se de tudo quanto lhe apetece.

Não devemos demorar mais a publicação desta cura, pois seria revoltante ingratidão da nossa parte.

Esperamos voltar à Fátima para agradecer os benefícios que Nossa Senhora do Rosário nos tem dispensado com êste caso e outros de ordem moral.

Arada, 25 de Fevereiro de 1929.

O Pároco — *P.e João Maria Gomes Pinto.*

* *

Duma carta do Rev. Pároco recortamos ainda o seguinte:

«Este caso é maior do que eu na narração dou a perceber, pois a rapariga, devido à falta de alimento, enfraqueceu muito, chegando-se até a falar em tuberculose e sífilis hereditária. O que se pode garantir é que a rapariga desde êsse dia mandou embora os cuidados e nunca mais se queixou dos seus antigos males.»

ATESTADO ANTERIOR À CURA

Benjamim Thiago Valente de Brito, médico pela Faculdade de Medicina de Lisbôa

Atesto por minha honra que Amélia da Silva, solteira, de trinta e cinco anos de idade, moradora no logar das Pedras de Baixo, da freguesia de Arada, concelho de Ovar, sofre há oito anos de úlcera de estômago, variz e crónica, doenças estas de provável origem paredo sifilítica e das quais a tenho tratado.

E por ser verdade e me ser pedido passo o presente atestado que assino.

Feira, 9 de Agosto de 1928.

(a) *Benjamim Thiago Valente de Brito*

(Segue o reconhecimento)

ATESTADO POSTERIOR À CURA

Benjamim Thiago Valente de Brito, médico cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisbôa

Atesto por minha honra que Amélia da Silva, solteira, moradora no logar das Pedras de Baixo, freguesia de Arada, concelho de Ovar, foi por mim observada e medicada algumas vezes durante perto de três anos, duma úlcera do estômago e duma rouquidão, rebeldes aos usuais tratamentos médicos, doenças estas de que vinha sofrendo há aproximadamente doze anos e das quais nunca mais se queixou após a sua ida a Fátima em Peregrinação em Agosto do ano próximo passado.

E por ser verdade e me ser pedido passo o presente atestado que assino.

Feira, 17 de Janeiro de 1929.

(a) *Benjamim Thiago Valente de Brito*

Cancro.

«**Ana da Cunha,** também conhecida por Ana Gabriela, esposa do snr. José de Oliveira, proprietario deste lugar, apareceu nos princípios do mês de março do ano findo, queixando-se de um tumor osseo no maxilar inferior, de que era portadora, havia seis mezes, pouco mais ou menos, mas que nos ultimos tempos tomara maior desenvolvimento. Aconselhámo-la a que consultasse um médico, por nos parecer um caso de gravidade.

Foi consultar o nosso presadíssimo amigo snr. Dr. Alberto Borges, com Raios X nessa cidade. Este nosso amigo por sua vez aconselhou-a a dar entrada no Hospital de Coimbra afim de submeter-se a uma operação cirurgica, se o distinto operador snr. Dr. Bissaia Barreto, assim o entendesse. De facto, as opiniões foram iguais classificando o referido tumor de *um autentico sarcoma*. Para observação ficou numa das enfermarias do referido Hospital, onde permaneceu durante a ultima quinzena de Março e todo o mês de Abril. Por fim, o snr. Dr. Bissaia, junto com o seu assistente snr. Dr. Baculhau, disseram-lhe que seria melhor retirar para casa, pois já não lhe faziam operação, já pela região onde estava implantado o tumor ser muito melindrosa, como também tinham surgido outras dificuldades que os inibiam de a fazer, dizendo ao marido da doente, mas muito em segredo, que o maximo que sua mulher podia viver era um ano. Desanimado, regressou a sua casa no dia 1.º de maio, e passados uns dias, o referido tumor abria uma enorme fenda, com um aspecto caracteristico do *cancro*. Foi de novo consultar o seu medico, snr. Dr. Alberto Borges, que lhe mandou fazer os curativos necessários. Seguiu á risca as prescrições durante os meses de Maio, Junho e Julho.

Poz de parte todos os desinfectantes, e começou de fazer uso da agua de Fátima, e nos fins de outubro estava completamente curada, dizendo ela, e sua familia, que se trata dum milagre da senhora da Saude, que se venera na nossa Capelinha, com o auxílio da Senhora de Fátima. Afirma-se que as melhoras começaram a manifestar-se depois da doente se ter prostado deante da imagem em oração, ouvindo a missa e comungando todos os dias. Milagre?

(Do *Figueirense*, de 27 de janeiro, em correspondencia do Alqueidão).

Gastrite ulcerosa

Maria Pereira Soares, solteira, de idade de 56 anos, natural e moradora na freguesia de Guilhufe, concelho de Penafiel, vem pedir a V. Rev.ma um cantinho no jornal «Voz da Fatima» para relatar uma grande milagre, que a Virgem de Fatima se dignou operar nesta sua humilde serva. Havia dois anos e meio que sofria muito do estomago e intestinos, vendo-me por isso obrigada a usar continuamente de dieta. Durante esse periodo de tempo consultei por varias vezes o meu medico Dr. Guilherme Augusto Pereira da Cunha, que me receitou varios medicamentos que eu tomei, mas sem resultado.

Em Agosto do ano findo o meu estado de saude agravou-se bastante, continuando eu a fazer uso dos medicamentos que o meu medico me receitava, mas sem obter melhoras, antes pelo contrário o mal se agravava de dia para dia. Já não podia dormir, sentia fortes e agudas dores no estomago e intestinos, apenas podia tomar algum leite misturado com agua, que apenas ingerido, logo vomitava. Em Outubro meu irmão que vive na Bahia, Estados Unidos do Brazil, escreveu-me aconselhando-me a que eu me deixasse radiografar, o que eu não cheguei a fazer porque nessa ocasião já havia perdido toda a esperança na sciencia humana para a minha cura.

Na minha aflicção recorri com toda a fé e esperança à Virgem de Fátima, fa-

zendo-lhe uma novena de terços, missas e comunhões, prometendo-lhe ainda dar-lhe a importancia que havia de dispender com o Raio X, se ficasse curada. Ao setimo dia da novena, que foi o dia 27 de Novembro do ano findo, senti-me peor, e à noite deitei-me ralada de dôres, mas cousa extraordinária!, eu que já ha mezes não podia dormir, nessa noite adormeci, e só acordei de manhã, e quando despertei, senti-me completamente curada. Já lá vão mais de tres mezes, e durante esse tempo tenho comido de tudo sem me fazer mal algum. Quando me senti curada ainda não sabia então qual era a causa do meu sofrimento, porque o meu medico para não me alarmar, não m'o havia dito. Só quando eu o chamei depois de curada para me passar o atestado para mandar para o jornal «Voz de Fátima» juntamente com a notícia da minha cura, é que ele me disse que eu sofria duma gastrite ulce-

Maria Pereira Soares

rosa. Disse-me que foi um milagre extraordinario, e que se admirava como eu não havia sucumbido aos estragos da doença. Gloria e louvor à Virgem de Fátima.

Penafiel — Guilhufe 2 de Março de 1929.

Maria Pereira Soares

ATESTADO

Guilherme Augusto Pereira da Cunha, medico-cirurgião pela Antiga Escola Medico-cirurgica do Porto.

Atesto e juro, pela minha honra que a Snr.ª Maria Pereira Soares, de 56 anos, natural e residente na freguezia Guilhufe, deste concelho de Penafiel, padecia desde ha doze anos e meio de gastrite ulcerosa, com dores muito intensas e de entero-colite grave, tendo por vezes pequenas hematemezes. O seu estado gastrico agravou-se muito, desde agosto do ano passado (1928) e o estado intestinal acompanhou esse agravamento a ponto de a unica alimentação da doente, o leite, não ser de modo nenhum tolerado, sendo reposto por vómito e o pouco que ficava no estomago, era minutos depois expelido pelo intestino, por digerir. Este estado gravissimo, que afastava toda a esperança de cura e que fazia prever a morte a curto praso, modificou-se instantaneamente no dia 27 de novembro de 1928, de manhã, desaparecendo as dores e sentindo a doente uma acentuada enforia, com apetite que lhe permitiria uma alimentação variada, absolutamente inadequada ao seu estado anterior. Considero-a actualmente absolutamente curada.

Por ser verdade passei este atestado que assino.

Penafiel, 2 de janeiro de 1929.

(a) Guilherme Augusto Pereira da Cunha.

(Segue o reconhecimento).

Um idema maligno

Alberto Nunes Guiomar, natural de Galêgos, freguesia da Sé da Guarda, concelho e Distrito da mesma cidade, de profissão empregado público, e casado com Maria do Rosario, natural de Pataias, concelho de Alcobaça, venho por êste meio testemunhar que estive com a doença acima referida e que cheguei a estar bastante mal.

Mais declaro que dei entrada, em 27 de Maio de 1928, no Hospital da Santa Casa da Misericordia, da Guarda, e donde saí em 28 de Junho do mesmo ano, e, além de todos os cuidados da Irmã enfermeira, por quem fui tratado, cheguei a tal ponto que os doentes que me rodeavam perderam todas as esperanças de me salvar. E nisto me foram dados os ultimos Sacramentos (Extrema-Unção).

Mas tendo recorrido a N.ª S.ª do Rosário de Fátima, prometendo-lhe rezar 9 terços de joelhos em Fátima deante da imagem de N.ª S.ª e ainda 10$000 reis todos os anos emquanto vivesse e puder pagá-los; 10$000 comtanto que ficasse sem defeito algum na vista, e uma missa em acção de graças a N.ª S.ª todos os anos na Guarda, no dia da data que saí do Hospital. E por isso não tardou o Milagre. E para mim estava reconhecido. Fazendo isto publico cumpro um dever duma graça que mais uma vez a Mãe dos Aflitos enviou aos seus filhos da Terra. E por isso peço a N.ª S.ª do Rosario da Fátima, que me dê mais alguns dias de vida, afim de cumprir a minha promessa no proximo dia 13 de Abril de 1929, acompanhado de minha mulher e 3 filhos.

*

Do mesmo modo faço publico que sofrendo já há muito tempo do que chamam hemorroidal, prometendo a N.ª S.ª uma pequenina esmola se durante um mês tudo desaparecesse e o que não se fez esperar até hoje, graças á Virgem.

E por isso aqui deixo o meu testemunho de que peço a publicação em a *Voz da Fatima*.

(Carta de 13 de Março ultimo)

Sinite parvulos...

(Continuação do n.º 78)

Quando voltava para o altar senti uma comoção profunda deante daquele exemplo de piedade infantil e disse comigo mesmo: «Quem me dera comungar assim.

Nunca mais de então por deante me passou da memoria aquela figura miniatural do «*Manuelzito*».

* * *

Atitude, quadro e lembrança semelhante me ficou gravada na memoria dois anos mais tarde.

Era desta vez uma creancita de corpo com cara de mais edade.

Vinha ao colo duma rapariga que depois soube ser sua irmã.

Os olhos eram duma imensa meiguice mas fundos, quasi sem brilho, sem vida.

O cabelo alourado corria-lhe brandamente sobre os ombros que com toda a cabeça se encostavam de manso ao colo e cabeça da mais velha.

Fôra atacada de Mal de Pott que pouco a pouco lhe ia desfazendo os ossos emquanto lhe dava á alma uma virtude forte na provação.

Quando me aproximei, a irmã voltou levemente o olhar para ela.

Como se despertasse levantou a cabeça abriu os olhos fixando-os no Corpo Adoravel do Senhor e tendo-O recebido mergulhou no mesmo sono aparente e externo emquanto por dentro gozava as delicias de Jesús.

Logo de seguida o recebeu a irmã que um pouco ao lado com os seus dois tesoiros — a irmã e Jesús — bem abraçados se recolheu a dar graças.

Era lindo ver aquele quadro em que se representava a união fraternal de duas almas entre si e dum modo mais perfeito com o seu Deus.

Era também na aldeia.

Aquela atitude numa creança doente gravemente doente — e todos sabem como as creanças na doenças se tornam impertinentes — feriu-me em cheio e senti que sem querer, emquanto continuava a dar a comunhão se me escapavam pela face duas lagrimas de agradecimento a Jesús por Ele ter feito florescer aqui e além tão perfeitos modelos de devoção encarística.

Quando depois falei do caso ao senhor Prior ouvi-lhe num tom de muita sinceridade.

«Nem tu imaginas quanta consolação eu sinto em lhe dar Nosso Senhor...

Comunga com freqüência.

Coitadinha! E' um poço de sofrimento.

Tem o nome com ela... chama-se Celeste.

E não sei que mais admire se a paciencia dela se a dedicação da irmã — uma e outra hauridas na recepção frequente da Sagrada Eucaristia.»

* * *

Agora o reverso.

Foi na catequese numa outra aldeia onde a vida cristã, a vida de piedade não eram das mais intensas.

Um pequeno e uma pequena ele de quási 10 ela de 11 aproximam-se de mim sorridentes alegres a pedirem-me um catecismo.

Eram irmãos.

— Então os meninos já comungaram na comunhão solene?

De olhos baixos e voz nublada respondeu-me um:

— Meu pai não nos deixa comungar antes dos 12 anos completos. Diz que a gente não sabe o que vai fazer.

— E os meninos sabem?

— Pois sabemos... Vamos receber o Corpo de Nosso Senhor Sacramentado.

— Mas assim... o Corpo verdadeiro?

— Está a brincar connosco. Pois já se vê — vamos receber o Corpo de Nosso Senhor tão verdadeira, real e substancialmente como está nos Céus.

— Bem, bem, vejo que sabem. Pois heide ver se comungam antes.

— A'i Deus queira!

Mas foi debalde que, em conversa amiga, despejei todos os argumentos contra a opinião do pai.

Aquela dureza de rocha não cedia facilmente.

Que contas, meu Deus!

*

* *

Agora são trechos duma carta particular.

Ouvira ha tempo contar alguns factos interessantes duma creancita em que se desenhava uma piedade precoce.

Pedi que mas contassem por escrito.

E' da carta em que me contam parte, que extráio os periodos seguintes:

«Venho, apesar de tarde, cumprir o que prometi: falar-lhe da minha A.

Mas como lhe hei-de eu dar contas das supremas riquezas e dons com que Deus a dotou?

E' a minha A. uma creança viva, irrequieta, rostosinho alegre, pele fina e rosada, olhos e sorrisos animados sempre de uma expressão de bondade e meiguice.

Ainda não tinha 3 anos de idade e fugia já para a igreja... parece que Jesus atraía a minha A.

Aprendeu depressa o Padre Nosso e a Ave-Maria na catequese mas como lá ouviu dizer a confissão e chegou a casa e ao serão disse para minha mãe: «O' mãe quero que me ensine o Baptista».

Como se dá a coincidencia de lá a casa ir um moleiro chamado Baptista, minha mãe respondeu-lhe:

«Tu bem conheces o Baptista e estás-me a pedir que t'o ensine!?»

— Não, minha mãe, não é esse que eu quero que me ensine; quero que me ensine o Baptista Pedro e Paulo que dizem lá na doutrina.

Por estas palavras se concluiu que se tratava da confissão que começou logo a aprender.

Era aos trez anos de idade.

Ainda na mesma idade estava uma vez sentada no meio de casa com a bonecada toda á volta dela e cantando o «Queremos Deus» e estava sempre «Quêmos Deus qu'é nóxo pai!»

Meu pai interpelou-a:

— Olhe lá, minha menina, então quem é seu pai?

Ela responde serenamente:

— Este de quem agora estou a falar não é de si mas sim do «Pai do xéu».

Agora quando eu ia receber a Sagrada Comunhão era vê-la a ela sempre e perguntar-me:

— «Que bolo é aquele que o senhô pádi te dá M.? En taném quia!»

... ...

Páro aqui com os excerptos dessa carta tão interessante por revelar o desabrochar para a piedade, dum botãozinho que ainda não desabrochara para a vi-

*

* *

Ai que dó não faz ver por aí, tanta creança a quem se cuida de ensinar tudo o que possa aumentar-lhe a cultura e ao mesmo tempo de esquecer a fonte da unica e perfeita formação humana e cristã —o conhecimento e a prática da doutrina do Evangelho!

Que tristeza empurrar para a vida tanta alma que não conhece a *Vida!*

Parece que ressoa ainda aos nossos ouvidos o pedido amoroso de Jesus feito um dia em terras da Palestina e repetido em eco de todos os sacrários das nossas igrejas.

«Deixái vir a Mim os pequeninos!

E os pequeninos entende-nO acorrem pressurosos ao seu chamamento.

Mas quantos não há, coitadinhos que encontram no caminho a insuperavel barreira dos pais que, surdos à voz de Jesus e da Igreja impedem os filhos de receberem Jesus Sacramentado?

Quantos não há que, sem se alimentarem, vão pouco a pouco ensurdecendo até que, como as florsitas do campo ao contacto do suão, secam e morrem de todo?...

Levemos as creanças a receber a Nosso Senhor. Ele tem um prazer especial em entrar nessas alminhas que o pecado ainda não manchou.

Levemo-las para que só Ele goze o perfume da sua inocencia e lho avivente e lho acresça cada vez mais, vestindo-o e envolvendo-o com o perfume da Sua graça.

Que elas O compreendem mostra-o bem um dito daquela menina A. aí pelos 5 anos de idade.

Tinham-lhe falado do S.S.mo Sacramento.

Ao chegar a casa, quási zangada vai ter com a irmã que se compraz de ser a jardineira daquela almita: e diz-lhe á queima roupa:

«— Então tu não sabes, o que me disseram dele?

Fecharam Jesus dentro daquela casa! Prenderam o Jesus!»

A casa era o sacrário.

Não é para ali estar fechado que Jesus fica no Sacramento dos nossos altares: é para vir ás nossas almas — ás dos grandes e pequenos.

*

* *

Fructos?

Dos dois que só comungaram depois dos 12 anos não sei o que terá sido feito.

A A. é o que se vê.

O Manuelzito chamou-o Deus á vida religiosa.

A Celeste essa foi continuar no Céu o delicioso banquete que felizmente começára cedo cá na terra.

E' que a Carne de Jesus tem a propriedade singular de transformar em Si aqueles que A comem.

Deixemos pois ir as creanças a Jesus!

AVISO

Pedimos aos presados assinantes em divida o favor de mandarem satisfazer a sua assinatura directamente em carta registada ou vale do correio.

Não mandamos proceder à cobrança, além doutras razões, por nos parecer que todos serão tão interessados como nós na difusão e prosperidades do nosso jornalzinho. A assinatura são dez escudos por ano mas o que nos tem valido é a generosidade dalguns assinantes que nos tem enviado quantias muito superiores. Nem eles imaginam todo o bem que assim fazem.

Em qualquer reclamação é indispensável indicar o numero da assinatura. Pedimos que nos devolvam os numeros repetidos.

A MINHA NOTA

Sôbre as pedras

Era uma rapariga alta, franzina, dos seus 16 anos. Temperamento vibratil de algarvia, coração ardente de portuguesa, alma cristã do mais puro escol.

Que queria ela, aquela pobre, sentada ali no meio dos doentes?...

Quem sabe? Talvez a cura de algum ente querido, a conversão de alguma pessôa de família a solução de algum daqueles problemas que só se confiam a Deus e á Mãe!...

O que quer que fosse era pedido com ardor, com fé. Edificava ve-la orar.

... ...

Coitadinha, era epilética. Tão nova, e atribulada por uma doença tão incomoda, viera ali pedir a cura a N. Senhora.

E alí ficou até ao fim. Recebeu a benção recolhidamente... Era Jesus que passava a dizer palavras intimas de conforto a cada um daqueles seus filhos. E ela ouviu-O. Quantas conversões, quantas consolações a par das curas que ali se operam!...

São momentos de paraizo.

... ...

A seu tempo organisa-se de novo a procissão que reconduz a imagem para a capelinha das Aparições.

E essa rapariga pede para lhe descalçarem os sapatos.

E lá vai descalça a acompanhar a Imagem de Nossa Senhora.

Curada?...

Não. Consolada.

Uma força nova, íntima lhe dava conforto e resignação. Era o Senhor que sofria porque ela, sofria e amava em união com Ele.

Alguém lhe oferece um lugar deante da imagem no meio das servitas.

«Não, responde ela, muito obrigada. Não gosto de ir aí á vista de toda a gente. Antes quero ir aqui atraz, escondida com a sombra da imagem.»

Lá foi, pois, mesmo junto de mim, numa encantadora atitude de modestia e recolhimento.

Pensei então comigo que são talvez almas como aquela que, com o sofrimento oculto levado com alegria por amor de Deus, afastam o castigo que por tantos pecados merecemos.

Notei contudo que alguma coisa a preocupava. Olhava muito para o chão.

Eram decerto os pés mimosos e delicados que lhe sangravam sobre o cascalho do caminho. Como devia sofrer!

Fui observando. Aquela rapariga, que não sei quem era nem como se chamava apareceu deante de mim como um modelo de peregrina.

Confundida ou quasi com a multidão que seguia a imagem, com as faces banhadas de lagrimas e os pés talvez de sangue ela ia disfarçadamente procurando sabeis o quê?

Caminho mais macio?...

Não. Ia procurando disfarçadamente caminhar por *sôbre as pedras*...

E' que a mortificação é tanto mais aceite e meritória quanto menos dá nas vistas.

Sirva-nos de exemplo para procurarmos na aceitação alegre dos dissabores de cada dia a realização dos desejos de imolação que o Senhor exprime a tantas almas em desconto dos pecados do mundo.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporto	144.567$56
Papel, composição e impressão do n.º 78 (55.000 exemplares)	3.137$50
Sêlos, embalagens, transportes, gravuras, cintas e outras despesas	722$80
	148.427$86

Subscrição

(Fevereiro de 1928)

Enviaram dez escudos: Virginia Alves Guerreiro, Ana d'Aguiar Branco Nogueira, João Gonçalves de Moura, Adelina Amelia Alves, Francisco da Silva Fidalgo, Armínda de Jesus Freitas, Precevia da Gloria Moraes, Domingos Pinto, João Albino da Costa Rodrigues, Alberto Dias, Albano Fernandes Machado, Maria A. Santiago (15$00), P.e Joaquim Pereira dos Santos Aragão, A. Espinosa, Maria da Piedade Pacheco Teles, Aurelia de Pacheco Teles, Maria Luisa Paes Mendes (15$00), Alice Rodrigues Leão da Silva, Carlota Augusta Dias, Francisco Paixão de Albuquerque, Americo Augusto de Lacerda, P.e Antonio d'Almeida Correia, Julia Clemente, Jacinto Pedro de Souza, Gertrudes Proença, Maria da Gloria Samora Pincho, P.e José Antunes Bazilio, Lucrecia Pelejão, Jacinto Trindade, Maria Angela da Silva, Manuel Gomes Gonçalves (15$00), Rosária do Carmo Vaz de Carvalho (20$00), João Maria da Cruz Ventura, Maria da Gloria Nunes d'Oliveira, P.e Henrique Fernandes da Silva, P.e Joaquim do Carmo Martins, Tertuliana de Jesus, Rita de Cassia Linhares Toledo Brun, Rosa Izabel Vasconcelos Galvão Baptista, Leopoldina Ferreira do Carmo (20$00), Virginia d'Assunção Machado, Carolina Pereira Dias Melo e Faro, Gertrudes Oliveira Santos Pinto, Augusta Rodrigues, Rosa Simões de Souza, Alba Galvão Amorim, Maria Amelia Pepulin, Palmira Ribeiro Lopes, Augusta Santos Pinto Moreira Rangel, Joaquim da Silva Gaspar, Ermelinda Coelho da Rocha, Eufemia de Souza Soares, Luiz Correia Vasconcelos, Maria Adelaide de Gouveia Pinto Rezende, Margarida Maria Soares Barbosa, P.e José Simeão d'Oliveira Gomes (15$00), Alvaro Luiz de Souza, Dr. Francisco Rodrigues da Cruz, Viscondessa de Baçar (100$00), Maria Eugénia Biscaia Relvas (30$00), Adelina Queiroz Caldeira Barahona (20$00), Ermelinda Carneiro Leão, Joaquina Antunes Guerra, Antonia Estefania Guerra, Maria da Conceição Fragateiro (13$00), P.e Antonio Maria dos Santos Campos, José Joaquim de Mendonça, Candida Clementina de Sá (20$00), Beatriz Fernandes Gato, Josefina Paiva Nazareth, Adelaide Paiva, Beatriz Carvalho Alves da Cruz, Maria das Neves Vareta, Teotonio (12$00), Conceição Marques (15$00), Eliza Amelia de Lourdes Mesquita (15$00), Antonio Vieira d'Aguiar, Domingos Pulido Garcia, seminaristas de Serpa (12$00), Silverio da Conceição Neves, Maria de Jesus Silva, Rosa de Jesus Silva, Cacilda Cabrita Franco, Sofia Aurora Pinheiro (20$00), Adriana Flores Rascão, Maria Beatriz Cabral, Dr. Guilherme Machado Braga (20$00), Eugenio de Moura Pinheiro, P.e José Gonçalves da Costa (20$00), Candida Ferreira, Maria d'Assunção Silva (20$00), P.e Carlos Augusto da Silva, Maria José Gomes Martins Correia da Silva (20$00), Leonor Vieira, Beatriz M. Guimarães, Angelina de Lemos, Domingos Martins, Alice Mudat, Sara Mudat, Maria Helena Guimarães, Carminda Guerra de Andrade, Albertina d'A. Mota, Candida Rosa Martins, M. José dos Santos Moreira (20$00), Julia da S. Neves d'Oliveira (15$00), Ismalia Bastos Messedet, Candida Alves, Emilia de Lemos Ferreira.

Na distribuição de jornais e varios donativos: Igreja de S. Francisco Xavier, de Providence (America do Norte), 1 dolar; Maria das Dôres Tavares de Souza, 65$00; Julio Dias Feno Coimbra, 15$00; Maria da Encarnação Barca, 25$00; P.e Aurelio de Faria, 80$00; António Martins dos Santos, 26$50; Doentes do Sanatório Rodrigues Semide, 52$50; P.e Carlos d'Assunção Dantas, 30$00; P.e Francisco Lucas Pacheco, 25$00; D. Maria do Rosário Dias, 50$00; Ana Antunes, 50$00; Hotel de Nossa Senhora de Fátima, 100$00; Dr. José Luiz Mendes Pinheiro, 100$00; Emilia Nunes da Rocha, 30$00; Luciano de Almeida Monteiro, 328$00; Josefa de Jesus 16$50; António Bernardo Tavares, 20$00; Elvira de Carvalho, 50$00; Joana Serena, de Ilhavo, 75$00; diverso de Ilhavo, 15$50, Mons. Manuel Marinho, 30$00; José Morais Jordão, do Paião, 100$00.

...NO INFERNO

Uma das grandes manias e erros destes tempos é o espiritismo e convem que os católicos estejam precavidos contra esta peste, condenada pela Igreja e que muitas vezes leva á loucura os desgraçados que se lhe entregam. Pretendendo estabelecer relações entre os vivos e os mortos, faz mal aos vivos e não dá proveito aos mortos.

Quando se não trata de pura mistificação, pensam estar em relação com os mortos ou algum espírito bom e estão a ser o ludibrio do demonio, que procura assim enganar-lhes a fome de sobrenatural que há em todas as almas, mas baralhando, mentindo, de forma que os seus adeptos possam continuar nos seus pecados, sem temor de uma sanção de valor depois da morte.

O dogma da Comunicação dos Santos ensina-nos que na Igreja de Deus ha Santos e Justos, de cujas boas obras participam os que estão em graça com Deus. Podemos, pois, oferecer Missas, orações e outros sufrágios pelos nossos queridos defuntos. Isso basta para nossa consolação e alivio deles.

Ninguem pode, sem pecar, recorrer a praticas proibidas pela Igreja na estulta e enganadora esperança de conviverem com os mortos.

Do que valem estas práticas é exemplo o seguinte caso veridico comunicado a uma conceituada revista americana por um dos seus leitores, católico respeitabilissimo:

«Uma senhora das nossas relações (fala o correspondente do periódico norte-americano) foi convidada a passar o verão em casa de uma família não católica.

Como passatempo, organizaram-se diversos jogos divertidos e, para variar, um rapaz apresentou uma prancheta e um lápis, explicando aos assistentes, que qualquer pergunta por êles feita obteria automaticamente resposta exacta, que o lápis traçaria na prancheta.

A senhora nossa conhecida (continua o correspondente) achou aquilo muito interessante e resolveu dirigir algumas perguntas ao aparelho que lhe pareceu brinquedo apenas.

As perguntas, posto que dificeis, alcançaram com efeito respostas prontas e certas. A boa senhora, começando a suspeitar que andasse por ali qualquer influência sobrenatural a exercer-se, meteu a mão no bolso e, pegando numa pequena cruz que se soltara do seu terço, escondeu-a na palma da mão que pôs fechada em cima da prancheta e perguntou:

— «Quem és?»

Depois de longa pausa, veiu a resposta:

— «Bem sabeis quem sou».

Não se deu por satisfeita a senhora que insistiu:

— «Ordeno-te, em nome do que tenho na mão, que me digas onde estás».

Deu-se nova pausa consideravel e, por fim, surgiu a resposta escrita em grandes letras bem visiveis:

— «No inferno».

Todos quizeram saber o que a senhora tinha na mão, e ela mostrou o crucifixo. A surpresa foi geral e o dono da prancheta partiu-a, declarando que nunca mais se serviria de tão desastrado instrumento.

O correspondente acrescenta que lhe consta ter-se casado êsse rapaz dai a algum tempo numa igreja católica, depois de convertido à nossa Fé.»

Esmolas obtidas em várias igrejas quando da distribuição do «VOZ DA FÁTIMA»

Na igreja de S. Tiago de Cezimbra, pela Ex.ma Sr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, nos meses de Janeiro e Fevereiro de 1929	60$00
Na Igreja do S.S. Coração de Jesus, em Lisboa, pela Ex.ma Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, no mês de Fevereiro de 1929...	39$15
Idem, idem no mês de Março de 1929...	32$45

LEITURAS

—Que te pareceu a Augusta?

— Uma rapariga bastante inteligente e muito culta. Deve ter gasto uma boa soma de dinheiro em livros; tem grande variedade de romances, de histórias, de poesias, e até lá tem um livro de filosofia; revistas... é uma infinidade. Não sei como ela tem vagar para ler tanta coisa. Tambem, pelo que me disse, passa os dias a ler. Ser instruida é a sua grande ambição.

— Perguntaste-lhe se tanta leitura a fazia feliz?

— Conversámos nesse sentido. Teve comigo um desabafo íntimo que eu não posso repetir. Mas julgo que não serei indiscreta dizendo-te que a Augusta está convencida de que as leituras, a que se tem entregado desde há anos, são a causa das muitas lágrimas que chora, ás escondidas. Parece feliz, mas não é, e á leitura dos romances, dos versos, etc., deve todos os defeitos que a tornam infeliz.

Mas não tem forças para mudar de rumo: já não pode vencer a paixão da leitura, nem a vaidade que lhe excitam as pessoas que a lisongeiam.

«Que inveja eu tenho, disse-me ela, que inveja eu tenho da minha irmã, que com o seu livro de orações e dedicada ao trabalho manual, é boa e sente-se feliz; enquanto que eu, com tanta leitura e tão lisongeada, sinto que sou infeliz».

Sou uma inútil

Fez-me pena esta tua frase, querida Teresinha: — «Sou uma inutil!» E disseste-a com tanto amargor!... Bem se vê que tens um coração ansioso por dedicar-se. Imaginas que só é util, que só se dedica quem passa os dias fóra da sua casa a visitar os pobres sem pão, a cuidar das crianças sem lar, a promover festas de caridade, sem espírito cristão?

E tão fácil uma menina dedicar-se e ser util... Não sabes como?

Sempre que teu pai entrar em casa dedica-lhe um sorriso, uma palavra afectuosa. Dedica qualquer pequeno serviço a tua mãe, e podes fazê-lo tantas vezes no dia...

Aos teus irmãos não podes dedicar uma boa palavra, um bom conselho?

Mas queres dedicar-te também aos estranhos? Dedica-lhe as tuas orações, que lhes podem ser mais uteis que muitas obras de zêlo. Dedica a Deus as contrariedades que sofres, uns pequenos sacrifícios, tais como o da curiosidade, o da língua, o da vaidade...

Vês como podes ser util, como podes dedicar-te?

Água de Fátima

Torna-se difícil ou quási impossível responder a todas as pessoas que se nos dirigem a pedi-la.

Lembramos também que Leiria fica a 25 quilometros de Fátima e nem teriamos tempo de atender cada pedido. E' necessário também notar que apesar de a água ser gratuita é necessário contar com a lata ou outro recipiente e com o porte do correio, o que é relativamente caro.

Quem pretender obter a água pode dirigir-se a José de Almeida Lopes — Fátima. (Vila Nova de Ourém), que se presta a manda-la e é pessoa da nossa confiança.

Modos de vêr

Um cão, um indiferente ou sem religião e um católico apreciando uma côdea de pão e uma ceara de trigo.

O cão, ao ver a côdea de pão mexe a cauda de contente mas não faz nenhum caso da ceara de trigo.

O indiferente, por muito tôlo que seja, estima um pedaço de pão mas muito mais estimaria a ceara de trigo que produz o pão.

O católico gosta do pão, cultiva as cearas mas quando pensa em Deus que as creou, cai de joelhos.

Portanto, o cão não passa da côdea, o indiferente não passa da terra e o bom católico chega até Áquele de quem procede todo o bem.

E... não é preciso pôr mais na carta (como se costuma dizer).

A primeira vitória

E' um jovem que fala:

Costumava eu todos os dias pela manhã ir fazer uma visita ao Santíssimo na Igreja de S. Barnabé. Matriculei-me no liceu e para lá me dirigia com um grupo de condiscipulos, quando calhou passar por deante da igreja. Desta vez veio-me á ideia de passar adeante, sem entrar, para não ser criticado pelos meus companheiros, cujas ideias ainda não conhecia: Mas venci-me e disse-lhes simplesmente:

—«Continuem, que eu já os apanho». Entrei na igreja, fiz a minha visitinha e, ao sair, achei-os todos à minha espera.

No dia seguinte tambem eles entraram, entre os quais o filho de um advogado socialista.

Acto de contrição... à moda

Senhor meu Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, por serdes Vós quem sois e porque Vos amo sôbre todas as coisas, *menos sobre as modas*, peza-me de todo o coração de Vos ter ofendido, proponho firmemente a emenda de todos os meus pecados, *menos dos de escandalo que manda cometer a moda*, e de me não afastar das ocasiões de Vos ofender, eu e os que me veem nua.

— Mas... este acto de contrição não serve para a confissão!

— Não serve, com certeza (diz o Snr. Bispo de Malaga), mas no dia de juizo veremos o que valem as confissões e comunhões das penitentes e das que se aproximam da mesa eucaristica com a sua elegante desnudez.

Uma reflexão salutar

Que idade tens? Dezenove anos, talvez.

Já contaste o numero de minutos decorridos desde o teu nascimento?

Esse numero é espantoso: *nove milhões trezentos e trinta e trez mil e duzentos!...* e cada um dêsses minutos foi parar a Deus, e Deus os examinou um por um, pesou-os, e êles devem servir para *pagar a eternidade*.

Cada um dêles leva um sêlo — o da intenção que tiveste ao empregá-lo. Assim como cada moeda tem a efígie do príncipe, só teem curso na eternidade os que estão marcados com a imagem de Deus.

ANO VII — Leiria, 13 de Maio de 1929 — N.º 80

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

PORTUGAL aos Pés da Mãe de Deus!

FÁTIMA, páramo impregnado de mistério, estância ungida de graça, terra perfumada de milágres, é a mais preciosa pérola de Portugal. Jesus, Rei imortal dos séculos, oculto na Hóstia Branca e Pura do Sacrifício Eucarístico ergue-se e repousa na montanha sagrada de Fátima sôbre um trono de amôr, glória e reparação, formado por centenas de milhar de corações. A magnífica e deslumbrante apoteose da augusta Mãe de Deus, a excelsa Rainha do Santíssimo Rosário, no local bemdito das suas divinas aparições e dos seus estupendos prodígios, assume as proporções mais grandiosas e sublimes.—A alma da Pátria ajoelha piedosa e comovidamente na cova da Iria e prende-se e une-se a Jesus pelas mãos de Maria!

Doze anos depois — A época das grandes multidões — O trono mais esplendoroso de Jesus-Hóstia — O mais belo centro de devoção à Virgem — A alma de Portugal na Cova da Iria.

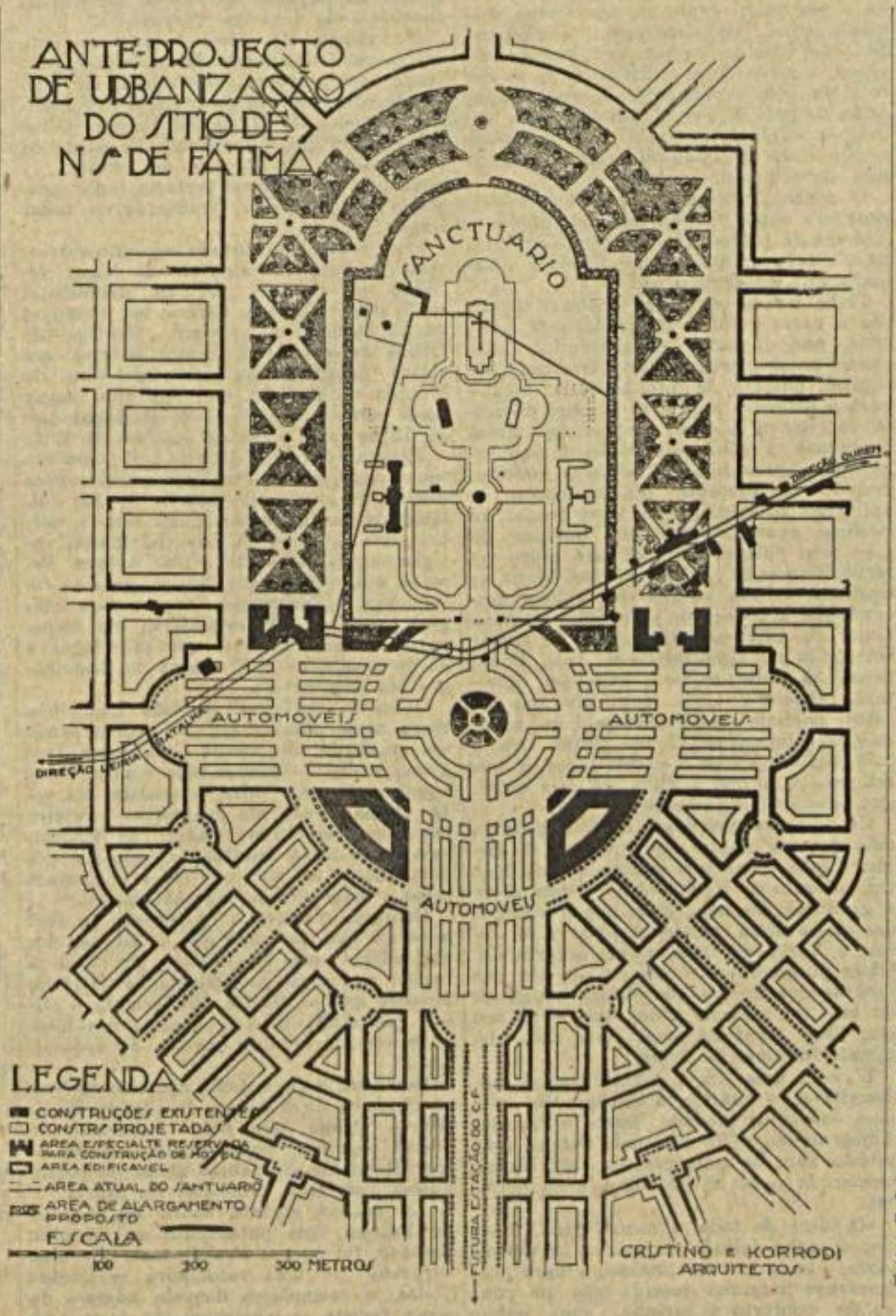
Doze anos são passados depois que a gloriosa Rainha do Céu se dignou aparecer, pela primeira vez, em esplêndida visão, na árida charneca de Fátima, a três criancinhas inocentes. Convulsionava então o mundo o mais espantoso conflito armado de que reza a Historia e, em Portugal, eterno feudo de Santa Maria, as potências do Inferno tripudiavam sôbre a Igreja, na mais feroz das sanhas contra o Senhor e contra o seu Cristo.

A doce luz sobrenatural do relâmpago anunciador da primeira aparição que raiou na Cova da Iria, na bemdita tarde do dia treze de Maio de 1917, quando o sol alcançava o zénite, foi o primeiro arrebol duma esperança de dias melhores, o prenúncio consolador duma aurora de paz e liberdade para a terra da Raínha Santa e do Condestável.

Inicia-se agora, e precisamente no dia de hoje, a época das grandes peregrinações. De todos os recantos de Portugal desde as margens encantadoras do Minho e do Lima até aos jardins e vergéis do Algarve, perenemente floridos, e ainda de muitos pontos do estranjeiro, as multidões de fiéis acorrerão aos santuários da Lourdes Portuguesa, lançando como rios entumecidos pelas chuvas do Inverno as suas torrentes caudalosas no vasto anfiteatro da Cova da Iria. Desde Maio a Outubro, o fluxo e refluxo incessante dessas vagas humanas porá uma nota vibrante de vida e movimento na nova cidade da Virgem.

Fátima é então, mais que nunca, nesses dias inolvidáveis, um verdadeiro cantinho do Céu. E' a época das grandes e entusiásticas manifestações de Fé e piedade, das curas de alma mais extraordinárias, dos milagres mais assombrosos, que são, muitos dêles, verdadeiras ressurreições.

Ao cair da noite, em pleno coração da serra, na esplanada sem fim do planalto sagrado, desenrola-se, num incêndio de fachos que é o símbolo dum grande incêndio de almas, o mais empolgante e comovente dos cortejos: a grandiosa e incomparável procissão das velas. Centenas de milhar de pessoas aclamam, numa apoteose formidável e única no mundo a Virgem bemdita que, num rasgo de piedade e ternura maternal, se dignou baixar até nós. O Avé de Lourdes, cantado por todos os lábios, como um hino de amor, repercute-se nas quebradas da serra e os olhos e os ouvidos de crentes e descrentes, maravilhados, estupefactos, gozam o espectáculo mais belo e mais tocante que é dado contemplar sôbre a terra.



Jesus, escondido na Hóstia Puríssima, recebe alí o culto acendrado de milhares de corações, numa homenagem sentida de amor, glória e reparação. O rei imortal dos séculos firma, nessas noites paradisiacas, o seu doce império sôbre as almas, muitas das quais o recebem jubilosas pela primeira vez, depois de purificadas com a absolvição do sacerdote no Santo Tribunal da Penitência.

O dia 13 de Abril — Aspecto do local das aparições—Uma scena comovente—Pormenor curioso—Criancinhas doentes — A missa oficial, as procissões e a benção do Santíssimo Sacramento.

No dia treze de Abril último, realizaram-se na forma costumada as solenidades religiosas comemorativas das aparições.

O tempo, duma amenidade suavíssima, verdadeiramente primaveril, convidava os fiéis à piedosa romagem de Fátima.

A's dez horas da manhã, uma multidão de muitos milhares de pessoas circulava, num vaivém contínuo, na Cova da Iria e nas suas imediações, achando-se a estrada distrital e os terrenos marginais na extensão dalgumas centenas de metros, literalmente cobertos de veículos de tôda a espécie, predominando os automóveis e as *camionettes*. Aquela hora, próximo dum dos portões do santuário, depara-se aos olhos dos que passam uma scena em extremo comovente. Um ancião de aspecto venerando, que tudo indica possuir uma elevada posição social, jaz prostrado na terra nua. A seu lado vêem-se uma senhora e um menino, filho e neto. Vários oferecimentos feitos para obviar à situação incómoda em que se encontra são regeitados delicadamente, mas com decisão e firmesa.

Algumas famílias conhecidas aproximam-se e debalde põem à disposição daquele cavalheiro os seus automóveis e os seus serviços. Pouco a pouco, através das conversas, vai-se rasgando o véu impenetrável que envolve aquele personagem misterioso.

Partira nessa manhã de Lisboa no

seu carro e dum só jacto chegara a Fátima. Na sua devoção acrisolada para com a Rainha do Rosário, queria ir visitá-la no seu santuário privilegiado e ali receber Jesus, no seu sacramento de amor. A noite perdida, a extensão da viagem, o mau estado das estradas, a avançada idade, o jejum prolongado, tudo contribuiu para provocar uma ligeira síncope cardíaca, como de tempos a tempos lhe sucedia ter.

Com uma serenidade admirável e uma perfeita resignação, êsse velho quási octogenário levanta-se a custo e, acompanhado pelos seus e por um servita, lá vai a caminho do Hotel de Fátima, onde estava hospedado desde a sua chegada.

Alguêm pregunta com profundo interêsse e viva simpatia quem é aquela figura distinta pelo seu porte e pelas suas maneiras. «E' o dr. X, antigo conselheiro da corôa», responde uma senhora presente. E o grupo, que se tinha formado pouco a pouco, dispersa-se de subito, como que por encanto, englobando-se as pessoas que o compunham na massa compacta dos peregrinos, que enchem o local das aparições.

No Pôsto das verificações médicas, onde o dr. Pereira Gens observa e inscreve os doentes, um peregrino de Leiria mostra alguns objectos encontrados no rescaldo do último grande incêndio de Coimbra.

Numa pequena gaveta estavam guardados alguns objectos de ouro e prata e juntamente com êles três medalhas que tinham no anverso a imagem de Nossa Senhora de Fátima e no reverso a do Santo Condestável. O ouro e a prata das joias fundiram-se e amalgamaram-se, ao passo que as medalhas, atingidas igualmente pelas chamas, permaneceram intactas, sem a mais ligeira alteração.

No pavilhão dos doentes, que está completamente cheio, há crianças dos dois sexos, em número muito superior ao dos meses transactos. Mal desabrocharam ainda para a vida essas mimosas flores de candura e já o anjo do sofrimento lhes roçou com a sua asa de fogo os corpos franzinos e mirrados! São vítimas inocentes que expiam com os seus males físicos as culpas individuais e as iniquidades colectivas..

Ao meio dia oficial principia a missa dos doentes, em seguida à primeira procissão. Emquanto se celebra o Santo Sacrifício, o rev.do dr. Marques dos Santos, capelão e director dos servitas, reza o terço alternadamente com a assistência. No momento da consagração e no da comunhão, cantam-se alguns cânticos sagrados. Depois da Missa, cantado um motete, o celebrante dá a bênção com o Santíssimo Sacramento, primeiro a cada um dos doentes e depois a todo o povo. Sobe em seguida ao púlpito o rev.do cónego Ramalho, de Coimbra, que fala com entusiasmo sôbre a devoção à Virgem do Rosário. Por fim, reorganisa-se o cortejo para a recondução da Imagem de Nossa Senhora do Rosário à capela comemorativa das aparições. Ali a multidão consagra-se à sua excelsa Padroeira, canta alguns hinos em sua honra e fica por algum tempo a seus pés, orando com fervor e reconhecimento, até que, reunindo todas as fôrças da alma, logra soltar entre lágrimas e suspiros, o terno e saüdoso, e bem magoado adeus da despedida.

A peregrinação da fréguesia do Socôrro, de Lisboa — O pároco rev.º João Filipe dos Reis — A procissão das velas — A devoção dos peregrinos — A alegria de um pastor de almas — O regresso à capital.

Lisboa, a cidade do amor e reparação a Jesus-Hóstia no Sagrado Lausperene e da devoção filial à Virgem patenteada em tantos lances da sua existência muitas vezes secular, teve a honra de iniciar êste ano a gloriosa série das peregrinações organizadas.

Pela segunda vez, um dos seus párocos mais activos e zelosos, o rev.do João Filipe dos Reis, da freguesia de Nossa Senhora do Socorro, coadjuvado pelo rev.do Francisco da Silva Geada, sacerdote duma piedade invulgar e duma actividade incansável, leva aos pés de Maria, no seu santuário nacional, o escol daquela fréguesia. Mais de cem pessoas, das diversas classes sociais, que se tinham inscrito prèviamente, partem da estação do Rocio no dia doze, no combóio das 9,50 h., em carruagens reservadas de terceira classe, apeando-se na estação de Torres Novas e seguindo em *camionnettes* directamente para Fátima. A' tarde realizam a procissão das velas, em que também tomam parte centenas de peregrinos isolados, procedentes de vários pontos do país. A noite passam-na tôda em oração e meditação diante de Jesus, exposto na Hóstia Santa. No dia seguinte assistem às solenidades oficiais, tendo todos recebido em seus peitos o Pão dos Anjos. Edificava e comovia imenso a devoção dos peregrinos, em todos os actos do culto, assim como impressionava agradàvelmente, em tôda a parte onde apareciam, a gravidade e compostura desafectada, do seu porte, própria de pessoas sólidamente piedosas.

O rev.do Fliipe dos Reis não ocultava a satisfação profunda que lhe ia na alma por motivo do feliz êxito do seu empreendimento, que tinha excedido toda a espectativa.

Concluídos os actos oficiais comemorativos das aparições com a despedida à Virgem do Rosário na sua capela, os peregrinos da frèguesia do Socorro deixam saudosos aquele local bemdito, onde ficam presas algumas parcelas dos seus corações, e partem a caminho da estação de Torres Novas, onde, às 5,57 h. da tarde, tomam o combóio que os reconduz à capital. No próximo número de Junho, (se puder ser) a *Voz da Fátima* terá o subido prazer de inserir nas suas colunas um belo e circunstanciado relato desta peregrinação, devido à pena do distinto engenheiro, sr. dr. Luciano Monteiro.

Lírio entre espinhos — Luta pela vida — No catre dum hospital — Raio de luz e incêndio de amôr — O sonho doirado duma existência — Sacrifício heróico — O vôo para o Céu.

Alma lançada bem cêdo nas pugnas da vida e bem cedo ferida pela cruz do martírio, havia ainda poucos dias que completara dezanove primaveras. Mimoso lírio de pureza criado no meio dos pântanos do mundo, entre espinhos e abrolhos, logrou a doce ventura de passar a sua efémera existência sem que êstes dilacerassem uma só das suas mimosas pétalas e sem que aqueles embaciassem, nem sequer ao de leve, a sua alvura tersa e imaculada.

As raras e peregrinas virtudes que exornavam o seu coração privilegiado, ignoradas dos homens e só de Deus compreendidas em tôda a sua extensão e em todo o seu valor, exalavam um aroma suavíssimo que, embalsamando o ambiente, fazia as delícias das poucas almas que tinham a sorte de a conhecer e de privar com ela. Era a mais nova de duas irmãs, orfãs de pai. A boa e dedicada mãe, pobre como Job, lutava pela vida, ganhando o pão duro de cada dia com o amargo suor do seu rosto.

O sonho doirado da filha extremosíssima era obter pelo seu esfôrço próprio o diploma de professora do ensino comercial para assegurar a sua subsistência e a daquela que lhe dera o ser.

Tinha tirado com raro brilho e distinção o curso geral e freqüentava já o último ano do curso complementar. Morando numa povoação dos arredores da capital, entrava ás oito horas da manhã para a primeira aula e só às onze da noite regressava a casa, depois das aulas nocturnas. A débil compleição do seu organismo aparentemente sàdio e robusto, ressentiu-se bastante com o excesso da aplicação ao estudo e, a breve trecho, os médicos pronunciaram aos ouvidos da mãe uma palavra terrível para o seu coração alanceado. A Maria José, assim se chamava a filha, estava tuberculosa, atacando-lhe a doença os pulmões e os intestinos. Há cêrca de três mêses, foi mister interná-la no Hospital de S. José. Pouco depois ia juntar-se-lhe a mãe, que entretanto adoecera. Cada uma delas em seu catre, curtiam resignadamente os males de que enfermavam. Tendo obtido alta, a mãe regressa a casa e envida todos os seus esforços para que a filha lhe seja entregue, como efectivamente foi.

Um dia, a desditosa menina pede a mãe que vá chamar um ministro do Senhor. Este chega sem demora e para logo um colóquio se trava entre os dois sôbre a grandeza dos bens eternos e a vaidade das coisas dêste mundo. A palavra de Jesus, o Verbo de Deus, coada através dos lábios do sacerdote, é um raio de luz que ilumina aquela alma de eleição penetrando até aos recessos mais íntimos do seu ser, uma scentelha que ateia nela um grande incêndio de amor.

E' com uma ância extraordinária, indescritível, e quási com sofreguidão, que, num êxtase de piedade, recebe o Pão dos Anjos no seu peito virginal. Depois, está pronta para os mais generosos sacrifícios, preparada para as imolações mais heróicas.

«O ideal de toda a minha vida, dizia ela, o sonho doirado da minha existência sôbre a terra era ser professora para proporcionar à minha querida mãe um pouco de confôrto e carinho, uma velhice tranqüila e feliz. Se Nosso Senhor permitir que eu viva para êsse fim, bemdito seja Êle. Mas, se quiser antes levar-me para o Céu, seja feita a sua vontade adorável».

Começa então uma novena a Nossa Senhora de Fátima, pedindo a sua cura condicionalmente.

A poucos passos dé distância, numa pequenina Betânia de paz e amor, Jesus-Hóstia, do alto do seu trono de lumes e de flores, volvia para aquele anjo de inocência um olhar de ternura e fixava na sua fronte tisnada pela febre o sêlo indelével dos eleitos. Momentos depois, aquela alma sem mancha, despreudida dos frágeis liames do corpo, batia as azas cândidas e em sereno adejo voava para o Céu.

No fim da Novena em sua honra, a Virgem do Rosário tinha vindo buscá-la.

E os corações de todos quantos a conheciam eram pungidos pelo acúleo agridoce da saüdade, mitigada apenas pela esperança altamente consoladora de que ela se encontra já no seio de Deus, gozando os eternos esplendores da glória.

Felizes, mil vezes felizes, os que morrem em paz, no ósculo santo do Senhor!

A «Revue du Rosaire» dos Padres Dominicanos, de Saint Maximin — Frei Gonçalo Maria Tavares, o grande apóstolo de Nossa Senhora do Rosário — As glórias de Fátima na França cristianíssima — Um longo relato das aparições ilustrado com gravuras — A guisa de prólogo — Devoção portuguêsa e mundial.

Já noutro número da «*Voz da Fátima*» se fez larga e merecida referência à magnífica revista «Revue du Rosaire», que sai mensalmente à luz da publicidade em St. Maximin (Var), sob a direcção do rev.do L. M. Baron, brilhante ornamento da gloriosa ordem de S. Domingos.

Um piedoso sacerdote português, que o chamamento de Deus constituiu filho espiritual do Santo Patriarca e que freqüenta actualmente a célebre *Ecole Théologique de St. Maximin*, é um dos colaboradores mais assíduos da benemérita revista e nela faz intensa propaganda das glórias da augusta Raínha do Rosário no santuário da Lourdes Portuguesa.

No número de Abril do ano corrente insere um longo relato das aparições, ilustrado com gravuras, que ocupa, em tipo miudo, dez páginas de texto do autorizado pregoeiro de Maria Santíssima. O esplêndido artigo, subordinado ao título de «Notre-Dame du Rosaire de Fátima», é precedido dum breve prefácio, que passamos a transcrever, traduzido na nossa língua:

«Por ocasião do décimo segundo aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora do Rosário, grandes solenidades serão celebradas em Fátima em Portugal em 13 de maio de próximo... Sentimo-nos felizes de oferecer a nossos leitores um relato detalhado das seis aparições da Virgem do Rosário que tem tido logar nesse canto privilegiado de Portugal desde 13 de maio a 13 de outubro de 1917.

Fátima! O que é Fátima? E' uma extensa paróquia de Portugal sobre a serra d'Aire, na diocese de Leiria. A três quilómetros da igreja paroquial fica o célebre sítio da Cova da Iria. Lá passou antigamente o Beato D. Nuno Alvares Pereira, então guerreiro famoso, para se recomendar á Santíssima Virgem, cuja imagem trazia no seu estandarte, na véspera do terrível combate que teve logar a 13 de agosto de 1385 contra os Castelhanos em Aljubarrota.

O rei de Portugal, D. João I que não tinha nessa ocasião ás suas ordens senão um punhado de bravos para fazer face a um exército inimigo que cobria todas aquelas colinas e vales adjacentes, fez voto de construir um magnífico mosteiro em honra de Nossa Senhora da Vitória, caso ganhasse a batalha. O sucesso dos portugueses foi tal que estes o contam como o mais glorioso da sua história.

Depressa começou a construção do real mosteiro que foi entregue á Ordem dos Prègadores que espalharam por toda a região a devoção ao Santíssimo Rosário, devoção que se tornou tão fecunda e eficaz que ainda hoje se observa nos lares e se tornou familiar mesmo ás creancinhas».

Duma carta do ardente apóstolo de Nossa Senhora de Fátima, datada de 23 de Março último, seja lícito reproduzir o trechó seguinte, cuja leitura encherá de justificada alegria tantas almas de portugueses patriotas e devotos de Maria.

«A notícia sucinta sôbre os sucessos de Fátima, que publicámos em Outubro passado, foi para a França mais que uma surpresa, foi uma verdadeira revelação! Todos os exemplares daquele número da nossa revista se esgotaram em curto praso, e bastou que anunciássemos a publicação doutra notícia mais completa no próximo mês de Abril, para que os pedidos de novas assinaturas afluissem copiosamente, a ponto de num só dia recebermos trinta desses pedidos...

Animados por tam extraordinário como inesperado êxito, resolvemos estender a rêde mais ao largo. Procuraremos primeiramente que o nosso artigo escrito em francês seja traduzido e publicado em inglês, alemão, italiano, polaco, hespanhol e catalão. Seguimos neste particular o belo exemplo do ilustre religioso da Companhia de Jesus, estampado nas colunas da *Voz da Fátima* de Fevereiro último.

Além disso continuaremos na nossa *Révue du Rosaire* a série do artigos sôbre Fátima. E, para que êles possam deveras interessar o público francês, venho em nome do nosso querido Director rogar-lhe dois favores: a permuta da tam simpática *Voz da Fátima* com a nossa revista e a remessa dalgumas fotografias que ilustrem as suas páginas».

Visconde de Monteio

REGULAMENTO
DO
Albergue de N. Senhora do Rosário
DE
FÁTIMA

Os doentinhos que vão em peregrinação ao Santuário do Nossa Senhora do Rosário da Fátima podem ser admitidos no Albergue até onde houver lugar e mediante as seguintes condições:

1.º

Trazer atestado do Rev.º Pároco da freguesia da residencia, abonando o seu comportamento.

2.º

Atestado do Sr. Medico assistente, declarando a dcença e a necessidade de ser albergado.

3.º

Ser examinado pelo Sr. Medico do Santuário que dará preferencia aos doentes mais graves.

4.º

Apresentar uma pessoa idónea que tome a responsabilidade do doente no fim da peregrinação, podendo até exigir-se uma caução em dinheiro.

§ *unico*. Se o doente fizer parte dalguma peregrinação organisada, poderá o respectivo Director tomar a responsabilidade.

5.º

No caso de ser pedida com antecedencia a inscrição para algum doente, deve declarar-se o dia e hora da chegada. Passada uma hora da marcada, sem o doente aparecer, supõe-se que desistiu sem direito a reclamação.

6.º

O serviço dos doentes recolhidos no Albergue nos dias de peregrinação é feito por amor de Deus, pelas Servitas, debaixo da Direcção do Sr. Medico.

7.º

Todo o serviço é gratuito, sendo proibidas as gratificações. Os beneficiados devem manifestar o seu reconhecimento a Nossa Senhora, orando pelos Bemfeitores e deixando a sua esmola no Santuário, podendo.

8.º

No Albergue de Nossa Senhora não há distinções sociais; há só distinção segundo a qualidade e gravidade das doenças.

9.º

Os pedidos de inscrição devem ser feitos ao Rev.do Director do Santuário.

10.º

Aos Senhores Medicos agradecem-se os serviços que prestem aos doentinhos, assim como se facilita o exame deles e dos documentos de que vierem munidos.

Leiria, 17 de abril de 1929, dia do Patrocínio de S. José.

† JOSE, *Bispo de Leiria*

AS CURAS DE FATIMA

«Concedei-me, Senhor, meu Deus, e minha Mãe Santíssima, mais esta graça de poder transmitir com a mais viva expressão da minha fé o que sinto na alma abrasada do mais profundo amor por Vós suplicando-Vos que o relato que vou fazer, em cumprimento do meu voto e com a mais íntima satisfação, seja única e simplesmente um hino de louvores á Vossa Misericórdia infinita.

Em Maio de 1914, tendo então 18 anos de idade, após uma grande e demorada anemia, apareceram sintomas de tuberculose pulmonar, aconselhando-me o meu médico, Dr. Celestino de Almeida, já

Maria José dos Santos Nunes

falecido, mudança de ares e um absoluto repouso, conselho que segui indo para Lousa de Cima, não colhendo melhoras algumas. Observada aí pelo médico de Loures, Dr. Carvalho, já falecido, foi-me indicado tratamento de altitude, preferindo o sanatório Sousa Martins, da Guarda. Em Maio do ano seguinte dei entrada neste Sanatorio, onde fui observada pelos senhores Drs. Lopo de Carvalho, já falecido, e Amandio Paul, sendo-me feita análise á espectoração que acusou bacilo de Kock. Nos dois anos seguintes voltei a fazer o mesmo tratamento obtendo algumas melhoras.

Nos principios de 1918 consultei o distinto médico Fernando Wan-Zeller Pessôa que encontrou os pulmões bastante atacados especialmente o direito, sendo-me por isso prescrito novo tratamento de repouso e mudança d'ares nos arredores de Lisboa, escolhendo para esse efeito Belas. Dias depois de aqui estar foi-me declarada uma febre de caracter tifoide e em seguida uma congestão pulmonar, graças a Deus sem hemoptise. Nova analise á espectoração me foi feita durante a minha ida a Belas, sendo positiva.

Como não visse resultados satisfatorios e o meu medico achasse conveniente o tratamento de meia altitude, resolvi ir para Gouveia onde fui durante cinco anos, colhendo nesta localidade bastantes melhoras.

Nestes ultimos tres anos o meu estado agravou-se com o aparecimento de apendicite, inflamação no figado e sofrimento constante de intestinos. A minha ultima cura de repouso foi em Manteigas, adquirindo melhoras, ainda que, sentisse frequentemente dôres no peito e em todo o lado esquerdo.

Em meados de Janeiro ultimo apareceram-me sintomas de grave doença, manifestando-se da seguinte forma: uma grande perda de memoria, falando com bastante dificuldade, supondo tratar-se de qualquer impressão nervosa, evitava o mais possivel falar diante dos meus para não os entristecer. Dia a dia mais se acentuava o meu esquecimento e consequentemente maior era a dificuldade em falar, chegando a não pronunciar mais de meia duzia de palavras por dia. Via tudo e cuvia distintamente, porem o esquecimento era cada vez maior; mesmo que me ensinassem os nomes dos objetos a que supunham querer referir-me, não conseguia repeti-los por não conservar os termos na mente. Parecia que o pensamento me parava. Consultando o ilustre professor Dr. Egas Moniz, este senhor declarou a minha irmã que me acompanhava que o meu estado era bastante grave e nada podia fazer-me, porém a uma senhora das suas e minhas relações disse: «trata-se dum tumôr no cerebro, dentro de poucos dias terá uma morte horrorosa, só um milagre poderá salva-la» (De *milagre*, voltou a classificar a cura, em conversa com a miraculada)

Dois dias depois de consultar este distinto especialista (16 de Fevereiro) fui acometida duma convulsão de caracter epileptico com a duração de meia hora, finda a qual fiquei com o braço e perna direita paralizada; o meu medico assistento, Dr. Wan-Zeller Pessoa, observando-me diz a minha familia desconfiar duma goma bacilar meningica. Na madrugada seguinte (cinco horas), nova convulsão se manifestou com uma intensidade muito maior e duração de quatro horas, depois do que fiquei com aspecto de moribunda, vomitando bastante durante algum tempo e chegando até a fazer as minhas dejecções no leito sem a menor consciencia. Voltando o medico, desenganou minha familia: «devo ser franco, nada ha a fazer, trata-se de uma goma bacilar sobre a meninge, sofre horrivelmente e se se prolongar chegará a ponto dos senhores pedirem a sua morte»; tal era o estado em que me encontrou, tendo no intimo a convicção de que não chegaria á noite, como mais tarde me confessou. Minha familia ouvindo tão horrivel sentença sofrera bastante, mas, graças á nossa Fé Catolica apelam para o Coração Misericordiosissimo de Jesus e para nossa Mãe do Ceu, medianeira de todas as graças. Envolveram a minha cabeça em panos molhados em agua milagrosa de Fátima, dando-me a beber amiudadas vezes essa mesma agua.

Tive a grande felicidade de poder nesse dia receber a Sagrada Comunhão e os ultimos Sacramentos, recordando-me apenas de ver o Sacerdote dar-me os Santos Oleos, perdendo novamente a noção dnrante bastantes horas as quaes passei numa grande excitação (estes informes como se deve supor, são dados pela minha familia.) Nessa mesma noite meus Paes e irmãos principiaram a Novena a Nossa Senhora do Rosário de Fátima seguida de terço e ladainha rezando tambem o terço do Sagrado Coração de Jesus e ladainha ante a sua Imagem Entronizada.

Na terça feira á noite comecei a conhecer já as pessoas que me visitavam e a ter a noção verdadeira do meu sofrimento que era horroroso. Compreendia perfeitamente que o meu estado era de morte; ás quatro horas da madrugada de quarta feira, estando todos os meus junto do meu leito, despedia-me, pois sentia horror de ser surpreendida pela morte sem lhes pedir perdão. Passados uns momentos meu irmão mais velho vendo-me tão mal ainda me dirigiu a seguinte frase: «então parece que perdeste a fé, Nossa Senhora ha-de salvar-te; ouve, queres ir a Fátima no proximo dia 13 (Março)?» Respondi-lhe que sim. Meu espirito com esta frase parece ter-se levantado porque alguns momentos depois era eu que pedia para se deitarem porque queria socegar, como de facto aconteceu, passei a noute sem alteração alguma. Ao despertar o meu sofrimento era ainda o mesmo, notando-se apenas que falava um pouco melhor nalguns momentos mais lúcidos pedia a Nossa Mãe do Ceu que me curasse, e dentro em pouco o meu espirito decaia, assim passei o dia. No dia seguinte, quinta feira, 21, dirigindo-me a Nossa Senhora cuja Imagem estava sobre a mesa de cabeceira, pedi-lhe a minha cura fazendo intimamente o voto de ir a Fátima agradecer, dar uma esmola e publicar no jornal «*Voz da Fátima*» a graça que com tanta fé pedia. A partir do meio dia perdi a impressão de que morria apesar de continuar com o mesmo sofrimento, começava a ter esperança de me salvar.

Como se deu a cura: — A's seis e meia da tarde de quinta feira coisa bem extraordinaria em mim se passava, pois que resando sempre durante a minha vida jamais sentira uma confiança tão grande na Misericordia de Deus. Chamei uma das minhas irmãs, minha enfermeira dedicada, e pedi-lhe para rezar comigo a N. S. do Rosário de Fátima para que me salvasse. No oferecimento chorei nervosamente e dirigi ainda com uma confiança ilimitada a segunda prece:

«O' minha Mãe Santissima dae-me os alivios e a minha cura!» Bebi em seguida um pouco de agua milagrosa de Fátima, e não posso descrever o que nesse momento senti no meu intimo. Direi sómente: dei um grito prolongado desaparecendo todo o meu sofrimento e sentindo-me completamente aliviada, tendo-se normalisado o lado direito.

Voltando-me para minha familia que havia acudido ao grito e vendo minha cunhada enxugar as lagrimas disse-lhe:

«Não chores Izilda, Nossa Senhora ouviu-me, já não tenho dores, estou curada, o grito que dei foi de alivio.» Ajoelhei-me na cama com agilidade de quem tem uma bôa saude e traçando um chalo nos hombros, de mãos postas e em voz alta, cheia da mais viva fé, resei sem trocar uma unica silaba, cinco Avé-Marias á Mãe do Ceu em acção de graças por tão grande Milagre obtido do seu Divino Filho. Milagre! sim, Milagre! Neste agradecimento acompanhou-me minha familia que ao presenciar o facto, instintivamente caira de joelhos louvando a Santíssima Virgem.

Deus que, pela Misericordia Infinita me deu a resignação cristã durante todo o meu sofrimento, deu-me também a grande graça de enviar Sua Mãe Santissima que estendendo o seu manto me envolveu nele afastando a negra morte: acabava do me sentir miraculada. Dias depois fui observada pelo meu ilustre assistente que após uma minuciosa observação me felicita dizendo encontrar-me umas melhoras verdadeiramente fantasticas, não só na cabeça mas tambem no estado pulmonar e geral, e autorisa a levantar-me no dia seguinte.

No dia 11 de Março, 18 dias depois do Milagre, sai pela primeira vez, a confessar-me na Igreja de S. Jorge d'Arrois, partindo para Fátima na manhã seguinte cheia do mais vivo entusiasmo e optima disposição. Aqui fui observada demoradamente pelo ilustre Dr. Pereira Gens que ao terminar a auscultação me diz: «acho-a apenas com os pulmões bastante fracos, não se nota a doença que diz ter sofrido, e a doença do cabeça resolveu». Regressei a Lisboa com a mesma disposição, sentindo saudades ao afastar-me do Santuario, parecendo ouvir sempre a Avé-Maria que de todos os corações sahia com ternura!

Ao terminar este singelo relato volvo um olhar da mais terna gratidão para a Virgem Nossa Senhora do Rosário de Fátima, suplicando a benção para todos os que imploram a Sua Misericordia, pedindo tambem a conversão de todos os pecadores. Por intenção dos mesmos rezemos uma Avé-Maria!

Lisboa 12 de Abril 1929

Maria José Santos Nunes

Natural de Alcochete e residente em Lisboa, na R. Carvalho Araujo N.º 11-3.º»

ATESTADO

Eu abaixo assinado Medico-Cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisboa, atesto e certifico por minha honra profissional que de ha cerca de 12 anos trato D. Maria José Santos Nunes, doente que vinha sofrendo já nessa altura de tosses pulmonares de natureza bacilar, tendo feito por varias vezes curas de altitudes na Serra da Estrela.

Mais atesto que em meados de Fevereiro chamado de urgencia para observar a doente que se encontrava em estado que reputei gravissimo, verifiquei que a doente se encontrava em estado de grande prostração e indiferença, subconsciente, pronunciando com extrema dificuldade algumas palavras, com sinaes evidentes da perda de memoria, sinaes estes consecutivos a um ataque de caracter epileptiforme, após o que o braço e perna direita ficaram paralisados. A doente com dificuldade se queixou de violentas dôres de cabeça.

Na observação a que procedi verifiquei uma preguiça acentuada nos reflexos oculares, dilatação pupilar, ligeira risca meningea. Vinte e quatro horas depois, segunda convulsão desta vez duma enormissima violencia acompanhada de vomitos, incontinencia de fezes e urinas e acentuado agravamento do seu estado geral. Desta segunda observação resultou para mim a convicção de que uma lesão gráve de sistema nervoso central, de natureza bacilar, se estava desenvolvendo com extrema violencia.

Na convicção de que a doente pouco poderia sobreviver puz, digo, e de que nada poderia fazer em seu beneficio, só cerca de oito dias depois a observei de novo. A doente cujo estado geral era já precario antes das coisas a que me referi, encontra-se numa otima disposição, tendo recuperado todas as suas faculdades, sendo ao mesmo tempo flagrante a diferença para melhor, que até mesmo no seu aparelho respiratorio se nota. Por ser verdade e a pedido da própria doente passo o presente atestado.

Lisboa, 8 d'abril de 1929.

(a) Fernando Wan-Zeller Pessoa

(Segue o reconhecimento)

OUTRO CASO

«Aveiro, (rua do Passeio, 2) 27-3-929.

Rev.mo Senhor:

E' para relatar um milagre ocorrido o ano passado, nêste mesmo dia que eu escrevo a V. Rev.ma pedindo-lhe para êle ser publicado na «Voz da Fátima».

Passo a relatar, frizando que vai sem a menor sombra de exagero?

Meu filho Gumerzindo Henriques da Silva, com 18 meses de idade, adoeceu gravemente o ano passado em Março, com uma enterocolite e uma bronquite. E, apesar-de ser assidua e carinhosamente tratado pelo médico, peorava dia a dia. No dia 27 de Março, após 15 dias de doença, declarou-se-lhe uma bronco-pneumonia que, pelo seu caracter, tirou ao médico todas as esperanças de o salvar. No entanto, como era seu dever, o médico aplicou-lhe tudo quanto estava ao seu alcance e havia nos recursos da sciência, mas, quando chegou à tarde, perto das 7 horas, o médico que ainda o não tinha desamparado, tendo lutado em vão para o salvar, abandonou-o dando-nos a certeza da sua perda.

Ora, horas antes, a Madrinha do menino vendo-o tão mal, tinha ido pedir a umas senhoras amigas que tinham ido a Fátima, uma garrafinha com a água miraculosa, mas, com a confusão estabelecida nestas ocasiões, a garrafinha tinha sido pousada perto do doentinho e esquecida. Quando o médico saíu já o meu filho agonizava, deixando de falar, de ver,

Gumerzindo Henriques da Silva

de ouvir, perdendo a respiração e a temperatura. O frio da morte apossava-se dêle, já estava gelado, e nessa hora tremenda para o meu coração de mãe, quando já se pranteava a morte de meu filho, suavemente, começaram a ouvir-se as badaladas compassadas do sino tocando as Avé-Marias.

Ao ouvir êsse som tão plangente e tão caricioso, eu dei um grito doloroso enviando o meu pensamento numa súplica ao Altíssimo, para que me restituisse o meu filho. E, repentinamente, como que em resposta à minha prece, à minha imaginação ocorre a lembrança de Nossa Senhora do Rosário da Fátima e da sua agua miraculosa. Peço então a garrafinha, e, intimamente fazendo a promessa de a contar dêsse mesmo dia começar uma novena à Nossa Senhora da Fátima juntamente com o pai e madrinha do menino, e levá-lo à Cova da Iria a agradecer à Nossa Senhora se Ela fizesse o milagre de o restituir à vida, eu molhei dois dedos na água miraculosa e cheguei-os junto aos lábios inanimados do meu filho. E qual não foi o espanto dos que me rodeavam quando, ao contacto da àgua bendita, o meu filho abriu os olhos! E eu cheia de fé, cheia de esperança na Rainha do Céu, passei-lhe de novo os dedos humidos pela testa, pela carinha. E no mesmo momento comecei a sentir o meu filho a aquecer lentamente, muito lentamente, tendo daí a poucos minutos readquirido todas as suas faculdades, co-

meçando a falar como se nada se tivesse passado! E o médico, que chamado veio daí a pouco, não soube explicar aquela ressurreição e ao outro dia de manhã auscultando-o achou-o completamente curado da bronco-pneumnia, tendo até tido na sua grande admiração esta frase: Mas que grande transformação se operou nesta criança!

Começou a melhorar da fraqueza em que estava tendo-lhe tambem desaparecido as outras doenças. E em Setembro eu tive o prazer inefável de levar o meu filho á Cova da Iria e agradecer á Santíssima Virgem do Rosário o grande milagre que tinha feito.

Na ocasião não me lembrei publicar este milagre, mas há pouco mais dum mês, o meu filho esteve muito doente receando-se o garrotilho, e eu de novo recorri a Nossa Senhora da Fátima prometendo-lhe uma novena e a publicação do milagre do ano passado se o meu filho melhorasse, o que sucedeu.

Também já há tempos, estando com uma terrível dôr de dentes, a Santíssima Virgem acedendo aos meus rogos ma fez passar imediatamente, tendo eu também prometido publicar esta graça.

Graças sejam dadas a Nossa Senhora da Fátima que tantas lágrimas enxuga!

Subscrevo-me de V.ª Rev.ma etc.

Maria Henriques da Silva»

Enfermidade complexa

«Hospital de Espozende, 16-3-929

Minha boa amiguinha

(a Servita D. Francisca Filipaldi, de Leiria)

Que esta carta a vá encontrar de perfeita e feliz saude é o que do coração lhe desejo, eu continuo bem, graças a Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Minha boa amiguinha, embora tarde, é hoje o dia em que lhe mando o atestado há já tanto tempo prometido que é para a senhora mandar para o jornal da *Voz da Fatima*.

Tambem mando uma fotografia.

Este atestado é do primeiro médico que me tratou isto durante 12 anos, pois o que me tratava agora em Esposende retirou para a Africa, razão porque mando êste atestado passado pelo médico que me tratou no princípio da minha doença.

A minha enfermeira diz que durante estes sete anos que aqui estive, passava dias inteiros sem comer nada, dias consecutivos; e quando me davam os ataques diz ela que julgava muitas vezes que eu estava morta, tal era o meu estado, pois não falava, não ouvia e nem sentia o que me faziam. Assim passei sete anos aqui neste Hospital, aonde me dispensaram sempre todos os carinhos e desvelos. A minha enfermeira foi incansável comigo durante estes sete longos anos pois é que me dava todas as voltas de que necessitava, que me metia a comida na boca, enfim me fazia tudo que necessitava.

Durante estes sete anos, no primeiro ainda andei a pé, dos restantes tive algumas temporadas que estava sentada na cama, mas se me deitasse já não acordava mais sem o esforço da minha enfermeira.

Assim passei esses 6 longos anos neste martírio, durante êste longo tempo tive um abcesso nas costas, depois tive de ser operada, tambem me criou um braço que têve de ser lancetado. Tôdes estes incomodos á vista do mal que tinha que me obrigava a estar na cama, não era nada, pois o meu estado era de tal forma que não podia ouvir o mais léve ruido, nem aguentar o mais suave cheiro. Por aqui já a minha amiguinha poderá avaliar o meu sofrimento.

Se o meu médico assistente cá estivesse, melhor lhe poderia descrever a minha doença destes ultimos anos mas como partiu para a Africa julgo que não será preciso o seu atestado; êste que agora mando deverá servir para honra e gloria de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Obrigada, mil vezes obrigada, minha Mãe Santíssima, pois todos os momentos me chamavas a êsse lugar bemdito! Aonde me havias de dar a cura ao meu tão grande sofrimento. Só Vós e o meu Jesus Sacramentado é que me curastes e só a Vós devo tão grande milagre.

Estou curada completamente, curada desde o dia 13 de Outubro de 1928, dia feliz e inolvidável que jamais esquecerei por tão grande graça que me concedestes.

Desde esse dia bemdito, ando perfeitamente, alimento-me menos mal, já faço alguns trabalhinhos, vou lavar para a pia.

Vou todos os dias á Igreja de manhã e de tarde.

Porem, agora sinto-me bem e se, por qualquer motivo voltar para traz, não admira nada, porque eu já vou abusando das minhas forças.

Eu nunca julguei ir a êsse lugar, pois Nossa Senhora me tem concedido muitas graças desde então para cá.

Emilia Martins Baptista»

ATESTADO

José Gomes de Matos Graça, diplomado pela Escola Medica de Lisboa, clinico em Barcelos

Atesto e juro pela minha honra que Emilia Martins Baptista, solteira, de 42 anos de idade, da freguezia de Aldreu,

Emilia Martins Baptista

concelho de Barcelos, mas residente há anos em Espozende, internada no Hospital me procurou varias vezes, desde 1910, para me consultar sobre a sua doença que eu diagnostiquei de uma tuberculose incipiente, a qual foi evolucionando lentamente.

Depois a sua asthenia cardiaca era bem acentuada sendo necessário recorrer várias vezes aos toni-cardíacos; chegou a um tal estado de miseria organica que o mais pequeno esforço era causa de sincopes.

Tem também uma gastrite que chegou a periodo de cronicidade.

Internada no Hospital de Espozende, onde está há sete anos, vivia como paralítica, não podendo fazer o mais simples movimento sem auxílio de enfermeiras.

Hoje movimenta-se perfeitamente, come muito bem, não sente dores no seu estomago, não tem sinais alguns de bacilose, o que tudo se operou subitamente, não sendo o caso explicavel clinicamente.

E por ser verdade passo o presente atestado que assino.

Barcelos, 4 de fevereiro de 1929.

(a) José Gomes de Matos Graça

Laringite crónica e afonia completa.

Ana Margarida d'Oliveira Santos, residente no logar de Guilhovai, da freguesia e concelho de Ovar, refere assim a sua doença e cura:

«Desde os princípios de Abril de 1928 que eu me encontrei gravemente doente, sentindo muitas dores na garganta e nos pulmões que de dia para dia se iam agravando cada vez mais. Principiei a tratar-me com o Ex.mo Sr. Dr. José Eduardo de Sousa Lamy, medico muito aprovado nesta localidade, o qual me declarou que eu tinha uma laringite cronica, mas muito em perigo de passar a uma tuberculose. Continuei sempre com os medicamentos precisos, mas sempre sem resultado. Depois, alem destes sofrimentos, me sobreveio mais uma afonia que me deixou quási impossibilitada de dirigir a vida de minha casa. Cerrou-se-me a garganta de forma que as pessoas de minha família, para me compreenderem algumas palavras, tinham de se abeirar de mim.

Assim se passaram 5 mezes, sempre cheios de sofrimentos que a medicina me não pôde tirar. Resolvi recorrer a Deus, implorei os auxílios de Maria SS. e outros santos; resava de dia e de noite e pedia a outras pessoas as suas orações por mim, e no meio das minhas rezas invoquei com muita fé e confiança a N. Senhora de Fátima, pedindo-lhe a cura da minha doença, se assim fosse vontade de Nosso Senhor, não por aborrecer os sofrimentos ou a propria morte, mas sim para poder acabar de crear e educar 3 filhinhos ainda pequenos que já tiveram a infelicidade de perder o amor paternal, e estavam em risco de me perder tambem a mim, ficando para sempre numa orfandade completa. Prometi então ir a Fátima agradecer a N. Senhora a graça que eu dêle desejava.

Isto passou-se nos fins de Setembro. No dia 1 de outubro apareceu-me uma pessoa amiga que me aconselhou fazer uma novena a N. Senhora de Fátima. Eu fiz o que me disseram e no dia seguinte comecei a novena. No 3.º dia da novena, sem eu saber como, apareci de repente curada, sem dores, sem rouquidão, ficando a falar como era o meu costume. Fiquei extasiada, dizendo: Graças á S.S. Virgem que operou em mim tão grande milagre. No dia 13 seguinte fui á Cova da Iria cumprir a minha promessa e pedir a N. Senhora que continue a dispensar-me as suas graças que eu sempre delas necessito».

Eis o relato da minha doença e da minha cura e tenho desejo que ele venha relatato na *Voz de Fátima* se V. Ex.ª assim o achar conveniente.

Ovar, 20 de outubro de 1928.

Ana Margarida d'Oliveira Santos

AVISO

Pedimos aos presados assinantes em dívida o favor de mandarem satisfazer a sua assinatura directamente em carta registada ou vale do correio.

Não mandamos proceder á cobrança, além doutras razões, por nos parecer que todos serão tão interessados como nós na difusão e prosperidades do nosso jornalzinho. A assinatura são dez escudos por ano mas o que nos tem valido é a generosidado dalguns assinantes que nos teem enviado quantias muito superiores. Nem eles imaginam todo o bem que assim fazem.

Em qualquer reclamação é indispensável indicar o numero da assinatura. Pedimos que nos devolvam os numeros repetidos.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	148.427$86
Papel, composição e impressão do n.º 79 (55.500 exemplares)	3.429$74
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas e outras despezas...	952$90
	152.810$50

Subscrição

(Março de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jornal pelo correio durante um ano: Jeronymo Pereira Coutinho, Maria da Natividade Mamede, P.e João da Costa Campos, Justino Marques Bastos (20$00), Emilia L. Ferreira (15$00), M. Helena Guimarães (15$00), Antonio Furtado Mendonça (20$00), P.e Augusto José da Trindade, Silvina Henriques d'Almeida, Julia d'Almeida Ferreira, Maria da Silva Rosa, Maria da Piedade Calado, Cristina Maria de Campos Soares, Candida Amaral, Armanda Amaral, José Gonçalves Pinto, Ismenia Cunha, Maria das Mercês Flôres, Olivia Ribeiro Martins, Amadeu do Carmo Moraes, Antonio Ferreira de Melo, P.e Manuel de Medeiros Guerreiro, Clemencia Candida da Silva Pato, Adelaide da Costa Nascimento, Gloria de Jesus Martins Pires, Laurenio de Medeiros Silva, Maria Noemi de Faria Coelho, Ana de Souza Menezes Machado, Maria dos Anjos Rodrigues, Maria da Encarnação Barão (13$00), Manuel Velez Tavares Junior, Ana Sergio Faria Pereira, Maria Amelia Rodrigues d'Almeida Coutinho (20$00), Antonio Rodrigues Pepino, Juventude Catolica de Aveiro, Albertina d'Azambuja Teixeira de Carvalho, Manuel Alves Pereira, José Monteiro de Pinho, Ana Barros Lamas, Americo Miranda, Maria Palmira de Moura Veiga, Joaquina Maria Cardoso, Virginia da Piedade Gomes Amado Santos (15$00), José Luiz Patricio, Margarida Manuel Pinto Coelho, Maria José Pereira (11$00), Maria Chaparro Silva, Maria Coelho da Silva, Dulce Coelho, Maria Fortunata Avelar, Maria da Conceição da Silva (20$00), Artemisia Vieira Marques da Cunha, Dr. Carneiro de Mesquita, P.e José Barroca, P.e Manuel de Almeida, Rosa Vieira de Castro, Maria Clemencia Pereira N. da Fonseca, Antonio Lacerda, João José da Encarnação, Maria Joana de Castro, Ana Torres Ferreira (20$00), Olimpia Quintela Lopo, Aurora Rodrigues, Maria das Dôres Amaral, Laurinda Marques (20$00), Antonio Martins dos Santos, Gabriel Raymundo da Silva, Maria Luiza Aliver da Fonseca, Lucinda Henriques Dias, Felisbela Henriques Loureiro.

Esmolas obtidas em várias igrejas quando da distribuição da «VOZ DA FÁTIMA»

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, pela Ex.ma Snr.ª D. Noémia Rôlo, no mês de Fevereiro de 1929	10$00
Na igreja de S. Tiago de Cezimbra, pela Ex.ma Snr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, nos mêses de Março e Abril de 1929	62$50

As confissões no Santuário de Fátima

Quando vamos a Fátima, observamos, graças a Deus, os desejos sinceros de tantos crentes que procuram tão anciosamente os santos Sacramentos da Penitência e Comunhão. Caríssimos Colegas, satisfaçamos tão piedosos desejos levando todos a sua batina e, com ela vestidos, estejamos preparados para ouvir os fiéis no Santo Tribunal da Penitência. Não fiquemos satisfeitos emquanto não confessarmos cada um, ao menos, 15 pessoas em honra dos 15 mistérios do Santíssimo Rosário. Cada um que lá vai, se já tiver passado os 8 dias depois da última Confissão, não fique também satisfeito sem purificar a sua alma naquele santo lugar.

Recomendemos também aos fiéis que façam a sua preparação antes de se aproximarem do confessor para, apenas chegarem, dizerem ao Sacerdote quando foi a ultima Confissão e quais as faltas que a consciência lhes acusa, começando pelas mais graves.

Vosso colega muito dedicado

Padre Francisco Rodrigues da Cruz

Faço minhas as recomendações do venerando Snr. Dr. Cruz que todos tanto estimamos e peço encarecidamente:

1.º Ao *Rev. Clero* que as atenda;

2.º Aos *Fiéis* que procurem a Santa Confissão nas suas terras, deixando logar áqueles que ali forem tocados pela graça do Senhor por intercessão de Maria Santíssima e aos que nas suas fréguesias não teem socorros espirituais.

Leiria, 1 de Outubro de 1928.

† JOSÉ, *Bispo de Leiria*

Da «Voz da Fátima» de 13 de outubro de 1928).

Atenção!

Nenhum peregrino que saiba ler, deve deixar de adquirir um exemplar do interessante volume de 412 páginas, profusamente ilustrado com esplêndidas gravuras, «As grandes maravilhas de Fátima», da autoria do sr. Visconde de Montelo, que encerra a mais completa história das aparições e dos sucessos miraculosos e cujo produto líquido é integralmente destinado à Obra de Fátima.

Preço: dez escudos.

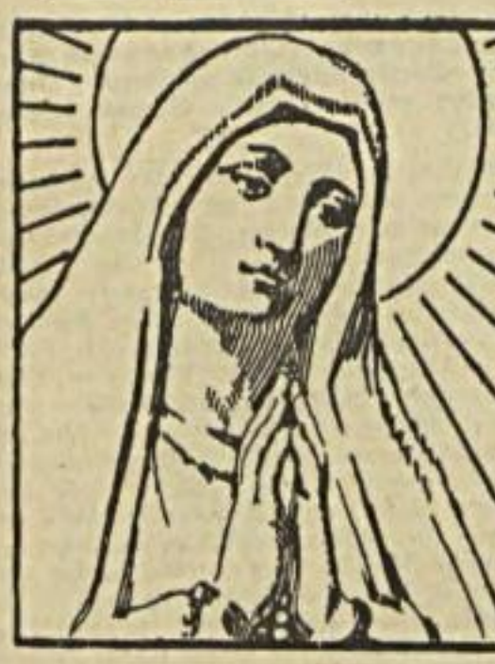
Água de Fátima

Torna-se difícil ou quási impossível responder a todas as pessoas que se nos dirigem a pedi-la.

Lembramos também que Leiria fica a 25 quilómetros de Fátima e nem teriamos tempo de atender cada pedido. E' necessário também notar que apesar de a água ser gratuita é necessário contar com a lata ou outro recipiente e com o porte do correio, o que é relativamente caro.

Quem pretender obter a água pode dirigir-se a José de Almeida Lopes — Fátima (Vila Nova de Ourem), que se presta a mandá-la e é pessoa da nossa confiança.

ANO VII — Leiria, 13 de Junho de 1929 — N.º 81



VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

A alma de Portugal na Cova da Iria

A imponentíssima peregrinação nacional ao augusto Santuário de Nossa Senhora de Fátima — Maravilhosa Epopeia de Fé — Sublime e incomparável poema de Amor — Grande escola de Religião e de patriotismo — Espectáculo único no mundo.

«Já uma vez escrevi, e tenho sempre gôsto e honra em afirmar, que o Santuário de Fátima é uma grande escola de Fé e de patriotismo.

Admirável painel medieval ardentemente vivido por almas de hoje, o Santuário de Fátima pelo estilo que o enobrece e pelo fervor que o inflama, tem já um pêso singular em tôda a Cristandade»

Fátima, 13 de Maio de 1929.

Do diário católico «**Novidades**»

AFONSO LOPES VIEIRA.

As vagas de romeiros — Peregrinações do Patriarcado e do Algarve — Procissão das velas — Adoração nocturna — Reparação nacional — Alocuções do Senhor Bispo de Leiria.

Grandiosa e imponente como nunca, assumindo proporções verdadeiramente colossais, realizou-se, no dia treze de Maio último, a peregrinação nacional ao Santuário Mariano de Fátima, em honra da augusta Raínha do Santíssimo Rosário.

De todos os pontos de Portugal e até dalguns do estranjeiro, sobretudo da Espanha católica e da França cristianíssima, acorreram à Cova da Iria vagas e vagas de romeiros, impulsionados pelo ardor da sua Fé viva e da sua devoção acrisolada para com a Virgem bemdita, que ali vem escrevendo, há doze anos, em páginas de ouro de mistérios e de prodígios, de bênçãos e de graças, uma nova epopeia, assombrosa e encantadora, do seu amor maternal. Na véspera, ao caír da tarde, uma multidão compacta já põe uma enorme mancha negra no local das aparições e pelas estradas que lá conduzem circulam muitos milhares de veículos que despejam sem cessar torrentes de fiéis naquele lago imenso, naquele oceano de cabeças humanas.

Entre as peregrinações organizadas que êste mês foram a Fátima, merecem especial menção a de Bemfica (Lisboa), dirigida pelo zeloso pároco daquela frèguesia, rev.do Francisco Maria da Silva, e a do Algarve, sob a presidência do seu venerando Prelado, D. Marcelino Franco, grande figura de asceta e de santo.

Pouco depois das dez horas da noite, o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, capelão-director dos «servitas», convida pela voz dos altifónios a mole ingente de povo, aglomerado em frente da capela das aparições, a rezar o terço do Rosário, em homenagem à gloriosa Senhora Aparecida.

Extinto o eco dos últimos ramos da Ladaínha Lauretana, que se recitou depois do terço, a multidão principia a movimentar-se. Meia hora mais tarde, o espectáculo que oferece a Cova da Iria é único e indiscriptível. São dezenas, são centenas de milhar de fachos luminosos, empunhados pelos peregrinos, são gigantescas serpentes de fogo coleando pelas extensas avenidas e perdendo-se no horizonte distante, são milhares de coros cantando simultaneamente, em tôdas as gradações de tons, o Ave de Lourdes, é um incêndio colossal abrasando nas suas chamas todo o vasto recinto dos santuários. Dir-se-ia que as estrêlas do céu, caindo na Cova da Iria, a tinham transformado de repente num firmamento da terra. Passava pouco da meia noite quando, reunida de novo a grande massa de povo, então em frente da capela das missas, de tôdas as bocas irrompe, como um hino de triunfo, o canto solene do *Credo*. Momento incomparável,

Sua Excelência Rev.ma o Snr. D. Marcelino António Maria Franco, venerando Bispo do Algarve, que presidiu à numerosa peregrinação daquela diocese, em Maio último

em que a alma da Pátria, representada ali pelo seu escol intelectual e moral, depunha o tributo da sua fé avita aos pés da nobre Padroeira, para que Ela o apresentasse por suas mãos bemditas junto do trono do Altíssimo!

À marcha triunfal da procissão das velas em honra da gloriosa Virgem do Rosário, segue-se o preito de amor, glória e reparação a Jesus-Hóstia, exposto num trono de luzes e de flores, no altar-mor da Capela das missas. Sôbre a montanha sagrada de Fátima, no centro geográfico do nosso querido Portugal, o Divino Rei de Amor recebe as homenagens de seus filhos, que a Êle recorrem cheios de confiança por meio de Maria. Aos ouvidos de todos soam ainda as palavras da Virgem, na última aparição à humilde e inocente pastorinha de Aljustrel, a vidente Lúcia, quando lhe disse: «Não ofendam mais a Nosso Senhor, que está muito ofendido; rezem o terço do Rosário». E' preciso reparar a justiça divina, irritada com os pecados dos homens. E o terço rezado, meditado e vivido é, depois da imolação do Cordeiro sem mancha na ara santa, a mais perfeita de tôdas as reparações, o desagravo por excelência indicado pela Raínha do Céu.

E por isso, deante de Jesus-Hóstia, a multidão imensa vai rezar o psaltério de Maria, em turnos sucessivos de adoração, para converter os raios da justiça divina em mananciais de graça, em caudais de bênção, em torrentes de misericórdia.

Ao primeiro turno, presidido pelo Senhor Bispo de Leiria e consagrado à reparação nacional, sucedem mais três turnos: o da peregrinação de Lisboa, o de Carapinheira do Campo (Montemor-o-Velho) e o de Carvide e Oliveirinha.

Por motivo de fôrça maior, a peregrinação do Algarve, composta de quatrocentas pessoas, só poude chegar ao local das aparições depois da meia-noite. A Santíssima Virgem de-certo aceitou benignamente o sacrifício dos piedosos romeiros, que não tiveram a dita de tomar parte na procissão nocturna, e transformou-o em chuva de bênçãos sôbre as suas almas e a do seu venerando Antístite.

Durante a primeira hora de adoração, o Senhor Bispo de Leiria presidiu à recitação do terço, meditando os mistérios gozosos em formosíssimas alocuções doutrinais, palpitantes de actualidade, repassadas de sentimento e notáveis pela elevação das ideias e pelo brilho da forma literária. O Venerando Prelado falou por seis vezes, pedindo no fim pelo Santo Padre Pio XI, felizmente reinante, que se recomendou às orações dos peregrinos de Fátima, por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, que igualmente se recomendou às orações dos fiéis neste dia, pelo venerando Episcopado português e dum modo especial pelo Senhor Bispo do Algarve, ali presente. Rezou também pela mão do rev.do pároco de Buarcos, falecida no desastre de Ourém.

As confissões dos Peregrinos — Missa dos servitas e escoteiros — Missa da Comunhão Geral — Vinte seis mil comunhões — Ondas de luz e rajadas de som — O dr. Luís Fisher, lente da Universidade de Bamberg (Baviera)

Na véspera à tarde e durante tôda a noite e toda a manhã do dia treze, eram inúmeros os fiéis que se apinhavam junto das portas da Igreja da Penitenciária para se aproximarem do Sagrado Tribunal. Quantas almas, nessas horas bemditas de resgate, se rehabilitariam perante Deus, despindo a túnica manchada do pecado para se vestirem da estola purísima da divina graça? Mistério de misericórdia e de amor, que só conhece Aquele que prescruta os segredos dos corações!

A's cinco horas, o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos celebra o Santo Sacrifício da Missa, a que assistem e comungam os servitas e os escuteiros, que teem de começar a exercer as suas funções às primeiras horas da manhã. A's seis horas, o Senhor D. Marcelino Franco, venerando Bispo do Algarve, sobe ao altar para celebrar a missa da Comunhão geral. Vinte sacerdotes, revestidos de estola e sobrepeliz e acompanhados cada um por acólitos com velas, dirigem-se, de cibório na mão, para o meio da esplanada, afim de administrar o Pão dos Anjos aos fiéis preparados com a confissão sacramental. Espectáculo profundamente tocante!

Jesus, nosso Deus e nosso Pai, escondido no seu Sacramento de Amor, passeia por entre os seus filhos e, como outrora na Palestina, passa fazendo o bem.

Dezenas de lâmpadas eléctricas, cuja inauguração fôra honrada na véspera com a presença do Senhor Presidente da República, General Carmona, que na central eléctrica do Santuário pôz a trabalhar o motor depois de benzido pelo Senhor Bispo de Leiria, projectavam feixes de luz suavíssima sôbre o vasto anfiteatro da Cova da Iria, ao mesmo tempo que poderosos megafónios levavam ao longe e ao largo as vozes de comando, as invocações, as preces e os cânticos.

O dr. Luis Fisher, professor na Universidade de Bamberg (Baviera), que tinha

vindo de propósito a Portugal para assistir a essa extraordinária manifestação de Fé e piedade e estudar o facto assombroso de Fátima, não podia ocultar a sua intensa comoção, traduzida por lágrimas mal contidas que lhe marejavam os olhos.

Para o diário católico de Lisboa «*Novidades*», escreveu êle as palavras que a seguir reproduzimos e que dão bem a medida da funda impressão produzida no seu espírito pela grandiosidade das scenas a que assistiu: «Creio que êste espectáculo é único no mundo! Assisti, em 1925, à canonização de Santa Terezinha do Menino Jesus, em S. Pedro de Roma, calculando em oitenta mil o número de assistentes. Isso, porém, parece-me bem pouco em comparação desta multidão, cheia de espírito de sacrifício para com a Santíssima Virgem, cheia de fé no Santíssimo Sacramento! O que há de mais belo, quanto a mim, é ver Jesus caminhando, levado pelos sacerdotes, por entre os seus fiéis e os seus doentes, abrasados no desejo de O receber no seu Sacramento de Amor.

Pertransiit benefaciendo!»

Albergue de Nossa Senhora do Rosário — No Pôsto das verificações médicas — No Pavilhão dos doentes — A dedicação das servitas e dos hospitalários do Pôrto — Homenagem da aviação — O reinado do Rei de amor.

Um dos acontecimentos que mais consoladoramente assinalaram o duodécimo aniversário da primeira aparição da Virgem aos humildes e inocentes pastorinhos foi, sem dúvida, a inauguração do Albergue de Nossa Senhora do Rosário. Construído graças à iniciativa do Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, êsse edifício, grandioso e magnífico na sua arquitectura sóbria e majestosa, ali ficará a atestar a caridade ardente do ilustre Prelado de Fátima, a magnanimidade do seu coração de Pastor, tam sensível às misérias físicas de tantos infelizes que acorrem à Lourdes portuguesa para obterem a sua cura d'Aquela que a Santa Igreja chama a Saúde dos enfermos e a Consoladora dos aflitos.

No Pôsto das verificações médicas, transferido do Pavilhão dos «servitas» para o edifício do Albergue, desde a véspera que se está procedendo ao exame e registo dos doentes. De milhares dêles que solicitaram a senha de ingresso no respectivo Pavilhão para assistirem à missa oficial e à bênção com o Santíssimo Sacramento, apenas quatrocentos, os que se encontravam em estado mais grave, puderam ser atendidos.

Numerosos médicos prestam os seus serviços com uma dedicação inexcedível. Alguns são figuras das mais distintas do corpo clínico e cirúrgico português. Entre êles contam-se os seguintes: dr. José Maria Pereira Gens, da Batalha, director do Posto das verificações médicas, dr. Manuel Lopes Falcão, do Barreiro, dr. Augusto de Azevedo Mendes, de Torres Novas, dr. Luz Preto, de Vila Nova de Ourém, dr. Luís Espínola Martins, de Alcanede, dr. Jacob Pinto Correia, de Tremês, dr. Weiss de Oliveira, dr. Mello Breyner (conde de Mafra), dr. Eurico Lisboa, dr. Gabriel Ribeiro, dr. Alberto Madureira, de Lisboa, dr. Laureano Sardinha e dr. Joaquim José de Abreu, de Portalegre, dr. Cortês Pinto, de Leiria, dr. Luís Antunes Serra, de Faro, dr. Costa e Almeida, de Anadia, dr. José de Paiva Boléo, de Alvega, dr. Francisco de Mira Mendes, de Montemor-o-Novo, dr. Gualdim Queirós de Melo, de Sernache do Bomjardim e dr. Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, de Louzada.

Entretanto, no Pavilhão dos doentes, onde estão reunidas algumas centenas de vítimas dos males mais graves que torturam a pobre humanidade, as preces mais fervorosas e as invocações mais veementes elevam-se para o Céu, a fazer violência ao Coração de Deus.

As «servitas», envergando batas alvinitentes, exercem a sua caridosa missão, sempre incansáveis no seu zêlo, sempre cheias de solicitude e dedicação nas múltiplas e delicadas funções da sua actividade profissional. Sentado numa cadeira, rezando o terço, que lhe pende duma das mãos, está um doente de meia idade, atacado de paralisia total dos membros inferiores. E' um advogado dos mais distintos do Alto Alentejo, há anos inutilizado para a vida do fôro pela sua imobilidade forçada. Um sacerdote, que passa junto dêle, vendo-lhe os olhos marejados de lágrimas, produzidas pela comoção, recomenda-lhe que tenha confiança na Santíssima Virgem. Então dos lábios do enfêrmo saem estas palavras admiráveis que traduzem todo um poema encantador de Fé e resignação: «Não tenha pena de mim; sou felicíssimo, porque não sofro nada ao pé de tantos aqui presentes que sofrem imenso».

A pequena distância, sentada noutro banco, vê-se uma senhora na primavera da vida — vinte anos de idade — pálida e abatida. E' D. Olímpia da Ascensão de Oliveira Matos, de Concavada (Alvega). Sofre há mais de dois anos de doença de peito. A sua confiança no poder e na bondade da Mãe de Deus trouxe-a a seus pés, no Santuário de Fátima. Alguém tenta confortá-la com palavras amigas. A resposta foi um pranto desfeito e um soluçar convulso, síntese amarissima de longos e dolorosos sofrimentos, apenas mitigados pelo bálsamo da resignação cristã.

Os servos de Nossa Senhora do Rosário e os Hospitalários do Pôrto, coadjuvados por escoteiros católicos de vários núcleos do país, continuam na sua faina incessante de transporte dos doentes. De vez em quando, durante a distribuição do Pão dos Anjos, o órgão faz ouvir as suas harmonias graves plangentes e o canto do Bendito irrompe de mil peitos cheios de Fé e de amor. Ao colo duma criada entra agora no Pavilhão uma doentinha que aparenta ter quinze anos de idade. Colocada num banco da primeira fila do lado do Evangelho, benze-se devotamente, junta as mãos em atitude de súplica fervorosa e põe-se a rezar o terço, de olhos fitos na Imagem da Virgem.

Mais atrás, um venerando sacerdote da diocese do Pôrto, acompanhado por dois irmãos, um dêles cónego e o outro médico, toma o seu lugar entre outros doentes. E' o rev.do Hermano Amândio Mendes de Carvalho, de Vila do Forno, concelho de Louzada, paralítico há seis anos.

De repente, por sôbre o vasto recinto das aparições, ouve-se o ruído dum motor. E' um avião, que vem prestar as suas homenagens à Virgem e saúdar os peregrinos. A êste sucedem-se muitos outros, que efectuam diversas evoluções no lugar sagrado, aproximando-se alguns dêles bastante da terra. Das altuas caem no recinto do Santuário, como chuva do céu, flores e ramos de flores. Um dos aviões solta uma linda pomba branca que, depois de executar vários vôos por cima da Cova da Iria, foi pousar no telhado do lanço, nesse dia inaugurado, do Hospital-Sanatório.

Outro avião despejou sôbre a multidão milhares de prospectos, em que se proclamava a necessidade de se fazer reinar nas almas de todos os portugueses, nas famílias e na sociedade, o Coração do Divino Rei de amor, Rei dos indivíduos e Rei das Nações, que o Padre Matéo Crawley Boevey, o Apóstolo pobrezinho, mas riquíssimo de dons do Céu, veio há pouco prègar na nossa Pátria.

A procissão da Virgem — A missa campal — A bênção dos doentes — Alocução do Senhor Bispo do Algarve — A procissão final — Terno adeus de saúdade.

Ao meio dia solar, eclesiásticos, servitas e escuteiros concentram-se junto do padrão popular comemorativo das aparições, afim de conduzirem e acompanharem processionalmente a veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosário para a capela das missas. A Imagem é levada em triunfo através da multidão numerosa e compacta sob um chuva contínua de flores.

A comoção é indescritível. Vêem-se muitos olhos marejados de lágrimas. Entre os servitas que transportam o andor aos hombros, contam-se o Dr. Afonso Lopes Vieira, o coronel Patacho e o major Pereira dos Reis. De todos os pontos do vasto anfiteatro da Cova da Iria, literalmente coberto de gente, e das suas imediações, os peregrinos saúdam a Virgem, acenando com lenços. Dir-se-ia que um bando inumerável de pombas brancas tinha surgido como que por encanto das entranhas da terra e que tôdas ensaiavam os seus vôos a pequena altura antes de se juntarem e subirem para o céu.

Quando a sagrada Imagem assoma no limiar do Pavilhão, o entusiasmo sobe de ponto e rompe, irreprimível, em palmas, vivas e aclamacões à Virgem. Nenhum rosto está enxuto. A procissão seguiu-se o canto colectivo do *Credo*. Depois, o Senhor Bispo de Leiria, que entretanto se paramentara, sobe ao altar e principia a missa dos doentes. Durante a missa reza-se o terço do Rosário em voz alta, cantando-se à elevação um cântico piedoso, acompanhado a harmónio. No fim expõe-se o Santíssimo Sacramento na custódia e, cantando um motete, o Senhor Bispo do Algarve, revestido de roquete e capa, procede à bênção eucarística dos doentes. Renovam-se então, mais uma vez, as scenas comoventes, que êsse acto costuma provocar e a que não é possível assistir de olhos enxutos. Cantando o *Tantum ergo*, o venerando Prelado dá a bênção geral e, encerrado o Santíssimo no Sacrário da Penitênciaria, sobe ao púlpito e faz uma tocante alocução.

«Aqui, estão, disse êle, aqui estão, ó Mãe querida, os vossos filhos estremecidos, os vossos filhos de Portugal! Estão aqui para cantar as vossas glórias, para celebrar os vossos louvores, para receber um sorriso do vosso coração maternal.

O Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo do Algarve dando a bênção aos doentes. Pega à umbela o Ex.mo Sr. Governador Civil de Leiria. No segundo plano vê-se o poeta Afonso Lopes Vieira, com as correias de «servita»

Viemos aqui para prestar um testemunho de fé, de amor e de confiança: testemunho de fé em Deus, num mundo sobrenatural, na intercessão de Maria Santíssima, no adorável mistério da Eucaristia; testemunho de esperança nos dogmas altamente consoladores da nossa bemdita religião, testemunho de amor á Virgem.

Ainda há pouco ouvi cantar «O' glória da nossa terra!» E' bem o grito de todo o Portugal, do Minho ao Algarve.

Tudo na nossa terra — as vozes dos seus habitantes, os monumentos levantados aqui bem perto e pelo país além — tudo canta as glórias de Maria.

Peçamos-lhe nêste momento que assista ao Sumo Pontífice, que inspire o Episcopado, que proteja o clero e os fiéis, mas, dum modo particular, os nossos doentes. Não basta, porêm, protestar-lhe o nosso amor. É necessário também protestar-lhe a nossa submissão inteira e incondicional. E esta submissão implica o cumprimento integral da Lei do Senhor, da vontade de Jesus, que é igualmente a de sua Mãe Santíssima. Ao deixarmos Fátima, seja êste o propósito que formulamos: cumprir integralmente o vontade do Senhor!»

Terminada a breve alocução do Senhor Bispo do Algarve, realizou-se a procissão final, pegando agora ao andor as servas de Nossa Senhora do Rosário. E ao espectáculo deslumbrantíssimo que constituiu uma colossal apoteose de amor e de devoção à Mãe de Deus, feita de vivas, palmas, cânticos, lágrimas e lenços no ar, quando os peregrinos se despediram da Rainha do Céu, soltando o seu terno adeus de saudade, vem associar-se, num gesto lindo e tocante, a aviação civil e militar, esparzindo flores sôbre o local seis vezes santificado pela presença da augusta Padroeira de Portugal.

As curas maravilhosas — A paralítica de Louzada — Quinze anos de martírio — Conferência de médicos — Duas grandes miraculadas — Scena comovente.

Extintos os últimos ecos das saudações à Virgem, começam a correr boatos de novas curas maravilhosas operadas durante as cerimónias oficiais. Uma das pessoas curadas naquele dia encontrava-se nesse momento no Albergue de Nossa Senhora do Rosário, onde está instalado o Pôsto das verificações médicas. Chama-se Emília de Jesus Marques, tem trinta e dois anos de idade e é natural e moradora em Louzada, diocese do Pôrto. Desde os quinze anos que é doente. Há cêrca de seis que estava de cama. A-pesar-do zêlo e dedicação do médico assistente, dr. Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, e dos tratamentos, longos e diversos, a que foi submetida, o seu estado, longe de melhorar, agravava-se cada vez mais. Raras vezes e quási à fôrça, na presença do médico assistente, consentia em tomar algum alimento. A sua magreza era extrema. A sua palidez parecia a dum cadáver.

Neste estado lamentável, resolve ir a Fátima, contra a oposição formal do médico, que tem a convicção absoluta de que essa resolução representa para a sua cliente uma sentença de morte ou, para melhor dizer, um verdadeiro suicídio.

A viagem, penosíssima, fez-se no meio de dores inauditas, que lhe martirizavam o pobre corpo, já tão duramente provado pela longa e terrível enfermidade. Passou em Fátima as noites de onze para doze e de doze para treze. Foram noites intermináveis, sem descanso e sem alívio, duma agonia cruciante, de sofrimentos horríveis.

Conduzida numa maca pelos servitas para o Pavilhão dos doentes, às primeiras horas da manhã, aí se conservava à espera da missa dos doentes e da bênção eucarística solene, orando fervorosamente. A servita que lhe assistiu, D. Maria Reis e Silva, do Pedrógão de Tôrres Novas, assegura que ela parecia nesse momento uma defunta. Ao meio-dia solar, quando a Imagem de Nossa Senhora do Rosário, levada aos hombros dos servitas, assoma no limiar do Pavilhão, a pobre enfêrma sente o que quer que seja que, segundo ela dizia, não era capaz de explicar. As dores desaparecem-lhe como que por encanto, reconhece que lhe voltam a todo o lado esquerdo paralítico o movimento e a vida e tem a impressão de que pode caminhar desembaraçadamente. Depois da procissão final, dirige-se por seu pé, sem auxílio de ninguém, para o novo Pôsto das verificações médicas. Alí, rodeada de pessoas de família e outras pessoas de amizade dá largas à sua alegria e ao seu reconhecimento para com a Virgem Santíssima.

Vários médicos, que pouco a pouco vem chegando, examinam-na detidamente, até que chega o médico assistente, que se reúne em conferência com os colegas presentes a quem expõe minuciosamente a natureza da doença, as suas diferentes fases e os tratamentos empregados sem êxito. Entretanto entra na sala o Senhor Bispo de Leiria, que vem ver a feliz senhora e felicitá-la pela grande graça recebida. Quási ao mesmo tempo chegam duas das maiores miraculadas dos últimos tempos, D. Maria Margarida Teixeira Lopes, da casa de Pereiró, do concelho de Louzada, curada em treze de outubro de 1928, e D. Maria José dos Santos Nunes, moradora em Lisboa, na sua Carvalho Araujo, n.º 11, 3.º, curada no dia vinte e um de Fevereiro último. Dá-se então uma scena comovente em extrêmo. As duas miraculadas aproximam-se da nova privilegiada da Virgem bemdita de Fátima e abraçam-na afectuosamente, lavadas todas três em lágrimas de alegria e de reconhecimento.

Pouco a pouco, o local consagrado por tantas maravilhas divinas vai-se descongestionando. A noite cai lentamente. Alguns peregrinos retardatários fazem as suas despedidas à Virgem mostrando bem quanto lhes sangra o coração, ao apartarem-se, com a saúdade na alma e as lágrimas nos olhos, daquela estância abençoada de graças e de prodígios. E pelas estradas além, do país inteiro, seguramente meio milhão de romeiros levam impressa dum modo indelével nas suas retinas deslumbradas a visão caleidoscópica dessas scenas empolgantes, sublimes, incomparáveis, que comovem e enlevam e hão-de comover e enlevar cada vez mais, sem embargo do despeito mal contido e do desespero impotente da impiedade, que a Rainha do Céu esmaga com o seu pé virginal, a alma de Portugal e a alma do universo.

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Tumor.

Graças a Deus e a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, sinto-me curada.

Com a maior consolação da minha alma, venho publicar duas graças extraordinárias que recebi por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

MARIA ROSA FONTES

Há 2 anos, sofri uma tão grave doença interior que o distinto médico que me tratava, desanimando da minha cura, disse-me que eu precisava sempre de me tratar com cuidado, embora melhorasse e que certamente não voltaria a ser mãe — pois nessa altura, estando casada há 12 anos já Nosso Senhor me havia dado 4 filhinhos.

Durante o mês do Rosário do ano de 1927 recorri, com muita Fé, a Nossa Senhora do Rosario da Fatima resando-lhe com particular fervor, o Terço todos os dias, e com muita devoção tomei a milagrosa água prodigiosamente nascida no local bendito das aparições começando logo a sentir melhoras e tantas, que ao contrário da previsão do próprio médico, depois dum intervalo de 7 para 8 anos sem voltar a ser mãe, quiz Nosso Senhor dar-me uma filhinha mais, que hoje tem 10 mezes — à qual puz o nome de Maria de Lourdes, em honra de Nossa Senhora.

Comecei depois a sofrer muito do peito direito que tinha um caroço bastante sensivel quando se apalpava. Consultei o ilustre Medico bracarense Ex.mo Sr. Dr. João Leitão que me disse era necessario dar entrada no Hospital para fazer a extração do seio. Fiquei aflitissima assim como meu marido, que é também doente! E como estivessemos a chorar muito, pedindo a Nossa Senhora para nos valêr, pois só me custava deixar os meus Filhinhos na orfandade, meu marido animou-me a recorrer uma vez mais a Nossa Senhora de Fátima que já me havia curado duma tão grande doença. Assim o fiz rezando tambem com os meus Filhinhos para que Nossa Senhora se dignasse atender as suas inocentes orações. Começámos uma Novena a Nossa Senhora da Fátima, cuja imagem temos na nossa pobre casa, e tomei da agua milagrosa com muita Fé.

Ao terceiro dia da Novena senti durante a noite, uma estranha inquietação, uma especie de *tremura* que não me deixava dormir, mas, não sei porque, tanto eu como meu marido que até ali só tinhamos vontade de chorar, estávamos dominados por uma *inexplicavel satisfação intima* que não sabiamos comprênder! Parecia-me que já nada sentia no peito, mas julguei que fôsse ilusão minha.

Para maior certeza, logo de manhã chamei a minha vesinha e amiga Senhora Ana do Espirito Santo Torres, moradora na R. de S. Geraldo, n.º 48, e perguntei-lhe se realmente lhe parecia como a mim, que o meu peito já nada tinha. Esta, ao examina-lo e apalpa-lo cuidadosamente, começou a chorar de comoção proclamando o grande milagre que Nossa Senhora me havia feito!

Pensei logo em publica-lo para agradecer a Nossa Senhora uma tão grande graça mas não sabia como havia de fazer. Por isso, só 4 dias depois se de haver dado a minha milagrosa cura é que fui procurar o Ex.mo Snr. Dr. Leitão para lhe dar parte do sucedido e pedir-lhe o atestado que juntamente remeto, e que assim, mais seguramente evidenciará o grande milagre que acabo de receber!

Prometi ir com meu marido a Nossa Senhora da Fátima agradecer-lhe esta grande e extraordinaria graça, pois que durante a minha novena embora estivesse em Braga a rezar, o meu coração estava na Fátima, aos pés da Virgem no local das suas milagrosas aparições!

E por isso, não só lá vamos para tomar parte nesta peregrinação de maio, como também eu própria levarei esta narrativa da minha milagrosa cura para ser publicada no jornal a *«Voz da Fátima»* conforme prometi, pois, Graças a Deus e a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, sinto-me curada!

Maria Rosa Fontes, casada com Lourenço d'Oliveira Machado, sapateiro,—moradores na Rua de S. Geraldo, n.º 77, da cidade de Braga.

ATESTADO MÉDICO

Dr. João Leitão, medico pela Universidade de Coimbra, declaro que tendo procedido a exame clinico da doente Maria Rosa Fontes, verifiquei que a mesma era portadora dum tumor do seio direito, de forma irregular, aderente á pele mas sem ratração do mamilo, com rebate axilar largo. A doente na ocasião em que a vi não apresentava temperatura, mas dores expontaneas naquele suposto tumor.

Como não pudesse fazer um diagnostico definitivo e diferencial entre um tumor maligno do seio (falta de retração do mamilo, etc) e um tumor benigno ou simples nifamação (falta de temperatura neste caso, etc,) aconselhei um tratamento resolutivo com compressas quentes, dizendo mais que, se não houvesse melhoras, talvez fosse necessaria a amputação do seio.

Contra toda a expectativa, ao fim de tres dias tudo havia desaparecido sem deixar o menor vestigio. Julgava que a dar-se qualquer modificação ela só se pudesse dar dentro de quinze a vinte dias e contudo ao fim de tres nada havia de anormal.

Braga 4 de maio de 1929.

(a) João Leitão

OUTRO CASO

O *Jornal de Notícias*, do Porto, publicou em 16 de maio último o seguinte:

EM PENAFIEL

O milagre de Nossa Senhora de Fátima anda em todas as bôcas de Penafiel. Não se fala noutra coisa!

Diz o João, um bom velhote que, de ha muito, guarda a porta da Misericordia:

— De manhã até à noite — vem aqui «o poder do mundo». Todos querem vêr, todos querem falar à miraculada Maria!

O pobre homem, fraco e velho, vê-se em sérias dificuldades. A multidão agrupa-se, incessantemente, no adro do Hospital. Todos querem vêr de perto o grande milagre. E a fé em Nossa Senhora de Fátima, que arde no coração de todos os Portugueses, robustece-se — torna-se maior!

Descemos ao Hospital na companhia amavel e obsequiosa do seu provedor, sr. Antonio José de Freitas Guimarães. Acompanhava-nos o sr. Horacio Pinto. A miraculada está em cima, numa enfermaria do primeiro andar. Sala enorme, clara e limpa. Um leito estreito. Estendida, mãos afiladas, perfil esguio, — a doente. Tem uns olhos enormes, profundos, uns olhos de cândida ternura — que vêem para àlém dêste mundo, que dissecam e confessam almas.

O provedor diz-lhe carinhosamente quem somos.

— É dos jornais? Eu sofria muito! Nem sei como ha dôres tão fortes! Como se pode sofrer tanto! Aprendi, sofrendo, a crêr mais em Nossa Senhora! Sem o seu auxilio — teria perdido a paciencia!

A sua voz é um ciciar de préce.

— Estava doente ha dez mezes. Não podia comer — o meu estomago não recebia um «cibo» de leite. Vomitava a todos os instantes. Nos ultimos dias, sem nada no estomago, golfava postas de sangue.

— Sofria?

— Duma ulcera no estomago.

— E sente-se melhor?

Radiante:

— Melhor? Renasci! Voltei para a vida — tenho saude, estou quasi boa — Já como — e como de tudo. Ontem comi sável, pão, ovos. — o que me apeteceu. E tudo o meu estomago aceitou sem relutância! Estou forte — sinto-me outra vez mulher!

— A que atribue o seu estado?

Quasi ofendida:

— A quem? A Nossa Senhora de Fátima! Eu e meu irmão, o abade de Milhundos, resamos-lhe uma novena. Comunguei quasi todos os dias! E rezava-lhe a todos os instantes! Meu irmão arranjou que me mandassem água benta de Fátima. Fiz as minhas orações com essa agua. E estava certa que Nossa Senhora me havia de atender! Atendeu-me, como vê!

O relato da enfermeira

A «miraculada» de Penafiel é uma senhora viuva, de origem modesta. Chama-se Maria Pacheco Alvarinho, tem dois filhos — um, o Jaime, de 12 anos, vive com o avô materno, o outro, o Antonio, de 14 anos, é pupilo do tio , o abade de Milhundos, e estuda no Seminario de Vilar, desta cidade. A s.ª D. Maria Pacheco Alvarinho é ainda nova — tem 35 anos. Rosto de candura e de bondade. A enfermeira que a trata, uma religiosa de refulgente simplicidade, conta:

— A religiosidade da sr.ª D. Maria impressionou-nos sempre. É uma alma cheia de fé. Entrou para o Hospital em Julho do ano passado. Esteve três meses — de Julho a Setembro — menos mal. Desde então — peorou. Ao começar dêste ano — o seu estado assustou-nos. Não comia nada — e vomitava sangue, constantemente. Causava dó! A sua resignação compungia-nos! Para ela — tudo ia bem, tudo! Era preciso fazer a vontade de Nossa Senhora! Jesus, Rei dos Reis, sofrera mais!

Depois duma pausa:

— Há oito dias — o seu estado tornou-se alarmante. Nem sequer o leite consentia no estomago! Nada absolutamente nada! Só tinha forças para rezar! Na noite de 13, depois da partida do irmão para Fátima, ficou tomada de intenso fervor. «Nossa Senhora não veio ter comigo, irei eu ter com ela!»

O irmão aprazara-lhe uma hora para a oração da noite — as onze horas! Improvisamos, na sala da enfermeira, uma procissão de velas... A fé com que resámos! A imensa fé! D. Maria, mãos afiladas e trémulas rezava também: «Nossa Senhora de Fátima, ouvi-me, ouvi meu irmão!...» Chorava... Todas nós choravamos. A's onze horas deu um grande grito. Caiu desfalecida. Pensamos — A pobresinha morreu em Cristo! Soergueu-se, depois. Golfava sangue. Sangue coagluado, em postas. «Vai morrer!» — dissemos. Ele sorriu-se: «Nossa Senhora está comigo. Meu estomago, lavado com sangue, vai ficar curado!» Sorria sempre. Demos-lhe um injeção de morfina. Acalmou.

«De manhã, muito alegre, levantou-se na cama, coisa que nunca fazia, e pediu de comer! De comer! — acentuou a enfermeira, muito surpreendida.

— Deram-lhe de comer?

— Pão e leite. Quiz manteiga... Barramos-lhe o pão com manteiga. A' tarde — pediu um prato cosinhado. E comeu savel, carne, o que quiz!

Num comentario que traduzia o seu reconhecimento a Nossa Senhora:

— Comeu de tudo, o que quiz e como quiz! Comeu sem regra — com grande jubilo nosso!

Termina:

— A sr.ª D. Maria não dava, ha três dias, acôrdo de si. Os médicos tinham-na desenganado. Esperavamos a todo o momento um desenlace fatal. O que aconteceu — foi um grande milagre do Nossa Senhora de Fátima!

Em casa do Abade de Milhundos

O P.e Angelo Pacheco, abade de Milhundos, irmão da «miraculada» Maria Pacheco Alvarinho, é um sacerdote muito novo, culto e distínto, de maneiras modestas e perfil simpático. De princípio — escusa-se aos pormenores:

— Não sei se se trata dum milagre. Para mim — é já grande milagre o estado de minha irmã. Deu-se nela como que uma ressurreição!

Simplesmente, sem rebuscar os termos, conta:

— Minha irmã sentiu-se mal em meados do ano passado. Queixava-se muito do estomago. Procurei no Porto o sr. dr. Lopes Rodrigues, director do Hospital de Santa Maria, que foi de opinião que a deviamos submeter à radiografia. O tempo passou. Entrementes, agravado o seu mal, fomos obrigados a interná-la na Misericórdia de Penafiel.

— Depois?

— Minha irmã tem fé — muita fé! Desenganada dos médicos, vivendo num regimen de injecções — sucumbiria, é minha crença, à intoxicação da morfina se não sucumbisse aos seus padecimentos do estomago! — voltou-se para Nossa Senhora de Fátima. Rezou muito. Acompanhei-a numa novena. Depois consegui que me mandassem de Fátima um pouco de agua benta. Fiz nova novena, utilizando essa agua. O seu estado agravava-se — com espanto de todos os que sentiamos as suas dores!

Comovido:

— Minha irmã chorava. Devia sofrer horrorosamente. Por vezes gemia. Os seus gemidos dilaceravam-me. Tentava justificar o seu estado: «Não tenho resignação, não tenho paciencia, Nossa Senhora não se condoe de mim!» Procurava consolar-se: «Nossa Senhora, vendo-me com paciencia, ha-de ouvir-me!» Lembrei-me então de ir a Fátima. Falei-lhe nisso. Ficou radiante. «Vai, vai tu, Angelo, vai ao encontro da Virgem Santissima!» Disse-lhe: «A's onze horas da noite do dia 13 — dia da aparição de Nossa Senhora! — rezarás no teu leito. Tomarás uma vela nas tuas mãos — e, espiritualmente, associar-te-hás à procissão das velas. Nossa Senhora ha-de ouvir-nos!» Abraçou-me. Os seus olhos fulguraram: «Nossa Senhora vai atender-me no dia 13. Quando vieres — estarei curada!»

O abade de Milhundos, que não esconde as lagrimas, termina.

— Sei que a essa hora — onze da noite do dia treze — minha irmã rezou. As suas mãos, amparadas pelas mãos carinhosas das enfermeiras, ergueram as velas sagradas. Na enfermaria — improvisou-se uma pequena procissão. A Misericórdia de Penafiel continuava a grande e mística parada de Fátima .Portugal erguia-se em massa, erguendo para o céu, aflitivamente, os braços suplicantes!

Depois dum ligeiro descanso:

— Sabe o resto... Minha irmã, às onze horas sentiu um dôr estranha. As enfermeiras afligiram-se muito. Teve só uma frase, dita com grande calma — «Socegem, meu irmão está com Nossa Senhora, Nossa Senhora está comigo!»

AGRADECIMENTO

Manuel Carreira Franco, das Brancas, frèguesia da Batalha, estava de tal modo doente com uma pleurezia, em 18 de julho do ano passado, que a familia já pensava em dispor tudo para o enterro. Nesta altura a esposa do mesmo, vendo o marido a dar o último suspiro, recorreu a N.Senhora da Fátima e conseguindo obter água de Fátima fez com que o doente engolisse alguma enquanto resava três Avé Marias, pedindo tambem por êle os visinhos. Nessa ocasião começou a recuperar a saúde, apesar-de já estar desenganado dos medicos, e agora vem agradecer a N. Senhora.

O mundo é assim...

Um padre desembarca numa estação e um carregador se oferece para conduzir-lhe a maleta.

O padre recusa-se.

— Vê, diz o carregador, que miseravel! — carrega a mala sòmente para não perder dez tostões...

Ouvindo, isso, o padre entregou-lhe a maleta.

Mais adeante, um sujeito vendo isso, grita:

— Vejam, que preguiçoso! Que fidalgo! Pois não podia ele mesmo levar esta maleta?

Sempre a mesma historia do velho, do rapaz e do burro!

Mas é assim mesmo. Os inimígos da religião repetem a cada instante essa anedota da maleta.

Se o padre se ri, é devasso, se fica serio, é hipócrita, se corrige, é mau; se não corrige, pactua com os vícios; se anda pobremente vestido, é um usurario, um sovina. Como é solteiro, querem que se case; se fosse casado apregoariam o celibato, etc., etc.

Por quê?

Jesus já o anunciára: «O mundo vos odeia, porque não sois do mundo; se fosseis do mundo, amar-vos-hia. Primeiro do que a vós, a mim odiaram».

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	152.810$50
Papel, composição e impressão do n.º 80 (100.000 exemplares)	5.280$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas e outras despezas	1.181$10
	159.271$60

Subscrição

(Março de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jornal durante um ano: Rufina de Jesus Marques, Carolina Maria da Fonseca Marques, Ester Cabral Neves (13$00), André Avelino Chichorro Marcão (20$00), Maria Augusta Santiago (15$00), donativos de Ilhavo, 25$50; Francisco Ribeiro Baptista Montes, Maria Teresa A. R. Teixeira, P.e Francisco Valente, P.e Rodrigo Luiz Tavares, Adelaide Mendes da Silva (15$00), Maria do Carmo d'Almeida Menezes, Maria do Rosario de Matos Dias (25$00), Maria Mesquita da Silva (20$00), Eloy Castanha (15$00) Ana Valente Cardoso, Arminia Adelaide Pereira Pinto, Matias Manuel Francisco Malheiros, José Julio Pinto Ribeiro, Carolina de Souza Machado Mariz, Baroneza d'Alvaiasere (20$00), Clementina Maria Reis e Silva (20$00), Manuel V. Dias (20$00), Joaquim Francisco Veloso, Rosa Alves Neves, Maria Jesuina Gonçalves Mourão (20$00), Teodolinda Freire, Maria Rosa Barbora Falcão, Maria Joaquina Barbosa Falcão, A. A. Falcão d'Oliveira, Ana Branco Teixeira, Angelica Pereira, Sofia Carvalho, Mariana Vilar, Carolina Serrenho de Souza, Filomena da Veiga Moniz (20$00, Maria do Rosário Frazão, Hermano de Sousa Dias, Maria Silvano Soares, Deolinda Charters, Francisco d'Almeida Valerio, Celeste Ferreira Costa, P.e Manuel Pereira d'Oliveira (15$00), Arminda Santos (20$00), Manuel Francisco Cabral, Elvira da Gloria Costa Correia, Faustina M. C. Mourato (12$00), Maria da Conceição Fontes (30$00), Maria da Assunção de Castro e Lemos Bianchi, Maria da Conceição de Gouveia de Castro Lemos, Eugenia Reis, Amelia Pereira Amaro (15$00), João Lopes Laranjeiro, Maria Henriqueta Leal Sampaio, Ermelinda Paquete Silva (20$00), Eliza Freitas, Alfredo Ferreira da Nobrega (12$00), José Pereira de Nobrega (12$50), Margarida Botelho Chichorro Marcão, Mary Ferro Lobo de Moura, Carlos Batalhoz de Vilhena Barbosa, Maria Fragoso Mendes, Cecilia Castro Pereira, Beatriz de Viveiros Pereira (20$00), Teresa de Jesus Ferreira Marques, Conego Dr. Antonio Maria de Figueiredo, Gloria Pereira, Maria da Piedade Calado, José Farinha Tavares, Ovidio Brito, Maria Pires de Oliveira Jesus, Maria de Lourdes d'Albuquerque, P.e Antonio Correia Ferreira da Mota (20$50), José Gonçalves d'Azevedo, Laura dos Santos Souza, Felix Ferreira Alves, Antonio Pais (20$00), Viriato Pimentel Cordeiro, Ana Marta do Rego, Elisa de Lourdes Mesquita (15$00), Manuel Pedro Lopes, João Ferreira da Costa Bettencourt (25$00), Maria Teodora Ferreira (25$00), P.e João Luiz Lourenço Loução, Egidio Pedro Ferreira Barbosa, Georgina Ramos Lopes (20$00), Efigenia da Costa Pinto, Maria Joaquina Ramos, Luiza Rodrigues Alves Calvão, Maria da Encarnação Carvalho, P.e José Augusto da Costa, João do Livro, Manuel Alves, Angelina dos Santos, Antonio Simões, Cipriana Franco, Jayme dos Santos Rodrigues, Maria Joana de L. S. Pereira de Lacerda (20$00), M. Branca Martins, Palmira Veiga de Souza, Adelina Mendonca dos Anjos (40$00), Gertrudes Rego Cordeiro, Jorge Lopes Marques (50$00), José Cristovão Ourein (20$00), Maria dos Prazeres de Gouveia Osorio Pereira de Melo (30$00), Manuel Marcelino, Artur A. F. Borges (20$00), Angelina da Conceição Martinho (15$00), Antonio Ferreira Aveiro, Augusto d'Azevedo (20$00), José Raimundo dos Santos Junior (47$50), Deolinda Pinto de Almeida Rego, Manuel Pinto Moreira. Maria da Conceição Fernandes, Maria da Gloria d'Abreu Fonseca, Laura Pinheiro, P.e José Gonçalves Leitão (30$00), Virginia Alves Campos, P.e Gerardo Abilio Gomes de Piria (17$50), Maria José Vicoso (20$00), Francisco Ferreira Vicoso (20$00), Maria de Lourdes Climaco Reis, Maria da Conceição Faria (12$50), Francisco Pedro Carvalho (15$00), Fernando Martins Pereira (15$00, José Correia 15$00), João Maranhoto, Mario Bairros (15$00), Luiza Maria Ribeiro de Almeida, Sebastião Henriques (15$00), Filipe Cesar Goes (20$00), Guilhermina Onofre, Alice dos Santos Morgado (20$00), Izabel da Costa Oliveira, Maria das Mercês Henriques viuva de Antonio Neves da Silva, Maria Eugenia Fonseca, Manuel Rodrigues, Jeronimo Ferreira, Antonio Maria Henriques, Teodoro Henriques, Quiteria da Assunção Monteiro, Alice Cardoso Pereira de Portugal, Maria Luiza da Rocha Ferreira, Maria Zuzarte de Mascarenhas, Soror Maria de Nery Barreto (20$00), Amelia de Jesus Garcia, Maria de Lourdes Salazar, Maria da Conceição Amorim, Maria de Lourdes Abranches, Maria da Penha Rocha, Gilete das Neves, Guilhermina Correia, Manuel de Sá Alves, Maria Ludovina de Meirelles.

Donativos na distribuição de jornaes: Ana da Conceição Neves, 300$00; Maria José Ferreira Paulino, 500$00; Eliza Teixeira Canêdo, 50$00; Maria Texeira Amorim, 100$00; Dr. Roberto Luiz Monteiro, 30$00; Manuel Esperto Junior, 50$00; Maria Pereira da Costa, 50$00; Sofia Pires Neves Teixeira, 50$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira, 55$00; José Maria da Costa Olvieira, 185$00; Sinforiano Lucas, 50$00; Teresa B. Forte, 130$00; Maria Joaquina da Silva Angela, 110$00; Idalina Ribeiro Soares, 120$00; P.e Manuel Marinho, 100$00; P.e Antonio André de Lima, 100$00; Beatriz Fiusa Costa, 50$00; Maria Fernanda Santos, 50$00; Manuel Maria Lucio, 50$00; Josefa de Jesus, 12$25.

Donativos e distribuição de jornais:

José Dias Vieira, 40$00; Brites Alves Andorinha, 80$50; 53 assinaturas cobradas por Georgina Morais Silva, 530$00; P.e Carlos Augusto Teixeira de Azevedo, 58$00; Dr. Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, 50$00; Teresa Amorim Cunha, 50$00; Maria José Ferreira Paulino, 100$00; Leonardo dos Reis Baião, 30$00; Joaquim de Sousa Guerreiro, 50$00; José Martins da Cunha Viais, 80$00; Angelina da Conceição— S. de Matos Louzada, 100$00; Luiz Pereira de Lencastre e Menezes, 100$00; Maria José Ventura Lourenço, 50$00; José Dias Alão, 100$00; Maria da Glória Seabra, 50$00; Ana do Patrocínio Neves, 50$00; Anselmo Alves Borges, 189$20; Manuel da Silva Matias, 63$00; José Ferreira, 43$00; Maria Rosa Magro, 75$00; Prior do Campo Grande, 115$00; Maria Filomena Chichorro Marcão 50$00; Elvira Ramos Dias, 50$00; Rosalina Pereira Bastos, 50$00; P.e Francisco Carlos Nunes, 100$00; P.e Joaquim Lopes Seixal, 100$00; Maria das Dores Tavares e Sousa, 80$00; Alexandrina Marques, 140$00, Beatriz Valente, 75$00, Maria Matilde da Cunha Xavier, 59$75 e Noémia Rolo, 10$00.

Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

Nos estatutos desta bela associação cujo fim primário é levar seus membros a trabalhar com a palava, com os exemplos e com orações pela conversão dos pecadores, no artigo 2.º n.º 3.º leem-se estas palavras que todo o bom confrade deve fazer por praticar: «Esta confraria tem por fim promover o cumprimento dos preceitos da Santa Igreja especialmente quanto ao domingo e dias santos».

* * *

Lembra-te de santificar o meu dia, disse o Senhor ao seu povo. A mesma recomendação nos é feita a nós e com toda a razão pois que nestes tempos, quási já por toda a parte este preceito do Senhor é desprezado por muitos, que apesar disso, se dizem cristãos! — Que feio não é faltar assim ao preceito de Nosso Senhor!

Houve um pai cujos trabalhos rendiam por semana sete libras. Esse Pai tinha diversos filhos e á medida que ia recebendo o fruto de seus trabalhos ia-o distribuindo por seus filhos e para ele proprio só queria o rendimento do ultimo dia, e queria-o, para com ele beneficiar seus próprios filhos! Mas esses filhos ingratos e preversos, não contentes com as seis libras que seu Pai semanalmente lhes dava tinham o atrevimento de lhe roubar aquela que ele queria para si!!

Semelhante figura, confrades de Nossa Senhora, fazem aqueles que roubam a Deus o dia que Ele destinou para si. Nosso Senhor é o maior trabalhador, porque durante todos os momentos desde a eternidade êle está operando obras extraordinárias na ordem da natureza e da graça. Durante a semana a actividade de Deus faz com que na natureza se sucedam sete dias; pois dentre eles Nosso Senhor dá-nos seis para tratarmos dos negócios da nossa vida temporal e para Ele apenas exige um — o domingo —, e até esse que exige para si é para nele dum modo particular nos encher de favores!...

Fazem por conseguinte muito má figura e mostram que não amam a Deus aqueles que lhe roubam os domingos, não indo á missa e trabalhando neles como em qualquer outro dia da semana. E quão triste não é para nós quando ao passarmos pelas ruas das nossas cidades ou pelos campos das nossas aldeias aos domingos, vemos os povos ocupados na labuta da vida como nos outros dias da semana!

Nosso Senhor foi o primeiro trabalhador, pois ainda nada havia e Deus já tinha em seis dias mais ou menos longos creado o sol, a lua, as estrelas, as plantas, as aves, os animais e os homens, e, no fim destas admiráveis obras, o Verbo descansou e agradeceu a Deus seu Pai!

Nobre exemplo a todos os cristãos deu aqui o Senhor nosso Deus; — deu-nos o exemplo do trabalho e o da piedade para com Deus. E' necessário convencermo-nos bem disto: — ninguem enriquece com o trabalho que fizer ou mandar fazer ao domingo.

Eu fecharei as nuvens, diz o Senhor por um dos seus profetas, por sobre os campos dos profanadores do meu dia, de tal maneira que esses campos tornar-se-hão duros como o bronze e só produzirão espinhos e abrolhos.

Não quere isto dizer que Deus quando manda suas águas regar os campos dos justos as impeça de cair nos campos dos profanadores dos domingos, mas isto significa que os trabalhos feitos ao domingo hão-de ser infrutíferos porque Deus — ou fará com que eles nada produzam, ou, por outros castigos, fará com que essas pessoas percam aquilo que julgam ter ganho com o trabalho do domingo.

Vêde, pois, caros confrades da Virgem de Fátima, quanto de bom podeis fazer ás almas e até aos corpos das infelizes creaturas que desprezam este preceito de Deus e da Igreja!... Um bom conselho, um bom exemplo, uma oração dirigida á Virgem Santíssima por essas almas, terá como consequência a emenda dessas pessoas, o aumento da manifestação da gloria de Deus e da felicidade eterna para essas almas que, sem a vossa cooperação talvez fossem cair nos abismos infernais.

Atenção!

Nenhum peregrino que saiba ler, deve deixar de adquirir um exemplar do interessante volume de 412 páginas, profusamente ilustrado com esplêndidas gravuras, «As grandes maravilhas de Fátima», da autoria do sr. Visconde de Montelo, que encerra a mais completa história das aparições e dos sucessos miraculosos e cujo produto líquido é integralmente destinado à Obra de Fátima.

Preço: dez escudos.

Um dote de noiva

— Quais são os dotes da tua noiva? perguntou certo filosofo a uma rapaz de Atenas, que viera comunicar-lhe o seu noivado.

— E' bela, respondeu o rapaz.
— Então escreve no papel uma cifra.
— E' de familia distincta.
— Escreve duas cifras.
— E' rica.
— Escreve três cifras.
— E' muito instruida.
— Escreve quatro cifras.
— E' desembaraçada e activa.
— Escreve cinco cifras.
— Não é ambiciosa.
— Escreve seis cifras.
— E' muito religiosa e dotada de grande piedade.

Ao ouvir isto, o filosofo disse:

— Então, põe o número 1 deante de todas essas cifras: terás um total de um milhão.

AVISO

Pedimos aos presados assinantes em dívida o favor de mandarem satisfazer a sua assinatura directamente em carta registada ou vale do correio.

Não mandamos proceder á cobrança, além doutras razões, por nos parecer que todos serão tão interessados como nós na difusão e prosperidades, do nosso jornalzinho. A assinatura são dez escudos por ano mas o que nos tem valido é a generosidade dalguns assinantes que nos teem enviado quantias muito superiores. Nem eles imaginam todo o bem que assim fazem.

Em qualquer reclamação é indispensável indicar o numero da assinatura. Pedimos que nos devolvam os numeros repetidos.

Um encontro na rua

— Vai chamar o médico, sr.ª Martinha?

— Não, sr.ª Cecília, mas não me posso demorar nada, nada!

— Logo me pareceu que ia com muita pressa. Ainda bem que não é coisa de cuidado...

— Tenho de partir para Fátima daqui a poucas horas e ainda nem sequer almocei.

— Ah! vai a Fátima! Como é feliz! Boa viagem lhe desejo.

Mas não é a primeira vez, julgo eu.

— Não é, não: já lá fui 2 vezes.

— Como está com pressa, vou indo consigo para irmos conversando, e voltarei pela rua do norte para minha casa.

Se já lá foi duas vezes, deve ter sentido aumentar a sua fé, porque Nossa Senhora melhora as almas e os corpos dos que lá vão com boa intenção.

— Oh! sinto-me outra, sinto!

Mas... nunca a vejo na nossa igreja, e hoje, que é domingo, também a lá não vi!

— Não costumo ir lá não. Não tenho vagar...

— E nem se confessou na quaresma?

— Fiz a 1.ª comunhão, há muitos anos, mas não tornei lá. Ouço dizer mal dos padres, e da confissão...

Mas Nossa Senhora bem sabe que eu sou religiosa a valer! Se fôr a minha casa, verá até uma lamparina acesa diante de Nossa Senhora!

— Ai! filha! que tristeza deve causar à Virgem Santíssima essa sua religião sem Mandamentos nem Sacramentos!!

Que má compreesão da religião!

Nosso Senhor deixou que Sua Mãe Santíssima viesse a Fátima, para nos acordar, para nos chamar ao cumprimento da lei de J. Cristo! Sem cumprir as leis da Igreja, não poderemos agradar a Nossa Senhora de Fátima.

Ela gosta muito de nos ver em Fátima, mas ainda gosta mais, muitíssimo mais, de nos ver na nossa igreja paroquial a cumprir os Mandamentos e a receber os Sacramentos.

Vale mais nunca ir a Fátima, e cumprir os preceitos de Deus, do que ir lá cem vezes e nunca mudar de vida!...

Não lhe quero tomar tempo. Volto já para minha casa, e cá hei-de pedir a Nossa Senhora de Fátima que desta vez a não deixe sair da Cova da Iria sem vir resolvida a praticar a fé, que diz sentir aumentado em si. Fé sem obras, é fé morta!

Adeus, até á volta.

Boa viagem lhe desejo.

12 de Maio de 1929.

Rita

O DESCRENTE E SEU FILHO

— Onde vais?

— Vou à missa, papá, porque hoje é domingo.

— A missa! Ora deixa-me essa tolice para as mulheres, e vai antes passear.

— Mas diz lá o professor no colégio, que devemos guardar os mandamentos.

— Pois eu direi ao casmurro do teu professor que te os não ensine.

— E tambem me não ha de ensinar o mandamento que manda honrar pai e mãe?

A esta observação o livre pensador entrou em si, depois abraçou o filho, deixou-o ir à missa e passado pouco tempo, êle mesmo o acompanhava a cumprir o preceito.

Feliz aquele que em si tem um ideal de beleza e que lhe obedece; ideal da arte, ideal da sciência, da Patria, ideal das virtudes do Evangelho. Ali estão as fontes vivas dos grandes pensamentos e das grandes acções.

Pasteur

ANO VII — Leiria, 13 de Julho de 1929 — N.º 82

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

A GRANDE ROMAGEM DE JUNHO AO SANTUÁRIO NACIONAL DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

A segunda aparição da Virgem — O glorioso taumaturgo português — Esplendido dia de Primavera — Extraordinário concurso de peregrinos — Fátima, coração da Pátria.

Há precisamente doze anos que, na charneca árida e estéril de Fátima, a augusta Raínha do Céu se dignou aparecer, pela segunda vez, aos humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel.

Depois de rezarem o terço do Rosário, de joelhos, diante da azinheira sagrada, a luz fulgurante dum relâmpago sulcou de repente o espaço e o vulto gracioso e encantador da Virgem, em formosa visão celestial, desceu sôbre a árvore bemdita, nimbado dos esplendores imarcessíveis da glória. Lúcia, Francisco e Jacinta, os três videntes privilegiados, contemplam de novo com os seus olhos mortais aquele protótipo de bondade e de beleza, em que se refletem a majestade e as perfeições infinitas de Deus o que é o enlêvo dulcíssimo dos Anjos e dos Santos no Paraíso. A protagonista das aparições interpela a celeste Visão e entre as duas trava-se um diálogo íntimo, que dura apenas alguns minutos.

As poucas dezenas de pessoas que assistem a esta scena, aparentemente tam simples, numa espectativa ansiosa não ouvem sequer uma palavra do misterioso colóquio, mas teem a impressão bem nitida de que alguma coisa se está passando de estranho e sobrenatural. A Lúcia vai fixando na memória e guardando no escrínio do coração como mimosas pérolas de luz e amor as palavras divinas que brotam dos lábios virginais de Maria.

A pequena multidão dispersa-se pouco a pouco. Os videntes retiram-se também para suas casas. E nas almas de todos fica pairando uma saúdade infinda daqueles momentos inefáveis e sobe bem alto a esperança fagueira, ou antes a certeza consoladora de que melhores dias se estão preparando, com as bênçãos de Deus e por intercessão de Maria, para esta Pátria querida, para êste Portugal fiel que se honra de a ter como sua excelsa Padroeira.

E' no dia treze de Junho que a Santa Igreja convida os seus filhos do mundo inteiro a prestar homenagem da sua veneração ao humilde filho do pobresinho de Assis, ao glorioso taumaturgo português, Santo António de Lisboa. Este facto e a formosura do tempo que se conservou sempre ameno e delicioso, verdadeiramente primaveril, contribuíram, em larga escala, para que a concorrência de peregrinos fôsse a maior que até hoje se tem registado por ocasião do aniversário da segunda aparição.

No dia treze de cada Mês, por êsse Portugal além, desde Valença ao Cabo de S. Vicente, as almas crentes e os corações abrazados em devoção ou dilacerados pela dor volvem-se suplicantes para Fátima e, em piedosa romagem espiritual, vão prostrar-se junto do trono da Mãe de misericórdia e depôr a seus pés a homenagem filial da sua veneração, da sua confiança e do seu amor.

Os peregrinos de desejo unem-se em espírito aos peregrinos de facto. E assim a Virgem bemdita, tam amante e tam amada dos Portugueses, seus filhos pobres e pequeninos, tem no augusto santuário de Fátima por sólio e pedestal uma gigantesca peanha de corações que eleva o seu vértice para o Céu e que pode chamar-se e é na verdade o grande coração da Pátia, o coração generoso e magnânimo de Portugal!

Numerosas peregrinações — O Rev.º Cónego dr. Pereira dos Reis e o grupo dos Anjos — O Rev.º dr. Francisco Cruz e a Arquiconfraria do S. C. de Maria — O Rev.º dr. Manuel Peres e a Peregrinação da Conceição Velha — O Rev.º Antunes e o grupo de Cascais.

Foram inúmeras as peregrinações que neste mês se realizaram ao local das aparições, mas é impossível descrevê-las tôdas e sequer enumerá-las por não terem sido oportunamente enviadas as respectivas comunicações e os necessarios elementos de informação à redacção da «Voz da Fátima» para se fazer o devido relato. Aqui ficam registadas, como algumas das que mélhor satisfaziam às condições duma organisação técnica espiritual e material modelar, o grupo da frèguesia dos Anjos, de Lisboa, sob a direcção do rev.do pároco dr. José Manuel Pereira dos Reis, cónego da Santa Sé Patriarcal, os membros da Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria, da mesma cidade, presididos pelo rev.do dr. Francisco Rodrigues Cruz, a peregrinação da frèguesia da Conceição Velha, também da capital, tendo à sua frente o rev.do dr. Manuel Peres, e o grupo de Cascais, guiado pelo rev.º Antunes. Seja lícito destacar aqui entre tôdas a peregrinação dos Anjos, organisada pelo rev.do Dr. Pereira dos Reis. Dada a reconhecida competência dêste brilhante ornamento do clero da capital, que alia a um talento invulgar e a um admirável senso estético conhecimentos profundos da Sagrada Liturgia e uma alma apaixonadamente enamorada da beleza das cerimónias e ritos da Igreja, é fácil imaginar a ordem, a gravidade e a compostura que reinaram sempre nesse grupo de pegrinos, profundamente compenetrados do alto significado duma romagem religiosa. Os actos de culto colectivos, próprios dessa peregrinação, foram revestidos duma grandiosidade tam solene e duma piedade tam tocante que impressionavam e enterneciam até às lágrimas, as pessoas que os presenceavam. O distintivo dos peregrinos dêste grupo era uma medalha de prata fosca pendente dum laço branco e verde, tendo gravada no anverso, em relêvo, a scena encantadora das aparições e no verso a indicação da frèguesia e a data em que se efectuou a peregrinação.

Bem haja o ilustre organizador desta peregrinação pela sua feliz iniciativa, coroada de tam brilhante êxito, e praza a Deus que muitas outras peregrinações se realizem vasadas nos mesmos moldes para maior honra de Nossa Senhora e maior proveito das almas.

O Snr. Presidente da Rèpública e o Snr. Bispo de Leiria, na Fátima em 12 de maio, à saída do hotel

A procissão das velas — A adoração nocturna — As alocuções do Rev.º Luís Castelo Branco — Confissões, missas e comunhões — A piedade dos peregrinos.

A procissão das velas efectou-se na forma do costume. Mais viva, mais movimentada que a de dose de Maio último, porque, a-pesar do enorme concurso de peregrinos, não revestir as mesmas proporções colossais, assombrosas, decorreu com mais ordem e regularidade, posto que o desfile durasse algumas horas.

Esta procissão nocturna, desenrolando-se ao ar livre, em plena montanha, e abrazando o espaço com milhares de fogos, constitue um espectáculo, ao mesmo tempo imponente e enternecedor.

Raros são os olhos que podem represar as lágrimas, raros são os corações que não se sentem comovidos, em presença dêsse espectáculo, sempre belo, sempre novo e sempre grandioso e empolgante. Após a procissão, que termina com o canto do Credo em frente do altar das missas, principia a comovente cerimónia da adoração do Santíssimo Sacramento exposto num lindo trono de luzes e flores. Durante aquela noite, Jesus-Hóstia recebe as homenagens de Portugal que vão ofertar-lhe, em nome dos representantes de tôdas as províncias dos seus constituintes, actos de amor e actos de reparação e desagravo. As diferentes peregrinações fazem a adoração por turnos. Cinco vezes o rev.do Castelo Branco sobe ao púlpito para falar longa e eloqùentemente sôbre os motivos e fins da peregrinação. Na Igreja da Penitenciária os sacerdotes disponíveis vão ouvindo de confissão, pela noite adiante, as pessoas de sexo masculino, à medida que se apresentam para êsse fim. As missas celebram-se sem interrução nos altares do Pavilhão dos doentes e na igreja da Penitenciária. De vez em quando, um ou mais sacerdotes distribuem o Pão dos Anjos, que é recebido com fervor por milhares de fiéis. Scena incomparável a de Jesus dando-se às almas pelas mãos ungidas dos seus ministros para as purificar e santificar com o seu contacto divino! Encantadora a piedade dos peregrinos que oferecem os seus corações ao Hóspede Celeste, oculto na Hóstia-Santa, para que, fazendo dêles verdadeiros tronos do seu amor sôbre a terra, faça depois tronos da sua glória no Céu!

A missa dos servitas — A primeira procissão de Nossa Senhora — A missa dos doentes — A assistência — As orações e os cânticos dos fiéis.

A's primeiras horas da manhã, os servitas assistem a uma missa, que é dita expressamente para êles, e todos ou quási todos recebem o Pão dos Anjos, aproximando-se da mesa eucarística com uma piedade e uma devoção edificantes. O longo intervalo de muitas horas que medeia entre esta missa e a primeira procissão de Nossa Senhora é empregado pelos sacerdotes em ouvir confissões e administrar a Sagrada Comunhão, pelos médicos no exame e registo dos doentes, pelos servitas na condução dos mesmos e pelo povo na oração e na prática de actos de piedade. Pouco antes do meio-dia solar, realiza-se a primeira procissão, que é revestida dum grande brilho, para transportar a Imagem de Nossa Senhora da capela das aparições para a capela nova. Imediatamente depois da procissão principia a missa solene, rezada, que

é oferecida pelos doentes, pelos peregrinos de facto e de desejo e por todas as necessidades recomendadas. A assistência é bastante numerosa, fazendo lembrar a dos dias de grande peregrinação nacional de Maio e Outubro. Para isso contribuiu de certo em grande parte a circunstância de Santo António ser o padroeiro da frèguesia de Fátima. O dia treze de Junho é guardado pela população profundamente religiosa como se não fôra um dia santo dispensado. Dêste modo, as quarenta aldeias que formam a freguesia, cuja área é vastíssima, despovoam-se pouco antes do meio dia solar, indo os seus habitantes assistir à missa dos doentes na Cova da Iria, como antes das aparições e mesmo nos primeiros anos depois das aparições costumavam ir ouvir na igreja paroquial missa solene da grande festa anual em honra do glorioso taumaturgo, que actualmente se realiza, por transferência, no primeiro Domingo seguinte. Durante o Santo Sacrifício a assistência reza o têrço em voz alta e canta alguns cânticos piedosos em honra de Jesus Sacramentado.

A bênção dos doentes — Um anjo em forma humana — Um santo leproso — O sermão e a procissão final — Fátima em França.

Terminada a missa dos doentes, tudo se prepara para a tocante cerimónia da bênção do Santíssimo Sacramento.

Feita a exposição e cantado um motete, o oficiante, ladeado pelos rev.dos Cónego dr. Pereira dos Reis e dr. Peres, desce os degraus que conduzem ao Pavilhão e procede à bênção dos doentes, começando pelos que se encontram em estado mais grave. Do lado da epístola, deitado num colchão, naquele logar de igualdade evangélica, onde a partilha do sofrimento e a caridade cristã a todos irmanavam, está uma criança que aparenta não ter mais de dez anos. Filho duma das famílias mais distintas da capital do Norte e doente há alguns anos, viera na véspera, acompanhado pela mãe e por uma tia, afim de pedir à Virgem Santíssima a cura da sua doença ou pelo menos alguns alívios aos males de que padece. No seu rosto angélico retrata-se a inocência da sua bela alma, pairando-lhe nos lábios, levemente descòrados, um sorriso que traduz uma confiança inabalável na querida Mãezinha do Céu e uma resignação perfeita à santa vontade de Deus. Menino ou anjo em carne, praza ao Senhor que os seus sofrimentos unidos aos da Vítima Divina, imolada na Cruz e todos os dias incruentamente imolada na ara santa, logrem reparar as nossas ofensas e atraír sôbre nós torrentes de graça e misericórdia!

Do lado do Evangelho, entre todos os doentes, destaca-se um verdadeiro farrapo humano, que constitue uma horrível visão dantesca. Sentado num cesto de pequenas dimensões, julgar-se-ia, à primeira vista, uma criança de cêrca de sete anos de idade. Da cabeça até à planta dos pés, todo êle é uma chaga hedionda. O rosto completamente desfigurado, sem forma humana, as órbitas vazias, o corpo mirrado, enegrecido, ressumando pus por todos os poros, a vista daquela vítima dum dos mais horríveis flagelos que torturam a pobre humanidade confrange a alma e desperta uma comiseração imensa, quási infinita, ainda nos corações mais duros e insensíveis. E' um leproso. Como não vê nada, parece indiferente e como que alheio a tudo quanto se passa em tôrno dêle. Na mão direita, disforme e ressequida, tem um lenço, com que, de vez em quando, afasta as moscas que teimam em pousar na chaga viva e enorme que é a sua cara. Tem trinta e três anos de idade. Natural de Proença-a-Nova, vem a Fátma, pela segunda vez, pedir, diz êle, não a sua cura, nem mesmo um pouco de lenitivo para o seu mal, mas a graça de se santificar, amando a Deus cada vez mais e sofrendo por Ele com uma resignação e um amor ainda maiores. Num dado momento, uma senhora de Lisboa, doente e provada com graves desgostos de família, que estava sentada em frente daquela *épave* humana, exclama, num impulso irreprimível de gratidão para com Deus: «Snr. Visconde, dizia-lhe há pouco que era muito infeliz; não, não sou; considero-me felicíssima, depois que os meus olhos contemplaram êste espectáculo horrendo... Bemdito seja Deus!»

Jovens, meninas, homens e senhoras da sociedade, que tantos cuidados dispensais ao vosso corpo e que vos esqueceis muitas vezes da vossa alma, cedendo ao impulso de paixões ignóbeis e ofendendo o Senhor, vinde ver neste espêlho como são frágeis e efémeros os bens da terra! Lembrai-vos de que sois pó e de que em pó vos haveis de tornar. Quando o mundo, o demónio ou a carne vos tentarem desviar da senda da virtude e do dever com as suas infames seduções, pensai na eternidade que vos espera e, à luz sobrenatural que então vos ha-de iluminar, vêde como deveis sempre preferir tudo, mesmo a própria morte, a serdes infiéis a Deus, atraiçoando as promessas do vosso baptismo. Aprendei, recordando o santo leproso de Fátima, a mortificar cristãmente a vssa carne, destinada a ser na sepultura pasto de vermes e gusanos e a apreciar a formosura incomparável da alma purificada pelo sangue de Jesus e adornada com a graça divina.

Para concluir êste relato, transcreve-se a seguir, traduzido do original francês, uma interessante carta enviada ao director da «Voz da Fátima» pelo rev.do Fr. Luís Maria Baron, da Ordem de S. Domingos, director da magnífica revista dominicana «Revue du Rosaire», que se publica em Saint-Maximin (Var), França: «Avé Maria — Saint Maximin, 24 de maio de 1929 — Senhor Director — Agradeço-lhe muito penhorado ter-se dignado aceitar a permuta da sua tam interessante «Voz da Fátima» com a «Revue du Rosaire»; agradeço-lhe igualmente os postais ilustrados que teve a grande bondade de nos enviar e que despertaram a curiosidade de todos quantos aqui estão, em Saint-Maximin, no nosso Convento de Estudos.

Podia ter pedido ao nosso caro Padre Gonçalves Tavares que se encarregasse de agradecer em meu nome, mas preferi fazê-lo pessoalmente, apenas confundido por ter demorado tanto tempo o cumprimento dêsse dever.

Todos os dias, novos assinantes aparecem, em grande número, e pedem expressamente que lhes forneça os números que inserem o relato das aparições de Nossa Senhora do Rosário aos pastorinhos portugueses.

Há sete meses, Nossa Senhora de Fátima era pouco conhecida em França. Falei dela em Lourdes públicamente no mês do Outubro de 1928 com assombro, edificação e alegria da multidão dos peregrinos. A nossa revista, que conta trinta mil leitores, faz conhecer um pouco por tôda a parte a narrativa dessas aparições recentes; o nosso pequeno «Boletim do Rosário Perpétuo», cuja tiragem mensal se eleva a cento e setenta e oito mil exemplares, contribuiu também poderosamente para isso.

Temos enviado a revista para Inglaterra, Escócia, Itália, Alemanha, Espanha, e *até para o Japão*, para que se descrevam as aparições de Fátima em revistas dêsses diferentes países.

Tomamos tanto a peito esta difusão quanto é certo que Nossa Senhora de Fátima é *nossa:* ela é Nossa Senhora do Rosário; ora a nossa Ordem é a Ordem do Rosário. Foi ao nosso bemaventurado Padre S. Domingos que a Raínha do Céu deu o Santo Rosário e há sete séculos que os nossos Padres não teem cessado de ser pioneiros desta grande e tam frutuosa devoção em todas as partes do mundo. Na sua encíclica «Lætitiæ Sanctæ», de 8 de setembro de 1893, o imortal Leão XIII podia dizer: «E' *por estado* e *por vocação* que os Filhos do Patriarca Domingos devem *aplicar-se com zêlo a multiplicar as Confrarias do Rosário e a mantê-las em tôdo o seu fervor.*»

Conte, pois, com o nosso filial amor para com Nossa Senhora do Santíssimo Rosário para o auxíliar, na medida das nossas fôrças, a propagar as glórias de Fátima.

É minha intenção reproduzir no número do mês de Julho dois dos postais ilustrados que nos enviou: a vista geral do logar das aparições e as multidões de Fátima.

Se esta modesta carta puder ser-lhe útil nas suas publicações, dou-lhe toda a liberdade de se servir dela.

Com o meu vivíssimo reconhecimento, digne-se aceitar, senhor Director, a homenagem do meu religioso respeito e os protestos da minha inteira dedicação em Nosso Senhor e Nossa Senhora do Santíssimo Rosário.

Frei Luís Maria Baron, O. P. — Director da Revista do Rosário»

Visconde de Montelo

PENSAMENTOS

Pureza é vida, é frescura, é formosura da alma; não deixes que se acerquem de ti assassinos que façam do teu coração um cemitério, jazida de decomposição e podridão...

P. A. de Doss, S. J.

Todo o genero do mortificação é uma libertação, uma ascenção, uma divinisação...

Dr. Gonçalves Cerejeira.

AS CURAS DE FÁTIMA

Meningite tuberculosa.

Ermelinda Antunes Duarte, moradora na Azinhaga da Salgada, Chelas, diz:

«Muito devota de Nossa Senhora do Rosário de Fátima desejo que todos conheçam o grande milagre que Ela me concedeu salvando-me duma grave doença meu sobrinho Arnaldo Duarte da Silva, de 4 anos, morador na Ericeira, que nos veio visitar e, com tanta infelicidade, que foi acometido de uma meningite.

Mandámos chamar o Ex.mo Sr. Dr. Dias Coelho e logo o desenganou. Efectivamente o' pequeno não socegava com a cabecinha, sem vista, sem fala, já sem movimento algum; nós a todo o momento esperávamos o triste fim do anjinho. Mandámos chamar o Ex.mo Sr. Dr. João Tor-

Arnaldo Duarte da Silva

rado que também nos disse o mesmo e como o víssemos perdido invocámos a protecção da Virgem Nossa Senhora. Dávamos-lhe a água miraculosa de Fátima e ao mesmo tempo faziamos uma novena e graças a Nossa Mãe do Céu o pequeno está salvo e sem defeito algum.

O Ex.mo Sr. Dr. Dias Coelho encontrando o pai do pequeno, preguntou por êle e qual não foi o seu espanto quando lhe disseram que ia melhor: pediu, então licença para o vêr. Ficou admiradíssimo. Aconselhou a ir com êle ao Hospital de S. José e no dia seguinte lá fomos. Viram o estado da criança que mandaram com urgência para o Hospital de D. Estefania, estando internado lá só um dia pois que as informações eram que o menino não se salvava. Então o pai quiz que êle acabasse os seus poucos dias na sua companhia, no que teve bastante dificuldade se não fosse o Ex.mo Snr. Dr. Samuel Maia, que concordou visto que a responsabilidade era do pai. Levou-o então para a Igreja Nova (Mafra) e apesar-de tantas voltas o pequeno via-se melhorar de dia para dia.

Para reconhecimento fomos a Fátima agradecer à Virgem tão grande milagre e ao mesmo tempo uma outra graça concedida.

Raínha do Santíssimo Rosário rogai por nós.

ATESTADO

João Torrado da Silva, bacharel formado em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina de Lisboa, declaro sob minha responsabilidade profissional que Arnaldo Duarte Silva, de quatro anos de edade, natural da Igreja Nova Concelho de Mafra filho de Antonio da Silva e de Salomé Duarte Silva foi, por mim, observado no dia dez de novembro de mil novecentos e vinte e sete tendo eu diagnosticado uma meningite tuberculosa, cujo prognostico era fatal.

Mais declaro que tendo novamente observado, no dia onze de maio de mil novecentos e vinte e oito, a mesma criança a encontrei isenta de qualquer sequela que geralmente acompanha as pessoas que sobrevivem áquela doênça. Considero-o portanto absolutamente curada.

E por ser verdade e me ser pedido passo a presente declaração que assino.

Lisboa, 25 de Abril de 1929.

(a) João Torrado da Silva

(segue o reconhecimento)

• • •

«Ex.mo e Rev.mo Snr. Director da *Voz da Fátima*.

Permita-me, Sr. Director, enviar-lhe hoje estas linhas para a *Voz da Fátima*, contando algumas das graças obtidas na Espanha pela intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

Espanha, nação irmã de Portugal e também filha da Viregem Imaculada, tem participado dos favores que Nossa Mãe do Céu prodigaliza nestes tempos nos quaes parece quiz colocar o seu trono de misericordia em Fátima, escolhendo pastorinhos portugueses para serem os seus confidentes, encarregando-os de anunciar ao mundo as maravilhas de misericordia com que queria beneficiar e salvar Portugal.

Segui, quási desde o principio e com interêsse, os acontecimentos da Fátima e em todas as circunstâncias em que tenho acudido a esta Mãe bendita as minhas súplicas foram atendidas.

Vou contar alguns dos favores recebidos.

Achava-se gravemente doente uma menina e a doença apresentava várias e sérias complicações. Foi-lhe dada água da Fátima com recomendação de começar uma novena tomando a água e fazendo um promessa a Nossa Senhora, se se curasse. Assim fez e em pouco tempo encontrou-se completamente bem. O ano passado veio de Espanha a Fátima agradecer o favor recebido.

No mês do agosto passado estava um jovem bastante mal, prestaram-lhe todos os auxílios da sciência sem se conseguir obter resultado nenhum. Depois de ter sido examinada pelos raios X os médicos declararam ser necessária uma operação.

Foi então que me ocorreu dar-lhe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, dizendo-lhe que, visto os médicos não lhe terem podido fazer nada, era preciso vêr se Nossa Senhora o fazia, que começasse uma novena. Uma pessoa de família que já tinha experimentado o socorro da Santíssima Virgem noutro caso de muita gravidade, propoz á mãe do doente que esperasse uns dias antes de manda-lo ao Hospital, mas a proposta não foi aceite. A mãe diz que era coisa impossível, visto estar já tudo combinado para entrar no dia seguinte, 5.ª feira como se efectuou. O doente já sentiu algumas melhoras nesse dia a ponto de não ser necessário usar as injecções calmantes que eram precisas havia já muitos dias. No dia seguinte sujeitaram-no de novo aos raios X e os médicos já não lhe acharam nada. Levantou-se e fácil é adivinhar qual foi a admiração dos parentes e amigos quando indo-o visitar o encontraram a passear no pateo do Hospital.. Continuando a sentir-se bem foi para sua casa no sábado e no domingo de manhã alguém me veio dizer que o doente tinha ido dar um passeio de bicicleta. Com efeito, não tardou em vir êle próprio a visitar-me e disse-me: «Não sei o que é isto, mas eu sinto-me melhor do que nunca».

Cuidado por um dos meus irmãos foi para a Missa agradecer a Nossa Senhora o favor recebido. Este rapaz ainda que baptizado e com bons sentimentos, não tendo recebido educação religiosa, não pratica a Religião, mas não larga a estampasinha de Nossa Senhora de Fátima que eu lhe tinha dado e algum tempo depois indo visitar um primo religioso disse-lhe: «Dá-me uma estampa dessa Virgem que me curou» e agora costuma assistir à missa aos domingos. Esperamos que a SS.ma Virgem fará o segundo e maior milagre da conversão desta alma.

Para terminar, contarei outra cura obrada em favor da pessoa que me pediu para escrever esta relação. Estava a morrer, já tinha recebido os últimos Sacramentos quando lhe mandei uma medalha e água de Nossa Senhora da Fátima, recomendando-lhe que a tomasse com fé e começasse uma novena. Disse depois o

doente: «a fé e a febre me fizeram tomar toda a água de uma vez». O certo é que três dias depois começou a comer de tudo quando antes, sòmente à custa de grandes esforços se obtinha que engulisse algumas colheres de leite. Depressa estava completamente curado, achando-se ainda melhor do que antes da doença, de modo que conseguiu ir para o Convento, como desejava antes de adoecer, e para testemunhar a sua gratidão a sua celeste Bemfeitora, hoje se chama Frei L. de Fátima.

Seria para desejar que se publicasse em breve, um livro em espanhol que pudesse levar ao conhecimento de maior número de pessoas na Espanha as aparições e maravilhas operadas por Nossa Mãe do Céu na Fátima.

Ultimamente, alguns jornais e revistas publicaram artigos sôbre Fátima e êstes artigos são lidos com entusiasmo.

Fala-se em organisar para data muito próxima uma peregrinação do centro e do norte da Peninsula. Queira a Santíssima Virgem abençoar os esforços dos organisadores para que cêdo se possa realizar tão piedoso projecto.

Sou de V. Rev.cia Snr. Direcor, muito grata no Amor Misericordioso de Jesus

Uma religiosa espanhola

Agradecendo uma graça

(Rua dos Herois de Kionga, 2-2.º esq.º)

Lisboa, 15-5-1929

Rev.mo Senhor

Venho relatar um milagre que se operou em mim o ano passado.

Uma grave doença interior que me fazia sofrer horrívelmente abatia-me dia a dia, sem esperança de me curar. Levava noites levantada e sentindo dores tão profundas que algumas vezes julguei pôrem termo à minha vida.

Era em vão que a medicina tentava debelar o meu padecimento, aplicando-me numerosas pontas de fôgo sôbre as costas que apenas serviam para me tornarem mais dolorosa a existência.

Recorri então a Nossa Senhora de Fátima, e um dia, numa peregrinação, dirigi-me para o seu santuário bemdito da Cova da Iria, e lá, nesse local onde tantos milagres se teem revelado, eu rezei com muito fervor à Mãe do Céu pedindo-lhe que me curasse. Então a Virgem Santíssima ouviu-me, e *nesse mesmo dia*, eu senti-me completamente curada.

E', pois, com um profundo reconhecimento de gratidão para com Nossa Senhora de Fátima, que tão grande mercê me concedeu, e ao mesmo tempo em cumprimento duma promessa, isto é, dêste milagre ser publicado na *Voz da Fátima* que eu escrevo estas singelas frases.

De V. Ex.ª etc.

Maria da Glória Reis

Estatutos da Confraria de N. S. do Rosário de Fátima

Art. 1.º — E canónicamente erecta no Santuário da Fátima uma confraria denominada — Confraria de Nossa Senhora de Fátima.

Art. 2.º — Esta confraria tem por fim:
a) trabalhar pela conversão dos pecadores;
b) reparar os pecados sociais das nações;
c) promover o cumprimento dos preceitos da Santa Igreja especialmente quanto ao domingo e dias santos;
d) orar e auxiliar as missões entre cristãos e infiéis;
e) sufragar as benditas almas do Purgatório;
f) orar pelos doentes e por todas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora de Fátima;

Art. 3.º — Além das indulgências que serão pedidas à Santa Sé, os confrades terão direito:
a) à participação em todos os sacrifícios, boas obras e mortificações dos doentinhos que recorrem a Nossa Senhora de Fátima;
b) às Missas que se celebrarem no Santuário ou fóra dêle por esta intenção;

Art. 4.º os confrades têm obrigação: a) de viverem cristãmente;
b) de darem a esmola mensal de $20 (200 réis), sendo metade para Missas, segundo os fins da confraria (art 2.º) e a outra parte para o Culto de Nossa Senhora. Estas esmolas serão recebidas em listas por colectores ou colectoras que se prestem a esta obra de piedade e caridade.

Art. 5.º — Os confrades são aconselhados: a) a recitarem todos os dias, de preferência em público ou em família ou, pelo menos, em particular, o terço do Santo Rosário;
b) a comungarem, sendo possível, mensalmente e da mesma forma assistirem ao Santo Sacrifício da Missa no dia 13 de cada mês em união com os peregrinos;
c) a trazerem consigo uma medalha tendo dum lado a imagem do S. Coração de Jesus, e do outro a de Nossa Senhora de Fátima. Esta medalha pode substituir os escapulários.

Art. 6.º A confraría de Nossa Senhora de Fátima terá uma direcção composta de presidente, secretário e tesoureiro, nomeados pelo Prelado da Diocese. Esta comissão prestará contas todos os anos na forma do direito, ao Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo.

Leiria, 13 de Maio de 1929.

Aprovados os Estatutos ut supra na forma do Direito.

Leiria, 13 de Maio de 1929

† *José, Bispo de Leiria*

A DIVINA PASTORA . . .

«Ex.mo e Rev.mo snr. Director da *Voz da Fátima*.

'Permita-me V. Ex.ª que lhe tome um pouco de espaço nas colunas do seu jornal, para que se digne divulgar a minha conversão, um verdadeiro milagre que se operou na minha vida tão acidentada. Dou os meus louvores a Deus e à Mãe Santíssima por hoje ter os sentimentos que tenho.

Era um descrente! Via a Igreja com maus olhos!

Passava ao pé dum Padre com repugnância! Oh! meu Deus! Como eu tinha horrór ao ouvir falar de Santos. Vivi assim, desde a minha infância até aos 25 anos, e, ainda hoje, andaria por êsse abismo insondavel de perdição se a Providência me não seguisse os passos.

Preso em 1926, tinha ainda pensamentos de repugnância pela religião Católica. Em 1928, já então numa prisão de Lisboa, fui visitado, no mês de Junho deste mesmo ano, por diversas pessoas que soube depois pertencerem às Conferências de S. Vicente de Paulo. Depois de me terem dito palavras de conforto na minha desgraça, ouviram com paciência as minhas palavras de revolta por me encontrar na prisão. E foram tais os conselhos que me deram que daí em deante, senti uma transformação na minha alma, debaixo ainda da opressão de maus sentimentos, fiz um exame de consciência e comecei a folhear diversos livros que me deixaram para eu lêr.

Num dos dias do mês de Agosto de 1928, passei uma noite, na minha cela muito agitado. Eram 4 horas da manhã, acendo a luz e peguei no Catecismo; li o Padre Nosso, a Avé Maria, Credo e Salvé Rainha. A sua leitura deixou-me verdadeiramente confuso. Continuei a ler o Catecismo e li-o todo. Senti no meu coração um tal alívio que me vieram as lágrimas aos olhos. Chorei, e implorei a Deus coragem e resignação! A minha prece foi ouvida, porque, de então para cá, comecei a resar e a lêr todos os livrinhos com a máxima devoção e passei os dias e noites menos agitados.

Num domingo pedi aos mesmos Senhores que me trouxessem, por especial favôr, um terço e ao mesmo tempo lhes manifestei que desejava confessar-me.

Depois de me ter confessado não posso descrever o que senti na minha alma, oprimida pelos meus maus actos passados. Apenas direi que passei a ser *um homem!* Porque antes era um ente humano que andava por êsse mundo fóra sem ter a noção nítida dos deveres que a Sociedade e Deus nos impõem.

Em Março de 1929, faltando-me apenas 2 meses para sair da prisão, comecei a andar novamente agitado por ter que voltar para a prisão 9 meses, para pagar as multas.

Como tivesse sido abandonado por toda a minha família à excepção de minha mulher, senti-me verdadeiramente desesperado! Mas, orei a Deus e a Nossa Senhora de Fátima, medianeira de todas as graças, e em Abril de 1929, começo a vêr com bastanto júbilo que as minhas pretensões iam ser atendidas.

E, assim, no dia 4 de Maio recebo um postal do Ex.mo Snr. Presidente das Conferências de S. Vicente de Paulo, dizendo-me que tinham sido pagas as multas no dia 1 do mês de Maio.

Não encontro palavras com que possa descrever o júbilo que me causou tal notícia e, pegando numa medalhinha de Nossa Senhora do Rosário de Fátima que trago no pescoço, beijei-a tanto, com tanta fé e devoção que chorei de alegria! Pois foi Ela que me salvou de voltar para a cadeia e me concedeu, assim, a minha liberdade!

Como nunca tinha entrado numa Igreja, nem assistido a uma Missa, prometi a Nosso Senhor e à Nossa Senhora de Fátima que seria a primeira visita ao sair da prisão.

No dia 26 do Maio corrente quando fui posto em liberdade, dirigi-me à Igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde me confessei e assisti à Missa agradecendo a Deus Nosso Senhor, e à Nossa Mãe do Céu, Nossa Senhora do Rosário da Fátima por me terem concedido a minha liberdade!

Asaisti depois a uma Festa que se realisou na Igreja do S. Coração de Jesus, onde S. Ex.ª Reverendissima o Senhor Arcebispo de Mitiléne se dignou ministrar-me o Santo Crisma.

Devo dizer a V. Ex.ª que no dia 6 de Janeiro recebi, na prisão, a Nosso Senhor, fazendo a minha 1.ª Comunhão e comunguei também no dia 7 de Abril do ano corrente.

E agora que me encontro em plena liberdade, junto dos meus, não vacilarei, não trepidarei em trilhar o caminho do Bem conservando-me honesto e digno; e tenho fé em Deus e na Virgem Santíssima que serei dora avante respeitado pelos homens de bem e, assim, irei vivendo no mundo com a protecção de Nosso Senhor e com bastas esperanças de ter um futuro risonho.

Para a dignísima Conferência de S. Vicente de Paulo, em especial ao Ex.mo Presidente, vão os meus sinceros agradecimentos por me terem salvado da vida tão desgraçada que levava.

E ao terminar esta narração volvo um olhar da mais profunda gratidão para a Virgem Nossa Senhora de Fátima, suplicando com ardór por todos os que lhe imploram a Sua Misericórdia e pedindo-lhe também a conversão dos meus companheiros da prisão, e por intenção dos mesmos rezo um Padre Nosso e uma Avé-Maria!

De V. Ex.ª um sincero em Jesus Cristo residente actualmente no Barreiro

Barreiro, 31 de Maio de 1929.

José do Carmo Veríssimo

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	159.271$60
Papel, composição e impressão do n.º 81 (62:500 exemplares)...	3.497$50
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas e outras despezas	911$00
	163.680$10

Subscrição

(Março e abril de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jornal durante um ano: Manuel Pereira Dias, Leonor Gomes dos Santos, Arminda Dias de Sá, António Gomes, António de Sousa Oliveira, Manuel Maria Miranda da Silva (20$00), Helena de Vasconcelos (20$00), Rosária Pereira Dias Ramalho, Maria do Rosário Piteira Charro Gião, Maria Catarina Pereira, Genoveva Correia Mendes, Filipa da Conceição Coelho Bulhão, Adélia de Jesus Dias Ramalho (12$00), Superior da Casa de Saúde de Barcelos, Leonor Rodrigues Passos, Alia do Ceu Pimentel, Arminda de Oliveira Pinho, Julieta dos Reis Castanho, Perpétua Cardoso Norberto (20$00), Maria da Conceição Cardoso Norberto (20$00), Palmira Luiz Sabino, Maria da Assunção Cunha, Mariana Fonseca, Rosa Gil, P.e Francisco Jorge da Silveira e Paulo, Maria Cremilde Barcelos de Melo, Januário Augusto da Silva, Maria Amélia Brun, Maria do Carmo Pessoa, Clara Monteiro, Maria Leonor de Magalhães Lanços de Abreu Coutinho (20$00), Maria da Conceição F. da Silva Freitas, Eulália Sá Couto, Luiza e Maria Morais (20$00), Maria Albertina Pereira da Silva, Raquel Quintela Pontífice, Luiza Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride), Júlio Dias F. Coimbra, João António Coias (15$00), Maria Adelaide P. Corrêa Machado, Maria Palmira dos Santos Jorge, Isabel Sousa Pinheiro Farinha (20$00), Isaura Pinto Sampaio Almeida, Joaquim Fernandes dos Santos, Maria da Graça de Carvalho, David Nunes de Paiva, P.e Daniel Correia Rana (50$00), Maria Benedita de Menezes, Maria da Costa Crespo Franco Frazão (20$00), Emília Bessa, João António de Almeida, Gertrudes Amália de Olivera Lopes, Rita de Jesus (20$00), Abílio Martins dos Santos, Maria da Conceição Pereira (20$00), Helena da Soledade Machado, Maria Inês Sarmento Palrão, Maria Leonor Pais de Sande e Castro de Barros, Ester da Conceição Reis, Margarida Lopes da Silva (20$00), Ana da Silva Fontoura, Deolinda dos Santos Pereira, Manuel Inácio de Sousa, Maria Filomena Freire Brandão, Elvira da Silva Sapato, Francisco Teles de Andrade Rato (20$00), Albertina Gonçalves, Olímpia Bacelar Meireles, P.e Abílio Ferreira, Cecília Morais Menezes, Maria Medeiros Corte Real, Felicidade Sá Borges, Maria da Conceição Moreira, Elisa do Belo, P.e Domingos Augusto Gonçalves Borlido, Albino Gonçalves, João Gavinho, Alcina Magalhães Moutinho, António Maria Morais, Joanita de Diego, Mariana Pires M. Oliveira, Alvaro de Pinho e Campos, José Fernandes Machado, Luiz da Sena Gomes, Elias C. Mendonça, Eustáquio Pastor Machado, António Emídio Gomes, Teófilo Lúcio de Carvalho, Elvira Nunes (20$00), Maria Elvira T. de Oliveira, Maria dos Anjos Pereira, Francisco Alves Fernandes, Fausta Augusta dos Santos, Maria Teresa Leal, Manuel da Costa Araujo (20$00), Madame Cordeal, Maria da Glória Pacheco, Adriano José Faustino, Narciso Martins Ribeiro (20$00), Luis Lopes Abegão (12$50), Dr.ª Maria Evangelina Pinto, Aurora Marques Barreiro, Conceição Martins Rocha, Maria José Campos, Maria Constança de Albuquerque, Joaquina Vieira, Joaquina Queiroz Ribeiro, Henrique Lopes Conde e Sousa, Elvira Bernardes Marques Gouveia, Guilhermina de Lacerda, Rufina dos Anjos (51$00), Teodora Martins, Luciano de Almeida Monteiro (80$00), Constantina Angela Carvalho (20$00), Amélia Correia, Cipriana Antunes Vicente, Adriana Margarida Correia.

Na distribuição de jornais e donativos vários: Joaquim Duarte de Oliveira, 50$00; Joaquim Pereira Delgado, 35$00; P.e José Miguel F. de Moura, 20$00; Leonor de Paiva Leite Brandão (Seixo), 50$00; Emília Nunes da Rocha, 30$00; Luciano de Almeida Montero; 61$00; Maria de Jesus Vidal, 83$00; Josefa de Jesus, 13$15; P.e António Augusto da Fonseca Soares, 125$00; Dr. José Luiz Mendes Pinheiro, 20$00; Maria Julia Silva e outras, 28$00; P.e António Gonçalves Sapinho, 40$00; P.e Júlio da Fonseca Monteiro, 80$65; D. Maria dos Anjos Pereira, 480$00; António Pinto de Rezende, 100$00; P.e João Bernardo Mascarenhas 100$00; P.e Augusto José Vieira, 75$00; Cristina Vicente, 50$00; Maria das Dores Tavares de Sousa, 50$00; Carlos António Vaz, 100$00; P.e Manuel Pombal Amorim, 80$00; Reinaldo Monteiro Basto, 92$00; Miquelina Costa Abegão, 25$00; Maria Olinda Magalhães, 80$00; Manuel Alves Mateus, 50$00; Maria Simões, 10$00.

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, por Noemia Rolo, no mês de Maio de 1929, 10$00; na igreja de S. Tiago de Cezimbra, por Gertrudes do Cramo Pinto, nos meses de Maio e Junho de 1929, 66$50.

Atenção!

Nenhum peregrino que saiba ler, deve deixar de adquirir um exemplar do interessante volume de 412 páginas, profusamente ilustrado com esplêndidas gravuras, «As grandes maravilhas de Fátima», da autoria do sr. Visconde de Montelo, que encerra a mais completa história das aparições e dos sucessos miraculosos e cujo produto líquido é integralmente destinado à Obra de Fátima.

Preço: dez escudos.

O dia 13 de Maio na Espanha

Também na Espanha se celebra o 12.º aniversário das aparições de Fátima.

Os resplendores da «Estrela da Manhã» que tem por firmamento a Fátima, os perfumes da «Rosa Mística», que desde ha doze anos embalsama o ambiente da Cova da Iria, chegaram até às escondidas e históricas montanhas asturianas enchendo de amor e entusiasmo pela Virgem da Fátima os corações das filhas de São Domingos do Noviciado de Corias (Asturias)

O programa da festa do dia 13 do passado mês de Maio para comemorar o aniversário das aparições mostra bem claro que os filhos de S. Domingos são fiéis às suas tradições e estremosos amantes da Virgem do Rosário. Agora o programa:

Foi uma festa simples, mas simpática. Os dominicanos chamados outrora «os Frades de Maria» renderam uma homenagem carinhosa àquela bondosa Mãe que sempre velou sôbre êles, que lhes deu o branco habito, os cumulou de graças, os regalou com o S.to Rosário, encarregando-os de ensinar ao mundo tão bela devoção...

Dizia-me um daqueles felizes filhos da Virgem: «Aqui sentimos o benéfico influxo da Virgem da Fátima.»

À hora que na Fátima tinha lugar a procissão das vélas cantou-se uma «Salvé» à Virgem para dessa maneira unir-se em espírito ao culto que os piedosos romeiros rendiam à que é «Refugio de pecadores e Consolação dos aflitos.»

Comunico isto a V. Rev.ma pedindo-lhe o favor de publica-lo na *Voz da Fátima* se achar bom.

Sou de V. Rev.ma muito grata em Jesus e Maria

Uma espanhola

O último negócio dum comerciante

Estava certo comerciante, no seu leito de agonía, já moribundo e desenganado dos médicos, mas recusava-se terminantemente a receber os sacramentos.

Por fim veiu vê-lo um seu velho amigo também comerciante que lhe disse:

— Quero que me dês o teu parecer sobre o seguinte caso:

Há um colega nosso que tem entre mãos um negocio de costa arriba.

Se fecha o contracto, arrisca-se a ganhar uma fortuna colossal, mas na peor das hipóteses, o mais que pode perder é o trabalho.

— E se não o fecha?

— Se o não fecha então arrisca-se a perder tudo quanto tem!

Que ha de êle fazer?

— Homem! Isso nem se pregunta! E' fechar imediatamente o negócio!

— Pois meu caro, a ti próprio te julgaste! Tu és êsse homem de quem eu te falava. Se morres com os sacramentos, podes ganhar nada mais nada menos que o Céu por toda a eternidade, mas supondo que assim não era, nada tinhas a perder.

Pelo contrário se morres sem êles, podes perder tudo e ir para o inferno!!

Em face desta lógica *comercial*, o moribundo deu-se por convencido e recebeu os sacramentos, ainda mais duma vez, morrendo como bom cristão.

Se todos os que estão em perigo de morte meditassem neste simples caso e fizessm o mesmo raciocínio, talvez nenhum deixasse de receber os sacramentos.

De que maneira...

Estavam dois compadres discutindo os males do mundo e tratando de lhes achar remédio, conversa que é muito freqüente... desde que há mundo.

— Isto vai mal, compadre!

— Pois vai, vai, mesmo muito mal!

— Isto já não tem concêrto!

— Quem sabe! E' preciso ver se pode fazer-se alguma coisa!

— Mas que ha de ser?

— Não sei! Há muito tempo que eu ando à procura disso!

— Era preciso criar um grande movimento de opinião em tôrno dum programa político e social que satisfaça toda a gente.

— Mas como?

— Sim, era preciso estudar isso!

E enquanto os dois compadres meditam na resolução do problema, chega o amigo Henrique.

—Ora ainda bem, Henrique, que tu chegaste!

Que é que te parece? Qual será a melhor forma de regenerar o mundo e fazer com que todos andem contentes?

— Ai, era isso que vocês estavam a discutir? Está muito bem! Com que então vocês querem reformar o mundo?!...

Ora vamos lá a saber!

Vocês confessaram-se êste ano?

— ??...

— Comungaram pela Páscoa da Ressurreição?

—???!!!...

— Pois, meus amigos, por aí é que é preciso começar.

Se querem reformar o mundo, comecem por se reformar a si mesmos e depois então falaremos!

— E' uma ideia!

— E' uma ideia! E é a única boa!

Qual é a melhor posição para tirar o retrato

Quando alguém vai tirar o retrato procura sempre a posição que lhe parece melhor para isso. Veste-se com o seu melhor fato, penteia-se, senta-se, compõe as pregas do casaco, olha em frente, olha a três quartos, dá um arzinho da sua graça, ou faz boquinha pequena, em suma, dispõe as coisas de maneira a dar de si a melhor ideia possível.

Ora sabem qual era a melhor forma de se fotografarem todas as mães cristãs? Com o filhinho mais novo nos braços e o *Catecismo* na mão.

Porque a explicação do *Catecismo* aos filhos deve ser hoje a grande preocupação das mães. Como os governos não querem o catecismo na escola, as mães devem suprir a falta, ensinando-o elas aos filhos para que êstes não venham ámanhã a tornar-se bolchevistas e elas marafonas.

E as donzelas como hão-de colocar-se deante da máquina fotográfica? Toda a donzela que hoje tem de viver no mundo, vive rodeada de inimigos. E' natural por isso que ao fotagrafar-se tenha na mão as suas armas ofensivas e defensivas. E qual é a melhor arma da donzela? *O terço!* Cada uma das suas contas, cada um daqueles *Padre Nossos e Avé Marias*, são, nos combates espirituais, a mesma coisa que as granadas e as balas nas guerras humanas. *O terço* bem considerado desempenha o papel duma *metralhadora!* Que as donzelas se façam fotagrafar com o seu terço na mão. E' a melhor forma de não *enganar* nem serem *enganadas*. Até N. Senhora assim quere ser fotografada!

O padeiro que não tinha pêsos

Um padeiro gastava manteiga da casa dum merceeiro, seu visinho.

Ora duma vez, que se deu ao trabalho de verificar o pêso, notou com espanto que um kilo de manteiga não tinha mais que 700 gramas.

—Deixa estar que mas pagas, disse consigo o padeiro.

Dali por diante deu ordem para diminuir igualmente o pêso do pão que fôsse para casa do visinho.

Este deu pela falta e foi queixar-se ao juiz de paz.

O juiz chamou as duas partes a uma conciliação.

— Vamos lá a saber, preguntou êle ao padeiro, tem balanças?

— Sim senhor! Aqui estão!

— E pêsos?

— Pêsos, não tenho!

— Ah! vê? disse o juiz triunfante. Aí está a razão por que você vende pão com falta de pêso!...

— Perdão, disse o padeiro! O facto de eu não ter pêsos não quere dizer que eu não o peso!...

— Então como faz?

— Muito simplesmente! Mando buscar um kilo de manteiga, a casa do visinho e é com êsse kilo, que eu costumo fazer pesar o pão aos fregueses!

O merceeiro entupiu!

DOIS MAL CASADOS

Dois mal casados, depois de viverem algum tempo em barulho um com o outro, resolveram ir ter com o prior que os casara, para que os descasasse.

— Póde fazer-se isso? preguntou o marido.

— Pois então não pode! Mas olhem que a cerimónia de *descasar* custa muito mais caro que de *casar!*

— Não faz mal a gente paga tudo!

— Bem! Vão ter à igreja que eu lá vou despachá-los.

O padre mandou-os ajoelhar ao pé do altar-mór, fechou as portas e pega num cavalo marinho e começa a malhar num e noutro como quem malha em centeio verde, recitando ao mesmo tempo não sei que orações.

O marido atordoado pregunta no intervalo de duas vergastadas.

— O' senhor prior, mas a cerimónia demora ainda muito tempo?

— Está visto que demora! Demora até que um de vocês fique morto!

— Nada! Nada, senhor prior! Nesse caso o melhor é voltarmos para casa!

E virando-se para a mulher disse-lhe:

— Anda daí mulher! Antes vivermos mal casados do que desquitar-se a gente desta maneira.

Ponham aqui os olhos os solteiros. Quem casa, casa para toda a vida; só a morte pode separar os esposos.

Que ninguém caia, pois, em casar sem pensar primeiro no que faz; que não caia em casar por capricho ou por negócio; que os homens se não deixem enganar pelas fúfias e tafuis que desobedecem aos pais, passam o tempo em bailaricos e pândegas e nunca são capazes de dar boas donas de casa; que as mulheres se não deixem embair por algum bailabonecos que passe o tempo em tabernas e soalheiros e, a-pesar-de trazer pena de pavão no chapéu e manjerico atrás da orelha, não é capaz de ganhar honradamente o pão, para sustentar a sua família.

DOIS... TEIMOSOS

Quis certo pintor representar dois demandistas e a um pintou só com camisa e a outro sem ela.

E perguntando-lhe alguém o que queria aquilo dizer, respondeu o pintor:

— O que está só com camisa é aquele que ganhou.

— E o outro?

— O outro é o que perdeu!

— Mas então?

— Então quere dizer que quem se mete com a justiça, mesmo que ganhe, fica em pontos de se poder dizer que tem de vender o fato e ficar só em camisa para pagar as despezas havidas; e aquele que perdeu, então até a própria camisa lhe tiram.

E tinha razão o pintor; mas parece que cada vez há mais teimosos, porque cada vez há menos humildade e caridade.

A maior riqueza

Quizera ter fé! dizia um jovem que tinha passado a sua vida no meio dos prazeres.

Quizera ter fé, porque sem ela a vida é um enigma indecifravel, uma triste agonía, na qual o nosso espírito só acha uma verdade palpavel: o sofrimento.

Sem fé não ha esperança, e onde não ha esperança, poderá não haver dôr, mas nunca alegria verdadeira, nem paz.

De que serve coroarmo-nos de flôres, se sabemos que em breve vão murchar? Assim também, de que serve satisfazermos as paixões, se elas não nos saciam e só deixam remorso... doenças... a morte...?

Viver sem fé nem esperança não é viver. Se dissessem a um cego: admira um dia a natureza para cegares outra vez; se dissessem a um pai: caricia os teus filhos hoje para os perderes amanhã; se dissessem a um prisioneiro: gosa um dia de liberdade para voltares de novo á cadeia, êsse cego, êsse pai, êsse prisioneiro responderia que viver num só dia não é viver, amar um só dia não é amar, e gosar um momento de liberdade para a perder depois, é pior que nunca tê-lo conhecido. Assim podem dizer os que não teem fé.

Quereis ter fé? Comprai-a.

O sceptico riu-se tristemente. Escarneceis de mim? Porventura a fé compra-se?

— Sem dúvida.

— Se assim fôsse, eu daria toda a minha fortuna para a adquirir.

— Não precisas fazer o sacrifício da tua fortuna, nem gastar um centavo. Basta teres vontade.

— Ides dizer-me que creia, quando é isso mesmo o que eu peço.

— Não, não vou dizer-vos isso, senão que empregueis os meios para a conseguir; segui o caminho da virtude, despojai-vos de todos os vícios, orai, confessai as vossas culpas, e não tardareis a encontrar o tesouro inestimável da fé.

O que não tem fé, é porque não emprega os meios para a alcançar.

Um scéptico vencido pela fé

Recortamos do *Jornal da Figueira*, de 22 de maio:

«Agora o número de peregrinos aumenta de ano para ano e Fátima atingiu tal importância que o Presidente da Rèpública e o chefe do Governo não desdenham de visitá-la.

As curas maravilhosas, verdadeiros milagres que os espíritos *fortes* atribuem à sugestão que nunca conseguiram realizar, sucedem-se freqüêntemente, bem como factos extraordinários de natureza puramente espíritual, isto é, as conversões.

A propósito da ultima peregrinação no dia 14 do corrente, conta o correspondente de Lisbôa para o «*Diario do Minho*» o seguinte episódio: «Não permitiu Deus que eu fôsse na peregrinação maravilhosa. Contudo se eu não pude ir a Fátima, acabo de ouvir um relato emocionante. Um meu amigo, incrédulo por educação e desorientado estudo, foi visitar a Cova da Iria com todo o scepticísmo dum analísta inexoravel. Levou consigo tudo que forrageou nas teorias nevropáticas, nos tratados da sugestão, nas hipóteses do animísmo. Não se esqueceu dos sarcasmos groseiros de Zola nem das ironías venenosas de Anatole France, e creio piamente que, antes de partir, folheou demoradamente o *Dicionário Filosófico* de Voltaire.

Regressou hoje de manhã, depois de meditar nos claustros épicos da Batalha. Ha meia hora que o ouvi. O seu relato é singelo e fremente. A princípio, observou e como que só escutou, mas de repente *viu e ouviu* com intensidade tamanha, que, banhado em lágrimas pediu a um penitente a caridade de o ensinar a rezar.

Foi agora de aqui para o templo de S. Domingos para se confessar e comungar. Toda a sua ânsia é voltar a Fátima *com mais luz*, diz êle, com mais amparo da sua fé, repentina e como que convulsa.

É êste um dos ecos de Fátima que me comoveu, porque êsse amigo, excelente de índole, parecia condenado á incredulidade perpétua. Quando me permitir revelar o seu nome, hão-de rejubilar gostosamente... O convertido é um homem de talento e de boa posição social e gosa de muito prestigio na camada do idealismo demolidor».

As demonstrações dum recruta

Tiramos este episodio encantador da página de um livro. Trata-se dum soldado recem-baptisado que se fez catequista dos seus camaradas.

Um dia ouviu-o alguém explicar a um camarada o mistério da Santíssima Trindade.

— Então, tu não percebes a Trindade?

— Não percebo.

— Que homem és tu? Vá! Não é lá muito difícil!

— Ah! diz-me lá então como é!

— Olha! Vê lá: teu pai, tua mãe e tu quantos é que faz?

— Faz três.

— Não é tal. Faz só um! Uma... uma família! O Padre, o Filho e o Espírito Santo, é como quem dissesse três membros da mesma família, três soldados, não? que não fazem senão um. Percebes agora? Entra bem? ...

— Vai entrando.

— Se quizeres, por outra: tu, a tua espingarda e a cartucheira, quantos é que faz?

— Faz... faz três!

— Ainda tornas a cair no erro? Mas não, não faz senão um. Escuta-me bem, hein! tu, sem espingarda não és soldado...

Uma espingarda, sem cartucheira, não é espingarda...

Uma cartucheira, sem espingarda, é coisa inutil, mas todas três juntas, que é que faz? Um soldado bom para marchar para a guerra! Entra ou não entra agora?

— Já entrou mais!

— Bem vês, hein? não é coisa tão difícil de perceber! Tanto mais que, nisto, olha, sabes? dá-se pouco mais, pouco menos, o que se dá no serviço militar... não se deve querer compreender tudo, sabes?

SÓ DUM LADO

Perguntava uma senhora ilustre ao Arcebispo de Bordeus, Mgr. Cheverus, que devia pensar da moda de pintar a cara. «E' que achei confessores que mo permitem e outros que mo proibiram; qual é a opinião de V. Ex.ª?

— Eu gosto das opiniões intermédias. Olhe, pode pintar-se dum lado só, — foi a resposta.

ANO VII — Leiria, 13 de Agosto de 1929 — N.º 83

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

POR D. NUNO E PORTUGAL!

Grandiosa romagem da Religião e da Pátria. Cristãos e portugueses, à Fátima, terra de Santa Maria!

«A alma da Pátria ajoelha na Cova da Iria e une-se e prende-se a Jesus pelas mãos de Maria»

(Palavras de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. António Augusto de Castro Meireles, venerando Bispo do Porto, no seu sermão na Fátima, no dia 13 de Fevereiro de 1928.)

A Cruzada Nacional Nunálvares. — O Santo Condestavel. = A romagem à Fátima, à Batalha e Aljubarrota. — O padrão comemorativo no campo da Batalha. - Os moços de Portugal perante a Igreja e a Pátria.

Cristãos e portugueses! Em tôdas as contingências dolorosas da vida nacional, a excelsa Raínha do Céu velou sempre com o mais carinhoso disvelo pelo ressurgimento e salvação da nossa Pátria. Nun'Alvares, o Condestável herói e santo, foi o instrumento providêncial que Deus suscitou para assegurar dum modo definitivo a independência da lusa terra. No planalto venerando de Fátima, santificado pela augusta presença e pelas graças e prodígios estupendos da celeste Padroeira e ungido pela Fé e piedade de Portugal inteiro, vozes misteriosas do Alto convidam-nos a regressar à profissão integral e à prática fiel da Religião divina que inspirou os lances mais belos da história pátria, cingindo de louros a fronte dos nossos maiores. Nos campos abençoados de Aljubarrota, empapados no sangue puro e generoso de tantos guerreiros, à sombra do histórico santuário de S. Jorge, onde se travou uma das batalhas mais memoráveis do mundo, o condestável, com a sua voz máscula e dominadora de comando, levanta os brios nacionais e inflama as almas num são e vigoroso patriotismo.

A cruzada Nun'Alvares Pereira promove nos dias 12, 13 e 14 de Agosto uma grandiosa peregrinação nacional ao santuário máximo da Fé e ao santuário máximo do Patriotismo.

Depois da grandiosa procissão das velas no dia 12 e da missa campal no dia 13, — espectáculos tão comoventes, tão assombrosos, tão formidáveis que não será possível encontrá-los reproduzidos noutra parte, — depois das grandiosas e imponentes solenidades que se hão-de realizar no Mosteiro da Batalha no dia 14, haverá uma procissão aos campos de Aljubarrota, sendo aí lançada e benzida a primeira pedra do padrão comemorativo da grande batalha que a Cruzada se propõe mandar erigir.

Juventude da minha Pátria! Mocidade crente e patriótica, ardente e generosa, que fazes parte da geração sacrificada do resgate, apressa-te a cerrar fileiras em volta da bandeira da Pátria encimada pela Cruz de Cristo, para combateres o bom combate! Pela profissão duma Fé viva e pela prática duma piedade acrisolada com o amor de Deus, da Igreja e da virtude a arder em viva chama ao lado do amor da Pátria no altar do teu coração, faze frente aos estranjeiros do interior, êsses autênticos malfeitores sociais, que, reclamando hipócritamente liberdade para tôdas as religiões, hostilisam e perseguem nas suas folhas sectárias, servindo-se da mentira e da calúnia, a Religião Católica que nos fêz grandes no passado e que foi, é e será sempre uma fonte perene e inexgotável de virtudes de sacrifícios e de heroísmos. Desorientados em face da renovação cristã espantosa que desde 1917 se veiu operando em Portugal, graças a Nossa Senhora de Fátima, êles permitem-se atacar e oprimir as nossas crenças e pretendem submeter a vida social ao seu negativismo violento.

Como outros tantos Calles de via reduzida, inflamados no mesmo ódio sectário e no mesmo zêlo fanático, o seu mais vivo desejo seria afogar em ondas de sangue a liberdade de consciência, transformando a lusa terra na Rússia do Ocidente ou no México da Europa.

Cristãos e portugueses! Em sinal de protesto contra tanta maldade e miséria moral, vamos todos nesses dias de triunfo, em romagem religiosa e patriótica, depôr aos pés da Mãe de Deus, na santa capela das Aparições, o preito do nosso culto, da nossa gratidão, e do nosso amor e aos pés do Santo Condestável, no altar da Pátria, a homenagem da nossa veneração e do nosso reconhecimento e uma prece sentida e fervorosa por aquêles que nos insultam e perseguem e pelo engrandecimento e prosperidade do nosso querido Portugal!

UM ASPECTO DA MULTIDÃO, NO RECINTO DA FÁTIMA EM JULHO DESTE ANO

Numerosas peregrinações — A procissão das velas. — A adoração nocturna. — O Senhor D. José, Bispo de Leiria. — A missa dos doentes. — O Senhor D. Teotónio, Patriarca das Indias. — O adeus à Virgem.

Muitas e importantes peregrinações se realizaram êste mês. Entre elas merecem especial referência a de Setubal, composta de mais de quatrocentas pessoas e dirigida pelo Vigário Geral, rev.do Francisco Carlos Nunes, a do Pôrto, com cêrca de duzentas pessoas, sob a direção dos rev.dos Matos Soares e Abade de Bomfim, a do Paião, Figueira da Foz, trezentas pessoas, direcção do pároco, rev.do António Vieira, a do Olival, Vila Nova de Ourêm, mil pessoas, a de Salir de Matos, mais de cem pessoas, a de Vila (Cadaval) e a de Cintra. A maior parte das peregrinações chegaram à Cova da Iria na véspera à tarde. Nessa noite, realizou-se a procissão das velas que, com a aprovação do Senhor Bispo, seguiu um novo percurso, que lhe empresta mais brilho e a torna mais grandiosa e imponente.

Durante a adoração nocturna do Santissimo Sacramento no altar-mor da Capela das missas, a primeira hora foi presidida pelo Senhor Bispo de Leiria, que rezou o terço com os fiéis, meditando os mistérios gloriosos do Rosário. Nos intervalos das dezenas, o venerando Prelado fez breves práticas sôbre os respectivos mistérios, cheias de santos e salutares ensinamentos.

As outras horas de adoração foram feitas pelas diferentes peregrinações que se associaram para êsse fim. Resada a missa dos servitas manhã alta, começa o vaivem que enche a primeira parte de cada dia treze no local das aparições. Ao meio-dia solar, o Senhor Bispo de Leiria celebrou a missa dos doentes, aos quais deu em seguida a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Depois da bênção subiu ao púlpito o grande Bispo missionário, D. Teotónio Vieira de Castro, venerando Patriarca das Indias, que prègou sôbre a devoção a Nossa Senhora e o cumprimentos dos deveres cristãos.

Por fim, a Imagem de Nossa Senhora do Rosário foi reconduzida processionalmente para a sua capela, terminando tudo com o saudoso adeus à Virgem, que constitui o fecho das cerimónias, oficiais do dia treze.

O calor era verdadeiramente sufocante. A-pesar disso a concorrência de fiéis foi grande, posto que inferior à do dia treze de Junho.

Houve cêrca de seis mil comunhões.

A boa ordem das peregrinações, e piedade dos fiéis, o zelo e dedicação dos servitas, a solicitude dos médicos, a resignação dos doentes, a atmosfera de paz sobrenatural que até ali se respirava, tudo era de molde a comover as fibras mais íntimas da alma, elevando-se a uma região serena e tranquila que bem pode ser chamada a antecâmara do Céu.

A terceira aparição da Virgem. — As falsas aparições. — Fé e superstição — O anjo das trevas transfigurado em anjo de luz. — A doutrina da Santa Igreja. — Obediência à autoridade Episcopal.

Faz hoje precisamente doze anos que a Virgem Santíssima se dignou aparecer pe-

la terceira vez aos humildes e inocentes pastorinhos de Fátima. A notícia das aparições tinha-se espalhado, ao longe e ao largo, por tôda a vasta extensão da terra portuguesa, com a rapidez fulminante dum relâmpago. Próximo do meio-dia-solar, hora marcada para o contacto místico entre a terra e o Céu, alguns milhares de pessoas comprimiam-se em volta da azinheira sagrada, sôbre cuja copa a Visão celeste pousava os seus pés virginais. A multidão, crente e piedosa, aguarda com anciedade, rezando em recolhimento e silêncio, que se renovasse o colóquio misterioso de Lúcia com a Virgem e que mais uma vez se produzissem os fenómenos extraordinários que tinham acompanhado as duas aparições anteriores. Chegou o momento ardentemente suspirado e os videntes, que tinham acabado de recitar o terço do Rosário, ajoelhados no chão agreste e pedregoso da charneca árida e escalvada, volveram os olhos para o alto, embevecidos na contemplação do Ente sobrenatural que se dignava dirigir-lhes a palavra. Entretanto, as potências do Inferno aliadas com as do Mundo lançavam mão de todos os meios para desacreditar as aparições de Fátima, cobrindo-as de ridículo, e impedir a todo o custo as imponentes manifestações de Fé e piedade a que elas davam logar. Um dêsses meios, aliás já utilizado sem êxito em Lourdes, foi o lançamento pelo país inteiro duma larga rede de fictícias visões e aparições celestiais. E desde então até hoje jàmais cessaram as maquinações do espírito das trevas, procurando arrastar nas malhas dessa rede os nossos populares ignorantes e fàcilmente crédulos, servindo-se para a execução dos seus planos de auxílios ambiciosos, interesseiros e sem escrúpulos. Barral, Alcanhões, Póvoa de Santarém, Estremoz, Póvoa de Varzim, Estareja, Abelheria, Bitarães são malhas dessa rede que, mercê da má fé dalguns e da ignorância e espírito supersticioso de muitos outros, teem forçado a autoridade eclesiástica a adpotar medidas severas mas justas e necessárias para pôr côbro a explorações ignóbeis que redundavam em desprestígio e menosprezo da Religião, cobrindo-a de ridículo.

A Santa Igreja, que não precisa de novas aparições e de novos milagres para autenticar a sua origem divina, usa sempre da máxima prudência e circunspecção quando se trata de estabelecer a historicidade e a verdadeira índole dalgum facto representado sobrenatural, recorrendo para êsse fim a processos absoluta e rigorosamente scientíficos.

Em assuntos de tanta monta e gravidade, é dever rigoroso e instante de todos os fiéis, sejam êles quais forem e quaisquer que sejam as circunstâncias em que se verifiquem os factos havidos por miraculosos, acatar com o maior respeito e a mais perfeita obediência as normas e determinações da autoridade eclesiástica, única competente para se pronunciar nesta matéria.

Fátima em Espanha – Fátima em França. — Fátima na Itália. — Fátima na Alemanha. — Fátima nos Estados Unidos. — Fátima no Brasil.

São profundamente consoladoras para nós católicos e portugueses as notícias que vem a cada passo, em cartas entusiásticas repassadas de Fé e piedade, de diferentes países dàquém e dàlém mar sôbre a propaganda de Fátima. Um apostolado intenso e constante dos acontecimentos maravilhosos da Lourdes portuguesa é exercido com um amor e uma dedicação admiráveis por uma numerosa e brilhante pléiade de almas devotíssimas da Santíssima Virgem. E cada mez aumenta mais o número de sacerdotes e leigos estranjeiros que, abrasados no mesmo fogo sagrado, propagam o culto de Nossa Senhora de Fátima pelo jornal, pela revista, pelo livro, pelo folheto, pela gravura e pela palavra. Na Espanha católica e cavalheiresca, tão zelosa da glória da Raínha do Céu, as revistas *Sal terrae* e *Los Santuarios católicos* não cessam de proclamar nas suas páginas, em longos e esplêndidos artigos, as grandes maravilhas da Virgem em terras de Portugal. Na França cristianíssima de S. Luís e Joana d'Arc, outrora chamada *regnum Mariæ* e há oitenta anos favorecida com o maior centro de peregrinações Marianas mundiais, a magnífica *Revue du Rosaire* e o interessante *Bulletin du Rosaire* lá continuam à frente dêste formidável movimento de propaganda, e levando ao seu meio milhão de leitores espalhado por tôda a superfície da terra o conhecimento dos sucessos assombrosos da Cova da Iria e vendo por êsse motivo crescer espantosamente a sua tiragem, que chega a atingir a cifra considerável dum milhar de exemplares no curto espaço de pouco mais de dois meses.

Na Itália de Pio XI e de Mussolini, onde a augusta Mãe de Deus é venerada sob tantas e tão célebres invocações — *Madonna del Loreto, Madonna di Pompeia, Vergine di Gennazzano, Adoloreta di Bergamo, Bianca Regina del Lazio* — é o próprio *Osservatore Romano*, orgão oficioso da Santa Sé que em primorosos artigos exalça as grandezas da Imaculada Padroeira de Portugal, descrevendo com largo desenvolvimento as grandes peregrinações nacionais de Maio e Outubro. Na Alemanha o dr. Luís Fisher, lente da Universidade de Bamberg, que veio expressamente a Portugal para assistir à magnífica apoteose da Virgem no dia treze de Maio último, iniciou no importante jornal *Die Schildwache*, de Basel a publicação duma série de artigos subordinados à epígrafe *Fátima, a Lourdes portuguesa*, e está preparando um livro de propaganda profusamente ilustrado para tornar as maravilhas de Fátima mais conhecidas na sua pátria.

Nos Estados Unidos da América do Norte, sobretudo entre a numerosa colónia portuguesa, está muito espalhada a devoção a Nossa Senhora de Fátima, e sacerdotes e leigos, que há dezenas de anos não vinham a Portugal, transpõem o Oceano para visitar a terra santificada pela presença e pelas bênçãos da Raínha dos Anjos.

No Brasil, a querida nação irmã, brasileiros e portgueses dão-se as mãos para atear em terras de Santa Cruz um vasto incêndio de amor à gloriosa Visão dos humildes pastorinhos da Serra de Aire, tendo, entre outros jornais e revistas, o *Mensageiro do Rosário*, de Uberaba, Estado de Minas Gerais, descrito com todos os pormenores os factos extraordinários ocorridos em Fátima e reproduzido alguns artigos da *Voz da Fátima* que, pelo Brasil imenso, despertaram o mais vivo interesse e produziram um bem muito grande. Do Norte ao Sul da nobre nação irmã ergue-se um côro de hossanas e louvores à Virgem bemdita que no centro geográfico da nação fidelíssima se dignou colocar o seu trono de amor e misericórdia, fonte perene e inexgotável de graças e bênçãos preciosíssimas para o mundo inteiro.

Visconde de Montelo

PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DA FÁTIMA

FESTA DA PÁTRIA

12, 13 e 14 de Agosto - 1929

Meus caros diocesanos:

O amor à Santíssima Virgem está em tôdas as páginas da história de Portugal unido ao amor da Pátria.

E Nun'Alvares, a suprema glória da nossa raça, aquele a quem devemos a independência e a quem a Santa Igreja eleva às honras dos altares sob o nome de Nuno de Santa Maria que êle mesmo escolheu quando abandonou honras e riquezas para se entregar todo a Deus no convento do Carmo, é o modelo do amor à Virgem, Senhora Nossa, e à Pátria.

Pertenceu-lhe Ourém e é na Fátima, frèguesia do seu Condado, que Maria Santíssima tem espalhado as maiores graças e bênçãos sôbre as almas, atraindo ao seu novo santuário milhões de peregrinos.

A Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira, com séde em Lisboa, numa alta compreensão de patriotismo, resolveu, a exemplo do ano passado, vir em peregrinação a Ourém, Fátima e Batalha, celebrar a festa da Pátria.

Associando-me a tão benemérita iniciativa, convido os meus queridos Diocesanos a acompanhar os nossos ilustres Hóspedes.

O programa, nas suas linhas gerais é o seguinte:

Ourém — Dia 12 — Visita ao Castelo — Alocução pelo Snr. Tenente Gomes dos Santos.

— Ás 17 horas (3,30 h. solares), *Te Deum* na Sé de Ourém, presidindo e pronunciando uma alocução o Prelado de Leiria;

— Visita ao Cruzeiro do Regato, discursando o Senhor Doutor Costa Lobo, Lente da Universidade de Coimbra.

Fátima—Dia 12. Ás 22 horas procissão das velas.

Dia 13 — Á meia noite, adoração do Santíssimo, seguindo-se as cerimónias mensais das peregrinações.

Batalha — Dia 14 — Ás 9 horas —Missa em honra do B. Nuno e alocução pelo Prelado de Leiria.

Visita ao túmulo do Soldado desconhecido.

— Alocução pelo Sr Dr. Ferreira Deusdado, de Lisbôa.

— Visita à Capela de S. Jorge discursando o snr. Tenente coronel Costa Veiga.

Espero do zelo e patriotismo do rev. clero e fieis a colaboração entusiastica nesta comemoração tão solene para honra da nossa terra.

Esta circular será lida e explicada pelos Rev. Parocos e Capelaes á Santa Missa para conhecimento de todos.

Leiria 26 de julho de 1929.

(a) † JOSÉ, *Bispo de Leiria*

AS CURAS DE FATIMA

Paralisia completa do braço e perna esquerdos; 6 anos de inação forçada.

E' pela segunda vez que venho, neste jornalsinho, escrever umas linhas, ditadas pelo prazer imenso dum crente sincero, que Deus quiz haver contribuído para o conseguimento da grande cura, verdadeiro milagre, que vou relatar, na pessoa da minha cliente Emilia de Jesus Marques, da Vila de Louzada.

Da primeira vêz referi a cura assombrosa que, em 13 de Outubro, N. S.ª de Fátima concedeu a D. Maria Margarida Teixeira Lopes; a sua narrativa veio feita, salvo o erro, na *Voz da Fátima*, de 13 de Fevereiro do ano corrente, e deixou no meu espírito gravada, bem funda, a convicção de que os casos clínicos, para cujo alivio ou favorável tratamento o médico exgota, inùtilmente, o mais persistente esfôrço, não devem ainda arrumar-se para completo abandono.

O meu coração sensibilisou-se tanto e tanto mais perante a impressão de esperança e fé que, na doente de que venho hoje tratar, despertou a cura de D. Margarida, quanto é certo que, para ela, era um quási impossivel a realisação daquilo que supunha ser um sonho: *ir a Fátima!*

Assim tocados o meu espírito e o meu coração, neles ficou desde logo determinado que à pobre doente se reservaria um lugar no meu carro, no caso, quási certo, de a Fátima voltar minha família na primeira peregrinação de Maio; não a fiz sabedora dêste propósito senão à última hora, aí por 6 dêsse mês, não fôsse aparecer qualquer inesperado contratempo que impedisse a viagem; alimentei-lhe, porém, sempre a ideia da possibilidade de realisação do sonho que tanto acarinhava: bastava que a mesma N. S. de Fátima assim o permitisse.

Dois traços da história da doente

Há cêrca de 17 anos, tendo 15 de idade, começou esta doente a sofrer de perturbações gástricas tão importantes e graves que seu falecido pai se viu forçado a recorrer à medicina especialisada depois de, sem proveito, haver buscado, por vários médicos, o desejado alívio aos sofrimentos de sua filha.

D. EMÍLIA DE JESUS MARQUES

Tendo sido consideràvelmente nutrida e saüdável, definhava de dia para dia, zombando a doença de todos os tratamentos; a medicina especialisada em doenças de estômago, guiada pela mão abalisada do Ex.mo Dr. Pinto Leite, coisa alguma conseguiu: os regímens exclusivos e consecutivos de leite, peixe, farinhas, nada aproveitaram, sorrindo escarninhamente a balança aos melhores propósitos e bons desejos tanto do médico como da doente.

Foi em tais condições que comecei a prestar os meus cuidados clínicos à doente que circunstâncias económicas obrigavam a pôr de parte os tratamentos distantes e mais dispendiosos, portanto, da medicina especialisada; são 15 anos de trabalho diário que conto no activo do meu melhor esforço de bem fazer.

Neste lapso de tempo, bem curto para quem tem saúde, mas parecendo interminável para quem verdadeiramente sofre e para quem, por sentimento e por brio profissional, se vê quási impotente para debelar teimosos sofrimentos, promovi que a doente se apartasse da família, fazendo uma temporada em Caldelas e outra na Foz do Douro. Tudo inútil, absolutamente inútil.

A êsse tempo, claro é, ainda a doença, a-pesar-de tudo, era nada, pode dizer-se: havia movimentos, a doente não tinha paralisias.

As perturbações gastro-intestinais constituíam as tintas mais vivas do quadro, mas desenhavam-se já, de certa forma, os estigmas de um fundo nevropático; a sua clareza impunha-se mesmo, e assim é que o então clínico de Caldelas, a quem por carta preveni da localisação principal de determinadas algias, teve ocasião de verificar, com alguma surpreza; era possível, era natural que êste isolamento do meio familiar, que a mudança de ares, que o uso de douches, etc., utilisassem, exactamente pela indicada razão, mais que suspeita, da natureza nervosa dos padecimentos.

Foi tudo em vão como, da mesma maneira, o foi a estada na foz do Douro.

Que fazer?

Tudo quanto ao meu alcance pude: alimentação forçada sob o sono hipnótico; injecções tónicas de tôda a ordem; sugestão em estado de vigília; aplicações eléctricas em choques, em banhos; massagens manuais e mecânicas...

Resultado? Um pouco mais de pêso, um pouco mais de fôrças, mas... pondo de parte suavemente estes meios, que não podiam ser definitivos, o retrocesso era sempre certo!

O mal mantem-se, o mal progride e a marcha começa a tornar-se difícil por causa da perna esquerda que *incha, que se esquece.*

Chega-se à permanência quási completa no leito; há édêmas e mortificações de tecidos, no braço esquerdo, pesado, violáceo, frio de mármore; passam meses e o braço, por favor de banhos quentes, massagens manuais e eléctricas, volta a mexer-se e a doente, já definitivamente condenada ao leito, intertem-se, ao menos, mata as horas intermináveis da sua vida, trabalhando em malha.

Come, desde há muito tempo já, apenas uma vez por dia, e pouco, muito pouco, com a minha assistência e alguma imposição, mas sempre graças ao auxílio de uma injecção prévia que lhe esbate, que lhe diminue um tanto as dôres fulgurantes provocadas pela chegada ao estômago da mínima parcela do alimento mais inocente

Decorre o tempo sem mutação sensível da tela, até que me cabe a vez de ficar de cama por espaço de 15 dias; durante êsse tempo, aplicadas as injecções diárias por uma pessoa amiga, foi, todavia, a alimentação mais precária, mais diminuta: fui encontrar a doente consideràvelmente mais abatida e com o seu braço esquerdo em completa retração espasmódica e sendo inúteis tôdas as tentativas de distenção, pelas dôres provocadas e pela resistência muscular; nem banhos, nem massagens, nem sugestões, nem coisa alguma produziu benéficos efeitos.

Estava na ordem do dia a ideia de «Pansifilisa» hereditária ou adquirida, como a grande causadora de todos os males.

Sem resultado apreciável o uso de injecções mercuriais, apliquei os novos preparados de bismuto que, numa 1.ª série, lograram despertar algumas esperanças, produzindo-se a flacidez do braço e uns leves *movimentos dos dedos polegar e indicador;* foi tudo.

A instâncias da doente, foram repetidas várias séries do mesmo preparado (Tréposan), que mais nada deram de bom e definitivo: os dois membros esquerdos continuaram, anos seguidos, em estado de inutilidade, paralíticos, impotentes, até ao dia 13 de Maio próximo passado.

Anunciada à doente a boa nova da sua ida a Fátima, se as suas fôrças o permitissem, do que eu muito duvidava, foi com alvorôço e confiança máxima que me declarou não haver coisa alguma que a demovesse, nem a possível morte durante a viagem: eu, que lhe proporcionava o ensejo de ver realisado o seu grande sonho, havia, estava certa, de ter a caridade de não deixar o seu cadáver abandonado na valeta da estrada; fá-lo-hia transportar para junto de sua família.

Foi, pois, mesmo na hipótese de efectivar-se um grande desgôsto, que eu, de bom grado, parti com minha família e com a doente para a Cova da Iria.

Pela madrugada do dia 12 de Maio, estávamos em marcha, interrompida junto do templo de S.ta Cruz de Coimbra, por volta das 9 horas, para assistirmos ao S.to Sacrifício da Missa, o que não tentaram fazer a doente e minha mulher que, ambas, permaneceram no carro, tal era o péssimo estado de saúde de uma e de outra.

Até aqui, e porque era magnífico o estado das estradas, veio a doente amparada por uma sua irmã, com grande sofrimento mas sem perturbação de maior.

A poucos quilómetros de Coimbra, e rodando já sôbre a esburacada estrada de Condeixa, perdeu a doente os sentidos caindo em síncope; procurei despertá-la o que não consegui; dei-lhe em socorro do pulso filiforme, quási imperceptível, uma injecção de caféina; seguimos cautelosamente, de vagar, até às portas de Leiria onde, finalmente, voltou a doente a recuperar os sentidos.

Sem alimentação alguma desde a tarde do dia 10, pois havia sido deposta totalmente a refeição do dia 11, seguimos, já agora, esperançados de chegarmos a Fátima com a nossa doente em condições de a N. Senhora pedir o restabelecimento dos seus movimentos há tanto tempo perdidos, e as melhoras de seus velhos sofrimentos.

Chegamos, emfim, pelas 4 e meia horas da tarde, dirigindo-me sem mais delongas a procurar dois leitos no hospital, que me haviam sido prometidos por S. Ex.ª Rv.ma o Snr. Bispo de Leiria, onde pudessem repousar e pernoitar esta e outro doente (meu irmão P.e Hermano Amândio) que eu também acompanhava dos meus cuidados; feito isto, o que não foi sem algumas dificuldades, resultantes da infinidade de pessoas a atender, fizeram os beneméritos maqueiros o transporte de ambos os doentes. O espanto dos circunstantes era tão grande, ao verem o aspecto da doente, que aos meus ouvidos chegou, por vezes, bem nítida a censura contra os médicos ou contra quem consentia que doentes assim, nó estado já de cadáveres, saissem de suas casas!

Aquela noite de 12 para 13 foi verdadeiramente tormentosa para a doente cujo estado de fraqueza, sem alimentação de qualidade alguma, mal podia consentir aquele bulício constante más inevitável, sem dúvida, nas circunstâncias emergentes.

Pela manhã do dia 13 recebeu a doente a sagrada comunhão, outro tanto fazendo tôdas as pessôas que por ela se interessavam; seguidamente foi levada na maca, outra vez, do hospital para o recinto dos milagres, onde ficou deitada numa enxerga, na unção máxima de fervoroso crente, aquela meia duzia de horas seguidas.

O que se passou depois não o pude saber directa e pessoalmente porque os meus cuidados estavam repartidos pelo meu outro doente; deixei-a entregue a sua irmã, depois de bem ter prevenido para o fim dos ofícios divinos os nóvos serviços dos dedicados servitas máqueiros. Em dada ocasião, não sei quando, mas ao dirigir-me para o local onde estava meu irmão, ao fundo do recinto, vi de relance, mas quási não crendo, que a doente resava de joelhos e mãos erguidas!

Realmente, não foram precisos os maqueiros para o transporte ao automóvel, onde minha mulher já estava para preparar o logar e receber a doente; é esta quem o conta: «ao entrar N. S. no recinto reservado sentiu lógo, logo em si a convicção de que ia andar! Tentou ajoelhar e pôde fazê-lo; ergueu as mãos ambas apertadas ao seu têrço que resava e resou com mais fervôr, se é possível!

Levantou-se e teve muita vontade, muita, de cantar com todos, e cantou! Entendeu dispensar a maca e procurou andar seguindo por seu pé, junto dos maqueiros, para o hospital; levaram-na ao posto de verificações! É um encanto de franca devoção assistir a um facto dêstes: um milagre autêntico, evidente faz estremecer os corações; faz verter lágrimas, copiosas de alegria; determina semblantes risonhos animados duma vida extranha comunicativa! E o milagre tinha-se dado, palpável sem a menor dúvida para quem conhecia esta paralítica ha bôa meia dúzia de anos; para quem a viu entrar na Cóva da Iria mais cadáver do que ser vivo; para mim que, durante tanto e tanto tempo, envidei todos os esforços para a arrancar do leito; para ela, sobretudo para ela que, não duvidando de tôda a minha bôa-vontade, era forçada a reconhecer que muitas vezes há de ser precisa a intervenção divina para aliviar-nos e livrar-nos de sofrimentos!

No posto de verificação entrei mais tarde, quando me solicitaram a minha presença na qualidade de médico assistente; desejavam os meus numerosos colegas, ali reunidos, ouvir de mim a história resumida, mas clara, verdadeira do caso. Contei, mais ou menos, o que já relatou a *Vós da Fátima* de 13 de Junho. Disse a verdade que hoje repito.

Este caso de cura e o caso de D. Margarida Teixeira Lopes, produzido em 13 de Outubro de 1928, são dois milagres verdadeiramente assombrósos.

28 anos de clínica, exercida com devoção e carinho, não permitem dúvidas em casos desta ordem: os meios scientíficos manifestaram-se de incapacidade absoluta; havemos de crer que outro «valôr mais alto» e só êle poderá, em casos taes, demonstrar à evidência a sua fôrça.

Que estas duas miraculadas eram dois exemplares de nevrópatia, de grande hysteria mesmo, póde dizer-se e dir-se-há uma grande verdade; podem dizer-se muitas babuseiras caídas dos lábios leigos de muita gente e até de médicos; sei isso, acredito que se dizem. Mas que valor têm essas babuseiras venham elas donde vierem? Têm o valor da inconsciência na maior parte dos casos, ou tem o valor demonstrativo de uma falta de observação clínica minuciosa, cuidada como deveria ser.

Que estas curas são efeitos de sugestão ao alcance de qualquer médico ou, pelo menos de especialistas, ouve-se dizer!

Onde estará o médico, o especialista que, por tal fôrça de sugestão, faria desaparecer, terminar a série de mais de 500 abcéssos subcutaneos que, por espaço de 8 anos atormentaram a D. Margarida Teixeira Lopes? Onde quem, depois de 6 anos de paralisia completa, faria andar mais de meio kilometro, imediatamente, uma entrèvada como aquela de que venho tratando?

Por acaso, sei perfeitamente até onde pode ir o nosso poder sugestivo de médico; empreguei muitas vêzes a sugestão com algum proveito, mas sempre pequeno, muito pequeno e vi, por meus olhos também, até onde póde ir esse poder de sugestão especialisado; vai perto, muito perto.

Houve sugestão? Talvez, mas que importa? Sugestão de quem? De quem póde mais do que nós: sugestão sobrenatural —sugestão altíssima!

Bemdita sugestão e que ela nos apareça sempre e quando os nossos recursos, os nossos esforços resultem inúteis à cura de tão queridos e lastimáveis doentes!

Bemdita sugestão a cujos resultados, como os dêstes dois casos a que me reporto, chamarei sempre milagres; bemdita sugestão!

Á miraculada de Maio, Emília de Jesus Marques, nunca mais, depois do regresso de Fátima administrei refeição alguma; tem ainda sofrido bastante, é certo, do seu estômago, mas êle vai tolerando alguns alimentos que a própria família lhe faculta e ela toma por suas mãos e sempre na viva esperança de que as melhoras irão seguindo até ao conseguimento das fôrças precisas.

Estas linhas escrevo-as da estância da Tôrre, em Entre-os-Rios, onde me encontro a repousar uns dias, na convicção de que, ao voltar a Louzada, irei encontrar a miraculada muito minorada dos seus incómodos e sempre, fortalecida pela sua grande fé, na esperança de cura completa de todos os seus males.

A fotografia que acompanha êste relato, foi tirada dois ou três dias depois da vinda de Fátima, no quintal da casa de sua mãe, onde a doente desceu por seu pé, propositadamente para êsse fim; conserva ainda hoje todos os movimentos que Nossa Senhora lhe permitiu em Fátima.

Joaquim Hermano Mendes de Carvalho

Hérnia.

Teotónio Pereira Damazio, de 60 anos, morador junto à estação do Monte Real

TEOTÓNIO PEREIRA DAMÁSIO

(linha de Oeste) na frèguesia do Souto da Carpalhosa, sofria desde criança de uma hérnia, que nos últimos tempos o reduziu a um estado tão aflictivo, agravando-se cada vez mais, que era inevitável uma operação.

Neste estado, êle que é piedoso, freqüenta os Sacramentos e vive numa frèguesia onde há mais de 50.000 comunhões por ano, lembrou-se de recorrer à intervenção de Nossa Senhora de Fátima, prometendo ir a Fátima cinco vezes se melhorasse.

Demorando-se as melhoras, começou as cinco peregrinações e, com grande espanto seu, verificou que depois da segunda a hérnia tinha desaparecido, deixando apenas uns ligeiros vestígios que nada o prejudicam. Já lá vão 18 mêses e a cura permanece, deixando-o livre para os seus trabalhos de carpintaria, talha, pintura e dourador em várias igrejas destas regiões.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte.....	163.680$10
Papel, composição e impressão do n.º 82 (62 200 exemplares).....	3.370$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas e outras despesas.....	1 319$10
	168.369$20

Subscrição

(Abril de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jornal pelo correio: Pura Rodrigues Ramos, Guilherme Henriques, Gracinda Lopes, José Agostinho Fernandes, Ana Maria Clarin de Ornelos e Vasconcelos, Sofia Regalão, P.e José Henriques de Almeida, Cecília Correia Costa, Maria Amelia Ferreira (15$00), Francisco Fernandes Pombo, Manuel Francisco Malheiros (15$00), Barbara Martins Teixeira, P.e Roberto Maciel, Maria Isabel Fernandes, Maria do Espírito Santo Corrêia, Américo Augusto Pereira da Fonseca, Margarida Rosa Pereira, Agostinha Gonçalves, Maria Gertrudes da Silva, Maria do Carmo Pereira de Lacerda de Penalva (20$00), Julièta Souza, Maria da Conceição Coelho, Maria C. Novoa (50$00), Guilherme Rosa da Silva, Francisco Manuel de Medeiros Correia, Alberto Santos Nogueira, Ana da Conceição Azevedo, António Barroca Delgado (20$00), Maria Amelia Vieira de Carvalho (20$00), Eliza de Lourdes Mesquita, Luciano Cordeiro Gonçalves, Ermelinda Faria da Cruz, Manuel Fernandes da Silva Lage, Maria Leonor de Freitas, Maria Augusta de Oliveira, Ana de Jesus, Maria de Alarcão, Maria de Lourdes da Cunha Bernardino, Alfredo Miguéis, Luiza Angélica Gomes de Freitas, Joaquim Duarte de Oliveira (50$00), Ema Luff Sampaio, Luiz Cipriano Esteves, Maria do Carmo Gonçalves da Silva, Maria Barbosa de S. P. Vinagre Preto, P.e António Henriques Pereira (20$00), Maria José Ferreira Paulino (20$00), Francisco Fernandes Bexiga, Angelina Dias do Espírito Santo (20$00), Adelaide Ribos da Costa, P.e Joaquim António Vieira, Agostinho Ribeiro, Aurora Antunes (12$50), Maria da Conceição Fonseca (15$00), Margarida de Sousa (12$50), Eduardo de Moura Borges, Victorino Luís Filipe (15$00), Emilia das Dôres Delgado Tôrres, Manuel Coelho de B. Borges, Maria José Moniz, Maria Eugénia Ferreira Veríssimo (30$00), Maria José Bagulho Fernandes, Catarina Bagulho de Sant'Ana Marques, Maria Joana Bagulho Correia, Maria da Conceição de Arouca Assis, P.e Horácio Ribeiro de Castro, Maria Genoveva Drumond, Amalia da Luz, Dr. António Cagigal, Julia Pais Falcão, Hermínia Ferreira Marques, José dos Santos Ferreira, Manuel Gabriel, Maria da Encarnação Almeida, Maria da Conceição Arruda, Dr. Francisco Gomes de Ornelas, Mariana Guiomar, P.e José Botelho Amaral, Izabel Souza Aguiar, Alexandre Bernardo Simão, P.e José Viveiros Cabeceiras, Joaquina Maia Medeiros, Manuel Pedro da Câmara, P.e Fernando Augusto da Silveira, Maria Emilia Firmo, Celestina dos Santos Reinas (20$00), Maria Izabel Monteiro Reinas (50$00), Ana da Fonseca Alves, António Monteiro Balcão (15$00), Antônio Baptista.

Donativos vários e na de-tribuição de jornais: P.e Francisco Pereira S. J., 89$30; P.e Daniel Correia Rama, 50$00; Joaquim da Silva Carvalho, 86$80; Leopoldina Curado, 25$00; Manuel Fernandes Soares, 50$00; Leopoldina da Silva, 50$00; Alice Rodrigues Leão da Silva, 105$00; P.e Carlos Jorge de Faria e Castro, 130$00; Joaquina Rosa Ramalho, 15$00; Família Leal (Paço d'Arcos), 56$60; Amelia Lopes de Mendonça (Coruche e Salvaterra) 150$00;

Maria Judith Rabaça Gaspar, 93$00; P.e João Xavier Madenga, 120$00; Clotilde de Almeida, 50$50; P.e António Francisco de Freitas, 60$00; P.e António Delgado, 200$00; Igreja da Misericordia da Póvoa de Varzim, 97$05; Adelor José da Silva, 100$00; P.e José Rodrigues dos Santos Lima e Silva, 250$00: doentes do Sanatório de Semidi, 68$00; Eugénio Howell Mendonça, 50$00; João Graralho Mergulhão, 30$00; Augusto Baptista Rodrigues, 40$00; António Pereira Sardinha, 25$00; Mario Cabral, 20$00; José Joaquim de Oliveira, 15$00; Luís Maria Fernandes Frechot, 50$00; Artur Nunes, 20$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira, 61$00; Maria das Dôres Tavares de Souza, 50$00; Maria M. dos Remédios, 100$00; P.e Manuel Vieira 90$00; António J. Fernandes, 45$35; P.e Alfredo Correia Lima, 50$00; José Ferreira da Costa Pinto, 17$50; Idalina D. de Oliveira e Maia 108$00.

Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, pela Ex.ma Sr.a D. Maria Matilde da Cunha Xavier, no mês de Junho de 1929, 46$00; idem idem no mês de Junho de 1929, 27$50; na Igreja de S. Mamede, pela Ex.ma Sr.a D. Noemia Rolo, no mês de Junho último 10$00.

UM CASAMENTO CRISTÃO

Tive já ha tempo conhecimento duma carta íntima que me encantou.

É duma rapariga recentemente casada, a contar a uma amiga a festa do noivado.

E porque de toda ela, num à vontade surpreendente de quem escreve uma carta íntima, se apreende um profundo sentimento cristão a perfuma-la como perfumara a festa não resistimos à tentação de a públicar, mudando os nomes.

Talvez sirva de Modêlo e luz a muitas das nossas leitoras:

«Querida Inês

Recebi já ha muitos dias a tua linda carta de parabens pelo meu casamento.

Sabes que chorei ao lê-la?

Se me preguntares porquê não to sei dizer bem.

Pois os teus parabéns eram tão ardentes, tão sinceros, tão do fundo do coração!...

Mas que queres? A-pesar disso, porisso mesmo é que eu chorei. Chorei de pena de te ter tão longe; chorei de alegria pela nossa amizade que nada pode quebrar: Nem a distância nem o rumo diverso por que cáda uma segue na vida.

Muito obrigada em meu nome e no de Meu Marido que te não conhece mas te estima por saber da Nossa grande amizade. Compreendes que a gente agora poz tudo de meias: bens, relações amizades conhecimentos — tudo.

Has-de desculpar-me aquêle frio cartão de participação de casamento. O tempo não dava para mais.

Hoje, sobretudo após a recepção da tua cartinha sinto necessidade de desabafar contigo a contar-te muitas coisas íntimas que has-de gostar de conhecer.

Mas, como nós — as mulheres — ,não somos lá muito fortes em questão de ordem e método sôbretudo a falar ou escrever vou-me esforçar por começar do princípio até agora.

Faço de conta que é uma longa conversa contigo.

Eu não te dispenso de dontro em breve vires passar alguns dias connôsco.

Conversaremos então longamente.

Há aqui na propriedade em que vivemos um sítio lindo que convida a isso.

Has-de ver. É um pedaço do Minho. É uma grande toiça de castanheiros viçosos e altos, tão densos que num pequeno largo formado por eles não penetra restea de sol.

Levantaram alí uma mêsa rústica. Assentaram-lhe em volta uns bancos toscos que as cepas de castanheiros velhos substituem aos poucos. Em poucos cantitos de terra aqui e àlém vicejam e florescem já plantas de jardim em que a vista se descança e deleita.

E' ali que eu passo longos bocados a trabalhar de mãos se o sono me não vem docemente tomar encostada a algum tronco ou o marido me não vem entreter com suas loucuras de enamorado.

Das raízes dos castanheiros a pouca fundura rebenta uma nascente de água cristalina que depois de dar vida a um bando de Miosótis, os abandona precipitando-se logo alí na corrente em dôce murmúrio.

Ao fundo a Nossa casa, que também é tua.

Em volta uma moldura de verdura:

Ao longe, na encosta, vinhas e arvoredo; mais perto pinhal farto, souto de castanheiras; do outro lado pendidos sôbre a ribeira a reverem-se nas águas e a chorarem nelas galas de outros tempos, longa fila de carvalhos gigantescos que o cimo da tôrre, visto cá de baixo, mal sobrefuja.

Junta-lhe os milharais verde escuros e a emergir do meio dêles uma ilha de salgueiros e ulmeiros.

Tens aqui em quadro mal delineado o ambiente que te espera todo perfumado, crê, da muita amizade da tua Clementina.

Quando vens?

Ah! mas afinal ainda não comecei. Bem dizia eu.

Não te zangues! Tem paciência! Faze de conta que me estás a aturar num daquêles dias — raros graças a Deus — em que longamente ia despejando no teu coração amigo a amargura de que o meu estava cheio.

Outros chamariam criancice a isto que tu, minha íntima, sabes faz o meu deleito.

Vou-te descrever a festa do meu noivado.

Mas tenho de resumir, se não, assim, nunca mais acabo.

Foi um dia de grandes comoções e de grande felicidade. Tenho tanto que agradecer a Deus!

O casamento foi cedo. Eram umas nove horas quando em casa de meus pais na sala que tu já conheces, se procedeu ao registo civil.

Assisti ao acto com um traje vulgar de passeio.

Levava aquele vestido simples, côr de grão, e fui em cabelo.

Quizémos intencionalmente dar ao acto a menor importância possível.

Se o empregado veiu a casa foi apenas para não termos de juntar o acto civil com a celebração do matrimónio, o que me magoaria.

Temos de frizar bem esta distinção para que sobretudo as pessoas do povo se encham de muito amor e respeito para com o sacramento.

Deu-me vontade re rir quando o empregado—a fingir de padre—começou a dar-nos conselhos sôbre a vida matrimonial.

Coitados!—

Depois fui-me vestir de noiva.

Dizem que ia linda.

Não sei. Sei, porém, que aquêle vestido branco de neve, aquêle véu tão vaporoso a cobrir-me, o ramito e a corôa de flôr de laranjeira me ficavam bem.

Vesti-os com a consciência e a certeza de, por graça de Deus, me pertenceram.

Nosso Senhor me perdõe se isto é orgulho mas eu creio que não, pois bem sei que, sem a graça de Deus, seria capaz de tudo.

Mas ajudados por Êle nós fizemos que Êle presidisse sempre a tôdas as nossas entrevistas e posso dizer-te com a mão na conciência e com a alma a trasbordar de alegria— (Deus bem sabe que falo verdade)— que não houve nunca uma palavra, um gesto, um olhar que Êle não pudesse aprovar.

Ah! Como aquele vestido branco, imaculado, sabe bem assim!

Como tôdas as raparigas vigiariam muito mais se imaginassem sequer a inefável consolação daquele dia para uma alma pura.

Bemdito seja Deus que assim me quiz premiar!

(E' claro, minha querida, que isto é dito só para ti; quem me não conhecesse rir-se-hia de mim).

Presidiu ao acto o meu irmão. Tinha-me prometido de brincadeira já há muito e quis cumprir a sério o que prometera.

Estava nervosa. Disse um «sim» quási imperceptível, que êle exigiu repetido um pouco mais alto.

Minha mãe chorava como chorara já ao despedir-me de casa dela para a do meu marido.

Não sei que teem as almas das mães. Parece que teem uma raíz na de cáda filho e talvez seja por isso que pouco duram se a Providência lhos leva todos.

Como uma raíz lhe levar uma grande machadada chorava assim.

Que eu também chorava.

Houve a seguir Missa a que recebi a bênção nupcial. Comungámos os dois e vários membros da minha família.

Gostei tanto de o ver ali a meu lado a alimentar-se do Corpo do Senhor!

Antes da bênção meu irmão fez uma pequena alocução mas vibrante, muito sentida.

Aquela, sim, era a voz do alto.

Apesar-de ser meu irmão a figura dêle, muito direito, acima de nós, envolto nas vestes sacerdotais, tinha algo de fascinador.

E quando na sua voz grave mas bem timbrada nos foi recordando os deveres do novo estado, as suas palavras iam-nos até ao fundo da alma como se o próprio Deus nos falasse.

E era Ele, na verdade, a falar-nos pela boca dum seu ministro, que era também meu irmão.

Aquelas palavras tão simples tão sóbrias, mas tão sentidas, comoveram-nos a todos e eu chorei de saüdade a valer enquanto até os olhos dos homens deixavam escapar algumas lágrimas brègeiras.

Quando à saída famos a assinar no livro dos assentos preguntou-me que era que tinha, se não estava contente e, enquanto, em resposta que não esperava, meu marido lhe dizia «Pois o senhor faz-nos chorar» êle, de olhos ainda húmidos, dava-me um abraço de parabéns e um beijo na testa, em geito de muito afecto.

O almoço, um almoço em família, decorreu muito bem muito animado.

À noitinha, antes do jantar, meu irmão acompanhado de todos os comensais procedeu à bênção da casa e do tálamo.

Foi uma cerimónia muito simples que êle em duas palavras explicou aos assistentes.

Em seguida meu marido fez a Entronização do Coração de Jesus.

Fiquei radiante em ver o Mestre a reinar na nossa casa, no novo lar.

A imagemzinha do Coração de Jesus ficou ali desde o dia do meu noivado a tomar conta de nós.

Não achas lindo?

Por mim digo-te que não mais me esquecerá.

O jantar deitou para tarde mas olha que não houve dança.

Seria a meu ver uma nota destoante na nossa festa.

E todos sentiam assim.

Quando todos se foram apoderou-se de mim uma nostalgia forte.

Era o corte da minha vida de solteira, de filha de família para começar a ser uma dona de casa.

Mas quando meu marido me preguntou se ficara contente com a festa pude dizer-lhe com tôda a franquesa:

«Correu tudo na melhor ordem e da maneira que eu reputo ideal, pois vi bem que Nosso Senhor Jesus Cristo se podia sentar à nossa mesa, como se sentou outrora à das bodas de Caná. E isto consola...»

Não achas que foi um casamento cristão?

Diante da imagem do Coração de Jesus fazemos diàriamente as nossas orações em comum.

E a vida vai correndo tão bem que me dá a ilusão duma perpétua lua de mel.

Ah! já me esquecia de te dizer que a passei aqui ou melhor a estou passando ainda, pois não sei calcular quando acabará.

E foi porisso que tanto demorei em te escrever.

Mas pago-te hoje com esta interminável carta.

Hás de ter gôsto em a ler, porque sei que és feliz com a minha felicidade.

Termino oferecendo-te de novo a nossa casa, e enviando-te, em espírito até te ver aqui, um saüdoso abraço de muito afecto.

Mil beijos da tagarela que nunca mais acaba, da toda tua

Clementina»

A modéstia

A modéstia sempre teve muito bom acolhimento na sociedade, porque sómente nos corações despretenciosas é que se encontra esse sentimento. Quem não usa de modestia, retrata o seu íntimo de ignorante, que não compreende o seu valor e o seu dever para com a humanidade.

Numa joven a modestia faz todo o seu encanto. Um rapaz modesto é digno de elogio. Na alma caridosa, só se deve encontrar um pensamento: fazer o bem sem pensar nos elogios que se lhe possam dispensar.

A verdadeira modestia encontra-se no desinteressado. O homem que exerce um cargo elevado e pratica boas obras, não se deve orgulhar. Se sua modestia fôr grande, duplica seu valor. Foi justamente para as pessoas de grandes merecimentos que a modestia foi feita.

Na simples palavra modestia é onde se encontra a candura dos corações bem formados.

As flores também conhecem o merito da simplicidade. O lirio, flôr tão delicada, é a mais modesta entre rosas e açucenas. E onde está o seu encanto senão na expressão da sua singeleza, perante o orgulho de suas ostentosas companheiras? O lírio simboliza a pureza. Essa flor nos mostra que a modestia sobresae a todos os bons sentimentos do homem.

Ha outra flor que nos parece ainda ser mais simples do que o lírio: é a violeta. Ela é a raínha das flores, mas, nem por isso se deixa vêr, e sua simplicidade é tanta, que se oculta entre as suas folhas. A violeta, nos dá um belo exemplo do valor da modestia.

Numa reünião onde se encontrem muitas jovens, a que representa o lírio será a mais modesta: a violeta porém mais encantadora.

A observação das flores ensina-nos a viver.

Atenção!

Nenhum peregrino que saiba ler, deve deixar de adquirir um exemplar do interessante volume de 412 páginas, profusamente ilustrado com esplêndidas gravuras, «As grandes maravilhas de Fátima», da autoria do sr. Visconde de Montelo, que encerra a mais completa história das aparições e dos sucessos miraculosos e cujo produto líquido é integralmente destinado à Obra de Fátima.

Preço: dez escudos.

As más companhias

Num cabaz boas maçãs
Com outras podres juntei;
As podres não melhorei,
E apodreceram-me as sãs.

Que aconteça a um bom assim
Se se une ao máo é razão:
O máo melhora-se? Não:
E o bom empeora? Sim.

Tudo se resume nisto:

«Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens.»

CURIOSIDADES

Oitenta Pontífices romanos são venerados como santos, 31 como mártires e 43 como confessores. Dezenove Papas eram filhos ou parentes próximos de príncipes e outros tantos oriundos de famílias ilustres. Muitos sairam da mais completa pobresa e obscuridade. Além de S. Pedro que foi pescador, Xisto IV filho de pescador foi também.

Alexandre V passou a sua juventude mendigando pelas ruas. O pae de Xisto V era um humilde lavrador e na infancia humilde pastorsinho. Bento XII passou a sua juventude fabricando pão. Urbano IV, assim como Gregório VIII, aprenderam com seus paes o ofício de carpinteiro. Cinco Pontífices dedicaram-se antes disso á medicina. Júlio III era filho de um famoso jurisconsulto.

ANO VII — Leiria, 13 de Setembro de 1929 — N.º 84

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

A peregrinação nacional promovida pela Cruzada Nunálvares aos santuários da Religião e da Pátria

Dias de triunfo e de glória. — Três jornadas incomparáveis.

OURÊM — FÁTIMA — ALJUBARROTA

Nuno o Santo, Nuno o Heroi, redemiu, numa eternidade de glória, a alma cristianíssima de Portugal.

(Palavras dum artigo do distinto professor sr. dr. António Cobeira no número único *Heroi e Santo*, publicado em junho de 1918 por iniciativa da Associação Nunálvares de Santarêm, em comemoração do 5.º Congresso da Federação das Agremiações da J. C. P.)

O Condestável Santo — O seu heroismo na defesa da Pátria — A sua Fé e a sua piedade — A sua devoção à Santíssima Virgem — O seu amor e a sua compaixão pelos pobres.

Os dias 12, 13 e 14 de Agosto foram dias destinados pela ilustre e benemérita Cruzada Nacional Nun'Alvares à comemoração solene da batalha de Aljubarrota e à consagração religiosa e patriótica da épica figura do Santo Condestável D. Nuno Alvares Pereira, cuja admirável figura avulta nas páginas da História de Portugal como símbolo da heróicidade e da Fé. O dia 14 de Agosto é, por uma lei que o Congresso da República unânimemente aprovou, o dia da Festa da Patria. O governo e o Exército associaram-se, por isso, justamente às homenagens que a Cruzada Nun'Alvares, numa elevada noção de patriotismo, teve a iniciativa de prestar, a exemplo do ano passado, ao seu glorioso Patrono e que revestiram uma grandiosidade e um brilho que excederam tôda a expectativa.

A romagem ao célebre Castelo de Ourém, séde do condado de D. Nuno, o «Te-Deum» na Sé Colegiada daquela vila, a visita ao Cruzeiro do Resgate, e peregrinação ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima — a Lourdes Portuguesa, onde, segundo a tradição, o Santo Condestável orou pelo bom êxito da gigantesca empreza que havia de tornar vãs as pretensões de Castela à hegemonia da Península, a missa e o sermão pelo Senhor Bispo de Leiria, na igreja da Batalha, a piedosa homenagem à memória dos soldados desconhecidos junto das suas campas na histórica sala do capítulo, o cortejo religioso-patriotico da Batalha à capela de S. Jorge, as alocuções explicativas do significado da Festa da Pátria e da justificada comemoração da gloriosa acção de Aljubarrota, feitas ao toque da alvorada do dia 14, em todos os quarteis da guarnição militar de Lisboa, o bodo aos pobres nas ruínas do antigo Convento do Carmo, o desfile dos contingentes de todos os corpos da guarnição em continência às ossadas do Heroi e Santo no Largo do Carmo com assistência do senhor Presidente da República e do Governo e finalmente a sessão solene nos Paços do Concelho presidida pelo ministro da Instrução pública, sr. dr. Silva Teles, foram outros tantos números do programa das féstas e outros tantos tributos de amor e gratidão que o coração da Pátria prestou à memória sagrada e bemdita daquele que, na frase lapidar de Oliveira Martins, foi a mais perfeita consubstanciação da alma nacional. E tôdas estas grandiosas homenagens eram bem merecidas pela figura mais bela e mais gloriosa e simultâneamente mais pura e mais completa da nossa história.

A VOLTA DA PROCISSÃO

Possuindo a coragem no seu grau mais elevado — o heroismo, tinha também como Napoleão Bonaparte, além do génio estratégico, o condão singular de incutir o valor e acender o entusiasmo nas hostes confiadas ao seu comando. Nun'Alvares vivia intensamente dessa Fé, sem a qual não ha nem pode haver herois e santos: patriota e cristão, guerreiro e monge, confiava em si, na Pátria e em Deus e foi com a fôrça indomável dessa sua Fé que êle conseguiu salvar Portugal. À sua Fé aliava uma piedade acrisolada, e, dum modo especial, a devoção para com o Santíssimo Sacramento e para com a augusta Raínha do Céu. O seu amor à Sagrada Eucaristia, que é tôda a religião, segundo a expressão do Santo Padre Pio X, levou o Herói e Santo a dizer: «Quem me desejar ver vencido, separe-me dêste sagrado banquete em que o próprio Deus sustenta o homem; só Ele nos dá fortaleza e fôrça para debelar os inimigos».

E a sua devoção para com a Mãe de Deus fez que êle consagrasse ao seu serviço corpo e alma nos últimos anos da sua vida, despojando-se de tudo para se fazer pobre e humilde donato carmelita, servente de frades e irmão de mendigos para quem pedia esmola de porta em porta pelas ruas da capital.

A Cruzada Nacional Nun'Alvares — Romagem ao Castelo de Ourêm e alocução do dr. Gomes dos Santos — «Te Deum» na Sé de Ourêm e sermão pelo ilustre Prelado de Leiria — Visita ao Cruzeiro do Resgate e alocução pelo rev.º dr. Andrade e Silva

A expedição patriótico-religiosa promovida pela Cruzada Nacional Nun'Alvares partiu da estação do Rossio em carruagens privativas atreladas ao comboio do Norte. Tinha por director espiritual o rev.do dr. Bernardo Cabrita, prior da frèguesia dos Mártires, e era superiormente dirigida pelos srs. capitães Afonso de Miranda e Teodósio de Almeida.

A primeira cerimónia oficial da Cruzada passa-se dentro das ruinas venerandas do Castelo roqueiro da velha e gloriosa Ourém.

No largo da Sé Colegiada aguardam a chegada da excursão os rev.dos Carlos Pereira Gens, pároco de Ourém e dr. Luis de Andrade e Silva, diversas irmandades e o povo da frèguesia e das frèguesias limítrofes.

Sôbre as muralhas da vetusta atalaia extremenha, contemporânea dos mouros e do fundador da nacionalidade, fala à multidão, em palavras eloqüentes repassadas do mais puro e são patriotismo, o tenente dr. Gomes dos Santos, que a Cruzada escolheu para seu orador oficial, nesta tríplice romagem religioso-patriótica, àcêrca da divisa que êle disse ser a do Santo Condestável — «Mais alto e mais além», mais alto, para Deus, e mais além, para um Portugal maior.

Momentos depois, na Sé Colegiada, o

Senhor Bispo de Leiria traça, numa eloqüente oração, o perfil do Beato Nuno de Santa Maria, salientando o cristão e o santo, agradece à Cruzada Nun'Alvares esta forte reviviscência do culto religioso e patriótico do grande Condestável, e benze os estandartes de D. João I, Nun' Alvares, Ala dos Namorados e Ordem de Avis.

Por fim, sob a presidência do rev.do dr. Andrade e Silva, é cantado o «Te-Deum» e dada a bênção do Santíssimo Sacramento, após o que todo o povo, que enche, por completo, o vasto templo, desfila em frente do altar-mor para oscular uma relíquia do Santo Condestável.

Ao pôr do sol, os romeiros reünem-se junto do Cruzeiro que foi erguido na raíz do monte e que marca o lugar onde se acha sepultado um irmão do Santo Condestável. Ali o rev.do dr. Andrade e Silva, num breve discurso, proferido com grande entusiasmo, recorda os sucessos históricos que andam ligados a êsse local. Assim se iniciaram solenemente as festas da Pátria, em honra do Herói dos Atoleiros, de Valverde e Aljubarrota.

Procissão das velas e adoração nocturna — Inscrição dos doentes — Procissão, missa e bênção — Sermão pelo Senhor Bispo de Leiria — Procissão de despedida.

Os peregrinos da Cruzada chegam a Fátima precisamente no momento em que começa a procissão das velas, na qual se encorporam. Abre a procissão pelas bandeiras da Cruzada, logo seguidas dos estandartes de várias peregrinações, entre as quais as do Pôrto, Válega, Arada, Mafra, Alcobertas, Azambujeira dos Carros (Roliça) e Ovar, esta última presidida pelo rev.do Nédio de Sousa, distinto professor no seminário Episcopal do Pôrto.

A Cova Sagrada é um vasto mar de luzes. O espectáculo torna-se, de instante a instante, mais imponente. De todos os lados acorrem peregrinos. Contam-se aos milhares. São, na sua grande maioria, gente humilde das oito províncias de Portugal. Súbito ergue-se um côro, entoado com piedade e unção: é o canto do Ave de Fátima, cujo eco se repercute por montes e vales, em louvor da Virgem bemdita, refúgio dos pecadores, consoladora dos aflitos, saúde dos enfermos. A' meia noite, termina a procissão das velas. No altar do Pavilhão dos doentes o Santíssimo Sacramento é exposto solenemente num trono de luzes e flores. Durante tôda a manhã efectuam-se as horas de adoração, que são distribuídas pelas diversas peregrinações presentes. Da meia-noite às duas horas, tempo reservado à adoração nacional, reza-se o terço, fazendo o rev.do dr. Clemente Ramos, professor no Seminário de Evora, a explicação dos mistérios do santo Rosário.

Dada a bênção com o Santíssimo, às cinco horas da madrugada, principiam as missas. Entretanto, na igreja da Penitenciária, numerosos sacerdotes ouvem os fiéis de confissão. Muitos peregrinos passam a noite em frente da capela nova, não se cansando de rezar e cantar. No Posto das verificações médicas começam a ser observados e inscritos os doentes. Preside a êste serviço o ilustre director do Posto, dr. Pereira Gens. A maior parte dos enfermos apresentam doenças graves, tais como baciloses ósseas e pulmonares, tumores cancerosos, dispepsias, doenças nervosas, paralisias, encefalites e úlceras de várias espécies, podendo nós informar que numa das peregrinações há a registar quatro curas ou melhoras acentuadas de que falaremos no próximo número.

Pouco antes do meio dia solar, realiza-se a encantadora procissão em que é conduzida a Imagem da Virgem do Rosário da capela das aparições para a capela das missas. O andor é levado, entre outras pessoas, por três ilustres oficiais do exército membros da Cruzada, os srs. tenente-coronel Freitas Garcia, capitão Afonso de Miranda e tenente Boaventura Militão. Renovam-se, mais uma vez, o entusiasmo, os cânticos e as manifestações tradicionais.

Ao meio-dia solar, o rev.do Manuel de Sousa, reitor do Santuário, celebra a missa dos doentes, com a assistência do Senhor Bispo de Leiria, que no fim dá a bênção com o Santíssimo.

Comove imenso o espectáculo da Fé e resignação dos doentes, vendo-se muitos olhos marejados de lágrimas.

Dada a bênção geral, o venerando Prelado, faz uma breve alocução, exortando os fiéis a consagrarem-se, cada vez com mais devoção, ao culto da Santíssima Virgem.

A procissão de regresso da Imagem à capela das aparições é outra apoteose à augusta Raínha do Rosário.

Os quatro pendões da Cruzada Nun' Alvares rodeiam o andor que é conduzido pelas senhoras da comissão, D. Beatriz Arnut, presidente, D. Maria Hermínia de Sousa, D. Maria Emília de Lemos Franco e D. Alzira Arnut. A frente seguem as servitas e atrás um numeroso grupo da Juventude Católica Feminina de Leiria, que durante as cerimónias da peregrinação se distinguiu sempre pela sua compostura e piedade.

Com o adeus à Virgem estava concluida a segunda parte do programa da benemérita Cruzada Nacional Nun'Alvares — a romagem à Fátima em honra da augusta Padroeira da Nação e do Beato Nuno de Santa Maria.

Missa na Batalha em honra do Beato Nuno — Sermão pelo Senhor Bispo de Leiria — Visita ao túmulo dos soldados desconhecidos e alocução pelo sr. dr. Gomes dos Santos — Cortejo religioso-patriótico à capela de S. Jorge — Alocuções dos srs. Silva e Costa e rev.º Miguel de Oliveira.

Na tarde do dia 13 retiraram de Fátima quási todas as peregrinações. No local sagrado ficaram apenas os romeiros da Cruzada Nun'Alvares e alguns grupos de peregrinos, entre os quais o da Murtosa e o de Albergaria-a-Velha. A noite, à hora do costume, realizou-se uma pequena mas linda procissão de velas, que terminou com a recitação do terço do Rosário junto do padrão comemorativo das aparições. No dia 14 de manhã, todos os peregrinos se dirigiram para o mosteiro da Batalha, afim de assistirem às comemorações do feito épico de Aljubarrota. Era a terceira e última jornada patriótica da Cruzada Nun'Alvares e, como as duas primeiras, decorreu com um brilho e um entusiasmo indescritíveis.

Às 9 horas e meia o rev.do prior da Batalha, dr. Joaquim Coelho Pereira, rezou a santa Missa no altar-mor do maravilhoso templo, com a assistência do Senhor Bispo de Leiria, que no fim proferiu uma bela e eloqüente alocução sôbre a figura admirável do Santo Condestável, descrevendo a largos traços a famosa batalha de Aljubarrota.

Depois reüniram-se todos na Sala do Capítulo, onde jazem, alumiados pela chama votiva e perpétua da Pátria, os soldados desconhecidos de Portugal, cuja campa estava juncada de flores. Aí o tenente sr. dr. Gomes dos Santos falou novamente, com a emóção e o entusiasmo de sempre, numa linguagm bem própria dum nobre e generoso pioneiro do Ressurgimento Nacional, em que anda empenhada a geração do resgate, os novos de Portugal.

Quando terminou o seu primoroso discurso, o venerando Prelado de Leiria e o clero presente recitaram um «memento» pelas almas dos soldados mortos em defesa da Pátria.

Realizou-se em seguida o cortejo religioso-patriótico à capela de S. Jorge. Foi ali, a cêrca de dois quilómetros do mosteiro da Batalha, que esteve hasteado o estandarte do Mestre de Avís no dia glorioso de Aljubarrota. No pequenino adro falaram à multidão o sr. Silva e Costa, enviado especial do jornal « O Século» e o rev.do Miguel de Oliveira, enviado especial das «Novidades».

Por fim o Senhor Bispo de Leiria agradeceu a comparência de todos, pondo em destaque a patriótica iniciativa da Cruzada Nun'Alvares, que poderosamente está contribuindo para o culto da Pátria e dos lugares sagrados.

E, concluida assim a terceira jornada da Cruzada, regressaram os romeiros a Lisboa, depois duma rápida visita à igreja e ao mosteiro de Alcobaça, levando nas suas almas as mais gratas impressões e vivas e fundas saudades dos dias inolvidáveis passados a glorificar o heroico salvador da nacionalidade e a augusta Padroeira de Portugal na terra, onde ela se dignou estabelecer o trono do seu amor, o teatro das suas misericórdias, o manancial copioso e inexaurível das suas graças, dos seus prodígios e das suas maravilhas.

Visconde de Montelo

Para longe de ti a tristesa porque ela faz muias vítimas e para coisa alguma é útil. *Ecl. XXX, 24-25.*

AS CURAS DE FATIMA

Francisco José Tomaz, de Lagêdo (Ilha das Flôres) em carta de 28 de Junho deste ano diz:

«Ex.mo Sr. — Venho pedir-lhe o favor de tornar conhecido dos leitores da *Voz de Fátima*, o que se segue:

Quando em 31 de março pp. eu vinha de bordo do paquete *S. Miguel*, da E. I. de N. que estava ancorado no porto das Lages das Flores, veio-nos esperar minha mulher, e uma cunhada, e eu fiquei muito surpreendido, porque moravamos a, tres leguas de distância. Mas maior foi o espanto, quando me dizem que a nossa mãe estáva muito doente, com uma dor no lado direito, ao pé da hernia, (porque minha sogra tem uma hernia) e é preciso ir ao concelho de S. Cruz chamar um medico, (na Vila das Sages não havia medico).

Eu volto de novo a bordo a falar com o medico de bordo, Ex.mo Sr. Perry da Camara, com quem muito bem me dou. Sua Ex.cia cedeu-me umas injeções, e logo que cheguei a casa administrei-lhe uma que junto com umas cataplasmas, algum tanto a aliviaram mas muito pouco.

Quando em 3 de abril o mal muito se agravou, vou a cinco leguas de distância, chamar o único medico que cá havia o sr. Jaime Osorio, que depois de examinar a doente, detidamente, me diz que o caso da minha sogra é muito complicado.

Trata-se de uma apendicite, junto á hernia; tem os pulmões muito estragados, o coração esta-lhe a falhar e desconfio muito do que se possa dar dentro de umas 24 a 48.h Receitou umas gotas para os vomitos e umas empolas para eu injetar, e disse-me que desse modo, que levasse todos os sacramentos. E eu disse á minha sogra: olhe ha-de confessar-se e comungar em louvor de nossa Senhora do Rosário da Fátima para ficar bôa.

Logo no dia 4 se confessou, e minha filha Maria foi ás Lages, buscar água de Fátima. Assim que a provou, a hernia deixou de teimar em sair mais, mas a sêda era de morte, e o médico tinha-a posto a diéta de leite e muito pouco, e como o mal se agravava cada vez mais, recebeu todos os sacramentos, que ela própria pediu no dia 7, mas sempre usando a água de Fátima, até junto com as gotas para os vomitos.

MARIA RODRIGUES DE FREITAS

No dia 13, porém, cerca das 9 horas diz que, ou sonhou ou por delírio, ou via realmente (o que é mais provavel) uma menina com cerca de ano e meio a dois anos, mais bela que o sol e as estrelas, e que lhe deu agua a beber com que saciou tôda a sua sede.

Foi sonho? Foi delirio? Viu-a?

O certo é que desse instante em deante nunca mais teve sêde e melhorou (posto que não por completo) mas trabalha no serviço da casa. No dia 13 de maio veio cerca de tres quilometros a pé, para vir junto com a família, confessar-se e comungar em honra de N. Senhora e pelas almas do Purgatorio.

O nome da miraculada é Maria Rodrigues de Freitas, 58 anos de idade, e junto vai o seu retrato.

Eu não sou assinante, mas pago a assinatura de minha filha Maria de Jesus Tomás.»

Reconheço e abono a assinatura retro, como paroco da freguesia e testemunha dos factos descritos nesta carta.

Lagedo das Flores, 29 de Junho de 1929

P.e José Furtado Matos

Uma nascida

Gerarda Pereira, da Vila de Chã de Ourique:

«Ex.mo Snr. Dr. Manuel Marques dos Santos

Venho por este meio muito respeitosamente pedir a V. Ex.a se digne tornar público no jornal que muito dignamente dirige, «Voz da Fátima», a seguinte graça de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

MARIA NOGUEIRA (13 MESES)

Minha neta Maria Nogueira de 11 mezes de idade, apareceu-lhe debaixo da lingua uma nascida.

Consultei dois medicos e ambos me diziam que tinha de ir a Lisboa a um especialista para fazer uma operação.

Depois desta resposta vim para minha casa, implorei a protecção de nossa Senhora do Rosário de Fátima e pedi-lhe para que minha netinha não precisasse de ser operada.

Com muita crença comecei a lavar a boca da minha netinha com agua de Nossa Senhora, que ao fim de quatro dias estava completamente curada graças á Virgem Nossa Senhora de Fátima.

Prometi comprar uma mortalha para minha neta e oferecê-la a Nossa Senhora indo nessa ocasião a Fátima visitar a Virgem Santíssima Nossa Senhora com a minha netinha e com a fotografia tornar público na «Voz de Fatima» este tão grande favor.

Muito reconhecida agradeço a V. Ex.a a publicação deste milagre acompanhado da fotografia da minha netinha.»

UMA PENITENCIA SALUTAR

Um dia apresentou-se a Pio IX um homem cujo aspecto e maneiras distintas, indicavam que estava ali uma pessoa educada e nobre. Prostrando-se aos pés do Pontífice, com voz trémula pela comoção que lhe ia na alma, disse:

«Santo Padre, eu desejava confessar-me a Vossa Santidade».

Pio IX não pouco maravilhado pela estranheza do pedido, acedeu às súplicas que êsse homem lhe fazia de joelhos. E ali num recanto da sala, o sucessor de Pedro, em quem Jesus delegara o poder de

perdoar pecados, ouviu a história daquele homem que, se era grande na nobreza, o era também na iniquidade.

Após conselhos paternais e salutares, o Papa impôs ao seu estranho penitente a respectiva penitência sacramental. Aqui, porém, surgiram grandes dificuldades. Aquele nobre senhor, que confessara os pecados da sua vida desregrada entre lágrimas de sincera contrição, recusava-se a aceitar as várias penitências que o Papa lhe dava.

Para jejuar não tinha forças. Para a oração ou leitura não tinha tempo. Desconhecia os instrumentos com que podia castigar as suas carnes e nem sequer lhe conhecia os usos. Para fazer um retiro ou empreender uma peregrinação seria necessário abandonar os seus negócios e isto não o podia êle fazer. Entregar-se a penitências, dormir sôbre a terra nua... não tinha saúde que lho permitisse e depois... era um homem nobre.

Que fazer? Depois de alguns momentos de concentrada reflexão, o Santo Padre levantou-se, abriu a gaveta da sua secretária e tirou de lá um anel que pôs no dedo do penitente. Na pedra do anel, porém, estava gravada uma caveira tendo em volta as seguintes palavras: *lembrate que has de morrer*.

— Por penitência, lhe disse o Pontífice, trará sempre este anel e lerá, ao menos duas vezes por dia, o que nele está escrito. Ficou satisfeito o penitente pois muito desejava obter um objecto que lhe recordasse Pio IX e a penitência parecia-lhe suave. Mas a ela seguiram-se todas as outras.

O pensamento da morte penetrou-lhe o espírito e, se toda a sua vida foi uma prova de que era pesado o anel do Papa, a sua morte edificante provou quanto fôra salutar a penitência.

O FIM DO MUNDO

Durante o século XII no pontificado de Celestino II, começaram a ter curso umas pretendidas profecias relativas aos Papas que governariam a Santa Igreja até ao fim do mundo. São atribuídas a S. Malaquias, arcebispo de Armagh, na Irlanda, falecido em 1148.

Publicamo-las apenas a título de curiosidade, pois se é certo que muitas delas se adaptaram àqueles que se sentaram na Cadeira de S. Pedro, outras, ao contrário, só com grande esfôrço.

Há por outro lado a considerar aquela passagem do Evangelho em que aos Apóstolos que queriam saber o fim do mundo Nosso Senhor respondeu que o conhecimento destas coisas só ao Pai pertencia.

Segundo a dita profecia, ao actual Pontífice corresponderia o título de *fides intrepida* (fé intrépida) assim como a Bento XV o *religio depopulata* (religião despovoada, talvez como alusão aos morticínios da grande guerra).

Pio X teria sido *ignis ardens* (fogo ardente). E na verdade...

Leão XIII, *lumen in cœlo* (luz do céu), Pio IX, *crux de cruce* (cruz da Cruz).

Até ao fim do mundo haveria ainda mais sete Pontífices, isto é:

1.º *Pastor Angelicus* (Pastor Angelico).
2.º *Pastor et nauta* (Pastor e marinheiro).
3.º *Flos florum* (a flôr das flôres).
4.º *De medietate Lunæ* (Da metade da Lua).
5.º *De labore solis* (Do trabalho do Sol).
6.º *Gloria olivæ* (A glória da Oliveira).
7.º «Na última perseguição da Santa Igreja reinará um segundo Pedro, que apascentará o seu rebanho no meio das tribulações, findas as quais será destruída a cidade das sete colinas (Roma) e o tremendo Juís virá vingar o seu povo».

Afinal, o que mais nos deve preocupar não é o fim do mundo mas o do *nosso* mundo que a morte, inopinadamente pode destruir.

E' para êste acontecimento que devemos estar sempre prevenidos.

Para que saibam

Aqui vai uma história autentica, e não inventada.

«Ha pouco, encontrando-me com um grupo de rapazes alegres, meu amigos, perguntei-lhes:

—Donde veem vocês?

—Do baile.

—Do baile? E porque foram dançar?

—Ora essa! Para conhecer as raparigas com quem não devemos casar!»

Um livro admirável

«Há um livro pequenino (diz o filósofo Jouffroy) que se ensina às crianças e sôbre o qual elas são interrogadas na igreja. Lêde êsse livrinho: é o catecismo. Nele encontrareis solução para todas as questões que eu propuz, para todas sem excepção.

Preguntai ao cristão donde vem a espécie humana e êle saberá responder-vos; para onde vai, e êle saberá responder-vos; como vai, e êle saberá responder-vos.

Preguntai a essa pobre criança que não sabe que fazer da sua vida, porque anda ela neste mundo e no que virá a ser depois da morte, e ela vos dará uma resposta sublime.

Origem do mundo, origem do homem, destino do homem, nesta e na outra vida relações do homem com Deus, deveres do homem para com os seus semelhantes, direitos do homem sôbre a criação, nada disso ela ignora.

Quando fôr grande não hesitará sôbre o direito natural, sôbre o direito político, sôbre o direito das gentes. Tudo isso deriva naturalmente, como por si mesmo, do catecismo. Eis o que eu chamo uma grande Religião. Reconheço-a por este sinal e é que não deixa sem resposta nenhuma das questões que interessam à humanidade...»

Avè da Fátima

A treze de Maio,
na Cova da Iria,
apar'ceu, brilhando,
a Virgem Maria.

Côro

Avè, Avè, Avè, Maria
Avè, Avè, Avè, Maria

A Virgem Maria,
cercada de luz,
nossa Mãe bemdita
e Mãe de Jesus.

Nas dores da guerra
o mundo sofria;
Portugal ferido
sangrava e gemia.

Foi aos pastorinhos
que a Virgem falou.
Desde então nas almas
nova luz brilhou!

Com doces palavras
mandou-nos rezar
a Virgem Maria
para nos salvar.

Achou logo a Patria
remédio a seu mal.
E a Virgem bemdita
salvou Portugal!

Mas jamais esqueçam
nossos corações
que nos fez a Virgem
determinações.

Falou contra o luxo,
contra o impudor
de imodestas modas
de uso pecador.

Disse que a pureza
agrada a Jesus,
disse que a luxuria
ao fogo conduz.

A treze de Outubro
foi o Seu adeus,
e a Virgem Maria
voltou para os Céus.

Á Patria que é vossa,
Senhora dos Céus,
dae Honra, alegria
e Graça de Deus.

Á Virgem bemdita
cante Seu louvor
toda a nossa terra
num hino de Amor.

Todo o mundo A louve
para se salvar,
desde o vale ao monte,
desde o monte ao mar.

Já por todo o mundo
se ama o nome Seu:
Portugal a Cristo
tantas almas deu!

Ah! demos-Lhe graças
por nos dar seu Bem,
à Virgem Maria,
nossa qu'rida Mãe!

E para pagarmos
tal graça e favor,
tenham nossas almas
só bondade e Amor!

Avè, Virgem Santa,
'strela que nos guia,
Avè, Mãe da Patria,
Oh Virgem Maria!

Agosto, 1929

Um servita

UMA BOA LIÇÃO

Foi num esplêndido barco que vinha da América para a Europa.

Entre os passageiros vinha um missionário e grande numero de senhoras em cujo vestir, como frequentemente acontece, não predominava a modestia e decência que era para desejar.

Uma tarde, encontrando-se os passageiros reunidos á hora da merenda, uma daquelas senhoras ofereceu uma maçã ao missionário:

— Muito obrigado, minha senhora, respondeu este. Não quero que se prive dela por minha causa.

— Aceite, padre, insistiu a senhora, aceite que lhe fará bem.

— Minha senhora, coma-a V. Ex.ª, que lhe fará ainda melhor que a mim.

— A mim? Porquê? (lhe perguntou a dama).

— Pois...não diz a Sagrada Escritura que, quando Eva comeu a maçã, se lhe abriram os olhos e... se envergonhou de se ver nua?

A senhora córou como uma papoila, nada dizendo, mas no dia seguinte tinha substituido o seu vestido mais em harmonia com o recato que a mulher se deve a si mesma.

Lição dura, mas oportuna e necessaria.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	168.369$20
Papel, composição e impressão do n.º 83 (57.530 exemplares)	3.168$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	552$70
	172.089$90

Subscrição

(Maio de 1928)

Enviaram dez escudos para terem o direito de receber o jornal durante um ano: Maria Izabel Henriques, Laura dos Santos Sousa, Margarida Guedes de Sousa Santos, João Nunes Pedro, Elmina da Cruz Côrte (de jornais, 7$50), Ana Costa Braga, Josefina ..., Manuel Duarte, António Ribeiro da Silva, Ana Rosa Monteiro Baptista, Encarnação Mousinho, Hermano Lourenço, Maria Celestina, Maria Madalena da Silva, Gertrudes Cordeiro (20$00), Margarida Maria, C. da Conceição e Silva, P.e Firmino Salvado Leal, Maria Emília Teixeira Bernaud (20$00), Manuel Lopes Dias (15$00), Miguel Baía Coelho, I. Xavier Fernandes (15$00), Berta Delgado (20$00), P.e João de Oliveira e Sousa, Domingos Martins (20$00), Emília dos Santos, Dr. António da Costa Ferreira, Margarida Adelaide Alves, José Maria de Amorim (20$00), Maria da Conceição Cabral (12$00), António Prates Ribeiro Teles (20$00), Ermelinda Zacarias, Maria Rosa da Cruz Lima, Augusta Mourão, Maria Jacinta Vicente, Maria Domingues Martins, Bárbara Carrilho, Madame Oliveira Monteiro, Laura de Campos Ferreira, Maria Cardoso, Carmen Pereira Costa, Ivone Serra e Moura, Manuela Nunes Sequeira, Maria Augusta N. Peixoto, Rita Marques da Cruz, Elvira Ferreira de Sousa, Maria José Castro, Maria Angélica Tavares, Zacarias Gonçalves, Isilda dos Santos Sousa, Maria da Encarnação Vaz Velho, Maria Amélia Albergaria Nunes (20$00), Maria do Céu Paiva (20$00), E. Marques Vieira, Idumeia J. Duarte, Luís Candido Curto, Delfina Pinto Osório (11$00), Isabel Dias Sarreira, Isidro Marques Baptista, Deolinda dos Reis, Rita de Jesus Barbosa e Sá (12$00), Maria de Jesus Fragoso (20$00), Rosalina da Silva Canhola, Guilhermina Amélia Alvares Fortuna, Adelaide Ribeiro Taveira e Costa (15$00), Manuel Marques Pereira, Maria das Mercês de Bianchi Coelho Borges (15$00), Joaquim Felizardo (25$00), Manuel Piedade (5$00), Dr. António Menano, Maria João Rosado Cabral, Maria Rodrigues da Novoa, Maria da Conceição Mendes Godinho, Emília Augusta de Camões Costa (20$00), Maria José Baltazar Ferreira, P.e José da Silva Lola, Maria do Amparo Ferreira de Távora (20$00), Margarida Pinto Ferreira Leite Soares de Albergaria, Emília de Jesus Bessa, Abrão Francisco Faria Abranches (20$00), Maria da Conceição Pinto, Felipe Dias Ferreira (20$00), Berta da Silveira, Mariana de Almeida Pinto (12$00), Maria Angela da Cunha Rangel, Maria da Natividade Crespo, Francisco F. Brandão, Maria José Godinho (20$00), Dionísia da Conceição Ramiro (15$00), Felipe António Beliz, Cristina de Matos Franco, Maria da Nazaré Ferreia, Amélia Soares Rodrigues, Maria Helena Guimarães, Maria da Natividade da Costa Alves Pereira de Assis Teixeira, Cecília de Castro Pereira, Pompeu Vidal Portela, Felicidade da Conceição Sousa, José de Oliveira David, P.e Roberto Maciel, Manuel Correia, Francisco Julio Correia, Hortense Cardoso, Olinda Correia Teixeira de Vasconcelos Portocarrero, João de Araujo Mourão (20$00), Assinante n.º 3078 (15$00), Assinante n.º 3318 (15$00), Maria do Carmo Martins Mergado (30$00), Raul Pereira Duarte, Joaquim Costa Vicente, Manuel Pereira dos Reis, Visconde de Banho, Maria Isabel Ferreira Pires (15$00), Alexandre Coelho da Costa, Maria Garcia Gomes dos Santos.

De jornais e donativos vários: P.e Agostinho Martinho Vieira, 100$00; Maria José e Silva (graças obtidas e jornais), (90$00); Recolhimento de Meninas Desamparadas, 14$00; Alberto Julio Monat, 79$00; António Vieira Leite, 70$00; Josefa de Jesus, 16$50; Maria Carolina Caetana 196$00; Pároco de Anta 100$00; Maria do Patrocínio Manso, 60$00; P.e

Virgínio Lopes Tavares, 134$00; Irmã Francisca Romana, 41$85; Idalina Rodrigues Pousada, 28$00; Virgínia Lopes, 45$00; duas assinaturas de Gôa, 78$00; donativo de Maria Costa, 40$00; promessa de Maria Maximina Osório, 50$00; promessas, etc. de Maria Amelia Vieira de Carvalho Vieira, 35$00; António Augusto Novais, 30$00; da igreja de S. Mamede, pela E.xma Sr.ª D. N. R., no mês de junho de 1929, 8$00.

Nova capela a N.ª S.ª de Fátima em S. Pedro de Muel

A 12 de agosto celebrou-se a primeira Missa na capela dedicada à Senhora da Fátima na linda vivenda da praia de S. Pedro de Muel do apreciado escritor e poeta Snr. Dr. Afonso Lopes Vieira e oferecida a sua carinhosa e desvelada Esposa cuja acção de apostolado cristão se desenvolve quer em Lisboa quer naquela praia com muito proveito para os pobresinhos.

Foi celebrante o eminente professor da Universidade de Lisboa Snr. Doutor José Maria Rodrigues, tendo assistido o Senhor Bispo de Leiria que, no fim; fez uma alocução e deu a Bênção Episcopal.

A capelinha no estilo simples das antigas ermidas portuguesas, está sôbre o mar para cuja amplidão se abre a rosácea do altar de modo que a branca imagem de Nossa Senhora se emoldure no próprio azul do Céu.

Numa das paredes da Capela lê-se num azulejo a admirável estância de Camões:

A Lei tenho dAquele a cujo império
Obedece o visibil e o invisibil,
Aquele que criou todo o hemisfério,
Tudo o que sente, e todo o insensibil,
Que padeceu desonra e vitupério,
Sofrendo morte injusta e insuflibil;
E que do Ceo à terra emfim desceu,
Por subir os mortais da terra ao Ceo.

(Lusíadas, Cant. I, est. 65)

O Snr. Bispo concedeu 50 dias de indulgência a quem resasse uma *Avé Maria* diante da imagem de Nossa Senhora.

Noutro lugar publicamos o cântico com letra do ilustre poeta Sr. Dr. A. Lopes Vieira e música do notável maestro e professor Snr. Francisco de Lacerda, composto para a mesma capela.

A festa foi coroada pelo baptismo de seis creanças e tres casamentos de pessoas da localidade que até então não constituiam famílias cristãs e quizeram espontâneamente receber o S. Sacramento do Matrimónio nesta Capelinha de Nossa Senhora de Fátima.

A FÉ DE MARGARIDA

Pressuroso e ofegante, chegou Gabriel a casa naquela tarde serena e recolhida de Quinta-feira Santa.

No quarto do filhinho doente lá estava vigilante e sobresaltada, a mulher admirável que o Céo lhe dera por anjo tutelar do seu lar querido.

— Os medicos terminaram já a conferencia? preguntou Gabriel em voz tremula e ansiada.

— Sim. Saíram já.

— E o que disseram? O que decidiram?

— O nosso Joãosinho morre se um milagre o não salvar — responde Margarida em soluços aflitivos.

— Mas então — grita Gabriel — para que serve a sciência a esses homens?... E falam em milagre... Um milagre! Mesmo que Deus existisse, não teria tempo para pensar em nós...

Em face desta atitude sarcasticamente blasfema, Margarida ergue-se nobremente e, olhando com dignidade o marido, exclama com energia:

— Gabriel! Proíbo-te que prossigas! Proíbo-to expressamente...

E Gabriel, que nunca vira sua mulher tão decidida e dominadora, não tem coragem para replicar. Gelaram-se-lhe os labios, paralisou-se-lhe a lingua...

— Sim proíbo-te que blasfemes — continua Margarida com santa nobresa. Renegaste a Deus, insultaste-O, tens feito por toda a parte e por todas as formas a mais indigna e funesta propaganda, tornaste-te um sectario feroz; e eu... eu tudo tenho sofrido em silencio.

Silencio miseravel — ai de mim — que Deus agora castiga inexoravelmente.

Neste momento de angustia suprema em que o nosso filhinho vai deixar-nos, eu ordeno-te que não blasfemes!...

Estas palavras, severas e violentas, foram cair no coração de Gabriel como uma punhalada.

— Margarida! Sabes o que dizes?

Para que o nosso filhinho vivesse eu seria capaz de tudo!

— Mentes Gabriel! Tu és incapaz de te dirigir humildemente a Deus a implorar da sua misericordia a vida deste anjinho querido! E's incapaz!...

— Enganas-te, Margarida. De tudo sou capaz. Irei ter com Deus e pedir-lhe-ei que venha até mim ou que permita que eu chegue até Ele! Quero ter fé porque, fóra de Deus nada vejo que possa dar-me uma esperança...

E sem esperar qualquer resposta, Gabriel saiu apressadamente....

* * *

Gabriel seguiu comovidamente a multidão que acorria á catedral. Ia sair a procissão; e os fieis, com cirios e estandartes, organisavam-se à porta do majestoso templo.

Gabriel, porém, abre caminho resolutamente e dirige-se á capela-mór.

— Uma opa — pediu êle com decisão. Déem-me uma opa, que eu desejo e quero levar o andor de Jesus Crucificado...

Surpresa e espanto de todos os que o conheciam.

— O que? O senhor? preguntam de todos lados.

— Sim, eu — responde Gabriel com profunda emoção.

Cedem-lhe uma opa; veste-a com desembaraço e, dirigindo-se ao andor da Vitima adoravel, mete os ombros aos varaes.

Começa o desfile da procissão pelas ruas principais da cidade, e á medida que avança, acentua-se o assombro da multidão ao ver convertido em penitente o incredulo de ontem.

Entretanto, do coração amargurado de Gabriel ergue-se esta suplica:

— Aqui me tens, Senhor! Neguei-te insultei-te, provoquei-te, mas agora arrependido e sequioso de amparo, ergo-te sobre os meus ombros. Diante de todos blasfemei; diante de todos me humilho para glorificar-te. Amanhã os meus amigos e admiradores abandonar-me-hão, despresar-me-hão, insultar-me-hão... Não me importa! Seja inteiramente esmagado o meu indomável orgulho; mas... ó senhor! Dáme a vida do meu filho que está agonisando. Salva-o, Senhor!

Tu és bom e misericordioso; sei que és o Supremo refúgio de todos os coraçõ-s que na terra não encontram lenitivo, Senhor! Salva o meu filho, que em troca dou-te a vida inteira!

Pareceu então a Gabriel que o rosto de Jesus se inclinava para êle, que os olhos divinos poisavam nele toda a sua ternura infinita e que uma voz suavíssima lhe dizia:

— «Vens a mim com a tua oração ardente porque a dôr te atormenta. Foste muito ingrato, voltando contra mim as apreciáveis faculdades com que te enriqueci. Ofendeste-me muito... Mas como eu não quero a morte do pecador, mas sim que êle viva e se salve, aqui me tens a escutar-te. Gabriel, o teu filho viverá!...»

Nada mais ouviu Gabriel. Alheado de tudo quanto o rodeava, o seu espírito e seu coração absorviam-se inteiramente no Mestre Divino que tão misericordioso se mostrava para com a sua grande miséria.

Nem soube como chegou ao fim da procissão, nem como chegou depois a casa...

E quando Margarida, cheia de angústia, lhe grita que o filhinho estava a morrer, Gabriel clama com energia:

— Não, filha! Joãosinho não morrerá! Foi Jesus que mo disse...

E foi tão vibrante este grito que Margarida, aterrada, pensou que com a dor da morte entrava no seu lar também a dor da loucura...

* * *

No dia seguinte as melhoras do Joãosinho eram já tão sensíveis que os médicos, surpreendidos, o declaravam livre de perigo.

Ao mesmo tempo, sôbre a secretária de Gabriel caíam cartas sem conto a pedir-lhe explicações pela sua estranha atitude da véspera e a insultá-lo, preguntando-lhe qual fôra o preço da *traição*...

Afastou-as desdenhosamente e sem a mais ligeira preocupação. Enchia-lhe a alma uma fé que já nada poderia perturbar.

E voltando ao quarto do seu doentinho, que lhe sorri com inefável felicidade, ajoelha com Margarida resando fervorosa e sentidamente...

Os sinos repicavam alegremente o *aleluia* bendito; e ao grito triunfal das línguas de bronze Gabriel e Margarida juntavam a sua voz agradecida, entoando um *aleluia* jubiloso ao Mestre Divino que tão generosamente o salvara...

E dias depois, Gabriel e Margarida recebiam juntos na majestosa Catedral, e num recolhimento emocionante, o Pão dos Anjos, que é o amparo dos fracos, o confôrto dos que sofrem, a vida das almas que teem sêde de felicidade...

De *A Voz da Fé*.

UM HEROI

Um rapazinho de doze anos acabava de entrar, como grumete, a bordo dum navio que saía de Liverpool. Apenas no mar, alguns marinheiros ofereceram-lhe um copo de aguardente.

Preferiria não beber.

— Desculpem-me, respondeu a criança.

Puseram-se a rir, mas não conseguiram resolvê-lo. O capitão ouvindo falar do caso disse ao pequeno grumete:

— Se queres ser um verdadeiro marinheiro, tens de aprender a beber aguardente.

— Perdão, capitão, prefiro não o fazer.

O capitão não estava acostumado a ouvir os seus grumetes discutir as suas ordens.

— Toma lá esta corda, gritou para um marinheiro, e que se vá acostumando a ela; vamos a ver se se decide.

O maridheiro tomou a corda e bateu cruelmente com ela na criança.

Então agora bebes ou não bebes?

— Se me dá licença, prefiro não o fazer.

—Nesse caso sobe ao cimo do mastro grande e aí passarás a noite.

O pobre menino levantou os olhos para o mastro, tremendo ao pensamento de ter de passar aí a noite agarrado às cordas; mas era necessário obedecer.

No dia seguinte de manhã, o capitão passeando na ponte lembrou-se do pequeno grumete.

— Eh lá! griton êle.

— Nenhuma resposta.

— Desce, ouves-me?

— Sempre nada.

No fim um marinheiro subiu pelas cordas encontrou a criança meio gelada.

Com receio de cair ao mar quando o navio balouçasse, o grumete tinha rodeado o mastro com ambos os braços e os apertara tão fortemente que o marinheiro teve dificuldade em os tirar.

Desceu-o para a ponte e aí friccionaram-no até êle vir a si. Quando estava em estado de se sentar, o capitão encheu para êle um copo de cognac:

—Agora, vais beber isto, meu rapaz.

— Se me dá licença, capitão, prefiro não o fazer. Deixai-me dizer-vos porquê e não vos zangareis comigo.

Nós éramos felizes na nossa casa, antigamente, mas o nosso pai deu em beber. Não nos dava dinheiro para comprar pão e um dia teve-se de vender a nossa casa e tudo quanto ela continha. Imaginai como isto fazia estalar o coração da minha pobre mãe.

Foi indo por algum tempo e depois morreu.

Poucas horas antes de acabar chamou-me ao pé da sua cama e disse-me: «João, tu sabes o que a bebida fez de teu pai. Queria eu agora que tu prometesses à tua moribunda mãe que nunca beberias bebidas alcoólicas. Queria saber que tu estavas ao abrigo dessa coisa maldita que causou a ruína de teu país.

«Oh! senhor! continuou o pequeno grumete, quereríeis ver-me faltar à promessa a minha mãe à hora da morte? Não posso nem quero fazê-lo».

Estas palavras tocaram o coração do capitão. Subiram-lhe as lágrimas aos olhos e, inclinando-se, tomou a criança nos braços exclamando:

«— Não, não, meu valente! Cumpre a tua promessa, e se alguém quiser ainda fazer-te beber, vem dizer-mo! Eu te protegerei.

E para te compensar do castigo que te fiz sofrer, aqui está uma nota de que tu disporás à tua vontade».

E, dizendo isto, o capitão abriu a sua bolsa e entregou ao jovem heroi uma nota do banco inglês do valor de 125 francos.

A PREGUIÇA...

O rei dos vícios, *a soberba*, convidou um dia os outros vícios para lhe contarem que efeito produziam nos corações humanos.

A avareza contou: Eu fiz os criados ladrões; os amos injustos; eu fiz os advogados e juízes venais, os amigos infiéis; louvei o roubo e desprezei o bem e a virtude. Inúmeras são as viuvas que choram, porque não tem quem as proteja e cairam na miséria.

A impureza: Eu perverti a infância e a mocidade; lancei no sepulcro imundo os que se entregaram a mim; só uma força sobrenatural de Deus pode salvar os meus súbditos.

A ira: Por causa de mim, um homem mata o outro, têm inimizades sem fim. Eu espalho a discórdia e desarmonia entre os amigos, os esposos, os irmãos, entre os bons. Sem mim não havia perseguições nem vinganças, nem altercações.

A gula: Eu faço que se gaste muito e esbanje até o necessário; tenho nas cozinhas meus criados, que preparam tudo para os gulosos; eu faço que os pobres se embriaguem com aguardente e os ricos com vinhos finos.

A inveja: Eu encho os corações humanos com o meu veneno, de modo que um não queira ver a outrem; causo murmurações, calúnias; a mim segue o pobre que inveja o rico, o rico que inveja os outros mais opulenos, faço o desprezado suicidar-se, o ignorante odiar o sábio.

Por último apresentou-se *a preguiça* ou *ociosidade* e disse: Se eu não preparasse o terreno e plantasse as raízes dos vícios, a avareza não fazia tantos males, a impureza não achara tantas vítimas, a ira não enganara a tantos, a gula não produzira tantas desordens e a inveja só dificultosamente se aninharia nos corações. A minha arte é para todos os vícios a entrada — a porta.

A preguiça é o princípio de todos os vícios.

COMO JESUS SE DA' A TODOS

Um dia um velho mussulmano de Scutari (Albania) encontrou uma criancinha cristã e perguntou-lhe com um sorriso malicioso:

—Como és-tu capaz de acreditar que Jesus se dá a tantos cristãos ao mesmo tempo?

O pequeno não achou logo a resposta pois era a primeira vez que a dúvida tocava a limpidez da sua fé. De repente, porém, levantando altivamente a cabeça perguntou ao mussulmano:

—Quantas janelas ha nesta cidade?

—Eu sei lá! Julgas que não tenho mais que fazer que conta-las?

—E no Céu quantos sóis ha?

—Ha um, respondeu secamente o velho.

—Ah! sim, respondeu triunfante o pequeno, se o sol entra em tantas janelas, o meu Jesus não poderá entrar em tôdas as almas?

Boa resposta

Duas crianças vinham da catequese:

—Tem graça (diz uma), o snr. padre disse-nos que Deus está em tôda a parte e eu não o vejo em parte nenhuma!

—E quando tu deitas um torrão de assucar num copo de agua e o assucar se derrete, ainda o vês? (replicou a outra criança).

—Não.

—Mas o assucar está lá.

—Lá isso é verdade.

—E como é que tu sabes que ele está lá?

—Porque quando bebo sinto que a agua está assucarada.

—Pois bem: Deus, dum modo parecido, está em tôda a parte do mundo e mostra a sua presença pelos seus actos, mas ninguém o vê.

ANO VII — Leiria, 13 de Outubro de 1929 — N.º 85

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

NA LOURDES PORTUGUESA

A Grande Peregrinação de Setembro

Fátima-espectáculo assombroso para os ímpios, para os justos e para os anjos

« Ó Virgem Santa, Senhora de Lourdes, de Fátima e do Sameiro! Em Lourdes apareceis-nos como a escrava do Senhor, no Sameiro estais coroada de Rainha, em Fátima cobre-vos o manto de Mãe carinhosa.»

Palavras do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Manuel Vieira de Matos ilustre e venerando Arcebispo de Braga e Primás das Hespanhas, na sua alocução na igreja do Rosário em Lourdes à peregrinação portuguêsa a Roma neste ano jubilar.

Na véspera á noite — A procissão das vélas — Peregrinações do norte, centro e sul do País — Os jovens levitas de Beja — Confiança no poder e na bondade da Rainha do Céu.

E' o dia doze de Setembro, à hora suavemente melancólica do crepúsculo vespertino. O sol poente, depois de ter dourado com a sua poalha de ouro finíssimo os montes mais altos da serra de Aire, fôra esconder-se a oitenta quilómetros de distância no seio das águas do oceano.

Pouco a pouco, as estrêlas acendem-se no firmamento e uma ténue e doce claridade envolve tôdas as coisas.

Na Cova da Iria e nas estradas que a ela conduzem move-se incessantemente um longo e interminável formigueiro humano.

Aproxima-se o momento suspirado dêsse espectáculo extraordinàriamente belo e profundamente emocionante que é o enlevo de todos quantos teem a ventura de o presenciar: a procissão das velas em homenagem à Virgem. Milhares de fiéis acorrem ao local das aparições, uns isolados, outros em grupo, todos com velas na mão, e vão-se juntando em frente da capela das missas, para dar princípio ao luminoso cortejo nocturno. Na ausência do rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, ilustre Professor do Seminário de Leiria e Capelão-director da Associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosário, que partiu para Roma como membro da peregrinação nacional do ano jubilar à Cidade eterna, presidiu aos serviços religiosos o rev. Manuel Pereira da Silva, o infatigável «secretário de Nossa Senhora», como justamente lhe chama a voz do povo que a sabedoria das nações diz ser de Deus.

Após a recitação do terço do Rosário, em honra da gloriosa Senhora Aparecida, aquela imponente massa humana desloca-se, põe-se em movimento e inicia a sua marcha, solene e majestosa, subindo a grande avenida, em direcção ao pórtico principal.

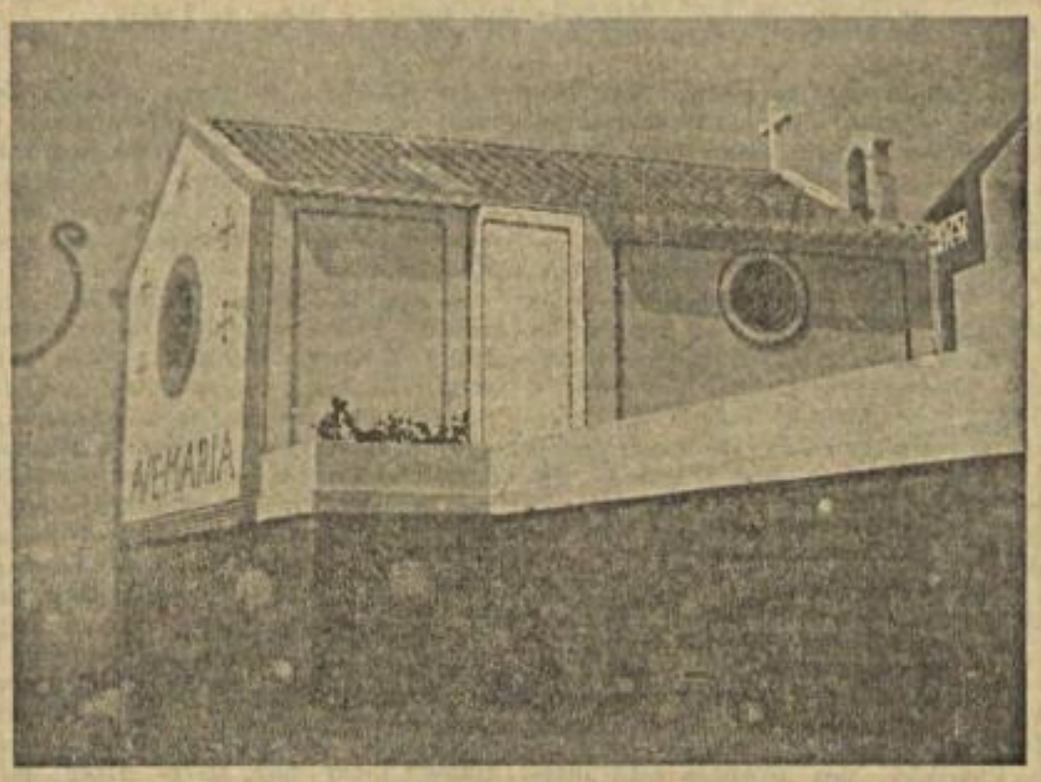
Lâmpadas eléctricas espalhadas com profusão por todo o recinto sagrado iluminam-no por completo, sem contudo prejudicarem, graças à sobriedade da luz discretamente distribuída, o efeito maravilhoso da procissão das velas. Os megafónios funcionam magnificamente, contribuindo em larga escala para a boa ordem e gravidade com que decorre o feérico e colossal cortejo.

Numerosas peregrinações chegaram nesse dia à tarde no intuito de se encorporarem na procissão e assistir à adoração nocturna. São, entre outras, as de Baltar (Paredes) presidida pelo rev.do dr. Joaquim Nogueira Dias, Font'Arcada (Paredes), pelo rev.do Adriano Marques Correira, Lagares (Penafiel), pelo rev.do dr. Henrique Alves da Rocha, S. Paio da Portela (Penafiel), pelo rev.do Alexandre de Sousa Estevam, Louriçal (Coimbra), pelo rev.do António Carreira Bonifácio, Vila de Rei, pelo rev.do Rafael Jacinto, Mata Mourisca, pelo rev.do Joaquim Duarte Alexandre, Serra de Tomar, pelo rev.do José Dias Rodrigues, Marrazes, pelo rev.do José de Seiça, Atouguia da Baleia, pelo rev.do Vicente Rafael Gameiro, Setubal, pelos rev.dos dr. Cândido de Melo, pároco de S. Julião, e Joaquim António Fortuna, capelão da Ordem Terceira do Carmo, Nadadouro (Serra do Bouro), pelo rev.do José Henriques Veríssimo e Ceissa, pelo rev.do Manuel Alves Guerreiro, que teve a feliz ideia de conduzir a Fátima a população piedosa da sua vasta frèguesia após uma missão frutuosíssima.

As que reuniam maior número de peregrinos eram as de Ceissa e Louriçal, cada uma delas com quatrocentos, e as de Setubal, Vila de Rei e Mata Mourisca, cada uma com duzentos. Quási tôdas as peregrinações traziam os seus estandartes, muitos dêles ricos, lindos e vistosos.

Na procissão também tomaram parte cêrca de quarenta alunos do Seminário de Beja que estão passando as férias do Verão no Convento de Cristo, em Tomar, a gentil princêsa do Nabão e uma das mais formosas cidades de Portugal. Seminaristas-escuteiros, êstes jovens levitas, que são a pupila dos olhos do grande Prelado-Apóstolo da Diocese Pacense, que neles tem postas as mais fagueiras esperanças de renascimento da sua vida cristã, puzeram uma nota extremamente simpática no esplêndido cortejo, destacando-se pela sua compostura, gravidade e fervor de devoção.

Algumas senhoras de elevada categoria social, no cumprimento de promessas feitas talvez em horas de incomportável amargura, percorrem o itinerário da pro-



Capela de Nossa Senhora do Rosário da Fátima em S. Pedro de Moel
(Na propriedade do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, servita do Santuário de Fátima)

Bemdita seja nos Céus e na Terra
Santa Maria, que, p'ra nos salvar,
Falou em Fátima aos zagais da serra
e a Quem ora reza e canta o mar.

Bemdita seja pela nova chama
que arde nas almas, já livres do mal;
bemdita pela pátria que Ela ama
e pelo amor que lhe tem Portugal.

Oh Formosa, oh Piedosa, oh Mãe, oh Estrela,
Senhora nossa, alta e divina flor:
seja por Ti cada alma pura e bela,
Avé, Maria, em teu Divino Amor!

Afonso Lopes Vieira

missão, pisando com os pés descalços o terreno duro e pedregoso da charneca.

Uma pobre mulher, de meia-idade, privada duma das mãos, leva ao colo um filhinho de ano e meio que, sendo cego e [illegible] de nascença e estando desenganado dos médicos, veio a Fátima quatro vezes, obtendo de cada vez consideráveis melhoras, que nenhum tratamento fôra capaz de lhe proporcionar. Casada e com mais oito filhos, esta mãe piedosa não hesita em fazer uma viagem de cêrca de trinta léguas para implorar aos pés da Virgem, Socorro dos aflitos e Mãe de misericórdia, a cura completa do filho estremecido. A sua confiança no poder e na bondade da Rainha do Céu, é inabalável e ilimitada, e ela manifesta-a comovidamente com palavras e com lágrimas, que são ao mesmo tempo de mágoa e dôr, de alegria e reconhecimento.

Felizes os que creem! Mimosos os que confiam!

A adoração nocturna — Os turnos de adoração — A meditação dos mistérios do Rosário — Desagravo e reparação a Jesus Hóstia — A devoção dos peregrinos.

A' meia-noite oficial, pouco mais ou menos, terminada a procissão das velas pelo canto do *Credo* em frente do Pavilhão dos doentes, principia a cerimónia da adoração nocturna, sempre tão solene e tão tocante, como em nenhuma outra parte, naquele logar bemdito.

O rev.do João Nunes Ferreira, pároco da frèguesia de S. Pedro de Tôrres Novas e assistente eclesiástico do grupo de servitas daquela vila, admirável figura de padre, como há pouco justamente lhe chamava um grande diário de Lisboa, organiza e dirige os turnos de adoração. A primeira hora é destinada, como sempre, à reparação nacional.

Entram neste primeiro turno de adoração, da meia-noite à uma hora, as peregrinações de Ceissa, Louriçal, Vila de Rei e Mata Mourisca, no segundo, da uma às duas, as de Baltar, Font'Arcada, Lagares e S. Paio da Portela, no terceiro, das duas às três, a de Setubal, no quarto, das três às quatro, as da Atouguia da Baleia e Serra de Tomar e, finalmente, no quinto e último, das quatro às cinco, as de Beja e Marrazes.

Nessas cinco horas de adoração, presididas pelos chefes das respectivas peregrinações, rezou-se o terço do Rosário e fizeram-se actos fervorosos de reparação ao Divino Rei de amor, oculto na Hóstia Santa. Nessa velada encantadora, milhares de almas prostradas diante de Jesus, exposto num trono adornado de luzes e flores, imploram da Misericórdia divina o perdão das culpas individuais e das iniquidades colectivas e uma chuva copiosa de bençãos para o nosso querido Portugal.

Fátima, nessas noites inolvidáveis, em que o escol piedoso da terra de Santa Maria ergue as mãos e os corações para o Céu, em súplicas veementes, impulsionadas por uma Fé viva e por um amor ardente, parece, mais que nunca, um gigantesco e poderoso pára-raios, que se alteia por cima das cabeças de seis milhões de portuguêses para desviar os raios da justiça divina ofendida por tantas infidelidades e ingratidões e atrair sôbre êles torrentes de graça e misericórdia.

Um côro de muitos milhares de vozes, umas inocentes, outras contritas, faz dôce violência ao Coração do Senhor, quando, num brado unísono, rompe nesta fervorosa exclamação: «O' Jesus, por amor de vossa augusta Mãe, salvai-nos e salvai Portugal»!

As confissões dos homens na Penitenciária — Missas e Comunhões — Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário — Os médicos e os doentes — Uma visita ao Sanatório-Hospital.

Na tarde do dia doze e durante tôda a noite do dia doze para o dia treze, numerosos sacerdotes ouviam de confissão os homens, rapazes e meninos que se aproximavam do sagrado tribunal da Penitência. A vasta nave da linda e graciosa igreja da Penitenciária, recentemente construída, regorgitava de penitentes que aguardavam, em longas filas junto dos confessionários, a sua vez de serem atendidos.

Que abnegação e espírito de sacrifício em tantos e tantos ministros do Senhor, que, vindos de longes terras, exaustos de cansaço e cheios de sono, ali se conservavam, horas a fio, curando todas as chagas das almas com o bálsamo da misericórdia e do perdão! E que histórias dolorosas e tocantes não se terão muitas vezes desenrolado aos seus ouvidos, selados para sempre com o sigilo sacramental, sagrado e inviolável!

Decorria [illegible] adoração noturna, comovente e empolgante, com as suas preces e os seus cânticos, com os seus terços e as suas instruções e práticas, com os seus actos de reparação e desagravo, e já começavam a celebrar-se as primeiras missas.

Além das missas privativas das diversas peregrinações, revestiram um cunho de maior solenidade as que foram expressamente para os servitas e para os seminaristas-escuteiros de Beja. Como sempre, as comunhões atingiram uma enorme cifra, tendo sido administrado o Pão dos Anjos por vários sacerdotes durante todo o dia, desde o romper da manhã até depois da procissão de despedida.

Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário, sempre dedicados e incansáveis no exercício das suas nobres e delicadas funções, constituem, nas diferentes modalidades da sua acção, um formosíssimo exemplo de caridade inteligente e discreta que se impõe ao respeito e admiração de todos, crentes e descrentes.

Alguns dos médicos presentes prestam os seus serviços no Posto das verificações médicas, instalado desde Maio último na sua nova séde, uma das salas do grandioso e monumental edifício que é o Albergue de Nossa Senhora do Rosário. Uns ainda no vigor da mocidade, outros já adiantados nos anos, todos rivalizam em zelo e solicitude no registo dos enfermos e no tratamento dos males de que sofrem, quando os seus serviços clínicos se tornam indispensáveis.

De véspera, às primeiras horas da noite, aguardava-se ansiosamente a chegada do eminente médico oftalmologista da capital, o dr. Eurico Fernandes Lisboa, que em Fátima, com prejuízo das suas comodidades e das justas exigências da sua piedade de católico praticante e fervoroso, põe sempre e exclusivamente à disposição dos doentes pobres os recursos do seu muito saber, de experiências feito, e da sua inexcedível caridade. Infelizmente, com grande desgôsto de muitas dezenas de doentes dos olhos, que esperavam benéficos efeitos da sua generosa intervenção, o ilustre especialista e exemplaríssimo chefe de família cristã não poude comparecer, por motivo de fôrça maior, que surgiu à última hora e o inibiu de fazer a peregrinação projectada.

O Pavilhão dos doentes está quási completamente cheio. Todos êles ostentam ao peito, dum modo bem visível, a senha respectiva, devidamente numerada, que lhes é distribuida no Posto das verificações médicas, no momento da sua inscrição.

Próximo da capela das Aparições, ao mesmo tempo que bastantes pessoas de ambos os sexos cumprem promessas, dando várias voltas à capela, de joelhos, um respeitável sacerdote, acompanhado por um seminarista, benze com um simples sinal da cruz os objectos religiosos que os fiéis, numa sucessão que parece interminável, lhe vão apresentando para êsse fim. E' o pároco de S. Paio de Portela (Penafiel), rev. Alexandre de Sousa Estêvam. Num dado momento, volta-se para alguns dos seus peregrinos, que o rodeiam, e convida-os a irem visitar no Hospital-Sanatório, a grande doente da sua peregrinação.

Numa sala, onde se encontram enfermos trazidos pelas diversas peregrinações, para implorar em seu favor a compaixão da Raínha do Céu, vê-se, deitada de costas num leito alto uma pobre mulher de nome Júlia da Silva, solteira, de 44 anos de [illegible], que sofre há sete anos duma ptose gástrica e úlcera no estômago. O seu estado denota uma extrema fraqueza. Devido a tão grave enfermidade, encontra-se de cama há três meses, impossibilitada de fazer quaisquer movimentos e padecendo muito. Resignada à vontade de Deus, confia na bondade da Santíssima Virgem e espera da sua intercessão maternal a cura dos males gravíssimos que lhe torturam o organismo sêco e mirrado. No Posto das verificações médicas, Júlia da Silva apresentou o atestado da sua doença, passado pelo seu médico assistente, dr. Fernando Alves da Rocha.

Um grupo de peregrinos espanhois — Uma mãe reconhecida — No Pavilhão dos doentes — Uma jovem titular enfêrma — As orações pelos que sofrem.

São onze horas da manhã. Por entre a multidão passa um grupo de peregrinos, que as características do trajo denunciam como estranjeiros. São peregrinos espanhois procedentes de Pontevedra. Com eles vem um pobre cèguinho, acompanhado por uma religiosa, revestida dos seus hábitos, que lhe serve de guia segura e inseparável e lhe presta os cuidados de enfermeira solícita e dedicada.

Volta da imagem de Nossa Senhora de Fátima para a capela das Aparições. A' frente os snrs. Patriarca das Indias e Bispo de Leiria.

Do Albergue de Nossa Senhora do Rosário sai agora uma senhora ainda nova, de porte distinto e trajando elegantemente, que se dirige para o Pavilhão dos doentes, levando, ora ao colo, ora pela mão, um filho de cêrca de sete anos de idade.

No dia 28 de Junho de 1927, o pobre menino teve um ataque de sarampo. No dia 2 de Julho seguinte, o seu precário estado de saúde agravou-se ainda mais, porque ao sarampo veio juntar-se uma encefalite letárgica, cujos sintomas por demais evidentes os médicos constataram, logo que lhe fizeram o diagnóstico.

Levado para Lisboa, esteve durante algum tempo internado num hospital daquela cidade. Os pais, extremosíssimos e dispondo de recursos, recorreram aos melhores especialistas sem nenhum resultado satisfatório. Todos desenganavam a família, consternada e inconsolável, dizendo que o menino não tinha cura. Era opinião dêles que, devia viver daí em diante sempre sentado numa cadeira, sem movimento e sem acção de espécie alguma. Todo o corpo lhe tremia constantemente. Não podia comer. Chegou a estar completamente cego.

Foi então, ao vê-lo num estado tão lastimoso, que a pobre mãe volveu os olhos e o coração para a Branca Raínha de Fátima e lhe prometeu ir todos os meses com o filho estremecido em peregrinação ao local das aparições, afim de suplicar a sua cura os pés do trono da augusta Mãe de Deus.

Embora não se possa dizer que se acha completamente curado, está todavia muito melhor, na frase da mãe, marchando sem dificuldade e tendo recuperado a vista.

Exemplo altamente edificante e profundamente consolador o dessa mãe cristã e piedosa, cheia duma confiança inabalável no poder e na bondade da Virgem bendita, que é a Consolação dos aflitos e a Saúde dos enfermos!

No Pavilhão dos doentes não se encontra um lugar vago em nenhuma bancada. Os servos de Nossa Senhora do Rosário ocupam-se desveladamente no transporte dos paralíticos e dos enfermos cujo estado é mais grave ou cuja fraqueza extrema lhes impossibilita ou dificulta a marcha. Por sua vez as servas de Nossa Senhora, não menos solícitas e dedicadas, prestam sem cessar, no recinto do Pavilhão, os serviços e cuidados exigidos pela caridade para com os que sofrem. Entre os doentes destaca-se uma jovem titular portuguesa — vinte anos angélicos e resignados, emurchecidos para a terra, mas florindo e frutificando em perfumes de virtudes acrisoladas e de méritos preciosíssimos para o Céu — a qual, acompanhada pela mãe, uma nobilíssima e veneranda senhora, e por uma santa religiosa, veio do estranjeiro, onde reside habitualmente, afim de suplicar à Virgem Santíssima no seu santuário predilecto a cura duma paralisia infantil de que sofre desde os treze anos de idade e sobretudo as bênçãos espirituais mais preciosas e mais escolhidas do seu Coração maternal. Os doentes oram com fervor. Em volta do Pavilhão, a grande multidão dos fiéis—milhares de peregrinos de ambos os sexos, de tôdas as procedências, de tôdas as idades, de tôdas as condições sociais, juntam as suas preces às dos enfermos para fazer doce violência ao Coração de Deus, cheio de compaixão pelas nossas misérias. Sublime e consolador espectáculo de Fé viva e de piedade ardente que assombra e edifica, que enternece e encanta tanto os crentes como os incrédulos e os indiferentes que teêm a ventura inefável de o contemplar.

A procissão da Virgem — A missa dos doentes e a bênção do Santíssimo — O sermão oficial e a procissão da despedida — As curas extraordinárias — A gratidão de duas meninas alentejanas.

E' quási meio dia solar.

Junto do padrão comemorativo das aparições nota-se um movimento desusado. E' que se está organizando o cortejo para conduzir à capela das missas a Imagem de Nossa Senhora do Rosário. Aquela mole imensa de povo põe-se em marcha. Por cima de milhares de cabeças ergue-se a branca e linda estátua da Virgem, colocada sôbre um andor, que quatro servitas levam aos hombros. Soam vivas e aclamações. A gloriosa Padroeira de Portugal é saüdada com o acenar de milhares de lenços, numa manifestação encantadora de amor filial. Justamente no momento em que a Imagem de N. Senhora dá entrada no Pavilhão dos doentes Júlia da Silva, a grande doentinha da peregrinação de S. Paio de Portela (Penafiel), de que acima se falou e que estava paralítica e sofria duma ptose gástrica e úlcera no estômago, levanta-se da maca em que jazia, prostrando-se de joelhos em fervorosa oração e agradecendo à Virgem a cura extraordinária que nela se operou por sua intercessão e que os demais peregrinos presenciaram com admiração e assombro.

Cantado o *Credo* de Lourdes, celebra-se a missa dos doentes na capela-mór do Pavilhão, durante a qual se reza o terço e se contam alguns motetes apropriados. Segue-se a bênção dos doentes, sempre bela, sempre comovente, sempre empolgante, tendo feito as invocações do costume o rev. Manuel do Carmo Goes, pároco da frèguesia da Barreira (Leiria), que com a sua voz forte, bem timbrada e impregnada de piedade e unção tornou ainda mais intensa a comoção, fazendo vibrar as almas até às suas fibras mais íntimas. Prègou o sermão oficial o prior do Louriçal diocese de Coimbra, rev.do António Carreira Bonifácio, que versou o seguinte tema: «Fátima é um espectáculo para os ímpios, para os justos e para os Anjos». Após o sermão, efectuou-se a terna e comovente procissão de despedida, que reconduziu a Imagem da Virgem para a capela das Aparições.

Terminada a procissão, uma família de Vaiamonte (Alentejo), cheia de reconhecimento, vai depôr, como ex-voto aos pés da branca Senhora de Fátima, Mãe querida dos portugueses, o retrato de duas meninas irmãs, Margarida de Lour-

des Ramalho Pires, de 10 anos, e Mariana Rita Ramalho Pires, de 8 anos, por as ter salvo duma doença que ambas tiveram ao mesmo tempo com grande perigo das suas vidas. Gratíssimas à misericordiosa Raínha dos Anjos, professam-se suas humildes servas, beijam-lhe enternecidamente os pés virginais e suplicam-lhe com todo o fervor das suas almas piedosas que se digne interceder por elas, pela sua família e por todos os portugueses.

Pouco a pouco, a multidão dispersa-se. Os peregrinos apressam-se a regressar aos seus lares distantes, renovando em sentido contrário uma viagem longa e fatigante. Correm rumores de mais curas extraordinárias.

Se êstes boatos se confirmarem, os relatos das curas serão oportunamente publicados na secção respectiva.

As sombras da noite descem sôbre a Cova da Iria. Nesta estância incomparável e única de Portugal ou, antes, neste lindo cantinho do Céu, hoje conhecido e amado no mundo inteiro, passou mais um dia de glória para Deus, de honra e triunfo para a Virgem de graças e bênçãos, de alegrias intensas e de suavíssimas emoções para tantas almas.

Bemdita seja a excelsa Raínha do Santíssimo Rosário, que em Fátima se dignou aparecer coberta com o manto de Mãe carinhosa, para abrigar nas dobras dêsse manto protector, asilo seguro para todos os arrependimentos e para todos os infortúnios, os seus filhos queridos de Portugal!

Viconde de Montelo

AS CURAS DE FÁTIMA

P.e Domingos José dos Reis, Pároco de Valega (Ovar), em carta de 21 de agôsto, dirigida ao Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo de Leiria, informa o seguinte:

«Venho beijar o anel de V. Ex.cia Rev.ma, e participar que na nossa peregrinação a Fátima (13 de agosto) recebemos favores extraordinários de Nossa Senhora: Uma rapariga d'Avanca, Maria dos Anjos Nunes Pereira, que, ha anos, conheço com sofrimento contínuo, que causava dó, do 12 para 13, no hospital, foi atacada duma cólica, que inspirou ao médico perigo de morte; depois das invocações volto ao hospital, e ela, contentíssima, dirige-se a mim dizendo que está sã, manifestando apenas uns leves sinais daqueles movimentos; e no dia 19 vem dizer-me que os médicos, que tratavam dela lhe deram os parabens.

Felicidade da Silva Nunes, casada, desta frèguesia de Valega, sofria horríveis dôres no ventre, tendo sido aconselhada a uma operação, arriscada, na volta de Fátima, a alturas do Pombal, repentinamente desaparecem-lhe as dôres.

No dia 19 diz-me que não voltaram, e apenas sente alguma inflamação no útero.

Ana Marques Guerra, também desta frèguesia, foi levada daqui em carro para a estação, pois, ha anos, está paralítica duma perna, ao voltar de Fátima, em camionete, para o comboio, sente-se consideràvelmente melher; tanto que, quando a criada estava a sair de casa com o carro para a ir buscar à estação, ela chega a pé, esperançada que Nossa Senhora há de acabar de a curar.

— Um rapaz, vindo, há um ano, do Brasil, com carta de tuberculoso, apesar dos incómodos de viagem, diz que se acha melhor. Está à espera do que o médico lhe dia.

Oxalá que êstes enfermos fiquem radicalmente curados para honra e louvor à Virgem, e aumento da nossa fé e piedades.

Maria Clementina Abreu, da Figueirà da Foz em 20 de Agosto 1929 diz:

«Ex.mo Sr. Director:

Venho, hoje, cheia de contentamento tornar públicas umas graças que obtive por intercessão de Nossa Senhora de Fátima.

O meu marido, há cêrca de 5 mêses, vinha sofrendo duma pertinaz gastralgia, com dores contínuas e insuportáveis; consultou muitas sumidades médicas e nunca pode conseguir mais que uns ligeiros alívios.

Alguns especialistas proposeram, por ultimo, que era urgente fazer uma melindrosa operação pois que a doença do estomago era gravíssima e não se podia combater por outra forma.

Não quís porém o meu marido sujeitar-se á operação e por isso as dores continuaram cada vez a acentuarem-se com mais intensidade.

Vendo-me assim tão aflita recorri com muita fé à protecção da Rainha dos Céus e da Terra, pedindo-lhe as melhoras do meu querido doente, prometí, pois a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, publicar no jornal «A Voz da Fátima» a cura se a conseguisse e bem assim a realização de novenas, missa e uma esmola em harmonia com as minhas posses.

Comecei depois a dar-lhe a beber algumas porções da água milagrosa da Cova da Iria e passados poucos dias as melhoras produziram-se desaparecendo por completo as dores horríveis do meu marido.

Em vista de Nossa Senhora ter despachado as minhas suplicas como sempre faz, áqueles que a invocam com entranhada devoção, só me resta dar cumprimento á promessa e agradecer à Mãe do Céu a sua santissima protecção».

. António Francisco do Outeiro, de vila Seca (Barcelos) escreve:

«Sofrendo desde há muitos anos dum horrível incómodo intestinal e tendo recorrido à medecina durante muito tempo sem resultado algum, vendo na Voz de Fátima, que pessoa amiga me envia todos os mêses, as grandes curas extraordinárias realizadas por intermédio da Virgem de Fátima, voltei-me para a Virgem do Rosário de Fátima pedindo-lhe para me libertar dêsse horrível sofrimento, já tão velho, embora eu êsse benefício não merecesse devido à minha grande ingratidão para com seu amantíssimo Filho, Jesus Cristo.

No mês de Junho de 1927 abandonei por completo a medecina e lancei-me nos braços da Virgem de Fátima. Com grande espanto meu no dia seguinte já me sentia melhor e decorridos três dias achava-me completamente curado. Em vista de tão grande benefício não pude deixar de testemunhar à Santíssima Virgem o meu humilde e pobre reconhecimento indo pessoalmente no dia 13 de agosto deste ano pela primeira vez, à Cova da Iria agradecer à Virgem de Fátima a minha cura que considero um grande milágre.»

Caso freqüente

—¿ Em que estás tu a pensar?

A esta pregunta da espôsa, respondia em geral o doutor amàvelmente:

— ... em ti...

Uma noite, porém, demorou a resposta; o doutor entretev-se alguns momentos a remexer a sôpa demasiado quente, e por fim, sem sequer levantar os olhos do prato, saíu-se com esta:

—Estou a pensar que sou um estúpido rematado.

— Ora essa... e porque?

— E' que me deixei estùpidamente enganar por uma miserável toupeira, que não merece outro nome, essa velhaca de mulher que assim comprometeu a minha fama.

— Mas quem!?

Uma tal Rosa Não-sei-quê.

— ¿Emprestaste-lhe algum dinheiro talvez...?

— Qual dinheiro...! se fôsse isso... Deilhe mas foi um atestado médico.

— E daí?

— Uma brincadeira... vai-me pôr em ridículo diante do mundo inteiro.

A espôsa fitou demoradamente o marido sem saber se êle estava gracejando ou se falava a sério...

Era o doutor baixote, magro, sêco, e costumava andar muito teso e direito para não perder nem uma polegada da sua estatura, o que lhe dava certo ar de rigidez. Mas agora, mais que rígido, estava ríspido e furioso.

— E logo havia de ser aquela mulher, prosseguiu êle num gesto de impaciência e despeito.

— Sabes que mais! Não sou capaz de perceber nada na tua história.

— Pois é bem simples... e lá do teu gôsto, porque se trata de peregrinações e devoções.

— Vamos lá então a vêr, explica-te.

O doutor levou à bôca a última colher de sôpa; ainda perseguiu no prato uns grumos de tapioca que lhe queriam fugir à colher, limpou meticulosamente o bigode e explicou-se:

— Tu bem sabes que tenho por princípio não passar absolutamente a ninguém atestados para Fátima.

— Bem o sei; e confesso-te que ainda não compreendi o motivo dêsse procedimento.

— Há tantas coisas por êsse mundo que não compreendes...

— Muito obrigada...

— Mas vamos ao caso: havia cinco mêses que eu tratava essa tal Rosa, aliás sem nenhum êxito, de uma grave inflamação do piloro que lhe tornava a digestão dificílima. Aquilo era regular como um relógio: a mínima refeição causava-lhe dores atrozes, contra as quais todo o remédio era inútil.

«Ora aqui há coisa de seis semanas, encontrando-se já minada pela tuberculose, pediu-me à queima roupa, com aquele seu ar de inocência, um atestado em que desse conta da sua doença.

«Dei-lhe logo, perusadido que seria para conseguir entrada nalgum sanatório de incuráveis ou para alcançar algum subsídio. Surpreendeu-me contudo a alegria com que ela o recebeu. E vai hoje, ¿que me havia de trazer sête telegrama? ¿que vou eu encontrar logo na primeira página do jornal?

— Que se curou em Fátima — interrompeu a espôsa.

— ¿Então já o sabes?

— Não, mas a conclusão é bem fácil.

— Ah! sim? Parece-te isso?!

— E' claro. Durante seis mêses tratas a doente sem conseguires sequer ao menos aliviar-lhe os padecimentos... acho muito natural que ela vá a Fátima tentar a cura.

— Mas então que nao me pedisse o atestado médico.

— E' que precisava dêle.

— ¿E que tenho eu que vêr com isso?! ¿E se eu não estou para confirmar com a minha autoridade uma coisa que a minha razão não aprova? — e ao dizer estas palavras o médico, no auge da exaltação, impertigou-se na cadeira, como se tivesse engolido naquele instante uma bengala de pau santo.

Seguiu-se um compasso de espera, como se a espôsa, antes de continuar, deixasse primeiro acalmar o entimento de compaixão que nela despertara a frase orgulhosa do marido.

Depois voltou à carga:

— ¿Mas afinal sempre acreditas que a tal doente esteja curada, ou não?

— Os médicos de lá dizem que sim; e um enfermeiro até afirma que a viu comer filhós sentada na relva, o que, segundo o seu estado ordinário, lhe devia causar a morte.

— Então, olha: cada vez te compreendo menos; porque afinal como médico até devias regosijar-te com a cura da tua doente!

— Que se cure embora, quantas vezes quiser, mas sem a minha assinatura.

— ¿Mas que mal lhe faz a tua assinatura?

— Já to disse.

— Mas bem vês que a tua explicação não te deixa lá muito bem parado; procedes como se tivesses mêdo à luz. Tu reconheces que em Fátima há qualquer coisa superior às tuas fôrças e em vez de cederes ou ao menos de estudares o caso pões os pé à parede, recusas-te a dar um simples papel. ¿E achas isso bonito... digno dessa sciência cujo nome pronuncias com uma ênfase pouco menos que ridícula!?

— Acho prudente, e basta-me.

— Ah! sim, já compreendo. A que tu exerces é a medicina oportunista... sempre mais rendosa e mais fácil também do que a medicina scientífica e do que verificar os factos de Fátima.

— Mas tu estás a sonhar. ¿Eu ir a Fátima?

— ¿E porque não? E' inegável que se dão em Fátima curas extraordinárias, alheias a tôda a sugestão e influência nervosa; até me parecia natural, que tu, cujo ofício é curar doentes, te interessasses por essas curas, tanto mais que algumas se deram já à tua vista... entre os teus clientes. Pois não foste tu expressamente procurar por ti mesmo umas águas qu te parecia convirem a um teu cliente?

— E até conservo para aí com as demais a análise dessa tua água de Fátima.

— ¿E que tal?

— Nada, é água pura.

— Pois então ainda é mais extraordinário. ¿Como opera ela tantas curas?

— Dia lá o que queres; a Fátima é que eu não vou.

— Mas porquê?

— Ora porquê...?!...

E o doutor levantou-se exasperado.

Até causava dó ver o médico, aliás inteligente, passear frenèticamente pela sala sacudindo o guardanapo, sem saber que dizer, agitando-se como um epiléptico... e responder àquela pregunta clara e serena de sua espôsa...

— Ora, porquê... pois... por isso mesmo!! E tu bem sabes... Olha, ponto final... néste assunto nem mais pio... hein!?

(Imitado de *Pierre L'Ermite*).

Fatal simpatia

— Sabe?

Contava-me um padre meu amigo, inteligencia lúcida, espírito profundamente observador.

— Sabe? Vi hoje uma coisa que me impressionou vivamente, na Fátima.

— O quê? Conte.

— Tinham acabado os trabalhos no Santuário. Acabara a recitação do meu Breviário. Tomara alguma coisa á pressa e já a correr despedi-me da imagem de N. Senhora.

Subi a grande avenida. No fundo havia aquele formigueiro humano de doentes devotos curiosos, ricos e pobres naquela variedade única e encantadora que se nota na Fátima.

— Mas foi isso afinal o que o impressionou?

— Não. E coisa de cada dia 13; já não faz impressão.

Ao sair do portão grande comecei as diligencias a vêr se encontrava camionete que me conduzisse e, graças a Deus como de costume lá apareceu uma em que tomei lugar.

Seguiam comigo várias pessôas com as quais fui conversando sobre as impressões que levavam de Fátima.

Havia porém um pobre homem com quem se não podia falar.

Bebera de mais e ia num estado lastimoso.

Ia também quasi a meu lado uma senhora e uma creancita de 4 a 5 anos viva mas duma simplicidade, duma ingenuidade enorme.

E não sei porquê começa a creancita a correr para junto do bebedo que lhe correspondia num sorriso bestial e procurava colocá-la sôbre os joelhos.

Iamos já a caminho naquela ingreme ladeira que da Fátima desce para Ourem. De vez em quando numa curva mais rápida sentiamo-nos sacudir vivamente.

A conversa quási tinha parado e a maior parte iam embebidos a contemplar a paisagem singular que a serra e o vale nos dão no admiravel e harmónico conjunto da penedia tosca da serra a casar-se com fundos barrancos á placidez da campina entre um maravilhoso fundo que o céu azul e a verde folhagem amorosamente lhe formam.

De repente a mãe sobresaltada dá com os olhos no filho que num momento podia saltar-lhe a distância, arranca-o dos braços do bebedo e aperta-o ao seio arfante.

A creança ficou espantada porque, sem vêr o perigo gozava do espectáculo raro que a feia embriaguêz lhe dava naquele homem.

E mais duma vez fez geito de voltar para junto dele.

Não o conseguiu porém porque a mãe o prendia cautelosamente contra a sedução estupida que nele exercia o riso bruto daquele homem. Disfarçadamente fui observando tudo aquilo.

Não sei bem porquê fêz-me uma impressão grande.

A loucura do homem, o amor da mãe, a imprudência da criança formaram diante da minha fantasia um grupo indissolúvel e forte.

Deixei cair a cabeça sôbre a mão direita e quedei-me a pensar em tudo aquilo.

* * *

Parecia-me um símbolo. Julguei ver por momentos naquele bêbedo a embriaguês da impiedade, da anarquia, da revolução, do anti-clericalismo em permanente labor de conquista, de sedução; na criancita inconsciente — Portugal, na senhora, mão disvelada e extremosa a nossa querida Mãe e Raínha de Portugal.

Que lhe parece?

— Ah! Uma linda criação poética sôbre uma triste realidade histórica.

E' assim mesmo.

— Sim, que na verdade Nossa Senhora

tem sido sempre para nós de extremos tais que só nós podemos chamar à nossa terra — Terra de Santa Maria.

Mas não é menos verdade que, a-pesar disso, Portugal, se tem tido lances sublimes de devoção e exaltado amor à Virgem, não tem deixado de, em certos momentos parecer tomado de funda e irreprimível loucura que o afasta do culto da sua Raínha, Senhora, Mãe e Protectora para ingratamente votar amor e dedicação a quem a êle o diminue e a Ela A desonra e infama.

Veja. Era Portugal débil infante, dava ainda os primeiros passos na vida e já a Virgem o ajudava e defendia e lhe robustecia o braço que se ia descarregar furioso e pesado sôbre o Mouro invasor e inimigo da Pátria e de Deus.

Novos perigos ameaçam com o domínio de Castela a integridade e independência nacional e Nossa Senhora alcança o milagre de Aljubarrota pelo génio de Nun'Alvares e valor dos soldados, ardentes devotos seus.

O triunfo do Salado inspirou-o Ela e foi Ela também que deu a vitória à nossa marinha unida à de Espanha em Lepanto na grande luta contra o Levante.

Na epopeia sublime das Descobertas lá vai a imagem da Virgem nas caravelas e o seu favor na alma dos Portugueses de antanho.

E agora depois de em 1640 nos dar de novo a independência vem até nós por nos subir até Deus.

Veja que amor, que disvelos, que extremosos carinhos?

— Ah sim, a Fátima é o último passo do amor de Mãe.

— E'. Mais ainda. E' verdadeiramente a ressurreição dum morto.

Porque se civil, política, econòmicamente todos nos tinham, e nós próprios nos tínhamos, por moribundos religiosamente estávamos de facto mortos.

E Nossa Senhora veio dar-nos alento, desentorpecer êste corpo, fazer outra vez passar nele um intensíssimo frémito de vida.

— Parece-me na verdade que não sabemos apreciar devidamente o amor da Virgem Santíssima por Portugal.

— Ah! meu caro Padre, a correspondência de Portugal a êste amor foi grande, esmoreceu, desapareceu e ressurge agora. Urge fomentá-la.

— Como?

— A nossa terra está cheia de capelas igrejas — monumentos da devoção dos nossos maiores.

— Quere então que vamos construir mais igrejas e capelas?

— Não. A correspondência da parte do indivíduo, da parte de cada um de nós há-de ser alguma coisa de mais alto, de mais nobre, bem vê.

Os feitos heroicos que esmaltando a nossa história eram o fruto da chama intensa que ia nas almas — êsses é que temos de reproduzir.

E se êles saíam de homens em quem a devoção à Virgem era uma verdadeira paixão, como em Nun'Alvares, temos de acender nas almas essa mesma chama que leva os Portugueses de hoje a uma entrega absouta de si mesmos a Deus, à Virgem e à Pátria.

Querem-se dedicações que sirvam no próximo o próprio Jesus Cristo Nosso Senhor.

Querem-se imolações que aplaquem a Justiça de Deus pelos crimes da Nação e dos Indivíduos.

Querem-se heroísmos que levem o nome e o amor de Deus às plagas inóspitas da África onde tanto preto à sombra da bandeira das quinas espera a semente divina do Evangelho.

Quere-se sobretudo o reinado social e individual de Cristo que nos afaste da tremenda união com o socialismo, o indiferentismo, o espiritismo, a anarquia e outros inimigos que nos querem seduzir.

Mas... confiança que Maria vela por nós e Portugal será salvo pela devoção à Virgem.

Imolação Salvadora

Um menino ia fazer a sua primeira comunhão, muito bem preparado pelo Rev.º P.e Matéo, que ainda há pouco percorreu a nossa pátria prègando o amor a Jesus Cristo.

Andava alegre essa criança, mas havia uma coisa que o preocupava: o pai não tinha fé.

Resolveu o menino dedicar-se à conversão do pai. Para isso, com a aprovação do Padre, escreveu um compromisso pelo qual se obrigava a comungar todos os dias e oferecer as comunhões por esta intenção.

O Padre e o menino de joelhos, assinaram o solene compromisso.

Durante dois anos a criança cumpriu o que prometera. Nem um só dia deixara de ir à Igreja, embora fôsse longe.

Falta à missa do costume, e o P.e Matéo ao terceiro dia da ausência, telefona para casa do rapazito a pedir notícias. Respondem-lhe que está gravemente doente. O Padre Matéo vai visitá-lo, e sabe ali que a criança está desenganada dos médicos.

Quási a morrer, o menino dirige a Jesus esta súplica: *Jesus, comunguei durante dois anos, todos os dias, pela conversão do meu pai, e êle continua afastado de Vós, Senhor, ouvi-me! Convertei o meu pai.*

Nisto entra o incrédulo no quarto, e o filho conta-he o grande segrêdo: *Há dois anos que comungo todos os dias para obter a graça da sua conversão, e o meu pai ainda não se aproximou de Deus.*

Tem a criança os olhos fitos nos olhos do pai, procura descobrir neles um lampejo salvador.

O pai inclina-se para o filho e diz-lhe: não te canses, meu amor, não estejas a afligir-te, conserva-te socegado.

Mas o pequenito apóstolo não desiste, é preciso converter o pai.

Com as mãos trémulas, pega no livro de orações que tem à cabeceira. Abre-o, e tira dali o papel onde está escrito o pacto solene que há dois anos ali guarda com cuidado.

Dá-o ao pai, que o começa a ler. O incrédulo comove-se. Duas grossas lágrimas brotam dos olhos para imediatamente deslisarem pelas faces.

A graça toca-o, converte-se, confessa-se. No dia seguinte, no quarto do doente, o pai fazia a sua primeira comunhão e o filho fazia a última, pois morrera nesse dia.

E' linda a história?

Vêde como Deus ouve as orações dos pequeninos. Talvez na vossa família haja alguém que não tenha fé. Rezai e comungai por êle, Jesus ha de convertê-lo.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte...	172.089$90
Papel, composição e impressão do n.º 84 (52.800 exemplares)...	2.933$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc....	953$70
	175. 976$60

Subscrição

(Maio de 1928)

Enviaram dez escudos para terem o direito de receber o jornal durante um ano:

Adelaide Soares Graça, Manuel da Silva Lopes, Palmira Valente, Georgina Pizarro, José Pereira de Amorim Mendes, Maria de Abreu Valença, Ana do Espírito Santo Torres, Laura das Dôres Fernandes, Lucia Revocata de Matos Coelho, José António Bebiano de Matos Coelho, Candida Neves dos Reis, José Maria Teixeira Fanzeres (50$00), António Proença Viegas (30$00), Conde de Agrolongo (30$00), Manuel Fernandes da Silva Lage (20$00), Ana da Conceição Neves (25$00), Olimpia L. de Carvalho, Maria da Conceição Domingos Ferreira, Maria José (12$50), José Fernandes de Almeida, Sebastião Rodrigues Correia, José Rodrigues, Maria Perpetua Seixas Vidal Patrício (20$00), José Martins da Cunha Viana (25$00), Maria da Conceição Veneno Fonseca, Manuel Caetano (15$00), Hermano Leça da Veiga, Eugénia Barroso (15$00), Homero Gomes, Maria Patrício (20$00); Maria do Céu S. Nunes (20$00), José Barbosa Leão (20$00), António Cêrca (12$50), João Arnaldo Calheiros Cruz, Carlos Augusto Gonçalves, Francisco Calheiros de Ahreu, Leopoldina Leite Loureiro, Domingos António Pinho de Saldanha, Abilio Bandeira Dias (15$00), Manuel Lopes Martins Albuquerque, António Ferreira do Nascimento, Maria da Piedade Cardoso, Dr. António Pereira de Figueiredo, José Mendes de Matos (30$00), Manuel Joaquim Barros (20$00), José Augusto Rodrigues de Almeida, José Simões Ladeira, Luís Nunes Afonso, Manuel Ribau Novo, António Duarte Ferrão, Manuel da Silva Matias, Manuel de Oliveira Estudante (20$00), José Ferreira Teodoro, Manuel António Fernandes, Aurora Flôres, Antonia Rosa de Jesus, Eduardo Domingues Ribeiro, José Friães (15$00), Inácia Macêdo, Perpetua Macêdo, Inácia de Jesus Macêdo Oliveira, João da Silva Videira, António Ferreira da Silva, José António Rodrigues de Faria, José da Costa Cruzeiro, Serafim Madeiras, José Augusto da Silva, Malvina Teixeira, Francisco Mayer Pereira de Campos, Isaura Lopes Pereira Moutinho, Aurora Oliveira Assunção, Ester de Almeida Gomes, António Pires, José Maria Mendes Travassos, Laurinda de Souza (30$00), Maria Almeida, Marcelino António (16$00), Maria de Menezes Taveira, Maria do Carmo Lencastre, Maria Candida Correia Diniz da Fonseca, Miquelina Correia, Luís Filipe, Rosa Dias Costa, Francisco Mendes (30$00), Joaquim Rangel, Maria Gonzaga de Abreu Fonseca (20$00), Maria da Assumpção Cunha, P.e José Francisco Conde (60$00), Viscondessa de Ervedal da Beira, Eduardo da Silva Amado, Candida Gaspar, Alda Pires Gonçalves (20$00); Amélia Machado Martins (20$00), Maria Francisca Torres de Avelar, P.e Luís da Conceição Torres, P.e Manuel Alves, Raquel da Costa Cardoso (20$00), Albertina Torres, Viscondessa Sanches de Baena, Maria da Luz de Almeida e Napoles, Ermelinda Simões, Julia Nunes (20$00), Baroneza de Samora Correia (50$00), Irene Rosa, Maria Camilo, Caetana R. da S. Ferraz.

Donativos vários e de jornais avulso: Francisco de Paiva Boleo, 20$00; Igreja paroquial de S. Tiágo e S. Martinho, 100$00; Artur de Almeida Leitão, 80$00; Teresa Forte, 50$00; P.e David Fernandes Coelho, 105$00; Josefa de Jesus, 11$60; Anónima de Pedrouços, 125$70; Maria do Carmo Pereira, 22$50; Joana Serena e vários de Ilhavo, 100$00; Menina Maria Amélia Guimarães, 15$10 José Luís, de Macau, 28$83; Ana Barbosa da Silva Reis, 31$75; Manuel Lopes Dias, 12$60; Maria Alice das Dores Silva Almeida, 50$00; Ana da Conceição Neves, 50$00; Julia Dias F. Coimbra, 15$00; Julio António de Assis, de Macau, 46$00; P.e Agostinho Martinho Vieira, de Cabo Verde, 400$00; Aida de Aguiar Ferraz, 66$00; Carmina Vieira, 48$00; Leopoldina Ferreira, 42$10; Manuel F. Bezerra, da California, 4 dolares e meio, Ilda Pontes, de Tete, 33$50, P.e Luís Melo, 80$00.

Na Igreja de S. Tiágo de Cezimbra, pela Ex.ma Snr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, nos meses de Julho e Agosto de 1929 ... ... 70$00

Na Igreja do S.S. Coração de Jesus, pela Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, no mês de Agosto de 1929 ... ... 31$55

A maior das riquezas

Uma manhã linda de primavera.

Um jovem pastor apascentava o seu rebanho. Era tão alegre, que passava a vida a cantar e a saltar.

O Rei passara junto dêle, e vendo-o tão alegre, perguntou-lhe.

— Porque estás tão alegre?

O pastorinho não sabendo a quem falava, respondeu:

— Porque não hei de estar contente? O nosso Rei não é mais rico do que eu.

— Quais são as tuas riquezas?

— O pastor então começa a falar:

Este lindo céu azul com as suas nuvens de prata e aquele sol com os seus raios formosos, brilham tão alegremente para mim como para o Rei.

Adornam-se as montanhas e os vales de flores, tanto para mim como para êle. Vêde as minhas mãos? Não as daria por muitos contos de réis. Vêdes os meus olhos? Pois todas as riquezas do nosso monarca não mos pagariam.

Além disto tenho tudo o que me é preciso e posso desejar.

Cada dia como o suficiente para viver; ando vestido convenientemente, recebo anualmente pelo meu trabalho o dinheiro de que preciso. Dizem-me agora se o nosso soberano é mais rico do que eu.

O Rei sorriu-se, e dera-se a conhecer.

— Tens razão, e podes dizer que o teu Rei ta deu também.

A alegria e a paz de uma boa consciência excedem todas as riquezas deste mundo.

ASSIM MESMO

Há tempo um jornal americano prometeu um prémio àquele dos seus leitores que desse a melhor resposta a esta simples pergunta:

Que havemos de fazer das nossas filhas?

A resposta premiada foi a seguinte:

«Façamo-las acima de tudo cristãs Dêmos-lhe uma boa instrução elementar.

Ensinemos-lhe depois a preparar convenientemente uma refeição, a lavar, a passar a roupa, a remendar os vestidos e a transformá-los e as meias, a talhalos e a cosê-los.

Que elas se lembrem que uma boa cosinha poupa muitas despezas, com médicos e farmácia.

Dizei a vossos filhos que uma peça de dez tostões tem cem centavos e se se não sabe economisar um centavo em pouco tempo está o escudo no fim.

Dizei-lhe que poupar é gastar menos do que se ganha e que faça conta com a miséria o que gasta mais do que recebe.

Recordai a vossas filhas que uma operária honesta é cem vezes mais estimável, ainda que nao tivesse senão um centavo, do que uma dúzia de raparigas vaidosas, pretenciosas e imbecís.

Frisai-lhes bem que um vestido de algodão pago veste e enfeita melhor do que um vestido de seda por pagar.

Ensinai-lhes a amar as flôres e em geral, todas as obras de Deus.

Quando chegar o tempo do seu casamento persuadi-lhes que a felicidade na sua casa não virá da fortuna ou da situação do seu marido mas das suas qualidades morais e do seu caracter».

Uma comunhão

Falando da sua 1.ª Comunhão, escreve Santa Teresinha do Menino Jesus:—Que doçura a do primeiro óculo de Jesus à minha alma! Sim, foi um óscule de amor. Eu sentia-me amada e correspondia dizendo: «Amo-vos, dou-me a vós para sempre!» Jesus não me pediu nada. Já há muito que Ele e a Teresinha se haviam entreolhado e compreendido... Neste dia o nosso encontro não se podia dizer simples vista, *foi uma fusão*. Já não eramos dois: Teresa tinha desaparecido como gota de água no meio do Oceano, ficava só Jesus; êle era o Mestre, o Rei!... A minha alegria foi tamanha que a não pude conter: inundaram-me lágrimas deliciosas...

Boa Lição

Um mouro africano tinha em sua casa, prisioneiro, um oficial francês que insultava a cada momento mimoseando-o com o nome de cão.

Indignado o oficial, certo dia ao ver-se injuriado daquela maneira perguntou ao maometano:

— Porque me insultas contínuamente chamando-me cão? Que razão tens para tratar-me assim?

— Há um mês que estás em minha casa e durante êste tempo ainda te não vi orar uma só vez; por isso te chamo cão, e menos que um cão és tu, porque ao menos êste animal conhece o amo que o sustenta, e tu não conheces o Deus que te criou.

O oficial baixou a cabeça cheio de vergonha.

Uma ambição legítima

Quando Alexandre Magno, às caladas da noite, contemplava o céu estrelado, punha-se a chorar. Todos os reinos que conquistára não o satisfaziam, e desesperava-se por não poder conquistar também as estrelas.

Não tem limites a ambição humana. O rico quere ajuntar cáda vez mais dinheiro, o poderoso quere galgar sempre mais altas posições; o festejado quere celebrar sempre novos triunfos. O facto de o homem querer sempre mais, prova que estas coisas não podem satisfazê-lo.

Há, porém, uma ambição lícita e louvável, que o homem deve sustentar e que o satisfará plenamente: é a ambição de ganhar o céu, onde a sua felicidade será completa e eterna.

ANO VII — Leiria, 13 de Novembro de 1929 — N.º 86

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa
Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

NA CIDADE DA VIRGEM

A GRANDE PEREGRINAÇÃO NACIONAL DE OUTUBRO

Estância bemdita de mistérios, de graças e prodígios

«Fátima, terra cheia de tradições ligadas com os factos mais notáveis da história portuguêsa, é o local escolhido por Nossa Senhora para manifestar o seu poder, a sua bondade, o seu amor.»

Palavras dum artigo de Sua Excelência Reverendissima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.

Na véspera à tarde — Afluência de peregrinos — A procissão das velas — As diversas peregrinações — A audácia dos gatunos.

Dia doze de Outubro, tão ansiosamente esperado e tão jubilosamente acolhido por milhares e milhares de almas crentes e piedosas!

Tarde esplêndida de Outubro, deveras maravilhosas, cheia de beleza e encanto, embalada por uma viração branda e suave, de ambiente embalsamado pelo aroma das flores silvestres, de céu azul e sem núvens, terso e diáfano, como um cristal puríssimo.

O sol, àquela hora adiantada do dia, já declinava para o Oceano, polvilhando os campos próximos e os cêrros longínquos de cambiantes de luz e côr que, a breve trecho desmaiavam e se diluiam, primeiro nas pálidas sombras do crepúsculo vespertino e depois nas densas trevas nocturnas.

A cada hora e a cada momento a torrente humana, tumida e interminável, despeja na Cova da Iria novas ondas, vindas de todos os pontos do país, no desejo veemente e irreprimível de homenagear a Virgem bemdita junto do trono das suas graças e das suas misericórdias.

Pouco depois das dez horas principia a organizar-se a procissão das velas. A grande massa dos peregrinos aglomera-se em frente da capela das missas. O rev dr. Manuel Marques dos Santos, capelão-director do serviço religioso do Santuário, comunica as suas instruções pela voz potente dos altifónios. Em seguida inícia a recitação do terço do Rosário, que é feita alternadamente com o povo. Dezenas de milhares le vozes ciciam, num doce murmúrio, as preces incomparáveis do Saltério Mariano. Todos os outros rumores são abafados pela toada, grave e cadenciada, dos *Pater* e dos *Ave*. Apenas os sons fortes ou estridentes das buzinhas dos automóveis, e das *camionetes*, que circulam nas estradas adjacentes à Cova da Iria, conseguem dominar por instantes aquele colóquio grandioso e empolgante entre a terra e o Céu, entre as almas e Deus. Acabou a recitação do terço. O local das aparições está transformado num imenso lago de fôgo. De repente, a multidão movimenta-se. Principia então o longo e magestoso desfilar das peregrinações, que levam à frente os seus estandartes. Lisboa, Porto, Alcobaça, Ancião, Alvorge e S. Tiágo, Varzea de Santarém, Pó da Flor, Carvalhal de Aljubarrota, Soure, Paranhos, S. Maméde da Infesta e muitas outras regiões e terras de Portugal enviam à Fátima as suas numerosas e luzidas embaixadas para renderem em seu nome à excelsa Raínha do Rosário o preito sentido da sua veneração e do seu amor.

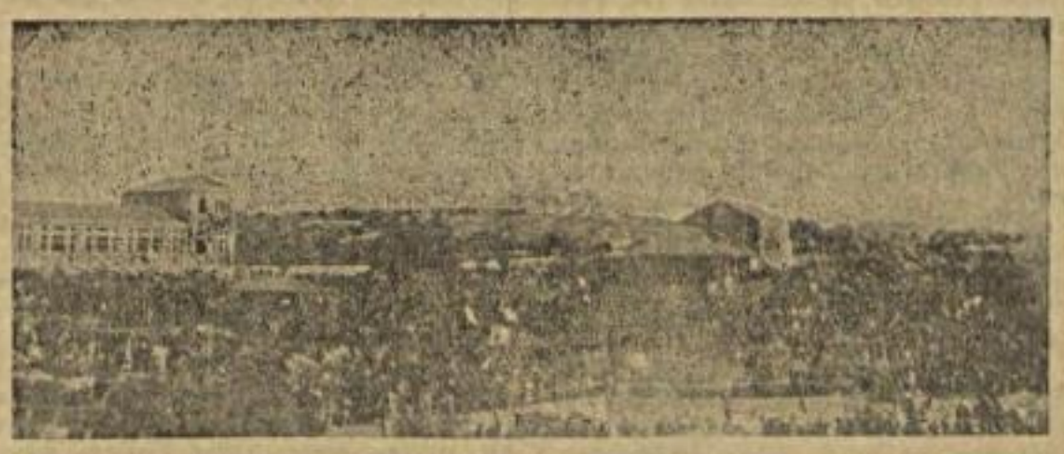
Eis que essas embaixadas percorrem agora a charneca sagrada, empunhando lumes e cantando o *Avé de Fátima*, a plenos pulmões, numa apoteose sublime, incomparável, única, à gloriosa Padroeira da nação.

E os lumes, às centenas, aos milhares, às dezenas de milhares, espalham-se pela Cova da Iria, em tôdas as direcções, como estrêlas de ouro, tecidas pelas mãos dos crentes, para serem pregadas, como símbolos dos seus corações, no manto augusto da Virgem do Rosário.

Gatunos de ambos os sexos, sem nênhum respeito pelo lugar sagrado e pela piedade dos fiéis e cheios duma audácia inaudita, acompanham, passo a passo, os peregrinos, como se peregrinos fôssem, para tentarem exercer as suas criminosas operações. Vigiados pela polícia do Santuário e surpreendidos em flagrante ou em movimentos suspeitos, alguns dêles são presos e entregues aos representantes da autoridade, que os algemam e remetem para a cadeia de Vila Nova de Ourém, depois de sèriamente incomodados por alguns populares impacientes e exaltados.

A adoração nocturna — O Senhor Bispo de Leiria — Na igreja da Penitenciária — A missa da comunhão geral — Trinta mil particulas consagradas.

Soou já a meia-noite oficial. E' chegada ao seu termo a procissão das velas. A multidão, de novo reünida diante do Pavilhão dos doentes, canta o *Credo de Lourdes*, lançando assim no seu protesto de Fé veemente e solene, um repto altivo e nobilíssimo às orgulhosas negações da descrença e às violências impotentes da impiedade. Começa a tocante cerimónia da adoração nocturna. Jesus, o Divino Rei de amor, é exposto na Hóstia Santa, sôbre um trono de luzes e de flores.



ANTES DA MISSA DAS 11 HORAS

As primeiras duas horas da noite são consagradas à adoração e reparação nacional. Reza-se durante elas, em voz alta, o terço do Rosário. Contemplam-se e meditam-se os mistérios gozosos. Antes de cada uma das dezenas, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, explica detidamente o respectivo mistério numa linguagem vernácula e elegante, mas acessível a tôdas as inteligências.

Seguem-se, até às cinco horas, as outras horas de adoração, sempre com o Santíssimo Sacramento exposto no trono. Das duas às três, a adoração é feita pelas peregrinações de S. Maméde da Infesta, Sobral da Lagôa (Serra de Bouro) e Uceira, das três às quatro, pelas peregrinações do Porto, Alcobaça e Alvorge, e das quatro às cinco, pela peregrinação de Lisboa.

Durante a tarde do dia doze, tôda a noite do dia doze para o dia treze e tôa manhã do dia treze, numerosos sacerdotes ouviram os homens de confissão na igreja da Penitenciária. Os penitentes eram às centenas, aos milhares, e aguardavam a sua vez, uns dentro do edifício, ao pé dos confessionários, e os outros na parte exterior, às portas do templo, esperando que êste se descongestionasse e os servitas permitissem o ingresso dum novo contingente de penitentes. Edificava e comovia a paciência dos fiéis que, durante horas e horas a fio, esperavam, de pé e ao relento, a licença de entrarem na Penitenciária.

Foi tão grande nos dois dias a aflüência de homens ao tribunal da Penitência, que muitas centenas de pessoas do sexo feminino, desejosas de se confessar e de comungar na Cova da Iria, debalde esperaram que lhes chegasse a vez, não podendo, com grande mágua, satisfazer o seu ardente desejo.

As missas principiam ainda alta madrugada. São numerosíssimos os sacerdotes presentes, posto que a concorrência do dia treze com um Domingo, neste mês, dificultasse imenso a ida dos sacerdotes à Fátima e inibisse grande número dêles de tomarem parte na peregrinação. Algumas das peregrinações tem missa privativa: a de Alvorge, às nove horas, a do Porto, às nove e meia, a de Lisboa, às dez, as de Sobral da Lagôa e Uceira, às onze e a da Várzea (Santarém), às onze e meia. Às seis horas celebrou-se a missa da comunhão geral.

Desde êsse momento, grande número de sacerdotes, distribuíram, quási ininterruptamente, o Pão dos Anjos, aos fiéis que para êsse fim se tinham devidamente preparado, nas suas terras ou em Fátima, por meio da recepção do Sacramento da Confissão.

Na doce e encantadora Betânia da Cova da Iria, nessa gloriosa e inolvidável manhã, cêrca de trinta mil pessoas de ambos os sexos receberam nos seus corações o Rei imortal dos séculos, escondido na Hóstia Santa, Pura e Imaculada, tornando os seus corações tronos augustos dAquele que se chama Jesus, Eucarístia, Amor, fazendo das suas almas sacrários vivos da Divindade!

No albergue de Nossa Senhora do Rosário — O Posto das verificações médicas — O transporte dos doentes — O trabalho dos servitas — A dedicação das servitas.

No vasto recinto murado da Cova da Iria, ao lado esquerdo de quem transpõe o portão principal, por trás da capela das aparições, ergue-se um edifício, grandioso e imponente, belo e elegante, de arquitetura sóbria e singela, de linhas suaves e delicadas: é o Albergue de Nossa Senhora do Rosário, vulgarmente conhecido pela designação de Hospital-Sanatório. Os peregrinos que do alto da estrada avistam esta mole gigantesca de mármore, sentem logo uma impressão bem viva e bem profunda de assombro e de encanto. E' ali que são caridosamente acolhidos e caridosamente tratados os doentes pobres das diversas peregrinações, que acorrem no dia treze de cada mês à Cova da Iria, e que são distribuídos pelas várias enfermarias, numas os do sexo masculino e noutras os do sexo feminino. As suas salas, tão lindas, tão higiénicas e tão cheias de ar e de luz, regorgitam de doentes. Tôdas as misérias físicas de que enférma a pobre humanidade ali teem a sua grande e impressionante feira de amostras.

O Posto de verificações médicas que, durante alguns anos teve a sua séde provisória na Casa dos Servitas, encontra-se desde o mês de Maio último definitivamente instalado no Albergue. O seu ilustre director, o dr. José Maria Pereira Gens, exerce as múltiplas funções do seu cargo com um zêlo indefesso e com um carinhoso disvêlo, examinando os enfermos que se apresentam, dirigindo os serviços de inscrição nos respectivos registos e fornecendo a cada um dos inscritos a necessária senha de ingresso no Pavilhão dos doentes. Com uma solicitude e uma dedicação igualmente admiráveis, coadjuvam-no nesse trabalho, longo e penoso, vários colegas da capital e da província, entre os quais os drs. Eurico Lisboa, Weiss de Oliveira, Augusto Mendes, Luz Preto, Gabriel Ribeiro e José Bonifácio da Silva.

Dos veículos que os transportaram a Fátima até ao Posto das verificações médicas e dêste, depois de examinados e inscritos, até ao Pavilhão, os paralíticos e os doentes que se encontram em estado mais grave são conduzidos em carros de mãos ou em macas, segundo a maior ou menor gravidade do seu estado.

Os servitas, sempre cheios de zêlo e dedicação, desenvolvendo uma actividade assombrosa, empregam-se nesse serviço durante quási todo o dia, sob a direcção dos seus chefes.

Era sobremaneira consolador o espectáculo que ofereciam êsses pioneiros da caridade, trabalhando lado a lado, irmanados nos mesmos sentimentos, desde os membros das classes mais elevadas e mais cultas da sociedade, como o Marquês de Rio Maior, o dr. Afonso Lopes Vieira, o coronel Patacho e o dr. Carlos Mendes, até aos estudantes, artistas e operários e aos mais humildes filhos do povo.

No Albergue de Nossa Senhora do Rosário, e no Pavilhão dos doentes circulam em tôdas as direcções, num vaivém contínuo numerosas senhoras e meninas vestidas de branco. Parecem anjos descidos do Céu para confôrto de tantas máguas, para refrigério de tantas dores, para lenitivo de tantas lágrimas, e são realmente anjos de caridade, portadores do bálsamo divino da resignação cristã.

Duma simplicidade edificante no exercício da sua nobilíssima missão, humildes e despretenciosas, elas lá vão, absorvidas no trabalho e na prece, sempre acompanhadas das bençãos dos homens, coroadas sempre pelas graças de Deus!

Uma família abençoada — A procissão da Virgem do Rosário — A missa dos doentes — A bênção com o Santíssimo Sacramento — O sermão oficial.

É quási meio-dia solar.

Na espaçosa sala dos *ex-votos*, na residência dos servitas, um grupo interessante, composto de marido e mulher e seis filhos menores, três meninos e três meninas, ajoelham aos pés de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria e osculam-lhe o sagrado anel. Depois de recebida a bênção do venerando Antístite, levantam-se, e o chefe daquela família cristã e piedosa expõe, com os olhos rasos de lágrimas, as grandes graças que havia alcançado, mercê da intercessão de Nossa Senhora de Fátima. Êle, engenheiro agrónomo, filho do Visconde de Miranda, ela, a espôsa, filha do Visconde da Carreira, actualmente residentes em Lisboa, tinham já vindo a Fátima agradecer à Rainha do Céu a cura desta, que sofria duma grave enfermidade e cujo estado era tido pela sciência como desesperado. E agora voltavam de novo à estância bemdita da Cova da Iria para pagar outra promessa e em acção de graças pela cura duma doença igualmente grave do chefe da família que o colocara às portas da morte e o fizera crer irremediavelmente perdido.

Ditosa família, em que a Fé e a piedade entrelaçadas florescem e frutificam abundantemente, atraindo sôbre os seus membros, com os dons da graça sobrenatural, as bênçãos temporais e os prodígios do Céu!

Mas eis que é chegado o meio-dia solar.

A procissão da Virgem é, como sempre, uma marcha triunfal. Levada no seu andor aos ombros dos servitas, a linda Imagem da Visão de Lúcia de Jesus lá segue, sob uma chuva contínua de flores e no meio de vivas e aclamações, da capela comemorativa das aparições para o pedestal de honra no altar-mor da capela das missas. E o venerando Prelado de Leiria que celebra a missa dos doentes, acolitado pelos rev.dos dr. Augusto de Araujo e dr. Cruz. Durante a missa recita-se o terço do Rosário. Após a missa, é exposto e incensado o Santíssimo Sacramento, e dada a bênção a cada um dos doentes e, por fim, a bênção geral.

O sermão oficial é prègado pelo rev.do José de Pinho, pároco de S. Mamede da Infesta: alocução breve mas eloquente, em que o ilustrado e piedoso sacerdote, presos os ouvintes dos seus lábios, canta um hino de amor à Virgem, celebrando as suas glórias e enaltecendo as suas misericórdias.

Um ilustre peregrino estrangeiro — Fátima na China — Um número único comemorativo — Artigos primorosos — Esplendidas gravuras.

No dia treze de Maio último, veio a Fátima, pela primeira vez, atraido pela fama das grandes manifestações de Fé e piedade e dos assombrosos prodígios de que ela é teatro, o rev.do dr. Luís Fisher, lente catedrático da Universidade de Bamberg, na Alemanha. Numa importante revista bávara, *A Sentinela*, êsse ilustre professor tem publicado, desde o seu regresso, uma série de artigos primorosos e interessantes, subordinados à epígrafe «Fátima, a Lourdes Portuguesa.» A leitura dêsses artigos inspirou a um dos membros mais distintos do clero regular austríaco, o rev.do Dom Prior do mosteiro da Ordem de Cister, de Neustadt o desejo de ver a nova e maravilhosa cidade da Virgem.

E eis que, sem conhecer nenhuma das línguas novi-latinas, êsse categorizado religioso empreende uma longa viagem, atravessa diversos países, entra em Portugal e chega à Cova da Iria no dia doze do corrente, à tarde, para assistir à procissão das velas e ás manifestações comemorativas do duodécimo aniversário da sexta aparição da augusta Rainha do Santíssimo Rosário aos humildes videntes de Aljustrel.

O rev.do Albérico Rabensteiner — tal é o nome do ilustre peregrino — passou em Fátima, como êle próprio disse, algumas das horas mais belas e mais comoventes da sua vida.

A procissão das velas e sobretudo as procissões da Virgem e a bênção dos doentes deixaram no seu espírito, profundamente gravadas, vivas impressões, que jámais se apagarão. Tudo quanto êle pensava, tudo quanto êle sentia àcerca de Fátima, dêsse trono esplendoroso de Jesus-Hóstia, dêsse centro formosíssimo e incomparável de devoção à Santíssima Virgem, de todo êsse poema de consolação, de paz e de felicidade que faz da Cova da Iria um lindo cantinho do Céu, quís traduzí-lo e sintetizá-lo, reduzindo-o à expressão mais simples, nesta frase bem curta mas verdadeiramente lapidar: «Fátima é absolutamente impossível de descrever.»

Dora ávante, como o dr. Luís Fisher já o está sendo na Alemanha, Dom Albérico Rabensteiner será na sua pátria — podemos ter a certeza disso, — o apóstolo entusiasta e infatigável da mística cidade do Rosário, da Lourdes Portuguesa.

Fátima é hoje um nome que se pronuncia com respeito e simpatia em tôdas as cinco partes do mundo. A gloriosa Virgem do Rosário, que alí se dignou aparecer ha doze anos para salvação da nossa querida Pátria, é verdadeiramente o polo magnético de todos os corações genuinamente portugueses e cristãos, onde quere que êles se encontrem, — nos sertões adustos da Africa, nos virentes palmares da India, nas florestas quási-virgens do Novo-Mundo ou nas ilhas perdidas na imensidade do Grande Oceano.

Macau, a linda cidade do Santo Nome de Deus, a pérola de Portugal no Extremo Oriente, engastada na corôa multisecular do antigo Celeste Império, não podia ficar indeferente perante as maravilhas de amor e misericórdia da augusta Mão de Deus no novo teatro das manifestações do seu Coração maternal. E assim é que resolveu festejar condignamente o duodécimo aniversário da primeira aparição da Virgem Santíssima aos pastorinhos, inaugurando o culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima com solenidades religiosas que se assinalaram pela sua imponência e beleza, entre as quais uma missa solene de pontifical celebrada pelo Senhor Bispo de Macau e uma grandiosa procissão pública, e dando à luz da publicidade um número único comemorativo dessa inauguração, em suplemento ao n.º 302 do Boletim Eclesiástico da Diocese.

Escrito parte em português, parte em chinês e parte no dialeto indígena, êsse número, que consta de oito páginas em formato grande, é colaborado pelas melhores penas portuguesas do Extremo Oriente, inserindo primorosos artigos do Senhor Bispo de Macau, do Senhor Bispo de Leiria, do rev.do António Maria Alves, S. J., do rev.do cónego Manuel J. Pintado, de Mateus das Neves e de Jaime Goulart, e mimosas e inspiradas poesias do rev.do cónego Matias Liu, de José Machado Lourenço, de António J. P. Sequeira, de Ezequiel Pascoal e outros.

Entre as gravuras destacam-se a de Nossa Senhora de Fátima, a da scena das aparições, a do Santo Condestável D. Nuno Alvares Pereira, a de Sua Santidade o Papa Pio XI e a do Senhor D. José, apostólico Prelado da Diocese.

Bem haja a lial cidade do Santo Nome de Deus de Macau e que a Virgem bemdita de Fátima se digne protegê-la e cumulá-la com as suas graças e as suas bênçãos mais preciosas, já que ela, lá tão longe da mãe-pátria, sabe honrar a gloriosa Padroeira de Portugal com tanta magnificência, com tanta dedicação e com tanto amor!

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Dispépsia ácida.

Maria Letícia P. de Bastos y Lago, moradora na rua cinco de Outubro, n.º 15 em Lisboa, em carta de 3 de Setembro de 1928, informa:

«É com a maior alegria e cheia de reconhecimento para com a Santíssima Virgem que venho relatar-lhe o grande milágre que recebi, esperando da sua bondade e para cumprimento da minha promessa ve-lo publicado no muito apreciado Jornal da Fátima.

Em Dezembro de 1926 comecei sofrendo muito do estômago não podendo por vezes ingerir o mais ligeiro alimento. A acidez era constante e os vómitos e agonias que sentia não me deixavam socegar.

Consultado o Dr. Júlio Pinto, médico de minha família há muitos anos, foi de opinião que eu tinha uma dispépsia ácida, iniciando um tratamento em que senti algumas melhoras. Assim passei uns mêses mas já aborrecida da rigorosa diéta a que estava sujeita, comecei a alterá-la nalgumas pequenas coisas. Foi isto causa suficiente para me piorar imenso, os remédios já não me faziam efeito nenhum as agonias e aflições que sentia eram muito violentas, a acidez insuportavel, a intolerância do meu estomago por qualquer alimento era tal que às vezes nem uma simples chavena de chá podia tomar.

Só com aplicações quentes sôbre o estômago conseguia socegar um pouco. Cheguei a um estado de fraqueza extrema, já me não sentia com forças para fazer nada.

Vendo o médico que o meu estádo se ia agravando cada vêz mais, mandou-me tirar uma radiografia, pois em sua opinião eu devia ter qualquer coisa ulcerosa e o estômago descaído.

Verdadeiramente desanimáda com tal opinião, e prevendo ter uma doença muito gráve, resolvi-me a implorar a protecção Divina como único linitivo que me poderia ser concedido. Comecei com muita fé uma novena a Nossa Senhora de Fátima implorando-Lhe que me curasse e prometendo-Lhe tornar pública a minha cura para Sua maior glória e rezar todos os dias o terço em Sua honra.

Não tinha, porém, a milagrosa água nem sabia como havia de obte-la; mas precisamente no último dia da novena sube casualmente que podia adquiri-la na Igreja da Conceição Velha.

Não obtive nesta novena melhoras nenhumas, mas cheia de esperança como estava na Virgem Santíssima não desanimei puz de parte todos os medicamentos e com muita fé comecei outra novena no dia 21 de Abril p. p. fazendo uso da maravilhosa água de Fátima. Antes, porém, de começar esta segunda novena, fui ouvir missa no altar de Nossa Senhora de Fátima e pedir-lhe que tornasse a minha alma propícia a receber o grande milágre que lhe pedia, pois me achava indigna da Sua protecção. Nêsse dia conheci com grande espanto que a ligeira refeição que tinha tomado não me tinha causado a tão costumada indisposição, e, com a maior alegria fui reconhecendo grandes melhoras de dia para dia até que no fim da terceira novena me encontrava completamente curada!

Desde então como de tudo, sem a mais leve excepção, sinto-me completamente bem apenas ainda um pouco fraca, consequência do meu sofrimento durante cêrca de ano e meio, mas cheia de esperança em que a Mãe Santíssima continuará sempre a conceder-me a preciosa graça da saúde.

Descrever a gratidão que sinto para com a Santíssima Virgem, não sei nem me é possivel, mas o meu maior desejo é clamar bem alto que devo a minha cura única e exclusivamente a um MILAGRE DE NOSSA SENHORA DE FATIMA.

Todos aqueles que sofrem não desanimem, tenham fé em Deus e com a maior confiança recorram à Santíssima Virgem que não deixa nunca de ouvir aqueles que com muita fé imploram a Sua Divina proteção.

É pois com muita esperança que imploro à Virgem Maria que ilumine todos os corações na luz bemdita da fé, curando todos os que sofrem como curou a sua pequenina e humilde serva.»

Hemorragias intestinais.

P.e José de Pinho, em carta de 18 de outubro, escreve de Infesta:

«...Agora outro assunto: Levei na minha peregrinação uma doente, afectada de uma enfermidade gravíssima, que consta dum atestado passado por um médico, que deixei no Hospital em Fátima. Há dois anos que sofria dores horríveis e tinha freqüentes hemorragias, provenientes dos intestinos. Não dormia, não se alimentava quási nada e não se sustentava em pé. Conheceu bem o seu estado melindroso a Ex.ma Sr.ª D. Maria José Pestana em Fátima. Durante a viagem para Fátima foi um verdadeiro horror, embora a doente procurasse ocultar o seu sofrimento que eu avaliava. Pois bem. No regresso conservou-se no mesmo estado até Leiria, e daí até Coimbra adormeceu, tendo-lhe desaparecido as dores, apezar dos abalos da camionete, devidos ao mau estado do caminho. No dia seguinte almoçou com apetite em Coimbra e até sua casa veio cantando os louvores à Virgem. Recebi hontem um postal seu em que me diz que se sente quási curada, tendo apenas a perna esquerda um pouco inchada. Ao entrar em casa andou por seu pé, sem o auxílio de pessoa alguma.

O seu nome é: Maria da Adoração, viuva, 36 anos, moradora na rua Areosa, 110, Porto (frèguesia de Pedrouços). Caso queira notificar este caso, fica ao critério de V. Ex.cia Rev.ma...»

Tumor

Maria Remana, casada com José Pedro, do sítio da Ribeira Funda, frèguesia de São Jorge — Madeira, tinha há 4 anos um tumor num peito, tendo recorri-

do várias vezes ao médico, sendo lancetado três vezes pelo Ex.mo Snr. Dr. Assis do Nascimento sub-delegado de saúde no concelho de Sant'Ana (Madeira) sem que tivesse resultado qualquer melhora para a padecente, continuando o mesmo tumor a deitar pús agravando-se o seu estado de dia para dia. Como o seu estado exigia sérios cuidados fez-se transportar do Funchal onde consultou o Ex.mo Snr. Dr. Nuno Porto abalizado clínico naquela cidade, sendo a sua opinião, depois de a ter examinado, que a doente désse entrada no Hospital da mesma cidade, onde devia sujeitar-se a uma melindosa operação, em que na sua opinião, devia ser amputado aquele peito para ficar livre de perigo. O receio, porém, de ficar sem vida nessa operação fêz com que desistisse, pois era mãe de 4 filhinhos ainda em tenra idade, o mais velho dos quais apenas com 6 primaveras, alaceando-lhe a alma deixa-los orfãos. Como o seu mal do peito não bastasse para amargurar-lhe a vida sôbreveio-lhe uma forte peneumonia, em que se viu obrigada a guardar o leito dois mêses e meio, chegando a receber os últimos sacramentos, tanto o seu mal se agravou.

Pessoa amiga sabendo do seu estado tão grave, levou-lhe alguma água de Nossa Senhora de Fátima que começou a tomar, seguida de uma novena para obter a sua cura. Passados os primeiros 3 dias, começou a sentir consideráveis melhoras tendo-lhe desaparecido uma picada que tinha no lado direito onde tinha o peito doente. Da mesma água aplicou 3 vezes no peito doente, tendo com sua admiração notado que o tumôr havia desaparecido no fim dos três dias sem que jàmais voltasse qualquer incomodo, encontrando-se perfeita e sã apezar de já terem decorrido 6 mêses sem que tenha sentido nada de anormal no referido peito.

Por isso vem testemunhar o seu inolvidável agradecimento a Nossa Senhora de Fátima, por tão oportunissima cura, pois só a Mãe do Céu nos pode valer nestas contingências».

Moléstia incurável

Inocêncio Antero de Menezes Lius, Juiz de Direito em Maroim (Sergipe-Brasil) em carta de 7-VIII-1928 informa:

Com a família reünida e de joelhos, resámos, no decorrer de 9 noites, 9 terços à Nossa Senhora do Rosário de Fátima, solicitando-lhe a cura do mano Rómulo Luís, que sofria uma molestia incurável.

Agora, estando êle restabelecido, venho tornar pública a graça alcançada de N.ª S.ª do Rosário de Fátima, ficando assim satisfeito o que prometi fazer.»

Uma dôr

Maria Virginia Nunes Schalwach, residente em Tete (Moçambique) em carta de 27 de novembro de 1928, diz:

Nesta data remeto a Vossa Reverendíssima a importância de 100$00, para serem empregados todos, em velas para o altar de Nossa Senhora da Fátima, devido a uma promessa que fiz, e me achar completamente curada, de uma dor, que me acompanhava há 8 meses numa perna, que me impossibilitava de andar e me deixava completamente transtornada.

No dia que fiz a promessa, rezei um terço e no dia imediato fiquei completamente curada.»

Um quisto

Almirinda Hespanha, da Frèguesia de Avanca, lugar de Agueiros, agradece a cura do quisto que tinha num pulso. Tendo sido já tirado pelo médico duas vezes, e estando outra vêz para o tirar, recorreu á proteção de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, e juntamente sua irmã Erminda, que se dignasse ouvir as suas súplicas. E usando água e terra da Fátima, fazendo-lhe o voto com aquela fé que todos as almas católicas temos quando invocamos o nome da Mãe de Deus, de fazer uma novena de comunhões, graças a Deus o meu voto foi ouvido. Estou completamente curada e não tenho nada no pulso. Dentro em breve iremos, se a Virgem Santíssima nos permitir, aos pés dessa Mãe tão carinhosa agradecer-lhe tão grande graça.»

Ulceração gástrica

Olinda Aires Neves, solteira, de 23 anos de idade, residente nas Laceiras, muito devota de N. Senhora de Fátima, em carta de 18 de Junho de 1929 escreve a seguinte graça que Nossa Senhora lhe fêz, e se achar digna de ser publicada na *Voz de Fátima* como prometi, para honra e glória de Nossa Senhora, peço a publicação. No ano de 1926 para o de 27 encontrava-me muito mal disposta do estomago não sabendo a que atribuir a doença. Afinal fui obrigada a ir ao ex.mo snr. Dr. Aurélio Gonçalves meu médico assistente. Receitou-me alguns remédios sem obter melhoras dos meus padecimentos sendo as dores cada vez mais horríveis. O meu médico, como não obtivesse melhoras dos meus males, mandou-me a um especialista a Coimbra onde fui ao raio X observando-se ter eu uma ulceração gastrica. Ficando só a leite uns quatorze mêses nada mais comia nem bebia.

Passados estes mêses, como me custasse muito andar só a leite, resolvi recorrer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima mandando vir a água de Fátima, tomando umas gotas com grande devoção. Prometi, se obtivesse melhoras, de fazer publicação no jornalzinho de Nossa Senhora do Rosário e de o assinar um ano como já estou completamente bem, comendo e bebendo de tudo sem que nada me faça mal, graças e muitas graças à Nossa Mãe Santíssima.

Doença intestinal

Noémia Eufémia Reio, Rua Monte Olivett 32- 3.º — Lisboa em carta de 23 de fevereiro do corrente ano, escreve:

«Sofrendo horrivelmente 4 anos duma doença borrível de intestinos torcidos e estomago caído como prova nos atestados que se encontram no poder de V. Ex.cia e estando desenganada por médicos e especialistas de incurável: Venho cheia de fé e reconhecidíssima para com nossa Mãe SS. do Rosário da Fátima declarar a minha cura milagrosa no dia 13 de Maio de 1928.»

Graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora de Fátima

Em 1926, estava em casa quando me procuraram para me comunicarem que em casa de determinada família tinha havido uma alteração entre marido e mulher, que tinha chegado a ser pública, tendo o marido abandonado a casa e que se queria divorciar.

Tratei de me informar do que havia, chegando à convicção que era difícil conseguir as pazes entre os dois esposos, que mutuamente se haviam insultado.

Pedi a N.ª S.ª do Rosário de Fátima que me iluminasse o espírito sôbre o que deveria fazer para consegir a união dos dois conjuges e que fui feliz nas deligências que fiz e já nêsse dia voltaram ao convívio anterior e ainda hoje vivem em paz.

Mais um favor da Mãe do Céu.

•

Conversava com certa senhora a respeito dos milágres de N.ª S.ª do Rosário de Fátima e dizia-me ela: «Eu, não acredito nesses milágres, pois pedi a N.ª Senhora por F... e ela veio a falecer».

Que errado pensar o desta Senhora: «A doente teve uma grande resignação durante a doença, teve uma morte verdadeiramente Cristã».

Que mais se pode ambicionar para uma pessoa amiga, do que a salvação da Alma?

Que tristeza o não pensarmos que não pertencemos a êste mundo, que a nossa passagem aqui são apenas dois dias e que a Vida Eterna, nunca acaba!

A Mãe do Céu, ouve muitas vezes os rogos que se lhe fazem e tem mais protecção para os que chama para junto de Deus, do que dando saúde aos que ainda ficam nêste vale de lágrimas.

•

Tinha uma espinha de peixe enterrada na garganta, sendo necessária intervenção médica para a tirar.

Após meia hora de pesquiza a espinha não aparecia; o meu pensar dirigiu-se a N.ª S.ª do Rosário de Fátima e logo o médico conseguiu extrair a espinha, começando a desaparecer a inflamação na garganta.

•

Guilherme Plantier Martins, — Rua Marques da Silva 79 Lisboa (Norte).

—Foi em Novembro de 1925, que se deu o que vou passar a narrar: Estavamos fundeados em S. Tomé, a bordo do vapor «Lourenço Marques» e à hora marcada para a partida faltava um passageiro, que seguia para a Costa Oriental.

O Comandante ainda esperou um pouco, mas como não se visse nenhuma embarcação a vir de terra, resolveu levantar ferro e seguir viagem.

Estava nessa ocaisão no meu camarote, sem saber de nada do que se passava, quando fui procurado por alguns passageiros, que conhecendo as relações que tinha com o Comandante, me pediram para conseguir dele o esperar mais pelo passageiro que faltava, que só um mês depois é que teria transporte, para onde se dirigia e para mais, tinha tôda a bagagem a bordo, pois vinha comnosco já de Lisboa.

Conhecedor da vida de bordo e do transtorno que causava a demora do navio, achei o caso complicado, de difícil solução e após umas escusas, disse que iria tratar do que me pediam.

Todos sairam da porta do meu camarote e ao concentrar ideias, vi que era dia 13, dia de Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e logo o meu pensamento se dirigiu à Santa Mãe do Céu e saí, procurei umas senhoras a quem acompanhei à presença do Comandante, que já estava na ponte e que ficou incomodado com a visita, porque lhe era impossível aceder aos rogos que lhe iam fazer, sem prejudicar a C.ª que servia. — Assim pois o navio levantou ferro e começou a viagem, as senhoras viram as suas esperanças perdidas e eu que sempre me conservei calado, só pensava, em N.ª S.ª do Rosário de Fátima e eis que veem dizer que muito ao longe (os navios em S. Tomé fundeam distante da terra) se via uma embarcação!

Da ponte do comando assestaram os binóculos e verificaram que era certo o que diziam e como tal o navio retrocedeu indo receber o passageiro que o único meio de transporte para bordo, que conseguiu, foi um «dongo», pequena embarcação gentilica, feita de um tronco de árvore, que com certa dificuldade (o mar em S. Tomé está no geral agitado) chegou até junto do vapor.

No meu espírito nasceu o dever de publicar esta graça, o que faço cheio de satisfação.

Como no dia do seu noivado...

Minha querida Clementina

A tua carta de confidencias intimas de desabafo chegou-me ás mãos já ha tempo mas quiz-te pagar na mesma moeda.

Fiz o propósito de te fazer esperar tanto tempo quanto eu tive de esperar esta em que tão bem me retratavas a tua linda festa de noivado.

Mas afinal deixei-me vencer. Não me sofria o coração fazer-te penar assim. Não era justo.

Que, na verdade, eu creio que, apesar de tão mal alinhavadas as minhas cartas te dão sempre um prazer ao menos semelhante ao que eu sinto, ao ler as tuas.

E que as nossas cartas não são como as de tantas raparigas de hoje. Não, nas nossas, ao menos nas que mutuamente nos enviamos pomos tôda a alma todo o coração e ao le-las cuidamos ver e ouvir quem no-las manda.

Não é assim?

Ao menos comigo dá-se isto sempre que me é dado ler as tuas.

E deve ser assim mesmo. Porque, ao passo que nós nos apresentamos uma á outra como somos, e sempre nos conhecemos, muitas das nossas contemporâneas esforçam-se por parecer o que na realidade não são.

E as cartas delas saem de tal forma que tôda a gente lhes nota o tom postiço em que são escritas.

Pois bem minha querida eu quero antes de mais nada dar-te os meus parabéns muito sinceros.

A tua festa foi realmente encantadora.

Como devias sentir-te feliz á noite ao ofereceres esse fim de dia a Nosso Senhor por veres que nada havia nele que destoasse daquela norma que te tinhas talhado!

Feliz de ti que conseguiste o que tantas nem sequér almejam!

Ao ler a tua carta fui reconstruindo ponto por ponto tudo quanto aí se passou e tão vivas e ao mesmo tempo suaves eram as tintas de que te serviste ao pintares-me tudo isso que quási senti inveja de ti.

Não que eu tivesse querido roubar-te o teu querido noivo e agora idolatrado marido, não.

Tanto mais que tenho uma noticia a comunicar-te: estou noiva também.

E o esposo que escolhi realisa por completo o meu Ideal.

Duma dedicação infinita por mim entrega-se-me todo, todo sem reservas.

É o mais rico, sábio e delicado que se pode imaginar.

E sôbre tudo isto duma bondade sem limites e duma incomparável beleza.

Já vêz que escolhi (desculpa dizer-to) melhor do que tu.

«*Devaneios de alma apaixonada*» dirás tu ao leres-me.

Não, minha querida, não exagero. Fico até muito aquém da realidade.

E' que resolvi entregar-me tôda ao nosso querido Jesus.

Já há muito sentia na alma a sua voz doce e amorosa a chamar-me sem descanço.

Mas o mundo sorria-me...

Procurei abafa-la num momento de loucura e ingratidão.

Hoje porém êsse chamamento é categórico, imperioso. Sinto-me atraída pela graça para a vida do claustro onde a sós com Jesus e com as almas das suas eleitas O louve, sirva e ame por tôda a vida.

E lá orarei também por ti.

Não tomes isto porém como despedida.

Espero, aceitando o teu convite, ir aí passar uns dias antes de partir.

E' provável que depois nos não tornemos a ver. Não queria de maneira alguma retirar-me assim sem te dar o último abraço. Nem tu mo levarias a bem. Ressentir-se-hia e com razão a nossa tão íntima, fraternal e santa amisade de infância.

A inveja que eu senti foi da magnífica situação da tua casa em plena aldeia.

Nunca a deixes pelo amor de Deus!

A vida da cidade torna-se mais intolerável de dia para dia. E' um inferno sob todos os pontos de vista.

Não serve nem para a alma nem para o corpo.

E' o perfeito contraste dêsse remanso florido e verde onde descansa e alveja como um ninho o teu lar.

Desejo imenso ir vê-lo e gosar do prazer que deves sentir aí ao habitá-lo.

E' também assim que eu imagino o meu convento e sei que tem algo de verdadeiro o meu imaginar.

Por mim, na comtemplação da natureza, do que ela tem de mais belo e mais puro, sinto um profundo prazer espíritual. E tu também porque o que tu me dizes dava a entender que estavas verdadeiramente entusiasmada.

Pois bem Clementina eu faço os mais ardentes votos porque tôda a tua vida seja a continuação, a realisação dessa beleza, dessa felicidade que uma vez vislumbraste.

E ha-de sê-lo creio-o bem.

Quando se começa como vocês começaram por fôrça se hão-de receber graças abundantíssimas do céu a adoçar até as agruras com que Deus queira mimosear os seus mais queridos.

Não te profetizo tais agruras, não tas desejo, é claro, mas é possível que as tenhas de sofrer pela vida àlém.

Se todos temos que sofrer...

Com uma diferença porém.

E' que os outros, os que não teem fé ou que tendo-a não vivem dela êsses sofrem sem amor, sem resignação, sem esperança, ao passo que aqueles a quem Deus deu o desejo e a alegria de sofrer por Êle sentem a dor a transformar-se em prazer intenso.

Porisso minha querida as primícias da tua vida matrimonial oferecidas a Nosso Senhor tão delicada, tão atenciosamente são o penhor certo e seguro duma infinda felicidade.

Ainda há pouco ouvi um caso que serve bem de argumento.

Era uma família cristã a valer: marido, esposa cinco filhitos e por sinal bem pequeninos que êles eram (porque nas famílias cristãs a valer só Deus marca o número dos filhos).

Duma situação regular tinham-se elevado a notável prosperidade pelo muito trabalho do marido e pelos bons negócios que sucessivamente fôra fazendo.

Mas de repente a adversidade bate-lhes à porta. Um negócio importante imobiliza-lhe grande parte do Capital que, por cilada de inimigos, não pode fazer render.

Ha alguns compromissos que de momento não podem ser cumpridos. Os crédores lacraram-lhe os vários estabelecimentos.

A situação agrava-se de dia para dia.

Era necessário fazer dinheiro em tudo economisar o mais possível.

Depois as economias são impossíveis pois nem sequer há o indispensável para gastas na alimentação.

Dispensam-se as creadas das quais uma resolve ficar de graça por dedicação aos seus amos — com um gesto de generosi-

dade de que o nosso povo é sempre capaz se lhe tocam no coração.

Chega-se a passar fome. Deante do mundo é uma vergonha — um falido. Deante de muitos — um ambicioso e imprudente. Para todos ou quási todos objecto de despreso pois o viam sem dinheiro.

Pois no meio de tôda esta miséria confessavam com tôda a franqueza na intimidade que se sentiam tão felizes como no dia do seu noivado.

E eram-no na verdade. Por peor que fôsse a situação procuravam encobrir mutuamente as penas que lhes iam na alma não tanto por êles mas por aqueles botõezitos a abrir que o Senhor lhes dera a guardar.

Quantas vezes com o coração apertado não apagaram num beijo as lágrimas que lhes bailavam nos olhos.

Lembrou-se Deus dêles. E hoje graças a Deus tudo vai de novo bem encaminhado.

Um dia a alguém que lhes preguntava como se podia ser feliz no meio de tanto infortunio respondia um dêles.

«E' que nós recebemos a Nosso Senhor todos ou quási todos os dias. Ah! Se não fôsse isso já há muito teriamos baqueado. Temos sofrido tanto!... Mas, dia a dia, ali vamos buscar a fôrça de que carecemos. E assim graças a Deus não tem havido desgostos que nos tire a paz da alma.

Conformamo-nos de bom grado com a Vontade de Nosso Senhor.

E se alguma vez surge inconsciente e involuntário um movimento de revolta logo se paga num acto de entrega absoluta nas mãos da Providência. E Nosso Senhor cuida de nós.»

•

Assim compreende-se.

Conheci-os há pouco.

Desprende-se do rosto de um e outro um olhar tão meigo, tão amigo que parece que a alma lhes sai pelos olhos.

Respira-se em volta dêles o que São Paulo chama o *bom odor de Cristo*.

Soube depois que o noivado dêles fôra muito semelhante ao de vocês.

Porisso eu espero que isso seja apenas o início duma longa vida passada tôda no serviço do Divino Mestre.

Desculpa minha querida, a longa e arrastada carta que aí te vai: Não é por mal.

Há pequenas notícias de gente conhecida que tu gostarias de saber. Guardo-tas para uma próxima carta.

Os meus respeitos a teu marido que eu estimo por ser *teu*. E para ti nem sei quantos milhares de beijos e saudades sem fim juntas aos votos que eu faço porque vocês sejam sempre tão felizes e ao menos tão cristãos como no dia do seu noivado.

Tua m.to saudosa
Inês

VOZ DE FÁTIMA

Transporte...	175.976$60
Papel, composição e impressão do n.º 85 (100.000 exemplares)...	5.154$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc...	1.644$30
	182.774$90

Subscrição

(Maio de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direite a receber o jornal pelo correio durante um ano:

Maria Amélia F. Coelho, Maria Inácia Gaio, Victória da Conceição Avelar, Joaquim da Silva Machado Júnior, Francelina da Silva Machado, P.e Alexandre Tomar Lacureiro, Francisco Augusto Coimbra, Beatriz Pires de Teixeira Rebelo (15$00), António Martins Almeida 20$00 P.e Miguel Ribeiro de Miranda 20$00 Maria Filomena Miranda, Cesarina da Piedade, Augusto Alves, Manual Jorge Carlos Pinto, Maria da Natividade Cabral, Helena Brandão, Henriqueta Tadeu da Fonseca (20$00), Hermínia Nunes Lacerda, Maria da Assunção Figueiredo (20$00), Jovita Ferreira Rosário de Sousa Vinagre (30$00), Alberto de Oliveira, Joaquim da Silva Gomes (12$50), Rosa de Viterbo Lopes Varela, P.e Cesário Pereira da Silva (20$00), Maria Leonor Tomé, David Paula, Emília de Jesus Oliveira, Januario Miranda, Irene de Almeida Carmo, Miquelina de Assunção Vitorino Fazendeiro, Luís António Carraca (20$00), Maria Adelaide Pereira de Vasconcelos, Maria do Carmo Barata, Maria José Martins, P.e António Rodrigues Xavier (40$00), Maria Vitória do Souto Correia, Isaura Machado de Azevedo, Manuel Martins Aparício, António Henriques Neves, Maria da Luz dos Reis, Joaquim Lopes Ribeiro, Francisco Torcato Viguidal, Dr. Manuel Assunção, Bernardino Gomes, José Freitas Pinto, Maria José Rebelo Varzea, João Marques de Carvalho, Ana Nobre Costa e Silva, P.e Joaquim Duarte Alexandre, P.e António Carreira Bonifácio, Ana Guedes (12$00), Francisco de Jesus Pereirá, Corina Pinto Abreu (15$00), Aurora Fialho, Leonídio Ribeiro da Costa Santos (15$00), Alexandrina Rodrigues Maio, Maria Emília Minhava, José Lopes Ramos, Maria da Piedade Gonsalves Silva Dinis (20$00), Arnaldo Miller, Laura Gonçalves Silva (20$00), Maria do Patrocínio Gonçalves Silva (20$00), José da Cunha Bragança, Virgínia Ramires Cardoso Pereira, Maria de Fátima Moreira Campos, Elisa Lopes, Joana de Carvalho Veiga (12$50), Elisa de Lourdes Mesquita (15$00), Eduarda Albertina Tavares de Santiago, Maria José de Ascensão Tavares de Almeida, Maria Adriana Santiago Soveral Ribeiro, Delfina Augusta de Pina, Amélia do Céu de Pina Amaral, Clementina da Cunha Esteves, Eduarda Albuquerque de Pina, Gracinda de Sousa, Ana Augusta Correia, Dr. Augusto José da Silva, Maria da Glória Moreira, Maria Moreira Vieira, José Matias de Carvalho, Emília Santana Queiroz, Manuel Gonçalves Alfaiate, António Loureiro, Maria da Conceição Loureiro Berta Dinis Morão, Maria José Ribeiro e Carmo (15$00), Ana Dias Cabreira, Máximiano Rebelo (20$00), José António Frade Sousa (20$00), José Cardoso Júnior, Ana Vilares, Directora do Asilo de Guimarães (20$00), P.e António dos Santos Alves (20$00), Maria dos Anjos Maia, João Afonso Barroso, P.e José Baptista Vieira da Cruz, doentes do Sanatório Rodrigues Semide (30$00), Joaquim José de Almeida Fialho (12$50), António Ferreira da Silva, Pe. José Joaquim Ferreira da Rocha, Agripina Lima, Maria da Assunção Gago da Camara, Maria Lucilia Sores Lopes, Maria do Rosario Fazendas, Lucinda Pereira da Magalhes, Ana Cabeça Dutra, João Lourenço Gomes dos Santos, Julia Amalia de Moura e Costa (20$00), Inêz Guimarães da Fonseca, Jorge Leite Braga Vareta (15$00); Maria Eugénia Sarmento (15$00

Na distribuição de jornaes: e donativos varios: Leopoldina Curado, 25$00; Conego Manuel Joaquim Pintado, de Macau, 45$00; Maria Costa Carvalho, 50$00; Virginia Monteiro A. Guimarães, 50$00; Umbelina Amélia Barbosa, 72$50; José Rodrigues Costa, 107$50; Frei Antonio Capuchinho, 40$00; Josefa de Jesus, 11$10; Ermelinda Pereira Gonçalves, 30$00; P.e Manuel Feliciano Dias, 125$00; P.e Rodrigo Moreira de Magalhães 22$50.

Na Igreja de S. Tiágo de Cezimbra pela Ex.ma Snr.ª, D. Gertrudes do Carmo Pinto, no mês de Setembro de 1929 35$00

Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa pela Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, idem, 26$25 Idem no mês de Outubro ...29$00

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, pela Ex.ma Snr.ª D. N. R. no mês de Setembro de 1929 ... ...12$00

DE FÁTIMA A ROMA

Esperavam os briosos alunos do Colégio Português que em Roma freqüentam a Universidade Gregoriana e que tão ardentemente devotos são de Nossa Senhora de Fátima, que a inauguração da imagem de Nossa Senhora na sua capela coincidisse com a estada ali dos nossos peregrinos.

A isto se refere o primoroso discurso do Snr. P.e Fonseca, director espiritual do colégio. Era nosso desejo da-lo na íntegra, a que obsta a extensão do discurso e a pequenez do jornal.

Publicaremos no entanto a parte que mais directamente se refere a Nossa Senhora de Fátima.

Tinha-se planeado para estes dias a inauguração da belíssima Capela no andar nobre do Colégio. O altar-mór reservado para a Senhora do Rosário de Fátima estava pronto a recebê-la, e de um dia para outro esperávamos a chegada da imagem que nos prometem primorosíssima.

Entretanto ferviam os preparativos da festa. À religiosa havia de juntar-se uma literária, em que o Colégio, juntamente com o preito filial à Virgem Mãe e ao Padre Santo, rendesse as devidas homenagens nos ilustríssimos Prelados que nos honram com a sua presença e aos distintos compatriotas que de tão longe vieram celebrar o jubileu de S. Santidade, trazendo-nos a nós no aspecto franco, no sorriso simpático, na fala conhecida o mais perfumado ramalhete de saudades, com que matar as que por cá se sentem da pátria distante.

Um pedido formulado primeiro pela briosa juventude do Colégio, ao qual o coração me inhibia de responder com uma negativa, e depois gentilmente repetido em forma de desejo por) essoa a cujos dejos devo obediência, multava-me em boa parte dos gastos da festa, cabendo-me em sorte, — sorte aliás invejavel — ser paladino da Virgem do Rosário. E eu esperava ancioso que ele chegasse, para ver se à luz do seu olhar e ao calor materno do seu sorriso se inspirava e acendia o meu entusiasmo.

Mas os dias passavam, passavam depois as horas e a Celeste Peregrina..., andaria talvez por terras de Espanha, ou pela ribeira de França, ou pelas históricas paragens de Italia?! Mas, Senhora, que achais vós por ahi que vos prenda, se não são terras de Santa Maria? se dificilmente encontrais por lá a fé simples e sincera, a devoção profunda e sentida, o amor encendrado e entusiasta dos vossos portuguêses?

Se nos quereria Ele fazer a surpresa de aparecer à última hora?...

Bem vedes, Senhores, não apareceu! O nicho na capela continua deserto e a inauguração não se fez. Quasi diria que a Capela vestiu de luto; luto que pesa um bocadinho também sobre os nossos corações.

E aqui me tendes condenado a falar de um assunto, que, antes de existir, se desvaneceu.

Felizmente que não é a imagem material a que importa; não é a ela que nós homenageamos; não é ela que vos assiste a vós no vosso peregrinar de um mês, a nós na nossa romaria de anos.

Convencido estou de que a Virgem do Rosário, essa não nos falta: aqui está, aqui nos assiste, aqui nos fita, aqui nos sorri paraísos, aqui nos envolve em eflúvios de amor o seu coração maternal!... Eu vejo-a com os olhos da fé; e vós, se a tendes mais viva, se tendes a alma mais inocente, mais infantil, mais digna de ser recompensada com graças privilegiadas, abri os olhos, aplicai os ouvidos, àlerta o coração!...

Quem sabe se a sentireis na realidade, como os inocentes pastorinhos da Fátima?!...

• •

Terra de Santa Maria! abençoada terra portuguesa!

Abençoada pela mão do Creador que a colocou ali «onde a terra se acaba e o mar começa» como corôa de safira e esmeraldas na cabeça da Europa. No seu ceu de um anil sem par acendeu as estrelas mais brilhantes; da sua gleba fez um jardim perfumado, onde florece eterna e canta a primavera.

Colocou-a ali como caravela ancorada ás portas do mar oceano, — berço pequenino de um grande povo, para cujo arrojo aventureiro os mares seriam pequeno teatro, e as balisas do mundo acanhada meta, pois que ese mais mundo houvera lá chegaria.

Terra de S. Maria! abençoada terra portuguesa!

Abençoada na alma boa, sóbria e generosa, arrojada e prudente, alegre e sonhadora dos filhos que Deus lhe deu; capazes, como os melhores, de se assinalarem em todos os campos da humana actividade: tão destros em manejar a espada como a lira, na sciência de bem dizer como na de bem fazer, nas artes como nas letras, em sondar e explorar mares, ilhas, continentes, como em devassar as mais árduas regiões do espírito.

Terra de Santa Maria! abençoada terra portuguesa!

Abençoada sobretudo porque o Salvador ao nascer lhe deu as suas chagas por brasão a crismou seu Apóstolo, a consagrou jardim, feudo, solar, terra de S. Maria! E Maria com carinhos de mãe, com desvelos de padroeira, com generosidade de raínha ao pequenino Portugal embalou-lhe o berço, amparou-lhe os primeiros passos — bem difíceis e contrastados, com que tomou posse da terra sua, — conduziu-o depois pela mão nas arrojadas empresas de dilatar a fé e o império atravez do mar tenebroso, desde as balisas do mundo conhecido aos últimos confins do desconhecido.

Que palmo de terra há no continente e ilhas, que não esteja assinalado por algum benefício da Mãe de Deus? E em correspondência, que monte onde não alveje um Santuario de Maria, meta de fervorosas romagens? Que cidade, vila ou aldeia onde as melhores igrejas não sejam em Sua honra? Talvez todas as igrejas na terra, talvez todos os altares na igreja, talvez todas as imagens no altar são de Maria; em cada encrusilhada uma imagem, em cada palácio um oratório, em cada casa um altarsinho, até em cada choça ao menos um registrozinho de papel, pegado com miolo de pão na porta desengonçada.

De facto Portugal era isto: cada palmo de terra uma memória, cada coração uma alampada a arder em honra de Maria!

Terra de S. Maria! abençoada terra portuguesa!

Não admira se naquele jardim cuidado por mãos tãos mimosas de tal Mãe, se arreigou profunda a fé, floreceu a Religião e piedade, o amor ao Senhor dos Passos e a Jesus Sacramentado e ao Coração de Jesus, a devoção inquebrantável ao Vigário de Jesus Cristo, o amor à S. Igreja tão filial, que até os dias todos da vida quiz receber da sua mão santificados: baste a prová-lo a denominação dos dias da semana, que enquanto nas outras nações tem resaibos do paganismo antigo, só em Portugal é puramente cristã e eclesiástica. Não admira que já desde o princípio vicejasse se espandisse incoercível o zêlo apostólico; zêlo talvez rude e manifestado em poderosas cutiladas aos agarenos ou em feras lançadas aos turcos na India, mas sempre ardente e generoso, que durante dois séculos inundou de missionários a Africa, a Ásia, a Oceania e grande parte da América, bem mais de meio mundo: fazendo em poucos lustros tais prodígios de evangelização, que não creio tenham sido egualados por nação nenhuma em muitos séculos

Mas era tão pujante de seiva o amor da fé na terra de S. Maria, que precisava de estender ao longe a copa dos seus ramos: ancioso de abrigar sob êles, se possível fôra, a todo o mundo. Brotava tão copiosa a fonte da cristandade no coração português, que não bastava a pequenina taça lusitana para conter as suas águas: transbordava em catadupas, corria ao longe em rios caudalosos a regar e fecundar mais de meio mundo. Ardia tão poderosa a chama da caridade, que bastava a alumiar e aquecer a quantos num e no outro emisfério estavam ainda sentados nas trevas do gentilismo e nos gelos da morte.

Terra de S. Maria! abençoada terra portuguesa!

Oh! porque mudaram os tempos? porque passou a primavera que devia ser perpétua, porque veio o inverno carrancudo e gelado, nortou o vento da indiferença e crestou todo aquele viço! Ventou o suão da impiedade e ia secando toda aquela seiva!

No jardim desfolharam-se as flores, definharam as plantas, caíram pêcos os frutos; e a terra de S. Maria ameaçava tornar-se um pragal maninho onde pululasse todo o mal, uma charneca árida e ressequida para o bem.

Felizmente que Maria velava do céu sôbre o seu paraíso, sôbre a terra sua!

E Ela desceu do céu a horas de meio dia, como se o repicar das Avé Marias fôsse toque a rebate que a chamasse; desceu sôbre a azinheira, enfêzada, na charneca maninha. A charneca era realmente o símbolo da terra ressequida; a azinheira imagem da árvore frondosa, que, por falta de chuva do céu, por efeito da secura da terra se ia dia a dia cada vez mais definhando.

A divina jardineira desceu; e ao encanto da sua voz, ao império de seu olhar, ao contácto milagroso da sua mão, na charneca árida brotou uma fonte de fé e de milágres da alma, — onde Portugal, (pródigo que volta à casa materna!) vem lavar os andrajos, curar as chagas, beber a fé antiga, e com ela rejuvenescer as fôrças, retemperar a saúde, recuperar tôdas as virtudes dos avós.

Mas a Virgem do Rosário, não contente com que os filhos venham a ela, vai ela a buscá-los de monte em monte, de vale em vale, em romaria apostólica a tôdas as terras, a todos os casais, a cada família. Quem há hoje por lá que não conheça, que não tenha visto, que não tenha falado na oração simples e confiante com a Senhora do Rosário de Fátima? e que da conversação não tenha saído ou prometido sair melhor? A Virgem do Rosário é hoje a grande Missionária de Portugal. Graças a ela a terra de S. Maria será sempre abençoada terra portuguesa».

ANO VII — Leiria, 13 de Dezembro de 1929 — N.º 87

VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

A VIDA NOS SANTUÁRIOS

Já passaram os dias da Primavera, lindos e suavemente tépidos, banhados de luz esplendida, cheios de vida e de encanto, e os dias grandes do Estio, por vezes ainda mais movimentados, sempre quentes e abrazadores, quási equatoriais.

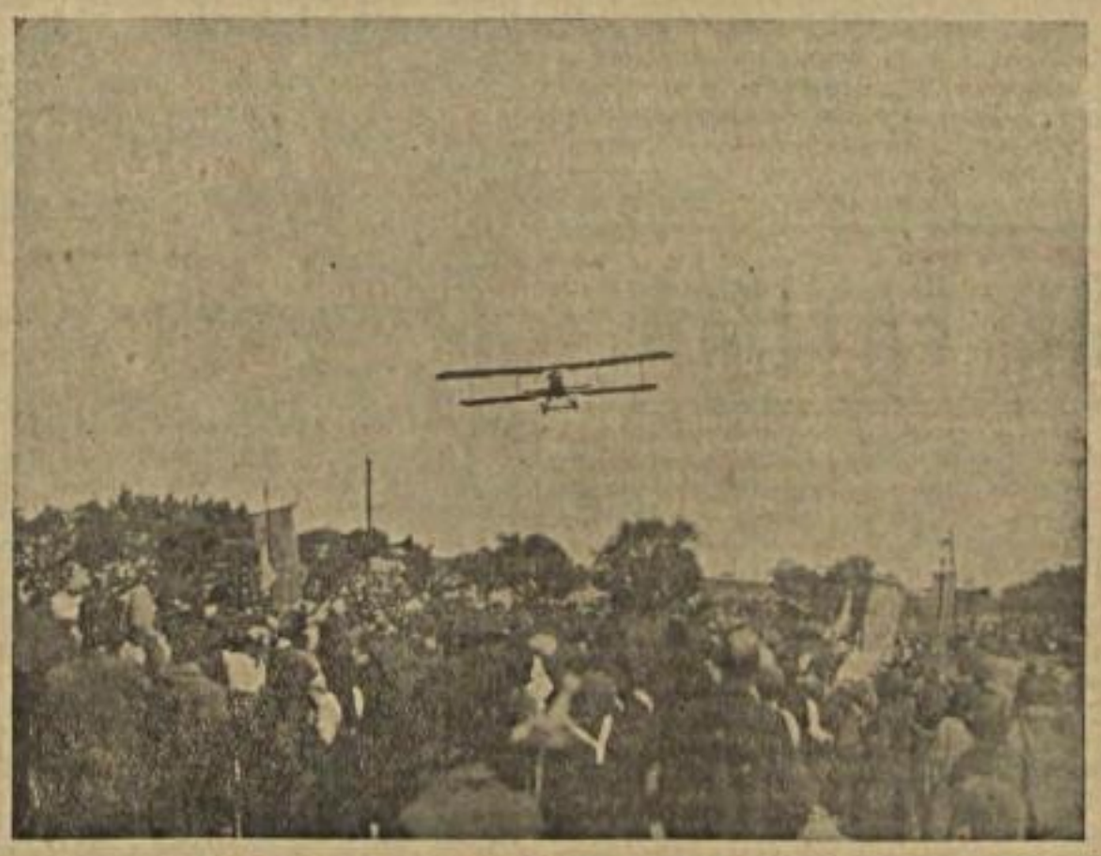
Sôbre a charneca, árida e escalvada, da serra de Aire, de paisagem uniforme e monótona, sôbre os seus montes e vales em que mal se enxerga, brotando dos interstícios das rochas, uma vegetação pobre e raquítica, caem, como uma bênção do Céu, as primeirias chuvas fecundantes do Outono. Cessou por completo o movimento rumoroso e profundamente impressionante das grandiosas romagens dos meses das aparições.

Decerto não se desvaneceram ainda os ecos maviosíssimos das formidáveis e empolgantes manifestações de Fé e piedade da quadra estival. Pairam vagamente no espaço sons de vozes celestiais. O ambiente está impregnado do revérbero das luzes das procissões nocturnas, das harmonias suavíssimas do órgão e dos cânticos sagrados e dos aromas das flores ofertadas como preito de amor a Jesus-Hóstia e à Virgem bemdita. A Lourdes portuguesa tem as características da sua gloriosa irmã de Além-Pyrineus, oferecendo um encanto particular e sempre atraente, mesmo durante a estação invernosa.

No local privilegiado, que a Raínha dos Anjos santificou com a sua augusta presença, a alma do peregrino arroubada num êxtase perene, pela contemplação dos mistérios adoráveis que alí se desenrolaram, sente-se, no silêncio e na solidão do ermo, mais longe da terra e mais perto de Deus.

Dir-se-ia que os eflúvios sobrenaturais, que perpassam na atmosfera espiritual da Cova da Iria e se adensam na capela das aparições, descem então das alturas, em torrentes misteriosas, mais abundantes e mais intensos do que nunca. São êstes os dias mais propícios ao recolhimento do espírito mais próprios para a oração devota e fervorosa. A prece, que nenhum ruido distrai, saindo do coração e desprendendo-se dos lábios, no meio da paz tranquila que domina no recinto sagrado, reveste o caracter dum colóquio íntimo com o divino Prisioneiro do Sacrário ou com a divina Mãe e evola-se para as alturas, suave e serena, como o fumo perfumado do incenso a arder sôbre as brasas fumegantes dum turíbulo.

Quantas pessoas atraídas pelo polo magnético espiritual de Fátima durante os longos meses do Outono e do Inverno, para lá se dirigem em espírito, como tantas vezes o faz, exultando de júbilo, Lúcia de Jesus, a mística vidente, do fundo do seu querido convento da Galiza! E cousa admirável! Quando rezamos na Cova da Iria, diante da Imagem da Virgem ou aos pés do Rei de Amor, escondido sob os véus eucarísticos na prisão voluntária do Tabernáculo dentro da Penitenciaria dos homens, parece que nos rodeia por todos os lados e enche aquela estância de milagre uma multidão de almas ainda mais numerosa do que a dos dias grandes e inolvidáveis da Primavera e do Verão. De dia e de noite, a cada hora e a cada momento, o silêncio que reina em volta do trono de Maria é atravessado por milhares de mensagens de almas que amam e de almas que sofrem, mensagens que vão ferir o coração maternal da Virgem omnipotente e misericordiosa. E o peregrino isolado, de mãos postas e de joelhos no solo bemdito daquêle admirável cantinho do Céu, une-se de alma e coração a essa súplica colectiva que, por ser silenciosa e insensível, nem por isso é feita com menos piedade, nem repassada de menos unção e fervor.



13 de Maio de 1929. Ao iniciar-se a procissão, as asas de Portugal veem saudar tambem a Virgem, quási roçando a multidão

As cerimónias religiosas oficiais

Pouco antes do meio-dia solar, realizou-se a primeira procissão, em que a Imagem da Virgem foi conduzida da capela das aparições para a capela das missas por entre alas compactas de povo. Colocada a sagrada estátua sôbre o seu pedestal ao lado direito do altar-mor, principiou a missa solene, depois de recitado o *Credo* pelo clero e por tôda a multidão que rodeava o pavilhão dos doentes. O tempo, agreste e chuvoso, obstou a que os peregrinos fôssem tão numerosos como em igual dia do ano anterior. Contudo, precisamente à hora em que começou o Santo Sacrifício, a multidão, que pouco a pouco fôra engrossando, atingia a cifra de alguns milhares de pessoas. Durante a missa, recitou-se o terço do Rosário e cantaram-se alguns cânticos apropriados. As comunhões foram em número de alguns milhares, tendo estado vários sacerdotes tôda a manhã a preparar os penitentes para se aproximarem da mesa eucarística, ouvindo-os de confissão. Os doentes ocupavam pouco mais de metade do pavilhão que lhes é destinado. Após a missa, fez-se a exposição do Santíssimo Sacramento e deu-se a bênção com a custódia, primeiro a cada um dos doentes em particular e em seguida, depois de cantado o *Tantum ergo*, conjuntamente a todos os fiéis. Por fim organizou-se de novo o cortejo que conduziu a branca estátua da Virgem do Rosário da capela das missas para a capela das aparições. E os peregrinos, tendo-se despedido saudosos da Raínha do Céu e tendo rezado as últimas preces na capela das aparições, retiraram-se para as suas terras, levando consigo uma recordação imperecível das horas incomparáveis que lhes foi dado passar naquele trecho da serra povoado de mistérios, de graças e de prodígios.

Fátima, a Lourdes Portuguesa

Tal é o título, sobremaneira eloqüente e significativo, dum magnífico livro recentemente publicado na língua de Goethe e de Schiller. O assunto que versa são, como o próprio título indica, os acontecimentos maravilhosos que ha dozo anos se veem desenrolando no recinto histórico da Cova da Iria. E' seu autor o rev.do dr. Luís Fisher lente da Universidade de Bamberg, na Baviera, que no mês de Maio último veio expressamente a Portugal para assistir às manifestações colectivas de Fé e piedade que se realizaram no dia treze no local das aparições. As impressões inolvidáveis que o sábio e piedoso sacerdote levou da sua visita ao local privilegiado pela Raínha do Céu e que êle sintetizou nesta frase sugestiva e profundamente verdadeira — «não ha nada sôbre a terra que se possa comparar com êsse espectáculo», — são já conhecidas dos leitores da «Voz da Fátima». O ilustre professor, nas cento e trinta e duas páginas do seu livro, que abre com uma poesia em honra da Santíssima Virgem, à qual se segue um breve prefácio, faz conscienciosamente a história dos sucessos assombrosos de Fátima, aproveitando elementos fornecidos pela colecção da «Voz da Fátima» e pela obra «As grandes maravilhas de Fátima», e descreve com suma justeza e intenso brilho literário os episódios comoventes de que foi testemunha na noite de doze e no dia trezo de Maio.

O livro está dividido em doze capítulos respectivamente subordinados às seguintes epigrafes: «Coincidências providenciais», «A caminho de Fátima», «Na Cova da Iria», «Aos pés da divina Mãe», «Um passeio na cidade de Maria», «Junto dos queridos doentinhos», «Noite luminosa», «Misereor super turbam», «Se todos choram...», «Mysterium fidei», «Pega no teu leito e vai-te embora», «Feliz regresso».

Após o último capítulo, o livro insere a letra e a música, de alguns cânticos e os estatutos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, instituida por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.

No texto estão intercaladas diversas gravuras em papel especial, duma nitidez e perfeição inexcedíveis, representando algumas das scenas mais empolgantes e mais comoventes do dia treze. A capa, verdadeiro mimo de arte, reproduz o espectáculo incomparável da procissão do adeus, vendo-se no primeiro plano os estandartes das peregrinações, ao fundo os edifícios do Santuário e, dominando todo o conjunto, a Imagem radiosa e encantadora da Virgem do Rosário transportada aos hombros dos servitas.

Na terceira estampa o autor do livro, revestido de batina e sobrepeliz, está ao lado direito do sacerdote que nesse dia presidiu á procissão e que caminha à frente do andor. No meio, a um dos braços, do andor, vê-se o vulto distinto e simpático do grande poeta Afonso Lopes Vieira, à esquerda do oficiante o rev.do Nunes

Ferreira, zeloso pároco da frèguesia de S. Pedro de Tôrres Novas e dedicado assistente eclesiástico do grupo de servitas daquela vila, e por trás dêste a elegante e gigantesca figura do dr. Carlos Mendes, o benemérito e incansável provedor da Misericórdia torrejana.

Desta primeira edição do livro «Fátima, a Lourdes portuguesa», que veio enriquecer com mais um valioso subsídio a já vasta bibliografia fatimita, fez-se uma tiragem de dez mil exemplares.

Fátima na Itália

Os alunos do benemérito Colégio Português em Roma, fundado pela munificência de Sua Santidade o Papa Leão XIII, de saudosa memória, graças à dedicada e generosa coadjuvação do falecido Visconde de S. João da Pesqueira, e hoje dirigido pelo ilustrado, piedoso e activo Monsenhor Porfírio Mendes da Silva Cordeiro, que sucedeu no cargo de reitor ao venerando Monsenhor Tiago Sinibaldi, passaram as férais grandes do último ano lectivo na cidade episcopal de Orte, que fica situada a poucas léguas de Roma, em pleno coração da Umbria. Não quizeram êsses nossos estimáveis compatriotas, que tanto se assinalam pela sua acrisolada devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima e que tanto teem trabalhado em prol da difusão do seu culto na pátria do Dante e de Miguel Angelo, deixar passar o dia treze de Outubro findo sem fazerem, na medida das suas posses, uma condigna comemoração do duodécimo aniversário da sexta e última aparição de Nossa Senhora do Rosário aos inocentes pastorinhos de Aljustrel. Dessa festa, tão singela como encantadora, a que imprimiu particular realce a palavra cheia de sciencia e de unção do zelozíssimo director espiritual, rev.do Luís Gonzaga da Fonseca, S. J., e que foi visívelmente coroada pelas bençãos do Céu, dá-nos uma justa ideia o trecho duma carta do distinto aluno do Colégio, Joaquim Carreira, para o director espiritual do Seminário Episcopal de Leiria, rev.do Arnaldo de Magalhães, que obsequiosamente permitiu a sua reprodução nas colunas da «Voz da Fátima». Esse trecho, que denuncia uma pena transbordante de mocidade e de imaginação, é do teor seguinte:

«Não julgue, Sr. P.e Magalhães, que o dia treze de Outubro foi um dia de festa só para Portugal ou só para os portugueses; tambem nós participámos e fizemos participar os outros, quanto pudémos, das alegrias da nossa pátria. Cá fizemos, pois, uma festinha na nossa capela da Senhora das Graças, em Orte, comemorando assim o décimo segundo aniversário da última aparição de Nossa Senhora em Fátima. O Vigário Geral, não só nos deu licença de fazer a festa, mas até nos aconselhou a arranjar uns programas e afixá-los na cidade para chamar o povo. A notícia da festa lá se espalhou por tôda a parte, a-pesar-de só se ter feito um programa, que foi afixado a uma das portas da Catedral.

Às seis e sete horas da manhã missas rezadas, e comunhão geral à missa das sete, que foi celebrada pelo Rev.mo Sr. P.e Fonseca. Além dos alunos, dos creados e das religiosas que estão conosco, comungaram umas quinze pessoas de fóra, — o que representa muito neste meio de Orte, onde a instrução religiosa é quási nula. Foi com grande prazer, que vimos aproximar-se nesse dia do confessionário e da mesa Eucarística a uma velhota, nossa vizinha, que não punha os pés na igreja ha uma porção de anos. Uma graça de N. Senhora de Fátima? Assim o cremos. Durante a missa e à comunhão cantaram-se alguns versos em honra do S.S. Sacramento e de Nossa Senhora. Cá o nosso bom «Pedro» teve a amabilidade de nos fazer uma tradução ou adaptação dos versos de Fátima para italiano, que cantámos durante a missa e à noite no fim do terço e da bênção. Aí lhe envio uma cópia, que o meu amigo fará circular. A-pesar-de serem feitos um pouco à pressa, creio que não envergonham o autor.

Às nove horas houve missa cantada. O celebrante foi o Sr. Vice-Reitor. Serviu de diácono o Rev.do P. Sebastião, do Porto; e de sub-diácono o nosso caro Venâncio, que nesse dia exerceu a ordem pela primeira vez.

Tanto a missa cantada, como a da comunidade pela manhã, foi a da Senhora do Rosário (tal qual como em Fátima), para o que obtivemos licença da Congregação.

Às quatro horas da tarde — Vésperas solenes (as de Nossa Senhora também). Depois prática pelo Sr. P.e Fonseca, que descreveu em breves traços as aparições de Fátima, explicando também as razões da festa, e terminou recomendando aos ouvintes a recitação do terço, aduzindo várias razões, que temos, para o rezar com fervor todos os dias.

Passados três ou quatro dias, dizia-me uma mulherzinha que era capaz de me repetir tôda aquela prática!... O que mostra que a tinha ouvido com atenção. Depois da prática rezou-se o terço e deu-se a bênção com o Santíssimo terminando a função com o canto dos versos de Fátima em italiano.

Distribuimos nessa ocasião cêrca de cem estampas de Nossa Senhora de Fátima (daquelas que trazem a novena). E' pena que tudo aquilo fôsse em português. Em todo o caso, não se perderá tudo, porque ao menos lá hão-de ficar com a lembrança.

Uma festa, como vê, muitíssimo simples, mas que decorreu muito bem e que nos fez viver uns momentos daquele dia na abençoada Cova da Iria. E, para que nada faltasse, até houve jantar de festa!»

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Laurinda das Dôres Oliveira, de Setúbal, no seu relatório de 13 de outubro do corrente ano, diz:

«Prometendo à Santíssima Virgem do Rosário de Fátima a publicação duma graça obtida por sua intercessão, rogo a caridade de a mesma ter acolhimento na *Voz da Fátima:*

Sofrendo há 7 anos, conforme atestado médico, de uma intercolite rebelde, com perturbações renais e que me impossibilitava por completo de trabalhar e de digerir qualquer refeição, motivo que me levou a um grande estado de fraqueza, encontrava-me já completamente desanimada e com a certeza da incurabilidade da mesma.

Era grande o abatimento físico e dia a dia maior o definhamento que originava apreensões o meu estado e consideraram-me uma tuberculosa em grande progresso, e depois ainda o péssimo funcionamento dos rins e todos os demais orgãos de que depende a vida humana.

À sciência médica recorri desde o seu início, e todos os tratamentos me foram aplicados, sem resultados alguns, e quando previa que o fim desta vida não tardaria a chegar, e já desenganada mesmo pelos próprios médicos, lembrei-me que a única salvação seria a sciência do céu e recorri então, cheia de fé sincera e com esperança de melhores dias à Virgem Santíssima de Fátima, mãe de clemência e âncora dos enfermos.

Iniciei então uma novena que era feita em comum, com outras pessoas que acompanhavam a minha doença e me auxiliavam, tomando também a bemdita água de Fátima e comecei notando uns alívios, embora diminutos.

Abandonei os medicamentos para só me preocupar com a minha mãe do céu, e mantendo o mesmo espírito de confiança, tornei a fazer segunda novena e vi então que os alívios mais se acentuavam. Para o restabelecimento completo, propuz então visitar o lugar sagrado, onde a Virgem apareceu aos humildes pastorinhos e rogar-lhe o que os homens não poderiam dar e que é a saúde, agradecendo-lhe também o que já tivera feito em meu benefício.

O que se operou então em mim é indiscritível e só Deus e a Virgm o sabem. As forças voltaram, o físico transformou-se o próprio médico que me tratara achara tão extraordinária a melhoria que disse que só um milagre a teria operado. E assim foi. Nossa Senhora tinha operado mais um milagre e para ser conhecido por todos os corações que a amam, recorri a êste jornal onde se registam tantas e tão grandes benemerências que esta boa mãe dispensa à humanidade sofredora».

Artrite bacilosa

Maria da Piedade Silva Rijo, em carta de Paialvo em 29 de Setembro, diz:

Cheia do maior contentamento e da mais íntima satisfação venho por êste meio tornar pública uma grande graça que a Virgem Santíssima me concedeu, não tendo palavras que prossam traduzir a minha gratidão: Adoeci há quatro anos com uma dôr na perna direita e sete meses depois uma *artrite bacilosa* me prostrou, obrigando-me, durante três anos e meio, a conservar-me de cama, sempre de costas de dia e de noite, só me sentando com o auxílio de outras pessôas. É impossivel descrever o meu martírio durante êsse tempo, não tendo outras posições em tantas longas noites e dias consecutivos.

O pé e a perna não tinham mobilidade e estiveram com um aparelho de gêsso durante seis mêses e em suspensão contínua um ano e oito dias. O restante tempo sempre com uma goteira e tôdas as vezes que era preciso algum tratamento, retirado aquele aparelho o pé tombava sem acção alguma. Sujeitei-me a tratamento três mêses em Parede e sete mêses em Lisbôa aos cuidados do Ex.mo Sr. Dr. Carlos Carvalho Dias e últimamente aos do Ex.mo Sr. Dr. Francisco Fagulha, desta localidade, que com todo o interêsse e disvelos exgotaram todos os meios da sciência do seu alcance. O meu estado de fraqueza, cada vez maior, inspirava cuidados e os pulmões começavam a ressentir-se. Perdidas as esperanças por completo na medicina, acalentava-me só a esperança da Fátima. Mas êste desêjo representava para mim o impossivel, um sonho, por dificuldades materiais e de transportes difíceis para o meu estado de saúde.

Até que em 13 de Agosto p. p. um grupo de pessôas amigas dispos tudo para que eu fôsse a Fátima, tendo feito antes uma Novena a Nossa Senhora. Na manhã dêsse dia 13, com muitas dificuldades e imensas dôres, fui colocada a braços num automovel que me transportou a Fátima, sofrendo bastantes dôres pelo caminho. No pavilhão dos doentes, onde as servitas me assistiram com todos os carinhos, fui acometida de um grande mau estar com enormes dôres, mas quando saí do Hospital, para o carro e no trajecto para minha casa notei com alegria que as dôres tinham desaparecido... até hoje. A meu pedido, como sntia a perna aliviada e na primeira noite tivesse já descansado de lado, com o que me julguei bastante feliz, o médico tirou o aparelho três dias depois, ficando deveras surpreendido com as melhoras.

Sete dias depois comecei a andar com muletas e hoje desloco-me com relativa facilidade, fazendo serviços e arranjos em casa, que pensei nunca mais ter essa felicidade. Repeti a minha visita a Fátima em 13 de Outubro corrente em acção de graças, e já hoje assento o pé no chão e firmo-me nele fazendo pouca firmeza nas mulêtas. Tenho fé que num futuro próximo venha a prescindir delas. Com efeito, o meu júbilo é imenso por tão grande milagre operado por intermedio de Nossa Senhora.

Milhares de louvores e graças pois, à Virgem Santíssima.»

Ptose visceral

P.e Domingos José dos Reis, de Válega (Ovar), em carta de 14 de novembro, informa o seguinte:

«Além das pessoas curadas, e outras, que sentem consideraveis melhoras de seus sofrimentos, por ocasião da peregrinação de Agosto próximo passado, peço que seja registada e publicada mais uma, Maria de Matos, como consta do atestado junto.

Louvores a Maria!

De V. Rev.a etc...»

ATESTADO

«António de Abreu Freire, médico pela Universidade de Coimbra e facultativo municipal do Concelho de Estarreja.

—Declaro que Albina de Matos, solteira, lavradora, de 38 anos de idade, natural da Rua Nova de Avanca, concelho de Estarreja, sofria duma ptose visceral generalisada que há alguns anos a fazia passar uma vida de martírio. Há um ano, porém, a esta parte, os seus padecimentos agravaram-se a ponto de não poder entregar-se ás suas ocupações habituais e por isso decidiu-se, a meu conselho, a fazer o exame radiológico do aparelho digestivo, o que confirmou plenamente o diagnóstico. Começou desde então a usar uma cinta elástica adequada, que modificou o seu estado para melhor, e dentro em pouco não podia andar sem ela.

Em 13 de agosto último foi a Fátima aonde assistiu a tôdas as cerimónias religiosas, e, coisa singular, já aí se sentiu mais aliviada, tendo nos dias seguintes posto a cinta definitivamente de lado por a não poder suportar, não tornando a poder usá-la desde essa data.

Aconselhei-a a que fôsse fazer novo exame radiológico, em face da transformação operada, pois tinha empenho em comparar as duas radiografias, mas a ex-doente recusou-se a fazê-lo dizendo que se sentia bem, que estava curada e não se sentia disposta a gastar mais dinheiro. O que fica exposto e a pedido da referida Albina de Matos, é a expressão da verdade, o que afirmo sob a minha palavra de honra.

Avanca, 9 de novembro de 1929.

(a) António de Abreu Freires.

Alucinações psico-motoras

Clementina Pinto da Silva, de Chave de Arouca, em carta de 21 de agosto último, diz o seguinte, que é confirmado com a assinatura do Rev. Pároco, Joaquim de Pinho Brandão:

«Permita-me V.a Ex.a que nessa folha, registadora de tantas graças da Virgem aos devotos que A invocam por intermédio do Santuário de Fátima, eu manifeste o meu acto de agradecimento pelas sensiveis melhoras que alcancei ao regressar dêsse Santuário, em 13 de Maio de 1928, pois para lá me dirigi na ânsia de suplicar alívios que a medicina me não dava.

Descrever o que foi a minha enfermidade não está no meu ânimo, simplesmente direi que sofria de freqüentes insónias e alucinações psico-motoras, vivendo tão martirisada que tive a desditosa ideia do suicídio!

Depois de tanto sofrer, volvi confiante os meus olhos para a Virgem, a *Salus Infirmorum*, que milhares de portugueses veneram em Fátima e ao côro dos suplicantes juntei a minha pobre oração, destinando o dia 13 de Maio de 1928 para a minha visita ao Santuário de Fátima.

Felizmente consegui o meu *desideratum* aos pés da Virgem ajoelhei, implorando alívios para tão torturante enfermidade. Fátima foi o meu melhor Santuário, pois ao regressar ao lar de meus pais pude experimentar tão sensiveis melhoras que, sem acusar aquela depressão mental e física, reconheci os efeitos duma grande graça que a misericórdia divina me havia concedido por intercessão da SS. Virgem.

Por isso ao dever duma piedosa acção de graças juntei a resolução de registar nêste jornalzinho o reconhecimento da minha alma que jàmáis poderá esquecer tão preciosa graça.»

Dor intestinal

Maria Augusta Ferreira, do Porto (Rua da Constituição n.º 112) relata o seguinte, em carta de 10 de Junho:

«Para honra e glória de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, desejo tornar conhecida uma graça que Nossa Senhora me concedeu para o que peço a V. Rev.ma a publique neste jornalzinho.

Nossa Senhora livrou-me duma grande dôr que tinha no intestino, da qual sofria há 7 anos, aconselhando-me os médicos a uma operação.

A 13 de Agosto do ano passado fui a Fátima e aos pés de Nossa Senhora pedi com tôda a devoção para me tirar este sofrimento. Regressei sem resultado, mas nem porisso perdi a fé, continuei a orar e pedir e em Novembro do mêsmo ano prometi a Nossa Senhora do Rosário da Fátima que se me concedesse a graça de me melhorar andaria de porta em porta a pedir uma esmola para ir lá agradecer-lhe. Fui atendida e desde então acho-me curada. E' da alma e do coração que vou no próximo dia 13 de Julho agradecer a Nosso Senhor e á Nossa Mãe do Céu.»

Um aleijão

Joaquim Pouzadas e Catarina Morais, de Alter do Chão, em carta de 9 de Agosto diz que tendo uma filha de 3 anos com uma perna aleijada, tendo consultado muitos médicos, sem obter melhoras, e tendo até ido a Coimbra para ser operada, não tendo os médicos querido fazer-lhe a operação; tendo muita fé em Nossa Senhora do Rosário de Fátima, principiou a lavar a perna aleijada com água de Nossa Senhora de Fátima, e a pôr-lhe panos molhados na mesma água. Logo no outro dia a criança principiou a andar. Oferece o fio douro da sua filhinha a Nossa Senhora, em cumprimento do voto que fez, e em acção de graças por este grande milagre.

Urticária

Luiza Ricoca, de Ilhavo, de idade de 60 anos, sofrendo há 8 anos de urticária e tendo consultado vários médicos, alguns especialistas, sem resultado, recorreu a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, obtendo inesperadamente a sua cura.

Vem reconhecida agradecer.

Em maio de 1928 depois de ter feito a sua peregrinação, tendo já esquecido a sua doença uma sua filha ainda admirada chamou a sua atenção para o facto. Aconselhada pelo Dr. Luis Viegas teria de internar-se no Hospital para um tratamento especial se N. S. de Fátima não lhe concedesse a graça.

P.e Caetano Bernardo de Sousa, Pároco de Fajãzinha — Flores — Açores — Concelho de Lages das Flores (27 de Maio de 1929) escreve:

«Glória, honra e louvor sejam dados para todo o sempre à excelsa Raínha do Céu, Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

É esta a pálida expressão que me acode aos lábios, ao ser testemunha de um facto miraculoso operado por Nossa Senhora por meio da água da fonte bem-dita de Fátima.

Há nesta frèguesia uma donzela de 18 anos de idade, por nome Maria do Céu Avelar Mendonça, filha de José Jacinto de Avelar e de Maria do Céu Mendonça, que foi a miraculada.

Desde o mês de Setembro do ano passado (1928) que sofria de uma pertinaz doença que a retinha no leito.

Já tinha consultado a medicina que em nada lhe debelava a cruel doença que a minava dia a dia, pois não comia quási nada, e por vezes sofria cólicas violentíssimas.

E' minha paroquiana, e conhecia bem o estado dela, o que posso afirmar com juramente, se tanto fôr necessário.

Por um feliz acontecimento, chegaram-lhe às mãos alguns números da *Voz da Fátima*, e tal esperança na SS.ma Virgem se apoderou dela, que pediu ao pai para ver se encontrava alguma gota de água santa de Fátima que operaria a sua cura. Para êste fim, o pai cheio de fé, foi a uma outra frèguesia, onde sabia que alguém tinha da dita água.

Com dificuldade o pai da miraculada arranjou uma pequena porção da água de N. S. da Fátima, na sexta feira do Pentecostes dêste ano (1929) mas que a dita donzela não quis tomar sem prèviamente santificar a sua alma angélica com o sacramento da confissão, para o que fui chamado.

Animei-a à confiança na Mãe do Céu, aconselhando-a a fazer uma novena à Virgem Santíssima.

No sábado do Pentecostes ela sentiu uma grande cólica, talvez como nunca tinha sentido desde que estava doente.

Domingo de Pentecostes, logo de manhã levantou-se da cama exclamando — estou curada!

E realmente está curada.

Antes não podia suster-se de pé senão amparada a duas pessoas, e levantou-se nesse dia só, andando perfeitamente e todos os dias vai à igreja paroquial receber a Santa Comunhão.

Já come com apetite, o que não tinha até então e anda com tal agilidade que assombra tôdas as pessoas que observaram a sua doença, e com enorme alegria diz que nunca se sentiu tão robusta como agora.

Em sinal do seu reconhecimento a N. Senhora de Fátima, envia 40$00 que vão junto a êste pedindo a *Voz da Fátima* e também eu mando 20$00 para a *Voz da Fátima* que desejo receber.

Junto envio as direcções.

Desejo que V... faça publicar este milagre na *Voz da Fátima*, para glória da Santíssima Virgem que aqui nesta pequena ilha no meio do oceano, e a mais ocidental do território português, não esquece os Seus filhos que nEla confiam».

O poder do Rosário

Daniel O' Connel, o Libertador da Irlanda, era tão devoto da Santíssima Virgem, que em certa ocasião em que ia pronunciar um discurso referente à admissão dos Irlandezes no Parlamento Britânico fez um entusiástico elogio da Mãe de Deus em presença de 100.000 ouvintes, católicos e protestantes, que o escutavam com respeitosa atenção.

Depois, quando se discutia na Câmara a sua proposição pelos mais eloqüentes oradores, naqueles solenes momentos em que se tratava da liberdade da Irlanda, O'Connel sentado a um canto rezava o Rosário em honra dAquela que havia vencido tôdas as heresias e que naquela ocasião ouviu as suas súplicas, conseguindo que os irlandezes fossem admitidos no Parlamento.

Teresa Neumann

Talvez muitos dos nossos leitores não tenham ainda ouvido falar de Teresa Neumann, aquela rapariga que, como S. Francisco de Assis, tem nas mãos, nos pés, no lado, as chagas da Paixão como se ela tivesse sido crucificada, mas, àlém disso, vê-a, ouve o que se diz, sabe o que pensa cada uma das pessoas que assistiu à Paixão de Nosso Senhor. Mais do que isso: sente-a, sofre como se ela mesma estivesse a experimentar todos aqueles transes dolorosos.

Fez 31 anos em abril e é natural de Konnersreuth, na Baviera, onde vive com seus pais. E' uma rapariga simples, retraída, sem pretensões, tendo vivido entregue aos trabalhos do campo.

Chamam-lhe por lá a *Teresinha* e na verdade ela é bem devota de outra Teresinha, a santa Teresinha do Menino Jesus, cuja protecção tem sentido muitas vezes.

Há anos que não come nem bebe, e apesar disso, se diminue de pêso nas sextas feiras, volta depois ao seu estado normal.

Em maio tivemos a satisfação de ver em Fátima o seu compatriota Dr. Luís Fischer, que por várias vezes a visitou e assistiu aos seus extases.

Já depois disso esteve com ela o Rev. P.e Matos Soares (e outro Rev.do Sacerdote) do Porto. Eis aqui alguma coisa do que a êste respeito tem escrito nas *Novidades:*

«Do meio dia à 1 hora Teresa Neumann vê tudo o que se passou no Calvário, desde que o Salvador lá chegou até que morreu pregado na Cruz. Durante tôda esta hora, a estigmatizada permanece numa posição que nenhuma pessoa poderia normalmente suportar.

Esta é a parte do êxtase mais impressionante, é aquela em que Teresa mais sofre. Entrámos, poucos minutos depois do meio dia. A comoção apodera-se de todos, perante o espectáculo que se desenrola aos nossos olhos.

O sangue tinha alastrado mais pelo rosto, as manchas vermelho-escuras do lenço e da camisa tinham aumentado em número e em superfície, os olhos quási desapareciam sob duas verdadeiiras pastas de sangue. E' pena não terem ainda permitido tirar-lhe uma fotografia neste estado, para os leitores fazerem uma pequena ideia da realidade.

Quando chegámos, Teresa contemplava horrorizada a crueldade com que os soldados tiravam os vestidos a Jesus. Em seguida viu estendê-lo sôbre a Cruz, e pegar nos cravos para O pregarem. Nesta ocasião poucos assistentes puderam conter as lágrimas.

A cada pancada que ela via dar sôbre os cravos, contraía as mãos ou os pés, segundo o lugar em que os cravos eram pregados. Estas contracções eram acompanhadas dum sofrimento tão intenso e sereno, que, espontâneamente, nos vinha à lembrança o que o Evangelho diz sôbre a resignação de Jesus no alto do Calvário.

Pouco depois, Teresa começou a seguir com os olhos alguma coisa que se ia levantando. — Assiste, explicou o P.e Naber, ao levantar da Cruz.

Daqui por diante olha para um lado e para o outro, segundo vê fazer ao Salvador. Primeiro volta-se para a esquerda, na atitude de quem ouve, com admiração, alguém a falar. Estava ouvindo as primeiras palavras que Cristo pronunciou sôbre a Cruz, tendo o rosto voltado para a sua direita, a contemplar o povo que o ultrajava: *Pai, perdoai-lhes, não sabem o que fazem.*

Deve notar-se que Teresa vê Jesus voltado para ela, e por isso o lado direito de um corresponde ao esquerdo do outro, e vice-versa.

Pouco depois, a vidente ágita a mão esquerda num gesto indignado, ao ouvir as blasfémias do mau ladrão. Repete o mesmo gesto, olhando para baixo, e abanando um pouco a cabeça, como que a pedir encarecidamente que não procedam de tal modo. Neste momento via o povo a escarnecer e a ultrajar Jesus.

Em seguida o seu rosto adquire um tom de serenidade, como se alguma coisa de consolador se estivesse passando. — Teresa, disse o P.e Naber, assiste neste momento ao diálogo entre Jesus e o bom ladrão.

Os seus olhos voltam-se ora para um ora para outro, não querendo perder nada daquela scena consoladora, passada no meio de tantas torturas. E, quando ouviu as palavras: *Hoje mesmo estarás comigo no paraíso*, voltou-se para o lado direito do Salvador, na atitude de quem queria ver a impressão agradável que elas deviam causar naquele criminoso arrependido.

Depois disto, Teresa assistiu à scena tocante que se deu entre Jesus, sua Mãe e S. João. Jàmais esquecerei o quanto me impressionou a expressão do seu rosto ensangüentado, ao contemplar esta passagem tão comovedora da Paixão. Levantou um pouco os olhos e as mãos, e ficou serena a ouvir. O P.e Naber explica: — Está ouvindo as palavras dirigidas por Jesus a sua Mãe: *Eis aí o teu filho.* — Agora, continuou êle, vai olhar para Maria Santíssima. E olhou, manifestando, dum modo indescritível, a maior ternura e compaixão pela Mãe de Deus.

Passados momentos, dirige o olhar para um pouco mais longe. — Está olhando, diz o P.e Naber, para S. João, e ouvindo as palavras do Salvador: *Eis aí a tua mãe.*

Em seguida segue com o olhar alguém que se aproxima. E' S. João, que vai para junto de Maria Santíssima, depois de Jesus lha ter confiado. O mesmo Apóstolo o disse no seu Evangelho: E desde aquela hora o discípulo tomou-a consigo.

E' a própria Teresa Neumann que descreve ao P.e Naber e outros, com todos êstes pormenores, o que vê e ouve durante os êxtases.

Acabávamos de assistir à parte mais impressionante dos acontecimentos de Konnersreuth.

O Pároco, com tôda a amabilidade, pediu aos presentes que dessem a vez ao último grupo. Assim o fizemos.

Ao sair a porta do quarto, ainda lancei um último olhar para aquele quadro de sangue, que tanto ao vivo me tinha feito ver o que Jesus sofreu por nós».

Não é caso único na história da Igreja de que citaremos, como mais conhecidos, Catarina Emerik e Santa Lydwina.

Relativamente a um caso também de agora, recortamos da *União*, do Rio de Janeiro, de 3 de outubro último, o seguinte:

«A Madre Superiora (do Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, de Campinas) mostrou-nos então, abrindo o embrulho, diversos lenços maculados pelo sangue vertido pela estigmatizada (Irmã Amália) nos momentos de êxtases. Vimos nos panos várias impressões deixadas pelo sangue. Bem visível e nitidamente está desenhada em um dêles a corôa de espinhos, em outros os cravos, a cruz e placas de sangue.

Disse-nos mais a Madre Vilac que, em um dos êxtases, por ocasião de um dia em que se comemorava a paixão de N. Senhor, Soror Amália, tendo derramado lágrimas de compaixão à vista dos sofrimentos de Jesus Crucificado, essas deixaram impresso no crucifixo sôbre o qual chorava a irmã, o desenho do mapa do Brasil.

A irmã que só tem os estudos da escola primária, nos êxtases dita proposições admiráveis de teologia e de amor ardente a Jesus Crucificado.

Em todas as aparições o Senhor, cheio de tristeza, se lamenta do abandono em que a ingratidão dos homens, seus filhos o deixam.

«Tenho sêde de almas» — repete amiudadamente amargurado.

Despedimo-nos do Instituto gratas pelo acolhimento a nós dispensado. De nossas visitas trouxemos doces recordações».

Distância. . . Infinita

«Não há distância comparável à que existe entre uma mulher piedosa, que de joelhos em terra e mãos juntas deante do peito e os olhos amorosamente postos no céu, ressa humilde e confiada uma fervorosa oração, e um homem que está de pé a seu lado, que estupidamente a contempla e compassivo se sorrir do que êle chama fanatismo. Aqueles corações distam como o céu e a terra, como o amor e ódio. A vida tem para êles perspectivas contrárias: a prosperidade por êle tão desejada pois que com o seu bem estar estimula o seu orgulho, vaidade e egoísmo, a vê ela com temor, como pequena satisfação e gosto, concedido a quem está condenado à morte. A desgraça que para êle só traz dôres, moléstias e penas, que êle blasfemando com desesperação maldiz, traz para ela Deus entre as suas pregas, e o bemdiz na tortura e humildemente o adora.

Que há de comum entre estas duas almas?

E' admirável como é diferente a visão da vida conforme se vê com olhos crentes ou não crentes.

Num passeio ao campo

Boa tarde, minha senhora.

Adeus Sr.ª Ester.

A Sr.ª vai dar o seu passeio do costume, não é verdade?

Vou, sim, Sr.ª Ester, para ver se volto aliviada da minha crónica dor de cabeça.

—Deve custar muito andar sempre mal da cabeça que é o «regulamento do corpo todo.»

— Custa bastante, é certo.

Já tem ido a Fátima tantas vezes e vejo-a ir para a Missa mesmo de semana, e Nossa Senhora, que tantos milagres tem feito, não a cura?!

Não se admira que a Virgem de Fátima me não atenda a mim, que só me confessei e comunguei uma vez na vida — quando era criança — e nunca vou à igreja senão quando se casa lá alguém da minha rua, para ir ver o acompanhamento.

Mas a Sr.ª e outras que andam sempre metidas nas igrejas deviam ser ouvidas, acho eu cá na minha.

— Sem querer mostrar que me tenho em conta de boa — Nosso Senhor é que lê nos corações e sabe quem é melhor — sempre lhe direi que acho uma certa lógica no seu modo de discorrer, visto que não tem senão uma leve sombra de educação religiosa, recebida há muitos anos!

As pessoas crentes, por índole, por educação e por convicção pensam de modo bem diferente!

Tenho tanta fé, como se milagres tivesse alcançado da Virgem de Fátima que é a de Lourdes e de todos os títulos, como sabe, porque a Mãe de Deus é uma só.

Sei que Nossa Senhora veio aparecer em Fátima, mais para curar as almas do que os corpos, e por isso nem sequer me admiro se ela cura mesmo os ateus e não despacha os pedidos dos crentes.

O que Ela quere é converter os incrédulos, mover os corações dos indiferentes e afervorar os tíbios.

A vida são dois dias e todos temos de ter uma cruz porque sem cruz ninguém se santifica.

Se Jesus Cristo sofreu mais do que ninguém, sem ter sombra de imperfeição, e só para nos salvar, como queremos nós, pobres pecadores, alcançar o Céu sem sofrer e sem cumprir as leis da igreja?!

Devemos pedir sempre a Nosso Senhor que nos dê a resignação cristã e conformidade com a sua divina vontade, se saúde nos não quiser dar!

Há muita gente que nunca se lembraria de Deus, se tivesse sempre saúde e tudo lhe corresse à vontade. A dôr é que desperta e chama as almas ao caminho do Céu.

Concorda, Sr.ª Ester?

— Sim, minha senhora, vou entendendo que tem razão.

Trabalha-se tanto para o corpo, que em pouco tempo pode ser transformado em podridão, cinza e nada, e da alma, que será eterna, como Deus, quer esteja na glória ou em penas, quási se não pensa!!

Nossa Senhora de Fátima converta os pecadores, salve os moribundos e alivie as almas do Purgatório.

Foi para bem das almas que Ela se dignou vir pousar sôbre os ramos da azinheira de Fátima; e se cura os corpos é para atraír as almas transviadas.

— Adeus, minha senhora, e obrigado pelas explicações que me deu.

— Nada tem que agradecer, Sr.ª Ester, e fico sempre ao seu dispor, se quiser tornar a vir conversar comigo.

R.

Necessidade do Purgatório e sua espantosa natureza

«...No que diz respeito a Deus, eu vejo que o Paraíso não tem portas e que, quem quizer, pode ali entrar porque Deus é todo misericórdia e os seus braços estão smpre abertos para nos receber na glória; mas a divina Essência é tão pura — infinitamente mais pura do que possamos imaginar — que a alma, encontrando em si mesma a mais leve imperfeição, se lançaria por si mesma em mil infernos antes que aparecer manchada na presença da divina Magestade. Sabendo então que o Purgatório foi feito para a purificação, ela lá se precipita por si mesma e ali encontra esta grande misericórdia: a destruïção das suas faltas.

O espírito não pode conceber nem nenhuma língua pode exprimir a grande importância do Purgatório. Sòmente sei

que as suas penas são tão grandes como as do inferno. Vejo, porém, também que uma alma manchada da mais leve falta, recebendo esta misericórdia, conta por nada as suas penas em vista da esperança da alegria do seu amor.

Eu sei que o maior sofrimento d'essas almas é ver em si o que desagrada a Deus e descobrir que, apesar da sua bondade, elas o consentiram.

E isto é assim porque, estando em estado de graça, vêem a realidade e importância dos impedimentos que lhes não permitem aproximar-se dEle.»

(Do tratado do Purgatório, de Santa Catarina de Genova)

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	182.774$90
Papel, composição e impressão do n.º 86 (53.550 exemplares)	3.034$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	847$40
	186.856$30

Subscrição

(Maio de 1928)

Joaquim Cardoso Pinto da Cunha, 12$50; D. Maria José Ferreira Paulino, 188$00; Monsenhor Carlos Costa, 100$00; Alfredo de Matos Viegas, 50$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira, 50$90; Carlos Vitoriano, 180$00; P.e Manuel Rodrigues de Carvalho, 178$50; Zulmira Galhardo, 69$00; P.e Antonio Joaquim Figueira, 200$00; Maria das Dôres Tavares de Souza, 40$00; Maria S. Guedes Coutinho, de Loanda. 100$00; P.e Francisco Lucas Pacheco, 60$00.

Enviaram dez escudos para terem o direito de receber o jornal durante um ano: Virgínia Carrilho, Beatriz Rodrigues Lares Paulo, José Miranda Filipe, Adelaide C. Ferreira, Domingos Maria Monteiro (20$00), Joaquim Cunha, Joaquim Feliciano, Zulmira Teles, Viscondessa de Montedor (20$00), Antónia Malafaia, Visconde de Cortegaça, Avelino José Cerqueira Marques, Joaquim Cardoso da Silva, Rosa da Costa Maciel Gonçalves, Manuel de Passos Martins, Dr. Trindade Leitão, P.e António Martins Carneiro, José da Rocha Painhas (20$00), Manuel Barros de Carvalho, Domingos Martins Pimento, Cecília Parente Ferreira, Olívia Parente Ferreira, José Rodrigues, António Fernandes Reguengo, José Cândido G. de Carvalho, Albino de Lima, Raimunda Almeida Alves, Vitorino Afonso, Dr. António Carteado Monteiro, P.e Manuel Fernandes Lopes, D. Alda Gonçalves Valença, Joana Dantas Viana, P.e António Gomes da Costa Pereira, P.e José António Correia, P.e Domingos Amorim, D. Carolina Rosa das Dôres Cruz, Laura da Conceição Gonçalves, Margarida Branco Cerqueira, Maria Angelina Torres Lima, António F. de Melo Guimarães (15$00), Leopoldina Rocha, Raquel Diniz Serradela, Agostinho Tomaz Correia, Rosa de Almeida, António Simões dos Santos, José Mendes Sequeira, Maria da Anunciação do Vale Santos, Armando S. Luís de Pinto, Matilde da Cunha Xavier (27$00), Luisa Freitas Henriques Reis, Francisca Faria, Angelina Moreira, Maria Olinda Machado Pereira, Manuel Rocha Melo, P.e António Moreira de Carvalho, Condessa de Cuba, Gertrudes Rosário Santos, Arminda de Almeida Ribas, Madame Vallin, Francisca de Vasconcelos Santos (15$00), Maria da Conceição Maldonado Pereira (15$00), Maria da Purificação Godinho, Custódia da Silva, Emídio Pereira Sena (15$00), Vicência Cândida Abílio (20$00), Jorge M. Santos, Etelvina Torres da Costa (12$50), António Guedes, Bento Serra Moreira, Joaquina Rodrigues Páris, Rita Mana Maria da Graça Gouveia, Maria de Jesus Cruz, Maria Martins (12$50), Adriano José Vaz, Anibal Abreu Carrilho, Francisca da Conceição Raposo, Clara Delfina Bettencourt, César Gomes de Oliveira, Eduardo Gomes de Oliveira, João Evangelista Gonçalves, Dr. Francisco Rodrigues da Cruz, Micaela Duarte Correia, Antónia das Dôres Almada, Almira das Dores Fernandes (20$00), José J. Neves (20$00), Beatriz Monteiro Rodrigues, Eulália da Silva Freitas, Cristina Santos (25$00), Vitória Sinde Pinto, Maria do Carmo Sinde, Laurinda Damaso Tavares, Lucinda Martinho, Ana Ferreira de Magalhães (50$00), Olinda Cândida Moreira, Francisca Romana, Sara Leal Oliveira, Paulo de Sousa, João Cardoso, Rosa de Sousa Ferreira, Manuel das Neves, Arminda Ribeiro Gaspar, Efigénia Antunes Canaria, P.e Joaquim Gomes da Costa e Silva (15$00), Artur Soares Figueiredo, Domingos Figueiredo.

Esmolas e donativos vários: Joaquina da Conceição Duarte, 105$00; Livraria Popular, da ilha da Madeira, 251$30; Custódio Ferreira de Almeida, 50$00; Duquesa de Palmela, 100$00; Ana Joaquina da Silva Carvalho, 40$00; P.e António Roliz, de Macau, 500$00 Mário da Silva Jordão, residente na América do Norte, 5 dolares; Delfina Maria de Almeida, 80$00; Maria Augusta Pereira Veiga, 115$00; Maria Clementina Sequeira, 10$00; P.e António Joaquim Ferreira, 100$00; Maria do Carmo, 50$00; Maria do Carmo Pires, 6$20; Maria da Apresentação Gonçalves, 20$00; Guilhermina Piedade Chaves, 172$00; na igreja dos Fiéis de Deus, em Lisboa, 80$00; P.e Henrique Vieira, 30$00; Igreja da Misericórdia da Povoa de Varzim, 122$00; Elisa Lourdes Mesquita, 20$00; Rosa Soares Teixeira, 71$00; Manuel Ribeiro Pontes, 67$50; Maria Freitas, 5 dolares; João Custódio, 2 dolares; Maria Rita Vicente (curada de cancro no nariz), 2 libras.

Esmolas obtidas em varias Igrejas por ocasião da distribuição de jornais.

Na Igreja de S. Mamede pela Ex.ma Sr. D. N. R. no mez de Outubro de 1929, 10$00; na Igreja de S. Tiago de Cezimbra pela Ex.ma Snr.a D. Gertrudes do Carmo Pinto, idem, 31$00.

Três Avé-Marias

Nestes tempos em que tudo é eléctrico e todos parecem andar atacados de vertigens, pode haver quem ache longa a devoção do Terço (nem já falamos na recitação do Rosário completo!) tão abençoada pela Santíssima Virgem e querida das almas sinceramente piedosas, ou que realmente não tenha ocasião de o resar (há muito quem o rese pelos caminhos, de comboio, de automovel e até de...bicicleta), vem mesmo a calhar uma devoção que Santa Matilde diz no seu livro da graça Especial, ter-lhe sido ensinada por Nossa Senhora: «Resar diariamente três Avè-Marias é meio seguro para obter a graça da perseverança, (quanta confiança não deve isto infundir àqueles que resam tantas e com tanta devoção!)»

S. Leonardo de Porto Maurício recomendava esta devoção de manhã e à noite para alcançar a graça de evitar todo o pecado mortal e prometia com certeza a salvação aos que nisto fôssem constantes. Claro está que esta mesma constância é já uma graça especial que não obteria o que com monstruosa ingratidão quizesse abusar desta devoção para pecar com mais confiança.

Recomendava-a também muito o nosso Santo António de Lisboa e Santo Afonso Maria de Ligório que costumava da-la como penitência e exortava os paes que a ensinassem aos filhos.

Leão XIII concedeu 200 dias de indulgência aos que de manhã e à tarde rezassem as três Avè-Marias com a jaculatória: «Minha Mãe, livrai-nos hoje (ou nesta noite) do pecado mortal.»

Pio X concedeu 300 dias de indulgência aos que as resassem acrescentando a cada uma a seguinte jaculatória: «O' Maria, por Vossa Imaculada Conceição, purificai o meu corpo e santificai a minha alma.»

Temos presente uma grande relação de factos extraordinários, conversões repentinas quando humanamente tudo parecia impossivel, por meio da devoção das três Avè-Marias.

Quem estas coisas escreve atribue a uma novena de três Avè-Marias, seguidas do *Lembrai-vos...*, a cura de um sobrinhito atacado de paralisia infantil, caso já contado na *Voz da Fatima*.

Ninguém deve estranhar que a formosa oração da Avè Maria seja assim tão eficaz.

«A Avè Maria (diz o B. Grigniou de Monfort, resumindo a doutrina de muitos outros santos) é martelo que esmaga o demónio, è santificação da alma, alegria dos Anjos, melodia dos predestinados e glória da Santíssima Trindade. É osculo casto que se dá a Maria, rosa encarnada que se lhe apresenta, perola preciosa que se lhe oferece.

A Avè-Maria tem tais encantos que tudo a ela se submete e nem Deus irritado lhe resiste; se a ouve sezar, de Juiz converte-se em Pai.»

Mas... porque hão de ser três? Não seria melhor rezar cinco ou sete? E sobretudo não será preferivel rezar o Rosário ou o Terço?

Sem duvida, mas é melhor ainda resar o terço e as três Avè-Marias.

Mas porque hão de ser precisamente três? E porque assim agrada à Santissima Virgem, em honra dos três privilégios com que a dotou cada uma das pessoas da Santíssima Trindade, comunicando-lhe o Pai o seu poder, o Filho a sua sabedoria e o Espírito Santo a sua misericórdia.

A alguém... (resposta)

Dizes que respeitas a Religião, mas dizes isto com os lábios e não com os factos. E é aqui que está todo o teu êrro, pois vejo que não cuidas em praticá-la. Nada de missa nos dias santos de guarda... Nada de confissão e comunhão, nem mesmo pela Páscoa... Nada de vida cristã... Quer dizer tudo isto que não te importas com a Religião e que no teu coração a desprezas. Mas, então, como podes afirmar que a respeitas?... Mentes solenemente e é teu dever nunca mais repetir tal mentira, mesmo para não comprometeres a tua honra de homem leal...

A MENINA HILER...

Espera... Que é isto? — exclamou João Verchéne, sentindo debaixo do pé qualquer coisa que fa a pisar. E, mirando o chão: — Ora esta! Um têrço! Vejam lá! Um têrço!

E com efeito era um têrço. Simples, pequenino, bonitinho, *avè-marias* de oliveira, e *padre-nossos* de madrepérola.

Apesar do rapaz se admirar, não era coisa do outro mundo: encontrar um têrço no chão, ali ao pé da igreja da Madalena, quando, como de costume, ia *flanar* para as ruas de *Paris*...

Um objecto de piedade caído a alguém, quando entrava para a igreja... Nada mais simples.

Mas êle estava intrigado. Agitava o têrço em roda, mirava-o, remirava-o... — Mas de quem serás tu? Para que quero eu isto?...

— Ah! Perdão, Snr. João Verchéne — retiniu alegre e fresca a voz duma rapariga loura, de rosto quási escondido numa aconchegada pele de lontra. — Ia de olhos no chão, tão *abstrata*, a procurar o meu têrço, que nem sequer via V. Ex.ª

— O' minha menina! Peço perdão de a não ter cumprimentado. — Nem eu também via V. Ex.ª Mas... V. Ex.ª falava num têrço?

— Sim, perdi agora mesmo o meu têrço. Caíu-me, quando subia para a igreja. Felizmente dei logo pela falta, e vim procurá-lo. Tenho-o em muita estimação.

Não é pelo valor material; mas, como veio da Terra Santa, e é recordação dum tio missionário, que lá me faleceu...

— Pois eu acabo de achar um. Queira V. Ex.ª vêr se é êste.

— Oh! Justamente! E' o meu. Ai! Quanto estimei encontrá-lo! O meu têrcinho!... Como hei-de agradecer a V. Ex.ª?

— Por quem é, minha menina! Sou muito feliz em ter podido assim casualmente restituir a V. Ex.ª essa estimada recordação.

E com um efusivo aperto de mão separaram-se igualmente satisfeitos.

* * *

Retomando o seu caminho, João mergulha o espírito em reflexões profundas. Tinha feito uma descoberta: Com que então a menina Hiler, que há duas semanas estava numa reunião da condessa de Perrier, e que êle achara uma perfeita mundana, era afinal uma menina piedosa?! Possível! Não compreendia.

Tal revelação transtornava tôdas as ideias do rapaz, destruindo-lhe a sua teoria: que uma senhora do mundo não têm nada a vêr com a religião; porque essas, a quem chamam piedosas, não têem elegância, nem graça, nem espírito.

Naquela tarde mesmo, para robustecer a sua tése, depois de tão violento abalo, falou dela numa roda de amigos.

— Mais devagar, amigo Verchéne.

— Repugna-me, mas confirmo o que disse: tôdas quantas conheço não são, mas é que nem podem ser...

— E a menina Hiler?

— *Ah!* mas essa... E é assim piedosa por aí fora? O que ela é... é uma menina admirável: bela, perfeita! Conhece o que lhe fica bem; sabe vestir-se. Conversa, canta, têm espírito, é linda... brilha num salão!

— Hah! Hah! Hah! Como és ingénuo! Para ti a Hiler é uma perfeição! O que não quere dizer, meu menino, que ela não vá à comunhão todos os dias, não frequente o Curso de Religião se não dedique de alma, vida e coração às obras católicas. E olha que eu sei muito bem o que afirmo. Não é tão mundana como te parece. Veste à moda, *mas é moda à moda dela*. O decote é sempre discreto, e a saia modestamente comprida. Serão ninharias, mas...

— Ora! é uma rapariga distinta!

— E' mais alguma coisa que distinta. Notastes que é linda, e é. Pela minha mana mais nova, que se dá intimamente com ela, sei que é mesmo muito culta. Mas é culta precisamente porque não lê frivolidades. E o que é então admirável é admirares tu nela precisamente o que é o resultado da educação cristã!

Não convencido mas desnorteado, João começou a matutar no caso...

* * *

Passados dois meses, numa bela noite o rapaz entrou na saleta onde a mamã se entretinha embebida na leitura.

— Boa noite, mamã! Venho fazer-lhe uma visita. — E, abraçando-a calmamente: — Venho dar-lhe uma notícia...

Madame Verchéne pousara o livro para receber os cumprimentos do filho. Fixou-o, e, animando-o com um doce sorriso:

— Então qual é? interrogou ela duvidando de que dali saísse coisa séria.

— Pois, mamã agora é certo.

— Tu? Assim já? Ninguem se case à pressa...

— E eu que julgava dar-lhe uma notícia tão alegre!...

— E é, — respondeu ela vivamente — e é. Mas... conta, conta lá.

— Eu sei muito bem o que preocupa a mamã; *é mesmo com essa*...

— Pois não! — comentou madame Verchéne irónicamente. E, recostando-se na cadeira para fixar melhor o filho, continuou:

— Falas sério, João?

— A sério, mamã; o mais a sério, que é possível.

— E' que eu não compreendo: Susana Hiler é a rapariga mais piedosa que eu conheço. E, como sei dos teus preconceitos, não percebo como te resolves a escolhê-la. Quando me lembro que deixaste de frequentar a casa da tia de Saint-Bont por ser religiosa — por sinal bem moderada! — e tinhas mêdo de que ela se metesse a escolher-te noiva, francamente não compreendo.

— Ah! — exclamou João alegremente. Não esperava que a mamã se admirásse tanto!

— O' meu filho, atalhou madame Verchéne, a tua escolha alegra-me. A menina Hiler? E' uma bela rapariga. E' a noiva de que precisa o teu coração. Mas que mudança foi esta?

— Foi muito simples, mamã: Encontrei-a em casa de madame Perrier, que frequento há dois meses. E pude estudar ali uma alma cristã a valer. E comecei a pensar que a minha felicidade não podia estar melhor garantida do que nas mãos duma tal rapariga na qual a piedade tornava mais brilhante os seus encantos. Porque uma mulher piedosa não é nada absolutamente nada do que eu imaginava. A idea que eu fazia era inteiramente falsa. E parece-me mesmo que nem a mamã calcula ao certo o que isso seja...

— Talvez. Mas tu bem sabes que eu nunca antipatizei, como tu, com as pessoas piedosas.

— Não, bem sei. Mas eu supunha que uma menina religiosa não tinha gosto. Agora sei que é o contrário. A mulher cristã, duma fé esclarecida, não tem na sua fé obstáculo ao desenvolvimento da sua inteligência. A graça exterior, os encantos do espírito aliam-se perfeitamente às qualidades profundas da alma e do coração. Vi isto tudo, e senti-me *conquistado* por Susana...

Não sei se lhe diga, concluiu o rapaz, que devo, mamã, a minha felicidade ao encontro fortuito dum têrço no chão ali ao pé da Igreja da Madalena. Tem uma história, que a minha noiva e eu um dia lhe havemos de contar, minha querida mamã...

Do *Legionário*

Ano VIII — Leiria, 13 de Janeiro de 1930 — N.º 88

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

As bodas de diamante da proclamação do dogma da Imaculada Conceição

DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1854

Há precisamente setenta e cinco anos que Sua Santidade o Papa Pio IX, de saüdosa e venerada memória, falando a tôda a Cristandade, do alto da cátedra de S. Pedro, como Mestre supremo e infalível da Fé, proclamava, entre cânticos de triunfo e de esperança, o dogma da Imaculada Conceição.

Uma das verdades fundamentais da nossa Santa Religião, que faz parte do depósito sagrado da revelação cristã, é que o pecado original constitue uma verdadeira mancha inerente à alma humana que a torna digna de aversão do seu Criador, uma desordem que consiste na falta de harmonia das nossas faculdades entre si e sobretudo das nossas faculdades com Deus. E' um pecado, no sentido próprio da palavra, a-pesar-de não ser um efeito da nossa vontade.

Todos os filhos de Adão, formam com o seu primeiro progenitor um só e o mesmo corpo moral, de que Adão é a cabeça e êles são os membros. E assim os actos do primeiro homem eram imputáveis primeiro a Adão pessoalmente e depois à raça que dêle havia de descender.

Jesus Cristo, miraculosamente concebido por obra e graça do Divino Espírito Santo no seio puríssimo da Virgem Maria, foi naturalmente isento do pecado de origem. A sua santidade original, maior, incomparàvelmente maior do que a de Adão à saída das mãos do Criador, não derivou nem podia derivar do privilégio concedido a sua augusta Mãe.

À excepção de Jesus, todos os membros da família humana descenderam do primeiro homem por via de geração; todos hauriram, pois, juntamente com a vida do corpo, os seus títulos à morte da alma e por isso todos teem necessidade de redempção. Mas nem em todos a redenção se realizou do mesmo modo. Se, para o comum dos mortais, a redempção é a libertação da tara da culpa em que se incorreu, a purificação das máculas contraídas, a ruptura das cadeias insuportáveis forjadas pelo demónio, para a Santíssima Virgem ela é a isenção dessa tara, a santificação antes de tôda a mancha, a gloriosa liberdade dos filhos de Deus perante e contra todos os esforços da serpe infernal.

Por outras palavras, como definiu o imortal Pio IX, na qualidade de órgão autêntico da revelação divina:

«A Santíssima Virgem Maria, no primeiro instante da sua Conceição, por uma graça e um privilégio singular de Deus Onipotente, em virtude dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do género humano, foi preservada de tôda a mancha do pecado original».

Imagem de Nossa Senhora de Fátima benzida pelo Santo Padre Pio XI e que se venera no Colégio Português, em Roma

Foi oferecida pelo escultor Sr. Tedim, de S. Manuede Coronado, ao mesmo Colégio

E' esta a doutrina católica, conservada durante séculos na sociedade cristã como uma preciosa joia de família e finalmente imposta à crença de todos os fiéis, no dia 8 de Dezembro de 1854, como um dos dogmas, como uma das verdades irrefragáveis da Fé cristã.

A festa da Imaculada Conceição foi celebrada no Santuário da Cova da Iria com a solenidade que o tempo e as circunstâncias permitiam.

A população de Fátima acorreu em grande número, nesse dia jubiloso, a saüdar a Virgem Imaculada, dulcíssima Padroeira de Portugal, que foi o tabernáculo vivo de seu Divino Filho, Salvador do Género humano, e congratular-se com Ela por essa grande e singular prerogativa, por êsse dom incomparável que a coloca acima de tôdas as criaturas da terra e do Céu.

Festa de paz, de alegria e de felicidade, ela prega a todos o amor da pureza como condição necessária da amizade e da união com Deus, a quem só lograrão ver, por tôda a eternidade, nos esplendores imarcessíveis da glória, as almas que foram sempre puras e inocentes e os corações purificados pelo arrependimento e pela graça divina na piscina salutar do santo sacramento da Penitência.

As cerimónias religiosas

Os actos religiosos oficiais do dia treze de Dezembro na Cova da Iria revestiram a solenidade e imponência do costume. Ao meio-dia e um quarto, hora legal, efectuou-se a primeira procissão, em que a Imagem de Nossa Senhora de Fátima foi conduzida, aos ombros dos servitas, da capela das aparições para a capela das missas. Terminado o emocionante cortejo e rezado o *Credo* em comum, principiou a missa dos doentes.

Durante a missa, o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, director-capelão geral das Associações de servitas, explicou aos fiéis as diferentes partes e cerimónias do santo sacrifício, recitando em voz alta, pausada e gravemente, as principais orações litúrgicas.

Em seguida, feita a exposição solene do Santíssimo Sacramento, deu-se a bênção aos doentes e a todo o povo. Dada a bênção eucarística, o rev.do Carlos Antunes Pereira Gens, zeloso pároco de Ourêm, subiu ao púlpito e falou demoradamente sô-

bre a pureza sem mancha da gloriosa Raínha do Céu. Por fim, realizou-se a segunda procissão, a procissão do adeus, começando então os fiéis a dispersar-se. A beleza excepcional do tempo e uma temperatura amena e quási tépida, verdadeiramente primaveril, a-pesar de estar próximo o coração do inverno, contribuiram para que o concurso de peregrinos neste mês fôsse superior ao do mês precedente e pusesse uma nota de vida e animação extraordinária naquele teatro perene de maravilhas divinas.

Uma paralítica curada

A pouco mais de dois quilómetros de distância, no relógio da tôrre da igreja paroquial de Fátima, acabavam de soar as duas horas da tarde.

Estavam concluídas as cerimónias religiosas oficiais comemorativas do dia treze. Os ecos derradeiros das aclamações à Virgem bemdita, que naquele rincão abençoado da terra portuguesa erguera o seu trono de amor e misericórdia, tinham-se já extinguido por completo. No recinto sagrado, viam-se apenas alguns grupos de fiéis retardatários rezando as últimas preces ou preparando-se para a viagem de regresso aos seus lares distantes. É então que na varanda do Albergue de Nossa Senhora do Rosário, recentemente inaugurado, se passa uma scena extraordinária e assaz comovente, na presença de alguns médicos e de numerosos servitas de ambos os sexos. Uma mulher, de meia idade, que se achava quási completamente paralítica, arrastando-se a custo apoiada em duas muletas, tinha-se sentido de repente completamente curada. Dispensando o auxílio das muletas, d'oravante inúteis para ela, dirige-se para o Albergue, caminhando com passo firme e com o maior desembaraço e fazendo os movimentos dos membros inferiores nas condições normais. A alegria da boa mulher é indescriptível, como indescriptível é o contraste entre a serenidade imperturbável dos médicos que, para se pronunciarem definitivamente, aguardam a indispensável contraprova do tempo, e o entusiasmo delirante da multidão que se aglomera em volta da privilegiada do Céu nesse dia, dando glória a Deus e bendizendo a Virgem Santíssima por mais êsse testemunho assombroso da sua onipotência suplicante, por mais essa prova tão sugestiva e tão comovente da sua bondade e do seu amor maternal.

Fátima nos Açores

Da interessante carta dum zeloso sacerdote dos Açores, muito devoto de Nossa Senhora de Fátima, o rev.do Edgard Benedito de Lima Castelo Branco, que fez parte dos seus estudos eclesiásticos no continente, dirigida a um dos seus antigos professores, transcreve-se o seguinte trecho, que convém arquivar nas páginas dêste mensário: «Se não fôra o eu ter de embarcar a 8 do p. p. mês de Agosto para os Açores, após uma pequena demora em Lisboa, certamente que teria ido cumprimentar o meu antigo professor.

Ha cinco anos que sou sacerdote e que paroquio nesta Ilha de São Miguel.

Presentemente estou na Igreja de São Pedro de Ponta-Delgada.

Na Casa Fânzeres tenho uma Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima de 1,m50 de altura.

Antigo discípulo de V., não podia esquecer-me do entusiasmo e fervor com que V. nos lia os primeiros relatos dos videntes.

Por isso esta Imagem é como que também uma Imagem que se distingue das demais.

Na cabeça tem um resplendor de prata com quinze estrêlas — os quinze mistérios do Rosário, e estas palavras em doirado: «Eu sou a Senhora do Rosário.»

Da nuvem emergem ramos de azinheira, como a que está na Paroquial da Fátima.

Na peanha tem uma caixa-gaveta, que será cheia de terra no local da Aparição, aonde a Imagem irá para ser benzida. Também na peanha ha um pequeno livro que será assinado pelos que contribuiram para o pagamento das despesas feitas com esta Imagem.

Do facto da bênção será passada certidão, onde se dirá a autenticidade da terra.

Espero, confiado no Sagrado Coração de Jesus, que V. admirará esta bela Imagem e que a Nossa Senhora pedirá a conversão do povo para onde vem — São Roque — que é arrabalde da cidade.»

Fátima em França

Não é sem lágrimas quentes de funda comoção a marejarem-lhe os olhos e a correrem-lhe em fio pelas faces e sem um frémito de inefável e intensa alegria a sacudir-lhe fortemente a alma que um português crente e patriota constata o facto admirável, assombroso, único, de, ao cabo de tão poucos anos, êsse recanto ignorado de Fátima, onde a excelsa Raínha do Céu pousou os seus pés virginais, ser objecto das atenções mais carinhosas e das esperanças mais belas e mais fagueiras do mundo inteiro. Pululam constantemente, nos países mais cultos e mais civilizados, os jornais, as revistas, os folhetos e livros que se ocupam com solicitude e disvêlo dos sucessos maravilhosos da Lourdes portuguesa.

Por tôda a parte se realizam festas solenes em honra da augusta Senhora Aparecida, desde a Europa à Asia e ao Novo-Mundo, desde a Itália ao Brasil, desde Portugal à China. Onde quere que haja portugueses, os corações palpitam de jubilo e estuam de entusiasmo quando se pronuncia o nome bemdito de Fátima e as almas vôam, em êxtases de amor e em transportes de gôzo, através dos continentes e dos oceanos, irresistívelmente atraídas pela poderosa corrente magnética espiritual que se polariza nesse lindo e privilegiado cantinho do Céu a que o povo chama singelamente «Cova da Iria».

No número da «Voz da Fátima» correspondente ao passado mês de Novembro, os leitores viram a larga referência que se fez ao magnífico livro «Fatima, das Portugiesische Lourdes», devido à pena abalisada do rev.do dr. Luís Fisher, lente da Universidale de Bamberg, na Baviera, que no dia treze de Maio findo veio expressamente da Alemanha a Fátima para assistir às incomparáveis manifestações de Fé e piedade dêsse dia inolvidável que ficará para sempre registado em letras de ouro nos fastos incomparáveis do grande Santuário Nacional de Maria Santíssima.

Agora é um jovem sacerdote português, culto e piedoso, filho espiritual do grande patriarca S. Domingos de Gusmão e distinto aluno da *Ecole Théolog que de Saint Maximin (Var), France*, que, depois de ter tratado, com um amor e um entusiasmo inexcedíveis, o árduo e complexo problema de Fátima, em números consecutivos da esplêndida *Revue du Rosaire*, orgão dos ilustres Padres Prégadores na pátria de S. Luís e de Joana d'Arc, reune os seus artigos refundidos e ampliados, numa primorosa e elegante brochura de grande formato sôbre a mais estupenda maravilha do século vinte, na scena do mundo conhecido, Esse livro, que tem por título *«Notre Dame du Rosaire de Fátima»*, é ilustrado com dez magníficas gravuras de página e contêm vinte e seis capítulos, além do prefácio. As epígrafes dos capítulos são as seguintes: *As aparições — Primeira aparição — Segunda aparição — Terceira aparição — Quarta aparição — Quinta aparição — Interrogatório dos Videntes — Outros interrogatórios — O grande milagre: sexta aparição — Novos interrogatórios dos Videntes — Repercussão dos acontecimentos no país — Os Videntes — Morte do Francisco — Morte da Jacinta — Lúcia de Jesus religiosa — As grandes peregrinações.*

Bem haja o rev.do Fr. Maria Gonçalves, o apóstolo ardente e infatigável da devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que, dêsse centro do mundo intelectual que é a França, espalha em tôdas as nações, por intermédio da *Revue du Rosaire*, na sua secção *Chronique Mariale*, o conhecimento e o amor da gloriosa Aparição da Serra de Aire e a admiração e o assombro pelos acontecimentos portentosos que se teem desenrolado e continuam a desenrolar-se na estância misteriosa da Cova da Iria.

Fátima em Roma

Os alunos do Colégio Português em Roma continuam a dar provas inequívocas da sua devoção acrisolada a Nossa Senhora de Fátima. No dia 8 do corrente mês de dezembro realizou-se finalmente a inauguração da nova capela daquele prestimoso instituto de educação eclesiástica superior, sendo colocada sôbre o altar-mor a linda estátua da gloriosa Virgem das Aparições, feita de mármore das serras de Portugal, trabalhada por mãos portuguesas e em oficinas portuguesas.

Eis como o rev.do António José Ribeiro, piedoso presidente da Congregação Mariana daquela benemérita instituição — pequenina nesga da pátria encrustada no coração da Itália à sombra protectora da rocha Vaticana — descreve, numa carta dirigida a um dos vultos mais eminentes do alto clero português, essa festa encantadora e imponente que foi revestida duma emocionante beleza espiritual:

«...Venho falar dum acontecimento que encherá de santa alegria o coração de V. Ex.cia, tam devoto como é, de Nossa Senhora de Fátima. Veio-nos de Portugal a lindíssima Imagem que ofereceu ao Colégio o escultor Thedim e, depois de benzida pelo Santo Padre, lá a colocámos no seu pôsto a presidir aos destinos desta casa que fica sendo inteiramente sua. A Congregação Mariana do Colégio, de que sou indigno presidente, quís solenizar dignamente o dia 8 de Dezembro de 1929, que ficará gravado em letras de ouro na história dêste Colégio e do culto de Nossa Senhora de Fátima.

Lembrámo-nos de fazer uma Academia, com o maior esplendor possível, a que assistissem todos os portugueses residentes na Cidade Eterna e ainda muitos estranjeiros que entendem o português e se interessam pela Fátima.

De manhã tivemos Missa soleníssima, com que se inaugurou o culto da nova capela, e a Academia sempre se realizou às três horas da tarde, segundo o programa que envio a V. Ex.cia. Assistiu o Sr. Dr. Trindade Coelho e compareceu quási tôda a colónia portuguesa, bem como representações dos brasileiros, um bom número de alunos do Colégio Espanhol e até alguns lentes da Universidade Gregoriana.

A festa correu admiràvelmente deixando em todos as melhores impressões».

A «Voz da Fátima», humilde pregoeiro das glórias e das misericórdias de Maria Santíssima — «da bianca Regina di Fatima», rejubila com as solenes homenagens prestadas pelos jovens e piedosos alunos do Colégio Português à celeste Virgem das aparições e faz ardentes votos ao Céu para que, de regresso a Portugal, findas as suas lides escolares, cada um dêsses moços esperançosos seja um apóstolo indefesso e entusiasta das maravilhas da Augusta Mãe de Deus no santuário incomparável que Ela ergueu no próprio coração da Pátria para salvação e felicidade de seus filhos.

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FÁTIMA

Cólicas hepáticas.

Em cumprimento da minha promessa e para maior glória da Santíssima Virgem, venho relatar o que comigo se vem passando há uns anos para cá; acontecimentos que muito devem interessar a todos aqueles que tenham recebido graças de Nossa Senhora de Fátima.

Servi quatro anos e meio em África por duas vezes em Angola; sendo três de campanha. Ali fui tratado de duas anemias profundas e uma febre biliosa, que me deixaram o organismo bastante depauperado. Sendo da primeira vez de 1908-1910 e da segunda de 1917-1919. Em 1918 comecei a sofrer de cólicas hepáticas com a continuação destas cólicas o coração começou a resentir-se bastante, devido às dores violentas das cólicas e dar-me bastante que pensar. O coração agora era o que mais me dava que sentir. Fui tratado por vários médicos desta cidade que nada me poderam fazer, pois a doença cada vez se agravava mais. Fiz dois tratamentos nas Termas do Gerez, que em nada me aliviaram os meus sofrimentos. Fui observado pelo Ex.mo Snr. Dr. Pinto Leite, no Porto; estive vinte dias em observação no hospital daquela cidade, onde fui julgado incapaz do serviço activo por o meu estado de saúde ser desesperado. Isto passava-se em Fevereiro de 1926, ano em que a minha crise foi mais aguda. Com o tratamento que me mandaram seguir em nada melhorava. Comecei a ter várias ameaças de síncopes cardíacas. O médico assistente chegou a preparar a minha família que se o coração continuasse assim, não se aguentava muitos dias. A minha família nunca desanimou, por ter fé em Nossa Senhora da Fátima. Nas suas orações e comunhões lá ia pedindo à Santíssima Virgem por mim. Em Maio de 1927 veio a esta cidade fazer a semana franciscana um missionário franciscano à qual a minha família me pediu para ir assistir, e eu respondia-lhe: como queres que eu vá se me não posso aguentar nas pernas, devido à minha grande fraqueza? E minha mulher sempre com o seu ar de bondade que a caracterisa, respondia-me: vai que te coloco lá uma cadeira onde possas estar sentado, e pede a Nossa Senhora de Fátima que Ela ha-de-te melhorar. As minhas crenças andavam bastante adormecidas, devido em parte à vida de quartel e aos respeitos humanos. Ali fui em tão boa hora que a Mãe do Céu ouviu-me nas minhas débeis preces. Não voltei a ter cólicas, e o coração começou a regular muito bem, deixei de ter as perturbações cardíacas, o organismo ia melhorando dia a dia. Fiz o propósito de ir a Fátima agradecer à Mãe do Céu se as minhas melhoras confirmassem esta tão grande graça. Efectivamente as melhoras teem-se mantido, e tanto assim que em Julho dêste ano lá fui a Fátima agradecer à Santíssima Virgem, pois só Ela é que me podia valer, ficando assim cumprida a minha promessa. E tão grandes tem sido as melhoras, que me considero quási curado. O ano passado fiz uma viagem de doze dias, sempre debaixo de neve e êste ano, como atrás fica dito, fui a Fátima nos dias de maior calor do ano e nada me fez mal. Estas minhas melhoras teem sido o assombro de tôda a gente da cidade, porque não havia ninguém que não soubesse do meu estado grave de saúde e agora veem-me como se nada tivesse tido. Desde 1927 que não tomo medicamentos e como de tudo. Hoje emprego o meu tempo a fazer bem aos pobrezinhos e à Santa Igreja. Desempenho os seguintes cargos gratuítos: Secretário da mêsa administrativa da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, secretário da comissão fabriqueira do Culto Católico da frèguezia de Santa Maria e secretário do Apostolado da Oração do Centro de Santa Maria.

Amadeu da Conceição Rôxo
Tenente de Infanteria

Aqui quero frizar bem êste ponto. A junta de saúde que me deu incapaz de serviço activo, não ligou a doença com o serviço de campanha e assim nesta conformidade foi-me aplicada a reforma ordinária com o vencimento mensal de 461$00 quando no activo tinha 1.250$00. Para um doente, muito principalmente do coração e com sete pessoas de família a seu cargo era para adoecer e não para melhorar se não fôsse a intervenção da Santíssima Virgem, pois que com a miséria em que o reformaram não podia viver, se não fôsse uma pessoa de família, que todos os meses o vai socorrendo, socorros estes que geralmente aparecem com o jornalsinho *«A Voz da Fátima»*. Com êstes sofrimentos morais, se não fôsse a intervenção da Santíssima Virgem não melhorava. Tôda a gente da cidade diz quando eu passo, como é que F... melhorou, sendo tão doente como era? Pois viam-me passar sempre cabisbaixo e acabrunhado, o que já não acontece agora. Dizem, eles, com os sofrimentos morais que tem tido, era mais para adoecer do que para melhorar como lhe aconteceu. Melhorei, sim, porque tive a Santíssima Virgem por mim espalhando as suas graças. Ela quis honrar um pecador tão grande como eu o sou porque não me considero merecedor delas. Hoje é escusado dizer que sou um dos seus filhos mais dedicados que Ela tem em Bragança. Quando me dirigi a Ela foi com tanta fé e devoção, e hoje comungo quási todos os dias em agradecimento e reparação dos meus pecados. Abençoada doença, que embora me prejudicasse materialmente, fez-me muito bem espiritualmente, por me aproximar dos Santíssimos Sacramentos, de que tão esquecido andava.

Entre os varios atestados que existem no meu processo com que fui presente à junta de saúde e que podem ser consultados no Ministério da Guerra, onde devem estar arquivados, mando cópia de dois que se V. Ex.ª entender que devem ser publicados com esta fraca exposição, mas que é a expressão da verdade, pode publicá-los para honra do Culto de Nossa Senhora da Fátima.

Bragança, 19 de Dezembro de 1929.

Amadeu da Conceição Rôxo

ATESTADO

Alípio de Abreu, sub-delegado de saúde do concelho de Bragança. Atesto sob palavra de honra que o Ex.mo Snr. Tenente de Infantaria n.º 30, Amadeu da Conceição Rôxo, foi por mim observado em 1919, numa ocasião em que estava sofrendo de uma cólica hepática, notando, nesta ocasião, que, àlém do seu hepatismo, sofria do coração —hipertrofia do ventrículo esquerdo e arriteneis — de então para cá tenho-o diversas vezes tratado de freqüentes cólicas hepáticas, constatando também que o coração — perturbações — se não teem agravado, também não teem melhorado. Estou absolutamente convencido de que estas doenças as adquiriu durante a sua permanência em Africa. Por verdade e me ser pedido passo o presente que assino. Bragança, 11 de Março de 1926. (a) Alípio de Abreu. *(Segue o reconhecimento do notário).*

ATESTADO

Manuel de Jesus Fernandes Tôrres, Capitão-Médico. Atesto que o Snr. Tenente de Infantaria n.º 30, Amadeu da Conceição Rôxo, tem sido por mim tratado, desde que veio de Africa em Setembro de 1919, várais vezes de cólicas hepáticas, sendo a última vez em 19 de Fevereiro passado. Sofre, também aritanis, doença que o impede de qualquer esfôrço físico e moral. Durante a sua estada em Africa, desde 1908 a 1910 e 1917 a 1919, sofreu bastante de febres palustres, entre as quais uma febre biliosa em 1908. Começou a sofrer de cólicas hepáticas em 1918, durante a sua estada em Africa. A-pesar dos tratamentos feitos entre os quais dois nas Termas do Gerez, o seu estado tem-se agravado sempre. Por ser verdade e me ser pedido, passo o presente que assino e juro pelo meu grau de Doutor. Bragança, 19 de Março de 1926. (a) Manuel de Jesus Fernandes Tôrres, *Capitão-Médico. (Segue o reconhecimento do notário).*

Úlcera no estomago.

Maria da Costa Terra e Sousa, de Espozende, em carta de 13 de maio do ano passado diz-nos:

«Venho por êste meio pedir a V.ª Ex.ª o grande favor de publicar no seu jornalzinho o grande milagre que a Virgem do Rosário da Fátima me concedeu.

Sofria muito do estômago, sofrimento horroroso, quási dois anos vivi neste longo martírio; no dia 14 de Dezembro de 1927 deu-me um grande ataque, aonde deitei uma grande quantidade de sangue pela bôca e estava num estado tão grave que tive de dar entrada no Hospital de Espozende.

Assim neste estado preparei-me para morrer, no entanto sempre com uma grande fé na Virgem do Rosário da Fátima que me havia de curar, apesar de o meu médico assistente declarar que eu não tinha cura visto ter uma úlcera no estomago.

Comecei depois que dei entrada no Hospital, uma novena em honra da Virgem do Rosário da Fátima e bebia água de Nossa Senhora em jejum; logo que comecei a novena dali a 24 horas já não deitava sangue nenhum.

Estive em convalescença até ao dia 25 de Março dia em que saí do Hospital. Fiquei completamente boa graças a Nossa Senhora da Fátima.

Daí a 15 dias que saí do Hospital tive uma pleurisia e na convalescença tive mais uma intricolite de que tudo saí bem graças a Nossa Senhora do Rosário da Fátima a quem pedi a minha cura com grande fé.

Hoje encontro-me completamente bem, trabalho e dêsses sofrimentos nada sinto.

Durante a minha doença prometi se Nossa Sehora me curasse ir agradecer-lhe ao lugar bendito da Fátima e levar-lhe uma esmola pedida

Hoje pois, aqui venho agradecer-lhe tão grande milagre e entregar-lhe a quantia de 78$00 escudos que arranjei da esmola que pedi.

Peço pois para me publicar esta tão grande graça porque assim o prometi.

Agora digo à Virgem da Fátima uma e mil vezes obrigada que me curou pois que tenho um filhinho para criar e sou viúva sem ter auxílio de ninguém. Nunca Vos esquecerei, pois, minha Mãe Bendita.

Este caso vem confirmado por atestado da Snr.ª D. Cândida de Jesus Pereira, enfermeira do Hospital, dizendo ser gravíssimo o estado da doente.

Garrotilho e bronco-pneumonia.

António Maria Dias, de Oliveira—Arcos de Valdevez, em carta de 17 de outubro último, diz-nos:

«Tendo minha filha Olinda Alice, de dois anos de idade, com garrotilho e bronco-pneumonia, chamei o médico que quási a abandonou.

A doença indo de mal a peor, vi-a completamente perdida. Foi então que de joelhos pedi a Nossa Senhora de Fátima a vida de minha filhinha.

Sei que imediatamente fui ouvida; pois quando o médico chegou disse-me que estava salva.

Atribuo êste grande favor só à Santíssima Virgem do Rosário da Fátima, e assim tenho minha filhinha sã e com saúde perfeita.

Junto envio uma velinhá da altura da pequena que, como pobre, só isso prometi acrescido de algumas comunhões».

Doença grave.

Vitória Sinde Cardoso, de Côja, informa o seguinte em 11 de Fevereiro último:

«Permita-me V. que eu venha hoje cumprir um dever sagrado, pedindo se digne publicar no nosso jornalzinho «*Voz de Fátima*» a seguinte notícia de uma cura que eu e outras pessoas consideramos uma grande graça.

Adoeceu minha mãe com uma doença, que desde logo foi considerada muito grave. Tendo consultado vários médicos, entre eles um dos mais distinctos clínicos do Pôrto, e havendo seguido à risca as suas prescripções durante alguns anos sem resultado algum, acabaram eles por declarar a doença incurável.

Estava inchada, sem poder alimentar-se por vomitar o que comia, e impossibilitada de qualquer trabalho. Encontrava-se desalentada, sem esperanças algumas, quando uma nossa amiga lhe lembrou uma novena em honra de Nossa Senhara de Fátima e lhe deu uma porção de água da Cova da Iria.

Fez-se a novena e experimentou algumas melhoras; mas estavam muito longe de serem uma cura completa. Comecei a assinar a Voz de Fátima e li nele a cura duma Senhora que tinha feito uma novena de terços, bebendo em cada dia daquela água milagrosa. Com uma fé, que até então não tinha ainda sentido tão vivamente, prostrei-me aos pés de uma imagem de Nossa Senhora, pedi-lhe de lágrimas nos olhos a saúde de minha mãe, e comecei a novena de terços, não bebendo a água milagrosa por não a ter.

Passados dois dias começou a melhorar, e depois de concluida a novena sentiu-se muito bem, e continua na melhor disposição, entregue já à sua vida ordinária de trabalho de casa.

Para honra e glória de Nossa Senhora de Fátima pede a publicação desta notícia a mais humilde das Servas da Santíssima Virgem.

Meningite tuberculose.

Maria de Lourdes Parreira Blanc, de Lisboa, diz o seguinte:

«Foi em Junho de 1928, que o meu filhinho António Maria que então pouco mais tinha de 3 anos e meio, adoeceu gravemente.

Três dias depois, declarou-se-lhe uma *meningite tuberculosa*, confirmada pela análise feita ao líquido raquidiano.

O médico deu o pequeno por perdido. Nada havia a fazer.

Todos em casa ficaram desorientados e eu, como mãe, apesar de ignorar ainda a sentença do médico, adivinhava-a e estava inconsolável e sem forças para coisa alguma.

Na noite em que êle esteve peor e em que o médico dizia que devia entrar em convulsões, das quais já tinha prenúncios, lembrámo-nos de o entregar, como último recurso, a Nossa Senhora de Fátima; e uma grande amiga nossa, começou a dar-lhe colheres de Água de Nossa Senhora e poz-lhe sob a cabeceira uma Sua Imagem.

A criança que se conservava num grande estado de agitação, principiava de aí a pouco a serenar e assim se conservou mais 3 dias de dolorosa espectativa, continuando nós a dar-lhe a água e a pedir com muita fé a Nossa Senhora.

Resolveram, então, os médicos, fazer-lhe esgunda extração do líquido.

Fez-se a análise resultando *negativa*.

Cheios já de esperança na sua cura, iniciou-se então um tratamento e a 13 de Setembro, (três meses depois!) iamos com êle a Fátima agradecer a Nossa Senhora.

Ainda ficou por algum tempo com o bracito direito imovel e a face contraída, mas hoje encontra-se *completamente curado*.

Só a um grande milagre de Nossa Senhora de Fátima atribuo o ter-se salvo o meu filhinho querido; e, conforme prometi, venho por êste meio, testemunhar-Lhe a minha eterna gratidão.

Que Nossa Senhora o defenda sempre, que o proteja, e que tome também sob a sua guarda os seus dois irmãozinhos, é o que de todo o meu coração e com a minha mais ardente fé, lhe rógo.»

Eczema.

José Laurentino Morgado, de Rochaforte, escreve em 26 de Outubro de 1928:

«Tanto eu como minha esposa, vimos agradecer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima a cura do meu filho, pois que desde a tenra idade de 4 dias, quando lhe apareceu uma terrível doença que os médicos denominavam eczema, sofrimento que punha a pobre criança num estado grave, e para nós pais, muito desgôsto e muitas somas gastamos para ver se o encontravamos melhor com o auxílio dos médicos. Pois consultamos muitos e diferentes Drs., sendo os primeiros tratamentos receitados pelo Snr. Dr. Albino Valente especialista na Polyclinica no Largo de Camões, em Lisboa; e assim como também pelos nossos médicos de então, os Snrs. Alexandre Agrela já falecido, e pelo ainda presente Mário da Costa, ambos do meu Concelho do Cadaval.

Também consultámos, no Bombarral, o Snr. Dr. António Ferrari. Este mandou-lhe dar banhos que vieram dar algumas melhoras ao pequeno mas lá de quando em quando, ela lhe voltava que o deixava num estado de muito sofrimento. E assim se teem decorrido 11 anos sempre com o terrivel mal.

No dia 13 de Maio dêste ano fui, minha espôsa e o pequeno pela primeira vez a Fátima e pedimos com muita fé à Nossa Mãe dos Aflitos e Raínha dos Céus, e ao nosso amado Jesus.

Graças à Santíssima Virgem, não voltou mais êste terrivel sofrimento, e temos fé que meu filho está curado.

Peço a V.ª Rev.ma que mande publicar no nosso jornalzinho a *Voz de Fátima*, a cura do meu filho. Também tenho a honra de ser assinante e muito gosto de o ter e fazer sciente a mais alguém as Maravilhas de Fátima. Voltei no dia 13 de Outubro corrente a Fátima agradecer a N.ª S.ª a cura do meu filho. Espero e tenho fé na Mãe do Céu e na nossa Advogada, que me ha-de dar auxílio para voltar mais algumas vezes com minha família aquele Santuário bemditíssimo».

A excelência da Fé

«Aqueles que não teem Fé (fala o Santo Cura d'Ars) trazem a alma bem mais cega do que aqueles que não teem olhos...

Andamos neste mundo como que dentro dum nevoeiro, mas a Fé é o vento que dissipa êste nevoeiro e faz brilhar sôbre a nossa alma um lindo sol...

Deixemos falar os mundanos. Ai! Como haviam êles de ver? Estão cegos. Fizesse N. Senhor Jesus Cristo, hoje, todos os milagres que fez na Judeia que êles não acreditariam.

Quando nós dizemos: «Eu creio, ó meu Deus, eu creio firmemente, isto é, sem a menor dúvida, sem a menor hesitação... oh! se nos compenetrássemos bem destas palavras! eu creio firmemente que estais presente em tôda a parte, que Vós me vêdes, que estou diante dos Vossos olhos, que um dia eu mesmo Vos hei de ver claramente, que gosarei de todos os bens que me haveis prometido!... Eu espero que me recompensareis de tudo o que tiver feito para Vos agradar, porque Vos quero amar sempre!...»

Oh! como êste acto de Fé, que é também um acto de amor supriria tudo!...»

A comunhão de uma Santa

Santa Margarida Maria ardia num continuo desejo de receber, como ela diz, «o Deus do seu coração e o Coração de seu Deus».

Logo desde criança êste amor intenso começou a dominar-lhe a alma toda. Oiçamos como se exprime:

«A grande alegria que eu tinha em deixar o mundo, era por pensar que havia de comungar a miudo. Lá fora só raramente mo permitam; e eu tinha-me pela mais feliz do mundo se pudesse ter a Comunhão freqüente e passar as noites, só, diante do Santíssimo Sacramento, onde me sentia numa tal segurança, que, embora eu fôsse muito medrosa, logo que me via neste lugar de delícias, já me não lembravam mêdos.

«Nas vésperas da Comunhão (diz a Santa) sentia-me abismada num tão profundo silêncio que não podia falar senão à fôrça, pela grandeza da acção que ia fazer. E depois de a ter feito, a minha vontade era não beber, nem comer, nem ver, nem falar: tanta consolação e paz eu sentia.

Escondia-me então quanto podia, para aprender a amar o meu soberano bem, que tanto me apertava para que lhe tornasse amor com amor».

Este amor ardente devia, de certo, ir crescendo cada vez mais no claustro. E por isso dizia:

«Tenho um desejo tão grande da Sagrada Comunhão que, se fôsse necessário andar descalça por um caminho de brazas, parece-me que não me custaria nada em comparação do que sofreria com a privação dêste bem. Não há coisa nenhuma que me possa dar alegria sensível senão êste pão de amor. Depois de o receber fico como aniquilada diante do meu Deus, mas com alegria tão grande que algumas vezes, durante a acção de graças, todo o meu interior está num silêncio e respeito profundo, para ouvir a voz daquele que é todo o contentamento da minha alma».

«O meu soberano pôs na minha alma um tão grande desejo de O amar, que me parece se devia converter em chamas de amor tudo o que vejo, para que êste Senhor fôsse amado no Seu divino Sacramento.

E' para mim um martírio pensar que é tão pouco amado e que tantos corações se negam ao seu puro Amor e se esquecem dele e o desprezam.

Se, ao menos, eu O amasse, algum alívio teria o meu Coração: mas sou a mais ingrata e infiel de todas as criaturas, porque passo uma vida inteiramente sensual no amor de mim mesma».

O alicerce de tudo

«Meus filhos (dizia o Santo Cura d'Ars), não é coisa de pouca importância a palavra de Deus!

As primeiras palavras de Nosso Senhor a seus Apóstolos foram estas: «ide e ensinai...» para nos fazer ver que a instrução religiosa está antes de tudo.

O que é que nos faz conhecer a nossa Religião? Foram as instruções que ouvimos. O que é que nos dá o horror ao pecado,... nos faz apreciar a beleza da virtude,... nos inspira o desejo do Céu? As instruções.

O que é que faz conhecer aos pais e às mães os deveres que teem a cumprir para com seus filhos e aos filhos os deveres que teem a cumprir para com seus pais? O ensino da Religião.

Meus filhos, porque há tantos cegos e tantos ignorantes? Porque se não faz nenhum caso da palavra de Deus...

Com uma pessoa instruída podemos sempre contar. Pelo contrário, uma pessoa que não é instruida na sua Religião, é como um doente na agonia que já não tem conhecimento: Não conhece nem a grandeza do pecado nem a beleza da sua alma, nem o preço da virtude; arrasta-se de pecado em pecado.

Meus filhos, muitas vezes medito que a maior parte dos cristãos que se condenam, condenam-se por falta de instrução...»

Para mandar cantar um cego

Um livre pensador conversava com um seu amigo, em casa dêste, quando chegaram duas religiosas, que andavam pedindo esmola para um asilo.

O dono da casa, como de costume, foi generoso com elas; o que levou o ímpio a observar-lhe, com mal disfarçado sorriso escarninho:

«Por quanto te ficarão, na roda do ano, as vistias destas mulheres, que bem pode-

riam ter outro ofício, sem andar a pedir?

— Ora... Obra de 5 escudos por cada visita.

— E há quanto tempo sustentas êsse encargo?

— Tôda a vida assim tenho feito.

— Maluco! Se tivesses posto a juro êsse dinheiro, poderias hoje andar de automóvel.

— Então tu nunca dás nada para as obras religiosas?

— Eu?!... Nunca! Nem um centavo!

— Bem está... Não te esqueças, então de me convidar, quando saíres a passeio no automóvel que deves ter comprado, com as tuas economias...

O livre-pensador... embatucou. Porque, a-pesar-de não dar esmola nem às Irmãzinhas, nem a nenhuma obra católica, a verdade é que as suas economias não chegariam para mandar cantar um cego. Tôdas desapareceram por sumidoiros vários...

Um caso notavel

«Deu-se ha poucos dias um caso (é a *União*, do Rio de Janeiro, de 5 de dezembro que fala) tão sugestivo e curioso que julgamos dever publica-lo.

Uma jovem, negra, educada no Colégio da Imaculada Conceição das irmãs de caridade foi servir em casa de sua madrinha e protectora, como famula. Fez-se notar aí por um exemplar comportamento, piedade e constante bom humor. Todos os que conheceram a Teresa — assim se chamava ela — a estimavam. Vendo-a diáriamente, nós podemos atestar a benevolência com que, sempre alegre tratava a todos.

Infelizmente uma tuberculose galopante reclamou a retirada dela, e a sua internação no hospital de Cascadura, servido pelas irmãs de caridade.

Três dias antes da sua morte, indo visitá-la a madrinha, manifestou-lhe ela o ardente desejo de receber a *fita de filha de Maria*.

Nos poucos dias de sua estada ali já tinha merecido tanta simpatia de tôda a gente da casa e especialmente das santas irmãs que fácil foi de obter do Director espiritual essa graça. Ali, junto ao leito da paciente, reuniram-se com grande alegria as Filhas de Maria do hospital entoando cânticos assistindo à emocionante cerimónia. Nada fazia prever a morte próxima.

Dois dias depois véspera do falecimento, uma das companheiras de enfermaria referiu à irmã de Caridade um sonho que muito a impressionou.

Viu aproximar-se de seu leito Nossa Senhora dizendo-lhe:

—«Vim hoje buscar uma de minhas filhas».

— Serei eu? — respondeu a dormente.

—Não, — respondeu a visão — Vou buscar uma que está vestida de branco, com lírios no peito e brancas rosas nos pés.

—Aqui na enfermaria não há nenhuma assim — disse a menina adormecida.

—Vou vêr — disse Nossa Senhora, que imediatamente desapareceu.

Acordando a menina, contou, muito impressionada, o seu sonho à irmã. Na madrugada dessa noite expirava a boa Teresa. Avisada a madrinha, foi logo ao hospital acompanhada de uma amiga, levando lírios e a amiga levando rosas brancas; com essas flores enfeitaram a morta, exactamente como foi descrita no sonho, de que não tinham notícia alguma.

Comparecendo ao funeral com as Filhas de Maria, relatou a irmã de Caridade muito comovida o sonho da menina. Esta ignorava até então a realização do seu sonho».

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	186.856$30
Papel, composição e impressão do n.º 87 (53.800 exemplares)	3.084$60
Franquias embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	926$50
	190.867$40

Subscrição

(Junho de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jornal durante um ano: Emília Soares, Izaías Newton, P.e José Lourenço Pereira de Matos (15$00), Manuel dos Santos (15$00), Inácio António Marques, Teodolinda Maria do Nascimento Freitas, Joaquim da Silva Carvalho, Maria Alves Moreira dos Santos, José Braz (12$00), António Garcia Pulido de Almeida, Firmino Abrantes, Margarida da Costa Albuquerque, José Augusto Pires dos Santos, Maria Luísa de Sousa Rosado, P.e Joaquim Teixeira de Sousa, António Ferreira de Magalhães, Maximiana Teixeira da Rocha, Custódio Fernandes Soares de Pinho, Maria Emília Augusta de Brito, José Moreira Lopes (25$00), José António Monteiro, António Martins Pereira, Mavíldia de Freitas Mascarenhas Andrade, Maria Martins Proença (20$00), Virgínia da Conceição Almeida, Ofélia Raínha, Amélia Matos, Candida Tenreiro, Felicidade de Jesus Barros, Francisco Pereira, Josefa Rosa Moreira, Armanda Franco Bessone, Maria Augusta da Conceição, Justina de Sousa Oliveira, Maria Joaquina Aguas Cravo, Maria José Pontes, Maria Jovita Vila Verde Alves de Faria, Alfredo de Oliveira Serrão, Ilda Magalhães Varela, Leopoldina Lobato, Florentina Machado, Elmina da Cruz Côrte, Ana Maria de Frias, José Nunes Coelho (20$00), Joaquim Martins Soares Júnior, António Machado Guimarães, Joana Ferreira Magalhães, Gertrudes Rêgo Cordeiro, Manuel Antunes Mota, António Fernandes Lisboa, Elvira B. Vieira, Ana Carlota de Barros e Vasconcelos, Maria das Dores de Castro Lopes (20$00), Maria da Encarnação Barão, Antónia Vaz Pato, Emílio Cardoso, Alice Martins Mano, Baltazar Mexia de Matos, Guilhermina de Jesus Graça Rebola (15$00), Ana da Conceição Neves (75$50), Maria Augusta R. Cunha e Almeida, Brites Teles de Castro (15$00), Isabel Constança Mallen, Maria da Pideade Ribeiro da Costa, Angela de Sousa Pinto, Ana Rosa da Conceição, Amadeu da Conceição Rôxo, António Joaquim Ferreira, Francisco António da Costa Diniz, Maria Eusébio Caleiras, Beatriz Lopes de Almeida, Augusta Henriques Ferreira, Norberta da Conceição Ramos Monteiro Palma (20$00), Manuel Cabral Botelho, Isménia Leite Barbosa, Salvador Nunes de Oliveira (20$00), Joaquim Honorato (20$00), P.e Afonso Jacinto Soares Ferreira, Francisco de Freitas Capelo, Margarida Gomes de Sousa, Conceição da Purificação Fernandes, Luísa de Jesus Gonçalves, Manuel Francisco Escovar Canada, Ventura José de Campos, António Fragoso, Maria José Costeira, Conceição Marques Rodrigues, Olinda Aires Neves, P.e Martinho Pinto da Rocha, Domingos de Sousa Roriz, Maria de Azevedo Maia (14$00), Virgínia Menezes Martins, Ana Pires da Costa, Maria Alves dos Santos, Joana Augusta Henriques Nunes, Joaquim Francisco Veloso, João Ferreira Dias, António Simões Duarte, Joana Nobre, José Ferreira Caxaria, Rosa de Jesus Rodrigues dos Santos, Carolina Correia Viveiro Vieira, António Domingues Ferreira, António da Costa Milícias, Jacinto da Costa Milícias, Manuel da Costa Milícias.

Jornais avulsos e donativos vários:

Luciano de Almeida Monteiro, 285$00; de Ilhavo (Maria Fernandes), 115$00; na igreja da Candelaria (ilha do Pico), 60$00; P.e Augusto Durão Alves, 60$00; Maria do Carmo Pires, 7$50; Manuel Maia, 30$00; vários assinantes de Santo Tirso, 65$00; Maria das Dôres Tavares de Sousa, 70$00; Emília Nunes da Rocha, 60$00; João Albino Custódio, 36$00; Albino Coelho de Sousa, 95$00; Alberto Julio Monat, 175$00; P.e Manuel Negreiros, 250$00; José Lopes Dias, 8$00; Internados do Asilo de S. José, de Braga, 31$00; Maria Matilde da Cunha Xavier, na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, 33$10; N. R., na igreja de S. Mamede, em Lisboa, 8$00.

AVISO

Esperamos que os nossos assinantes em dívida nos enviarão directamente em vale do correio ou carta registada a importância das suas assinaturas, mínimo de dez escudos por ano.

Muitos nos enviam generosamente quantias muito maiores e é por isso que temos podido distribuír gratuïtamente uma grande quantidade de jornais, chegando alguns meses a oitenta mil.

Não mandamos fazer a cobrança pelo correio, não só por não haver pessoal para todo êsse serviço mas também porque supômos que todos os queridos assinantes da *Voz da Fátima*, levados pela sua grande devoção e amor a Nossa Senhora, são tão interessados como nós na difusão do jornalzinho, que (assim no-lo dizem e estamos inclinados a crer) tanto bem tem feito não só em Portugal mas por todo o mundo àlém.

— Há anos que mandamos rolos de jornais (são muitos milhares) a diversas pessoas que os desejam ditribuír e difundir a devoção a N. Senhora de Fátima. Desejamos saber se fazem a distribuïção e se continuam a fazer algum bem para, no caso contrário, interrompermos a remessa evitando despezas inúteis.

Fome e sêde dum lar calmo e seguro...

Alta, dois lindos olhos, 22 anos, pertencente a uma família de sérias e excelentes tradições, Cristina V. tinha vontade de se casar, o que, aliás, seria para ela um passo acertado.

É êste o seu desejo, tanto mais que no chalet visinho daquele onde moram seus pais, habita um joven e brilhante oficial de artilharia, que incontestàvelmente lhe presta uma certa atenção.

As raparigas não precisam de muito tempo para descobrir estas coisas. Encontravam-se na praia deram alguns passeios, dos quais mais duma vez voltaram juntos, conversando a respeito do mar, dos lindos efeitos da luz, dos pescadores, da pesca, etc., etc., conversas estas—devo dizê-lo — que não eram positivamente tôda a expressão daquilo que pensavam.

O pior é que setembro estava quási no fim. Os chalets iam-se fechando, uns após outros a família de Cristina deixava a praia no fim da semana e o capitão também partia brevemente.

Se daqui até lá qualquer coisa se decide, então adeus, acabou-se tudo. E porque será que ainda nada se disse nesse sentido?

Cristina analisa e torna a analisar êste problema na sua alma inquieta. O capitão é moço, alegre, muito activo. Quem sabe se essa rigidez da família dela, tão séria tão tradicional, tão cristã, o não assusta um pouco?

Até o próprio nome de Cristina, êle deve achar indigesto.

E se ela se resolvesse a mostrar-lhe que se enganava, se ela lhe provasse que também sabia ser divertida como as outras, se ela se fizesse um pouco mais moderna?...

Justamente, essa tarde, debaixo do toldo da praia ia haver um chá — o último, infelizmente — e o caiptão era um dos convidados. E Cristina, preocupada, revolvia as gavetas scismando: se eu fosse capitão de artilharia, qual seria a blusa.. qual o vestido... qual a écharpe?... O resultado déste cogitar foi que Cristina foi para a praia, aparentemente muito despreocupada, mas na realidade não tendo descuidado nenhuma diligência para fazer o seu efeito.

—Meu amor disse-lhe a Mãe, com tôda a certeza vais-te constipar.

—Que ideia!... Não há perigo.

—E que exquisito penteado tu arranjaste! É bom mudá-lo.

—Faz bem à raíz dos cabelos...

—Os meus não precisam dêsses cuidados, observou o pai que era calvo como a palma da mão.

Daí a pouco chegou o capitão, todo êle de ponto em branco, mas, como vulgarmente se diz, parece aguardar os acontecimentos e deixa-se estar na espectativa.

Os acontecimentos favorecem-no, pois nessa tarde não é só na toilette que Cristina está sendo extraordinária. A sua conversa causa surpreza a muita gente.

Com a sua chícara de chá na mão, remexendo o assúcar devagarinho, o capitão ouve-a, responde-lhe, provoca-a, replica-lhe para de novo a tornar a provocar.

E Cristina vai de vento em popa, fala sem parar, diz tudo quanto lhe vem à cabeça, sem se importar com os olhos!... e os olhos!... escandalizados da mãe e das tias.

—Cristina, tu não estás a falar a sério.

—Ora essa, muito a sério.

E continua, declarando que não gosta nada do seu nome de Cristina, esse nome que, por devoção cristã, e para pôr a sua afilhada debaixo da portecção especial daquela grande santa, a sua madrinha lhe deu.

E depois — declara — quando voltar para a sua terra, quer viver a sua vida, quer ar, horizontes... quer vêr muitas muitas coisas para poder comparar e escolher.

—O' Cristina, se a irmã Superiora te ouvisse!

Mas Cristina está desenfreada: Ah, sim, a irmã Superiora, essa tolheu-a numa idade em que se não podia defender, mas agora entendia que já tinha ouvido sermões bastantes para chegarem para toda a sua vida. Estava farta de negruras, de meias-tintas; agora queria gozar, divertir-se, dansar, ir ao teatro... queria..

São tantas as coisas, que já se não sabe bem o que ela quer.

—Mas os teus doentes e o teu dispensário, o catecismo da tua frèguesia?

—Oh, o catecismo, esse acabou; estou farta. Enquanto ao dispensário, veremos.

A mãe fita-a, espantada, sem perceber o que foi que lhe deu.

Cristina continua, estonteante e estonteada, não fica por aqui.

O capitão que ingere a sua terceira chicara de chá, vai remexendo o assúcar, muito devagarinho...

* * *

E' de crêr que Cristina ultrapassára o seu fim; uma a uma, como olhos que se cerram, fecharam-se as janelas de vários chalets, chegou o fim da semana e a família de Cristina dirige-se para o comboio sem que nenhuma palavra séria se tivesse trocado sôbre o importante assunto.

No último momento Cristina teve um raio de esperança... O capitão chegava à estação! Mas esta esperança foi de curta duração O. oficial era uma pessoa educada, tinha sido recebido e por isso vinha dizer adeus e desejar uma boa viagem.

A máquina apita, os lenços agitam-se, mas não o de Cristina que precisa dêle para enchugar as lágrimas. Escondida, chora desoladamente sôbre uma felicidade que julgou tão próxima e que agora reputa tão longínqua.

* * *

E eu voltando para a praia com o rapaz, reputei-me bastante íntimo para lhe dizer:

— Capitão, tinha feito um sonho.

Ele parou e olhou para mim:

— Um sonho! Também eu fiz um.

— Cristina V.?

— Quem lhe disse!...

— Oh, advinhei eu... E daí?...

— E daí, tudo me agradava, tudo, o género de família, o meio, a rapariga. Ontem à noite estava resolvido a falar, quando de repente a senhora D. Cristina começa a expôr tais teorias, que à última hora recuei. Você compreende?... Venho da guerra, tenho fome e sêde dum lar calmo e seguro... Repito-lhe, tive medo...

— Você, capitão com medo!...

— *Que quere, onheço tantos camaradas irremediàvelmente desgraçados* ...

* * *

Quero esperar que a coisa ainda tenha concerto, mas acabo de escrever à rapariga uma destas sarabandas!...

... ...

O pecado de Judas

— Em que consiste?

— Em estimar mais o dinheiro que lhe ofereciam os Fariseus, do que a amizade de Jesus.

— Então, há hoje muitos Judas!!...

— Porquê?

— Porque há muitos que aceitam o dinheiro e os empregos que os Fariseus lhes grangeiam, com a condição de que atraiçoem a Jesus e a sua Religião.

— Não lhes invejo a sorte. Terão aquela que teve Judas.

«Se tens postas as tuas delícias em Deus, querida jovem, se amas o que é elevado, sobrenatural, tudo o que é vil te causará naúsea e tôdas as frechas ervadas de amor mundano se despontarão ao baterem no teu coração abroquelado com o amor de Deus.»

P. J. de Dos S. J.

Ano VIII — Leiria, 13 de Fevereiro de 1930 — N.º 89

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

Fátima, pátria dilecta das almas crentes, doce encanto do mundo cristão

As cerimónias oficiais

O tempo agreste e chuvoso impediu que o concurso de peregrinos à Cova da Iria no dia treze de Janeiro fôsse tão avultado como em igual dia dos dois meses anteriores. Os actos religiosos comemorativos das aparições e dos sucessos maravilhosos realizaram-se por êsse motivo, não na capela das missas, ao fundo do pavilhão dos doentes, como é costume, mas na igreja da Penitenciaria, recentemente edificada por trás do mesmo pavilhão.

Os fiéis enchiam completamente o vasto e lindo templo, sendo a multidão tão numerosa e tão densa que ninguém podia ajoelhar-se, nem mesmo durante a santa Missa e durante a distribuição da Sagrada Comunhão. A concorrência de pessoas das povoações circumvizinhas, que teem a devoção de ir assistir todos os meses à missa dos doentes, intensificou-se à medida que se ia aproximando a hora do meio-dia solar.

Um quarto de hora antes, subiu ao altar-mor o celebrante, depois de tôda a assistência ter rezado em voz alta o símbolo dos Apóstolos. Acolitaram dois chefes de servitas. Os fiéis acompanhavam com visível devoção as diferentes partes da missa, cuja significação era explicada pelo rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, capelão-director das associações de servos e servas de Nossa Senhora do Rosário. Em seguida à elevação do calix, cantou-se um cântico piedoso em honra do Santíssimo Sacramento.

Depois de ter tomado o precioso sangue, o celebrante administrou o Pão dos Anjos a grande número de pessoas de ambos os sexos e de tôdas as idades e condições, devidamente preparadas para êsse acto pela confissão sacramental. No fim da missa deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos enfermos, cujo número era muito reduzido, e, depois de cantado o *Tantum ergo* com a respectiva oração litúrgica, a bênção geral a todo o povo.

Concluidos os actos religiosos, o rev.do José do Espírito Santo, zeloso pároco do Reguengo do Fetal, revestido de sobrepeliz e estola, falou durante cêrca de meia hora sôbre a Santíssima Virgem, estrêla mística figurada pela estrêla misteriosa que apareceu no Oriente aos Reis Magos e os guiou até junto do presépio de Deus-Menino recemnascido.

Por causa do mau tempo não se efectuaram as procissões do costume. Os peregrinos retiraram cedo para as suas terras.

Antes do cair da noite, já não se via um só naquela estância bemdita, pátria dilecta das almas crentes, doce encanto do mundo cristão.

Peregrinação Nacional Vicentina a Fátima

Do diário católico de Lisboa «Novidades», número do dia vinte e três de Dezembro findo, transcreve-se com a devida vénia o local seguinte subordinada à mesma epigrafe:

«Por deliberação do Conselho Superior das Conferências de S. Vicente de Paulo, foi constituida em Lisboa uma comissão central, delegada do mesmo conselho, para tratar da organização da Peregrinação Nacional Vicentina à Fátima no próximo ano.

Essa comissão, que iniciou os seus trabalhos dirigindo-se a todos os venerandos Prelados, pedindo-lhes o seu patrocínio e apoio para que aquela peregrinação resulte numa grandiosa parada das forças Vicentinas, já recebeu de alguns consoladoras palavras de paternal incitamento.

A comissão conta muito brevemente, depois dereceber a devida autorização de S. Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria, publicar o programa e condições da referida peregrinação e desde já pede aos presidentes das Conferências de todo o País que façam a maior propaganda junto dos seus confrades e os incitem a tomarem as suas disposições, para se incorporarem no maior número.

A peregrinação partirá no dia três de Maio que é um feriado, e regressará no Domingo, quatro, e nela poderão incorporar-se os Vicentinos e suas famílias e os sócios subscritores das várias conferências. A peregrinação não levará doentes.

Sabemos que a comissão se vai dirigir a todos os Conselhos Centrais e Particulares do Continente para que façam dentro das suas áreas a maior propaganda e tomem as medidas que julguem necessárias para o bom êxito da Peregrinação.

Mais nos consta que se formarão no Pôrto, Coimbra e Tôrres Novas comissões para tratar do transporte dos peregrinos vindos do Norte e Centro, sendo o transporte dos do Sul tratado pela comissão central de Lisboa.

Esta comissão é constituida pelos srs. Francisco Serzedêlo Amorim, Adriano Soares Leite, Mário Neuparth e Álvaro Mendes Simões, podendo qualquer correspondência sôbre o assunto ser dirigida para casa do primeiro daqueles senhores, aqui em Lisboa na Rua da Sociedade Farmaceutica, 37, 2.º, esq., ou para o presidente do Conselho Particular de Lisboa, sr. José Augusto Pais Ferreira, na Rua de Renato Baptista, 83, 2.º»

O Snr. António Arts, importante industrial e fervorosissimo católico de Anvers, com sua família na praia de Blankenberghe. Este senhor ofereceu 1.000 frs. para a propaganda do Culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, na Bélgica

Fátima em França

Sob pena de se cometer uma inconfidência e quási um abuso de confiança, não se pode deixar de ceder à tentação de reproduzir nas colunas do humilde pregoeiro das glórias da Virgem do Rosário de Fátima a linda carta do rev.do Fr. Luís Maria Baron, ilustre director da *Revue du Rosaire*, que se publica mensamente em Saint Maximin (Var), dirigida ao venerando Prelado de Leiria.

Esta carta é mais um testemunho a juntar a tantos outros do entusiasmo com que a devoção a Nossa Senhora de Fátima é acolhida por tôda a parte e do incremento admirável e sobremaneira consolador que ela vai tendo até nos meios aparentemente mais refractários.

Segue a carta:

«Recebi ha poucos instantes a carta de V. Ex.cia Rev.ma.

Sinto-me tentado a exclamar como Santa Isabel: *Et unde hoc nobis, ut veniat Antistes Dominae nostrae ad nos!*

Da melhor vontade, envio a V. Ex.cia Rev.ma, ainda hoje, cem opúsculos.

Este modesto trabalho, se foi para nós eriçado de dificuldades, também não deixou de ser sempre acompanhado de muito amor. Cada linha dêsse folheto foi um acto de amor para com Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

V. Ex.cia não pode fazer ideia do entusiasmo produzido em França pelas aparições da Santíssima Virgem em Fátima e a nossa *Revista do Rosário* teve a honra de ser, posto que modestamente, a reveladora dêstes acontecimentos. Fátima paira em todos os lábios e basta falar dela uma vez àqueles que a desconhecem para despertar nas almas transportes de fé e de amor para com a Rafnha do Céu. Por isso V. Ex.cia Rev.ma proporcionaria aos nossos trinta mil leitores uma alegria imensa, dignando-se honrar a *Revista do Rosário* com uma carta de incitamento e com a sua bênção. Uma car-

ta com o aplauso e a bênção do Bispo de Fátima, que penhor de protecção celeste e de feliz êxito para a nossa Revista!

Ouso esperar da extrêma bondade de V. Ex.cia Rev.ma esta graça, que peço em nome de Nossa Senhora de Fátima; será uma ampla compensação dos cem exemplares que lhe remeto.

Cometerei por ventura um abuso pedindo também uma fotografia de V. Ex.cia Rev.ma para ilustrar essa carta? Seria o cúmulo da felicidade!»

O opúsculo de que o rev.do Frei Luís Maria Baron fala na sua carta é aquele folheto de quarenta páginas ilustrado a que se fêz referência no último número da «Voz da Fátima» e que tem por título «Notre-Dame du Rosaire de Fátima.»

Fátima na Itália

Duma carta do aluno do Colégio Português em Roma, rev.do João Pereira Venâncio, da diocese de Leiria, para o seu ilustre Prelado. transcreve-se o seguinte interessantíssimo trecho.

«Agradeço muito reconhecido o n.º único da *Revue du Rosaire* e o jornal de Macau que V. Ex.cia Rev.ma quiz ter a bondade de me mandar. Aos restantes dei o destino que Ex.cia Rev.ma se dignou indicar. O jornal de Macau, que tão bem mostra quanto amor e devoção Nossa Senhora de Fátima sabe grangear em tôda a parte, foi lido no nosso refeitório. Os números da *Revue* enviados dos leirienses já andam a circular. Esse trabalho está muito bem feito e em francês que tôda a gente percebe.

A Imagem de Nossa Senhora de Fátima já se encontra no Colégio. Chegou a Roma no dia treze do mês passado e ao Colégio na véspera da Apresentação de Nossa Senhora. É uma beleza! Todos quantos a viram não se cansaram de a admirar. É tão delicada, tão perfeita e tão cheia de vida que parece estar a falar com quem a contempla!

O Senhor Thedim disse que queria fazer obra tão perfeita, quanto o podiam fazer mãos humanas, ajudadas pela graça. Parece que assim foi.

Até o Santo Padre, quando a benzeu, o que se dignou fazer no dia seis dêste mês, se deteve a admirá-la. Como ninguém do Colégio poude assistir, bem a nosso pesar, ainda não sabemos o que é que o Santo Padre terá dito; mas logo que Mons. Reitor tenha ensejo de falar com os Monsenhores que acompanhavam Sua Santidade, já o poderemos ficar a saber. Os empregados do Vaticano não se fartavam de a admirar e de elogiar o artista, sobretudo quando lhes observámos que era tôda de madeira, o que, à primeira vista, ninguém suspeitava, tão finamente ela é trabalhada. O manto, sôbretudo, tão naturalmente caído e tão fino que quási não excede a expressura dum manto natural; as mãos tão delicadas e de dêdos tão bem torneados e distintos e o rosto que é todo celeste.

Não sofreu nada na viagem de Portugal para cá, nem nas que fez aqui, pois foi tratada com todo o carinho que merecia. A inauguração foi no dia oito, com Missa solene a que assistiu o Sr. Dr. Trindade Coelho e sua Ex.ma Esposa, que fez e ofereceu a toalha do Altar. Nós comprámos os castiçais, em número de dez, e flores, tudo por umas setecentas liras, que temos vindo juntando desde que resolvemos arranjar a Imagem de Nossa Senhora de Fátima para o Colégio.

De tarde fizemos uma Academia, a que assistiu o Sr. Ministro e sua Ex.ma Esposa e quási tôda a colónia portuguesa. Saíu-nos a festa mais cara do que ao princípio pensávamos e até, por isso, o Presidente da Congregação Mariana me disse que tinha escrito a V. Ex.cia Rev.ma a pedir uma esmola. Agora esperamos que Nossa Senhora nos continue a ajudar como até aqui e ainda mais.»

Fátima na Holanda

Duma carta do director da revista *De illustratie*, que se publica em Helmond, Holanda, para o administrador da *Voz da Fátima*, transcrevem-se os seguintes períodos, assaz interessantes:

«Seria para nós um grande prazer podermos informar os assinantes e leitores da nossa revista semanal católica àcêrca dos assombrosos acontecimentos de Fátima, de que os católicos da Holanda ainda **não sabem quási nada.**

Todavia sentimos imenso não possuirmos nenhuma informação autêntica relativa às aparições da Santíssima Virgem à Lúcia de Jesus e às suas irmãs (sic) em 1917 e nos anos anteriores (sic). Sem dúvida há de haver relatos, artigos ou descrições dessas aparições. Soubemos há pouco que o professor alemão Dr. Fisher vai publicar um livro, mas seria preciso esperar muito tempo. Ficaríamos em extrêmo penhorados para com V. Rev.cia se se dignasse comunicar-nos onde nos seria possível encontrar *os factos* relativos às aparições da Santíssima Virgem em Fátima.

Não precisamos de muita cousa ou dum relato muito minucioso; um artigo de jornal, uma boa descrição, eis tudo o que desejamos para pormos os católicos da Holanda ao corrente dos grandiosos sucessos de Fátima. Em geral, a Holanda não sabe quási nada a êsse respeito.

A questão da língua é difícil; quanto a nós, compreendemos bem o francês, o inglês e o alemão, mas lastimamos não entender o português. Além disso, como a nossa revista é ilustrada, queríamos adquirir cêrca duma dúzia de boas fotografias de Fátima, da capela, da santa Imagem, das procissões, etc.

A glória da Santíssima Virgem de Fátima deve ser admirada e aclamada também pelos católicos da Holanda. Temos a certeza de que V. Rev.cia se dignará prestar-nos o seu valioso auxílio e desde já agradecemos as informações que tiver a amabilidade de nos enviar».

Fátima na Bélgica

Do grande apóstolo do culto de Nossa Senhora de Fátima na Bélgica, rev.º Gaspar Pizarro de Portocarreiro, S. J., reproduzem-se a seguir duas cartas dirigidas ao venerando Prelado de Leiria.

Primeira carta:

«Penhoradíssimo venho agradecer a V. Ex.cia Rev.ma a bela fotografia que, por meio do Sr. P. Magalhães, V. Ex.cia Rev.ma teve a fina delicadeza de me oferecer.

Juntamente agradeço a bênção, que V. Ex.cia Rev.ma se dignou mandar para os meus trabalhos de propaganda de devoção à Virgem Nossa Senhora de Fátima, e aproveito a ocasião para expor sumàriamente o plano desta propaganda.

Em primeiro lugar escrevi em francês um artigo, onde resumo a história das aparições e me refiro à prudente reserva por V. Ex.cia Rev.ma imposta ao clero, durante os primeiros anos. A seguir exponho a aprovação do culto na Cova da Iria, a organização das peregrinações nacionais e particulares e o grande impulso que tudo isso deu ao espírito de fé e à prática da religião.

Menciono por fim as obras em construção e projectadas.

Este artigo está a ser traduzido em inglês, húngaro, polaco, flamengo, espanhol; talvez o seja também em alemão e italiano. A publicação dos artigos será acompanhada de ilustrações, escolhidas dentre as que já tenho relativas às aparições.

Lá para o Natal, se conseguir número suficiente de fotografias, darei pelos colégios conferências com projecções luminosas, sistema apreciado e muito em voga na Bélgica».

Segunda carta:

«Foi uma surpresa gratíssima e uma grande consolação para mim a recepção da carta, que V. Ex.cia Rev.ma bondosamente se dignou escrever-me.

Dou a V. Ex.cia Rev.ma os parabens pelo incremento que a devoção à Virgem Senhora de Fátima vai tomando. O meu desejo é poder contribuir o mais possível para que tal incremento se estenda igualmente à Bélgica. As circunstâncias não me permitem grande coisa; mas o poucochinho, que fizer, valerá por muito, se lhe não faltar a bênção da Virgem Santíssima. Os belgas estão em geral de pé atrás em acontecimentos como os de Fátima, e isto devido à notícia de várias aparições que, após a grande guerra, se disse ter havido e que afinal se encontrou serem simples especulação.

Por êste motivo exigem factos positivos e muita documentação, e em especial a documentação fotográfica. Efectivamente esta representa a realidade, e apoia, com a sua linguagem muda mas sensível, a exposição oral dos factos.

Neste ponto já tenho um bom número de postais fotográficos sôbre o movimento religioso na Cova da Iria. Tenho pena, porém, de não ter obtido nenhuma fotografia nem da povoação de Fátima, nem da igreja paroquial, nem dos arredores da Cova da Iria. Ora fotografias destas é que seriam grandemente apreciadas a par da dos videntes e da Imagem da Senhora do Rosário. Deus queira que para o ano já se encontre alguma coisa no género.

Agradeço muitíssimo os seis números da *Revue du Rosaire*. Tem sido muito apreciada a narração dos acontecimentos de Fátima **nelas descrita.** No entanto eu tomo a liberdade de expor a V. Ex.cia Rev.ma a impressão que me deixou a leitura desta revista, bem como a dos livros sôbre o mesmo asunto: *Fátima* de Leopoldo Nunes e *As grandes maravilhas de Fátima*, pelo Visconde de Montelo.

Tenho constatado que não há conformidade de daods e pormenores, que poderia chamar históricos e fundamentais, entre estas diversas narrações das aparições de Fátima. Assim, por exemplo, não compreendo como o Sr. Visconde de Montelo diz, a pág. onze do seu livro, que a aparição parecia não ter mais de dezoito anos, sendo que a pág. noventa afirma ter dito a Lúcia que a Visão parecia ter uns quinze anos. (1). A pág. doze fala dum rosário com uma cruz de ouro; depois na pág. setenta e quatro a cruz é branca, no dizer da Lúcia. (2) E há assim outras divergências que, sobretudo dentro de alguns anos, serão um embaraço para quemquer que deseje fazer uma história de Fátima. Digo isto na esperança de que talvez V. Ex.cia Rev.ma possa obviar o tal inconveniente mandando proceder a uma redacção bem precisa quanto a datas, pormenores relativos à Senhora aparecida, aos videntes, etc., etc.

Creio bem que no meu artigo em francês haverá uma ou outra coisa menos exacta; no entanto procurei escrever o que me pareceu mais conforme às declarações dos videntes e, em geral, aos dados fornecidos pela *Voz da Fátima*.

Resta-me agradecer a colecção da *Voz da Fátima* que me elucidou sôbre alguns pontos e que brevemente remeterei a V. Ex.cia Rev.ma.

Peço perdão do tempo que tirei a V. Ex.cia Rev.ma e do meu atrevimento em expôr a minha desautorizada opinião; faço-o, porém, para maior glória de Nossa Senhora do Rosário da Fátima».

Visconde de Montelo

(1) A pág. onze afirmo que a aparição parece não ter mais de dezoito anos, porque uma vez a mãe da Lúca, na presença da filha e doutras pessoas, me disse, ao perguntar a idade aparente da Visão, que esta parecia ser como uma rapariga do lugar de Aljustrel, que estava presente e que tinha já completado dezasete anos.

A pág. noventa declaro ter dito a Lúcia que a Visão parecia ter uns quinze anos, porque realmente o disse, embora ela fôsse uma pequena rude, apenas com dez anos de idade, e incapaz de calcular bem a idade duma pessoa.

De resto a diferença entre as expressões *uns quinze anos* e *parecia não ter mais de dezoito anos* não é grande e esta última expressão não só não contradiz nem exclue a primeira, senão que até a completa e permite uma maior aproximação da verdade.

(2) As palavras da pág. doze são uma transcrição do folheto *Os episódios maravilhosos de Fátima*, publicados em 1921. Foram escritas há cêrca de dez anos, decerto em face de apontamentos que agora não me é fácil encontrar entre os meus papeis. Mas, se me reportava a declarações das crianças que conservasse de memória, actualmente é-me de todo impossível precisar qual delas me assegurou que a cruz do rosário era ou parecia de ouro. Teria sido o Francisco? Teria sido a Jacinta. Não sei. Convém no entanto pesar que a Lúcia, assim como os primos, às vezes diziam ser brancas certas partes do corpo ou certas peças do traje da Visão por causa da luz clara e vivíssima que a envolvia e quási lhes ofuscava os olhos.

A pág. 77, a Lúcia diz: «E' que ela às vezes cega».

A pág. 94, diz o Francisco: «Posso olhar para a cara dela, mas pouco, por causa da luz».

Mas, na hipótese, aliás muito improvável, de que se trate dum lapso de memória ou da preocupação de arredondar a frase com prejuízo inadvertido da verdade histórica, o pormenor afigura-se-me tão insignificante que não vejo inconveniente nenhum em suprimir de futuro, pura e simplesmente, da referida descrição o impertinente qualificativo de ouro.

V. M.

—**—

AS CURAS DE FÁTIMA

Queda dum 5.º andar.

Ex.mo Snr. Director do jornal *Voz de Fátima*

Para conhecimento dos fiéis e dos descrentes, sôbretudo para estes, se apresenta hoje mais um grande milagre ocorrido em Lisboa, sob a invocação de N. S.a do Rosário de Fátima.

Foi o caso que vai descrito em linhas singelas e despretenciosas e que passamos a narrar.

No dia 8 de Junho de 1929 encontrando-se uma inocente de 13 meses, de nome Maria Pomba Teixeira, na varanda do quinto andar do prédio sito na Rua Barão de Sabrosa, N.º 192, Lisboa, precipitou-se, inexplicàvelmente, dessa altura, no solo, ante o horror e angústia dos que tiveram a desdita de presenciar tal scena, no número dos quais se encontravam fervorosos devotos de N. S.a do Rosário de Fátima, cuja protecção em favor da inocente foi imediatamente invocada.

Fácil seria supor a morte imediata ou muito próxima de tão tenro ser, simplesmente as pessoas de fé asseguraram logo que a criancinha não morreria.

Entrando o inocente no Hospital de S. José em estado considerado bastante grave, como não poderia deixar de ser, com espanto de todos, *no curto espaço de 5 dias, a hospitalizada*, isto é no dia de N.a S.a do Rosário de Fátima, saía do referido hospital para o de D. Estefania quási livre de perigo.

Neste último hospital conservou-se apenas 10 dias, voltando para junto de seus pais completamente curada e sem o menor defeito fisico.

Passados poucos dias foi Maria Pomba Teixeira consagrada a N.a S.a do Rosário de Fátima na igreja de S. Jorge de Arroios de, Lisboa, ficando desde essa data muito mais alegre e desenvolvida do que o era antes do desastre.

Menina Maria dos Prazeres Pomba Teixeira

ATESTADO

Manuel de Vasconcelos, Cirurgião dos Hospitais Civis de Lisboa.

Atesto que no dia 8 de junho de 1929, pelas 16 horas, entrou no Banco do Hospital de S. José Maria dos Prazeres Pomba Teixeira, de 13 meses de idade, residente na R. Barão do Sabrosa, n.º 192-2.º D.to, que momentos antes caiu de lugar elevado (de um 5.º andar no dizer da família).

No momento em que entrou vinha em coma, com uma hematona na região parietal direita, integridade dos ossos dos membros e da coluna vertebral. Foi melhorando gradualmente o seu traumatismo craneano e teve alta no dia 23 de junho de 1929, curada. E por ser verdade e me ser pedido, passo o presente que assigno, sob minha responsabilidade profissional.

13 de junho de 1929

(a) Manuel de Vasconcelos.

Infecção puerpural.

Armandina Ortiz de Vilhegas de Lucena e Vale e *Alexandre de Lucena e Vale* (Notário e advogado em Vizeu), em carta de 13 de janeiro informam:

Ex.mo Snr. Director da *Voz de Fátima* da nossa maior consideração:

«Em cumprimento duma deliberação tomada e como testemunho de reconhecimento a N. Senhora, pedimos a V. Ex.cia publique no seu jornalzinho o seguinte:

A primeira signatária foi nos princípios de outubro acometida duma infecção puerpural que apesar da continuidade de assistência médica e do tratamento respectivo o mais intenso e diligente, se manteve com alternativas de temperatura de 37 a 38,8 até fins de outubro, ou primeiros dias de novembro. Nesta data depois de uns dois ou três dias de temperatura baixa, a infecção alastra de repente para os orgãos vizinhos ou adjacentes com temperatura de 39 1/2. Debilitada pelo parto recente, pelo regímen de alimento líquido e pelo natural exgotamento físico que ocasionam sempre as temperaturas elevadas, a doente chegou a uma tal fraqueza que só o tra-

tamento intenso de injecções de sôro fisiológico e óleo canforado, e outras substâncias injectáveis, a iam ajudando a resistir.

Como, porém, a infecção não passava nem a temperatura, por isso mesmo não descia dos 39 1/2, foi o seu estado julgado gravíssimo.

E' nesta altura que numa sexta feira, depois de comungar, como fazia todas as semanas neste dia, a doente tomou algumas colherzinhas de água de Fátima, orando os signatários para que N. Senhora a salvasse, intercedendo por ela.

Como passado talvez uma hora a febre decaísse para 38,5 e desde então até o dia seguinte sucessivamente decrescesse até fixar-se em 37 no dia imediato — logo a doente e seu marido atribuiram o facto a uma graça de N. Senhora, resolvendo, desde então, entre os seus agradecimentos e louvores de graças, incluir êste — o da publicação do facto no Jornal de Fátima.

E' o que hoje — embora tardiamente — cumprem, pedindo desculpa a V. Ex.cia e apresentando-lhe as suas melhores homenagens».

Uma ascite.

«*Luísa da Graça, Francisca da Graça* e *Maria José da Graça* (três irmãs), de Cortelo — Várzea de Santarém, dizem que tendo esta última, que é casada, em sua casa uma rapariga que tem criado, de nome Maria da Conceição, de 17 anos de idade, esta adoeceu no mês de Agosto do ano passado. Consultando-se o médico êste declarou tratar-se de uma *ascite* e que no estado adiantado em que já se encontrava, pois que havia já muito tempo que se desconfiava dela, mas como só se queixava de fraqueza, o que se lhe administrava eram alimentos de sustância e alguns remédios com o mesmo fim, o que era contrário a esta doença. Na opinião dele levava mais de um ano a tratar e que para isso ainda era preciso que houvesse muita cautela e que a dieta fôsse muito rigorosa, o que, está de crer, ia acarretar muitos cuidados e muita despeza, o que com dificuldade se poderia sustentar.

Em vista de tudo isto e no meio da sua apoquentação, lembraram-se de recorrer a Nossa Senhora da Fátima e cheias de fé verdadeira e esperançadas de que Nossa Senhora as ouviria, porque são muito suas devotas, imploraram a sua maternal protecção, fazendo-lhe várias promessas e entre elas a de publicar na *Voz da Fátima* tão grande graça obtida, se a Virgem Santíssima a melhorasse. Assim foi.

A Santíssima Virgem, Mãe de Deus e Mãe nossa, Raínha do céu e da terra, Saúde dos enfermos e Consoladora dos aflitos, lançou sôbre ela o manto da sua protecção e passados dois meses, isto é, em outubro, nas vésperas de irmos para a Fátima, com grande admiração do médico, achava-se curada, acabando êle por lhe dizer: *«diveste uma boa madrinha»*.

Hoje continua de boa saúde graças ao Divino poder da Santíssima Virgem Maria e seu Divino filho N. S. Jesus Cristo. Por isso, para cumprimento das suas promessas, pedem muito respeitosamente a V. Rev.cia o favor de se dignar publicar tão grande graça na *Voz da Fátima* para glória de Deus e de Sua Mãe Santíssima, o que muito agradecemos.

Seja bemdita, mil vezes bemdita a Santíssima Virgem, Raínha do Céu e da terra que tão piedosamente acode aos aflitos e perdoa aos pecadores, que tão mal pagam a sua grande protecção junto de Deus».

—**—

Confraria de Nossa Senhora de Fátima

Diz Nosso Senhor, nas Santas Escrituras, que, quási sempre, as grandes obras começam muito obscuramente, à semelhança das grandes árvores que, em grande parte, nascem também de sementes muito pequenas.

Esta Confraria de tão alto e nobre alcance espiritual (e é isto que a torna grande espiritualmente) com tão pouco tempo de existência, apenas 2 anos, lançou já raízes em todas as províncias de Portugal, e já no estranjeiro também! e, se não chegou já mais longe, foi porque ainda não teve quem espalhasse bastantemente a fama de seus benefícios.

Aos zelosos colectores e colectoras que, até aqui, se teem dedicado a esta obra de Nossa Senhora de Fátima, se presta aqui o devido reconhecimento e humano agradecimento, pois **que o agradecimento divino de Deus o hão de receber por intermédio da Mãe do Céu.**

A estes ainda e aos caros confrades se apresenta hoje um resumo da receita e despeza que está especificada no respectivo livro de contas.

Faz-se isto para que todos possam ver a aplicação santa e proveitosa que teem as suas esmolas.

Desde o dia da fundação da Confraria até ao dia 31 de Dezembro de 1929, foi recebida a quantia de 6.445$80. Desta quantia gastou-se em listas, patentes e outras coisas necessárias 1.104$10. De maneira que havia em caixa um saldo de 5.341$70.

Metade desta quantia foi enviada para o Santuário da Cova d'Iria para o culto de Nossa Senhora, como manda o artigo 4.º dos estatutos da Confraria. A outra metade foi gasta na celebração de missas, segundo os fins da Confraria, fins que veem explicados no artigo 2.º dos estatutos. Foram celebradas 8 missas na Cova d'Iria pelas almas de alguns confrades remidos, e foram celebradas pelo Rev.do Clero do Patriarcado de Lisboa 425 missas por todos os confrades que satisfizeram as suas mensalidades.

Como vemos, esta Confraria não tem em vista entesourar dinheiro, pois que no fim de cada ano dá contas de tudo quanto juntou e gastou e aplica o lucro que possuír em obras de muita glória para Deus e para a Virgem Mãe e de muita utilidade para as almas.

NOTA—Qualquer correspondência sôbre a Confraria pode ser dirigida ao Sr. P.e António dos Reis — *Seminário* — *Leiria*.

—**—

"Voz da Fátima,,

Despêsa

Transporte	190.867$40
Papel, composição e impressão do n.º 88 (54.000 exemplares)	3.030$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	909$00
	194.806$40

Subscrição

(Desde 13 de junho de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jorna pelo correio durante um ano: Maria Rosalina Rocha, Carlos João Viegas, António Inácio, Joaquim de Sant'Ana Carvalho (20$00), Domingos Pereira de Araújo, António José de Sousa, Custódio Domingos Vaz, Joana do Rosário Silva Simões (20$00), Manuel Felix Faustino Daniel (20$00), António Fernandes, Francisco Gamêlo, Helena Ferreira (20$00), António Calvo de Oliveira, José dos Santos Ribeiro, Maria dos Anjos Lopes, Alzira da Costa (15$00), Sebastiana Victor Rodrigues, Manuel Simões Parcelas (11$00), Rosa Ferreira, Amélia Gonçalves Vieira Ramada, Palmira de Azevedo Cordeiro, Guilhermina Mendonça, José Rijo Rosado Salgueiro, Manuel da Cunha, Maria de Pina Irasca, Ester dos Prazeres Oliveira, Filomena da Luz Alves Pinheiro, Isabel Maria Tavares, Maria Sebre Almeida, Cipriano da Costa Freitas, Ana Teresa Silva, Beatriz Santos Silva, Julio do Amaral Neto, Margarida dos Santos Ferreira (20$00), Camila Rodrigues Gomes, Maria do Carmo Tavares, Virgínia Borges de Carvalho, Juliana Guedes Cardoso, Beatriz Rodrigues da Silva, P.e Augusto José Vieira, Maria Lopes de Miranda, Elvira da Silva, Felisberto Rodrigues de Paiva, Maria Julia Figueiredo da Sliva, Maria Virgínia Figueiredo da Silva, Julia de Almada Pinto Correia, Maria dos Dores, Candida Sanches, Emília Gomes Polónia, Idalina Dias Ferreira, Maria da Purificação Godinho, Leonor Rosa Viterbo, Bernardina da Silva Gonçalo (20$00), Bernardina de Andrade Jacinta da Torre (20$00), Aida Figueiredo (15$00), Henriqueta Augusta Besaloco, Maria dos Santos Esteves, Miquelina da Luz Azevedo, Abel Esteves, Jaime Queijo, Maria Teresa Morais, P.e João António Ribeiro (20$00), Avelino Augusto de Araújo Dantas, Inês Guimarães da Fonseca, José de Paiva Manso Sarrea de Carvalho, Maria Guilhota Saraiva, Laurinda Beirão Barroso, Augusta Martinha Rodrigues, Maria da Ascensão Carvalho e Boidobra, Emília Caldeira de Bourbon Vaz Preto Geraldes, Francisco António Louzada, Maria do Carmo Corte Real Abreu de Lima (20$00), Ana Quevedo Sanchez de Camacho, Ester Paulo Santos, Maria Augusta Oliveira Pato, José Baptista de Andrade, Helena Maria de Melo Manuel, Maria Olívia Santo António Neto, Laura de Andrade, Alberto Macedo, P.e António Paulo Ferreira Monteiro, Julia da Conceição Dias de Macedo, Joaquim Cardoso Pinto da Cunha, Maria da Conceição Borges, Joaquim Carvalho, uma assinante da Madeira, Rosa Marques da Silva Ribeiro, Maria Amélia Rodrigues, Joaquina Mendes Marques (30$00), Ana Aranda, Reitor de Veiros, António Henriques Antão (15$00), Carlos Gil, Rosa Mendes Ferreira, Noémia de Jesus Pedroso, Maria da Conceição Rino Jordão, Arminda Teixeira (12$00), Condessa de Azambuja, Leonor Manuel, Director da Casa de Saúde de S. Miguel, Maria Marcelina dos Remédios, José J. dos Remédios, Maria do Rosário Pires Vicente, Adelaide Guimarães, Maria Fuertes Gomes, Maria Julia Nunes, Maria Elisa Brandão, Ludovina Carreira, Dr. Gabriel Ribeiro, Etelvina de Jesus Cascalho, Adília Mendes de Vasconcelos (20$00), Ana Diegues, Natércia Ribeiro da Silva, Guilhermina dos Anjos Castanheira.

De donativos vários e jornais avulsos: Maria M. dos Remédios, 80$86; Josefa de Jesus, 35$00; Igreja da Madalena, 20$00; Manuel Rodrigues Piedade e mais oito pessoas de Guayçara (Brasil), 240$00; Maria José Cordeiro, 51$00; Directora do Colégio de Santa Ana (Barcelos), 50$00; Adelaide Marques de Sousa, 50$55; Ana da Conceição Neves, 55$00; Ivo Gonçalves Costa, 45$00; P.e Manuel Valente Pombo (50$00), Brites Teles de Castro, 50$00; P.e Manuel Marinho, 100$00; P.e Joaquim Lopes Seixal, 85$00; Elmina da Cruz Côrte, 150$00; Maria do Carmo Pires, 11$00; Joaquim da Silva Carvalho, 106$00; Marquês de Rio Maior, 100$00; Hotel de N. Senhora do Rosário de Fátima, 100$00; Dr. Luciano de Almeida Monteiro, 210$00; P.e Manuel Sabino Marques, 70$00; Alípio Vicente, 25$70; José Augusto Alves, 120$00; P.e Manuel Ramos da Costa, 25$00; Miquelina Costa Abegão, 30$00; P.e D. C. R., 50$00; da igreja do S. C. de Jesus, em Lisboa, por Maria Matilde da Cunha Xavier, no mês de Novembro de 1929, 36$60; da igreja de S. Tiago de Cezimbra, por Gertrudes do Carmo Pinto, no mês de Dezembro de 1929 e Janeiro de 1930, 63$50.

•

Para não encher o jornalzinho só de nomes tirando o logar à leitura mais útil, vae a publicação dos subscriptores atrazada mais de ano e meio.

Reconhecendo-se a impossibilidade de a pôr em dia, resolvemos cessar esta publicação, reservando-a apenas a algum donativo extraordinário. Em troca, procuraremos acusar em postal, a recepção de todos os donativos que nos forem enviados.

—•—

IMPORTANTE

Objectos perdidos na Fátima

Encontram-se na FÁTIMA, na barraca dos jornais, muitos objectos achados e entregues alguns já ha anos.

Alguns estão já estragados; outros vão-se estragando com o pó, humidade, etc.

Para que não acabem de se estragar ali inutilmente os que não forem procurados até ao dia 13 (treze) de Abril serão considerados como abandonados e apoz êsse dia distribuidos pelos pobres.

Corações de noivas...

Naquele dia notava-se em casa de Maria Marques um movimento extraordinário, desusado. Os pais, os irmãos e irmãs entravam e saíam apressurados.

Ela via-se passar ligeira do quarto para a sala e logo, pela porta aberta de par em par, voltar de novo ao quarto donde acabára de sair.

Umas a ajuda-la, outras paradas a conversar, estavam por alí também as melhores raparigas da Ribeira — que tôdas elas eram amigas da Maria Marques.

A casa tôda branquinha e quási coberta, pela frente, de roseiras de trepar, com seu jardim um pouco ao lado e mais adiante umas poucas de laranjeiras e carvalhos era uma das casas mais conhecidas do lugar, pela importância da família.

Era alí que vinha portar o capelão quando, em dias de maior invernia, receiava os caminhos por alta madrugada e resolvia vir de véspera.

Era ali que os visinhos precisados recorriam, certos de encontrar no rosto sempre alegre da Senhora Emília — a Mãe da Maria — um olhar meigo de compaixão e, nas mãos meio encobertas até mesmo aos olhos dos filhos, a esmola cristã que acrescenta o que fica.

Era ali que aos Domingos ao soalheiro se juntava em alegre e sã chilreada a mocidade do lugar a misturar as suas vozes com o trinar dos passaritos no carvalhal visinho e a perfumar e encher de alegria todos os cantos daquela casa bemdita.

Tudo alí respirava paz e ordem e harmonia.

A Ribeira é um lugar lindo.

As casas, semeiadas por aqui e por alí, fazem lembrar um bando de pombas brancas perdidas sôbre a relva.

Mas, não sei porquê, parece que as rosas das outras casas não teem tanto perfume, que o jardim é mais despido de flores, a parede menos branqueada.

A quem passa na estrada ficam-lhe, sem querer, os olhos nela.

«Que linda casa!»

E contudo, se o quizesse, não seria capaz de dizer qual a razão desse encanto.

Naquele dia então não passava ninguém que não parasse a olhar aquele quadro de tanta vida, tanto movimento, tanta variedade.

Alguma boda talvez...

Mas certa sombra a empanar o rosto de todos menos o dela; certas lágrimas a deslisar silenciosas e ocultas — envergonhadas — pela face de algumas amigas aquela alegria no rosto dela não o deixaram supor.

• • •

Baixa mas bem proporcionada, de rosto redondo e cheio sem deformidade, com umas rosetas perenes sem carmim e, logo por cima uns olhos fundos mas brilhantes com um fulgor sereno, os lábios sempre prontos a entreabrirem-se num sorriso franco ou a escancararem-se numa gargalhada galhofeira entre a gente da sua idade, a Maria era com a sua vida, a sua alegria, o garbo do seu porte, a raínha das raparigas da sua aldeia, a flor da mocidade da Ribeira.

Não admira pois que cada uma lhe procurasse a intimidade e muito menos ainda que os melhores rapazes dos arredores se preparassem para serenamente disputar a posse daqueles vinte anos em flor.

Era natural. Tôda a gente achava bem. Estava na idade... era uma questão de escolha... E a escolha começava...

Primeiro um ou outro cruzar de olhares, depois uma palavra a escapar e Maria acabava por passar algum tempo à tarde a «conversar um dia ou outro com um rapaz que a pretendia.»

Havia contudo alguém que não via isto com bons olhos.

«Era muito nova... e... não via nela ainda aquela madureza própria duma dona de casa.

Francamente parecia-lhe cedo de mais.»

E a mãe não se importava de, mesmo por fóra, relembrar certos defeitos já conhecidos.

«Que por vezes respondia à mãe e não obedecia com a prontidão devida; que não tinha cuidado no serviço etc.»

Mas no fundo havia uma razão mais séria e mais forte no ânimo da Senhora Emília. A Maria não era tão piedosa como ela desejava.

A comunhão mensal era para ela quási um peso. Frequência de sacramento, piedade, devoção, eram coisas para que, com franqueza, se não sentia chamada.

E a mãe tinha medo de ver ir assim a sua filha.

«Não sei o que lhe hei-de fazer» queixava-se ela ás vezes.

Não sei a quem ela sái.

Julga que alguma vez aquela bemdita alma pede para se confessar?

—?...

— Nunca. E eu desgosto-me com isto. Queria vê-la mais recolhida, mais piedosa... Depois... não me importava que ela casasse...

* * *

Havia uma coisa que a horrorisava. A ideia de vir a ser freira.

Quê? Ver a sua juventude radiante metida entre as quatro paredes dum convento?

Não. Nosso Senhor não a quereria para isso.

Ela positivamente não queria. Credo! Nem imaginar tal coisa. Podia lá ser!

Concordavam assim ás mil maravilhas a suposta vontade de Deus e a sua muito sentida e muito arraigada maneira de pensar.

Mas não fôsse ás vezes dar-se o caso de virem a discordar, a Maria ia-o lembrando a Nosso Senhor.

Ela era boa, profundamente boa e sã embora com alguns defeitos, como tôda a gente tem.

Fazia pois diáriamente, a sua oração.

E á Missa, na capela, rezava também.

Se havia oração em público, da família da Maria não faltava um membro sequér.

Havia quem se queixasse de que á hora da Missa lhe tinham roubado isto ou aquilo.

«A mim, respondia o Snr. Marques nunca ninguém me rouhou nada a essa hora. Nem estou mais descansado do que quando vou para a missa com a família tôda. Deixo a Deus por guarda!...»

Fosse quando fosse de manhã ou á noite, em casa ou na capela, só ou com outras pessoas nunca se esquécia de baixinho dizer ao Senhor muito sincera muito sentidamente:

«Ó Jesus fazei de mim o que quiserdes!»

Mas logo acrescentava com mais sinceridade e calor.

«Tudo... tudo menos freira...»

* * *

E num solilóquio encantador de ingenuidade ficava-se a repensar naquelas palavras:

«Sim, sim... tudo... tudo... menos freira!...

«Oh Senhor eu ouvi falar de vocação, de chamamento...

«Gostava também que me mostrasseis o que desejais de mim.

«Estou pronta para tudo... Menos para freira. Ah! para isso não oh Jesus!»

E Nosso Senhor que opera nas almas duma maneira maravilhosa pela Sua graça, deixava aquele coração expandir-se francamente num tu-a-tu admiravel e ia-o insensivelmente levando pelos adoráveis caminhos do seu Amor.

Ainda nos queixamos ás vezes de que Deus nos não ouve. Fosse lá fazer-nos sempre o que lhe pedimos...

Iamos parar perto...

* * *

Rápida como uma notícia fúnebre em menos de oito dias tinha corrido os lugares em volta e até as frèguesias vizinhas a afirmação de que a filha mais velha do Snr. Marques fôra para o convento.

«Que ele em pessôa a acompanhara lá naquele dia de movimento que se notara em sua casa.»

Era mais uma que lhes fugia e porisso os rapazes sentiam tanto como as amigas o vácuo produzido pela saída inesperada da Maria Marques.

Os rapazes com alegre esperança profetizavam porém uma breve ausência.

Das raparigas as que viam nela um obstáculo á realisação dos seus sonhos pediam a Deus que a conservasse por lá e alegravam-se até na esperança dum triunfo certo. As mulheres graves das cercanias mal souberam do caso, emquanto os quartéis se coziam, juntavam-se para comentar o caso em ar de enlevada admiração:

— «Ah comadre *«antão»* e esta?

«Nã sabes?

— O quê?

— A Marquitas do Snr. Marques, «pr'ou» convento!!...

— Que dizes tu mulher?

— É o que te digo... Foi-se *«trenantonte»* com o pai.

— Mal empregada... Era uma rapariguinha tão galhardinha... Ao pé dela não havia tristezas.

— E o pobre rapaz coitadinho?!...

— *«Antão»* ela falava com algum?

— Tinha-se deixado aqui ha tempos mas êle fazia tenção de voltar.

— Quem era êle?

— Olha!... *«Antão»* tu não sabes? Era o Zézito da Venda.

— Não lhe faltam raparigas: é o que por aí ha mais.

— Eu se fôsse ao pai não a tinha deixado ir. *«Ná...»*

A gente creá-los e depois vê-los ir assim...

— Ele é verdade comadre mas... olha cá... e se eles morressem?!

— Tens razão... tens razão... Deus Nosso Senhor lá sabe... Mas sempre te digo que tenho pena do *«dianas»* da rapariga.

E, ora num ora noutro sentido, choviam os comentarios sôbre a ida da Marquitas que era, como costuma dizer-se em giria jornalistica, — o caso do dia.

* * *

Como tinha sido possivel uma tal mudança?

Aquela rapariga tão viva que nunca pensava em tal ...

Quem o diria?

Mas era um facto.

Da casa para onde fôra, a Maria escreve ás amigas cartas lindas que, deixam ver bem de quanta felicidade está cheio o coração.

Pouco a pouco sem se saber como a Maria sofrera uma grande transformação de que ela, ao menos na aparência, não era a autora.

Tornara-se carinhosa e obediente para com a mãe. O trabalho que a ocupava sem descanço amenizava-o ela com um cantar cristalino cheio de expressão e sentimento.

E, coisa curiosa, os cânticos religiosos que um dos irmãos, seminarista, ensinara ao grupo de cantoras do lugar tinham agora na boca dela alguma coisa de novo. Não se passava um domingo sem comungar e de semana sempre que podia não faltava.

Como ela comungava!

A comunhão transformara-a. O recolhimento, o fervor a piedade que mesmo esternamente transparecia, o olhar o geito do rosto todo o porte faziam-na supor mais um anjo do que aquela Maria que alguns meses antes tão bem conheciamos.

A Eucaristia começava a operar visivelmente.

A mãe contente explicava o caso pela ideia de pensar talvez em casar dentro em breve.

Mas inesperadamente corta o namoro e, no meio de grande espanto, diz um dia á Mãe que a não acredita.

— «O' minha mãe eu gostava de ser freira...»

— Tu?

E nêste tu? ia tôda uma censura pungente e a negação de que tal coisa fôsse possível.

E riu-se descrente do que acabava de ouvir.

Mas aquilo era a sério... De ha algum tempo já que ruminava no assunto.

Um dia encontrando-se em adoração deante do S.S.mo Sacramento Exposto ouviu a voz do Esposo a convida-la para as Suas Núpcias Eternas. E o convite era tão certo, tão instante que logo alí se firmou numa entrega completa a Jesus.

Ao mesmo tempo que um encanto novo com novos ideais bem mais subidos lhe aluidavam o rosto de mais suaves fulgores ia-se-lhe o espírito num doce enlevo despegando-a de quanto até alí a prendera.

Sentia-se levar para longe muito longe para junto do Seu Jesus a Quém queria entregar-se para sempre.

E lá foi naquele dia acompanhada da afeição duma dúzia de almas que, talvez não soubessem avaliar bem o sacrifício heroico daquela rapariga e muito menos o tesoiro escondido a cuja conquista se ia lançar.

* * *

A quantas almas de jovens de um e outro sexo não lança o Senhor por vezes a sua palavra Divina de convite: *«Vem e segue- me!...»*

Quantos que no meio do fracasso da vida mundana não ouvem ou procuram abafar esse convite adoravel!...

Quem sabe se lá no fundo da vossa alma esquecido, abandonado não jaz algum desses convites? O Senhor fala e leva as almas duma maneira misteriosa.

Porque não heis-de recolher-vos de tempos a tempos para escutardes a palavra do Senhor? Quem sabe se Êle vos chama também a vós?

Em todo o caso conservai-vos prontos a acorrer alegres ao chamamento do Divino Mestre, puros, imaculados, como em carta ás suas amigas feridas pela graça e ansiosas por partir, ainda ha pouco recomendava a Maria:

Minhas amigas

«Conservem puros, imaculados para o Divino Esposo das nossas almas esses vossos «Corações de Noivas»

Leiria, Janeiro de 1930

G. de Oliveira

Exercícios espirituais na Fátima

Realiza-se êste ano, na Fátima, um turno de exercícios espirituais reservados aos «Servos de Nossa Senhora». Começam no Sábado, 1 de Março, à noite e terminam na quarta feira de Cinzas, de manhã.

Os servitas que desejarem tomar parte neles devem fazer a sua inscrição o mais depressa possível enviando o seu nome ao Rev.mo Snr. Dr. Manuel Marques dos Santos—Seminário de Leiria, a quem podem ser pedidas também quaisquer explicações.

Uma 'actriz ... espiritista

A' célebre actriz Eva Lavallière, falecida em 10 de julho de 1929, fez-se ouvir em maio de 1917, repentina e irresistívelmente, luminosa e profunda, a palavra de Deus, que se serviu para isto dos lábios de um sacerdote, pároco da aldeia de Chanceaux, na Touraine (França).

Eva andava metida no espiritismo, e esta circunstância levou o pároco a dizer-lhe sem rodeios: «A senhora acredita no diabo visto afirmar ter-se comunicado com êle. Cuidado, pois, porque bem pode ser que venha um dia a estar em contacto com êle!»

Ditas estas palavras o sacerdote saíu.

Muito abalada e profundamente impressionada com êste tiro à queima roupa, subitamente iluminada, a artista diz à sua fiel companheira Leona:

«Se o diabo existe, Deus existe igualmente. Neste caso, que ando eu a fazer? que vida é a minha?»

Pela primeira vez, Deus se revelava ao seu espírito e ao seu coração. Mais tarde poude dizer a Robert de Fiers:

— «Fui levada aos braços de Deus, pelo próprio demónio *(je suis verme a Dieu par le diable».)*

Verdades . . .

Se uma jovem para comungar tomar o café um pouco mais tarde, clamam que prejudica a saúde. Se, porém, ela fôr aos bailes e dançar horas consecutivas sem descansar, não há que temer.

Se para ir à igreja se levantar um pouco cedo, critica-se a sua imprudência e o pouco cuidado que tem da sua saúde. Se, porém, passar a noite inteira, ou quási inteira, nos «saraus» sem dormir, não há que admirar.

Ah. que bem se mostra nestes factos e noutros análogos, o desprezo que se nutre pela alma e pelas coisas religiosas!

UM FEIXE DE IMPRESSÕES...

A FÁTIMA NO MUNDO

Duma carta do Brasil, mostrando o interesse que por lá vai:

«Tenho seguido sempre com sumo interesse e santo entusiasmo as maravilhas que a Virgem Santíssima em Fátima tem operado em benefício de seus queridíssimos filhos portugueses; e desejo ardentemente que nós também os brasileiros comparticipemos desses benefícios *quod fieri proterit.*

Desejo, pois, fundar em nossa capela um centrozinho de propaganda da *Voz da Fátima.*

* *

Agora é um gesto gentil dum advogado formado ha pouco e cuja direcção por inadvertência nos não foi enviada.

Há nele um perfume cristão que encanta.

Da carta em que vinham vinte e cinco mil réis para o Santuário de Nossa Senhora:

* *

«Em Junho do ano que findou fiz a seguinte promessa a Nossa Senhora de Fátima: «O primeiro dinheiro, fôsse muito ou pouco, que eu ganhasse com a minha formatura em Direito, seria para Ela»

Como cumprimento dessa promessa tomo a liberdade de enviar a V. Ex.cia Rev.ma e já um pouco tardiamente, o primeiro dinheiro, que como advogado ganhei.

E' uma pequena soma a que envio mas com a maior alegria o faço e que Nossa Senhora de Fátima me proteja sempre na carreira que escolhi.

* *

Do fim duma carta duma religiosa missionária portuguesa, donde se vê que os portugueses de Africa não são menos devotos de Nossa Senhora da Fátima do que os do continente:

«Muito agradecemos os jornais da *«Voz da Fátima»*. E' uma consolação e uma alegria quando chegam; mas esta vez chegou um vapor e não trouxe nada, sobretudo os jornais que esperava, pois já há muito tempo que não passam vapores.

... ...

Não posso terminar sem vos dizer com muita alegria que todos os meses no dia 13 fazemos aqui na nossa Capelinha, a festa de N. Senhora da Fátima; todas as meninas cantam com muito fervor e entusiasmo durante a S.ta Missa, os versos de N. Senhora da Fátima: e para êsse dia colhem-se as flores mais belas para ornar a nossa Boa Mãezinha e também com muitas luzes; parece que estamos lá nesse santuário bendito onde a Mãe do Céu sorri a tantas e tantas mil almas que veem a seus pés implorar e pedir as suas graças!... eu passo êsse dia unida de espírito e coração tanto quanto me é possível nesse cantinho do Céu, onde me foi concedido ir 2 vezes, graças ao Bom Jesus!

Oh nunca os esquecerei êsses felizes momentos que aí passei! sobretudo quando fui a primeira vez que fui de véspera e passei toda a santa noite em adoração ao Santíssimo Sacramento.

* *

Da ilha de Santa Maria (Açores) a propósito da erecção duma ermida em honra de N. Senhora da Fátima que desde o princípio ali conta muitos e muito fervorosos devotos:

Julho de 1928

Teve lugar a bênção da nova ermida a 17 de Maio, dia da gloriosa Ascensão do Senhor, não podendo ser a 13 por causa do mau tempo.

A concorrência de fiéis foi notável, cêrca de 3.000 pessoas, ou seja metade da população de toda a ilha. Desde então, esta ermida tem sido muito freqüentada, celebrando-se ali, nos dias 13 de cada mês a Santa Missa a que assistem e comungam muitos fiéis.

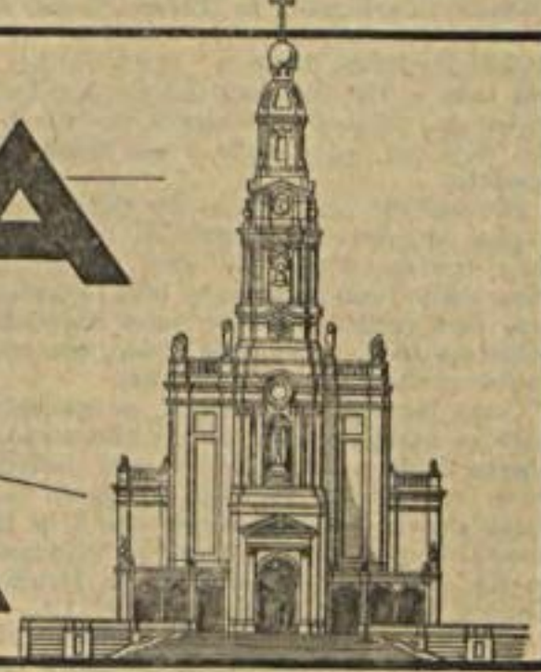
Depois da Capela comemorativa das aparições, na Cova da Iria, é esta sem dúvida a primeira que se ergue em Portugal a N. Senhora do Rosário de Fátima, sendo ainda digno de registar-se que a esta ilha cabe também a honra de ter sido a primeira que nos Açores consagrou um pequeno templo a N. Senhora de Lourdes, havendo àlém disso duas ermidas comemorando as aparições de Monserrate e Pilar.

Como a ermida fica situada num lugar elevado, tenho projectada uma escadaria composta de 150 degraus divididos de 10 em 10 por um patamar, ficando assim representado o Rosário.

Estou a ver se consigo também organisar uma peregrinação mariense que aí vá à Cova da Iria render as suas homenagens à Virgem Santíssima.

Ano VIII — Leiria, 13 de Março de 1930 — N.º 90

VOZ DA FATIMA



(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

Fátima, oasis de encanto em triste deserto, jardim de delícias em terra de pranto

Os actos religiosos oficiais

No dia treze de Fevereiro, os actos religiosos oficiais comemorativos das aparições e dos sucessos maravilhosos realizaram-se na forma do costume.

A-pesar do frio intenso que fez durante todo o dia e do espesso nevoeiro que nas primeiras horas da manhã envolveu a serra de Aire num manto alvíssimo que os raios do sol a breve trecho desfizeram como que por encanto, a concorrência dos fiéis, não só das povoações circunvisinhas, como ainda de várias terras distantes, foi bastante numerosa, se se atender a que se estava em pleno coração do Inverno.

Desde alta madrugada, muitos sacerdotes ocuparam os confessionários da Penitenciária para ouvir as confissões dos peregrinos que desejavam aproximar-se da mesa eucarística. Sob um céu sem nuvens e à luz dum sol esplêndido, efectuaram-se as duas procissões de Nossa Senhora. Depois da missa dos doentes, seguida da bênção com o Santíssimo, subiu ao púlpito o rev.do Augusto de Sousa Maia, distinto professor no Seminário de Leiria, que, pelo espaço de meia hora, falou com calor e entusiasmo sôbre a devoção à Santíssima Virgem.

Sem revestirem a imponência e a grandiosidade que lhes imprime a presença das grandes multidões, como sucede na Primavera e no Estio, as cerimónias do dia treze durante a estação invernosa, são impregnadas duma piedade e duma unção particulares, que as tornam justamente mais queridas de muitas almas. Porém contraste singular, Fátima, a gloriosa Lourdes portuguesa, é, mais que nunca, nessa quadra áspera e agreste, um oasis de encanto em ermo maldito, um jardim de delícias em terra de pranto.

Peregrinação Noelista

Nos dias 1 a 9 de Fevereiro último, sob a presidência de honra de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, e com a presença do rev.do Marie-Etienne (Noellet), realizou-se em Lisboa o primeiro Congresso Nacional Noelista Português.

Um dos números mais interessantes do bem elaborado programa dêste importante Congresso foi, sem dúvida, a Peregrinação Noelista ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, que decorreu na melhor ordem e com o mais vivo entusiasmo.

Esta piedosa romagem realizou-se no dia 3, tomando parte nela muitas Noelistas de Lisbôa e dos diferentes núcleos do País — do Pôrto, Coimbra, Estoril, Faro, Evora, Portalegre, Tomar, etc.

Com elas foram também muitas pessoas de suas famílias. Acompanharam a peregrinação os rev.dos Marie-Etienne e monsenhor cónego António José Moita.

Durante o percurso cantaram-se diversos cânticos religiosos.

S. JOSÉ

Modêlo dos operários, dos chefes de família cristãs e protector da Igreja. O Santo Padre Pio XI recomenda a todo o mundo uma cruzada de orações no dia de S. José, no dia 19 do corrente, a favor da Russia tão pavorosamente perseguida e oprimida na sua consciência, parecendo que todas as potências do inferno se voltaram contra ela. O Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo de Leiria, recomenda, além disso que na peregrinação de hoje à Fátima, os fiéis orem principalmente por esta intenção.

A partida efectuou-se às 9 horas. Na viagem de ida, as Noelistas visitaram em Santarém o Seminário Patriarcal e em Tomar o Colégio das Missões e o Convento de Cristo.

Em Fátima, na Cova da Iria, presidiu aos actos religiosos Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, que celebrou a Santa Missa, ministrou a Sagrada Comunhão e deu a bênção com o Santíssimo. À Comunhão, o Senhor D. José dirigiu algumas palavras às peregrinas, incitando-as à prática da piedade

Depois da missa as Noelistas renovaram a sua consagração a Nossa Senhora e em seguida houve procissão, fazendo no fim o rev.do *Noellet* uma alocução apropriada. Seguiu-se o almoço, findo o qual os peregrinos se dirigiram à Batalha, onde visitaram a igreja e o mosteiro. Depois de acompanharem a Leiria o venerando Prelado, partiram para Mafra, onde visitaram a Basílica e o Convento, regressando a Lisbôa pouco depois da meia-noite.

As piedosas peregrinas ofereceram a missa de Comunhão geral em Fátima pelos progressos da Obra Noelista em Portugal.

Peregrinação Nacional Vicentina

Do diário Católico de Lisboa «*Novidades*», número de 18 de Fevereiro, transcreve-se a seguinte local subordinada à epígrafe «Peregrinação Nacional Vicentina a Fátima»:

«Já hoje podemos dar mais alguns pormenores sôbre esta peregrinação. Como já dissemos, não é uma peregrinação dos Vicentinos desta ou daquela Diocese. É uma peregrinação dos Vicentinos de todo o País, de iniciativa do Conselho Superior das Conferências de S. Vicente de Paulo, que delegou no Conselho Particular de Lisboa a sua reorganização. O Conselho Particular de Lisboa nomeou por sua vez uma comissão para juntamente com o seu Presidente organizar não só tudo o que se prende com a peregrinação desde a sua chegada a Fátima, como também o transporte dos peregrinos de Lisboa e do Sul do País, que se lhes queiram vir juntar.

Conforme já anunciamos a peregrinação realiza-se nos dias 3 e 4 de Maio (feriado e Domingo). Os peregrinos de Lisbôa seguirão em comboio especial no dia 3 à tarde, de forma a chegarem a Fátima cêrca das 19 horas.

Os peregrinos dos restantes pontos do país deverão também chegar a Fátima pouco mais ou menos à mesma hora, pois os exercícios começarão às 21 horas, com a reünião de saüdação aos peregrinos.

Somos também informados de que o Conselho Superior promoveu a organização de comissões no Pôrto, em Coimbra, em Tôrres Novas e noutras localidades, para tratarem do transporte dos peregrinos das regiões das suas Conferências. Os que ùnicamente necessitem da organização de transportes em camionetes de Tôrres Novas ou do Entroncamento para Fátima, encontrarão no nosso amigo Dr.

Carlos de Azevedo Mendes, presidente do Conselho Particular de Tôrres Novas, o auxiliar necessário, pois sabemos que aquele confrade desde a primeira hora pôs todo o seu valioso préstimo à disposição da Comissão Delegada do Conselho Superior, para tudo o que fôsse necessário.

Brevemente contamos poder dar o programa completo dos exercícios religiosos, pois convém frisar que esta peregrinação, sendo exclusivamente para Vicentinos, suas famílias e subscritores das Conferências de S. Vicente de Paulo, tem um cunho profundamente espiritual.

Como também já dissemos, a inscrição para os peregrinos de Lisboa encontra-se aberta desde o dia 1 do corrente, podendo a inscrição ser feita na Igreja do Coração de Jesus (diàriamente das 8 às 12 horas) ou por carta dirigida ao Tesoureiro da Comissão, o nosso amigo Mendes Simões, Rua Renato Baptista, 67 1.º.

A comissão pede-nos que frisemos a conveniência e necessidade de todos se inscreverem desde já para maior facilidade nos trabalhos de organização.

Somos também informados de que no dia 4 de Maio, depois de terminados os exercícios da peregrinação, reünir-se-há em Fátima a Assembleia Nacional Vicentina, cuja organização está a cargo do Conselho Particular de Tôrres Novas, fechando assim com chave de ouro a Peregrinação Nacional Vicentina a Fátima de 1930».

No número de 31 de Janeiro do mesmo jornal lia-se o seguinte:

«Na peregrinação só tomarão parte, conforme temos dito, os vicentinos, suas famílias e os subscritores, devendo estes apresentar a respectiva cota, sendo ainda obrigatória a inscrição por pessoa e não por famílias ou pessoas agrupadas sob um só nome.

Na data da inscrição deverá o peregrino entregar esc. 30$00, completando a verba total com duas entregas de 25$00 a satisfazer em 1 de Março e 1 de Abril, salvo se a inscrição fôr posterior a qualquer destas datas, pois neste caso a entrega compreenderá a inscrição e as prestações já vencidas. Isto, porém, acarreta dificuldades na organização dos trabalhos, pelo que é da maior conveniência que todos se apressem a fazer a sua inscrição a partir do dia 1 de Fevereiro.»

Fátima na Bélgica

O grande hebdomadário belga de Bruxelas «La revue catholique des idées et des faits», no seu número de 17 de Dezembro último insere um longo e magnífico artigo sôbre Fátima, devido à pena do grande apóstolo da Lourdes portuguesa no estranjeiro, o rev. G. Pizarro, S. J. Esse primoroso trabalho, que tem por título «Les apparitions de la Sainte Vierge à Fátima au Portugal» e ocupa sete colunas da importante revista, constitue a história completa, embora resumida, das aparições e dos sucessos maravilhosos de que tem sido teatro a serra de Aire. Em outros tantos quadros, o autor do artigo passa sucessivamente em revista, a largos traços, as diferentes scenas das aparições, o fenómeno solar, as perseguições oficiais e particulares, as grandes e pequenas romagens, as manifestações de Fé e piedade, as obras na Cova da Iria, a acção dos servos e das servas de Nossa Senhora do Rosário, o projecto da futura cidade e o destino de Lúcia de Jesus e dos seus primos. Três esplêndidas gravuras ilustram o texto: a de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a dos videntes e a da segunda procissão da Virgem no dia 13 de Maio do ano passado, em que se vê atrás da estátua o venerando Prelado de Evora.

Noutra revista do mesmo país, «Le blé qui lève» também bebdomadária, orgão oficial da Associação Católica da Juventude Belga, o mesmo escritor publica, no número correspondente ao dia 6 de Fevereiro último, um artigo, igualmente extenso e primoroso, com o título «Notre-Dame de Fatima, au Portugal» ilustrado com idênticas gravuras.

Bem haja o distinto jornalista que, longe da pátria querida, em boa hora se constituiu pregoeiro das maravilhas de Fátima, tornando conhecidas ao perto e ao longe as glórias sem par da Rainha do Céu que são também glórias, as mais puras e as mais belas, de Portugal, a terra privilegiada de Santa Maria!

Fátima na Itália

Duma carta do aluno do Colégio Português em Roma, sr. Joaquim Carreira da diocese de Leiria, para o director espiritual do Seminário da mesma diocese, rev.do Arnaldo de Magalhães, reproduz-se a seguir um trecho interessante àcêrca dos incidentes do transporte na cidade eterna da linda estátua de Nossa Senhora de Fátima, feita e oferecida pelo escultor sr. José Ferreira Tedim para o altar-mor da nova capela do Colégio.

«Como talvez já sabe, inaugurámos no dia 8 a estátua de Nossa Senhora de Fátima, que foi benzida pelo Papa na manhã do dia 7. Agora, que a temos no nosso altar a velar sôbre nós, a nossa oração será mais fervorosa e mais proveitoso o nosso trabalho de cada dia.

E que dizer da linda imagem?

— Que é linda, linda linda!...

Se a imagem assim é, que não será a realidade?... A meu ver, êste é o melhor elogio que se pode fazer desta obra, que tanto honra o seu autor. Ela tem o condão de cativar os corações de quantos a contemplam... Parece a realidade. Quere provas? Vamos a elas, que são interessantes.

Não falo nos alunos ou nos amigos familiares de Nossa Senhora de Fátima, porque a êsses, o amor apaixonado que consagram à Mãe de Deus, poderia diminuir um pouco o valor das suas apreciações sôbre a imagem que a representa; pois é certo, que os corações amantes não notam os defeitos do objecto amado. Não quero dizer com isto que Nossa Senhora tenha defeitos. *Absit!* Mas qualquer das suas imagens os pode ter. Os carregadores, que a transportaram ao Vaticano, não se cansavam de a admirar, e diziam: «Quanto é bella!... *É veramente un capo lavoro! In Italia non si fa cosa come questa*». E o cuidado com que êles a tratavam, desde que foram cativados por aquele olhar tão bondoso e meigo! (Porque ao princípio, quando se tratava de a descer de casa para o carro, pareciam uns verdadeiros fariseus, acostumados só a lidar com ferro!) Ao chegar ao Vaticano, repete-se a mesma scena com os empregados que lá trabalham (porque êstes é que a deviam levar às salas do palácio, onde havia de ser benzida pelo Papa). No princípio parece que não sabiam também o que fôsse delicadeza. (E os primeiros já não estavam nada satisfeitos com aquela sem-cerimónia, dizendo-nos: «Olha como êles a tratam... Estão piores do que nós...»). Mas tudo mudou num instante. Começam a examinar atentamente o nosso Tesoiro, e ficam presos, coitadinhos! E preguntavam: «*Que santa é! Oh! quanto é bela!... Onde foi feita! Para onde vai!*» E nós (os 3 leirienses com o Sr. Vice-Reitor) respondíamos que era a Senhora do Rosário de Fátima, que era obra feita em Portugal, e que vinha ali para ser benzida pelo Papa, devendo em seguida volta para o nosso Colégio. E em poucas palavras (não havia tempo para mais!) descreviamos a história das Aparições.

E lá passava mais um sacerdote, uma senhora, um cavalheiro. Examinavam, fazendo as mesmas preguntas e os mesmos comentários. Admiravam principalmente a expressão do rosto. «*Ha proprio una espressione devota... Sembra che parli!*» dizia um cavalheiro, todo entusiasmado. Até nos dava vontade de rir dom a satisfação do homemzinho. Mais espantados ficavam quando se lhes dizia que era feito de madeira tudo aquilo (Porque em Itália os escultores não trabalham em madeira; é especialidade portuguesa).

Por aquele dia (6) a Senhora lá ficou no Vaticano, e nós voltámos para casa, ansiosos por que chegasse depressa o dia seguinte para a vermos de novo no Colégio.

Quando o Sr. Vice-Reitor chegou ao Vaticano no sábado à tarde para a ir buscar, encontrou um rancho de operários (nada menos de 10) todos contentes à volta da Imagem. Isso é que êles estavam satisfeitos!

Quando chegou ao Colégio, era quási noite. Estava o Sr. P. Fonseca com os aparelhos todos preparados para tirar umas fotografias à Senhora antes que ela fôsse posta no nicho, o que ainda fez, a-pesar de a luz não ser já muito abundante. (A primeira ficou muito nítida; mas por desgraça houve um engano com as chapas: julgando que metia uma grande, meteu uma mais pequena. O resultado foi saír a Senhora com a cabeça cortada. Da testa para cima, ficou tudo fora. Paciência.)

Enquanto a estátua ali esteve no páteo, não se acabavam os admiradores. Era gente que vinha às janelas; eram os inquilinos que se chegavam ao pé da Senhora. As mães com os filhitos, etc. Achei muita graça a um petiz dos seus 4 anos, que, chegando-se à janela e dando com os olhos na Imagem, tira o boné da cabeça e ali fica muito sério até nos retirarmos com ela. E olhe que deve ter estado ali bem perto de meia hora. Naturalmente pode aplicar-se a esta criança a história do passarinho, que, com o seu doce cantar, entreteve um monge durante cem anos, os quais lhe pareceram uma hora. (A história é do Bernardes).

Tiradas as fotografias, lá vamos nós com a Senhora pelas escadas fora, até à capela. Já ela estava no nicho do Altar-mor, quando ali chega o médico da Casa, Dr. Proli. Este, assim que a viu, bate as palmas, dizendo ao mesmo tempo: «*Oh! che bella Madona!*» E desfazia-se todo em elogios. Claro está que apanhou logo uma *injecção* boa sôbre as Aparições de Fátima!

Vem depois a festa da inauguração. Às 11 horas, missa cantada, a que assistiram algumas pessoas de fora, entre as quais o Sr. Dr. Trindade Coelho e Ex.ma espôsa, a qual ofereceu uma linda toalha para o altar de Nossa Senhora, cuja renda e bordado é obra só das suas mãos.

À tarde houve a Academia, cujo programa lhe envio. Todos quantos assistiram à Academia foram ver o nosso tesoiro, gostando imenso. Vieram dois professores da Gregoriana: os Rev.dos P. Van Laak e P. Mostaza. Êste último dizia-me que, a avaliar pelas fotografias que tinha visto, esta estátua é mais bonita que a da Fátima.

Já cá vieram alguns brasileiros visitá-la, e outros (de vários coléigos e nações) querem vir também.»

Visconde de Montelo

—**—

Exercícios Espirituais na Fátima

Em 13, 14 e 15 de abril haverá êste ano um turno de exercícios espirituais na Fátima principalmente para as senhoras *Servitas* e mais algumas outras que também quizerem inscrever-se previamente, podendo, para isso, dirigir-se ao Rev.mo Sr. Dr. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria.

—●—

Uma flôr... Eucarística

Aquele quadro terno do Evangelho convidando as criancinhas para os seus braços e reprendendo os que dêles as afastavam parece repetir-se com Pio X quando convidou o chamou os pequeninos a alimentarem-se de Jesus e a lançarem-se nos seus braços para os estreitar contra o Coração que tanto os ama.

Uma dessas almitas que fez as delícias de Jesus ao entrar pela primeira vez em seu pequenino coração quando tinha apenas três anos e levada por Ele para junto dos outros anjos do céu na idade de quatro anos e meio, foi a menina Ema Mariani, nascida em Lucca, na Itália, a 6 de novembro de 1911, falecida a 26 de julho de 1916.

A sua vida não foi mais que uma vista de olhos rápida para a terra, voltando imediatamente para o Céu.

Breve como uma flor de primavera mas que deixou atrás de si o aroma celestial da graça e das virtudes a embalsamar este triste deserto da vida.

Aos dois anos começou a dar sinais manifestos da obra extraordinária da graça na sua alma, e da sua atracção pela Santa Eucaristia, unida ao respeito e veneração devida a tão grande Sacramento.

Um dia, indo na companhia habitual de sua tia, esta, por distracção cuspiu no soalho da igreja. A pequenina Ema viu e advertiu: «na igreja não se deve cuspir, porque está cá Jesus na sua casita de ouro (referia-se ao Sacrário) e Jesus é Deus.»

Algumas vezes indo pela rua e sem ver nenhuma igreja, a pequenina amiguinha de Jesus dizia para quem a acompanhava:

«Sinto um cheirinho tão bom de Jesus. Ele está aqui perto, mas onde será que não vejo igreja nenhuma?» E olhando em roda com os seus olhitos puros e inocentes, continuava: «Não vejo nenhuma igreja mas Jesus deve estar aqui perto porque sinto o cheiro a Êle». E logo que descobria a igreja corria a ajoelhar-se em frente dela, adorando a Jesus e mandando-lhe beijos com a sua mãozita.

Um dia achando-se numa igreja onde estava exposto Jesus pelas Quarenta Horas, a sua tia, depois de ouvir Missa e rezar as devoções do costume, convidou-a a irem-se porque era tarde. A pequena ajoelhou-se fazendo como de costume uma grande inclinação, ficando naquela posição de mãos juntas cerca de dez minutos. Chamada várias vezes não deu sinal de ouvir; por fim, moveu-se um pouco, fez o sinal da cruz e, como se respondesse a alguém, disse: «Sim, sim, farei sempre assim». Mandou um beijo a Jesus, inclinou-se de novo profundamente, beijou a terra e voltando-se para a tia, diz-lhe:

— «Porque está aí tão direita? Porque não se ajoelha e beija a terra?»

— Porquê? (observou a tia).

— E ainda me pergunta porquê? (respondeu a menina quási a chorar). Não sabe que está ali Jesus? Não o vê? Não o sente? Ajoelhe: Não sabe que Jesus é Deus? Deus é grande, sabe? E nós somos pequenos, pequenos assim, e (baixando a mão quási até ao chão), acrescentou: «assim, assim, vê? E Jesus é Deus, é alto, alto (e levantou o braço quanto poude) alto assim, chega até ao Céu. E' preciso ajoelharmo-nos e humilharmo-nos perante Ele. Ajoelhe e beije».

— Eu já fiz isso, vamos que é tarde, replicou a tia. Então a pequena deu um grande suspiro, lançou um olhar a Jesus e exclamou: «Pobre Jesus (e voltou a suspirar) mas eu quero-te muito, muito». Mandou com a mão outro beijo a Jesus e levantou-se para se ir.

Quando lhe preguntavam quem lhe ensinava estas coisas respondia: «Ninguém, sinto-as aqui dentro (e apontava para o coração). Disse-mas Jesus! Ele diz-me tantas coisas!»

Um dia, quando ela tinha ainda só três anos perguntaram-lhe se Deus via tudo e a menina respondeu com toda a franqueza: «Sim, vê tudo, até mesmo aqui dentro (e indicava a testa)»

— E que tens tu aí?

— O que tenho? Olha: tenho uns pensamentitos.

— E quantos são?

— Um só: penso em Jesus.

Depois de reflectir um pouco acrescentou: «Um só não. Tenho tantos!! Penso em Jesus, penso no Paraíso, penso na *Gratia Plena* (na Santíssima Virgem), nos anjinhos belos, nos santos... penso em tantas coisas lindas, todas de Jesus... Jesus na casinha de ouro, no doce Coração, quando está com a coroa de espinhos...»

Freqüentemente dizia que queria muito a Jesus, que queria ser sempre dÊle e que tinha na boca muitos beijos grandes, muito grandes mas para dá-los só a Jesus.

Antes de ter três anos completos pediu com insistencia a sagrada Comunhão. Foi examinada a respeito do que sabia sôbre êste divino Sacramento e deu tais respostas que assombravam mostrando um conhecimento tão profundo deste mistério inexplicável naquela idade vendo-se que o seu mestre era o mesmo Cordeiro imaculado que lhe apraz viver entre assucenas e faz as suas delícias em viver com os simples e pequeninos.

• •

Depois de ter pedido, chorado e sofrido muito por lhe dilatarem a Comunhão, foi-lhe finalmente concedido comungar pela primeira vez no dia 18 de novembro de 1914, com uma piedade e devoção que assombravam lendo-se no seu rosto uma satisfação inexplicavel.

Sendo de natural viva gostava de brincadeira como tôdas as crianças, se não mais ainda, mas quando estava deante de Jesus parecia outra, parecendo um anjito, absorto, extático, penetrado e enamorado de Jesus.

O dia da sua primeira Comunhão foi um contínuo colóquio com Jesus. — Falou pouco e só de Jesus e com tanto afecto que enternecia. Não quiz brincar em todo o dia, senão que sósinha se retirava para algum sítio escondido em uma posição como de êxtase, cabeça inclinada, mãos cruzadas sôbre o peito, ouvindo-se responder baixinho.

No futuro o caso repetia-se com frequencia.

Uma noite, numa destas ocasiões, moveu-se de repente e começou a chamar com força: «Tia, tia, esta manhã tive aqui o menino Jesus e agora ainda o cá

tenho (e apertava o coração com as mãos). «Esteve aqui todo o dia comigo e agora também está. Sente-lo? Move-se... Olha que calor tão grande! Queima (e pediu à tia que lhe puzesse a mão sôbre o coração).» Depois afirmou que Jesus lhe dissera coisas muito lindas e que brevemente a levaria para o Paraíso Queria comungar todos os dias e pedia-a com lágrimas. Fazia-o com tal modestia que movia à devoção indo pessoas à igreja de propósito para a verem Nada a distraia, parecendo já gosar da visão beatífica. Depois de receber a Jesus inclinava a cabeça, cruzava as mãos sôbre o peito como querendo segurar o seu Tesouro e assim ficava um bom quarto de hora.

A miudo dizia que sentia muito calor sôbre o coração mas que lhe sabia bem e com infantil ingenuidade queria que os outros experimentassem pondo-lhe a mão sôbre o peito.

Não podia estar quieta um instante mas deante da *casita de ouro* (sacrário) a sua imobilidade era completa.

De manhã, quando saia da casa para comungar, ia séria, silenciosa recolhida, não falava nem olhava para ninguém e se a sua companheira parava no caminho, ela a puchava pela mão para que andasse.

Tinha uma amiguita de quem gostava muito e logo que a via ia a correr abraça-la, mas se a encontrava de manhã quando ia comungar nem sequer a saúdava procurando-se escapar, dizendo baixinho à tia: «Vamos a Jesus, que è melhor; não posso esperar mais, quero comungar. Há tanto tempo que Jesus espera...»

* *

Em junho de 1915 enquanto na sacristia se estavam preparando para uma devoção ao Sagrado Coração de Jesus a pequenina Ema ligeira, cheia de alegria franca, mas humilde e respeitosa, e acercando-se de um sacerdote, diz-lhe «Senhor Cónego, quere ir confessar-me?»

«Vou, sim, menina, mas espera para depois da devoção que vamos fazer (respondeu o sacerdote).

«Obrigada (retorquiu a pequena) e foi ter com a tia a quem explicou que tinha pedido aquele sacerdotezinho (e apontou-o com a mãosita) para que a confessasse.

Feita nesse dia a sua primeira confissão sacramental preguntou ao sacerdote se queria continuar a confessa-la.

Este, agradecido ao Sagrado Coração de Jesus que lhe mandára aquele anjo a seus pés, respondeu afirmativamente e perguntou se queria fazer a sua primeira comunhão.

«Já a fiz (respondeu ela) e comungo todos os dias mas até agora não me teem querido confessar.»

Daí por deante confessava-se invariavelmente todos os oito dias e se o não podia fazer ficava aflitíssima.

Superiores á sua edade eram também as disposições com que ia a este Sacramento. Escutava a voz do confessor como se fôsse a do próprio Deus e o venerava mostrando-lhe respeito e gratidão e resando por êle. Ouvia com atenção os seus avisos e recomendações e o que ouvia uma vez cumpria-o integralmente sem necessidade que lho repetissem.

Quando voltava a confessar-se a primeira coisa que dizia era:

«Padre, fiz tudo o que ordenou e o farei sempre porque Jesus assim o quere. Não é verdade?» É sim, menina.

«Muito obrigada (dizia ela)».

Quando foi confessar-se a primeira vez disse-lhe o confessor que rezasse o acto de contrição.

«Não o sei (respondeu ela, confusa)»

Reza-o comigo, disse o confessor. Assim o fez com humildade e compunecção.

«Minha menina (diz-lhe então o confessor) aprende-o que é preciso sabe-lo»

«Pois sim; á outra vez já o direi sòsinha».

Efectivamente quando voltou confessar-se, depois de pedir a bênção, disse logo: «Padre, já sei o acto de contrição»

* *

Tinha uma grande devoção ao Menino Jesus, ao seu Sagrado Coração e à Paixão.

Tôdas as tardes ia a uma igreja onde se venerava um gracioso Menino Jesus a quem dirigia as expressões mais ternas, dizendo que lhe queria muito, muito, que lhe dava o coração e que lhe desse Êle o seu.

Uma tarde de janeiro do 1915 depois das costumadas efusões de amor o Menino Jesus quiz favorece-la com uma graça especialissima vindo aos seus braços e conservando-o neles não só na igreja mas até pelo caminho. Efectivamente ao ir para casa levava o bracito direito na posição de quem leva ao colo uma criança, emquanto o acariciava como a outra.

A pequenina Ema confessou também com tôda a ingenuidade que o Menino lhe dissera coisinhas muito lindas e o levaria brevemente para junto dos outros anjinhos.

Como acto de agradecimento pediu para lhe escreverem por detraz duma estampa do Menino Jesus o seguinte:

«Meu querido Jesus:

quando eu estiver para ir para o Paraiso quero que esta estampa se me ponha sôbre o peito porque vos quero sempre comigo, Jesus querido. Tua Ema, de três anos.»

Foi igualmente muito devota do Sagrado Coração de Jesus e todos os dias lhe ia fazer uma visita ao seu altar. A visita do Coração de Jesus coroado de espinhos a comovia sensivelmente desejando que aqueles espinhos estivessem antes no seu coração. Tinha freqüentemente a sua estampa nas mãos, enchendo-a de beijos especialmente quando alguma dor mais forte a incomodava, resignando-se prontamente em qualquer sofrimento.

A sua devoção principal, porém, era á Paixão de Jesus. O pensamento de que Jesus sofria a transformava visivelmente deixando-a absorta, quando não podia fazer a via-sacra pedia o livro e olhando para os quadros da Via-Sacra ia-os passando todos pela vista, parando um instante.

Não sabia lêr e quando lhe perguntavam como é que meditava apontava com o dedito os quadros da Via-Sacra e dizia:

«Vês? Jesus caiu! Pobre Jesus! Não pode mais. Está debaixo da Cruz e os maus o estão agarrando. Pobre Jesus, quanto sofre! Ele não chora nem se queixa porque é bom. Eu queria levanta-lo mas não posso. Mas em troca, digo-lhe tantas coizinhas tão bonitas... É que eu quero-lhe muito e peço-lhe que faça bons a estes maus que o atiram ao chão.»

Na recitação do Rosário preferia sempre os mistérios dolorosos. O seu amor a Jesus e a sua atracção para a Eucaristia e tudo o que lhe falava de Jesus era acompanhado duma terna devoção a Nossa Senhora a quem chamava a *Gratia plena e a minha mãezinha*.

Em um dia do mês de março de 1915 uma senhora lhe pediu para que rezasse para que a Italia não entrasse na guerra. Como a menina nada respondesse a tia ameaçou-a de a não deixar comungar se ela não prometesse pedir por essa intenção.

Respondeu então: sim, sim, peço e pedirei sempre, mas apesar-de tudo haverá guerra.»

A senhora porém, não se contentando com esta resposta evasiva voltou a perguntar se a Itália entraria na guerra.

«Sim, sim (respondeu decididamente) daqui a dois meses a Itálsa entrará na Guerra.» Isto mesmo voltou a afirmar alguns dias depois deante de várias pessoas. Efectivamente, passados os dois meses, a Itália entrava na guerra.

Havendo-lhe alguém recomendado que pedisse uma graça especialíssima que parecia ter contra dificuldades insuperaveis ela respondeu que a pediria e que se alcançaria, o que voltou a confirmar antes de morrer. Assim aconteceu.

A última vez que se confessou foi a 7 de julho de 1916.

Querendo voltar nessa ocasião ao confessionário por lhe ter esquecido qualquer coisa, a tia disse-lhe que isso ficava para a outra vez, ao que ela respondeu que era aquela a última vez.

Uma enfermidade que o médico não sabia explicar a ia minando e em breve tomou proporções alarmantes. Melhor diriamos que o fogo do amor divino sob a influência da Eucaristia, a ia consumindo e o seu debil temperamento não teve força para resistir à veemencia da Caridade divina. Foi à igreja a última vez no dia 10 de julho.

No dia 15 estava gravemente doente, com febre muito alta e nesse dia não podia estar quieta. Só socegou quando lhe prometeram que podia comungar na cama pois que (dizia ela) sem Jesus não posso suportar o mal.

No dia 26 foi fazer a sua comunhão ao Céu.

AS CURAS DE FÁTIMA

Um tumor.

Maria Matilde, de S. Martinho — Arieiro, escreve o seguinte.

«Teudo eu feito uma operação no lado direito, em 1926, de um tumor e ficando boa, em 1929 começou novamente a inchar e ao mesmo tempo sobreveio erisipela. Já não podia vestir a manga porque tinha de aplicar os remédios.

Eu muito me afligia sem poder trabalhar e a minha família vivia triste em me ver assim.

No dia 12 de Junho de 1929 fui ao médico Drom, e examinando disse-me que era preciso desinchar para ver então se era preciso aplicar o raio X. Os remédios foram em vão. Nada me fez bem.

Deixei de fazer o tratamento que o médico mandou. Por fim já não podia ir à missa.

No dia 5 de Julho, primeira sexta feira do mês, não podendo assistir às cerimónias que se faziam na Igreja, fui no fim receber N. Senhor, não me podendo demorar com dores no braço.

No dia seguinte, primeiro sábado do mês, consagrado a N. Senhora, estava peor. Deixei-me ficar na cama emquanto minha família foi para a missa. Levantei-me e fui a casa duma vizinha, Maria Augusta de Freitas, que há tempos tinha sofrido uma ersipela na perna. Mostrei o braço e ela ao vê-lo disse-me que eu ia sofrer muito. Fiquei triste em ver que já ia nos quatro meses e me via cada vez peor.

Mnha irmã, ao ver-me triste, disse-me que lavasse o braço com água de Fátima.

Minha mãe foi à farmácia comprar os remédios precisos para o braço e eu voltei para o meu quarto. Minha irmã veio-me lavar o braço com água de N. S. e deu-ma também a beber, nesta ocasião fui em espírito para Fátima junto de Nossa Senhora. Nesta ocasião fui ficando sem fôrças, tôda fria, ouvia mas não podia falar. Foi neste momento que senti N. Senhora curar-me.

Não posso descrever o que se passou no meu coração.

Quando minha mãe chegou a casa já eu estava curada, mas fiquei em silêncio sem dizer nada. No dia seguinte de madrugada chamei por minha irmã e disse-lhe: anda ver o meu braço; N. Senhora curou-me. Levantando-se e encontrando-me curada foi grande a alegria que sentia e voltou ao quarto dizê-lo aos meus pais que ainda dormiam.

Ao ouvirem esta notícia começaram a agradecer à nossa Mãe do céu.

Minha irmã mandou fazer uma novena em honra de N. Senhora de Fátima e eu prometi anunciá-la na *Voz da Fátima* para dar honra à nossa querida Mãe do Céu».

Uma ferida de 30 anos.

Manuel Francisco Andrino, de Maceira (Leiria) envia o seguinte relato:

«Com o maior prazer e contentamento venho, por meio da «Voz da Fátima» tornar público, como prometi, a cura que obtive por intermédio de N. Senhora do Rosário da Fátima duma nascida que tive durante 30 anos, além de outras graças temporais. Tendo consultado vários médicos, entre eles os Snr. Drs. Rivot de Caxias, e o Dr. Vasconcelos de Paço de Arcos, e mais alguns clinicos, que me mandaram lavar a nascida com borato de soda, não obtendo resultado nenhum. Um dos clínicos ainda tentou receitar-me unguento, sem resultado. Quando notei que por efeito da nascida, principiava a inchar, deixei os remédios temporais e voltei-me para N. Senhora do Rosário começando uma novena e prometendo manda-la publicar, caso melhorasse.

No dia 12 de Outubro, tratei dos preparativos para partir para Fátima às 5 horas da manhã e fiz a viagem agarrado à capota do camion por me não poder sentar. À volta de Fátima vim já sentado e esqueceu-me completamente a nascida, pois já não existia, e estava curado, graças à Mãe Bemdita, N. Senhora do Rosário de Fátima. Louvores à Virgem Imaculada que veio a Fátima para consolação e alívio dos pecadores.

Quando o meu filho mais velho, como militar, teve que ir lutar pela Pátria, para a França recomendei-lhe que se lembrasse sempre de N. Senhora com alguma oração, e graças à Mãe do Céu, voltou são e salvo, depois de muitas lutas e combates. Êle não levava madrinha de guerra, mas eu disse-lhe que tomasse como madrinha N. Senhora e Ela o salvou e livrou de todos os perigos e mo restituiu são e sem a mínima beliscadura.

Outra graça: Tenho alguns filhos e netos; o meu filho teve a infelicidade de lhe aparecer nos filhos a tosse convulsa; e lembrou-se de, com fé, fazer uma novena a N. Senhora de Fátima. Ao terceiro dia dissipou-se a tosse aos que a tinham e não deu aos restantes irmãos.

Eu tenho a devoção de propagar a devoção a N. S. do Rosário de Fátima e destruibuo jornais todos os meses, mas, alguns dizem-me — Isto é para a fita de dizerem que vão doentes e voltam sãos. A mim, graças à Mãe do Céu, N. Senhora do Rosário, foram-me concedidas tôdas as graças que deixo mencionadas, e outras que deixo de mencionar para não tirar muito lugar no jornalzinho. Muitas graças sejam dadas a N. Senhora do Rosário da Fátima porque a minha ferida que tive e incomodou durante 30 anos desapareceu completamente.»

Uma conversão.

Sara Ivens Ferraz Maia de Loureiro, (rua Luiz de Camões — Lisboa) em carta de 29 de Dezembro 1929, diz-nos o seguinte:

«Rev.mo Padre

Cheia de gratidão, venho por êste meio, agradecer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a conversão duma pessoa de família, à hora da morte. Não sabendo como abordar o assunto «confissão» procurei maneira de lhe pôr ao pescoço uma medalhinha de N. S. de Fátima; depois de me ter referido por alto á consolação que eu sentia, na freqüencia dos Sacramentos.

Durante dias comunguei pela sua conversão.

Foi-me impossivel voltar a sua casa; e quando soube da sua morte, nem me atrevi a perguntar, como tinham sido os seus últimos momentos. Quando me disseram que êle, dias depois da minha visita se confessara e recebera todos os Sacramentos, senti uma alegria e uma gratidão tão grande, que resolvi recorrer a Maria sempre que se me apresentem casos idênticos.

Ainda hoje, me parece mentira, uma tal conversão: tão difícil ela me parecia!

Se a minha devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima era grande, hoje é muito maior.

Agradecendo a publicação destas linhas, son com toda a consideração».

Reumatismo.

Almerindo Picôto, de Caluquembe (Angola) envia a seguinte carta:

«Ex.mo e Rev.mo Snr.

E' na qualidade de Director de o jornal *Voz de Fátima*, que cá de muito longe, deste belo rincão chamado Angola, que eu peço licença para me dirigir a V. Ex.ª Reverendíssima, para lhe rogar que no mesmo jornal seja inserido mais um milagre que a Virgem Nossa Senhora do Rosário de Fátima me acaba de fazer e pelo qual estou rendendo as minhas graças de fiel católico.

Há pouco mais de 2 meses, uma irmã minha, sabendo da minha particular devoção para com a nossa Mãe do Céu, teve a genial gentileza de me enviar alguns números do grande arauto dos milagres da Virgem, a *Voz de Fátima*.

Fiquei maravilhado com tanto milagre! E eu que desconhecia o jornalzinho!...

Algum tempo após a recepção dos jornais, de uma estampa e medalhas da Virgem, minha filhinha de quatro e meio anos adoeceu com reumatismo, inchando-se-lhe as perninhas e os pés. Sem medicamentos de espécie alguma com que lhe atenuasse tão horrível sofrimento e longe de qualquer socôrro (precalços da vida sertaneja), como já não podia ouvir gemer minha filhinha, lembrei-me de recorrer à Mãe dos Aflitos, para aliviar as dôres da criança.

Enquanto eu, cheio de Fé, implorava o socorro Divino, com a Bendita Estampa toquei as partes doentes e fiz com que a pequena a beijasse.

Nesse dia já a criancinha passou mais socegada, embora ainda estivesse com as pernas e pés muito inchados.

Passados três dias — oh! Bondade Divina! — minha filha estava radicalmente curada, descia da cama sósinha e repleta de alegria, dizia: — «Papá, *Malia* pode andar». De facto ela andava, brincava e corria, como se nada tivesse tido!

A Consoladora dos Aflitos havia ouvido a minha prece feita num momento aflitivo e curava milagrosamente minha filhinha, que por sinal é sua afilhada.

Nesse mesmo dia dei começo à minha promessa — Novena n.º 2 — e, mais uma vez, certifiquei-me de que *todo aquele que apele para a Virgem Nossa Senhora do Rosário de Fátima com verdadeira Fé, Ela, a Mãe de Misericórdia, jamais deixará de atender a súplica de qualquer dos seus filhos.*

Glória e louvor a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Talvez que se não fôsse o arauto dos milagres de Fátima, me não tivesse ocorrido tão repentinamente recorrer à Mãe do Céu! Abençoada lembrança de minha irmã e abençoado jornal, para o qual desejo longa vida cheia de prosperidades.

Desejava ardentemente assiná-lo, mas como fico a mais de 60 quilómetros da estação postal que emite vales, em tendo portador mandarei o numerário para duas assinaturas.

Como nunca desejei fazer nada pomposamente, pois a Virgem acolhe com maior solicitude os humildes, obsequeia-me subscritar a notícia com o anagrama de meu nome — Almerindo Picôto...»

Tumores.

Elisa Pereira Marques Costa, do lugar e frèguesia do Paião, concelho da Figueira da Foz, venho muito reconhecida agradecer a Nossa Senhora de Fátima, e dar cumprimento a um voto, por uma graça obtida.

Dizem meus pais que pouco depois do meu nascimento comecei a sofrer de tumores, que vinham rebentando, em diversas partes do corpo e principalmente no ouvido esquerdo que de contínuo purgava, exalando muito mau cheiro que não só a mim incomodava mas também às pessoas que comigo viviam.

Sofria de quando em quando fortes dores de cabeça. Fui diversas vezes a banhos do mar e das Caldas da Amieira sem obter resultado algum, como resultado não obtive de outros tratamentos médicos.

Vivia deveras muito desconsolada com tal incomodo que já julgava crónico visto resistir aos tratamentos durante 27 anos. Em dezembro de 1928 achei-me peor, pelo que aumentou o meu desgosto e diminuiu a esperança de melhorar com medicamentos. Então, cheia de fé e confiança em Nossa Senhora de Fátima, pedi-lhe muito a graça da minha cura, prometendo publica-la no «Voz de Fátima», e de ir a Fátima agradecer-lhe nesse santuário bemdito e dar para as obras o que pudesse.

Sofri ainda um mez e lavando o ouvido com água de Fátima, como que me esqueci de pedir, de nesse sentido rezar e... passado pouco mais de um mês, lembrando-me, achei-me curada!...

Como isto se desse ha mais de um ano e sem mais sentir sofrimento algum, venho agora radiante de contentamento cumprir a última parte da minha promessa, visto já ter cumprido as outras, para o que venho pedir a V. Rev.ª sr. P.e Silva, um cantinho do jornal de Nossa Senhora de que sou assidua leitora.

Aceite meus respeitos. Paião 27 de Janeiro de 1930.»

Intercolite.

Maria Vitória, de 19 anos, natural do lugar e frèguesia do Reguengo de Fetal, sofria havia quási dois anos de intercolite e não alcançando melhoras por meio de medicina, recorreu a N. Senhora da Fátima, que se melhorasse no espaço de três meses mandaria publicar a sua cura na *Voz da Fátima* para maior glória da N. Senhora do Rosário da Fátima.

12 de fevereiro de 1930.

Cegueira.

António Correia e **Maria José Correia,** de S. Martinho — Arieiro, informam o seguinte:

A 18 de Maio de 1927 N. Senhora concedeu uma grande graça a uma criança, seu filho, de dois anos porque estava cega, não vendo nada, e nem de dia nem de noite socegava. Foi um grande sofrimento que a criança passou durante cinco meses.

A mãe da criança ouviu dizer que se lavasse os olhos com água de N. Senhora de Fátima, talvez fôsse curada.

Estava-se tratando com o médico mas os remédios não lhe serviam de nada, cada vez peior.

A mãe da criança foi a casa duma visinha, a menina Maria Matilde para lhe dar uma coisinha de água de N. S. de Fátima com que lavou os olhos da criança.

No fim dos cinco meses a criança melhorou, ficou boa e perfeita como era dantes.

A mãe prometeu a publicação na *Voz da Fátima*, e como o médico não quis passar o atestado por isso o não mandou; mas agora envia êste relato só para dar honra a Nossa Senhora de Fátima.

"Voz da Fátima,,

Despêsa

Transporte...	194.806$40
Papel. composição e impressão do n.º 89 (54.100 exemplares)	3.081$70
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	839$85
	198.727$95

Donativos vários

Reconhecendo-se a impossibilidade de trazer em dia (estava ano e meio atrazado) o registo das quantias enviadas pelos assinantes dêste jornalzinho, renunciamos ao desejo de as publicar aqui, procurando acusar a recepção doutra forma. Publicaremos, no entanto algum donativo extraordinário que nos fôr enviado.

José Morais Jordão, por si e por outras pessoas da frèguesia do Paião, 119$00; Maria da S. Fernandes, 30$00; Maria Isabel Couceiro, 65$00; Augusto Marques Gouveia Pereira, 80$30; Josefa de Jesus, 8$80; Marcelino António, 14$10; Malaquias da Silva, 50$00 P.e Virgínio Lopes Tavares, 86$00; P.e Benedito de Abreu Castelo Branco, 200$00; Maria das Dôres Tavares de Sousa, 100$00; Beatriz Valente, 22$50; M. d'Oliveira, 110$00; Joaquim M. de Sequeira, 100$00; P.e António André de Lima, 100$00; Bern. Weinschenk, 52$50; P.e Candido Maia, 135$00; Viscondessa de Baçar 140$00; Maria Ângela, 127$50; Maria Clara de Vilas Boas Potes, 150$00; Maria do Carmo Pereira, 66$50; Amélia Lopes de Mendonça (Salvaterra e Coruche), 183$00; Manuel Nóbrega, 50$00; Joaquim Pedro Junior, 50$00; Maria Delfina Côrte Real, 210$00 P.e Francisco Carlos Nunes, 150$00; Maria Filomena Macieira, 15$00; Manuel Joaquim da Silva, 20$00; directora do hospital de Alpedrinha, 20$00; Monsenhor António Maria dos Santos Portugal, 101$50; Clotilde de Almeida (Capela do Senhor da Vera Cruz), 40$00; Maria Matilde da Cunha Xavier, da Igreja do SS. Coração de Jesus, de Lisboa, 30$00; D. N. R. da Igreja de S. Mamede, 10$00.

Um pensamento reconfortante

Um mau cristão (fala o Santo Cura d'Ars) não pode compreender esta bela esperança do Céu que anima e consola um bom cristão.

Parece-lhe duro e incómodo tudo o que constitue a felicidade dos Santos.

Com quem estaremos no Céu? Com Deus nosso Pai, com Jesus Cristo nosso irmão, com a Santíssima Virgem que é nossa Mãe, com os santos que são nossos amigos.

Se compreendessemos bem a nossa felicidade quási poderíamos dizer que somos mais felizes que os santos no Céu.

Eles vivem dos seus rendimentos. Já não podem ganhar mais nada, emquanto que nós podemos a cada instante aumentar os nossos tesouros.

Não devemos, pois, considerar o trabalho mas a recompensa.

Um negociante não olha ao trabalho que lhe dá o seu comércio mas ao lucro que dêle tira... Que são vinte anos, trinta anos comparados com a eternidade?

No mundo ignora-se o que é o céu e o inferno. O céu, porque se o conhecessemos quereríamos ir para lá a todo o preço deixaríamos de bom grado tudo. O inferno, porque se reconhecessemos o que é não ter por toda a eternidade o amor de Deus... quereríamos evitar essa desgraça custasse o que custasse.

Se um príncipe, se um imperador chamasse à sua presença um dos seus vassalos e lhe dissesse: «Quero que sejas feliz, fica comigo. Gosa de todos os meus bens, mas não queiras desagradar-me em tudo que fôr justo», que cuidado e ardor não empregaria êste vassalo para fazer a vontade ao seu príncipe!

Pois bem! Deus concedeu-nos os mesmos benefícios e não nos importamos da sua amizade nem fazemos nenhum caso das suas promessas...

Como faz pena!... Que felicidade para os justos quando no fim do mundo, a alma embalsamada dos perfumes do Céu vier procurar o seu corpo para gosar de Deus por toda a eternidade. Então os nossos corpos sairão da terra como a roupa que foi passada pela barrela... brilhando no Céu por toda a eternidade.

Um feixe de notas e impressões

De perto e de longe

Da ilha de Santa Maria (Açôres) que, pelo nome, deixa supor a fé e devoção Mariana dos seus habitantes, um ano após a inauguração duma ermida em honra de Nossa Senhora da Fátima, escreve-nos pessoa amiga a dizer-nos da união espiritual aos exercícios de devoção que realizam na Fátima todos os dias 13.

Julho de 1929

Tenho recebido os 50 números da «Voz da Fátima» cuja distribuição na ermida de N. Senhora da Fátima nesta ilha, é sempre esperada com anciedade.

O culto de N. S.ª da Fátima nesta ilha vai num entusiasmo sempre crescente e deveras consolador.

No dia 13 de cada mês, de todas as frèguesias desta ilha, numerosos grupos de fiéis animados de espírito de piedade e de penitência, em devota romagem resando o Rosário e entoando lindos cânticos de louvor à Virgem, acorrem à ermida de N. S.ª da Fátima, para ali unirem as suas orações e sacrifícios às de milhares de almas que em tais dias se reúnem na estância privilegiada das Aparições. Com indizíveis sentimentos de piedade assistem à Santa Missa, acompanhando a recitação do terço e cânticos apropriados, e no momento da comunhão dezenas de pessoas recebem o Pão dos Anjos.

Terminada a Santa Missa tem lugar uma breve alocução, e finda esta, ressoam as enternecidas invocações a N. Senhora que a assistência vai repetindo, deixando depois aquele Padrão erguido em testemunho do intenso amor dos Mariensea à Virgem Santíssima.

Perante estas manifestações de fé e piedade tão sentidas e grandiosas, chora-se de comoção.

• •

Esta é uma voz da Africa que nos chega através das expressões sentidas da pena gentil duma senhora portuguesa que ali vive em terras de Portugal Ultramarino. Faz bem ver assim irmanados no mesmo amor à Virgem tantas almas de filhos seus dispersos por êsse mundo.

Lubango (Angola), Agosto de 1929.

Não imagina V. Ex.cia o bem enorme que vem espalhando a leitura do jornalzinho «Voz da Fátima» de que sou muito devotada assinante, pois a sua leitura amena e despretenciosa, as curas maravilhosas e extraordinárias obtidas por intercessão da nossa Mãe SS.ma, operam nos nossos espíritos, ávidos das cousas divinas, as maiores transformações. As graças obtidas pela sua intercessão, são numerosas, sendo algumas verdadeiramente extraordinárias.

Afastados como estamos centenas e centenas de quilómetros dessa estância gloriosa e bendita, necessário se tornava para a piedade dos fiéis, um altar com a Imagem da SS.ma Virgem, onde pudessem ir piedosamente a seus pés implorar a protecção de que carecessem, e em comum com os seus irmãos em Fátima, render-lhe as homenagens a tão excelsa Padroeira!

Mandámos então vir uma imagem, fiel cópia da da Fátima.

Organisámos então uma comisão para realizar a primeira (segundo crê) festa em honra de Nossa Senhora de Fátima em terras de Africa, e para que tivesse maior brilhantismo, fez-se pela primeira vez o Mês de Maria, e a 13, comemorando a festa que constou de Missa cantada e primeira Aparição na Fátima, fez-se o sermão.

Após a Missa foram distribuidos o Santo Crisma a centenas de creanças e alguns adultos, não havendo memória até hoje de se ter juntado tanta gente nesta pequenina e encantadora Igreja desta linda terra africana. Vieram dezenas de automóveis e camionetes das localidades mais próximas, para assistirem a essa modesta e encantadora festa religiosa, que deixou as melhores impressões em todos aqueles que tiveram a dita de a ela assistir.

E que linda estava a SS.ma Virgem! No seu trono profusamente ornamentado das mais lindas flores, e com o seu meigo e terno olhar parecia envolver todos no mesmo amplexo de paz e amor que irradiava em torno de si como a prometer que d'ora avante teriam uma Protectora a quem recorressem.

Desde Maio que se celebra todos os dias 13 a Missa em sua honra, e está sempre a Igreja cheia de devotos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Um estudo interessante

Uma excelente filha de Maria foi uma vez consultar o seu bom e velho Pároco e Director da Congregação, para lhe pedir conselho sôbre o futuro de sua vida.

— Meu Reverendo Padre eu não sei, que faça: umas vezes sinto atractivos pelo casamento, e outras pela vida religiosa. Um belo e excelente rapaz, de bôa família e muito bem prendado, anda a requestar-me: eu, porém, creio que o meu coração pende para o claustro; ajude-me com seus conselhos, que eu sofro com esta indecisão.

O velho e experimentado sacerdote, ouvindo-a falar com tanto calor daquele «importuno», compreendeu tudo e arvorou-se em Salomão. Tomou de uma bengala que lhe ficava perto, po-la em pé, e, dirigindo-se à amavel consulente, fez-lhe esta proposta: se a bengala cair para o meu lado, ireis para o convento; se caír para o vosso, casareis.

E conservava a bengala inclinada para si.

— Mas, Padre, protestou a jovem com vivacidade, a bengala não está a prumo!

— Minha filha, volveu o bom do Padre, casai-vos.

Casou-se e fez bem; a boca falara pelo coração.

Um bom exemplo

(Recordações dum páraco)

Em um certo dia, como tantas vezes me acontece, fui acompanhar um cadáver à sua última morada.

Voltando-me em certa altura, deparo com dois jóvens soldados, de boné na mão, a acompanhar o caixão.

Quem os visse passar pensaria que era algum parente ou algum camarada que ia a enterrar.

Mas estavam há pouco tempo no quartel e o pobre defunto, natural não se sabe donde, tinha entrado apenas algumas semanas antes no hospital e por isso devia ser-lhes inteiramente desconhecido.

Percorridos os quási dois quilómetros que separam o hospital do cemitério e que chegámos à beira da cova, os dois militares ajoelharam e via-se que iam murmurando as suas orações, emquanto eu resava as orações do ritual.

A' saída do cemitério tive ocasião de me aproximar dêles e de os felicitar pela sua boa conduta.

«Fizestes uma boa acção (lhes disse eu), Deus a viu melhor que o mundo e vos recompensará por terdes acompanhado êste pobre ao cemitério».

— Que quere Vossa Reverência? (respondeu um dêles), vimos que ninguém ia a acompanhar. Lembrámo-nos que também um dia, nós, poderemos descer à terra abandonados e unimo-nos a V. Rev.cia na esperança de que Deus inspiraria a algumas pessoas o pensamento de virem resar por nossas almas».

Apertei-lhes comovidamente a mão e fui redigir esta meia dúzia de linhas.

IMPORTANTE

Objectos perdidos na Fátima

Encontram-se na FÁTIMA, na barraca dos jornais, muitos objectos achados e entregues alguns já ha anos.

Alguns estão já estragados; outros vão-se estragando com o pó, humidade, etc.

Para que não acabem de se estragar ali inutilmente os que não forem procurados até ao dia 13 (treze) de Abril serão considerados como abandonados e apoz êsse dia distribuidos pelos pobres.

Ano VIII — Leiria, 13 de Abril de 1930 — N.º 91

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

Fátima, divino poema de luz e de amor que a Virgem gravou no livro da Pátria

A cruzada de orações pela Rússia

No dia treze de Março, realizou-se, como nos outros meses, a comemoração festiva das aparições.

O tempo, mais favorável que em Janeiro e Fevereiro, permitiu que o número de peregrinos fôsse também um pouco mais elevado.

Numerosos fiéis aproximaram-se da mesa eucarística com uma piedade edificante, depois de se terem reconciliado com Deus no santo tribunal da Penitência.

Raros foram os doentes que compareceram no Posto das verificações médicas para se inscreverem e requisitarem o cartão de ingresso no respectivo Pavilhão.

Por desejo expresso de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, todos os actos de piedade realizados nesse dia foram oferecidos pela salvação da Rússia. Em união com Sua Santidade o Papa Pio XI e com todos os Bispos e fiéis de todo o mundo católico, os peregrinos oraram e oraram com fervor para que Deus, por intermédio de sua Mãe Santíssima, se digne pôr termo à terrível perseguição movida contra todos os crentes naquele país, que constitui a sexta parte das terras do universo.

Depois da bênção dos doentes, prègou um sermão cheio de salutares ensinamentos o rev.do Conceição Cabral, distinto professor no Seminário do Pôrto, que no número do diário católico de Lisboa *Novidades*, de 22 de Março corrente, publicou um longo e primoroso artigo, no qual deixa exaradas, em frases da mais sentida admiração e do mais vivo entusiasmo, as fundas e magníficas impressões que produziu no espírito piedoso e culto do venerando sacerdote a sua recente visita ao santuário da Lourdes portuguesa.

A Obra dos retiros

Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José tem-se mostrado sempre incansável em promover o bem espiritual dos seus diocesanos e em imprimir à Obra de Fátima o caracter que ela deve ter, tornando o seu augusto Santuário um foco perene e intenso de vida cristã e sòlidamente piedosa. Ultimamente, depois de concluído o Albergue de Nossa Senhora do Rosário para os peregrinos doentes, que vão à terra dos milagres pedir a cura dos seus males ou lenitivo e confôrto para os suportar com resignação à vontade de Deus, instituiu a «Obra dos retiros» de tão largo alcance individual e social e tão recomendados pelos Sumos Pontífices, e ainda há pouco tempo por Sua Santidade o Papa Pio XI, numa encíclica especialmente consagrada a êsse assunto.

Este projecto já Sua Excelência Reverendíssima o acalentava há muitos anos como um dos seus pensamentos mais queridos, mas as circunstâncias só agora lhe permitiram realizá-lo. Efectivamente o retiro espiritual, em que a alma durante alguns dias se afasta e isola do mundo exterior e se recolhe para meditar as verdades eternas e elaborar o plano de reforma da sua vida, é um dos meios mais poderosos e mais eficazes de recristianização dos indivíduos, das famílias e das sociedades.

Por iniciativa do Senhor D. José, já se tinham efectuado alguns retiros em Fátima, mas sem as comodidades e o confôrto que só o Albergue lograria proporcionar. Durante os três dias do Entrudo, porém, realizou-se já o primeiro turno de exercícios espirituais com carácter oficial, dirigido pelo rev.do dr. Vaz Serra e em que tomaram parte cêrca de trinta membros da Associação dos servos de Nossa Senhora de Fátima, vulgarmente chamados «servitas».

Nossa Senhora do Rosário de Fátima

QUE SE VENERA NA IGREJA PAROQUIAL DE VÁLEGA

No último dia foi presidir à conclusão do retiro o venerando Prelado, que fez uma prática adequada às circunstâncias e deu a tôdas as exercitantes a bênção do Santíssimo Sacramento. Nos dias nove a treze de Abril próximo haverá um novo turno de exercícios espirituais, destinado às senhoras da Associação das servas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e nos dias catorze a dezasete um terceiro turno para os sócios da Juventude Católica Lisbonense.

Bem haja o ilustre Prelado Leiriense pelos incomparáveis benefícios de ordem espiritual que por esta forma fax descer do Céu sôbre tantas almas sedentas de verdade, de virtude e de paz!

Peregrinação Vicentina a Fátima

O diário católico de Lisboa «*Novidades*», no seu número de 10 de Março último, publica a local que segue àcerca da Peregrinação Vicentina a Fátima, que deve realizar-se nos dias 3 e 4 do próximo mês de Maio.

«A Comissão Delegada do Conselho Superior das Conferências de S. Vicente de Paulo para organizar esta peregrinação foi há dias recebida por Sua Eminência o Sr. Cardial Patriarca, a quem apresentou o programa elaborado. Teve a plena aprovação de Sua Eminência, que prometeu à Comissão todo o seu alto apoio e patrocínio para esta peregrinação, que pelo seu cunho profundamente espiritual vai certamente atraír grandes bênçãos de Deus para a tão grande obra das Conferências de S. Vicente de Paulo. Além de grandes bênçãos para as Conferências e para os peregrinos que nela se incorporarem, esta peregrinação proporcionar-lhes-á a facilidade de assistirem à assembleia Nacional Vicentina, que se realiza em Fátima no dia 4 de Maio depois de terminados os exercícios da peregrinação.

Da assembleia certamente advirão grandes vantagens para o seu maior aperfeiçoamento. O Conselho Particular de Lisboa pede-nos que chamemos a atenção dos Presidentes das várias Conferências para a conveniência de fazerem ver aos seus confrades que tencionam incorporar-se na peregrinação a necessidade de se inscreverem quanto antes, pois a Comissão, tendo elaborado o programa contando com a ida dos peregrinos de Lisboa em comboio especial, necessita saber se realmente pode contar com um número suficiente de peregrinos para êsse comboio especial, ou se terá que modificar o programa para o adaptar a outras horas de comboios. É realmente êste um ponto de capital importância e por isso estamos certos de que os confrades que ainda se não inscreveram, se apressarão a fazê-lo. É o seguinte o programa da peregrinação.

Às 21 horas do dia 3 de Maio, saùdação a Nossa Senhora, presidida por Sua Excelência Reverendissima o Sr. Bispo de Leiria.

Às 22,30 — Procissão das Velas.

À meia noite — Exposição do Santíssimo Sacramento e terço meditado, sendo a meditação feita por Sua Excelência Reverendissima o Senhor Bispo de Leiria.

Da 1,30 às 2,30 — Adoração ao Santíssimo Sacramento com prègação.

Às 2,30 — Missa e Comunhão Geral.

Às 8,30 do dia 4 de Maio — Procissão com a Imagem de Nossa Senhora para a Penitenciaria.

Às 9 horas — Missa resada com cânticos — Bênção do Santíssimo Sacramento.

Às 13 horas — Procissão de recondução da Imágem de Nossa Senhora para a Capela das Aparições.

A inscrição continua aberta na Igreja Paroquial do Coração de Jesus todos os dias, das 8 às 12 horas.

Fátima na França

Uma carta do rev.do Frei Luís Maria Baron, religioso da Ordem de S. Domingos, director da excelente «Revue du Rosaire», de Saint-Maximin (Var), França, endereçada a um ilustrado sacerdote português da diocese de Leiria, dá conta da propaganda intensa que por intermédio dessa revista os beneméritos Padres Prègadores teem feito do culto de Nossa Senhora de Fátima e das maravilhas da Lourdes portuguesa não só em França, como no mundo inteiro.

E' sobremaneira consolador para nós, portugueses, ver o amor e a dedicação com que na pátria de S. Luís e de Santa Joana d'Arc os gloriosos filhos de S. Domingos procuram tornar conhecido o nosso mais célebre santuário Mariano e sabem assim o fervoroso entusiasmo com que a nova devoção é acolhida pelos católicos franceses.

Bem hajam o rev.do Frei Luís Maria Baron e os seus irmãos em religião, nomeadamente o nosso ilustre compatriota rev.do Frei Gonçalves Tavares, pela sua louvável e para nós tão honrosa e penhorante iniciativa, tão visivelmente abençoada pelo Céu, e que a gloriosa e bemdita Senhora que, depois de ter aparecido aos seus filhos da França cristianíssima se dignou aparecer também aos de Portugal fidelíssimo, de que é venerada e querida Padroeira, faça chover sôbre todos, com munificência maternal, as suas melhores graças e as suas bênçãos mais preciosas e mais escolhidas!

Segue a carta na tradução portuguesa:

«Ave † Maria — 17 de Março de 1930.

Meu Reverendíssimo Padre — Queira V. Rev.cia perdoar-me não ter agradecido mais cedo o magnífico *cliché* que fez o favor de me enviar. Não pude conter a minha alegria perante esta nova demonstração de bondade: prostrei-me aos pés da Santíssima Virgem e na efusão da mi-

nha alma fiz e renovei repetidas vezes a minha acção de graças, suplicando-lhe que pagasse centuplicadamente a V. Rev.ª a viva satisfação que me proporcionou. Publiquei êste lindo *cliché* na «Revue du Rosaire» de Março; torná-lo-hei a publicar no mês de Maio em folha separada e em papel de luxo e enviá-lo-ei gratuitamente a todos os nossos assinantes. Eles esperam com santa impaciência esta reprodução artística para dar o lugar de honra na sua família a Nossa Senhora de Fátima.

O opúsculo «Nossa Senhora de Fátima» publicado pela «Revue du Rosaire» tem tido um êxito cada vez maior. Tôda a gente quere vê-lo. Este entusiasmo das almas é um sinal inequívoco da bênção da Raínha do Santíssimo Rosário sôbre êsse trabalho empreendido para sua glória. Eu estava longe de pensar num êxito semelhante. Nomeado director da «Revue du Rosaire» em Setembro de 1928, quis colocar sob a protecção da Raínha do Santíssimo Rosário o género de apostolado que a obediência me confiava e trabalhei com tôda a minha alma na redacção do número de Outubro. Tendo ouvido vagamente falar de Nossa Senhora de Fátima, ocorreu-me a ideia de dizer algumas palavras a êsse respeito neste primeiro fascículo: era tão natural falar de Nossa Senhora do Rosário de Fátima na «Revue du Rosaire» para o mês de Outubro! Fui por isso ter com o rev.do Gonçalves Tavares para lhe pedir que se dignasse preparar um artigosinho sôbre os acontecimentos de Fátima. Este artigo sucinto mas completo agradou imenso. O número de Outubro da «Revue du Rosaire» exgotou-se ràpidamente como que por encanto. Impressionado, também eu, por êsses pormenores que ignorava, constitui-me o seu divulgador em Lourdes, no mês de Outubro de 1928, por ocasião da peregrinação do Rosário, dirigida pelos rev.dos Padres Dominicanos, perante um auditório numerosíssimo de peregrinos. Fiquei surpreendido com a impressão que êsses factos sobrenaturais produziam nas almas. A promessa de falar circunstanciadamente das seis aparições da Santíssima Virgem na Cova da Iria atraíu à «Revue du Rosaire» um grande número de novos assinantes; dentro de poucos meses elevavam-se a alguns milhares.

Este estudo empreendido no mês de Abril de 1929 e apaixonadamente saboreado pelos nossos leitores, sugeriu-nos a ideia dum opúsculo inteiramente consagrado a Nossa Senhora de Fátima. Estávamos em Julho na época das férias. O estudo iniciado alguns meses antes tinha familiarisado os religiosos de S. Maximin, com os acontecimentos da Serra de Aire e servido de trabalho de ligação para a nova publicação planeada. Dois religiosos particularmente categorizados, um dos quais antigo professor na Universidade de Edimburgo e o outro diplomado pela Faculdade de Teologia de S. Maximin, tomaram conta de todos os documentos de que a bondade tão delicada de V. Rev.ª nos tinha abundantemente provido.

Compulsaram êsses documentos até às mais minuciosas particularidades, com uma sagacidade, um amor e uma perseverança que deviam atraír sôbre êles a protecção especial de Aquela que tanto desejavam glorificar.

Além disso, nada se descurou para dar a êste trabalho o carácter da mais rigorosa exactidão histórica. O amor filial dêsses religiosos, maternalmente acolhido pela Raínha do Céu, explica, pelo menos em parte, o êxito inesperado do seu trabalho. Depois das preocupações da redacção, vieram as dificuldades da impressão; estas foram sem conto.

A-pesar-de tôdas as precauções, tivemos contrariedades sôbre contrariedades, surpresas sôbre surpresas. O demónio parecia empenhar-se dum modo particular em pôr entraves a esta obra, cujo objectivo era a glória de Aquela que tem por missão esmagar-lhe a cabeça. As dificuldades cessaram e o opúsculo havia tanto tempo esperado apareceu finalmente para alegria de todos e vai, cada vez mais, publicar ao longe a glória e a misericordiosa bondade de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Com a expressão reiterada do meu vivo reconhecimento, digne-se V. Rev.cia aceitar a homenagem do meu religioso e profundo respeito em Nosso Senhor e Nossa Senhora. — fr. Luís Maria Baron, O. P., director da «Revue du Rosaire».

Fátima na Holanda

A importante revista católica holandeza «De Ilustratie», nos seus números de 13, 20 e 27 de Fevereiro último, insere em extensos e explendidos artigos um estudo consciêncioso sôbre «Fátima, a Lourdes Portuguesa». No número de 13 faz-se resumidamente a história das duas primeiras aparições, reproduzindo-se do opúsculo «Os episódios maravilhosos de Fátima» um interessante diálogo em que entra Lúcia de Jesus como interlocutora, e descrevem-se os últimos momentos de Jacinta Marto e de Francisco Marto. Todo o artigo ocupa oito colunas e é ilustrado com quatro gravuras, grandes e nítidas, representando Nossa Senhora de Fátima e aspectos interessantes das últimas peregrinações. No número de 20, a história das restantes aparições enche completamente duas páginas e é acompanhada de novas gravuras, entre elas a dos videntes no seu traje de pastorinhos e a de Lúcia de Jesus com o seu hábito de religiosa de Santa Doroteia. O número de 27, que se estende por mais de duas páginas, versa sôbre as grandes manifestações de Fé e piedade, é igualmente ilustrado com magníficas gravuras, reproduzindo scenas das peregrinações, e insere o hino nacional «Salvé, nobre Padroeira», em português, letra e música.

Fátima na Jugoslávia

O célebre calendário jugoslavo de Zagreb «Kalendar Srca Isusova i Marijina», no número correspondente ao corrente ano de 1930, consagra cinco páginas, de 120 a 124, aos acontecimentos maravilhosos de Fátima. O longo e bem elaborado artigo, subordinado à epígrafe «Kova da Iria», descreve a longos traços as scenas inolvidáveis das aparições, recorda o concurso extraordinário de peregrinos a que elas deram origem e termina referindo ràpidamente o destino dos três videntes. Acompanham o artigo algumas gravuras: a peregrinação de Setúbal em Fátima a caminho da capela das aparições, uma vista parcial da Cova da Iria, a multidão aclamando delirantemente a Virgem na procissão final do treze de maio último e os três pastorinhos.

Fátima na Alemanha

O diário católico de Lisboa «*Novidades*», no seu número de 8 de março findo, insere a seguinte local, que com a devida vénia se transcreve por ser deveras interessante e para nós, portuguesos, sobremodo consoladora.

«Fátima, a Lourdes portuguesa, é um artigo de Betty Arenz publicado na Katholishe Kirchenblatt-Korrespondenz (23 de Novembro de 1929) e reproduzido em outros jornais alemães.

Termina assim:

«Quem esteve uma vez, em trêze de outubro, em Fátima, pode contar as horas que aí passou como as mais belas da sua vida. Só em treze de Maio último estiveram lá trezentos mil peregrinos. Cada vez êste lugar se está tornando mais belo...

Certamente tempo virá em breve em que a «Lourdes portuguesa» será semelhante em tudo ao «Lugar da Graça» dos franceses: *o número dos peregrinos é hoje em Fátima já superior ao de Lourdes.*

Fátima nos Paises de lingua árabe

O «Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus» em árabe, no seu número de Fevereiro do corrente ano, publica, de pág. 56 a pág. 59, um excelente artigo sôbre a Lourdes portuguesa.

Fátima era, como se sabe, o nome da filha querida de Mahomet, que os mussulmanos consideram como um grande profeta da sua religião.

E' natural, portanto, o interêsse que muitos árabes, católicos e islamitas, manifestam há já alguns anos por tudo o que se relaciona com Fátima. Foi decerto para satisfazer a sua justa curiosidade que o «Mensageiro» árabe resolveu dedicar algumas das suas páginas do número de Fevereiro à divina história das aparições.

Graças à extrema gentileza dum dos nossos mais sábios arabistas, o rev.do Dr. António Alves da Cruz, a «Voz da Fátima», tem o prazer de proporcionar aos seus leitores a tradução do interessante artigo, que é como segue:

«A milagrosa Senhora de Fátima»

Na manhã de 13 de Maio de 1917 estavam um menino e duas meninas guardando um rebanho nas proximidades da aldeia de Fátima situada em Portugal à distância de 105 quilómetros ao norte de Lisboa.

A maior dos pequenos chamava-se Lúcia de Jesus dos Santos que contava 10 anos de idade. Os outros dois eram Francisco Marto e sua irmã Jacinta Marto.

Nenhum dêles sabia ler e escrever e sòmente Lúcia tinha feito a primeira comunhão.

Antes do meio dia dêsse dia (13 de Maio), depois de terem passado o seu tempo com alguns jogos inocentes, rezaram o terço em comum; e não tinham ainda acabado a recitação dêle (terço) quando viram uma luz súbita celestial que apareceu perto dêles, e foi vista no mesmo instante sôbre o cimo duma azinheira a Virgem Gloriosa no aspecto duma donzela aparentando uns 18 anos de idade aproximadamente, tôda bela e formosa; não havia coisa semelhante sôbre a terra. Seu vestido e seu manto eram uma pureza de brancura; as bordas do seu manto eram doiradas, e êle cobria-lhe a cabeça. Em sua face desenhavam-se uns traços de tristeza, e de suas mãos juntas à altura de seu peito pendia um rosário, cujos grãos eram brancos como pérolas, e uma cruz de oiro; e do seu rosto se emitia uma claridade mais brilhante que a luz do sol.

Quando apareceu a visão, as três crianças tiveram medo e pensaram em fugir, mas ela (a visão) tranquilizou-os e prometeu-lhes com uma voz doce que ela não lhe faria o menor dos males. Então a Virgem venerável conversou (falou para) com Lúcia durante uns 10 minutos pouco mais ou menos, e convidou as crianças a voltar àquele lugar no dia 13 dos 5 meses seguintes.

A Santíssima Virgem em tôdas as suas aparições conversava com a Lúcia sòmente.

Quanto à Jacinta, ela ouvia as palavras que dirigia à Lúcia, o Francisco porém via a Santíssima Virgem e não ouvia nada das suas falas!

Foram-se dalí as crianças e começaram a espalhar a notícia daquela visão admirável e a gente julgou-os mentirosos, não exceptuando membros da família dêles. Segundo o desejo da Virgem, acorreram ao local da visão nos tempos fixados, e o número das pessoas presentes à aparição da Mãe de Deus ia crescendo duma vez para outra até que em 13 de Setembro de 1917 chegou a 30 mil, pouco mais ou menos. No começo da aparição viam-se no ar e no céu sinais milagrosos e numerosos, que atestaram muitas pessoas dignas de fé. Enquanto durava a aparição aos pequenos, recomendou a Virgem que todos fizessem penitência por seus pecados e que rezassem o rosário. Então descobriu às crianças um segrêdo, não lhes permitindo que o revelassem a ninguém. Finalmente prometeu-lhes o Céu e pediu que fôsse edificada uma Igreja naquele lugar, em honra dela, e declarou que ela faria, na sua aparição de 13 de Outubro, um milagre com o qual confirmaria a realidade da sua aparição em Fátima, para tôda a gente.

Na data sobredita o número dos presentes à aparição da Senhora era cêrca de 70 mil, de todas as classes, vindos de todos os recantos de Portugal. Quando começou a fala da Virgem com Lúcia, e já lhe tinha declarado que ela era a Senhora do Rosário, recomendou a donzela aos milhares de presentes que olhassem para o sol. Estava todo o céu coberto de nuvens, e a chuva caía incessantemente, quando eis que as nuvens se dissiparam repentinamente e apareceu o sol no meio do céu, com o mais forte de seu brilho e rolava sôbre si mesmo, com uma pressa terrível, como se fôsse uma roda de fogo de artifício, tomando incessantemente tôdas as côres do arco-iris, espalhando feixes de raios de uma beleza sedutora. Renovou-se êste milagre três vezes à vista daquelas multidões, e durou cêrca de 10 minutos. E estas 70 mil pessoas caíram de joelhos por terra recitando o «Pater», a «Ave», o «Credo» e o acto de contrição, humedecendo-se seus olhos com lágrimas de alegria.

Depois dêste milagre admirável e das aparições da Virgem, espalhou-se o culto da Senhora de Fátima com uma rapidez extraordinária em Portugal. O nome dela estava em todos os lábios e em todos os corações e as suas imagens e estátuas em milhares de casas. Multiplicou-se o número dos peregrinos vindos à Fátima de todos os lados da Região (de Portugal) e de fora também, especialmente no dia 13 de cada mês e nos domingos e festas de Maria Santíssima, e duma maneira particular no dia 13 de Maio e 13 de Outubro, chegando o número dêles a 400 mil em 1924 e o mesmo se diga em 1925. (1)

Quanto às graças e milagres atribuídos à intercessão de N.ª Sr.ª de Fátima contam-se aos milhares. Muitos dêstes milagres feitos (obtidos) por meio duma fonte de água milagrosa que o poder de Maria fez saír do solo sêco e sem água. E agora corre esta água por numerosas torneiras e é enviada a todos os distritos de Portugal, e até pelo mundo, e cura muita gente, como a água de Lourdes.

Os romeiros de Nossa Senhora de Fátima vão ali levando centenas de doentes esperando a cura de seus males das misericórdias da Compassiva Mãe de Deus. Criou-se ali um «bureau» de constatação médica para os casos de curas admiráveis, afim de que não as possam negar os incrédulos.

Procurou o govêrno inimigo do Catolicismo proibir estas manifestações de vitalidade (católica), mas ficou estéril o seu esfôrço, antes pelo contrário aumentou a devoção dos crentes para com Nossa Senhora de Fátima e a confiança dêles nela, e já juntaram milhões de francos para edificarem à Virgem, na Fátima, a mais bela das Igrejas.

Nota. Descuidei um pouco o português da tradução cingindo-me o mais possível ao original para lhe conservar o gôsto árabe.

O Tradutor: *António Alves da Cruz.*
Braga, 23-11-930.

Fátima na Índia portuguesa

Em Diu, que é uma das poucas relíquias que ainda possuímos do nosso vasto império colonial na India, acaba de ser inaugurado o culto de Nossa Senhora de Fátima.

Muito contribuiram para êsse *desideratum* a piedade e o zêlo da Senhora D. Maria Luísa da Costa Folque, virtuosa espôsa do ilustre Governador. Em carta para uma sua amiga de Lisboa, essa piedosa e patriótica dama, tão dedicada à Lourdes portuguesa, fala das comemorações religiosas que se fazem no dia trezo de cada mês naquela nossa colónia do Extremo Oriente. São dessa carta os seguintes períodos:

«Muito gostei da «Voz da Fátima». Que consolação ver a fé que há em Portugal e então quem anda cá por fora e pode fazer a comparação, que louvores tem que dar a Deus pela fé e pela confiança da nossa gente! Na «Voz da Fátima» fasem referência à festa que se realizou em Macau a Nossa Senhora de Fátima. Eu gostaria muito que soubessem que aqui, neste cantinho de Diu, se implantou essa devoção, tendo havido missa cantada por mim e algumas pequenas daqui a quem ensaiei e que todos os dias trezo temos por minha iniciativa (mas isto é escusado dizer) a nossa devoção às seis horas da tarde, hora a que em Fátima devem estar à missa dos doentes, constando a nossa devoção de exposição do Santíssimo Sacramento à bôca do Sacrário, terço, ladainha, uma visita ao Santíssimo, um motete a Nossa Senhora, tudo ensaiado por mim e cantado por nós senhoras, e versos também meus».

Fátima na China

O «Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau», no seu número correspondente ao mês de Novembro findo, na secção «Noticiário», faz o relato duma festa a Nossa Senhora de Fátima, do qual se reproduzem os seguintes períodos:

«A 13 de Outubro, a nobre Cidade de Macau tornou a homenagear mui solenemente Nossa Senhora de Fátima.

A festividade dêsse dia constou de Missa de oferecimento, celebrada, às 18 horas, pelo Dg.mo Director da Catequese de S. Lázaro, Rev.mo P.e Domingos Yim.

As comunhões distribuídas a esta Missa foram numerosas, não contando as muitas que o Sr. Cónego Matias Liu distribuíu do sacrário.

A's 9,30 o Dg.mo Director da Catequese de S. Domingos, o Rev.mo Sr. Cónego Pintado, cantou Missa, acolitado pelos Rev.dos P.es Domingos Yim e Porfírio de Campos.

A parte musical foi hàbilmente executada pela capela de Nossa Senhora de Fátima, que executou a «Missa Tertia», a duas vozes, de Haller.

De tarde, pelas 17 horas, o Rev.mo Cónego M. Pintado expôs o Santíssimo Sacramento no baldaquino.

---

(1) Êstes números são a soma dos peregrinos de tôdas as peregrinações do ano. *Nota do tradutor.*

Iniciou-se então a recitação do terço do Rosário, cujas dezenas eram entremeadas pelo conhecido canto popular «Nome de Maria», que, no côro, cantava a capela de Nossa Senhora de Fátima. O terço foi seguido de Ladaínha de Nossa Senhora, cantada.

Acabada a recitação do terço, subiu ao púlpito o ilustrado sacerdote P.e António Roliz, que tomou para texto do seu sermão aquelas palavras de Isaías «Nomen tuum et memoriale tuum in desiderio animae» («O teu nome e a tua memória serão as saudades da minha alma»).

Depois do sermão, o Oficiante rezou uma oração a Nossa Senhora de Fátima, após a qual houve um cântico.

Terminou tudo com a bênção do Santíssimo Sacramento.

A concorrência foi numerosíssima».

No número de Dezembro, o mesmo Boletim noticia a fundação duma Congregação de Nossa Senhora de Fátima entre meninas, promovida pelo Rev.do P.e Roliz, apóstolo de Fátima na diocese de Macau.

E conclui assim: «A Virgem lance um olhar benigno sôbre aquelas crianças que são as primeiras cá no Extremo Oriente a tornar conhecida Nossa Senhora de Fátima, tão querida para nós os Portugueses.»

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Uma nascença.

Felicidade Rosa de Sá Borges, em carta de 21 de março último, escreve:

É na qualidade de Director da *Vóz de Fátima*, que cá dêste cantinho da Província Transmontana, frèguesia de Samões, concelho de Vila Flôr, que eu venho pedir a V. Rev.mas a subida finêza de publicar as graças concedidas por Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a esta humilde família a que eu pertenço.

Minha mãe já com perto de setenta anos, há mais de quinze que vem sofrendo de uma doença tão impertinente que nem os médicos que a teem tratado, se entendem com o seu mal. Em princípio de 1924, apareceu-lhe uma nascença no peito, foi preciso mandar-lhe fazêr operação, sendo operada pelo distinto médico de Vila Flôr, Ex.mo Snr. Doutor João de Noronha, com a assistencia do Ex.mo Snr. Doutor Lopes Monteiro, e honra seja dada aos distintos médicos, por que a operação ficou bem feita, e minha mãe, ficou livre dum mal, que podia em pouco tempo leva-la à sepultura. Apesar-disso, continuou sempre doente, apossou-se dela uma tal fraqueza, mesmo porque o médico assistente obrigou-a a ficar só tratada a leite, e assim esteve mais de um ano, porque o médico dizia a meu pai, que ela tinha no estomago qualquer coisa muito grave e todos nós da família esperavamos um desfecho fatal dia por dia! Em Janeiro de 1929, ela e meu pai estiveram cada um com sua pneumonia e tão grave foi a sua situação, que os julgamos no fim da vida. Nesta triste situação lembraram-se da Virgem Santíssima de Fátima e prometeram fazêr a visita a Nossa Senhora, tendo minha mãe já antes disso feito essa promessa. Meu pai tinha grande receio de lá conduzir minha mãe por que o seu estado de fraquêsa era tal, que lhe foi preciso estudar a melhor maneira de o podêr fazêr.

No dia 10 de Maio do ano próximo findo partiu com ela até ao Porto, aí descansou dois dias, e no dia 12 de manhã partiram no comboio até Coimbra, descansaram aí algumas horas, e tendo automovel alugado com antecedencia, seguiram para Fátima. Meu pai diz que no trajecto de Coimbra a Fátima, se viu muito apoquentado, lembrando-se que minha mãe a cada momento exalava o último suspiro. Chegados a Fátima, minha mãe em quási tôda a noite, não pode sair do automovel, apesar-do meu pai insistir com ela, para irem fazêr a visita a Nossa Senhora. Só de madrugáda conseguiu resolve-la a sair do automovel, e então apoiada por meu pai, e por meu irmão, que os acompanhou do Pôrto, conseguiu conduzi-la junto do portão principal. Aí junto da grade fizeram uma prece à Virgem. Passado pouco tempo pediu para ir junto da capela da Senhora afim-de a seus pés fazêr oração e cumprir a promessa. Meu pai ficou deveras surpreendido, quando viu minha mãe a romper pela massa compacta de gente, pois que ela pouco tempo antes não podia dar um passo, sem ser amparada, e então abria caminho a meu pai e meu irmão!... Chegados a muito custo junto da Virgem Santíssima, ela pediu a meu pai que a passasse para dentro do muro da capelinha para ajoelhar aos pés da Virgem e assim foi, fizeram oração, cumpriram a sua promessa e retiraram-se. Já no regresso até Coimbra passou muito melhor. Chegaram ao Porto, e aí já se encontrava muito bem e desde então até ao presente tem passado muito bem, come regularmente e tem mujto bom aspecto. Todos nós temos muita devoção à Virgem Santíssima do Rosário de Fátima e para sua honra e glória, tanto meu pai como minha mãe, pediram-me para eu mandar publicar no jornal a *Vós de Fátima* esta grande graça e outras mais que nos tem concedido a Mãe dos Aflitos.»

Várias.

Herminia A. Cavaco, de Alte (Algarve) diz o seguinte (em 1 de fevereiro dêste ano):

Sofri dois meses de uma doença nos olhos que por mais remédios de que fizesse uso não havia meio de me curar. Por fim recorri à Santíssima Virgem do Rosário de Fátima e a cura foi quási instantânea. Igualmente um netinho meu estando com uma enterite às portas da morte, sua mãe também aflita recorreu à Virgem Santíssma e obteve a cura milagrosa também rápida da criancinha Sua mãe também padeceu dois anos de uns tumores nos seios, que não havia meio de curarem. Também invocou a proteção da Santíssima Virgem de Fátima e hoje está radicalmente curada. Por estas curas obtidas venho agradecer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima tão grandes benefícios e torna-los públicos para sua honra e glória.

Uma graça espiritual

Zulmira d'Almeida Marques, do Porto (rua da Picaria), em carta de 2 de novembro último, diz:

«Mil graças sejam dadas a Nossa Senhora de Fátima, pela grande graça que me concedeu no dia 12 de Outubro passado, à tarde.

Desejando eu entrar numa Congregação religiosa e não o podendo fazer devido a minha mãe não o consentir por causa do muito amor que me tem, recorrendo eu a Nossa Senhora de Fátima, qual não foi o meu espanto quando no dia 12 de Outubro pedindo-lhe de novo o consentimento, ela mo deu com a maior facilidade.

É pois com um profundo reconhecimento de gratidão para com Nossa Senhora de Fátima que tão grande graça me concedeu, e ao mesmo tempo em cumprimento duma promessa, isto é, de ser publicada na *Voz da Fátima* que eu escrevo estas singelas frases.»

Duas graças

Claudina Marques dos Santos Feliz, de Lisboa (rua de S. Cristovam, 8-3.º) envia-nos o seguinte relato, em carta de 21 d'abril do ano passado:

«Dei uma queda de um muro arrastando um pinheiro que pesadamente veio cair-me em cima de um joelho.

Recolhi ao leito onde as dôres me retiveram duas semanas sem que as mesmas minorassem a mais pequena coisa parecendo-me que ao mais pequeno movimento um osso me entrava pelas carnes dentro. Uma noite diz-me minha irmã: toma esta estampasinha de N. Senhora de Fátima e coloca-a sôbre o joelho porque principiei-Lhe uma novena. Assim fiz; mas as dôres ainda aumentaram mais.

Pela meia noite quiz pôr-me em pé para me darem um arranjo á cama qual não foi o meu espanto quando começo a mover a perna sem a menor dôr e fui logo ter com os meus pais que já estavam no seu quarto e ficaram todos admirados de me verem assim sã, quando há pouco eles me tinham deixado ainda cheia de dôres!

Ao outro dia levantei-me e nunca mais tive dôres»

Outra graça é o seguinte:

Estava para ser mãe pela primeira vez mas era tão grande o sofrimento que tive de me sujeitar à intervenção cirúrgica mesmo com o qual seria difícil o bom termo, tanto para mim como para o meu filhinho. Sobreveio-me uma infecção e varias complicações.

O médico não tinha, segundo ele dizia, esperanças nenhumas. Mas graças a N. S. do Rosário de Fátima a quem recorri com tôda a confiança o meu querido filhinho foi extraido são e eu no fim de trese dias saia do Hospital livre de perigo contra tôda a expectativa do meu médico assistente.

Prometi oferecer uma imagem de N. S. do Fátima para a minha terra (Parada do Côa) e fazer-lhe uma festa em acção de graças, promessa esta que já cumpri bem como a de Ela ser Madrinha do baptismo do meu querido filhinho.

Muitas outras graças N. S. me tem concedido tanto de ordem moral como física, apesar da minha grande indignidade.»

Um quisto

Bernardina Lisboa, de Oliveira de S. Miguel — Sinfães; sofrendo dum quisto num braço, recorreu a Nossa Senhora de Fátima, prometendo publicar a graça caso a obtivesse, e, fazendo uma novena, durante a qual aplicava agua de Nossa Senhora de Fátima, logo nos primeiros dias da novena, obteve sensiveis melhoras e por fim a cura completa.

Vem reconhecida agradecer.

Duas curas

Maria Madalena da Fonseca Pinheiro Guimarães, de Santo Tirso, em carta de 10 de setembro de 1929 informa o seguinte:

«Como penhor de gratidão, e em cumprimento do que prometi, venho publicamente manifestar o meu agradecimento para com a minha Mãe do Céu.

— Sofri durante três meses de dôres horríveis no estomago e intestinos, que me não deixavam socegar de noite, e me não deixavam alimentar senão de rigorosa diéta; consultei algumas vêses um médico da minha terra, o qual receitou vários medicamentos, mas sempre sem melhoras e com pouco alívio. Minha família vendo que eu não melhorava aconselhou-lhe a ir consultar um especialista ao Porto; concordei e mandei marcar consulta no Dr. Pinto Leite. Era grande a minha repugnância em ir consultar outro médico, principalmente por me dizerem que era preciso radiografar-me, mas não havia remédio e estava conformada, quando, no domingo que precedia a semana em que devia ir à consulta, peguei casualmente no jornalzinho de Fátima, e como é meu costume sempre, li tôdas as graças e benefícios alcançados por intercessão da nossa bôa Mãe do Céu e pensei: — porque não recorrer também a esta Mãe Santíssima? Imediatamente prometi fazer uma noveninha bebendo todos os dias água de Nossa Senhora de Fátima, e pedi-lhe que me deixasse melhorar e permitisse que não fôsse preciso ir ao médico.

Confiando que a S.S. Virgem me atenderia não fui consulta-lo pois que durante os dias da noveninha me sentia melhor e graças à intercessão da minha Mãe do Céu essas melhoras acentuaram-se encontrando-me actualmente muito melhor pois já tenho muito poucas vêses as dôres no estomago, com o regularmente de tudo que come minha família, e espero que a S.S. Virgem me alcançará do seu Divino Filho o meu completo restabelecimento.

— Igualmente quero agradecer à Santa Mãe de Deus a saude que concedeu a uma minha irmã, que tendo tido uma pleuresia de origem tuberculose, e quando parecia estar quási curada lhe sobreveio uma febre intestinal com terrivel agravamento da pleuresia, pondo-a como é de supôr às portas da morte, passando noites horríveis sem dormir. Conciliou o sono na noite de 12 para 13 de março, baixando a temperatura nessa manhã, e apresentando-se a doente bastante bem disposta. Nosso Senhor que queria provar a nossa fé e paciência deu-nos ainda dias terríveis de incerteza pois que, segundo disia o medico assistente a doente não poderia resistir a tão grave doença. Mas havia alguem cuja fé era imquebrantavel e não desanimava. Por isso apesar das terríveis crises porque passou a doente, sendo tão grave o seu estado que chegou a ser sacramentada, começou lentamente a melhorar com grande admiração do médico assistente e de todos quantos viram o seu estado gravissimo.

Esta minha irmã encontra-se hoje muito nutrida, sem temperatura alguma e um dos pulmões que durante a doença inspirou seriíssimos cuidados, chegando a serem tomadas as mais rigorosas precauções, encostra-se, segundo diz o médico assistente, perfeitamente bem não se lhe encontrando nem uma pequena rala.

Tudo isto digo para honra e glória da minha Mãe Santíssima sem querer desprestigiar o carinhoso auxílio tanto do médico assistente como de mais dois abalisadíssimos clínicos do Porto que fôram incansaveis em prestar os seus valiosíssimos serviços. Por tudo que fica dito honra e glória à Santa Mãe de Deus, Nossa Senhora de Fátima, e que esta Mãe Santíssima continue a derramar as suas abundantíssimas graças não só sôbre mim, e minha família mas sôbre Portugal inteiro.»

Uma ferida

Maria Luisa Mendes, moradora em Vila Nova de Gaia, Rua do Choupelo, 6, sofria de uma ferida na boca e logo que pediu à Virgem Nossa Senhora do Rosário de Fátima acordou curada no dia seguinte ao pedido.

Como esta grande graça não pode ficar em silêncio pede se digne publica-la no jornalzinho de nossa Senhora do Rosário de Fátima para sua honra e glória de Deus.

Lesão pulmonar

Armando Alvares de Barros, de 16 anos, da Povoa de Varzim, adoecendo êste gravemente com uma lesão pulmonar e declarando o médico que se tornava necessário provocar a secagem do pulmão, sua irmã recorreu com todo o amor e confiança a N. S.ª do Rosário de Fátima, prometendo a publicação dêste favor e grande graça se Ela alcançasse de Seu Divino Filho a cura do doente, dispensando-se mesmo a intervenção médica em uso para a secagem do pulmão. Oito dias de sofrimento e oração se haviam passado quando o médico, examinando de novo o doente, declarou que a doença ia desaparecendo notavelmente e já se não tornava necessária a melindrosa operação, que dias antes julgava indispensavel. A febre desaparecera também.»

Cegueira.

Maria Gaspar, da frèguesia de Chão de Couce, (Figueiró dos Vinhos), casada, parecendo ter cêrca de setenta anos (não nos soube dizer a idade) havia dois anos que estava cega, mal distinguindo um pequeno clarão (diz ela).

Parecendo-lhe não ter mais nada de que livremente ou sem reparo, pudesse dispôr, lembrou-se de prometer as suas *arcadas* de ouro a N. Senhora do Rosário da Fátima, se curasse.

Quási repentinamente começou a ver perfeitamente e lá estava no dia 13 de março em Fátima a agradecer a Nossa Senhora.

Doença de 17 anos.

António Pereira, do Sobral, frèguesia de Santa Catarina da Serra (Leiria), vem, como prometeu, publicar a sua cura de uma doença de estomago e intestinos de que sofria havia dezesete anos, rebelde a todos os medicamentos, havendo meses inteiros que nem o próprio chá se lhe conservava no estomago ou não vomitasse. Até se lembrou que mudando de clima, melhorasse, mas à volta do estranjeiro teve uma cólica durante doze horas. Foi então que, pondo de parte os medicamentos que ainda conserva lacrados como vieram da farmacia, se voltou para Nossa Senhora pedindo a cura e prometendo publicar a graça, o que hoje faz, cheio de gratidão para com a Mãe do Céu.

BOM HUMOR E SANTIDADE

Há tantas passagens cheias de espírito na vida de Santa Teresa de Jesus que a sua simples menção é capaz de interessar os leitores, mesmo que o articulista seja assaz pouco espirituoso.

Santa Teresa não tinha um fundo alegre, nem por herança nem por falta de saúde poderia ser dum humor jocoso. Mas a virtude anpre em certa medida os defeitos da natureza.

Ela fazia espírtio com todos, até com Nosso Senhor, quando se oferecia a ocasião. Passando de Burgos para Alba, onde morreu, diz-se que se feriu num joelho ao passar uma ribeira e que nesse momento Jesus Cristo lhe apareceu e lhe disse: «Filha, é assim que trato os meus amigos.» — «Ah! Senhor, — exclamou ela,— é por isso que Vós tendes tão poucos!»

E' sua outra passagem: *Quando era nova, diziam que eu era bonita, e acreditei;* (acreditou porque era verdade). *Mais tarde disseram-me que era inteligente, e acreditei ainda;* (acreditou porque também era verdade). *Agora dizem-me que sou uma santa, mas nisso é que eu não acredito.* — Contudo era verdade, mas, se ela acreditasse, deixaria de o ser.

Era bonita Santa Teresa de Jesus. Quando frei João da Miséria lhe fez o retrato, que parece ter ficado uma verdadeira miséria, a Santa não se conteve e disse-lhe: «Deus vos perdôe, frei João, por me terdes feito tão feia. — O artista estragara a obra de Deus, por isso a Santa queria que Deus lhe perdoasse. Não era vaidade mas coqueteria.

Na reforma da Ordem do Carmo tornou as monjas descalças, em contraposição à regra mitigada em que ficaram calçadas. Ainda hoje se conservam os dois ramos da ordem, calçadas e descalças. Estas são as mais pobres, mas também as mais alegres. E' assim em Espanha e assim em todo o mundo. Não é só nos Conventos do Carmo que os descalços são mais felizes; cá fora, no mundo, a observação mostra que os mais contentes são, muitas vezes, os que não teem sapatos.

Aconteceu que um dia, quando a Santa ia a subir para o carro que a havia de transportar a uma terra para fundar um convento, houve um impetinente que se pôs a olhar o pé elegante da carmelita descalça. — «Mira, caballero, que es la ultima vez». Daí por diante uma meia de lã branca de palmilha grossa cobre modestamente o pé das descalças.

Espírito lesto, pronto, picante e largo. A caminho da Andaluzia parou em Manzaganares, nas abas da Serra Morena, a descansar, em casa dum lavrador. O dono da casa ofereceu-lhe o regalo duma perdiz para o jantar. A Santa saboreava com certo prazer o rico manjar, no que advertiu a criada da casa, um tanto escandalizada. *Olhe, menina, cada coisa tem o seu lugar; quando penitência, penitência, mas quando perdiz, perdiz.*

A réplica tem graça e profundeza ao mesmo tempo. As alegrias materiais não podem de todo excluir-se no caminho da perfeição; a natureza exige-as de tempos a tempos, porque sem elas o animal humano sucumbe debaixo da carga.

Era uma mulher de espírito ela que domou a resistência das freiras da Encarnação, que a não queriam para superiora. Obrigada a aceitar o cargo, recorreu ao seguinte expediente: pôs na cadeira do côro uma imagem da Virgem com as chaves do convento na mão e assentou-se junto da cadeira. A Raínha do Céu ocupava ali o lugar da Prioresa; as monjas recalcitrantes, que se preparavam talvez para a desconsiderar, foram obrigadas a inclinar-se e ela recolheu assim indirectamente as homenagens de toda a comunidade.

A Santa gostava das discussões teológicas. Um tema foi dado para controvérsia escrita. Um letrado, chamado Solcedo, divagou sôbre o assunto, citou copiosamente passagens da Bíblia, citou o Espírito Santo, por fim modestamente concluiu pedindo desculpa porque tinha dito muita tolice. «Cautela, senhor Solcedo, — exclamou a Santa — vou denunciá-lo por injuriar os Livros Santos, porque o senhor, depois de os transcrever, vem dizer-nos que escreveu tolices».

Ah! os letrados, como êles a atormentaram! Nos «Castelos da alma» como ela os trata, «os meus letrados espantadiços» que tanto a fizeram sofrer!

Estes poucos exemplos mostram a finura e a graça leve e profunda do seu espírito.

E quem quiser iniciar-se na leitura da vida dos Santos deve começar por Santa Teresa. Nela ha de tudo; ha grandezas, audácias, energias sobre-humanas, há pitoresco, há delicadezas femininas, há a graça, tudo isto acompanhado das sublimidades do misticismo mais guindado e do senso prático mais positivo. Mulher extraórdinária que merecia um trono; santa admirável que merece um culto; escritora que tem as honras dum clássico. Tôdas as idades, tôdas as condições sociais, todos os tempos encontram em Santa Teresa de Jesus matéria para aprender, para se deleitar, para subir até Deus.

Pedindo um noivo

Não: Pedido como aquele, tão sincero, tão veemente, tão perfeito, ninguém tinha feito a S. José.

Dias antes, ao saír da casa onde trabalhavam, Cecília e Carmen, as melhores costureiras daquela terra de braço dado, muito ligeiras, lembraram-se de filosofar um pouco.

E filosofaram, a-pesar dos seus risonhos e loucos vinte anos. A razão? Um pobre papelzinho que Cecília levava na mão, uma dessas folhas soltas com que às vezes se depara sem se saber como nem donde, e que vêem até nós e nos falam uns momentos de Deus.

— Sim, minha querida, é a própria Santa Teresa quem o afirma dizendo: «Há já alguns anos, me parece que nada pedi a S. José que êle me não concedesse».

— Claro! Ela era uma santa (exclamou, interrompendo a leitura!)

Se S. José a não atendesse, então a quem havia de atender?

— O que é verdade é que S. José é um santo muito grande! Não tens devoção por êle?! (preguntou Carmen).

— Tenho muita! Até todos os dias lhe rezo um Padre Nosso para que me conceda uma boa morte.

— Oh! filha! que coïncidência! E' exactamente o que eu faço!

— Pois se soubesses o mêdo que tenho de morrer... (continuou Cecília) embora algumas vezes tenha desejado a morte a sério!... Agora, porém, se soubesses o medo que tenho mesmo só de pensar nisso!...

— Tem graça. Precisamente o mesmo que se dá comigo! Mas eu nem sei porque se há de ter mêdo daquilo que afinal tem de ser...

E Cecília, guiada pela sua amiga, alheia ao barulho, passo apressado, meio sufocada pelo calor daquele meio dia de verão, ia lendo:

— «Se eu fôsse pessoa com autoridade para escrever, havia de contar minuciosamente as graças que me tem concedido o glorioso S. José, a mim e a outras muitas pessoas. Só peço, pelo amor de Deus, que quem não acreditar faça a experiência recorrendo ao glorioso Patriarca, tendo-lhe uma devoção sólida e ardente».

— Só isso, Cecília?

— Só.

— Pronto! Está resolvido. Vamos pôr o Santo à prova. Vamos ver se isso é verdade, Cecília?

* * *

— Que há-de ser?

E Carmen, sem deixar de rir, disse o que queria.

— Ai! que tolinha!... gritou Cecília. Essas coisas pedem-se a Santo António.

— E que tem lá? Assim é que se vê onde chega o poder de S. José.

— Mas a S. José só se costuma pedir uma boa morte!

— Não, não. Santa Teresa diz que se lhe pede tudo quanto se queira. E (muito formalizada): olha cá, Cecília, já tiveste algum pretendente?

— Eu cá, não, respondeu Cecília muito séria. E tu Carmen?

Também não.

Calaram-se as duas e ficaram para ali a pensar na mesma coisa, uma a respeito da outra:

«Parece mentira! Tão nova, tão simpática, tão séria, tão bem comportada, com esses vinte anos rescendendo a flores, com mãos tão trabalhadoras, com ordenado... Se não soubesse que entre nós não há segredos, quási não acreditava!»

— Acabou-se!... A primeira que consiga algum vai logo dizê-lo à outra.

— Bem! Vai lá pedir com toda a devoção, disse Carmen.

— Ah! isso vou!

E desde então nem um dia se passou sem que as duas petições fossem fervorosamente dirigidas a S. José.

* * *

Encontrando-se alguns meses depois, diz Cecília à queima roupa:

Sabes? Um dia dêstes ao voltar à noite para casa, procuraram-me dois.

— Dois? (E afrouxou um pouco o passo).

— Sim, filha, é o que te digo!

— Que feliz que tu és, se são quem eu suponho!...

— Ná! Um não conheces tu. E' caixeiro dum estabelecimento comercial, um rapaz muito sério e com bom ordenado... Está cá ainda há pouco tempo na terra. Sei que me quere muito.

— E foi a êsse que disseste que sim?

— Enganas-te. A êsse disse que não.

— Porquê? Que pena!... E quem é o outro?

— O outro conheces tu um pouco melhor.

— Mas quem é? Estou impaciente para o saber.

— O outro é... (ora adivinha lá!) é... Deus.

Carmen parece que não compreende.

Pareces tolinha. Não sabes quem é Deus?

— Sim, filha, mas...

—Nem mas nem meio mas: vou fazer-me freira! Quando Êle fala... é irresistível.

Carmen, como que fulminada, pára, apoia as mãos nos braços da sua amiga e olhando-a frente a frente, exclama:

— Mas isso é verdade?... Pode lá ser? Estás doida? Tu freira?

E nota então que o rosto de Cecília se ia transformando há uns tempos para cá, que a sua tez se vai fazendo um pouco pálida, que a sua fronte é mais pura, como que acariciada pelo mistério; que em seus olhos alegres e vivos, brilha uma doçura inexplicável, um reflexo de felicidade...

E para que Cecília a não veja chorar, aconchega-se ao seu braço e continuam a caminhar.

— Que pena! Que pena (vai murmurando intimamente).

E, como dias atrás, vai repetindo: «Parece mentira! Tão nova, tão simpática, com êsses vinte anos que teem o perfume das flores...»

— E isso é a valer?

— Claro que é.

— E estás contente?

— Contentíssima!

— Mas não te custa muito deixar a tua casa, os teus, a tua terra?

— Tantas coisas me custa deixar!... Pensas que esta resolução me não tem feito chorar muitas lágrimas? Pensas que são tudo consolações?

— Então porque vais?

— Ah! menina, as que se vão casar também choram e... casam-se. Tolinha! Também estás a chorar! Dize-me cá: S. José já te maudou algum noivo? Quere-me parecer que sim (continua ela, sorrindo) porque S. José atende sempre...

— Estou a ver que não, exclamou Carmen desalentada.

— Ninguém?

— Ninguém... nem Deus.

— Cala-te, cala-te, que estás muito enganada.

— Mas então porque quere Deus separar-te de mim?

— E se eu te disser que vais ocupar o meu lugar em minha casa?... Se eu te disser que o meu irmão me encarregou há dias de te consultar e falar em seu nome? Já vês que S. José fez o que lhe pedimos e fê-lo muito bem.

Se concordares, já tens o que pedias. Minha pobre mãe ganhará uma filha mil vezes melhor do que a que se vai...

E eu também terei uma bodas que serão eternas e santas...

— Cecília, minha irmã!... Irmãzinha querida, soluçou Carmen, abraçando-a.

— Sim, mas vem aí a festa do Patrocínio de S. José e não te esqueças de lhe agradecer com uma comunhão fervorosa para que o teu lar seja bem modelado pelo de Nazaré e que a minha doação a Deus seja bem amorosa, inteira, completa.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	198.727$95
Papel, composição e impressão do n.º 90 (59.000 exemplares)	3.321$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	923$30
	202.972$25

Donativos vários

Sendo impossível registar aqui todas as quantias enviadas pelos assinantes, limitamo-nos a publicar alguns donativos excepcionais.

Maria Alice das Dores Silva e Almeida, 55$00; Maria Clementina Ribeiro, 60$00; Elvira Martins Pereira de Carvalho, 50$00; Emílio Gomes da Silva, 50$00; Maria das Dôres, 190$00; Maria das Dores Costa, 50$00; Olga Nunes Pereira, 85$00; P.e Inácio Dias, de Lourenço Marques, 45$00; Leopoldina Curado, 25$00; Maria do Carmo Pires, 13$00; Judit Rabaça Gaspar, 50$00; António Martins dos Santos, 50$00; Maria Amélia Guimarães Azambuja (na igreja de Santo André), 60$00; por intermédio de Maria da Conceição Neves Pereira, 60$00; Elisa Amélia de Lourdes Mesquita, 40$00; Alberto Júlio Monat (igreja dos Anjos) 211$70; Alberto Barbosa Matos, 45$00; Filipa da Assunção Veiga, 50$00; Adelaide G. Camara Vaz Pinto, 50$00; Octávia Marini Garcia, 50$00; Maria Adelaide M. Sousa, 55$65; Angela do Amaral Canduzeiro, de Lubango (Africa) 100$00 (Angolares); Irmãs da Missão Católica de Cabinda, 200$00; Henriqueta Augusta Bazalôco (sete assinaturas e esmolas), 100$00; Gertrudes do Carmo Pinto, da igreja de S. Tiago de Cezimbra, 68$00; N. R., da igreja de S. Mamede, 10$00; Maria Matilde da Cunha Xavier, da igreja do Sagrado Coração de Jesus, 31$20.

Caso interessante

Os jornais europeus ocuparam-se ultimamente com a imagem milagrosa de S. Luís de Mitrowitz, aldeia de Yugo-Slávia. No ano passado a população católica daquele lugar celebrou, conforme antigo costume, no dia 21 de Junho, a festa de S. Luís Gonzaga. Desta vez os devotos colocaram na mão da imagem um lírio natural em lugar de um lírio de madeira ou de metal.

E eis que após meses a mulher do sacristão no momento em que ia limpar a imagem, descobriu o milagre. A haste do lírio não tem raízes, foi cortada e secou; não obstante isso a haste floresceu, e apareceram botões novos e frescos. A imagem do Santo é de madeira, muito antiga e não tem humidade alguma.

Apenas a notícia dêste facto foi divulgada, que de tôdas as partes veio correndo uma grande multidão de curiosos e de devotos. O clero sempre prudente, e até alguns homens de sciência, ocupam-se com o fenómeno que lhes parece extraordinário. Um professor da Universidade Ayrom levou para casa um dos botões, esperando poder dar uma explicação natural.

O vigário da igreja proïbiu tirar o lírio para não impedir o desenvolvimento dêste fenómeno. O povo católico de Yugo-Slávia, que tem de sustentar um combate terrível em prol do ensino religioso nas escolas, vê neste facto extraordinário um sinal do céu.

Uma boa lição

Foi no país onde os missionários ensinam os pretos a conhecer Nosso Senhor e a Virgem Maria. Um negrinho, de 12 anos, acabava de saír da cabana em que habitava. Era negro como o carvão, mas os seus olhos vivos e brilhantes, a sua fisionomia, indicavam uma criança inteligente. Tinha dado apenas alguns passos quando, vendo passar um branco, se dirigiu a êle; era um oficial inglês. Cumprimentaram-se e travaram conversa. O negrinho tinha pendente do pescoço um escapulário que lhe tinha dado o Padre a última vez que ali estivera; trazia-o à vista, todo altivo com êle.

— «Que é isso que aí trazes? preguntou-lhe o oficial. Para que servem êsses dois bocaditos de pano, um sôbre as costas e outro sôbre o peito? O Padre, dando-te isso, fez pouco de ti». Não é para admirar que um protestante diga tais coisas; mas o negrinho não levou o caso a rir. Os olhos, parecendo dardejar fogo, iluminaram-lhe o rosto. Olhou primeiro fixamente o oficial como para lhe censurar as suas injuriosas palavras.

— «E vós, disse o negrito, porque trazeis essa fita na farda? Para que serve isso? O branco que vo-la deu, riu-se de vós?»

— «Não, Esta fita é sinal de que eu sou servo da Raínha».

— «Pois bem! *isto*, disse o pretinho levantando o escapulário, *isto é* sinal de que eu sou servo da Raínha de todas as raínhas, de Maria, Mãe de Jesus».

O inglês continuou o caminho sem dizer mais nehuma palavra.

Recebera uma rude lição dum negrinho.

Ano VIII — Leiria, 13 de Maio de 1930 — N.º 92

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

PORTUGAL AOS PÉS DE MARIA

Fátima é uma coluna de luz e de fogo: de luz que ilumina as inteligências e de fogo que aquece e abrasa os corações.

Treze anos depois. — A luz divina. — A visão dos pastorinhos. — Do Céu à terra. — A glória da Virgem do Rosário. — Fátima e o mundo.

Treze de maio de mil novecentos e trinta! Faz hoje treze anos que no alto duma serra, em pleno coração de Portugal, se acendeu uma luz bemdita que, depois de ter envolvido a nossa querida Pátria nos seus divinos explendores, começa já a iluminar o mundo inteiro. O relâmpago percursor da celeste Visão que, sulcando o espaço à hora do meio-dia, assustou os humildes e inocentes pastorinhos, assinalava o início duma era nova, cheia de promessas sedutoras e de fagueiras esperanças. A augusta Mãe de Deus, impulsionada pelo seu Coração misericordioso, descia à terra, de que é nobre Padroeira, numa das crises mais graves da sua história, para mais uma vez a proteger e salvar. Na charneca árida e escalvada da Cova da Iria, ela levanta o seu trono de glória e firma nos peitos leais dos portugueses um reinado de bondade e de amor.

Do cimo da colina sagrada, aonde não chegam as ondas revoltas das paixões que dividem e desgraçam os homens, irradia sôbre as almas, sequiosas de verdade e de ventura, feixes de luz, que iluminam as inteligências e ondas de calor, que aquecem e abrazam os corações.

Fátima, a divina cidade da Virgem do Rosário, que a doira com os seus celestes esplendores, é hoje o polo magnético espiritual que tem o condão singular de prender com sua portentosa atracção as atenções e os afectos de todos os crentes em Portugal, na Europa e no mundo!

O retiro espiritual das servitas. — Procissão das velas, missa e adoração nocturnas. — As peregrinações de Lisboa e da Murtosa. — Os piedosos exercícios do dia treze de abril. — O retiro espiritual da J. C. L. — Estação central de despachos e bagagens.

Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, instituiu há cêrca de seis anos duas prestimosas colectividades que teem prestado valiosos serviços à Obra do Santuário de Fátima: a Associação dos Servos e a Associação das Servas de Nossa Senhora do Rosário.

Fotografia dos 3 pastorinhos
LÚCIA, FRANCISCO E JACINTA,
tirada a 13 de outubro de 1917
último dia das aparições

Ambas estas associações teem por missão a prática da caridade cristã para com os doentes que vão à Lourdes portuguesa pedir àquela que é chamada a Saúde dos enfermos, a Consolação dos aflitos e a Mãe de Misericórdia, a cura dos seus males ou o confôrto e a resignação de que precisam para levar com mérito para o Céu a cruz do seu doloroso martírio. O recrutamento dos seus membros é feito entre as pessoas de fé viva e piedade ardente, cuja caridade para com o próximo e espírito de sacrifício os levem a sujeitar-se aos trabalhos e incómodos inerentes ao exercício de tão bela como delicada e difícil missão. Mercê da rigorosa selecção a que se procede, estas duas beneméritas colectividades constituem um verdadeiro escol de almas eleitas, que se impõem à consideração pública pelo exemplo das suas acrisoladas virtudes cristãs e, dum modo particular, pela nobre coragem moral, com que porfiam na guerra a tôdas as infiltrações de espírito pagão e na renuncia às pompas e vaidades do mundo.

Tendo organizado recentemente a utilíssima obra dos exercícios espirituais no Santuário de Fátima, depois de construído o Albergue de Nossa Senhora do Rosário, onde ela tem a sua sede, o venerando Prelado de Leiria deu-se pressa em proporcionar aos membros daquelas duas instituições as graças que costumam ser o fruto de tão santa prática.

Assim, por ocasião do Carnaval, houve um turno de exercícios, dirigido pelo rev.do dr. Vaz Serra, em que tomaram parte cêrca de trinta servos de Nossa Senhora. Durante os dias nove, dez, onze e doze do corrente mês, funcionou um segundo turno de exercícios, sob a direcção do mesmo rev.do Sacerdote a que assistiram quarenta servas de Nossa Senhora. No dia dôze, à tarde, chegou a Fátima o Senhor D. José, que foi lá expressamente para presidir ao encerramento do retiro. À noite realizou-se a procissão das velas, a que deu particular realce a presença de duas peregrinações, a da frèguesia do Socorro (Lisboa) e a da frèguesia da Murtosa (Estarreja). À meia-noite fez-se a exposição do Santíssimo Sacramento e recitou-se em comum o têrço do Rosário meditado pelo Senhor Bispo de Leiria, que em seguida celebrou o santo sacrifício da Missa e deu a Sagrada Comunhão. No dia treze efectuaram-se os actos religiosos na forma costumada. Depois da missa dos doentes, ao meio-dia solar, o Senhor D. José deu a bênção com a Sagrada Custódia. Prègou o rev.do dr. Vaz Serra, que começou o seu sermão por soltar três vivas a Nossa Senhora de Fátima, entusiasticamente correspondidos pela multidão, sem dúvida a mais numerosa do corrente ano, e recomendou a devoção à Santíssima Virgem como um dos meios mais poderosos de santificação e salvação. Pôs termo aos actos religiosos colectivos dêste dia a consagração dos peregrinos a Nossa Senhora feita pelo rev.do dr. Marques dos Santos na capela das aparições após a segunda procissão.

Ajudou a fazer o serviço de ordem uma alcateia de lobitos do C. N. S. em número de dezassete, da vizinha frèguesia de Reguengo do Fetal.

O tempo conservou-se esplêndido, o que fêz acorrer a Fátima numerosos romeiros de quási todo o país. Nas imediações do recinto do Santuário viam-se muitos automóveis e *camionettes*.

À tarde principiou o retiro espiritual

da Juventude Católica de Lisboa sob a direcção do rev. P.e Sarreira. No dia onze do mês corrente foi inaugurada a estação central de despachos e bagagens de Fátima, que tem a sua sede entre o Hotel de Nossa Senhora do Rosário e o recinto do Santuário.

Fátima na Espanha. — Fátima na França. — Fátima na Itália. — Fátima na Jugoslávia. — Fátima na Tchecoslováquia. — Fátima na Alemanha. — Fátima no Brasil.

A revista espanhola «Avé Maria» de Manresa, no seu número de Maio último, insere um pequeno artigo subordinado à epígrafe «A Virgem de Fátima», em que dá uma breve notícia das graças espirituais e curas miraculosas que a Virgem Santíssima prodigaliza na Cova da Iria. Acompanha o artigo uma linda gravura representando Nossa Senhora e os pastorinhos.

Outra revista espanhola «Los santuários católicos», de Figueras (Gerona), nos números de Abril e Junho do ano passado, consagra várias páginas à história do Santuário de Fátima ilustrando-as com numerosas e lindas gravuras a côres.

«El Santíssimo Rosário», revista igualmente espanhola, de Vergara (Guipuzcoa), dirigida pelos Padres Dominicanos, em artigo de cinco páginas devido à pena do rev.do Benito Mateos, O. P., e publicado no número de Dezembro findo com o título «Nossa Senhora do Rosário de Fátima», descreve uma viagem que êsse piedoso e ilustrado filho de S. Domingos fez a Fátima em Setembro do mesmo ano e resume a divina história daquele augusto Santuário.

A revista «O amigo de Deus», das Vascongadas, no número de dezembro passado, dedica catorze colunas, ilustradas com gravuras e subscritas pelo rev.do Angelo Jauregi, à descrição pormenorizada dos acontecimentos de Fátima.

A «Revista do Rosário» de S. Maximin (França), dirigida pelo rev.do Frei Luís Mario Baron, da Ordem de S. Domingos, ocupa as páginas dos seus números de Fevereiro e Março do ano corrente com artigos, notas e gravuras relativas a Fátima. O número de Fevereiro contém uma explêndida gravura de página representando o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, e uma carta do mesmo venerando Prelado endereçada à «Revue du Rosaire». No número de Março, além duma bela reprodução da estátua de Nossa Senhora de Fátima benzida por Sua Santidade o Papa Pio XI e venerada na capela do Colégio Pontifício Português, em Roma, e dum artigo sôbre Nossa Senhora de Fátima na cidade eterna, insere numerosos trechos de cartas de Portugal, França Córsega, Argélia, Bélgica, Itália e Inglaterra, em que os respectivos signatários dão conta do bem produzido pela leitura do folheto «Notre-Dame du Rosaire de Fátima», dado à luz da publicidade pela direcção da «Revue du Rosaire».

Outra publicação francesa «Le Noël», revista hebdomadaria ilustrada para a Juventude Feminina, num artigo da autoria do rev.do Noëllet subordinado ao título «O Noël em Portugal» e ao sub-título «O primeiro Congresso Nacional (1 a 9 de Fevereiro e 1930)» e ilustrado com gravuras, traz um extenso relato da peregrinação noëlista a Fátima, levada a efeito por ocasião dêsse congresso.

A revista bi-mensal belga «A cidade cristã», de Bruxelas, no seu número de cinco de Fevereiro último, publica, sob o título de «Portugal — O renascimento católico» — um artigo transcrito do «Standvard», de dois de Julho de 1929, em que se narram com calor e entusiasmo os acontecimentos de Fátima, especialmente as perseguições, as curas maravilhosas e as grandes peregrinações.

A revista italiana «Stella matutina», no número de Janeiro do corrente ano, a pág. 27, sob a rúbrica «Roma — Congregação Mariana do Colégio Português», faz a largos traços a descrição da festa solene realizada no Colégio Português em Roma no dia oito de Dezembro último, comemorando as bodas de diamante da definição do dogma da Imaculada Conceição de Maria Santíssima. Nêsse artigo alude-se à inauguração da nova capela do Colégio, «a primeira que em Roma e talvez na Itália é dedicada à taumaturga Virgem de Fátima».

No número de Março, com o título «A aparição de Nossa Senhora do Rosário em Fátima, (Portugal), publica, de pág. 92 a pág 96, em tipo miudo e compacto, o primeiro artigo duma série sôbre Fátima, a Aparição e o Sinal do Céu. Acompanha êste artigo uma lindíssima estampa de Nossa Senhora de Fátima, segundo o modêlo existente na capela do Colégio Português em Roma.

O mensário italiano «Maria na família», que vê a luz da publicidade em Alba, dedica as três colunas das duas primeiras páginas do número de Março do ano corrente à história das aparições de Fátima. Esse longo e primoroso artigo tem o título, que corre ao alto e ao longo da primeira página, de «As maravilhas de Fátima» e é ilustrado com gravuras, entre as quais merece especial referência o mapa corográfico da região em que fica situada a cidade do mistério e do milagre.

O «Mensageiro do Coração de Jesus» da Yugoslávia insere dois artigos, breves mas interessantes, sôbre Fátima, um no número de Maio e o outro no número de Junho do ano próximo findo, subordinados à epígrafe «A Lourdes portuguesa». O primeiro, que vai de pág. 125 a pág. 127, trata das aparições e o segundo, que ocupa as páginas 157 e 158, decreve a expansão do culto, o movimento das peregrinações e algumas das principais curas miraculosas. Cada um dos artigos é ilustrado com duas nítidas gravuras, das quais a primeira representa Nossa Senhora de Fátima, conforme o modêlo existente na capela das aparições.

Outra revista jugoslava «Gospina Krunica»», no seu número de Janeiro do corrente ano, insere, de pág. 32 a pág. 35, um artigo com o título «Nossa Senhora do Rosário de Fátima», em que faz a história das aparições e transcreve do livro «As grandes maravilhas de Fátima» alguns dos interrogatórios feitos aos videntes pelo autor dêsse livro.

O importante jornal tchecoslovaco de Olmutz «Nasinec», no seu número de quinze de Janeiro findo, dá as honras de fundo a um longo e primoroso artigo intitulado «Fátima». Nesse artigo faz um relato sucinto das aparições, fala da visita de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, General Oscar Carmona à Lourdes portuguesa, refere-se a um interessante artigo do «Osservatore Romano», orgão oficioso da Santa Sé, àcêrca de Fátima e descreve finalmente a largos traços a história admirável das peregrinações ao nosso maior santuário nacional.

A revista alemã «Der Sendbote der Hl. Familie», de Betzdorf (Sieg), na sua secção «Através da Igreja e do mundo», inclui uma extensa local sôbre Fátima, em que fala da viagem do rev.do dr. Luís Fischer a Portugal e das suas impressões e se refere em termos que exprimem a mais viva admiração às manifestações de fé e piedade de que é teatro a Cova da Iria.

A revista brasileira «Maria», órgão das Congregações Marianas, no seu número de Novembro findo, publica na primeira página da capa uma estampa colorida de Nossa Senhora de Fátima e de pág. 256 a pág. 259 um primoroso artigo devido à pena do rev.do Joaquim Maria Moreira, S. J., recheado de factos e episódios interessantes relativos à Lourdes portuguesa, entre os quais avulta o das cartas de crianças endereçadas à Virgem do Rosário no seu santuário predilecto.

A pastoral do Senhor Bispo de Leiria. — O inquérito aos acontecimentos de Fátima. — A comissão canónica. — O relatório oficial. — Última sessão da comissão. — Conclusão do processo.

Em mil novecentos e vinte e três Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva publicou uma pastoral sôbre os acontecimntos de Fátima. Documento notabilíssimo a todos os respeitos, essa carta do venerando Bispo de Leiria ao clero da sua diocese representa um verdadeiro marco miliário na história da Lourdes Portuguesa. Nela o ínclito Prelado nomeia a comissão canónica incumbida de proceder a um rigoroso inquérito, completo e definitivo, sôbre o momentoso caso de Fátima e de elaborar o respectivo relatório.

Essa comissão acaba de concluir os seus trabalhos que circunstâncias várias tornaram demorados. No dia catorze de Abril findo realizou-se a última reünião da comissão canónica numa das salas do Seminário Episcopal de Leiria, tendo sido lido e discutido o relatório que, depois de diversas alterações e emendas, foi aprovado por unanimidade.

O relatório com todos os documentos que fazem parte do processo foi entregue a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria.

O Rev. dr. Luís Fischer, lente da Universidade de Bamberg. — O livro «Fátima, das Portugiesische Lourdes». — A tradução em vernáculo. A edição da «União Gráfica» de Lisboa. — O livro «Die erscheinungen von Fátima». — A segunda peregrinação do rev. dr. Luís Fischer.

Como é já sabido dos leitores da «*Voz da Fátima*», o rev.do dr. Luís Fisher, lente da Universidade de Bambreg (Baviera), é aquele sacerdote alemão que há um ano veio expressamente a Portugal para assistir às grandiosas manifestações de fé e piedade de que no dia treze de Maio foi teatro a Cova da Iria. Esse ilustre professor, que tão edificado e comovido se mostrou com as scenas verdadeiramente celestes de que foi testemunha nesse dia inolvidável, descreveu as impressões da sua viagem a Portugal e da sua estada em Fátima numa série de brilhantes artigos publicados no jornal alemão «Das Shildwache» e reünidos depois em volume com o título de «Das Portugiesishe Lourdes».

A primeira edição, de que se fez uma tiragem de dez mil exemplares, esgotou-se ràpidamente, saindo alguns meses depois a segunda edição, também de dez mil exemplares. E' a versão para vernáculo dessa magnífica brochura, calcada sôbre a segunda edição, que aparece agora no mercado literário do nosso país, em esplêndida edição da «União Gráfica», de Lisboa, com o título «Fátima, a Lourdes portuguesa». A tradução, confiada pelo venerando Prelado de Leiria à pena culta e erudita do rev.do dr. Sebastião da Costa Brites, ilustrado e zeloso pároco da frèguesia da Sé, da cidade do Lis, não desmerece em nada do original, cujos primores de estilo consegue trasladar com perfeição, a-pesar das dificuldades inerentes a um trabalho desta natureza, mantendo ao mesmo tempo sempre vivo o interesse e o encanto da narrativa. Os primeiros exemplares foram postos à venda no princípio do corrente mês de Maio, ao preço de cinco escudos cada exemplar, revertendo todo o produto líquido da venda a favor da Obra de Nossa Senhora de Fátima.

A propósio desta nova publicação, convém dizer que o rev.do dr. Fisher prepara um segundo livro da sua autoria, subordinado à epígrafe «As aparições de Fátima», estando a reünir para êsse fim os materiais indispensáveis com o zêlo operoso e indefesso e a paciência beneditina própria dum historiador alemão.

Êste ilustre sacerdote, a quem a causa de Fátima e portanto a da nossa Pátria já deve relevantes serviços, tenciona, segundo consta, voltar brevemente a Portugal, afim de visitar de novo os lugares santificados pela presença e pelas bênçãos da Raínha do Santíssimo Rosário e colher pessoalmente os elementos necessários para os seus trabalhos sôbre as aparições e as curas maravilhosas.

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Tumor.

«Ex.mo Snr.

Póvoa de Varzim, 10-IV-930

Sei que no jornal *A Voz da Fátima* de que V. Ex.ª é digno redactor, se publicam os milagres e graças, que a Imaculada Virgem, Nossa Senhora, generosamente vai prodigalisando, aos que, em momentos angustiosos, totalmente desamparados de protecção humana, a invocam, humilhados e contrictos, como verdadeiros crentes no alto valimento d'Aquele, que atravez os seculos vem sendo apelidada de «saúde dos enfermos» e «consoladora dos aflitos».

Eis a razão pela qual me atrevo a escrever-lhe a presente carta, sem ter o prazer de o conhecer, para lhe pedir a publicação senão desta, visto que não quero tomar espaço no apreciado jornal, pelo menos da notícia, que passo a expôr:

No último verão adoeceu aqui, em minha casa, minha filha Julieta, esposa do Dr. Joaquim Tôrres da Costa Reis, com um abscesso no seio direito, que se apresentou com tão mau caracter, que os tecidos se desfaziam corroídos pela gangrena, que lavrava. Após uma conferência médica, em que interveio um distinctissimo lente da Escola Médica do Porto, e uma das maiores competências, que conheço, o caso foi dado como gravíssimo se uma operação cirúrgica, a que devia proceder-se in-continente, não viesse a tempo de travar o avanço do mal, que ia lavrando.

— Foi nesta situação aflitiva, que fechado no meu aposento, me dirigi à bondosa Medianeira de tôdas as graças, para que fizesse o milagre, restituindo a saúde àquela minha filha, já a uma morte prematura condenada. Pois bem: — o milagre deu-se; a minha debil voz foi ouvida pela soberana Raínha do Céu e da Terra, e dentro de poucos dias a esperança de cura raiava, e o estado perigoso da doente tinha desaparecido. Fez a operação no dia seguinte, não sendo sequer preciso proceder à extracção do seio gangrenado, e dentro de um mês, ou pouco mais, a cicatrização tinha-se operado.

Aqui venho, pois, pedir-lhe a publicação deste grande milagre, desta explendida graça, assim obtida, de acordo com o voto feito; e isto, não só para edificação de crentes, como também, por ventura, para conversão de incrédulos.

Agradecendo desde já subscrevo-me com tôda a consideração

De V. Ex.ª

M.to att.º ven.or e obrg.º

Delfim Martins Flores

(Dezembargador da Relação do Porto)

Uma graça.

P.e Albino Soares de Pinho, de Beduido (Estarreja) em carta de 5 de dezembro último, diz o seguinte:

«Enviando os meus cumprimentos muito sinceros, pedia a V. Rev.ma a subida fineza de publicar no jornalsinho *A Voz da Fátima* uma graça extraordinária obtida por intermédio de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Encontrando-me um dia numa séria dificuldade, carecendo de que a Virgem me alcançasse de seu Divino Filho uma graça singular de ordem espiritual que não julgo necessário especificar aqui, invoquei Nossa Senhora de Fátima com tôda a confiança de que era capaz, certo de que minhas pobres preces seriam ouvidas por uma Mãe que tanto vela pelos seus filhos.

Felizmente, após bastante tempo de orações e também de prova, fui ouvido, a minha súplica foi atentida. Por êsse motivo venho cumprir o voto que havia feito ao impetrar o favor especial do Céu que me foi concedido embora imerecidamente e ao mesmo tempo testemunhar à Raínha dos Anjos e dos homens a minha infinda gratidão e a minha homenagem de acrisolado amor, confessando-me seu filho ainda que muito indigno.»

Uma grande doença.

Isabel dos Santos, de Chaves em carta de fevereiro escreve:

«À minha Mãe misericordiosíssima quero erguer a minha voz humide, bem alto, para proclamar a infinita misericórdia, bondade e amor de nossa Mãe querida, N. S.ª do Rosário de Fátima, para com os seus desgraçados filhos; para que todos que tenham aflições, recorram a Ela cheios de confiança, porque Ela ouve-nos apesar-da nossa indignidade.

Sofrendo havia cinco anos duma grande doença e tendo recorrido a vários médicos que me trataram bastante tempo, e como vissem que era impossível assim curar-me, aconselharam-me a ir fazer uma operação, que diziam ser muito melindrosa, e como fiquei muito aflita, recorri à Santíssima Virgem de Fátima pedindo-lhe que me curasse.

Iniciei uma novena e resando o terço e tomando a milagrosa água de Fátima, comecei notando grandes melhoras e hoje graças à Virgem Santíssima encontro-me curada.

Fiz as minhas promessas entre elas publicar esta graça se a obtisse por sua intercessão.

Difeteria.

Maria do Carmo Prata, de Lisbôa (avenida Almirante Reis n.º 62-5.º) em carta de maio de 1929, escreve o seguinte:

«Segundo a promessa que fiz, venho pedir a V. Rev.ª se digne publicar no jornal de Fátima, a cura de uma filhinha minha, Rita de Cássia Pina Martins Prata, de 6 anos de idade, por intermédio da SS. Virgem de Fátima.

Estando minha filha muitíssimo mal, num estado por assim dizer letárgico, e sem tirar resultado algum dos medicamentos que lhe haviam sido prescritos, no auge da minha aflição, invoquei a SS. Virgem de Fátima, e, num momento em que minha filha me fixou, disse-lhe para recitar a invocação: «N. Senhora de Fátima curai-me.» enquanto simultâneamente lhe dava a beber uma colher da água miraculosa de Fátima.

Oh! prodigio! Imediatamente começa a melhorar e a ter consciencia das coisas.

Foi tão palpavel a intervenção da SS. Virgem, que algumas pessoas de família, ignorando ainda a graça que N.ª Senhora nos havia dispensado, admiravam-se imenso duma transição tão brusca na marcha da doença, e. postas ao facto do que se havia passado, entoaram louvores à SS. Virgem, que é e será sempre, Mãe de Misericórdia e a Consoladora dos aflitos.

Cheia pois de gratidão, venho tornar pública a graça que a S. Virgem pela sua Misericórdia me concede, chamando à vida a minha filha, quando na minha grande dôr procurava resignar-me, a vê-la brevemente voar ao Céu.

Depois disto, já a SS. Virgem se dignou lançar outro olhar de Misericordia, sôbre um outro filhinho meu, Francisco Xavier Pina Martins Prata, de 3 anos de idade, livrando-o dum renitente bacilo de difeteria.

Tinha feito durante alguns mêses vários tratamentos á garganta e repetidas analises, que davam sempre positivas, pelo que, já verdadeiramente desanimada com a ineficácia dos tratamentos, comecei com algumas pessoas de família uma novena a N. Senhora de Fátima. Terminada esta mandou-se novamente fazer-lhe a análise e graças à SS. Virgem, deu negativa.

Recentemente, mais uma vez a SS. Virgem me valeu numa grande aflição, e como nessa ocasião prometi assinar a *Voz da Fátima* se N. Senhora se dignasse ouvir as minhas pobres petições, rogo a V. Rev.ª o obséquio de me contar no número dos assinantes da *Voz da Fátima*.

Por tantas graças imerecidamente recebidas, então um hino de amôr e gratidão à SS. Virgem, e o meu maior desejo seria, que a humilde publicação das referidas graças lançasse ao menos, uma centelha de amor e confiança para com a SS. Virgem, nalguma alma que sofre e está invadida pelo desânimo.»

Duas otites.

Gracinda dos Santos, de Matozinhos, em carta de 12 de abril de 1929, informa o seguinte:

«Decorria o mês de Janeiro de 1926. Meu filho José, de 12 anos, foi atacado de gripe da qual resultou uma otite no ouvido direito (médio).

Bastantes dias decorreram cheio de febre e de dores agudas. Por indicação do médico assistente foi a criança transportada num automóvel a um especialista da cidade do Pôrto. Receitou um medicamento exterior e; se por acaso nada fizesse, teria de ser submetido a uma melindrosa operação.

No regresso a casa, encontrou-se muito mal, marcando o termómetro 41.º parecendo que meu filho estava nos últimos dias de vida.

Aflita por o ver tão doente, recorri a Nossa Senhora de Fátima.

E em tão boa hora que meu filho começou a melhorar e no dia seguinte estava quási curado!

Prometi dar publicidade dêste milagre na *Voz de Fátima*. Só hoje o faço. Ela me perdoará, pela sua bondade, o conservar por tanto tempo oculta esta dádiva da Virgem Maria, na qual manifestou o seu poder e a sublimidade da sua alma cheia de pureza e de piedade.

* *

António Carreira Bernardino, do lugar do Tubaral, frèguesia da Caranguejeira (Leiria) foi atacado de *otite média aguda* (conforme atestado do snr dr. Alberto) de que sofreu durante dois meses (7 de de janeiro a 7 de março de 1928) chegando a um estado tal que perdeu a vista e esteve na eminencia de uma operação na cabeça. Recorrendo à intercessão de Nossa Senhora da Fátima cessaram as dôres e o médico reconheceu que já não era necessária a operação e agora encontra-se sem defeito, de perfeita saúde, contra a opinião médica.

Tuberculose.

Silvina da Conceição, solteira, moradora no lugar do Casal Viegas, frèguesia de Ancião, encontrou-se bastante doente. Consultou vários médicos que constataram a gravidade do seu mal, tendo-se inclinado que estaria a ser atacada pela terrível tuberculose. Durante bastante tempo andou a ser tratada por eles sem obter melhoras. Recorreu então à valiosa intercesão de Nossa Senhora de Fátima, prometendo ir lá três meses seguidos em agradecimento. Nossa Senhora ouviu-a. Em breve se sentiu curáda. E agora que está prestes a terminar o cumprimento do seu vóto, vem tornar pública a sua gratidão a Nossa Senhora, muito desejando que seja publicado no jornal da Fátima.

Ancião 11 de setembro de 1929

Silvina da Conceição

Atesto que é verdade o que nesta exposição se afirma.

Ancião, 11 de Setembro de 1929

O Prior

P.e Manuel Maria Gaspar Furtado

Tumores suspeitos.

O Capelão da Casa de Saúde da Idanha — Belas em carta de 21 de abril de 1929, diz:

«Venho por êste meio agradecer a Nossa Senhora da Fátima diversas graças que me tem feito.

Haverá dois ou três anos que me apareceu no lábio inferior um caroço já muito saliente, e eu muito apreensivo voltei-me para Nossa Senhora de Fátima pedindo-lhe com muito fervor a graça de mo tirar. No dia seguinte mostrei ao Sr. Dr. Borges d'Almeida, um dos médicos desta Casa de Saúde e êle depois de examinar não encontrou nada; efectivamente tinha desaparecido.

Mais tarde apareceu-me no céu da boca também um caroço bastante crescido, voltei-me logo para Nossa Senhora de Fátima e passadas 3 ou 4 horas já havia desaparecido. Mais tarde aparece-me um outro caroço no céu da boca já muito grande; recorri com muito fervor a Nossa Senhora de Fátima e ao acordar de noite já havia desaparecido. Finalmente agradeço mais uma outra graça que Nossa Senhora de Fátima e Santa Teresinha do Menino Jesus me fizeram curando-me duma grave enfermidade sem o auxílio de qualquer médico.»

De V. Rev.ma M.to Att.º o obrig.mo e humilde servo in C. J.

Capelão da Casa de Saúde da Idanha-Belas

nha doença! Ainda para mais, tantos médicos que me viram nenhum dava com a razão das dôres que tinha nas pernas e contudo desde que o especialista me examinou, disse logo em que consistiam, e que era necessário uma operação.

Devo advertí-la (e nisto é que se funda o milagre) *que êste médico, não foi procurado por nós, pois nem sabíamos que existia, nem é médico que tenha muita fama, pois devido a ser muito rico não exerce clínica a-pesar-de ser muito entendido.* Tivemos conhecimento dêle por uma conversa com umas pessoas conhecidas e essas com um médico que lhes disse, se me não curasse êsse tal especialista, nenhum outro me curaria em Granada! E assim foi que a Virgem de Fátima operou o milagre!

Também devo dizer-lhe que o médico que me operou (que não foi o especialista) antes de operar-me preguntou aos meus Pais e a mim mesma, se estávamos dispostos a tudo, porque êle não podia responder por tão delicada operação, por ser a primeira que se fazia desta índole, e ao ver a nossa conformidade, não poude deixar de mostrar a sua extranheza ás Irmãzinhas do Sanatório, e era porque êle não sabia a confiança tão grande que nós tínhamos em Nossa Senhora de Fátima.

Digo-lhe mais que numa revista médica foi publicada a minha operação.

Trago sempre comigo a medalha, e propago quanto posso a devoção à Virgem de Fátima».

Dores insuportaveis.

Florencia Marques, da Lameirinha, frèguesia de Abiul (Pombal) diz que em março de 1925 depois de uma constipação sobrevieram tais complicações e a tal estado chegou, que (diz ela) se visse pegar fogo à cama não poderia acudir: Debalde consultou vários médicos. As dores eram insuportaveis e iam aumentando cada vez mais e assim esteve três anos.

Lembrou-se de recorrer a Nossa Senhora de Fátima prometendo fazer oito comunhões seguidas, cumprir algumas promessas de joelhos e ir a Fátima agradecer a N. Senhora, que começou a realizar em 11 de outubro de 1928.

Logo que começou a viagem sentia reanimar-se cada vez mais de forma que logo começou a comer e beber e sentia-se curada ao chegar a Fátima, não voltando a sentir os antigos incomodos. Deseja por êste meio testemunhar à Mãe do Céu tôda a sua gratidão e mais profundo amor.

FÁTIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUÍS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5$00

Êste livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10,000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses, encontra-se à venda na **UNIÃO GRÁFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa,** na **VOZ DE FÁTIMA,** em **Leiria** e no **SANTUÁRIO DE FÁTIMA.**

Complicações várias.

Mercedes Hernandez, de Granada (Espanha) atribue a uma grande protecção de Nossa Senhora de Fátima o bom resultado de uma operação. Eis como ela se exprime em carta dirigida à Rev.da Madre Vilar de Jesus de Luque:

«Antes de mais nada, muito lhe agradeço a coragem que me dava para que confiasse em Nossa Senhora de Fátima, e que invocando-a com muito fervor alcançaria dela as melhoras! Realmente foi um milagre o que se passou comigo! Pois supunha que depois *de estar 9 meses de cama*, fazendo tudo quanto o médico mandava, eu não sentia alívio algum, e logo que me operaram, ainda que pouco, estou melhor e sobretudo a doença não tem adiantado! Segundo o que o médico me disse, se não fizesse a operação dentro de 2 ou 3 anos, ficaria paralítica. Só pensar nisto me horrorisa! Por isto estou plenamente convencida que a Santíssima Virgem foi quem iluminou os médicos para que compreendessem a minha doença! Ainda para mais, tantos médicos que me viram nenhum dava com a razão das dôres que tinha nas pernas e contudo desde que o especialista me examinou, disse logo em que consistiam, e que era necessário uma operação.

Devo advertí-la (e nisto é que se funda o milagre) *que êste médico, não foi procurado por nós, pois nem sabíamos que existia, nem é médico que tenha muita fama, pois devido a ser muito rico não exerce clínica a-pesar-de ser muito entendido.* Tivemos conhecimento dêle por uma conversa com umas pessoas conhecidas e essas com um médico que lhes disse, se me não curasse êsse tal especialista, nenhum outro me curaria em Granada! E assim foi que a Virgem de Fátima operou o milagre!

Também devo dizer-lhe que o médico que me operou (que não foi o especialista) antes de operar-me preguntou aos meus Pais e a mim mesma, se estávamos dispostos a tudo, porque êle não podia responder por tão delicada operação, por ser a primeira que se fazia desta índole, e ao ver a nossa conformidade, não poude deixar de mostrar a sua extranheza ás Irmãzinhas do Sanatório, e era porque êle não sabia a confiança tão grande que nós tínhamos em Nossa Senhora de Fátima.

Digo-lhe mais que numa revista médica foi publicada a minha operação.

Trago sempre comigo a medalha, e propago quanto posso a devoção à Virgem de Fátima».

O que um terço faz...

Alegre, de sorriso perene nos lábios ou pronto a aflorar ao primeiro convite, o Doutor Simões era o amigo preferido duma larga roda de cavalheiros a quem êle sinceramente queria também.

Médicos, advogados, magistrados, empregados públicos, comerciantes, lavradores — todos o estimavam muito.

Pelas aldeias tinha êle muitíssimas simpatias.

Um ou outro não se esquècia até de exteriorisar êsses sentimentos duma forma palpável enviando-lhe algum presente de tempos a tempos.

Só visto prendia. De estatura média, cheio sem exagêro, corpo bem conformado, tez morena, olhos grandes e meigos o Doutor Simões era realmente o homem de quem a natureza com os seus dotes e a educação com o esfôrço tinham feito o tipo completo do cavalheiro delicado sem pedantismo.

Mas, tratado, falado, o Doutor Simões tornava-se encantador.

Sociável sem descer da sua posição, dando-se com todos sem ser de ninguém, amigo leal sem familiaridades comprometedoras, era de há anos uma das figuras de maior relêvo no pequeno meio provinciano onde viera fixar residência com sua esposa. E merecia-o na verdade.

* * *

Quatro anos após a sua vinda começava de notar-se uma pequena nuvem que sem aumentar, não conseguiu desaparecer nunca mais.

Cada vez se notava melhor a realização daquele ditado: «não há bela sem senão».

Havia alguma coisa que desconsolava os seus amigos e empanava um tanto aquele fulgor de alegria que de princípio, lhes iluminava o rosto ao falarem dêle.

— Mal empregado!... E' pena!... ouvia-se a cada momento pelas povoações visinhas sempre que se falava nele.

— Mas então o que há?...

— O Doutor Simões não é católico. Até parece impossível como um homem daqueles não pratica.

— Mas isso é certo?

— Infelizmente. A princípio não acreditei, informei-me minuciosamente e, afinal, vim a reconhecer que é verdade. Não persegue, não ataca mas não defende nem pratica. Tenho pena dêle. Só lhe falta isto para ser um homem às direitas.

... ...

Esta conversa tive-a um dia com um santo homem (levou-o Deus o ano passado) um tipo antigo de aldeão, inteligente, apegado à sua terra e à sua Fé — homem sem cultura literária ou scientífica mas dotado de muito senso prático.

Pela boca dêste falavam quási tantos quantos eram os seus amigos sinceros (que a dizer a verdade um ou outro havia que gostava de o ver assim).

* * *

Como chegara êle até ali? Se na sua terra recebera dos pais uma educação primorosa que a instrução e o exemplo deviam ter tornado indestrutível...

Se os rapazes da sua idade, com quem brincara em criança, estavam firmes na posse da crença herdade de seus avós...

Estudos profundos?

Cultura mais vasta?

Mais largos horizontes intelectuais?

Aos onze anos entrara num colégio de grande nomeada e ali com a formação literária recebera também num estudo metódico o conhecimento das bases nacionais da Fé. Desde então sabia bem porque cria e estava em casos de se defender contra a incredulidade.

E foi exactamente então que êle se viu arrefecer.

Passaram-se anos, não sei quantos, e trocou as salas do colégio pelas aulas da Universidade.

Longe dos pais, dos amigos, dos mestres queridos o coração foi-se esquecendo dêles.

Longe da vista longe do coração...

No cantito de jardim que às vezes cultivo por desfastio sei, por experiência, que não é ao nascer, que as plantas precisam de amparo mas quando, já a desenvolver-se, podem ser derribadas pelo vento que sopra rijo.

E as almas são plantas que o Senhor dá a cultivar no jardim da Igreja.

Deixar uma alma só, quando as paixões surgem e o demónio a ataca na pessoa dos maus companheiros é prepsrar-se para ver quebrada a haste viçosa duma açucena.

A cada passo se nos depara ante os olhos êsse espectáculo triste duma juventude ceifada em flor.

Passaram-se os anos.

Casou. Mas a virilidade e a consciência de novas responsabilidades não lhe deram a fôrça de quebrar esse ambiente morno que o não deixava levantar a cabeça diante dos colegas de outrora para dobrar o joelho humildemente diante do Senhor.

Almas dedicadas a quem o sangue falava forte juntavam-se à espôsa para fazerem subir uma prece contínua ao trono de Deus. Mas êsse trono parecia inacessível.

Tôda a liberdade para os seus.

Mas êle sempre na mesma.

A mulher confessava-se e comungava com relativa freqüência.

Os filhos cumpriam à risca os seus deveres religiosos. Era êle até quem lhes ensinava o catecismo.

Mas a espôsa queixava-se, em vão, de que não lhes desse o melhor ensino: o do exemplo.

E os filhos notavam-no e o mais novo chegou um dia a dizer-lhe:

«O paisinho porque não vem comnosco à Igreja?»

A situação era difícil. A censura que Deus lhe fazia pela boca dum inocente, seu filho, era pungente.

Mas o respeito humano era mais forte ainda.

Só um empurrão da graça o poderia levar como a São Paulo.

* * *

Naquele dia levantou-se bem disposto como sempre mas nos modos, no todo transparecia um quê de singular.

Resolvera ir à Fátima e levar consigo tôda a família.

Era por isso?

Não. Tanta vez lá tinha ido já.

O espectáculo grandioso das peregrinações, o movimento deslumbrante daqueles rios de fôgo a deslizar à noite pelas avenidas e a subir sempre das almas para Deus; os milhares de comunhões tão devotas, tão sentidas; as invocações inflamadas, a escaldar os lábios de sãos e de doentes e a orvalhar o rosto de tôda a gente tudo o que de mais singular caracterisa o movimento da Fátima, de tanta vez o contemplar tornara-se-lhe já familiar sem contudo lhe penetrar o fundo da alma.

Não, não era isso pela certa.

Quando de manhã foi saudar a espôsa, com um beijo grande que lhe depôs na face, disse-lhe ternamente:

«Hoje vou-me confessar na Fátima se achar a quem».

* * *

Partiram.

Quando após a confissão seguia acompanhado da espôsa e dos filhos para a mesa da comunhão, olhei-o longamente.

Do que se passou não sei. Mas o Doutor Simões não era o mesmo.

Brilhava-lhe no rosto alguma coisa mais do que o velho sorriso.

A luz da graça divina que lhe ornava a alma transparecia-lhe nos olhos, nos lábios, em todo o rosto.

A espôsa acompanhou-o como quem acompanha o seu menino.

Comungaram. E enquanto, de joelhos, dizia talvez a Deus com São Paulo:

«Senhor, que quereis que eu faça?» sentiu dentro de si tôda a inefável e invisível beleza da Fátima e deixou inadvertidamente escapar umas lágrimas que depôs aos pés da Virgem Santíssima.

Mais do que nunca então se sentia feliz.

Agora levantava a cabeça, procedendo como entendia e como devia.

Agora, prostrado diante de Deus a Quem tinha igualmente dentro de si...

* * *

De passagem, como por acaso, soube que todos os dias rezava o terço com a família.

Estava ali todo o segrêdo.

Ocorreu-me então aquilo de São Bernardo:

«Lembrai-vos ó piíssima Virgem Maria que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que teem recorrido à Vossa protecção, implorado a Vossa assistência, reclamado o Vosso socôrro fôsse por Vós desamparados.

E confundido com a multidão agradeci a Deus e disse de mim para mim:

Ora aí está o que um terço pode fazer.

Leiria, Abril 1930.

Galamba de Oliveira

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	202.972$25
Papel, composição e impressão do n.º 91 (55.000 exemplares)	3.052$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	808$30
	206.833$55

Donativos vários

Visto não ser possível registar aqui todas as quantias enviadas pelas assinaturas (o mínimo de dez escudos por ano) vemo-nos forçados a publicar só algum donativo mais avultado.

Mário da Silva Jordão, dezoseis e meio dólares; Maria das Dores Tavares de Sousa, 110$00; D. João de Portugal, 100$00; Luciano de Almeida Monteiro, 211$00; Margarida Lopes da Silva, de Espozende, 395$00; Zulmira Galhardo, 85$00; P.e S. S. da Cunha (donativos de 42 pessoas, de Tete, na Africa), 1.070$00; Joana dos Santos Serena, de Ilhavo, 160$00; P.e Manuel Vieira Ribeiro, 30$00; Carmen de Almeida, 344$00; Glória de Jesus, 50$00; Inácio Alves Dias, 50$00.

Como rosas...

«Mês de encantos e de flores» *lhe chama um poeta e Maio pode orgulhar-se de tal nome.*

A natureza cobre de galas a nossa terra.

Desde a campina à serra tudo verdeja e floresce com milhares de tons e de matizes que não cansam.

O trinar dos passarinhos vem dar a êsse quadro de singular beleza campesina uma nota viva de movimento que completa o encanto.

E as almas piedosas com a Igreja consagram amorosamente êste mês à Virgem Santíssima.

Maio é o mês de Maria.

Como a Igreja é mestra e a piedade, fonte da mais subida poesia!

Altares monumentais de velhas igrejas, capelas acolhedoras das nossas aldeias, singelas e brancas ermidas das encostas montanhosas e sertanejas são neste mês objecto de carinho singular.

Basta que, no alto, sorria a imagem de Nossa Senhora e logo os cantos ecoam ternos e melodiosos a perfumar de piedade a alegria universal.

Mãos brancas de damas gentis com flores caras das suas estufas, mãos calosas e tisnadas de raparigas esbeltas da aldeia com os cravos e rosas do seu canteiro e, até com flores do mato, as da pastora serrana ágeis de tanto fiar, entretecem grinaldas para a Virgem e dispõem ramos ao redor da Sua imagem.

E a Virgem sorri-lhes bela a emergir dum tufo de verdura e flores, cercada de luzes.

E quem lhas põe ali sente-se feliz e guarda por tôda a vida a lembrança saudosa de tal ocupação.

Mas as rosas murcham depressa...

Urge substitui-las.

E' tão lindo ver um altar ornado de flores naturais sempre frescas, sempre viçosas!...

... ...

Há um género de flores que não murcham nunca. Colhei-as para a Virgem.

Durante o Mês de Maio não vos esqueçais de ir misturando nos vossos ramalhetes uns liriositos de mortificação.

A imaginação tão louca, os sentidos irrequietos, as paixões que se insurgem: tudo pede o freio da modéstia e da mortificação cristã.

A açucena é tão linda!...

E a açucena é o símbolo da pureza.

Quando tantos com más companhias e más leituras se poluem, quando tantas, escravas duma moda infernal, se expõem e despem impudicamente, levai à Virgem a alvura imaculada da vossa pureza.

As rosas...

Sim, a rosa é a rainha das flores.

E é também o símbolo do amor.

Amor puro, santo, cristão, tende-o a tudo o que em Deus se pode amar.

Amai os pobrezinhos, os humildes, os oprimidos e socorrei-os.

Amai os pecadores, as almas transviadas e orai por elas.

Amai os vossos pais, filhos e irmãos e sacrificai-vos por êles.

Amai a Santa Igreja e honrai-a com a vossa vida irrepreensível.

... ...

As rosas passam dos jardins para irem murchar e morrer pétala a pétala no altar do Senhor.

Para o altar invisível do holocausto colhe Deus, como vítimas que o ornem e o perfumem, as almas.

Assim é que há almas que florescem em exemplos magníficos de dedicação pelo próximo.

Outras a ocultas mandam-lhe o perfume duma vida de sofrimento que só Ele conhece: sofrimento na vida de família, no abandono do cônjuge, na tirania dos pais, na desrespeitosa insubordinação dos filhos.

Mas há outras a quem Deus quere a imolar-se mais junto de Si.

Almas a quem Êle tira do mundo, não se lhes empane o brilho, para lhes aspirar a fragrância.

E essas almas sentem-se felizes em ser só de Êle, em passar a vida breve, como rosas aos pés de Deus.

Se o Senhor vo-lo pede sêde também... **como rosas** *mas rosas dignas dÊle!*

MÁQUINA INTERESSANTE

«Deus não é cá preciso para nada», dizia um pretencioso e ainda mais ignorante caixeiro viajante a um camponês. «A sciência explica tudo (dizia êle), faz coisas verdadeiramente extraordinárias».

— Lá isso é verdade, responde o outro aparentando estar muito convencido. Ora quere o senhor saber?

Ainda há dias vi uma máquina realmente admirável! Metia-se-lhe um braçado de feno por um lado e saía do outro uma bilha de leite!

— Ora aí tem o senhor!...

— Só o que tem é que esta máquina não foi a sciência que a inventou.

Chama-se uma... vaca.

Um espírito forte...

Tal qual um botãosinho de rosa quási oculto na folhagem, dormia o pequerrucho meio sumido entre rendas e cambraias; a respiração ténue, de uma serenidade ideal, soerguia-lhe brandamente o peito; e na face de anjo espelhava-se uma calma indefenível; di-lo-íamos o desabrochar de um sorriso do céu sôbre a terra.

A ama, que em breve o ia tomar nos braços, contemplava-o embevecida, emquanto a mãe, senhora ainda nova, recostada no leito se desfazia em recomendações e carinhosas súplicas.

Mal acabava de repetir várias vezes as mesmas coisas, sublimes na sua simplicidade, começou o pai:

— Não sei se sabem que estou decidido a não deixar baptizar o pequeno... ¿ouvem bem o que eu digo?... Estou muito empenhado em o não deixar baptizar...

A ama teve um gesto espontâneo de sobressalto.

— Sim, senhor, tornou êle, alçando a voz, não admito que se disponha assim da consciência dum ser humano sem prévio consentimento seu.

Mais tarde, quando fôr homem e tiver adquirido as suas convicções filosóficas, então poderá pedir o baptismo... se muito bem o entender...

A boa da ama ouvia de olhos baixos aquele arrazoado; mas ninguém lhe surpreendeu um sorriso — (não sei se de compaixão, se de ironia) — que lhe franziu momentaneamente os lábios... Apenas se lhe ouviu dizer num tom submisso:

—Está bem, meu senhor... está bem.

E depois de oferecer o néné, pela última vez, aos beijos sequiosos da mamã saíu do quarto...

* * *

Decorreram meses sem novidade.

Todos os domingos, papá e mamã tomavam o comboio e íam visitar, à casa da ama, o anjinho de graciosas fitas, que já abria agora os seus encantadores olhos de esmeralda, ria cheio de graça ao avistá-los, e, à medida que se lhe aproximavam, agitava radiante para êles os bracinhos rechonchudos.

No dia seguinte quando abriam a loja (Armazém de cristais e porcelanas) tinham a ilusão de que tudo ao redor se iluminava de alegria: os cristais caprichosos da Boémia irisavam-se em revérberos palpitantes, os jarrões da China respiravam louçania e ventura, assentes na firmeza de suas bases, e até as rumas de pratos, tão monótonos em sua frialdade rígida, pareciam reflectir um pensamento de esperança.

A senhora Forjado em plena floração da maternidade, ia sentar-se à secretária, sentindo vibrar no íntimo da alma um diapasão a unissono com o ar jubiloso do recinto.

Entretanto o marido, que estava tomando o seu tónico no café vizinho, repetia pela centésima vez em meio de uma roda de admiradores: «eu é que não consenti que baptizassem meu filho: não tolero que se disponha assim da consciência dum ser humano, sem prévio consentimento dêle... Lá mais tarde...

* * *

Mas a felicidade humana... um impresvisto vento a trouxe, um inesperado vento a leva...—

Certa manhã a senhora Forjado encarou no jornal com esta local:

«Casos de bexigas em Vila Franca.»

¿Em Vila Franca!? Mas então é a dois passos de aqui! ¿E fôsse embora lá nos confins da Europa, por ventura importam-se lá os micróbios traidores com fronteiras? E não é verdade que sendo, como realmente são, uma poeira invisível, se podem propagar ràpidamente pelo vento até às regiões mais afastadas?...

Já não pensou mais em si nem no marido...

O pensamento desvairado voou-lhe súbitamente ao bêrço estremecido, onde dormia o inocente que era as delícias da sua vida...

E já o considerava vítima daquela hedionda enfermidade: parecia-lhe ver o rosto de linhas tão mimosas a inchar, a inchar com borbulhas supurantes... os olhos de esmeralda a apagarem-se numa angústia inexprimível e a agitar em desespêro os bracinhos, como a rebater um pesadêlo aterrador.

Então com uma voz sacudida chamou o empregado do armazém.

— ¿Justino?

— Minha senhora!

— Vai chamar imediatamente meu marido.

Êste veio, mas visìvelmente contrariado, porque nunca levara a bem que o viessem interromper em pleno triunfo oratório.

Muito decidida, porém, preguntou-lhe ela:

— ¿O pequeno já foi vacinado?

A pregunta colheu-o desprevenido; compreendeu porém quando a mulher lhe apresentou o jornal, e para logo foi êle quem tomou a ofensiva:

— ¿Então não fizeste essa recomendação à ama?

Ora se não! quantas vezes lho tinha ela recomendado; mas... afinal não tinham recebido ainda, a êste respeito, a mínima notícia, e por sôbre isto não haviam examinado com os próprios olhos, no bracinho de neve, as costumadas cicatrises.

Ali andava coisa com certeza!...

E dominados ambos pela mesma ansiedade disseram quási a um tempo:

— É preciso tratar disto quanto antes.

A senhora Forjado olhou para o marido, o qual interpretando nêste olhar um desejo, declarou, abotoando o sobretudo: saio imediatamente a informar-me.

* * *

Quando chegou a casa da ama, embalava ela a criança ao ritmo daquelas toadas monótonas, com que as mães costumam convidar o anjo do sôno a pairar sôbre as pálpebras dos seus nénés.

Um relance de olhos para o pequeno, já adormecido, não o sossegou inteiramente: são tão traiçoeiros êstes males!... E dirigindo-se à ama:

— A senhora manda-me saber se o pequeno já foi vacinado.

Ela porém torcendo a resposta e num tom de surpreza:

— V.ª Ex.ª disse-me muitas vezes que era preciso esperar pelo consentimento do menino...

— Mas isso era para o baptismo!...

— Bem o sei! como porém, a meu ver, o baptismo é mais importante que a vacina, julguei que devia proceder com ela do mesmo modo.

O sr. Forjado encontrava-se demasiado oprimido para se exasperar, e, visìvelmente perturbado, retorquiu:

— ¿Com que então meu filho ainda não está vacinado?

A provinciana ficou silenciosa por alguns instantes... e logo com voz firme:

— Está sim, meu senhor, pode sossegar que já está!... porque eu não compreendo nada dessas patacoadas que para aí dizem agora. No meu tempo dizia-se: as crianças não podem cuidar ainda do seu bem; compete-nos a nós tratar dêle em seu lugar.

E ao dizer estas palavras arregaçou a manga da criança e descobriu os sinais da vacina.

O sr. Forjado aliviado de um pesadêlo, respirou profundamente, esboçou um sorriso involuntário e... só lhe ficava uma ponta de curiosidade.

— Aposto que também o baptizaste.

— E' claro que baptizei.

— Vá lá, vá lá... fizeste bem!

E convencido finalmente da falsidade das suas teorias criminosas, e todo entregue à alegria de ver seu filho a resguardo dos perigos da alma e do corpo, o sr. Forjado foi depositar na fronte adormecida da criança um beijo carinhoso.

Ano VIII — Leiria, 13 de Junho de 1930 — N.º 93

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Fátima a Estrêla de Portugal

A GRANDIOSA ROMAGEM NACIONAL DE MAIO

Como Lourdes, nos Pirinéus, é a cidade gloriosa da Imaculada, assim Fátima, na serra de Aire, é a mística cidade do Rosário e uma e outra são sôbre-a terra, o trono mais augusto e mais esplendoroso de Jesus no seu sacramento de amor — a santíssima e diviníssima Eucaristia!

As peregrinações — A procissão das velas — Os cânticos — A profissão de Fé — Feixes de luz — Ondas de som.

Dia doze de Maio! Tarde linda, tarde primaveril, estuante de vida, cheia de luz e de encanto, irizada de mil côres, ungida com os suaves perfumes da natureza em flor!

Pelas estradas, caminhos e atalhos, do nosso querido Portugal, herdeiro da fé e das glórias do Portugal dos descobrimentos e das conquistas, dos galeões e das caravelas, através de montes e vales, lá vai, lá corre, em fitas longas, intermináveis, como caravanas no deserto, dirigindo-se à Cova da Iria, a grandiosa e incomparável romagem da Pátria. Sôbre o planalto sagrado da Serra de Aire, santificado pela presença e pelas bênçãos da Raínha do Céu, encontram-se já, ao pôr do sol, duzentos mil peregrinos, ali trazidos pelo ardor da sua fé viva e pelo impulso da sua piedade acrisolada para com a Virgem bemdita.

São quási dez horas. O local das aparições é um vasto mar de fogo, que tudo ilumina e abrasa. A breve trecho, as vagas dêste mar ligeiramente encrespado movimentam-se e formam rios de chamas que circulam em tôdas as direcções, produzindo um espectáculo assombroso e único.

Lá desfilam, em cortejo interminável, as diferentes peregrinações e os numerosíssimos grupos de peregrinos. Quiaios (Figueira da Foz), Lagares e Entre-os-Rios (Penafiel), Bemfica, Santa Isabel e Olivais (Lisboa), Várzea (Santarém), Caldas da Raínha, Mata do Rei (Alcanede), Oliveira do Hospital e Pomares, Alvorge (Ancião), Pó da Flor, Aguim (Bairrada), Almeirim, Lamego, S. Cosme de Gondomar, Melo, Marrazes (Leiria), Olalhas (Tomar), Rio Maior, Vandoma (Paredes), Ladório, Côja, Ladoeiro (Castelo Branco), Pelmá (Alvaiázere), Igreja Nova, Ferreira do Zêzere, Serra de Santo António, e muitas outras cidades, vilas e aldeias, enviaram os seus contingentes a esta formidável parada de fôrças da milícia cristã portuguesa. Uma das peregrinações mais numerosas e vindas de mais longe foi a do Algarve, constituída por cincoenta pessoas e presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Marcelino Franco, Bispo de Faro. Esta peregrinação chegou no dia doze, de manhã, a Tôrres Novas. Na igreja de S. Pedro desta vila, às oito horas, o Senhor D. Marcelino celebrou a Santa Missa e administrou a Sagrada Comunhão a todos os peregrinos e muitas outras pessoas. Em seguida à missa, os peregrinos foram transportados a Fátima em *camionnettes*.

Merecem também especial referência pela sua excelente organização e pelo número dos seus membros as três peregrinações de Lisboa, assim como a de Rio-Maior, Várzea, Alvorge, Olalhas, Ancião e Marrazes.

A das Caldas da Raínha composta de cem pessoas foi promovida pela Congregação das Filhas de Maria, a de Melo pela Associação da Juventude Católica e a de Rio Maior pela Liga do Apostolado da rev.do dr. Marques dos Santos, capelão-director dos servitas, dezenas de milhar de lábios descerram-se para fazer, no canto do *Credo*, uma profissão, solene, vibrante e calorosa, da sua fé. E a procissão das velas, êsse cortejo imponente e magestoso, que durante mais de duas horas percorreu os domínios sagrados da Virgem em tôdas as direcções, aclamando-a delirantemente, depois de ter saudado a Raínha do Céu, rezando o terço, acaba por se converter numa grande apoteose de fé, cantando o Símbolo dos Apóstolos aos pés do Divino Rei do Céu oculto no seu sacramento de amor.

FÁTIMA — PROCISSÃO DAS VELAS

Oração, tendo esta última estreado um lindo estandarte do Sagrado Coração de Jesus e levado uma vistosa bandeira representando-a primeira aparição e pertencente ao lugar de Fonte da Bica, dessa frèguesia.

Durante a procissão das velas, o *Ave* é cantado com entusiasmo por milhares e milhares de bôcas.

E' quási meia-noute. A Cova da Iria está de novo transformada num imenso lago de fogo, calmo e tranqüilo. As multidões concentram-se em frente da capela das Missas. Súbito, a uma palavra do

Os megafónios regulam o movimento dos peregrinos na procissão das velas e depois, durante a adoração nacional, as preces e os cânticos, funcionando com uma perfeição inexcedível, graças aos esforços inteligentes do engenheiro Rocha Melo, eficazmente coadjuvado pelo rev.do Manuel de Sousa, digno reitor do Santuário, e as lâmpadas eléctricas, dispersas com profusão no vasto recinto da Cova da Iria, distribuem por tôda a parte uma luz suave, alegre e abundante. Fátima, nestas horas da noute, é verdadeiramente um lindo cantinho do Céu.

A adoração nacional — O Reverendo Gonzaga Cabral — Os mistérios dolorosos — As missas — As missas dos servitas — A Bênção com o Santíssimo Sacramento.

Pouco depois da meia-noute, terminada a procissão das velas, a que, como se disse, pôs remate condigno o canto entusiástico do *Credo*, Jesus-Hóstia é exposto num lindo trono de luzes e flores no altar-mor da capela das missas. Começa nesse momento a primeira hora de adoração e reparação, a honra de adoração e reparação nacional. Em frente do microfone, o rev.do Gonzaga Cabral dá início à recitação do terço do Rosário, fazendo uma breve introdução e explicando o primeiro mistério doloroso — a agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras. Toma para texto das suas cinco práticas as palavras do Evangelho de S. Lucas, cap. XIII, v. 5: «Se vós não fizerdes penitência, todos à uma perecereis». E, antes de passar adiante, convida os fiéis a repetir com êle a saudação popular a Jesus Cristo realmente presente ali no seu sacramento de amor: «Bemdito e louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, fruto do ventre sagrado da Virgem Puríssima Santa Maria».

Em seguida profliga a superstição do número treze, tão espalhada no nosso país e que a Virgem parece ter tido a intenção de combater, escolhendo o dia treze para data das suas aparições durante meio ano. A grande lição de Maria em Fátima, diz o ilustre orador, como em La Salette e em Lourdes, é uma lição de penitência. Depois desenrola os diferentes passos da Paixão do Senhor. O primeiro mistério é o mistério da paixão do Coração de Jesus. O Divino Salvador escolhe o algoz: o seu amor. A êle se entrega, antes de se entregar aos seus inimigos. Durante três horas permanece em oração a seu Eterno Pai. A oração também é penitência. Portugal, pecador, precisa de expiar os seus pecados. E aqui, em Fátima, estão tantos a pedir por nós e por aqueles que não veem a Fátima e não creem e não querem orar.

Segue-se o mistério da flagelação. O amor de Jesus entrega-o a outro algoz: a justiça da terra, representada primeiro pelo tribunal dos pontífices e depois pelo tribunal de Pilatos. Jesus expia no seu corpo sacrosanto todos os pecados da impureza. O sangue divino, espadanando das veias, converte-se numa onda de sangue que banha e lava o mundo. Que êsse sangue venha inundar Portugal! Que

aqui surja uma pleiade de castos, nesta terra, donde os primeiros, que os inimigos de Deus se apressaram a expulsar, foram os castos.

No terceiro mistério contempla-se a coroação de espinhos. Se a flagelação fôra a paixão do corpo, a coroação de espinhos foi a paixão da honra. Aquela foi a dor física, esta a dor moral. Jesus, Rei por natureza, Rei por conquista e Rei por escolha é proclamado rei de comédia! Reconheçamos a verdadeira soberania, a realeza divina de Jesus, e, se êle, o Rei do Céu e da terra, se sujeitou a tão horríveis humilhações para expiar os nossos pecados, nós, se queremos ser verdadeiros penitentes, sofremos com paciência as injúrias que nos forem feitas e por amor de Jesus perdoemos aos nossos inimigos.

No quarto mistério contempla-se a ida de Jesus com a cruz às costas para o Calvário. Nenhuma nação na sua terminologia de piedade achou, como a nossa, uma expressão tão original e ao mesmo tempo tão exacta para traduzir êste mistério. Chama a Nosso Senhor Jesus Cristo neste passo *Nosso Senhor dos Passos*. Quando o Verbo ainda não se tinha feito homem, era senhor de tôdas as riquezas. Era feliz. Mas achou que alguma cousa faltava no Céu. Era a cruz. No Céu não havia sofrimento, não havia dores. Jesus amou-nos. E, porque nos amava, quis paracer-se conosco. E por isso veio à terra procurar a Cruz que no Céu não encontrava. A cruz eram os seus amores. Todos temos a nossa cruz. Assim o exige a nossa condição de pecadores. E, se agora algum pecado deve ser assinalado, é o dos vossos passos, passos que dais e não devíeis dar, passos que devíeis dar e não dais.

No quinto e último mistério doloroso contemplamos a crucifixão e morte de Jesus. Chegou o lúgubre acompanhamento ao Calvário. Amigos poucos: Maria Santíssima, algumas santas mulheres e o discípulo amado S. João. Inimigos, muitos que instigam os algozes a serem mais crueis. Êstes ordenam a Jesus que se deite sôbre a cruz. A Vítima divina obedece por nosso amor. A cruz é levantada ao alto. Jesus vai falar. A sua primeira palavra é, não um grito de vingança, mas uma súplica de perdão: «Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!» E nós não havemos de perdoar àqueles que nos ofendem? Tornou a descerrar-se a bôca divina:

«Hoje estarás comigo no Paraíso». Palavras dirigidas a um grande pecador, a um ladrão, a Dimas, que estava ao seu lado direito.

Porquê estas palavras a um condenado da justiça humana? É que êle pedira perdão. Onde estaria Maria Santíssima nesse momento? Talvez entre a cruz de Jesus e a Cruz do Bom Ladrão. Terceira palavra: «Senhora, eis aí o teu filho!» Maria Santíssima recebeu então solenemente a investidura de nossa Mãe e Raínha. «Meu Deus, porque me abandonastes?» Jesus sofreu a deixação de Deus para consolar a aridez das pessoas piedosas na oração. A perfeição não está no gozo das suavidades divinas, mas na união da nossa vontade com a vontade de Deus. «*Consummatum est!*» A paixão realizou-se. Mas a sua aplicação depende de nós. Para nos podermos salvar é necessário que correspondamos à graça.

«Pai, nas vossas mãos entrego o meu espírito!» Et inclinato capite expiravit. «E, tendo inclinado a cabeça, expirou». Ha um mistério nesta inclinação de cabeça. É o sim dado a tôdas as nossas súplicas justas e sensatas. Dais-me o perdão? Sim, se te arrependeres. Dais-me o Céu? Sim, se trabalhares por isso. É o adeus à Mãe querida. É o efeito do peso da cruz. É o designar da ferida aberta no Coração.

Peçamos à Virgem de Fátima que nos introduza no Coração de Jesus, que é infinito, e que nos alcance dêle o perdão dos nossos pecados.

Depois da hora de adoração nacional, que se prolongou até cêrca das duas horas, começaram os sacerdotes presentes, que eram em número de muitas dezenas, a celebrar o santo sacrifício da missa, sucedendo-se e ajudando-se uns aos outros, nos altares disponíveis da capela das missas e da Penitenciaria. Às quatro horas, celebrou-se no altar-mor da Penitenciaria a santa Missa a que assistiram e comungaram os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário, para ficarem desde essa hora, depois de fortalecidos com o Pão dos Anjos, completamente livres a fim de poderem entregar-se à sua benemérita tarefa. Entretanto sucedem-se as diferentes horas de adoração. Fazem colectivamente a sua hora de adoração, das duas às três horas, as peregrinações de Lisboa e Serra de Santo António, das três às quatro, as de Marrares, Alvorge e Caldas da Rainha, e das quatro às cinco as de Igreja Nova e Ferreira do Zêzere. Às cinco horas, com a assistência do Senhor D. José, venerando Bispo de Leiria, depois de cantado o *Tantúm ergo* deu-se a bênção eucarística e encerrou-se o Santíssimo no Sacrário.

A missa do Senhor Bispo de Leiria — A Comunhão Geral — As confissões sacramentais — No Posto das verificações médicas — Os doentes — Os médicos.

Às cinco horas e meia, o Senhor D. José sobe ao altar-mor da capela das missas, paramenta-se e celebra a missa da Comunhão geral. Na mesa do altar, do lado do evangelho e do lado da epístola, são colocadas sôbre corporais duas enormes píxides, contendo cada uma delas cêrca de seis mil partículas.

Após a consagração, saem da sacristia e vão ajoelhar-se dum e doutro lado do altar vinte e cinco sacerdotes, revestidos de sobrepelia e estola, tendo cada um nas suas mãos um pequeno cibório vasio. Logo que o augusto celebrante acaba de tomar o preciosíssimo sangue, êsses sacerdotes aproximam-se do altar e, uns após outros, enchem os cibórios de partículas que tiram com as suas próprias mãos dos vasos colocados em cima do altar. Em seguida, juntamente com o venerando Prelado, partem para a vasta esplanada a fim de administrarem o Pão dos Anjos aos fiéis preparados com a confissão sacramental para o receberem nos seus peitos. Durante horas e horas a fio, Jesus-Hóstia desce às almas que o procuram ansiosamente, naquele banquete divino, para ser o seu alimento, a sua fôrça e a sua consolação. O rev.do António Pereira Quartilho, pároco de Rio Maior serviu à mesa eucarística durante quatro horas, tendo de interromper a sua grata tarefa para poder acompanhar a peregrinação a que presidia até junto do Pavilhão dos doentes, onde ia tomar parte colectivamente nos actos religiosos oficiais. O rev. Gonzaga Cabral, que pela primeira vez visitava a Lourdes portuguesa, empregou, com grande satisfação da sua alma, duas horas e um quarto no mesmo serviço. O rev.do Augusto de Souza Maia, secretário particular do Senhor Bispo de Leiria, chegou a ir, na distribuição do Pão Eucarístico, até ao pórtico da Avenida Central andando por dezoito mil as comunhões deste dia. Ao mesmo tempo e desde a véspera à tarde, milhares de homens purificavam-se nas águas lustrais do sacramento da penitência. Dezenas de sacerdotes ocupavam os confessionários da Penitênciaria, ouvindo, no tribunal da misericórdia divina, os pecados dos penitentes arrependidos e concedendo-lhes, com a absolvição sacramental, o perdão das culpas, as graças de Deus e a paz da consciência. E era tão avultado o número dos que queriam receber êsse sacramento que uma grande multidão se conservou tôda a noute em frente das portas da igreja da Penitenciaria, na esperança de que lhes chegasse mais depressa a vez. Mesmo ao ar livre, no vasto recinto da Cova da Iría, se viam sacerdotes sentados sôbre blocos de pedra, atendendo penitentes que não conseguiam entrar na Penitenciaría!

Até às onze horas, no Porto das verificações médicas, instalado no Albergue de Nossa Senhora do Rosário, tinham sido inscritos nos cadernos de registo oitenta doentes. Algumas centenas dêles não tinham conseguido obter o cartão de ingresso no respectivo Pavilhão, uns por falta de documentos indispensáveis e outros por não se acharem em estado tão grave como aqueles a quem foi facultado êsse cartão! Entre os médicos presentes, viam-se, àlém do dr. Pereira Gens, da Batalha, director do Posto, os drs. Weiss de Oliveira, de Lisboa, Falcão, de Alhos Vedros, Mendes de Almeida, de Fronteira, José Bonifácio, de Peniche, Abreu Freire, de Avanca, Eusébio Fontes, de Olhão, Augusto de Azevedo Mendes, de Tôrres Novas, Carlos da Silveira, de Tomar, e Pereira Coutinho.

Um dos médicos tinha percorrido a pé, da sua terra a Fátima, cêrca de cem quilómetros, em cumprimento duma promessa que fizera. Entretanto, milhares e milhares, de veículos, que vão chegando, despejam na Cova da Iría multidões de crentes de todos os pontos do país, que se preparam para assistir às grandes solenidades do dia. Só da cidade de Lisboa vieram seiscentos automóveis conduzindo milhares de peregrinos.

Os servos de Nossa Senhora do Rosário — As servas de Nossa Senhora do Rosário — Os hospitalários do Porto — A visita dos aviões — Flores do céu — A Fonte miraculosa.

Os servos de Nossa Senhora do Rosário, sob a direcção do seu chefe, o sr. major Pereira dos Reis, prestaram os mais relevantes serviços na condução dos enfermos e no desempenho das outras funções a seu cargo. As servas de Nossa Senhora do Rosário superiormente dirigidas pela Madre Amada de Luisa e Lemos, dominicana, foram dum desvêlo inexcedível para com os doentes. Ao lado dos servitas e das servitas trabalharam também prestando ótimos serviços, com um zêlo, uma competência e uma dedicação dignas do maior elogio, os beneméritos hospitalários do Pôrto, trezo homens e doze senhoras ajudantes, sob as ordens do comandante sr. Mário Barreto.

Por volta do meio-dia, aparecem nas alturas, procedentes do sul, os primeiros aviões, que iam saudar a Virgem no local das suas aparições e associar-se às homenagens nacionais que naquele dia lhe eram alí prestadas por centenas de milhar de portugueses, de tôdas as classes e condições sociais. De bordo dos aviões são lançados sôbre a Cova da Iria lindos ramos de flores que, piedosamente recolhidos pelos peregrinos, vão depois ornamentar a estátua e o altar da gloriosa Raínha do Rosário.

Em volta da fonte das aparições, de cujas quinze bôcas jorra abundante a água miraculosa, aglomera-se uma multidão numerosa, incessantemente renovada, que enche com a preciosa linfa recipientes de tôda a espécie e de tôdas as formas e tamanhos.

A procissão de Nossa Senhora — A missa oficial — O Senhor Bispo do Algarve — A Bênção dos doentes — O sermão do Reverendo Gonzaga Cabral — A procissão do «adeus».

Pouco depois do meio-dia realiza-se a procissão de Nossa Senhora. A linda estátua da Virgem é conduzida em triunfo, aos ombros dos servitas, da capela das aparições para a capela das missas. Quando o andor transpõe o limiar do Pavilhão dos doentes, o entusiasmo da multidão atinge os raios do delírio. Estrugem os vivas e as aclamações, de mistura com as súplicas e os cânticos, centenas de milhar de pessoas espalhadas por tôda a Cova da Iria e nas colinas adjacentes acenam com os seus lenços brancos, semelhantes a flocos de neve, e nas alturas, ostentando com ufania a cruz de Cristo, como mensageiros do Céu os aviões, no roncar forte dos seus motores, tomam parte, à sua maneira, naquela apoteose sublime, e indescritível à gloriosa Raínha do Santíssimo Rosário.

De repente, centenas de vozes rompem num cântico de fé: o Credo. E as notas dêsse cântico ecoam ao longe, levando até aos confis de Portugal o protesto da melhor e maior parte da população do país, alí representada pelo seu escol, contra tôdas as blasfémias da impiedade, contra tôdas as negações da descrença e contra tôdos os sofismas da dúvida.

O Senhor Bispo do Algarve, D. Marcelino Franco, sobe ao altar, paramenta-se e celebra a missa dos doentes, que é acompanhada a órgão e cânticos. Depois da missa, faz-se a exposição do Santíssimo e reza-se o terço do Rosário. Segue-se a tocante cerimónia da bênção dos doentes. É o Senhor Bispo do Algarve que leva a Sagrada Custódia, conduzindo a umbela, a convite do Senhor Bispo de Leiria, o Brigadeiro sr. Lacerda de Machado, comandante militar da região. Os doentes erguem os olhos e as mãos, em atitude suplicante, para a Hóstia-Santa. A comoção é enorme. Vêem-se lágrimas em todos os rostos. Entretanto, no alto da tribuna, em frente do Pavilhão, o rev.do capelão-director dos servitas faz as invocações do costume. São gritos de alma, correspondidos por milhares de bôcas, que sobem ao Céu e fazem violência ao Coração de Deus. A multidão reza, chora, soluça e canta. E os doentes, os pobres doentes, no estuar da sua fé e no crescer da sua confiança, imploram e esperam da bondade de Jesus, que, como outrora na Palestina, passa fazendo o bem, a cura, o lenitivo e o confôrto de que carecem ou a resignação à vontade de Deus para levarem a cruz dos seus sofrimentos com méritos para o Céu.

Dada a bênção geral e conduzido o Santíssimo Sacramento para a capela da Penitenciaria, ocupa de novo o lugar junto do microfone o rev.do Gonzaga Cabral. O ilustre orador começa por dizer que, como o profeta, não sabe falar, depois de tudo o que viu. Julgava conhecer Portugal e afinal não o conhecia. Aqui, em Fátima, vê-se bem que Portugal é a terra do Santíssimo Sacramento e a terra de Santa Maria. Vamos dizer adeus à Virgem. Mas levemos a paixão de Fátima por todo o Portugal. Partindo de Fátima, todos hão-de sentir saudades de Fátima. «Eu assisti aos mais deslumbrantes espectáculos de Lourdes, diz o ilustre orador; é nada em comparação de Fátima». Em presença destas maravilhas divinas, reconhece-se que não é possível destruir o catolicismo em três gerações, nem sequer em trinta. Aqueles que o afirmam é que deviam estar agora aqui. Oh! segredos inefáveis dos confessores nestes dias! Maravilhas conhecidas só dêles, de Deus e dos penitentes! É preciso que êstes perseverem para poderem ficar, no dia ao ajuste de contas, à direita do Supremo Juiz.

No dia de hoje, os Anjos, os Santos, e especialmente os Santos e Santas de Portugal, debruçaram-se dos balcões da eternidade para contemplar a Pátria portuguesa e louvar a Deus pelo admirável espectáculo que ela ofereceu.

O' Virgem de Fátima, adeus, adeus, adeus sempre!

Ao terminar o sermão, orador e fiéis, todos choravam, dominados por uma forte comoção.

A multidão canta o «Salve, nobre Padroeira», enquanto se organiza a procissão de «adeus».

O andor, precedido do clero e dos venerandos Prelados de Leiria e do Algarve, é conduzido aos ombros das servitas sob uma chuva contínua de flores, que de tôda a parte são lançadas sôbre êle pelos fiéis. De repente, junto da fonte miraculosa é solto um numeroso bando de pombas brancas que, voando por cima do andor da Virgem, vão pousar no telhado do Pavilhão dos doentes. O entusiasmo é indescritível. A multidão comprime-se à passagem do cortejo e depois reune-se em volta da capela das aparições, onde a estátua da Virgem é colocada sôbre o seu pedestal.

Rezadas as últimas orações e feita a consagração à Virgem, a grande massa de povo começa a debandar. Ao pôr do sol, só se viam na Cova da Iria, como rectaguarda do grande exército de fé e piedade, que acampara durante dois dias naquela terra ungida de graça e perfumada de milagre, a peregrinação de Bemfica, Lisboa, que no dia seguinte de manhã, como de costume nos anos anteriores, havia de realizar os actos religiosos privativos das peregrinações antes de regressar à capital nos magníficos «autocars» da Sociedade Autocar Limitada e nos outros carros expressamente contratados para a transportar à estância bendita de Fátima, à gloriosa Lourdes Portuguesa.

Pregoeiros de Fátima — Pregoeiros de Portugal — O Reverendo Gonzaga da Fonseca — Conferência no Instituto Bíblico de Roma — Cardiais, ministros, lentes, diplomatas — Centenas de alunos das Universidades Romanas.

Subordinada ao título «Uma conferência sôbre Fátima no Instituto Bíblico de Roma», publicou o grande diário católico de Lisboa «Novidades» no seu número de segunda-feira, dezanove de Maio último, uma interessante local, que, com a devida vénia, se transcreve aqui para conhecimento dos leitores da «Voz da Fátima».

«Teem êste ano passado pela tribuna de conferências do Pontifício Instituto Bíblico de Roma alguns dos nomes mais eminentes na Igreja, nas sciências históricas, na investigação arqueológica, nos mais preclaros sectores do pensamento e actividade humanas.

Queremos dar a gratíssima notícia aos católicos portugueses — e devia sê-lo até para todos os portugueses não católicos, se os há — do que acaba alí de se fazer uma conferência sôbre Nossa Senhora de Fátima. Foi no passado dia onze, perante uma assistência selectíssima de sábios, de diplomatas, de Cardiais, Prelados e rapazes, estudantes de todo o mundo.

De Fátima só pode, a bem dizer, falar a linguagem do coração, um português. E foi um português o conferencista, o sábio jesuita dr. Gonzaga da Fonseca, um dos mais eminentes Professores do Intituto, cuja sciência e virtude lhe grangearam há muito uma situação de marcante relêvo em Roma. O salão nobre, vastíssimo, pejava-o uma multidão.

Na primeira fila dos cadeirais solenes, Cardiais, altos dignatários da Cúria Romana, Professores, diplomatas, entre

êles os representantes de Portugal no Vaticano e Quirinal, e muitos centenares de alunos das Universidades Romanas. A conferência foi entrecortada de projecções de belas fotografias de Fátima, apresentando o espectáculo único, formidável, dessas massas enormes de gente que ali veem acorrendo em louvores à Virgem, Padroeira de Portugal.

Impressão profunda causou essa conferência na selecta assistência. Entre as fotografias contava-se a da imagem da Senhora de Fátima venerada no altar-mor da capela do Colégio Português em Roma e benzida pelo próprio Santo Padre.

Bem haja quem tanto se honrou levando junto de tantas almas as glórias de Maria na terra de Portugal.

Esses rapazes, filhos de todos os países e latitudes, irão um dia pelo mundo àlém cantar e espalhar os louvores a Maria em Portugal, os louvores e as bênçãos dá Senhora de Fátima. Apóstolos e pregoeiros também do nome e da acção portuguesa. Missionários de Deus e de Portugal!

Graças a Deus! Mais uma vez às glórias da Igreja andará junta, pelo mundo, a glória da terra de Portugal, que é terra de Santa Maria e do Santíssimo Sacramento!»

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Mal de Pott

Francisco Pereira Aurora, de 44 anos, casado, da Golegã, havia cinco meses que estava de cama, atacado (segundo afirma) de mal de Pott, desenganado de todos os médicos.

Antes do dia 13 de maio de 1929 começou uma novena e foi a Fátima, começando logo a melhorar, desaparecendo até em pouco, a saliencia e deformidade que tinha na espinha dorsal. Do livro de registo dos doentes albergados em Fátima naquele mês consta o seguinte: «N.º 41 — Francisco Amora, 43 anos — Golegã—mal de Pott». O atestado do Ex.mo Sr. Dr. Brito diz apenas o seguinte: «... sofre nesta data (7 de maio) de uma doença que o impossibilita de angariar os meios de subsistência».

Perna ulcerada havia 16 anos

José Laranjo Braz, da Gândara, frèguesia de Carvide (Leiria) de 68 anos, havia 16 anos que tinha uma perna de tal modo ulcerada, que causando-lhe por vezes dores atrozes, estava na eminência de ser necessário amputá-la.

Uma vez que voltava de casa de um filho, casado, que habita perto da estação do Monte Real, sentiu tais dores que pensava não poder chegar a casa.

Lembrou-se então de recorrer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, cessando as dôres imediatamente e aparecendo curado dentro de pouco tempo. Já lá vão três meses. Cheio de gratidão veio em maio a Fátima, como tinha prometido.

Infecção grave

Cândida Ferreira Coutinho, de 33 anos, solteira, de Espinho, devido à picadela de uma espinha de peixe teve uma tal infecção em um braço que foi lancetado em catorze partes, falando-se em ser cortado. Ao próprio médico pareceu extraordinária uma tal cura que ela atribue às orações de umas religiosas de Matozinhos a N. Senhora de Fátima. Veio a Fátima em maio conforme prometera.

Tuberculose

Teodora de Jesus, de 53 anos, casada, residente na Venda Nova, frèguesia do Castelo (Cezimbra), havia cinco anos que sofria duma doença muito grave que o médico dizia ser tuberculose, àlém de padecimentos nos intestinos, rins, figado, etc.

Da primeira vez esteve seis meses de cama voltando, depois de algumas melhoras, a estar mais sete meses. Andou depois levantada quatro meses posto que sofrendo muito. O médico não sabendo já que fazer mandou-a recolher ao hospital de Cezimbra mas nem ela teve ânimo de deixar os filhos nem o marido aprovou, preferindo morrer em sua casa. Afinal sempre se resolveu a sair para o hospital de santa Marta, em Lisboa. Quando andava nos preparativos começou a deitar muito sangue pela boca o que sucedeu várias vezes depois.

Convencida afinal que nada tinha a esperar da medicina, cansada de sofrer, lembrou-se de recorrer a Nossa Senhora de Fátima a quem fez várias novenas. No dia 10 de junho, apesar de o médico dizer que ia ficar pelo caminho

Ao entrar no comboio ia tão bem disposta e satisfeita que nem se lembrava da possível expectoração de sangue. No entanto, assustando-se um pouco à passagem de um tunel, assustou-se um pouco porque sabendo-lhe a boca a sangue deitou uma golfada, o que a fez recorrer a N. Senhora ainda com mais fervor. Foi a última vez. Desde então até hoje (9 de maio) sente-se curada. Ela que nem cinco minutos podia estar de pé nem fazer qualquer trabalho, andou léguas e chegou a casa tão satisfeita que fez a admiração de todos.

Fístula

Luís Pena Pedro, casado, de Alcochete, residente em Lisboa, na travessa dos Moinhos, 16 (a Santo Amaro), sofria, havia quatro anos, de uma fístula de que foi operado sem resultado. Em vista disto o médico aconselhou a entrada no hospital de S. José para segunda operação. Sabendo isto sua mulher recorreu a N. Senhora de Fátima assistindo a tôdas as novenas e devoções realizadas na igreja de S. Pedro de Alcântara para inauguração da imagem de Nossa Senhora de Fátima, prometendo ir com seu marido a Fátima antes de entrar no hospital. Assim fizeram, incorporando-se ambos na peregrinação do Patriarcado de maio de 1919.

«Na véspera (informa o miraculado) confessámo-nos nas Oficinas de S. José e comungamos de manhã em S. Pedro de Alcântara e dali partimos para a igreja de S. Domingos, donde partia a peregrinação, assistindo alí a tôdas as cerimónias.

Logo nessa ocasião me senti melhor sendo possível estar sentado sem que nada sofresse. No entanto nada disse a minha esposa para que ela própria o notasse.

Regressei a Lisboa completamente curado. Voltámos êste ano a Fátima para agradecermos a N. Senhora a sua misericórdia.»

Durante 15 anos

Josefa Maria, da Ranha, frèguesia de Vermoil (Pombal) havia 15 anos que quási nunca se lhe conservava a comida no estomago. Uma visinha, condoida dêste sofrimento trouxe terra e água da Fátima e deu-as à doente, estando já curada, o que vem agradecer a N. Senhora por êste meio (carta de 11 de maio de 1930).

Reumatismo

Lauirndo Fernandes da Silva de S. Vicente de Ovar: Em 1927 caí doente com reumatismo e uma queda juntamente. Estive 7 meses paralitico parecendo-me que nunca melhorava.

Minha família dera-me um jornal da Fátima e eu ao vêr os grandes milagres fiquei cheio de esperança e principiei a rezar um Rosário todos os dias, e aos 9 dias já caminhei dando algumas passadas, continuando a melhorar. Hoje faço viagens de 10 quilómetros a pé.

Prometi publicar no jornal da Fátima esta graça o que peço a V. Ex.ª que se digne tornar público.

Um Kisto

Domingos de Sales Gomes Moreira, de Viana do Castelo, em 3 de abril último, expõe o seguinte:

«Peço a fineza de públicar no jornal *Voz da Fátima*, para maior glória de Maria Santíssima, o seguinte: Em 1920 apareceu-me, na parte exterior da garganta, um Kisto. Andei pelas mãos dos médicos e nada de sarar até que em 20 de Maio de 1929 tendo então já feito sem resultado, 4 operações, fui para o Pôrto. Fui novamente operado. O Snr. Dr. Alvaro Rosas disse que estava são, mas infelizmente enganou-se, pois na manhã do dia 5 de Julho, qual não foi o meu espanto ver que tinha rebentado. Melancólico, não sabia como informar meus bons Pais dêste infeliz sucesso, pois tinham já acabado as tristezas a ver que se iam renovar quando disto soubessem.

Êles, porém, como me vissem tão triste, preguntaram o que tinha acontecido. Vi-me deveras embaraçado, mas pensando um pouco, respondi que nada e dirigi-me a um quarto, onde pedi à Santíssima Virgem, que, se não se dignasse conceder-me a cura, ao menos que me desse coragem para informar meus pais e que os consolasse bem como à restante família.

Saí do quarto, já me esperavam para me interrogarem de novo, quando, antes de me fazerem a mesma ou semelhante pregunta, com muita coragem lhes disse: nada de desanimar, mas muita confiança na Consoladora dos Aflitos, pois a minha hora ainda não é chegada, e principiei a contar-lhes o que se tinha passado. Não tenho palavras para explicar a dôr que sentiram. Ao vê-los desfeitos em pranto, não pude conter as lágrimas. Meu pai levou-me imediatamente ao Snr. Dr. Delgado que depois de me ter examinado, disse-lhe que me acompanhasse a casa e voltasse lá. Minha família estava triste mas ainda mais ficou quando chegámos; certamente pensariam que já não havia cura. Triste, meditabundo, dizia comigo mesmo: infeliz de mim que já não tenho cura e N. S.ª a quem a peço desde o aparecimento da doença não se digna ouvir-me.

Voltou meu Pai, acompanhado do Snr. Joaquim de Almeida, ao dito Dr., muito triste, pensando que ia ser privado de mim, segundo mo disse, depois. Quando chegou não queria dizer o que lhe tinha dito, mas pedindo-lhe muito, sempre disse com profunda tristeza: Diz o Sr. Dr. que precisas de ser novamente operado mas arriscado a... «aqui não teve coragem para pronunciar o resto, mas entendi perfeitamente» e que te tinha encontrado fraquíssimo, por isso que esperássemos mais algum tempo e proibiu de se por remédio algum.

Em casa de meus pais já não havia senão tristeza. Cogitando na minha triste situação, vi que a sciência humana não me podia valer. Então recorri novamente à Mãe do Céu, N. S.ª de Fátima e com muita fé principiei a pôr uma compressa embebida em água de Fátima — Milagre — Desde que me servi dela, principiei cada vez que a aplicava, a achar-me melhor!... Passados 15 dias fui ter com o mesmo Dr. Delgado, que ficou admiradíssimo. Dizia êle, depois de me ter examinado: Como sarou? — Eu disse-lhe que tinha recorrido à Consoladora dos Aflitos e desde que lá tinha ido, tinha posto todos os dias, com muita fé, uma compressa embebida em água de Fátima. Ao ouvir isto mais admirado ficou. Voltei a casa com meu Pai e continuei a aplicar o mesmo remédio. Passado outro tanto tempo voltei ao Snr. Dr. Delgado; êste, depois de me ter sujeitado a novo exame, disse que podia agradecer à bondosa Mãe do Céu, pois não tinha sido senão um grande milagre!...

Fui depois examinado por vários médicos que confessaram o mesmo.

Qual a Mãe que não atende aos rogos do filho?

Desde 1920 vinha pedindo a Nossa Senhora de Fátima, a minha cura, fui finalmente atendido.

Agradeço, pois, reconhecido a Nossa Senhora de Fátima, a minha cura, e que acuda com a sua divina graça aos que cheios de amor e fé, como eu, a ela recorrem».

Doença grave

«E' uma mãe, cheia de alegria e contentamento, que escreve a V. Rev.ª, com o fim de dar a maior publicidade à cura, que eu julgo miraculosa, que *N. Senhora de Fátima* fez a uma minha filha.

Essa minha filha, de 20 anos, é o enlêvo dos seus. Sendo desde sempre forte e robusta, sobreveio-lhe, há mais de 4 anos, uma tão grave doença, que, esgotados todos os meios que a sciência aconselha, a poz às portas da morte. E tanto assim que um dia (triste dia êsse!) eu fui encontra-la fechada no seu quarto, deitada na cama com os seus melhores vestidos, a chorar copiosamente, dizendo-me que, tendo já perdidas tôdas as esperanças, estava preparada para a levarem para o cemitério!

Como é de calcular, perdida de dor, chorei abundantes e amargas lágrimas e minha pobre filha chorou comigo também. Num momento feliz, lembro-me de recorrer à intercessão de N. Senhora de Fátima e fui à Igreja da Misericórdia, desta cidade, onde Ela é muito venerada, e pedi-lhe de tôda a minha alma e de todo o meu coração, como as mães sabem pedir, que me fizesse a graça de ma curar.

Pois nada mais foi preciso. Logo que chego a casa, encontrei a minha querida filha melhor, e, passados alguns dias, poucos, estava completamente curada da tarrível doença, depois de ter sido abandonada pelos médicos.

Seria um milagre? Não tenho autoridade para afirmá-lo. O que posso afirmar, bem alto, e em tôda a parte, é que minha filha só melhorou, depois de termos recorrido, com muita fé, à intercessão de *N. S. de Fátima*, que é, realmente, a saude dos enfermos. *Salus infirmorum*.

Eu e minha filha, cujos nomes vão abaixo assinados, pedimos ao rev.do Capelão da Igreja da Misericórdia o favor de nos escrever esta carta e de a mandar para o jornal *Voz de Fátima*, que V. Rev.ª tão dignamente dirige, para que todos os seus leitores vejam que nunca é em vão que se recorre à nossa bôa Mãe do Céu, onde ela é a tesoureira de tôdas as graças, quando as merecemos.

Pedindo o favor da publicação desta carta, assinamo-nos, com o maior respeito e gratidão.

De V. Rev.ª etc.

Constança Augusta Tronfa Real

e

Carolina Augusta Tronfa Real

Chaves, Rua do Pôço, 26 de Maio de 1930.»

Tuberculose galopante

Serafim Madeira, casado, de 25 anos, do Teixoso (Beira Baixa), foi atacado de tuberculose galopante, tendo sido tratado pelo snr. Dr. Paúl, da Guarda e outros da Covilhã chegando a dizer que viveria apenas uns quinze dias, chegando a receber os últimos sacramentos. Recorreu a Nossa Senhora do Rosário de Fátima prometendo trabalhar uma semana, de pedreiro, nas obras do santuário, encontrando-se curado.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	206.833$55
Papel, composição e impressão do n.º 92 (80.000 exemplares)	4.242$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	313$00
	211.388$55

Donativos vários

O nosso jornalzinho é distribuído gratuitamente na Fátima nos dias 13 de cada mês e só o enviamos pelo correio a quem enviar o mínimo de dez escudos por ano. Não havendo espaço para registar aqui todas as quantias enviadas, limitamo-nos às mais avultadas.

Maria Rosa Fontes, 30$00, Comissão promotora do Culto de N. Senhora da Fátima na igreja dos Terceiros, em Braga, 50$00; donativo de L. M., 240$00; Maria do Carmo Martins Morgado, 30$00; Joaquim de Santana Carvalho, 60$00; Beatriz Rodrigues Silva, 85$00; P.e José Pires Coelho, 58$50: José Martins da Cunha 70$00; uma pessoa de Pedrógão Grande 3$00; Daniel Antunes, 45$00; Manuel da Silva Matias, 100$00; Vice-Reitor do Seminário de Evora, 50$00, Anselmo Alves Borges, 202$50; Artur de Figueiredo, 30$00; Maria de Jesus Vidal, 125$00; José Joaquim Antunes Lopo, de Portalegre, 600$00; M. Adelaide de Azevedo de Moura, 60$00; Emília Nunes da Rocha e Costa, 70$00; João Albino Custódio, 55$00; Manuel Alves Mateus, 58$00; Maria do Carmo Pires, 14$40; L. G. Ribeiro, de Hong-Kong, 50$00; P.e João Bernardes Mascarenhas, 50$00; Maria Isabel de Almeida, 100$00; João Menezes de Azevedo 200$00; José Gonçalves Govêrno, 22$50; Maria Angela, de Pedrouços, 103$00; Joaquina Rosa Ramalho 25$00: Donativos de Ancora, 15$00; P.e Augusto Firmino da Silva, 30$00; Celeste F. Costa, 20$00; Elvira Martins Pereira de Carvalho, 50$00; Maria do Carmo Pereira, 25$00; Maria Joaquina da Silva, 150$00; Anónima, 100$00; Maria Ferreira Rodrigues, 19$00; Maria da Encarnação Barão, 20$00; Maria das Dores Tavares de Sousa, 110$00; Maria Margarida Teureiro, 50$00; António F. Lourenço, 30$00; Filipe António Belis, 50$00; P.e Manuel de Araujo Ventura, 25$00; Rosa Viberto Lopes Varela, 30$00.

Confraria de N. Senhora da Fátima

Entre as numerosas cartas que recebo sôbre diversas coisas que dizem respeito à Confraria, veio há dias uma dum dos colectores mais zelosos, pedindo-me que, se fôsse possível, se dissesse todos os meses, na *Voz da Fátima*, alguma coisa sôbre a Confraria, porque assim como êle ganhara a paixão grande que tem por esta Confraria lendo uma notícia sôbre ela na *Voz da Fátima*, assim seria possível que em outras almas com igual semente se produzissem semelhantes frutos.

Aqui vai, pois, hoje, uma notícia e a promessa de continuar sempre que seja possível.

A primeira coisa que tenho a consolação de dizer é que, graças a Deus e à Virgem Santíssima tem aumentado muito o número de confrades. Este aumento deve-se, é claro, em primeiro lugar à Mãe Santíssima, pois é ela quem lá do céu faz desenvolver esta santa obra, mas deve-se também muito ao zêlo dos bons colectores tanto dum como doutro sexo. Há alguns que pelo seu zêlo são verdadeiros apóstolos entre os fiéis confrades que dirigem!

Há-os que teem a seu cargo mais de 200 confrades que dirigem com todo o acêrto! Almas assim fazem no mundo um bem incalculável. Peço sempre à Virgem Santíssima que conserve e aumente nessas almas o fervor que já por Ela teem, e que no exemplo delas, de dia a dia, as outras se tornem mais fervorosas.

Contribuir para a conversão dos pecadores tal é o primeiro dos fins da Confraria. E que obra sublime essa não é!! Foi para a realizar que Jesus veio ao mundo operar as maravilhas de amor e abnegação que nos deixou por herança. Pois bem, o Confrade de Nossa Senhora, ao entrar para a Confraria, com a esmolinha mensal que dá e com as graças que adquire pela participação nas missas e nos sacrifícios dos doentinhos, sabe que vai contribuir para essa obra magnífica — a conversão dos pecadores! Se ao menos um pecador fôsse levado a abandonar o caminho do inferno, por meio de nós, não seriam bem aproveitados todos os nossos sacrifícios e orações?! Com isso ficaria um condenado a menos no inferno a amaldiçoar a Deus por todo o sempre, e ficaria um eleito a mais no Céu a louvar e a bem-dizer o seu Redentor Jesus Cristo e aquelas pessoas caridosas que trabalham para que o sangue divino de Jesus riscasse de sua alma os pecados.

Entre as obras divinas a mais divina é trabalhar com Deus pela salvação dos pecadores, diz um dos Santos Padres da Igreja. Por isso mãos à obra. E' Deus quem o quere. Êle não necessita de nós mas quere dar-nos a honra sublime de o ajudarmos na distribuição do seu sangue divino nas almas que Êle deseja salvar. Prègai o Evangelho a toda a criatura, disse êle a seus apóstolos. Eles e seus sucessores cumprindo a ordem divina prègaram e pregam ainda publicamente; nós, prègaremos mais em particular, oferecendo pelos pecadores as nossas esmolas, as nossas orações, os nossos sacrifícios e todas as nossas boas obras, e tudo isto, e estas prègações, embora feitas em particular, só entre nós e Nosso Senhor, são por êle muito bem aceites e tornam-se eficazes para o próximo. E' Deus quem quere por êste esfôrço pela conversão dos pecadores, dizia eu, mas é também a Virgem Maria quem no-lo pede.

Quando Nossa Senhora veio à Cova da Iria falar aos pastorinhos de Aljustrel, disse-lhes assim: — *Rezai muito pelos pecadores para que não ofendam mais a Deus, porque meu Divino Filho está muito ofendido com o procedimento dos maus.*

Que nós ouçamos esta voz de Maria como dita a nós mesmos. Que todos os Confrades de Nossa Senhora de Fátiam, se até aqui teem sido cuidadosos em pedir pelos pecadores o sejam cada vez mais daqui para o futuro, e que os nossos confrades venham aumentar o número e a eficácia das orações daqueles que já estão alistados na milícia bendita da Virgem Senhora da Fátima. Assim, daremos, sem dúvida honra e glória a Deus, consolação à Virgem Maria, ajudaremos a salvar os infelizes pecadores e, salvando-os a eles mais facilmente nos salvaremos a nós também.

Em todas as terras podia haver, e era tão bom que houvesse, um número maior ou menor de confrades que se interessassem pela conversão dos pecadores em geral mas sobretudo pelos dessa terra.

Para isso bastava que uma pessoa de bem se encarregasse dos trabalhos de colector que são os seguintes: tomar nota dos nomes dos seus confrades em listas que para isso lhes seriam mandadas, distribuir por essas pessoas as patentes que para os colectores serão também enviadas, e receber até ao fim de cada ano os $20 por mês, esmola que será dividida em duas partes iguais, — uma para missas de que todos teem participação, e outra para o culto de Nossa Senhora na Cova da Iria.

Já êste ano foram celebradas 100 missas e brevemente serão celebradas muitas mais se a Virgem nos fôr ajudando na sua santa obra.

Está actualmente encarregado da Confraria o Rev.do António dos Reis — Seminário de Leiria.

Teresa Neumann

Segundo notícias recentes, Teresa Neumann, a estigmatisada de Konnersreuth e de que já aqui falámos em dezembro, entrou em êxtase logo no princípio da Semana Santa.

Além das chagas na cabeça e perto do coração, veem-se agora largas chagas nas mãos nos pés e nas espaduas e derrama incessantemente grossas lágrimas de sangue.

Estes fenómenos aumentam todos os anos cada vez mais por ocasião da Semana Santa.

UM GRANDE APOSTOLADO

Não há ninguem que não possa e não deva ser apóstolo, aquecendo espiritualmente o meio marcado pela Providência para a sua actividade com repercussão em todo o mundo e por toda a eternidade.

Diz-se do dinheiro que onde está faz barulho. O mesmo se pode dizer da graça de Deus, da piedade e da virtude nas almas.

Há uma espécie de apostolado que todos podem exercer. E' o *apostolado da oração*, que com o apostolado do sofrimento e da penitência e com o do bom exemplo, formam como que a alma e a vida do zêlo exterior. Este, o apostolado da oração, todos os fiéis o podem praticar.

Nem todos podem prègar, nem escrever ou entregar-se a outras obras de vulto, mas todos podemos ser apóstolos do Sagrado Coração de Jesus «porque (como diz Santa Margarida Maria) *todos temos corpo para sofrer e agir e corações para amar e orar*».

Para fazermos uma ideia do valor do *apostolado da oração* basta considerar como Nosso Senhor o praticou e o continua a exercer. Ao apostolado exterior consagrou apenas três anos da sua vida pública e ao outro, os trinta e três anos da sua vida mortal e continuá-lo-á na Eucaristia, até ao fim dos séculos.

Esta oração inefável que começou no primeiro momento da Incarnação com o primeiro bater do seu Coração, nunca foi e nunca mais será interrompida.

Santa Margarida Maria falou muita vez da necessidade que teem os devotos do S. Coração de Jesus de imitar esta oração eucarística perpétua.

Basta mencionar o que ela diz do desejo veemente que Nosso Senhor tem de encontrar almas medianeiras, isto é, almas apóstolas pela oração.

«A irmã M. (conta ela) andava cheia de tristeza por não poder ter utilidade nenhuma em relação à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Este, porém, lhe impôs como dever de orar, fazendo-a sua medianeira. Efectivamente êsse Sagrado Coração deseja que haja almas medianeiras. Muito felizes serão aquelas que lhe prestarem esse serviço pois que Êle mesmo será para elas medianeiro».

* *

Como programa deste apostolado por meio da oração, Santa Margarida Maria resume os seus ensinos convidando-nos a uma espécie de viagem espiritual não só às várias necessidades, e regiões do mundo mas também ao Purgatório e ao Céu, a favor do Reino Universal do Sagrado Coração de Jesus.

A verdade é que tanto na igreja paciente, como na triunfante, como na militante, o Sagrado Coração de Jesus, tem interesses que a oração pode defender e firmar, e em tôdas essas igrejas ha poderosos intercessores aos quais nos podemos unir pela causa desse divino Coração.

Esta viagem espiritual deve ir terminar deante do trono eucarístico de Jesus.

É principalmente deante do Sacrário, com o próprio Coração de Jesus, que nós devemos negociar os interesses da sua glória, no céu, no purgatório e nas várias nações do mundo.

Não esqueçamos isto sobretudo neste mês consagrado ao S. Coração de Jesus e em que vai realizar-se em Braga um congresso do *Apostolado da Oração*.

FÁTIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUÍS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5$00; pelo correio, 5$70

Êste livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses, encontra-se a venda na **UNIÃO GRÁFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa,** na **VOZ DE FATIMA,** em **Leiria** e no **SANTUÁRIO DE FATIMA.**

O que há de mais terrivel

Ao serão, em família, iam os pequenos passando o jornal (uma ilustração cujas gravuras falavam aos olhos das crianças). Dava, como de costume, larga notícia de mortes repentinas, mortes violentas, mortes de tôdas as maneiras.

Os pequenos iam vendo e comentando: «E' medonho! Um navio a afundar-se; arripia esta morte dentro duma mina!»

Sentado à lareira. O avô murmurava: «Não é isso que é medonho».

E as exclamações das crianças continuavam: «Assassino miserável! Tanto sangue! E' espantoso!» E o avô continuava: «Não é isso que me espanta.»

E os pequenos proseguiam: «pobres viuvas! Pobres orfãosinhos! Que dó eles causam!»

E o avô ia monologando: «Não é isso que me faz dó.»

As crianças, a princípio, não deram conta destas estranhas palavras, mas desta vez, notando esta insistência do velho, não puderam passar que não dissessem: «Que é que o avôsinho quere dizer?»

— O que eu quero dizer, replicou gravemente o ancião, é isto: vocês no jornal não viram nada, nada.

— Como é que isso pode ser?

— Não viram nada, coisa nenhuma. Apenas umas coisas sem grande importância. Viram só a desgraça dos corpos dessas vítimas de cuja morte trágica vocês se compadecem. E a desgraça das suas almas? Isso não viram vocês. E é isto que é importânte. A sorte dessas almas caindo sem preparação nas mãos de Deus é *bem mais medonha, bem mais terrível* que a sorte dos corpos privados sùbitamente da vida.

Para os corpos, pronto! Mas para as almas? Se elas não estiverem na graça de Deus? Se estivessem em pecado mortal!...

Ah! E se, saídas repentinamente dos seus corpos, se precipitassem, malditas de Deus, no inferno, nesse abismo formado de ódios, de trevas, de desespero, de espanto, de torturas sem nome e sem fim!

«Ora aí está, meus meninos, o que há de mais medonho no mundo.» E nisto não se pensa. O que fere os sentidos comove-nos, o que se refere às almas deixa-nos insensiveis.

Por isso, meus meninos, habituem-se a rezar todos os dias pelos moribundos de cada dia.

PARA A PERFEIÇÃO

Um amigo do grande artista Miguel Angelo visitou-o na ocasião em que êle estava concluindo uma estátua.

Afinal (diz o amigo) está no mesmo estado em que a encontrei da última vez.

— Estás enganado. Retoquei êste braço, profundei esta prega do vestido, suavisei a expressão dos olhos, fiz sobresair mais êste músculo, adelgacei êste braço e...

— Está bem (diz o Amigo) mas isso são bagatelas, pequeninas coisas e...

— E' verdade, são bagatelas, pequeninas coisas, mas lembra-te que não se devem desprezar as bagatelas, as pequeninas coisas quando se quere chegar à perfeição e a perfeição não é uma bagatela.

Dispensa de abstinência

Concedemos, dentro dos limites da Diocese de Leiria, dispensa de abstinência aos peregrinos ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, no dia 13 do corrente.

Leiria, 1 de Junho de 1930.

† JOSÉ, *Bispo de Leiria*

ATRAVEZ DAS CARTAS

A notícia singela das Aparições da Fátima vai peregrinando por êsse mundo em páginas de semanários humildes e de luxuosíssimas revistas, despertando um interesse inaudito.

De França:

«Acabo de ler nos números de novembro de «L'étoile de l'Enfant Jésus» um resumo da admirável aparição de Nossa Senhora em Fátima. Quero conhecer bem todos os detalhes de tão grande acontecimento e peço-lhe tenha a bondade de enviar-me o livro do Sr. de Montelo: «As grandes maravilhas de Fátima».

*

A linguagem do trecho seguinte chegada da América do Norte revela um estranjeiro mas bem irmanado connosco no amor a N. Senhora da Fátima:

«Por acaso visitando um amigo meu caiu nas minhas mãos a leitura da *Voz da Fátima*» (ano VII, n.º 86). Queira considerar-me como um leitor do seu semanário.

Se me enviasse os números dêste ano ou especialmente o n.º 86 consideraria um imenso favor.

Faça-me conhecer o lugar, origem da aparição, tudo causa-me imenso interesse. Toda e qualquer despesa diga-me o que é, que lhe enviarei na minha próxima carta».

*

De Espanha, *com o zêlo dum propagandista desinteressado e com gesto da preverbial fidalguia espanhola.*

«Queira perdoar-me, Rev.mo Senhor, ter demorado tanto em lhe escrever e enviar o dinheiro que incluo. Foi esta demora ocasionada pela minha mudança de residência e por ter ido em excursão a Tarragona e a Barcelona visitar a formosa Exposição, onde tive a honra de assistir ao festival Valeciano da chegada e recepção do Ex.mo Sr. General Carmona, Presidente do nosso país irmão — Portugal.

Estando eu muito próximo do Ex.mo Sr. Presidente Carmona ouvi-lhe tecer grandes elogios a Barcelona, sua Exposição, e à Espanha.

Na Exposição tive o gôsto de visitar todas as produções e Artes de Portugal que está muito bem representado, especialmente nas Artes onde há quadros e telas preciosíssimas.

Peço a V. Rev.cia se digne fazer o obséquio de me enviar pelo correio, duas fotografias da Imagem de Nossa Senhora da Fátima benzida pelo Santo Padre Pio XI e que se venera no Colégio Português em Roma, e duas da verdadeira Imagem de Nossa Senhora que se venera na Fátima, do fotógrafo A. L. Diamantino. As quatro fotografias que sejam das mais perfeitas porque quero entregá-las para serem publicadas em todas as revistas católicas».

Ano VIII — Leiria, 13 de Julho de 1930 — N.º 94

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Fátima divino crisol das almas

«Continuam acesas as chamas da Fé em Lourdes, Lisieux, Paray-le-Monial, FÁTIMA
À dôce luz dêsses santuários providenciais, trabalhemos todos pela consolidação
do Reino de Cristo, do domínio do Rei de Amor, num Portugal cada vez maior»

Final da conferência feita pelo sábio lente da Universidade de Lisboa, Snr. Conselheiro Abel de Andrade, por ocasião da «Semana da Entronização», realizada em Lisboa, de 24 a 27 de Junho último.

Santo António de Lisboa. — O centenário do glorioso taumaturgo. — O rev. José de Castro, apóstolo do centenário. — As homenagens nacionais. — As duas pátrias do Santo. — O padroeiro de Fátima.

Santo António de Lisboa, o grande e glorioso Taumaturgo português, é um dos santos mais extraordinários do agiológio cristão. Êle enche, não só uma pátria, mas o mundo inteiro com o esplendor das suas virtudes e com a fama dos seus milagres. Arca do testamento e martelo das heresias, como lhe chamou um Papa, sábio profundo e santo consumado, orador eloqüentíssimo e apóstolo ardente e indefesso, foi a figura mais ilustre e mais admirável do seu século, o século treze que o nome bemdito do humilde religioso cingiu duma auréola de glória refulgente e inconfundível.

Brevemente principiarão as comemorações festivas do centenário do digníssimo filho espiritual do grande Patriarca de Assis.

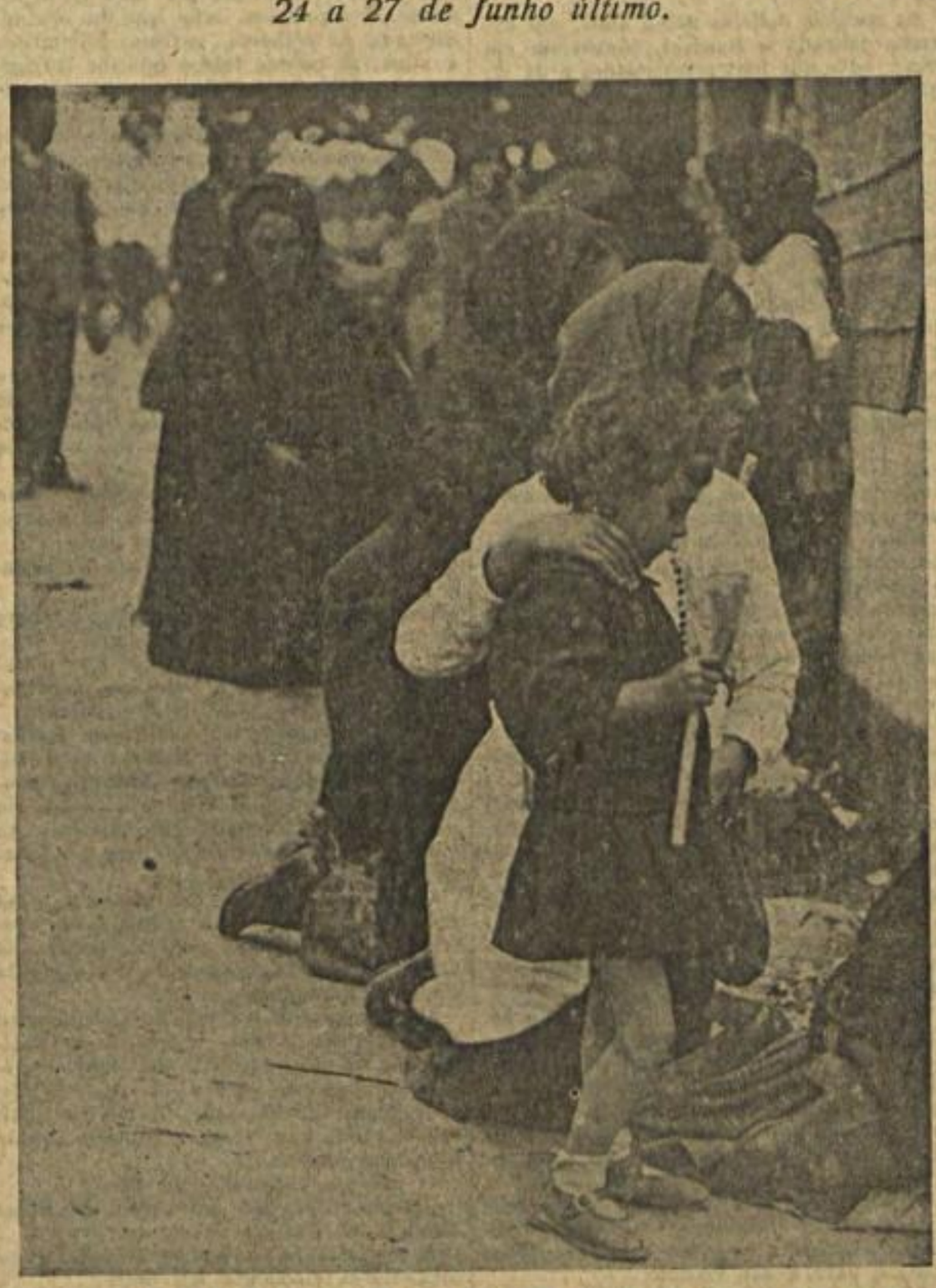
Graças à iniciativa e aos esforços do distinto jornalista, rev.do José de Castro, actual conselheiro da legação de Portugal junto da Santa Sé, que, numa longa, intensa e brilhante campanha na imprensa, encareceu a necessidade de celebrar condignamente o centenário de Santo António, constituiu-se para êsse fim uma comissão nomeada por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, a que pertencem algumas das figuras mais categorizadas do nosso meio e de que se dignou aceitar a presidência de honra Sua Excelência o Senhor General Óscar Carmona, Presidente da República.

A Itália, onde o apóstolo taumaturgo dispendeu a maior parte da sua actividade e teve o seu passamento na cidade de Pádua, que erigiu em sua honra uma suntuosa basílica e conserva ciosamente os seus preciosos despojos mortais, prepara-se para ter a primazia nos cultos religiosos e nas homenagens cívicas, de carácter nacional, a prestar àquele que ela chama com justo orgulho e piedoso egoísmo Santo António de Pádua.

O nosso brio de compatriotas do Santo, e a nossa gratidão para com êle impõem-nos o dever de procurarmos rivalizar com a rica e poderosa nação latina àlém Alpes, se não na grandiosidade e imponencia, ao menos na sinceridade, no fervor e na universalidade dos preitos consagrados a êsse formosíssimo ornamento da insigne e benemérita Ordem Seráfica. É mister que a nação inteira, durante o ano do centenário, se levante em peso numa explosão de amor e entusiasmo, para fazer uma apoteose condigna a um dos personagens mais augustos e mais venerandos da sua história, ao mais santo dos seus sábios e ao mais sábio dos seus santos.

Assim Portugal e a Itália, as duas pátrias de Santo António, o seu berço e o seu túmulo, dar-se-ão irmãmente as mãos para o pagamento duma dívida colossal a um santo que, mais d'esses países do que de nenhum outro é ao mesmo tempo do mundo inteiro, porque é um santo eminentemente popular e universal.

Fátima, a Lourdes portuguesa, ufana de o ter como seu padroeiro desde tempos imemoriais, associa-se, de alma e coração às grandiosas homenagens que a pátria e o universo cristão vão render ao ínclito santo, que é incontestàvelmente uma das mais belas figuras da nossa terra, gigante no saber e gigante na santidade.



JUNHO DE 1930 — JUNTO Á CAPELINHA DAS APARIÇÕES

As últimas peregrinações paroquiais — Na véspera do dia treze à tarde. — O concurso de peregrinos. — As trovoadas da Primavera. — As diversas peregrinações. — A procissão das velas.

No dia vinte e nove de Maio, quinta-feira da Ascensão, veio a Fátima uma peregrinação da frèguesia de Santa Catarina da Serra, diocese de Leiria. Pode dizer-se que nela tomaram parte todos os habitantes daquela importante e populosa aldeia. Presidiu à piedosa romagem o rev. pároco, Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, que a-pesar da sua avançada idade e da sua saúde combalida, acompanhou os seus paroquianos e prègou por duas vezes. Foi estreada uma linda e rica bandeira, que representara a scena das aparições. O rev. pároco celebrou a santa missa, a que comungaram todos ou quási todos os peregrinos. Antes da missa realizou-se a procissão de Nossa Senhora e depois da Missa a procissão do Santíssimo Sacramento, que fez um longo percurso dentro do recinto sagrado, sendo dada no fim a bênção aos doentes que acompanharam a peregrinação.

No dia primeiro de Junho realizou-se a peregrinação comum das frèguesias da Batalha e Aljubarrota. Incorporaram-se nela muitos fiéis doutras frèguesias vizinhas. Os peregrinos seguiram processionalmente pela estrada distrital, fazendo a piedosa devoção da via-sacra. Em cada uma das estações o rev. pároco, Manuel Pereira Gonçalves, proferiu uma alocução adequada. Esta peregrinação chegou na véspera às dez horas da noite, depois de ter gasto cinco horas no percurso, e retirou-se no dia primeiro à tarde.

No mesmo dia, pela manhã, chegou a Fátima a peregrinação de S. Mamede da Serra, presidida pelo rev. José da Cunha Gomes e no dia nove a de Alcobertas, presidida pelo rev. António Gomes Loureiro

e acompanhada pelos rev. Manuel Vicente Caetano, pároco da frèguesia das Lapas, e António Mendes, pároco da frèguesia da Zibreira, ambas do Patriarcado. Esta última peregrinação promoveu a celebração duma Missa cantada, a que assistiram todos os peregrinos com uma piedade edificante.

No dia doze à tarde, já uma grande multidão formigava na Cova da Iria e nas suas imediações. Na manhã seguinte o concurso de peregrinos aumentou consideràvelmente.

Viam-se pessoas de tôdas as classes e condições sociais, provenientes de todos os pontos do país. Muitos peregrinos percorreram a pé a longa distância que medeia entre as suas terras e a Cova da Iria.

Desta forma foram a Fátima quarenta pessoas de Ilhavo, que dista cêrca de trinta léguas da Lourdes portuguesa. As trovoadas que se desencadearam em diferentes regiões do país nos últimos dias da quinzena fizeram desistir muitas pessoas de ir a Fátima nesse mês. Mas, sem embargo disso, o espectáculo que oferecia o recinto das aparições, quere durante a procissão das velas, quere sobretudo por ocasião da Missa dos doentes, era surpreendente. Tinha-se a ilusão de que se estava num dos dias de grande peregrinação nacional. A procissão das velas decorreu com a maior ordem, cantando os peregrinos o Ave de Lourdes com devoção e entusiasmo.

Entre as peregrinações presentes, merecem especial referência as seguintes: Anjos (Lisboa), rev. cónego dr. Manuel Pereira dos Reis, Lamego, Souto da Carpalhosa, Monte Redondo e Carvides, 2.000 pessoas, rev. Jacinto António Lopes, Espite, 1.000 pessoas, Carapinheira do Campo e Meãs, S. Simão de Lilém, 150, Peniche, Alcanhões, Póvoa de Cós (Alcobaça), Azoia (Leiria), Serra do Pilar (Pôrto), Bomfim (Pôrto), Aldeia Grande e Capela do Postigo do Sol. Três colégios de meninas dos mais acreditados da província imprimiram uma nota vibrante de graça e mocidade às manifestações do dia treze; o Colégio de Anadia, o Colégio de S. José, de Coimbra, e o Colégio de Nossa Senhora de Fátima, de Leiria.

Duma carta do rev. pároco de Alcobertas àcêrca da peregrinação daquela frèguesia reproduzem-se os seguintes períodos: «No dia 9, segunda-feira do Espírito Santo, realizou a frèguesia de Santa Maria Madalena de Alcobertas, Patriarcado de Lisboa, a sua peregrinação anual ao Santuário de Fátima. Préviamente reconciliados com Deus no Sagrado tribunal da Penitência, abeirou-se da Sagrada Mesa da Comunhão na manhã do mencionado dia na igreja paroquial, donde em seguida partiram com a sua bela bandeira de Nossa Senhora de Fátima, estreada em 1929, em *camionetes*, por Rio Maior, Alcobaça e Batalha, chegando à Cova da Iria pelas nove horas e meia da manhã. Rezado um terço entremeado de cânticos, na capela das aparições, dali seguiram os romeiros em procissão, com o andor da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, levado pelos srs. Manuel Dias, Jacinto Ferreira, António Ferreira e João Piedade, para o Pavilhão dos doentes, celebrando então a Missa cantada o respectivo Prior José Gomes Loureiro, que foi acolitado pelos rev. Prior da Zibreira e Reitor do Santuário. Ao Evangelho houve sermão, prègado pelo rev. Prior das Lapas. Após a Missa expôs-se o Santíssimo no trono, rezou-se um segundo terço e deu-se a bênção com o Santíssimo. Depois foi reconduzida processionalmente a Imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições, onde se rezou o terceiro terço e os peregrinos se despediram cheios de saüdade de Nossa Senhora, penhorados com a deferência imerecida que o rev. Reitor do Santuário lhes dispensou e com a resolução de novamente ali voltarem, em outro ano, com o mesmo fim.»

Adoração nocturna. — O rev.º Luís Castelo Branco. — A Missa da Comunhão Geral. — O Senhor Bispo de Leiria e a Missa dos doentes. — A bênção do Santíssimo. — O sermão e o «adeus»

A meia noite principiou a adoração nocturna. Exposto o Santíssimo Sacramento no altar-mór da capela das missas sôbre um lindo e singelo trono de luzes e flores, o rev. dr. Marques dos Santos, capelão-director dos servitas, inicia a recitação pública e colectiva do terço do Rosário. O rev. Luís Castelo Branco faz, nos intervalos das dezenas, a explicação dos mistérios. Às seis horas, celebra-se a missa da Comunhão Geral. Ao meio-dia, depois da procissão de Nossa Senhora, o Senhor Bispo de Leiria paramenta-se e sobe ao altar, para dizer a missa dos doentes. Segue-se a bênção eucarística. Como sempre, esta cerimónia encanta e comove imenso. Todos os olhos se arrasam de lágrimas. Entre os doentes, vê-se o pároco do Souto da Carpalhosa, tendo ao lado o zeloso coadjutor, rev. Manuel Geraldes, seu dedicadíssimo amigo e inseparável companheiro. Completamente cego e com o rosto e as mãos roídos pela lepra, o venerando sacerdote, modêlo de párocos, cuja igreja é um dos maiores centros de piedade do nosso país, onde cada ano tem a felicidade de administrar cêrca de oitenta mil comunhões, edifica e comove todos os que o contemplam sereno e santamente alegre na sua resignação heróica à vontade de Deus. Depois da bênção dos doentes, o rev. Castelo Branco sobe de novo ao púlpito e prega o sermão oficial. As cerimónias terminam com a procissão do «adeus», em que a augusta Imagem de Nossa Senhora do Rosário é levada em triunfo, no meio de vivas e aclamações e sob uma chuva incessante de flores, para o seu pedestal no padrão comemorativo das aparições.

Um Anjo no exílio. — Nostalgia do Céu. — À mesa do banquete divino. — Flores roxas de Martírio. — No regaço de Maria. — Regresso à Pátria.

Maria Dias Lopes, filha de Álvaro Lopes e de D. Narcisa Dias Lopes, era uma gentil menina, a mais velha de duas irmãs, prole abençoada dum lar honesto e cristão, consolação única e doce esperança dos pais extremosos. A sua infância, inocente e descuidosa, tinha deslizado, tranqüila e suavemente, entre jardins e vergéis, à sombra de árvores copadas nas margens ridentes e formosas do Tejo, cujas águas na época das cheias, iam beijar, espreguiçando-se, os muros brancos da linda e aprazível estância em que vivia.

As maiores delícias dessa alma, em extremo delicada e sensível, consistiam em estar junto dos pais estremecidos e da irmã querida, partilhando das suas alegrias e dos seus desgostos e procurando com o carinho e a ternura dum coração afectuoso e meigo, como anjo tutelar do santuário doméstico, tornar-lhes menos duras as provações do exílio, que é êste vale de lágrimas e de misérias, em que passamos algumas horas antes de raiar a manhã do dia eterno.

A sua radiosa mocidade era uma mocidade exuberante de vida, cheia de viço e frescura, polvilhando o ambiente de inebriantes perfumes e enchendo-o de suaves harmonias, qual flor de encanto que desabrocha ao contacto do orvalho matutino ou ao beijo do raio do sol nascente, qual avezinha canora que desfere na siringe do seu peito os seus cânticos de ventura e os seus trinados de amor.

Entre as meninas da mesma idade, suas vizinhas e companheiras, distinguia-se pela modéstia no trajar e pelo desprendimento das vaidades do mundo. Um dia o pai quis comprar-lhe um vestido, mas a boa menina, que dêle precisava, receando onerar o orçamento doméstico com uma despesa excessiva, disse:

«Meu pai, não quero que faça sacrifícios; não compre o vestido, que eu posso remediar-me com o que tenho.»

Extremosa por sua mãe, não a abandonava um só instante, quando a via doente de cama, renunciando então de bom grado a todos os seus divertimentos e passatempos, para lhe assistir com o disvêlo e a solicitude duma dedicada enfermeira, enquanto ela não voltava, recuperada completamente a saúde, às suas ocupações habituais.

Se, mercê dalguma indisposição de estômago, a mãe não tomava qualquer das refeições, a pequena, triste e inquieta, dizia logo: «Se minha mãe não come, também eu não como».

A tudo antepunha o sossêgo e o conchêgo do lar, a convivência dos pais, da irmã e das outras pessoas de família.

Nunca assistiu a bailes nem freqüentou teatros e animatógrafos, onde tantas almas perdem a inocência ou encontram perigos para a sua virtude.

Não gostava de se pôr sòzinha às janelas da sua encantadora vivenda, e só o fazia juntamente com sua mãe.

Para não se afastar um só momento da companhia dos pais queridos, recusava-se até a dar passeios inocentes e higiénicos pelos campos vizinhos.

«Filha adorada, dizia-lhe um dia a mãe extremosa, acompanha as tuas amigas no passeio que vão dar; faz-te bem respirar o ar puro dos pinhais, ouvir o canto das avezinhas e aspirar o aroma das flores silvestres».

«Não, mãezinha, replicava ela, se me acompanhasse, iria de boa vontade, assim prefiro ficar em casa, ao pé de si, do paizinho e da mana.»

A breve trecho chegam os catorze anos.

E' então que Santarém, a formosa princeza do Tejo, a acolhe dentro dos seus muros seculares, proporcionando-lhe, no Pensionato Andaluz, modêlo de institutos femininos de educação e ensino, um abrigo seguro para a sua virtude, uma escola primorosa para a cultura do seu espírito e um prolongamento do lar paterno, onde o seu coração encontra lenitivo para a ferida nele causada pela saüdade na estima e no carinho das mestras e condiscípulas, sentindo-se plenamente satisfeita e feliz.

Cinco meses — os últimos da sua existência sôbre a terra, passa-os no cumprimento exacto dos seus deveres, e na prática de tôdas as virtudes cristãs.

Ágil como uma arvela, alegre como um colibri, ela é, nos recreios e nos passeios, a amiga dedicada das suas companheiras de colégio, igual para tôdas na estima e nos obséquios da amizade fraternal. Dócil e obediente às prescrições regulamentares e aos mais leves acenos das suas superioras e mestras, tentando, por assim dizer, adivinhar os seus desejos para os cumprir, — impõe-se como um dever de colegial à admiração e imitação das outras meninas.

Afervorando-se cada vez mais na sua piedade, sincera e sólida, era com as disposições dum anjo que se aproximava da mesa eucarística, abrindo o seu coração, puro e inocente, às doces carícias do Divino Rei de Amor, como a flor mimosa descerra a corola para receber tôdas as manhãs as gotas do orvalho do céu.

Às vezes dizia: «Na Cova da Iria há uma fonte de água muito fresquinha...» Era sinal de que a sêde abrasava a pobre menina, devorada por uma febre ardente. E a preciosa linfa, que lhe era ministrada às colheres, parecia deliciar-lhe a alma, ao mesmo tempo que lhe refrigerava os lábios crestados e a boca ressequida.

Foi com os mais vivos sentimentos de piedade que recebeu os últimos sacramentos. Ficou assim preparada para a grande viagem da eternidade que em breve ia empreender.

Efectivamente, anjo exilado na terra, o Céu reclamava-a como coisa que lhe pertencia. A doença, uma doença mortal, vem roçá-la, inesperadamente, com a sua asa negra.

No curto espaço de cinco dias, o seu organismo débil e franzino, a-pesar de todos os esforços empregados pela sciência para a salvar, sucumbe aos estragos do mal que o minava.

Durante a sua dolorosa agonia, uma voz amiga diz-lhe, num dado momento, em que parecia sentir menos dores:

«Agora não sofre tanto, não é verdade?»

Cheia duma santa resignação, a pobre menina replica com vivacidade:

«Ah! só eu sei o que sofro, mas ofereço da melhor vontade todos os meus sofrimentos pelas almas do Purgatório».

A sua devoção para com Nossa Senhora de Fátima, a quem tanto amava, aumentou consideràvelmente durante os poucos, mas longos e intermináveis dias, do seu cruciante martírio, que suportou na mais perfeita conformidade com a vontade de Deus.

Comprazia-se mesmo em invocá-lo e até nas horas da sua lúcida agonia achava refrigério, deglutindo algumas gotas de água da fonte miraculosa do santuário da Lourdes Portuguesa.

Uma vez a Directora do Colégio disse-lhe: «Pede a Nossa Senhora de Fátima que te dê saúde!» E ela, numa angélica expressão de súplica, exclamou: «Nossa Senhora do Rosário de Fátima, dai-me a saúde para fazer a vontade a mim e ao meu paizinho!»

O pai preguntou-lhe um dia:

«Minha filha, que prometeste a Nossa Senhora de Fátima, se ela te curar?»

A resposta foi: «Vamos lá todos e eu levar-lhe-ei cincoenta mil reis».

No dia trinta e um de maio, sábado e último dia do mês de Maria, consagrado pela Santa Igreja a Nossa Senhora Medianeira de tôdas as graças, às onze horas e meia da manhã, rodeada dos pais amantíssimos, inconsoláveis na sua profunda mágoa, e de parentes e pessoas amigas, a quem pungia dolorosamente o amargo espinho da saüdade, a angélica menina Maria Dias exalava o derradeiro suspiro, enquanto a augusta Rainha do Céu vinha ao seu encontro e recebia nos braços maternais a sua bela alma, adornada ainda com a inocência do baptismo, para lhe pôr sôbre a fronte virginal a coroa rutilante e imarcessível da eterna glória.

Apóstolos e convertidos. — Fátima na Colónia. — Um artigo da Civilta Católica. — O rev.º Gonzaga da Fonseca e o Instituto Bíblico de Roma. — Um Arquimandrita de Constantinopla. — A família real da Grécia.

Duma carta do aluno do Colégio Português em Roma, sr. Joaquim Carreira, para o venerando Prelado de Leiria, transcrevem-se os seguintes trechos, que os piedosos leitores da «*Voz da Fátima*» decerto hão-de ler com interesse e satisfação:

«Nossa Senhora de Fátima vai sendo cada vez mais conhecida e amada cá por estas paragens. Nem admira. Porque, aumentando os bons apóstolos, necessàriamente hão-de aumentar também os convertidos. A remessa da «Voz da Fátima» engrossou um bocado. Ficamos muito contentes com o «Secretário de Nossa Senhora». Mas não bastava ainda; porque, nesta Babilónia de línguas, o português, posto que seja ainda bastante conhecido, não póde passar por uma língua universal. Era esta a nossa dificuldade, que por enquanto nos parecia insuperável. Em boa hora, porém, teve V. Ex.ª a abençoada lembrança de nos mandar alguns exemplares da «Révue du Rosaire». Agora sim, que já podemos correr meio mundo!...

Pouco depois o nosso Rev.do P. Venâncio mandou vir de França mais 28 exemplares da mesma revista. Da Alemanha mandamos vir 13 (coincidência curiosa...) exemplares do livro do Dr. Fischer. Eram mais quarenta e tantos bons missionários, que entravam em campo. Como era de esperar, o incêndio não tardou a manifestar-se. V. Ex.ª não levará a mal, que eu me detenha um pouco a contar algumas impressões sôbre a propaganda de Fátima, que por aqui se faz.

Num Colégio de Salvatorianos austríacos, aqui em Roma, leu-se no refeitório o livro do Dr. Fischer, que causou a melhor impressão no meio de todos, começando já alguns dêles a pedir-nos fotografias para ilustrar os artigos, que querem escrever sôbre os acontecimentos de Fátima.

Um dia, à saída da aula, aproximei-me dum holandês, já meu conhecido, e falei-lhe de Nossa Senhora de Fátima, passando-lhe para a mão a «Revue du Rosaire». E como êle não tinha grande dificuldade em entender o português escrito, levei-lhe também, pouco depois, «As grandes Maravilhas de Fátima». Ficou muito contente, e prometeu escrever alguns artigos sôbre Nossa Senhora de Fátima numa revista semanal, publicada na Holanda pelos padres da Congregação do Verbo Divino, a que o mesmo pertence. Falou-me também numas estátuas de Nossa Senhora de Fátima, que uma fábrica pertencente a essa Congregação tinha posto no mercado alemão.

Doutra vez, estava eu muito socegado no quarto, quando me bate à porta o Rev.mo Sr. Vice-Reitor a pedir santinhos de Nossa Senhora de Fátima e qualquer coisa escrita sôbre as aparições. Era a Madre Geral dumas freiras polacas, que mandava ao Colégio a pedir informações sôbre os acontecimentos de Fátima. Levaram dois exemplares da «Révue», e quantos santinhos havia à mão, que, por sinal, já eram bem poucos. Depois disso, já cá vieram várias vezes pedir mais revistas, que queriam mandar para a Polónia, dizendo que lá não se conhece Nossa Senhora de Fátima. Por causa dêstes pedidos já se mandaram vir mais 44 exemplares.

Um polaco muito meu amigo, pertencente a uma espécie de Congregação de sacerdotes, que se dedicam dum modo especial à boa imprensa, está preparando um artigo para publicar na Polónia, em Maio, porque passa então o aniversário da primeira aparição. Este mesmo, falando-nos de Fátima, depois de ter lido a «Révue» e o livro do Dr. Fischer, dizia-nos:

«Mi piace molto questa benedetta
Madonna di Fátima!...»

Um outro polaco, da Congregação da Ressurreição, está traduzindo um artigo que, sôbre as Aparições de Fátima, acaba de ser publicado na revista mensal

«Stella Matutina», órgão oficial das congregações Marianas de Itália, artigo que será continuado no número seguinte.

Actualmente estamos preparando três artigos, que devem ser publicados numas revistas da «Obra Cardeal Ferrari» editadas em Bolonha.

Os leirienses acabamos de constituir uma sociedade (de responsabilidade limitada) e vamos fazer uma edição de estampas de Nossa Senhora de Fátima, em fotografia. A tiragem desta primeira edição, que é mais a título de experiência, será de 1.500 exemplares, e serão vendidos a trinta ou trinta e cinco centésimos cada um; ou seja a 30 ou 35 liras o cento. Baratinhos, como vê, comparando com os que aí vende a casa «Estrêla dos peregrinos», que custam nada menos de um escudo cada um. O ganho, que houver, servirá para ajudar a pagar uma colecção dumas setenta fotografias, que pedimos ao Rev. Pizarro. Afinal, é uma reprodução, em ponto maior, da colecção dêle! Estas fotografias servirão para ilustrar umas conferências de propaganda de Nossa Senhora de Fátima, que o nosso dedicadíssimo sr. P. Fonseca se propõe fazer no salão do Instituto Bíblico durante as férias de Páscoa. Oxalá que essas conferências sejam muito concorridas; como, aliás, é de esperar, tratando-se dum assunto dêstes, e por demais, ilustrado com projecções luminosas. Segundo nos consta, um lente da faculdadade de Filosofia, também empregado na Redacção da «Civiltá Catolica», está pensando num artigo sôbre Fátima, que publicará no fim dêste ano escolástico, lá para Agosto. E talvez que êste mesmo professor por aí apareça neste verão; pois, se me não engano, irá também ao Congresso do Apostolado da Oração.

Tomo agora a liberdade de narrar a V. Ex.ª uma das aventuras mais curiosas da minha vida. É o seguinte:

No dia 8 do corrente, quando chegámos ao Pincio depois das aulas da tarde, encontrei ali sentado um Padre oriental, cuja figura e hábito me impressionaram profundamente. E, não sei porquê, senti-me tentado a ir ter com êle e falar-lhe em Nossa Senhora de Fátima. Comuniquei êste pensamento aos colegas, e todos tomámos o caso a rir, dizendo que era uma idea extravagante, como tantas que veem à cabeça de rapazes novos. Mas, tomando o ponto mais a sério, e não fazendo caso da única dificuldade, que teria pela frente — a questão da língua, que êle falaria — aproximei-me pedindo-lhe desculpa, e perguntando-lhe em italiano, se êle falava italiano ou latim. Respondeu-me que não, em francês. Claro está, que não tive outro remédio, senão ir arranhando o meu francês, conforme pude. Quem havia de ser êste sacerdote? Um Arquimandrita de Constantinopla, que está em Roma trabalhando na codificação do Código para a Igreja Oriental. De Roma voltará para a Suíssa, onde vive habitualmente; não podendo tornar a Constantinopla, visto ser um perseguido dos turcos, que o matariam se o lá apanhassem. Era scismático e converteu-se, há quási dois anos, entrando na Igreja Católica. Falei-lhe em Nossa Senhora de Fátima, de que êle não conhecia nada, e prometi mandar-lhe a «Révue du Rosaire», o que fiz, mandando-lhe juntamente o livro do Dr. Fischer e uma fotografia da imagem de Fátima. Ficou contentíssimo, e desfazia-se depois em agradecimentos, dizendo que Deus é que me tinha mandado ir ter com êle, para lhe falar de Nossa Senhora de Fátima, de que êle não conhecia nem, sequer, o nome.

Já veio ao Colégio visitar a nossa linda imagem, gostando muito. Dei-lhe também um exemplar de «As grandes maravilhas de Fátima», que me pediu, para mandar a um rapazinho português (um tal Viegas) das suas relações, que se encontra na Suíssa num sanatório de tuberculosos. Levou também o artigo, sôbre as aparições de Fátima, ultimamente publicado na «Stella matutina», a que atraz me referi, e disse que o ia mandar à família real da Grécia, que se encontra exilada em Florença, e cujos membros, a-pesar-de serem scismáticos ferrenhos, são muito devotos de Nossa Senhora.

Prouvera a Deus que, por intercessão de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, essa nobre família seguisse o exemplo dêste Arquimandrita, entrando também na Barca de S. Pedro —sujeitando-se ao único Pastor do rebanho de Cristo, ao Pontífice Romano!...»

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Sete meses com abcessos.

Ana de Oliveira Santos, do lugar de Mouquinho, frèguesia de S. Vicente de Pereira (Ovar) casada, de 56 anos de idade, foi ferida com um espinho de ameixieira que tinha o comprimento de um milímetro. Foi-lhe tirado no dia 12 de março de 1928, ficando dorida um pouco. Passados oito dias começou a doer muito e no dia 21 do mesmo mês já não podia caminhar. No dia 26 fui à farmácia para ver o que seria, mas já num carro. Por um acaso estava lá o Sr. Dr. Alves, do lugar de Figueiredo, de Oliveira de Azemeis. Como o Snr. Farmaceutico Bessa lhe pedisse, êle me lancetou o pé.

O Sr. Dr. Alves logo me preguntou nome, logar e frèguesia, julgando que tinha de passar o atestado de morte.

No dia 27 as dores eram insuportáveis. No dia 28 do mesmo mês mandei, ou meu marido foi, convidar outro médico pois que o Snr. Dr. Alves não faz visitas.

ANA DE OLIVEIRA SANTOS
de S. Vicente de Pereira — OVAR

Veio o Snr. Dr. Antunes da Vila da Feira, informou-se do caso mas não meteu mêdo (mas era eu quem sofria as dores).

Meu marido foi ter com outro, pois as dores no quadril esquerdo eram muitas.

Este médico viu e disse que era uma vacina. A' segunda visita lancetou-ma e ficou um pouco assustado.

Meu marido tornou para o segundo e daí por um mês fui por êle lancetado no braço direito. Passados tempos tive de ser lancetada na perna direita.

Depois assim fiquei gritando com dores nos intestinos pois elas eram fortes, — dizendo-me os médicos que eu não tinha grande mal.

Um dia teimei com o Snr. Dr. Antunes para êle me observar bem e êle assim o fez.

Disse-me que eu tinha um rim em muito mau estado e julgou o caso de morte. Veio segunda vez e disse que não sabia se era o rim se era o baço inflamado, o que só no raio X se podia saber.

Disse a meu marido que lá fôsse daí a dois dias, o que êle fez. Que era médico há 30 anos e que nunca tinha encontrado tal enfermidade.

Meu marido, que andava ansioso pela minha saúde, veio um pouco triste, mas ao mesmo tempo tomou a resolução de procurar um médico que se interessasse deveras pela minha saúde e encontrou o Ex.mo Snr. Dr. Valente, de Adães, concelho de Oliveira de Azemeis que procurou todos os meios de me salvar a vida. Por fim começou-me um tremor do lado esquerdo no rim que o Snr. Dr. Valente mo lancetou. O pús estava à fundura de onze centímetros, deitando cêrca de dois litros. No curativo, à noite, meio litro. Assim fiquei por espaço de duas semanas a fazer curativos três vezes por dia e no fim já nem obedecia a desinfectantes nem às injecções. O Sr. Dr. Valente declarou a meu marido que eu, ou tinha morte próxima ou ficaria com ferida aberta em quanto viva.

Nesta ocasião veio-me visitar uma minha irmã que é assinante da *Voz da Fátima* e me contou os grandes milagres de N. Senhora do Rosário.

Meu marido logo o foi buscar.

Foram depois em busca de água de Fátima para fazerem o curativo tanto à ferida como a outro tumor que estava a ameaçar, no lado direito, de ter de ser lancetado.

Nesta altura nós não vimos mais a quem pedir senão à Mãe do Céu. No dia 10 de Outubro do dito ano tomámos a resolução de fazer uma novena a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Começámos numa quinta-feira às 15 horas para alcançar duas sextas feiras ao toque das chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Tive o gosto de logo no segundo dia do curativo com água de Fátima, pela manhã, já não tinha dores e a mecha de borracha que no dia 10 ia à fundura de seis centímetros, estava feita da ferida, debaixo das gazes. No curativo da tarde foi minha filha para meter a mecha na ocasião da Novena e não pode. Era como um vento que a expulsasse para fora. Esta novena era feita por meu marido, filha Rosa e uma neta de 6 anos e por mim (esta neta era muito amiga da avó).

No fim de cada novena depois dos curativos com a água milagrosa, diziamos por três vezes: «O' Maria, sem pecado concebida, rogai ao Senhor por nós que recorremos a vós», e eu bebia uma porção de água.

Tenho o prazer, assim como minha família de no fim da novena já nada me doer e agora julgo-me sã e vigorosa.

Considero pois a minha cura efectuada contra as possibilidades e previsões da sciência médica, como um autêntico milagre e verdadeira graça do céu que obtive por interceção de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, à qual protesto a minha profunda gratidão e consagro como minha filha, muito devota, os restantes anos da minha existência.

S. Vicente de Pereira, 11 de Junho de 1930».

ATESTADO MÉDICO

Eu, Manuel Valente Júnior, licenciado em Medicina e cirurgia pela Faculdade de Medicina do Porto: Atesto, pela minha honra, que Ana de Oliveira Santos, casada, de 56 anos de idade, do lugar de Monquinho, frèguesia de S. Vicente de Pereira, concelho de Ovar, esteve entre a vida e a morte desde 21 de março a 11 de outubro de 1928, com uma séptico-pyémia, de abcessos múltiplos, sendo o último ilio-lombar, cuja cavidade ia da fossa iliaca esquerda ao rim, sendo por mim tratada dêste último abscesso, ficando então completamente restabelecida.

Por me ser pedido, passo o presente que assino.

Quinta de Adões, 11 de junho de 1930.

Oliveira de Azemeis.

Feridas e dôres.

Maria Helena Bravo e Castro, rua Ferreira Guimarães, 521, Porto, em carta de 2 de maio diz o seguinte:

«Há dois anos que fiz uma promessa da publicação de uma graça recebida, por intermédio da Virgem de Fátima, sem que tenha conseguido cumpri-la.

Prometi publicá-la no dia 13 de Maio e o ano passado fui com êsse fim a um dos diários do Pôrto, tendo-me prometido os redactores que sairia sem falta nesse dia.

Infelizmente vi com surpresa que no dia 13, nem dias seguintes o jornal a nada se referia. Lembrei-me pois de vir pedir a V. Rev.cia para a publicar na *Voz da Fátima* do próximo dia 13, desejando saber ao mesmo tempo quanto tenho a pagar por essa publicação. A graça é a que segue:

Achando-me gravemente enferma, com dores horríveis, e tendo o médico dito que uma ferida que eu tinha, não cicatrizaria tão cêdo, pedi a N. Senhora de Fátima no dia 12 de Maio de 1928 a graça de me curar, e no dia 13 quando o médico chegou, ficou admirado de me encontrar muito melhor, e a ferida começar a cicatrizar, não sofrendo as dores que até aí me atormentavam.

Prometi publicar a graça no dia 13 de Maio e é cheia de reconhecimento que o venho fazer, agradecendo assim à SS. Virgem de Fátima a sua poderosa e benéfica intercessão. Graças e louvores à SS. Virgem do Rosário da Fátima».

Singular coincidência!

Ana Febrónia Sérgio de Faria Pereira, de Tavira (Algarve) em carta de 15 de junho dêste ano, diz:

«Implorando da Divina Mãe de Jesus, daquela que quis aparecer na estância bendita da Cova da Iria onde tem conquistado tantas almas, *milhares delas*, num momento doloroso da minha vida, prometi à Nossa Mãe do Céu que tornaria público o meu reconhecimento se fôsse atendida a minha prece, o que faço hoje depondo aos Seus Divinos pés as minhas melhores acções de graças. São muitos já nesta cidade os benefícios recebidos por intermédio de Nossa Senhora de Fátima e para não ocupar muito espaço no jornalzinho a *Voz da Fátima* limitar-me-hei quanto puder, mas, é tão grande o milagre que passo a relatar que me parece não dever ficar ignorado.

Há quatro meses que, João Maria, de 21 anos, casado com Almerinda das Dores, de 22 anos, ambos do lugar de Santa Luzia, a 3 quilómetros desta cidade, estando a comer ervilhanas ingeriu uma casca das mesmas que foi alojar-se nas vias aéreas.

O rapaz sentindo-se aflitíssimo correu a esta cidade procurando um médico e foi o Snr. Dr. Rogério Ramos abalizado clínico, quem tentou extraí-la, empregando todos os esforços inutilmente. Foi o rapaz enviado para Lisboa tendo dado entrada no hospital, onde, depois de ter sido observado, foi decretada uma operação tendo, porém, de se preparar para ela dando entrada na enfermaria. O pobre rapaz fazia dó! Chorava constantemente prevendo uma morte próxima pois se sentia de hora a hora mais aflito e lembrava-se que iria deixar para sempre o mundo, a esposa a quem se tinha unido poucos meses antes, a pobre mãe que não se consolava, enfim todos que amava.

Umas senhoras piedosas que andavam nesse dia visitando e consolando os doentes, abeiraram-se da cama do enfermo inquirindo do seu mal pois o viam muito aflito, preguntaram se êle era homem com fé e se tinha devoção em algum Santo.

O João Maria disse que tinha muita devoção com Nossa Senhora de Fátima. As mesmas senhoras então, deram-lhe uma medalhinha, recomendando que rezasse muito à Virgem Santa e tivesse muita esperança.

Colocou sôbre o peito a medalha e todos os dias que se seguiram diz êle que só rezou e chorou implorando a Misericórdia Divina.

Na véspera do dia designado para ir ao raio X o rapaz não socegou toda a noute e de madrugada quando viu amanhecer, olhando para a janela fronteira à cama, *viu a Imagem de Nossa Senhora* perfeitamente igual à que tinha na medalha. Preso de grande comoção, esperou que mais viva fôsse a claridade e, nitidamente tornou a ver a Raínha do Céu, a Nossa Mãe e advogada!

Quando mais tarde vieram buscá-lo para o conduzirem à sala de operações, já no elevador, sente-se muito aflito; é amparado pelo médico e, de repente, tem um grande vómito, apára as mãos e deita a casca da ervilhana!

Não foi êste um grande milagre?

O rapaz, prêso de grande alegria parecendo-lhe que já estava curado pedia que o deixassem sair logo para voltar para junto da sua querida família e como ela não cessa de dar infinitas acções de graças à Nossa Divina Mãe, à Mãe dos aflitos.»

Doença grave.

Joana Rodrigues Martins, de Estarreja em carta de 13 de maio último diz:

«Estando minha filha Maria das Dôres Pereira da Silva, ausente na América do Norte há quási 10 anos, e o ano passado encontrando-se em estado grave, eu recorri a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, se a melhorasse dessa doença lhe mandar o valor de 5 dollars que correspondem a 110$00; Nossa Senhora lhe concedeu essa graça pelo que lhe envio a dita importância, pois que ela é Nossa Mãe Maria Santíssima a quem nós todos os dias pedimos graças.

Peço o favor de publicar no tão querido jornal a *Voz da Fátima* esta graça que Nossa Senhora me concedeu.»

Tuberculose.

Maria Madalena Pinto Dias, de Viana do Castelo, em carta de 3 de junho último relata o seguinte:

«Venho respeitosamente pedir a V. Rev.ª se digne publicar no jornal *Voz da Fátima*, a graça alcançada por intermédio de N. Senhora de Fátima que passo a expor:

Adoeci gravemente em 1928, tendo o pulmão esquerdo bastante contaminado a ponto de o médico que me tratava me julgar perdida.

Fui observada por três médicos durante a minha doença e a análise de axpectoração acusava bastantes bacilos. Vendo que os recursos da medicina seriam impotentes para debelar o mal que tanto me fazia sofrer e a minha família, recorri, cheia de fé e confiança, Aquela que é a Saúde dos

enfermos — a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, prometendo comungar nos dias 13 de cada mês e publicar a graça da minha cura logo que ela se efectuasse.

A minha boa Mãe do céu, cujo patrocínio se tem experimentado tão poderoso a favor de tantos infelizes, dignou-se ouvir as minhas humildes queixas alcançando-me a graça duma cura completa que experimento e o meu médico assistente constatou.

Aqui fica, pois, consignado o tributo da minha humilde mas sincera homenagem para com Aquela que nunca deixa de socorrer aqueles que a Ela recorrem com amor e confiança.»

Doença nas fossas nasais.

Cândida Mendes, de Ourém, em 3 de maio último diz-nos o que segue:

«Há tempos já que me queixava de uma fossa nasal na qual me apareceu uma excrescência que dia a dia mais me tapava o nariz. Assustada já e aconselhada por todos a consultar um médico, resolvi suplicar Aquela perante a qual a sciência é nula que me curasse, e, se dentro de um certo praso isso acontecesse iria ao seu Santuário cumprir uma promessa que fiz então.

A resposta não se fez esperar, pois dentro de 5 dias estava completamente curada e sem vestígios alguns do que por tanto tempo me afligiu.

Para cumprimento da mesma promessa peço a V. Rev.ª o obséquio de fazer publicar estas linhas no jornal *Voz da Fátima* não sendo mais extensa por haver casos que só verbalmente se podem explicar.»

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte...	211.388$55
Papel, composição e impressão do n.º 93 (66.500 exemplares)...	3.637$50
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	725$60
	215.751$65

Donativos vários

P.e António Roliz, de Macau, 789$00; Sebastião Rodrigues dos Santos, da India, 80$00; Maria Cartola Peixe, de Ihavo, 120$00; José Raimundo dos Santos, 50$00; de jornais distribuídos no mosteiro da Serra do Pilar, 110$00; Angelina da Conceição Soares Matos Louzada, 150$00; Joaquina Vieira, 50$00; Maria dos Santos Miranda, 40$00; Joaquim de Sá Couto, 30$00; Viscondessa de Ervedal da Beira, 50$00, igreja de S. Sebastião da Pedreira, 94$15; dr. José Alexandre Caldas Frazão, de Nova Goa, 50$00; Joaquim Lencastre, 279$90; P.e José Maria Antunes, 70$00; P.e Manuel Martins Cêpa, 70$00; Maria das Dores Tavares de Sousa, 95$00; Alberto Júlio Monat, 255$75; Pura Rodrigues Ramos, 50$00; Maria Amália Guimarães Azambuja, 60$00; P.e Virgínio Lopes Tavares, 88$00; D. R. C. 50$00; esmolas colhidas na igreja da Misericórdia de Póvoa de Varzim, 172$35; A. J. Fernandes, de Tete (Africa), 100$00; Emília de Oliveira, 50$00.

Esmolas obtidas em diversas Igrejas, por ocasião da distribuição de jornais:

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, no mês de Março de 1930, pela Ex.ma Sr.ª D. N. R.	10$00
Na Igreja do S. Tiago de Cezimbra, nos meses de Março e Abril de 1930, pela Ex.ma Snr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto	59$00
Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, nos meses de Abril e Maio de 1930 pela Ex.ma Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier	52$00
Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, no mês de Abril de 1930, pela Ex.ma Sr.a D. N. R.	10$00
Na Igreja de S. Mamede em Lisboa, no mês de Maio de 1930 pela Ex.ma Sr.ª D. N. R.	10$00
Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Junho de 1930, pela Ex.ma Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier	28$00

JACULATÓRIA INDULGENCIADA

Nossa Senhora do Rosário da Fátima, rogai por nós.

300 dias d'indulgência por cada vez *(S. Poen. Ap. 15 edov 1927.)*

Leiria, 21 de Junho de 1930.

✠ JOSÉ, *Bispo de Leiria*.

Medalha milagrosa

Passa no dia 18 para 19 do corrente o centenário da primeira aparição da Santíssima Virgem a Catarina Labouré.

Eram onze e meia da noite quando esta religiosa ouve chamar três vezes seguidas pelo seu nome. Ao acordar e ao abrir o cortinado da cama vê um menino de uma beleza arrebatadora e que teria quatro ou cinco anos de idade, veste de branco e da sua cabeleira loura, assim como de toda a sua pessoa saem raios de luz que iluminam tudo em volta.

«Vem, diz êle com uma voz melodiosa, vem à capela que a Santa Virgem está lá à tua espera».

Mas, pensava a irmã Labouré, se me levanto, acordo tudo visto estar num grande dormitório.

— «Não tenhas médo, que está tudo a dormir e ninguém acorda».

Veste-se à pressa e segue o menino que caminhava à sua esquerda, *espargindo raios de claridade* por onde passava.

Por tôda a parte estavam também, com grande espanto da religiosa, acesas todas as luzes. Aumentou a surpresa quando ao chegar à porta da capela esta se abriu logo que lhe tocou achando tudo iluminado, lembrando-lhe (dizia ela) a missa da meia noite.

Chegada à grade da Comunhão, ajoelhou-se, conservando-se o guia de pé à esquerda.

Perto da meia noite o menino a avisa dizendo: «Aí vem a Santa Virgem, aí está». Imediatamente sente a seu lado um rugido como o roçar de um vestido de seda e uma senhora, de grande beleza vem sentar-se no lugar ocupado ordinàriamente pelo director da Comunidade, ao lado esquerdo.

A irmã corre a lançar-se aos pés da Santa Virgem como o teria feito com a própria mãe.

Ela lhe faz várias recomendações e predições dolorosas tendo sempre um ar triste.

Tendo Nossa Senhora desaparecido, levantou-se e o menino conduziu de novo a irmã ao dormitório. Pensa ela que o seu guia fôsse o anjo da guarda, pois que tendo terna devoção à Santíssima Virgem a quem escolhera por mãe desde que em pequenina ficara órfã, ardia em contínuos desejos de a ver e instava com o Anjo da Guarda para lhe obter esta graça.

Ora, pouco depois de estar no dormitório ouviu bater duas horas e só assim soube o tempo que tinha estado com Nossa Senhora.

Catarina nasceu a 2 de maio de 1806, na Côte d'Or, em França e aos 24 anos tomou o hábito das Filhas de Caridade. Foi aí que a Santíssima Virgem lhe apareceu por várias vezes.

Mas a mais importante das aparições foi a do dia 27 de Novembro de 1830, sábado antes do 1.º Domingo do Advento. Nesse dia, estando a venerável Irmã, na oração da tarde nessa Capela da Comunidade, Rua do Bac, Paris, a Rainha do Céu se lhe mostrou, primeiro junto do arco cruzeiro, do lado da epístola, onde hoje está o altar da «*Virgo Potens*» e depois por detraz do sacrário, no altar-mór. «A Virgem Santíssima, diz a Irmã, estava de pé sôbre um globo, vestida de branco-aurora, com o feitio que se diz à *Virgem*, isto é, subido e com mangas justas, véu branco a cobrir-lhe a cabeça, manto azul prateado que lhe descia até aos pés; o cabelo em tranças, seguro por uma fita debruada de pequena renda, que sôbre êle pousava, o rosto bem descoberto e de uma formosura indescritível. «As mãos, elevadas até à cinta, sustentavam outro globo, figura do mundo, rematado por uma cruzinha de oiro; a Senhora todá rodeada de tal esplendor que era impossível fixá-la; orosto iluminou-se-lhe de radiante claridade no momento em que, com os olhos levantados para o céu, oferecia ao Senhor êsse globo.

«De repente os dedos cobriram-se de aneis e pedrarias preciosas de extraordinária beleza, donde se despediam raios luminosos para todos os lados, envolvendo a Senhora em tal esplendor que já se lhe não via a túnica nem os pés. As pedras preciosas eram maiores umas, menores outras e proporcionais eram também os raios luminosos.

«O que então experimentei e aprendi naquele momento é impossível explicar».

«Como estivesse ocupada em contemplá-la, a Virgem Santíssima baixou para mim os olhos e uma voz interior me disse no íntimo do Coração; *«êste globo que vês representa o mundo inteiro e em especial a França e cada pessoa em particular»*. Aqui não sei exprimir o que descobri de beleza e brilho dos raios tão resplandecentes. A Santíssima Virgem acrescentou: «eis o símbolo das graças que derramo sôbre as pessoas que mas pedem».

«Desapareceu então o globo que tinha nas mãos; e como se estas não pudessem com o pêso das graças, inclinaram-se para a terra na atitude graciosa reproduzida na Medalha.

«Formou-se então em torno da Virgem um quadro um pouco oval onde em letras de oiro se liam estas palavras: *«O' Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós»*. Fez-se ouvir então uma voz que me dizia: *«Manda cunhar uma Medalha por êste modêlo; as pessoas que a trouxerem indulgenciada receberão grandes graças, mòrmente se a trouxerem ao pescoço; hão de ser abundantes as graças para as pessoas que a trouxerem com confiança»*.

No mesmo instante o quadro pareceu voltar-se e a Irmã viu no reverso a letra M encimada por uma cruz, tendo um traço na base e por baixo do monograma de Maria os dois corações de Jesus e de Maria, o primeiro cercado por uma corôa de espinhos, o segundo atravessado por uma espada; e, segundo tradição oral comunicada pela Vidente, uma corôa de doze estrêlas a cercar o monograma de Maria e os corações. Também a mesma irmã disse depois que a Santíssima Virgem calcava aos pés uma serpente de côr esverdeada com pintas amarelas.

Passaram-se dois anos sem que os Superiores eclesiásticos decidissem o que havia de fazer-se; até que, depois do inquérito canónico, se cunhou a Medalha por ordem e com aprovação do Arcebispo de Paris, Monsenhor de Quélen. Para logo começou a espalhar-se com muita rapidez e devoção pelo mundo inteiro, acompanhada sempre de prodígios e milagres extrardinários, reanimando a fé quási extinta em muitos corações, produzindo notável restauração dos bons costumes e da virtude, sarando os corpos e convertendo as almas. Entre outros prodígios é célebre a conversão do judeu Afonso de Ratisbona, acontecida depois da visão que êle teve na igreja de Santo André *delle Frate*, em que a Santíssima Virgem lhe apareceu como se representa na Medalha Milagrosa.

O primeiro a aprovar e abençoar a Medalha foi o Papa Gregório XVI, confiando-se à protecção dela e conservando-a junto do seu crucifixo. Pio IX seu sucessor, o Pontífice da Imaculada, gostava de a dar como prenda particular da sua benevolência pontifícia. Não admira que com tão alta protecção e à vista de tantos prodígios se propagasse ràpidamente. Só no espaço de quatro anos, de 1832 a 1836, o fabricante Vechette, que foi incumbido de a cunhar, vendeu dois milhões delas em oiro e prata e dezoito milhões de cobre; em Paris onze fabricantes mais venderam outras tantas; em Lyon quatro cunhadores venderam o dôbro e em várias outras cidades da França e do estranjeiro se fabricou e vendeu número incalculável de Medalhas. O que não terá sido desde 1836 até agora!

Graças a esta difusão prodigiosa, foi-se radicando mais e melhor no povo cristão a crença na Imaculada Conceição de Maria e a devoção para com tão excelsa Senhora; assim se preparou essa apoteose sublime da Definição dogmática de 1854, que a Virgem Santíssima veio como que confirmar e agradecer em Lourdes em 1858, coroando assim a aparição de 1830.

Em outras aparições subseqüentes a Santíssima Virgem falou a Catarina Labouré da fundação duma Associação de Filhas de Maria que depois o Papa Pio IX aprovou a 20 de Junho de 1847, enriquecendo-a com as indulgências da Prima-primária. Espalhou-se pelo mundo inteiro e conta hoje mais de 150.000 Associadas. Leão XIII a 23 de Julho de 1894 institue a Festa da Medalha Milagrosa com rito duplex de 2.ª classe; a 2 de Março de 1897 encarrega o Cardeal Richard, Arcebispo de Paris, de coroar com o seu nome a estátua da Imaculada Virgem Milagrosa que está no Altar-mór da Capela da Aparição, o que se fez a 26 de Julho do mesmo ano.

Pio X não esquece a Milagrosa no ano jubilar; a 6 de junho de 1904 concede 100 dias de indulgência de cada vez que se diga a invocação: «O' Maria, concebida etc. a todos quantos tenham recebido canònicamente a Santa Medalha; a 8 de julho de 1909 institue a Associação da Medalha Milagrosa com todas as indulgências e privilégios do Escapulário azul. Bento XV e Pio XI encheram a Medalha e a Associação de novas graças e favores.

Que rica e preciosa é pois a Santa Medalha que a nossa Mãe do céu nos veio trazer em 1830! E como a devemos estimar e apreciar! Mas crescerá muito mais a nossa estima se soubermos compreender as lições que Maria Santíssima nos quis dar na mesma Medalha. Ei-las em resumo:

No anverso vemos a imagem de Nossa Senhora toda bela, toda bondosa, com as mãos carregadas de raios luminosos, os quais segundo Ela mesmo disse, representam as graças que derrama sôbre as pessoas que Lhas pedem, e toma cuidado de nos dizer, como devemos pedi-las, ensinando-nos a oração: *O' Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*. A Virgem toda radiante de luz calcando a serpente, lembra-nos a sua Conceição Imaculada, portanto a queda original, o Salvador prometido, etc.

No reverso vemos a cruz, símbolo da Redenção, Maria associada a essa obra divina, mediadora junto de Jesus; a cruz e os dois corações falam-nos de caridade, penitência, mortificação e amor; as doze estrêlas lembram o zêlo do apostolado e a recompensa que o espera. Não há inscrição dêste lado, porque, como Nossa Senhora disse, a cruz, e os corações dizem bastante.

O director nacional é o Rev. P.e Henrique Machado — Vizeu.

Hoje... agora mesmo

Num hospital dos subúrbios de Tolosa (França), definhava-se um pobre soldado, de nação anamita. Preguntado muita vez se desejava baptisar-se, respondia invariàvelmente: — àmanhã.

Entretanto faziam-se muitas orações pela sua conversão; os seus camaradas católicos, do arsenal, pediam também por êle.

Tantas orações não podiam deixar de ser ouvidas.

Um dia, o doente aproxima-se do capelão do hospital, e posto de joelhos, pede-lhe o baptismo.

Bem se pode supor o alvoroço com que foi acolhida e despachada tão suspirada petição.

Depois do baptismo, exortou o Capelão ao feliz neófito o receber N. Senhor. Ouvia tudo o doente com manifesta comoção de ternura. — Se assim o queres, meu filho, àmanhã de manhã te trará Nosso Pai... A isto acode o recembaptisado, com ilumilada expressão de rosto: — Padre, àmanhã não, mas hoje... agora mesmo... Àmanhã, quem sabe o que será?

E tinha razão! Depois de comungar, o enfermo pareceu adormecer; mas... para acordar no céu! (facto histórico)

Quantas almas se salvariam voltando-se para Deus com a resolução dêste ditoso neófito: àmanhã não; mas hoje... agora mesmo... Àmanhã, quem sabe o que será?

Se estás culpado propõe emendar-te, e sendo tua culpa, trata de sofrer pelo amor de Deus.

Imit. de Cristo, L. III. Cap. XLVI.

FÁTIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5$00; pelo correio, 5$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na **UNIÃO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa, na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUÁRIO DE FATIMA.**

Ano VIII — Leiria, 13 de Agosto de 1930 — N.º 95

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Fátima, estrofe sublime do grande poema do amor de Deus

Jesus lançou novamente a rêde admirável do seu amor sôbre todo o mundo, para nela apanhar tudo o que é ainda susceptivel de se deixar prender por êste amor. Pois Fátima não é mais que um dos seus muitos pontos estratégicos, na linha da grande ofensiva da hiper-natureza, pela qual Ele quere reconquistar um mundo atascado no pecado e na matéria.

Dr. Luís Fischer, lente da Universidade de Bamberg (Baviera).

A «Semana da Entronização» — No cenáculo de Lisboa — Os arautos de Cristo-Rei — Amor, acção e reparação — «Sursum corda» — O arco-iris no céu de Portugal.

De sábado, 21 de Junho último, a sexta-feira, 27, dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, realizou-se, pela primeira vez no nosso país, a jornada da «Semana da Entronização».

Foi Lisboa a cidade privilegiada a quem coube a honra insigne de inaugurar, no salão do Patronato de S. Sebastião da Pedreira, a série dêsses congressos do Rei do Amor inefável, iniciada sob os melhores auspícios e com um êxito superior a toda a expectativa.

Deve-se tam nobre e tam fecunda iniciativa aos apóstolos do Reinado Social do Coração de Jesus, falange escolhida de novos cavaleiros do Ideal, ainda pouco numerosa, mas já brilhante, formada por autênticos valores do nosso meio culto e piedoso, que se assinalam pelo ardor do seu zêlo esclarecido e prudente e pela sua actividade vigorosa e indefessa.

A adorável ecónomia da Redenção exige que os homens cooperem generosamente na santificação e salvação uns dos outros.

Ninguém pode amar a Deus sem amar o próximo e amá-lo é sobretudo trabalhar pela sua salvação, orando por êle e reparando os pecados que cometeu, para que a graça do Senhor desça sôbre a sua alma e a purifique e redima.

Foi êsse espírito de penitência e de reparação que a Virgem Santíssima veio prègar a Fátima, há treze anos, pela bôca dos três humildes pastorinhos de Aljustrel.

Desde a época bemdita das aparições, a Lourdes portuguesa, manancial fecundo e perene de vida cristã e piedosa, que irradia luz e calor por todo o país e pelo mundo inteiro, tornou-se um dique formidável oposto à onda avassaladora da impiedade e da corrução moral e ficou sendo simultâneamente o trono mais explendoroso do Rei de Amor e o mais belo centro de devoção à Virgem na nossa querida Pátria.

Sem Fátima, sem a descida prodigiosa da Rainha do Céu aos páramos agrestes da Serra de Aire, sem a intervenção extraordinária da augusta Padroeira de Portugal, o renascimento religioso, rápido e intenso, operado em tôdas as regiões do país e em tôdas as camadas da população, constituiria um fenómeno obsolutamente inexplicável.

Sursum corda! Corações ao alto. Embora as potências do mal se levantem, numa fúria insensata, contra Deus e o seu Cristo, contra Cristo e a sua Igreja, os esforços que empregam serão felizmente baldados, porque no céu da Pátria surgiu um formoso arco-iris, penhor seguro de triunfo e de paz.

A gloriosa Rainha do Santíssimo Rosário, dignando-se baixar seis vezes a esta terra que é sua, porque é a terra de Santa Maria fez de Fátima o santuário da sua predilecção e prodigaliza ali, naquela estância ungida de mistério e perfumada de milagre, os tesouros inexhauríveis das suas graças e das suas bênçãos, para dar finalmente Deus a Portugal e Portugal a Deus!

Na «Bracara Augusta» — O Congresso Nacional do Apostolado da Oração — O Venerando Primaz das Hepanhas — Restauração, reparação regeneração — O Sameiro, a terra no Céu — Fátima, o Céu na terra.

De 8 a 13 de Julho findo, efectuou-se na cidade de Braga, capital do Minho, que com arzão se ufana de ser chamada a Roma portuguesa, o primeiro Congresso Nacional do Apostolado da Oração.

Como Embaixador especial de Sua Santidade o Papa Pio XI, presidiu a essa grandiosa manifestação de fé e piedade da nação fidelíssima o Em.mo e Rev.mo Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardial Patriarca de Lisboa, constelado da plêiade brilhantíssima dos venerandos Prelados portugueses, que a palavra autorizada do Em.mo Cardial Locatelli, antigo Núncio Apostólico junto do nosso Govêrno, proclamou, num preito justíssimo a êle rendida pelo seu talento pelas suas virtudes e pela sua dedicação à Santa Sé, como o melhor episcopado do mundo.

Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. Manuel Vieira de Matos, venerando Arcebispo Primaz, desenvolveu uma actividade admirável para a boa organisação de todos

AO DESFAZER DA PROCISSÃO FINAL

os serviços e foi sem dúvida graças ao seu esfôrço colossal que o Congresso revestiu as proporções de grandiosidade, de ordem e perfeição que teve, tanto no conjunto como em cada uma das partes do seu programa.

As sessões solenes no Teatro-Circo resultaram uma apoteose calorosa e entusiástica ao Divino Coração de Cristo-Rei, assim como as sessões particulares das diferentes secções foram um estudo conscienciosо da sua adorável Pessoa, das suas inefáveis perfeições, do seu amor para connosco, das graças que nos dispensa, dos seus direitos inauferíveis sôbre nós e dos nossos deveres imperiosos para com Êle.

Nos trabalhos dos oradores, homens e senhoras, eclesiásticos e leigos, frisou-se, dum modo especial, a necessidade de restaurar a sociedade em Cristo, segundo o lema de Sua Santidade o Papa Pio X, de saùdosa memória, de reparar as culpas individuais e as iniquidades colectivas para deter os golpes da justiça divina e de regenerar as almas que pecaram, transformando-as pela educação moral e religiosa e pela acção da graça divina em Pedros penitentes e em Madalenas arrependidas.

A procissão eucarística na tarde do dia doze e a peregrinação ao Sameiro no dia seguinte foram cumulativamente o triunfo explêndido e magnífico de Jesus no seu Sacramento de amor, e de Maria Santíssima, no augusto mistério da sua Imaculada Conceição.

No alto da montanha santa, por voto unânime da nação, erguem-se agora, lado a lado, sôbre majestosas e imponentes colunas, as estátuas do Sagrado Coração de Jesus e de Maria.

Imaculada, dominando com um gesto de bênção a cidade que fica a seus pés e tôda a ditosa terra de Portugal, o Sameiro, o maior e o mais belo santuário Mariano do norte do país, pelas suas manifestações de fé e piedade, pelas suas grandiosas peregrinações e pelas graças e milagres que lá se operam, é verdadeiramente a terra no Céu e não pode deixar de continuar a ser o centro de devoção mais querido dos portugueses em honra da sua nobre Padroeira, a Imaculada Conceição. Fátima, santuário nacional, que a Virgem consagrou com a sua augusta presença e a que ligou o dom portentoso de atraír irresistívelmente todos os corações, é sem contestação o Céu na terra e será sempre, por mercê da bemdita Raínha do Rosário, o manancial fecundo e inexgotável dos prodígios da graça, das curas morais, mais ainda que dos milagres de ordem física.

Parece que Nossa Senhora, dignando-se aparecer no centro geográfico de Portugal, quís fundar um santuário acessível a todos os seus filhos, para que alí acorressem dos quatro pontos cardiais a prestar-lhes as suas homenagens e implorar as suas misericórdias.

No dia treze, por ocasião da missa dos doentes no templo do Sameiro o capelão-mor dos servitas de Fátima meditou publicamente os mistérios do Rosário e na missa campal celebrada na grande explanada e a que assistiram dezenas de milhar de pessoas foi o venerando Bispo de Leiria quem junto do microfone presidiu à recitação do terço e fez a alocução final.

Estes dois factos, aparentemente tão simples e tão naturais, foram decerto, por inesperados e imprevistos, um sinal providencial bem patente de que os dois santuários, o do Sameiro e o de Fátima devem dar-se irmãmente as mãos para promoverem, cada um na medida ao seu alcance, a glória de Deus, a honra da Virgem e o bem das almas.

As comemorações do dia treze — As peregrinações — A procissão das velas — A adoração nocturna — Procissão, missa, bênção dos doentes e sermão — A miraculada Fernanda de Jesus.

A-pesar do calor extraordinário e quási sufocante que fazia, a concorrência de fiéis ao local das aparições no dia treze de Julho último foi bastante numerosa, posto que um pouco inferior à do mês precedente.

Entre as peregrinações organizadas que nesse dia visitaram a Lourdes portuguesa, merecem especial referência, pelo elevado número de pessoas de que se compunham, as de Setubal (220 pessoas), Cem Soldos (120 pessoas), Alcanede (112 pessoas) e Cela (Valado).

Havia grupos de peregrinos de Bragança, de Chaves e até de Tuy. De Alcains veio gente a pé. A procissão das velas, em que tomaram parte milhares de peregrinos, resultou grandiosa e imponente, embora, como é natural, não revestisse as proporções da do dia treze de Maio. Durante a hora de adoração nacional presidiu à recitação do terço, explicando os respectivos mistérios nos intervalos das dezenas, o rev.do José Celestino Lopes Balazeiro que, depois de vinte anos de exílio, veio do Brasil visitar Portugal e para o Brasil volta em breve. Sacerdote notável pela sua virtude e pelo seu saber e encanecido no serviço da Santa Igreja, o seu espírito exultava na contemplação das maravilhas de Fátima, louvando a augusta Mãe de Deus por se ter dignado fazer dêsse recanto árido e estéril da serra de Aire, que era a Cova da Iria, um verdadeiro cantinho do Céu. Acompanhava o ilustre exilado outro sacerdote não menos distinto pelo seu talento e pelos seus méritos, o rev.do dr. António Durão Alves, actual director espiritual do Seminário de Vinhais, a quem Fátima, com a sua alta e fecunda espiritualidade, igualmente comoveu e inundou a alma de santo entusiasmo.

Antes da missa dos doentes, realizou-se, como de costume, a procissão da Virgem. Foi o mesmo entusiasmo de sempre, o mesmo acenar de lenços, a mesma chuva de flores sôbre o andor, os mesmos vivas, as mesmas aclamações, a mesma comoção, as mesmas lágrimas. Celebrou-se a missa oficial e deu a bênção com o Santíssimo o rev.do dr. José Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria, que no mesmo lugar, igual dia e hora, tinha há dois anos celebrado a sua primeira missa.

Vinha incorporada na peregrinação de Setúbal a miraculada de Julho de 1928, Fernanda de Jesus, que, depois de estar paralítica durante sete anos, se curou repentinamente em Fátima.

Penitência e reparação — Nobilíssimo acto de fé — Poder da inocência e da santidade — O canto eterno do Magnificat — O trono etério da Virgem — A morada terrestre da Mãe de Deus.

Duma interessante e formosíssima carta com que o distinto publicista sr. dr. Crespo de Carvalho se dignou honrar o autor desta crónica reproduz-se com a devida vénia o seguinte trecho:

«*Confiteor*. Haverei de confessá-lo. A minha romagem de treze de Maio foi obra de penitência e reparação.

Descri longo tempo das aparições.

Baixar da Glória a uma Terra, chamada embora de Santa Maria, mas onde tanta vez a impiedade atropelara os seus mais belos títulos de Virgem e Imaculada (para exemplo e minha vergonha, nesta própria minha terra, ainda em tempo da monarquia, pouco antes da república)... a uma Terra, onde uma primeira revolução proclamara a laicidade de todo o poder, das leis e das instituições... uma segunda mandara confiscar e violar todos os templos... e uma terceira estava prometida para extinguir todo o culto em trez gerações... e logo havia de ser numa cova deserta, na ramagem duma azinheira, perdida em charneca... Não e não... não podia ser, mas hoje *Credo*. Creio que havia no País mais de dez justos, que de mãos levantadas ao Céu, qual Moisés, forçaram a clemência divina a favor duma Pátria que tinha por si a tradição de longevas missões da cruz.

Creio que a gratidão de Deus decretara no Alto a imortalidade e a regeneração dessa terra que alargara como nenhuma o domínio do seu lábaro.

Creio que na sua alta glorificação de Medianeira universal, a ternura da Virgem Pura revindicou para si o direito de redemir pela segunda vez a Nação portuguesa.

Creio que a Nossa Senhora avistou do Empírio três crianças ingenuas e santas na sua inocência e na sua fé; e, na ordem sempre imaroessível da Providência de fazer dos e com os pequeninos grandes obras, pôs nelas os olhos da sua complacência, para que em todas as gerações houvesse quem entoasse o «Magnificat».

Creio que a Virgem mediu a compasso a terra da sua predileção e encontrou na Serra-Daire o centro dela para facilitar o acesso a todos os seus filhos.

Creio que escolheu essa gigantesca bacia da Iria, admiràvelmente disposta em soberbo anfiteatro para arrebatar os olhos e os corações dos seus adoradores.

Creio na grandiosidade emocionante do espetáculo de fé que incutem os círios e as invocações para abrir os olhos dos descrentes e dos cegos e para curar as dores da alma e os achaques do corpo.

Creio que nos tons maviosos da Avé-Maria, subindo como incenso ao etério trono da Virgem são metralhadoras mais potentes para fazer caír o rócio de graças sôbre o solo pátrio do que os trovões das bombardas, em tempo de estiágem, para orvalhar as flores e as hervinhas do campo.

Creio que é alí a morada terrestre dessa Mãe Omnipotente nas suas súplicas.

Creio que Ela tem feito e continuará a espargir benefícios a mãos cheias, e que ao seu encanto sedutor não haverá pecador nem miséria social que resista.

Eu creio, eu creio... eu creio.»

Tradução dum livro alemão sôbre Fátima. — O Doutor Luís Fisher, Lente da Universidade de Bamberg. — Lourdes e Fátima, miradoiros do Céu. — O acontecimento reglioso mais notável da actualidade. — Excelente carácter dos portugueses. — A literatura e a «Voz da Fátima» obras primas de informação e de verdade.

Sob a epígrafe «Fátima a Lourdes Portuguesa», pelo Doutor L. Fisher (Tip. da União Gráfica, Lisboa), tradução do Dr. Sebastião da Costa Brites,—o distinto crítico literário do grande diário católico da capital «Novidades», que subscreve os seus artigos com as iniciais J. A. C., publicou no número de vinte e cinco de Julho último dêsse jornal um primoroso artigo em que aprecia e põe em justo relêvo aquele encantador volume do sábio professor bávaro.

E' êste esplêndido artigo que com a devida vénia se transcreve a seguir:

«A tradução, ótima, dêste livro estranjeiro é já feita da segunda edição alemã, o que mostra que a Fátima não interessou apenas o professor da Universidade de Bamberg, que a visitou, mas está despertando o interesse da filosofia da Alemanha. O Dr. Fisher não quis, entretanto, armar em filósofo ou em crítico diante daquela porta do Céu, que veio encontrar na terra lusa.

Só se fez pequenino, orou e fraternizou com os simples. Para êle, Lourdes e Fátima miradoiros do Céu, para gôzo de todas as almas do mundo; não são privilégios nacionais, favores concedidos por um Céu parcial, para logradoiro egoista de certos povos. Por isso, depois de rezar com os portugueses, achou que era um dever informar-se bem, com o Prelado de Leiria e com tôdas as testemunhas fidedignas e depois ir para a sua própria terra tornar conhecido o facto de Fátima, ignorado de todos, *não obstante Fátima costituir um dos acontecimentos religiosos mais notáveis, se não o mais notável, da actualidade*»

Se a Virgem aparecida arrebatou o lente alemão, por tal forma que êle anda a trabalhar ainda noutra obra de maior tomo àcêrca da aparição portuguesa, não deixaram também de encantá-lo os portugueses, tão hospitaleiros, tão inteligentes, de Valença, pelo Pôrto até à formosíssima Leiria. Na Fátima, então, a nossa gente apareceu-lhe como bem mais ordeira, calma e metódica do que os próprios tentões, com os quais, diz o Doutor, seria impossível conseguir tanta ordem em aglomerações tão colossais e tão improvisadas. (E falavam do nosso meridionalismo e do nosso revolucionário bicho carpinteiro!).

Vê-se que, ao benefício sobrenatural da sua visita, a Virgem troxe aos portugueses benefícios concomitantes: até o de serem mais bem apreciados!

Quanto a nós, se o livro do sábio alemão não trouxe nada de novo, podemos pelo menos ver que não somos exagerados no apreço que faremos dos nossos próprios trabalhos: a literatura fatimense e sobretudo o jornalzinho «Voz da Fátima» são notados pelo professor teutão como obras primas de informação e de verdade.

E' certo que o Doutor vai notando que, se a Senhora quisesse aparecer na Alemanha, teria de apresentar primeiro «certidão de idade, de baptismo e de nacionalidade, para que a residência lhe fosse permitida». Mas o espírito policial do prussianismo, que lá pelo Norte invadiu até a vida religiosa, não lhe parece, ao Doutor, fazer cá falta nenhuma e até acha bem melhor o catolicismo livre e voluntário dos povos do Sul...»

Visconde de Montelo

A má consciência está sempre inquieta e assustada. Gozarás de brando socêgo se teu coração de nada te acusar. Não te alegres senão quando fizeres algum bem.

Imitação de Cristo, Liv. II, cap. VI.

Um anjo no exílio — Nostalgia do Céu — Á mesa do banquete divino — Flores roxas de martírio — No regaço da Vírgem — Regresso à Pátria

Maria Dias Lopes, filha de Alvaro Lopes e de D. Narcisa Dias Lopes, era uma gentil menina, a mais velha de duas irmãs, prole abençoada dum lar honesto e cristão, consolação única e doce esperança dos pais extremosos. A sua infância, inocente e descuidosa, tinha deslizado, tranqüila e suavemente, entre jardins e vergéis, à sombra de árvores copadas, nas margens ridentes e formosas do Tejo, cujas águas, na época das cheias, iam beijar, espreguiçando-se, os muros brancos da linda e aprazível estância em que vivia.

As maiores delícias dessa alma, em extremo delicada e sensível, consistiam em estar junto dos pais estremecidos e da irmã querida, partilhando das suas alegrias e dos seus desgostos e procurando com o carinho e a ternura dum coração afectuoso e meigo, como anjo tutelar do santuário doméstico, tornar-lhe menos duras as provações do exílio, que é êste vale de lágrimas e de misérias, em que passamos algumas horas antes de raiar a manhã do dia eterno.

A sua radiosa mocidade era uma mocidade exuberante de vida, cheia de viço e frescura, polvilhando o ambiente de inebriantes perfumes e enchendo-o de suaves harmonias, qual flor de encanto que desabrocha ao contacto do orvalho matutino ou ao beijo do raio do sol nascente, qual avezinha canora que desfere na siringe do seu peito os seus cânticos de ventura e os seus trinados de amor.

Entre as meninas da mesma idade, suas vizinhas e companheiras, distinguia-se pela modéstia no trajar e pelo desprendimento das vaidades do mundo. Um dia o pai quís comprar-lhe um vestido, mas a boa menina, que dêle precisava, receando onerar o orçamento doméstico com uma despesa excessiva, disse:

«Meu pai, não quero que faça sacrifícios; não compre o vestido, que eu posso remediar-me com o que tenho».

Extremosa por sua mãe, não a abandonava um só instante, quando a via doente de cama, renunciando então de bom grado a todos os seus divertimentos e passatempos, para lhe assistir com o disvêlo e a solicitude duma dedicada enfermeira, enquanto ela não voltava, recuperada completamente a saúde, às suas ocupações habituais.

Se, mercê dalguma indisposição de estômago, a mãe não tomava qualquer das refeições, a pequena, triste e inquieta, dizia logo: «Se minha mãe não come, também eu não como».

A tudo antepunha o sossêgo e o conchêgo do lar, a convivência dos pais, da irmã e das outras pessoas de família.

Nunca asisstiu a bailes nem freqüentou teatros e animatógrafos, onde tantas almas perdem a inocência ou encontram perigos para a sua virtude.

Não gostava de se pôr sòzinha às janelas da sua encantadora vivenda, e só o fazia juntamente com sua mãe.

Para não se afastar um só momento da companhia dos pais queridos, recusava-se até a dar passeios inocentes e higiénicos pelos campos vizinhos.

«Filha adorada, dizia-lhe um dia a mãe extremosa, acompanha as tuas amigas no passeio que vão dar; faz-te bem respirar o ar puro dos pinhais, ouvir o canto das avezinhas e aspirar o aroma das flores silvestres.

«Não, mãezinha, replicava ela, se me acompanhasse, iria de boa vontade, assim prefiro ficar em casa, ao pé de si, do paizinho e da mana».

A breve trecho chegam os catorze anos.

E' então que Santarém, a formosa princesa do Tejo, a acolhe dentro dos seus muros seculares, proporcionando-lhe, no Pensionato Andaluz, modêlo de institutos femininos de educação e ensino, um abrigo seguro para a sua virtude, uma escola primorosa para a cultura do seu espírito e um prolongamento do lar paterno, onde o seu coração encontra lenitivo para a ferida nele causada pela saüdade na estima e no carinho das mestras e condiscípulas, sentindo-se plenamente satisfeita e feliz.

Cinco meses — os últimos da sua existência sôbre a terra, passa-os no cumprimento exacto dos seus deveres, e na prática de tôdas as virtudes cristãs.

Ágil como uma arveia, alegre como um colibri, ela é, nos recreios e nos passeios, sempre e em tôda a parte, a amiga dedicada das suas companheiras de colégio, igual para tôdas na estima e nos obséquios da amizade fraternal. Dócil e obediente às prescrições regulamentares e aos mais leves acenos das suas superioras e mestras, tentando, por assim dizer, adivinhar os seus desejos para os cumprir, — impõe-se como

um modêlo de colegial à admiração e imitação das outras meninas.

Afervorando-se cada vez mais na sua piedade, sincera e sólida, era com as disposições dum anjo que se aproximava da mesa eucarística, abrindo o seu coração, puro e inocente, às doces carícias do Divino Rei de Amor, como a flor mimosa descerra a corola para receber tôdas as manhãs as gotas do orvalho do céu.

Um dia duarnte as férias da Páscoa, faleceu uma pessoa de sua família. No dia seguinte era Domingo. À hora do costume, preparou-se para ir ouvir missa. A mãe, ao vê-la já pronta para saír, observou:

«Minha filha, estamos de luto, e por isso não há obrigação de ir à missa. Olha que a tua prima hoje não vai e tu não tens companhia!»

Ao que a pequena retorquiu:

«Os paizinhos façam como quiserem, mas eu é que não falto à missa, porque as senhoras lá no Colégio diziam que cada um respondia por si».

Anjo exilado na terra, o Céu reclamava-a como coisa que lhe pertencia. A doença, uma doença mortal, vem roçála, inesperadamente, com a sua asa negra.

No curto espaço de cinco dias, o seu organismo débil e franzino, a-pesar-de todos os esforços empregados pela sciência para a salvar, sucumbe aos estragos do mal que a minava.

Durante a sua dolorosa agonia, uma voz amiga diz-lhe, num dado momento, em que parecia sentir menos dores:

«Agora não sofre tanto, não é verdade?»

Cheia duma santa resignação, a pobre menina replica com vivacidade:

«Ah! só eu sei o que sofro, mas ofereço da melhor vontade todos os meus sofrimentos pelas almas do Purgatório».

A sua devoção para com Nossa Senhora de Fátima, a quem tanto amava, aumentou consideràvelmente durante os poucos, mas longos e intermináveis dias, do seu cruciante martírio, que suportou na mais perfeita conformidade com a vontade de Deus.

Comprazia-se mesmo em invocá-la e até nas horas da sua lúcida agonia achava refrigério, deglutindo algumas gotas de água da fonte miraculosa do santuário da Lourdes Portuguesa.

Uma vez à Directora do Colégio disse-lhe: «Pede a Nossa Senhora de Fátima que te dê saúde!» E ela, numa angélica expressão de súplica, exclamou: «Nossa Senhora do Rosário de Fátima, dai-me saúde para fazer a vontade a mim e ao meu paizinho!»

O pai preguntou-lhe um dia:

«Minha filha, que prometeste a Nossa Senhora de Fátima, se ela te curar?»

A* resposta foi: Vamos lá todos e eu levar-lhe-ei cincoenta mil réis».

Às vezes dizia: «Na Cova da Iria há uma fonte de água muito fresquinha...» Era sinal de que a sêde abrasava a pobre menina, devorada por uma febre ardente. E a preciosa linfa, que lhe era ministrada às colheres, parecia deliciar-lhe a alma, ao mesmo tempo que lhe refrigerava os lábios crestados e a bôca ressequida.

Foi com os mais vivos sentimentos de piedade que recebeu os últimos sacramentos. Ficou assim preparada para a grande viagem da eternidade que em breve iria empreender

No dia trinta e um de maio, sábado e último dia do mês de Maria, consagrado pela Santa Igreja a Nossa Senhora Medianeira de tôdas as graças, às onze horas e meia da manhã, rodeada dos pais amantíssimos, inconsoláveis na sua profunda mágoa, e de parentes e pessoas amigas, a quem pungia dolorosamente o amargo espinho da saüdade, a angélica menina Maria Dias exalava o derradeiro suspiro, emquanto a augusta Raínha do Céu vinha ao seu encontro e recebia nos braços maternais a sua bela alma, adornada ainda com a inocência do baptismo, para lhe pôr sôbre a fronte virginal a coroa rutilante e imarcessível da eterna glória.

Visconde de Montelo

N. da R. — Devido a alguns lapsos e saltos de composição, êste trecho da crónica do mês de Junho saíu completamente transtornado. Por isso se reproduz agora em separado exactamente como tinha sido escrito.

Um bom ladrão

Um jovem de vinte anos, ferido mortalmente em uma rixa, vivera sempre no vício. Havia pouco que saira da prisão.

A sua pobre mãe, vendo-o em pontos de morrer, quiz falar-lhe de Deus, o que o fez blasfemar horrivelmente e ficar tão fora de si que procurava qualquer objeto que pudesse atirar à cara da mãe.

Esta calou-se mas fixou uma imagem do Sagrado Coração de Jesus que estava na parede e correu à igreja.

Aqui, por toda a oração, pronunciou com fé ardente as seguintes palavras imitadas das do bom ladrão: «Senhor, no vosso reino, tende piedade do meu filho e não o deixeis perecer eternamente.» Ao entrar em casa qual não foi o seu espanto ao vêr o ar alegre e piedoso de seu filho!

Minha mãe, disse êle mostrando ao mesmo tempo a imágem do Sagrado Coração, Êle disse-me: «Hoje entraras comigo no Paraíso.» Era a resposta do salvador ao bom ladrão completando a oração da mãe.

Pede um sacerdote e depois conta tudo a seu pai tão ímpio como êle. Morre como um predestinado e o pai começou a viver como um bom cristão.

Êste facto passou-se há alguns anos em New-Iork e vem citado no *Petit Apôtre du Sacré Coeur*, de M. Fehvre.

As curas de Fátima

Entero-colite.

Ana Ferreira Salgado, da frèguesia de Paço de Sousa, concelho de Penafiel:

Venho por êste meio pedir a V. Rev.ª o grande favor de publicar no seu jornalzinho o grande milagre que a Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima me concedeu, no dia 13 de Maio, do ano passado de 1929, e que eu, muito desejava fazer público, para maior honra e glória da Santíssima Virgem.

Ana Ferreira Salgado

Pois eu desde os 10 anos fiquei órfã, sem pai nem mãe. Tinham-me dito que eu tinha outra mãe; que era a do Céu. Quando me via aflita era a Ela que recorria, e nada me faltava pois ela logo me protegia.

Durante 25 anos andei a servir, e à noite, quando ia para o meu quarto, sempre me consagrava a Nosca Senhora e pedia-lhe que me livrasse de todos os males.

Durante 9 anos sofri de entero-colite estando de cama sete meses, chegando a receber todos os sacramentos, para partir para a outra vida. Depois melhorei alguma coisa, mas só podia tomar uma refeição por dia e só daí a cinco anos é que pude tomar duas refeições por dia, uma ao meió dia, e outra às 4 horas da tarde, sendo a comida só batata cosida sem sal, e meio quartilho de leite, em cada uma das referidas refeições.

Durante esta minha doença fui tratada pelo médico Snr. Dr. Aloísio José Moreira, da visinha frèguesia de Fonte Arcada, que me deu muitos remédios e grande quantidade de injecções e eu, ia andando, dias melhores, dias piores, tendo no entanto as esperanças perdidas de tornar a recuperar a saúde.

Lembrei-me então de ir a Fátima pedir a Nossa Senhora que me curasse se fôsse da sua vontade. Pedi ao referido médico, para me passar o atestado da minha doença, e êle me disse que a viagem me devia fazer mal, devido à gravidade da minha doença, mas sempre me passou o atestado, e no dia 11 de maio do ano passado, parti para Fátima, numa peregrinação desta frèguesia.

Chegámos no dia seguinte à tarde, e assisti à procissão das velas, e à adoração nocturna do S.S. Sacramento, e a todos os mais actos do culto divino; e no dia 13 de manhã recebi a Sagrada Comunhão.

Às 9 horas fiz a entrega do meu atestado da doença no hospital, e em seguida dei entrada no pavilhão onde assisti à Missa dos doentes e recebi a bênção particular do SS. Sacramento. Nesse momento veio-me uma sêde, tão grande que eu não pude aguentar e pedi a uma das Senhoras Servitas um copo de água. Bebi e fiquei bem. Daí a um quarto de hora voltou-me a mesma sêde e pedi outro copo da mesma água a outra senhora Servita. Quando bebi êste segundo copo da água milagrosa senti-me melhor. Lembrei-me nesta ocasião de que foi um copo em honra de Nossa Senhora e outro em honra do seu divino Filho. Depois de terminados todos os actos religiosos voltei para casa, com grandes saüdades dêsse lugar bemdito da Mãe de Deus.

Tôda a viagem, quer à ida, quer à volta para casa, cantei sempre a Avé-Maria, com a grande confiança e alegria, que trazia no meu coração.

Já passaram 11 meses de experiência com as comidas e nada me faz mal e encontrando-me curada da referida doença por intermédio de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, que é a minha Mãe.

Eu sou Filha de Maria há 18 anos e para que as pessoas que me conheceram na minha grande doença, e agora vejam como estou boa, envio a minha fotografia para ser também publicada, pois a minha doença foi terrível mas eu confortava-me com a vontade de Deus, que levou a sua cruz, e eu pecadora também a devia levar.

Para maior honra e glória de Nossa Senhora do Rosário da Fátima pede a publicação desta notícia a mais humilde das servas da Santíssima Virgem, e lhe agradece tão grande graça que Ela lhe concedeu».

Cólicas graves.

Hermengarda Correia da Silva, de Tete (África Oriental) em carta de 29 de março último, diz o seguinte:

«Venho cumprir um dever sagrado dando conhecimento a Vossa Excelencia, dum facto que atribuo à intercessão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, operando assim o milagre na rápida alteração, para melhor, na grave doença que acometeu um dos meus adorados filhos.

O meu filhinho mais novo, de nome Eduardo, o meu querido bébé, foi em princípio de outubro de 1929 acometido de muitas febres que o foram definhando, até que em princípio de dezembro peorou sensivelmente, vendo-o eu a braços com a morte na noite de 14 para 15 do mesmo mês de Dezembro.

Quando o meu coração de mãe foi alanceado pela cruciante notícia do médico assistente, de que pouco ou nada mais tinha a fazer, quando eu vi o meu adorado filho a torcer-se com dores em resultado de umas cólicas terriveis, quando de minuto para minuto eu, o meu marido e tôdas as pessoas amigas que nos acompanhavam, esperavamos ver exalar o último suspiro pelo meu rico filho, recorri à protecção de Nossa Senhora, dei água da Fátima a beber a êsse meu ente tão pequenino, friccionei-lhe o ventre com a mesma água, caí aos pés da imagem da Nossa Senhora e resando, por vezes acompanhada por pessoas amigas, com todo o fervor da minha alma de crente e com tôda a sinceridade que pode ter uma mãe ao presentir o desaparecimento de um filho, roguei a Nossa Senhora a sua protecção, com a promessa de lhe mandar dizer uma Missa cantada no seu Santuário em Portugal e uma outra aqui em Tete, e mais duas simplesmente rezadas, promessa que já comecei a cumprir.

Por milagre, as dores que o meu filhinho sentia começaram a diminuir e, quando rompeu a manhã do dia 15 de Dezembro, o meu adorado filho, o meu bébé, já nos parecia outro, já estava na verdadeira vida, enchia de alegria os seus pais e tôdas as pessoas amigas que nos acompanhavam nessa grande dor. As cólicas nunca mais voltaram e para alegria e ventura dos seus pais o meu rico filho vive, estando hoje bom. Já a êsse tempo o meu dito filhinho e os seus dois irmãos, creancinhas também, traziam medalhas de Nossa Senhora e que nunca deixam de trazer.

Nunca deixarei de ter Rev.mo Senhor, uma fé ardente na protecção da Nossa Senhora que foi o meu sublime e augusto conforto nas horas da maior tristeza que pode ter uma mãe, e pedirei sempre à Raínha do Santíssimo Rosário da Fátima que me acuda e aos meus nas horas de perigo e que rogue sempre por nós.

Pedindo a Vossa Reverendíssima a publicação desta carta começada e acabada com os olhos postos na imagem santa de Nossa Senhora, peço desculpa dos seus poucos dizeres porque ela não foi sòmente ditada pela impressão que recebi com o milagre operado mas também porque sou, como tenho sido, uma fervorosa crente, e glória a meus queridos pais que souberam impregnar o meu coração de tal fé.»

Doença num pé.

Júlio Gonçalves, escreve de Hong-Kong em 29 de maio, dizendo:

«Sofri dois meses duma doença no pé direito. Por mais remédios de que fizesse uso, não havia meio de o ver curado. Recorri um dia à Santíssima Virgem do Rosário de Fátima e finalmente encontrei a cura. Por êste benefício, venho agradecer à Santíssima Virgem, tornando-o público para sua honra e glória».

Úlcera cancerosa.

Maria José Gomes, natural das Lages das Flores (Açores), onde reside, sofria havia doze anos de uma úlcera debaixo de um braço que um médico classificou de cancerosa e tendo-lhe aplicado compressas de água de Fátima nos dias da novena de N.ª S.ª do Rosário, Padroeira desta frèguesia, acha-se actualmente curada, pelo que agradece reconhecidíssima a Nossa Senhora e manda publicar esta graça como prometeu.

Úlcera no estomago.

Rosalina de Jesus Marques, de Venda do Alcaide (Pinheiro Novo).

Há muito tempo doente, mas há 4 meses andava sendo tratada, pelo médico Dr. Vieira de Carvalho, de uma úlcera no estomago, não se alimentando senão de umas pequenas gotas de leite e isso mesmo o vomitava, a ponto de ultimamente ser aconselhada pelo próprio médico a ser operada, mas visitando uma pessoa piedosa e esta aconselhando-a a rezar o terço oferecendo-lho recebeu-o com tanta Fé e no propósito firme de implorar da Virgem, suas melhoras, que ao saír de casa dessa pessoa, encontrando uma vendedeira de frutas, comprou ameixas e ali mesmo comendo-as, logo a seguir se sentiu aliviada do seu sofrimento, e, então, abandonando remédios, começando a comer de tudo se tem sentido melhor.

Segundo análises feitas tinha também albumina. Nestes últimos dias tudo digere, funcionando bem o intestino.

É pobre, e, só com sacrifício e muita Fé na Providência Divina e em Nossa Senhora, instada e aconselhada pela mesma pessoa piedosa se abalançou a fazer a viagem em julho para mais de perto implorar da Virgem a sua cura radical.

Setubal, julho de 1930.

Dores numa perna.

Felicidade Maria Ferreira, da Cela (linha de Oeste), casada, teve durante seis meses uma dôr em uma perna. Nem com banhos nem com outro qualquer tratamento conseguiu melhorar. Veio a Fátima, resou o terço e dentro de vinte e quatro horas achou-se curada, voltou em julho a Fátima a agradecer a Nossa Senhora.

Surdez.

José Teotónio Mendes, da Cela (linha de Oeste). Havia cêrca de um ano que não ouvia. Lavou três vezes o ouvido com água de Fátima e dentro de três dias sentiu-se curado.

Uma creancinha.

Maria Antónia, de cinco anos, filha de José Gaspar, do Casal dos Carvalhos (Alvorninha), chegou aos dois anos sem andar. Veio a Fátima e no mesmo dia começou a andar.

Uma graça.

Mário dos Santos, 35 anos, rua dos Caldeireiros, 210 — Porto, tuberculoso; aproximava-se a morte e êle sem querer confessar-se; poisque detestava até mesmo a sombra dum sacerdote. Florinda Rosa, rua de Traz, 127, pediu com muita fé, no dia 13 de Fevereiro do corrente ano, a Nossa Senhora de Fátima a graça (que prometeu publicar no seu jornal) de que por vontade própria do doente pedisse um sacerdote para se confessar. No dia 20 do mesmo mês às 8 horas da manhã, pediu para lhe chamarem um sacerdote, mas isto sem que pessoa alguma lho lembrasse. Confessou-se recebeu com lágrimas a Sagrada Comunhão, e faleceu no dia 23 do mesmo mês com todas as bôas disposições.

Tuberculose pulmonar.

António Alexandre, da frèguesia da Cela (Alcobaça), entregou no dia 13 de julho o seguinte relatório:

«Em 1925, quando tinha 49 anos, fui atacado duma doença que me privava de trabalhar e que bastante me incomodava, chegando, por muitas vezes, a deitar grandes porções de sangue pela bôca.

Consultei vários médicos, alguns especialistas, tanto de Lisboa como da província, e por todos ou quási todos me era dito que o melhor que eu tinha a fazer era comer de tudo que me apetecesse e ter bastante descanso porque outra forma de me curar não conheciam. Pedi a todos, ou a quási todos, o favor de me auxiliarem a fim de eu ser internado num hospital, e a resposta que semper obtive deles era o seguinte:

Isso não lhe vale a pena. Vá para junto da sua família, porque é melhor evitar essas despêsas.

Notei por isso que elas me julgavam sem cura possível. Mais tarde, por informações que recebi de vários doentes que se trataram no Sanatório da Guarda, e que me garantiam poder-me ali curar, resolvi, sem consultar mais nenhum médico àcêrca disto, seguir para o dito Sanatório, onde ainda estive cêrca de três meses.

Na minha ida, fiz-me acompanhar de algumas cartas de empenho para o Ex.mo Snr. Director daquele estabelecimento, a quem não posso deixar de testemunhar a minha gratidão pelos assíduos cuidados que sempre me dispensou, e pelos esforços que fês para conseguir a minha cura, do que obteve pouco resultado.

Vendo eu que não tinha cura e que continuando ali, gastaria todos os meus haveres, deixando minha família, mulher e oito filhos (o mais novo então com dois anos), redusidos à miséria, resolvi voltar para junto deles.

Passado tempo, uma noite, eram 10 horas, acordei muito aflito e chamei minha mulher para que acendesse uma luz. Passados momentos comecei a deitar grande quantidade de sangue pela bôca, como nunca tinha deitado tanto, supondo todos que eu nessa noite morreria. Minha família chorava, e eu lembrando-me dos meus irmãos que moram distante de mim algumas léguas e querendo-me despedir deles mandei-os chamar, aparecendo-me alguns vestidos de luto por os terem informado de que quando chegassem já não me encontrariam vivo. No meio de tôda esta aflição pedi a Nossa Senhora de Fátima que me valesse. Não lhe pedi que me curasse, mas que me conservasse vivo até todos os meus filhos me conhecerem bem, e que eu podesse, ao menos administrar os meus serviços de lavoura. Hoje, já com 54 anos, felizmente já faço qualquer trabalho de lavoura, sem que me faça mal, evitando assim de pedir o auxílio dos meus visinhos, como acontecia então, e como também todos os meus filhos já estão em idade de me conhecerem como pai, e crendo que foi a Virgem Nosso Senhora que me fês êste milagre venho pedir a publicação destas linhas no jornal a *Vóz de Fátima* e fazer entrega da promessa que fiz (o valor de dois bezerros de dez mezes e de um cordão de ouro).

—⁂—

Um sermão original

Não faz muito tempo, um pároco fez o seguinte sermão na missa do domingo:

Meus amados irmãos:

Ao pedir-vos alguma esmola para as vítimas da inundação, para os meninos esfaimados da Rússia, para a Santa Infância e para a Propagação da Fé, correspondestes sempre com generosidade.

Hoje não vos peço para pessoas distantes e extranhas; suplico-vos uma esmola para pessoas desgraçadas, especialmente senhoras e meninas da nossa paróquia, as quais não teem com que comprar um vestido que as cubra, e se veem obrigadas a andar, coitadas, pelas ruas, sem mangas, sem meias e decotadas, com perigo de resfriados e pneumonias.

Recomendo-vos de todo o coração essas infelizes...

Da minha parte, já tomei nota dos seus nomes, e quem lhes oferecer uma esmola, terá a bênção de Deus e a gratidão das beneficiadas».

No domingo seguinte quási todas as jovens da paróquia assistiram à missa modestamente trajadas.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	215.751$65
Papel, composição e impressão do n.º 94 (55.500 exemplares)	3.080$50
Franquias, embalagens, transportes, gravura, cintas, etc.	861$05
	219.693$20

Donativos vários

Na impossibilidade de registar aqui tôdas as quantias enviadas pelas assinaturas (o mínimo de dez escudos por ano), publicamos apenas algum donativo maior, feito quáis sempre por ocasião da distribuição de jornais:

P.e António Martins Carneiro, 40$00; Sofia Regalão, 122$00; Arminda Maria Coelho, 20$00; Amélia Belindrinha, 20$00; Emília Gomes de Almeida e Silva, 50$00; Alípio Vicente, 40$00; João Craveiro Viegas, 93$30; P.e Avelino Domingos, 30$00; Joaquim da Silva Carvalho, 102$60; P.e Joaquim Lopes Seixal, 150$00; Maria Isabel Monteiro Reinas, 50$00; na Capela do Senhor da Vera Cruz de Landal, 40$00; António Francisco Barbosa, 20$00; P.e Augusto José Vieira, 65$00; Ângela Costa e Idalina Nunes, 175$00; Elisa Lourdes Mesquita, 20$00; Maria Margarida de Campos Casais, 37$50; Maria dos Remédios, de Macau, 70$00; Ana Rodrigues, 40$00; Zita Rodrigues, 40$00; Manuel Pereira da Costa, Brasil, 41$84; na igreja de S. Tiago de Cezimbra, por Gertrudes do Carmo Pinto, 59$00; na igreja de S. Mamede, em Lisboa, por N. R., 10$00; na igreja do S. S. Coração de Jesus por Maria Matilde da Cunha Xavier, 21$60.

—⁂—

Oferta ao S. Padre no 50.º aniversário da sua ordenação sacerdotal.

Apêlo para a fundação, em Africa, de uma estação missionária denominada "Fátima.,,

Como é do domínio público, o jubileu do S. Padre foi prorrogado até Junho do corrente ano.

Ao grande Papa das Missões devem os leitores da «Schildwache» oferecer uma estação missionária, a qual será colocada sob a protecção de N. S. do Rosário da Fátima.

As missões são a preocupação constante do S. Padre.

«A conversão do mundo, a propagação da fé, dizei-o a tôda a geute, anunciai-o por tôda a parte, é o pensamento dominante do nosso espírito, o principal anelo do nosso coração, a suprema aspiração da nossa vontade. De tôda a parte chega até nós o grito: «ajudai, enviai dinheiro!»

Atendendo a esta grande necessidade, devem mobilizar-se tôdas as fôrças. Todos devem prestar o seu concurso e a ninguém é lícito permanecer inactivo.

Um sacerdote acaba de se inscrever com a quota mensal de 10 marcos para a manutenção dum catequista. Muitos dos nossos leitores desejarão, por certo, seguir-lhe o exemplo, sustentando também um catequista cujo ordenado varia, em Africa, entre 5 e 10 marcos. Não faltarão outros que, para êsse fim, procurarão coligir esmolas entre as pessoas das suas relações e, outros ainda que, de bom grado, concorrerão com a quota mensal de um ou meio marco.

Por meio dêstes catequistas poderão converter-se ao catolicismo aldeias inteiras. E' freqüente ler nos relatórios dos missionários: Se eu tivesse catequistas poderiam converter-se aldeias inteiras desta região».

Os pagãos imploram instrução e Baptismo. Infelizmente falta quem ensine, ou antes, faltam meios para manter os catequistas.

Mãos à obra, pois, e que Maria, sob cuja protecção vai ser colocada esta nova missão, se digne abençoá-la e protegê-la.

Que alegria para esta boa e santa Mãe se, lá ao longe, na Africa, muitas almas se converterem ao Coração do seu Divino Filho!

Prestam-se esclarecimentos na administração da «Schildwache» para onde devem ser enviadas todas as dádivas.

(Tradução da revista alemã Dieschitsmache *dirigida pelo Rev. Doutor Luís Fischer, autor do livro* Fátima, a Lourdes portuguesa).

O Sétimo: Matrimónio

Uma consulta

— Snr. Prior, eu vinha fazer-lhe uma consulta e pedir-lhe um conselho. Pode agora atender-me?

— Pois não, D. Alice? Queira ter a bondade de se sentar. O meu tempo é dos meus paroquianos, sobretudo quando se trata de católicas zelosas como V. Ex.ª

— Bondade sua, snr. Prior. O pouco que faço não merece tamanho elogio.

— Humildade e modéstia sua, D. Alice, digo eu. Mas... vamos lá ver: de que é que se trata? Parece-me que está tão preocupada!...

— E' uma novidade, que, afinal, talvez já o não seja para V. Rev.ª: é que penso em me casar.

— Muito bem, D. Alice, muito bem! E desde já faço os meus votos de muita felicidade.

— Muito obrigada, snr. Prior, mas não tenho pressa pois que nem sei se V. Rev.ª vai aprovar a escolha que pretendo fazer. E' precisamente para ouvir a sua opinião que eu aqui venho.

— A escôlha que pretende fazer!... Mas não é V. Ex.ª que há de escolher? Tenho alguma coisa que ver?...

— Tem, sim senhor. E até me admira V. Rev.ª não saber de nada, tanto mais que há tanta gente linguareira, amiga de contar novidades!

— Isto de contar é com elas; o de ouvir e escutar é comigo e a mim não vêem elas. Mas, vamos ao caso: quem é, então, o seu eleito, ou candidato a seu eleito?

— Conhece o Vasco?

— Como? Isso é lá possível?

— Eu já estava à espera disto! Em casa, a minha mãe fez também um tremendo escarcéu quando o soube. E agora, o snr. Prior... é a mesma coisa!...

— Mas, minha filha, como é que eu me não havia de espantar com o que acaba de me dizer? Não compreendo como a V. Ex.ª pudesse vir a ideia de casar com semelhante homem.

— E que crimes tamanhos cometeu êle?

— Está civilmente registado... com outra e agora trata do divórcio.

— Sim, nisto fez êle mal. Não há, porém, pecador que não possa converter-se.

— Teológicamente, está certo, mas... duvido que V. Ex.ª possa ser feliz.

— Ora, a felicidade é Deus quem a dá.

— A quem a merece e não procura a infelicidade.

— E porque é que eu havia de ser infeliz?

— Já lho vou dizer. Antes porém um considerando quanto ao tal Vasco. Acha V. Ex.ª correcto e lícito abandonar um homem desta forma uma jovem que tirou do lar paterno, com a qual teve filhos e procurar novo enlace? Acha isso correcto, direito, justo perante a moral e a consciência? Parece-me que subsistem obrigações para com a tal mulher e filhos, obrigações de que ninguém o pode dispensar!

— Dizem dela muita coisa.

— Já sei que êle diz cobras e lagartos da pobre, que para ali vive a curtir a miséria e a trabalhar para sustentar os filhinhos. Ela não dá escândalo e mostra que tem sentimentos de mãe, posto que pague agora o ter-se unido só civilmente a um homem que não quis saber da religião, preferindo o marido a viver na graça de Deus. Êle é que não tem sentimentos de pai para com os filhinhos. Ora agora pregunto eu: um homem que assim procede dará alguma garantia de que será um bom esposo?

— Mas êle pode corrigir-se.

— Pode!... e da parte dêle a emenda seria casar-se religiosamente com a mulher, reconciliar-se com ela e voltar a ser pai dos filhinhos.

— Isso nunca êle fará, segundo me disse...

— Talvez. O que vem a acontecer é outra coisa. Cesteiro que faz um cesto, faz um cento. Êle, a primiera vez não quis saber de religião.

— E' que êle naquele tempo não a conhecia.

— E hoje continua inimigo dela e dos sacerdotes, como todos sabem. Se recorre ao Sacramento do Matrimónio para conseguir uma segunda mulher. E se morresse a primeira antes do divórcio, unir-se-ia a outra também pelo civil.

— V. Rev.ª vê tudo pelo lado pior!

— Minha filha, eu tiro apenas a consequência de factos concretos. Um homem que abandona na miséria uma mulher e filhos e é inimigo da religião, não dando por isso valor ao sacramento do matrimónio, não oferece garantia alguma de ser bom e fiel esposo. E é sôbre tal base que V. Ex.ª quere construir a felicidade de sua vida? Diga-me: um indivíduo assim pode inspirar-lhe tal confiança que lhe confie o seu destino?

— Snr. Prior, muito obrigada. Eu nunca tinha pensado nisto.

— Pois é bem que pense, e muito sèriamente, enquanto é tempo. E' melhor assustar-se agora e recuar, do que chorar depois quando já não há remédio. E' o conselho do sacerdote que se interessa a sério pelo bem dos seus paroquianos.

Vá, minha filha, reze e peça a Deus que a ilumine e guie para com serenidade, boa vontade e docilidade ouvir os que lhe mostram o bom caminho a seguir.

Noivo que não é amigo de Deus também o não será de sua espôsa. Casamento e mortalha no Céu se talha, diz o provérbio. E', pois, a Deus que os noivos devem principalmente pedir a solução dêste gravíssimo problema, de que depende a felicidade das famílias nesta vida e de todos na eternidade.

E' preciso sobretudo *merecer* a Deus esta grande graça.

Uma mulher boa é dada a um homem bom, como recompensa, diz a sagrada Escritura.

Também do Céu é que há de vir o noivo que possa dar alguma felicidade a uma donzela pura e santa.

—⁂—

A arte de saber sofrer

Um velhinho vivia no meio de mil penas e dificuldades sem nunca mostrar um movimento de impaciência.

— O que faz você para viver tão tranqüilo no meio de tão grandes contrariedades? perguntou-lhe um amigo.

— É uma coisa muito simples. Faço um bom uso dos olhos.

— Então como? continuou o outro; diga-me isso.

— Com todo o prazer. Primeiro levanto os olhos, fixo o céu e penso que ali é morada para onde eu devo tender com tôdas as fôrças da minha alma. Depois olho para o chão e vejo o lugar tão pequenino que ali ocuparei um dia. A seguir olho para o meu lado e vejo quantas pessoas há mais infelizes do que eu. Compreendendo estão em que consiste a verdadeira felicidade, em que o único bem é amar a Deus, que tanto nos ama e vejo que não tenho razão para me queixar.

Aqui tem o meu segrêdo.

FÁTIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5$00; pelo correio, 5$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na UNIÃO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa, na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUÁRIO DE FATIMA.

Ano VIII — Leiria, 13 de Setembro de 1930 — N.º 96

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Fátima é um foco intenso e inexgotavel de graças celestes que irradiam com profusão sôbre Portugal inteiro

«Se é verdade que a fé se mede pelos sacrifícios que por ela se fazem, grande e profunda deve ser a fé dêste povo que não se cansa de cantar os louvores de Maria Santíssima. E êstes rasgos de amor à Virgem são coroados pela maior parte dos devotos peregrinos com o acto que, entre todos, deve ser o mais agradável àquela Mãe celeste — o de receber num coração abrasado de amor divino Jesus no seu sacramento de amor. Foram talvez essas numerosas confissões e fervorosas comunhões — sinal incontestável da verdadeira fé viva — o que mais me impressionou e comoveu de tudo quanto presenciei no augusto Santuário de Fátima».

Palavras duma carta do Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Estêvão P. de Alencastre, Bispo de Honolulu, para o venerando Prelado de Leiria.

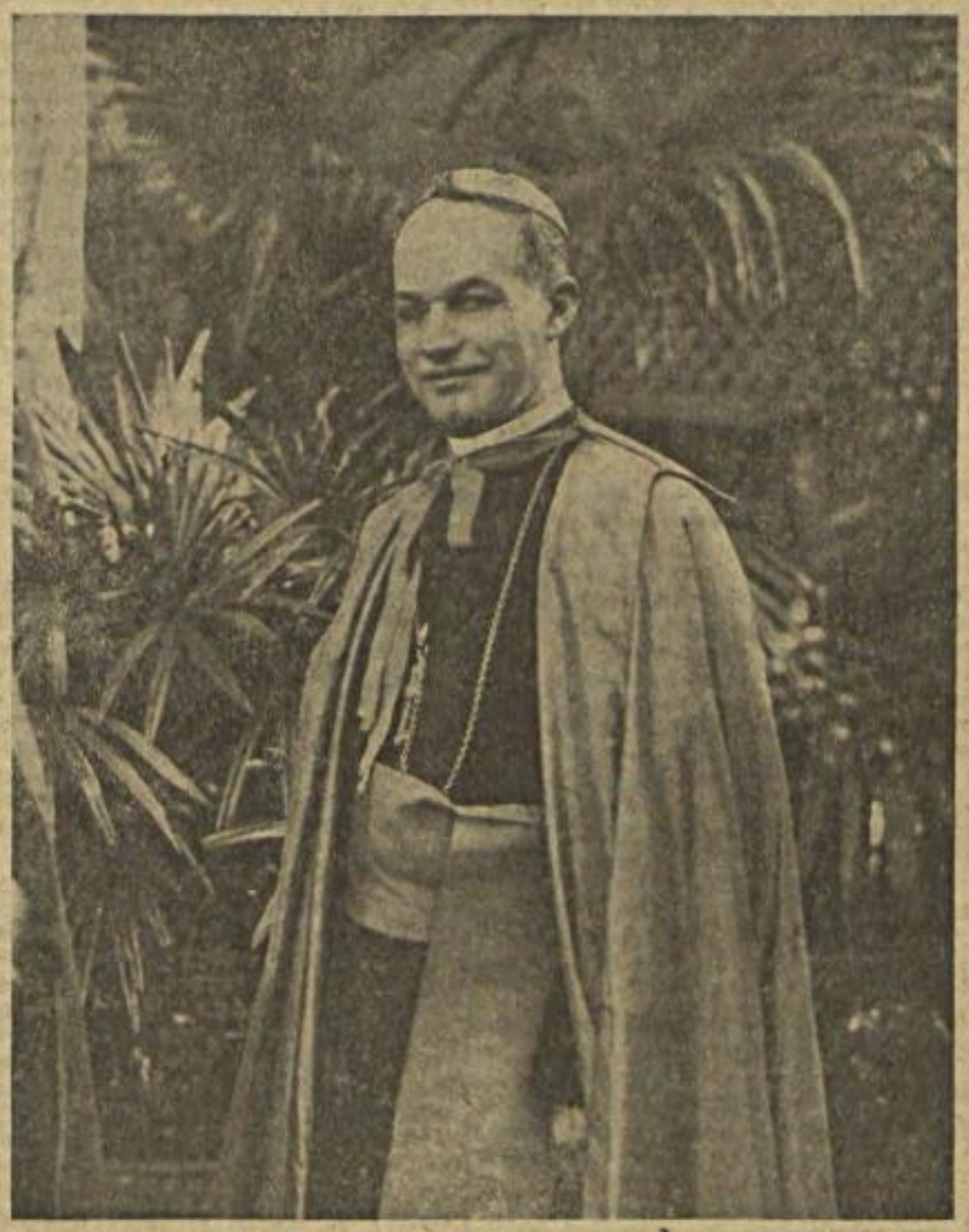
Cruzada Nacional Nuno Alvares Pereira — D Nuno, heroi e santo. — A festa da Pátria — As homenagens oficiais — Romagem a Ourém, Fátima, Batalha, e Aljubarrota — A apoteose do Santo Condestável.

A prestimosa e benemérita Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira acaba de juntar aos títulos que já possui mais um título à estima e gratidão de todos os portugueses dignos dêste nome, sem distinção de partidos.

No dia 2 de Agosto último, a sua Comissão Executiva em sessão conjunta com a Comissão do Culto tomou conhecimento de todos os trabalhos já realizados para a comemoração da emancipação nacional no dia 14 e peregrinação aos santuários da Pátria nos dias 12 a 14 de Agosto. Por iniciativa da Cruzada, a Câmara Municipal de Lisboa associou-se de bom grado à organisação da festa da Pátria. Ficou assente iluminar e embandeirar as Praças dos Restauradores, Luís de Camões e Largo do Carmo, armar nelas coretos para os concertos das bandas regimentais e promover, na sala nobre dos Paços do Concelho, uma sessão solene, onde deveriam falar oradores de grande envergadura.

Anunciada a peregrinação nacional, registou-se desde os primeiros dias uma grande procura de bilhetes para esta romagem comemorativa das aparições de Fátima e da gloriosa batalha de Aljubarrota.

As solenidades religiosas e as comemorações patrióticas em Ourém, Fátima, Batalha e Aljubarrota seriam dirigidas e presididas por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.



Sua Ex.cia Rev.ma, Senhor D. Estevam Lencastre, Bispo no Arquipélago de Hawai na Oceania, que presidiu à peregrinação de Agosto de 1930 a Nossa S.ª de Fátima

Dêste modo, como nos anos anteriores, o grande heroi e santo português, o Condestável D. Nun'Alvares Pereira, será objecto de cultos acendrados e de preitos fervorosos, que constituem o pagamento duma dívida sagrada para com aquele que, na frase lapidar de Oliveira Martins, é «a mais pura consubstanciação da alma nacional», o salvador da Pátria.

Junto das ameias do castelo de Ourêm — Na Cova da Iria — Os Senhores Bispos de Leiria e de Honolulu — Procissão das velas, adoração nocturna, missa e bênção dos doentes — Na Igreja e na sala do capítulo do mosteiro da Batalha — Nos campos de Aljubarrota e naca pela de S. Jorge.

Como nos anos anteriores, a Cruzada na sua peregrinação, começou por visitar a velha e histórica vila de Ourém com o seu castelo de paredes negras e carcomidas, graciosamente abandonado no cimo de um monte altíssimo.

Os peregrinos, que vieram de Lisboa em automóveis, eram acompanhados pelo capitão dr. Afonso de Miranda, alma ardente e bem temperada de apóstolo, director da acção e propaganda da benemérita Cruzada.

A população da terra e dos arredores recebeu-os com alvoroço e entusiasmo, tendo à sua frente os rev.dos Carlos Pereira Gens, pároco de Ourém, e dr. Andrade e Silva, que foram duma gentileza cativante para com os visitantes.

Tendo subido às velhas muralhas do castelo, os jornalistas Silva Costa e Armando de Aguiar referem-se, em palavras sentidas, à festa que alí os juntara a todos. Fala também o rev.do Pereira Gens. O seu discurso é uma evocação e um hino à figura simpática de guerreiro e de santo do heroi de Aljubarrota. Fôra alí perto, diz êle, que, na véspera da batalha, o Galaaz português ajoelhara elevando ao Céu as preces da sua alma inocente, da sua alma grande e nobre.

O povo, que se estende em massa pela encosta, escuta profundamente comovido.

Pouco depois, de casa do rev.do Prior, onde se encontravam Suas Excelências Reverendíssimas os Senhores Bispos de Leiria e Bispo de Honolulu, saiu o Senhor D. José Correia da Silva, debaixo do Pálio, para a Sé Colegiada, onde se cantou um solene *Te-Deum*, sob a presidência de Sua Excelência Reverendíssima.

Perante uma multidão de fiéis, que enchiam as naves do vasto e lindo templo, o Senhor Bispo de Leiria, numa alocução brilhantíssima, referiu-se à obra benemérita da Cruzada que, num intuito patriótico, por todos os motivos louvável, se esforça por fazer conhecido de todos os filhos da terra lusa o imortal Condestável que a Santa Igreja já elevou às honras dos altares, confirmando a devoção dos portugueses, desde há muitos anos, desde o tempo em que morreu o Condestável. Terminou êste número comovedor da patriótica festa com a bênção do Santíssimo Sacramento. Em seguida foi dada a beijar a todos os presentes uma relíquia do Beato Nuno pelo venerando Prelado de Leiria.

Nesse mesmo dia, às onze horas da noite, os peregrinos da Cruzada, juntando-se aos numerosos peregrinos que se encontravam na Cova da Iria vindos de diversos pontos do país, tomaram parte na procissão das velas, após o qual se realizou a adoração nocturna do Santíssimo Sacramento.

Às seis horas da manhã do dia treze, o Senhor Bispo de Leiria celebrou a Missa da Comunhão Geral e ao meio-dia o

Senhor Bispo de Honolulu celebrou a Missa dos doentes, dando em seguida a bênção, que foi acompanhada de invocações e cânticos por todos os presentes.

Por fim, realizou-se a procissão do adeus, em que aos estandartes da Cruzada foi dado um logar de honra, ao lado da Imagem da Virgem, que era conduzida aos ombros dos servitas.

Era geral a comoção da numerosa assistência, de que faziam parte, entre outras, as peregrinações de Benedicto e de Salir de Matos, presididas pelos seus párocos, respectivamente os rev.dos dr. Manuel dos Santos Canastreiro e Manuel Delgado.

No dia 14 os membros da Cruzada concluiram a sua patriótica romágem. Visitaram o mosteiro da Batalha e na igreja comemorativa de um dos maiores feitos militares do que reza a História assistiram à Missa celebrada pelo Senhor Bispo de Leiria, que ao Evangelho fez uma primorosa alocução em que evocou o nosso glorioso passado e a figura de santo e de guerreiro do heroi de Aljubarrota.

Na sala do capítulo, um dos oradores da Cruzada proferiu um discurso junto do túmulo do soldado desconhecido. Por último os numerosos romeiros visitaram também os campos de Aljubarrota e a histórica capela de S. Jorge, partindo em seguida para Leiria e regressando finalmente a Lisboa.

As ilhas Haway ou Sandwich — A fé e a piedade da colónia portuguêsa — Uma grande figura de Prelado — A caminho da terra natal — Saudades de Fátima — Uma carta encantadora.

Fátima, a gloriosa Lourdes de Aquém — Pirineus, recebeu no mês de Agosto a visita de um dos mais ilustres e mais dedicado amigos de Portugal: o Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Estêvão de Alencastre Bispo de Honolulu, nas ilhas Haway ou Sandwich, pequeno arquipélago do Oceano Pacífico, actualmente sujeito ao domínio dos Estados Unidos da América do Norte. O venerando Prelado é português, sendo natural da ilha de Pôrto Santo, no arquipélago da Madeira. Tinha apenas seis anos de idade quando seguiu com seus pais para as ilhas Haway.

Foi aí que fez os seus estudos. Ordenado sacerdote e tendo entrado para a Congregação dos Sagrados Corações de Pic-pus, a que pertence o rev.do Matéo Crawley, foi depois elevado à alta dignidade de sucesor dos apóstolos. Sob a sua jurisdição episcopal tem o ilustre Bispo dezenas de milhar de portugueses, emigrados, na sua quási totalidade, dos Açôres e da Madeira.

A colónia portuguesa, que mantém naquelas remotas ilhas a fé e os costumes das suas terras natais, fala o português embora a língua oficial seja a inglêsa, e possui párocos, capelães e professores portugueses.

O venerando Prelado, fazendo êste ano a sua visita a Roma, *ad sacra limina*, não quis regressar à sua diocese sem visitar Portugal e a sua terra natal, que nunca mais tinha tornado a vêr.

Em Leiria, D. Estêvão foi hóspede de Sua Exelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, que o acompanhou nos seus passeios pela cidade, na sua visita a Ourém e na sua peregrinação a Fátima, cumulando-o de tôdas as atenções e deferências numa porfia gentilíssima em que não se sabe o que é mais de admirar, se a magnanimidade de um dos Pastores, se os sentimentos de gratidão e de humildade do outro.

D. Estêvão de Alencastre traduziu primorosa e eloquentemente as impressões profundas e inolvidáveis da sua visita ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima numa carta encantadora escrita de Lisboa ao venerando Prelado de Leiria, de que se transcrevem os seguintes interessantíssimos trechos:

«Prouvera ao Senhor que neste momento eu lograsse possuir perfeitamente a formosa língua de Camões e Vieira para exprimir os sentimentos e as emoções de que o meu coração foi preso durante a minha visita para sempre inolvidável a Leiria e à Fátima.

Tudo quanto penso e sinto, melhor o poderia trasladar ao papel na língua inglesa que as circunstâncias me forçaram a adoptar desde a minha mais tenra infância, mas um coração português experimenta a necessidade imperiosa de desafogar na língua da sua Pátria. Espero que V. Ex.cia Rev.ma terá a bondade de suprir as faltas.

Em primeiro lugar que direi eu da bela surpresa que me aguardava ao chegar à estação de Leiria? Quando parti de Lisboa, esperava passar o tempo em Fátima como um desconhecido, perdido entre os demais peregrinos; qual não foi, pois a minha surpeza, ao descer do comboio em Leiria, encontrando abertos para mim os braços de V. Ex.cia Rev.ma, que desde êsse momento até à minha despedida não deixou de me honrar com as mais delicadas atenções.

Jàmais poderei esquecer a nossa visita a Ourém, onde me foi proporcionado o inefável prazer de assistir e até participar duma maneira activa numa dessas grandiosas e comoventes manifestações religiosas e patrióticas que só é possível presenciar nas aldeias, onde, longe da agitação e efervescência das cidades, a fé simples e viva do nosso povo reina ainda soberanamente.

Quando, terminadas as solenidades em honra do Beato Nuno de Santa Maria ousei lembrar a V. Ex.cia Rev.ma que já se ia fazendo tarde e que eu tinha grande desejo de assistir à procissão das velas em Fátima, V. Ex.a Rev.ma respondeu-me que chegariamos bastante cedo. Com efeito, a qualquer hora que chegássemos a Fátima, chegaríamos a tempo, porque a noite é passada pelos devotos peregrinos alternadamente em oração e procissão. Eram onze horas quando pisávamos o solo bendito do local das aparições. Não há que enganar-se — é bem Fátima.

Que vem a ser aquele desfile de luzes que no meio da noute serpenteia em tôdas as direções? Ah! é a procissão de milhares de devotos de Maria que lá vão cantando alegres «Aves» à Mãe do Céu. Que scena comovente! E o que sobremaneira me impressionou foi o pensamento dos sacrifícios que muitos dos milhares de pessoas alí presentes fizeram, vindo de terras longínquas, algumas a pé, para prestar homenágem à augusta Raínha dos Anjos. Se é verdade que a fé se mede pelos sacrifícios que por ela se fazem, grande e profunda deve ser a fé dêste povo que não se cansa de cantar os louvores de Maria Santíssima E êstes rasgos de amor à Virgem são coroados pela maior parte dos devotos peregrinos com o acto que, entre todos, deve ser o mais agradável àquela Mãe celeste — o receber num coração abrasado de amor divino Jesus no seu sacramento de amor.

Foram talvez as numerosas confissões e fervorosas comunhões — sinal incontestável da verdadeira fé viva — o que mais me impressionou e comoveu de tudo quanto presenciei no augusto Santuário de Fátima.

E como poderei eu assaz agradecer a V. Ex.ma e Rev.ma o favor que se dignou fazer-me de me permitir que celebrasse a Missa dos doentes e depois abençoasse com o Santíssimo Sacramento cada um dêsses aflitos que vieram alí com fé e confiança pedir à Consoladora dos aflitos um alívio para os seus sofrimentos — acto êste que me comoveu até às lágrimas. Nos seus olhos fitos em Jesus — Hóstia liam-se os sentimentos que naquele momento agitavam o coração de cada um. Ah! Maria, Mão de misericórdia, Consoladora dos aflitos, não pode deixar de recompensar duma ou doutra maneira tão grande confiança no seu amor maternal. Não há dúvida de que Fátima é um foco intenso e inexgotável de graças celestes que irradiam com profusão sôbre Portugal inteiro».

Sua Excelência Reverendíssima o Senho D. Estevão partiu no dia 16 de Agosto para a Madeira em companhia do venerando Prelado daquela diocese, que é irmão do capitão Ribeiro, valoroso oficial da Brigada do Minho, môrto em França na batalha de 9 de Abril.

A humilde «Voz de Fátima», que julga ver na peregrinação do ilustre Bispo de Honolulu a Fátima um desígnio adorável da Divina Providência e um penhor seguro da difusão do culto de Nossa Senhora de Fátima entre a colónia portuguesa da ilha Haway, faz os mais ardentes votos ao Céu para que o nobre Antístite, o peregrino que de mais longe veio a Fátima, gastando mais de trinta dias na viagem, restaure completamente a saude combalida e as fôrças esgotadas nos seus árduos trabalhos apostólicos e, regressando à sua longínqua diocese, tenha um longo e venturoso episcopado, cheio dos dons de Deus e dos bênçãos de sua Mãe Santíssima.

Carta de Roma para as «Novidades» — O distinto escritor e jornalista J. Santa Rita — Os rev. dos drs. Manuel da Rocha e Soares da Rocha — Duas missas novas — No Colégio Português aos pés de Nossa Senhora de Fátima — «Venham almas para a cidade eterna.»

J. Santa Rita, pseudónimo que oculta uma das figuras mais distintas e mais completas de escritor e jornalista e um dos membros mais considerados do clero secular português, na sua carta de Roma para o grande diário católico de Lisboa «Novidades», publicada no número correspondente ao dia 8 de Agosto último, descreve, com as côres vivas e as cambiantes variadas que só a sua pena dúctil e maleável é capaz de fornecer, as cerimónias singelas mas comoventes da primeira missa de dois alunos do Colégio Português em Roma que concluiram êste ano os seus estudos universitários.

O rev.do dr. Manuel da Rocha, «da terra verde de S. Miguel e do mar azul dos Açores» ofereceu pela primeira vez a Vítima Divina imolada sôbre o altar na cripta de S. Pedro, na Basílica Vaticana.

O rev.do dr. Soares da Rocha, da diocese do Pôrto, não quís celebrar a sua Missa nova na cripta de S. Pedro.

Eis como J. Santa Rita, no seu estilo brilhante e incisivo, a êle se refere, a propósito de tão faustoso acontecimento:

«O Padre Soares da Rocha preferiu o altar de Nossa Senhora de Fátima do Colégio Português.

Lá teve as suas razões; razões de fé e de patriotismo. Nossa Senhora de Fátima está reconquistando Portugal para as suas antigas glórias. Nossa Senhora de Fátima é Nossa Senhora de Lourdes naturalizada em Portugal. E o centro do país, é o trono mais quente da nossa terra, é o grande braseiro em que as almas lusitanas se aquecem de 1917 para cá.

E o Padre Soares da Rocha, não podendo gozar a ventura de celebrar na sua terra de cambiantes lindos e nostálgicos, na sua terra onde o comboio do Douro torna mais galharda e imponente a paisagem de Penafiel, na sua terra onde tudo lhe era amor, resolveu encostar o peito a Nossa Senhora de Fátima e, junto dela, celebrar a sua Missa Nova.

Aqui, ao contrário do túmulo de S. Pedro, houve flores, houve cânticos e houve música. Música que mãos portuguesas arrancaram do órgão, cânticos que gargantas portuguesas entoaram e flores que no altar iluminado morreram deliciosamente de amor por amor do Rei de Amor.

A festa, como a primeira, foi íntima, foi carinhosa e foi de cristianíssima piedade.

... ...

Partiram já para Portugal êstes dois padres que são doutores. São êles a aliança viva da sciência e da fé. Vão incendiar pelo zêlo apostólico pedaços lindos da terra portuguesa. Vão extravasar luz e amor: a mesma luz e o mesmo amor que êles, como tantos, conquistaram nos bancos académicos da Universidade Gregoriana e na diária contemplação de tanta coisa santa que por aqui se vê, se estuda e se sente... a cada canto... a cada esquina... em cada pedra... no próprio ar... e no próprio sol. Vão entusiastas pela formidável organização da Igreja, vão pletóricos de amor por ela, e vão, como cavaleiros antigos, dispostos a mourejar, batalhar e morrer por êste ideal: — fazer melhor ainda a terra de Portugal.

«Leadersa de almas como êles, partiram também padres e doutores, os rev.dos Maia, do Pôrto, Venâncio, de Leiria, Gonçalves e Ribeiro, de Braga.

Portugal recebe agora no seu seio sete padres, sete pérolas novas, sete soldados para a linha de frente. Portugal fica mais rico. Mas o Colégio Português ficou mais pobre. Que venham mais almas para cá e que venham muitos. Que venham os que puderem vir. Êles aqui honram sobremaneira Portugal e aprestam-se a valer para as lides sagradas do bom combate.»

Fátima no Brasil — A importante revista "Lusitânia" — Numerosas e esplêndidas gravuras — "A milagrosa Lourdes Portuguêsa" — O trono mais alto da Piedade cristã em Portugal — O «Talitha Cumi.»

O Brasil, a querida nação nossa irmã, acolheu, a princípio com a mais benévola expectativa e depois, sempre, com simpatia, alvoroço e entusiasmo, o grande facto histórico de Fátima. Portugal e o Brasil sentem palpitar em unísono os seus corações, quando qualquer dos dois povos celebra as datas mais gloriosas da sua vida nacional ou os episódios mais notáveis da sua epopeia de fé e piedade.

Os jornais e as revistas do nobre e belo país que o Cruzeiro do Sul ilumina inserem com frequência artigos e locais que são verdadeiros hinos de amor e louvor dedicados à pérola mais preciosa de Portugal, à bemdita Lourdes portuguesa.

«Lusitânia», a importante revista de actualidades portuguesas e de aproximação luso-brasileira, no seu n.º 35, consagra integralmente quatro páginas, em papel especial, profusamente ilustradas com magníficas gravuras, à história dos acontecimentos de Fátima.

D um artigo que acompanha as gravuras, primoroso sob o ponto de vista literário, mas ressentindo-se bastante nas ideias e nas apreciações, aliás expostas sob uma fórma digna e respeitosa, da deficiência de formação solidamente filosófica e religiosa do seu inteligente e cultíssimo autor, reproduzem-se com a devida vénia os seguintes interessantes períodos:

«Portugal também tem a sua Lourdes de divino poder milagroso, para consolação dos humildes, esperança dos que sofrem e e pão maravilhoso dos famintos de graça. Como em França Notre Dame de Lourdes, cujo prestígio é bem conhecido em todo o mundo e como em Hespanha S. Tiago de Compostela, que sarava os leprosos e animava os antigos cavaleiros nas guerras contra o sangue infiel da Mauritânia, Nossa Senhora é, actualmente, em Portugal, o trono mais alto da piedade cristã, a água mística e purificadora que dessedenta e nos aponta o Céu luminoso e infinito da vida eterna.

... ...

Os milagres são factos comprovados por tôda a gente, verificados a tôdas as horas. Não são apenas invenções da fantasia humana, posta a trabalhar para refrigério próprio ou para inconfessáveis fins de mercantilização espiritual. Teem-se visto cegos recuperarem a vista com uma simples ablução de água abençoada pela crença, mudos recuperarem o dom da voz articulada, paralíticos ganharem movimento e acção, como se o próprio Deus, repetindo a cada passo o milagre que reanimou a filha de Jairo, pronunciasse em tôda a terra o «Talitha Cumi» do versículo hebraico. A romagem ao logar sagrado onde a Virgem apareceu a três pastorinhos, é alguma coisa de belo e grande, pelo número assombroso e pela elevação espiritual dos devotos. Não se encontram alí diferenças de castas, fronteiras marcadas pelo orgulho ou pela fortuna. Ajoelham na imensa terra o pobre e o rico, o fidalgo e o plebeu, o místico e o sábio — na esperança de que Deus, sabedoria Mais Alta — os ilumine e contemple.

Cristianismo puro. A Humanidade nivelada pela Fé, conforme ela devia ser.»

Visconde de Montelo

Santuário de Fátima
AVISO

O Santuário de Nossa Senhora da Fátima não emprestou nem empresta dinheiro a ninguém. Não faz depósitos nem em Bancos, nem em companhias, nem em mãos particulares. Por isso, as quebras sociais ou individuais, não nos atingem.

As esmolas, voluntàriamente entregues pelos fiéis, são gastas no culto a Nossa Senhora e nas obras, a não ser que tenham fim especial designado pelos devotos.

O Santuário não entesoura dinheiros, nem tem dívidas ou compromissos.

E' pobre, mas honrado.

Leiria, 20 de Agôsto de 1930

Bispo de Leiria.

AS CURAS DE FATIMA

Coqueluche e bronquite.

Ana Adelina Betencourt da Costa Nunes, da ilha do Faial, comunica-nos em carta de 2 de julho último, o seguinte:

«A Virgem de Fátima estende seu manto de graças por todo êste verdejante Portugal e nele acolhe carinhosamente tôdas as fervorosas preces que se lhe dirigem.

Para o atestar eu ergo a voz, e, daqui, dêste recanto da terra portuguesa, quási perdido no seio majestoso do Atlântico torno pública a minha gratidão para com Nossa Senhora de Fátima, que se dignou ouvir-me em momentos de aflição, dispensando-me duas grandes graças, duas curas miraculosas, realizadas em dois dos meus queridos filhinhos.

1.º — O meu filho José desde pequenino sofreu dos intestinos, tendo estado por duas vezes quási a morrer e precisando sempre dum certo cuidado na alimentação. Todos os anos na estação calmosa peorava.

Em Janeiro de 1929, porém, o mal agravou-se consideràvelmente e durante três meses e meio a criança, que contava então pouco mais de 8 anos, foi tratada por dois médicos distintos, sem resultado algum. As numerosas dejecções eram acomanhadas de pus e de sangue e o ventre apresentava-se-lhe volumoso e duro. Um dos médicos disse-me que êle havia de sofrer tôda a sua vida mais ou menos daquele mal de intestinos. Recorri então a Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe diversos votos, entre êles o de publicar a graça e o de fazer com que o meu filho jàmais esquècesse que devia a sua saúde à Virgem de Fátima. Comecei uma novena, tendo no primeiro dia comungado e levado o meu filho à confissão. Durante os nove dias da novena, tôdas as manhãs dava-lhe uma gôta da miraculosa água de Fátima. Ao nono dia a criança estava curada e essa cura dura há 14 meses, sem que tenha tido dieta alguma, passando o verão admiràvelmente e tendo comido frutas e outros alimentos de que, dantes, nunca podia fazer uso.

2.º — A minha filhinha Maria do Carmelo, de 3 anos de idade, em Março p. p. foi atacada de coqueluche e duma bronquite que a ia vitimando. Na noute de 1 para 2 de Abril, havendo três dias que a criança se encontrava com febre a 40 graus, as unhas tornaram-se-lhe roxas, a respiração tão ofegante e tão curta, que parecia prestes a sucumbir. Não tinha posição a inocentinha e, num gemido constante, jazia nos meus braços completamente prostrada. Julguei-a perdida.

Implorei então da Virgem, pelas suas sete dôres e, principalmente, pela que sofreu vendo Jesus agonizante, que restituisse a saúde à minha filhinha. Fui buscar água de Nossa Senhora de Fátima, dei-lhe uma colherzinha dessa água bemdita, prometi publicar a graça e devotar a minha filhinha à Virgem Maria, sua madrinha e sua protectora. Pedi mais que, para eu ter a certeza do milagre, o médico no dia seguinte me dissesse que ela estava já melhor.

Logo que a minha filhinha tomou a água de Nossa Senhora de Fátima conciliou o sono e pareceu respirar melhor. De manhã continuava prostradíssima, mas já menos aflita. O médico ao chegar auscultou-a e as primeiras palavras, que me disse, foram: — «Mas ela está melhor!» — e as melhoras acentuaram-se desde então ràpidamente. Em poucos dias a criança encheu-se de vida, tornou-se ainda mais esperta do que era dantes e a tosse cedeu logo. À Virgem de Fátima deve a minha filhinha a vida, a saude e a alegria com que nos enche carìciosamente o lar.»

Chaga crónica no peito.

Rosa dos Santos Ferreira, 45 anos, da frèguesia de S. João da Foz do Sousa, sofrendo há 13 anos duma chaga crónica no peito do lado esquerdo e sendo tratada por diversos médicos do Hospital e pelo Sr. Dr. Valnda e pelo Sr. Damião Ferreira de Castro quando usava de farmaceutico e pelo seu irmão Sr. António Ferreira de Castro, farmaceutico em Valbom, creaturas que com tanta caridade me trataram e tantos esforços empregaram para eu recuperar a saúde e tantos sacrificios passaram para me auxiliar, mas tudo foi inutil. Não podendo com a despesa mensal que era de 45 a 50$00 para curativos externos e internos. E se não fizesse esses curativos duas vezes por dia criava vermes iguais aos que a vareja deixa quando levanta o vôo donde pousa. Vendo que era olhada com desdem por muitas pessoas, e até maltratada. Um dia em que as dôres eram tantas e tão fortes e rodeada de necessidades externas que só Vós ó Mãe SS.ma sabeis tal sofrimento. Fui à igreja da minha querida frèguesia mostrar à SS.ma Virgem o meu estado e pedir-lhe a graça de uma boa morte. Chegada à igreja joelhei-me nos degraus do altar de Nossa S.a de Lourdes para entregar a minha alma nas suas SS.mas mãos, dizendo: «Minha Mãe SS.ma! Da parte do corpo não vejo mais nada que possa fazer para recuperar a saude; não posso trabalhar, não posso por modo algum fazer face a tal despesa. Por isso entrego desde já a minha alma nas vossas SS.mas mãos e peço-vos óh! Divina Mãe SS.ma que me assistais na minha morte, entregai-me Vós ao S. Coração de Jesus vosso Filho. Estas dôres que eu tenho não posso por modo algum sofrê-las nem sei como hei-de ir para a minha residência, não me abandoneis. Oferece-vos todos êstes sofrimentos para desconto dos meus pecados que são imensos, mas mais uma vez vos peço e confio que quando Jesus me chamar a contas, Vós ó que haveis de levar a minha pobre alma e nas vossas divinas mãos hei-de ser julgada.»

No meio destes pedidos e destes soluços e lágrimas, se os corações fossem de partir, o meu partir-se-ia em pequeninos bocados. Senti então tal desejo de ir a Fátima que me não pude conter. Passados poucos dias sai de madrugada e passando ao pé da nossa querida igreja ajoelhei-me ao pé da porta principal e disse: «Minha Mãe SS.ma sigo para Fátima, meios não levo, apenas levo alguns medicamentos para me tratar na viagem». Segui a pé. Caminhos não os sabia, apenas pelos meus muito simples estudos sabia as estações do caminho de ferro que havia de passar. Feliz viagem, nada me faltou, apenas calejei muito os pés. Chegada a Fátima (não era dia de festa) segui para essa fonte de graças, água dada pela SS.ma Virgem. Molhei um penso dos que levava, coloquei-o em cima da chaga por alguns momentos, não soube onde estava. Quando dei acordo de mim tirei o penso e nem cicatriz encontrei. Mil graças, ó Mãe SS.ma. Uma Sr.a muito distinta foi ter comigo, acompanhou-me até Leiria pagando-me a viagem até Gaia, estação das Devezas, onde passei a última noite fora da minha residência em Avintes em casa da Sr. D. Olivia Fernandes Capela.»

Tumor na bôca.

Antónia de Jesus Madeira Trindade, de Cabeço de Vide, Alentejo, muito grata à Virgem do Rosário da Fátima vem publicar uma graça recebida por sua intercessão.

Tendo um afilhadinho da idade de 4 anos em sua casa, por trez vezes se viu aflitissima vendo a criança sofrendo muito e perdida com ancias. Uma das vezes chegou a ter um tumor na boca que mais aumentava o sofrimento da pobre criança.

Rezei com fervor à Virgem Santissima prometendo publicar a graça de lhe conceder as melhoras da crianças se fôsse atendida e dando-lhe e beber uma conher da água, repentinamente o seu afilhadinho ficou bom sem que até hoje se tenha tornado a queixar. Dá pois muitas graças à Virgem Santa.

Falta de vista.

Adrião Máximo da Silva Malheiro, de Nozelos (Moncorvo) tinha perdido a vista havia perto de 50 anos, tendo os olhos completamente cobertos, não tendo porém outro sofrimento que o da falta da vista.

No mês de Novembro do ano passado apareceu-lhe uma nascença no ôlho esquerdo desenvolvendo-se-lhe uma horrorosa inflamação acompanhada de dores horríveis sendo tratado pelos distintos médicos de Vila-Flôr, Dr. João Lopes Monteiro e Dr. João de Noronha. Ambos constataram que era precisa uma operação ao olho afim de o extrair porque com a violencia das dôres podia sobrevir uma meningite e perder a razão ou a vida. Estava já marcado o dia para se fazer a operação e na manhã do mesmo dia indo novamente consultar o snr. Dr. Noronha afim de saber a hora em que ela se devia efectuar, êste declara que podia evitá-la pois que estava muito melhor, o que nós atribuimos a um milagre da Virgem a quem o doente pediu ferverosamente a sua cura. Peço a V. R.cia se digne manda-la publicar se assim o achar conveniente, para honra e glória da Nossa Mãe do céu e para salvação das almas».

Defeito na fala.

P.e Jorge Octavio Coelho da Silva, da Ilha do Corvo (Açôres) escreve o seguinte:

Tomo a liberdade de lhe escrever sem o conhecer para lhe pedir o favor se valer a pena, de publicar no jornal da sua proficiente direção o que a seguir lhe relato: como me achava com um defeito na fala que me impossibilitava de falar à vontade, tive a feliz lembrança de recorrer a Nossa Senhora de Fátima, pedindo-lhe, que me auxiliasse a desembaraçar-me de tão embaraçoso defeito; fiz-lhe também a promessa de, no caso de reconhecer diferença na minha fala, mandar publicar no jornalzinho de Fátima a graça obtida, e também mandar essa quantia, que incluso lhe remeto. Ora, na verdade nas funções do meu ministério sacerdotal tenho notado que me vejo bastante desembaraçado no falar, sem me preocupar quási nada e por conseqüência falando livremente.

Julgo, que devo atribuir isto à intervenção de Nossa Senhora que tão prontamente atendeu ao meu pedido; e por isto me apresso a satisfazer a minha obrigação.»

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	219.693$20
Papel, composição e impressão do n.º 95 (62.700 exemplares)	3.389$90
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	846$40
	223.929$50

Donativos vários

Maria Alice das Dores S. Almeida, 50$00; Margarida dos Santos Silva, 43$00; Abel Gonçalves de Freitas, (Brasil), 50$00; Anonimo da Figueira da Foz, 150$00; Sara Mudat, 25$00; José Francisco dos Santos, 40$00; Maria das Dôres Tavares de Sousa, 120$00; José Dias Alão, 100$00; Almiro José Pinto, 20$00; Francisco Maria Ferreira (Lourenço Marques), 50$00; Elvira Nunes da Fonseca, 50$00; Ana da Silva Carvalho (de 13 assinaturas), 130$00; Ana Maria da Conceição Neves, 300$00; António Inácio Henrique, 50$00; do Colégio do Sagrado Coração de Maria (Copacabana) e algumas outras pessoas do Rio de Janeiro (para as obras de N. S. de Fátima), 244$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas por ocasião da distribuição de jornais:

Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa, no mês de Agôsto de 1930, pela Ex.ma Sr. D. Maria Matilde da Cunha Xavier ... ... 20$40

Mãe de Misericórdia...

(Extraido dos escritos inéditos de M.elle Leónia Gilemant, falecida em cheiro de santidade em 1872)

31 de Março — Ontem estava eu bastante contristada pela morte de um meu patrício, cuja vida, como a de tantos outras pessoas, se tinha passado no esquecimento de Deus e de todos os seus deveres religiosos. No entanto um sacerdote pôde abordar o doente nos últimos dias da sua vida, mas a confissão que êle tinha feito dava margem a fundados temores sôbre a sua salvação. O enfraquecimento dos seus orgãos e mesmo das suas idéias levavam a pensar que êle não tivera perfeita consciência do que fazia.

Este homem deixava uma grande fortuna ràpidamente adquirida. Era feliz, no pensar do mundo, e essa felicidade me fazia tremer por êle.

Esta manhã, durante a missa, quis rezar por sua intenção, mas não me foi possível fazê-lo. Parecia que uma vontade mais forte que a minha me impedia e eu estava desolada porque já uma vez me aconteceu a mesma coisa por uma pessoa de que Nosso Senhor me fez em seguida conhecer a condenação.

Depois da comunhão, num momento, do lado oposto àquele onde eu estava vi um demónio medonho, que tinha nas mãos uma cadeia enorme de que um dos lados parecia perder-se na terra e que êle agitava com ares arrogantes dizendo:

— Agora já é tarde para pedires por esta alma! É minha, pertence-me e está perdida para sempre para o teu Jesus. Fazendo imediatamente o sinal da cruz toda a tremer preguntei a Nosso Senhor se esse demónio mau que tinha fugido deante da cruz, teria falado verdade e se realmente esta alma estava perdida.

— Não está, descansa, me respondeu Êle com bondade. Está salva! Mas está no mais profundo abismo do purgatório e aí ficará por muito tempo que só eu conheço.

O demónio enraivecido porque Maria lhe arrancou das mãos esta alma com que êle contava (como lhe arranca tantos milhares de outras todos os dias) queria impedir-te de rezares por ela para a privar da consolação que as tuas orações lhe poderiam obter!

A que deve esta pobre alma a sua salvação (preguntei eu a N. Senhor)?

— As orações que o santo sacerdote que a assistia nos últimos momentos dirigiu a Nossa Senhora. Estas preces juntas à espécie de confissão que o doente fez e à Extrema Unção quando estava muribundo, lhe obtiveram de mim um instante de conhecimento e durante êle se pôde arrepender. E a graça da absolvição junta a esta contrição, posto que imperfeita, o arrancaram do inferno.

— Mas, meu Deus, não é verdade que êle estava inconsciente quando recebeu a Extrema Unção?

— É verdade, mas a virtude e o poder que eu dei aos sacramentos, instituidos por mim, é tal que a Extrema Unção opera sobre a alma do doente mesmo quando êle está privado de sentimentos. E ainda que êste sacramento tivesse actuado sôbre êle dum modo menos eficaz do que se o tivesse recebido com pleno conhecimento, obteve-lhe, assim mesmo, graças e até a de um instante de conhecimento, que os assistentes não notaram mas que bastou para que a sua alma pudesse voltar-se para mim e ser salva por meio da última absolvição que recebeu... Disse-me ainda que o demónio detestava a Santíssima Virgem porque Ela lhe tirava todos os dias uma multidão de almas, bastando que uma pessoa piedosa pedisse por um pecador para que Ela o não deixasse perder. Assim também bastava que um pecador tivesse durante a sua vida tido alguns actos de devoção para com Maria, ainda que não fôsse senão em creança ou no momento da sua primeira Comunhão, para que Ela, lembrando-se sempre disso, lhe obtenha graças que o salvem.

— Ah! como Ela é boa (lhe disse eu). Mas então, meu Deus, Ela é mais nossa amiga que vós?

— Não (me respondeu Ele). Ela ama-vos menos mas o seu coração foi formado e modelado pelo meu. E que Maria não foi creada senão para fazer dobrar a minha justiça. Ela não tem que exercer esta; é Mãe e todos os dias subtrai os seus filhos a esta justiça quando me vê prêstes a ter de os castigar.

Eu estava tão comovida com o que Nosso Senhor me dizia que as minhas lágrimas corriam em abundância. E voltei ainda a preguntar:

— Meu Deus, serão portanto poucas as almas que se perdem?

— Muito poucas, me respondeu Ele, entre os católicos.

Então cheia de confiança na bondade de Maria e no poder de sua intercessão e por um zêlo, de que brevemente conheci a indiscrição, dispunha-me a pedir para que Ela obtivesse do Nosso Senhor o fazer saír depressa do Purgatório a pobre alma que eu sabia lá dever estar tanto tempo.

Mas naquele instante Nosso Senhor me fez parar, dizendo:

Não peças isso a Maria. É uma oração que Ela não atenderá. Ela ama e adora todas as minhas perfeições. A minha justiça lhe é tão querida como a minha mi-

sericórdia e procurando dobra-la, Ela não quere que os seus direitos sejam lesados e muito menos, destrui-la. Deves compreender que se uma alma, que nada fez por mim durante a sua vida inteira, que eu salvo por pura misericórdia, que morre com uma contrição muito imperfeita, bastante no entanto por vir junto à graça da absolvição, que se uma tal alma entrasse no céu imediatamente depois da sua morte, a minha justiça não existiria.

Não, minha Mãe não me faz tal pedido, e esta alma pagará a sua dívida até ao último centavo. Podes obter-lhe consolações pelas tuas orações mas não perdão da pena inteira que ela mereceu.

1.º de Abril. — Vi hoje o sacerdote que assistiu ao doente de quem Nosso Senhor me falou ontem. Contou-me que antes de dar a Extrema Unção, achando-se só com o doente procurou um crucifixo e que não o achando, tomou o terço, que por acaso ali estava e apresentou a cruz do mesmo ao doente dizendo-lhe: «Está aqui a imagem de Deus que morreu por nós. Se ouve e me entende, se se arrepende e o ama, faça um sinal para eu saber».

Então o pobre moribundo estendeu os lábios para beijar a cruz. Igualmente lhe apresentei uma medalha lembrando-lhe que se recomendasse à boa Mãe do Céu. De novo estendeu os lábios para a beijar.

Em vista disto que confirmava tão bem o que Nosso Senhor me tinha dito, não pude conter as lágrimas nem impedir-me de dizer àquele que acabava de o fazer:

Ah! esteja descansado, senhor Padre! As orações que V. Rev. dirigiu a Nossa Senhora pelo vosso pobre doente lhe obtiveram com certeza a salvação».

—**—

O melhor contra veneno

Margarida, até ali criança tão simples e piedosa, tornara-se difícil e demasiado preocupada com a sua toilete.

O que ganhava na modista onde tinha acabado a sua aprendizagem, gostaria ela de o empregar só em vestidos e bugigangas.

A êste desejo excessivo de se assinalar pelo brilho do seu vestido veio juntar-se depressa o fastio e desgôsto pelas coisas de Deus.

Dentro em pouco tôda a sua piedade consistia em ir à Missa aos domingos e isso mesmo fazia-o ela com espírito preocupado de todas as vaidades.

Tinha abandonado a sagrada Comunhão; e êsse mesmo Jesus, que do fundo do Sacrário, tantas vezes tinha falado ao seu coração, era agora inteiramente desprezado e desconhecido.

Ao mesmo tempo, uma mudança não menos notável, se tinha, a pouco e pouco, operado no seu carácter.

Aparte umas gargalhadas estridentes e francas provocadas por essas palavras, raramente inofensivas, a que o mundo chama espirituosas, ela tinha perdido o seu constante belo humor. Já não sabia sorrir nem se via nela aquela cândida simplicidade que era tôda a sua graça.

Isto, quanto ao que se via, pois que só Deus sabia o que era feito da sua beleza de alma.

Há pouco ainda, as manchas produzidas no andar por estes caminhos da vida eram lavadas e purificadas nas águas salutares da penitência.

Agora, tratava só de ornamentar o corpo. A alma, essa lá ficava a viver na lama de cada dia!

Sua mãe, muito fraca, compreendeu finalmente que todo o mal vinha da assiduidade, encorajada por ela, das companhias pouco cristãs com quem vivia sua filha.

Verificando os detestáveis progressos feitos por sua filha no caminho da impiedade, caiu em si, pôs-se de joelhos aos pés dum crucifixo e pediu perdão a Deus da sua fraqueza imperdoável. Pela primeira vez lhe saltaram dos olhos lágrimas ardentes.

Não se limitou a chorar mas foi ter com o seu confessor, em quem encontrou um apoio e conselhos de sabedoria e prudência. Além disso, com a graça divina recebeu também uma fôrça que ela não conhecia e uma energia de vontade de que se não julgava capaz.

Foi isto num sábado. No dia seguinte, Margarida antes de entregar a sua mãe os ganhos da semana, declarou-lhe que à tarde queria ir ao teatro com as suas habituais companheiras.

A mãe opôs-se terminantemente e pediu à filha que voltasse à simplicidade dos seus verdes anos.

Margarida pareceu insensível a tais rogos e, para obrigar sua mãe a ceder, ameaçou abandoná-la imediatamente se não lhe concedesse esta inocente distracção, como ela lhe chamava.

A estas cruéis palavras, o coração da mãe revoltou-se. Uma tal ingratidão acabou de lhe abrir os olhos.

Num instante, levanta-se e, sem proferir palavra, dirige-se para a porta e abre-a de par em par, para indicar à filha que podia sair quando quisesse.

Depois dêste esfôrço, caiu de joelhos, de olhos voltados para a imagem de Nosso Senhor, e levantando para Êle as mãos juntas, exclamou a soluçar: «Meu Deus, meu Deus, tirai-me dêste mundo antes que eu veja a minha filha para sempre perdida!»

Margarida que não esperava esta atitude nem êste grito de dôr, sentiu-se tocada lá por dentro no que ainda restava de bom no fundo da sua alma. Nunca tinha visto chorar sua mãe e êste espectáculo a comoveu fortemente. Lançou-se logo ao pescoço daquela que tão ternamente a amava e com a voz entrecortada pela emoção diz: «Perdão, mãesinha querida, perdão. Eu não vou, nunca mais quero ir! Mãesinha, por favor, não chore. Farei tudo o que a mãesinha quiser».

— Promete aqui, minha filha, diante de Jesus crucificado que farás a minha vontade ou, se não, morro de pena.

—«Eu o prometo de todo o meu coração, minha boa mãesinha. Eu o juro, ajuntou Margarida com sinceridade, mas peço-lhe que não chore mais!»

Nesse mesmo instante Margarida resolveu cortar tôdas as relações com as companheiras que a tinham desviado do bom caminho e combinaram que nesse mesmo dia mãe e filha iriam confirmar êste pacto junto do seu confessor.

«Para assegurar a volta de Margarida aos hábitos cristãos, disse-lhe o homem de Deus, não há senão dois meios. A vossa filha absorveu o veneno dos maus exemplos, o veneno das alegrias falsas, o veneno duma vida mundana e só pode recuperar a sua antiga e bela saúde recorrendo a um contra-veneno poderoso.

Deixou o primeiro dos bens por fúteis bagatelas; quis viver sem trazer em si o princípio da vida, quis caminhar para fora daquele que é o caminho.

Que ela, portanto, procure o soberano bem, que ela incorpore em si a vida, que entre no caminho!

A Comunhão fervorosa e freqüente, eis onde está a sua salvação!»

Margarida recuperou o seu bom humor com a prática dos deveres cristãos.

Voltou a aplicar-se à oração e à humildade, aparecendo sempre que podia nas devoções realizadas na sua paróquia. Tomou tôdas as precauções para evitar as suas antigas companheiras e com tanto mais ardor, quanto antes as procurava.

O seu carácter dôce e jovial reapareceu ainda que com um certo esfôrço. E se a sua afectuosa expansão não revestiu a graça da sua primitiva inocência, ornou-se no entanto desta outra graça mais severa, mas igualmente amável, que vem do arrependimento.

Espantada agora com os perigos que tinha corrido e reconhecendo no afastamento da Santa Comunhão a primeira causa do seu mal, tratou, com um fervor angélico, da recepção freqüente dêste divino hóspede.

Não contente, tôdas as vezes que podia lá ia à sua igreja fazer uma visitinha ao divino prisioneiro, quebrando assim aquele pesado isolamento em que lá vive Jesus.

Se não podia, mesmo de casa Lhe enviava o coração acompanhado de alguma jaculatória cheia de gratidão e amor.

Como ela compreendia então bem a verdade do que muitas vezes lhe dizia o seu confessor: «Jesus, recebido na Eucaristia é o divino antídoto contra todos os *venenos*.

—**—

Para creanças e para quem o não é

O Antonito é fertil em expedientes!...

Vão encontra-lo no jardim armado de uma longa vara, procurando em vão atingir a cabeça de uma estátua da Santíssima Virgem colocada num nicho elevado.

— «Que fazes tu aí, Antonito? Tem juizinho».

— É que eu queria abraçá-la e ela está muito alta. Por isso abracei e beijei esta vara e ela vai lá levar-me o meu beijo.

• • •

O Crucifixo impressionava muito o Pedrinho... Ele olha, interroga, comove-se e espontaneamente toma o hábito de juntar às suas orações de todos os dias o seguinte:

«Quando eu *sê grande*, eu te terarei os *pégos* que os homens maus te puseram».

Não tinha ainda mais de tres anos e já, ao olhar para Jesus na Cruz, preguntava se era o mesmo menino Jesus do Presépio.

• • •

Outra creança (deu-se o caso aqui perto de Leiria) olhava com admiração o grande Crucifixo da sacristia.

Alguém de lado lhe explicou a razão daquele suplício e que foram os judeus maus que pregaram a Jesus na Cruz.

Comentário da creança:

«Também... são *bufos*».

POBRESINHOS...

Este caso passou-se há cêrca de dois anos, no Rio de Janeiro.

Numa linda manhã, dessas que fazem vibrar de certa alegria ainda os temperamentos mais tristonhos, saía a passeio com a ama uma criança viva, mas de indole meiga e compassiva.

Lá ia o menino, dos seus três anos e alguns meses, conversando, perguntando tudo quando de repente topa com um vélhinho a quem chamava «o meu pobre».

Habituado por seus pais a olhar para os pobres, assim como seu irmão mais velho, com verdadeiros sentimentos de piedade cristã, o galante menino estacou e, tendo-lhe esquecido em casa os tostõesinhos que por vezes levava pada comprar rebuçados, diz para o pobresinho:

«Que pena! Estou tão longe de casa e não tenho aqui nem um tostão para lhe dar!»

«Não faz mal, meu filho (responde o pobre) outro dia será.»

O menino é que se não conformava de vêr partir o pobresinho sem esmola. Num gesto brusco salta para junto do velho e diz:

«Já que não tenho agora outra coisa para lhe dar, dou-lhe um beijo.» E beijou as mãos calosas do pobre, que cheio de emoção, deixava correr pela face enrugada pelos anos e pelas aflições da vida, lágrimas de alegria e gratidão pela consolação dada com tanta espontaneidade e carinho por uma criança apenas de três anos.

«Menino, disse o velho, pensa que não é uma grande esmola êsse beijo?» E pressuroso correu a casa da criança contar à mãe o tesouro que era o coração de seu filhinho.

— Quantas vezes a pobreza mais aflitiva não é de bens materiaes.

Quantas vezes uma boa palavra, um pouco de carinho e de interesse pelas tristezas alheias vem fazer despontar tôda uma primavera de esperança.

De pouco vale a esmola se com ela não fôr também o coração.

Como êle queria ser grande

Uma manhã de julho, ao lado do rio Mosa nos arredores de Liège um velho sacerdote, pároco duma paróquia, levava o sagrado Viático a um camponês gravemente enfermo, morador lá para o extremo da cidade.

Dois acólitos o acompanhavam. O mais velho, de cêrca de doze anos, levava uma tocha acesa. O mais pequeno, de gestos suaves e sonhadores, teria apenas nove anos e nem era ainda capaz de responder correctamente às orações da Missa.

Ao passarem em frente do portão de uma fábrica, avança sùbitamente de um grupo um homem e dirige-se ao sacerdote proferindo uma horrível blasfémia.

O velho sacerdote estremece e apressa o passo sem responder. Parece ainda mais curvado do que de costume como se do corpo quisesse fazer um baluarte com que cobrisse e defendesse o precioso tesouro que levava.

A emoção das crianças é muito viva. O maior, contendo-se a custo, exclama no entanto: «se eu já fôsse grande!...»

O mais pequeno nada diz mas soluça.

O moribundo recebeu os sacramentos e o sacerdote regressou à sacristia com os seus pequeninos companheiros, em cujos rostos transparecia uma seriedade que lhes não era habitual e se via a emoção provocada pelo inesperado incidente.

Porque querias *ser grande*»

O pequeno fita-o num movimento brusco e responde: «Ora! Para ser soldado».

O sacerdote disfarça um sorriso e com os olhos interroga o mais pequeno.

«Eu queria ser grande porque não conhecem a Deus e por isso o injuriam; queria ser grande para fazer com que O conhecessem e amassem.»

Os bons livros

Eis com La Harpe, célebre literato francês, descreveu a sua conversão:

«Achava-me só na prisão, em um pequeno aposento, e profundamente triste. Havia lido alguns Salmos, o Evangelho e alguns outros livros bons. O seu efeito tinha sido rápido, ainda que graduado. Já havia recobrado a fé, via uma luz nova, mas ela enchia-me de espanto e consternação, mostrando um grande abismo, o de 40 anos de extravios. Via todo o mal que tinha feito, mas não enxergava remédio algum, pois não achava ao pé de mim coisa alguma que me oferecesse os socorros da Religião. Por uma parte espantava-me a vida, considerada à luz da verdade celestial, e por outra aterrava-me a morte que esperava todos os dias, tal qual se recebia então, no cadafalso. Não viamos o sacerdote junto de nós para consolar, o que ia morrer. Cheio destas ideias desoladoras, o meu coração estava abatido, dirigia-se a Deus que acabava de falar, mas que muito mal conhecia. Dizia-lhe: Que devo fazer e que devo esperar?

Estava o livro da *Imitação de Cristo* sôbre uma mesa, e tinham-me dito que encontraria nele a resposta aos meus pensamentos. Abro êsse livro ao acaso, e lendo deparam-se-me estas palavras: *Eis-me aqui, meu filho, venho a ti porque me invocaste.* Não li nada mais. A impressão repentina que experimentei é superior a tudo o que se pode imaginar: não me é possível explicá-la nem esquecê-la. Caí com a face em terra banhado em lágrimas».

Boa noite

— Não te parecem muito grandes as noites? (preguntava o capelão de um hospital de tuberculosos a uma doente).

— Não, senhor. Nem uma hora dê sofrimento me sobra. Sofro a primeira hora da noite por minha mãe para que seja menos infeliz. A segunda sofro-a por meu pai para que se converta e morra bem. A terceira, por minha irmã para que melhore e se case. A quarta, pelos pobres. A quinta, pelos pecadores (e há-os tão grandes!...), etc... e quando me aparece a manhã nas vidraças, a noite parece que voou.

FÁTIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5$00; pelo correio, 5$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na UNIÃO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa, na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUÁRIO DE FATIMA.

Ano VIII — Leiria, 13 de Outubro de 1930 — N.º 97

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Pastoral sôbre o Culto de Nossa Senhora de Fátima

Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, declara como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, frèguesia de Fátima, nos dias 13 de Maio a Outubro de 1917 e permite oficialmente o culto de Nossa S. de Fátima.

A Providência Divina, que rege e governa tôdas as criaturas, tem para com o homem, dotado de alma imortal, ternuras especiais.

Assim como um bom chefe de família não pode porque nunca deve abandonar a espôsa nem os filhos, também Deus, infinitamente bom, que nos criou por um acto livre de amor, não nos pode abandonar.

E o que a história e a experiência demonstram.

Que carinhos teve o Senhor para com o povo escolhido, às vezes tão ingrato e infiel!...

Como o defendeu dos seus inimigos; como o conservou no culto da verdadeira religião, apesar das suas tendências idólatras! Como até nos castigos, se mostra Pai carinhoso e amorável!...

Quando chegou a hora bemdita da Redenção, o próprio Filho de Deus desce do Céu à terra, assume a natureza humana e morre na Cruz para nos remir e salvar!...

E mesmo depois da sua Morte fica comnosco, cumprindo a sua promessa (1): *Eis que estou comvosco até à consumação dos séculos!*

A esta obra de Redenção e Salvação o Senhor quis associar a sua Santa Mãe.

Relembremos a agonia no Calvário.

Jesus, como um pai que passa a vida a trabalhar pelos filhos, tinha-nos dado tudo sem medida e sem reserva.

Dera-nos a sua doutrina e com ela a luz e a vida. Dera-nos a graça e com ela o perdão e a ressurreição. Tinha instituído os sacramentos — outros tantos meios de santificação. Mas o seu amor não está ainda satisfeito.

Agora que vai morrer, quere dispor do que lhe resta; ditar o seu testamento.

Mas Êle tem apenas a sua boa Mãe.

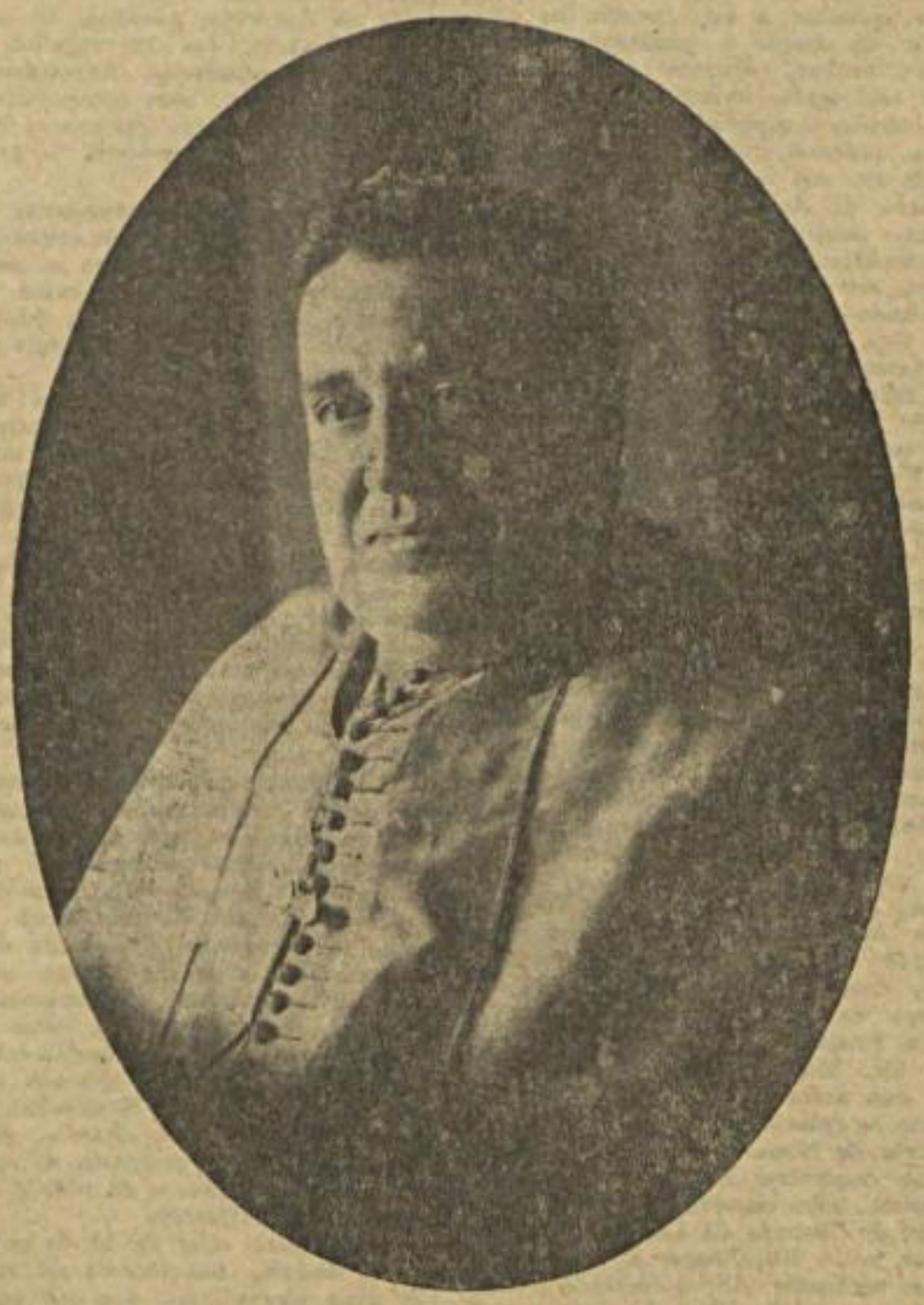
E essa que nos vai legar!

Como é solene aquele momento!

Todos os homens são seus herdeiros: os gentios representados pelos soldados romanos; o povo judeu, pelos habitantes de Jerusalém que ali tinham acorrido para presenciar a sua morte; os pecadores, pelos dois ladrões também crucificados; e os justos, pelas Santas Mulheres que acompanharam Jesus até ao Gólgota.

João, o Santo Evangelista, é o encarregado de fixar pela escrita as palavras do Senhor (2).

Jesus perdoa ao ladrão arrependido,



Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva ilustre e venerando Bispo de Leiria, que Nossa Senhora de Fátima constituiu apóstolo das suas glórias e executor dos seus designios maternais de Padroeira de Portugal

aos seus carrascos: *Pai, perdoai-lhes* (3) E depois exclama: *eis a vossa Mãe* (4).

E Maria Santíssima, a Virgem pura, tesouro dos Céus e da terra, a *escrava do Senhor* (5) — recebe-nos como seus filhos, gerados nas dôres imensas do Calvário!

Prostrados diante de Nossa Senhora não podemos deixar de dizer como a Santa Igreja, com os cristãos de todos os tempos: *Salvé Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salvé! A vós bradamos, os degradados filhos de Eva, a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas! Salvé!*

Cumprindo o legado de Jesus, ei-la com os Apóstolos esperando a descida do Divino Espírito Santo, ei-la orando com os primitivos cristãos, tomando parte nas suas aflições(6).

E como tem sido Mãe tão carinhosa em todos os séculos!...

Embora fôsse possível contar as areias do mar e as estrêlas do Céu, não era possível enumerar os dons que a Virgem Santíssima, a *cheia de graça* (7) tem espalhado sôbre as almas.

E ver a quantidade de instituições de caridade espalhadas pelo mundo, criadas sob a sua protecção; é contar os inúmeros templos erguidos em sua honra — votos de almas e nações agradecidas pelos seus benefícios...

E sem ir mais longe, não saindo da nossa querida Pátria, basta apontar as capelas, igrejas, monumentos, padrões de glória erguidos pela fé de nossos pais, tantos e tantos em honra da querida Mãe do Céu, Senhora da terra portuguesa.

Mas é sobretudo nas horas calamitosas, quando os seus filhos ou as nações estão para sossobrar, vítimas das suas ingratidões e dos seus pecados, quando, como diz o profeta (8) *clamei e não me respondestes, falei e não me escutastes*, que se ouve de Maria, chamando os homens à penitência como em La Salette, Lourdes e últimamente em Fátima.

Outrora Jeremias ameaçando os hebreus em nome de Jehovah (9) exclamava: *num momento, pronuncio o decreto de exterminio sôbre um povo e contra um reino para o perder e destruir até às raizes. Mas, se esse nação fizer penitência dos males pelos quais a ameacei, arrepender-me-ei, eu mesmo, do mal que tinha resolvido fazer-lhe.*»

Êste cuidado e zêlo do Pai do Céu e da nossa Mãe vindo até nós inspirar-nos, falar-nos, é o que há de mais natural.

Pois poderíamos acaso admitir que um bom pai não fale a seu filho? que uma mãe não tenha um carinho para aquele a quem trouxe nas entranhas e amamentou?

Umas vezes é a linguagem muda, mas nem por isso menos persuasiva, dum

(1) Math. XXVIII, 20.
(2) J... XIV, ...
(3) Luc. XXIII, 34.
(4) ... 19, 27.
(5) ...c. I, 38.
(6) Act. 1, 38.
(7) Luc. 1, 28.
(8) Is. L, V, 12.
(9) Jeremias, XVIII, 7.

gesto do nosso pai, a lágrima que brota espontânea dos olhos da mãe...; são os avisos e conselhos prudentes que nos guiam no caminho do dever; são os sorrisos que nos animam e as ameaças que nos aterram.

Ora se os nossos pais da terra nos mostram assim o seu cuidado e desvelo não é superior o amor do Pai do Céu que tudo pode — Êle que vela pelas avezinhas do Céu (10) e veste os lírios dos campos? (11)

Quem de nós não sentiu em si a acção da graça? êsses bons pensamentos e santas inspirações que iluminam a nossa inteligência... êsses generosos movimentos e piedosos impulsos que incitam a nossa vontade à prática do bem?

E' Deus, o bom Pai do Céu quem nos fala...

Quantas vezes essas luzes divinas não nos detêem, quando prestes a resvalar numa acção criminosa, nos afastam duma ocasião que nos perderia?... quantas vezes a tristeza e o remorso nos fazem envergonhar dum acto da vida passada e no meio das aflições, das lágrimas, surge a esperança da regeneração, a visão luminosa do prémio que Deus promete àqueles que combatem o bom combate (12) e perseveram até ao fim?... (13)

Tudo isto são inspirações que a bondade divina nos concede directamente ou por intermédio da bendita Mãe do Céu.

Além destas graças que são concedidas mais raramente a uma ou outra alma, não tanto para sua utilidade própria, mas para bem da religião, dos povos, das nações, duma comunidade...

Tais são os dons de milagres, de profecias, as visões sobrenaturais.

Essas graças concedidas quási sempre só aos santos, por si, não santificam a pessoa que delas é favorecida porque a santidade exige um esfôrço próprio, uma cooperação continuada, mas aproveitam à colectividade, às vezes ao mundo inteiro.

Foi o que Jesus quis significar quando pediu ao Pai o grande milagre da ressurreição de Lázaro como prova da sua divina missão(14).

Mas se é próprio do homem errar, porque muito fraca é a sua inteligência e limitadíssimos os seus conhecimentos, a Santa Igreja, nunca impondo as visões como de fé católica, exige provas severas para nos deixar acreditar nelas, embora com fé meramente humana, para nossa instrução e edificação.

Devemos notar que a Santa Igreja nunca tem pressa, especialmente nestes assuntos melindrosos, por maiores que sejam as impaciências dos homens.

Caminha através dos séculos numa lentidão majestosa, assistida pelo Divino Espírito Santo, com a consciência da sua perpetuidade, ouvindo a todos, tudo apreciando, para resolver conforme as leis sapientíssimas que lhe deixou o seu Fundador.

Efectivamente Jesus neste ponto como em tudo, ensinou-nos como devíamos proceder acautelando-nos dos *falsos profetas (15).*

«Pelos seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas de espinhos ou figos dos abrolhos? Não pode uma árvore má dar bons frutos» (16).

E aplica à sua divina Missão êste mesmo critério, dizendo (17) *se eu não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis. Mas se eu as faço, quando não queirais crer em mim, crêde nas minhas obras para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim e eu no Pai».*

Para distinguirmos de que lado está a verdade nas visões, profecias e outras manifestações sobrenaturais, temos de examinar as qualidades das pessoas por elas favorecidas, se as move qualquer interesse material, se a doutrina que apresentam está ou não conforme aos ensinamentos da Santa Madre Igreja, se o fim que move os videntes é bom e sobrenatural...

As considerações que acabamos de fazer, veem a propósito do caso tão conhecido da Fátima.

A 13 de maio de 1917 três crianças da frèguesia da Fátima, vigararia de Ourém, desta Diocese, apascentavam um pequeno rebanho num lugar, então ermo chamado Cova da Iria.

A mais velha, Lúcia de Jesus, tinha 10 anos de idade, Francisco nove e Jacinta seis. Êstes eram irmãos e a primeira prima dêles.

Nenhum sabia lêr nem escrever.

Aproximava-se o meio dia e as crianças, conforme o costume da sua terra, rezaram o terço do Rosário de Nossa Senhora.

Terminada a oração, entretinham-se a fazer uma pequenina casa com pedras soltas quando, de repente, um relâmpago, de luz viva e brilhante, sulcou o espaço. A-pesar do céu estar diáfano e sem nuvens, as crianças, com receio dalguma trovoada, juntaram o gado e iam retirar-se. Ao chegarem porém perto do ponto onde se encontram actualmente as bicas de água, fuzila novo relâmpago e, a poucos passos de distância, de pé sôbre uma pequena azinheira no sítio onde está a pequenina e pobre Capela das Aparições, vêem, com espanto o vulto duma Senhora de incomparável formosura, envolvida num vestido de alvura puríssima; um manto, orlado de ouro, cobre-lhe a cabeça e a maior parte do corpo. O rosto, duma beleza celeste, sobrenatural, apresentava-se sereno, grave e toldado duma leve sombra de tristeza. Das mãos, juntas à altura do peito, pendia-lhe, rematado por uma cruz, um lindo rosário.

De todo o vulto, circundado dum esplendor mais brilhante que o sol, irradiavam feixes de luz.

As crianças aproximaram-se, travou-se um diálogo entre a Senhora e a mais velha convidando-os a irem ali todos os dias 13 de cada mês até outubro.

Como consta do testemunho das crianças e de muitas pessoas, as aparições foram seis, tôdas no dia 13 de cada mês, excepto em agosto que se realizou alguns dias depois por a autoridade administrativa ter as crianças prêsas em Ourém.

A Senhora disse-lhes que o seu lugar é o céu, confiou-lhes um segrêdo que a ninguém poderão revelar, ensinou-lhes uma pequena jaculatória, recomendou a recitação do Rosário, aconselhou a Lúcia a aprender a ler, insistiu na necessidade de oração e penitência para a guerra acabar, afirmou que Nosso Senhor está muito irritado com os pecados dos homens e sobretudo com o pecado da carne, ordenou que se edifique ali uma capela em sua honra e declara que é a Senhora do Rosário...

Como pouco a pouco aumentasse extraordinàriamente a multidão e, nesse tempo, estivesse a diocese de Leiria, canónicamente erecta nesse ano, governada por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa D. António Mendes Belo, de santa memória, Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Mitilene, hoje venerando Bispo de Vila Rial e então Vigário Geral do Patrarcado, mandou abrir um inquérito.

Tendo nós vindo para Bispo desta Diocese em 1920, não podendo nem devendo ignorar o que se passou, publicamos a 6 de maio de 1922 uma Provisão e nomeámos uma Comissão de Rev.os Sacerdotes para ouvir as testemunhas a favor ou contra na mais ampla liberdade e apresentar-nos o relatório dos seus trabalhos.

Dois membros dessa Comissão já foram chamados à presença de Deus, mas os restantes continuaram os seus trabalhos.

Ultimamente apresentaram-nos um largo relatório que examinámos com todo o cuidado.

Aos Rev.os Sacerdotes que formaram parte dessa Comissão, queremos deixar exarado o nosso agradecimento salientando duma maneira especial o Rev.mo Cónego da Sé Patriarcal de Lisboa e ilustre Professor do Seminário de Santarém Dr. Manuel Nunes Formigão Júnior que nesta Comissão como em tudo quanto se relaciona com o culto de Deus e glória de Nossa Senhora, é verdadeiramente incansável e digno de imitação.

Tendo sido encarregado pela Santa Igreja do Bispado de Leiria e competindo-nos, como Bispo reger os fiéis que nos foram confiados (18) e segundo o exemplo de venerandos Prelados em casos semelhantes, depois de termos estudado atentamente durante 10 anos os acontecimentos, vimos dar a nossa sentença declarando desde já que submetemos, humildemente à Santa Sé, o nosso juízo.

Caros diocesanos:

Referindo-se ao pequeno número de sábios, de poderosos e nobres entre os cristãos da Igreja primitiva, acrescenta S. Paulo: (19) *as coisas loucas, segundo o mundo, escolheu-as Deus para confundir os sábios; e as coisas fracas segundo o mundo escolheu-as Deus para confundir os fortes: e Deus escolheu as coisas vis e desprezíveis segundo o mundo e aquelas que não são, para destruir as que são para que nenhum homem se glorie diante dele... porque, como está escrito: o que se gloria, glorie-se no Senhor».*

A história demonstra com factos estas observações.

Os Apóstolos, escolhidos pelo Senhor para prègarem a doutrina cristã em todo o mundo, eram pescadores; S. Gregório 7.º, o campeão da liberdade da Igreja, era oriundo duma pobre família de camponeses; S. Joana de Arc que libertou a França, a Beata Bernadette de Soubirous — a feliz vidente de Lourdes — eram pobres pastoras.

Em Fátima verifica-se o mesmo.

O lugar escolhido para as Aparições é pedregoso, sem atractivo de espécie alguma.

Portugal é rico de belas paisagens, terras verdejantes, panoramas soberbos.

A Cova da Iria, àlém de ser uma verdadeira cova, não tinha coisa alguma que atraísse.

As crianças videntes são humildes criaturas das nossas serras, modestamente vestidas sem instrução, não sabendo ler, apenas com uma rudimentar instrução religiosa.

Não são nervosas, mas afáveis e carinhosas no meio da sua rudez, amigas da família, obedientes aos pais, alegres...

Não se vislumbra nelas qualquer interêsse ou vaidade. Não aceitam esmolas ou prendas que lhes querem dar. E, quando resolvemos chamar a Nós a direcção das obras e do movimento religioso, entregaram-nos honradamente, até na mesma espécie, os dinheiros e os objectos de valor que o povo, no seu ardor, deixava ficar no local das Aparições.

Os seus pais eram remediados de bens e hoje continuam a viver na sua mediana; viviam do seu trabalho, do seu trabalho continuam a viver. Nada se alterou na sua vida, passados 13 anos.

As crianças, ora interrogadas em conjunto, ora separadas, respondem com a mesma precisão, sem contradições sensíveis aos diferentes interrogatórios quer oficiais, quer particulares, a que foram sujeitas.

São prêsas pelo representante da autoridade administrativa, ameaçadas de serem fritadas e nem assim se desdizem.

Nada dizem que seja contra a fé ou costumes segundo a palavra do Apóstolo: *Ninguém que fale pelo Espírito de Deus, diz anátema a Jesus (20).*

Finalmente os dois irmãos mais pequenos, atingidos pela pneumónica que ceifou tantas vidas no mundo inteiro, tiveram morte edificante e a Lúcia, única sobrevivente, abraçou livre e voluntàriamente, sem coacção de espécie alguma, depois de obter o consentimento de sua mãe, a vida religiosa.

São de considerar também as circunstâncias que acompanharam as visões.

Sendo pequenas, rudes e humildes as crianças favorecidas, devem existir provas para nós podermos ligar-lhes crédito.

A Senhora, segundo as videntes, aparecia-lhes numa azinheira pequena, raquítica como são geralmente as árvores daquelas terras pedregosas e centenas, milhares de pessoas cuja veracidade não podemos pôr em dúvida, viram uma coluna de fumo que, à maneira de incenso, envolvia a árvore durante as Aparições. Êste fenómeno, humanamente inexplicável, repetiu-se várias vezes.

Como faz lembrar a exclamação do livro dos Cantares (21) aplicada pela Santa Igreja à Virgem Santíssima: *«Quem é esta que sobe pelo deserto, como uma varinha de fumo composta de aromas de mirra e de incenso e de tôda a casta de perfumes odoríferos?»*

O fenómeno solar de 13 de outubro de 1917, descrito nos jornais da época, foi o mais maravilhoso e o que maior impressão causou aos que tiveram a felicidade de o presenciar.

As crianças fixaram com antecedência o dia e hora em que se havia de dar. A notícia correu veloz por todo o Portugal e apesar de o dia estar desabrido, chover copiosamente, juntaram-se milhares e milhares de pessoas que, à hora da última Aparição, presenciaram tôdas as manifestações do astro-rei, hamenageando a Rainha do Céu e da terra, mais brilhante do que o sol no auge das suas luzes (22).

Êsse fenómeno que nenhum observatório astronómico registou e, portanto, não foi natural, presenciaram-no pessoas de tôdas as categorias e classes sociais, crentes e descrentes, jornalistas dos principais diários portugueses e até indivíduos a quilómetros de distância, o que destroi tôda a explicação de ilusão colectiva.

Às aparições de Fátima não faltou também o argumento das perseguições, que são um sinal das obras de Deus (23).

Ninguém foi mais perseguido do que Jesus, e a Santa Igreja tem sofrido contradições em todos os séculos.

Uma multidão inumerável de Santos sofreram o martírio no meio de espantosos tormentos.

S. Pedro de Alcântara dizia a Santa Teresa que um dos maiores castigos neste mundo era o que ela tinha sofrido, isto é, a contradição das pessoas de bem (24).

Jeremias, o Santo Profeta, dizia (25) *Sou todos os dias objecto de escarneo; todos me insultam.*

Os videntes de Fátima foram presos pela autoridade, ameaçados de serem lançados em azeite a ferver.

E' de todos sabido que as autoridades fizeram todos os esforços para proibir as peregrinações, dificultando as passagens, enquanto certos publicistas escarneciam e ludibriavam da fé ardente do bom povo português.

A crença nas Aparições resistiu a tôdas as violências que, afinal, só serviram para aumentar o fervor religioso e propagar as graças e benefícios que Nossa Senhora espalha sôbre os que a invocam.

E não se diga que a Fátima foi uma invenção do Clero, pois se os govêrnos, apesar da fôrça e prestígio de que dispõem, não conseguiram vencer a crença em Nossa Senhora da Fátima, como é que o nosso Clero humilde, espoliado pela revolução de todos os haveres que a piedade cristã entregou à Santa Igreja para o seu sustento, o clero tantas vezes perseguido e caluniado e demais nesta Diocese de Leiria, a mais pequenina e pobre, teria poder para criar o movimento religioso da Fátima que hoje se estende a todo o Portugal e se desenvolve consoladoramente em tantos países estranjeiros?

Além disso, Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca D. António Mendes Belo, que Deus haja, proibiu o Rev. Clero de animar e tomar parte em quaisquer manifestações religiosas relativas à Fátima, sábias prescrições que conservámos ainda algum tempo depois da nossa entrada neste Bispado.

Mas voltemos à sentença do divino Mestre acima citada:

Se não quereis acreditar em mim, acreditai nas minhas obras (26).

O culto de Nossa Senhora da Fátima propagou-se ràpidamente, como acabámos de dizer, tanto nesta diocése como em todo o Portugal e hoje estende-se a tôdas as partes do mundo não só entre nações católicas, mas protestantes e até pagãs.

O olhar amoroso e triste da Virgem Santíssima — amando-nos como Mãe, embora triste pelas nossas faltas — vai-se espalhando por tôda a terra, levantando os corações e avivando a fé.

As multidões aos milhares, de tôda a parte, compostas de pessoas de tôdas as classes sociais, vindas de todos os recantos do país, sem reclame de espécie alguma, sem nenhuns atractivos, e sem comodidades, com viagens dificílimas acorrem em massa à Fátima.

Onde é que se têem reünido multidões como na Fátima, na melhor ordem, com mais profundo respeito?

E não é uma vez por outra. O movimento é contínuo, constante, aumenta de ano para ano.

A voz do povo responde à voz de Deus.

Os doentinhos acodem ali com tantos sacrifícios, tantos trabalhos!...

Quantas curas admiráveis não se têem dado por intermédio da Virgem Santíssima?

E quanta resignação não manifestam os enfermos, embora não tenham obtido a cura dos seus males físicos?

E se são aos milhares os doentes do corpo que vão a Fátima, em muito maior número são os aflitos moralmente. Nossa Senhora é a saúde dos enfermos e o

(10) Mat. VI. 26.
(11) Mat. VI. 28.
(12) 2 Tim. IV. 7.
(13) Mat. X. 22.
(14) J. XI. 42.
(15) Mat. VII. 15.
(16) Mat. VII. 16, 18.
(17) J. X. 37, 38.
(18) Act. XX. 28.
(19) 1 Cor. I. 26—31.
(20) 1 Cor. XII. 3.
(21) Cânticos III. 6.
(22) Cânticos VI. 9.
(23) 2 Tim. III. 12.
(24) Vida de Santa Teresa escrita pela própria Santa. XXX.
(25) Jer. XX. 7. 8.
(26) J. X. 38.

refúgio dos pecadores. Quantos corações transviados não têm encontrado ali o perdão? quantos afastados e indiferentes não têm encontrado ali a fé de seus pais?

Ah! se os confessionários da Fátima não estivessem rigorosamente fechados pelo sigilo sacramental — sempre inviolável — que prodígios da graça não nos contariam!

Bemdita e louvada seja a Mãe de Misericórdia!

Deixai-nos ainda fazer outra consideração.

Muitos de vós conheceram o lugar da Cova da Iria, ermo, árido, sem vida. Tendes visto também as construções que ali se estão a fazer, que naturalmente exigem muito dinheiro.

Pois bem: até hoje não se abriu uma subscrição, não se pediu uma esmola, não se fez um apêlo, em público ou particular, à caridade dos fiéis.

As esmolas são oferecidas espontâneamente, quási tôdas anónimas.

Como é grande a fôrça da fé!

Como é prodigioso o poder da Virgem S.S.ma que arrasta as multidões para uma montanha escalvada e em poucos anos transforma um local sem vida num centro magnífico de piedade, no mais espantoso milagre da vida religiosa do nosso tempo!...

Caros Diocesanos:

Não queremos nem precisamos de nos alongar mais.

Em virtude das considerações expostas e outras que omitimos por brevidade, invocando humildemente o Divino Espírito Santo e confiados na protecção de Maria Santíssima, depois de ouvirmos os Rev. Consultores desta nossa Diocese.

Havemos por bem

1. declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, frèguesia de Fátima, desta Diocese, nos dias 13 de maio a outubro de 1917;

2.º permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima.

Resta-nos, amados filhos em Nossa Senhor, advertir-vos que, se para nós é um grande motivo de alegria e consolação a graça que a Santíssima Virgem nos concedeu, maior é a obrigação de corresponder mos à sua bondade.

A experiência de anos demonstra que *«os olhos de Deus estão abertos e os ouvidos atentos às preces neste lugar»* (27), mas é preciso que pela pureza da nossa vida, prática dos Mandamentos da Lei de Deus, observância dos Preceitos da Igreja, respeito e submissão às direcções da Sé Apostólica, nos mostremos integralmente católicos, pois «nem todo o que diz: (28) *Senhor, Senhor, entrará no reino dos Céus, mas o que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus, êsse entrará no reino dos Céus.*

A Santa Igreja, referindo-se ao Mistério da Incarnação do Verbo divino, exclama (29):

O' benefício digno duma eterna gratidão! Deus fez-se conhecer a nós dum modo visível afim de que, vendo-O, sejamos abrasados no amor das belezas invisíveis!

Recomendamos duma maneira especial aos nossos Caros Diocesanos o amor a Nosso Senhor Sacramentado, a devoção à Santíssima Virgem, a S. José, às benditas almas do Purgatório, a recitação diária, ao menos, do Terço do Rosário, a fuga do pecado da carne, das modas imodestas e leituras imorais, a prática da penitência em que Jesus tanto insistiu e a Virgem, Senhora Nossa, tanto lembrou, caridade para com todos os nossos irmãos e principalmente para com os doentes e pobrezinhos...

Se assim fizermos, podem aplicar-se à nossa Pátria as palavras do Profeta: (30) *Se dirigirdes bem os vossos passos, habitarei convosco neste lugar: na terra que dei aos vossos pais, há tantos séculos.»*

Esta nossa Carta Pastoral srá enviada aos Rev. Párocos para a lerem e explicarem aos fiéis, na forma do costume.

Leiria, 13 de Outubro de 1930.

† *José, Bispo de Leiria*

(27) 2 Par. VIII. 15.
(28) Mat. VII. 2.
(29) Prefacio do Natal.
(30) Jeremias VII. 5. 7.

Fátima é, actualmente, em Portugal, o trono mais alto da piedade cristã

Como é prodigioso o poder da Virgem Santíssima que arrasta as multidões para uma montanha escalvada e em poucos anos transforma um local sem vida num centro magnífico de piedade

(Da Carta Pastoral «*A Providência Divina*» de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Jose Alves Correia da Silva, ilustre venerando Bispo de Leiria, sôbre o culto de Nossa S. de Fátima.)

Imagem de Nossa Senhora de Fátima que se venera no seu Santuario

No dia treze de Setembro ultimo, realizou-se, na forma do costume, a grande peregrinação mensal ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima. A concorrência de fiéis, posto que inferior à do mês precedente, foi extraordinàriamente grande, vendo-se entre êles pessoas de tôdas as classes e condições sociais e de todos os pontos do país. Muitos doentes, de ambos os sexos, chegaram na véspera à tarde e foram hospitalizados no Albergue de Nossa Senhora do Rosário depois de terem sido examinados pelos médicos de serviço e de se ter reconhecido que os documentos de que eram portadores estavam nas condições exigidas pelo regulamento do Pôsto. A noite, um pouco depois das dez horas, deu-se princípio à procissão das velas, que acabou perto da meia-noite. Seguiu-se a adoração nocturna, em que tomaram parte, entre outras, as peregrinações organizadas de Serra, Tomar, e Morrazes, Leiria, sob a presidência dos rev.dos párocos, e o grupo de peregrinos de Baltar, dirigido pelo rev.do dr. Joaquim Nogueira Dias. Durante a hora destinada à adoração nacional, rezou-se em comum o terço do Rosário, explicando nos intervalos das dezenas os mistérios gloriosos, correspondentes ao dia de sábado, o rev.do dr. Clemente Ramos, professor no Seminário Arquiepiscopal de Evora. Era edificante em extremo a piedade dos fiéis que, guardando o mais rigoroso silêncio, ouviam atentamente o orador e rezavam com visível devoção a oração dominical e a saudação angélica, numa homenagem sentida de amor a Jesus, oculto sob as espécies sacramentais, e a sua augusta Mãe, Maria Santíssima. Entre os peregrinos de categoria merece especial referência um distinto médico, sábio lente dum das nossas Universidades.

Tôda a noite, numerosos sacerdotes ocuparam constantemente os confessionários da Penitenciaria, confessando centenas de homens e rapazes.

Às cinco horas da manhã, fez-se a reposição do Santíssimo Sacramento. Entretanto continuou a celebração das missas, que se passou a fazer, desde êsse momento, em todos os altares.

Durante a manhã, os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário, entregaram-se, com um zêlo e uma dedicação inexcedíveis, à penosa mas consoladora tarefa da condução e do tratamento dos doentes.

De espaço a espaço, vários sacerdotes distribuem o Pão dos Anjos às centenas de fiéis, que se aproximavam da mesa eucarística, depois de devidamente preparados com a confissão sacramental. Ao meio-dia solar, é solenemente conduzida para o altar das Missas a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, acolhida, à sua passagem por entre a multidão que formava alas, com demonstrações do mais vivo e caloroso entusiasmo e da mais filial e enternecida devoção.

Segue-se a Missa dos doentes, que é celebrada por Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Bispo de Leiria. Terminado o Santo Sacrifício, reza-se o terço em comum e por fim o Senhor D. José dá a bênção com o Santissimo a cada um dos doentes e a tríplice bênção a todos os fiéis.

A procissão do adeus e a tocante cerimónia da consagração dos peregrinos à Santíssima Virgem encerram a série dos actos religiosos oficiais do dia.

As primeiras horas da manhã uma doente, muda, e paralítica, experimentou consideráveis melhoras, falando e movendo-se, e, precisamente ao receber a bênção com o Santíssimo, outra doente, também paralitica, havia já nove anos, e transportada a Fátima em estado gravíssimo, recuperou instantâneamente a saude, saindo por seu pé do pavilhão dos doentes para onde tinha sido transportada em maca pelos servitas.

Os médicos do Pôsto das verificações médicas, que a observaram antes e depois da cura, reservaram o seu juizo, aguardando a prova do tempo para se pronunciarem definitivamente sôbre a natureza dessa cura.

Visconde de Montelo

As curas de Fátima

Angina Pectoris.

Permita-me V. Ex.ª Senhor Director que eu venha cumprir o, para mim, sagrado dever de comunicar a V. Ex.ª mais um grande milagre que a Virgem de Fátima acaba de consumar nêste sertão africano, agradecendo a V. Ex.ª reservar no seu conceituado jornal, um cantinho para a publicação de tão agradável e consoladora notícia.

Minha Mãe, Maria Emília Jotta Teles Grilo, apesar-dos seus já 65 anos de idade e de ser uma cardíaca e por tal motivo estar já bastante cançada e acabrunhada, sendo como é uma mãe extremosa e boa avòzinha, resolveu e assim o fez acompanhar-me a mim, sua única filha e aos meus dois filhos, seus únicos dois nètinhos, na nossa viagem para Angola ao encontro de meu marido que aqui exerce o cargo de Administrador de Circunscrição Civil, porque, quando do último regresso dele da Metrópole onde fôra de licença graciosa, não o pude acompanhar, devido à melindrosa doença que eu tenho na vista há já alguns anos.

E precisamente por eu ser uma doente, é que, minha mãe me acompanhou para Africa sem receio dos inconvenientes da longa viagem pelo mar e da acção dêstes maus climas.

Sucede que, no dia 28 de Abril último, minha mãe caiu por terra fulminada por um ataque de angina pectoris que de repente lhe deu. Chamados dois médicos e prestados os primeiros socorros, voltou a si apoz alguns minutos, para logo cair numa grande prostração que

Maria Emilia Jota Teles Grilo

mais nos indicava o fim da sua vida do que outra coisa.

Apesar dos muitos cuidados de todos nós e da grande e inexcedivel dedicação do médico assistente, chegamos a perder as esperanças de ela se salvar!

Mas, um recurso nos restava, que era de todos o mais importante: Implorar a Misericórdia de Nossa Senhora de Fátima...

Desta Virgem Santíssima me lembrei eu e várias senhoras nossas amiga dedicadas.

Fizemos-lhe novenas e promessas, rezamos-lhe terços e outras orações e demos à doentinha água de Fátima a beber, que gentilmente me foi cedida por uma daquelas nossas grandes amigas.

Minha mãe, que nos seus momentos de pequenos alívios, fazia egualmente fervorosas preces Aquela Vírgem Maria, suplicou-lhe que lhe desse vida e forças para à meia-noite do dia 12 para 13 deste mês de maio, poder do seu leito, acompanhar com orações a procissão das velas que todos os anos é costume fazer-se em Fátima.

Todos os dias bebia uns golos da referida água e eis que aos rogos da doentinha e aos de tôdas nós, Ela, a Nossa Senhora de Fátima, concede a graça de minha mãe começar a sentir-se um pouco melhor no dia 12!! À meia-noite dêsse dia fez as preces que queria fazer e no dia seguinte, dia 13, dia da aparição da Nossa Senhora em Fátima, tomou, a seu pedido, no seu leito, por não poder ainda ir à Igreja, a Sagrada Comunhão e nesse mesmo dia, de tarde, constatase o milagre de Nossa Senhora de Fátima salvar minha mãe. E ela mesma que se declara melhor apresentando, para nos certificarmos disso, outra aparência e disposição a pontos do seu médico assistente quando a visitou, a considerar livre de perigo mostrando-se surprezo e estranho pela transformação repentina

da sua doente que havia já 20 dias vinha jazendo no leito mortificadinha de dores, peorando a bem dizer, de dia para dia.

Bendita seja Nossa Senhora de Fátima cuja acção milagrosa se fez sentir em tdos a parte, não esquecendo os seus filhos que mourejam neste sertão africano!...

Dos dias 12 e 13 para cá, passou minha mãe a entrar numa tal franca convalescença, que me permite garantir que dentro de 4 a 5 dias estará em condições (e esta é também a opinião do seu médico assistente) de, sem receio, poder fazer a viagem de regresso a Portugal, para onde meu marido já tinha resolvido mandar-nos novamente, em virtude de ter sido transferido para outro concelho de peor clima que o dêste.

Para honra e glória de Nossa Senhora de Fátima, peço e muito agradeço a V. Ex.ª se digne publicar no seu jornal, mais esta grande graça bem como a fotografia da miraculada que para esse fim junto envio a V. Ex.ª acompanhada de uma nota de cincoenta angolares para ajuda das respectivas despesas.

Com subida consideração, etc

Maria Irene Jotta Teles Grilo

Sá da Bandeira
Lubango, 20 de Maio de 1930

Uma hérnia.

Amélia do Carmo Falcão, do Porto (rua dos Bragas, 186) escreve o seguinte:

«Como prova de gratidão para com a SS. Virgem de Fátima quero erguer a minha voz humilde bem alto, para proclamar a infinita misericórdia, bondade e amôr de nossa Mãe querida da Fátima para com seus pobres filhos, para que todos que tenham aflições recorram a Ela cheios de confiança, porque Ela ouve-nos a-pesar-da nossa indignidade.

Sofrendo duma hérnia perto de 3 meses e depois de ser tratada por um dos mais distintos médicos desta cidade sem resultado, resolvi consultar um médico operador, que me aconselhou a operação pois a minha vida corria sério risco.

Com receio de ser operada, voltei novamente ao médico assistente e continuei com diferentes curativos peorando sempre mais.

Abandonando os curativos e medicamentos, recorri à proteção de N. Senhora da Fátima e aplicando sòmente pensos da sua água milagrosa, tive a grande alegria de vêr que ao terceiro dia, dia 13 de Abril estava completamente curada!

Fiz as minhas promessas, e entre elas publicar o grande milagre recebido no dia 13 de Abril de 1930. Por êste meio venho, pois testemunhar à SS. Virgem a minha eterna gratidão pela graça concedida à mais humilde de suas filhas.»

Tumor na garganta.

Sofia da Silva Leuschuer (rua dos Estudos, 11 — Coimbra) em carta de 6 de maio escreve o seguinte:

«...Tendo-me aparecido um tumor na garganta, comecei gargarejando com vários medicamentos a ver se acharia a cura, mas cada dia que passava mais volumoso se tornava e maior era a minha aflição — pensando que teria de sofrer qualquer operação.

Um dia, mostrando a minha família, a garganta, disseram-me: «bem podes pedir a Nossa Senhora do Rosário de Fátima que te valha, pois que a garganta não está nada bôa; isso é um tumor e certamente tens de consultar algum médico». Logo nesse instante disse — «se me achasse bôa, sem necessidade de ir ao médico, publicaria na *Voz da Fátima*, a cura». Na tarde dêsse dia (segunda-feira de Pascoela) fui à Igreja do Carmo, assistir à festa a S. Bento (Igreja essa onde se encontra uma linda imágem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima) e cheia de fé, pedi a Nossa Senhora que me curasse, sem ter de recorrer a qualquer operação cirúrgica. À saída da Igreja, disse a minha mãe: «parece-me que me sinto melhor», — ao que ela respondeu — «Deus queira que assim seja!»

Deixei de gargarejar, logo nesse dia, e comecei uma novena à Nossa querida Mãe do Céu. Na noite do sétimo dia, tendo-me deitado um pouco desanimada, sentindo-me peor, rezei ainda mais que nos dias anteriores e, no dia seguinte, acordei admiravelmente bem disposta e com grande alegria verifico que estava curado; o tumor havia desaparecido sem deixar vestígios alguns.

Reconhecida venho cumprir a promessa que fiz à Nossa querida Mãe do Céu, desejando que milhares de graças sejam dadas a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, pelos benefícios que tem feito».

Doença de estomago.

Júlia Furtado Bulcão, em carta de 12 de agosto, diz-nos da Califórnia o seguinte: «Havia mais de um ano que eu sofria do estomago sentindo um mal estar horrivel depois de tôdas as refeições, vendo-me cada vez peor, receando ser tudo isto motivado por uma ulcera.

Cheia de susto falei a meu marido em ir consultar um médico. Experimentei tôdas as comidas a vêr se o mal assim desaparecia. O próprio leitè me fazia mal e apenas me dava um pouco de alívio um copo de café, vendo no entanto que a doença progredia cada vez mais.

Havia já mais de um ano que recebia a *Voz da Fátima*, enviada por minha família da ilha do Faial. O que eu lia com mais entusiasmo era a relação de curas, o que me animou a recorrer a N. Senhora de Fátima. Não me era fácil obter água do Fátima mas vendo curas obtidas por outros meios, prometi fazer uma novena, confessando-me depois e recebendo a Jesus Sacramentado, prometendo também mandar publicar esta graça e enviar pezos para o culto de N. Senhora.

Apenas comecei a novena achei-me perfeitamente curada. E já lá vão seis meses. Por isso, cheia de gratidão e para sua maior glória, venho agradecer a minha cura e louvar a grande misericórdia da Mãe do Céu.»

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	223.929$50
Papel, composição e impressão do n.º 96 (62.800 exemplares)	3.393$60
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	969$00
	228.292$10

Donativos vários

Este jornalzinho é distribuído gratuitamente na Fátima nas peregrinações dos dias 13. Só tem direito a recebe-lo pelo correio quem enviar o mínimo de dez escudos por cada ano. Na impossibilidade, por falta de espaço, de publicar todos os donativos, limitamo-nos a publicar os donativos mais avultados, sobretudo os que são obtidos por ocasião da distribuição de jornais.

Maria Ângela, de Pedrouços, 120$80; Teresa Forte, 103$00; Dr. Joaquim Maria das Neves, 90$70; Mário Justino (na igreja do Machial), 30$00; P.e Francisco Lucas Pacheco, 87$80; Artur de Figueiredo, 36$00; P.e António Ferreira da Silva Duarte, 50$00; Manuel José Lopes Dias, 9$90; Marciano Baptista, 63$40; Joaquim da Silva Jordão (América do Norte) 5 dolares; Maria da Encarnação Barão, 17$50; António Vieira Leite, 115$00; Júlio A. Assis (Macau), 40$00; Clotilde de Jesus Barcelos, 110$00; Edith da Assumpção (Hong Kong), 54$10; Um donativo recebido na Igreja das Flamengas, 5$00; esmolas obtidas na Igreja de S. Mamede, por ocasião da distribuição do jornal, em Agosto, 10$00; idem, na Igreja do Coração de Jesus, em Setembro, 22$50; D. Carolina Quintas, como donativo, 40$00; entregue pela sr. D. Gertrudes do Carmo Pinto, de esmolas obtidas na Igreja de S. Tiago de Cezimbra, por ocasião da distribuição do jornal, nos meses de Junho, Julho e Agosto, 88$50.

Missão de N. Senhora de Fátima em África

Eis o que a tal respeito nos diz o Rev.º P.e José Maria Figueiredo, seu fundador, em carta de 29 de Agosto:

«No número 95 da *Voz da Fátima* de 13 do corrente, vejo uma idea, e é tanto mais do meu agrado, que já está realizada. Vejo na 4.ª pág. que o Dr. Fischer propõe que se funde na África uma missão com o nome de Fátima. Essa missão fundei-a eu em 1927, na Circunscrição Civil da Ganda, distrito de Benguela. Com efeito, a pedido do Govêrno Português e para enfrentarmos a propaganda desnacionalizadora que em Angola fazem as missões protestantes, fundou a Congregação do Espírito Santo essa Missão no Ganda, onde já se encontravam duas missões protestantes uma suíça, americana outra. Como sou português, dei à nova missão o título de «Missão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima da Ganda».

Como estava cançado tive de vir a Portugal, achando-me actualmente no hospital da minha terra, (Covilhã) onde vim fazer uma operação. Que à Santíssima Virgem sejam dadas graças, pois correu muito bem.

Se aos leitores da *Voz da Fátima* interessar, poderei de vez em quando dar notícias da missão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima da Ganda.

Acaba de me escrever o actual superior dessa missão, que lhe faz muita falta na capela um harmonium para os ofícios religiosos. V. Rev.ª não podia ter a bondade de recomendar êste pedido aos piedosos devotos de Nossa Senhora da Fátima?

Filha de Maria

E' um titulo que vale mais do que todos os titulos de nobreza: honra que excede todas as honras mundanas...

Mas é necessário que à nobreza do título corresponda a nobreza das acções, porque... *la noblesse oblige*, como dizem os franceses.

Uma Filha de Maria que de manhã se ajoelha à mesa da Comunhão e à noite vai assistir a espetáculos imoraes; que, em vez de se instruir com boas leituras em ordem a saber cumprir os seus deveres familiares, sociais e religiosos, se entretem a ler romances perniciosos (mesmo os melhores romances não prestam); que não visita os enfermos, mas perde horas em visitas e conversas ociosas; que gasta avultadas quantias em luxo superfluo, emquanto os pobres morrem à fome e ao frio; que, à semelhança das mundanas, usa modas indecentes e decotes exagerados; uma Filha de Maria que assim procede, é indigna de tão glorioso nome.

Como Alexandre Magno dizia a um bandido chamado Alexandre, deve dizer-se a tais Filhas de Maria:

— Mudem de nome, ou mudem de vida.

A IGREJA NÃO ENCHE BARRIGA

— Olha o miserável! Não pensa senão na barriga! Não pensa senão naquilo em que pensaria um irracional se pudesse pensar!

— Um homem deve pensar nalguma coisa mais alta, por isso mesmo que é homem. Se não porque quererá que o tenham na conta de superior aos irracionais?

Porém, suponhamos: a Igreja não enche barriga. Mas enche o coração, enche a alma. E a alma é muito mais ampla do que a barriga. Se pois a Igreja enche a alma, é porque ela é muito grande.

Mas, afinal, quantos devem a miséria em que vivem ao seu despreso pela Igreja! Se a ouvissem, seriam diligentes, honestos, sobrios, teriam saude, paz, alegria e... o estomago cheio.

Depois das Praias!...

(Para um exame de consciência)

«O que aqui se vai escrever (são palavras do *Correio de Coimbra*, de há anos) poucos o entenderão... E' que, nestas coisas da alma, todas interiores, nós só entendemos em regra o que trazemos já em germe dentro de nós, como diz algures Bourget.

Esta quadra de termas e praias é a hora da tentação! Por esses casinos chics e essas praias elegantes ostenta-se tentadoramente a pecadora carne humana já quási sem fingimentos de pudor — essa carne por causa da qual foi retalhado, e cuspido, e sujo, e exposto nú o Corpo Santíssimo de Nosso Senhor!

Dantes ainda a mulher elegante cultivava a arte discreta de se vestir. Hoje o que tantas sobretudo estudam é a arte pérfida de se despir, vestindo-se. — ¿E acaso pensam que êsse corpo (que é o templo do Espírito Santo) é o inimigo do reino de Deus excitando e arrastando atras de si a matilha esfaimada dos pecadores?...

Cresce pelo mundo a onda suja, em que as almas se afogam. Na noite da Agonia, Jesus viu tudo isso, e sobretudo (eram as fezes do cálix) que a sua Paixão seria inútil para comover essas almas! Porque a maior parte dos cristãos vive como se Nosso Senhor não tivesse morrido por nós!

¿Quem tem pena dos sofrimentos de toda a ordem, humilhações e dores, que, por amor de nós e em reparação das nossas culpas, Jesus padeceu — sabendo todavia que o maior número ficaria indiferente à praga dos pecados do mundo e ao Seu Sacrifício? S. Francisco de Assis chorava de dôr pelas dôres que por nós sofreu o Senhor — e nós divertimo-nos, como se Jesus, como um escravo, devesse fazer por nós o que fez!

¿Não haverá ninguem que, considerando a maré remontante do pecado e a criminosa indiferença dos que Jesus amou, queira indemnizar, consolar O Senhor — amando-O e servindo-O mais e melhor, em vez desses?...»

Para ser boa esposa

Os dez mandamentos da bôa esposa, escritos pela raínha da Romania («Carmen Sylva» na literatura), que também é uma esposa efectuosissima, merecem ser conhecidos:

1.º Não sejas a primeira a brigar. Mas se fores arrastada a ter discussão acalorada, sê valorosa até ao fim.

2.º Não te esqueças que casastes com um homem e não com um Deus. Não te admires, pois das suas fraquezas.

3.º Não peças freqüentemente dinheiro ao teu espozo, gasta somente a mensalidade que dá para as despezas da casa.

4.º Se reparares que teu marido tem pouco coração, pensa que tem um estomago. Acariciando o seu estomago o coração se expandirá.

5.º De vez em quando, mas não com freqüência, deixa a última palavra ao teu marido. Ele ficará contente e tu nada sofrerás.

6.º Lê todo o jornal, e não sòmente os factos escandalosos. Teu marido ficará satisfeito de poder falar contigo dos acontecimentos do dia e até da politica.

7.º Não ofendas teu esposo, mesmo quando brigues com ele. Não deves nunca esquecer que êle foi o teu semi-deus.

8.º Dá às vezes a entender a teu marido, que êle é o mais perspicaz, mais culto e confessa que tu não és sempre infalivel.

9.º Se teu marido fôr inteligente serás para ele uma camarada. Se fôr estupido, uma amiga.

10.º Respeita, antes de tudo, a mãe de teu marido, pensa que ele a amou antes que te amasse.

Diante de nós abrem-se dois caminhos...

Henrique Lasserre foi um dos primeiros miraculados de Lourdes e um convertido. As maravilhas daquele *caminho do céu* trouxeram-no irresistivelmente à vida de fé.

Pouco depois da sua conversão, Lassere encontra-se com Thiers que lhe diz comovidamente:

— Deus é muito bom!... espero que Êle me não condenará!

— Perdão (respondeu Lasserre). Em teologia o verbo *condenar* não é *activo*, mas *reflexo*. Não é Deus que condena os pecadores; mas êstes que se condenam a si próprios. Deus criou o homem *livre*. Ao homem compete, pois, não abusar da sua liberdade... Diante de nós abrem-se dois caminhos: um conduz ao céu, o outro leva ao inferno. Perferimos trilhar êste último?

A culpa é *tôda* nossa e *só nossa*.

A mocidade das nossas escolas

Falando-se um dia sôbre os inumeráveis perigos a que está exposta a mocidade de hoje conta-nos um antigo magistrado:

«Olhe quando eu freqüentei Coimbra foram sem conta os perigos em que me encontrei, formidáveis os assaltos feitos à minha fé; e sabe o que eu fazia? *Logo que chegava a casa ajoelhava ante o meu Crucifixo e dizia o Crédo com devoção e firmeza. E com esta piedosa prática a minha fé se revigorava e o co-*

Ano VIII — Leiria, 13 de Novembro de 1930 — N.º 98

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Antônio dos Reis.*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Os diversos esplendores de Fátima. - A grande peregrinação nacional de Outubro

Que é Fátima? «Porta do Céu aberta sôbre a terra, fonte perene de graças e de milagres, fortaleza espiritual para a defeza da fé, santuário do sobrenatural, escola prática de todas as virtudes, teatro das mais grandiosas manifestações de piedade e das maiores glórias e triunfos de Maria»

(Dr. Luiz Gonzaga da Fonseca, lente do Instituto Bíblico de Roma e Director espiritual do Colégio Nacional Português da mesma cidade.)

A celeste visão. — Fátima e a Liturgia da Igreja. — As cataratas do Céu. — A nuvem de fumo. — O fenomeno solar — A Senhora dos três naipes.

Era em 1917, a treze de Outubro, à hora do meio-dia. Seis meses antes, em igual dia e hora do mês de Maio, depois de terem rezado o terço do Rosário, os três pastorinhos da Cova da Iria viram dois relâmpagos cortar o espaço e em seguida um vulto formoso e encantador de donzela aparecer sôbre uma azinheira e convidá-los com um ar de imensa bondade a aproximarem-se para lhe falar.

Nêsse mesmo dia celebrava a Santa Igreja Patriarcal, a cuja diocese pertencia a paróquia de Fátima, a festa de Nossa Senhora dos Mártires com ofício e Missa próprios.

As primeiras palavras, no Ofício Divino, são as que formam o versículo e o responsório de *Vésperas:*

«Saístes para salvação do vosso povo, alegrai-vos, para salvação com Cristo, alegrai-vos!» A primeira antífona de *Laudes* diz que apareceu no céu um grande sinal: «Uma mulher que tinha o sol por manto, a lua por escabelo e na cabeça uma coroa de dôze estrêlas». O hino proclama que a Virgem Santíssima se eleva entre os astros. O versículo e o responsório insistem no motivo da sua vinda. Finalmente a antífona do *Benedictus* diz: «Bemdito seja o Senhor, que por meio da Bemaventurada Virgem Maria visitou o nosso povo e a nossa cidade e nos libertou da mão de todos aqueles que nos odiavam e dirigiu os nossos passos para o caminho da paz». E, por todo o Ofício, são continuas as alusões à acção benéfica da Raínha dos Anjos em prol do seu povo, de quem é Padroeira, e à alegria, confiança e entusiasmo com que êle a aclama nas suas apoteoses de fé e piedade.

De Maio a Outubro a misteriosa Senhora fala, repetidas vezes, com os videntes. Entre outras coisas diz-lhes que vem do Céu, promete-lhes a felicidade eterna, confia-lhes um segrêdo que a ninguém podem revelar, recomenda a recitação do Rosário, ensina uma pequena oração para se rezar nos intervalos das dezenas, aconselha as crianças a aprenderem a ler, proclama a necessidade da oração e da penitência para acabar depressa a grande guerra europeia e anuncia que no dia treze de Outubro fará um milagre, para que ninguém possa duvidar da realidade da sua aparição.

Chega finalmente o dia treze de Outubro. Dum extremo ao outro de Portugal, tinha corrido com a rapidez dum relâmpago a notícia consoladora das aparições e teorias, longas e intermináveis de fiéis, põem-se a caminho do planalto sagrado para presenciarem o maravilhoso *sinal de Deus*, predito pelos videntes.

É meio-dia solar. Não se vê uma nesga de céu azul. Chove torrencialmente, desde as primeiras horas da manhã. Cêrca de setenta mil pessoas estão reünidas no recinto da Cova da Iria. De repente, a chuva deixa de cair, um braço invisível rasga as nuvens e o sol, em todo o seu esplendor, gira vertiginosamente sôbre si mesmo, lançando feixes de chamas, que revestem sucessivamente tôdas as côres do arco-iris, emquanto a multidão, composta de crentes e incrédulos, se prostra de joelhos, chorando e soluçando e pedindo perdão e misericórdia. Momentos antes do maravilhoso fenómeno, tinha-se verificado a sexta e última aparição. Uma nuvem de fumo envolvia o espaço ocupado pela Aparição e pelos videntes. As priveligiadas crianças viram a Senhora dos três *naipes*. A Raínha do Céu manifestou-se-lhes sucessivamente sob três das invocações mais queridas dos portugueses, as invocações do Rosário, das Dores e do Carmo. A celeste Visão disse que era preciso não ofender mais a Nosso Senhor que estava muito irritado com os pecados dos homens e sobretudo com o pecado da carne, pediu que se edificasse ali uma capela em sua honra e declarou que era a Virgem do Rosário.

Indulgências concedidas pelo Sumo Pontífice aos peregrinos do Santuário de Nossa Senhora da Fátima

O SANTO PADRE PIO XI

O S. Padre Pio XI, por intermédio da S. Congregação da Penitenciaria concedeu a 1 de outubro de 1930 aos peregrinos de Nossa Senhora da Fátima as seguintes indulgências:

1.º — Indulgência de sete anos e sete quarentenas a todo o fiel cristão — contricto de suas faltas — tôdas as vezes que visitar o Santuário e aí orar segundo as intenções do S. Pontífice.

2.º — Indulgência plenária — sob as condições ordinárias — uma vez por mês — aos peregrinos em grupo ao mesmo Santuário e aí orarem pelas intenções do S Pontífice.

Anciosa expectativa. — Treze anos depois. — A Magna Carta de Fátima. — O regosijo Nacional. — A repercussão mundial do veredictum da Igreja — A gloriosa Lourdes Portuguesa.

Mas os anos sucedem-se uns aos outros. Entretanto o nome dulcíssimo de Fátima propaga-se ao longe e ao largo transpõe as fronteiras e chega até aos confins do mundo. A simples lembrança dêsse cantinho do Céu, alcandorado nas encostas da serra de Aire, faz palpitar de alegria e de entusiasmo os corações dos crentes. Uma torrente caudalosa e incessante de pessoas, de tôdas as classes e condições sociais, ocorrem ao maior centro de culto religioso do nosso país, levando depois para tôda a parte a seiva fecundante duma fé viva e duma piedade ardente que, regenerando os indivíduos reformando as famílias, recristianiza a sociedade e prepara a salvação de Portugal. A Raínha do Céu, gloriosa Padroeira da Nação, esparge a flux graças e bênçãos sôbre todos os que a invocam cheios de confiança no seu valimento e na sua intercessão maternal. As curas prodigiosas multiplicam-se de ano para ano. Vítimas de todos os males físicos que ter-

turam a pobre humanidade vão à nova piscina probática buscar a saúde e a vida. Ao mesmo tempo, as almas manchadas pela culpa e atormentadas pelo acúleo do remorso, encontram, na fonte de graça, que é o Sacramento da Penitência, com a misericórdia e o perdão para as suas misérias morais a fôrça e o confôrto de que precisam para a luta constante, por vezes violenta, e sempre temerosa, com os inimigos espirituais. Mas o sol divino que nasceu em Fátima ilumina com os seus raios fulgentes, não só Portugal, senão também as demais nações do orbe. De todos os pontos da Europa, do Extremo Oriente, do Continente Negro, das vastas regiões do Novo Mundo e das ilhas esparsas no Grande Oceano, os olhos e os coração voltam-se para Fátima e a devoção à gloriosa Senhora Aparecida torna-se, a par da de Lourdes, uma das devoções mais queridas dos nossos tempos.

Treze anos depois, a treze de Outubro do corrente ano, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, declara como dignas de crédito as visões das crianças e permite oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima. A carta pastoral «A Providência Divina» que encerra a sentença da autoridade eclesiástica competente, proferida depois de dez anos dum estudo atento e profundo dos acontecimentos, constitui verdadeiramente a *Magna Carta* de Fátima.

O Anjo da diocese de Leiria, escolhido pela Raínha do Céu para executor da sua obra e apóstolo das suas glórias, pôs assim, dum modo brilhante, um remate condigno aos seus trabalhos de juiz nesta momentosa questão, fechando com chave de ouro a primeira fase da divina história de Fátima. Embora de há muito esperada, a decisão episcopal fez palpitar de santa emoção Portugal inteiro, que no púlpito, na imprensa periódica, nas conversas particulares, emfim, por tôdas as formas de publicidade, manifesta em vivos transportes de entusiasmo, desde o alto clero até aos mais humildes fiéis, a sua alegria e o seu reconhecimento para com a augusta pessoa do venerando Prelado de Leiria.

A repercussão mundial do *veredictum* da Igreja, proferido no momento oportuno, na hora que a Providência marcara no relógio do tempo, quando o nome de Fátima tinha já chegado aos confins do orbe, deve ser enorme e retumbante. Já se sabe que alguns Prelados ilustres se preparam, na Hespanha, na Bélgica e na Alemanha, para vir depôr a homenagem da sua veneração e o tributo do seu amor aos pés da Virgem que se dignou santificar com a sua presença uma nesga de terra nêste cantinho da Europa e erguer nela o trono das suas graças e das suas misericórdias. Fátima, de hoje em diante, é de direito e de facto para o mundo inteiro, a gloriosa Lourdes Portuguesa.

Bemdita seja, mil vezes bemdita, a augusta Raínha dos Anjos, Imaculada Padroeira da Nação, que mais uma vez quis provar que não esquece e que ama esta terra, que é sua, porque é verdadeiramente a terra de Santa Maria!

A peregrinação nacional — Peregrinações organizadas — Procissão das velas — As grandes multidões — Adoração noturna — Explicação dos mistérios do Rosário.

A grande peregrinação nacional de Outubro revestiu a imponência e o esplendor próprios das suas empolgantes manifestações de fé e dos mais comoventes espectáculos de piedade que se ralizam em Portugal e que só conhecem dois teatros: o Sameiro e Fátima.

Os dias dôze e treze foram dias verdadeiramente primaveris.

Mas, se por um lado a amenidade do tempo contribuiu para o brilho das solenidades religiosas, por outro lado, as trovoadas dos dias precedentes, que muitas pessoas receavam se repetissem, desfalcaram, em larga escala, como era natural, o concurso de peregrinos.

Em todo o caso, era digno de vêr-se, sobretudo na procissão das velas e por ocasião da Missa dos doentes, o aspecto das multidões, que se estendiam, a perder de vista por todo o vasto recinto da Cova da Iria, semelhante a um lago imenso de cabeças humanas.

No dia doze, às primeiras horas da tarde, começaram a chegar as peregrinações organisadas. Entre as mais numerosas, merecem especial referência as do Patriarcado, Bemfica, Alhandra, S. Mamede de Infesta (Pôrto,) Mafra, Alcobaça, Mosqueira, Extremoz e Troviscal.

A procissão das velas, desenrolando-se no recinto das aparições, na forma do costume, com os estandartes com as velas, com os cânticos, com o entusiasmo e a piedade dos fiéis, foi, como sempre, duma beleza e dum encanto impossíveis de descrever. À meia noite principiou a adoração nocturna. Lido o acto de reparação pelo rev.º Marques dos Santos, aproxima-se do microfone o rev.º dr. Luís Gonzaga da Fonseca, professor do Instituto Bíblico de Roma, e dalí, faz a explicação dos mintérios gozosos do Rosário, antes de se dar início à recitação do terço e nos intervalos das dezenas.

Às seis horas, depois de tôdas as peregrinações terem feito a sua hora de adoração, é dada a bênção com o Santíssimo Sacramento e em seguida celebrada, no altar-mor da capela nova, a Missa da Comunhão Geral.

Na Penitenciaria — Vinte e cinco Cristóforos — As orações e os cânticos — A longa teoria dos doentes — A visita dos aviões — Uma peregrinação belga.

Entretanto junto das portas da Penitênciaria aglomera-se uma multidão inumerável de homens. Desde a véspera à tarde que se observa, a cada momento, êsse consolador espetáculo. Durante horas consecutivas, doentes de tôdas as doenças morais, ali aguardam a sua vez de se aproximarem do santo tribunal da Penitência de mistura com piedosos peregrinos, que pretendem apenas reconciliar-se para fazer com mais fervor que o usual a Comunhão do dia treze.

À medida que o dia avança, a multidão cresce em volta do pavilhão dos doentes. Muitos milhares de pessoas, de ambos os sexos, de tôdas as idades, classes e condições sociais, com as almas purificadas pela graça e os corações palpitantes de amor divino, preparam-se para receber a Sagrada Comunhão.

Vinte e cinco sacerdotes, revestidos de sobrepeliz e estola, distribuem, incessantemente pelos fiéis, horas a fio, o Pão dos Anjos.

Reza-se com fervor. O silêncio, profundo e solene, só é interrompido pelo brando ciciar das preces ou pelas suaves harmonias do órgão. De vez em quando, um cântico litúrgico, entoado junto do microfone, rompe de milhares de lábios, fremente de santo entusiasmo e impregnado de piedosa unção. Deitados nos seus grabatos de dor ou sentados em longas filas, nos bancos do Pavilhão, veem-se inúmeras vítimas de tôdas as misérias físicas que afligem a pobre humanidade. Quantos rostos emaciados pelo sofrimento! Quantos corpos consumidos e mirrados pela doença! Quantos verdadeiros farrapos humanos!

Súbito, ouve-se nas alturas um rumor característico, ainda distante, que ràpidamente se intensifica, à medida que se aproxima, vertiginoso. E a visita dos aviões que vão depôr aos pés da Virgem, como mensageiros do Céu, ramos de flores e tributos de amor.

Entre os peregrinos estranjeiros que foram a Fátima no dia treze de Outubro, destaca-se uma joven senhora de nacionalidade belga, M.lle Jeanne Shifflers, tam inteligente e culta como profundamente piedosa. Visitando então pela primeira vez o santuário augusto da Lourdes Portuguesa, o espectáculo assombroso e empolgante que teve a ventura de presenciar excedeu sôbre tôda a medida a sua expectativa. Prêsa de admiração e comovida em extrêmo, ao ver a fé e a piedade das multidões, debalde pretendia traduzir em palavras os sentimentos que lhe iam na alma e que lhe faziam brotar dos olhos lágrimas de consolação. Os leitores da «Voz da Fátima» terão o delicioso prazer espiritual de lerem no número do próximo mês de Dezembro uma carta interessante da jovem belga, hóspede do nosso país, — verdadeiro mimo literário, em que ela tenta trasladar as impressões vivas e profundas produzidas no seu espírito pelas scenas maravilhosas daquele dia inolvidável.

A procissão de Nossa Senhora — Missa dos doentes. — Bênção do Santíssimo Sacramento — O sermão oficial — Procissão do adeus — Duas curas extraordinárias.

E' chegado o meio-dia solar, a hora do contacto místico entre a terra e o Céu.

A augusta Imagem da Virgem, espalhando graças e bênçãos, passa triunfante, em cortejo, levada aos ombros dos servitas, através de alas compactas de peregrinos, sob uma chuva contínua de pétalas e saùdada pela multidão imensa com o agitar febril e entusiástico de dezenas de milhares de lenços.

O Anjo da diocese de Leiria sobe ao altar e celebra a Missa oficial. O órgão enche de novo o espaço com os seus acordes harmoniosos, graves e tristes, que convidam ao recolhimento e à meditação. A assistência, orando e cantando hinos litúrgicos, une-se à Vítima Divina, que se imola sôbre o altar, em expiação dos pecados do mundo.

Terminou o augusto Sacrificio. Reza-se o terço. Depois é exposto o Santíssimo Sacramento. O venerando Prelado de Leiria desce do altar e vai dar a bênção a cada um dos doentes com a Hóstia Santa encerrada numa custódia de prata, enriquecida com incrustações de ouro. Leva a umbela o grande médico granasta Dr. Weiss de Oliveira, antigo Governador Civil de Lisboa.

Acompanham o Santíssimo Sacramento os sacerdotes presentes, revestidos de sobrepeliz. A cerimónia sempre antiga e sempre nova, tem o condão de fazer brotar mais uma vez dos olhos de todos, sãos e doentes, lágrimas de alegria e de íntima comoção. Encerrado o Santíssimo no sacrário da Penitenciaria, toma o seu lugar junto do microfone o prègador do sermão oficial, rev.do dr. Luís Gonzaga da Fonseca. A sua oração, que será integralmente reproduzida na «Voz da Fátima», versou sôbre o assunto da Carta Pastoral sôbre o culto de Nossa Senhora de Fátima, fazendo dela uma luminosa síntese e expondo a largos traços as graças incomparáveis que Fátima trouxe a Portugal e ao mundo. Concluiu o sermão. Realiza-se agora a procissão do *adeus*. E' o espectáculo mais lindo e mais empolgante que se pode imaginar. A bemdita Imagem do Santíssimo Rosário volta de novo para o seu pedestal na capelinha das aparições, onde se efectua a apoteose final. Mais lenços brancos a esvoaçar, mais súplicas veementes, mais flores, mais lágrimas, mais entusiasmo e mais amor. Feita a consagração colectiva da peregrinação nacional à Virgem Santíssima, a assistência, tam numerosa que enche o vasto espaço do local das aparições, que medeia entre a fonte miraculosa e a Penitenciaria, principia a dispersar.

Momentos antes, quando a Imagem da Virgem passava por entre os doentes, no respectivo Pavilhão, uma rapariga, de 21 anos de idade, de nome Isabel Ribeiro de Freitas, paralítica, sentiu-se repentinamente curada. Fazia parte do grupo de peregrinos do Pôrto, organizado pela senhora D. Maria José Pestana e pelo sr. Joaquim José Esteves. Moradora naquela cidade, Rua das Altas, 145, estava, há dois anos, a lavar roupa, à porta de sua casa, no Bonfim, quando, de repente, a varanda da janela, abateu colhendo-a.

Do desastre resultou partir uma perna pelo quadril e o osso da bacia, àlém duma forte comoção cerebral. Internada no Hospital da Misericórdia, teve alta passados quatro meses, mas só podia andar com muletas e nunca mais deixou de sofrer. Ocorreu-lhe então o pensamento de ir a Fátima pedir a sua cura por intercessão de Nossa Senhora. Como era pobre, algumas pessoas da sua amizade promoveram uma subscrição para com o seu produto se ocorrer às despesas da viagem. Parte acompanhada pela servita D. Maria de Jesus da Cruz. Tendo chegado a Fátima no dia doze à tarde, foi recolhida no Albergue de Nossa Senhora, onde passou a noite e donde, no dia seguinte de manhã saíu em maca para assistir às cerimónias da Peregrinação Nacional. Depois de comungar e de receber a bênção do Santíssimo, não experimentou as melhoras que esperava e, já resignada com a sua sorte, preparava-se para o regresso. No momento em que a Imágem da Virgem passava junto dela, no regresso à capela das aparições, a doente sentiu-se impelida para fora da maca. Obedeceu ao impulso e, levantando-se, saltou para o chão. Estava curada! Na véspera, no Pôsto das verificações médicas, tinha entregado o seu certificado que lhe passara o Chefe da Secretaria do Hospital Geral do Pôrto e em que se encontra exarado o diagnóstico que motivou a entrada.

Esse diagnóstico é do teor seguinte: «Fractura da perna esquerda e comoção cerebral e fractura da bacia. Causa: desmoronamento.»

Entre os peregrinos, via-se Maria dos Anjos de 23 anos, moradora em Avanca, que sofria de ataques epiléticos e de doença da coluna vertebral e que foi curada no dia trese de Agosto do ano próximo passado. Tratada por vários médicos, entre os quais o dr. Egas Moniz, todos diziam que a sua doença era incurável, tanto mais que tinha o carácter de hereditária.

Apresentou um atestado do dr. Henrique Gomes de Araújo.

Bemdita seja a Virgem Santíssima, Imaculada Padroeira de Portugal, que desceu do Céu à terra — terra de Santa Maria — para, como médica divina, curar os que sofrem de doenças e enfermidades ou trazer-lhes doce lenitivo e o confôrto ainda mais doce da resignação cristã!

Visconde de Montelo

Graças de N. Senhora de Fátima

Relatando algumas das muitas graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, não queremos nem devemos anteciparmo-nos ao juizo da Santa Igreja que neste assunto como em todos emprega as maiores reservas e cautelas.

Tanto é assim que tendo sido as aparições de Lourdes em 1858, foram julgadas miraculosas por diferentes Senhores Bispos de França, apenas 30 curas, depois de rigorosos processos canónicos a que foram sujeitas.

A palavra milagre *que, às vezes, aparece nesta secção, não é, pois, tomada em sentido rigorosamente teológico.*

Crises epileptoides.

Era em 1925. Contava ela, Maria dos Anjos Nunes Pereira, da Murtosa os seus risonhos 18 anos. Sendo de rara beleza e muito robusta, começou a enfraquecer e a tornar-se um pouco anémica.

Isto, junto à completa falta de apetite, chamou a atenção de sua família.

No dia 9 de Maio do mesmo ano, 1925, foi vítima dum formidável ataque que lhe tirou o uso da razão ficando completamente demontada. Foi chamado o ilustre médico Dr. Ernesto Marques Sarmento que disse serem uns ataques e que sòmente no Pôrto poderia conseguir algumas melhoras. Os ataques eram sucessivos! Sua pobre família aterrada com o seu gravíssimo estado, seguiu imediàtamente o sábio conselho do ilustre clínico.

Foi levada em braços para a camioneta e desta para o comboio. Foi dirigida ao Dr. Gomes de Araujo que foi duma grande dedicação para com a doente. Os ataques continuavam! Uma tarde sobreveiu-lhe um em plena rua Sá da Bandeira, e o seu desolado estado atraíu a atenção de tanto povo, que a polícia teve necessidade de intervir por causa do trânsito que fôra impedido.

Viam-se lágrimas em todos os espectadores ao contemplarem o seu doloroso sofrer. Durou essa crise umas longas e críticas 24 horas, e, aparecendo o Dr. Victor Ramos diagnosticou ser incurável a sua doença. Devido porém ao cuidadoso e sabedor tratamento do Dr. Gomes de Araujo, começou a enferma a experimentar algum alívio, com alegria sua e de todos os seus.

Porém o seu estado complicou-se sobrevindo-lhe um terrível mal de cabeça que lhe não consentia estar parada — era a *chorea*.

Nêste estado de coisas disse o Dr. Gomes de Araujo que era escusado gastar-se mais dinheiro. Nesta triste conjuntura sua família muito desolada e já sem esperanças de haver cura, levou-a ao famoso especialista de doenças nervosas — Dr. Egas Monis — E êste ilus-

tre clínico interessou-se tanto pelo seu estado, que pedia que lha levassem todos os dias. Todavia o resultado era nulo. Assim se passaram quatro longos e dolorosos anos. Quando ela se sentia melhor, entretinha-se a ler o jornalzinho — *Voz de Fátima* — e logo começou a pedir incansàvelmente que, por caridade a levassem a Fátima, àquele cantinho do Céu. A sua petição foi executada! Conduziram-na em braços para o comboio. Foi no dia 11 de Agosto de 1929.

Dos que a viram, uns criticavam tal proceder, outros, porém, lastimavam a sua desdita.

A viágem foi muito agitada e tormentosa. Sobrevieram-lhe dois ataques durante a mesma, sendo um na Curia e outro em Leiria.

Ali chegada, os carregadôres tiraram-na em braços, mas o seu estado mental era de tal ordem, que desejava matá-los, etc.

Maria dos Anjos Nunes Pereira

Foi pernoitar em casa da Snr.ª Maria Tôrre. E ali repetiu-se o ataque, deixando-a num estado furioso e horripilante. Passou-se uma noite de verdadeiro martírio.

Dali no dia 12 de manhã seguiu para Fátima. Conduziram-na imediatamente para o Pavilhão, mas, devido ao seu desarranjo mental, viram-se na dura necessidade de a retirar dali para o hospital.

Ali veiu-lhe uma terrível cólica que complicou o seu já grave estado, inspirando serissimos cuidados ao médico que dizia não haver cura humana para aquela mártir.

Devido ainda ao seu desarranjo mental negaram-se os superintendentes de Fátima a dar ordens para que a levassem para o Pavilhão. Isto contristou deveras a sua família e todos os que a conheciam.

Momentos antes de ser dada a bênção do SS.mo aos doentes, no dia 13, devido a muitíssimos rogos, levaram-na para o Pavilhão. A sua chegada ali atraiu a compaixão de tôda a gente.

Ela tinha os olhos fechados; não via.

A servita falou-lhe ao ouvido, perguntando-lhe se desejava ver N.ª Snr.ª Parece que lhe deram um choque eléctrico.

Abriu os olhos e... atónita, respondeu afirmativamente. Trouxeram-lhe a imagem e a servita ergueu nos seus braços a doente, que começou a suplicar à mãe do Fátima a sua cura, em altos gritos de aflição e fé.

Estes seus rogos tocaram as raias do delírio e assim consegue desprender-se dos braços carinhosos que a amparavam, e começa a correr por seu pé atraz da imagem, chorando cantando e rezando.

Está realizado o grande milagre. Foi no inolvidavel dia 13 de Agosto de 1929. E ela agora canta, reza e chora; chora lágrimas de gratidão àquela que é a saúde dos enfêrmos.

Foi um verdadeiro milagre autenticado pelo médico do hospital de Fátima e pelo médico assistente, cujo testemunho a seguir se transcreve, omitindo-se, por amôr à brevidade, os testemunhos de mais outros médicos, pois ela está completamente curada e há mais de um ano que já não sofre.

Vamos, pois, sempre com muita fé a Fátima, àquele torrão bendito, pisado pelos sagrados pés da mãe de Deus, àquela pequenina nesga do Céu e ali, com os joelhos sôbre a terra, as mãos enclavinhadas sôbre o peito digamos com todo o nosso entusiasmo: **Mãe de Fátima, mãe dos portugueses, Salvai-nos.**

Declaração médica

«Declaro que examinando a snr.ª Maria dos Anjos Nunes Pereira, da Murtosa, averiguei que ela fez durante cinco anos diversas crises epileptoides. Soube pelo doente que, com a sua ida a Fátima, pararam tais crises. O exame actual denuncia um estado geral perfeito e pela evolução do caso durante um ano estou certo que a doença terminou.

Porto 29 de julho 1930

(a) H. Gomes d'Araujo.»

Mal de Pott.

«Eu, Olívia da Conceição Pereira, de 17 anos, do lugar de Nadrupe, frèguesia da Lourinhã, venho publicamente, agradecer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a minha cura.

Sofria horrívelmente de dores na espinha. Passava as noites e os dias continuamente gritando. As dôres eram tão fortes que me aleijaram, arqueei toda para traz, estava numa posição que não podia ver os meus pés.

Tratei-me com o Senhor Dr. Leal. Chegou a duvidar do meu restabelecimento, quási me desenganou.

Fui-me tratar com o Sr. Dr. Alberto, do Bombarral, que declarou sofrer eu de mal de Pott na espinha. Disse-me que tinha de tirar uma radiografia e depois mandou-me para o Sanatório.

Mas eu com as grandes máguas que sentia em ter de me ausentar de minha família ,não quis ir. Adoeci em 1927. Andei a tratar-me com os srs. Drs. mais dum ano sem resultado. Voltei-me com uma fé tão viva, com um amor tão ardente, à minha rica Mãe do Céu, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que se Ela, me fizesse o milagre de eu melhorar sem cumprir as prescrições dos médicos, eu iria á Fátima a pé, e dava as minhas joias. Também prometi comprar uma imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, para a capela da minha terra, e fazer-lhe uma festa, pedindo eu, pelo povo.

Fui ouvida nas minhas súplicas! Mesmo aleijadinha como estava pus-me a caminho com duas pessoas de minha família que, coitadinhas, se prontificaram a acompanhar-me para tão longa viagem. Nós não sabíamos caminho nem carreiro mas eu estou convencidíssima que tivemos uma excelente companhia que foi a nossa Mãe do Céu, Maria Santíssima.

Foram aproveitadas as minhas súplicas, as minhas orações.

Hoje, graças à minha Mãe do Céu, sinto-me completamente boa, com fôrças, mesmo com ânimo de trabalhar, julgando eu nunca mais vir a ser mulher que prestasse.

Já comprei a imagem e a festa realizar-se-há nos dias 18 e 19 do próximo mês de Outubro. No dia 18 há procissão das velas e cânticos e no dia 19 a festa e sermão, tudo em honra de N. S.ª do Rosário da Fátima.

O povo reconhecido por tão grande milagre ajudou-me de muito boa vontade.

Eu, graças à Mãe do Céu, continuo bem.

A todas as pessoas peço que nunca esqueçam a Mãe do Céu, que Ela atenderá os nossos pedidos e nos acudirá nas nossas aflições.

A tôdas as pessoas que tiverem conhecimento dêste tão grande benefício, peço as suas orações para que eu durante tôda a minha vida não me torne menos digna da graça que Maria Santíssima fez à sua filha».

Um calvário de oito anos.

No dia 13 de setembro último, terminada a procissão final que costuma rematar as cerimónias da peregrinação, vamos encontrar em casa do Rev. Reitor do Santuário, sorridente e feliz, falando e comendo, uma pessoa que, de véspera, e mesmo antes da Missa final, dos doentes, tinhamos visto primeiro no Hospital e depois no Pavilhão dos doentes em estado desesperado.

E tão mal estava que o Ex.mo Snr. Dr. Pereira Gens, Director do Pôsto Médico, depois de injecções á doente, dera as suas ordens para o caso de morte.

Chama-se Emília Baptista de Castro e é natural da frèguesia de Fragoso, concelho de Barcelos.

O seu longo martírio começou em 1921, quando tinha 16 anos.

Um golpe profundo na mão esquerda foi ocasião de uma infecção de tal gravidade que, depois de variadas peripécias em que a vida esteve tantas vezes a extinguir-se, em que o seu alimento era apenas a Santa Comunhão e um pouco de água de Fátima, veio a ser-lhe amputado o braço (um braço que pesava oito quilos!) em 23 de agosto de 1926.

No entanto a operação correu tão bem que passados oito dias já a doente se entregava ao serviço de casa.

Mais tarde a saúde voltou novamente a alterar-se, a sofrer muito do estômago e em dezembro de 1927 começou a deitar sangue pela boca, facto que se repetiu nestes últimos três anos várias vezes.

Nova jornada dolorosa para a pobre doente, consultas, medicamentos, injecções, muitas vezes entre a vida e a morte, tendo recebido os últimos Sacramentos, perdendo várias vezes os sentidos e a fala, não podendo tomar mais que umas gotas de água.

O estômago pôs-se em tal estado que até isto repelia e durante oito meses não pôde deitar-se nem um só instante, não podia (diz ela) suportar as almofadas junto ao corpo, sendo tal a sua fraqueza que não podia com um chale fino sôbre os ombros. Qualquer movimento lhe causava dores atrozes e não podendo sustentar-se sòsinha eram a mãe e a irmã que tinham de a amparar dia e noite, o que constituia um martírio para todos.

Neste estado aflitivo e desesperado recorreu com todo o fervor a Nossa Senhora e prometeu ir a Fátima o mais cêdo possível, se Ela, ao menos, lhe concedesse a fala pois lhe custava imenso nem poder dizer o que sofria e pedir o que lhe era necessário.

«Pode bem dizer-se (diz a miraculada no seu relatório que por ser muito extenso resumimos) que é um verdadeiro Purgatório que se passa neste mundo e que só pelo amor de Deus se suporta com resignação. Era assim que a minha cruz era levada em fervoroso transporte de amor por Jesus Crucificado.

Quantas vezes teria desesperado no meio do meu prolongado sofrimento se não fôsse o Deus Santo, do meu coração, que tantas vezes entrava na minha alma. Nesses momentos tão felizes é que eu pedia a Jesus e a N. Senhora de Fátima que me curasse se essa fôsse a sua vontade».

Resolvendo vir a Fátima, pediu atestado ao sr. Dr. Matos que lhe disse que estava muito mal e não aguentaria a viagem, temendo que morresse no caminho. O mesmo pensava a família que, com a doente começaram uma novena de comunhões, que foram repetindo durante quatro meses.

A's 10 da manhã de 12 de setembro estava em Fátima sendo levada em braços à igreja para receber a Sagrada Comunhão. «Nem posso explicar (diz a doente) o que nesse momento o meu corpo sofria, o mais cruciante martírio, mas, ao mesmo tempo a minha alma gozava as delícias dum amor sem medida.

Após uns momentos de acção de graças fui reconduzida ao Albergue dos doentes onde me trataram com todo o carinho e amor passando o dia e a noite em grande sofrimento, que eu ocultava, em silêncio, quanto podia. Mas se o meu corpo era todo sofrimento, a minha alma era toda alegria na convicção de que no dia 13 ficaria livre de todas aquelas dôres.

A's 11 horas fui levada em maca para o Pavilhão dos doentes. Não me é possivel explicar o que então aí sofria quando vinha a procissão e Nossa Senhora para junto de seus filhinhos, pedi-Lhe mais com o coração que com palavras que tivesse compaixão de mim que tanto sofria.

Desde êsse momento perdi por completo a vista, sendo a aflição cada vez maior, não podendo suportar nenhuma posição, não sentindo nada do que me faziam.

Seguiu-se a Missa celebrada pelo Snr. Bispo de Leiria e as invocações e a bênção dos doentes, mas eu nada ouvi. O Sr. Dr Gens julgou-me perdida. Quando tudo estava a terminar senti-me inteiramente imóvel e que a vida ia a abandonar-me.

Quando Nossa Senhora voltava para a sua capelinha e todos acenavam com os lenços, lembrando-me então que nem para a minha terra podia voltar, agarrei-me como um náufrago, à Mãezinha do Céu, dizendo assim:

O' minha Mãezinha do Céu, ou levai-me convosco para o Paraíso ou dai-me alívio nos meus sofrimentos. Curai-me que bem podeis. Tende compaixão de mim que tanto sofro.

Passados uns momentos, senti-me transformada em todo o meu corpo, vendo as fôrças a voltar-me novamente e que uma voz me convidava a levantar-me. Como não obedecesse logo, temendo não me segurar de pé, ouvi segunda vez: levanta-te e caminha.

Sem mais, levanto-me de repente e fui por meu pé à Capelinha acompanhando a procisão final, agradecer a grande graça.

Fui depois para casa do Rev.º Reitor do Santuário onde estavam também o Snr. Bispo de Leiria, os srs. médicos que me examinaram, e outras pessoas, que ficaram radiantes de alegria.

Sentia-me bem disposta, apenas com uma pequena dor no estômago, mas daí a pouco tudo tinha desaparecido.

Eu que nem água suportava, comecei logo ali a comer de tudo sem que nada me fizesse mal.

Mil graças sejam dadas a Nossa Senhora do Rosário que se dignou atender a minha prece num momento de tanta angústia. Jámais deixarei de amar toda a vida a consoladora dos aflitos para que continue a abençoar e proteger todos aqueles que nEla põem as suas esperanças».

Fátima no Brasil

Bem haja N.ª S.ª do Rosário da Fátima que não limitando os seus favores aos filhos ainda embalados no regaço da Mãe Pátria, os vai tornando extensivos também aos que cá andam por tão longe. Portugueses e Brasileiros, irmanados no mesmo espírito de Ié de seus Maiores, parecem competir entre si sôbre quem mais se avantajará no culto de N.ª S.ª do Rosário da Fátima.

O precioso livrinho «As grandes maravilhas de Fátima» e os 600 e tantos exemplares da *Voz da Fátima* que do Recife se vão espalhando cada vez mais ao longe, mais e mais também vão tornando conhecidos os extraordinários e maravilhosos benefícios de tôda a sorte a mãos cheias derramados pela Mãe do Céu sôbre os que a Ela confiadamente recorrem sob a recente invocação de N.ª S.ª do Rosário da Fátima.

Já não tem conta o número de estampas, medalhas e novenas de N.ª S.ª da Fátima aqui distribuídas e procuradas com interesse sempre crescente.

E a água milagrosa... raro é o dia que não vêem diversas pessoas procurá-la. Pena é ser tão difícil recebermo-la daí, pois, quanta mais viesse, maior de dia para dia se tornaria a sua extracção.

A's devotas homenagens a N.ª S.ª da Fátima, cada vez mais intensificadas de há 2 anos a esta parte, veio dar novo e maior incremento a exposição ao culto público (com licença de S. Ex.ª o Snr. Arcebispo Metropolitano) duma estátuazinha de N.ª S.ª do Rosário da Fátima. Não media mais de 23 centímetros a 1.ª, mas nem por isso deixou de despertar sensível interesse a sua veneração. Com o aumento porém da devoção cresceu no povo também o desejo de possuir uma estátua maior e mais perfeita, desejo que em 15 de Agosto findo se converteu em realidade com a bênção solene de uma nova estátua de 60 centímetros. Não se convidaram paraninfos; aceitaram-se os que por devoção se quiseram apresentar como tais. Para avaliar do interesse geral, basta dizer que nunca à nossa Capela afluiu tanto povo de tôdas as classes como naquela noite e com mostras da mais sincera piedade.

Enquanto que a estátuazinha anterior só se expunha nos dias 13, ou no Domingo mais próximo, a actual ficou em exposição permanente em gracioso e artístico oratório, onde todos os dias se vêem ajoelhar numerosos fiéis implorando com fé ardente a proteção de tão boa Mãe.

E que não tem sido frustrada a confiança dos quotidianos suplicantes prova-o o cumprimento de sucessivas promessas como tributo de gratidão pelo feliz despacho de graças imploradas.

Já lá vai mais de um mês, e desde então nem um só dia, todo o tempo que a Capela permanece aberta ao público, das 5 às 8 horas da manhã, têem deixado de arder 2 velas ante a linda e devota imagem. E, como esta, freqüentes outras ofertas lhe têem sido feitas, de uma artística lâmpada, toalhas, jarros de metal, flores quer artificiais, quer naturais, etc., tudo autênticas demonstrações de filial amor e sincero reconhecimento.

Fica dêste modo bem patente que, como em Portugal, também aqui no Brasil esta devoção está sendo um poderoso incentivo para um novo ressurgimento do espírito religioso de um povo naturalmente bom, cuja fé mais e mais está sendo vivificada pelo brilho e calor dêsse foco intenso que com origem em Fátima estende seus raios benéficos sôbre estas longínquas paragens, como provam com maior realce, além de outras muitas, as graças pedidas com feliz êxito, cuja relação junto remeto.

Outubro-1928

Recolhera-se ao Hospital Português um cavalheiro já idoso, avô de 3 alunos nossos de então. Era um Domingo, em que sempre, à noite, se faz na nossa Capela o catecismo para o povo com prègação e Bênção do SS.mo.

Por ser na novena de N.ª S.ª do Rosário da Fátima a prègação daquela noite versou sôbre a eficácia da devoção a N.ª S.ª sob a dita invocação particularmente no que diz respeito aos Sacramentos aos doentes obstinados. Providencial coincidência! Em meio da prègação abeira-se de mim

(que estava de lado assistindo ao sermão) e mais velho dos 3 netos do doente pedindo-me com urgência benzesse uma medalha de N.ª S.ª para levar ao vôvô que, em estado grave como estava, se recusava a receber os Sacramentos. Satisfeito o pedido, lá se foi pressuroso o jovem levar a medalha, e eu, terminada a Bênção, comunicando ao povo a providencial coincidência, com todos fiz uma prece a N.ª S.ª da Fátima para que confirmasse, se preciso fôsse, com um milagre as palavras do prègador, tirando assim uma alma ao inferno e abrindo-lhe o céu.

O resultado não podia ser mais satisfatório. Meia hora não era passada quando pelo telefone informam do Hospital que entrando a visitar o enfermo um virtuoso Sacerdote, amigo do doente, êste ao vê-lo, espontaneamente pede que o oiça de confissão.

Em seguida a ela lhe foram administrados os demais Sacramentos, confortado com os quais, pouco depois sua alma descançou ao Senhor.

Dezembro-1928

Prègava eu uma Missão em Maceió, capital do Estado de Alagôas. Na ante-véspera da conclusão, por causa de uma corrente de ar, enrouqueci notòriamente, tornando-se-me cada vez mais penosas as restantes prègações que, se bem que com notável esfôrço, consegui ainda assim levar por diante até à da Comunhão geral. Teve de tarde lugar uma vistosa e devotíssima procissão com o SS.mo Sacramento, como remate da qual se deu a Bênção campal do alto da escadaria da Catedral. Encontravam-se ali reunidas para cima de 5.000 pessoas, e o Vigário, Rev. Cónego António Valente, voltando-se para mim diz: o Snr. depois da Bênção fala ao povo... a que eu só pude responder: «rouco como estou, ao ar livre e a tão grande multidão, como pode isso ser?»

Sem nova insistência procedeu-se à Bênção, durante a qual me veio a feliz inspiração de pedir a N.ª S.ª da Fátima que, se fôsse para glória de seu Benditíssimo Filho e para bem daquele povo, só dando-me a voz que quási totalmetne me faltava. Formulado assim o pedido, senti-me possuido de uma tal confiança que não hesitei, terminada a Bênção ,em pedir uma cadeira de cima da qual (segura por um soldado) consegui falar durante cêrca de 20 minutos, e com voz de tal maneira clara que ainda os mais afastados puderam nitidamente ouvir.

Graças mil a tão prodigiosa intervenção de N.ª S.ª do Rosário da Fátima!...

Colégio Nóbrega
Recife 13-IX-930

P.ª João de Miranda, S. J.

Maio-1930

Eredina Travassos de Almeida, residente em Recife, agradece de todo o seu coração a N.ª S.ª da Fátima a grande graça obtida mediante a sua novena, do feliz resultado de uma intervenção cirúrgica a que se submeteu sua filha Zuleide.

Rev.mo Snr. P.ª Manuel Pereira da Silva
Respeitosas saudações.

Esta tem por fim comunicar-vos uma grande graça que alcancei de N.ª S.ª do Rosário da Fátima, e pedir-vos ao mesmo tempo o obséquio de publica-la no jornal *Voz da Fátima*.

Sentido-me chamada para a vida religiosa e encontrando grande obstaculo, quer da parte dos parentes de quem dependia a licença, quer daqueles a cujas portas batia e se recusavam a me admitir, tendo feito nesse sentido a prodigiosa novena de N.ª S.ª do Rosário da Fátima, precisamente no dia 13 de Maio a Ela especialmente consagrado me foi dado o sim por que eu tanto ansiava. E', pois, com o coração cheio de reconhecimento que venho por meio desta agradecer a minha Bôa Mãe do céu o insigne favor que acaba de tão prodigiosamente conceder-me.

Recife, 4 de Junho de 1930.

Maria José Alves do Carmo — F. M.

Julho-1930

Vivia de há muitos anos doente a Senhora Maria Alcina Correia da Silva, residente em Recife, Páteo de Santa Cruz, n.º 428. Peurou, porém, notavelmente o seu estado geral de Junho para cá, tendo o mal atingido o coração, complicando com os rins e diversos outros sintomas qual deles mais grave. Era geralmente tida na conta de piedosa; qual não foi, porém, a decepção de seus pais e amigos dedicados quando à proposta de se confessar só obtinham como única e insistente resposta que quando melhorasse receberia os Sacramentos na Igreja, mas só lá e não em outra parte. Tão renitente estava nesta sua determinação que durante 2 horas frustou completamente todas as tentativas do seu próprio confessor. No dia seguinte, 1.º Domingo de Julho, voltou de manhã o mesmo Sacerdote porém sem melhor êxito. Por outro lado o seu estado cada vez mais se agravava, tendo convulsões horríveis, dizendo sentir fogo na boca, etc. Uma sua tia, Senhora muito piedosa e dedicada, sabendo-a devota de N.ª S.ª da Fátima, cujo novena gostava de fazer, bem como de ler o jornalzinho *Voz da Fátima* quando a viu sem mais acordo, quási sem ver nem ouvir, como recurso extremo meteu-lhe a novena debaixo do travesseiro, dando-lhe ao mesmo tempo de quando em quando umas gotinhas da água milagrosa, implorando conjunctamente de N.ª S.ª quer o seu alivio físico, quer a aceitação dos Sacramentos. Já se pensava em lhe administrar assim mesmo ao menos a Extrema-Unção, chamando-se para isso o Sacerdote que determinou impôr-lhe o escapulário de N.ª S.ª do Carmo e se dispunha a aplicar-lhe condicionalmente a indulgência para a hora da morte, senão quando a doente recupera toda a lucidez e não só pele expontaneamente a confissão e os demais Sacramentos, mas suplica insistentemente ser admitida Filha de Maria, cujos deveres quere conhecer minuciosamente para fielmente os cumprir.

Nos dias que ainda lhe restavam de vida por sua espontânea vontade tornou ainda a comungar e rezava o terço meditado pelo livro de orações, tudo com demonstrações da mais sincera e inequívoca piedade.

Dai em diante até expirar em nenhum apreço teve coisa alguma do mundo para todo o seu espírito concentrar só em Deus em cujo seio anhelava repousar, como de facto repousou plàcidamente aos 29 do mesmo mês.

Percília de Carvalho Negromonte, residente em Recife, à Rua João Teixeira, vem agradecer a N.ª S.ª do Rosário da Fátima uma importante graça obtida por intermédio da sua bemdita novena.

Achava-se uma pessoa amiga seriamente doente e em condições de não poder continuar a exercer o seu cargo. Começada uma novena a N.ª S.ª da Fátima, já aos 8 dias se achava a doente muito melhorada e com ânimo para continuar o seu antigo trabalho, e com poucos dias mais estava completamente restabelecido.

Agradeço a N.ª S.ª do Rosário da Fátima uma graça extraordinária que dEla obtive com promessa de publica-la na *Voz da Fátima*.

J. F. — Recife.

Setembro-1930

Um doente que de há 2 anos a esta parte vinha arrastando com graves sofrimentos, em fins de Agosto teve os ditos agravados com uma meningite e congestão cerebral. Além das dôres que eram violentas, quási por completo se lhe tolheu a fala e neste estado o fui encontrar na tarde do dia 1 de Setembro. Para o animar comecei por lhe incutir sentimentos de confiança em N. Senhor e N.ª S.ª, narrando-lhe alguns prodígios de N.ª S.ª da Fátima.

De natural bom, tudo ouvia com gôsto e manifesto apreço, o que me animou a dar-lhe uma novena que êle tomou examinando a estampa com particular carinho. O mais importante porém foi a eficácia da dita novena com a qual na mão, passados poucos minutos, o doente começou a falar com relativa facilidade, o que arrancou ao próprio doente a exclamação: «oh! como N. Senhor é bom! Eu não podia falar e agora estou falando!...» Dêste modo se poude confessar direitinho, pedindo em seguida uma colherinha de água milagrosa, dando em tudo sinais de manifesta piedade. Conservou-se muito sereno o resto do dia, no seguinte recebeu com visivel devoção os Santos Sacramentos, sentia prazer em estreitar contra o peito, ora o crucifixo, ora N.ª S.ª da Fátima, cuja água pedia de quando em quando, até que no dia 3, sobrevindo uma crise mais violenta, descançou finalmente no Senhor, deixando sua extremosa esposa e parentes, se bem que profundamente magoados pela perda, ao mesmo tempo grandemente consolados por tão prodigiosa intervenção de N.ª S.ª da Fátima.

Que ditoso e prudente é aquele que procura ser na vida qual deseja que Deus o ache na morte.

Da *Imitação de Cristo*

Avisos

1.º — Toda a correspondência deve ser dirigida daqui por deante ao Rev.º P.º António dos Reis — Seminário de Leiria.

2.º — Rogamos o favor de nos devolverem os jornais em duplicado para sabermos o número que vai na cinta. Sem êste número é muito difícil e às vezes impossível atender as reclamações.

3.º — Esperamos que os assinantes em dívida nos enviarão, directamente, em vale ou carta registada, a importância das assinaturas.

Voz da Fátima

Despesa

Transporte...	228.292$10
Papel, composição e impressão do n.º 97 (84.000 exemplares)	4.383$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	1.438$05
	234.113$15

Donativos vários

Beatriz de Paiva de Morais Leite Brandão (Seixo), 50$00; Carlos Vitoriano, 203$00; povo de Salvaterra de Magos e Coruche, 200$00; Domingos Ferreira dos Santos, 90$00; Idalina Duarte de Oliveira e Maia, 97$50; Cindazunda Ribeiro, 50$00; Antónia Gaspar Fernandes Gião, 100$00; P.e António Plácido Fernandes, 50$00; Albina Alves, 37$50; Maria das Dôres Tavares de Sousa, 175$00; Teresa Amorim, 100$00; na Misericórdia da Póvoa de Varzim, 73$65; Brites Alves Andorinha, 50$00; Ilda Duarte Rodrigues, 50$00; Alberto Monat, 252$45; Alzira Calado, 70$00; vários assinantes de Ancora e Távora, 110$00; prior de Midões, 50$00; João Albino Custódio, 52$50; António Coelho da Rocha, 130$00; Maria F. M. Reimão Nogueira, 50$00; P.e Carlos Assunção Dantas, 100$00; Francisca Romana, 36$10; Francisco F. Brandão, 50$00; Maria Fernandes Camaronete, 140$00; Manuel Duarte Ortigo (Brasil), 22$32; Ir. Maria dos Anjos Teixeira, 40$00; F. A. Xavier (de Hongkong), 350$00; Maria Isabel da Costa Russo, 60$00; na capela da Vera Cruz (Candal), 27$50; Maria Ferreira Rodrigues, 40$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas quando da distribuição de jornais: na Igreja de S. Mamede em Lisboa, no mês de Setembro de 1930, por Laura Gouveia, 10$00; na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Outubro de 1930, por Maria Matilde da Cunha Xavier, 31$20.

O mundo presente e o futuro

«O mundo passa e nós passamos com êle (é o Santo Cura d'Ars que fala). Os reis, os imperadores, tudo desaparece. Tudo se abisam na eternidade donde se não volta mais. Não se trata senão duma coisa: salvar a nossa alma.

Os santos não estavam presos nos bens da terra; só pensavam nos bens do Céu. Os mundanos, pelo contrário, só pensam no tempo presente.

E necessário fazer como os reis. Quando vão ser destronados, mandam adiante os seus tesouros. Do mesmo modo um bom cristão envia para a porta do céu tôdas as suas boas obras.

O bom Deus coloca-nos aqui sôbre a terra, para saber como nos conduziremos e se o amamos; mas ninguém cá fica.

Se refletissemos nisto, elevariamos sem cessar os nossos olhos para o céu, nossa verdadeira pátria.

Mas nós deixamo-nos arrastar ora dum lado ora doutro, pelo mundo pelas riquezas e pelos gosos.

Vêde os santos: Como eram desprendidos do mundo e da matéria! Como olhavam tudo isto com desprezo!

Um religioso, tendo perdido seu pai, encontrava-se senhor de grandes bens. Quando lhe trouxeram esta notícia perguntou: Há quanto tempo morreram meus pais? Há três semanas, lhe responderam.

Dizei-mé: uma pessoa que já morreu pode herdar?

Com certeza que não.

Pois bem. Eu que já morri há vinte anos não posso herdar de quem morreu há três semanas.

A terra é uma ponte para passar a água. Serve apenas para sustentar os nossos pés...

Nós estamos neste mundo mas não somos dêste mundo, pois todos os dias dizemos: Pai nosso que estais no céu... Devemos portanto esperar a nossa recompensa quando estivermos em nossa casa, na casa paterna».

Olhar para... dentro

«Deus chama a todos, grandes e pequenos, à sua intimidade.

Viver com Deus é viver dentro do nosso próprio coração; o Senhor é um Deus comnosco.

Mas então, se o Senhor está tão próximo de nós que em nós mesmos O temos, porque serão tão cerimoniosas e frias as nossas relações que quási só se manifestam nas práticas meio oficiais do culto exterior, sem o convívio íntimo duma vida a dois?

E' que, para entrar no reino de Deus, intimidade de Jesus — intimidade dia união — temos de conformar a nossa vontade à sua.

E é tão difícil passar pela terra tocando-lhe só com os pés, sem deixar o coração prender-se a nada de humano!

Tão difícil lutar contra nós mesmos para dar o triunfo a Deus sôbre a nossa vontade!

Por isso a vida sobrenatural, que deveria ser para todos, é afinal para tão poucos.

Mas, se queremos ser felizes, temos de entrar no pequenino número dos que se desprendem do mundo e se renunciam a si mesmos para viverem para Deus.

Viver com Deus! Não é outra a felicidade no céu; e só esta existe também verdadeira na terra».

Quando o coração não é puro...

Quando se procuram as causas da incredulidade, facilmente se encontra esta — a luxúria.

E não admira.

O homem deshonesto torna-se semelhante ao animal, escravo dos apetites carnais e procura a sua felicidade onde o animal a encontra; ora o homem animal não percebe as coisas que são do espírito, como diz S. Paulo.

Para socegar a consciência que lhe repreende as suas baixesas, para se abandonar sem medo e sem remorso às suas vis paixões, procura arrancar do espírito tôda a idéa de Deus. Tarefa relativamente fácil, porque a própria devassidão vai obscurecendo a inteligência.

«Li, diz um escritor notável, li todos os livros que me foi possível e posso garantir que todos aqueles que apostataram da fé católica foram pessoas de má vida».

Henrique VIII, rei de Inglaterra, que tinha merecido o epíteto de defensor da fé, abjurou a religião católica para caír no adultério.

Lutero despiu o hábito de Santo Agostinho e abandonou a religião católica por causa das suas relações ilícitas.

Teodoro de Beza, apertado pela lógica de S. Francisco de Sales, estava quási resolvido a voltar à Igreja, mas a luxúria o impediu. Apontando para uma jovem lindíssima exclamou: «Não posso!... Ali está a causa da minha incredulidade!»

Assim, muitos que dizem que não há Deus, deveriam dizer para serem sinceros: «Não me convém que haja Deus, porque quero satisfazer a minha paixão deshonesta».

Só o homem...

Um dia, o célebre astrónomo Arago explicando em uma conferência pública as grandes leis da mecânica celeste, fazia admirar a regularidade do movimento dos céus e a ordem que preside à marcha dos astros. E a propósito disse:

—Na próxima semana vamos ter um eclípse de sol visivel em Paris. A lua se encontrará em conjunção com o sol e a luz deste astro-rei será interceptada para a terra.

Em tal dia pois, meus senhores, a tal hora, a tal minuto, a tal segundo, três grandes astros corresponderão, não à nossa predicção mas à ordem de Deus... *Só o homem a não cumpre.*

A esta última frase pronunciada lentamente, com uma voz grave, tôda a assembleia sentiu um íntimo estremecimento.

Ano IX — Leiria, 13 de Dezembro de 1930 — N.º 99

VOZ DA FATIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Antônio dos Reis.*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

A PEREGRINAÇÃO DO DIA 13 DE NOVEMBRO

Visita de três ilustres Prelados.-Romagem das Filhas de Maria de Belém, Lisboa. -Inauguração solene da cabine telefónica.

No dia treze de Novembro último, realizaram-se, segundo o costume, nos santuários da Cova da Iria, as cerimónias comemorativas das aparições e dos fenómenos miraculosos de 1917.

O concurso de peregrinos não foi tão numeroso como em igual dia de qualquer dos meses do Estio, não se efectuou a procissão das velas, não houve a adoração nocturna solene do Santíssimo Sacramento, mas, em compensação, o silêncio e o recolhimento foram maiores, permitindo tornar mais vivas, e mais intensas, posto que menos ruidosas, as tradicionais manifestações de fé e piedade.

A doçura e amenidade do tempo, verdadeiramente primaveril, fez que milhares de pessoas das povoações circunvisinhas acorressem à Cova da Iria, para assistirem à missa dos doentes e ao sermão. Durante tôda a manhã, centenas de homens passaram pela Penitenciaria, onde foram preparar-se pela confissão sacramental, para a recepção fervorosa do Pão dos Anjos. Prègou o sermão oficial o rev.º pároco da Serra de Santo António. Os doentes, a cada um dos quais foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento, eram em grande número, ocupando quási todos os bancos do respectivo Pavilhão.

Depois da publicação da Carta Pastoral de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, sôbre o culto de Nossa Senhora de Fátima, já três venerandos Prelados visitaram o Santuário das aparições. Foram êles os Ex.mos e Rev.mos Senhores D. Teotónio Vieira de Castro, Patriarca das Índias, D. António Antunes, Bispo Coadjutor de Coimbra, e D. José da Cruz Moreira Pinto, Bispo de Viseu. As visitas realizaram-se respectivamente nos dias 23 de Outubro, 12 e 14 de Novembro. Os ilustres visitantes celebraram o Santo Sacrifício da Missa na capela das aparições e almoçaram no Hotel de Nossa Senhora do Rosário, de que é proprietário o Sr. Marquês de Rio Maior, retirando no mesmo dia em que chegaram.

Segundo anuncia o diário católico de Lisboa «Novidades», a Congregação das Filhas de Maria de Belêm pediu licença a Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca para promover uma peregrinação de Filhas de Maria ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Nesta peregrinação podem tomar parte Filhas de Maria, pessoas de suas famílias e quaisquer pessoas apresentadas e recomendadas por alguma Filha de Maria. Ainda se não sabe quando se realizará esta peregrinação, que certamente virá a ser muito notável pelo número e qualidade dos peregrinos, mas supõe-se que não será antes da Primavera.

Sua Eminência aprovou com paternal interesse a piedosa iniciativa da Congregação das Filhas de Maria de Belêm, dignou-se conceder a licença pedida e nomeou seu representante e director da peregrinação Monsenhor Gonçalo Nogueira, ilustre e zeloso pároco da frèguesia. Receberá as adesões e dará esclarecimentos a secretária da Congregação das Filhas de Maria de Belêm, na igreja dos Jerónimos.

Fátima está actualmente dotada com uma cabine telefónica, cuja inauguração se realizou no dia treze de Novembro.

Assistiram ao acto os Ex.mos Senhores Bispo de Leiria, Governador Civil de Santarém, Presidente da Câmara, Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém, Barão de Alvaiázere e muitas outras pessoas de representação.

A cabine ficou instalada no Hotel de Nossa Senhora do Rosário.

Na Fátima aguardavam a chegada dos convidados os membros da Junta da Frèguesia e grande concurso de povo.

A banda de música de Minde tocou o hino nacional à chegada dos convidados de Lisboa, tocando também o hino do Senhor Bispo de Leiria, quando êste chegou ao local.

O sr. Governador Civil, na ocasião da inauguração falou para Oliveira de Azemeis com o Senhor Presidente da República e com vários Ministros e para Lisboa com o Sr. Marquês de Rio Maior, proprietário do Hotel e grande benemérito de Fátima.

A inauguração seguiu-se o almoço, em que tomaram parte cêrca de cincoenta convidados, trocando-se no final vários brindes. O primeiro a falar foi o digno Administrador do Concelho, sr. Tenente Adriano da Conceição, cavalheiro de primorosa educação e fino trato, que no exercício do seu cargo, tão eriçado de espinhos, tem revelado qualidades superiores de inteligência e de acção aliadas a uma firmesa e uma conduta crédoras dos mais rasgados elogios.

O distinto funcionário congratulou-se com os que vão beneficiar dêste importante melhoramento, agradecendo aos Senhores Bispo de Leiria, Governador Civil e demais convidados o terem vindo compartilhar da alegria, que a instalação da

Imagem de Nossa Senhora de Fátima colocada no jardim do Asilo de S. José (Altersheim St. Josef) em Altshaúsen (Kurttemberg)

ALEMANHA

Esta estátua foi feita, segundo a fotografia enviada de Leiria, pelo escultor Franz Albertani, de Bregenz (Bodensee), encomenda dos asilados (homens e mulheres) a seguir a uma conferência do Rev. Dr Fisher. As ofertas daqueles pobresinhos hão de atraír as Bênçãos do Senhor por intermédio da Virgem Santíssima sôbre o seu Asilo.
É a primeira estátua de madeira de N.ª S.ra da Fátima feita na Alemanha.

cabine telefónica causa em todos os que acorrem a Fátima.

O venerando Prelado de Leiria descreve, a largos traços, o que Fátima era há treze anos e o que é hoje. O nome de Fátima, diz Sua Excelência Reverendíssima, ecoa em todo o mundo. Muito se tem feito, mas é necessário fazer-se muito mais. Procurando, a par do progresso moral, o progresso material da sua diocese, tem trabalhado para conseguir a linha férrea até Fátima, para que até ali possam chegar os peregrinos mais rápida e mais cómodamente. Agradece à autoridade superior do distrito as facilidades que tem concedido às peregrinações ao Santuário e faz votos por que não se deixe ficar no esquecimento o plano de urbanização, complemento ou termo do que materialmente se tem feito o início duma nova cidade em terras de Portugal.

Usaram da palavra ainda outros oradores, entre os quais o Sr. Barão de Alvaiázere, e por último o Sr. Governador Cívil de Santarém, Sr. Major Verdades de Miranda, que prometeu interessar-se junto do Govêrno da República, para ser posto o mais depressa possível em execução o plano de urbanização.

Visconde de Montelo

Nota — No título da crónica do último número da *Voz da Fátima* onde se lê «Os diversos esplendores de Fátima» deve ler-se «Os divinos esplendores de Fátima» e no último sub-título, onde se lê «Uma peregrinação belga» deve ler-se «uma peregrina belga».

—**—

SERMÃO DO DR. LUÍS GONZAGA DA FONSECA

« Caros diocesanos:

« Em virtude das considerações expos-
« tas e outras que omitimos por brevi-
« dade, invocando humildemente o Divi-
« no Espírito Santo e confiados na pro-
« tecção de Maria Santíssima, depois de
« ouvirmos os Reverendos Consultores
« desta nossa Diocese,

« havemos por bem

« 1.º declarar como dignas de crédito
« as visões das crianças na Cova da Iria,
« freguesia de Fátima, desta Diocese, nos
« dias 13 de maio a outubro de 1917;

« 2.º permitir oficialmente o culto de
« Nossa Senhora de Fátima.»

(Da Carta Pastoral de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. D. José Bispo de Leiria, Sôbre o culto de Nossa Senhora de Fátima).

Eis o grande acontecimento que assinalou êste dia! acontecimento que o deixará perpètuamente gravado com letras de oiro não só na história de **Fátima** e nos anais da nossa Pátria, — mas em geral nos fastos Marianos e nos monumentos da Igreja Universal.

Acontecimento há 13 anos desejado, invocado do céu, pedido aos homens, esperado paciente e impacientemente por tantos corações: ora trepidantes de hesitação, ora exultantes de confiança, sempre inflamados no amor de Nossa Senhora de Fátima, sempre ávidos da sua glorificação, sempre sequiosos da amplificação do seu culto.

Finalmente veio o dia, e é hoje, que fas cessar tôdas as hesitações, que serena tôdas as ânsias, que confirma tôdas as esperanças: *as Aparições de Fátima são autênticas; o culto de Nossa Senhora de Fátima é pela autoridade competente oficialmente permitido.*

Meus irmãos!

Perante êste momentoso acontecimento, de tão extraórdinária importância, o nosso primeiro gesto deve ser levantar olhos e corações ao céu: *sursum corda!* o nosso primeiro sentimento deve ser um acto de profunda e imensa gratidão para com Deus, pai das luzes e autor de tôdas as graças, a primeira palavra de nossos lábios um hino de agradecimento, um *magnificat* de glória ao céu que atendeu aos nossos votos, que despachou as nossas súplicas, e finalmente nos fez ouvir a sua voz!

Já há 13 anos neste mesmo dia, o céu falou. Quando no dia e hora preditos, a um gesto da Aparição, as nuvens se rasgaram, e o sol apareceu — fenómeno único na história, — transformado numa imensa girândola de fogo de artifício, digna da mão omnipotente do Criador, que era isto senão a homenagem do céu Àquela que o Espírito Santo celebra radiosa e pura como a aurora, formosa como a lua, escolhida e deslumbrante como o sol? e essa homenagem que era senão a voz do céu que falava, e na sua linguagem luminosíssima nos atestava a presença da Augusta Rainha do império?

Hoje a voz do céu tornou a fazer-se ouvir; não porém a voz déste céu material, senão a voz do céu dos céus, a voz de Deus, — que nos fala pela voz da Igreja, coluna e firmamento da verdade; — e essa voz transmitida pelo seu porta-voz visível, por Aquele a quem o Espírito Santo assiste para bem governar a Igreja Leiriense, falando diz-nos: *As aparições da Cova da Iria são autênticas; o culto de Nossa Senhora de Fátima é oficialmente permitido.*

Verdadeiramente até agora os corações sentiam-nA, os olhos quási A viam, as mãos quási A tocavam; — e se alguém pensava numa ilusão, — logo a consciência e a fria razão e mais ainda o amor filial protestavam: Não! não podia ser! não era ilusão a sinceridade dos videntes! não era ilusão a cura prodigiosa dos doentes! não era ilusão êste espectáculo nunca visto de fé e piedade alastrando-se, avolumando-se, crescendo sempre de mês para mês, de ano para ano como as águas de um rio caudaloso, como as vagas de um oceano imenso impelidas pelo vento de Deus! Podiam lá ser ilusão êsses milagres espirituais, êsse remoçar da fé nas almas, essa primavera celestial que a aparição de Nossa Senhora de Fátima, ao toque macio da sua mão, ao conchego materno do seu olhar germina por êsse Portugal em fora, e além fronteiras por tôda a parte onde Ela vai sendo conhecida e invocada?!...

Mas hoje a Igreja falou; e embora o juízo pronunciado não seja uma definição dogmática, é sempre a Mestra infalível da verdade que fala e ensina, é sempre a sua autoridade que confirma e dá fôrça aos argumentos da razão humana.

Por isso agora podemos seguramente crer nas aparições da Cova da Iria, — agora podemos confiadamente invocar a milagrosa protecção de Nossa Senhora de Fátima, — agora podemos com devoto entusiasmo propagar o seu culto.

E o seu nome apregoado ao longe pela voz da Igreja, será mais ràpidamente conhecido, será mais fervorosamente invocado de um polo ao outro do mundo, sem que haja ninguém que se esconda ao seu benéfico influxo.

Benedictus Deus! Bendito o Senhor que nos deu êste dia de gôzo e júbilo inefável! Bendita a Mãe de Deus que tal glória reservou à nossa terra!

Bendito o Prelado desta diocese, — privilegiado de Maria, — que dócil à inspiração do alto colocou na frente da augusta Raínha do Rosário mais êste diadema!

Para fundamentar e tornar mais sentida a nossa gratidão consideremos, meus irmãos, o que é para nós esta Cova da Iria, — o que nela nos deu Nossa Senhora de Fátima.

I

O que é a Cova da Iria?! o que nos deu n'ela Nossa Senhora de Fátima?

Mas deu-nos uma porta do céu, por onde podemos lançar um olhar aos mistérios da glória, e gozar na terra horas de paraíso; deu-nos uma fonte perene de milagres; deu-nos um sanutuário do sobrenatural; deu-nos a maior escola de piedade e virtudes cristãs; deu-nos o maior teatros das suas glórias, o trofeu mais glorioso das suas vitórias; deu-nos uma fortaleza invisível para a defeza da religião e para a conquista pacífica do Reino de Deus.

Tudo isto nos deu, porque tudo isto e mais ainda é hoje para nós esta abençoada Cova da Iria.

1.º *Uma porta do céu* aberta aos nossos olhares, o vestíbulo do Paraíso sobre a terra. Quando Jacob se ia peregrinando para a Mesopotamia viu em sonho uma escada lançada da terra ao céu, e os anjos de Deus que por ela subiam e desciam. Despertando aterrado exclamou: «Terrível é êste lugar; aqui não é outra coisa que a casa de Deus e a porta do céu».

Mais que os Anjos, a Raínha dos Anjos, no explendor da sua glória e na bondade do seu amor materno aqui neste lugar não uma senão quatro, cinco, seis vezes se dignou aparecer! olhos mortais viram o seu sorriso e a sua tristeza; ouvidos mortais ouviram os melodiosos acentos da sua voz, escutaram os seus desejos, as suas súplicas os seus conselhos maternais.

Azinheira bendita, que serviste de trono à Raínha do céu! Abençoada Cova da Iria — santificada pela sua presença — não serás com mais razão a porta do céu, onde desceu até nós a sua Raínha?

Por isso não admira, meus senhores, que aqui as almas se sintam como fóra do mundo, esqueçam a terra e as suas misérias, orem com mais fervor e devoção que em qualquer outro santuário, aspirem perfumes celestes, auras de vida eterna! São os perfumes da Virgem Santíssima, é a bênção deixada aqui pela sua presença!

Almas imersas nos cuidados da vida, corações atolados na matéria, homens sempre curvos para a terra, vinde aqui a respirar o céu, vinde recordar-vos que para o céu sois feitos e para êle deveis ir de fronte erguida.

2.º *Uma fonte perene de milagres,* uma terra de prodígios; milagres físicos para a saüde dos corpos, milagres morais para a ressurreição das almas.

Nem todos os enfermos se curam, nem todos quere a Mãe de Deus curar. Não se curam todos, porque o milagre é sempre uma intervenção extraordinária de Deus, e deixaria de o ser, se não fosse uma excepção. E a Mãe Santíssima não quere curar milagrosamente a todos — Ela mesma o disse — porque é Santa e porque é Mãe. E Santa, e... quantos por seus pecados se tornam indignos da graça que pedem?!... Sobretudo é Mãe, e não concederá milagres àqueles a quem vê que a saüde seria prejudicial para a vida eterna.

Mas entretanto quantas curas prodigiosas aqui operadas? Quantas úlceras incuráveis, quantas tuberculoses desesperadas, quantas paralisias de anos, quantas outras doenças rebeldes a todos os esforços da sciência — aqui acharam remédio novo e inesperado?

E quanto mais numerosos os enfermos, que achavam alívio físico aos seus sofrimentos! e quantos, quantos mais os que daqui levavam resignação, fôrça, corágem para permanecer na sua cruz, convencidos de que era para êles o seguro vehículo do céu?

Mas se as coisas físicas, os milagres operados nos corpos são admiráveis e numerusíssimos, — os milagres da alma, as conversões prodigiosas, as ilustrações inesperadas das inteligências, os abalos irresistíveis dos corações — quem os pode contar?

Digam-nos êsses confessionários, atestem-nos os ministros de Deus! O Senhor tem-nos registados todos no livro da vida — e um dia os veremos com pasmo, porque não se contam a dezenas nem a centenas de milhares, — quem sabe se já a milhões?

Meus Irmãos: e a fonte dos milagres não se exgotou nestes 13 anos! Começou apenas a correr! A Mãe de Deus é como seu divino Filho! Os seus dons são pela medida do seu amor; são sem fadiga nem arrependimento. Tenhamos nós fé! tenhamos fé como um grão de mostarda! tenhamos confiança inabalável no seu poder! não duvidemos da sua bondade — e veremos como os milagres físicos e os milagres morais se multiplicam sem número nem limites!

Jesus costumava perguntar aos que lhe pediam milagres: podeis crer? Tendes fé?! — Pois faça-se o que pedis à medida da vossa fé!

Essa fé era grande, os cegos viam, os coxos caminhavam, os leprosos ficavam limpos, os mortos ressucitavam — na ordem física e na ordem moral.

Tenhamos fé nas promessas de Nossa Senhora de Fátima! tenhamos fé no seu poder — omnipotente! tenhamos fé no seu amor — mais que materno! tenhamos fé na sua palavra — infalível! e mesmo, ainda mais que no passado veneremos também aqui nesta terra de prodígios, nesta fonte de milagres, veneremos os cegos iluminados, os côxos sarados, os enfermos de tôda a sorte miraculados, e até mortos ressuscitados todos, para glória de Deus e para glória de Maria.

3.º *Um santuário do sobrenatural.* Hoje no século do materialismo, hoje que as almas, cansadas e desenganadas de não encontrarem na matéria saciedade às suas mais nobres aspirações, sentem tôda a nostalgia da sua origem, — hoje Fátima, como Lourdes, é mais que uma revelação, é uma manifestação palpável do sobrenatural. Aqui vê-se a eficácia da oração, aqui toca-se a providência de Deus, aqui sentem-se as acções de Maria, aqui até os véus eucarísticos parecem tornar-se transparentes — e os nossos olhos a momentos vêem a Jesus passando compadecido das turbas, abençoando e curando os enfermos, consolando os tristes, fazendo bem a todos; *Pertransiit bene faciendo!*

Ah! quem, vindo a Fátima, não volta de cá mais crente com a fé mais viva, com as convicções mais arraigadas, mais pronto a lutar contra a onda invadente do mal e da incredulidade?!

4. Mas aqui temos nós a *melhor escola de virtudes cristãs.*

Neste lugar árido e deserto não há atractivos da terra, não há belezas naturais, não há confórto e comodidades que atraiam. Aqui tudo é oração, mortificação, penitência, caridade mútua, humildade, — num exercício contínuo, e quanta vez cheio de heroísmos!

Bendita a Mãe de Deus que tal escola prática de virtude veio aqui abrir!

Aproveitemo-la, meus senhores! saiamos daqui mais cristãos, mais fervorosos, mais santos!

4. Por isso ainda — é aqui o maior *teatro das glórias de Maria.*

Onde teve ela nem tem em todo o mundo apoteoses tão ardentes como as da Cova da Iria? onde se viram como essa por exemplo de que ha poucos minutos fomos espectadores e actores? nunca peregrinos aos 100, aos 200, aos 300 mil fundidos num só coração e numa só alma, amar assim, vitoriar assim a Mãe de Deus, ofertar-lhe assim os corações com todo o seu amor, os olhos com tôdas as suas lágrimas, os lábios com todos os seus vivas e cantos, as mãos com todos os seus aplausos e flores — os corpos e as almas com todo o ser, com tôdas as energias — como aqui em Fátima?

Os estranjeiros assombrados e não crendo aos próprios olhos confessam que é «espectáculo único no mundo! e que em tôda a terra há uma só Fátima».

Bendita seja a Mãe de Deus que assim honrou a nossa terra, bendita a fé e a piedade do bom povo português, bendita, meus Irmãos, a vossa piedade que assim sabeis glorificar a Maria!

5. Mas ainda o mais consolador é, meus irmãos, que Fátima é *a praça forte,* a fortaleza invencível — que resistiu victoriosa à guerra desencadeada pelo inferno e seus adeptos contra a fé de nossos maiores e nossa! à guerra de extermínio que prometia acabar em três gerações com a Religião católica em Portugal! Graças à Virgem Senhora Nossa de Fátima! é ver! — não passou meia geração, os profetas do mal aí estão ainda para serem testemunhas do descalabro das suas profecias. Nunca a fé apareceu tão vigorosa e florescente! — e ainda é só o princípio da primavera! A Virgem Mãe há-de a fazer florescer cada vez mais! há-de salvar a nossa fé, há-de salvar com ela a nossa Pátria.

Assim, meus Irmãos, Fátima é — graças à Virgem Senhora Nossa — um vestíbulo do céu na terra, uma fonte de milagres, uma escola de virtudes, o penhor da nossa esperança, a praça forte da nossa defeza, o padrão da nossa glória!

Audi, Israel, et vide! Ouve, ó Israel, e vê!

Repara bem, meu Portugal, verdadeiro povo de Deus, repara bem e dize-me, que nação há aí tão grande e tão poderosa no mundo, que assim se veja favorecida da Mãe de Deus, tão enriquecida das suas graças, tão mimosa dos seus carinhos?

Envejávamos Lourdes, e as suas demonstrações de fé, e a sua fonte perene de graças?

Aqui temos, — menos belezas naturais sim, — mas em compensação não menos fé, não menos graças, não menos sobrenatural, multidões mais compactas de peregrinos, mais extraordinários heroísmos de devoção e de penitência, explosões de santo entusiasmo mais delirantes;

Por tudo isto! — pelos benefícios recebidos no passado, — pelo grande benefício, corôa de infinitos outros, hoje recebido, — pela certeza dos mais que receberemos no futuro, suba desta terra bendita, dêste trono de graças da Virgem de Fátima ao trono da sua glória no céu, suba a gratidão mais ardente, o amor mais acrisolado dos nossos corações, o hino mais sentido dos nossos lábios!

Quando a Virgem Santíssima aparecia sôbre a azinheira, uma nuvem misteriosa envolvia a arvorezinha e os videntes... seja como essa nuvem o incenso do nosso amor que suba ao céu...

Virgem Santíssima, Nossa Senhora de Fátima! nossa mãe! nosso amor! nossa glória! nossa divina Padroeira! — recebei neste dia solene o tributo da nossa infinita gratidão por tantos benefícios,

por tantas e tão ternas prendas do Vosso amor!

Nós Vos bendizemos por terdes colocado neste logar o trono das vossas glórias, o propiciatório das vossas misericórdias, a fonte manancial das Vossas graças e milagres. Nós Vos bendizemos sobretudo pelo amor inefável do vosso coração materno, pela solicitude e ternura e carinhos de que rodeais êstes vossos filhos, os mais pequeninos e humildes da vossa imensa família, mas por isso mêsmo os vossos mimosos, os vossos benjamins.

Acolhei a homenagem dos nossos corações a trasbordar de afecto filial para convosco! acolhei os louvores dos nossos lábios, as lágrimas dos nossos olhos, o Magnificat de gratidão, amor e glória que vos canta todo o nosso ser a vibrar nos entusiasmos da mais sentida piedade, da mais incondicionada devoção. Comnosco — bemdiga-Vos todo o vosso Portugal, terra vossa, solar abençoado dos vossos carinhos maternos! Bendigam-Vos todos os vossos filhos em tôda a Igreja *quae sub coelo est!* Bendigam-Vos inebriados na vossa contemplação os anjos do céu! Bendiga-Vos o Universo inteiro — num *Te Deum* de glória imenso, digno da imensidade do vosso amor!

II

Meus Irmãos:

Não basta agradecer com palavras e afectos, — é preciso agradecer com obras! Vimos o que a Virgem Senhora de Fátima nos dá nesta Cova bendita. — Vejamos, oiçamos o que nos pede, — para que correspondendo fielmente aos seus desejos nos tornemos cada vez menos indignos das suas predilecções. Quem é tão privilegiado de Maria, não deve contentar-se com qualquer piedade filial, deve assinalar-se singularmente entre os seus devotos!

Ora que nos pede a Virgem Senhora de Fátima?

Pede oração, penitência,
pureza, apostolado!

1. — *Oração.* Aparece com o rosário, — orando e ensinando a orar; exorta os videntes a que orem, a que rezem quotidianamente o terço — para aplacar a ira de Deus, para obter o perdão dos pecados, para esconjurar os castigos que nos ameaçam.

A oração é a chave do céu: quem ora, salva-se; quem não ora, não se pode salvar.

Oremos! Frequentemos a Missa, os Sacramentos, o santo Rosário. Não haja um só peregrino de Fátima, que não leve daqui a resolução inabalavel de honrar todos os dias a Mãe SS. com o terço, ao menos, do seu Rosário. É uma devoção tão simples e tão divina; tão fácil e tão eficaz para obter graças de Deus e santificar a alma! As mais belas e divinas orações, que nunca proferiram lábios humanos! os mistérios inefáveis que operaram a Redenção do mundo!

É uma devoção tão portuguêsa, tão nossa! Façamo-la reviver, onde morreu; cultivemo-la carinhosamente, onde vive. Tôdas as noites o terço em família. Que divina música aos ouvidos e ao coração da Mãe de Deus! Crêde-me: Ela no céu fará calar as músicas angélicas para ouvir a das vossas Avé Marias.

2. — *Penitência.* É a segunda recomendação da Mãe SS. Para que a nossa oração seja aceite a Deus e à Mãe de Deus, é preciso que não apareçamos na sua presença com o pecado na alma. Quem ora com o pecado na alma, quem ora enquanto ofende a Deus, mais provoca a sua ira, do que concilia a sua misericordia.

Portanto, meus Irmãos, façamos penitência: ponhamo-nos em graça de Deus, choremos e detestemos os pecados passados, proponhamos evitá-los cuidadosamente para o futuro. Valha-me Deus! Quanta oração, quantas novenas, quantas promessas, quantos sacrifícios para obter de N. Senhôra de Fátima algum milagre, que vos restitua a saúde do corpo e vos conserve esta vida, que afinal ha de acabar! E pela saúde da alma, que é tanto mais preciosa, pela vida da alma, que é eterna e ha de durar para sempre, quantos ha que pouco ou nada fazem!

A Cova da Iria é a piscina salutar mais ainda das almas, que dos corpos. Os milagres do corpo não dependem de nós; os milagres que saram e ressuscitam as almas pô-los Deus na nossa mão.

Meus Irmãos: ninguém se vá hoje daqui sem o seu milagre. Mortos pelo pecado, na penitência tendes a vida: ressuscitai à graça! Doentes da alma, — e quem não é espiritualmente enfermo e não só de uma, senão de muitas enfermidades? — doentes da alma, cegos, surdos, aleijados, leprosos, entrevados, na penitência tendes o rémedio: é a Mãe SS. que vo-lo oferece, que vos roga que o tomeis! curai-vos neste grande dia! e vivei depois com perfeita saúde, honrando a Virgem taumaturga pela imitação das suas virtudes.

3. — *Pureza.* Entre essas virtudes lembrai-vos, que uma recomendou Ela especialmente: a Pureza! Recomendou-a com as palavras; recomendou-a com a tristeza maguada que lhe causava o pecado impuro; recomendou-a com a candura luminosa da aparição; recomendou-a com a sua mesma veste modestíssima, como tecida de lírios e neve. Era a sua virtude predilecta. Ela estava pronta a sacrificar a dignidade incomparável de Mãe de Deus, se por ela houvesse de sacrificar a pureza virginal! Mas Deus fez um grande prodigio, qual não viram os séculos precedentes, nem haviam de ver os futuros, unindo na mesma haste de Jessé a flor imaculada da virgindade com o fruto celestial da maternidade divina.

Ó jovens e donzelas, que me escutais: hoje as tentações são tantas! hoje o mundo é um lodaçal de corrução! hoje a sociedade é um pântano donde se esalam miasmas de todos os vícios!

Fugi de modas desonestas! Vesti com elegancia, quanta quizerdes, mas cristã: que adorne e não profane o templo do Senhor que é o vosso corpo! Fugi, ó jovens, de más companhais, de más leituras, de maus espectáculos. Guardai a pérola das virtudes, que é o vosso mais belo tesoiro! E todos, no matrimónio ou no celibato, cultivai religiosamente a pureza própria do vosso estado. Só assim podereis agradar à Mãe imaculada, à Virgem das virgens, e contar com os seus favores.

4. — *Apostolado.* Nossa Senhora quer aqui muita gente e quer muita gente a amá-la por aí fora. Cada peregrino deve ser um apóstolo, que à volta de si ateie a devoção a N. Senhora de Fátima. É preciso que venha, em realidade ou em espírito, que venha aqui aos pés de Maria todo Portugal. Virá depois todo o mundo!

Virgem SS., Nossa Senhora de Fátima! glória da nossa têrra! vida, doçura, esperança, salvação deste povo que é Vosso! nosso refúgio, nossa Padroeira, nossa Raínha, nossa Mãe! Nós Vos amamos! nós Vos queremos amar como os que mais Vos amam! Nós protestamos aqui na vossa presença, que queremos amar-Vos e servir-Vos e fazer-Vos servir e amar mais e melhor do que ninguém. Nós protestamos, que seremos dóceis aos Vossos ensinamentos, que obedeceremos aos vossos conselhos maternos, que cumpriremos pressurosos os Vossos desejos. Oração, penitência, cumprimento exacto da lei santa de Deus, pureza da alma e do corpo, serão o programa da nossa vida! Prometemo-lo neste grande dia, prometemo-lo solenemente por nós e pelos nossos e por todo Portugal, que sempre foi, que é, que há de ser sempre Vosso!

Não ha hoje em todo êle um só lugar, onde não se venere a Vossa imagem. Não há quási uma só família, onde se não veja uma imagem Vossa, sorrindo carinhos, oferecendo bênçãos, ensinando virtudes Oh fazei que tôdas as famílias portuguêsas Vos venerem com verdadeira devoção; que tôdas as casas sejam a cópia fiel da Santa Família de Nazaré. Fazei que o vosso Portugal seja realmente a «Terra de Santa Maria.» a Vossa família, a Vossa casa, o Vosso solar; que do norte ao sul, no continente e nas ilhas e em todo o mundo, onde quer que haja um português, haja um verdadeiro cristão, haja uma lámpada a arder, um coração sempre inflamado na devoção e amor a Nossa Senhora de Fátima.

Viva Nossa Senhora de Fátima, etc., etc.

Peregrinação do Troviscal

Causou a melhor impressão, em Fátima, a peregrinação do Troviscal atendendo às condições especiais daquela frèguesia, onde alguns infelizes teem sustentado uma lamentável revolta contra o seu Prelado — o venerando Bispo de Coimbra.

Os 105 peregrinos com o seu zelosíssimo Pároco Rev.º Bastos, fizeram por penitência o trajecto de Ceissa à Fátima a pé e durante as cerimónias religiosas edificaram a todos pela sua piedade e fervôr.

A Virgem Santíssima — *Regina pacis* — leve a paz àquela frèguesia!...

Graças de N. Senhora de Fátima

Relatando algumas das muitas graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, não queremos nem devemos antecipar-nos ao juízo da Santa Igreja que neste assunto como em todos emprega as maiores reservas e cautelas.

Tanto é assim que tendo sido as aparições de Lourdes em 1858, foram julgadas miraculosas por diferentes Senhores Bispos de França, apenas 30 curas, depois de rigorosos processos canónicos a que foram sujeitas.

A palavra milagre *que, às vezes, aparece nesta secção, não é, pois, tomada em sentido rigorosamente teológico.*

Doença do estomago.

António Pereira de Matos, frèguesia da Tôrre, Concelho de Vizeu, diz o seguinte:

Sofri do estomago nada menos de 12 anos. Durante êsse tempo consultei alguns médicos de Vizeu que me declararam incurável. O meu alimento era, àlém de certos medicamentos, apenas leite e alguns ovos, alimento que de nada me valia, pois cada vez me sentia mais doente. Tão aflito me vi, que, com minha mulher, resolvemos ir ao Pôrto consultar médicos diferentes daqueles que já me haviam tratado. O Sr. Dr. António Coelho levou-me ao Raio X, e depois do exame disse-me que fôsse a casa preparar minhas coisas e que voltasse porque necessitava dum tratamento especial. Entretanto comecei a lançar sangue pela boca. Em Vizeu o Sr. Dr. Vasconcelos manifestou-me o estado perigoso em que me encontrava, de maneira que eu, desenganado pelos homens, voltei-me com grande fé para Nossa Senhora da Fátima, cujos prodígios ouvia narrar. Com grande trabalho fui a Fátima onde comunguei tendo-me confessado e comungado já na minha terra, e à volta da Fátima, juntando-me com uma família e com um tal Sr. P.e Adelino, comecei a comer de tudo, e graças à Virgem Maria, daí por diante, não mais me fez mal alimento algum.

Lesão cardíaca.

Emília Felícia do Faial, concelho de Vizeu, de 70 anos de edade, sofria ha tempos de uma lesão cardíaca. Estava de tal modo atacada do mal que já nem podia alimentar-se. Fomos, diz uma sua filha, a dois médicos e ambos nos disseram que minha Mãe devia ser operada o mais breve possível. Opozemo-nos a isso dizendo-lhes que seus 70 anos já não permitiam em minha Mãe uma operação.

Entretanto apareceu-lhe no peito um cancro cirrôzo de maneira que parecia inevitável a operação.

Daí por deante tôda a minha família começou a rezar diàriamente o terço e mais orações em honra de Nossa Senhora de Fátima pedindo-lhe pela saúde de minha Mãe. Muitas pessoas amigas se juntaram comnosco orando à Virgem da Fátima pela mesma intenção.

No dia 8 de Setembro de 1928 fomos todos comungar e depois da SS. Comunhão prometemos ali todos ir a Fátima, se Nossa Senhora, dentro de 8 dias, puzesse minha Mãe em estado de passar sem operação, e, *graças à Misericórdia de Nossa Senhora da Fátima*, passados 6 dias minha querida Mãe achou-se melhor. Apresentada imediatamente ao médico, foi por êste declarada desnecessária a operação, favôr que, cheias de alegria já fomos agradecer à querida benfeitora dos desgraçados, que é Nossa Senhora da Fátima a quem devem ser dados imensos louvôres.

Fractura duma perna.

Em cumprimento de uma promessa, venho pedir a V. Rev.ª o favor de publicar no jornalzinho *Voz de Fátima* uma graça que a S.S. Virgem me concedeu, e que passo a narrar:

Meu marido fracturou uma perna no dia 14 de Junho de 1928, e esta fractura foi de tanta gravidade qne teve de ser operado.

Para evitar que a perna fica-se mais curta, o que sucederia se os tôpos se unissem, pois havia pedacitos do osso, soltos, junto à frátura, os Ex.mos médicos operadores ligaram os ossos deixando os tôpos distanciados um pouco na esperança de que o calo se formaria e assim a perna não ficaria mais curta.

Passado o tempo marcado voltou meu marido para lhe ser tirado o aparêlho de gêsso, e a placa, mas um exame radiográfico acusou não estar o calo formado e por conseqüência não estarem os ossos consolidados o que atribuiram à idade de meu marido.

Uma nova operação se tornava necessária e que constava da extracção da placa e união dos topos. Fiquei como Deus sabe numa aflição que não se descreve por vêr o sofrimento atroz a que de novo o iam sugeitar. Como o estado da perna não permitiu nessa altura a operação regressei a casa com meu marido para voltar daí a 30 dias.

Neste entervalo de tempo recorri à S. S. Virgem N. Senhora da Fátima com tôda a confiança e comecei uma novena pondo todos os dias sôbre a perna um penso da milagrosa água de Fátima.

N. Senhora ouviu as minhas súplicas e das pessoas amigas e de família a quem pedi que rogassem a N. Senhora que não fôsse preciso segunda operação prometendo eu ir a Fátima com meu marido e publicar no seu jornal esta graça se tal sucedesse.

Terminado o prazo voltámos a Lisboa e com grande surpreza verificaram os Ex.mos médicos que os ossos haviam consolidado sendo assim desnecessária a referida operação.

A S. S. Virgem operou pois o milagre e em acção de graças peço a publicação para maior honra e glória da Mãe SS. N. Senhora da Fátima.

Lourinhã, 15-11-930

Maria dos Anjos S. da Silva Costa.

Agradecem graças a N. Senhora de Fátima

Maria Francisca Pereira, de Marco de Canavezes, creada de servir no Pôrto. Esta Senhora, por intercessão da Virgem Senhora da Fátima, alcançou a saúde que ha muitos anos havia perdido.

Monsenhor António M. dos Santos Portugal, agradece uma graça temporal e espiritual que obteve do Sagrado Coração de Jesus, por intermédio de Nosas Senhora da Fátima.

José Gomes, — R. Augusta-Lisboa agradece a Nossa Senhora uma graça temporal.

Ricardina do Rosário, de 7 anos, do Reguengo do Fetal filha de Joaquim Constantino de Carvalho teve, durante dois meses, uma perna encolhida sem acção alguma. Foi a Fátima em Outubro e dentro de três dias melhorou. Uma sua irmã *Idalina do Rosário*, de 5 anos, era cèguinha, exalando dos olhos um cheiro nauseabundo. Veio ficar a Fátima no dia 12 de Maio e à entrada do arco do Santuário começou a abrir os olhos, estando boa, dentro de poucos dias.

Graças mil sejam dadas à Misericordiosa Senhora da Fátima.

—**—

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	234.113$15
Papel, composição e impressão do n.º 98 (63.500 exemplares)	3.506$40
Franquias, embalagens transporte, gravuras, cintas, etc.	651$00
... ...	238.272$55

Donativos vários

Virginia Ferreira — Pôrto, 15$00; Elísio Focha — F. da Fóz, 15$00; D. Maria Adelaide Ferreira (Oliveira do Bairro), 15$00; *P.e David Fernades Coelho* — (Feira), 120$00; *P.e Indcio Dias* — (Maputo), 100$00; José Maria de Morais (Vila-Flor), 20$00; Francisco José Gomes Camêdo-Estremôz, 20$00; D

Maria Izabel Raposo (China), 15$00; D. Alice Monteiro Vinte Um (Viamonte), 20$00; D. Carolina de Moraes Soares (Arcas), 20$00; *Distribuição no Hospital das Caldas da Rainha*, 30$00; D. Ana Formigal Moraes (Lisboa), 20$00; P.e José Lourenço da Rocha (Açôres), 20$00; D. Sofia das D. G. Garcia *(distribuição em Obidos)*, 25$00; *D. Delfina Maria d'Almeida* (Alcaria), 90$00; *D. Joaquina da C. Duarte* (destribuição em Regel-Mafra), 160$00; João Manuel Gouveia (A. da Mata), 20$00; Capitão Pedro Correia, 20$00; Monsenhor Antônio M. S. Portugal (Ericeira), 100$00; *Horácio Martins de Sousa* (Seminário de Viseu), 58$65; D. Joana Segurado Cordeiro (Vila Alva), 20$00; Dr. Luís Baldoque Guimarães (Pôrto), 20$00; *D. Maria José da Silva* (Aveiro), 100$00; *P.e José R. S. L. e Silva* (Anha), 225$00; Dr. Angelo Neves Tavares (Redondo), 15$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira (Lisboa), 56$00; Manuel da Silva Jordão (F. da Foz), 20$00; P.e José Simeão d'Oli. Gomes (Ovar), 20$00; D. Alice de Quintanilha M. Mantas (Guarda), 20$00; D. Maria de Jesus G. L. Rodrigues (Barbacena), 40$00; *P.e Agostinho Vieira* (Cabo Verde), 100$00; *P.e Francisco Xavier da Silva* (T. Vedras), 50$00; *D. Guilhermina P. Chaves* (destribuição em Peniche), 223$00; P.e Augusto Teixeira Soares (Açôres), 20$00; Manuel Joaquim da Trindade (Madeira), 20$00; *Angelo André de Lima* (Espinho), 130$50; D. Alice do C. G. Teixeira de Sousa (Pôrto), 15$00; D. Maria do Carmo Pires (distribuição no Pôrto), 12$70; D. Eugénia do Sacramento Climaco (P. d'Arcos), 20$00; D. Augusta Nogueira (S. M. d'Infesta), 15$00; *Dr. P.e Francisco Rodrigues da Cruz* (Lisboa), 30$00; D. Maria Francisca Lima (Pôrto), 20$00; *Engenheiro Luciano d'A. Monteiro* (Lisboa), 360$00; Anónima de Caxarias, 15$00; D. Maria Genoveva Polvora (Evora), 20$00; Joaquim P. F. Gomes (Agueda), 30$00; *Tenente Joaquim C. Chaves* (L. Marques), 45$00; D. Ermelinda da Gama N. Ferreira (Chamusca), 20$00; D. Rita do Sacramento M. Alçada (Covilhã), 20$00; D. Maria J. R. B. Varelas (Evora), 20$00; D. Maria Judite R. G. (destribuição em Manteigas), 87$50; D. Carlota Trigueiros (Fundão), 20$00; *Rev.o Vigário Geral* (Setubal), 100$00; D. Maria Izabel M. da C. (distribuição em C. de Vide), 25$00; D. Maria Emília P. F. e Silva (Mangualde), 20$00; *D. Maria Soares de Matos* (Lisboa-Pedrouços, distribuição), 35$00; D. Conceição Caixas (Fiães), 25$00; Rev.o Prior de Vila Franca de Xira (distribuição), 15$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas quando da distribuição de jornais:

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, pela Ex.ma Sr.a D. Laura Gouveia, no mês de Outubro findo — 10$00.

Na Igreja de S. Tiago de Cezimbra, no mês de Setembro de 1930, pela Ex.ma Sr.a D. Gertrudes do Carmo Pinto ... ... 28$00

Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, pela Ex.ma Sr.a D Matilde da Cunha Xavier, no mês de Novembro ... ... 29$15

Harmonias do Natal...

Como naquele dia o tempo me não dava sequér para ensinar a doutrina aos pequenos, depois de rezar as «amentas», fui-me desparamentar apressado.

De repente entra-me pela sacristia um grupo alegre de rapazes e raparigas do lugar que, acompanhados duma bôa dúzia de homens e mulheres, me vinham dar as bôas festas.

Era o grupo dos cantores. Agradeci e dei-lhes os parabens pela maneira como se tinham havido naquele dia.

Abrindo caminho a custo na pequena sacristia dirige-se a mim uma rapariga que acabara de chegar, por entre a admiração de todos e o sorriso trocista de algumas amigas.

Cumprimentou-me a meia voz e, ao corresponder, reparei que chorava.

— *Que é isso Maria da Graça?*

— De olhos baixos, a rapariga não respondeu, mas uma do grupo, talvez com dôr de cotovelo, explicou logo maliciosamente:

— *...Esperanças que se vão... saudades... senhor Padre...*

— *Que é isso?* preguntei de novo, a abafar um movimento de aprovação da assistência.

Instada mas contrafeita levantou os olhos avermelhados e numa tentativa de sorriso, responde:

— *Olhe... se quere que lhe diga... nem eu sei.*

Depois lhe conto...

Até logo!...

E saiu.

Logo atraz dela feitas as despedidas tôda aquela gente se dispersou em magotes pelo lugar àlém.

Quando entrei na capela para dar graças só lá estava ela com a mãe e um irmão.

* * *

Maria da Graça era o nome que lhe haviam posto no santo baptismo.

E, na verdade, no lugar, nenhuma outra rapariga com razão se podia orgulhar de merecer, como ela, tal nome.

Em família, durante os longos serões de inverno, numa harmonia e caridade fraterna que eram o melhor louvor daquela mulher cristã, sua mãe, viúva ainda nova mas nem porisso menos forte na educação dos 10 filhos com que o Senhor lhe alegrara a vida e, em benção, lhe enchera o lar; nas descamisadas em eira de amigas; em qualquer ajuntamento de mocidade alegre e folgazã ou de gente a amadurecer pelos anos, Maria da Graça punha sempre a nota álacre da sua graça pura e scintilante.

Rapazes e raparigas, era vê-la e logo em risos cristalinos com ditos a que uma pontita de malícia não tirava contudo a nota de cristãos. Aqueles dezoito anos de mocidade em flor mereciam a indiscutivel e indisentida realeza entre a gente nova do lugar.

E que, ao olhar vivo mas meigo e terno ao encanto da voz realçalo por um pequeno defeito de pronúncia, ao porte donairoso e esbelto, numa palavra: à beleza física do seu corpo ajuntara o Senhor a beleza incomparável duma alma inocente e pura, formada com longo trabalho da mãe ajudada pela graça.

Era um encanto aquela família.

Do mais velho com 27 anos e ainda solteiro a ganhar para a casa e para os irmãos até à mais nova de 11 anos, ainda por fazer todos tinham pela mãe um respeito e um amor que nos faz lembrar o ambiente duma antiga família patriarcal repentinamente perfumada pela luz do Evangelho e afinal... são apenas o retrato e o tipo duma perfeita família cristã.

Não sei que mais admirar se a obediência quási infantil à mãe ou ao mais velho dos irmãos que se encontrarem em casa; se a mão forte e suave daquele modelo de mulher, se o encanto, a virtude e a modéstia daquele grupo de filhos e filhas que o Senhor lhe deu a guardar e formar para êle.

O que a mulher pode fazer quando quere ser e é mãe e mãe cristã!

Dentre as irmãs piedosas e trabalhadoras sobresaia fàcimente a Maria da Graça.

É que a modéstia e o pudor, glória e única joia e adorno da mulher aureolavam-lhe singularmente o rosto e emprestavam-lhe uma beleza imponderável e sobrenatural que muitas debalde pedem às tintas e aos pós que as afeiam e envelhecem.

* * *

A saida os três acompanharam-me a uma casa amiga onde ia desjejuar-me.

Na sala de jantar, emquanto eu comia, a Maria da Graça contou então.

* * *

Emquanto ela se encosta à janela da minha dierita e a mãe se senta quási à entrada, convém saber que ha três meses que no Seminário da Diocese entrava pela primeira vez um rapaz de 19 anos, estatura mediana, rosto redondo e bem conformado com uma regular cabeleira castanho escuro e um buço loiro a apontar.

De chefe dos cantores e melhor bailarino daquelas bandas passou inesperadamente ao Seminário com decidida intenção de se ordenar.

Ora um ano antes fôra êle o primeiro e único namôro da Maria da Graça.

Saudades?

— Não sei.

* * *

— *Diga lá então porque está triste?*

— *Eu triste? Pelo contrário, tenho tido poucos dias tão alegres na minha vida.*

— *Então porque estava a chorar?*

— *Às vezes também se chora de alegria...*

— *... também...*

— *Mas olhe eu nem sei... era uma coisa que eu nem sei bem explicar.*

— *Esteve assim tôda a Missa?*

— *Não senhor! A princípio cantei também e cantei com alma, com vida, como o senhor costuma dizer. No «Hossana» sobretudo. Ali ao ofertório quando se cantava o «Viva Cristo Rei» pus nele todo o cuidado. Cantei com entusiasmo.*

— *Não percebo. E foi por isso que chorou?...*

— *Não senhor. Foi logo a seguir. Quando cantámos «Al o mundo» não sei que senti que parece me transformava. Toda eu vibrava a cantar:*

«Bom Jesus recebe todo o meu amor
Dentro do meu peito vem poisar Senhor.»

E disse-o com sinceridade, com franqueza, com um grande desejo de que assim fosse.

Dali por diante não pude cantar mais nada.

Apertou comigo tal chôro que não pude vencer-me... e chorei:

Fiz mal não fiz? Não devia chorar... hoje, em dia de Natal. Mas, olhe, eu não podia.

Sinto que Jesús veio hoje nascer em mim.

Se soubesse a luz que me ilumina...

Olhe! Isto sente-se; não o sei dizer.

Chamam-me doida se calhar... Deixá-lo não me improta ser doida... assim...

* * *

Um dia, aí por Setembro a Maria da Graça estava com duas companheiras à porta da sacristia do lado do adro.

Mandei-lhes dizer que entrassem emquanto combinava umas coisas com o sacristão e dois rapazes.

Só quando me dispunha a falar-lhes à porta, me entraram à pressa e, à queima roupa, relanceando o olhar prescrutador pelos assistentes, pespega-me com esta pregunta:

— *Olhe cá, para um pessôa ir para o convento é necessário saber ler?*

— *Eh lá! Isso está já assim resolvido?*

E sorri-me emquanto os outros se riam a valer.

— *Bem, bem... diga-me lá se sim ou não.*

É melhor saber ler mas em rigor pode-se entrar sem isso. Porquê?

—«**Cá por coisas**»...

E despedindo-se sacudida agradeceu e retirou-se.

* * *

Nêsse momento passou-me num relâmpago pela imaginação a scena da sacristia. Quem sabe se a graça não fôra operando devagarinho?... Seria possível?

Do ofertório à comunhão na alma dela ia uma lufa-lufa.

A visão suave de Jesús que a escolhia alternava-se com outras.

Agora era o mundo a tomar o aspecto róseo que o prisma dos 18 anos lhe cedia, e a sôbredoirar-se de lindos sonhos de amor puro e casto no seio dum lar.

Mas de repente surgia Jesús e com Êle ficava-lhe a alma em paz. Depois, parecia-lhe ouvir da juventude buliçosa irrequieta e amiga o que outras tinham dito do seu namôro ao vê-lo pela primeira vez dentro da batina escura:

Mal empregada!

Logo a seguir as luzes do alto a destacar-lhe o ideal de suprema beleza e perfeição que ela queria a tôda a fôrça atingir...

E nesta luta, que parecia não querer acabar, encostou as mãos à balaustrada, descansou nelas a cabeça e deixou cair as lágrimas por entre os dedos.

Porque chorava?

Podia bem dizer que o não sabia...

* * *

Foi assim, debulhada em lágrimas, que as vozes das suas amigas, aveludadas como o cantar dos anjos à lapinha de Belém, a vieram apanhar um pouco antes da comunhão.

E pela alma tôda lhe ecoava aquele dôce cantar:

«Oh vem Jesús vem, vem á minh'alma
Que ela anceia já só por ti
Oh vem Jesús!... vem... vem;...»

Comungou com nunca comungara.

Foi ela que o disse simplesmente: *Fiz hoje a minha primeira comunhão.*

— *E depois?*

— *Depois fiquei cheia de alegria. Nunca me senti tão feliz. Não sei o que se passou. Beijei o Menino mas não cantei: Cheguei-me para o cantinho... viu?*

— *Vi*

* * *

— *E fiquei ali a conversar com Nosso Senhor. Tem-nos dito tanta vez que devemos ser generosos com Êle!... Quiz ser generosa também, muito generosa... dar-Lhe tudo o que tenho ser tôda dÊle... ser só dÊle!...*

— *Deixa minha mãe?...*

* * *

Eu tinha parado a ouvi-la. Ambos a mão e eu nos convencemos de que a Maria da Graça tinha recebido naquele dia um lindo presente do Menino Jesús. Por detraz dela florira um limoeiro que lhe vinha engrinaldar a cabeça e o lenço num tufo de flores duma brancura imaculada:

— A flor de laranjeira!...

A figura da Maria da Graça toma o aspecto das grandes virgens cristãs e cresce, cresce, até junto da mãe, que dando-lhe a mão a beijar lhe diz não sei o quê.

«Que sim» interpretei eu e a filha pelo olhar agradecido que, do rosto aljofarado de lágrimas silenciosos se cravára numa linda imagem fronteiriça de Jesús Crucificado.

Ao longe ouviam-se as vozes sônoras de rapazes a cantar inconscientes:

Oh Meu Menino Jesús
Convosco é que eu 'stou bem
Nada dêste mundo quero
Nada me parece bem

e logo como um éco, um grupo de raparigas de braço dado, pla rua além, repetia em formoso coral que vinha ressoar no peito da Maria da Graça e a deixava recolhida a sorver-lhe todo o encanto:

Nada dêste mundo quero
Nada me parece bem

Leiria, Dezembro 1930.

Galamba de Oliveira

Telefone em Fátima

No dia 16 de novembro foi inaugurada uma cabine pública de telefone no hotel de Nossa Senhora do Rosário de Fátima com assistência do Sr. Bispo de Leiria, Sr. Governador Civil de Santarém, Comissão Municipal e Administrador de Ourém, junta de paróquia da Fátima, empregados superiores dos telefones e muito povo da frèguesia e arredores.

O telefone está ligado à rede geral podendo falar-se para a Fátima de qualquer ponto do país.

Um desconhecido notavel

Mais 12 dias, e estamos no aniversário do nascimento dum desconhecido notável *que, apezar da viva oposição de muitos, espalhou já seu domínio por grande parte do mundo!*

Esse desconhecido é o nosso Bom Jesus, *o terno e amável Menino de Belém, e Filho da doce Virgem Maria!*

Veio ao meio dos seus, e os seus não o receberam! negaram tudo absolutamente tudo até duas telhas de seus telhados!! pobre Jesus!... pela vez primeira que vinha para dar a paz aos homens que de boa vontade a quizeram receber não teve quem abrigasse seus Pais e quem o abrigasse, por conseguinte a Si!

* * *

A festa comemorativa do seu Natal aí vem novamente,... vamos ao encontro de tão amável Senhor, o terno e amante Menino Jesus. Abramos-lhe as portas do nosso Coração, mais frio talvez que as palhinhas da gruta! Porém, se deixarmos que Jesus nasça dentro de nós, como Êle quere o nosso coração transformar-se-ha numa sarça ardente, onde ouviremos os córos dos Anjos cantando mil glórias, ao grande Deus das alturas.

— *Hoje, dia da última peregrinação do ano a Nossa Senhora da Fátima, devemos tomar a resolução firme de preparar o presépiozinho do nosso coração para nele recebermos o terno Menino Jesus. A S Comunhão bem feita, que é a entrada a Jesus Sacramentado em nós, será uma preparação admirável para que Jesus Menino, no dia do Santo Natal nos inunde interiormente com as inesgotáveis torrentes de sua divina graça o que será para nós penhor de salvação eterna.*